OBRA COMPLETA

SHERLOCK HOLMES

ARTHUR CONAN DOYLE

ARTHUR CONAN DOYLE
SHERLOCK
HOLMES

Rua da Quitanda, 86/218 — CEP 20091-005
Centro — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3175-1030

Um estudo em vermelho — tradução de Louisa Ibánez
O sinal dos quatro — tradução de Branca de Villa-Flor
As aventuras de Sherlock Holmes — tradução de Edna Jansen de Mello
Memórias de Sherlock Holmes — tradução de Áurea Brito Wissenberg
O cão dos Baskerville — tradução de Arnaldo Viriato Medeiros
A volta de Sherlock Holmes — tradução de Flávio Mello e Silva
O vale do medo — tradução de Luiz Orlando C. Lemos
Os últimos casos de Sherlock Holmes — tradução de Adailton J. Chiaradia
Histórias de Sherlock Holmes — tradução de Myriam Ribeiro Güth

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784s
v. 1-4
Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930
Sherlock Holmes : obra completa / Arthur Conan Doyle ; [tradução Louisa Ibañez; Branca de Villa-Flor; Edna Jansen de Mello; Áurea Brito Wissenberg; Arnaldo Viriato Medeiros; Flávio Mello e Silva; Luiz Orlando C. Lemos; Adailton J. Chiaradia; Myriam Ribeiro Güth]. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017.
512 p. (vol1) ; 23 cm.

Volume 1 - Tradução de: A study in scarlet; the sign of four; the adventures of sherlock holmes
Volume 2 - Tradução de: Memoirs of Sherlock Holmes; The Hound of the Baskervilles
Volume 3 - Tradução de: The Return of Sherlock Holmes; The Valley of Fear
Volume 4 - Tradução de: His last bow; the case book of sherlock holmes

Obra completa | ISBN 978.85.209.2410-5
Volume 1 | ISBN: 978.85.209.2411-2
Volume 2 | ISBN: 978.85.209.2414-3
Volume 3 | ISBN: 978.85.209.2416-7

SUMÁRIO

ARTHUR CONAN DOYLE
SHERLOCK
HOLMES
VOLUME 1

UM ESTUDO
EM VERMELHO

Primeira parte:
Reimpressão das memórias do dr. John Watson, ex-oficial médico do Exército britânico

1

O SR. SHERLOCK HOLMES

EM 1878 FORMEI-ME EM MEDICINA PELA UNIVERSIDADE DE LONDRES e fui para Netley, a fim de fazer o curso indicado para os cirurgiões do Exército. Quando terminei os meus estudos ali, fui designado cirurgião assistente do Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland. Nessa época, o regimento estava acantonado na Índia e, antes que eu pudesse juntar-me a ele, explodiu a segunda guerra afegã. Ao desembarcar em Bombaim, fui informado de que minha unidade já avançara pelos desfiladeiros, internando-se profundamente em território inimigo. Entretanto, parti com vários outros oficiais que estavam na mesma situação e conseguimos chegar sãos e salvos a Kandahar, onde encontrei meu regimento e assumi imediatamente minhas novas funções.

A campanha rendeu honrarias e promoções para muitos, mas para mim só trouxe infortúnios e desastres. Fui transferido de minha brigada para a de Berkshire, com a qual participei da batalha fatídica de Maiwand. Ali, fui atingido no ombro pela bala de um mosquete afegão que me fraturou o osso e roçou a artéria subclávia. Eu teria caído em poder dos ferozes ghazis, se não fosse a coragem e a dedicação de meu ordenança, Murray, que me pôs atravessado no lombo de um cavalo de carga e conseguiu levar-me em segurança até as linhas britânicas.

Abatido pela dor e debilitado pelas contínuas privações a que fora submetido, fui removido para o hospital da base em Peshawar, em um trem que transportava outros feridos. Ali eu me recuperava, e já melhorara o suficiente para andar pelas enfermarias, até mesmo tomar um pouco de sol na varanda, quando fui atacado pelo tifo, essa praga de nossas possessões

indianas. Fiquei com a vida em perigo durante meses e, quando finalmente voltei a mim e entrei em convalescença, estava tão enfraquecido e tão magro que uma junta médica determinou a minha volta imediata para a Inglaterra. Assim, fui embarcado no navio de transporte de tropas *Orontes*, e um mês depois desembarcava no cais de Portsmouth, com a saúde irremediavelmente comprometida, mas tendo a permissão paternal do governo para tentar melhorá-la nos nove meses seguintes.

Eu não tinha conhecidos nem parentes na Inglaterra, de modo que era livre como o ar — ou tão livre como pode ser um homem com uma renda de 11 xelins e seis pence diários. Nessas circunstâncias, era natural que eu fosse atraído para Londres, a grande cloaca para a qual são drenados irresistivelmente todos os ociosos e vagabundos do Império. Fiquei ali durante algum tempo, em um hotel retirado no Strand, onde levei uma vida sem conforto e sem sentido, gastando todo o dinheiro que recebia muito mais livremente do que deveria. A situação de minhas finanças tornou-se tão alarmante que eu logo percebi que teria de deixar a metrópole e me estabelecer em algum lugar no campo, ou modificar completamente o meu estilo de vida. Escolhida a última alternativa, resolvi deixar o hotel e instalar-me em moradia menos pretensiosa e mais barata.

No mesmo dia em que cheguei a essa conclusão, eu estava no bar Criterion quando alguém bateu no meu ombro. Ao virar-me, reconheci Stamford, um rapaz que fora meu assistente em Bart. A visão de um rosto amigo no vasto deserto londrino é algo realmente agradável para um homem solitário. Nos velhos tempos, Stamford nunca fora um companheiro mais íntimo, porém eu agora o acolhia com entusiasmo, e ele também parecia satisfeito em me ver. Na exuberância da minha alegria, convidei-o para almoçar comigo no Holborn e, juntos, partimos em um cabriolé.

— Diabo, o que andou fazendo, Watson? — perguntou ele, sem dissimular o espanto, enquanto sacolejávamos pelas ruas apinhadas de Londres. — Está magro como um sarrafo e queimado como uma castanha.

Fiz-lhe um breve relato de minhas aventuras e mal o concluíra quando chegamos ao nosso destino.

— Coitado! — exclamou, penalizado, após ter ouvido meus infortúnios. — O que pretende fazer agora?

— Procurar um lugar para morar — respondi. — Tento resolver o problema de encontrar cômodos confortáveis a um preço razoável.

— Curioso — disse meu companheiro. — Hoje você é a segunda pessoa que me diz a mesma coisa.

— E quem foi a primeira? — perguntei.

— Um sujeito que trabalha no laboratório de química do hospital. Lamentava-se, ainda essa manhã, por não encontrar alguém com quem dividir o aluguel dos ótimos cômodos que encontrara, mas que são caros demais para as suas posses.

— Formidável! — exclamei. — Se ele procura mesmo alguém para dividir a casa e as despesas, sou exatamente o homem indicado. É melhor ter um companheiro do que morar sozinho.

Stamford olhou-me de modo estranho por cima do seu copo de vinho.

— Você ainda não conhece Sherlock Holmes — disse. — Talvez não gostasse dele como companheiro permanente.

— Por quê? O que há contra ele?

— Bem, eu não disse que há alguma coisa que o desabone. Ele tem ideias um tanto estranhas, é apaixonado por alguns ramos da ciência. Pelo que sei, é uma pessoa bastante correta.

— Estudante de medicina? — perguntei.

— Não, e não tenho a mínima ideia a respeito do que ele pretende fazer. Parece entender muito de anatomia, além de ser um químico de primeira. No entanto, que eu saiba, nunca fez nenhum curso regular de medicina. Seus estudos são um tanto desregrados e excêntricos, mas com esse sistema irregular ele acumulou uma quantidade de conhecimentos que deixaria seus professores surpresos.

— Nunca lhe perguntou o que pretende fazer no futuro? — indaguei.

— Não; ele é desses que não se abrem em confidências, embora possa ser bastante comunicativo quando é dominado pela imaginação.

— Eu gostaria de conhecê-lo — disse. — Se vou morar com alguém, preferiria um homem que aprecie os estudos e tenha hábitos tranquilos. Ainda não me sinto bastante forte para suportar muito barulho ou agitação. Já tive o suficiente de ambos no Afeganistão... o suficiente para o resto da vida. Como poderei entrar em contato com esse seu amigo?

— Ele deve estar no laboratório — respondeu meu companheiro. — Às vezes ele evita o lugar durante semanas, ou então trabalha lá de manhã à noite. Se quiser, iremos ao seu encontro depois do almoço.

— É uma boa ideia — respondi, e nossa conversa passou para outros temas.

Quando estávamos a caminho do hospital, depois que saímos do Holborn, Stamford forneceu-me maiores detalhes sobre o cavalheiro que eu me propunha a aceitar como companheiro de moradia.

— Não me responsabilize se por acaso você não se der bem com ele — avisou-me. — Não sei nada a seu respeito além do que fiquei sabendo quando o encontrava ocasionalmente no laboratório. Este arranjo foi ideia sua, portanto não me culpe por alguma coisa.

— Se não nos dermos bem, será fácil separarmo-nos — respondi. — Está me parecendo, Stamford — acrescentei, olhando com firmeza para meu interlocutor —, que você tem algum motivo para lavar as mãos em relação a esse assunto. O temperamento desse homem é tão terrível ou existe algo mais? Vamos, fale sem receio!

— É difícil exprimir o inexprimível — respondeu Stamford, rindo. — Holmes talvez seja científico demais para o meu gosto, chega a beirar a insensibilidade. Posso imaginá-lo dando a um amigo uma pitadinha do último alcaloide vegetal, não por maldade, compreenda, mas apenas por espírito investigativo, para ter uma ideia precisa dos efeitos. Para ser justo, acho que ele próprio tomaria o alcaloide com a mesma presteza. Parece ter paixão pelo conhecimento definido e exato.

— Não vejo nada demais nisso.

— Concordo, desde que tudo fique dentro de certos limites. Evidentemente, a situação assume uma forma bizarra quando ele chega ao cúmulo de dar pauladas em cadáveres na sala de dissecação.

— Dar pauladas em cadáveres?

— Exatamente, a fim de verificar quanto tempo depois da morte o corpo pode apresentar escoriações. Eu o vi fazendo isso, com meus próprios olhos.

— E ainda insiste em dizer que ele não é estudante de medicina?

— Não é. Só Deus sabe qual a finalidade de seus estudos. Bem, aqui estamos, e você precisa formar sua própria opinião sobre ele.

Enquanto Stamford falava, dobramos para uma ruela e entramos por uma pequena porta lateral, que dava para uma ala do grande hospital. O terreno agora me era familiar e não precisei ser guiado quando subimos a fria escadaria de pedra e seguimos pelo corredor comprido, de paredes caiadas e

com várias portas castanho-escuras. Quase no final, uma passagem de arcada baixa levava ao laboratório de química.

Era uma sala ampla, com paredes cheias de prateleiras entulhadas de incontáveis frascos. Havia mesas baixas e largas espalhadas por ali, juncadas de retortas, tubos de ensaios e pequenos bicos de Bunsen, com suas chamas azuis oscilantes. Na sala só vi um estudante, curvado sobre uma mesa afastada, absorvido no seu trabalho. Ao ouvir nossos passos, ele olhou em volta e ergueu-se, com uma exclamação satisfeita.

— Descobri! Descobri! — ele gritou para meu acompanhante, correndo para nós com um tubo de ensaio na mão. — Descobri um reagente que é precipitado pela hemoglobina e por nada mais!

Se ele tivesse descoberto uma mina de ouro, seu rosto não demonstraria uma alegria maior.

— Dr. Watson, sr. Sherlock Holmes — apresentou Stamford.

— Como vai? — disse ele cordialmente, apertando minha mão com uma força de que eu não o julgaria capaz. — Vejo que esteve no Afeganistão.

— Como é que sabe? — perguntei, espantado.

— Não vem ao caso agora — ele respondeu dando uma risadinha para si mesmo. — No momento, a questão é sobre a hemoglobina. Percebe a importância da minha descoberta, não?

— Quimicamente é interessante, sem dúvida, mas na prática... — respondi.

— Como? Meu caro, é a descoberta mais prática da medicina legal dos últimos anos! Não percebe que, com isso, teremos um teste infalível para manchas de sangue? Venha cá!

Em sua ansiedade, segurou-me pela manga do casaco e me puxou para junto da mesa onde estivera trabalhando.

— Tomemos um pouco de sangue fresco — disse, enfiando um comprido estilete no dedo. Aparou numa pipeta a gota de sangue que saiu. — Agora, adiciono esta pequena quantidade de sangue a um litro de água. Perceberá que a mistura tem a aparência de água pura, pois a proporção do sangue não pode ser maior que um para um milhão. Entretanto, não tenho dúvida de que obteremos a reação característica.

Enquanto falava, ele jogou alguns cristais brancos dentro do recipiente, acrescentando em seguida algumas gotas de um fluido transparente. O conteúdo adquiriu imediatamente uma tonalidade escura de mogno, ao

mesmo tempo que um pó acastanhado se concentrava no fundo do recipiente de vidro.

— Ah! Ah! — exclamou ele, batendo palmas e parecendo tão encantado quanto uma criança com um brinquedo novo. — O que acha disso?

— Parece um teste bastante delicado — observei.

— Ótimo! Ótimo! O antigo teste com o guáiaco era muito rudimentar e impreciso. O mesmo se pode dizer do exame microscópico dos glóbulos do sangue. Este último é inútil se as manchas já tiverem algumas horas. Isso aqui, no entanto, parece funcionar perfeitamente, seja o sangue novo ou antigo. Se esse teste já tivesse sido inventado, centenas de homens que agora andam por aí em liberdade estariam pagando por seus crimes há muito tempo.

— É mesmo? — murmurei.

— Casos e mais casos criminais esbarram seguidamente nesse ponto. Um homem se torna suspeito de um crime talvez até meses depois que ele foi cometido. Suas roupas de baixo ou as calças são examinadas e revelam manchas pardacentas. Serão manchas de sangue, lama, ferrugem, frutas, de quê? Esta é uma questão que tem confundido muitos especialistas. E por quê? Porque não havia um exame de laboratório confiável. Mas agora temos a “reação Sherlock Holmes”, de modo que não haverá mais dificuldades daqui por diante.

Seus olhos cintilavam enquanto ele falava e, levando a mão ao peito, fez uma mesura, como se agradecesse a alguma multidão gerada por sua imaginação.

— Aceite os meus parabéns — falei, bastante surpreso com o seu entusiasmo.

— Houve o caso de Von Bischoff em Frankfurt, no ano passado. Se esse teste já existisse, ele certamente teria sido enforcado. Houve também o caso Mason em Bradford, o do famigerado Müller, o de Lefèvre em Montpellier e o de Samson em Nova Orleans. Enfim, eu poderia enumerar uma série de casos em que esse teste teria sido decisivo.

— Você parece um calendário ambulante de crimes — disse Stamford, rindo. — Poderia lançar um jornal nessa linha. O título seria “Noticiário Policial do Passado”.

— Sem dúvida, seria também uma leitura muito interessante — observou Sherlock Holmes, colocando um pequeno emplastro no local da espetadela

em seu dedo. — Preciso ser cauteloso — continuou, virando-se para mim com um sorriso —, porque estou sempre lidando com venenos.

Estendeu as mãos enquanto falava e reparei que estavam salpicadas de emplastros semelhantes, além de descoradas pela ação de ácidos fortes.

— Viemos aqui tratar de negócios — disse Stamford, acomodando-se em uma banqueta alta de três pernas e empurrando outra, com um pé, na minha direção. — Este meu amigo anda à procura de moradia, e como você se queixava de não encontrar ninguém para dividir as despesas, achei que seria interessante pô-los em contato.

Sherlock Holmes pareceu encantado com a ideia de dividirmos acomodações.

— Estou de olho em um apartamento na Baker Street — anunciou — que seria perfeito para nós. Espero que o cheiro de tabaco forte não o incomode.

— Costumo fumar tabaco de marinheiro — respondi.

— Muito bem. Em geral, tenho produtos químicos em casa e, de vez em quando, costumo fazer experiências. Isso o incomodaria?

— De modo algum.

— Vejamos quais são os meus outros defeitos... Volta e meia fico irritadiço e de boca fechada dias inteiros. Não vá pensar que estou zangado quando me comporto dessa maneira. Basta deixar-me em paz e logo tudo voltará ao normal. E você, o que tem para confessar? É muito melhor que dois sujeitos fiquem conhecendo seus piores defeitos antes que comecem a morar juntos.

Achei graça naquele interrogatório.

— Tenho um filhote de buldogue — falei — e faço objeção a qualquer tipo de barulho, porque estou com os nervos abalados. Além disso, costumo levantar-me em horas impróprias e sou terrivelmente preguiçoso. Ainda tenho outros defeitos quando estou bem de saúde, mas, no momento, estes são os principais.

— Inclui o som do violino em sua categoria de barulhos? — ele perguntou ansioso.

— Depende do executante — respondi. — Um violino bem tocado é um presente para os deuses, mas quando acontece o contrário...

— Oh, então está tudo bem! — exclamou Holmes, com uma risada satisfeita. — Acho que podemos considerar o assunto resolvido, isto é, se ficar satisfeito com os aposentos.

— Quando iremos vê-los?

— Venha encontrar-me amanhã ao meio-dia e iremos juntos para resolver tudo — respondeu ele.

— Certo, ao meio-dia em ponto — falei, apertando-lhe a mão.

Deixamos que ele voltasse ao trabalho com seus produtos químicos e, juntos, eu e Stamford seguimos para o meu hotel.

— Por falar nisso — soltei de repente, parando e virando-me para meu companheiro —, como, diabo, ele soube que vim do Afeganistão?

Meu companheiro esboçou um sorriso enigmático.

— Esta é justamente a pequena peculiaridade de Holmes — disse ele. — Muita gente gostaria de saber como ele consegue descobrir as coisas.

— Oh! Então é um mistério? — exclamei, esfregando as mãos. — Isso é muito estimulante! Sou-lhe grato por ter feito o contato. Como sabe, "o homem é o estudo adequado da humanidade"...

— Pois então, estude-o — disse Stamford ao despedir-se. — Imagino que Holmes seja um problema intrincado. Aposto como ele descobrirá mais coisas a seu respeito do que você conseguirá descobrir a respeito dele. Até breve, Watson.

— Até breve — respondi, e entrei em meu hotel sentindo um profundo interesse por meu novo conhecido.

2

A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

ENCONTRAMO-NOS NO DIA SEGUINTE, CONFORME O COMBINADO, E inspecionamos os aposentos da Baker Street, 221 B, sobre os quais havíamos falado na véspera. Eram dois dormitórios confortáveis e uma sala de estar espaçosa e arejada, mobiliada com jovialidade e iluminada por duas amplas janelas. O conjunto era atraente em todos os aspectos, e o preço, tão módico, se dividido entre nós, que acertamos tudo ali mesmo e tomamos posse de nossos domínios. Na mesma tarde retirei meus pertences do hotel e Sherlock Holmes chegou na manhã seguinte, com várias caixas e maletas. Durante um ou dois dias ficamos em franca atividade, tirando nossas coisas das malas e arrumando-as da melhor maneira possível. Feito isso, aos poucos começamos a nos adaptar ao nosso novo ambiente.

A convivência com Holmes não foi nem um pouco difícil. Ele tinha maneiras tranquilas e hábitos regulares. Era raro vê-lo de pé após as dez horas da noite, e quando eu me levantava de manhã, ele invariavelmente já tomara o *breakfast* e saíra. Às vezes, passava o dia no laboratório de química, outras vezes nas salas de dissecação e, de vez em quando, fazia longas caminhadas, que pareciam conduzi-lo às zonas mais baixas da cidade. Nada parecia superá-lo em energia quando era dominado por um acesso de atividade; mas volta e meia era acometido por uma reação e permanecia durante dias a fio no sofá da sala de estar, mal proferindo uma palavra ou movendo um músculo, da manhã à noite. Nessas ocasiões, eu percebia nos olhos dele uma expressão tão vaga e sonhadora que poderia ter suspeitado que ele era viciado em algum narcótico, se a temperança e a lisura de sua vida não proibissem uma ideia desse tipo.

À medida que as semanas passavam, meu interesse por ele e a curiosidade a respeito de seus objetivos na vida aumentaram e aprofundaram-se aos poucos. Ele próprio e sua aparência chamavam a atenção do observador mais desatento. Tinha mais de 1,80 metro de altura, mas a magreza excessiva fazia com que parecesse ainda mais alto. Seus olhos eram atentos e penetrantes, exceto durante aqueles intervalos de torpor a que já me referi; e o nariz delgado, aquilino, dava à fisionomia um ar de vigilância e determinação. Também o queixo, saliente e quadrado, indicava um homem decidido. Suas mãos estavam sempre manchadas de tinta e de produtos químicos, mas mostravam uma extraordinária delicadeza de toque, como tive ocasião de observar várias vezes, enquanto ele manipulava seus frágeis instrumentos de alquimista.

O leitor poderá considerar-me um bisbilhoteiro incurável, quando eu confesso o quanto aquele homem espicaçava a minha curiosidade, e com que frequência tentei descobrir alguma coisa por entre a reticência que ele mostrava em relação a tudo que lhe dizia respeito. Antes que seja pronunciada a sentença, no entanto, devo lembrar como a minha vida era monótona, e que havia pouca coisa que prendesse minha atenção. Meu estado de saúde impedia que eu me aventurasse fora de casa, a menos que o tempo estivesse excepcionalmente bom, e, por outro lado, eu não tinha amigos que pudessem visitar-me e, assim, romper o tédio daquela existência diária. Nessas circunstâncias, saudei com avidez o pequeno mistério que envolvia meu companheiro e passei boa parte do meu tempo tentando decifrá-lo.

Holmes não estudava medicina. Em resposta a uma pergunta, havia confirmado a opinião de Stamford a respeito disso. Também não parecia ter feito algum curso regular que lhe desse um título científico ou lhe garantisse uma via de entrada para o mundo erudito. Entretanto, era notável a dedicação que mostrava por determinados ramos do saber e, dentro de limites incomuns, seu conhecimento era tão extraordinariamente vasto e minucioso que eu ficava abismado com suas observações. Certamente, nenhum homem trabalharia com tanto afinco ou adquiriria informações tão precisas se não tivesse um objetivo definido em vista. Leitores sem método raramente se destacam pela exatidão de seus conhecimentos. E homem algum sobrecarregaria a mente com questões insignificantes, a menos que tenha bons motivos para fazer isso.

A ignorância de Holmes era tão surpreendente quanto o seu conhecimento. Ele parecia não saber quase nada sobre literatura, filosofia e política contemporâneas. Quando citei Thomas Carlyle certa vez, Holmes, mostrando a mais perfeita ingenuidade, perguntou quem era ele e o que havia feito. Mas minha perplexidade atingiu o auge quando descobri por acaso que ele ignorava a Teoria de Copérnico e a composição do sistema solar. Para mim, um ser humano civilizado do século XIX que não soubesse que a Terra girava em torno do sol era algo tão extraordinário que quase me recusava a acreditar.

— Você parece admirado — disse ele, sorrindo da minha expressão de surpresa. — Pois agora que já aprendi isso, farei o possível para esquecê-lo.

— Esquecê-lo?

— Procure entender — falou. — Para mim, o cérebro de um homem, originalmente, é como um sótão vazio, que deve ser entulhado com os móveis que escolhermos. Um tolo o enche com todos os tipos de quinquilharia que vai encontrando pelo caminho, a ponto de os conhecimentos que lhe seriam úteis ficarem soterrados ou, na melhor das hipóteses, tão misturados às outras coisas que ficaria difícil selecioná-los. Já o trabalhador especializado é extremamente cauteloso em relação às coisas que coloca em seu cérebro-sótão. Depositará lá apenas as ferramentas que poderão ajudá-lo a realizar o seu trabalho, mas, destas, ele terá um vasto sortimento e todas arrumadas na mais perfeita ordem. É um engano pensar que esse pequeno recinto tem paredes elásticas, que podem ser distendidas indefinidamente. Dependendo disso, chega o momento em que, para cada novo acréscimo de conhecimento, esquecemos algo que já sabíamos antes. Portanto, é da maior importância evitar que dados inúteis ocupem o lugar dos úteis.

— Certo, mas o sistema solar! — protestei.

— Que importância tem isso para mim? — ele me interrompeu, impaciente. — Você disse que giramos em torno do sol. Se girássemos em torno da lua, isso não faria a mínima diferença para mim ou para o meu trabalho.

Estive a ponto de perguntar-lhe que trabalho era esse, mas alguma coisa no seu jeito indicava que a curiosidade não teria boa acolhida. Mesmo assim, meditei sobre o nosso curto diálogo e esforcei-me para tirar disso alguma conclusão. Ele dissera que não queria adquirir conhecimentos

inadequados às suas finalidades. Então, todos os conhecimentos que possuía tinham de ser úteis para ele. Mentalmente, enumerei os vários pontos em que ele se revelara excepcionalmente bem-informado. Cheguei a pegar um lápis e a anotá-los. Não pude deixar de sorrir quando concluí o documento. Ficou assim:

Conhecimentos de Sherlock Holmes

1. Literatura: zero.
2. Filosofia: zero.
3. Astronomia: zero.
4. Política: fracos.
5. Botânica: variáveis. Versado nos efeitos de beladona, ópio e venenos em geral. Não sabe nada sobre jardinagem e horticultura.
6. Geologia: práticos, mas limitados. À primeira vista, sabe reconhecer solos diferentes. Quando chega de suas caminhadas, mostra-me manchas e respingos nas calças e, por sua cor e consistência, me diz em que parte de Londres as recebeu.
7. Química: profundos.
8. Anatomia: acurados, mas pouco sistemáticos.
9. Literatura sensacionalista: imensos. Ele parece conhecer todos os detalhes de cada horror perpetrado neste século.
10. Toca bem violino.
11. É perito em esgrima e boxe, além de hábil espadachim.
12. Tem um bom conhecimento prático das leis inglesas.

Quando cheguei a esse ponto da minha lista, joguei-a no fogo, desanimado.

“Se eu só posso descobrir o objetivo desse homem conjugando todas essas habilidades e encontrando uma profissão que as utilize”, disse para mim mesmo, “é melhor desistir já da tentativa”.

Vejo que me referi acima aos seus dotes de violinista. Sem dúvida, eram notáveis, mas tão excêntricos quanto todas as suas outras habilidades. Eu sabia perfeitamente que Holmes era capaz de executar peças difíceis porque, a meu pedido, tocara alguns *Lieder* de Mendelssohn e outras músicas de minha preferência. Quando entregue a si mesmo, no entanto, ele

raramente interpretava qualquer música ou tentava alguma ária identificável. À tardinha, recostado em sua poltrona, fechava os olhos e passava descuidadamente o arco pelas cordas do violino em seus joelhos. Algumas vezes, os acordes eram sonoros e melancólicos; outras, fantásticos e alegres. Refletiam, sem dúvida, os pensamentos que invadiam sua mente, mas eu não conseguia determinar se a música os ajudava ou se o ato de tocar era simplesmente o resultado de um capricho ou fantasia. Eu teria me rebelado contra aqueles solos exasperantes, se ele não tivesse o hábito de encerrá-los tocando, em rápida sucessão, séries completas de minhas peças prediletas, como uma pequena compensação por testar minha paciência.

Durante a primeira semana ou pouco mais, não tivemos visitas, e eu já começava a pensar que meu companheiro também era um homem sem amigos. Mas, pouco depois, descobri que ele tinha muitos conhecidos nas mais variadas classes sociais. Havia um homenzinho pálido, com cara de rato e olhos escuros, que me foi apresentado como sr. Lestrade e que apareceu três ou quatro vezes na mesma semana. Certa manhã foi a vez de uma jovem, elegantemente vestida, que se demorou por meia hora ou mais. Naquela mesma tarde, Holmes foi procurado por um visitante de cabelos grisalhos e ar fatigado, parecendo um negociante judeu, muito excitado. Logo em seguida veio uma mulher idosa, desmazelada e com sapatos cambaios. Em outra ocasião, meu companheiro teve uma entrevista com um cavalheiro de cabelos brancos; e numa outra, recebeu um carregador da estrada de ferro em seu uniforme de belbutina.

Sempre que surgia algum desses estranhos visitantes, Sherlock Holmes pedia para usar a sala de estar, e então eu me retirava para meu quarto. Ele sempre se desculpava por causar-me este inconveniente.

— Preciso usar a sala como lugar para tratar de negócios, e essas pessoas são meus clientes — dizia.

Mais uma vez, surgia a oportunidade de interrogá-lo diretamente e, como antes, a discrição impedia que eu o forçasse a confiar em mim. Na época, pensei que Holmes devia ter fortes motivos para evitar o assunto, mas ele logo fez com que eu afastasse essa hipótese, ao abordá-lo voluntariamente.

Estávamos no dia 4 de março, tenho bons motivos para recordar a data, e levantei-me um pouco mais cedo que de hábito. Vi que Sherlock Holmes ainda não terminara seu *breakfast*. A criada estava tão acostumada à minha demora em sair da cama que ainda não arrumara meu lugar à mesa nem

preparara o meu café. Com a petulância irracional do gênero humano, toquei a sineta e anunciei secamente que estava pronto. Em seguida, peguei uma revista em cima da mesa e tentei matar o tempo com ela, enquanto meu companheiro mastigava silenciosamente sua torrada. Deparei-me com um artigo cujo título fora sublinhado a lápis e, naturalmente, passei os olhos por ele.

O título um tanto pretensioso era “O livro da vida”, e o artigo se propunha a demonstrar o quanto um homem observador poderia apreender por meio do exame minucioso e sistemático de tudo que lhe caísse sob os olhos. Tive a impressão de que aquilo era uma extraordinária mistura de absurdo e sagacidade. A argumentação era compacta e intensa, mas as deduções pareciam rebuscadas e exageradas. O autor afirmava que uma expressão momentânea, um repuxar de músculo ou um movimento dos olhos podiam denunciar os pensamentos mais íntimos de um homem. Segundo ele, era impossível que alguém bem-treinado na observação e na análise fosse iludido em suas deduções. As conclusões seriam tão infalíveis como tantas proposições de Euclides. Para os leigos, esses resultados pareceriam tão extraordinários que, enquanto não aprendessem o método pelo qual haviam sido obtidos, considerariam o homem que chegara a eles uma espécie de adivinho.

“A partir de uma gota d’água”, dizia o autor, “um pensador lógico poderia inferir a possibilidade de um Atlântico ou de um Niágara, sem jamais ter visto um e outro ou ouvido falar deles. Assim, toda vida é uma grande cadeia, cuja natureza é revelada pela simples apresentação de um único elo. Como todas as artes, a Ciência da Dedução e da Análise só pode ser adquirida após um aprendizado demorado e paciente, mas a vida não é suficientemente longa para permitir que algum mortal atinja a perfeição máxima nesse campo. Antes de se concentrar nos aspectos morais e mentais do assunto que apresenta as maiores dificuldades, o pesquisador deve começar pelo domínio dos problemas mais elementares. Ao encontrar um semelhante, que ele aprenda, em um relance, a distinguir a história do homem e o ofício ou profissão que ele exerce. Por mais infantil que esse exercício possa parecer, ele aguça as faculdades de observação, ensinando para onde se deve olhar e o que procurar. Pelas unhas de um indivíduo, pela manga do seu paletó, seus sapatos, o joelho das calças, as calosidades do polegar e indicador, pelos punhos da camisa... em cada um desses detalhes,

a profissão de um homem é nitidamente revelada. Que tudo isso junto deixe de esclarecer um investigador competente é quase inconcebível.”

— Quanto disparate! — exclamei, jogando a revista sobre a mesa. — Nunca li tamanha tolice na vida!

— O que é? — perguntou Sherlock Holmes.

— Ora, este artigo — disse, apontando-o com a colher ao me sentar para o *breakfast*. — Vejo que já o leu, pois está assinalado a lápis. Não posso negar que foi escrito com inteligência, mas ainda assim me irrita. Evidentemente, são as teorias forjadas por algum desocupado, que desenvolve todos esses pequeninos paradoxos sem sair da poltrona de seu gabinete. Nada têm de prático. Eu gostaria de vê-lo na barulheira de um vagão de terceira classe do trem subterrâneo para então perguntar-lhe quais eram as profissões de todos os seus companheiros de viagem. Apostaria mil por um contra ele.

— E perderia seu dinheiro — observou Holmes calmamente. — Quanto ao artigo, fui eu que escrevi.

— Você?

— Exatamente. Tenho certa tendência a observar, a deduzir. Todas as teorias que expus aí, e que a você parecem tão fantasiosas, na verdade são extremamente práticas, tão práticas que dependo delas para viver.

— Como? — perguntei involuntariamente.

— Bem, eu trabalho por conta própria. Imagino que seja o único no mundo nesse ramo. Sou um detetive-consultor, se é que entende o que isso significa. Aqui em Londres temos punhados de detetives oficiais e particulares. Quando estão em apuros, eles me procuram, e tento colocá-los novamente na pista certa. Fornecem-me todos os indícios e, graças ao meu conhecimento da história do crime, geralmente consigo descobrir e corrigir as falhas. Existe uma grande semelhança entre os delitos, de modo que, se temos todos os detalhes de mil casos na ponta dos dedos, seria estranho não conseguirmos desenredar o milésimo primeiro. Lestrade é um detetive conceituado. Recentemente, ficou perdido ao investigar um caso de falsificação, e foi isso que o trouxe aqui.

— E quanto às outras pessoas?

— Na maioria, são enviadas por agências particulares de investigação. Todas são pessoas com problemas que procuram algum esclarecimento.

Ouço as histórias que me contam, elas ouvem meus comentários e depois embolso meus honorários.

— Está querendo dizer que sem sair do quarto você consegue desatar um nó insolúvel para outros homens, embora eles próprios tenham observado todos os detalhes pessoalmente? — perguntei.

— Sem tirar nem pôr. Tenho uma espécie de intuição nesse sentido. De vez em quando aparece um caso mais complicado que os outros. Então, preciso caminhar por aí e ver as coisas com meus próprios olhos. Como sabe, tenho uma boa dose de conhecimentos especiais que, aplicados ao problema, facilitam extraordinariamente as coisas. Aquelas regras de dedução no artigo que provocou o seu desdém são inestimáveis no meu trabalho prático. Observação é a minha segunda natureza. Você pareceu surpreso quando eu lhe disse, no nosso primeiro encontro, que estava retornando do Afeganistão.

— Alguém lhe contou, sem dúvida.

— Absolutamente! Eu *sabia* que você vinha do Afeganistão. Devido a um hábito antigo, o encadeamento de pensamentos passou pela minha mente com tamanha rapidez que cheguei à conclusão sem ter consciência das etapas intermediárias. Mas essas etapas existiram. O meu raciocínio foi o seguinte: “Aqui temos um cavalheiro com aparência de médico, mas também com modos de militar. Portanto, sem sombra de dúvida, um médico do Exército. Acabou de chegar dos trópicos, pois tem o rosto queimado e essa não é a cor natural de sua pele, já que os pulsos são claros. Passou por privações e doenças, como demonstra nitidamente seu rosto macilento. Foi ferido no braço esquerdo, já que o mantém numa posição rígida e pouco natural. Em que lugar dos trópicos um médico inglês do Exército enfrentaria tantas agruras e seria ferido no braço? No Afeganistão, evidentemente.” Toda esta fieira de pensamentos não levou mais de um segundo. Então, comentei que você viera do Afeganistão e percebi que ficou espantado.

— Tudo parece muito simples, da maneira como você explica — respondi, sorrindo. — Você me lembra o Dupin de Edgar Allan Poe. Nunca pensei que esse tipo de gente existisse na vida real.

Sherlock Holmes levantou-se e acendeu seu cachimbo.

— Sem dúvida imagina estar me fazendo um elogio quando me compara a Dupin — observou. — Bem, na minha opinião, Dupin era um tipo

bastante inferior. Aquele seu truque de interromper os pensamentos do amigo com um comentário oportuno, após um silêncio de 15 minutos, além de espalhafatoso, é superficial. Não duvido que ele tivesse um certo dom analítico, mas não era de modo algum o fenômeno que Poe parecia imaginar.

— Já leu as obras de Gaboriau? — perguntei. — Lecoq corresponde à ideia que você faz de um detetive?

Sherlock Holmes fungou com ironia.

— Lecoq era um grande trapalhão — disse ele, irritado. — Sua energia era a sua única qualidade. Esse livro me deixou francamente enojado. A questão consistia em identificar um prisioneiro desconhecido. Eu teria feito isso em 24 horas, enquanto Lecoq levou uns seis meses. Um livro assim poderia ser um manual para os detetives aprenderem o que devem evitar.

Fiquei bastante indignado ao ver menosprezados dois personagens que eu tanto admirava. Fui até a janela e fiquei olhando a rua movimentada.

“Este sujeito pode ser muito esperto”, pensei, “mas certamente é bastante presunçoso”.

— Hoje em dia, não há mais crimes nem criminosos — disse ele, em tom de lamento. — De que adianta a inteligência em nossa profissão? Sei muito bem que tenho capacidade para tornar meu nome famoso. Não há e nunca houve alguém que contribuísse com tamanha dose de estudo e talento natural para investigação criminal como eu. E qual foi o resultado? Não há crimes a desvendar ou, no máximo, algum delito desajeitado, com um motivo tão transparente que até um funcionário da Scotland Yard consegue resolver.

Eu continuava irritado com sua maneira presunçosa de falar e achei melhor mudar de assunto.

— O que será que aquele sujeito está procurando? — perguntei.

Ao falar, apontei para um indivíduo corpulento e vestido com simplicidade, que caminhava devagar pela calçada oposta, consultando os números das casas com ansiedade. Tinha um grande envelope azul na mão e, evidentemente, era portador de alguma mensagem.

— Está falando daquele sargento aposentado da Marinha? — perguntou Sherlock Holmes.

“Quanta fanfarronice!”, pensei. “Ele sabe que não posso confirmar o que disse.”

O pensamento mal tinha cruzado a minha mente quando o homem que observávamos descobriu o número de nossa porta e atravessou a rua às pressas. Ouvimos a batida forte, uma voz grave no andar de baixo e, em seguida, o ruído de passos firmes subindo a escada.

— Para o sr. Sherlock Holmes — disse ele, entrando na sala e estendendo a carta ao meu amigo.

Ali estava a minha oportunidade de acabar com sua arrogância. Ele nem havia pensado nisso quando fez sua observação casual.

— Escute, amigo — falei com a voz mais branda possível —, posso perguntar-lhe qual a sua profissão?

— Mensageiro, senhor — respondeu de modo rude. — Meu uniforme está sendo consertado.

— E o que fazia antes? — tornei a perguntar, com um malicioso olhar de esguelha para meu companheiro.

— Era sargento, senhor. Da infantaria ligeira da Marinha. Sem resposta, sr. Holmes? Perfeitamente, senhor.

O homem bateu os calcanhares, ergueu a mão em continência e saiu.

3

O MISTÉRIO DE LAURISTON GARDEN

CONFESSO QUE FIQUEI ABSOLUTAMENTE PERPLEXO COM AQUELA nova prova da natureza prática das teorias de meu companheiro. Meu respeito por sua capacidade analítica aumentou de maneira considerável. Mesmo assim, eu ainda nutria a secreta desconfiança de que tudo não passasse de um episódio previamente combinado com o objetivo de me deixar deslumbrado, embora não pudesse compreender qual a sua intenção ao enganar-me daquele jeito. Quando olhei para Holmes, ele terminara de ler a nota e seus olhos haviam adquirido aquela expressão opaca e distante que indicava abstração mental.

— Diabo, como conseguiu deduzir aquilo? — perguntei.

— Deduzir o quê? — replicou ele, com petulância.

— Ora, que o homem era sargento reformado da Marinha.

— Agora não tenho tempo para futilidades — respondeu com rispidez. Depois, acrescentou com um sorriso: — Desculpe-me o modo rude. Você interrompeu o fio dos meus pensamentos, mas talvez até seja melhor assim. Então, não conseguiu perceber que aquele homem era um sargento da Marinha?

— De modo algum.

— Foi mais fácil descobrir isso do que explicar como eu sei. Se lhe pedirem para provar que dois e dois são quatro, você talvez encontre alguma dificuldade, embora tenha certeza disso. Mesmo quando aquele homem estava do outro lado da rua, pude ver uma grande âncora azul tatuada no dorso de sua mão. Isso indicava alguma ligação com o mar. Ele tinha uma postura militar e, além disso, usava as suíças próprias da

Marinha. Tínhamos, então, um marinheiro. Notava-se nele um certo ar de importância, de quem está acostumado a comandar. Você deve ter notado o modo como ele movia a cabeça e manejava a bengala. Além disso, seu rosto era o de um homem resoluto, respeitável e maduro... um conjunto de características que me levou a acreditar que ele fora um sargento da Marinha.

— Incrível! — exclamei.

— Corriqueiro — disse Holmes, embora, pela sua expressão, eu percebesse que ele tinha ficado satisfeito com minha visível surpresa e admiração. — Ainda há pouco eu lhe dizia que não há mais criminosos. Tudo indica que eu estava enganado — veja isto!

Estendeu-me a carta que acabara de receber do mensageiro.

— Oh! — exclamei, assim que corri os olhos por ela. — Isto é terrível!

— Parece um tanto fora do comum — ele observou calmamente. — Poderia lê-la para mim em voz alta?

Esta é a carta que li para ele:

Prezado sr. Sherlock Holmes,

Esta noite houve uma grave ocorrência no nº 3 de Lauriston Gardens, nas proximidades da Brixton Road. Por volta de duas da madrugada, nosso policial de ronda avistou luz nesse endereço e, como a casa estava vazia, desconfiou que havia algo errado. A porta estava aberta e, na sala da frente, sem nenhuma mobília, ele se deparou com o cadáver de um cavalheiro, bem-vestido e tendo em um dos bolsos cartões de visita em nome de "Enoch J. Drebber, Cleveland, Ohio, USA". Não houve roubo e não há nenhuma pista sobre a maneira como o homem morreu. Existem marcas de sangue na sala, embora o corpo não apresente nenhum ferimento. Não imaginamos o que ele teria ido fazer naquela casa desabitada; aliás, o caso todo é um enigma. Se puder ir até lá, a qualquer hora antes do meio-dia, irá encontrar-me. Deixei tudo tal como estava, até ter notícias suas. Se não puder vir, enviarei maiores detalhes e ficarei imensamente grato pela gentileza de sua opinião.

Cordialmente,

Tobias Gregson

— Gregson é o homem mais esperto da Scotland Yard — observou o meu amigo. — Ele e Lestrade são os únicos que têm valor, em meio a um punhado de incompetentes. Ambos são rápidos e decididos, mas convencionais... terrivelmente convencionais. Por outro lado, há uma grande rivalidade entre eles e são ciumentos como duas beldades profissionais. A coisa promete ser divertida, se Gregson e Lestrade forem designados para o caso.

Era espantosa a calma com que ele murmurava aquilo.

— Sem dúvida, não há um momento a perder! — exclamei. — Desço e chamo um coche para você?

— Ainda não tenho certeza se irei ou não. Sou o sujeito mais incuravelmente preguiçoso que já houve neste mundo... embora possa ser bastante ativo quando estou disposto a isso.

— Ora, mas esta é justamente a oportunidade que esperava!

— Meu caro amigo, que diferença faz para mim? Supondo-se que eu resolva todo o caso, pode ter certeza de que o crédito será todo de Gregson, Lestrade e Cia. É isso que acontece quando não se é um investigador oficial.

— Bem, mas ele pede a sua ajuda.

— É verdade. No fundo, sabe que sou superior a ele e reconhece o fato, mas seria capaz de cortar a língua antes de admiti-lo a mais alguém. Enfim, sempre podemos ir e dar uma espiada por lá. Trabalharei à minha maneira, sem ajuda. Se não conseguir nada, pelo menos rirei deles. Vamos!

Enfiou o sobretudo e passou a movimentar-se de uma maneira que indicava que a apatia de antes fora substituída por um acesso de energia.

— Pegue o seu chapéu — disse.

— Quer que eu vá também? — perguntei.

— Sim, caso não tenha nada melhor para fazer.

Um minuto depois, estávamos em um cabriolé, rodando a toda a velocidade para a Brixton Road.

Fazia uma manhã nublada e nevoenta. Um véu acastanhado pairava acima dos telhados, parecendo o reflexo das ruas lamacentas. Meu companheiro estava na melhor disposição de ânimo, tagarelando sobre violinos de Cremona e a diferença entre um Stradivarius e um Amati.

Quanto a mim, permanecia calado, porque o mau tempo e o assunto melancólico em que estávamos envolvidos me deixavam deprimido.

— Você não me parece nada preocupado com o caso que tem pela frente — falei por fim, interrompendo a explanação musical de Holmes.

— Por enquanto, ainda não dispomos de dados — ele respondeu. — É um erro capital formular teorias antes de contarmos com todos os indícios. Pode prejudicar o raciocínio.

— Em pouco tempo terá os seus dados — observei, apontando com o dedo. — Esta é a Brixton Road e, se não me engano, aquela é a casa.

— Tem razão. Pare, cocheiro, pare!

Ainda estávamos a uns cem metros de distância, mas ele insistiu em descer ali mesmo, de modo que fizemos a pé o resto do trajeto.

O número 3 de Lauriston Gardens tinha uma aparência agourenta e ameaçadora. Era uma das quatro casas que ficavam um pouco recuadas da rua, sendo duas ocupadas e duas vazias. A última espiava para fora através de três filas de janelas tristes e abandonadas, com uma aparência vaga e opaca, a não ser pelos cartazes de “Aluga-se”, que surgiam aqui e ali, como cataratas sobre as vidraças encardidas. Havia um pequeno jardim salpicado de plantas raquíticas entre cada uma das casas e a rua, cortado por um estreito caminho amarelado, parecendo ser uma mistura de saibro e argila. Tudo ali estava lamacento, por causa da chuva que caíra durante a noite. O jardim era circundado por uma parede de tijolos com mais ou menos um metro de altura, encimada por grades de madeira. Nessa parede, estava recostado um policial robusto, cercado por um pequeno grupo de desocupados, todos esticando o pescoço e aguçando os olhos, na vã esperança de um vislumbre do que acontecia no interior.

Imaginei que Sherlock Holmes entraria imediatamente na casa, para atirar-se ao estudo do mistério. Entretanto, nada parecia mais distante de sua intenção. Com ar despreocupado que, em vista das circunstâncias, me parecia próximo à afetação, ele caminhou de um lado para outro pela calçada, fitando o chão com expressão absorta, depois o céu, as casas opostas e a linha das grades sobre os muros. Terminada a sua inspeção, ele começou a andar lentamente pelo caminho do jardim, ou melhor, pelo gramado vizinho, de olhos pregados no chão. Parou duas vezes e eu o vi sorrir uma vez, ouvindo-o também soltar uma exclamação satisfeita. Havia muitas marcas de pegadas impressas no terreno molhado e argiloso, mas,

como os policiais já tinham ido e vindo por ali, não pude imaginar como meu companheiro poderia descobrir uma pista no local. De qualquer modo, já que tivera provas tão extraordinárias da rapidez de seus dotes perceptivos, acreditava que ele conseguiria distinguir muitas coisas que para mim eram invisíveis.

À entrada da casa, fomos recebidos por um homem alto e claro, de pele alva e cabelos muito louros, com um caderno de notas na mão, que se precipitou ao encontro de Holmes, apertando-lhe a mão efusivamente.

— Foi muita gentileza ter vindo — disse ele. — Nada foi tocado ainda.

— Exceto aqui fora! — replicou meu companheiro, apontando para o caminho no jardim. — Se uma manada de búfalos tivesse passado por ali, a confusão não seria pior. Mas imagino que já havia tirado suas conclusões, Gregson, antes de permitir que isso acontecesse.

— Fiquei muito ocupado dentro da casa — respondeu o detetive, evasivamente. — Meu colega, o sr. Lestrade, também está aqui. Esperava que ele cuidasse dessa parte.

Holmes fitou-me de esguelha e ergueu as sobrancelhas sardonicamente.

— Se dois homens como você e Lestrade já estão na pista, não resta muita coisa para um terceiro fazer — disse.

Gregson esfregou as mãos, satisfeito consigo mesmo.

— Creio que já fizemos tudo que era necessário — respondeu. — De qualquer modo, é um caso estranho e sei o quanto aprecia o gênero.

— Veio para cá de cabriolé? — perguntou Sherlock Holmes.

— Não.

— Nem Lestrade?

— Também não.

— Então, vamos dar uma espiada na sala.

Com esta observação inconsequente, ele entrou na casa em largas passadas, seguido por Gregson, cujas feições exprimiam espanto.

Um corredor curto, de assoalho nu e empoeirado, levava à cozinha e às dependências de serviço. Duas portas se abriam para ele, uma à direita e outra à esquerda. Era evidente que uma delas ficara fechada por muitas semanas. A outra dava para a sala de jantar, o aposento onde ocorrera o misterioso fato. Holmes entrou e eu o segui, com o coração apertado por aquela sensação que a presença da morte inspira.

Era uma grande sala quadrada, que parecia ainda maior pela ausência de móveis. As paredes estavam forradas com um papel vulgar e espalhafatoso, manchado de bolor em vários lugares e com enormes tiras rasgadas, aqui e ali, penduradas e expondo o reboco amarelado. Do lado oposto à porta havia uma lareira vistosa, com um consolo que imitava mármore branco. A um canto desse consolo da lareira via-se um toco de vela vermelha. A única janela estava tão suja que só deixava penetrar uma claridade opaca e incerta, que emprestava a tudo uma tonalidade acinzentada, acentuada pela espessa camada de poeira que cobria todo o aposento.

Foi mais tarde que notei esses detalhes. Naquele momento, minha atenção concentrava-se na figura imóvel e macabra estendida nas tábuas do assoalho, com os olhos abertos e sem vida fitando o teto desbotado. O homem devia ter uns 43 ou 44 anos, era de estatura mediana, tinha ombros largos, cabelos negros e anelados, a barba curta e hirsuta. Trajava fraque e colete de tecido grosso e de boa qualidade, calças claras, e tinha punhos e colarinho imaculadamente alvos. No chão, a seu lado, havia uma cartola bem-escovada e em bom estado. Ele tinha as mãos crispadas e os braços abertos, mas as pernas estavam torcidas, dando a impressão de que sua agonia fora extremamente penosa. Em seu rosto rígido estampava-se uma expressão de horror e também de ódio, segundo me pareceu, como jamais vi em um semblante humano. Aquela contorção malévola e terrível, juntamente com a testa baixa, o nariz chato e o queixo proeminente, davam ao morto uma singular aparência simiesca, acentuada pela postura torcida e pouco natural. Eu já vira a morte em formas variadas, porém nunca com um aspecto tão medonho como naquela sala sombria e sinistra, que dava para uma das principais artérias da Londres suburbana.

Esguio e com seu ar de furão, Lestrade estava parado junto à porta e cumprimentou-nos, a mim e a meu companheiro.

— Este caso vai dar o que falar — observou ele. — Supera tudo o que já vi, e note-se que não sou calouro.

— Nenhuma pista? — perguntou Gregson.

— Absolutamente nada — respondeu Lestrade.

Sherlock Holmes chegou perto do corpo e, ajoelhando-se, examinou-o atentamente.

— Têm certeza de que não há ferimentos? — perguntou, apontando para as numerosas gotas e salpicos de sangue espalhados em torno.

— Plena certeza! — exclamaram os dois detetives.

— Sendo assim, é evidente que esse sangue veio de uma segunda pessoa, presumivelmente o assassino, se é que houve assassinato. Isso me faz lembrar as circunstâncias da morte de Van Jansen, em Utrecht, em 1834. Lembra-se do caso, Gregson?

— Não, senhor.

— Pois procure ler... realmente, deveria lê-lo. Não há nada de novo sob o sol. Tudo já aconteceu antes.

Enquanto falava, seus dedos ágeis voavam daqui para ali, por todos os cantos, apalpando, pressionando, desabotoando e examinando, tendo nos olhos aquela mesma expressão absorta que já mencionei. Conduziu o exame com tal rapidez que dificilmente alguém perceberia a minúcia com que o fazia. Por fim, cheirou os lábios do morto e depois olhou as solas de suas botas de couro.

— Não o removeram do lugar? — perguntou.

— Apenas o suficiente para que o examinássemos.

— Então, podem levá-lo agora para o necrotério — disse Holmes. — Não há mais nada para se examinar.

Gregson tinha uma padiola e quatro homens ali perto. A um chamado seu, os padioleiros entraram na sala e retiraram o morto. Quando o corpo foi erguido, um anel caiu no chão, tilintando, e rolou pelo assoalho. Lestrade apanhou-o e olhou para ele com ar de mistério.

— Uma mulher esteve aqui! — exclamou. — Isso é uma aliança de mulher!

Ao falar, exibiu a aliança na palma da mão. Juntamo-nos em torno dele e fitamos o anel. Não havia dúvida de que aquele aro singelo de ouro já havia adornado o dedo de uma noiva.

— Isso complica as coisas — comentou Gregson. — E sabe Deus como já estavam complicadas.

— Tem certeza de que isso não as simplifica? — observou Holmes. — Nada descobriremos ficando aqui a contemplar a aliança. O que encontrou nos bolsos do homem?

— Temos tudo aqui — disse Gregson, apontando para alguns objetos amontoados sobre um dos últimos degraus da escada. — Um relógio de ouro, nº 97.163, da casa Barraud, de Londres. Uma corrente de relógio,

pesada e de ouro maciço. Um anel de ouro com o símbolo maçônico. Um alfinete de gravata de ouro, no formato de uma cabeça de buldogue, com olhos de rubis. Uma carteira em couro da Rússia, contendo cartões de visitas de Enoch J. Drebber, de Cleveland, correspondentes às iniciais E.J.D. na roupa de baixo. Nenhuma carteira de notas, mas dinheiro trocado nos bolsos, totalizando sete libras e 13 xelins. Uma edição de bolso do *Decameron*, de Boccaccio, com o nome de Joseph Stangerson na primeira folha em branco. Duas cartas... uma endereçada a E.J. Drebber e outra a Joseph Stangerson.

— Para que endereço?

— American Exchange, Strand, Londres, para serem entregues quando procuradas pelos destinatários. Ambas foram enviadas pela Guion Steamship Company e falam sobre a partida de seus barcos de Liverpool. É evidente que o infeliz estava prestes a voltar para Nova York.

— Investigou o homem chamado Stangerson?

— Imediatamente, senhor — disse Gregson. — Fiz publicar anúncios em todos os jornais. Enviei um de meus homens ao American Exchange, mas ele ainda não voltou.

— Pediu informações a Cleveland?

— Telegrafamos para lá esta manhã.

— O que disse?

— Apenas detalhamos as circunstâncias, acrescentando que ficaríamos gratos por qualquer informação que nos ajudasse.

— Não solicitou detalhes sobre algum ponto específico, que considerasse importante?

— Pedi informações sobre Stangerson.

— Nada mais? Não existe nenhuma circunstância que sirva de base para esse caso? Pretende telegrafar novamente?

— Já disse tudo o que tinha a dizer — respondeu Gregson num tom ofendido.

Sherlock Holmes riu para si mesmo e parecia prestes a fazer algum comentário, quando Lestrade, que ficara na sala da frente enquanto conversávamos no corredor, reapareceu em cena, esfregando as mãos de um jeito pomposo e satisfeito.

— Sr. Gregson, acabo de fazer uma descoberta da maior importância, algo que passaria despercebido se eu não tivesse examinado as paredes

cuidadosamente — disse.

Os olhos do homenzinho cintilavam enquanto ele falava e, evidentemente, mal continha a euforia por ter lavrado um tento contra o colega.

— Venham ver! — chamou, voltando alvoroçadamente à sala, cuja atmosfera parecia renovada após a remoção de seu macabro inquilino. — Um momento, fiquem onde estão!

Riscou um fósforo na bota e o aproximou da parede.

— Vejam isto! — exclamou, triunfante.

Já mencionei que o papel de parede estava rasgado e com as tiras penduradas em vários lugares. Naquele canto da sala, um bom pedaço se rasgara, deixando à mostra um quadrado amarelado de reboco áspero. Nesse espaço descoberto via-se uma única palavra, garatujada em letras de sangue:

Rache

— O que me diz disso? — perguntou o detetive, com o ar de um mestre de cerimônias apresentando o espetáculo. — Passou despercebido porque ficava no canto mais escuro da sala e ninguém pensou em examinar aqui. O assassino escreveu isso com o próprio sangue, dele ou dela. Notem a mancha que escorreu pela parede! De qualquer modo, afasta a hipótese de suicídio. Por que teria sido escolhido esse canto? Eu lhes direi: vejam aquela vela sobre a lareira. Estava acesa no momento e, assim, este canto passou a ser a parte mais iluminada da sala.

— E, já que as descobriu, o que significam essas letras? — perguntou Gregson num tom desdenhoso.

— O que significam? Bem, certamente aqui seria escrito o nome Rachel, mas quem o escreveu deve ter sido interrompido antes de terminá-lo. Ouçam o que digo: quando esse caso for esclarecido, verão que uma mulher chamada Rachel está envolvida no assunto. Ria à vontade, sr. Sherlock Holmes. Pode ser muito esperto e inteligente, mas, depois de tudo encerrado, verá que o velho cão de caça se saiu muito melhor.

— Sinceramente, peço que me desculpe! — disse meu companheiro, que irritara o homenzinho com um acesso de riso. — Evidentemente, é seu o crédito de ser o primeiro a descobrir esse detalhe e, como disse, tudo indica

que a palavra foi escrita pelo outro participante do mistério da noite passada. Ainda não tive tempo de examinar esta sala, mas, com a sua permissão, é o que farei agora.

Enquanto falava, tirou do bolso uma fita métrica e uma grande lente de aumento redonda. Munido dos dois instrumentos, passou a caminhar rápida e silenciosamente pela sala, parando de vez em quando, ajoelhando-se algumas vezes e, em uma delas, estirando-se de bruços no assoalho. Estava tão absorto em sua atividade que parecia ter esquecido a nossa presença, porque falava baixinho o tempo todo consigo mesmo, soltando uma série de exclamações, resmungos, assobios e gritos sufocados de animação e esperança. Enquanto o observava, não pude deixar de compará-lo a um bem-treinado cão de caça, quando anda de um lado para outro farejando a presa escondida, ganindo de ansiedade, até encontrar o rastro perdido. Holmes prosseguiu em sua pesquisa durante uns bons vinte minutos, medindo, com o maior cuidado, distâncias entre marcas totalmente invisíveis para mim e, volta e meia, usando sua fita métrica nas paredes, de modo também incompreensível. Em um ponto, recolheu cuidadosamente um montículo de poeira acinzentada do chão, guardando tudo em um envelope. Por fim, examinou com a lente a palavra escrita na parede, verificando atentamente cada letra. Feito isso, pareceu dar-se por satisfeito, porque guardou a fita métrica e a lente no bolso.

— Dizem que o gênio consiste em uma capacidade infinita para o trabalho paciente — observou com um sorriso. — Como definição é péssima, embora se aplique ao ofício de detetive.

Gregson e Lestrade tinham observado as manobras de seu colega amador com muita curiosidade e certo desdém. Evidentemente, não percebiam que os mínimos gestos de Sherlock Holmes, algo que eu começava a compreender, tinham sempre alguma finalidade prática e definida.

— O que acha de tudo isto? — perguntaram os dois.

— Eu estaria lhes roubando os méritos do caso se pretendesse ajudá-los — observou meu amigo. — Conduziram-se tão bem até agora que seria lamentável a interferência de mais alguém. — Havia um mundo de sarcasmo em suas palavras. — Se me puserem a par de suas investigações, terei o máximo prazer em ajudá-los como for possível — prosseguiu. — Nesse meio-tempo, eu gostaria de falar com o policial que encontrou o corpo. Poderiam fornecer seu nome e endereço?

Lestrade consultou seu caderno de notas.
— John Rance — disse. — Está de folga agora. Poderá encontrá-lo em Audley Court, 46, Kennington Park Gate.
Holmes anotou o endereço.
— Vamos, doutor — disse para mim. — Vamos falar com Rance. Quero dizer-lhes uma coisa que talvez possa ajudá-los no caso — acrescentou, virando-se para os dois detetives. — Aqui houve um homicídio e o assassino era um homem. Tem mais de 1,80 metro de altura, é relativamente novo, com pés pequenos para sua altura, usa botinas grosseiras, de bico quadrado, e fumava um charuto Trichinopoly. Chegou aqui com sua vítima em um cabriolé de quatro rodas, puxado por um cavalo com três ferraduras velhas e uma nova, na pata dianteira esquerda. Com toda probabilidade, o assassino tem o rosto corado e as unhas da mão direita são bastante compridas. Estes são apenas alguns detalhes, mas que podem ajudar.
Lestrade e Gregson entreolharam-se com um sorriso de incredulidade.
— Se o homem foi assassinado, como aconteceu? — perguntou o primeiro.
— Veneno — disse Sherlock Holmes, lacônico. Caminhou para a porta. — Mais uma coisa, Lestrade — acrescentou, virando-se antes de sair: — “Rache” quer dizer “vingança” em alemão; portanto, não perca seu tempo procurando uma senhorita Rachel.
Após esse último disparo, Holmes afastou-se, deixando para trás os dois rivais boquiabertos.

4

O QUE JOHN RANCE TINHA A DIZER

ERA UMA HORA DA TARDE, QUANDO SAÍMOS DO NÚMERO 3 DE Lauriston Gardens. Sherlock Holmes levou-me à agência telegráfica mais próxima, de onde expediu um longo telegrama. Depois fez sinal para um cabriolé e ordenou ao cocheiro que nos conduzisse ao endereço fornecido por Lestrade.

— Nada como a prova colhida diretamente na fonte — comentou ele. — Na verdade, já formei minha opinião sobre esse caso, mas nunca é demais sabermos tudo que há para saber.

— Você me surpreende, Holmes — observei. — Sem dúvida, não tem muita certeza sobre os detalhes que acabou de fornecer aos detetives.

— Não há qualquer margem para erro — respondeu ele. — Ao chegar lá, a primeira coisa que observei foi que uma carruagem fizera dois sulcos com as rodas perto da esquina. Ora, até a noite passada, tivemos uma semana sem chuva, de modo que aquelas rodas só deixariam marcas tão fundas se tivessem sido feitas durante a noite. Havia também marcas dos cascos de um cavalo, sendo o contorno de uma delas desenhado com mais nitidez que o das outras três, o que indicava uma ferradura nova. Já que uma carruagem parara ali depois de começar a chover e, não tendo parado mais durante a manhã (Gregson foi positivo quanto a isso), ela deve ter estado lá durante a noite e, por conseguinte, conduziu os dois indivíduos até a casa.

— Visto assim, parece bem simples, mas, e quanto à altura do outro homem? — murmurei.

— Ora, em nove entre dez casos, podemos avaliar a altura de um homem pelo comprimento de seus passos. Trata-se de um cálculo bem simples, mas

não vou entediá-lo com números. Eu tinha o comprimento dos passos do indivíduo na argila do jardim e na poeira do assoalho da sala. Além disso, eu tinha outros elementos para confirmar a exatidão de meus cálculos. Quando um homem escreve em uma parede, o instinto o leva a escrever à altura dos olhos. Muito bem, aquela inscrição estava a cerca de 1,80 metro do chão. Foi uma brincadeira de criança.

— E sobre a idade? — perguntei.

— Bem, se um homem consegue dar passadas de 1,20 metro sem o menor esforço, tem que estar em plena forma física. Era essa a largura de uma poça no jardim. Botinas de verniz a contornaram e biqueiras quadradas a saltaram. Afinal, não há mistério algum nisso. Estou apenas aplicando à vida diária alguns dos preceitos sobre observação e dedução que eu recomendava naquele artigo. Há algo mais que o esteja intrigando?

— Aquilo sobre as unhas e o charuto Trichinopoly — falei.

— A inscrição na parede foi feita pelo dedo indicador de um homem, molhado em sangue. Com a lente, pude observar que o reboco havia sido ligeiramente arranhado durante a escrita, o que não aconteceria se ele estivesse com as unhas aparadas. Recolhi um pouco da cinza espalhada no assoalho. Era de cor escura e em escamas... uma cinza idêntica à produzida por um Trichinopoly. Fiz um estudo especial sobre cinzas de charuto, aliás, escrevi uma monografia a respeito. Gabo-me de poder identificar, à primeira vista, a cinza de qualquer marca conhecida de charuto ou tabaco. É exatamente nesses detalhes que está a diferença entre um detetive especializado e os do tipo que Gregson e Lestrade personificam.

— E quanto ao rosto corado? — perguntei.

— Oh, foi apenas um tiro no escuro, embora eu não tenha dúvidas a respeito. Não me pergunte como, no estágio atual do caso.

Passei a mão pela testa.

— Minha cabeça é um torvelinho — comentei. — Quanto mais penso no caso, mais misterioso me parece. Como é que os dois homens, se é que foram mesmo dois, conseguiram entrar em uma casa vazia? O que aconteceu com o cocheiro que os levou até lá? Como um homem poderia obrigar outro a tomar veneno? De onde veio o sangue? Qual o motivo do crime, já que não houve roubo? Como aquela aliança de mulher foi parar ali? E, acima de tudo: por que o segundo homem escreveria a palavra alemã

RACHE antes de dar o fora? Confesso que não vejo nenhuma maneira possível de conciliar todos esses fatos.

Meu companheiro sorriu de modo aprovador.

— Você resumiu as dificuldades da situação de maneira clara e sucinta — disse. — Ainda há muitos pontos obscuros, embora eu já tenha opinião formada sobre os fatos principais. Quanto à descoberta do pobre Lestrade, não passa de um indício falso, a fim de pôr a polícia na pista errada ao sugerir que aquilo era obra de socialistas ou de sociedades secretas. Aquilo não foi feito por um alemão. O "A", caso tenha percebido, estava impresso mais ou menos segundo a escrita alemã. Ora, um verdadeiro alemão invariavelmente usa caracteres latinos para letras de imprensa. Assim sendo, posso afirmar com segurança que não foi um alemão quem fez a inscrição, mas um imitador grosseiro, que exagerou no seu papel. Foi simplesmente um golpe de astúcia para despistar a investigação. Não vou lhe dizer muito mais sobre o caso, doutor. Como sabe, um mágico perde prestígio quando seu truque é desvendado. Se eu lhe explicar muita coisa sobre o meu método de trabalho, acabará concluindo que, afinal de contas, sou um indivíduo bastante comum.

— Eu jamais pensaria uma coisa dessa — respondi. — Seria impossível alguém aproximar mais a dedução de uma ciência exata do que você fez.

Meu companheiro enrubesceu de prazer ao ouvir minhas palavras e ao perceber o meu tom sincero. Eu já notara que ele era tão sensível aos elogios feitos à sua arte quanto uma jovem a respeito da própria beleza.

— Eu lhe direi mais uma coisa — acrescentou Holmes. — "Botinas de verniz" e "Biqueiras quadradas" chegaram no mesmo cabriolé e seguiram juntos pelo caminho do jardim do jeito mais amistoso possível, talvez até de braços dados. Quando entraram na casa, ficaram andando de um lado para o outro na sala, ou melhor, "Botinas de verniz" ficou parado, enquanto "Biqueiras quadradas" ia e vinha. Pude ler tudo isso na poeira; como li também que, quanto mais ele andava, mais excitado ia ficando. Isso foi revelado pela largura cada vez maior das passadas. Ficou falando o tempo todo e, sem dúvida, cada vez ficava mais encolerizado. Então, ocorreu a tragédia. Contei-lhe tudo o que sei até agora, porque o resto não passa de suposições e conjecturas. De qualquer modo, já temos uma boa base para começar a trabalhar. Precisamos nos apressar, porque pretendo ouvir Norman Neruda esta tarde, em um concerto no *Halle*.

Esta conversa ocorreu enquanto nosso cabriolé abria caminho por uma longa sucessão de ruas sujas e becos sombrios. No mais sujo e sombrio de todos, nosso cocheiro parou de repente.

— Audley Court fica ali — anunciou, apontando para uma fenda estreita na fileira de tijolos desbotados. — Estarei aqui quando voltarem.

Audley Court não era um lugar atraente. A passagem estreita nos levou a um pátio quadrado, com piso de lajes e cercado de moradias sórdidas. Abrimos caminho por entre bandos de crianças imundas e varais com roupas desbotadas penduradas, até chegarmos ao número 46. A porta da casa exibia uma pequena placa de latão com o nome Rance gravado. Soubemos que o policial estava na cama e fomos conduzidos a uma saleta, a fim de esperá-lo.

Ele surgiu pouco depois, parecendo um pouco irritado por ter seu repouso interrompido.

— Já apresentei meu relatório no posto — declarou.

Holmes tirou meio soberano do bolso e brincou pensativamente com a moeda.

— Pensamos que seria melhor ouvir tudo de sua própria boca — disse.

— Terei o máximo prazer em ajudá-lo no que puder — respondeu o policial, de olhos fixos na pequena moeda de ouro.

— Basta que nos conte a seu modo o que aconteceu.

Rance sentou-se no sofá de crina e franziu a testa, como que decidido a não omitir o menor detalhe em seu relato.

— Contarei desde o início — falou. — Minha ronda vai de dez da noite às seis da manhã. Às 23 horas, houve uma briga no White Hart, mas, fora isso, tudo continuou tranquilo no meu setor. Começou a chover a uma da madrugada, encontrei Harry Murcher (ele faz a ronda em Holland Grove) e ficamos conversando na esquina da Henrietta Street. Um pouco mais tarde, por volta de duas horas, mais ou menos, achei que devia dar uma espiada e ver se estava tudo calmo na Brixton Road. Estava tudo enlameado e deserto. Não vi ninguém durante a minha caminhada, embora um ou dois cabriolés passassem por mim. Ia andando devagar, pensando que uma dose de gim quente me faria bem quando, de repente, uma nesga de luz me chamou a atenção, bem na janela daquela casa. Ora, eu sabia que as duas casas em Lauriston Gardens estavam vazias porque o proprietário não quer mandar limpar os esgotos, embora o último inquilino de uma delas tenha

morrido de tifo. Fiquei perplexo ao ver a luz na janela, o que me fez desconfiar de que algo estava errado. Quando cheguei à porta...

— Parou e depois voltou até o portão do jardim — interrompeu meu companheiro. — Por que fez isso?

Rance teve um sobressalto e fixou os olhos arregalados em Sherlock Holmes, com o espanto estampado no rosto.

— Foi isso mesmo! — exclamou. — E só Deus sabe como descobriu isso! Bem, quando cheguei à porta, estava tudo tão quieto e deserto que pensei que era um mau negócio não ter ninguém ali comigo. Não tenho medo de nada no mundo dos vivos, mas fiquei pensando que bem podia ser o sujeito que morreu de tifo inspecionando os esgotos que o mataram. A ideia me deixou apavorado e voltei ao portão para ver se avistava a lanterna de Murcher. Mas não havia o menor sinal dele nem de mais ninguém.

— Não viu ninguém na rua?

— Nem uma alma e nem ao menos um cachorro. Então, tomei coragem, voltei e abri a porta. Estava tudo quieto lá dentro, de modo que fui até a sala onde a luz estava brilhando. Havia uma vela bruxuleante no consolo da lareira... era uma vela de cera vermelha... e com a sua claridade, eu vi...

— Sei tudo o que você viu. Deu várias voltas pela sala, ajoelhou-se junto ao corpo, depois foi até a cozinha, verificou a porta e então...

John Rance levantou-se de um salto, com ar amedrontado e um olhar cheio de suspeita.

— Onde estava escondido para ver tudo isso? — exclamou. — Está me parecendo que sabe muito mais do que deveria.

Holmes riu e jogou seu cartão de visita sobre a mesa, na direção do policial.

— Não vá me prender pelo assassinato — disse. — Sou um dos cães de caça e não o lobo. Gregson e Lestrade poderão confirmar o que digo. Muito bem, prossiga. O que fez depois?

Rance sentou-se outra vez, mas não perdeu a expressão intrigada.

— Voltei ao portão e usei meu apito. Isso fez com que Murcher e mais dois viessem ao meu encontro.

— A rua estava vazia nesse momento?

— Bem, era como se estivesse, no caso de alguém que pudesse ser de alguma valia.

— O que quer dizer?

Um sorriso surgiu no rosto do policial.

— Já vi muitos bêbados por aí, mas nunca um como aquele — explicou. — Quando cheguei, o sujeito estava no portão, encostado às grades, cantando a plenos pulmões a *New-fangled Banner*, ou algo parecido. Mal conseguia ficar em pé, quanto mais ajudar em alguma coisa.

— Que tipo de homem era ele? — perguntou Sherlock Holmes.

John Rance pareceu um tanto irritado com a digressão.

— Um beberrão dos piores — respondeu. — Teria sido levado diretamente para o posto policial, se não tivéssemos coisa mais importante para fazer.

— O rosto dele, suas roupas... não reparou em nada? — perguntou Holmes, impaciente.

— É claro que reparei, já que tive de erguê-lo, com ajuda de Murcher. Era um sujeito alto, de rosto muito corado, mas com a parte inferior escondida por uma echarpe que...

— Já basta! — exclamou Holmes. — O que foi feito dele?

— Não íamos ficar cuidando de um bêbado justamente naquela hora — respondeu o policial numa voz ofendida. — Imagino que tenha encontrado o caminho de volta para casa.

— Como estava vestido?

— Tinha um sobretudo marrom.

— E um chicote na mão?

— Chicote? Hum... não.

— Então, deve tê-lo largado em algum lugar — murmurou meu companheiro. — Chegou a ver ou ouvir um cabriolé, depois disso?

— Não.

— Aqui tem meio soberano — disse meu companheiro, levantando-se e apanhando seu chapéu. — Receio que você não suba muito na força policial, Rance. Devia usar também a cabeça, em vez de tê-la apenas como enfeite. Na noite passada, poderia ter ganhado suas divisas de sargento. O homem que teve nas mãos é o mesmo que possui a chave deste mistério, aquele que estamos procurando. Agora não adianta discutirmos isso, mas eu lhe garanto que é como falei. Vamos, doutor.

Fomos andando na direção do cabriolé, deixando nosso informante incrédulo, mas evidentemente perturbado.

— Que grande imbecil! — exclamou Holmes, em tom amargo, enquanto voltávamos para casa. — Pensar que teve uma oportunidade de ouro nas mãos e não soube aproveitá-la!

— Pois eu continuo no escuro — disse. — É verdade que a descrição do homem combina com a ideia que você fez do segundo personagem do mistério. Mas por que ele voltaria à casa depois que saiu? Não é assim que agem os criminosos.

— A aliança, homem, a aliança! Ele voltou para recuperá-la. Enfim, se não tivermos outro meio de capturá-lo, sempre podemos atraí-lo com a aliança. Vou pegá-lo, doutor... aposto dois contra um como o agarro. Fico-lhe muito grato por tudo. Só fui a Lauriston Gardens por sua causa, e se não tivesse ido, teria perdido o estudo mais interessante que já encontrei: um estudo em vermelho, hein? Ora, por que não usarmos um pouco a linguagem artística? Temos o fio vermelho do crime enredando-se na meada descolorida da vida, e nossa obrigação é desentranhá-lo, isolá-lo, expondo-o em toda a sua extensão. Muito bem, vamos ao nosso almoço e, depois, a Norman Neruda. Seu ataque e sua execução musical são esplêndidos. Como é mesmo aquela pequena peça de Chopin que ela interpreta de modo tão magistral? Tra-la-la-li-ra-la...

Recostado no assento do cabriolé, aquele cão de caça amador ficou cantarolando como uma cotovia, enquanto eu meditava sobre as muitas facetas da mente humana.

5

NOSSO ANÚNCIO ATRAI UM VISITANTE

A ATIVIDADE DAQUELA MANHÃ FORA EXCESSIVA PARA A MINHA saúde, de modo que, à tarde, eu me sentia francamente exausto. Depois que Holmes saiu para o concerto, deitei-me no sofá disposto a dormir por umas duas horas. Foi uma tentativa inútil. Tudo que havia sucedido me deixara tão excitado que as mais estranhas fantasias e suposições povoavam minha mente. Toda vez que eu fechava os olhos, via a fisionomia contraída e simiesca do homem assassinado diante de mim. A impressão provocada por aquele rosto fora tão sinistra que era difícil sentir outra coisa além de gratidão pela pessoa que retirara seu dono deste mundo. Se as feições humanas alguma vez já revelaram o vício em seu aspecto mais malévolo, sem dúvida eram as de Enoch J. Drebber, de Cleveland. Mesmo assim, eu reconhecia que era preciso fazer justiça, e que a depravação da vítima não constituía atenuante aos olhos da lei.

Quanto mais eu pensava no caso, mais extraordinária me parecia a hipótese de meu companheiro, de que o homem fora envenenado. Lembrei-me de que ele cheirara os lábios do cadáver e tinha certeza de que ele detectara algo que sustentava essa ideia. Bem, se não fosse veneno, o que mais poderia ter provocado a morte do indivíduo, se ele não apresentava ferimentos nem sinais de estrangulamento? Ao mesmo tempo, de quem seria aquele sangue que manchara tanto o assoalho? Não havia sinais de luta, e a vítima não possuía nenhuma arma com a qual pudesse ter ferido o adversário. Enquanto todas essas perguntas ficassem sem resposta, era quase certo que eu e Holmes não conseguiríamos conciliar o sono. As maneiras calmas e confiantes de meu companheiro, no entanto,

convenciam-me de que ele já havia formulado alguma teoria que explicasse todos os fatos, embora eu não pudesse imaginar nem por um momento qual seria.

Holmes voltou muito tarde — tão tarde que só o concerto não seria capaz de detê-lo por tanto tempo. O jantar já estava na mesa antes de seu regresso.

— Foi magnífico! — ele exclamou ao sentar-se. — Lembra-se do que Darwin diz sobre a música? Segundo ele, a capacidade de produzi-la e apreciá-la já existia entre a raça humana muito antes de existir a faculdade da linguagem. Talvez seja por isso que nos sentimos tão sutilmente influenciados por ela. Certamente, nossas almas guardam lembranças vagas daqueles séculos envoltos em brumas, quando o mundo ainda estava na infância.

— Trata-se de uma ideia um tanto ampla — observei.

— Nossas ideias precisam ser tão amplas quanto a Natureza, se quisermos interpretá-la — respondeu ele. — O que há com você? Não me parece o mesmo. Sem dúvida, esse caso da Brixton Road o deixou perturbado.

— Para ser franco, deixou mesmo — falei. — Depois de minhas experiências no Afeganistão, eu devia estar mais insensível. Vi meus companheiros serem dizimados na batalha de Maiwand e não perdi a calma.

— Posso compreender. Aqui há um mistério, excitando a imaginação, e onde não há imaginação, não existe horror. Já viu o jornal da tarde?

— Ainda não.

— Faz um relato bastante detalhado do caso, mas não menciona o fato de que uma aliança de mulher caiu ao chão quando o corpo foi erguido. Ainda bem!

— Por quê?

— Veja este anúncio — respondeu ele. — Mandei publicá-lo esta manhã em todos os jornais, logo após a ocorrência.

Atirou o jornal na minha direção por cima da mesa, e passei os olhos pelo ponto indicado. Era o primeiro anúncio da coluna de *Achados*.

“Foi encontrada esta manhã na Brixton Road”, dizia o anúncio, “uma aliança de ouro, no trajeto entre a Taberna White Hart e Holland Grove. Procurar o dr. Watson na Baker Street, 221 B, entre oito e nove desta noite.”

— Desculpe-me por usar seu nome — disse ele. — Se publicasse o meu, alguns desses idiotas o reconheceriam e se intrometeriam no caso.

— Está tudo bem — falei. — Mas, se aparecer alguém, eu não tenho nenhuma aliança comigo.

— Oh, é claro que tem! — ele disse, estendendo-me uma. — Esta servirá perfeitamente. É quase idêntica à outra.

— E quem você acha que virá buscá-la?

— Ora, o homem do sobretudo marrom... nosso amigo corado de biqueiras quadradas. Se não aparecer em pessoa, enviará um cúmplice.

— Talvez ele ache arriscado demais.

— De modo nenhum. Se minha opinião estiver correta, e tenho todos os motivos para acreditar que está, esse homem preferirá arriscar qualquer coisa a perder a aliança. Segundo imagino, ele a deixou cair enquanto se debruçava sobre o corpo de Drebber e não deu por falta dela na hora. Ao sair da casa, percebeu que a perdera e voltou rapidamente, mas viu que a polícia já ocupara o lugar por sua própria culpa, ao deixar a vela acesa. Então, teve que fingir que estava bêbado para afastar as suspeitas que devem ter surgido quando o viram junto ao portão. Agora, ponha-se no lugar dele. Refletindo sobre o assunto, deve ter-lhe ocorrido que poderia ter perdido a aliança na rua, depois de sair da casa. O que fazer então? Examinar ansiosamente os jornais da tarde, na esperança de encontrá-la na coluna dos objetos achados. Garanto como os olhos do nosso homem brilharam quando ele viu o meu anúncio. Ele deve ter ficado eufórico. Por que temer uma armadilha? Em sua opinião, não haveria nenhum motivo para se pensar que a aliança encontrada tenha alguma ligação com o crime. Ele virá. Você o verá dentro de uma hora.

— E depois? — perguntei.

— Oh, não se preocupe. Eu me incumbirei de lidar com ele. Tem alguma arma?

— Tenho meu velho revólver regulamentar e alguns cartuchos.

— Seria conveniente limpá-lo e carregá-lo. O homem deve estar desesperado e, embora eu o pegue desprevenido, é melhor ficar preparado para uma emergência.

Fui para o meu quarto e segui seu conselho. Quando voltei com o revólver, a mesa já estava arrumada e Holmes se entretinha em sua ocupação favorita de arranhar o arco no violino.

— Os acontecimentos estão se precipitando — anunciou quando entrei. — Acabo de receber resposta ao telegrama que mandei para os Estados

Unidos. Minha opinião sobre o caso estava correta.

— E qual é sua opinião? — perguntei, ansioso.

— Meu violino precisa de cordas novas — observou ele. — Ponha seu revólver no bolso. Quando o sujeito chegar, dirija-se a ele com naturalidade e deixe o resto comigo. Não vá amedrontá-lo, encarando-o fixamente.

— São oito horas — falei, consultando meu relógio.

— Exato. Talvez ele esteja aqui dentro de mais alguns minutos. Abra a porta, deixando-a apenas encostada. Assim. Agora, deixe a chave do lado de dentro. Obrigado! Vê? Descobri ontem este livro antigo e curioso em uma banca, *De Jure inter Gentes*, publicado em latim, em Liége, nos Países Baixos, em 1642. Imagine, Carlos I ainda tinha a cabeça sobre os ombros quando imprimiram este livreto de capa marrom...

— Quem o imprimiu?

— Philippe de Croy. Não faço a mínima ideia de quem ele era. Na primeira página em branco está escrito em tinta quase apagada: *Ex libris Guliolmi Whyte*. Quem teria sido Guliolmi Whyte? Imagino que algum advogado pragmático do século XVII. Sua letra mostra um traço jurídico na caligrafia. Bem, acho que aí vem o nosso homem!

Enquanto ele falava, tocaram com força a sineta da entrada. Sherlock Holmes levantou-se silenciosamente e moveu sua cadeira na direção da porta. Ouvimos a criada passar pelo corredor e depois o estalido seco do trinco sendo aberto.

— O dr. Watson mora aqui? — perguntou uma voz clara, embora um pouco áspera.

Não ouvimos a resposta da criada, mas a porta se fechou e alguém começou a subir a escada. Os passos eram vacilantes e arrastados. Uma expressão de surpresa passou pelo rosto de meu amigo quando os ouviu. Os passos se aproximaram lentamente pelo corredor e ouviu-se uma leve pancada na porta.

— Entre! — exclamei.

Em vez do homem violento que esperávamos, entrou na sala uma mulher bastante idosa e enrugada, coxeando. Pareceu ofuscada pela brilhante claridade repentina do aposento e, após uma mesura, ficou piscando os olhos lacrimosos e remexendo nos bolsos com dedos nervosos e trêmulos. Olhei de esguelha para meu companheiro e vi seu rosto assumir uma expressão tão desconsolada que mal pude manter a seriedade.

A velha exibiu finalmente um jornal vespertino e apontou para nosso anúncio.

— Foi isto que me trouxe aqui, bondosos cavalheiros, uma aliança encontrada na Brixton Road — disse, fazendo outra mesura. — Pertence à minha filha Sally, casada faz apenas um ano. Seu marido é camareiro de um navio da União e nem sei o que diria se voltasse e a encontrasse sem sua aliança. Em seu estado normal ele não é dos mais delicados, e piora muito quando bebe... Se querem saber, ela ontem foi ao circo com...

— A aliança é esta? — perguntei.

— Deus seja louvado! — exclamou a velha. — Esta noite, Sally será uma mulher feliz... Sim, é essa mesma.

— Qual é o seu endereço? — perguntei, pegando um lápis.

— Duncan Street, 13, em Houndsditch. É um bocado longe daqui.

— A Brixton Road não fica no trajeto entre qualquer circo e Houndsditch — observou Holmes com rispidez.

A velha virou o rosto e o encarou fixamente, com seus olhinhos circundados de vermelho.

— O cavalheiro perguntou o meu endereço — falou. — Sally mora em uma pensão em Mayfield Place, 3. Fica em Peckham.

— E seu nome é...?

— Meu sobrenome é Sawyer... o dela é Dennis, desde que se casou com Tom Dennis. É um excelente rapaz, muito direito também quando está no mar, e nenhum camareiro da companhia lhe passa à frente. Mas, em terra, quando se envolve com mulheres e bebidas...

— Aqui tem a sua aliança, sra. Sawyer — interrompi, atendendo a um sinal de meu companheiro. — Está claro que pertence à sua filha e fico feliz em poder devolvê-la ao legítimo dono.

Murmurando uma porção de agradecimentos e bênçãos, a velha guardou a aliança no bolso e arrastou-se pelos degraus abaixo. Sherlock Holmes levantou-se rapidamente assim que ela desapareceu e precipitou-se para seu quarto. Voltou em poucos segundos, envolto em seu impermeável e com um cachecol em torno do pescoço.

— Vou segui-la — disse, apressado. — Ela deve ser uma cúmplice e me levará ao homem. Espere por mim.

Mal a porta do corredor se fechara atrás de nossa visitante e Holmes já descia a escada. Espiando pela janela, pude vê-la arrastando-se com

dificuldade do outro lado da rua, enquanto seu perseguidor furtivo ia um pouco atrás.

"Se toda a teoria dele não estiver errada", pensei, "Holmes está agora sendo levado para o centro do mistério".

Não era preciso que ele me pedisse para esperá-lo, porque descobri que seria impossível dormir enquanto não soubesse o resultado de sua aventura.

Holmes saíra quase às 21 horas e eu não fazia a mínima ideia de quando voltaria, mas continuei fumando imperturbavelmente o meu cachimbo e folheando as páginas de *Vie de Bohème*, de Henri Murger. Soaram as 22 horas e ouvi os passos rápidos da criada a caminho da cama. Às 23 horas, as passadas mais solenes da senhoria atravessaram o corredor rumo a destino idêntico. Era quase meia-noite quando ouvi o ruído seco da chave de Holmes girando na fechadura. Assim que entrou, vi no seu rosto que ele não se saíra bem. Divertimento e decepção pareciam debater-se para ver quem levava a melhor e, vencendo o primeiro, ele explodiu numa gargalhada jovial.

— Por nada no mundo eu gostaria que o pessoal da Scotland Yard soubesse do que houve! — exclamou, deixando-se cair na poltrona. — Já zombei tanto deles que nunca mais esqueceriam o meu fracasso. Mas posso rir agora porque, a longo prazo, eu é que levarei a melhor.

— Afinal, o que aconteceu? — perguntei.

— Oh, não me importo de contar uma história contra mim mesmo. Aquela criatura não tinha andado muito quando começou a coxear ainda mais e dar todos os sinais de estar com os pés doloridos. Parou um pouco depois e fez sinal para uma carruagem que passava. Consegui aproximar-me o suficiente para ouvir o endereço, mas nem precisaria ficar tão ansioso, porque ela o anunciou numa voz suficientemente alta para ser ouvida do outro lado da rua: "Leve-me à Duncan Street, 13, em Houndsditch, cocheiro!" Pensei que tudo aquilo começava a parecer autêntico e, vendo-a entrar em segurança na carruagem, encarapitei-me na traseira. Todo detetive deveria ser perito nesta arte. Bem, lá fomos nós sacolejando, sem parar uma só vez, até chegarmos à rua em questão. Pulei para o chão antes de chegarmos à porta e fiz o resto do trajeto a pé, caminhando tranquilamente. Vi a carruagem parar. O cocheiro saltou da boleia, abriu a porta e ficou parado, esperando. Mas ninguém saiu lá de dentro. Quando me aproximei, ele vasculhava freneticamente o veículo vazio, enquanto soltava o mais

selecionado repertório de pragas que jamais ouvi. Não havia o menor sinal de sua passageira e, se não me engano, ele ainda levará muito tempo para receber o pagamento pela corrida. Pedindo informações no número 13, ficamos sabendo que a casa pertencia a um respeitável forrador de paredes chamado Keswick, e que ali não conheciam ninguém com os sobrenomes Sawyer ou Dennis.

— Está querendo dizer que aquela velha fraca e capenga foi capaz de saltar da carruagem em movimento sem que você ou o cocheiro a vissem? — perguntei, perplexo.

— Velha uma ova! — replicou Sherlock Holmes com rispidez. — Nós é que bancamos duas velhas tolas. Devia ser um homem novo, além de ágil e excelente ator. Um disfarce perfeito. Sem dúvida, percebeu que era seguido e apelou para esse truque, a fim de despistar-me. Isso indica que o homem que procuramos não é tão solitário como imaginei, porque tem amigos prontos a arriscar-se por ele. Bem, doutor, vejo que parece esgotado. Se quer um conselho, vá dormir!

Eu me sentia realmente cansado e aceitei o conselho. Deixei Holmes sentado diante da lareira e, já tarde da noite, ouvi os gemidos sufocados e melancólicos de seu violino, indicando que ele ainda analisava o estranho problema que se dispusera a resolver.

6

TOBIAS GREGSON MOSTRA O QUE PODE FAZER

NO DIA SEGUINTE, OS JORNAIS ESTAVAM CHEIOS DAQUILO QUE chamavam de “O mistério de Brixton”. Cada um deles fazia um longo relato do caso e alguns acrescentavam comentários. Havia neles alguns detalhes que eu não conhecia. Em meu álbum de recortes ainda guardo vários deles, e também registros relativos ao caso. Aqui vai um resumo de alguns:

O *Daily Telegraph* observava que, na história do crime, raramente se vira uma tragédia com características mais estranhas. O nome alemão da vítima, a aparente ausência de outros motivos e a sinistra inscrição na parede, tudo parecia indicar que o homicídio fora perpetrado por refugiados políticos e revolucionários. Os socialistas tinham várias ramificações na América e, sem dúvida, o morto infringira suas leis não escritas, e fora então rastreado por eles. Após alusões superficiais ao *Vehmgericht*, à água-tofana,[1] aos carbonários, à marquesa de Brinvilliers, à teoria de Darwin, aos princípios de Malthus e aos assassinatos da Ratcliff Highway, o artigo terminava admoestando o governo e defendendo uma vigilância mais severa dos estrangeiros na Inglaterra.

O *Standard* comentava o fato de que violências desse tipo costumavam ocorrer quando os liberais estavam no governo. Eram resultado da inquietação popular e do consequente enfraquecimento da autoridade em geral. O morto era um cidadão americano que estava na metrópole havia algumas semanas. Hospedara-se na pensão de Madame Charpentier, na Torquay Terrace, em Camberwell. Em suas viagens, era acompanhado por Joseph Stangerson, seu secretário particular. Os dois haviam se despedido da dona da pensão na terça-feira, dia 4 deste mês, partindo para a Euston

Station, onde tomariam o expresso de Liverpool. Depois disso, tinham sido vistos na plataforma da estação. Nada mais se soubera deles, até que o corpo do sr. Drebber foi encontrado em uma casa vazia da Brixton Road, a muitos quilômetros de distância de Euston. Como chegara até lá ou de que maneira encontrara seu trágico destino eram circunstâncias ainda envoltas em mistério. Nada se sabia ainda sobre o paradeiro de Stangerson. "Foi com prazer que soubemos", continuava o jornal, "que os senhores Lestrade e Gregson, da Scotland Yard, estão encarregados das investigações e, antecipadamente, estamos certos de que policiais tão competentes resolverão prontamente o caso".

O *Daily News* observava que, sem dúvida, tratava-se de um crime político. O despotismo dos governos continentais e o ódio que votavam ao liberalismo tinham feito com que se refugiasse na Inglaterra um grande número de homens que poderiam se tornar excelentes cidadãos, se não estivessem amargurados pelas lembranças dos sofrimentos vividos. Entre esses homens vigorava um rígido código de honra, e qualquer infração ao mesmo era punida com a morte. Era preciso fazer todos os esforços para encontrar Stangerson, o secretário, a fim de que ele confirmasse detalhes sobre os hábitos da vítima. Já fora dado um grande passo com a descoberta do endereço da casa onde ele se hospedara, isso devido inteiramente à sagacidade e à determinação do sr. Gregson, da Scotland Yard.

Eu e Sherlock Holmes lemos essas notícias durante o *breakfast* e ele pareceu divertir-se bastante com o que lia.

— Como eu lhe disse, Lestrade e Gregson é que ficariam com os méritos, houvesse o que houvesse.

— Isso depende de como tudo terminará.

— Oh, meu amigo, que diferença faz? Se o homem for agarrado, será *graças* aos esforços desses dois; se escapar, será *apesar* de seus esforços. É cara, eu ganho, e coroa, você perde. O que quer que eles façam, sempre terão admiradores. *"Un sot trouve toujours un plus sot que l'admire."*[2]

— O que significa isto? — exclamei, porque naquele instante chegou até nós o ruído confuso de muitos passos no corredor e na escada, em meio a expressões de desagrado por parte de nossa senhoria.

— É a divisão da Baker Street da força policial dos detetives — disse meu companheiro com seriedade.

Mal ele acabara de falar, irrompeu em nossa sala uma meia dúzia dos moleques mais sujos e andrajosos que já vi na vida.

— Atenção! — gritou Holmes em voz de comando. Os seis garotos esfarrapados perfilaram-se como várias estatuetas grotescas.

— Daqui por diante vocês mandarão apenas Wiggins trazer notícias, enquanto o resto ficará esperando na rua. E então, Wiggins, descobriram? — perguntou Holmes.

— Não, senhor — respondeu um dos garotos.

— Era mais ou menos o que eu esperava. Continuem trabalhando até descobrir. Aqui está o pagamento — disse meu companheiro, entregando um xelim a cada um deles. — Podem ir agora e, da próxima vez, tragam melhores informações.

Fez um gesto com a mão e eles desceram correndo pela escada como ratos. Logo depois, ouvimos suas vozes agudas soando já na rua.

— Um só desses pequenos mendigos rende mais que uma dúzia de agentes da força — observou Holmes. — A simples presença de alguém que pode ser um policial é suficiente para selar os lábios de muita gente, mas essa garotada tem trânsito livre e ouve tudo. São de uma vivacidade incomum; falta-lhes apenas organização.

— Empregou-os para o caso da Brixton Road? — perguntei.

— Exatamente. Há um ponto que preciso verificar. É apenas questão de tempo, aliás. Olá! Finalmente vamos ter novidades! Lá vem Gregson descendo a rua, com a beatitude estampada na face. Vem direto para cá, tenho certeza. Isso mesmo, está parando e... aí está ele!

Houve um violento toque da sineta e, em questão de segundos, o detetive louro subia a escada, três degraus de cada vez, até irromper em nossa sala de estar.

— Meu caro amigo, dê-me os parabéns! — exclamou, sacudindo a mão inerte de Holmes. — Consegui tornar todo esse caso claro como o dia!

Uma sombra de ansiedade pareceu cobrir o rosto expressivo de meu amigo.

— Quer dizer que já estão na pista certa? — perguntou ele.

— Na pista certa? Como, se já temos o homem atrás das grades?

— Quem é ele?

— Arthur Charpentier, subtenente da Marinha de Sua Majestade! — exclamou Gregson pomposamente, esfregando as mãos gordas e estufando

o peito.

Sherlock Holmes deu um suspiro de alívio e relaxou, sorridente.

— Sente-se e aceite um destes charutos — convidou. — Estamos ansiosos para saber como se saiu. Que tal um uísque?

— Não me faria mal nenhum — respondeu o detetive. — Os tremendos esforços nesses dois últimos dias me deixaram exausto. Não foi tanto o esforço físico, compreenda, mas a tensão mental. Sabe bem o que isso significa, sr. Sherlock Holmes, já que nós dois trabalhamos com o cérebro.

— Suas palavras muito me honram — disse Sherlock Holmes gravemente. — Agora, conte-nos como chegou a um resultado tão gratificante.

O detetive acomodou-se na poltrona e, com ar complacente, passou a soltar baforadas de seu charuto. Então, de repente, deu uma palmada na coxa e desatou a rir.

— O mais engraçado nisso tudo é que o tolo do Lestrade, sempre se julgando tão esperto, seguiu a pista errada! — disse. — Anda atrás do secretário Stangerson, que tem tanto a ver com o caso quanto um bebê por nascer. Certamente, a esta altura já deve tê-lo agarrado.

A ideia o divertia tanto que ele começou a rir até ficar sufocado.

— E como conseguiu sua pista?

— Contarei tudo, mas, naturalmente, dr. Watson, isso fica estritamente entre nós. A primeira dificuldade que enfrentamos foi descobrir os antecedentes desse americano. Outros teriam esperado que houvesse uma resposta a seus anúncios nos jornais ou que alguém se adiantasse, prestando informações voluntariamente. Mas não é assim que Tobias Gregson costuma trabalhar. Lembra-se da cartola que estava ao lado do morto?

— Sem dúvida — respondeu Holmes. — Fabricação de John Underwood & Sons, da Camberwell Road, 129.

A euforia de Gregson murchou.

— Pensei que não tivesse percebido o detalhe — disse. — O senhor esteve lá?

— Não.

— Ah! — exclamou Gregson, aliviado. — Pois nunca deveria deixar passar uma oportunidade, por menor que seja!

— Nada é pequeno para um grande cérebro — observou Holmes, em tom sentencioso.

— Muito bem, procurei Underwood e perguntei-lhe se vendera uma cartola, daquele tamanho e com aquelas características. Ele examinou seus livros e imediatamente encontrou o registro. A cartola fora vendida a um certo sr. Drebber, que morava na Pensão Charpentier, em Torquay Terrace. Foi assim que consegui o endereço dele.

— Esperto... muito esperto! — murmurou Sherlock Holmes.

— Minha visita seguinte foi a Madame Charpentier — continuou o detetive. — Encontrei-a muito pálida e ansiosa. Sua filha também estava na sala. Uma beleza de moça, acreditem. Tinha os olhos vermelhos e seus lábios tremiam, quando falei com ela. Fiquei desconfiado ao reparar nesses detalhes. Deve saber muito bem o que sentimos, sr. Sherlock Holmes, se farejamos a pista certa... uma espécie de comichão nos nervos. "Já soube da morte misteriosa de seu ex-hóspede, o sr. Enoch J. Drebber, de Cleveland?", perguntei-lhe. A mãe assentiu, parecendo incapaz de pronunciar uma só palavra. A filha debulhou-se em lágrimas. Mais do que nunca, tive certeza de que as duas sabiam algo sobre o assunto.

"'A que horas o sr. Drebber saiu de sua casa para pegar o trem?', perguntei.

"'Às vinte horas', ela respondeu, engolindo em seco para acalmar a agitação. 'Seu secretário, o sr. Stangerson, disse que havia dois trens... um às 21h15 e outro às 23 horas. Ele pretendia pegar o primeiro.'

""E foi essa a última vez que o viu?'

"O rosto da mulher sofreu uma terrível transformação ao ouvir a pergunta. Ela ficou completamente lívida. Só depois de alguns segundos é que ela conseguiu balbuciar uma única palavra ('foi'), e, assim mesmo, em voz rouca e estranha. Houve um silêncio durante algum tempo, e então a filha começou a falar em voz clara e tranquila.

"'De nada vale ficarmos com mentiras, mamãe', disse. 'Sejamos francas com este cavalheiro. Nós vimos o sr. Drebber outra vez.'

"'Que Deus a perdoe!', exclamou Madame Charpentier, erguendo as mãos e deixando-se afundar em uma poltrona. 'Você acaba de matar seu irmão!'

"'Arthur iria preferir que falássemos a verdade', respondeu a jovem com firmeza.

"'Será melhor contarem tudo o que sabem', falei. 'As meias verdades são piores do que nenhuma. Além disso, ignoram o que sabemos a respeito.'

“‘Você será a única responsável por isso, Alice!’, exclamou a mãe. Em seguida, virando-se para mim, disse: ‘Vou contar-lhe o que sei, senhor. Não pense que minha agitação por causa de meu filho signifique qualquer receio de que ele tenha tomado parte nesse caso terrível. Sei que é completamente inocente. No entanto, tenho medo de que possa parecer implicado, aos seus olhos e aos olhos dos demais. Mas isso é absolutamente impossível. Seu caráter elevado, sua profissão e seus antecedentes jamais o permitiriam.’

“‘No momento, o que de melhor tem a fazer é expor-me claramente os fatos’, respondi. ‘Se seu filho for inocente, o que me disser não irá piorar a situação.’

“‘É melhor que nos deixe a sós, Alice’, disse ela, e a filha retirou-se. ‘Muito bem, senhor’, continuou ela, ‘não era minha intenção contar-lhe tudo isso, mas já que minha pobre filha tomou a iniciativa, não tenho outra saída. E, já que me decidi a falar, não omitirei nenhum detalhe’.

“‘É a atitude mais sensata’, respondi.

“‘O sr. Drebber ficou quase três semanas hospedado aqui. Ele e seu secretário, o sr. Stangerson, estiveram viajando pelo continente. Notei uma etiqueta de Copenhague em cada uma de suas malas, indicando que essa cidade fora sua última parada. O sr. Stangerson era quieto e retraído, exatamente o oposto de seu patrão, lamento dizê-lo. Este tinha hábitos rudes e maneiras descorteses. Na própria noite de sua chegada, ficou ainda pior ao embriagar-se e, para ser franca, depois do meio-dia dificilmente se poderia dizer que estava sóbrio. Sua maneira de lidar com as criadas era desagradavelmente livre e íntima. O pior é que ele, em pouco tempo, passou a tratar minha filha da mesma forma, dirigindo-se algumas vezes a Alice de um modo que, por sorte, ela ainda é inocente demais para compreender. Uma ocasião, ele chegou ao cúmulo de agarrá-la e abraçá-la, um insulto que levou seu próprio secretário a reprová-lo pela conduta indigna.’

“‘E por que motivo suportou tudo isto?’, perguntei. ‘Imagino que possa livrar-se de seus hóspedes quando bem entender.’ Madame Charpentier enrubesceu ao ouvir minha observação.

“‘Quem dera que eu o tivesse despedido no mesmo dia em que chegou’, disse ela. ‘Mas, cedi à tentação. Eles estavam pagando uma libra de diária cada um, isto é, 14 libras por semana, e estamos na temporada fraca. Sou viúva e tenho muitas despesas com meu filho na Marinha. Fiz o que achei melhor, porque não queria perder aquele dinheiro. Entretanto, a última

façanha do sr. Drebber passou dos limites e, por causa disso, pedi-lhe que fosse embora. Esse foi o motivo de sua saída.'

"'E o que aconteceu depois?'

"'Senti o coração leve quando os vi indo embora. Justamente agora meu filho estava de folga, mas não lhe contei nada sobre o ocorrido, porque ele tem gênio violento e é louco pela irmã. Quando fechei a porta atrás daqueles dois, foi como se me tirassem um peso dos ombros. Mas em menos de uma hora tocaram a sineta e fiquei sabendo que o sr. Drebber voltara. Estava muito agitado e era evidente que havia passado da conta na bebida. Entrou na sala onde eu estava com minha filha e fez um comentário confuso sobre ter perdido o trem. Virando-se para Alice, na minha presença, propôs-lhe que fugisse com ele. "Você é maior e, legalmente, pode agir como bem entender", disse. "Tenho dinheiro de sobra para gastar. Não ligue para sua velha e venha comigo agora mesmo! Terá uma vida de rainha!" A pobre Alice ficou tão amedrontada que quis fugir, mas ele a agarrou pelo pulso e obrigou-a a caminhar até a porta. Gritei e, nessa hora, Arthur entrou na sala. Nem sei dizer o que aconteceu em seguida. Ouvi xingamentos e o ruído confuso de uma briga. Estava aterrorizada demais para erguer a cabeça. Quando olhei, vi Arthur rindo junto à porta, segurando uma bengala. "Não creio que o distinto cavalheiro volte a importunar-nos", disse ele. "Vou segui-lo para ver o que pretende." Com essas palavras, ele apanhou o seu chapéu e saiu para a rua. Na manhã seguinte, ficamos sabendo da morte misteriosa do sr. Drebber.'

"Foram essas as declarações que ouvi de Madame Charpentier, entre muitas pausas e hesitações. Falava tão baixo às vezes que eu mal entendia as palavras. De qualquer modo, taquigrafei tudo que me disse, a fim de evitar possibilidade de engano."

— Impressionante — disse Sherlock Holmes, com um bocejo. — O que aconteceu em seguida?

— Quando Madame Charpentier terminou de falar, percebi que tudo girava em torno de uma só questão — continuou o detetive. — Encarei-a fixamente, de um modo que sempre dá resultado com as mulheres, e perguntei a que horas seu filho voltara para casa.

"'Não sei', ela respondeu.

"'Como, não sabe?'

"'Ele tem a chave da porta da rua. Não o vi chegar.'

“‘Então ele chegou depois que a senhora foi dormir?’

“‘Sim.’

“‘E quando foi isso?’

“‘Fui para o quarto por volta das 23 horas.’

“‘Quer dizer que seu filho ficou ausente pelo menos duas horas?’

“‘Sim.’

“‘Talvez quatro ou cinco horas?’

“‘Sim.’

“‘O que ele fez durante todo esse tempo?’

“‘Não sei’, ela respondeu, empalidecendo tanto que até seus lábios perderam a cor.

“Evidentemente, depois disso eu não tinha mais nada a fazer ali. Descobri onde estava o tenente Charpentier, convoquei dois agentes para me acompanharem e efetuei a prisão. Quando toquei seu ombro, aconselhando-o a ir conosco sem reagir, ele replicou prontamente: ‘Imagino que estejam me prendendo como suspeito pela morte daquele patife do Drebber.’

“Como não havíamos falado nada sobre isso, suas palavras aumentaram ainda mais minhas suspeitas.”

— Sem dúvida — comentou Holmes.

— Ele ainda tinha consigo a pesada bengala que, segundo sua mãe, levava ao sair atrás de Drebber. Praticamente, é como um porrete de carvalho.

— Muito bem, qual é a sua teoria?

— Minha teoria é que ele seguiu Drebber até a Brixton Road. Chegando lá, os dois tornaram a discutir e, durante a briga, Drebber deve ter recebido uma forte bengalada, talvez na boca do estômago, um golpe que o matou sem deixar marcas. Chovia tanto que não havia ninguém nos arredores, permitindo assim que Charpentier pudesse arrastar o corpo de sua vítima para a casa vazia. Quanto à vela, ao sangue, à inscrição na parede e à aliança, certamente foram artimanhas para despistar a polícia.

— Excelente! — exclamou Holmes, em tom encorajador. — Francamente, está progredindo, Gregson. Você ainda será alguém!

— Sem querer me gabar, acho que me saí bem — respondeu o detetive com orgulho. — O tenente prestou um depoimento espontâneo, declarando que, após seguir Drebber por algum tempo, este o percebeu e tomou então

um cabriolé para livrar-se dele. Quando voltava para casa, encontrou um antigo colega de bordo, com quem fez uma longa caminhada. Ao lhe perguntarem onde morava esse antigo colega, ele não conseguiu dar uma resposta satisfatória. Creio que tudo se encaixa singularmente bem. O que me diverte é pensar que Lestrade anda atrás de uma pista falsa. Quase posso garantir que não conseguirá grande coisa. Ora, mas era só o que faltava! Aí está ele, em carne e osso!

Era realmente Lestrade, que subira a escada enquanto conversávamos e agora entrava na sala. Entretanto, sua segurança, a desenvoltura dos trajes e da aparência haviam desaparecido. Agora, seu rosto tinha uma expressão perturbada, as roupas sujas e amarrotadas. Evidentemente, viera com a intenção de consultar Sherlock Holmes, mas ficara desconcertado ao encontrar seu colega ali. Parou no meio da sala, mexendo nervosamente no chapéu, sem saber o que fazer.

— Este é um dos casos mais extraordinários e mais incompreensíveis que já vi — disse por fim.

— Oh, acha mesmo, sr. Lestrade? — exclamou Gregson, triunfante. — Imaginei que chegaria a essa conclusão. Conseguiu encontrar o secretário, o sr. Joseph Stangerson?

— O secretário, sr. Joseph Stangerson, foi assassinado no hotel Halliday por volta das seis horas dessa manhã — disse Lestrade numa voz grave.

1 Nome de um veneno à base de arsênio, inventado por uma mulher chamada Toffana, muito usado nos séculos xvi e xvii (N.T.).

2 Um tolo sempre encontra alguém mais tolo para admirá-lo. (N.T.)

7

UMA LUZ NAS TREVAS

A INFORMAÇÃO TRAZIDA POR LESTRADE ERA TÃO GRAVE E INESPERADA que nos primeiros momentos ficamos os três estatelados. Gregson levantou-se bruscamente e engoliu o resto do seu uísque com água. Quanto a mim, fiquei olhando em silêncio para Sherlock Holmes, que tinha os lábios apertados e as sobrancelhas franzidas.

— Stangerson também! — murmurou. — A trama está se complicando.

— Já estava bem complicada antes — grunhiu Lestrade, puxando uma cadeira. — Parece que interrompi uma espécie de conselho de guerra.

— Tem certeza... do que nos contou? — gaguejou Gregson.

— Estou vindo do quarto dele — explicou Lestrade. — Fui o primeiro a ser informado do ocorrido.

— Estávamos ouvindo a opinião de Gregson sobre o assunto — comentou Holmes. — Poderia contar-nos o que viu e fez?

— Quanto a isso, não faço objeções — respondeu Lestrade, sentando-se. — Confesso francamente que, para mim, Stangerson estava implicado na morte de Drebber. Mas esse último acontecimento mostrou que estava completamente enganado. Dominado por uma única ideia, procurei descobrir o que tinha sido feito do secretário. Os dois haviam sido vistos juntos na Euston Station por volta das 20h30 do dia 3. Às duas da madrugada, o corpo de Drebber foi encontrado na Brixton Road. Meu problema era descobrir o que Stangerson fizera entre as 20h30 e a hora do crime, e também o que fez depois disso. Passei um telegrama para Liverpool, fornecendo uma descrição do homem e alertando para que vigiassem os navios americanos. Então, comecei a trabalhar, visitando todos

os hotéis e pensões existentes nos arredores da Euston. Eu achava que, se Drebber e o companheiro haviam se separado, a atitude mais natural de Stangerson seria procurar alojamento nas vizinhanças da estação e depois voltar lá na manhã seguinte.

— Era provável que os dois tivessem combinado com antecedência um ponto de encontro — ponderou Holmes.

— Exatamente. Passei toda a noite de ontem investigando, sem resultados positivos. Recomecei essa manhã bem cedo e, às oito horas, cheguei ao Hotel Halliday, na Little George Street. Quando perguntei se um certo sr. Stangerson se hospedara lá, responderam imediatamente que sim.

"'O senhor deve ser o cavalheiro que ele esperava!', disseram. 'Há dois dias que ele espera alguém.'

"'Onde está o sr. Stangerson no momento?', perguntei.

"'No andar de cima, dormindo no seu quarto. Pediu que fosse acordado às nove horas.'

"'Vou subir e falar com ele imediatamente', anunciei.

"Eu achava que, com os nervos abalados por minha presença inesperada, ele deixaria escapar alguma coisa. O engraxate do hotel prontificou-se a indicar-me o quarto; ficava no segundo andar, depois de um pequeno corredor. Ele me mostrou a porta e já ia descer, quando vi algo que me deixou nauseado, a despeito de meus vinte anos de experiência. Por baixo daquela porta, saía um pequeno filete de sangue, que serpenteava pelo corredor e formava uma diminuta poça junto ao rodapé da parede fronteira. Minha exclamação involuntária fez o empregado voltar. Ele quase desmaiou quando viu o sangue. A porta estava trancada por dentro, mas nós a forçamos com os ombros e a arrombamos. A janela do quarto estava aberta e, ao lado dela, jazia o corpo de um homem em camisa de dormir, formando um monte confuso. Estava morto e já fazia algum tempo, porque tinha os membros rígidos e frios. Quando o viramos, o empregado imediatamente o identificou como o cavalheiro que alugara o quarto com o nome de Joseph Stangerson. A causa da morte era uma punhalada profunda no lado esquerdo, que devia ter atingido o coração. E agora vem o detalhe mais estranho do caso. Podem imaginar o que havia acima do cadáver?"

Senti um arrepio na pele e um pressentimento de horror iminente, mesmo antes que Sherlock Holmes respondesse.

— A palavra *RACHE* escrita em letras de sangue — disse ele.

— Exatamente! — exclamou Lestrade, em tom atemorizado.

Ficamos todos em silêncio por alguns momentos. Havia algo tão metódico e tão incompreensível nos atos do assassino desconhecido que acrescentava um tom ainda mais sinistro aos seus crimes. Meus nervos, sempre firmes no campo de batalha, estremeceram quando pensei nisso.

— O assassino foi visto — continuou Lestrade. — Um leiteiro, a caminho da leiteria, descia pelo beco que vem das estrebarias, nos fundos do hotel. Ele percebeu então que uma escada, que sempre é deixada naquele local, estava erguida até uma janela escancarada do segundo andar. Depois de passar por ela, olhou para trás e viu um homem descendo pela escada. Descia com tamanha calma e tão publicamente que o rapaz achou que era algum carpinteiro ou encanador que trabalhava no hotel. Não lhe deu maior atenção, e apenas pensou que ainda era muito cedo para o indivíduo já estar trabalhando. Teve a impressão de que o homem era alto, de rosto corado e vestia um comprido sobretudo marrom. Deve ter ficado no quarto durante algum tempo depois do assassinato, porque encontramos água manchada de sangue na bacia do lavatório, sinal de que tentou lavar as mãos, e marcas nos lençóis onde ele limpou deliberadamente o seu punhal.

Olhei para Holmes ao perceber que a descrição do assassino combinava exatamente com a que fora feita por ele. Entretanto, em seu rosto não havia o menor sinal de alegria ou satisfação.

— Não encontrou nada no quarto que pudesse fornecer uma pista para o assassino? — perguntou.

— Nada. Stangerson estava com a carteira de Drebber em seu bolso, mas parece que isso era normal, porque ele cuidava de todos os pagamentos. Continha oitenta e poucas libras, e nada tinha sido retirado. Fossem quais fossem os motivos de crimes tão extraordinários, é evidente que o roubo não estava entre eles. Não encontrei papéis ou anotações nos bolsos da vítima, a não ser um telegrama de um mês atrás, enviado de Cleveland e contendo as palavras: “J.H. está na Europa.” Não havia nome do remetente.

— Não havia mais nada? — perguntou Holmes.

— Nada que fosse importante. Um romance, que o homem lia para ajudá-lo a dormir, estava caído na cama e, em uma cadeira ao lado, seu cachimbo. Havia um copo de água na mesa e, no peitoril da janela, uma caixinha redonda de unguento, contendo duas pílulas.

Sherlock Holmes levantou-se de repente da cadeira, com uma exclamação de alegria.

— O último elo! — exclamou, exultante. — Meu caso está completo!

Os dois detetives o fitaram com espanto.

— Tenho agora nas mãos todos os fios que formavam esse emaranhado — disse meu companheiro, confiante. — É claro que ainda faltam alguns detalhes, mas tenho certeza de todos os fatos principais, desde que Drebber se separou de Stangerson na estação até a descoberta do cadáver deste. É como se tivesse visto tudo com meus próprios olhos. Darei aos senhores uma prova do que sei. Recolheu essas pílulas, Lestrade?

— Estão aqui comigo — disse Lestrade, tirando do bolso uma caixinha branca. — Fiquei com elas, com a carteira e o telegrama, com a intenção de guardá-los em lugar seguro, no posto policial. Foi por mero acaso que apanhei as pílulas, porque, com franqueza, não lhes dei nenhuma importância.

— Deixe-me vê-las — pediu Holmes. — Muito bem, doutor — disse, virando-se para mim. — Acha que são pílulas comuns?

Não eram, evidentemente. Tinham uma cor cinza-pérola, eram pequeninas, redondas e quase transparentes, vistas contra a luz.

— A julgar por sua leveza e transparência, eu diria que são solúveis na água — falei.

— Exatamente — afirmou Holmes. — E agora, por favor, quer descer e trazer aquele pobre cachorrinho que está doente há tanto tempo? Ainda ontem, a senhoria pediu a você para acabar com o sofrimento dele.

Fui até o andar de baixo e tornei a subir com o pequeno *terrier* nos braços. O bichinho respirava com dificuldade e os olhos mortiços indicavam que seu fim estava próximo. Na verdade, o focinho esbranquiçado era um sinal de que ele já ultrapassara o período normal de existência de um cão. Coloquei-o sobre uma almofada, em cima do tapete.

— Agora, cortarei uma dessas pílulas em duas partes — disse Holmes, tirando o canivete do bolso e passando das palavras à ação. — Uma metade ficará na caixa, para finalidades futuras. Colocarei a outra metade neste copo de vinho, no qual há uma colher de chá de água. Podem notar que nosso caro doutor tem razão: ela se dissolve rapidamente.

— Isto pode ser muito interessante — disse Lestrade no tom ofendido de quem acha que está sendo ridicularizado. — Entretanto, não posso imaginar

o que isso tem a ver com a morte do sr. Joseph Stangerson.

— Calma, meu amigo, calma! Mais algum tempo e verá que isso tem tudo a ver com o caso. Agora, acrescentarei um pouco de leite, para melhorar o gosto da mistura. Veremos que o cão a beberá sem demora.

Enquanto falava, despejou o conteúdo do copo de vinho em um pires e o colocou diante do *terrier*, que o lambeu rapidamente, até deixá-lo seco. A seriedade com que Holmes agia nos deixara tão impressionados que ficamos calados, observando atentamente o animal, à espera de algum efeito extraordinário. Mas nada aconteceu. O cachorro continuou deitado na almofada, ainda respirando com dificuldade, mas nem melhor nem pior do que antes de beber a mistura.

Holmes tirara o relógio e, como os minutos passavam sem qualquer resultado, surgiu em seu rosto uma expressão de profundo aborrecimento e desapontamento. Ele mordeu os lábios, tamborilou com os dedos na superfície da mesa e exibiu vários outros sinais de impaciência. Sua emoção era tão evidente que lamentei sinceramente por ele, enquanto os dois detetives sorriam com ironia, parecendo até satisfeitos com o dilema em que ele se encontrava.

— Não pode ser coincidência! — exclamou, levantando-se bruscamente da cadeira e começando a andar pela sala com passos nervosos. — É impossível que fosse apenas uma coincidência. As mesmas pílulas de que suspeitei no caso de Drebber acabaram sendo encontradas após a morte de Stangerson. No entanto, são inócuas! O que significará isso? É claro que toda a cadeia do meu raciocínio não pode ser falsa. Seria impossível! No entanto, esse cão moribundo nem ao menos piorou. Ah! É isso! Já sei!

Com um grito de pura alegria, ele correu para a caixinha, cortou a outra pílula ao meio, dissolveu-a na água, acrescentou leite e a ofereceu ao *terrier*. A língua do pobre animal pareceu apenas tocar na mistura, e imediatamente uma forte convulsão estremeceu-lhe os membros; em seguida ficou rígido e sem vida, como que fulminado por um raio.

Sherlock Holmes soltou um profundo suspiro e enxugou o suor que lhe cobria a testa.

— Eu devia ser mais confiante — falou. — A esta altura, devia saber que quando um fato parece opor-se a uma longa série de deduções, ele invariavelmente é capaz de fornecer alguma outra interpretação. Das duas

pílulas dessa caixa, uma era do mais terrível veneno e a outra era absolutamente inócua. Eu deveria saber mesmo antes de ver a caixa.

Esta afirmação me pareceu tão surpreendente que mal pude acreditar que ele estava em seu juízo perfeito. Mas o cãozinho morto era uma prova de que suas conjecturas tinham sido corretas. Pouco a pouco, a névoa que toldava a minha mente foi se dissipando, e comecei a ter uma vaga, remota percepção da verdade.

— Tudo isso lhes parece estranho porque, no início das investigações, não deram importância à única pista real que tinham diante dos olhos — continuou Holmes. — Tive a sorte de perceber este fato, e tudo que aconteceu desde então serviu apenas para confirmar minha suposição original e, na realidade, foi a sequência lógica dessa hipótese. Por isso, as coisas que os deixaram perplexos e tornaram o caso mais obscuro serviram para esclarecer minhas dúvidas e reforçar minhas conclusões. É um erro confundir estranheza com mistério. Frequentemente, o crime mais comum é também o mais misterioso, porque não oferece nenhuma característica nova ou especial da qual se possa extrair outras deduções. Esse crime seria muito mais difícil de solucionar se a vítima simplesmente tivesse sido encontrada na rua, sem nenhuma das circunstâncias incomuns e sensacionais que o cercaram, que o tornaram extraordinário. Os detalhes estranhos, longe de complicarem o caso, na verdade tiveram o dom de torná-lo mais fácil.

Gregson ouvira a peroração com visível impaciência e não se conteve mais.

— Escute aqui, sr. Sherlock Holmes — disse ele. — Estamos prontos a reconhecer que é um homem inteligente e que tem seus próprios métodos de trabalho. Mas, no momento, queremos algo além da simples teorização e de sermões. Agora, a questão é apanhar o culpado. Já expus meu caso e parece que eu estava enganado. Charpentier não poderia ser acusado do segundo crime. Lestrade foi atrás do seu homem, Stangerson, e parece que ele também estava enganado. O senhor soltou indícios aqui e ali, demonstrando saber mais do que nós, mas chegou a hora em que temos o direito de fazer-lhe uma pergunta direta a respeito do que sabe sobre esse assunto. Pode dar-nos o nome do culpado?

— Sinto muito, mas acho que Gregson tem razão, sr. Holmes — observou Lestrade. — Nós dois tentamos e falhamos. Por várias vezes, desde que estamos nessa sala, o senhor afirmou que dispõe de todas as

evidências necessárias para a solução. Espero que não a guarde por mais tempo.

— Qualquer demora na captura do assassino poderia dar-lhe tempo de perpetrar novas atrocidades — comentei.

Mesmo pressionado por todos nós, Holmes continuava indeciso. Andava pela sala com a cabeça inclinada sobre o peito e a testa franzida, como costumava fazer quando estava perdido em seus pensamentos.

— Não haverá mais assassinatos — disse afinal, parando de repente. — Quanto a isso, fiquem descansados. Perguntaram se sei o nome do assassino. É claro que sei. Mas esse é um detalhe insignificante, comparado à possibilidade de o agarrarmos. É o que espero fazer dentro em pouco. Tenho esperanças de consegui-lo com meus próprios expedientes, mas é algo que deve ser conduzido com sutileza, porque estamos lidando com um homem esperto e desesperado que, como já pude comprovar, conta com o apoio de outro tão inteligente quanto ele. Enquanto o criminoso achar que ninguém tem uma pista que o incrimine, existe alguma possibilidade de apanhá-lo. Se ele tiver a mais leve suspeita, trocará de nome e desaparecerá imediatamente entre os quatro milhões de habitantes dessa grande cidade. Sem querer ofendê-los, devo dizer que considero esses homens muito mais sagazes que os agentes da lei, e foi por isso que não pedi ajuda oficial. Se eu fracassar, é claro que levarei toda a culpa por essa omissão, mas estou preparado para isso. Por enquanto, posso apenas prometer que entrarei imediatamente em contato com os senhores, desde que com isso não ponham os meus planos em risco.

Gregson e Lestrade estavam longe de parecer satisfeitos com essa promessa ou com a alusão depreciativa à polícia. O primeiro ficou ruborizado até a raiz dos cabelos claros, enquanto os olhos do outro reluziam de curiosidade e ressentimento. Mas nenhum deles chegou a dizer coisa alguma porque, antes disso, ouviu-se uma batida na porta e Wiggins, o líder dos garotos pedintes, uma figura mirrada e desagradável, entrou na sala.

— Com licença, senhor — disse ele, tocando a testa onde se espalhavam mechas de cabelos. — O cabriolé está esperando lá embaixo.

— Bom garoto — disse Holmes com suavidade. — Por que não adotam esse modelo na Scotland Yard? — ele continuou, tirando um par de algemas

de aço de uma gaveta. — Vejam como a mola funciona bem. Fecha-se em um instante.

— O modelo antigo é bastante bom — observou Lestrade. — Se encontrarmos o homem que irá usá-lo.

— Muito bem, muito bem — disse Holmes rindo. — O cocheiro poderá ajudar-me com a minha bagagem. Peça a ele que suba, Wiggins.

Fiquei surpreso ao ouvir meu companheiro falar como se estivesse prestes a viajar, porque não comentara nada comigo a esse respeito. Havia uma pequena mala à vista. Ele a pegou e começou a afivelar-lhe as correias. Estava ocupado nisso quando o cocheiro entrou.

— Dê-me uma ajuda com essa fivela, cocheiro — disse, ficando de joelhos sobre a maleta e sem ao menos virar a cabeça.

O homem aproximou-se, com ar um tanto aborrecido e desafiador. Estendeu as mãos para ajudar Holmes. No mesmo instante soou um estalido seco, um entrechoque metálico e Sherlock Holmes ficou rapidamente de pé.

— Senhores! — exclamou, com os olhos brilhantes. — Quero apresentar-lhes o sr. Jefferson Hope, o assassino de Enoch Drebber e de Joseph Stangerson!

Toda a cena levara apenas um instante — havia sido tão rápida que eu nem chegara a entender direito o que acontecia. Tenho uma viva recordação daquele momento, da expressão triunfante de Holmes e da euforia de sua voz, e também do rosto atônito e feroz do cocheiro, ao fitar as algemas cintilantes que apareceram em seus pulsos como que por encanto.

Durante um ou dois segundos, ficamos petrificados como um grupo de estátuas. Então, com um rugido de fúria, o prisioneiro livrou-se da mão de Holmes e precipitou-se para a janela. Vidraças e caixilhos cederam à investida, mas, antes que seu corpo transpusesse inteiramente a abertura, Gregson, Lestrade e Holmes saltaram sobre ele como cães de caça. O homem foi puxado de volta à sala, e então teve início uma luta terrível. Além de robusto, ele estava tão enfurecido que nós quatro fomos várias vezes atirados longe. O prisioneiro mostrava a força convulsiva de um homem durante um ataque epilético. Tinha o rosto e as mãos terrivelmente feridos pelas vidraças partidas, mas a perda de sangue não lhe diminuía a resistência. Foi somente quando Lestrade conseguiu agarrá-lo pelo lenço que tinha no pescoço, quase o estrangulando, que ele compreendeu a inutilidade de seus esforços. De qualquer modo, só nos sentimos mais

seguros depois de amarrar-lhe não só os pés, mas também as mãos. Quando nos levantamos, estávamos cansados e arquejantes.

— Temos o seu cabriolé — disse Sherlock Holmes. — Servirá para levá-lo à Scotland Yard. E agora, cavalheiros, chegamos ao fim do mistério — acrescentou com um sorriso cordial. — Vocês podem fazer quantas perguntas quiserem, sem o risco de que eu me recuse a respondê-las.

Segunda parte:
O país dos santos

1

NA GRANDE PLANÍCIE ALCALINA

NA REGIÃO CENTRAL DO GRANDE CONTINENTE NORTE-AMERICANO estende-se um deserto árido e inóspito, que durante muitos anos constituiu uma barreira ao avanço da civilização. Da Sierra Nevada ao Nebrasca, e do rio Yellowstone, ao norte, até o Colorado, ao sul, existe uma vasta área de desolação e silêncio. A natureza nem sempre mostrou a mesma disposição em toda essa sinistra extensão. Ela abrange montanhas altivas e nevadas, e vales profundos e sombrios. Existem rios impetuosos que correm através de *canyons* acidentados, e há imensas planícies, brancas de neve no inverno e acinzentadas no verão por causa da areia salitrada e alcalina. Mas tudo isso preserva as características comuns de uma região inóspita, estéril e miserável.

Não há habitantes nessa terra do desespero. Um bando de Pawnees ou de Blackfeet pode cruzá-la ocasionalmente para chegar até outros campos de caça, mas até o mais bravo dos bravos entre essas tribos de peles-vermelhas sente alívio ao deixar para trás essas planícies horrendas e se ver de novo em suas pradarias. O coiote se esconde em meio à vegetação raquítica, o abutre desliza pesadamente pelo ar e o desajeitado urso cinzento rasteja pelas ravinas sombrias, recolhendo entre as rochas o que consegue encontrar para sobreviver. São eles os únicos moradores do deserto.

No mundo inteiro, talvez não haja visão mais tétrica do que a revelada na encosta norte da Sierra Blanca. Até onde a vista alcança, estendem-se faixas imensas de terreno plano, pontilhado de manchas alcalinas, interrompidas por pequenos bosques de chaparrais enfezados. No limite do horizonte ergue-se uma longa cadeia de picos de montanhas, com os cumes

escarpados salpicados de neve. Nesse território imenso não existe sinal de vida ou algo ligado à vida. Não há pássaros no céu azul-metálico, nenhum movimento na terra agreste e cinzenta... e reina o silêncio mais absoluto em todos os recantos. Por mais que se agucem os ouvidos, não há o menor rumor no deserto majestoso; nada, a não ser silêncio, o silêncio mais profundo e opressivo.

Foi dito antes que não havia nenhum sinal de vida nessa vasta planície, e seria a pura verdade se não existisse uma trilha que serpenteava através do deserto até perder-se na distância, que pode ser vista do alto da Sierra Blanca. Essa trilha está sulcada de rodas e batida pelos pés de muitos aventureiros. Aqui e ali, há objetos brancos espalhados pela cinzenta areia alcalina, e que reluzem ao sol. Aproxime-se e examine-os! São ossos, alguns maiores e grosseiros, outros menores e mais delicados. Os primeiros pertenceram a bois, os segundos, a homens. Pode-se seguir essa fantasmagórica rota de caravanas por quase 2.500 quilômetros guiando-se por esses despojos calcinados e espalhados dos que tombaram no trajeto.

Um viajante solitário contemplava esse cenário no dia 4 de maio do ano de 1847. Pela sua aparência, ele bem poderia ser o próprio gênio ou demônio daquela região. Quem o observasse teria dificuldade em saber se ele estava mais perto dos quarenta ou dos sessenta anos. Seu rosto era esquálido e macilento, com a pele bronzeada, semelhante a um pergaminho, repuxada sobre os ossos salientes; a barba e os cabelos, longos e castanhos, estavam estriados de branco; os olhos, fundos nas órbitas, queimavam com um brilho febril, e a mão que agarrava o rifle era quase tão descarnada quanto a de um esqueleto. De pé, ele precisava usar a arma como apoio, mas sua estatura elevada e a constituição maciça da ossatura sugeriam um corpo vigoroso e resistente. O rosto emaciado e as roupas que pendiam frouxas sobre os membros esqueléticos proclamavam o que dava a ele aquela aparência decrépita e senil. O homem estava morrendo de fome e de sede.

Ele rastejara penosamente pela ravina mais abaixo e conseguira escalar aquela pequena elevação na vã esperança de vislumbrar algum sinal de água. Agora, a grande planície salgada estendia-se ante seus olhos e o cinturão distante das montanhas agrestes delimitava a paisagem, sem o menor sinal de vegetação que pudesse indicar a presença de umidade. Em todo aquele vasto panorama não havia um raio de esperança. Ele olhou para

norte, leste e oeste com um olhar selvagem e interrogador. Percebeu então que sua caminhada chegara ao final e que morreria ali, naquele penhasco estéril.

— Por que não aqui, ou daqui a vinte anos em um colchão de plumas? — murmurou, sentando-se no abrigo formado por um pedra arredondada.

Antes de sentar-se, ele depositara no chão o rifle inútil e também um fardo volumoso, envolto em um xale cinzento, que viera carregando no ombro direito. Parecia pesado demais para as forças que lhe restavam, porque, ao abaixá-lo, deixou-o bater no chão com certa violência. Imediatamente, brotou do fardo cinzento um leve gemido e surgiu uma carinha amedrontada, com brilhantes olhos castanhos, e dois punhos minúsculos, cheios de covinhas.

— Você me machucou! — exclamou uma vozinha infantil, em tom de censura.

— Desculpe-me — disse ele. — Não foi por querer.

Enquanto falava, desembrulhou o xale cinzento e apareceu uma linda garotinha de uns cinco anos, cujos sapatos delicados e o elegante vestido rosa com aventalzinho branco denotavam cuidados maternos. A criança estava pálida e abatida, mas os braços e as pernas saudáveis indicavam que sofrera menos privações que o companheiro.

— Como se sente agora? — ele perguntou com ansiedade, porque a menininha continuava esfregando os cachos dourados e curtos que lhe cobriam a parte de trás da cabeça.

— Se você beijar, eu fico boa — respondeu ela, com a mais absoluta seriedade, indicando-lhe a parte dolorida. — É assim que mamãe faz. Onde está mamãe?

— Sua mãe foi embora, mas não vai demorar muito e logo você estará com ela.

— Foi embora? — exclamou a garotinha. — Sem me dizer até logo? Ela sempre me diz até logo, mesmo quando vai tomar chá na casa da titia, mas agora já faz três dias que não volta! Ei, você não está com sede? Eu estou. Não tem água nem nada para a gente comer?

— Não, não há nada, querida. Se tiver um pouquinho de paciência, logo tudo ficará bem. Encoste sua cabecinha em mim assim, e ganhará mais coragem. Não é fácil falar quando nossos lábios estão endurecidos como

couro, mas acho melhor deixar você saber em que pé andam as coisas. O que tem aí?

— Coisas bonitas! Lindas! — exclamou a garotinha, entusiasmada, erguendo para ele dois pedaços de mica. — Vou dar para meu irmão Bob, quando voltarmos para casa.

— Daqui a pouco, você estará vendo coisas mais bonitas do que estas — disse o homem com firmeza. — É só esperar um pouco. Eu ia contar a você que... Lembra-se de quando deixamos o rio para trás?

— Claro que me lembro.

— Pois bem. Pensamos que logo encontraríamos outro rio, veja só... Mas alguma coisa deu errado: bússolas, mapas, seja o que for, a água não apareceu. A que tínhamos acabou. Ficaram apenas algumas gotas para os pequeninos como você e... e...

— E então você não podia mais se lavar — interrompeu gravemente a menininha, erguendo os olhos para o rosto taciturno do homem.

— E nem beber. Então, o sr. Bender foi o primeiro a ir-se, depois o índio Pete, depois a sra. McGregor, depois Johnny Hones e depois, querida, foi a vez de sua mãe.

— Então, mamãe também morreu! — exclamou a garotinha, escondendo o rosto no avental e começando a soluçar amargamente.

— Sim, todos se foram, menos nós dois. Então, pensei que poderia encontrar água nessa direção e vim me arrastando até aqui, com você no ombro. Bem, acho que a situação não melhorou nem um pouco. Não nos resta a menor oportunidade!

— Você quer dizer que também vamos morrer? — perguntou a criança, contendo os soluços e erguendo o rostinho lavado de lágrimas.

— Acho que não temos saída.

— Oh! Por que não disse logo? — perguntou ela, rindo alegremente. — Você me deu um susto! Bem, porque se a gente morre, logo a gente estará outra vez com mamãe.

— Sim, você estará, queridinha.

— Você também. Vou contar a ela como foi bom para mim. Aposto que ela está esperando a gente na porta do céu, com um jarro bem grande de água e uma porção de bolinhos quentes, tostados dos dois lados, como eu e Bob gostamos. Quanto tempo vai demorar?

— Não sei... mas será logo.

Os olhos do homem estavam fixos no horizonte norte. No azul da abóbada celeste haviam surgido três pequenas manchas que aumentavam de tamanho a todo instante por causa da rapidez com que se aproximavam. Logo elas se transformaram em três grandes aves escuras que começaram a voar em círculos acima da cabeça dos dois andarilhos. Depois pousaram em algumas rochas mais acima. Eram abutres, as aves de rapina do oeste, que ali apareciam como precursores da morte.

— Galos e galinhas! — exclamou a garotinha, contente, apontando para aquelas formas agourentas e batendo palmas para que voassem. — Ei, foi mesmo Deus que fez este lugar?

— Claro que foi Ele, queridinha — respondeu seu companheiro, um pouco espantado com a pergunta inesperada.

— Ele também fez o Illinois e fez o Missouri — ela continuou. — Bem, eu acho que outra pessoa fez este lugar, porque não é tão bem-feito como lá. Aqui, esqueceram de botar árvores e água.

— O que você me diz de fazer uma oração? — perguntou o homem, hesitante.

— Ainda não ficou de noite — respondeu ela.

— Que diferença faz? Na verdade, não é muito comum, mas fique certa de que Ele não se importa. Repita as orações que dizia todas as noites, na carroça, quando estávamos nas pradarias.

— Por que você não reza também? — perguntou a criança, com olhos arregalados.

— Não me lembro mais como se reza — respondeu ele. — Eu tinha a metade do tamanho desse rifle quando fiz minha última oração. Enfim, acho que nunca é tarde demais. Comece você a rezar e irei repetindo o que disser.

— Então, tem de ajoelhar-se e eu também — disse a menininha, estendendo o xale no chão. — Veja, ponha as mãos assim. Faz a gente se sentir bem.

Era uma estranha visão, caso houvesse mais alguém para observá-la, além dos abutres. Lado a lado, os dois andarilhos ajoelharam-se no xale estreito, a menininha tagarela e o temerário e curtido aventureiro. O rostinho rechonchudo e a fisionomia angulosa se voltavam para o céu sem nuvens, em comovida súplica àquele Ser temido ante o qual se prostravam, enquanto as duas vozes, uma aguda e cristalina, a outra grave e enrouquecida, se juntavam na oração por clemência e perdão. Terminada a

prece, os dois voltaram a acomodar-se à sombra da rocha, até que a criança adormeceu, aninhada contra o peito largo de seu protetor. Ele ainda lhe velou o sono por algum tempo, mas a Natureza foi mais forte. Por três dias e três noites, aquele homem não se concedera um só momento de repouso. Aos poucos suas pálpebras foram se fechando sobre os olhos cansados, a cabeça inclinou-se sobre o peito até a barba grisalha confundir-se com as tranças douradas da criança, e ambos mergulharam no mesmo sono profundo e sem sonhos.

Se o andarilho tivesse ficado acordado por mais meia hora, seus olhos veriam um estranho espetáculo. Ainda muito longe, na extremidade da planície alcalina, surgia uma pequena nuvem de poeira, tão leve no início, que mal podia ser distinguida entre as brumas da distância. Mas, aos poucos, ela foi ficando maior, até formar uma nuvem sólida e bem-definida. Essa nuvem continuou a crescer até ficar evidente que só poderia ser levantada por uma grande multidão em movimento. Em regiões mais férteis, um observador chegaria à conclusão de que uma daquelas grandes manadas de búfalos que pastavam nas terras das pradarias estava se aproximando. Mas naquele terreno árido, isso era impossível. À medida que o redemoinho de poeira chegava mais perto do penhasco solitário em que os dois viajantes descansavam, começaram a surgir em meio à névoa os toldos de lona que cobriam os carroções e as figuras de cavaleiros armados. A aparição, afinal, era uma grande caravana que seguia para o oeste. E que caravana! Quando seu início chegou ao sopé das montanhas, o final ainda não era visível no horizonte. O desfile de carroças e carroções, de cavaleiros e homens a pé estendia-se por toda a imensidão da planície desértica. Havia muitas mulheres cambaleando sob a carga que transportavam, crianças caminhando ao lado das carroças ou espiando por entre os toldos brancos. Evidentemente, aquele não era um grupo comum de migrantes, mas algum povo nômade, forçado pelas circunstâncias a procurar novas terras. De lá, elevava-se no ar límpido um confuso clangor, uma espécie de rumor, produzido por aquela massa humana, misturando-se ao rangido das rodas e aos relinchos dos animais. Mesmo assim, todo aquele barulho não foi suficiente para despertar os dois viajantes cansados que dormiam mais acima.

À frente da coluna seguiam uns vinte cavaleiros de feições graves e decididas, trajando roupas escuras de tecidos grosseiros e armados de rifles.

Quando chegaram à base do penhasco, pararam e fizeram uma rápida reunião.

— Os poços ficam para a direita, irmãos — disse um deles, de cabelos grisalhos, lábios duros e rosto escanhoado.

— À direita da Sierra Blanca; em seguida, chegaremos ao rio Grande — disse outro.

— Não temam a falta de água! — exclamou um terceiro. — Aquele que a fez brotar das rochas não abandonaria agora o Seu povo eleito.

— Amém! Amém! — respondeu o grupo todo.

Estavam prestes a reiniciar a viagem quando um dos mais jovens e de vista mais aguçada deu um grito, apontando para o penhasco escarpado acima deles. No alto da rocha acinzentada esvoaçava algo pequeno e rosado, que aparecia em brilhante e nítido contraste com o fundo escuro da pedra. Ao verem aquilo, todos pararam os cavalos e empunharam os rifles, enquanto chegavam novos cavaleiros a galope para reforço da vanguarda. Em todas as bocas corria a palavra "pele-vermelha".

— Não há índios por aqui — disse o homem mais idoso, que parecia o chefe da caravana. — Já passamos pelos Pawnees e só encontraremos outras tribos depois de cruzarmos as grandes montanhas.

— Posso ir até lá dar uma espiada, Irmão Stangerson — ofereceu-se um dos homens do grupo.

— Eu também! Eu também! — gritaram várias vozes.

— Deixem seus cavalos aqui embaixo. Ficaremos esperando por vocês — respondeu o Ancião.

Rápidos, os jovens desmontaram e prenderam os cavalos, iniciando a escalada da encosta íngreme em direção ao objeto que lhes despertara a atenção. Avançaram rápida e silenciosamente, com a segurança e a perícia de exploradores experientes. Da planície mais abaixo, os outros podiam vê-los saltando de rocha em rocha, até seus vultos ficarem destacados contra o céu, liderados pelo jovem que primeiro dera o alarme. De repente, seus companheiros o viram erguer os braços, como que tomado de espanto. Os que se juntaram a ele mostraram a mesma emoção, quando o quadro lhes surgiu diante dos olhos.

Na pequena plataforma que encimava a elevação agreste, havia um rochedo solitário e gigantesco. Encostado nele estava um homem alto, de barbas compridas e feições curtidas, mas exibindo a mais extrema magreza.

A fisionomia plácida e a respiração ritmada indicavam que dormia profundamente. Uma menininha repousava a seu lado, com os braços roliços enlaçando-lhe o pescoço moreno e musculoso, enquanto a cabecinha de cabelos dourados descansava contra o peito de sua túnica de belbutina. Os lábios rosados da criança estavam entreabertos, mostrando uma fileira regular de dentes alvos como a neve, enquanto um sorriso infantil brincava em seu rostinho angelical. As perninhas rechonchudas, que terminavam em meias brancas e sapatos limpos, de fivelas reluzentes, ofereciam um estranho contraste com os membros compridos e esquálidos do companheiro. Na borda do rochedo, acima da estranha dupla, empoleiravam-se solenemente três abutres que, ao verem os recém-chegados, crocitaram roucamente a sua decepção e voaram, afastando-se dali.

O ruído dos pássaros despertou os adormecidos, que olharam em volta, espantados. O homem levantou-se com dificuldade e contemplou a planície, tão desolada quando adormecera, mas que agora estava tomada por aquela massa extraordinária de homens e animais. Seu rosto assumiu uma expressão de incredulidade e ele passou a mão ossuda sobre os olhos.

— Deve ser isso que chamam de delírio — murmurou.

A criança ficou de pé a seu lado, agarrada à aba de sua túnica e, em silêncio, olhava em volta, com a expressão atônita e inquisitiva da infância.

Logo, a expedição de socorro convencia os dois extraviados de que sua presença ali não era nenhuma miragem. Um dos jovens tomou a garotinha nos braços e a colocou nos ombros, enquanto outros dois amparavam seu companheiro esquálido, ajudando-o na descida em direção às carroças.

— Meu nome é John Ferrier — explicou o andarilho. — Eu e a menina somos os únicos sobreviventes de um grupo de 21 pessoas. Os outros morreram de fome e sede, lá no sul.

— Ela é sua filha? — perguntou alguém.

— Acho que agora passou a ser — respondeu o homem, em tom desafiador. — É minha porque eu a salvei. De hoje em diante, seu nome será Lucy Ferrier. E os senhores, quem são? — ele perguntou, olhando com curiosidade para seus audaciosos e bronzeados salvadores. — Parecem uma multidão infindável.

— Somos quase dez mil — disse um dos jovens. — Somos os filhos de Deus perseguidos, os eleitos do Anjo Merona.

— Nunca ouvi falar dele — disse o andarilho.

— Parece que ele elegeu um bocado de gente.

— Não zombe do que é sagrado — replicou o outro, ressentido. — Somos os que creem nas sagradas escrituras, gravadas em hieróglifos em lâminas de ouro batido, que foram entregues ao santo Joseph Smith, em Palmara. Estamos vindo de Nauvoo, no estado de Illinois, onde erguemos nosso templo. Agora, estamos procurando um refúgio contra os homens violentos e ímpios, mesmo que esse refúgio fique no meio do deserto.

O nome de Nauvoo evidentemente despertou lembranças em John Ferrier.

— Compreendo — disse ele. — Vocês são os mórmons.

— Sim, somos os mórmons — responderam em coro os companheiros do rapaz.

— Para onde estão indo?

— Não sabemos. A mão de Deus nos guia, na pessoa de nosso profeta. Vamos levá-lo à sua presença. Ele decidirá o que fazer com você.

Eles chegaram à base da elevação e foram cercados por uma multidão de peregrinos: mulheres pálidas e de aspecto submisso, crianças saudáveis e alegres, homens ansiosos e de ar grave. Foram muitas as exclamações de espanto e comiseração quando aquelas pessoas perceberam a pouca idade da garotinha e a indigência de seu companheiro. A escolta dos dois, entretanto, não parou: foi abrindo caminho por entre o povo, seguida por uma multidão de mórmons, até chegar a um carroção que se destacava pelo maior tamanho e pela aparência suntuosa. Havia seis cavalos atrelados ao veículo, enquanto os outros eram puxados por dois ou, no máximo, quatro animais. Ao lado do cocheiro estava sentado um homem que não devia ter mais de trinta anos, mas cuja cabeça maciça e expressão decidida o destacavam como o líder. Estava lendo um livro de capa marrom, mas que deixou de lado quando a multidão se aproximou, e ficou ouvindo atentamente o relato do episódio. Em seguida, virou-se para os dois forasteiros.

— Só podemos levá-los conosco se aceitarem nossas crenças — disse em tom solene. — Não devemos ter lobos em nosso rebanho. Seria melhor que seus ossos se calcinassem no deserto do que ser aquele minúsculo ponto de apodrecimento que, com o tempo, corrompe toda a fruta. Virão conosco nessas condições?

— Eu os acompanharia sob quaisquer condições — respondeu Ferrier, com tanta veemência que os solenes Anciãos não puderam reprimir um sorriso.

Somente o líder conservou sua expressão grave e compenetrada.

— Leve-o, Irmão Stangerson — disse ele. — Dê-lhe de comer e de beber, e também à criança. Que seja sua a tarefa de instruí-lo em nossa crença sagrada. Já nos atrasamos demais. Avante! Avante para Sião!

— Avante! Avante para Sião! — gritou a multidão de mórmons.

Essas palavras foram ecoando pela comprida caravana, de boca em boca, até se dissolverem em um confuso murmúrio distante. Com o estalido dos chicotes e o ranger de rodas, as grandes carroças começaram a se movimentar, e em pouco tempo toda a caravana serpenteava pela planície desértica. O Ancião a quem tinham sido confiados os dois forasteiros levou-os para a sua carroça, onde uma refeição já os aguardava.

— Os dois ficarão aqui — disse ele. — Dentro de alguns dias já estarão recuperados de seu cansaço. Enquanto isso, lembrem-se de que agora pertencem à nossa religião para sempre. Foi Brigham Young quem disse isso, e ele falou com a voz de Joseph Smith, que é a voz de Deus.

2

A FLOR DO UTAH

ESTE NÃO É O LUGAR ADEQUADO PARA REMEMORARMOS OS SOFRIMENTOS e as privações impostos aos imigrantes mórmons antes de chegarem ao seu paraíso final. Das margens do Mississippi às vertentes ocidentais das Montanhas Rochosas, eles lutaram com uma persistência quase sem precedentes na história. Homens selvagens, animais ferozes, fome, sede, fadiga e doenças (todos os obstáculos que a Natureza podia colocar em seu caminho) foram superados pela tenacidade anglo-saxônica. Mesmo assim, a longa jornada e os terrores acumulados haviam enfraquecido os mais fortes entre eles. Nenhum deles deixou de se ajoelhar para uma prece ardente, quando viram o grande vale do Utah abaixo deles, banhado pela luz do sol. E souberam pelos lábios de seu chefe que aquela era a terra prometida, que aqueles acres virgens seriam sua herança para sempre.

Em pouco tempo, Young mostrou que era um administrador competente e também um chefe determinado. Foram traçados mapas e planos, nos quais foi delineada a futura cidade. Nos arredores, as terras foram divididas e distribuídas segundo a posição de cada indivíduo. Os comerciantes dedicaram-se ao seu negócio e os artesãos às suas aptidões. Ruas e praças foram construídas na cidade como por um passe de mágica. No campo, drenava-se e amanhava-se a terra, plantava-se e colhia-se, de modo que no verão seguinte toda a região ficou coberta pelo ouro dos trigais. Tudo prosperava naquela estranha comunidade. Acima de tudo, o grande templo que haviam erguido no centro da cidade ficava cada vez maior e mais alto. Desde os primeiros clarões do alvorecer até as últimas luzes do crepúsculo, as batidas de martelo e o rangido das serras jamais cessavam no

monumento levantado pelos imigrantes Àquele que os conduzira sãos e salvos por entre tantos perigos.

Os dois forasteiros, John Ferrier e a garotinha que compartilhava seu destino e fora adotada como filha, acompanharam os mórmons até o final de sua longa peregrinação. A pequena Lucy Ferrier sentiu-se à vontade no carroção do Ancião Stangerson, uma moradia que ela dividia com as três esposas do mórmon e seu filho, um menino teimoso e precoce de 12 anos. Após refazer-se, com a capacidade de recuperação da infância, do choque provocado pela morte da mãe, em pouco tempo ela passou a ser a predileta das mulheres, habituando-se prontamente à nova vida dentro da moradia ambulante coberta de lona. Nesse meio-tempo, Ferrier já se recuperara das privações sofridas e se destacava não só como um guia útil, mas também como um caçador infatigável. Ele conquistou com tanta rapidez a estima dos novos companheiros que, ao chegarem ao destino final de suas perambulações, foi unanimemente decidido que receberia uma extensão de terra tão fértil e tão grande quanto a de qualquer colono, com exceção do próprio Young, de Stangerson, Kemball, Johnston e Drebber, que eram os quatro Anciãos principais.

Na terra assim obtida, John Ferrier construiu uma sólida casa de troncos, que foi recebendo acréscimos nos anos seguintes, até transformar-se em uma moradia espaçosa. Ferrier era um homem de senso prático, habilidoso no trabalho manual, e sabia negociar. Sua constituição férrea permitia que trabalhasse da manhã à noite, lavrando e melhorando suas terras. Assim, sua plantação e tudo que lhe pertencia prosperaram de maneira extraordinária. Em três anos, ele estava em situação melhor que os vizinhos, em seis podia ser considerado um homem de posses, em nove estava rico e, em 12, não havia em toda Salt Lake City mais que meia dúzia de colonos cuja situação se comparasse à sua. Desde o grande mar interior até as distantes Montanhas Wasatch, não havia nome mais conhecido que o de John Ferrier.

Em apenas um ponto, apenas um, ele melindrava as suscetibilidades dos membros de sua religião. Nenhum argumento ou tentativa de persuasão conseguiu induzi-lo a formar um harém, como faziam seus companheiros. Ele jamais explicou os motivos de sua recusa, limitando-se a permanecer inflexível nessa decisão. Algumas pessoas o acusaram de indiferença para com sua religião adotada e outras atribuíram o fato à cobiça pelo dinheiro e

à relutância em aumentar as despesas. Outras ainda falavam de um amor antigo, uma jovem loura que definhara de desgosto na costa do Atlântico. Fosse qual fosse a razão, o fato é que Ferrier permanecia rigorosamente celibatário. Nos outros aspectos, porém, ele seguia a religião da jovem comunidade, conquistando a fama de ser um homem correto e ortodoxo.

Lucy Ferrier cresceu naquela casa de troncos e ajudava o pai adotivo em todas as suas tarefas. O ar puro das montanhas e o aroma balsâmico dos pinheiros foram a ama e a mãe que lhe faltavam. De ano para ano ela ficava mais alta e mais forte, seu andar ganhava mais flexibilidade e o rosto se tornava mais corado. Muitos viajantes, ao passarem pela estrada principal que margeava a propriedade de Ferrier, sentiam reviver pensamentos há muito esquecidos quando contemplavam a figura esguia e jovem caminhando rapidamente pelos campos de trigo ou a encontravam montando um dos cavalos do pai com toda a desenvoltura e a graça de uma verdadeira filha do oeste. Assim, ela desabrochou em flor, e o ano em que seu pai se transformou no mais rico dos proprietários foi também o período em que ela se tornou a mais bela jovem americana que poderia ser encontrada em toda a costa do Pacífico.

Entretanto, não foi seu pai o primeiro a descobrir que a menina se transformara em mulher. Isso raramente acontece nesses casos. Essa mudança misteriosa é gradual e sutil demais para ser medida por datas. Menos ainda percebe a própria jovem, até que um certo timbre de voz ou o contato de uma mão faz com que o coração pulse mais forte em seu peito; então, com uma mistura de medo e orgulho, ela percebe que uma natureza nova e maior despertou dentro dela. São poucas as que não se lembram desse dia nem do pequeno incidente que anunciou a alvorada de uma vida nova. No caso de Lucy Ferrier, a própria ocasião foi bastante séria, sem falar da futura influência que teria em seu destino e no de várias outras pessoas.

Era uma quente manhã de junho, e os Santos dos Últimos Dias estavam tão ocupados quanto as abelhas, cuja colmeia haviam escolhido como seu emblema. Nos campos e nas ruas ouvia-se o mesmo zumbido da atividade humana. Longas fileiras de mulas bastante carregadas desciam as estradas poeirentas, todas rumando para o oeste, porque irrompera a febre do ouro na Califórnia e a rota terrestre cruzava a cidade dos Eleitos. Havia ainda rebanhos de ovelhas e manadas de bovinos que vinham de pastagens

distantes, e também uma procissão de imigrantes cansados, homens e cavalos igualmente esfalfados por sua jornada interminável. No meio de toda essa confusão, abrindo caminho com a perícia de um consumado cavaleiro, Lucy Ferrier galopava, com as faces coradas pelo exercício e os longos cabelos castanhos flutuando ao vento. Tinha uma incumbência do pai para resolver na cidade e procurava cumprir sua missão com a mesma presteza de tantas vezes anteriores, mostrando nisso toda a impetuosidade da juventude, pensando apenas em sua tarefa e no modo como a executaria. Os aventureiros empoeirados fitavam-na com espanto e até mesmo os índios impassíveis, envoltos em suas peles, esqueceram o costumeiro estoicismo da raça, maravilhados com a beleza da jovem cara-pálida.

Ela chegava aos arredores da cidade quando viu que a estrada estava bloqueada por uma grande manada, conduzida por meia dúzia de vaqueiros rudes, vindos das pradarias. Em sua impaciência, Lucy tentou ultrapassar o obstáculo, entrando com seu cavalo no que parecia ser um espaço vazio no meio do gado. Entretanto, mal conseguira alcançá-lo quando os animais amontoaram-se à sua retaguarda, e ela se viu inteiramente cercada pela torrente de bois e vacas, com seus chifres compridos e olhos ferozes. Acostumada a lidar com gado, ela não ficou alarmada com a situação e procurou aproveitar todas as oportunidades para avançar com seu cavalo, esperando sair logo do meio daquele turbilhão. Infelizmente, por acaso ou não, os chifres de uma rês espetaram com força o flanco do cavalo, deixando-o excitado e fora de si. No mesmo instante, ele se empinou nas patas traseiras com um relincho de fúria, passando a corcovear de tal maneira que teria jogado no chão um cavaleiro menos experiente. Era uma situação perigosíssima. Cada salto do cavalo alucinado o jogava novamente contra os chifres e isso o deixava ainda mais enlouquecido. Tudo que ela podia fazer era procurar manter-se na sela, pois o menor escorregão significaria uma morte terrível sob as patas dos animais amontoados e atemorizados. Não tendo o hábito de enfrentar emergências repentinas, Lucy sentiu que começava a ficar zonza e sua pressão nas rédeas afrouxou-se. Asfixiada pela crescente nuvem de poeira que subia do chão e pelo cheiro dos animais que se atropelavam, ela teria desistido de seus esforços, em desespero, se uma voz amiga, soando a seu lado, não lhe garantisse que alguém viera socorrê-la. No mesmo instante, uma mão morena e musculosa

conteve o cavalo assustado, segurando-o pelas rédeas, e depois abrindo caminho por entre a manada, até conseguir levá-la para fora dali.

— Espero que não esteja ferida, senhorita — disse respeitosamente seu salvador.

Lucy olhou para o rosto moreno e enérgico, depois riu com vontade.

— Estou com um medo terrível — confessou, ingênua. — Quem diria que Pancho ficaria assustado com um punhado de vacas?

— Graças a Deus conseguiu manter-se na sela — disse o rapaz de um jeito sincero.

Era um jovem alto, de aparência rude, montava um vigoroso ruão e usava roupas típicas de caçador, com um longo rifle pendurado ao ombro.

— A senhorita deve ser a filha de John Ferrier — observou. — Eu a vi quando saía da casa dele, galopando. Quando estiver com ele, pergunte-lhe se ainda se lembra dos Jefferson Hope, de Saint-Louis. Se for o mesmo Ferrier que imagino, ele e meu pai eram grandes amigos.

— Não seria melhor ir até nossa casa e fazer-lhe a pergunta pessoalmente? — sugeriu ela, com seriedade.

O rapaz pareceu gostar da sugestão e seus olhos escuros cintilaram de satisfação.

— Farei isso — respondeu. — Passamos dois meses nas montanhas, de modo que não estamos apresentáveis para uma visita. Ele deverá aceitar-nos como estamos.

— Papai terá muito a agradecer-lhe e eu também — disse ela. — Ele é muito afeiçoado a mim. Se essas vacas me pisoteassem, sei que meu pai nunca mais se recuperaria do choque.

— Nem eu — disse o rapaz.

— Como? Bem, não acho que isso faria alguma diferença para você. Afinal, nem é nosso amigo.

O rosto moreno do caçador ficou tão abatido com esta observação que Lucy Ferrier começou a rir.

— Não quis ofendê-lo — disse. — É claro que agora passa a ser um amigo. Venha visitar-nos. Bem, preciso ir andando, do contrário meu pai nunca mais me confiará nada para fazer. Até logo!

— Até logo! — ele respondeu, erguendo o chapéu de abas largas e curvando-se sobre a mão pequenina da jovem.

Lucy fez o cavalo dar meia-volta, cutucou-o com o chicote e disparou como uma flecha pela estrada larga, envolta em uma nuvem de poeira.

O jovem Jefferson Hope guiou seu cavalo para perto dos companheiros, mas agora estava sério e taciturno. Haviam estado nas Montanhas Nevadas, na prospecção da prata, e agora voltavam a Salt Lake City com a esperança de conseguir capital suficiente para a exploração dos veios que tinham descoberto. Como os outros, seu único interesse era esse negócio, até que o súbito incidente com a jovem desviou-lhe os pensamentos. A visão de Lucy Ferrier, tão franca e saudável como as brisas da montanha, agitara as profundezas de seu coração vulcânico e indomável. Quando ela desapareceu de sua vista, Jefferson Hope compreendeu que estava começando uma crise em sua vida, e que nem as especulações com a prata nem qualquer outro assunto teriam tanta importância para ele como esse problema novo e absorvente. O amor que brotava em seu coração não era o capricho volúvel de um garoto, mas aquela paixão feroz e selvagem do homem de vontade férrea e temperamento dominador. Estava acostumado a ser bem-sucedido em todos os seus empreendimentos. Jurou para si mesmo que não haveria de falhar agora, se a vitória dependesse do esforço e da perseverança humanos.

Visitou John Ferrier nessa mesma noite e repetiu a visita muitas vezes, até seu rosto se tornar familiar na propriedade. Preso naquele vale e absorvido em seu trabalho, Ferrier tivera poucas oportunidades de tomar conhecimento do que se passava no mundo exterior nos últimos 12 anos. Jefferson Hope podia deixá-lo a par de tudo isso, de uma maneira que interessava a ambos, pai e filha. Havia sido um pioneiro na Califórnia, e assim pôde relatar muitos casos estranhos de fortunas adquiridas e perdidas naquela época turbulenta. Também fora guia, caçador com armadilha, explorador de prata e vaqueiro. Onde quer que surgisse a aventura, lá estava Jefferson Hope. Em pouco tempo se tornava o amigo predileto do velho rancheiro, que falava com eloquência sobre as suas qualidades. Nessas ocasiões, Lucy ficava calada, mas as faces ruborizadas e os olhos brilhantes de felicidade indicavam claramente que seu jovem coração não lhe pertencia mais. O pai, sério e sem malícia, podia não ter observado esses sintomas, mas eles certamente não passavam despercebidos ao homem que conquistara a afeição dela.

Numa tarde de verão, ele chegou galopando pela estrada e fez o cavalo parar junto ao portão. Lucy estava na entrada da casa e foi ao seu encontro. Hope jogou as rédeas por cima da cerca e caminhou pela trilha em largas passadas.

— Vou partir, Lucy — disse, tomando-lhe as mãos e fitando seu rosto com ternura. — Não lhe peço para vir comigo agora, mas estará disposta a acompanhar-me, quando eu voltar?

— E quando voltará? — perguntou ela, rindo e enrubescendo.

— Dentro de uns dois meses. Virei para buscá-la, minha querida. Ninguém poderá separar-nos.

— E quanto a meu pai?

— Ele já consentiu, desde que tenhamos aquelas minas dando rendimento. Quanto a isso, não tenho medo.

— Então... se você e meu pai já trataram de tudo, não há mais nada para ser dito — ela sussurrou, com o rosto apoiado no peito largo do rapaz.

— Graças a Deus! — exclamou ele em voz rouca, inclinando a cabeça para beijá-la. — Então, está tudo resolvido. Quanto mais tempo eu ficar aqui, mais difícil será a partida. Os outros estão à minha espera no *canyon*. Adeus, minha querida... adeus! Tornará a ver-me dentro de dois meses.

Afastou-se dela e, saltando para a sela do cavalo, galopou furiosamente, sem ao menos olhar em torno, como se receasse que sua decisão fraquejasse ao ver o que estava deixando. Ela ficou no portão, contemplando-o, até que ele desapareceu. Então, voltou para casa, sentindo-se a garota mais feliz de todo o Utah.

3

JOHN FERRIER FALA COM O PROFETA

TRÊS SEMANAS SE PASSARAM DESDE QUE JEFFERSON HOPE E seus companheiros haviam partido de Salt Lake City. John Ferrier sentia o coração apertado quando pensava na volta do rapaz e na perda iminente de sua filha adotiva. No entanto, o rosto radioso e feliz da jovem, mais que qualquer outro argumento, fazia com que ele se conformasse com essa ideia. No fundo do seu coração decidido, ele sempre achara que nada o levaria a permitir que ela se casasse com um mórmon. Na sua opinião, aquilo em nada se assemelhava a um casamento, sendo, isso sim, uma vergonha e uma infâmia. Independentemente do que pensasse a respeito da doutrina mórmon, ele era inflexível nesse ponto. No entanto, teve que permanecer de boca fechada sobre o assunto porque, naqueles tempos, era muito perigoso manifestar uma opinião heterodoxa na Terra dos Santos.

Realmente, era perigoso. Tão perigoso que até os mais virtuosos mal ousavam sussurrar suas opiniões religiosas às escondidas, temendo que essas palavras pudessem ser mal-interpretadas e resultassem em rápida vingança contra eles. As antigas vítimas da perseguição haviam se transformado em perseguidores da pior espécie. Nem a Inquisição de Sevilha, o Vehmgericht alemão ou as sociedades secretas da Itália seriam capazes de pôr em movimento um mecanismo mais terrível do que aquele que estendia sua sombra sobre o estado de Utah.

A invisibilidade e o mistério inerentes a essa organização a tornavam duplamente terrível. Parecia onisciente e onipotente, embora não fosse vista nem ouvida. O homem que se levantasse contra a Igreja desaparecia sem que ninguém soubesse para onde fora ou o que lhe acontecera. A esposa e

os filhos esperavam-no em casa, mas nenhum pai jamais voltou para contar como fora tratado nas mãos de seus juízes secretos. Uma palavra imprudente ou um ato irrefletido eram seguidos da aniquilação e, mesmo assim, ninguém sabia qual era a natureza daquele terrível poder que pairava sobre todos. Assim, não era de estranhar que os homens vivessem trêmulos de medo, sem ousar murmurar as dúvidas que os oprimiam nem mesmo no coração do deserto.

A princípio, esse poder vago e terrível era exercido apenas contra os recalcitrantes que, tendo adotado a crença mórmon, mais tarde manifestavam o desejo de abandoná-la ou a pervertiam. Mas, em pouco tempo, seu raio de ação se ampliou. A quantidade de mulheres adultas escasseava, de modo que a poligamia se tornara realmente uma doutrina estéril, sem uma população feminina à qual recorrer. Então, começaram a surgir estranhos rumores que falavam de imigrantes assassinados e campos devastados em regiões onde nunca tinham sido vistos índios. Surgiam novas mulheres nos haréns dos Anciãos, mulheres que definhavam e choravam, e que traziam no rosto os traços de um horror sem fim. Andarilhos que a noite surpreendia nas montanhas comentavam sobre bandos de homens armados, encapuzados e furtivos, que passavam silenciosamente por eles na escuridão. Esses relatos e rumores ganharam corpo e formato, afirmados e confirmados, até finalmente se traduzirem em um nome definido. Até hoje, nos ranchos isolados do oeste, o nome do Bando dos Danitas, ou Anjos Vingadores, permanece como algo sinistro e agourento.

Um conhecimento maior da organização que produzia consequências tão terríveis seria mais para aumentar do que para diminuir o horror que ela inspirava no povo. Ninguém sabia quem pertencia a essa sociedade impiedosa. Os nomes dos que participavam dos atos sangrentos e brutais, cometidos em nome da religião, eram mantidos no mais absoluto segredo. O próprio amigo a quem se confiasse as dúvidas em relação ao Profeta e sua missão bem podia ser um daqueles que surgiriam à noite, para executar uma vingança terrível a ferro e fogo. Por isso, cada homem temia o seu vizinho e nenhum deles manifestava seus temores secretos.

Em uma bela manhã, John Ferrier se dispunha a sair para seus trigais quando ouviu o estalido do ferrolho e, espiando pela janela, avistou um homem de meia-idade, corpulento e de cabelos cor de areia, subindo pela trilha. O coração lhe subiu à boca porque o visitante era nada mais nada

menos que o grande Brigham Young em pessoa. Trêmulo, porque sabia que essa visita não prenunciava nada de bom, Ferrier correu à porta, a fim de apresentar as boas-vindas ao chefe mórmon. Este, no entanto, recebeu friamente os cumprimentos e, com uma expressão consternada, seguiu o dono da casa até a sala.

— Irmão Ferrier, os verdadeiros crentes se têm mostrado bons amigos seus — disse ele, sentando-se e encarando fixamente o fazendeiro, por baixo dos cílios muito claros. — Nós o recolhemos quando morria de fome no deserto e dividimos nossa comida contigo, trazendo-o são e salvo para o Vale Escolhido. Demos a você um excelente pedaço de terra e permitimos que enriquecesse sob a nossa proteção. Não é verdade?

— Sem dúvida — respondeu John Ferrier.

— Como retribuição por tudo isso, só impusemos uma condição, isto é, que abraçasse a verdadeira fé e a seguisse em todos os pontos. Tivemos a sua promessa de que assim seria, mas, se é certo o que dizem, essa promessa foi negligenciada.

— De que modo a negligenciei? — exclamou John Ferrier, erguendo as mãos para o alto em sinal de protesto. — Não contribuí para o fundo comunitário? Não tenho comparecido ao Templo? Não tenho...?

— Onde estão suas esposas? — perguntou Young, olhando em volta. — Chame-as, para que eu as cumprimente.

— É verdade que não me casei, mas a quantidade de mulheres era pequena, e havia muitos irmãos com direitos maiores do que eu — respondeu Ferrier. — Mas eu não sou um homem solitário; tenho uma filha, que cuida de minhas necessidades.

— É justamente sobre essa filha que quero falar com você — disse o líder dos mórmons. — Ela cresceu e se transformou na flor do Utah; agora agrada a muitos que têm posição elevada nessa terra.

John Ferrier sufocou um gemido.

— Correm histórias sobre ela em que prefiro não acreditar... histórias que dizem que ela está prometida a um incréu. Imagino que isso não passe de mexericos das línguas ociosas. Qual é o 13º mandamento do santificado Joseph Smith? Que toda donzela da verdadeira fé despose um dos eleitos; unindo-se a um infiel, estará cometendo um grave pecado. Assim sendo, se

o irmão professa a verdadeira religião, é impossível permitir que sua filha cometa esse pecado.

John Ferrier brincou nervosamente com seu rebenque, sem responder.

— Toda a sua fé será testada nesse único ponto. Assim ficou decidido pelo Sagrado Conselho dos Quatro. Sua filha é jovem e não queremos que se case quando tiver cabelos grisalhos, mas tampouco a privaremos de escolha. Nós, os Anciãos, já temos muitas novilhas,[3] mas nossos filhos também devem ter as suas. Stangerson é pai de um filho e Drebber de outro, qualquer um dos quais receberia com satisfação sua filha em casa. Que ela escolha entre os dois. São jovens e ricos, e ambos professam a verdadeira fé. O que diz a isso?

Ferrier continuou calado por alguns minutos, com o cenho franzido.

— Conceda-nos algum tempo — disse afinal. — Minha filha ainda é muito nova... mal chegou à idade de casar.

— Ela terá um mês para decidir — disse Young, levantando-se. — Terminando esse prazo, deverá dar sua resposta.

Quando já ia cruzar a porta, ele se virou, com o rosto vermelho e os olhos fuzilando.

— Seria muito melhor, John Ferrier, que você e sua filha fossem agora dois esqueletos calcinados, no alto da Sierra Blanca, em vez de estarem enfrentando, com suas vontades insignificantes, as ordens dos Quatro Sagrados! — vociferou.

Com um gesto ameaçador, Young cruzou a porta, e Ferrier ouviu a areia do jardim rangendo sob suas pesadas passadas.

Ainda estava sentado, com os cotovelos sobre os joelhos e meditando na maneira de dar a notícia a Lucy, quando sentiu o toque de uma mão macia sobre a sua e, erguendo os olhos, viu-a de pé a seu lado. Ao olhar para aquele rostinho pálido e amedrontado, percebeu que ela ouvira o que fora dito ali.

— Não pude deixar de ouvir — disse Lucy, em resposta ao olhar do pai. — A voz dele ecoava por toda a casa. Oh, pai, pai, o que faremos?

— Não se assuste — ele respondeu, puxando-a para si e acariciando-lhe os cabelos castanhos com a mão calejada. — Daremos um jeito, de um modo ou de outro. Continua com as mesmas ideias sobre aquele rapaz, não?

Um soluço e um aperto em sua mão foram a única resposta.

— Sei muito bem que não mudou de ideia. E, se me dissesse o contrário, eu não acreditaria. Hope é um belo rapaz e, além disso, também é cristão, o que o torna muito superior à gente daqui, apesar de todas as suas rezas e sermões. Amanhã, uma expedição vai partir para Nevada, e darei um jeito de enviar uma mensagem a ele, explicando o dilema em que nos encontramos. Se conheço bem o rapaz, garanto que ele virá com mais rapidez que o telégrafo.

Lucy sorriu por entre as lágrimas ao ouvir a comparação de seu pai.

— Quando chegar, Hope nos aconselhará sobre a melhor coisa a fazer. Mas é com você que me preocupo, pai. A gente ouve... ouve histórias terríveis sobre aqueles que se opõem ao Profeta. Sempre lhes acontece alguma coisa horrível.

— Ainda não nos opusemos a ele — respondeu Ferrier. — Quando isso ocorrer, então será hora de nos precavermos contra o perigo. Temos todo um mês pela frente. Findo esse prazo, no entanto, acho que teremos de dar o fora do Utah.

— Ir embora do Utah?

— Não temos outra saída.

— E a propriedade?

— Juntaremos a maior quantidade de dinheiro que pudermos, deixando o resto para trás. Se quer saber, Lucy, não é a primeira vez que penso em fazer isso. Não me agrada ficar rastejando para homem nenhum, como faz essa gente daqui, com seu maldito Profeta. Sou um cidadão americano livre e gosto de ser assim. Talvez esteja velho demais para mudar de opinião. Se ele começar a intrometer-se em minha propriedade, pode bem dar de cara com uma carga de chumbo quente.

— Eles não nos deixarão partir — objetou sua filha.

— Vamos esperar que Jefferson chegue e então discutiremos o que fazer. Nesse meio-tempo, não se preocupe mais, minha querida, nem fique de olhos inchados, ou ele virá pedir-me explicações assim que a vir. Não há nada a temer e, por ora, ainda não existe nenhum perigo.

John Ferrier disse essas palavras de consolo em tom confiante, mas Lucy percebeu que ele teve mais cuidado ao fechar as portas naquela noite, além de limpar e carregar a carabina antiga e enferrujada que ficava pendurada na parede de seu quarto.

3 Num de seus sermões, Haber C. Kemball empregou esse epíteto afetuoso, quando se referiu às suas cem esposas (N.T.).

4

FUGA DESESPERADA

NA MANHÃ SEGUINTE À ENTREVISTA COM O PROFETA MÓRMON, John Ferrier foi a Salt Lake City e, encontrando o conhecido que seguiria para as Montanhas Nevadas, confiou-lhe uma mensagem para Jefferson Hope. Ali, ele relatava ao rapaz o perigo iminente que os ameaçava e explicava o quanto era importante que regressasse. Feito isso, sentiu-se mais tranquilo e voltou para casa com outro ânimo.

Mas, ao aproximar-se da casa, ficou surpreso ao ver que havia dois cavalos presos às traves do portão. Sua surpresa aumentou quando, ao entrar, viu dois rapazes em sua sala de estar. Um deles, de rosto comprido e pálido, acomodara-se na cadeira de balanço e tinha os pés apoiados sobre a estufa. O outro, um rapaz de pescoço taurino, feições congestionadas e grosseiras, estava de pé diante da janela, com as mãos enfiadas nos bolsos, assobiando uma canção popular. Ambos cumprimentaram Ferrier com um movimento de cabeça e a conversa foi iniciada pelo que ocupava a cadeira de balanço.

— Talvez não nos conheça — disse ele. — Este aqui é o filho do Ancião Drebber e eu sou Joseph Stangerson. Viajamos juntos pelo deserto, quando o Senhor estendeu-lhe a mão e o chamou para o rebanho verdadeiro.

— Como fará com todos os povos, quando achar que chegou a hora — disse o outro, em voz anasalada. — Ele mói lentamente, mas sua farinha é finíssima.

John Ferrier assentiu friamente. Já adivinhava quem eram seus visitantes.

— Viemos aqui, a conselho de nossos pais, pedir a mão de sua filha para um de nós dois, o que preferirem, o senhor e ela — continuou Stangerson.

— Como só tenho quatro esposas e o Irmão Drebber, aqui presente, tem sete, creio que sou o mais conveniente.

— Nada disso, Irmão Stangerson! — exclamou o outro. — A questão não é quantas esposas temos, mas quantas podemos sustentar. Meu pai acaba de me dar seus moinhos e, de nós dois, sou o mais rico.

— No entanto, minhas perspectivas são melhores — replicou o outro com veemência. — Quando o Senhor levar meu pai, herdarei o seu curtume e sua indústria de couros. Além disso, sou o mais velho e de posto mais elevado na Igreja.

— Deixemos que a moça decida — disse o jovem Drebber, sorrindo afetadamente para a própria imagem refletida na vidraça. — Isso mesmo, vamos deixar que ela decida!

Durante esse diálogo, John Ferrier ficara parado perto da porta, fervendo de ódio, mal contendo o impulso de chicotear as costas de seus visitantes.

— Um momento — disse por fim, aproximando-se dos dois. — Voltem quando minha filha chamá-los, podem voltar, mas até lá não quero vê-los novamente.

Os dois jovens mórmons o fitaram com espanto. Para eles, a disputa pela mão de Lucy era a maior honra que poderiam conceder a ela e a seu pai.

— Há duas saídas nessa sala! — gritou Ferrier. — Ali está a porta e ali a janela. Qual delas preferem usar?

Sua expressão se tornara tão selvagem e as mãos descarnadas tão ameaçadoras que seus visitantes se ergueram rapidamente, batendo em retirada. O velho fazendeiro os seguiu até a porta.

— Avisem-me quando decidirem quem será o noivo! — disse ele, em tom sarcástico.

— Pagará caro por isso! — gritou Stangerson, lívido de raiva. — Desafiou o Profeta e o Conselho dos Quatro! Eu lhe digo que se arrependerá do que fez até o fim de seus dias!

— A mão do Senhor lhe pesará! — gritou o jovem Drebber. — Ela se erguerá para destruí-lo!

— Eu mesmo começarei a destruição! — exclamou Ferrier, furioso.

E ele teria corrido para apanhar sua carabina se Lucy não o segurasse pelo braço e o contivesse. Antes que ele pudesse se libertar, o ruído dos cascos dos cavalos indicaram que os dois visitantes já estavam fora do seu alcance.

— Os grandes patifes! — exclamou Ferrier, enxugando o suor da testa. — Eu preferiria vê-la na sepultura, minha pequena, que como esposa de um deles.

— Eu também, pai — respondeu ela, decidida. — Felizmente, Jefferson logo estará aqui.

— Sem dúvida. Ele não deve demorar muito a chegar. E quanto antes, melhor, porque ignoro o que essa gente fará em seguida.

Na verdade, aquele era o momento mais propício para que alguém em condições de aconselhar e ajudar fosse em socorro do velho e rijo fazendeiro e de sua filha adotiva. Em toda a história da colônia, jamais houvera um caso de desobediência explícita à autoridade dos Anciãos. Se erros insignificantes eram punidos com tanta severidade, qual seria o destino daquele arquirrebelde? Ferrier sabia que sua riqueza e posição não seriam obstáculo ao castigo. Outros tão prestigiados e tão ricos quanto ele já haviam desaparecido antes, e seus bens foram doados à Igreja. Ferrier era corajoso, mas estremecia ao pensar nos terrores vagos e sombrios que pairavam sobre sua cabeça. Era capaz de enfrentar qualquer perigo conhecido de peito aberto, mas aquele suspense era exasperante. No entanto, procurou esconder seus temores da filha, fingindo dar pouca importância ao incidente. Mas ela, com o olho atento do amor filial, percebia nitidamente que ele estava apreensivo.

Ferrier esperava receber alguma mensagem ou reclamação do chefe mórmon por sua conduta, e ela chegara de modo inesperado. Para sua surpresa, quando se levantou na manhã seguinte, deparou-se com um pequeno retângulo de papel preso por um alfinete às cobertas de sua cama, bem à altura do peito. Nele estava escrito, em letras de fôrma, grandes e desajeitadas:

FALTAM 29 DIAS
PARA QUE SE CORRIJA, E DEPOIS...

As reticências eram mais atemorizantes que qualquer outra ameaça. O modo como aquele aviso chegara a seu quarto deixava John Ferrier absolutamente perplexo, já que seus empregados dormiam em uma casa separada, e todas as portas e janelas haviam sido bem-trancadas. Ele amarfanhou o papel e não disse nada à filha, mas aquilo o deixara com o

coração gelado de pavor. Evidentemente, os 29 dias eram o que restava do mês prometido por Young. Que tipo de força ou coragem poderia usar contra um inimigo armado de poderes tão misteriosos? A mão que espetara aquele alfinete poderia tê-lo golpeado no coração sem que ele jamais soubesse quem o liquidava.

Ele ficou ainda mais abalado na manhã seguinte. Estavam sentados à mesa para a primeira refeição quando Lucy apontou para cima, com uma exclamação de surpresa. No meio do forro havia sido rabiscado, aparentemente, com um tição apagado, o número 28. Para sua filha, aquilo era incompreensível, mas ele não lhe deu nenhuma explicação. Naquela noite, Ferrier ficou de guarda, com sua carabina. Não viu nem ouviu nada, mas, mesmo assim, na manhã seguinte havia um enorme 27 pintado na folha externa da porta.

Assim se passaram os dias e, pontualmente, toda manhã Ferrier descobria que seus inimigos mantinham o registro, assinalando, de alguma forma visível, quantos dias ainda lhe restavam daquele mês de graça. Às vezes os números fatais surgiam nas paredes, em outras no assoalho e, ocasionalmente, em pequenos cartazes, pregados no portão ou nas grades do jardim. Apesar de toda a sua vigilância, John Ferrier não conseguia descobrir como eram postos os avisos diários em sua casa. Um horror quase supersticioso o dominava ao vê-los. Tornou-se agitado e macilento, e seus olhos adquiriram a expressão perturbada da criatura perseguida. Agora só tinha uma esperança na vida: a chegada do jovem caçador que estava em Nevada.

Os vinte dias se reduziram a 15, depois a dez, mas ainda não havia notícias do ausente. Um por um, os números iam ficando cada vez mais baixos e ainda não havia o menor sinal de Jefferson. Sempre que um cavaleiro passava galopando pela estrada ou um carreteiro gritava para sua parelha, o velho fazendeiro corria para o portão, pensando que finalmente chegava o socorro. Por fim, quando viu o número cinco reduzir-se a quatro e depois a três, perdeu o ânimo, abandonando toda esperança de salvação. Sozinho e conhecendo pouco as montanhas que cercavam sua propriedade, Ferrier sabia que estava impotente. As estradas mais movimentadas eram atentamente vigiadas e guardadas, e ninguém podia passar sem ordem expressa do Conselho. Para qualquer lado que se virasse, parecia impossível escapar do golpe que o aguardava. Ainda assim, o velho nunca hesitou em

sua decisão de preferir perder a vida a permitir o que considerava uma desonra para sua filha.

Uma noite, estava sozinho e meditando profundamente sobre seus problemas, procurando em vão a maneira de evitá-los. Nessa manhã, o número 2 surgira escrito na parede da casa e o dia seguinte seria o último do tempo que lhe fora concedido. O que aconteceria então? Sua imaginação se encheu dos mais vagos e terríveis pressentimentos. E quanto a Lucy, o que aconteceria com ela após o seu desaparecimento? Não haveria como escapar à rede invisível que se erguia em torno deles? Ferrier deixou a cabeça cair sobre a mesa e começou a soluçar ao pensar na própria impotência.

O que era aquilo, de repente? No silêncio da noite, ele ouviu um leve rumor de madeira arranhada, muito leve, mas perfeitamente perceptível no silêncio noturno. Vinha da porta da casa. Ferrier esgueirou-se para o corredor e ficou ouvindo atentamente. Houve uma pausa de alguns momentos e então o rumor leve e insidioso repetiu-se. Sem dúvida, alguém estava batendo muito de leve na folha da porta. Seria o assassino, que chegava no meio da noite para cumprir as ordens criminosas do tribunal secreto? Ou algum emissário viera lembrar que chegara o último dia do prazo? John Ferrier concluiu que a morte instantânea seria melhor do que a expectativa que abalava seus nervos e lhe gelava o sangue nas veias. De um salto, puxou o ferrolho e escancarou a porta.

Do lado de fora, tudo estava calmo e silencioso. Era uma bela noite, com estrelas brilhantes no céu. Ele olhou para o pequeno jardim, delimitado pelo portão e pelas grades, mas não havia ninguém à vista, nem ali nem na estrada. Com um suspiro aliviado, ele olhou para a direita e para a esquerda, até que, olhando para baixo, viu, com o maior espanto, um homem estendido de bruços, com braços e pernas abertos.

Ficou tão assustado com aquilo que se recostou na parede e levou a mão à garganta, sufocando o ímpeto de gritar: seu primeiro pensamento foi de que o homem prostrado estaria ferido ou agonizando, mas, ao observar melhor, notou que ele rastejava rente ao solo, para em seguida entrar no corredor, rápido e silencioso como uma serpente. Já dentro da casa, o homem levantou-se de repente, fechou a porta e mostrou ao fazendeiro atônito o rosto corajoso e decidido de Jefferson Hope.

— Santo Deus! — balbuciou John Ferrier. — Você me assustou! Por que tinha que chegar aqui dessa maneira?

— Dê-me alguma coisa para comer — pediu o outro, com a voz rouca. — Há 48 horas que nada ponho na boca.

Ao falar, ele se precipitou para a carne fria e o pão ainda sobre a mesa, após o jantar de Ferrier, e devorou-os com voracidade.

— E Lucy, como está? — perguntou, depois de saciada a fome.

— Bem. Eu não lhe contei do perigo que corremos — respondeu o fazendeiro.

— É melhor assim. A casa está sendo vigiada de todos os lados. Foi por isso que eu tive que rastejar até aqui. Eles podem ser muito espertos, mas não o bastante para agarrar um caçador Washoe.

John Ferrier se sentia outro homem agora, ao perceber que contava com um aliado dedicado. Tomou a mão calosa do jovem e a apertou firmemente.

— Você é um homem de quem me orgulho — disse. — Muito poucos tiveram a coragem de se expor ao perigo e às dificuldades que enfrentamos.

— Talvez tenha razão — respondeu o jovem caçador. — Eu o respeito, mas, se estivesse sozinho nessa enrascada, eu pensaria duas vezes antes de enfiar minha cabeça nesse vespeiro. É por causa de Lucy que estou aqui e, antes que lhe aconteça algum mal, acho que haverá um a menos na família Hope em Utah.

— O que devemos fazer?

— Amanhã é o seu último dia e, se não começar a agir esta noite, estará perdido. Tenho uma mula e dois cavalos esperando na Ravina da Águia. De quanto dinheiro dispõe?

— Dois mil dólares em ouro e cinco em notas.

— Isto basta. Tenho mais ou menos isso comigo. Podemos seguir para Carson City pelas montanhas. É melhor acordar Lucy. Ainda bem que os criados não dormem na casa!

Enquanto Ferrier saía para falar com a filha sobre a jornada iminente, Jefferson Hope fez um pequeno pacote com todos os comestíveis que encontrou e encheu um garrafão de água, sabendo por experiência que as fontes nas montanhas eram escassas e distantes uma da outra. Mal havia terminado seus preparativos quando Ferrier voltou com Lucy, já vestida e pronta para partir. O encontro dos dois enamorados foi caloroso, mas rápido, porque os minutos eram preciosos e havia muita coisa a fazer.

— Devemos partir imediatamente — disse Jefferson Hope, falando em voz baixa mas decidida, como alguém que percebe a enormidade do perigo, mas está disposto a tudo para enfrentá-lo. — As entradas da frente e dos fundos estão guardadas mas, com cautela, podemos sair pela do lado e cruzar os campos. Quando chegarmos à estrada, estaremos a apenas três quilômetros da ravina onde deixei os animais. Ao amanhecer, já estaremos em plena montanha.

— E se formos detidos? — perguntou Ferrier.

Hope bateu na coronha do revólver, preso à sua cintura e escondido pela túnica.

— Se eles forem muitos para nós, levaremos dois ou três conosco — disse com um sorriso sinistro.

Todas as luzes da casa foram apagadas e, pela janela escura, Ferrier ficou olhando os campos que eram seus e que ele estava prestes a abandonar para sempre. Há muito tempo ele vinha se preparando para o sacrifício, de modo que a ideia da honra e da felicidade de sua filha superava qualquer pesar pela fortuna arruinada. Tudo parecia tão tranquilo e feliz, as árvores farfalhantes e a vasta e silenciosa área do trigal, que seria difícil imaginar-se uma ameaça mortal pairando sobre o lugar. No entanto, o rosto pálido e apreensivo do jovem caçador indicava que, ao aproximar-se da casa, pudera ver o suficiente para saber o que os esperava.

Ferrier carregou a bolsa com o dinheiro em ouro e notas; Jefferson Hope cuidou das escassas provisões e da água, enquanto Lucy levava um pequeno embrulho com seus pertences mais valiosos. Abrindo a janela lenta e cautelosamente, eles esperaram até que uma nuvem escura deixasse a noite mais sombria e então, um por um, passaram para o pequeno jardim. Mal ousando respirar, cruzaram a estreita faixa de terra agachados até chegarem ao abrigo da sebe, junto à qual se foram esgueirando até uma abertura que dava para os campos de trigo. Tinham acabado de chegar a esse ponto quando o jovem caçador segurou seus dois companheiros e os puxou para uma parte mais escura, onde ficaram trêmulos e calados.

Era uma sorte que a vida nas pradarias tivesse dotado Jefferson Hope de um ouvido apuradíssimo. Assim que ele e seus amigos se encolheram na sombra, ouviram um pio melancólico do mocho da montanha a alguns metros deles, que foi respondido imediatamente por outro pio, a curta distância. No mesmo instante, um vulto indefinido e escuro surgiu pela

abertura que quase tinham usado, repetindo o pio lamentoso, e um segundo homem destacou-se da escuridão.

— Amanhã à meia-noite — disse o primeiro, em tom que indicava autoridade. — Quando o mocho piar três vezes.

— Certo — replicou o outro. — Devo informar o Irmão Drebber?

— Sim. Conte a ele, e que ele conte aos outros. Nove por sete!

— Sete por cinco — disse o outro, e as duas sombras desapareceram em direções opostas.

Evidentemente, suas últimas palavras eram uma espécie de senha e contrassenha. Assim que o ruído dos passos sumiu na distância, Jefferson Hope levantou-se rapidamente e, ajudando os companheiros na passagem pela abertura, conduziu-os através dos campos de plantação com a maior velocidade possível, amparando e quase carregando Lucy quando as forças da jovem pareciam falhar.

— Depressa! Depressa! — ele dizia de vez em quando, com a voz ofegante. — Estamos cruzando a linha de sentinelas. Tudo depende de nossa rapidez. Depressa!

Quando chegaram à estrada, os avanços foram maiores. Só uma vez encontraram alguém, mas então esgueiraram-se para um campo de cultivo e assim evitaram ser reconhecidos. Mas antes de chegarem à cidade, o caçador embrenhou-se por uma trilha acidentada e estreita que conduzia às montanhas. Dois picos escuros surgiram acima deles, em meio à escuridão da noite. Agora, passavam pelo desfiladeiro entre os dois picos, rumando para a Ravina da Águia, onde os cavalos os esperavam. Com instinto certeiro, Jefferson Hope foi seguindo o caminho em meio aos gigantescos penhascos, ao longo do leito de um rio seco, até chegar ao recanto isolado que as rochas ocultavam, onde estavam os animais. Lucy foi colocada sobre a mula e o velho Ferrier montou um dos cavalos, com sua sacola de dinheiro. Jefferson Hope saltou para a sela do outro animal e começou a guiar seus companheiros ao longo da passagem perigosa e escarpada.

Era um caminho complicado para quem não estivesse habituado a enfrentar a natureza em seus piores aspectos. A um lado, elevava-se um paredão rochoso com mais de trezentos metros de altura, negro e ameaçador, com longas colunas basálticas que surgiam na superfície áspera, como as costelas de algum monstro petrificado. Do lado oposto, uma confusão selvagem de rochas e pedregulhos tombados impossibilitava

qualquer avanço. No meio passava a trilha irregular, tão estreita em alguns pontos que eles eram obrigados a seguir em fila indiana, e tão acidentada que só cavaleiros muito experientes conseguiriam atravessá-la. No entanto, apesar de todos os perigos e dificuldades, os fugitivos sentiam o coração aliviar-se, porque cada passo à frente aumentava mais e mais a distância entre eles e o terrível despotismo do qual fugiam.

Mas em pouco tempo tiveram a prova de que ainda estavam dentro da jurisdição dos Santos. Haviam chegado à parte mais agreste e desolada da passagem quando a jovem deixou escapar um grito de susto e apontou para o alto.

Em uma rocha que dominava a trilha, destacando-se escura e nítida contra o céu, havia uma sentinela solitária, vigiando os arredores. Como eles também haviam sido detectados ao mesmo tempo, a interpelação militar soou imediatamente no silêncio da ravina.

— Quem vem lá?

— Viajantes a caminho de Nevada — respondeu Jefferson Hope, com a mão sobre o rifle pendurado na sela.

Eles puderam ver o guardião solitário erguendo a arma e perscrutando a escuridão mais abaixo, como se não estivesse satisfeito com a resposta.

— Com permissão de quem? — perguntou.

— Dos Quatro Sagrados — respondeu Ferrier.

Sua experiência com os mórmons lhe ensinara que era aquela a maior autoridade à qual poderia referir-se.

— Nove por sete! — gritou a sentinela.

— Sete por cinco! — disse Jefferson Hope rapidamente, recordando a contrassenha que ouvira no jardim.

— Passem, e que o Senhor os acompanhe! — gritou a voz que vinha de cima.

Depois daquele ponto, a trilha alargava-se e os cavalos puderam prosseguir a trote. Olhando para trás, os fugitivos viram o vigilante solitário apoiado na carabina e compreenderam que haviam passado pelo último posto de guarda do povo escolhido, e que a liberdade estava diante deles.

5

OS ANJOS VINGADORES

DURANTE TODA A NOITE ELES PASSARAM POR DESFILADEIROS intrincados e trilhas irregulares, cobertas de cascalho. Por várias vezes se perderam, mas o grande conhecimento que Hope tinha das montanhas permitiu que reencontrassem a trilha. Quando amanheceu, surgiu diante deles um cenário de beleza fantástica, embora selvagem. Em todas as direções, os cumes nevados pareciam barrar-lhes o caminho, despontando um atrás do outro até desaparecerem nas brumas da distância. As encostas rochosas de cada lado deles eram tão íngremes que os pinheiros e os larícios pareciam suspensos acima de suas cabeças, bastando apenas uma rajada de vento para despencarem sobre eles. Esse temor não era apenas uma ilusão, porque o vale estéril estava entulhado de árvores e rochas, caídas de maneira semelhante. No momento em que passavam por ali, uma enorme rocha rolou pelas encostas íngremes com um estrondo enrouquecido que provocou ecos nas gargantas silenciosas do lugar e assustou os cavalos fatigados, fazendo-os galopar.

Quando o sol subiu lentamente acima do horizonte, os picos das gigantescas montanhas foram se iluminando, um após outro, como lâmpadas em um festival, até ficarem todos vermelhos e cintilantes. O magnífico espetáculo animou o coração dos três fugitivos, dando-lhes nova energia.

Pararam junto a uma torrente impetuosa que brotava de uma ravina e deram de beber aos cavalos, enquanto eles aproveitavam a ocasião para um desjejum apressado. Lucy e o pai gostariam de demorar um pouco mais, porém Jefferson Hope foi inflexível.

— A essa altura, eles já estão no nosso rastro — disse o rapaz. — Tudo dependerá de nossa velocidade. Quando estivermos a salvo em Carson, poderemos descansar pelo resto da vida.

Durante todo aquele dia, continuaram a difícil travessia pelos desfiladeiros e, ao anoitecer, acreditavam ter uns cinquenta quilômetros de vantagem sobre seus perseguidores. À noite, escolheram a base de um morro, onde os rochedos os protegiam do vento gelado. Ali, aconchegados uns aos outros para se aquecerem, dormiram algumas horas. Mas antes do amanhecer já estavam de pé e novamente a caminho. Não tinham visto nenhum sinal de perseguidores, o que levou Jefferson Hope a concluir que já estavam praticamente fora do alcance da terrível organização, cuja ira haviam despertado. Ele não podia imaginar a que distância chegava aquela mão de ferro, nem com que rapidez ela desceria para aniquilá-los.

Mais ou menos na metade do segundo dia de fuga, as poucas provisões que haviam levado começaram a escassear. Mas esse era um detalhe que pouco preocupava Jefferson Hope, porque havia muita caça nas montanhas e, com frequência, em ocasiões anteriores, ele dependera de seu rifle para garantir o próprio sustento. Escolhendo um recanto abrigado, ele empilhou alguns galhos secos e fez uma boa fogueira para aquecer os companheiros, já que agora estavam a uns 1.500 metros acima do nível do mar, e o ar era frio e cortante naqueles lugares. Após amarrar os animais, despediu-se de Lucy, jogou o rifle no ombro e partiu em busca da caça que aparecesse diante dele. Olhando para trás, viu o velho e a jovem acocorados junto ao fogo vivo, enquanto os três animais permaneciam imóveis mais ao fundo. Depois, os rochedos impediram que ele continuasse a vê-los.

Caminhou por uns três quilômetros, subindo e descendo uma ravina após a outra sem nenhuma sorte, embora achasse que havia muitos ursos nas imediações, a julgar pelas marcas deixadas na casca das árvores e por outras indicações. Por fim, após duas ou três horas de busca inútil, quando já estava se desesperando e pensando em voltar, ergueu os olhos por acaso e avistou algo que encheu seu coração de satisfação. Na borda de um penhasco inclinado, uns cem metros acima, viu algo que parecia um carneiro, mas com chifres enormes. O chifre comprido, pois é chamado assim, certamente estava ali guardando um rebanho que o caçador não podia ver; por sorte, o animal estava indo na direção oposta, por isso não o pressentiu. Deitando-se de bruços, Jefferson Hope apoiou o rifle em uma

rocha e fez uma pontaria cuidadosa antes de apertar o gatilho. O animal deu um salto, tropeçou na borda do precipício e depois rolou para o vale mais abaixo.

Era um animal pesado demais para ser carregado, de modo que o caçador contentou-se em cortar-lhe um quarto e parte do flanco. Com seu troféu sobre o ombro, apressou-se a voltar, porque a noite se aproximava rapidamente. Entretanto, mal começara a caminhar quando percebeu a dificuldade em que se encontrava. Em sua ansiedade, ultrapassara as ravinas que ele conhecia e agora tinha problemas em encontrar o caminho por onde chegara até ali. O vale em que estava era dividido e subdividido em inúmeras gargantas, tão parecidas que era quase impossível distinguir uma da outra. Embrenhou-se em uma delas por um quilômetro e meio ou pouco mais, até chegar a um rio de montanha que, tinha certeza, nunca vira antes. Achando que tomara a direção errada, tentou outro rumo, com o mesmo resultado. A noite caía rapidamente e estava quase escuro quando, finalmente, viu-se em um desfiladeiro que lhe era familiar. Mesmo assim, não foi fácil seguir o caminho certo, porque a lua ainda não despontara e os altos penhascos das margens tornaram a escuridão ainda mais profunda. Sobrecarregado com a parte da caça abatida, cansado pelo esforço, ele seguia cambaleando, animado pela ideia de que cada passo o levava para mais perto de Lucy e que carregava o suficiente para garantir a alimentação pelo resto da jornada.

Finalmente chegou a entrada do desfiladeiro em que deixara seus companheiros. Mesmo na escuridão, pôde reconhecer o perfil dos penhascos que o cercavam. Imaginou que pai e filha deviam estar esperando ansiosamente por ele, pois ficara ausente por quase cinco horas. Cheio de alegria, levou as mãos à boca e gritou um forte “olá”, que reboou por todo o vale, avisando que já se aproximava. Fez uma pausa e ficou esperando uma resposta. Nada chegou até ele a não ser seu próprio grito, que ecoou nas ravinas profundas e silenciosas e voltou aos seus ouvidos em incontáveis repetições. Gritou novamente, mais alto que antes e, pela segunda vez, não ouviu nenhum sussurro dos amigos que ali deixara tão pouco tempo antes. Um terror vago, indescritível, apoderou-se dele, fazendo com que corresse freneticamente e, em sua agitação, deixasse cair o alimento precioso.

Quando dobrou a curva da trilha, teve uma visão total do lugar onde a fogueira fora acesa. Ali ainda havia uma pilha de tições cintilantes, mas era evidente que o fogo não fora reavivado desde a sua partida. O mesmo silêncio mortal reinava nos arredores. Com o temor transformado em certeza, ele continuou a correr. Não havia um único ser vivo perto dos restos da fogueira: animais, homem e mulher haviam desaparecido. Era óbvio que algum desastre terrível e repentino ocorrera em sua ausência, uma catástrofe que atingira todos eles, mas que não deixara o menor vestígio.

Atordoado, perturbado por aquele golpe, Jefferson Hope sentiu a cabeça girar e precisou apoiar-se no rifle para não cair. Logo se recuperou da passageira impotência porque era, essencialmente, um homem de ação. Pegando um pedaço de lenha meio consumido da fogueira, soprou-o até conseguir uma chama e, com ela, começou a examinar o pequeno acampamento. O solo aparecia pisoteado por vários cascos de cavalos, indicando que um grande grupo de cavaleiros dominara os fugitivos; a direção das pegadas revelava que, depois disso, tinham todos voltado a Salt Lake City. Será que seus dois companheiros tinham sido levados com eles? Jefferson Hope já quase se convencera disso quando seus olhos perceberam algo e cada nervo de seu corpo estremeceu. Um pouco adiante, a um lado do acampamento, havia um montículo de terra avermelhada que, disso ele tinha certeza, não estava ali antes. Não havia dúvida de que era uma sepultura recente. Ao aproximar-se, ele reparou que um pedaço de madeira fora cravado sobre o monte de terra, com um papel enfiado na bifurcação da madeira. A inscrição no papel era curta, mas dizia tudo:

JOHN FERRIER,
QUE FOI DE SALT LAKE CITY.
FALECIDO NO DIA 4 DE AGOSTO DE 1860

Então, o vigoroso velho que deixara ali tão pouco tempo antes havia desaparecido, e aquele era o seu único epitáfio! Jefferson Hope olhou em torno, desesperado, à procura de uma segunda sepultura. Não encontrou. Lucy fora levada por seus terríveis perseguidores para cumprir o destino que lhe tinham traçado: o de pertencer ao harém do filho de um Ancião. Quando o jovem caçador compreendeu que esse seria o destino inevitável

da moça e que era incapaz de evitá-lo, também desejou estar deitado do lado do velho fazendeiro em sua última e silenciosa morada.

Entretanto, seu espírito combativo mais uma vez sacudiu a letargia provocada pelo desespero. Já que nada mais lhe restava, pelo menos poderia dedicar sua vida à vingança. Além de paciência e perseverança, ele também aprendera, talvez com os índios com os quais convivera, a persistir no espírito de vingança. Enquanto permanecia de pé ao lado do fogo que se extinguia, sentiu que a única coisa capaz de amenizar sua dor seria uma vingança total e absoluta, executada por suas próprias mãos contra os inimigos. Naquele momento, decidiu que sua vontade férrea e sua energia inesgotável seriam dedicadas exclusivamente a essa finalidade. Com o rosto pálido e taciturno, voltou até onde deixara cair o pedaço de carne e, depois de atiçar o fogo agonizante, cozinhou o suficiente para durar alguns dias. Fez um fardo com aquele alimento e, embora cansado, recomeçou a caminhar de volta às montanhas, seguindo o rastro dos Anjos Vingadores.

Durante cinco dias, com os pés doloridos e caindo de cansaço, percorreu os desfiladeiros já cruzados no lombo do cavalo. À noite, deitava-se para dormir algumas horas entre as rochas; mas antes de o dia romper já percorrera um bom caminho. No sexto dia, chegou à Ravina da Águia, local em que começara aquela fuga infeliz. Dali, podia ver a terra dos Santos. Exausto e enfraquecido, apoiou-se no rifle e ergueu o punho descarnado contra a cidade silenciosa, que se estendia mais abaixo. Enquanto a observava, notou que havia bandeiras desfraldadas em algumas das ruas principais e outros sinais de festa. Ainda estava imaginando o que poderia ser aquilo quando ouviu o ruído de cascos de cavalo e viu um cavaleiro que vinha na sua direção. Quando o homem chegou mais perto, Jefferson Hope reconheceu um mórmon chamado Cowper, a quem prestara serviços em várias ocasiões. Aproximou-se dele com o objetivo de perguntar o que acontecera com Lucy Ferrier.

— Sou Jefferson Hope — disse. — Lembra-se de mim, não?

O mórmon olhou para ele com indisfarçável espanto. Na verdade, era difícil reconhecer naquele andarilho sujo e esfarrapado, de rosto encovado e olhos febris, o jovem e garboso caçador de dias passados. Mas quando teve certeza da identidade do homem, a surpresa do mórmon transformou-se em consternação.

— É loucura vir aqui! — exclamou ele. — Minha vida estará em perigo, se me virem falando com você. Os Quatro Sagrados expediram uma ordem para capturá-lo, por ter ajudado os Ferrier a fugir.

— Não tenho medo deles nem de sua ordem — respondeu Hope com sinceridade. — Você deve saber alguma coisa sobre este assunto, Cowper. Por tudo que lhe é mais sagrado, peço que responda a algumas perguntas. Sempre fomos amigos. Por Deus, não me recuse esse pedido!

— De que se trata? — perguntou o mórmon, inquieto. — Seja rápido. As próprias rochas têm ouvidos e as árvores têm olhos.

— O que aconteceu a Lucy Ferrier?

— Ela se casou ontem com o jovem Drebber. Coragem, homem, coragem! Não lhe sobra muita vida, pelo que estou vendo...

— Não se importe comigo — disse Hope, fracamente. Até seus lábios haviam perdido a cor e ele se deixou cair sobre a rocha em que se encostava. — Casou-se, foi o que disse?

— Exatamente. Ontem. É por isso que a Casa dos Donativos está toda embandeirada. Houve uma discussão entre Drebber e Stangerson, porque não chegavam a um acordo sobre quem ficaria com ela. Ambos estavam no grupo que os perseguiu e Stangerson baleou o pai da moça, o que parecia dar-lhe mais direito de tê-la. Mas quando o caso foi levado ao Conselho, o Profeta decidiu-se por Drebber, que era apoiado por um grupo mais forte. De qualquer modo, nenhum deles a teria por muito tempo, porque ontem eu vi a morte no rosto da moça. Ela parece mais um fantasma do que uma mulher. Já vai embora?

— Sim, vou — respondeu Jefferson Hope, que se levantara.

Seu rosto parecia esculpido em mármore, tão duras e imóveis eram as feições, enquanto os olhos ardiam com um brilho funesto.

— Para onde vai?

— Não interessa — ele respondeu.

Pendurou o rifle no ombro, começou a caminhar a passos largos pelo desfiladeiro e rumou para o coração das montanhas, onde ficavam os covis dos animais ferozes. Mas nenhum desses animais era mais feroz e perigoso que ele próprio.

A previsão do mórmon foi cumprida com incrível rapidez. Fosse pela morte terrível do pai ou pelos efeitos do odioso casamento a que fora obrigada, a pobre Lucy nunca mais levantou a cabeça, e foi definhando até

morrer um mês depois. O brutal Drebber, que a desposara principalmente por causa dos bens de John Ferrier, não pareceu nem um pouco abalado pela morte, mas suas outras esposas lamentaram e velaram seu corpo na véspera do sepultamento, segundo os costumes mórmons. Ainda estavam reunidas em volta do ataúde, nas primeiras horas da manhã, quando, para seu assombro, a porta foi escancarada e elas viram o homem de expressão selvagem que invadia o recinto, abatido, com as roupas em farrapos. Sem um olhar ou uma palavra às aturdidas mulheres, ele se aproximou da figura branca e silenciosa que abrigara a alma pura de Lucy Ferrier. Inclinando-se, pousou reverentemente os lábios na testa gelada da morta e, tomando-lhe a mão, retirou a aliança de seu dedo.

— Ela não será sepultada com isso! — gritou com ferocidade.

E antes que alguém pudesse dar o alarme, ele desceu rapidamente a escada e sumiu. O incidente foi tão rápido e estranho, que as próprias testemunhas poderiam duvidar do que viram ou teriam dificuldade em convencer alguém do que acontecera, se não fosse o fato inegável de que Lucy Ferrier não tinha mais no dedo a aliança de esposa.

Durante alguns meses, Jefferson Hope perambulou pelas montanhas, levando uma existência selvagem e acalentando o feroz desejo de vingança que o dominara. Na cidade, contavam-se histórias sobre a fantasmagórica figura que era vista vagando pelos subúrbios ou esgueirando-se pelos desfiladeiros desertos da montanha. Certa vez, uma bala atravessou a janela de Stangerson e cravou-se na parede, a poucos centímetros dele. Em outra ocasião, quando Drebber passava sob um penhasco, um enorme pedregulho despencou de grande altura e ele só escapou de uma morte terrível porque jogou-se no chão. Os dois jovens mórmons descobriram em pouco tempo os motivos desses atentados contra suas vidas e organizaram sucessivas expedições às montanhas na esperança de capturar ou matar o inimigo, mas sempre sem sucesso. Então, passaram a adotar a precaução de nunca saírem desacompanhados ou depois de anoitecer, além de manterem suas casas sob vigilância. Após algum tempo, como nada mais fora ouvido sobre seu adversário e ninguém o vira, eles acabaram relaxando essas medidas, e esperavam que o tempo tivesse acalmado o furor vingativo de Jefferson Hope.

Ao contrário dessa expectativa, o ódio do jovem caçador só aumentara. Seu caráter era firme e implacável, e a ideia da vingança o dominava de tal

modo que não deixava espaço para nenhuma outra emoção. Mas, acima de tudo, ele era um homem prático. Logo percebeu que nem mesmo sua vigorosa constituição física suportaria a tensão permanente a que era submetida. A vida ao relento e a falta de uma alimentação sadia o estavam desgastando. Se morresse como um cão entre as montanhas, o que seria de sua ansiada vingança? No entanto, tudo indicava a iminência de uma morte assim, se continuasse a levar aquele tipo de vida. Compreendeu que assim estava fazendo o jogo do inimigo e, com relutância, voltou às velhas minas de Nevada, para recuperar a saúde e conseguir dinheiro suficiente para atingir seu objetivo sem passar privações.

Sua intenção fora a de ausentar-se por um ano, no máximo, mas uma série de circunstâncias inesperadas fez com que permanecesse nas minas por quase cinco anos. Findo esse tempo, no entanto, a lembrança do que sofrera e a sede de vingança estavam tão vivas como naquela noite inesquecível em que permaneceu junto à sepultura de John Ferrier. Disfarçado e com um nome falso, voltou a Salt Lake City, sem se preocupar com o que pudesse acontecer com ele, desde que obtivesse o que considerava justiça. Entretanto, lá o esperavam más notícias. Alguns meses antes houvera um cisma entre o Povo Eleito, com alguns membros mais novos da Igreja rebelando-se contra a autoridade dos Anciãos. Em consequência, houve o afastamento de certo número de descontentes, que deixaram Utah e abandonaram a crença. Entre estes estavam Drebber e Stangerson, e ninguém sabia dizer onde eles estavam. Havia rumores de que Drebber conseguira converter em dinheiro grande parte de suas propriedades e partira de lá como um homem rico, ao passo que seu companheiro Stangerson era relativamente pobre. Mas não havia a menor pista sobre o rumo que haviam tomado.

Muitos homens, por mais vingativos que fossem, teriam desistido da ideia de vingança diante dessa dificuldade, mas Jefferson Hope não vacilou nem um momento. Com os escassos recursos que possuía, mais o que conseguia ganhar em empregos temporários, ele viajou de cidade em cidade, pelo país, perseguindo seus inimigos. Os anos foram passando, seus cabelos negros ficaram grisalhos, mas ele persistia em sua decisão, como um cão de caça humano, a mente concentrada inteiramente no único objetivo ao qual dedicara toda a vida. Por fim, sua persistência foi recompensada. Foi apenas o vislumbre de um rosto em uma janela, mas foi

o suficiente para mostrar que os homens perseguidos estavam em Cleveland, no Ohio. Quando voltou ao seu alojamento miserável, tinha um plano de vingança já pronto. Aconteceu, no entanto, que, ao olhar pela janela, Drebber reconhecera o vagabundo que passava pela rua e lera a intenção homicida em seus olhos. Acompanhado de Stangerson, que se tornara seu secretário particular, procurou imediatamente um juiz, e contou a ele que sua vida e a do amigo estavam em perigo, por causa do ódio e do ciúme de um antigo rival. Jefferson Hope foi detido nessa mesma noite e, não conseguindo fiança, ficou algumas semanas na prisão. Quando finalmente foi libertado, ficou sabendo que a casa de Drebber estava vazia, porque ele e o secretário tinham viajado para a Europa.

Mais uma vez o vingador ficou frustrado e, de novo, o ódio concentrado o impeliu a continuar a perseguição. Mas estava sem dinheiro e precisou voltar a trabalhar por algum tempo, poupando cada dólar que podia para a viagem iminente.

Por fim, tendo juntado o mínimo indispensável para se sustentar, Jefferson Hope embarcou para a Europa e seguiu a pista de seus inimigos de cidade em cidade, e trabalhando, enquanto isso, em serviços braçais, mas ainda sem alcançar os fugitivos. Quando chegou a São Petersburgo, os dois haviam partido para Paris; e quando chegou, ficou sabendo que eles tinham acabado de viajar para Copenhague. Também chegou à capital dinamarquesa com alguns dias de atraso, porque Drebber e Stangerson já haviam partido para Londres, onde finalmente conseguiu encontrá-los.

Quanto ao que ocorreu na capital inglesa, o melhor que podemos fazer é citar o próprio relato do agora velho caçador, como ficou registrado no diário do dr. Watson, a quem já devemos tanto.

6

CONTINUAÇÃO DAS MEMÓRIAS DO DR. JOHN WATSON

A FURIOSA RESISTÊNCIA POR PARTE DO NOSSO PRISIONEIRO não parecia indicar nenhuma animosidade dele para conosco porque, ao se ver impotente, sorriu de modo afável e disse que esperava não ter machucado nenhum de nós durante a luta.

— Acho que pretendem levar-me para o posto policial — disse ele a Sherlock Holmes. — Meu cabriolé está aí na porta. Se soltarem minhas pernas, irei caminhando até lá. Não sou mais tão leve como antigamente.

Gregson e Lestrade entreolharam-se, como se considerassem a proposta um tanto temerária, mas Holmes aceitou imediatamente a palavra do prisioneiro e afrouxou a toalha com que amarrara os tornozelos dele. O homem levantou-se e esticou as pernas, como para certificar-se de que estavam livres novamente. Ao observá-lo, lembro-me de ter dito para mim mesmo que raramente vira um homem de constituição mais robusta. Além disso, havia em seu rosto moreno e queimado de sol uma expressão tão decidida e enérgica que, em intensidade, podia ser comparada à sua formidável força física.

— Se houver uma vaga para chefe de polícia, reconheço que você é o mais indicado — disse ele, fitando meu companheiro de moradia com indisfarçada admiração. — O modo como seguiu minha pista é garantia suficiente.

— É melhor que venham comigo — disse Holmes aos dois detetives.

— Eu posso levá-los — ofereceu-se Lestrade.

— Ótimo. E Gregson ficará comigo dentro do cabriolé. Venha também, doutor. Já que se interessou pelo caso, que o acompanhe até o final.

Concordei satisfeito, e descemos todos juntos. Nosso prisioneiro não tentou fugir, mas entrou tranquilamente no cabriolé que lhe pertencera, seguido por nós. Lestrade subiu para a boleia, chicoteou o cavalo, e em pouco tempo conduziu-nos ao nosso destino. Fomos levados até uma sala pequena, onde um inspetor de polícia anotou o nome de nosso prisioneiro e os dos homens de cuja morte era acusado. O inspetor era um homem imperturbável, de rosto pálido, que cumpriu seu dever de modo apático e indiferente.

— O prisioneiro comparecerá perante os magistrados no decorrer desta semana — declarou. — Nesse meio-tempo, sr. Jefferson Hope, deseja fazer alguma declaração? Devo avisá-lo de que suas palavras ficarão registradas e poderão ser usadas contra o senhor.

— Tenho muita coisa a declarar — disse lentamente o prisioneiro. — Quero contar toda a história aos cavalheiros.

— Não seria melhor reservar-se para o julgamento? — sugeriu o inspetor.

— Talvez eu nem seja julgado — respondeu ele. — Não se alarmem. Não estou pensando em suicidar-me. O senhor é médico?

Ao fazer a pergunta, Jefferson Hope virou para mim seus olhou escuros e febris.

— Sim, sou médico — respondi.

— Então, ponha a mão aqui — disse ele com um sorriso, apontando as mãos algemadas para o peito.

Assim fiz e imediatamente percebi sua pulsação cardíaca descontrolada. As paredes do peito pareciam vibrar e estremecer como uma edificação frágil, em cujo interior funcionasse um poderoso maquinismo. No silêncio da sala, pude também ouvir um zumbido seco que vinha do mesmo lugar.

— Ora! — exclamei. — Você está com um aneurisma da aorta!

— É esse o nome que lhe dão os médicos — disse ele, placidamente. — Consultei um na semana passada, e ele me disse que isso está para estourar em poucos dias. Fui piorando com o passar dos anos. Fiquei assim por levar uma vida ao relento e sem alimentação adequada, entre as montanhas de Salt Lake. Mas agora meu trabalho já está concluído e não fará muita diferença se morrer hoje ou amanhã. De qualquer modo, gostaria de deixar um relato de tudo o que aconteceu. Não quero ser lembrado como um assassino comum.

O inspetor e os dois detetives tiveram uma rápida discussão sobre a conveniência de permitirem que ele narrasse sua história.

— Em sua opinião, doutor, há perigo de vida imediato? — perguntou o inspetor.

— Tudo leva a crer que sim — respondi.

— Nesse caso, visando ao interesse da justiça, nosso dever é tomar o seu depoimento — disse o inspetor.

— Pode fazer o seu relato, sr. Hope, mas torno a avisar que suas palavras serão registradas.

— Com sua licença, gostaria de sentar-me — disse o prisioneiro, passando das palavras à ação. — Esse aneurisma me deixa cansado com facilidade e a briga que tivemos há meia hora não melhorou em nada a situação. Estou à beira da sepultura, de modo que não iria mentir para os senhores. Cada palavra minha será a absoluta expressão da verdade e para mim não faz diferença o modo como irão usar o que eu disser.

Ao falar, Jefferson Hope recostou-se na cadeira e então teve início uma narrativa extraordinária. Ele se expressava em voz tranquila e metódica, como se os acontecimentos relatados fossem absolutamente corriqueiros. Posso atestar a precisão do que foi dito, porque tive acesso ao caderno de notas de Lestrade, no qual ficaram registradas as palavras do prisioneiro, exatamente como foram proferidas.

— Não lhes interessa muito o motivo pelo qual eu odiava aqueles homens — disse ele. — Basta saber que eram culpados da morte de dois seres humanos, pai e filha, e que por isso haviam perdido o direito à própria vida. Após todo o tempo decorrido desde que cometeram seu crime, seria impossível para mim apresentar acusação contra eles em qualquer tribunal. Mas eu sabia que eram culpados, de modo que decidi ser juiz, jurados e executor ao mesmo tempo. Os senhores agiriam da mesma forma, como homens de brio, se estivessem em meu lugar.

“A moça de quem falei ia casar-se comigo há vinte anos, mas foi obrigada a casar-se com esse Drebber, o que lhe despedaçou o coração e a matou. Tirei a aliança de seu dedo quando ela já estava no ataúde, jurando que os olhos agonizantes de Drebber se fechariam contemplando o anel, que seus últimos pensamentos seriam sobre o crime pelo qual era castigado. Levei a aliança sempre comigo e segui os dois, ele e seu cúmplice, através de dois continentes, até agarrá-los. Eles esperavam que eu me cansasse e

desistisse, mas não conseguiram. Se eu morrer amanhã, o que é bem provável, morrerei sabendo que cumpri minha missão nesse mundo e que a cumpri bem. Os dois morreram, e pelas minhas mãos. Não espero nem desejo mais nada.

“Os dois eram ricos e eu era pobre, de modo que não era fácil segui-los. Quando cheguei a Londres, estava com os bolsos vazios e percebi que precisava fazer alguma coisa para sobreviver. Conduzir cavalos e montá-los sempre foi tão natural para mim como caminhar, de modo que me apresentei ao dono de uma cocheira e logo consegui emprego. Deveria entregar-lhe uma determinada quantia semanal, e ficava com o dinheiro que sobrasse. Raramente sobrava grande coisa, mas dava para ir vivendo. O pior foi aprender a movimentar-me; confesso que, de todos os labirintos já inventados, o das ruas dessa cidade é o mais confuso. Mas eu tinha sempre comigo um mapa de Londres, e quando fiquei conhecendo a localização dos principais hotéis e estações, saí-me muito bem.

“Demorou algum tempo até que eu descobrisse onde moravam meus dois cavalheiros, mas fui perguntando, aqui e ali, até que finalmente os encontrei. Estavam hospedados em uma pensão em Camberwell, do outro lado do rio. Assim que os descobri, soube que estavam à minha mercê. Eu havia deixado a barba crescer e não havia possibilidade de me reconhecerem. Decidi rastreá-los e segui-los até chegar a minha oportunidade. Não os deixaria escapar dessa vez.

“Estiveram bem perto disso, mas onde quer que fossem em Londres, eu estava sempre nos seus calcanhares. Às vezes eu os seguia no meu cabriolé, outras vezes a pé, mas era melhor da primeira forma, porque assim não se distanciavam muito de mim. Só nas primeiras horas da manhã ou tarde da noite é que eu conseguia ganhar alguma coisa, de modo que comecei a ficar atrasado nos pagamentos ao dono da cocheira. Mas isso não me preocupava, desde que eu conseguisse pôr as mãos nos homens que perseguia.

“Mas os dois eram espertos. Devem ter imaginado que havia uma possibilidade de serem seguidos, porque nunca saíam sozinhos nem à noite. Fiquei atrás deles durante duas semanas, dia após dia, e nunca os vi separados. Drebber ficava embriagado a maior parte do tempo, mas Stangerson estava sempre vigilante. Continuei a vigiá-los, de manhã à noite, sem jamais encontrar a menor oportunidade. Mas isso não me desanimou,

porque algo me dizia que a hora estava próxima. Meu único receio era que essa coisa em meu peito pudesse estourar um pouco antes do tempo, impedindo que eu terminasse o trabalho.

"Uma noite, finalmente, quando eu subia e descia a Torquay Terrace, que é o nome da rua onde estavam hospedados, vi um cabriolé parar à porta da pensão. Pouco depois, algumas bagagens foram levadas para fora e, momentos mais tarde, surgiam Drebber e Stangerson. Os dois entraram no cabriolé e afastaram-se. Chicoteei meu cavalo, sem perdê-los de vista e bastante aborrecido, temendo que fossem mudar de pouso. Os dois saltaram na Euston Station. Deixei um garoto tomando conta de meu cavalo e os segui até a plataforma. Ouvi quando perguntaram pelo trem de Liverpool; o guarda respondeu que acabara de partir e que só haveria outro algumas horas mais tarde. Stangerson pareceu irritado com o contratempo, mas Drebber, pelo contrário, até parecia satisfeito. Cheguei tão perto deles, em meio à movimentação de passageiros, que ouvi cada palavra trocada entre os dois. Drebber disse que tinha um assunto particular para resolver e que se o outro o esperasse, logo se encontraria com ele. Seu companheiro não gostou da ideia, discutiu, lembrando que haviam decidido ficar sempre juntos, mas Drebber argumentou que o tal assunto era delicado e que precisava resolvê-lo sozinho.

"Não entendi o que Stangerson respondeu, mas o outro começou a praguejar, lembrando que ele não passava de um empregado assalariado, cuja função era apenas servi-lo, e não dizer-lhe o que devia fazer. O secretário compreendeu que não adiantava insistir, ficando então combinado que se Drebber perdesse o último trem, deveria ir encontrá-lo no Hotel Halliday. Drebber respondeu que estaria na estação antes das 23 horas, e foi embora.

"Finalmente chegara o momento pelo qual eu tanto esperara. Os inimigos estavam em meu poder. Juntos, poderiam proteger-se um ao outro, mas, separados, ficavam à minha mercê. Ainda assim, não agi precipitadamente. Já tinha tudo planejado e não há satisfação na vingança, a menos que a vítima tenha tempo de saber quem o ataca e por quê. Eu tramara uma maneira de fazer meu inimigo compreender que estava recebendo o justo pagamento por seu antigo pecado. Por acaso, alguns dias antes um cavalheiro que fora ver algumas casas na Brixton Road esquecera a chave de uma delas em meu cabriolé. Na mesma tarde ele a reclamou e ela lhe foi

devolvida, mas no intervalo pude tirar o molde da chave e mandar fazer uma duplicata. Dessa forma, eu teria acesso a pelo menos um lugar nessa grande cidade, onde poderia agir sem ser interrompido. Como atrair Drebber àquela casa era um problema difícil que eu teria que resolver.

"Ele desceu a rua e entrou em dois ou três bares, permanecendo no último por quase meia hora. Quando saiu, caminhava com passos pouco firmes, sinal de que exagerara na bebida. Um cupê ia logo à frente do meu cabriolé e Drebber o fez parar. Passei a segui-lo tão de perto que o focinho do meu cavalo nunca ficou a menos de um metro de seu cocheiro durante todo o trajeto. Cruzamos a ponte de Waterloo e percorremos quilômetros e quilômetros de ruas até que, para meu espanto, estávamos de volta à rua da pensão onde ele se hospedara. Eu não podia imaginar qual era a sua intenção ao voltar àquela casa, mas segui em frente e estacionei meu cabriolé a uns cem metros dali. Ele entrou no prédio e seu cupê foi embora. Por favor, deem-me um copo d'água. Estou com a boca seca de tanto falar."

Estendi-lhe o copo e ele bebeu todo o conteúdo.

— Assim está melhor — disse. — Bem, fiquei ali esperando durante uns 15 minutos mais ou menos, quando, de repente, ouvi um ruído como de pessoas lutando dentro da casa. Em seguida, a porta escancarou-se e surgiram dois homens. Um deles era Drebber, o outro, um rapaz que eu nunca vira antes. O jovem agarrava Drebber pela gola e, chegando ao alto da escada, deu-lhe um empurrão e um pontapé que o lançaram quase no meio da rua. "Patife!", gritou o rapaz, brandindo a bengala. "Eu lhe mostro como se insulta uma moça honesta!" Estava tão enfurecido que poderia ter moído Drebber a bengaladas, se o canalha não se apressasse a descer a rua, cambaleando o mais depressa que lhe permitiam as pernas sem firmeza. Correu assim até a esquina e, vendo meu cabriolé, fez sinal e embarcou. "Leve-me para o Hotel Halliday", disse ele.

"Quando ele entrou no meu cabriolé, senti o coração pulsar no peito com tamanha alegria, que receei que naquele último momento meu aneurisma não suportasse a tensão. Segui lentamente pela rua, pensando na melhor atitude a tomar. Poderia levá-lo diretamente para o campo e, em alguma estrada deserta, ter minha última entrevista com Drebber. Já estava quase decidido a fazer isso, quando ele próprio resolveu o problema para mim. Novamente dominado pela ânsia de beber, ordenou-me que parasse diante de um bar. Ele desceu e entrou, recomendando que ficasse à sua espera.

Ficou ali até a hora em que a casa fechou. Ao sair, estava tão embriagado que tive certeza de que não haveria possibilidade de me escapar.

“Não pensem que minha intenção era matá-lo a sangue-frio. Agindo assim, estaria cumprindo a mais estrita justiça, mas não me conformava com tão pouco. Há muito tempo eu decidira dar-lhe uma oportunidade de lutar pela vida, caso assim escolhesse. Entre os muitos ofícios que exerci na América durante minha vida de andarilho, uma ocasião fui porteiro e varredor do laboratório da Universidade de York. Um dia, o professor deu uma aula sobre venenos e mostrou aos alunos alguns alcaloides, como os chamava, que extraíra de determinado veneno para flechas da América do Sul, e disse que ele era tão potente que a menor dose provocava a morte imediata. Localizei o frasco em que era guardado aquele preparado e peguei uma pequena quantidade depois que todos se retiraram. Eu tinha alguma prática como farmacêutico, de modo que transformei aquele alcaloide em duas pequenas pílulas solúveis. Pus cada uma delas em uma caixinha, juntamente com uma pílula idêntica, mas feita sem o veneno. Decidi que quando chegasse momento do encontro com meus dois cavalheiros, cada um escolheria a sua pílula e eu ficaria com a restante. Seria um método igualmente mortal e muito menos barulhento que um revólver disparado através de um lenço. Daquele dia em diante, sempre carreguei comigo as caixinhas com as pílulas, e agora chegara o momento de usá-las.

“Estava mais perto de uma hora que de meia-noite. Era uma noite horrível, gelada, com um vento furioso, e chovia a cântaros. No entanto, por pior que fosse o tempo lá fora, por dentro eu estava eufórico, a ponto de desejar gritar de pura exultação. Se algum dos senhores já sonhou ardentemente com uma coisa durante vinte longos anos e, de repente, a tem ao alcance da mão, compreenderá como eu me sentia naquele momento. Acendi um charuto e dei algumas baforadas para acalmar os nervos, mas minhas mãos tremiam e as têmporas latejavam de excitação. Enquanto dirigia o cabriolé, podia ver o velho John Ferrier e a doce Lucy sorrindo para mim, do meio das trevas, tão nitidamente como agora eu os vejo aqui nessa sala. Durante todo o trajeto eles permaneceram na minha fente, um de cada lado do cavalo, até que parei diante da casa em Brixton Road.

“Não havia vivalma por perto e não se ouvia som algum, a não ser o da chuva caindo. Quando olhei pela janelinha do cabriolé, vi Drebber

encolhido no assento, dormindo seu sono de bêbado. Eu o sacudi por um braço.

"'Está na hora de descer', avisei.

"'Muito bem, cocheiro', respondeu.

"Acho que ele pensou que tínhamos chegado ao hotel que mencionara, porque saiu sem dizer mais nada e me seguiu pelo jardim. Tive que caminhar a seu lado para ampará-lo, porque não se sustentava direito nas pernas. Quando chegamos à porta, eu a abri e o fiz entrar na sala da frente. Dou-lhes a minha palavra de que, durante o tempo todo, pai e filha iam caminhando à nossa frente.

"'Está escuro como o diabo', disse ele, arrastando os pés.

"'Logo teremos luz', falei, riscando um fósforo e acendendo uma vela de cera que levara comigo. 'E agora, Enoch Drebber', acrescentei, virando-me para ele e erguendo a vela à altura do meu rosto, 'quem sou eu?'

"A princípio, ele me fitou com uma expressão apática e embriagada, mas depois o horror brotou em seus olhos e distorceu suas feições, sinal de que me identificara. Recuou, com o rosto lívido, enquanto eu notava o suor que lhe pontilhava a testa e ouvia seus dentes batendo. Diante daquele quadro, encostei-me na porta e caí na gargalhada. Eu sempre imaginara que a vingança seria doce, mas nunca esperara ser dominado por tanta satisfação.

"'Cão asqueroso!', exclamei. 'Segui seu rastro de Salt Lake City a São Petersburgo, mas sempre me escapou. Agora, finalmente, suas andanças terminaram, porque um de nós dois não verá o sol nascer amanhã.'

"O sangue martelava nas minhas têmporas e acho que teria tido algum tipo de ataque, se parte dele não esguichasse pelo meu nariz, deixando-me aliviado.

"'O que pensa agora de Lucy Ferrier?', gritei, trancando a porta e sacudindo a chave diante de seu rosto. 'O castigo custou a chegar, mas finalmente o alcançou!'

"Vi como os lábios do covarde tremiam enquanto eu falava. Drebber teria implorado por sua vida, mas sabia perfeitamente que seria inútil.

"'Vai me assassinar?', ele gaguejou.

"'Não haverá nenhum assassinato', disse. 'Desde quando matar um cão danado é assassinato? Que piedade você teve com a minha infeliz noiva, quando a arrancou de perto do túmulo do pai trucidado e a levou para o seu harém amaldiçoado e indecente?'

“‘Não fui eu que matei o pai dela!’, exclamou ele.

“‘Mas foi você que despedaçou o coração inocente dela!’, vociferei, estendendo a caixinha para ele. ‘Que Deus julgue entre nós dois. Escolha uma e engula. Há morte em uma delas e vida na outra. Ficarei com a que você rejeitar. Vejamos se existe justiça na Terra ou se somos governados pelo acaso!’

“Acovardado, ele tentou fugir, entre gritos alucinados e súplicas por misericórdia, mas puxei minha faca e a encostei em sua garganta até ele obedecer-me. Engoli a pílula restante e ficamos de pé, frente a frente, por um minuto ou mais, esperando para saber quem viveria e quem morreria. Jamais poderei esquecer a expressão que surgiu no rosto dele, ao sentir as primeiras pontadas de dor, anunciando que o veneno estava em seu organismo! Ri quando vi aquilo, e então suspendi a aliança de Lucy diante de seus olhos. Foi apenas por um rápido instante, porque a ação do alcaloide é fulminante. Um espasmo de agonia contorceu-lhe as feições; ele estendeu as mãos para a frente, cambaleou e, então, com um grito rouco, caiu pesadamente no chão. Virei-o com o pé e pus a mão sobre seu coração. Não senti nada. Drebber estava morto!

“O sangue estivera correndo do meu nariz, mas eu nem percebera. Não sei a que atribuir a ideia que tive de usá-lo para escrever na parede. Talvez fosse o desejo malicioso de lançar a polícia em uma pista falsa, porque me sentia alegre, bem-humorado. Recordei o caso de um alemão encontrado morto em Nova York, com a palavra *RACHE* escrita acima dele. Na ocasião, os jornais atribuíram aquilo a sociedades secretas. Imaginei que, como aquilo confundira os nova-iorquinos, confundiria também os londrinos. Então, molhando o dedo em meu sangue, escrevi a mesma palavra em um lugar conveniente da parede. Voltei depois para meu cabriolé. A rua continuava deserta, porque era uma noite horrível. Já havia percorrido uma certa distância quando, ao pôr a mão no bolso onde costumava guardar a aliança de Lucy, dei pela falta dela. Fiquei completamente aturdido, porque era a única recordação que restara dela. Imaginando que devia tê-la deixado cair quando me debrucei sobre o corpo de Drebber, voltei, deixei o cabriolé numa rua lateral e, numa atitude ousada, fui até a casa, porque eu estava disposto a tudo, menos a ficar sem aquela aliança. Ao chegar lá, quase esbarro em um policial que ia saindo, e só consegui afastar-lhe as suspeitas fingindo estar completamente embriagado.

“Foi assim que Enoch Drebber morreu. Agora, tudo que eu tinha a fazer era dar o mesmo castigo a Stangerson, para que ele pagasse sua dívida com John Ferrier. Eu sabia que ele estava hospedado no Hotel Halliday, e perambulei pelos arredores o dia inteiro, mas ele não saiu nem uma vez. Imagino que suspeitasse de algo, quando Drebber deixou de ir ao seu encontro. Stangerson era esperto, nunca afrouxava a guarda. Mas se pensava que podia livrar-se de mim ficando dentro do hotel, estava redondamente enganado. Logo descobri qual era a janela de seu quarto. Na manhã seguinte, usando uma das escadas que eram deixadas na alameda atrás do hotel, entrei no seu quarto quando o dia mal clareava. Acordei-o e disse-lhe que chegara a hora de prestar contas pela vida que tirara, tanto tempo antes. Descrevi-lhe a morte de Drebber e dei a ele a mesma possibilidade de escolha das pílulas envenenadas. Em vez de aceitar a oportunidade de salvação que eu lhe oferecia, saltou da cama e pulou no meu pescoço. Para defender-me, dei-lhe uma punhalada no coração. De qualquer maneira, seu fim havia chegado, porque a Providência jamais permitiria que sua mão homicida pegasse uma pílula que não fosse a envenenada.

“Tenho pouca coisa a acrescentar, felizmente, porque estou no fim das forças. Continuei trabalhando em meu cabriolé por mais um ou dois dias, esperando juntar o dinheiro suficiente para voltar aos Estados Unidos. Estava parado no pátio da cocheira quando apareceu um garoto maltrapilho perguntando por um cocheiro chamado Jefferson Hope e dizendo que um cavalheiro precisava do meu cabriolé no 221 B da Baker Street. Fui até lá sem desconfiar de nada. Sei apenas que, no momento seguinte, esse jovem aqui me punha as algemas nos pulsos com uma eficiência que nunca vi na vida. Aí está toda a minha história, senhores. Talvez me considerem um assassino, mas garanto que sou um instrumento da justiça tanto quanto os senhores.”

A narrativa daquele homem havia sido tão emocionante e seus modos tão impressionantes que ficamos sentados calados e absortos. Os próprios investigadores profissionais, apesar de experientes em todos os aspectos do crime, mostravam-se francamente interessados na história de Jefferson Hope. Quando ele terminou, ficamos alguns minutos imóveis e num silêncio rompido apenas pelo ruído do lápis de Lestrade correndo pelo papel, enquanto dava o retoque final às suas notas taquigrafadas.

— Há apenas um ponto sobre o qual gostaria de ter mais informação — disse Sherlock Holmes, finalmente. — Quem era o cúmplice que você enviou para recuperar a aliança, em resposta ao meu anúncio?

O prisioneiro deu uma piscadela irônica para o meu amigo.

— Posso revelar-lhe os meus segredos, mas não gosto de criar problemas para outras pessoas — respondeu. — Li o seu anúncio e pensei que tanto poderia ser uma cilada como poderia ser realmente a aliança que eu perdera. Meu amigo ofereceu-se para verificar em meu lugar. Sem dúvida, tem que admitir que ele se saiu muito bem.

— Sem sombra de dúvida! — exclamou Holmes com veemência.

— E agora, cavalheiros, devemos cumprir as formalidades legais — observou gravemente o inspetor. — Na quinta-feira, o detido será levado ao tribunal e, naturalmente, deverão estar todos presentes. Até lá, serei o responsável por ele.

Tocou uma sineta enquanto falava e Jefferson Hope foi levado por dois guardas, enquanto eu e meu amigo deixávamos o posto policial e tomávamos um cabriolé para voltarmos a Baker Street.

7

CONCLUSÃO

TODOS NÓS HAVÍAMOS SIDO CONVOCADOS A COMPARECER PERANTE os magistrados na quinta-feira. Mas quando esse dia chegou, não houve mais necessidade dos nossos depoimentos. Um juiz mais elevado se encarregara do assunto e Jefferson Hope fora convocado a um tribunal que o julgaria com a mais absoluta justiça. Na própria noite após sua captura, seu aneurisma estourou e, de manhã, ele foi encontrado caído no chão da cela, com um sorriso plácido nos lábios. Era como se, enquanto agonizava, tivesse podido recapitular sua vida e concluíra que ela fora útil, que pudera desempenhar bem a sua missão.

— Gregson e Lestrade ficarão furiosos com essa morte — observou Holmes, enquanto comentávamos o caso na noite seguinte. — Acabou-se a grande publicidade que esperavam conseguir.

— Que eu saiba, os dois tiveram pouco a ver com a captura de Hope — respondi.

— O que fazemos nesse mundo não tem muita importância — comentou meu companheiro em tom amargo. — A questão é o que os outros acham que fizemos. De qualquer modo, eu não perderia essa investigação por nada — acrescentou ele, mais animado, após uma pausa. — Que me lembre, ainda não houve um caso melhor. Apesar de simples, teve muitos pontos instrutivos.

— Simples? — exclamei.

— Bem, na verdade, dificilmente poderíamos considerá-lo de outra forma — disse Sherlock Holmes, sorrindo da minha surpresa. — A prova

de sua simplicidade intrínseca é que, sem dispor de outra ajuda além de algumas deduções bastante comuns, pude pegar o criminoso em três dias.

— Isso é verdade — concordei.

— Como já expliquei antes, qualquer coisa fora do comum em geral constitui mais uma orientação do que propriamente um obstáculo. Quando se resolve um problema desse tipo, é essencial saber-se raciocinar de modo retroativo. É um processo muito útil, além de bastante fácil, apesar de ser pouco empregado. Para os assuntos corriqueiros do dia a dia, o mais conveniente é o raciocínio para adiante, em termos de futuro, e assim o contrário acaba sendo negligenciado. Para cinquenta pessoas que podem raciocinar sinteticamente, há uma capaz de raciocinar analiticamente.

— Confesso que não entendo bem o que quer dizer — falei.

— Não esperava que entendesse. Vejamos se consigo ser mais claro. De modo geral, quando se descreve a algumas pessoas uma série de acontecimentos, elas são capazes de imaginar qual o resultado provável. Mentalmente, alinhavam esses acontecimentos e assim conseguem deduzir o que poderá acontecer em consequência. No entanto, há um número reduzido de pessoas que, se informadas de um resultado, têm a capacidade de dissecá-los interiormente e deduzir que conjunto de fatores levou a esse resultado. É a essa faculdade que me refiro quando falo em raciocínio retroativo ou analítico.

— Compreendo — falei.

— O caso atual foi um desses em que temos o resultado e precisamos descobrir o resto por nós mesmos. Agora, tentarei explicar-lhe as diferentes fases de meu raciocínio. Como bem sabe, cheguei àquela casa a pé e com a mente inteiramente isenta de todas as impressões. Naturalmente, comecei pelo exame da rua, e lá, como já lhe expliquei, vi as marcas nítidas deixadas por um cabriolé, que, como confirmei pelas perguntas que fiz, devia ter estado lá durante a noite. Tive certeza de que era um carro de aluguel e não um particular, por causa da bitola estreita das rodas. A geringonça comum de Londres é bem mais estreita do que o cupê de um cavalheiro.

“Este foi o primeiro tento. Depois, caminhei lentamente pela trilha do jardim, de solo argiloso e muito adequado para guardar marcas. Para você, aquilo deve ter parecido um lamaçal pisoteado, mas, para meus olhos treinados, cada marca deixada ali tinha um significado. Nenhum ramo da ciência da investigação é tão importante e tem sido tão negligenciado

quanto a arte de identificar pegadas. Por sorte, sempre tive um carinho especial por esse ponto, que a prática constante transformou em uma segunda natureza para mim. Notei as pegadas pesadas do policial, mas também reparei nas de dois homens que haviam passado primeiro por aquele jardim. Era fácil afirmar que tinham estado lá antes dos outros, porque em alguns lugares suas pegadas haviam sido inteiramente apagadas pelas posteriores. Com isso, formei o segundo elo de minha cadeia, que me indicou que os visitantes noturnos eram dois, um deles notável pela altura (como calculei pelo comprimento de suas passadas) e o outro elegantemente vestido, a julgar pelas marcas pequenas e delicadas deixadas por suas botinas.

"Ao entrar na casa, foi confirmada essa última suposição. O homem de calçado fino estava diante de mim. Então, fora o outro, o alto, que cometera o assassinato, se é que houvera crime. Não havia ferimentos aparentes na vítima, embora a expressão dramática de seu rosto me garantisse que ele pressentira o próprio destino, antes que este o abatesse. Homens que morrem em consequência de doenças cardíacas ou por qualquer outra causa súbita e natural jamais ficam com as feições contraídas daquele jeito.

"Ao cheirar os lábios do morto, percebi um leve odor acre, o que me indicou que ele fora obrigado a ingerir veneno. Tornei a afirmar que fora forçado por causa do ódio e do medo estampados em suas feições. Cheguei a esse resultado baseando-me no método de exclusão, porque nenhuma outra hipótese se encaixaria nos fatos. Não pense que foi uma ideia sem precedentes, algo inédito. A ingestão forçada de veneno não é, nem de longe, uma coisa nova nos anais do crime. Um toxicologista recordaria imediatamente os casos de Dolsky, em Odessa, e de Leturier, em Montpellier.

"Agora vinha o ponto principal: o motivo. Roubo era algo fora de cogitação, já que nada fora levado. Seria então algo ligado à política? Mulheres? Foi essa a questão com que me defrontei. Desde o início, optei pela segunda hipótese. Os assassinos políticos fazem o seu serviço e dão logo o fora. Aquele assassinato, no entanto, havia sido cometido com a máxima deliberação e o criminoso deixara pistas por toda a sala, indicando que permanecera ali o tempo todo. Devia ser algo relacionado com um caso pessoal, e não político, para exigir uma vingança tão metódica. Quando foi descoberta a inscrição na parede, fiquei mais convencido ainda de que

minha opinião estava certa. Evidentemente, aquilo era um despistamento. Mas quando a aliança foi encontrada, a questão foi resolvida. Era evidente que o assassino a usara para que sua vítima recordasse alguma mulher morta ou ausente. Foi nessa ocasião que perguntei a Gregson se no telegrama enviado a Cleveland ele solicitara informações sobre algum ponto específico da vida do falecido sr. Drebber. Como pode lembrar-se, ele respondeu com uma negativa.

“Passei então a fazer uma revista cuidadosa do aposento, o que serviu para confirmar minha ideia sobre a altura do assassino, além de fornecer detalhes adicionais, como o charuto Trichinopoly e o comprimento de suas unhas. Como não havia sinais de luta, eu já chegara à conclusão de que o sangue espalhado no assoalho escorrera do nariz do assassino, em consequência de sua excitação. Pude notar que a trilha do sangue salpicado coincidia com a de seus pés. É raro que um homem, a menos que tenha constituição sanguínea, deite tanto sangue em consequência da tensão do momento, e então pensei na hipótese de que o criminoso provavelmente seria um homem robusto e de rosto corado. Os fatos provaram que eu tinha razão.

“Após deixar a casa, fiz o que Gregson tinha deixado de fazer. Telegrafei ao chefe de polícia de Cleveland, pedindo informações apenas sobre as circunstâncias relacionadas com o casamento de Enoch Drebber. A resposta foi conclusiva. Segundo ele, Drebber já solicitara a proteção da lei contra um antigo rival num caso de amor, chamado Jefferson Hope, acrescentando que esse Hope estava na Europa. Fiquei sabendo então que já tinha a chave do mistério nas mãos, e só faltava agarrar o assassino.

“Eu já estava convencido de que quem entrara na casa com Drebber era o homem que dirigira o cabriolé. Os sulcos na rua indicavam que o cavalo estivera vagando de um lado para outro, o que seria impossível se alguém tivesse permanecido na boleia. Onde, então, estaria o cocheiro, a não ser no interior da casa? Novamente, seria absurdo supor que qualquer homem, em seu juízo perfeito, cometesse um crime deliberadamente na presença, por assim dizer, de uma terceira pessoa, que certamente o denunciaria. Finalmente, supondo-se que um indivíduo quisesse seguir outro através da cidade, nada mais conveniente do que transformar-se em cocheiro de aluguel! Todas essas ponderações levaram-me à conclusão irresistível de que Jefferson Hope deveria ser procurado entre os cocheiros da metrópole.

“Se ele adotara o disfarce de cocheiro, não havia motivos para crer que já o tivesse abandonado. Pelo contrário. Analisando-se a situação desse ponto de vista, qualquer mudança repentina certamente chamaria a atenção para ele. Em vista disso, era provável que, pelo menos durante algum tempo, continuasse exercendo a mesma profissão. Também não havia motivos para supor que ele estivesse usando um nome trocado. Por que mudá-lo em um país onde ninguém o conhecia? Assim pensando, organizei a minha patrulha de detetives, formada por garotos de rua, cuja missão seria investigar sistematicamente cada proprietário de cabriolé de aluguel em Londres, até encontrarem o homem que me interessava. Ainda deve se lembrar como eles foram bem-sucedidos e com que rapidez tirei proveito disso. O assassinato de Stangerson foi um acidente inteiramente inesperado, mas que, de qualquer modo, dificilmente poderia ser evitado. E foi por causa desse homicídio, como bem sabe, que me apoderei das pílulas, de cuja existência, aliás, eu já havia suspeitado. Assim, como vê o meu amigo, toda a situação foi um encadeamento lógico de sequências, sem a menor falha ou interrupção.”

— É maravilhoso! — exclamei. — Seus méritos deviam ser reconhecidos publicamente. Devia mesmo publicar um relato do caso. Se não o fizer, faço-o eu!

— Fica a seu critério, meu caro doutor — disse ele. — Veja isto! — acrescentou, estendendo-me o jornal. — Leia o que diz aí!

Era um exemplar do *Echo* daquele dia, e o parágrafo que ele indicou fazia comentários sobre o caso. Dizia o jornal:

> *O público perdeu a rara oportunidade da assistir a um julgamento sensacional, por causa da morte súbita de Hope, suspeito dos assassinatos de Enoch Drebber e Joseph Stangerson. Provavelmente, os detalhes do caso jamais chegarão a ser conhecidos, embora tenhamos informações seguras de que o crime foi o desfecho de uma antiga disputa sentimental, em que o amor e o mormonismo tiveram seu papel. Parece que, quando jovens, as duas vítimas pertenceram à religião dos Santos dos Últimos Dias, e que Hope, o prisioneiro falecido, também provinha de Salt Lake City. Embora o caso não tivesse prosseguimento, pelo menos serviu para evidenciar, de maneira notável, a eficiência de nossa força policial, e poderá ainda ser uma*

lição a todos os estrangeiros, mostrando que é melhor resolverem suas divergências nos respectivos países de origem, em vez de transferi-las para solo britânico. Não é nenhum segredo que o mérito por essa brilhante captura cabe inteiramente aos conhecidos investigadores da Scotland Yard, senhores Lestrade e Gregson. Ao que parece, o acusado foi detido na residência de um certo sr. Sherlock Holmes, ele próprio um detetive amador que demonstrou algum talento nessa especialidade. Aliás, dispondo de mestres assim, é provável que, com o tempo, ele venha a adquirir certo grau da habilidade demonstrada pelos dois. Seria justo que os dois dedicados funcionários fossem agraciados com algum prêmio especial, em reconhecimento por seus relevantes serviços.

— Não foi justamente o que lhe disse desde o início? — exclamou Sherlock Holmes, com uma risada.

— Aí temos o resultado do nosso *Estudo em Vermelho*: conferir a eles o reconhecimento público!

— Que diferença faz? — observei. — Tenho todos os fatos registrados em meu diário e serão levados ao conhecimento do público. Até lá, você deverá contentar-se com a convicção íntima de ter sido o vitorioso, como aquele avarento romano:

Populus me sibilat, at mihi plaudo
Ipse domi simul ac nummos contemplar in arca.[4]

[4] “O povo me vaia, mas eu me aplaudo quando contemplo meu dinheiro no cofre.” (N.T.)

O SINAL
DOS QUATRO

1

A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

Sherlock Holmes pegou o frasco de cocaína no consolo da lareira e tirou a seringa de injeções hipodérmicas do estojo de marroquim. Com os dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a agulha delicada e arregaçou a manga esquerda da camisa. Ficou pensativo por algum tempo, olhando para as marcas e cicatrizes no antebraço, causadas pelas contínuas picadas. Finalmente, introduziu a ponta fina, apertou o êmbolo e recostou-se na poltrona com um suspiro prolongado de satisfação.

Três vezes por dia, durante muitos meses, eu tinha assistido a essa operação, mas não conseguia me acostumar a ela. Pelo contrário, cada dia eu ficava mais irritado com esse espetáculo, e todas as noites a minha consciência me acusava de covarde por não protestar.

Mil vezes eu dissera a mim mesmo que lavava as mãos nesse caso. Havia no ar indolente do meu amigo tamanha frieza, que ninguém ousaria permitir-se a menor liberdade. As suas grandes qualidades, o seu jeito superior e o conhecimento que eu tinha das suas faculdades extraordinárias me intimidavam e me faziam recuar.

Mesmo assim, naquela tarde, fosse por causa do Beaune que eu tinha tomado no almoço ou por uma irritação maior diante do seu desembaraço, senti de repente que devia protestar.

— O que é hoje: morfina ou cocaína? — perguntei.

Ele ergueu os olhos languidamente do velho livro em letra gótica que abrira, e respondeu:

— É cocaína, em solução de 7%. Quer experimentar?

— Não — respondi asperamente. — O meu organismo ainda não se recuperou da campanha no Afeganistão. Não aguenta esses excessos.

Ele sorriu da minha veemência e disse:

— Talvez você tenha razão, Watson. Parece-me que sua influência no físico é nefasta. Mas é tão estimulante para o espírito e deixa a mente tão clara que os efeitos secundários não têm muita importância.

— Mas pense no que isso vai lhe custar — observei com seriedade. — O seu cérebro pode, como diz, ser estimulado, mas por um processo patológico e mórbido que envolve uma alteração nos tecidos e pode, no mínimo, provocar uma fragilidade permanente. Você bem sabe como a reação é terrível. É uma coisa que não vale a pena. Por que é que você deveria, por causa de um prazer passageiro, arriscar-se a perder a grande capacidade com que foi dotado? Lembre-se de que não lhe falo apenas como um camarada, mas como um médico que tem uma certa responsabilidade pela sua saúde.

Ele não pareceu ofendido. Pelo contrário, juntou as pontas dos dedos e apoiou os cotovelos nos braços da poltrona, como se estivesse saboreando a conversa.

— O meu espírito rebela-se contra a estagnação — disse ele. — Deem-me problemas, muito trabalho, o mais complicado criptograma ou a mais intrincada análise e eu estarei no meu meio. Então, dispensarei todos os estimulantes artificiais. Detesto a rotina monótona da existência. Anseio pela exaltação mental. Foi por isso que escolhi a minha profissão especial. Ou melhor, eu a criei, porque sou o único no mundo.

— O único detetive particular? — perguntei, erguendo as pálpebras.

— O único detetive consultor particular — respondeu. — Eu sou o último e supremo recurso nos casos criminais. Quando Gregson, Lestrade ou Athelney Jones ficam desorientados, o que, aliás, é o estado normal deles, trazem-me o caso para que eu o examine. Verifico os dados como um perito, e dou uma opinião de especialista. Nesses casos, não reivindico o mérito. Meu nome não aparece nos jornais. O trabalho em si e o prazer de descobrir uma área para exercitar as minhas faculdades são a minha maior recompensa. Você mesmo teve ocasião de observar o meu método de trabalho no caso de Jefferson Hope.

— Isso é verdade! — eu disse, com lealdade. — Nunca em minha vida houve algo que me impressionasse tanto. Eu até transformei esse caso numa

pequena brochura, com o título um tanto fantástico de *Um estudo em vermelho*.

Ele abanou a cabeça tristemente:

— Eu dei uma olhada nesse trabalho e, na verdade, não posso felicitá-lo por ele. A investigação é, ou deveria ser, uma ciência exata e, portanto, deve ser tratada da mesma forma fria, sem emoção. Você tentou dar-lhe um sabor romântico, e o efeito é o mesmo que transformar uma história de amor, ou uma fuga romântica, na quinta proposição de Euclides.

— Mas o romance lá está — reagi. — Eu não posso desprezar os fatos.

— Alguns fatos deviam ter sido suprimidos, ou, pelo menos, devia ter observado um sentido correto de proporção ao tratar deles. O único ponto da questão que merecia ser mencionado era o curioso raciocínio analítico dos efeitos para as causas, por meio do qual consegui desvendar tudo.

Fiquei magoado com essa crítica a um trabalho que eu fizera especialmente para agradar-lhe. Confesso também que me irritava a vaidade, que parecia exigir que cada linha do meu folheto fosse dedicada a exaltar seus feitos. Por mais de uma vez eu tinha observado que havia vaidade por trás do modo tranquilo e didático do meu companheiro.

Entretanto, não fiz nenhuma observação, e fiquei sentado afagando minha perna ferida. Algum tempo antes ela fora atingida por uma bala Jezail e, embora não me impedisse de andar, doía sempre que o tempo mudava.

— Minha atividade ampliou-se recentemente até o continente — disse Holmes depois de um silêncio, enchendo de novo o cachimbo. — Na semana passada fui consultado por François le Villard, que, como você provavelmente sabe, passou a dirigir há pouco tempo o serviço policial francês. Tem a capacidade céltica da intuição rápida, mas tem deficiências quanto aos conhecimentos essenciais ao desenvolvimento supremo da sua arte. O caso dizia respeito a um testamento e tinha algumas características interessantes. Mencionei-lhe dois casos semelhantes, um ocorrido em Riga, em 1857, e o outro em Saint Louis, em 1871, que sugeriram a ele a verdadeira solução. Aí está a carta que recebi dele esta manhã, agradecendo-me o auxílio.

Estendeu-me uma folha de papel estrangeiro dobrada. Num relance, vi uma profusão de pontos de exclamação entre alguns *magnifique coup-de-maître e tours de force*, que demonstravam a grande admiração do francês.

— Fala como um discípulo dirigindo-se ao mestre — comentei.

— Oh! ele exagera o meu auxílio — disse Holmes com displicência. — Ele próprio tem um talento considerável. Tem duas das três qualidades essenciais ao detetive perfeito: capacidade de observação e de dedução. Faltam-lhe conhecimentos, mas isso virá com o tempo. Ele está agora traduzindo os meus pequenos trabalhos para o francês.

— Seus trabalhos?

— Ah, não sabia? — disse ele, rindo. — É verdade, cometi o delito de escrever várias monografias. Todas sobre assuntos técnicos. Aqui tem uma, por exemplo: é sobre a *Diferença entre as cinzas dos vários tipos de tabaco*. Eu relaciono 140 tipos de fumo de charuto, cigarro e cachimbo, com ilustrações mostrando a diferença das cinzas. É um ponto sempre controverso nos casos criminais, e que muitas vezes constitui o fio da meada. Se você puder determinar com segurança que um assassinato foi cometido por um homem que estava fumando um *lunkah* indiano, isso obviamente restringe o campo de investigações. Para o olho treinado, há tanta diferença entre as cinzas de dois fumos distintos como entre um repolho e uma batata.

— Você tem um talento especial para os detalhes — observei.

— Dou-lhes um valor muito grande. Esta é a minha monografia sobre pegadas, com algumas observações sobre o uso do gesso para conservar as *impressões*. Aqui está também um trabalhinho curioso sobre a influência do ofício na forma da mão, com reproduções das mãos de revestidores de telhados, marinheiros, calafates, compositores, tecelões e lapidadores. É um assunto de grande interesse prático para a investigação científica, principalmente nos casos de corpos não reclamados, ou para descobrir os antecedentes dos criminosos. Mas eu estou cansando você com esta minha mania.

— De modo algum — respondi com sinceridade. — Isso me interessa muito, principalmente desde que o vi aplicar os seus métodos. Mas falou há pouco sobre observação e dedução. Acho que, até um certo ponto, uma influi na outra.

— Sim, talvez... — respondeu, encostando-se voluptuosamente na poltrona e tirando do cachimbo baforadas azuladas. — Por exemplo: a observação me mostra que você esteve esta manhã na agência postal da Wigmore Street e a dedução indica que foi passar um telegrama.

— Exato! Perfeito nos dois pontos! Mas confesso que não sei como chegou a essa conclusão. Foi uma resolução repentina, e não falei sobre isso a ninguém.

— Pois é a própria simplicidade — observou ele, rindo da minha surpresa. — Tão absurdamente simples que qualquer explicação é supérflua; mas, mesmo assim, serve para definir os limites da observação e da dedução. A observação me diz que no peito do seu pé há um pouco de terra avermelhada. Exatamente em frente à agência de Wigmore Street retiraram o calçamento e jogaram terra para fora, que ficou acumulada de uma forma que é impossível passar por ali sem que ela entre pelo sapato. A cor avermelhada da terra, que eu saiba, não se encontra em nenhum outro lugar da vizinhança. Até aqui é a observação. O resto foi dedução.

— E por que deduziu que era um telegrama?

— Porque eu sabia que você não escrevera nenhuma carta, já que fiquei sentado aqui na sua frente a manhã inteira. Estou vendo na sua escrivaninha um grande maço de cartões-postais e uma folha de selos. O que iria fazer no correio, a não ser passar um telegrama? Eliminando todos os outros fatores, o que sobra tem que ser o verdadeiro.

— Neste caso, acertou inteiramente — disse depois de alguns minutos de reflexão. — Mas, como você disse muito bem, o caso é bastante simples. Acha que seria impertinência minha se eu quisesse testar suas teorias num caso mais difícil?

— Pelo contrário — respondeu-me. — Vai até evitar que eu tome uma segunda dose de cocaína. Eu adoraria examinar algum outro problema que você queira me apresentar.

— Ouvi você dizer que é difícil uma pessoa ter um objeto de uso constante sem deixar nele a marca de sua individualidade de tal modo que um bom observador não a descubra. Bem, tenho aqui um relógio que passou a me pertencer há pouco tempo. Quer ter a bondade de dar a sua opinião sobre o caráter ou os hábitos do seu último dono?

Entreguei-lhe o relógio, intimamente divertido com a experiência que eu julgava impossível, e que serviria para dar-lhe uma lição, devido ao tom dogmático que adotava quase sempre. Ele examinou o relógio, olhou atentamente o mostrador, abriu-o e examinou o mecanismo, primeiro a olho nu e depois com uma poderosa lente convexa. Eu mal podia conter o riso

diante de sua expressão desanimada, até que fechou a tampa e devolveu-me o relógio.

— Há muito poucos dados — observou. — Limparam o relógio recentemente, e isso me subtraiu o que havia nele de mais sugestivo.

— Tem razão, fizeram uma limpeza nele antes de o mandarem para mim.

No meu íntimo, eu acusava o meu amigo de dar uma desculpa fraca e pouco convincente para encobrir o seu fracasso. Que informações ele poderia obter se não tivessem limpado o relógio?

— Apesar de incompleta, a minha pesquisa não foi totalmente inútil — observou ele, olhando para o teto com olhos opacos e sonhadores. — Talvez eu esteja errado, mas acho que o relógio pertencia a seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.

— Isto, sem dúvida, você descobriu pelas iniciais *H.W.* da tampa.

— Exatamente. O *W* sugeriu-me o seu próprio nome. A data do relógio é de uns cinquenta anos atrás e as iniciais têm o mesmo tempo que o relógio; portanto, foi feito para a última geração. Em geral, as joias pertencem ao filho mais velho, que quase sempre tem o mesmo nome do pai. O seu pai, se me lembro bem, já morreu há anos. O relógio estava, portanto, com o seu irmão.

— Até aí, tudo bem — disse eu. — Mais alguma coisa?

— O seu irmão era um homem desorganizado, muito desorganizado e descuidado. Recebeu recursos para ter um belo futuro, mas jogou fora suas oportunidades. Viveu alguns anos na pobreza com alguns intervalos curtos de prosperidade, e, por fim, adquiriu o hábito de embriagar-se e morreu. Foi o que pude concluir.

Levantei-me da cadeira e comecei a andar pelo quarto, agitado e muito magoado.

— Isto é indigno de você, Holmes — eu disse. — Não acreditaria nunca que fosse capaz de chegar a esse ponto. Pelo que vejo, andou indagando a respeito da história do meu irmão infeliz e quer me fazer crer que são deduções feitas a partir de bases imaginárias. Você quer que eu acredite que descobriu tudo isso no relógio? Isto é cruel e, para falar com franqueza, tem um toque de charlatanismo.

— Meu caro doutor, peço que aceite minhas desculpas — disse ele gentilmente. — Olhando o caso como um problema abstrato, esqueci que é

uma coisa pessoal e dolorosa para você. Porém, garanto-lhe que nem sabia que você tinha um irmão até o momento em que me mostrou este relógio.

— Nesse caso, como soube de todas essas coisas? São absolutamente corretas nos menores detalhes!

— Então tive muita sorte! Tudo o que disse era para mim apenas provável. Não pensei que fosse tão preciso.

— Mas não foi simples adivinhação?

— Ah! não, nunca adivinho. É um péssimo hábito, que destrói a capacidade lógica. Parece-lhe extraordinário porque você não seguiu o encadeamento de pensamentos nem observou os pequenos fatos dos quais dependem as consequências maiores. Por exemplo: comecei verificando que o seu irmão era descuidado. Observando a parte inferior da caixa do relógio, vê-se que ele não só está amassado em dois lugares, como também está muito arranhado porque ele tinha o hábito de pôr no mesmo bolso, junto com o relógio, outros objetos, como chaves ou moedas. Certamente não é uma grande façanha presumir que um homem que trata assim um relógio caro é descuidado. Nem é absurdo achar que quem herda um objeto desse valor dispõe de recursos.

Balancei a cabeça para mostrar que acompanhava seu raciocínio.

— Na Inglaterra, os agiotas que recebem um relógio como garantia do empréstimo costumam raspar o número da etiqueta com a ponta de um alfinete dentro da caixa. Com a minha lente, vi quatro desses números na caixa, e concluí que por várias vezes o seu irmão esteve em dificuldades financeiras, e que também teve momentos de prosperidade, do contrário não teria podido retirar o objeto empenhado. Finalmente, peço-lhe que olhe para a chapa interna onde está o buraco da chave. Veja as centenas de arranhões em volta do buraco; são marcas das vezes em que a chave escorregou. A chave de um homem sóbrio nunca produziria todos esses arranhões, ao passo que os relógios dos homens que se embriagam têm essas marcas. Dão corda à noite e, assim, deixam os vestígios da mão vacilante. Onde está o mistério disso?

— Está claro como a luz do sol — respondi. — Lamento a minha injustiça com você. Devia ter confiado mais na sua capacidade fantástica. Está investigando algum caso no momento?

— Nenhum. Daí a cocaína. Não posso viver sem uma atividade cerebral. A que mais se deve dedicar a vida? Olhe pela janela. Pode haver um mundo

mais triste, horrendo e inútil? Veja como o nevoeiro amarelado corre pela rua e é impelido para as casas sombrias. O que poderá haver de mais irremediavelmente prosaico e material? Para que servem os poderes, doutor, quando não há campo para exercê-los? O crime é comum, a existência é comum, e as qualidades não têm função na Terra, a não ser as comuns.

Eu ia dar uma resposta a esse comentário quando a nossa senhoria, com uma batida seca, entrou na sala trazendo um cartão numa bandeja de metal.

— Uma moça quer falar com o senhor — disse ela, dirigindo-se ao meu companheiro.

— Srta. Mary Morstan — ele leu. — Hum! Não me lembro desse nome. Peça para subir, sra. Hudson. Não vá, doutor, prefiro que fique.

2

A EXPOSIÇÃO DO CASO

A SRTA. MORSTAN ENTROU COM PASSO FIRME E UMA APARÊNCIA de seriedade. Era uma jovem loura, pequena, delicada, de luvas e vestida com apuro. Apesar disso, havia uma simplicidade e uma sobriedade no seu traje que sugeriam que ela era uma pessoa de poucos recursos. O vestido era de um bege-acinzentado escuro, liso e sem enfeites, e usava um chapéu da mesma cor sombria, só realçado por uma pena branca de um lado. O rosto não tinha feições regulares nem traços de beleza, mas sua expressão era doce e amável, e os seus grandes olhos azuis transmitiam simpatia e espiritualidade. Com a experiência a respeito de mulheres de muitos países de três diferentes continentes, nunca tinha visto uma fisionomia em que transparecesse tão claramente uma natureza refinada e sensível. Quando ela se sentou, no lugar que Holmes lhe indicava, tremiam os lábios e as mãos, e ela exibia todos os sinais de uma grande agitação interior.

— Procurei-o, sr. Holmes, porque uma vez o senhor conseguiu resolver uma pequena complicação doméstica que atormentava a minha patroa, a sra. Forrester — disse ela. — Ela ficou bem impressionada com sua bondade e sua perícia.

— Sra. Cecil Forrester — repetiu Holmes, pensativo. — Creio que lhe prestei um pequeno serviço. Em todo caso, se não me engano, o problema era dos mais simples.

— Ela não pensava assim. Mas, pelo menos, o senhor não dirá o mesmo do meu. É difícil imaginar alguma coisa mais estranha, mais totalmente inexplicável do que a situação em que me encontro.

Holmes esfregou as mãos e seus olhos brilharam. Inclinou-se na cadeira com uma expressão de intensa concentração no rosto de traços nítidos como os de um falcão.

— Conte o seu caso — disse ele num tom vivo, entusiasmado.

Senti que estava numa situação desconfortável e levantei-me, desculpando-me.

Para meu grande espanto, ela fez um gesto com a mão e disse:

— Se o seu amigo quiser ter a bondade de ficar, me prestará um grande serviço.

Voltei para a minha cadeira.

— Em resumo, os fatos são estes: meu pai era oficial no regimento da Índia — continuou ela. — Mandou-me para cá quando eu era pequena, após a morte de minha mãe. Mas eu não tinha parentes na Inglaterra. Puseram-me num colégio interno em Edimburgo, e fiquei lá até os 17 anos. Em 1878, meu pai, que era o oficial mais antigo do regimento, obteve um ano de licença e veio para a Inglaterra. Telegrafou-me de Londres, dizendo que tinha chegado são e salvo e que eu viesse logo. Deu o endereço do Hotel Langham. A mensagem, lembro-me bem, estava cheia de bondade e amor. Logo que cheguei a Londres, fui ao Langham e me informaram que o capitão Morstan estava hospedado lá, mas que saíra na noite anterior e ainda não voltara. Esperei o dia inteiro sem ter notícias dele. Nessa noite, a conselho do gerente do hotel, comuniquei o fato à polícia, e na manhã seguinte publicamos um anúncio em todos os jornais. As nossas indagações não deram nenhum resultado, e desde esse dia nunca mais ouvi uma palavra a respeito de meu pai. Ele voltou à pátria com o coração cheio de esperança, pensando que ia encontrar um pouco de paz e conforto, e, em vez disso...

Ela pôs a mão na garganta, e um soluço sufocado interrompeu a frase.

— Quando foi isso? — perguntou Holmes, abrindo seu caderno de anotações.

— Ele desapareceu no dia 3 de dezembro de 1878, há quase dez anos.

— E a bagagem?

— Ficou no hotel. Não se encontrou nada ali que fornecesse uma pista: roupas, livros e uma porção de coisas das ilhas Andamã. Ele era um dos oficiais encarregados da guarda dos degredados ali.

— Ele tinha amigos aqui?

— Que eu saiba, só um, o major Sholto, do mesmo regimento, o 34º de infantaria de Bombaim. O major viera algum tempo antes e morava no Alto Norwood. É claro que entramos em contato com ele, mas o major nem sabia que seu colega estava na Inglaterra.

— Um caso singular — observou Holmes.

— Ainda não lhe falei do detalhe mais estranho do caso. Há mais ou menos seis anos, para ser mais exata, no dia 4 de maio de 1882, apareceu um anúncio no *Times* pedindo o endereço da srta. Mary Morstan e afirmando que era um assunto do interesse dela. Não dava nome nem endereço. Nessa época, eu tinha começado a trabalhar na casa da sra. Cecil Forrester como preceptora. Aconselhada por ela, publiquei o meu endereço na coluna de anúncios. No mesmo dia, recebi pelo correio uma caixinha de papelão que continha uma pérola muito grande e lustrosa. Mas não havia nada escrito. Desde então, todo ano, na mesma data, recebo uma pérola igual dentro de uma caixa igual sem a menor indicação do remetente. Foram examinadas por um perito, que disse serem de um tipo raríssimo e de valor considerável. Podem verificar que são belíssimas — disse.

Ela abriu uma caixinha e mostrou-me seis pérolas, das mais bonitas que eu já vira.

— A sua exposição é interessantíssima — disse Holmes. — Aconteceu mais alguma coisa?

— Sim, senhor. Hoje mesmo. E foi por isso que eu vim até aqui. Essa manhã recebi esta carta, talvez seja melhor que o senhor mesmo a leia.

— Obrigado — disse Holmes. — O envelope também, por favor. Carimbo postal Londres, S. W. Data 7 de julho. Uuh! A marca de um polegar no canto. Provavelmente do carteiro. Papel da melhor qualidade. Envelope de seis pence o pacote. Homem cuidadoso no seu papel de carta. Nenhum endereço.

> *Esteja na terceira pilastra do lado esquerdo do Lyceum Theatre essa noite, às 19 horas. Se estiver desconfiada, traga duas pessoas amigas. Você tem sido lesada, mas lhe será feita justiça. Não traga a polícia. Se trouxer, estragará tudo. Seu amigo desconhecido.*

— Na verdade, isso é um belo misteriozinho. O que pretende fazer, srta. Morstan?

— É exatamente o que eu queria lhe perguntar.

— Neste caso, certamente devemos ir, a senhora e eu, e... sim, o dr. Watson é o homem ideal. A carta diz dois amigos. Ele e eu já trabalhamos juntos antes.

— Mas será que ele vai querer ir? — ela perguntou com uma súplica na voz e no olhar.

— Ficarei muito orgulhoso e feliz se puder ser-lhe útil — eu disse com veemência.

— Vocês são muito bons — ela respondeu. — Vivo muito isolada e não tenho amigos a quem recorrer. Devo estar aqui às seis horas, não?

— Sim, mas não pode se atrasar. Há um outro ponto ainda. A letra da carta é a mesma das caixas das pérolas?

— Tenho-as aqui — disse, mostrando seis pedaços de papel.

— A senhora é uma cliente modelo. Tem a verdadeira intuição das coisas. Deixe-me ver. — Holmes espalhou os papéis sobre a mesa, olhou alternadamente para todos eles. — As letras estão disfarçadas, menos a da carta, mas não se pode haver dúvida quanto ao autor. Veja como o irresistível *“y”* sai natural e a volta do *“s”* final. Sem dúvida, foram feitos pela mesma pessoa. Eu não gostaria de dar falsas esperanças, srta. Morstan, mas existe alguma semelhança entre esta letra e a de seu pai?

— Não pode haver nada mais diferente.

— Imaginava ouvir isso mesmo. Bem, estaremos esperando às 18 horas. Deixe que estes papéis fiquem comigo. Até lá, vou examinar a questão; são apenas 15h30. Até logo.

— Até logo — disse a nossa visita, e com um olhar bondoso e inteligente para nós, tornou a guardar no seio a caixinha das pérolas e saiu apressada.

Fiquei à janela vendo-a caminhar rapidamente pela rua, até que o chapéu bege de pena branca desapareceu no meio da multidão.

— Que mulher atraente — eu disse ao meu companheiro quando voltei.

Ele enchera de novo o cachimbo e estava recostado com os olhos fechados.

— É?... — disse indolentemente. — Eu não reparei...

— Na verdade, você é um autômato, uma máquina de calcular. Às vezes, há em você alguma coisa positivamente desumana.

Ele sorriu tranquilamente.

— É muito importante não deixar que as características pessoais influenciem o nosso julgamento. Para mim, um cliente é uma unidade, apenas um dado de um problema. Os fatores emocionais são adversários da clareza de raciocínio. Eu asseguro-lhe que a mulher mais encantadora que já conheci foi enforcada por ter envenenado três criancinhas para receber o seguro de vida. E o homem mais repelente que conheço é um filantropo que já gastou quase meio milhão com os mendigos de Londres.

— Mas neste caso...

— Eu nunca faço exceções. Uma exceção contesta a regra. Já teve oportunidade de estudar o caráter pela escrita? O que acha das garatujas deste sujeito?

— É uma letra legível e regular — respondi. — Um homem ocupado com certa força de caráter.

Holmes meneou a cabeça.

— Olhe para as letras de haste; mal chegam à altura das pequenas. Aquele *“d”* podia ser um *“a”* e o *“i”* podia ser um *“e”*. Pessoas de caráter sempre diferenciam as letras de haste, por mais ilegível que seja a sua caligrafia. Há hesitação no *“k”* e autoestima nas maiúsculas. Vou sair agora, tenho de obter algumas informações. Recomendo-lhe este livro, um dos mais notáveis já escritos: *Martyrdom of Man*, de Winwood Reade. Estarei de volta dentro de uma hora.

Sentei-me junto à janela com o livro na mão, mas meus pensamentos estavam muito distantes das especulações ousadas do autor. Meu espírito foi atrás da nossa visita, o seu sorriso, o tom quente e profundo da sua voz, o estranho mistério que pesava sobre a sua vida. Se ela estava com 17 anos na época do desaparecimento do pai, devia ter agora 27. Doce idade, quando a mocidade perde sua inibição e torna-se mais sensata pela experiência. Então sentei-me e fiquei meditando até que os meus pensamentos se tornaram tão perigosos que corri para a minha escrivaninha e mergulhei furiosamente no mais recente tratado de patologia. Quem era eu (um cirurgião do Exército, com uma perna fraca e uma conta bancária ainda mais fraca) para ousar pensar em coisas assim? Ela era uma unidade, o dado do problema, nada mais. Se meu futuro era negro, seria melhor encará-lo como um homem do que tentar iluminá-lo apenas com castelos no ar.

3

EM BUSCA DA SOLUÇÃO

JÁ ERAM CINCO E MEIA QUANDO HOLMES VOLTOU. VINHA ALEGRE, entusiasmado, de excelente humor, um estado de ânimo que, no seu caso, se alternava com crises terríveis de depressão.

— Não há grande mistério nesse caso — disse ele, tomando o chá que eu servira. — Os fatos parecem admitir uma única explicação.

— O quê? Já achou a solução?

— Bem, isto seria um exagero. Apenas descobri um dado sugestivo, mas é muito sugestivo. Ainda faltam detalhes. Acabo de descobrir, consultando os números atrasados do *Times*, que o major Sholto, do Alto Norwood, que pertencera ao 34º Regimento de Infantaria de Bombaim, morreu no dia 28 de abril de 1882.

— Talvez eu seja obtuso, Holmes, mas não consigo ver o que isso sugere.

— Não? Você me surpreende. Então veja. O capitão Morstan desaparece. A única pessoa em Londres que ele pode ter visitado é o major Sholto, que afirmava que nem sabia que ele havia chegado. Quatro anos depois, Sholto morre. Passada uma semana, a filha do capitão Morstan recebe um presente de grande valor que se repete todos os anos, e agora vem esta carta dizendo que ela foi prejudicada. A que prejuízo ela se refere, a não ser o de terem-na privado do pai? E por que os presentes começaram a aparecer logo depois da morte de Sholto? Será que o herdeiro de Sholto sabe alguma coisa do mistério e deseja compensá-la de alguma forma? Você acha que pode haver outra alternativa que explique os fatos?

— Mas que compensação estranha! E feita de uma maneira singular! E por que ele escreveria agora e não há seis anos? E a carta ainda fala em

fazer justiça! Que justiça deve ser feita? Seria demais supor que o pai dela ainda vive. Que se saiba, essa é a única injustiça que sofreu.

— Há dificuldades, é claro que há dificuldades, mas a nossa excursão noturna deverá resolvê-las — disse Holmes, pensativo. — Aí vem o cupê com a srta. Morstan dentro. Está tudo pronto? Então é melhor descermos, porque já está passando da hora.

Apanhei o meu chapéu e a bengala mais pesada, mas notei que Holmes apanhara o revólver na gaveta e metera-o na algibeira. Era claro que ele esperava que nossa noite fosse importante...

A srta. Morstan vinha agasalhada num casaco escuro e seu rosto expressivo estava calmo, embora pálido. Não seria mulher se não se sentisse embaraçada numa situação tão estranha como aquela. Mas, ainda assim, o seu autocontrole era perfeito, e respondeu prontamente às perguntas adicionais que Holmes lhe fez.

— O major Sholto era um grande amigo de meu pai. As cartas que me escrevia estavam cheias de referências a ele. Ele e meu pai comandaram as tropas nas ilhas Andamã e por isso tiveram grande convivência. Encontrei entre os documentos de meu pai um papel muito curioso, mas que ninguém conseguiu entender. Acho que não tem a menor importância, mas lembrei-me de que poderia gostar de vê-lo e trouxe-o comigo. Está aqui...

Holmes desdobrou o papel com cuidado e estendeu-o sobre os joelhos. Então, examinou-o metodicamente com a lente dupla.

— Este papel é de fabricação indiana — observou. — Esteve pregado numa tábua durante algum tempo. Parece ser a planta de parte de um grande edifício, com muitas salas, corredores e passagens. Num certo ponto há uma cruzinha feita com tinta vermelha e acima está escrito a lápis “3,37 a partir da esquerda”, já meio apagado. No canto esquerdo há um curioso hieróglifo como quatro cruzes numa linha com os braços encostando uns nos outros. Ao lado está escrito em letras grosseiras “*O sinal dos quatro:* Jonathan Small, Mahomet Singh, Abdullah Khan, Dost Akbar.” Não me parece realmente que isto tenha relação com a sua história. No entanto, é, evidentemente, um documento importante. Foi conservado cuidadosamente num caderno de notas, porque os dois lados estão limpos.

— Foi no caderno dele que o encontramos.

— Então guarde-o com cuidado, srta. Morstan, porque talvez seja útil, mais tarde. Começo a suspeitar que o nosso caso pode ser mais profundo e

sutil do que julguei a princípio. Preciso rever as minhas suposições.

Recostou-se no carro e percebi, pelas pálpebras semicerradas e pelo olhar vago, que estava concentrado em seus pensamentos. A srta. Morstan e eu tagarelávamos em voz baixa a respeito da nossa expedição e do seu possível resultado; mas nosso companheiro manteve a mais impenetrável reserva até o fim do trajeto.

Ainda não eram 19 horas de uma tarde de setembro. O dia tinha sido sombrio e um nevoeiro úmido e denso envolvia a cidade toda. Nuvens cor de chumbo desciam tristemente sobre as ruas enlameadas. No Strand, os lampiões pareciam borrões de luz difusa que projetavam pequenos círculos brilhantes na calçada escorregadia. O brilho amarelo que vinha das vitrinas espalhava-se no ar úmido e lançava uma luz sombria e vacilante na rua cheia de gente.

Eu tinha a impressão de que havia algo de sobrenatural e fantasmagórico naquela procissão infindável de rostos que flutuavam por aquelas estreitas faixas de luz, algumas caras tristes, outras alegres, umas felizes, outras sofredoras... Como toda a humanidade, iam da sombra para a luz, e depois voltavam para a sombra. Eu não sou muito impressionável, mas a tarde pesada e triste, e o estranho caso em que estávamos envolvidos, deixavam-me nervoso e deprimido. E bastava olhar para a srta. Morstan para ver que sofria como eu. Só Holmes conseguia ficar imune a influências insignificantes. De vez em quando, abria o caderno de notas sobre os joelhos e, à luz da lanterna de bolso, escrevia notas ou números.

À entrada do Lyceum Theatre a multidão era compacta. Havia um contínuo vaivém de cabriolés e cupês livrando-se da sua carga de homens de camisas reluzentes e mulheres cobertas de brilhantes. Mal chegamos à terceira coluna, que era a do nosso encontro, fomos abordados por um sujeito baixo, escuro, vivo, vestido de cocheiro.

— São os senhores que acompanham a srta. Morstan? — perguntou.

— Eu sou a srta. Morstan, e estes dois senhores são meus amigos.

Ele pousou sobre nós um par de olhos admiravelmente penetrantes e inquiridores.

— Desculpe-me, senhorita, mas tenho de pedir-lhe que me dê a sua palavra de que nenhum destes senhores é da polícia — disse ele num tom rabugento.

— Dou-lhe a minha palavra.

Ele deu um assobio agudo e surgiu um garoto que trouxe um cupê e abriu a porta. O homem que falara conosco subiu para a boleia e nós entramos. Mal acabávamos de nos acomodar quando o cocheiro deu uma chicotada no cavalo, e passamos a correr pelas ruas cobertas de neblina.

A situação era curiosíssima. Íamos para um lugar desconhecido, com um fim também desconhecido. Ou o convite era um perfeito logro, o que era uma hipótese inconcebível, ou a nossa jornada teria um resultado importantíssimo. O comportamento da srta. Morstan continuava a ser resoluto e tranquilo. Tentei entretê-la e diverti-la com as minhas reminiscências do Afeganistão, mas, para dizer a verdade, eu próprio estava tão excitado com a situação e tão curioso sobre o que ia acontecer, que as minhas histórias foram se arrastando. Ela diz agora que naquela noite contei uma história sobre um mosquete que surgiu na entrada da minha barraca de madrugada e que eu atirei com uma espingarda de dois canos num filhote de tigre. No início eu tinha uma ideia do lugar para onde nos dirigíamos, mas em pouco tempo, com a pressa, o nevoeiro e o pouco conhecimento que eu tinha de Londres, perdi a noção e só sabia que estávamos indo para longe.

Mas Sherlock Holmes nunca se confundia, e, enquanto o cupê passava por praças e tortuosas ruas secundárias, ele ia dizendo os nomes de todas elas.

— Rochester Row, Vincent Square — disse ele. — Agora vamos sair na Vauxhall Bridge Road. Parece que estamos indo para os lados do Surrey. Eu imaginava isso. Agora estamos na ponte. Podemos ver uns trechos do rio.

Víamos de fato uns pedaços do Tâmisa com os lampiões brilhando na água silenciosa; mas o carro voava e logo entramos num labirinto de ruas do outro lado do rio.

Holmes ia dizendo os nomes.

— Wordsworth Road, Priory Road, Lark Hall Lane, Stockwell Place, Robert Street, Cold Harbour Lane. Não me parece que estejam nos levando para regiões muito elegantes.

De fato, tínhamos chegado a um bairro suspeito e repugnante. Longas filas de casas de tijolos sombrias eram iluminadas apenas pela claridade difusa e fraca das tabernas nas esquinas. Em seguida, surgiram fileiras de *villas* de dois andares com um pequeno jardim na frente, e outra vez mais

filas de construções novas de tijolos, os tentáculos do monstro que a cidade gigantesca impele para os arredores.

Por fim, o cupê parou na terceira casa de um loteamento novo. Nenhuma das outras casas estava habitada e aquela diante da qual paramos estava tão escura como as vizinhas, vendo-se apenas um filete de luz na janela da cozinha. Quando batemos, um criado hindu, vestido com túnica branca, um turbante amarelo na cabeça e uma larga faixa também amarela, abriu imediatamente a porta. Havia uma estranha incoerência nessa figura oriental ali à porta de uma casa ordinária num subúrbio de terceira classe.

— O *sahib* os espera — disse ele, e, enquanto falava, ouvimos uma voz esganiçada que vinha do interior da casa.

— Traga-os, *khitmutgar* — exclamou. — Traga-os já.

4

A HISTÓRIA DO HOMEM CALVO

SEGUIMOS O HINDU POR UM CORREDOR SÓRDIDO, MAL-ILUMINADO e mal mobiliado, até uma porta do lado direito, que ele abriu. Um clarão amarelado iluminou-nos. No centro do foco de luz estava um homem de pequena estatura, cabeça grande com ralos cabelos avermelhados em volta, sobre as orelhas, e o crânio descoberto, reluzente como o cume de uma montanha no meio do arvoredo. Ele torcia as mãos, e seu rosto mudava constantemente de expressão, ora rindo, ora contraindo as feições. A natureza lhe dera um lábio pendente e uma fila de dentes amarelos salientes, que ele procurava disfarçar passando repetidamente a mão pela parte inferior do rosto. Apesar da calvície, dava a impressão de ser jovem. E, realmente, acabara de fazer trinta anos.

— Um seu criado, srta. Morstan — repetia numa voz aguda, fraca. — Um seu criado, meus senhores. Queiram entrar no meu refugiozinho. Pequeno, mas mobiliado a meu gosto. Um oásis de arte no lamentável deserto da parte sul de Londres.

Ficamos todos espantados com a aparência da sala para onde nos tinham levado. Naquela casa triste, parecia tão deslocada como um diamante de primeira água engastado em latão!

Cortinas caras e brilhantes e magníficas tapeçarias cobriam as paredes do aposento, onde havia também vasos orientais e pinturas ricamente emolduradas.

O tapete era preto e âmbar, e tão grosso que os pés se enterravam agradavelmente nele, como num leito de musgo. Duas grandes peles de tigre, atiradas no meio da sala, aumentavam a sugestão do fausto oriental,

assim como o enorme narguilé posto a um canto. Uma lâmpada de prata do feitio de uma pomba pendia do centro do teto por um fio dourado quase invisível. Enquanto queimava, enchia o ar com um aroma leve e sutil.

— Eu sou Tadeu Sholto — disse o homenzinho agitado e risonho. — Naturalmente você é a srta. Morstan. E estes senhores...

— Este é o sr. Sherlock Holmes e este é o dr. Watson.

— Um médico, hein? — ele exclamou, excitado. — Trouxe o estetoscópio? Posso pedir-lhe... se quisesse ter a bondade? Tenho sérias dúvidas sobre a minha válvula mitral; se quisesse ter a bondade. Na aorta eu posso confiar, mas queria a sua opinião sobre a válvula.

Auscultei-lhe o coração, como pedia, mas não encontrei nada de anormal; a não ser o fato de que estava num acesso de medo, porque tremia dos pés à cabeça.

— Não há motivo para o seu mal-estar. Tudo parece perfeitamente normal.

— Desculpe a minha ansiedade, srta. Morstan, sofro muito e suspeitava da válvula há muito tempo — ele disse vagamente. — Estou contentíssimo de ouvir que está tudo normal. Se seu pai, srta. Morstan, tivesse poupado o coração da tensão, ainda poderia estar vivo.

Quase esbofeteei o homem por causa da brutalidade com que se referiu a um assunto tão delicado. A srta. Morstan empalideceu até a raiz dos cabelos.

— Meu coração me dizia que ele tinha morrido — disse ela.

— Posso dar-lhe todas as informações sobre isso e, além do mais, fazer justiça. E farei, independentemente do que o meu irmão Bartolomeu possa dizer. Estou muito satisfeito com o fato de que estes seus amigos tenham vindo! Não só para acompanhá-la, mas também para testemunhar o que tenho a dizer-lhe. Nós três podemos enfrentar o meu irmão Bartolomeu, mas sem a presença de estranhos, ninguém da polícia nem funcionários do governo. Podemos resolver tudo de maneira satisfatória entre nós, sem interferências. Nada incomoda mais Bartolomeu do que a publicidade.

Sentou-se num sofá baixo, piscando de modo inquiridor seus olhos de um azul-claro aguado...

— De minha parte, o que quer que você tenha a dizer, daqui não passará — disse Holmes.

Balancei a cabeça para mostrar que concordava.

— Está bem. Está bem! Aceita um cálice de chianti, srta. Morstan? Ou de tócai?[5] Eu não uso outros vinhos. Quer que abra uma garrafa? Não? Bem. Certamente não a incomoda o cheiro do fumo, o aroma balsâmico do fumo oriental. Estou um pouco nervoso e o meu narguilé é incomparável como sedativo.

Pôs-se a fumar, e a fumaça fazia bolhas na água do bojudo narguilé.

Nós três nos sentamos em semicírculo, com as cabeças inclinadas para a frente, de mão no queixo, enquanto o sujeitinho esquisito, com a sua grande cabeça reluzente, fumava pouco à vontade no centro.

— Quando decidi fazer-lhe este relato, podia ter-lhe dado logo o meu endereço, mas receei que desconsiderasse o meu pedido e trouxesse consigo gente desagradável. Então tomei a liberdade de arranjar as coisas de modo que o meu criado Williams pudesse vê-la antes de ser visto. Eu tenho absoluta confiança na discrição dele, e ele tinha ordem de não prosseguir se ficasse desconfiado. Você deve me desculpar por estas precauções, mas eu sou um homem muito reservado, devia dizer de gosto apurado, e não há nada mais antiestético do que um policial. Tenho uma repugnância natural por todas as manifestações do materialismo grosseiro. Raramente tenho contato com a multidão. Como vê, vivo envolvido numa atmosfera de elegância. Posso considerar-me um patrono das artes. É o meu fraco. Aquela paisagem é um Corot autêntico, e, embora um especialista possa pôr em dúvida a origem daquele Salvador Rosa, ninguém pode ter a mínima dúvida sobre o Bouguereau. Tenho um fraco pela escola francesa moderna.

— Desculpe-me, sr. Sholto — disse a srta. Morstan. — Pediu-me que viesse porque tinha alguma coisa para me contar. Já é tarde e eu desejaria que a entrevista fosse a mais curta possível.

— Com certeza vai levar algum tempo, porque teremos de ir a Norwood para falar com Bartolomeu — ele disse. — Iremos todos para convencê-lo. Ele está zangado porque tomei a atitude que me pareceu justa. Tive uma discussão violenta com ele ontem à noite. Não imaginam que sujeito terrível ele é quando se zanga.

— Se temos de ir a Norwood, é melhor irmos de uma vez — atrevi-me a dizer.

Ele riu tanto que as orelhas ficaram vermelhas.

— Isso daria certo. Não sei o que ele diria se aparecêssemos lá de repente, sem saberem de certos detalhes. Tenho de dizer-lhes que há alguns pontos da história que eu próprio ignoro e só posso dizer-lhes o que sei. Meu pai, como certamente já adivinharam, era o major John Sholto, do Exército da Índia. Voltou há uns 11 anos e veio morar em Pondicherry Lodge, no Alto Norwood. Tinha prosperado na Índia e, quando voltou, trouxe uma fortuna considerável, uma grande coleção de curiosidades de valor e uma porção de criados indianos. Pôde comprar uma casa para ele e viver com muito luxo. O meu irmão gêmeo, Bartolomeu, e eu éramos os únicos filhos. Lembro-me perfeitamente da sensação que o desaparecimento do capitão Morstan causou. Lemos nos jornais todos os detalhes e, sabendo que era um amigo do nosso pai, discutimos abertamente o caso na sua presença. Ele costumava participar das especulações que fazíamos sobre o que poderia ter acontecido. Nem por um momento suspeitamos que ele trazia escondido no coração o tremendo segredo: que ele era a única pessoa que conhecia o destino de Arthur Morstan. Mas sabíamos que alguém, que algum mistério, algum perigo real ameaçava nosso pai. Ele tinha medo de sair sozinho e tinha sempre como porteiros dois lutadores profissionais em Pondicherry Lodge. Williams, que os trouxe aqui esta noite, era um deles. Ele já foi campeão de pesos-leves na Inglaterra. Nosso pai nunca nos disse o que o amedrontava, mas tinha uma evidente aversão por homens com pernas de pau. E uma vez atirou num homem com uma perna de pau, que provou depois ser um negociante honrado e inofensivo em busca de encomendas. Ele teve que pagar uma grande indenização para abafar o caso. Nós pensávamos que era simplesmente uma mania dele, mas os acontecimentos nos fizeram mudar de opinião. No início de 1882, meu pai recebeu uma carta da Índia que o deixou muito abalado. Ele quase desmaiou quando a abriu na hora do almoço, e desde esse dia ficou doente, até que morreu. Nunca soubemos o que dizia a carta, mas vi, quando estava com ela na mão, que era curta e escrita numa letra muito ruim. Ele sofria há muito tempo de uma dilatação no baço, mas desse dia em diante ele piorou rapidamente e no final de abril soubemos que não havia mais esperança, e que ele desejava fazer-nos uma confidência. Quando entramos no seu quarto, ele estava reclinado sobre almofadas e respirava com dificuldade. Pediu que trancássemos a porta e que ficássemos ao lado da cama. Então,

segurando nossas mãos, com a voz entrecortada pela emoção e pela dor, fez uma revelação importante. Vou tentar repetir suas palavras:

"'Só há uma coisa que me pesa na consciência neste momento supremo. A maneira como procedi para com a órfã do infeliz Morstan. A maldita avareza, que tem sido minha companheira durante a vida, impediu-me de entregar-lhe o tesouro que devia pertencer-lhe. Mas eu mesmo não me utilizei dele, de tão cega e insensata que é a avareza. O mero sentimento da posse tinha tanto valor para mim que eu não podia tolerar a ideia de partilhá-lo com outra pessoa. Nem aquele fio de pérolas que está ao lado do vidro de quinino eu tive coragem de repartir com ela, embora eu tenha deixado ali com a intenção de enviá-lo para ela. Mas vocês, meus filhos, darão a ela uma boa parte do tesouro de Agra. Mas, antes de eu morrer... nada. Não mandem nada, nem as pérolas... Afinal, muitos homens tão doentes quanto eu acabaram se recuperando.

"'Vou dizer-lhes como Morstan morreu. Ele sofria do coração há muitos anos, mas escondia de todos. Só eu sabia. Quando estávamos na Índia, por uma série notável de circunstâncias, chegamos a ter um tesouro considerável. Trouxe-o para a Inglaterra e, na noite em que Morstan chegou, ele veio imediatamente para cá reclamar a sua parte. Veio a pé da estação e foi recebido pelo meu velho e fiel Lal Chowdar, que já morreu. Morstan e eu divergimos quanto à divisão e chegamos a trocar palavras ásperas. Morstan pulou da cadeira num paroxismo de raiva, e, de repente, pôs a mão sobre o coração, o rosto ficou escuro e caiu para trás, batendo com a cabeça na quina do cofre que continha o tesouro. Quando me aproximei dele, verifiquei horrorizado que estava morto.

"'Durante muito tempo fiquei sem ação, pensando no que deveria fazer. O meu primeiro impulso, é claro, foi tentar conseguir socorro; mas lembrei-me de que tudo era contra mim e que eu seria imediatamente acusado de assassinato. A sua morte no momento em que discutíamos e a pancada que ele levou na cabeça quando caiu seriam provas contra mim. Uma investigação oficial com certeza iria revelar fatos sobre o tesouro, a respeito do qual eu queria guardar segredo. Ele me dissera que ninguém sabia para onde ele tinha ido. Achei que não era necessário que alguém viesse a saber. Ainda estava meditando sobre o assunto quando, ao erguer os olhos, vi Lal Chowdar na porta. Entrou silenciosamente e fechou a porta. "Não tenha medo, *sahib*", disse ele, "ninguém precisa saber que o senhor o matou.

Vamos escondê-lo, que é o mais seguro.” “Mas eu não o matei”, eu disse. Lal Chowdar balançou a cabeça e sorriu: “Eu ouvi tudo, *sahib*, eu ouvi a discussão e ouvi a pancada. Mas a minha boca nunca se abrirá para revelá-lo. Todos estão dormindo na casa. Vamos levá-lo.” Isto foi o suficiente para que eu me decidisse. Se o meu próprio criado não podia acreditar na minha inocência, como eu haveria de esperar que acreditassem nela 12 negociantes idiotas que formariam o júri? Lal Chowdar e eu cuidamos do corpo naquela noite, e alguns dias depois os jornais de Londres falavam do misterioso desaparecimento de Morstan. Pelo que eu estou contando, vocês podem ver que não posso ser considerado culpado neste caso. Meu erro está no fato de ter ocultado não só o corpo, mas também o tesouro, e ter conservado a parte de Morstan como se fosse minha. Mas desejo que a restituam. Cheguem os ouvidos perto dos meus lábios. O tesouro está escondido no...’

“Nesse instante, houve uma transformação medonha no seu rosto: os olhos ficaram fixos, com uma expressão selvagem; o queixo caiu, e ele gritou numa voz que nunca pude esquecer: ‘Não o deixem entrar. Por Cristo, não o deixem entrar.’ Ambos olhamos espantados para a janela atrás de nós, para onde ele dirigia o olhar esgazeado. Lá de fora, no escuro, um rosto olhava para nós. Via-se bem o nariz apertado contra a vidraça. Era uma cara barbuda, os olhos ferozes, selvagens, e uma expressão de maldade. Corremos até a janela, mas o homem fugira. Quando voltamos, a cabeça de meu pai pendia para o lado e o pulso tinha parado de bater. Vasculhamos o jardim naquela noite, mas não descobrimos o menor sinal do intruso, a não ser uma única pegada debaixo da janela, nitidamente visível no canteiro. Mas como só havia aquele único vestígio, achamos que tínhamos imaginado aquele rosto na janela. Entretanto, pouco tempo depois, tivemos uma prova de que havia agentes secretos agindo em volta de nós. A janela do quarto de meu pai foi encontrada aberta de manhã, todos os armários e gavetas haviam sido remexidos e sobre o seu peito havia um pedaço de papel rabiscado com as palavras *O sinal dos quatro*. Nunca soubemos o que significava a frase nem quem era o intruso. Pelo que pudemos verificar, não roubaram nada do que pertencia a meu pai, apesar de tudo ter sido revirado. Como era natural, eu e meu irmão associamos esse incidente ao medo que perseguira meu pai durante sua vida, mas isto ainda é um mistério absoluto para nós.”

O homenzinho fez uma pausa para tornar a acender o narguilé e ficou pensando durante alguns minutos. Estávamos todos absorvidos em sua extraordinária narrativa. No momento em que ele falou da morte do pai dela, a srta. Morstan ficou mortalmente pálida e pensei que ia desmaiar. Mas ela dominou-se bebendo um copo d'água, que eu, discretamente, enchera com o líquido de uma garrafa de cristal de Veneza que estava numa mesa próxima. Sherlock Holmes estava recostado em sua cadeira com uma expressão abstrata e as pálpebras caídas sobre os olhos brilhantes. Quando olhei para ele, lembrei-me de que naquele mesmo dia ele se queixara amargamente da rotina vulgar da vida. Agora, ele tinha de resolver um problema que exercitaria ao máximo sua sagacidade. Tadeu Sholto olhava para nós, orgulhoso do efeito que sua história produzira, e depois continuou, entre as baforadas que tirava do narguilé.

— Meu irmão e eu ficamos muito excitados com a história do tesouro. Durante semanas e meses cavamos e revolvemos todo o jardim sem resultado. Era enlouquecedor lembrar que nosso pai ia dizer o lugar do esconderijo no momento em que morreu. Podíamos imaginar o esplendor das riquezas desaparecidas pelo colar de pérolas que ele tirara. Tivemos uma pequena discussão sobre esse colar. As pérolas eram, evidentemente, de grande valor, e ele não desejava reparti-las porque, aqui entre nós, ele tinha um pouco do defeito de meu pai. Ele achava que, se repartíssemos as pérolas, suscitaríamos desconfianças que acabariam nos trazendo problemas. Só consegui que me deixasse procurar o endereço da srta. Morstan e que lhe mandasse, a intervalos regulares, uma pérola de cada vez, para que ela, pelo menos, ficasse com a parte que lhe cabia.

— Foi uma boa ideia — disse a nossa companheira com sinceridade. — Foi muita bondade da sua parte.

O homenzinho moveu a mão, num gesto de desaprovação.

— Nós éramos os seus depositários. Foi deste ponto de vista que eu encarei o caso, ainda que não fosse esta a opinião do meu irmão Bartolomeu. Nós tínhamos uma boa fortuna. Eu não desejava mais. Além disso, seria de péssimo gosto tratar uma moça de modo tão vil. *"Le mauvais goût mène au crime."* Os franceses têm uma maneira muito clara de dizer estas coisas. Divergimos a tal ponto nessa questão, que achei melhor ter minha própria casa, e saí de Pondicherry Lodge, trazendo comigo o velho *khitmutgar* e Williams. Mas ontem eu soube que acontecera uma coisa

muito importante. O tesouro tinha sido descoberto. Imediatamente entrei em contato com a srta. Morstan, e agora só nos resta ir até Norwood e exigir a nossa parte. Expliquei o meu ponto de vista ao meu irmão ontem à noite, e, se não formos bem-vindos, somos pelo menos esperados por Bartolomeu.

Tadeu Sholto calou-se e ficou se remexendo no seu luxuoso sofá. Ficamos todos em silêncio, pensando no novo rumo que o misterioso caso tomara. Holmes foi o primeiro a levantar-se.

— Procedeu bem do início ao fim — disse ele. — É bem possível que, em troca, possamos esclarecer o que ainda está obscuro. Mas, como a srta. Morstan notou há pouco, já é tarde, e é melhor prosseguir no caso o quanto antes.

Nosso novo amigo apagou imediatamente o narguilé e tirou de trás de uma cortina um sobretudo muito comprido, com colarinho e punhos de astracã. Abotoou-o até embaixo, embora a noite estivesse abafada, e completou a toalete pondo um boné de pele de coelho com abas compridas cobrindo-lhe as orelhas, de modo que, de todo o corpo, só se via o rosto instável e doentio.

— Minha saúde é delicada — disse enquanto nos levava pelo corredor. — Em breve estarei inválido.

Nosso cupê estava esperando e certamente o programa já fora combinado previamente, porque o cocheiro partiu a galope. Tadeu Sholto falou o tempo todo, numa voz que se elevava acima do ruído das rodas.

— Bartolomeu é um rapaz inteligente. Como imaginam que ele descobriu onde estava o tesouro? Ele chegou à conclusão de que ele devia estar dentro de casa; então, passou a procurar na casa inteira, em cada canto, não deixando de examinar nem um centímetro. Entre outras coisas, ele descobriu que a construção tinha 22 metros de altura, mas que, juntando as alturas de todos os quartos e dando os espaços entre eles, o que ele verificou por meio de sondagens, o total não passava de 21 metros; faltava, portanto, um metro. Ele só podia estar no alto do prédio. Fez um buraco no teto do quarto mais alto e lá realmente descobriu um pequeno sótão que tinha sido tapado e que ninguém conhecia. No centro estava o cofre, sobre duas vigas de madeira. Desceu-o pelo buraco e ele está lá. Bartolomeu calcula o valor das joias em meio milhão de libras esterlinas, pelo menos.

Ao ouvir esta soma gigantesca, olhamos estarrecidos uns para os outros. A srta. Morstan, se conseguíssemos garantir os seus direitos, se

transformaria de uma modesta professora na herdeira mais rica da Inglaterra.

Um amigo leal se alegraria com uma notícia dessas, mas envergonho-me de confessar que meu egoísmo envolveu a minha alma e o meu coração ficou pesado como chumbo. Procurei algumas palavras de congratulações, mas não consegui dizer nada, deixei cair a cabeça, estonteado com o papaguear do nosso homenzinho. Era sem dúvida um hipocondríaco, e parecia-me que ele desfiava um rosário interminável de sintomas e implorava informações sobre a composição e a ação de inúmeras panaceias, algumas das quais ele trazia numa bolsa de couro. Espero que ele não se lembre das minhas respostas. Holmes contou que me ouviu recomendar-lhe que não tomasse mais de duas gotas de óleo de rícino e ao mesmo tempo receitar como sedativo grandes doses de estriquinina. O caso é que fiquei aliviado quando o cupê parou com um solavanco e o cocheiro saltou para abrir a portinhola.

— Estamos em Pondicherry Lodge, srta. Mary Morstan — disse Tadeu Sholto, ajudando-a a descer.

5 Vinho licoroso produzido na Hungria.

5

A TRAGÉDIA DE PONDICHERRY LODGE

ERAM QUASE 23 HORAS QUANDO CHEGAMOS À ÚLTIMA ETAPA DA nossa aventura daquela noite. Tínhamos deixado para trás o nevoeiro da cidade grande e aqui a noite estava límpida. Um vento morno soprava do oeste e nuvens pesadas moviam-se lentamente pelo céu, com uma meia-lua aparecendo entre elas de vez em quando. A claridade era suficiente para se ver a distância, mas Tadeu tirou uma das lanternas da carruagem para que enxergássemos melhor o caminho.

Pondicherry Lodge ficava no meio de um terreno cercado por um muro de pedra muito alto com cacos de vidro na parte superior. Uma estreita porta de ferro era a única entrada. Foi nela que o nosso guia bateu, com pancadas semelhantes às de um carteiro.

— Quem está aí? — gritou de dentro uma voz áspera.

— Sou eu, McMurdo. Você já devia conhecer a minha maneira de bater!

Ouviu-se um resmungo e um barulho de chaves. A porta abriu-se pesadamente e um homem baixo, de peito robusto, apareceu iluminando-nos com uma lanterna que também iluminava seu rosto protuberante e os olhos que piscavam desconfiados.

— É o sr. Tadeu? Mas quem são os outros? Não tenho ordem do patrão para recebê-los.

— Como não, McMurdo? Isso muito me admira. Eu disse ontem a meu irmão que iria trazer hoje alguns amigos.

— Ele não saiu do quarto hoje o dia inteiro, sr. Tadeu, e eu não tenho ordens para recebê-los. O senhor sabe muito bem que tenho de cumprir as ordens. Posso deixá-lo entrar, mas os seus amigos têm de ficar onde estão.

Era um obstáculo inesperado. Tadeu olhava para todos os lados, desnorteado.

— Isto não está certo, McMurdo. Deve ser suficiente para você que eu me responsabilize por eles. Há uma moça conosco. Não posso deixá-la esperando na estrada a esta hora.

— Sinto muito, sr. Tadeu — disse o porteiro com firmeza. — Podem ser seus amigos e não ser amigos do patrão. Ele me paga bem para cumprir a minha obrigação e hei de cumpri-la. Não conheço nenhum dos seus amigos.

— Oh, sim, você conhece, McMurdo — gritou Sherlock Holmes. — Não creio que você possa ter-se esquecido de mim. Não se lembra do amador que lutou três *rounds* com você no Alison na noite em seu benefício, há quatro anos?

— Oh! sr. Sherlock Holmes — gritou o lutador. — Como pude deixar de reconhecê-lo! Se em vez de ficar aí quieto tivesse me dado um daqueles seus socos no queixo, eu teria logo sabido com quem lidava. Ah, o senhor é um dos que não aproveitam os seus dotes! Podia ir longe se continuasse a lutar.

— Você está vendo, Watson? Se todo o resto falhar, ainda tenho esta profissão científica — disse Holmes, rindo. — Tenho certeza de que o nosso amigo agora não vai nos deixar aqui fora no frio.

— Entre, senhor, entrem todos — ele respondeu. — Sinto muito, sr. Tadeu, mas as ordens são rigorosas. Precisava poder confiar nos seus amigos antes de deixá-los entrar.

Dentro, um caminho de cascalho aberto num terreno abandonado levava a uma habitação enorme, quadrada e prosaica, mergulhada na escuridão, com exceção de um lado, onde batia o luar. O tamanho do prédio sombrio, com o seu silêncio sepulcral, causou um frio no coração. Nem o próprio Tadeu se sentia à vontade e a lanterna balançava na sua mão trêmula.

— Não posso compreender isto — dizia ele. — Deve haver algum engano. Eu disse a Bartolomeu que viria hoje com toda a certeza. E não há luz no quarto dele. Não sei o que fazer.

— Ele costuma proteger a casa assim? — perguntou Holmes.

— Ele segue os hábitos de meu pai. Ele era o filho predileto, e às vezes eu penso que meu pai deve ter contado a ele muito mais coisas do que para mim. Aquela janela onde a lua está batendo é a do quarto de Bartolomeu. Está muito claro, mas acho que a luz não vem de dentro.

— Não, nenhuma! — disse Holmes. — Mas vejo o brilho de uma luz naquela janelinha ao lado da porta.

— Aquele é o quarto da governanta. É onde fica a velha sra. Bernstone. Ela pode nos dizer alguma coisa. Será que se importam de esperar aqui um momento? Porque se entrarmos todos juntos e ela não souber da nossa chegada, pode assustar-se. Mas ouçam, o que é isso?

Ergueu a lanterna. Sua mão tremia tanto que os círculos de luz oscilavam em torno de nós. A srta. Morstan agarrou o meu pulso e ficamos todos com os corações pesados, aguçando os ouvidos. Do casarão escuro vinham, no silêncio da noite, os sons mais tristes e plangentes do mundo, gritos, queixumes entrecortados de uma mulher assustada.

— É a sra. Bernstone — disse Sholto. — É a única mulher na casa. Esperem aqui. Volto já.

Correu até a porta e bateu da sua maneira habitual. Vimos que uma mulher alta o recebeu à porta e que ficou muito contente ao vê-lo.

— Oh, sr. Tadeu, meu senhor, como estou contente por ter vindo; como estou contente, sr. Tadeu, meu senhor!

Nós ouvimos as suas exclamações de alegria até que a porta se fechou e a sua voz se transformou num murmúrio monótono.

O nosso guia tinha nos deixado a lanterna. Holmes girou-a em volta, observou atentamente a casa e examinou os montões de entulho que enchiam o terreno. A srta. Morstan e eu ficamos juntos, de mãos dadas. O amor é uma coisa maravilhosamente sutil, porque ali estávamos nós, que nunca nos víramos antes desse dia, e nenhuma palavra, nem sequer um olhar afetuoso havíamos trocado até então, e mesmo assim, neste momento aflitivo, nossas mãos se aproximaram instintivamente. Fiquei maravilhado depois, mas, naquele momento, parecia a coisa mais natural aproximar-me dela e, como ela me disse muitas vezes depois, havia nela também o instinto de voltar-se para mim em busca de conforto e proteção. De modo que ficamos de mãos dadas como duas crianças e uma grande paz invadiu nossos corações, apesar de todas as coisas obscuras que nos rodeavam.

— Que lugar esquisito — disse ela, olhando em volta. — Parece que soltaram aqui todas as toupeiras da Inglaterra. Eu já vi um lugar parecido num morro perto de Ballarat, onde uns engenheiros estiveram fazendo prospecção.

— E pela mesma razão — disse Holmes. — São os vestígios das buscas ao tesouro. Deve lembrar-se de que eles levaram seis anos procurando. Não admira que o terreno pareça um areal.

Nesse momento a porta abriu-se de repente e Tadeu Sholto saiu correndo com as mãos na cabeça e os olhos cheios de terror.

— Aconteceu alguma coisa com Bartolomeu — gritou. — Estou assustado. Meus nervos não vão suportar isto.

Na verdade, estava quase chorando de medo e a sua fisionomia doentia, repuxada, emoldurada pelo astracã do colarinho, tinha a expressão de desamparo de uma criança horrorizada.

— Vamos entrar — disse Holmes no seu tom firme e brusco.

— Venham, venham — suplicou Tadeu. — Não estou em condições de tomar qualquer providência.

Fomos com ele até o quarto da governanta, que ficava do lado esquerdo do corredor. A velha estava andando de um lado para outro com o olhar assustado e inquieto, apertando os dedos, mas a presença da srta. Morstan pareceu acalmá-la.

— Deus abençoe o seu rosto tranquilo e doce! — exclamou com um suspiro histérico. — Ver você me faz bem. Oh, mas passei por uma prova dolorosa este dia.

Nossa companheira afagou a mão magra e rude da velha, disse-lhe algumas palavras bondosas de conforto que fizeram voltar a cor ao seu rosto.

— O patrão trancou-se e não há meio de me responder — ela explicou. — Fiquei o dia inteiro à espera, porque ele gosta de ficar só com frequência. Uma hora atrás, desconfiei que havia alguma coisa errada e subi para espiar pela fechadura. O senhor deve ir, sr. Tadeu, deve ir e olhar o senhor mesmo. Vi muitas vezes o sr. Bartolomeu triste e alegre durante dez anos, mas nunca, nunca o vi com uma cara daquelas.

Sherlock segurou a lanterna e foi na frente, porque Tadeu Sholto estava tão abalado que os dentes batiam; tive de ampará-lo para subir as escadas porque seus joelhos tremiam tanto que não conseguia andar. Por duas vezes, Holmes tirou a lente para examinar uns sinais que me pareciam simples nódoas de poeira na passadeira de fibra que substituía o tapete da escada. Ele ia devagar, degrau a degrau, segurando a luz baixa, olhando

atentamente para os dois lados. A srta. Morstan tinha ficado com a governanta apavorada.

O terceiro lance da escada acabava num corredor estreito e comprido, com um painel de tapeçaria indiana do lado direito e três portas à esquerda. Holmes seguiu por ele do mesmo modo vagaroso e metódico, enquanto nós íamos logo atrás, com as nossas sombras negras que se estendiam pelo corredor. A terceira porta era a que procurávamos. Holmes bateu, mas não se ouviu nenhuma resposta, e então tentou abri-la à força. Mas estava trancada por dentro, e com um ferrolho largo e resistente que pudemos ver quando erguemos a lanterna. Apesar da chave virada, era possível ver pelo buraco da fechadura. Sherlock abaixou-se e logo se levantou, respirando com força.

— Há alguma coisa diabólica nisto, Watson — disse ele, mais emocionado do que eu jamais o vira. — O que acha?

Abaixei-me para espiar e recuei horrorizado. O luar enchia o quarto, que estava claro, com uma luminosidade difusa e vacilante. Olhando diretamente para mim e solta no ar, porque tudo embaixo estava na sombra, via-se uma cara, a mesma cara de Tadeu. Era a mesma cabeça grande e reluzente, a mesma franja de cabelo vermelho, a mesma cor macilenta. Mas as feições estavam imobilizadas num ricto horrível, tinham uma imobilidade anormal, que naquele quarto enluarado e silencioso era mais chocante que qualquer esgar ou contorção.

Era tão parecido com o nosso amigo que me virei para verificar se ele estava ali conosco. Então lembrei-me de que ele nos tinha dito que eram gêmeos.

— Isto é horrível! — disse eu a Holmes. — O que faremos?

— Temos que arrombar a porta — ele respondeu, e jogou-se contra ela com todo o peso do corpo.

A porta rangeu, gemeu, mas não cedeu. Então, todos juntos nos atiramos sobre ela, que cedeu de repente com estrondo, impelindo-nos para dentro do quarto de Bartolomeu Sholto.

Ele parecia ter sido montado como um laboratório químico. Uma fileira dupla de garrafas com tampas de vidro estava arrumada ao longo da parede em frente à porta, e a mesa estava cheia de bicos de Bunsen, tubos de ensaio e retortas. Nos cantos, viam-se garrafas verdes com ácidos, protegidas por invólucros de vime. Uma destas parecia ter sido entornada ou quebrada,

porque um líquido escuro escorria pelo chão, enchendo o ar com um cheiro desagradável, semelhante ao do breu. Uma escada de mão estava a um lado do quarto, no meio de um monte de ripas e gesso, e, acima disso, no teto, havia um buraco de tamanho suficiente para deixar passar um homem. No chão, junto à escada, estava jogado um comprido rolo de corda. Ao lado da mesa, numa poltrona de madeira, o dono da casa estava sentado, todo dobrado, a cabeça caída sobre o ombro esquerdo com aquele sorriso impenetrável e sinistro no rosto.

O corpo rígido e frio indicava que estava morto havia algumas horas. Tive a impressão de que não só as feições, mas também todos os seus membros estavam torcidos e virados de uma forma fantástica. Sobre a mesa havia um instrumento muito especial: uma vareta escura com uma cabeça de pedra semelhante a um martelo, toscamente amarrada com barbante grosso. Ao lado, um pedaço de papel com algumas palavras rabiscadas. Holmes olhou para aquilo, e depois mostrou-me.

— Está vendo? — disse, erguendo significativamente as sobrancelhas.

À luz da lanterna, eu li com um estremecimento de horror: *O sinal dos quatro*.

— Pelo amor de Deus, o que significa tudo isto? — perguntei.

— Significa assassinato — disse ele, inclinando-se sobre o cadáver. — Ah! Eu já esperava! Olhe aqui!

Holmes apontava para uma coisa que parecia um espinho comprido e escuro, enterrado na pele pouco acima da orelha.

— Parece um espinho — eu disse.

— É um espinho. Pode tirá-lo. Mas tenha cuidado, porque está envenenado.

Tirei-o com dois dedos e saiu tão depressa que quase não deixou marca. Uma pequena mancha de sangue mostrava onde tinha sido a perfuração.

— Tudo isto é um mistério insolúvel para mim. Em vez de se esclarecer, torna-se cada vez mais obscuro.

— Pelo contrário — respondeu Holmes. — A cada instante fica mais claro. Eu só preciso de mais alguns elos para completar a corrente.

Desde que entráramos no quarto, tínhamos esquecido completamente da presença de Tadeu. Ele ainda estava parado à porta, a própria imagem do terror, torcendo as mãos e lamentando-se. De repente, rompeu num choro agudo e lastimoso.

— O tesouro sumiu! — dizia. — Roubaram o tesouro. Lá está o buraco por onde nós o descemos. Fui eu que o ajudei! Eu fui a última pessoa a vê-lo. Deixei-o aqui ontem à noite e ouvi a porta ser trancada enquanto eu descia a escada.

— Que horas eram?

— Dez horas. E agora está morto, a polícia virá e vai suspeitar de mim. Oh, sim! Tenho certeza de que vai. Mas os senhores não pensam assim, não é verdade? Certamente não pensam. Se tivesse sido eu, não iria trazê-los aqui, não é? Oh, meu Deus, sinto que vou enlouquecer.

Ele agitava os braços e batia os pés numa espécie de acesso convulsivo.

— Não há nenhum motivo para estar com medo, sr. Sholto — disse Holmes com bondade, pousando a mão no ombro dele. — Siga o meu conselho e vá ao posto contar o caso à polícia. Ofereça-se para ajudá-los em tudo que for possível. Nós o esperaremos aqui.

O homenzinho obedeceu meio espantado e ouvimos seus passos vacilantes quando desceu a escada no escuro.

6

SHERLOCK HOLMES FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO

— Agora, Watson, temos meia hora para nós — disse Holmes, esfregando as mãos. — Vamos empregá-la bem. Como lhe disse, o caso está quase todo esclarecido, mas não devemos cometer erros por causa do excesso de confiança. Embora pareça simples agora, o caso pode ter alguma coisa mais profunda por trás.

— Simples! — exclamei.

— Certamente — disse ele, com um certo ar de professor que dá uma explicação aos alunos. — Faça o favor de sentar-se naquele canto, para que suas pegadas não compliquem o caso. E agora, mãos à obra. Em primeiro lugar, como essas pessoas vieram e como foram embora? A porta não foi aberta desde ontem. E a janela?

Levou a lanterna até lá, murmurando suas observações mais para si mesmo do que para mim:

— Janela fechada por dentro, moldura sólida, não há gonzos de lado. Vamos abri-la: nenhum cano de água perto. Telhado inacessível. Apesar disso, um homem entrou pela janela. Choveu um pouco ontem à noite. Temos a marca de um pé no parapeito. E aqui está uma marca redonda de lama, que se repete ali, no chão, e outra vez perto da mesa. Veja aqui, Watson. É realmente uma bela demonstração.

Olhei para os discos nítidos de lama.

— Isso não é uma pegada — eu disse.

— É algo muito mais valioso para nós. É a marca de uma perna de pau. Você pode ver, no parapeito da janela temos a marca da bota. Uma bota

pesada com um salto largo de metal e ao lado está a marca do toco de madeira.

— É o homem da perna de pau!

— Exatamente. Mas havia mais alguém, um cúmplice hábil e eficiente. Você poderia escalar aquele muro, doutor?

Olhei para fora pela janela aberta. A lua brilhava ainda sobre o ângulo da casa. Estávamos a uns 18 metros do chão e, para onde quer que se olhasse, não se via nada onde se pudesse pôr o pé, nem sequer uma fenda no muro.

— É completamente impossível.

— Sem auxílio, é. Mas suponha que um amigo lhe atirasse aqui de cima esta boa corda que vejo ali no canto, e a amarrasse naquele enorme gancho na parede. Parece-me que, neste caso, se você fosse ágil, poderia subir com perna de pau e tudo. Voltaria como veio, e o seu cúmplice iria puxar a corda, tirá-la do gancho, fechar a janela por dentro com o trinco e sair como entrou. Como um pequeno detalhe, deve-se observar que o nosso homem da perna de pau, apesar de subir com perfeição, não é um marinheiro de profissão — ele continuou, examinando a corda. — Não tem as mãos calejadas; com a lente, descobri mais de uma mancha de sangue, principalmente no fim da corda, e daí concluí que ele escorregou com tanta velocidade que arrancou pele das mãos.

— Está tudo muito bem, mas a coisa fica cada vez mais ininteligível. E o cúmplice? Como ele entrou?

— Ah, sim, o cúmplice — repetiu Holmes, pensativo. — Há pontos muito interessantes sobre esse cúmplice. É por causa dele que este caso deixa de ser vulgar. Creio que esse cúmplice fez a sua estreia nos anais do crime neste país, pois casos semelhantes inspiram-se na Índia e, se não me falha a memória, na Senegâmbia.

Eu insisti:

— Mas como ele entrou? A porta está trancada, a janela é inacessível. Será que foi pela chaminé?

— A grade é pequena demais — respondeu Holmes. — Eu já tinha pensado nisso.

— Então como foi? — continuei insistindo.

— Você não aplica os meus preceitos — disse, meneando a cabeça. — Quantas vezes já lhe disse que, quando tiver eliminado o impossível, o que fica, *por mais improvável que seja*, deve ser a verdade? Sabemos que ele

não entrou pela porta, nem pela janela, nem pela chaminé. Também sabemos que não podia estar escondido no quarto, porque não havia onde se esconder. Logo, por onde ele veio?

— Pelo buraco do teto! — gritei.

— Certamente. Deve ter sido assim... Se tiver a bondade de segurar a lanterna para mim, estenderemos nossas pesquisas ao quarto de cima, o quarto secreto onde foi achado o tesouro.

Subiu pela escada e, segurando uma viga com a outra mão, içou-se até o sótão. Depois, abaixando-se para alcançar a lanterna, segurou-a, enquanto eu subia. O quarto em que entramos tinha mais ou menos três metros de comprimento por dois de largura; o chão era todo de barrotes ligados por ripas e gesso, de modo que para andar era preciso saltar de trave em trave. O teto formava a cimalha e era evidentemente a parte interna do verdadeiro telhado. Não havia nenhum tipo de móvel e uma grossa camada de poeira, acumulada durante anos, cobria o chão.

— Olhe para isto — Holmes pôs a mão na parede e disse: — É um alçapão que leva para fora do telhado. Empurrando-o, temos o próprio telhado acabando num ângulo. Portanto, foi por aqui que entrou o nº 1. Vamos ver se achamos mais vestígios da sua individualidade.

Ele aproximou a lanterna do chão e, pela segunda vez naquela noite, vi surgir no seu rosto uma expressão de espanto. Quando segui seu olhar, fiquei gelado. O chão estava coberto de marcas de pés descalços, nítidas, perfeitamente desenhadas, mas que não chegavam à metade do tamanho do pé de um homem comum.

— Holmes, foi uma criança que fez esta coisa horrenda — eu disse num sussurro.

Ele já tinha recuperado o sangue-frio.

— Eu fiquei atordoado no primeiro momento — disse Holmes. — Mas é perfeitamente natural. A memória falhou-me, senão eu teria adivinhado. Não há mais nada para ver aqui. Vamos descer.

— Mas, afinal, qual é a sua opinião sobre as marcas de pés? — perguntei ansioso quando descemos novamente.

— Meu caro Watson, tente analisar por si mesmo — respondeu-me, ligeiramente impaciente. — Conhece o meu método. Aplique-o, e será instrutivo comparar os resultados.

— Não imagino nada que possa explicar os fatos.

— Muito em breve, tudo parecerá claro para você — disse de modo evasivo. — Acho que não há mais nada importante aqui, mas vou ver.

Pegou a lente e uma fita métrica e percorreu o quarto, medindo, comparando, examinando com o seu nariz fino e comprido quase junto ao chão e os olhos dilatados, cintilantes e atentos como os de um pássaro. Seus movimentos eram tão rápidos, silenciosos e furtivos, semelhantes aos de um cão de caça treinado farejando uma pista, que eu não pude deixar de pensar que ele seria um criminoso terrível se aplicasse sua energia e sagacidade contra a lei, em vez de aplicá-las em sua defesa. Enquanto examinava tudo, resmungava consigo mesmo, e finalmente soltou um grito de satisfação:

— Estamos com sorte. Agora devemos ter muito pouca dificuldade. O nº 1 teve a infelicidade de pisar no alcatrão. Você pode ver a linha da borda do seu pezinho, passando rente a essa coisa malcheirosa. Quebraram a garrafa e o líquido escorreu.

— E então? — perguntei.

— O que temos já é suficiente. Conheço um cachorro que é capaz de seguir este cheiro até o fim do mundo. Se uma matilha conseguir seguir o rastro de um arenque através de um condado, como um cão ensinado não conseguirá seguir um cheiro desagradável como este? É como uma soma em regra de três. A resposta devia dar-nos... Olá! Aqui estão os representantes da lei.

Podíamos ouvir passos pesados e o som de vozes embaixo. A porta do *hall* fechou-se com um estrondo.

— Antes que eles cheguem, ponha a sua mão aqui no braço e na perna deste pobre coitado. O que sente? — disse Holmes.

— Os músculos estão duros como uma pedra — respondi.

— Exatamente. Estão muito mais retesados do que habitualmente em *rigor mortis*. Juntando isso à contorção da face e o riso hipocrático, ou *risus sardonicus*, como chamavam os autores antigos, qual é a conclusão que isso sugere?

— Morte causada por algum poderoso alcaloide vegetal, uma substância semelhante à estriquinina, que provocaria o tétano — respondi.

— Foi o que me ocorreu logo que vi os músculos repuxados do rosto. Quando entramos, procurei saber como o veneno fora introduzido no

organismo e descobri o espinho, que tinha sido lançado sem muita força no couro cabeludo. Observe que o lugar atingido é o que estaria virado na direção do buraco do teto se ele estivesse sentado direito na cadeira. Agora, examine o espinho.

Apanhei-o cautelosamente e o examinei perto da lanterna. Era comprido, pontudo e preto, e lustroso na ponta, como se alguma substância pastosa tivesse secado nele. A ponta tinha sido aparada e afilada com um canivete.

— Esse espinho é da Inglaterra? — ele perguntou.

— Não é, com toda certeza.

— Com todos estes dados, você poderia tirar alguma conclusão correta. Mas, como as forças regulares estão chegando, as auxiliares têm de bater em retirada.

Enquanto ele falava, os passos se aproximaram pelo corredor, e um homem muito gordo, com uma roupa e um andar pesado, entrou no quarto. Era muito corado, corpulento e pletórico, mas com um par de olhinhos vivos que surgiam por entre as pálpebras empapuçadas. Atrás dele vinha um inspetor de uniforme e o ainda trêmulo Tadeu Sholto.

— Isto é que é um negócio, um belo negócio — gritou ele com voz áspera. — Mas quem são estes aqui? A casa parece estar cheia como uma coelheira.

— Acho que deve lembrar-se de mim, sr. Athelney Jones — disse Holmes tranquilamente.

— Ah, é claro. É o sr. Sherlock Holmes, o teórico. Lembro-me de você! Jamais esquecerei a lição que nos deu sobre causas, deduções e efeitos no caso do cofre das joias de Bishopgate. É verdade que nos pôs na pista certa, mas foi mais por sorte do que por uma boa orientação.

— Era um caso de raciocínio muito simples.

— Ora, vamos. Não se envergonhe de confessar. Mas por que tudo isto? Não é este o caso. Há fatos positivos aqui, não há lugar para teorias. Foi uma sorte que eu estivesse em Norwood por causa de outro crime. Estava na delegacia quando fui chamado. Na sua opinião, de quê o homem morreu?

— Ah, esse caso não se presta às minhas teorizações — disse secamente.

— Não, não. Ainda assim, não se pode negar que você acerta às vezes. Meu caro! Compreende-se. Porta trancada, desaparecimento de joias no valor de meio milhão. Como estava a janela?

— Fechada, mas há marcas de pés no parapeito.

— Está bem. Se estava fechada, as marcas podem não ter nada a ver com o resto. Isso é trivial. O homem pode ter morrido de um ataque, mas há o desaparecimento das joias. Também tenho a minha teoria. Às vezes tenho estes lampejos. Faça o favor de sair, sargento, e o senhor também, sr. Sholto. O seu amigo pode ficar. O que é que pensa a respeito, Holmes? Sholto diz que esteve com o irmão ontem à noite. O irmão morreu de repente e Sholto fugiu com o tesouro. O que acha?

— E aí o morto, com muita delicadeza, levanta-se e tranca a porta por dentro.

— Unh! Há uma falha aí. Vamos aplicar o bom senso. Este Tadeu Sholto esteve com o irmão, houve uma discussão, disso nós sabemos. O irmão morreu e as joias desapareceram. Disso também sabemos. Ninguém mais viu o irmão depois que Tadeu saiu. Ele não se deitou. Tadeu está, evidentemente, bastante perturbado. O seu aspecto não é nada atraente. Vocês veem que estou lançando os fios em volta de Tadeu e a rede começa a apertá-lo.

— Ainda não tem todos os fatos — disse Holmes. — Esta lasca de madeira, que tenho todos os motivos para acreditar que está envenenada, estava enterrada no couro cabeludo, onde ainda se pode ver a marca. Este bilhete estava na mesa e ao lado havia este curioso instrumento com uma extremidade de pedra. Como tudo isto se encaixa na sua teoria?

— Confirma-a em todos os aspectos — disse o detetive gordo de maneira pomposa. — A casa está repleta de curiosidades da Índia. Foi Tadeu quem trouxe o espeto envenenado e usou-o de maneira criminosa como qualquer outra pessoa o faria. O bilhete é um logro, é uma venda com que querem tapar nossos olhos... A única dúvida é: como ele teria saído? Ora... pelo teto, ali está um buraco.

Com muita agilidade para o seu tamanho, ele subiu a escada e passou para o sótão. Logo em seguida, ouvimos sua voz exultante anunciando a descoberta do alçapão.

— Ele pode descobrir alguma coisa — disse Holmes, sacudindo os ombros. — De vez em quando tem lampejos de razão: *Il n’y a pas des sots si incommodes que ceux qui ont de l’esprit!*

— Estão vendo? — disse Athelney Jones, voltando pelas escadas. — Os fatos são melhores que as teorias, no fim das contas. A minha opinião está

confirmada. Há um alçapão que se comunica com o telhado, e está meio aberto.

— Fui eu que o abri.

— Oh!... Então tinha reparado nele? — Ele parecia ter ficado surpreso com a descoberta. — Pois bem, quem quer que o tenha percebido, ele prova que o nosso cavalheiro pôde escapulir. Inspetor!

— Pronto! — responderam do corredor.

— Peça ao sr. Sholto para entrar. Sholto, é meu dever informá-lo de que qualquer coisa que disser será usada contra você. Está preso em nome de S.M., a Rainha, como culpado da morte de seu irmão.

— Estão vendo? Eu bem que tinha dito! — exclamou o pobre homem, levantando as mãos e olhando para nós.

— Não se aflija com isso, sr. Sholto — disse Holmes. — Acho que posso prometer-lhe que o livrarei disso.

— Não prometa demais, sr. Teórico, não vá prometendo demais — interrompeu o detetive. — Pode achar o caso depois mais difícil do que lhe parece agora.

— Sr. Jones, não só livrarei o sr. Sholto, como também darei ao senhor de presente o nome e a descrição de uma das duas pessoas que estiveram neste quarto ontem à noite. O nome, tenho todos os motivos para acreditar que seja o de Jonathan Small. É um homem sem instrução, baixo, ágil, que não tem a perna direita e usa uma perna de pau já gasta na parte interna. A bota que usa no pé esquerdo tem sola quadrada com uma tira de ferro em torno do salto; é um homem de meia-idade, muito queimado de sol. Já foi condenado a trabalhos forçados. Estas poucas indicações podem ajudá-lo, juntamente com o fato de que está com a pele ferida na palma da mão. O outro homem...

— Ah! O outro? — perguntou Athelney Jones num tom de escárnio, mas mesmo assim impressionado, como pude ver facilmente, com a precisão do outro.

— O outro é um personagem curioso — disse Sherlock virando-lhe as costas. — Espero apresentar-lhe o par dentro de pouco tempo. Watson, quero falar com você.

Levou-me para o patamar da escada.

— Esta ocorrência inesperada afastou-nos do objetivo principal da nossa jornada.

— Estava pensando exatamente nisso. Não é justo que a srta. Morstan fique nesta casa amaldiçoada.

— Não, você tem de levá-la para casa. Ela mora com a sra. Cecil Forrester, em Lower Camberwell, que não é muito longe. Fico aqui à sua espera, se quiser voltar. Mas quem sabe está cansado?

— De modo algum. Acho que não poderei descansar enquanto não souber mais sobre este caso fantástico. Tenho assistido a muitas desgraças, mas dou-lhe a minha palavra de que esta sucessão de acontecimentos extraordinários, nesta noite, abalou-me profundamente. E já que chegamos a este ponto, quero acompanhá-lo até o fim.

— A sua presença vai ser de grande utilidade — respondeu Holmes. — Trabalharemos de modo independente, e deixemos que esse pateta do Jones fique exultante com qualquer bobagem que consiga elaborar. Depois que você deixar a srta. Morstan, quero que vá a Pinchin Lane, nº 3, quase à beira-mar, em Lambeth. A terceira casa do lado direito é de um passarinheiro que se chama Sherman. Chame pelo velho Sherman e, com os meus cumprimentos, diga-lhe que preciso de *Toby* imediatamente. E você irá trazer *Toby* no carro.

— É um cão, imagino.

— É um mestiço original que tem um faro admirável. Eu prefiro o auxílio de *Toby* ao de todos os policiais de Londres juntos.

— Então vou trazê-lo. Já é uma hora. Se eu conseguir outro cavalo, estarei aqui antes das três horas.

— E eu vou ver o que consigo saber com a sra. Bernstone e com o criado hindu, que o sr. Tadeu disse que dorme no sótão contíguo ao outro — disse Holmes. — Depois vou estudar os métodos do grande Jones e ouvir os seus sarcasmos pouco delicados. “*Wir sind gewohnt dass die Menschen verhöhen was sie nicht verstehen.*” Goethe é sempre vigoroso.

7

O EPISÓDIO DO BARRIL

A POLÍCIA TINHA UM CABRIOLÉ À DISPOSIÇÃO, E NELE LEVEI a srta. Morstan para casa. Como toda mulher angelical, a srta. Morstan suportou tudo serenamente enquanto sentiu que precisava dar apoio a uma pessoa mais fraca que ela, e por isso encontrei-a tranquila ao lado da pobre governanta apavorada. Mas no cabriolé não teve mais forças e desmaiou, e depois chorou descontroladamente, por ter passado por experiências tão terríveis durante as aventuras daquela noite.

Depois ela me disse que me achara frio e distante naquele dia. Ela nem imaginou a luta que se travava no meu íntimo e o esforço para me manter afastado. O meu amor e a minha compreensão se dirigiam para ela como quando, antes, tomara no jardim as suas mãos nas minhas. Senti que anos de uma vida cheia de convenções não poderiam me fazer conhecer melhor a sua natureza doce e corajosa do que esse único dia de experiências estranhas.

Mas havia dois pensamentos que me impediam de confessar-lhe o meu afeto. Ela estava fraca e desamparada, com os nervos e o espírito abalados. Seria um abuso falar de amor naquele momento.

Pior ainda, ela estava rica. Se Holmes fosse bem-sucedido nas suas investigações, ela seria uma das maiores herdeiras da Inglaterra. Seria justo, honesto, que um cirurgião a meio soldo se aproveitasse da intimidade que o acaso lhe proporcionara? Será que ela não iria me ver como a um reles caçador de fortunas? Era intolerável pensar que essa ideia pudesse passar pela sua mente. Esse tesouro de Agra interpôs-se como uma barreira intransponível entre nós.

Eram quase duas horas quando chegamos à casa da sra. Cecil Forrester. As criadas já tinham se recolhido, mas a sra. Forrester se interessara tanto pela mensagem que a srta. Morstan recebera que ficou esperando a sua volta. Foi ela mesma quem abriu a porta; era uma mulher de meia-idade, graciosa, e fiquei contente de vê-la passar um braço em volta da cintura da outra com ternura e falar-lhe num tom maternal.

Estava claro que ela não era apenas uma subordinada paga, mas uma amiga respeitada. Fui apresentado e a sra. Forrester pediu-me que entrasse para lhe contar nossa aventura. Mas expliquei-lhe a importância da minha tarefa e prometi visitá-la e relatar as novidades sobre o caso. Ao retornar ao cabriolé, olhei para trás e ainda hoje tenho a impressão de ver o pequeno grupo na escada formado pelas graciosas figuras unidas, a porta entreaberta, por onde se escoava a luz do *hall*, o barômetro e os prendedores de metal das passadeiras da escada. Era tranquilizador, em meio ao acontecimento tenebroso em que estávamos envolvidos, ter ao menos um rápido vislumbre de um lar inglês tranquilo. E quanto mais eu pensava no que acontecera, mais tenebroso e obscuro aquilo me parecia. Enquanto rodava pelas ruas silenciosas, iluminadas a gás, ia recordando a extraordinária sucessão de acontecimentos. Havia um problema original, que, agora, pelo menos, estava claro. A morte do capitão, a remessa das pérolas, o anúncio, a carta... todos estes fatos estavam esclarecidos. Mas eles nos levaram unicamente a um mistério mais profundo e muito mais trágico.

O tesouro indiano, o curioso plano encontrado nos papéis de Morstan, a cena estranha da morte do major Sholto, a descoberta do tesouro imediatamente seguida do assassinato do descobridor, os detalhes singulares do crime, as pegadas, a arma esquisitíssima, as palavras do bilhete correspondendo às que estavam escritas no mapa de Morstan formavam um labirinto que um homem menos talentoso que o meu companheiro de casa se veria atrapalhado para esclarecer.

Pinchin Lane era uma fila de casas miseráveis de dois andares na parte mais baixa de Lambeth. Tive que bater mais de uma vez até que me atendessem.

Mas, finalmente, vi o brilho de uma vela por trás da rótula e um rosto olhou da janela de cima.

— Vá-se embora, seu vagabundo bêbado. Se bater de novo, eu abro os canis e solto 43 cães em cima de você.

— Se quiser soltar um, é o que me basta.

— Vá-se embora — gritou a voz. — Tenho um chicote aqui e vou usá-lo na sua cabeça se não for embora logo.

— Mas eu quero um cachorro — gritei.

— Eu não quero conversa — berrou o sr. Sherman. — Ouça bem... vou contar até três e então vai sentir o chicote.

— O sr. Sherlock Holmes… — comecei a falar... As palavras mágicas provocaram um efeito imediato. Ele fechou a janela e num minuto a porta se abria.

Sherman era um velho magro, descarnado, de ombros caídos, pescoço musculoso e óculos azuis.

— Um amigo do sr. Sherlock Holmes é sempre bem-vindo. Entre, por favor. Mas não chegue perto desse texugo porque ele morde. Seu malcriado, queria dar uma dentada no cavalheiro?

Falava assim com uma fuinha que enfiara a cabeça de olhos vermelhos pelas grades da gaiola.

— Não ligue, meu senhor, é uma *preguiça*, não tem garras, ela anda pela casa porque liquida com os insetos. O senhor deve me desculpar por ter sido um pouco grosseiro no início, mas a criançada bate muitas vezes aí na porta para me aborrecer. O que é que o sr. Sherlock Holmes quer?

— Quer um dos seus cães.

— Deve ser *Toby*.

— É exatamente esse.

— *Toby* mora no nº 7, aqui à esquerda.

Moveu-se devagar com a sua vela por entre a excêntrica família de animais que reunira em torno dele. À luz vacilante da vela eu notava que havia olhos que nos espreitavam aborrecidos, sonolentos, de todos os lados. Até as vigas acima das nossas cabeças estavam cheias de aves que mudavam preguiçosamente de posição quando as nossas vozes perturbavam seu sono. *Toby* era um bicho feio, de pelo comprido, orelhas caídas, mestiço, pardo e branco, com um andar vacilante e desajeitado.

Depois de hesitar um pouco, aceitou um tablete de açúcar que Sherman me dera, selando assim a nossa aliança, e ele foi comigo no carro sem dificuldade. Tinham acabado de soar três horas no relógio do palácio quando cheguei a Pondicherry Lodge. O ex-lutador McMurdo também

tinha sido preso para averiguações, e tanto ele como o sr. Sholto foram levados para o posto policial. Dois guardas estavam no portão, mas deixaram-me entrar com o cachorro quando mencionei o nome de Holmes. Ele estava na porta, com as mãos nos bolsos, fumando seu cachimbo.

— Ah, ah! Você o trouxe. Bom bicho. — Athelney Jones saiu. — Tivemos uma grande exibição de energia depois que você saiu. Ele prendeu não só o pobre Tadeu, mas também o porteiro, a governanta e o criado indiano. O lugar está à nossa disposição, mas há um sargento lá em cima. Deixe o cão aí e venha cá.

Amarramos *Toby* à mesa do vestíbulo e subimos. O quarto estava como o deixamos, e a única diferença era que o cadáver fora coberto com um lençol. Um sargento com um ar enfastiado estava encostado a um canto.

— Empreste-me a sua lente, sargento — disse Sherlock. — Agora prenda este pedaço de cartão no meu pescoço, de modo que fique pendurado na minha frente. Obrigado. Agora tenho de tirar as meias e as botas. Você deve levá-las lá para baixo, Watson; eu vou subir por aí um pouco. Molhe o meu lenço em alcatrão. Pronto. Venha agora ao sótão comigo um instante.

Subimos pelo buraco. Holmes dirigiu a luz para as marcas de pés na poeira.

— Quero que repare bem nestas marcas. Não observa nelas nada de estranho?

— Elas foram feitas por uma criança ou uma mulher baixa.

— Além do tamanho. Vê alguma coisa?

— Parecem pegadas como qualquer outra.

— De jeito nenhum! Veja! Aqui está a marca de um pé direito. Vou marcar agora com o meu. Qual é a diferença?

— Os dedos do seu pé estão juntos e a outra marca mostra os dedos separados uns dos outros.

— Exatamente. Lembre-se disto. Agora vá até aquela janela e cheire o parapeito. Eu fico aqui por causa do lenço que tenho na mão.

Fiz como ele pediu e logo senti um cheiro forte de alcatrão.

— Foi aí que ele pôs o pé ao sair. Se *você* pôde sentir o cheiro, devo pensar que *Toby* não terá dificuldade. Vá lá embaixo, solte o cão e procure *Blondin*.

Quando cheguei lá fora, vi Holmes no telhado como um enorme pirilampo andando de gatinhas pela calha. Eu o perdi de vista quando ele

passou atrás de um grupo de chaminés, mas reapareceu logo, para tornar a desaparecer no lado oposto.

Quando dei a volta, achei-o sentado num dos beirais, num canto.

— É você, Watson?

— Sou eu.

— Foi aqui. O que é aquilo preto lá embaixo?

— Um barril de água.

— Está coberto?

— Está.

— Não há sinais de que uma escada tenha sido apoiada nele?

— Não.

— Que patife. É um lugar perigoso. Se ele pôde subir, eu posso descer por aqui. O barril parece bastante firme. Lá vai... de qualquer maneira.

Ouviu-se o ruído dos pés de Holmes se arrastando e a lanterna começou a descer com firmeza pela parede. Depois, com a luz na mão, chegou ao barril, e dali pulou para o chão.

— Era fácil segui-lo — disse, enfiando as meias e as botas. — As telhas estavam soltas em todo o trajeto por onde passou, e na pressa ele perdeu isto, que confirma o meu diagnóstico, como vocês, médicos, dizem.

O que ele me mostrava era um saco pequeno de embira colorida e com umas contas de cores vivas presas em volta. Pelo tamanho e formato, parecia uma cigarreira. Dentro havia seis espinhos de madeira escura, pontudos de um lado, redondos do outro, como o que fora usado para ferir Bartolomeu Sholto.

— São coisas infernais — disse Holmes. — Não vá se arranhar com eles. Estou contente por tê-los encontrado. É provável que ele só tivesse estes. Assim, não precisamos ter muito medo de que sejamos mimoseados com algum na nossa pele. Você é capaz de enfrentar uma caminhada difícil de uns dez quilômetros, Watson?

— Mas com toda certeza — respondi.

— A sua perna aguenta?

— Aguenta.

— Aqui está o cachorrinho. O bom e velho *Toby*. Cheire, *Toby*, cheire...

Ele encostou o lenço embebido em alcatrão no focinho do cão, que estava com as pernas bambas afastadas, aspirando o lenço como um conhecedor aspiraria o *bouquet* de uma boa safra de vinho.

Holmes atirou o lenço longe, amarrou uma corda grossa no pescoço do mestiço e levou-o para perto do barril de água. O bicho começou a dar uma série de latidos agudos, trêmulos e, com o nariz perto do chão e a cauda no ar, começou a seguir o rastro numa rapidez que mal conseguíamos acompanhar.

O céu começara a clarear e já era possível enxergar a uma certa distância na luz fria e cinzenta. A casa quadrada e sólida, com as suas escuras janelas vazias e paredes altas e nuas, se elevava, triste e desamparada, atrás de nós. Atravessamos o terreno da casa rodeando fossos e buracos. O espaço todo, com os seus montes de lixo espalhados e os arbustos raquíticos, tinha um aspecto estéril, abandonado, que combinava bem com a tragédia que ali se desenrolara.

Ao chegar ao muro que cercava o jardim, *Toby* foi andando pela sua sombra, ganindo, e finalmente parou num canto onde havia uma faia nova que o cobria. Do canto formado pelas duas paredes tinham sido tirados vários tijolos, as fendas estavam desgastadas e com as bordas arredondadas, como se tivessem sido usadas como escada. Holmes subiu e, pegando o cão, atirou-o para o outro lado.

— Olhe a marca da mão do perna de pau — ele mostrou quando subi. Veja a leve mancha de sangue na cal branca. Foi uma sorte que não tenha chovido forte desde ontem. O cheiro vai se conservar na estrada, apesar da dianteira de 28 horas que eles têm sobre nós.

Eu confesso que tinha minhas dúvidas quando pensei no tráfego movimentado no caminho para Londres nesse intervalo. Mas meus receios logo desapareceram. *Toby*, sem hesitar nem desviar-se, ia andando no seu bamboleio característico. Era óbvio que o cheiro desagradável do alcatrão se sobrepunha a todos os outros.

— Não pense que o êxito da minha investigação depende do fato de o sujeito ter ou não pisado nessa substância; o que sei agora me permitiria rastreá-los de muitas outras maneiras. Esta é a mais rápida e, já que a sorte a colocou nas nossas mãos, seria condenável desprezá-la. Entretanto, impediu que o caso fosse o belo problema intelectual que prometia ser.

— Garanto-lhe, Holmes, que fico maravilhado com os meios que você usa para obter resultados neste caso, ainda mais do que no assassinato de Jefferson Hope. Este aqui parece mais profundo e inexplicável. Como você

pôde, por exemplo, descrever com tanta segurança o homem da perna de pau?

— Ah, meu rapaz, é a própria simplicidade. Não quero ser teatral. É tudo claro e nítido. Dois oficiais que comandam a guarda dos degredados ficam sabendo de um segredo importante a respeito de um tesouro enterrado. Um inglês chamado Jonathan Small desenha um mapa para eles. Deve lembrar que vimos o nome no mapa do capitão; ele assinou em seu próprio nome e nos de seus sócios, *O sinal dos quatro*, como ele o chama de modo um tanto dramático. Ajudados por este mapa, os oficiais, ou um deles, descobrem o tesouro e o trazem para a Inglaterra, deixando, vamos supor, de cumprir alguma das condições. E então por que Jonathan não foi buscar o tesouro? A resposta é óbvia. O mapa tem a data da época em que Morstan teve mais contato com os degredados. Jonathan Small não pegou o tesouro porque ele e seus sócios eram degredados, e não podiam sair.

— Mas isso é pura especulação.

— É mais do que isso. É a única hipótese que pode explicar os fatos. Vamos ver pelo desenrolar dos acontecimentos. O major Sholto vive em paz durante alguns anos, feliz com a posse do tesouro. Então recebe uma carta da Índia, que o deixa muito assustado. O que era?

— Uma carta dizendo que os homens que ele enganara haviam sido libertados.

— Ou tinham fugido. Essa hipótese é muito mais provável, porque ele devia saber quando a pena terminaria. Não teria sido uma surpresa para ele. O que fez então? Pôs-se em guarda contra o homem da perna de pau, um homem branco; note, porque ele quase matou um comerciante branco que pensou ser o outro. Só havia o nome de um homem branco no mapa, os outros são de indianos e maometanos, não há outro branco. Portanto, podemos garantir que o homem da perna de pau é Jonathan Small. Você acha que este raciocínio é falho?

— Não. É claro e conciso.

— Agora ponha-se no lugar de Jonathan Small. Vamos olhar a questão do ponto de vista dele. Small vem para a Inglaterra com a dupla intenção de recuperar o que considerava seu direito e de vingar-se do homem que o enganara. Descobriu onde Sholto morava e, provavelmente, estabeleceu ligações com alguém dentro da casa. Talvez o copeiro, esse Lal Rao, que não vimos. A sra. Bernstone não aprecia o seu caráter. Mas Small não

conseguiu saber onde o tesouro estava escondido, porque ninguém sabia de nada, a não ser o major e um criado fiel, que tinha morrido. Um dia, Small fica sabendo que o major está para morrer. Desesperado, com medo de que ele morra levando consigo o segredo, arrisca-se a enfrentar o obstáculo dos guardas até chegar à janela do quarto do moribundo, e só não entra porque os dois filhos estavam presentes. Entretanto, louco de raiva do morto, entra no quarto naquela noite, vasculha os papéis na esperança de descobrir uma indicação qualquer sobre o tesouro e, finalmente, deixa como lembrança da sua visita a curta inscrição naquele papel. Esse ato certamente foi premeditado; ainda que tivesse assassinado o major, ele teria deixado o bilhete como um sinal de que não era um crime comum, mas, do ponto de vista dos quatro sócios, uma espécie de ato de justiça. Conceitos bizarros e extravagantes como este são muito comuns nos anais do crime, e costumam fornecer informações valiosas sobre o criminoso. Está seguindo o meu raciocínio?

— Perfeitamente.

— O que Jonathan podia fazer? Ele só podia continuar a vigiar secretamente as tentativas de encontrar o tesouro. É possível que saísse da Inglaterra e só voltasse de tempos em tempos. Então o sótão é descoberto e ele é logo avisado, o que indica que tinha um aliado dentro da casa. Jonathan, com a sua perna de pau, está totalmente impossibilitado de chegar ao quarto de Bartolomeu Sholto, que fica no alto. Traz consigo um cúmplice curioso, que vence a dificuldade, mas molha o pé descalço em alcatrão. Por isso vem *Toby*, e uma caminhada de dez quilômetros para um cirurgião a meio soldo com um tendão de Aquiles arruinado.

— Mas foi o cúmplice e não Jonathan quem cometeu o crime.

— Exatamente. E contra a vontade de Jonathan, a julgar pelo modo como ele bateu com os pés quando entrou no quarto. Ele não tinha nada contra Bartolomeu e teria preferido que o cúmplice o tivesse amarrado e amordaçado. Não queria matá-lo; mas foi inevitável. O cúmplice não controlou os seus instintos ferozes e o veneno fez o seu trabalho. Jonathan deixou a sua lembrança, desceu o tesouro até o chão e foi atrás. Foi assim que as coisas aconteceram, até onde eu posso imaginar. Naturalmente, ele deve ter a aparência de um homem de meia-idade e deve estar queimado de sol, depois de servir num forno como as ilhas Andamãs. Pode-se calcular a altura pelo comprimento das passadas e sabemos que ele usa barba. Você

deve lembrar-se de que foi um indivíduo peludo que impressionou Tadeu quando ele o viu à janela. Não sei se há mais alguma coisa.

— E o cúmplice?

— Ah, sim. Também não é um grande mistério. Mas dentro de pouco tempo você saberá tudo sobre isto. Como está agradável a manhã. Veja aquela nuvenzinha que flutua como uma pluma cor-de-rosa de algum gigantesco flamingo. Agora a orla vermelha do sol caminha para o nevoeiro de Londres. Ele brilha sobre muitas pessoas, mas aposto que nenhuma delas está empenhada numa missão mais estranha do que eu e você. Como nos sentimos pequenos com as nossas ambições e lutas insignificantes diante das grandes forças elementares da natureza! Como vai com o seu Jean-Paul?

— Menos mal. Tenho-o estudado por Carlyle.

— Era como seguir o regato até o lago que lhe deu origem. Ele faz uma observação curiosa, mas profunda. Diz ele que a prova principal da verdadeira grandeza no homem é a compreensão da sua mesquinhez. Ele afirma, como vê, um poder de comparação e de apreciação que é, em si mesmo, uma prova de nobreza. Há muito alimento para o espírito em Richter. Você trouxe uma pistola?

— Tenho a minha bengala.

— É possível que tenhamos necessidade de alguma coisa desse tipo se acertarmos a pista. Deixo Jonathan para você, mas se o outro oferecer resistência, terei de matá-lo com um tiro.

Enquanto falava, tirou o revólver e, após carregá-lo, tornou a colocá-lo no bolso do lado direito.

Durante este tempo vínhamos seguindo o rumo de *Toby* pelas estradas meio rurais ladeadas de vilas que levavam à metrópole. Mas agora estávamos começando a atravessar muitas ruas onde trabalhadores e operários das docas já estavam em atividade e mulheres desmazeladas abriam as portas e varriam as escadas da entrada.

As tabernas das esquinas dos quarteirões estavam começando a funcionar e homens mal-encarados apareciam esfregando as mangas nas barbas depois da libação matutina. Uns cachorros esquisitos latiram e olharam espantados para nós, mas o nosso inimitável *Toby* não olhou nem para a esquerda nem para a direita, e foi seguindo com o nariz rente ao chão.

Tínhamos atravessado Streatham, Brixton, Camberwell, e agora estávamos em Kennington Lane, que tínhamos alcançado pelas ruas a leste do Oval. Os homens que perseguíamos pareciam ter feito um caminho em ziguezague; provavelmente para não chamarem atenção. Em nenhum momento seguiram pela rua principal quando havia uma rua paralela secundária que pudesse servir. Ao pé de Kennington Lane, viraram à esquerda para Bond Street e Miles Street. No lugar onde esta rua passa a ser Knight's Place, *Toby* parou, mas começou a correr para trás e para a frente com uma orelha levantada e outra caída, a própria imagem da indecisão canina. Depois passou a andar em círculo, olhando para nós de vez em quando, como se pedisse a nossa compreensão por seu embaraço.

— O que o cão tem? — resmungou Holmes. — Eles certamente não tomaram um cabriolé, nem foram embora num balão.

— Talvez tenham parado aqui durante algum tempo — sugeri.

— Ali, está bem, ele já descobriu a pista outra vez — disse o meu companheiro em tom de alívio.

De fato, depois de fungar em volta novamente, ele se decidiu e partiu de repente com uma energia e uma disposição que ainda não tinha mostrado. O cheiro parecia agora ainda mais forte porque ele nem precisava farejar o chão, mas deu um puxão na corda e saiu correndo. Eu podia ver pelo brilho dos olhos de Holmes que ele achava que estávamos nos aproximando do fim da nossa jornada. Passamos por Nine Elms e chegamos ao depósito de madeira de Broderick e Nelson, logo depois da taberna White Eagle.

Foi então que o cachorro, frenético de excitação, voltou-se para o cercado onde os serradores já estavam trabalhando. *Toby* correu pelo meio das aparas e serragens por uma aleia estreita até uma passagem entre duas pilhas de madeira e, finalmente, com um latido triunfante, saltou sobre um barril que ainda estava no carrinho de mão em que tinha sido trazido. Com os olhos piscando e a língua pendente, *Toby* ficou em cima do barril olhando para nós, à espera de um sinal de aprovação.

Os aros do barril e as rodas do carrinho tinham sido untadas com alcatrão e o ar estava impregnado do cheiro. Sherlock e eu olhamos desconsolados um para o outro e explodimos ao mesmo tempo numa gargalhada incontrolável.

8

OS AUXILIARES DE BAKER STREET

— E AGORA? — PERGUNTEI. — *Toby* PERDEU SUA FAMA DE infalível!

— Ele agiu de acordo com as instruções que recebeu — disse Holmes, tirando-o de cima do barril e levando-o para fora do depósito. — Se lembrarmos a quantidade de alcatrão transportada em carroças em Londres diariamente, não é de admirar que o nosso rastro tenha sido atravessado por outro. É muito usado agora, principalmente para secar a madeira. O pobre *Toby* não deve ser censurado.

— Temos que voltar ao rastro primitivo, suponho.

— Temos, e felizmente não é muito longe — disse Holmes. — Evidentemente, o que confundiu o cachorro na esquina de Knight's Place foi que havia dois rastros indo em direções opostas. Seguimos o caminho errado. Só nos resta seguir o outro.

Não houve dificuldade. No local em que se enganara, *Toby* começou a andar num amplo círculo e finalmente partiu numa nova direção.

— Espero que agora ele não nos leve ao lugar de onde veio o barril — observei.

— Já tinha pensado nisso. Mas repare que ele vai pela calçada e o barril só podia ir pelo meio da rua. Agora estamos no caminho certo.

Toby nos levava agora para a beira do rio, passando por Belmont Place e Prince's Street. No fim da Broad Street, ele correu em direção à beira da água, onde havia um pequeno cais de madeira. *Toby* levou-nos até a extremidade do cais e parou ganindo e olhando para a água escura que corria diante de nós.

— Estamos sem sorte — disse Holmes. — Pegaram um bote aqui.

Havia vários botes e lanchas por ali. Levamos *Toby* a todos eles, porém, por mais que fungasse, não fez o menor sinal de reconhecimento.

Perto do tosco embarcadouro havia uma casa pequena de tijolos com uma placa de madeira pendurada na segunda janela, na qual estava escrito em grandes letras *“Mordecai Smith”*, e mais abaixo *“Embarcações para alugar, por hora ou por dia”*. Uma segunda tabuleta em cima da porta informava que também havia uma lancha a vapor — informação confirmada por uma grande pilha de coque no molhe. Sherlock olhou em torno e seu rosto adquiriu uma expressão sinistra.

— As coisas não vão bem. Esses malandros são muito mais espertos do que eu esperava. Parece que esconderam as suas pistas. Receio que tenha havido algum arranjo prévio por aqui.

Ele estava se aproximando da porta da casa quando ela se abriu e um menino de seis anos, de cabelos encaracolados, saiu correndo, seguido por uma mulher gorda e corada com uma grande esponja na mão, que gritava:

— Vem cá, Jack. Deixa eu te limpar. Vem cá, filhinho. Se teu pai chega e te vê assim, vamos ter de ouvir sermão.

— Oh, amiguinho — disse Holmes espertamente. — Que malandro de faces rosadas. O que é que você gostaria de ter, Jack?

O menino pensou um momento e disse:

— Queria um xelim.

— Você não gostaria mais de outra coisa?

— Gostaria mais de dois xelins — respondeu o prodígio, depois de pensar um pouco.

— Então, aqui está. Pegue! Que bela criança, sra. Smith.

— Deus o abençoe, meu senhor, ele é muito travesso, me dá muito trabalho, principalmente quando o meu marido fica fora por alguns dias.

— O sr. Smith não está? — disse Holmes, desapontado... — Lamento, porque queria muito falar com ele.

— Saiu desde ontem de manhã e, para lhe dizer a verdade, estou começando a ficar preocupada. Mas se é por causa de algum bote, talvez eu possa resolver.

— Desejava alugar a lancha a vapor.

— Ora veja, meu senhor, foi justamente na lancha a vapor que ele saiu. É isso o que me deixa intrigada, porque sei que o carvão que levaram não podia dar para ir a Woolwich e voltar. Se ele tivesse ido na barca, eu não

ficaria preocupada, porque muitas vezes ele tem ido a trabalho até Gravesend e, se houvesse muito o que fazer, ficaria por lá. Mas para que serve uma lancha a vapor sem carvão?

— Pode ter comprado carvão por aí, em qualquer cais.

— Poderia, mas não costuma fazer isso. Ele reclama muito dos preços que cobram... Além disso, não gosto daquele homem de perna de pau, de cara feia e fala estrangeira. O que é que ele anda querendo sempre por aqui?

— Um homem de perna de pau? — disse Holmes um tanto surpreso.

— Sim, senhor, um sujeito moreno, com cara de macaco, que procurou o meu marido várias vezes. Foi ele que apareceu ontem à noite. Mas não é só isso: o meu marido sabia que ele vinha, porque já tinha a lancha preparada. Digo-lhe tudo, meu senhor, porque estou preocupada com essas coisas.

— Mas, minha cara sra. Smith, está se assustando à toa — disse Holmes, dando de ombros. — Como a senhora pode dizer que foi o homem da perna de pau que veio ontem à noite? Como pode ter tanta certeza?

— Pela voz, senhor. Eu o reconheci pela voz grossa e tenebrosa. Bateu na janela, mais ou menos às três horas, e disse: "Salta, camarada, é hora de render a guarda." O meu velho acordou o Jim, que é o meu filho mais velho, e foram os dois sem me dizer nada. Eu ouvia perfeitamente a perna de pau batendo nas pedras.

— E o homem estava só?

— Não sei. Mas não ouvi mais ninguém.

— Pois sinto muito, porque eu queria a lancha. Tenho ouvido muitos elogios a respeito dela. Deixe-me lembrar o nome...

— A *Aurora*, meu senhor.

— Não é uma lancha velha, verde, muito larga, com uma listra amarela?

— Claro que não. É a mais elegante que anda pelo rio. Está pintada de novo, é preta, com duas listras vermelhas.

— Obrigado. Espero que tenha logo notícias do sr. Smith. Eu vou descer o rio e se vir a *Aurora*, direi ao sr. Smith que a senhora está preocupada. Chaminé preta, não foi o que disse?

— Não, senhor. Preta com uma faixa branca.

— Ah, é verdade, os lados é que são pretos. Bom dia, sra. Smith. Ali está um barqueiro com uma canoa, Watson. Vamos tomá-la para atravessar o rio.

Quando nos sentamos no banco da canoa, Holmes disse:

— O melhor sistema com esse tipo de gente é não mostrar que a informação é importante para você. Se eles desconfiam que tem importância, fecham-se como uma ostra e não há jeito de tirar-lhes mais nada. Se ficar ouvindo a contragosto, como aconteceu, dirão tudo o que quisermos saber.

— O nosso itinerário agora parece claro — eu disse.

— O que é que faria, então?

— Tomaria uma lancha e iria pelo rio atrás da *Aurora*.

— Meu amigo, isso seria uma empreitada colossal. Ela pode ter ido parar em qualquer cais em um dos lados do rio, daqui até Greenwich. Depois da ponte há um verdadeiro labirinto de desembarcadouros. Levaria dias e dias até descobri-los, se tentássemos sozinhos.

— Chame a polícia, então.

— Não quero. Eu só chamarei Athelney Jones no último momento. Ele não é má pessoa e não gostaria de fazer nada que possa prejudicá-lo profissionalmente. Mas quero resolver o caso por minha conta, agora que já fomos tão longe.

— Poderíamos ao menos pedir informações aos guardas dos cais.

— Seria pior, bem pior. Nossos homens ficariam sabendo que estavam sendo perseguidos de perto e podiam sair do país. É o que estão procurando fazer, mas, enquanto pensarem que estão seguros, não terão pressa. A energia de Jones será útil para divulgar informações para a imprensa. Assim, os fugitivos pensarão que a polícia está na pista errada.

— Então, o que vamos fazer? — perguntei quando desembarcamos perto da penitenciária de Millbank.

— Pegar este cabriolé, ir para casa tomar nosso *breakfast* e dormir uma hora. Está escrito que passaremos em claro esta noite outra vez. Pare numa agência dos correios, cocheiro. Ficaremos com *Toby*, porque ele ainda pode ser útil.

Fomos ao correio de Great Peter Street, e Holmes mandou o seu telegrama.

— Para quem pensa que era? — perguntou quando retomamos nosso trajeto.

— Não tenho a menor ideia.

— Você se lembra do grupo da força policial de Baker Street que utilizei no caso Jefferson Hope?

— Lembro — eu disse rindo.

— Este é um caso em que o seu auxílio será inestimável. Se eles falharem, tenho outros recursos, mas quero experimentá-los primeiro. Aquele telegrama foi para o meu sujo tenentezinho Wiggins, e espero que ele chegue com o seu bando antes de acabarmos o *breakfast*.

Já passava das oito horas, e, depois de todas as coisas excitantes daquela noite, eu esperava uma reação forte. Estava lento e cansado, com o espírito perturbado e o corpo moído. Não tinha o entusiasmo profissional que impulsionava o meu companheiro, nem podia encarar o caso como um problema abstrato, simples e intelectual. Até a morte de Bartolomeu, eu não tinha ouvido nada de bom sobre ele que me fizesse sentir antipatia pelos assassinos. Mas a questão do tesouro modificava o caso. Ele, ou parte dele, pertencia por direito à srta. Morstan. Enquanto houvesse uma possibilidade de recuperá-lo, eu dedicaria todo o meu esforço para conseguir isso. Na verdade, se eu o encontrasse, ele a colocaria fora do meu alcance para sempre.

Mas que amor seria esse, egoísta e inferior, se este pensamento me detivesse? Se Holmes trabalhava para encontrar os criminosos, eu tinha um motivo dez vezes mais forte para encontrar o tesouro de qualquer maneira.

Um bom banho em Baker Street e roupas limpas me reanimaram admiravelmente.

Quando voltei à sala, o *breakfast* já estava na mesa. Holmes servia o café.

— Está aqui — disse ele, rindo e mostrando um jornal aberto. — O enérgico Jones e o onipresente repórter se encarregaram de tudo. Mas você já está farto disto. É melhor que trate primeiro do seu presunto com ovos.

Tirei o jornal da mão dele e li a notícia curta intitulada *“Caso misterioso no Alto Norwood...”*. Dizia o *Standard*:

> *Por volta da meia-noite de ontem, o sr. Bartolomeu Sholto, de Pondicherry Lodge, Alto Norwood, foi encontrado morto em seu quarto, em circunstâncias que indicam crime e traição. Até onde sabemos, nenhum vestígio de violência foi encontrado no corpo do sr. Bartolomeu, mas uma coleção valiosa de joias da Índia que o morto herdara de seu pai desapareceu. A descoberta foi feita primeiro pelo sr. Sherlock Holmes e pelo dr. Watson, que tinham ido à casa do sr. Bartolomeu com o sr. Tadeu Sholto, irmão do morto. Por uma singular*

coincidência, o sr. Athelney Jones, o conhecido agente da força da polícia, estava em Norwood, no posto policial, e em meia hora chegava ao local.

Sua habilidade, treinada e experiente, logo se concentrou na detenção dos criminosos, o que resultou na prisão do irmão, Tadeu Sholto, da governanta, sra. Bernstone, um copeiro hindu, Lal Rao, e o porteiro, McMurdo. É fora de dúvida que o ladrão ou ladrões tinham perfeito conhecimento do interior da casa. Com os seus conhecimentos técnicos e sua capacidade de observação rápida, o sr. Jones descobriu logo que os criminosos não podiam ter entrado pela porta nem pela janela, e, portanto, devem ter entrado pelo telhado da casa, e dali passaram por um alçapão para um quarto que se comunicava com o do morto. Este fato foi facilmente esclarecido e provou que o roubo fora premeditado. A ação rápida e enérgica dos representantes da lei demonstra a grande vantagem da presença, nessas ocasiões, de uma mente esclarecida e forte. Isso fornece um argumento àqueles que desejariam ver os nossos detetives mais descentralizados e em contato mais direto e efetivo com os casos que têm o dever de investigar.

— Não está pomposo? — disse Holmes, engolindo o café. — O que você acha?

— Acho que escapamos por um triz de sermos presos também...

— Eu também acho. Mas não responderia pela nossa segurança agora se ele tiver outro de seus acessos de energia.

Nesse momento ouvimos um toque forte da campainha e a voz alta da nossa senhoria, a sra. Hudson, num gemido de consternação e medo.

— Por Deus, Holmes — eu disse, levantando-me um pouco. — Acho que eles estão realmente atrás de nós.

— Não, não é nada tão ruim assim. É a força auxiliar de Baker Street, a não oficial.

Em seguida, ouvimos o ruído de pés descalços que subiam correndo a escada, um tumulto de vozes, e 12 garotos sujos e esfarrapados precipitaram-se na sala. Havia entre eles uma certa disciplina, apesar da entrada tumultuada, porque num instante eles ficaram em fila, olhando para nós com rostos ansiosos.

Um deles, mais alto e mais velho, ficou na frente com um ar de superioridade que era cômico naquele espantalhozinho de má reputação.

— Recebi o seu recado, senhor, e trouxe logo o pessoal — disse ele. — Três xelins e um pence para as passagens.

— Aí está — disse Holmes, dando-lhe umas moedas de prata. — De hoje em diante, você se entende comigo, Wiggins, e eles com você. Não posso ter a casa invadida assim. Em todo o caso, é bom que todos ouçam as instruções. Eu quero saber onde está uma lancha chamada *Aurora*, que pertence a Mordecai Smith, preta com duas listras vermelhas, chaminé preta com uma faixa branca. Está em algum ponto do rio. Quero que um rapaz fique no lugar onde Mordecai Smith mora, no cais em frente a Millbank, para avisar se o barco voltar. Dividam o trabalho entre vocês, de modo que possam fiscalizar as duas margens ao mesmo tempo. Assim que souberem de alguma coisa, venham me avisar. Compreenderam bem?

— Sim, senhor — disse Wiggins.

— O pagamento de costume e um guinéu a mais para quem descobrir a lancha. Aí tem um dia adiantado. Agora podem ir.

Deu um xelim a cada um, e eles sumiram pela escada abaixo. Um minuto depois eu os vi correndo pela rua.

— Se a lancha estiver no rio, eles vão encontrá-la — disse Holmes, levantando-se e acendendo o cachimbo. — Esses garotos podem ir a toda parte, ver tudo, ouvir disfarçadamente todo mundo. Espero ouvir, antes de anoitecer, que eles a descobriram. Enquanto isso, não podemos fazer nada, a não ser esperar. Não podemos retornar à pista interrompida enquanto não encontrarmos a *Aurora* ou o sr. Mordecai Smith.

— *Toby* podia comer estes restos — sugeri. — Vai deitar-se, Holmes?

— Não, não estou cansado. Tenho uma constituição curiosa. Não me lembro de ter ficado alguma vez cansado por causa de trabalho, mas a ociosidade me deixa completamente exausto. Vou fumar e pensar neste caso estranho, em que a nossa loura cliente nos meteu. Se algum dia houve um caso fácil, foi este. Não existem tantos homens com pernas de pau, mas o outro deve ser único!...

— O outro de novo!

— Eu não quero fazer mistério sobre ele. Mas você deve formar a sua própria opinião. Analise os dados que tem. Pegadas pequenas, dedos que nunca foram comprimidos por calçado, pés descalços, um bastão com a

ponta de pedra, grande agilidade e pequenos dardos envenenados... O que deduz de tudo isso?

— Já sei... um selvagem! Talvez um dos tais indianos, sócios de Jonathan Small.

— Não me parece — disse Sherlock. — Logo que vi sinais de armas exóticas, tive essa ideia, mas a característica das pegadas me obrigou a rever minha opinião. Alguns habitantes da península indiana são baixos, mas mesmo assim não deixariam aquelas marcas. O hindu tem pés finos e compridos. Os maometanos, que usam sandálias, têm o dedo grande muito separado dos outros porque geralmente a correia passa entre eles. Os dardos também só podiam ter sido atirados por uma zarabatana. Então, onde vamos achar o selvagem?

— Na América do Sul! — arrisquei.

Ele estendeu a mão e apanhou um livro grosso na estante.

— Este é o primeiro volume de um dicionário geográfico, que está sendo publicado agora. Pode ser considerado uma autoridade de primeira ordem. Vejamos o que tem aqui: Andamã, ilhas situadas a 540 quilômetros ao norte de Sumatra, na baía de Bengala. Unh! O que vem a ser isso tudo? Clima úmido, bancos de coral, tubarões, Port-Blair, acampamentos de degredados, Rutland Island, algodoeiros. Ah, aqui está!

> *Os aborígines das ilhas Andamã podem reivindicar o título de raça de menor estatura da terra, embora alguns antropólogos apontem os aborígines da África, os índios da América e os habitantes da Terra de Fogo. A altura média deles é inferior a 1,20 metro, embora se encontrem muitos adultos bem mais baixos. São atrevidos, rabugentos e intratáveis, mas podem ser amigos quando se consegue conquistar sua confiança.*

— Lembre-se disto, Watson. Agora ouça o resto com atenção.

> *São naturalmente horrendos, têm a cabeça grande e disforme, olhos pequenos e ferozes, e feições deformadas. Têm pés e mãos extraordinariamente pequenos, e são tão ferozes e intratáveis que todas as tentativas de aproximação dos funcionários ingleses falharam em todos os níveis. Eles sempre foram o terror dos náufragos, fazendo*

saltar os miolos dos sobreviventes com bastões de ponta de pedra ou atirando-lhes os seus dardos envenenados. Esses massacres sempre terminam com um festim de canibais.

— Que povo bonito e amável, Watson! Se esse sujeito tivesse feito as coisas por sua conta, o caso teria sido bem mais horroroso. Imagino, mesmo do jeito que aconteceu, quanto Small não teria dado para ter dispensado a colaboração dele.

— Mas como ele arranjou um companheiro tão singular?

— Isso é querer saber muito! Mas como já sabemos que Small veio das ilhas Andamã, não admira que esse nativo de lá tenha vindo com ele. Quando chegar a ocasião, nós o saberemos. Escute, Watson, você parece estar bem cansado. Deite-se ali no sofá, vou fazê-lo dormir com o meu violino.

Apanhou-o num canto, e eu estava me esticando numa posição cômoda quando ele começou uma ária melodiosa, lenta, sonhadora. Provavelmente era de sua autoria, porque ele tinha um talento notável para improvisar. Lembro-me vagamente dos seus membros descarnados, da expressão séria e dos movimentos do arco. Depois tive a impressão de estar flutuando tranquilamente num mar de sons suaves até que me encontrei na terra dos sonhos, com os olhos doces de Mary Morstan me fitando.

9

A CORRENTE SE QUEBRA

ACORDEI NO FIM DA TARDE, REVIGORADO E COM NOVO ÂNIMO. Sherlock Holmes ainda estava sentado como eu o deixara, com a diferença de que tinha deixado de lado o violino e estava mergulhado num livro.

Ele me olhou quando me mexi e notei que seu rosto estava sombrio e perturbado.

— Você dormiu como um anjo. Receei que a nossa conversa o acordasse.

— Não ouvi nada. Então teve notícias?

— Infelizmente, não. Confesso que estou surpreso e desapontado. A esta hora eu esperava ter alguma informação precisa. Wiggins veio aqui há pouco. Diz que não há o menor sinal da lancha. É um contratempo irritante este, porque cada hora que passa é importante.

— Posso fazer alguma coisa? Agora estou perfeitamente descansado e pronto para outra excursão noturna.

— Não, não podemos fazer nada. Só esperar. Se formos nós mesmos, pode chegar algum aviso na nossa ausência e as coisas se atrasarem ainda mais. Você pode fazer o que quiser, mas eu preciso permanecer no meu posto.

— Então vou a Camberwell visitar a sra. Forrester. Ela me pediu ontem.

— Por causa da sra. Forrester? — perguntou Holmes com um olhar irônico.

— Por causa da srta. Morstan também, é claro. Elas estavam ansiosas por saber o que está acontecendo.

— Eu não lhes contaria muita coisa — disse Holmes. — Não se deve confiar totalmente nas mulheres... nem mesmo nas melhores.

Não parei para discutir este sentimento cruel.

— Estarei de volta daqui a uma ou duas horas.

— Muito bem. Boa sorte. Mas já que você vai atravessar o rio, pode levar *Toby* de volta, porque acho que não vamos mais precisar dele.

Saí levando o cachorro e meia libra para o velho naturalista de Pinchin Lane. Em Camberwell, encontrei a srta. Morstan um tanto cansada depois das emoções da véspera, mas ansiosa para ouvir as novidades. A sra. Forrester também estava curiosa. Contei-lhes o que tínhamos feito, mas suprimindo as partes mais tenebrosas da tragédia. De modo que falei da morte de Sholto, mas sem dizer como tinha sido executada. Apesar de todas as minhas omissões, ainda tiveram muitos motivos de assombro e susto.

— É um romance — exclamou a sra. Forrester. — Uma mulher roubada, um tesouro de meio milhão, um negro canibal e um rufião de perna de pau. Fazem o papel do dragão convencional ou do conde malvado.

— E dois cavaleiros errantes para o salvamento — disse a srta. Morstan, olhando para mim com brilho no olhar.

— A sua fortuna, Mary, depende do resultado desta busca. Mas acho que não está muito entusiasmada. Imagine só o que não valerá ser tão rica e ter o mundo aos seus pés!

Senti uma grande alegria ao constatar que ela não mostrava sinal de orgulho com a perspectiva. Pelo contrário, fez um movimento com a cabeça altiva, como se fosse um assunto que lhe despertasse pouco interesse.

— O que mais me preocupa é o pobre Tadeu! — ela disse. — O resto não é tão grave. Acho que ele procedeu com extrema bondade e honradez em tudo isto. É nosso dever livrá-lo dessa acusação terrível e infundada.

Estava anoitecendo quando saí de Camberwell e já tinha escurecido quando cheguei a casa. O livro e o cachimbo do meu amigo estavam ao lado da cadeira, mas ele tinha desaparecido. Olhei em torno esperando ver um bilhete, mas não havia nada.

— O sr. Holmes saiu? — perguntei à sra. Hudson quando ela veio descer as persianas.

— Não, senhor. Foi para o quarto.

E depois, disse num sussurro:

— Estou preocupada com a saúde dele.

— Por quê, sra. Hudson?

— Veja se não é esquisito. Depois que o senhor saiu, ele começou a andar de um lado para o outro sem parar, a tal ponto que eu fiquei cansada de ouvir seus passos. Depois ele ficou falando sozinho, e toda vez que a campainha tocava, ele vinha perguntar: “O que foi, sra. Hudson?” Agora fechou-se no quarto, mas posso ouvi-lo andando o tempo todo. Espero que não fique doente. Eu me arrisquei a falar-lhe de um calmante, mas zangou-se comigo, porque me olhou de tal maneira que ainda não sei como saí da sala.

— Não acho que tenha motivo para se preocupar, sra. Hudson. Já o vi assim muitas vezes. Ele está preocupado com um assunto, e isso o deixa inquieto.

Tentei falar num tom despreocupado com a nossa senhoria, mas eu mesmo me assustei quando, durante a longa noite, ouvia de vez em quando seus passos pelo quarto, sabendo quanto o seu espírito aguçado ficava irritado com esta inércia involuntária.

Na primeira refeição ele estava abatido e macilento, com umas rosetas de febre nas faces.

— Você está se matando, meu velho. Ficou andando a noite inteira.

— É verdade, não consegui dormir. Este problema infernal está me consumindo. É demais ser frustrado por um obstáculo tão insignificante, depois de se vencer todo o resto. Sei quem são os homens, a lancha, tudo, e não consigo descobri-los. Usei todos os meios à minha disposição e outros agentes, e nada consegui, nem a sra. Smith teve notícias do marido. Daqui a pouco chegarei à conclusão de que afundaram a embarcação. Mas, quanto a isto, há sérias dúvidas.

— Ou a sra. Smith nos indicou uma pista falsa.

— Não, isso pode ser descartado. Andei investigando e a lancha existe.

— Ela poderia ter subido o rio?

— Também pensei nessa hipótese e uma turma de investigadores irá até Richmond. Se não tiver notícias hoje, eu mesmo irei amanhã procurar os homens, em vez da embarcação. Mas estou certo de que hoje saberei alguma coisa.

Mas nada soubemos. Nem uma palavra de Wiggins ou dos outros agentes. Quase todos os jornais mencionavam a tragédia de Norwood. Todos eram hostis ao infeliz Tadeu. Não havia detalhes novos, a não ser a informação de que o inquérito começaria no dia seguinte. De tarde fui a

Camberwell levar notícias do nosso insucesso às duas mulheres e, quando voltei, encontrei Holmes desalentado e triste. Mal respondia às minhas perguntas, e ficou a tarde inteira ocupado com uma análise química misteriosa que incluía o aquecimento de retortas e destilação de vapores, que acabou com um cheiro tão horrível que me fez sair da sala.

Nas primeiras horas da manhã ouvi o tinido dos tubos de ensaio, o que me indicava que ele ainda estava às voltas com a sua malcheirosa experiência. Assim que amanheceu, acordei com um sobressalto e fiquei surpreso ao vê-lo ao lado da minha cama com uma roupa ordinária de marinheiro, uma jaqueta grossa e um lenço vermelho no pescoço.

— Vou descer o rio, Watson. Fiquei pensando no assunto e acho que é o único meio. Vale a pena tentar, de qualquer modo.

— Então posso ir com você?

— Não. Você será muito mais útil aqui, como meu substituto. Vou contrariado, pois tenho certeza de que durante o dia virá algum recado, embora Wiggins ontem não tivesse mais qualquer esperança. Quero que abra todos os bilhetes ou telegramas e que proceda como achar melhor. Posso confiar?

— Com certeza.

— Temo que não possa telegrafar para mim porque ainda nem sei onde vou estar. Se tiver sorte, não vou demorar. Mas, antes de voltar, vou saber alguma coisa, seja como for.

Não tive notícias dele até a hora do almoço. Ao abrir o *Standard*, descobri que havia uma nova alusão ao caso.

> *Com relação à tragédia de Norwood, dizia o jornal, temos motivos para acreditar que seja ainda mais complexa e misteriosa do que parecia a princípio. Novas evidências demonstraram que é impossível que o sr. Tadeu Sholto esteja envolvido no crime. Ele e a governanta, sra. Bernstone, foram postos em liberdade ontem à tarde. Parece, entretanto, que a polícia tem uma pista para descobrir os verdadeiros culpados e que o sr. Athelney Jones, da Scotland Yard, a está seguindo com a sua conhecida energia e sagacidade. Esperam-se novas prisões a qualquer momento.*

— É quase satisfatório. Pelo menos, Tadeu está livre. Qual será a nova pista? Mas parece uma desculpa costumeira, usada sempre que a polícia se perde.

Atirei o jornal na mesa, mas nesse instante meus olhos deram com este anúncio:

> *Desaparecido: — Gratifica-se com cinco libras quem der informações à sra. Smith, no Smith's Wharf, ou em Baker Street 221 B, sobre onde encontrar Mordecai Smith, barqueiro, e seu filho Jim, que saíram de Smith's Wharf às três horas da manhã de terça-feira última, na lancha a vapor Aurora, preta com listras vermelhas, chaminé preta e branca.*

Evidentemente, o anúncio era coisa de Holmes. O endereço de Baker Street era a prova.

Fiquei impressionado com a engenhosidade da ideia, porque o anúncio podia ser lido pelos fugitivos, que não veriam nele nada além da ansiedade da esposa pelo desaparecimento do marido.

Que dia longo! Toda vez que batiam na porta ou que eu ouvia um passo mais forte na calçada, imaginava que era Holmes voltando, ou a resposta ao anúncio. Tentei ler, mas o meu pensamento se desviava para a nossa estranha busca e para a dupla de vilões que perseguíamos. Eu me perguntava se haveria por acaso algum erro fundamental no raciocínio do meu amigo. Será que ele não estaria sofrendo uma enorme decepção? Não seria possível que o seu espírito vivo e imaginativo tivesse construído a sua teoria baseado em premissas falsas? Nunca o tinha visto enganar-se, mas mesmo a pessoa de raciocínio mais afiado pode se equivocar.

Ele podia ter-se enganado por causa da sua lógica ultrarrefinada, por sua preferência pelas explicações sutis e bizarras quando uma mais direta e comum lhe caía prontinha nas mãos. Por outro lado, eu mesmo tinha verificado a evidência e ouvido os motivos das suas deduções. Quando recordei a longa cadeia de acontecimentos curiosos, alguns triviais, mas todos tendendo para a mesma direção, não podia negar que, mesmo que a explicação de Holmes fosse incorreta, a teoria verdadeira devia ser igualmente *outrée* e assombrosa.

Às 15 horas, ouvi um toque forte na campainha, uma voz autoritária no saguão e, para meu grande espanto, vi o sr. Athelney Jones em pessoa. Mas

ele estava muito diferente do profissional de bom senso, brusco e imperioso, que assumira o caso de Norwood com tanta confiança. Tinha uma expressão abatida e a sua atitude era humilde, quase de quem se desculpa.

— Bom dia, bom dia. Pelo que ouvi, o sr. Holmes não está.

— Não está e não sei quando voltará. Talvez queira esperá-lo. Sente-se e prove um destes charutos.

— Obrigado, não tenho vontade — disse, limpando o rosto com um lenço de seda vermelha.

— E um uísque com soda?

— Bem, meio copo. Está muito quente para a estação, e eu tenho tanta coisa para me aborrecer, para me tirar a paciência. Sabe qual é a minha teoria sobre esse caso de Norwood?

— Lembro-me de ter dito.

— Pois bem, fui obrigado a reconsiderar. Tinha amarrado a minha rede firmemente em torno de Sholto e ele escapou por um buraco no meio. Apresentou um álibi que não pôde ser posto em dúvida. Desde que saiu do quarto do irmão esteve sempre com alguém. Portanto, não podia ser ele quem subiu pelos telhados e alçapões. É um caso obscuro e o meu crédito profissional está em jogo. Gostaria muito de ter um pequeno auxílio.

— Todos precisamos de ajuda às vezes.

— O seu amigo Holmes é um homem admirável — disse ele num tom velado de confidência. — Não se deixa vencer. Tenho-o visto intervir em uma porção de casos e nunca houve nenhum que ele deixasse de esclarecer. Ele é irregular nos seus métodos e talvez apressado em formular teorias, mas, de modo geral, teria sido um agente magnífico, não receio dizê-lo. Recebi essa manhã um telegrama dele, pelo qual deduzo que consegui uma pista desse caso. Veja aí.

Tirou o telegrama do bolso e mostrou-me. Vinha de Poplar, expedido ao meio-dia.

> *Vá imediatamente para Baker Street. Se não tiver voltado, espere-me. Estou na pista do bando do caso Sholto. Poderá vir conosco esta noite, se quiser acompanhar o final.*

— Parece uma boa notícia. É evidente que ele encontrou a pista outra vez — eu disse.

— Ah, então ele também tinha se enganado! — exclamou Jones, com evidente satisfação. — Até os melhores de nós podem ser enganados às vezes. Isso pode ser um rebate falso, mas, como representante da lei, é meu dever não deixar escapar nenhuma oportunidade. Estão batendo. Talvez seja ele.

Ouvimos na escada o passo pesado de alguém que ofegava como se estivesse sem fôlego. Uma ou duas vezes parou, como se a subida lhe fosse muito penosa, mas finalmente chegou à porta e entrou. A aparência correspondia exatamente ao som que ouvimos. Era um homem idoso, vestindo roupa de marinheiro, a velha jaqueta abotoada até o pescoço. As costas eram arqueadas, os joelhos trêmulos e a respiração era penosa como a de um asmático.

Apoiado a um cajado grosso de carvalho, movia os ombros num esforço para respirar. Tinha um lenço colorido em volta do queixo e pouco se podia ver do seu rosto além de um par de olhos vivíssimos sob espessas sobrancelhas brancas e longas suíças brancas também. Deu-me a impressão de um marinheiro de primeira classe que tivesse envelhecido e ficado na miséria.

— Que é que há, meu velho?

Ele olhou em torno lentamente, do jeito próprio de um velho, e perguntou:

— O sr. Sherlock Holmes está?

— Não, mas estou no seu lugar. Pode dar-me qualquer recado que tiver para ele.

— Mas é só com ele que eu queria falar.

— Mas estou lhe dizendo que sou seu substituto. Será sobre a embarcação de Mordecai Smith?

— É. Sei muito bem onde ela está. Também sei onde estão os homens que ele procura, e também sei onde está o tesouro. Sei tudo, tudo.

— Pois diga o que sabe e eu transmitirei a ele.

— Eu queria dizer para ele — repetiu, com a obstinação impertinente de uma pessoa idosa.

— Então espere por ele.

— Não, não. Não posso perder um dia inteiro para ser agradável a ninguém. Se o sr. Holmes não está, ele que trate de descobrir a história sozinho. Eu não simpatizo com nenhum de vocês dois e por isso não direi coisa nenhuma.

Ele virou-se para a porta, mas Athelney Jones ficou na frente dele.

— Espere um pouco, meu amigo. Você tem uma informação importante. Não pode ir embora assim. Você ficará aqui, quer queira quer não, até o nosso amigo voltar.

O velho fez um movimento na direção da porta, mas Jones encostou-se nela e o velho reconheceu a inutilidade da resistência.

— Bonito tratamento este — disse furioso, batendo com o cajado no chão. — Venho para tratar com um cavalheiro e encontro dois sujeitos que nunca vi na minha vida, que me agarram e me tratam desse jeito.

— Não perderá nada — disse-lhe. — Será indenizado pelo dia perdido. Sente-se aqui no sofá e não esperará muito tempo.

Ele foi andando com a cara fechada e sentou-se com o rosto apoiado nas mãos. Jones e eu recomeçamos a fumar os charutos e retomamos a conversa. Mas, de repente, ouvimos a voz de Holmes.

— Acho que deviam me oferecer um charuto também!...

Nós dois estremecemos nas nossas cadeiras: Holmes estava sentado perto de nós, com uma expressão divertida.

— Holmes! — exclamei, atônito — Você aqui? Onde está o velho?

— Aqui está o velho — respondeu, puxando uma cabeleira branca. — Aqui está ele, cabeleira, suíças, sobrancelhas, tudo. Eu achei que meu disfarce estava bom, mas nunca pensei que passaria neste teste.

— Ah, seu malandro! — gritou Jones encantado. — Você daria um ator de mão cheia. A tosse era perfeita e os seus joelhos trêmulos valiam dez libras por semana. Só o brilho dos olhos lembrou-me você. Mas não escapou de nós com facilidade.

— Trabalhei o dia inteiro naquela caçada — disse, acendendo o charuto. — Sabe que uma boa parte da classe dos criminosos já me conhece, sobretudo depois que o nosso amigo aqui deu para publicar alguns dos meus casos. Por isso só posso continuar nessa guerra disfarçado. Recebeu o meu telegrama?

— É por isso que estou aqui.

— Como vai indo o caso?

— Não deu em nada. Tive de soltar dois dos prisioneiros e não há provas contra os outros dois.

— Não há de ser nada. Vamos dar-lhe outros dois para o lugar desses. Mas tem que ficar sob as minhas ordens. Você vai receber todo o crédito oficial, mas tem que seguir as minhas instruções. Está combinado?

— Perfeitamente, se me ajudar a pôr a mão nos homens.

— Bom. Em primeiro lugar, quero uma embarcação da polícia, rápida, uma lancha a vapor, que deve estar nas escadas de Westminster às 19 horas.

— Isso é fácil, porque há sempre uma por lá. Mas posso telefonar para me certificar.

— Quero também dois homens valentes para o caso de resistência.

— Levaremos dois ou três na embarcação. O que mais?

— Quando prendermos os homens, pegaremos o tesouro. Garanto que será um grande prazer para o meu amigo aqui levar a caixa diretamente para a moça a quem metade dele pertence por direito. Deixe que ela seja a primeira a abri-lo. Hein, Watson?

— Seria um grande prazer para mim.

— Isso não será uma maneira correta de proceder — disse Jones meneando a cabeça. — Mas a coisa toda é irregular, e parece-me que o melhor é fechar os olhos. Depois, o tesouro terá de ser entregue às autoridades até a conclusão do inquérito oficial.

— Naturalmente. Não custa nada. Há outro ponto. Eu queria muito saber de alguns detalhes sobre este caso do próprio Jonathan Small. Sabe que eu gosto de estudar os detalhes dos casos que investigo. Não fará objeção a uma entrevista particular com ele, aqui na minha casa ou em qualquer outro lugar, desde que ele seja vigiado?

— Bem, você tem o domínio da situação. Eu ainda não tive nenhuma prova da existência desse Small. Mas se você o apanhar, não vejo como poderei recusar-lhe a entrevista com ele.

— Então está entendido.

— Perfeitamente. Há mais alguma coisa?

— Apenas insisto que jante conosco, o que faremos daqui a meia hora. Tenho ostras e um casal de patos selvagens, com alguns vinhos brancos escolhidos. Watson, você ainda não conheceu os meus méritos como dono de casa.

10

O FIM DO ILHÉU

NOSSA REFEIÇÃO FOI ALEGRE. QUANDO ESTAVA DISPOSTO, Holmes conversava maravilhosamente, e naquela noite estava muito disposto. Parecia estar numa grande excitação nervosa. Nunca o vira tão brilhante. Falou sobre vários assuntos em rápida sucessão: autos sacramentais, cerâmica medieval, violinos Stradivarius, o budismo no Ceilão e sobre os navios de guerra do futuro, tratando de cada um como se tivesse feito um estudo especial.

Seu humor brilhante indicava a reação à depressão dos dias anteriores.

Jones mostrou um temperamento sociável nas suas horas de lazer e tratou de jantar como um *bon vivant*. Eu me sentia feliz com a ideia de que estávamos perto do fim da nossa tarefa e apropriei-me um pouco da alegria de Holmes. Durante o jantar, nenhum de nós mencionou o caso que nos reunira ali.

Depois da refeição, Holmes olhou para o relógio e encheu três cálices de vinho do Porto, dizendo:

— Um brinde ao sucesso da nossa expedição. E há muito que já devíamos ter saído. Tem uma pistola, Watson?

— Tenho o meu velho revólver de serviço na minha escrivaninha.

— É melhor levá-lo. Sempre é bom estar preparado. O cabriolé já está esperando. Pedi que viesse às 18h30.

Quando chegamos ao cais de Westminster, um pouco depois das sete, a lancha já nos esperava. Holmes examinou-a.

— Há alguma coisa que revele que é da polícia?

— A lanterna verde do lado.

— Então mande tirá-la.

Feita a mudança, entramos e partimos. Sentamo-nos à popa. Havia um homem ao leme, um maquinista e dois corpulentos agentes da polícia à frente.

— Para onde vamos? — perguntou Jones.

— Para a Torre. Diga-lhes que parem em frente a Jacobson's Yard.

A embarcação era realmente muito rápida. Passamos pelas filas de barcaças carregadas como se elas estivessem paradas. Holmes sorriu com satisfação quando alcançamos um barco a vapor e o ultrapassamos.

— Acho que somos capazes de pegar qualquer coisa no rio.

— Não digo tanto. Mas poucas lanchas podem competir com esta.

— Temos que pegar a *Aurora* e ela tem fama de ser muito rápida. Vou contar-lhe o que aconteceu, Watson. Lembra-se de que eu estava aborrecido por me sentir tolhido por um obstáculo tão insignificante?

— Lembro.

— Pois bem, dei um descanso à minha mente mergulhando numa experiência química. Um dos nossos maiores estadistas disse que a melhor maneira de descansar era mudar de trabalho. E é mesmo. Quando consegui dissolver o hidrocarbono em que trabalhava, voltei ao problema de Sholto e pensei de novo sobre o caso. Os meus rapazes tinham subido e descido o rio sem resultado. A lancha não estava em nenhum desembarcadouro ou cais, nem tinha voltado. Mas dificilmente iriam afundá-la para apagar seus vestígios, mas ficava de pé a hipótese se todo o resto falhasse. Eu sabia que esse Small era astuto, mas não o julgava capaz de uma ideia sutil. Essas ideias costumam resultar de uma educação apurada. Refleti que, como ele estava em Londres há algum tempo, já que temos prova de que mantinha vigilância constante sobre Pondicherry Lodge, dificilmente poderia sair do país de repente, mas precisaria de algum tempo, mesmo que fosse apenas um dia para organizar suas coisas. Era esta a probabilidade, de qualquer modo.

— O argumento me parece fraco — eu disse. — Certamente ele preparou tudo antes de pôr mãos à obra.

— Não creio. O seu covil deve ser seguro demais para que se desfizesse dele antes de ter concluído o negócio. Mas há outra coisa: Jonathan Small deve ter compreendido que o aspecto peculiar do companheiro, por mais que o tenha vestido e disfarçado, iria levantar suspeitas e possivelmente seria associado à tragédia de Norwood. Ele é bastante esperto para perceber

isso. Saíram do esconderijo de noite, protegidos pela escuridão, e ele devia querer estar de volta antes de o dia clarear. Ora, eles foram buscar a lancha depois das três horas, conforme disse a sra. Smith. Eles tinham pouco tempo, e o movimento ia começar dali a uma hora, mais ou menos. Portanto, achei que não deviam ter ido para muito longe. Pagaram bem o silêncio de Smith, reservaram a lancha para o momento de fugir e correram para casa com o cofre. Em duas noites tinham tempo de ver pelos jornais a direção que a polícia tomava, e, se houvesse alguma suspeita, aproveitariam a noite para fugir e pegar algum navio em Gravesend ou em Down, onde sem dúvida já tinham comprado passagens para a América ou para as colônias.

— Mas e a lancha? Não podiam tê-la levado para casa.

— Exatamente. Compreendi que, apesar da sua invisibilidade, a lancha não podia estar longe. Imaginei-me no lugar de Small e pensei no que faria nesse caso. Ele provavelmente achou que mandar a lancha de volta ou guardá-la num cais seriam maneiras de facilitar a perseguição se a polícia estivesse na pista dele. Como poderia escondê-la e tê-la à mão quando precisasse? Então pensei no que eu faria se me visse numa situação dessas. Só havia um meio: levar a lancha a um estaleiro para mudar suas características. Poderia então voltar para o ancoradouro, onde ficaria realmente escondida e, ao mesmo tempo, à minha disposição em poucas horas.

— Parece simples.

— São exatamente essas coisas simples que costumam passar despercebidas. Decidi trabalhar nesse sentido. Parti naquele inofensivo traje de marinheiro e perguntei em todos os estaleiros rio abaixo, e nada consegui saber em 15; mas, no décimo sexto, no Jacobson, eu soube que a *Aurora* lhes fora entregue dois dias antes por um homem de perna de pau, com umas instruções sobre o leme. “Não há nada errado com o leme”, disse o mestre. “Lá está ela com as suas listras vermelhas.” Naquele instante quem iria aparecer? Mordecai Smith, o dono. Estava meio bêbado. Eu não o conhecia, mas ele berrou seu nome e o da lancha, e disse que precisava dela às vinte horas em ponto. “Não se esqueça”, disse ele, “porque tenho dois cavalheiros que não podem ficar esperando”. Ele tinha sido bem pago porque nadava em dinheiro, distribuindo xelins aos homens. Eu o segui por algum tempo, mas ele entrou num botequim. Então voltei ao estaleiro e,

pegando no caminho um dos meus rapazes, deixei-o de sentinela vigiando a lancha. Ele está na beira do rio e acenará com o lenço quando eles saírem. Nós vamos ficar por aí no rio para agarrar os homens, tesouro e tudo.

— Você planejou tudo muito bem, sejam ou não os nossos homens — disse Jones. — Mas, se o caso estivesse nas minhas mãos, eu deixaria um grupo de policiais no estaleiro Jacobson e prenderia todos eles quando chegassem.

— Isso não ocorreria nunca. Este Small é muito vivo. Mandará alguém na frente e se houver alguma coisa suspeita, adiará a viagem para a outra semana.

— Mas podia ter seguido Mordecai Smith, e assim descobriria o esconderijo.

— E teria perdido o meu dia. Aposto cem contra um como Smith não sabe onde eles estão. Enquanto ele tiver bebida e bom pagamento, por que faria perguntas? Eles mandam recados. Já pensei em todas as possibilidades, e esta é a melhor.

Quando passamos diante do centro financeiro e comercial de Londres, os últimos raios de sol douravam o alto da Catedral de St. Paul. Quando chegamos à Torre, o crepúsculo deixava a cidade na penumbra.

— Lá está Jacobson's Yard — disse Holmes, apontando para um local cheio de mastros e apetrechos de navio para os lados do Surrey. — Vamos cruzar devagarzinho por aqui, encobertos por estas filas de barcaças.

Tirou do bolso um binóculo e ficou observando a margem por algum tempo.

— Estou vendo a minha sentinela no seu posto, mas não há sinal do lenço — observou.

— Se descêssemos um pouco o rio e esperássemos por eles — sugeriu Jones, ansioso.

Nesse momento estávamos todos ansiosos, até os policiais e os tripulantes, que tinham uma ideia muito vaga do que estava para acontecer.

— Não temos o direito de achar que a vitória está garantida — respondeu Holmes. — É quase certo, dez contra um, que eles descerão o rio, mas quem poderá garantir? Daqui nós vemos a entrada do estaleiro e eles não poderão nos ver. A noite será clara e cheia de luzes. Devemos ficar onde estamos. Veja como as pessoas se amontoam em torno do cercado.

— Estão saindo do trabalho no estaleiro.

— Gentinha suja, mas todos eles têm em si uma centelha imortal. Ao olhar para eles, ninguém diria isso. Estranho enigma é o homem.

— Há quem diga que é uma alma escondida num animal — comentei.

— Winwood Reade trata bem do assunto — disse Holmes. — Ele nota que, embora o homem seja individualmente um enigma insolúvel, quando está em grupo torna-se uma certeza matemática. Por exemplo, você não pode nunca prever com exatidão o que um homem vai fazer, mas pode prever o que um grupo fará. Os indivíduos variam, mas as coletividades são constantes. É o que dizem os estatísticos. Não é um lenço? Com toda a certeza vejo uma coisa branca flutuar.

— É o nosso rapaz — gritei. — Posso vê-lo muito bem.

— E ali vai a *Aurora* — exclamou Holmes. — E corre como um demônio. Maquinista, pra frente a todo vapor. Siga aquela lancha de luz amarela. Por Deus, nunca me perdoarei se não a alcançarmos.

Ela tinha deslizado, sem ser vista, pela entrada do estaleiro e passado entre algumas pequenas embarcações, de modo que pôde tomar uma grande dianteira antes que a víssemos. Agora ela descia o rio rente à margem numa corrida vertiginosa. Jones olhava com expressão séria e disse, sacudindo tristemente a cabeça:

— Ela é muito rápida. Duvido que a alcancemos.

— Temos de alcançá-la — rosnou Holmes entre dentes. — Maquinista, força! Força máxima. Nem que tenha de estourar a embarcação, precisamos pegá-los!

Corríamos que era uma beleza!

As fornalhas rugiam e as poderosas máquinas zuniam como um grande coração de metal. A proa pontuda cortava a água mansa do rio e formava duas ondas encrespadas à direita e à esquerda. A cada trepidação das máquinas nós saltávamos e estremecíamos como uma coisa viva. Um grande holofote amarelo na nossa proa iluminava a água à nossa frente. Logo adiante havia uma sombra escura que indicava onde estava a *Aurora* e a espuma branca agitada atrás dela mostrava a velocidade com que corria.

Passamos como um raio por entre barcaças, vapores, navios mercantes de um lado e outro. Vozes gritavam à nossa passagem, mas a *Aurora* avançava e nós a seguíamos de perto.

— Alimentem essa máquina, homens! Não poupem carvão. Força, homens! — gritava Holmes, olhando para a casa das máquinas e recebendo

em cheio no seu rosto aquilino e ansioso o clarão das fornalhas.

— Acho que chegamos mais perto — disse Jones sem tirar os olhos da *Aurora*.

— Tenho certeza — eu disse. — Em poucos minutos a alcançaremos.

Mas, nesse momento, a nossa má estrela quis que um vaporzinho, que rebocava três barcaças, se atravessasse na nossa frente. Foi com dificuldade que evitamos a colisão e, até que as contornássemos e voltássemos a correr, a *Aurora* já avançara uns bons duzentos metros. Mas ainda estava bem à vista, e o crepúsculo hesitante se transformava numa noite clara estrelada. As caldeiras estavam no máximo e a nossa frágil embarcação vibrava e rangia com a energia feroz com que estava sendo impelida.

Já tínhamos passado as Docas da West India e chegado a Deptford Reach, e subíamos de novo depois de contornar a Isle of Dogs. Desaparecera a sombra escura que víamos diante de nós e a *Aurora* aparecia nitidamente.

Jones dirigiu o foco do holofote para ela, a fim de ver bem quem estava lá dentro. Havia um homem sentado à popa com um volume preto entre os joelhos, sobre o qual se inclinava. Ao lado estava uma massa negra que parecia um cão da Terra Nova. Um rapazinho segurava o leme, e ao clarão da fornalha pude ver o velho Smith nu até a cintura, ativando o vapor na luta pela vida. No início eles talvez não soubessem com certeza se nós os estávamos perseguindo ou não, mas, agora, vendo que acompanhávamos todos os seus movimentos, não podiam mais duvidar.

Em Greenwich, estávamos uns duzentos metros atrás deles; em Blackwell, já a uns 150. Eu tinha perseguido muita gente, em muitos países, durante a minha carreira movimentada, mas nunca tive sensação igual à que me deu essa doida caçada humana pelo Tâmisa. Com firmeza fomos chegando perto, metro a metro. No silêncio da noite podíamos ouvir o resfolegar da máquina deles. O homem que estava sentado na popa continuava inclinado movendo os braços, como se estivesse fazendo alguma coisa, e de vez em quando levantava-se como para medir a distância que nos separava deles, e que era cada vez menor. Jones deu-lhes ordem de parar. Estávamos a uma distância de quatro botes deles. As duas embarcações continuavam numa corrida vertiginosa. Era um trecho desimpedido no rio, que tinha Barking Level de um lado e a melancólica Plumstead Marshes na outra margem. Quando ouviu nosso grito, o homem

que estava na popa levantou-se ameaçador e sacudiu os punhos cerrados para nós, praguejando em voz alta.

Era um homem alto e forte, e, na posição ereta em que estava, pude ver que a perna de pau começava na coxa direita. Ao som de seus gritos estridentes e furiosos, houve um movimento na massa preta que estava na coberta. Um homenzinho preto levantou-se: o menor homem que eu já vira, com uma cabeça grande e disforme, e um tufo de cabelos desgrenhados. Holmes já tinha puxado o seu revólver e eu peguei o meu ao ver aquela criatura deformada e selvagem.

Ele estava embrulhado num manto escuro, uma espécie de cobertor que o envolvia e só deixava o rosto de fora. Mas aquele rosto era suficiente para que um homem passasse uma noite em claro.

Nunca tinha visto uma fisionomia tão profundamente marcada pela bestialidade e por traços de crueldade. Os olhos pequenos brilhavam, ardendo numa luz sombria, e os lábios grossos e revirados mostravam os dentes arreganhados, ameaçando-nos com uma fúria meio animal.

— Se ele fizer um movimento, atirem — disse Holmes.

Para chegarmos até eles faltava apenas a distância de um bote. Parece que os estou vendo: o homem branco com as pernas abertas praguejando e o maldito anão, com a sua cara horrenda e rangendo os dentes enormes e amarelos, iluminados pela luz do nosso holofote.

Foi bom que pudéssemos vê-los tão nitidamente. Nesse instante, o anão tirava de sob o manto que o cobria uma peça redonda de madeira e a colocava na boca. As nossas pistolas ressoaram juntas. Ele rodopiou, estirou os braços e caiu na água com um soluço. Ainda vi seu olhar venenoso, ameaçador, entre as ondulações das águas.

Na mesma hora o homem da perna de pau atirou-se ao leme e moveu-o com força, dirigindo a embarcação para a margem sul enquanto nós passávamos a poucos metros de sua popa. Demos a volta rapidamente e ficamos atrás dela, mas a *Aurora* já estava perto da margem. Era um lugar deserto, onde a lua iluminava um extenso trecho pantanoso com grandes poças d’água estagnada e camadas de vegetação apodrecida.

A lancha, com um ruído surdo, foi de encontro ao banco de lama com a proa levantada e a popa dentro da água. O fugitivo saltou, mas a perna de pau afundou no solo movediço. Ele lutava e se debatia em vão. Não conseguia dar um passo, nem para trás nem para a frente.

Ele gritava numa raiva impotente e batia freneticamente com o outro pé na lama, mas todos os seus esforços e movimentos só o faziam enterrar-se cada vez mais na areia viscosa. Quando a nossa lancha encostou, ele já estava enterrado tão fundo que foi preciso puxá-lo com uma corda amarrada nos seus ombros, como se fosse um tubarão. Os dois Smith, pai e filho, estavam sentados, com expressão taciturna, na sua lancha, mas vieram para o nosso barco, obedientemente, quando os chamamos.

Tiramos a *Aurora* da areia e a rebocamos.

Um sólido cofre de ferro, de artesanato indiano, estava na coberta. Era, sem dúvida, o mesmo que continha o tesouro fatal dos Sholto. Estava sem chave e era pesadíssimo. Nós o levamos com cuidado para a nossa cabine. Quando subimos lentamente o rio, vasculhamos a água com o holofote em todas as direções, mas não descobrimos sinal do ilhéu.

Olhem aqui — disse Holmes, mostrando a escotilha. — Se não tivéssemos atirado depressa com os revólveres... ali, exatamente atrás do lugar onde ficávamos, estava cravado um daqueles dardos assassinos que nós conhecíamos bem. Ele deve ter passado entre nós no momento em que atiramos.

Holmes sorriu e sacudiu os ombros com a sua habitual indiferença, mas eu confesso que fiquei aterrado só de pensar na morte horrível que passara tão perto de nós naquela noite.

11

O FABULOSO TESOURO DE AGRA

NOSSO PRISIONEIRO ESTAVA SENTADO NA CABINE DIANTE DA caixa de ferro que lhe dera tanto trabalho e que ele esperara tanto para conseguir. Era um sujeito muito queimado de sol, de olhos atrevidos, com o rosto cor de mogno marcado por uma rede de linhas e rugas, que indicavam uma vida dura ao ar livre.

Havia uma singular proeminência do seu queixo barbudo, indicando um homem que não desiste facilmente dos seus objetivos. Devia ter mais ou menos cinquenta anos, porque o cabelo preto encaracolado já estava entremeado de fios brancos. A sua fisionomia, quando estava relaxada, não era repulsiva, embora as sobrancelhas grossas e o queixo agressivo lhe dessem, no momento da raiva, uma expressão terrível. Estava sentado agora com as mãos algemadas no colo, a cabeça inclinada sobre o peito, olhando para a caixa que fora a causa de todos os seus crimes. Pareceu-me que na sua atitude contida havia mais tristeza do que raiva. Num momento em que olhou para mim vi nos seus olhos um brilho que parecia de troça.

— Então, Jonathan Small, lamento que tenhamos chegado a este ponto — disse Holmes, acendendo um charuto.

— Eu também — respondeu com franqueza. — Não creio que possa me livrar desta embrulhada. Juro-lhe, pela Bíblia, que nunca levantei a mão contra Sholto. Foi aquele cão do inferno, o Tonga, que lhe atirou um dardo envenenado. Eu não tive nada com isso. Senti tanto como se fosse um parente meu. Eu ainda procurei deter o demônio puxando a corda, mas não dava para desfazer o que já estava feito.

— Pegue um charuto — disse Holmes. — E é melhor tomar um gole, pois você está muito molhado. Como você podia esperar que um homem tão pequeno e fraco pudesse dominar o sr. Sholto enquanto você subia pela corda?

— Parece que o senhor viu tudo! A verdade é que eu esperava encontrar o quarto vazio. Conhecia bem os hábitos da casa e era a hora de o sr. Sholto descer para cear. Não tenho necessidade de guardar segredo. Só posso defender-me dizendo a verdade. Se fosse o velho major, eu o teria matado sem piedade. Eu o esfaquearia com a mesma despreocupação com que fumo este charuto. Mas estava escrito que eu tinha de esbarrar neste Sholto filho, com quem nunca tive nenhuma desavença.

— Você está sob as ordens do sr. Athelney Jones, da Scotland Yard. Ele vai levá-lo até a minha casa, onde me contará tudo exatamente como aconteceu. Deve falar com toda a clareza, porque, se o fizer, talvez eu possa ser útil a você. Acho que posso provar que o veneno agiu com tamanha rapidez que, quando você entrou no quarto, o homem já estava morto.

— E foi isso mesmo. Nunca tive na minha vida um choque igual, no momento em que o vi com os dentes arreganhados e a cabeça caída sobre o ombro, quando entrei pela janela. Aquilo me abalou muito. Acho que eu teria matado Tonga se ele não tivesse fugido. Foi por isso que ele deixou lá o bastão e os dardos, o que ajudou a pôr vocês na nossa pista. O que não sei é como conseguiram nos descobrir. Não sinto animosidade em relação aos senhores por causa disso. Mas é bem curioso que eu, que podia reivindicar meio milhão, tenha gastado metade da minha vida construindo um quebra-mar nas Andamãs e provavelmente passe a outra metade cavando esgotos em Dartmoor — disse ele com um sorriso amargo. — Maldito o dia em que encontrei o negociante Achmet e fiquei sabendo da existência do tesouro de Agra, que só tem trazido maldições aos que o possuem. Trouxe a morte para ele, medo e culpa para o major Sholto e, para mim, escravidão pela vida inteira.

Jones enfiou a cabeça e os ombros na cabine e observou:

— Uma festa em família. Holmes, vou tomar um gole do seu frasco. Bem, acho que devemos nos felicitar uns aos outros. É uma pena não termos apanhado o outro vivo, mas não tivemos escolha. Confesse, Holmes, que foi duro. Mas não se podia fazer mais.

— Tudo está bem quando acaba bem — disse Holmes. — Mas eu não sabia que a *Aurora* corria tanto.

— Smith diz que é uma das lanchas mais rápidas do rio e que se ele tivesse outro homem para ajudá-lo, jamais o pegaríamos. Ele jura que não sabia nada do negócio de Norwood.

— Não sabia mesmo. Nem uma palavra — exclamou nosso prisioneiro. — Escolhi a lancha dele porque soube que era rápida. Não lhe dissemos nada, pagamos bem e ele ia receber uma bela quantia se tivéssemos chegado ao *Esmeralda*, em Gravesend, que vai para o Brasil.

— Se ele não procedeu mal, nada de mal acontecerá com ele. Embora sejamos rápidos na captura de quem procuramos, não temos a mesma rapidez em condená-los.

Era divertido notar como o vaidoso Jones já começava a assumir ares de importância na captura. Pelo ligeiro sorriso que brincava nos lábios de Sherlock, via-se que o discurso não fora desperdiçado.

— Vamos primeiro a Vauxhall Bridge, onde o dr. Watson desembarcará com o cofre — disse Jones. — Não preciso dizer-lhe que assumo uma grande responsabilidade consentindo isso. É extremamente irregular, mas trato é trato. Mas sou obrigado, por força do dever, a mandar um inspetor para acompanhá-lo, já que está com uma carga tão valiosa. É uma pena que não tenhamos a chave para fazermos primeiro o inventário. Teremos de arrombá-lo. Onde está a chave, homem?

— No fundo do rio — disse Small secamente.

— Não precisava nos dar esse trabalho desnecessário. Você já nos deu trabalho suficiente. Não preciso recomendar-lhe o máximo de cuidado, doutor. Volte a Baker Street com o cofre. Você nos encontrará lá, a caminho da delegacia.

Deixaram-me em Vauxhall com o pesado cofre, acompanhado por um agente mal-humorado e maleducado. Um quarto de hora depois eu estava na casa da sra. Cecil Forrester. A criada pareceu surpresa com uma visita tão tarde. A sra. Forrester tinha saído e ainda não voltara. Mas a srta. Morstan estava na sala; então fui até a sala com o cofre nos braços, deixando o prestativo inspetor no cabriolé. A srta. Morstan estava sentada perto da janela aberta, com um vestido branco de um tecido diáfano, levíssimo, com um leve toque de vermelho no pescoço e na cintura.

A luz suave de um abajur iluminava a moça recostada numa cadeira de palha, brincando no seu rosto grave e doce, e dando um brilho metálico dos cachos de sua farta cabeleira.

Um braço alvo pendia ao lado da cadeira e a sua postura mostrava a melancolia que a envolvia. Mas, ao ouvir os meus passos, levantou-se rapidamente, corando de surpresa e prazer.

— Ouvi um cabriolé chegar e parar, mas pensei que fosse a sra. Forrester que tivesse voltado mais cedo. Nem sonhava que pudesse ser o senhor. Que notícias me trouxe?

— Trouxe mais do que notícias — eu disse, pousando a caixa sobre a mesa e falando num tom exuberante e jovial, embora meu coração estivesse pesado. — Trouxe-lhe uma coisa que vale todas as notícias do mundo. Trouxe-lhe uma fortuna!

— Então é este o cofre? — ela perguntou friamente, olhando a caixa de ferro.

— É... este é o grande tesouro de Agra. Metade pertence a você e a outra metade a Tadeu Sholto. Terão alguns milhares cada um. Pense nisto. Uma renda anual de dez mil libras. Deve haver poucas moças mais ricas na Inglaterra. Não é glorioso?

Acho que exagerei o meu entusiasmo, e que ela percebeu um tom pouco sincero nas minhas congratulações, porque ela ergueu as sobrancelhas e olhou-me com curiosidade.

— Se tenho isso tudo, devo a você.

— Não, a mim não, ao meu amigo Sherlock Holmes. Ainda que tivesse toda a vontade do mundo, eu jamais conseguiria descobrir uma pista que pôs à prova até o gênio analítico dele. Apesar disso, quase o perdíamos no último momento.

— Peço-lhe que se sente e me conte como tudo aconteceu, dr. Watson — ela disse.

Fiz um resumo do que tinha acontecido desde o nosso último encontro: o novo método de Holmes para encontrar a *Aurora* e o êxito; o aparecimento de Athelney Jones, a nossa expedição à tarde e a caçada feroz pelo Tâmisa. Ela ouviu o relato das nossas aventuras com os lábios entreabertos e os olhos cintilantes. Quando falei do dardo que por um triz não nos atingira, ela ficou tão pálida que temi que desmaiasse.

— Não é nada — disse ela quando eu quis ir buscar água para borrifar-lhe o rosto. — Já estou bem. Foi um choque saber do perigo que correram por minha causa!

— Está tudo acabado, não foi nada. Não lhe contarei mais detalhes tenebrosos. Vamos falar agora de coisas mais alegres. Aqui está o tesouro. Tive licença para trazê-lo, pensando que gostaria de ser a primeira a vê-lo.

— Seria do maior interesse para mim — ela disse.

Mas não havia ansiedade na sua voz. Ela compreendeu que seria indelicado de sua parte não demonstrar interesse por um prêmio que custara tanto para ser conquistado.

— Que cofre bonito — disse, examinando-o. — É um trabalho indiano?

— É trabalho em metal feito em Benares.

— E como é pesado! — exclamou, tentando levantá-lo. — Só a caixa deve valer muito. Onde está a chave?

— Small atirou-a no Tâmisa — eu respondi. — Dê-me o atiçador do fogão.

Na frente da caixa havia uma imagem de Buda sentado. Enfiei por baixo da figura a ponta do ferro e levantei a tampa. A fechadura partiu-se com um estrondo. Com as mãos tremendo, ergui a tampa. Ficamos atônitos. O cofre estava vazio!

Não admirava que fosse pesado. O trabalho de ferro tinha quase dois centímetros de espessura em toda a volta. Era maciço, bem-feito e sólido; um cofre feito para carregar objetos de grande valor. Mas não havia nenhum sinal de joias dentro; estava completamente vazio.

— O tesouro está perdido — disse a srta. Morstan calmamente.

Quando ouvi estas palavras e compreendi o que elas significavam, tive a impressão de que uma grande sombra se afastava da minha alma. Eu não sabia o mal que esse tesouro me fizera até este momento, quando finalmente eu me livrava deste peso. Não há dúvida de que era egoísta, desleal, errado; mas a única coisa que eu percebia agora era que aquela barreira de ouro não estava mais entre nós.

— Graças a Deus! — suspirei do fundo da alma.

Ela me olhou com um sorriso repentino e inquiridor:

— Por que diz isso?

— Porque agora você está ao meu alcance novamente — eu disse, segurando-lhe a mão. Ela não a retirou. — Porque a amo, Mary, tão

sinceramente quanto se pode amar uma mulher. Porque esse tesouro, essas riquezas fechavam meus lábios. Agora que se foram, posso dizer quanto a amo! Por isso eu disse “Graças a Deus”.

— Então, eu também direi graças a Deus — ela murmurou quando a puxei para perto de mim.

Alguém pode ter perdido um tesouro, mas o que sabia é que eu ganhara um naquela noite.

12

A ESTRANHA NARRATIVA DE JONATHAN

O INSPETOR QUE FICOU ESPERANDO ERA MUITO PACIENTE, porque me demorei um tempo infinito.

Seu rosto tornou-se sombrio quando eu lhe mostrei que o cofre estava vazio.

— Lá se vai a recompensa — disse ele com tristeza. — Quando não há dinheiro, não há pagamento. Esta noite de trabalho valeria uma nota de dez libras para mim e para Sam Brown, se o tesouro fosse encontrado.

— O sr. Tadeu Sholto é um homem rico, esteja certo de que será gratificado, com tesouro ou sem tesouro.

Mas o agente sacudiu a cabeça, desapontado:

— É um mau negócio, e o sr. Jones também vai pensar assim.

A sua previsão estava correta porque o policial empalideceu quando lhe mostrei o cofre vazio em Baker Street. Tinham acabado de chegar, ele, Holmes e o prisioneiro, porque tinham parado no caminho. O meu companheiro estendeu-se na sua poltrona com a sua expressão apática habitual e Small sentou-se em frente e, imperturbável, cruzou a perna de pau sobre a outra. Quando mostrei a caixa vazia, recostou-se na cadeira e caiu na gargalhada.

— Isso é coisa sua, Small — disse Jones, irritado.

— É. Eu o escondi num lugar onde nunca poderão ir buscá-lo — disse exultante. — O tesouro é meu, e já que não posso ter a minha parte, ninguém terá coisa alguma dele. Já disse que nenhum ser vivo tem direito a ele, além de três homens que moram nas barracas dos degredados nas Andamã e eu. Sei agora que não posso usá-lo, e eles também não. Fiz tudo

para mim mesmo e para eles. Nós agimos sempre juntos sob *O sinal dos quatro*. Tenho a certeza de que eles teriam feito exatamente o que eu fiz. Joguei o tesouro no Tâmisa para que não fosse parar nas mãos de descendentes ou parentes de Sholto ou de Morstan. Não foi para enriquecê-los que demos cabo de Achmet. Podem achar o tesouro no lugar onde estão a chave e o pequeno Tonga. Quando vi que a sua lancha ia nos alcançar, pus tudo em lugar seguro. Para o trabalhinho de hoje não há rubis.

— Você está nos enganando, Small — disse Jones asperamente. — Se você quisesse jogar o tesouro no rio, teria sido mais fácil jogar com a caixa e tudo.

— Seria mais fácil para mim jogar e mais fácil para vocês o recuperarem — ele respondeu, olhando de soslaio. — O homem que foi suficientemente inteligente para me caçar daquele jeito também o seria para pegar uma caixa de ferro no fundo do rio. Agora que as joias estão espalhadas por cinco milhas ou mais, será muito mais difícil. Custou-me muito fazer isso, quase enlouqueci quando vi que estavam nos perseguindo. Mas não vale a pena afligir-me. Tive altos e baixos na minha vida, e aprendi que não se deve chorar pelo leite derramado.

— Este é um assunto muito sério, Small — disse o policial. — Se tivesse colaborado com a justiça em vez de prejudicá-la dessa maneira, teria atenuantes no julgamento.

— Justiça! — rosnou o ex-degredado. — Uma bela justiça! De quem é esta riqueza, se não é nossa? Seria justo que eu desistisse em favor de outros que nunca esperaram por isso? Veja quanto tempo eu esperei. Vinte longos anos naquele pântano cheio de febres, o dia inteiro trabalhando debaixo daqueles mangues, a noite inteira acorrentado nas cabanas imundas dos degredados, picado pelos mosquitos, torturado pela malária, ameaçado o tempo todo pelos malditos policiais negros que gostam de fazer mal aos brancos. Foi assim que eu vivi esperando a posse do meu tesouro, e vem o senhor me falar de justiça, porque acho insuportável a ideia de que paguei este preço para outros o desfrutarem! Preferiria ser atingido por um dos dardos de Tonga do que viver numa cela de condenado, sabendo que outro homem está num palácio desfrutando o dinheiro que deveria ser meu.

Small tinha deixado cair a máscara de estoicismo e tudo isso saiu num turbilhão de palavras enquanto seus olhos queimavam e as algemas batiam com o movimento febril das mãos.

Compreendi, ao ver a fúria e a paixão do homem, que o terror do major, ao saber que o degredado ludibriado estava na sua pista, não fora exagerado nem injustificado.

— Você se esquece de que não sabemos nada desta história — disse Holmes tranquilamente. — Ainda não ouvimos a sua história e não podemos avaliar até que ponto a justiça inicialmente estava do seu lado.

— O senhor me fala sempre com muita gentileza, embora seja ao senhor que eu devo agradecer estes braceletes que estão nos meus pulsos. Mas não guardo ressentimento por isso. É tudo justo e feito abertamente. Se quer ouvir a minha história, eu não pretendo escondê-la. Tudo o que eu disser é a pura verdade, como Deus manda que se diga. E ficarei muito agradecido se puser um copo perto de mim para molhar os beiços quando ficar com sede.

"Sou de Worcestershire, nascido perto de Pershore. Acho que ainda vai encontrar um grupo de Smalls morando por lá, se os procurar. Pensei muitas vezes em ir dar uma olhada por lá, mas o certo é que nunca fui muito benquisto na família e duvido que a minha visita lhes desse prazer. São todos gente séria que vai à missa, pequenos agricultores, conhecidos e respeitados na terra, enquanto eu sempre fui um tanto vadio. Mas, quando estava com 18 anos, deixei de lhes dar trabalho porque me meti numa embrulhada com uma moça, de que só pude me livrar alistando-me como soldado e juntando-me ao 3º Buffs que estava indo para a Índia. Mas eu não estava destinado a ser soldado por muito tempo. Eu mal tinha aprendido a segurar o mosquetão quando, imprudentemente, fui nadar no Ganges. Por sorte o sargento John Holder, da minha companhia, estava lá na mesma hora. Ele era um dos melhores nadadores da tropa. Um crocodilo veio na minha direção quando estava bem no meio do rio e arrancou minha perna direita com a mesma eficácia com que o faria um bom cirurgião, bem acima do joelho. Com o susto e o sangue que perdi, desmaiei e teria morrido afogado se Holder não me agarrasse e me levasse para a margem. Fiquei cinco meses no hospital por causa disto, e quando finalmente pude sair com esta perna de pau presa à minha coxa, estava inválido para o Exército e incapacitado para exercer qualquer atividade que exigisse movimento.

"Como podem imaginar, eu estava completamente sem sorte nessa época, um aleijado e inútil, embora ainda não tivesse vinte anos! Mas a minha desventura logo se transformou numa bênção. Um homem chamado Abel

White, que tinha ido para lá cultivar anil, queria um feitor para vigiar os carregadores e fazê-los trabalhar. Por acaso ele era amigo do nosso coronel, que tinha se interessado por mim desde o acidente. Para encurtar a história, o coronel me recomendou para a função. Como a maior parte do trabalho tinha de ser feita a cavalo, a minha perna não era obstáculo, porque podia me firmar na sela com a coxa.

"O que eu tinha de fazer era percorrer as plantações, vigiar os homens no trabalho e informar sobre os vadios. O pagamento era muito bom, tinha alojamentos confortáveis e me contentava em passar o resto da minha vida numa plantação de anil. O sr. Abel White era um homem bondoso e às vezes entrava na minha cabana para fumar um cachimbo comigo, porque ali as pessoas brancas se sentem mais próximas umas das outras do que na terra natal.

"Nunca fiquei muito tempo no caminho da sorte. De repente, sem nenhum indício prévio, estourou uma grande revolta. Um dia a Índia vivia aparentemente tranquila e pacífica como Surrey ou Kent; no dia seguinte estava transformada num perfeito inferno, com duzentos mil demônios negros soltos. É claro que os *senhores* sabem o que aconteceu, e melhor do que eu, porque leram *e eu não sei ler*. Eu só sei o que vi com os meus próprios olhos. A nossa plantação era num lugar chamado Mutra, perto da divisa das províncias do noroeste. Todas as noites eram iluminadas pelos incêndios nos bangalôs e todos os dias passavam pelas nossas propriedades grupos de europeus com mulheres e filhos para Agra, onde ficavam mais perto das tropas. O sr. Abel White era teimoso. Meteu na cabeça que tinham exagerado a dimensão do caso e que a revolta acabaria tão subitamente como tinha começado, e lá ficava ele sentado na varanda, bebendo uísque e fumando charutos, enquanto o país pegava fogo em volta.

"Claro que ficamos ao lado dele, eu e Dawson, que, auxiliado pela esposa, cuidava da escrituração e da administração.

"Bem, um belo dia a coisa estourou em casa. Eu tinha passado o dia numa plantação distante e voltava para casa devagar, à tardinha, quando vi de repente uma coisa confusa no fundo de um precipício, onde corria um regato. Fui até lá para ver o que era e senti o coração gelado quando descobri que era a esposa de Dawson cortada em tiras e meio devorada por chacais e hienas. Um pouco mais adiante estava o próprio Dawson de bruços, morto, com um revólver descarregado na mão, com quatro soldados

hindus mortos uns sobre os outros diante dele. Puxei as rédeas do cavalo, perguntando a mim mesmo para que lado eu deveria ir. Mas nesse instante vi nuvens negras de fumaça saindo do bangalô de Abel White, e as chamas que começavam a irromper pelo telhado. Eu sabia que não poderia ajudar o meu patrão e que com certeza seria massacrado. Do lugar onde eu estava podia ver centenas de demônios negros com jaquetas vermelhas dançando e rugindo em volta da casa queimada. Alguns me viram e fizeram fogo, e as balas passaram por cima da minha cabeça. Meti-me então pelas plantações de arroz e de madrugada vi-me a salvo dentro dos muros de Agra.

“Mas, como ficou provado, ali também a segurança não era grande. Toda a população estava agitada como uma colmeia de abelhas. Em qualquer lugar onde os ingleses podiam se juntar em grupos, eles mantinham apenas o terreno que ocupavam. Em todos os outros lugares, eles eram fugitivos desamparados. Era uma luta de milhões contra centenas; e a parte mais cruel daquilo era que aqueles homens contra os quais lutávamos (peões, cavaleiros e atiradores) eram as nossas próprias tropas que tínhamos ensinado e treinado, que ali estavam manejando as nossas armas, soprando as nossas cornetas. Em Agra estava o 3º regimento dos fuzileiros de Bengala, alguns *sikhs*, duas tropas a cavalo e uma bateria de artilharia. Um corpo de voluntários de empregados e negociantes tinha sido organizado e eu juntei-me a eles com perna de pau e tudo. Saímos ao encontro dos rebeldes em Shahgunge no início de julho e os obrigamos a recuar durante algum tempo, mas a nossa pólvora acabou e tivemos que voltar à cidade.

“Recebíamos as piores notícias de todos os lados, o que não era de espantar, porque, se olharmos para o mapa, veremos que estávamos mesmo no centro da revolta. Lucknow fica a uns 150 quilômetros a leste e Cawnpore, mais ou menos o mesmo ao sul. Por toda parte só havia torturas, afrontas e assassinatos. A cidade de Agra era um lugar grande, formigando de fanáticos e ferozes adoradores de todos os demônios. Os nossos poucos homens perdiam-se naquelas ruas estreitas e sinuosas.

“O nosso comandante atravessou o rio e tomou posição no velho forte de Agra. Não sei se algum dos senhores já leu ou ouviu alguma coisa sobre esse forte. É um lugar muito estranho, o mais estranho que já vi, e olhe que já me meti em cantos muito esquisitos.

“Em primeiro lugar, é enorme. Acho que o terreno murado tem muitos acres e acres. Há uma parte construída recentemente que abrigou a nossa guarnição, além de mulheres, crianças, mantimentos e tudo o mais, e ainda sobrou muito espaço. Mas essa parte não é nada se comparada ao tamanho da antiga, onde ninguém vai e que está abandonada aos escorpiões e bichos de toda espécie. Tem enormes salas desertas, corredores sinuosos, compridos lá dentro, de modo que as pessoas podem se perder facilmente ali. É por isso que raramente alguém entra lá. Mas, de vez em quando, um grupo com tochas ia até lá para exploração.

“O rio banha a frente do forte e assim o protege, mas dos lados e atrás existem muitas entradas que precisavam ser vigiadas, tanto no forte antigo como no novo, onde estavam aquarteladas as nossas tropas. Tinham pouca gente, uma quantidade de homens que mal dava para vigiar os cantos dos prédios e para usar os rifles. Portanto, era impossível manter uma guarda eficiente em cada um dos inúmeros portões. O que fizemos foi organizar uma casa de guarda central no meio do forte e deixar cada portão sob a responsabilidade de um branco e de dois ou três nativos. Eu tinha sido escolhido para fazer sentinela durante certas horas da noite numa porta isolada no lado sudoeste do prédio. Dois *sikhs* estavam sob o meu comando e eu tinha ordem de atirar à menor suspeita, para que viesse logo um auxílio da guarda central. Mas, como a guarda ficava a uns duzentos passos de distância e ainda havia entre nós um labirinto de passagens e corredores, eu duvidava que chegassem a tempo de fazer alguma coisa em caso de ataque.

“Eu estava muito orgulhoso de ter esse pequeno comando, já que eu era um recruta inexperiente e, além do mais, aleijado. Durante duas noites fiquei de sentinela com os meus dois hindus. Eram altos, rapagões de aparência feroz, Mahomet Singh e Abdullah Khan, ambos guerreiros experientes que tinham pegado em armas contra nós em Chilian Wallah. Falavam inglês razoavelmente bem, mas pouca coisa conseguia arrancar deles. Preferiam ficar juntos e bater papo a noite inteira no seu estranho dialeto *sikh*.

“Eu costumava ficar do lado de fora do portão olhando o rio largo e sinuoso lá embaixo e as luzes trêmulas da grande cidade. O rufar dos tambores, o ruído dos tantãs hindus e os gritos dos rebeldes, bêbados de ópio e fumo, eram suficientes para lembrar-nos durante a noite inteira dos

perigosos vizinhos do outro lado do rio. De duas em duas horas, o oficial de serviço costumava fazer a ronda dos postos para ver se estava tudo bem.

"A terceira noite de sentinela estava escura e suja, com uma chuva miúda impertinente. Era muito maçante ficar em pé no portão horas e horas num tempo daqueles.

"Tentei várias vezes fazer os *sikhs* falarem, mas sem muito sucesso. Às duas horas as rondas passaram e quebraram por um momento a monotonia da noite. Vendo que os meus companheiros não queriam conversa, peguei o meu cachimbo e pousei o mosquete para acender um fósforo.

"Num instante fui subjugado pelos dois *sikhs*. Um deles pegou a minha arma e apontou-a para a minha cabeça enquanto o outro encostou um punhal na minha garganta e jurou entre dentes que o enterraria se eu desse um passo.

"O meu primeiro pensamento foi que eles estavam combinados com os rebeldes e que aquilo era o início de um assalto.

"Se a porta caísse nas mãos dos soldados hindus, o local teria de se render e as mulheres e crianças seriam tratadas como em Cawnpore. Talvez os senhores estejam pensando que quero me justificar, mas dou-lhes a minha palavra de que quando pensei nisso, mesmo sentindo na garganta a ponta do punhal, abri a boca para gritar e chamar a guarda, ainda que aquele fosse o último som que me saísse da garganta. O homem que me segurava parece que adivinhou o meu pensamento, porque, mesmo enquanto eu tentava me livrar dele, murmurou:

"'Não faça nenhum barulho. O forte está bastante seguro. Não há cães rebeldes deste lado do rio.' Suas palavras pareciam sinceras, e eu sabia que, se levantasse a voz, eu seria um homem morto. Portanto, esperei em silêncio para saber o que eles queriam de mim.

"'Escute, *sahib*', disse o mais alto e feroz, o que se chamava Abdullah Khan, 'ou você se torna um dos nossos agora ou tem de ser silenciado para sempre. O negócio é grande demais para que hesitemos. Ou você passa para o nosso lado, de corpo e alma, jurando pela cruz dos cristãos, ou o seu corpo esta noite vai ser jogado no fosso e nós passaremos por cima dele para nos juntarmos aos nossos irmãos do exército rebelde. Não há meio-termo. Escolha: viver ou morrer? Só podemos dar-lhe mais três minutos para decidir, porque o tempo está passando e tudo tem de ser feito antes que a ronda passe de novo.'

"'Como posso decidir?', perguntei. 'Vocês não disseram o que querem de mim. Mas desde já lhes digo que se for alguma coisa contra a segurança do forte, não vão conseguir nada. Pode guardar a faca e tratar da vida.'

"'Não é nada contra o forte', disse ele. 'Apenas lhe pedimos que faça aquilo que os seus patrícios vêm fazer aqui. Queremos torná-lo rico. Se quiser ser um dos nossos esta noite, nós lhe juramos, pela faca nua e pelo triplo juramento que nenhum *sikh* pode quebrar que você terá um belo quinhão na partilha. A quarta parte do tesouro será sua. Está bem claro?'

"'Mas que tesouro é esse? É claro que estou pronto para enriquecer, mas preciso saber o que farei para isso.'

"'Jure, então', disse ele, 'pelos ossos de seu pai, pela honra de sua mãe, pela cruz da sua fé, que não erguerá a mão nem abrirá a boca contra nós, nem agora nem depois.'

"'Juro', respondi, "contanto que o forte não corra perigo.'

"'Então meu companheiro e eu juramos também que você terá a quarta parte do tesouro, que será dividido igualmente entre nós quatro.'

"'Mas somos três', eu disse.

"'Não. Dost Akbar também deve ter a sua parte.'

"'Enquanto esperamos por eles, podemos contar-lhe a história. Mahomet Singh fica no portão para nos avisar quando chegarem.'

"'A coisa foi assim, *sahib*, eu conto para você porque sei que um juramento obriga um *feringhee* e que podemos confiar em você. Se fosse um hindu mentiroso, podia jurar por todos os deuses dos seus falsos templos que o seu sangue iria manchar a minha faca e o seu corpo ir acabar na água. Mas o *sikh* conhece os ingleses e o inglês conhece o *sikh*. Ouça o que tenho para lhe dizer.'

"'Há um rajá nas províncias do Norte que possui imensas riquezas, embora seu território seja pequeno. Herdou muita coisa do pai e tem conseguido juntar ainda mais. Mas prefere guardar seu ouro em vez de gastá-lo.'

"'Quando estourou a revolta, ele estava em cima do muro, de boa vontade com uns e com outros; com os soldados hindus e com o comandante dos ingleses.'

"'Mas em pouco tempo ele achou que chegara o dia dos brancos, porque por toda parte ele só ouvia falar das mortes e derrotas deles. Ainda assim, como é precavido, fez lá os seus planos de modo que, independentemente

do que acontecesse, pelo menos metade do seu tesouro ficaria para ele. O que era constituído de prata e ouro ele guardou nos subterrâneos do palácio. Mas as pedras mais preciosas e as pérolas mais lindas ele guardou num cofre de ferro e mandou, por um servo de confiança disfarçado de mercador, para o forte de Agra para ficar ali até que a paz fosse restabelecida.'

"'Assim, se os rebeldes vencessem, ele teria o seu dinheiro, mas se fossem os ingleses, suas joias estariam salvas. Mas, dividindo assim a fortuna, ele aderiu à causa dos soldados hindus quando sentiu que eram mais fortes.'

"'Note bem, *sahib*, que, ao fazer isso, o que lhe pertence passa a ser um direito daqueles que ficaram fiéis às suas ideias. Esse falso mercador, que viaja sob o nome de Achmet, está agora em Agra e quer chegar até o forte. Como companheiro de viagem ele traz o meu irmão de criação, Dost Akbar, que sabe do segredo. Akbar prometeu trazê-lo esta noite por este lado do forte, escolhido propositadamente. Deve vir por aí, e aqui vai encontrar Mahomet e eu. O lugar é deserto e ninguém deve saber da sua chegada. Ninguém mais no mundo saberá de Achmet e o grande tesouro do rajá será dividido entre nós. O que acha disto, *sahib*?'

"Em Worcestershire, a vida de um homem parece ser uma coisa importante e sagrada. Mas é muito diferente quando em torno da gente só há fogo e sangue e você já se acostumou a ver mortos a todo instante. Que Achmet vivesse ou morresse era indiferente para mim, como a luz ou o ar; mas, ao ouvir falar do tesouro, meu coração bateu forte, e pensei no que faria com ele na minha terra e como a minha gente ficaria estarrecida quando visse o vagabundo voltar com os bolsos cheios de moedas de ouro. Eu já tinha decidido. Mas Abdullah, pensando que eu hesitava, falou de novo.

"'Lembre, *sahib*, que se este homem for apanhado pelo comandante, será enforcado ou fuzilado, e as joias irão para o governo, e ninguém terá uma rupia.'

"'As joias ficarão tão bem conosco como nos cofres do estado. Há o suficiente para nos enriquecer e fazer de nós chefes poderosos. Ninguém saberá de nada porque aqui estamos afastados de todos. Diga novamente, *sahib*, se devemos considerá-lo um dos nossos ou se devemos encará-lo como nosso inimigo.'

"'Estarei com vocês de corpo e alma.'

"'Está bem', ele respondeu, devolvendo-me a arma. 'Bem vê que confiamos em você, porque a sua palavra, como a nossa, não pode ser quebrada. Agora, só precisamos esperar meu irmão e o mercador.'

"'O seu irmão sabe dessas intenções?', perguntei.

"'O plano é dele. Foi ele quem pensou em tudo. Agora vamos para a porta e dividimos a vigilância com Mahomet.'

"A chuva continuava, porque era o começo da estação das chuvas. Nuvens pesadas e escuras cruzavam o céu, e pouco se podia ver. Havia um fosso profundo bem diante da nossa porta, mas em alguns lugares a água quase secara e era fácil atravessá-lo. Parecia-me estranho estar ali com aqueles dois indianos selvagens esperando um homem que caminhava confiante para a morte.

"De repente percebi o brilho de uma lanterna encoberta do outro lado do fosso, que desapareceu atrás das trincheiras e depois apareceu de novo, vindo lentamente na nossa direção.

"'Aí estão eles', exclamei.

"'Dê o alerta, *sahib*, como de costume', murmurou Abdullah. 'Não devem desconfiar. Mande-nos entrar com eles e nós faremos o resto enquanto você fica aqui de sentinela.'

"'Prepare a lanterna para reconhecê-lo e verificar que é realmente o homem.'

"A luz movia-se sempre, ora parando, ora avançando, até que vimos no fosso duas figuras escuras. Deixei que descessem a ribanceira, patinhassem no atoleiro e subissem até a metade do caminho antes de gritar o alerta.

"'Quem vem lá?', eu disse num tom meio baixo.

"'Amigos', foi a resposta.

"Levantei a lanterna e projetei a luz sobre eles. O primeiro era um *sikh* enorme com uma barba preta que ia até a cintura. A não ser em exposição, nunca vi homem daquela altura. O outro era um sujeito baixo, gordo, redondo, com um grande turbante amarelo e um embrulho na mão coberto com um xale. Parecia tremer de medo, porque as mãos se agitavam como se ele estivesse com malária e virava a cabeça para a esquerda e para direita, com os olhinhos brilhantes piscando como um rato quando se arrisca a sair do seu buraco.

"Fiquei arrepiado ao pensar que iam matá-lo, mas lembrei-me do tesouro e o meu coração ficou duro como uma pedra. Quando ele viu que eu era branco, deu um gritinho de alegria e veio correndo na minha direção.

"'Imploro a sua proteção, *sahib*, a sua proteção para o infeliz mercador Achmet. Atravessei toda a Rajpootana em busca de abrigo no forte de Agra. Fui roubado, espancado e enganado por ser amigo da companhia. Bendita seja esta noite em que mais uma vez consigo segurança para mim e para minhas poucas posses.'

"'O que tem nesse embrulho?', eu perguntei.

"'Uma caixa de ferro com umas lembranças de família, que não têm valor para as outras pessoas, mas que eu lamentaria perder. Mas não sou um mendigo e eu o recompensarei, *sahib*, e ao seu governador também, se quiserem dar-me a proteção que imploro.'

"Eu não conseguiria me conter se falasse mais tempo com o homem. Quanto mais olhava para a sua cara gorda assustada, mais difícil me parecia assassiná-lo a sangue-frio. Era melhor acabar com aquilo.

"'Levem-no à casa da guarda', eu disse.

"Os dois *sikhs* ficaram ao lado dele e o gigante foi andando atrás, e entraram pelo portão escuro. Nunca vi ninguém caminhar para a morte tão calmamente! Fiquei no portão com a lanterna.

"Eu podia ouvir os passos ressoando pelos corredores desertos. De repente, os passos cessaram e ouvi vozes, ruído de luta e de pancadas. Pouco depois ouvi, aterrorizado, o barulho de uma correria vindo na minha direção e a respiração ofegante de um homem que corria. Virei a minha lanterna para a passagem e vi o homem gordo correndo como o vento, com a cara ensanguentada, e atrás dele, saltando como um tigre, o *sikh* grande de barba preta, com uma faca reluzindo nas mãos. Nunca tinha visto alguém correr tanto como aquele homenzinho. Ele estava quase escapando do *sikh* e eu vi que se conseguisse passar por mim e chegar do lado de fora, ele fugiria. Senti que meu coração amolecia outra vez de piedade, mas novamente a lembrança do tesouro voltou a endurecê-lo.

"Quando ele passou correndo por mim, meti-lhe o rifle entre as pernas e ele rolou como um coelho abatido. Antes que pudesse levantar-se, o *sikh* estava sobre ele e enterrava a faca duas vezes no coração. O homem não deu um gemido nem moveu um músculo. Ficou onde caíra. Talvez tivesse quebrado o pescoço na queda. Os senhores veem que estou cumprindo a

minha promessa. O que estou contando a vocês foi o que aconteceu, palavra por palavra, mesmo que seja contra mim.”

Small parou e estendeu as mãos algemadas para pegar o uísque com água que Holmes tinha preparado para ele.

Eu estava horrorizado com o homem, não só pelo caso tenebroso que ele narrava, como também pelo cinismo e petulância com que o fazia. Qualquer que fosse o castigo que o aguardasse, eu sabia que ele nunca teria a minha benevolência.

Sherlock e Jones estavam sentados com as mãos nos joelhos, profundamente interessados na história, mas as suas fisionomias revelavam o mesmo horror. Small deve ter notado, porque daí em diante eu percebi um tom de desconfiança na sua voz, e sua atitude também mudou.

— Foi tudo muito ruim, não há dúvida — continuou ele. — Mas eu queria saber quem no meu lugar recusaria uma parte de um tesouro sabendo que essa recusa significaria uma facada no pescoço. Além do mais, era a minha vida ou a dele. Se o tivesse deixado sair, tudo teria sido descoberto e eu teria sido submetido a uma corte marcial e fuzilado, porque as pessoas não eram muito indulgentes numa época como aquela.

— Continue — disse Holmes secamente.

— Nós três o carregamos. Ele era muito pesado, apesar de ser baixo. Mahomet ficou de guarda na porta. Nós o levamos para um lugar previamente preparado pelos *sikhs*. Era um pouco distante, com uma passagem sinuosa que levava a um salão vazio com as paredes em ruínas. O chão tinha afundado num canto, formando uma sepultura natural. Atiramos o corpo ali, cobrimos com tijolos soltos e quebrados e voltamos em busca do tesouro. Ele estava onde o homem o deixara cair quando fora atacado pela primeira vez. É a mesma caixa que está aí sobre a mesa. Tinha uma chave pendurada num cordão de seda. Quando a abrimos, a luz da lanterna fez brilhar uma coleção de pedras preciosas de que eu só tinha ideia pela leitura dos romances quando era rapazinho em Pershore. Seu brilho cegava! Depois de admirar as joias, nós as tiramos da caixa e fizemos uma lista. Havia 143 brilhantes de primeira água, incluindo um que era chamado de “Grão-Mogol” e dizem que era o segundo maior do mundo; havia 97 finíssimas esmeraldas, 170 rubis, alguns pequenos, quarenta diamantes, 210 safiras, 61 ágatas e uma grande quantidade de ônix olho-de-gato, turquesas e outras pedras, cujos nomes eu nem sabia. Além disso, havia quase

trezentas pérolas finíssimas, 12 das quais montadas numa pequena coroa. Aliás, não encontrei essas pérolas no cofre quando o recuperei. Depois que contamos a nossa fortuna, guardamos tudo de novo no cofre e fomos mostrá-lo a Mahomet. Renovamos o juramento de continuar juntos e sermos fiéis ao nosso segredo. Concordamos em esconder o cofre num lugar seguro até que o país ficasse em paz novamente, e então dividi-lo igualmente entre nós. Achamos inútil dividir naquela hora, porque, se pedras tão valiosas fossem encontradas em nosso poder, provocariam suspeita. Além disso, não havia lugar no forte para guardar tudo aquilo. Levamos o cofre para o mesmo salão onde tínhamos deixado o cadáver e ali, sob alguns tijolos da parede mais bem conservada, fizemos um buraco e guardamos o tesouro. Marcamos com atenção o lugar e no dia seguinte fiz quatro mapas, um para cada um, com *O sinal dos quatro* no fim, porque tínhamos jurado agir sempre unidos para que nenhum ficasse prejudicado. Foi este juramento que, com a mão no coração, garanto nunca ter quebrado.

"Não vale a pena contar aos senhores sobre a revolta. Depois que Wilson tomou Délhi e sir Colin libertou Lucknow, o resto aconteceu depressa.

"Chegaram novas tropas e Nana Sahib desapareceu na fronteira. Um destacamento de atiradores foi para Agra e expulsou os *pandies*. Parecia que o país ia se pacificando e nós quatro começávamos a ver se aproximar a hora em que poderíamos dar o fora com nosso tesouro em segurança. Mas, quando menos esperávamos, fomos presos pelo assassinato de Achmet. Foi assim: quando o rajá entregou as joias a Achmet, sabia que ele era um homem de toda a confiança, mas como as pessoas no Oriente são muito desconfiadas, o rajá destacou um segundo servo ainda mais fiel para vigiar o primeiro. O segundo homem tinha ordem de não perder Achmet de vista, e seguiu-o como uma sombra. Naquela noite, ele o viu entrar por aquele portão sob a minha guarda. Pensou que ele tivesse se refugiado no forte e entrou também no dia seguinte, mas não conseguiu descobrir nenhum vestígio de Achmet. Achou aquilo tão estranho que falou sobre isso com o sargento, que o repetiu ao comandante. Foi feita uma busca completa e descobriram o cadáver. Assim, quando pensávamos estar seguros, fomos presos e julgados por assassinato, nós três porque éramos as sentinelas de guarda no portão naquela noite, e o quarto porque souberam que estava junto com a vítima. Não foi dita nem uma palavra a respeito das joias

durante o julgamento porque o rajá havia sido deposto e fora expulso da Índia. Ninguém se interessava mais por ele.

"Mas o assassinato foi esclarecido e os quatro dados como coniventes no crime. Os três *sikhs* foram condenados a trabalhos forçados perpétuos, enquanto eu fui condenado à morte, mas depois minha pena foi comutada e passou a ser igual à dos meus camaradas. A situação em que ficamos era singular: os quatro amarrados por uma perna, com muito poucas possibilidades de sair, embora cada um de nós tivesse um segredo que nos permitiria viver num palácio se pudéssemos utilizá-lo. Era desesperador ter de sofrer as provocações e maldades de qualquer burocrata insignificante, comer arroz e beber água, com uma fortuna fantástica esperando do lado de fora.

"Não sei como não enlouqueci. Mas sempre fui teimoso e por isso me submeti e fui aguentando e esperando uma oportunidade.

"Finalmente, ela parecia ter chegado. Fui transferido de Agra para Madras, e de lá para Blair Island, nas Andamãs. Há muito poucos degredados brancos nesta guarnição e, como desde o início me comportei bem, em pouco tempo passei a gozar de certos privilégios. Deram-me uma cabana em Hope Town, que é um lugarejo na encosta de Mount Harriett, e muita liberdade. Era um lugar terrível, um foco de febres, em torno do qual viviam os canibais, sempre prontos a lançar uns dardos envenenados contra nós quando viam uma oportunidade. Tínhamos de cavar fossos, plantar inhame e fazer mais uma dúzia de coisas, e com isso ficávamos ocupados o dia inteiro; mas no fim da tarde tínhamos um pouco de tempo livre. Entre outras coisas, aprendi a preparar remédios com o médico e absorvi um pouco dos conhecimentos dele. O tempo todo eu procurava uma oportunidade de fugir, mas o lugar ficava a centenas de quilômetros e quase não havia vento naqueles mares, de modo que era dificílimo sair de lá. O médico, dr. Somerton, era um rapaz divertido e os outros oficiais, jovens como ele, reuniam-se no alojamento dele à tarde para jogar cartas. O gabinete onde eu costumava preparar os remédios ficava contíguo à sala dele, separado apenas por uma pequena janela. Quando me sentia muito só, ia para lá, apagava a luz e ficava ali vendo-os jogar e ouvindo a conversa. Eu gosto muito de jogo, e ver outros jogarem já era para mim um prazer. Havia o major Sholto, o capitão Morstan e o tenente Brown, que comandavam as tropas nativas, além do médico e de dois ou três

empregados da prisão, que se divertiam num jogo bom, astuto, mas inofensivo.

“Uma coisa logo me deixou impressionado. Os civis sempre ganhavam, enquanto os militares perdiam. Eu não estou dizendo que havia alguma coisa errada, mas era isso que acontecia. Esses sujeitos das prisões quase não faziam outra coisa a não ser jogar, de modo que conheciam o jogo como profissionais, enquanto os outros, que jogavam como passatempo, atiravam as cartas sem pensar. Noite após noite os militares iam empobrecendo, e quanto menos tinham, mais jogavam. O major era o que mais perdia. A princípio pagava em notas e ouro, mas em pouco tempo o ouro foi escasseando e ele passou a pagar somas grandes em notas de pequeno valor. Às vezes ganhava um pouco e criava ânimo, mas depois a sorte mudava e ele perdia ainda mais.

“Seu humor piorava a cada dia, e ele começou a beber mais do que lhe convinha. Uma noite perdeu muito mais do que habitualmente. Eu estava sentado na minha cabana quando ele e o capitão Morstan passaram cambaleando a caminho de seus alojamentos. Eles eram amigos íntimos e nunca se separavam. O major estava desesperado com os prejuízos.

“‘Está tudo perdido, Morstan’, ele disse quando passou pela minha cabana. ‘Estou arruinado.’

“‘Tolices, meu velho’, disse o outro, batendo-lhe no ombro. ‘Eu também já estive em dificuldades terríveis, mas...’

“Isto foi tudo o que eu ouvi, mas fora o bastante para fazer-me pensar. Dois dias depois o major Sholto estava passeando pela praia e aproveitei para falar com ele.

“‘Eu queria o seu conselho, major’, eu disse.

“‘O que é, Small?’, perguntou, tirando o charuto da boca.

“‘Queria perguntar-lhe a quem deve ser entregue um tesouro escondido. Eu sei onde está um que vale meio milhão, e como não posso utilizá-lo, pensei que o melhor seria entregá-lo às autoridades e talvez isso servisse para a redução da minha pena.’

“‘Meio milhão, Small?’, disse ofegante, olhando-me fixamente para verificar se eu falava a sério.

“‘Exatamente, senhor, em joias e pérolas. Ele está lá esperando que alguém ponha a mão nele. E o interessante é que o dono é um fora da lei e não pode reclamar a propriedade, de modo que pertence a quem o achar.’

“‘Ao governo, Small’, ele suspirou, ‘pertence ao governo.’

“Mas falou isto de uma maneira indecisa e intimamente eu sabia que tinha despertado seu interesse.

“‘Então acha que devo dar a informação ao governador-geral?’, perguntei com toda a calma.

“‘Bem, bem, não vá fazer nada com precipitação para não se arrepender. Preciso primeiro saber de tudo, Small. Conte-me o que aconteceu.’

“Contei-lhe a história toda com pequenas alterações para que ele não identificasse os lugares. Quando acabei, ele ficou absorto nos seus pensamentos. Pelo tremor dos seus lábios eu via que estava sendo travada uma luta interior.

“‘Isto é um caso grave, Small’, disse por fim. ‘Não deve falar sobre isto a ninguém, e conversaremos em breve.’

“Duas noites mais tarde, ele e o seu amigo Morstan vieram à minha cabana já alta noite com uma lanterna.

“‘Eu quero que o capitão Morstan ouça a história diretamente de você, Small.’

“Repeti o que já contara.

“‘Parece verdade, não acha? Pode haver confiança?’

“O capitão Morstan fez um sinal afirmativo.

“‘Bem, Small”, disse o major. ‘Nós estivemos conversando a respeito, Morstan e eu; e chegamos à conclusão de que este seu segredo não é um assunto do governo; afinal de contas, é uma questão particular sua, e você tem o direito de agir como achar melhor. Resta agora saber quanto você pede por ele. Nós estamos dispostos a fazer a transação, ou pelo menos estudá-la, se pudermos chegar a um acordo.’

“Ele tentava falar de maneira fria e desinteressada, mas seus olhos brilhavam de cobiça e excitação.

“‘Quanto a isso, cavalheiros’, respondi, também tentando mostrar frieza, mas tão entusiasmado quanto ele; ‘só há um acordo possível para um homem na minha situação. Quero que ajudem a libertar-me e aos meus três companheiros. Passarão então a ser nossos sócios e nós lhes daremos um quinto do lote para dividirem entre si.’

“‘Ora, a quinta parte. Não é muito tentador.’

“‘Daria cinquenta mil libras por cabeça.’

“‘Mas como obter a sua liberdade? Bem sabe que o que pede é impossível.’

“‘Nem tanto’, respondi. ‘Pensei em tudo, nos menores detalhes. O único obstáculo à nossa fuga é não podermos obter uma embarcação adequada para a viagem e provisões para tanto tempo. Há muitos iates e barcos em Calcutá e em Madras que serviriam ao nosso objetivo. Podem conseguir-nos um. Daremos um jeito de embarcar à noite, e, se nos deixarem em qualquer lugar da costa indiana, terão cumprido a sua parte no acordo.’

“‘Se fosse só um’, ele disse.

“‘Ou tudo ou nada’, respondi. ‘Nós juramos. Sempre juntos, os quatro.’

“‘Como você vê, Morstan, Small é homem de palavra. Não quer trair os amigos. Acho que podemos confiar nele.’

“‘É um negócio sujo’, respondeu o outro. ‘Mas, como você diz, o dinheiro vai proteger nosso trabalho.’

“‘Está bem, Small’, disse o major, ‘o melhor é ver. Em primeiro lugar, naturalmente, precisamos verificar a veracidade da história. Diga-me onde o cofre está escondido e conseguirei uma licença para ir à Índia no navio deste mês verificar tudo.’

“‘Mais devagar’, eu disse, esfriando à medida que ele se entusiasmava. ‘Primeiro preciso do consentimento dos meus três camaradas. Já lhe disse que tem de ser assim: ou para os quatro ou para nenhum.’

“‘Que absurdo! O que esses três negros têm a ver com o nosso acordo?’

“‘Pretos ou azuis’, eu disse, ‘são meus sócios e continuarão sendo.’

“Acabamos combinando um segundo encontro, do qual participaram Mahomet Singh, Abdullah Khan e Dost Akbar. Discutimos novamente o assunto e por fim chegamos a um acordo.

“Combinamos dar aos oficiais plantas da parte do forte de Agra e marcar o lugar na parede onde o tesouro estava escondido. O major Sholto iria à Índia para confirmar a veracidade da nossa história. Se encontrasse a caixa, ele a deixaria lá, mandaria para nós um pequeno iate equipado e abastecido para a viagem, que nos esperaria perto de Rutland Island e com o qual seguiríamos, e depois voltaria ao seu posto. Então o capitão Morstan pediria licença, iria encontrar-se conosco em Agra, onde dividiríamos o tesouro, e ele levaria o seu quinhão e o do major. Tudo isto foi selado com os juramentos mais solenes que a mente podia imaginar e os lábios podiam

pronunciar. Passei a noite toda fazendo as duas plantas, que ficaram prontas de manhã e foram assinadas com *O sinal dos quatro*.

“Eu já estou cansando vocês com a minha longa história e sei que o meu amigo Jones está impaciente para trancafiar-me. Encurtando: o vilão Sholto foi para a Índia e nunca mais voltou. O capitão Morstan mostrou-me o nome dele numa lista de passageiros de um vapor que partiu pouco tempo depois. Morrera um tio dele, deixando-lhe uma fortuna, e ele abandonou o Exército. Foi assim que tratou daquela maneira cinco homens que confiaram nele. Morstan foi pouco depois a Agra e confirmou o desaparecimento do tesouro. O velhaco tinha-o roubado e não cumpriu as condições em troca das quais nós lhe tínhamos vendido o segredo. A partir daí passei a viver para a vingança. Pensava nela dia e noite. Tornou-se uma obsessão para mim. Não me importava com a lei nem com as galés. Fugir, encontrar Sholto, apertar-lhe o pescoço eram o meu único pensamento. Até o tesouro de Agra passara a ser secundário. O principal era matar Sholto.

“Já me propus a muita coisa na minha vida e sempre levei o meu objetivo até o fim. Passaram-se anos enfadonhos até que chegasse o meu dia. Eu disse a vocês que tinha aprendido algumas noções de medicina. Um dia, o dr. Somerton ficou de cama, com febre, e um nativo foi agarrado na floresta por um bando de forçados. Estava à morte e tinha fugido para um lugar isolado, a fim de morrer tranquilo. Tratei dele, embora fosse peçonhento como uma cobra, e ao fim de alguns meses ele estava bom e já andava. Ele desenvolveu uma espécie de afeição por mim. Não tinha vontade de voltar às suas florestas e ficava sempre rondando a minha cabana. Aprendi a falar um pouco o seu dialeto e isto fez com que ele gostasse ainda mais de mim.

“Tonga — era este o seu nome — era um ótimo marinheiro e tinha uma canoa grande. Quando vi que era muito dedicado e faria tudo para me agradar, tive esperança de poder fugir. Conversei com ele a respeito. Combinamos que ele traria a canoa numa determinada noite até um velho cais que nunca era vigiado e ele me apanharia ali. Recomendei que trouxesse várias cabaças de água e uma porção de inhames, cocos e batatas-doces.

“Ele era fiel e sincero, o pequeno Tonga. Nenhum homem jamais teve camarada mais fiel. Na noite combinada, a canoa estava no cais. Mas, por acaso, havia uma sentinela ali — um *pathan* perverso que nunca perdia uma oportunidade de me insultar ou prejudicar. Sempre desejei vingar-me e

agora surgia a ocasião. Era como se o destino o tivesse posto no meu caminho naquela noite para que eu me vingasse antes de ir embora da ilha. Ele estava na praia, de costas para mim, com a carabina no ombro. Eu olhei em volta procurando uma pedra para estourar seus miolos, mas não achei. Então, tive uma ideia singular, que me indicou onde eu poderia obter uma arma. Sentei-me na escuridão e desamarrei a minha perna de pau. Em três pulos, estava perto dele, que ainda tentou pôr a carabina em posição de tiro, mas eu dei-lhe uma pancada em cheio, que lhe afundou o crânio. Vocês podem ver que a madeira ficou rachada. Caímos juntos, porque eu não consegui equilibrar-me, mas quando me levantei, ele estava imóvel. Saltei para a canoa e em uma hora estávamos em alto-mar. Tonga tinha trazido tudo quanto possuía: armas e deuses. Entre outras coisas, tinha um arpão comprido de bambu e algumas esteiras de coco de Andamã, que usei para fazer uma espécie de vela. Durante dez dias ficamos vagando, confiando na sorte, e no décimo primeiro fomos recolhidos por um navio mercante que ia de Cingapura para Jidá, levando peregrinos malaios. Era um grupo singular e em pouco tempo fizemos camaradagem com eles. Tinham uma grande qualidade: deixavam-nos à vontade e não faziam perguntas. Se eu fosse contar todas as minhas aventuras e incidentes de viagem, ficaríamos aqui até de manhã. Andamos de um lado para o outro, e sempre acontecia alguma coisa que nos afastava de Londres. Mas nunca deixei de pensar no meu objetivo. Chegava a sonhar com Sholto. Mil vezes o matei em sonho. Finalmente, há uns quatro anos, chegamos à Inglaterra. Não foi difícil descobrir onde ele morava e tratei de saber se ele tinha vendido o tesouro ou se ainda o conservava. Fiz amizade com uma pessoa que podia me ajudar — evito dizer nomes porque não quero deixar mais ninguém em apuros — e descobri que as joias ainda estavam com ele. Tentei aproximar-me de Sholto, mas ele vivia muito bem protegido por dois capangas, além dos filhos e do *khitmutgar*.

“Mas um dia eu soube que ele estava à morte. Corri imediatamente para o jardim, com medo de que ele morresse com o seu segredo. Olhei pela janela e o vi na cama, com os filhos ao seu lado.

“Eu teria entrado pronto para lutar com os três, mas quando olhei para ele, o queixo estava caído e vi que tinha morrido. Entrei no quarto nessa mesma noite para ver se nos seus papéis havia alguma indicação do lugar onde as joias estavam escondidas.

“Não havia uma linha. Voltei desesperado, como era natural. Antes de ir embora, lembrei-me de que se algum dia me encontrasse com os meus amigos *sikhs*, eles teriam ao menos a satisfação de saber que eu tinha deixado algum sinal do nosso ódio. Assim, rabisquei o sinal de nós quatro, como estava na planta, e preguei-o no peito dele. Era demais que ele fosse para o túmulo sem uma lembrança dos homens que tinha roubado e atraiçoado.

“Vivemos durante esse tempo todo do dinheiro que ganhava nas feiras exibindo o pobre Tonga como canibal, fazendo-o comer carne crua e dançando as suas danças de guerra. Eu ia acompanhando, mesmo de longe, o que acontecia em Pondicherry Lodge e durante alguns anos não houve novidades, a não ser o fato de que andavam procurando o tesouro. Mas, finalmente, chegou a notícia que eu esperava há tanto tempo.

“O tesouro fora encontrado. Estava no alto da casa, no laboratório de Bartolomeu Sholto.

“Fui logo até lá e dei uma olhada no local. Mas não sabia como eu iria subir com a minha perna de pau.

“Entretanto, eu soube que havia um alçapão no telhado, e também a hora da ceia do sr. Sholto. Achei que podia servir-me de Tonga. Levei-o comigo e também uma corda comprida que ele enrolou na cintura. Ele subia como um gato e num instante entrou pelo telhado, mas, por azar, Bartolomeu Sholto ainda estava no quarto e Tonga achou que matá-lo era uma atitude muito inteligente, porque quando subi pela corda, encontrei-o todo empertigado, orgulhoso como um pavão. Ficou espantadíssimo quando bati nele com a corda e o censurei pela sua sede de sangue.

“Peguei o cofre, atirei-o para fora e escorreguei pela corda, deixando antes sobre a mesa *o sinal dos quatro*, para mostrar que as joias tinham finalmente voltado para aqueles que tinham mais direito a elas.

“Tonga então puxou a corda, fechou a janela e voltou por onde entrara.

“Acho que não tenho mais nada para contar. Eu tinha ouvido um marinheiro falar da velocidade da lancha de Smith, a *Aurora*, e pensei logo que seria a embarcação ideal para a nossa fuga.

“Combinei com o velho Smith e prometi-lhe uma soma considerável se nos pusesse a salvo no navio.

“Ele desconfiou de que havia alguma coisa suspeita no caso, mas não sabia do que se tratava. Tudo isto é a verdade, e se a contei não foi para

diverti-los, porque, afinal de contas, me apanharam, mas por achar que a minha melhor defesa é justamente não ocultar coisa alguma, mas fazer com que todos saibam como fui ludibriado pelo major Sholto e que sou inocente no caso da morte do filho dele.”

— Um relato notável — disse Holmes. — Uma conclusão conveniente para um caso extremamente interessante. Não há nada novo para mim na última parte da sua narrativa, a não ser o fato de que trouxe sua própria corda. Não sabia disto. A propósito, eu esperava que Tonga tivesse perdido todos os dardos, mas ele conseguiu atirar um contra nós no barco.

— Ele perdeu todos, realmente. O único que restou foi o que estava na zarabatana.

— Ah, claro. Não tinha pensado nisso — disse Holmes.

O degredado perguntou gentilmente a Holmes se não queria interrogá-lo sobre algum outro detalhe.

— Obrigado, acho que não — respondeu o meu companheiro.

— Bem, Holmes — disse Athelney Jones —, você é um homem que merece condescendência. Todos nós sabemos que você é um grande conhecedor do crime; mas dever é dever, e eu já fui longe demais fazendo o que você e o seu amigo me pediram. Eu me sentirei mais tranquilo quando o nosso contador de histórias estiver trancafiado. O cabriolé está esperando e dois agentes lá embaixo. Agradeço-lhes muito a ajuda. Naturalmente, serão necessários no julgamento. Boa noite.

— Boa noite, cavalheiros — disse Small.

— Passe na frente, Small — ordenou Jones quando saíram. — Tomarei cuidado para que você não me bata com a sua perna de pau como fez com o amigo das ilhas Andamã...

— Aí está o fim do nosso pequeno drama — observei depois de fumar durante algum tempo em silêncio. — Receio que seja a última oportunidade de estudar de maneira prática os seus métodos. A srta. Morstan concedeu-me a honra de me aceitar como futuro marido.

Ele rosnou, sombrio:

— Eu também já receava isso — mas não posso felicitá-lo.

Fiquei um tanto magoado e perguntei:

— Tem algum motivo para não gostar da minha escolha?

— Não tenho nenhum. Acho que ela é uma das moças mais encantadoras que conheci e que foi muito útil nesta questão. Teve uma intuição decisiva,

e a prova disso foi o cuidado com que conservou a planta de Agra e a separou dos outros papéis do pai. Mas o amor é uma coisa emocional, e tudo que é emocional opõe-se à fria razão, que eu coloco acima de tudo. Eu não me casarei nunca, a menos que perca a razão.

— Acredito — eu disse rindo — que a minha razão sobreviverá à prova. Você parece cansado.

— E estou. É a reação a essa tensão. Vou ficar mole como um trapo durante uma semana.

— É extraordinário como aquilo que em outro homem eu chamaria de preguiça pode se alternar com seus acessos de esplêndida energia e vigor.

— É verdade — ele respondeu. — Tenho tendências de um refinado vadio e também as de um sujeito ativíssimo. Penso com frequência nestes versos de Goethe:

> *Schade dass die Natur nur einen Mensch aus dir schuf, Denn zum würdigen Mann war und zum Schelmen der Stoff.*

— Aliás, a propósito desse caso de Norwood, você viu que eles tinham um aliado dentro de casa, que só podia ser Lal Rao, o copeiro, de modo que Jones realmente teve a honra exclusiva de apanhar um peixe na sua rede.

— A divisão não me parece justa. Foi você que fez o trabalho todo. Eu arranjei nele uma esposa; Jones fica com o mérito. O que sobra para você, Sherlock?

— Para mim fica a garrafa de cocaína que está ali — disse ele, estendendo sua comprida mão branca para apanhá-la.

AS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

ESCÂNDALO NA BOÊMIA

Primeira parte

Para Sherlock Holmes, ela é sempre a mulher. Poucas vezes eu o ouvi referir-se a ela de outra maneira. Aos seus olhos, ela ofusca e predomina no seu sexo. Não é que ele sentisse uma emoção parecida com amor por Irene Adler. Todas as emoções, e esta em particular, eram abomináveis para a sua mente fria e precisa, mas extraordinariamente equilibrada. Ele era, na minha opinião, a máquina mais perfeita de raciocínio e observação que o mundo já viu — mas, como amante, ele estaria numa posição falsa. Nunca se referia às paixões sem zombar e escarnecer delas. Eram coisas admiráveis para o observador, excelentes para arrancar o véu que encobre as motivações e as ações dos homens. Mas para um raciocinador treinado, admitir essas intromissões em seu temperamento delicado e bem ajustado seria o mesmo que introduzir um fator perturbador que poderia pôr em dúvida todas as suas conclusões racionais. Areia em um instrumento sensível ou uma rachadura em uma de suas poderosas lentes não seriam mais perturbadores do que uma emoção forte em uma natureza como a sua. No entanto, só havia uma mulher para ele, e essa mulher era a falecida Irene Adler, uma recordação meio duvidosa e suspeita.

Eu vira Holmes muito pouco ultimamente. Meu casamento nos afastara. Minha felicidade completa e os interesses concentrados no lar que envolvem o homem que pela primeira vez se vê senhor de sua própria casa eram suficientes para ocupar toda a minha atenção; ao passo que Holmes, que detestava qualquer forma de sociedade com toda a força de sua alma

boêmia, continuava em nossos aposentos na Baker Street, cercado por seus velhos livros, passando alternadamente, de semana em semana, da cocaína à ambição, da sonolência da droga à energia feroz de sua natureza intensa. Como sempre, ainda se sentia profundamente atraído pelo estudo do crime, e ocupava seu imenso talento e seus extraordinários poderes de observação seguindo pistas e esclarecendo os mistérios que haviam sido considerados insolúveis pela polícia oficial. De vez em quando eu ouvia algum relato vago sobre suas aventuras: fora chamado a Odessa por causa do assassinato de Trepoff, esclarecera a tragédia singular dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, finalmente, cumprira com êxito uma missão delicada para a família real da Holanda. Mas, além desses sinais de atividade que eu apenas compartilhava com todos os leitores da imprensa diária, eu sabia muito pouco sobre o meu ex-companheiro e amigo.

Uma noite — foi em 20 de março de 1888 —, eu voltava de uma visita a um doente (pois me dedicara novamente à medicina) e meu caminho me levou à Baker Street. Ao passar em frente à porta tão familiar, que mentalmente sempre associo ao meu namoro e aos acontecimentos sombrios do *Estudo em vermelho*, fui dominado pelo desejo de rever Holmes e de saber como estava utilizando os seus poderes extraordinários. Seus aposentos estavam iluminados e, ao olhar para cima, vi sua figura alta e magra passar duas vezes, uma silhueta escura contra a cortina. Andava de um lado para outro, rápido e impaciente, o queixo afundado no peito e as mãos cruzadas nas costas. Para mim, que conhecia todos os seus estados de espírito e os seus hábitos, essa atitude revelava tudo. Estava trabalhando novamente. Emergira dos sonhos criados pela droga e estava seguindo com entusiasmo a pista de algum novo mistério. Toquei a campainha e conduziram-me à sala que antigamente fora minha também.

Ele não foi efusivo — raramente era. Mas acho que ficou contente de me ver. Quase sem dizer nada, mas com um olhar amistoso, indicou-me uma poltrona, jogou-me sua carteira de charutos e mostrou uma garrafa de bebida e um sifão a um canto. Depois, ficou de pé diante da lareira e olhou para mim com aquele seu jeito introspectivo.

— O casamento lhe fez bem — comentou. — Acho que você engordou três quilos e meio desde a última vez que o vi.

— Três — respondi.

— É mesmo? Pensei que fosse um pouco mais. Um pouquinho mais, eu acho, Watson. E estou vendo que voltou a exercer a medicina. Não me disse que pretendia voltar a trabalhar.

— Então, como sabe?

— Vi, deduzi. Como é que sei que recentemente você se molhou muito e que tem uma empregada muito desajeitada e descuidada?

— Meu caro Holmes — eu disse —, isso é demais. Na certa teria sido queimado vivo se tivesse vivido alguns séculos atrás. É verdade que fui passear no campo quinta-feira passada e voltei para casa encharcado. Mas como mudei de roupa, não posso imaginar como você descobriu isso. Quanto a Mary Jane, é mesmo incorrigível, e minha esposa já a despediu. Mas não sei como você adivinhou isso também.

Ele deu uma risadinha e esfregou as mãos de dedos sensíveis, longos e nervosos.

— É muito simples — disse. — Meus olhos me dizem que no lado direito do sapato de seu pé esquerdo, exatamente onde a luz da lareira está batendo, o couro está arranhado por seis cortes quase paralelos. Obviamente esses arranhões foram feitos por alguém que tentou raspar a lama que secara em volta da sola, e que não foi muito cuidadoso. Daí minha dupla dedução de que você saíra com mau tempo e que tinha em casa um espécime particularmente maligno, cortador de botas, de criada londrina. Quanto ao fato de você clinicar, se um cavalheiro entra em meus aposentos cheirando a iodo, com uma mancha negra de nitrato de prata no indicador direito e uma saliência no lado do chapéu mostrando onde escondeu o estetoscópio, eu seria muito burro se não o identificasse logo como membro ativo da profissão médica.

Não pude deixar de rir diante da facilidade com que ele explicava seu processo de dedução.

— Quando ouço você enumerar suas razões — comentei —, tudo me parece tão ridiculamente simples que eu poderia com facilidade fazer o mesmo, mas a cada exemplo sucessivo do seu raciocínio, eu fico completamente confuso até você explicar o processo. No entanto, acho que meus olhos são tão bons quanto os seus.

— Isso mesmo — ele respondeu, acendendo um cigarro e jogando-se numa poltrona. — Você vê, mas não observa. A diferença é clara. Por

exemplo, você viu muitas vezes os degraus que levam do hall a esta sala, não é?

— Sim.

— Quantas vezes?

— Bem, algumas centenas.

— Então quantos são?

— Quantos? Não sei.

— Aí está. Você não observou. No entanto, você viu. Era isso que eu queria dizer. Sei que há 17 degraus porque vi e observei. Por falar nisso, já que está interessado nesses pequenos problemas, e teve a bondade de registrar uma ou duas das minhas experiências, talvez se interesse por isto. — Estendeu uma folha grossa de papel rosado que estava aberta sobre a mesa. — Veio na última entrega de correspondência — disse. — Leia em voz alta.

Não havia data, nem assinatura, nem endereço. Li:

> *Hoje à noite, às 19h45, receberá a visita de um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre um assunto da maior importância. Os serviços que prestou recentemente a uma das Casas Reais da Europa mostraram que é pessoa a quem se pode confiar assuntos de extrema importância. Essa informação sua foi por muitas pessoas dada. Em casa a essa hora esteja então e não leve a mal se uma máscara o visitante usar.*

— É realmente um mistério — comentei. — O que acha que significa isso?

— Ainda não tenho os fatos. É um erro grave formular teorias antes de se conhecerem os fatos. Sem querer, começamos a distorcer os fatos para se adaptarem às teorias, em vez de formular teorias que se ajustem aos fatos. Mas, quanto ao bilhete, o que deduz dele?

Examinei com cuidado a caligrafia e o papel.

— O homem que escreveu isso — comentei, tentando imitar o método de meu companheiro — era provavelmente uma pessoa de recursos. Papel dessa qualidade custa pelo menos meia coroa o pacote. É excepcionalmente grosso.

— Excepcional, é isso mesmo — disse Holmes. — Este papel não é inglês. Segure-o contra a luz.

Fiz o que ele mandava e vi um *E* maiúsculo com um *g* pequeno, um *P* e um *G* grandes com um *t* pequeno tecidos no papel.

— O que deduz disso? — perguntou Holmes.

— Deve ser o nome do fabricante, sem dúvida; ou melhor, seu monograma.

— Nada disso. O *G* com o *t* pequeno quer dizer *Gesellschaft*, que em alemão significa *Companhia*. É uma abreviatura, como nossa *Cia*. *P*, é claro, é *Papier*. E agora o *Eg*. Vamos olhar no *Dicionário Geográfico*. — Tirou um volume marrom pesado da estante. — Eglow, Eglonitz... aqui está, Egria. Fica em país de língua alemã... na Boêmia, não muito longe de Carlsbad. "Notável por ter sido o cenário da morte de Wallenstein, e por numerosas fábricas de vidro e de papel." Ha, ha, meu amigo, o que diz disso? — Seus olhos brilhavam, e ele soprou uma grande nuvem azul triunfante do cigarro.

— O papel foi feito na Boêmia — respondi.

— Exatamente. E o homem que escreveu o bilhete é alemão. Repare na construção peculiar da frase "Essa informação sua foi por muitas pessoas dada." Um francês ou um russo nunca escreveriam isso. É uma construção tipicamente alemã. Portanto, só resta descobrir o que deseja esse alemão que escreve em papel da Boêmia e prefere usar uma máscara a mostrar o rosto. E aí vem ele, se não estou enganado, para esclarecer todas as nossas dúvidas.

Enquanto falava, ouviu-se o som áspero de cascos de cavalos e rodas rangendo no meio-fio, seguido do ruído insistente da campainha. Holmes assobiou.

— Uma parelha, pelo barulho — disse. — É — ele continuou, olhando pela janela. — Uma caleche elegante e uma linda parelha. Cento e cinquenta guinéus cada animal. Há muito dinheiro nesse caso, Watson, mesmo que não haja nada mais.

— Acho melhor eu sair, Holmes.

— Nada disso, doutor. Fique onde está. Fico perdido sem meu Boswell.[6] E isto parece ser interessante. Seria uma pena não assistir.

— Mas seu cliente...

— Não se preocupe. Posso precisar do seu auxílio e ele também. Aí vem ele. Sente-se naquela poltrona, doutor, e dê-nos toda a sua atenção.

Um passo lento e pesado, que ouvimos na escada e no corredor, parou em frente à porta. Seguiu-se uma pancada forte e autoritária.

— Entre! — disse Holmes.

Entrou um homem que não podia ter menos de 1,95 metro de altura, com o tronco e os membros de um Hércules. Suas roupas eram de uma riqueza que, na Inglaterra, era considerada prova de mau gosto. Largas tiras de astracã riscavam horizontalmente as mangas e a frente do casaco, e o manto azul-escuro jogado sobre os ombros era forrado de seda cor de fogo e preso no pescoço por um broche feito de um berilo flamejante. Botas que cobriam a metade das pernas, enfeitadas no alto com luxuosa pele marrom, completavam a imagem de opulência rude. Segurava em uma das mãos um chapéu de abas largas e usava na parte superior do rosto uma meia máscara preta que aparentemente colocava naquele momento, pois os dedos ainda a tocavam ao entrar. Pelo que se via da parte inferior do rosto, parecia ser um homem de personalidade forte, com um lábio grosso, pendente, e um queixo comprido que sugeria uma determinação que chegava ao ponto da obstinação.

— Recebeu meu bilhete? — perguntou numa voz grave e áspera, com forte sotaque alemão. — Disse que viria vê-lo. — Olhou de um para o outro, como se não soubesse a quem se dirigir.

— Tenha a bondade de sentar-se — disse Holmes. — Este é meu amigo e colega, dr. Watson, que ocasionalmente faz a gentileza de me ajudar em meus casos. Com quem tenho a honra de falar?

— Pode me tratar de conde Von Kramm, um nobre da Boêmia. Espero que este cavalheiro, seu amigo, seja um homem de honra e discrição, em quem posso confiar a respeito de um assunto da maior importância. Do contrário, prefiro comunicar-me com o senhor a sós.

Levantei-me para sair, mas Holmes segurou meu braço e empurrou-me de volta para a poltrona.

— Ou nós dois, ou ninguém — disse. — Pode dizer na frente deste cavalheiro tudo que quer dizer a mim.

O conde sacudiu os ombros largos.

— Então, devo começar — disse — pedindo a ambos absoluto segredo durante dois anos; depois disso, o assunto não terá nenhuma importância. No momento, não é exagero dizer que é tão importante que pode influir na história da Europa.

— Prometo — disse Holmes.

— Eu também.

— Perdoem esta máscara — continuou o estranho visitante. — A augusta pessoa a quem sirvo deseja que seu intermediário não seja conhecido pelos senhores, e devo confessar desde já que o título com que acabo de me apresentar não é exatamente o meu.

— Percebi isso — disse Holmes secamente.

— As circunstâncias exigem extrema delicadeza e devem ser tomadas todas as precauções para abafar o que pode se transformar num escândalo imenso e comprometer seriamente uma das famílias reinantes da Europa. Para falar claramente, o assunto envolve a grande Casa de Ormstein, herdeiros do trono da Boêmia.

— Também percebi isso — murmurou Holmes, acomodando-se na poltrona e fechando os olhos.

Nosso visitante lançou um olhar surpreso para a figura lânguida e relaxada do homem que sem dúvida havia sido descrito como dono do raciocínio mais incisivo e o agente mais ativo da Europa. Holmes abriu os olhos devagar e fitou o gigantesco cliente com impaciência.

— Se Sua Majestade se dignar a expor seu caso — comentou —, eu teria condições de ajudá-lo.

O homem saltou da cadeira e ficou andando de um lado para outro, visivelmente perturbado. Então, com um gesto de desespero, arrancou a máscara do rosto e atirou-a no chão.

— Você está certo — exclamou —, eu sou o rei. Por que tentar esconder?

— Realmente, por quê? — murmurou Holmes. — Antes de Sua Majestade dizer qualquer coisa, eu já sabia que era Wilhelm Gottsreich Sigismond von Ormstein, grão-duque de Cassel-Felstein e herdeiro do trono da Boêmia.

— Mas o senhor deve compreender — disse nosso estranho visitante, sentando-se outra vez e passando a mão pela testa ampla e branca —, o senhor deve compreender que não estou habituado a tratar desses negócios pessoalmente. Mas o assunto era tão delicado que não podia confiá-lo a um intermediário sem me colocar totalmente em suas mãos. Vim de Praga incógnito para consultá-lo.

— Então, por favor, consulte-me — respondeu Holmes, fechando novamente os olhos.

— Em resumo, os fatos são os seguintes: há uns cinco anos, durante uma longa visita a Varsóvia, conheci a famosa aventureira Irene Adler. Sem dúvida conhece esse nome.

— Tenha a bondade de procurar em meu arquivo, doutor — murmurou Holmes sem abrir os olhos.

Por muitos anos colecionara resumos de informações sobre pessoas e coisas, e era difícil mencionar uma pessoa ou um assunto sobre o qual não pudesse fornecer dados imediatamente. Neste caso, encontrei a biografia dela entre a de um rabino hebreu e a de um comandante que escrevera uma monografia sobre os peixes do fundo do mar.

— Deixe-me ver — disse Holmes. — Hum! Nasceu em Nova Jersey em 1858. Contralto... hum! La Scala, hum! Prima-dona da Ópera Imperial de Varsóvia... Sim! Abandonou o palco... Ah! Mora em Londres... muito bem! Sua Majestade, pelo visto, envolveu-se com esta jovem, escreveu-lhe algumas cartas comprometedoras e agora quer reavê-las.

— Exatamente. Mas como...

— Houve um casamento secreto?

— Não.

— Nenhum contrato ou compromisso legal?

— Não.

— Então não compreendo, Sua Majestade. Se essa jovem quisesse usar as cartas para fazer chantagem, ou com outros objetivos, como poderia provar sua autenticidade?

— Pela caligrafia.

— Tolice! Podia ser falsificada.

— Meu papel de cartas pessoal.

— Roubado.

— Meu sinete.

— Imitado.

— Minha fotografia.

— Comprada.

— Ela também estava na fotografia.

— Oh! Que pena! Sua Majestade realmente foi indiscreto.

— Estava louco... fora de mim.

— Comprometeu-se seriamente.

— Eu era apenas o príncipe herdeiro nessa época. Era jovem. Só tenho trinta anos agora.
— É preciso recuperá-la.
— Tentamos e fracassamos.
— Sua Majestade precisa pagar. Temos de comprá-la.
— Ela não a venderá.
— Roubá-la, então.
— Foram feitas cinco tentativas. Duas vezes ladrões pagos por mim revistaram sua casa. Uma vez desviamos sua bagagem quando viajava. Duas vezes armamos uma emboscada para ela. Não conseguimos nada.
— Nenhum sinal da fotografia?
— Absolutamente nenhum.
Holmes deu uma risada.
— É um probleminha bem interessante — disse.
— Mas muito grave para mim — retorquiu o rei, em tom de repreensão.
— Bastante grave, realmente. E o que ela pretende fazer com a fotografia?
— Arruinar-me.
— Mas como?
— Estou prestes a me casar.
— Já sabia.
— Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, a segunda filha do rei da Escandinávia. Talvez conheça os princípios rígidos de sua família. Ela mesma é a essência da delicadeza. A sombra de uma dúvida quanto à minha conduta seria o suficiente para terminar tudo.
— E Irene Adler?
— Ameaça mandar-lhe a fotografia. E é capaz de fazê-lo. Sei que o fará. O senhor não a conhece, mas ela tem uma alma de aço. Tem o rosto da mais bela das mulheres, e a mente do mais resoluto dos homens. Para me impedir de casar com outra mulher, não há nada que hesite em fazer, absolutamente nada.
— Tem certeza de que ainda não a mandou?
— Tenho.
— Por quê?
— Porque disse que iria mandá-la no dia em que fosse anunciado o noivado. Isso será na próxima segunda-feira.

— Bem, então ainda temos três dias — disse Holmes, bocejando. — Ainda bem, porque tenho um ou dois assuntos importantes para tratar no momento. Sua Majestade certamente ficará em Londres por enquanto?

— Claro. Pode me encontrar no Langham, sob o nome de conde Von Kramm.

— Então lhe mandarei um bilhete para informá-lo sobre o andamento das coisas.

— Por favor. Ficarei ansioso.

— E quanto a dinheiro?

— Tem carta branca.

— Totalmente?

— Garanto-lhe que daria uma das províncias do meu reino para conseguir aquela fotografia.

— E quanto às despesas imediatas?

O rei tirou uma bolsa de camurça que estava sob o manto e a depositou na mesa.

— Contém trezentas libras em ouro e setecentas em notas — disse.

Holmes rabiscou um recibo em uma página do seu caderno de notas e entregou-o ao rei.

— E o endereço dela? — perguntou.

— Briony Lodge, na Serpentine Avenue, em St. John’s Wood.

Holmes anotou-o.

— Mais uma pergunta — disse. — De que tamanho era a fotografia?

— Aproximadamente 15 por dez centímetros.

— Então, boa noite, Majestade, e espero ter boas notícias e, breve. E boa noite, Watson — acrescentou, quando as rodas da caleche começaram a descer a rua. — Se tiver a bondade de vir aqui amanhã à tarde, às 15 horas, gostaria de discutir este assunto com você.

Segunda parte

Exatamente às 15 horas eu estava na Baker Street, mas Holmes ainda não havia voltado. A senhoria informou-me que ele saíra de casa pouco depois das oito horas. Sentei-me junto à lareira decidido a esperá-lo pelo tempo que fosse necessário. Já estava muito interessado na investigação porque, embora não apresentasse os aspectos sombrios e estranhos dos dois crimes

que relatei anteriormente, a natureza do caso e a importância do cliente davam-lhe um caráter todo especial. Na verdade, fora a natureza da investigação que meu amigo tinha pela frente, havia algo em sua perfeita compreensão de uma situação, e em seu raciocínio aguçado e incisivo, que fazia com que, para mim, fosse um prazer estudar seu sistema de trabalho e acompanhar os métodos rápidos e sutis com que desvendava os mistérios mais complicados. Estava tão acostumado a seus constantes sucessos que a possibilidade de fracasso nem me passava pela cabeça.

Eram quase 16 horas quando a porta se abriu e entrou um cavalariço que parecia embriagado, sujo e barbado, com o rosto inflamado e roupas vergonhosas. Embora acostumado com a espantosa capacidade de meu amigo se disfarçar, tive de olhar três vezes antes de me convencer de que era ele mesmo. Com um movimento de cabeça, desapareceu no quarto, de onde saiu cinco minutos depois, novamente respeitável em um terno de *tweed*. Com as mãos nos bolsos, esticou as pernas diante da lareira e ficou rindo por alguns minutos.

— Realmente! — exclamou. Então engasgou e riu de novo até ser obrigado a se recostar na cadeira, exausto.

— O que foi?

— É muito engraçado. Tenho certeza de que você não consegue adivinhar como passei a manhã e o que acabei fazendo.

— Não posso nem imaginar. Suponho que estava observando os hábitos e talvez a casa da srta. Irene Adler.

— Isso mesmo, mas os acontecimentos foram bastante insólitos. Vou lhe contar. Saí de casa pouco depois das oito horas esta manhã, com a aparência de um cavalariço desempregado. Existe grande compreensão e união entre homens que lidam com cavalos. Seja um deles, e saberá tudo que está acontecendo. Localizei Briony Lodge sem dificuldade. É uma vila pequena e requintada, de dois andares, com um jardim nos fundos, com a frente rente à rua. Uma boa fechadura na porta. Grande salão à direita, bem mobiliado, com janelas altas indo quase até o chão e aqueles ferrolhos ingleses ridículos que até uma criança consegue abrir. Nos fundos não havia nada especial, só que a janela da passagem pode ser alcançada do telhado da cocheira. Andei em volta e examinei-a de todos os lados, mas não vi mais nada de interessante.

“Então desci a rua e encontrei, como esperava, uma estrebaria numa vila que passa ao lado de um dos muros do jardim. Ajudei os cavalariços a tratar dos cavalos e recebi em troca dois pence, um copo de cerveja, dois pacotes de fumo picado e todas as informações que poderia desejar sobre a srta. Adler, para não mencionar uma meia dúzia de pessoas da vizinhança que não me interessavam nem um pouco, mas cujas biografias tive de ouvir em detalhe.”

— E quanto a Irene Adler? — perguntei.

— Ah, enlouqueceu todos os homens por aqueles lados. É a coisa mais linda do planeta. Assim dizem todos os homens da Estrebaria Serpentina. Vive pacatamente, canta em concertos, sai para dar um passeio todas as tardes às 17 horas e volta às 19 horas em ponto para jantar. Pouquíssimas vezes sai em outros horários, a não ser quando está cantando. Tem apenas um visitante, mas esse é muito frequente. É moreno, bonito e arrojado; vai lá todos os dias pelo menos uma vez, quase sempre duas. É o sr. Godfrey Norton, advogado da corte. Veja a vantagem de fazer amizade com um cocheiro de aluguel. Levou-o a casa uma dúzia de vezes e sabia tudo sobre ele. Depois de ouvir tudo que tinha a dizer, comecei a andar de um lado para outro perto de Briony Lodge mais uma vez e a elaborar meu plano.

“Esse Godfrey Norton era evidentemente um fator importante no caso. É advogado. Isso parece de mau agouro. Qual seria a relação entre os dois e qual o objetivo das visitas constantes? Ela seria sua cliente, sua amiga ou sua amante? Se fosse a primeira hipótese, provavelmente teria transferido a fotografia para ele. Se fosse a última, isso era menos provável. A resposta a essa pergunta decidiria se eu devia continuar meu trabalho em Briony Lodge ou desviar minha atenção para os aposentos do cavalheiro. Era uma questão delicada, e ampliava o campo de investigação. Receio aborrecê-lo com todos esses detalhes, mas tenho de mostrar-lhe esses pequenos problemas para que você compreenda a situação.”

— Estou acompanhando com atenção — respondi.

— Ainda pesava os fatos mentalmente quando um cabriolé parou diante de Briony Lodge e dele saltou um cavalheiro. Era um homem muito bonito, moreno, de feições aquilinas e bigode... evidentemente o homem que haviam mencionado. Parecia estar com pressa, gritou para o cocheiro que esperasse e, com ar de quem estava totalmente à vontade, passou, rápido, pela empregada que abrira a porta.

“Ficou na casa aproximadamente meia hora e pude vê-lo de relance pelas janelas do salão, andando de um lado para outro, falando, excitado, e gesticulando muito. Não consegui vê-la. Finalmente ele saiu, parecendo mais apressado que antes. Ao entrar no cabriolé, puxou um relógio do bolso e consultou-o. ‘Dirija como um demônio!’, gritou. Primeiro para Gross & Hankey, na Regent Street, e depois para a Igreja de Santa Mônica, na Edgeware Road. ‘Meio guinéu se fizer isso em vinte minutos!’

“Lá se foram, e eu estava pensando se devia segui-los quando surgiu na viela um pequeno e elegante landau, o cocheiro com o casaco ainda meio desabotoado, a gravata completamente torta e as pontas dos arreios fora das fivelas. Nem chegou a parar, quando ela saiu correndo pela porta e entrou no carro. Só a vi de relance, mas era uma mulher linda, com um rosto que faria um homem morrer de bom grado por ele. ‘A Igreja de Santa Mônica, John!’, gritou. ‘E uma libra em ouro se chegar lá em vinte minutos.’

“Era bom demais para perder, Watson. Eu avaliava se devia sair correndo ou me empoleirar atrás de seu landau quando surgiu um cabriolé na rua. O cocheiro olhou desconfiado para um passageiro tão maltrapilho, mas entrei rapidamente, antes que ele pudesse fazer objeções. ‘Para a Igreja de Santa Mônica’, eu disse. ‘E uma libra em ouro se chegar lá em vinte minutos.’ Faltavam 25 minutos para as 12 horas, e era evidente o que estava acontecendo.

“O cocheiro foi a toda a velocidade. Nunca andei tão depressa, mas os outros chegaram antes de nós. O cabriolé e o landau com os cavalos cobertos de suor estavam diante da porta quando cheguei. Paguei o homem e entrei na igreja às pressas. Lá dentro só havia os dois que eu seguira e um sacerdote de sobrepeliz, que parecia discutir com eles. Os três estavam em frente ao altar. Subi devagar a nave lateral como qualquer pessoa que entrasse casualmente em uma igreja. De repente, para meu espanto, os três viraram-se e Godfrey Norton veio correndo na minha direção.

“‘Graças a Deus!’, exclamou. ‘Você serve. Venha! Venha!’

“‘O que há?’, perguntei.

“‘Venha, homem, venha, só temos três minutos, ou não será legal.’

“Fui quase arrastado até o altar, e antes de saber onde estava, vi-me murmurando respostas que eram sopradas em meu ouvido e afirmava coisas que desconhecia por completo, ajudando, de modo geral, a unir Irene Adler, solteira, a Godfrey Norton, solteiro. Tudo levou só alguns instantes, e lá

estava o cavalheiro me agradecendo de um lado e a dama de outro, enquanto o sacerdote sorria para mim, na nossa frente. Foi a situação mais absurda em que já me encontrei e foi por isso que ri tanto há pouco. Parece que havia alguma irregularidade na licença e o sacerdote recusou-se a casá-los sem uma testemunha, e surgi a tempo de evitar que o noivo tivesse de sair pelas ruas à procura de um padrinho. A noiva deu-me uma libra em ouro e pretendo usá-la na corrente do relógio como lembrança dessa ocasião."

— Isso foi totalmente inesperado — eu disse. — E agora?

— Bem, meus planos estavam seriamente ameaçados. O par poderia partir a qualquer momento e era necessário tomar medidas imediatas e enérgicas. Mas, na porta da igreja, eles se separaram; ele voltou aos seus aposentos e ela voltou para casa. 'Irei passear no parque às 17 horas, como de costume', ela disse ao se despedir dele. Não ouvi mais nada. Partiram em direções opostas, e eu fui tomar minhas providências.

— Quais?

— Carne fria e um copo de cerveja — ele respondeu, tocando a campainha. — Estava ocupado demais para pensar em comida, e provavelmente estarei mais ocupado ainda hoje à noite. Por falar nisso, doutor, vou precisar de sua ajuda.

— Será um prazer.

— Não se importa de desrespeitar a lei?

— Nem um pouco.

— Nem de correr o risco de ser preso?

— Não, se for por uma boa causa.

— Ah, a causa é excelente!

— Então estou às suas ordens.

— Sabia que podia contar com você.

— Mas que deseja que eu faça?

— Depois que a sra. Turner trouxer a bandeja explicarei tudo. Agora — disse, servindo-se com entusiasmo da comida simples que a senhoria trouxera — tenho de falar enquanto como, porque não tenho muito tempo. São quase 17 horas. Dentro de duas horas devemos estar no local da ação. A srta. Irene, ou melhor, senhora, volta de seu passeio às 19 horas. Devemos estar em Briony Lodge à sua espera.

— E então?

— Deixe isso por minha conta. Já providenciei o que vai acontecer. Só há uma coisa em que devo insistir. Você não pode interferir, aconteça o que acontecer. Entende?
— Devo ficar neutro?
— Não deve fazer nada. Provavelmente haverá algum pequeno distúrbio. Não interfira. No fim, serei levado para dentro da casa. Quatro ou cinco minutos depois, a janela do salão se abrirá. Você deve se colocar perto dessa janela aberta.
— Sim.
— Fique me olhando, pois estarei visível para você.
— Sim.
— E quando eu erguer a mão... assim... você jogará dentro da sala o que eu lhe der para jogar e, ao mesmo tempo, gritará “Fogo!”. Compreendeu?
— Perfeitamente.
— Não é nada demais — disse, tirando do bolso um rolo do tamanho de um charuto. — É uma pequena bomba de fumaça com uma espoleta em cada ponta para que exploda sozinha. Sua tarefa é apenas essa. Quando der o grito de fogo, este será repetido por várias pessoas. Deve então andar até o fim da rua, e eu o encontrarei lá em dez minutos. Fui bem claro?
— Devo ficar neutro, perto da janela, olhar para você e, quando der o sinal, atirar para dentro este objeto, gritar “Fogo!” e esperar por você no fim da rua.
— Exatamente.
— Então, pode confiar inteiramente em mim.
— Excelente. Acho que está na hora de me preparar para o novo papel que tenho de desempenhar.
Desapareceu no quarto e voltou poucos minutos depois disfarçado como um clérigo protestante afável e simplório. O chapéu preto de abas largas, as calças frouxas, a gravata branca, o sorriso simpático e a aparência geral de benevolência eram totalmente convincentes. Holmes não mudava apenas de roupa; sua expressão, sua atitude, sua própria alma pareciam variar com qualquer papel que representasse. O palco perdeu um grande ator, assim como a ciência perdeu um raciocinador de primeira quando ele se tornou um especialista em crimes.
Eram 18h15 quando saímos da Baker Street e eram 18h50 quando chegamos à Serpentine Avenue. Já estava escurecendo e as lâmpadas se

acendiam enquanto andávamos de um lado para outro em frente a Briony Lodge, esperando a chegada de sua ocupante. A casa era exatamente como a imaginara pela descrição sucinta de Holmes, mas o local parecia menos isolado do que eu esperava. Para uma rua pequena em um bairro pacato, era excepcionalmente animada. Havia um grupo de homens maltrapilhos fumando e rindo em uma esquina, um amolador de facas com sua roda, dois guardas flertando com uma ama e vários rapazes bem-vestidos que passeavam fumando charutos.

— Veja — disse Holmes enquanto passávamos lentamente diante da casa —, esse casamento simplifica muito as coisas. A fotografia agora é uma arma de dois gumes. É provável que ela não queira que seja vista pelo sr. Godfrey Norton, assim como o nosso cliente não quer que sua princesa a veja... O problema é... onde vamos encontrar a fotografia?

— Realmente, onde?

— Não é provável que ela a carregue consigo. É grande demais para isso. Não seria fácil escondê-la num vestido. Sabe que o rei é capaz de armar-lhe uma cilada e mandar revistá-la. Já foram feitas duas tentativas. Podemos ter certeza de que não a leva consigo.

— Então, onde?

— Seu banqueiro ou seu advogado. Há essa dupla possibilidade. Mas acho que não é nenhuma das duas. As mulheres têm tendência a segredos e gostam de seus próprios esconderijos. Por que ela a entregaria a outra pessoa? Pode confiar em sua própria guarda, mas não pode evitar que alguma influência indireta ou política seja exercida sobre um homem de negócios. Além disso, lembre-se de que decidira usá-la dentro de poucos dias. Deve estar num lugar onde possa pegá-la facilmente. Deve estar em sua própria casa.

— Mas a casa foi revistada duas vezes.

— Não quer dizer nada. Não sabiam onde procurar.

— E onde você vai procurar?

— Não vou precisar procurar.

— O que vai fazer então?

— Vou deixar que ela me mostre.

— Mas ela se recusará.

— Não poderá recusar. Mas ouço o ruído de rodas. É a carruagem dela. Agora obedeça às minhas ordens ao pé da letra.

Enquanto falava, vimos o brilho das lanternas de uma carruagem fazendo a curva da avenida. Era um landau pequeno e elegante que parou à porta de Briony Lodge. Ao parar, um dos homens da esquina correu para abrir a porta na esperança de ganhar uma moeda, mas foi empurrado por outro, que acorrera com a mesma intenção. Começou uma briga violenta, aumentada pelos dois guardas que tomaram o partido de um dos homens, e pelo amolador, que ficou do lado do outro. Houve troca de golpes, e em um segundo a senhora, que descera da carruagem, era o centro de um monte de homens que se batiam ferozmente, usando os punhos e pedaços de pau. Holmes se atirou no meio do grupo para proteger a senhora; mas ao chegar junto dela, deu um grito e caiu no chão, com o sangue escorrendo pelo rosto. Ao vê-lo caído, os guardas fugiram em uma direção e os homens na outra, enquanto várias pessoas bem-vestidas, que olhavam a briga sem tomar parte nela, se aproximaram para ajudar a senhora e o homem machucado. Irene Adler, como eu ainda a chamarei, subira os degraus correndo; mas parou no alto da escada, sua figura magnífica delineada contra as luzes do hall, olhando para a rua.

— O cavalheiro está muito machucado? — perguntou.

— Está morto — disseram várias vozes.

— Não, não, ainda vive — gritou alguém. — Mas estará morto antes que consigam levá-lo para o hospital.

— É um homem muito corajoso — disse uma mulher. — Teriam tirado a bolsa e o relógio da moça se não fosse ele. Era um bando perigoso. Ah, ele está respirando.

— Não pode ficar aqui na rua. Podemos levá-lo lá para dentro, senhora?

— Claro. Podem levá-lo para o salão. Há um sofá confortável. Por aqui, por favor!

Lenta e solenemente, ele foi levado para Briony Lodge e colocado na sala principal enquanto eu observava os acontecimentos do meu posto perto da janela. Acenderam as lâmpadas, mas não correram as cortinas, de modo que eu podia ver Holmes deitado no sofá. Não sei se ele sentia remorsos naquele momento pelo papel que representava, mas sei que nunca me senti mais envergonhado em toda a minha vida do que quando vi a linda criatura contra a qual eu conspirava, e a graça e a bondade com que tratava do homem acidentado. Entretanto, seria uma traição a Holmes se eu me recusasse agora a desempenhar o papel de que ele me encarregara. Endureci

meu coração e tirei a bomba escondida no casaco. Afinal de contas, pensei, não iremos magoá-la. Estamos apenas evitando que magoe outra pessoa.

Holmes sentara-se no sofá e o vi fazer um gesto como se precisasse de ar. Uma empregada correu para abrir a janela. No mesmo instante vi que ele erguia a mão, e a este sinal atirei minha bomba na sala, gritando: “Fogo!” Mal dera o grito e toda a multidão de espectadores, bem e malvestidos, cavalheiros, cavalariços e empregadas, unira-se num único brado de “Fogo!”. Nuvens espessas de fumaça encheram a sala e saíram pela janela. Vislumbrei vultos correndo e um momento depois ouvi a voz de Holmes assegurando a todos que havia sido um alarme falso. Deslizando por entre a multidão, caminhei até a esquina e dez minutos depois alegrei-me ao sentir o braço de meu amigo no meu e ao me afastar da cena da confusão. Ele andou rapidamente e em silêncio por alguns minutos, até que entramos em uma das ruas desertas que dão na Edgeware Road.

— Você se saiu muito bem, doutor — observou. — Não podia ter sido melhor. Está tudo bem.

— Está com a fotografia?

— Sei onde está.

— E como descobriu?

— Ela me mostrou, como eu disse que faria.

— Ainda não entendi.

— Não quero fazer mistério — disse, rindo. — Foi muito simples. Você viu, certamente, que todo mundo na rua era meu cúmplice. Foram todos contratados por uma noite.

— Imaginei isso.

— Então, quando houve a briga, eu tinha um pouco de tinta vermelha na palma da mão. Avancei, caí, esfreguei a mão no rosto e tornei-me um espetáculo digno de pena. É um truque antigo.

— Isso eu também imaginei.

— Então levaram-me para dentro. Ela teve que concordar. O que mais poderia fazer? E para a sala, que era exatamente onde eu suspeitava que estivesse a fotografia. Era isso ou seu quarto, e eu estava decidido a descobrir o local. Colocaram-me no sofá, fiz um gesto pedindo mais ar, foram obrigados a abrir a janela e você teve a sua oportunidade.

— E como isso ajudou você?

— Era muito importante. Quando uma mulher pensa que sua casa está pegando fogo, seu instinto é correr imediatamente para a coisa que considera mais valiosa. É um impulso incontrolável e mais de uma vez já me aproveitei dele. Foi muito útil no caso do Escândalo Darlington e também no do Castelo Arnsworth. Uma mulher casada agarra seu bebê, uma solteira pega sua caixa de joias. Era claro para mim que a nossa jovem dama prezava acima de tudo aquilo que nós procurávamos. Correria para ver se estava em segurança. O alarme foi perfeito. A fumaça e os gritos eram suficientes, para abalar nervos de aço. Ela reagiu admiravelmente. A fotografia está em um nicho atrás de um painel móvel, logo acima do cordão da campainha à direita. Foi direto para lá e eu a vi de relance quando ela a puxou para fora. Quando gritei que era um alarme falso, tornou a colocá-la no lugar, lançou um olhar para a bomba, saiu correndo da sala e não a vi mais. Levantei-me, pedi desculpas e saí da casa. Fiquei na dúvida se deveria tentar apanhar logo a fotografia ou não; mas o cocheiro entrara na sala e me observava atentamente. Achei mais seguro esperar. A precipitação poderia prejudicar tudo.

— E agora? — perguntei.

— Nossa busca está praticamente terminada. Irei lá amanhã com o rei e com você, se quiser nos acompanhar. Ficaremos na sala esperando a senhora, mas é provável que quando ela chegar não irá nos encontrar, nem a fotografia. Talvez seja um prazer para Sua Majestade recuperá-la com suas próprias mãos.

— E quando voltará lá?

— Às oito horas. Ela não estará de pé, e teremos toda a liberdade. Precisaremos agir depressa, pois esse casamento pode mudar por completo sua vida e seus hábitos. Vou telegrafar imediatamente para o rei.

Havíamos chegado à Baker Street e parado em frente à porta. Holmes procurava a chave nos bolsos quando alguém passou e disse:

— Boa noite, sr. Sherlock Holmes.

Havia várias pessoas na calçada no momento, mas a voz parecia vir de um esbelto jovem encasacado que passara apressadamente.

— Já ouvi essa voz antes — comentou Holmes, olhando a rua sombria. — Que diabo, quem poderia ser?

Terceira parte

Dormi na Baker Street aquela noite, e estávamos ocupados com nosso café e as torradas quando o rei da Boêmia entrou às pressas.

— Você conseguiu! — exclamou, segurando os ombros de Sherlock Holmes e olhando-o no rosto com ansiedade.

— Ainda não.

— Mas tem esperanças?

— Tenho.

— Então vamos. Estou impaciente.

— Precisamos de uma carruagem.

— Não, a minha está esperando.

— Isso simplifica tudo.

Descemos e fomos mais uma vez para Briony Lodge.

— Irene Adler casou-se — disse Holmes.

— Casou-se! Quando?

— Ontem.

— Mas com quem?

— Com um advogado inglês chamado Norton.

— Mas não pode amá-lo.

— Espero que sim.

— Por que espera isso?

— Porque Sua Majestade não precisaria mais ter receio de qualquer problema futuro. Se essa senhora ama seu marido, não ama Sua Majestade. Se não ama Sua Majestade, não há motivo para interferir nos planos de Sua Majestade.

— É verdade. No entanto... Bem! Gostaria que ela fosse da mesma classe que eu. Que rainha ela seria! — Ele permaneceu num silêncio melancólico até chegarmos à Serpentine Avenue.

A porta de Briony Lodge estava aberta e uma mulher idosa estava no alto da escada. Ficou nos observando com olhos sarcásticos quando saltamos da carruagem.

— O sr. Sherlock Holmes, não é?

— Sim, eu sou o sr. Holmes — respondeu meu companheiro, olhando-a com curiosidade e espanto.

— Muito bem! Minha patroa disse que era provável que o senhor viesse. Ela partiu esta manhã com o marido, pelo trem das 5h15, da estação de Charing Cross, para o continente.

— O quê! — Sherlock Holmes deu um passo atrás, pálido de surpresa e desgosto. — Quer dizer que deixou a Inglaterra?

— Para nunca mais voltar.

— E os papéis? — perguntou o rei com voz rouca. — Está tudo perdido.

— Veremos.

Holmes entrou pela casa, correu para o salão, seguido pelo rei e por mim. A mobília estava espalhada pela sala, estantes desmontadas, gavetas abertas, como se ela tivesse revirado tudo antes de sua fuga. Holmes correu para o cordão da campainha, afastou um pequeno painel e, metendo a mão ali dentro, puxou uma fotografia e uma carta. A fotografia era de Irene Adler em traje a rigor, a carta era endereçada ao "sr. Sherlock Holmes. Para ser guardada até virem buscá-la". Meu amigo abriu-a e nós três a lemos juntos. Era datada da meia-noite anterior e dizia o seguinte:

> *Meu caro sr. Sherlock Holmes:*
>
> *Realmente, o senhor foi formidável. Enganou-me por completo. Não tive a menor suspeita até o alarme de fogo. Mas então, quando vi como tinha me traído, comecei a pensar. Fui avisada a seu respeito há meses. Disseram-me que se o rei empregasse um agente, certamente seria o senhor. E deram-me seu endereço. Apesar de tudo isso, o senhor fez com que eu revelasse o que queria saber. Mesmo quando fiquei desconfiada, achei difícil pensar mal de um clérigo tão amável e tão bondoso. Mas sabe que também sou uma atriz profissional. Vestir-me de homem não é novidade para mim. Frequentemente tiro proveito da liberdade que isso me dá. Mandei John, o cocheiro, vigiá-lo, fui lá em cima, vesti minhas roupas de passeio, como as chamo, e desci exatamente quando o senhor saía.*
>
> *Eu o segui até a porta de sua casa e verifiquei que eu era realmente objeto do interesse do célebre sr. Sherlock Holmes. Então, de modo bastante imprudente, desejei-lhe boa-noite e fui procurar meu marido nas salas da Corte.*
>
> *Nós dois achamos que a fuga era o melhor recurso, quando estamos sendo perseguidos por um adversário tão extraordinário; de modo que*

encontrará o nicho vazio quando chegar amanhã. Quanto à fotografia, seu cliente pode ficar descansado. Amo e sou amada por um homem melhor que ele. O rei pode fazer o que quiser sem nenhum empecilho por parte de uma pessoa que ele enganou cruelmente. Só guardo a fotografia para me proteger, e para preservar uma arma que sempre me garantirá contra qualquer atitude que ele possa vir a tomar no futuro. Deixo uma fotografia que ele talvez goste de possuir.

Atenciosamente,

Irene Norton, née Adler

— Que mulher... oh, que mulher! — exclamou o rei da Boêmia quando terminamos a leitura. — Não lhe disse que era esperta e decidida? Não teria dado uma rainha maravilhosa? Não é uma pena que não fosse do meu nível?

— Pelo que vi dessa dama, ela parece realmente ser de um nível muito diferente do de Sua Majestade — disse Holmes friamente. — Lamento não ter podido concluir o negócio de Sua Majestade de maneira mais satisfatória.

— Pelo contrário, meu caro senhor! — exclamou o rei. — Não poderia ser mais satisfatório. Sei que a palavra dela é inviolável. A fotografia está tão segura como se estivesse queimando na lareira.

— Fico contente de ouvir Sua Majestade dizer isso.

— Sou-lhe eternamente grato. Diga-me como posso recompensá-lo. Este anel... — Tirou um anel de esmeralda em forma de serpente do dedo e ofereceu-o na palma da mão.

— Sua Majestade tem uma coisa que prezo ainda mais — disse Holmes.

— Basta dizer.

— Essa fotografia!

O rei olhou-o com espanto.

— A fotografia de Irene! — exclamou. — Certamente, se quiser.

— Agradeço a Sua Majestade. Então, não há mais nada a fazer. Tenho a honra de desejar-lhe um bom-dia. — Inclinou-se num cumprimento e, virando-se sem notar a mão que o rei lhe estendera, saiu junto comigo e dirigiu-se para casa.

E foi assim que um grande escândalo ameaçou abalar o reino da Boêmia, e que os melhores planos do sr. Sherlock Holmes foram destruídos pela

inteligência de uma mulher. Ele costumava troçar da esperteza das mulheres, mas ultimamente não o tenho ouvido fazer isso. E quando fala de Irene Adler, ou quando se refere à sua fotografia, é sempre com o título honroso de *a* mulher.

6 Referência a James Boswell, famoso biógrafo escocês, já que Watson, como cronista de seus casos, era também seu biógrafo. (N.T.)

A LIGA DOS RUIVOS

Fui visitar meu amigo Sherlock Holmes num dia de outono do ano passado, e encontrei-o numa conversa animada com um senhor idoso, muito gordo, de rosto corado e cabelos cor de fogo. Com uma desculpa pela minha intromissão, ia me retirar quando Holmes puxou-me para dentro da sala e fechou a porta.

— Não poderia ter vindo em hora melhor, meu caro Watson — disse cordialmente.

— Pensei que estivesse ocupado.

— E estou. Muito ocupado.

— Então posso esperar na sala ao lado.

— De modo algum. Este cavalheiro, sr. Wilson, tem sido meu companheiro e assistente em muitos dos meus casos de maior sucesso e não tenho dúvida de que será muito útil no seu também.

O cavalheiro gordo ergueu-se em sua cadeira e cumprimentou-me ligeiramente com a cabeça, lançando um rápido olhar curioso com seus olhinhos rodeados de gordura.

— Experimente o sofá — disse Holmes, voltando à sua poltrona e juntando as pontas dos dedos, como costumava fazer quando avaliava um problema. — Sei, meu caro Watson, que você também gosta de tudo que é bizarro e fora das convenções e da rotina. Demonstrou sua apreciação por meio do entusiasmo com que relatou e, se me perdoa, até embelezou tantas aventuras minhas.

— Seus casos realmente têm sido muito interessantes para mim — observei.

— Deve lembrar-se de que comentei outro dia, pouco antes de nos envolvermos no problema muito simples apresentado pela srta. Mary Sutherland, que para obter efeitos estranhos e combinações extraordinárias temos que apelar para a própria vida, que é sempre muito mais ousada do que qualquer esforço da imaginação.

— Uma proposição em relação à qual tomei a liberdade de duvidar.

— Sim, doutor, mas, apesar disso, você tem de adotar o meu ponto de vista, do contrário ficarei amontoando fato em cima de fato até que seu raciocínio desmorone sob seu peso e reconheça que estou certo. Bem, o sr. Jabez Wilson, aqui presente, teve a bondade de vir ver-me esta manhã e começar uma narrativa que promete ser das mais singulares que ouvi nos últimos tempos. Já me ouviu comentar que as coisas mais estranhas estão quase sempre ligadas não aos grandes, mas aos menores crimes e, às vezes, na verdade, à dúvida de que algum crime tenha sido realmente cometido. Pelo que ouvi até agora, é impossível dizer se este caso é ou não um exemplo de crime, mas o curso dos acontecimentos sem dúvida é um dos mais estranhos que já ouvi. Talvez, sr. Wilson, o senhor possa ter a bondade de recomeçar sua narrativa. Peço isso não só porque meu amigo dr. Watson não ouviu o princípio, mas também porque a natureza peculiar da história deixa-me ansioso para obter todos os detalhes possíveis de seus lábios. Em geral, quando tenho alguma indicação do curso dos acontecimentos, posso guiar-me pelos milhares de outros casos semelhantes que me vêm à memória. Neste caso, sou obrigado a admitir que os fatos são, pelo que sei, únicos.

O corpulento cliente estufou o peito com certo orgulho e tirou um jornal sujo e amarrotado do bolso interno do sobretudo. Enquanto olhava a coluna de anúncios com a cabeça esticada para a frente e o jornal aberto nos joelhos, examinei-o cuidadosamente e tentei, como faz meu companheiro, ler as indicações apresentadas por suas roupas e sua aparência.

Mas não consegui muita coisa com essa inspeção. Nosso visitante parecia um comerciante inglês comum, obeso, pomposo e lerdo. Usava calças cinzentas quadriculadas meio largas, um paletó preto não muito limpo, aberto, e um colete com uma corrente de metal amarelo com um pedaço quadrado de metal pendurado como ornamento. Um chapéu gasto e um sobretudo marrom desbotado com gola de veludo enrugado repousavam em uma cadeira a seu lado. Por mais que olhasse, não havia nada de especial

sobre o homem, exceto os cabelos vermelhos flamejantes e uma expressão de profundo desgosto e descontentamento em seu rosto.

Sherlock Holmes percebeu o que eu fazia e sacudiu a cabeça com um sorriso quando notou meu olhar inquisitivo.

— Além dos fatos óbvios de que em alguma ocasião ele fez trabalhos braçais, que cheira rapé, que pertence à Maçonaria, que esteve na China e que tem escrito muito ultimamente, não posso deduzir nada mais.

O sr. Jabez Wilson ergueu-se um pouco na cadeira, com o indicador no jornal e os olhos fixos em meu companheiro.

— Como, em nome dos céus, o senhor sabe tudo isso, sr. Holmes? — perguntou. — Como sabe, por exemplo, que fiz trabalhos braçais? É verdade, comecei como carpinteiro de bordo.

— Suas mãos, meu caro senhor. Sua mão direita é bem maior que a esquerda. Trabalhou com ela, e os músculos são mais desenvolvidos.

— Bem, o rapé, então, e a Maçonaria?

— Não insultarei sua inteligência contando como deduzi isso, especialmente porque, contra as regras rígidas de sua ordem, o senhor usa um arco e um compasso no alfinete de gravata.

— Ah, sim, esqueci isso. E quanto ao negócio de escrever?

— O que mais poderia significar um punho direito tão lustroso e a manga esquerda gasta perto do cotovelo, onde o senhor a apoia na mesa?

— Bem, e a China?

— O peixe tatuado logo acima de seu pulso direito só poderia ter sido feito na China. Fiz um pequeno estudo de marcas de tatuagem e até contribuí para a literatura sobre o assunto. Esse cor-de-rosa delicado das escamas dos peixes só existe na China. Quando, além disso, vejo uma moeda chinesa pendurada em sua corrente de relógio, tudo fica ainda mais simples.

O sr. Jabez Wilson riu gostosamente.

— Ora, ora! — disse. — No início pensei que era uma verdadeira façanha mental, mas estou vendo que é tudo muito fácil.

— Estou começando a acreditar, Watson — disse Holmes —, que é um erro eu explicar. *Omne ignotum pro magnifico*, você sabe, e a minha pobre reputação ficará arrasada se eu continuar a ser tão franco. Encontrou o anúncio, sr. Wilson?

— Sim, encontrei — respondeu, com o dedo grosso e vermelho plantado no meio da coluna. — Aqui está. Isso foi o começo de tudo. Leia, por favor.

Peguei o jornal e li o seguinte:

À LIGA DOS RUIVOS:

> *Por doação do finado Ezekiah Hopkins, de Lebanon, Pensilvânia, EUA, existe agora outra vaga que dá direito a um membro da Liga a receber um salário de quatro libras por semana por serviços puramente nominais. Todos os homens ruivos de perfeita saúde física e mental, com mais de 21 anos, podem candidatar-se. Apresente-se pessoalmente na segunda-feira, às 11 horas, a Duncan Ross, nos escritórios da Liga, Pope's Court, 7, Fleet Street.*

— Que diabo significa isto? — exclamei, depois de ler duas vezes este anúncio extraordinário.

Holmes deu uma risadinha e remexeu-se na cadeira, como era seu hábito quando achava algo muito engraçado.

— É um pouco fora do comum, não é? — comentou. — E agora, sr. Wilson, comece a falar e conte tudo sobre si mesmo, sua família e o efeito que esse anúncio teve em sua vida. Primeiro, doutor, anote o nome do jornal e a data.

— É *The Morning Chronicle* de 27 de abril de 1890. Dois meses atrás.

— Muito bem. E agora, sr. Wilson?

— Bem, é como eu estava lhe contando, sr. Sherlock Holmes — disse Jabez Wilson, enxugando a testa —, tenho uma pequena loja de penhores na praça Coburg, perto do Centro. Não é muito grande, e nos últimos anos só deu para viver. Antigamente eu tinha dois ajudantes, mas agora só tenho um. E seria um problema pagar seu ordenado, mas ele concordou em ganhar só a metade, para aprender o negócio.

— Como se chama esse rapaz tão prestativo? — perguntou Sherlock Holmes.

— Seu nome é Vincent Spaulding, e não é nenhum rapaz. É difícil dizer quantos anos tem. Não poderia querer um assistente melhor, sr. Holmes. E sei muito bem que ele poderia estar numa situação muito melhor e ganhar o

dobro do que lhe pago. Mas, afinal de contas, se está satisfeito, por que botar ideias na cabeça dele?

— Realmente, por quê? O senhor é um felizardo por ter um empregado que aceita ganhar um salário abaixo do mercado. Não é uma experiência muito comum nos dias de hoje. Acho que seu assistente é tão notável quanto esse anúncio.

— Ah, ele tem seus defeitos também — continuou o sr. Wilson. — Nunca vi um sujeito tão louco por fotografia. Agarrado com a máquina quando devia estar melhorando seus conhecimentos e depois se afundando no porão para revelar fotografias, como um coelho em sua toca. É seu maior defeito. Mas, de modo geral, é um bom empregado. Não tem vícios.

— Continua trabalhando com o senhor?

— Sim, senhor. Ele e uma moça de 14 anos, que cozinha um pouco e faz a limpeza. É só o que tenho em casa, pois sou viúvo e nunca tive família. Vivemos muito pacatamente, os três. Mantemos a casa, pagamos as contas, e nada mais.

"A primeira coisa que nos abalou foi esse anúncio. Spaulding entrou no escritório, exatamente há oito semanas, com este jornal na mão e disse:

"'Daria tudo para ser ruivo, sr. Wilson.'

"'Por quê?', perguntei.

"'Ora', disse, 'há outra vaga na Liga dos Ruivos. Vale uma pequena fortuna para quem a ocupar e parece que há mais vagas do que candidatos, e os membros do Conselho estão atropelados sem saber o que fazer com o dinheiro. Se pudesse mudar a cor dos cabelos, aqui está um ninho maravilhoso prontinho para mim.'

"'Mas de que se trata, então?', perguntei. Sabe, sr. Holmes, sou um homem muito caseiro, e como meus negócios vêm a mim e não preciso sair à procura deles, às vezes passo semanas a fio sem pôr o pé na rua. Por isso não sei o que está acontecendo lá fora e sempre gosto de ouvir as notícias.

"'Nunca ouviu falar na Liga dos Ruivos?', ele perguntou, de olhos esbugalhados.

"'Nunca.'

"'Estou surpreso, pois o senhor podia ser candidato a uma das vagas.'

"'E quanto vale uma vaga?', perguntei.

"'Oh, somente umas duzentas libras por ano, mas o trabalho é leve e não ia interferir nas outras ocupações.'

“Bem, isso me fez prestar atenção, pois os negócios não têm sido muito bons nos últimos anos e esse dinheiro extra viria a calhar.

“‘Conte-me tudo que sabe sobre isso’, eu disse.

“‘Bem’, ele continuou, mostrando o anúncio, ‘pode ver aqui que há uma vaga na Liga, e aqui está o endereço onde deve ir para obter maiores detalhes. Pelo que sei, a Liga foi fundada por um milionário americano, Ezekiah Hopkins, que era um homem muito peculiar. Ele era ruivo e tinha muita simpatia por todos os ruivos, e quando morreu descobriram que deixara sua imensa fortuna nas mãos de curadores, com instruções para que aplicassem os juros de modo a proporcionar empregos fáceis para homens de cabelos ruivos. Pelo que ouvi dizer, pagam muito bem e há muito pouco para fazer.’

“‘Mas’, comentei, ‘há milhões de homens ruivos que devem se candidatar.’

“‘Não tantos assim’, respondeu. ‘Repare, é limitado a londrinos de mais de 21 anos. Esse americano começou em Londres, quando era jovem, e queria beneficiar a cidade. E também ouvi dizer que não adianta se candidatar se seu cabelo for ruivo-claro, ou ruivo-escuro, tem de ser o verdadeiro vermelho-vivo, cor de fogo. Se o senhor quisesse, sr. Wilson, bastava o senhor se apresentar, mas talvez não valha a pena se incomodar por umas poucas centenas de libras.’

“Bem, é verdade, cavalheiros, como podem ver, que meu cabelo é bem cor de fogo. Então achei que, se houvesse concorrência, eu teria tanta possibilidade de ganhar quanto qualquer outro. Vincent Spaulding parecia saber tanto sobre o assunto que achei que podia ser útil, então mandei que fechasse a loja e viesse comigo. Ele estava querendo tirar um dia de folga, de modo que fechamos tudo e fomos ao endereço indicado no anúncio.

“Espero nunca voltar a ver um espetáculo desses, sr. Holmes. Do norte, do sul, do leste e do oeste, todos os homens com um vestígio de vermelho nos cabelos vieram à cidade, em resposta ao anúncio. A Fleet Street estava entupida de homens de cabelos vermelhos e a Pope’s Court parecia um caminhão cheio de laranjas. Nunca pensei que houvesse tantos ruivos no país inteiro. Eram de todos os tons possíveis: cor de palha, de limão, de laranja, de tijolo, de barro... mas, como Spaulding disse, não havia muitos da legítima cor de fogo. Quando vi quantos estavam esperando, quis desistir, mas Spaulding não deixou. Não sei como conseguiu, mas empurrou

e deu cotoveladas até que atravessamos a multidão e subimos os degraus que levavam ao escritório. Havia duas filas na escada, uma subindo, esperançosa, outra descendo, desanimada. Metemo-nos no meio e logo chegamos ao escritório."

— Sua experiência foi muito interessante — comentou Holmes, quando seu cliente parou e refrescou a memória com uma generosa pitada de rapé. — Por favor, continue sua narrativa.

— O escritório tinha apenas duas cadeiras de madeira e uma mesa de pinho, atrás da qual estava sentado um homenzinho de cabelos ainda mais vermelhos que os meus. Dizia algumas palavras a cada candidato que se aproximava e sempre conseguia encontrar alguma coisa errada que os desqualificava. Obter uma vaga não parecia ser assim tão fácil. Mas quando chegou a nossa vez, o homenzinho foi mais benevolente comigo do que com os outros e fechou a porta quando entramos, para termos alguma privacidade.

"'Este é o sr. Jabez Wilson', disse meu assistente, 'que deseja ocupar uma vaga na Liga.'

"'Muito apropriado', respondeu o outro. 'Tem todos os requisitos. Não me lembro de ter visto outro assim.' Deu um passo para atrás, inclinou a cabeça e observou meu cabelo até eu ficar encabulado. De repente avançou, segurou minha mão e me congratulou pelo meu sucesso.

"'Seria uma injustiça hesitar', disse. 'Mas vai me perdoar, tenho certeza, por tomar uma precaução óbvia.' Dizendo isso, segurou meus cabelos com ambas as mãos e puxou até eu gritar de dor. 'Seus olhos estão cheios de lágrimas', disse, me soltando. 'Tudo está como devia ser. Mas precisamos ter cuidado, pois já fomos enganados duas vezes com perucas e com tinta. Eu poderia contar-lhes histórias que os deixariam desiludidos com a natureza humana.' Foi até a janela e gritou em voz alta que a vaga havia sido preenchida. As exclamações de desapontamento subiram até nós e a multidão se dispersou em direções diferentes, até que não restou mais nenhum ruivo, a não ser o gerente e eu.

"'Meu nome', disse ele, 'é Duncan Ross, e sou um dos beneficiários do fundo deixado por nosso nobre benfeitor. O senhor é casado, sr. Wilson? Tem família?'

"Respondi que não.

“‘Ah!’, disse, muito sério. ‘Isso é mau, muito mau! Sinto muito ouvi-lo dizer isso. O fundo é, naturalmente, para a propagação dos ruivos, assim como para sua manutenção. É extremamente lamentável que seja solteiro.’

“Fiquei triste com isso, sr. Holmes, pois pensei que não ia conseguir a vaga. Mas depois de pensar alguns minutos, ele disse que não fazia mal.

“‘Se fosse outra pessoa’, disse, ‘isso poderia ser fatal, mas devemos fazer uma concessão, considerando a cor de seus cabelos. Quando poderá assumir seu cargo?’

“‘Bem, é um pouco difícil, porque tenho o meu negócio’, respondi.

“‘Ora, não se preocupe, sr. Wilson!’, disse Vincent Spaulding. ‘Posso tomar conta disso para o senhor.’

“‘Qual seria o horário?’, perguntei.

“‘Das dez às 14 horas.’

“O negócio de penhores, sr. Holmes, funciona mais à noite, principalmente às quintas e sextas, perto do dia de pagamento; portanto, seria conveniente para mim ganhar alguma coisa durante as manhãs. Além disso, eu sabia que meu assistente era bom e que poderia resolver qualquer problema que surgisse.

“‘Isso me convém’, disse. ‘E quanto ao pagamento?’

“‘Quatro libras por semana.’

“‘E o trabalho?’

“‘É puramente nominal.’

“‘O que chama de puramente nominal?’

“‘Bem, tem de estar no escritório, ou pelo menos no prédio, o tempo todo. Se sair, perde seu cargo para sempre. O testamento é muito claro neste ponto. Não preencherá as condições se se ausentar do prédio nesse período.’

“‘São apenas quatro horas por dia, e eu não pensaria em sair’, respondi.

“‘Nenhuma desculpa será aceita’, disse o sr. Duncan Ross, ‘nem doença, nem negócios, nem qualquer outra coisa. Tem de ficar aqui, ou perde seu cargo.’

“‘E o trabalho?’

“‘É copiar a *Enciclopédia Britânica*. O primeiro volume está ali. O senhor fornece tinta, canetas e papel e nós fornecemos essa mesa e cadeira. Pode começar amanhã?’

“‘Certamente’, respondi.

"'Então, até logo, sr. Jabez Wilson, e deixe-me cumprimentá-lo mais uma vez pela posição importante que teve a sorte de conseguir.' Levou-me até a porta e fui para casa com meu assistente, sem saber o que dizer ou fazer, de tão contente que eu estava com minha sorte.

"Pensei no assunto o dia inteiro e à noite estava deprimido, porque me convenci de que tudo isso devia ser uma grande fraude, embora não pudesse imaginar qual o motivo. Parecia totalmente impossível que alguém tivesse feito tal testamento e que pagassem essa quantia apenas para copiar a *Enciclopédia Britânica*. Vincent Spaulding fez tudo para me animar, mas na hora de dormir eu tinha decidido cancelar tudo. Entretanto, de manhã resolvi que ia dar uma olhada, de qualquer modo, e comprei um vidrinho de tinta e uma pena, sete folhas de papel almaço, e fui para Pope's Court.

"Para minha surpresa, tudo estava certinho. A mesa estava pronta para mim e o sr. Duncan Ross estava lá para me ver começar a trabalhar. Deixou-me na letra A e saiu, mas voltava de vez em quando para ver como eu estava indo. Às 14 horas desejou-me um bom-dia, cumprimentou-me pelo que tinha feito até então e trancou a porta do escritório quando saí.

"Isso continuou por vários dias, sr. Holmes, e no sábado o gerente entrou e colocou quatro libras de ouro na mesa pelo trabalho de uma semana. O mesmo aconteceu na semana seguinte, e na outra. Todo dia eu chegava às dez e saía às 14 horas. Aos poucos o sr. Duncan Ross começou a vir só uma vez de manhã, e depois de algum tempo, nem isso. Mas é claro que eu não ousava sair da sala nem por um minuto, pois não sabia quando ele viria, e o lugar era tão bom e tão conveniente para mim que não arriscaria perdê-lo.

"Passaram-se oito semanas assim, e eu escrevera sobre Abades, Arqueiros, Arte, Arquitetura, e esperava entrar no B em pouco tempo. Gastei um bocado em papel e quase enchera uma prateleira, quando, de repente, tudo terminou."

— Terminou?

— Sim, senhor. Esta manhã. Fui trabalhar, como de costume, às dez horas, mas a porta estava fechada e trancada, e havia um pedaço de papel preso com uma tacha. Aqui está, pode ver.

Estendeu um papel que dizia:

A LIGA DOS RUIVOS FOI EXTINTA.
9 de outubro de 1890

Sherlock Holmes e eu analisamos o texto curto e o rosto tristonho do cliente, até que o lado cômico do caso superou todos os outros aspectos, e nós dois começamos a rir.

— Não vejo nada de engraçado — disse nosso cliente, com o rosto tão vermelho quanto seus cabelos de fogo. — Se só podem rir de mim, vou procurar auxílio em outro lugar.

— Não, não — exclamou Holmes, fazendo-o sentar-se novamente. — Não perderia seu caso de maneira nenhuma. É maravilhosamente original. Mas me perdoe se disser que há alguma coisa um pouquinho engraçada em tudo isso. Diga-me, o que fez quando viu o papel na porta?

— Fiquei estatelado, senhor. Não sabia o que fazer. Perguntei nas salas ao lado, mas ninguém sabia de nada. Finalmente, fui procurar o senhorio, é um contador que mora no andar térreo, e perguntei se podia me dizer o que tinha acontecido com a Liga dos Ruivos. Ele disse que nunca ouvira falar nisso. Então perguntei quem era o sr. Duncan Ross. Respondeu que não conhecia o nome.

"'Bem', eu disse, 'o cavalheiro da sala nº 4.'

"'Ora, o homem de cabelos vermelhos?'

"'Sim.'

"'Ah!', respondeu. 'Seu nome era William Morris. Era um advogado e estava usando a sala temporariamente até seu escritório ficar pronto. Mudou-se ontem.'

"'Onde posso encontrá-lo?'

"'No seu novo endereço. Ele me deu, sim. King Edward Street, 17, perto de St. Paul.'

"Fui até lá, sr. Holmes, mas, quando cheguei, vi que era uma fábrica de rótulas artificiais, e ninguém ali ouvira falar do sr. William Morris ou do sr. Duncan Ross."

— O que fez então? — perguntou Holmes.

— Fui para casa e pedi a opinião de meu assistente, mas ele não pôde me ajudar. Só disse que esperasse e talvez soubesse alguma coisa pelo correio. Mas isso não era suficiente, sr. Holmes. Não queria perder esse cargo sem lutar, por isso vim aqui procurar o senhor, pois sabia que dá conselhos a pessoas em apuros.

— E fez muito bem — disse Holmes. — Seu caso é bastante original e terei muito prazer em estudá-lo. Pelo que me contou, acho possível que isso tenha consequências muito mais graves do que pode parecer.

— Já são bastante graves! — exclamou o sr. Jabez Wilson. — Perdi quatro libras por semana.

— No que lhe diz respeito — comentou Holmes — não acho que possa reclamar dessa extraordinária Liga. Pelo contrário, o senhor ganhou umas trinta libras, além de ter aprendido alguma coisa copiando a letra A. Não perdeu nada.

— Não, senhor. Mas quero descobrir quem são e qual era seu objetivo ao fazer essa brincadeira, se é que era brincadeira, comigo. Custou bem caro a eles, exatamente trinta e duas libras.

— Vamos tentar esclarecer isso, sr. Wilson. Primeiro, deixe-me fazer-lhe umas perguntas. Esse seu assistente que chamou sua atenção para o anúncio... quanto tempo está com o senhor?

— Naquela ocasião, mais ou menos um mês.

— Como o conheceu?

— Respondeu a um anúncio.

— Foi o único candidato?

— Não, havia uma dúzia.

— Por que o escolheu?

— Porque tinha boa vontade e seria barato.

— Pela metade do preço, na verdade.

— Sim.

— Como é esse Vincent Spaulding?

— Baixo, gorducho, de movimentos muito rápidos, rosto sem pelos, apesar de ter pelo menos trinta anos. Tem uma mancha branca de ácido na testa.

Holmes empertigou-se na cadeira, visivelmente excitado.

— Foi o que pensei — disse. — Por acaso notou se tem as orelhas furadas para brincos?

— Sim, senhor. Ele disse que uma cigana fizera isso quando ele era criança.

— Hum! — disse Holmes recostando-se, pensativo. — Ainda está com o senhor?

— Ah, sim. Acabei de deixá-lo.

— E seus negócios correram bem em sua ausência?

— Não posso me queixar. Nunca há muito movimento na parte da manhã.

— Muito bem, sr. Wilson. Terei o prazer de lhe dar uma opinião sobre esse assunto dentro de um ou dois dias. Hoje é sábado, espero já ter chegado a uma conclusão na segunda-feira.

“Bem, Watson”, disse Holmes, quando nosso visitante saiu, “o que acha disso tudo?”

— Não acho nada — respondi com toda a franqueza. — É um negócio muito misterioso.

— Em geral — comentou Holmes — quanto mais bizarra é uma coisa, menos misteriosa ela é. Os crimes comuns é que são realmente difíceis, da mesma maneira que um rosto comum é o mais difícil de identificar.

— O que vai fazer? — perguntei.

— Fumar — respondeu. — É problema para três cachimbos, e peço que não fale comigo durante cinquenta minutos. — Enroscou-se na cadeira, com os joelhos encostando no nariz adunco, e lá ficou, de olhos fechados, com o cachimbo de barro preto se projetando da boca como o bico de um pássaro estranho. Cheguei à conclusão de que adormecera, e eu mesmo cabeceava de sono quando, de repente, ele saltou da cadeira com a atitude de um homem que tomou uma decisão, e colocou o cachimbo na prateleira acima da lareira.

— Sarasate vai tocar no St. James’ Hall hoje à tarde — disse. — O que acha, Watson? Seus doentes podem dispensá-lo por algumas horas?

— Não tenho nada para fazer hoje. Minha clientela nunca me absorve muito.

— Então pegue seu chapéu e venha. Vou passar pelo centro da cidade primeiro e podemos almoçar no caminho. Notei que há muitas peças alemãs no programa, que me agradam muito mais do que a música italiana ou francesa. É introspectiva, e quero ser introspectivo. Vamos!

Fomos de metrô até Aldersgate e depois de uma curta caminhada chegamos à praça Saxe-Coburg, cenário da história singular que ouvíramos de manhã. Era um lugar pequeno, mesquinho, onde quatro filas de casas de tijolo de dois andares, encardidas, davam para uma área cercada, onde um gramado cheio de mato e umas moitas de rododendros desbotados lutavam heroicamente contra a atmosfera carregada de fumaça. Três bolas douradas

e uma placa marrom onde estava escrito “JABEZ WILSON” em letras brancas, na casa da esquina anunciavam o lugar onde nosso cliente ruivo tinha seu negócio. Sherlock Holmes parou diante da casa e a examinou detalhadamente, com a cabeça inclinada e os olhos brilhando entre pálpebras semicerradas. Depois seguiu rua acima e voltou, olhando atentamente para as casas. Por fim voltou para a loja de penhores e, após bater vigorosamente na calçada com a bengala duas ou três vezes, foi até a porta e bateu. Ela foi aberta de imediato por um rapaz de ar esperto, imberbe, que o convidou a entrar.

— Obrigado — disse Holmes —, só queria saber o caminho para o Strand.

— Terceira à direita, quarta à esquerda — respondeu o assistente, e fechou a porta.

— Rapaz esperto, esse — observou Holmes enquanto nos afastávamos. — Na minha opinião, ele é o quarto homem mais esperto de Londres, e não aposto que não seja o terceiro. Sei alguma coisa sobre ele.

— Evidentemente — eu disse —, o assistente do sr. Wilson é responsável por grande parte desse mistério da Liga dos Ruivos. Tenho certeza de que você perguntou o caminho só para vê-lo.

— Ele não.

— Ver o quê, então?

— Os joelhos de suas calças.

— E o que viu?

— O que esperava ver.

— Por que bateu na calçada?

— Meu caro doutor, está na hora de observar, não de falar. Somos espiões em território inimigo. Sabemos algo sobre a praça Saxe-Coburg. Vamos agora explorar as áreas atrás dela.

A estrada em que nos encontramos quando viramos a esquina da isolada praça Saxe-Coburg fazia um contraste tão grande com ela quanto a frente e as costas de um quadro. Era uma das principais artérias que levavam o trânsito do centro da cidade para o norte e para o oeste. A pista estava completamente bloqueada por um fluxo constante nas duas direções, enquanto as calçadas estavam negras com a multidão apressada de pedestres. Era difícil perceber, ao olhar as lindas lojas e os edifícios

imponentes, que eles estavam logo atrás da praça estagnada e desbotada que acabávamos de deixar.

— Vejamos — disse Holmes, de pé na esquina e olhando em volta. — Gostaria de me lembrar da ordem das casas aqui. É um dos meus *hobbies* conhecer bem Londres. Ali está Mortimer, a tabacaria, a lojinha de jornais, a agência Coburg do Banco City and Suburban, o Restaurante Vegetariano e o depósito de carruagens de McFarlane. Isso nos leva ao outro quarteirão. E agora, doutor, já fizemos nosso trabalho e está na hora de nos divertirmos. Um sanduíche e uma xícara de café, e depois à terra do violino, onde tudo é doçura, delicadeza e harmonia, e não há nenhum cliente ruivo para nos aborrecer com seus enigmas.

Meu amigo era um músico entusiasta, e não só tocava muito bem, como ainda era compositor de grande mérito. Passou a tarde inteira na poltrona mergulhado na mais perfeita felicidade, movendo com delicadeza os longos dedos finos no compasso da música, enquanto seu rosto sorridente e seus olhos lânguidos e sonhadores eram totalmente diferentes dos de Holmes, o cão de caça; Holmes, o implacável, de mente aguçada, perseguidor de criminosos. Em sua personalidade singular, essa dualidade de natureza se manifestava alternadamente, e sua extrema precisão e astúcia representavam, como sempre pensei, a reação contra o estado poético e contemplativo que por vezes predominava. Essa oscilação de sua natureza o levava do extremo torpor a uma energia devoradora; e, como eu bem sabia, ele se tornava verdadeiramente terrível quando, dias a fio, ficava sentado em sua poltrona, afundado em suas improvisações e edições famosas de livros. Era então que a ânsia da caçada o envolvia de repente, e que seus brilhantes poderes de raciocínio atingiam o nível da intuição, e aqueles que desconheciam seus métodos o olhavam de lado, como se fosse um homem com conhecimentos não revelados a outros mortais. Quando o vi naquela tarde, tão absorto na música em St. James’ Hall, senti que estava chegando um período ruim para aqueles que ele resolvesse caçar.

— Quer ir para casa, sem dúvida, doutor — observou quando saíamos.

— Sim, acho melhor.

— E eu tenho algo a fazer que vai levar algumas horas. Esse caso da praça Coburg é bastante grave.

— Por que grave?

— Um grande crime está sendo preparado. Tenho quase certeza de que temos tempo de sustá-lo. Mas como hoje é sábado, isso complica as coisas. Vou precisar de seu auxílio hoje à noite.

— A que horas?

— Dez será uma boa hora.

— Estarei na Baker Street às 22 horas.

— Muito bem. Um momento, doutor! Pode haver algum perigo, portanto traga seu revólver do Exército no bolso. — Fez um aceno, virou-se e desapareceu imediatamente no meio da multidão.

Creio que não sou mais denso que meus semelhantes, mas sempre me senti oprimido por uma sensação de minha própria estupidez quando lidava com Sherlock Holmes. Neste caso, eu escutara o que ele escutara, vira o que ele vira, mas, pelo que dissera, era evidente que via com clareza não só o que havia acontecido, como também o que ia acontecer, enquanto para mim a história toda ainda era confusa e grotesca. A caminho de minha casa, em Kensington, analisei tudo aquilo, desde a história extraordinária do copiador ruivo da *Enciclopédia Britânica* até nossa visita à praça Saxe-Coburg, e as palavras sinistras com que se despedira de mim. Que expedição noturna seria essa, e por que eu deveria ir armado? Onde iríamos e o que faríamos? Holmes insinuara que o ajudante da loja de penhores era um homem temível, um homem que poderia estar envolvido em jogadas perigosas. Tentei desvendar o enigma, mas desisti desanimado e deixei o assunto de lado até que a noite trouxesse uma explicação.

Faltavam 15 para as nove quando saí de casa e atravessei o parque, seguindo pela Oxford Street até a Baker Street. Dois cabriolés estavam parados à porta e, ao entrar no corredor, ouvi o som de vozes vindo de cima. Ao entrar na sala, encontrei Holmes conversando animadamente com dois homens, um dos quais reconheci como sendo Peter Jones, investigador da polícia. O outro era um homem alto e magro, de rosto triste, com um chapéu muito lustroso e um fraque opressivamente respeitável.

— Ah! O grupo está completo — disse Holmes, abotoando o casaco e pegando um chicote pesado da coleção junto à parede. — Watson, acho que conhece o sr. Jones, da Scotland Yard. Deixe-me apresentá-lo ao sr. Merryweather, que será nosso companheiro na aventura desta noite.

— Estamos caçando aos pares novamente, como o senhor vê, doutor — disse Jones de maneira pomposa. — Nosso amigo aqui é maravilhoso para

começar caçadas. Só precisa de um cão velho para ajudá-lo a pegar a caça.

— Espero que a caçada não seja infrutífera — observou o sr. Merryweather de modo sombrio.

— Pode confiar inteiramente no sr. Holmes — disse o investigador de polícia com ar superior. — Tem seus métodos especiais, que são, se ele não se incomoda que eu diga, um pouco teóricos e fantásticos, mas tem tudo para ser um detetive. Não é exagero dizer que uma ou duas vezes, como no caso do assassinato de Sholto e o tesouro de Agra, ele estava mais certo do que a polícia.

— Oh, se é o senhor que o diz, sr. Jones, está tudo bem! — comentou o estranho respeitosamente. — Mas devo confessar que sinto falta do meu jogo. É a primeira vez em uma noite de sábado, em 27 anos, que perco um jogo.

— Acho que vai descobrir — observou Sherlock Holmes — que a aposta desta noite será a mais alta de sua vida, e o jogo será muito mais excitante. Para o sr. Merryweather, será de aproximadamente trinta mil libras; e para você, Jones, será o homem que você quer tanto prender.

“John Clay, o assassino, ladrão, arrombador e falsário. É um homem jovem, sr. Merryweather, mas lidera a sua profissão; e eu preferiria botar algemas nele do que em qualquer outro criminoso de Londres. E um homem notável, esse jovem John Clay. Seu avô era um duque, e ele frequentou as universidades de Eton e Oxford. Seu cérebro é tão hábil quanto seus dedos, e embora encontremos sinais dele em toda parte, nunca sabemos onde encontrar o próprio homem. Rouba um banco na Escócia numa semana e angaria fundos para construir um orfanato na Cornuália na semana seguinte. Estou em sua pista há anos, e ainda nem consegui vê-lo.

“Espero ter o prazer de apresentá-los hoje. Também tive um ou dois episódios com o sr. John Clay e concordo que está no topo de sua profissão. Mas já passa das dez, e está na hora de irmos. Tomem o primeiro cabriolé, que Watson e eu seguiremos no segundo.”

Sherlock Holmes não estava muito comunicativo durante a longa viagem e recostou-se no carro cantarolando as músicas que ouvira durante a tarde. Sacolejamos por um labirinto infindável de ruas iluminadas a gás até sairmos na Farrington Street.

— Estamos perto — comentou meu amigo. — Esse camarada Merryweather é diretor de um banco e está pessoalmente interessado neste

assunto. Achei melhor ter Jones conosco também. Não é má pessoa, embora seja um perfeito imbecil em sua profissão. Tem uma grande virtude: a coragem de um buldogue e a tenacidade de uma lagosta quando enfia as garras em alguém. Chegamos, e eles estão à nossa espera.

Havíamos chegado à mesma estrada apinhada de carruagens e transeuntes onde estivéramos naquela manhã. Despachamos os cabriolés e, seguindo o sr. Merryweather, passamos por um corredor estreito e por uma porta lateral que ele abriu para nós. Dentro havia uma pequena passagem que terminava em um imenso portão de ferro. Esse também foi aberto e conduzia a uma escada de pedra em caracol que terminava em outro portão maciço. O sr. Merryweather parou para acender uma lanterna e nos conduziu então por uma passagem escura, cheirando a terra úmida, e, após abrir uma terceira porta, a um imenso porão ou caverna, onde estavam empilhadas caixas volumosas e caixotes.

— Não estamos muito vulneráveis por cima — observou Holmes, segurando a lanterna e olhando em volta.

— Nem por baixo — disse o sr. Merryweather, batendo com a bengala nas pedras que forravam o chão. — Mas o que é isso, parecem ocas! — exclamou, erguendo os olhos surpresos.

— Peço-lhe encarecidamente que fique quieto — disse Holmes severamente. — Já pôs em perigo o sucesso de nossa expedição. Posso pedir-lhe a gentileza de se sentar em uma dessas caixas e não interferir?

O solene sr. Merryweather sentou-se em um caixote, com uma expressão magoada, e Holmes ajoelhou-se no chão, e com a lanterna e uma lente começou a examinar detalhadamente as fendas entre as pedras. Alguns segundos foram suficientes e pôs-se de pé outra vez, satisfeito, guardando a lente no bolso.

— Temos pelo menos uma hora — comentou — porque eles não podem fazer nada até que o bom agiota esteja quieto na cama. Então não perderão um segundo, pois quanto mais cedo terminarem seu trabalho, mais tempo terão para escapar. Estamos no momento, doutor, como certamente deve ter adivinhado, no porão da agência de um dos principais bancos de Londres. O sr. Merryweather é o presidente e ele lhe explicará por que motivo os criminosos mais audaciosos de Londres estão muito interessados neste porão no momento.

— É nosso ouro francês — murmurou o presidente. — Tivemos vários avisos de que poderia haver uma tentativa de assalto.

— Seu ouro francês?

— Sim. Há alguns meses, tivemos oportunidade de aumentar nossas reservas e tomamos um empréstimo de trinta mil napoleões do Banco da França. É sabido que não tínhamos desempacotado o dinheiro e que ele continuava em nosso porão. O caixote no qual estou sentado contém dois mil napoleões arrumados entre camadas de folhas de chumbo. Nossa reserva de ouro é muito maior no momento do que é normal em uma única agência, e os diretores estavam muito receosos.

— E com razão — comentou Holmes. — E agora está na hora de fazermos nossos planos. Espero que dentro de uma hora as coisas se resolvam. Enquanto isso, sr. Merryweather, devemos colocar um anteparo naquela lanterna escura.

— E ficar no escuro?

— Receio que sim. Trouxe um baralho comigo e pensei que, já que éramos quatro, poderíamos jogar cartas. Mas vejo que os preparativos do inimigo estão tão adiantados que não podemos arriscar acendendo uma luz. E, em primeiro lugar, precisamos escolher nossas posições. São homens audaciosos, e embora tenhamos a vantagem da surpresa, podem nos fazer algum mal se não tivermos cuidado. Ficarei atrás dessa caixa e os senhores se escondam atrás daquelas. Quando eu jogar a luz em cima deles, fechem o círculo rapidamente. Se atirarem, Watson, não hesite em fazer fogo contra eles.

Coloquei o revólver engatilhado sobre a caixa atrás da qual me escondi. Holmes escureceu a lanterna e nos deixou em completa escuridão, a mais negra que jamais vira. O cheiro de metal quente permanecia para nos lembrar que a luz continuava lá, pronta a ser revelada quando necessário. Para mim, com os nervos tensos de espera, havia algo deprimente no súbito negrume e no ar frio e úmido da caverna.

— Eles só têm uma saída — murmurou Holmes —, voltar pela casa para a praça Saxe-Coburg. Espero que tenha feito o que lhe pedi, Jones.

— Um inspetor e dois oficiais estão à espera na porta da frente.

— Então tapamos todos os buracos. E agora temos de ficar em silêncio e esperar.

Como o tempo custou a passar! Quando comparamos impressões depois, fora só uma hora e um quarto, mas me pareceu então que a noite já havia passado e a madrugada estava raiando acima de nós. As pernas e os braços me doíam, pois temia mudar de posição, e meus nervos estavam na maior tensão; os ouvidos estavam tão aguçados que ouvia perfeitamente a respiração de meus companheiros e chegava até a distinguir a inspiração mais pesada do corpulento Jones do tom fino e alto do presidente do banco. Do lugar onde eu estava, podia olhar por cima da caixa em direção ao chão. De repente meus olhos vislumbraram o brilho de uma luz.

A princípio era somente uma centelha no chão de pedra. Depois aumentou até se tornar uma linha amarela e então, sem nenhum ruído ou aviso, uma fenda pareceu se abrir e surgiu uma mão, muito branca, quase feminina, que apalpou o centro da pequena área iluminada. Por um minuto ou mais a mão, com seus dedos contorcidos, projetou-se do chão. Depois retirou-se tão repentinamente quanto havia aparecido e tudo voltou a ficar escuro, com exceção da única centelha que marcava a fenda entre as pedras.

Esse desaparecimento, entretanto, foi apenas momentâneo. Com um som rascante, uma das largas pedras brancas foi virada de lado e deixou um buraco quadrado escancarado pelo qual jorrava a luz de uma lanterna. Na borda surgiu um rosto jovem, que olhou vivamente ao redor e então, com uma das mãos em cada lado da abertura, foi-se erguendo até emergirem os ombros, a cintura e, finalmente, um joelho, que se apoiou na borda. Mais um instante, e estava de pé junto ao buraco e puxava um companheiro para cima, esguio e pequeno como ele próprio, com rosto pálido e cabelos cor de fogo.

— Tudo bem — murmurou. — Você está com o formão e os sacos? Deus meu! Pule, Archie, pule que eu me defendo!

Sherlock Holmes saltara e segurara o intruso pelo colarinho. O outro mergulhou no buraco e ouvi o ruído de tecido se rasgando quando Jones agarrou-o pelo paletó. A luz brilhou, reluziu no cano de um revólver, mas o chicote de Holmes bateu no pulso do homem e a pistola caiu no chão de pedra.

— Não adianta, John Clay — disse Holmes calmamente —, você não tem a menor chance.

— Estou vendo — respondeu o outro, completamente senhor de si. — Acho que meu companheiro está bem, embora você tenha ficado com a aba

de seu casaco.

— Há três homens esperando por ele na porta — disse Holmes.

— Oh, é mesmo? Parece que tomou todas as providências necessárias. Devo cumprimentá-lo.

— E eu a você — respondeu Holmes. — Sua ideia dos ruivos foi uma novidade e muito eficiente.

— Vai ver seu companheiro novamente daqui a pouco — disse Jones. — Ele é mais rápido em descer por buracos do que eu. Estenda as mãos para eu colocar as algemas.

— Peço que não me toque com suas mãos imundas — disse nosso prisioneiro quando as algemas fecharam-se ruidosamente em seus punhos. — Talvez não saiba que tenho sangue azul nas veias. E tenha a bondade de se dirigir a mim dizendo sempre "senhor" e "por favor".

— Está bem — disse Jones com um risinho irônico. — Bem, teria a bondade, senhor, de subir as escadas, e lá em cima poderemos pegar um cabriolé para levar Sua Alteza à delegacia.

— Assim está melhor — disse John Clay, sereno. Ele curvou-se com pompa diante de nós três e saiu calmamente sob a custódia do detetive.

— Sr. Holmes — disse o sr. Merryweather, ao sairmos do porão —, não sei como o banco pode lhe agradecer ou recompensar. Não há dúvida de que o senhor descobriu e derrotou completamente uma das mais audaciosas tentativas de assalto a banco de que tive conhecimento em toda a minha vida.

— Tinha uma ou duas contas a acertar com o sr. John Clay — disse Holmes. — Tive algumas despesas com este caso, que espero que o banco possa cobrir, mas, fora isso, considero-me amplamente recompensado por uma experiência que é, em muitos aspectos, única, e por ter ouvido a extraordinária narrativa da Liga dos Ruivos.

— Sabe, Watson — explicou de manhã cedinho, enquanto tomávamos um uísque com soda na Baker Street —, era perfeitamente óbvio desde o início que o único motivo possível de toda essa história fantástica do anúncio da Liga e de copiar a *Enciclopédia Britânica* era o de afastar esse agiota não muito esperto por algumas horas todos os dias. Foi uma maneira curiosa de conseguir isso, mas seria difícil sugerir uma melhor. Sem dúvida alguma, a ideia ocorreu à mente criativa de Clay pela associação com a cor

dos cabelos de seu cúmplice. As quatro libras por semana eram uma isca para atraí-lo, e o que era isso para eles, que agiam por milhares? Publicaram o anúncio; um bandido ocupa o escritório temporário, o outro o instiga a se candidatar, e juntos conseguem garantir sua ausência todas as manhãs, a semana inteira. Desde que ouvi dizer que o assistente trabalhava por metade do salário normal, vi que tinha um motivo muito forte para querer esse lugar.

— Mas como pôde adivinhar qual era o motivo?

— Se houvesse mulheres na casa, eu teria suspeitado de uma intriga mais vulgar. Mas não era o caso. O negócio era pequeno e não havia nada na casa que justificasse preparativos tão elaborados e gastos tão grandes. Então tinha de ser alguma coisa fora da casa. O que poderia ser? Pensei no amor do assistente pela fotografia e seu hábito de desaparecer no porão. O porão! Aí estava o fim dessa meada embaralhada. Então investiguei esse misterioso assistente e descobri que se tratava de um dos mais frios e audaciosos criminosos de Londres. Estava fazendo alguma coisa no porão que exigia muitas horas por dia durante meses e meses. Mais uma vez, o que poderia ser? Não pude imaginar nada, a não ser um túnel para algum outro prédio.

“Estava nesse ponto das minhas deduções quando fomos visitar o local da ação. Surpreendi você quando bati na calçada com minha bengala. Estava verificando se o porão vinha até a frente da casa. Não vinha. Então toquei a campainha e, como esperava, o assistente atendeu. Tínhamos tido algumas escaramuças, mas nunca nos havíamos visto antes. Mal olhei para seu rosto; queria ver seus joelhos. Você mesmo deve ter observado como estavam gastos, amassados e manchados. Revelavam aquelas horas e horas de escavação. Só o que faltava então era saber por que estavam cavando. Virei a esquina, vi que o Banco City and Suburban dava fundos para a casa e senti que resolvera o problema. Quando você foi para casa após o concerto, fiz uma visita à Scotland Yard e ao presidente do banco, e o resultado foi o que você viu.”

— E como sabia que fariam essa tentativa hoje à noite? — perguntei.

— Bem, quando fecharam os escritórios da Liga, achei que era um sinal de que a presença do sr. Jabez Wilson não importava mais. Em outras palavras, haviam terminado o túnel. Mas era essencial que o usassem logo, pois podia ser descoberto, ou o ouro podia ser transferido. Sábado era mais

conveniente do que qualquer outro dia, porque daria a eles dois dias para a fuga. Por esses motivos, eu esperava que viessem hoje à noite.

— Deduziu tudo maravilhosamente! — exclamei com admiração. — É uma longa cadeia, mas cada elo é verdadeiro.

— Salvou-me do enfado — respondeu, bocejando. — Deus, já sinto que está se apossando de mim! Toda minha vida é um esforço para escapar do enfado do cotidiano. Esses pequenos problemas ajudam.

— E é um benfeitor da humanidade — comentei.

Ele encolheu os ombros.

— Bem, talvez, afinal de contas, sirva para alguma coisa — observou. — *L'homme c'est rien; l'oeuvre c'est tout*, como Gustave Flaubert escreveu a George Sand.

UM CASO DE IDENTIDADE

— MEU CARO AMIGO — DISSE SHERLOCK HOLMES, QUANDO estávamos sentados diante da lareira em seus aposentos na Baker Street —, a vida é infinitamente mais estranha do que qualquer fantasia concebida pelo homem. Não ousaríamos imaginar coisas que são meros lugares-comuns da existência. Se pudéssemos voar por aquela janela de mãos dadas, pairar sobre esta grande cidade, remover delicadamente os telhados e espiar as coisas esquisitas que estão acontecendo, as estranhas coincidências, os planos, os objetivos contrários, as maravilhosas cadeias de acontecimentos agindo através de gerações e levando aos resultados mais absurdos, isso tornaria toda a ficção, com suas convenções e conclusões óbvias, corriqueira e desinteressante.

— Não estou convencido de que isso seja verdade — respondi. — Os casos relatados nos jornais são, em geral, vulgares e desprovidos de imaginação. Nos relatórios da polícia o realismo chega a um limite extremo, mas o resultado não é, deve-se dizer, nem fascinante nem artístico.

— Uma certa seleção e a discrição devem ser usadas para produzir um efeito realista — observou Holmes. — Isso falta nos relatórios da polícia, que enfatizam mais, talvez, as banalidades dos juízes e não os detalhes que, para um observador, contêm a essência da questão. Pode acreditar, não há nada mais insólito que o corriqueiro.

Sorri e abanei a cabeça.

— Compreendo que você pense assim — disse. — Evidentemente, na sua posição de conselheiro extraoficial e que ajuda todo mundo que está completamente desorientado, em três continentes, você entra em contato

com tudo que há de estranho e bizarro. Mas aqui — peguei o jornal que caíra no chão — podemos testar isso na prática. Eis a primeira manchete: “Marido trata mulher com crueldade”. Ocupa meia coluna, mas sei tudo o que vai dizer, mesmo sem ler. Existe, naturalmente, a outra mulher, a bebida, o empurrão, a pancada, o machucado, a irmã ou senhoria que tem pena dela. O escritor mais cru não poderia inventar nada mais nu e cru.

— Na verdade, seu exemplo é infeliz para seu argumento — disse Holmes, tirando o jornal das minhas mãos e dando uma olhada no artigo. — É o caso da separação dos Dundas e, por acaso, investiguei alguns detalhes dele. O marido não bebia, não havia nenhuma outra mulher, e a queixa quanto ao comportamento dele consistia no fato de que adquirira o hábito de terminar todas as refeições tirando a dentadura e atirando-a na esposa, o que, você há de convir, não é coisa que ocorra à imaginação do escritor comum. Tome uma pitada de rapé, doutor, e reconheça que tenho razão a respeito desse seu exemplo.

Estendeu uma caixinha de rapé de ouro velho, com uma enorme ametista no centro. Seu esplendor contrastava tanto com sua maneira simples de viver que não pude deixar de fazer um comentário.

— Ah — disse ele —, esqueci que não o vejo há várias semanas. É uma pequena lembrança do rei da Boêmia pelo meu auxílio do caso dos papéis de Irene Adler.

— E o anel? — perguntei, olhando um maravilhoso brilhante que reluzia em seu dedo.

— Veio da família real da Holanda, mas o assunto em relação ao qual eu os ajudei é tão delicado que não posso confiá-lo nem mesmo a você, que teve a bondade de escrever sobre um ou dois dos meus pequenos problemas.

— E tem algum que esteja estudando no momento? — perguntei, interessado.

— Uns dez ou 12, mas nenhum muito interessante. São importantes, você compreende, sem serem interessantes. Descobri que, em geral, é em assuntos não muito importantes que há campo para a observação e para a rápida análise de causa e efeito que dá tanto encanto a uma investigação. Os crimes maiores tendem a ser mais simples, pois quanto maior o crime, mais óbvio costuma ser o motivo. Nesses casos, exceto em um que me foi encaminhado de Marselha, não há nenhum ponto interessante. Mas é

possível que tenha algo melhor dentro de poucos minutos, pois vem um de meus clientes, se não me engano.

Erguera-se e estava olhando por entre as cortinas a rua sombria de Londres. Ao me aproximar, vi que na calçada oposta estava uma mulher corpulenta com um abrigo de peles no pescoço e uma enorme pluma vermelha em um chapéu de abas largas, inclinado sobre uma orelha, à maneira da duquesa de Devonshire. Debaixo dessa imensa proteção, espreitava nossas janelas, nervosa e hesitante, enquanto o corpo oscilava de um lado para outro e os dedos inquietos mexiam nos botões das luvas. De repente, num arremesso, como o nadador que se atira n’água, atravessou rapidamente a rua e ouvimos o som agudo da campainha.

— Já vi esses sintomas antes — disse Holmes, jogando o cigarro na lareira. — Oscilar na calçada sempre significa um caso amoroso. Ela gostaria de conselhos, mas receia que o assunto seja delicado demais para ser comunicado a alguém. E mesmo aqui ainda podemos perceber diferenças. Quando uma mulher foi gravemente enganada por um homem, ela não oscila, e o sintoma habitual é um puxador de campainha quebrado. Aqui podemos presumir que se trata de um caso amoroso, mas que a jovem não está zangada e sim perplexa, ou magoada. Mas aí vem ela em pessoa para esclarecer o assunto.

Enquanto ele falava, ouviu-se uma pancada na porta e o rapazinho de libré entrou para anunciar a srta. Mary Sutherland, enquanto a própria surgia atrás da pequena figura dele como um navio mercante atrás de um pequeno rebocador. Sherlock Holmes a recebeu com a sua conhecida cortesia e, fechando a porta, fê-la sentar-se numa poltrona, examinando-a minuciosamente, embora parecendo distraído, como era seu costume.

— A senhorita não acha — disse finalmente — que com sua miopia é um pouco cansativo bater tanto à máquina?

— No início era mesmo — ela respondeu —, mas agora sei onde estão as letras sem precisar olhar. — Então, percebendo de repente o verdadeiro significado das palavras dele, teve um sobressalto e olhou-o, com medo e espanto estampados em seu rosto largo e bem-humorado. — O senhor ouviu falar de mim, sr. Holmes — exclamou —, do contrário, como poderia saber isso?

— Não importa — disse Holmes, rindo —, é parte de meu negócio saber coisas. Talvez eu esteja treinando para ver coisas que os outros não

percebem. Se não fosse assim, por que a senhora me consultaria?

— Vim procurá-lo por indicação da sra. Etherege, cujo marido o senhor encontrou tão facilmente quando a polícia e todo mundo o consideravam morto. Oh, sr. Holmes, como gostaria que o senhor fizesse o mesmo por mim. Não sou rica, mas ainda tenho cem libras por ano além do que ganho com a datilografia, e as daria de bom grado para saber o que foi feito do sr. Hosmer Angel.

— Por que veio me consultar com tanta pressa? — perguntou Sherlock Holmes, juntando as pontas dos dedos e olhando para o teto.

Novamente um olhar de surpresa surgiu no rosto da srta. Mary Sutherland.

— É, saí às pressas de casa — disse — porque fiquei zangada de ver como o sr. Windibank, isto é, meu pai, estava encarando tudo com tranquilidade. Ele não quis ir à polícia, e não quis vir procurar o senhor e, finalmente, como ele não ia fazer nada e continuava dizendo que não havia nada de errado, fiquei furiosa, peguei minhas coisas às pressas e vim ver o senhor.

— Seu pai? — disse Holmes. — Seu padrasto, certamente, já que o nome é diferente?

— Sim, meu padrasto. Eu o chamo de pai, embora soe engraçado, porque ele é apenas cinco anos e dois meses mais velho do que eu.

— E sua mãe ainda vive?

— Ah, sim, mamãe está viva e muito bem. Não fiquei nada contente, sr. Holmes, quando ela se casou novamente logo depois da morte de meu pai, e com um homem quase 15 anos mais moço do que ela. Meu pai era bombeiro na Estrada Tottenham Court, e deixou um bom negócio de herança, que mamãe continuou com o sr. Hardy, o assistente, mas quando o sr. Windibank apareceu, fez com que ela vendesse o negócio, pois ele era muito superior como vendedor de vinhos. Conseguiram 4.700 libras por tudo, que não foi nem a metade do que papai conseguiria se estivesse vivo.

Eu esperava que Sherlock Holmes ficasse impaciente com essa narrativa inconsequente, mas, ao contrário, ele ouvia com a maior atenção.

— Sua pequena renda — perguntou — vem da venda do negócio?

— Oh, não senhor, isso é separado, foi deixado para mim por meu tio Ned, de Auckland. São títulos da Nova Zelândia que rendem 4,5%. Duas mil e quinhentas libras, mas só posso mexer nos juros.

— A senhorita me interessa muito — disse Holmes. — E como recebe a considerável quantia de cem por ano, e mais o que ganha com seu trabalho, sem dúvida a senhorita viaja um pouco e se diverte bastante. Creio que uma moça solteira pode viver muito bem com uma renda de cerca de sessenta libras por ano.

— Poderia viver com muito menos, sr. Holmes, mas compreenda que, enquanto eu viver em casa, não quero ser um fardo para eles, por isso usam meu dinheiro para as despesas. Claro que isso é só enquanto eu ficar com eles. O sr. Windibank recebe os juros todos os trimestres e dá o dinheiro para minha mãe, e eu vivo muito bem com o que ganho com minha máquina de escrever. Cobro dois pence por página e quase sempre bato de 15 a vinte páginas por dia.

— Deixou bem clara sua situação — disse Holmes. — Este é meu amigo, dr. Watson. Pode falar na frente dele com toda franqueza. Agora, tenha a bondade de nos contar sobre sua ligação com o sr. Hosmer Angel.

O rosto da srta. Sutherland ficou corado e ela brincou nervosamente com a franja do casaco.

— Eu o conheci no baile dos gasistas — disse. — Eles costumavam mandar entradas para papai quando era vivo e depois se lembraram de nós e mandaram para mamãe. O sr. Windibank não queria que nós fôssemos. Nunca queria que fôssemos a lugar nenhum. Ficava furioso até quando eu queria ir a um piquenique da escola num domingo. Mas dessa vez eu resolvi ir, e ia mesmo, pois que direito ele tinha de me proibir? Ele disse que essas pessoas não eram dignas de nós, mas todos os amigos de meu pai iam estar lá. E disse que eu não tinha nenhuma roupa decente para usar, e eu tinha meu vestido de veludo roxo que ainda nem tirara da gaveta, muito menos usara. Finalmente, quando viu que não podia fazer nada, foi para a França numa viagem de negócios e nós fomos, mamãe e eu, com o sr. Hardy, que tinha sido assistente de papai, e foi lá que conheci o sr. Hosmer Angel.

— Imagino — disse Holmes — que, quando o sr. Windibank voltou da França, ficou muito aborrecido porque a senhorita foi ao baile.

— Ora, até que ele reagiu muito bem. Riu e encolheu os ombros, e disse que não adiantava negar nada a uma mulher, pois ela arranjaria um jeito de fazer o que quisesse.

— Bem. Então no baile dos gasistas a senhorita conheceu um cavalheiro chamado Hosmer Angel.

— Sim, senhor. Nos conhecemos naquela noite e ele nos visitou no dia seguinte para saber se tínhamos chegado bem a casa, e depois disso nós o encontramos... isto é, sr. Holmes, eu me encontrei com ele duas vezes para fazer um passeio, mas depois disso papai voltou e o sr. Hosmer Angel não podia mais ir lá em casa.

— Não?

— Bem, o senhor compreende, papai não gostava disso. Não queria nenhuma visita e costumava dizer que uma mulher devia sentir-se feliz em casa com sua própria família. Mas como eu dizia à minha mãe, uma mulher quer sua própria família, para começar, e eu ainda não tinha a minha.

— Mas o sr. Hosmer Angel não fez nenhuma tentativa de vê-la novamente?

— Bem, meu pai ia à França novamente uma semana depois, e Hosmer escreveu dizendo que seria melhor e mais seguro não nos vermos até que ele viajasse. Podíamos nos escrever nesse ínterim, e ele costumava mandar uma carta todos os dias. Eu pegava a correspondência todas as manhãs, e assim meu pai não precisava saber de nada.

— A senhora estava noiva dele nessa ocasião?

— Ah, sim, sr. Holmes. Ficamos noivos depois do primeiro passeio que demos. Hosmer... o sr. Angel... era tesoureiro de uma firma na rua Leadenhall... e...

— Que firma?

— Esse é o problema, sr. Holmes, eu não sei.

— E onde ele morava?

— Dormia no escritório.

— E não sabe o endereço?

— Não... só que era na rua Leadenhall.

— Para onde mandava suas cartas, então?

— Para a agência do correio da rua Leadenhall, para serem apanhadas lá. Ele disse que se eu mandasse as cartas para o escritório, os outros empregados iam fazer troça dele por receber cartas de uma moça, então sugeri bater à máquina, como ele fazia com as dele, mas não quis, e disse que quando eu escrevia à mão, ele sentia que vinham diretamente de mim, mas quando eram datilografadas, parecia que a máquina se colocava entre nós. Isso mostra como ele gostava de mim, sr. Holmes, e como pensava em todas essas coisinhas.

— Muito sugestivo — disse Holmes. — É um antigo axioma meu que as pequenas coisas são infinitamente mais importantes. Pode lembrar-se de outras pequenas coisas sobre o sr. Hosmer Angel?

— Era muito tímido, sr. Holmes. Preferia andar comigo ao entardecer, quando escurecia, e não durante o dia, porque dizia que detestava chamar atenção. Era muito retraído e um verdadeiro cavalheiro. Até sua voz era delicada. Contou que tinha tido uma infecção grave das amígdalas quando era criança e isso o deixara com a garganta enfraquecida e uma maneira de falar meio hesitante, em voz muito baixa. Andava sempre muito bem-vestido, muito limpo, e tinha olhos fracos, como eu, por isso usava óculos escuros para protegê-los do sol.

— Bem, e o que aconteceu quando o sr. Windibank, seu padrasto, voltou da França?

— O sr. Hosmer Angel foi lá em casa de novo e propôs que nos casássemos antes de papai voltar. Ele estava muito sério e me fez jurar sobre a Bíblia que, independentemente do que acontecesse, eu sempre seria fiel a ele. Mamãe disse que ele estava certo por me fazer jurar, que era sinal de sua paixão por mim. Mamãe estava do lado dele desde o início e até parecia gostar dele mais do que eu. Então, quando eles passaram a falar em casamento dentro de uma semana, comecei a perguntar sobre papai, mas ambos disseram que eu não devia me preocupar, bastava contar a ele depois do casamento, e mamãe disse que ela acertaria tudo com ele. Não gostei disso, sr. Holmes. Era engraçado pedir o seu consentimento, já que ele era só alguns anos mais velho do que eu, mas não queria fazer nada escondido, de modo que escrevi a papai em Bordeaux, onde a companhia tinha escritórios, mas a carta me foi devolvida na manhã do casamento.

— Não o encontrou, então?

— Não, porque ele partira de volta para a Inglaterra pouco antes de ela chegar.

— Ah! Isso foi azar. O casamento estava marcado, então, para a sexta-feira. Ia ser na igreja?

— Sim, senhor, mas muito simples. Seria na igreja St. Saviour, perto de King's Cross, e depois iríamos almoçar no Hotel St. Pancras. Hosmer veio nos buscar num cabriolé, mas como éramos duas e não cabiam três, ele nos fez entrar e tomou uma caleche de quatro rodas, que era o único carro de aluguel na rua àquela hora. Chegamos primeiro à igreja e quando a caleche

chegou, ficamos esperando que ele saltasse, mas ninguém saltou, e quando o cocheiro desceu da boleia e olhou para dentro, não havia ninguém! O cocheiro disse que não podia imaginar o que tinha acontecido, pois vira direitinho quando ele subiu. Isso foi sexta-feira passada, sr. Holmes, e não vi nem ouvi nada desde então que possa dar sequer uma ideia do que aconteceu com ele.

— Parece que a senhora foi tratada de maneira infame — disse Holmes.

— Ah, não! Ele era bom e gentil demais para fazer isso. Ora, a manhã inteira ele ficou me dizendo que, não importava o que acontecesse, eu devia ser fiel a ele; e que mesmo que alguma coisa completamente inesperada sucedesse para nos separar, eu devia lembrar-me sempre de que estava comprometida com ele e que ele voltaria para mim mais cedo ou mais tarde. Era uma conversa um pouco estranha para o dia do casamento, mas o que aconteceu prova que havia um motivo.

— Isso é verdade. Sua opinião, então, é que alguma catástrofe inesperada aconteceu com ele?

— Sim, senhor. Acredito que ele previu algum perigo, ou não teria falado assim. E então o que ele previra aconteceu.

— Mas não tem nenhuma ideia do que poderia ter sido?

— Nenhuma.

— Mais uma pergunta. Como sua mãe reagiu a isso?

— Ela ficou muito zangada e disse que eu nunca mais deveria mencionar o assunto.

— E seu pai? Contou-lhe tudo?

— Sim, e parece que ele pensou o mesmo que eu, que alguma coisa grave tinha acontecido e que eu teria notícias de Hosmer algum dia. Como ele disse, por que motivo alguém me levaria até a porta da igreja e depois me deixaria? Se ele tivesse me pedido dinheiro emprestado, ou se tivesse se casado comigo e transferido meu dinheiro para ele, aí haveria uma razão. Mas Hosmer era muito independente quanto a dinheiro e nunca olharia para um tostão meu. Mas, então, o que poderia ter acontecido? E por que ele não escreveu? Oh, fico quase louca pensando nisso! E não consigo fechar os olhos à noite. — Tirou um lencinho da bolsa e começou a soluçar.

— Vou examinar o caso para a senhorita — disse Holmes, erguendo-se — e não tenho dúvida de que chegaremos a algum resultado definitivo. Por enquanto, deixe que eu carregue esse fardo e não pense mais no assunto.

Acima de tudo, procure apagar o sr. Hosmer Angel de sua mente, como ele se apagou de sua vida.

— Então acha que nunca mais o verei?

— Receio que não.

— Mas o que aconteceu com ele?

— Esse problema fica em minhas mãos. Gostaria de uma descrição exata dele, e também cartas dele que a senhora possa me emprestar.

— Pus um anúncio no *Chronicle* sábado passado — ela disse. — Aqui está o recorte do jornal, e aqui estão quatro cartas dele.

— Obrigado. E seu endereço?

— Lyon Place, 31, Camberwell.

— O endereço do sr. Angel a senhora nunca soube, não é mesmo? Qual é o endereço do escritório de seu pai?

— Ele viaja para a firma Westhouse & Marbank, os grandes importadores de vinho, na Fenchurch Street.

— Obrigado. Seu relato foi muito claro. Deixe os papéis aqui e lembre-se do conselho que lhe dei. Esqueça o incidente, e não deixe que afete sua vida.

— O senhor é muito bondoso, sr. Holmes, mas não posso fazer isso. Serei fiel a Hosmer. Estarei pronta quando ele voltar.

Apesar do chapéu absurdo e do rosto pouco expressivo, havia algo nobre nessa fé singela de nossa cliente que inspirava respeito. Deixou o pequeno pacote de papéis na mesa e saiu, prometendo voltar sempre que fosse chamada.

Sherlock Holmes ficou sentado em silêncio durante alguns minutos, com as pontas dos dedos coladas, as pernas esticadas e os olhos grudados no teto. Depois tirou do descanso o velho cachimbo de barro que era seu conselheiro e, após acendê-lo, recostou-se na poltrona, envolto em nuvens espessas de fumaça, com um ar langoroso.

— Um estudo interessante, aquela moça — observou. — Achei-a muito mais interessante que o seu probleminha que, aliás, é bastante comum. Se consultar meus arquivos, encontrará casos semelhantes, como em Andover, em 1877, e um caso parecido em Haia, no ano passado. A ideia é muito velha, mas havia um ou dois detalhes que eram novidade para mim. Mas a própria moça era muito instrutiva.

— Parece que você viu nela muita coisa que é completamente invisível para mim — comentei.

— Invisível, não. Você não observou bem, Watson. Não sabia onde procurar e assim perdeu tudo que era importante. Não consigo fazer você compreender a importância das mangas, os indícios das unhas dos polegares ou as grandes questões que podem surgir de um cordão de sapato. Agora, o que você deduziu da aparência daquela moça? Descreva.

— Bem, usava um chapéu de palha de abas largas, de cor cinzenta, com uma pluma vermelho-tijolo. O casaco era preto, bordado com miçangas pretas, com uma franja de pequenos ornamentos pretos. O vestido era marrom, mais escuro que café, com um babadinho de pelúcia roxa no pescoço e nas mangas. As luvas eram cinzentas e havia um buraco no indicador direito. Não vi suas botas. Usava brincos de ouro pequenos, redondos, pendurados e tinha uma aparência geral de estar bem de vida, de uma maneira vulgar, confortável, meio relaxada.

Sherlock Holmes bateu palmas e deu uma risadinha.

— Realmente, Watson, você está fazendo grandes progressos. Saiu-se muito bem mesmo. É verdade que não viu nada importante, mas aprendeu o método e tem um bom olho para cores. Nunca confie na impressão geral, amigo, concentre-se nos detalhes. Em um homem, talvez seja melhor observar primeiro os joelhos das calças. Na mulher, olho sempre para as mangas. Como você observou, essa moça tinha pelúcia nas mangas, e a pelúcia é um material excelente para mostrar vestígios. A linha dupla, pouco acima do punho, onde a datilógrafa encosta na mesa, estava maravilhosamente definida. A máquina de costura manual deixa uma marca semelhante, mas somente no braço esquerdo e do lado mais afastado do polegar, em vez de ser na parte mais larga, como neste caso. Olhei então para o rosto e, vendo a depressão causada por óculos nos dois lados do nariz, arrisquei um comentário sobre miopia e datilografia, o que pareceu surpreendê-la.

— Surpreendeu a mim.

— Mas, certamente, era óbvio. Fiquei, então, muito surpreso e interessado quando olhei para baixo e vi que, embora as botas que usava não fossem totalmente diferentes, não eram realmente um par, pois uma tinha a biqueira enfeitada e a outra era completamente lisa. Uma estava abotoada somente em dois dos cinco botões, e a outra, no primeiro, no

terceiro e no quinto. Ora, quando você vê uma moça vestida com esmero em tudo mais, que saiu de casa com botas diferentes e meio desabotoadas, não é nenhuma grande dedução dizer que saiu às pressas.

— E o que mais? — perguntei, profundamente interessado, como sempre ficava, pelo raciocínio incisivo de meu amigo.

— Notei, de passagem, que escrevera um bilhete antes de sair de casa, mas depois de estar toda vestida. Você viu que a luva direita estava rota no indicador, mas aparentemente não notou que tanto a luva quanto o dedo estavam manchados de tinta roxa. Escrevera com pressa e enfiara a pena no tinteiro fundo demais. Devia ter sido esta manhã, ou a mancha não estaria ainda tão nítida no dedo. Tudo isso é muito divertido, embora bastante elementar; mas tenho de trabalhar, Watson. Incomoda-se de ler para mim a descrição do sr. Hosmer Angel no anúncio?

Aproximei o recorte da luz. “Desaparecido”, dizia, “na manhã do dia 14, um cavalheiro chamado Hosmer Angel. Cerca de 1,68 metro, robusto, tez morena, cabelos pretos, ligeiramente careca no topo, costeletas pretas e bigode espesso, óculos escuros, ligeiro defeito de fala. Vestia, quando foi visto pela última vez, sobrecasaca preta com lapelas de seda, colete preto, corrente de ouro ‘Albert’ e calças cinzas de *tweed* Harris, com polainas marrons sobre botas de elástico. Sabe-se que trabalhava em um escritório na rua Leadenhall. Qualquer pessoa que...” etc. etc.

— Isto basta — disse Holmes. — Quanto às cartas — continuou, lançando um olhar para o pacote —, são muito comuns. Nenhuma pista do sr. Angel nelas, nada de excepcional, exceto que cita Balzac uma vez. Mas há algo notável que sem dúvida impressionará você.

— São datilografadas — comentei.

— Não só isso, mas a assinatura também. Veja a precisão de “Hosmer Angel” no fim da página. Há uma data, veja, mas não o endereço do remetente, só o nome da rua, o que é bastante vago. O detalhe da assinatura é muito sugestivo, acho que podemos até dizer que é conclusivo.

— De quê?

— Meu caro amigo, será possível que você não veja como isso influencia o caso?

— Não posso dizer que vejo, a não ser que ele quisesse negar a autoria das cartas se houvesse alguma ação por quebra de promessa movida contra ele.

— Não, não é isso. Mas vou escrever duas cartas que devem resolver a questão. Uma é para uma firma na cidade, a outra é para o padrasto da moça, o sr. Windibank, perguntando se pode vir aqui amanhã às 18 horas. É bem melhor tratar de negócios com os homens da família. E agora, doutor, não podemos fazer nada até que cheguem as respostas a essas cartas, portanto, vamos arquivar nosso probleminha por enquanto.

Eu tinha razões de sobra para acreditar nos poderes sutis de raciocínio de meu amigo e em sua extraordinária energia quando em ação e por isso senti que ele devia ter bases muito sólidas para manter essa atitude confiante diante do mistério singular que lhe fora apresentado para resolver. Só o vira fracassar uma vez, no caso do rei da Boêmia e a fotografia de Irene Adler, mas quando lembrava o estranho caso do *Sinal dos quatro* e as extraordinárias circunstâncias ligadas ao *Estudo em vermelho*, sentia que só uma trama extremamente complicada escaparia a seus poderes de análise.

Então, deixei-o fumando ainda o cachimbo preto de barro, convencido de que ao voltar na noite seguinte veria que tinha nas mãos todas as chaves que nos levariam à identidade do noivo desaparecido da srta. Mary Sutherland.

Um caso profissional de extrema gravidade me ocupou nessa ocasião e passei o dia inteiro ao lado da cama de um paciente. Eram quase 18 horas quando pude sair e pegar um cabriolé para ir à Baker Street, receoso de chegar tarde demais para assistir ao final de nosso pequeno mistério. Mas encontrei Sherlock Holmes sozinho, meio adormecido, enroscado no fundo de sua poltrona. Uma coleção formidável de vidros e tubos de ensaio, e o odor acre de ácido clorídrico demonstravam que passara o dia fazendo aquelas experiências químicas de que tanto gostava.

— Então, já encontrou a solução? — perguntei ao entrar.

— Sim, era o bissulfato de baritina.

— Não, não, do mistério! — exclamei.

— Oh, isso! Estava pensando no sal em que estava trabalhando. Não havia mistério nenhum, embora, como eu disse ontem, alguns detalhes fossem interessantes. O único inconveniente é que não há nenhuma lei, eu receio, que se aplique a esse patife.

— Quem era ele, e qual seu objetivo ao abandonar a srta. Sutherland?

Mal dissera essas palavras e Holmes ainda nem abrira a boca para responder, quando ouvimos passos pesados no corredor e uma batida na porta.

— É o padrasto da moça, o sr. James Windibank — disse Holmes. — Escreveu dizendo que estaria aqui às 18 horas. Entre!

O homem que entrou era de altura média, robusto, de uns trinta anos, barbeado, moreno, com um jeito insinuante e afável e um par de olhos cinzentos extremamente penetrantes. Lançou um olhar inquiridor a cada um de nós, colocou a cartola reluzente sobre o móvel da sala e, com um ligeiro cumprimento de cabeça, sentou-se na cadeira mais próxima.

— Boa noite, sr. James Windibank — disse Holmes. — Creio que isto aqui é uma carta datilografada pelo senhor, na qual combinou de vir aqui às 18 horas!

— Sim, senhor. Receio estar um pouco atrasado, mas não sou totalmente dono de mim mesmo, sabe. Sinto muito que a srta. Sutherland o tenha incomodado a respeito desse assunto, pois acho muito melhor não lavar esse tipo de roupa suja em público. Ela veio contra a minha vontade, mas é uma moça muito excitável, muito impulsiva, como deve ter percebido, e não é fácil controlá-la quando mete uma ideia na cabeça. Evidentemente, não dei muita importância ao senhor porque não está ligado às autoridades oficiais, mas não é nada agradável ver um problema de família como esse espalhado por aí. Além do mais, é uma despesa inútil, pois como o senhor poderia achar esse tal de Hosmer Angel?

— Pelo contrário — disse Holmes calmamente —, tenho absoluta certeza de que conseguirei descobrir o sr. Hosmer Angel.

O sr. Windibank levou um susto e deixou cair as luvas.

— Fico muito contente em ouvir isso — disse.

— É curioso — observou Holmes — que uma máquina de escrever tenha realmente características tão individuais quanto a caligrafia de uma pessoa. A não ser que sejam novas em folha, não há duas máquinas que escrevam exatamente da mesma maneira. Algumas letras ficam mais gastas que outras, e algumas gastam mais de um lado que de outro. Repare que nesse seu bilhete, sr. Windibank, há sempre um “e” um pouco borrado e um ligeiro defeito na curva superior do “r”. Há mais 14 características, mas estas duas são as mais óbvias.

— Usamos essa máquina para toda a correspondência do escritório e naturalmente está um pouco gasta — respondeu nosso visitante, olhando atentamente para Holmes com seus olhinhos muito vivos.

— E agora vou mostrar-lhe um estudo realmente muito interessante, sr. Windibank — continuou Holmes. — Estou pensando em escrever, um dia desses, mais uma pequena monografia sobre a máquina de escrever e sua relação com o crime. É um assunto ao qual tenho dedicado bastante atenção. Tenho aqui quatro cartas que supostamente vieram do homem desaparecido. São todas batidas à máquina. Em todas elas, não só os “es” estão borrados e os “rs” defeituosos, como também poderá observar, se quiser usar minha lente de aumento, a presença das outras 14 características que mencionei.

O sr. Windibank saltou da cadeira e pegou o chapéu.

— Não posso perder tempo com esse tipo de conversa fantástica, sr. Holmes — disse. — Se pode pegar esse homem, vá pegá-lo e avise-me quando estiver tudo acabado.

— Certamente — disse Holmes, dando uns passos à frente e trancando a porta. — Comunico, então, que já o peguei!

— O quê! Onde? — gritou o sr. Windibank, com o rosto subitamente lívido e olhando em volta como um rato preso numa ratoeira.

— Ah, assim não... assim não — disse Holmes suavemente. — Não há maneira de sair dessa, sr. Windibank. É transparente demais, e não foi nada elogioso o senhor dizer que seria impossível para mim resolver uma questão tão simples. Isso mesmo! Sente-se, e vamos conversar.

Nosso visitante caiu em uma cadeira com a fisionomia arrasada e o suor brilhando na testa.

— Não... não poderão me processar — balbuciou.

— Receio que esteja certo. Mas, aqui entre nós, Windibank, de uma maneira mesquinha, foi o golpe mais cruel, egoísta e desnaturado que jamais vi. Deixe-me agora relatar o que sucedeu e corrija-me se eu estiver errado.

O homem estava sentado na cadeira com a cabeça afundada no peito, como se estivesse completamente aniquilado. Holmes estendeu as pernas e apoiou os pés no canto da lareira, e recostando-se com as mãos nos bolsos, começou a falar mais para si mesmo do que para nós, pelo que parecia.

— O homem casou-se com uma mulher muito mais velha que ele pelo dinheiro dela — disse — e desfrutava o uso do dinheiro da filha enquanto ela vivesse com eles. Era uma quantia considerável para pessoas da sua posição, e sua perda teria feito uma grande diferença. Valia a pena fazer um

esforço para conservá-la. A filha tinha uma personalidade afável e boa, era afetiva e meiga, portanto era evidente que, com suas qualidades pessoais e sua pequena renda, não ficaria solteira por muito tempo. Seu casamento significaria, naturalmente, a perda de cem libras por ano. Então, o que faz seu padrasto para evitar isso? Adota a estratégia de mantê-la fechada em casa e de proibir que procure a companhia de pessoas de sua idade. Mas logo verificou que isso não daria certo para sempre. Ela ficou irrequieta, insistiu nos seus direitos e finalmente anunciou sua decisão firme de ir a certo baile. E o que faz seu esperto padrasto então? Concebe uma ideia que dá mais crédito à sua imaginação que a seu coração. Com a cumplicidade e ajuda de sua mulher, disfarçou-se, cobriu esses olhos penetrantes com óculos escuros, mascarou o rosto com costeletas e bigode espessos, reduziu a voz vibrante a um murmúrio insinuante e, muito seguro devido à miopia da moça, apareceu como o sr. Hosmer Angel, afastando os possíveis namorados pela técnica de se tornar um deles.

— Foi só uma brincadeira de início — gemeu nosso visitante. — Nunca pensamos que ela se envolvesse dessa maneira.

— Talvez não. Seja como for, a moça se envolveu profundamente e, convencida de que seu padrasto estava na França, nunca suspeitou de traição. Ficou lisonjeada com a atenção do cavalheiro e o efeito foi intensificado pela manifestação de admiração por parte de sua mãe. Então o sr. Angel começou a visitar a casa, pois era óbvio que deveria ir o mais longe possível para obter um resultado satisfatório. Houve vários encontros e um noivado que, finalmente, iria evitar que a afeição da moça fosse dedicada a outro. Mas não era possível dissimular para sempre. Essas viagens simuladas à França eram realmente muito incômodas. O que restava fazer era, evidentemente, dar um final tão dramático que deixasse uma impressão permanente na pobre moça, o que evitaria que ela olhasse para qualquer outro pretendente por muito tempo. Daí os tais votos de fidelidade feitos sobre a Bíblia, e também as alusões à possibilidade de alguma coisa acontecer na própria manhã do casamento. James Windibank queria que a srta. Sutherland ficasse tão amarrada a Hosmer Angel, e tão incerta quanto ao que lhe havia sucedido, que durante os dez anos seguintes, pelo menos, não desse atenção a nenhum outro homem. Levou-a até a porta da igreja, e então, como não podia ir mais longe, desapareceu convenientemente, usando o velho truque de entrar por uma porta do carro

de quatro rodas e sair pela outra. Acho que foi isso o que aconteceu, sr. Windibank!

Nosso visitante recuperara um pouco da segurança enquanto Holmes falava e ergueu-se da cadeira com uma expressão de frio desprezo em seu rosto pálido.

— Pode ser que tenha sido assim, e pode ser que não, sr. Holmes — disse —, mas se o senhor é tão esperto, deve ser suficientemente esperto para saber que é o senhor que está transgredindo com a lei agora, não eu. Não fiz nada ilegal desde o início, mas, enquanto ficar com a porta trancada, o senhor está sujeito a uma ação por assalto e constrangimento ilegal.

— Como diz, a lei não pode tocá-lo — disse Holmes, destrancando e escancarando a porta —, no entanto, não existe um homem que mereça mais ser punido. Se a moça tem um irmão ou um amigo, ele deveria dar-lhe uma surra de chicote. Por Deus! — continuou, enrubescendo ao ver a zombaria estampada no rosto do homem — não faz parte de meu dever para com meus clientes, mas tenho um chicote bem à mão e acho que vou...

Deu dois passos rápidos, mas antes que pudesse pôr a mão no chicote, ouviu-se o ruído de passos apressados na escada, a porta pesada bateu, e da janela vimos o sr. James Windibank correndo a toda a velocidade pela rua.

— Mas que patife de sangue-frio! — disse Holmes, rindo e atirando-se outra vez na sua poltrona. — Esse sujeito irá de crime em crime até fazer algo realmente mau e então acabará na forca. Esse caso, em certos aspectos, não era completamente destituído de interesse.

— Não consigo acompanhar todas as etapas do seu raciocínio — comentei.

— Ora, era óbvio desde o início que esse tal de sr. Hosmer Angel devia ter um motivo muito forte para agir de forma tão curiosa, e era igualmente óbvio que o único homem beneficiado por esse incidente, pelo que sabíamos, era o padrasto. Depois o fato de que os dois homens nunca apareciam juntos, e um surgia quando o outro estava fora, era bastante sugestivo, assim como os óculos escuros e a voz estranha, que indicavam disfarce, como também as costeletas espessas. Essas minhas suspeitas foram confirmadas pela sua atitude peculiar de bater sua assinatura à máquina, o que, naturalmente, fazia supor que sua caligrafia era tão familiar que a moça reconheceria até mesmo essa pequena amostra. Esses fatos isolados, aliados a outros menores, todos apontavam na mesma direção.

— E como os verificou?

— Depois que localizei o homem, foi fácil obter confirmação. Conhecia a firma para a qual ele trabalhava. Peguei a descrição do anúncio, eliminei tudo que poderia ser um disfarce, costeletas, óculos, a voz, e mandei-a para a firma, pedindo que me informassem se coincidia com a descrição de algum de seus caixeiros-viajantes. Já havia percebido as peculiaridades da máquina de escrever, e escrevi para o próprio homem, pedindo que viesse aqui. Como esperava, sua resposta foi batida à máquina, e revelava os mesmos defeitos triviais, mas característicos. Recebi pelo correio uma carta de Westhouse & Marbank, da rua Fenchurch, dizendo que a descrição combinava perfeitamente com a de seu empregado James Windibank. E foi tudo!

— E a srta. Sutherland?

— Se contar a ela, não vai acreditar em mim. Lembre-se do velho provérbio persa: “Há perigo para aquele que pega o filhote do tigre, e perigo também para aquele que rouba a ilusão de uma mulher.” Há tanta sabedoria em Hafiz quanto em Horácio, e o mesmo conhecimento da vida.

O MISTÉRIO DO VALE BOSCOMBE

ESTÁVAMOS SENTADOS À MESA DO CAFÉ DA MANHÃ, MINHA ESPOSA e eu, quando a empregada entrou com um telegrama. Era de Sherlock Holmes, e dizia o seguinte:

> *"Você pode dispor de uns dois dias? Recebi um telegrama do oeste da Inglaterra com relação à tragédia do Vale Boscombe. Gostaria que você viesse comigo. Atmosfera e paisagem perfeitas. Saímos de Paddington às 11h15."*

— O que diz, querido? — perguntou minha esposa, olhando para mim. — Você vai?

— Realmente não sei o que dizer. Tenho uma lista bastante longa no momento.

— Ora, Anstruther pode substituir você. Você tem andado um pouco abatido ultimamente. Acho que essa viagem vai lhe fazer bem, e você sempre se interessa tanto pelos casos do sr. Sherlock Holmes.

— Seria ingratidão da minha parte se não me interessasse, principalmente considerando o que ganhei em um deles — respondi. — Mas se vou, preciso fazer as malas imediatamente, pois só tenho meia hora.

Minha experiência da vida em acampamento no Afeganistão tinha pelo menos me tornado um viajante diligente e rápido. Minhas necessidades eram poucas e simples, e em menos de meia hora eu estava dentro de um carro de aluguel com minha valise, sacolejando a caminho da Estação de Paddington. Sherlock Holmes andava de um lado para outro na plataforma,

sua figura alta e magra ficava ainda mais alongada pelo comprido casacão cinzento e o boné justo do mesmo tecido.

— É realmente muita bondade sua ter vindo, Watson — disse ao me ver. — Faz uma grande diferença para mim ter ao meu lado alguém em quem posso confiar totalmente. A ajuda local é sempre incompetente ou então cheia de preconceitos. Por que você não vai pegar os lugares enquanto eu compro as passagens?

Estávamos sozinhos no carro, acompanhados somente por uma pilha imensa de jornais que Holmes trouxera. Ocupou-se com eles, remexendo e lendo, com intervalos para anotações e meditação, até que passamos a estação de Reading. Então enrolou-os em uma bola gigantesca e atirou-os no porta-bagagem.

— Ouviu falar nesse caso? — perguntou.

— Nem uma palavra. Há dias que não vejo um jornal.

— A imprensa londrina não tem publicado muita coisa a respeito. Acabei de ler os jornais mais recentes a fim de me familiarizar com os detalhes. Pelo que li, parece ser um desses casos simples que são tão incrivelmente difíceis.

— Isso parece um tanto paradoxal.

— Mas é bastante verdadeiro. A originalidade é quase sempre uma chave. Quanto mais comum e sem características específicas for o crime, mais difícil será esclarecê-lo. Mas neste caso, já elaboraram um processo bastante sério contra o filho do homem assassinado.

— Então é um caso de assassinato?

— Bem, é o que se deduz. Não vou presumir nada até ter a oportunidade de examinar tudo pessoalmente. Vou explicar-lhe a situação, até onde eu sei, em poucas palavras.

— O Vale Boscombe é uma região rural, não muito longe de Ross, em Herefordshire. O maior proprietário de terras nessa área é o sr. John Turner, que fez fortuna na Austrália e voltou a seu país natal há alguns anos. Uma das fazendas de sua propriedade, Hatherley, foi arrendada ao sr. Charles McCarthy, que também era um ex-australiano. Os dois se conheceram nas colônias, e era natural que, quando se estabelecessem, procurassem ficar o mais perto possível um do outro. Aparentemente, Turner era o mais rico dos dois, de modo que McCarthy tornou-se seu arrendatário, mas parece que continuaram em termos de perfeita igualdade, já que frequentemente

estavam juntos. McCarthy tinha um filho, um rapaz de 18 anos, e Turner tinha uma filha única da mesma idade, mas nenhum dos dois tinha mulher viva. Pelo que se sabe, evitavam a companhia das famílias inglesas vizinhas e viviam mais ou menos reclusos, embora os dois McCarthy gostassem muito de esportes e fossem frequentemente vistos nas corridas realizadas na vizinhança. McCarthy tinha dois empregados: um homem e uma moça. Turner tinha uma casa cheia, pelo menos meia dúzia de empregados. Isso foi tudo que consegui saber sobre as famílias. Agora vamos aos fatos.

"No dia 3 de junho, isto é, na segunda-feira passada, McCarthy saiu de casa, em Hatherley, por volta das 15 horas, e foi a pé até o Lago Boscombe, um pequeno lago formado pelo alargamento do rio que atravessa o Vale Boscombe. Estivera aquela manhã em Ross com seu empregado e dissera a ele que precisava se apressar porque tinha um encontro importante às 15 horas. Não voltou vivo desse encontro.

"Da casa da fazenda em Hatherley até o Lago Boscombe, a distância é de quase meio quilômetro e duas pessoas o viram quando percorria esse caminho. Uma delas foi uma velha, cujo nome não é mencionado, e a outra foi William Crowder, um guarda florestal que trabalha para o sr. Turner. As duas testemunhas disseram em seus depoimentos que o sr. McCarthy estava sozinho. O guarda florestal acrescentou que, poucos minutos depois de ver o sr. McCarthy passar, viu seu filho, o sr. James McCarthy, indo na mesma direção, com uma arma debaixo do braço. Acredita que o pai estava perfeitamente visível na ocasião e achou então que o filho o seguia. Não pensou mais no assunto até a noite, quando ouviu falar da tragédia.

"Os dois McCarthy foram vistos depois que William Crowder, o guarda florestal, os perdeu de vista. O Lago Boscombe é rodeado de bosques densos, com apenas uma estreita faixa de grama e juncos nas bordas. Uma moça de 14 anos, Patience Moran, filha do vigia da grande propriedade Vale Boscombe, estava no bosque colhendo flores. Ela afirma que quando estava lá, viu, na margem do bosque e perto do lago, o sr. McCarthy e o filho, e parecia que estavam tendo uma briga violenta. Ouviu o sr. McCarthy, o velho, usar palavrões e viu o filho levantar a mão como se fosse bater no pai. Horrorizada com a cena violenta, fugiu correndo, e quando chegou a casa contou à mãe que vira os dois McCarthy brigando perto do Lago Boscombe, e que estava com medo que fossem se atracar. Mal acabara de falar, quando o jovem McCarthy chegou correndo, dizendo

que encontrara o pai morto no bosque e pedindo o auxílio do vigia. Estava muito excitado, sem arma e sem chapéu, e a mão direita e a manga estavam manchadas com sangue fresco. Ao segui-lo, encontraram o corpo do pai estirado na grama à margem do lago. A cabeça fora amassada por pancadas repetidas de alguma arma pesada e rombuda. Os ferimentos poderiam ter sido feitos com o cabo da espingarda do filho, que foi encontrada na grama, a alguns passos do corpo. Nessas circunstâncias, o rapaz foi imediatamente preso, e como um veredicto de 'assassinato intencional' foi o resultado do inquérito judicial na terça-feira, na quarta-feira ele foi levado perante o juiz em Ross, que encaminhou o caso para a próxima sessão do tribunal superior a ser realizada no condado. Esses são os fatos principais do caso, da maneira como foram apresentados perante o magistrado e na delegacia de polícia."

— É difícil imaginar um caso mais perfeito de culpa — comentei. — Todas as provas circunstanciais apontam para o criminoso.

— Provas circunstanciais são extremamente espinhosas — respondeu Holmes, pensativo. — Podem parecer apontar diretamente para uma coisa, mas se você mudar ligeiramente seu próprio ponto de vista, talvez as encontre apontando da mesma maneira direta para alguma coisa completamente diferente. Devo dizer, entretanto, que a situação do rapaz é bastante grave, e é muito possível que ele seja realmente culpado. Mas há várias pessoas na vizinhança, entre elas a srta. Turner, filha do proprietário vizinho, que acreditam em sua inocência, e que contrataram Lestrade, de quem você talvez se lembre com relação ao *Estudo em vermelho*, para trabalhar em favor dele no caso. Lestrade, que ficou bastante intrigado, passou o caso para mim, e é por isso que dois cavalheiros de meia-idade estão agora voando para o Oeste a oitenta quilômetros por hora em vez de estarem em casa, digerindo o café da manhã.

— Receio — comentei — que os fatos sejam tão óbvios que você não conseguirá obter muitos méritos com esse caso.

— Não há nada mais enganador que um fato óbvio — ele respondeu, rindo. — Além do mais, podemos descobrir por acaso outros fatos óbvios que não tenham sido, de modo algum, óbvios para o sr. Lestrade. Você me conhece bem demais para pensar que estou me gabando quando afirmo que confirmarei ou destruirei sua teoria por meios que ele é totalmente incapaz de usar, ou mesmo de compreender. Para dar o primeiro exemplo, percebo

claramente que a janela de seu quarto fica do lado direito, e me pergunto se o sr. Lestrade perceberia até mesmo uma coisa tão evidente quanto essa.

— Mas como...

— Meu caro amigo, conheço você muito bem. Sei da precisão militar que o caracteriza. Você se barbeia todos os dias, e nessa estação do ano, barbeia-se à luz do sol, mas como o resultado é cada vez mais incompleto à medida que nos aproximarmos do lado esquerdo, chegando a ser relaxado ao ultrapassar o ângulo do queixo, é evidente que o lado esquerdo não é tão bem iluminado quanto o outro. Não posso imaginar que um homem com seus hábitos meticulosos olhe-se em uma luz uniforme e sinta-se satisfeito com o resultado. Cito isso somente como um exemplo trivial de capacidade de observação e dedução. Aí está o meu *métier*, e é possível que seja útil na investigação que vamos enfrentar. Há um ou dois pontos secundários que surgiram no inquérito e que vale a pena considerar.

— Quais são eles?

— Parece que a prisão não ocorreu imediatamente, mas só depois do retorno à Fazenda Hatherley. Quando o inspetor de polícia o informou que estava preso, ele observou que não estava espantado de ouvir isso, que não era mais do que merecia. Essa sua observação, naturalmente, eliminou qualquer sombra de dúvida que poderia ter permanecido na mente dos jurados.

— Foi uma confissão! — exclamei.

— Não, porque foi seguida de um protesto de inocência.

— Mas vindo logo após uma série tão comprometedora de acontecimentos, era, no mínimo, uma observação muito suspeita.

— Pelo contrário — disse Holmes —, é a brecha mais promissora que consigo ver no momento nessas nuvens tão escuras. Por mais inocente que fosse, não podia ser tão idiota a ponto de não perceber que as circunstâncias eram totalmente contra ele. Se tivesse mostrado espanto quando foi preso, ou fingido estar indignado, eu consideraria isso bastante suspeito, porque essa surpresa ou a ira não seriam nada naturais nessa situação, mas poderiam parecer a melhor política para um homem ardiloso. O fato de ter aceitado francamente a situação indica que é inocente, ou então é um homem de grande autocontrole e firmeza. Quanto à sua observação sobre o fato de merecer, é muito natural, se você levar em conta que ele se viu ao lado do corpo do pai, e não há dúvida de que naquele mesmo dia ele

esquecera seus deveres filiais a ponto de trocar palavras pesadas com o pai e até, de acordo com o testemunho da menina, que é tão importante, erguer a mão como se fosse bater nele. A autoacusação e o remorso contidos nessa observação me parecem sintomas de uma mente sadia e não de uma mente culpada.

Sacudi a cabeça.

— Muitos homens foram enforcados com muito menos provas — observei.

— Sim, foram. E muitos homens foram enforcados por equívoco.

— O que diz sobre tudo isso?

— Nada que encoraje muito os que querem auxiliá-lo, embora um ou dois pontos mencionados sejam sugestivos. Estão aqui, e você pode ver por si mesmo.

Tirou do bolo de jornais um exemplar do jornal local, virou as páginas e apontou para um parágrafo no qual o infeliz rapaz dera a sua versão do que acontecera. Acomodei-me no canto do carro e li com toda a atenção. Dizia o seguinte:

> *O sr. James McCarthy, filho único do falecido, foi então chamado e declarou o seguinte: 'Eu estive fora de casa durante três dias, em Bristol, e acabara de voltar na manhã da segunda-feira passada, dia 3. Meu pai não estava em casa quando cheguei e a empregada me informou que ele fora até Ross com John Cobb, nosso empregado. Pouco depois do meu regresso, ouvi o ruído das rodas de seu carro no pátio e, olhando pela janela, eu o vi saltar e sair andando rapidamente, embora não visse em que direção. Então peguei minha espingarda e saí em direção ao Lago Boscombe com a intenção de visitar o viveiro de coelhos que fica na margem oposta. No caminho, vi William Crowder, o guarda florestal, como ele contou em seu depoimento; mas ele está enganado em pensar que eu estava seguindo meu pai. Não sabia que ele estava à minha frente. Quando cheguei a uns cem metros do lago, ouvi um grito de: Cooee!, que é um sinal usado entre mim e meu pai. Então corri e o encontrei perto do lago. Pareceu muito espantado ao me ver e perguntou rispidamente o que eu estava fazendo ali. Seguiu-se uma conversa que virou discussão, com uso de palavras bem pesadas e quase pancadas, pois meu pai era um*

homem de gênio muito violento. Vendo que sua fúria estava ficando incontrolável, deixei-o ali e voltei para a Fazenda Hatherley. Mas não tinha me afastado nem cem metros quando ouvi um grito horrível atrás de mim, que me fez voltar correndo. Encontrei meu pai morrendo estirado no chão, com a cabeça terrivelmente machucada. Deixei cair a espingarda e o segurei em meus braços, mas ele morreu quase imediatamente. Fiquei ajoelhado a seu lado por alguns minutos e depois fui até a casa do vigia do sr. Turner, que era a mais próxima, para pedir ajuda. Não vi ninguém junto de meu pai quando voltei, e não tenho a menor ideia de como ele recebeu aquelas pancadas. Não era muito popular, pois tinha um jeito um tanto frio e severo, mas, pelo que sei, não tinha inimigos. Não sei mais nada sobre o ocorrido."

O Magistrado: "Seu pai disse alguma coisa antes de morrer?"

Testemunha: "Balbuciou algumas palavras, mas só consegui entender alguma coisa sobre um rato."

O Magistrado: "O que deduziu disso?"

Testemunha: "Não significou nada para mim. Pensei que estivesse delirando."

O Magistrado: "Por que foi que você e seu pai tiveram aquela briga?"

Testemunha: "Prefiro não responder."

O Magistrado: "Lamento, mas tenho de insistir."

Testemunha: "É absolutamente impossível responder. Posso lhe garantir que não tem nada a ver com a tragédia."

O Magistrado: "Isso compete à Corte decidir. Acho desnecessário observar que sua recusa em responder prejudicará consideravelmente seus interesses em qualquer processo futuro que possa surgir."

Testemunha: "Continuo a me recusar."

O Magistrado: "É verdade que o grito Cooee era um sinal habitual entre seu pai e você?"

Testemunha: "Era."

O Magistrado: "Como foi, então, que ele gritou antes de ver você e mesmo antes de saber que você havia voltado de Bristol?"

Testemunha: (evidentemente muito confuso) "Não sei."

Um Jurado: "Não viu nada que despertasse suas suspeitas quando voltou ao ouvir o grito e encontrou seu pai gravemente ferido?"

Testemunha: “Nada muito definido.”

O Magistrado: “O que quer dizer com isso?”

Testemunha: “Eu estava tão perturbado e excitado quando voltei correndo que não pensei em nada, só em meu pai, mas tenho a vaga impressão de que, quando corri em frente, havia alguma coisa no chão à minha esquerda. Parecia ser alguma coisa cinzenta, uma espécie de casaco, ou uma manta, talvez. Quando me levantei depois de examinar meu pai, não estava mais lá.”

— Está dizendo que desapareceu antes de você ir buscar auxílio?

— Sim, desapareceu.

— Não sabe o que era?

— Não, só senti que havia alguma coisa ali.

— A que distância do corpo?

— Uns dez metros.

— E a que distância da orla do bosque?

— Mais ou menos a mesma coisa.

— Então, se foi retirada, foi enquanto você estava a uns dez metros de distância?

— Sim, mas eu estava de costas.

E assim terminou o depoimento da testemunha.

— Vejo — eu disse, olhando a coluna até o fim — que o magistrado, em suas observações finais, foi muito severo com o jovem McCarthy. Chama atenção, e com razão, para a discrepância de seu pai ter feito sinal para ele antes de vê-lo e também para sua recusa em dar detalhes da conversa que tiveram, e o relato singular das últimas palavras do pai. Tudo isso, como ele observa, é muito desfavorável ao filho.

Holmes riu baixinho consigo mesmo e esparramou-se no assento acolchoado.

— Tanto você quanto o magistrado — disse — fizeram muita força para destacar os pontos que são justamente mais favoráveis ao rapaz. Não vê que você está, alternadamente, lhe dando crédito por ter imaginação demais e de menos? De menos, se não pôde inventar uma causa para a briga que o tornasse simpático ao júri; demais, se arrancou de seu inconsciente uma coisa tão absurda quanto uma referência a um rato de um homem às portas da morte, e o incidente do pano cinzento desaparecido. Não, senhor, vou

abordar esse caso do ponto de vista de que o que esse rapaz diz é verdade, e vamos ver aonde nos levará essa hipótese. E agora, aqui está meu Petrarca de bolso, e nem mais uma palavra sobre esse assunto até chegarmos ao cenário da ação. Almoçaremos em Swindon, e vejo que chegaremos lá dentro de vinte minutos.

Eram quase 16 horas quando finalmente, após passarmos pelo lindo Vale Stroud e pelo largo e reluzente Severn, chegamos à pequena e graciosa cidade campestre de Ross. Um homem magro, parecendo uma fuinha, com ar astucioso e furtivo, nos esperava na plataforma. Apesar do guarda-pó marrom-claro e das perneiras de couro que usava em deferência ao ambiente rústico, não tive dificuldade em reconhecer Lestrade, da Scotland Yard. Fomos com ele para o Hereford Arms, onde havia um quarto reservado para nós.

— Mandei vir um carro — disse Lestrade, quando sentamos para tomar chá. — Conheço sua natureza enérgica e sabia que não ficaria satisfeito enquanto não visitasse a cena do crime.

— Foi muita bondade sua, e é um grande elogio — disse Holmes. — É simplesmente uma questão de pressão barométrica.

Lestrade ficou espantado.

— Não entendi — disse.

— Como está o barômetro? Vinte e nove, estou vendo. Nenhum vento, nem uma nuvem no céu. Tenho uma cigarreira cheia que precisa ser fumada e o sofá é muito superior às coisas abomináveis que geralmente se encontram em hotéis campestres. Não acho provável que eu vá usar o carro hoje.

Lestrade riu com indulgência.

— Você, sem dúvida, já tirou suas conclusões do que leu nos jornais — disse. — O caso é absolutamente simples e quanto mais se sabe, mais claro ele fica. No entanto, não se pode dizer não a uma dama, especialmente uma tão decidida. Ela ouviu falar de você e queria sua opinião, embora eu dissesse repetidamente a ela que não havia nada que você pudesse fazer que eu já não tivesse feito. Ora, benza-me Deus, é a carruagem dela que está chegando.

Mal acabara de falar, quando irrompeu no quarto uma das moças mais lindas que eu já vira em toda minha vida. Os olhos violeta brilhavam, os

lábios estavam entreabertos e as faces coradas, qualquer vestígio de reserva natural fora esquecido em sua extrema preocupação e excitação.

— Oh, sr. Sherlock Holmes! — exclamou, olhando de um para o outro e, finalmente, com a rápida intuição feminina, fixando os olhos em meu companheiro. — Estou tão contente que o senhor tenha vindo. Eu vim até aqui para lhe dizer isso. Sei que James não cometeu esse crime. Tenho certeza, e quero que o senhor comece seu trabalho sabendo isso também. Nunca tenha dúvidas a esse respeito. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças e conheço todos os seus defeitos melhor que qualquer outra pessoa, mas ele é bondoso demais para machucar até uma mosca. Essa acusação é absurda para quem o conhece.

— Espero poder inocentá-lo, srta. Turner — disse Sherlock Holmes. — Pode ter certeza de que farei tudo que estiver ao meu alcance.

— Mas o senhor leu os depoimentos. Chegou a alguma conclusão? Encontrou alguma saída, alguma falha? O senhor não acha que ele é inocente?

— Acho que é muito provável.

— Então! — exclamou, jogando a cabeça para trás e olhando desafiadoramente para Lestrade. — Ouviu o que ele disse! Ele me dá esperanças.

Lestrade encolheu os ombros.

— Receio que meu colega tenha sido um pouco precipitado ao tirar suas conclusões.

— Mas ele está certo. Oh! Sei que está certo. James nunca fez isso. E quanto à briga com o pai, tenho certeza de que ele não respondeu às perguntas do magistrado porque eu estava envolvida.

— Como? — perguntou Holmes.

— Não é hora de esconder coisa alguma. James e seu pai tinham muitas discussões a meu respeito. O sr. McCarthy estava ansioso para que nos casássemos. James e eu sempre nos amamos como irmãos, mas ele é muito jovem, evidentemente, e não conhece a vida, e... e... bem, ele ainda não queria fazer uma coisa dessas. Então havia muitas brigas e essa, tenho certeza, foi uma delas.

— E seu pai? — perguntou Holmes. — Ele era a favor dessa união?

— Não, ele também era contra. Só o sr. McCarthy era a favor. — Seu rosto ficou ruborizado quando Holmes lançou-lhe um de seus olhares

penetrantes.

— Muito obrigado por essa informação — disse. — Poderia falar com seu pai se fosse vê-lo amanhã?

— Acho que o médico não vai permitir.

— O médico?

— O senhor não sabia? Pobre de meu pai, há muitos anos que não é muito forte, e isso o deixou arrasado. Está de cama, e o dr. Willows diz que está muito mal, que o sistema nervoso está aos pedaços. O sr. McCarthy era o único homem vivo que havia conhecido meu pai nos velhos tempos em Victoria.

— Ah! em Victoria! Isso é muito importante.

— Sim, nas minas.

— Exatamente. Nas minas de ouro onde, pelo que sei, o sr. Turner fez sua fortuna.

— Sim, isso mesmo.

— Obrigado, srta. Turner. A senhora me ajudou muito.

— O senhor me dirá se tiver alguma novidade amanhã. Sem dúvida irá à prisão para ver James. Oh, se for, sr. Holmes, por favor, diga-lhe que sei que é inocente.

— Certo, srta. Turner.

— Tenho de ir para casa agora, porque meu pai está muito doente e sente falta de mim quando saio. Até logo, e que Deus o ajude em sua missão.

Saiu apressadamente do quarto, de modo tão impulsivo quanto havia entrado, e ouvimos as rodas de sua carruagem se afastando na rua.

— Estou envergonhado de você, Holmes — disse Lestrade com dignidade depois de alguns minutos de silêncio. — Por que alimentar esperanças que inevitavelmente você terá de frustrar? Não sou o mais piedoso dos homens, mas acho isso cruel.

— Acho que vejo a maneira de inocentar James McCarthy — disse Holmes. — Tem permissão para visitá-lo na cadeia?

— Sim, mas só para mim e para você.

— Então vou reconsiderar minha decisão de não sair. Ainda temos tempo de tomar um trem para Hereford e vê-lo hoje à noite?

— De sobra.

— Então vamos fazer isso. Watson, sinto muito, você vai achar isso muito monótono, mas só vou demorar umas duas horas.

Fui até a estação com eles e depois fiquei andando pelas ruas da cidadezinha, voltando finalmente ao hotel, onde me estendi no sofá e tentei me interessar por um romance barato. Mas o enredo da história era tão fraco em comparação com o profundo mistério com o qual estávamos envolvidos que minha atenção se desviava constantemente da ficção para os fatos. Acabei atirando o livro do outro lado do quarto e me entregando inteiramente à análise dos acontecimentos do dia. Supondo que a história contada por esse pobre rapaz fosse a pura verdade, então que coisa diabólica, que calamidade totalmente inesperada e extraordinária poderia ter ocorrido entre a hora em que se separou do pai e o momento em que, atendendo a seu grito, voltou correndo para o bosque? Devia ter sido algo terrível e fatal. O que poderia ser? Será que a natureza das feridas não poderia sugerir algo a meus instintos médicos? Toquei a campainha e pedi o jornal semanal do condado, que continha um relato literal do inquérito. O médico-legista testemunhara que o terço posterior do osso parietal esquerdo e a metade esquerda do osso occipital haviam sido despedaçados por um golpe forte de uma arma rombuda. Marquei a área em minha própria cabeça. Evidentemente esse golpe tinha de ser desfechado por trás. Isso era, de certo modo, favorável ao acusado, pois quando fora visto brigando com o pai, os dois estavam se encarando. Mas não valia grande coisa, pois o homem mais velho poderia ter-se virado antes de receber o golpe. No entanto, valia a pena chamar a atenção de Holmes para esse detalhe. Havia, além disso, a referência ao rato, logo antes de morrer. O que poderia significar isso? Não podia ser delírio. Um homem que está morrendo de um golpe repentino em geral não fica delirante. Não, era mais provável que fosse uma tentativa de explicar o que acontecera. Mas o que poderia indicar? Quebrei a cabeça tentando encontrar uma solução plausível. E depois o incidente do tecido cinzento, visto pelo jovem McCarthy. Se isso fosse verdade, o assassino devia ter deixado cair parte de seu vestuário, possivelmente o casaco, ao fugir, e teria tido a coragem de voltar e pegá-lo no momento em que o filho estava ajoelhado, virado de costas, a menos de dez metros. Que trama de mistérios e coisas improváveis era tudo isso! Não estava surpreso com a opinião de Lestrade, mas tinha tanta fé na percepção de Sherlock Holmes que não conseguia perder a esperança enquanto cada fato novo parecia reforçar a sua convicção da inocência do jovem McCarthy.

Já era tarde quando Sherlock Holmes voltou. Chegou sozinho, porque Lestrade estava instalado na cidade.

— O barômetro ainda está muito alto — comentou, sentando-se. — É importante que não chova antes de podermos examinar o chão. Por outro lado, um homem deve estar se sentindo muito bem e pronto para esse tipo de trabalho, e eu não gostaria de fazê-lo quando estou me sentindo cansado pela longa viagem. Vi o jovem McCarthy.

— E que foi que ele disse de novo?

— Nada.

— Não pode esclarecer nada?

— Nada. Cheguei a pensar que ele sabia quem era o culpado e o estava protegendo, ele ou ela, mas agora estou convencido de que está tão perplexo quanto todos nós. Não é um rapaz muito esperto, embora bonito e, eu acho, de bom coração.

— Não posso admirar seu gosto — comentei — se é verdade que ele não queria se casar com uma jovem tão encantadora quanto a srta. Turner.

— Ah, aí está uma história bastante dolorosa. Esse rapaz a ama loucamente, apaixonadamente, mas há uns dois anos, quando ainda era muito jovem e antes de conhecê-la bem, pois ela passara cinco anos longe, em um internato, o pobre idiota caiu nas garras de uma garçonete de um bar em Bristol e casou-se com ela perante um juiz! Ninguém sabe nada sobre isso, mas você pode imaginar como ele ficava enfurecido ao ser repreendido por não fazer o que mais gostaria de fazer na vida, mas que ele sabe que é completamente impossível. Foi esse tipo de angústia que o fez jogar as mãos para o alto quando o pai, no último encontro dos dois, o instigava a pedir a mão da srta. Turner. Por outro lado, não tinha condições de se sustentar, e o pai, que, segundo dizem, era um homem muito severo, o teria expulsado de casa se soubesse o que havia acontecido. Foi com a esposa garçonete que passou os últimos três dias em Bristol, e o pai não sabia onde ele estava. Tome nota desse ponto. É muito importante. Mas o bem resultou do mal, porque a garçonete, descobrindo pelos jornais que ele está seriamente implicado, e é provável que seja enforcado, desistiu dele completamente, e escreveu-lhe para dizer que já tem um marido nas docas de Bermuda e, portanto, não há nenhum vínculo entre eles. Acho que essa notícia consolou o jovem McCarthy por tudo que ele já sofreu.

— Mas se ele é inocente, quem é o culpado?

— Ah! Quem? Gostaria de chamar sua atenção especificamente para dois pontos. Um é que a vítima tinha um encontro com alguém no lago, e que essa pessoa não poderia ser o filho, porque ele estava fora, e o pai não sabia quando ia voltar. O segundo é que a vítima gritou “Cooee!” antes de saber que o filho havia voltado. O caso depende desse pontos cruciais. E agora vamos falar de George Meredith, por favor, e vamos deixar os assuntos menos importantes para amanhã.

Não choveu, como Holmes previra, e o dia surgiu ensolarado e sem nuvens. Às nove horas Lestrade veio nos buscar na carruagem e fomos para a Fazenda Hatherley e para o Lago Boscombe.

— Há notícias muito graves esta manhã — disse Lestrade. — Dizem que o sr. Turner está tão mal que não há esperança de que sobreviva.

— É um homem idoso, presumo? — disse Holmes.

— Tem cerca de sessenta anos, mas arruinou a saúde nos anos em que viveu fora do país e há tempos que não vai muito bem. O que aconteceu o abalou muito. Era velho amigo do sr. McCarthy e, devo acrescentar, seu grande benfeitor, pois soube que lhe deu o uso da Fazenda Hatherley de graça.

— Não diga — disse Holmes. — Isso é muito interessante.

— Oh, sim! E ajudou-o de muitas outras maneiras. Todos por aqui falam de sua bondade para com ele.

— Verdade! Não lhe parece um tanto estranho que esse McCarthy, que aparentemente não tinha muitas posses e estava devendo tanto ao Turner, ainda pensasse em casar seu filho com a filha de Turner, que é, sem dúvida, herdeira da propriedade, e de maneira presunçosa, como se fosse simplesmente um caso de pedido de casamento, e tudo mais seria mera consequência? Ainda é mais estranho porque sabemos que o próprio Turner era contra essa ideia. A filha nos contou. Não deduz alguma coisa de tudo isso?

— Já passamos pelas deduções e conclusões — disse Lestrade, piscando para mim. — Já é muito difícil lidar com os fatos, Holmes, não quero ir atrás de teorias e fantasias.

— Tem razão — disse Holmes, muito sério —, você tem muita dificuldade em lidar com os fatos.

— Seja como for, compreendo um fato que você, aparentemente, não consegue aceitar — replicou Lestrade com veemência.

— E qual é esse fato?

— Que o sr. McCarthy pai foi morto pelas mãos do sr. McCarthy filho, e que todas as teorias contrárias são uma grande tolice.

— Bom, talvez você ache isso — disse Holmes, rindo. — Mas acho que não estou errado se disser que esta é a Fazenda Hatherley, à nossa esquerda.

— É.

Era uma construção ampla, de aspecto confortável, de dois andares, com telhado de ardósia e grandes manchas de musgo nas paredes cinzentas. As cortinas fechadas e as chaminés sem fumaça, no entanto, davam-lhe um aspecto sombrio, como se sofresse ainda o impacto da tragédia. Batemos à porta e, a pedido de Holmes, a empregada mostrou as botas que o patrão usava quando fora morto e também um par de botas do filho, embora não fosse o par que ele usava naquela ocasião. Depois de medi-las cuidadosamente de várias maneiras, Holmes pediu para ser conduzido ao pátio e dali tomamos o caminho tortuoso que levava ao Lago Boscombe.

Sherlock Holmes se transformava quando seguia uma pista tão quente quanto essa. Quem só conhecia o calmo e lógico pensador da Baker Street não o reconheceria. O rosto ficava tenso e vermelho. As sobrancelhas se transformavam em duas linhas negras e duras, enquanto os olhos brilhavam abaixo delas com um reflexo de aço. O rosto se inclinava para baixo, os ombros se encolhiam, os lábios se comprimiam e as veias saltavam ao longo do pescoço musculoso. As narinas pareciam dilatar-se com a ânsia do animal pela caça e a mente se concentrava tanto no assunto diante dele que ficava surdo a qualquer comentário ou observação que fosse feita, ou, no máximo, respondia com um grunhido impaciente. Rápida e silenciosamente, ele seguiu o caminho que percorria o prado e, através do bosque, ia até o Lago Boscombe. O terreno era úmido, pantanoso, como toda aquela área, e havia marcas de muitos pés, tanto no caminho, quanto na grama baixa que o ladeava. Às vezes Holmes se precipitava, outras, parava subitamente, e uma vez deu uma grande volta pelo prado. Lestrade e eu andávamos atrás dele, o detetive indiferente e cheio de desprezo, enquanto eu olhava meu amigo com interesse nascido da convicção de que todas as suas atitudes eram dirigidas a um fim específico.

O Lago Boscombe, que é um pequeno lençol d’água de uns cinquenta metros de diâmetro, está situado no limite entre a Fazenda Hatherley e o parque particular do rico sr. Turner. Acima do bosque na margem oposta,

podíamos ver os picos vermelhos que indicavam o local da mansão do grande proprietário. Do lado Hatherley do lago, o bosque crescia muito denso e havia uma faixa de grama encharcada de vinte passos de largura entre a orla das árvores e os juncos que margeavam o lago. Lestrade nos mostrou o lugar exato onde o corpo fora encontrado e, na verdade, o chão estava tão úmido que pude ver claramente as marcas feitas pela queda do homem assassinado. Holmes, pelo que pude perceber do rosto animado e dos olhos atentos, estava vendo muitas outras coisas na grama pisada. Andou em volta, como um cão seguindo uma pista, e depois virou-se para meu companheiro.

— Por que entrou no lago? — perguntou.

— Usei um ancinho para revolver o fundo. Pensei que poderia haver alguma arma. Mas como foi que...

— Oh, não importa agora. Não tenho tempo. Seu pé esquerdo, inclinado para dentro, está por toda parte. Qualquer um poderia segui-lo, e ali ele desaparece entre os juncos. Oh, como teria sido simples se eu tivesse estado aqui antes de virem todos, como uma manada de búfalos, e pisoteassem tudo. Foi aqui que o grupo com o vigia veio, e cobriram todas as pistas em volta do corpo. Mas aqui há três pistas separadas dos mesmos pés. — Tirou a lente do bolso e se estendeu no chão para ver melhor, falando o tempo todo mais para si mesmo do que para nós. — Aqui estão os pés do jovem McCarthy. Duas vezes andando, uma correndo rapidamente, de modo que as solas estão nitidamente marcadas e os saltos mal podem ser vistos. Isso confirma sua história. Correu quando viu o pai caído no chão. E aqui estão as pegadas do pai, quando andava de um lado para outro. Mas o que é isso? É o cabo da espingarda, quando o filho ficou à escuta. E isso aqui? Ha, ha! O que temos aqui? Pontas de pé, pontas de pé! E ainda por cima, quadradas. Botas fora do comum! Vêm, vão, e vêm de novo... claro que isso foi por causa do casaco. E agora, de onde vêm?

Correu de um lado para outro, às vezes perdendo, às vezes encontrando a pista, até que chegamos perto da orla do bosque e sob a sombra de uma grande árvore, a maior de toda a área. Holmes acompanhou a pista até o outro lado da árvore e deitou-se mais uma vez no chão com um pequeno grito de satisfação. Ficou ali muito tempo, revirando folhas e gravetos, juntando o que me pareceu ser poeira em um envelope e examinando com a lente não só o chão, mas também a casca da árvore até onde podia alcançar.

Uma pedra pontuda estava no meio do musgo, e isso também ele examinou com cuidado e guardou. Então seguiu um caminho através do bosque até sair na estrada, onde todas as pistas se perderam.

— Foi um caso muito interessante — comentou, voltando ao seu jeito normal. — Imagino que essa casa cinzenta à direita deve ser a residência do vigia. Acho que vou entrar e falar com Moran, e talvez escrever um bilhete. Depois disso, podemos voltar e almoçar. Podem ir para o carro, que estarei lá daqui a pouco.

Levou uns dez minutos para estarmos todos no carro a caminho de Ross. Holmes ainda segurava a pedra que pegara no bosque.

— Isto talvez lhe interesse, Lestrade — comentou, estendendo a pedra. É a arma do crime.

— Não vejo marca nenhuma.

— Não há nenhuma marca.

— Então como sabe que foi isso?

— A grama estava crescendo embaixo dela. Só estava lá havia alguns dias. Não havia sinal de um lugar de onde pudesse ter sido tirada. Ela combina com as feridas. Não há sinal de nenhuma outra arma.

— E o assassino?

— É um homem alto, canhoto, aleijado da perna direita, usa botas de sola grossa e um casaco cinzento, fuma charutos indianos, usa uma piteira e carrega um canivete cego no bolso. Há outros indícios, mas esses devem ser suficientes para nos ajudar em nossa busca.

Lestrade riu.

— Acho que eu continuo descrente — disse. — Teorias são muito interessantes, mas temos de lidar com um júri britânico de cabeça dura.

— *Nous verrons* — disse Holmes tranquilamente. — Você deve trabalhar de acordo com os seus métodos que eu trabalharei de acordo com os meus. Estarei muito ocupado esta tarde e provavelmente voltarei a Londres no trem da noite.

— E vai deixar o caso inacabado?

— Não, terminado.

— Mas o mistério?

— Está resolvido.

— Quem era o criminoso, então?

— O cavalheiro que descrevi.

— Mas quem é ele?

— Certamente não será difícil descobrir. Não é um local muito populoso.

Lestrade encolheu os ombros.

— Sou um homem prático — disse — e realmente não posso sair por aí procurando um cavalheiro canhoto e aleijado de uma perna. Iria me tornar o palhaço da Scotland Yard.

— Muito bem — disse Holmes com frieza. — Dei-lhe uma oportunidade. Aí estão seus alojamentos. Adeus. Eu lhe mandarei um bilhete antes de partir.

Após deixar Lestrade em seus aposentos, fomos para o nosso hotel, onde encontramos o almoço já servido. Holmes estava calado, imerso em seus pensamentos, com uma expressão pesarosa no rosto, como se estivesse em situação difícil.

— Olhe aqui, Watson — disse, quando tiravam a mesa —, sente-se nesta cadeira e deixe-me falar um pouco. Não sei bem o que fazer e gostaria de seu conselho. Acenda um charuto e deixe-me explicar.

— Por favor.

— Bem, analisando este caso, há duas coisas na narrativa do jovem McCarthy que chamaram nossa atenção de imediato, embora me impressionassem a favor dele, e a você, contra ele. Uma era o fato de que o pai, de acordo com seu relato, gritou “Cooee!” antes de vê-lo. A outra foi a estranha referência, ao morrer, a um rato. Murmurou várias palavras, você entende, mas foi só isso que o filho captou. Nossa pesquisa deve começar desses dois pontos, e vamos partir do princípio de que o rapaz está dizendo a verdade.

— E quanto ao grito de “Cooee”?

— É claro que não podia ser para o filho. Este, pelo que sabia, estava em Bristol. Foi por mero acaso que o ouviu. O “Cooee!” era para atrair a atenção da pessoa com quem tinha o encontro. Mas “Cooee!” é uma exclamação tipicamente australiana, usada entre australianos. Pode-se presumir que a pessoa com quem McCarthy esperava se encontrar no Lago Boscombe era alguém que tinha estado na Austrália.

— E o rato, então?

Sherlock Holmes tirou um pedaço de papel dobrado do bolso e esticou-o sobre a mesa.

— Isto aqui é um mapa da Colônia de Victoria — disse. — Telegrafei para Bristol ontem à noite para obtê-lo. — Cobriu parte do mapa com a mão. — O que você lê aqui? — perguntou.

— ARAT — li no mapa.

— E agora? — perguntou, tirando a mão.

— BALLARAT.

— Exatamente. Foi essa a palavra que o homem disse, e o filho só captou as duas últimas sílabas. Ele estava tentando pronunciar o nome de seu assassino. Fulano de tal, de Ballarat.

— É fantástico! — exclamei.

— É óbvio. Então, como vê, eu consegui diminuir muito o número de alternativas. A posse de uma vestimenta cinzenta era o terceiro ponto que, se acreditarmos piamente na declaração do filho, seria essencial. Saímos de uma área indefinida para uma concepção definida de um australiano de Ballarat com um casaco cinzento.

— Excelente.

— E alguém muito familiarizado com a área, porque só se pode chegar ao lago atravessando uma das duas propriedades, onde não é permitida a entrada de estranhos.

— Exatamente.

— Então vem a nossa expedição de hoje. Examinando o terreno, consegui aqueles pequenos detalhes da personalidade do criminoso que dei àquele imbecil, Lestrade.

— Mas como os conseguiu?

— Conhece meus métodos. É apenas uma questão de observar os mínimos detalhes.

— Sei que pode calcular a altura aproximada de um homem pelo tamanho de seus passos. Também pode dizer algo sobre as botas baseando-se nas pegadas.

— Sim, eram botas muito peculiares.

— Mas e a perna aleijada?

— A marca do pé direito era sempre menos nítida que a do esquerdo. Apoiava-se menos nele. Por quê? Porque mancava... era aleijado.

— E como descobriu que era canhoto?

— Você mesmo ficou impressionado com a natureza dos ferimentos relatados pelo médico no inquérito. O golpe foi desferido por trás e foi no

lado esquerdo. Como isso poderia acontecer, a menos que o assassino fosse canhoto? Ele se escondera atrás daquela árvore durante o encontro do pai com o filho. Chegou até a fumar ali. Encontrei a cinza de um charuto, que meu conhecimento especial de cinzas de tabaco me informou ser de um charuto indiano. Você sabe que dediquei bastante atenção a esse assunto, cheguei até a escrever uma pequena monografia sobre as cinzas de 140 espécies diferentes de cachimbos, charutos e cigarros. Tendo encontrado a cinza, olhei em volta e descobri a ponta do charuto no meio do musgo, onde ele o havia atirado. Era um charuto indiano, do tipo que é feito em Roterdã.

— E a piteira?

— Pude ver que a ponta não tinha estado em sua boca. Portanto, usara uma piteira. A ponta havia sido cortada, não com os dentes, e o corte não era uniforme, então deduzi que usara um canivete cego.

— Holmes — disse —, você armou uma rede em torno desse homem, da qual ele não poderá escapar, e salvou uma vida humana como se tivesse cortado a corda que iria enforcá-lo. Estou vendo a direção para a qual tudo isso está apontando. O culpado é...

— O sr. John Turner — anunciou o garçom do hotel, abrindo a porta de nossa sala e fazendo entrar o visitante.

O homem que entrou era uma figura estranha e impressionante. O andar, lento e manco, e os ombros encurvados davam uma aparência de decrepitude, mas as feições duras e rudes, profundamente enrugadas, e braços e pernas enormes mostravam que possuía considerável força física e de caráter. A barba emaranhada, os cabelos grisalhos e as espessas sobrancelhas se combinavam para lhe dar um ar de dignidade e poder, mas o rosto era cor de um branco acinzentado, e os lábios e asas das narinas tinham uma tonalidade azulada. Vi logo que sofria de uma doença crônica e fatal.

— Por favor, sente-se no sofá — disse Holmes delicadamente. — Recebeu meu bilhete?

— Sim, o vigia levou em minha casa. Disse que queria me ver aqui para evitar um escândalo.

— Achei que haveria comentários se eu fosse à sua casa.

— E por que queria me ver? — Olhou para meu companheiro com desespero nos olhos cansados, como se a pergunta já tivesse sido respondida.

— É — disse Holmes, respondendo ao olhar e não às palavras. — É isso mesmo. Sei tudo sobre McCarthy.

O velho escondeu o rosto nas mãos.

— Deus me ajude! — exclamou. — Mas eu não ia deixar que nada de mal acontecesse com o rapaz. Dou-lhe minha palavra que contaria tudo se o resultado fosse contra ele no tribunal.

— Fico contente de ouvi-lo dizer isso — afirmou Holmes, gravemente.

— Teria falado agora se não fosse minha querida filha. Cortaria seu coração... ela vai ficar com o coração partido quando souber que fui preso.

— Talvez não chegue a isso — disse Holmes.

— O quê?

— Não sou um investigador oficial. Sei que foi sua filha quem pediu minha presença aqui e estou agindo em seu interesse. Mas é preciso libertar o jovem McCarthy.

— Sou um homem condenado — disse o velho Turner. — Há muitos anos sofro de diabetes. Meu médico diz que é pouco provável que eu viva mais um mês. Mas prefiro morrer debaixo de meu teto a morrer na prisão.

Holmes ergueu-se e foi sentar-se à mesa com a pena na mão e um monte de papel diante dele.

— Conte-nos a verdade — disse. — Anotarei os fatos. O senhor assina e Watson, esse cavalheiro ali, pode servir de testemunha. Então poderei apresentar sua confissão em último caso, para salvar o jovem McCarthy. Prometo-lhe que não a usarei, a menos que seja absolutamente necessário.

— Tanto faz — disse o velho —, não se sabe se viverei até o dia marcado para o tribunal, de modo que não importa para mim, mas gostaria de poupar Alice desse choque. Agora vou esclarecer tudo. Levou muito tempo para acontecer, mas não levará muito para contar.

“Você não conheceu o morto, esse McCarthy. Era um verdadeiro demônio. Eu que o diga. Que Deus o livre das garras de um homem como aquele. Vem me chantageando nos últimos vinte anos e destruiu minha vida. Vou contar primeiro como foi que caí em suas mãos.

“Foi no início dos anos 1860, nas minas. Eu era jovem naquela época, de sangue quente e muito ousado, pronto a me meter em qualquer coisa. Meti-me com más companhias, comecei a beber, não tive sorte com minha concessão de mineração, corri para o mato e, em resumo, tornei-me o que aqui se chamaria de assaltante de estrada. Éramos seis e vivíamos uma vida

desregrada e selvagem, assaltando uma estação de vez em quando, ou fazendo parar as carroças a caminho das minas. O nome que eu usava então era Black Jack de Ballarat, e o nosso grupo ainda é conhecido na colônia como a Gangue de Ballarat.

"Um dia um comboio de ouro ia de Ballarat para Melbourne. Ficamos de tocaia e o atacamos. Havia seis guardas e nós éramos seis, por isso a luta foi renhida, mas esvaziamos quatro selas com os primeiros tiros. Entretanto, morreram três dos nossos antes que conseguíssemos pegar o ouro. Encostei a pistola na cabeça do cocheiro, que era esse tal de McCarthy. Deveria tê-lo matado naquela hora, por Deus, mas poupei-o, embora visse seus olhinhos maldosos fixos em meu rosto, como se quisesse decorar cada feição. Fugimos com o ouro, ficamos ricos e acabamos voltando para a Inglaterra sem que suspeitassem de nós. Aí separei-me de meus velhos companheiros e resolvi viver uma vida tranquila e respeitável. Comprei esta propriedade, que por acaso estava à venda, e preparei-me para fazer algum bem com esse dinheiro, para compensar a maneira como o havia ganhado. Casei-me, também, e embora minha mulher tenha morrido muito jovem, deixou-me a minha querida Alice. Mesmo quando ainda era muito pequena, sua mãozinha parecia me levar pelo caminho do bem, como nenhuma outra coisa jamais fizera em toda a minha vida. Em resumo, comecei vida nova e fiz o possível para compensar o passado. Tudo estava indo muito bem quando McCarthy pôs as mãos em cima de mim.

"Eu tinha ido à cidade para resolver um problema de investimento, e encontrei McCarthy na Regent Street, tão esfarrapado que estava quase nu.

"'Aqui estamos, Jack', ele disse, pondo a mão no meu braço, 'vamos ser como parte de sua família. Somos dois, meu filho e eu, e você pode tomar conta de nós. Se não... a Inglaterra é um país maravilhoso, todo mundo respeita muito as leis, e há sempre um policial por perto.'

"Bem, lá vieram eles para o oeste, e não havia maneira de me livrar deles, e aqui eles têm vivido todo esse tempo, em minhas terras, sem pagar um tostão. Não tive mais descanso, não tive mais paz, não conseguia esquecer. Para onde quer que me virasse, lá estava sua cara astuta, rindo de mim. Foi muito pior ainda quando Alice cresceu, pois ele logo viu que eu tinha mais medo de que ela descobrisse meu passado do que a polícia. Tudo que ele queria eu tinha que dar sem discutir... terras, dinheiro, casas, até que um dia ele pediu uma coisa que eu não podia dar. Pediu Alice.

“Seu filho tinha crescido também, e todo mundo sabia que minha saúde era muito precária, então pareceu a ele um grande golpe que o filho tomasse o meu lugar como dono de tudo. Mas aí fiquei firme. Não admitia misturar aquele sangue ruim com o meu. Não que tivesse qualquer coisa contra o rapaz, mas ele tinha o sangue do pai, e isso bastava. Continuei firme. McCarthy me ameaçou. Desafiei-o a fazer o que quisesse. Íamos nos encontrar no lago, a meio caminho de nossas casas, para discutir o assunto.

“Quando cheguei lá, encontrei-o falando com o filho, então fumei um charuto e esperei atrás de uma árvore até que ele ficasse sozinho. Mas, enquanto ouvia a conversa, tudo que havia de sinistro e amargo dentro de mim pareceu vir à tona. Ele estava insistindo com o filho para se casar com minha filha sem dar a menor atenção ao que ela poderia querer, como se ela fosse uma prostituta das ruas. Fiquei completamente louco ao pensar que eu e tudo que me era mais caro na vida estivéssemos em poder de um homem como aquele. Será que eu não poderia cortar os laços? Já era praticamente um homem morto, e desesperado. Embora minha mente estivesse clara e fosse bastante forte, sabia que meu destino estava escrito. Mas a minha memória, e a minha filha! Ambas poderiam ser salvas se eu conseguisse calar aquela boca imunda. Foi o que fiz, sr. Holmes. E faria a mesma coisa de novo. Por mais que tenha pecado, levei uma vida de martírio para pagar esses pecados. Mas não podia suportar a ideia de que minha filha ficasse emaranhada nas mesmas tramas que me amarravam. Matei-o sem a menor hesitação, como se fosse um animal nojento e venenoso. Deu um grito que trouxe de volta o filho. Mas eu já tinha me escondido no bosque, embora tivesse de voltar para buscar o casaco que deixara cair ao fugir. Essa é a verdadeira versão do que aconteceu, cavalheiros.”

— Bem, não cabe a mim julgá-lo — disse Holmes, enquanto o velho assinava a declaração que ele preparara. — Rezo para nunca ser exposto a uma tentação dessas.

— Espero que não, senhor. E o que pretende fazer?

— Considerando sua saúde, nada. O senhor mesmo sabe que em breve terá de justificar suas ações diante de um tribunal mais elevado que a corte do condado. Guardarei sua confissão, e se McCarthy for condenado, serei obrigado a usá-la. Caso contrário, nunca será vista por ninguém. E seu segredo, esteja o senhor vivo ou morto, ficará seguro em nossas mãos.

— Adeus, então — disse o velho, solenemente. — Sua hora final, quando chegar, será mais suave ao pensar na paz que trouxe à minha. — Cambaleando e com todo seu corpo enorme tremendo, ele saiu lentamente da sala.

— Deus nos ajude! — disse Holmes, após um longo silêncio. — Por que o destino faz tantas maldades com esses pobres vermes indefesos? Nunca ouço falar de um caso assim sem me lembrar das palavras de Baxter e dizer: “Aí, não fora a bênção de Deus, estaria Sherlock Holmes.”

James McCarthy foi julgado inocente no tribunal, com base na força de uma série de objeções anotadas por Holmes e apresentadas ao advogado de defesa. O velho Turner viveu mais sete meses depois do nosso encontro, mas agora está morto. E tudo indica que o filho e a filha vão viver juntos e felizes, ignorando a nuvem negra que paira sobre seu passado.

OS CINCO CAROÇOS DE LARANJA

QUANDO CONSULTO MINHAS ANOTAÇÕES SOBRE OS CASOS DE Sherlock Holmes entre os anos de 1882 e 1890, encontro tantos que apresentam aspectos estranhos e interessantes que não é nada fácil resolver quais os que devo escolher e quais os que devo deixar de lado. Alguns, entretanto, já ganharam publicidade nos jornais, e outros não ofereceram oportunidade para a demonstração das qualidades peculiares que meu amigo possui em tão alto grau, e que é meu objetivo mostrar nestas páginas. Alguns, também, frustraram sua perícia analítica e seriam, como narrativas, começos sem ter um fim, enquanto outros só foram desvendados parcialmente, e as explicações são baseadas mais em suposições e deduções do que em provas lógicas absolutas, que lhe são tão caras. Mas um desses últimos foi tão notável em relação a detalhes e tão espantoso quanto ao resultado, que me sinto tentado a relatá-lo, apesar do fato de que há certos pontos que nunca foram, e provavelmente nunca serão, completamente esclarecidos.

O ano de 1887 nos forneceu uma longa série de casos de maior ou menor interesse, dos quais tenho as anotações. Entre meus títulos desses 12 meses, encontra-se o relato da aventura do Gabinete Paradol, da Sociedade de Mendigos Amadores, que mantinha um clube de luxo no porão de um depósito de mobílias, dos fatos ligados à perda do barco inglês *Sophy Anderson*, das aventuras singulares dos Grice Paterson na ilha de Uffa, e, finalmente, do caso de envenenamento de Camberwell. Neste último, como deve ser lembrado, Sherlock Holmes conseguiu, dando corda no relógio do morto, provar que haviam dado corda nele duas horas antes, e que, portanto, o defunto fora para a cama dentro desse período de tempo, uma dedução

que fora da maior importância para elucidar o caso. Todos esses eu poderei esboçar algum dia no futuro, mas nenhum deles apresenta aspectos tão singulares quanto a estranha cadeia de circunstâncias que vou descrever agora.

Foi nos últimos dias de setembro, e as ventanias do equinócio haviam começado com uma violência excepcional. Durante o dia inteiro o vento uivara e a chuva batera contra os vidros das janelas de tal forma que mesmo aqui, no coração da grande cidade de Londres, feita pelo homem, éramos obrigados a elevar nossas mentes, desviando-as momentaneamente da rotina da vida para reconhecer a presença das poderosas forças dos elementos que lançam gritos estridentes à humanidade através das grades de sua civilização, como animais selvagens indomáveis presos em uma jaula. Ao se aproximar a noite, a tempestade ficou mais forte e mais ruidosa, e o vento chorava e soluçava na chaminé como uma criança. Sherlock Holmes estava sentado, melancólico, de um lado da lareira, fazendo um índice de seus registros de crimes, enquanto eu, do outro lado, estava mergulhado em uma das belas histórias do mar, de Clark Russell, até que os uivos da ventania lá fora pareceram misturar-se com o texto, e as batidas da chuva transformaram-se no marulho ruidoso das ondas do mar. Minha esposa estava visitando uma tia e durante alguns dias eu voltara a morar nos meus velhos aposentos na Baker Street.

— Ora — eu disse, olhando meu companheiro —, não foi a campainha que tocou? Quem viria aqui numa noite dessas? Algum amigo seu, talvez?

— Fora você, não tenho amigo nenhum — ele respondeu. — E não incentivo visitas.

— Um cliente, então?

— Se for, é um caso grave. Nada menos do que isso faria um homem sair numa noite assim, e a esta hora. Mas acho que é mais provável que seja alguma amiguinha de nossa senhoria.

Mas Sherlock Holmes estava errado em sua suposição. Ouvimos passos no corredor e uma pancada na porta. Ele estendeu o longo braço para afastar a lâmpada dele e aproximá-la da cadeira vazia onde sentaria o visitante.

— Entre! — exclamou.

O homem que entrou era jovem, devia ter no máximo 22 anos, estava vestido com esmero e tinha maneiras finas e delicadas. O guarda-chuva

pingando água e a longa capa de chuva inteiramente molhada eram testemunhas do tempo feroz que enfrentara para vir até aqui. Olhou em volta com ansiedade à luz da lâmpada e pude ver que o rosto estava pálido e os olhos pesados, como os de um homem oprimido por uma grande angústia.

— Peço muitas desculpas — disse, colocando um pincenê de ouro. — Espero não estar incomodando. Receio que tenha trazido alguns vestígios da tempestade e da chuva para sua sala tão aconchegante.

— Dê-me a capa e o guarda-chuva — disse Holmes. — Vou deixá-los aqui nesse cabide e logo estarão secos. Vejo que está vindo do sudoeste.

— Sim, de Horsham.

— Essa mistura de barro e greda que vejo na ponta de suas botas é bem característica.

— Vim em busca de uma opinião.

— Isso é fácil de obter.

— E de ajuda.

— Isso nem sempre é fácil.

— Ouvi falar do senhor. O major Prendergast contou que o senhor o salvou no escândalo do Clube Tankerville.

— Ah, sim. Ele fora acusado injustamente de roubar no jogo de cartas.

— Ele disse que o senhor é capaz de resolver qualquer enigma.

— Ele exagerou.

— Que o senhor nunca foi derrotado.

— Já fui derrotado quatro vezes: três vezes por homens e uma vez por uma mulher.

— Mas o que é isso comparado com o número de seus êxitos?

— É verdade que, em geral, tenho sido bem-sucedido.

— Então pode ser comigo também.

— Tenha a bondade de puxar sua cadeira para perto do fogo e me dar alguns detalhes sobre seu problema.

— Não é um caso comum.

— Nenhum dos que vêm a mim é. Sou uma espécie de última corte de apelação.

— Mesmo assim, eu duvido, senhor, que, em toda a sua experiência, já tenha encontrado uma sucessão de acontecimentos mais misteriosos e inexplicáveis do que os que ocorreram na minha família.

— O senhor está me deixando muito interessado — disse Holmes. — Faça o favor de nos contar os fatos essenciais desde o início, e depois poderei perguntar sobre os detalhes que me parecerem mais importantes.

O rapaz puxou a cadeira para perto da lareira e esticou os pés molhados para o fogo.

— Meu nome — começou — é John Openshaw, mas a minha vida, pelo que entendo, tem pouco a ver com esse negócio horrível. É uma questão hereditária, de modo que, para dar-lhe uma ideia dos fatos, tenho de contar tudo desde o início.

"É preciso que saiba que meu avô teve dois filhos: meu tio Elias e meu pai Joseph. Meu pai tinha uma pequena fábrica em Coventry, que ele ampliou na época da invenção do ciclismo. Foi ele quem patenteou o pneu Openshaw, que era praticamente indestrutível, e o negócio teve tanto sucesso que ele o vendeu muito bem e se aposentou com uma boa renda.

"Meu tio Elias emigrou para os Estados Unidos quando era jovem e tornou-se agricultor na Flórida, onde dizem que se saiu muito bem. Na época da guerra, lutou sob o comando de Jackson e depois sob o de Hood, e chegou a coronel. Quando Lee depôs as armas, meu tio voltou à sua plantação e lá ficou durante três ou quatro anos. Em 1869 ou 1870, voltou à Europa e se estabeleceu em uma pequena propriedade em Sussex, perto de Horsham. Acumulara uma fortuna considerável nos Estados Unidos e os motivos que o levaram a sair de lá foram sua aversão aos negros e seu desgosto com a política republicana, que estendia a eles os direitos civis. Era um homem esquisito, feroz e de gênio violento, desbocado quando ficava zangado, e extremamente retraído. Durante os anos em que morou em Horsham, duvido que tenha ido uma só vez à cidade. Tinha um jardim e dois ou três campos em volta da casa, e era lá que fazia exercício, embora muitas vezes não saísse do quarto durante semanas a fio. Bebia grande quantidade de conhaque, fumava desbragadamente, mas não via ninguém e não queria amigos, nem mesmo o próprio irmão.

"Eu não o incomodava; na verdade, ele até gostava de mim, pois quando me viu pela primeira vez, eu era um garoto de 12 anos, mais ou menos. Isso deve ter sido em 1878, quando ele já estava na Inglaterra havia uns oito ou nove anos. Pediu insistentemente a meu pai que deixasse que eu fosse morar com ele e era muito bondoso comigo à sua maneira. Quando estava sóbrio, gostava de jogar gamão ou damas comigo e fez de mim seu

representante junto aos empregados e aos fornecedores da casa, de modo que, quando eu tinha 16 anos, era quase o dono da casa. Guardava todas as chaves e podia ir aonde quisesse e fazer o que quisesse, desde que não perturbasse sua privacidade. Mas havia uma exceção esquisita, porque ele tinha um quarto no sótão que ficava sempre trancado, e no qual ele não permitia que nem eu nem mais ninguém entrasse. Com a curiosidade de um garoto da minha idade, eu olhara pelo buraco da fechadura muitas vezes, mas nunca consegui ver nada, a não ser uma coleção de velhas malas e pacotes, o que era de se esperar em um quarto como esse.

“Um dia... foi em março de 1883, havia uma carta com selo estrangeiro na mesa, diante do prato do coronel. Não era comum ele receber cartas, pois todas as contas eram pagas em dinheiro e ele não tinha amigos de espécie alguma. ‘Da Índia!’ exclamou, pegando o envelope. ‘Carimbo de Pondicherry! O que será isso?’ Abriu o envelope apressadamente e dele caíram cinco carocinhos de laranja secos, que saltaram dentro do prato. Comecei a rir, mas parei logo que vi seu rosto. Estava de boca aberta, com os olhos esbugalhados e a pele da cor de cal. Olhava fixamente o envelope que ainda tinha nas mãos trêmulas. ‘K.K.K.’, gritou, e logo depois: ‘Meu Deus, meu Deus, meus pecados me alcançaram.’

“‘O que é isso, tio?’, perguntei.

“‘A morte’, respondeu, e, erguendo-se da mesa, foi para o quarto, e eu fiquei tremendo de horror. Peguei o envelope e vi, rabiscada em tinta vermelha no lado interno da aba, logo acima da cola, a letra K repetida três vezes. Não havia nada mais no envelope, a não ser os cinco caroços secos que haviam caído. Qual seria o motivo do imenso terror de meu tio? Saí da mesa do café e, ao subir as escadas, cruzei com ele, que descia com uma velha chave enferrujada em uma das mãos, que deveria ser do sótão, e uma caixinha de metal, como um pequeno cofre, na outra.

“‘Podem fazer o que quiserem, mas ainda vou dar-lhes um xeque-mate’, ele disse, com um palavrão. ‘Diga a Mary que vou querer a lareira acesa em meu quarto hoje, e mande alguém a Horsham para chamar Fordham, o advogado.’

“Fiz o que ele mandou e quando o advogado chegou, fui chamado para ir ao quarto. O fogo ardia vivamente na lareira e na grade se acumulava um monte de cinzas negras e fofas, como de papel queimado, e a caixa de metal estava aberta e vazia perto da lareira. Ao olhar para a caixa, notei com

surpresa que na tampa estava gravado o triplo K que eu vira de manhã no envelope.

"'Quero que você, John', disse meu tio, 'seja testemunha do meu testamento. Deixo tudo que tenho, com todas as vantagens e desvantagens, para meu irmão, seu pai, de quem, sem dúvida, virá para você. Se puder aproveitar tudo isso em paz, muito bem! Se vir que não pode, siga meu conselho, meu rapaz, e deixe tudo para seu pior inimigo. Sinto muito dar a você uma faca de dois gumes como essa, mas não sei que rumo as coisas vão tomar. Faça o favor de assinar onde o sr. Fordham indicar.'

"Assinei o papel, como ele mandou, e o advogado o levou. Esse incidente estranho, como deve imaginar, deixou uma profunda impressão em mim, e pensei muito sobre isso, virando e revirando ideias na cabeça sem conseguir chegar a nenhuma conclusão. Mas não consegui afastar uma sensação de temor que persistiu após o incidente, embora essa sensação tivesse se atenuado à medida que as semanas foram passando e nada aconteceu para perturbar a rotina de nossas vidas. Mas notei uma mudança em meu tio. Bebia mais que nunca e estava menos disposto a qualquer tipo de companhia. Passava a maior parte do tempo no quarto, com a porta trancada, mas às vezes surgia numa espécie de furor alcoólico, saía da casa e percorria freneticamente o jardim com um revólver na mão, berrando que não tinha medo de homem nenhum, que não ficaria encarcerado como um carneiro em um curral, nem por um homem, nem pelo próprio demônio. Mas quando esses acessos de fúria passavam, ele corria para dentro de casa e trancava imediatamente a porta, como alguém que não aguenta mais enfrentar o terror que guarda no fundo de sua alma. Nessas ocasiões, vi seu rosto, mesmo em dias muito frios, brilhante de suor como se tivesse acabado de ser lavado.

"Bem, para resumir essa longa história, sr. Holmes, e não abusar de sua paciência, uma noite ele saiu em um desses acessos de bêbado e nunca mais voltou. Quando fomos procurá-lo, nós o encontramos deitado de bruços, com o rosto dentro de um pequeno lago coberto de limo, em uma das extremidades do jardim. Não havia nenhum sinal de violência e a água só tinha meio metro de profundidade, por isso o júri, considerando sua conhecida excentricidade, chegou ao veredicto de suicídio. Mas eu, que sabia como ele estremecia à simples ideia da morte, tive muita dificuldade em me convencer de que ele abandonara suas precauções para ir ao seu

encontro. Tudo passou, entretanto, e meu pai tomou posse da propriedade e de umas 14 mil libras que estavam depositadas em seu nome no banco.”

— Um momento — interrompeu Holmes. — Sua narrativa, pelo que estou vendo, é uma das mais fantásticas que já ouvi. Diga-me em que data seu tio recebeu a carta e em que data ocorreu seu suposto suicídio.

— A carta chegou no dia 10 de março de 1883. Sua morte ocorreu sete semanas depois, na noite de 2 de maio.

— Obrigado. Por favor, continue.

— Quando meu pai tomou posse da propriedade de Horsham, a meu pedido ele fez um exame minucioso do sótão, que sempre estivera trancado. Encontramos a caixa de metal ali, embora seu conteúdo tivesse sido destruído. No lado de dentro da tampa havia uma etiqueta de papel com as iniciais K.K.K. repetidas, e “Cartas, memorandos, recibos e registros” escrito abaixo. Isso, nós deduzimos, indicava a natureza dos papéis que haviam sido destruídos pelo coronel Openshaw. Quanto ao resto, não havia nada de grande importância no sótão, exceto muitos jornais espalhados, e cadernos contando sobre a vida de meu tio na América. Alguns datavam da época da guerra e mostravam que ele cumprira seu dever e adquirira a reputação de ser um bravo soldado. Outros eram da época da reconstrução dos estados do sul, e falavam, sobretudo, de política, pois evidentemente ele desempenhara papel importante na oposição aos políticos que haviam sido mandados do norte do país.

“Bem, foi no início de 1884 que meu pai veio morar em Horsham, e tudo correu muito bem conosco até janeiro de 1885. No quarto dia depois do Ano-Novo ouvi meu pai dar um grito agudo de surpresa quando estávamos sentados à mesa do café. Ele estava sentado ali com um envelope recém-aberto em uma das mãos e cinco caroços de laranja secos na palma estendida da outra. Sempre rira do que chamava de minha absurda história sobre o coronel, mas estava com uma expressão de espanto e medo agora que o mesmo havia acontecido com ele.

“‘Ora veja, o que quer dizer isso, John?’, perguntou, gaguejando.

“Meu coração virou chumbo. ‘É K.K.K’, eu disse.

“Ele olhou dentro do envelope. ‘É mesmo’, exclamou. ‘Aqui estão as letras. Mas o que está escrito acima delas?’

“‘Coloque os papéis no relógio de sol’, li, debruçado por cima de seu ombro.

"'Que papéis? Que relógio de sol?', ele perguntou.

"'O relógio de sol do jardim. Não há nenhum outro', respondi. 'Mas os papéis devem ser aqueles que foram destruídos.'

"'Tolice!', disse ele, tentando demonstrar coragem. 'Estamos em um país civilizado e não vamos admitir bobagens dessas. De onde vem esse negócio?'

"'De Dundee', respondi, olhando o carimbo.

"'Alguma piada de mau gosto', disse. 'Não tenho nada a ver com relógios de sol e papéis. Não vou dar a menor importância a essa tolice toda.'

"'Se eu fosse o senhor, falaria com a polícia', eu disse.

"'Iam rir de mim por essa bobagem. Não farei nada disso.'

"'Então deixe que eu fale.'

"'Não, eu o proíbo de fazer isso. Não admito que se faça um grande estardalhaço por uma coisa dessas.'

"Não adiantava discutir com ele, porque era muito teimoso. Mas saí dali com o coração angustiado e cheio de pressentimentos.

"No terceiro dia depois da chegada da carta, meu pai saiu de casa para visitar um velho amigo, o major Freebody, que comanda um dos fortes em Portsdown Hill. Fiquei contente de vê-lo ir, pois me parecia que se afastava do perigo quando estava fora de casa. Nisso, entretanto, eu estava completamente enganado. No segundo dia de sua ausência, recebi um telegrama do major implorando que eu fosse lá imediatamente. Meu pai caíra em uma escavação de calcário, como há muitas por lá, e estava inconsciente, com fratura de crânio. Corri para seu lado, mas ele morreu sem ter recobrado os sentidos. Aparentemente, ele voltava de Fareham ao anoitecer, e como não conhecia bem a região e a escavação não estava cercada, o júri não hesitou em chegar ao veredicto de 'morte acidental'. Examinei com cuidado todos os fatos ligados à sua morte, mas não consegui encontrar nada que sugerisse a ideia de assassinato. Não havia nenhum sinal de violência, nenhuma pegada, nenhum roubo, nenhuma notícia de estranhos pelos caminhos. No entanto, acho que não é preciso dizer que não fiquei nada tranquilo e que tinha quase certeza de que ele havia sido envolvido em alguma trama diabólica.

"Foi dessa maneira sinistra que herdei todos os bens. O senhor perguntará por que não dispus deles. Minha resposta é que eu estava convencido de

que nossos problemas, de alguma forma, eram consequência de algum incidente na vida de meu tio, e que o perigo seria o mesmo numa casa ou na outra.

“Foi em janeiro de 1885 que meu pobre pai morreu, e já se passaram dois anos e oito meses desde então. Durante todo esse tempo vivi muito feliz em Horsham, e começara a acreditar que a família escapara da maldição, e que tudo terminara com a última geração. Mas me senti liberado cedo demais; ontem de manhã fui vítima do mesmo golpe que atingira meu pai.”

O rapaz tirou do bolso do colete um envelope amarrotado e, virando-se para a mesa, despejou cinco pequenos caroços de laranja secos.

— Aqui está o envelope — continuou. — O carimbo postal é de Londres. Setor Leste. Dentro estão as mesmas palavras que estavam na última mensagem para meu pai. “K.K.K.” E depois: “Coloque os papéis no relógio de sol.”

— O que o senhor fez? — perguntou Holmes.

— Nada.

— Nada?

— Para dizer a verdade — cobriu o rosto com as mãos magras e brancas —, eu me senti totalmente impotente. Eu me senti como um daqueles pobres coelhinhos quando a cobra está deslizando em sua direção. Sinto como se estivesse nas garras de algo diabólico, irresistível e inexorável, contra o qual não há nenhuma precaução possível, nenhuma providência que sirva de proteção.

— Ora, ora! — exclamou Sherlock Holmes. — Precisa agir, ou estará perdido. Só a energia pode salvá-lo. Não é hora para o desespero.

— Falei com a polícia.

— Ah!

— Mas ouviram minha história com um sorriso. Tenho certeza de que o inspetor acha que as cartas são piadas de mau gosto, e que as mortes de meus parentes foram realmente acidentais, como disse o júri, e não devem ser associadas aos avisos.

Holmes sacudiu o punho no ar.

— Que imbecilidade incrível! — exclamou.

— Apesar disso, deram-me um policial para ficar em casa comigo.

— Veio com o senhor hoje aqui?

— Não. A ordem foi para ficar na casa.

Holmes sacudiu os punhos outra vez.

— Por que veio me consultar? — perguntou. — E, mais importante ainda, por que não veio imediatamente?

— Eu não sabia. Foi só hoje que falei com o major Prendergast sobre o meu problema, e ele me aconselhou a vir procurá-lo.

— Já faz dois dias que recebeu a carta. Deveríamos ter agido antes. O senhor não tem nenhuma outra evidência, suponho, além daquilo que já nos deu; nenhum detalhe sugestivo que possa nos ajudar?

— Há uma coisa — disse John Openshaw. Procurou no bolso do casaco e tirou um pedaço de papel azulado, desbotado, e o colocou na mesa. — Tenho uma vaga lembrança — disse — de que no dia em que meu tio queimou os papéis, notei que as pequenas margens não queimadas que estavam entre as cinzas eram exatamente da mesma cor. Encontrei esta folha no chão de seu quarto, e estou achando que pode ser um dos papéis que talvez tenha escorregado do meio dos outros e assim escapado da destruição. Além do fato de que menciona caroços, não vejo em que pode nos ajudar. Minha opinião é que se trata de uma página de algum diário particular. A caligrafia é, sem dúvida nenhuma, a de meu tio.

Holmes mudou a posição da lâmpada e nós dois nos inclinamos sobre a folha de papel, que mostrava pela borda irregular que havia sido, realmente, rasgada de um caderno. O cabeçalho dizia “Março, 1869” e abaixo estavam as seguintes anotações enigmáticas:

4 — Hudson veio. Sempre a mesma coisa.
7 — Caroços para McCauley, Paramore e John Swain, de St. Augustine.
9 — McCauley resolvido.
10 — John Swain resolvido.
12 — Visita a Paramore. Tudo bem.

— Obrigado! — disse Holmes, dobrando o papel e devolvendo-o ao nosso visitante. — E agora não pode, de maneira nenhuma, perder nem mais um instante. Não dispomos de tempo nem para discutir o que me contou. Tem de ir imediatamente para casa e agir.

— O que devo fazer?

— Só há uma coisa a fazer. E deve ser feita logo. Deve colocar esse pedaço de papel que nos mostrou na caixa de metal que descreveu. Deve

também colocar um bilhete dizendo que todos os outros papéis foram queimados por seu tio, e este é o único que restou. Deve dizer isso de forma convincente. Depois deve colocar imediatamente a caixa no relógio de sol, como mandaram. Compreende?

— Muito bem.

— Não pense em vingança, ou coisa parecida, por enquanto. Acho que poderemos conseguir isso por intermédio da lei. Mas temos que tecer nossa teia, e a deles já está tecida. A primeira providência é eliminar o perigo imediato que o ameaça. A segunda é esclarecer o mistério e punir os culpados.

— Eu lhe agradeço muito — disse o rapaz, levantando-se da cadeira e vestindo a capa de chuva. — O senhor me deu vida nova e esperança. Farei exatamente o que me aconselhou.

— Não perca um segundo. E, acima de tudo, tome muito cuidado nesse ínterim, pois acho que não há a menor dúvida de que o senhor está correndo perigo real e iminente. Como vai voltar para casa?

— De trem, da estação Waterloo.

— Ainda não são 21 horas. As ruas estarão cheias, de modo que acredito que estará seguro. Mas todo cuidado é pouco.

— Estou armado.

— Isso é bom. Amanhã começarei a trabalhar no seu caso.

— O senhor irá a Horsham, então?

— Não, seu segredo está em Londres. E é aqui que vou procurá-lo.

— Então virei vê-lo dentro de um ou dois dias para lhe dar notícias da caixa e dos papéis. Seguirei seus conselhos em todos os detalhes.

Despediu-se de nós com um aperto de mão e saiu. Lá fora o vento ainda gemia e a chuva batia ruidosamente nas janelas. Essa história estranha e violenta parecia ter chegado a nós da selvageria dos elementos, arrastada pelo vento até nós como algas em uma tormenta, e agora era absorvido outra vez pela fúria dos elementos.

Sherlock Holmes ficou sentado algum tempo em silêncio com a cabeça inclinada sobre o peito e os olhos perdidos no rubro intenso do fogo na lareira.

Depois, acendeu o cachimbo e, recostando-se na cadeira, contemplou os anéis azuis de fumaça correndo um atrás dos outros em direção ao teto.

— Eu acho, Watson — disse por fim —, que, de todos os nossos casos, este é o mais fantástico.

— A não ser, talvez, o *Sinal dos quatro*.

— É, talvez. Exceto esse, provavelmente. Mas me parece que John Openshaw está correndo perigos muito maiores do que qualquer um que tenha ameaçado os Sholto.

— Mas você já tem alguma ideia definida do que são esses perigos? — perguntei.

— Não há dúvida nenhuma quanto à sua natureza — foi sua resposta.

— Então, quais são eles? Quem é esse tal de K.K.K., e por que ele persegue essa família infeliz?

Sherlock Holmes fechou os olhos e apoiou os cotovelos nos braços da cadeira, juntando as pontas dos dedos.

— O raciocinador ideal — observou —, depois que lhe mostrassem um único fato em todos os seus aspectos, deduziria dele não só a cadeia completa de acontecimentos que levaram a ele, como também todas as consequências que ele acarretaria. Da mesma forma que Cuvier podia descrever corretamente um animal inteiro estudando um único osso, também o observador que compreendeu perfeitamente um elo em uma série de incidentes deveria ser capaz de descrever com exatidão todos os outros elos, tanto antes quanto depois. Ainda não compreendemos por inteiro os resultados que a razão sozinha pode alcançar. Há problemas que podem ser resolvidos no gabinete, o que tem deixado perplexos todos aqueles que procuraram uma solução por meio dos sentidos. Para levar a arte a seu ponto mais alto, entretanto, é necessário que o raciocinador tenha a capacidade de utilizar todos os fatos que chegaram ao seu conhecimento, e isso implica, como você mesmo verá facilmente, a posse de todos os conhecimentos, o que, mesmo nessa época de educação gratuita e de enciclopédias, é um feito bastante raro. Não é de todo impossível, entretanto, que um homem possua todos os conhecimentos que podem ser úteis a ele em seu trabalho, e é isso que procurei fazer no meu caso. Se me lembro bem, você, em certa ocasião, no início de nossa amizade, definiu meus limites de maneira muito precisa.

— Sim — respondi, rindo. — Foi um documento muito curioso. Lembro que filosofia, astronomia e política receberam nota zero. Botânica, variável; geologia, muito profunda, desde que tivesse ligação com manchas de lama

de qualquer região a uma distância de setenta quilômetros da cidade; química, excêntrica; anatomia, não muito organizada; literatura, sensacional, e registros de crimes, única; além disso, um violinista, lutador de boxe, espadachim, advogado e envenenador de si mesmo com cocaína e tabaco. Acho que foram estes os pontos principais da minha análise.

Holmes sorriu ao ouvir o último item.

— Bem — continuou —, digo agora, como disse então, que um homem deve manter sempre o sótão de seu cérebro suprido com toda a mobília de que provavelmente irá precisar, e o resto pode armazenar no quartinho de depósito de sua biblioteca, onde pode ir buscar, se precisar. Ora, para um caso como esse que nos foi apresentado esta noite, sem dúvida precisamos usar todos os nossos recursos. Por favor, dê-me a letra K da Enciclopédia Americana que está na prateleira perto de você. Obrigado. Agora vamos analisar a situação e ver o que podemos deduzir. Em primeiro lugar, podemos começar com a suposição bem fundada de que o coronel Openshaw tinha razões muito fortes para sair dos Estados Unidos. Um homem da idade dele não muda todos os seus hábitos e troca, de boa vontade, o clima adorável da Flórida pela vida solitária de uma pequena cidade provinciana da Inglaterra. Seu amor extremo à solidão na Inglaterra sugere a possibilidade de que temia alguém ou alguma coisa, por isso podemos admitir como hipótese que foi o medo de alguém ou de alguma coisa que fez com que saísse dos Estados Unidos. Quanto ao que lhe causava medo, só podemos deduzir isso considerando as terríveis cartas recebidas por ele e por seus sucessores. Tomou nota dos carimbos dessas cartas?

— A primeira era de Pondicherry, a segunda de Dundee e a terceira de Londres.

— Do leste de Londres, para ser exato. E o que você deduz disso?

— Todos são portos. O autor das cartas estava a bordo de um navio.

— Excelente. Já temos uma pista. Não há dúvida nenhuma de que uma probabilidade, uma probabilidade muito forte, é de que o autor das cartas estava a bordo de um navio. E agora vamos considerar outro ponto. No caso de Pondicherry, passaram-se sete semanas entre a ameaça e o seu cumprimento; no caso de Dundee, o intervalo foi de apenas três ou quatro dias. Isso sugere alguma coisa a você?

— Uma distância maior de viagem.

— Mas a carta também tinha uma distância maior a percorrer.

— Então não vejo a diferença.

— Há, pelo menos, uma suposição de que a embarcação em que se encontra o homem, ou homens, seja um veleiro. Pelo que parece, sempre mandaram seu aviso antes de saírem em uma missão. Você viu como a ação veio pouco depois da ameaça quando esta veio de Dundee. Se tivessem vindo de Pondicherry em um navio a vapor, teriam chegado quase junto com a carta. No entanto, passaram-se sete semanas. Acho que essas sete semanas representam a diferença entre o barco que trouxe a correspondência e o veleiro que trouxe o autor da carta.

— É possível.

— Mais que isso. É provável. E agora você entende a urgência desse nosso último caso, e por que insisti com Openshaw para que tomasse muito cuidado. O golpe sempre foi desfechado no final do período que os remetentes levariam para atravessar a distância. Mas essa última veio de Londres e, portanto, não podemos contar com nenhuma demora.

— Deus meu! — exclamei. — O que pode significar essa perseguição tão cruel?

— Os papéis em poder de Openshaw são, obviamente, de importância vital para a pessoa ou pessoas que viajam no veleiro. Acho que está bem claro que deve haver mais de um homem. Um único homem não poderia ter cometido dois assassinatos de uma maneira que enganasse um júri. Deve ter envolvido vários homens, e devem ter sido homens decididos e de muita imaginação. Querem os papéis e vão consegui-los, estejam com quem estiverem. Por aí você vê que as letras K.K.K. deixam de ser as iniciais de um indivíduo e passam a ser o símbolo de uma sociedade.

— Mas de que sociedade?

— Você nunca ouviu falar em Ku Klux Klan? — perguntou Sherlock Holmes, inclinando-se à frente e baixando a voz.

— Nunca.

Holmes virou as páginas do livro que tinha no colo.

— Aqui está — disse após alguns instantes.

> *Ku Klux Klan. O nome é derivado de uma semelhança imaginária com o som produzido quando se engatilha uma espingarda. Essa terrível sociedade secreta foi formada por alguns ex-soldados confederados*

nos estados do sul após a Guerra Civil e logo desmembrou-se em grupos locais em várias regiões do país, principalmente no Tennessee, em Louisiana, nas Carolinas, na Geórgia e na Flórida. Seu poder era usado para objetivos políticos, em especial para aterrorizar os eleitores negros, e para assassinar ou expulsar do país aqueles que se opunham a suas ideias. Suas atrocidades eram em geral precedidas de um aviso mandado ao homem marcado, em uma forma fantástica, mas em geral reconhecida, como um ramo de folhas de carvalho em algumas localidades, sementes de melão ou caroços de laranja em outras. Ao receber esse aviso, a vítima podia renegar em público seu procedimento anterior ou fugir do país. Se ele enfrentasse a acusação, seria inevitavelmente morto, quase sempre de alguma maneira inesperada e estranha. A organização da sociedade era tão perfeita, e seus métodos tão sistemáticos, que não há nenhum caso registrado de alguém que tenha conseguido desafiá-la impunemente, ou que se tenha comprovado a responsabilidade de seus membros pelas atrocidades praticadas. Durante alguns anos a organização floresceu, apesar dos esforços do governo norte-americano e das melhores classes da comunidade do sul dos Estados Unidos. Por fim, no ano de 1869, o movimento se desintegrou de repente, embora tenha havido surtos esporádicos do mesmo tipo desde então.

— Observe — disse Holmes, pondo de lado o livro — que a súbita dissolução da sociedade coincidiu com o desaparecimento de Openshaw dos Estados Unidos, com seus documentos. Pode muito bem ter sido causa e efeito. Não é de admirar que ele e sua família tenham alguns dos espíritos mais implacáveis seguindo seus passos. Você pode compreender que esse registro e o diário podem comprometer homens dos mais importantes no sul, e deve haver muitos que não conseguirão dormir em paz até que eles sejam recuperados.

— Então a página que vimos...

— É o que devíamos esperar. Dizia, se me lembro bem, “Caroços para A, B e C”, isto é, mandaram para eles o aviso da sociedade. Depois acrescentava que A e B estavam resolvidos, ou haviam saído do país, e, finalmente, que havia sido feita uma visita a C, com, receio muito, um resultado sinistro para C. Bem, doutor, acho que podemos lançar alguma luz

nesse lugar escuro, e creio que a única chance do jovem Openshaw enquanto isso é fazer exatamente o que eu lhe disse. Não há nada mais a dizer ou fazer hoje à noite; portanto, dê-me meu violino e vamos tentar esquecer por meia hora esse tempo miserável e o comportamento ainda mais miserável de nossos semelhantes.

O tempo clareara de manhã e o sol brilhava timidamente através do véu sombrio que cobria a grande cidade. Sherlock Holmes já estava tomando café quando desci.

— Perdoe-me por não tê-lo esperado — disse. — Estou prevendo um dia muito ocupado, estudando esse caso do jovem Openshaw.

— O que vai fazer? — perguntei.

— Depende em grande parte dos resultados das minhas primeiras investigações. Talvez tenha de ir a Horsham, afinal.

— Não vai lá primeiro?

— Não, vou começar na cidade. Toque a campainha, e a empregada trará o seu café.

Enquanto esperava, peguei o jornal ainda fechado na mesa e passei os olhos pelas primeiras páginas. Deparei-me com uma manchete que congelou meu coração.

— Holmes! — gritei. — É tarde demais.

— Ah! — ele exclamou, pousando a xícara no pires. — Tinha medo disso. Como aconteceu? — Falou com calma, mas pude ver que estava profundamente abalado.

Vi o nome Openshaw, e a manchete “Tragédia perto da ponte de Waterloo”. Eis o que diz:

> *Entre 21 e 22 horas da noite de ontem, o policial Cook, da Divisão H, de plantão perto da ponte de Waterloo, ouviu um grito pedindo ajuda e o ruído de alguma coisa batendo na água. A noite, entretanto, estava extremamente escura e tempestuosa, de modo que, apesar da ajuda de várias pessoas que passavam, o salvamento foi totalmente impossível. Mas o alarme foi dado e, com a ajuda da polícia marítima, o corpo por fim foi encontrado. Era de um cavalheiro ainda jovem cujo nome, segundo um envelope achado em um de seus bolsos, era John Openshaw, que morava perto de Horsham. Supõe-se que se apressava*

> *para pegar o último trem na estação de Waterloo e, na pressa e na escuridão, errou o caminho e caiu da extremidade de uma das pequenas docas dos barcos a vapor que navegam pelo rio. O corpo não mostrava nenhum sinal de violência e não pode haver dúvida de que o morto foi vítima de um acidente infeliz, que deveria chamar a atenção das autoridades para o estado das docas fluviais.*

Ficamos em silêncio por algum tempo, Holmes estava deprimido e abalado como eu nunca o vira.

— Isso fere profundamente o meu amor-próprio, Watson — disse enfim. — Agora passa a ser uma questão pessoal e, se Deus me der saúde, vou pôr as mãos nessa gangue. Veio pedir minha ajuda e eu o mandei ao encontro da morte! — Saltou da cadeira e ficou andando pela sala numa agitação incontrolável, com um rubor no rosto pálido, abrindo e fechando as mãos longas e magras.

“Devem ser uns demônios astuciosos”, exclamou finalmente. “Como puderam atraí-lo para lá? As docas não estão no caminho da estação. A ponte, sem dúvida, tinha gente demais, mesmo numa noite como aquela, para o objetivo deles. Bem, Watson, vamos ver quem conseguirá a vitória final. Vou sair agora.”

— Vai à polícia?

— Não. Serei minha própria polícia. Quando tiver tecido minha teia, eles podem prender as moscas, mas não antes.

Passei o dia inteiro ocupado em minha atividade profissional e já era tarde quando voltei à Baker Street. Sherlock Holmes ainda não voltara. Eram quase 22 horas quando ele entrou, com um aspecto cansado e muito pálido. Foi até o aparador e, partindo um pedaço de pão, comeu-o vorazmente, engolindo-o com grandes goles de água.

— Está com fome — observei.

— Morrendo de fome. Esqueci de comer. Não comi nada desde o café da manhã.

— Nada?

— Absolutamente nada. Não tive tempo de pensar nisso.

— E como se saiu?

— Bem.

— Tem alguma pista?

— Estou com eles na palma da mão. O jovem Openshaw não ficará muito tempo sem ser vingado. Bem, Watson, vamos virar o feitiço contra o feiticeiro. É uma boa ideia!

— O que quer dizer?

Holmes tirou uma laranja do armário e, abrindo-a com as mãos, espremeu os caroços na mesa. Escolheu cinco e enfiou-os em um envelope. No lado interno da aba, escreveu: "S.H. por J.O." Então selou-o e endereçou-o ao "Capitão James Calhoun, Barco *Lone Star*, Savannah, Geórgia".

— Isso estará à espera dele quando chegar ao porto — disse com um sorriso. — Talvez lhe dê uma noite de insônia. Achará que é um precursor de seu destino, como aconteceu com Openshaw.

— E quem é esse capitão Calhoun?

— O líder da gangue. Vou pegar os outros, mas ele vem primeiro.

— Como o encontrou?

Ele tirou do bolso uma folha grande de papel, inteiramente coberta de nomes e datas.

— Passei o dia inteiro — explicou — examinando os registros do Lloyd e arquivos de jornais antigos, acompanhando o curso posterior de todas as embarcações que ancoraram em Pondicherry em janeiro e fevereiro de 1883. Trinta e seis embarcações de porte médio ou maiores foram registradas lá nesses meses. De todas elas, a *Lone Star* chamou imediatamente minha atenção, porque, embora fosse registrada em Londres, tinha o nome de um dos estados norte-americanos.

— Texas, eu acho.

— Não tenho certeza de qual, mas eu sabia que o navio era de origem americana.

— E depois?

— Verifiquei os registros de Dundee e quando encontrei prova de que o barco *Lone Star* havia estado lá em janeiro de 1885, minhas suspeitas foram confirmadas. Indaguei, então, sobre as embarcações ancoradas atualmente no porto de Londres.

— E então?

— O *Lone Star* chegou aqui na semana passada. Fui até as docas Albert e soube que tinha descido o rio na maré da manhã de hoje, a caminho de seu porto de origem, Savannah. Telegrafei para Gravesend e soube que ele

passou por lá há algum tempo, e como o vento está soprando do leste, não tenho dúvida de que já ultrapassou Goodwins e não está muito longe da ilha de Wight.

— O que vai fazer, então?

— Oh, já estou com a mão nele. Ele e os dois imediatos, como soube, são os únicos americanos a bordo. Os outros são finlandeses e alemães. Soube também que os três não estavam a bordo ontem à noite. Ouvi isso dos estivadores que estavam carregando o barco. Quando o veleiro chegar a Savannah, o barco do correio já terá chegado com a carta, e o telegrama terá informado à polícia de Savannah que esses três cavalheiros estão sendo procurados pela polícia daqui por uma acusação de assassinato.

Mas há sempre uma falha nos melhores planos dos homens, e os assassinos de John Openshaw nunca iriam receber os caroços de laranja que lhes mostraria que outra pessoa, tão astuciosa e resoluta quanto eles, estava em seu encalço. Os ventos equinociais aquele ano foram muito fortes e de longa duração. Esperamos durante muito tempo por notícias do *Lone Star*, de Savannah, sem ouvirmos nada. Finalmente soubemos que em algum ponto distante do Oceano Atlântico fora visto um mastro despedaçado balançando na crista de uma onda, com as letras “L.S.” nitidamente gravadas, e isso é tudo que poderemos saber sobre o destino do *Lone Star*.

O HOMEM DE LÁBIO TORCIDO

ISA WHITNEY, IRMÃO DO FINADO ELIAS WHITNEY, D.D., REITOR do Colégio Teológico de St. George, era viciado em ópio. Adquirira o hábito, pelo que eu soube, a partir de um incidente tolo, quando estava na universidade; tendo lido a descrição de De Quincey de seus sonhos e sensações, misturara o tabaco com láudano, numa tentativa de produzir os mesmos efeitos. Descobriu, como muitos outros, que era um hábito fácil de adquirir e difícil de abandonar, e por muitos anos continuou escravizado à droga, despertando um misto de horror e compaixão em seus amigos e parentes. Ainda posso vê-lo agora, com o rosto amarelado e pastoso, pálpebras caídas e pupilas reduzidas a pequenos pontos, todo encolhido em uma cadeira, destroços e ruínas de um homem nobre.

Uma noite — foi em junho de 1889 —, minha campainha tocou naquela hora em que o homem dá seu primeiro bocejo e olha para o relógio. Empertiguei-me na cadeira e minha esposa deixou cair o bordado no colo e fez uma careta de desapontamento.

— Um cliente! — disse. — Você vai ter de sair.

Gemi, pois acabara de voltar depois de um dia estafante.

Ouvimos a porta se abrir, algumas palavras apressadas, e depois passos rápidos no linóleo. A porta da sala onde estávamos foi aberta bruscamente e uma senhora, vestida com uma roupa escura e coberta com um véu, entrou depressa.

— Peço desculpas por vir tão tarde — começou, e então, perdendo de repente todo o controle, correu e atirou os braços em volta do pescoço de

minha esposa, soluçando em seu ombro. — Oh! Estou tão aflita! — exclamou. — Preciso tanto de ajuda.

— Oh — disse minha esposa, erguendo o véu que cobria seu rosto —, é Kate Whitney. Como você me assustou, Kate! Não tinha a menor ideia de que era você quando entrou.

— Não sabia o que fazer, por isso vim direto aqui.

Era sempre assim. As pessoas em dificuldades vinham correndo para minha esposa como pássaros para um farol.

— Foi muito bom você ter vindo. Agora precisa tomar um pouco de vinho com água, sentar-se aqui confortavelmente e nos contar tudo. Ou prefere que mande James para a cama?

— Oh, não, não. Quero que o doutor me aconselhe e me ajude também. É a respeito de Isa. Há dois dias ele não aparece em casa. Estou com tanto medo!

Não era a primeira vez que falava do problema do marido, a mim, como médico; à minha esposa, como velha amiga e companheira de colégio. Procuramos acalmá-la e confortá-la, buscando palavras apropriadas. Sabia onde estava o marido? Será que conseguiríamos trazê-lo de volta?

Parecia que sim. Tinha uma informação segura de que ultimamente, quando sentia necessidade, ele usava uma casa de ópio no extremo leste da cidade. Até então suas orgias haviam sido limitadas a um dia, e voltava sempre, contorcendo-se em espasmos e totalmente alquebrado, à noite. Mas agora esse episódio estava durando 48 horas e estava, sem dúvida, em meio à escória das docas, aspirando o veneno ou dormindo sob seu efeito. Era ali que seria encontrado, tinha certeza, no Bar de Ouro, em Upper Swandam Lane. Mas o que devia fazer? Como podia ela, uma mulher jovem e tímida, entrar num lugar desses e arrancar o marido dos desordeiros que o cercavam?

Aí estava a questão, e naturalmente só havia uma saída. Será que eu não poderia acompanhá-la até esse lugar? E, pensando bem, por que era preciso que ela fosse até lá? Eu era médico de Whitney e, como tal, tinha certa influência sobre ele. Seria melhor que eu fosse sozinho. Dei-lhe minha palavra de que o mandaria para casa em um carro de aluguel dentro de duas horas se ele estivesse realmente no endereço que me dera. E assim, em dez minutos, deixei minha poltrona confortável e minha sala alegre e me vi em

um carro de aluguel, numa missão estranha, como me pareceu na ocasião, embora só o futuro pudesse demonstrar como seria estranha.

Não encontrei nenhuma dificuldade na primeira etapa de minha aventura. Upper Swandam Lane é um beco sórdido, escondido atrás dos armazéns das docas que se alinham ao longo da margem norte do rio, a leste da Ponte de Londres. Entre uma loja de roupas baratas e uma taberna, descendo degraus íngremes que desapareciam num vão negro como a boca de uma caverna, encontrei o antro que procurava. Mandei o carro me esperar, desci os degraus, gastos no meio pelo tráfego contínuo de pés bêbados, e à luz de uma lâmpada a óleo colocada sobre a porta, achei a fechadura e entrei em um quarto de teto baixo, longo e estreito, cheio da fumaça parda e espessa do ópio, e com beliches de madeira junto às paredes, como o castelo de proa de um navio de emigrantes.

Através da penumbra podia-se vislumbrar com dificuldade corpos deitados em poses fantasticamente estranhas, ombros encolhidos, joelhos dobrados, cabeças jogadas para trás e queixos apontando para o teto e, aqui e ali, um olho escuro e embaçado virado para o recém-chegado. Dentro das negras sombras brilhavam pequenos círculos vermelhos, ora vivos, ora fracos, à medida que o veneno ardia ou ia se apagando no bojo dos cachimbos de metal. A maioria estava silenciosa, mas alguns resmungavam para si mesmos e outros falavam entre si em voz baixa e monótona, a conversa vindo em rojões e de repente terminando em silêncio, cada um balbuciando seus próprios pensamentos e não prestando atenção às palavras do vizinho. Lá no fundo havia um fogareiro com carvão em brasa junto ao qual estava sentado um velho alto e magro em um banquinho de três pés, com o queixo apoiado nas mãos e os cotovelos descansando nos joelhos, contemplando o fogo.

Quando entrei, um empregado malaio de tez escura correu para mim com um cachimbo e uma dose da droga, apontando para uma cama vazia.

— Obrigado, não vim para ficar — disse. — Há um amigo meu aqui, o sr. Isa Whitney, e quero falar com ele.

Houve um movimento e uma exclamação à minha direita e, tentando vencer a penumbra, vi Whitney, pálido, abatido e sujo, olhando fixamente para mim.

— Meu Deus! É Watson — disse. Estava em petição de miséria, com todos os nervos em espasmo. — Diga-me, Watson, que horas são?

— Quase 23 horas.

— De que dia?

— Sexta-feira, 19 de junho.

— Céus! Pensei que fosse quarta-feira. É quarta-feira, eu sei. Por que está me assustando assim? — Escondeu o rosto nos braços e começou a soluçar.

— Estou lhe dizendo que é sexta-feira, homem. Sua mulher está à sua espera há dois dias. Devia estar envergonhado de si mesmo!

— E estou. Mas você está errado, Watson, estou aqui há apenas algumas horas, três cachimbos, quatro... não me lembro quantos. Mas vou para casa com você. Não quero amedrontar Kate... pobre Kate. Dê-me a mão! Você está de carro?

— Sim, tenho um à espera.

— Então vou nele. Mas devo alguma coisa aqui. Veja quanto devo, Watson. Não estou bem. Não posso fazer nada sozinho.

Desci a passagem estreita entre as duas fileiras de sonhadores, prendendo a respiração para não inspirar os vapores nocivos da droga, procurando o gerente. Ao passar pelo homem alto que estava sentado junto ao fogareiro, senti que puxavam minha manga e uma voz baixa murmurou: "Passe por mim e depois olhe para trás." As palavras soaram bem distintas em meus ouvidos. Olhei para baixo. Só podiam ter vindo do velho ao meu lado, mas ele estava sentado como antes, completamente absorto, muito magro, muito enrugado, curvo pela idade, com um cachimbo de ópio pendurado nos joelhos, como se tivesse caído dos dedos subitamente frouxos. Dei dois passos à frente e virei. Foi preciso todo meu autocontrole para evitar que desse um grito de espanto. Virara de costas de modo que ninguém podia vê-lo, a não ser eu. Sua forma se enchera, as rugas haviam desaparecido, os olhos embaçados haviam recuperado seu brilho e lá, sentado junto ao fogo e rindo da minha surpresa, estava ninguém menos que Sherlock Holmes. Fez um discreto sinal para que me aproximasse e no mesmo instante, ao virar o rosto para os outros mais uma vez, voltou a ser um velho senil.

— Holmes! — exclamei. — O que está fazendo neste antro?

— Fale o mais baixo possível — respondeu. — Tenho ouvidos excelentes. Se quiser ter a bondade de se livrar de seu amigo dopado, eu ficaria muito contente de ter uma conversa com você.

— Tenho um cabriolé lá fora.

— Então, por favor, mande-o para casa nesse carro. Pode confiar nele, pois parece arrasado demais para se meter em encrencas. Vou também aconselhar que mande pelo cocheiro um bilhete para sua esposa, explicando que está comigo. Espere lá fora, sairei em cinco minutos.

Era muito difícil recusar qualquer coisa a Sherlock Holmes, pois seus pedidos eram sempre muito precisos e apresentados com um ar tranquilo de domínio. Mas achei que, depois que Whitney estivesse dentro do carro, minha missão estaria praticamente cumprida. Quanto ao resto, não poderia querer coisa melhor que me associar a meu amigo em uma dessas aventuras singulares que eram a condição normal de sua existência. Em poucos minutos escrevi meu bilhete, paguei a conta de Whitney, levei-o até o carro, que vi desaparecer na escuridão. Em pouco tempo, uma figura decrépita saiu do antro de ópio e eu descia a rua ao lado de Sherlock Holmes. Por duas ruas ele arrastou os pés, com as costas curvadas e cambaleando. Então, olhando rapidamente em volta, endireitou-se e deu uma boa gargalhada.

— Suponho, Watson — disse —, que está imaginando que acrescentei o vício de fumar ópio às injeções de cocaína e a todas as outras fraquezas sobre as quais você me vive dando sua opinião médica.

— Realmente fiquei espantado de encontrar você ali.

— Não mais espantado do que eu de ver você.

— Vim procurar um amigo.

— E eu, um inimigo!

— Um inimigo?

— Sim, um de meus inimigos naturais, ou, devo dizer, minha presa natural. Em resumo, Watson, estou no meio de uma investigação realmente notável, e esperava encontrar algum indício nas digressões incoerentes desses bêbados, como já fiz antes. Se fosse reconhecido naquele antro, minha vida não valeria um tostão, pois usei-o muitas vezes para meus próprios objetivos, e o bandido do eurasiano, que é o gerente, jurou vingar-se de mim. Há um alçapão nos fundos do prédio, perto da esquina da Paul's Warf, que poderia contar estranhas histórias do que passou por ele em noites sem lua.

— O quê! Quer dizer corpos?

— Sim, corpos, Watson. Seríamos homens ricos se tivéssemos mil libras para cada pobre-diabo que foi liquidado naquele antro. É a armadilha

assassina mais sórdida de toda a margem do rio e temo que Neville St. Clair tenha entrado lá para não sair mais. Nosso cabriolé deveria estar aqui!

Pôs os dois dedos indicadores entre os dentes e deu um assobio agudo, um sinal que foi respondido por um assobio semelhante a distância, seguido em poucos instantes pelo ruído de rodas e de cascos de cavalo.

— Bem, Watson — disse Holmes, quando a pequena carruagem surgiu da escuridão, com dois focos dourados de luz amarela das lanternas laterais —, você vem comigo, não?

— Se é que posso ajudá-lo.

— Ora, um companheiro de confiança é sempre útil. E um historiador mais ainda. Meu quarto no Cedars tem duas camas.

— Cedars?

— Sim. É a casa do sr. St. Clair. Estou hospedado lá enquanto faço essa investigação.

— Onde é essa casa?

— Em Kent, perto de Lee. Temos uma viagem de 11 quilômetros à nossa frente.

— Mas estou completamente no escuro.

— Claro que está. Vai saber de tudo daqui a pouco. Suba aqui! Está bem, John, não vamos precisar de você. Aqui está meia coroa. Fique à minha espera amanhã, por volta das 11 horas. Solte o cavalo! Até logo mais, então!

Fustigou o cavalo com o chicote e lá fomos nós, correndo por uma série infinita de ruas sombrias e desertas, que aos poucos se alargaram, até que voamos por uma ponte larga sobre o rio enlameado que corria preguiçosamente lá embaixo. Diante de nós estendia-se outra selva de cimento e tijolos, cujo silêncio era quebrado apenas pelos passos regulares e pesados do policial de guarda, ou as canções e gritos de algum grupo tardio de pândegos. Nuvens altas levadas pelo vento deslizavam lentamente pelo céu e uma ou duas estrelas brilhavam suavemente aqui e ali nas brechas das nuvens. Holmes conduzia a carruagem em silêncio, com o queixo encostado no peito e a aparência de um homem imerso em seus pensamentos, enquanto eu estava sentado a seu lado, curioso para saber o que seria essa nova busca que parecia exigir tanto de seus poderes, mas temendo interromper a corrente de seus pensamentos. Já havíamos percorrido vários quilômetros, e chegávamos à orla da faixa de casas suburbanas quando ele

se sacudiu, encolheu os ombros e acendeu o cachimbo com ar de quem se convenceu de que estava fazendo o melhor que podia.

— Você tem o grande dom do silêncio, Watson — comentou. — Isso faz de você um companheiro precioso. Eu que o diga, é maravilhoso para mim ter alguém com quem falar, pois meus pensamentos não são nada agradáveis. Estava pensando no que vou dizer para essa boa mulher hoje à noite, quando for me receber à porta.

— Está esquecendo que não sei nada sobre o assunto.

— Só vou ter tempo de lhe contar os fatos antes de chegarmos a Lee. Parece absurdamente simples, mas, não sei por quê, não consigo nada em que me basear. O fio é muito longo, sem dúvida nenhuma, mas não consigo pegar a ponta em minha mão. Agora vou relatar o caso clara e concisamente para você, Watson, e talvez você possa ver uma luz onde tudo é escuro para mim.

— Prossiga, então.

— Há alguns anos, mais exatamente em maio de 1884, surgiu em Lee um cavalheiro de nome Neville St. Clair, que parecia ter bastante dinheiro. Comprou uma casa grande, arrumou maravilhosamente o terreno e, de modo geral, vivia em grande estilo. Pouco a pouco fez amizades na vizinhança e, em 1887, casou-se com a filha de um cervejeiro do local, com a qual teve dois filhos. Não tinha nenhuma ocupação, mas tinha interesses em várias companhias, e ia à cidade, em geral pela manhã, voltando no trem das 5h14 da tarde, da rua Carinon. O sr. St. Clair tem atualmente 37 anos, é um homem de hábitos moderados, um bom marido, pai muito afetuoso e popular com todos que o conhecem. Devo acrescentar que suas dívidas totais no momento somam 88 libras, e tem 220 libras depositadas no Banco Capital and Counties. Portanto, não há nenhuma razão para se pensar que possa ter qualquer preocupação com dinheiro.

“Na segunda-feira passada, o sr. Neville St. Clair foi à cidade mais cedo do que de costume, comentando, antes de partir, que tinha duas missões importantes a cumprir, e que traria para seu filhinho um brinquedo ao voltar. Por mero acaso, sua esposa recebeu um telegrama nessa mesma segunda-feira, pouco depois da saída dele, dizendo que um pacote de grande valor que ela estava aguardando acabara de chegar e estava à sua espera nos escritórios da Companhia Marítima Aberdeen. Se você conhece bem Londres, deve saber que os escritórios da companhia estão localizados

na rua Fresno, que sai de Upper Swandam Lane, onde me encontrou esta noite. A sra. St. Clair almoçou, foi à cidade, fez algumas compras, foi até os escritórios da companhia, pegou seu pacote e, exatamente às 4h35, seguia por Swandam Lane a caminho da estação. Está me acompanhando até agora?”

— Está tudo muito claro.

— Se é que você se lembra, segunda-feira foi um dia excepcionalmente quente, e a sra. St. Clair andava devagar, olhando em volta na esperança de ver um carro de aluguel, pois não gostava do lugar em que estava. Enquanto andava assim por Swandam Lane, ouviu de repente uma exclamação ou um grito, e ficou estupefata ao ver o marido olhando para ela e, parecendo fazer-lhe sinal de uma janela de um segundo andar. A janela estava aberta e ela viu com clareza seu rosto, que descreveu como terrivelmente agitado. Ele acenou freneticamente e depois desapareceu da janela tão de repente que parecia ter sido puxado para trás por alguma força irresistível. Um detalhe esquisito que ficou registrado em seu vivo olho feminino foi que, embora ele estivesse com um casaco escuro, como o que usava quando saíra de casa, não tinha nem colarinho nem gravata.

“Convencida de que havia alguma coisa errada com ele, desceu os degraus correndo, pois a casa era exatamente o antro de ópio onde você me encontrou hoje e, irrompendo pela porta, tentou subir as escadas que levam ao primeiro andar. Ao pé das escadas, entretanto, encontrou esse bandido eurasiano de quem falei, que a empurrou para trás e, ajudado por um dinamarquês, que é seu assistente, jogou-a na rua. Cheia de dúvidas e receios enlouquecedores, saiu correndo e, por sorte, encontrou na rua Fresno vários policiais com um inspetor, todos a caminho de suas rondas. O inspetor e dois policiais a acompanharam de volta e, apesar da resistência do proprietário, foram até o quarto onde o sr. St. Clair havia sido visto pela última vez. Não havia sinal dele. Na verdade, em todo o andar não havia ninguém, exceto um desgraçado aleijado, de aspecto horrível, que, ao que parecia, morava lá. Tanto ele quanto o eurasiano juraram que ninguém estivera no quarto da frente aquela tarde. Suas negativas foram tão enfáticas que o inspetor ficou desconcertado e chegou a acreditar que a sra. St. Clair tivesse se enganado quando, com um grito, ela se atirou sobre uma pequena caixa de madeira que estava na mesa e arrancou a tampa. Dentro estava o brinquedo que seu marido havia prometido ao filho.

“Essa descoberta e a confusão evidente do aleijado fizeram o inspetor compreender que o assunto era grave. Os quartos foram examinados cuidadosamente e os resultados apontavam para um crime abominável. O quarto da frente estava mobiliado com simplicidade, como uma sala de estar, e se comunicava com um pequeno quarto de dormir, que dava para os fundos de uma das docas. Entre a doca e a janela do quarto de dormir havia uma faixa de terra estreita que fica seca quando a maré está baixa, mas é coberta na maré alta por um mínimo de 1,50 metro de água. A janela do quarto era larga e abria por baixo. Fazendo um exame, encontraram vestígios de sangue no peitoril da janela e várias gotas espalhadas no chão de madeira do quarto. Jogadas atrás de uma cortina no quarto da frente estavam todas as roupas do sr. Neville St. Clair, com exceção do casaco. As botas, as meias, o chapéu e o relógio... estava tudo lá. Não havia sinal de violência em nenhuma das peças de roupa e não havia vestígio do sr. Neville St. Clair. Aparentemente, só poderia ter escapado pela janela, pois não descobriram outra saída do quarto, e as manchas de sangue no peitoril não eram muito promissoras, caso tivesse tentado se salvar a nado, pois a maré estava no auge no momento da tragédia.

“E agora vamos aos vilões que pareciam estar envolvidos no assunto desde o início. O nativo das Índias Orientais, o eurasiano, era homem de péssimos antecedentes, mas como, pela narrativa da sra. St. Clair, sabia-se que ele estava ao pé da escada poucos segundos depois de seu marido ter aparecido à janela, não poderia ter sido mais que um simples cúmplice. Defendeu-se afirmando completa ignorância e garantindo que nada sabia sobre os atos de Hugh Boone, seu inquilino, e que não podia explicar de maneira nenhuma a presença das roupas do cavalheiro desaparecido.

“E nada mais sobre o gerente oriental. Agora vamos ao aleijado sinistro que mora no segundo andar do antro de ópio e que certamente foi a última pessoa a ver Neville St. Clair. Seu nome é Hugh Boone e seu rosto medonho é conhecido por todos que frequentam a cidade. É mendigo profissional, embora finja ser vendedor de fósforos de cera a fim de evitar os regulamentos da polícia. A certa altura da rua Threadneedle, do lado esquerdo, há, como talvez você tenha observado, um pequeno ângulo na parede. É ali que a criatura se senta todos os dias, de pernas cruzadas, com o pequeno estoque de fósforos no colo, e como é um espetáculo digno de pena, uma pequena chuva de moedas cai no boné de couro sujo que fica no

chão à sua frente. Já observei esse camarada mais de uma vez, antes de imaginar sequer conhecê-lo profissionalmente, e sempre fiquei surpreso com o que consegue acumular em pouco tempo. Sua aparência é tão extraordinária que ninguém pode passar por ele sem olhá-lo. Uma cabeleira cor de laranja, um rosto pálido desfigurado por uma medonha cicatriz que, ao se contrair, repuxou o lábio superior, um queixo de buldogue e um par de olhos escuros muito penetrantes, que fazem um contraste singular com a cor dos cabelos; tudo isso o destaca da multidão comum de mendigos, como também seu espírito humorístico, pois está sempre pronto a responder a qualquer brincadeira que algum transeunte faça com ele. É esse o homem que agora sabemos que morava no antro de ópio e que foi a última pessoa a ver o cavalheiro que estamos procurando."

— Mas um aleijado! — comentei. — O que poderia fazer sozinho contra um homem na flor da idade?

— É aleijado apenas porque manca quando anda. Mas em geral parece ser um homem forte e bem-nutrido. Sem dúvida seus conhecimentos de medicina, Watson, provam que a fraqueza de um membro muitas vezes é compensada por uma força excepcional nos outros membros.

— Por favor, continue a história.

— A sra. St. Clair desmaiou quando viu o sangue no peitoril da janela, e foi levada até sua casa de carro pela polícia, já que sua presença em nada ajudaria as investigações. O inspetor Barton, encarregado do caso, examinou com cuidado o prédio, mas não encontrou nada que esclarecesse o mistério. Tinha sido um erro não prender Boone imediatamente, pois teve alguns minutos em que podia se ter comunicado com seu amigo, o eurasiano, mas essa falha foi logo remediada; eles o apanharam e revistaram, mas sem encontrar nada que o incriminasse. Havia, é verdade, umas manchas de sangue na manga direita, mas ele mostrou o dedo anular, onde havia um corte perto da unha, e explicou que era daí que vinha o sangue, acrescentando que fora até a janela pouco antes e que as manchas no peitoril sem dúvida vinham também de seu dedo. Disse enfaticamente que jamais tinha visto o sr. Neville St. Clair e jurou que a presença das roupas em seu quarto era um mistério tanto para ele como para a polícia. Quanto à declaração da sra. St. Clair de que tinha visto o marido na janela, declarou que ela devia estar louca ou sonhando. Foi retirado, protestando

em alta voz, e levado para a delegacia, enquanto o inspetor permaneceu no prédio, na esperança de que a maré baixa revelasse algum novo indício.

“E assim foi, embora não encontrassem na lama o que temiam. Era o casaco do sr. Neville St. Clair, e não Neville St. Clair, que foi descoberto quando a maré baixou. E o que pensa que encontraram nos bolsos?”

— Não tenho a menor ideia.

— É, você não pode adivinhar. Todos os bolsos estavam cheios de moedas, 421 pennies e 270 em moedas de meio penny. Não era de admirar que a corrente não o tivesse arrastado. Mas um corpo humano é diferente. Há um redemoinho violento entre as docas e a casa. Era bem provável que o casaco, com todo o peso, ficasse na lama enquanto o corpo nu era sugado pelo rio.

— Mas você disse que todas as outras roupas foram encontradas escondidas no quarto. Então o corpo estava vestido somente com um casaco?

— Não, mas há outras maneiras de encarar os fatos. Vamos supor que esse tal Boone tenha jogado Neville St. Clair pela janela, sem ser visto por ninguém. O que faria então? A primeira ideia que lhe ocorreria seria livrar-se das roupas que o incriminariam. Então pegaria o casaco e na hora de jogá-lo pela janela se lembraria de que ia flutuar e não afundar. Não tem muito tempo, pois já ouvira o barulho lá embaixo, quando a sra. St. Clair tentava subir as escadas, e talvez já tivesse sabido pelo seu cúmplice, o eurasiano, que a polícia vinha correndo pela rua. Não há um minuto a perder. Corre para o esconderijo onde acumulou os frutos de sua atitude de mendigo e enche os bolsos do casaco com todas as moedas que consegue pegar para garantir que afunde. Atira-o pela janela e teria feito o mesmo com as outras roupas se não tivesse ouvido os passos subindo a escada. Só teve tempo de fechar a janela quando a polícia chegou.

— Parece bem possível.

— Vamos aceitar como uma hipótese, já que não temos coisa melhor. Boone, como lhe disse, foi preso e levado para a delegacia, mas não conseguiram descobrir nada em seu passado que depusesse contra ele. Era conhecido havia anos como mendigo profissional, mas sua vida tinha sido sempre muito tranquila e inocente. Assim estão as coisas no momento, e as perguntas que têm de ser respondidas, o que Neville St. Clair estava fazendo em um antro de ópio, o que aconteceu com ele enquanto estava lá,

onde está agora e o que Hugh Boone tem a ver com seu desaparecimento, continuam longe de ser esclarecidas. Confesso que não me lembro de nenhum caso que tenha tido no passado que parecesse tão simples de início e que apresentasse tantas dificuldades.

Enquanto Sherlock Holmes relatava essa série estranha de acontecimentos, tínhamos percorrido velozmente os subúrbios da grande cidade e deixado para trás as últimas habitações isoladas, e corríamos agora por uma estrada ladeada de arbustos. Quando ele estava terminando, entretanto, passamos por duas aldeias onde algumas luzes ainda brilhavam nas janelas.

— Estamos nos arredores de Lee — disse meu companheiro. — Atravessamos três condados nessa curta viagem, começando por Middlesex, cortando Surrey em ângulo e terminando em Kent. Está vendo aquela luz entre as árvores? Ali é Cedars, e ao lado daquela luz está uma mulher cujos ouvidos ansiosos, não tenho a menor dúvida, já perceberam o ruído dos cascos do nosso cavalo.

— Mas por que você não está conduzindo essa investigação da Baker Street? — perguntei.

— Porque há muitas perguntas que têm de ser feitas aqui mesmo. A sra. St. Clair muito gentilmente pôs à minha disposição dois quartos, e pode ter certeza de que ela receberá muito bem meu amigo e colega. Detesto encontrá-la, Watson, sem ter nenhuma notícia do marido. Aqui estamos.

Paramos diante de uma casa grande no centro de um amplo terreno. Um rapaz da cocheira viera correndo segurar o cavalo e, saltando do carro, segui Holmes pelo caminho estreito e curvo que ia até a casa. Quando nos aproximamos, a porta se abriu e uma mulher pequena e loura, com um vestido claro de *mousseline-de-soie* debruado de gaze rosa nos punhos e na gola, surgiu na abertura. De pé, delineada pela luz que jorrava de dentro, uma das mãos na porta, a outra meio levantada, o corpo ligeiramente inclinado para a frente; o rosto de olhos ansiosos e lábios entreabertos, ela toda era uma pergunta.

— Então? — exclamou. — Então?

Aí, percebendo que éramos dois, deu um grito de esperança que se transformou em gemido quando viu meu companheiro sacudir a cabeça e encolher os ombros.

— Nenhuma notícia boa?

— Nenhuma.
— Mas nenhuma notícia má?
— Não.
— Graças a Deus. Mas entrem. O senhor deve estar cansado, pois foi um dia muito longo.
— Este é meu amigo, dr. Watson. Tem sido de importância fundamental para mim em muitos dos meus casos, e por sorte pude trazê-lo comigo para me ajudar nessa investigação.
— Muito prazer em conhecê-lo — disse, apertando minha mão cordialmente. — Por favor, desculpe qualquer falha em minha hospitalidade, mas o senhor compreende que sofri um golpe terrível.
— Minha cara senhora — respondi —, sou um velho veterano, mas mesmo que não fosse, estou vendo que não há necessidade de pedir desculpas. Se puder ser útil à senhora ou a meu amigo, ficarei realmente muito feliz.
— Agora, sr. Sherlock Holmes — disse a mulher quando entramos em uma sala de jantar bem iluminada, onde uma ceia fria estava arrumada na mesa —, gostaria de lhe fazer uma ou duas perguntas e pedir-lhe que responda com franqueza.
— Certamente, minha senhora.
— Não se preocupe comigo. Não sou histérica nem dada a desmaios. Só quero ouvir sua opinião sincera.
— Sobre o quê?
— No fundo, no fundo mesmo, o senhor acredita que Neville esteja vivo?
Sherlock Holmes pareceu ficar constrangido com a pergunta.
— Com franqueza! — ela repetiu, ainda de pé e olhando penetrantemente para ele, que estava recostado em uma cadeira confortável.
— Com franqueza, minha senhora, não.
— Acha que ele está morto?
— Sim.
— Assassinado?
— Não sei. Talvez.
— E em que dia ele faleceu?
— Na segunda-feira.
— Então, sr. Holmes, tenha a bondade de explicar como é que acabei de receber esta carta dele hoje?

Sherlock Holmes deu um salto da cadeira como se tivesse recebido um choque elétrico.

— O quê! — exclamou.

— Sim, hoje. — Ela sorriu, segurando um papel que agitava no ar.

— Posso vê-la?

— Certamente.

Tirou-a da mão dela com ansiedade e alisou-a sobre a mesa, puxando a lâmpada para perto e examinando-a com atenção. Ergui-me e fui olhar por cima do ombro dele. O envelope era de papel barato e tinha o carimbo de Gravesend, datado daquele mesmo dia, ou melhor, do dia anterior, pois já passava da meia-noite.

— Que caligrafia grosseira! — murmurou Holmes. — Claro que essa não é a letra de seu marido.

— Não, mas o que está dentro é.

— Noto também que, quem quer que tenha endereçado o envelope, teve de parar e ir descobrir o endereço.

— Como pode saber disso?

— Pode ver que o nome está escrito com tinta preta, que secou sozinha, e o resto está acinzentado, o que prova que foi usado um mata-borrão. Se tudo tivesse sido escrito ao mesmo tempo e secado com mata-borrão, ficaria do mesmo tom cinzento. Esse homem escreveu o nome e depois houve uma pausa até escrever o endereço, o que significa que não sabia o endereço de cor. É apenas um detalhe, mas os detalhes são muito importantes. Vamos ver a carta agora! Ah! Havia alguma coisa aqui dentro.

— Sim, um anel. Seu anel com sinete.

— E a senhora tem certeza de que é a letra de seu marido?

— Uma delas.

— O que quer dizer com isso?

— É a letra dele quando escrevia com pressa. É bem diferente de sua letra normal, mas eu a conheço bem.

> *Minha querida, não fique com medo. Tudo vai dar certo. Há um enorme engano que pode demorar a ser corrigido. Tenha paciência.*
>
> *Neville*

— Escrito a lápis em uma folha de caderno, in-oitavo, nenhuma marca no papel. Posta no correio hoje em Gravesend por um homem com o polegar sujo. Ah! A aba foi colada, se não me engano, por alguém que estava mascando fumo. Não tem dúvida nenhuma de que é a letra de seu marido?

— Nenhuma. Neville escreveu esse bilhete.

— E foi posto no correio hoje em Gravesend. Bem, sra. St. Clair, as nuvens estão mais leves, embora não ouse dizer que tenha passado o perigo.

— Mas ele tem de estar vivo, sr. Holmes.

— A não ser que tenham falsificado sua letra para nos botar na pista errada. O anel, afinal de contas, não prova nada. Pode ter sido tirado dele.

— Não, não, é a letra dele, tenho certeza!

— Muito bem. Mas o bilhete pode ter sido escrito na segunda-feira e posto no correio só hoje.

— Isso pode ser.

— Se for assim, muita coisa pode ter acontecido de lá para cá.

— Oh, o senhor não deve me desanimar, sr. Holmes. Sei que está tudo bem com ele. Há uma compreensão tão grande entre nós que eu saberia se algum mal tivesse acontecido. No mesmo dia em que o vi pela última vez ele se cortou no quarto e, embora eu estivesse na sala de jantar, fui correndo lá para cima, pois tive certeza de que havia acontecido alguma coisa. Então acha que eu teria essa reação por uma coisa tão insignificante e iria ignorar sua morte?

— Minha experiência é grande demais para negar que a impressão de uma mulher pode ser mais valiosa que as conclusões de um raciocinador analítico. E esse bilhete realmente é uma prova muito forte para sustentar sua opinião. Mas se seu marido está vivo e pode escrever cartas, por que tem de ficar longe da senhora?

— Não posso imaginar o motivo.

— E na segunda-feira não disse nada antes de sair?

— Não.

— E a senhora ficou surpresa de vê-lo em Swandam Lane?

— Muito.

— A janela estava aberta?

— Sim.

— Então ele podia ter chamado a senhora?

— Podia.

— No entanto, pelo que entendi, só deu um grito indistinto?
— Sim.
— Um pedido de socorro, foi o que a senhora pensou?
— Sim. E acenou com as mãos.
— Mas poderia ter sido um grito de espanto. A surpresa de ver a senhora inesperadamente poderia tê-lo feito erguer as mãos.
— É possível.
— E a senhora acha que ele foi puxado para trás?
— Ele desapareceu tão de repente.
— Poderia ter saltado para trás. A senhora não viu mais ninguém no quarto?
— Não, mas aquele homem horrível confessou que estava lá, e o eurasiano estava ao pé da escada.
— Exatamente. Seu marido, pelo que pôde ver, vestia suas roupas comuns?
— Sim, mas sem o colarinho e a gravata. Vi nitidamente a camisa aberta no pescoço.
— Ele já havia falado algum dia em Swandam Lane?
— Nunca.
— Mostrou alguma vez sinais de ter tomado ópio?
— Nunca.
— Muito obrigado, sra. St. Clair. Eram estes os pontos principais que eu queria esclarecer. Vamos agora comer alguma coisa e depois nos recolher, porque amanhã poderemos ter um dia muito ocupado.

Um quarto amplo e confortável com duas camas havia sido posto à nossa disposição e fui logo para a cama, pois estava cansado depois dessa noite de aventuras. Sherlock Holmes, entretanto, era um homem que, quando tinha um problema a resolver, podia passar dias, até uma semana, sem descansar, pensando, analisando e reordenando os fatos, examinando-os sob todos os aspectos, até chegar a uma solução ou convencer-se de que não tinha dados suficientes. Era evidente que estava se preparando para ficar sentado a noite inteira. Tirou o casaco e o colete, vestiu um roupão azul e ficou andando pelo quarto, recolhendo os travesseiros da cama e as almofadas do sofá e das poltronas. Com eles, construiu uma espécie de divã oriental, no qual se sentou de pernas cruzadas, com uma bolsa de fumo e uma caixa de fósforos na sua frente. À luz mortiça da lâmpada, eu o vi sentado, com um velho

cachimbo na boca, os olhos fixos no canto do teto, a fumaça azul subindo no ar, silencioso, imóvel, com a luz se refletindo em suas feições aquilinas. Ficou sentado ali enquanto eu adormecia e continuava sentado ali quando uma exclamação súbita me acordou e vi o sol de verão invadindo o aposento. O cachimbo ainda estava na sua boca, a fumaça ainda subia em espirais e o quarto estava cheio de fumaça, mas não restava um fiapo do fumo que enchia a bolsa na noite anterior.

— Acordado, Watson? — ele perguntou.

— Sim.

— Está disposto a dar um passeio?

— Certamente.

— Então vista-se. Ninguém acordou ainda, mas sei onde dorme o rapaz da cocheira e logo o cabriolé estará pronto. — Sorria para si mesmo enquanto falava, os olhos brilhavam, e parecia um homem diferente do sombrio pensador da noite anterior.

Enquanto me vestia, olhei o relógio. Não era de estranhar que estivesse todo mundo dormindo. Eram 4h25. Mal terminara quando Holmes voltou com a informação de que o rapaz estava atrelando o cavalo.

— Quero testar uma teoria minha — disse, calçando as botas. — Acho, Watson, que você está diante de um dos maiores idiotas de toda a Europa. Mereço ser chutado daqui até Charing Cross. Mas acho que encontrei a chave do caso agora.

— E onde está? — perguntei, sorrindo.

— No banheiro — respondeu. — Oh, não, não estou brincando — continuou, vendo meu ar incrédulo. — Acabo de sair de lá, tirei-a de lá e coloquei-a nesta maleta. Vamos, meu rapaz, vamos ver se serve na fechadura.

Descemos o mais depressa possível e saímos para o sol que brilhava lá fora. Nosso carro e o cavalo estavam à espera na estrada, com o rapaz da cocheira, semivestido, segurando as rédeas. Pulamos para dentro do carro e fomos a toda a velocidade pela estrada de Londres. Algumas carroças levando hortaliças para a metrópole estavam na estrada, mas as casas dos dois lados estavam silenciosas e adormecidas, como em uma cidade fantasmagórica.

— Em alguns pontos, este caso é muito singular — disse Holmes, chicoteando o cavalo. — Confesso que estava completamente cego, mas é

melhor ser sábio tarde do que nunca.

Na cidade, os madrugadores já começavam a aparecer sonolentos nas janelas quando passamos pelas ruas de Surrey. Percorrendo a ponte de Waterloo, atravessamos o rio, seguimos a Wellington Street, viramos à direita e chegamos à Bow Street. Sherlock Holmes era muito conhecido na polícia e os dois guardas que estavam na porta o cumprimentaram. Um deles segurou o cavalo enquanto o outro nos fez entrar.

— Quem está de serviço? — perguntou Holmes.

— O inspetor Bradstreet, senhor.

— Ah, Bradstreet, como vai? — Um policial alto e gordo se aproximara pelo corredor de pedra, com o boné e a jaqueta do uniforme. — Gostaria de falar com você, Bradstreet.

— Claro, sr. Holmes. Venha aqui em minha sala.

Era uma sala pequena, mobiliada como escritório, com um enorme livro de registros na mesa e um telefone na parede. O inspetor sentou-se atrás da mesa.

— Em que posso ajudá-lo, sr. Holmes?

— É sobre aquele mendigo, Boone. O que foi acusado de estar ligado ao desaparecimento do sr. Neville St. Clair, de Lee.

— Sim. Ele foi detido para interrogatório.

— Foi o que ouvi. Ele está aqui?

— Está em uma das celas.

— Está quieto?

— Ah, não dá trabalho nenhum. Mas é um sujeito muito sujo.

— Sujo?

— Sim, é uma luta para conseguir que lave as mãos, e a cara parece a de um carvoeiro. Bem, quando seu caso for decidido, vai tomar um banho desinfetante, e acho que se o senhor o visse, ia concordar comigo que ele está mesmo precisando.

— Gostaria muito de vê-lo.

— É muito fácil. Venha comigo. Pode deixar a maleta aqui.

— Não, prefiro levá-la comigo.

— Muito bem. Venha por aqui, por favor.

Levou-nos por um corredor, abriu uma porta gradeada, desceu umas escadas e depois seguimos por outro corredor caiado de branco, com portas dos dois lados.

— É a terceira à direita — disse o inspetor. — Aqui está! — Abriu um painel na parte superior da porta e espiou para dentro. — Está dormindo — disse. — Pode vê-lo muito bem.

Nós dois olhamos pela grade. O prisioneiro estava deitado com o rosto virado para nós, dormindo um sono pesado, respirando lenta e profundamente. Era um homem de estatura média, vestido com roupas grosseiras, como convinha à sua profissão, com uma camisa colorida saindo pelo rasgão do casaco esfarrapado. Estava, como dissera o inspetor, imundo, mas a sujeira que cobria o rosto não ocultava sua feiura repulsiva. Um largo vergão de uma velha cicatriz cortava o rosto do olho até o queixo e, ao se contrair, repuxara um lado do lábio superior, de modo que três dentes ficavam expostos numa careta permanente. Os cabelos ruivos desciam pela testa, encobrindo os olhos.

— É uma beleza, não? — comentou o inspetor.

— Bem que está precisando de um banho — disse Holmes. — Imaginei isso, e vim preparado. — Abriu a maleta enquanto falava e, para minha surpresa, tirou uma esponja enorme.

— Ha, ha! O senhor é muito engraçado! — riu o inspetor.

— Agora, se tiver a bondade de abrir a porta sem fazer barulho, em poucos instantes ele será uma figura muito mais apresentável.

— Não vejo por que não — disse o inspetor. — Assim ele não merece as celas da rua Bow, não é mesmo?

Enfiou a chave na fechadura e entramos todos em silêncio. O homem adormecido mexeu-se na cama, mas continuou em sono profundo. Holmes aproximou-se da jarra de água, molhou a esponja e depois esfregou-a vigorosamente no rosto do prisioneiro.

— Deixem-me apresentar-lhes — exclamou — o sr. Neville St. Clair, de Lee, no condado de Kent.

Nunca em minha vida tinha visto um espetáculo assim. O rosto do homem descascou sob a esponja como se fosse uma casca de árvore. A cor parda desapareceu como por mágica. Sumiram, também, a horrível cicatriz que cruzava o rosto de alto a baixo e o lábio torcido que dera aquele aspecto repulsivo à sua fisionomia. Um puxão arrancou a cabeleira ruiva e ali, sentado na cama, estava um homem pálido, de expressão triste e aspecto refinado, com cabelos pretos e pele clara, esfregando os olhos e olhando em volta com espanto sonolento. Então, percebendo de repente que fora

descoberto, deu um grito e atirou-se na cama, escondendo o rosto no travesseiro.

— Meu Deus! — exclamou o inspetor. — É realmente o homem desaparecido. Eu o reconheci pela fotografia.

O prisioneiro virou-se com a expressão conformada de um homem que se entrega a seu destino.

— Que assim seja — disse. — Por favor, diga-me, de que sou acusado?

— De ter eliminado o sr. Neville St.... Ora, vamos lá, não pode ser acusado disso, a não ser que o acusem de tentativa de suicídio — disse o inspetor, sorrindo. — Vinte e sete anos servindo na polícia e nunca vi coisa igual.

— Se eu sou o sr. Neville St. Clair, então é óbvio que não houve crime nenhum e, portanto, estou detido ilegalmente.

— Nenhum crime, mas um grande erro foi cometido — interrompeu Holmes. — Teria sido melhor se tivesse confiado em sua esposa.

— Não era minha esposa, eram as crianças — gemeu o prisioneiro. — Deus me perdoe, não queria que se envergonhassem do pai. Meu Deus! Que vergonha! O que posso fazer?

Sherlock Holmes sentou-se ao lado dele na cama e deu-lhe uma pancadinha amigável no ombro.

— Se deixar que o assunto seja esclarecido no tribunal — disse —, claro que não poderá evitar a publicidade. Por outro lado, se conseguir convencer as autoridades policiais de que não há realmente motivo para acusá-lo de coisa alguma, não vejo por que será necessário que os detalhes saiam nos jornais. Estou certo de que o inspetor Bradstreet tomaria nota de tudo que quiser nos contar e apresentaria o relato às autoridades competentes. Assim o caso não precisaria chegar ao tribunal.

— Deus o abençoe! — exclamou o prisioneiro, emocionado. — Encararia a prisão, até mesmo a execução, para não deixar que meu miserável segredo fosse uma mácula de família para meus filhos.

“Vocês são os primeiros a ouvir a minha história. Meu pai era professor em Chesterfield, onde recebi excelente educação. Viajei quando jovem, ingressei no palco e finalmente me tornei repórter de um jornal vespertino de Londres. Um dia meu editor quis uma série de artigos sobre os mendigos da metrópole, e me prontifiquei a escrevê-los. Foi aí que começaram todas as minhas aventuras. Só mesmo me tornando um mendigo amador é que eu

poderia coletar os fatos em que se basearíam os artigos. Quando era ator, aprendi, é claro, todos os truques de maquiagem e fiquei famoso nos camarins pela minha perícia. Tirei partido agora dessa habilidade. Pintei o rosto e, para adquirir um aspecto ainda mais miserável, fiz uma cicatriz horrorosa e repuxei o lábio com um pedaço de esparadrapo cor de pele. Então, com uma cabeleira ruiva e roupas apropriadas, assumi meu posto na parte mais movimentada da cidade, ostensivamente como vendedor de fósforos, mas, na verdade, como mendigo. Durante sete horas exerci minha profissão, e quando voltei para casa à noite, vi, para minha surpresa, que recebera 26 xelins e quatro pence.

“Escrevi os artigos e não pensei mais no assunto até que, algum tempo depois, avalizei um título para um amigo que não pôde pagá-lo e fui intimado a saldar uma dívida de 25 libras. Fiquei desesperado, sem saber onde conseguir o dinheiro, mas tive uma ideia. Pedi ao credor um prazo de 15 dias para pagar, pedi férias ao meu patrão e passei esses dias mendigando na cidade com meu disfarce. Em dez dias consegui o dinheiro e paguei a dívida.

“Vocês podem imaginar como foi difícil voltar a trabalhar duramente por duas libras por semana quando sabia que podia ganhar o mesmo em um dia, bastando manchar o rosto com um pouco de tinta, deixar o boné no chão e ficar parado. Foi uma briga longa entre meu orgulho e o dinheiro, mas este ganhou no final e abandonei a reportagem para ficar dia após dia na esquina que escolhera no início, inspirando piedade com meu rosto horrendo e enchendo os bolsos de moedas. Só um homem sabia o meu segredo. Era o gerente de um antro em que me hospedava em Swandam Lane, de onde eu saía todas as manhãs como mendigo esquálido e à tarde me transformava em homem elegante. Esse sujeito, um eurasiano, era muito bem pago pelos quartos que me alugava, de modo que eu sabia que meu segredo seria bem guardado.

“Bem, em pouco tempo vi que estava economizando quantias consideráveis. Não quero dizer que qualquer mendigo nas ruas de Londres possa fazer setecentas libras por ano, o que é menos do que faço, em média, mas eu tinha vantagens excepcionais pela minha habilidade em me maquiar e pela facilidade com que dava respostas rápidas e espirituosas aos ditos que me lançavam, e isso foi melhorando com a prática até que me tornei um personagem conhecido na cidade. O dia todo jogavam moedas em meu

boné, algumas até de prata, e era muito raro não fazer pelo menos duas libras por dia.

“À medida que enriquecia, ficava mais ambicioso, comprei uma casa nos subúrbios e finalmente me casei, sem que ninguém suspeitasse qual era a minha verdadeira profissão. Minha querida esposa sabia que eu tinha negócios na cidade. Mas não sabia qual era o tipo de negócio.

“Segunda-feira passada eu terminara meu trabalho e estava me vestindo em meu quarto, no segundo andar do antro de ópio, quando olhei pela janela e vi, para minha surpresa e horror, minha esposa na rua, olhando para mim. Dei um grito de espanto, ergui os braços para esconder o rosto e, correndo para meu confidente, o eurasiano, supliquei que não deixasse ninguém subir até o quarto. Ouvi a voz dela lá embaixo, mas sabia que não poderia subir. Rapidamente, arranquei as roupas, vesti o traje de mendigo, pintei o rosto e coloquei a cabeleira. Nem mesmo os olhos de uma esposa poderiam perceber que era um disfarce. Mas então me ocorreu que poderia haver uma busca no quarto e as roupas iriam me trair. Escancarei a janela e com o movimento reabri um pequeno corte que dera na mão aquela manhã. Agarrei o casaco, pesado por causa das moedas que tirara da sacola de couro onde as carregava e colocara nos bolsos. Atirei-o pela janela, e o vi desaparecer no rio. Ia jogar as outras roupas, mas naquele instante os policiais subiram as escadas correndo e pouco depois, para meu grande alívio, devo confessar, em vez de ser identificado como o sr. Neville St. Clair, estava sendo preso como seu assassino.

“Acho que não há mais nada a explicar. Estava decidido a preservar meu disfarce o máximo possível, e por isso preferi ficar com o rosto sujo. Sabendo que minha esposa ia ficar tremendamente ansiosa, tirei meu anel de sinete e o entreguei ao eurasiano numa hora em que nenhum policial estava olhando, e também um bilhete apressado, dizendo a ela que não tivesse medo.”

— Esse bilhete só chegou às mãos dela hoje — disse Holmes.

— Meu Deus! Que semana ela deve ter passado!

— A polícia vem observando esse eurasiano — disse o inspetor Bradstreet — e ele deve ter achado difícil pôr uma carta no correio sem ser visto. Provavelmente entregou-a a algum marinheiro seu freguês, que esqueceu completamente por alguns dias.

— Foi isso que aconteceu — disse Holmes, balançando a cabeça em sinal de aprovação. — Não tenho dúvida nenhuma. Mas nunca foi processado por mendigar?

— Muitas vezes. Mas o que era uma multa para mim!

— Tem de parar com isso agora — disse Bradstreet. — Se quer que a polícia abafe esse caso, Hugh Boone deve deixar de existir.

— Juro por tudo que há de mais valioso para um homem.

— Nesse caso, acho provável que não se tome nenhuma medida. Mas se for encontrado mendigando novamente, tudo virá à tona. Na verdade, sr. Holmes, estamos todos muito gratos ao senhor por ter esclarecido este assunto. Gostaria de saber como chega às suas conclusões.

— Cheguei a essa conclusão — respondeu meu amigo — sentado em cinco almofadas e consumindo uma bolsa cheia de fumo de cachimbo. Eu acho, Watson, que se formos para a Baker Street vamos chegar a tempo de tomar o café da manhã.

A PEDRA AZUL

VISITEI MEU AMIGO SHERLOCK HOLMES NA SEGUNDA MANHÃ depois do Natal, com a intenção de desejar-lhe as felicidades costumeiras. Ele estava descansando no sofá, envolto em um roupão roxo, com um suporte de cachimbos à sua direita e uma pilha de jornais da manhã, evidentemente lidos pouco antes, perto da mão esquerda. Ao lado do sofá havia uma cadeira sem braços, nas costas da qual estava pendurado um chapéu de feltro duro, gasto e puído, incrivelmente surrado, rasgado em vários lugares. Uma lente e uma pinça no assento da cadeira sugeriam que haviam sido usados para segurar o chapéu e examiná-lo.

— Você está ocupado — eu disse. — Talvez eu o esteja interrompendo.

— De maneira alguma. Estou contente de ter um amigo com quem posso discutir minhas conclusões. O assunto é absolutamente trivial — apontou para o chapéu velho —, mas há certos pontos ligados a ele que não são tão desprovidos de interesse nem mesmo de sabedoria.

Sentei-me em uma poltrona e aqueci as mãos diante do fogo crepitante, pois caíra uma geada e as janelas estavam cobertas de cristais de gelo.

— Suponho — observei — que, apesar de sua aparência modesta, este chapéu está ligado a alguma história fatal e que é a pista que irá orientá-lo na solução de algum mistério e na punição de algum crime.

— Não, não — respondeu Sherlock Holmes, rindo. — É apenas um desses pequenos incidentes excêntricos que ocorrem quando há quatro milhões de pessoas se empurrando no espaço de alguns quilômetros quadrados. Entre as ações e reações de uma multidão tão compacta podem ocorrer todas as combinações possíveis de acontecimentos, e surgirão

muitos probleminhas que podem ser extraordinários e bizarros sem ser criminosos. Já tivemos experiências assim.

— Tantas — comentei — que dos últimos seis casos que acrescentei às minhas anotações, três não envolviam nenhum tipo de crime.

— Exatamente. Você faz alusão à minha tentativa de recuperar os papéis de Irene Adler, ao caso singular da srta. Mary Sutherland, e à aventura do homem de lábio torcido. Ora, não tenho dúvida de que este assunto se enquadra na mesma categoria inocente. Você conhece Peterson, o porteiro?

— Sim.

— Este troféu pertence a ele.

— O chapéu é dele.

— Não, não, ele o encontrou. Não sabemos quem é o dono. Peço-lhe que o observe, não como um chapéu maltratado, mas como um problema intelectual. Primeiro, deixe-me dizer-lhe como veio parar aqui. Chegou na manhã de Natal, juntamente com um gordo ganso que neste momento, não tenho a menor dúvida, está assando no fogão de Peterson. Os fatos são os seguintes: por volta das quatro horas do dia de Natal, Peterson, que, como você sabe, é um camarada muito honesto, voltava para casa de alguma comemoração, seguindo pela Tottenham Court Road. À sua frente ele viu, à luz das lâmpadas de gás, um homem alto, cambaleando ligeiramente, e carregando um ganso branco jogado sobre o ombro. Quando chegou à esquina da Goodge Street, começou uma briga entre esse estranho e um grupinho de desordeiros. Um destes derrubou o chapéu do homem, que ergueu a bengala para se defender e, girando-a acima da cabeça, quebrou a vitrina atrás dele. Peterson havia corrido para proteger o estranho de seus assaltantes, mas o homem, chocado ao ver que quebrara a vitrina e vendo uma pessoa de uniforme, que parecia um policial vindo em sua direção, deixou cair o ganso e saiu correndo, desaparecendo no labirinto de ruas estreitas atrás da Tottenham Court Road. Os desordeiros também fugiram quando Peterson chegou, de modo que ficou com a posse do campo de batalha e também dos despojos da vitória, isto é, este chapéu surrado e um ganso de Natal impecável.

— Que, evidentemente, devolveu ao legítimo dono?

— Meu caro amigo, aí está o problema. É verdade que havia um pequeno cartão amarrado à perna esquerda da ave com a inscrição “Para a sra. Henry Baker”, e também é verdade que as iniciais “H.B.” eram bem legíveis no

forro do chapéu. Mas há milhares de Bakers e centenas de Henry Bakers nesta cidade, e não é nada fácil devolver algo perdido a algum deles.

— Então, o que foi que Peterson fez?

— Trouxe tanto o chapéu quanto o ganso para mim na manhã de Natal, sabendo que até o mais insignificante problema me interessa. Guardamos o ganso até hoje de manhã, quando ficou evidente que, apesar do tempo frio, seria melhor comê-lo sem demora. Seu descobridor o levou, então, para cumprir o destino final de qualquer ganso, enquanto eu continuei com o chapéu do cavalheiro desconhecido que perdeu seu jantar de Natal.

— Não pôs um anúncio nos jornais?

— Não.

— Então, que pista você pode ter quanto à sua identidade?

— Só o que pudermos deduzir.

— Do chapéu?

— Exatamente.

— Mas está brincando. O que pode deduzir desse velho chapéu de feltro?

— Aqui está minha lente. Conhece meus métodos. O que pode perceber da personalidade do homem que usou este objeto?

Peguei o chapéu e virei-o de todos os lados. Era um chapéu preto do feitio comum, arredondado, e extremamente gasto. O forro era de seda vermelha, mas estava muito desbotado. Não havia marca do fabricante; mas, como Holmes comentara, as iniciais “H.B.” estavam rabiscadas em um lado. A aba estava furada para a inserção de um elástico para prender sob o queixo, mas não havia elástico nenhum. De resto, estava rasgado, extremamente empoeirado e manchado em diversos lugares, embora parecesse que tinham sido feitas algumas tentativas de esconder as manchas com tinta de escrever.

— Não consigo ver nada — disse, devolvendo-o a meu amigo.

— Pelo contrário, Watson, você pode ver tudo, mas você não raciocina a partir do que vê. É tímido demais em tirar suas conclusões.

— Então, por favor, diga-me, o que você deduz desse chapéu?

Pegou-o e olhou-o daquela sua maneira introspectiva.

— Talvez seja menos sugestivo do que poderia ser — comentou —, mas, mesmo assim, há algumas deduções que são muito claras e outras que representam pelo menos uma grande probabilidade. É óbvio que o homem era um intelectual e também que estava muito bem de vida nos últimos três

anos, embora atualmente esteja passando por dificuldades. Era um homem previdente, mas hoje não é tanto, demonstrando uma regressão moral que, combinada com a decadência financeira, parece indicar alguma má influência, provavelmente a bebida, agindo sobre ele. Isso talvez explique também o fato óbvio de que sua mulher não mais o ama.

— Meu caro Holmes!

— Entretanto, ele conserva um certo grau de dignidade — continuou, ignorando minha exclamação. — É um homem de vida sedentária, sai muito pouco, está inteiramente fora de forma, é de meia-idade, tem cabelos grisalhos que cortou há poucos dias e que trata com loção de extrato de limão. Estes são os fatos mais evidentes que se pode deduzir a partir desse chapéu. A propósito, também é muito pouco provável que haja gás encanado em sua casa.

— Você deve estar brincando, Holmes.

— De jeito nenhum. Será possível que mesmo agora, depois de eu lhe apresentar essas conclusões, você não consiga ver como cheguei a elas?

— Estou convencido de que sou muito burro, mas tenho de confessar que não consigo acompanhar seu raciocínio. Por exemplo, como deduziu que esse homem era um intelectual?

Como resposta, Holmes pôs o chapéu na cabeça. Ele cobriu inteiramente a testa e se apoiou no osso do nariz.

— É uma questão de capacidade cúbica — explicou. — Um homem com um crânio desse tamanho deve ter alguma coisa dentro.

— E a decadência financeira?

— Este chapéu tem três anos. Foi nessa época que lançaram esse modelo de abas retas, com as bordas ligeiramente arrebitadas. É um chapéu de ótima qualidade. Olhe essa fita de gorgorão e o forro de excelente qualidade. Se esse homem pôde comprar um chapéu tão caro há três anos e não comprou um novo desde então, sem dúvida seu nível de vida piorou muito.

— Bem, isso está claro. Mas quanto a ser previdente, e a regressão moral?

Sherlock Holmes riu.

— É previdente por causa disso — explicou, pondo o dedo no pequeno disco com uma alça que serve para segurar um elástico. — Isso nunca vem com o chapéu. Se ele encomendou um elástico, é sinal de que é um homem

previdente, que estava tomando precauções contra o vento. Mas como vemos que o elástico arrebentou e não foi substituído, é óbvio que é menos previdente agora do que quando comprou o chapéu, o que é prova de enfraquecimento de sua personalidade. Por outro lado, tentou esconder algumas dessas manchas no feltro cobrindo-as com tinta de escrever, o que é sinal de que ainda não perdeu totalmente a dignidade.

— Seu raciocínio sem dúvida é plausível.

— Os outros pontos, de que é de meia-idade, que seu cabelo é grisalho e foi recentemente cortado e que usa loção de extrato de limão podem ser deduzidos a partir de um exame minucioso da parte inferior do forro. A lente mostra uma porção de pontas de cabelo, evidentemente cortadas por tesoura. Alguma coisa as fez aderir ao forro, e há um cheiro característico de limão. A poeira, observe bem, não é a poeira cinzenta e áspera das ruas, e sim a poeira parda e fofa de dentro de casa, mostrando que o chapéu fica pendurado em casa a maior parte do tempo. As marcas de umidade no interior são uma prova conclusiva de que o dono suava em profusão e, portanto, não estava na sua melhor forma física.

— Mas a mulher dele... você disse que ela não o amava mais.

— Este chapéu não é escovado há semanas. Quando eu vir você, meu caro Watson, com uma semana de poeira acumulada em seu chapéu e sua esposa deixar você sair assim, acharei também que você teve a infelicidade de perder o amor de sua esposa.

— Mas ele podia ser solteiro.

— Não, pois estava levando o ganso para casa para oferecer à mulher. Lembre-se do cartão preso à perna do ganso.

— Você tem resposta para tudo. Mas como pôde deduzir que não há gás encanado na casa dele?

— Uma mancha de cera, ou mesmo duas, pode ser por acaso; mas quando vejo nada menos que cinco, acho que não pode haver a menor dúvida de que esse indivíduo está em contato frequente com cera quente. Provavelmente sobe as escadas à noite com o chapéu em uma das mãos e uma vela acesa na outra. De qualquer modo, não poderia nunca arranjar manchas de cera com uma iluminação a gás. Está satisfeito?

— Bem, é muito engenhoso — eu disse, rindo —, mas como você disse que não houve nenhum crime e nada de mal aconteceu, a não ser a perda de um ganso, tudo isso me parece um desperdício de energia.

Sherlock Holmes abrira a boca para responder quando a porta foi escancarada e Peterson, o porteiro, entrou correndo na sala com o rosto vermelho e a expressão de um homem completamente perplexo.

— O ganso, sr. Holmes! O ganso! — exclamou.

— Ei! O que aconteceu com ele? Ressuscitou e voou pela janela da cozinha? — Holmes mudou de posição no sofá para ver melhor o rosto excitado do homem.

— Olhe aqui, senhor! Veja o que minha mulher encontrou no papo dele. — Estendeu a mão, mostrando na palma uma pedra azul que cintilava, pouco menor que um grão de feijão, mas tão pura e resplandecente que brilhava como um ponto de luz na concavidade escura de sua palma.

Sherlock Holmes endireitou o corpo com um assobio.

— Por Deus, Peterson — disse —, isto é um tesouro, realmente! Sabe o que tem na mão?

— Um brilhante, senhor! Uma pedra preciosa! Corta vidro como se fosse papelão.

— É mais do que uma pedra preciosa. É *a* pedra preciosa.

— Não está dizendo que é a pedra azul da condessa de Morcar! — exclamei.

— Exatamente. Conheço o feitio e o tamanho porque li o anúncio que colocaram no *The Times* nos últimos dias. É única e de valor inestimável, mas a recompensa oferecida, de mil libras, sem dúvida não representa nem a vigésima parte de seu valor de mercado.

— Mil libras! Nossa Senhora da Misericórdia! — O porteiro caiu sentado em uma cadeira e olhou assombrado de um para o outro.

— Essa é a recompensa, e tenho motivos para supor que há aspectos sentimentais que levariam a condessa a se desfazer de metade de sua fortuna para recuperar a pedra.

— Desapareceu, se me lembro bem, no Hotel Cosmopolitan — comentei.

— Exatamente, no dia 22 de dezembro, cinco dias atrás. John Horner, um bombeiro, foi acusado de tê-la roubado da caixa de joias da senhora. A evidência contra ele era tão forte que o caso foi encaminhado ao tribunal. Creio que tenho um artigo sobre isso aqui. — Remexeu na pilha de jornais olhando as datas, finalmente puxou um, dobrou-o e leu o seguinte:

Roubo de Joia no Hotel Cosmopolitan. John Horner, de 26 anos, bombeiro, foi acusado de ter, no dia 22 do corrente mês, roubado do estojo de joias da condessa de Morcar a valiosa gema conhecida como a pedra azul. James Ryder, que trabalha na portaria do hotel, testemunhou que levara Horner ao quarto de vestir da condessa de Morcar no dia do roubo, a fim de que ele soldasse a segunda barra da grade, que estava solta. Ele ficou com Horner durante algum tempo, mas acabou sendo chamado e saiu. Ao voltar, viu que Horner desaparecera, que a cômoda fora arrombada e que o pequeno estojo de couro, no qual, como se soube depois, a condessa costumava guardar a joia, estava vazio em cima da penteadeira. Ryder deu o alarme imediatamente e Horner foi preso na mesma noite, mas não encontraram a pedra nem com ele, nem no lugar onde morava. Catherine Cusack, empregada da condessa, disse em seu depoimento que ouviu o grito de espanto de Ryder ao descobrir o roubo e correu para o quarto de vestir, onde encontrou a cena conforme foi descrita pela última testemunha. O inspetor Bradstreet, da Divisão B, depôs sobre a prisão de Horner, que se debateu furiosamente e protestou inocência em termos violentos. Como o prisioneiro já fora condenado de antemão por roubo, o magistrado se recusou sumariamente a tratar do crime e encaminhou a ação à corte superior. O prisioneiro, que mostrara sinais de intensa emoção durante o processo, desmaiou ao ouvir a conclusão e foi carregado para fora.

— Hum! Chega do que aconteceu no Tribunal — disse Holmes, pensativo, deixando de lado o jornal. — O que temos de esclarecer agora é a sequência de acontecimentos que vão de um estojo de joias roubado ao papo de um ganso na Tottenham Court Road. Observe bem, Watson, que nossas pequenas deduções assumiram de repente um aspecto muito mais importante e muito menos inocente. Aqui está a pedra; a pedra veio do ganso, e o ganso veio do sr. Henry Baker, o cavalheiro com o velho chapéu e todas as outras características com as quais tanto enchi sua paciência. De modo que agora precisamos nos empenhar seriamente em encontrar esse cavalheiro e verificar qual foi o papel dele nesse mistério. Para isso, devemos tentar primeiro o meio mais simples, e este, sem dúvida alguma,

consiste em publicar um anúncio em todos os jornais vespertinos. Se isso falhar, terei de recorrer a outros meios.

— O que vai dizer?

Dê-me um lápis e aquele pedaço de papel. Bem, vejamos:

> *Encontrados na esquina da rua Goodge um ganso e um chapéu de feltro preto. O sr. Henry Baker pode reaver os dois apresentando-se às 18h30, esta noite, na Baker Street, no 221B.*

Está bem claro e conciso.

— Muito. Mas será que ele vai ver esse anúncio?

— Bem, sem dúvida vai ficar de olho nos jornais, já que, para um homem pobre, a perda foi grande. Evidentemente, ele ficou tão amedrontado por ter quebrado a vitrina e pelo aparecimento de Peterson que só pensou em fugir. Mas depois deve ter se arrependido amargamente do impulso que o fez deixar cair a ave. Além disso, a menção de seu nome fará com que ele veja o anúncio, pois todas as pessoas que o conhecem vão chamar sua atenção. Aqui está, Peterson, vá depressa à agência e mande botar isso nos jornais da noite.

— Quais, senhor?

— Oh, no *Globe*, *Star*, *Pall Mall*, *St. James Gazette*, *Evening News*, *Standard*, *Echo*, e qualquer outro de que você se lembre.

— Sim, senhor. E a pedra?

— Ah, sim, vou ficar com a pedra. Obrigado. E olhe aqui, Peterson, compre um ganso na volta e deixe aqui comigo, pois precisamos de um ganso para devolver a esse cavalheiro, em lugar daquele que sua família está devorando neste momento.

Quando o porteiro saiu, Holmes pegou a pedra e a segurou contra a luz.

— É realmente linda — disse. — Olhe só como brilha e cintila. Claro que é um núcleo e foco de crime. Todas as boas pedras são. Elas são as iscas preferidas do diabo. Nas pedras maiores e mais antigas, cada faceta deve representar um feito sangrento. Esta pedra não tem ainda vinte anos. Foi encontrada nas margens do rio Amoy, no sul da China, e tem todas as características do rubi, exceto o fato de que é azul em vez de vermelho. Apesar de ser nova, esta pedra já tem uma história sinistra. Houve dois assassinatos, um episódio com ácido sulfúrico, um suicídio e vários roubos,

tudo por causa desses poucos gramas de carbono cristalizado. Quem poderia imaginar que um brinquedo tão lindo seria o caminho da forca e da prisão? Vou trancá-lo em meu cofre e mandar um bilhete à condessa dizendo que está em meu poder.

— Você acha que o Horner é inocente?

— Não sei ainda.

— Bem, então acha que o outro, o Henry Baker, tem alguma coisa a ver com esse negócio?

— Acho muito mais provável que Henry Baker seja completamente inocente e não tivesse a menor idéia de que a ave que carregava valesse muito mais do que se fosse feita de ouro maciço. Mas isso eu vou verificar por meio de um teste muito simples, se tivermos uma resposta ao nosso anúncio.

— E não pode fazer nada até lá?

— Nada.

— Nesse caso, vou continuar minhas visitas profissionais. Mas voltarei à noite, na hora que você mencionou, pois gostaria de ver a solução dessa história tão confusa.

— Será um prazer tê-lo aqui. O jantar será às 19 horas. Creio que é uma galinha-d'angola. Por falar nisso, considerando o que aconteceu, acho melhor mandar a sra. Hudson examinar seu papo.

Atrasei-me com um paciente e já passava das 18h30 quando voltei à Baker Street. Ao me aproximar da casa, vi um homem alto, de boné escocês, com um casaco abotoado até o queixo esperando diante da porta, no semicírculo de luz lançado através da claraboia. No momento em que eu chegava, a porta se abriu e subimos juntos para os aposentos de Holmes.

— Sr. Henry Baker, sem dúvida — disse ele, levantando-se da poltrona e recebendo o visitante com grande cordialidade. — Sente-se aqui, perto da lareira, sr. Baker. A noite está muito fria e estou vendo que sua circulação está mais habituada ao verão que ao inverno. Ah, Watson, você chegou bem na hora. Esse chapéu é seu, sr. Baker?

— Sim, senhor, sem dúvida nenhuma.

Era um homem grande, de ombros arredondados, cabeça maciça e um rosto largo, inteligente, que terminava em uma barba pontuda castanha entremeada de fios grisalhos. O nariz e as faces um pouco vermelhos e um ligeiro tremor na mão estendida lembraram-me as deduções de Holmes

sobre seus hábitos. O casaco preto russo estava abotoado até em cima, com a gola virada, e os pulsos magros saíam das mangas sem sinal de camisa. Falava em voz baixa, abruptamente, escolhendo com cuidado as palavras, e dava a impressão geral de um homem instruído, culto, que fora maltratado nas mãos da deusa da fortuna.

— Guardamos essas coisas por alguns dias — disse Holmes — porque esperávamos ver um anúncio seu dando o endereço. Não compreendo por que o senhor não publicou um anúncio.

Nosso visitante deu uma risadinha envergonhada.

— O dinheiro anda um pouco escasso esses dias, não é como antigamente — comentou. — Estava certo de que o grupo de desordeiros que me atacou tinha levado tanto meu chapéu quanto o ganso. Não quis gastar mais dinheiro ainda numa tentativa infrutífera de recuperá-los.

— Muito natural. Por falar nisso, quanto ao ganso... fomos obrigados a comê-lo.

— Comê-lo! — Nosso visitante chegou a erguer-se da cadeira, muito excitado.

— Sim. Se não fizéssemos isso, ele não teria servido para ninguém. Mas acho que esse outro ganso, que está sobre o aparador, que tem mais ou menos o mesmo peso e está muito fresco, servirá da mesma forma.

— Oh, certamente, certamente! — respondeu logo o sr. Baker, com um suspiro de alívio.

— É claro que ainda temos as penas, as pernas, o papo etc. etc. de seu ganso, se o senhor quiser...

O homem deu uma gargalhada.

— Poderiam servir como relíquias da minha aventura — disse alegremente —, mas, fora isso, não vejo em que os *disjecta membra* do finado me possam ser úteis. Não, senhor, acho que, com sua permissão, darei toda minha atenção à excelente ave que vejo em seu aparador.

Sherlock Holmes lançou-me um olhar significativo, encolheu os ombros.

— Aí está o seu chapéu, então, e ali está o seu ganso — disse. — Por falar nisso, poderia me dizer onde adquiriu o outro ganso? Gosto imensamente de aves e poucas vezes vi um ganso tão bom.

— Claro, senhor — disse Baker, que havia se levantado e segurava a ave debaixo do braço. — Temos um pequeno grupo que frequenta a Alpha Inn, perto do Museu... trabalhamos no Museu, o senhor entende. Este ano nosso

anfitrião, que se chama Windigate, criou um clube do ganso. Mediante o pagamento de alguns pences todas as semanas, receberíamos um ganso na época de Natal. Peguei meus pences, e o resto o senhor já sabe. Estou muito grato ao senhor, porque um boné escocês não combina nem com a minha idade nem com a minha personalidade. — Cumprimentou-nos de modo solene, com um ar comicamente pomposo, e saiu.

— Isso basta para o sr. Henry Baker — disse Holmes, quando a porta se fechou atrás dele. — É evidente que não sabe nada desse assunto. Está com fome, Watson?

— Não muita.

— Então sugiro que adiemos o jantar para uma ceia e sigamos essa pista enquanto está quente.

— Concordo plenamente.

A noite estava terrível, de modo que saímos com sobretudos pesados e echarpes de lã enroladas no pescoço. Lá fora as estrelas brilhavam, gélidas, em um céu sem nuvens e a respiração dos transeuntes explodia em fumaça no ar como tiros de pistola. Nossos passos ressoavam quando passamos pelo quarteirão dos médicos, Wimpole Street, Harley Street e, cruzando a Wigmore Street, entramos na Oxford Street. Em 15 minutos chegamos a Bloomsbury, ao Alpha Inn, que é um pequeno restaurante na esquina de uma das ruas que levam a Holborn. Holmes abriu a porta do bar e pediu dois copos de cerveja ao dono de rosto vermelho e avental branco.

— Sua cerveja deve ser excelente, se for igual aos seus gansos — comentou.

— Meus gansos! — O homem parecia surpreso.

— Sim. Eu estava conversando há menos de meia hora com o sr. Henry Baker, que é sócio de seu clube de gansos.

— Ah! Sim, compreendo. Mas, senhor, os gansos não são meus.

— Ah, não? Então de quem são?

— Bem, comprei as duas dúzias de um vendedor em Covent Garden.

— Ah, sim? Conheço alguns deles. Qual foi?

— O nome dele é Breckinridge.

— Ah! Não o conheço. Bem, bebamos à sua saúde e prosperidade. Boa noite.

“Agora vamos procurar o sr. Breckinridge”, continuou, abotoando o sobretudo quando saímos no ar gelado. “Lembre-se, Watson, que, embora

tenhamos um simples ganso em uma extremidade dessa cadeia, na outra temos um homem que certamente será condenado a sete anos de trabalhos forçados se não conseguirmos provar sua inocência. É possível que nossas investigações só consigam confirmar sua culpa. Mas, seja como for, estamos seguindo uma pista que a polícia não descobriu e que caiu em nossas mãos por acaso. Vamos segui-la até o fim. Em direção ao sul e vamos depressa.”

Atravessamos Holborn, descemos a Endell Street e passamos por uma série de cortiços até chegarmos ao mercado de Covent Garden. Uma das maiores bancas exibia o nome de Breckinridge, e o proprietário, um homem com cara de cavalo, de expressão severa e costeletas aparadas, estava ajudando um rapazola a fechar as portas de aço.

— Boa noite — disse Holmes. — Está fazendo muito frio, não?

O proprietário concordou com a cabeça e lançou um olhar interrogativo a meu companheiro.

— Vendeu todos os gansos, pelo que vejo — continuou Holmes, apontando para o balcão vazio.

— Posso lhe vender quinhentos amanhã de manhã.

— Amanhã não serve.

— Bem, tem alguns ali naquela outra banca.

— Ah, mas o senhor me foi recomendado.

— Por quem?

— O proprietário do Alpha.

— Ah, sim. Vendi duas dúzias para ele.

— Eram lindas aquelas aves. Onde foi que as adquiriu?

Para meu espanto, essa pergunta enfureceu o homem.

— Espere aí, cavalheiro — respondeu, com a cabeça de lado e as mãos nos quadris —, onde é que quer chegar? Diga logo a verdade.

— Estou falando a verdade. Só queria saber onde o senhor comprou os gansos que vendeu ao Alpha.

— Muito bem, não vou lhe dizer. E agora?

— Ora, não tem importância. Mas não sei por que ficou tão zangado com uma coisa tão insignificante.

— Zangado! O senhor ficaria zangado também se estivesse em meu lugar e fosse tão amolado por tanta gente. Pago muito bem para ter um artigo bom, e isso devia ser o final da história, mas só ouço: “Onde estão os

gansos?” e “A quem você vendeu os gansos?” e “Quanto quer por esses gansos?” Até parece que são os únicos gansos do mundo inteiro, com o rebuliço que estão fazendo por causa desses gansos.

— Não tenho nada a ver com outras pessoas que tenham vindo aqui fazer perguntas — disse Holmes despreocupadamente. — Se não quer nos dizer, então não há mais aposta, é só isso. Mas estou sempre pronto a apostar em questão de aves, e apostei cinco libras que a ave que comi foi criada no campo.

— Então perdeu suas cinco libras, porque foi criada na cidade — afirmou o proprietário.

— De maneira nenhuma.

— Estou dizendo que foi.

— Não acredito.

— Pensa que sabe mais do que eu sobre aves, eu, que lido com elas desde que era garoto? Estou lhe dizendo que todos os gansos que foram para o Alpha foram criados na cidade.

— Nunca vai me convencer disso.

— Quer apostar?

— E estaria tirando o seu dinheiro, pois tenho certeza absoluta do que estou dizendo. Mas aposto uma libra de ouro, só para lhe ensinar a não ser tão teimoso.

O proprietário deu um sorriso satisfeito.

— Traga os livros, Bill — disse para o garoto.

O rapazola trouxe um caderno fino e um livro grande e gorduroso, e colocou-os, um ao lado do outro, sob a lâmpada que pendia do teto.

— E agora, sr. Sabe-tudo — disse o homem —, pensei que não tinha mais nenhum ganso, mas, quando terminarmos, vai descobrir que ainda tem um aqui.[7] Está vendo este caderno?

— Sim.

— Esta é a lista das pessoas de quem compro gansos. Está vendo? Bem, nesta página estão os criadores do campo e os números depois dos nomes indicam onde estão as contas deles no livro grande. Então, vamos ver! Está vendo esta outra página em tinta vermelha? Esta é a lista dos meus fornecedores da cidade. Agora olhe o terceiro nome. Leia alto para mim.

— “Sra. Oakshott, 117 Brixton Road, 249” — leu Holmes.

— Exatamente. Agora olhe no livro grande.

Holmes virou até a página indicada.

— Aqui está, “sra. Oakshott, 117 Brixton Road, fornecedora de ovos e aves”.

— E agora, qual foi o último item?

— “22 de dezembro. Vinte e quatro gansos a sete xelins e seis pence.”

— Muito bem. Aí está. E o que diz depois?

— “Vendidos ao sr. Windigate do Alpha a 12 xelins.”

— E o que tem a dizer agora, hein?

Sherlock Holmes fez uma cara profundamente decepcionada. Tirou uma libra de ouro do bolso e atirou-a no balcão, virando-se para ir embora como um homem que estivesse desgostoso demais para dizer qualquer coisa. Alguns metros adiante, parou ao lado de um poste de luz e deu uma boa gargalhada silenciosa, que era o seu jeito habitual.

— Quando você vir um homem com costeletas parecidas com aquelas e um talão de apostas no bolso, pode ter certeza de que conseguirá extrair alguma coisa por meio de uma aposta. Acho que se eu tivesse posto cem libras na frente dele, aquele homem não me teria dado tantas informações como consegui dando-lhe a impressão de que estava apostando comigo. Bem, Watson, acho que estamos chegando ao fim de nossa investigação e minha única dúvida é se devemos ir ver essa tal sra. Oakshott agora ou se devemos deixar para amanhã. É evidente, pelo que disse aquele homem, que há várias pessoas, além de nós, interessadas nesse assunto, e...

Suas palavras foram subitamente interrompidas por uma barulheira na banca que acabávamos de deixar. Quando nos viramos, vimos um sujeito miúdo, de feições de fuinha, no meio de um círculo de luz amarela lançado pela lâmpada do teto, enquanto Breckinridge, o proprietário, na entrada de sua banca, sacudia os punhos com fúria.

— Já basta de você e seus malditos gansos — berrou. — Vocês que vão para o diabo. Se você vier me amolar com essa conversa idiota, vou botar o cachorro atrás de você. Traga a sra. Oakshott aqui e eu respondo o que ela quiser, mas o que é que você tem a ver com isso? Por acaso comprei os gansos de você?

— Não, mas um deles era meu — resmungou o homenzinho.

— Então vá perguntar à sra. Oakshott.

— Ela me disse para perguntar ao senhor.

— Então vá perguntar ao rei da Prússia e não me amole. Não aguento mais! Vá embora! — Ele avançou, furioso, e o homenzinho saiu correndo e desapareceu na escuridão.

— Ah, isso vai nos poupar uma visita à Brixton Street — murmurou Holmes. — Venha comigo e veremos o que esse camarada tem a dizer.

Passando entre os grupos que rodeavam as bancas, meu companheiro alcançou rapidamente o homenzinho e bateu no seu ombro. Ele virou-se para nós, assustado, e vi à luz das lâmpadas a gás que o sangue fugira de seu rosto.

— Quem é o senhor? O que quer de mim? — balbuciou.

— Peço-lhe perdão — disse Holmes em voz branda —, mas não pude deixar de ouvir as perguntas que estava fazendo ao proprietário daquela banca. Acho que posso ajudá-lo.

— O senhor? Quem é o senhor? Como pode saber alguma coisa sobre este assunto?

— Meu nome é Sherlock Holmes. A minha profissão é saber o que os outros não sabem.

— Mas como pode saber alguma coisa sobre isso?

— Perdão, sei tudo. Está procurando descobrir o paradeiro de uns gansos que foram vendidos pela sra. Oakshott, da Brixton Street, a um homem chamado Breckinridge, e por ele ao sr. Windigate, do Alpha, e por este último a seu clube, do qual o sr. Henry Baker é sócio.

— Ah, era exatamente o senhor que eu procurava! — exclamou o homenzinho, estendendo as mãos trêmulas. — Mal posso encontrar palavras para explicar o quanto estou interessado neste assunto.

Sherlock Holmes fez sinal para uma carruagem que passava.

— Nesse caso, é melhor conversarmos em uma sala aconchegante e não neste mercado varrido pelo vento — disse. — Mas antes, por favor, diga-me quem tenho o prazer de ajudar.

O homem hesitou um instante.

— Meu nome é John Robinson — respondeu, olhando-o de soslaio.

— Não, não, seu nome verdadeiro — disse Holmes gentilmente. — É sempre incômodo fazer qualquer negócio com um nome falso.

O rosto branco do estranho enrubesceu.

— Bem — disse —, meu nome verdadeiro é James Ryder.

— Exatamente. Trabalha na portaria do Hotel Cosmopolitan. Tenha a bondade de entrar nesse carro e daqui a pouco vou contar-lhe tudo que quiser saber.

O homenzinho ficou olhando de um para o outro com uma expressão amedrontada, meio esperançosa, como quem não sabe se está na iminência de uma grande surpresa ou de uma catástrofe. Então, entrou no carro, e em meia hora estávamos de volta à sala da Baker Street. Nada fora dito durante a viagem, mas a respiração ofegante de nosso companheiro e as mãos que se entrelaçavam e se soltavam traíam a tensão nervosa que o dominava.

— Aqui estamos! — disse Holmes alegremente, quando entramos na sala. — O fogo está acolhedor, com um tempo desses. Parece que está com frio, sr. Ryder. Sente-se naquela cadeira. Vou só tirar os sapatos e calçar os chinelos antes de resolver seu problema. Então! Quer saber o que aconteceu com os gansos?

— Sim, senhor.

— Ou melhor, com aquele ganso. Estava interessado, se não me engano, em um ganso... branco, com uma barra preta na cauda.

Ryder estremeceu de emoção.

— Oh, senhor — exclamou —, pode me dizer o que aconteceu com ele?

— Veio para cá.

— Para cá?

— Sim, e mostrou que era uma ave realmente extraordinária. Não me espanto ao ver seu interesse por ele. Botou um ovo depois de morto, o ovinho azul mais lindo, mais brilhante que se possa imaginar. Guardei-o aqui em meu museu.

Nosso visitante ficou de pé, cambaleando, e agarrou-se no consolo da lareira com a mão direita. Holmes destrancou o cofre e estendeu a pedra azul, que cintilava como uma estrela, com um brilho frio, ofuscante, multifacetado. Ryder ficou olhando com o rosto contorcido, sem saber se devia reconhecê-la ou fingir ignorá-la.

— O jogo terminou, Ryder — disse Holmes calmamente. — Segure-se, homem, ou vai cair na lareira. Ajude-o a voltar para a cadeira, Watson. Ele não tem capacidade de praticar um crime impunemente. Dê-lhe um gole de conhaque. Agora sim! Agora está com um aspecto mais humano. Que verme ele é, realmente!

Por um instante Ryder estremecera e quase caíra, mas o conhaque trouxe o sangue de volta ao seu rosto, ele sentou-se, encarando seu acusador com olhos amedrontados.

— Tenho quase todos os elos da cadeia em minhas mãos, e todas as provas de que preciso, de modo que há muito pouca coisa que você possa me dizer. Entretanto, mesmo esse pouco deve ser esclarecido para completar o caso. Você já ouvira falar, Ryder, dessa pedra azul da condessa de Morcar?

— Foi Catherine Cusack que me falou dela — respondeu com voz rouca.

— Entendo. A criada da condessa. Bem, a tentação de uma grande riqueza adquirida com toda a facilidade foi demais para você, como já foi para homens muito melhores antes de você. Mas você não teve muitos escrúpulos em relação aos meios que usou. Parece-me, Ryder, que você tem tudo para ser um bom vilão. Sabia que esse Horner, o bombeiro, havia sido envolvido em alguma coisa semelhante no passado e que as suspeitas naturalmente recairiam sobre ele. E o que fez, então? Inventou um conserto qualquer nos aposentos da condessa, você e sua cúmplice, Catherine Cusack, e deu um jeito para que ele fosse chamado para fazer o serviço. Então, depois que ele saiu, você roubou a pedra, deu o alarme, e fez com que esse pobre-diabo fosse preso. Depois...

Ryder atirou-se de repente no tapete e agarrou os joelhos de meu companheiro.

— Pelo amor de Deus! Tenha dó! — gritou. — Pense em meu pai, em minha mãe! Ia cortar o coração deles! Nunca fiz nada de errado antes. E juro que nunca mais farei uma coisa dessas. Juro sobre a Bíblia. Oh, não leve isso aos tribunais! Por amor de Jesus Cristo, não faça isso!

— Volte para sua cadeira — disse Holmes com severidade. — Agora você está de quatro, suplicando caridade, mas nem pensou no pobre do Horner, condenado por um crime que não cometeu.

— Vou-me embora, sr. Holmes. Sairei do país, senhor. Então a acusação contra ele será retirada.

— Hum! Vamos conversar sobre isso. Mas agora queremos ouvir a história verdadeira do ato seguinte. Como é que a pedra foi parar no ganso e o ganso no mercado? Diga a verdade, pois é a única possibilidade que você tem de escapar.

Ryder passou a língua pelos lábios secos.

— Vou contar exatamente o que aconteceu, senhor — disse. — Quando Horner foi preso, pareceu-me que a melhor coisa seria eu sumir com a pedra imediatamente, pois não sabia quando a polícia podia resolver me revistar ou dar uma busca em meu quarto. Não havia lugar nenhum no hotel em que eu pudesse esconder a pedra. Saí como se tivesse sido mandado à rua, e fui até a casa de minha irmã. Ela se casara com um homem chamado Oakshott e morava na Brixton Street, onde engordava aves para o mercado. A caminho da casa dela, todos os homens que encontrei me pareciam ser policiais ou detetives e, embora estivesse fazendo muito frio, o suor escorria pelo meu rosto antes de chegar à Brixton Street. Minha irmã me perguntou o que havia comigo e por que estava tão pálido, mas eu disse que estava muito abalado por causa do roubo no hotel. Então fui até o quintal dos fundos, fumei um cachimbo e pensei no que ia fazer.

"Tive um amigo, uma ocasião, chamado Maudsley, que enveredou pelo mau caminho e cumpriu sentença em Pentonville. Um dia nós nos encontramos e a conversa foi toda sobre ladrões e como eles se livravam das coisas que roubavam. Tinha certeza de que ele seria leal comigo porque eu sabia umas coisas sobre ele, então resolvi ir a Kilburn, onde ele morava, e contar-lhe tudo. Ele me mostraria como converter a pedra em dinheiro. Mas como chegar até lá em segurança? Pensei na angústia que sentira no caminho do hotel até a casa de minha irmã. Podia, a qualquer momento, ser detido e revistado, e lá estaria a pedra no bolso de meu colete. Eu estava encostado no muro nessa hora, olhando os gansos que gingavam ao meu redor e de repente tive uma ideia que me mostrou como eu poderia enganar o detetive mais esperto que existisse.

"Minha irmã dissera algumas semanas antes que eu podia escolher um ganso como presente de Natal e sabia que ela sempre cumpria sua palavra. Então eu ia levar meu ganso agora mesmo e dentro dele eu ia botar minha pedra e levar para Kilburn. Havia um pequeno galpão no quintal e foi para lá que enxotei um dos gansos, um muito bonito, todo branco, com uma lista preta na cauda. Agarrei a ave e, abrindo o bico, enfiei a pedra em sua garganta, o mais fundo possível. O ganso engoliu, e vi a pedra passar pela goela e entrar no papo. Mas a criatura bateu as asas e lutou, e minha irmã veio ver o que estava acontecendo. Quando me virei para falar com ela, o bicho se soltou e se misturou com os outros.

"'O que você estava fazendo com esse ganso, Jem?', ela perguntou.

“‘Bem’, respondi, ‘você disse que ia me dar um ganso de presente de Natal, e eu estava vendo qual era o mais gordo.’

“‘Oh’, ela disse, ‘já separamos o seu. É aquele branco, grande, que está ali. São 26 ao todo, um para você, um para nós e duas dúzias para o mercado.’

“‘Obrigado, Maggie’, eu disse, ‘mas se não faz diferença para você, prefiro aquele que estava segurando ainda há pouco.’

“‘O outro pesa um quilo a mais’, ela insistiu, ‘e foi engordado especialmente para você.’

“‘Não faz mal. Prefiro o outro, o branco com uma lista, e vou levá-lo agora mesmo.’

“‘Está bem, faça o que quiser. Então mate a ave e leve.’

“Bem, fiz o que ela disse, sr. Holmes, e carreguei o ganso até Kilburn. Contei ao meu amigo o que tinha feito, pois ele era um homem a quem se podia contar essas coisas. Riu até se engasgar, pegamos uma faca e abrimos o ganso. Meu coração quase parou, pois não havia sinal da pedra e percebi que ocorrera um erro terrível. Larguei o ganso, voltei correndo à casa de minha irmã e fui até o quintal. Não havia nenhum ganso.

“‘Onde eles estão, Maggie?’, perguntei.

“‘Já foram para o mercado.’

“‘Para que vendedor?’

“‘Breckinridge, de Covent Garden.’

“‘Mas tinha outro ganso com uma lista preta na cauda?’, perguntei. ‘Igual ao que escolhi?’

“‘Sim, Jem, eram dois com a cauda listada e nunca consegui distinguir um do outro.’

“Então compreendi tudo e saí correndo o mais depressa possível para o mercado, mas Breckinridge tinha vendido todos de uma vez e não quis dizer uma palavra sequer sobre seu destino. Os senhores ouviram o que ele estava dizendo hoje à noite. Foi assim que sempre me respondeu. Minha irmã pensa que estou ficando louco. Às vezes, eu também penso isso. E agora... e agora sou um ladrão aos olhos do mundo sem ter sequer tocado na fortuna pela qual ganhei esta fama. Deus me ajude! Deus me ajude!”

Começou a soluçar convulsivamente, com o rosto enterrado nas mãos.

Houve um longo silêncio, quebrado apenas pelos soluços e pelos dedos de Sherlock Holmes, que batiam na borda da mesa. Então meu amigo se

levantou e abriu a porta.

— Saia! — ordenou.

— O quê, senhor! Oh, Deus o abençoe!

— Nem mais uma palavra. Saia!

E não era preciso dizer mais nada. Um movimento rápido, um barulho na escada, uma porta que bateu e passos apressados descendo a rua.

— Afinal de contas, Watson — disse Holmes, estendendo a mão para pegar o cachimbo de barro —, não sou pago pela polícia para suprir suas deficiências. Se Horner estivesse em perigo, seria diferente, mas esse camarada não vai testemunhar contra ele e este caso será encerrado. Acho que estou sendo cúmplice de um crime, mas é possível que esteja salvando uma alma. Este sujeito não vai fazer mais nada de errado. Ficou amedrontado demais. Se fosse para a prisão agora, seria um criminoso pelo resto da vida. Além disso, essa época do ano é a do perdão. O acaso colocou em nosso caminho um problema original e sua solução é a própria recompensa. Tenha a bondade de tocar a campainha, doutor, e começaremos outra investigação que também envolve uma ave.

7 Ganso, em expressão coloquial inglesa, quer dizer tolo, bobalhão, idiota (N.T.)

A BANDA PINTADA

AO EXAMINAR MINHAS ANOTAÇÕES DOS MAIS DE SETENTA CASOS em que, nos últimos oito anos, estudei os métodos de meu amigo Sherlock Holmes, vejo que muitos foram trágicos, alguns cômicos e um grande número simplesmente estranho, mas nenhum foi banal; pois, trabalhando como ele o fazia, por amor à arte e não ao dinheiro, ele se recusava a associar seu nome a qualquer investigação que não tivesse uma característica fora do comum, e até fantástica. De todos esses casos variados, entretanto, não me lembro de nenhum que apresentasse aspectos mais originais que o da conhecida família de Surrey, os Roylotts de Stoke Moran. Os acontecimentos em questão ocorreram no início de minha associação com Holmes, quando morávamos juntos, como solteiros, na Baker Street. Eu poderia ter relatado esse caso antes, mas havíamos prometido segredo na ocasião, e só fui liberado dessa promessa no mês passado, pela morte inesperada da mulher a quem ela havia sido feita. Talvez seja oportuno que os fatos venham à tona agora, pois tenho motivos para crer que há muitos boatos sobre a morte do dr. Grimesby Roylott que tendem a tornar o caso ainda mais terrível que a verdade.

Foi no início de abril de 1883 que acordei uma manhã e encontrei Sherlock Holmes de pé ao lado de minha cama, completamente vestido. Em geral, costumava acordar tarde e, como o relógio da lareira marcava apenas 7h15, pisquei os olhos, surpreso e talvez com um pouco de ressentimento, pois eu também era muito regular em meus hábitos.

— Mil perdões por acordar você, Watson — disse ele —, mas é o que está acontecendo com todo mundo esta manhã. A sra. Hudson foi acordada

e então me acordou, e agora é a sua vez.

— O que aconteceu? Um incêndio?

— Não, um cliente. Consta que chegou uma jovem extremamente agitada, que insiste em falar comigo. Está esperando na sala. Ora, quando moças de família saem andando pela cidade a essa hora da manhã e tiram as pessoas da cama, presumo que tenham algo muito importante a comunicar. Se for um caso interessante, tenho certeza de que você gostaria de acompanhá-lo desde o início. Achei, de qualquer maneira, que devia chamá-lo e dar-lhe essa oportunidade.

— Meu caro amigo, eu não ia perder isso de jeito nenhum.

Era o meu maior prazer acompanhar Holmes em suas investigações e admirar as deduções rápidas, velozes como intuições, mas sempre escoradas em uma base lógica, com que deslindava os mistérios que lhe eram apresentados. Vesti-me depressa e em poucos minutos estava pronto para acompanhar meu amigo até a sala. Uma senhora vestida de preto e coberta por um véu espesso, sentada junto à janela, levantou-se quando entramos.

— Bom dia, senhora — disse Holmes alegremente. — Meu nome é Sherlock Holmes. Este é meu amigo e associado, dr. Watson, diante do qual pode falar com toda a franqueza. Ah, ainda bem que a sra. Hudson teve a boa ideia de acender a lareira. Por favor, chegue perto do fogo e vou mandar vir uma xícara de café bem quente, pois estou vendo que a senhora está tremendo.

— Não é o frio que me faz tremer — disse a moça em voz baixa, mudando de cadeira, como Holmes sugerira.

— O que é então?

— É medo, sr. Holmes. É terror. — Ergueu o véu enquanto falava e pudemos ver que estava realmente aterrorizada, o rosto contorcido e cinzento, os olhos agitados e amedrontados, como os de um animal encurralado. A aparência era de uma mulher de uns trinta anos, mas os cabelos eram prematuramente grisalhos e a expressão era cansada e ansiosa. Sherlock Holmes analisou-a com um de seus olhares rápidos e abrangentes.

— Não tenha medo — disse, acalmando-a com a voz e, inclinando-se para a frente, deu uma leve pancadinha em seu braço. — Vamos resolver o problema, seja o que for. Vejo que veio de trem.

— O senhor sabe quem eu sou?

— Não, mas vi a passagem de volta em sua mão. Deve ter saído muito cedo e andou muito tempo em um carro aberto, em estradas de terra, antes de chegar à estação.

A moça teve um sobressalto e olhou meu companheiro, com surpresa.

— Não há mistério nenhum nisso, minha senhora — disse ele sorrindo. — A manga esquerda de sua jaqueta está salpicada de lama em nada menos de sete lugares. As manchas são muito frescas. Só num carro isso poderia acontecer, e assim mesmo, só quando se senta à esquerda do cocheiro.

— Seja qual for o seu raciocínio, o senhor tem razão — ela respondeu. — Saí de casa antes das seis horas, cheguei a Leatherhead às 6h20 e tomei o primeiro trem para Waterloo. Sr. Holmes, não aguento mais esta ansiedade, ficarei louca se isso continuar. Não tenho ninguém a quem recorrer, ninguém, a não ser uma pessoa, que se preocupe comigo, e ele, pobre coitado, não pode me ajudar. Ouvi falar do senhor pela sra. Farintosh, que o senhor ajudou quando ela mais precisava. Foi ela que me deu seu endereço. Oh, sr. Holmes, será que o senhor pode me ajudar também, pelo menos jogar um pouco de luz na profunda escuridão que me cerca? No momento não tenho condições de remunerá-lo por seus serviços, mas vou me casar dentro de um ou dois meses e assumirei o controle de minha própria renda, e então o senhor verá que não sou ingrata.

Holmes virou-se para a escrivaninha e, abrindo uma gaveta, tirou um pequeno caderno, que consultou.

— Farintosh — disse. — Ah, sim, lembro-me do caso. Tratava-se de uma tiara de opalas. Acho que foi antes de seu tempo, Watson. Tudo que posso dizer, minha senhora, é que darei ao seu caso a mesma atenção que dei ao caso de sua amiga. Quanto à remuneração, minha profissão é sua própria recompensa, mas a senhora poderá me reembolsar qualquer despesa que eu tenha de fazer, quando lhe for conveniente. E agora, por favor, conte-nos tudo que puder ajudar a formar uma opinião sobre o assunto.

— Ah! — exclamou nossa visitante. — O horror da minha situação está no fato de que meus temores são tão vagos e minhas suspeitas dependem tanto de pequenos detalhes que podem parecer banais para qualquer outra pessoa, e até o homem, acima de todos, a quem tenho o direito de pedir ajuda e conselhos, considera tudo que lhe digo mera fantasia de uma mulher nervosa. Ele não diz isso, mas eu vejo pelas respostas vagas que me dá, desviando os olhos para não me encarar. Mas ouvi dizer, sr. Holmes, que o

senhor tem olhos que penetram profundamente na imensa maldade do coração humano. O senhor poderá me aconselhar sobre a maneira de atravessar os perigos que me rodeiam.

— Sou todo ouvidos, minha senhora.

— Meu nome é Helen Stoner, e moro com meu padrasto, que é o último sobrevivente de uma das famílias mais antigas da Inglaterra, os Roylotts de Stoke Moran, no limite oeste de Surrey.

Holmes balançou a cabeça.

— O nome não me é estranho — disse.

— A família era uma das mais ricas da Inglaterra e suas propriedades se estendiam além dos limites de Berkshire no norte e Hampshire no oeste. Mas no último século, quatro herdeiros sucessivos tinham uma tendência dissoluta e perdulária, e a ruína da família foi finalmente completada por um jogador, na época da Regência. Não sobrou nada, a não ser alguns acres de terra e a casa de duzentos anos, esmagada por uma hipoteca enorme. O último grande proprietário morou ali, vivendo a vida horrível de um aristocrata indigente; mas seu filho único, meu padrasto, vendo que tinha de se adaptar a novas situações, conseguiu um empréstimo de um parente, que lhe permitiu formar-se em medicina e foi para Calcutá, onde, devido à sua capacidade profissional e força de caráter, estabeleceu uma grande clínica. Mas em um acesso de raiva, surrou o nativo que lhe servia de mordomo até matá-lo e escapou por pouco de ser condenado à morte. Mesmo assim ficou preso muito tempo e depois voltou à Inglaterra, um homem desanimado e amargo.

“Quando o dr. Roylott estava na Índia, casou-se com minha mãe, a sra. Stoner, jovem viúva do general-de-divisão Stoner, da artilharia de Bengala. Minha irmã Júlia e eu éramos gêmeas e tínhamos apenas dois anos quando minha mãe casou-se de novo. Ela possuía uma quantia considerável de dinheiro, nada menos que mil libras por ano, que transferiu para o dr. Roylott enquanto residíssemos com ele, com a ressalva de que certa soma por ano fosse dada a cada uma de nós na eventualidade de nos casarmos. Pouco depois de voltarmos à Inglaterra, minha mãe faleceu — ela morreu há oito anos, em um acidente de trem perto de Crewe. O dr. Roylott desistiu então da tentativa de clinicar em Londres e levou-nos para morar com ele na mansão ancestral em Stoke Moran. O dinheiro que minha mãe havia

deixado era suficiente para atender a todas as nossas necessidades, e parecia não haver nenhum obstáculo à nossa felicidade.

“Mas nessa época nosso padrasto passou por uma transformação terrível. Em vez de fazer amizades e visitar nossos vizinhos, que de início haviam ficado muito contentes de ver um Roylott de Stoke Moran mais uma vez no comando das antigas propriedades, ele se fechou dentro de casa e quase nunca saía, a não ser para brigar violentamente com qualquer pessoa que surgisse à sua frente. Certa violência de temperamento, que chega quase à loucura, tem sido hereditária nos homens da família e, no caso de meu padrasto, creio que havia sido intensificada por ter morado muito tempo nos trópicos. Houve uma série de brigas vergonhosas e duas terminaram na delegacia, até que, por fim, ele se tornou o terror da aldeia e todo mundo fugia quando ele aparecia, pois é tremendamente forte e completamente incontrolável nos seus acessos de fúrias.

“Na semana passada ele jogou o ferreiro da aldeia dentro de um rio e só consegui evitar um escândalo pagando todo o dinheiro que consegui arranjar. Não tinha nenhum amigo, a não ser os ciganos, e dava permissão a esses vagabundos para acampar nos poucos acres cobertos de mato que representam a propriedade da família, e aceitava em troca a hospitalidade de suas tendas, acompanhando-os às vezes durante semanas. Também tem paixão por animais da Índia, que lhe são enviados por um agente, e que passeiam à vontade pela propriedade. Atualmente, ela tem um leopardo e um mandril que são temidos pelos camponeses quase tanto quanto o seu dono.

“Por tudo isso, pode imaginar que minha pobre irmã Júlia e eu não tivemos uma vida muito agradável. Nenhum empregado permanecia conosco, e durante muito tempo fizemos todo o trabalho doméstico. Júlia só tinha trinta anos quando morreu, mas seu cabelo estava quase branco, como o meu está ficando.”

— Então sua irmã morreu?

— Morreu há dois anos, e é sobre a morte dela que quero falar com o senhor. Deve compreender que, levando a vida que acabei de descrever, havia poucas possibilidades de ver pessoas de nossa idade e posição. Mas tínhamos uma tia, irmã solteira de minha mãe, a srta. Honoria Westphail, que mora perto de Harrow, e ocasionalmente tínhamos permissão de visitá-la. Júlia foi vê-la no Natal, dois anos atrás, e lá conheceu um capitão de

corveta, de quem ficou noiva. Meu padrasto soube do noivado quando minha irmã voltou e não fez objeção ao casamento. Mas 15 dias antes da data marcada para a cerimônia, ocorreu o fato terrível que me privou de minha única companheira.

Sherlock Holmes estava recostado na poltrona com os olhos fechados, e a cabeça apoiada em uma almofada, mas entreabriu as pálpebras e olhou para nossa visitante.

— Faça o favor de ser precisa quanto aos detalhes — disse.

— Isso é muito fácil, porque todos os acontecimentos desse período horrível estão gravados na minha memória. A mansão, como já disse, é muito antiga e só uma ala ainda é habitada. Os quartos de dormir nessa ala são no andar térreo e as salas são no bloco central do prédio. O primeiro quarto é do dr. Roylott, o segundo de minha irmã e o terceiro é o meu. Não há comunicação entre eles, mas todos dão para o mesmo corredor. Estou sendo bastante clara?

— Perfeitamente.

— As janelas dos três quartos dão para o gramado. Naquela noite fatal, o dr. Roylott fora cedo para o quarto, embora soubéssemos que não tinha ido para a cama, porque o cheiro dos charutos hindus muito fortes que ele costumava fumar ficou incomodando minha irmã. Ela saiu de seu quarto e veio para o meu, e ficou ali durante algum tempo, conversando sobre o casamento que se aproximava. Às 23 horas levantou-se para sair, mas parou perto da porta e olhou para trás.

"'Diga-me uma coisa, Helen', falou, 'você já ouviu alguém assobiar no meio da noite?'

"'Nunca', respondi.

"'Será que você não poderia assobiar sem saber enquanto dorme?'

"'Claro que não. Mas por que pergunta?'

"'Porque nessas últimas noites, por volta de três horas, tenho ouvido sempre um assobio baixo, muito claro. Tenho o sono leve e isso me acorda. Não sei dizer de onde vem, talvez do quarto ao lado, talvez lá de fora. Só queria saber se você também tinha ouvido.'

"'Não, não ouvi nada. Devem ser aqueles ciganos desgraçados acampados na propriedade.'

"'É bem provável. Mas se fosse lá fora, você também devia ter ouvido.'

"'Ah, mas meu sono é muito mais pesado que o seu.'

“‘Bem, não tem muita importância.’ Ela sorriu para mim, fechou a porta e poucos segundos depois ouvi a chave virar na fechadura de seu quarto.”

— Realmente? — disse Holmes. — Vocês costumavam trancar a porta dos quartos à noite?

— Sempre.

— Por quê?

— Acho que mencionei que o doutor tinha um leopardo e um mandril que andavam soltos. Só nos sentíamos seguras com as portas trancadas.

— Ah, sim. Por favor, continue.

— Não pude dormir naquela noite. Um sentimento vago de desgraça iminente me oprimia. Minha irmã e eu, como deve se lembrar, éramos gêmeas, e o senhor sabe que laços muito sutis unem duas almas tão intimamente ligadas. Era uma noite terrível. O vento uivava lá fora e a chuva batia nas janelas. De repente, no meio do rumor da ventania, ouvi o grito de uma mulher aterrorizada. Sabia que era a voz de minha irmã. Saltei da cama, enrolei um xale nos ombros e saí para o corredor. Quando abri minha porta, tive a impressão de ouvir um assobio baixo, como minha irmã havia descrito, e pouco depois um som metálico, como se um bloco de metal tivesse caído. Quando me aproximei do quarto dela, vi que a porta estava aberta, balançando lentamente nas dobradiças. Fiquei olhando, horrorizada, sem saber o que estava prestes a sair do quarto. À luz da lâmpada do corredor, vi minha irmã surgir na abertura da porta, com o rosto lívido de terror e as mãos estendidas, como que pedindo socorro, cambaleando como uma bêbada. Corri para junto dela e segurei-a em meus braços, mas nesse momento seus joelhos se dobraram e ela caiu no chão. Contorcia-se como se estivesse com dores violentas e os braços e as pernas estavam retorcidos. A princípio pensei que não havia me reconhecido, mas quando me inclinei, ela gritou de repente, com uma voz que jamais esquecerei: “Oh, meu Deus, Helen! Era a banda! A banda pintada!” Havia mais alguma coisa que ela queria dizer e apontou o dedo no ar na direção do quarto do doutor, mas teve outra convulsão que abafou as palavras. Saí correndo, chamando meu padrasto em voz alta e o encontrei saindo do quarto de roupão. Quando chegou perto de minha irmã, ela já estava inconsciente e embora ele tivesse derramado conhaque em sua garganta e mandado buscar auxílio médico na aldeia, foi tudo em vão, e ela morreu sem recobrar os sentidos. Esse foi o fim horrível da minha querida irmã.

— Um momento — disse Holmes —, tem certeza a respeito do assobio e do som metálico? Poderia jurar sobre isso?

— Foi isso que o juiz me perguntou no inquérito. Tenho uma impressão muito forte de que ouvi isso, mas com o barulho da tempestade e os rangidos habituais de uma casa tão velha, talvez tenha me enganado.

— Sua irmã estava vestida?

— Não, estava de camisola. Na mão direita tinha o resto de um fósforo queimado e na esquerda uma caixa de fósforos.

— Mostrando que acendera um fósforo e olhara em volta quando ouviu o barulho. Isso é importante. E quais foram as conclusões do inquérito?

— O magistrado encarregado de casos de morte suspeita investigou o caso com muito cuidado, pois a conduta do dr. Roylott há muito tempo era notória em todo o condado, mas não conseguiu encontrar nenhuma causa de morte plausível. Meu testemunho mostrou que a porta havia sido trancada por dentro, que as janelas estavam bloqueadas por persianas antigas com barras largas de ferro e que eram também trancadas todas as noites. As paredes foram verificadas e ficou provado que eram sólidas, e o chão também foi examinado minuciosamente, com o mesmo resultado. A chaminé é larga, mas é vedada por quatro barras. É certo, portanto, que minha irmã estava sozinha quando morreu. Além disso, não havia nenhuma marca de violência nela.

— E quanto à possibilidade de ser veneno?

— Os médicos a examinaram, mas não encontraram nada.

— Então, de que acha que essa pobre moça morreu?

— Creio que ela morreu de medo e de choque nervoso, embora não saiba o que a amedrontou.

— Os ciganos estavam acampados na propriedade nessa ocasião?

— Sim, quase sempre tem alguns acampados lá.

— Ah, e o que deduziu dessa referência a uma banda, uma banda pintada?

— Às vezes penso que foi apenas um delírio, outras, que talvez estivesse se referindo a uma banda de pessoas, talvez os próprios ciganos. Talvez os lenços pintados que eles usam na cabeça tivessem sugerido essas palavras estranhas.

Holmes sacudiu a cabeça como um homem que não está nem um pouco satisfeito.

— Está bastante obscuro — comentou. — Por favor, continue.

— Passaram-se dois anos desde então, e minha vida, até há pouco, era mais solitária do que nunca. Mas há um mês, um amigo querido, que conheço há muitos anos, deu-me a honra de me pedir em casamento. O nome dele é Armitage, Percy Armitage, o segundo filho do sr. Armitage, de Crane Water, perto de Reading. Meu padrasto não fez nenhuma oposição ao casamento, e a cerimônia será na primavera. Há dois dias, começaram a fazer uns consertos na ala oeste do prédio e a parede de meu quarto foi parcialmente demolida, de modo que tive de me mudar para o quarto em que minha irmã morreu e dormir na mesma cama em que ela dormia. Imagine, então, meu arrepio de horror na noite passada, enquanto tentava dormir, pensando em seu terrível destino, quando de repente ouvi no silêncio da noite o assobio que fora o prenúncio de sua morte. Pulei da cama e acendi a lâmpada, mas não vi nada no quarto. Fiquei abalada demais para voltar para a cama, então me vesti, e assim que o dia clareou, saí de mansinho, peguei um carro na Estalagem Crown, que fica em frente, e fui até Leatherhead, de onde vim esta manhã só para ver o senhor e pedir seu auxílio.

— Fez muito bem — disse meu amigo. — Mas contou tudo que sabe?

— Sim, tudo.

— Srta. Stoner, não é verdade. A senhora está protegendo seu padrasto.

— O que quer dizer com isso? — ela perguntou.

Em resposta, Holmes puxou para trás o babado de renda preta que encobria a mão que nossa visitante pousava sobre o joelho. Cinco pequenas manchas lívidas, as marcas de quatro dedos e um polegar, estavam gravadas no punho alvo.

— Isso foi uma crueldade — disse Holmes.

A moça enrubesceu e cobriu o punho machucado.

— Ele é um homem muito duro — disse. — Talvez não conheça sua própria força.

Houve um longo silêncio, enquanto Holmes descansava o queixo nas mãos e contemplava o fogo crepitante.

— É um assunto bem complexo — disse finalmente. — Há milhares de detalhes que gostaria de conhecer antes de decidir o que fazer. No entanto, não temos um minuto a perder. Se fôssemos a Stoke Moran hoje, seria possível vermos os quartos sem que seu padrasto soubesse?

— Por coincidência, ele disse que vinha à cidade hoje para tratar de assuntos importantes. É provável que fique o dia inteiro e, nesse caso, não haveria nenhum problema. Temos uma empregada agora, mas é velha e tola, e é fácil desviar sua atenção.

— Excelente. Você não faz nenhuma objeção a essa viagem, Watson?

— De maneira nenhuma.

— Então iremos nós dois. E a senhora, o que vai fazer?

— Já que estou aqui, há uma ou duas coisas que gostaria de fazer. Mas voltarei pelo trem das 12 horas e estarei lá à sua espera.

— Pode nos aguardar à tarde. Eu também tenho algumas coisas a fazer. Não quer esperar e tomar café?

— Não, preciso ir. Já me sinto mais leve, desde que confiei meu problema aos senhores. Será um prazer revê-los hoje à tarde. — Puxou o véu sobre o rosto e saiu.

— E o que acha disso tudo, Watson? — perguntou Sherlock Holmes, reclinando-se na poltrona.

— Parece ser uma história profundamente sinistra.

— Bastante sinistra.

— No entanto, se a moça está certa quando diz que o chão e as paredes são sólidos e que a porta, a janela e a chaminé são intransponíveis, então a irmã dela estava sem dúvida alguma sozinha quando chegou a seu estranho fim.

— E o que diz dos assobios noturnos e das palavras tão esquisitas da moça ao morrer?

— Não sei o que pensar.

— Quando você combina a ideia de assobios durante a noite, a presença de um bando de ciganos que são íntimos desse velho médico e o fato de que temos todos os motivos para acreditar que o médico está interessado em evitar o casamento de sua enteada, a referência, na hora da morte, a uma banda, ou um bando, e, finalmente, o fato de que a srta. Helen Stoner ouviu um ruído metálico, que poderia ter sido causado por uma dessas barras de metal que seguram as venezianas quando voltam ao seu lugar, acho que temos base suficiente para pensar que o mistério pode ser esclarecido seguindo essa linha.

— Mas o que foi que os ciganos fizeram?

— Não posso imaginar.

— Vejo muitas objeções a essa teoria.

— Eu também. É exatamente por esse motivo que vamos a Stoke Moran esta tarde. Quero ver se as objeções são inevitáveis ou se podem ser explicadas. Mas o que é isso, diabos!

A exclamação de meu amigo fora motivada pelo fato de que a porta havia sido aberta de repente e um homem enorme surgira no vão. Suas roupas eram uma mistura curiosa de profissional liberal e agricultor, uma cartola preta, um fraque comprido, perneiras altas e um chicote na mão. Era tão alto que a cartola tocava o alto do vão da porta e a largura dos ombros quase bloqueava a abertura. Um rosto grande, riscado por mil rugas, queimado de sol em uma tonalidade amarela e marcado por todos os sentimentos malignos, virava-se de um lado para outro, enquanto os olhos fundos, biliosos, e o nariz afilado e descarnado lhe davam um ar de ave de rapina feroz.

— Qual dos senhores é Holmes? — perguntou essa aparição.

— É meu nome, senhor, mas gostaria de saber o seu — disse meu companheiro tranquilamente.

— Sou o dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran.

— Muito prazer, doutor — disse Holmes, com suavidade. — Tenha a bondade de se sentar.

— Nada disso. Minha enteada esteve aqui. Eu a segui. O que ela lhe contou?

— Está um pouco frio para essa época do ano — disse Holmes.

— O que ela lhe contou? — berrou o velho, furioso.

— Mas ouvi dizer que as flores da primavera estão brotando — continuou meu amigo, imperturbável.

— Ah! Está querendo me enganar, não é? — disse nosso novo visitante, dando um passo à frente e sacudindo o chicote. — Conheço o senhor, seu patife! Já ouvi falar do senhor. É Holmes, o intrometido.

Meu amigo sorriu.

— Holmes, o intruso!

O sorriso se alargou.

— Holmes, o empregadinho da Scotland Yard.

Holmes riu gostosamente.

— Sua conversa é muito divertida — disse. — Quando sair, tenha a bondade de fechar a porta, pois está provocando uma corrente de ar.

— Eu irei quando tiver dito o que vim dizer. Não ouse se intrometer em meus negócios. Sei que a srta. Stoner esteve aqui. Eu a segui! Sou um inimigo perigoso. Olhe só. — Avançou depressa, pegou o atiçador de fogo e vergou-o ao meio com as enormes mãos morenas. — Tenha o cuidado de ficar fora do meu alcance — rosnou e, jogando o atiçador retorcido na lareira, saiu a passos largos.

— Parece um sujeito muito amável — disse Holmes, rindo. — Não sou tão grande quanto ele, mas, se tivesse se demorado um pouco mais, eu ia mostrar-lhe que minhas mãos não são mais fracas do que as dele.

Enquanto falava, pegou o atiçador de aço e, com um esforço brusco, endireitou-o novamente.

— Imagine a ousadia dele de me confundir com os detetives da polícia! Mas este incidente dá mais sabor à nossa investigação, e só espero que nossa amiguinha não venha a sofrer por sua imprudência de se deixar seguir por esse bruto. E agora, Watson, vamos tomar café e depois vou dar um passeio até a Associação dos Doutores em Direito Civil, onde espero conseguir algumas informações que poderão nos ajudar neste assunto.

Eram quase 13 horas quando Sherlock Holmes voltou de sua excursão. Trazia na mão uma folha de papel azul coberta de anotações e números.

— Vi o testamento da esposa falecida — disse. — Para determinar seu significado exato, fui obrigado a calcular os preços atuais dos investimentos a que se refere. A renda total, que na época em que ela morreu era pouco inferior a 1.100 libras por ano, agora, devido à queda dos preços agrícolas, não passa de 750 libras. Cada uma das filhas tem direito a uma renda de 250 libras ao se casar. É evidente, portanto, que se as duas moças tivessem se casado, aquela beleza ficaria com muito pouco dinheiro, e mesmo se só uma delas se casasse, ele já não ficaria bem de vida. Meu trabalho desta manhã não foi em vão, já que provou que ele tem motivos de sobra para impedir que isso aconteça. E agora, Watson, isto é sério demais para permitir demoras, principalmente porque o velho sabe que estamos interessados em seus negócios; portanto, se você está pronto, vamos pegar um cabriolé para ir até Waterloo. Ficaria muito grato se você levasse seu revólver no bolso. Um Eley nº 2 é um excelente argumento para cavalheiros que dão nós em atiçadores de aço. Só precisamos disso e de uma escova de dentes.

Em Waterloo, tivemos a sorte de pegar um trem para Leatherhead, onde alugamos uma charrete na estalagem da estação e andamos seis ou sete quilômetros pelas lindas estradas rurais de Surrey. O dia estava perfeito, com um sol brilhante e umas nuvens esgarçadas no céu. As árvores e as sebes se revestiam com os primeiros pálidos rebentos da primavera e o ar estava perfumado com o cheiro agradável de terra úmida. Para mim, pelo menos, havia um estranho contraste entre a doce promessa da primavera e a investigação sinistra que nos levava por esses caminhos. Meu companheiro estava sentado na frente, de braços cruzados, o chapéu cobrindo os olhos, o queixo afundado no peito, imerso em seus pensamentos. Mas, de repente, teve um sobressalto, bateu em meu ombro e apontou para os campos.

— Olhe ali! — disse.

Um parque se estendia por uma colina suave, terminando em um bosque denso no ponto mais alto. Ali, por entre os galhos das árvores, divisava-se o telhado cinzento e alto, em várias águas, de uma velha mansão.

— Stoke Moran? — perguntou.

— Sim, senhor, é a casa do dr. Grimesby Roylott — respondeu o cocheiro.

— Estão fazendo umas obras ali — disse Holmes. — É para lá que vamos.

— Lá é a aldeia — disse o cocheiro, apontando para um aglomerado de telhados à esquerda —, mas se quer ir à mansão, é mais rápido seguir o caminho que atravessa o campo. É ali, onde está andando aquela senhora.

— E a senhora, se não me engano, é a srta. Stoner — observou Holmes, protegendo os olhos com a mão. — Sim, acho melhor fazer o que você sugeriu.

Saltamos, pagamos o cocheiro, e o carro voltou para Leatherhead.

— Achei melhor — disse Holmes, quando caminhávamos — que ele pensasse que estávamos aqui como arquitetos, ou por algum motivo profissional. Talvez assim não comente nossa presença. Boa tarde, srta. Stoner. Está vendo que cumprimos nossa promessa.

Nossa cliente dessa manhã apressou-se em vir ao nosso encontro, e seu rosto demonstrava alegria.

— Estava ansiosa à sua espera! — exclamou, cumprimentando-nos com um aperto de mão. — Tudo saiu maravilhosamente bem. O dr. Roylott foi à cidade e é pouco provável que volte antes de escurecer.

— Tivemos o prazer de conhecer o doutor — disse Holmes, e em poucas palavras contou o que sucedera. A srta. Stoner empalideceu.

— Meu Deus! — exclamou. — Então ele me seguiu.

— É o que parece.

— É tão astucioso que nunca sei como me defender dele. O que será que vai dizer quando voltar?

— Ele deve se precaver, pois talvez descubra que há alguém mais astucioso que ele em seu encalço. Deve trancar sua porta hoje à noite. Se ele ficar violento, vamos levá-la para a casa de sua tia em Harrow. Agora, vamos aproveitar o tempo de que dispomos. Por favor, leve-nos imediatamente aos quartos que queremos examinar.

O prédio era de pedra cinzenta, com a parte central alta e duas alas laterais curvas, como as garras de um caranguejo. Em uma dessas alas, as janelas estavam quebradas e cobertas com tábuas, o telhado desabado, as paredes esburacadas. A parte central estava um pouco melhor, e a ala direita era relativamente moderna. As persianas nas janelas e a fumaça azul saindo das chaminés mostravam que era ali que a família residia. Haviam instalado um andaime na parede dos fundos e algumas pedras estavam quebradas, mas não se via sinal dos trabalhadores quando nos aproximamos. Holmes andou lentamente de um lado para outro no gramado mal aparado e examinou minuciosamente a parte externa das janelas.

— Essa aqui deve ser do quarto em que a senhorita costumava dormir, a do centro era do quarto de sua irmã e aquela ali é do quarto do dr. Roylott?

— Exatamente. Mas agora estou dormindo no quarto do meio.

— Por causa das obras, pelo que entendi. Por falar nisso, não parece haver nenhuma necessidade urgente de consertar aquela parede dos fundos.

— Não havia nenhum motivo. Acho que foi só uma desculpa para me tirar do meu quarto.

— Ah! Isso é sugestivo. Bem, do outro lado dessa ala estreita há um corredor que dá para os três quartos. Há janelas nesse corredor?

— Sim, mas são muito estreitas, pequenas demais para que alguém possa passar.

— E como a senhora e sua irmã trancavam as portas à noite, não era possível entrar nos quartos daquele lado. Agora, quer ter a bondade de ir para o seu quarto, fechar as janelas e trancar as persianas com as barras?

A srta. Stoner atendeu ao pedido, e Holmes, após um exame cuidadoso, tentou de todas as maneiras forçar as persianas, sem sucesso. Não havia nem uma fresta na qual se pudesse introduzir uma lâmina para suspender a barra. Examinou as dobradiças com a lente, mas eram de ferro inteiriço, embutidas na alvenaria maciça.

— Hum! — fez ele, coçando o queixo, um tanto perplexo. — Minha teoria apresenta algumas dificuldades. Ninguém poderia passar por essa janela se estivessem trancadas. Bem, vejamos se o interior pode nos esclarecer alguma coisa.

Uma pequena porta lateral dava para o corredor pintado de branco, no qual as três portas se abriam. Holmes recusou-se a examinar o terceiro quarto, então fomos diretamente ao segundo, aquele em que a srta. Stoner estava dormindo e no qual sua irmã morrera. Era um quarto pequeno e modesto, com o teto baixo e uma lareira aberta, como nas antigas casas de campo. Em um canto, uma cômoda escura, uma cama coberta de branco em outra parede e uma penteadeira à esquerda da janela constituíam toda a mobília, com duas pequenas cadeiras de vime e um tapete no centro do quarto. As tábuas do assoalho e o forro das paredes eram de carvalho escuro, tão velho e desbotado que deveria datar da construção da casa. Holmes puxou uma das cadeiras para um canto e sentou-se, silencioso, deixando os olhos correrem em volta, observando todos os detalhes do cômodo.

— Essa campainha toca onde? — perguntou finalmente, apontando para um grosso cordão pendurado ao lado da cama, com a borla repousando sobre o travesseiro.

— No quarto da empregada.

— Parece mais novo do que as outras coisas do quarto.

— Sim, foi instalada há uns dois anos.

— Foi sua irmã que pediu isso?

— Não, acho que nem chegou a usá-la. Sempre fizemos tudo sozinhas.

— Então seria desnecessário instalar um cordão tão bonito. Desculpem-me um momento enquanto examino o chão. — Esticou-se de cara para baixo com a lente na mão, depois engatinhou depressa para cá e para lá, examinando minuciosamente as frestas entre as tábuas. Depois fez a mesma coisa com os painéis das paredes. Por fim, foi até a cama e ficou algum

tempo olhando para ela e para a parede atrás. No final, pegou o cordão da campainha e puxou-o com força.

— Ora, é falso — disse.

— Não toca?

— Não, nem está ligado a nenhum fio. Isso é muito interessante. Podem ver que está pendurado em um gancho logo acima da pequena abertura de ventilação.

— Que absurdo! Não tinha reparado antes.

— Muito estranho! — resmungou Holmes, puxando o cordão. — Há uma ou duas coisas muito esquisitas neste quarto. Por exemplo, o construtor deve ser um idiota, fazendo uma abertura de ventilação para outro quarto, quando podia simplesmente fazê-la na parede externa!

— Isso também foi feito há pouco tempo — disse a moça.

— Na mesma época que o cordão da campainha — comentou Holmes.

— É, houve algumas mudanças na mesma ocasião.

— Todas são muito interessantes... cordões de campainha que não tocam, ventiladores que não ventilam. Com sua permissão, srta. Stoner, vamos agora examinar o outro quarto.

O quarto do dr. Grimesby Roylott era maior que o de sua enteada, mas mobiliado com a mesma simplicidade. Uma cama estreita, uma prateleira cheia de livros, a maioria técnicos, uma poltrona ao lado da cama, uma cadeira de madeira encostada na parede, uma mesa redonda e um grande cofre de ferro eram as coisas principais. Holmes andou lentamente pelo quarto e examinou todos os objetos com atenção.

— O que tem aqui dentro? — perguntou, batendo no cofre.

— Os documentos de meu padrasto.

— Ah! Então viu o conteúdo?

— Só uma vez, anos atrás. Lembro que estava cheio de papéis.

— Não há um gato ali dentro, por acaso?

— Não. Que ideia esquisita!

— Bem, veja só isso. — Pegou um pires com leite que estava em cima do cofre.

— Não, não temos nenhum gato. Mas há um leopardo e um mandril.

— Ah, sim, é claro! Bem, um leopardo é apenas um gato grande, mas um pires não parece suficiente para satisfazer sua necessidade. Há uma coisa que eu gostaria de verificar. — Agachou-se diante da cadeira de madeira e

examinou o assento com a maior atenção. — Obrigado. Isso está resolvido — disse, erguendo-se e guardando a lente no bolso. — Ora! Aqui está uma coisa interessante.

O objeto que atraíra sua atenção era uma pequena correia de cachorro pendurada em um canto da cama. Havia sido amarrada, formando uma laçada.

— O que acha disso, Watson?

— É uma correia comum. Mas não sei por que deram uma laçada.

— Isso não é comum. Ah, meu Deus, é um mundo malvado e quando um homem inteligente usa seu cérebro para o crime, isto é o pior de tudo. Acho que já vi o suficiente, srta. Stoner, e, com sua permissão, vamos lá para fora, no gramado.

Nunca vira o rosto de meu amigo tão sombrio e sua testa tão franzida quanto nesse momento. Andamos de um lado para outro várias vezes e nem a srta. Stoner nem eu ousamos interromper seus pensamentos, até que ele despertou.

— É essencial, srta. Stoner — disse enfim —, que faça exatamente o que vou lhe dizer.

— Sem dúvida farei tudo o que disser.

— O assunto é grave demais para qualquer hesitação. Sua vida pode depender disso.

— Asseguro-lhe que estou inteiramente em suas mãos.

— Em primeiro lugar, meu amigo e eu precisamos passar a noite no seu quarto.

A srta. Stoner e eu olhamos para ele com espanto.

— Sim, tem de ser assim. Deixe-me explicar. Creio que aquilo ali é a estalagem da aldeia.

— Sim.

— Muito bem. De lá pode-se ver suas janelas?

— Certamente.

— Vá para o seu quarto, pretextando estar com dor de cabeça, assim que seu padrasto voltar. Depois, quando ele se deitar, abra as persianas de seu quarto, coloque a lâmpada na janela como sinal para nós e então leve tudo de que poderá precisar para o quarto que costumava ocupar. Tenho certeza de que, apesar das obras, pode ficar lá por uma noite.

— Sem dúvida alguma.

— O resto fica por nossa conta.
— Mas o que vai fazer?
— Vamos passar a noite no seu quarto e vamos investigar a causa desse barulho que a vem perturbando.
— Acho, sr. Holmes, que o senhor já descobriu o que é — disse a srta. Stoner, pondo a mão no braço de meu companheiro.
— Talvez.
— Então, por piedade, diga-me qual foi a causa da morte de minha irmã.
— Prefiro ter mais provas antes de falar.
— Pode pelo menos me dizer se minha ideia está certa e ela morreu de algum susto.
— Não, acho que não. Acho que provavelmente houve uma causa mais concreta. E agora, srta. Stoner, temos de deixá-la, porque se o dr. Roylott voltar e nos vir, nossa viagem terá sido em vão. Até logo, e tenha coragem, pois se fizer exatamente o que lhe disse, pode ter certeza de que muito em breve afastaremos os perigos que a ameaçam.
Sherlock Holmes e eu não tivemos dificuldade em alugar um quarto e uma sala na Estalagem Crown. Eram no segundo andar, e de nossa janela víamos a ala habitada da Mansão de Stoke Moran. Ao entardecer, vimos o dr. Grimesby Roylott chegar de carro, sua figura enorme ao lado do rapazinho que guiava o carro. Este teve certa dificuldade em abrir o pesado portão de ferro, e ouvimos os gritos roucos do doutor e vimos a fúria com que sacudiu os punhos fechados para o rapaz. O carro seguiu pela alameda e pouco depois vimos uma luz surgir de repente entre as árvores quando a lâmpada foi acesa em uma das salas.
— Sabe de uma coisa, Watson? — disse Holmes enquanto estávamos sentados na escuridão que aumentava. — Tenho certo escrúpulo em levar você comigo esta noite. Há um elemento real de perigo.
— Posso ser útil?
— Sua presença pode ser muito valiosa.
— Então irei.
— É muita bondade sua.
— Você fala em perigo. Evidentemente, viu mais coisas naqueles quartos do que eu.
— Não, mas creio que deduzi um pouco mais. Imagino que você viu o mesmo que eu.

— Não vi nada demais, a não ser o cordão da campainha, e qual a finalidade daquilo, confesso que nem posso imaginar.

— Viu a abertura de ventilação também?

— Sim, mas não acho que seja uma coisa tão extraordinária ter uma pequena abertura entre dois quartos. Era tão pequena que nem um rato poderia passar.

— Sabia que íamos encontrar um ventilador antes de virmos a Stoke Moran.

— Meu caro Holmes!

— Oh, sim, eu sabia. Lembre-se de que a srta. Stoner disse que a irmã estava sentindo o cheiro do charuto do dr. Roylott. Isto sugere que deve haver uma comunicação entre os dois quartos. Só podia ser muito pequena, do contrário teria sido notada por ocasião do inquérito policial. Deduzi que deveria ser uma abertura de ventilação.

— Mas que mal pode haver nisso?

— Bem, há pelo menos uma coincidência curiosa de datas. Faz-se uma abertura de ventilação, pendura-se um cordão de campainha e uma mulher que dorme naquela cama morre. Isso não lhe diz nada?

— Não consigo ver nenhuma ligação.

— Observou alguma coisa muito peculiar naquela cama?

— Não.

— Estava presa no chão. Já viu isso antes?

— Não me lembro de ter visto.

— A moça não podia mudar a cama de lugar. Ficava sempre na mesma posição em relação à abertura e ao cordão, que nunca serviu para puxar e soar a campainha.

— Holmes — exclamei —, começo a perceber o que você está insinuando. Chegamos a tempo de evitar um crime sutil e horrendo.

— Bastante sutil e bastante horrendo. Quando um médico envereda pelo caminho do crime, é um ótimo criminoso. Tem sangue-frio e tem conhecimentos. Palmer e Pritchard eram profissionais de primeira. Este homem é muito competente, mas eu acho, Watson, que seremos mais ainda. Mas veremos muitos horrores antes que esta noite termine. Por Deus do céu, vamos fumar um cachimbo e pensar em coisas mais agradáveis durante algumas horas.

Por volta de 21 horas, a luz entre as árvores foi apagada e tudo ficou escuro para os lados da mansão. Duas horas se passaram lentamente, e depois, de repente, quando eram exatamente 23 horas, uma única luz forte brilhou bem à nossa frente.

— É o sinal para nós — disse Holmes, levantando-se. — Vem da janela do meio.

Ao sairmos, Holmes trocou algumas palavras com o dono da estalagem, explicando que íamos visitar um amigo e era provável que passássemos a noite lá. Em instantes, estávamos na estrada escura, com um vento frio soprando e uma luz amarela brilhando à nossa frente para nos guiar em nossa missão sombria.

Não foi difícil entrar na propriedade, pois a velha muralha do parque estava desmoronando. Caminhando por entre as árvores, chegamos ao gramado, que atravessamos, e estávamos prestes a entrar pela janela quando, de uma moita de rododendros, surgiu o que parecia ser uma criança horrenda e disforme, que se atirou na grama com as pernas e os braços contorcidos e depois correu depressa pelo gramado e sumiu na escuridão.

— Meu Deus! — murmurei. — Você viu?

Holmes estava tão espantado quanto eu. Sua mão se fechou com força em meu punho, mas logo riu baixinho e aproximou os lábios do meu ouvido.

— É uma família muito interessante — disse. — Era o mandril.

Eu me esquecera dos estranhos animais do dr. Roylott. Havia um leopardo também. Talvez caísse sobre nossos ombros a qualquer momento. Confesso que me senti melhor quando, após seguir o exemplo de Holmes e tirar os sapatos, vi que estava dentro do quarto. Meu companheiro fechou as persianas sem fazer barulho, passou a lâmpada para a mesa e olhou em volta. Estava tudo exatamente como durante o dia. Depois chegou perto de mim e murmurou em meu ouvido, tão baixinho que mal pude distinguir as palavras.

— O menor ruído será fatal para os nossos planos.

Balancei a cabeça para mostrar que entendera.

— Temos de ficar no escuro, pois ele poderia ver a luz pela abertura da ventilação.

Balancei a cabeça outra vez.

— Não durma; sua vida dependerá disso. Fique com o revólver preparado, caso seja necessário usá-lo. Vou sentar-me na beira da cama;

sente-se naquela cadeira.

Tirei o revólver do bolso e coloquei-o no canto da mesa.

Holmes trouxera uma bengala longa e fina, que deixou na cama ao seu lado. Junto dela, pôs a caixa de fósforos e um pedaço de vela. Então apagou a lâmpada e ficamos no escuro.

Como poderei esquecer algum dia aquela vigília horrível? Não ouvia nada, nem mesmo uma respiração, mas sabia que meu companheiro estava sentado ali de olhos abertos, a poucos passos de mim, no mesmo estado de tensão nervosa em que eu me encontrava. As persianas cortavam qualquer raio de luz que pudesse penetrar e aguardamos na mais completa escuridão. De fora, vinha o grito ocasional de alguma ave noturna e uma vez, bem em nossa janela, um gemido felino que nos indicou que o leopardo estava solto. Muito ao longe ouvimos os tons profundos do relógio da paróquia, que batia os quartos de hora. Como custavam a passar aquelas horas! Meia-noite, uma hora, duas e três, e continuávamos sentados em silêncio esperando o que podia acontecer.

De repente vislumbramos uma luz que vinha da direção da abertura de ventilação, que desapareceu imediatamente, mas foi seguida de um cheiro forte de óleo queimado e metal aquecido. Alguém no quarto ao lado acendera uma lanterna furta-fogo. Ouvi um som leve de movimento e depois tudo ficou mais uma vez em silêncio, embora o cheiro ficasse mais forte. Durante meia hora fiquei sentado com os ouvidos atentos. Então, de repente, ouvi outro ruído, um som muito baixo e suave, como o de um pequeno jato de vapor escapando de uma chaleira. No mesmo instante em que o ouvi, Holmes saltou da cama, acendeu um fósforo e bateu furiosamente com a bengala no cordão de campainha.

— Está vendo, Watson? — gritou. — Está vendo?

Mas não vi nada. Quando Holmes riscou o fósforo, ouvi um assobio baixo, bem nítido, mas o brilho repentino que atingiu meus olhos cansados não me deixou ver o que meu amigo fustigava com tanta fúria. Só pude ver que seu rosto estava muito pálido e cheio de horror e asco.

Parara de bater no cordão e estava olhando para a abertura quando o silêncio da noite foi quebrado pelo grito mais horrível que já ouvira. Foi ficando cada vez mais alto, um berro rouco de dor, medo e raiva, tudo misturado. Dizem que lá na aldeia, e mesmo na paróquia distante, esse grito arrancou de suas camas os que estavam dormindo. Congelou nossos

corações e fiquei olhando para Holmes e ele para mim, até que os últimos ecos morreram no silêncio de onde vieram.

— O que quer dizer isso? — perguntei, ofegante.

— Quer dizer que está tudo terminado — respondeu Holmes. — E talvez, no final das contas, da melhor maneira. Pegue seu revólver e vamos ao quarto do dr. Roylott.

Com uma expressão grave, ele acendeu a lâmpada e se dirigiu para o corredor. Bateu duas vezes na porta do quarto do doutor sem obter resposta. Então virou a maçaneta e entrou, e eu atrás dele, de pistola em mão.

Foi uma cena singular a que vimos. Na mesa havia uma lanterna furta-fogo com a portinhola meio aberta, que jogava um feixe brilhante de luz sobre o cofre de ferro, cuja porta estava aberta. Junto à mesa, na cadeira de madeira, estava sentado o dr. Grimesby Roylott, enrolado em um longo roupão cinzento, com os tornozelos nus expostos e os pés metidos em chinelos vermelhos. Tinha no colo a correia com a laçada que tínhamos visto durante o dia. O queixo apontava para cima e os olhos estavam fixos, com uma expressão horrenda, no canto do teto. Em volta da testa, ele tinha uma banda amarela esquisita, com pintas marrons, que parecia estar muito apertada. Não se mexeu quando entramos, nem fez nenhum ruído.

— A banda! A banda pintada! — murmurou Holmes.

Dei um passo à frente. Em um instante, a estranha banda começou a se mover e surgiu em meio ao cabelo a cabeça triangular achatada e o pescoço inchado de uma serpente asquerosa.

— É uma *krait*, a cobra mais venenosa da Índia! — exclamou Holmes. Ele morreu dez segundos depois da mordida. A violência, realmente, recai sobre os violentos, e o que prepara a armadilha acaba caindo nela. Vamos empurrar essa víbora de volta para o seu covil e poderemos então levar a srta. Stoner para um lugar seguro e avisar a polícia do condado.

Enquanto falava, tirou a correia do colo do morto, jogou o laço no pescoço do réptil e o arrancou do medonho poleiro, arrastando-o para o cofre de ferro, onde o trancou.

Esses são os verdadeiros fatos da morte do dr. Grimesby Roylott de Stoke Moran. Não é necessário prolongar uma narrativa que já se tornou extensa demais para contar como demos a triste notícia à moça apavorada, como a levamos no trem da manhã para a casa de sua boa tia em Harrow e como o lento inquérito policial chegou à conclusão de que o doutor havia morrido

quando brincava imprudentemente com um perigoso réptil de estimação. O pouco que eu ainda não sabia sobre o caso me foi contado por Sherlock Holmes quando voltávamos para a cidade no dia seguinte.

— Eu havia chegado — disse ele — a uma conclusão totalmente errada, o que demonstra, meu caro Watson, como é perigoso raciocinar a partir de dados insuficientes. A presença dos ciganos, o uso da palavra "banda" pela pobre moça para explicar o que vira de relance à luz de um fósforo foram suficientes para me indicar uma pista inteiramente errada. Só posso reivindicar o mérito de ter reconsiderado de imediato minha posição quando ficou claro que qualquer perigo que ameaçasse o ocupante do quarto não poderia vir nem da janela nem da porta. Minha atenção foi atraída para a abertura de ventilação e para o cordão da campainha pendurado ao lado da cama, como já comentei com você. A descoberta de que o cordão era falso e de que a cama estava presa no chão dera origem à suspeita de que o cordão servia de ponte para alguma coisa que passasse pela abertura e viesse até a cama. Ocorreu-me logo a ideia de uma cobra, e quando soube que o doutor tinha uma série de animais da Índia, achei que estava na pista certa. A ideia de usar uma forma de veneno que não pudesse ser descoberta por nenhum teste químico era exatamente a que ocorreria a um homem inteligente e inescrupuloso que havia exercido a medicina no Oriente. A rapidez com que esse veneno agia também era, de seu ponto de vista, uma vantagem. E qual seria o policial que ia descobrir os dois pontinhos que mostravam onde as duas presas venenosas haviam feito seu serviço? Então, pensei no assobio. É claro que tinha de chamar a cobra de volta antes que a luz do dia a revelasse à vítima. Treinou-a, provavelmente usando o pires de leite que vimos, para voltar quando fosse chamada. Colocava-a no buraco de ventilação na hora que julgasse apropriada, certo de que ela deslizaria pela corda e cairia na cama. Poderia ou não morder a ocupante, talvez ela escapasse todas as noites durante uma semana, porém mais cedo ou mais tarde, a cobra a atacaria.

"Eu havia chegado a essas conclusões antes mesmo de entrar no quarto dele. Um exame da cadeira mostrou que ele tinha o hábito de ficar em pé no assento, o que, é claro, era necessário para alcançar a abertura. O cofre, o pires de leite e a laçada na correia foram suficientes para dissipar qualquer dúvida que eu ainda tivesse. O ruído metálico ouvido pela srta. Stoner era causado pelo padrasto, ao fechar rapidamente a porta do cofre depois de

colocar dentro seu terrível ocupante. Tendo chegado a essa conclusão, você já sabe que medidas tomei para obter as provas. Ouvi a criatura sibilar, como você também deve ter ouvido, e imediatamente risquei o fósforo e ataquei-a.”

— E, consequentemente, a fez recuar pela abertura.

— E também a fiz voltar-se contra seu dono do outro lado. Alguns golpes da minha bengala atingiram o alvo e despertaram sua fúria, fazendo-a atacar a primeira pessoa que viu. Dessa maneira, sou, sem dúvida alguma, indiretamente responsável pela morte do dr. Grimesby Roylott, e posso afirmar que isso não vai pesar muito na minha consciência.

O POLEGAR DO ENGENHEIRO

De todos os problemas que foram submetidos ao meu amigo Sherlock Holmes durante os anos de nossa associação, somente dois foram levados por mim: o do polegar do sr. Hatherley e o da loucura do coronel Warburton. Dos dois, o último talvez tenha proporcionado um campo melhor para um observador perspicaz e original, mas o primeiro foi tão estranho no início e tão dramático nos detalhes, que talvez mereça mais ser relatado, ainda que tenha dado menos oportunidades ao meu amigo para os métodos dedutivos de raciocínio com os quais conseguia resultados tão notáveis. A história foi contada mais de uma vez nos jornais, eu creio, mas, como todas as narrativas desse tipo, seu efeito é muito menos impressionante quando são compactadas em meia coluna impressa do que quando os fatos se desenvolvem lentamente diante de seus próprios olhos e o mistério é aos poucos esclarecido, à medida que cada nova descoberta representa uma etapa que leva à verdade completa. Na ocasião, as circunstâncias deixaram profunda impressão em mim e o intervalo de dois anos pouco enfraqueceu o efeito.

Foi no verão de 1889, pouco depois do meu casamento, que ocorreram os fatos que vou resumir. Eu voltara a exercer minha profissão e finalmente deixara Holmes em seus aposentos da Baker Street, embora o visitasse constantemente e às vezes até o convencesse a abandonar seus hábitos boêmios e vir nos visitar. Meus clientes eram cada vez mais numerosos, e como eu não morava muito longe da Estação de Paddington, tinha alguns funcionários de lá como pacientes. Um deles, que eu havia curado de uma

doença dolorosa e longa, não se cansava de apregoar minhas virtudes e de me mandar todos os sofredores sobre os quais tinha alguma influência.

Uma manhã, pouco antes das sete horas, fui acordado pela empregada, que batia à porta para anunciar que dois homens tinham vindo de Paddington e estavam esperando no consultório. Vesti-me às pressas, pois sabia por experiência que casos da estrada de ferro raramente eram banais, e desci o mais depressa possível. Enquanto eu descia, meu velho aliado, o guarda, saiu da sala e fechou a porta.

— Ele está aqui dentro — murmurou, apontando com o polegar por cima do ombro. — Ele está bem.

— O que é, então? — perguntei, pois sua atitude sugeria que era alguma criatura estranha que ele tinha encarcerado na minha sala.

— É um novo paciente — murmurou. — Achei que era melhor eu mesmo vir com ele aqui, assim ele não conseguiria escapar. Ele está aí dentro, são e salvo. Preciso ir agora, doutor, tenho minhas obrigações, assim como o senhor. — E foi embora, sem me dar tempo sequer de agradecer-lhe.

Entrei no meu consultório e encontrei um cavalheiro sentado junto à mesa. Estava vestido sobriamente, com um terno de *tweed*, e um boné de tecido macio que tirara e colocara em cima de meus livros. Uma das mãos estava enrolada em um lenço todo manchado de sangue. Era jovem, não tinha mais de 25 anos e o rosto era acentuadamente másculo, mas estava extremamente pálido e deu-me a impressão de um homem que estava muito agitado e usando toda sua força de vontade para se controlar.

— Lamento acordá-lo tão cedo, doutor — disse. — Mas sofri um acidente muito grave durante a noite. Vim de trem hoje de manhã e quando perguntei em Paddington onde poderia encontrar um médico, um camarada muito amável me trouxe aqui. Dei um cartão à empregada, mas vejo que ela o deixou em cima daquela mesinha.

Peguei o cartão e li:

SR. VICTOR HATHERLEY
engenheiro hidráulico
Victoria Street, 16-A (3º andar)

Estavam ali o nome, a profissão e o endereço de meu visitante matutino.

— Desculpe-me por tê-lo feito esperar — disse, sentando-me em minha poltrona. — Acaba de chegar de uma viagem noturna, pelo que diz, o que já é uma ocupação monótona.

— Oh, a noite que passei não poderia ser chamada de monótona — ele disse rindo. Continuou rindo em tom alto e agudo, recostando-se na cadeira e sacudindo o corpo. Todos os meus instintos de médico se revoltaram com essas gargalhadas.

— Pare! — gritei. — Controle-se! — E enchi um copo com água de uma garrafa.

Mas não adiantou nada. Era uma dessas explosões histéricas que ocorrem com uma personalidade forte quando uma grande crise termina. Finalmente voltou ao normal, muito cansado e com o rosto pálido.

— Fiz papel de idiota — disse com voz rouca.

— Não foi nada. Beba isto! — Despejei um pouco de conhaque no copo com água e a cor começou a voltar ao seu rosto.

— Agora estou melhor! — disse. — Agora, doutor, tenha a bondade de tratar do meu polegar, ou melhor, do lugar onde ficava o meu polegar.

Desenrolou o lenço e estendeu a mão. Até os meus nervos calejados estremeceram: surgiram quatro dedos e uma horrenda superfície vermelha e esponjosa no lugar onde o polegar deveria estar. Havia sido brutalmente cortado ou arrancado pela raiz.

— Céus! — exclamei. — Que ferida horrível. Deve ter sangrado muito.

— Sim, sangrou. Desmaiei quando aconteceu e acho que fiquei desacordado muito tempo. Quando voltei a mim, vi que ainda estava sangrando e enrolei o lenço bem apertado no pulso, segurando com um pedaço de madeira.

— Excelente! O senhor devia ter sido cirurgião.

— É uma questão de hidráulica, sabe, e aí tenho conhecimentos.

— Isso foi feito — disse, examinando a ferida — com um instrumento pesado e afiado.

— Como uma machadinha de açougueiro.

— Presumo que foi um acidente.

— De maneira nenhuma.

— O quê! Um ataque assassino!

— Realmente.

— O senhor está me deixando horrorizado.

Limpei a ferida, lavei-a e fiz um curativo. Ele aguentou tudo sem estremecer, embora mordesse o lábio de vez em quando.

— Que tal? — perguntei quando terminei.

— Excelente! Com seu conhaque e seu curativo, já me sinto outro homem. Estava muito fraco, pois passei por muitas coisas.

— Talvez seja melhor não falar no assunto. Evidentemente isso o deixa muito nervoso.

— Oh, não, agora não. Terei de contar minha história à polícia, mas, aqui entre nós, se não fosse pela prova evidente dessa minha ferida, eu ficaria muito surpreso se acreditassem em mim, porque a minha história é realmente extraordinária e não tenho provas para confirmá-la. E mesmo que acreditem em mim, as pistas que lhes posso dar são tão vagas que é muito duvidoso que se possa fazer justiça.

— Ah! — exclamei. — Se é algum problema que o senhor gostaria que fosse resolvido, recomendaria que consultasse meu amigo, Sherlock Holmes, antes de ir à polícia.

— Oh, ouvi falar desse homem — respondeu meu visitante — e ficaria muito contente se ele se encarregasse do assunto, embora tenha de usar a polícia também. Pode me dar uma apresentação para ele?

— Farei melhor que isso. Eu mesmo vou levá-lo até lá.

— Ficaria imensamente grato ao senhor.

— Vamos chamar um cabriolé e iremos juntos. Chegaremos bem a tempo de tomar o café da manhã com ele. Sente-se bem para isso?

— Sim. Não me sentirei aliviado enquanto não contar minha história.

— Então minha criada chamará um carro, e estarei de volta num instante. — Subi as escadas correndo, expliquei o caso em poucas palavras à minha esposa e em cinco minutos estava dentro de um carro, levando meu novo paciente para a Baker Street.

Sherlock Holmes estava, como eu esperava, descansando em sua sala de estar, vestido com um roupão e lendo os anúncios pessoais do *Times*, enquanto fumava seu cachimbo de antes do café, com as sobras de fumo do dia anterior, secas e amontoadas em um canto do consolo da lareira. Recebeu-nos com sua tranquila amabilidade, mandou vir mais ovos com *bacon* e nos acompanhou em uma lauta refeição. Quando terminamos, instalou nosso novo conhecido no sofá, pôs uma almofada atrás de sua cabeça e deixou um copo de conhaque com água ao seu alcance.

— É fácil perceber que sua experiência não foi muito comum, sr. Hatherley — disse. — Por favor, fique deitado e sinta-se completamente à vontade. Conte-nos o que puder, mas pare quando se sentir cansado, e fortifique-se com um pouco desse estimulante.

— Obrigado — disse meu paciente —, mas me sinto outro homem desde que o doutor fez o curativo, e acho que seu café da manhã completou a cura. Vou tomar o mínimo possível de seu valioso tempo, por isso começarei imediatamente a relatar minhas experiências extraordinárias.

Holmes estava sentado em sua ampla poltrona, com a expressão de cansaço e pálpebras pesadas que encobriam sua natureza ansiosa e perspicaz, e eu estava em frente, enquanto ouvíamos em silêncio a estranha história que nosso visitante nos contou.

— É preciso dizer que sou órfão e solteiro, moro sozinho em quartos alugados em Londres. Minha profissão é de engenheiro hidráulico e tive considerável experiência de trabalho durante os sete anos que passei como estagiário na famosa firma Venner & Matheson, em Greenwich. Há dois anos, tendo completado meu estágio e também tendo herdado uma boa quantia com a morte de meu pobre pai, decidi estabelecer-me por conta própria e aluguei salas na Victoria Street.

“Suponho que todo mundo passa pela mesma experiência desanimadora quando está começando a vida e abre um escritório. Em dois anos, só o que me apareceu foram três consultas e um pequeno serviço, nada mais. Minha renda bruta não passa de 27 libras e dez xelins. Todos os dias, das nove até as 16 horas, eu ficava em minha salinha, até que comecei a desanimar e acreditar que nunca teria uma clientela.

“Mas ontem, quando estava pensando em fechar o escritório, meu empregado entrou para dizer que um cavalheiro queria falar comigo sobre um trabalho. Trouxe um cartão com o nome de ‘Coronel Lysander Stark’ impresso. Logo em seguida veio o próprio coronel, um homem muito alto e extremamente magro. Acho que nunca vi um homem tão magro assim. O rosto se resumia a nariz e queixo, e a pele das faces estava esticada sobre os ossos salientes. No entanto, essa magreza parecia natural e não consequência de alguma doença, porque seus olhos eram brilhantes, seus movimentos cheios de energia, e sua postura, confiante. Estava vestido sobriamente e achei que devia ter uns quarenta anos.

“‘Sr. Hatherley?’, indagou, com um leve sotaque alemão. ‘O senhor me foi recomendado, como uma pessoa eficiente em sua profissão e também extremamente discreto e capaz de guardar um segredo.’

“Cumprimentei-o, sentindo-me lisonjeado com essas palavras, como qualquer rapaz da minha idade. ‘Posso saber quem me recomendou?’, perguntei.

“‘Talvez seja melhor não dizer por enquanto. A mesma pessoa me informou que o senhor é órfão e solteiro e mora sozinho em Londres.’

“‘Perfeitamente correto’, respondi, ‘mas permita-me observar que nada disso tem a ver com minha capacidade profissional. Não é sobre um assunto profissional que o senhor quer falar comigo?’

“‘Sem dúvida alguma. Mas o senhor verá que tudo que digo tem uma razão de ser. Tenho um trabalho para o senhor, mas é essencial que haja segredo absoluto, entende, segredo absoluto, e, naturalmente, é mais fácil obter isso de um homem que mora sozinho do que de um que mora com uma família.’

“‘Se prometer guardar segredo’, afirmei, ‘pode ter certeza absoluta de que cumprirei o prometido.’

“Ele me olhou fixamente enquanto eu falava e tive a impressão de que nunca vira um olhar tão desconfiado e inquisitivo.

“‘Então promete?’, perguntou por fim.

“‘Sim, prometo.’

“‘Silêncio completo e absoluto, antes, durante e depois? Nenhuma referência ao assunto, nem oral, nem por escrito?’

“‘Já lhe dei minha palavra.’

“‘Muito bem.’ Levantou-se de repente e, atravessando a sala como um relâmpago, abriu a porta. O corredor estava deserto.

“‘Tudo bem’, disse, voltando. ‘Sei que os empregados às vezes ficam curiosos sobre os negócios de seus patrões. Agora podemos conversar em segurança.’ Puxou a cadeira para junto da minha e me olhou outra vez com aquela expressão inquisitiva e pensativa.

“Uma sensação de repulsa e de alguma coisa semelhante ao medo começou a se apoderar de mim, vendo as excentricidades desse homem esquelético. Nem mesmo meu medo de perder um cliente podia me impedir de mostrar minha impaciência.

"'Peço-lhe que diga a que veio, senhor. Meu tempo é muito valioso.' Deus me perdoe por esta última frase, mas falei sem pensar.

"'O que acha de cinquenta guinéus por uma noite de trabalho?', ele perguntou.

"'Maravilhoso.'

"'Estou dizendo uma noite de trabalho, mas uma hora seria mais apropriado. Quero apenas sua opinião sobre uma máquina hidráulica de estampar que não está funcionando bem. Se nos mostrar o que está errado, nós mesmos a consertaremos. O que acha de uma tarefa dessas?'

"'O trabalho parece ser pouco e a remuneração excelente.'

"'Exatamente. Queremos que venha hoje à noite pelo último trem.'

"'Para onde?'

"'A Eyford, em Berkshire. É um lugarejo perto do limite de Oxfordshire, a dez quilômetros de Reading. Há um trem de Paddington que o deixará lá aproximadamente às 23h15.'

"'Muito bem.'

"'Irei buscá-lo com uma carruagem.'

"'Fica longe da estação?'

"'Sim, nossa pequena propriedade fica no campo. São uns dez quilômetros da estação de Eyford.'

"'Então não chegaremos antes de meia-noite. Imagino que não há um trem para voltar. Serei obrigado a passar a noite lá.'

"'Podemos arranjar acomodações para o senhor.'

"'É um pouco incômodo. Não seria possível ir numa hora mais conveniente?'

"'Achamos melhor o senhor ir à noite. É para recompensá-lo por qualquer inconveniência que estamos pagando ao senhor, um rapaz jovem e desconhecido, uma quantia que compraria a opinião dos melhores de sua profissão. Mas é claro que se o senhor quiser desistir do negócio, tem toda a liberdade.'

"Pensei nos cinquenta guinéus e em como me seriam úteis. 'De maneira nenhuma', respondi. 'Terei o maior prazer em fazer o que deseja. Mas gostaria de entender um pouco melhor o que é exatamente que o senhor quer que eu faça.'

"'Pois não. É muito natural que a promessa de segredo que extraí do senhor desperte a sua curiosidade. Não quero que se comprometa a fazer

coisa alguma sem saber do que se trata. Suponho que não haja nenhum risco de alguém nos escutar?’

“‘Absolutamente.’

“‘Então é o seguinte. O senhor deve saber que a greda é um produto valioso e que só é encontrada em um ou dois lugares na Inglaterra.’

“‘Já ouvi falar.’

“‘Há algum tempo comprei uma pequena propriedade, muito pequena, a uns 12 quilômetros de Reading. Tive a sorte de descobrir que havia um depósito de greda em um dos meus campos. Ao examiná-lo, entretanto, vi que esse depósito era relativamente pequeno e era uma ligação entre dois outros muito maiores, um à direita e outro à esquerda, ambos nas propriedades de meus vizinhos. Esses bons homens não sabiam que suas terras continham aquilo que era tão valioso quanto uma mina de ouro. É claro que me interessava comprar suas terras antes que descobrissem seu verdadeiro valor, mas, infelizmente, eu não tinha capital para isso. Contei o segredo a alguns amigos meus e eles sugeriram que começássemos a trabalhar em sigilo em nosso pequeno depósito, e assim ganharíamos o suficiente para comprar as terras dos vizinhos. É isso que estamos fazendo há algum tempo e, para ajudar nas operações, fizemos uma prensa hidráulica. Essa prensa, como já expliquei, não está funcionando bem e queremos a sua opinião. Mas guardamos nosso segredo com muito zelo e se todo mundo ficasse sabendo que engenheiros hidráulicos vieram à nossa casa, isso despertaria suspeitas, e depois, se os fatos viessem à tona, teríamos que dar adeus à possibilidade de adquirir essas terras e realizar nossos planos. É por isso que fiz o senhor prometer que não dirá a ninguém que vai a Eyford hoje à noite. Espero ter explicado tudo claramente.’

“‘Compreendo’, respondi. ‘A única coisa que não entendi bem é a utilidade de uma prensa hidráulica na extração de greda, que, pelo que sei, é escavada da terra como pedra de uma pedreira.’

“‘Ah!’, ele disse displicentemente. ‘Temos nosso próprio processo. Comprimimos a terra em forma de tijolos para poder retirá-los sem revelar o que contêm. Mas isso é mero detalhe. Contei-lhe toda nossa história, sr. Hatherley, e demonstrei que confio no senhor.’ Ergueu-se enquanto falava. ‘Vou esperá-lo, então, em Eyford às 23h15.’

“‘Estarei lá com certeza.’

“‘Nem uma palavra a ninguém.’ Lançou-me um longo olhar inquisitivo e depois, com um aperto de mãos, saiu apressado da sala.

“Bem, como devem imaginar, quando pensei em tudo isso com calma, fiquei muito espantado com essa incumbência inesperada que havia recebido. Por um lado, é claro, eu estava contente, pois o pagamento era dez vezes mais do que teria pedido se eu tivesse feito o preço, e era possível que esse serviço levasse a outros. Por outro lado, a expressão e os modos de meu cliente me causaram uma impressão muito desagradável e não achei que a explicação sobre a greda fosse motivo suficiente para essa visita à meia-noite e para justificar seu receio de que eu contasse a alguém. Mas, apesar disso, deixei de lado meus temores, fiz uma lauta refeição, fui para Paddington e comecei minha viagem, obedecendo fielmente à recomendação de não dizer nada a ninguém.

“Em Reading, tive que trocar não só de vagão, mas também de estação. Mas consegui pegar o último trem para Eyford e cheguei à estação pequena e escura depois de 23 horas. Fui o único passageiro a saltar lá e não havia ninguém na plataforma, a não ser um porteiro sonolento com uma lanterna. Entretanto, quando passei pelo portão, encontrei meu conhecido da manhã esperando no escuro, do outro lado. Sem dizer uma palavra, segurou meu braço e levou-me rapidamente para um carro, cuja porta já estava aberta. Fechou as janelas dos dois lados, deu umas pancadinhas na divisória de madeira e o carro partiu a toda a velocidade.”

— Um cavalo só? — perguntou Holmes.

— Só um.

— Notou de que cor era?

— Sim, vi à luz das lanternas laterais quando entrava no carro. Era um cavalo baio.

— Com aparência cansada?

— Não, descansado e vigoroso.

— Obrigado. Desculpe a interrupção. Por favor, continue a sua história. É muito interessante.

— Partimos, e andamos por pelo menos uma hora. O coronel Lysander Stark havia dito que eram apenas uns dez quilômetros, mas achei, pela velocidade em que andávamos e o tempo que levamos, que deviam ser pelo menos uns 15. Ficou sentado ao meu lado em silêncio o tempo todo e percebi, mais de uma vez, quando o olhei de relance, que ele me olhava

fixamente. As estradas pareciam não ser muito boas naquela região, pois sacudimos e balançamos durante todo o trajeto. Tentei olhar pelas janelas para ver onde estávamos, mas o vidro era fosco e não pude ver nada, só a mancha de uma luz ocasional. De vez em quando eu fazia algum comentário para quebrar a monotonia da viagem, mas o coronel respondia com monossílabos e a conversa morria. Enfim os solavancos da estrada foram substituídos pela regularidade de um caminho de cascalho, e o carro parou. O coronel Lysander Stark saltou e, quando o segui, puxou-me depressa para uma varanda que se abria à nossa frente. Saímos, por assim dizer, diretamente do carro para o hall de entrada, de modo que não pude nem ver a frente da casa. No minuto em que transpus a soleira da porta, esta se fechou atrás de nós e ouvi o ruído das rodas do carro que se afastava.

"Estava totalmente escuro dentro da casa e o coronel tateou em volta procurando fósforos e resmungando baixinho. De repente, uma porta se abriu na outra extremidade do corredor e uma longa faixa dourada de luz se projetou na nossa direção. Uma mulher surgiu com uma lâmpada, que segurava acima da cabeça, esticando o pescoço para a frente e olhando para nós. Pude ver que era bonita e, pelo brilho da luz no vestido escuro que usava, vi que era de um tecido de boa qualidade. Disse algumas palavras em uma língua estrangeira e o tom era de uma pergunta, e quando meu companheiro respondeu com um monossílabo rude, ela estremeceu tanto que a lâmpada quase caiu de sua mão. O coronel Stark aproximou-se dela, murmurou qualquer coisa em seu ouvido e depois, empurrando-a de volta para o quarto de onde ela viera, aproximou-se outra vez de mim com a lâmpada na mão.

"'Peço-lhe que tenha a bondade de esperar neste quarto por alguns minutos', disse, abrindo outra porta. Era um quarto pequeno, mobiliado com simplicidade com uma mesa redonda no centro, na qual estavam espalhados vários livros em alemão. O coronel Stark pôs a lâmpada sobre um harmônio perto da porta. 'Não o farei esperar muito', disse, e desapareceu na escuridão.

"Dei uma olhada nos livros na mesa e, apesar de não saber alemão, vi que dois eram tratados sobre ciências e os outros, livros de poesia. Fui até a janela esperando ver alguma coisa da paisagem, mas ela estava coberta por pesadas tábuas de carvalho. Era uma casa extraordinariamente silenciosa. Ouvi o tique-taque de um velho relógio em algum lugar do corredor, mas,

fora isso, tudo era silêncio. Uma vaga sensação de mal-estar começou a se apoderar de mim. Quem eram esses alemães e o que faziam, morando nesse lugar estranho, tão isolado? E que lugar era esse? Estava a 12 ou 15 quilômetros de Eyford, era tudo o que eu sabia, mas se ao norte, ao sul, a leste ou a oeste, não tinha a menor ideia. Reading e possivelmente outras cidades grandes talvez estivessem nesse raio, de modo que o lugar poderia não ser tão isolado assim. No entanto, eu tinha certeza, pela quietude absoluta, de que estávamos no campo. Andei de um lado para outro cantarolando baixinho para espantar o medo e sentindo que estava fazendo jus a meus honorários de cinquenta guinéus.

"De repente, sem o menor som preliminar em meio ao silêncio total, a porta da sala abriu-se lentamente. A mulher surgiu na abertura, a escuridão do corredor às suas costas, a luz amarela de minha lâmpada caindo sobre o seu rosto lindo e aflito. Vi logo que estava aterrorizada e o sangue gelou em minhas veias. Ela ergueu um dedo trêmulo para fazer sinal de silêncio e murmurou algumas palavras em péssimo inglês, olhando para trás, como um cavalo amedrontado, em direção ao corredor escuro.

"'Eu iria', ela disse, tentando, ou assim me pareceu, falar calmamente. 'Eu iria. Não ficaria aqui. Não há nenhum bem para o senhor fazer aqui.'

"'Mas, minha senhora', respondi, 'ainda não fiz o que vim fazer aqui. Não posso ir embora sem ver a máquina.'

"'Não vale a sua pena esperar', ela continuou. 'Pode passar pela porta. Ninguém impede.' E então, vendo que eu sorria e sacudia a cabeça, abandonou qualquer reserva, avançou torcendo as mãos, e implorou: 'Pelo amor de Deus! Ir embora daqui antes que seja tarde demais!'

"Mas sou um pouco teimoso por natureza e sempre pronto a me envolver em uma coisa quando há algum obstáculo no caminho. Pensei em minha remuneração de cinquenta guinéus, em minha viagem cansativa e na noite desagradável que parecia me aguardar. Seria isso tudo à toa? Por que iria embora sem ter realizado minha tarefa e sem receber o pagamento que me era devido? Essa mulher poderia até ser uma louca. Ficando firme, portanto, embora ela tivesse me abalado mais do que eu gostaria de confessar, abanei novamente a cabeça e afirmei minha intenção de ficar ali. Ela estava prestes a repetir sua súplica quando uma porta bateu acima de nós e ouvimos passos na escada. Ficou escutando um segundo, fez um gesto de desespero e sumiu tão repentina e silenciosamente como tinha vindo.

“Os recém-chegados eram o coronel Lysander Stark e um homem baixo e atarracado com uma barbicha que saía das dobras do queixo duplo, e que me foi apresentado como o sr. Ferguson.

“‘Este é meu secretário e gerente’, disse o coronel. ‘Aliás, eu tinha a impressão de que deixara esta porta fechada. Receio que tenha sentido a corrente de ar.’

“‘Pelo contrário’, respondi, rápido, ‘eu mesmo abri a porta, pois achei a sala um pouco abafada.’

“Lançou-me um de seus olhares desconfiados. ‘Talvez seja melhor tratarmos do trabalho, então’, disse. ‘O sr. Ferguson e eu vamos levá-lo para ver a máquina.’

“‘Acho que é melhor botar o chapéu.’

“‘Não, não é preciso. É dentro da casa.’

“‘O quê, estão escavando greda dentro de casa?’

“‘Não, não. Apenas a comprimimos aqui. Mas isso não importa! Só queremos que examine a máquina e nos diga o que há de errado com ela.’

“Subimos juntos, o coronel na frente com a lâmpada, o gerente gordo e eu atrás. A velha casa era um labirinto, com corredores, passagens, escadas estreitas em espiral e portas pequenas e baixas com soleiras gastas por gerações e gerações que as atravessaram. Não havia tapetes e nenhum sinal de mobília acima do andar térreo, o emboço caía das paredes e a umidade surgia em manchas esverdeadas de aspecto pouco higiênico. Tentei manter um ar despreocupado, mas não havia esquecido os avisos da mulher, embora os tivesse ignorado, e fiquei de olho em meus dois companheiros. Ferguson parecia ser um homem moroso e calado, mas percebi pelo pouco que disse que, pelo menos, era meu compatriota.

“O coronel Lysander Stark parou finalmente diante de uma porta baixa, que destrancou. Era um pequeno quarto quadrado, no qual nós três mal cabíamos ao mesmo tempo. Ferguson ficou do lado de fora e o coronel me fez entrar.

“‘Estamos agora’, disse, ‘dentro da própria prensa hidráulica e seria profundamente desagradável para nós se alguém resolvesse ligá-la. O teto deste pequeno quarto é, na realidade, a extremidade do pistom, que desce com uma força de muitas toneladas até este chão de metal. Há pequenas colunas laterais de água do lado externo que recebem a força e a transmitem e multiplicam da maneira que o senhor sabe. A máquina está funcionando,

mas está um pouco dura e perdeu um pouco de sua força. Tenha a bondade de examiná-la e nos mostrar o que devemos fazer para consertá-la.’

“Tomei a lâmpada dele e examinei minuciosamente a máquina. Era realmente gigantesca e capaz de exercer enorme pressão. Quando fui para o lado de fora e apertei as alavancas que a controlavam, vi logo, pelo som sibilante, que havia um vazamento que permitia a regurgitação de água através de um dos cilindros laterais. Um outro exame revelou que uma vedação de borracha na cabeça de uma haste encolhera e não vedava mais de modo adequado o encaixe em que operava. Era isso que estava causando a perda de força, e mostrei a meus companheiros, que ouviram meus comentários com atenção e fizeram algumas perguntas práticas sobre a maneira de corrigir o defeito. Quando tinha explicado tudo a eles, voltei ao quartinho e olhei bem em volta, para satisfazer minha curiosidade. Era óbvio que a história da greda era uma invenção, porque era absurdo imaginar que uma máquina tão poderosa fosse usada para uma finalidade tão inadequada. As paredes eram de madeira, mas o chão de ferro era cavado, como uma calha, e quando fui examiná-lo, vi uma crosta de depósito mineral em toda a sua extensão. Agachei-me e estava procurando raspar um pouco para ver o que era, quando ouvi uma exclamação em alemão e vi o rosto cadavérico do coronel me olhando.

“‘O que está fazendo aí?’, perguntou.

“Fiquei zangado por ter sido enganado com uma história tão complicada como a que ele tinha me contado. ‘Estava admirando sua greda’, respondi. ‘Acho que poderia aconselhá-lo melhor sobre sua máquina se soubesse exatamente qual é sua finalidade.’

“No momento exato em que pronunciei essas palavras arrependi-me de minha ousadia. O rosto dele se contraiu e os olhos cinzentos faiscaram.

“‘Muito bem’, disse, ‘vai saber tudo sobre a máquina’. Recuou, fechou a pequena porta e virou a chave na fechadura. Corri para a porta e puxei a maçaneta, mas estava trancada e não cedeu a meus pontapés e pancadas: ‘Ei!’, gritei. ‘Ei! Coronel! Abra a porta!’

“E, de repente, no silêncio, ouvi um som que gelou o sangue em minhas veias. Era o ruído metálico das alavancas e o som sibiliante do cilindro que vazava. Ele ligara a máquina. A lâmpada ainda estava no chão, onde a deixara quando fui examinar a calha. Pela sua luz, vi que o teto negro estava descendo sobre mim, lentamente, aos arrancos, mas, como ninguém

sabia melhor que eu, com uma força que dentro de um minuto me esmagaria. Atirei-me, gritando, contra a porta e tentei arrancar a fechadura com as unhas. Implorei ao coronel para me deixar sair, mas o rumor de alavancas abafou meus gritos. O teto estava apenas três ou quatro palmos acima de minha cabeça, e com a mão erguida podia sentir a superfície dura e áspera. Então me ocorreu que a dor da morte dependeria muito da posição em que me encontrasse. Se deitasse de rosto para baixo o peso cairia sobre minha espinha e estremeci ao pensar nos ossos se quebrando. Talvez fosse mais fácil deitar de costas, mas será que teria a coragem de ficar olhando aquela sombra negra fatal descendo sobre mim? Já não podia mais ficar de pé, quando vislumbrei algo que trouxe esperança para o meu pobre coração.

"Já disse que, embora o chão e o teto fossem de ferro, as paredes eram de madeira. Quando dei uma última olhada em volta, vi uma linha fina de luz amarela entre duas tábuas, que se alargava cada vez mais, à medida que um pequeno painel era aberto. Por um instante não pude acreditar que fosse realmente uma porta que me salvava da morte, mas logo joguei-me pela abertura e caí meio desmaiado do outro lado. O painel fechou-se atrás de mim, mas o ruído da lâmpada se espatifando e logo depois o som metálico das duas chapas de metal mostraram que eu tinha escapado por pouco.

"Voltei a mim com alguém puxando minha mão, e percebi que estava deitado no chão de pedra de um corredor estreito, com uma mulher inclinada sobre mim, puxando-me com a mão esquerda e segurando uma vela com a direita. Era a mesma boa amiga cujos avisos eu tão tolamente havia ignorado.

"'Venha! Venha!', ela implorava, ofegante. 'Eles aqui estarão já, já. Verão que não está lá. Oh, não perca o tão precioso tempo, venha.'

"Dessa vez, pelo menos, não desprezei seus conselhos. Fiquei de pé, cambaleando, e fui atrás dela pelo corredor e por uma escada circular. Esta nos levou a outra passagem mais larga e, justamente quando a alcançamos, ouvimos o som de passos apressados e duas vozes gritando, uma respondendo à outra, do andar em que estávamos e do andar de baixo. Minha protetora parou e olhou em volta, como quem não vê saída. Então abriu uma porta que dava num quarto onde, pela janela aberta, entrava o luar, banhando o chão.

"'É sua única chance', disse, 'é alto, mas talvez possa pular.'

“Enquanto ela falava, surgiu uma luz no fim da passagem e vi o vulto magro do coronel Lysander Stark avançando rapidamente com uma lanterna em uma das mãos e uma arma parecida com uma machadinha de açougueiro na outra. Atravessei o quarto correndo e olhei pela janela. O jardim, à luz da lua, parecia tão calmo e seguro, e estava a menos de dez metros. Subi no peitoril, mas hesitei em pular até ouvir o que ia acontecer entre minha salvadora e o bandido que me perseguia. Se ela fosse maltratada, apesar de todo o perigo, eu voltaria para socorrê-la. Mal pensara isso, quando ele chegou à porta, empurrando-a de lado, mas ela o abraçou e tentou detê-lo.

“‘Fritz! Fritz!’, exclamou em inglês. ‘Lembre sua promessa depois da última vez. Você disse que não ia ser assim nunca mais. Ele guardará segredo! Oh, ele guardará segredo!’

“‘Você está louca, Elise!’, ele berrou, lutando para se livrar. ‘Você vai estragar tudo. Ele viu demais. Solte-me, vamos!’ Empurrou-a para o lado e, correndo até a janela, golpeou-me com a machadinha. Eu deixara o corpo cair e estava me segurando no peitoril com as mãos quando ele me atacou. Senti uma dor vaga, afrouxei os dedos e caí no jardim.

“Fiquei aturdido, mas não me machuquei com a queda. Levantei-me e saí correndo por entre os arbustos o mais depressa possível, pois sabia que ainda não estava fora de perigo. De repente, enquanto corria, comecei a me sentir tonto e fraco. Olhei minha mão, que latejava, e então, pela primeira vez, vi que meu polegar havia sido decepado e o sangue escorria da ferida. Consegui enrolar meu lenço na mão, mas os ouvidos começaram a zumbir e caí desmaiado entre as roseiras.

“Não sei quanto tempo fiquei desacordado. Deve ter sido por muitas horas, pois a lua já sumira do céu e começava a amanhecer quando abri os olhos. Minhas roupas estavam ensopadas de orvalho e a manga do casaco estava coberta de sangue do polegar ferido. A dor na mão me fez recordar todos os detalhes da aventura noturna e levantei-me, sentindo que talvez ainda não estivesse a salvo de meus perseguidores. Mas, para minha surpresa, quando olhei em volta, não vi nem a casa nem o jardim. O lugar onde caíra desmaiado era um ângulo de uma sebe próxima à estrada, e logo adiante havia um prédio comprido e baixo, e, ao me aproximar, vi que era a mesma estação onde chegara na noite anterior. Se não fosse pela ferida na

mão, tudo que se passara durante aquelas horas horríveis poderia ter sido um pesadelo.

“Meio tonto, entrei na estação e perguntei pelo trem da manhã. Havia um para Reading uma hora depois. O mesmo porteiro estava de serviço. Perguntei-lhe se ouvira falar de um coronel Lysander Stark. Não sabia quem era. Vira um carro na noite anterior esperando por mim? Não, não vira. Havia uma delegacia perto dali? Sim, a uns quatro quilômetros.

“Era longe demais para ir andando, fraco e doente como eu me sentia. Resolvi esperar até chegar à cidade para contar minha história à polícia. Passava um pouco das seis horas quando cheguei e fui primeiro tratar de minha mão, e foi então que o doutor teve a bondade de me trazer aqui. Estou pondo meu caso em suas mãos e farei exatamente o que o senhor mandar.”

Ficamos em silêncio após ouvir essa extraordinária narrativa. Depois Sherlock Holmes tirou da prateleira um dos volumes onde guardava seus recortes.

— Aqui está um anúncio que vai interessá-lo — disse. — Saiu em todos os jornais cerca de um ano atrás. Ouçam: *Desaparecido, no dia 9 do corrente, o sr. Jeremiah Hayling, de 26 anos, engenheiro hidráulico. Saiu de casa às 22 horas e não foi mais visto. Vestia*... etc. etc. Ah! Esta foi a última vez que o coronel precisou consertar sua máquina, sem dúvida alguma.

— Céus! — exclamou meu paciente. — Então isso explica o que a moça disse.

— Sem dúvidas. É óbvio que o coronel era um homem calculista e desesperado, que estava firmemente decidido a não deixar que nada atrapalhasse sua jogada, como os piratas de antigamente, que não deixavam nenhum sobrevivente nos barcos que capturavam. Bem, os minutos são preciosos, e se o senhor se sente bem, vamos agora mesmo à Scotland Yard, e depois a Eyford.

Umas três horas depois estávamos a caminho de Reading, e de lá à pequena aldeia em Berkshire. O grupo era formado por Sherlock Holmes, o engenheiro hidráulico, o inspetor Bradstreet, da Scotland Yard, um detetive e eu. Bradstreet abrira um mapa da região sobre o assento e desenhava um círculo que tinha Eyford como centro.

— Aqui está — disse. — Este círculo tem um raio de 12 quilômetros, partindo da aldeia. O lugar que procuramos deve estar dentro dessa linha. O senhor disse 12 quilômetros, não foi?
— Aproximadamente. Foi mais ou menos uma hora de viagem.
— E acha que o trouxeram de volta toda essa distância quando estava inconsciente?
— Devem ter feito isso. Tenho uma lembrança confusa de ter sido carregado e posto em algum lugar.
— O que não posso entender — disse eu — é por que não o mataram quando o encontraram desmaiado no jardim. Talvez o vilão tenha se enternecido com as súplicas da moça.
— Não acho isso provável. Nunca vi uma cara mais implacável em toda a minha vida.
— Oh, em pouco tempo saberemos tudo — disse Bradstreet. — Bem, desenhei o círculo e só gostaria de saber em que ponto dentro dele vamos encontrar as pessoas que procuramos.
— Acho que posso determinar isso — disse Holmes calmamente.
— Ah! — exclamou o inspetor. — Então já formou sua opinião? Bem, vamos lá. Vejamos quem concorda com o senhor. Eu digo que é no sul, pois lá é mais deserto.
— E eu digo leste — arriscou meu paciente.
— Eu acho que é oeste — disse o detetive. — Lá há várias aldeias pequenas.
— Minha opinião é o norte — eu disse — porque lá não há colinas e nosso amigo não disse que o carro subiu nenhuma inclinação.
— Ora — disse o inspetor, rindo —, não poderíamos discordar mais. Cobrimos todos os pontos do compasso. Sr. Holmes, qual é seu voto decisivo?
— Estão todos errados.
— Mas não podemos estar todos errados.
— Ah, sim, podem. Esse é o ponto que escolho. — E pôs o dedo bem no centro do círculo. — É aqui que os encontraremos.
— Mas, e a viagem de 12 quilômetros!? — exclamou Hatherley.
— Seis de ida e seis de volta. Nada mais simples. O senhor mesmo disse que quando entrou no carro, o cavalo não estava cansado. Isto seria impossível se tivesse andado 12 quilômetros em estradas péssimas.

— Realmente, seria um ótimo estratagema — observou Bradstreet, pensativo. — É claro que não pode haver dúvidas quanto à natureza desse bando.

— Nenhuma — disse Holmes. — São cunhadores de moedas falsas em grande escala, e usavam a máquina para fazer o amálgama que substitui a prata.

— Há muito tempo sabíamos que havia um bando muito esperto trabalhando nisso — disse o inspetor. — Estavam cunhando milhares de moedas de meia coroa. Conseguimos seguir sua pista até Reading, mas lá os perdemos, porque conseguiram nos despistar de uma maneira que mostrou que eram velhos profissionais. Mas agora, graças a essa oportunidade inesperada, acho que finalmente vamos pegá-los.

Mas o inspetor estava enganado, porque esses criminosos não estavam destinados a cair nas mãos da justiça. Quando chegamos à estação de Eyford, vimos uma coluna gigantesca de fumaça que saía de um pequeno bosque na vizinhança pairando como uma imensa pluma de avestruz sobre a paisagem.

— Alguma casa pegando fogo? — perguntou Bradstreet, quando o trem partiu outra vez, seguindo viagem.

— Sim, senhor — respondeu o chefe da estação.

— Quando começou?

— Ouvi dizer que foi durante a noite, mas piorou muito e está queimando toda.

— De quem é a casa?

— Do dr. Becher.

— Diga-me — interrompeu o engenheiro —, o dr. Becher é um alemão muito magro, com um nariz fino e comprido?

O chefe da estação deu uma boa gargalhada.

— Não, senhor, o dr. Becher é inglês e não há ninguém na paróquia que tenha uma barriga maior. Mas ele tem um hóspede, parece que é um paciente dele, que é estrangeiro e bem que precisa de um pouco da boa carne de Berkshire para cobrir seus ossos.

Mal ele acabara de falar, corremos na direção do incêndio. A estrada subiu uma pequena colina e à nossa frente surgiu um grande prédio baixo lançando fogo por todas as janelas e frestas, enquanto no jardim três carros de bombeiros lutavam em vão para conter as chamas.

— É este mesmo! — gritou Hatherley, extremamente excitado. — Ali está a estrada de saibro, e lá as roseiras onde caí. A segunda janela foi de onde pulei.

— Bem, pelo menos — disse Holmes — o senhor teve sua vingança. Não há dúvida de que foi sua lâmpada de querosene que, quando comprimida pela prensa, incendiou as paredes de madeira, e certamente eles estavam ocupados demais em persegui-lo para perceber na hora. Agora fique atento para ver se seus amigos de ontem à noite estão no meio da multidão, embora receie que a essa hora já estejam a muitos quilômetros de distância.

E os receios de Holmes se tornaram realidade, pois desde esse dia não se ouviu mais falar da linda moça, do sinistro alemão ou do moroso inglês. Naquela manhã, muito cedo, um camponês vira uma carroça com várias pessoas e umas caixas grandes indo depressa na direção de Reading, mas ali desapareceu a pista dos fugitivos e nem mesmo a engenhosidade de Holmes conseguiu descobrir o menor indício de seu paradeiro.

Os bombeiros ficaram muito perturbados com as coisas estranhas que encontraram dentro da casa, principalmente quando descobriram um polegar humano recém-decepado no peitoril de uma janela. Ao entardecer, por fim, seus esforços foram recompensados e conseguiram dominar as chamas, mas o telhado já havia desmoronado e o prédio todo estava reduzido a ruínas, só se salvando uns cilindros retorcidos e canos de ferro, não restando nada mais da maquinaria que custara tanto ao nosso infeliz engenheiro hidráulico. Descobriram grande quantidade de níquel e estanho em um barracão, mas nenhuma moeda, o que pode explicar a presença das caixas volumosas na carroça.

Como nosso engenheiro hidráulico foi levado do jardim até o lugar onde recobrou os sentidos poderia ter permanecido um mistério para sempre se não fosse a terra macia, que nos contou sua história. Evidentemente ele fora carregado por duas pessoas, uma das quais tinha pés excepcionalmente pequenos e a outra, excepcionalmente grandes. O mais provável é que o inglês silencioso, sendo menos ousado e também menos sanguinário que seu companheiro, tivesse ajudado a mulher a levar o homem inconsciente para fora da área de perigo.

— Bem — disse nosso engenheiro, muito triste, ao tomarmos nossos lugares para voltar a Londres —, que mau negócio eu fiz! Perdi meu

polegar e perdi honorários de cinquenta guinéus e, afinal de contas, o que ganhei?

— Experiência — disse Holmes, rindo. — Indiretamente, pode valer muito. É só contar sua história e ganhará a fama de excelente companhia pelo resto de seus dias.

O NOBRE SOLTEIRO

O CASAMENTO DO LORDE ST. SIMON E A MANEIRA CURIOSA como terminou há muito tempo deixaram de ser assunto de interesse nos círculos em que o infeliz noivo se movimenta. Novos escândalos o ofuscaram e seus detalhes mais picantes atraíram a atenção dos bisbilhoteiros e os fizeram esquecer esse drama de quatro anos atrás. Mas como tenho motivos para acreditar que os fatos verdadeiros nunca foram revelados ao público em geral, e como meu amigo Sherlock Holmes teve importante papel no esclarecimento do caso, acho que as memórias dele não ficariam completas sem um resumo desse episódio notável.

Faltavam poucas semanas para o meu casamento, na época em que eu ainda dividia os aposentos com Holmes na Baker Street, quando ele chegou a casa uma tarde, após ter saído para passear a pé, e encontrou uma carta na mesa da entrada esperando por ele. Eu ficara em casa o dia todo, pois começara a chover de repente, com ventos fortes de outono, e a bala que tinha na perna como relíquia da campanha do Afeganistão latejava persistentemente. Sentado em uma poltrona e com as pernas apoiadas em uma cadeira, me cercara de jornais até que, saturado das notícias do dia, eu os jogara de lado e ficara parado olhando o enorme monograma em relevo, encimado por uma coroa, que estava na mesa, pensando em quem poderia ser o nobre que escrevia a meu amigo.

— Aqui está uma epístola nobre — comentei quando ele entrou. — A correspondência da manhã, se me lembro bem, consistia em contas da peixaria.

— É, minha correspondência pelo menos tem a vantagem de ser variada — respondeu, sorrindo. — E as cartas dos mais humildes geralmente são as mais interessantes. Isso parece um desses convites sociais muito pouco desejáveis, que exigem que um homem minta ou que se aborreça.

Abriu o envelope e deu uma olhada no conteúdo.

— Ora, talvez isto seja interessante.

— Não é social, então?

— Não, é estritamente profissional.

— E é de um cliente nobre?

— Um dos mais nobres da Inglaterra.

— Meu caro amigo, dou-lhe os parabéns.

— Asseguro-lhe, Watson, sem pretensões, que a posição social de meu cliente vale menos para mim do que o interesse do seu caso. Mas é possível que as duas coisas estejam presentes nessa nova investigação. Você tem lido os jornais atentamente nos últimos dias, não tem?

— É o que parece — disse com pesar, apontando a pilha de jornais no canto da sala. — Não tinha mais nada para fazer.

— Ainda bem, porque assim talvez você possa me pôr em dia. Não leio nada, a não ser os anúncios pessoais e as notícias sobre crimes. Os primeiros são sempre muito instrutivos. Mas, se você tem acompanhado as notícias recentes, deve ter lido sobre lorde St. Simon e seu casamento.

— Ah, sim, com muito interesse.

— Ótimo. A carta que tenho aqui é do lorde St. Simon. Vou ler para você, e então vai pegar esses jornais e me contar tudo que sabe sobre o assunto. Eis aqui o que ele diz:

> *Prezado sr. Sherlock Holmes,*
>
> *lorde Backwater me assegura que posso confiar inteiramente em seu discernimento e em sua discrição. Decidi, portanto, fazer-lhe uma visita para consultá-lo sobre um fato doloroso que ocorreu com referência a meu casamento. O sr. Lestrade, da Scotland Yard, já está atuando neste caso, mas garantiu-me que não tem nenhuma objeção à sua cooperação e acha mesmo que ela pode ser útil. Irei às 16 horas, e se por acaso o senhor tiver outra coisa marcada a essa hora, espero que a adie, porque este assunto é da máxima importância.*
>
> *Atenciosamente,*

Robert St. Simon

— Foi enviada de Grosvenor Mansions, escrita com pena de ave e o nobre lorde manchou o dedo mindinho direito com tinta — observou Holmes, dobrando a carta.

— Falou em 16 horas. Já são 15. Estará aqui dentro de uma hora.

— Então só tenho tempo, com seu auxílio, para me inteirar do assunto. Olhe os jornais e arrume os artigos por ordem de data, enquanto vejo exatamente quem é nosso cliente. — Pegou um livro vermelho em uma prateleira perto da lareira. — Aqui está — disse, sentando-se e abrindo o volume no colo. — “Robert Walsingham de Vere St. Simon, segundo filho do duque de Balmoral...” Hum! “Armas: Azul-celeste, três estrepes na parte superior do escudo sobre uma faixa sable. Nasceu em 1846.” Está com 41 anos, maduro para se casar. Foi Subsecretário das Colônias em uma das últimas administrações. O duque, seu pai, foi secretário do Exterior. Herdaram sangue dos Plantagenet diretamente, e dos Tudor pelo lado materno. Ha! Bem, não há nada muito esclarecido em tudo isso. Acho que tenho de apelar para você, Watson, para algo mais consistente.

— Não é difícil encontrar o que quero porque os fatos são bem recentes e o assunto me impressionou. Não mencionei a você porque sabia que estava investigando um caso e não gosta que outras questões interfiram.

— Ah, está se referindo àquele probleminha do caminhão de mudanças de Grosvenor Square. Isso já foi resolvido, embora fosse evidente desde o início. Por favor, mostre-me o resultado de sua pesquisa nos jornais.

— Aqui está a primeira notícia que encontrei, na coluna pessoal do *Morning Post* e datada, como vê, de algumas semanas atrás.

> *Foi contratado o casamento que, se os boatos estiverem certos, será realizado muito em breve, entre lorde Robert St. Simon, segundo filho do duque de Balmoral, e a srta. Hatty Doran, filha única de Aloysius Doran, de São Francisco, Califórnia.*

— É só.

— Curto e sucinto — comentou Holmes, estendendo as pernas longas e finas para o fogo.

— Saiu um parágrafo ampliando isto em um dos jornais sociais na mesma semana. Ah, está aqui.

> *Em breve haverá um pedido de proteção no mercado de casamentos, pois o princípio atual de livre comércio está prejudicando nosso produto nacional. Uma por uma, a direção das casas nobres da Grã-Bretanha está passando para as mãos de nossas lindas primas do outro lado do Atlântico. Na semana passada, houve mais um acréscimo à lista de prêmios que foram arrebatados por essas encantadoras invasoras. Lorde St. Simon, que demonstrou durante mais de vinte anos ser imune às setas do pequeno deus, anunciou definitivamente seu próximo casamento com a srta. Hatty Doran, a fascinante filha de um milionário da Califórnia. A srta. Doran, cuja figura graciosa e rosto impressionante atraíram muita atenção nas festividades de Westbury House, é filha única, e dizem que seu dote será superior a um milhão, com mais expectativas no futuro. Como é sabido que o duque de Balmoral foi obrigado a vender seus quadros nos últimos anos, e como lorde St. Simon não tem nenhuma propriedade, exceto a pequena quinta de Birchmoor, é óbvio que a herdeira californiana não é a única a ganhar com uma aliança que permitirá que ela faça a transição fácil e comum nos dias de hoje, de uma dama republicana para um título da nobreza inglesa.*

— Mais alguma coisa? — perguntou Holmes, bocejando.

— Sim, muita. Há outra notícia no *Morning Post* dizendo que o casamento seria muito discreto, na igreja de St. George, Hanover Square, que só meia dúzia de amigos íntimos seriam convidados e que o grupo iria para a casa mobiliada em Lancaster Gate, alugada pelo sr. Aloysius Doran. Dois dias depois, isto é, quarta-feira passada, saíram algumas linhas dizendo que o casamento se realizara e a lua de mel seria na propriedade de lorde Backwater, perto de Petersfield. Essas foram as notícias publicadas antes do desaparecimento da noiva.

— Antes do quê? — perguntou Holmes, espantado.

— De a moça desaparecer.

— Quando foi que desapareceu?

— No almoço após o casamento.

— É mesmo? Isso está ficando muito mais interessante do que parecia. Bastante dramático, na verdade.
— É. Fiquei impressionado porque era um pouco fora do comum.
— É frequente desaparecerem antes da cerimônia e às vezes durante a lua de mel, mas não me lembro de nenhum caso como este. Por favor, dê-me todos os detalhes.
— Devo avisá-lo que são muito incompletos.
— Talvez possamos completá-los.
— Foi tudo relatado em uma única notícia do jornal da manhã de ontem, que vou ler para você. O título é: “Ocorrência Singular em Casamento Elegante”.

> *A família de lorde Robert St. Simon está profundamente consternada com os episódios estranhos e dolorosos que ocorreram em relação a seu casamento. A cerimônia, como noticiado nos jornais de ontem, foi realizada na manhã anterior, mas somente agora foi possível confirmar os estranhos rumores que correm com tanta persistência. Apesar das tentativas dos amigos de abafar o assunto, o público ficou tão interessado que de nada adianta fingir ignorar o que é agora assunto discutido em toda parte.*
>
> *A cerimônia na igreja de St. George, em Hanover Square, foi muito simples, com a presença somente do pai da noiva, sr. Aloysius Doran, a duquesa de Balmoral, lorde Backwater, lorde Eustace e* lady *Clara St. Simon (o irmão mais moço e a irmã do noivo) e* lady *Alicia Whittington. O casal e os convidados, após a cerimônia, dirigiram-se à casa do sr. Aloysius Doran em Lancaster Gate, onde seria servido o almoço. Parece que houve uma confusão causada por uma mulher, cujo nome não se sabe, que tentou forçar a entrada na casa, alegando que tinha uma ligação qualquer com lorde St. Simon. O mordomo e o lacaio só conseguiram expulsá-la depois de uma cena prolongada e desagradável. A noiva, que felizmente entrara em casa antes dessa inoportuna interrupção, sentara-se à mesa com os convidados, e de repente queixou-se de um mal-estar repentino, deixando a mesa e retirando-se para o seu quarto. Como sua ausência se prolongou e começou a provocar comentários, seu pai foi ver o que estava acontecendo, soube pela criada que ela passara rapidamente no*

quarto, pegara um casaco e um chapéu e saíra às pressas. Um dos lacaios afirmou que viu uma senhora sair de casa de casaco e chapéu, mas não acreditou que fosse sua patroa, pois pensava que ela estava com os convidados. Quando verificou que a filha desaparecera, o sr. Aloysius Doran comunicou-se imediatamente com a polícia e estão sendo realizadas investigações vigorosas, que provavelmente resultarão em um esclarecimento rápido desse mistério. Até a noite passada, entretanto, nada se sabia sobre o paradeiro da moça desaparecida. Fala-se na possibilidade de um crime e há boatos de que a polícia prendeu a mulher que causara o tumulto, acreditando que, por ciúme ou qualquer outra razão, ela pode estar ligada ao estranho desaparecimento da noiva.

— Só isso?

— Só mais um pequeno item em outro jornal matutino, mas que é bastante sugestivo.

— E qual é?

— Que a srta. Flora Millar, a mulher que causou a confusão, foi realmente presa. Consta que foi dançarina no Allegro e que conhecia o noivo havia alguns anos. Não há mais nenhum detalhe, e o caso está agora em suas mãos.

— E parece ser extremamente interessante. Não o teria perdido por coisa alguma nesse mundo. Mas a campainha está tocando, Watson, e como já passam alguns minutos das 16 horas, deve ser o nosso nobre cliente. Nem pense em ir embora, Watson, pois prefiro mil vezes ter uma testemunha, nem que seja só para verificar minha própria memória.

— Lorde Robert St. Simon — anunciou o criado, abrindo a porta. Entrou um cavalheiro de rosto agradável e cuidado, pálido e com um nariz imponente, algo de petulante na curva da boca e o olhar firme de um homem acostumado a mandar e ser obedecido. Tinha um jeito enérgico, mas a aparência geral dava a impressão de mais idade, porque os ombros eram um pouco inclinados para a frente e os joelhos dobravam ligeiramente ao andar. O cabelo, também, quando tirou o chapéu de abas viradas, era grisalho em torno do rosto e ralo no alto da cabeça. Estava vestido com tanto esmero que chegava quase ao exagero: colarinho alto, sobrecasaca preta, colete branco, luvas amarelas, sapatos de verniz e polainas claras.

Avançou lentamente pela sala, virando a cabeça de um lado para outro e balançando na mão direita o cordão que prendia o pincenê de ouro.

— Boa tarde, lorde St. Simon — disse Holmes, levantando-se e curvando-se num cumprimento. — Por favor, sente-se naquela poltrona. Este é meu amigo e colega, dr. Watson. Fique mais perto da lareira e vamos conversar.

— É um assunto muito doloroso para mim, como pode facilmente imaginar, sr. Holmes. Estou profundamente magoado. Soube que o senhor já lidou com vários assuntos delicados da mesma natureza, embora duvide que tenham sido da mesma classe social.

— Não, foram de classe mais alta.

— Como?

— Meu último cliente da mesma natureza foi um rei.

— Oh! Eu não sabia. Que rei?

— O rei da Escandinávia.

— O quê! Ele perdeu a esposa?

— O senhor deve compreender — disse Holmes com suavidade — que trato os assuntos de meus outros clientes com a mesma discrição que prometo ao senhor no seu caso.

— Claro! Está certo! Está certo! Por favor, perdoe-me. Quanto ao meu caso, estou pronto a lhe dar todas as informações que possam ajudá-lo a tirar uma conclusão.

— Obrigado. Já estou a par do que saiu nos jornais, e nada mais. Presumo que a imprensa está correta. Este artigo, por exemplo, sobre o desaparecimento da noiva.

Lorde St. Simon deu uma olhada no artigo.

— Sim, está correto, até onde vai.

— Mas preciso de muito mais antes de poder formar uma opinião. Acho que poderei chegar aos fatos mais rapidamente se lhe fizer perguntas.

— Por favor, prossiga.

— Quando conheceu a srta. Hatty Doran?

— Um ano atrás, em São Francisco.

— Estava viajando pelos Estados Unidos?

— Sim.

— Ficou noivo, então?

— Não.

— Mas ficaram amigos?

— Achava sua companhia divertida e ela sabia disso.

— O pai dela é muito rico?

— Dizem que é o homem mais rico da costa do Pacífico.

— Como foi que ele ganhou dinheiro?

— Em mineração. Há poucos anos não tinha nada. Então encontrou ouro, fez investimentos e enriqueceu rapidamente.

— Bem, qual a sua impressão pessoal sobre o caráter da jovem... de sua esposa?

O nobre balançou o pincenê nervosamente e ficou olhando a lareira.

— Sabe, sr. Holmes, minha esposa tinha vinte anos quando o pai ficou rico. Até então, vivia no acampamento da mina, vagava pelos bosques e montanhas, e sua educação veio mais da natureza do que de uma sala de aulas. Ela é uma menina traquinas, com uma personalidade forte, livre e selvagem, liberta de qualquer espécie de tradição. É impetuosa... vulcânica, eu deveria dizer. Toma uma decisão rapidamente e age sem medo. Por outro lado, eu não teria dado a ela o nome que tenho a honra de ostentar — tossiu discretamente — se não achasse que, no fundo, era uma mulher nobre. Acredito que seja capaz de se sacrificar de forma heroica e que qualquer coisa desonesta lhe seria profundamente repugnante.

— Tem uma fotografia dela?

— Trouxe esta. — Abriu um medalhão e mostrou-nos o rosto de uma mulher muito linda. Não era uma fotografia e sim uma miniatura em marfim, e o artista conseguira reproduzir o efeito do cabelo negro lustroso, os grandes olhos escuros e os lábios encantadores. Holmes contemplou-a por muito tempo, com ar grave. Depois fechou o medalhão e devolveu-o a lorde St. Simon.

— A moça veio a Londres, então, e se encontraram novamente?

— Sim, o pai a trouxe para participar dessa última temporada social. Encontrei-a várias vezes, fiquei noivo dela e agora nos casamos.

— Ela trouxe, pelo que soube, um dote considerável.

— Um bom dote. Nada além do que é comum em minha família.

— E esse dote, é claro, fica com o senhor, já que o casamento é um *fait accompli*?

— Realmente, ainda não indaguei sobre este assunto.

— Muito natural. O senhor viu a srta. Doran na véspera do casamento?

— Sim.
— Ela estava bem, alegre?
— Muito bem. Falou bastante sobre o que deveríamos fazer no futuro.
— Curioso. Isso é muito interessante. E na manhã do dia do casamento?
— Estava muito animada... isto é, pelo menos até depois da cerimônia.
— E notou alguma mudança, então?
— Bem, para dizer a verdade, notei então os primeiros sinais de que estava ficando um pouco mal-humorada. Mas, foi um incidente muito banal e não pode ter nada a ver com o caso.
— Gostaria que me contasse mesmo assim.
— Oh, é muito infantil. Ela deixou cair o buquê de noiva quando saíamos da igreja. Estávamos passando por um banco e o buquê caiu nele. Demorou um instante, mas o cavalheiro que estava sentado no banco devolveu-lhe o buquê, que parecia intacto. Mas, quando eu falei com ela sobre isso, respondeu-me com rispidez. E na carruagem, a caminho de casa, parecia estar absurdamente agitada por causa desse incidente insignificante.
— Ah, sim? Disse que havia um cavalheiro sentado no banco. Então havia outras pessoas presentes, além dos convidados?
— Ah, sim. É impossível evitar isso quando a igreja está aberta.
— Esse cavalheiro não era um dos amigos de sua esposa?
— Não, não. Chamei-o de cavalheiro por cortesia, mas era uma pessoa de aspecto muito comum. Não reparei muito nele. Mas realmente acho que estamos nos desviando do assunto.
— Então *lady* St. Simon voltou do casamento menos alegre do que antes. O que ela fez quando entrou novamente na casa do pai?
— Eu a vi conversando com a criada.
— E quem é sua criada?
— Seu nome é Alice. É americana e veio da Califórnia com ela.
— Uma criada pessoal?
— Sim, e me parecia que tomava muitas liberdades. Mas é claro que na América essas coisas são muito diferentes.
— Quanto tempo ela ficou falando com essa Alice?
— Ah, alguns minutos. Não prestei atenção, estava pensando em outras coisas.
— Não ouviu o que estavam falando?

— *Lady* St. Simon disse qualquer coisa sobre “apossar-se das terras”. Estava acostumada a usar linguagem de mineração. Não tenho a menor ideia do que queria dizer.

— A gíria americana às vezes é muito expressiva. E o que fez sua esposa quando acabou de falar com a criada?

— Entrou na sala de almoço.

— Junto com o senhor?

— Não, sozinha. Era muito independente nessas pequenas coisas. Uns dez minutos depois de nos sentarmos, levantou-se de repente, murmurou umas desculpas e saiu da sala. E não voltou.

— Mas essa criada, Alice, pelo que entendi, declarou que ela foi ao quarto, cobriu o vestido de noiva com um casaco longo, pôs um chapéu e saiu da casa.

— Exatamente. E foi vista depois andando no Hyde Park em companhia de Flora Millar, uma mulher que está agora presa e que já havia provocado uma confusão na casa do sr. Doran naquela manhã.

— Ah, sim. Gostaria de mais detalhes sobre essa moça e suas relações com ela.

Lorde St. Simon encolheu os ombros e ergueu as sobrancelhas.

— Somos amigos há alguns anos. Devo dizer, amigos íntimos. Ela costumava dançar no Allegro. Fui bastante generoso com ela, e não tem nenhum motivo de queixa, mas o senhor sabe como são as mulheres, sr. Holmes. Flora era uma pessoa encantadora, mas tinha um gênio violento e era muito dedicada a mim. Escreveu cartas horrorosas quando soube que eu ia me casar e, para dizer a verdade, o motivo que me fez querer um casamento tão discreto foi o temor de que houvesse um escândalo na igreja. Ela foi até a porta do sr. Doran logo que chegamos da igreja e tentou forçar a entrada, dizendo coisas horríveis de minha esposa e chegando até a ameaçá-la, mas eu previra a possibilidade de ocorrer algo desse tipo e dera instruções aos empregados, que logo conseguiram mandá-la embora. Ficou quieta quando viu que não adiantava fazer escândalo.

— Sua esposa ouviu isso?

— Não, graças a Deus.

— E foi vista andando com essa mesma mulher depois disso?

— Sim. É isso que o sr. Lestrade, da Scotland Yard, considera muito grave. Acha que Flora atraiu minha esposa e armou alguma cilada horrível

para ela.

— Bem, é possível.

— O senhor concorda, então?

— Não, disse que era provável. E o senhor não concorda?

— Acho que Flora não machucaria uma mosca.

— O ciúme é capaz de transformar as pessoas. E qual é sua teoria a respeito do que aconteceu ?

— Bem, na verdade vim aqui em busca de uma teoria e não para apresentar uma. Dei-lhe todos os fatos. Mas, já que me pergunta, posso dizer que me ocorreu a possibilidade de que toda essa excitação e a consciência de que dera um gigantesco passo social provocaram algum distúrbio nervoso em minha esposa.

— Em resumo, quer dizer que ela ficou subitamente transtornada?

— Bem, quando penso que ela deu as costas... não vou dizer a mim, mas a tanta coisa que muitas pessoas desejaram em vão... não consigo encontrar nenhuma outra explicação.

— Essa, também, não deixa de ser uma hipótese — disse Holmes, sorrindo. — E agora, lorde St. Simon, creio que tenho quase todos os fatos. Posso perguntar se, quando estavam sentados à mesa, podiam ver pela janela?

— Podíamos ver o outro lado da rua e o parque.

— Muito bem. Creio que não é preciso detê-lo por mais tempo. Entrarei em contato com o senhor.

— Espero que tenha a sorte de resolver este caso — disse nosso cliente, erguendo-se.

— Já o resolvi.

— Hein? O que disse?

— Disse que já o resolvi.

— Então, onde está minha esposa?

— Esse é um detalhe que lhe darei muito em breve.

Lorde St. Simon sacudiu a cabeça.

— Receio que sejam necessárias cabeças mais sábias do que a sua e a minha — observou, e curvando-se num cumprimento majestoso e antiquado, retirou-se.

— É muita bondade de lorde St. Simon dar-me a honra de colocar minha cabeça no mesmo nível da sua — disse Sherlock Holmes, rindo. — Acho

que vou tomar um uísque com soda e fumar um charuto depois de todas essas perguntas. Eu já havia chegado às minhas conclusões sobre este caso antes de nosso cliente entrar nessa sala.

— Meu caro Holmes!

— Tenho anotações sobre vários casos semelhantes, embora nenhum fosse tão rápido, como já observei. Esse exame todo serviu para transformar minha hipótese em certeza. Provas circunstanciais são às vezes muito convincentes, como quando você encontra uma truta no leite, para citar o exemplo de Thoreau.

— Mas eu ouvi tudo o que você ouviu.

— Mas sem ter o conhecimento de casos anteriores que tanto me ajuda. Houve um caso semelhante em Aberdeen alguns anos atrás e algo com características muito parecidas em Munique um ano depois da guerra franco-prussiana. É um desses casos... mas, veja, aí vem Lestrade! Boa tarde, Lestrade! Pegue um copo no aparador, e há charutos naquela caixa.

O detetive oficial usava uma jaqueta grossa e uma echarpe que lhe davam decididamente uma aparência náutica e carregava uma sacola de lona preta. Com um ligeiro cumprimento de cabeça, sentou-se e acendeu o charuto que lhe fora oferecido.

— O que está acontecendo? — perguntou Holmes, com os olhos brilhando. — Não parece muito contente.

— E não estou. É esse caso infernal do casamento St. Simon. Não tem pé nem cabeça.

— Realmente! Você me surpreende.

— Quem já ouviu uma história tão confusa? Todos os indícios escapam por entre meus dedos. Trabalhei nisso o dia todo.

— E parece que se molhou muito — disse Holmes, pondo a mão na manga da jaqueta.

— É, estávamos dragando o rio Serpentine.

— Deus do céu, para quê?

— Em busca do corpo de *lady* St. Simon.

Sherlock Holmes recostou-se na poltrona e deu uma gargalhada.

— Dragaram também a bacia do chafariz de Trafalgar Square? — perguntou, ainda rindo.

— Por quê? O que quer dizer com isso?

— Porque você tem tanta probabilidade de encontrar a moça lá quanto no rio.

Lestrade deu um olhar zangado para meu companheiro.

— Suponho que você sabe de tudo — resmungou.

— Bem, acabei de ouvir a história, mas já cheguei a uma conclusão.

— Ah, é mesmo! Então pensa que o rio não tem nada a ver com o assunto?

— Acho muito pouco provável.

— Então talvez possa ter a bondade de explicar como é que encontramos isso no rio? — Abriu a sacola enquanto falava e jogou no chão um vestido de noiva de seda, um par de sapatos de cetim branco, uma tiara e um véu de noiva, tudo desbotado e encharcado. — Veja só — disse, pondo uma aliança nova em cima da pilha. — Aí está uma noz para o senhor quebrar, sr. Holmes.

— Ah, realmente — disse meu amigo, soprando anéis de fumaça no ar. — Tirou isso tudo do rio?

— Não. Estava tudo flutuando perto da margem e foi encontrado por um guarda do parque. Foram identificadas como sendo as roupas dela e me parece que, se as roupas estavam lá, o corpo estaria por perto.

— Seguindo seu raciocínio brilhante, o corpo de qualquer um deve ser achado perto de seu guarda-roupa. E, por favor, diga-me aonde pretende chegar com isso?

— A algum indício que ligue Flora Millar ao desaparecimento da moça.

— Receio que isto seja um pouco difícil.

— É mesmo? — exclamou Lestrade com aspereza. — E eu receio, sr. Holmes, que não seja muito prático em suas deduções e suas hipóteses. Já cometeu dois erros em dois minutos: Este vestido compromete a srta. Flora Millar.

— Como?

— Há um bolso no vestido. No bolso há uma carteira. Nessa carteira há um bilhete. E aqui está o bilhete. — Bateu com o papel na mesa à sua frente. — Ouça isto: *Você me verá quando tudo estiver pronto. Venha imediatamente. F.H.M.* A minha teoria, desde o início, era de que *lady* St. Simon foi atraída por um ardil de Flora Millar e que esta, sem dúvida com cúmplices, é responsável pelo seu desaparecimento. Aqui, assinado com

suas iniciais, está o bilhete que, sem dúvida, foi enfiado sorrateiramente em sua mão quando estava na porta, e que a levou a se aproximar deles.

— Muito bem, Lestrade — disse Holmes com um sorriso. — Você realmente está indo muito bem. Deixe-me ver. — Pegou o papel com displicência, mas logo ficou alerta e soltou um agito de satisfação.

— Isso é realmente importante — disse.

— Ah, acha mesmo?

— Muito. Dou-lhe os parabéns.

Lestrade ficou de pé e se inclinou para olhar, triunfante.

— Mas veja só! — exclamou. — Está olhando o lado errado.

— Pelo contrário, este é o lado certo.

— O lado certo? Está louco! É aqui que está o bilhete escrito a lápis, deste lado.

— E do outro é o que parece ser um pedaço de uma conta de hotel, que me interessa bastante.

— Não tem nada de interessante nisso. Já olhei antes — disse Lestrade.

> *4 de outubro, quarto oito xelins, café da manhã dois xelins e seis pence, coquetel um xelim, almoço dois xelins e seis pence, copo de xerez oito pence.*

— Não vejo nada de importante nisso.

— Provavelmente não. Mas é muito importante, assim mesmo. Quanto ao bilhete, também é importante, ou pelo menos as iniciais o são, de modo que lhe dou parabéns mais uma vez.

— Já perdi tempo demais — disse Lestrade, de pé. — Acredito no trabalho e não em ficar sentado diante da lareira elaborando lindas teorias. Uma boa tarde para o senhor, Holmes, e vamos ver qual de nós dois resolve este problema primeiro. — Pegou as roupas, meteu-as na sacola e foi em direção à porta.

— Apenas uma sugestão, Lestrade — disse Holmes, arrastando as palavras, antes que seu rival sumisse. — Vou contar-lhe a verdadeira solução. *Lady* St. Simon é um mito. Não existe e nunca existiu essa pessoa.

Lestrade olhou para o meu amigo com compaixão. Depois virou-se para mim, bateu na testa três vezes, sacudiu solenemente a cabeça e saiu depressa.

Mal havia fechado a porta atrás de si quando Holmes levantou-se e vestiu o sobretudo.

— Ele tem certa razão em falar de trabalho — comentou. — Então, Watson, acho que vou deixar você aqui com seus jornais por algum tempo.

Passava das 17 horas quando Sherlock Holmes saiu, mas não tive ocasião de me sentir só, porque uma hora depois chegou um homem com uma caixa enorme e chata. Abriu-a com o auxílio de um rapazola que viera junto e, para meu espanto, uma ceia requintada começou a ser arrumada na modesta mesa de mogno de nosso aposento. Um par de galinhas-d'angola, um faisão, uma torta de *pâté de foie gras*, com algumas garrafas vetustas e poeirentas. Após arrumar essas iguarias, os dois visitantes sumiram, como os gênios das *Mil e uma noites*, sem qualquer explicação, a não ser que estava tudo pago e tinha sido encomendado para entrega nesse endereço.

Pouco antes das 21 horas Sherlock Holmes entrou, animado. As feições estavam sérias, mas os olhos brilhavam, o que me fez pensar que não tinha ficado desapontado em suas conclusões.

— Trouxeram a ceia — disse, esfregando as mãos.

— Parece que está esperando visitas. Puseram a mesa para cinco pessoas.

— Sim, acho que vamos ter companhia — disse. — Estou surpreso que lorde St. Simon não tenha chegado ainda. Ah! Acho que estou ouvindo seus passos na escada.

Era realmente nosso visitante da manhã, que entrou apressadamente, balançando o cordão do pincenê com mais vigor que nunca, e com um ar muito perturbado nas feições aristocráticas.

— Meu mensageiro o encontrou, então? — perguntou Holmes.

— Sim, e devo confessar que o conteúdo me espantou muito. Está seguro do que disse?

— Absolutamente.

Lorde St. Simon afundou em uma poltrona e passou a mão pela testa.

— O que dirá o duque — murmurou — quando souber que um membro da família sofreu tal humilhação?

— Foi mero acidente. Não concordo que tenha havido alguma humilhação.

— Ah, o senhor encara essas coisas de outro ponto de vista.

— Não consigo ver como alguém possa ser culpado. Não imagino como a moça poderia ter agido de outro modo, embora seja lamentável que tenha

usado um método tão brusco. Mas, como não tem mãe, não havia ninguém para aconselhá-la nessa crise.

— Foi uma ofensa, senhor, uma ofensa pública — disse lorde St. Simon, batendo com os dedos na mesa.

— Deve ser tolerante com essa pobre moça, colocada em situação tão difícil.

— Não serei tolerante. Estou realmente muito zangado e fui usado de maneira vergonhosa.

— Acho que ouvi a campainha — disse Holmes. — É, ouço passos na entrada. Se não posso convencê-lo a ser indulgente neste assunto, lorde St. Simon, trouxe aqui um defensor que talvez seja mais bem-sucedido. — Abriu a porta e fez entrar uma dama e um cavalheiro. — Lorde St. Simon — disse —, permita-me apresentar-lhe o sr. e a sra. Francis Hay Moulton. A senhora, eu acho, o senhor já conhece.

Ao ver os recém-chegados, nosso cliente ficara de pé, muito empertigado, com os olhos baixos e uma das mãos enfiada no peito da sobrecasaca, a própria imagem da dignidade ofendida. A mulher deu um passo em sua direção e estendeu a mão, mas ele continuou de olhos baixos. Talvez fosse melhor para ele, porque era difícil resistir ao rosto suplicante dela.

— Você está zangado, Robert — ela disse. — Bem, acho que tem toda razão.

— Tenha a bondade de não pedir desculpas a mim — disse lorde St. Simon com amargura.

— Ah, sim, sei que o tratei muito mal, e devia ter falado com você antes de partir. Mas estava muito perturbada, e desde que vi Frank não sabia o que estava fazendo ou dizendo. Foi um milagre que não caísse no chão desmaiada lá mesmo, diante do altar.

— Talvez, sra. Moulton, preferisse que meu amigo e eu saíssemos da sala enquanto explica tudo?

— Se é que posso dar minha opinião — disse o cavalheiro desconhecido —, já houve segredos demais nesse negócio. Por mim, gostaria que toda a Europa e a América ouvissem tudo. — Era um homem pequeno, musculoso, queimado de sol, com feições severas e um jeito atento.

— Então contarei nossa história agora mesmo — disse a mulher. — Este aqui é Frank, e nós nos conhecemos em 1884, na mina de McQuire, perto

das Montanhas Rochosas, onde o pai estava trabalhando nas terras de mineração que arrendara. Frank e eu ficamos noivos, mas um dia meu pai encontrou um veio muito bom e ficou rico, enquanto o pobre Frank tinha uma concessão que não deu em nada. Quanto mais rico meu pai ficava, mais pobre ficava Frank. Finalmente meu pai não quis mais ouvir falar de nosso noivado e me levou para São Francisco. Mas Frank não desistiu e me seguiu até lá, e nós nos víamos sem meu pai saber de nada. Ficaria muito zangado se soubesse, então nos escondíamos dele. Frank disse que iria embora fazer sua fortuna e não voltaria para me buscar enquanto não tivesse tanto dinheiro quanto meu pai. Então prometi que esperaria por ele para sempre e que não me casaria com ninguém enquanto ele vivesse. “Então, por que não nos casamos agora mesmo”, ele disse, “e aí me sentirei seguro em relação a você. E não direi que sou seu marido enquanto não voltar para buscá-la”. Bem, conversamos sobre isso e ele tinha arranjado tudo tão direitinho, com o sacerdote pronto, à espera, que nos casamos ali mesmo. E então Frank foi embora em busca da fortuna e eu voltei para ficar com meu pai.

“A notícia seguinte que tive era de que Frank estava em Montana e depois foi trabalhar em minas no Arizona, e depois disso tive notícias do Novo México. Depois veio um artigo longo no jornal sobre um acampamento de mineiros que havia sido atacado pelos índios apaches e o nome de Frank estava na lista dos que tinham morrido. Desmaiei quando li isso e fiquei muito doente durante meses. Meu pai pensou que eu tinha alguma doença rara e me levou a todos os médicos de São Francisco. Durante mais de um ano, não tive nenhuma notícia, e nunca duvidei que Frank estivesse realmente morto. Então lorde St. Simon foi a São Francisco, nós viemos a Londres e arranjaram esse casamento, e meu pai ficou muito contente, mas eu sentia o tempo todo que nenhum homem neste mundo poderia tomar o lugar do meu pobre Frank no meu coração.

“Mesmo assim, se me casasse com lorde St. Simon, claro que teria cumprido meu dever para com ele. Não se pode mandar no amor, mas nos atos sim. Fui até o altar com ele decidida a ser a melhor esposa possível. Mas podem imaginar o que senti quando entrei na igreja e vi Frank olhando para mim de um dos bancos. Primeiro pensei que fosse um fantasma, mas, quando olhei de novo, ele ainda estava lá, com uma espécie de interrogação nos olhos, como se estivesse me perguntando se eu estava contente ou triste

de vê-lo. Foi um milagre eu não ter desmaiado. Só sei que tudo estava girando e as palavras do sacerdote eram como um zumbido de abelhas em meus ouvidos. Não sabia o que fazer. Deveria interromper a cerimônia e fazer uma cena na igreja? Olhei novamente para ele, e parecia que sabia o que eu estava pensando, porque pôs um dedo aos lábios fazendo sinal de silêncio. Depois vi que rabiscava em um pedaço de papel e sabia que estava escrevendo para mim. Quando passei pelo banco dele ao sair da igreja, deixei cair meu buquê e ele enfiou o bilhete em minha mão quando devolveu as flores. Era uma linha só, pedindo que me encontrasse com ele quando me desse o sinal. Claro que nunca duvidei, nem por um instante, de que meu primeiro dever era para com ele, e decidi fazer exatamente o que ele mandasse.

"Quando voltei para casa, contei à minha criada, que o conhecera na Califórnia e sempre gostara muito dele. Mandei que não dissesse nada a ninguém, mas que embrulhasse umas roupas e deixasse prontos meu casaco e o chapéu. Sei que devia ter falado com lorde St. Simon, mas era extremamente difícil diante de sua mãe e de todos os convidados ilustres. Resolvi fugir e explicar tudo depois. Não fiquei sentada nem dez minutos à mesa quando vi Frank pela janela, do outro lado da rua. Fez sinal para mim e começou a andar em direção ao parque. Fui até o quarto, vesti o casaco e fui atrás dele. Uma mulher veio atrás de mim, falando qualquer coisa sobre lorde St. Simon (parece, pelo pouco que ouvi, que ele tinha um segredo também antes do casamento), mas consegui me livrar dela e logo alcancei Frank. Tomamos um carro juntos e fomos para um quarto que ele alugara em Gordon Square, e esse foi meu verdadeiro casamento depois de todos esses anos de espera. Frank ficara como prisioneiro dos apaches e fugira, foi para São Francisco, descobriu que eu o considerava morto e tinha ido para a Inglaterra, seguiu-me até aqui e me encontrou na manhã do meu casamento."

— Vi no jornal — explicou o americano. — Dava o nome dela e a igreja, mas não dizia onde ela morava.

— Então conversamos sobre o que deveríamos fazer e Frank era a favor de contar tudo, mas eu estava tão envergonhada que só queria desaparecer e nunca mais ver nenhum deles, só mandar um bilhete para meu pai, para dizer que estava viva. Era horrível para mim pensar em todos aqueles lordes e *ladies* sentados em volta da mesa de almoço, esperando que eu voltasse.

Então Frank pegou minhas roupas e tudo, fez um pacote e, para que não servisse de pista, jogou em algum lugar onde ninguém ia encontrá-lo. Era provável que estivéssemos a caminho de Paris amanhã, mas esse cavalheiro, o sr. Holmes, veio nos procurar esta tarde, embora não consiga imaginar como ele nos encontrou, e mostrou claramente e com muita bondade que eu estava errada e Frank tinha razão, e que devíamos contar toda a verdade. Ofereceu-nos a oportunidade de falar com lorde St. Simon sozinho, e então viemos a seus aposentos imediatamente. Agora, Robert, você ouviu a história toda e sinto muito se o magoei, mas espero que você não fique muito sentido comigo.

Lorde St. Simon não relaxara sua postura rígida, mas ouvira toda essa longa narrativa com a testa franzida e os lábios comprimidos.

— Perdoe-me — disse —, mas não é meu costume discutir assuntos íntimos em público.

— Então não vai me perdoar? Não vai apertar minha mão antes que eu vá embora?

— Oh, claro, se isso lhe dá prazer. — Estendeu a mão e apertou friamente a mão que ela lhe estendeu.

— Esperava — sugeriu Holmes — que nos acompanhasse em uma pequena ceia.

— Acho que está pedindo demais — respondeu o nobre. — Posso ser obrigado a aceitar estes últimos acontecimentos, mas não devem esperar que os comemore. Acho que, com sua permissão, vou me retirar agora, desejando a todos uma boa-noite. — Incluiu todos nós num rápido cumprimento de cabeça e saiu da sala.

— Então espero que pelo menos o casal me honre com sua companhia — disse Sherlock Holmes. — É sempre um prazer conhecer um americano, sr. Moulton, pois sou um dos que acreditam que a loucura de um monarca e a idiotice de um ministro em anos passados não evitarão que nossos filhos sejam algum dia cidadãos do mesmo país, sob uma bandeira que será uma combinação da inglesa e da americana.

— Esse caso foi bem interessante — comentou Holmes depois que os visitantes saíram. — Serve para demonstrar claramente que a explicação de um mistério pode ser muito simples, mesmo quando de início pareça inexplicável. Nada podia ser mais inexplicável. Nada podia ser mais natural

que a sequência de acontecimentos de acordo com a narração dessa senhora, e nada mais estranho que o resultado quando visto, por exemplo, pelo sr. Lestrade, da Scotland Yard.

— Você não estava errado, então?

— Desde o início dois fatos eram muito óbvios para mim. Um era que a moça estava disposta a se submeter à cerimônia de casamento, o outro, que se arrependera disso poucos minutos depois de voltar para casa. É evidente que alguma coisa tinha acontecido durante a manhã para fazê-la mudar de idéia. O que poderia ter sido? Não poderia ter falado com ninguém quando estava fora de casa, porque estava junto com o noivo. Então teria visto alguém? Se tivesse, teria sido alguém da América, pois tinha passado tão pouco tempo aqui neste país que ninguém poderia ter adquirido uma importância tão grande que bastasse vê-lo para mudar por completo seus planos. Veja que já chegamos, por um processo de exclusão, à ideia de que ela deveria ter visto um americano. Então, quem poderia ser esse americano? E por que teria tanta influência sobre ela? Poderia ser um amante; poderia ser um marido. Eu sabia que sua juventude fora passada em lugares rústicos e em condições estranhas. Já havia chegado a esse ponto antes de ouvir a narrativa de lorde St. Simon. Quando nos contou a respeito do homem no banco da igreja, da mudança no estado de espírito da noiva, da maneira tão óbvia de conseguir passar um bilhete, deixando cair o buquê, da conversa com a criada particular e a alusão muito significativa a “se apossar de terras”, que em linguagem dos mineiros quer dizer tomar posse daquilo a que outra pessoa já tem direito, a situação ficou absolutamente clara. Ela fugira com um homem, e esse homem era um amante ou um marido anterior, e as probabilidades eram a favor dessa última hipótese.

— E como foi que os encontrou?

— Talvez tivesse sido difícil, mas nosso amigo Lestrade tinha essa informação nas mãos e não lhe deu valor. As iniciais eram, claro, de grande importância, porém mais valioso ainda era saber que nessa semana ele pagara a conta em um dos hotéis mais exclusivos de Londres.

— Como sabia que era exclusivo?

— Pelos preços exclusivos. Oito xelins por um quarto e oito pence por um copo de xerez mostravam que se tratava de um dos hotéis mais caros. Não há muitos em Londres que cobram esses preços. No segundo que

visitei na avenida Northumberland, vi pelo registro que Francis H. Moulton, um cavalheiro americano, saíra no dia anterior e, verificando os itens de sua conta, encontrei exatamente os mesmos que vira na duplicata da conta. A correspondência era para ser enviada a 226 Gordon Square; de modo que fui até lá e tive a sorte de encontrar o casal amoroso em casa. Arrisquei-me a dar-lhes alguns conselhos paternais e mostrar que seria melhor, sob todos os aspectos, que esclarecessem sua posição para o público em geral e para lorde St. Simon em particular. Convidei-os a se encontrarem com ele aqui, e como viu, obriguei-o a comparecer.

— Mas sem resultado nenhum — comentei. — A atitude dele não foi nada elegante.

— Ah, Watson — disse Holmes, sorrindo —, talvez você também não fosse nada elegante se, depois de todo o trabalho de fazer a corte e se casar, você se visse privado, ao mesmo tempo, de sua esposa e de uma fortuna. Acho que devemos julgar lorde St. Simon com muita compaixão e agradecer aos céus pelo fato de não termos probabilidade de algum dia nos encontrarmos na mesma situação. Puxe sua cadeira para perto e dê-me meu violino, pois nosso único problema agora é como passar essas noites sombrias de outono.

A COROA DE BERILOS

— HOLMES — EU DISSE UMA MANHÃ QUANDO OLHAVA A RUA pela janela —, tem um louco passando aí embaixo. É uma lástima que a família dele o deixe sair sozinho.

Meu amigo levantou-se preguiçosamente da poltrona onde reclinava e se aproximou, com as mãos nos bolsos do roupão, olhando sobre meu ombro. Era uma linda manhã de fevereiro, fria e seca, e a neve do dia anterior ainda cobria o chão, brilhando à luz do sol de inverno. No meio da Baker Street fora sulcada pelos carros, formando uma massa escura, lamacenta, mas no meio-fio dos dois lados da rua e nos cantos das calçadas, amontoava-se em flocos de uma brancura cintilante. A calçada cinzenta havia sido limpa e raspada, mas ainda estava perigosamente escorregadia e poucas pessoas haviam se arriscado a sair. Na verdade, ninguém vinha andando da direção da estação do metropolitano a não ser esse cavalheiro cuja conduta excêntrica atraíra minha atenção.

Era um homem de seus cinquenta anos, alto, cheio de corpo e imponente, com um rosto maciço, de feições acentuadas. Estava vestido em estilo sóbrio, mas luxuoso, com uma sobrecasaca preta, chapéu reluzente, polainas marrons e calças cinza-pérola muito bem talhadas. Mas seus gestos faziam um contraste absurdo com a dignidade de suas roupas e feições, pois estava correndo aos arrancos, dando pulinhos de vez em quando, como um homem cansado que não está habituado a usar as pernas. Enquanto corria dessa maneira irregular, sacudia as mãos e a cabeça, e contorcia o rosto em caretas extraordinárias.

— O que há com esse homem? — perguntei. — Está olhando o número das casas.

— Acho que está vindo para cá — disse Holmes, esfregando as mãos.

— Aqui?

— Sim. Creio que vem me fazer uma consulta profissional. Estou reconhecendo os sintomas. Ah! Não disse? — Enquanto falava, o homem chegou ofegante à nossa porta e tocou a campainha com tanta força que o barulho ressoou na casa inteira.

Pouco depois estava em nossa sala, ainda ofegante e gesticulando, mas com um olhar tão triste e desesperado que nossos sorrisos desapareceram e ficamos cheios de horror e compaixão. Levou um tempo para conseguir falar, balançando o corpo e puxando os cabelos, como alguém que tivesse chegado ao limite de suas forças e estivesse prestes a ter um colapso. De repente, dando um salto, bateu com a cabeça na parede com tanta força que nós dois corremos para ele e o arrastamos para o centro da sala. Sherlock Holmes o empurrou para a poltrona e, sentando-se a seu lado, deu pancadinhas em sua mão e falou com ele numa voz calma e suave, que sabia empregar tão bem.

— Veio aqui para me contar sua história, não foi? — disse. — Está muito cansado, veio tão depressa. Procure descansar um pouco e recobrar o fôlego e depois terei muito prazer em estudar qualquer problema que tenha para me contar.

O homem ficou sentado por um minuto ou mais respirando fundo e procurando conter a emoção. Depois passou o lenço na testa, comprimiu os lábios e virou-se de frente para nós.

— Naturalmente pensam que sou louco — disse.

— Vejo que está muito abalado, que aconteceu algo muito grave — respondeu Holmes.

— Só Deus sabe! Algo que chega a abalar minha razão de tão inesperado e tão terrível. A desgraça pública talvez eu pudesse enfrentar, embora seja um homem de caráter e reputação impecáveis. Desgraça pessoal também sucede a todos nós... mas as duas ao mesmo tempo, e de forma tão horrível, são o suficiente para me levar à loucura. Além disso, não sou só eu. Os mais nobres do país vão sofrer também se não encontrarmos uma solução para esse problema terrível.

— Por favor, controle-se, senhor — disse Holmes. — Conte-me calmamente quem é o senhor e o que aconteceu.

— Meu nome — respondeu nosso visitante — deve ser-lhe familiar. Sou Alexander Holder, da firma bancária Holder & Stevenson, da Threadneedle Street.

O nome era realmente muito conhecido e pertencia ao sócio majoritário da segunda maior firma bancária privada da cidade de Londres. O que poderia ter acontecido para deixar um dos principais cidadãos da grande metrópole nesse estado lastimável? Aguardamos, cheios de curiosidade, até que, com grande esforço, ele se preparou para contar sua história.

— Sinto que o tempo é precioso — disse — e é por isso que corri para cá quando o inspetor de polícia sugeriu que eu devia tentar obter sua cooperação. Vim para a Baker Street de metrô e de lá a pé, correndo, pois vi que os carros estavam indo muito devagar, com toda essa neve. É por isso que fiquei sem fôlego, pois sou um homem que não faz nenhum exercício. Estou me sentindo melhor agora e vou contar os fatos da maneira mais resumida e clara possível.

"Os senhores naturalmente sabem que o sucesso de uma firma bancária depende tanto de nossa habilidade em encontrar investimentos rendosos para nossos fundos quanto da capacidade de ampliar nossos conhecimentos e o número de nossos depositantes. Uma das maneiras mais lucrativas de investir dinheiro é em forma de empréstimos, quando as garantias são inquestionáveis. Temos atuado muito nessa área nos últimos anos, e há muitas famílias nobres a quem temos emprestado grandes quantias, aceitando como garantia seus quadros, bibliotecas, ou prataria.

"Ontem de manhã eu estava em meu escritório no banco quando um dos empregados trouxe um cartão. Tive um sobressalto quando vi o nome, pois era... bem, talvez mesmo para os senhores seja melhor dizer apenas que era um nome conhecido no mundo inteiro, um dos nomes mais conhecidos, mais nobres, mais elogiados da Inglaterra. Fiquei assombrado com tanta honra e, quando ele entrou, tentei expressar meus sentimentos, mas ele começou logo a falar de negócios com o ar de quem quer se livrar rapidamente de uma tarefa desagradável.

"'Sr. Holder', disse, 'fui informado de que o senhor costuma emprestar dinheiro.'

"'A firma faz isso quando a garantia é boa', respondi.

“‘É absolutamente essencial para mim’, disse, ‘conseguir cinquenta mil libras agora. Poderia, é claro, obter essa soma insignificante com meus amigos, mas prefiro que seja um negócio, e quero tratar desse negócio pessoalmente. Em minha posição, o senhor há de compreender que não convém uma pessoa ficar devendo favores a ninguém.’

“‘Por quanto tempo, se me permite perguntar, vai precisar dessa quantia?’, perguntei.

“‘Na próxima segunda-feira devo receber uma grande quantia que me é devida e sem dúvida lhe pagarei então o que me adiantar agora, e mais os juros que achar correto cobrar. Mas é absolutamente essencial que eu tenha esse dinheiro neste momento.’

“‘Eu teria o maior prazer em adiantar-lhe essa quantia do meu próprio bolso agora mesmo’, eu disse, ‘se não fosse um pouco acima da minha possibilidade. Por outro lado, se for fazer isso em nome da firma, para ser justo com meu sócio devo insistir que, mesmo em seu caso, todas as precauções comerciais sejam tomadas.’

“‘Prefiro mil vezes que seja assim’, disse, apanhando uma caixa de couro preto, quadrada, que depositara ao lado da cadeira. ‘Sem dúvida já ouviu falar da coroa de berilos?’

“‘Um dos bens públicos mais preciosos do Império’, observei.

“‘Exatamente.’ Abriu o estojo e dentro, sobre um veludo macio cor de carne, repousava a magnífica joia a que se referira. ‘São 39 berilos enormes’, disse, ‘e o preço do trabalho em ouro é incalculável. A avaliação mais baixa é o dobro do que lhe pedi. Estou pronto a deixar a coroa como garantia.’

“Peguei o estojo precioso em minhas mãos e olhei um tanto perplexo da coroa para meu ilustre cliente.

“‘Duvida de seu valor?’, perguntou.

“‘De maneira nenhuma. Duvido apenas...’

“‘Se é conveniente deixá-la aqui. Pode ficar descansado quanto a isso. Nunca faria uma coisa dessas se não tivesse certeza absoluta de que dentro de quatro dias poderei reavê-la. É apenas uma questão de tempo. A garantia é suficiente?’

“‘Perfeitamente.’

“‘O senhor compreende, sr. Holder, que estou lhe dando uma grande prova da confiança que deposito no senhor, com base em tudo que me

disseram a seu respeito. Confio no senhor não só para ser discreto e não dizer uma só palavra sobre esse negócio, como também para proteger essa coroa com todas as precauções possíveis, pois é desnecessário dizer que haveria um enorme escândalo público se alguma coisa acontecesse com ela. Qualquer dano seria tão grave quanto sua perda total, pois não há no mundo inteiro berilos iguais a esses e seria totalmente impossível substituí-los. Mas vou deixá-la com o senhor, com toda a confiança, e virei buscá-la pessoalmente segunda-feira de manhã.'

"Vendo que meu cliente estava ansioso para ir embora, não disse mais nada. Chamei o caixa e dei ordem para que pagasse a quantia de cinquenta mil libras em notas de mil. Quando fiquei sozinho outra vez, com o precioso estojo à minha frente, não pude deixar de pensar com algum receio na imensa responsabilidade que aquilo representava para mim. Não havia dúvida de que, já que se tratava de um bem nacional, haveria um escândalo horrível se acontecesse qualquer coisa com a joia. Cheguei a me arrepender de haver consentido em ficar com ela. Mas era tarde demais para mudar de ideia. Tranquei o estojo em meu cofre particular e voltei ao meu trabalho.

"Quando terminou o dia, achei que seria imprudente deixar uma coisa tão preciosa no escritório. Cofres de banqueiros já haviam sido arrombados no passado, por que não poderia acontecer o mesmo com o meu? Se isso acontecesse, em que posição terrível eu ficaria! Portanto, decidi que nos dias seguintes eu iria carregar o estojo comigo de um lado para outro, de modo que nunca ficasse longe de meus olhos. Tendo resolvido isso, chamei um cabriolé e fui para minha casa em Streatham, levando a joia comigo. Só respirei aliviado quando a levei para meus aposentos e a tranquei em uma gaveta do meu quarto de vestir.

"Agora preciso dizer algo sobre a minha casa, sr. Holmes, pois quero que compreenda bem a situação. Meu empregado e meu lacaio dormem fora de casa, e podem ser postos inteiramente de lado. Tenho três empregadas que estão comigo há muitos anos e que são de absoluta confiança. Uma outra, Lucy Parr, só trabalha para mim há alguns meses. Mas veio com excelentes recomendações e tem sido mais do que satisfatória. É uma moça muito bonita e tem atraído muitos admiradores, que às vezes ficam rondando a casa. Foi o único inconveniente em relação a ela, mas acredito que seja uma boa moça, sob todos os aspectos.

“Isto quanto aos empregados. Minha própria família é tão pequena que não levarei muito tempo para descrevê-la. Sou viúvo e tenho um filho único, Arthur. Ele tem sido um desgosto para mim, sr. Holmes, um grande desgosto. Não tenho dúvidas de que a culpa é minha. Todos dizem que eu o estraguei. É muito provável que seja verdade. Quando minha querida esposa faleceu, senti que ele era tudo que me restava para amar. Não suportava ver o sorriso desaparecer de seu rosto nem por um instante. Nunca lhe neguei coisa alguma. Provavelmente teria sido melhor para nós dois se eu tivesse sido mais rigoroso, mas só queria o bem dele.

“É claro que minha intenção era que ele herdasse meu negócio, mas não tinha inclinação para isso. Era muito rebelde, muito impetuoso e, para dizer a verdade, não podia confiar nele para lidar com grandes quantias de dinheiro. Quando ainda era muito jovem, tornou-se sócio de um clube muito aristocrático onde, com suas maneiras encantadoras, logo ficou íntimo de homens com muito dinheiro e hábitos extravagantes. Aprendeu a jogar cartas com paradas muito altas e a apostar em corridas de cavalos até que teve de vir a mim várias vezes implorando que adiantasse algum dinheiro de sua mesada para pagar as dívidas de jogo. Tentou mais de uma vez largar a companhia perigosa dessas pessoas, mas em todas essas ocasiões a influência de seu amigo, lorde George Burnwell, foi suficiente para atraí-lo de volta.

“E, na verdade, não me espanto com o fato de que um homem como lorde George Burnwell tivesse tanta influência sobre ele, pois o trouxe muitas vezes à minha casa e vi que eu mesmo mal podia resistir à fascinação dele. É mais velho que Arthur, um homem vivido, que já foi a toda parte, já viu tudo e fez de tudo, tem uma conversa brilhante e grande beleza. No entanto, quando penso nele friamente, longe da magia de sua presença, tenho certeza, observando sua maneira cínica de falar e a expressão que às vezes vejo em seus olhos, de que é um homem em quem não se pode confiar. É isso que penso e minha querida Mary também, com sua intuição feminina.

“Só falta descrever Mary. É minha sobrinha, mas quando meu irmão faleceu, há cinco anos, e a deixou sozinha no mundo, eu a adotei, e desde então a considero minha filha. É um raio de sol em minha casa... doce, meiga, linda, uma excelente dona de casa, tudo que se pode querer em uma mulher. É meu braço direito. Não sei o que faria sem ela. Só em uma coisa

ela me contrariou até agora. Meu filho já a pediu em casamento duas vezes, porque a ama com devoção, mas nas duas ela o recusou. Acho que se há alguém que poderia atraí-lo para o bom caminho, é ela, e que o casamento poderia mudar inteiramente a vida dele. Mas agora, meu Deus! É tarde demais, tarde demais!

“Agora, sr. Holmes, o senhor conhece as pessoas que moram em minha casa e posso continuar a minha triste história.

“Quando estávamos tomando café na sala naquela noite, após o jantar, contei a Arthur e a Mary o que me havia acontecido e que o tesouro precioso estava naquele momento sob nosso teto, omitindo apenas o nome de meu cliente. Lucy Parr, que servira o café, havia deixado a sala, tenho certeza, mas não posso jurar que a porta estivesse fechada. Mary e Arthur ficaram muito interessados e quiseram ver a famosa coroa, mas achei melhor não mexer nela.

“‘Onde a botou?’, perguntou Arthur.

“‘Em uma gaveta em meu quarto de vestir.’

“‘Bem, espero que a casa não seja assaltada esta noite’, disse Arthur.

“‘Está trancada’, observei.

“‘Ora, qualquer chave serve para abrir aquela sua cômoda velha. Quando era mais jovem, eu mesmo a abri com a chave do armário do quarto de depósito.’

“Ele muitas vezes dizia coisas desse gênero sem falar a sério, de modo que não dei atenção ao que disse. Mas ele me seguiu até meu quarto naquela noite, com o rosto muito sério.

“‘Olhe aqui, papai’, disse, de olhos baixos. ‘Pode me dar duzentas libras?’

“‘Não, não posso!’, respondi, ríspido. ‘Tenho sido generoso demais com você em matéria de dinheiro.’

“‘Tem sido muito bondoso’, respondeu, ‘mas preciso desse dinheiro, ou nunca mais poderei aparecer no clube outra vez’.

“‘Isso seria ótimo!’, exclamei.

“‘Talvez, mas não quer que eu saia de lá desonrado’, retrucou. ‘Não aguentaria a desgraça. Tenho de arranjar esse dinheiro de qualquer maneira, e se não vai me dar, tenho de procurar outro jeito.’

“Fiquei muito zangado, pois era a terceira vez que me pedia dinheiro nesse mês. ‘Não verá mais um tostão meu’, gritei, e com isso ele balançou a

cabeça num cumprimento e saiu do quarto sem dizer mais nada.

“Depois que ele saiu, destranquei a gaveta da cômoda, vi que meu tesouro estava seguro e tranquei-a novamente. Em seguida percorri a casa para verificar se estava tudo trancado, uma tarefa que em geral cabe a Mary, mas achei melhor que eu mesmo a fizesse nessa noite. Quando descia as escadas, vi Mary junto à janela do hall, que ela fechou e trancou quando me aproximei.

“‘Diga-me, papai’, ela falou, dando-me a impressão de estar um pouco perturbada, ‘deu licença a Lucy para sair hoje à noite?’

“‘Claro que não.’

“‘Ela acaba de entrar pela porta dos fundos. Tenho certeza de que foi só até o portão lateral para ver alguém, mas acho que isso não é muito seguro e não devemos deixar que continue.’

“‘Deve falar com ela de manhã, ou, se preferir, eu mesmo falo. Tem certeza de que está tudo trancado?’

“‘Certeza absoluta, papai.’

“Dei-lhe um beijo de boa-noite e fui para o meu quarto, adormecendo pouco depois.

“Estou tentando contar-lhe tudo que possa ter alguma relação com o caso, sr. Holmes, mas peço-lhe que faça perguntas sobre qualquer coisa que não lhe pareça clara.”

— Pelo contrário, sua narrativa é bastante precisa.

— Estou chegando agora a uma parte da história que quero que seja especialmente clara. Não tenho sono pesado, e a ansiedade que estava sentindo sem dúvida contribuiu para torná-lo mais leve ainda. Por volta de duas horas, fui acordado por algum ruído dentro de casa. Cessou antes que eu estivesse totalmente acordado, mas tive a impressão de que uma janela fora fechada de maneira suave em algum lugar. Fiquei deitado com os ouvidos atentos. De repente, para meu horror, ouvi o som nítido de passos no quarto ao lado. Saí da cama tremendo de medo e olhei pelo canto da porta de meu quarto de vestir.

“‘Arthur!’, gritei, ‘seu vilão! Ladrão! Como ousa tocar nessa coroa?’

“A lamparina de gás estava com a chama baixa, como a deixara, e meu filho desgraçado, vestindo apenas a camisa e calças, estava de pé perto da luz com a coroa nas mãos. Parecia estar torcendo a ponta, ou querendo arrancá-la com toda a força. Ao ouvir meu grito, ele a deixou cair e ficou

pálido como um morto. Peguei a coroa e examinei-a. Uma das pontas de ouro, com três berilos, estava faltando.

"'Seu canalha!', gritei, fora de mim de tanta raiva. 'Você a destruiu! Desonrou-me para sempre! Onde estão as pedras que você roubou?'

"'Roubei!', exclamou.

"'Sim, seu ladrão!', berrei, sacudindo-o pelos ombros.

"'Não está faltando nenhuma pedra. Não pode estar faltando', ele disse.

"'Estão faltando três. E você sabe onde estão. Será que vou ter de chamá-lo de mentiroso, além de ladrão? Não vi você tentando arrancar mais um pedaço?'

"'Já me insultou demais', ele disse, 'não vou mais suportar isso. Não direi nenhuma palavra sobre este assunto, já que resolveu me insultar. Deixarei sua casa de manhã e vou tentar minha vida sozinho.'

"'Você a deixará pelas mãos da polícia!', gritei, louco de desgosto e raiva. 'Vou investigar este assunto até o fim.'

"'Não vai conseguir arrancar nada de mim', disse com uma violência que nunca pensei que pudesse demonstrar. 'Se quer chamar a polícia, então eles que descubram o que puderem.'

"A essa altura, a casa toda estava acordada, porque eu gritara de raiva. Mary foi a primeira a entrar correndo no meu quarto, e quando viu a coroa e a cara de Arthur, compreendeu tudo e, com um grito, caiu desmaiada. Mandei a criada buscar a polícia e deixei a investigação em suas mãos no mesmo instante. Quando o inspetor e um guarda entraram em casa, Arthur, que estava de pé, com os braços cruzados e uma expressão sombria, perguntou se era minha intenção acusá-lo de roubo. Respondi que não era mais um assunto particular, que se tornara público, já que a coroa era um bem nacional. Eu decidira que a lei deveria tomar conta de tudo.

"'Pelo menos', ele pediu, 'não faça com que seja preso de imediato. Seria bom para o senhor, e também para mim, se eu pudesse sair de casa por cinco minutos.'

"'Para poder fugir, ou esconder o que você roubou', respondi. E então, percebendo a terrível posição em que me encontrava, implorei que se lembrasse de que não só a minha honra, mas também a honra de alguém muito superior, estava em jogo, e que iria provocar um escândalo que abalaria a nação. Ele poderia evitar tudo isso se me dissesse o que fizera com as três pedras que faltavam.

“‘É melhor encarar o fato’, eu disse. ‘Você foi pego em flagrante e nenhuma confissão tornaria sua culpa mais odiosa. Se você apenas se retratar, como pode fazer, e nos disser onde estão os berilos, tudo será esquecido e perdoado.’

“‘Guarde seu perdão para quem pedir’, respondeu, virando as costas com desdém. Vi que ele estava insensível demais para que minhas palavras o influenciassem. Só havia uma coisa a fazer. Chamei o inspetor e mandei prendê-lo. Fizeram imediatamente uma busca, não só revistando-o, mas também seu quarto e todos os lugares da casa onde ele poderia ter escondido as pedras, mas não encontraram nenhum vestígio delas, nem o rapaz abriu a boca, apesar de todas as nossas súplicas e ameaças. Hoje de manhã ele foi transferido para uma cela, e eu, depois de passar por todas as formalidades policiais, vim aqui correndo para lhe implorar que use sua habilidade para esclarecer o assunto. A polícia confessou abertamente que, no momento, não pode fazer nada. O senhor pode gastar tudo que for necessário. Já ofereci uma recompensa de mil libras. Meu Deus, o que devo fazer!? Perdi minha honra, minhas pedras e meu filho, tudo em uma noite. O que vou fazer!?”

Segurou a cabeça com as mãos e balançou o corpo de um lado para outro, murmurando baixinho como uma criança cujo sofrimento se tivesse tornado insuportável.

Sherlock Holmes ficou sentado em silêncio por alguns minutos, com a testa franzida e os olhos fixos no fogo.

— O senhor recebe muita gente? — perguntou.

— Não, a não ser meu sócio e sua família, e às vezes algum amigo de Arthur. Lorde George Burnwell esteve lá várias vezes ultimamente. Ninguém mais, acho.

— Sai muito socialmente?

— Arthur sai. Mary e eu ficamos em casa. Nenhum de nós dois gosta muito de sair.

— Isso não é comum para uma moça.

— Ela é muito tranquila. Além disso, não é tão moça assim. Já tem 24 anos.

— O que aconteceu, pelo que disse, parece que a abalou muito também.

— Profundamente! Está ainda pior do que eu.

— Nenhum dos dois tem a menor dúvida de que seu filho é culpado?

— Como podemos ter se eu o vi, com meus próprios olhos, com a coroa nas mãos?

— Não considero isso uma prova conclusiva. O resto da coroa foi danificado de alguma maneira?

— Sim, ela ficou torcida.

— Não acha, então, que ele talvez estivesse tentando consertá-la?

— Deus o abençoe! Está fazendo o que pode por ele e por mim. Mas é uma tarefa impossível. O que estava fazendo ali, em primeiro lugar? Se seu objetivo era inocente, por que não disse logo?

— Exatamente. E se fosse culpado, por que não inventou uma mentira? Seu silêncio, a meu ver, pode ser pelas duas razões. Há vários pontos singulares nesse caso. O que a polícia achou do barulho que o acordou?

— Acharam que poderia ter sido provocado por Arthur, ao fechar a porta de seu quarto.

— Muito pouco provável! Um homem com a intenção de praticar um crime não iria bater uma porta e acordar a casa inteira. E o que disseram do desaparecimento das pedras?

— Ainda estão examinando o assoalho e os móveis na esperança de encontrá-las.

— Pensaram em procurar fora da casa?

— Sim, eles têm demonstrado uma energia extraordinária. Já examinaram minuciosamente o jardim inteiro.

— Bem — disse Holmes —, não é óbvio para o senhor agora que esse assunto é muito mais complexo do que o senhor ou a polícia pensaram de início? Pareceu-lhe ser um caso muito simples; para mim, parece extremamente complicado. Considere o que sua teoria representa. O senhor supõe que seu filho saiu da cama, foi, com grande risco, ao seu quarto de vestir, abriu sua cômoda, tirou a coroa, quebrou com esforço um pedaço, foi para outro lugar, escondeu três pedras das 39 tão bem que ninguém conseguiu achá-las e depois voltou com as outras 36 para o quarto onde se expunha ao risco extremo de ser encontrado. Agora pergunto ao senhor, essa teoria é convincente?

— Mas não existe outra! — exclamou o banqueiro, com um gesto de desespero. — Se seus motivos eram inocentes, por que não os explica?

— É nossa tarefa descobrir isso — respondeu Holmes —, de modo que agora, se me permite, sr. Holder, vamos para Streatham juntos, passar uma

hora examinando mais atentamente os detalhes.

Meu amigo insistiu que os acompanhasse em sua expedição, o que estava ansioso para fazer, pois minha curiosidade e compaixão haviam sido despertadas pela história que tínhamos acabado de ouvir. Confesso que a culpa do filho do banqueiro parecia tão evidente para mim quanto para seu infeliz pai, mas eu ainda tinha tanta confiança na opinião de Holmes que senti que devia haver motivos para se ter esperança, já que ele não estava satisfeito com a explicação dada. Quase não disse uma palavra no trajeto para o longínquo subúrbio ao sul da cidade. Ficou sentado com o queixo afundado no peito e o chapéu puxado sobre os olhos, mergulhado em profundos pensamentos. Nosso cliente parecia ter adquirido novo ânimo com o pequeno vislumbre de esperança que lhe fora apresentado e chegou até a conversar descontraidamente comigo sobre os seus negócios. Uma curta viagem de trem e uma caminhada ainda mais curta nos levaram a Fairbank, a modesta residência do grande financista.

Fairbank era uma casa quadrada de bom tamanho, de pedras brancas, um pouco afastada da rua. Uma entrada da largura de duas carruagens e um gramado coberto de neve se estendiam até os dois grandes portões de ferro que fechavam a entrada. À direita havia um grupo denso de arbustos que levava a um caminho estreito entre duas sebes, que ia da estrada até a porta da cozinha e que era a entrada de serviço. À esquerda havia uma alameda que levava à estrebaria e que não ficava dentro da propriedade; era uma via pública, embora pouco usada. Holmes nos deixou parados em frente à porta e caminhou lentamente em volta da casa, passou pela frente, percorreu a entrada de serviço e, dando a volta pelo jardim, chegou à alameda que ia para a estrebaria. Demorou tanto que o sr. Holder e eu fomos para a sala de jantar e esperamos perto da lareira. Estávamos sentados em silêncio quando a porta se abriu e uma moça entrou. Era mais alta que a média, esbelta, com cabelos e olhos escuros, que pareciam mais escuros ainda em contraste com a pele muito pálida. Acho que nunca vi um rosto de mulher tão pálido. Os lábios também eram descorados, mas os olhos estavam vermelhos de chorar. Quando entrou silenciosamente na sala, senti o impacto de sua dor profunda, muito mais do que com o banqueiro de manhã, o que era surpreendente, pois era óbvio que era uma mulher forte, com imensa capacidade de autocontrole. Ignorando minha presença, aproximou-se do tio e passou a mão pelos seus cabelos, num gesto meigo e carinhoso.

— Deu ordem para que soltassem Arthur, não foi, papai? — perguntou.

— Não, não, minha filha, o caso tem que ser investigado até o fim.

— Mas tenho certeza de que ele é inocente. Sabe o que são os instintos de uma mulher. Sei que ele não fez nada de mal, e o senhor vai se arrepender de ter sido tão severo.

— Por que ficou calado se é inocente?

— Quem sabe? Talvez porque estivesse muito zangado pelo fato de o senhor ter suspeitado dele.

— Como poderia deixar de suspeitar dele se o vi com a coroa nas mãos?

— Oh, mas só pegara nela para olhar. Por favor, acredite em mim, sei que ele é inocente. Deixe isso de lado, não diga mais nada. É horrível pensar em nosso querido Arthur na prisão!

— Não vou deixar nada de lado até as pedras serem encontradas... nunca, Mary! Sua afeição por Arthur a está deixando cega em relação às horríveis consequências para mim. Em vez de abafar o assunto, trouxe um cavalheiro de Londres para fazer uma investigação mais minuciosa.

— Este cavalheiro? — perguntou, virando-se para mim.

— Não, o amigo dele. Queria ficar só. Está andando pela alameda da estrebaria neste momento.

— A alameda da estrebaria? — Ergueu as sobrancelhas escuras. — O que espera encontrar lá? Ah, deve ser ele que chega. Espero, senhor, que consiga provar o que eu tenho certeza de que é a verdade, que meu primo Arthur é inocente desse crime.

— Concordo inteiramente com a senhora e espero, como a senhora, que possa prová-lo — disse Holmes, voltando até o capacho para sacudir a neve dos sapatos. — Creio que tenho a honra de falar com a srta. Mary Holder. Posso fazer-lhe uma ou duas perguntas?

— Sem dúvida, senhor, se é para ajudar a esclarecer este horrível mistério.

— Não ouviu nada na noite passada?

— Nada, até meu tio começar a falar em voz alta. Ouvi isso, e desci.

— Fechou todas as janelas e portas na noite anterior. Trancou todas as janelas?

— Sim.

— Estavam todas trancadas esta manhã?

— Estavam.

— Tem uma criada que tem um namorado? Acho que comentou com seu tio na noite passada que ela saíra para vê-lo?

— Sim, e foi ela que nos serviu na sala e que talvez tenha ouvido os comentários de meu tio sobre a coroa.

— Entendo. Está sugerindo que ela podia ter saído para contar ao namorado e que os dois podem ter planejado o roubo.

— Mas de que adiantam todas essas teorias vagas — exclamou o banqueiro com impaciência — se eu lhe disse que vi Arthur com a coroa nas mãos?

— Espere um pouco, sr. Holder. Voltaremos a esse ponto. A respeito dessa moça, srta. Holder. A senhora a viu voltar pela porta da cozinha, suponho?

— Sim. Quando fui verificar se a porta estava trancada, encontrei-a entrando sorrateiramente. Vi o homem, também, no escuro.

— A senhora o conhece?

— Ah, sim. É o rapaz que traz nossas verduras. Seu nome é Francis Prosper.

— Ele estava — disse Holmes — à esquerda da porta, isto é, tinha ido até mais longe no caminho do que era necessário para chegar à porta?

— Sim.

— E é um homem que tem uma perna de pau?

Algo parecido com o medo surgiu nos olhos escuros e expressivos da moça.

— O senhor parece um mágico — disse. — Como sabe disso? — Ela sorriu, mas o rosto magro de Holmes continuou sério.

— Gostaria muito de ir lá em cima agora — disse. — Provavelmente vou querer examinar o lado de fora outra vez. Talvez seja melhor verificar as janelas de baixo antes de subir.

Foi depressa de uma para a outra, parando apenas na janela grande que dava do hall para a alameda da cocheira. Esta ele abriu, e examinou com cuidado o peitoril com sua lente de aumento.

— Agora vamos subir — disse.

O quarto de vestir do banqueiro era mobiliado com simplicidade — um tapete cinza, uma grande cômoda e um espelho. Holmes foi primeiro até a cômoda e examinou a fechadura.

— Qual foi a chave usada para abri-la? — perguntou.

— A que meu filho mencionou, a do armário do quarto usado como depósito de lenha.

— E onde está essa chave?

— É essa que está aí em cima.

Sherlock Holmes pegou a chave e abriu a cômoda.

— É uma fechadura silenciosa — disse. — Não é de admirar que não o tenha acordado. Esse estojo, suponho, contém a coroa. Vamos dar uma olhada. — Abriu o estojo e, tirando o diadema, depositou-o sobre a mesa. Era uma amostra magnífica da arte da joalheria e as 36 pedras eram as mais lindas que já vi. Em um dos lados da coroa havia um pedaço quebrado, deixando uma borda irregular, onde a ponta que segurava três pedras havia sido arrancada.

— Bem, sr. Holder — disse Holmes —, aqui está uma ponta igual à que infelizmente desapareceu. Peço-lhe que tente quebrá-la.

O banqueiro recuou horrorizado.

— Nem pensaria em fazer uma coisa dessas — disse.

— Então eu mesmo faço. — Holmes fez a máxima pressão sobre a ponta, mas nada aconteceu. — Senti que cedia um pouco — disse —, mas, embora eu tenha uma força excepcional nos dedos, levaria um tempo enorme para quebrar um pedaço. Um homem comum não conseguiria. E então, o que acha que aconteceria se eu conseguisse quebrar a coroa, sr. Holder? Haveria um estalo semelhante a um tiro de revólver. Vai me dizer que tudo isso aconteceu a poucos passos de sua cama e que o senhor não ouviu nada?

— Não sei o que pensar. Tudo está muito confuso.

— Mas talvez fique mais claro à medida que prosseguirmos. O que a senhora acha, srta. Holder?

— Confesso que estou tão perplexa quanto meu tio.

— Seu filho não usava sapatos nem chinelos quando o viu?

— Não usava nada, a não ser a calça e a camisa.

— Obrigado. Na verdade, fomos favorecidos por uma sorte extraordinária nessa investigação e será inteiramente culpa nossa se não conseguirmos elucidar o mistério. Com sua permissão, sr. Holder, continuarei minhas investigações lá fora.

Preferiu sair sozinho, pois explicou que pegadas desnecessárias dificultariam sua tarefa. Trabalhou durante uma hora ou mais, voltando enfim com os pés cheios de neve e a expressão impenetrável como sempre.

— Acho que vi tudo que há para ver, sr. Holder — disse. — Posso ajudá-lo mais voltando aos meus aposentos.

— Mas as pedras, sr. Holmes. Onde elas estão?

— Não posso dizer.

O banqueiro torceu as mãos.

— Nunca mais as verei! — exclamou. — E meu filho? O senhor me dá alguma esperança?

— Minha opinião continua a mesma.

— Mas, pelo amor de Deus, que drama foi esse que ocorreu em minha casa ontem à noite?

— Se o senhor puder ir à Baker Street amanhã de manhã, entre nove e dez horas, terei o prazer de fazer o possível para tornar tudo mais claro. Entendo que me dá *carte blanche* para agir pelo senhor, desde que recupere as pedras, e que não há limite para a quantia que eu tenha de gastar.

— Daria toda a minha fortuna para recuperar as pedras.

— Muito bem. Estudarei o assunto até lá. Bem, até logo. É possível que eu tenha de voltar aqui antes desta noite.

Era evidente para mim que meu amigo já chegara a uma conclusão, embora eu não tivesse a menor ideia de qual poderia ser. Várias vezes na viagem de volta para casa tentei sondá-lo a esse respeito, mas ele sempre desviava a conversa para outro assunto, até que desisti. Ainda não eram 15 horas quando entramos em nossa sala. Ele foi para o quarto e desceu poucos minutos depois vestido como um vagabundo. Com a gola do casaco puído e lustroso levantada, uma echarpe vermelha suja e botas gastas, era um perfeito espécime da classe.

— Acho que estou passável — disse, olhando-se no espelho acima da lareira. — Gostaria que viesse comigo, Watson, mas receio que não dê certo. Pode ser que esteja na pista certa ou pode ser que esteja perseguindo um fantasma, em pouco tempo saberei qual dos dois. Espero estar de volta dentro de algumas horas. — Cortou uma fatia do pernil que estava em cima do aparador, colocou-a entre duas fatias de pão e, enfiando essa minguada refeição no bolso, partiu para sua expedição.

Estava terminando meu chá quando ele voltou, evidentemente de ótimo humor, balançando na mão uma velha bota com elástico dos lados. Atirou-a em um canto e serviu-se de chá.

— Só parei um instante — disse. — Vou sair de novo agora mesmo.

— Aonde vai?

— Oh, do outro lado de West End. Talvez demore bastante. Não espere por mim, posso chegar muito tarde.

— Como estão indo as coisas?

— Oh, mais ou menos. Não posso me queixar. Fui até Streatham, mas não falei com ninguém na casa. É um problema muito interessante, desses que pago para esclarecer. Mas não posso ficar aqui conversando, tenho de trocar essas roupas vergonhosas e voltar a ser um homem respeitável.

Vi pelo seu jeito que tinha bons motivos para estar satisfeito, mais do que suas palavras deixavam transparecer. Os olhos brilhavam e havia até um pouco de cor em suas faces pálidas. Subiu as escadas depressa e pouco depois ouvi a porta do hall bater, o que queria dizer que ele estava mais uma vez em campo.

Esperei até meia-noite, mas não havia sinal dele, de modo que fui para o meu quarto. Era comum ficar fora de casa dias e noites a fio quando seguia uma pista, e essa demora não me espantou. Não sei a que horas voltou, mas, quando desci para o café no dia seguinte, lá estava ele com uma xícara de café em uma das mãos e o jornal na outra, com ar repousado e bem-vestido como sempre.

— Perdoe-me por ter começado sem você, Watson — disse —, mas deve lembrar-se de que nosso cliente tem hora marcada hoje cedo.

— Ora, já passa das nove horas — respondi. — Acho que é ele que está chegando. Ouvi a campainha.

Era realmente nosso amigo, o banqueiro. Fiquei chocado com a transformação que se operara nele, pois o rosto, normalmente largo e maciço, estava agora emaciado e murcho, e os cabelos pareciam bem mais brancos. Entrou com um jeito cansado e letárgico, que era muito mais doloroso que a violência do dia anterior, e deixou-se cair na poltrona que puxei para ele.

— Não sei o que fiz para ser castigado dessa maneira — disse. — Há apenas dois dias eu era um homem feliz e próspero, sem nenhum problema. Agora enfrento uma velhice solitária e sem honra. Um desgosto vem atrás do outro. Minha sobrinha Mary me abandonou.

— Abandonou-o?

— Sim. Sua cama esta manhã estava intacta, seu quarto estava vazio e havia um bilhete para mim na mesa do hall. Disse-lhe ontem à noite, com

pesar e não com raiva, que se ela tivesse se casado com meu filho talvez tudo tivesse sido diferente. Talvez não devesse ter dito isso. É a isso que ela se refere neste bilhete:

> *Meu querido tio: Sinto que fui eu a causa desses problemas, e que, se tivesse agido de modo diferente, essa desgraça não teria acontecido. Não poderei, com essa ideia em minha mente, nunca mais ser feliz debaixo de seu teto e sinto que devo deixá-lo para sempre. Não se preocupe com meu futuro, pois está garantido. E, acima de tudo, não me procure, porque será inútil e prejudicial para mim. Na vida e na morte, serei sempre a que muito lhe quer. Mary.*

— O que ela quer dizer com este bilhete, sr. Holmes? Acha que indica suicídio?

— Não, não, nada disso. Talvez seja a melhor solução. Acho, sr. Holder, que o senhor está chegando ao fim de seus problemas.

— Ah! O senhor está dizendo isso! O senhor ouviu alguma coisa, sr. Holmes, o senhor descobriu alguma coisa! Onde estão as pedras?

— Não considera mil libras cada uma delas um preço excessivo?

— Pagaria até dez.

— Isto não será necessário. Três mil libras são suficientes. E há uma pequena recompensa, imagino. Está com seu talão de cheques? Aqui está uma pena. É melhor fazer o cheque de quatro mil libras.

Com um ar aturdido, o banqueiro preencheu o cheque. Holmes foi até a escrivaninha, tirou um pedaço triangular de ouro com três pedras engastadas e jogou-o sobre a mesa.

Com uma exclamação de alegria, nosso cliente o agarrou.

— O senhor conseguiu! — balbuciou. — Estou salvo! Estou salvo!

A reação de alegria foi tão violenta quanto fora sua dor, e apertou as pedras contra o peito.

— Há mais uma coisa que o senhor deve, sr. Holder — disse Sherlock Holmes, outra vez.

— Devo! — Ele pegou a pena. — Diga quanto e pagarei.

— Não, a dívida não é comigo. O senhor deve um pedido de desculpas, com toda humildade, àquele nobre rapaz, seu filho, que se portou neste caso

de uma maneira que me deixaria orgulhoso se meu próprio filho se portasse assim, se eu tivesse filhos.

— Então não foi Arthur que roubou as pedras?

— Eu lhe disse ontem e repito hoje que não foi ele.

— Tem certeza! Então vamos vê-lo agora mesmo, para dizer-lhe que sabemos a verdade.

— Ele já sabe. Quando esclareci tudo, tive uma entrevista com ele e, vendo que não ia me contar a história, eu a contei a ele. Sendo assim, teve de admitir que eu estava com a razão e acrescentou alguns pequenos detalhes que ainda não estavam bem claros para mim. Mas suas novidades de hoje talvez o façam falar.

— Pelo amor de Deus, conte-me então que mistério extraordinário é esse!

— Vou contar e vou mostrar-lhe de que maneira cheguei a uma conclusão. E deixe-me dizer, em primeiro lugar, o que é mais difícil para mim falar e mais difícil para o senhor ouvir. Houve um entendimento entre sua sobrinha, Mary, e lorde George Burnwell. Fugiram juntos.

— Minha Mary? Impossível!

— Infelizmente, é mais do que possível, é um fato. Nem o senhor nem seu filho conheciam o verdadeiro caráter desse homem quando o admitiram em seu círculo familiar. É um dos homens mais perigosos da Inglaterra, um jogador arruinado, um vilão totalmente desesperado, um homem sem coração nem consciência. Sua sobrinha não sabia nada a respeito de homens assim. Quando declarou seu amor por ela, como fizera com centenas antes dela, Mary ficou convencida de que fora a única a tocar seu coração. Só o demônio sabe o que ele lhe disse, mas finalmente ela se tornou um instrumento dele e tinha o costume de vê-lo quase todas as noites.

— Não posso, não quero acreditar nisso! — exclamou o banqueiro, com o rosto lívido.

— Então vou contar-lhe o que aconteceu em sua casa naquela noite. Sua sobrinha, quando viu que o senhor tinha ido para seu quarto, desceu sorrateiramente e conversou com seu amante pela janela que dá para a alameda da estrebaria. Ele ficou tanto tempo de pé ali que seus pés comprimiram a neve, deixando marcas. Ela contou-lhe sobre a coroa, despertando sua ganância por ouro, e ele a convenceu a fazer o que ele queria. Não tenho dúvida alguma de que ela amava o senhor, mas em

algumas mulheres o amor por um homem destrói todos os outros amores, e acho que ela era uma dessas. Mal ouvira as instruções que ele lhe dava quando viu o senhor descendo as escadas, e então fechou a janela depressa, falando da empregada e seu namorado de perna de pau, o que era verdade.

“Seu filho, Arthur, foi para a cama depois de ter falado com o senhor, mas não conseguiu dormir porque estava preocupado com a dívida do clube. No meio da noite ouviu o ruído de alguém passando pela sua porta, então levantou-se e, olhando da porta, ficou surpreso ao ver sua prima andando de modo furtivo pelo corredor até desaparecer em seu quarto de vestir. Completamente atônito, o rapaz enfiou umas roupas e esperou no escuro para ver o que iria acontecer. Pouco depois ela saiu do quarto e, à luz da lâmpada do corredor, seu filho viu que ela carregava a preciosa coroa. Ela desceu as escadas, e ele, tremendo de horror, correu e se escondeu atrás da cortina perto de sua porta, de onde podia ver o que se passava no hall, embaixo. Viu-a abrir a janela sorrateiramente, entregar a coroa a alguém na escuridão e fechá-la outra vez, correndo de volta para o quarto e passando bem perto de onde ele estava escondido.

“Enquanto ela estava em cena, ele não podia agir sem expor a mulher que amava. Mas no momento em que ela desapareceu no quarto, ele compreendeu que isso seria uma desgraça para o senhor e como era importante procurar consertar a situação. Correu pelas escadas do jeito que estava, descalço, abriu a janela, saltou na neve e correu pela alameda, onde podia ver um vulto escuro ao luar. Lorde George Burnwell tentou fugir, mas Arthur o pegou e houve uma briga entre eles, seu filho puxando um lado da coroa e seu adversário, o outro. Na confusão, seu filho bateu em lorde George e feriu-o no olho. De repente, alguma coisa se partiu e seu filho, vendo que estava com a coroa nas mãos, voltou correndo, fechou a janela, subiu até o seu quarto, e acabara de notar que a coroa estava retorcida e procurava consertá-la quando o senhor apareceu.”

— Será possível? — balbuciou o banqueiro.

— Então o senhor fez com que ele se zangasse insultando-o no momento em que ele achava que merecia seu mais profundo agradecimento. Não podia explicar a verdade dos fatos sem trair a pessoa que sem dúvida não merecia a menor consideração. No entanto, ele assumiu a atitude mais cavalheiresca e guardou segredo.

— E foi por isso que ela gritou e desmaiou quando viu a coroa — exclamou o sr. Holder. — Oh, meu Deus! Que cego idiota eu fui! E ele me pedindo para sair por cinco minutos! Meu pobre rapaz queria ver se o pedaço que faltava estava no local da briga. Como fui injusto com ele!

— Quando cheguei à sua casa — continuou Holmes —, fui logo examinar cuidadosamente em volta para ver se havia alguma pista na neve que pudesse me ajudar. Sabia que não caíra mais neve desde a noite anterior, e também que houvera uma geada e a neve congelara, preservando qualquer impressão. Segui o caminho da entrada de serviço, mas ele estava pisado e repisado, e não era possível distinguir as pegadas. Mas um pouco adiante, do outro lado da porta da cozinha, uma mulher estivera conversando com um homem, e uma marca redonda de um lado mostrava que ele tinha uma perna de pau. Pude até ver que eles haviam sido interrompidos, pois a mulher correra de volta para a porta, como provavam as marcas profundas da ponta dos pés e muito superficiais do calcanhar, enquanto o perna de pau esperara um pouco e depois fora embora. Na ocasião pensei que poderia tratar-se da empregada e seu namorado, de quem o senhor já me falara, e que foi confirmado posteriormente. Passei pelo jardim sem ver nada além de pegadas sem direção precisa, que julguei serem da polícia, mas, quando cheguei à alameda da estrebaria, descobri uma história longa e complexa escrita na neve à minha frente.

“Havia uma linha dupla de pegadas de um homem de botas e uma segunda linha dupla, que, para minha satisfação, vi que pertencia a um homem descalço. Tive certeza, pelo que o senhor me dissera, que esta última era de seu filho. O primeiro andara em ambas as direções, mas o outro correra rapidamente e, como em certos lugares suas pegadas estavam em cima das depressões causadas pelas botas, era evidente que ele seguira o outro. Segui as marcas e descobri que levavam à janela do hall, onde o Botas havia afundado a neve enquanto esperava. Fui então para o outro extremo, que ficava a uns cem metros ou mais. Vi o lugar onde Botas virara, onde a neve estava toda pisada e amassada, como se tivesse havido uma luta, e por fim, o local onde algumas gotas de sangue haviam caído, para provar que estava certo. Botas correra então pelo caminho e outras pequenas manchas de sangue mostravam que era ele que estava machucado. Quando alcançou a estrada na outra extremidade, vi que a neve havia sido retirada, e foi o fim dessa pista.

“Ao entrar na casa, entretanto, examinei, como deve se lembrar, o peitoril da janela do hall com a lente e pude ver logo que alguém havia saído por ela. Pude distinguir marcas de dedos e calcanhar onde um pé molhado se apoiara ao entrar. Eu estava começando então a formar uma imagem do que havia acontecido. Um homem ficara esperando do lado de fora da janela, alguém lhe trouxera a joia; esta cena fora vista por seu filho, que perseguiu o ladrão, lutou com ele, ambos puxaram a coroa e a combinação de seus esforços causou danos que nenhum dos dois sozinho poderia causar. Seu filho voltou com a joia, mas deixara um pedaço nas mãos do adversário. Até aí, tudo bem. A questão agora era: quem era o homem, e quem lhe dera a coroa?

“É um velho preceito meu que, quando se exclui o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, deve ser a verdade. Sabia que não fora o senhor que trouxera a coroa, então só restavam sua sobrinha e as empregadas. Mas, se fossem as empregadas, por que seu filho se deixaria acusar em seu lugar? Não poderia haver nenhum motivo. Mas ele amava sua prima e, portanto, havia um excelente motivo para guardar seu segredo, principalmente por se tratar de um segredo vergonhoso. Quando me lembrei de que o senhor a vira perto daquela janela e que ela desmaiou quando viu a coroa outra vez, minha suposição transformou-se em certeza.

“E quem poderia ser seu cúmplice? Um namorado, evidentemente, pois quem mais poderia anular o amor e a gratidão que ela sentia pelo senhor? Sabia que saíam pouco, que seu círculo de amigos era muito restrito. Mas lorde George Burnwell fazia parte desse círculo. Já ouvira dizer que ele era um homem de péssima reputação entre as mulheres. Devia ser ele quem usava aquelas botas e ficara com as pedras. Mesmo sabendo que Arthur o desmascarara, devia achar que estava seguro, porque o rapaz não podia dizer uma palavra sem comprometer sua própria família.

“Seu bom senso lhe dirá o que fiz em seguida. Disfarcei-me de vagabundo, fui até a casa de lorde George, consegui fazer amizade com seu criado de quarto, soube que seu patrão cortara o rosto na noite anterior e, enfim, confirmei tudo comprando, por seis xelins, um par de sapatos velhos dele. Com eles na mão, fui até Streatham e verifiquei que correspondiam perfeitamente às pegadas.”

— Vi um sujeito maltrapilho na alameda ontem à noite — disse o sr. Holder.

— Exatamente. Era eu. Quando vi que tinha encontrado o homem que procurava, vim para casa e troquei de roupa. O papel que tive de desempenhar então era bastante delicado, pois sabia que era preciso impedir o processo para evitar um escândalo, e que um vilão tão astuto logo veria que estávamos de mãos atadas. Fui vê-lo. A princípio, é claro, negou tudo. Mas, quando lhe contei em detalhes tudo que havia acontecido, tentou me ameaçar e pegou uma arma que estava pendurada na parede. Mas eu conhecia o homem, e encostei uma pistola na cabeça dele antes que ele pudesse me atingir. Aí ficou um pouco mais razoável. Disse-lhe que pagaríamos pelas pedras que estavam em seu poder, mil libras cada uma. Isso provocou sua primeira reação de arrependimento até então. 'Que diabos!', disse, 'eu vendi as três por seiscentas'. Consegui obter dele o endereço do comprador com a promessa de que não seria processado. Fui logo procurar o outro, e depois de muito barganhar consegui as pedras por mil libras cada. Em seguida fui ver seu filho, disse-lhe que estava tudo bem, e por fim fui para a cama por volta de duas horas, depois do que posso chamar de um dia duro de trabalho."

— Um dia que salvou a Inglaterra de um grande escândalo público — disse o banqueiro, levantando-se. — Sr. Holmes, não tenho palavras para lhe agradecer, mas verá que sei expressar minha gratidão pelo que o senhor fez. Sua perícia realmente ultrapassou tudo o que eu já ouvira falar. E agora vou voando para ver meu filho, para pedir-lhe perdão pela injustiça que cometi. Quanto ao que me disse sobre a pobre Mary, estou desolado. Nem mesmo sua perícia pode me dizer onde ela se encontra neste momento.

— Acho que podemos afirmar com certeza — disse Holmes — que ela está onde estiver lorde George Burnwell. Também é certo que, sejam quais forem seus pecados, em breve eles receberão um castigo mais que suficiente.

AS FAIAS ROXAS

— PARA O HOMEM QUE AMA A ARTE PELA ARTE — OBSERVOU Sherlock Holmes, jogando de lado o caderno de anúncios do *Daily Telegraph* —, muitas vezes é em suas manifestações menos importantes e mais humildes que encontra o maior prazer. Fico contente de ver, Watson, que você compreendeu isso tão bem que nesses registros de nossos casos, que você teve a bondade de redigir e, devo acrescentar, às vezes embelezar, deu destaque não tanto às muitas *causes célèbres* e aos julgamentos sensacionais de que participei, porém aos incidentes que podem ter sido banais em si mesmos, mas que me deram oportunidade de usar minhas faculdades de dedução e síntese lógica, que são minha especialidade.

— No entanto — eu disse, sorrindo —, não consigo ser completamente absolvido da acusação de sensacionalismo imputada aos meus relatos.

— Talvez tenha errado — ele comentou, pegando uma brasa com a tenaz e acendendo o longo cachimbo de cerejeira que substituía o de barro quando estava com mais disposição para discutir do que para meditar —, talvez tenha errado em tentar dar vida e cor a cada uma de suas afirmações, em vez de se limitar à tarefa de registrar o raciocínio rígido de causa e efeito, que é realmente o único aspecto notável de tudo isso.

— Parece-me que sempre lhe tenho feito justiça nisso — eu disse com alguma frieza, porque me desagradava o egoísmo que, mais de uma vez, eu percebera que era um traço importante no caráter singular de meu amigo.

— Não, não é egoísmo, nem vaidade — disse, respondendo, como era seu costume, a meus pensamentos e não a minhas palavras. — Se exijo justiça para com a minha arte, é porque se trata de uma coisa impessoal,

uma coisa fora de mim mesmo. O crime é comum. A lógica é rara. Portanto, você deve enfatizar a lógica e não o crime. Você rebaixou o que deveria ser uma série de conferências para uma série de contos.

Era uma manhã fria no início da primavera e estávamos sentados, após o café da manhã, diante de um fogo crepitante na lareira da velha sala da Baker Street. Uma neblina espessa se espalhava entre as casas pardas, e as janelas em frente pareciam manchas escuras e indefinidas das grinaldas amarelas e pesadas. A lâmpada estava acesa e a luz se refletia na toalha branca, na porcelana e nos metais, porque a mesa ainda estava posta. Sherlock Holmes ficara muito quieto a manhã inteira, lendo os anúncios de todos os jornais, até que afinal, aparentemente desistindo da busca, emergira, um tanto mal-humorado, para me fazer uma preleção sobre minhas falhas literárias.

— Ao mesmo tempo — comentou, após uma pausa em que ficou lançando baforadas do seu longo cachimbo e olhando o fogo —, você não pode ser acusado de sensacionalismo, porque uma grande percentagem desses casos pelos quais você teve a bondade de se interessar não trata de crimes, no sentido estritamente legal. Aquele caso em que tentei ajudar o rei da Boêmia, a experiência singular da srta. Mary Sutherland, o problema do homem com o lábio torcido e o incidente do nobre solteiro foram todos assuntos que estão fora do alcance da lei. Mas, ao evitar o sensacional, temo que você tenha caído no trivial.

— No final, talvez tenha sido isso — respondi —, mas acredito que os métodos são originais e interessantes.

— Bobagem, meu caro amigo, o público, o grande público que nada observa, e que não sabe distinguir um tecelão pelos seus dentes nem um compositor pelo seu polegar esquerdo, não liga para as nuanças delicadas de análise e dedução! Mas, na verdade, se você é trivial, não posso culpá-lo, pois a época dos grandes casos já passou. O homem, pelo menos o homem criminoso, perdeu toda a iniciativa e a originalidade. Quanto ao meu negócio particular, parece que está degenerando e se transformando em uma agência para recuperar lápis perdidos e dar conselhos a moças de colégio interno. Mas acho que cheguei ao fundo do poço. Este bilhete que recebi hoje de manhã marca o ponto zero. Leia!

Atirou uma folha de papel amassado para mim. Vinha de Montague Place, com data da noite anterior, e dizia:

Caro sr. Holmes: Estou ansiosa para consultá-lo sobre se devo ou não aceitar um emprego de governanta que me foi oferecido. Irei vê-lo amanhã de manhã, às 10h30, se não for inconveniente.

Atenciosamente,

Violet Hunter

— Conhece essa moça? — perguntei.

— Não.

— São 10h30.

— Sim, e não tenho dúvida de que é ela que está tocando a campainha.

— Talvez seja mais interessante do que você pensa. Lembre-se de que o caso da pedra azul, que no início parecia ser apenas um capricho, transformou-se numa investigação séria. Este caso também pode ser assim.

— Espero que sim! Mas nossas dúvidas logo se dissiparão, porque, se não me engano, aqui está a pessoa em questão.

Enquanto ele falava, a porta se abrira e entrara uma moça. Estava vestida modestamente, mas com capricho, e tinha um rosto atento, alerta, cheio de sardas, e o jeito enérgico de uma mulher que tem de ganhar a vida.

— Perdoe-me por incomodá-lo — disse, dirigindo-se a meu amigo, que se erguera para cumprimentá-la —, mas passei por uma experiência muito estranha e como não tenho pais ou parentes a quem possa recorrer, achei que talvez o senhor pudesse ter a bondade de me dizer o que fazer.

— Tenha a bondade de se sentar, srta. Hunter. Terei muito prazer em fazer o que estiver ao meu alcance para ajudá-la.

Vi que Holmes ficara bem impressionado com os modos e as palavras de sua nova cliente. Examinou-a detalhadamente, como era seu costume, e se preparou, de olhos fechados, juntando as pontas dos dedos, para ouvir sua história.

— Sou governanta há cinco anos — disse — da família do coronel Spence Munro, mas há dois meses o coronel foi transferido para Halifax, na Nova Escócia, e levou seus filhos para a América com ele, de modo que fiquei sem emprego. Publiquei anúncios nos jornais e respondi a anúncios, mas sem sucesso. Finalmente o pouco dinheiro que eu tinha economizado estava acabando e fiquei desesperada, sem saber o que fazer.

“Há uma agência muito conhecida para governantas no West End chamada Westaway, e eu ia até lá mais ou menos uma vez por semana para ver se tinha aparecido alguma coisa que pudesse me servir. Westaway era o nome do dono da agência, mas a gerente era a srta. Stoper. Ela fica sentada em sua salinha e as senhoras que estão procurando emprego esperam em uma antessala e depois entram uma a uma, quando ela consulta o livro de registro e vê se tem alguma coisa que possa servir.

“Quando estive lá na semana passada, fui levada até a salinha, como sempre, mas vi que a srta. Stoper não estava sozinha. Um homem imensamente gordo com rosto sorridente e papadas enormes que faziam mais dobras e dobras sobre o pescoço estava sentado a seu lado, com óculos pendurados no nariz, olhando atentamente cada moça que entrava. Quando entrei, ele saltou na cadeira e virou logo para a srta. Stoper:

“‘Esta serve’, disse, ‘não poderia pedir nada melhor. Excelente! Excelente!’. Parecia muito entusiasmado e esfregava as mãos com alegria. Parecia tão satisfeito que era um prazer olhar para ele.

“‘Está procurando um emprego, senhorita?’, ele perguntou.

“‘Sim, senhor.’

“‘Como governanta?’

“‘Sim, senhor.’

“‘E quanto quer ganhar?’

“‘Ganhava quatro libras por mês com o coronel Spence Munro.’

“‘Oh, que absurdo! Exploração... exploração!’, exclamou, jogando as mãos para o ar. ‘Como alguém pode oferecer essa miséria a uma moça com todos os seus atrativos e talentos?’

“‘Meus talentos, senhor, talvez não sejam tantos quanto o senhor imagina’, respondi. ‘Um pouco de francês, um pouco de alemão, música, desenho...’

“‘Ora, ora!’, exclamou. ‘Isso não interessa. A questão é, a senhora tem ou não tem os modos e o comportamento de uma dama? É isso, em resumo. Se não tem, não serve para criar um menino que algum dia pode desempenhar um papel importante na história do país. Mas se tem, então como pode um cavalheiro pedir que aceite receber uma soma tão insignificante? Seu salário comigo, minha senhora, começaria com cem libras por ano.’

“O senhor pode imaginar, sr. Holmes, que para mim, necessitada como eu estava, essa proposta parecia boa demais para ser verdade. O cavalheiro,

entretanto, talvez vendo a expressão de incredulidade em meu rosto, abriu a carteira e tirou uma nota.

"'É também meu costume', disse, sorrindo de maneira agradável até que os olhos se tornaram meras frestas entre as dobras de gordura do rosto, 'fazer um adiantamento a minhas moças de metade de seu salário, para cobrir as despesas de viagem e de vestuário.'

"Pareceu-me que nunca havia conhecido um homem tão fascinante e tão solícito. Como já estava devendo a meus fornecedores, o adiantamento era muito conveniente, mas havia qualquer coisa estranha nessa transação, que me fez querer saber um pouco mais antes de assumir totalmente o compromisso.

"'Posso perguntar onde o senhor mora?'

"'Em Hampshire. Uma região rural encantadora. As Faias Roxas, sete quilômetros depois de Winchester. É uma linda área campestre, cara senhora, e a casa é uma antiga casa de campo.'

"'E minhas obrigações, senhor? Gostaria de saber quais são.'

"'Uma criança... um garotinho de seis anos. Oh, se pudesse vê-lo matar baratas com o chinelo! Bate! Bate! Bate! Três, mortas em um piscar de olhos!' Recostou-se na cadeira e deu gargalhadas.

"Fiquei um pouco espantada com esse tipo de diversão para uma criança, mas as gargalhadas do pai me fizeram pensar que talvez estivesse brincando.

"'Então meus deveres consistem exclusivamente em tomar conta de um menino?'

"'Não exclusivamente, não exclusivamente, minha cara senhorita', exclamou. 'Seus deveres serão, como estou certo de que seu bom senso lhe diria, obedecer a qualquer ordem que minha esposa lhe der, desde que sejam sempre ordens que uma dama possa cumprir. Não vê nenhum problema nisso, não é?'

"'Terei prazer em ser útil.'

"'Muito bem. Quanto a roupas, por exemplo. Temos nossas manias, sabe. Somos excêntricos, mas de bom coração. Se lhe pedíssemos para vestir qualquer roupa que lhe déssemos, não faria objeção a nosso pequeno capricho, não é?'

"'Não', respondi, muito espantada com essas palavras.

"'Ou para sentar aqui, ou sentar ali, isso não a ofenderia?'

“‘Oh, não.’

“‘Ou para cortar o cabelo bem curto antes de vir trabalhar em nossa casa?’

“Mal acreditei no que ouvia. Como deve ter notado, sr. Holmes, meus cabelos são bastos e de um tom pouco comum de castanho. É muito elogiado. Nunca aceitaria a ideia de sacrificá-los dessa maneira.

“‘Receio que isso seja impossível’, respondi. Ele estava me observando ansiosamente com seus olhinhos, e vi que seu rosto se contraiu ao ouvir minhas palavras.

“‘Sinto muito, mas isso é essencial’, disse. ‘É uma mania de minha esposa, e os caprichos das senhoras, como sabe, devem ser satisfeitos. Então não quer cortar os cabelos?’

“‘Não, senhor, realmente não poderia’, respondi com firmeza.

“‘Ah, muito bem. É pena, porque em todos os outros aspectos a senhorita nos servia muito bem. Nesse caso, srta. Stoper, é melhor testar mais algumas de suas moças.’

“A gerente estivera esse tempo todo ocupada com papéis, sem dizer nenhuma palavra, mas agora me olhou com uma expressão tão aborrecida que desconfiei que ela perdera uma bela comissão com minha recusa.

“‘Quer que seu nome continue em nosso livro?’, perguntou.

“‘Por favor, srta. Stoper.’

“‘Bem, realmente não adianta muito, já que recusa as melhores ofertas dessa maneira’, disse asperamente. ‘Não pode esperar que nos esforcemos para conseguir outro emprego desses para a senhorita. Muito bom dia, srta. Hunter.’ Tocou a campainha sobre a mesa e o criado me levou para fora da sala.

“Bem, sr. Holmes, quando cheguei a casa e encontrei muito pouca coisa para comer e duas ou três contas sobre a mesa, comecei a me perguntar se não fizera uma tolice. Afinal de contas, se essas pessoas tinham manias esquisitas e esperavam ser obedecidas em questões tão extraordinárias, pelo menos estavam prontas a pagar por sua excentricidade. Muito poucas governantas na Inglaterra ganham cem libras por ano. Além do mais, de que servia meu cabelo? Muitas pessoas ficam melhor de cabelos curtos e talvez eu fosse uma delas. No dia seguinte, comecei a achar que cometera um erro, e no outro dia, fiquei convencida disso. Já tinha quase vencido meu orgulho e me preparado para voltar à agência e perguntar se o lugar já fora ocupado,

quando recebi esta carta do próprio cavalheiro. Está aqui comigo, e vou ler para o senhor:”

As Faias Roxas, perto de Winchester.

Prezada srta. Hunter: A srta. Stoper teve a bondade de me dar seu endereço e estou lhe escrevendo para perguntar se por acaso a senhora reconsiderou sua decisão. Minha esposa está ansiosa para que venha trabalhar para nós, pela descrição que lhe fiz. Estamos dispostos a lhe pagar trinta libras por trimestre, isto é, 120 libras por ano, para recompensá-la por qualquer inconveniência que nossas excentricidades possam lhe causar. Na verdade, não são difíceis de atender. Minha esposa gosta muito de um tom especial de azul-elétrico e gostaria que a senhora usasse um vestido dessa cor dentro de casa, pela manhã. Mas não precisa gastar dinheiro adquirindo um vestido, pois já temos um que pertenceu à minha querida filha Alice (que agora está na Filadélfia), que acho que lhe ficaria muito bem. E quanto a sentar-se aqui ou ali, ou se divertir da maneira que lhe for indicada, isso não deve lhe causar nenhum inconveniente. Em relação a seus cabelos, é realmente uma pena, já que não pude deixar de notar como são lindos em nosso rápido encontro, mas receio ter de insistir nesse ponto e só espero que o aumento de salário a recompense pela perda. Suas obrigações para com a criança são realmente muito fáceis. Tente mudar de ideia e vir, e eu irei esperá-la com o carro em Winchester.

Atenciosamente,

Jephro Rucastle

— Essa é a carta que acabei de receber, sr. Holmes, e resolvi aceitar. Mas pensei que, antes de dar o último passo, gostaria de saber a sua opinião.

— Bem, srta. Hunter, se já resolveu, isso encerra o assunto — disse Holmes, sorrindo.

— Mas não me aconselharia a recusar?

— Confesso que não é um emprego que gostaria de arranjar para minha irmã se a tivesse.

— O que quer dizer tudo isso, sr. Holmes?

— Ah, não tenho dados suficientes. Não sei dizer. Talvez a senhora tenha alguma opinião?

— Bem, achei que só poderia haver uma explicação. O sr. Rucastle parece ser muito bondoso e ter bom gênio. É possível que sua esposa seja doente mental e que ele queira esconder o fato para que ela não seja levada para algum asilo, e faça todas as suas vontades para evitar que tenha uma crise.

— É uma explicação possível. Na verdade, da maneira como estão as coisas, é a mais provável. Mas, de qualquer modo, não parece uma família boa para uma moça.

— Mas o dinheiro, sr. Holmes, o dinheiro!

— Sim, claro, o salário é muito bom, bom demais. É isso que me preocupa. Por que lhe pagariam 120 libras por ano quando podem escolher qualquer pessoa e pagar apenas quarenta? Deve haver um motivo muito forte por trás de tudo isso.

— Achei que se lhe contasse os fatos, o senhor compreenderia mais tarde, se precisar de seu auxílio. Eu me sentiria muito melhor se soubesse que o senhor está me apoiando.

— Oh, pode se sentir assim. Garanto-lhe que seu probleminha promete ser o mais interessante que me apareceu nos últimos meses. Há alguma coisa muito original em alguns aspectos. Se tiver dúvidas ou achar que está em perigo...

— Perigo! Que perigo está prevendo?

Holmes sacudiu a cabeça.

— Deixaria de ser um perigo se pudéssemos defini-lo — disse. — Mas a qualquer hora do dia ou da noite, um telegrama me faria ir em seu auxílio.

— Isso é suficiente. — Levantou-se rapidamente da cadeira sem um vestígio de ansiedade no rosto. — Irei para Hampshire sem nenhuma preocupação agora. Vou escrever para o sr. Rucastle agora mesmo, sacrificar meu pobre cabelo, e irei para Winchester amanhã. — Despediu-se de nós com algumas palavras de agradecimento para Holmes e saiu.

— Pelo menos — eu disse, quando ouvimos seus passos firmes e rápidos na escada — parece ser uma moça que sabe se defender muito bem.

— E precisa ser — disse Holmes, gravemente. — Se não estou errado, teremos notícias dela dentro de alguns dias.

Não demorou muito para que a profecia de meu amigo se realizasse. Passaram-se 15 dias e muitas vezes pensei nela, imaginando em que estranho desvio da experiência humana essa moça solitária se encontraria. O salário fora do comum, as condições curiosas, as obrigações tão fáceis... tudo levava a crer que se tratava de alguma coisa anormal, embora fosse impossível para mim determinar se era uma excentricidade ou uma trama, se o homem era um filantropo ou um vilão. Quanto a Holmes, notei que muitas vezes ficava sentado durante meia hora, com um ar abstrato e testa franzida, mas, quando eu mencionava o assunto, ele o afastava do pensamento sacudindo a mão.

— Fatos! Fatos! Fatos! — exclamava, impaciente. — Não posso fazer tijolos sem barro. — Mas sempre acabava resmungando que nenhuma irmã dele deveria aceitar um emprego desses.

O telegrama que acabamos recebendo chegou uma noite bem tarde, quando eu estava pensando em me recolher e Holmes se preparava para uma dessas pesquisas químicas que duram a noite inteira a que ele com frequência se dedicava, quando eu o deixava debruçado sobre uma retorta e um tubo de ensaio à noite e o encontrava na mesma posição quando descia para o café da manhã. Abriu o envelope amarelo e, depois de olhar a mensagem, estendeu-a para mim.

— Veja qual é o horário dos trens no guia Bradshaw — disse, e voltou às suas experiências químicas.

A mensagem era curta e urgente:

> *Por favor esteja no Hotel Black Swan em Winchester amanhã às 12 horas. Venha! Estou desesperada.*
>
> *Hunter*

— Você vai comigo? — perguntou Holmes, erguendo os olhos.

— Gostaria de ir.

— Veja os trens, então.

— Há um trem às nove horas — disse, olhando o Bradshaw. — Chega a Winchester às 11h30.

— Esse está ótimo. Talvez seja melhor adiar minha análise das acetonas para estar em boa forma de manhã.

Às 11 horas da manhã seguinte, estávamos quase chegando à antiga capital inglesa. Holmes mergulhara nos jornais a viagem inteira, mas, depois de ultrapassarmos o limite de Hampshire, deixou-os de lado e começou a admirar a paisagem. Era um dia de primavera ideal, um céu azul-claro, salpicado de pequenas nuvens brancas felpudas que iam do leste para o oeste. O sol brilhava, mas havia um friozinho no ar que despertava a energia de um homem. Em toda a área rural, até as colinas de Aldershot, os telhadinhos vermelhos e cinzentos das fazendas surgiam por entre o verde-claro da folhagem nova.

— Não está tudo novo e lindo? — exclamei com o entusiasmo de um homem que acabava de sair da neblina da Baker Street.

Mas Holmes sacudiu a cabeça, muito sério.

— Você sabe, Watson, que é uma das maldições de um cérebro como o meu que eu tenha de observar tudo que se refira ao meu assunto especial. Você olha para essas casas espalhadas e fica impressionado com sua beleza. Eu olho para elas e o único pensamento que me ocorre é a sensação de seu isolamento e da impunidade com que os crimes podem ser cometidos dentro delas.

— Deus meu! — exclamei. — Quem iria associar a ideia de crime a essas velhas casas encantadoras?

— Elas me enchem de horror. Acredito firmemente, Watson, baseado em minha experiência, que os becos mais miseráveis e sórdidos de Londres não têm uma história de pecados mais terrível do que os belos e sorridentes campos.

— Você me apavora!

— Mas o motivo é óbvio. A pressão da opinião pública pode conseguir na cidade o que a lei não consegue. Não existe um beco tão sórdido a ponto de o grito de uma criança torturada ou a pancada dada por um bêbado não despertarem a simpatia e a indignação dos vizinhos, e o mecanismo da justiça está sempre tão próximo que uma palavra de queixa pode pô-lo em movimento e só um passo separa o crime do banco dos réus. Mas olhe para essas casas isoladas, cada uma cercada por seus campos, quase todas habitadas por pessoas pobres e ignorantes que mal conhecem a lei. Pense nos atos de crueldade demoníaca, a maldade oculta, que continuam ano após ano nesses lugares, e ninguém fica sabendo. Se essa moça que nos pediu ajuda tivesse ido morar em Winchester, não teria receio de que algo

lhe acontecesse. São os sete quilômetros de campo que tornam a situação perigosa. Mesmo assim, parece que ela não foi ameaçada pessoalmente.

— Não. Se pôde vir a Winchester para nos encontrar, quer dizer que tem liberdade de sair.

— Exatamente. Tem sua liberdade.

— O que pode estar acontecendo, então? Pode sugerir alguma explicação?

— Imaginei sete explicações diferentes e todas se encaixam nos fatos, até onde sabemos. Mas qual delas é a correta só poderemos saber com a informação nova que sem dúvida vamos encontrar à nossa espera. Bem, lá está a torre da catedral, e logo ouviremos tudo que a srta. Hunter tem para nos contar.

O Hotel Black Swan é uma estalagem conhecida da High Street, a pouca distância da estação, e lá encontramos a moça esperando por nós. Alugara uma sala e o almoço nos aguardava na mesa.

— Estou tão contente que tenham vindo — disse com sinceridade. — É muita bondade sua. Mas não sei mesmo o que fazer. Seus conselhos serão inestimáveis para mim.

— Por favor, conte-nos o que aconteceu.

— Vou contar e preciso ser rápida, porque prometi ao sr. Rucastle que voltaria antes das 15 horas. Consegui sua permissão para vir à cidade hoje de manhã, embora ele não saiba qual o meu objetivo.

— Conte-nos tudo em sua devida ordem. — Holmes estendeu as longas pernas magras na direção da lareira e se preparou para ouvir.

— Em primeiro lugar, devo dizer que, de modo geral, não tenho sido maltratada pelo sr. nem pela sra. Rucastle. Faço apenas justiça dizendo isso. Mas não consigo compreendê-los e estou preocupada em relação a eles.

— O que não compreende?

— O motivo de sua conduta. Mas vou contar exatamente o que ocorreu. Quando cheguei, o sr. Rucastle foi me encontrar e me levou de carro para Faias Roxas. Como ele dissera, fica num lugar lindo, mas não é bonita, é apenas uma casa grande e quadrada, pintada de branco, mas toda manchada de mofo e limo. Tem bastante terreno em volta, bosques de três lados e no quarto, um campo que desce até a estrada de Southampton, que faz uma curva a uns cem metros da porta da frente. O terreno em frente pertence à casa, mas os bosques em volta fazem parte da propriedade de lorde

Southerton. Um grupo de faias roxas bem em frente à porta principal inspirou o nome da casa.

“Meu patrão me levou até lá, amável como sempre, e naquela noite ele me apresentou à sua esposa e à criança. Não há verdade nenhuma, sr. Holmes, na hipótese que nos pareceu provável quando conversamos na Baker Street. A sra. Rucastle não é louca. É uma mulher calada, pálida, muito mais jovem que o marido, acho que não tem mais de trinta anos, enquanto ele deve ter uns 45. Deduzi pela conversa que estão casados há cerca de sete anos, que ele era viúvo, e que sua única filha do primeiro matrimônio é a que foi para a Filadélfia. O sr. Rucastle me disse particularmente que ela foi embora porque sentia uma aversão irracional pela madrasta. Como a filha não podia ter menos de vinte anos, imagino que ela estava numa situação desconfortável junto à jovem esposa de seu pai.

“A sra. Rucastle parecia tão desbotada mentalmente quanto fisicamente. Não me causou impressão favorável nem desfavorável. Era completamente apagada. Era fácil ver que se dedicava com paixão ao marido e ao filho pequeno. Seus olhos cinzentos iam sempre de um para outro, captando e antecipando todos os seus desejos. Ele era muito bondoso com ela, do seu jeito rude e expansivo, e de modo geral, pareciam muito felizes. No entanto, essa mulher tinha algum desgosto secreto. Frequentemente ficava perdida em seus pensamentos, com uma expressão muito triste. Mais de uma vez a surpreendi chorando. Pensei algumas vezes que fosse o temperamento do filho que a preocupava, pois nunca tinha visto uma criança tão mimada e tão geniosa. É pequeno para a idade, com uma cabeça desproporcionalmente grande. Parece passar o tempo todo alternando entre acessos de fúria e intervalos de mau humor. Sua única ideia de divertimento é torturar qualquer criatura menor e mais fraca que ele e mostra um talento notável para planejar a captura de camundongos, passarinhos e insetos. Mas prefiro não falar dessa criança, sr. Holmes, e, na verdade, não tem nada a ver com a minha história.”

— Gosto de todos os detalhes — disse meu amigo —, mesmo que pareçam irrelevantes.

— Tentarei não omitir nada importante. A única coisa desagradável na casa, que me impressionou logo, é a aparência e conduta dos empregados. Há só dois, um homem e sua mulher. Toller, que é o nome do homem, é

rude, grosseiro, de cabelos e barba grisalhos, e está sempre cheirando a bebida. Duas vezes, desde que estou com eles, ficou completamente bêbado, e o sr. Rucastle pareceu nem notar. Sua mulher é muito alta e forte, de cara amarrada, tão calada quanto a sra. Rucastle, e muito menos amável. Formam um casal muito desagradável, mas, por sorte, passo a maior parte do tempo no quarto da criança e em meu próprio quarto, que ficam um ao lado do outro, em um canto do prédio.

“Nos primeiros dois dias após chegar a Faias Roxas, minha vida correu tranquilamente. No terceiro, a sra. Rucastle desceu logo após o café da manhã e murmurou alguma coisa no ouvido do marido.

“‘Ah, sim’, disse ele, virando-se para mim, ‘estamos muito gratos, srta. Hunter, por ter concordado com nossos caprichos e cortado seu cabelo. Garanto-lhe que não alterou em nada sua bela aparência. Vamos ver agora como fica com o vestido azul vivo. A senhora vai encontrá-lo em sua cama, e se quiser ter a bondade de vesti-lo, nós dois ficaremos muito gratos’.

“O vestido que encontrei à minha espera era de um tom peculiar de azul. O tecido era excelente, mas mostrava sinais evidentes de já ter sido usado antes. Não podia ficar melhor se tivesse sido feito para mim. O sr. e a sra. Rucastle manifestaram uma admiração, quando me viram, que me pareceu exagerada de tão veemente. Estavam me esperando no salão, que é muito grande, ocupando toda a frente da casa, com três grandes janelas que vão até o chão. Uma cadeira estava colocada perto da janela do meio, de costas para ela. Pediram que me sentasse nela e então o sr. Rucastle, andando de um lado para outro, começou a contar as histórias mais engraçadas que eu já ouvira. Não podem imaginar como era cômico, e ri até ficar cansada. Mas a sra. Rucastle, que não tem senso de humor, evidentemente nem sorriu, e ficou sentada com as mãos no colo e uma expressão triste e ansiosa. Depois de uma hora mais ou menos, o sr. Rucastle de repente comentou que estava na hora de começar as tarefas do dia, e que eu podia trocar de roupa e ir para o quarto do pequeno Edward.

“Dois dias depois aconteceu a mesma coisa, em circunstâncias idênticas. Novamente troquei de vestido, novamente sentei-me em frente à janela, mas de costas, e novamente ri às gargalhadas das histórias engraçadas que meu patrão contava. Depois deu-me um romance barato e, virando minha cadeira um pouco de lado para que minha própria sombra não caísse sobre a página, pediu-me que lesse em voz alta. Li durante uns dez minutos,

começando no meio de um capítulo e, de repente, no meio de uma frase, ele mandou que eu parasse e fosse trocar de roupa.

“O senhor bem pode imaginar, sr. Holmes, como fiquei curiosa a respeito do significado dessa encenação. Tinham sempre o cuidado de não me deixar de frente para a janela e fiquei obcecada pelo desejo de ver o que estava acontecendo às minhas costas. A princípio parecia impossível, mas logo descobri uma maneira. Meu espelho de mão havia quebrado, então tive a ideia feliz de esconder um pedacinho no lenço. Na ocasião seguinte, no meio de uma gargalhada, levei o lenço aos olhos e consegui, com jeito, ver o que estava atrás de mim. Confesso que fiquei desapontada. Não havia nada.

“Pelo menos, foi essa a minha primeira impressão. Mas, ao olhar de novo, percebi que havia um homem parado na estrada de Southampton, um homem baixo, de barba, com uma roupa cinza, que parecia olhar na minha direção. A estrada é muito movimentada e quase sempre tem gente passando por ela. Mas esse homem estava encostado na grade que cercava nosso campo e olhava com toda a atenção. Abaixei o lenço e olhei para a sra. Rucastle, que me observava atentamente. Ela não disse nada, mas tenho certeza de que adivinhou que eu tinha um espelho na mão e vira o que estava atrás de mim. Levantou-se no mesmo instante.

“‘Jephro’, ela disse, ‘há um homem impertinente na estrada que está olhando para a srta. Hunter.’

“‘Algum amigo seu, srta. Hunter?’, ele perguntou.

“‘Não. Não conheço ninguém nessa região.’

“‘Ora! Que impertinência! Por favor, vire-se e faça um sinal para ele ir embora.’

“‘Não seria melhor ignorá-lo?’

“‘Não, não, ele ficaria por aí para sempre. Por favor, vire-se e faça um sinal com a mão.’

“Fiz o que ele mandava, e na mesma hora a sra. Rucastle fechou a cortina. Isso foi há uma semana, e desde então não me sentei mais à janela, não usei o vestido azul nem vi o homem na estrada.”

— Tenha a bondade de continuar — disse Holmes. — Sua narrativa promete ser muito interessante.

— Receio que o senhor considere isto um pouco incoerente e talvez haja pouca relação entre os incidentes de que vou falar. No primeiro dia que

passei em Faias Roxas, o sr. Rucastle me levou até um pequeno anexo que fica perto da porta da cozinha. Quando nos aproximamos, ouvi o retinir de uma corrente e um som que parecia de algum animal grande se mexendo.

"'Olhe aqui!', disse o sr. Rucastle, mostrando-me uma fresta entre duas tábuas. 'Não é uma beleza?'

"Olhei e percebi dois olhos brilhantes e um vulto indefinido encolhido na escuridão.

"'Não tenha medo', disse meu patrão, rindo de meu sobressalto. 'É apenas Carlo, meu cão mastim. Digo que é meu, mas na verdade o velho Toller é a única pessoa que pode lidar com ele. Só come uma vez por dia, e mesmo assim muito pouco, de modo que está sempre faminto. Toller o solta todas as noites, e Deus ajude o invasor que ele pegar com os dentes. Por favor, nunca, por motivo nenhum, ponha o pé fora da porta à noite, pois sua vida não valerá nada.'

"O aviso não foi à toa, porque duas noites depois eu estava olhando pela janela do meu quarto por volta das duas horas. Era uma linda noite de luar e o gramado na frente da casa estava prateado e quase tão brilhante quanto de dia. Estava envolvida pela beleza pacífica da cena quando percebi que alguma coisa se movia sob a sombra das faias roxas. Quando surgiu ao luar, vi o que era. Era um cão gigantesco, do tamanho de um bezerro, castanho-amarelado, de mandíbulas pendentes, focinho preto e ossos imensos quase perfurando a pele. Atravessou lentamente o gramado e desapareceu nas sombras do outro lado. Essa sentinela medonha gelou meu sangue nas veias de uma maneira que nenhum ladrão poderia fazer.

"E agora tenho uma experiência muito estranha para lhes contar. Como sabem, cortei o cabelo em Londres e coloquei-o, num grande cacho, no fundo da mala. Uma noite, depois que a criança tinha ido para a cama, comecei a me distrair examinando a mobília do meu quarto e arrumando o pouco que tinha. Havia uma velha cômoda no quarto, com as duas gavetas de cima vazias e abertas, e a de baixo trancada. Já enchera as duas primeiras com minha roupa e ainda tinha algumas coisas para guardar. Naturalmente, fiquei irritada por não poder usar a terceira gaveta. Achei que pudesse ter sido trancada por acaso, de modo que peguei minhas chaves e tentei abrir a gaveta. Logo a primeira entrou perfeitamente, e eu abri a gaveta. Só havia uma coisa ali dentro, mas tenho certeza de que nunca poderão adivinhar o que era. O meu cacho de cabelo.

“Peguei-o e comecei a examiná-lo. Era da mesma cor peculiar e da mesma espessura. Mas então vi que era impossível. Como meu cabelo poderia estar trancado naquela gaveta? Com mãos trêmulas, abri minha mala, tirei tudo e lá no fundo estava o meu cacho. Coloquei os dois juntos e garanto-lhes que eram idênticos. Não é extraordinário? Por mais que pensasse, não conseguia entender o que significava aquilo. Coloquei o cacho estranho novamente na gaveta e não disse nada aos Rucastles, porque achei que agira errado abrindo uma gaveta que eles haviam trancado.

“Sou muito observadora por natureza, como deve ter notado, sr. Holmes, e em pouco tempo eu tinha decorado a disposição de todos os aposentos da casa. Mas havia uma ala que parecia não ser habitada. Uma porta em frente à porta dos aposentos dos Toller dava para essa ala, mas estava sempre trancada. Entretanto, um dia, quando eu subia as escadas, encontrei o sr. Rucastle saindo dessa porta com as chaves na mão e uma expressão no rosto que o tornava muito diferente do homem gordo e jovial com o qual eu estava acostumada. As faces estavam vermelhas, a testa franzida de raiva e as veias salientes. Trancou a porta e passou por mim, apressado, sem dizer uma palavra nem olhar para mim.

“Isso despertou minha curiosidade, e quando saí para passear com a criança, fui até o lado de onde podia ver as janelas dessa parte da casa. Havia quatro seguidas, três das quais estavam apenas sujas, mas a quarta estava tapada com tábuas. Não havia ninguém. Enquanto passeava de um lado para outro, olhando para elas de vez em quando, o sr. Rucastle aproximou-se de mim, alegre e jovial como sempre.

“‘Ah!’, disse, ‘não me considere rude se passei pela senhora sem dizer uma palavra. Estava preocupado com assuntos de negócios.’

“Garanti que não ficara ofendida. ‘Por falar nisso’, eu disse, ‘parece que tem muitos quartos vazios lá em cima e um deles tem uma janela coberta de madeira’.

“Ele pareceu surpreso e um pouco assustado com o meu comentário.

“‘Meu hobby é fotografia’, respondeu. ‘Ali é minha câmara escura. Mas, meu Deus! Que moça observadora! Quem poderia imaginar isso? Quem poderia imaginar isso?’ Falou em tom de gracejo, mas não havia nada de gracejo em seus olhos quando ele olhou para mim. Só vi suspeita e irritação em seu olhar.

“Bem, sr. Holmes, a partir do momento em que compreendi que havia alguma coisa naqueles quartos que eu não devia ver, fiquei ansiosa para revistá-los. Não era só curiosidade, embora seja muito curiosa. Era mais um sentimento de obrigação, um sentimento de que alguma coisa boa poderia acontecer se eu conseguisse entrar naqueles quartos. Fala-se muito do instinto feminino. Talvez fosse o instinto feminino que me fazia sentir isso. Seja como for, era o que eu sentia. E fiquei atenta a qualquer oportunidade de atravessar a porta proibida.

“Foi ontem que tive essa oportunidade. Devo dizer-lhes que, além do sr. Rucastle, tanto Toller como sua mulher têm alguma coisa a fazer nesses quartos desertos, e uma vez o vi sair com uma sacola preta grande. Nos últimos tempos ele tem bebido muito e ontem à tarde estava completamente bêbado. Quando subi, lá estava a chave na porta. Não tenho nenhuma dúvida de que foi ele que a deixou lá. O sr. e a sra. Rucastle estavam lá embaixo e a criança com eles, portanto a oportunidade era ótima. Virei a chave devagar, abri a porta e entrei.

“Havia um pequeno corredor à minha frente, sem papel nas paredes e sem tapete, que virava à direita na outra extremidade. Nesse trecho havia três portas; a primeira e a terceira estavam abertas. Davam para quartos vazios, empoeirados, um com duas janelas e o outro com uma, tão sujas que a luz da tarde mal penetrava. A porta do meio estava fechada e atravessada por uma barra de ferro larga, com um cadeado preso a um anel de ferro fixo na parede em uma ponta e amarrada com uma grossa corda na outra. A porta também estava trancada e não havia sinal de chave. Essa porta reforçada correspondia à janela coberta de tábuas, mas pude ver por um pouco de luz que escapava por baixo que o quarto não estava totalmente às escuras. Enquanto estava parada olhando essa porta sinistra e pensando no segredo que esconderia, ouvi de repente o som de passos dentro do quarto e vi uma sombra passar de um lado para outro, delineada pela luz filtrada por baixo da porta. Um medo louco e irracional se apossou de mim, sr. Holmes. Meus nervos tensos não aguentaram mais, virei-me e corri como se uma mão horrenda estivesse atrás de mim, agarrando a saia de meu vestido. Disparei pelo corredor, atravessei a porta e caí nos braços do sr. Rucastle, que estava do lado de fora.

“‘Então’, ele disse com um sorriso, ‘era a senhora. Achei que devia ser quando vi a porta aberta’.

"'Oh, estou com tanto medo!', eu disse, ofegante.

"'Minha cara senhora! Minha cara senhora!' Não imagina como sua voz era suave e acariciante. 'O que a assustou tanto, minha cara?'

"Mas a voz dele era melosa demais. Ele exagerou. Fiquei prevenida contra ele.

"'Fiz a tolice de entrar nesta ala deserta', respondi. 'Estava tudo tão escuro, tão silencioso e deserto que fiquei com medo e saí correndo. Oh, é tão terrivelmente silencioso aí dentro!'

"'Foi só isso?', disse, olhando-me com atenção.

"'Só. Por que pergunta?'

"'Por que acha que tranco esta porta?'

"'Claro que não sei.'

"'É para evitar a entrada de pessoas que não têm nada a fazer lá dentro. Entende?' Ainda sorria da maneira mais amável.

"'Estou certa de que se eu soubesse...'

"'Bem, agora sabe. E se ousar atravessar essa porta de novo...' — em um segundo o sorriso se transformou em uma careta de raiva e me olhou com a cara de um demônio, 'eu a jogo ao mastim'.

"Fiquei tão aterrorizada que não sei o que fiz. Acho que passei por ele correndo e fui para o meu quarto. Não me lembro de nada até me ver na cama, tremendo dos pés à cabeça. Então pensei no senhor. Não podia continuar a morar lá sem alguma ajuda. Estava com medo da casa, do homem, da mulher, dos empregados, até da criança. Todos me pareciam horríveis. Se conseguisse trazer o senhor aqui, eu me sentiria bem. É claro que eu podia ter fugido da casa, mas minha curiosidade era tão grande quanto o meu medo. Tomei logo uma decisão. Iria mandar-lhe um telegrama. Pus o chapéu e o casaco, fui até o telégrafo, que fica a quase um quilômetro da casa, e voltei me sentindo muito melhor. Fiquei assustada quando me aproximei da porta, achando que o cão podia estar solto, mas lembrei-me de que Toller havia bebido tanto que estava inconsciente, e eu sabia que ele era o único que tinha algum controle sobre a criatura selvagem, ou que se arriscaria a soltá-la. Entrei sem que nada me acontecesse e fiquei acordada metade da noite, contente ao pensar que iria vê-lo. Não foi difícil obter permissão para vir a Winchester hoje de manhã, mas tenho de voltar antes das 15 horas, porque o sr. e a sra. Rucastle vão sair para fazer uma visita e só voltarão à noite, e tenho de tomar conta da

criança. Estas são as minhas aventuras, sr. Holmes, e ficaria muito grata se me dissesse o que tudo isso significa e, acima de tudo, o que devo fazer.”

Holmes e eu ouvíramos estupefatos esta história extraordinária. Meu amigo se levantou e andou de um lado para outro com as mãos nos bolsos e uma expressão profundamente grave.

— Toller ainda está bêbado? — perguntou.

— Sim. Ouvi a mulher dele dizer à sra. Rucastle que não podia fazer nada com ele.

— Isso é bom. E os Rucastles vão sair hoje à tarde?

— Sim.

— Existe ali um porão com uma boa fechadura?

— Sim, a adega.

— Aparentemente, a senhora agiu em tudo isso como uma moça muito corajosa e sensata, srta. Hunter. Acha que pode realizar mais uma proeza? Não lhe pediria isso se não achasse que é uma mulher excepcional.

— Posso tentar. O que é?

— Estaremos em Faias Roxas às 19 horas, meu amigo e eu. Os Rucastles já terão saído a essa hora e Toller estará, eu espero, incapacitado. Só resta a sra. Toller, que poderá dar o alarme. Se pudesse mandá-la à adega com algum pretexto, e trancá-la à chave, facilitaria muito as coisas.

— Posso fazer isso.

— Excelente! Examinaremos com cuidado o assunto. É claro que só há uma explicação admissível. A senhora foi levada lá para se fazer passar por outra pessoa, e essa pessoa está presa no quarto trancado. Isso é óbvio. E quanto à identidade da prisioneira, não tenho dúvidas de que se trata da filha, srta. Alice Rucastle, que, se estou bem lembrado, diziam que tinha ido para a América. A senhora foi escolhida, é claro, porque se parecia com ela na altura, no corpo e na cor de cabelo. O dela fora cortado, provavelmente por causa de alguma doença e, portanto, o seu tinha de ser cortado também. Por acaso a senhora encontrou o cacho de cabelo dela. O homem na estrada era, sem dúvida, um amigo dela, talvez seu noivo, e como a senhora usava o vestido da moça e se parecia tanto com ela, ficou convencido pelas suas gargalhadas, quando a via, e depois pelo seu gesto, que a srta. Rucastle estava perfeitamente feliz e que não desejava mais suas atenções. O cão fica solto à noite para evitar que ele tente se comunicar com ela. Até aí está tudo claro. O que há de mais grave nesse caso é o gênio da criança.

— Que diabos isso tem a ver com o resto? — exclamei.

— Meu caro Watson, você como médico está sempre procurando entender as tendências de uma criança por meio do estudo dos pais. Não vê que o inverso é igualmente válido. Quase sempre começo a compreender a personalidade dos pais pelo estudo de seus filhos. O gênio dessa criança é anormalmente cruel, uma crueldade gratuita e quer tenha herdado isso de seu pai sorridente, como eu suspeito, quer de sua mãe, isso é um mau agouro para a pobre moça que está em suas mãos.

— Estou certa de que o senhor tem razão, sr. Holmes! — exclamou nossa cliente. — Estou me lembrando de mil coisas que confirmam que o senhor desvendou o caso. Devemos ir agora mesmo ajudar essa pobre criatura.

— Precisamos ser discretos, porque estamos lidando com um homem muito astuto. Não podemos fazer nada até as 19 horas. Então estaremos lá com a senhora e não levará muito tempo para resolvermos o mistério.

Cumprimos nossa palavra, e às 19 horas em ponto chegamos a Faias Roxas, deixando o carro em uma hospedaria na estrada. O grupo de árvores, com suas folhas escuras brilhando como metal polido à luz do sol poente, era suficiente para indicar a casa, mesmo que a srta. Hunter não estivesse na porta, sorrindo.

— Conseguiu? — perguntou Holmes.

Ouvimos pancadas que vinham de algum lugar embaixo da casa.

— É a sra. Toller presa na adega — disse. — O marido está roncando no chão da cozinha. Aqui estão as chaves dele, que são duplicatas das do sr. Rucastle.

— A senhora trabalhou muito bem mesmo! — disse Holmes com entusiasmo. — Agora mostre-nos o caminho e logo veremos o final desse negócio sinistro.

Subimos as escadas, abrimos a porta, seguimos um corredor e nos encontramos diante da porta que a srta. Hunter descrevera. Holmes cortou a corda grossa e retirou a barra. Então experimentou várias chaves, sem sucesso. Nenhum som vinha de dentro do quarto e o silêncio fez Holmes franzir a testa.

— Espero que não seja tarde demais — disse. — Acho, srta. Hunter, que é melhor entrarmos sem a senhora. Vamos, Watson, empurre a porta com o ombro e veremos se não conseguimos entrar.

Era uma porta velha e frágil, e cedeu aos nossos esforços conjuntos. Entramos no quarto. Estava vazio. Não havia nenhuma mobília, a não ser um colchão de palha, uma mesinha e uma cesta cheia de roupas. Uma claraboia no teto estava aberta e a prisioneira desaparecera.

— Houve alguma coisa criminosa aqui — disse Holmes. — O vilão adivinhou as intenções da srta. Hunter e carregou sua vítima.

— Mas como?

— Pela claraboia. Logo saberemos como conseguiu. — Segurou-se nas bordas da abertura e olhou o telhado. — Ah, sim! — exclamou. — Aqui está uma escada, encostada na beira do telhado. Foi assim que ele a levou.

— Mas é impossível — disse a srta. Hunter. — Essa escada não estava aí quando os Rucastles saíram.

— Então ele deve ter voltado. Estou dizendo que ele é um homem esperto e perigoso. Não ficaria surpreso se esses passos que estou ouvindo na escada forem dele. Acho, Watson, que seria aconselhável você ficar de pistola em punho.

Mal acabara de falar, quando um homem surgiu na porta do quarto, um homem muito gordo com um bastão pesado na mão. A srta. Hunter gritou e se encolheu junto à parede quando o viu, mas Sherlock Holmes avançou e enfrentou-o.

— Patife! — disse. — Onde está sua filha?

O homem gordo olhou em volta e depois para a claraboia aberta.

— Eu é que tenho de perguntar isso! — berrou. — Ladrões! Espiões e ladrões! Peguei vocês, não é? Estão nas minhas mãos. Eu cuidarei de vocês! — Virou-se e desceu as escadas o mais depressa que podia.

— Foi buscar o cachorro! — exclamou a srta. Hunter.

— Tenho meu revólver — eu disse.

— É melhor fechar a porta da frente — disse Holmes, e descemos as escadas correndo. Mal chegamos ao hall quando ouvimos os latidos do cão e em seguida um grito de agonia, com o ruído horrível de dentes triturando, que causava arrepios. Um homem idoso de rosto vermelho e membros trêmulos saiu cambaleando de uma porta lateral.

— Meu Deus! — gritou. — Alguém soltou o cachorro. Ele não come há dois dias. Depressa, depressa, ou será tarde demais!

Holmes e eu saímos correndo e contornamos o canto da casa, com Toller correndo atrás. Lá estava o imenso animal faminto com o focinho preto

afundado na garganta de Rucastle, enquanto ele se contorcia no chão e gritava. Chegando perto, estourei os miolos do cachorro e ele caiu de lado, com os dentes brancos ainda agarrados nas dobras do pescoço de Rucastle. Com muito esforço, separamos os dois e carregamos o homem horrivelmente estraçalhado, mas ainda vivo, para dentro de casa, colocando-o no sofá da sala. Despachamos Toller, repentinamente sóbrio, para dar a notícia à sua mulher e fiz o que podia para aliviar sua dor. Estávamos todos em volta dele quando a porta se abriu e uma mulher alta e magra entrou na sala.

— Sra. Toller! — exclamou a srta. Hunter.

— Sim, senhora. O sr. Rucastle me soltou quando voltou, antes de subir. Ah, senhora, é uma pena que não tivesse me contado o que estava planejando, pois eu lhe diria que todo o seu esforço seria em vão.

— Ah! — disse Holmes, olhando atentamente para ela. — É claro que a sra. Toller sabe mais sobre este assunto do que qualquer outra pessoa.

— Sim, senhor, eu sei, e estou pronta para contar tudo que sei.

— Então, por favor, sente-se e fale, porque há vários pontos a respeito dos quais devo confessar que ainda estou no escuro.

— Vou esclarecer tudo para o senhor — respondeu — e já teria feito isso antes se tivesse conseguido sair do porão. Se houver um inquérito policial sobre isso, lembre-se de que fiquei do seu lado e que era amiga da srta. Alice.

“Ela nunca se sentiu feliz em casa, a srta. Alice, desde que o pai se casou novamente. Ela ficou meio abandonada e não podia dar opinião em coisa alguma. Mas só ficou mesmo muito ruim para ela depois que conheceu o sr. Fowler em casa de uma amiga. Pelo que pude saber, a srta. Alice tinha herdado alguma coisa diretamente, mas era tão calma e paciente que nunca falava nisso e deixava tudo nas mãos do sr. Rucastle. Ele sabia que estava seguro, mas quando surgiu a possibilidade de um marido, que exigiria tudo a que tinha direito por lei, então o pai achou que estava na hora de acabar com isso. Queria que ela assinasse um papel de modo que ele pudesse usar o dinheiro dela, quer ela se casasse quer não. Quando ela se recusou, ele passou a atormentá-la até que ela teve uma febre cerebral e durante seis semanas ficou entre a vida e a morte. Enfim melhorou, magra como um esqueleto, e com o lindo cabelo cortado rente. Mas isso não afetou o rapaz que gostava dela, e ele continuou fiel como poucos homens são.”

— Ah — disse Holmes —, acho que o que teve a bondade de nos contar esclarece bem as coisas e posso deduzir o resto. O sr. Rucastle, presumo, recorreu então a essa forma de prisão?

— Sim, senhor.

— E trouxe a srta. Hunter de Londres para se livrar da persistência inconveniente do sr. Fowler.

— Foi isso mesmo, senhor.

— Mas o sr. Fowler, sendo perseverante, como todos os homens do mar devem ser, cercou a casa e, travando conhecimento com a senhora, conseguiu com certos argumentos, metálicos ou não, convencê-la de que seus interesses eram iguais aos dele.

— O sr. Fowler era um cavalheiro de palavras amáveis e mão aberta — disse a sra. Toller serenamente.

— E dessa maneira conseguiu que seu marido tivesse muita bebida à disposição e que uma escada estivesse preparada assim que seu patrão saiu.

— O senhor está certo, foi assim mesmo que aconteceu.

— Tenho certeza de que lhe devemos um pedido de desculpas, sra. Toller — disse Holmes. — A senhora esclareceu tudo que nos intrigava. E aí vem o médico do condado e a sra. Rucastle. Portanto, Watson, acho que é melhor levarmos a srta. Hunter para Winchester, porque parece que nosso *locus standi* agora é bastante questionável.

E assim foi solucionado o mistério da casa sinistra com as faias roxas em frente. O sr. Rucastle sobreviveu, mas tornou-se para sempre um homem inválido, mantido vivo somente pelos cuidados de sua esposa devotada. Ainda vivem com seus velhos empregados, que provavelmente sabem tanto sobre o passado de Rucastle que ele acha difícil se separar deles. O sr. Fowler e a srta. Rucastle se casaram, com uma licença especial, em Southampton, no dia seguinte ao de sua fuga, e ele foi designado pelo governo para um posto nas ilhas Maurício. Quanto à srta. Violet Hunter, meu amigo Holmes, para meu grande desapontamento, não manifestou mais interesse por ela desde que deixou de ser o centro de um de seus problemas, e agora é diretora de uma escola particular em Walsall, onde acredito que obteve bastante êxito.

ARTHUR CONAN DOYLE
SHERLOCK HOLMES
VOLUME 2

MEMÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES

SILVER BLAZE

— LAMENTO, WATSON, MAS PRECISO IR — DISSE HOLMES, quando nos sentávamos para o *breakfast*, certa manhã.

— Ir! Para onde?

— Dartmoor. King's Pyland.

Não me surpreendi. Na verdade, o que me espantava era o fato de ele ainda não ter se envolvido naquele caso extraordinário, tema das conversas de um extremo a outro da Inglaterra. Meu amigo havia passado o dia inteiro perambulando pela sala, cabisbaixo, cenho franzido, abastecendo e reabastecendo o cachimbo com fumo negro e forte, surdo a minhas perguntas ou observações. Novas edições de todos os jornais nos eram enviadas pelo jornaleiro e atiradas a um canto depois de uma olhada superficial. Apesar do seu silêncio, eu sabia perfeitamente sobre o que ele estava meditando. Perante o público havia apenas um problema capaz de desafiar a sua capacidade analítica: o estranho desaparecimento do favorito da Copa Wessex e o trágico assassinato do seu treinador. Quando Holmes anunciou de repente a intenção de ir até o local da tragédia, fez, portanto, apenas o que eu previa e esperava que fizesse.

— Teria muito prazer em acompanhá-lo, caso não atrapalhe — falei.

— Meu caro Watson, você me faria um imenso favor se viesse comigo. E creio que não desperdiçará seu tempo, porque há aspectos deste caso que o tornam absolutamente singular. Acho que chegaremos no momento exato de pegar o trem em Paddington. Explicarei melhor o assunto durante o trajeto. E eu ficaria grato se você levasse o seu excelente binóculo.

E foi assim que, cerca de uma hora mais tarde, eu estava num canto de um vagão de primeira classe a caminho de Exeter, enquanto Sherlock Holmes, com seu rosto atento contornado pelo boné de viagem com protetor de orelhas, mergulhava rapidamente na pilha de edições recentes dos jornais que havia comprado em Paddington. Reading já tinha ficado para trás quando ele atirou a última debaixo do banco e ofereceu-me a sua charuteira.

— Estamos andando bem — disse, olhando pela janela e depois verificando o relógio. — Nossa velocidade no momento é de oitenta quilômetros horários.

— Não reparei nos postes de marcação da estrada.

— Nem eu. Mas os postes telegráficos desta linha ficam a sessenta metros um do outro, o que simplifica o cálculo. Suponho que já tenha lido a respeito do assassinato de John Straker e do desaparecimento de *Silver Blaze*.

— Li o que publicaram o *Telegraph* e o *Chronicle*.

— É um desses casos em que a arte do raciocínio deve ser usada mais para a triagem de detalhes que para a obtenção de novas evidências. A tragédia foi tão incomum, tão completa e de tamanha importância pessoal para tanta gente, que estamos sofrendo de um excesso de suposições, conjecturas e hipóteses. A dificuldade é distinguir entre estrutura do fato, do fato absoluto, inegável, e os acréscimos de teóricos e repórteres. E então, situando-nos sobre esta base sólida, é nosso dever verificar quais as conclusões que podem ser tiradas e quais os pontos especiais que servem de eixo a todo o mistério. Na noite de terça-feira, recebi telegramas do coronel Ross, o proprietário do cavalo, e do inspetor Gregory, encarregado de investigar o caso, solicitando a minha cooperação.

— Terça à noite! Mas hoje é quinta de manhã. Por que não viajou ontem?

— Porque cometi um erro, meu caro Watson, uma ocorrência mais frequente do que pensaria quem me conhecesse apenas através das suas memórias. O fato é que não acreditei na possibilidade de que o cavalo mais extraordinário da Inglaterra permanecesse oculto por muito tempo, principalmente numa região tão escassamente povoada como o norte de Dartmoor. Ontem, hora após hora, esperei ouvir a notícia de que ele fora encontrado e de que a pessoa que o roubou era também o assassino de John Straker. Mas quando despontou outro dia e descobri que, além de

prenderem o jovem Fitzroy Simpson, nada fora feito, achei que era hora de agir. Mesmo assim, acho que, de certo modo, o dia de ontem não foi perdido.

— Elaborou alguma teoria?

— Pelo menos consegui captar os fatos essenciais do caso. Vou enumerá-los para você, pois não há nada melhor para esclarecer uma situação do que expô-la a outra pessoa. E dificilmente poderia esperar a sua colaboração se não lhe mostrar o nosso ponto de partida.

Recostei-me nas almofadas fumando um charuto enquanto Holmes, inclinando-se para a frente, com o indicador longo e fino sublinhando os pontos na palma da mão esquerda, fez um resumo dos acontecimentos que resultaram na nossa viagem.

— *Silver Blaze* é descendente de *Somomy* e tem uma ficha tão brilhante quanto o seu famoso antepassado. Está agora com cinco anos e conquistou para o coronel Ross, seu feliz proprietário, todos os prêmios do turfe. Até o momento da catástrofe ele era o favorito da Copa Wessex, pagando três para um. Sempre foi um dos grandes favoritos do público das corridas e até agora nunca o desapontou, de modo que, mesmo quando o risco era grande, imensas somas de dinheiro eram apostadas nele. É óbvio, portanto, que há muita gente interessada em impedir que *Silver Blaze* esteja presente ao ser dada a partida na próxima terça-feira.

“Este fato, naturalmente, é bem conhecido em King’s Pyland, onde fica o haras de treinamento do coronel. Todas as precauções foram tomadas para proteger o favorito. O treinador, John Straker, é um jóquei aposentado que correu com as cores de Ross até ficar pesado demais. Trabalhou para o coronel durante cinco anos como jóquei e sete como treinador, e sempre demonstrou que era zeloso e honesto. Ele tinha três rapazes sob suas ordens, porque o haras é pequeno, com apenas quatro cavalos no total. Um dos rapazes fica sempre de vigia à noite na cavalariça, enquanto os outros dormem no celeiro. Os três têm um caráter irrepreensível. John Straker, que é casado, mora numa casa pequena, a cerca de duzentos metros da cavalariça. Sem filhos, tem uma criada e vive confortavelmente. A região é muito deserta, mas cerca de um quilômetro ao norte há um punhado de casinhas construídas por um empreiteiro de Tavistock, para serem usadas por enfermos e outras pessoas que queiram desfrutar o ar puro de Dartmoor. A própria Tavistock fica cerca de três quilômetros a oeste, enquanto do

outro lado do pântano, também a três quilômetros, fica um haras de treinamento maior, Mapleton, que pertence a lorde Backwater e é dirigido por Silas Brown. Em todas as outras direções, a região é completamente deserta, habitada apenas por um punhado de ciganos. Esta era a situação geral na noite de segunda-feira, quando ocorreu a catástrofe.

"Ao anoitecer, os cavalos foram exercitados e levados como sempre, e, às 21 horas, as cavalariças foram trancadas. Dois dos rapazes foram até a casa do treinador, onde cearam na cozinha, enquanto o terceiro, Ned Hunter, permaneceu de guarda. Alguns minutos depois das nove, a empregada, Edith Baxter, levou para a cavalariça a ceia dele, que consistia num prato de carneiro ao *curry*. Não levou bebida, porque havia um poço na cavalariça e, pelo regulamento, o rapaz que fica de vigia só pode beber água. A empregada levava uma lanterna, porque estava muito escuro e o caminho atravessava a área descampada do pântano.

"Edith Baxter estava a trinta metros da cavalariça quando um homem surgiu da escuridão e mandou que ela parasse. Quando ele penetrou no círculo de luz amarelada da lanterna, ela notou que se tratava de uma pessoa com a aparência de um cavalheiro, vestindo um terno cinza de *tweed* e boné de pano. Usava polainas e carregava uma pesada bengala de castão redondo. Mas ela ficou muito impressionada com a extrema palidez do rosto e com o seu nervosismo. Quanto à idade, achou que passava dos trinta.

"'Pode me dizer onde estou?', ele perguntou. 'Estava quase decidido a dormir no pântano quando avistei a luz da sua lanterna.'

"'Está perto do haras de King's Pyland', respondeu a criada.

"'Verdade? Que sorte! Soube que um dos rapazes da cavalariça dorme sozinho ali todas as noites. Deve estar levando o jantar para ele. Tenho certeza de que não é orgulhosa a ponto de recusar um vestido novo, não é mesmo?' E tirando do bolso do colete um papel branco dobrado: 'Entregue isto ao rapaz e terá o mais lindo vestido que o dinheiro pode comprar.'

"Assustada com a veemência dele, a moça correu até a janela pela qual costumava entregar as refeições. Encontrou-a já aberta, e Hunter estava sentado a uma mesinha, no interior. Tinha começado a contar a ele o que havia acontecido, quando o estranho tornou a se aproximar.

"'Boa noite', disse, espiando pela janela. 'Gostaria de falar com você.'

“A moça jura que, enquanto ele falava, notou a ponta de um papel que saía da mão fechada do homem.

“‘O que você quer?’, perguntou o rapaz.

“‘Um negócio que talvez encha de dinheiro o seu bolso’, respondeu o homem. ‘Vocês têm dois cavalos inscritos na Copa Wessex: *Silver Blaze* e *Bayard*. Dê um palpite e não sairá perdendo. É verdade que, no peso, *Bayard* poderia dar ao outro uma vantagem de 1/8 de milha em cem jardas, e que o haras apostou tudo nele?’

“‘Então é um daqueles malditos vendedores de palpites?’, perguntou o rapaz. ‘Vou mostrar o que fazemos com eles em King’s Pyland.’ Levantando-se de um salto, atravessou correndo a cavalariça para soltar o cachorro. A moça fugiu para casa, mas, enquanto corria, olhou para trás e viu o estranho debruçado na janela. Um minuto depois, quando Hunter saiu com o cão, ele havia desaparecido e, embora o rapaz tivesse procurado em volta dos prédios, não encontrou nenhum vestígio dele.”

— Um momento! — eu interrompi. — O rapaz deixou a porta destrancada quando saiu correndo com o cachorro?

— Excelente, Watson, excelente! — murmurou meu amigo. — A importância do detalhe me impressionou tanto que mandei um telegrama urgente a Dartmoor, ontem, a fim de esclarecer a questão. O rapaz trancou a porta antes de sair. Quanto à janela, não era suficientemente larga para permitir a passagem de um homem.

“Hunter esperou até que seus companheiros voltassem e mandou um recado ao treinador, contando o que havia acontecido. Straker ficou preocupado, embora aparentemente não tenha percebido o verdadeiro significado da ocorrência. Mas ficou vagamente inquieto, e a sra. Straker, acordando à uma hora, viu que ele estava se vestindo. Em resposta às perguntas da mulher, disse que não conseguia dormir, preocupado com os cavalos, e que iria até as cavalariças verificar se estava tudo em ordem. Ela suplicou-lhe que ficasse em casa, porque ouvia a chuva tamborilando nas vidraças, mas, sem dar ouvidos, ele vestiu um pesado impermeável e saiu.

“A sra. Straker acordou às sete horas e percebeu que o marido não tinha voltado. Vestiu-se depressa, chamou a empregada, e dirigiram-se para as cavalariças. A porta estava aberta; dentro, encolhido sobre uma cadeira, estava Hunter, mergulhado num estado de profundo estupor. A baia do favorito estava vazia e não havia sinal do treinador.

“Os dois rapazes que dormiam no celeiro sobre a sala dos arreios foram despertados rapidamente. Não tinham ouvido nada durante a noite, porque ambos têm sono pesado. Hunter estava, obviamente, sob o efeito de alguma droga poderosa, e como não conseguissem extrair dele algo que fizesse sentido, deixaram-no dormir, e os dois rapazes e as duas mulheres saíram em busca dos desaparecidos. Ainda acreditavam na possibilidade de que o treinador, por algum motivo, tivesse levado o cavalo para um exercício matinal, mas ao subirem a colina próxima à casa, de onde se avista todo o pântano ao redor, não viram sinal do favorito, mas perceberam algo que os advertiu de que estavam diante de uma tragédia.

“A cerca de quinhentos metros das cavalariças, o sobretudo de John Straker pendia de um arbusto, balançando ao vento. Pouco adiante havia uma depressão circular no solo e no fundo dela encontraram o corpo do infeliz treinador. Tinha a cabeça despedaçada por um golpe violento desferido por um objeto pesado e estava com um ferimento na coxa, um corte longo e limpo, evidentemente causado por algum instrumento muito afiado. Mas era evidente que Straker tinha se defendido valentemente dos atacantes, pois segurava na mão direita uma faca pequena manchada de sangue até o cabo e na esquerda uma gravata de seda vermelha e preta, que a empregada reconheceu como a usada na noite anterior pelo estranho que estivera nas cavalariças.

“Hunter, ao voltar a si do estupor, confirmou quem era o dono da gravata. Tinha certeza também de que o mesmo estranho, através da janela, havia colocado alguma droga na sua comida, deixando assim as cavalariças sem o seu vigia.

“Quanto ao cavalo desaparecido, havia provas abundantes na lama que cobria o fundo da depressão de que ele estivera ali no momento da luta. Mas desde aquela manhã continua desaparecido e, embora tenha sido oferecida uma grande recompensa a quem encontrá-lo e todos os ciganos de Dartmoor estejam alertados, não há notícias dele. Finalmente, uma análise mostrou que os restos da ceia ingerida pelo cavalariço contêm uma grande quantidade de ópio, embora o pessoal da casa tenha comido o mesmo carneiro sem qualquer efeito desagradável.

“Estes são os fatos principais do caso, sem o acréscimo de qualquer suposição, e narrados da maneira mais objetiva possível. Vou agora recapitular o que a polícia já fez em relação ao assunto.

“O inspetor Gregory, a quem o caso foi confiado, é um policial de extrema competência. Se fosse dotado de alguma imaginação, poderia alcançar os postos mais elevados da profissão. Ao chegar, logo descobriu e prendeu o homem sobre o qual recaem naturalmente as suspeitas. Não foi difícil encontrá-lo porque morava em uma das casinhas nas redondezas. Parece que seu nome é Fitzroy Simpson. É um homem bem-nascido e educado, que esbanjou a fortuna no turfe e agora se sustenta fazendo algum trabalho discreto e distinto de corretagem de apostas nos clubes esportivos de Londres. Um exame de seu livro revela que apostas no montante de cinco mil libras foram registradas por ele contra o favorito.

“Ao ser preso, declarou que fora a Dartmoor na esperança de obter informações sobre os cavalos de King’s Pyland e também sobre *Desborough*, o segundo favorito, que estava aos cuidados de Silas Brown, do haras de Mapleton. Não tentou negar que agira na noite anterior conforme haviam descrito, mas afirmou que não tinha más intenções. Desejava apenas obter informações diretas. Quando lhe mostraram a gravata, ficou muito pálido e foi incapaz de explicar sua presença na mão do homem assassinado. Suas roupas úmidas revelavam que estivera sob a tempestade na véspera e sua bengala, uma Penang com castão de chumbo, seria uma arma que, com golpes repetidos, poderia provocar os ferimentos horríveis que haviam sido a causa da morte do treinador.

“Por outro lado, ele não tinha nenhum ferimento, embora o estado da faca de Straker revelasse que pelo menos um dos seus assaltantes devia apresentar sua marca. Em resumo, este é o caso, Watson, e se você puder me ajudar a esclarecer alguma coisa, eu ficarei eternamente grato.”

Ouvi com o maior interesse a narrativa que Holmes, com sua precisão característica, me fez. Embora a maioria dos fatos já fosse do meu conhecimento, eu não avaliara suficientemente sua relativa importância, ou a conexão entre eles.

— Não seria possível que o corte em Straker tivesse sido causado por sua própria faca, em consequência das convulsões decorrentes de qualquer ferimento no cérebro?

— É mais do que possível. É provável — disse Holmes. — Neste caso, desaparece um dos principais pontos a favor do acusado.

— Ainda assim não consigo compreender qual é a teoria da polícia.

— Temo que, seja qual for a teoria que apresentemos, haverá sérias objeções a ela — replicou meu amigo. — A polícia imagina, suponho, que esse Fitzroy Simpson, depois de colocar a droga na comida do rapaz e conseguir de algum modo uma duplicata da chave, abriu a porta da estrebaria e retirou o cavalo com a intenção de fazê-lo desaparecer. Os arreios sumiram, de modo que Simpson deve tê-los colocado no animal. Deixando a porta aberta, ele estava conduzindo o cavalo pelo pântano, quando encontrou, ou foi alcançado, pelo treinador. Houve uma luta, naturalmente. Simpson estourou os miolos do treinador com sua bengala pesada sem receber qualquer ferimento da faquinha que Straker usou para se defender, e em seguida levou o cavalo para algum esconderijo. É possível também que o animal tenha fugido durante a luta e esteja vagueando pelo pântano. Este é o caso como a polícia o vê e, por mais improvável que pareça, todas as outras explicações são mais improváveis ainda. No entanto, vou verificar rapidamente a questão quando estiver no local, e até lá não vejo como podemos fazer algum progresso.

Já era noite quando chegamos à cidadezinha de Tavistock, que fica, como um relevo num escudo, em meio ao amplo círculo de Dartmoor. Dois cavalheiros nos aguardavam na estação: um era alto e louro, cabeleira e barba leoninas, olhos azuis penetrantes; o outro era baixo e vivo, de aparência esmerada e elegante, usando casaco longo e polainas e ostentando monóculo e suíças pequenas e bem-cuidadas. O último era o coronel Ross, o conhecido desportista, e o primeiro, o inspetor Gregory, um homem que estava adquirindo fama rapidamente no corpo de detetives da polícia inglesa.

— Estou encantado em vê-lo aqui, sr. Holmes — disse o coronel. — O inspetor fez tudo o que se poderia sugerir, mas não deixarei pedra sobre pedra para vingar o pobre Straker e recuperar meu cavalo.

— Alguma nova ocorrência? — perguntou Holmes.

— Lamento dizer que fizemos pouco progresso — respondeu o inspetor. — Temos uma carruagem lá fora, e como acredito que gostaria de ver o local antes de escurecer, podemos conversar no trajeto.

Um minuto depois estávamos instalados num confortável landau e atravessando a pitoresca e antiga cidadezinha de Devonshire. O inspetor Gregory estava mergulhado no caso e despejou uma torrente de observações, que Holmes intercalava com uma ou outra pergunta ou

interjeição. O coronel Ross recostou-se, com os braços cruzados e o chapéu caído sobre os olhos, enquanto eu escutava interessado o diálogo entre os dois detetives. Gregory formulava a sua teoria, que era quase exatamente a que Holmes antecipara no trem.

— A rede está se fechando em torno de Fitzroy Simpson e, na minha opinião, ele é o nosso homem. Ao mesmo tempo reconheço que as provas são puramente circunstanciais, e que uma nova ocorrência poderia mudar tudo.

— E a faca de Straker?

— Chegamos à conclusão de que ele próprio se feriu ao cair.

— Meu amigo, o dr. Watson, sugeriu essa hipótese quando vínhamos para cá. Neste caso, o detalhe prejudicaria Simpson.

— Sem dúvida. Ele não tem faca nem qualquer sinal de ferimento. A evidência contra ele é muito forte. Ele tinha muito interesse no desaparecimento do favorito e é suspeito de ter drogado o cavalariço; esteve, sem dúvida, exposto à tempestade, andava armado com uma bengala pesada e sua gravata foi encontrada na mão do morto. Creio que temos o suficiente para colocá-lo diante do júri.

Holmes meneou a cabeça.

— Um advogado esperto destruiria tudo isso. Por que ele tiraria o cavalo da cavalariça? Se quisesse aleijá-lo, por que não o faria ali mesmo? Foi encontrada com ele uma duplicata da chave? Qual foi o farmacêutico que lhe vendeu ópio em pó? Acima de tudo, onde poderia ele, um estranho na região, esconder um cavalo, e um cavalo como aquele? Qual a explicação dele para o papel que pediu à empregada para entregar ao rapaz da cavalariça?

— Diz ele que foi uma nota de dez libras. A nota foi encontrada no bolso dele. Mas os outros obstáculos não são tão formidáveis como parecem. Ele conhece a região. Por duas vezes hospedou-se em Tavistock no verão. O ópio provavelmente foi trazido de Londres. A chave, depois de servir à sua finalidade, foi jogada fora. O cavalo pode estar no fundo de um dos poços, ou nas velhas minas da região.

— O que ele diz a respeito da gravata?

— Reconhece que é dele e afirma que a perdeu. Mas surgiu um novo elemento no caso que pode explicar por que ele levou o cavalo para fora da estrebaria.

Holmes aguçou os ouvidos.

— Encontramos vestígios que mostram que um grupo de ciganos acampou na noite de segunda-feira a cerca de 1,5 quilômetro do local do assassinato. Na terça, haviam desaparecido. Supondo que houvesse algum trato entre Simpson e esses ciganos, ele não poderia estar levando o cavalo até o acampamento quando foi surpreendido? E os ciganos não estariam agora com o animal?

— É bem possível.

— O pântano está sendo vasculhado em busca dos ciganos. Também examinei todas as estrebarias e cavalariças de Tavistock num raio de 15 quilômetros.

— Há um outro haras de treinamento bem próximo, não é?

— Sim, é um dado que não devemos desprezar. Como *Desborough*, o cavalo deles, estava em segundo nas apostas, eles tinham interesse no desaparecimento do favorito. Sabe-se que Silas Brown, o treinador, tem feito apostas elevadas, e não era amigo do pobre Straker. Mas examinamos as cavalariças e não há nada que o ligue ao caso.

— E nada que ligue Simpson aos interesses do haras Mapleton?

— Absolutamente nada.

Holmes recostou-se na carruagem e a conversa cessou. Minutos depois, nosso cocheiro parou diante de uma bonita casa de tijolos vermelhos, com telhado de beirais salientes, que ficava na margem da estrada. Um pouco adiante, do outro lado do *paddock*, havia um anexo de telhado cinzento. Em volta, os contornos sem relevo do pântano, coloridos de bronze pela vegetação crestada, estendiam-se até o horizonte, interrompidos apenas pelas torres de Tavistock e por um conjunto de casas a oeste, que indicavam as cavalariças Mapleton. Saltamos todos, com exceção de Holmes, que continuou recostado, olhos fixos no céu, inteiramente absorto nos seus pensamentos. Só quando toquei em seu braço foi que ele despertou com um sobressalto e desceu da carruagem.

— Desculpe-me — disse, virando-se para o coronel Ross, que o olhava surpreso. — Estava devaneando.

Havia um brilho em seus olhos e uma excitação contida nas suas atitudes que me convenceram, habituado como eu estava ao seu jeito, de que encontrara uma pista, embora não pudesse imaginar onde.

— Prefere ir logo ao local do crime, sr. Holmes? — perguntou Gregory.

— Acho que prefiro ficar aqui mais um pouco, revendo alguns detalhes. Straker foi trazido para cá, eu presumo.

— Sim. Está lá em cima. A inquirição será amanhã.

— Ele trabalhou para o senhor vários anos, coronel Ross?

— E sempre o considerei um excelente empregado.

— Suponho que tenha feito um inventário do que encontrou nos bolsos dele no momento da morte, inspetor.

— Os objetos estão na sala, caso queira examiná-los.

— Gostaria muito.

Entramos todos na sala da frente e nos sentamos em volta da mesa, enquanto o inspetor abria uma caixa de metal e colocava diante de nós uma pequena pilha de objetos: uma caixa de fósforos, um toco de vela, um cachimbo A.D.P. de raiz de urze-branca, uma bolsa de pele de foca contendo alguns gramas de fumo Cavendish *long-cut*, um relógio de prata com corrente de ouro, cinco soberanos de ouro, um estojo de lápis de alumínio, alguns papéis e uma faca de cabo de marfim, de lâmina muito delicada e fixa, com a marca “Weiss & Co., Londres”.

— Uma faca pouco comum — disse Holmes, examinando-a com atenção. — Como está manchada de sangue, presumo que seja a faca encontrada na mão do morto. Watson, isto é especialidade sua, com certeza.

— É o que chamamos faca de catarata — eu disse.

— Foi o que pensei. Uma lâmina muito delicada, destinada a trabalho muito delicado. É um objeto estranho para um homem carregar numa saída que prometia problemas, principalmente porque não se fechava dentro do bolso.

— A ponta estava protegida por um disco de cortiça que encontramos ao lado do corpo — disse o inspetor. — A mulher de Straker disse que a faca estava havia dias na penteadeira, e que ele a pegou quando saiu do quarto. Como arma não era grande coisa, mas talvez tenha sido a melhor que ele conseguiu encontrar no momento.

— É possível. E estes papéis?

— Três deles são recibos de fornecedores de feno. Outro é uma carta de instruções do coronel Ross. Este é a conta de uma costureira, no valor de 37 libras e 15 pence, enviada por madame Lesurier, de Bond Street, para William Derbyshire. A sra. Straker disse que Derbyshire era amigo de seu marido e às vezes a correspondência dele era endereçada para cá.

— A sra. Derbyshire tem gostos dispendiosos — observou Holmes, olhando para a conta. — Vinte e dois guinéus é uma quantia elevada por um único vestido. Mas parece que não temos mais nada para descobrir aqui e podemos ir agora até o local do crime.

Quando saíamos da sala, uma mulher que devia estar esperando no corredor aproximou-se e pôs a mão no braço do inspetor. Tinha a fisionomia abatida, magra e ansiosa, com a marca de uma dor recente.

— Pegaram os criminosos? Já os encontraram? — perguntou, ofegante.

— Não, sra. Straker. Mas aqui está o sr. Holmes, que veio de Londres para nos ajudar. Faremos todo o possível para encontrá-los.

— Tenho certeza de que a conheci em Plymouth, numa *garden party*, há algum tempo, sra. Straker — falou Holmes.

— Não, senhor. Deve estar enganado.

— Ora, eu seria capaz de jurar. Usava um vestido de seda branca enfeitado com uma pena de pavão.

— Nunca tive um vestido assim, senhor.

— Ah, então estou enganado.

E com um pedido de desculpas, Holmes saiu atrás do inspetor. Depois de uma curta caminhada, chegamos à depressão do terreno onde fora encontrado o corpo. Na borda ficava a moita onde o casaco havia sido pendurado.

— Não ventava naquela noite, segundo eu soube — observou Holmes.

— Exato. Mas chovia muito.

— Nesse caso, o sobretudo não foi atirado pelo vento sobre a moita, e sim colocado ali.

— Sim, foi colocado sobre a moita.

— Isso me interessa bastante. Percebo que o solo tem numerosas marcas de pés. Sem dúvida, muita gente esteve aqui desde a noite de segunda-feira.

— Um pedaço de tapete foi colocado aqui ao lado, e todos nós ficamos sobre ele.

— Excelente.

— Nesta sacola trago as botas que Straker calçava, um dos sapatos de Fitzroy Simpson e uma ferradura de *Silver Blaze*.

— Meu caro inspetor, o senhor se supera!

Holmes pegou a sacola, desceu até o fundo da depressão e empurrou o tapete mais para o centro. Em seguida, deitando-se de bruços, queixo

apoiado nas mãos, examinou atentamente a lama pisada.
— Ora! — exclamou de repente. — O que é isto?
Era um fósforo de cera meio queimado e tão recoberto de lama que a princípio parecia uma lasca de madeira.
— Não sei como me escapou — disse o inspetor, aborrecido.
— Estava invisível, enterrado na lama. Só o encontrei porque eu o estava procurando.
— O quê? Esperava encontrá-lo?
— Achei que seria provável.
Tirando as botas da sacola, comparou as marcas de cada uma com as pegadas impressas no solo. Em seguida subiu até a borda da depressão e pôs-se a rastejar entre as urzes e as moitas.
— Temo que não haja outras pegadas — disse o inspetor. — Examinei o solo cuidadosamente por cerca de duzentos metros em todas as direções.
— Verdade? — disse Holmes, levantando-se. — Eu não cometeria a impertinência de fazer isso novamente depois do que disse. Mas gostaria de percorrer o pântano antes que escureça, para reconhecer amanhã o terreno, e acho que vou pôr a ferradura no bolso para dar sorte.
O coronel Ross, que mostrava alguns sinais de impaciência diante do método de trabalho silencioso e sistemático do meu amigo, olhou para o relógio.
— Queria que voltasse comigo, inspetor — falou. — Há vários pontos sobre os quais gostaria de ouvir o seu conselho. Preciso saber, principalmente, se, em consideração ao público, devo retirar o nome do nosso cavalo da relação dos participantes da copa.
— Com certeza não! — exclamou Holmes, decidido. — Eu deixaria o nome na lista.
O coronel inclinou-se.
— É um prazer ouvir a sua opinião, senhor. Poderá encontrar-nos na casa do pobre Straker quando terminar o seu passeio, e então iremos juntos para Tavistock.
Ele voltou junto com o inspetor, enquanto Holmes e eu caminhávamos lentamente pelo pântano. O sol começava a desaparecer por trás das estrebarias de Mapleton, e a vasta planície que se estendia diante de nós coloria-se de dourado, que se transformava em castanho-avermelhado nos lugares onde as urzes e as sarças eram envolvidas pelo poente. Mas as

belezas da paisagem pareciam inexistentes para o meu amigo, mergulhado em profunda meditação.

— É por aqui, Watson — disse finalmente. — Podemos deixar um pouco de lado a questão de quem matou John Straker e nos concentrarmos em descobrir que fim levou o cavalo. Suponhamos agora que ele tenha se soltado durante ou depois da tragédia. Para onde iria? O cavalo é um animal muito gregário. Deixado à solta, seus instintos o enviariam de volta a King's Pyland ou a Mapleton. Por que ficaria correndo pelo pântano? Já teria sido avistado a essa altura. E por que os ciganos o roubariam? Essa gente sempre desaparece quando ouve falar em complicações, porque não quer ser importunada pela polícia. Não poderiam vender um cavalo daqueles. Correriam um grande risco e não ganhariam nada ficando com ele. Isto é bem claro, com certeza.

— Então, onde ele está?

— Já disse que deve ter ido para King's Pyland ou para Mapleton. Não está em King's Pyland, portanto deve estar em Mapleton. Vamos trabalhar com esta hipótese e ver para onde ela nos leva. Nesta parte do pântano, como observou o inspetor, o solo é muito duro e seco. Mas há um declive na direção de Mapleton; e pode-se ver daqui que há uma longa depressão lá adiante, que devia estar muito úmida na noite de segunda-feira. Se a nossa hipótese estiver correta, o cavalo deve tê-la atravessado e é ali que devemos procurar sua pista.

Fomos caminhando rapidamente enquanto conversávamos e em poucos minutos chegamos à depressão do terreno. A pedido de Holmes, desci pelo declive da direita e ele pelo da esquerda, mas ainda não dera cinquenta passos quando o ouvi soltar um grito, enquanto acenava para mim. A pata de um cavalo era bem nítida na terra macia diante dele e a ferradura que retirou do bolso ajustava-se perfeitamente à pegada.

— Veja o valor da imaginação — observou Holmes. — É esta qualidade que falta a Gregory. Imaginamos o que poderia ter acontecido, agimos baseados nessa hipótese e fomos recompensados. Vamos continuar.

Atravessamos a depressão pantanosa e percorremos mais de meio quilômetro de relva seca e dura. Novamente o terreno apresentou um declive e encontramos as marcas de ferradura. Tornamos a perdê-las por um quilômetro e a reencontrá-las bem perto de Mapleton. Foi Holmes quem as

avistou primeiro e as apontou com expressão de triunfo. Uma pegada de homem era visível junto à do cavalo.

— Antes o cavalo estava sozinho! — exclamei.

— Exatamente. Antes estava sozinho. Ora, o que é isto?

As pegadas duplas voltavam-se bruscamente na direção de King's Pyland. Holmes assobiou e passamos a segui-las. Ele mantinha os olhos na trilha, mas eu estava um pouco afastado e notei, surpreso, que as mesmas pegadas seguiam na direção oposta.

— Um ponto para você, Watson — disse Holmes, quando fiz a observação. — Poupou-nos uma longa caminhada que nos faria voltar sobre os nossos próprios passos. Vamos seguir as pegadas de volta.

Não precisamos andar muito. Terminavam na pavimentação de asfalto que conduzia aos portões das cavalariças Mapleton. Quando nos aproximávamos, um empregado veio correndo na nossa direção.

— Não queremos estranhos por aqui — ele disse.

— Eu só quero fazer uma pergunta — disse Holmes, enfiando o polegar no bolso do colete. — Cinco da manhã seria cedo demais para fazer uma visita ao seu patrão, o sr. Silas Brown, amanhã de manhã?

— Se alguém estiver acordado, será ele. É sempre o primeiro a se levantar. Mas aí vem ele, senhor, e poderá responder pessoalmente às suas perguntas. Não, não, senhor. Eu perderia o emprego se ele me visse aceitar o seu dinheiro. Mais tarde, se quiser.

Enquanto Sherlock Holmes tornava a colocar no bolso a meia coroa que havia tirado, um homem idoso de aparência feroz saiu pelo portão, sacudindo o chicote de montar.

— Que história é essa, Dawson? Nada de mexericos! Vá cuidar do seu trabalho!... Que diabo querem aqui?

— Dez minutos de conversa, bom senhor — respondeu Holmes, com sua voz mais tranquila.

— Não tenho tempo para conversar com ociosos. Não quero saber de estranhos por aqui. Desapareçam, ou atiçarei os cães.

Inclinando-se para a frente, Holmes murmurou qualquer coisa no ouvido do treinador, que estremeceu violentamente e corou até a raiz dos cabelos.

— É mentira! — gritou. — Uma mentira suja!

— Muito bem! Vamos discutir o caso aqui em público ou conversar na sua sala?

— Podem entrar, se quiserem.

Holmes sorriu.

— Vou demorar apenas alguns minutos, Watson. Sr. Brown, estou à sua disposição.

Passaram-se uns bons vinte minutos e o vermelho do horizonte se transformara em cinza quando Holmes e o treinador reapareceram. Jamais vi mudança tão grande em tão pouco tempo como a exibida por Silas Brown. Seu rosto estava extremamente pálido, a testa coberta de suor, e a mão que segurava o chicote tremia como um galho de árvore ao vento. Suas maneiras agressivas haviam desaparecido e ele se encolhia ao lado de meu amigo como um cão junto ao dono.

— Suas instruções serão cumpridas. Todas elas — disse.

— Não pode haver erros — insistiu Holmes, olhando-o fixamente.

O outro estremeceu ao perceber a ameaça nos olhos dele.

— Oh, não! Não haverá erros. Estará lá. Devo mudá-lo antes ou não?

Holmes pensou um pouco e depois começou a rir.

— Não, não — ele disse. — Vou escrever para você a respeito disso. Agora, nada de truques, ou...

— Pode confiar em mim! Pode confiar!

— Sim, acho que posso. Bem, terá notícias minhas amanhã.

Virando-se, ignorando a mão trêmula que o outro lhe estendia, partimos para King's Pyland.

— Poucas vezes encontrei um sujeito tão agressivo, covarde e falso quanto o Silas Brown — observou Holmes enquanto caminhávamos.

— Ele está com o cavalo?

— Tentou negar, mas descrevi com tanta exatidão a sua maneira de agir naquela manhã que ele se convenceu de que eu o estava observando. Você deve ter notado o formato peculiar, quadrado, das pegadas, que coincide exatamente com o das botas dele. Claro que nenhum subordinado ousaria fazer uma coisa dessas. Disse a ele que, como era seu hábito, fora o primeiro a levantar-se e que notara um cavalo vagueando pelo pântano. Ele foi buscá-lo e, para sua surpresa, reconheceu pela marca branca na testa, da qual vem o nome do favorito, que a sorte colocara em suas mãos o único cavalo capaz de derrotar aquele em que investira o seu dinheiro. Comentei que seu primeiro impulso fora levá-lo de volta a King's Pyland e que o demônio lhe havia sugerido sumir com o animal até depois da corrida,

ocultando-o em Mapleton. Depois que descrevi todos esses detalhes, ele cedeu, pensando apenas em salvar a própria pele.

— Mas as cavalariças foram revistadas.

— Ora, um velho treinador de cavalos como ele deve conhecer muitos truques.

— Mas não tem medo de deixar o animal nas mãos dele, já que tem todo interesse em prejudicá-lo?

— Meu caro amigo, ele o guardará como a menina dos seus olhos. Sabe que sua única esperança de escapar é entregá-lo incólume.

— O coronel Ross não me pareceu um homem disposto a mostrar misericórdia em nenhuma situação.

— A questão não está nas mãos do coronel Ross. Sigo meus próprios métodos e revelo ou escondo o que quiser. É a vantagem de agir extraoficialmente. Não sei se observou, Watson, mas as atitudes do coronel foram um tanto ofensivas em relação a mim. Agora estou disposto a me divertir um pouco à custa dele. Não diga uma palavra a ele sobre o cavalo.

— Não sem a sua permissão, é claro.

— E este é um aspecto insignificante se comparado à questão de quem matou John Straker.

— E pretende se dedicar ao assunto?

— Pelo contrário. Voltaremos a Londres pelo trem noturno.

Fiquei perplexo com as palavras do meu amigo. Estávamos em Devonshire havia poucas horas e o fato de desistir de uma investigação iniciada de modo tão brilhante era totalmente incompreensível para mim. Não consegui arrancar-lhe uma única palavra até voltarmos à casa do treinador. O coronel e o inspetor nos aguardavam na sala.

— Meu amigo e eu voltaremos para a cidade pelo trem da meia-noite — disse Holmes. — Tivemos a oportunidade de respirar um pouco o excelente ar de Dartmoor.

O inspetor arregalou os olhos, e os lábios do coronel contorceram-se num sorriso de escárnio.

— Então não espera ser capaz de prender o assassino do pobre Straker — observou.

Holmes deu de ombros.

— Há sérias dificuldades — disse. — Mas tenho esperanças de que seu cavalo corra na terça-feira e peço que mantenha o seu jóquei preparado.

Pode me conseguir uma foto do sr. Straker?

O inspetor tirou do bolso um envelope e entregou-o a Holmes.

— Meu caro Gregory, você prevê todos os meus pedidos. Se aguardarem aqui um instante, gostaria de fazer uma pergunta à empregada.

— Devo dizer que estou muito decepcionado com o nosso consultor de Londres — disse o coronel Ross sem rodeios, quando meu amigo saiu da sala. — Acho que não fizemos nenhum progresso com sua vinda aqui.

— Pelo menos tem a garantia dele de que seu cavalo correrá — observei.

— Sim, tenho a garantia dele — disse o coronel, dando de ombros. — Mas preferia ter o meu cavalo.

Eu estava prestes a dizer alguma coisa em defesa do meu amigo quando ele voltou à sala.

— Agora, senhores, vamos para Tavistock.

Quando entrávamos na carruagem, um dos cavalariços segurou a porta aberta para nós. Uma ideia repentina parecia ter ocorrido a Holmes, que se inclinou para a frente e tocou a manga do rapaz.

— Há algumas ovelhas no *paddock*. Quem cuida delas?

— Sou eu, senhor.

— Notou algo de estranho nelas ultimamente?

— Bem, nada de muito importante. Mas três começaram a mancar, senhor.

Percebi que Holmes ficou extremamente satisfeito, porque soltou uma risadinha e esfregou as mãos.

— Um tiro de longo alcance, Watson. De longo alcance! — ele disse, beliscando o meu braço. — Gregory, permita que chame a sua atenção para essa estranha epidemia entre as ovelhas. Pode seguir, cocheiro!

O coronel Ross conservava a expressão de quem não tinha em alta conta a capacidade do meu amigo, mas percebi pela fisionomia do inspetor que ele ficou profundamente interessado.

— Considera o fato importante? — perguntou.

— Extremamente.

— Há algum ponto para o qual desejaria chamar a minha atenção?

— Para o estranho incidente do cachorro durante a noite.

— O cachorro não fez nada durante a noite.

— É esse o estranho incidente — observou Sherlock Holmes.

Quatro dias depois, Holmes e eu estávamos novamente no trem, a caminho de Winchester, para assistir às corridas da Copa Wessex. O coronel nos encontrou no local marcado, diante da estação, e seguimos em sua carruagem para a pista de corridas, que ficava fora da cidade. Ele estava muito sério e sua atitude era extremamente fria.

— Não tive notícias do meu cavalo — ele disse.

— Será capaz de reconhecê-lo quando o vir? — perguntou Holmes.

O coronel zangou-se.

— Estou no turfe há vinte anos e nunca me fizeram pergunta mais absurda. Até uma criança reconheceria *Silver Blaze*, com a mancha branca na testa e a perna dianteira malhada.

— Como vão as apostas?

— Bem, isso é que é estranho. Ontem seria possível obter 15 por um, mas a quantia foi se reduzindo e hoje mal se consegue três por um.

— Hum! — fez Holmes. — Alguém soube de alguma coisa, é claro.

Quando a carruagem se aproximava do palanque especial, olhei para o placar, a fim de verificar os páreos. Dizia o seguinte:

> Wessex Plate, cinquenta soberanos cada, com mil soberanos extras para cavalos de quatro e cinco anos. Segundo, trezentas libras. Terceiro, duzentas libras. Pista nova (uma milha e cinco *furlong*[8]).
>
> 1. *The Negro*, proprietário: sr. Heath Newton (boné vermelho, camisa mostarda).
> 2. *Pugilist*, coronel Wardlaw (boné rosa, camisa azul e preta).
> 3. *Desborough*, lorde Blackwater (boné e camisa amarelos).
> 4. *Silver Blaze*, coronel Ross (boné preto, camisa vermelha).
> 5. *Iris*, duque de Balmoral (amarelo com listas pretas).
> 8. *Rasper*, lorde Singleford (boné roxo, camisa preta).

— Retiramos o outro cavalo e depositamos todas as nossas esperanças na sua palavra — disse o coronel. — Como? *Silver Blaze* é o favorito?

“Cinco a quatro contra *Silver Blaze*!”, gritou o alto-falante. “Cinco a quatro contra *Silver Blaze*! Quinze a cinco contra *Desborough*! Cinco a quatro na raia!”

— Lá estão os números! — exclamei. — E são seis.

— Seis! Então meu cavalo está correndo! — exclamou o coronel, muito agitado. — Mas não o vejo. Minhas cores ainda não desfilaram.

— Só desfilaram cinco. Ele deve vir agora.

No momento em que eu falava, um vigoroso cavalo baio saiu do recinto de pesagem e passou por nós, trazendo nas costas as conhecidas cores do coronel — vermelho e preto.

— Aquele não é o meu cavalo — exclamou o proprietário. — Aquele animal não tem um só fio branco no corpo. O que foi que fez, sr. Holmes?

— Bem, bem, vamos ver como ele se sai — disse o meu amigo, imperturbável.

E ficou observando por alguns minutos com o meu binóculo.

— Ótimo! Um excelente páreo! — exclamou de repente. — Lá vêm eles fazendo a curva.

Da nossa carruagem podíamos vê-los muito bem quando se aproximavam da reta. Os seis cavalos estavam tão próximos que um só tapete cobriria todos eles, mas no meio do percurso o amarelo do haras Mapleton começou a tomar a dianteira. Entretanto, antes de chegarem ao ponto onde estávamos, *Desborough* perdeu terreno e o cavalo do coronel, adiantando-se, ultrapassou a marca da chegada com uns seis corpos de vantagem sobre o seu rival, e *Iris*, do duque de Balmoral, chegou em terceiro, com grande atraso.

— Ganhei a corrida, de qualquer modo! — exclamou o coronel, passando a mão nos olhos. — Confesso que não entendo nada. Não acha que está na hora de revelar o mistério, sr. Holmes?

— Sem dúvida, coronel. Saberá de tudo. Vamos todos dar uma espiada no cavalo. Aqui está ele — continuou, quando entramos no recinto da pesagem, onde só era permitido o ingresso dos proprietários e de seus amigos. — Basta lavar a cabeça e as pernas com álcool e encontrará o velho *Silver Blaze* de sempre.

— Estou abismado!

— Encontrei-o nas mãos de um impostor e tomei a liberdade de fazê-lo correr do jeito como foi enviado.

— Meu caro, o senhor fez maravilhas. O cavalo parece muito bem. Nunca o vi melhor em toda a sua vida. Peço mil desculpas por ter duvidado da sua capacidade. Prestou-me um grande favor recuperando o meu cavalo.

E faria um favor ainda maior se pudesse descobrir o assassino de John Straker.

— Já descobri — disse Holmes calmamente.

O coronel e eu olhamos para ele espantados.

— Já descobriu? Então, onde está?

— Aqui.

— Aqui! Onde?

— Em minha companhia, neste momento.

O coronel ficou vermelho de raiva.

— Reconheço que lhe devo favores, sr. Holmes, mas considero o que acaba de dizer uma piada de mau gosto, ou um insulto.

Sherlock Holmes riu.

— Garanto que não o associei ao crime, coronel. O verdadeiro assassino está exatamente atrás do senhor!

E avançando um passo, pousou a mão no pescoço brilhante do puro-sangue.

— O cavalo! — o coronel e eu gritamos.

— Sim, o cavalo. E sua culpa será menor se eu disser que agiu em defesa própria e que John Straker era totalmente indigno de sua confiança. Mas já soou o sinal. E como devo ganhar no próximo páreo, vou adiar a explicação mais detalhada para um momento mais conveniente.

Tínhamos uma parte de um vagão Pullman só para nós naquela noite, quando voltamos a Londres, e creio que a viagem foi curta tanto para o coronel como para mim, enquanto ouvíamos a narrativa dos fatos ocorridos no haras de treinamento de Dartmoor, na noite de segunda-feira, e como Holmes conseguira destrinchá-los.

— Confesso que todas as teorias que eu havia elaborado com base nas reportagens dos jornais eram totalmente equivocadas. Mas continham indícios e é pena que eles tenham sido ofuscados por detalhes que mascararam a sua verdadeira importância. Fui para Devonshire convencido de que Fitzroy Simpson era o verdadeiro culpado, embora percebesse que as provas contra ele não eram definitivas.

"Ainda na carruagem, no momento em que chegamos à casa do treinador, percebi a grande importância do carneiro ao *curry*. Talvez se lembrem de que eu estava distraído e continuei sentado depois que todos saltaram. Eu me perguntava como podia ter ignorado uma pista tão óbvia."

— Confesso que continuo sem saber de que modo isso nos ajudará — disse o coronel.

— Foi o primeiro elo na minha cadeia de raciocínio. O ópio em pó não é insípido. O sabor não é desagradável, mas é perceptível. Misturado a um prato comum, seria notado, e a pessoa certamente deixaria de lado a comida. O *curry* era exatamente o condimento que disfarçaria o gosto. Fitzroy Simpson, um estranho, não podia ser absolutamente responsável pelo fato de servirem esse prato naquela noite, e seria absurdo supor que, por coincidência, ele apareceria com o ópio em pó justamente na noite em que a comida disfarçaria o sabor. É inconcebível. Simpson fica, portanto, eliminado do caso, e a nossa atenção se concentra em Straker e sua mulher, as duas únicas pessoas que poderiam ter escolhido carneiro com *curry* naquela noite. O ópio foi acrescentado depois que o prato foi preparado para o cavalariço, já que os outros comeram o carneiro sem nenhum efeito desagradável. Quem se aproximaria daquele prato sem que a empregada percebesse?

"Antes de resolver esta questão, percebi a importância do silêncio do cachorro, pois uma conclusão verdadeira invariavelmente sugere outras. O incidente com Simpson demonstrou que um cão era mantido nas cavalariças e que, embora alguém tivesse entrado e retirado um cavalo, ele não latira o suficiente para despertar os dois rapazes que dormiam no celeiro. É óbvio que o visitante noturno era alguém que o cachorro conhecia muito bem.

"Eu já estava convencido, ou quase convencido, de que John Straker havia descido até as cavalariças durante a noite e retirado *Silver Blaze* dali. Com que finalidade? Desonesta, é evidente, caso contrário por que teria dopado seu próprio cavalariço? Mas eu não descobria o motivo. Já houve casos de treinadores que ganharam muito dinheiro apostando contra seus próprios cavalos por intermédio de agentes e depois impedindo-os de ganhar de modo fraudulento. Às vezes é um jóquei desonesto, às vezes são métodos mais seguros e sutis. No caso, o que seria? Eu esperava que o conteúdo de seus bolsos me ajudasse a chegar a uma conclusão.

"E ajudou. Não devem ter esquecido o punhal pouco comum encontrado na mão do morto, punhal que nenhum homem sensato escolheria como arma. Como disse o dr. Watson, era um instrumento usado para uma das mais delicadas operações cirúrgicas. E seria usado naquela noite para uma operação delicada. Com sua grande experiência no turfe, deve saber,

coronel Ross, que é possível fazer um pequeno corte subcutâneo nos tendões da anca de um cavalo sem deixar nenhum vestígio. Um cavalo submetido a isto começaria a mancar ligeiramente, o que seria atribuído a excesso de exercício, ou a um reumatismo brando, mas nunca a uma ação criminosa.”

— Bandido! Desgraçado! — exclamou o coronel.

— Esta é a explicação do motivo pelo qual John Straker queria levar o cavalo para o pântano. Um animal tão vivo teria despertado os rapazes, por mais profundo que fosse o seu sono, ao sentir a picada de uma lâmina. Era absolutamente necessário agir ao ar livre.

— Eu estava cego! — exclamou o coronel. — Foi para isso que precisou da vela e riscou o fósforo, é claro.

— Sem dúvida. Mas, ao examinar seus pertences, tive a sorte de descobrir não só o método do crime, mas também os motivos. Como homem de sociedade, coronel, sabe que ninguém carrega no bolso contas alheias. Todos nós já temos preocupações suficientes para manter em dia as nossas. Concluí imediatamente que Straker vivia uma vida dupla e mantinha uma outra casa. A natureza da conta revelava que havia uma mulher na história e que ela gostava de coisas caras. Por mais liberal que você seja com os seus empregados, não espera que eles comprem vestidos de 25 guinéus para suas mulheres. Interroguei a sra. Straker em relação ao vestido sem que ela o percebesse e, tendo me certificado de que ela jamais o recebera, anotei o endereço da costureira e achei que, indo lá com uma foto de Straker, eliminaria com facilidade o fictício Derbyshire.

“Daí em diante tudo ficou fácil. Straker havia conduzido o cavalo até uma depressão do terreno onde a luz ficaria invisível. Simpson, na fuga, deixara cair a gravata e Straker a apanhara, talvez com a intenção de usá-la para amarrar a perna do cavalo. Na depressão, postou-se atrás do animal e riscou o fósforo, mas o cavalo, assustado pela claridade súbita e dotado do estranho instinto dos animais, que sentem quando algo os ameaça, soltou-se e sua ferradura de aço atingiu Straker em cheio na testa. Apesar da chuva, ele havia tirado o sobretudo para executar sua delicada tarefa, de modo que, ao cair, a lâmina cortou-lhe a coxa. Deixei tudo bem claro?”

— Maravilhoso! — exclamou o coronel. — Maravilhoso! Como se tivesse visto a cena.

— Meu lance final, confesso, foi um tiro no escuro. Achei que um homem esperto como Straker não iria executar a tarefa delicada de perfurar um tendão sem praticar um pouco antes. Como teria praticado? Meu olhar caiu sobre as ovelhas, fiz uma pergunta e, para minha surpresa, percebi que a hipótese era correta.

— Esclareceu perfeitamente o caso, sr. Holmes.

— Voltando a Londres, visitei a costureira, que prontamente admitiu que Straker era um excelente freguês, chamado Derbyshire, cuja mulher era muito elegante e gostava de vestidos caros. Estou certo de que ela o afundou em dívidas, conduzindo-o, assim, a este plano infeliz.

— Explicou tudo, menos um detalhe! — exclamou o coronel. — Onde estava o cavalo?

— Saiu em disparada pelo pântano e foi recolhido por um dos seus vizinhos. Acho que precisamos de uma anistia neste caso... Estamos em Clapham Junction, se não me engano, e em menos de dez minutos chegaremos a Victoria. Se quiser fumar um charuto conosco, coronel, será um prazer fornecer-lhe qualquer outro detalhe que possa interessá-lo.

8 Furlong — 1/8 de milha. (N.T.)

O ROSTO AMARELO

AO PUBLICAR ESTES RESUMOS BASEADOS NOS NUMEROSOS CASOS em que fui testemunha dos dons especiais de meu amigo, e eventualmente ator em algum drama estranho, é natural que eu dê mais atenção aos seus êxitos do que aos fracassos. E faço isso não tanto por causa de sua reputação — pois quando estava sem saber o que fazer é que sua energia e versatilidade se mostravam mais extraordinárias —, mas porque, nos casos em que fracassou, ninguém mais teve êxito e a história permaneceu sem uma conclusão. Mas, de vez em quando, mesmo quando ele errava, a verdade vinha à tona. Guardo anotações de meia dúzia de casos desse tipo, entre os quais o do Ritual Musgrave e o que vou contar agora são os que apresentam características mais interessantes.

Sherlock Holmes era homem que raramente fazia exercícios pelo simples prazer de se exercitar. Poucos seriam capazes de maior esforço muscular, e ele era, sem dúvida, um dos melhores boxeadores de sua categoria que jamais conheci; mas considerava o esforço físico sem objetivo pura perda de energia, e ele raramente se punha em movimento, a não ser quando havia algum motivo profissional. Nessas ocasiões mostrava-se absolutamente incansável. É extraordinário que se mantivesse em forma nessas circunstâncias, mas sua dieta era, em geral, das mais frugais e seus hábitos tão simples a ponto de serem quase austeros. Com exceção do uso ocasional da cocaína, não tinha vícios, e só recorria à droga em protesto contra a monotonia da existência, quando os casos eram raros e os jornais desprovidos de interesse.

Um dia, no início da primavera, ele cedeu a ponto de fazer um passeio comigo no parque, onde os primeiros brotos verdes despontavam nos olmos e os ramos dos castanheiros começavam a cobrir-se de folhas. Caminhamos durante duas horas, quase sempre em silêncio, como convém a duas pessoas que se conhecem intimamente. Eram quase 17 horas quando voltamos à Baker Street.

— Um cavalheiro esteve aqui perguntando pelo senhor — disse o criado ao abrir a porta.

Holmes lançou-me um olhar de censura.

— Veja para que servem os passeios à tarde! O cavalheiro já foi embora?

— Sim, senhor.

— Não o convidou a entrar?

— Sim, senhor, ele entrou.

— Quanto tempo esperou?

— Meia hora. Parecia muito agitado. Ficou andando de um lado para outro durante todo o tempo em que esteve aqui. Como eu estava esperando junto à porta, ouvi muito bem. Finalmente ele saiu para o vestíbulo, dizendo: “Esse homem não vai chegar nunca?” Foi assim mesmo que ele falou, senhor. “Espere um pouquinho”, eu disse. “Então vou esperar lá fora. Tenho a impressão de que vou sufocar. Voltarei daqui a pouco.” Saiu e eu não consegui detê-lo.

— Você fez o que pôde — disse Holmes, entrando na sala. — É muito irritante, Watson. Eu estava precisado urgentemente de um caso e, pela impaciência do homem, este devia ser importante. Veja! O cachimbo que está na mesa não é o seu! Ele deve tê-lo esquecido. Um velho briar, com haste boa e longa, feita do que os especialistas chamam âmbar. Fico imaginando quantos bocais de âmbar verdadeiro existirão em Londres. Muita gente pensa que um ponto escuro é sinal do artigo genuíno, mas há uma verdadeira indústria especializada em colocar marcas falsas em falso âmbar. O homem devia estar bastante perturbado para esquecer um cachimbo de que, evidentemente, gosta muito.

— Como sabe que ele gosta do cachimbo? — perguntei.

— Bem, avalio o custo original do cachimbo em sete libras e seis pence. Ele foi consertado duas vezes, uma na haste de madeira e outra na biqueira do âmbar. Cada uma dessas emendas foi feita, como vê, com aros de prata, e pode ter custado mais que o preço original do cachimbo. O homem deve

gostar muito dele, já que prefere consertá-lo a comprar um novo pelo mesmo preço.

— Mais alguma coisa? — perguntei, pois Holmes continuava a revirar o cachimbo e a observá-lo, pensativo, com o seu jeito peculiar.

Erguendo-o, deu-lhe pancadinhas com o dedo longo e fino, lembrando um professor discorrendo sobre um osso.

— Cachimbos apresentam, às vezes, um interesse extraordinário. Nada tem mais individualidade, à exceção de relógios e correias de botas. Nesse caso, os indícios não são nem muito marcantes nem muito importantes. O proprietário é evidentemente um homem musculoso, canhoto, de hábitos descuidados e não precisa economizar.

Meu amigo deu a informação em tom casual, mas notei que me olhava de relance para ver se eu acompanhava o seu raciocínio.

— Acha que é preciso ser rico para fumar um cachimbo de sete xelins? — perguntei.

— Esta mistura é Grosvenor e custa oito pence a onça — respondeu Holmes, derramando um pouco na palma da mão. — Como ele poderia obter um fumo excelente por metade do preço, não precisa economizar.

— E os outros detalhes?

— Ele tem o hábito de acender o cachimbo em lampiões ou chamas de gás. Veja como está queimado de um lado. Claro que um fósforo não provocaria essa mancha. Por que alguém encostaria uma chama na parte lateral do cachimbo? Mas é impossível acendê-lo num lampião sem chamuscá-lo. E está chamuscado do lado direito. Daí depreendo que se trata de um canhoto. Aproxime o seu cachimbo do lampião e veja como, sendo destro, inclina naturalmente o lado esquerdo para a chama. Você poderia inverter o gesto de vez em quando, mas não sempre. Este foi empunhado constantemente dessa maneira. Além disso, o âmbar está profundamente mordido. Só um homem musculoso, enérgico e com bons dentes o conseguiria. Mas, se não me engano, ele vem subindo a escada. Teremos algo mais interessante do que seu cachimbo para estudar.

Um instante depois a porta se abriu e um rapaz alto entrou na sala. Vestia um terno cinza-escuro, de uma elegância discreta, e carregava uma bengala marrom. Calculei que tivesse uns trinta anos, embora na verdade fosse um pouco mais velho.

— Perdão — disse, um tanto embaraçado. — Creio que deveria ter batido antes de entrar. Sim, claro que deveria ter batido. O fato é que estou um tanto perturbado e devem me desculpar por isso.

Passou a mão pela cabeça como se estivesse meio aturdido e, em seguida, deixou-se cair numa cadeira.

— Vejo que não dorme há uma ou duas noites — observou Holmes, com seu jeito tranquilo, cordial. — Isso abala mais os nervos do que o trabalho e ainda mais do que o prazer. Permita que pergunte como posso ajudá-lo.

— Gostaria de ouvir a sua opinião, sr. Holmes. Não sei o que fazer. Tenho a impressão de que toda a minha vida foi destruída.

— Quer me contratar como detetive?

— Não apenas isso. Quero sua opinião como homem judicioso, como homem do mundo. Quero saber como agir. Espero em Deus que possa me orientar.

Falava aos arrancos e fiquei com a impressão de que era doloroso para ele expressar-se, e que a vontade dominava o tempo todo a sua inclinação.

— Trata-se de um assunto muito delicado. Ninguém gosta de falar de suas questões domésticas com estranhos. Acho detestável discutir a conduta da minha mulher com duas pessoas que nunca vi antes. É horrível ter de fazer isso. Mas não sei a quem recorrer e preciso de conselho.

— Meu caro sr. Grant Munro... — começou Holmes. Nosso visitante levantou-se de um salto.

— O quê? Sabe meu nome?

— Quando quiser manter-se incógnito, sugiro que deixe de escrever seu nome no forro do chapéu, ou então vire a copa para a pessoa com quem está falando — disse Holmes, sorrindo. — Eu ia dizer que meu amigo e eu ouvimos nesta sala muitos segredos estranhos e que tivemos a sorte de levar paz a muitas almas atormentadas. Espero que possamos fazer o mesmo pelo senhor. Como o tempo talvez seja um fator importante, peço que me conte os fatos sem mais demora.

Nosso visitante passou de novo a mão pela testa, como se fosse extremamente difícil contar. Os gestos e as expressões mostravam que ele era um homem reservado, introvertido, com um traço de orgulho no temperamento, mais inclinado a esconder suas dores que a expô-las. De repente, com um gesto brusco da mão fechada, como alguém que se liberta de toda a reserva, ele começou:

— Os fatos são os seguintes, sr. Holmes. Sou casado há três anos. Minha mulher e eu nos amamos profundamente e vivemos felizes durante esse período, tão felizes quanto podem ser duas pessoas unidas. Não tivemos nenhuma divergência, nem uma só, em pensamentos, palavras ou atos. Mas na última segunda-feira surgiu de repente uma barreira entre nós. Descobri que existe algo na vida e nos pensamentos de minha mulher que ignoro, como se ela fosse uma pessoa qualquer que passa por mim na rua. Estamos afastados um do outro e quero saber por quê.

"Antes de prosseguir, quero deixar bem claro, sr. Holmes. Effie me ama. Quanto a isso, não há dúvida. Ela me ama de todo o coração e agora mais do que nunca. Eu sei. Eu sinto. Não quero discutir sobre isto. Um homem sabe muito bem quando uma mulher o ama. Mas há este segredo entre nós, e nossa vida não voltará a ser a mesma até que ele se esclareça."

— Tenha a bondade de me apresentar os fatos, sr. Munro — disse Holmes, um tanto impaciente.

— Vou contar o que sei a respeito de Effie. Embora muito jovem, com 25 anos apenas, ela era viúva quando a conheci. Chamava-se sra. Hebron. Foi para os Estados Unidos ainda menina e morou na cidade de Atlanta, onde se casou com esse Hebron, advogado com uma grande clientela. Tiveram uma filha, mas quando houve um surto de febre amarela, o marido e a criança morreram. Vi o atestado de óbito. Muito desgostosa, Effie resolveu sair dos Estados Unidos e voltou para morar com uma tia solteira em Pinner, Middlesex. Devo dizer que o marido a deixou em boa situação financeira, e que ela tem um capital de 4.500 libras, investido tão bem por ele que rende em média 7%. Effie estava em Pinner havia seis meses quando a conheci. Nós nos apaixonamos e nos casamos algumas semanas depois.

"Sou representante de firmas comerciais, minha renda é de setecentas ou oitocentas libras, de modo que vivemos sem preocupações financeiras. Aluguei uma casa bonita, por oitenta libras anuais, em Norbury. A propriedade parece estar em pleno campo, embora se encontre bem perto da cidade. Há uma hospedaria, duas casas um pouco adiante e um chalé em frente, do outro lado do campo. Com exceção dessas construções, não há mais nada até a metade do caminho para a estação. Os negócios me obrigavam a ir à cidade em determinadas ocasiões, mas no verão eu tinha menos coisas para fazer, e nesses períodos, em nossa casa de campo, minha

mulher e eu vivemos tão felizes quanto se possa desejar. Garanto que nunca houve uma sombra entre nós até que surgiu esse maldito caso.

“Há uma coisa que preciso dizer antes de continuar. Quando nos casamos, minha mulher transferiu para o meu nome todos os seus bens, contra a minha vontade, porque seria muito desagradável se meus negócios corressem mal. Mas Effie insistiu, e assim foi feito. Há cerca de seis semanas ela me procurou.

“‘Jack, quando transferi meu dinheiro para o seu nome, você disse que se eu precisasse de alguma quantia, bastaria pedir.’

“‘Certamente. O dinheiro é todo seu.’

“‘Preciso de cem libras.’

“Fiquei espantado, porque pensei que ela queria um vestido novo, ou algo semelhante.

“‘Para quê?’

“Com um jeito brincalhão, ela respondeu: ‘Você disse que seria apenas o meu banqueiro, e banqueiros não fazem perguntas.’

“‘Se quer mesmo a quantia, é claro que a terá’, respondi.

“‘Sim, estou falando sério.’

“‘E não vai me dizer para que você quer o dinheiro?’

“‘Um dia, talvez, Jack, mas não agora.’

“Tive de me contentar com isso, embora, pela primeira vez, surgisse um segredo entre nós. Entreguei-lhe um cheque e não pensei mais no assunto. Talvez isso nada tenha a ver com o que aconteceu em seguida, mas achei que devia mencioná-lo.

“Bem, acabei de contar que há um chalé perto da nossa casa. Há um descampado entre o chalé e a casa, mas para alcançá-lo é preciso ir até a estrada e depois entrar por uma alameda. Logo adiante fica um lindo bosque de abetos escoceses, onde eu gostava de passear, porque as árvores são sempre acolhedoras. O chalé estava desocupado havia oito meses, o que era uma pena, pois trata-se de uma construção simpática de dois andares, com uma varanda em estilo antigo, coberta de trepadeiras. Observei-a diversas vezes, pensando que seria muito agradável morar ali.

“Bem, na segunda-feira passada, ao anoitecer, eu passeava por aqueles lados quando encontrei um caminhão vazio vindo da casa e vi uma pilha de tapetes e objetos espalhados pelo gramado diante da varanda.

“Era evidente que o chalé finalmente fora alugado. Passei diante dele e depois parei para observá-lo, imaginando que tipo de gente teria vindo morar tão perto de nós. De repente, percebi que um rosto me observava de uma das janelas do andar superior.

“Não sei o que havia naquele rosto, sr. Holmes, mas o fato é que me provocou um calafrio. Eu estava a certa distância, de modo que não podia distinguir as feições, mas havia nele algo que não era natural nem humano. Foi a impressão que eu tive. Aproximei-me para olhar mais de perto a pessoa que me observava. Mas o rosto desapareceu de modo tão repentino que parecia ter sido absorvido pela escuridão do quarto. Permaneci ali uns cinco minutos, pensando no caso e tentando analisar as minhas impressões. Não seria capaz de dizer se o rosto era de homem ou de mulher, porém o que mais me impressionou foi a cor. Era de uma palidez amarelada, e com uma rigidez espantosamente anormal. Fiquei tão perturbado que decidi saber mais um pouco a respeito dos novos moradores da casa. Aproximei-me e bati na porta, que foi imediatamente aberta por uma mulher alta e magra, de expressão severa e dura.

“‘O que quer?’, perguntou com um sotaque do norte.

“‘Sou seu vizinho. Moro ali’, disse, apontando para minha casa. ‘Vejo que acabam de se mudar, e pensei que talvez pudesse ajudar em alguma coisa...’

“‘Sim, nós pediremos ao senhor quando for necessário’, disse ela, fechando a porta na minha cara.

“Aborrecido com aquela recepção grosseira, fiz meia-volta e fui para casa. À noite, embora tentasse pensar em outras coisas, a lembrança daquela aparição na janela e da grosseria da mulher voltou à minha mente. Decidi não contar nada à minha esposa, porque é uma pessoa nervosa e tensa, e eu não queria que ela ficasse com a mesma impressão desagradável que eu havia tido. Mas antes de adormecer, comentei que a casa vizinha fora alugada. Ela não disse nada.

“Em geral, tenho sono pesado. Minha família costumava brincar dizendo que nada seria capaz de me despertar durante a noite. Mas naquela noite, fosse por causa da ligeira excitação provocada pela minha pequena aventura ou por outro motivo qualquer, não sei, meu sono foi mais leve que de costume. Ainda meio adormecido, percebi que algo estava acontecendo no quarto e aos poucos percebi que minha mulher se vestira e estava pondo

uma capa e o chapéu. Já iria dizer algumas palavras sonolentas de espanto ou censura por causa daqueles preparativos absurdos, quando meus olhos entreabertos fixaram-se no rosto dela, iluminado por uma vela. Mas fiquei mudo de surpresa. Effie estava com uma expressão que eu jamais vira e da qual a julgava incapaz. Estava mortalmente pálida, a respiração acelerada. Olhou furtivamente para a cama enquanto ajustava a capa, para ver se me despertara. Então, pensando que eu dormia, saiu silenciosamente do quarto, e instantes depois ouvi um áspero rangido que só podia ser o da porta de entrada. Sentei-me na cama e bati com os nós dos dedos na borda para verificar se estava realmente acordado. Então olhei para o relógio. Eram três horas. O que minha mulher estaria fazendo numa estrada deserta às três horas?

"Fiquei sentado na cama uns vinte minutos, remoendo o assunto e tentando encontrar uma explicação. Quanto mais pensava no caso, mais extraordinário e absurdo ele me parecia. Ainda estava remoendo o assunto quando ouvi a porta se abrindo devagar e passos subindo as escadas.

"'Onde esteve, Effie?', perguntei, mal ela entrou.

"Ela estremeceu violentamente e conteve um grito quando me ouviu falar, e o grito e o estremecimento perturbaram-me mais do que tudo, pois continham algo de profundamente culpado. Minha mulher sempre tivera uma natureza franca, aberta, e fiquei arrepiado ao vê-la esgueirar-se para o seu próprio quarto e conter um grito e um estremecimento quando seu marido falou com ela.

"'Está acordado, Jack?', disse, com um riso nervoso. 'Pensei que nada seria capaz de despertá-lo.'

"'Onde esteve?', repeti, num tom mais severo.

"'Não admira que você esteja surpreso', disse, dedos trêmulos ao abrir o fecho da capa. 'Creio que nunca fiz uma coisa dessas na minha vida. O fato é que tive a impressão de sufocar aqui dentro e quis respirar um pouco de ar puro. Creio que teria desmaiado se não saísse. Fiquei à porta durante alguns minutos e agora estou me sentindo melhor.'

"Enquanto falava, não olhou para mim nem uma vez, e sua voz não era a habitual. O que dizia era falso, evidentemente. Não respondi e virei o rosto para a parede sentindo-me doente, a cabeça cheia de dúvidas e suspeitas venenosas. O que minha mulher estaria escondendo de mim? Qual seria o objetivo de sua estranha saída? Estava convencido de que não descansaria

até descobrir o mistério, mas não tinha ânimo para interrogá-la novamente depois de ter-me mentido. Passei o resto da noite me revirando na cama, elaborando uma teoria após outra, cada qual mais improvável que a anterior.

"Tinha de ir à cidade naquele dia, mas estava tão perturbado que não consegui concentrar-me nos negócios. Minha mulher parecia tão perturbada quanto eu, e pelos rápidos olhares que me lançava, percebi que sabia que eu não havia acreditado nas suas palavras e estava sem saber o que fazer. Mal trocamos uma palavra durante o café da manhã, e logo depois saí para dar um passeio e pensar no assunto ao ar fresco da manhã.

"Fui até o Palácio de Cristal, passei uma hora nos jardins e voltei a Norbury por volta das 13 horas. Ao passar pelo chalé, parei um instante para observar as janelas e tentar ver novamente o estranho rosto que me olhara na véspera. Naquele momento, imagine a minha surpresa, sr. Holmes, quando a porta se abriu de repente e minha mulher saiu para o jardim!

"Fiquei abismado ao vê-la, mas as minhas emoções nada foram comparadas às que se estamparam no rosto dela quando nossos olhares se encontraram. Por um instante, ela deu a impressão de que queria recuar e entrar novamente na casa. Mas, ao perceber que seria inútil tentar esconder-se, aproximou-se, com o rosto muito pálido e um olhar apavorado que contrastava com o sorriso.

"'Olá, Jack! Vim ver se podia ajudar nossos vizinhos em alguma coisa. Por que está me olhando assim, Jack? Está zangado comigo?'

"'Então foi aqui que você veio durante a noite...'

"'O que você quer dizer?'

"'Você veio até aqui, tenho certeza. Quem são essas pessoas que você visita em hora tão absurda?'

"'Nunca estive aqui antes.'

"'Como pode me dizer uma coisa que sabe que é falsa? Sua própria voz está diferente. Quando foi que tive segredos para você? Vou entrar nessa casa e esclarecer o assunto.'

"'Não, não, Jack, pelo amor de Deus!', arquejou, profundamente abalada.

"E como eu me dirigisse para a porta, agarrou meu braço e puxou-me para trás com uma força convulsiva.

"'Imploro que não faça isso, Jack. Juro que contarei tudo um dia, mas haverá uma desgraça se você entrar nessa casa.'

“E como eu tentasse desembaraçar-me, agarrou-se a mim, suplicando, frenética:

“‘Confie em mim, Jack! Confie por esta vez. Você nunca terá motivos para se arrepender. Sabe que eu não guardaria um segredo de você caso não fosse para poupá-lo. Nossas vidas estão em jogo nesta questão. Se voltar comigo para casa, tudo correrá bem. Se entrar ali à força, tudo estará acabado entre nós.’

“Havia tanta seriedade e desespero em sua atitude e em suas palavras que fiquei indeciso diante da porta.

“‘Confiarei em você sob uma condição, e somente assim. Que este mistério termine aqui. Você tem liberdade para guardar o seu segredo, mas deve me prometer que não haverá novas visitas noturnas, coisa alguma que não seja do meu conhecimento. Estou disposto a esquecer o que se passou se prometer que não acontecerá mais no futuro.’

“‘Eu tinha certeza de que você confiaria em mim!’, exclamou, com um profundo suspiro de alívio. ‘Será como deseja. Venha, vamos para casa!’

“E puxando-me pelo braço, afastou-me do chalé. Quando olhei para trás, vi aquele rosto amarelo pálido, a nos observar de uma janela do segundo andar. Que ligação poderia haver entre aquela criatura e minha mulher? E como a mulher grosseira com quem eu falara na véspera poderia ter qualquer ligação com ela? Era um enigma estranho e eu sabia que não descansaria enquanto não o esclarecesse.

“Fiquei dois dias em casa e minha mulher cumpriu lealmente o nosso acordo, pois, que eu soubesse, não arredou pé dali. Mas no terceiro dia, tive provas de que sua promessa solene não era suficiente para livrá-la da influência secreta que a afastava do marido e do dever.

“Fui à cidade naquele dia, mas voltei no trem das 14h40, e não no das 15h36, que é meu trem habitual. Quando entrei em casa, a criada surgiu no vestíbulo com uma expressão assustada.

“‘Onde está sua ama?’, perguntei.

“‘Acho que saiu para dar um passeio’, respondeu.

“Fiquei imediatamente desconfiado. Corri para cima, a fim de verificar se ela realmente não estava em casa. Olhei por acaso por uma das janelas do segundo andar, onde eu estava, e vi a criada com quem tinha acabado de falar correndo na direção do chalé. Compreendi logo o que isto significava, é claro. Minha mulher fora para lá e havia pedido à criada que a avisasse

caso eu chegasse mais cedo. Enraivecido, desci a escada e saí de casa decidido a terminar essa história de uma vez por todas. Vi minha mulher e a criada aproximando-se às pressas pelo caminho, mas não parei para falar com elas. Naquela casa estava o segredo que lançava uma sombra sobre a minha vida e jurei que, fosse qual fosse o resultado, eu iria desvendar o mistério. Nem bati na porta quando cheguei lá. Girei a maçaneta e entrei no vestíbulo.

"O silêncio era total no andar térreo. Na cozinha, uma chaleira assobiava no fogo e um enorme gato preto estava deitado numa cesta, mas não havia sinal da mulher com quem eu tinha falado. Corri para a sala ao lado, mas também estava deserta. Então subi correndo a escada e encontrei dois quartos desertos. Não havia ninguém na casa. Os móveis e quadros eram dos mais vulgares, exceto no quarto em cuja janela eu tinha visto o rosto estranho. Era um aposento confortável e mobiliado com elegância, e todas as minhas suspeitas explodiram numa chama violenta e amarga quando vi sobre o consolo da lareira uma foto de corpo inteiro de minha mulher, tirada a meu pedido há apenas três meses.

"Fiquei ali o suficiente para me certificar de que a casa estava completamente deserta. Saí com um peso no coração como nunca havia sentido antes. Minha mulher apareceu no vestíbulo quando entrei em casa, mas eu estava magoado e furioso demais para falar com ela. Afastando-a, entrei no meu gabinete. Ela me seguiu e entrou também, antes que eu pudesse fechar a porta.

"'Lamento ter quebrado a minha promessa, Jack, mas, se você conhecesse todas as circunstâncias, tenho certeza de que me perdoaria.'

"'Então, conte tudo', exigi.

"'Não posso, Jack, não posso!'

"'Enquanto não me disser quem está morando naquela casa e para quem você deu a sua fotografia, não pode haver confiança entre nós dois.'

"Deixei-a ali e saí de casa. Isto aconteceu ontem, sr. Holmes, e não a vi desde então. E não sei mais nada a respeito desse caso estranho. Foi a primeira sombra que surgiu entre nós e abalou-me tanto que não sei o que fazer. Esta manhã ocorreu-me de repente que o senhor poderia me aconselhar e corri para cá, colocando-me inteiramente em suas mãos. Se existe algum ponto que não deixei claro, por favor, pergunte. Acima de

tudo, diga o que devo fazer, pois esse desgosto é mais do que posso suportar."

Holmes e eu ouvimos com o maior interesse aquela história extraordinária, narrada em frases nervosas por um homem profundamente emocionado. Meu amigo ficou em silêncio por algum tempo, o queixo apoiado na mão, perdido em pensamentos.

— Poderia jurar que era de um homem o rosto que viu na janela? — perguntou finalmente.

— Nas duas vezes eu estava distante, de modo que não poderia afirmá-lo.

— Mas parece que o rosto deu-lhe uma impressão desagradável.

— Tinha uma cor esquisita e uma rigidez estranha nos traços. Quando me aproximei, desapareceu bruscamente.

— Quanto tempo faz que sua mulher lhe pediu as cem libras?

— Quase dois meses.

— Viu alguma foto do primeiro marido dela?

— Não. Houve um grande incêndio em Atlanta pouco depois da morte dele e todos os documentos de minha mulher foram destruídos.

— Mas ela conservou a certidão de óbito. Disse que a viu, não é?

— Sim. Ela conseguiu uma cópia após o incêndio.

— Sabe de alguém que a conheceu nos Estados Unidos?

— Não.

— Ela alguma vez falou em voltar para lá?

— Não.

— Recebe alguma correspondência?

— Não, que eu saiba.

— Obrigado. Gostaria de refletir sobre o assunto. Se a casa estiver definitivamente desocupada, teremos dificuldades; se, por outro lado, como acho mais provável, os moradores foram prevenidos da sua chegada e saíram antes, devem estar de volta, e conseguiremos esclarecer facilmente a questão. Aconselho-o a voltar a Norbury e examinar novamente as janelas da casa. Se tiver motivos para acreditar que está habitada, não entre à força. Mande um telegrama. Eu e meu amigo estaremos lá uma hora depois de recebê-lo e esclareceremos logo toda a questão.

— E se a casa continuar deserta?

— Neste caso irei até lá amanhã e conversaremos sobre o assunto. Adeus e, acima de tudo, não se preocupe antes de saber se tem realmente motivos

para isso.

Depois de acompanhar o sr. Grant Munro até a porta, meu amigo disse:

— Temo que se trate de um caso desagradável, Watson. O que você acha?

— Parece muito desagradável — concordei.

— Sim. Há chantagem no caso, ou então estou muito enganado.

— E quem é o chantagista?

— Deve ser a criatura que vive no único aposento confortável da casa e tem a fotografia dela sobre a lareira. Há algo de muito atraente, Watson, naquele rosto lívido espreitando pela janela. Não perderia este caso por nada neste mundo.

— Tem alguma teoria?

— Sim, provisória. Mas ficarei surpreso se não estiver correta. O primeiro marido mora no chalé.

— Por que pensa assim?

— Como explicar a frenética ansiedade para que o segundo marido não entre na casa? Os fatos, a meu ver, dizem o seguinte: a mulher casou-se nos Estados Unidos. Descobriu que o marido tinha traços de caráter detestáveis, ou talvez tenha contraído uma doença repulsiva, tornando-se leproso ou imbecil. Fugiu dele viajando para a Inglaterra, mudou de nome e começou vida nova, segundo pensava. Estava casada havia três anos e considerava sua situação totalmente segura, tendo exibido ao marido o atestado de óbito de alguém cujo nome adotou, e de repente o primeiro marido, ou quem sabe uma mulher sem escrúpulos que se ligou ao doente, descobriu o paradeiro dela e escreveu ameaçando denunciá-la. Ela pediu cem libras e tentou comprar o silêncio deles, que a perseguem, apesar disso. Quando o marido menciona casualmente que há novos inquilinos na casa, ela compreende que são os seus perseguidores. Espera que ele adormeça e corre até lá, tentando convencê-los a deixá-la em paz. Não conseguindo, volta na manhã seguinte, o marido a encontra, como contou, saindo da casa. Promete não voltar, mas, dois dias depois, a esperança de livrar-se daqueles vizinhos detestáveis foi forte demais e ela fez nova tentativa, levando a fotografia que eles provavelmente exigiram. No meio da conversa surge a criada dizendo que o patrão voltou para casa. A mulher, sabendo que ele iria direto para lá, faz com que os moradores saiam pelos fundos e se escondam no bosque de abetos que fica nas proximidades. Ele encontra a casa deserta. Mas eu me

surpreenderia muito se ainda a encontrasse vazia ao observá-la esta noite. O que acha da minha teoria?

— Pura suposição.

— Mas, pelo menos, abrange todos os fatos. Se soubermos de novos fatos que não se encaixem nela, poderemos reconsiderar. Não podemos fazer mais nada até recebermos uma comunicação do nosso amigo de Norbury.

Mas não foi preciso esperar muito. Ela chegou quando terminávamos o chá.

> "A casa continua habitada", dizia o telegrama. "Vi novamente o rosto na janela. Esperarei o trem das 19 horas e não tomarei nenhuma atitude até chegarem."

Ele nos aguardava na plataforma quando saltamos, e sob a luz da estação vimos que estava muito pálido, trêmulo e agitado.

— Continuam lá, sr. Holmes — disse, apoiando a mão no braço do meu amigo. — Vi luzes no chalé quando vinha para cá. Resolveremos tudo agora, de uma vez por todas.

— Qual é o seu plano? — perguntou Holmes enquanto caminhávamos pela estrada escura, ladeada de árvores.

— Vou entrar à força e ver quem mora na casa. Quero que vocês dois estejam lá como testemunhas.

— Está decidido a fazer isso apesar do aviso de sua mulher no sentido de que seria melhor não desvendar o mistério?

— Sim, estou decidido.

— Acho que tem razão. Qualquer verdade é preferível a uma dúvida indefinida. É melhor irmos logo. Claro que, do ponto de vista legal, estamos em situação irregular, mas creio que vale a pena.

Era uma noite muito escura, e uma chuva fina começou a cair quando saímos da estrada e enveredamos pelo caminho estreito e acidentado, com sebes de ambos os lados. O sr. Grant Munro seguia rápido, impaciente, mas nós andávamos aos tropeções, acompanhando-o como podíamos.

— Lá estão as luzes da minha casa — disse ele, apontando para cintilações entre as árvores. — E aqui está a casa que pretendo invadir.

Dobramos uma curva do caminho e demos com uma construção bem próxima. Uma faixa de luz amarelada mostrava que a porta não estava completamente fechada e uma janela do andar superior estava profusamente iluminada. Naquele momento, percebemos um vulto passando diante da veneziana.

— Lá está a criatura! — exclamou Grant Munro. — Podem ver que há alguém ali. Agora sigam-me e resolveremos logo tudo isso.

Aproximamo-nos da porta, mas de repente surgiu das sombras uma mulher, que se postou na faixa iluminada. Era impossível ver as feições dela no escuro, mas estendeu os braços num gesto de súplica.

— Pelo amor de Deus, não entre, Jack! Eu estava com um pressentimento de que você viria esta noite. Pense melhor, meu bem! Confie em mim, e nunca terá motivos para se arrepender.

— Já confiei demais, Effie! — ele gritou, zangado. — Largue-me! Preciso entrar. Meus amigos e eu vamos resolver este assunto de uma vez por todas.

Empurrou-a para o lado e nós fomos atrás dele. Quando ele abriu a porta, uma mulher idosa apareceu correndo e tentou impedi-lo de entrar, mas ele a afastou e começamos a subir a escada. Grant Munro correu para o quarto iluminado e nós o seguimos.

Era uma peça acolhedora e bem-mobiliada, com duas velas acesas na mesa e duas sobre a lareira. A um canto, inclinada sobre uma escrivaninha, havia alguém que me pareceu uma garotinha. Estava de costas quando entramos, mas vimos que usava um vestido vermelho e luvas brancas compridas. Quando a criatura se virou para nós, soltei uma exclamação de surpresa e horror. O rosto que nos encarava tinha a coloração mais estranha que eu já vira, e os traços eram totalmente destituídos de expressão. Um instante depois, o mistério se esclareceu. Holmes, com uma risada, passou a mão por trás da orelha da criança e a máscara caiu do rosto dela. E vimos uma negrinha retinta, com os dentes brancos à mostra, divertida com o nosso espanto. Desatei a rir, contagiado pela alegria dela, mas Grant Munro ficou olhando para ela imóvel, a mão apertando a garganta.

— Meu Deus! O que significa isto?

— Vou dizer o que significa — exclamou a mulher, entrando no quarto com uma expressão altiva e rígida no rosto. — Você me obrigou, contra

minha vontade, a contar-lhe. Agora nós dois teremos de agir da melhor maneira possível. Meu marido morreu em Atlanta. Minha filha salvou-se.

— Sua filha!

Ela tirou do seio um grande medalhão de prata.

— Você nunca o viu aberto.

— Pensei que fosse maciço.

Ela apertou uma mola e abriu o medalhão. Dentro havia o retrato de um homem de grande beleza e expressão inteligente, mas revelando traços inconfundíveis de sua ascendência africana.

— Este é John Hebron, de Atlanta. E nunca existiu homem mais nobre sobre a terra. Afastei-me de minha raça para casar-me com ele e nem por um instante me arrependi. Infelizmente, nossa única filha puxou à família dele e não à minha. Acontece com frequência, e minha pequena Lucy é bem mais escura que o pai. Mas, negra ou branca, é a minha filhinha, a querida da mamãe.

Ao ouvir aquelas palavras, a garotinha correu para aninhar-se junto à mãe.

— Quando a deixei nos Estados Unidos, só o fiz porque sua saúde era frágil e a mudança de clima talvez a prejudicasse. Ficou entregue aos cuidados de uma fiel escocesa que havia sido nossa criada. Nem por um instante pensei em rejeitá-la. Mas, quando o destino o colocou no meu caminho, Jack, e aprendi a amá-lo, tive medo de falar a respeito da minha filha. Deus me perdoe, mas temi perdê-lo, não tive coragem de contar. Precisava escolher entre os dois e, na minha fraqueza, dei as costas à minha própria filha. Durante três anos mantive em segredo sua existência, mas recebia notícias dela através da ama e sabia que estava bem de saúde. Mas finalmente senti um desejo irresistível de revê-la. Lutei contra ele, mas em vão. Embora percebesse o perigo, estava decidida a mandar trazer a criança, ainda que fosse por algumas semanas. Enviei cem libras à ama, com instruções para que alugasse esta casa, de modo que pudesse apresentar-se como vizinha, sem que eu, aparentemente, tivesse alguma ligação com ela. Levei a cautela a ponto de recomendar-lhe que mantivesse a criança dentro de casa durante o dia e cobrisse o rosto e as mãos da menina para que, no caso de alguém vê-la pela janela, não houvesse comentários a respeito de uma criança negra na vizinhança. Se eu tivesse sido menos cautelosa, teria

sido mais sensata, porém estava apavorada com a ideia de que você soubesse a verdade.

“Foi você quem me disse que o chalé fora alugado. Deveria ter esperado até o dia seguinte, mas não consegui dormir de tão excitada e acabei me esgueirando para fora de casa, sabendo que é difícil acordá-lo. Mas você me viu sair e este foi o início dos meus problemas. No dia seguinte, sabia que eu tinha um segredo, mas, numa atitude nobre, não tirou vantagem disso. Três dias depois, a ama e a criança mal conseguiram escapar pela porta dos fundos enquanto você entrava pela da frente. Esta noite, finalmente, ficou sabendo de tudo e eu pergunto o que será de nós, de mim e de minha filha.”

Mãos cruzadas no peito, ela esperou a resposta.

Passaram-se dois longos minutos até que Grant Munro rompesse o silêncio. E sua resposta foi daquelas em que gosto de pensar com carinho. Tomando a menininha nos braços, beijou-a e, ainda com ela no colo, estendeu a mão para a mulher e virou-se para a porta.

— Podemos conversar mais confortavelmente em casa. Não sou um homem muito bom, Effie, mas creio que sou melhor do que você me julgava.

Holmes e eu os acompanhamos pela alameda e, quando saíamos, meu amigo tocou-me o braço.

— Creio que seremos mais úteis em Londres do que em Norbury.

E não disse mais nada sobre o caso até tarde da noite, quando se dirigia, com uma vela acesa, para o quarto.

— Watson — ele disse —, se algum dia perceber que estou me tornando excessivamente confiante nos meus talentos, ou me dedicando a um caso com menos afinco do que ele merece, fale baixinho no meu ouvido, por favor, a palavra “Norbury” e eu lhe serei infinitamente grato.

O CORRETOR

POUCO TEMPO DEPOIS DO MEU CASAMENTO, ABRI UM CONSULTÓRIO no bairro de Paddington. O velho sr. Farquhar, de quem o comprei, tivera excelente clientela, mas a idade e uma doença semelhante à dança de são vito, que o atacara, reduziram-na consideravelmente. O público, como é natural, parte do princípio de que quem cura os outros deve ser sadio, e olha com desconfiança os poderes curativos de alguém que parece incapaz de curar a si próprio. Assim, à medida que meu antecessor ficava mais fraco, sua clientela diminuía e, quando eu o substituí, seus lucros haviam caído de 1.200 libras anuais para pouco mais de trezentas. Mas, confiante na minha juventude e energia, eu estava convencido de que em poucos anos a clientela estaria maior do que nunca.

Nos primeiros três meses após a compra da clínica fiquei muito concentrado no trabalho e via muito pouco meu amigo Sherlock Holmes, porque estava ocupado demais para ir até a Baker Street. E ele raramente ia a algum lugar, a não ser por motivos profissionais. Portanto, fiquei surpreso quando, certa manhã de junho, enquanto lia o *British Medical Journal* depois do café, ouvi a campainha, seguida da voz alta e um tanto estridente do meu velho amigo.

— Ah, meu caro Watson! — disse, entrando na sala. — Estou encantado em vê-lo. Espero que a sra. Watson esteja inteiramente recuperada das pequenas emoções ligadas à nossa aventura do *Sinal dos quatro*.

— Estamos muito bem, obrigado — respondi, apertando-lhe efusivamente a mão.

Sentando-se na cadeira de balanço, ele continuou:

— E espero também que a dedicação à clínica médica não tenha eliminado completamente o seu interesse pelos nossos problemas dedutivos.

— Pelo contrário — respondi. — Ontem à noite estive relendo minhas antigas anotações, classificando alguns dos nossos resultados.

— Espero que não considere encerrada a sua coletânea.

— De modo algum. O que mais desejo é ter mais algumas dessas experiências.

— Hoje, por exemplo?

— Sim, hoje, se quiser.

— Mesmo que seja em Birmingham?

— Certamente.

— E os clientes?

— Atendo aos do meu vizinho quando ele viaja. Ele está sempre disposto a pagar a dívida.

— Ah, tanto melhor — exclamou Holmes recostando-se na poltrona e observando-me por entre as pálpebras semicerradas. — Noto que andou adoentado ultimamente. Resfriados de verão são sempre um tanto irritantes.

— Estive preso em casa por causa de um forte resfriado na semana passada. Mas pensei que tinha me livrado de todos os vestígios dele.

— E livrou-se. Parece muito saudável.

— Então, como soube?

— Meu caro amigo, tenho os meus métodos.

— Dedução?

— Certamente.

— E como?

— Seus chinelos.

Olhei para os chinelos novos de couro que eu estava usando.

— Mas como... ?

Holmes respondeu antes que eu terminasse a pergunta.

— Seus chinelos são novos. Não devem ter mais que algumas semanas. As solas que você me mostra no momento estão ligeiramente arranhadas. Primeiro pensei que se tinham molhado e depois queimado ao secar. Mas na parte interna há um pequeno círculo de papel com a marca do vendedor. A umidade o teria removido, é claro. Então você tem ficado com os pés estendidos para o fogo, o que alguém dificilmente faria, mesmo num mês de junho úmido como este, caso estivesse com a saúde perfeita.

Como todos os raciocínios de Holmes, aquele era a própria simplicidade, depois que ele explicava. Leu o pensamento estampado no meu rosto e seu sorriso tinha um traço de amargura ao dizer:

— Temo que eu me revele demais ao dar explicações. Resultados sem causas são bem mais impressionantes. Está disposto a ir a Birmingham?

— É claro. Qual é o caso?

— Você saberá no trem. Meu cliente está esperando lá fora numa carruagem. Pode sair agora?

— Um momento.

Rabisquei um bilhete para o meu vizinho, fui explicar o caso à minha mulher e encontrei-me com Holmes no patamar de entrada.

— Seu vizinho é médico? — perguntou, indicando com a cabeça a placa de bronze.

— Sim. Comprou a clínica, assim como eu.

— Clientela antiga?

— Tão antiga quanto a minha. Os dois consultórios foram abertos logo que a casa foi construída.

— Neste caso, você ficou com a melhor parte.

— Creio que sim. Mas como é que você sabe?

— Pelos degraus, meu rapaz. Os seus estão muito mais gastos que os dele... O cavalheiro que está na carruagem é meu cliente e se chama Hall Pycroft. Permita que o apresente. Chicoteie o cavalo, cocheiro, pois temos o tempo exato para pegar o trem.

A pessoa diante da qual me sentei era um rapaz de boa estatura, rosto corado, expressão franca, honesta, e com um bigodinho louro. Usava uma cartola lustrada e um sóbrio terno preto, que lhe davam a aparência exata daquilo que era — um esperto homem da cidade pertencente à classe denominada *cockney*, mas que fornece excelentes regimentos de voluntários e gera uma quantidade maior de bons atletas e desportistas do que qualquer outro grupo destas ilhas. Seu rosto redondo e vermelho era naturalmente animado, mas os cantos da boca pareceram-me inclinados para baixo, numa preocupação quase cômica. Só quando nos encontrávamos num vagão de primeira classe e a caminho de Birmingham é que soube qual o problema que o levara a procurar Sherlock Holmes.

— Dispomos de setenta minutos — observou Holmes. — Sr. Hall Pycroft, quero que conte ao meu amigo a sua interessante experiência

exatamente como me contou e com maiores detalhes, se possível. Será útil para mim ouvir novamente a sequência de acontecimentos. Trata-se de um caso, Watson, que pode conter algo ou não conter coisa alguma. Mas apresenta características insólitas e absurdas, tão atraentes para você como para mim. Agora, sr. Pycroft, não voltarei a interrompê-lo.

Nosso jovem companheiro virou-se para mim com um brilho malicioso nos olhos.

— O pior da história é mostrar que sou um perfeito idiota. Talvez tudo dê certo, é claro, e não vejo como poderia ter agido de outro modo; mas se perdi meu emprego e não obtiver nada em troca, sentirei que fui crédulo demais. Não sou um bom contador de histórias, dr. Watson, mas foi isto que aconteceu.

“Eu trabalhava na Coxon & Woodhouse, de Draper Gardens, mas eles foram atingidos no início da primavera pelo escândalo do empréstimo venezuelano, como deve se lembrar, e sofreram um duro golpe.

“Como trabalhei com eles durante cinco anos, o velho Coxon deu-me uma excelente carta de recomendação quando houve a quebra. Mas é claro que todos nós, os corretores, fomos para a rua. Éramos 27. Tentei arranjar um emprego aqui e ali, mas havia muita gente no mesmo barco e passei por apertos durante algum tempo. Ganhava três libras semanais na Coxon e tinha economizado umas setenta, mas gastei tudo rapidamente. Eu já estava sem saber o que fazer, mal conseguia dinheiro para comprar envelopes e pagar os selos para responder aos anúncios. Gastei as solas dos sapatos subindo escadas e parecia continuar tão longe de arranjar um emprego como no início.

“Finalmente descobri uma vaga em Mawson & Williams, a grande firma de corretagem da Lombard Street. Creio que corretagem não está entre os seus interesses, mas posso afirmar que se trata de uma das firmas mais prósperas de Londres. O anúncio devia ser respondido somente por carta. Enviei meu currículo e cartas de recomendação, mas sem qualquer esperança de conseguir o lugar. A resposta veio prontamente, dizendo que eu deveria me apresentar na segunda-feira seguinte e assumir logo, contanto que minha aparência fosse satisfatória. Ninguém sabe como funcionam essas coisas. Há quem diga que o gerente se limita a enfiar a mão na pilha de cartas e abrir a primeira que pegar. Seja como for, tive sorte e nunca me senti tão satisfeito na vida. O salário era uma libra semanal acima do que eu

ganhava e minhas obrigações eram mais ou menos as mesmas que tinha na Coxon.

"Chegamos agora à parte estranha do caso. Eu morava em Hampstead. Potter's Terrace, 17, era o endereço. Bem, eu estava sentado, fumando, na noite em que me prometeram o emprego, quando minha senhoria subiu, trazendo um cartão que dizia: 'Arthur Pinner, financista.' Eu nunca ouvira este nome antes e não podia imaginar o que o sujeito queria, mas é claro que o convidei a subir. Era um homem de estatura mediana, cabelos, barba e olhos pretos, nariz um tanto recurvo. Caminhava com passos decididos e falava de modo incisivo, como alguém que conhecesse o valor do tempo.

"'Sr. Hall Pycroft?'

"'Sim, senhor', respondi, convidando-o a sentar-se.

"'Trabalhou ultimamente em Coxon & Woodhouse?'

"'Sim, senhor.'

"'E pertence agora à equipe da Mawson?'

"'Exatamente.'

"'Bem, o fato é que ouvi histórias extraordinárias a respeito do seu talento financeiro. Lembra-se de Parker, que foi gerente da Coxon? Ele fala nisso com frequência.'

"Claro que fiquei satisfeito ao ouvir isto. Sempre fui bastante ativo no escritório, mas nunca imaginei que se comentasse na cidade a meu respeito em termos elogiosos.

"'Tem boa memória?'

"'Razoável', respondi modestamente.

"'Ficou em contato com o mercado enquanto esteve desempregado?'

"'Claro. Lia diariamente as cotações da bolsa de valores.'

"'Isso mostra verdadeira dedicação! É assim que se prospera! Importa-se que eu faça um teste? Vejamos: como estão as *Ayrshires*?'

"'Entre 106 e 105 e 1/4.'

"'E a *New Zealand Consolidated*?'

"'Cento e quatro.'

"'E a *British Broken Hills*?'

"'Entre sete e 7,6.'

"'Maravilhoso!', exclamou, com um gesto exuberante. 'Isto comprova tudo o que me disseram. Rapaz, você é bom demais para ser um simples corretor da Mawson!'

“Isso me surpreendeu, como vocês podem imaginar. Eu disse:

“‘Tem gente que não pensa exatamente como o senhor. Foi com muita dificuldade que consegui o emprego e estou muito satisfeito com ele.’

“‘Ora, rapaz, voe mais alto. Não está no seu verdadeiro elemento. Vou dizer o que penso a respeito. O que tenho a oferecer é pouco diante da sua capacidade, mas, comparado ao que lhe oferece a Mawson, é como a noite para o dia. Vejamos! Quando começará a trabalhar lá?’

“‘Na segunda-feira.’

“‘Vou arriscar uma pequena aposta: você não irá para lá.’

“‘Não vou trabalhar na Mawson?’

“‘Não, senhor. Nesse dia será o gerente-financeiro da Companhia Franco-Midland Hardware Ltda., com 134 filiais em cidades e aldeias da França, sem contar uma em Bruxelas e outra em San Remo.’

“Aquilo me tirou o fôlego.

“‘Nunca ouvi falar nessa companhia’, respondi.

“‘É bem provável. O negócio funciona discretamente porque o capital é inteiramente privado e a coisa é atraente demais para ser aberta ao público. Meu irmão, Harry Pinner, é o responsável e tem o cargo de diretor-gerente. Ele sabia que eu tinha conhecimento do meio aqui na cidade e pediu-me que escolhesse um bom elemento, um rapaz decidido, cheio de vigor. Parker falou-me a seu respeito e é por isso que estou aqui. Só podemos oferecer-lhe uns míseros quinhentos para começar...’

“‘Quinhentos por ano!’, exclamei.

“‘Só para começar, mas ganhará uma comissão de 1% sobre o total dos negócios realizados pelos nossos agentes e garanto-lhe que o montante será superior ao seu salário.’

“‘Mas eu não sei nada sobre o comércio de ferragens.’

“‘Ora, rapaz, você entende de finanças.’

“Eu estava tonto, mal conseguia ficar sentado na cadeira. Mas, de repente, ocorreu-me uma dúvida.

“‘Serei franco’, eu disse. ‘A Mawson ofereceu-me apenas duzentas, mas representa segurança. Além disso, sei tão pouco a respeito de sua companhia que...’

“‘Ah! rapaz esperto!’, ele exclamou, encantado. ‘É exatamente a pessoa que procuramos! Não se deixa convencer logo de saída e tem toda a razão.

Aqui está uma nota de cem libras. Se achar que podemos trabalhar juntos, guarde-a no bolso como adiantamento de salário.’

“‘É uma bela quantia. Quando devo assumir o cargo?’

“‘Esteja em Birmingham amanhã às 13 horas. Tenho aqui no bolso um bilhete que deverá entregar ao meu irmão. Você o encontrará na Corporation Street, 126-B, onde estão localizados os escritórios provisórios da firma. É claro que ele precisa confirmar o seu contrato. Mas, cá entre nós, tudo correrá bem.’

“‘Não sei como agradecer, sr. Pinner.’

“‘Nem pense nisso, meu rapaz. Você merece. Há dois pequenos detalhes, simples formalidades, que preciso acertar com você. Tem papel por aí? Escreva, por favor: *Estou inteiramente disposto a trabalhar como gerente-financeiro da Companhia Franco-Midland Hardware Ltda., pelo salário de quinhentas libras.*’

“Fiz o que ele pediu e o sr. Pinner guardou o papel no bolso.

“‘Mais um detalhe. O que pretende fazer a respeito do emprego na Mawson?’

“Estava tão contente que já tinha esquecido da Mawson.

“‘Vou escrever dizendo que desisto.’

“‘É exatamente o que não quero que faça. Tive uma discussão a seu respeito com o gerente da Mawson. Fui até lá para indagar sobre você e ele teve uma atitude muito grosseira, acusando-me de afastá-lo da firma etc. Acabei perdendo a paciência. “Se querem bons elementos, precisam pagar à altura”, eu disse. “Ele vai preferir o nosso pequeno salário à sua remuneração exagerada”, replicou o gerente. “Aposto cinco que ele aceitará a minha oferta e vocês nunca mais ouvirão falar nele.” “Combinado! Nós o tiramos da sarjeta e ele não nos deixará com tanta facilidade.” Foi exatamente o que ele disse.’

“‘Que miserável!’, exclamei. ‘Nunca o vi na minha vida. Por que daria preferência a ele? Não escreverei coisa alguma se preferir assim.’

“‘Ótimo! Prometido?’, ele se levantou. ‘Estou encantado por ter conseguido um elemento tão bom para meu irmão. Aqui estão a carta e as cem libras adiantadas. Tome nota do endereço: Corporation Street, 126-B. E não esqueça que a entrevista é amanhã às 13 horas. Boa noite. Desejo-lhe toda a sorte que merece.’

“Foi o que se passou entre nós, que eu me lembre. Pode imaginar como estava satisfeito, dr. Watson. Que sorte extraordinária! Fiquei acordado metade da noite felicitando-me por isso, e no dia seguinte parti para Birmingham num trem que me deixaria na cidade bem antes da entrevista. Levei a mala para um hotel na New Street e depois dirigi-me ao endereço que me fora dado.

“Eu estava um quarto de hora adiantado, mas achei que não faria diferença. O número 126-B era uma passagem entre duas grandes lojas, que terminava numa escada circular de pedra e dava acesso a várias salas alugadas para escritórios de companhias e profissionais liberais. Os nomes dos inquilinos estavam pintados na parte inferior da parede, mas não encontrei o da Companhia Franco-Midland Hardware Ltda. Fiquei parado alguns minutos, muito deprimido, perguntando-me se a história toda não seria um sofisticado logro, quando um homem subiu e se aproximou de mim. Era muito parecido com o sujeito que eu tinha visto na véspera, a mesma voz e a mesma fisionomia, mas com o rosto escanhoado e o cabelo mais claro.

“‘É o sr. Hall Pycroft?’, perguntou.

“‘Sou.’

“‘Ah! Estava à sua espera. Chegou um pouco antes da hora. Recebi um bilhete do meu irmão esta manhã, em que ele faz grandes elogios ao senhor.’

“‘Estava procurando o escritório quando o senhor apareceu.’

“‘Ainda não mandamos afixar o nome porque só na semana passada alugamos temporariamente o local. Suba comigo. Vamos conversar.’

“Eu o segui até o alto da escada e logo abaixo do telhado havia duas salinhas vazias e empoeiradas, sem tapetes ou cortinas. Eu tinha imaginado um escritório grande, com mesas reluzentes e fileiras de empregados, como eu estava acostumado, e olhei sem muita simpatia para as duas cadeiras e a mesinha que, juntamente com um calendário e uma cesta de papéis, constituíam todo o mobiliário.

“‘Não se decepcione, sr. Pycroft’, disse o homem, vendo a minha expressão. ‘Roma não foi feita em um dia, e temos muito dinheiro nos apoiando, embora não haja tendência a gastá-lo em escritórios elegantes. Sente-se, por favor, e deixe-me ver sua carta.’

“Entreguei a carta e ele a leu cuidadosamente.

“‘Meu irmão Arthur ficou com uma ótima impressão’, observou, ‘e sei que ele é um juiz muito perspicaz. Adora Londres, e eu, Birmingham, mas desta vez vou seguir o conselho dele. Pode considerar-se definitivamente contratado.’

“‘Quais são as minhas obrigações?’, perguntei.

“‘Posteriormente irá administrar o grande depósito em Paris, que lançará uma enxurrada de louça inglesa em 134 filiais da França. A compra será realizada dentro de uma semana, mas por enquanto permanecerá em Birmingham, onde nos será mais útil.’

“‘De que maneira?’

“Como resposta ele tirou da gaveta um grande livro vermelho.

“‘Isto é um catálogo de Paris, que relaciona profissão e nomes de pessoas. Quero que o leve para casa e marque todos os vendedores de ferragens e os respectivos endereços. Será muito útil para mim.’

“‘Mas não há listas classificadas?’, sugeri.

“‘Não são confiáveis. O sistema deles é diferente do nosso. Trabalhe com afinco e entregue-me a relação na segunda-feira ao meio-dia. Até logo, sr. Pycroft. Se continuar a demonstrar zelo e inteligência, a companhia será um excelente patrão.’

“Voltei para o hotel com o grande catálogo debaixo do braço e no peito emoções conflitantes. Por um lado, eu estava definitivamente contratado e tinha cem libras no bolso. Por outro, a aparência do escritório, a ausência de nome na parede e outros detalhes que impressionam um homem de negócios haviam deixado uma impressão desagradável em relação aos meus futuros patrões. Entretanto, como eu havia recebido dinheiro, atirei-me à tarefa. Passei o domingo trabalhando duro, mas, apesar disso, na segunda-feira eu ainda estava na letra H. Fui procurar meu patrão e encontrei-o na mesma sala despojada, onde recebi ordens de continuar a tarefa até quarta-feira. Na quarta ainda não havia terminado, de modo que prossegui até a sexta, isto é, ontem. E então levei a lista ao sr. Harry Pinner.

“‘Muito obrigado. Compreendo a dificuldade da tarefa. Esta relação será de grande ajuda material.’

“‘Exigiu algum tempo’, observei.

“‘E agora quero que faça uma lista das lojas de móveis, porque todas também vendem louças.’

“‘Está bem.’

“‘Apareça amanhã às 19 horas para me informar do andamento do trabalho. Não se mate de trabalhar. Algumas horas no Day’s Music Hall à noite não o prejudicariam.’

“Ele riu ao falar e percebi com um arrepio que um dos seus dentes incisivos havia sido muito mal obturado com ouro.”

Sherlock Holmes esfregou as mãos, encantado, e eu olhei com espanto para o nosso cliente.

— Não admira que se surpreenda, dr. Watson, mas foi assim. Quando conversei com o outro sujeito em Londres e ele riu porque eu não iria trabalhar na Mawson, notei nele um dente obturado com ouro de maneira idêntica. Foi o brilho do ouro que chamou minha atenção nas duas vezes, compreende? Juntando isso ao fato de a fisionomia e a voz serem as mesmas e as únicas coisas diferentes podiam ser conseguidas facilmente com uma navalha ou uma peruca, não pude duvidar de que se tratava do mesmo homem. Espera-se que irmãos sejam parecidos, é claro, mas não a ponto de terem um dente obturado da mesma maneira. Despedi-me dele e me vi na rua completamente aturdido, sem saber o que fazer. Voltei ao hotel, mergulhei a cabeça numa bacia de água fria e tentei raciocinar. Por que ele me enviara de Londres a Birmingham? Por que chegara ali antes de mim? Por que havia escrito uma carta para si mesmo? Era demais para mim. Não consegui compreender coisa alguma. De repente, lembrei-me: o que para mim era obscuro seria claro para o sr. Sherlock Holmes. Só tive tempo de tomar o trem noturno, conversar com ele esta manhã e trazê-los comigo a Birmingham.

Houve um silêncio depois que o corretor acabou de contar sua experiência surpreendente. E então, piscando para mim, Sherlock Holmes recostou-se na poltrona com ar satisfeito, mas expressão crítica, lembrando um *connoisseur* que acabasse de tomar o primeiro gole de um vinho raro.

— Excelente, não acha, Watson? Há detalhes que me agradam. Creio que uma entrevista com o sr. Arthur Pinner, no escritório provisório da Companhia Franco-Midland Hardware Ltda., seria uma experiência interessante para nós dois, você não concorda?

— Mas como? — perguntei.

— Muito fácil — disse Hall Pycroft alegremente. — Os dois são amigos meus à procura de emprego. Nada mais natural que levá-los ao diretor-administrativo.

— Exatamente! É claro! — disse Holmes. — Gostaria de dar uma olhada no cavalheiro e ver se descubro qual é o jogo dele. Que talentos tem você, meu amigo, que tornam tão valiosos os seus serviços? Ou será possível que...

Começou a roer as unhas com olhos fixos na janela, e não lhe arrancamos uma só palavra até chegarmos à New Street.

Às 19 horas, nós três percorremos a Corporation Street, a caminho do escritório da companhia.

— É inútil chegar antes da hora — disse o nosso cliente. — Aparentemente ele só vai até lá para falar comigo porque o local fica deserto até a hora marcada.

— Sugestivo — observou Holmes.

— Foi o que eu disse! — exclamou o rapaz. — Lá vai ele caminhando à nossa frente.

E apontou para um homem baixo, bem-vestido, que andava apressado do outro lado da rua. Observamos que ele estava olhando para um garoto que anunciava a última edição de um vespertino e, correndo entre carruagens e ônibus, comprou um exemplar. Então, segurando o jornal com firmeza, desapareceu por numa porta.

— Lá vai ele! — exclamou Hall Pycroft. — É naquele prédio que fica o escritório da companhia. Venham comigo. Vou esclarecer o caso com a maior facilidade.

Seguindo-o, subimos cinco andares e nos encontramos diante de uma porta entreaberta, na qual o nosso cliente bateu. Uma voz convidou-o a entrar e penetramos numa sala despojada, sem mobília, exatamente como Hall Pycroft havia descrito. À única mesa estava sentado o homem que tínhamos visto na rua, com o jornal aberto à sua frente. Quando ergueu o rosto, tive a impressão de que nunca vira fisionomia tão marcada pela dor. E algo além da dor — um horror que poucos homens sentem durante a vida. Tinha a testa coberta de suor, as faces pálidas como a barriga de um peixe, olhos desvairados, fitando sem ver. Olhou para o rapaz como se não o reconhecesse e vi, pela surpresa estampada no rosto do nosso cliente, que aquela não era, absolutamente, a aparência habitual do seu chefe.

— Parece doente, sr. Pinner — exclamou.

— De fato, não estou me sentindo bem — ele respondeu, fazendo um esforço evidente para se controlar e umedecendo os lábios secos enquanto

falava. — Quem são estes senhores que o acompanham?

— Este é o sr. Harris, de Bermondsey, e este é o sr. Price, desta cidade — mentiu o rapaz com naturalidade. — São amigos meus, profissionais experientes, mas que estão desempregados há algum tempo e esperam que talvez consiga uma vaga para eles na companhia.

— É bem possível! É bem possível! — exclamou o sr. Pinner com um sorriso sinistro. — Sim, certamente faremos alguma coisa pelos dois. Em que ramo trabalha, sr. Harris?

— Sou contador — respondeu Holmes.

— Sim, precisaremos de alguém nessa área. E o sr. Price?

— Sou escrivão — respondi.

— Espero que a companhia possa empregá-los. Eu me comunicarei com os dois assim que chegarmos a uma conclusão. E agora peço que se retirem. Pelo amor de Deus, deixem-me sozinho!

As últimas palavras irromperam como se o controle que evidentemente tentava manter tivesse explodido de repente. Holmes e eu nos entreolhamos e Hall Pycroft deu um passo em direção à mesa.

— Esquece, sr. Pinner, que estou aqui a seu pedido, para receber instruções suas.

— Certamente, sr. Pycroft, certamente — respondeu o homem, em tom sereno. — Espere aqui um momento e não há motivo para que seus amigos não esperem também. Estarei inteiramente às suas ordens dentro de três minutos, se posso abusar tanto de sua paciência.

Levantou-se com ar muito cortês e, fazendo uma ligeira inclinação, desapareceu por uma porta nos fundos da sala e fechou-a.

— E agora? — murmurou Holmes. — Será que vai escapar?

— Impossível — respondeu Pycroft.

— Por quê?

— Aquela porta dá para um quarto interno.

— Não há uma saída?

— Nenhuma.

— O quarto é mobiliado?

— Ontem estava vazio.

— Então, o que ele estará fazendo? Há algo que não compreendo neste caso. Se existe alguém louco de terror, esse homem é Pinner. Por que está apavorado?

— Suspeita que somos detetives — sugeri.

— É isso — concordou Pycroft. Holmes meneou a cabeça.

— Ele não empalideceu. Já estava pálido quando entramos na sala. É possível que...

Foi interrompido por ásperas batidas vindas do quarto ao lado.

— Por que diabo estará batendo na própria porta? — exclamou o rapaz.

As batidas repetiram-se, muito mais fortes. Ficamos olhando para a porta e esperamos. Ao olhar para Holmes, percebi que seu rosto se tornava rígido e ele se inclinava para a frente, profundamente interessado. De repente ouvimos um gorgolejo surdo e uma batida de madeira sobre madeira. Holmes atravessou a sala de um salto e empurrou a porta. Estava fechada por dentro. Seguindo-lhe o exemplo, atiramo-nos contra ela com todo o nosso peso. Uma das dobradiças cedeu, depois a outra, e a porta caiu com estrondo. Passando sobre ela, entramos no quarto.

Estava vazio.

Mas só nos detivemos por um instante. No canto mais próximo da sala de onde saíramos, havia uma segunda porta. Holmes correu para ela e escancarou-a. Um casaco e um colete estavam no chão e de um gancho atrás da porta, o pescoço enrolado em seu próprio suspensório, pendia o diretor-administrativo da Companhia Franco-Midland Hardware Ltda. Tinha os joelhos encolhidos e a cabeça caída num ângulo horrível em relação ao corpo. A batida de seus calcanhares contra a porta fora o ruído que interrompera a nossa conversa. No mesmo instante segurei-o pela cintura e levantei-o, enquanto Holmes e Pycroft desatavam o elástico que havia desaparecido entre as dobras lívidas da pele. Em seguida, nós o carregamos para a outra sala, onde ficou deitado, rosto cinzento, respirando através de lábios arroxeados — medonha ruína do que fora cinco minutos antes.

— O que acha do estado dele, Watson? — perguntou Holmes.

Inclinei-me e examinei-o. O pulso estava fraco e intermitente, mas a respiração começava a regularizar-se. As pálpebras estremeceram, revelando uma nesga branca do globo ocular.

— Escapou por um triz — falei. — Mas escapou. Abram aquela janela e passem-me a garrafa de água.

Abri o colarinho, despejei água fria no rosto e movimentei-lhe os braços até que ele respirou longamente, um hausto natural.

— Agora é uma questão de tempo — disse Holmes, virando-lhe as costas.

Holmes estava ao lado da mesa, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, cabeça inclinada.

— Acho que devemos chamar a polícia — disse. — Mas confesso que gostaria de apresentar um caso completo quando ela chegar.

— Para mim é um mistério total — disse Pycroft, coçando a cabeça. — Por que me trouxeram até aqui e depois...

— Ora! Tudo isso está bem claro — disse Holmes. — O que importa é este último gesto inesperado.

— Então, compreende o resto?

— Creio que é bastante óbvio. O que acha, Watson?

Dei de ombros.

— Devo confessar que não entendi nada.

— Se você considerar os acontecimentos desde o início, eles apontam para uma conclusão.

— O que é que você pensa a respeito?

— Bem, a história gira em torno de dois pontos. O primeiro foi fazer Pycroft escrever uma declaração segundo a qual ele estava a serviço desta companhia absurda. Não percebe como isso é sugestivo?

— Confesso que não entendo.

— Por que queriam que ele fizesse isso? Não se trata de negócios, porque esses acordos geralmente são verbais e não havia nenhum motivo para que este fosse uma exceção. Não percebe, meu jovem amigo, que estavam muito ansiosos para obter uma amostra da sua caligrafia e que não tinham outra maneira de consegui-la?

— Mas por quê?

— Exatamente. Por quê? Quando respondermos a essa pergunta, teremos feito algum progresso em relação ao nosso probleminha. Só pode haver um motivo. Alguém queria aprender a imitar a sua caligrafia e primeiro precisava conseguir uma amostra. E agora, se passarmos ao segundo ponto, descobriremos que cada qual lança sobre o outro uma nova luz. Esse ponto é o pedido de Pinner para que não avisasse que desistira do emprego, deixando o gerente daquela firma importante na expectativa de que um certo sr. Hall Pycroft, que ele não conhecia, começaria a trabalhar no escritório a partir de segunda-feira.

— Meu Deus! — exclamou nosso cliente. — Como fui cego!

— Percebe agora o motivo do bilhete manuscrito. Suponhamos que alguém surgisse no seu lugar, escrevendo com uma caligrafia inteiramente diferente da do rapaz que se apresentara para o cargo. É claro que o jogo estaria perdido. Mas, no intervalo, o bandido aprenderia a imitar a sua caligrafia, e garantiria o emprego, já que, como presumo, ninguém o conhece naquela firma.

— Ninguém — gemeu Hall Pycroft.

— Muito bem. Claro que era da maior importância impedi-lo de mudar de ideia e também entrar em contato com alguém que poderia dizer-lhe que uma pessoa com o seu nome trabalhava nos escritórios da Mawson. Portanto, deram-lhe um bom adiantamento de salário e enviaram-no para as Midlands, onde o sobrecarregaram de trabalho para impedi-lo de ir a Londres, onde poderia descobrir a jogada. Tudo isso está bastante claro.

— Mas por que este homem fingiria ser seu próprio irmão?

— Isto também é bastante claro. Evidentemente só há duas pessoas no golpe. A outra está trabalhando no seu lugar na Mawson. Esta agia como intermediário até descobrir que precisaria admitir uma terceira pessoa no jogo para ser seu patrão, o que ele não estava nem um pouco inclinado a fazer. Modificou a aparência o máximo possível e esperou que a semelhança que você não poderia deixar de notar seria atribuída a traços de família. Não fosse o feliz acaso da obturação de ouro, suas suspeitas nunca se concretizariam.

Hall Pycroft agitou no ar os punhos fechados.

— Meu Deus! Enquanto fui enganado, o que estará o outro Hall Pycroft fazendo na Mawson? Que providência devemos tomar, sr. Holmes? Diga-me o que fazer!

— Precisamos telegrafar para a Mawson.

— Só trabalham até o meio-dia aos sábados.

— Não importa. Talvez haja algum porteiro, ou empregado...

— Ah, sim! Eles mantêm um guarda permanente por causa do valor das ações com que lidam. Lembro-me de ouvir esse comentário no centro financeiro da cidade.

— Então, telegrafaremos pedindo que verifique se está tudo em ordem e se há um corretor com o seu nome trabalhando lá. Tudo isso é bastante

claro. O que não está claro é o fato de que, ao ver-nos, um dos bandidos saiu imediatamente da sala e se enforcou.

— O jornal! — murmurou uma voz rouca atrás de nós.

O homem estava sentado, pálido e desfeito, mas de olhar consciente. Suas mãos esfregavam nervosamente a tira vermelha que envolvia seu pescoço.

— O jornal! É claro! — exclamou Holmes, muito agitado. — Como sou idiota! Pensei tanto na nossa visita que me esqueci do jornal. O segredo está lá, com certeza.

Estendeu-o sobre a mesa e soltou uma exclamação de triunfo.

— Veja isto, Watson! É um jornal de Londres, a primeira edição do *Evening Standard*. Aqui está o que procuramos. Veja a manchete. “Crime no centro da cidade. Assassinato na Mawson & Williams. Tentativa de roubo gigantesco. Captura do criminoso.” Tome, Watson. Estamos todos ansiosos para ouvir a história. Tenha a bondade de lê-la em voz alta.

Pelo destaque que o jornal dera, parecia ser o acontecimento de maior importância na cidade. A matéria dizia o seguinte:

“Uma desesperada tentativa de roubo, culminando na morte de um homem e na captura do criminoso, ocorreu esta tarde na cidade. Há algum tempo a Mawson & Williams é depositária de títulos que chegam a um total de mais de um milhão de libras esterlinas. O gerente estava tão consciente da sua responsabilidade, consequência dos grandes interesses em jogo, que havia encomendado cofres do último tipo e havia um guarda armado dia e noite no prédio. Consta que na semana passada um novo empregado, chamado Hall Pycroft, foi contratado pela firma. Essa pessoa era ninguém menos que Beddington, o famoso falsário e estelionatário que, juntamente com o irmão, acaba de cumprir pena de cinco anos. Usando de meios que ainda não foram esclarecidos, conseguiu obter, com um nome falso, um cargo oficial no escritório, utilizando-o para conseguir moldes de diversas chaves e conhecer a posição da casa-forte e dos cofres.

“Na Mawson, os empregados só trabalham até o meio-dia de sábado. O sargento Tuson, da polícia metropolitana, surpreendeu-se, portanto, ao ver um cavalheiro com uma valise descer as escadas vinte minutos depois das 13 horas. Desconfiado, o sargento o seguiu e, com a ajuda do cabo Pollock, conseguiu prendê-lo, após uma resistência desesperada. Imediatamente ficou claro que um roubo audacioso e gigantesco fora cometido. Quase cem

mil libras em títulos de estradas de ferro americanas, além de um grande número de ações de minas e outras companhias, foram encontrados na pasta. Ao examinarem o local, descobriram o corpo do infeliz vigia dobrado e atirado dentro do cofre maior, onde só seria encontrado na segunda-feira de manhã, não fosse a pronta ação do sargento Tuson. O crânio da vítima havia sido despedaçado com um golpe dado pelas costas. Não podia haver dúvida de que Beddington conseguira entrar alegando ter esquecido alguma coisa. Depois de assassinar o vigia, fez uma rápida limpeza no cofre maior e saiu com o produto do roubo. Seu irmão, que em geral trabalha com ele, aparentemente não participou deste golpe, embora a polícia esteja fazendo investigações para descobrir o seu paradeiro."

— Bem, pouparemos à polícia algum trabalho neste sentido — disse Holmes, olhando para a fisionomia transtornada do homem encolhido junto à janela. — A natureza humana é estranhamente complexa, Watson. Veja que até mesmo um vilão e assassino é capaz de inspirar afeto, a ponto de o irmão tentar suicidar-se ao saber que ele está ameaçado. Mas não temos escolha quanto à maneira de agir. O dr. Watson e eu ficaremos de guarda, sr. Pycroft, se quiser ter a bondade de chamar a polícia.

GLORIA SCOTT

— TENHO AQUI ALGUNS PAPÉIS E ACHO QUE VALERIA A PENA VOCÊ dar uma olhada — disse o meu amigo Sherlock Holmes, numa noite de inverno em que estávamos sentados junto à lareira. — São documentos referentes ao extraordinário caso do *Gloria Scott*, e esta é a mensagem que matou de horror o juiz de paz Trevor, quando a leu.

Pegou em uma gaveta um pequeno cilindro embaçado, retirou o selo e entregou-me um bilhete rabiscado em meia folha de papel cinzento.

> *O fornecimento de caça para Londres aumenta constantemente. O guarda-caça Hudson, segundo acreditamos, contou com o recebimento de papel caça-moscas para a preservação da vida dos seus faisões.*

Quando acabei de ler aquela mensagem enigmática, vi Holmes rindo da minha expressão.

— Você parece meio aturdido — observou.

— Não vejo como este bilhete possa inspirar horror. Parece-me mais grotesco do que qualquer outra coisa.

— É bem provável. Mas o fato é que a pessoa que leu, um velho robusto e bem disposto, foi vítima dele, como se tivesse sido atingido por uma coronhada.

— Você me deixa curioso. Mas por que disse há pouco que havia motivos muito particulares para que eu examinasse este caso?

— Porque foi o primeiro em que me envolvi.

Eu havia tentado muitas vezes saber de meu amigo o que o levara a se interessar pela pesquisa criminal, mas nunca o surpreendera numa hora de disposição comunicativa. Naquele momento, inclinou-se para a frente na poltrona e abriu os documentos sobre os joelhos. Depois, acendeu o cachimbo e fumou durante algum tempo antes de me entregar os papéis.

— Já me ouviu falar a respeito de Vítor Trevor? Foi o único amigo que fiz nos meus dois anos de universidade. Nunca fui muito sociável, Watson, preferindo ficar sempre nos meus aposentos elaborando métodos de raciocínio e nunca me envolvi muito com os colegas de classe. Com exceção de esgrima e boxe, eu tinha poucas inclinações esportivas. Além disso, minha linha de estudos era bem diferente da dos meus colegas, de modo que não tínhamos pontos de contato. Trevor era o único homem que eu conhecia e isso em consequência de um incidente: o *bull-terrier* dele mordeu meu tornozelo certa manhã, quando eu estava indo para a capela.

"Foi uma maneira prosaica de fazer amizade, mas eficaz. Fiquei de cama dez dias e Trevor aparecia sempre para saber como eu estava. A princípio era apenas uma conversa rápida, mas em pouco tempo as visitas se prolongaram e antes do fim do trimestre éramos bons amigos. Ele era um sujeito cordial, vivo, cheio de animação e energia, o oposto do meu temperamento em quase todos os aspectos. Mas descobrimos interesses comuns e um verdadeiro elo passou a nos unir quando descobri que ele também não tinha amigos. Finalmente, convidou-me para ir à casa de seu pai, em Donnithorpe, Norfolk. Aceitei a sua hospitalidade durante um mês inteiro de férias.

"O velho Trevor era evidentemente um homem de posses e prestígio, juiz de paz e proprietário de terras. Donnithorpe é um povoado ao norte de Langmere, no distrito de Broads. A casa era antiga, ampla, com traves de carvalho no teto, paredes de tijolos. Uma bela alameda ladeada de limeiras conduzia à entrada. Os terrenos proporcionavam excelente caça aos patos selvagens, ótimos locais de pescaria e havia uma biblioteca pequena mas seleta, herdada, segundo entendi, de um antigo morador. A comida era tolerável, de modo que uma pessoa exigente poderia passar ali um mês muito agradável.

"Trevor pai era viúvo, e meu amigo, filho único. Soube que uma irmã morrera de difteria durante uma visita a Birmingham. O pai me despertou muito interesse. Era homem de pouca cultura, mas considerável vigor, tanto

físico como mental. Mal abrira um livro, mas viajara muito, conhecia grande parte do mundo e lembrava-se de tudo o que havia aprendido. Era um homem atarracado, vigoroso, de cabeleira grisalha, rosto bronzeado e olhos azuis tão vivos que chegavam a parecer ferozes. No entanto era conhecido na região como um homem bondoso e caridoso, que chamava atenção pela brandura de suas sentenças no tribunal.

“Uma noite, pouco depois da minha chegada, tomávamos vinho do Porto após o jantar, quando Trevor filho começou a falar sobre os hábitos de observação e dedução que eu já sistematizara, embora ainda não percebesse o papel que representariam na minha vida. O velho pensou, evidentemente, que o filho exagerava na descrição de um ou dois dos meus feitos triviais.

“Rindo bem-humorado, ele disse:

“‘Sr. Holmes, sou um excelente sujeito. Veja se é capaz de deduzir algo a meu respeito.’

“‘Temo que não haja muita coisa a deduzir’, comentei. ‘Creio que tem estado sob o temor de uma agressão pessoal nos últimos 12 meses.’

“O riso morreu-lhe nos lábios e ele me olhou muito surpreso.

“‘Isto é verdade.’ E virando-se para o filho: ‘Vítor, quando desbaratamos aquele grupo de caçadores ilegais, eles juraram nos matar. E *sir* Edward Holly chegou a ser agredido. Desde então fiquei de sobreaviso, embora não faça ideia de como descobriu isso.’

“‘O senhor tem uma bengala muito bonita’, respondi. ‘Pela inscrição, observei que a possui há menos de um ano. Mas teve o cuidado de retirar o castão e despejar chumbo derretido no orifício, transformando-a numa arma poderosa. Concluí que só tomaria essas precauções se temesse algum perigo.’

“‘Mais alguma coisa?’, perguntou, sorrindo.

“‘Lutou boxe durante um bom tempo na juventude.’

“‘Certo novamente. Como descobriu? O meu nariz é meio torto?’

“‘Não, as orelhas. Elas têm aquele achatamento e a espessura característicos dos lutadores de boxe.’

“‘Mais alguma coisa?’

“‘E fez muita escavação, a julgar pelas calosidades.’

“‘Ganhei toda a minha fortuna em minas de ouro.’

“‘Esteve na Nova Zelândia.’

“‘É exato.’

"'E visitou o Japão.'

"'Absolutamente correto.'

"'E esteve intimamente associado a alguém cujas iniciais eram J.A., pessoa que o senhor tem se esforçado para esquecer completamente.'

"O sr. Trevor levantou-se devagar, fixou em mim seus grandes olhos azuis de um jeito estranho e depois caiu para a frente, com o rosto entre as cascas de nozes espalhadas pela mesa, num desmaio profundo.

"Você pode imaginar, Watson, o choque que isso representou para o filho e para mim. Mas o desmaio não foi longo. Abrimos o colarinho, jogamos água no rosto dele, que arquejou uma ou duas vezes e retesou o corpo.

"Com um sorriso forçado, ele disse:

"'Espero não tê-los assustado, rapazes! Embora eu seja um homem robusto, tenho um ponto fraco no coração e qualquer coisa me abala. Não sei como consegue isso, sr. Holmes, mas tenho a impressão de que todos os detetives reais e fictícios seriam como crianças em suas mãos. É para isso que deve orientar a sua vida. Ouça a palavra de um homem que conhece boa parte do mundo.'

"E essa recomendação, com a avaliação exagerada do meu talento que a precedeu, foi a primeira coisa que me fez sentir, Watson, que eu poderia transformar em profissão aquilo que até então não passava de um *hobby*. Mas naquele momento eu estava muito preocupado com o repentino mal-estar do meu anfitrião para pensar em outra coisa.

"'Espero não ter dito nada que o magoasse', falei.

"'Tocou num ponto bastante sensível, sem dúvida. Posso perguntar como soube e quanto sabe?'

"Falava em tom de brincadeira, mas o olhar de pavor voltara às suas pupilas.

"'É muito simples. Quando descobriu o braço para recolher aquele peixe, vi que as letras *j* e *a* tinham sido tatuadas na dobra do cotovelo. Eram ainda legíveis, mas pela aparência borrada e pela mancha na pele em volta ficou claro que foram feitas tentativas para apagá-las. Então, era óbvio que aquelas iniciais representavam alguém muito próximo, que mais tarde quis esquecer.'

"'Que olho o senhor tem!', exclamou com um suspiro de alívio. 'É exatamente como disse. Mas não quero falar no assunto. De todos os

fantasmas, os dos velhos amores são os piores. Vamos para a sala de bilhar, fumar tranquilamente um charuto.’

“A partir daquele dia, apesar de toda a sua cordialidade, havia sempre um traço de desconfiança nas atitudes do sr. Trevor em relação a mim. Até o filho dele percebeu.

“‘Pregou um susto tão grande no velho que ele vai ficar sempre em dúvida sobre o que você sabe e o que ignora.’

“Ele não queria demonstrá-lo, tenho certeza, mas a ideia estava tão fixa em sua mente que vinha à tona em cada gesto. Finalmente, convencido de que estava causando embaraços, dei por encerrada a minha visita. Mas um pouco antes da minha partida ocorreu um incidente que posteriormente se revelou muito importante.

“Estávamos sentados no gramado, em cadeiras de jardim, nós três, aproveitando o sol e admirando a vista do vale, quando uma criada apareceu dizendo que havia um homem à porta querendo falar com o sr. Trevor.

“‘Como se chama?’, perguntou o meu anfitrião.

“‘Não quis dar o nome.’

“‘Então, o que é que ele quer?’

“‘Disse que conhece o senhor e quer conversar durante alguns minutos.’

“‘Mande-o entrar.’

“Um instante depois surgia um homenzinho franzino, de maneiras servis e andar desajeitado. Vestia casaco aberto, manchado de alcatrão na manga, camisa xadrez vermelha e preta, calças de brim e pesadas botas muito gastas. O rosto era magro, bronzeado e astuto, exibindo um sorriso perpétuo que mostrava dentes irregulares e amarelos. As mãos enrugadas estavam meio fechadas, à maneira característica dos marinheiros. Quando se aproximava pelo gramado, ouvi o sr. Trevor fazer um ruído semelhante a um soluço. Saltando da cadeira, correu para a casa. Voltou daí a instantes e senti um cheiro forte de *brandy* quando ele passou por mim.

“‘Então, o que posso fazer por você, meu velho?’

“O marinheiro olhou para ele de pálpebras franzidas, com o mesmo sorriso largo estampado no rosto.

“‘Não me conhece?’, perguntou.

“‘Ora, é Hudson, sem dúvida!’, exclamou o sr. Trevor em tom de surpresa.

“‘Hudson, sim, senhor’, confirmou o marinheiro. ‘Faz trinta anos ou mais que o vi pela última vez. Está aqui bem instalado na sua casa e eu continuo comendo carne salgada tirada do barril.’

“‘Não esqueci os velhos tempos’, disse Trevor, aproximando-se do marinheiro e falando qualquer coisa em voz baixa. Depois, novamente em voz alta: ‘Vá até a cozinha e lhe darão algo para comer e beber. Não há dúvida de que conseguirei um emprego para você.’

“‘Obrigado, senhor’, disse o marinheiro, levando a mão à testa. ‘Acabo de cumprir um contrato de dois anos num velho navio que faz oito nós e ainda por cima tem poucos tripulantes. Estou precisando de um descanso. Achei que conseguiria alguma coisa com o sr. Beddoes, ou com o senhor.’

“‘Ah! Sabe onde mora o sr. Beddoes?’

“‘Sei onde moram todos os meus velhos amigos’, disse o sujeito com um sorriso sinistro.

“E afastou-se com a criada em direção à cozinha. O sr. Trevor murmurou alguma coisa a respeito de ter sido companheiro daquele homem no navio quando voltava do trabalho nas minas. E, deixando-nos no gramado, entrou em casa. Uma hora depois, quando entramos, o encontramos estirado e totalmente embriagado no sofá da sala. O incidente deixou-me uma impressão desagradável e não lamentei quando fui embora de Donnithorpe no dia seguinte, porque senti que a minha presença era motivo de embaraço para o meu amigo.

“Tudo isso ocorreu no primeiro mês das férias longas. Voltei ao meu apartamento de Londres, onde passei sete semanas fazendo experiências de química orgânica. Um dia, quando o outono já ia adiantado e as férias estavam no fim, recebi um telegrama do meu amigo implorando que voltasse a Donnithorpe e dizendo que precisava muito de meu conselho e ajuda. Claro que larguei tudo e mais uma vez segui para o norte.

“Ele estava à minha espera na estação com um veículo pequeno e percebi de saída que os dois últimos meses haviam sido muito difíceis para ele. Estava magro e preocupado, perdera o jeito barulhento e cordial que era sua característica.

“‘Meu velho está morrendo’, foram as suas primeiras palavras.

“‘Impossível!’, exclamei. ‘O que aconteceu?’

“‘Apoplexia. Choque nervoso. Esteve por um triz o dia inteiro. Não sei se o encontraremos com vida.’

“Como deve imaginar, Watson, fiquei horrorizado ao ouvir aquela notícia inesperada.

“‘Qual foi a causa?’, perguntei.

“‘Ah! Eis a questão. Entre e conversaremos no caminho. Lembra-se daquele sujeito que apareceu na véspera da sua partida?’

“‘Lembro-me perfeitamente.’

“‘Sabe quem permitimos que entrasse em casa naquele dia?’

“‘Não tenho a menor ideia.’

“‘O Demônio, Holmes!’

“Olhei para ele, espantado.

“‘Sim, o próprio Demônio. Não tivemos uma única hora de descanso desde então. Meu pai nunca mais ergueu a cabeça a partir daquela noite e agora a vida o aniquilou. Está de coração partido. E tudo por causa do maldito Hudson.’

“‘Que poder ele tinha?’

“‘Eu daria tudo para saber. Meu pai, um homem bom, caridoso! Como teria caído nas garras daquele miserável? Estou tão satisfeito porque você veio, Holmes! Confio no seu julgamento e na sua discrição e sei que me aconselhará da melhor maneira possível.’

“Disparávamos pela estrada branca e regular, com um longo trecho da planície estendendo-se à nossa frente e cintilando na claridade avermelhada do poente. Numa colina à esquerda avistei as altas chaminés e a bandeira que indicavam a residência do senhor da região.

“‘Meu pai empregou o sujeito como jardineiro’, disse meu amigo. ‘E como isso não o satisfez, foi promovido a mordomo. Ele parecia dominar a casa. Ele a percorria à vontade e fazia o que bem entendia. As criadas queixaram-se de sua constante embriaguez e da linguagem grosseira. Papai aumentou o ordenado de toda a criadagem para compensar o aborrecimento. O sujeito era capaz de pegar a barca e o melhor rifle de meu pai e sair para pequenas caçadas. E tudo isso com um ar tão zombeteiro e insolente que eu seria capaz de esmurrá-lo vinte vezes por dia se fosse um homem de minha idade. Precisei controlar-me ao máximo durante todo esse tempo, Holmes, e agora me pergunto se não teria sido mais sensato tomar uma atitude.

“‘As coisas foram de mal a pior, e aquele animal, Hudson, passou a ficar cada vez mais ousado, até que por fim, quando respondeu de modo insolente ao meu pai na minha presença, agarrei-o pelo braço e expulsei-o

da sala. Afastou-se lívido, com um olhar venenoso, murmurando mais ameaças do que sua língua poderia expressar. Não sei o que se passou entre meu pobre pai e ele depois disso, mas papai me procurou no dia seguinte perguntando se eu me importaria de pedir desculpas a Hudson. Eu me recusei, como você bem pode imaginar, e perguntei por que ele permitia que um miserável como aquele tomasse essas liberdades com ele próprio e com sua casa. "Ah, meu filho, falar é fácil, mas você não sabe em que situação eu estou. Um dia saberá, Vítor. Eu farei com que saiba, aconteça o que acontecer! Você não acredita que seu pai seria capaz de cometer algo de mau, não é mesmo?"

"'Estava muito comovido e trancou-se o dia inteiro no escritório. Vi pela janela que estava escrevendo.

"'Naquela noite aconteceu uma coisa que nos causou um grande alívio: Hudson disse que iria embora. Entrou na sala onde estávamos sentados depois do jantar e anunciou sua intenção, com a voz pastosa de um homem meio embriagado. "Estou farto de Norfolk. Vou para a casa do sr. Beddoes, em Hampshire. Ele ficará tão satisfeito em me ver quanto você ficou." "Não está saindo daqui aborrecido, não é, Hudson?", disse meu pai, num tom humilde que fez meu sangue ferver. "Ainda não recebi o meu pedido de desculpas", falou, sombrio, olhando na minha direção. "Vítor, você reconhece que foi um tanto brusco com este sujeito?", perguntou meu pai, virando-se para mim. "Pelo contrário. Acho que nós dois fomos excessivamente pacientes com ele", respondi. "Acha mesmo?", ele rosnou. "Muito bem, rapaz. Veremos!"

"'Saiu da sala no seu andar desleixado e meia hora depois foi embora da casa, deixando meu pai extremamente nervoso. Noite após noite eu o ouvia caminhando de um lado para outro no quarto. Quando ele começava a recuperar a tranquilidade, ocorreu o golpe.'

"'Como?', perguntei, ansioso.

"'Da maneira mais extraordinária. Ontem à noite chegou uma carta endereçada a meu pai, com o carimbo de Fordingham. Papai a leu, apertou a cabeça com as mãos e começou a correr pelo quarto em pequenos círculos, como alguém que estivesse fora de si. Quando finalmente consegui obrigá-lo a deitar-se no sofá, vi que a boca e as pálpebras dele estavam repuxadas para um lado e percebi que havia sofrido um derrame. O dr. Fordham veio imediatamente e nós o pusemos na cama; mas a paralisia

aumentou e não há sinais de que vá recuperar os sentidos. Acho que dificilmente o encontraremos com vida.’

“‘Estou horrorizado, Trevor! O que haveria nessa carta para provocar um efeito tão terrível?’

“‘Nada. Este é o ponto inexplicável do caso. A mensagem era absurda e banal. Ah, meu Deus. Era o que eu temia!’

“Enquanto ele falava, contornamos a curva da alameda e vimos, à luz do crepúsculo, que todas as janelas da casa estavam fechadas.

“Corremos para a porta, meu amigo transtornado pela dor. Um senhor vestido de preto veio ao nosso encontro.

“‘Quando foi, doutor?’, perguntou Trevor.

“‘Assim que você saiu.’

“‘Ele recuperou a consciência?’

“‘Por um instante, antes de morrer.’

“‘Algum recado para mim?’

“‘Somente que os documentos estão na gaveta do fundo do armário japonês.’

“Meu amigo subiu com o médico até os aposentos do morto e eu fiquei no escritório, analisando o caso e sentindo-me deprimido como nunca me sentira antes. Qual seria o passado de Trevor — pugilista, viajante, mineiro — e como ficara à mercê daquele marinheiro agressivo? Por que teria desmaiado ao ouvir uma alusão às iniciais quase apagadas, tatuadas no seu braço, para depois morrer de susto ao receber uma carta de Fordingham? Então lembrei-me de que Fordingham ficava em Hampshire e que o tal sr. Beddoes, a quem o marinheiro iria visitar e provavelmente chantagear, morava naquela região. Portanto, a carta poderia ser de Hudson, o marinheiro, dizendo que tinha revelado o terrível segredo que parecia existir, ou então de Beddoes, prevenindo um velho amigo de que a traição era iminente. Até aí tudo parecia bem claro. Mas, nesse caso, como aquela carta poderia ser banal e grotesca, segundo a descrição do filho? Não devia tê-la entendido. Nesse caso deveria ser um daqueles engenhosos códigos secretos que dizem uma coisa e parecem significar outra. Eu precisava ler a carta. Se houvesse algum significado oculto, eu tinha a certeza de conseguir descobri-lo.

“Fiquei mais de uma hora refletindo sobre a questão no escuro, até que uma criada, em prantos, entrou com um lampião, seguida do meu amigo

Trevor, pálido e controlado, trazendo estes documentos que estão aqui nos meus joelhos. Sentou-se na minha frente, aproximou a lâmpada da borda da mesa e entregou-me um bilhete escrito, como vê, numa única folha de papel cinzento: ‘O fornecimento de caça para Londres aumenta constantemente. O guarda-caça Hudson, segundo acreditamos, contou com o recebimento de papel caça-moscas para a preservação da vida dos seus faisões.’

“Ao ler o bilhete, fiquei com uma expressão tão confusa quanto a sua neste momento. Então eu o reli com bastante atenção. Era óbvio que, como eu imaginara, havia um sentido oculto naquela estranha combinação de palavras. Ou as palavras *papel caça-moscas* e *faisões* teriam um significado predeterminado? Esse sentido seria arbitrário, impedindo qualquer dedução. Contudo, não me agradava pensar assim, e a presença do nome *Hudson* parecia demonstrar que o assunto da mensagem era o que eu havia imaginado e o bilhete fora enviado por Beddoes e não pelo marinheiro. Tentei ler de trás para diante, mas a combinação ‘a vida dos seus faisões’ não era promissora. Experimentei palavras alternadas, mas ‘fornecimento caça Londres’ não parecia ajudar a esclarecer nada. Mas, de repente, a chave do enigma surgiu nas minhas mãos. Percebi que cada terceira palavra, a contar da primeira, servia para fornecer uma mensagem que levaria o velho Trevor ao desespero.

“O aviso era curto e seco, como li para o meu amigo:

“‘A caça terminou. Hudson contou tudo. Fuja se quiser salvar a vida.’

“Vítor Trevor escondeu o rosto nas mãos trêmulas.

“‘Sim, deve ser isso. É pior que a morte, porque também significa a desonra. Mas qual o significado de *guarda-caça* e *faisões*?’

“‘Nada tem a ver com a mensagem, mas poderia significar muita coisa se tivéssemos meios de descobrir o remetente. Você pode ver que ele começou escrevendo: *A caça...* etc. Depois, para acompanhar o código preestabelecido, teve que arranjar palavras para preencher os espaços. Usou as primeiras que lhe vieram à cabeça e se há tantas referências ao esporte, pode-se ter quase certeza de que ele é apaixonado por caça ou uma pessoa interessada na criação de animais. Sabe alguma coisa a respeito desse Beddoes?’

“‘Agora que você mencionou isso, lembro-me de que papai costumava receber convites para caçar nas terras dele, no outono.’

"'Então, não há dúvida de que é ele o autor do bilhete. Só falta descobrir o segredo com que esse marinheiro ameaçava esses dois homens ricos e respeitáveis.'

"'Temo que seja algo pecaminoso e vergonhoso!', exclamou meu amigo. 'Mas para você não terei segredos. Aqui está a declaração redigida por meu pai quando soube que era iminente o perigo representado por Hudson. Encontrei-a no armário japonês, como ele dissera ao médico. Abra e leia para mim. Não tenho forças nem coragem para ler pessoalmente.'

"Estes são os documentos que ele me entregou, Watson. Eu os lerei para você, como os li no velho gabinete naquela noite. Estão endossados no envelope, como você pode ver: 'Detalhes da viagem do brigue *Gloria Scott*, que zarpou de Falmouth no dia 8 de outubro de 1855 e naufragou a 15° 29' de lat. norte, 25° 14' de long. oeste, no dia 6 de novembro.' O documento tem a forma de carta e diz o seguinte:

> *Meu querido filho,*
>
> *Agora que a desgraça se aproxima, obscurecendo os últimos anos de minha vida, posso escrever com toda a veracidade e franqueza que não é o terror da justiça, não é a perda de minha posição aqui no condado, nem a queda aos olhos de todos os que me conheceram que angustiam meu coração, e sim a ideia de que você se envergonhará de mim — você que me ama e que, raras vezes, espero, deixou de ter motivos para me respeitar. Mas, se o golpe que me ameaça for desferido, espero que você leia esta carta e saiba diretamente por mim até que ponto fui culpado. Por outro lado, se tudo correr bem (que Deus o permita!) e se por acaso este documento não for destruído e cair nas suas mãos, suplico por tudo o que há de mais sagrado, pela memória de sua querida mãe e pelo amor que entre nós existia, que o atire ao fogo e nunca mais volte a pensar nele.*
>
> *Mas, se seus olhos forem além desta linha, sei que já terão me denunciado, arrastado para fora de minha casa; ou, o que é mais provável — você sabe que tenho o coração fraco —, meus lábios estarão fechados para sempre pela morte. Em ambos os casos, o tempo de guardar o segredo se esgotou e todas as palavras que eu disser serão a pura verdade. Juro pela minha salvação eterna.*

Meu nome, querido filho, não é Trevor. Fui James Armitage na juventude, e você compreende agora o choque que tive algumas semanas atrás quando o seu colega de universidade me disse palavras que pareciam sugerir a descoberta do meu segredo. Foi como Armitage que ingressei numa firma bancária de Londres e como Armitage fui condenado por infringir as leis do meu país e recebi a pena do degredo. Não me julgue com muita severidade, meu filho. Era uma dívida de honra — como é chamada —, que eu precisava, e usei um dinheiro que não era meu, na certeza de devolvê-lo antes que houvesse qualquer possibilidade de darem pela falta. Mas fui perseguido pelo mais terrível azar. Não consegui a tempo o dinheiro que esperava, e um exame antecipado da contabilidade revelou o déficit. O caso poderia ter sido tratado com indulgência, mas a justiça era mais severa há trinta anos, e no meu 23º aniversário eu estava acorrentado como um bandido, com 37 outros condenados, nos porões do brigue Gloria Scott, *rumo à Austrália.*

Foi no ano de 1855, no auge da Guerra da Crimeia, e os velhos navios de condenados eram muito usados como meio de transporte no mar Negro. O governo, portanto, era obrigado a utilizar embarcações menores e pouco adequadas para despachar seus prisioneiros. O Gloria Scott *fora usado no comércio de chá da China, mas era antiquado, pesado e largo. As novas embarcações o haviam deixado para trás. Era um barco de quinhentas toneladas e, além dos 38 prisioneiros, levava uma tripulação de 26 marinheiros, 18 soldados, um comandante, três oficiais, um médico, um capelão e quatro carcereiros. Quase cem pessoas ao todo, quando partimos de Falmouth.*

As divisões entre as celas dos condenados, em vez de serem de carvalho maciço, como é habitual nas embarcações de condenados, eram finas e frágeis. O homem que ficava perto de mim, do lado da popa, era uma pessoa que havia atraído minha atenção quando nos tinham levado até o cais. Era um rapaz de rosto claro e escanhoado, nariz longo e fino, maxilar protuberante. Mantinha a cabeça erguida num desafio, tinha o andar cadenciado e era notável por sua altura extraordinária. Creio que nenhum de nós chegava-lhe aos ombros.

Não devia ter menos de 2,10 metros. Era estranho ver entre tantas fisionomias tristes e cansadas alguém cheio de energia e decisão. Vê-lo era para mim como encontrar uma fogueira em meio a uma nevasca. Foi um prazer descobrir que era meu vizinho e fiquei mais satisfeito ao ouvir, na calada da noite, alguém murmurar ao meu ouvido e descobrir que ele conseguira abrir um orifício na madeira que nos separava.

— Olá, amigo! Como se chama e por que está aqui?

Respondi e também perguntei com quem estava falando.

— Sou Jack Prendergast, e prometo que aprenderá a abençoar meu nome antes que cada um vá para o seu lado!

Lembrei-me de ter ouvido falar no caso dele, que havia abalado o país algum tempo antes da minha prisão. Era um homem de boa família e grande talento, mas de hábitos incuravelmente corruptos e que havia obtido, graças a um engenhoso sistema de fraudes, imensas quantias de dinheiro dos comerciantes de Londres.

— Ah! Lembra-se do meu caso? — perguntou, orgulhoso.

— Lembro-me muito bem.

— Então, talvez se lembre de que ele tinha algo de estranho.

— Estranho, como?

— Eu tinha quase um quarto de milhão, não é exato?

— Foi o que disseram.

— Mas o dinheiro não foi recuperado, não é?

— Não.

— Onde acha que ele está?

— Não tenho a menor ideia.

— Está aqui mesmo, entre o meu polegar e o indicador — exclamou. — Tenho mais libras em meu nome do que você cabelos na cabeça. Quem tem algum dinheiro, meu velho, e sabe manejá-lo e distribuí-lo, é capaz de fazer qualquer coisa! Acha provável que um homem capaz de tudo gaste as calças sentado nesta embarcação fedorenta e infestada de ratos e insetos, este velho caixão bolorento que comerciava nas costas da China? Não, senhor! Esse homem cuidaria de si próprio e dos seus amigos, pode apostar! Você poderia se agarrar a ele e jurar pelo livro sagrado que o sujeito iria libertá-lo.

Era nesse estilo que ele costumava falar e a princípio achei que eram palavras ocas; mas depois que ele me testou e me fez prestar um juramento com toda a solenidade, revelou-me que havia um plano para assumir o controle do navio. Uma dúzia de prisioneiros havia elaborado esse plano antes de embarcar. Prendergast era o líder, e seu dinheiro, a força propulsora.

— Eu tenho um sócio, um sujeito excelente, de toda confiança. Ele ganha uma percentagem. E onde acha que está neste momento? É o capelão do navio! O capelão, nada menos! Subiu a bordo de casaco preto, documentos em ordem e dinheiro suficiente para adquirir todo o brigue, dos porões à gávea. A tripulação é dele, de corpo e alma. Podia comprá-la por atacado, com desconto à vista, e o fez antes mesmo de serem contratados. Dois dos carcereiros e o segundo oficial estão no papo, e ele conseguiria comprar o próprio comandante se achasse que valia a pena.

— O que faremos, então?

— O que é que você acha? Deixaremos os casacos de alguns desses marinheiros mais vermelhos do que quando saíram das mãos do alfaiate.

— Mas estão armados! — objetei.

— Nós também estaremos, rapaz. Há um monte de pistolas para cada filho da mãe, e se não conseguirmos dominar este navio, apoiados por toda a tripulação, deveríamos ser mandados para um internato de moças. Fale esta noite com o seu companheiro da esquerda e veja se ele é de confiança.

Foi o que fiz, descobri que meu outro vizinho era um rapaz em situação semelhante à minha. Seu crime fora falsificação de assinatura. Chamava-se Evans, mas depois também trocou de nome como eu, e agora é um homem abastado, que vive no sul da Inglaterra. Estava disposto a participar da conspiração como único meio de nos salvarmos, e, antes de atravessarmos a baía, só dois prisioneiros não estavam a par do segredo. Um deles era débil mental e não ousamos confiar nele, o outro sofria de icterícia e não podia nos ajudar em nada.

Desde o início não havia nada que nos impedisse de assumir o controle do navio. A tripulação era um bando de malfeitores

escolhidos especialmente para a tarefa. O falso capelão entrava em nossas celas para nos confortar carregando uma valise preta que supostamente estava cheia de livros; e aparecia com tanta frequência que no terceiro dia cada um de nós escondia no beliche uma lima, um par de pistolas, meio quilo de pólvora e vinte balas. Dois dos guardas eram agentes de Prendergast e o segundo oficial era o seu braço direito. O comandante, dois oficiais, dois guardas, o tenente Martin, 18 soldados e o médico eram as únicas pessoas que tínhamos contra nós. Embora a situação fosse segura, decidimos não descuidar de nenhuma precaução e deflagrar o ataque de repente, no meio da noite. Mas ele ocorreu mais depressa do que esperávamos.

Uma noite, na terceira semana de viagem, o médico desceu para ver um dos prisioneiros que estava doente e, ao apoiar a mão no beliche, sentiu o contorno de uma pistola. Se tivesse ficado calado, ele poderia ter estragado tudo, mas era um homenzinho nervoso, de modo que deu um grito de surpresa e ficou tão pálido que o homem percebeu o que se passava e o agarrou imediatamente. Foi amordaçado antes que pudesse dar o alarme e amarrado no beliche. Ele havia destrancado a porta que dava para o convés e nós passamos por ela correndo. As duas sentinelas foram abatidas a tiros, assim como um cabo que apareceu para saber o que estava acontecendo. Havia dois outros soldados à porta do salão e aparentemente seus mosquetes não estavam carregados, porque não atiraram contra nós e foram abatidos quando tentavam atacar-nos com as baionetas. Então corremos para o camarote do comandante, mas, quando abrimos a porta, houve uma explosão lá dentro. Demos com ele caído sobre um mapa do Atlântico pregado na mesa e o capelão ao lado, empunhando uma pistola fumegante. Os dois oficiais já haviam sido imobilizados pela tripulação e o caso parecia encerrado.

O salão ficava ao lado da cabine e ali nos reunimos, instalando-nos nas poltronas, falando todos ao mesmo tempo, enlouquecidos pela sensação de estarmos novamente em liberdade. Havia armários em todas as paredes e Wilson, o falso capelão, arrombou um deles e tirou dali uma dúzia de garrafas de xerez. Quebramos os gargalos e despejamos a bebida em canecas. Estávamos bebendo quando, de repente, sem qualquer aviso, disparos de mosquetes soaram nos

nossos ouvidos, e o salão ficou tão cheio de fumaça que não conseguíamos ver nada do outro lado da mesa. Quando a fumaça se dissipou, o lugar estava em ruínas. Wilson e oito dos nossos contorciam-se no chão, uns sobre os outros, e o sangue misturado ao xerez sobre a mesa me provocam náuseas até hoje, só de pensar. Ficamos tão amedrontados diante da cena que teríamos desistido de tudo se não fosse Prendergast. Berrando como um touro, correu para a porta com todos os que ainda estavam vivos. Na popa encontramos o tenente e dez dos seus homens. As claraboias que iluminavam o salão estavam meio abertas e pela fresta eles haviam atirado contra nós. Foram dominados antes de poderem recarregar as armas e resistiram como homens. Levamos a melhor, e em cinco minutos o caso estava encerrado. Meu Deus! Terá havido algum dia pior abatedouro do que aquele navio? Prendergast parecia um touro enfurecido. Agarrava os soldados como se fossem crianças e os atirava ao mar, vivos ou mortos. Havia um sargento horrivelmente ferido que continuou a nadar durante tempo espantoso, até que alguém, misericordiosamente, estourou-lhe os miolos. Quando a luta terminou, não restava um só dos nossos inimigos, exceto os guardas, os oficiais e o médico.

Foi por causa deles que surgiu a grande discussão. Muitos de nós estávamos satisfeitos em recuperar a liberdade, mas não queríamos ter na consciência o peso de assassínios. Uma coisa era abater soldados armados de mosquetes e outra vê-los assassinados a sangue-frio. Eu e mais sete — cinco prisioneiros e três marinheiros — afirmamos que não queríamos saber disso. Mas foi impossível demover Prendergast e os que o apoiaram. Nossa única possibilidade de segurança residia em levar a tarefa até o fim, disse ele. Não queria deixar ninguém capaz de dar com a língua nos dentes no banco das testemunhas. Quase tivemos o mesmo destino dos prisioneiros, mas ele acabou dizendo que, se quiséssemos, poderíamos pegar um dos escaleres e ir embora. Ficamos satisfeitos com a proposta, porque estávamos fartos da carnificina e percebemos que iriam acontecer coisas piores antes que o caso chegasse ao fim. Deram-nos roupas de marinheiro, um barril de água, dois tonéis — um de carne-seca e outro de biscoitos — e uma bússola. Prendergast nos mostrou um mapa, disse que éramos

marinheiros salvos de um naufrágio ocorrido a 15° de latitude norte e 25° de longitude oeste. Cortou a amarra e nos deixou partir.

Chegamos agora à parte mais surpreendente da minha história, querido filho. Os marinheiros haviam puxado a bandeira da verga do mastro dianteiro durante o motim, mas, quando nos afastamos, eles a recolocaram no lugar. E, como soprava uma brisa do nordeste, a embarcação começou a se afastar lentamente de nós. O nosso escaler subia e descia nas ondas longas e suaves. Evans e eu, que éramos os mais instruídos do grupo, instalamo-nos na escota, calculando a posição e planejando o rumo que deveríamos seguir. Era uma questão difícil, porque Cabo Verde ficava quinhentas milhas ao norte e a costa da África, cerca de setecentas milhas a leste. No fim das contas, como o vento soprava do norte, achamos que Serra Leoa seria a melhor opção e rumamos naquela direção. O brigue, àquela altura, havia quase desaparecido a estibordo. De repente, enquanto o observávamos, avistamos uma densa fumaça negra saindo do seu interior e projetando-se, como uma árvore monstruosa, no horizonte. Segundos depois ouvimos um estrondo parecido com um trovão, e quando a fumaça se dissipou, não havia mais vestígio do Gloria Scott. *Manobramos imediatamente o escaler e remamos com todas as forças para o local onde a névoa, que ainda pairava sobre a água, marcava o cenário da catástrofe.*

Levamos uma longa hora para alcançá-lo, e a princípio achamos que tínhamos chegado tarde demais para encontrar sobreviventes. Um escaler destroçado, vários engradados e fragmentos de verga ondulando nas águas revelavam que o brigue havia naufragado; mas não vimos sinais de vida e já nos afastávamos horrorizados quando ouvimos um grito de socorro e avistamos a distância um pedaço de madeira com um homem estirado em cima. Quando o arrastamos para bordo, verificamos que era um jovem marinheiro chamado Hudson, tão queimado e exausto que só na manhã seguinte foi capaz de contar o que havia acontecido.

Ao que parece, depois que nos afastamos, Prendergast e sua gangue decidiram executar os cinco prisioneiros restantes; os dois guardas já haviam sido liquidados e atirados ao mar, assim como o terceiro oficial. Prendergast desceu então aos porões e, com as próprias mãos,

cortou a garganta do infeliz médico. Restava apenas o primeiro oficial, um sujeito ousado e ativo. Ao ver Prendergast aproximar-se empunhando a faca ensanguentada, livrou-se das cordas que o prendiam e que ele conseguira afrouxar, desceu correndo o tombadilho e mergulhou no porão do navio.

Doze condenados que desceram com suas pistolas à procura dele encontraram-no com uma caixa de fósforos em punho, sentado num barril de pólvora aberto — um dos cem que o navio transportava — e jurando que mandaria tudo pelos ares se alguém se aproximasse. Um instante depois ocorreu a explosão, embora, na opinião de Hudson, fosse causada pelo disparo de um dos condenados e não pelo fósforo. Qualquer que fosse a causa, era o fim do Gloria Scott *e dos miseráveis que o dominavam.*

É esta, em poucas palavras, meu querido filho, a história terrível em que estive envolvido. No dia seguinte fomos recolhidos pelo Hotspur*, que viajava para a Austrália e cujo comandante acreditou que éramos os sobreviventes de um navio de passageiros naufragado. O navio de transporte* Gloria Scott *foi dado como perdido no mar pelo Almirantado e nunca se soube coisa alguma a respeito do seu verdadeiro destino. Após uma viagem excelente, o* Hotspur *nos deixou em Sydney, onde Evans e eu trocamos de nome e rumamos para as minas, e não foi difícil nos livrarmos da antiga identidade em meio à multidão de homens de todas as nações.*

Não preciso contar o resto. Prosperamos, viajamos, voltamos à Inglaterra como colonos ricos e adquirimos propriedades no campo. Durante mais de vinte anos vivemos uma existência tranquila e útil, esperando que o passado estivesse enterrado para sempre. Imagine o que senti quando, no marinheiro que nos procurou, reconheci imediatamente o homem que havíamos recolhido do naufrágio! Ele havia, não sei como, descoberto a nossa pista e decidido lucrar com os nossos temores. Você compreenderá agora por que procurei não brigar com ele e entenderá, até certo ponto, o medo que me dominou quando ele saiu daqui em busca de outra vítima a quem ameaçava delatar.

“No pé da página estava escrito numa letra tão trêmula que mal se podia ler:

> *Beddoes escreveu em código dizendo que H. contou tudo. Deus, tenha piedade de nós!*

“Foi esta a narrativa que li naquela noite para o jovem Trevor, e acho, Watson, que, naquelas circunstâncias, foi muito dramática. O rapaz, desolado, resolveu ir para Terai plantar chá, e ouvi dizer que prosperou lá. Quanto ao marinheiro e a Beddoes, nunca mais ouvi falar neles após o dia em que li a carta. Os dois desapareceram completamente. Não foi apresentada queixa à polícia, de modo que Beddoes deve ter confundido uma ameaça com um fato. Hudson foi visto rondando pelas imediações e a polícia acreditou que ele havia liquidado Beddoes e depois fugido. Mas eu acredito que ocorreu exatamente o oposto. O mais provável é que Beddoes, levado ao desespero e julgando-se traído, vingou-se de Hudson e fugiu do país, levando todo o dinheiro em que conseguiu pôr as mãos. São estes os fatos do caso, doutor, e se forem úteis à sua coletânea, estão inteiramente a seu dispor.”

O RITUAL MUSGRAVE

UMA ANOMALIA QUE ME IMPRESSIONAVA COM FREQUÊNCIA NO caráter de meu amigo Sherlock Holmes era que, embora nos seus sistemas de raciocínio ele fosse o homem mais cuidadoso e sistemático do mundo, e apesar de mostrar um discreto requinte na maneira de se vestir, seus hábitos pessoais eram dos mais excêntricos e capazes de levar à loucura um companheiro de quarto. Não que eu seja muito convencional neste aspecto. O trabalho irregular no Afeganistão, além de uma natural tendência à boêmia, fez com que eu ficasse mais negligente do que convém a um médico. Mas eu tenho um limite. Quando encontro alguém que guarda os charutos no balde do carvão, o tabaco enfiado num chinelo persa e a correspondência ainda não respondida presa com um punhal no meio do consolo da lareira, começo a considerar-me um verdadeiro santo. Sempre afirmei também que o tiro ao alvo deve ser praticado ao ar livre, e quando Holmes, num dos seus estranhos humores, resolve instalar-se numa poltrona e adornar a parede fronteira com um patriótico V.R. feito à bala, sinto que nem a atmosfera nem a aparência de nossa sala ganharão com isso.

Nossos aposentos estavam sempre tão cheios de produtos químicos e relíquias criminais, que acabavam ocupando os lugares mais absurdos, como a manteigueira, ou até locais menos desejáveis. Mas os seus papéis eram o meu grande problema. Holmes tinha horror a destruir documentos, principalmente os relacionados com casos passados, e apenas uma vez por ano, ou a cada dois anos, conseguia coragem para juntá-los e arrumá-los, porque, como mencionei em algum ponto destas memórias incoerentes, os surtos de energia apaixonada, quando ele realizava façanhas extraordinárias

associadas ao seu nome, eram seguidos de reações letárgicas. Então ficava deitado, segurando o violino ou seus livros, e mal se movia, a não ser para se transferir do sofá para a mesa. E assim, mês após mês, os papéis se acumulavam, até que todos os cantos da sala ficavam cobertos de manuscritos, que não deviam ser queimados de modo algum, e só podiam ser guardados por ele mesmo.

Numa noite de inverno, quando estávamos sentados diante da lareira e ele acabara de colar recortes no seu álbum de ocorrências policiais, arrisquei-me a sugerir que ele poderia ocupar as duas horas seguintes tornando a nossa sala um pouco mais habitável. Ele não pôde negar a justiça do pedido e, com expressão melancólica, dirigiu-se para o quarto, de onde voltou instantes depois com um grande baú de metal. Ele o colocou no meio da sala, sentou-se num banquinho diante dele e abriu a tampa. Vi que o baú já estava quase cheio de pilhas de documentos atados com fita vermelha e separados em pacotes.

— Há muitos casos guardados aqui, Watson — disse, lançando-me um olhar malicioso. — Acho que se você soubesse tudo o que este baú contém, seria capaz de me pedir que tirasse alguns daqui, em vez de guardar outros documentos.

— Então são registros dos seus primeiros casos? Muitas vezes desejei ter anotações desses casos.

— Sim, meu rapaz. Tudo isso foi feito prematuramente, antes que meu biógrafo surgisse para me cobrir de glória. — Ele ergueu um pacote após outro, num gesto carinhoso: — Nem todos são sucessos, Watson. Mas entre eles há probleminhas interessantes. Aqui estão as anotações referentes aos crimes de Tarleton e o caso de Vamberry, o negociante de vinhos; a aventura da senhora russa e o caso singular da muleta de alumínio; assim como o depoimento completo de Ricoletti, o perna de pau, e sua mulher abominável. E aqui... Ah! Este é realmente algo especial.

Mergulhou o braço até o fundo do baú e retirou uma caixinha de madeira com tampa deslizante, do tipo que serve para guardar brinquedos de criança. Tirou de dentro um papel amassado, uma chave de bronze de feitio antigo, um gancho de madeira ao qual estava presa uma bola de barbante e três discos de metal enferrujados.

— Então, meu caro, o que acha disto? — perguntou, sorrindo ao ver a minha expressão.

— É uma coleção estranha.

— Muito estranha. E a história que a envolve é mais estranha ainda.

— Estas relíquias têm uma história?

— Elas é que são a história.

— O que quer dizer com isso?

Sherlock Holmes recolheu os objetos um a um e colocou-os em fila na borda da mesa. Depois tornou a sentar-se e ficou observando-os com um brilho de satisfação no olhar.

— Isto é tudo o que me restou do episódio do Ritual Musgrave.

Eu o ouvira falar do caso mais de uma vez, embora nunca tivesse conhecimento dos detalhes.

— Gostaria muito que você me contasse a história.

— E deixasse essa confusão como está? — perguntou, com um sorriso malicioso. — Seu espírito de ordem não suporta muita pressão, Watson. Mas gostaria que você acrescentasse este caso aos seus anais, porque há pontos que o tornam absolutamente singular nos registros criminais deste país ou mesmo, eu acredito, de qualquer outro. Uma coletânea das minhas pequenas realizações seria incompleta se não incluísse uma narrativa deste caso singular.

"Você deve se lembrar de que a história do *Gloria Scott* e a minha conversa com o infeliz homem cujo destino eu lhe contei implicaram-me no rumo que se tornou a minha profissão. Hoje em dia meu nome é conhecido em toda parte e em geral sou reconhecido pelo público e pela polícia como a Suprema Corte de Apelação em casos duvidosos. Mesmo quando você me conheceu, na época do caso que batizou de *Um estudo em vermelho*, eu já havia adquirido uma reputação considerável, embora não muito lucrativa. Portanto, será difícil para você compreender como foi duro a princípio e quanto tempo esperei para fazer sucesso na carreira.

"Ao me mudar para Londres, instalei-me na Montague Street, pertinho do Museu Britânico, e ali esperava, preenchendo as minhas muitas horas vagas, com o estudo de todos os ramos da ciência que poderiam tornar-me mais eficiente. De vez em quando surgia algum caso, principalmente por intermédio de antigos colegas, porque durante os meus últimos anos na universidade já se falava bastante a meu respeito e a respeito dos meus métodos. O terceiro desses casos foi o Ritual Musgrave e é ao interesse despertado por esse encadeamento singular de ocorrências e às grandes

questões que estavam em jogo que atribuo o meu primeiro grande passo em direção à posição que tenho agora.

“Reginald Musgrave estudava na mesma faculdade, e eu o conhecia ligeiramente. Não era muito popular entre os alunos, embora eu sempre tivesse a impressão de que seu suposto orgulho era, na verdade, uma tentativa de ocultar uma excessiva timidez natural. Tinha aparência aristocrática, era magro, de nariz fino e olhos grandes, um jeito lânguido mas cortês. E era herdeiro de uma das famílias mais antigas do reino, embora pertencesse a um dos ramos mais novos, que se separara dos Musgraves do norte em algum momento do século XVI, estabelecendo-se no oeste, em Sussex, onde a mansão de Hurlstone talvez seja a mais antiga construção habitada existente no condado. Alguma coisa da sua terra natal parecia aderir ao homem e nunca olhei para o seu rosto pálido e atento, ou para a posição da cabeça, sem associá-lo a arcadas cinzentas, janelas de pinázio e a toda a venerável ruína de uma moradia feudal. Conversamos uma ou duas vezes e lembro-me de que ele manifestou profundo interesse pelos meus métodos de observação e dedução.

“Passei quatro anos sem vê-lo, até que certa manhã ele apareceu no meu quarto, na Montague Street. Pouco mudara. Vestia-se como um rapaz da moda — sempre fora um *dandy* —, e conservava as maneiras discretas e suaves que o distinguiam no passado.

“‘Como vai a vida, Musgrave?’, perguntei, depois de um cordial aperto de mãos.

“‘Deve ter sabido da morte de meu pai’, disse ele. ‘Faleceu há dois anos. Desde então, é claro, precisei administrar a propriedade de Hurlstone. E como sou representante do distrito, tenho andado muito ocupado. Mas soube, Holmes, que você passou a aplicar a fins práticos aqueles talentos que costumavam nos surpreender.’

“‘Sim, vivo à custa das minhas faculdades mentais.’

“‘Estou encantado em saber disso, porque o seu conselho seria extremamente valioso para mim no momento. Ocorreram algumas coisas muito estranhas em Hurlstone e a polícia não conseguiu esclarecer a questão, que é de fato extraordinária e inexplicável.’

“Você pode imaginar com que interesse eu o escutei, Watson. A oportunidade que vinha esperando durante meses de inatividade parecia estar ao meu alcance. No fundo do coração eu acreditava ser capaz de

vencer onde outros haviam fracassado. E ali estava a oportunidade para testar-me.

"'Conte com detalhes', pedi.

"Reginald Musgrave sentou-se à minha frente e acendeu o cigarro que lhe ofereci.

"'Deve saber que, embora eu seja solteiro, preciso manter uma grande criadagem em Hurlstone, uma casa ampla e antiga, exigindo muito trabalho de manutenção. Tenho também uma reserva de caça e nos meses do faisão reúno um grupo de convidados, de modo que não posso ficar sem ajudantes. Ao todo são oito criadas, a cozinheira, o mordomo, dois criados e um lacaio. Os jardins e as cavalariças têm o seu *staff* separado, é claro.

"'Desses criados, o que está há mais tempo a nosso serviço é Brunton, o mordomo. Ele era um jovem professor desempregado quando meu pai o contratou, mas, como homem de grande energia e caráter, em pouco tempo tornou-se indispensável à família. Um rapaz bonito, bem-proporcionado. Embora esteja conosco há vinte anos, não teria agora mais de quarenta. Com suas vantagens pessoais e talentos extraordinários, porque fala várias línguas e toca quase todos os instrumentos musicais, é espantoso que se tenha contentado por tanto tempo com esse emprego. Mas creio que achava a vida confortável e não tinha energia para modificá-la. O mordomo de Hurlstone é sempre lembrado por todos os que nos visitam.

"'Mas esse homem ideal tem um defeito. É um Don Juan e, como pode imaginar, para alguém como ele não é difícil representar o papel numa tranquila região campestre.

"'Enquanto esteve casado, tudo correu bem, mas depois que enviuvou tivemos uma série de aborrecimentos. Alguns meses atrás tínhamos esperança de que ele assentasse novamente a cabeça, porque ficou noivo de Rachel Howells, uma das criadas da casa, mas desistiu dela e passou a interessar-se por Janet Tregellis, filha do chefe dos guarda-caças. Rachel, que é uma boa moça, mas com um arrebatado temperamento galês, teve uma febre que lhe afetou ligeiramente o cérebro e passou a vagar pela casa — ou pelo menos vagava até ontem — como uma sombra de si mesma. Foi o nosso primeiro drama em Hurlstone. Mas outro drama veio afastar este de nossa mente, e foi precedido pela desonra e demissão do mordomo Brunton.

"'O caso aconteceu assim. Eu disse que o homem é inteligente, e foi essa inteligência que o levou à ruína, porque estimulou nele uma curiosidade

insaciável a respeito de coisas que não eram absolutamente da sua conta. Eu não imaginava a que ponto essa curiosidade o levaria, até que um simples acidente chamou minha atenção.

“‘Disse que a casa é ampla. Numa noite da semana passada — na quinta-feira, para ser mais exato —, não consegui dormir depois de ter tomado uma xícara de café forte após o jantar. Lutei contra a insônia até as duas horas, quando desisti, me levantei e acendi uma vela com a intenção de continuar a leitura de um romance. Mas eu deixara o livro na sala de bilhar, de modo que vesti um roupão e saí do quarto para ir buscá-lo.

“‘Para chegar à sala de bilhar eu precisava descer um lanço de escada e atravessar o patamar que dava para a biblioteca e a sala de armas. Pode imaginar a minha surpresa quando olhei para o corredor e vi um reflexo de luz saindo da porta aberta da biblioteca, porque eu mesmo havia apagado a lâmpada e fechado a porta antes de me deitar. Naturalmente, no primeiro momento pensei que eram ladrões. As paredes dos corredores de Hurlstone são decoradas com troféus e armas antigas. Peguei um machado de guerra e, deixando a vela para trás, segui silenciosamente pelo corredor e olhei pela porta aberta.

“‘Brunton, o mordomo, estava na biblioteca, sentado numa poltrona, inteiramente vestido, segurando um papel que parecia um mapa estendido sobre os joelhos. Estava com a cabeça apoiada na mão, pensando. Fiquei imóvel, muito espantado, observando-o do corredor escuro. Uma vela pousada na borda da mesa lançava uma luz fraca, mas suficiente para mostrar que ele estava inteiramente vestido. De repente, levantou-se, aproximou-se de uma escrivaninha, destrancou-a e abriu uma das gavetas. Dali retirou um papel e voltou a sentar-se na poltrona. Colocou-o ao lado da vela na borda da mesa e começou a lê-lo com a maior atenção. Indignado diante da tranquilidade com que ele examinava os documentos de nossa família, adiantei-me um passo. Brunton, erguendo a cabeça, viu-me à porta. Levantou-se de um salto, pálido de susto, e enfiou no colete o papel semelhante a um mapa e que estivera lendo: “Então é assim que retribui a confiança que depositamos em você! Está dispensado a partir de amanhã.”

“‘Inclinou-se com o aspecto de um homem totalmente arrasado e saiu sem uma palavra. A vela continuava na mesa e pude dar uma olhada no papel que Brunton havia tirado da gaveta. Para minha surpresa, não era nada de importante. Apenas uma cópia das perguntas e respostas da antiga e

singular prática chamada Ritual Musgrave. É uma espécie de cerimônia específica da nossa família, pela qual cada Musgrave passa há séculos, ao atingir a maioridade. Uma coisa de interesse particular e talvez de alguma importância para um arqueólogo, como nossos brasões e divisas, mas sem nenhuma utilidade prática.'

"'É melhor voltarmos mais tarde ao documento', observei.

"'Se achar realmente necessário...', ele respondeu com certa hesitação. 'Continuando a minha narrativa, tornei a trancar a gaveta, usando a chave que Brunton havia deixado. Virei-me para sair e fiquei surpreso ao ver que o mordomo tinha voltado e estava diante de mim. "Sr. Musgrave, não posso suportar a desonra", disse numa voz rouca de emoção. "Sempre me orgulhei de estar acima de minha posição e a desonra iria me matar. Meu sangue cairia sobre sua cabeça, senhor — isto é exato — se me levar ao desespero. Se não pode me manter aqui depois do que se passou, pelo amor de Deus, permita que eu peça demissão e saia dentro de um mês, como se fosse por livre e espontânea vontade. Isto eu suportaria, sr. Musgrave, mas não ser expulso diante de todas as pessoas que conheço tão bem." "Não merece muita consideração, Brunton", respondi. "Sua conduta é infame. Mas, como está há muito tempo na família, não quero desonrá-lo publicamente. Mas um mês é demais. Saia dentro de uma semana e apresente o motivo que quiser." "Só uma semana, senhor?", exclamou, desesperado. "Quinze dias. Quinze dias pelo menos!" "Uma semana!", repeti. "E considere-se tratado com muita clemência."

"'Ele saiu cabisbaixo, um homem arrasado, enquanto eu apagava a vela e voltava para o meu quarto.

"'Nos dois dias seguintes Brunton dedicou-se o máximo possível aos seus deveres. Não aludi ao que se passara e aguardei com curiosidade o motivo que ele apresentaria para disfarçar a sua humilhação. Na terceira manhã ele não apareceu, como de costume, para receber as minhas instruções do dia, após o café da manhã. Ao sair da sala, encontrei por acaso Rachel Howells, a criada. Já contei que ela estava se recuperando de uma doença recente e pareceu-me tão pálida e abatida que a censurei por estar trabalhando. "Devia estar na cama. Volte às suas obrigações quando estiver melhor."

"'Ela olhou-me com uma expressão tão estranha que comecei a desconfiar de que a febre lhe afetara mesmo o cérebro. "Já estou bastante

forte, sr. Musgrave”, respondeu. “Veremos o que diz o médico. Pare de trabalhar agora e, quando descer, avise a Brunton que quero falar com ele.” “O mordomo desapareceu.” “Desapareceu! Como?” “Desapareceu. Ninguém o viu. Não está no quarto. É, foi embora, foi embora!”

“‘E encostou-se na parede gritando e rindo ao mesmo tempo, enquanto eu, horrorizado diante daquele súbito ataque histérico, toquei a campainha para pedir ajuda. A moça foi levada para o quarto ainda gritando e soluçando, enquanto eu perguntava a respeito de Brunton. Não havia dúvida de que tinha desaparecido. Sua cama não fora desfeita; ninguém o vira depois que ele fora para o quarto na noite anterior; ainda assim era difícil descobrir como havia saído de casa, já que as janelas e as portas estavam trancadas pela manhã. Suas roupas, o relógio e até seu dinheiro estavam no quarto, mas o terno preto que costumava vestir havia desaparecido, assim como os chinelos. As botas, porém, continuavam ali. Para onde teria ido o mordomo Brunton no meio da noite e onde estaria naquele momento?

“‘Claro que revistamos a casa do sótão às adegas, mas não encontramos sinal dele. Como disse, a velha casa é um labirinto, principalmente na ala original, agora praticamente desabitada, mas revistamos todas as peças e o sótão sem descobrir o menor sinal do desaparecido. Era inacreditável que ele tivesse ido embora sem levar os seus pertences. Mas onde ele estaria? Chamei a polícia local, mas sem resultado. Chovera na noite anterior, e examinamos os gramados e alamedas em torno da casa, mas inutilmente. As coisas estavam nesse pé quando uma nova ocorrência desviou nossa atenção do mistério inicial.

“‘Rachel Howells esteve tão mal durante dois dias, ora delirando, ora histérica, que foi preciso contratar uma enfermeira para cuidar dela noite e dia. Na terceira noite após o desaparecimento de Brunton, a enfermeira, vendo que a doente dormia tranquila, cochilou numa poltrona. Ao despertar de manhã cedo, encontrou a cama vazia, a janela aberta e nenhum sinal de Rachel. Não foi difícil descobrir que direção ela havia tomado, pois a partir da janela seguimos as pegadas nítidas no gramado até a margem do lago, onde desapareciam junto a uma trilha de cascalho que vai até os limites da propriedade. O lago ali tem 2,5 metros de profundidade e você pode imaginar o que sentimos ao ver as pegadas da pobre moça enlouquecida chegarem até a margem.

“‘Mandamos dragar as águas imediatamente, decididos a recuperar o corpo, mas não encontramos nenhum vestígio. Por outro lado, veio à tona um objeto dos mais inesperados: uma mala de pano, contendo um amontoado de metal enferrujado e manchado e vários pedaços de rocha ou vidro opaco. Esse achado estranho foi a única coisa que retiramos do lago e, embora fizéssemos ontem todas as buscas e indagações possíveis, continuamos ignorando o paradeiro de Rachel Howells e Richard Brunton. A polícia do condado não sabe o que fazer e vim procurá-lo como último recurso.’

“Você pode imaginar, Watson, com que atenção escutei esta extraordinária sequência de acontecimentos, tentando uni-los e descobrir um elo entre eles. O mordomo havia desaparecido. A empregada idem. A empregada amava o mordomo, mas depois teve motivos para odiá-lo. Tinha sangue galês, era ardente e apaixonada. Estava profundamente abalada após o desaparecimento do mordomo e havia atirado no lago uma mala contendo objetos estranhos. Todos esses fatores precisavam ser levados em consideração, mas nenhum conduzia ao âmago da questão. Qual o ponto de partida daquela cadeia de acontecimentos? Víamos apenas o fim de uma linha emaranhada.

“‘Preciso ver aquele papel, Musgrave. O papel que o seu mordomo achou que valia a pena examinar mesmo arriscando-se a perder o emprego.’

“‘É um tanto absurdo esse nosso Ritual, mas tem pelo menos o encanto da antiguidade como justificativa. Tenho uma cópia das perguntas e respostas, se quiser dar uma olhada nela.’

“Entregou-me este documento que está aqui, Watson. É o estranho catecismo a que cada Musgrave se submete ao atingir a maioridade. Vou ler as perguntas e respostas:

— *De quem é isto?*

— *Daquele que se foi.*

— *Quem o terá?*

— *Aquele que virá.*

— *Qual foi o mês?*

— *O sexto a partir do primeiro.*

— *Onde estava o sol?*

— *Sobre o carvalho.*

— *Onde estava a sombra?*

— Debaixo do olmo.

— A quantos passos?

— Norte por dez e dez, leste por cinco e cinco, sul por dois e dois, oeste por um e um, e assim debaixo.

— O que daremos em troca?

— Tudo o que é nosso.

— Por que o daremos?

— Por razões de confiança.

"'O original não tem data, mas a grafia é de meados do século XVII', observou Musgrave. 'Mas temo que não ajude muito na solução do mistério.'

"'Pelo menos nos proporciona outro mistério ainda mais interessante que o primeiro. É possível que a solução de um seja a solução do outro. Perdoe, Musgrave, se digo que seu mordomo parece ter sido um homem muito esperto, com uma percepção mais aguçada do que dez gerações de fidalgos.'

"'Não entendo. O documento não me parece ter qualquer importância prática.'

"'Pois a mim parece extremamente prático e imagino que Brunton tenha pensado da mesma maneira. É provável que o tenha visto bem antes da noite em que foi surpreendido.'

"'É bem possível. Nunca tomamos qualquer precaução para escondê-lo.'

"'Ele queria simplesmente reavivar a memória naquela última vez. Como você disse, ele tinha uma espécie de mapa e o estava comparando com o manuscrito. Enfiou-o no bolso quando você apareceu?'

"'É. Mas o que ele teria a ver com esse velho costume da nossa família, e o que significa toda esta confusão?'

"'Creio que não será muito difícil descobrir', respondi. 'Com a sua permissão, tomaremos o primeiro trem que segue para Sussex e examinaremos mais profundamente a questão no próprio local.'

"Naquela mesma tarde estávamos em Hurlstone. É possível que você tenha visto fotos ou tenha lido descrições da famosa construção antiga, de modo que me limitarei a dizer que a residência é em forma de L, sendo o braço longo a parte mais moderna, e o curto, o núcleo antigo a partir do qual o outro se desenvolveu. Sobre a porta baixa e pesada, no centro da parte antiga, está gravada a data de 1607, mas especialistas afirmam que as

traves e o trabalho de cantaria são bem mais antigos. As paredes de largura extraordinária e as minúsculas janelas daquela ala levaram a família, no último século, a construir uma ala nova, passando a antiga a ser usada como depósito e adega, quando era usada. Um esplêndido parque, cheio de belas árvores antigas, rodeia a casa, e o lago a que meu cliente se referiu fica perto da alameda, a cerca de duzentos metros da construção.

"Eu já estava convencido, Watson, de que não havia três mistérios independentes no caso, mas só um, e que se conseguisse interpretar corretamente o Ritual Musgrave, teria na minha mão a pista que me levaria à verdade referente tanto ao mordomo Brunton como à criada Howells. Concentrei todas as minhas energias nessa direção. Por que o mordomo estaria tão ansioso para dominar aquele antigo ritual? Evidentemente porque via nele algo que escapara a todas aquelas gerações de aristocratas, e do qual esperava tirar alguma vantagem pessoal. O que seria e como afetaria o seu destino?

"Ficou óbvio para mim, ao ler o Ritual, que as medidas deviam referir-se a algum local mencionado no resto do documento, e que se pudéssemos encontrá-lo, estaríamos numa boa pista para descobrir o segredo que os antigos Musgraves haviam julgado necessário embalsamar de maneira tão curiosa. Havia dois pontos de partida, um carvalho e um olmo. Quanto ao carvalho, não podia haver dúvidas. Bem na frente da casa, do lado esquerdo da alameda, havia um patriarca entre todos os carvalhos, uma das árvores mais magníficas que já vi.

"'Ele já existia quando o seu Ritual foi redigido?', perguntei, quando passamos pelo carvalho.

"'Provavelmente já estava aí na época da conquista normanda. Tem sete metros de circunferência.'

"Um dos pontos que eu determinara estava garantido.

"'Existem velhos olmos por aqui?', perguntei.

"'Havia um muito antigo lá adiante, mas foi atingido por um raio há dez anos e cortamos o que restou do tronco.'

"'É possível ver o local onde ele ficava?'

"'Certamente.'

"'Não há outros olmos?'

"'Antigos, não. Mas temos uma porção de faias.'

"'Gostaria de ver o lugar onde ficava o olmo.'

“Tínhamos vindo de charrete e meu cliente levou-me até o local antes mesmo de entrarmos na casa. Havia uma cicatriz no gramado naquele ponto, que ficava quase no meio do caminho entre o carvalho e a residência. Aparentemente minha investigação progredia.

“‘Creio que é impossível saber a altura do olmo...’

“‘Posso dizer agora mesmo, 19,20 metros...’

“‘Como sabe?’, eu perguntei, surpreso.

“‘Quando meu velho preceptor me passava exercícios de trigonometria, eles eram sempre sobre medidas de altura. Em menino calculei todas as árvores e construções da propriedade.’

“Era uma sorte inesperada. Estava obtendo os meus dados mais depressa do que imaginara.

“‘Diga-me, o mordomo algum dia fez esta pergunta a você?’

“Reginald Musgrave olhou-me espantado.

“‘Agora que falou nisso... Brunton perguntou-me a respeito da altura da árvore alguns meses atrás, por causa de uma discussão com um criado.’

“Era uma excelente notícia, Watson, porque indicava que estávamos no caminho certo.

“Observei o sol. Estava baixo no céu e calculei que em menos de uma hora ficaria exatamente sobre os ramos mais altos do velho carvalho. Uma das condições mencionadas no Ritual estaria então preenchida. E a sombra do olmo significaria o seu ponto extremo; caso contrário, o tronco teria sido escolhido como ponto de referência. Então eu precisava descobrir onde cairia o ponto extremo da sombra quando o sol fosse ocultado pelo carvalho.”

— Deve ter sido muito difícil, Holmes, já que o olmo não estava mais lá.

— Bem, se Brunton era capaz de calcular, eu também seria. Além disso, não era realmente uma dificuldade. Fui com Musgrave até o gabinete dele, e eu mesmo talhei este prego de madeira, ao qual atei este barbante com um nó de metro em metro. Depois peguei uma vara de pescar com 1,80 metro e voltei com meu cliente ao ponto onde estivera o olmo. O sol roçava a copa do carvalho. Finquei a vara verticalmente, marquei a direção da sombra e a medi. Tinha 2,70 metros de comprimento. O cálculo era simples, naturalmente. Se uma vara de 1,80 metro lançava uma sombra de 2,70 metros, uma árvore de 19,20 metros projetaria certamente uma sombra de 28,80 metros, e uma sombra estaria, é claro, em linha com a outra. Medi a

distância, que me levou quase até a parede da casa, e marquei o lugar com o prego. Pode imaginar a minha alegria, Watson, quando vi, a cinco centímetros do prego, uma depressão cônica no solo. Eu sabia que era a marca deixada por Brunton quando fez a sua medição. Eu estava, portanto, na pista dele.

"A partir dali prossegui cautelosamente, depois de estabelecer os pontos cardeais com a ajuda da minha bússola portátil. Dez passos com cada pé levaram-me ao longo da parede da casa. Marquei novamente o local com um prego. Em seguida, medi com cuidado cinco passos para leste e dois para o sul, o que me deixou na soleira da velha porta. Dois passos para oeste significavam que eu precisava avançar pelo corredor com piso de pedras, onde estava o ponto indicado pelo Ritual.

"Nunca senti um tal arrepio de decepção como aquele, Watson. Por um instante pensei que tinha errado completamente o cálculo. O sol poente batia em cheio no chão do corredor e eu via que as velhas pedras cinzentas, desgastadas pelo uso e que formavam o piso, estavam firmemente cimentadas e com certeza não eram deslocadas havia muitos anos. Brunton não estivera trabalhando por ali. Bati no piso, mas o som era o mesmo em toda parte, não havia sinal de brechas ou rachaduras. Felizmente Musgrave, que começava a entender o sentido do meu procedimento e estava tão excitado quanto eu, tirou do bolso o manuscrito para verificar os meus cálculos.

"'*Debaixo!*', exclamou. 'Esqueceu o *debaixo*.'

"Eu havia pensado que a palavra queria dizer que deveríamos cavar, mas naquele momento percebi o engano.

"'Então há porões aqui embaixo?', perguntei.

"'Sim, tão antigos quanto a casa. Vamos por esta porta.'

"Descemos por uma escada circular de pedra e meu amigo, riscando um fósforo, acendeu uma grande lanterna que estava sobre um barril a um canto. No mesmo instante tornou-se óbvio que finalmente estávamos no lugar certo e não éramos as únicas pessoas que o visitavam nos últimos tempos.

"Ele havia sido usado para armazenar lenha, mas as achas, que antes deviam estar espalhadas pelo chão, estavam empilhadas dos lados, a fim de deixar um espaço livre no centro. Nesse espaço via-se uma laje grande e

pesada, com uma argola enferrujada no centro, à qual fora amarrado um grosso cachecol de pastor.

"'Por Deus! É o cachecol de Brunton! Eu o vi com ele, sou capaz de jurar. O que é que o patife andou fazendo por aqui?'

"Por sugestão minha foram chamados dois policiais do condado. E então tentei levantar a laje com a ajuda do cachecol. Só consegui movê-lo ligeiramente e precisei do auxílio de um dos policiais para conseguir finalmente afastá-la para o lado. Apareceu um buraco negro embaixo e todos nós olhamos lá para dentro, enquanto Musgrave, ajoelhado, aproximou a lanterna.

"Uma pequena câmara com cerca de dois metros de profundidade e 1,20 metro de largura surgiu diante de nós. De um lado havia uma arca baixa de madeira com adornos de bronze, a tampa aberta e uma estranha chave antiga na fechadura. Estava recoberta de espessa camada de poeira. A umidade e os vermes haviam corroído a madeira, de modo que seu interior se achava revestido de mofo. Vários discos de metal — velhas moedas, aparentemente —, como este aqui, estavam espalhados no fundo da arca, que não tinha mais nada.

"Naquele momento, porém, mal demos atenção à arca, porque nossos olhos foram atraídos pelo que estava ao lado. Era o vulto de um homem, vestido com um terno preto, agachado, testa inclinada sobre a borda da arca e braços estendidos para os lados. A posição fizera afluir todo o sangue estagnado para o rosto e ninguém poderia reconhecer aquela fisionomia alterada, violácea; mas a altura, as roupas, os cabelos, eram suficientes para mostrar ao meu cliente, quando ele puxou o corpo, que era de fato do mordomo desaparecido. Estava morto havia dias, mas não havia ferimentos ou marcas que indicassem de que modo chegara ao seu horrível fim. Depois que o corpo foi carregado para fora da adega, nós continuávamos diante de um problema quase tão grande quanto aquele que tínhamos de início.

"Confesso que até então, Watson, eu estava decepcionado com a investigação. Esperava resolver o assunto quando descobrisse o local indicado no Ritual, mas agora eu estava ali, e, aparentemente, tão distante quanto antes do que a família havia escondido com tão complicadas precauções. É verdade que eu havia descoberto o paradeiro de Brunton, mas precisava descobrir agora o que havia acontecido com ele e que papel fora

desempenhado no caso pela mulher desaparecida. Sentei-me num barril a um canto, e refleti cuidadosamente sobre toda a questão.

“Você conhece meus métodos nesses casos, Watson. Coloquei-me no lugar do homem e, depois de avaliar sua inteligência, tentei imaginar como eu teria agido nas mesmas circunstâncias. A questão foi simplificada pelo fato de a inteligência de Brunton ser de primeira ordem, dispensando qualquer concessão para uma equação pessoal, como dizem os astrônomos. Ele sabia que algo valioso fora escondido e localizara o esconderijo. Havia descoberto que a laje que o cobria era pesada demais para ser erguida por uma só pessoa. O que faria então? Não podia pedir ajuda de fora, ainda que fosse alguém de confiança, sem abrir portas e correr um risco considerável de ser surpreendido. Seria melhor, se possível, conseguir ajuda dentro de casa. Mas a quem poderia pedir? A moça fora apaixonada por ele. Um homem sempre acha difícil compreender que finalmente perdeu o amor de uma mulher, por pior que a tenha tratado. Ele tentaria, com algumas gentilezas, fazer as pazes com a moça Howells e, em seguida, a aliciaria como cúmplice. Juntos iriam à noite ao porão e conseguiriam erguer a laje. Até aí, eu era capaz de acompanhar suas ações como se as tivesse testemunhado.

“Mas para duas pessoas, uma delas mulher, deve ter sido um trabalho difícil erguer aquela laje.

“Um robusto policial de Sussex e eu não havíamos achado fácil a tarefa. O que fariam para facilitá-la? Provavelmente o que eu mesmo teria feito. Levantei-me e examinei cuidadosamente os pedaços de madeira espalhados pelo chão. Quase na mesma hora encontrei o que estava procurando. Uma tora com cerca de noventa centímetros de comprimento apresentava numa extremidade uma marca acentuada, e várias outras estavam achatadas dos lados, como se tivessem sido comprimidos por um grande peso. Evidentemente, à medida que erguiam a laje, iam colocando pedaços de madeira na brecha, até que finalmente, quando a abertura já estava suficientemente grande para permitir a passagem, mantiveram-na assim com um pedaço de madeira colocado de través, e que poderia muito bem ter ficado marcado na parte inferior, já que todo o peso da laje o comprimiria contra a borda oposta. Até então, eu me achava em terreno seguro.

“Mas como reconstituir o drama da meia-noite? Era claro que apenas uma pessoa podia introduzir-se na câmara, e essa pessoa seria Brunton. A

moça devia ter esperado em cima. O mordomo abriu a arca, passou para ela o conteúdo, provavelmente — já que a arca estava vazia —, e depois... E depois, o que teria acontecido?

“Que explosão de vingança havia eclodido subitamente na alma daquela apaixonada mulher celta ao ver à sua mercê o homem que a tinha repudiado — e talvez mais profundamente do que suspeitávamos? O pedaço de madeira teria rolado por acaso e deixado Brunton preso no lugar que se transformou na sua sepultura? Ela era culpada apenas do silêncio em relação ao destino do mordomo? Ou algum súbito golpe da sua mão teria atirado longe o apoio, fazendo com que a laje se fechasse? Fosse como fosse, tive a impressão de ver o vulto dessa mulher ainda segurando o seu tesouro e fugindo desvairada pela escada circular, com os gritos abafados que deixava para trás vibrando nos seus ouvidos, juntamente com batidas frenéticas de mãos contra a laje de pedra que mataria por sufocação o seu amante infiel.

“Era este o segredo do rosto pálido, dos nervos abalados, das gargalhadas histéricas na manhã seguinte. Mas o que havia no cofre? O que ela teria feito com o conteúdo? Claro que deviam ser os fragmentos de metal e os calhaus que meu cliente havia retirado do lago. Ela os atirara na água na primeira oportunidade a fim de apagar os últimos vestígios do seu crime.

“Durante cerca de vinte minutos fiquei sentado, imóvel, pensando no caso. Musgrave continuava de pé, muito pálido, agitando a lanterna e olhando para dentro do buraco.

“‘São moedas de Carlos I’, disse, examinando as poucas que ainda restavam no cofre. ‘Como vê, tínhamos razão ao fixar a data para o Ritual.’

“‘Talvez encontremos outra coisa de Carlos I’, exclamei, quando de repente me ocorreu o provável significado das duas primeiras perguntas do Ritual. ‘Vamos examinar o conteúdo da sacola que foi pescada do lago.’

“Subimos até o gabinete e Musgrave colocou diante de mim os fragmentos metálicos. Compreendi que ele devia tê-los considerado de pouca importância, já que o metal estava quase negro e as pedras, totalmente sem brilho. Esfreguei uma delas na manga e ela cintilou na concavidade da minha mão. O trabalho de metal tinha a forma de um duplo anel, mas estava entortado, perdendo a forma original.

“‘É preciso ter em mente que o partido realista tinha prestígio na Inglaterra mesmo após a morte do rei, e que quando finalmente resolveram

fugir, devem ter deixado enterrados muitos de seus bens mais preciosos, com a intenção de voltar e recuperá-los em tempos mais tranquilos’, observei.

“‘Meu antepassado, *sir* Ralph Musgrave, era um destacado cavaleiro, o braço direito de Carlos II em suas viagens’, disse meu amigo.

“‘Verdade? Bem, creio que isso nos fornece o último elo de que precisávamos. Devo congratulá-lo por tomar posse, embora de modo um tanto trágico, de uma relíquia de grande valor intrínseco, e de importância ainda maior como curiosidade histórica.’

“‘Que relíquia?’, ele perguntou, espantado.

“‘Nada menos que a antiga coroa dos reis da Inglaterra.’

“‘A coroa!’

“‘Exatamente. Considere o que diz o Ritual. O que diz ele? *A quem pertenceu? Àquele que se foi*. Isso ocorreu depois da execução de Carlos I. E depois: *Quem o terá? Aquele que virá*, ou seja, Carlos II, cujo advento já estava previsto. Não pode haver dúvida de que este diadema amassado e disforme coroou a fronte dos reis Stuart.’

“‘E como foi parar no lago?’

“‘Ah, esta é uma pergunta que levaremos algum tempo para responder.’

“E esbocei para ele toda a longa cadeia de suposições e provas que eu havia elaborado. O crepúsculo havia baixado e a lua brilhava no céu quando terminei a narrativa.

“‘E por que Carlos II não recuperou a coroa quando voltou?’, perguntou Musgrave, guardando a relíquia na sacola de linho.

“‘Você tocou num ponto que provavelmente jamais conseguiremos esclarecer. É possível que o Musgrave que guardava o segredo tenha morrido no intervalo e, por algum lapso, deixou ao seu descendente esta orientação sem explicar o que significava. Dessa época até hoje passou de pai para filho, e acabou caindo nas mãos de um homem que desvendou o segredo e perdeu a vida na aventura.’

“Esta é a história do Ritual Musgrave, Watson. A coroa continua em Hurlstone, embora houvesse algum empecilho legal e fosse necessário pagar uma soma considerável para obterem a permissão de conservá-la. Tenho certeza de que se você mencionar meu nome, eles terão prazer em mostrá-la. Da mulher nunca mais se teve notícia e o mais provável é que

tenha saído da Inglaterra, levando a lembrança do crime para algum país de além-mar.”

OS SENHORES DE REIGATE

Meu amigo Sherlock Holmes levou algum tempo para se recuperar das tensões provocadas por sua intensa atividade na primavera de 1887. Toda a questão da Companhia Netherland-Sumatra e dos colossais planos do barão Malpertuis ainda está bem viva na memória do público e ligada muito intimamente à política e às finanças para ser assunto adequado a esta série de resumos. Mas o caso levou, de maneira indireta, a um problema singular e complexo, que proporcionou ao meu amigo uma oportunidade para demonstrar o valor de uma arma nova entre as muitas que ele manejava na sua eterna luta contra o crime.

Consultando minhas anotações, vejo que foi no dia 14 de abril que recebi um telegrama de Lyons informando que Holmes estava doente no Hotel Dulong. Em 24 horas eu estava ao lado dele, e aliviado por saber que não havia nada de grave nos seus sintomas. Sua constituição férrea cedera sob as tensões de uma investigação que se prolongara por dois meses, período em que nunca trabalhara menos de 15 horas diárias e mais de uma vez, como me afirmou, ficara em atividade durante cinco dias seguidos. O resultado triunfal de seus esforços não o salvara da reação a um trabalho tão cansativo. Numa época em que a Europa inteira vibrava com o seu nome e ele tinha o quarto literalmente coberto de telegramas de congratulações, encontrei-o mergulhado na mais profunda depressão. Nem mesmo o fato de saber que tivera êxito onde a polícia de três países havia fracassado e de ter ludibriado em todos os sentidos o mais requintado vigarista da Europa foram suficientes para arrancá-lo da prostração nervosa.

Três dias depois estávamos de volta à Baker Street, mas era evidente que meu amigo precisava de uma mudança. E a ideia de uma semana de primavera no campo também me parecia atraente. Meu velho amigo, o coronel Hayter, que estivera sob os meus cuidados profissionais no Afeganistão, havia alugado uma casa perto de Reigate, no Surrey, e frequentemente me convidava para visitá-lo. Na última vez, ele comentara que se meu amigo quisesse me acompanhar, ele teria prazer em oferecer-lhe sua hospitalidade. Foi necessário um pouco de diplomacia, mas quando Holmes compreendeu que nosso anfitrião era solteiro e que ele gozaria da mais ampla liberdade, concordou com meus planos, e uma semana depois de regressarmos de Lyons estávamos na casa do coronel. Hayter era um velho e excelente militar, que conhecia grande parte do mundo. E descobriu em pouco tempo, como eu esperava, que ele e Holmes tinham muitas coisas em comum.

Na noite da nossa chegada, estávamos na sala de armas do coronel, depois do jantar, Holmes estirado no sofá, enquanto Hayter e eu examinávamos a sua pequena coleção de armas de fogo.

— Vou levar uma dessas pistolas lá para cima, para o caso de haver algum alarme — disse ele de repente.

— Alarme! — exclamei.

— Sim, temos tido problemas nesta região ultimamente. O velho Acton, um dos magnatas do nosso condado, teve a casa arrombada na segunda-feira passada. Não houve grandes prejuízos, mas o sujeito continua à solta.

— Alguma pista? — perguntou Holmes, olhando para o coronel.

— Ainda não. Mas o caso é insignificante, um crimezinho do interior, pequeno demais para a sua atenção, sr. Holmes, depois desse grande caso internacional.

Holmes abanou a mão num gesto de modéstia ao ouvir o elogio, embora seu sorriso revelasse satisfação.

— Alguma característica interessante?

— Creio que não. Os ladrões vasculharam a biblioteca, mas este trabalho rendeu bem pouco. A sala inteira foi revirada, gavetas esvaziadas, prateleiras em desordem, e o resultado foi que desapareceram um volume de *Homero*, de Pope, dois castiçais prateados, um peso de papéis de marfim, um pequeno barômetro de carvalho e um rolo de barbante!

— Que extraordinário conjunto de objetos! — exclamei.

— É evidente que os sujeitos agarraram tudo que puderam.

Holmes grunhiu lá do sofá:

— A polícia do condado devia dar alguma importância ao caso — falou. — Afinal, é óbvio que...

Mas eu ergui o dedo num sinal de advertência.

— Você está aqui para descansar, meu caro. Pelo amor de Deus, não se envolva em novos problemas quando seus nervos estão em farrapos.

Holmes deu de ombros, lançou ao coronel um olhar resignado e a conversa passou para temas menos perigosos.

Toda a minha cautela profissional estava destinada a ir por água abaixo, porque na manhã seguinte o problema se impôs de tal maneira que foi impossível ignorá-lo. E nossa visita ao campo assumiu características imprevisíveis. Estávamos tomando o café da manhã quando o mordomo do coronel irrompeu na sala, ignorando as conveniências.

— Soube da notícia, senhor? — arquejou. — Na casa dos Cunninghams senhor!

— Roubo! — exclamou o coronel, com a xícara de café suspensa no ar.

— Homicídio!

O coronel assobiou.

— Meu Deus! Quem foi assassinado? O juiz de paz ou o filho?

— Nem um nem outro. Foi William, o cocheiro. Abatido com um tiro no coração, senhor, e não abriu mais a boca.

— Mas quem o matou?

— O ladrão, senhor. Saiu voando como uma bala e escapou. Tinha acabado de quebrar a janela da despensa quando William o surpreendeu, e morreu defendendo a propriedade do patrão.

— A que horas?

— Foi ontem à noite, senhor, por volta da meia-noite.

— Nesse caso, iremos até lá mais tarde — disse o coronel, voltando tranquilamente à refeição. — Um caso desagradável — acrescentou quando o mordomo saiu. — O velho Cunningham é o morador mais importante da região e um excelente sujeito. Deve estar muito abalado, porque o criado trabalhava para ele há anos e era muito bom. Devem ser os mesmos bandidos que assaltaram a casa de Acton.

— E roubaram aquela estranha coleção de objetos — disse Holmes, pensativo.

— Exatamente.

— Hum! Talvez seja a coisa mais simples do mundo, mas à primeira vista é meio estranho, não acham? Um bando de ladrões agindo no campo para variar o cenário de suas atividades é coisa de se esperar, mas não dariam dois golpes no mesmo distrito com poucos dias de intervalo. Quando falou ontem à noite em tomar precauções, lembrei-me de que esta região seria a última na Inglaterra para a qual um ladrão, ou ladrões, voltaria a atenção. O que demonstra que ainda tenho muito a aprender.

— Creio que se trata de algum aprendiz local — disse o coronel. — Nesse caso, as residências de Acton e Cunningham seriam exatamente as que ele procuraria, já que são as maiores.

— E as mais ricas?

— Bem, é provável. Mas estão com um processo que dura anos e sugou os recursos de ambos, eu imagino. O velho Acton alega ser proprietário de metade das terras de Cunningham, e os advogados vêm lutando acirradamente na questão.

— Se for um criminoso local, não deve ser muito difícil encontrá-lo — disse Holmes com um bocejo. — Está bem, Watson. Não pretendo me envolver.

— O inspetor Forrester, coronel — anunciou o mordomo, abrindo a porta.

O policial, um rapaz elegante, de expressão viva, entrou na sala.

— Bom dia, coronel. Espero não estar incomodando, mas soube que o sr. Holmes, da Baker Street, está aqui.

O coronel indicou meu amigo com um gesto e o inspetor se inclinou.

— Pensamos que talvez quisesse nos ajudar, sr. Holmes.

— O destino está contra você, Watson — disse ele, rindo. — Conversávamos sobre o assunto quando entrou, inspetor. Poderia dar alguns detalhes?

E quando se recostou na cadeira, naquela pose familiar, compreendi que seria inútil protestar.

— Não tínhamos pistas no caso Acton. Mas neste dispomos de várias, e não há dúvida de que se trata da mesma pessoa. O homem foi visto.

— Ah!

— Sim, senhor. Mas fugiu como um cervo após o tiro que matou o pobre William Kirwan. O sr. Cunningham viu-o da janela do quarto e o sr. Alec

Cunningham viu-o do corredor dos fundos. Faltava um quarto para a meia-noite quando se deu o alarme. O sr. Cunningham acabava de se deitar e o sr. Alec fumava cachimbo, de roupão. Ambos ouviram William, o cocheiro, pedir socorro, e o sr. Alec correu para baixo, a fim de verificar o que estava acontecendo. Encontrou a porta dos fundos aberta e, ao chegar ao pé da escada, viu dois homens lutando. Um deles disparou, o outro caiu. O assassino atravessou o jardim correndo e saltou a cerca viva. O sr. Cunningham, olhando pela janela do quarto, viu o sujeito chegar à estrada, mas perdeu-o de vista logo depois. O sr. Alec parou para socorrer o moribundo e assim o assassino conseguiu fugir. Além do fato de ser um homem de estatura mediana e vestir roupa escura, não temos pista pessoal, mas estamos fazendo investigações rigorosas e, se ele for um estranho por aqui, logo o encontraremos.

— O que esse William fazia lá? Disse alguma coisa antes de morrer?

— Nem uma palavra. Morava no pavilhão com a mãe e era um sujeito muito leal. Supomos que tenha ido até a casa para verificar se estava tudo em ordem. É claro que o caso Acton deixou todo mundo alerta. O ladrão deve ter arrombado a porta, a fechadura foi forçada, e logo em seguida William apareceu.

— William disse alguma coisa à mãe antes de sair?

— Ela é muito idosa e surda. Não conseguimos obter nenhuma informação. O choque deixou-a atordoada, mas eu soube que ela nunca foi muito inteligente. Mas há um detalhe muito importante. Vejam!

Tirou de um caderninho um fragmento de papel e alisou-o sobre o joelho.

— Isto foi encontrado entre o indicador e o polegar do morto. Parece um pedaço arrancado de uma folha maior. Observem que a hora mencionada é a mesma em que o pobre sujeito morreu. O assassino talvez tenha arrancado dele o resto da folha ou ele pode ter tirado este fragmento da mão do assassino. Dá a impressão de que havia um encontro marcado.

Holmes pegou o pedaço de papel, cujo fac-símile está reproduzido aqui.

at quarter to twelve

learn what

may [9]

— Supondo-se que havia um encontro marcado — continuou o inspetor —, é concebível a teoria de que esse William Kirwan, apesar da reputação de homem honesto, estivesse de conluio com o ladrão. Talvez tenha vindo encontrá-lo no local, pode até tê-lo ajudado a arrombar a porta, e depois os dois se desentenderam.

— A caligrafia é extraordinariamente interessante — observou Holmes, que a examinava com grande concentração. — O caso é bem mais complicado do que imaginei.

Apoiou a cabeça nas mãos enquanto o inspetor sorria diante do efeito que seu caso produzia no famoso especialista londrino.

— Sua última observação relativa à possibilidade de haver um entendimento entre o ladrão e o empregado, e de este papel ser um bilhete marcando encontro entre os dois, é uma hipótese engenhosa e não de todo impossível. Mas este fragmento de escrita sugere...

Mergulhou novamente a cabeça nas mãos e permaneceu por alguns minutos na mais profunda meditação. Quando ergueu a cabeça, fiquei surpreso ao vê-lo corado e de olhos brilhantes, como antes de adoecer. Levantou-se vivamente, com toda a antiga energia.

— Sabem de uma coisa? Eu gostaria de dar uma espiada discreta nos detalhes deste caso. Ele contém algo que me fascina bastante. Se me permite, coronel, deixarei meu amigo Watson e o senhor, para acompanhar o inspetor e testar a veracidade de uma ou duas ideias minhas. Voltaremos em meia hora.

Uma hora e meia se passou antes que o inspetor voltasse, sozinho.

— O sr. Holmes está caminhando de um lado para outro no campo lá fora — anunciou. — Quer que nós quatro vamos juntos à casa.

— À casa do sr. Cunningham?

— Sim, senhor.

— Para quê?

O inspetor encolheu os ombros.

— Não sei exatamente, senhor. Cá entre nós, acho que o sr. Holmes ainda não se recuperou totalmente de sua doença. Age de maneira estranha e está muito excitado.

— Não precisa ficar alarmado — eu disse. — Geralmente descubro que há método na loucura dele.

— Há quem diga que há loucura no método dele — murmurou o inspetor. — Mas ele está ansioso para agir, coronel, de modo que será melhor irmos logo, se já estiver pronto.

Encontramos Holmes caminhando de um lado para outro no campo, a cabeça inclinada sobre o peito e as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

— O caso está cada vez mais interessante — ele disse. — Watson, sua viagem ao campo foi um sucesso. Passei uma manhã muito agradável.

— Esteve no local do crime, pelo que eu soube — disse o coronel.

— Sim, o inspetor e eu fizemos juntos uma boa investigação.

— E foram bem-sucedidos?

— Encontramos coisas muito interessantes. Contarei tudo quando estivermos a caminho. Antes de mais nada, vimos o corpo daquele homem infeliz. Ele morreu, com certeza, de um disparo de revólver.

— Então tinha alguma dúvida?

— É bom verificar tudo. Nossa investigação não foi inútil. Conversamos depois com o sr. Cunningham e o filho, que indicaram o local exato onde o assassino atravessou a cerca do jardim na fuga. É um ponto de grande interesse.

— Naturalmente.

— Em seguida visitamos a mãe do pobre coitado. Mas não conseguimos nenhuma informação. Ela é muito idosa e doente.

— E qual foi o resultado da investigação?

— A convicção de que o crime é muito peculiar. Talvez a nossa visita agora possa esclarecer alguma coisa. Creio que nós dois concordamos,

inspetor, que o fragmento de papel encontrado na mão do morto, em que estava indicada a hora exata de sua morte, é extremamente importante.

— Isso deveria fornecer uma pista, sr. Holmes.

— E *fornece* uma pista. A pessoa que escreveu o bilhete foi o homem que tirou William Kirwan da cama àquela hora. Mas onde está o resto do papel?

— Examinei cuidadosamente o terreno na esperança de encontrá-lo — disse o inspetor.

— Foi arrancado da mão do morto. Por que alguém estaria tão ansioso para recuperá-lo? Porque o incriminava. E o que faria com ele? Enfiaria no bolso, provavelmente, sem notar que um fragmento ficara na mão do morto. Se conseguíssemos obter o resto do papel, é óbvio que avançaríamos bastante na solução do mistério.

— Sim, mas como chegar aos bolsos de um criminoso antes de pegar o próprio criminoso?

— Vale a pena meditar no assunto. E há outro ponto óbvio. O bilhete foi enviado a William. O homem que o escreveu não deve ser o mesmo que entregou, porque, neste caso, daria pessoalmente o recado. Quem levou o bilhete? Ou teria vindo pelo correio?

— Andei investigando — disse o inspetor. — William recebeu uma carta ontem, pelo correio da tarde. O envelope foi destruído por ele.

— Ótimo — exclamou Holmes, dando uma palmada nas costas do inspetor. — Interrogou o carteiro. É um prazer trabalhar a seu lado. Bem, aqui está o pavilhão, e se quiser subir, coronel, eu lhe mostrarei o local do crime.

Passamos pelo bonito chalé onde morara o homem assassinado e seguimos pela alameda ladeada de carvalhos que conduzia à antiga e bela residência em estilo Queen Anne, ostentando a marca de Malplaquet sobre o lintel da porta de entrada. Holmes e o inspetor contornaram a casa até o portão lateral, separado por um jardim da cerca viva que o isola da estrada. Havia um policial na porta da cozinha.

— Abra a porta — pediu Holmes. — Era nesta escada que o sr. Cunningham filho estava, e dali avistou os dois homens lutando no lugar onde estamos agora. O sr. Cunningham pai estava na janela, a segunda à esquerda, e viu o sujeito escapar pelo lado esquerdo daquele arbusto. O filho também viu. Ambos têm certeza por causa daquela sebe. Então o sr.

Alec correu para fora e ajoelhou-se ao lado do ferido. O solo é muito duro, como podem ver, e não há pegadas para nos orientar.

Enquanto ele falava, dois homens aproximaram-se pela trilha do jardim, depois de contornarem um ângulo da casa. Um deles era idoso, de expressão enérgica, rosto enrugado, pálpebras pesadas; o outro era um rapaz elegante que, com sua expressão viva e sorridente e as roupas de cores alegres, fazia um estranho contraste com o assunto que nos levara até ali.

— Continua investigando? — perguntou, dirigindo-se a Holmes. — Pensei que vocês, londrinos, não erravam nunca. Não parece tão rápido, no fim das contas.

— Precisa conceder-nos algum tempo — disse Holmes, bem-humorado.

— E vão precisar mesmo — disse Alec Cunningham. — Aparentemente, não há pista nenhuma.

— Apenas uma — disse o inspetor. — Achamos que se encontrássemos... Meu Deus, sr. Holmes, o que aconteceu?

O rosto do meu pobre amigo havia assumido de repente uma expressão muito assustadora. Revirou os olhos para cima, fisionomia alterada pela dor e, com um gemido abafado, caiu de bruços no chão. Horrorizados diante do ataque repentino e grave, nós o carregamos para a cozinha, onde foi instalado numa cadeira grande, respirando com dificuldade durante alguns minutos. Afinal, com um pedido de desculpas pelo desmaio, levantou-se.

— Watson lhes dirá que acabo de me recuperar de uma doença grave — explicou. — Sou sujeito a esses ataques nervosos.

— Quer que mande minha charrete levá-lo para casa? — perguntou o velho Cunningham.

— Já que estou aqui, há um ponto que gostaria de comprovar. É bem fácil verificá-lo.

— Qual é?

— É possível que o pobre William tivesse chegado à casa não depois e sim antes do ladrão. Todos parecem aceitar como ponto pacífico que, embora a porta tenha sido forçada, o ladrão não chegou a entrar.

— Creio que é bastante óbvio — disse o sr. Cunningham gravemente. — Meu filho Alec ainda não se deitara e com certeza ouviria alguém que se movimentasse por aqui.

— Onde estava sentado?

— Eu estava fumando no meu quarto de vestir.

— Qual é a janela?
— A última à esquerda, ao lado da de meu pai.
— As luzes nos dois quartos estavam acesas, naturalmente.
— É claro.
— Há pontos muito estranhos aqui — disse Holmes, sorrindo. — Não é extraordinário que um ladrão, e um ladrão com certa experiência prévia, invadisse uma casa numa hora em que, como ele podia ver pelas luzes, ainda havia duas pessoas da família acordadas?
— Devia ser um sujeito muito frio.
— É claro que se o caso não fosse tão estranho, não precisaríamos recorrer ao senhor para obter uma explicação — disse o sr. Alec. — Mas quanto à sua ideia de que o homem já havia roubado a casa antes de William surpreendê-lo, é totalmente absurda. Não teríamos encontrado o lugar revirado e dado pela falta dos objetos que ele havia roubado?
— Depende do tipo de objetos — disse Holmes. — Deve lembrar-se de que lidamos com um ladrão muito peculiar e que parece ter uma linha de trabalho toda pessoal. Veja, por exemplo, a estranha coleção de objetos que roubou da casa dos Acton: um rolo de barbante, um peso de papéis e não sei que outras ninharias!
— Bem, estamos inteiramente em suas mãos, sr. Holmes — disse o velho Cunningham. — Qualquer coisa que o senhor ou o inspetor proponham será aceita com certeza.
— Em primeiro lugar, gostaria que oferecessem uma recompensa. Deve partir dos senhores, porque a polícia levaria algum tempo para chegar a um acordo a respeito da quantia, e isto precisa ser feito rapidamente. Tenho aqui um esboço, caso não se importem em assiná-lo... Cinquenta libras são mais que suficientes, eu acho.
— Eu daria quinhentas de boa vontade — disse o juiz de paz, pegando o papel e o lápis que Holmes lhe estendia. — Mas isto não está muito correto — acrescentou, olhando para o documento.
— Eu escrevi às pressas.
— Vejo que começou assim: “Tendo em vista que na madrugada de terça-feira, faltando um quarto para uma, foi feita uma tentativa...” etc. Era um quarto para a meia-noite, para ser exato.
Eu me afligi por causa do erro, pois sabia que Holmes ficaria profundamente abalado com um engano daquele tipo. Era sua especialidade

manter-se fiel aos fatos, mas a doença recente o havia abalado e aquele pequeno incidente era suficiente para mostrar que ainda estava longe da recuperação. Ele ficou embaraçado por um momento, enquanto o inspetor erguia as sobrancelhas e Alec Cunningham caía na gargalhada. Mas o velho corrigiu o erro e devolveu o papel a Holmes.

— Mande imprimir o mais depressa possível. Creio que sua ideia é excelente.

Holmes guardou cuidadosamente o papel na carteira.

— E agora seria muito bom visitarmos juntos a casa para verificar se esse ladrão excêntrico, afinal, não levou alguma coisa.

Antes de entrar, Holmes examinou a porta que tinha sido forçada. Era evidente que haviam usado um cinzel e uma faca resistente para arrombar a fechadura. Eram visíveis as marcas na madeira, no lugar onde a porta fora empurrada.

— Não usam barras? — perguntou.

— Nunca achamos necessário.

— E não têm cachorro?

— Sim, mas está preso do outro lado da casa.

— A que horas se deitam os criados?

— Por volta das 22 horas.

— Soube que William também se recolhia mais ou menos a essa hora.

— É exato.

— Estranho que exatamente nessa noite ele estivesse acordado. Gostaria que nos mostrasse a casa, sr. Cunningham.

Um corredor de pedra, que dava para a cozinha, conduzia por uma escada de madeira diretamente ao primeiro andar. Terminava num patamar fronteiro à outra escada mais rebuscada, que saía do vestíbulo. Para esse patamar davam as portas da sala de visitas e de vários quartos, inclusive os dos srs. Cunningham pai e filho. Holmes caminhava devagar, observando a arquitetura da casa. Percebi por sua expressão que seguia uma pista importante, mas não consegui imaginar em que direção suas deduções o conduziam.

— Sr. Holmes, tudo isso certamente é desnecessário — disse o sr. Cunningham meio impaciente. — Meu quarto fica no final da escada e o de meu filho logo depois. Deixo a seu critério verificar se seria possível o ladrão subir até aqui sem que percebêssemos.

— Precisa tentar outra pista, na minha opinião — disse o filho, com um sorriso malicioso.

— Peço que tenham um pouco de paciência. Eu gostaria, por exemplo, de ver até que ponto se pode avistar a frente da casa pelas janelas. Este é o quarto do seu filho — disse, abrindo uma porta — e aquele, eu presumo, é o quarto de vestir onde ele estava fumando quando foi dado o alarme. Para onde dão as janelas?

Ele atravessou o quarto, abriu a porta e deu uma olhada no aposento contíguo.

— Espero que esteja satisfeito agora — disse o sr. Cunningham secamente.

— Obrigado. Acho que vi tudo o que desejava.

— Então, se for realmente necessário, podemos ir para o meu quarto.

— Se não for demasiado incômodo.

O juiz de paz deu de ombros e entrou na frente em seu quarto, que era mobiliado com simplicidade e nada tinha de extraordinário. Quando atravessava o quarto em direção à janela, Holmes recuou de modo que ele e eu fôssemos os últimos do grupo. Ao pé da cama havia uma mesinha quadrada sobre a qual se viam um prato de laranjas e um jarro de água. Quando passávamos por ela, Holmes, para minha imensa surpresa, inclinou-se na minha frente e deliberadamente derrubou a mesinha. A jarra quebrou-se em mil pedaços e as frutas rolaram para todos os cantos do quarto.

— Você é desajeitado, Watson — disse friamente. — Molhou todo o tapete.

Abaixei-me, confuso, e comecei a recolher as frutas, compreendendo que por algum motivo o meu amigo queria que eu assumisse a culpa. Os outros fizeram o mesmo, recolocando a mesa no lugar.

— Ora! Para onde ele foi? — exclamou o inspetor. Holmes havia desaparecido.

— Esperem aqui um instante — disse Alec Cunningham. — Na minha opinião, o sujeito não está muito bom da cabeça. Venha comigo, papai. Vamos ver onde ele se meteu!

Saíram às pressas do quarto, enquanto o inspetor, o coronel e eu ficamos ali, olhando uns para os outros.

— Palavra que concordo com o sr. Alec — disse o policial. Talvez seja consequência da doença, mas parece-me que...

Foi interrompido por um grito repentino de “Socorro! Socorro! Assassino!”. Com um arrepio, reconheci a voz do meu amigo e saí correndo do quarto para o patamar. Os gritos, que estavam reduzidos a um murmúrio inarticulado e rouco, vinham do quarto que tínhamos visto antes. Entrei correndo e fui até o quarto de dormir. Os dois Cunningham estavam inclinados sobre o vulto prostrado de Sherlock Holmes, o mais moço agarrando-lhe o pescoço com as duas mãos, enquanto o mais velho torcia-lhe um dos pulsos. No mesmo instante nós três o libertamos e Holmes levantou-se muito pálido e evidentemente exausto.

— Prenda estes homens, inspetor! — arquejou.

— Sob que acusação?

— O assassinato do cocheiro William Kirwan!

O inspetor olhou para ele, aturdido.

— Ora, sr. Holmes... — disse finalmente. — Tenho certeza de que não fala a sério...

— Quieto, homem! Olhe para eles! — ordenou Holmes secamente.

De fato, nunca tinha visto uma confissão de culpa tão nitidamente estampada num rosto humano. O mais velho parecia aturdido. Seu rosto de traços bem marcados estava carrancudo. O filho, por sua vez, havia perdido toda a vivacidade que o caracterizava e a ferocidade de um animal selvagem brilhava em seus olhos escuros, distorcendo os traços harmoniosos. O inspetor não disse nada, mas, aproximando-se da porta, fez soar seu apito. Dois policiais surgiram imediatamente.

— Não tenho alternativa, sr. Cunningham. Confio em que tudo isso se revele um erro absurdo, mas compreenda que... Ah! Largue isso!

Deu um golpe com a mão e o revólver que o rapaz fazia menção de sacar caiu no chão.

— Guarde isso — disse Holmes, colocando rapidamente o pé sobre a arma. — Será útil no julgamento. Mas é disto que realmente precisamos.

E ergueu um pedaço de papel amassado.

— O resto do bilhete? — perguntou o inspetor.

— Exatamente.

— E onde estava?

— Onde eu tinha certeza de que estaria. Esclarecerei todo o caso daqui a pouco. Acho, coronel, que o senhor e Watson podem ir para casa. Eu me encontrarei com os dois dentro de uma hora, no máximo. O inspetor e eu precisamos conversar com os prisioneiros. Mas estarei de volta para o almoço, com certeza.

Sherlock Holmes cumpriu a palavra. Cerca de uma hora depois estava conosco na sala de fumar do coronel. Vinha acompanhado de um homenzinho idoso, apresentado como o sr. Acton. Em sua residência fora cometido o primeiro roubo.

— Queria que o sr. Acton ouvisse o meu relato do caso, pois é natural que ele esteja muito interessado nos detalhes — disse Holmes. — Meu caro coronel, temo que amaldiçoe a hora em que resolveu acolher em sua casa um sujeito complicado como eu.

— Pelo contrário — protestou o coronel. — Considero o maior privilégio poder acompanhar de perto os seus métodos de trabalho. Confesso que ultrapassam minhas expectativas e que sou incapaz de compreender os resultados. Até agora não vi um só vestígio de pista.

— Temo que minhas explicações o decepcionem, mas sempre tive o hábito de deixar bem claros os meus métodos, seja para o meu amigo Watson, seja para qualquer pessoa que revele por eles um interesse inteligente. Mas, para começar, como ainda estou um tanto abalado com a agressão sofrida no quarto de vestir, creio que tomarei um pouco do seu *brandy*, coronel. Minhas forças andam combalidas ultimamente.

— Espero que não sofra outro ataque nervoso.

Sherlock Holmes deu uma boa risada.

— Chegaremos lá. Antes farei um relato do caso na sua devida ordem, mostrando os vários pontos que orientaram a minha decisão. Interrompam-me, por favor, se alguma dedução não estiver bem clara.

"É da maior importância na arte da detecção saber distinguir, entre vários fatos, quais os triviais e quais os decisivos. Do contrário, a energia e a atenção se dispersariam em vez de se concentrarem. Neste caso eu não tinha, desde o início, a menor dúvida de que a chave estava no pedaço de papel encontrado na mão do morto.

"Antes de prosseguir, gostaria de chamar a atenção para o fato de que, se o relato de Alec Cunningham estivesse correto e o assaltante, depois de atirar em William Kirwan, tivesse desaparecido imediatamente, era óbvio

que não fora ele quem arrancara o papel da mão do morto. Mas, caso não fosse ele, teria que ser o próprio Alec Cunningham, pois quando o velho desceu, vários criados já estavam no local. O detalhe é simples, mas o inspetor não o percebeu porque partia do pressuposto de que os magnatas da região nada tinham a ver com o caso. Quanto a mim, faço questão de me desfazer de preconceitos e obedecer docilmente quando os fatos me orientam. Assim, logo na primeira etapa da investigação, comecei a olhar com desconfiança o papel desempenhado pelo sr. Alec Cunningham.

"Fiz um exame cuidadoso do fragmento de papel que o inspetor nos mostrou. Ficou logo claro para mim que ele era parte de um documento extraordinário. Aqui está. Vocês notam agora algo de muito sugestivo nele?"

— Tem uma aparência muito desigual — disse o coronel.

— Meu caro senhor, não pode haver a mínima dúvida de que foi escrito por duas pessoas que traçavam palavras alternadas. Quando chamo atenção para os *t* vigorosos de algumas palavras e peço que os comparem às palavras "quarto" e "meia-noite", que são hesitantes, perceberão imediatamente o fato. Uma análise rápida das palavras permitirá dizer com toda a segurança que o "saberá" e o "talvez" foram escritas por mão mais firme e o "que" por outra mais fraca.

— Por Deus! É claro como o dia! — exclamou o coronel. Por que duas pessoas escreveriam a carta dessa maneira?

— Era óbvio que se tratava de uma trama escusa, e um deles, que desconfiava do outro, estava decidido que, fosse qual fosse o resultado, ambos teriam responsabilidade igual. É evidente que aquele que escreveu "um" e "para" era o chefe.

— Como descobriu isto?

— É possível deduzi-lo do simples estudo comparativo das caligrafias. Mas temos motivos mais fortes do que esse. Se examinarem com atenção este fragmento, chegarão à conclusão de que o homem de caligrafia mais vigorosa escreveu primeiro todas as palavras, deixando em branco as outras para serem preenchidas. Esses espaços em branco nem sempre foram suficientes e podem notar que o segundo homem teve que comprimir o "quarto" entre as outras duas palavras, revelando que a carta já havia sido escrita. Aquele que escreveu primeiro foi, sem dúvida, o que planejou toda a história.

— Excelente! — exclamou o sr. Acton.

— Mas bastante superficial — disse Holmes. — Entretanto, chegamos agora a um ponto importante. Talvez ignorem que os especialistas conseguiram determinar a idade das pessoas pela caligrafia com grande exatidão. Em casos normais é possível situar a pessoa na sua década com razoável acerto. Digo casos normais porque a doença e a fraqueza física reproduzem os sinais da velhice, ainda que o doente seja moço. Nesse caso, examinando a caligrafia forte e ousada de um e a outra de aparência frágil, mas que conserva a sua legibilidade, embora os *t* tenham começado a perder o traço, podemos dizer que um era jovem e o outro tinha idade avançada, sem ser decrépito.

— Excelente! — repetiu o sr. Acton.

— Há um outro ponto, mais sutil e interessante. Existe algo em comum nas duas caligrafias. Eles pertencem a pessoas consanguíneas. É muito óbvio nos *e*, mas para mim há detalhes menores que indicam a mesma coisa. Não tenho dúvidas de que poderão ser encontrados maneirismos de família nestas duas amostras de caligrafia. Estou apresentando apenas, é claro, os principais resultados do meu exame. Há 23 outras deduções que seriam mais interessantes para os especialistas. Todas tendem a reforçar minha impressão de que os Cunningham, pai e filho, escreveram esta carta.

“Meu passo seguinte foi examinar os detalhes do crime para ver até que ponto ajudariam. Fui até a casa com o inspetor e vi tudo o que era necessário. O ferimento na cabeça do morto era, como pude determinar com absoluta certeza, causado por disparo de revólver a uma distância de cerca de quatro metros. Não havia marcas de pólvora nas roupas. Era evidente, portanto, que Alec Cunningham mentira ao dizer que os homens estavam lutando quando o tiro foi disparado. Pai e filho concordavam em relação ao local por onde o homem fugira para a estrada. Mas acontece que naquele ponto há um fosso largo, úmido no fundo. Como não havia pegadas no fosso, tive certeza absoluta de que os Cunningham haviam mentido novamente, e também de que nunca houvera nenhum desconhecido em cena.

“Precisava então verificar o motivo daquele crime singular. Para isso, tentei primeiro descobrir o motivo do roubo anterior na casa do sr. Acton. Graças a uma coisa dita pelo coronel, soube que havia um processo envolvendo o sr. Acton e os Cunningham. Ocorreu-me logo, é claro, que

tinham invadido a biblioteca com a intenção de obter algum documento importante do caso.”

— Exatamente — disse o sr. Acton. — Não há dúvidas quanto às intenções. Eu tenho direito incontestável sobre metade das terras atuais dos Cunningham, se eles tivessem encontrado um único documento, que felizmente está no cofre de meus advogados, sem dúvida prejudicariam o nosso caso.

— Estão vendo? — exclamou Holmes, sorridente. — Foi uma tentativa perigosa e desvairada, na qual percebo a influência do jovem Alec. Nada encontrando, tentaram afastar as suspeitas fazendo com que o caso parecesse um roubo comum. Para isso, carregaram tudo o que encontraram ao alcance das mãos. Essa parte é bastante clara, mas ainda restavam muitos detalhes obscuros. O que eu queria acima de tudo era descobrir a parte desaparecida do bilhete. Tinha certeza de que Alec o arrancara da mão do morto e estava quase certo de que o enfiara no bolso do roupão. Onde mais o teria guardado? O único problema seria verificar se ainda estava lá. Valia a pena fazer um esforço para descobrir, e com esse objetivo todos nós fomos até a casa.

“Os Cunningham se encontraram conosco, como devem recordar, junto à porta da cozinha. Era essencial que nem sequer se lembrassem da existência do papel, do contrário o destruiriam imediatamente. O inspetor estava a ponto de aludir à importância do detalhe quando, por um feliz acaso, fui acometido de uma espécie de ataque, alterando o rumo da conversa.”

— Meu Deus! — exclamou o coronel, rindo. — Quer dizer que desperdiçamos nossa solicitude num falso ataque?

— Falando como profissional, foi admiravelmente representado — exclamei, olhando surpreso para o homem que vivia a me espantar com novas facetas de sua astúcia.

— Trata-se de uma arte muito útil. Quando me recuperei, consegui, graças a um artifício que talvez tivesse o pequeno mérito da engenhosidade, que o velho Cunningham escrevesse a palavra “meia-noite” de modo que eu pudesse compará-la à “meia-noite” escrita no bilhete.

— Ah, como fui idiota! — exclamei.

— Percebi que você estava penalizado com a minha falha — disse Holmes com um sorriso. — Lamentei causar-lhe a decepção que eu sei que você sentiu. Subimos juntos e, depois de entrar no quarto de vestir e ver o

roupão pendurado atrás da porta, consegui atirar a mesinha no chão, distrair a atenção de todos e voltar para examinar os bolsos. Mal havia encontrado o papel, que estava onde eu esperava, quando os Cunningham saltaram em cima de mim. E teriam me assassinado ali mesmo, tenho certeza, não fosse a sua pronta ajuda. Sinto até agora as mãos daquele rapaz na minha garganta e as do pai torcendo-me o pulso para arrancar o papel da minha mão. Perceberam que eu sabia de tudo e a repentina passagem da segurança total para o desespero absoluto deixou-os enlouquecidos.

“Tive uma conversa com o velho Cunningham sobre o motivo do crime, mais tarde. Ele estava mais calmo, embora o filho se mostrasse um perfeito demônio, disposto a estourar os próprios miolos e os de qualquer pessoa se conseguisse um revólver. Ao ver que o caso contra ele era arrasador, perdeu o ânimo e confessou tudo. Parece que William acompanhara às escondidas os patrões na noite em que eles invadiram a casa do sr. Acton e, obtendo assim poder sobre eles, passou a ameaçá-los de denúncia, fazendo chantagem. Mas o sr. Alec é um homem perigoso nesse tipo de jogo. Foi um golpe genial de sua parte ver no pavor de ladrões que agitava a região uma oportunidade de livrar-se do homem que temiam. William foi atraído e eliminado. E se estivessem com o bilhete inteiro e tivessem prestado um pouco mais de atenção aos detalhes, é bem possível que ninguém jamais suspeitasse.”

— E o bilhete? — eu perguntei.

Sherlock Holmes colocou diante de nós o documento abaixo:

If you will only come round
to the east gate you will
will very much surprise you and
be of the greatest service to you and also
to Annie Morrison. But say nothing to anyone
upon the matter

[10]

— É o tipo de coisa que eu esperava — disse Holmes. — Não conhecemos ainda, é claro, as relações entre Alec Cunningham, William Kirwan e Annie Morrison. O resultado demonstra que a isca foi bem colocada. Estou certo de que se interessarão pelos traços hereditários revelados nos *p* e nos *g*. A ausência de pingos nos *i* na caligrafia do velho é também bastante característica. Watson, creio que o seu repouso no campo foi um sucesso incontestável. E certamente voltarei amanhã bastante revigorado para a Baker Street.

9 “um quarto para a meia-noite saberá que talvez...”

10 Tradução do bilhete integral: “Se você aparecer faltando um quarto para a meia-noite na porta dos fundos, saberá de uma coisa que vai surpreendê-lo bastante e que talvez seja da maior utilidade para você e também para Annie Morrison. Mas não fale a ninguém sobre este assunto.”

O ALEIJADO

CERTA NOITE DE VERÃO, ALGUNS MESES APÓS MEU CASAMENTO, eu estava sentado sozinho, fumando o último cachimbo antes de ir para o quarto, e cochilava sobre um romance, porque o dia de trabalho fora exaustivo. Minha mulher já havia subido e o ruído da porta sendo trancada algum tempo depois indicava que os criados também já tinham se recolhido. Levantei-me da poltrona e estava sacudindo as cinzas do cachimbo quando de repente ouvi a campainha.

Olhei para o relógio. Eram 23h45. Não podia ser uma visita em hora tão tardia. Um paciente, era claro, e talvez uma consulta que levasse a noite inteira. Resignado, fui até o vestíbulo e abri a porta. Para minha surpresa, dei com Sherlock Holmes no patamar.

— Ah, Watson! Esperava chegar a tempo de pegá-lo ainda de pé.

— Entre, meu caro, por favor.

— Você parece surpreso e não sem razão! Aliviado também, eu creio! Hum! Continua fumando aquela mistura *Arcadia* dos tempos de solteiro! A cinza solta no seu casaco é inconfundível. É fácil perceber que você está habituado a usar uniforme, Watson; jamais passará por civil cem por cento enquanto mantiver o hábito de levar o lenço na manga. Pode me hospedar esta noite?

— Com prazer.

— Você disse que tinha acomodações para um solteiro e vejo que não está hospedando nenhum cavalheiro no momento. Sua chapeleira anuncia isso.

— Ficarei encantado se você dormir aqui.

— Obrigado. Vou usar o gancho vago na chapeleira. Lamento ver que você teve um operário inglês nesta casa. Isto é sinal de problemas. Não são os encanamentos de água, espero.

— Não. O gás.

— Ah! Ele deixou duas marcas de solas tacheadas no seu linóleo, exatamente no lugar onde incide a luz. Não, obrigado, jantei em Waterloo, mas fumarei com todo o prazer um cachimbo na sua companhia. (*sic* or.)

Passei-lhe a minha bolsa de fumo e ele se sentou na minha frente, fumando em silêncio durante algum tempo. Eu sabia muito bem que somente um caso importante o traria à minha casa àquela hora, de modo que aguardei pacientemente que ele se decidisse a falar.

— Vejo que tem trabalhado muito — observou, olhando-me atentamente.

— Sim, tive um dia muito atarefado. Pode parecer tolice — acrescentei —, mas não sei como você deduziu isto.

Holmes riu consigo mesmo.

— Tenho a vantagem de conhecer os seus hábitos, meu caro Watson. Quando a sua ronda de visitas é curta, você vai a pé, e quando é longa, toma uma carruagem. Noto que suas botas, embora gastas, não estão absolutamente sujas. Não há dúvida de que no momento anda bastante ocupado para justificar a carruagem.

— Excelente! — exclamei.

— Elementar. É um dos casos em que a pessoa que raciocina pode produzir um efeito que parece extraordinário ao interlocutor, porque este deixou de perceber um pequeno detalhe que é a base da dedução. O mesmo pode ser dito, meu caro amigo, para o efeito de um de seus resumos, que são totalmente falsos, já que dependem de você reter em suas mãos determinados fatores do problema que nunca são apresentados ao leitor. No momento estou na posição desses mesmos leitores, porque disponho de vários fios de um dos casos mais estranhos que jamais intrigaram a mente humana, mas não tenho um ou dois que são necessários para completar a minha teoria. Mas eu os terei, Watson! Eu os terei!

Seus olhos estavam brilhantes, e as faces, ligeiramente coradas. Por um instante o véu que protegia sua natureza interior entreabriu-se, mas só por um instante. Quando olhei novamente para ele, seu rosto readquiria a expressão impassível de um pele-vermelha que induzia tanta gente a considerá-lo mais uma máquina do que um ser humano.

— O problema apresenta características interessantes — observou. — Posso dizer até que são características de interesse excepcional. Já examinei a questão e creio que cheguei perto da solução. Se puder me acompanhar nessa última etapa, você me prestará um grande serviço.

— Será um prazer.

— Poderia ir a Aldershot amanhã?

— Tenho certeza de que Jackson se encarregará dos meus clientes.

— Ótimo. Quero sair no trem das 11h10 de Waterloo.

— Isso me dará tempo para tomar providências.

— Nesse caso, se não estiver com sono, vou dar-lhe um resumo do que aconteceu e do que falta fazer.

— Eu estava com sono antes de você chegar, mas agora estou completamente acordado.

— Vou resumir a história o máximo possível sem omitir nenhum fato fundamental. É possível que já tenha lido alguma reportagem a respeito. Trata-se do suposto assassinato do coronel Barclay, do Royal Munsters, em Aldershot, que estou investigando.

— Não soube nada a respeito.

— Ainda não atraiu muita atenção, a não ser local. Os fatos são apenas de dois dias atrás. Em resumo, trata-se do seguinte:

"O Royal Munsters, como sabe, é um dos mais famosos regimentos irlandeses do Exército britânico. Fez maravilhas tanto na Crimeia como durante o Motim, e depois distinguiu-se em várias outras ocasiões. Era comandado até segunda-feira à noite por James Barclay, um corajoso veterano, que começou como soldado raso, foi promovido por bravura na época do Motim e chegou ao comando do regimento no qual havia carregado um mosquete.

"O coronel Barclay, quando era sargento, casou-se com uma jovem chamada Nancy Devoy, filha de um antigo sargento mestiço da mesma corporação. Houve, portanto, como você pode imaginar, um certo atrito social quando o jovem casal (pois eram ainda jovens) ingressou em novo ambiente. Mas, aparentemente, eles se adaptaram depressa e a sra. Barclay foi sempre muito popular entre as senhoras do regimento, assim como o marido o era entre os outros oficiais. Devo acrescentar que era muito bonita, e ainda hoje, após mais de trinta anos de casada, conserva uma aparência impressionante.

“A vida familiar do coronel Barclay parece ter sido sempre feliz. O major Murphy, que me contou a maioria dos fatos, afirma que nunca soube de nenhum desentendimento entre os dois. Ele acha que, de modo geral, Barclay era mais dedicado à mulher do que ela ao marido. Ficava muito inquieto se ela se ausentava por um dia inteiro. Ela, por sua vez, embora dedicada e fiel, parecia menos afetuosa. Contudo, eram considerados no regimento o próprio modelo do casal de meia-idade. Não havia nada em suas relações que sugerisse às pessoas a tragédia que ocorreria.

“Parece que o próprio coronel Barclay tinha alguns traços singulares de temperamento. Era um velho militar geralmente jovial e bem-humorado, mas em certas ocasiões mostrava-se capaz de ser violento e vingativo. Este aspecto do seu temperamento nunca se manifestava em relação à mulher, ao que parece. Outro fato que impressionou o major Murphy e três entre cinco dos oficiais com quem conversei era a estranha depressão que o acometia de vez em quando. Conforme a expressão do major, o sorriso desaparecia de seus lábios como que arrancado por mão invisível quando ele participava dos gracejos e brincadeiras na hora do rancho. E ficava dias seguidos mergulhado na mais profunda depressão. Isto e uma certa dose de superstição eram os únicos traços incomuns do seu temperamento observados pelos colegas de farda. Esta última peculiaridade fazia com que ele detestasse ficar sozinho, principalmente depois de anoitecer. Esse traço pueril em uma natureza bastante máscula provocou algumas vezes comentários e conjecturas.

“O primeiro batalhão do Royal Munsters (o antigo 117º) está sediado em Aldershot há alguns anos. Os oficiais casados residem fora dos alojamentos e o coronel, quando era comandante, ocupava uma vila chamada ‘Lachine’, localizada a cerca de um quilômetro do Campo Norte. A casa é cercada de jardins, mas o lado oeste não fica a mais de trinta metros da estrada. A criadagem é formada por um cocheiro e duas criadas. Além dos patrões, são os únicos moradores de Lachine, pois os Barclays não têm filhos e não costumavam receber visitantes locais.

“Vamos agora aos fatos ocorridos em Lachine entre 21 e 22 horas da última segunda-feira.

“A sra. Barclay é membro da Igreja Católica e muito interessada no estabelecimento da Confraria de São Jorge, fundada em conexão com a

Capela de Watt Street com o objetivo de distribuir roupas usadas para os pobres. Havia uma reunião da confraria às vinte horas e a sra. Barclay jantou apressadamente para poder comparecer. O cocheiro ouviu-a fazer uma observação banal ao marido, garantindo-lhe que voltaria logo. Chamou então a srta. Morrison, uma jovem que mora na casa ao lado, e as duas saíram juntas para a reunião. Esta durou quarenta minutos, e eram 21h15 quando a sra. Barclay voltou, depois de deixar em casa a srta. Morrison.

“Em Lachine há um aposento usado como sala de estar, que dá para a estrada. Grandes portas de vidro abrem-se para um gramado, que tem trinta metros de extensão e é separado da estrada apenas por um muro baixo, encimado por uma grade de ferro. Foi para essa sala que a sra. Barclay se dirigiu ao chegar. As venezianas não estavam abaixadas, porque a sala raramente era usada à noite, mas a própria sra. Barclay acendeu um lampião e tocou a campainha, pedindo a Jane Stewart, a criada, que lhe trouxesse uma xícara de chá, o que era contrário aos seus hábitos. O coronel estava na sala de jantar, mas ao perceber que a mulher havia regressado, foi encontrá-la na sala de estar. O cocheiro viu quando ele atravessou o corredor e entrou na sala. Depois disso, ele não foi visto novamente com vida.

“O chá pedido foi levado dez minutos depois, mas a criada, ao aproximar-se da porta, surpreendeu-se ao ouvir as vozes dos patrões numa violenta discussão. Bateu sem receber resposta e chegou a girar a maçaneta. Percebeu então que a porta estava trancada por dentro. É natural que tenha ido correndo contar à cozinheira, e as duas, juntamente com o cocheiro, foram até o vestíbulo para escutar a discussão que prosseguia. Todos afirmam que só ouviram duas vozes, a de Barclay e a de sua mulher. As observações do coronel eram feitas em tom brusco e abafado, inaudível para os criados. As da senhora eram amargas, e quando ela ergueu a voz, ouviram-na com nitidez repetir várias vezes: ‘Covarde! Covarde!’ Esses fragmentos de discussão terminaram num repentino grito medonho emitido pelo homem, seguido do ruído de uma queda, e no grito agudo da mulher. Convencido de que acabava de ocorrer uma tragédia, o cocheiro aproximou-se da porta e tentou arrombá-la, enquanto os gritos se repetiam lá dentro. Não conseguiu quebrar a fechadura e as criadas estavam aturdidas demais para ajudá-lo. De repente, teve uma ideia. Atravessou o vestíbulo e contornou a casa até o gramado, para onde se abriam as portas-janelas. Uma parte delas estava aberta, o que, pelo que soube, era comum agora no verão,

e ele entrou na sala com facilidade. A patroa tinha deixado de gritar e estava desmaiada num sofá, enquanto o infeliz militar, os pés surgindo por cima do braço de uma poltrona, a cabeça no chão, junto à guarda da lareira, estava morto, banhado no próprio sangue.

“A primeira ideia do cocheiro, naturalmente, ao verificar que nada podia fazer pelo patrão, foi abrir a porta. Mas surgiu então uma dificuldade inesperada e estranha. A chave não estava do lado de dentro e ele não conseguiu encontrá-la em parte alguma da sala. Tornou a sair pela porta-janela e voltou depois de chamar um policial e um médico. A senhora, sobre quem recaíam naturalmente as maiores suspeitas, foi levada para o quarto, ainda desmaiada. O corpo do coronel foi colocado no sofá e teve início um exame cuidadoso do local da tragédia.

“O infeliz veterano apresentava um ferimento irregular na parte de trás da cabeça, obviamente causado por um golpe violento de arma contundente. Não foi difícil adivinhar qual seria a arma. No chão, perto do corpo, havia um bastão de madeira entalhada com um cabo de osso. O coronel possuía uma coleção variada de armas trazidas dos diferentes países onde havia lutado, e a polícia levantou a hipótese de que a bengala era um dos seus troféus. Os criados negam tê-la visto antes, mas entre as numerosas curiosidades existentes na casa é possível que aquela tivesse passado despercebida. A polícia não constatou mais nada de importância na sala, exceto o fato inexplicável de a chave não ter sido encontrada com a sra. Barclay, nem com a vítima, nem em qualquer lugar do recinto. A porta teve de ser aberta por um serralheiro de Aldershot.

“Esta era a situação, Watson, quando na manhã de terça-feira, a pedido do major Murphy, fui para Aldershot, a fim de colaborar com as investigações da polícia. Você perceberá que o problema já era interessante, mas as minhas observações logo me fizeram perceber que ele era, na verdade, muito mais extraordinário do que parecia à primeira vista.

“Antes de examinar a sala interroguei os criados, mas só consegui obter fatos já conhecidos. Um detalhe interessante foi lembrado por Jane Stewart, a criada. Você deve recordar que, ao ouvir a discussão, ela desceu e voltou com outros criados. Na primeira vez, quando estava sozinha, diz que os patrões falavam em voz tão baixa que mal ouviu o que diziam, calculando pelo tom, e não pelas palavras, que os dois estavam discutindo. Quando insisti, porém, lembrou-se de ter ouvido a palavra ‘David’ pronunciada duas

vezes pela patroa. O detalhe é da maior importância, porque pode nos indicar o motivo da briga repentina. O nome do coronel, você deve lembrar, era James.

"Havia um detalhe do caso que impressionou profundamente tanto os criados como a polícia: o rosto contorcido do coronel. Segundo afirmam, os traços estavam imobilizados na mais terrível expressão de medo e horror que um rosto humano seria capaz de assumir. Mais de uma pessoa desmaiou ao vê-lo, tão horrível era o efeito. Parecia que ele previra o seu fim e que este lhe causara o mais profundo horror. Claro que este detalhe se encaixava na teoria da polícia, isto é, de que o coronel viu sua esposa agredi-lo com intenção de matá-lo. O fato de o ferimento se achar na parte posterior da cabeça não era objeção importante, já que ele poderia ter se virado para evitar o golpe. Não foi possível obter nenhuma informação da própria mulher, que perdeu temporariamente o juízo em consequência de uma meningite aguda.

"A polícia informou que a srta. Morrison, que havia saído naquela noite com a sra. Barclay, disse que não sabia o que poderia ter causado o mau humor de sua amiga, quando ela voltou para casa.

"Depois de reunir estes fatos, Watson, fumei vários cachimbos tentando separar os fundamentais dos meramente acidentais. Sem dúvida alguma, o ponto mais relevante e sugestivo do caso era o estranho desaparecimento da chave. Apesar de busca minuciosa, não foi encontrada na sala. Portanto, fora levada dali. Mas nem o coronel nem sua mulher poderiam tê-la levado, isso era bem claro. Nesse caso, uma terceira pessoa havia entrado na sala. E essa terceira pessoa só podia ter entrado pela porta-janela. Achei que um exame cuidadoso da sala e do gramado revelaria indícios desse indivíduo. Você conhece meus métodos, Watson. Não deixei de aplicar um só a essa investigação. E acabei descobrindo indícios, mas bem diferentes daqueles que esperava encontrar. Um homem havia estado na sala depois de atravessar o gramado, vindo da estrada. Consegui encontrar cinco pegadas nítidas — uma na própria estrada, no ponto em que ele galgara o muro baixo, duas no gramado e duas, muito leves, na madeira encerada perto da janela por onde havia entrado. Aparentemente ele havia atravessado correndo o gramado, porque a marca da parte anterior dos pés era mais profunda que a do calcanhar. Mas não foi o homem que me surpreendeu, e sim seu companheiro."

— Seu companheiro!

Holmes tirou do bolso uma grande folha de papel fino e desdobrou-a cuidadosamente sobre os joelhos.

— O que acha disto? — perguntou.

O papel estava coberto de marcas de pegadas de um animal de pequeno porte. Patas de cinco dedos com vestígios de unhas longas, e as marcas inteiras não eram maiores do que uma colher de sobremesa.

— É um cachorro — eu disse.

— Já ouviu falar de algum cão que subisse numa cortina? Encontrei marcas nítidas deixadas por este animal.

— Um macaco, então?

— Mas isto não é pegada de macaco.

— Então, o que será?

— Nem cão, nem gato, nem macaco, nem qualquer animal nosso conhecido. Tentei reconstituí-lo com base nas medidas. Aqui estão quatro pegadas do local onde o animal estava imóvel. Como vê, não há mais de quarenta centímetros entre as patas dianteiras e as traseiras. Acrescente a isso o comprimento do pescoço e da cabeça e verá que o animal tem cerca de sessenta centímetros ao todo, provavelmente mais, se tiver cauda. Mas observe esta outra medida. O animal estava em movimento; temos, portanto, a largura do seu passo. Em cada caso não ultrapassa oito centímetros. Temos aqui a indicação de um corpo longo ao qual estão ligadas pernas muito curtas. O animal não foi suficientemente gentil para deixar algum pelo, mas a forma geral deve ser a que indiquei. Além disso, é capaz de subir correndo por uma cortina, e é carnívoro.

— Como deduziu isto?

— Pelo fato de ter subido correndo a cortina. Havia uma gaiola de canário pendurada na janela e, aparentemente, seu objetivo era abocanhar o pássaro.

— Então que animal seria esse?

— Se eu pudesse identificá-lo, faria um grande progresso no sentido de solucionar o caso. Provavelmente é da família da doninha ou do arminho. Entretanto, é maior do que qualquer um desses que eu já tenha visto.

— Mas o que tem ele a ver com o crime?

— Isto também ainda não está claro. Mas já descobrimos muita coisa, como você pode perceber. Sabemos que havia um homem na estrada

assistindo à briga do casal Barclay: as venezianas estavam levantadas e a sala, iluminada. Sabemos também que ele correu pelo gramado, entrou na sala acompanhado do estranho animal e, ou agrediu o coronel, ou, o que também é possível, o coronel caiu por ter ficado terrivelmente assustado ao vê-lo, cortando a cabeça na quina da guarda da lareira. Finalmente, temos o estranho fato de que o intruso levou a chave da sala quando saiu.

— Parece que suas descobertas deixaram o caso ainda mais complicado do que antes — observei.

— Exatamente. Mostraram que o caso era bem mais complexo do que parecia a princípio. Analisei a questão e cheguei à conclusão de que devo abordá-la por outro ângulo. Mas, Watson, eu não estou deixando você dormir. Posso muito bem contar tudo a caminho de Aldershot, amanhã.

— Obrigado, mas você foi longe demais para parar agora.

— É certo que quando a sra. Barclay saiu de casa às 19h30, estava bem com o marido. Nunca foi, como já mencionei, ostensivamente afetuosa, mas o cocheiro a ouviu conversando amigavelmente com o coronel. Mas também é certo que, ao voltar, ela foi diretamente para a sala onde seria menos provável encontrar o marido e pediu chá, como faria uma pessoa agitada. E finalmente, quando o marido entrou, irrompeu em violentas recriminações. Portanto, entre 19h30 e 21 horas aconteceu alguma coisa que alterou completamente os sentimentos dela em relação ao marido. Mas a srta. Morrison esteve ao seu lado durante aquela hora e meia. Tenho certeza absoluta, portanto, de que, apesar da negativa, ela sabia de alguma coisa.

“Minha primeira hipótese foi de que houve algum episódio entre esta moça e o velho soldado, e que ele confessou tudo à esposa. Isso explicaria a raiva na volta e também o fato de a moça negar que tivesse acontecido alguma coisa. A hipótese não seria totalmente incompatível com a maioria das palavras ouvidas. Mas havia a referência a David e a conhecida afeição do coronel pela mulher pesando contra isso, para não mencionar a trágica intromissão desse outro homem, que poderia, é claro, não ter nada a ver com o que aconteceu. Não foi fácil tomar uma decisão, mas, de modo geral, eu estava inclinado a afastar a ideia de que houve alguma coisa entre o coronel e a srta. Morrison, embora estivesse mais convencido do que nunca de que a moça tem a pista do que transformou em ódio o afeto da sra. Barclay pelo marido. Enveredei pelo caminho óbvio, portanto, visitando a

srta. Morrison e explicando que eu estava absolutamente convencido de que ela sabia dos fatos e afirmando que sua amiga, a sra. Barclay, poderia parar no banco dos réus se o caso não fosse esclarecido.

"A srta. Morrison é uma jovem miúda e etérea, de olhos tímidos e cabelos louros. Mas não lhe faltam argúcia e bom senso. Ficou refletindo durante algum tempo a respeito das minhas palavras e depois, virando-se para mim com ar decidido, fez esta declaração extraordinária, que resumirei para você.

"'Prometi a minha amiga não falar nada sobre o caso, e promessa é promessa. Mas se eu puder realmente ajudá-la, quando ela está sendo acusada de uma coisa tão grave e seus próprios lábios estão selados pela doença, creio que estou dispensada do compromisso. Vou contar exatamente o que se passou na noite de segunda-feira.

"'Estávamos voltando da Missão de Watt Street, por volta de 20h45, e no caminho tínhamos que passar pela Hudson Street, uma rua muito tranquila. Há apenas um lampião, do lado esquerdo, e quando nos aproximávamos dele, vi um homem caminhando na nossa direção, costas muito curvadas, e com uma coisa parecida com uma caixa equilibrada no ombro. Parecia aleijado, pois mantinha a cabeça baixa e caminhava de joelhos inclinados. Quando passamos por ele, o homem ergueu a cabeça para nos olhar à luz do lampião, parou e gritou com uma voz assustadora: "Meu Deus, é Nancy!" A sra. Barclay ficou extremamente pálida e teria caído se aquela criatura horrível não a tivesse segurado. Eu ia chamar a polícia quando ela, para minha surpresa, dirigiu-se ao sujeito em tom polido. "Pensei que tivesse morrido há trinta anos, Henry", disse com voz trêmula. "E estive morto", respondeu, e era horrível ouvir o tom de sua voz.

"'Tinha o rosto muito moreno, assustador, e olhos brilhantes que me aparecem em sonhos. Os cabelos e as suíças eram grisalhos, e a pele, muito marcada de rugas como uma maçã murcha. "Vá andando um pouco, meu bem", disse a sra. Barclay. "Quero falar com este homem. Não há nada a temer."

"'Tentava falar com serenidade, mas continuava extremamente pálida e mal conseguia articular as palavras, tão trêmulos estavam seus lábios.

"'Fiz o que ela pediu e os dois conversaram durante alguns minutos. Em seguida, ela desceu a rua de olhos faiscantes e vi o aleijado de pé, junto ao lampião, sacudindo no ar os punhos cerrados, como se estivesse enfurecido.

Ela não pronunciou nenhuma palavra até chegarmos à minha porta e, então, segurando minha mão, suplicou que eu não contasse a ninguém o que se passara. "É um velho conhecido meu que decaiu na vida", ela disse. Quando prometi que não contaria nada, ela me beijou e depois disso não tornei a vê-la. Contei toda a verdade e se não a revelei à polícia, foi por não ter percebido o perigo que corria a minha amiga. Sei que só pode ser vantajoso para ela que tudo se esclareça.'

"Este foi o relato, Watson, e para mim, como pode imaginar, foi como uma luz em noite escura. Tudo o que parecia desconexo antes começou logo a ocupar seu lugar verdadeiro, e eu tive um pressentimento sombrio de toda a sequência de acontecimentos. Minha providência seguinte, é óbvio, foi procurar o homem que tinha impressionado tanto a sra. Barclay. Se ainda estivesse em Aldershot, não seria difícil encontrá-lo. Não há muitos civis ali, e um homem deformado chamaria atenção. Passei o dia nessa busca e ao anoitecer — ao anoitecer de hoje, Watson — eu o encontrei. Chama-se Henry Wood e mora na rua em que as duas senhoras o encontraram. Está há apenas cinco dias no lugar. Fazendo o papel de agente de registros, tive uma conversa muito interessante com a senhoria. O homem é mágico e ator profissional, e à noite percorre cantinas, onde se exibe. Carrega numa caixa um animal, que parece ter assustado bastante a senhoria. Ela afirma nunca ter visto criatura semelhante. O homem utiliza o animal em algumas das mágicas, segundo ela contou. Revelou-me tudo isso e também não sabe como o homem consegue viver, de tão torto que ele é; fala às vezes numa língua estranha, e nas duas últimas noites ela o ouviu gemer e chorar no quarto. Aparentemente tinha dinheiro, mas o depósito que pagou incluía o que ela achou que era um florim falso. Mostrou-me a moeda, Watson. Era uma rupia indiana.

"Agora, meu caro amigo, você sabe exatamente em que ponto estamos e por que preciso da sua ajuda. É óbvio que, quando as mulheres se afastaram, o homem as seguiu a distância e assistiu à briga entre marido e mulher pela janela. Depois, entrou na sala e o animal que ele levava na caixa soltou-se. Tudo isso é certo. Mas ele é a única pessoa neste mundo capaz de contar exatamente o que aconteceu naquela sala."

— E você pretende interrogá-lo?

— Certamente... mas na presença de uma testemunha.

— E sou eu a testemunha?

— Se quiser ter a bondade... Caso o homem seja capaz de esclarecer a questão, tudo bem. Se ele se recusar, não temos alternativa a não ser pedir um mandado de prisão.

— Mas como sabe que ele estará lá quando chegarmos?

— Tomei certas precauções. Deixei de guarda um dos meus rapazes da Baker Street. Alguém que não o perderá de vista um instante, para onde quer que ele vá. Nós o encontraremos na Hudson Street amanhã, Watson. Entretanto, eu mesmo seria um criminoso se o impedisse de dormir por mais tempo.

Era meio-dia quando chegamos ao local da tragédia e, sob a orientação de meu amigo, fomos para a Hudson Street. Apesar de sua capacidade de ocultar as emoções, eu percebia que Holmes estava numa excitação contida e eu mesmo vibrava com aquele prazer meio esportivo, meio intelectual que invariavelmente sentia quando participava das suas investigações.

— É esta a rua — disse, enveredando por uma ruazinha curta, de casas modestas de dois andares e fachadas de tijolos. — Ah, aí vem Simpson para fazer seu relatório.

— Ele está em casa, sr. Holmes — anunciou um pequeno árabe, correndo ao nosso encontro.

— Ótimo, Simpson! — aprovou Holmes, dando-lhe um tapinha na cabeça. — Vamos, Watson. A casa é esta.

E enviou seu cartão com o recado de que se tratava de assunto importante. Alguns minutos depois estávamos diante do homem que procurávamos. Apesar do dia quente, ele se inclinava sobre o fogo e o quarto minúsculo parecia um forno. Sentado numa cadeira, completamente torto e encolhido, dava uma indescritível impressão de deformidade, mas o rosto que virou na nossa direção, embora moreno e abatido, devia ter sido de uma beleza excepcional. Olhou-nos desconfiado, com olhos amarelados, e sem falar ou levantar-se, fez um gesto indicando duas cadeiras.

— Sr. Henry Wood, que residia na Índia, eu creio — disse Holmes, amável. — Vim falar a respeito da morte do coronel Barclay.

— E o que eu saberia a respeito?

— É o que quero verificar. Deve saber que, se o caso não for esclarecido, a sra. Barclay, velha amiga sua, será provavelmente julgada por homicídio.

O homem estremeceu violentamente.

— Não sei quem é nem como chegou a saber disso, mas jura que é verdade o que está dizendo?

— Estão apenas esperando que ela volte a si para prendê-la.

— Meu Deus! É da polícia?

— Não.

— Então o que é que o senhor teve com este caso?

— É dever de todos zelar para que a justiça seja feita.

— Juro que ela é inocente.

— Então o culpado é o senhor?

— Não, não sou.

— Quem matou o coronel James Barclay?

— Foi a justiça divina que o matou. Mas saiba que se eu lhe tivesse estourado os miolos, como tinha intenção de fazer, ele receberia de minhas mãos apenas aquilo que merecia. Se a própria consciência culpada não o tivesse abatido, é bem provável que seu sangue me pesasse sobre a alma. Quer que eu conte a história? Não vejo por que não deveria, já que não tenho motivos para me envergonhar.

"Foi assim, senhor. Como vê, agora tenho costas de camelo e costelas completamente tortas, mas houve um tempo em que o cabo Henry Wood era o homem mais elegante do 117º de Infantaria. Estávamos na Índia, acantonados, num lugar chamado Bhurtee. Barclay, que morreu há dias, era sargento da minha companhia. E a estrela do regimento, a moça mais bela que já viveu sobre a terra, era Nancy Devoy, filha do sargento mestiço. Dois homens a amavam e ela amava um deles. São capazes de rir ao olhar para esta pobre coisa agachada diante do fogo e ouvi-la dizer que era a mim que ela amava, por minha bela aparência.

"Embora o coração dela fosse meu, o pai estava decidido a casá-la com Barclay. Eu era um rapaz irresponsável, imprudente, e ele tivera uma formação e já estava destinado à carreira militar. Mas a moça conservou-se fiel a mim e parecia que eu a teria para mim, quando estourou o Motim e o país virou um inferno.

"Nosso regimento estava isolado em Bhurtee, com meia bateria de artilharia, uma companhia de sikhs e uma porção de civis, inclusive mulheres. Dez mil rebeldes nos cercavam, alertas como um bando de *terriers* em volta de uma ratoeira. Na segunda semana, a água acabou e era

uma questão de vida ou morte entrarmos em contato com a coluna do general Neill, que avançava para o norte. Era a nossa única chance, porque não havia possibilidade de abrir caminho à força com mulheres e crianças. Ofereci-me como voluntário para avisar o general Neill do perigo que corríamos. Minha proposta foi aceita e eu conversei a respeito com o sargento Barclay, considerado o melhor conhecedor do terreno. Ele traçou um caminho que me permitiria passar pelas linhas rebeldes. Às 22 horas daquela noite parti em missão. Tinha mil vidas a salvar, mas eu só pensava em uma pessoa quando saltei a muralha depois do anoitecer.

"O caminho passava por um rio seco e esperávamos que ele me protegesse das sentinelas inimigas. Mas, ao completar uma curva de rastros, caí no meio de um grupo de seis rebeldes que estava à minha espera na escuridão. No mesmo instante recebi um golpe na cabeça, fiquei atordoado, e amarraram meus pés e mãos. Mas o pior golpe foi vibrado no meu coração, ao recuperar os sentidos e ouvir o suficiente para saber que meu camarada, o próprio homem que traçara o caminho, me traíra por intermédio de um criado nativo, entregando-me ao inimigo.

"Bem, não preciso me estender nesta parte da história. Sabem agora do que James Barclay era capaz. Bhurtee foi salvo por Neill no dia seguinte, mas os rebeldes levaram-me para seu refúgio e passei longos anos sem ver um rosto branco. Era torturado e tentava fugir, eles me recapturavam e novamente me torturavam. Podem ver o estado em que me deixaram. Um grupo que fugiu para o Nepal carregou-me e passei então por Darjeeling, onde os montanheses da região assassinaram os rebeldes que me mantinham prisioneiro. Tornei-me escravo deles até conseguir escapar. Mas, em vez de seguir para o sul, tive de ir para o norte, até que me encontrei entre afegãos. Vaguei por ali durante vários anos, até finalmente voltar a Punjab, onde vivi entre os nativos e aprendi a me sustentar com as mágicas que tinha aprendido. Que utilidade teria para mim, um infeliz aleijado, voltar à Inglaterra, ou procurar os meus antigos camaradas? Nem mesmo o desejo de vingança me levaria a isso. Preferia que Nancy e meus companheiros pensassem que Henry Wood havia morrido de pé a que me vissem arrastar-me apoiado num graveto, como um chimpanzé. Ninguém duvidou que eu estivesse morto e era isso o que eu desejava. Soube que Barclay havia se casado com Nancy e que estava sendo promovido rapidamente no regimento, mas nem isso fez com que eu me manifestasse.

“A velhice traz a saudade da pátria. Passei anos sonhando com os campos verdes e as colinas da Inglaterra. Finalmente decidi revê-los antes de morrer. Economizei o suficiente para a passagem e vim para onde se encontram soldados, pois conheço a sua maneira de ser, sei diverti-los, ganhando assim o suficiente para me sustentar.”

— Sua narrativa é muito interessante — disse Sherlock Holmes. — Já soube de seu encontro com a sra. Barclay e que os dois se reconheceram. Suponho que a tenha seguido até em casa e assistido pela janela à altercação com o marido, durante a qual ela deve tê-lo acusado de trair o senhor. Dominado pelos sentimentos, atravessou correndo o gramado e irrompeu na sala.

— Foi o que fiz. E quando me viu, ele ficou com uma expressão que eu nunca tinha visto em homem nenhum e caiu, batendo com a cabeça na guarda da lareira. Mas já estava morto quando caiu. Li a morte no seu rosto com a nitidez com que leio aquele texto sobre a lareira. A minha simples presença foi como um tiro no seu coração culpado.

— E depois?

— Nancy desmaiou e eu peguei a chave que ela segurava, com a intenção de abrir a porta e pedir socorro. Mas naquele momento achei melhor deixar a situação como estava e fugir, pois tudo se voltaria contra mim e meu segredo viria à tona se me prendessem. Na pressa, guardei a chave no bolso e deixei cair a bengala enquanto perseguia Teddy, que escapara da caixa e subira pela cortina. Assim que consegui prendê-lo de novo, fugi o mais depressa possível.

— Quem é Teddy? — perguntou Holmes.

Inclinando-se, o homem ergueu a parte dianteira de uma espécie de gaiola que estava num canto. No mesmo instante saltou para fora um belo animal de pelo marrom avermelhado, esguio e ágil, com pernas de arminho, longo bico fino e os mais lindos olhos vermelhos que já vi num animal.

— É um mangusto! — exclamei.

— Há quem o chame assim e há quem o chame de *icnêumon* — disse o homem. — Apanhador de serpentes é como eu o chamo. Teddy é espantosamente rápido com as cobras. Tenho uma aqui sem as presas e Teddy a agarra todas as noites para divertir o pessoal nas cantinas. Quer saber mais alguma coisa, senhor?

— Talvez seja preciso recorrer novamente ao senhor se a sra. Barclay estiver em sérias complicações.

— Nesse caso, eu me apresentarei, é claro.

— Mas, do contrário, não há necessidade de reavivar esse escândalo que envolve um morto, por mais desprezível que tenha sido o seu modo de agir. O senhor teve pelo menos a satisfação de saber que durante trinta anos a consciência o censurou amargamente. Ah, lá vai o major Murphy do outro lado da rua. Adeus, Wood. Quero saber se aconteceu alguma coisa de ontem para hoje.

Conseguimos alcançar o major antes que ele chegasse à esquina.

— Olá, Holmes! Deve ter sabido que toda essa confusão deu em nada.

— O que aconteceu?

— O inquérito está encerrado. O laudo médico demonstrou de modo conclusivo que a morte foi causada por apoplexia. Um caso muito simples, afinal.

— Bastante superficial — disse Holmes, sorrindo. — Vamos, Watson. Creio que não precisam mais de nós em Aldershot.

A caminho da estação, observei:

— Há um detalhe que não entendi. Se o nome do marido era James e o do outro era Henry, quem era esse tal David?

— Essa palavra, meu caro Watson, poderia ter me revelado toda a história se eu fosse o raciocinador ideal que você gosta tanto de descrever. Evidentemente, tratava-se de uma censura.

— Censura?

— Sim. David saía do bom caminho de vez em quando, como se sabe, e em certa ocasião seguiu o mesmo rumo do sargento James Barclay. Lembra-se daquele caso de Uriah e Betsabá? Meus conhecimentos bíblicos estão um tanto enferrujados, mas você encontrará a história no primeiro ou no segundo capítulo de Samuel.

O PACIENTE INTERNO

Ao rever a série um tanto incoerente de recordações com que tentei ilustrar algumas das peculiaridades intelectuais do meu amigo Sherlock Holmes, fiquei impressionado com a dificuldade que tive para escolher exemplos que correspondessem em todos os sentidos ao meu objetivo. Porque nos casos em que Holmes fez um *tour de force* de raciocínio analítico e demonstrou o valor dos seus métodos peculiares de investigação, os próprios fatos quase sempre revelaram-se tão tênues ou vulgares que eu não teria a justificativa para apresentá-los ao público. Por outro lado, houve casos frequentes em que Holmes se envolveu em alguma pesquisa em que os fatos tinham características extraordinárias e dramáticas, mas sua participação na determinação das causas foi menos marcante do que eu, como seu biógrafo, desejaria. O episódio que registrei com o título de *Um estudo em vermelho* e outro mais tarde ligado à perda do *Gloria Scott* servem como exemplos de Cila e Caribdes, que vivem ameaçando o historiador. É possível que, no caso que me disponho a relatar agora, o papel desempenhado pelo meu amigo não tenha sido suficientemente relevante, mas todo o encadeamento de circunstâncias é tão extraordinário que não posso omiti-lo nesta série.

Era um dia abafado e chuvoso de agosto. As venezianas estavam descidas até o meio e Holmes se achava enroscado no sofá, lendo e relendo uma carta recebida pela manhã. Quanto a mim, o serviço na Índia me ensinara a suportar melhor o calor do que o frio, e uma temperatura de 32° não representava nenhum sacrifício. Mas o jornal não tinha nada de interessante. O Parlamento estava em recesso. Todo mundo havia saído da

cidade e eu ansiava pelos prados de New Forest ou pelas praias de Southsea. A conta bancária em baixa me forçara a adiar as férias. Quanto ao meu amigo, nem o campo nem o mar tinham qualquer atrativo para ele. Adorava estar bem no meio de uma população de cinco milhões de pessoas, com seus filamentos estendendo-se em todas as direções, ligado a qualquer boato ou suspeita de crime não solucionado. Apreciar a natureza era uma coisa que não estava entre os seus muitos talentos e só mudava de cenário quando desviava sua atenção de um criminoso da cidade para seguir a pista de outro do campo.

Percebendo que Holmes estava absorto demais para conversar, deixei de lado o jornal sem interesse e, reclinando-me na poltrona, mergulhei em divagações. De repente, a voz do meu amigo interrompeu o meu devaneio.

— Você tem razão, Watson. Parece um meio bastante absurdo de resolver a questão.

— Muito absurdo! — exclamei, e percebi de repente que ele havia captado meu pensamento mais íntimo.

Retesei-me na cadeira e olhei espantado para ele.

— Que história é essa, Holmes? Isto ultrapassa tudo o que eu poderia imaginar.

Ele deu uma boa risada diante da minha perplexidade.

— Deve lembrar que algum tempo atrás, quando li para você um trecho de Poe, no qual um raciocinador acompanha os pensamentos não expressos de seu companheiro, você achou que devia considerar o caso um simples *tour de force* do autor. Quando comentei que tinha o hábito de fazer a mesma coisa, você se mostrou incrédulo.

— Não!

— Talvez não com palavras, meu caro Watson, mas sem dúvida com as sobrancelhas. Quando o vi atirar o jornal no chão e mergulhar em meditação, fiquei feliz com a oportunidade de captá-la e, finalmente, interrompê-la, provando que estava em sintonia com você.

Mas eu estava longe de me satisfazer com isso.

— No exemplo que você leu para mim — eu disse — a pessoa que fazia deduções tirava conclusões dos atos da pessoa observada. Se me lembro bem, ele tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas etc. Mas eu estou sentado, quieto, nesta cadeira. Que pistas posso ter fornecido?

— Você está sendo injusto consigo mesmo. A fisionomia é um meio de que o homem dispõe para expressar as emoções, e a sua é um servo fiel.

— Quer dizer que leu meus pensamentos baseado na minha fisionomia?

— Seus olhos, principalmente. Talvez não recorde como teve início o devaneio.

— Não, não recordo.

— Então vou dizer. Depois de jogar o jornal para o lado, gesto que atraiu a minha atenção, ficou sentado meio minuto, sem expressão. Então olhou para o quadro recém-emoldurado do general Gordon e vi pela alteração nos traços que você havia iniciado uma linha de pensamentos. Mas estes não foram muito longe. Seus olhos voltaram-se para o retrato sem moldura de Henry Ward Beecher, que está sobre seus livros. Olhou então para o alto da parede e sua intenção era óbvia. Pensou que, se o retrato estivesse emoldurado, cobriria aquele espaço vazio correspondente ao retrato de Gordon, ali adiante.

— Você me acompanhou maravilhosamente! — exclamei.

— Até aí seria difícil errar. Mas seus pensamentos voltaram a Beecher e você o olhou com atenção, como se estudasse o caráter estampado na fisionomia. E então franziu as pálpebras, continuando a olhar firme, ar pensativo. Recordava os incidentes da carreira de Beecher. Eu sabia muito bem que você seria incapaz de fazer isso sem pensar na missão que ele empreendeu a favor do Norte, durante a Guerra Civil, porque lembro-me de tê-lo ouvido manifestar profunda indignação pela maneira como ele foi recebido pelas camadas mais turbulentas do nosso povo. Você tinha sentimentos tão exaltados sobre isso que eu sabia que não pensaria em Beecher sem se lembrar disso também. Quando, instantes depois, vi seus olhos se afastarem do quadro, suspeitei que sua mente se voltara para a Guerra Civil e, ao observar-lhe o traço severo dos lábios, os olhos brilhantes e as mãos contraídas, tive certeza de que estava pensando na valentia demonstrada pelas duas facções naquela luta desesperada. Mas, em seguida, você ficou triste, sacudiu a cabeça. Estava pensando nos sofrimentos, no horror e no desperdício de vidas. Sua mão deslizou até o antigo ferimento e um sorriso surgiu nos seus lábios, o que indicou que você estava pensando no lado ridículo desse método de resolver questões internacionais. A essa altura, concordei com você que era absurdo, e tive o prazer de descobrir que minhas deduções estavam corretas.

— Totalmente! E, embora você tenha explicado, confesso que continuo tão abismado quanto antes.

— Foi muito superficial, meu caro Watson, asseguro-lhe. Eu não me intrometeria, chamando sua atenção, se você não tivesse revelado certa incredulidade outro dia. Mas a noite trouxe uma brisa. O que diz de um passeio por Londres?

Eu estava cansado da nossa sala acanhada e concordei com prazer. Durante três horas passeamos juntos, observando o eterno caleidoscópio da vida que fluía e refluía na Fleet Street e no Strand. A conversa característica de Holmes, com sua atenta observação de detalhes e sutil capacidade de dedução, me divertiu e me fascinou.

Eram 22 horas quando voltamos à Baker Street. Uma carruagem esperava à nossa porta.

— Hum! Carruagem de médico. Clínico geral, pelo que vejo — observou Holmes. — Não clinica há muito tempo, mas tem tido muito trabalho. Veio consultar-nos, eu imagino! Ainda bem que estamos de volta!

Eu tinha bastante conhecimento dos métodos de Holmes para acompanhar seu raciocínio e verificar que a natureza e o estado dos vários instrumentos médicos na cesta de vime que pendia da lanterna no interior do veículo haviam fornecido os detalhes para a rápida dedução. A luz na nossa janela indicava que o visitante tardio era, de fato, para nós. Curioso para saber o que teria levado um colega de profissão à nossa casa a essa hora, acompanhei Holmes até a sala.

Um homem pálido, de rosto comprido e suíças louras, levantou-se da poltrona junto à lareira quando entramos. Não devia ter mais de 33 ou 34 anos, mas a expressão abatida e a cor doentia da pele revelavam uma vida que havia solapado suas forças, roubando-lhe a juventude. Tinha um jeito nervoso e tímido, como o de uma pessoa sensível. A mão branca e magra que apoiou na lareira ao levantar-se era mais de um artista que de um cirurgião. Vestia-se com discrição em tons escuros — casaca preta, calça cinzenta, com um toque de cor na gravata.

— Boa noite, doutor — disse Holmes amavelmente. — Ainda bem que está esperando há poucos minutos apenas.

— Então falou com o cocheiro?

— Não, a vela da mesinha me mostrou. Sente-se, por favor, e diga em que posso servi-lo.

— Meu nome é dr. Percy Trevelyan e moro na Brook Street, 403.

— Não é o autor de uma monografia sobre lesões nervosas obscuras? — eu perguntei.

Seu rosto pálido corou de prazer ao verificar que eu conhecia seu trabalho.

— É tão raro ouvir falar neste trabalho que achei que ele estava completamente esquecido. Os editores me deram informações desanimadoras sobre as vendas. Suponho que seja médico.

— Cirurgião aposentado do Exército.

— Meu *hobby* sempre foram as doenças nervosas. Gostaria de transformá-lo numa especialidade exclusiva, mas é claro que de início é preciso aceitar o que aparece. Mas isto não vem ao caso, sr. Sherlock Holmes. Sei que seu tempo é precioso. O fato é que uma sequência de acontecimentos muito estranhos vem ocorrendo ultimamente na minha casa, na Brook Street, e esta noite eles chegaram a tal ponto que achei impossível esperar mais tempo para pedir seu conselho e sua ajuda.

Sherlock Holmes sentou-se e acendeu o cachimbo.

— Pode dispor de ambos. Faça um relato detalhado dos fatos que o perturbaram, por favor.

— Um ou dois são tão banais que me envergonho de mencioná-los — respondeu o dr. Trevelyan. — Mas o caso é tão inexplicável e o aspecto que assumiu recentemente é tão complicado que contarei tudo, e então avaliará o que é essencial e o que não é.

“Sou obrigado, para começar, a falar um pouco a respeito de meus estudos universitários. Estudei na Universidade de Londres e espero que não pense que estou me gabando indevidamente se disser que minha carreira de estudante foi considerada pelos professores bastante promissora. Depois de me formar, continuei a dedicar-me à pesquisa, ocupando uma função secundária no King’s College Hospital. Tive a sorte de atrair bastante interesse com minha pesquisa sobre a patologia da catalepsia, e finalmente conquistando o prêmio Bruce Pinkerton e uma medalha pela monografia sobre lesões nervosas, à qual o seu amigo acaba de aludir. Não estarei exagerando se disser que, na época, era opinião geral que eu faria uma bela carreira.

“Mas o grande obstáculo era a falta de capital. Compreenderão logo que um especialista de objetivos elevados é obrigado a começar numa das ruas

de Cavendish Square, pagando aluguéis caros e despesas de instalação. Além dessa despesa preliminar, precisará manter-se durante alguns anos e alugar carruagem e cavalo apresentáveis. Tudo isso estava além das minhas possibilidades. Limitava-me a esperar que, fazendo economia, em dez anos eu teria o suficiente para montar a clínica desejada. Mas, de repente, um incidente inesperado abriu-me novas perspectivas.

“Trata-se da visita de um cavalheiro chamado Blessington, que me era completamente desconhecido. Entrou na minha sala certa manhã e foi direto ao assunto.

“‘É Percy Trevelyan, que fez uma carreira tão destacada e ganhou um prêmio recentemente?’

“Respondi que sim.

“‘Responda com franqueza’, ele continuou, ‘pois descobrirá que é do seu interesse. Tem inteligência para fazer sucesso. Mas tem tato também?’

“Não pude deixar de sorrir diante daquela pergunta inesperada.

“‘Espero ter o suficiente.’

“‘Maus hábitos? Inclinação para a bebida?’

“‘Ora, meu senhor!’, exclamei.

“‘Tem razão! Não se preocupe, mas eu precisava perguntar. Com todas essas qualidades, por que não está clinicando?’

“Dei de ombros.

“‘Vamos, fale!’, disse, com sua maneira expansiva. ‘É a velha história. Muita inteligência e pouco dinheiro, não é? O que diria se eu o fizesse começar na Brook Street?’

“Olhei para ele, espantado.

“‘É em meu benefício, não no seu!’, exclamou. ‘Falarei com toda a franqueza e, se lhe convier, para mim será ótimo. Tenho alguns milhares para investir e decidi fazê-lo na sua pessoa.’

“‘Mas por quê?’

“‘É como qualquer outra especulação e mais segura que a maioria.’

“‘O que é que eu devo fazer, nesse caso?’

“‘Digo já. Eu alugo a casa, providencio as instalações, pago os criados e administro tudo. De sua parte, basta ocupar a cadeira do consultório. Eu lhe darei dinheiro para as despesas e tudo o mais. Depois me dará 3/4 do que ganhar e ficará com 1/4 para si mesmo.’

“Foi esta a estranha proposta que me apresentou o homem chamado Blessington, sr. Holmes. Não pretendo cansá-lo com o relato da negociação. A história terminou com a minha mudança para a casa no *Lady Day*,[11] e ali comecei a clinicar nas condições que ele havia sugerido. Ele veio morar comigo na condição de paciente interno. Tinha o coração fraco e precisava de acompanhamento médico constante. Transformou as duas melhores peças do primeiro andar em sala e quarto para ele. Era um homem de hábitos singulares, não gostava de visitas e raramente saía. Apesar da vida irregular, em certo sentido era a própria regularidade. Todas as noites, à mesma hora, entrava no consultório, examinava os livros, separava cinco xelins e três pence de cada libra que eu ganhava e levava o restante para o cofre que havia no seu quarto.

“Posso afirmar que ele nunca teve motivo para lamentar a especulação. Desde o início foi um sucesso. Alguns casos bons e a reputação que eu havia adquirido no hospital produziram êxito imediato e nos últimos dois anos eu o tornei um homem rico.

“Narrei minha história e minhas relações com o sr. Blessington. Só falta contar o que aconteceu para me trazer aqui esta noite.

“Algumas semanas atrás, o sr. Blessington veio me procurar aparentemente muito agitado. Falou de um roubo que teria ocorrido no West End e, lembro-me bem, estava desnecessariamente agitado, afirmando que naquele dia mesmo mandaria colocar fechaduras mais resistentes nas portas e janelas. Passou uma semana nesse estranho estado de agitação, olhando constantemente pelas janelas e deixando de fazer o curto passeio que em geral precedia o seu jantar. Tive a impressão de que estava mortalmente apavorado com alguém ou alguma coisa, mas quando o interroguei a respeito, mostrou-se tão grosseiro que fui obrigado a mudar de assunto. Com o passar dos dias, o temor começou a diminuir, e ele já voltara aos antigos hábitos, quando um novo acontecimento deixou-o no estado de prostração em que está agora.

“Aconteceu o seguinte. Há dois dias recebi a carta que vou ler. Não trazia data nem endereço.

> *Um nobre russo, atualmente residindo na Inglaterra, gostaria de solicitar a atenção profissional do dr. Percy Trevelyan. Há anos é vítima de ataques de catalepsia, mal em que o dr. Trevelyan é uma*

autoridade reconhecida. Ele pretende visitá-lo amanhã, às 18h15, caso o dr. Trevelyan julgue de sua conveniência.

“A carta interessou-me profundamente porque a principal dificuldade no estudo da catalepsia é a raridade da doença. Podem compreender por que eu estava no consultório na hora marcada, quando o assistente mandou o paciente entrar.

“Era um homem idoso, magro, quieto e vulgar. Não correspondia de maneira alguma à ideia que geralmente se faz de um nobre russo. Fiquei ainda mais impressionado com a aparência de seu companheiro. Era um rapaz alto e de bela figura, fisionomia agressiva e fechada, torso e membros de um Hércules. Segurava o braço do outro quando entraram e ajudou-o a sentar-se numa cadeira com cuidados que não eram de se esperar em alguém com aquela aparência.

“‘Perdoe a minha presença, doutor’, disse com ligeiro sotaque. ‘Este é meu pai e sua saúde é motivo de grande preocupação para mim.’

“Fiquei comovido com aquela ansiedade filial.

“‘Gostaria de assistir à consulta?’, perguntei.

“‘De modo algum!’, exclamou, com um gesto de horror. ‘É muito penoso para mim. Se assistisse a mais um ataque de meu pai, tenho certeza de que eu não sobreviveria a ele. Meu sistema nervoso é excepcionalmente sensível. Com sua permissão, ficarei na sala de espera enquanto o examina.’

“Concordei, naturalmente, e o rapaz se retirou. O paciente e eu mergulhamos no debate do seu caso, enquanto eu fazia anotações minuciosas. Ele não brilhava pela inteligência e suas respostas eram às vezes obscuras, o que atribuí ao limitado conhecimento do nosso idioma. De repente, enquanto eu escrevia, ele deixou de responder às minhas perguntas e, ao erguer a cabeça, tive um choque ao vê-lo sentado muito teso na cadeira, com expressão totalmente vazia e feições rígidas. Estava sofrendo um ataque da sua misteriosa doença.

“Meu primeiro impulso, como acabo de dizer, foi de compaixão e horror. O segundo, lamento dizer, foi de satisfação profissional. Verifiquei a pulsação e a temperatura do paciente, testei a rigidez muscular e os reflexos. Nada havia de pronunciadamente excepcional em qualquer desses aspectos, o que estava de acordo com minha experiência prévia. Eu havia obtido bons resultados em casos assim com a inalação de nitrato de amido,

e aquela oportunidade parecia excelente para testar as suas virtudes. O vidro estava no laboratório, de modo que deixei o paciente sentado na cadeira e corri para buscá-lo. Levei algum tempo para encontrá-lo, talvez uns cinco minutos — e então voltei ao consultório. Imaginem o meu espanto ao encontrar a sala vazia. O paciente havia desaparecido!

"Claro que meu primeiro impulso foi correr à sala de espera. O filho também havia desaparecido. A porta que dava para o vestíbulo estava fechada, mas não trancada. Meu ajudante é um rapazinho novo e nem um pouco brilhante. Espera embaixo e sobe correndo a escada para levar os clientes até a porta quando toco a campainha no consultório. Ele não tinha ouvido nada e o caso virou um verdadeiro mistério. O sr. Blessington voltou do passeio pouco depois, mas não contei o que havia acontecido; para falar a verdade, habituei-me ultimamente a me comunicar o menos possível com ele.

"Bem, pensei que não tornaria a ver o russo e o filho. Imaginem a minha surpresa quando na tarde de hoje, à mesma hora, os dois entraram no meu consultório, exatamente como haviam feito na véspera.

"'Devo-lhe mil desculpas pelo desaparecimento repentino de ontem, doutor', disse o paciente.

"'Confesso que fiquei bastante surpreso', repliquei.

"'O fato é que quando me recupero desses ataques, nunca me lembro do que aconteceu antes. Quando voltei a mim, achei que estava numa sala estranha e saí para a rua meio tonto na hora em que o senhor estava ausente.'

"'E eu, vendo meu pai sair do consultório, pensei que a consulta tinha terminado. Só quando chegamos a casa, percebi o que havia acontecido.'

"'Não houve problema, exceto o fato de terem me deixado bastante intrigado', eu disse, rindo. 'Se quiser ter a bondade de se retirar para a sala de espera, continuarei a nossa consulta, que foi interrompida de modo tão brusco.'

"Durante cerca de meia hora discuti os sintomas com o paciente e, depois de prescrever um remédio, eu o vi sair apoiado no braço do filho.

"Já contei que o sr. Blessington costuma fazer um passeio a essa hora. Ele chegou pouco depois e subiu. Logo em seguida desceu correndo e entrou no consultório como um louco.

"'Quem esteve no meu quarto?', gritou.

"'Ninguém', eu respondi.

"'Mentira! Suba e veja!'

"Ignorei a grosseria das suas palavras porque ele parecia estar transtornado de medo. Quando subíamos, ele apontou várias pegadas no tapete claro.

"'Pretende dizer que essas pegadas são minhas?', gritou.

"Eram bem maiores que as dele e bastante recentes. Choveu forte à tarde, como sabem, e os dois pacientes eram as únicas pessoas que haviam entrado em casa. Era possível que o homem que ficara na sala de espera, por algum motivo, enquanto eu estava ocupado com o pai, tivesse subido ao quarto do meu paciente interno. Nada fora tocado ou roubado, mas as pegadas provavam que a intromissão era um fato inegável.

"O sr. Blessington está mais abalado com o caso do que me parece razoável, embora o assunto seja suficientemente desagradável para abalar a tranquilidade de qualquer um. Sentou-se chorando numa poltrona e mal consegui que falasse alguma coisa coerente. Por sugestão dele recorri ao senhor, e percebi logo a conveniência disso, porque o incidente era muito estranho, embora ele pareça estar exagerando a sua importância. Se quiserem ir na minha carruagem, poderão ao menos tranquilizá-lo, ainda que dificilmente se possa esperar que expliquem esse fato extraordinário."

Sherlock Holmes escutou a longa narrativa com uma atenção que mostrava estar profundamente interessado. Sua expressão continuava imperturbável, como sempre, mas as pálpebras caíam mais pesadas sobre os olhos, a fumaça enroscava-se mais espessa ao sair do cachimbo, sublinhando cada um dos estranhos episódios da narrativa do médico. Quando o nosso visitante terminou, Holmes levantou-se sem uma palavra, entregou-me o meu chapéu, apanhou o dele, que estava sobre a mesa, e saímos junto com o dr. Trevelyan. Quinze minutos depois saltávamos diante da residência do médico, na Brook Street, uma daquelas construções sombrias, de fachada lisa, que costumamos associar a uma clínica do West End. Um rapazinho abriu a porta para nós e subimos a escada ampla e bem-atapetada.

Mas uma interrupção estranha nos deixou imóveis. A luz do alto da escada apagou-se de repente e na escuridão ouvimos uma voz trêmula gritar:

— Estou com uma pistola e juro que vou disparar se insistirem em subir!

— Isto é um absurdo, sr. Blessington! — gritou o dr. Trevelyan.

— Ah, é o doutor? — disse a voz, num arquejo de alívio. — Mas os outros senhores são de fato quem dizem ser?

Percebemos que, do escuro, ele nos observava atentamente.

— Sim, sim, está bem — disse a voz finalmente. — Podem subir e perdoem as minhas precauções.

Ele tornou a acender a lâmpada a gás que iluminava a escada e nós nos vimos diante de um homem estranho, cuja aparência e voz revelavam extremo abalo nervoso. Era muito gordo, mas aparentemente já fora mais, porque a pele pendia do rosto em bolsas flácidas, lembrando o focinho de um mastim. Sua pele tinha uma cor doentia e o cabelo louro e ralo parecia estar em pé devido à intensidade da emoção. Empunhava uma pistola, que guardou no bolso quando nos aproximamos.

— Boa noite, sr. Holmes — cumprimentou. — Sou muito grato por ter vindo. Ninguém precisa mais dos seus conselhos do que eu. Suponho que o dr. Trevelyan tenha contado a inexplicável invasão do meu quarto.

— Exatamente — disse Holmes. — Quem são esses dois homens, sr. Blessington, e por que querem prejudicá-lo?

Nervoso, o paciente interno respondeu:

— Ora, é difícil saber. Como espera que eu responda a uma pergunta dessas, sr. Holmes?

— Então não sabe?

— Entrem, por favor. Tenham a bondade de entrar.

E conduziu-nos ao seu quarto, que era amplo e confortavelmente mobiliado.

— Estão vendo aquilo? — disse, apontando para uma grande caixa preta aos pés da cama. — Nunca fui muito rico, sr. Holmes. Só fiz um investimento na vida, como o dr. Trevelyan deve ter contado. Não acredito em banqueiros. Jamais confiaria num banqueiro, sr. Holmes. Aqui entre nós, o pouco que tenho está naquela caixa, de modo que podem imaginar o que significa para mim saber que pessoas desconhecidas invadiram meu quarto.

Holmes olhou para Blessington com seu jeito interrogativo e meneou a cabeça.

— Não posso dar-lhe nenhum conselho quando tenta me enganar.

— Mas já contei tudo.

Virando-lhe as costas com um gesto de aborrecimento, Holmes disse:

— Boa noite, dr. Trevelyan.

— E não vai me dar nenhum conselho? — exclamou Blessington com a voz trêmula.

— Meu conselho é que diga a verdade, senhor.

Um minuto depois estávamos na rua, voltando a pé para casa. Tínhamos atravessado a Oxford Street e estávamos no meio da Harley Street quando consegui extrair uma palavra do meu amigo.

— Lamento tê-lo arrastado para esta missão idiota, Watson — disse finalmente. — No fundo, é um caso interessante.

— Não entendi quase nada — confessei.

— É evidente que há dois homens, talvez mais, porém dois pelo menos, decididos, por algum motivo, a prejudicar esse Blessington. Não tenho a menor dúvida de que tanto na primeira como na segunda ocasião o rapaz entrou no quarto de Blessington, enquanto seu cúmplice, graças a um artifício engenhoso, impedia o médico de interferir.

— E a catalepsia?

— Imitação fraudulenta, Watson, embora eu não ouse sugeri-lo ao nosso especialista. É muito fácil imitar um ataque. Eu mesmo já o fiz.

— E depois?

— Por mero acaso, Blessington havia saído nas duas ocasiões. O motivo da escolha de uma hora tão insólita para a consulta era evidentemente garantir que não houvesse outros pacientes na sala de espera. Acontece que o momento coincidiu com a hora do passeio de Blessington, o que demonstra que não estavam a par de sua rotina diária. É claro que se quisessem apenas roubar, teriam feito ao menos uma tentativa. Além do mais, sei ler nos olhos de um homem quando é pela própria vida que ele teme. É inconcebível que o sujeito tenha feito sem o saber dois inimigos tão vingativos. É certo, portanto, que ele sabe quem são esses homens, mas se cala por motivos pessoais. É possível que amanhã nós o encontremos com uma disposição mais comunicativa.

— Não haverá alternativa concebível, por mais grotesca e improvável que seja? — sugeri. — A história do russo que sofre de catalepsia e apareceu acompanhado do filho não seria uma invenção do dr. Trevelyan, que, por motivos pessoais, entrou no quarto de Blessington?

Vi à luz de um lampião que Holmes sorria, divertido com a minha brilhante sugestão.

— Meu caro amigo, foi uma das primeiras soluções que me ocorreram, mas pude comprovar logo a veracidade da história do médico. O rapaz deixou pegadas no tapete da escada, o que me dispensou de pedir para ver as que havia deixado no quarto. Quando lhe disser que os sapatos eram de biqueira quadrada, e não pontuda como os de Blessington, e uns 2,5 centímetros maiores que as do médico, perceberá que não pode haver dúvidas quanto à identidade. Mas vamos dormir agora, e eu ficarei surpreso se não recebermos notícias de Brook Street pela manhã.

A profecia de Sherlock Holmes realizou-se logo, e de maneira dramática. Às 7h30 seguinte, quando o dia começava a clarear, dei com ele ao lado da minha cama, envolto no roupão.

— Há uma carruagem à nossa espera, Watson — ele disse.

— O que aconteceu?

— O caso de Brook Street.

— Novidades?

— Trágicas, mas ambíguas — respondeu, erguendo a veneziana. — Veja, uma folha de bloco de anotações com um bilhete rabiscado a lápis: "Pelo amor de Deus, venha imediatamente. P.T." Nosso amigo, o médico, estava em apuros quando escreveu. Vamos, meu caro amigo, porque o chamado é urgente.

Quinze minutos depois estávamos novamente na casa do médico. Ele veio correndo ao nosso encontro, com uma expressão de horror estampada no rosto.

— Que coisa horrível! — exclamou, levando as mãos às têmporas.

— O que aconteceu?

— Blessington suicidou-se!

Holmes assobiou.

— Enforcou-se durante a noite!

Seguimos o médico e entramos no que, evidentemente, era sua sala de espera.

— Nem sei direito o que faço — disse Trevelyan. — A polícia está lá em cima. Estou profundamente chocado.

— Quando o encontrou?

— Ele faz questão que lhe levem uma xícara de chá de manhã bem cedo. Quando a empregada entrou no quarto, por volta das sete horas, o infeliz estava pendurado no meio do aposento. Amarrou uma corda no gancho de onde pendia um lustre pesado e saltou de cima da caixa que nos mostrou ontem.

Holmes ficou imóvel por algum tempo, em profunda meditação.

— Com sua permissão — disse finalmente —, gostaria de subir e examinar o local.

Subimos os dois, acompanhados pelo médico.

Deparamos com uma cena horrível ao entrar no quarto. Mencionei a impressão de flacidez que Blessington dava. Pendurado no gancho, essa impressão era exagerada e intensificada, a ponto de quase não parecer humano. O pescoço estava esticado como o de uma galinha depenada, fazendo com que o resto do corpo parecesse ainda mais obeso e pouco natural. Vestia apenas a roupa de dormir e os tornozelos inchados e pés desajeitados apareciam, nus, sob o camisolão. Ao lado do corpo, um inspetor de polícia, com expressão atenta, tomava notas num caderninho.

— Ah, sr. Holmes! — ele saudou quando entramos. — Encantado em vê-lo.

— Bom dia, Lanner. Estou certo de que não vai me considerar um intruso. Soube dos fatos que resultaram neste caso?

— Sim, ouvi alguma coisa.

— Já tem alguma opinião?

— Pelo que vejo, o homem enlouqueceu de medo. A cama foi usada, como vê. Há uma marca profunda deixada pelo corpo. Os suicídios são mais frequentes por volta das cinco horas. Deve ter sido mais ou menos nessa hora que ele se enforcou. Parece uma coisa deliberada.

— Eu diria que está morto há três horas, a julgar pela rigidez dos músculos — observei.

— Notou algo de estranho no quarto? — perguntou Holmes.

— Encontrei uma chave de parafusos e alguns parafusos no lavatório. Parece que ele fumou bastante durante a noite. Aqui estão quatro pontas de charuto que recolhi na lareira.

— Hum! — fez Holmes. — Encontrou a charuteira dele?

— Não, não encontrei nenhuma.

— Uma caixa de cigarros, nesse caso?

— Sim, estava no bolso do casaco.

Holmes abriu-a e cheirou o único charuto que ela continha.

— Este é um Havana e os outros são charutos diferentes, importados pelos holandeses de suas colônias nas Índias Orientais. Vêm em geral envoltos em palha e são mais finos do que qualquer outra marca.

Recolhendo as quatro pontas, examinou-as com sua lente de bolso.

— Dois foram fumados com piteira e dois sem. Dois foram cortados com faca pouco afiada e dois tiveram as extremidades mordidas por dentes excelentes. Não se trata de suicídio, sr. Lanner. É um assassinato a sangue-frio, muito bem-planejado.

— Impossível! — exclamou o inspetor.

— Por quê?

— Por que alguém haveria de assassinar um homem de um modo tão grosseiro como enforcamento?

— É o que precisamos descobrir.

— Como conseguiram entrar?

— Pela porta da frente.

— Estava fechada hoje de manhã.

— Então foi fechada depois que eles saíram.

— Como sabe?

— Vi as pegadas deles. Com licença. Daqui a alguns instantes darei novas informações a respeito.

Aproximando-se da porta, examinou a fechadura com seu jeito metódico. Em seguida tirou a chave, que estava do lado de dentro, e examinou-a também. A cama, o tapete, as cadeiras, a lareira, o corpo e a corda foram verificados, um a um. Finalmente deu-se por satisfeito e, com a minha ajuda e a do inspetor, desceu o corpo e colocou-o deitado, coberto com um lençol.

— E a corda? — perguntou.

— Foi tirada daqui — disse o dr. Trevelyan, puxando um rolo de corda que estava embaixo da cama. — Ele tinha um medo mórbido de incêndios e conservava a corda ao seu lado para fugir pela janela, se a escada estivesse em chamas.

— Isso deve ter poupado muito trabalho aos homens — disse Holmes, pensativo. — Sim, os fatos são bem simples e ficarei surpreso se à tarde não conseguir apresentar-lhes também as razões. Vou levar a fotografia de Blessington que está sobre a lareira. Ela pode me ajudar na investigação.

— Mas não nos disse nada! — exclamou o médico.

— Não pode haver dúvidas quanto à sequência dos acontecimentos — falou Holmes. — Eram três homens: o rapaz, o velho e um terceiro, sobre cuja identidade ainda não tenho pistas. Os dois primeiros, não preciso dizer, são os que se fizeram passar pelo conde russo e seu filho, de modo que podemos fazer dos dois uma descrição completa. Foram introduzidos pelo cúmplice que estava na casa. Permita que lhe dê um conselho, inspetor: prenda o auxiliar que, pelo que soube, está no emprego há pouco tempo, não é, doutor?

— Ninguém sabe onde está o diabrete! — disse o dr. Trevelyan. — A criada e a cozinheira já estiveram à procura dele.

Holmes deu de ombros.

— Ele desempenhou um papel sem importância neste drama. Depois que os três subiram a escada na ponta dos pés, o mais velho na frente, seguido do mais moço, com o desconhecido atrás...

— Meu caro Holmes! — exclamei.

— Não pode haver dúvidas quanto à superposição das pegadas. Tive a vantagem de poder examiná-las ontem à noite. Eles subiram até o quarto do sr. Blessington, cuja porta encontraram trancada. Mas, com a ajuda de um arame, forçaram a fechadura. Mesmo sem a lente perceberão, pelos arranhões neste recorte da chave, que foi arrombada.

“Depois de entrarem no quarto, a primeira providência deve ter sido amordaçar o sr. Blessington. Talvez ele estivesse adormecido, ou então paralisado de terror, incapaz de gritar. As paredes são grossas e é possível que seu grito, se chegou a soltá-lo, não tenha sido ouvido.

“Depois de o amarrarem, é evidente que houve algum tipo de conferência. Provavelmente algo parecido com um processo judicial. Deve ter durado algum tempo, pois os charutos foram fumados então. O mais velho sentou-se naquela cadeira de vime. Foi ele quem usou a piteira. O mais moço sentou-se ali e deixou cair um pouco de cinza no camiseiro. O terceiro ficou andando de um lado para outro. Acho que Blessington permaneceu sentado na cama, mas não tenho certeza absoluta.

“A reunião terminou com o enforcamento de Blessington. O caso foi preparado com tanta antecedência que, segundo creio, eles trouxeram algum bloco ou polia que servisse de patíbulo. Aquela chave de parafusos e os parafusos serviriam para fixá-lo, eu acho. Ao notarem o gancho, o trabalho

foi poupado, naturalmente. Quando terminaram a tarefa, eles saíram e a porta foi trancada pelo cúmplice.”

Ouvimos com o mais profundo interesse o relato dos acontecimentos daquela noite, que Holmes deduziu a partir de indícios tão sutis e minúsculos que, mesmo depois de apontados por ele, mal conseguíamos acompanhá-lo no raciocínio. O inspetor saiu logo a fim de investigar o paradeiro do auxiliar, enquanto Holmes e eu voltávamos à Baker Street para tomar o café da manhã.

— Estarei de volta às 15 horas — disse quando terminamos a refeição. — O inspetor e o médico me encontrarão aqui a essa hora, quando espero ter esclarecido qualquer ponto obscuro que o caso ainda apresente.

Nossos visitantes chegaram na hora marcada, mas o meu amigo só apareceu quando eram 15h45. Sua expressão dizia que tudo havia corrido bem.

— Alguma novidade, inspetor?

— Pegamos o garoto.

— Excelente. E eu peguei os homens.

— Pegou os homens!? — nós três exclamamos.

— Bem, pelo menos descobri a identidade deles. O que dizia se chamar Blessington é, como eu suspeitava, bastante conhecido da polícia, assim como os seus assassinos. Seus nomes são Biddle, Hayward e Moffat.

— A gangue que assaltou o Banco Worthington! — exclamou o inspetor.

— Exatamente — confirmou Holmes.

— E Blessington era Sutton?

— Precisamente.

— Então, tudo fica claro como cristal! — disse o inspetor.

Mas Trevelyan e eu nos entreolhamos espantados.

— Devem lembrar do grande roubo ao Banco Worthington — disse Holmes. — Havia cinco homens envolvidos no caso, esses quatro e um quinto, chamado Cartwright. Tobin, o vigia, foi assassinado e os ladrões fugiram com sete mil libras. Isto aconteceu em 1875. Os cinco foram presos, mas as provas contra eles não eram conclusivas. Blessington, ou Sutton, o pior da quadrilha, delatou os outros. Baseado em seu depoimento, Cartwright foi enforcado e os outros três pegaram 15 anos cada. Quando foram postos em liberdade, há dias, alguns anos antes de completarem a sentença, saíram imediatamente à procura do traidor para vingar a morte do

companheiro. Por duas vezes tentaram pegá-lo, mas não conseguiram. Na terceira tiveram sorte. Há mais alguma coisa a ser explicada, dr. Trevelyan?

— Creio que deixou tudo absolutamente esclarecido — respondeu o médico. — O dia em que ele apareceu tão perturbado deve ter sido aquele em que leu no jornal a notícia da libertação dos cúmplices.

— Exatamente. A história de roubo era simples despistamento.

— Mas por que não contou tudo?

— Conhecendo a natureza vingativa de seus antigos cúmplices, tentava ocultar a sua verdadeira identidade. O segredo era vergonhoso e ele não tinha coragem de divulgá-lo. Por mais infeliz que estivesse, encontrava-se ainda sob o escudo da lei britânica, e não tenho dúvidas, inspetor, de que o senhor zelará para que, embora o escudo tenha falhado na proteção, a espada da justiça esteja presente para vingar.

Estas foram as circunstâncias singulares que envolveram o paciente interno e o médico de Brook Street. A partir daquela noite, nada mais se soube dos três assassinos, e a Scotland Yard deduziu que se encontravam entre os infelizes passageiros do vapor *Norah Creina*, que naufragou há alguns anos com toda a tripulação nas costas de Portugal, algumas milhas ao norte do Porto. O processo contra o rapazinho auxiliar do médico não foi adiante por falta de provas e o “Mistério de Brook Street”, como foi chamado, nunca chegou a ser inteiramente revelado ao público.

11 Dia da Anunciação de Nossa Senhora — 25 de março. (N.T.)

O INTÉRPRETE GREGO

DURANTE O LONGO E ESTREITO RELACIONAMENTO COM SHERLOCK Holmes, nunca ouvi dele nenhuma referência à sua família e muito poucas à infância. Esta reticência de sua parte aumentou a impressão pouco humana que ele me transmitia, a ponto de me surpreender às vezes a observá-lo como um fenômeno isolado, um cérebro sem coração, tão desprovido de simpatia humana quanto fértil em inteligência. Sua aversão às mulheres e pouca inclinação a fazer novas amizades eram típicas de um temperamento seco, mas não tanto quanto sua omissão total de qualquer referência à família. E eu passara a acreditar que era órfão e sem parentes vivos, até que um dia, para minha grande surpresa, ele começou a falar sobre o irmão.

Foi depois do chá, num crepúsculo de verão. A conversa que se desenrolava a esmo, de maneira espasmódica, passando de bastões de golfe às causas da mudança na obliquidade da eclíptica, enveredou finalmente pela questão do atavismo e das aptidões hereditárias. O assunto em debate era até que ponto um talento específico num indivíduo seria devido à sua ascendência, e até que ponto era consequência da educação inicial.

— Diante de tudo o que me disse, no seu caso parece óbvio que sua capacidade de observação e sua facilidade peculiar para a dedução devem-se ao seu próprio treinamento sistemático.

— Até certo ponto — ele respondeu, pensativo. — Meus antepassados pertenciam à nobreza do campo e parecem ter levado a existência normal dos de sua classe. Ainda assim, minha inclinação está nas minhas veias e talvez tenha sido herdada de minha avó, que era irmã de Vernet, o artista francês. A arte no sangue é capaz de assumir as formas mais estranhas.

— Mas como sabe que é hereditária?

— Porque meu irmão, Mycroft, a possui num grau mais acentuado.

Isso foi novidade para mim. Se houvesse na Inglaterra outro homem com poderes tão especiais, por que nem a polícia nem o público tinham ouvido falar nele? Fiz a pergunta, dando a entender que a modéstia de meu amigo é que o levava a considerar o irmão superior a ele. Holmes riu da sugestão.

— Meu caro Watson, não concordo com os que incluem a modéstia entre as virtudes. Para o lógico, todas as coisas devem ser exatamente o que são, e subestimar-se é tão falso quanto exagerar o próprio talento. Portanto, quando digo que Mycroft tem maior capacidade de observação, pode estar certo de que falo a verdade exata e literal.

— Ele é mais moço que você?

— Sete anos mais velho.

— Como é possível que ele tenha permanecido no anonimato?

— Ele é muito conhecido em seu próprio círculo.

— Onde?

— No Clube Diógenes, por exemplo.

Eu nunca tinha ouvido falar na instituição e minha fisionomia deve ter demonstrado isso, pois Sherlock Holmes tirou o relógio do bolso.

— O Clube Diógenes é uma das mais estranhas sociedades de Londres, e Mycroft, um dos seus membros mais estranhos. Está sempre ali desde as 16h45 até as 19h40. São 18 horas, e se você quiser fazer um passeio neste belo anoitecer, eu terei o maior prazer em apresentá-lo a duas curiosidades.

Cinco minutos depois estávamos na rua, caminhando na direção de Regent's Circus.

— Você deve estar admirado porque Mycroft não usa os seus talentos como detetive. Ele é incapaz disso.

— Mas você não disse...!

— Disse que era superior em dedução e observação. Se a arte do detetive começasse e terminasse no raciocínio feito numa poltrona, meu irmão seria o maior criminologista que jamais existiu. Mas não é ambicioso e não tem energia. Não se preocuparia em verificar suas próprias soluções, e iria preferir que o considerassem equivocado a dar-se ao trabalho de provar que estava certo. Levei-lhe muitas vezes um problema e recebi uma explicação que mais tarde foi comprovada. Contudo, ele foi totalmente incapaz de lidar

com as questões práticas que devem ser resolvidas antes de se levar o caso à justiça.

— Então não é esta a profissão dele?

— De modo algum. O que para mim é um meio de vida, para ele é um simples *hobby* de diletante. Tem uma cabeça extraordinária para números e faz auditoria nos livros de alguns departamentos do governo. Mycroft mora em Pall Mall e todas as manhãs dobra a esquina para ir a Whitehall, e volta à noite. Durante o ano inteiro não faz outro exercício e não é visto em nenhum outro lugar, a não ser no Clube Diógenes, que fica em frente ao seu apartamento.

— Não conheço o nome.

— É bem provável. Há muitos homens em Londres que, por timidez ou por misantropia, rejeitam a companhia de seus semelhantes, mas não são avessos a poltronas confortáveis e às últimas edições dos jornais. Foi para servir a essas pessoas que foi fundado o Clube Diógenes. Ele agrupa os homens menos sociáveis e agrupáveis da cidade. Nenhum membro tem permissão de dar a mínima atenção a qualquer outro. Exceto na Sala dos Estranhos, a conversa não é permitida em nenhuma circunstância, e se três transgressões a essa norma forem levadas ao conhecimento do comitê, o conversador fica sujeito a expulsão. Meu irmão é um dos fundadores e eu mesmo acho muito calmante a atmosfera do clube.

Tínhamos chegado a Pall Mall enquanto conversávamos e enveredamos pela rua a partir de St. James. A certa distância do Carlton, Sherlock parou diante de uma porta e, fazendo sinal para que eu ficasse calado, me fez entrar no vestíbulo. Através do painel de vidro vi uma sala luxuosa, onde um número considerável de homens lia os jornais, cada qual no seu canto. Holmes conduziu-me a um pequeno recinto que dava para Pall Mall e, ausentando-se por um instante, voltou com alguém que só poderia ser seu irmão.

Mycroft Holmes era mais alto e vigoroso do que Sherlock. Seu corpo era robusto, mas o rosto, embora maciço, conservava algo da vivacidade de expressão tão notável em Sherlock. Os olhos, de um cinzento especialmente claro, pareciam manter aquela expressão distante, introspectiva, que eu observava nos do meu amigo quando ele estava utilizando plenamente os seus talentos.

— É um prazer conhecê-lo, senhor — disse ele, estendendo a mão lisa como a nadadeira de uma foca. — Ouço falar de Sherlock em toda parte desde que o senhor se tornou o biógrafo dele. E por falar nisso, Sherlock, esperava que você me consultasse na semana passada a respeito do caso daquela mansão. Achei que seria difícil demais para você.

— Não, consegui resolvê-lo — disse meu amigo, sorrindo.

— Foi Adams, naturalmente.

— Sim, foi Adams.

— Eu tinha certeza desde o início.

Os dois sentaram-se perto da janela do clube.

— Este é o lugar ideal para quem quiser estudar a humanidade — observou Mycroft. — Veja que tipos magníficos! Repare naqueles dois homens que estão caminhando na nossa direção, por exemplo.

— O marcador de bilhar e o outro?

— Exatamente. O que acha do outro?

Os dois haviam parado diante da janela. Marcas de giz sobre o bolso do colete eram os únicos sinais de bilhar que notei num deles. O outro era um homem baixinho e moreno, chapéu inclinado para trás e vários pacotes debaixo do braço.

— Um velho soldado, parece-me — disse Sherlock.

— E recentemente reformado — observou o irmão.

— Serviu na Índia, pelo que vejo.

— Como oficial não comissionado.

— Artilharia Real, imagino — disse Sherlock.

— E viúvo.

— Com filhos, meu caro rapaz. Com filhos.

— Ora, isso é demais — protestei, rindo.

— Não é difícil dizer que um homem com aquele porte, expressão autoritária e tez curtida de sol é um soldado, mais que um soldado raso, e recentemente chegado da Índia.

— O fato de ter deixado o Exército há pouco tempo é indicado por usar ainda “botas de munição”, como são chamadas — observou Mycroft.

— Não tem o andar do cavalariano, mas usava o chapéu inclinado para o lado, como demonstra a pele mais clara naquela parte do rosto. O peso indica que não podia ser sapador. Serviu na artilharia.

— E o luto fechado revela que perdeu alguém muito querido. O fato de estar fazendo compras indica que foi a mulher. Esteve comprando coisas para os filhos, como vê. Há um chocalho, o que mostra que um deles é muito pequeno. É provável que a mulher tenha morrido ao dar à luz. O fato de levar debaixo do braço um livro ilustrado indica que há uma outra criança na história.

Comecei a perceber o que meu amigo queria dizer ao mencionar os talentos mais perspicazes do irmão. Olhando para mim, ele sorriu. Mycroft aspirou rapé tirado de uma caixinha de tartaruga e sacudiu os grãos que caíram no casaco, agitando um grande lenço de seda vermelha.

— Sherlock, tenho algo bem ao seu estilo, um problema singular que me foi apresentado. Não tive disposição para acompanhá-lo, a não ser de maneira muito superficial, mas deu-me uma base para especulações muito agradáveis. Se estiver interessado nos fatos...

— Será um prazer, meu caro Mycroft.

O irmão rabiscou um bilhete numa folha de seu caderninho de anotações e, tocando a campainha, entregou-o ao garçom.

— Pedi ao sr. Melas que venha até aqui. Ele mora um andar acima do meu. Conheço-o ligeiramente, e por isso ele me procurou quando se viu em apuros. O sr. Melas é de origem grega, segundo eu soube, e um linguista extraordinário. Ganha a vida como intérprete em tribunais e também como guia de orientais abastados que se hospedam nos hotéis da Northumberland Avenue. Vou deixar que ele conte à sua maneira a experiência extraordinária que viveu.

Minutos depois apareceu um homem baixo e gordo, cuja tez morena e cabelos pretos indicavam sua origem sulina, embora seu modo de falar fosse o de um inglês culto. Trocou um caloroso aperto de mãos com Sherlock Holmes, e seus olhos escuros cintilaram de prazer ao perceber que o especialista estava ansioso por ouvir a sua história.

— Não acho que a polícia acredite em mim, palavra — disse em tom lamentoso. — Só porque nunca ouviram falar nisso, pensam que não possa existir. Mas eu não ficarei descansado enquanto não descobrir que fim levou o pobre homem com o rosto emplastrado de esparadrapo.

— Conte com minha total atenção — disse Sherlock.

— Hoje é a noite de quarta-feira — disse o sr. Melas. — Então, foi na segunda à noite, há dois dias apenas, que tudo aconteceu. Sou intérprete,

como o meu vizinho talvez tenha dito. Traduzo todas as línguas, ou quase todas, mas como sou grego de origem e tenho nome grego, é a este idioma em particular que me associam. Há anos sou o principal intérprete do idioma em Londres e muito conhecido nos hotéis.

"Sou procurado com frequência nas horas mais estranhas. São estrangeiros em dificuldades, ou viajantes que chegam tarde e precisam dos meus serviços. Não me surpreendi, portanto, quando na segunda-feira à noite um certo sr. Latimer, rapaz muito bem-vestido, procurou-me na minha casa, pedindo que o acompanhasse no cabriolé que aguardava à porta. Um amigo grego fora visitá-lo a negócios, explicou, e como só sabia falar a sua língua, os serviços de um intérprete eram indispensáveis. Deu-me a entender que a casa ficava um tanto distante, em Kensington, e parecia muito apressado, fazendo-me entrar no cabriolé assim que chegamos à rua.

"Disse cabriolé, mas logo me perguntei se não estaria numa carruagem. O veículo era mais espaçoso que a maioria dos que desgraçadamente circulam em Londres e o estofamento, embora em mau estado, era de boa qualidade. O sr. Latimer sentou-se na minha frente e partimos, atravessando Charing Cross e enveredando pela Shaftesbury Avenue. Estávamos na Oxford Street quando me arrisquei a fazer uma observação a respeito do caminho tortuoso que fazíamos para chegar a Kensington, mas as palavras morreram-me nos lábios diante da conduta extraordinária do meu companheiro.

"Começou exibindo um cajado enorme carregado no castão com chumbo tirado do bolso e movimentou-o de um lado para outro diversas vezes, como se quisesse testar seu peso e sua força. Em seguida, sem uma palavra, colocou-o no banco ao seu lado. Depois levantou os vidros dos dois lados e eu descobri, espantado, que estavam recobertos de jornal para impedir que eu olhasse pelas janelas.

"'Lamento tirar-lhe a visão, sr. Melas. O fato é que não tenho intenção de permitir que veja o local para onde estamos indo. Seria inconveniente para mim se conseguisse encontrar novamente o caminho.'

"Como imaginam, fiquei abismado ao ouvir essas palavras.

"Meu companheiro era um homem forte, de ombros largos e, mesmo sem a arma, eu não teria a menor chance, se lutasse com ele.

"'É uma conduta extraordinária, sr. Latimer', gaguejei. 'Deve saber que o que está fazendo é totalmente ilegal.'

"'É uma liberdade que tomo, sem dúvida, mas será compensado. Mas devo preveni-lo, sr. Melas, que se a qualquer momento desta noite tentar dar um alarme, ou fizer alguma coisa contrária aos meus interesses, descobrirá que corre perigo. Peço que não esqueça que ninguém sabe onde está e que, nesta carruagem ou na minha casa, acha-se em meu poder.'

"As palavras foram pronunciadas com serenidade, mas em tom áspero e bastante ameaçador. Fiquei calado, perguntando a mim mesmo qual seria o motivo para me raptarem de modo tão extraordinário. Fosse qual fosse, ficara evidente que era inútil resistir. Restava-me esperar para ver o que aconteceria.

"Viajamos durante quase duas horas sem que eu tivesse a menor pista do nosso destino. Às vezes o ruído de pedras indicava um caminho calçado, outras vezes o deslizar suave e silencioso sugeria asfalto, mas, além dessa variação de sons, não havia nada que me ajudasse a descobrir onde estávamos. O papel que recobria os vidros não deixava passar a luz e uma cortina azul fora puxada sobre o vidro dianteiro. Eram 19h15 quando saímos de Pall Mall e meu relógio mostrava que eram 21h10 quando finalmente a carruagem parou. Meu companheiro arriou o vidro e vi de relance uma porta em arco, baixa, sobre a qual ardia uma lâmpada. Fui tirado às pressas do veículo, enquanto a porta se abria e eu me vi no interior da casa, captando a vaga impressão de um gramado e árvores de ambos os lados da entrada. Mas eu não saberia dizer se era um jardim particular ou se estávamos no campo.

"Havia uma lâmpada colorida no interior com uma chama tão baixa que eu mal conseguia enxergar, a não ser que estava num vestíbulo amplo com quadros nas paredes. Nessa luz fraca percebi que a pessoa que abrira a porta era um homenzinho de meia-idade, de ombros caídos e expressão zangada. Quando se virou para nós, um reflexo de luz revelou que usava óculos.

"'É este o sr. Melas, Harold?', perguntou.

"'É.'

"'Muito bem! Muito bem! Espero que não leve a mal, sr. Melas. O caso é que não podíamos dispensá-lo. Se agir corretamente, não terá motivos para se lamentar, mas se tentar algum truque, peça a Deus que o ajude!'

"Falava aos arrancos, nervoso, frases entremeadas de risadinhas, mas deu-me a impressão de estar dominado pelo medo.

"'O que querem de mim?', perguntei.

"'Apenas que faça algumas perguntas a um senhor grego que está nos visitando e transmita as respostas dele. Mas não diga nada além do que lhe pedirem, ou — nova risadinha nervosa — lamentará o dia em que nasceu.'

"Enquanto falava, abriu uma porta e levou-me a uma sala que parecia suntuosamente mobiliada, mas também estava iluminada por uma única lâmpada de chama bastante reduzida. A peça era ampla e o fato de meus pés afundarem nos tapetes indicava sua riqueza. Vi de relance poltronas forradas de veludo, uma lareira alta de mármore branco, junto à qual havia uma armadura que me pareceu japonesa. Sob a lâmpada havia uma cadeira e o senhor idoso fez sinal para que eu me sentasse. O rapaz desapareceu e voltou de repente por outra porta, trazendo um homem vestido com uma espécie de roupão solto, que se aproximou lentamente de nós. Quando entrou no círculo de luz que me permitia vê-lo com mais nitidez, estremeci de horror. Estava extremamente pálido e magro, e tinha os olhos saltados e brilhantes de alguém cuja energia interior ultrapassa as forças físicas. Mas o que me chocou, além dos sinais de fraqueza, foi o rosto grotescamente recoberto de esparadrapo, com uma faixa larga tapando-lhe a boca.

"'Trouxe a lousa, Harold?', perguntou o velho, enquanto aquele estranho personagem deixou-se cair numa cadeira. 'As mãos estão soltas? Dê-lhe o lápis. O senhor fará as perguntas, sr. Melas, e ele escreverá as respostas. Pergunte primeiro se está disposto a assinar os papéis.'

"Os olhos do homem cintilaram, enfurecidos.

"'Nunca', escreveu em grego na lousa.

"'Sob nenhuma condição?', perguntei, a pedido do nosso tirano.

"'Somente se eu a vir casada na minha presença por um sacerdote grego que eu conheça.'

"O homem soltou uma risadinha venenosa.

"'Nesse caso, sabe o que o aguarda?'

"'Não importa o que possa me acontecer.'

"Estes são exemplos das perguntas e respostas que constituíram a nossa estranha conversa meio falada e meio escrita. Pediram-me que perguntasse várias vezes se ele assinaria o documento e recebi sempre a mesma resposta indignada. Mas logo ocorreu-me uma ideia feliz. Passei a acrescentar pequenas sentenças a cada pergunta, no início inocentes, a fim de verificar se um dos homens percebia qualquer coisa, e depois, ao ver que não

mostravam nenhum sinal de compreensão, iniciei um jogo mais perigoso. Nossa conversa foi mais ou menos a seguinte:

"'Não conseguirá nada com essa obstinação. *Quem é você?*

'Não importa. *Sou um estranho em Londres.*

'Seu destino está em suas mãos. *Há quanto tempo está aqui?*

'Não importa. *Três semanas.*

'Esta propriedade jamais será sua. *Qual é o seu problema?*

'Não cairá nas mãos de bandidos. *Estão me matando de fome.*

'Sairá daqui em liberdade se assinar. *Que casa é esta?*

'Não assinarei jamais. *Não sei.*

'Não está fazendo nenhum favor a ela. *Como se chama?*

'Quero ouvir a resposta diretamente dela. *Kratides.*

'Poderá vê-la se assinar. *De onde veio?*

'Então, nunca mais tornarei a vê-la. *Atenas*.'

"Mais cinco minutos, sr. Holmes, e eu obteria toda a história, na cara dos homens. A minha pergunta seguinte teria esclarecido a questão, mas naquele instante a porta se abriu e uma mulher entrou na sala. Não a vi com nitidez suficiente, mas sei que era alta e graciosa, de cabelos pretos, e vestia uma espécie de bata branca flutuante.

"'Harold! Não aguentei mais!', ela falava inglês com sotaque. 'Fico tão solitária lá em cima, somente com... Oh, meu Deus, é Paul!'

"As últimas palavras foram pronunciadas em grego. No mesmo instante o homem, num esforço supremo, arrancou o esparadrapo da boca, e gritando 'Sophy! Sophy!' correu a abraçá-la. Mas o abraço durou apenas um instante, pois o rapaz agarrou a mulher e arrastou-a para fora da sala, enquanto o mais velho facilmente dominava a vítima enfraquecida, arrastando-a para a outra porta. Vendo-me sozinho por um instante na sala, levantei-me com a vaga ideia de obter uma pista a respeito da casa onde estava. Felizmente, porém, não fiz coisa alguma, pois quando ergui a cabeça, dei com o homem mais velho parado à porta e olhando para mim.

"'Quieto, sr. Melas. Deve ter percebido que lhe permitimos tomar conhecimento de assunto muito particular. Não o teríamos incomodado se o nosso amigo que fala grego, e iniciou as negociações, não fosse obrigado a voltar para o Oriente. Era necessário encontrar alguém para substituí-lo, e ficamos sabendo dos seus talentos.'

"Inclinei-me.

“‘Aqui estão cinco libras’, ele disse, aproximando-se. ‘Espero que sejam suficientes. Mas lembre-se’, e, com um risinho, bateu de leve no meu peito, ‘se falar com alguém a respeito deste caso, a uma só pessoa que seja, que Deus tenha misericórdia de sua alma.’

“Não sei expressar a repulsa e o horror que aquele homenzinho de aparência insignificante me inspirou. Eu o via com mais nitidez agora que a luz incidia sobre ele. Tinha traços aquilinos, tez pálida, barba curta e pontuda, desgrenhada e maltratada. Ao falar, aproximou o rosto do meu. Seus lábios e pálpebras estavam em contínuo movimento, como os de alguém que sofresse da doença de são Guido. Ocorreu-me também que aquele risinho estranho era sintoma de uma doença nervosa. O terror que seu rosto inspirava vinha dos olhos cinza-aço, de brilho frio, revelando, em suas profundezas, uma crueldade inexorável.

“‘Ficaremos sabendo, se você falar no assunto. Temos nossos canais de informação. A carruagem está à sua espera e meu amigo o acompanhará.’

“Fizeram-me atravessar às pressas o vestíbulo e entrar no veículo, e nessa hora pude ver de relance as árvores e um jardim. O sr. Latimer seguiu-me de perto e sentou-se na minha frente sem pronunciar uma palavra. Percorremos em silêncio a distância interminável, vidros fechados, até que finalmente, pouco depois da meia-noite, a carruagem parou.

“‘Salte aqui, sr. Melas’, disse o meu companheiro. ‘Lamento deixá-lo tão longe de sua casa, mas não há alternativa. Qualquer tentativa sua de seguir a carruagem resultará em dano para a sua pessoa.’

“Abriu a porta e mal tive tempo de saltar, pois o cocheiro chicoteou o cavalo e o veículo se afastou ruidosamente. Olhei em torno, espantado. Estava numa espécie de descampado coberto de arbustos de tojo. Ao longe estendia-se uma fileira de casas. Uma luz brilhava aqui e ali nos pavimentos superiores. Do lado oposto vi os sinais vermelhos de uma estrada de ferro.

“A carruagem já havia desaparecido. Olhei em volta, perguntando a mim mesmo onde estaria quando percebi que alguém se aproximava na escuridão. Quando estava perto, vi que se tratava de um carregador da estrada de ferro.

“‘Pode me dizer que lugar é este?’, perguntei.

“‘Wandsworth Common’, respondeu.

“‘Posso pegar algum trem para a cidade?’

"'Se caminhar cerca de 1,5 quilômetro, chegará a Clapham Junction a tempo de pegar o último trem para Victoria.'

"Foi assim que terminou a minha aventura, sr. Holmes. Não sei onde estive, ou com quem falei, nada sei além do que acabo de contar. Mas sei que há algo de muito torpe e quero ajudar aquele infeliz, se for possível. Contei a história ao sr. Mycroft Holmes na manhã seguinte e, mais tarde, à polícia."

Ficamos em silêncio por algum tempo, depois de ouvir essa narrativa extraordinária. E então Sherlock olhou para o irmão.

— Alguma providência? — perguntou.

Mycroft pegou o *Daily News* que estava um uma mesinha.

> Quem puder fornecer qualquer informação sobre o paradeiro de um senhor grego chamado Paul Kratides, de Atenas, e que não fala inglês, receberá uma recompensa. Recompensa similar será entregue a quem der informações referentes a uma senhora grega, cujo primeiro nome é Sophy. X 2473.

Foi publicado em todos os jornais. Não houve resposta.

— E a legação da Grécia?

— Já indaguei. Não sabem de nada.

— Um telegrama ao chefe de polícia de Atenas, então?

— Sherlock concentrou toda a energia da família — comentou Mycroft, virando-se para mim. — Fique com o caso e avise-me se conseguir algum resultado.

— Combinado — disse meu amigo, levantando-se. — Eu me comunicarei com você e também com o sr. Melas. Mas, se eu fosse o senhor, ficaria bastante alerta, pois devem saber pelos anúncios que os traiu.

Enquanto caminhávamos para casa, Holmes entrou numa agência dos telégrafos e enviou vários telegramas.

— Nosso serão não foi desperdiçado, Watson — observou. — Alguns dos meus casos mais interessantes chegaram-me por intermédio de Mycroft. O problema que acabamos de ouvir, embora só possa admitir uma explicação, tem características singulares.

— Espera solucioná-lo?

— Sabemos tanta coisa a respeito que seria estranho se não descobríssemos o resto. Você mesmo já deve ter elaborado alguma teoria que explique os fatos que acabamos de ouvir.

— Sim, uma teoria vaga.

— Qual é a sua ideia?

— Parece óbvio que a moça grega foi sequestrada pelo jovem inglês chamado Harold Latimer.

— Sequestrada onde?

— Atenas, talvez.

Sherlock Holmes meneou a cabeça.

— O rapaz não falava uma só palavra de grego. A moça falava inglês razoavelmente, donde se deduz que estava na Inglaterra havia algum tempo e que ele não esteve na Grécia.

— Então, presume-se que ela veio uma vez em visita à Inglaterra e que Harold a convenceu a fugir com ele.

— Isso é mais provável.

— Então o irmão, pois creio que esse é o parentesco, veio da Grécia para interferir. Imprudentemente, colocou-se à mercê do rapaz e de seu sócio mais velho. Agarraram-no e usaram de violência para obrigá-lo a assinar papéis que transferiam para o nome deles a fortuna da moça, da qual ele deve ser o administrador. Ele se recusa a assinar. Para negociar precisam de um intérprete e se apoderam do pobre sr. Melas, depois de usar outra pessoa. A moça não é informada da chegada do irmão e fica sabendo por mero acaso.

— Excelente, Watson! — exclamou Holmes. — Creio que não está muito longe da verdade. Temos todas as cartas na mão e só devemos temer algum ato repentino de violência por parte deles. Se nos derem tempo, nós os pegaremos.

— Mas como encontraremos a casa?

— Se nossas conjecturas estiverem corretas, o nome da moça é, ou era, Sophy Kratides. Não será difícil encontrá-la. É a nossa maior esperança, pois o irmão, naturalmente, não passa de um completo estranho. Claro que se passou algum tempo desde que esse Harold travou relações com a moça. Semanas, pelo menos, até o irmão saber na Grécia e vir para cá. Se os jovens estavam vivendo juntos nesse período, é provável que obtenhamos alguma resposta ao anúncio de Mycroft.

Enquanto conversávamos, chegamos à nossa casa, na Baker Street. Holmes subiu na frente e, ao abrir a porta da sala, soltou uma exclamação de surpresa. Olhando por cima do ombro dele, levei um susto igual. Mycroft estava sentado numa poltrona, fumando.

— Entre, Sherlock! Entre, senhor! — falou tranquilo, sorrindo diante da nossa surpresa. — Não esperava tanta energia de minha parte, não é, Sherlock? Mas este caso me atrai.

— Como veio até aqui?

— Passei por vocês num cabriolé.

— Aconteceu alguma coisa?

— Recebi uma resposta ao meu anúncio.

— Ah!

— Chegou alguns minutos depois que saíram.

— E que dizia?

Mycroft Holmes tirou do bolso um papel.

— Aqui está, escrita com pena sobre papel creme, por um homem de meia-idade e constituição franzina.

> *Senhor, diz ele, em resposta ao seu anúncio de hoje quero informar que conheço muito bem a senhora em questão. Se quiser me visitar, eu lhe darei alguns detalhes de sua dolorosa história. Ela reside no momento em The Myrtles, Beckenham.*
>
> *Seu, atenciosamente,*
>
> *J. Davenport*

— Remeteu a carta de Lower Brixton — observou Mycroft Holmes. — Não acha que devemos ir agora tomar conhecimento desses detalhes, Sherlock?

— Meu caro Mycroft, a vida do irmão é mais valiosa do que a história da irmã. Creio que devemos ir à Scotland Yard procurar o inspetor Gregson e seguir direto para Beckenham. Sabemos que há um homem condenado à morte e cada hora que passa é decisiva.

— É melhor pegarmos o sr. Melas no caminho — sugeri. — Vamos precisar de um intérprete.

— Excelente! — aprovou Sherlock Holmes. — Mande o garoto buscar uma carruagem e partiremos imediatamente.

Abriu a gaveta da escrivaninha enquanto falava e notei que enfiava o revólver no bolso. Em resposta ao meu olhar, disse:

— Sim, pelo que soubemos, estamos lidando com uma gangue muito perigosa.

Era quase noite quando chegamos a Pall Mall, onde morava o sr. Melas. Um senhor acabava de vir buscá-lo de carruagem.

— Sabe para onde foi? — perguntou Mycroft Holmes.

— Não, senhor — respondeu a mulher que abriu a porta. — Sei apenas que saiu de carruagem com um senhor.

— E ele deu o nome?

— Não, senhor.

— Era um rapaz alto, bonito, moreno?

— Não, senhor. Era um cavalheiro baixinho, de óculos, rosto magro, mas muito simpático. Ria o tempo todo.

— Vamos! — disse Sherlock Holmes bruscamente. — O caso está ficando sério! — observou enquanto nos dirigíamos à Scotland Yard. — Aquela gente sequestrou Melas de novo. Ele é um homem sem coragem física, como eles sabem pela experiência da noite passada. O bandido conseguiu aterrorizá-lo com sua simples presença. Querem, sem dúvida, os seus serviços profissionais, mas depois de usá-lo vão querer castigá-lo pelo que devem considerar uma traição.

Nossa esperança era que, tomando o trem, pudéssemos chegar a Beckenham tão depressa ou mais que de carruagem. Mas, ao chegarmos à Scotland Yard, levamos mais de uma hora para encontrar o inspetor Gregson e cumprir as formalidades legais que nos permitiriam entrar na casa. Eram 21h45, portanto, quando chegamos a London Bridge e levamos mais meia hora para saltarmos na plataforma de Beckenham. Um percurso de um quilômetro levou-nos a The Myrtles — uma casa ampla e escura, separada da estrada pelos jardins que a cercavam. Dispensamos a carruagem e percorremos juntos a alameda.

— As janelas estão todas fechadas — observou o inspetor. — A casa parece deserta.

— Os pássaros abandonaram o ninho — disse Holmes.

— Por que pensa assim?

— Uma carruagem pesada, carregada de bagagens, passou por aqui há uma hora.

O inspetor riu.

— Vi as marcas das rodas à luz do portão. Mas como sabe da bagagem?

— Deve ter observado as mesmas marcas seguindo na direção oposta. Mas as que saem são bem mais profundas, a ponto de podermos dizer com certeza que o veículo levava um peso considerável.

— O senhor é um pouco complicado demais para mim — disse o inspetor, dando de ombros. — Não será fácil forçar aquela porta. Mas tentaremos se ninguém nos atender.

Bateu com força a aldrava, puxou a campainha, mas inutilmente. Holmes, que havia desaparecido, voltou daí a instantes.

— Abri uma janela — anunciou.

— Ainda bem que está do lado da lei e não contra ela, sr. Holmes — observou o inspetor, quando percebeu a habilidade com que meu amigo havia forçado a fechadura. — Creio que, nestas circunstâncias, podemos entrar sem esperar convite.

Um após outro penetramos no salão que era, evidentemente, aquele em que havia estado o sr. Melas. O inspetor acendeu a lanterna e vimos as duas portas, a cortina, a lâmpada e a armadura de malha japonesa que ele havia descrito. Na mesa viam-se dois copos, uma garrafa vazia de *brandy* e os restos de uma refeição.

— O que é isto? — perguntou Holmes de repente.

Imóveis, ouvimos um som baixo, semelhante a um gemido, vindo de algum lugar acima de nossa cabeça. Holmes correu para a porta e foi até o vestíbulo. O ruído vinha do segundo andar. Ele subiu a escada correndo, seguido de perto pelo inspetor e por mim, enquanto Mycroft nos acompanhava tão depressa quanto seu corpo volumoso lhe permitia.

No segundo andar ficamos diante de três portas. Era da porta do meio que saíam os sons sinistros, que às vezes passavam de um murmúrio rouco a um lamento agudo. Estava trancada, mas com a chave do lado de fora. Holmes abriu-a e entrou correndo. Mas saiu no mesmo instante, com a mão na garganta.

— É carvão! — ele gritou. — Vamos esperar um pouco. Ele se dissipará.

Espiando para dentro, vimos que a única luz existente no quarto provinha de uma chama azul, baça, que ardia num pequeno tripé colocado no centro.

A chama lançava um círculo lívido e estranho sobre o assoalho e, nas sombras mais adiante, vislumbramos duas silhuetas agachadas contra a parede. Pela porta aberta saía um horrível cheiro venenoso, que nos fez arquejar e tossir. Holmes correu para o alto da escada, a fim de aspirar ar fresco e, entrando novamente no quarto, escancarou a janela e atirou o tripé ao jardim.

— Entraremos dentro de um minuto — arquejou, saindo outra vez às pressas. — Onde encontraremos uma vela? Duvido que seja possível riscar um fósforo naquele ar. Mantenha a lanterna perto da porta e nós os tiraremos de lá, Mycroft. Agora!

Entramos correndo, agarramos os homens envenenados e os arrastamos para o patamar. Estavam ambos de lábios azulados e inconscientes, rostos inchados e congestionados, olhos saltando das órbitas. As fisionomias estavam tão alteradas que, se não fosse pela barba preta e a silhueta atarracada, não teríamos reconhecido o intérprete grego, que se despedira de nós horas antes no Clube Diógenes. Tinha mãos e pés amarrados e sobre um olho havia marcas de um golpe violento. O outro homem, amarrado de modo idêntico, era alto e estava no último estágio da magreza. Tinha no rosto várias marcas de esparadrapo formando um desenho grotesco. Parou de gemer quando o deitamos no chão, e uma olhada de relance para ele mostrou-me que, pelo menos no seu caso, havíamos chegado tarde demais. O sr. Melas, porém, estava vivo, e em menos de uma hora, com a ajuda de amônia e *brandy*, tive a satisfação de vê-lo abrir os olhos e saber que minha mão o havia trazido de volta do vale sombrio onde todos os caminhos se encontram.

A história que ele contou foi simples e confirmou as minhas deduções. O visitante, ao entrar em casa, havia tirado da manga um punhal, aterrorizando-o de tal modo com a ideia de morte instantânea e inevitável que fora fácil sequestrá-lo pela segunda vez. De fato, era quase hipnótico o efeito que o bandido cheio de risos exercera sobre o infeliz linguista, pois só falava nele de mãos trêmulas e faces pálidas. Fora levado rapidamente a Beckenham, atuando como intérprete na segunda entrevista, mais dramática ainda que a primeira. Os dois ingleses ameaçaram o prisioneiro de morte imediata se ele não concordasse com suas exigências. Finalmente, vendo-o indiferente a todas as ameaças, jogaram-no de volta à prisão. Depois de acusarem Melas de traição, por causa dos anúncios publicados em todos os

jornais, tinham-no atordoado com um golpe de bengala. Ele não se lembrava de mais nada até nos ver inclinados sobre ele.

Este foi o caso estranho do Intérprete Grego, cuja explicação continua envolta em certo mistério. Conseguimos descobrir, comunicando-nos com o senhor que respondeu ao anúncio, que a infeliz senhora pertencia a uma rica família grega e que estava na Inglaterra em visita a amigos. Nessa ocasião conhecera um rapaz chamado Harold Latimer, que exercera tamanha influência sobre ela a ponto de convencê-la a fugir com ele. Os amigos, escandalizados com o fato, tinham se limitado a informar o irmão em Atenas e lavado as mãos. O irmão, chegando à Inglaterra, cometera a imprudência de se colocar à mercê de Latimer e de seu sócio, chamado Wilson Kemp, um homem de péssimos antecedentes. Os dois, ao descobrirem que, por ignorar o idioma, ele estava indefeso em suas mãos, mantiveram-no prisioneiro, tentando, por meio de violência e de fome, obrigá-lo a ceder-lhes os bens dele próprio e da irmã. Mantinham-no na casa sem o conhecimento da moça, e o esparadrapo no rosto tinha o objetivo de dificultar sua identificação, caso ela chegasse a vê-lo. Mas a percepção feminina reconhecera-o imediatamente através do disfarce quando, por ocasião da visita do intérprete, encontrara-o pela primeira vez. Mas a pobre moça também era prisioneira, pois não havia mais ninguém na casa, exceto o empregado que servia de cocheiro e sua mulher, ambos instrumentos dos conspiradores. Ao verem que o segredo fora revelado e que o prisioneiro não seria coagido, os dois bandidos, levando a moça, abandonaram em poucas horas a casa alugada, depois de se vingarem, segundo julgavam, do homem que os havia desafiado e daquele que os traíra.

Meses depois, recebemos de Budapeste um estranho recorte de jornal. Dizia que dois ingleses que viajavam com uma mulher haviam morrido de maneira trágica, ambos apunhalados. A polícia húngara achava que haviam brigado e infligido um ao outro ferimentos mortais. Holmes, contudo, tinha uma opinião diferente e afirma até hoje que se conseguíssemos encontrar a moça grega, saberíamos como haviam sido vingados os males feitos a ela e ao irmão.

O TRATADO NAVAL

O mês de julho subsequente ao meu casamento tornou-se memorável graças a três casos interessantes em que tive o privilégio de acompanhar Sherlock Holmes e estudar seus métodos. Eles estão registrados em minhas anotações com os seguintes títulos: “A aventura da segunda mancha”, “A aventura do tratado naval” e “A aventura do capitão cansado”. O primeiro envolve interesses tão importantes e incrimina tantas famílias destacadas do reino que durante muitos anos será impossível trazê-lo a público. Mas nenhum caso em que Holmes se envolveu mostrou com tanta nitidez o valor de seus métodos analíticos ou impressionou tão profundamente as pessoas que trabalharam com ele. Ainda conservo um relatório fiel da entrevista em que ele demonstrou os fatos verdadeiros do caso a *monsieur* Dubugue, da polícia de Paris, e a Fritz von Waldbaun, o conhecido perito de Dantzig, que haviam desperdiçado suas energias em questões secundárias. Mas só depois da chegada do novo século a história poderá ser revelada sem risco. Enquanto isso, passo ao segundo da minha lista, que também prometia, a certa altura, ser de importância nacional, e foi marcado por vários incidentes que lhe dão um caráter especial.

Em meus tempos de escola, eu fora muito amigo de um garoto chamado Percy Phelps, que tinha mais ou menos a minha idade, embora estivesse duas turmas à minha frente. Percy era um garoto muito inteligente. Arrebatou todos os prêmios que a escola distribuía, acabando por conquistar uma bolsa de estudos que o levou a continuar sua carreira triunfante em Cambridge. Tinha excelentes relações e, mesmo quando não passávamos de garotinhos, sabíamos que o irmão da mãe dele era lorde Holdhurst, o grande

político conservador. Esse importante parentesco de pouco lhe serviu na escola; pelo contrário, achávamos emocionante persegui-lo no recreio, agredindo-o nos tornozelos com um bastão de críquete. Mas as coisas mudaram quando ele ingressou no mundo exterior. Ouvi falar vagamente de seus talentos e, graças à influência que o protegia, conquistou um bom cargo no Foreign Office. Daí em diante esqueci-me completamente dele, até que esta carta recordou-me sua existência:

Briarbrae, Woking
Meu caro Watson,

Estou certo de que se lembra de "Tadpole" Phelps, que cursava o quinto ano quando você estava no terceiro. É possível até que tenha ouvido dizer que graças à influência do meu tio consegui um bom lugar no Foreign Office, em cargo de confiança e prestígio, até que uma desgraça terrível destruiu completamente a minha carreira.

Inútil expor os detalhes do medonho acontecimento. Se concordar com o meu pedido, é provável que eu os revele a você. Acabo de me recuperar de nove semanas de febre alta, mas sinto-me ainda extremamente fraco. Acha que poderia trazer o seu amigo, sr. Holmes, para conversar comigo? Gostaria de ouvir a opinião dele sobre o caso, embora as autoridades me assegurem que não há nada a fazer. Procure trazê-lo o mais depressa possível. Cada minuto parece uma hora enquanto vivo neste horrível suspense. Diga ao sr. Holmes que se não pedi antes a sua orientação não foi por desdenhar dos talentos dele e sim porque estive fora de mim depois do golpe. Agora estou novamente em meu juízo perfeito, embora não ouse pensar muito no caso, temendo uma recaída. Continuo tão fraco que esta carta precisou ser ditada. Procure trazê-lo.

Seu velho colega,

Percy Phelps

Ao ler a carta, algo me comoveu. Qualquer coisa de lamentoso nos reiterados apelos para que eu levasse Holmes. Fiquei tão comovido que, embora o caso fosse difícil, eu tentaria, pois sabia que Holmes amava muito a sua arte e estava sempre tão disposto a ajudar um cliente quanto este a receber ajuda. Minha mulher concordou comigo em que eu deveria me

comunicar imediatamente com ele, de modo que uma hora após o café da manhã eu estava de volta ao velho apartamento da Baker Street.

Holmes, de roupão, estava sentado à sua mesinha e totalmente concentrado em uma pesquisa química. Uma grande retorta fervia furiosamente sobre a chama azulada de um bico de Bunsen e as gotas destiladas condensavam-se num grande recipiente de dois litros. Meu amigo mal ergueu a vista quando entrei e eu, vendo que a experiência era importante, sentei-me numa poltrona e aguardei. Ele mexeu em vários recipientes, colhendo gotas de cada uma de suas pipetas de vidro, e finalmente trouxe para a mesa um tubo de ensaio que continha uma solução. Com a mão direita segurava um pedaço de papel de litmus.

— Você chegou num momento crítico, Watson — falou. — Se este papel continuar azul, tudo bem. Caso fique vermelho, isto significa que um homem morrerá.

Mergulhou-o no tubo de ensaio e imediatamente o papel adquiriu uma coloração vermelho sujo, opaco.

— Hum! O que eu esperava! Estarei às suas ordens daqui a um instante, Watson. Você encontrará fumo no chinelo persa.

Virou-se para a escrivaninha e rabiscou vários telegramas, que foram entregues ao mensageiro. Em seguida jogou-se na poltrona em frente e ergueu os joelhos, enlaçando com os dedos os tornozelos magros.

— Um homicídio muito comum — ele disse. — Imagino que você tenha algo mais interessante. Você é a ave de mau agouro do crime, Watson. Do que se trata?

Entreguei-lhe a carta, que ele leu com a maior atenção.

— Revela pouco, não acha? — observou ao devolvê-la.

— Quase nada.

— Mas a caligrafia é interessante.

— A caligrafia não é dele.

— Exatamente. É de mulher.

— De homem, sem dúvida! — protestei.

— Não, de mulher. E mulher de temperamento incomum. No início de uma investigação é importante saber que o cliente está em estreito contato com alguém de natureza excepcional, seja para o bem ou para o mal. Já estou interessado no caso. Se estiver pronto, iremos imediatamente para

Woking visitar esse diplomata que está em apuros e a mulher para quem ele dita as suas cartas.

Tivemos a sorte de pegar logo um trem em Waterloo e em pouco menos de uma hora estávamos entre os abetos e as urzes de Woking. Briarbrae era uma casa grande e isolada, construída em terreno extenso, a poucos minutos da estação. Depois de entregar nossos cartões, fomos levados até um salão mobiliado com elegância, onde apareceu pouco depois um senhor um tanto gordo, que nos recebeu com muita cordialidade. Devia estar mais perto dos quarenta anos que dos trinta, mas era tão corado e tinha olhos tão alegres, que dava a impressão de ser um garoto gorducho e levado.

— Ainda bem que vieram — disse, apertando-nos as mãos efusivamente. — Percy perguntou pelos dois a manhã inteira. O meu pobre amigo agarra-se a qualquer esperança. Os pais dele pediram-me que os recebesse, pois a simples menção do caso é muito penosa para eles.

— Ainda não conhecemos os detalhes — observou Holmes. — Noto que não pertence à família.

O homem pareceu surpreso, e depois, baixando a vista, começou a rir.

— Notou o "J.H." no meu medalhão. Por um momento pensei que se tratasse de algo muito inteligente. Joseph Harrison é o meu nome, e como Percy vai se casar com minha irmã Annie, serei parente por afinidade. Encontrarão minha irmã no quarto dele, porque é ela quem vem cuidando dele nos últimos dois meses. Será melhor subirmos logo, porque sei que ele está muito impaciente.

O quarto ao qual nos conduziram ficava no mesmo andar do salão. Estava mobiliado, em parte como sala de estar, em parte como quarto de dormir, com flores artisticamente arrumadas em todos os recantos. Um rapaz muito pálido e abatido estava deitado num sofá perto da janela aberta, por onde entravam os perfumes do jardim e o ar cálido do dia de verão. Junto dele estava uma mulher, que se levantou quando entramos.

— Quer que eu saia, Percy? — ela perguntou. Segurando-lhe a mão, ele a reteve.

— Como vai, Watson? — ele perguntou cordialmente. — Não o reconheceria com esse bigode e creio que você também seria incapaz de jurar que sou eu. Este é o seu célebre amigo, sr. Sherlock Holmes, eu presumo.

Apresentei-o em poucas palavras e nos sentamos. O rapaz gordo havia desaparecido, mas a irmã continuou segurando a mão do inválido. Era vistosa e atraente, um tanto baixa e roliça para uma perfeita simetria, mas com bela tez cor de oliva, grandes olhos negros e farta cabeleira da mesma cor. Seu colorido acentuado tornava ainda mais pálido, desgastado e abatido o rosto do rapaz.

— Não pretendo desperdiçar seu tempo — disse ele, erguendo-se um pouco no sofá. — Vou direto ao assunto, sem preâmbulos. Eu era um homem feliz e bem-sucedido, sr. Holmes, e às vésperas do meu casamento uma desgraça repentina e terrível destruiu todas as minhas perspectivas.

“Como Watson deve ter lhe contado, eu estava no Foreign Office por influência de meu tio, lorde Holdhurst, e cheguei rapidamente a um cargo de confiança. Quando meu tio se tornou ministro do Exterior no atual governo, confiou-me várias missões sigilosas, eu as cumpri com êxito e isso fez com que ele depositasse uma confiança absoluta na minha capacidade e tato.

“Há quase dez semanas — para ser mais exato, no dia 23 de maio — ele me chamou ao seu gabinete particular, e depois de me cumprimentar pelo bom trabalho que havia realizado, informou que me confiaria uma missão sigilosa.

“Ele pegou um rolo de papel cinzento que estava na escrivaninha e disse:

“‘Este é o original daquele tratado secreto entre a Inglaterra e a Itália sobre o qual, lamento dizer, alguns boatos já chegaram à imprensa. É fundamental que nada mais seja divulgado. As embaixadas da França e da Rússia pagariam uma quantia imensa para tomar conhecimento do conteúdo destes papéis. Eles não sairiam do meu gabinete se não fosse absolutamente necessário mandar copiá-los. Você tem escrivaninha na sua sala?’

“‘Tenho, sim, senhor.’

“‘Então, leve o tratado e tranque-o lá. Deixarei instruções para que você permaneça aqui depois que os outros saírem, a fim de poder copiá-lo à vontade, sem medo de ser observado. Quando terminar, volte a trancar o original e a cópia na sua escrivaninha e venha me entregar pessoalmente os documentos amanhã de manhã.’

“Levei os documentos e...”

— Um momento — interrompeu Holmes. — Estavam sozinhos durante essa conversa?

— Totalmente.

— Numa sala ampla?

— Com nove metros de lado.

— Estavam no centro?

— Sim, mais ou menos.

— E falavam em voz baixa?

— Meu tio fala sempre em voz muito baixa. Eu quase não falei.

— Obrigado — disse Holmes, fechando os olhos. — Continue, por favor.

— Fiz exatamente o que ele mandou e esperei até que todos saíssem. Um dos funcionários que trabalham na minha sala, Charles Gorot, tinha uma tarefa atrasada para pôr em dia, de modo que eu o deixei ali enquanto saía para jantar. Quando voltei, ele já havia saído. Eu estava ansioso para terminar o trabalho, pois sabia que Joseph, o sr. Harrison, que acabam de conhecer, estava na cidade e iria para Woking pelo trem das 23 horas. Se fosse possível, eu gostaria de pegá-lo também.

"Quando examinei o tratado, vi logo que era tão importante que meu tio não exagerara quando falou sobre ele. Sem entrar em detalhes, posso dizer que definia a posição da Grã-Bretanha em relação à Tríplice Aliança e antecipava a política que este país adotaria no caso de a armada francesa conseguir o domínio total da italiana no Mediterrâneo. As questões que ele abordava eram puramente navais. O documento trazia as assinaturas de altos dignitários. Li rapidamente as páginas e comecei a copiá-las.

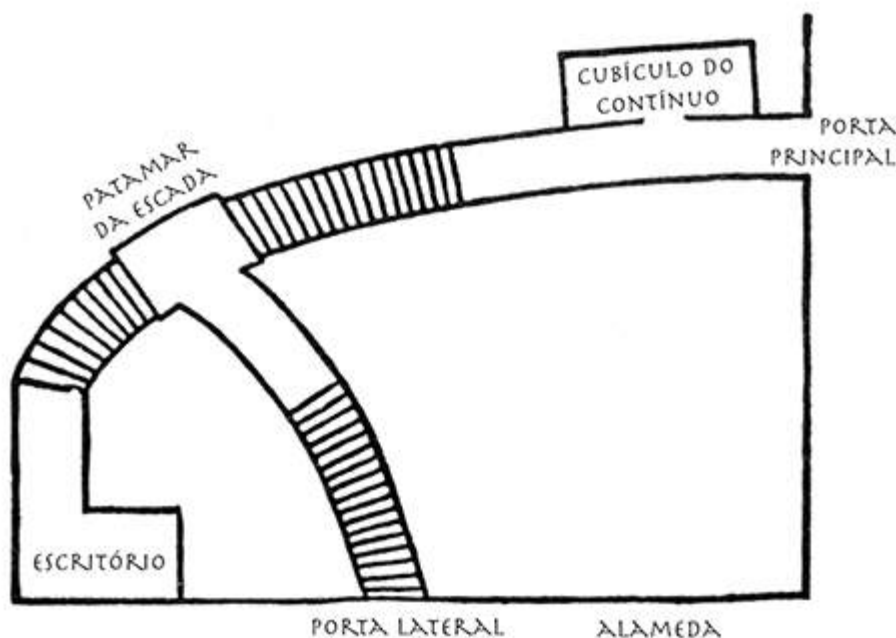
"Era um longo documento escrito em francês, contendo 26 artigos independentes. Copiava o mais depressa possível, mas às 21 horas estava apenas no artigo 9 e pareceu-me inútil tentar pegar o trem.

"Comecei também a ficar sonolento e vagaroso, tanto em consequência do jantar como de um longo dia de trabalho. Uma xícara de café me despertaria. Um contínuo permanece a noite inteira num cubículo ao pé da escada. Ele tem o hábito de preparar café num fogareiro a álcool para os funcionários que trabalhem fora do expediente. Toquei a campainha para chamá-lo.

"Para minha surpresa, foi uma mulher quem atendeu, pessoa idosa, alta, de feições grosseiras, usando um avental. Explicou que era a mulher do contínuo e que fazia a faxina. Pedi a ela que me trouxesse café.

"Copiei mais dois artigos e então, mais sonolento do que antes, levantei-me e caminhei de um lado para outro da sala, a fim de esticar as pernas. O

café ainda não havia chegado e fiquei imaginando qual seria o motivo da demora. Abri a porta e desci o corredor para descobrir. Há um corredor mal-iluminado, que sai da sala onde eu estava trabalhando e constitui a sua única via de acesso, e que termina numa escada em curva, com o cubículo do contínuo no térreo. No meio da escada há um pequeno patamar, de onde sai outro corredor formando um ângulo reto. O segundo conduz, por uma escadinha, a uma porta lateral usada pelos criados e também por alguns funcionários, por ser o caminho mais curto para quem vem da Charles Street.

"Aqui está um esboço do local."

— Obrigado. Creio que compreendo bem — disse Sherlock Holmes.

— É da maior importância que observem este ponto. Desci a escada até o vestíbulo, onde encontrei o contínuo profundamente adormecido no cubículo, o bule de café fervendo no fogareiro a álcool, a água espirrando pelo chão. Estendi a mão para sacudir o homem, que continuava ferrado no sono, quando uma campainha soou bem alto sobre a cabeça dele, que acordou sobressaltado.

"'Sr. Phelps!', exclamou, olhando-me, aturdido.

"'Desci para saber se meu café está pronto.'

"'Pus a chaleira para ferver e adormeci, senhor.'

“Olhou para mim e, em seguida, para a campainha que continuava vibrando, cada vez mais espantado.

“‘Se o senhor estava aqui, quem tocou a campainha?’, perguntou.

“‘Campainha? Que campainha é esta?’

“‘A da sala onde o senhor estava trabalhando.’

“Tive a impressão de que uma mão gelada apertava meu coração. Alguém estava na sala onde meu precioso tratado ficara na mesa. Corri como um doido pela escada e atravessei o corredor. Não havia ninguém no corredor, sr. Holmes. Não havia ninguém na sala. Tudo estava exatamente como eu havia deixado, exceto os documentos entregues aos meus cuidados. A cópia continuava na mesa e o original havia desaparecido.”

Holmes retesou-se na cadeira e esfregou as mãos. Percebi que o problema era do tipo que ele gostava.

— O que fez então? — murmurou.

— Percebi imediatamente que o ladrão devia ter subido a escada depois de entrar pela porta lateral. É claro que eu o teria encontrado se ele viesse pelo lado oposto.

— Tem certeza de que não estava escondido o tempo todo na sala, ou no corredor que acaba de descrever como mal-iluminado?

— É totalmente impossível. Nem um rato se ocultaria na sala ou no corredor. Não há esconderijo possível.

— Obrigado. Continue, por favor.

— O contínuo, vendo pela minha palidez que algo terrível acontecera, havia me seguido pela escada. Atravessamos o corredor e descemos os degraus íngremes que levam à Charles Street. A porta estava fechada, mas não trancada. Nós a abrimos e fomos até a rua. Lembro-me nitidamente de que naquele instante soaram três pancadas no relógio de uma igreja próxima. Eram 21h45.

— Isto é da maior importância — observou Holmes, fazendo uma anotação no punho da camisa.

— A noite estava muito escura e caía uma chuva fina e quente. Não havia ninguém na Charles Street, mas no final, em Whitehall, o tráfego era intenso, como sempre. Corremos pela calçada, cabeça descoberta como estávamos, e na esquina encontramos um policial.

“‘Houve um roubo’, eu disse, arquejante. ‘Um documento de valor imenso foi roubado do Foreign Office. Passou alguém por aqui?’

"'Cheguei aqui há 15 minutos, senhor. Só uma pessoa passou nesse tempo: uma mulher alta e idosa, com um xale Paisley.'

"'Ah, era minha mulher', disse o contínuo. 'Não passou mais ninguém?'

"'Ninguém.'

"'Então o ladrão deve ter saído pelo outro lado', disse o sujeito, puxando-me pela manga.

"Mas eu não estava convencido, e as tentativas que ele fez para me afastar aumentaram a minha desconfiança.

"'Para que lado foi a mulher?', perguntei.

"'Não sei, senhor. Eu a vi passar, mas não tinha motivo especial para reparar nela. Parecia estar com pressa.'

"'Há quanto tempo foi isso?'

"'Há alguns minutos.'

"'Nos últimos cinco minutos?'

"'Bem, não poderia ser mais que isso.'

"'O senhor está perdendo tempo e cada minuto é importante', disse o contínuo. 'Minha mulher nada tem a ver com isso. Vamos para o outro lado da rua. Bem, se não vier, eu vou.'

"E saiu correndo na direção oposta. Eu o alcancei num instante e segurei-o pela manga.

"'Onde é que você mora?'

"'Em Ivy Lane, 16, Brixton. Mas não se deixe levar a uma pista falsa, sr. Phelps. Venha para o outro lado da rua e vamos ver se descobrimos alguma coisa.'

"Eu nada tinha a perder seguindo o conselho dele e, acompanhados do policial, caminhamos rapidamente até a rua movimentada, com transeuntes passando em todas as direções, ansiosos para chegarem a um local abrigado naquela noite de chuva. Não havia nenhum policial que pudesse nos dizer quem tinha passado por ali.

"Voltamos ao escritório e revistamos as escadas e os corredores sem o menor resultado. O corredor que dava na sala era forrado com linóleo claro, que fica marcado com facilidade. Nós o examinamos cuidadosamente, mas não encontramos nenhum sinal de pegadas."

— Tinha chovido a tarde toda?

— Desde as 19 horas, mais ou menos.

— Então, por que a mulher que entrou na sala por volta das 21 horas não deixou marcas de sapatos enlameados?

— Ainda bem que fez essa observação. Isso me ocorreu na ocasião. As faxineiras têm o hábito de tirar as botas no cubículo do contínuo e calçar chinelos.

— É claro. Portanto, não havia marcas, embora a noite fosse chuvosa. A sequência de acontecimentos é extremamente interessante. O que fez então?

— Examinamos também a sala. Não há possibilidade de uma porta secreta e as janelas ficam a uns nove metros do chão. Ambas estavam fechadas por dentro. O tapete elimina a possibilidade de um alçapão e o teto é do tipo comum, caiado de branco. Aposto a minha vida que quem roubou os papéis só poderia ter passado pela porta.

— E a lareira?

— Não há lareira e sim uma estufa. A corda da campainha está presa ao fio à direita da minha mesa. Quem a tocou deve ter ido direto à escrivaninha. Mas por que um criminoso tocaria a campainha? É um mistério insolúvel.

— O incidente, com certeza, é incomum. O que fez em seguida? Examinou a sala, presumo, para ver se o intruso havia deixado vestígios: uma ponta de charuto, uma luva caída, um grampo ou algo semelhante?

— Não encontramos nada.

— Algum cheiro?

— Não pensamos nisso.

— O cheiro de fumo seria importante nesse tipo de investigação.

— Eu não fumo, de modo que teria sentido qualquer cheiro de tabaco. Não havia nenhuma pista. O único fato concreto foi que a mulher do contínuo, sra. Tangey é o nome dela, saiu às pressas do local. Ele não conseguiu dar nenhuma explicação, a não ser que ela costuma ir para casa àquela hora. O policial e eu achamos que o melhor seria pegá-la antes que pudesse passar adiante os documentos, se estivessem com ela.

“O alarme chegou à Scotland Yard e o sr. Forbes, o detetive, veio imediatamente e assumiu o caso com bastante energia. Pegamos um fiacre e em meia hora estávamos no endereço que o contínuo dera. Uma jovem abriu a porta. Soubemos que era a filha mais velha da sra. Tangey. A mãe ainda não havia chegado e ficamos esperando.

“Cerca de dez minutos depois, alguém bateu à porta e cometemos um erro grave, pelo qual assumo a responsabilidade. Em vez de abrirmos a porta, deixamos que a moça o fizesse. Ouvimos quando ela disse: ‘Mamãe, tem dois homens aqui à sua espera.’ Logo depois ouvimos passos apressados no corredor. Forbes abriu a porta da sala e corremos para a peça dos fundos, ou cozinha, mas a mulher havia chegado antes. Fitou-nos com olhos desafiadores e então, reconhecendo-me de repente, manifestou absoluto espanto.

“‘É o sr. Phelps, do escritório!’, exclamou.

“‘Quem pensava que éramos quando fugiu de nós?’, perguntou o detetive.

“‘Pensei que eram os cobradores. Tivemos problemas com um comerciante.’

“‘A desculpa não serve’, replicou Forbes. ‘Temos motivos para acreditar que retirou um documento importante do Foreign Office e correu até aqui para escondê-lo. Terá que nos acompanhar à Scotland Yard para ser revistada.’

“Ela protestou e resistiu em vão. Chamaram uma carruagem e nós três voltamos nela, não sem antes examinar a cozinha e, principalmente, o fogão, para ver se ela teria escondido os papéis no instante em que ficou sozinha. Mas não havia sinais de cinzas ou papel picado. Quando chegamos à Scotland Yard, ela foi entregue a uma policial para ser revistada. Esperei agoniado até que ela voltasse com o relatório. Não havia sinal de documentos.

“Pela primeira vez fui dominado pelo horror da situação em toda a sua plenitude. Até então eu estivera agindo, e a atividade entorpecera meu raciocínio. Tinha tanta certeza de que ia recuperar logo o documento que não ousara pensar nas consequências, caso isso não ocorresse. Mas nada me restava a fazer e havia tempo de sobra para compreender a minha situação. Era horrível! Watson dirá que na escola eu era um menino nervoso e sensível. É o meu temperamento. Pensei no meu tio e nos seus colegas de Gabinete, na vergonha que eu traria para eles, para mim mesmo e para todos os que estavam ligados a mim. O que importava que eu fosse a vítima de um acidente extraordinário? Não havia desculpas para acidentes quando estavam em jogo interesses diplomáticos. Estava arruinado, vergonhosa e desesperadamente arruinado. Não sei o que fiz. Acho que fiz uma cena.

Tenho uma vaga lembrança de um grupo de policiais me rodeando e tentando me acalmar. Um deles levou-me até Waterloo e me embarcou no trem para Woking. Creio que teria me acompanhado até em casa se não fosse o dr. Ferrier, que mora perto de mim e tomou o mesmo trem. O médico muito gentilmente encarregou-se de me trazer, o que foi bom, porque tive uma crise na estação e ao chegar a casa estava praticamente louco.

“Pode imaginar o susto da família quando foi despertada pela campainha do médico e me encontrou nessas condições. A pobre Annie e minha mãe ficaram desoladas. O dr. Ferrier ouvira o suficiente do detetive, na estação, para explicar o que havia acontecido, e a história não melhorou a situação. Era evidente que eu estava gravemente enfermo, de modo que Joseph tirou as coisas deste quarto alegre, que passou a ser o meu quarto de doente. E estou aqui há nove semanas, sr. Holmes, inconsciente, ou delirando com febre alta. Não fossem a srta. Harrison e os cuidados médicos, eu não estaria aqui conversando com o senhor. Ela cuidava de mim durante o dia e uma enfermeira ficava comigo à noite, pois em meus acessos de loucura eu era capaz de qualquer coisa. Aos poucos fui recobrando a razão, mas somente nos últimos três dias recuperei inteiramente a memória. Às vezes gostaria que isso não tivesse acontecido. A primeira coisa que fiz foi telegrafar ao sr. Forbes, o encarregado do caso. Ele veio até aqui e assegurou-me que, embora tivessem feito todo o possível, não se descobriu nenhuma pista. O contínuo e a mulher foram investigados, mas isso não ajudou a esclarecer o caso. As suspeitas da polícia recaíram sobre o jovem Gorot, que, como devem lembrar, tinha ficado no escritório até mais tarde naquela noite. O fato de estar trabalhando em horário extraordinário e o sobrenome francês são os únicos pontos que poderiam despertar suspeitas; mas, para ser exato, só comecei a trabalhar depois que ele saiu, e sua família é de origem huguenote, embora tão inglesa nas simpatias e tradições quanto eu ou vocês. Nada se encontrou que o incriminasse em nenhum aspecto, e o caso foi encerrado. Recorro à sua ajuda, sr. Holmes, como a minha última esperança. Se não fizer nada por mim, minha honra e minha posição estarão perdidas para sempre.”

O doente deixou-se cair nos travesseiros, exausto pela longa narrativa, enquanto a moça dava-lhe um copo contendo algum remédio estimulante. Holmes ficou sentado em silêncio, com a cabeça inclinada para trás e os

olhos fechados, em atitude que pareceria de indiferença a um estranho, mas que eu sabia ser sinal da mais intensa concentração.

— Seu relato foi tão explícito que tenho poucas perguntas a fazer — disse finalmente. — Mas há uma extremamente importante. Contou a alguém que tinha esta tarefa especial para executar?

— A ninguém.

— Nem mesmo à srta. Harrison, por exemplo?

— Não. Não voltei a Woking entre o momento em que recebi a ordem e aquele em que comecei a executá-la.

— E ninguém de sua família passou pelo escritório por acaso, para vê-lo?

— Ninguém.

— Alguém sabia como chegar à sua sala?

— Sim, todos a conheciam.

— É claro que, se não disse nada a ninguém a respeito do tratado, estas perguntas são irrelevantes.

— Não disse nada.

— Sabe alguma coisa a respeito do contínuo?

— Nada, a não ser que é um velho soldado.

— De que regimento?

— Ouvi dizer que foi do Coldstream Guards.

— Obrigado. Conseguirei detalhes com Forbes, sem dúvida. As autoridades são excelentes para acumular fatos, embora nem sempre saibam utilizá-los. Que coisa linda é uma rosa!

Passando pelo sofá, aproximou-se da janela aberta e ergueu a haste de uma rosa de adorno e pôs-se a examinar a atraente mistura de vermelho e verde. Era uma nova faceta do seu temperamento, pois eu nunca o vira demonstrar qualquer interesse pela natureza.

— A dedução nunca é tão necessária como na religião — disse ele, recostando-se nas venezianas. — Pode ser transformada em ciência exata pela pessoa que raciocina. A mais elevada afirmação da bondade da Providência reside, para mim, nas flores. Tudo o mais, nossos talentos, desejos, alimentos, são necessários, em primeira instância, à nossa vida. Mas esta rosa é algo extra. Seu perfume e sua cor são um adorno da vida, não uma condição da existência. Somente a bondade doa algo extra. Repito, portanto, que temos muito a esperar das flores.

Percy Phelps e a moça olharam para Holmes com surpresa e decepção. Ele estava devaneando com a rosa entre os dedos, um devaneio que durou alguns minutos e foi interrompido pela moça.

— Vê alguma possibilidade de resolver o mistério, sr. Holmes? — perguntou, com certa aspereza.

— O mistério! — exclamou, voltando à realidade concreta. — Seria absurdo negar que o caso é nebuloso e complicado, mas prometo estudar a questão e comunicar qualquer detalhe que venha a me impressionar.

— Vê alguma pista?

— Você me forneceu sete, mas é claro que preciso examiná-las antes de me pronunciar acerca do seu valor.

— Suspeita de alguém?

— Suspeito de mim mesmo.

— O quê?

— De chegar a conclusões precipitadas.

— Então volte para Londres e teste as suas conclusões.

— Conselho excelente, srta. Harrison — disse Holmes, erguendo-se. — Creio, Watson, que é o melhor que temos a fazer. Não se entregue a falsas esperanças, sr. Phelps. O caso é muito complicado.

— Não vou conseguir descansar até tornar a vê-lo! — exclamou o diplomata.

— Voltarei amanhã pelo mesmo trem, embora o mais provável é que o meu relatório seja negativo.

— Deus o abençoe pela promessa de voltar — exclamou o nosso cliente. — Sinto-me reanimado só de saber que algo está sendo feito. Por falar nisso, recebi uma carta de lorde Holdhurst.

— Ah! E o que ele disse?

— Uma carta fria, mas não áspera. Creio que minha doença grave me salvou disso. Repetiu que o assunto era de máxima importância e acrescentou que não seria tomada nenhuma medida em relação ao meu futuro, refere-se, naturalmente, à minha demissão, até que eu estivesse recuperado e tivesse oportunidade de compensar o meu deslize.

— Razoável e cheio de consideração — observou Holmes. — Vamos, Watson. Temos um longo dia de trabalho pela frente na cidade.

O sr. Joseph Harrison levou-nos até a estação e pouco depois tomávamos um trem de Portsmouth. Holmes mergulhou em profunda meditação e mal

abriu a boca até ultrapassarmos a estação de Clapham Junction.

— É muito agradável chegar a Londres por uma dessas linhas elevadas, que permitem ver as casas do alto.

Pensei que estivesse brincando, pois o panorama era deprimente; mas ele explicou:

— Veja aqueles grupos de construções isoladas e altas, erguendo-se acima dos telhados como ilhas de tijolo num mar cor de chumbo.

— Os internatos.

— Faróis, meu rapaz! Faróis iluminando o futuro! Cápsulas contendo centenas de pequenas sementes, das quais brotará a Inglaterra melhor e mais sábia do futuro. Suponho que Phelps não beba.

— Creio que não.

— Também acho. Mas precisamos levar em conta todas as possibilidades. O pobre-diabo meteu-se em grandes apuros e não sei se conseguiremos tirá-lo disso. O que achou da srta. Harrison?

— Uma moça de temperamento enérgico.

— Sim, mas é boa pessoa, se não me engano. Ela e o irmão são filhos únicos de um fabricante de ferro de Northumberland. Phelps apaixonou-se por ela quando viajou no inverno passado e a moça veio para ser apresentada à família dele, escoltada pelo irmão. E então ocorreu o escândalo e ela ficou para cuidar do noivo, enquanto o irmão, Joseph, vendo-se em situação confortável, permaneceu também. Andei fazendo algumas investigações independentes. Mas hoje será um dia de pesquisas.

— Meus clientes... — comecei.

— Se achar que seus casos são mais interessantes que os meus... — disse Holmes, com certa aspereza.

— Eu pretendia dizer que meus clientes podem me dispensar por um ou dois dias. É a época menos movimentada do ano.

— Ótimo — disse ele, recuperando o bom humor... — Então examinaremos juntos o assunto. Creio que devemos começar por uma visita a Forbes. Ele provavelmente pode nos contar todos os detalhes de que precisamos para descobrir de que lado o caso deve ser abordado.

— Você disse que tinha uma pista.

— Temos várias, mas só podemos testar sua validade com novas investigações. O crime mais difícil de solucionar é aquele sem finalidade.

Este não é. Quem lucra com ele? O embaixador francês, o russo, ou quem conseguisse vender aos dois o documento. E lorde Holdhurst.

— Lorde Holdhurst!

— É concebível que um estadista se encontre em situação de não lamentar que o documento tenha sido acidentalmente destruído.

— Não um estadista com a ficha honrosa de lorde Holdhurst.

— É uma possibilidade e não podemos ignorá-la. Visitaremos hoje o ilustre lorde, para verificar se ele é capaz de nos dizer alguma coisa. Enquanto isso, já providenciei investigações.

— Já?

— Sim. Passei telegramas da estação de Woking para todos os vespertinos de Londres. Este anúncio será publicado nos jornais.

Entregou-me uma folha arrancada de uma caderneta, onde tinha rabiscado a lápis:

> *Recompensa de dez libras. — O número do cabriolé que deixou um passageiro no Foreign Office ou nas imediações, na Charles Street, por volta das 21h45 de 23 de maio. Respostas para Baker Street, 221-B.*

— Tem certeza de que o ladrão chegou num cabriolé?

— Se não chegou, é indiferente. Mas se o sr. Phelps está certo ao dizer que não existe esconderijo na sala ou nos corredores, então a pessoa veio de fora. Se veio de fora numa noite chuvosa e não deixou marcas no linóleo examinado minutos depois de sua passagem, é muito provável que tenha chegado num veículo. Sim, creio que podemos deduzir com segurança que se trata de um cabriolé.

— É plausível.

— Esta é uma das pistas a que me referi, e pode levar-nos a uma descoberta. E há a história da sineta, que é a característica mais marcante do caso. Por que a sineta tocaria? O ladrão teria feito isso num gesto de desafio? Ou seria alguém que estava com o ladrão e queria impedir o crime? Ou teria sido um acidente? Ou...?

Ele mergulhou novamente numa concentração intensa e silenciosa. Mas como estava habituado a todas as suas mudanças de humor, achei que lhe ocorrera uma nova possibilidade.

Eram 15h20 quando chegamos ao terminal e, após um almoço apressado no *buffet*, partimos para a Scotland Yard. Holmes já havia telegrafado para Forbes e ele estava à nossa espera. Era um homem baixinho, esperto, de expressão viva e nem um pouco amável. Mostrou-se glacial, principalmente quando soube do objetivo da visita.

— Ouvi falar dos seus métodos, sr. Holmes — disse secamente. — Está sempre pronto a usar todas as informações que a polícia coloca à sua disposição, e depois encerra o caso por conta própria lançando descrédito sobre nós.

— Ao contrário. Dos últimos 53 casos que investiguei, meu nome só apareceu em quatro, e a polícia recebeu todo o crédito pelos outros 49. Não o culpo por ignorar o detalhe. É jovem e inexperiente. Mas se quiser progredir em sua nova função, trabalhará comigo e não contra mim.

— Gostaria de ouvir uma ou duas sugestões — disse o detetive, mudando de atitude. — Até agora não obtive crédito nenhum neste caso.

— Que providências tomou?

— Tangey, o contínuo, vem sendo seguido. Deixou os Guards com boa ficha, e não encontramos nada contra ele. Mas a mulher não presta. Acho que ela sabe mais a respeito dos documentos do que aparenta.

— Mandou segui-la?

— Destacamos uma das mulheres para a tarefa. A sra. Tangey bebe e uma policial conversou com ela duas vezes, quando estava embriagada, mas nada conseguiu.

— Soube que uns cobradores estiveram na casa.

— Sim, mas a dívida foi paga.

— De onde veio o dinheiro?

— De fonte limpa. Ele recebeu a pensão e o casal não tem dado mostras de estar rico.

— Que explicação ela deu para o fato de ter atendido ao chamado quando o sr. Phelps pediu café?

— Disse que o marido estava muito cansado e quis poupá-lo.

— Isto combina com o fato de ele ter sido encontrado, minutos depois, adormecido na cadeira. Então não há nada contra eles, exceto o caráter da mulher. Perguntou por que ela saiu apressada naquela noite? A pressa atraiu a atenção do policial.

— Era mais tarde do que o horário habitual e queria chegar logo a casa.

— Comentou com ela que o senhor e Phelps, que saíram pelo menos vinte minutos depois, chegaram antes dela?

— Explicou o fato pela diferença entre um ônibus e um cabriolé.

— Esclareceu por que, ao chegar a casa, correu para a cozinha?

— Era ali que guardava o dinheiro para pagar aos cobradores.

— Ela tem resposta para tudo. Perguntou se, ao sair, encontrou alguém, ou viu alguém rondando na Charles Street?

— Não viu ninguém, a não ser o policial.

— Parece que a interrogou minuciosamente. Que outras providências tomou?

— O funcionário, Gorot, foi seguido durante essas nove semanas, mas sem resultados. Não podemos provar nada contra ele.

— Mais alguma coisa?

— Não dispomos de nenhuma outra pista para seguir, nenhum indício de qualquer tipo.

— Formulou alguma teoria a respeito do toque da campainha?

— Confesso que não sei o que pensar sobre isso. Fosse quem fosse, era uma pessoa muito fria para soar o alarme daquela maneira.

— Sim, foi uma atitude estranha. Muito obrigado pelas informações. Se eu conseguir pôr o sujeito em suas mãos, terá notícias minhas. Vamos, Watson!

— Aonde vamos agora? — perguntei quando saímos do escritório.

— Vamos entrevistar lorde Holdhurst, ministro do Gabinete e futuro *premier* da Inglaterra.

Tivemos a sorte de descobrir que lorde Holdhurst ainda estava em seu gabinete de Downing Street. Quando Holmes enviou o seu cartão, fomos conduzidos imediatamente à sua presença. O estadista recebeu-nos com sua velha e conhecida cortesia, fazendo-nos sentar em luxuosas poltronas ao lado da lareira. De pé no tapete entre nós, silhueta alta e magra, traços aquilinos no rosto pensativo, cabelos prematuramente grisalhos, parecia representar um tipo pouco comum — um nobre em toda a acepção da palavra.

— Conheço-o de nome, sr. Holmes — ele disse com um sorriso. — E é claro que não vou fingir que ignoro o motivo da sua visita. Só houve nestas salas uma ocorrência que exigiria a sua atenção. Posso saber em nome de quem está agindo?

— No do sr. Percy Phelps — respondeu Holmes.

— Ah, o meu infeliz sobrinho. Deve compreender que o nosso parentesco torna ainda mais difícil, para mim, protegê-lo. Receio que o incidente tenha um efeito muito prejudicial sobre a carreira dele.

— E se o documento for encontrado?

— O caso seria diferente, é claro.

— Gostaria de fazer-lhe uma ou duas perguntas, lorde Holdhurst.

— Será um prazer prestar-lhe qualquer informação ao meu alcance.

— Foi nesta sala que deu as instruções para que o documento fosse copiado?

— Foi.

— Então, dificilmente alguém teria ouvido.

— Isto está fora de cogitação.

— Disse a alguém que pretendia mandar fazer uma cópia do tratado?

— De modo algum.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Se o senhor não contou a ninguém e o sr. Phelps também não, e ninguém mais sabia do assunto, então a presença do ladrão na sala foi puramente acidental. Ele viu a oportunidade e aproveitou-a.

O estadista sorriu.

— Isso está fora da minha especialidade.

Holmes refletiu um instante.

— Há um outro ponto muito importante que gostaria de discutir com o senhor. Pelo que entendi, o senhor temia graves consequências se os detalhes do tratado fossem divulgados.

Uma sombra cobriu a fisionomia expressiva do estadista.

— Sim, consequências muito graves.

— E elas se concretizaram?

— Ainda não.

— Se o tratado tivesse chegado, digamos, ao Ministério do Exterior da França, ou da Rússia, o senhor saberia.

— Sim, saberia — disse lorde Holdhurst, grave.

— Então, como já se passaram quase dez semanas e nada se soube, não é justo supor que, por algum motivo, o tratado não chegou às mãos deles?

Lorde Holdhurst deu de ombros.

— Seria difícil supor, sr. Holmes, que o ladrão levaria o tratado para casa a fim de emoldurá-lo e pendurá-lo na parede.

— Talvez esteja esperando um preço melhor.

— Se esperar mais um pouco, não obterá coisa alguma. O tratado deixará de ser secreto dentro de alguns meses.

— Isto é muito importante — observou Holmes. — Pode-se supor também, é claro, que o ladrão tenha adoecido subitamente...

— Um ataque de febre cerebral, por exemplo? — perguntou o estadista, com um rápido olhar para Holmes.

— Eu não disse isso — rebateu Holmes, imperturbável. — E agora, lorde Holdhurst, já tomamos muito do seu precioso tempo e lhe desejamos um bom-dia.

— Pleno êxito na sua investigação, seja quem for o criminoso — respondeu o nobre, com uma inclinação de despedida.

— É um excelente sujeito — comentou Holmes quando saímos em Whitehall. — Mas precisa lutar para manter sua posição. Não é rico e tem muitos encargos. Notou que as botas dele levaram meia-sola? Agora, Watson, não o afastarei por mais tempo de suas legítimas obrigações. Não farei mais nada hoje, a menos que receba uma resposta ao anúncio do cabriolé. Mas ficaria muito grato se me acompanhasse a Woking amanhã, pelo mesmo trem que tomamos hoje.

Encontrei-o na manhã seguinte e viajamos juntos para Woking. Ele não obtivera nenhuma resposta relativa ao anúncio ou qualquer informação que ajudasse a esclarecer o caso. Quando queria, ele adquiria a completa imobilidade de um pele-vermelha e não consegui deduzir de sua atitude se estava ou não satisfeito com o andamento do caso. Conversou, lembro-me, sobre o sistema Bertillon de medidas e manifestou sua entusiástica admiração pelo sábio francês.

Encontramos o nosso cliente ainda aos cuidados da enfermeira dedicada, mas com uma aparência bem melhor que a da véspera. Levantou-se do sofá e cumprimentou-nos sem dificuldade quando entramos.

— Alguma novidade? — perguntou vivamente.

— Meu relatório, como eu esperava, é negativo — disse Holmes. — Conversei com Forbes e com seu tio, e encaminhei uma ou duas investigações que podem dar algum resultado.

— Então não desanimou?

— De modo algum.

— Deus o abençoe por essas palavras! — exclamou a srta. Harrison. — Se conservarmos nosso ânimo e nossa paciência, a verdade virá à tona.

— Temos mais coisas para contar ao senhor do que o senhor para nós — disse Phelps, voltando a sentar-se no sofá.

— Eu esperava que tivesse alguma coisa.

— Sim, vivemos esta noite uma aventura que poderia ter sérias consequências graves. — Seu rosto ficou muito sério e algo semelhante ao medo brilhou nos seus olhos. — Começo a acreditar que sou o pivô involuntário de uma conspiração monstruosa, e que tanto a minha honra como a minha vida estão ameaçadas.

— Ah! — fez Holmes.

— Parece incrível, pois, que eu saiba, não tenho um só inimigo no mundo. Contudo, após a experiência desta noite não posso chegar a outra conclusão.

— Fale, por favor.

— A noite passada foi a primeira que dormi sem a enfermeira no quarto. Sentia-me bem melhor e achei que podia dispensá-la. Mas deixei uma lamparina acesa. Por volta das duas horas eu estava mergulhado num sono leve e de repente fui despertado por um ruído fraco. Parecia um rato roendo uma tábua. Fiquei escutando durante algum tempo, com a impressão de que era essa a causa. Mas o ruído ficou mais forte e de repente ouvi um estalido metálico na janela. Sentei-me na cama, espantado. Não havia dúvidas quanto à origem dos sons. O mais leve fora causado por um instrumento introduzido na brecha entre as venezianas e o segundo, pela fechadura sendo forçada.

“Houve então uma pausa de uns dez minutos, como se a pessoa estivesse esperando para verificar se o ruído havia me acordado. Escutei então um leve estalido e a janela abriu-se devagar. Não podendo suportar a tensão, pois meus nervos já não são os mesmos, saltei da cama e abri a janela. Havia um homem agachado no peitoril. Não o vi bem porque desapareceu na mesma hora. Estava envolto numa espécie de capa, que ocultava a parte inferior do rosto. De uma coisa estou certo: ele empunhava uma arma. Parecia um punhal. Vi nitidamente o brilho da lâmina quando ele se virou para fugir.”

— Muito interessante — comentou Holmes. — O que fez então?

— Eu teria saltado a janela para persegui-lo se estivesse mais forte. Toquei a campainha e despertei a casa toda. Isso levou algum tempo, porque a sineta toca na cozinha e os criados dormem lá em cima. Gritei, e isso atraiu Joseph, que acordou os outros. Joseph e o criado encontraram pegadas no canteiro em frente à janela, mas o tempo anda tão seco ultimamente que acharam inútil procurar pegadas no gramado. Contudo, um ponto da cerca que contorna o jardim mostra sinais, dizem eles, de que alguém saltou sobre ela, quebrando-a na parte superior. Não chamei a polícia local porque achei melhor ouvir antes a sua opinião.

A narrativa do nosso cliente teve um efeito extraordinário sobre Sherlock Holmes. Levantando-se, ele começou a andar de um lado para outro, numa excitação incontrolável.

— As desgraças nunca vêm sozinhas — disse Phelps sorrindo, embora fosse evidente que o episódio o deixara um tanto abalado.

— Sua dose de desgraças não foi pequena — observou Holmes. — Acha que poderia dar uma volta em torno da casa comigo?

— Sim, gostaria de tomar um pouco de sol. Joseph virá também.

— E eu também — disse a srta. Harrison.

— Acho melhor não ir — disse Holmes, meneando a cabeça. — Vou pedir-lhe que fique sentada exatamente onde está.

A moça voltou a sentar-se com ar aborrecido. Mas o irmão veio conosco e saímos os quatro, contornando o gramado até chegarmos à janela do jovem diplomata. Como ele tinha dito, havia pegadas no canteiro, mas estavam muito confusas e pouco nítidas. Holmes inclinou-se sobre elas por um instante e depois levantou-se, encolhendo os ombros.

— Não creio que se possa obter grande coisa aqui. Vamos contornar a casa e verificar por que o ladrão escolheu especificamente este quarto. A meu ver, as janelas grandes do salão e da sala de jantar seriam mais atraentes para ele.

— São mais visíveis da estrada — sugeriu o sr. Joseph Harrison.

— É claro. Há esta porta que ele poderia ter experimentado. Para que serve?

— É a entrada de serviço. Fica trancada à noite, naturalmente.

— Já houve alguma ocorrência semelhante aqui?

— Nunca — respondeu nosso cliente.

— Vocês guardam prataria em casa, ou qualquer coisa que possa atrair ladrões?

— Nada de valor.

Holmes andou em volta da casa com as mãos nos bolsos e um ar de desinteresse que não era habitual.

Virando-se para Joseph Harrison, disse:

— A propósito, soube que encontrou o lugar onde o sujeito pulou a cerca. Vamos dar uma espiada.

O rapaz conduziu-nos ao local onde a parte superior da cerca estava rachada. Dali pendia um pedacinho de madeira. Holmes arrancou-o e o examinou com olho crítico.

— Acha que isto foi feito esta noite? Parece mais antigo, não é?

— Bem, é possível.

— Não há sinais de que alguém tenha saltado do outro lado. Não, creio que aqui não encontraremos nada. Vamos voltar ao quarto e conversar sobre o assunto.

Percy Phelps caminhava muito devagar, apoiado no braço do futuro cunhado. Holmes atravessou rapidamente o gramado e chegamos à janela aberta do quarto bem antes dos outros.

— Srta. Harrison — disse Holmes, falando com gravidade. — Deve permanecer onde está o dia inteiro. Que nada a afaste daí. É de importância vital.

— Sim, se quiser, sr. Holmes — disse a moça, surpresa.

— Quando subir para se deitar, tranque a porta deste quarto e guarde a chave. Prometa que fará isto.

— E Percy?

— Ele irá para Londres conosco.

— E eu fico aqui?

— É em benefício dele. Poderá ajudá-lo! Depressa, prometa!

Ela fez que sim no instante em que os dois se aproximavam.

— Por que está sentada aí à toa, Annie? — perguntou o irmão. Venha para o sol!

— Não, obrigada, Joseph. Estou com um pouco de dor de cabeça e este quarto é maravilhosamente fresco e silencioso.

— O que pretende fazer agora, sr. Holmes? — perguntou nosso cliente.

— Ao investigar este episódio secundário, não podemos perder de vista a questão principal. Seria de grande ajuda se viesse conosco a Londres.

— Agora?

— Assim que achar conveniente. Digamos, dentro de uma hora.

— Estou me sentindo bem melhor. Se puder de fato ajudar...

— Ajudará muito.

— Talvez queiram que eu passe a noite na cidade.

— Era o que eu ia sugerir.

— Então, se meu amigo noturno repetir a visita, descobrirá que o pássaro desapareceu. Estamos em suas mãos, sr. Holmes. Diga exatamente o que quer que façamos. Talvez prefira que Joseph nos acompanhe, para cuidar de mim.

— Não. Meu amigo Watson é médico e fará isso. Almoçaremos aqui, se permitir, e depois iremos os três para a cidade.

Tudo se passou como ele sugeriu e a srta. Harrison recusou-se a sair do quarto, seguindo a sugestão de Holmes. Eu não conseguia imaginar qual era o objetivo das manobras de meu amigo, a menos que fosse manter a moça longe de Phelps. Este, satisfeito com a recuperação e a perspectiva de agir, almoçou conosco na sala. Mas Holmes guardava para nós uma surpresa ainda mais espantosa. Depois de nos acompanhar até a estação, anunciou calmamente que não pretendia sair de Woking.

— Há dois ou três pontos que quero esclarecer antes de voltar a Londres — disse. — Sua ausência me ajudará em certos aspectos, sr. Phelps. Quando chegar a Londres, Watson, siga imediatamente para a Baker Street com o nosso amigo e fique ao seu lado até eu voltar. Ainda bem que são velhos colegas de escola. Devem ter muito o que conversar. O sr. Phelps pode dormir no quarto de hóspedes esta noite e eu estarei de volta para tomar o café da manhã com os dois. Há um trem que me deixará em Waterloo às oito horas.

— E a nossa investigação em Londres? — perguntou Phelps, desapontado.

— Podemos fazer isso amanhã. Creio que no momento sou mais útil aqui.

— Diga ao pessoal em Briarbrae que espero voltar amanhã à noite — gritou Phelps quando o trem começou a se afastar da plataforma.

— Não pretendo voltar a Briarbrae — respondeu Holmes, acenando alegremente, enquanto a estação ficava para trás.

Phelps e eu conversamos durante a viagem, mas nenhum dos dois conseguiu encontrar um motivo satisfatório para aquele novo acontecimento.

— Creio que ele quer descobrir alguma pista a respeito da tentativa de assalto de ontem à noite, se é que foi assalto. Quanto a mim, não acredito que se tratasse de um ladrão comum.

— O que pensa a respeito, então?

— Não sei se a culpa é dos meus nervos abalados, mas acredito que haja uma intriga política à minha volta e que, por algum motivo que escapa à minha compreensão, os conspiradores querem me matar. Parece exagerado e absurdo, mas considere os fatos! Por que um ladrão tentaria forçar a janela de um quarto onde não havia esperança de conseguir um bom saque, e por que viria empunhando uma faca?

— Tem certeza de que não era um instrumento de arrombador?

— Não, era uma faca. Vi nitidamente o brilho da lâmina.

— Mas por que alguém o perseguiria com tanta hostilidade?

— Ah, esta é a questão!

— Se Holmes for da mesma opinião, isso explicará sua maneira de agir, não acha? Supondo que sua teoria esteja correta, se ele agarrar o homem que o ameaçou ontem à noite, terá feito grande progresso no sentido de descobrir quem roubou o tratado naval. É absurdo supor que você tenha dois inimigos, um que o rouba enquanto o outro ameaça sua vida.

— Mas o sr. Holmes disse que não ia a Briarbrae.

— Eu o conheço há algum tempo e nunca soube que fizesse algo sem um bom motivo.

E com isso nossa conversa passou para outros temas.

Mas o dia foi cansativo para mim. Phelps ainda estava debilitado em consequência da doença prolongada e seus problemas o haviam deixado irritadiço e nervoso. Procurei inutilmente interessá-lo no Afeganistão, na Índia, em questões sociais, em qualquer coisa que afastasse seus pensamentos do problema. Voltava sempre ao tratado perdido, ruminando, imaginando, especulando sobre o que Holmes estaria fazendo, que medidas lorde Holdhurst tomaria e que notícias receberíamos pela manhã. Ao anoitecer, seu nervosismo tornou-se doloroso.

— Tem confiança implícita em Holmes? — ele perguntou.

— Eu o vi fazer coisas extraordinárias.

— Mas já chegou a esclarecer um caso tão misterioso como este?

— Sem dúvida. Eu o vi resolver casos mais intrincados que este.

— Mas estavam em jogo interesses tão grandes?

— Isso eu não sei. Mas sei com certeza que atuou por solicitação de três das casas reinantes europeias em questões de importância vital.

— Você o conhece bem, Watson. É um sujeito tão enigmático que nunca sei exatamente o que pensar dele. Acha que ele está otimista? Que espera bons resultados?

— Ele não disse nada.

— Mau sinal.

— Pelo contrário. Notei que quando está desnorteado sempre o demonstra. Quando está seguindo uma pista, mas ainda não tem certeza de que seja a correta, é que ele fica mais taciturno. Agora, meu caro, não podemos ajudá-lo ficando nervosos. De modo que peço que vá se deitar para estar descansado amanhã, sejam quais forem os acontecimentos que nos aguardem.

Consegui finalmente convencê-lo a seguir meu conselho, embora soubesse que, como ele estava muito excitado, talvez não dormisse. E sua inquietação era contagiosa, porque eu também fiquei rolando na cama boa parte da noite, remoendo o estranho problema, elaborando uma centena de teorias, cada qual mais impossível que a outra. Por que Holmes ficara em Woking? Por que havia pedido à srta. Harrison que permanecese no quarto o dia inteiro? Por que tivera o cuidado de não informar aos moradores de Briarbrae que pretendia ficar nas proximidades? Fiquei quebrando a cabeça até adormecer, na tentativa de encontrar uma explicação que abrangesse todos os fatos.

Eram sete horas quando acordei e me dirigi imediatamente para o quarto de Phelps. Encontrei-o abatido e exausto após uma noite insone. A primeira coisa que fez foi perguntar se Holmes já havia chegado.

— Chegará na hora que prometeu, nem um minuto a menos ou a mais.

Minhas palavras estavam corretas. Pouco depois das oito horas, um cabriolé parou à porta e dele saltou nosso amigo. Da janela vimos que ele tinha a mão esquerda envolta em ataduras e estava muito sério e pálido. Entrou em casa, mas levou algum tempo para subir a escada.

— Parece um homem derrotado — exclamou Phelps.

Fui obrigado a confessar que ele tinha razão.

— Afinal, a pista do caso provavelmente está aqui na cidade.

Phelps gemeu.

— Não sei por quê, mas esperava muita coisa na volta dele. Não estava com a mão enrolada assim ontem. O que terá acontecido?

— Está ferido, Holmes? — perguntei, quando meu amigo entrou na sala.

— É só um arranhão, e por culpa minha — respondeu, cumprimentando-nos com um aceno de cabeça. — Este seu caso, sr. Phelps, é um dos mais misteriosos que já investiguei.

— Temia que o considerasse difícil demais.

— Foi uma experiência extraordinária.

— Essa atadura indica complicações — observei. — Quer nos contar o que aconteceu?

— Depois do café, meu caro Watson. Lembre-se de que respirei 45 quilômetros do ar de Surrey esta manhã. Suponho que não tenha chegado nenhuma resposta ao meu anúncio referente ao cabriolé. Bem, não se pode acertar sempre.

A mesa estava posta e, quando eu estava prestes a tocar a campainha, a sra. Hudson entrou com chá e café. Minutos depois trouxe as travessas cobertas e nós três nos sentamos à mesa. Holmes esfaimado, eu, curioso, e Phelps no mais sombrio estado depressivo.

— A sra. Hudson mostrou-se à altura da ocasião — observou Holmes, descobrindo um prato de galinha ao *curry*. — Sua *cuisine* é um tanto limitada, mas, como escocesa, tem uma boa ideia do que seja um *breakfast*. O que é que você tem aí, Watson?

— Presunto e ovos — respondi.

— Ótimo. O que deseja, sr. Phelps? Galinha ao *curry*, ovos, ou o senhor mesmo se servirá?

— Obrigado. Não consigo comer nada.

— Ora, vamos! Experimente esse prato que está na sua frente.

— Não, obrigado. Prefiro não comer mesmo.

— Nesse caso — disse Holmes, com uma piscadela maliciosa — não fará objeção a me ajudar a servir.

Phelps ergueu a tampa e na mesma hora deu um grito e ficou imóvel, tão pálido quanto a travessa que olhava. Sobre ela estava um pequeno cilindro

de papel azul-acinzentado. Pegando-o, devorou-o com os olhos e em seguida começou a dançar loucamente pela sala, apertando-o contra o peito e gritando de alegria. Logo depois deixou-se cair numa poltrona, tão enfraquecido e exausto das próprias emoções que precisamos obrigá-lo a tomar *brandy* para evitar que desmaiasse.

— Calma! Calma! — disse Holmes em tom tranquilizador, batendo-lhe no ombro. — Foi um erro apresentá-lo assim tão bruscamente. Mas Watson dirá que nunca resisto a um toque dramático.

Tomando-lhe a mão, Phelps beijou-a.

— Que Deus o abençoe! Salvou a minha honra.

— Bem, a minha também estava em jogo. Garanto que é tão odioso para mim fracassar num caso como seria para o senhor falhar numa missão.

Phelps guardou o precioso documento no bolso interno do casaco.

— Não tenho coragem de adiar por mais tempo o seu *breakfast*, mas estou louco para saber como o conseguiu e onde o encontrou.

Sherlock Holmes tomou uma xícara de café e concentrou-se no presunto com ovos. Depois, levantando-se, acendeu o cachimbo e instalou-se na sua poltrona.

— Vou contar primeiro o que fiz e então como o consegui. Depois de deixá-los na estação fiz um agradável passeio pela admirável paisagem de Surrey até uma aldeia encantadora chamada Ripley, onde tomei chá na estalagem, tendo a precaução de encher meu frasco de bolso e acrescentar alguns sanduíches. Fiquei ali até a noite, quando voltei a Woking. Cheguei à estrada que passa por Briarbrae pouco depois de escurecer.

“Esperei até que o caminho ficasse deserto — não é muito movimentado em hora nenhuma do dia, parece-me. Depois, pulei o muro e entrei no jardim.”

— O portão não estava aberto? — perguntou Phelps.

— Estava, mas tenho tendências peculiares nesses assuntos. Escolhi o lugar onde ficam os três abetos e, protegido por eles, aproximei-me sem ser visto por ninguém da casa. Agachei-me entre os arbustos e rastejei de um para outro, prova disso é o estado lamentável dos joelhos das minhas calças, até chegar a uma moita de rododendros bem em frente à janela do seu quarto. Ali, agachado, aguardei os acontecimentos.

“A veneziana não estava abaixada e vi a srta. Harrison lendo junto à mesa. Eram 22h15 quando ela fechou o livro, abaixou as venezianas e saiu.

Ouvi quando ela fechou a porta e tive certeza de que havia girado a chave na fechadura.”

— A chave? — exclamou Phelps.

— Sim. Dei instruções à srta. Harrison para trancar a porta pelo lado de fora e levar a chave quando fosse dormir. Ela cumpriu rigorosamente todas as minhas ordens e sem a sua cooperação esse papel não estaria agora no seu bolso. Ela saiu, as luzes se apagaram e eu permaneci agachado na moita de rododendros.

“Era uma bela noite, mas a vigília foi cansativa. Naturalmente, envolvia o tipo de emoção que um desportista sente quando está junto a um rio esperando a caça de grande porte. Mas a espera foi longa — quase tão longa, Watson, quanto a que vivemos naquele quarto sinistro, estudando o problema da ‘Banda pintada’. O relógio da igreja de Woking marcava os quartos de hora e mais de uma vez pensei que ele havia parado. Finalmente, por volta das duas horas, ouvi de repente o leve ruído de um ferrolho sendo empurrado e o estalido de uma chave. Logo depois a porta de serviço abriu-se e o sr. Joseph Harrison surgiu à luz da lua.”

— Joseph! — exclamou Phelps.

— Estava com a cabeça descoberta, mas havia jogado nos ombros uma capa negra para poder ocultar rapidamente o rosto, caso houvesse algum alarme. Caminhou silenciosamente à sombra da parede, e quando chegou à janela, enfiou uma faca de lâmina comprida na brecha entre as venezianas, empurrou o ferrolho e abriu-a.

“De onde estava eu podia ver perfeitamente o interior do quarto e acompanhar todos os seus movimentos. Ele acendeu as duas velas que ficam sobre a lareira e em seguida levantou a ponta do tapete perto da porta. Então inclinou-se e ergueu um pedaço de madeira quadrado, do tipo que costuma ser deixado para permitir o acesso de bombeiros às juntas dos encanamentos de gás. Aquele cobria, para ser exato, a junta em forma de T que leva o gás à cozinha. Ele retirou do esconderijo o cilindro de papel, recolocou a tábua, arrumou o tapete, apagou as velas e caiu direto nos meus braços, já que eu esperava por ele em frente à janela.

“O sr. Joseph foi mais agressivo do que eu o imaginava. Avançou para mim de faca em punho e tive de jogá-lo ao chão duas vezes, recebendo um corte nos dedos, para conseguir dominá-lo. Olhou-me com fúria assassina com o único olho capaz de ver quando terminamos, mas ele cedeu e

entregou-me os documentos. De posse deles, eu o libertei, mas telegrafei a Forbes esta manhã, dando todos os detalhes. Se ele for bastante rápido para pegar o pássaro, tudo bem! Mas se, como desconfio, encontrar o ninho vazio, tanto melhor para o governo. Imagino que lorde Holdhurst, de um lado, e o sr. Phelps, de outro, preferem que o caso não chegue à justiça."

— Meu Deus! — arquejou nosso cliente. — Quer dizer que nessas dez longas semanas de agonia os documentos roubados estavam no próprio quarto onde eu fiquei?

— Exatamente.

— E Joseph! Joseph, bandido e ladrão!

— Hum! Creio que o caráter de Joseph é mais complexo e perigoso do que pode parecer à primeira vista. Soube esta manhã que ele sofreu grandes perdas jogando na bolsa e está disposto a qualquer coisa para melhorar sua sorte. Sendo um homem profundamente egoísta, quando surgiu a oportunidade, não levou em conta a felicidade da irmã, ou a sua reputação.

Percy Phelps afundou na poltrona.

— Estou completamente zonzo. O que disse me deixou aturdido.

No seu modo didático, Holmes observou:

— No seu caso, a principal dificuldade estava no excesso de evidências. Os elementos vitais estavam encobertos pelos irrelevantes. Entre todos os fatos que nos foram apresentados era preciso escolher os que julgávamos essenciais e depois colocá-los em ordem, a fim de reconstituir esta extraordinária cadeia de acontecimentos. Comecei a suspeitar de Joseph quando você disse que pretendia viajar para casa com ele naquela noite. Era muito provável, portanto, que ele passasse pelo Foreign Office, bem conhecido dele, a caminho da estação. Quando eu soube que alguém havia tentado entrar no quarto onde ninguém, exceto Joseph, poderia ter escondido alguma coisa... Você nos contou que Joseph havia sido desalojado quando chegou com o médico... Minhas suspeitas transformaram-se em certeza, principalmente porque a tentativa foi feita na primeira noite em que a enfermeira estava ausente, mostrando que o intruso estava a par do que acontecia na casa.

— Como fui cego!

— Os fatos, conforme os concebi, são os seguintes: Joseph Harrison entrou no prédio do Foreign Office pela porta da Charles Street e, conhecendo o caminho, seguiu direto para a sua sala logo que você saiu.

Não vendo ninguém, tocou a sineta e no mesmo instante reparou no papel que estava na mesa. Um olhar de relance mostrou que a sorte havia colocado ao seu alcance um documento oficial de imenso valor. Guardou-o imediatamente no bolso e saiu. Passaram-se alguns minutos, conforme deve lembrar, antes que o contínuo sonolento chamasse a sua atenção para a sineta. Foi o suficiente para o ladrão escapar.

"Ele foi para Woking pelo primeiro trem e, depois de examinar o documento, certificou-se que era de fato de imenso valor e escondeu-o num lugar que julgou muito seguro, com a intenção de retirá-lo um ou dois dias depois e levá-lo à embaixada da França, ou onde quer que obtivesse um bom preço. Mas então houve a sua chegada repentina. Ele, sem um aviso prévio, foi afastado do quarto e dali em diante sempre havia pelo menos duas pessoas presentes, impedindo-o de recuperar o tesouro. A situação deve ter sido de enlouquecer. Finalmente achou que chegara a oportunidade. Tentou entrar no quarto para pegar o documento, mas foi impedido pela sua vigília. Talvez recorde que não tomou o remédio habitual para dormir."

— Eu me lembro.

— Imagino que ele tomou alguma medida para que o remédio fosse eficaz e esperava encontrá-lo inconsciente. Compreendi que repetiria a tentativa sempre que pudesse fazê-lo com segurança. O fato de ter saído do quarto deu-lhe a oportunidade desejada. Mantive ali a srta. Harrison o dia inteiro para que ele não passasse a nossa frente. E então, dando-lhe a impressão de que o terreno estava livre, fiquei de guarda, como descrevi. Já sabia que os documentos estariam no quarto, mas não queria levantar todas as tábuas do assoalho para encontrá-los. Deixei que ele os tirasse do esconderijo, poupando-me um trabalho imenso. Há algum ponto que queira esclarecer?

— Por que ele entrou pela janela na primeira vez, quando podia ter entrado pela porta? — perguntei.

— Para chegar à porta teria que passar por sete quartos. Além disso, andaria pelo gramado com facilidade. Mais alguma coisa?

— Acha que ele tinha intenção de me assassinar? — perguntou Phelps. — A faca era um simples instrumento.

— É possível — disse Holmes, dando de ombros. — Só posso dizer com certeza que o sr. Joseph Harrison é um cavalheiro em cuja misericórdia eu

não confiaria muito.

O PROBLEMA FINAL

É COM O CORAÇÃO PESADO QUE PEGO A PENA PARA ESCREVER as últimas páginas onde registrarei os talentos especiais que distinguiam meu amigo, o sr. Sherlock Holmes. De modo incoerente e, percebo-o, inteiramente inadequado, procurei narrar as minhas estranhas experiências em sua companhia, desde o acaso que nos reuniu por ocasião de *Um estudo em vermelho* até a época de sua interferência na questão do *Tratado naval*, que teve o resultado inegável de impedir uma grave crise internacional. Era minha intenção parar ali, sem mencionar o acontecimento que gerou tamanho vazio em minha vida que nem mesmo a passagem de dois anos conseguiu amenizar. Mas fui obrigado, pelas cartas recentes em que o coronel James Moriarty defende a memória do irmão, a colocar diante do público os fatos exatamente como aconteceram. Só eu conheço a verdade absoluta a respeito do assunto, e estou certo de ter chegado o momento em que ocultá-la não traz benefício a ninguém. Que eu saiba só houve três relatos na imprensa: o do *Journal de Genève*, de 6 de maio de 1891, o comunicado da Reuters nos jornais ingleses de 7 de maio e, finalmente, as cartas recentes a que me referi. Destes, o primeiro e o segundo foram extremamente condensados, enquanto o último é, como mostrarei agora, uma distorção completa dos fatos. Cabe a mim contar pela primeira vez o que realmente aconteceu entre o professor Moriarty e Sherlock Holmes.

Devo lembrar que, depois do meu casamento e do início na clínica particular, as relações estreitas que eu tinha com Holmes modificaram-se até certo ponto. Ele ainda me procurava de tempos em tempos, quando desejava um companheiro nas suas investigações, mas essas ocasiões

tornaram-se cada vez mais raras, até que no ano de 1890 registrei apenas três casos. No inverno daquele ano e no início da primavera de 1891, li nos jornais que ele fora contratado pelo governo francês para investigar um assunto de suprema importância, e recebi dois bilhetes dele, um de Narbonne e outro de Nîmes, dos quais depreendi que sua estada na França seria longa. Foi com certa surpresa, portanto, que eu o vi entrar no meu consultório na noite de 24 de abril. Pareceu-me mais pálido e magro que de costume.

— Sim, tenho trabalhado demais — comentou, mais em resposta ao meu olhar que às minhas palavras. — Tenho sido um tanto pressionado ultimamente. Importa-se que eu feche as venezianas?

A única luz da sala provinha da lâmpada na mesa, junto à qual eu estava lendo. Holmes, andando devagar junto à parede, fechou as venezianas com um gesto brusco e trancou-a com a barra.

— Está com medo de alguma coisa? — perguntei.

— Estou, sim.

— De quê?

— Pistolas de ar.

— Meu caro Holmes! O que quer dizer com isso?

— Você me conhece o suficiente, Watson, para saber que não sou absolutamente um homem nervoso. Ao mesmo tempo, é estupidez e não coragem ignorar um perigo que está próximo. Quer me dar um fósforo?

Deu uma profunda tragada no cigarro, como se ficasse grato ao seu efeito tranquilizador.

— Devo me desculpar pela visita tardia e suplicar que seja suficientemente desprovido de preconceitos para permitir que eu saia daqui a pouco de sua casa saltando o muro dos fundos.

— Mas o que significa tudo isso?

Estendeu a mão e vi à luz da lâmpada que os nós de dois dedos estavam arranhados e sangrando.

— Como vê, não se trata de ninharia — falou, sorrindo. — Pelo contrário, é bastante sólido para quebrar a mão de um homem. A sra. Watson está em casa?

— Está fora, visitando a família.

— Verdade? Então está sozinho?

— Inteiramente.

— Então fica mais fácil propor que passe uma semana comigo no Continente.

— Onde?

— Em qualquer lugar. Não faz diferença.

Havia alguma coisa muito estranha naquela história. Holmes não costumava tirar férias sem objetivo, e algo no seu rosto pálido e abatido me dizia que seus nervos estavam em extrema tensão. Leu a pergunta nos meus olhos e, juntando as pontas dos dedos e apoiando os cotovelos nos joelhos, explicou a situação.

— É provável que nunca tenha ouvido falar no professor Moriarty.

— Nunca.

— Sim, este é o engenho e a maravilha de toda a história! O homem permeia Londres e ninguém ouviu falar nele. É isto que o coloca no ápice dos registros criminais. Afirmo com toda a seriedade, Watson, que se eu pudesse derrotar esse homem, livrar a sociedade dele, acharia que a minha carreira havia chegado ao auge e estaria disposto a adotar um estilo de vida mais sereno. Cá entre nós, os casos recentes em que fui útil à família real da Escandinávia e à República da França deixaram-me em condições de viver uma vida tranquila, que é mais do meu agrado, concentrando-me em pesquisas químicas. Mas não poderia descansar, Watson, não ficaria sentado tranquilo na minha poltrona se soubesse que um homem como o professor Moriarty anda impunemente pelas ruas de Londres.

— O que ele fez?

— Sua carreira é extraordinária. É um homem bem-nascido e de excelente cultura, dotado pela natureza de um talento matemático excepcional. Com 21 anos escreveu um tratado sobre o Teorema Binário, que fez sucesso na Europa inteira. Com base nisso conquistou a cátedra de matemática numa de nossas universidades menores e, ao que tudo indicava, tinha pela frente uma carreira brilhante. Mas suas tendências hereditárias são do tipo diabólico. Há uma disposição criminosa no seu sangue que, em vez de se modificar, ficou mais acentuada, tornando-se infinitamente mais perigosa devido à sua extraordinária capacidade mental. Boatos sinistros espalharam-se pela cidade universitária e ele acabou sendo obrigado a renunciar à cátedra e vir para Londres, onde se estabeleceu como instrutor do Exército. Isto é o que se sabe em geral. Mas o que vou contar agora é o que eu descobri.

“Como você sabe, Watson, ninguém conhece tão bem como eu os altos círculos criminais de Londres. Há anos venho percebendo uma força por trás do criminoso, um grande talento organizador que procura obstruir a ação da Justiça e proteger o malfeitor. Repetidamente, em casos dos mais variados tipos — falsificação, roubo, homicídio — senti a presença dessa força e percebi sua ação em muitos dos crimes não solucionados em que não fui pessoalmente consultado. Há anos tento rasgar o véu que encobre isso, e finalmente consegui encontrar o fio da meada e segui-lo. E ele me conduziu, após mil voltas tortuosas, ao ex-professor Moriarty, a celebridade matemática.

“Ele é o Napoleão do crime, Watson. É o organizador de metade do que há de maligno e de quase tudo que passa despercebido nesta grande cidade. É um gênio, um filósofo, um pensador abstrato. Sua inteligência é excepcional. Fica imóvel como uma aranha no centro da teia, mas a teia tem milhares de ramificações, das quais ele conhece cada tremor. Ele mesmo pouco faz. Apenas planeja. Mas seus agentes são numerosos e esplendidamente organizados. Se há um crime a cometer, um documento a roubar, uma casa a ser invadida, um homem a ser liquidado — a informação é transmitida ao professor e o negócio, organizado e executado. O agente pode ser surpreendido. Nesse caso surge dinheiro para a fiança ou a defesa. Mas o poder central que utiliza o agente nunca é apanhado. Nem sequer se suspeita quem seja. Foi essa a organização que encontrei por dedução, Watson, dedicando toda a minha energia a desmascará-la e dissolvê-la.

“Mas o professor está rodeado de salvaguardas tão habilmente arquitetadas que, por mais que eu tentasse, parecia impossível obter provas que o condenassem num tribunal. Conhece meus talentos, meu caro Watson, e no entanto, depois de três meses, fui obrigado a admitir que havia encontrado finalmente um adversário do meu nível intelectual. Meu horror diante de seus crimes transformou-se na admiração de sua habilidade. Mas finalmente ele cometeu um erro — um pequeno erro — que foi demais para ele, porque eu estava bem próximo, no seu encalço. Surgiu a oportunidade e, a partir desse ponto, teci minha rede em volta dele e agora está tudo pronto para fechá-la. Dentro de três dias, ou seja, na próxima segunda-feira, o caso estará no ponto, e o professor, com todos os principais integrantes da sua gangue, cairá nas mãos da polícia. Haverá então o maior julgamento criminal do século, o esclarecimento de mais de quarenta mistérios, e forca

para todos. Mas se agirmos antes da hora, eles podem escapulir de nossas mãos no último instante.

“Se eu pudesse ter feito isso sem que o professor Moriarty soubesse, tudo correria bem. Mas ele era esperto demais para isso. Percebeu todas as minhas ações para lançar a rede à sua volta. Tentou escapulir várias vezes, mas eu o impedi. Se uma narrativa detalhada desta luta silenciosa fosse escrita, estaria entre os duelos mais brilhantes da história policial. Nunca cheguei antes a esse ponto, e nunca fui tão pressionado pelo adversário. Ele deu golpes fundos, mas consegui solapá-lo. Esta manhã tomei as últimas providências e faltam apenas três dias para terminar o caso. Estava sentado em meu quarto, refletindo sobre o assunto, quando a porta se abriu e o professor Moriarty surgiu na minha frente.

“Meus nervos são firmes, Watson, mas confesso que estremeci ao ver o próprio homem que estivera tão presente nos meus pensamentos ali, na soleira da minha porta. Sua aparência era bastante familiar. Muito alto e magro, sua testa forma uma curva branca e os olhos são profundamente engastados no rosto escanhoado. Pálido e de expressão ascética, conserva nos seus traços alguma coisa do professor. Os ombros são curvados em consequência de muito estudo e a cabeça inclina-se para a frente, sempre oscilando de um lado para outro, como um réptil. Ficou me observando com grande curiosidade nos olhos de pálpebras franzidas.

“‘Você tem menos desenvolvimento frontal do que eu esperava’, ele disse finalmente. ‘É um hábito perigoso levar armas de fogo carregadas no bolso do roupão.’

“O fato é que, mal ele entrou, percebi o imenso perigo que eu corria. Para ele, a única fuga possível seria silenciar-me. Num instante eu havia passado o revólver da gaveta para o bolso, apontando para ele sob o roupão. Ao ouvir a observação, tirei a arma e coloquei-a na mesa. Ele continuou a sorrir e a piscar, mas algo em seus olhos deixou-me satisfeito por ter a arma à mão.

“‘É evidente que não me conhece’, disse ele.

“‘Pelo contrário, é evidente que o conheço’, repliquei. ‘Sente-se, por favor. Posso ceder-lhe cinco minutos, se tiver algo a dizer.’

“‘Tudo o que tenho a dizer já passou pela sua mente.’

“‘Então é provável que minha resposta tenha passado pela sua’, repliquei.

“‘E insiste?’

"'Sem dúvida alguma.'

"Enfiou a mão no bolso e eu peguei a pistola que estava na mesa, mas ele se limitou a tirar uma caderneta onde havia rabiscado algumas datas.

"'Atravessou o meu caminho no dia 4 de janeiro', ele disse. 'No dia 23 aborreceu-me; em meados de fevereiro fui seriamente perturbado; no final de março, meus planos foram completamente prejudicados; e agora, no final de abril, por causa de sua perseguição permanente, corro o risco de perder a liberdade. A situação está se tornando insuportável.'

"'Tem alguma sugestão a fazer?', perguntei.

"'Precisa desistir, sr. Holmes', disse, balançando a cabeça. 'Precisa mesmo.'

"'Depois da segunda-feira', eu disse.

"'Ora, ora! Estou certo de que um homem com a sua inteligência sabe que só há uma saída nesse caso. Precisa recuar. Agiu de forma tal que só nos resta um recurso. Foi um verdadeiro prazer intelectual ver a maneira como lidou com este caso, e digo sinceramente que lamentaria ser obrigado a tomar uma medida extrema. Está sorrindo, mas asseguro-lhe que ela seria tomada.'

"'O perigo faz parte do meu trabalho', observei.

"'Não se trata de perigo. É destruição inevitável. Está no caminho não só de um indivíduo, mas também de uma organização poderosa, cuja extensão total, apesar de toda a sua inteligência, ainda não conseguiu perceber. Terá de se afastar, sr. Holmes, ou será pisoteado.'

"'O prazer desta conversa está fazendo com que eu me descuide de um trabalho importante que me espera em outro lugar', disse, levantando-me.

"Ele também se levantou e me fitou em silêncio, meneando tristemente a cabeça.

"'Bem, é uma pena, mas fiz o que pude', disse finalmente. 'Conheço todos os lances do seu jogo. Não pode agir antes da segunda-feira. Foi um duelo entre nós dois, sr. Holmes. Espera levar-me aos tribunais. Afirmo que nunca sentarei no banco dos réus. Espera me derrotar. Afirmo que isso jamais acontecerá. Se é bastante inteligente para me destruir, pode estar certo de que farei o mesmo em relação ao senhor.'

"'Elogiou-me de várias maneiras, sr. Moriarty', repliquei. 'Permita que eu retribua dizendo que se estivesse certo da primeira eventualidade, aceitaria com alegria a última, no interesse público.'

“‘Prometo uma, não a outra’, replicou, ameaçador e, voltando-me as costas encurvadas, saiu piscando da sala.

“Esta foi a minha estranha entrevista com o professor Moriarty. Confesso que me deixou uma impressão desagradável. Sua maneira de falar, precisa e suave, transmite uma sinceridade que um simples fanfarrão não conseguiria. Você dirá, é claro: ‘Por que não recorre à polícia?’ O motivo é que eu estou convencido de que o golpe será dado por seus agentes. Tenho todas as provas neste sentido.”

— Já foi agredido?

— Meu caro Watson, o professor Moriarty não é homem que deixe a grama crescer sob os pés. Saí ao meio-dia para cuidar de um negócio em Oxford Street. Quando passei pela esquina da Bentinck Street com a Welbeck Street, um veículo puxado por dois cavalos que corriam furiosamente passou por mim como um raio. Saltei para a calçada, escapando por uma fração de segundo. O veículo veio de Marylebone Lane e desapareceu num instante. Depois disso fui andando pela calçada, Watson, mas quando passava pela Vere Street, um tijolo caiu do telhado de uma casa, despedaçando-se aos meus pés. Chamei a polícia e mandei examinar o local. Havia telhas e tijolos empilhados no telhado, destinados a algum conserto, e queriam que eu acreditasse que o vento atirara o tijolo na rua. Eu sabia que não era isso, claro, mas não podia prová-lo. Tomei um cabriolé e consegui chegar ao apartamento de meu irmão, em Pall Mall, onde passei o dia. Depois vim para a sua casa e no caminho fui atacado por um vagabundo armado de um bastão. Consegui dominá-lo e a polícia o prendeu, mas afirmo com a mais absoluta certeza que não descobrirão jamais qualquer ligação entre o cavalheiro em cujos dentes incisivos eu feri os nós dos dedos e o professor de matemática aposentado, que deve estar resolvendo problemas a uns 15 quilômetros daqui. Não se surpreenderá agora, Watson, com o fato de eu ter fechado as venezianas logo que entrei na sala e ter pedido permissão para sair desta casa por um lugar menos visível do que a porta da frente.

Eu sempre admirara a coragem do meu amigo, mas nunca tanto quanto naquele instante em que ele contava serenamente uma sequência de incidentes que resultavam num dia de horror.

— Quer passar a noite aqui? — perguntei.

— Não, meu amigo. Você me acharia um hóspede perigoso. Tenho meus planos e tudo correrá bem. O caso foi tão longe que eles podem agir sem a minha ajuda para prendê-lo, embora a minha presença seja necessária para condená-lo. É óbvio, portanto, que o melhor a fazer é me ausentar nos dias que restam para a polícia agir. Seria um grande prazer se você fosse comigo ao Continente.

— Minha clientela está tranquila e tenho um vizinho prestativo. Gostaria de ir com você.

— Amanhã de manhã?

— Se for necessário.

— Sim, é muito necessário. Então, estas são as minhas instruções, e suplico, meu caro Watson, que as siga ao pé da letra, pois está jogando comigo um jogo duplo contra o mais inteligente dos criminosos e o mais poderoso sindicato do crime da Europa. Agora, escute! Você despachará a bagagem que pretende levar por um mensageiro de confiança, esta noite, sem endereço, para a estação de Victoria. De manhã mande chamar um cabriolé. Que seu criado não pegue nem o primeiro nem o segundo que apareçam. Entre no carro e siga para o Strand, no extremo da Lowther Arcade, dando o endereço ao cocheiro escrito num papel, com o pedido de que ele não o jogue fora. Fique com o dinheiro da corrida na mão e no instante em que o veículo parar, atravesse correndo a Arcade, de modo a chegar ao outro extremo às 9h15. Encontrará uma pequena berlinda à espera junto ao meio-fio, conduzida por um sujeito com uma capa negra e a gola forrada de vermelho. Entre no veículo e chegará a Victoria a tempo de pegar o expresso Continental.

— Onde o encontrarei?

— Na estação. O segundo carro da primeira classe está reservado para nós.

— O carro é o nosso ponto de encontro, então?

— É.

Foi inútil pedir a Holmes que passasse a noite na minha casa. Era evidente que temia trazer problemas para quem o hospedasse, e por isso saiu logo. Com algumas palavras apressadas a respeito dos nossos planos para o dia seguinte, levantou-se. Acompanhei-o até o jardim. Ele pulou o muro que dava para a Mortimer Street e, assobiando imediatamente para chamar um cabriolé, ouvi que se afastava.

De manhã segui ao pé da letra as instruções de Holmes. O cabriolé foi escolhido com tantas precauções que não poderia ter sido colocado ali para nós. Logo após o café fui para a Lowther Arcade, que atravessei a toda a velocidade. Uma carruagem estava à espera, dirigida por um cocheiro robusto envolto numa capa preta. No instante em que entrei ele chicoteou o cavalo e saiu em disparada para a estação de Victoria. Quando desci, ele manobrou a carruagem e partiu sem olhar na minha direção.

Até então tudo havia corrido perfeitamente. A bagagem estava à minha espera e não tive dificuldade em descobrir o vagão indicado por Holmes, tanto mais que era o único do trem com a placa de “Reservado”. Meu único motivo de ansiedade era o fato de Holmes não ter aparecido. O relógio da estação mostrava que faltavam apenas sete minutos para a hora da partida. Procurei inutilmente entre os grupos de viajantes e as pessoas que deles se despediam o vulto esguio do meu amigo. Não vi sinal dele. Passei alguns minutos ajudando um venerável padre italiano, que tentava em mau inglês fazer o carregador compreender que a bagagem devia ser remetida para Paris. Depois, olhando em torno mais uma vez, voltei ao vagão, onde descobri que o carregador, apesar do aviso, havia me dado o padre italiano como companheiro de viagem. Expliquei que sua presença era uma intromissão, mas inutilmente, pois meu italiano era ainda mais limitado que o inglês dele, de modo que encolhi os ombros, resignado, e continuei a olhar pela janela, à espera do meu amigo. Tive um arrepio de medo quando pensei que sua ausência poderia significar um golpe ocorrido durante a noite. As portas já estavam fechadas e o apito soou quando...

— Meu caro Watson, você nem sequer se dignou desejar-me bom dia — disse uma voz.

Virei-me, num espanto incontrolável. O idoso clérigo voltou o rosto para mim. No mesmo instante as rugas desapareceram, o nariz se afastou do queixo, o lábio inferior recolheu-se, a boca deixou de murmurar, os olhos baços recuperaram o brilho, a silhueta encurvada endireitou-se. Logo em seguida, toda a estrutura desabou novamente, e Holmes desapareceu tão depressa quanto havia aparecido.

— Meu Deus! — exclamei. — Você me assustou.

— Todas as precauções são necessárias — murmurou. — Tenho motivos para acreditar que estão na minha pista. Ah, lá vem o próprio Moriarty.

O trem já tinha começado a se mover. Olhando para trás, vi um homem alto abrindo caminho furiosamente entre a multidão, agitando a mão como se quisesse fazer parar o trem. Tarde demais, pois ganhávamos velocidade rapidamente e logo depois saíamos da estação.

— Apesar de todas as precauções, escapamos por pouco, você vê — disse Holmes, rindo.

Levantou-se e, despindo a batina preta e o chapéu que faziam parte do disfarce, guardou-os numa valise.

— Leu o jornal da manhã, Watson?

— Não.

— Então não soube do que aconteceu na Baker Street?

— Baker Street?

— Atearam fogo ao nosso apartamento ontem à noite. Não houve grande prejuízo.

— Meu Deus, Holmes! Isso é intolerável!

— Devem ter perdido completamente a minha pista depois que prenderam o meu agressor, do contrário não imaginariam que eu voltaria para casa. Mas tomaram a precaução de vigiar você, e foi isso que trouxe Moriarty à estação de Victoria. Teria cometido algum deslize na vinda?

— Fiz exatamente o que você sugeriu.

— Encontrou a carruagem?

— Encontrei. Estava esperando.

— Reconheceu o cocheiro?

— Não.

— Era o meu irmão, Mycroft. Em casos desse tipo é uma vantagem circular sem a ajuda de um mercenário. Mas precisamos planejar agora o que faremos com Moriarty.

— Este trem é expresso e, como faz conexão com o vapor, creio que nos livramos completamente dele.

— Meu caro Watson, é evidente que não percebeu o que eu queria dizer quando afirmei que esse homem é meu equivalente intelectual. Acha que se fosse eu o perseguidor me deixaria dissuadir por um obstáculo tão insignificante? Por que o menospreza a tal ponto?

— O que ele fará?

— O que eu faria.

— O que você faria, então?

— Tomaria um trem especial.
— Mas deve ser tarde.
— De modo algum. Este trem para em Canterbury e é preciso esperar pelo menos um quarto de hora pelo vapor. Ele nos alcançará ali.
— Até parece que somos nós os criminosos. Vamos mandar prendê-lo assim que chegarmos.
— Seria arruinar o trabalho de três meses. Pegaríamos o peixão, mas os peixinhos escapariam por todas as malhas da rede. Na segunda-feira pegaremos todos. Não, prendê-lo é inadmissível.
— Então, o que faremos?
— Saltaremos em Canterbury.
— E depois?
— Depois seguiremos até Newhaven e de lá para Dieppe. Moriarty fará novamente o que eu faria. Seguirá para Paris, descobrirá a nossa bagagem e aguardará dois dias no depósito. Enquanto isso, compraremos duas malas de pano, incentivaremos os fabricantes dos países pelos quais viajarmos, e seguiremos tranquilamente para a Suíça, via Luxemburgo e Basileia.

Sou um viajante muito experimentado para me importar com a perda de bagagem, mas confesso que me aborreci com a ideia de ser obrigado a fazer desvios e a me esconder de um homem cuja ficha era negra de incontáveis infâmias. Mas era evidente que Holmes entendia a situação com mais clareza que eu. Portanto saltamos em Canterbury, descobrindo que precisaríamos esperar uma hora pelo trem para Newhaven.

Eu ainda olhava com melancolia o trem que desaparecia rapidamente com a minha bagagem quando Holmes puxou-me pela manga e apontou para a linha.

— Já está chegando, vê?

Ao longe, entre as florestas de Kent, erguia-se uma fina coluna de fumaça. Um minuto depois avistamos um vagão e a locomotiva voando pela curva ampla que terminava na estação. Mal tivemos tempo para nos esconder atrás de uma pilha de bagagens quando o trem passou ruidoso, lançando um jorro de ar quente no nosso rosto.

— Lá vai ele — disse Holmes, enquanto observávamos o vagão oscilando sobre os dormentes. — Há limites para a inteligência do nosso amigo, como vê. Seria um golpe de mestre se ele tivesse deduzido o que eu deduzi e agido de acordo.

— E o que ele teria feito se nos alcançasse?

— Não há a menor dúvida de que me mataria. Contudo, o jogo é para duas pessoas. A questão agora é saber se devemos fazer um almoço antecipado aqui ou correr o risco de morrer de fome antes de chegarmos ao *buffet* de Newhaven.

Viajamos para Bruxelas naquela noite e passamos dois dias na cidade, seguindo no terceiro dia para Estrasburgo. Na manhã de segunda-feira Holmes telegrafou para a polícia de Londres e à noite encontramos a resposta à nossa espera no hotel. Ele rasgou o envelope e, com uma praga, atirou o telegrama na lareira.

— Eu devia ter adivinhado! — gemeu. — Ele escapou!

— Moriarty?

— Prenderam toda a gangue, menos ele. Escapuliu. É claro que quando saí do país, não sobrou ninguém capaz de enfrentá-lo. Mas pensei que havia colocado toda a jogada nas mãos deles. Acho que é melhor você voltar para a Inglaterra, Watson.

— Por quê?

— Porque de agora em diante serei uma companhia perigosa. Aquele homem não tem mais o que fazer. E está perdido se voltar a Londres. Se conheço bem o temperamento dele, vai concentrar todas as energias em se vingar de mim. Foi o que disse em nossa rápida conversa e acho que falava sério. Volte para a sua clientela, é o que recomendo.

Não era uma sugestão atraente para um velho lutador e também um velho amigo. Sentados na sala de jantar em Estrasburgo, discutimos a questão durante meia hora, mas na mesma noite continuamos a viagem, seguindo para Genebra.

Durante uma semana muito agradável passeamos pelo vale do Ródano. Depois, mudando de direção em Leuk, seguimos para o Passo Gemmi, ainda coberto de neve, e dali, atravessando Interlaken, chegamos a Meiringen. Foi uma viagem encantadora. Embaixo, o verde frágil da primavera e, no alto, o branco virgem do inverno; mas eu sabia que nem por um instante Holmes esquecia a sombra que o ameaçava. Nas acolhedoras aldeias alpinas ou nos solitários passos das montanhas, eu percebia, pelo rápido exame de todas as fisionomias que cruzavam o nosso caminho, que ele estava convencido de uma coisa: por mais que viajássemos, não conseguiríamos nos livrar do perigo que seguia nossos passos.

Certa vez — lembro-me —, quando cruzávamos o Gemmi e caminhávamos às margens do melancólico Daubensee, uma pedra grande se deslocou da encosta à nossa direita, rolou e caiu no lago atrás de nós. No mesmo instante Holmes subiu correndo a encosta e, de pé num ponto elevado, olhou em todas as direções. Em vão, nosso guia assegurou-lhe que a queda de uma pedra era um fato corriqueiro na primavera, naquele ponto. Ele não disse nada, mas sorriu para mim com o ar de quem vê a realização daquilo que esperava.

Mas, mesmo conservando-se alerta, nunca se mostrou deprimido. Pelo contrário, não me lembro de tê-lo visto tão exuberante. Aludia repetidamente ao fato de que, se pudesse ter certeza de que a sociedade se livraria do professor Moriarty, ele encerraria alegremente a sua carreira.

— Chegaria a dizer, Watson, que não vivi de todo em vão — observou. — Se meus registros fossem encerrados esta noite, eu olharia o fato com serenidade. O ar de Londres é mais suave por causa de minha presença. Em mais de mil casos, creio que não usei meus talentos nem uma só vez do lado errado. Ultimamente tenho sido tentado a estudar os problemas da natureza, e não os mais superficiais, produtos de nossa sociedade artificial. Suas memórias estarão encerradas, Watson, no dia em que eu coroar a minha carreira com a captura ou a eliminação do mais perigoso e inteligente criminoso da Europa.

Serei breve, mas exato, no pouco que me resta contar. Não é um assunto em que me demore de boa vontade, mas sei que tenho o dever de não omitir nenhum detalhe.

Foi no dia 3 de maio que chegamos à aldeia de Meiringen, onde nos hospedamos no Englisher Hof, então administrado por Peter Steiler, pai. Nosso anfitrião era um homem inteligente e falava um inglês excelente, pois trabalhara durante três anos como garçom no Grosvenor Hotel de Londres. Seguindo o seu conselho, saímos juntos na tarde do dia 4, com a intenção de transpor as colinas e passar a noite na aldeia de Rosenlaui. Recebemos recomendações insistentes para não ultrapassarmos de modo algum as quedas de Reichenbach, que ficam no meio da subida da montanha, sem fazer um pequeno desvio para admirá-las.

Na verdade, é um lugar assustador. A torrente, aumentada pela neve derretida, mergulha num tremendo abismo, de onde a espuma jorra como fumaça de uma casa em chamas. A garganta onde o rio se projeta é uma

brecha profunda, cercada de rochedos brilhantes, negros como carvão, que vai se estreitando até formar um poço fervilhante de profundidade incalculável. O poço transborda e lança a torrente para diante por cima de sua borda irregular. O longo jato de água verde que desce ruidosamente sem cessar e a espessa cortina de espuma saltando eternamente para o alto deixam as pessoas tontas com o seu constante rodopio e clamor. De pé junto à borda, observamos as cintilações da água caindo lá embaixo, sobre as pedras negras, e ouvimos o grito meio humano que subia do abismo juntamente com a espuma.

A trilha contorna uma parte da queda para permitir sua visão completa, mas termina bruscamente, e o viajante é obrigado a voltar por onde veio. Tínhamos começado o caminho de volta quando avistamos um rapazinho suíço que se aproximava correndo com uma carta na mão. O papel trazia o timbre do hotel que acabávamos de deixar e era dirigida a mim pelo hoteleiro. Minutos depois de sairmos, chegara uma senhora inglesa nos últimos estágios da tuberculose; passara o inverno em Davos Platz e viajava para se encontrar com amigos em Lucerna quando sofrera uma súbita hemorragia. Achavam que só viveria algumas horas, mas seria um grande consolo para ela ver um médico inglês, e se eu pudesse voltar etc. etc... O bom Steiler afirmou num *postscriptum* que ele próprio consideraria um grande favor pessoal, já que a senhora se recusava terminantemente a consultar um médico suíço, e ele sentia que tinha grande responsabilidade no caso.

O apelo era do tipo que eu não podia ignorar. Impossível recusar o pedido de uma compatriota que morria em terra estrangeira. Contudo, tive escrúpulos em abandonar Holmes. Combinamos, finalmente, que ele ficaria com o jovem mensageiro suíço como guia e companheiro até que eu voltasse de Meiringen. Meu amigo ficaria algum tempo na catarata e depois seguiria devagar pela montanha na direção de Rosenlaui, onde eu me encontraria com ele à noite. Quando me virei, vi Holmes, encostado numa pedra e com os braços cruzados, olhando a torrente. Esta deveria ser a última vez que o veria neste mundo.

Quando eu estava perto do fim da descida, olhei para trás. Era impossível, daquele ponto, ver a queda, mas avistei a trilha em curva que contorna a montanha e chega até ela. Um homem caminhava rapidamente pela trilha, lembro-me bem. Vi sua silhueta escura nitidamente desenhada

contra o fundo verde. Reparei nele e na energia com que caminhava, mas sumiu da minha mente quando apressei o passo para voltar ao hotel.

Talvez tenha levado pouco mais de uma hora para chegar a Meiringen. O velho Steiler estava na entrada do hotel.

— Espero que ela não tenha piorado — disse, aproximando-me depressa.

Uma expressão de surpresa surgiu no rosto dele, e ao primeiro tremor de suas sobrancelhas, meu coração pesou como chumbo.

— Não escreveu isto? — perguntei, tirando a carta do bolso. Não há nenhuma inglesa doente no hotel?

— Claro que não! — exclamou. — Mas o papel tem o cabeçalho do hotel! Ah, deve ter sido escrita por aquele inglês alto que chegou depois que vocês saíram. Ele disse...

Mas não esperei as explicações do hoteleiro. Apavorado, eu já corria pela rua da aldeia em direção à trilha que acabara de descer. Levara uma hora para voltar. Apesar de todos os meus esforços, duas se passaram até que eu chegasse novamente à catarata de Reichenbach. Vi o bastão de Holmes ainda apoiado à rocha onde o tinha deixado, mas não havia sinal dele. Gritei inutilmente. A única resposta foi o eco de minha voz reverberando pelas montanhas.

Foi a visão do bastão que me deixou gelado e tonto. Ele não tinha seguido para Rosenlaui. Permanecera naquela trilha de um metro, com a parede a pique de um lado e o abismo de outro, até que seu inimigo o alcançasse. O jovem suíço também desaparecera. Estava a soldo de Moriarty, provavelmente, e deixara os dois juntos. O que teria acontecido, então? Quem iria contar o que aconteceu?

Fiquei ali um ou dois minutos procurando controlar-me, pois estava dominado pelo horror. Lembrei-me então dos métodos do próprio Holmes e tentei usá-los para reconstituir a tragédia. Era bem fácil, infelizmente! Durante a nossa conversa não tínhamos ido até o final da trilha, e o bastão marcava o ponto onde havíamos parado. O solo enegrecido fica permanentemente macio por causa do jorro incessante de espuma e até um pássaro deixaria ali a sua marca. Dois pares de pegadas estavam nitidamente impressos na trilha, afastando-se de onde eu me encontrava. Nenhum voltava. A alguns metros do final, o solo estava enlameado e pisoteado, os arbustos e plantas que ladeavam o abismo, quebrados e enlameados. Deitei-me de bruços e espiei para baixo, com a espuma

jorrando à minha volta. Havia escurecido e eu via apenas, aqui e ali, a cintilação da umidade nas paredes negras, e ao longe, nas profundezas da garganta, o brilho da água em torvelinho. Gritei, mas somente o grito meio humano da queda voltou aos meus ouvidos.

Mas queria o destino que, afinal, eu recebesse uma última palavra do meu amigo e camarada. Eu disse que o bastão estava encostado no rochedo que se projetava para a trilha. No alto desse rochedo, o brilho de alguma coisa chamou minha atenção e, erguendo a mão, encontrei a cigarreira de prata que ele costumava levar no bolso. Quando a peguei, um papel que estava embaixo voou e caiu no chão. Ao desdobrá-lo, vi que eram três páginas rasgadas do caderninho de notas e endereçadas a mim. Era característico de Holmes que o endereço fosse nítido, a caligrafia clara e firme como se ele estivesse escrevendo em seu escritório.

Meu caro Watson,

Escrevo estas poucas linhas por cortesia do sr. Moriarty, que me aguarda para a discussão final das questões que nos separam. Ele me fez um resumo dos métodos pelos quais evitou a polícia inglesa e se manteve informado a respeito dos nossos movimentos. Isto confirma, sem dúvida, o elevado conceito que tenho dos seus talentos. É um prazer pensar que conseguirei livrar a sociedade dos efeitos da sua presença, embora tema que seja a um preço capaz de causar sofrimento aos amigos e especialmente a você, meu caro Watson. Mas já lhe expliquei que minha carreira havia chegado a um ponto crítico e nenhuma forma de conclusão me seria mais agradável do que esta. Na verdade, se me permite uma confissão completa, eu tinha certeza de que a carta de Meiringen era falsa e deixei que você partisse convencido de que algo semelhante aconteceria. Diga ao inspetor Patterson que os documentos de que ele precisa para condenar a gangue estão no escaninho M, num envelope azul, com a inscrição "Moriarty". Tomei todas as providências relativas aos meus bens antes de sair da Inglaterra e as confiei ao meu irmão Mycroft. Meus cumprimentos à sra. Watson, e creia que permaneço, meu caro amigo

Seu, sinceramente,

Sherlock Holmes

Poucas palavras serão suficientes para contar o que falta. Uma investigação realizada por especialistas deixou poucas dúvidas de que uma luta pessoal entre os dois terminou, como não poderia deixar de ser em tal situação, na queda de ambos, atracados um ao outro, no abismo. Qualquer tentativa de recuperar os corpos seria totalmente inútil e ali, nas profundezas daquele medonho caldeirão de água rodopiante e espuma, ficarão sepultados para sempre o mais perigoso criminoso e o maior defensor da justiça de toda uma geração. O rapaz suíço nunca mais foi encontrado e não há dúvida de que se tratava de um dos numerosos agentes empregados por Moriarty. Quanto à gangue, o público ainda deve recordar que as provas acumuladas por Holmes desbarataram completamente a organização. A mão do morto pesou sobre cada um deles. Do seu terrível chefe, poucos detalhes vieram à tona durante o processo, e se fui agora obrigado a fazer uma exposição de sua carreira, foi devido aos defensores insensatos que tentaram limpar a sua memória atacando aquele que considerarei para sempre o melhor e o mais sábio dos homens.

O CÃO DOS BASKERVILLE

DEDICATÓRIA

MEU CARO ROBINSON, FOI SEU RELATO DE UMA LENDA DO oeste da Inglaterra que primeiro me sugeriu a ideia desta pequena história. Por isso e pela ajuda que me deu em seu desenvolvimento, obrigado.

Sinceramente seu,
A. Conan Doyle.

1

O SR. SHERLOCK HOLMES

O SR. SHERLOCK HOLMES, QUE COSTUMAVA SE LEVANTAR MUITO tarde, a não ser nas raras ocasiões em que passava a noite toda acordado, estava sentado à mesa do café. De pé diante da lareira, eu apanhei a bengala que o nosso visitante esquecera na noite anterior. Era um belo pedaço de madeira grossa, de castão redondo, do tipo conhecido como *“Penang lawyer”*.[12] Logo abaixo do castão havia um anel de prata com quase 2,5 centímetros de largura. “A James Mortimer, M.R.C.S.,[13] dos seus amigos do C.C.H.”, estava gravado nele, com a data “1884”. Era exatamente o tipo de bengala que o antiquado médico de família costumava usar — majestosa, resistente e que inspirava confiança.

— Bem, Watson, o que acha dela?

Holmes estava sentado de costas para mim, e eu não dera a ele nenhuma indicação do que fazia no momento.

— Como você soube o que eu estava fazendo? Acho que você tem olhos atrás da cabeça.

— Tenho, pelo menos, um bule de café bem polido folheado de prata diante de mim — ele disse. — Mas, fale, Watson, o que você deduz da bengala do nosso visitante? Já que, infelizmente, não o encontramos aqui, e como não temos nenhuma ideia do que desejava, este *souvenir* acidental passa a ser importante. Deixe-me ouvir sua descrição do homem por meio de um exame da bengala.

— Acho que o dr. Mortimer é um médico idoso, bem-sucedido e muito estimado, já que aqueles que o conhecem deram-lhe este testemunho de sua estima — disse eu, seguindo até onde podia os métodos do meu amigo.

— Ótimo! — disse Holmes. — Excelente!
— Acho também que é grande a probabilidade de ele ser um médico rural que faz grande parte das suas visitas a pé.
— Por que acha isso?
— Porque esta bengala, embora originalmente muito bonita, tem sido tão maltratada que dificilmente posso imaginar um médico da cidade usando-a. A grossa ponteira de ferro está gasta; portanto, é evidente que ele tem caminhado muito com ela.
— Perfeitamente lógico! — disse Holmes.
— E ainda há os “amigos do C.C.H.”. Imaginaria isso como sendo Alguma Coisa de Caça, o grupo de caçadores locais cujos membros possivelmente receberam dele alguma assistência cirúrgica e que, em retribuição, lhe tenham dado um pequeno presente.
— Realmente, Watson, você está se superando — disse Holmes, empurrando sua cadeira para trás e acendendo um cigarro. — Sinto-me obrigado a dizer que, em todas as histórias que teve a bondade de escrever a respeito das minhas pequenas proezas, você costuma subestimar a sua própria capacidade. Talvez você mesmo não seja luminoso, mas você é um condutor da luz. Algumas pessoas, mesmo não dotadas de genialidade, têm um poder notável de estimulá-la. Confesso, meu caro amigo, que lhe devo muito.
Ele nunca havia falado tanto sobre isso antes, e devo admitir que suas palavras me deram um intenso prazer, porque muitas vezes eu ficara magoado com a sua indiferença pela minha admiração e pelas tentativas que fizera para dar publicidade aos seus métodos. Fiquei orgulhoso também ao pensar que havia dominado tanto o seu sistema a ponto de aplicá-lo de forma a obter sua aprovação. Ele tomou a bengala de minhas mãos e examinou-a por alguns minutos. Depois, com uma expressão de interesse, largou o cigarro, levou a bengala até a janela e examinou novamente com uma lente convexa.
— Interessante, embora elementar — ele disse ao voltar para o seu canto favorito do sofá. — Há certamente uma ou duas indicações na bengala. Elas nos dão a base para várias deduções.
— Alguma coisa me escapou? — perguntei com alguma presunção. — Espero não ter deixado de perceber nada importante.

— Receio, meu caro Watson, que a maioria das suas conclusões esteja errada. Quando eu disse que você me estimulava, eu quis dizer, para ser franco, que, ao notar os seus enganos, algumas vezes fui conduzido na direção da verdade. Não que você esteja inteiramente errado neste caso. O homem é certamente um médico do campo. E anda um bocado.

— Então eu estava certo.

— Até esse ponto.

— Mas isso era tudo.

— Não, não, meu caro Watson, não tudo, de modo algum tudo. Eu sugeriria, por exemplo, que é mais provável que um presente a um médico seja dado por um hospital do que por um grupo de caçadores e que, quando as iniciais "C.C." são colocadas antes desse hospital, as palavras "Charing Cross" surgem naturalmente.

— Talvez você tenha razão.

— A probabilidade está nessa direção. E, se considerarmos isto uma hipótese de trabalho, temos uma nova base da qual começar a reconstituição do nosso visitante desconhecido.

— Bem, então, supondo que "C.C.H." signifique "Charing Cross Hospital", que outras deduções podemos fazer?

— Não há nenhuma óbvia? Você conhece os meus métodos. Aplique-os!

— Só posso pensar na conclusão óbvia de que o homem clinicou na cidade antes de ir para o campo.

— Acho que podemos nos aventurar um pouco além disto. Considere a coisa assim. Em que ocasião seria mais provável que este presente fosse dado? Quando os seus amigos se reuniriam para demonstrar-lhe a sua estima? Obviamente no momento em que o dr. Mortimer retirou-se do serviço do hospital para começar a clinicar por conta própria. Sabemos que houve um presente. Achamos que houve uma mudança de um hospital da cidade para uma clínica no campo. Neste caso, estaríamos indo longe demais na nossa dedução se disséssemos que o presente foi por ocasião da mudança?

— Isso certamente parece provável.

— Agora, você observará que ele não podia fazer parte da *equipe* do hospital, já que só um homem bem estabelecido numa clínica londrina poderia ter uma posição dessas, e um homem assim não iria se meter no campo. O que ele era, então? Se ele estava no hospital e apesar disso não

fazia parte da equipe, só podia ser o cirurgião residente ou o médico residente, pouco mais que um estudante do último ano. E ele saiu há cinco anos, a data está na bengala. Portanto, o seu médico de família, sério, de meia-idade, evaporou-se, meu caro Watson, e surge um sujeito jovem, com menos de trinta anos, amável, sem ambição, distraído, e dono de um cão de estimação, que eu descreveria, de modo aproximado, como sendo maior do que um *terrier* e menor do que um mastim.

Ri com incredulidade quando Sherlock Holmes recostou-se no seu sofá e soltou anéis trêmulos de fumaça em direção ao teto.

— Quanto à última parte, não tenho nenhum meio de conferir, mas pelo menos não é difícil descobrir alguns detalhes sobre a idade e a carreira profissional do homem — eu disse. — Da minha pequena prateleira de livros de medicina tirei o catálogo dos médicos e procurei o nome. Havia vários Mortimers, mas só um podia ser o nosso visitante. Li em voz alta o seu registro.

> Mortimer, James, M.R.C.S., 1882, Grimpem Dartmoor, Devon. Cirurgião residente, de 1882 até 1884, do Hospital Charing Cross. Vencedor do Prêmio Jackson de Patologia Comparada, com o ensaio intitulado "A doença é uma reversão?". Membro correspondente da Sociedade Sueca de Patologia, autor de "Algumas anomalias do atavismo" (*Lancet*, 1882) e "Progredimos?" (*Journal of Psychology*, março de 1883). Médico oficial das paróquias de Grimpen, Thorsley e High Barrow.

— Nenhuma menção àqueles caçadores locais, Watson, mas um médico rural, como você observou com muita perspicácia — disse Holmes com um sorriso maroto. — Acho que estou razoavelmente justificado em minhas deduções. Quanto aos adjetivos, eu disse, se me lembro bem, amável, sem ambição e distraído. Segundo minha experiência, só um homem amável neste mundo recebe provas de estima, só um homem sem ambição abandona uma carreira em Londres por uma no campo, e só um homem distraído deixa a sua bengala e não o seu cartão de visitas após esperar uma hora na sala.

— E o cachorro?

— Tem o hábito de carregar esta bengala atrás do seu dono. Já que é uma bengala pesada, o cachorro a abocanha com força pelo meio, e as marcas dos seus dentes são visíveis. A mandíbula do cachorro, como mostra o espaço entre estas marcas, é larga demais, na minha opinião, para um *terrier* e não suficientemente larga para um mastim. Poderia ser, sim, por Deus, é um *spaniel* de pelos encaracolados.

Ele havia se levantado e atravessado a sala enquanto falava. Agora parou na reentrância da janela. Havia tamanha convicção em sua voz que ergui os olhos, surpreso.

— Meu caro amigo, como você pode ter tanta certeza disso?

— Pelo simples motivo de que estou vendo o próprio cachorro no degrau da nossa porta, e aí está o toque de campainha do seu dono. Não saia, Watson, peço-lhe. Ele é seu irmão de profissão, e a sua presença pode ser útil para mim. Agora é o momento dramático do destino, Watson, quando se ouve um passo na escada que está caminhando para dentro da vida da gente, e não se sabe se para o bem ou para o mal. O que o dr. James Mortimer, o homem de ciência, pede a Sherlock Holmes, o especialista em crimes? Entre!

A aparência do nosso visitante foi uma surpresa para mim, já que estava esperando um clínico rural típico. Ele era um homem muito alto e magro, com um nariz comprido como um bico, que se projetava entre dois olhos cinzentos, vivos, muito juntos, e faiscando por trás de um par de óculos com aros de ouro. Estava vestido de modo profissional, mas bastante desleixado, porque sua sobrecasaca estava suja e suas calças, puídas. Embora fosse jovem, suas costas compridas já estavam curvadas, e ele caminhava com um impulso da cabeça para a frente e um aspecto geral de atenta benevolência. Quando entrou, seus olhos caíram sobre a bengala na mão de Holmes, e ele correu para ela com uma exclamação de alegria.

— Estou tão contente — ele disse. — Eu não tinha certeza se a havia deixado aqui ou no escritório da companhia de navegação. Eu não perderia essa bengala por nada neste mundo.

— Um presente, vejo — disse Holmes.

— Sim, senhor.

— Do Hospital Charing Cross?

— De um ou dois amigos de lá por ocasião do meu casamento.

— Meu Deus, meu Deus, isso é mau! — disse Holmes sacudindo a cabeça.

O dr. Mortimer piscou, um pouco espantado.

— Por que isso foi mau?

— Apenas porque o senhor desorganizou as nossas pequenas deduções. O seu casamento, diz o senhor?

— Sim. Eu me casei, de modo que deixei o hospital e com ele todas as esperanças de uma clínica de consultas. Foi necessário para montar um lar.

— Vamos, vamos, afinal de contas não estamos tão errados — disse Holmes. — E agora, dr. James Mortimer...

— Senhor, cavalheiro, senhor, um humilde M.R.C.S.

— E um homem de mente precisa, evidentemente.

— Um diletante da ciência, sr. Holmes, um apanhador de conchas nas praias do grande oceano desconhecido. Presumo que seja ao sr. Sherlock Holmes que eu esteja me dirigindo e não...

— Não, este é o meu amigo dr. Watson.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. Ouvi mencionarem o seu nome ligado ao do seu amigo. O senhor me interessa muito, sr. Holmes. Dificilmente eu teria esperado um crânio tão dolicocefálico ou um desenvolvimento supraorbital tão bem marcado. O senhor permitiria que eu passasse o dedo pela sua fissura parietal? Um molde do seu crânio, senhor, até que o original fique disponível, seria um ornamento para qualquer museu antropológico. Não é minha intenção ser grosseiro, mas confesso que cobiço o seu crânio.

Sherlock Holmes indicou uma cadeira ao nosso visitante.

— Percebo que o senhor é um entusiasta da sua linha de pensamento, como sou da minha — disse ele. — Observo pelo seu indicador que o senhor faz os seus próprios cigarros. Não hesite em acender um.

O homem tirou do bolso papel e fumo, e enrolou um no outro com uma habilidade surpreendente. Ele tinha dedos longos e trêmulos tão ágeis e inquietos quanto as antenas de um inseto.

Holmes estava em silêncio, mas os seus rápidos olhares penetrantes revelaram-me o interesse que ele tinha pelo nosso curioso companheiro.

— Presumo, senhor, que não foi simplesmente com o objetivo de examinar o meu crânio que o senhor me deu a honra de passar por aqui ontem à noite e novamente hoje? — disse ele por fim.

— Não, senhor, embora esteja feliz por ter tido a oportunidade de fazer isso também. Vim procurá-lo, sr. Holmes, porque reconheci que eu mesmo sou um homem pouco prático e porque me defrontei de repente com um problema muito grave e extraordinário. Reconhecendo, como reconheço, que o senhor é o segundo maior especialista da Europa...

— Realmente, senhor! Posso saber quem tem a honra de ser o primeiro? — perguntou Holmes com alguma aspereza.

— Para o homem de mente estritamente científica, a obra de *monsieur* Bertillon deve ter sempre um forte apelo.

— Então não é melhor o senhor consultá-lo?

— Eu disse, senhor, para a mente estritamente científica. Mas, como um homem de negócios práticos, o senhor é reconhecido como único. Espero, senhor, não ter inadvertidamente...

— Só um pouco — disse Holmes. — Acho, dr. Mortimer, que o senhor agiria de modo sensato se, sem mais delongas, tivesse a bondade de me contar objetivamente qual a natureza exata do problema para o qual pede a minha ajuda.

12 Tipo de palmeira da Malásia (N. do T.).

13 Sigla em inglês para membros do Real Colégio de Cirurgiões.

2

A MALDIÇÃO DOS BASKERVILLE

— TENHO NO MEU BOLSO UM MANUSCRITO — DISSE O DR. James Mortimer.

— Percebi quando o senhor entrou na sala — disse Holmes.

— É um manuscrito antigo.

— Do início do século XVIII, a menos que seja uma falsificação.

— Como pode dizer isso, senhor?

— O senhor deixou à mostra uns cinco centímetros dele, que eu pude observar durante todo o tempo em que esteve falando. Seria um mau especialista aquele que não conseguisse saber a data de um documento com a precisão aproximada de uma década. Talvez o senhor tenha lido a minha pequena monografia sobre o assunto. Acho que esse é de 1730.

— A data exata é 1742. — O dr. Mortimer tirou-o do bolso de cima. — Este documento de família foi entregue aos meus cuidados por *sir* Charles Baskerville, cuja morte súbita e trágica há cerca de três meses causou muita agitação em Devonshire. Posso dizer que era seu amigo, bem como seu médico assistente. Ele era um homem enérgico, astuto, prático e tão sem imaginação quanto eu. Mas levava este documento muito a sério, e sua mente estava preparada exatamente para esse tipo de fim que acabou tendo.

Holmes estendeu a mão para o manuscrito e o abriu sobre os joelhos.

— Você pode observar, Watson, o uso alternado do *s* longo e curto. Essa é uma das várias indicações que me permitiram determinar a data.

Olhei por cima do seu ombro para o papel amarelo e a escrita desbotada. Em cima estava escrito “Mansão Baskerville”, e embaixo, em números grandes rabiscados, “1742”.

— Parece que é uma espécie de relato.

— Sim, o relato de uma lenda que corre na família Baskerville.

— Mas acho que o senhor quer me consultar a respeito de alguma coisa mais recente e prática.

— Muito recente. É um assunto muito prático e muito urgente, que precisa ser decidido em 24 horas. Mas o manuscrito é curto e está intimamente ligado ao caso. Com sua permissão, vou lê-lo para o senhor.

Holmes recostou-se na cadeira, juntou as pontas dos dedos e fechou os olhos com ar de resignação. O dr. Mortimer aproximou o manuscrito da luz e leu, numa voz alta e desafinada, esta narrativa antiga e curiosa:

> Sobre a origem do Cão dos Baskerville houve muitos relatos, mas como eu descendo em linha direta de Hugo Baskerville, e como ouvi a história de meu pai, que também a ouviu dele, eu a registrei acreditando que ela ocorreu do modo como está relatada aqui. E gostaria que vocês acreditassem, meus filhos, que a mesma Justiça que pune o pecado também pode perdoá-lo com benevolência, e que nenhuma condenação é tão pesada que não possa ser anulada pela prece e pelo arrependimento. Então aprendam com esta história a não temer os frutos do passado, de modo que as paixões condenáveis, que fizeram nossa família sofrer de maneira tão atroz, não sejam novamente o motivo de nossa desgraça.
>
> Saibam então que na época da Grande Rebelião (cuja história escrita pelo lorde Clavendon merece a atenção de vocês, e eu recomendo sinceramente) esse solar de Baskerville foi dado ao Hugo com este sobrenome, e não se pode negar que ele era um homem violento, profano e ímpio. Isso, na verdade, seus vizinhos podem ter perdoado, já que santos nunca floresceram nessas regiões, mas havia nele uma tendência cruel e insolente que tornou seu nome conhecido em todo o oeste. Acontece que esse Hugo se apaixonou (se, de fato, uma paixão tão sinistra pode ser chamada por um nome tão luminoso) pela filha de um pequeno proprietário rural que tinha terras perto da propriedade de Baskerville. Mas a jovem, que era discreta e de boa reputação, sempre o evitava, porque temia a má fama do seu nome.
>
> Num Dia de São Miguel (29 de setembro), esse Hugo, com cinco ou seis de seus amigos desocupados e perversos, invadiu a fazenda e levou a jovem, sabendo que o pai e os irmãos dela não estavam em

casa. Eles levaram a jovem para a mansão e a instalaram num quarto no segundo andar, enquanto Hugo e seus amigos se acomodaram no andar de baixo para uma longa bebedeira, como costumavam fazer todas as noites. Mas a pobre moça, no andar de cima, estava a ponto de enlouquecer com a cantoria, os gritos e as terríveis blasfêmias que vinham do térreo, porque diziam que as palavras usadas por Hugo Baskerville quando estava bêbado eram do tipo que podia atrair a maldição para o homem que as proferia.

Por fim, impelida pelo medo, ela fez uma coisa que poderia ter intimidado o homem mais corajoso e mais ágil, porque, com a ajuda da hera crescida que cobria (e ainda cobre) a parede sul, ela desceu pelo beiral e foi para sua casa atravessando o pântano, uma distância de três léguas entre a mansão e a fazenda do seu pai.

Pouco tempo depois, Hugo deixou seus amigos para levar comida e bebida (com outras coisas piores, possivelmente) para sua prisioneira e descobriu que a gaiola estava vazia e que o pássaro fugira. Então, parece que ele ficou como alguém possuído pelo demônio, porque desceu correndo as escadas, entrou na sala de jantar, pulou por cima da grande mesa fazendo voar canecas e trinchantes e gritou diante de todo o grupo que naquela mesma noite iria entregar seu corpo e sua alma às Forças do Mal se conseguisse agarrar a rapariga. E, enquanto os estroinas ficavam horrorizados diante da fúria do homem, um mais perverso, ou talvez mais bêbado que o resto, gritou que eles deveriam pôr os cachorros atrás dela. Ao ouvir isso, Hugo saiu correndo da casa, gritando para os moços da estrebaria que selassem sua égua e soltassem os cães. Dando a eles um lenço de cabeça da moça, Hugo os atiçou, e partiram pelo pântano sob o luar.

Durante algum tempo os companheiros de farras ficaram boquiabertos, sem entender direito o que acontecera tão depressa. Mas logo suas mentes confusas despertaram e compreenderam o que estava prestes a ser feito naquele terreno pantanoso. Houve um rebuliço generalizado, alguns apanhando suas pistolas, outros procurando os cavalos, e alguns, mais garrafas de vinho. Mas, finalmente, recuperando um pouco da razão, todos eles, 13 no total, montaram os cavalos e começaram a perseguição.

A lua brilhava no céu, e eles galoparam lado a lado pelo caminho que a moça devia ter seguido se estivesse indo para sua própria casa.

Depois de percorrerem uma ou duas milhas, eles viram um pastor e, aos gritos, perguntaram se ele tinha visto a perseguição. E o homem, segundo a história, ficou tão aterrorizado que mal conseguia falar, mas acabou dizendo que vira a pobre moça, com os cães na pista dela. “Mas eu vi mais do que isso”, ele disse, “porque Hugo Baskerville passou por mim em sua égua negra, e atrás dele vinha correndo um cão do inferno, tão assustador que Deus não permita jamais que uma fera dessas me persiga”.

Os fidalgos rurais bêbados amaldiçoaram o pastor e seguiram em frente. Mas logo suas peles gelaram, porque um tropel aproximou-se pelo pântano e a égua negra, coberta de espuma branca, passou por eles com a rédea caída e a sela vazia. Depois os farristas cavalgaram bem juntos, porque estavam apavorados, mas ainda seguiram pelo brejo, embora cada um deles, se estivesse só, ficaria muito satisfeito em virar a cabeça do seu cavalo para voltar. Cavalgando lentamente, acabaram encontrando os cães. Estes, embora conhecidos por sua bravura e sua raça, estavam ganindo, amontoados no alto de uma encosta ou barranco, como o chamamos, no pântano, alguns se afastando furtivamente e outros, com os pelos das costas eriçados e os olhos fixos, observaram o estreito vale que se estendia abaixo deles.

O grupo parou, os homens mais sóbrios, como se pode imaginar, do que quando partiram. A maioria deles não avançaria de maneira alguma, mas três, os mais afoitos, ou talvez os mais bêbados, seguiram em frente, descendo o barranco. Este se abria num largo espaço no qual havia duas daquelas grandes pedras que ainda podem ser vistas ali, que foram colocadas por alguns povos esquecidos nos dias de antanho. A lua estava brilhando sobre a clareira, e ali no meio jazia a infeliz moça, onde havia caído, morta de medo e fadiga. Mas não foi a visão do corpo dela nem a do corpo de Hugo Baskerville, que estava perto dela, que arrepiou os cabelos desses três fanfarrões temerários, mas sim o fato de que, em cima de Hugo e estraçalhando a sua garganta, estava uma coisa hedionda, uma fera grande e preta com a forma de um cão, porém maior do que qualquer cão que olhos mortais jamais tenham visto. E, enquanto eles olhavam, a coisa arrancou um

> pedaço da garganta de Hugo Baskerville e, quando ela virou seus olhos chamejantes e as mandíbulas gotejantes para eles, os três soltaram gritos de medo e fugiram à rédea solta, ainda gritando, pelo pântano. Dizem que um deles morreu naquela mesma noite em consequência do que tinha visto, e os outros dois não passaram de homens alquebrados pelo resto de suas vidas.
>
> Essa é a história, meus filhos, do aparecimento do cão que dizem ter perseguido a família tão cruelmente desde então. Se eu a registrei é porque aquilo que se conhece claramente produz menos terror do que aquilo que é apenas insinuado e imaginado. Nem se pode negar que muitas pessoas da família têm tido mortes infelizes, que foram repentinas, sangrentas e misteriosas. Contudo, que nós possamos nos abrigar na bondade infinita da Providência, que não puniria para sempre os inocentes além da terceira ou quarta geração, como ameaça a Sagrada Escritura. A essa Providência, meus filhos, eu os recomendo, e os aconselho a título de cautela, evitar atravessar o pântano naquelas horas sombrias em que as forças do mal estão exaltadas.
>
> (De Hugo Baskerville para os seus filhos Rodger e John, com instruções para não dizerem nada disso à sua irmã Elizabeth.)

Quando o dr. Mortimer terminou de ler essa narrativa singular, empurrou os óculos para a testa e ficou olhando para Sherlock Holmes. Este bocejou e atirou seu cigarro no fogo.

— Bem? — disse ele.

— O senhor não acha isso interessante?

— Para um colecionador de contos de fadas.

O dr. Mortimer tirou do bolso um jornal dobrado.

— Agora, sr. Holmes, daremos ao senhor alguma coisa um pouco mais recente. Este é o *Devon County Chronicle* de 14 de maio deste ano. É um curto relato dos fatos relativos à morte de *sir* Charles Baskerville, que ocorreu alguns dias antes dessa data.

Meu amigo se inclinou um pouco para a frente e sua expressão tornou-se atenta. Nosso visitante recolocou os óculos e começou:

A recente morte súbita de *sir* Charles Baskerville, cujo nome foi mencionado como o provável candidato liberal do Devon Central nas próximas eleições, lançou uma sombra sobre o condado. Embora *sir* Charles tenha residido na Mansão Baskerville por um período relativamente curto, seu caráter afável e sua extrema generosidade conquistaram a afeição e o respeito de todos que tiveram contato com ele. Nesta época de *nouveaux riches* é animador encontrar um caso em que o herdeiro de uma antiga família do condado que enfrentou um período ruim seja capaz de fazer sua própria fortuna e trazê-la de volta consigo para restaurar a grandeza arruinada da sua estirpe. *Sir* Charles, como é do conhecimento geral, ganhou grandes somas de dinheiro na especulação sul-africana. Mais prudente do que aqueles que continuam até a roda da fortuna voltar-se contra eles, teve seus lucros e voltou para a Inglaterra com eles. Faz apenas dois anos desde que ele foi morar na Mansão Baskerville, e todo mundo comenta a respeito dos seus grandes planos de reconstrução e melhoramentos que foram interrompidos com sua morte. Não tendo filhos, era seu desejo, manifestado abertamente, que toda a região devesse, enquanto ele fosse vivo, se beneficiar de sua boa sorte, e muitos terão motivos pessoais para lamentar o seu fim prematuro. Seus donativos generosos para as obras de caridade locais e do condado foram relatados com frequência nestas colunas.

Não se pode dizer que as circunstâncias relacionadas com a morte de *sir* Charles tenham sido inteiramente esclarecidas pelo inquérito, mas pelo menos foi feito o suficiente para afastar os rumores gerados pela superstição local. Não há qualquer motivo para suspeitar de crime ou imaginar que a morte pudesse decorrer senão de causas naturais. *Sir* Charles era viúvo, e um homem do qual se pode dizer que, em certos aspectos, era excêntrico. Apesar da sua fortuna considerável, tinha gostos pessoais simples, e seus empregados na Mansão Baskerville eram um casal chamado Barrymore, o marido na função de mordomo e a mulher, de governanta. O testemunho deles, confirmado pelo de vários amigos, tende a mostrar que a saúde de *sir* Charles estava comprometida há algum tempo, indicando especialmente alguma afecção do coração, que se manifestava em mudanças de coloração,

falta de ar e crises agudas de depressão nervosa. O dr. James Mortimer, o médico assistente e amigo do falecido, testemunhou o mesmo efeito.

Os fatos do caso são simples. *Sir* Charles Baskerville todas as noites, antes de se deitar, tinha o hábito de percorrer a famosa Aleia dos Teixos da Mansão Baskerville. O depoimento dos Barrymore mostra que esse era o seu costume. No dia 4 de maio, *sir* Charles havia anunciado sua intenção de partir no dia seguinte para Londres e havia ordenado a Barrymore que preparasse a sua bagagem. Naquela noite ele saiu, como de hábito, para o seu passeio durante o qual costumava fumar um charuto. Ele jamais voltou. À meia-noite, Barrymore, encontrando a porta da sala ainda aberta, ficou assustado e, com uma lanterna, saiu à procura do seu patrão. O dia tinha sido úmido, e as marcas dos pés de *sir* Charles foram seguidas com facilidade pela aleia. Na metade desse caminho há um portão que dá para o brejo. Havia vestígios de que *sir* Charles ficara parado ali por algum tempo. Ele então seguiu pela aleia, e foi na extremidade oposta dela que o corpo foi descoberto. Um fato que não foi explicado é a declaração de Barrymore de que as marcas dos pés do seu patrão se modificaram a partir do momento em que ele passou pelo portão e que, dali em diante, parecia que ele estava andando nas pontas dos pés. Um certo Murphy, um cigano negociante de cavalos, estava nessa hora no pântano não muito distante, mas, segundo sua própria confissão, parece que não estava bem devido à bebida. Ele afirma que ouviu gritos, mas é incapaz de dizer de que direção eles vinham. Nenhum sinal de violência foi encontrado no corpo de *sir* Charles, e embora o depoimento do médico mencionasse uma deformação facial quase inacreditável, tão grande que o dr. Mortimer a princípio recusou-se a acreditar que era o seu amigo e paciente que jazia diante dele, foi explicado que esse é um sintoma não raro nos casos de dispneia e morte por exaustão cardíaca. Essa explicação foi confirmada pelo exame *post mortem*, que revelou uma doença orgânica já antiga, e o júri de instrução apresentou um veredicto de acordo com a prova médica. É bom que assim seja, porque obviamente é da maior importância que o herdeiro de *sir* Charles se instale na mansão e continue as boas obras que foram tão lamentavelmente interrompidas. Se a descoberta prosaica do magistrado não tivesse posto um fim às

> histórias românticas que eram cochichadas a respeito do caso, teria sido difícil encontrar um inquilino para a Mansão Baskerville. Sabe-se que o parente mais próximo é *sir* Henry Baskerville, se ainda estiver vivo, filho do irmão mais moço de *sir* Charles Baskerville. O jovem, quando se ouviu falar dele pela última vez, estava na América, e estão sendo iniciadas investigações com o objetivo de informá-lo da sua boa sorte.”

O dr. Mortimer dobrou novamente o seu jornal e o enfiou no bolso.

— Esses são os fatos públicos, sr. Holmes, em relação à morte de *sir* Charles Baskerville.

— Devo agradecer-lhe por chamar minha atenção para um caso que certamente apresenta algumas características interessantes — disse Sherlock Holmes. — Vi alguns comentários no jornal na época, mas estava extremamente preocupado com aquele pequeno caso dos camafeus do Vaticano e, na minha ansiedade de servir ao papa, deixei de acompanhar casos ingleses interessantes. Este artigo, diz o senhor, contém todos os fatos públicos?

— Contém.

— Então vamos ver os particulares.

Ele recostou-se, juntou as pontas dos dedos e assumiu sua expressão mais impassível e judiciosa.

— Ao fazer isso, estou contando o que não confiei a ninguém — disse o dr. Mortimer, que havia começado a mostrar sinais de uma emoção forte. — Meu motivo para não revelá-los no inquérito do magistrado é que um homem de ciência evita ficar publicamente na posição que pareça endossar uma superstição popular. Eu tinha ainda um outro motivo: de que a Mansão Baskerville, como diz o jornal, certamente permaneceria desocupada se fosse feita qualquer coisa para aumentar a sua reputação já bastante sinistra. Achei que esses dois motivos justificavam minha decisão de contar bem menos do que eu sabia, já que nenhuma vantagem prática podia resultar disso, mas com o senhor não tenho nenhum motivo para não ser franco.

“O pântano tem poucos habitantes e aqueles que são vizinhos acabam tendo muito contato. Por esse motivo eu via bastante *sir* Charles Baskerville. Com exceção do sr. Frankland, da Mansão Lafter, e do sr. Stapleton, o naturalista, não há nenhum outro homem instruído num raio de

muitos quilômetros. *Sir* Charles era um homem retraído, mas a sua doença fez com que nos encontrássemos, e o interesse pela ciência alimentou nossa amizade. Ele havia trazido muitas informações científicas da África do Sul, e passamos juntos muitas noites agradáveis discutindo a anatomia dos bosquímanos e dos hotentotes.

“Nos últimos meses era cada vez mais evidente que o sistema nervoso de *sir* Charles estava no máximo da tensão. Ele havia levado excessivamente a sério essa lenda que li para os senhores, tanto que, embora caminhasse em seus próprios terrenos, nada o induziria a sair para o pântano à noite. Por mais incrível que possa parecer ao senhor, ele estava sinceramente convencido de que um destino horrível pairava sobre sua família, e certamente os registros que pôde dar a respeito de seus ancestrais não eram encorajadores. A ideia de alguma presença horrível o perseguia constantemente, e em mais de uma ocasião ele me perguntou se em minhas visitas médicas à noite eu tinha visto alguma vez uma criatura estranha ou ouvira o latido de um cão. A última pergunta ele me fez várias vezes, e sempre com uma voz que vibrava de excitação.

“Lembro-me bem de que fui de carro até sua casa à noite, cerca de três semanas antes do acontecimento fatal. Por acaso ele estava junto à porta da sala. Eu desci da minha charrete, parei diante dele e vi que seu olhar passava por cima do meu ombro e se fixava em alguma coisa atrás de mim com a mais medonha expressão de horror. Virei-me rapidamente e tive tempo apenas de vislumbrar alguma coisa que achei que era um grande bezerro preto passando pelo alto da entrada. Ele ficou tão agitado e assustado que acabei indo até o ponto onde o animal havia estado e dei uma olhada em volta, procurando por ele. Mas ele desaparecera, e o incidente pareceu causar a pior impressão em sua mente. Fiquei com ele a noite toda, e foi nessa ocasião, para explicar a emoção que havia demonstrado, que ele me confidenciou essa narrativa que li para o senhor quando cheguei. Menciono esse pequeno episódio porque ele assume certa importância diante da tragédia que se seguiu, mas eu estava convencido na ocasião de que o assunto era completamente banal e que a agitação dele não tinha nenhuma justificação.

“Era a conselho meu que *sir* Charles estava prestes a ir para Londres. Eu sabia que seu coração estava abalado, afetado, e a ansiedade constante na qual ele vivia, embora a causa dela pudesse ser quimérica, estava,

evidentemente, tendo um efeito grave sobre a sua saúde. Achei que alguns meses em meio às distrações da cidade fariam com que ele voltasse um novo homem. O sr. Stapleton, um amigo comum que estava muito preocupado com o seu estado de saúde, tinha a mesma opinião. No último instante ocorreu esta terrível catástrofe.

"Na noite da morte de *sir* Charles, Barrymore, o mordomo, que fez a descoberta, mandou Perkins, o criado, a cavalo, me chamar, e, como eu estava acordado até tarde, pude chegar à Mansão Baskerville uma hora após o acontecimento. Conferi e confirmei todos os fatos que foram mencionados no inquérito. Segui as pegadas pela Aleia dos Teixos, vi o ponto junto ao portão do pântano onde ele pareceu ter esperado, observei a mudança de forma das pegadas depois desse ponto, notei que não havia nenhuma outra pegada além das de Barrymore no saibro macio e finalmente examinei com cuidado o corpo, que não havia sido tocado até a minha chegada. *Sir* Charles jazia de bruços, com os braços abertos, os dedos enterrados no chão, e com suas feições convulsionadas por alguma emoção forte, a tal ponto que eu quase não poderia jurar pela sua identidade. Não havia nenhum ferimento físico de qualquer espécie. Mas Barrymore fez uma declaração falsa no inquérito. Ele disse que não havia marcas no chão em volta do corpo. Ele não observou nenhuma. Mas eu observei, a alguma distância, mas recentes e nítidas."

— Pegadas?

— Pegadas.

— De homem ou de mulher?

O dr. Mortimer olhou de modo estranho para nós por um instante, e sua voz se transformou quase num sussurro quando respondeu:

— Sr. Holmes, eram pegadas de um cão gigantesco!

3

O PROBLEMA

CONFESSO QUE, DIANTE DESSAS PALAVRAS, UM TREMOR PERCORREU-ME o corpo. Havia um frêmito na voz do médico que mostrava que ele próprio estava profundamente emocionado com o que havia nos contado. Holmes inclinou-se para a frente em sua excitação e seus olhos tinham o brilho duro e seco que exibiam quando ele estava vivamente interessado.

— O senhor viu isso?

— Tão nitidamente como o estou vendo.

— E o senhor não disse nada?

— O que adiantava?

— Como foi que ninguém mais viu?

— As marcas estavam a uns vinte metros do corpo e ninguém atribuiu a elas qualquer importância. Acho que não teria feito isso se não conhecesse essa lenda.

— Há muitos cães pastores de ovelhas no brejo?

— Sem dúvida, mas esse não era nenhum cão pastor de ovelhas.

— O senhor diz que ele era grande?

— Enorme.

— Mas ele não se aproximou do corpo?

— Não.

— Que tipo de noite era?

— Úmida e fria.

— Mas não estava chovendo realmente?

— Não.

— Como é a aleia?

— Há duas filas de sebes de teixos antigos com quatro metros de altura e impenetráveis. O caminho no meio tem uns três metros de largura.

— Há alguma coisa entre as sebes e o caminho?

— Sim, há uma faixa de grama com cerca de dois metros de largura de cada lado.

— Sei que a sebe de teixos é interrompida num ponto por um portão.

— Sim, o portão de cancela que dá para o pântano.

— Há alguma outra abertura?

— Nenhuma.

— De modo que para se chegar à Aleia dos Teixos é preciso percorrê-la a partir da casa ou então entrar pelo portão do pântano?

— Há uma saída pela cabana do jardim na extremidade oposta.

— *Sir* Charles chegou até ela?

— Não. Ele estava caído a uns cinquenta passos dela.

— Agora, diga-me, dr. Mortimer, e isto é importante, as marcas que o senhor viu eram sobre o caminho e não sobre a grama?

— Nenhuma marca podia aparecer na grama.

— Elas estavam do mesmo lado do caminho que o portão do pântano?

— Sim, estavam na extremidade do caminho, no mesmo lado que o portão.

— O senhor provocou meu interesse. Outro ponto. O portão estava fechado?

— Fechado e com cadeado.

— Qual era a altura dele?

— Cerca de 1,20 metro de altura.

— Então qualquer um podia ter passado por cima dele?

— Sim.

— E que marcas o senhor viu junto ao portão?

— Nenhuma em particular.

— Santo Deus! Ninguém examinou?

— Sim, eu mesmo examinei.

— E não encontrou nada?

— Estava tudo muito confuso. *Sir* Charles, evidentemente, ficou parado ali por cinco ou dez minutos.

— Como sabe disso?

— Porque a cinza havia caído duas vezes do seu charuto.

— Excelente! Este é um colega, Watson, do nosso estilo. Mas as marcas?

— Ele havia deixado suas próprias marcas por todo aquele pequeno trecho de saibro. Não consegui perceber nenhuma outra.

Sherlock Holmes bateu com a mão no joelho num gesto de impaciência.

— Se ao menos eu estivesse lá! — exclamou ele. — Esse é evidentemente um caso de interesse extraordinário e que oferece imensas oportunidades ao especialista científico. Essa página de saibro na qual eu poderia ter lido tanta coisa foi apagada há muito tempo pela chuva e desfigurada pelos tamancos dos camponeses curiosos. Oh, dr. Mortimer, dr. Mortimer, pensar que o senhor podia ter me chamado! O senhor tem realmente de explicar muita coisa.

— Eu não podia chamá-lo, sr. Holmes, sem revelar esses fatos ao mundo, e já apresentei os meus motivos para não desejar fazer isso. Além disso... além disso...

— Por que hesita?

— Existe uma área em que o mais arguto e o mais experiente dos detetives fica impotente.

— O senhor quer dizer que a coisa é sobrenatural?

— Não digo isso de modo positivo.

— Não, mas o senhor evidentemente acha isso.

— Desde a tragédia, sr. Holmes, chegaram aos meus ouvidos vários incidentes difíceis de conciliar com a ordem estabelecida da natureza.

— Por exemplo?

— Descobri que, antes do terrível acontecimento, várias pessoas viram uma criatura no pântano que corresponde a esse demônio de Baskerville e que não podia ser qualquer animal conhecido da ciência. Todos eles concordam que era uma criatura enorme, luminosa, horrível e espectral. Interroguei esses homens, um deles um camponês bronco, um ferreiro e um fazendeiro da área do pântano, e todos contam a mesma história dessa aparição horrível, correspondendo exatamente ao Cérbero da lenda. Garanto-lhe que o terror impera na região e que é quase impossível achar um homem que atravesse o pântano à noite.

— E o senhor, um homem de ciência treinado, acredita que ele seja sobrenatural?

— Não sei em que acreditar.

Holmes encolheu os ombros.

— Até agora limitei as minhas investigações a este mundo — ele disse. — De uma maneira modesta combati o mal, mas enfrentar o próprio Pai do Mal seria, talvez, uma tarefa ambiciosa demais. Contudo, o senhor tem de admitir que a pegada é concreta.

— O cão original era suficientemente concreto para estraçalhar a garganta de um homem, e apesar disso era também diabólico.

— Vejo que o senhor se passou inteiramente para os supernaturalistas. Mas agora, dr. Mortimer, diga-me isto. Se o senhor sustenta essas opiniões, por que veio me consultar, afinal de contas? O senhor me diz ao mesmo tempo que é inútil investigar a morte de *sir* Charles e que deseja que eu faça isso.

— Eu não disse que desejava que o senhor fizesse isso.

— Então, como posso ajudá-lo?

— Aconselhando-me a respeito do que devo fazer com *sir* Henry Baskerville, que vai chegar à Estação de Waterloo dentro de exatamente uma hora e 15 minutos — disse o dr. Mortimer, olhando o relógio.

— Sendo ele o herdeiro?

— Sim. Com a morte de *sir* Charles, investigamos o paradeiro desse jovem cavalheiro e descobrimos que era fazendeiro no Canadá. Pelas informações que recebemos, ele é um sujeito excelente em todos os aspectos. Não falo agora como médico, mas como depositário dos bens e executor do testamento de *sir* Charles.

— Não há nenhum outro pretendente, presumo?

— Nenhum. O outro único parente que conseguimos localizar foi Rodger Baskerville, o caçula dos três irmãos dos quais o pobre *sir* Charles era o mais velho. O segundo irmão, que morreu moço, é o pai desse Henry. O terceiro, Rodger, era a ovelha negra da família. Ele provém da velha estirpe dominadora dos Baskerville, e era a própria imagem, dizem-me, do retrato de família do velho Hugo. Criou na Inglaterra um ambiente insuportável para ele, fugiu para a América Central e morreu lá em 1876 de febre amarela. Henry é o último dos Baskerville. Em uma hora e cinco minutos vou encontrar-me com ele na Estação de Waterloo. Recebi um telegrama dizendo que ele chegou a Southampton esta manhã. Agora, sr. Holmes, o que o senhor me aconselha a fazer com ele?

— Por que ele não pode ir para a casa dos seus pais?

— Parece natural, não parece? Mas lembre-se de que todos os Baskerville que vão para lá acabam tendo um destino perverso. Tenho certeza de que, se *sir* Charles pudesse ter falado comigo antes de sua morte, teria me avisado para não trazer este, o último da velha raça e o herdeiro de grande fortuna, para esse lugar mortal. E, no entanto, não se pode negar que a prosperidade de toda a região pobre e desolada depende da sua presença. Todo o bom trabalho que foi feito por *sir* Charles ficará arruinado se não houver nenhum morador na Mansão. Receio estar influenciado demais pelo meu próprio interesse óbvio na questão, e é por isso que trago o caso para a sua análise e peço o seu conselho.

Holmes refletiu durante algum tempo.

— Falando claramente, a questão é esta — disse ele. — Em sua opinião há uma influência diabólica que faz de Dartmoor uma moradia insegura para um Baskerville?

— Pelo menos posso chegar ao ponto de dizer que há algumas provas de que talvez seja esse o caso.

— Exatamente. Mas, se a sua teoria sobrenatural estiver correta, ela poderia prejudicar o jovem em Londres tão facilmente como no Devonshire. Um demônio com poderes apenas locais, como uma sacristia paroquial, seria uma coisa inconcebível.

— O senhor coloca a questão de modo mais irreverente, sr. Holmes, do que provavelmente o faria se entrasse em contato pessoal com essas coisas. Então a sua opinião, pelo que entendo, é que o rapaz estará tão seguro no Devonshire quanto em Londres. Ele chega dentro de cinquenta minutos. O que o senhor recomenda?

— Eu recomendo, senhor, que tome um cabriolé, chame o seu *spaniel* que está arranhando a minha porta da frente e siga para Waterloo para esperar *sir* Henry Baskerville.

— E depois?

— E depois não diga absolutamente nada a ele até eu decidir o que fazer a respeito do caso.

— Quanto tempo vai levar para o senhor decidir?

— Vinte e quatro horas. Às dez horas, amanhã, dr. Mortimer, eu ficaria muito grato se o senhor vier me visitar aqui, e ajudaria meus planos para o futuro se o senhor trouxesse *sir* Henry Baskerville consigo.

— Farei isso, sr. Holmes. — Ele rabiscou o horário do encontro no punho da sua camisa e saiu apressado, do seu jeito estranho, perscrutador e distraído. Holmes o fez parar no alto da escada.

— Apenas mais uma pergunta, dr. Mortimer. O senhor diz que antes da morte de *sir* Charles Baskerville várias pessoas viram essa aparição no pântano?

— Três pessoas viram.

— Alguma a viu depois?

— Não ouvi falar de nenhuma.

— Obrigado. Bom dia.

Holmes voltou para a sua poltrona com aquele olhar calmo de satisfação interior que significava que ele tinha pela frente uma tarefa adequada ao seu talento.

— Vai sair, Watson?

— A menos que possa ajudá-lo.

— Não, meu caro amigo, é no momento da ação que recorro a você em busca de ajuda. Mas isto é esplêndido, realmente único sob alguns pontos de vista. Quando passar pela loja de Bradley, quer pedir a ele para mandar meio quilo do mais forte fumo picado inferior? Obrigado. Seria bom se você achasse conveniente não voltar antes do anoitecer. Ficaria então muito satisfeito de comparar impressões a respeito desse problema extremamente interessante que nos foi apresentado esta manhã.

Eu sabia que o meu amigo tinha necessidade de isolamento e solidão nessas horas de intensa concentração mental, durante as quais ele pesava cada partícula de prova, elaborava teorias alternativas, comparava umas com as outras e decidia que pontos eram essenciais e quais os irrelevantes. Portanto passei o dia no meu clube e só voltei a Baker Street à noite. Eram quase 21 horas quando entrei na sala novamente.

Minha primeira impressão quando abri a porta foi de que havia irrompido um incêndio, porque a sala estava tão cheia de fumaça que a luz do abajur na mesa estava obscurecida. Mas, quando entrei, meus temores desapareceram, porque foram os vapores acres de fumo forte e ordinário que atacaram minha garganta e me fizeram tossir. Através da fumaça tive uma vaga visão de Holmes em seu roupão, encolhido numa poltrona com o cachimbo preto de barro entre os lábios. Havia vários rolos de papel à sua volta.

— Pegou um resfriado, Watson? — disse ele.
— Não, é esta atmosfera envenenada.
— Suponho que *esteja* bastante espessa, agora que você a menciona.
— Espessa! Está intolerável.
— Abra a janela, então! Percebo que você esteve no seu clube o dia inteiro.
— Meu caro Holmes!
— Estou certo?
— Claro, mas como...
Ele riu da minha expressão confusa.
— Há uma frescura encantadora irradiando de você, Watson, o que torna um prazer exercitar as modestas faculdades que eu possuo à sua custa. Um cavalheiro sai de casa num dia chuvoso e lamacento. Volta imaculado à noite com o brilho ainda em seu chapéu e suas botas ainda brilhando. Portanto, ele permaneceu imóvel o dia inteiro. Ele é um homem que não tem amigos íntimos. Onde, então, podia ter estado? Não é óbvio?
— Bem, é bastante óbvio.
— O mundo está cheio de coisas óbvias que por acaso ninguém jamais observa. Onde você acha que eu estive?
— Imóvel também.
— Pelo contrário, estive no Devonshire.
— Em espírito?
— Exatamente. Meu corpo permaneceu nesta poltrona e consumiu em minha ausência, lamento observar, dois bules grandes de café e uma quantidade incrível de fumo. Depois que você saiu, eu mandei pedir à Casa Stamford o mapa topográfico dessa parte do pântano, e meu espírito pairou sobre ele o dia inteiro. Fiquei orgulhoso por conseguir localizar o que eu queria.
— Um mapa em escala grande, presumo?
— Muito grande — ele desenrolou uma parte e segurou-a sobre o joelho. — Aqui você tem a área específica que nos interessa. Esta é a Mansão Baskerville no meio.
— Com uma floresta em volta dela?
— Exatamente. Imagino que a Aleia dos Teixos, embora não assinalada com esse nome, deve se estender ao longo desta linha, com o pântano, como você percebe, à direita dele. Este pequeno grupo de construções aqui

é o povoado de Grimpen, onde o nosso amigo dr. Mortimer tem o seu quartel-general. Num raio de oito quilômetros, como você vê, há apenas algumas moradias dispersas. Aqui está a Mansão Lafter, que foi mencionada na narrativa. Há uma casa indicada aqui que pode ser a residência do naturalista, Stapleton, se bem me lembro, era o seu nome. Aqui estão duas casas de fazenda na área do pântano, High Tor e Foulmire. Depois, a 22 quilômetros de distância, a grande prisão de condenados de Princetown. Entre estes pontos dispersos e em torno deles estende-se o pântano desolado e sem vida. Este, então, é o palco no qual a tragédia foi encenada, e no qual podemos ajudar a encená-la novamente.

— Deve ser um lugar agreste.

— Sim, o cenário é apropriado. Se o demônio deseja participar dos assuntos dos homens...

— Então você mesmo está se inclinando para a explicação sobrenatural.

— Os agentes do demônio podem ser de carne e osso, não podem? Há duas perguntas à nossa espera no começo. A primeira é se, afinal de contas, foi cometido algum crime; a segunda é, qual é o crime e como ele foi cometido? Naturalmente, se a hipótese do dr. Mortimer estiver correta, e estivermos lidando com forças que estão além das leis normais da natureza, isso será o fim da nossa investigação. Mas temos a obrigação de verificar todas as outras hipóteses antes de recairmos nessa. Acho que fecharemos essa janela outra vez, se você não se importar. É uma coisa estranha, mas acho que uma atmosfera concentrada ajuda a concentrar as ideias. Não levo isso a ponto de entrar numa caixa para pensar, mas esse é o resultado lógico das minhas convicções. Você pensou no caso?

— Sim, pensei um bocado nele durante o dia.

— O que acha dele?

— É muito confuso.

— Ele certamente tem um caráter próprio. Há pontos característicos nele. Aquela mudança nas pegadas, por exemplo. O que acha disso?

— Mortimer disse que o homem caminhara nas pontas dos pés naquela parte da aleia.

— Ele repetiu apenas o que algum tolo havia dito no inquérito. Por que um homem iria caminhar na ponta dos pés pela aleia?

— O que ele estava fazendo então?

— Ele estava correndo, Watson, correndo desesperadamente, fugindo para salvar a vida, correndo até estourar o coração e cair morto de bruços.

— Correndo de quê?

— Aí está o nosso problema. Há indicações de que o homem estava louco de medo antes mesmo de começar a correr.

— Como pode dizer isso?

— Estou presumindo que a causa dos seus receios chegou até ele através do pântano. Se foi assim, e isso parece muito provável, só um homem que tivesse perdido o juízo correria *para longe* de casa em vez de correr para ela. Se o depoimento do cigano pode ser considerado verdadeiro, ele correu soltando gritos de socorro na direção onde havia menos probabilidade de obter ajuda. Depois, novamente, quem ele estava esperando naquela noite, e por que estava esperando por essa pessoa na Aleia dos Teixos e não em sua própria casa?

— Você acha que ele estava esperando alguém?

— O homem era idoso e doente. Podemos compreender o fato de ele passear à noite, mas o chão estava úmido e a noite inclemente. Seria natural que ele ficasse parado por cinco ou dez minutos, como o dr. Mortimer, com um senso mais prático do que eu atribuiria a ele, deduziu a partir da cinza do charuto?

— Mas ele saía toda noite.

— Acho pouco provável que ele esperasse no portão do pântano todas as noites. Pelo contrário, o indício é que ele evitava o pântano. Naquela noite ele esperou ali. Era a noite anterior à partida dele para Londres. A coisa toma forma, Watson. Torna-se coerente. Queria que me desse o violino, e adiaremos todos os outros pensamentos a respeito deste assunto até nos encontrarmos com o dr. Mortimer e *sir* Henry Baskerville de manhã.

4

SIR HENRY BASKERVILLE

A MESA DO NOSSO CAFÉ FOI TIRADA CEDO E HOLMES ESPEROU de roupão a entrevista prometida. Nossos clientes foram pontuais, porque o relógio acabara de bater dez horas quando o dr. Mortimer entrou, seguido pelo jovem baronete. Este era um homem baixo, ágil, de olhos escuros, com cerca de trinta anos de idade, de constituição muito vigorosa, sobrancelhas pretas espessas e um rosto forte, belicoso. Usava um terno de *tweed* de cor avermelhada e tinha a aparência maltratada pelo clima de quem passou a maior parte do seu tempo ao ar livre, mas havia algo em seu olhar firme e na calma confiança da sua postura que indicavam o cavalheiro.

— Este é *sir* Henry Baskerville — disse o dr. Mortimer.

— Oh, sim, e o estranho, sr. Sherlock Holmes, é que, se o meu amigo aqui não tivesse proposto vir visitá-lo esta manhã, eu teria vindo por minha própria conta — disse ele. — Sei que o senhor resolve pequenos enigmas, e tive um esta manhã que precisa de mais esforço mental do que sou capaz de dedicar a ele.

— Sente-se, por favor, *sir* Henry. Será que entendi o senhor dizer que teve uma experiência notável desde que chegou a Londres?

— Nada muito importante, sr. Holmes. Apenas uma brincadeira, provavelmente. Foi esta carta, se é que se pode chamá-la de carta, que recebi esta manhã.

Ele pôs um envelope na mesa, e nós todos nos inclinamos sobre ele. Era de tipo comum, de cor acinzentada. O endereço, "*sir* Henry Baskerville, Hotel Northumberland", estava escrito em letras de fôrma irregulares; o carimbo, "Charing Cross"; e a data do envio, a noite anterior.

— Quem sabia que o senhor iria para o Hotel Northumberland? — perguntou Holmes olhando atentamente para o nosso visitante.

— Ninguém podia saber. Nós só decidimos depois que me encontrei com o dr. Mortimer.

— Mas o dr. Mortimer sem dúvida já estava hospedado lá?

— Não, fiquei na casa de um amigo — disse o médico. — Não havia nenhuma indicação possível de que pretendíamos ir para esse hotel.

— Hum! Alguém parece estar profundamente interessado em seus movimentos. — Ele tirou do envelope metade de uma folha de papel almaço dobrada em quatro. Ele a abriu e estendeu na mesa. No centro dela, uma única frase havia sido formada com palavras impressas, cortadas e coladas sobre ela. Dizia:

> Se o senhor dá valor à sua vida ou à sua sanidade mental, mantenha-se afastado do pântano.

Só a palavra “pântano” estava escrita a tinta.

— Agora talvez o senhor me diga, sr. Holmes, que diabo significa isso e quem é que se interessa tanto pelos meus negócios? — disse *sir* Henry Baskerville.

— O que o senhor acha disso, dr. Mortimer? O senhor deve admitir que não há nada de sobrenatural quanto a isso.

— Não, senhor, mas isso pode muito bem vir de alguém que esteja convencido de que a coisa é sobrenatural.

— Que coisa? — perguntou *sir* Henry vivamente. — Parece-me que todos os senhores, cavalheiros, sabem muito mais do que eu sobre os meus próprios negócios.

— O senhor vai saber de tudo antes de sair desta sala, *sir* Henry. Prometo-lhe isso — disse Sherlock Holmes. — No momento, nós nos limitaremos, com a sua permissão, a este documento muito interessante, que deve ter sido montado e posto no correio ontem à noite. Você tem o *Times* de ontem, Watson?

— Está aqui no canto.

— Por favor, pode me dar a página de dentro, com os editoriais? — Ele deu uma olhada rápida por ela, correndo os olhos pelas colunas. — Artigo principal, este, sobre o livre comércio. Permitam que eu leia um trecho dele.

> Vocês podem ser levados a imaginar que o seu próprio ramo especial de comércio ou a sua própria indústria serão estimulados por uma tarifa protecionista, mas é evidente que essa legislação a longo prazo deve manter a riqueza afastada do país, diminuir o valor das nossas importações e piorar as condições gerais de vida nesta ilha.

— O que acha disso, Watson? — exclamou Holmes com grande alegria, esfregando as mãos com satisfação. — Você não acha que esse é um sentimento admirável?

O dr. Mortimer olhou para Holmes com um ar de interesse profissional, e *sir* Henry Baskerville virou para mim um par de olhos escuros intrigados.

— Não entendo muito de tarifas e coisas desse gênero, mas parece-me que saímos um pouco do assunto no que diz respeito a este bilhete — ele disse.

— Pelo contrário, acho que estamos particularmente quentes na pista, *sir* Henry. Watson aqui conhece mais a respeito dos meus métodos do que o senhor, mas receio que nem mesmo ele tenha entendido totalmente a importância desta frase.

— Não, confesso que não vejo nenhuma relação.

— E apesar disso, meu caro Watson, há uma relação tão íntima que uma é extraída da outra. “Vocês”, “sua”, “seu”, “vida”, “valor”, “manter afastado”, “da”. Os senhores não veem agora de onde estas palavras foram tiradas?

— Com os diabos, o senhor tem razão! Ora, se isso não é esperteza! — exclamou *sir* Henry.

— Se ainda restou alguma dúvida, isso é resolvido pelo fato de que “mantenha-se afastado” e “da” estão cortadas em um pedaço.

— Ora, veja, é isso mesmo!

— Realmente, sr. Holmes, isso supera qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado — disse o dr. Mortimer, olhando para o meu amigo com assombro. — Posso compreender que alguém dissesse que as palavras foram tiradas de um jornal, mas que o senhor soubesse qual, e ainda acrescentasse que elas vieram do editorial, é realmente uma das coisas mais notáveis que já vi. Como conseguiu isso?

— Presumo, doutor, que o senhor possa distinguir o crânio de um negro do de um esquimó?

— Com toda certeza.

— Mas como?

— Porque esse é o meu passatempo especial. As diferenças são óbvias. A crista supraorbital, o ângulo facial, a curva do maxilar, a...

— Mas este é o meu passatempo especial, e as diferenças são igualmente óbvias. Para mim, há tanta diferença entre o tipo burguês pesado de um artigo do *Times* e a impressão desleixada de um vespertino de meio pêni quanto pode haver entre o seu negro e o seu esquimó. A detecção de tipos é um dos ramos mais elementares de conhecimento para o especialista em crimes, embora eu confesse que certa vez, quando era muito moço, confundi o *Leeds Mercury* com o *Western Morning News*. Mas um editorial do *Times* é completamente diferente, e estas palavras não podiam ter sido tiradas de nenhum outro. Como isso foi feito ontem, a probabilidade maior era a de encontrarem as palavras no exemplar de ontem.

— Até onde posso acompanhá-lo então, sr. Holmes, alguém cortou esta mensagem com uma tesoura... — disse *sir* Henry Baskerville.

— Tesoura de unha — disse Holmes. — O senhor pode ver que era uma tesoura de lâminas muito curtas, já que quem cortou teve de dar duas tesouradas em “manter afastado”.

— Realmente. Alguém, então, cortou a mensagem com uma tesoura de lâmina curta, colocou-a com goma...

— Cola — disse Holmes.

— Com cola sobre o papel. Mas quero saber por que a palavra “pântano” teve de ser escrita a tinta.

— Porque ele não conseguiu encontrá-la impressa. As outras palavras eram todas simples e podiam ser encontradas em qualquer exemplar, mas “pântano” era menos comum.

— Ora, é claro, isso explicaria o fato. O senhor notou mais alguma coisa nesta mensagem, sr. Holmes?

— Há uma ou duas indicações. No entanto, houve o maior cuidado para eliminar todas as pistas. O endereço, o senhor observa, está escrito em letras de fôrma irregulares. Mas o *Times* é um jornal que raramente é encontrado em mãos de pessoas que não tenham instrução superior. Podemos concluir, portanto, que a carta foi composta por um homem instruído que desejava

passar por não instruído, e seu esforço para disfarçar sua própria caligrafia sugere que o senhor pode conhecê-la, ou vir a conhecer. Novamente, o senhor pode observar que as palavras não estão coladas numa linha precisa, mas que algumas estão muito mais altas do que as outras. “Vida”, por exemplo, está completamente fora do seu lugar adequado. Isso pode indicar descuido ou pode indicar agitação e pressa por parte do autor. De modo geral, acho que a última hipótese é mais forte, já que o assunto era evidentemente importante, e é pouco provável que o autor desta carta fosse descuidado. Se ele estava com pressa, isso suscita a pergunta interessante do motivo da sua pressa, já que qualquer carta postada até o início da manhã chegaria a *sir* Henry antes que ele saísse do hotel. Será que o autor receava uma interrupção? E de quem?

— Estamos entrando agora no campo das conjecturas — disse o dr. Mortimer.

— Digamos melhor, no campo em que avaliamos as probabilidades e escolhemos as mais prováveis. Isso é o uso científico da imaginação, mas sempre temos alguma base concreta a partir da qual começamos as nossas especulações. Agora, o senhor pode chamar de palpite, sem dúvida, mas tenho quase certeza de que este endereço foi escrito num hotel.

— Como é que o senhor pode dizer isso?

— Se o senhor examiná-lo com cuidado, verá que tanto a caneta como a tinta causaram problemas ao autor. A caneta respingou duas vezes numa única palavra e secou três vezes num endereço curto, mostrando que havia pouca tinta no tinteiro. Ora, uma caneta ou tinteiro particular raramente chegam a esse estado, e a combinação dos dois deve ser bastante rara. Mas o senhor conhece a tinta de hotel e a caneta de hotel, onde é raro conseguir qualquer outra coisa. Sim, posso dizer quase sem hesitação que, se conseguíssemos examinar as cestas de papéis dos hotéis em volta de Charing Cross até encontrarmos os restos do editorial recortado do *Times*, poderíamos pôr as mãos diretamente na pessoa que mandou esta mensagem estranha. Oh! O que é isto?

Ele estava examinando atentamente o papel almaço sobre o qual estavam coladas as palavras, segurando-o apenas a uns cinco centímetros dos olhos.

— Bem?

— Nada — disse ele, largando-o. — É uma meia folha de papel vazia, sem sequer uma marca d’água. Acho que extraímos o máximo que pudemos

desta carta curiosa; e agora, *sir* Henry, aconteceu mais alguma coisa interessante desde que chegou a Londres?

— Bem, não, sr. Holmes. Acho que não.

— O senhor não observou ninguém segui-lo ou vigiá-lo?

— Parece que entrei direto na trama de um romance barato — disse o nosso visitante. — Por que diabo alguém deveria me seguir ou me vigiar?

— Estamos chegando a isso. O senhor não tem mais nada a nos comunicar antes de entrarmos nesta questão?

— Bem, isso depende do que o senhor considere que mereça ser contado.

— Acho que qualquer coisa fora da rotina normal da vida merece ser comunicada.

Sir Henry sorriu.

— Não conheço muita coisa da vida inglesa ainda, porque passei quase todo o meu tempo nos Estados Unidos e no Canadá. Mas espero que perder uma das botas da gente não faça parte da rotina da vida aqui.

— O senhor perdeu uma de suas botas?

— Meu caro senhor, isso é apenas um extravio — exclamou o dr. Mortimer. — O senhor a encontrará quando voltar ao hotel. O que adianta incomodar o sr. Holmes com ninharias deste tipo?

— Bem, ele me perguntou sobre qualquer coisa fora da rotina.

— Exatamente, por mais tolo que o incidente possa parecer. O senhor perdeu uma bota? — disse Holmes.

— Bem, ela foi extraviada, de qualquer forma. Pus as duas do lado de fora da minha porta ontem à noite, e havia apenas uma de manhã. Não consegui saber nada do sujeito que as limpa. O pior de tudo é que eu só comprei o par ontem à noite no Strand, e nunca as usei.

— Se o senhor nunca as usou, por que precisava deixá-las do lado de fora para serem limpas?

— Eram botas de couro e nunca foram envernizadas. Foi por isso que as deixei do lado de fora.

— Pelo que entendi, ao chegar a Londres ontem o senhor saiu imediatamente e comprou um par de botas?

— Comprei uma porção de coisas. O dr. Mortimer foi comigo. O senhor compreende, se vou ser um proprietário rural lá no sul, devo me vestir de acordo, e talvez eu tenha ficado um pouco descuidado em meus hábitos lá

no oeste. Entre outras coisas, comprei essas botas marrons, dei seis dólares por elas, e uma delas foi roubada antes mesmo de usá-las.

— Parece uma coisa especialmente inútil para se roubar — disse Sherlock Holmes. — Confesso que concordo com o dr. Mortimer e acho que a bota desaparecida será encontrada em pouco tempo.

— E agora, cavalheiros, parece-me que já falei bastante sobre o pouco que sei — disse o baronete com decisão. — É hora de os senhores cumprirem sua promessa e fazerem um relato completo a respeito do caso.

— O seu pedido é muito razoável — respondeu Holmes. — Dr. Mortimer, acho que o senhor deveria contar a sua história como contou para nós.

Assim estimulado, nosso amigo científico tirou seus papéis do bolso e apresentou todo o caso como havia feito na manhã anterior. *Sir* Henry Baskerville ouviu com a maior atenção, e com algumas exclamações de surpresa.

— Bem, parece que recebi uma herança com uma vingança — ele disse quando a longa narrativa terminou. — Naturalmente, ouvi falar do cão desde que era criança. É a história favorita da família, embora eu nunca pensasse em levá-la a sério antes. Mas, quanto à morte do meu tio, bem, tudo parece estar fervendo na minha cabeça, e ainda não consigo entender direito. O senhor parece não ter decidido se isso é um caso para um policial ou um padre.

— Exatamente.

— E agora há esse caso da carta para mim no hotel. Suponho que isso se encaixe no seu lugar.

— Isso parece mostrar que alguém sabe mais do que nós sobre o que acontece no pântano — disse o dr. Mortimer.

— E também — disse Holmes — que alguém não está com más intenções a seu respeito, já que o avisa do perigo.

— Ou talvez ele deseje, para seus próprios objetivos, me afugentar.

— Bem, naturalmente isso é possível também. Estou muito grato, dr. Mortimer, por apresentar-me um problema que oferece várias alternativas interessantes. Mas a questão prática que temos de decidir agora, *sir* Henry, é se o senhor deve ou não ir para a Mansão Baskerville.

— Por que não deveria ir?

— Parece perigoso.

— O senhor quer dizer perigo por parte desse demônio da família ou quer dizer perigo por parte de seres humanos?

— Bem, é isso que temos de descobrir.

— De qualquer modo, minha resposta é a mesma. Não há nenhum demônio no inferno, sr. Holmes, e não há nenhum homem na terra que possa me impedir de ir para o lar da minha própria gente, e o senhor pode considerar esta como a minha resposta definitiva. — Suas sobrancelhas escuras se uniram e seu rosto se ruborizou enquanto falava. Era evidente que o temperamento ardente dos Baskerville não estava extinto neste seu último representante. — Enquanto isso, mal tive tempo de pensar em tudo que os senhores me contaram — ele disse. — É difícil para um homem ter de compreender e decidir tão depressa. Eu gostaria de passar uma hora tranquila sozinho para decidir. Bem, olhe aqui, sr. Holmes, são 11h30 agora, e vou voltar diretamente para o meu hotel. O que acha de o senhor e seu amigo, o dr. Watson, aparecerem para almoçar conosco às 14 horas? Poderei dizer-lhe mais claramente então o que acho dessa coisa toda.

— Isso é conveniente para você, Watson?

— Perfeitamente.

— Então os senhores podem nos esperar. Devo chamar um cabriolé?

— Prefiro caminhar, porque este caso me perturbou bastante.

— Irei junto com o senhor, com prazer — disse seu amigo.

— Então vamos nos encontrar novamente às 14 horas. *Au revoir*, e bom dia!

Ouvimos os passos dos nossos visitantes descendo a escada e a batida da porta da frente. Num instante, Holmes havia se transformado do sonhador lânguido no homem de ação.

— Seu chapéu e botas, Watson, depressa! Não temos um minuto a perder! — Correu para o seu quarto de roupão e estava de volta alguns segundos depois com uma sobrecasaca. Descemos a escada correndo e saímos. O dr. Mortimer e Baskerville ainda eram visíveis a cerca de 180 metros à nossa frente na direção da Oxford Street.

— Devo ir correndo e fazê-los parar?

— Por nada deste mundo, meu caro Watson. Estou absolutamente satisfeito com a sua companhia, se você tolerar a minha. Nossos amigos são espertos, porque certamente a manhã está muito bonita para uma caminhada.

Ele apressou o passo até que reduzimos à metade a distância que nos separava. Depois, ainda permanecendo noventa metros atrás, entramos na Oxford Street e depois na Regent Street. Os nossos amigos pararam uma vez e olharam para uma vitrina, e Holmes fez a mesma coisa. Um instante depois ele deu um grito de satisfação e, seguindo a direção dos seus olhos ansiosos, vi que um cabriolé com um homem dentro, que havia parado do outro lado da rua, estava agora avançando lentamente outra vez.

— Lá está o nosso homem, Watson! Venha! Daremos uma boa olhada nele, se não pudermos fazer mais.

Nesse instante percebi uma barba preta cerrada e um par de olhos penetrantes voltarem-se para nós através da janela lateral do cabriolé. Na mesma hora a portinhola do teto foi erguida, alguma coisa foi gritada para o cocheiro e o cabriolé voou como um louco pela Regent Street. Holmes olhou em volta ansioso à procura de outro, mas não havia nenhum vazio à vista. Depois saiu em perseguição numa corrida louca pelo meio da corrente do tráfego, mas a distância era muito grande e o cabriolé já havia desaparecido.

— Esta agora! — disse Holmes, aborrecido quando saiu, ofegante e pálido de vergonha, do meio da maré de veículos. — Já viu tanta má sorte e tanta incapacidade também? Watson, Watson, se você é um homem honesto, irá registrar isto também e contrapor aos meus êxitos!

— Quem era o homem?

— Não tenho a menor ideia.

— Um espião?

— Bem, era evidente, pelo que ouvimos, que Baskerville foi acompanhado muito de perto por alguém desde que está na cidade. De outro modo, como podiam saber tão depressa que ele escolhera o Hotel Northumberland? Se eles o seguiram no primeiro dia, concluí que o seguiriam também no segundo. Você deve ter observado que fui duas vezes até a janela enquanto o dr. Mortimer estava lendo a sua lenda.

— Sim, lembro-me.

— Eu estava procurando ociosos na rua, mas não vi nenhum. Estamos lidando com um homem esperto, Watson. Esta questão penetra muito fundo, e, embora eu ainda não tenha decidido se é uma influência benigna ou maligna que está em contato conosco, estou sempre consciente da sua força e determinação. Quando os nossos amigos saíram, eu os segui

imediatamente na esperança de identificar seus acompanhantes invisíveis. Ele foi tão astuto que não se arriscou a seguir a pé, mas tomou um cabriolé a fim de poder esperar escondido ou ultrapassá-los depressa, e assim escapar à atenção deles. O método dele teve a vantagem adicional de, se eles tomassem um cabriolé, ele já estar preparado para segui-los. Mas tem uma desvantagem óbvia.

— Ficar nas mãos do cocheiro.

— Exatamente.

— Que pena não termos anotado o número!

— Meu caro Watson, por mais inepto que eu tenha sido, você com certeza não imagina que deixaria de anotar o número? Dois-sete-zero-quatro é o nosso homem. Mas isso não adianta nada para nós por enquanto.

— Não vejo como você poderia ter feito mais.

— Ao observar o cabriolé, eu devia ter me virado instantaneamente e caminhado na direção oposta. Podia então ter pegado calmamente um segundo cabriolé e seguido o primeiro a uma distância respeitável, ou melhor ainda, ter ido para o Hotel Northumberland e esperado lá. Quando o nosso desconhecido tivesse seguido Baskerville até em casa, poderíamos ter tido a oportunidade de jogar o seu próprio jogo com ele e ver para onde ia. Do jeito que está, por uma ansiedade indiscreta, da qual o nosso adversário tirou vantagem com extraordinária rapidez e energia, traímo-nos e perdemos o nosso homem.

Estávamos passeando lentamente pela Regent Street durante esta conversa, e o dr. Mortimer com o seu companheiro haviam desaparecido há muito tempo.

— Não há nenhum sentido em segui-los — disse Holmes. — O seguidor fugiu e não voltará. Devemos ver que outras cartas temos em mãos e jogá-las com decisão. Você pode jurar que reconhece o homem dentro do cabriolé?

— Posso jurar apenas quanto à barba.

— E eu também, e daí concluo que provavelmente é uma barba falsa. Um homem esperto numa missão tão delicada não precisa de uma barba, a não ser para esconder suas feições. Entre aqui, Watson!

Ele entrou num dos escritórios de mensageiros do bairro, onde foi saudado calorosamente pelo gerente.

— Ah, Wilson, vejo que não se esqueceu do pequeno caso no qual tive a sorte de ajudá-lo?

— Não, senhor, realmente não. O senhor salvou o meu bom nome e talvez a minha vida.

— Meu caro amigo, você exagera. Lembro-me, Wilson, de que você tem entre os seus rapazes um garoto chamado Cartwright, que demonstrou certa capacidade durante a investigação.

— Sim, senhor, ele ainda está conosco.

— Pode chamá-lo? Obrigado! E eu gostaria de trocar esta nota de cinco libras.

Um garoto de 14 anos, com uma fisionomia inteligente e perspicaz, havia atendido ao chamado do gerente. Ele agora estava parado contemplando com grande reverência o famoso detetive.

— Empreste-me o catálogo de hotéis — disse Holmes. — Obrigado! Agora, Cartwright, aqui estão os nomes de 23 hotéis, todos nas vizinhanças de Charing Cross. Está vendo?

— Sim, senhor.

— Você vai visitar cada um destes.

— Sim, senhor.

— Você começará, em cada caso, dando ao porteiro do lado de fora um xelim. Aqui estão 23 xelins.

— Sim, senhor.

— Você dirá a ele que deseja ver o papel usado de ontem. Você dirá que um telegrama importante extraviou-se e que você o está procurando. Compreendeu?

— Sim, senhor.

— Mas o que você está procurando realmente é a página central do *Times* com alguns buracos cortados nela com tesoura. Aqui está um exemplar do *Times*. É esta página. Você pode reconhecê-la facilmente, não pode?

— Sim, senhor.

— Em cada caso, o porteiro do lado de fora mandará chamar o porteiro do saguão, a quem você dará também um xelim. Você então ficará sabendo, provavelmente em vinte casos dos 23, que o lixo do dia anterior foi queimado ou retirado. Nos outros três casos, mostrarão a você um monte de papéis e você procurará esta página do *Times* entre eles. Será muito difícil encontrá-la. Aqui estão mais dez xelins para o caso de alguma emergência.

Mande um telegrama com informações para a Baker Street antes da noite. E agora, Watson, falta apenas descobrir por telegrama a identidade do cocheiro, número dois-sete-zero-quatro, e depois vamos entrar numa das galerias de quadros da Bond Street e passar o tempo até a hora de irmos para o hotel.

5

TRÊS FIOS PARTIDOS

SHERLOCK HOLMES TINHA, NUM GRAU BASTANTE NOTÁVEL, A capacidade de desligar sua mente à vontade. Durante duas horas, o estranho caso no qual tínhamos sido envolvidos pareceu estar esquecido, e ele ficou inteiramente absorvido pelos quadros dos mestres belgas modernos. Ele só falou sobre arte, da qual tinha as ideias mais primitivas, desde que saímos da galeria até chegarmos ao Hotel Northumberland.

— *Sir* Henry Baskerville está lá em cima à sua espera — disse o empregado. — Ele me pediu para levá-lo até lá assim que chegasse.

— O senhor permite que eu examine o seu registro? — perguntou Holmes.

— Claro.

O livro mostrava que dois nomes haviam sido acrescentados após o de Baskerville. Um era Theophilus Johnson e família, de Newcastle; o outro, a sra. Oldmore e criada, de High Lodge, Alton.

— Certamente este deve ser o mesmo Johnson que eu conhecia — disse Holmes ao recepcionista. — Um advogado, não é, de cabelos grisalhos e que anda mancando?

— Não, senhor, este é o sr. Johnson, o dono da mina de carvão, um cavalheiro muito ativo, não mais velho do que o senhor.

— O senhor não está enganado quanto ao seu ramo?

— Não, senhor, ele usa este hotel há muitos anos, e é muito conhecido aqui.

— Ah, isso encerra o assunto. A sra. Oldmore, também. Parece que me lembro do nome. Desculpe minha curiosidade, mas muitas vezes ao se

visitar um amigo encontra-se outro.

— Ela é uma senhora inválida, cavalheiro. Seu marido certa vez foi prefeito de Gloucester. Ela sempre vem para cá quando está na cidade.

— Muito obrigado; acho que não a conheço. Determinamos um fato muito importante com essas perguntas, Watson — ele continuou em voz baixa ao subirmos a escada juntos. — Sabemos agora que as pessoas que estão tão interessadas em nosso amigo não se hospedaram no mesmo hotel. Isso significa que, embora elas estejam, como vimos, muito ansiosas para vigiá-lo, não querem que ele as veja. Este é um fato muito sugestivo.

— O que ele sugere?

— Sugere... olá, meu caro amigo, que diabo aconteceu?

Ao chegarmos ao alto da escada, esbarramos no próprio *sir* Henry Baskerville. Seu rosto estava rubro de cólera e ele segurava uma bota velha e empoeirada numa das mãos. Estava tão furioso que mal conseguia falar, e, quando falou, foi num dialeto muito mais variado e mais típico do oeste do que qualquer coisa que tínhamos ouvido dele pela manhã.

— Parece que estão me fazendo de trouxa neste hotel! — ele exclamou. — Eles vão descobrir que começaram a fazer travessuras com o homem errado, a menos que tenham cuidado. Que diabo, se aquele sujeito não conseguir achar a minha bota desaparecida, haverá problemas. Posso suportar uma brincadeira com bom humor, sr. Holmes, mas eles exageraram um pouco desta vez.

— Ainda está procurando a sua bota?

— Sim, senhor, e pretendo encontrá-la.

— Mas o senhor não disse que era uma bota marrom nova?

— E era, senhor. E agora é uma bota preta velha.

— O quê! O senhor não quer dizer...

— É exatamente isso o que quero dizer. Eu tinha apenas três pares neste mundo, o marrom novo, o preto velho e o de couro envernizado, que estou usando. Ontem à noite levaram um pé do meu marrom, e hoje roubaram um do preto. Bem, entendeu? Fale, homem, e não fique parado olhando!

Um garçom alemão agitado havia aparecido no local.

— Não, senhor; investiguei no hotel inteiro, mas não ouvi uma palavra a respeito.

— Bem, ou essa bota volta antes do anoitecer ou irei ver o gerente e dizer a ele que vou embora deste hotel.

— Ela será encontrada, senhor, prometo que, se o senhor tiver um pouco de paciência, ela será encontrada.

— Faça com que seja, porque essa é a última coisa minha que perderei neste covil de ladrões. Bem, bem, sr. Holmes, o senhor vai me desculpar por incomodá-lo por causa de uma coisa tão insignificante.

— Acho que isso merece bem o incômodo.

— Ora, o senhor parece levar isso muito a sério.

— Como o senhor explica isso?

— Eu simplesmente não tento explicar. Parece a coisa mais louca e estranha que já me aconteceu.

— A mais estranha, talvez... — disse Holmes, pensativo.

— O que o senhor mesmo conclui disso?

— Bem, ainda não afirmo que compreendi. Este seu caso é muito complexo, *sir* Henry. Quando considerado em conjunto com a morte do seu tio, não tenha certeza de que entre todos os quinhentos casos de importância capital de que cuidei existe um que seja tão misterioso. Mas temos vários fios em nossas mãos, e as probabilidades são de que um ou outro deles nos guie para a verdade. Podemos perder tempo seguindo o fio errado, porém mais cedo ou mais tarde devemos encontrar o certo.

Tivemos um almoço agradável, no qual pouco foi dito sobre o assunto que nos reuniu. Foi na sala particular para a qual fomos depois que Holmes perguntou a Baskerville quais eram as suas intenções.

— Ir para a Mansão Baskerville.

— E quando?

— No fim da semana.

— No fim das contas, acho que a sua decisão é sensata — disse Holmes. — Tenho indícios de que o senhor está sendo seguido em Londres, e entre os milhões desta grande cidade é difícil descobrir quem são essas pessoas ou qual pode ser o objetivo delas. Se as intenções delas forem más, elas podem fazer-lhe uma maldade, e seremos impotentes para impedi-la. O senhor não sabe, dr. Mortimer, que o senhor foi seguido esta manhã ao sair da minha casa?

O dr. Mortimer estremeceu violentamente.

— Seguido! Por quem?

— Isso, infelizmente, é o que não posso dizer-lhe. O senhor tem entre os seus vizinhos ou conhecidos em Dartmoor algum homem com uma barba

preta abundante?

— Não, ou, deixe-me ver, sim. Barrymore, o mordomo de *sir* Charles, tem uma barba preta abundante.

— Ah! Onde está Barrymore?

— Tomando conta da Mansão.

— É melhor verificarmos se ele está realmente lá, ou se há alguma possibilidade de estar em Londres.

— Como se pode fazer isso?

— Dê-me um formulário de telegrama. "Está tudo pronto para *sir* Henry?" Isso resolverá. Enderece para o sr. Barrymore, Mansão Baskerville. Qual é a agência de telégrafo mais próxima? Grimpen. Muito bem. Mandaremos um segundo telegrama para o agente do correio, Grimpen: "Telegrama para o sr. Barrymore, a ser entregue em mãos. Se ausente, por favor devolva o telegrama para *sir* Baskerville, Hotel Northumberland." Esse segundo deve nos informar antes da noite se Barrymore está no seu posto no Devonshire ou não.

— Isso mesmo — disse Baskerville. — A propósito, dr. Mortimer, quem é esse Barrymore, afinal?

— Ele é filho do velho zelador, que morreu. Eles cuidam da mansão há quatro gerações. Pelo que sei, ele e a mulher são um casal tão respeitável quanto qualquer um do condado.

— Ao mesmo tempo está bastante claro que, desde que não haja ninguém da família na mansão, essas pessoas têm uma casa ótima e enorme, e nada para fazer — disse Baskerville.

— Isso é verdade.

— Barrymore foi beneficiado no testamento de *sir* Charles? — perguntou Holmes.

— Ele e a mulher receberam quinhentas libras cada.

— Ah! Eles sabiam que iam receber isso?

— Sim, *sir* Charles gostava muito de falar sobre os legados do seu testamento.

— Isso é muito interessante.

— Espero que o senhor não encare com desconfiança todos que receberam um legado de *sir* Charles, porque eu também recebi mil libras que foram deixadas para mim — disse o dr. Mortimer.

— É mesmo? E alguém mais?

— Havia várias quantias insignificantes para pessoas e um grande número de obras públicas de caridade. O resto foi todo para *sir* Henry.

— E de quanto era esse resto?

— Setecentas e quarenta mil libras.

Holmes ergueu as sobrancelhas com surpresa.

— Eu não sabia que havia uma soma tão gigantesca envolvida — disse ele.

— *Sir* Charles tinha fama de ser rico, mas nós não sabíamos a dimensão dessa riqueza até que examinamos as suas ações. O valor total dos bens chegava perto de um milhão.

— Santo Deus! Esse é um prêmio pelo qual um homem pode muito bem lançar-se num jogo desesperado. E mais uma pergunta, dr. Mortimer. Supondo que aconteça alguma coisa ao nosso jovem amigo aqui (o senhor perdoará a hipótese desagradável!), quem herdaria os bens?

— Como Rodger Baskerville, o irmão caçula de *sir* Charles, morreu solteiro, os bens iriam para os Desmonds, que são primos distantes. James Desmond é um clérigo idoso de Westmoreland.

— Obrigado. Esses detalhes têm grande interesse. Conheceu o sr. James Desmond?

— Sim, uma vez ele veio ao sul visitar *sir* Charles. É um homem de aparência venerável e uma vida de santidade. Lembro-me de que ele se recusou a aceitar qualquer doação de *sir* Charles, embora este insistisse.

— E esse homem de gostos simples seria o herdeiro da fortuna de *sir* Charles?

— Ele seria o herdeiro da propriedade, porque isso está vinculado. Seria também o herdeiro do dinheiro, a menos que fosse disposto em testamento de outra forma pelo dono atual, que pode, naturalmente, fazer o que quiser com ele.

— E o senhor fez o seu testamento, *sir* Henry?

— Não, sr. Holmes, não fiz. Não tive tempo, porque só ontem é que soube como andavam as coisas. Mas, de qualquer maneira, acho que o dinheiro deve acompanhar o título e a propriedade. Essa era a ideia do meu pobre tio. Como o proprietário vai restaurar as glórias dos Baskerville se não tiver dinheiro suficiente para manter a propriedade? Casa, terras e dólares devem andar juntos.

— Exatamente. Bem, *sir* Henry, estou de acordo com o senhor quanto à conveniência da sua ida para Devonshire sem demora. Há apenas uma condição que devo impor. Que o senhor certamente não deve ir sozinho.

— O dr. Mortimer volta comigo.

— Mas o dr. Mortimer tem a sua clínica para cuidar, e a casa dele fica a quilômetros de distância da sua. Mesmo com toda a boa vontade do mundo, ele talvez não possa ajudá-lo. Não, *sir* Henry, o senhor deve levar alguém consigo, um homem de confiança, que esteja sempre ao seu lado.

— Será que o senhor mesmo não poderia vir, sr. Holmes?

— Se as coisas chegarem a uma crise, vou fazer força para estar presente; mas o senhor pode compreender que, com a minha extensa clientela para atender e com os constantes apelos que recebo de vários lugares, é impossível, para mim, ficar ausente de Londres por um tempo indefinido. No momento, um dos nomes mais respeitados da Inglaterra está sendo maculado por um chantagista, e só eu posso impedir um escândalo desastroso. O senhor verá como é impossível, para mim, ir a Dartmoor.

— Quem o senhor recomendaria, então?

Holmes pôs a mão no meu braço.

— Se o meu amigo quisesse se encarregar disso, não há nenhum homem melhor para ter ao lado quando o senhor estiver num aperto. Ninguém pode dizer isso com mais convicção do que eu.

A proposta me pegou de surpresa, mas, antes que eu tivesse tempo de responder, Baskerville pegou minha mão e apertou-a calorosamente.

— Bem, isso é realmente bondade sua, dr. Watson — disse ele. — O senhor sabe como eu sou, e sabe tanto sobre o assunto quanto eu. Se o senhor vier para a Mansão Baskerville e me fizer companhia, nunca me esquecerei disso.

A promessa de aventura sempre me fascinou, e fiquei lisonjeado com as palavras de Holmes e com a ansiedade com que o baronete saudou-me como companheiro.

— Irei com prazer — eu disse. — Não sei como poderia empregar melhor o meu tempo.

— E você me manterá minuciosamente informado — disse Holmes. — Quando surgir uma crise, como surgirá, direi a você como deve agir. Será que sábado tudo estará pronto?

— Isso seria conveniente, dr. Watson?

— Perfeitamente.

— Então sábado, a menos que lhe diga o contrário, nos encontraremos no trem das 10h30 que sai de Paddington.

Havíamos nos levantado para ir embora quando Baskerville deu um grito de triunfo e, mergulhando num dos cantos da sala, apanhou uma bota marrom debaixo da secretária.

— Minha bota perdida! — ele exclamou.

— Que todas as nossas dificuldades possam desaparecer tão facilmente! — disse Sherlock Holmes.

— Mas isso é uma coisa muito estranha — comentou o dr. Mortimer. — Eu revistei esta sala cuidadosamente antes do almoço.

— E eu também — disse Baskerville. — Cada centímetro dela.

— Com certeza não havia nenhuma bota aqui.

— Nesse caso, o garçom deve tê-la colocado aí enquanto estávamos almoçando.

O alemão foi chamado, mas afirmou não saber nada a respeito, e as indagações também não conseguiram esclarecer isso. Outro item havia sido acrescentado àquela série constante e aparentemente sem sentido de pequenos mistérios que haviam ocorrido numa rápida sucessão. Deixando de lado toda a história sombria da morte de *sir* Charles, tínhamos uma série de incidentes inexplicáveis, todos no período de dois dias, que incluíam o recebimento da carta em letra de fôrma, o espião de barba preta no cabriolé, o desaparecimento da bota marrom nova, a perda da bota preta velha, e agora a volta da bota marrom nova. Holmes ficou sentado em silêncio no cabriolé quando voltamos para a Baker Street, e eu sabia, pela sua testa contraída e pela fisionomia ansiosa, que sua mente, como a minha própria, estava tentando imaginar algum esquema no qual todos esses episódios estranhos e aparentemente desconexos pudessem ser encaixados. Durante toda a tarde e boa parte da noite ele ficou sentado, fumando e meditando.

Pouco antes do jantar, ele recebeu dois telegramas. O primeiro dizia:

> Acabei de saber que Barrymore está na Mansão Baskerville.

O segundo:

> Visitei 23 hotéis como ordenado, mas, lamento informar, incapaz de descobrir qualquer vestígio de folha cortada do Times. Cartwright.

— Lá se vão dois dos meus fios, Watson. Não há nada mais estimulante do que um caso em que tudo vai contra você. Temos de procurar outro rastro.

— Ainda temos o cocheiro que levou o espião.

— Exatamente. Telegrafei ao registro oficial para obter seu nome e endereço. Não ficaria surpreso se isto fosse uma resposta à minha pergunta.

Mas o toque da campainha resultou em algo mais satisfatório do que uma resposta, porque a porta se abriu e entrou um sujeito de aspecto rude que era, evidentemente, o próprio homem.

— Recebi um recado do escritório central de que um cavalheiro neste endereço esteve perguntando pelo dois-sete-zero-quatro — disse ele. — Guiei meu cabriolé estes sete anos e nunca tive uma palavra de queixa. Vim direto da cocheira para cá perguntar-lhe pessoalmente o que tem contra mim.

— Não tenho nada contra você, meu bom homem — disse Holmes. — Pelo contrário, tenho meio soberano para você se me der uma resposta clara às minhas perguntas.

— Bem, tive um dia bom, não há dúvida — disse o cocheiro com um sorriso. — O que o senhor deseja perguntar, cavalheiro?

— Antes de tudo, o seu nome e endereço, no caso de precisar de você outra vez.

— John Clayton, Turpey Street, 3 em Burough. Meu cabriolé é da Cocheira de Shipley, perto da Estação de Waterloo.

Sherlock Holmes tomou nota.

— Agora, Clayton, fale-me sobre o passageiro que veio observar esta casa hoje de manhã, às dez horas, e depois seguiu os dois cavalheiros pela Regent Street.

O homem pareceu surpreso e um pouco embaraçado.

— Ora, não adianta eu lhe contar coisas, porque o senhor já parece saber tanto quanto eu — disse ele. — A verdade é que o cavalheiro me disse que era detetive e que eu não devia contar nada sobre ele a ninguém.

— Meu bom amigo, este é um caso muito sério, e você pode ficar numa posição muito ruim se tentar esconder alguma coisa de mim. Você diz que o

seu passageiro contou que era detetive?

— Sim, disse.

— Quando foi que ele disse isso?

— Quando foi embora.

— Ele disse mais alguma coisa?

— Ele mencionou o nome.

Holmes lançou um olhar rápido de triunfo para mim.

— Oh, ele mencionou seu nome, foi? Isso foi imprudente. Qual foi o nome que ele mencionou?

— O nome dele era Sherlock Holmes — disse o cocheiro.

Nunca vi meu amigo mais surpreso do que ao ouvir a resposta do cocheiro. Por um momento ele ficou sentado, pasmo, em silêncio. Depois estourou numa gostosa gargalhada.

— Um toque, Watson, um toque inegável! — ele disse. — Sinto uma lâmina tão ágil e flexível quanto a minha própria. Ele me atingiu em cheio desta vez. Então o nome dele era Sherlock Holmes, não é?

— Sim, senhor, esse era o nome do cavalheiro.

— Excelente! Diga-me onde o pegou e tudo que aconteceu.

— Ele me pegou às 9h30 na Trafalgar Square. Disse que era detetive e me ofereceu dois guinéus se eu fizesse exatamente o que ele queria o dia inteiro e não fizesse nenhuma pergunta. Concordei com muita satisfação. Primeiro seguimos até o Hotel Northumberland e esperamos ali até que dois cavalheiros saíram e tomaram um cabriolé da fila. Seguimos o cabriolé deles até ele parar em algum lugar aqui perto.

— Nesta mesma porta — disse Holmes.

— Bem, não posso garantir, mas ouso dizer que meu passageiro sabia tudo a respeito. Paramos mais ou menos na metade da rua e esperamos uma hora e meia. Depois os dois cavalheiros passaram por nós, caminhando, e seguimos pela Baker Street e pela...

— Eu sei — disse Holmes.

— Até descermos três quartos da Regent Street. Então meu passageiro levantou a portinha e gritou para eu seguir direto para a Estação de Waterloo o mais depressa possível. Chicoteei a égua e chegamos lá em menos de dez minutos. Depois ele pagou seus dois guinéus, como combinado, e entrou na estação. Só que, no momento em que estava indo

embora, virou-se e disse: “Pode ser que lhe interesse saber que esteve transportando o sr. Sherlock Holmes.” Foi assim que vim a saber o nome.

— Compreendo. E você não o viu mais?

— Não depois que ele entrou na estação.

— E como você descreveria o sr. Sherlock Holmes?

O cocheiro coçou a cabeça.

— Bem, ele não é um cavalheiro muito fácil assim de descrever. Eu daria a ele quarenta anos de idade, e era de altura média, cinco a sete centímetros mais baixo do que o senhor. Estava vestido como um grã-fino, tinha uma barba preta, quadrada na ponta, e o rosto pálido. Não sei o que posso dizer além disso.

— Cor dos olhos?

— Não, não posso dizer isso.

— Nada mais de que você possa se lembrar?

— Não, senhor, nada.

— Bem, então, aqui está o seu meio soberano. Há outro esperando por você se puder trazer mais informações. Boa noite!

— Boa noite, cavalheiro, e obrigado!

John Clayton foi embora sorrindo e Holmes virou-se para mim, encolheu os ombros e exibiu um sorriso triste.

— Lá se vai o nosso terceiro fio, e acabamos onde começamos — disse ele. — Que patife esperto! Ele sabia o nosso número, sabia que *sir* Henry Baskerville havia me consultado, identificou quem eu era na Regent Street, imaginou que eu conseguira o número do cabriolé e poria as mãos no cocheiro, e assim mandou de volta esse recado audacioso. Olhe, Watson, desta vez conseguimos um inimigo digno de nós. Levei um xeque-mate em Londres. Posso apenas desejar-lhe melhor sorte no Devonshire. Mas não estou tranquilo quanto a isso.

— A isso o quê?

— Quanto a mandar você. Esse é um negócio desagradável, Watson, um negócio desagradável e perigoso, e quanto mais fico sabendo a respeito, menos gosto dele. Sim, meu caro amigo, você pode rir, mas dou-lhe a minha palavra de que ficarei muito satisfeito de tê-lo de volta são e salvo na Baker Street mais uma vez.

6

A MANSÃO BASKERVILLE

SIR HENRY BASKERVILLE E O DR. MORTIMER ESTAVAM PRONTOS no dia marcado, e partimos para o Devonshire. O sr. Sherlock Holmes foi comigo até a estação e deu-me as últimas instruções e conselhos.

— Não vou predispor sua mente sugerindo teorias ou suspeitas, Watson — ele disse. — Quero que você simplesmente me comunique os fatos da maneira mais completa possível, e pode deixar que eu elaboro as teorias.

— Que tipo de fatos? — perguntei.

— Qualquer coisa que possa parecer ter relação, mesmo indireta, com o caso, e principalmente as relações entre o jovem Baskerville e seus vizinhos ou qualquer novo detalhe a respeito da morte de *sir* Charles. Eu mesmo fiz algumas investigações nos últimos dias, mas acho que os resultados foram negativos. Só uma coisa parece ser certa: que o sr. James Desmond, que é o herdeiro seguinte, é um cavalheiro idoso com um temperamento muito amável, de modo que essa perseguição não parte dele. Acho que podemos eliminá-lo inteiramente dos nossos cálculos. Restam as pessoas que realmente estarão em volta de *sir* Henry Baskerville no pântano.

— Não seria bom, em primeiro lugar, livrar-se desse casal Barrymore?

— De maneira alguma. Você não poderia cometer um erro maior. Se eles forem inocentes, seria uma injustiça cruel e, se forem culpados, estaríamos desistindo de todas as possibilidades de pormos a culpa neles. Não, não, vamos mantê-los na nossa lista de suspeitos. Depois há um criado na mansão, se me lembro bem. Há dois fazendeiros na área do pântano. Há o nosso amigo, dr. Mortimer, que acredito ser totalmente honesto, e há sua mulher, de quem não sabemos nada. Há esse naturalista, Stapleton, e há sua

irmã, que dizem ser uma moça atraente. Há o sr. Frankland, da Mansão Lafter, que é também um fator desconhecido, e há mais um ou dois vizinhos. Essas são as pessoas nas quais você deve concentrar sua atenção.

— Farei o melhor que puder.

— Você tem armas, suponho.

— Sim, achei bom levá-las.

— Com toda certeza. Fique com o revólver perto de você noite e dia, e nunca esqueça as precauções.

Nossos amigos já haviam reservado um vagão de primeira classe e estavam esperando por nós na plataforma.

— Não, não temos nenhuma novidade — disse o dr. Mortimer em resposta às perguntas do meu amigo. — Posso jurar uma coisa: não fomos seguidos durante os últimos dois dias. Nunca saímos sem manter uma vigilância estrita, e ninguém poderia ter escapado à nossa atenção.

— Os senhores ficaram sempre juntos, presumo?

— Exceto ontem à tarde. Geralmente dedico um dia à pura diversão quando venho à cidade, de modo que o passei no Museu do Colégio de Cirurgiões.

— E eu fui olhar as pessoas no parque — disse Baskerville. — Mas não tivemos nenhum tipo de problema.

— Foi imprudente, da mesma forma — disse Holmes sacudindo a cabeça com uma expressão grave. — Peço-lhe, *sir* Henry, que não saia sozinho. Alguma grande infelicidade pode acontecer-lhe se sair. Achou a sua outra bota?

— Não, senhor, está perdida para sempre.

— Realmente, isso é muito interessante. Bem, adeus — ele acrescentou quando o trem começou a deslizar pela plataforma. — Tenha em mente, *sir* Henry, uma das frases daquela antiga lenda que o dr. Mortimer leu para nós e evite o pântano nas horas de escuridão, quando as forças do mal estão exaltadas.

Olhei para a plataforma quando já estávamos distantes e vi a figura alta e austera de Holmes imóvel, e olhando fixamente para nós.

A viagem foi rápida e agradável, e passei o tempo aprofundando as relações com os meus dois companheiros e brincando com o *spaniel* do dr. Mortimer. Em poucas horas a terra marrom havia se tornado avermelhada, o tijolo havia mudado para o granito, e vacas vermelhas pastavam em campos

bem cercados de sebes, onde o capim viçoso e a vegetação mais luxuriante revelavam um clima mais rico, embora mais úmido. O jovem Baskerville olhava ansiosamente pela janela e gritava de prazer ao reconhecer as características familiares do cenário do Devon.

— Estive em boa parte do mundo desde que saí daqui, dr. Watson, mas nunca vi um lugar que se comparasse a este — ele disse.

— Nunca vi um homem do Devonshire que não jurasse por seu condado — comentei.

— Isso depende da estirpe dos homens tanto quanto do condado — disse o dr. Mortimer. — Um olhar para o nosso amigo aqui revela a cabeça redonda do celta, que tem em seu interior o entusiasmo celta e a força do afeto. A cabeça do pobre *sir* Charles era de um tipo muito raro, meio gaélico, meio hibérnico em suas características. Mas o senhor era muito jovem quando viu pela última vez a Mansão Baskerville, não era?

— Eu era um adolescente quando meu pai morreu, e nunca tinha visto a mansão, porque ele morava numa casinha na costa sul. De lá eu fui direto para a casa de um amigo na América. Digo aos senhores que tudo é tão novo para mim quanto para o dr. Watson, e estou extremamente ansioso para ver o pântano.

— Está? Então o seu desejo é facilmente atendido, porque aí está a sua primeira visão do pântano — disse o dr. Mortimer, apontando pela janela do vagão.

Acima dos quadrados verdes dos campos e da curva baixa de um bosque, erguia-se ao longe uma colina cinzenta e melancólica, com um estranho cume denteado, indistinto e vago na distância, como alguma paisagem fantástica num sonho. Baskerville ficou olhando fixamente para ela por um longo tempo, e vi na sua fisionomia ansiosa o quanto ela representava para ele, esta primeira visão daquele lugar estranho em que os homens do seu sangue haviam exercido o poder por tanto tempo e deixado sua marca tão profunda. Lá estava ele sentado, com o seu terno de *tweed* e o seu sotaque americano, no canto de um prosaico vagão de estrada de ferro, e ainda assim, enquanto eu olhava para o seu rosto moreno e expressivo, sentia mais do que nunca que ele era um verdadeiro descendente daquela longa linhagem de homens de sangue nobre, belicosos e dominadores. Havia orgulho, coragem e força em suas sobrancelhas espessas, narinas sensíveis e olhos grandes amendoados. Se naquele pântano ameaçador tivéssemos que

enfrentar uma investigação difícil e perigosa, este era pelo menos um camarada por quem se podia correr um risco com a certeza de que ele também o enfrentaria corajosamente.

O trem parou numa pequena estação à margem da estrada e nós descemos. Do lado de fora, depois da cerca branca baixa, uma charrete com um par de cavalos de pernas curtas estava esperando. Nossa chegada era, evidentemente, um grande acontecimento, porque o chefe da estação e os carregadores se aglomeraram à nossa volta para levar a bagagem. Era um lugar campestre encantador e simples, mas fiquei surpreso ao observar que junto ao portão havia dois homens com uniformes escuros de soldados, que se inclinaram sobre seus fuzis curtos e olharam atentamente para nós quando passamos. O cocheiro, um sujeitinho de feições grosseiras contorcidas, saudou *sir* Henry Baskerville, e em alguns minutos estávamos voando pela larga estrada branca. Pastagens onduladas subiam em curva de ambos os lados, e velhas casas com frontões apareciam por entre a espessa folhagem verde, mas atrás os campos tranquilos e iluminados pelo sol apareciam sempre, escuros contra o céu crepuscular, com a curva extensa e sombria do pântano interrompida pelas colinas sinistras e denteadas.

A charrete entrou numa estrada secundária e fizemos uma curva ascendente através de caminhos desgastados por séculos de rodas, margens altas dos dois lados, pesadas de musgo gotejante e samambaias. Fetos bronzeados e espinheiros mosqueados brilhavam à luz do sol poente. Ainda subindo, passamos por uma ponte estreita de granito e contornamos um córrego barulhento que descia borbulhando rapidamente, espumando e bramindo por entre os matacões cinzentos. Tanto a estrada como o córrego atravessavam um vale denso de carvalhos e abetos enfezados. A cada volta, Baskerville soltava uma exclamação de prazer, olhando ansioso em volta e fazendo perguntas intermináveis. A seus olhos tudo parecia lindo, mas para mim um tom de melancolia pairava sobre os campos que mostravam tão claramente a marca do ano que terminava. Folhas amarelas atapetavam os caminhos e caíam esvoaçando sobre nós quando passávamos. O ruído das nossas rodas desapareceu quando passamos através de montes de vegetação apodrecida, tristes oferendas, como me pareceram, para a natureza lançar diante da carruagem do herdeiro dos Baskerville que voltava.

— Oh! — gritou o dr. Mortimer. — O que é isto?

Uma curva íngreme de terreno coberto de urzes, um contraforte afastado do pântano, estava diante de nós. No alto, rígido e nítido como uma estátua equestre sobre o seu pedestal, estava um soldado montado, moreno e sério, com o fuzil suspenso em posição sobre o seu antebraço. Ele estava vigiando a estrada pela qual viajávamos.

— O que é isto, Perkins? — perguntou o dr. Mortimer.

Nosso cocheiro virou-se um pouco no assento.

— Há um condenado fugido de Princetown, senhor. Faz três dias que ele fugiu, e os guardas vigiam todas as estradas e todas as estações, mas até agora não o viram. Os fazendeiros por aqui não gostam disso, senhor, isso é verdade.

— Bem, sei que eles ganham cinco libras se puderem dar informações.

— Sim, mas a possibilidade das cinco libras é muito pouco, se comparada com a possibilidade de ter a garganta da gente cortada. O senhor compreende, não é como qualquer condenado comum. Esse é um homem que não se detém diante de nada.

— Quem é ele?

— É Selden, o assassino de Notting Hill.

Eu me lembrava bem do caso, porque Holmes havia se interessado por ele devido à ferocidade peculiar do crime e à brutalidade que havia caracterizado todas as ações do assassino. A comutação da sua pena de morte fora devida a algumas dúvidas quanto à sua plena sanidade, tão atroz foi a sua conduta. Nossa charrete havia chegado ao alto de uma elevação e diante de nós surgiu a enorme extensão do pântano, salpicada de picos rochosos, retorcidos e escarpados. Um vento frio nos deixou tremendo. Em algum ponto ali, naquela planície desolada, estava emboscado esse homem perverso, escondido numa toca como um animal feroz, com o coração cheio de perversidade contra toda a raça que o havia expulsado do seu meio. Só faltava isso para completar a sinistra sugestividade da extensão vazia, o vento frio e o céu que escurecia. Até Baskerville ficou em silêncio e apertou mais o seu sobretudo em volta dele.

Havíamos deixado os campos férteis para trás. Viramos e olhamos para eles, com os raios inclinados de um sol baixo transformando os córregos em fios de ouro e brilhando sobre a terra vermelha agora revirada pelo arado e o emaranhado das florestas. A estrada diante de nós ficou mais desolada e agreste sobre as encostas castanho-avermelhadas e verde-oliva, salpicadas

de matacões gigantescos. De vez em quando passávamos por uma casinha, com paredes e telhados de pedra, sem nenhuma trepadeira para quebrar o seu perfil severo. De repente olhamos para dentro de uma depressão parecida com uma xícara, salpicada de carvalhos e abetos enfezados que tinham sido torcidos e inclinados pela fúria de anos de tempestades. Duas torres altas e estreitas erguiam-se sobre as árvores. O cocheiro apontou com o seu chicote.

— A Mansão Baskerville — disse ele.

Seu patrão havia se levantado e estava olhando com as faces coradas e os olhos brilhantes. Alguns minutos mais tarde havíamos chegado aos portões da casa do porteiro, uma confusão fantástica de rendilhado em ferro batido, com pilares corroídos pelo tempo de cada lado, manchados de líquens e encimados pelas cabeças de urso dos Baskerville. A casa do porteiro era uma ruína de granito preto e costelas ou caibros nus, mas diante dele havia um prédio novo, meio construído, o primeiro fruto do ouro sul-africano de *sir* Charles.

Pelo portão entramos na avenida, onde as rodas foram silenciadas novamente entre as folhas, e as velhas árvores formavam com seus galhos um túnel sombrio sobre as nossas cabeças. Baskerville estremeceu quando olhou para o longo caminho escuro no qual a casa tremeluzia como um fantasma na extremidade oposta.

— Foi aqui? — ele perguntou em voz baixa.

— Não, não, a Aleia dos Teixos fica do outro lado.

O jovem herdeiro olhou em volta com o rosto sombrio.

— Não é de espantar que o meu tio achasse que ia ter problemas num lugar como este — disse ele. — Ele é capaz de assustar qualquer homem. Vou instalar uma fila de lampiões elétricos aqui dentro de seis meses, e vocês não o reconhecerão mais, com mil velas Swan e Edison bem aqui diante da porta do vestíbulo.

A avenida abria-se numa ampla extensão de relva, e a casa estava diante de nós. Na claridade que diminuía pude ver que o centro era um pesado bloco de construção do qual se projetava uma varanda. Toda a frente estava coberta de hera, com um trecho aparado aqui e ali onde uma janela ou um brasão aparecia através do véu escuro. Deste bloco central erguiam-se as torres gêmeas, antigas, com ameias, e perfuradas por muitas seteiras. À direita e à esquerda das torres ficavam alas mais recentes de granito preto.

Uma luz baça brilhava através das pesadas janelas góticas, e da alta chaminé que se erguia do telhado íngreme subia uma única coluna de fumaça preta.

— Bem-vindo, *sir* Henry! Bem-vindo à Mansão Baskerville!

Um homem alto havia saído da sombra da varanda para receber a charrete. O vulto de uma mulher destacava-se contra a luz amarela do vestíbulo. Ela saiu e ajudou o homem a retirar nossas malas.

— O senhor não se importa se eu for direto para casa, *sir* Henry? — perguntou o dr. Mortimer. — Minha mulher está me esperando.

— O senhor não ficará para jantar conosco?

— Não, preciso ir. Provavelmente encontrarei algum trabalho à minha espera. Eu ficaria para mostrar-lhe a casa, mas Barrymore será um guia melhor do que eu. Adeus, e não hesite nunca, à noite ou de dia, em mandar me chamar se eu puder ser-lhe útil.

O barulho das rodas desapareceu no caminho enquanto *sir* Henry e eu entrávamos no vestíbulo, e a porta bateu pesadamente atrás de nós. Era um ótimo aposento em que nos encontrávamos, grande, majestoso e pesadamente apainelado com traves enormes de carvalho escurecido pelo tempo. Na grande lareira antiquada, atrás de altos cães de ferro, um fogo de lenha crepitava e estalava. *Sir* Henry e eu estendemos as mãos para ele, porque estávamos entorpecidos pela longa viagem. Depois ficamos olhando em volta para a janela alta e estreita de vitral antigo, os lambris de carvalho, as cabeças de veado, os brasões de armas nas paredes, todos escuros e sombrios à luz velada da lâmpada central.

— É exatamente como eu imaginava — disse *sir* Henry. — Não é o próprio retrato de um velho lar de família? E pensar que esta é a mesma mansão na qual minha gente morou durante quinhentos anos. Parece solene pensar nisso.

Vi seu rosto moreno iluminar-se de entusiasmo infantil enquanto olhava à sua volta. A luz batia sobre ele no lugar onde estava parado, mas sombras longas estendiam-se pelas paredes e pendiam como um dossel preto acima dele. Barrymore havia voltado dos nossos quartos, para onde levara nossa bagagem. Ele parou diante de nós com a atitude controlada de um criado bem treinado. Era um homem de aspecto notável, alto, bonito, com uma barba preta quadrada, pálido e de feições distintas.

— O senhor desejaria que o jantar fosse servido imediatamente?

— Está pronto?

— Dentro de alguns minutos, senhor. Os senhores encontrarão água quente em seus quartos. Minha mulher e eu ficaremos felizes, *sir* Henry, de permanecermos com o senhor até que tome suas novas providências, mas o senhor há de compreender que nas novas circunstâncias esta casa exigirá uma criadagem considerável.

— Que novas circunstâncias?

— Só quis dizer, senhor, que *sir* Charles levava uma vida muito reclusa, e nós podíamos cuidar das suas necessidades. O senhor, naturalmente, vai querer ter mais companhia, de modo que vai precisar de mudanças em sua criadagem.

— Você quer dizer que sua mulher e você desejam sair?

— Só quando for conveniente para o senhor, *sir* Henry.

— Mas a sua família está conosco há várias gerações, não é? Eu lamentaria começar minha vida aqui rompendo uma velha ligação de família.

Percebi alguns sinais de emoção no rosto pálido do mordomo.

— Eu também sinto isso, senhor, e minha mulher também. Mas, para dizer a verdade, senhor, nós éramos muito ligados a *sir* Charles. A sua morte foi um choque e tornou este ambiente muito penoso para nós. Receio que nunca mais tenhamos tranquilidade de espírito na Mansão Baskerville.

— Mas o que você pretende fazer?

— Não tenho nenhuma dúvida, senhor, de que seremos bem-sucedidos nos estabelecendo por conta própria com algum negócio. A generosidade de *sir* Charles nos deu os meios para isso. E agora, senhor, talvez seja melhor eu lhes mostrar os seus quartos.

Uma galeria quadrada com balaustrada corria em volta do alto do velho vestíbulo, com acesso por uma escada dupla. Desse ponto central saíam dois longos corredores por toda a extensão do prédio, para os quais se abriam todos os quartos. O meu era na mesma ala que o de Baskerville, e quase ao lado do dele. Esses quartos pareciam ser muito mais recentes do que a parte central da casa, e o papel claro e numerosas velas ajudaram a diminuir a impressão sombria que eu tivera ao chegar.

Mas a sala de jantar vizinha do saguão era um lugar de sombra e escuridão. Era um cômodo comprido com um degrau que separava o estrado onde a família se sentava da parte inferior reservada aos seus

dependentes. Numa extremidade, havia uma galeria de menestréis. Traves negras cruzavam-se acima de nossas cabeças, com um teto escurecido pela fumaça acima delas. Com filas de archotes chamejantes para iluminá-la, e a cor e a rude hilaridade de um banquete de antigamente, ela poderia ter se suavizado; mas agora, quando dois cavalheiros de roupas pretas estavam sentados no pequeno círculo de luz lançado por uma lâmpada velada, a voz de uma pessoa ficava abafada, e o espírito, submisso. Uma sombria fila de ancestrais, com os trajes mais variados, desde o cavalheiro elisabetano até o dândi da Regência, contemplava-nos do alto e nos intimidava com a sua companhia silenciosa. Falamos pouco, e fiquei satisfeito quando a refeição terminou e pudemos ir para a moderna sala de bilhar e fumar um cigarro.

— Palavra, esse não é um lugar muito alegre — disse *sir* Henry. — Suponho que a gente possa se adaptar a ele, mas sinto-me um pouco deslocado atualmente. Não me admiro que o meu tio ficasse um pouco apreensivo de morar inteiramente sozinho numa casa como essa. Mas, se isso lhe convém, iremos deitar cedo esta noite, e talvez as coisas possam parecer mais alegres pela manhã.

Afastei as cortinas antes de ir para a cama e olhei pela janela. Ela dava para o espaço gramado que ficava diante da porta do vestíbulo. Mais além, as árvores de dois bosques gemiam e se agitavam com o vento que aumentava. Uma meia-lua surgia entre as nuvens que corriam. À sua luz fria, vi além das árvores uma orla de rochas e a curva baixa e extensa do pântano melancólico. Fechei a cortina, achando que a minha última impressão estava de acordo com o resto.

Mas essa não foi bem a última. Sentia-me cansado e mesmo assim alerta, virando-me inquieto de um lado para outro, procurando o sono que não vinha. Ao longe, um carrilhão batia os quartos de hora, mas, fora isso, um silêncio mortal pesava sobre a velha casa. E então, de repente, ouvi um som nítido e inconfundível. Eram os soluços de uma mulher, o arquejo abafado e reprimido de uma pessoa dilacerada por uma mágoa incontrolável. Sentei-me na cama e fiquei ouvindo atentamente. O barulho não podia ter sido longe e certamente era na casa. Durante meia hora esperei com cada nervo desperto, mas não ouvi nenhum outro som além do carrilhão e do farfalhar da hera na parede.

7

OS STAPLETON DA CASA DE MERRIPIT

A FRESCA BELEZA DA MANHÃ SEGUINTE AJUDOU A APAGAR DE nossas mentes a impressão sombria e cinzenta deixada pela nossa primeira experiência na Mansão Baskerville. Quando *sir* Henry e eu nos sentamos para tomar café, a luz do sol entrava pelas janelas altas, projetando manchas coloridas dos brasões de armas que as cobriam. Os lambris escuros brilhavam como bronze aos raios dourados, e era difícil perceber que este era realmente o cômodo que enchera tanto nossas almas de melancolia na noite anterior.

— Acho que é a nós mesmos e não à casa que temos de culpar! — disse o baronete. — Estávamos cansados da viagem e enregelados do passeio de charrete, de modo que ficamos com uma impressão sombria do lugar. Agora estamos descansados e bem, portanto tudo está alegre outra vez.

— Mas não era só uma questão de imaginação — respondi. — O senhor, por exemplo, ouviu alguém, uma mulher, eu acho, soluçando durante a noite?

— Isso é curioso, porque quando eu estava meio adormecido acho que ouvi alguma coisa desse tipo. Esperei bastante tempo, mas não ouvi mais nada, e concluí que era tudo um sonho.

— Ouvi distintamente, e tenho certeza de que era realmente uma mulher soluçando.

— Devemos perguntar a respeito imediatamente. — Ele tocou a campainha e perguntou a Barrymore se ele podia explicar o fato. Pareceu-me que as feições pálidas do mordomo ficaram um pouco mais pálidas quando ouviu a pergunta do seu patrão.

— Há apenas duas mulheres na casa, *sir* Henry — ele respondeu. — Uma é a copeira, que dorme na outra ala. A outra é a minha mulher, e posso afirmar que o som não pode ter vindo dela.

Mas ele mentiu quando disse isso, porque depois do café encontrei por acaso a sra. Barrymore no longo corredor, com o sol batendo em cheio no seu rosto. Ela era uma mulher grande, impassível, de feições grosseiras e com uma expressão severa e imóvel na boca. Mas seus olhos reveladores estavam vermelhos e olharam para mim por entre pálpebras inchadas. Fora ela, então, quem chorara durante a noite, e se chorara seu marido devia saber disso. Contudo, ele havia assumido o risco óbvio da descoberta afirmando que não fora ela. Por que ele havia feito isso? E por que ela chorara tão amargamente? Em torno desse homem pálido, bonito e de barba preta já estava se acumulando uma atmosfera de mistério e de melancolia. Fora ele o primeiro a encontrar o corpo de *sir* Charles, e tínhamos apenas a sua palavra para todas as circunstâncias que levaram à morte do velho. Seria possível que fosse Barrymore, afinal de contas, que víramos no cabriolé na Regent Street? A barba podia ter sido a mesma. O cocheiro havia descrito um homem um pouco mais baixo, mas essa impressão podia facilmente ter sido equivocada. Como eu poderia tirar essa dúvida? Obviamente a primeira coisa a fazer era falar com o agente do correio de Grimpen e descobrir se o telegrama tinha sido entregue realmente nas mãos de Barrymore. Qualquer que fosse a resposta, eu deveria pelo menos ter alguma coisa para informar a Sherlock Holmes.

Sir Henry tinha muitos documentos para examinar após o café, de modo que o momento era propício para a minha excursão. Foi uma caminhada agradável de 4,5 quilômetros pela margem do pântano, levando-me por fim a um lugarejo triste, onde os dois prédios maiores, que eram a estalagem e a casa do dr. Mortimer, se destacavam do resto. O agente do correio, que era também o dono do armazém da aldeia, lembrava-se bem do telegrama.

— Claro, senhor, mandei entregar o telegrama ao sr. Barrymore, exatamente como foi ordenado — disse ele.

— Quem o entregou?

— Meu filho aqui. James, você entregou o telegrama ao sr. Barrymore na mansão na semana passada, não entregou?

— Sim, papai, entreguei.

— Nas mãos dele? — perguntei.

— Bem, ele estava lá em cima no sótão naquela hora, de modo que não pude entregá-lo em suas próprias mãos, mas entreguei-o nas mãos da sra. Barrymore, e ela prometeu entregar a ele imediatamente.

— Você viu o sr. Barrymore?

— Não, senhor. Eu disse ao senhor que ele estava no sótão.

— Se você não o viu, como sabe que ele estava no sótão?

— Bem, a mulher dele certamente devia saber onde ele estava — disse o agente do correio irritado. — Ele não recebeu o telegrama? Se houve algum engano, compete ao próprio sr. Barrymore reclamar.

Parecia inútil prosseguir no interrogatório, mas estava claro que, apesar do truque de Holmes, não tínhamos nenhuma prova de que Barrymore não estivesse em Londres o tempo todo. Suponhamos que assim fosse, que o mesmo homem tivesse sido o último a ver *sir* Charles vivo e o primeiro a seguir o novo herdeiro quando este voltou à Inglaterra. E daí? Seria ele o instrumento de outros ou ele tinha algum desígnio sinistro próprio? Que interesse podia ter em perseguir a família Baskerville? Pensei no estranho aviso cortado do editorial do *Times*. Seria isso obra sua ou seria obra de alguém dedicado a contrariar os seus planos? O único motivo concebível era aquele que havia sido sugerido por *sir* Henry, que, se a família pudesse ser afugentada, um lar confortável e permanente estaria garantido para os Barrymore. Mas certamente essa explicação seria totalmente inadequada para justificar o planejamento detalhado e sutil que parecia estar tecendo uma teia invisível em torno do jovem baronete. O próprio Holmes havia dito que nunca tiveram um caso mais complexo em toda a sua longa série de investigações sensacionais. Rezei enquanto caminhava de volta pela estrada triste e solitária, para que o meu amigo pudesse em breve estar livre de suas preocupações e tirasse essa pesada carga de responsabilidade dos meus ombros.

De repente meus pensamentos foram interrompidos pelo ruído de pés correndo atrás de mim e por uma voz que chamava o meu nome. Virei-me, esperando ver o dr. Mortimer, mas para minha surpresa era um estranho que estava me perseguindo. Era um homem pequeno, magro, bem barbeado, com expressão afetada, louro e de queixo pequeno, entre trinta e quarenta anos de idade, vestido com um terno cinzento e usando um chapéu de palha. Uma caixa de metal para espécimes botânicos pendia do seu ombro e ele segurava uma rede verde para borboletas em uma das mãos.

— O senhor certamente vai desculpar minha presunção, dr. Watson — disse ele ao chegar ofegante ao lugar onde eu estava. — Aqui no pântano somos pessoas simples e não esperamos pelas apresentações formais. O senhor provavelmente deve ter ouvido o meu nome do nosso amigo comum, Mortimer. Eu sou Stapleton, da Casa de Merripit.

— A sua rede e a sua caixa teriam me revelado a mesma coisa porque eu sabia que o sr. Stapleton era naturalista. Mas como o senhor me reconheceu? — eu disse.

— Fui visitar Mortimer, e ele me mostrou, da janela do seu consultório, quando o senhor passou. Como o nosso caminho fica na mesma direção, pensei que pudesse alcançá-lo e apresentar-me. Espero que *sir* Henry não tenha piorado com a sua viagem.

— Ele está muito bem, obrigado.

— Estávamos todos com medo de que, após a triste morte de *sir* Charles, o novo baronete se recusasse a morar aqui. É pedir muito a um homem rico vir para cá e enterrar-se num lugar como este, mas não preciso dizer-lhe que isso significa muito para a região. *Sir* Henry não tem, suponho, nenhum medo supersticioso a respeito?

— Não acho que isso seja provável.

— O senhor certamente conhece a lenda do cão diabólico que persegue a família.

— Ouvi falar disso.

— É extraordinário como os camponeses são crédulos por aqui! Qualquer um deles está pronto a jurar que viu essa criatura no pântano. — Ele falou com um sorriso, mas tive a impressão de que ele encarava o assunto de modo mais sério. — A história empolgou a imaginação de *sir* Charles, e não tenho nenhuma dúvida de que isso provocou o seu fim trágico.

— Mas como?

— Seus nervos estavam tão excitados que o aparecimento de qualquer cão podia ter tido um efeito fatal sobre o seu coração doente. Imagino que ele tenha visto realmente alguma coisa do gênero naquela última noite na Aleia dos Teixos. Eu receava que pudesse ocorrer algum desastre, porque eu gostava muito do velho e sabia que o seu coração estava fraco.

— Como o senhor sabia disso?

— Meu amigo Mortimer me contou.

— O senhor acha, então, que algum cão perseguiu *sir* Charles, e que, em consequência disso, ele morreu de medo?

— O senhor tem alguma explicação melhor?

— Eu não cheguei a nenhuma conclusão.

— E o sr. Sherlock Holmes chegou?

As palavras me tiraram a respiração por um instante, mas um olhar para o rosto plácido e os olhos firmes do meu companheiro mostraram que não pretendia causar nenhuma surpresa.

— É inútil para nós fingir que não o conhecemos, dr. Watson — disse ele. — As histórias do seu detetive chegaram até nós aqui, e o senhor não pode exaltá-lo sem que o senhor mesmo seja reconhecido. Quando Mortimer me disse o seu nome, não pôde negar a sua identidade. Se o senhor está aqui, quer dizer que o próprio sr. Sherlock Holmes está interessado no caso, e estou naturalmente curioso para saber a opinião dele.

— Receio não poder responder a essa pergunta.

— Posso perguntar-lhe se ele vai nos honrar com uma visita?

— Ele não pode sair da cidade no momento. Tem outros casos que precisam da sua atenção.

— Que pena! Ele podia esclarecer alguma coisa nesse caso que é tão misterioso para nós. Mas quanto às suas próprias pesquisas, se houver alguma maneira de lhe ser útil, espero que me diga. Se eu tiver alguma indicação quanto à natureza das suas suspeitas, ou como o senhor pretende investigar o caso, talvez eu possa, mesmo agora, dar-lhe alguma ajuda ou conselho.

— Afirmo-lhe que estou aqui simplesmente em visita ao meu amigo *sir* Henry e que não preciso de nenhum tipo de ajuda.

— Excelente! — disse Stapleton. — O senhor está absolutamente certo sendo prudente e discreto. Fui censurado com justiça pelo que acho que foi uma intromissão injustificável, e prometo-lhe que não mencionarei o assunto outra vez.

Tínhamos chegado a um ponto onde um caminho estreito coberto de relva desviava-se da estrada e entrava pelo pântano. À direita havia uma colina íngreme salpicada de matacões que em épocas passadas fora cortada para extração de granito. A face que estava voltada para nós formava uma escarpa escura, com samambaias e espinheiros brotando dos seus nichos. De uma elevação distante saía um penacho de fumaça cinzenta.

— Uma caminhada não muito longa por este caminho do pântano conduz à Casa de Merripit — ele disse. — Talvez o senhor possa dispor de uma hora para que eu tenha o prazer de apresentá-lo à minha irmã.

Meu primeiro pensamento foi que eu devia estar ao lado de *sir* Henry. Mas depois me lembrei da pilha de papéis e contas que cobriam a mesa do seu escritório. Eu não podia ajudá-lo nisso. E Holmes havia dito expressamente que eu devia averiguar os vizinhos do pântano. Aceitei o convite de Stapleton, e entramos juntos pelo caminho.

— É um lugar maravilhoso, o pântano — disse ele, olhando em volta para as descidas ondulantes, longas ondas verdes com cristas de granito irregular emergindo em vagalhões fantásticos. — A gente nunca se cansa do pântano. O senhor não pode imaginar os segredos maravilhosos que ele contém. É tão grande, tão desolado e tão misterioso!

— O senhor o conhece bem, então?

— Estou aqui apenas há dois anos. Os residentes me chamariam de um recém-chegado. Chegamos pouco depois de *sir* Charles se estabelecer. Mas a minha disposição me levou a explorar todas as partes da região em volta, e acho que deve haver poucos homens que a conhecem melhor do que eu.

— Ele é tão difícil assim de se conhecer?

— Muito difícil. O senhor vê, por exemplo, esta grande planície para o norte aqui, com as estranhas colinas despontando nela. O senhor observa alguma coisa notável nisso?

— Seria um lugar ótimo para um galope.

— O senhor naturalmente pensaria assim e essa ideia custou várias vidas antes. Está vendo aqueles pontos verdes brilhantes espalhados por ela?

— Sim, parecem mais férteis do que o resto.

Stapleton riu.

— Esse é o grande charco de Grimpen — disse ele. — Um passo em falso ali significa a morte para um homem ou um animal. Ontem mesmo vi um dos pôneis do brejo indo para dentro dele. Ele não saiu mais. Vi sua cabeça por muito tempo tentando sair do lodaçal, mas ele acabou sendo sugado para baixo. Mesmo nas estações secas é um perigo atravessá-lo, mas depois das chuvas deste outono é um lugar horrível. E apesar disso consigo ir até o meio dele e voltar vivo. Meu Deus, lá está outro desses miseráveis pôneis!

Alguma coisa marrom estava se mexendo e se agitando entre a vegetação. Então um pescoço comprido projetou-se para cima, contorcendo-se e lutando desesperadamente, e um grito horrível ecoou pelo pântano. Ele me deixou gelado de horror, mas os nervos do meu companheiro pareciam ser mais fortes do que os meus.

— Lá se foi! — disse ele. — O pântano o tragou. Dois em dois dias, e muitos outros, talvez, porque eles adquirem o hábito de ir lá em tempo seco e nunca aprendem a diferença até que o pântano os agarra. É um lugar ruim, o grande charco de Grimpen.

— E o senhor diz que consegue penetrar nele?

— Sim, há um ou dois caminhos que um homem muito ágil pode tomar. Eu os descobri.

— Mas por que o senhor desejaria entrar num lugar tão horrível?

— Bem, o senhor está vendo as colinas além? Elas são realmente ilhas cercadas por todos os lados pelo pântano intransponível, que se espalhou em torno delas ao longo dos anos. É ali que estão as plantas raras e as borboletas, se a gente tiver esperteza para alcançá-las.

— Um dia tentarei.

Ele olhou para mim com uma expressão de surpresa.

— Pelo amor de Deus, esqueça essa ideia — disse ele. — O seu sangue cairia sobre a minha cabeça. Afirmo-lhe que não haveria a menor possibilidade de o senhor voltar vivo. É só me lembrando de certos pontos de referência complexos que sou capaz de fazer isso.

— Oh! — exclamei. — O que é isso?

Um gemido longo e baixo, indescritivelmente triste, cruzou o pântano. Ele encheu o ar, mas era impossível dizer de onde vinha. De um murmúrio surdo ele aumentou até um rugido profundo e depois diminuiu novamente, reduzindo-se a um murmúrio melancólico e latejante outra vez. Stapleton olhou para mim com uma expressão curiosa no rosto.

— Lugar estranho, o pântano! — ele disse.

— Mas o que é isso?

— Os camponeses dizem que é o Cão dos Baskerville chamando sua presa. Eu já o ouvi uma ou duas vezes antes, mas nunca tão alto assim.

Olhei em volta, com um calafrio de medo no coração, para a imensa planície ondulada mosqueada de manchas verdes de juncos. Nada se mexia

sobre a vasta extensão, exceto um par de corvos que crocitavam alto num pico rochoso atrás de nós.

— O senhor é um homem instruído. O senhor não acredita numa bobagem dessas — eu disse. — Na sua opinião, qual é a origem de um som tão estranho?

— Os charcos fazem ruídos estranhos às vezes. É a lama se acomodando, ou a água subindo, ou algo assim.

— Não, não, isso era a voz de um ser vivo.

— Bem, talvez fosse. O senhor já ouviu uma galinhola real gritando?

— Não, nunca ouvi.

— É uma ave muito rara, praticamente extinta na Inglaterra agora, mas tudo é possível no pântano. Eu não ficaria surpreso de saber que o que ouvimos foi o grito da última das galinholas reais.

— Essa foi a coisa mais fantástica e estranha que já ouvi em minha vida.

— Sim, pode-se dizer que esse é um lugar bastante misterioso. Olhe para a encosta da colina lá longe. O que acha que é aquilo?

Toda a encosta íngreme estava coberta de círculos cinzentos de pedra, pelo menos uns vinte deles.

— O que são? Redis de ovelhas?

— Não, são as casas dos nossos dignos ancestrais. O homem pré-histórico vivia em aglomeração no pântano, e, como ninguém em particular viveu ali desde então, encontramos todas as suas pequenas instalações exatamente como ele a deixou. Estas são as cabanas sem os telhados. O senhor pode ver até a lareira e o leito deles se tiver a curiosidade de entrar.

— Mas isso é uma cidade. Quando ela foi habitada?

— O homem neolítico, sem data.

— O que eles faziam?

— Levavam seu gado para pastar nestas encostas, e aprenderam a extrair o estanho quando a espada de bronze começou a substituir o machado de pedra. Olhe para o grande fosso na colina oposta. Aquela é a marca deles. Sim, o senhor encontrará alguns pontos muito singulares no pântano, dr. Watson. Oh, desculpe-me um instante! Certamente é uma *Cyclopides*.

Uma pequena borboleta ou mariposa havia atravessado voando o nosso caminho, e num instante Stapleton estava correndo com uma energia e uma velocidade extraordinárias em sua perseguição. Para minha consternação, a criatura voou direto para o grande pântano, e o meu companheiro não parou

sequer por um instante, saltando de tufo em tufo atrás dela com a sua rede verde balançando no ar. Suas roupas cinzentas sem avanço irregular, em ziguezague, aos arrancos, faziam com que ele próprio parecesse uma mariposa gigantesca. Eu estava parado observando a sua perseguição, com uma mistura de admiração pela sua atividade extraordinária e medo de ele dar um passo em falso no pântano traiçoeiro, quando ouvi o ruído de passos e, virando-me, encontrei uma mulher perto de mim no caminho. Ela tinha vindo da direção em que o penacho de fumaça indicava a posição da Casa de Merripit, mas a depressão do pântano a havia escondido até ela estar bem perto.

Eu não podia duvidar que esta fosse a senhorita Stapleton, de quem me haviam falado, já que as damas de qualquer maneira deviam ser poucas no pântano, e lembrei-me de que alguém a descrevera como sendo uma beleza. A mulher que se aproximou de mim era certamente isso, e de um tipo muito fora do comum. Não podia haver um contraste maior entre irmão e irmã, porque Stapleton tinha tonalidade neutra com cabelos claros e olhos cinzentos, enquanto ela era mais morena do que qualquer outra que eu tivesse visto na Inglaterra, magra, elegante e alta. Ela tinha um rosto orgulhoso, finamente cinzelado, tão regular que poderia parecer impassível se não fosse a boca sensível e os lindos olhos escuros, ansiosos. Com o seu talhe perfeito e o vestido elegante, ela era, realmente, uma aparição estranha no desolado caminho do pântano. Seus olhos estavam voltados para seu irmão quando me virei, e depois ela apressou o passo na minha direção. Eu havia erguido meu chapéu e estava prestes a fazer algum comentário explicativo quando as palavras dela viraram todos os meus pensamentos numa nova direção.

— Volte! — ela disse. — Volte direto para Londres imediatamente.

Só consegui ficar olhando para ela em estúpida surpresa. Seus olhos brilhavam sobre mim e ela bateu no chão com o pé, de um jeito impaciente.

— Por que devo voltar? — perguntei.

— Não posso explicar. — Ela falou numa voz baixa, ansiosa, com uma curiosa dicção balbuciante. — Mas, pelo amor de Deus, faça o que lhe pedi. Volte e nunca mais ponha os pés no pântano outra vez.

— Mas eu acabei de chegar.

— Homem, homem! — exclamou ela. — O senhor não pode perceber quando um aviso é para o seu próprio bem? Volte para Londres! Parta esta

noite! Saia deste lugar a qualquer custo! Silêncio, meu irmão está chegando! Nem uma palavra do que eu disse. O senhor se incomoda de apanhar aquela orquídea para mim ali adiante? Há uma grande quantidade de orquídeas aqui, embora, naturalmente, o senhor esteja bastante atrasado para ver as belezas do lugar.

Stapleton havia abandonado a perseguição e voltava ofegante e corado pelo esforço.

— Olá, Beryl! — disse ele, e pareceu-me que o tom da sua saudação não era inteiramente cordial.

— Bem, Jack, você está muito ofegante.

— Sim, estive perseguindo uma *Cyclopides*. Ela é muito rara e dificilmente é encontrada no fim do outono. Que pena tê-la perdido! — Ele falou de modo despreocupado, mas seus pequenos olhos claros viravam incessantemente da moça para mim. — Vocês se apresentaram por conta própria, posso ver.

— Sim. Eu estava dizendo a *sir* Henry que era tarde demais para ele ver as verdadeiras belezas do pântano.

— Ora, quem você pensa que ele seja?

— Imagino que deva ser *sir* Henry Baskerville.

— Não, não — eu disse. — Apenas um humilde plebeu, mas sou amigo dele. Meu nome é dr. Watson.

Uma onda de aflição passou pelo seu rosto expressivo.

— Estivemos falando sem nos entender — disse ela.

— Ora, vocês não tiveram muito tempo para falar — comentou o irmão dela com os mesmos olhos perscrutadores.

— Eu falei como se o dr. Watson fosse um residente em vez de ser apenas um visitante — disse ela. — Não deve importar muito para ele se é cedo ou tarde para as orquídeas. Mas o senhor virá, não é, ver a Casa de Merripit?

Uma curta caminhada levou-nos até lá, uma casa desolada do pântano, antigamente a fazenda de algum criador nos velhos tempos de prosperidade, mas agora reformada e transformada numa moradia moderna. Um pomar cercava-a, mas as árvores, como é comum no pântano, eram enfezadas e murchas, e o lugar inteiro tinha um aspecto miserável e melancólico. Fomos recebidos por um estranho empregado velho, mirrado, com um casaco cor de ferrugem que parecia combinar com a casa. Mas dentro havia salas

grandes mobiliadas com uma elegância na qual eu parecia reconhecer o gosto da dama. Quando olhei de suas janelas para o pântano interminável salpicado de granito ondulando sem interrupção até o horizonte mais distante, fiquei maravilhado com aquilo que podia ter trazido este homem de instrução superior e esta mulher linda para morarem num lugar desses.

— Lugar estranho para escolher, não é? — disse ele, como se respondesse ao meu pensamento. — E, apesar disso, conseguimos nos sentir bastante felizes, não é, Beryl?

— Bastante felizes — disse ela, mas não havia nenhum tom de convicção nas palavras dela.

— Eu tive um colégio — disse Stapleton. — Era no norte do país. O trabalho para um homem do meu temperamento era mecânico e pouco interessante, mas o privilégio de viver com os jovens, de ajudar a moldar aquelas mentes moças e de imprimir nelas o próprio caráter e os ideais da gente, era muito importante para mim. Mas a sorte estava contra nós. Uma grave epidemia assolou o colégio e três dos meninos morreram. Ele nunca se refez do golpe, e grande parte do meu capital foi engolido de modo irrecuperável. E ainda assim, apesar da perda da companhia encantadora dos meninos, eu consegui superar a minha própria infelicidade e me alegrar porque, com o meu gosto pela botânica e pela zoologia, encontro um campo ilimitado de trabalho aqui, e minha irmã é tão dedicada à natureza quanto eu. Tudo isto, dr. Watson, passou na sua cabeça devido à sua expressão quando examinou o pântano da nossa janela.

— Certamente passou pela minha cabeça que isso podia ser um pouco monótono, menos para o senhor, talvez, do que para a sua irmã.

— Não, não, nunca acho monótono — ela disse rapidamente.

— Temos livros, temos os nossos estudos, e temos vizinhos interessantes. O dr. Mortimer é um homem muito instruído em sua própria especialidade. O pobre *sir* Charles era também um companheiro admirável. Nós o conhecíamos bem e sentimos a sua falta mais do que posso dizer. O senhor acha que seria intromissão minha se eu fosse visitar esta tarde *sir* Henry para conhecê-lo?

— Estou certo de que ele ficaria encantado.

— Então talvez o senhor mencionasse que pretendo fazer isso. Da nossa maneira humilde, poderemos ajudar a tornar as coisas mais fáceis para ele até se acostumar com o seu novo ambiente. O senhor quer subir, dr. Watson,

e examinar a minha coleção de lepidópteros? Acho que é a mais completa do sudoeste da Inglaterra. Quando o senhor tiver terminado de examiná-la, o almoço estará quase pronto.

Eu estava ansioso para voltar ao meu posto. A melancolia do pântano, a morte do infeliz pônei, o estranho som que havia sido associado à lenda sinistra dos Baskerville, todas essas coisas cobriam meus pensamentos de tristeza. Depois, por cima dessas impressões mais ou menos vagas, viera o aviso definido e distinto da senhorita Stapleton, dado com tanta seriedade que eu não podia duvidar de que havia algum motivo grave e profundo por trás dele. Resisti a todas as pressões para ficar para o almoço e iniciei imediatamente a minha viagem de volta, tomando o caminho coberto de relva pelo qual tínhamos vindo.

Parece, contudo, que havia algum atalho para aqueles que o conheciam, porque antes de chegar à estrada, fiquei espantado ao ver a senhorita Stapleton sentada numa pedra ao lado do caminho. Seu rosto estava maravilhosamente corado pelo esforço.

— Vim correndo para alcançá-lo, dr. Watson — disse ela. — Não tive tempo nem de pôr o meu chapéu. Não devo parar, porque o meu irmão pode dar pela minha falta. Eu queria dizer ao senhor que lamento o estúpido engano que cometi pensando que o senhor fosse *sir* Henry. Por favor, esqueça as palavras que eu disse, que não se aplicam ao senhor de modo algum.

— Mas não posso esquecê-las, senhorita Stapleton — eu disse. — Sou amigo de *sir* Henry, e o seu bem-estar me preocupa muito. Diga-me por que a senhorita estava tão ansiosa para que *sir* Henry voltasse para Londres.

— Um capricho de mulher, dr. Watson. Quando o senhor me conhecer melhor, compreenderá que nem sempre consigo explicar os motivos das coisas que digo ou faço.

— Não, não. Lembro-me da excitação na sua voz. Lembro-me da expressão dos seus olhos. Por favor, por favor, seja franca comigo, senhorita Stapleton, porque desde que cheguei aqui estou consciente das sombras à minha volta. A vida passou a ser como o grande charco de Grimpen, com pequenos trechos verdes em toda parte nos quais a gente pode se afundar e sem nenhum guia para indicar o caminho. Explique-me, então, o que foi que a senhorita quis dizer, e prometo-lhe transmitir o seu aviso a *sir* Henry.

Uma expressão de dúvida passou pelo seu rosto, mas seus olhos estavam firmes outra vez quando me respondeu.

— O senhor dá muita importância a isso, dr. Watson — disse ela. — Meu irmão e eu ficamos muito chocados com morte de *sir* Charles. Nós o conhecíamos intimamente, porque o seu passeio favorito era pelo pântano até a nossa casa. Ele ficou profundamente impressionado pela maldição que pairava sobre a sua família, e quando ocorreu esta tragédia eu senti naturalmente que devia haver algum fundamento para os receios que ele havia manifestado. Fiquei aflita, portanto, quando outro membro da família veio morar aqui, e achei que ele devia ser prevenido do perigo que correrá. Isso era tudo que eu queria transmitir.

— Mas qual é o perigo?

— O senhor conhece a história do cão?

— Eu não acredito nessas bobagens.

— Mas eu acredito. Se o senhor tiver qualquer influência sobre *sir* Henry, afaste-o de um lugar que sempre foi fatal para a sua família. O mundo é grande. Por que ele iria querer morar num lugar perigoso?

— Porque este é o lugar perigoso. Essa é a natureza de *sir* Henry. Receio que, se a senhorita não puder me dar uma informação mais precisa do que esta, será impossível fazê-lo se mudar.

— Não posso dizer nada com precisão, porque não sei nada com precisão.

— Eu lhe faria mais uma pergunta, senhorita Stapleton. Se a senhorita não quis dizer mais do que isso quando falou comigo pela primeira vez, por que a senhorita não queria que o seu irmão ouvisse o que disse? Não há nada a que ele, ou qualquer outra pessoa, possa objetar.

— Meu irmão está muito ansioso para que a mansão seja habitada, porque ele acha que isso é bom para as pessoas pobres do pântano. Ele ficaria com muita raiva se soubesse que eu disse alguma coisa que pudesse induzir *sir* Henry a ir embora. Mas cumpri o meu dever agora e não direi mais nada. Preciso voltar ou ele dará pela minha falta e desconfiará que falei com o senhor. Adeus! — Ela virou-se, e em poucos minutos havia desaparecido por entre as rochas espalhadas, enquanto eu, com minha alma cheia de vagos receios, segui meu caminho para a Mansão Baskerville.

A partir deste ponto, seguirei o curso dos acontecimentos transcrevendo minhas próprias cartas para o sr. Sherlock Holmes que estão diante de mim,

na mesa. Falta uma página, mas as outras estão exatamente como foram escritas e revelam os meus sentimentos e suspeitas naquele momento de modo mais preciso do que a minha memória pode fazer, embora seja nítida a respeito destes trágicos acontecimentos.

8

PRIMEIRO RELATÓRIO DO DR. WATSON

MANSÃO BASKERVILLE, *13 de outubro*

MEU CARO HOLMES:

Minhas cartas e telegramas anteriores mantiveram-no bastante bem informado a respeito de tudo que tem ocorrido neste canto do mundo esquecido por Deus. Quanto mais tempo se fica aqui, mais o espírito do pântano impregna a alma da gente com a sua vastidão e também com o seu encanto sombrio. Quando se está sobre o seu seio, deixam-se todos os vestígios da Inglaterra moderna para trás, mas, por outro lado, toma-se consciência em toda parte das casas e do trabalho do povo pré-histórico. Por todos os lados, enquanto se anda, a gente vê as casas dessas pessoas esquecidas, com seus túmulos e enormes monolitos que se supõe terem marcado seus templos. Quando olhamos para suas cabanas de pedra cinzenta contra as encostas cortadas das colinas, deixamos nossa própria época para trás, e se virmos um homem vestido de peles e peludo engatinhar para fora da sua porta baixa, pondo uma flecha com ponta de sílex na corda do seu arco, acharemos que sua presença ali é mais natural do que a nossa própria. O estranho é que eles tenham vivido tão concentrados no lugar que deve sempre ter sido um solo muito estéril. Não sou nenhum arqueólogo, mas posso imaginar que eles constituíam uma raça esbulhada e avessa às guerras que foi obrigada a aceitar aquilo que nenhuma outra ocuparia.

Mas tudo isso não tem relação com a missão para a qual você me mandou e provavelmente será muito pouco interessante para a sua mente extremamente prática. Ainda me lembro da sua completa indiferença quanto a saber se o sol girava em torno da Terra ou a Terra em torno do sol. Portanto, vou voltar aos fatos relativos a *sir* Henry Baskerville.

Se você não recebeu nenhum relatório nos últimos dias é porque até hoje não havia nada de importante a comunicar. Então ocorreu um fato bastante surpreendente, que contarei a você no devido tempo. Mas, antes de tudo, é preciso que você conheça alguns dos outros fatores da situação.

Um destes, em relação ao qual pouco falei, é o condenado fugido no pântano. Há um motivo forte agora para crer que ele foi embora, o que é um grande alívio para os chefes de família desta região. Passou-se uma quinzena desde a sua fuga, durante a qual ele não foi visto e nada se ouviu falar sobre ele. É inconcebível que ele possa ter ficado no pântano durante todo esse tempo. Naturalmente, no que diz respeito ao seu esconderijo, não há nenhuma dificuldade. Qualquer uma dessas cabanas de pedra lhe proporcionaria um lugar conveniente. Mas não há nada para comer, a menos que ele pegasse e matasse uma das ovelhas do pântano. Achamos, portanto, que ele foi embora, e os fazendeiros isolados dormem melhor por causa disso.

Somos quatro homens capazes nesta casa, de modo que podemos cuidar bem de nós mesmos, mas confesso que tenho tido momentos de inquietação quando penso nos Stapletons. Eles moram a quilômetros de qualquer ajuda. Há uma criada e um empregado velho, a irmã e o irmão, este um homem muito forte. Eles ficariam impotentes nas mãos de um sujeito desesperado como esse criminoso de Notting Hill, se ele por acaso conseguisse entrar. Tanto *sir* Henry quanto eu estamos preocupados com a situação deles, e sugeriu-se que Perkins, o criado, fosse dormir lá, mas Stapleton não quer ouvir falar nisso.

O fato é que o nosso amigo, o baronete, começa a demonstrar um interesse considerável pela nossa bela vizinha. Não é de admirar, porque o tempo pesa muito neste lugar solitário para um homem ativo como ele, e ela é uma mulher muito fascinante e bonita. Há algo tropical e exótico em relação a ela que fez um contraste singular com o seu irmão frio e pouco emotivo. Mas ele também dá a impressão de chamas ocultas. Ele tem certamente uma influência muito marcante sobre ela, porque eu a vi olhar

continuamente para ele enquanto falava, como se estivesse procurando aprovação para o que dizia. Espero que ele seja bom para ela. Há um brilho seco nos olhos dele, e uma expressão firme nos seus lábios finos, que demonstra uma natureza positiva e possivelmente cruel. Você o achará um estudo interessante.

Ele veio visitar Baskerville naquele primeiro dia e na manhã seguinte nos levou para que víssemos o ponto onde se supõe que a lenda do cruel Hugo tenha tido sua origem. Foi uma excursão de alguns quilômetros pelo pântano até um lugar tão desolado que poderia ter sugerido a história. Encontramos um vale curto entre picos rochosos ondulados que levam a um espaço aberto, coberto de relva. No meio do vale erguem-se duas pedras grandes, gastas e aguçadas na extremidade superior, a ponto de parecerem as presas enormes e corroídas de algum animal monstruoso. Ele correspondia em tudo ao cenário da antiga tragédia. *Sir* Henry ficou muito interessado e perguntou a Stapleton mais de uma vez se ele acreditava realmente na possibilidade da interferência do sobrenatural nos assuntos dos homens. Ele falou em tom de brincadeira, mas era evidente que levava a sério. Stapleton foi cauteloso nas suas respostas, mas foi fácil perceber que ele dizia menos do que podia e que não expressava totalmente sua opinião em consideração aos sentimentos do baronete. Ele nos contou casos semelhantes em que famílias haviam sofrido alguma influência maligna e nos deixou com a impressão de que compartilhava da opinião popular sobre a questão.

No caminho de volta, paramos para almoçar na Casa de Merripit, e foi lá que *sir* Henry conheceu a senhorita Stapleton. Desde o primeiro momento em que a viu pareceu ficar bastante atraído por ela, e tive quase certeza de que o sentimento era recíproco. Ele referiu-se a ela várias vezes ao voltarmos para casa, e desde então dificilmente se passa um dia em que não vejamos o irmão e a irmã. Eles jantaram aqui esta noite, e há alguma combinação para nós irmos jantar com eles na próxima semana. Poderíamos imaginar que essa união agradaria a Stapleton, mas, apesar disso, mais de uma vez surpreendi uma expressão de extrema desaprovação em seu rosto quando *sir* Henry estava dando alguma atenção à sua irmã. Ele é muito ligado a ela, sem dúvida, e levaria uma vida solitária sem ela, mas poderia parecer o máximo do egoísmo se ele se interpusesse no caminho de um casamento tão brilhante para ela. Contudo, estou certo de que ele não deseja

que a intimidade deles se transforme em amor, e várias vezes observei que ele tem se esforçado para impedi-los de ficar *tête-à-tête*. A propósito, suas instruções para que eu nunca deixe *sir* Henry sair sozinho ficarão muito mais complicadas de cumprir se um romance for acrescentado às nossas outras dificuldades. Minha popularidade seria logo prejudicada se eu fosse cumprir suas ordens ao pé da letra.

Outro dia, quinta-feira para ser mais exato, o dr. Mortimer almoçou conosco. Ele esteve escavando um túmulo em Long Down e conseguiu um crânio pré-histórico que o enche de grande alegria. Nunca houve um entusiasta tão sincero como ele! Os Stapletons chegaram depois, e o bom médico levou todos nós para a Aleia dos Teixos, a pedido de *sir* Henry, para nos mostrar exatamente como tudo aconteceu naquela noite fatal. É um passeio longo, melancólico, a Aleia dos Teixos, entre duas paredes altas de sebes aparadas, com uma faixa estreita de grama de cada lado. Na extremidade oposta há um pavilhão em ruínas. Na metade do caminho fica o portão do pântano, onde o velho cavalheiro deixou a cinza do seu charuto. É um portão branco com um trinco. Além dele fica o extenso pântano. Lembrei-me da sua teoria a respeito do caso e tentei imaginar tudo que havia ocorrido. Quando o velho parou ali, viu alguma coisa se aproximando pelo pântano, alguma coisa que o aterrorizou tanto que ele perdeu o juízo e correu até não poder mais, até morrer de puro horror e exaustão. Lá estava o longo túnel sombrio pelo qual ele fugiu. E de quê? Um cão pastor de ovelhas? Ou um cão espectral, preto, silencioso e monstruoso? Houve uma influência humana na questão? Será que o pálido e vigilante Barrymore sabe mais do que quis contar? Tudo era misterioso e vago, mas há sempre a sombra sinistra do crime por trás disso.

Conheci um outro vizinho desde que escrevi da última vez. É o sr. Frankland, da Mansão Lafter, que mora a uns seis quilômetros para o sul. É um homem idoso, de rosto corado, cabelos brancos e colérico. Sua paixão é pela lei inglesa, e ele gastou uma grande fortuna em ações judiciais. Ele luta pelo simples prazer de lutar e está sempre pronto a assumir qualquer um dos lados de uma questão, de modo que não admira que tenha achado isso um divertimento caro. Às vezes ele fecha uma servidão de passagem e desafia a paróquia a fazê-lo abrir. Outras vezes arranca com suas próprias mãos o portão de algum homem e afirma que existiu ali um caminho desde tempos imemoriais, desafiando o proprietário a processá-lo por invasão. Ele

conhece bastante os direitos senhoriais e comunais, e aplica o seu conhecimento algumas vezes a favor dos aldeãos de Fernworthy e outras contra eles, de forma que é periodicamente carregado em triunfo pela rua da aldeia ou queimado em efígie, segundo sua última sentença. Dizem que ele tem cerca de sete processos em curso no momento, o que provavelmente engolirá o resto da sua fortuna, arrancando assim o seu ferrão e deixando-o inofensivo no futuro. Fora a questão da lei, ele parece uma pessoa bondosa, afável, e só o menciono porque você insistiu para que eu mandasse alguma descrição das pessoas que nos cercam. Ele se ocupa atualmente de uma maneira curiosa, porque, sendo astrônomo amador, tem um excelente telescópio com o qual se deita no telhado da sua própria casa e vasculha o pântano o dia inteiro na esperança de ver o condenado fugido. Se ele limitasse suas energias a isso, tudo estaria bem, mas há rumores de que ele pretende processar o dr. Mortimer por ter aberto uma sepultura sem a autorização do parente mais próximo, porque ele desenterrou o crânio neolítico do túmulo em Long Down. Ele ajuda a impedir que nossas vidas se tornem monótonas e dá um pequeno alívio cômico onde este é muito necessário.

E agora, depois de contar a respeito do condenado fugitivo, dos Stapletons, do dr. Mortimer e de Frankland, da Mansão Lafter, vou terminar com o que é mais importante e contar-lhe mais sobre os Barrymores, e principalmente sobre o acontecimento surpreendente de ontem à noite.

Antes de mais nada, sobre o telegrama de teste, que você mandou de Londres a fim de confirmar se Barrymore estava realmente aqui. Eu já expliquei que o testemunho do agente do correio mostra que a experiência foi inútil e que não temos nenhuma prova num sentido ou no outro. Eu contei a *sir* Henry como andavam as coisas, e ele, com seu jeito objetivo, fez Barrymore subir imediatamente e perguntou se ele recebera o telegrama pessoalmente. Barrymore disse que sim.

— O menino entregou-o em suas próprias mãos? — perguntou *sir* Henry.

Barrymore pareceu surpreso e meditou durante algum tempo.

— Não, eu estava no quarto de guardados na ocasião, e minha mulher levou-o para mim lá em cima — disse ele.

— Você o respondeu pessoalmente?

— Não. Eu disse à minha mulher o que deveria responder e ela desceu para escrever.

À noite ele voltou ao assunto por iniciativa própria.

— Não compreendi inteiramente o objetivo das suas perguntas esta manhã, *sir* Henry — disse ele. — Espero que elas não signifiquem que eu tenha feito alguma coisa para perder a sua confiança.

Sir Henry teve de garantir a ele que não era isso e tranquilizá-lo dando-lhe uma boa parte do seu velho guarda-roupa, por ter chegado de Londres toda a bagagem.

A sra. Barrymore interessa-me. Ela é uma pessoa corpulenta e maciça, bastante limitada, muito respeitável e com tendência ao puritanismo. Você dificilmente poderia imaginar uma pessoa menos emotiva. Mas eu contei a você que, na primeira noite aqui, eu a ouvi soluçando amargamente e, desde então, mais de uma vez percebi vestígios de lágrimas em seu rosto. Alguma mágoa profunda está sempre consumindo o seu coração. Às vezes eu me pergunto se ela tem uma lembrança de culpa que a persegue, e outras desconfio que Barrymore é um tirano doméstico. Sempre achei que havia alguma coisa singular e suspeita no caráter desse homem, mas a aventura da última noite intensificou todas as minhas desconfianças.

Mesmo assim, isso pode parecer, em si mesma, uma questão secundária. Você sabe que eu não tenho um sono muito profundo, e desde que estou de guarda nesta casa meus cochilos têm sido mais leves do que nunca. Na noite passada, por volta das duas horas, fui despertado por passos furtivos diante do meu quarto. Levantei-me, abri a porta e olhei para fora. Uma sombra negra comprida estava se arrastando pelo corredor. Ela era projetada por um homem que caminhava de mansinho pelo corredor com uma vela na mão. Ele estava de calça e camisa, sem nada nos pés. Pude ver apenas a silhueta, mas sua altura me revelou que era Barrymore. Ele caminhava muito devagar e de modo circunspecto, e havia alguma coisa indescritivelmente culpada e furtiva em toda a sua aparência.

Eu disse a você que o corredor é interrompido pelo balcão que contorna o vestíbulo, mas que continua do lado oposto. Esperei até que ele tivesse desaparecido e depois o segui. Quando cheguei ao balcão, ele havia atingido a extremidade do outro corredor, e pude ver pelo brilho da luz através de uma porta aberta que ele entrara num dos quartos. Mas todos esses quartos estão sem mobília e desocupados, de modo que a expedição dele tornou-se mais misteriosa do que nunca. A luz brilhava firmemente

como se ele estivesse parado, imóvel. Segui furtivamente pelo corredor o mais silenciosamente possível e olhei pelo canto da porta.

Barrymore estava agachado junto à janela com a vela erguida contra o vidro. Seu perfil estava meio virado para mim, e sua fisionomia parecia rígida de expectativa enquanto olhava para a escuridão do pântano. Ele ficou parado observando atentamente durante alguns minutos. Depois soltou um gemido profundo e com um gesto impaciente apagou a luz. Voltei imediatamente para o meu quarto e pouco depois ouvi os passos furtivos mais uma vez, agora voltando. Muito tempo depois, quando eu havia caído num sono leve, ouvi uma chave girar em alguma parte numa fechadura, mas não consigo dizer de onde vinha o som. O que tudo isso significa não posso imaginar, mas há algum negócio secreto acontecendo nesta casa de sombras, ao fundo do qual chegaremos mais cedo ou mais tarde. Não o perturbo com as minhas teorias, porque você me pediu para fornecer-lhe apenas os fatos. Tive uma longa conversa com *sir* Henry esta manhã, e fizemos um plano de campanha baseado nas minhas observações de ontem à noite. Não falarei sobre ele agora, mas ele deve tornar o meu próximo relatório uma leitura interessante.

9

SEGUNDO RELATÓRIO DO DR. WATSON

MANSÃO BASKERVILLE, *15 de outubro*

MEU CARO HOLMES:

Se fui obrigado a deixá-lo sem muitas notícias durante os primeiros dias da minha missão, você deve reconhecer que estou recuperando o tempo perdido, e que os acontecimentos estão agora se acumulando em grande quantidade e rapidamente sobre nós. Em meu último relatório, terminei minha nota principal com Barrymore na janela, e agora já tenho um estoque que, a menos que eu esteja muito enganado, irá surpreendê-lo bastante. As coisas tomaram um rumo que eu não poderia ter previsto. Em alguns aspectos elas ficaram muito mais claras nas últimas 48 horas, e em outros se tornaram mais complicadas. Mas vou contar-lhe tudo e você julgará por si mesmo.

Antes do café, na manhã seguinte à minha aventura, atravessei o corredor e examinei o quarto em que Barrymore tinha estado na noite anterior. A janela para oeste, pela qual ele ficara olhando tão atentamente, tem, eu notei, uma peculiaridade que as outras janelas da casa não têm, ela domina a vista mais próxima do pântano. Há uma abertura entre duas árvores que permite a alguém, desse ponto de observação, olhar diretamente para ela, enquanto que de todas as outras janelas só se pode ter uma visão distante. Portanto, Barrymore, já que só essa janela era adequada ao seu objetivo, devia estar procurando alguma coisa ou alguém no pântano.

A noite estava muito escura, de modo que não consigo imaginar como ele podia ter esperado ver alguém. Ocorreu-me que era possível estar acontecendo alguma intriga amorosa. Isso teria explicado os seus movimentos furtivos e também a inquietação da sua mulher. O homem é um sujeito bonito, com atributos para roubar o coração de uma moça do campo, de modo que essa teoria parecia ter algo a sustentá-la. Aquela porta se abrindo, que eu ouvi após ter voltado para o meu quarto, podia significar que ele havia saído para ter algum encontro clandestino. De modo que fiquei raciocinando de manhã, e conto-lhe o rumo das minhas suspeitas, por mais que o resultado possa ter mostrado que elas eram infundadas.

Mas, qualquer que seja a verdadeira explicação para os movimentos de Barrymore, achei que a responsabilidade de guardá-la para mim até poder desvendá-la era mais do que eu podia suportar. Tive uma entrevista com o baronete no seu escritório após o café e contei-lhe tudo que eu vira. Ele ficou menos surpreso do que eu havia esperado.

— Eu sabia que Barrymore andava por aí à noite, e tive vontade de falar com ele a respeito — disse ele. — Ouvi seus passos duas ou três vezes no corredor, indo e vindo, mais ou menos na hora em que você mencionou.

— Talvez toda noite ele vá até aquela janela — sugeri.

— Talvez. Se assim for, poderemos segui-lo e ver o que procura. Fico imaginando o que o seu amigo Holmes faria se estivesse aqui.

— Creio que ele faria exatamente o que o senhor está sugerindo agora — eu disse. — Ele seguiria Barrymore e veria o que ele faz.

— Então vamos fazer isso juntos.

— Mas ele certamente nos ouvirá.

— O homem é bastante surdo e, de qualquer maneira, devemos arriscar. Vamos ficar sentados em meu quarto esta noite e esperar até ele passar. — *Sir* Henry esfregou as mãos com prazer, e era evidente que ele saudava a aventura como um alívio para a sua vida um tanto monótona no pântano.

O baronete havia se comunicado com o arquiteto que preparara os projetos para *sir* Charles e com um empreiteiro de Londres, de modo que podemos esperar o início de grandes reformas aqui em breve. Apareceram decoradores e vendedores de móveis de Plymouth, e é evidente que o nosso amigo tem grandes ideias e meios para não poupar nenhum sacrifício ou despesa a fim de restaurar a grandeza da sua família. Quando a casa estiver reformada e mobiliada de novo, ele só precisará de uma esposa para torná-

la completa. Cá entre nós, há sinais bastante claros de que isso não deve demorar se a dama estiver disposta, porque poucas vezes vi um homem mais enamorado por uma mulher do que ele pela nossa linda vizinha, a senhorita Stapleton. Mesmo assim o fluxo do verdadeiro amor não corre tão suavemente como se poderia esperar nestas circunstâncias. Hoje, por exemplo, sua superfície foi perturbada por uma agitação bastante inesperada que deixou o nosso amigo perplexo e aborrecido.

Após a conversa que mencionei sobre Barrymore, *sir* Henry pôs o chapéu e preparou-se para sair. Naturalmente, fiz o mesmo.

— O quê! Você vem, Watson? — ele perguntou, olhando para mim de uma forma curiosa.

— Se você estiver indo para o pântano — eu disse.

— Sim, vou.

— Bem, você sabe quais as instruções que eu recebi. Lamento me intrometer, mas você ouviu como Holmes insistiu seriamente para eu não me afastar e, principalmente, para você não ir sozinho até o pântano.

Sir Henry pôs a mão no meu ombro com um sorriso simpático.

— Meu caro amigo, Holmes, com toda a sua sabedoria, não previu algumas coisas que aconteceram desde que estou no pântano — ele disse. — Você me compreende? Tenho certeza de que você é o último homem do mundo que desejaria ser um desmancha-prazeres. Preciso sair sozinho.

Isso me deixou numa situação muito esquisita. Eu não sabia o que dizer ou fazer, e antes que eu decidisse, ele pegou sua bengala e foi embora.

Mas, quando comecei a pensar no assunto, minha consciência me reprovou amargamente por ter permitido, sob algum pretexto, que ele sumisse da minha vista. Imaginei quais seriam os meus sentimentos se tivesse de confessar a você que havia ocorrido uma desgraça devido ao meu pouco caso pelas suas instruções. Minhas faces coraram ao pensar nisso. Mesmo agora podia não ser tarde demais para alcançá-lo, de modo que parti imediatamente na direção da casa de Merripit.

Corri pela estrada na minha velocidade máxima sem ver sinal de *sir* Henry até chegar ao ponto onde o caminho do pântano se bifurca. Ali, receando ter tomado a direção errada, subi numa colina de onde podia ter uma visão ampla, a mesma colina cortada pela pedreira escura. Dali, eu o vi imediatamente. Ele estava no caminho do pântano, a uns quatrocentos metros de distância, e ao seu lado havia uma dama que só podia ser a

senhorita Stapleton. Era evidente que havia um entendimento prévio entre eles e que o encontro fora marcado. Eles caminhavam devagar, inteiramente absorvidos numa conversa, e eu a vi fazendo pequenos movimentos rápidos com as mãos como se estivesse sendo muito enfática no que estava dizendo, enquanto ele ouvia atentamente e uma ou duas vezes sacudiu a cabeça em sinal de discordância. Eu estava parado entre as rochas observando-os, sem saber direito o que devia fazer em seguida. Segui-los e interromper a conversa íntima deles pareceu-me uma ofensa, mas o meu dever era não perdê-lo de vista um instante sequer. Agir como espião com um amigo era uma tarefa odiosa. No entanto, não consegui ver nenhuma alternativa melhor do que observá-lo da colina e aliviar minha consciência confessando a ele depois o que havia feito. É verdade que, se qualquer perigo súbito o tivesse ameaçado, eu estava longe demais para ajudá-lo, mas, apesar disso, tenho certeza de que você concordará comigo que a situação era muito difícil, e que não havia mais nada que eu pudesse fazer.

O nosso amigo, *sir* Henry, e a dama pararam no caminho e ficaram profundamente absorvidos em sua conversa quando percebi de repente que eu não era a única testemunha do encontro deles. Um farrapo verde flutuando no ar atraiu minha atenção, e outra olhada me mostrou que este era carregado numa vara por um homem que estava se movendo no meio do terreno irregular. Era Stapleton com a sua rede de borboletas. Ele estava muito mais perto do par do que eu, e parecia estar indo na direção deles. Nesse instante, *sir* Henry puxou a senhorita Stapleton para o seu lado. Seu braço a envolveu, mas pareceu-me que ela estava fazendo força para se afastar dele com o rosto virado. Ele inclinou a cabeça para a dela, e ela ergueu uma mão como se estivesse protestando. No momento seguinte os vi se separarem de repente e se virarem apressados. Stapleton era a causa da interrupção. Ele estava correndo como um louco na direção deles, com a sua rede ridícula pendurada atrás. Gesticulava e quase dançava de excitação diante dos amantes. O que a cena significava eu não conseguia imaginar, mas pareceu-me que Stapleton estava repreendendo *sir* Henry, que dava explicações que se tornaram mais irritadas quando o outro se recusou a aceitá-las. A dama estava parada ao lado num silêncio altivo. Finalmente Stapleton girou nos calcanhares e fez um sinal chamando a irmã de maneira categórica, e ela, após um olhar hesitante para *sir* Henry, afastou-se ao lado do irmão. Os gestos irritados do naturalista mostraram que a dama estava

incluída em sua indignação. O baronete ficou parado por um minuto olhando para eles e depois caminhou lentamente de volta pelo mesmo caminho da ida, com a cabeça baixa, a própria imagem do abatimento.

Eu não podia imaginar o que tudo isso significava, mas estava profundamente envergonhado de ter testemunhado uma cena tão íntima sem o meu amigo saber. Desci a colina correndo e encontrei-me com o baronete embaixo. Seu rosto estava rubro de cólera e sua fronte enrugada, como alguém que está sem saber o que fazer.

— Olá, Watson! De onde você surgiu? — ele perguntou. — Você não quer dizer que veio atrás de mim, apesar de tudo?

Expliquei tudo a ele: que eu tinha achado impossível ficar atrás, que eu o havia seguido e que havia testemunhado tudo que ocorrera. Por um instante seus olhos me fuzilaram, mas a minha franqueza dissipou sua raiva, e ele acabou dando um sorriso triste.

— Podia-se pensar que o meio dessa pradaria fosse razoavelmente seguro para um homem ter privacidade, mas, com os diabos, todas as pessoas da região parecem ter saído para me ver fazer a corte, e uma corte lamentável! Onde você conseguiu um lugar? — disse ele.

— Eu estava naquela colina.

— Na última fila, hein? Mas o irmão dela estava bem na frente. Você viu quando ele apareceu de repente?

— Sim, vi.

— Você já teve alguma vez a impressão de que ele é louco, esse irmão dela?

— Não posso dizer que sim.

— Ouso dizer que não. Sempre o considerei bastante são até hoje, mas pode acreditar que um de nós dois devia estar numa camisa de força. O que é que há comigo, afinal de contas? Você viveu perto de mim por algumas semanas, Watson. Diga-me francamente, agora! Existe alguma coisa que me impeça de ser um bom marido para uma mulher que eu ame?

— Eu diria que não.

— Ele não pode ter objeções quanto à minha posição na vida, portanto deve ser de mim mesmo que ele tem birra. O que ele tem contra mim? Que eu saiba nunca magoei nenhum homem ou mulher na vida. Mas, apesar disso, ele não me deixaria tocar na ponta dos dedos dela.

— Ele disse isso?

— Isso e muito mais. Vou lhe contar, Watson. Só a conheço há algumas semanas, mas desde o início senti que ela era feita para mim, e ela, também. Fica feliz quando está comigo, e isso eu juro. Há uma luz nos olhos de uma mulher que fala mais alto do que as palavras. Mas ele nunca nos deixa ficar juntos, e foi só hoje que pela primeira vez vi uma possibilidade de trocar algumas palavras com ela sozinho. Ela estava contente de se encontrar comigo, mas quando se encontrou não foi de amor que ela falou, e ela não me deixaria falar disso também se pudesse ter impedido. Ela ficou repetindo que este era um lugar perigoso e que ela nunca seria feliz enquanto eu não fosse embora daqui. Eu disse a ela que desde que a vira não estava com nenhuma pressa de ir embora e que, se ela quisesse realmente que eu fosse, a única maneira de conseguir isso seria ir comigo. Com isso ofereci em outras tantas palavras para casar-me com ela, mas antes que ela pudesse responder apareceu esse irmão dela, correndo para nós com a cara de louco. Ele estava simplesmente branco de raiva, e aqueles olhos claros dele estavam incendiados de fúria. O que eu estava fazendo com a moça? Como eu me atrevia a dar-lhe atenções que eram desagradáveis para ela? Será que eu pensava que por ser um baronete podia fazer o que quisesse? Se ele não fosse irmão dela, eu saberia como responder melhor a ele. De qualquer modo, eu disse a ele que eu não tinha motivo para me envergonhar dos meus sentimentos para com sua irmã e que esperava que ela pudesse me dar a honra de tornar-se minha esposa. Isso não pareceu melhorar as coisas, de modo que também perdi as estribeiras e respondi-lhe de modo mais acalorado do que devia, talvez, considerando que ela estava ao lado. Portanto, tudo terminou com ele indo embora com ela, como você viu, e aqui estou, um homem mais confuso do que qualquer outro neste condado. Diga-me apenas o que tudo isso significa, Watson, e ficarei lhe devendo mais do que posso esperar pagar-lhe.

Tentei uma ou duas explicações, mas, realmente, eu mesmo estava completamente confuso. O título do nosso amigo, sua idade, sua fortuna, seu caráter e sua aparência estão todos a seu favor, e não sei de nada contra ele, a menos que seja esse destino tenebroso que pesa sobre sua família. Que as investidas dele fossem rejeitadas tão bruscamente sem qualquer referência aos desejos da própria dama, e que ela aceitasse a situação sem protesto, é bastante surpreendente. Mas nossas conjecturas foram postas de lado por uma visita do próprio Stapleton naquela mesma tarde. Ele tinha

vindo para se desculpar por sua grosseria da manhã, e, após uma longa entrevista particular com *sir* Henry em seu escritório, a conclusão da conversa deles foi que o rompimento de relações estava completamente sanado e que devíamos ir jantar na casa de Merripit na próxima sexta-feira como prova disso.

— Eu não digo agora que ele não seja louco — comentou *sir* Henry. — Não posso esquecer o seu olhar quando correu para mim esta manhã, mas devo admitir que nenhum homem podia pedir desculpas de maneira mais elegante do que ele.

— Ele deu alguma explicação para a sua conduta?

— Sua irmã é tudo em sua vida, ele diz. Isso é bastante natural, e fico satisfeito de ele compreender o valor dela. Eles sempre estiveram juntos, e, segundo o que disse, ele é um homem muito solitário e tem apenas ela como companhia, de modo que a ideia de perdê-la foi realmente terrível para ele. Ele não havia percebido, disse ele, que eu estava criando um vínculo com ela, mas quando viu com os seus próprios olhos que assim era realmente, e que ela podia ser levada para longe dele, ficou tão chocado que durante algum tempo deixou de ser responsável pelo que disse ou fez. Ele lamentava muito tudo que se passara e reconhecia que era tolice e egoísmo imaginar que podia conservar uma mulher bonita como a sua irmã para si mesmo por toda a vida. Se ela tivesse que deixá-lo, ele preferia que fosse por um vizinho como eu, e não por qualquer outro. Mas, de qualquer maneira, isso era um golpe para ele, e levaria algum tempo até que ele estivesse preparado para enfrentá-lo. Ele deixaria de se opor se eu prometesse deixar as coisas como estavam por três meses e me contentasse em cultivar a amizade da moça, sem exigir o seu amor. Isso eu prometi, o caso está nesta situação.

Portanto, aí está esclarecido um dos nossos pequenos mistérios. É uma coisa que chegou ao final em algum lugar deste pântano no qual estamos nos debatendo. Sabemos agora por que Stapleton encarava com hostilidade o pretendente à mão da sua irmã, mesmo quando esse pretendente era tão aceitável como *sir* Henry. E agora passo para outro fio que puxei da meada embaraçada, o mistério dos soluços durante a noite, do rosto manchado de lágrimas da sra. Barrymore, da ida secreta do mordomo até a janela de treliça a oeste. Felicite-me, meu caro Holmes, e diga-me que não o desapontei como agente, que você não se arrepende da confiança que

demonstrou ter em mim quando me mandou para cá. Todas essas coisas foram totalmente esclarecidas com o trabalho de uma noite.

Eu disse “com o trabalho de uma noite”, mas, na verdade, foi com o trabalho de duas noites, porque na primeira não conseguimos nada. Eu fiquei sentado com *sir* Henry em seu quarto até quase três horas, mas não ouvimos nenhum tipo de ruído, exceto do carrilhão no andar de cima. Foi uma vigília muito melancólica e terminou com cada um adormecendo em sua cadeira. Felizmente não desanimamos, e resolvemos tentar outra vez. Na noite seguinte diminuímos a luz da lâmpada e ficamos sentados fumando cigarros, sem fazer o menor ruído. Foi incrível como as horas se arrastaram lentamente, mas fomos ajudados pelo mesmo tipo de interesse paciente que o caçador deve sentir ao vigiar a armadilha na qual espera que a caça possa cair. Uma badalada, e duas, e já estávamos quase desistindo pela segunda vez quando num instante nós dois nos endireitamos em nossas cadeiras, com todos os nossos sentidos cansados vivamente alertados mais uma vez. Tínhamos ouvido o estalido de um passo no corredor.

Ouvimos quando ele passou por nós muito furtivamente até desaparecer na distância. Depois o baronete abriu sua porta devagar e partimos em perseguição. O nosso homem já havia contornado a galeria, e o corredor estava todo escuro. Seguimos em frente com cuidado até alcançarmos outra ala. Chegamos bem a tempo de ver de relance um vulto alto, de barba preta, com os ombros curvos, enquanto ele seguia pé ante pé pelo corredor. Depois ele passou pela mesma porta de antes, e a luz da vela o emoldurou na escuridão e lançou um único raio amarelo através do corredor sombrio. Seguimos furtivamente na direção dele, experimentando cada tábua do assoalho antes de nos atrevermos a pôr todo o nosso peso sobre ela. Havíamos tomado a precaução de tirar as botas, mas, mesmo assim, as velhas tábuas gemeram e estalaram sob os nossos passos. Algumas vezes parecia impossível que ele deixasse de ouvir a nossa aproximação. Mas, felizmente, o homem é bastante surdo e estava inteiramente concentrado no que fazia. Quando finalmente chegamos à porta e olhamos para dentro, vimos que ele estava agachado junto à janela, com a vela na mão, o rosto branco e atento comprimido contra a vidraça, exatamente como eu o vira duas noites antes.

Não tínhamos combinado nenhum plano de ação, mas o baronete é um homem para quem a maneira mais direta é sempre a mais natural. Ele

entrou no quarto e, ao fazer isso, Barrymore deu um salto, com um silvo agudo da respiração, e ficou de pé, lívido e tremendo diante de nós. Seus olhos escuros, brilhando na máscara branca do seu rosto, estavam cheios de horror e espanto ao olharem fixamente de *sir* Henry para mim.

— O que você está fazendo aqui, Barrymore?

— Nada, senhor. — Sua agitação era tão grande que ele mal podia falar, e as sombras saltavam para cima e para baixo com o tremor da sua vela. — Era a janela, senhor. Eu revisto à noite para ver se todas as janelas estão bem fechadas.

— No segundo andar?

— Sim, senhor, todas as janelas.

— Olhe aqui, Barrymore — disse *sir* Henry com severidade. — Decidimos arrancar a verdade de você, de modo que evitará problemas para você se contar o mais rápido possível. Vamos, agora! Nada de mentiras! O que você estava fazendo nessa janela?

O sujeito olhou para nós com uma expressão desamparada e torceu as mãos como alguém que está no auge da dúvida e da aflição.

— Eu não estava fazendo nada de errado, senhor. Estava segurando uma vela perto da janela.

— E por que você estava segurando uma vela junto à janela?

— Não me pergunte, *sir* Henry, não me pergunte! Dou-lhe minha palavra, senhor, que o segredo não me pertence e que não posso contá-lo. Se ele não dissesse respeito a ninguém, só a mim mesmo, eu não tentaria escondê-lo do senhor.

Uma ideia súbita ocorreu-me, e tirei a vela da mão trêmula do mordomo.

— Ele devia estar segurando-a como um sinal — disse eu. — Vamos ver se há alguma resposta.

Ergui-a como ele tinha feito e fiquei olhando para a escuridão da noite lá fora. Pude perceber vagamente a massa negra das árvores e a extensão mais clara do pântano, porque a lua estava atrás das nuvens. E então dei um grito de regozijo, porque um ponto minúsculo de luz amarela atravessou de repente o véu escuro, e brilhava firmemente no centro do quadrado negro emoldurado pela janela.

— Lá está ela! — exclamei.

— Não, não, senhor, isso não é nada, absolutamente nada! — interrompeu o mordomo. — Garanto-lhe, senhor...

— Mexa a vela de um lado para outro, Watson! — exclamou o baronete. — Viu, a outra também se move! Agora, seu patife, você nega que isso seja um sinal? Fale, vamos! Quem é o seu cúmplice lá fora, e que conspiração é esta que vem ocorrendo?

O rosto do homem adquiriu uma expressão de desafio.

— Isso é assunto meu, e não seu. Não direi.

— Então você está despedido já.

— Muito bem, senhor. Se tenho de sair, sairei.

— E você sai desacreditado. Com os diabos, você devia ter vergonha de si mesmo. Sua família viveu com a minha durante mais de cem anos sob este teto, e eu encontro você aqui metido em alguma trama misteriosa contra mim.

— Não, não senhor; não, não contra o senhor! — Era uma voz de mulher, e a sra. Barrymore, mais pálida e mais horrorizada do que o marido, estava parada na porta. Sua figura volumosa envolta num xale e numa saia seria cômica se não fosse a intensidade da emoção no seu rosto.

— Temos de ir, Eliza. Isto é o fim de tudo. Você pode arrumar nossas coisas — disse o mordomo.

— Oh, John, John, levei você a isto? A culpa é minha, *sir* Henry, toda minha. Ele não fez nada, a não ser para mim, e porque eu pedi.

— Fale, então! O que significa isso?

— Meu infeliz irmão está morrendo de fome no pântano. Não podemos deixá-lo morrer em nossos próprios portões. A luz é um sinal para ele de que a comida está pronta, e a luz dele lá fora é para indicar o lugar para onde levá-la.

— Então o seu irmão é...

— O condenado fugido, senhor: Selden, o criminoso.

— Essa é a verdade, senhor — disse Barrymore. — Eu disse que o segredo não me pertencia e que eu não podia contá-lo ao senhor. Mas agora o senhor o ouviu, e verá que, se existe uma trama, ela não é contra o senhor.

Esta, então, era a explicação das expedições furtivas à noite e da luz na janela. *Sir* Henry e eu ficamos olhando espantados para a mulher. Seria possível que essa pessoa imperturbavelmente respeitável tivesse o mesmo sangue que um dos criminosos mais notórios do país?

— Sim, senhor, meu nome era Selden, e ele é meu irmão caçula. Nós o mimamos demais quando ele era menino, e cedemos a ele em tudo até que

ele passou a pensar que o mundo fora feito para o prazer dele, e que podia fazer o que quisesse nele. Depois, quando ele cresceu, se meteu com más companhias e ficou com o diabo no corpo até partir o coração da minha mãe e arrastar o nosso nome na sarjeta. De crime em crime ele afundou cada vez mais, até que só a misericórdia de Deus livrou-o do cadafalso; mas para mim, senhor, ele foi sempre o garotinho de cabelos anelados que criei e com quem brinquei, como uma irmã mais velha faria. Foi por isso que ele fugiu da prisão, senhor. Ele sabia que eu estava aqui e que não iria recusar-me a ajudá-lo. Quando ele se arrastou até aqui uma noite, cansado e esfomeado, com os guardas nos seus calcanhares, o que podíamos fazer? Nós o recebemos, alimentamos e cuidamos dele. Depois o senhor voltou, e meu irmão achou que ficaria mais seguro no pântano do que em qualquer outro lugar até passar o clamor público, de modo que ficou escondido ali. Mas de duas em duas noites nós nos certificávamos de que ele ainda estava lá pondo uma luz na janela e, se houvesse resposta, meu marido levava um pouco de pão e carne para ele. Cada dia esperávamos que ele tivesse ido embora, mas, enquanto ele estivesse ali, não podíamos abandoná-lo. Essa é toda a verdade, já que sou uma mulher cristã honesta, e o senhor verá que, se há culpa no caso, ela não é do meu marido, mas minha, porque foi por mim que ele fez tudo isso.

As palavras da mulher saíram com grande seriedade e impregnadas de convicção.

— Isto é verdade, Barrymore?

— Sim, *sir* Henry. Cada palavra.

— Bem, não posso culpá-lo por apoiar sua própria mulher. Esqueça o que eu disse. Vão para o seu quarto, vocês dois, e falaremos mais sobre este assunto de manhã.

Depois que eles foram embora, olhamos pela janela outra vez. *Sir* Henry a abrira, e o vento frio da noite bateu em nossos rostos. Ao longe, na distância negra, ainda brilhava aquele ponto minúsculo de luz amarela.

— Fico imaginando como ele se atreve — disse *sir* Henry.

— Ela deve estar colocada de maneira que só possa ser vista daqui.

— É bem provável. A que distância você acha que está?

— Longe, junto à Rocha da Fenda, eu acho.

— Entre um e meio a três quilômetros de distância.

— Mal chega a tanto.

— Bem, não pode ser longe, se Barrymore tinha de levar a comida até lá. E ele está esperando, esse vilão, ao lado daquela vela. Com os diabos, Watson, eu vou sair para pegar esse homem!

A mesma ideia havia me ocorrido. Não era como se os Barrymore nos tivessem feito uma confidência. O segredo deles fora confessado à força. O homem era um perigo para a comunidade, um patife consumado para quem não havia piedade nem desculpa. Estaríamos apenas cumprindo o nosso dever se aproveitássemos essa oportunidade de pô-lo de volta no lugar onde não pudesse fazer nenhum mal. Com a sua natureza brutal e violenta, outras pessoas teriam de pagar o preço se lavássemos nossas mãos. Qualquer noite, por exemplo, nossos vizinhos, os Stapletons, poderiam ser atacados por ele, e deve ter sido este pensamento que deixou *sir* Henry tão entusiasmado pela aventura.

— Também vou — eu disse.

— Então pegue o seu revólver e calce suas botas. Quanto mais cedo partirmos, melhor, já que o sujeito pode apagar sua luz e ir embora.

Em cinco minutos estávamos do lado de fora da casa, começando a nossa expedição. Corremos por entre os arbustos escuros, cercados pelo gemido monótono do vento do outono e o farfalhar das folhas que caíam. O ar da noite estava pesado com o cheiro de umidade e podridão. De vez em quando a lua aparecia entre as nuvens por um instante, mas elas estavam se movendo pelo céu, e exatamente quando saímos no pântano uma chuva fina começou a cair. A luz ainda brilhava firmemente adiante.

— Você está armado? — perguntei.

— Tenho um chicote de caça.

— Precisamos nos aproximar dele rapidamente, porque dizem que é um sujeito desesperado. Devemos pegá-lo de surpresa e dominá-lo antes que ele possa resistir.

— Eu pergunto, Watson, o que Holmes diria a respeito disto? E quanto à hora da escuridão em que a força do mal está exaltada? — disse o baronete.

Como se fosse uma resposta às suas palavras, ergueu-se de repente da vasta sombra do pântano aquele estranho grito que eu já ouvira nas margens do grande charco de Grimpen. Ele veio com o vento através do silêncio da noite, um murmúrio longo e profundo, depois um uivo crescente, e em seguida o gemido triste que desapareceu aos poucos. Ele repetiu-se várias

vezes, com todo o ar pulsando com ele, estridente, selvagem e ameaçador. O baronete agarrou minha manga e seu rosto surgia branco na escuridão.

— Meu Deus, o que é isso, Watson?

— Não sei. É um som que eles têm no pântano. Eu o ouvi uma vez antes.

Ele desapareceu, e um silêncio absoluto nos envolveu. Ficamos parados, prestando atenção, mas não ouvimos mais nada.

— Watson, foi o grito de um cão — disse o baronete.

Meu sangue gelou nas veias, porque houve uma pausa em sua voz que revelou o horror súbito que havia se apoderado dele.

— Como eles chamam este som? — perguntou ele.

— Quem?

— Os moradores da região?

— Oh, eles são pessoas ignorantes. Por que você deveria se importar com o modo como eles o chamam?

— Diga-me, Watson. O que dizem dele?

Hesitei, mas não pude fugir à pergunta.

— Eles dizem que é o grito do Cão dos Baskerville.

Ele gemeu e ficou em silêncio por alguns instantes.

— Era um cão, mas parecia vir de quilômetros de distância, lá de longe, acho — ele disse por fim.

— Era difícil dizer de onde vinha.

— Ele aumentava e diminuía com o vento. Não é essa a direção do grande charco de Grimpen?

— Sim, é.

— Bem, foi lá. Diga, Watson, você não acha que era o grito de um cão? Não sou criança. Você não precisa ter medo de dizer a verdade.

— Stapleton estava comigo quando o ouvi da última vez. Ele disse que podia ser o chamado de uma ave estranha.

— Não, não, era um cão. Meu Deus, será que há alguma verdade em todas essas histórias? Será possível que eu esteja realmente em perigo por um motivo tão misterioso? Você não acredita nisso, acredita, Watson?

— Não, não.

— Mas uma coisa é rir disso em Londres, e outra é ficar parado aqui fora na escuridão do pântano e ouvir um grito desses. E meu tio! Havia a pegada do cão ao seu lado no lugar onde ele estava caído. Tudo se encaixa. Não

acho que eu seja um covarde, Watson, mas esse som pareceu congelar meu próprio sangue. Sinta a minha mão!

Estava fria como um bloco de mármore.

— Você estará bem amanhã.

— Acho que não vou conseguir tirar esse grito da minha cabeça. O que você acha que devemos fazer agora?

— Vamos voltar?

— Não, com os diabos; saímos para pegar o nosso homem e faremos isso. Nós atrás do condenado, e um cão do inferno, muito provavelmente, atrás de nós. Venha! Levaremos isso até o fim mesmo que todos os demônios do inferno estejam soltos no pântano.

Fomos caminhando, aos tropeções, lentamente pela escuridão, com o vulto negro das colinas escarpadas à nossa volta e o pontinho amarelo de luz aceso firmemente adiante. Não há nada tão ilusório quanto a distância de uma luz numa noite escura como breu, e às vezes o brilho parecia estar longe no horizonte e outras, a alguns passos de nós. Mas, finalmente, conseguimos ver de onde ele vinha, e então ficamos sabendo que estávamos muito perto. Uma vela gotejante estava enfiada numa fenda das rochas que a ladeavam para evitar o vento e também para impedir que fosse vista, a não ser na direção da Mansão Baskerville. Um pedaço enorme de granito ocultou a nossa aproximação, e agachados atrás dele, olhamos para o sinal luminoso. Era estranho ver essa única vela queimando ali no meio do pântano, sem nenhum sinal de vida perto dela, apenas a chama isolada, reta, amarela, e o brilho da pedra de cada lado dela.

— O que faremos agora? — sussurrou *sir* Henry.

— Espere aqui. Ele deve estar perto desta luz. Vamos ver se conseguimos enxergá-lo.

Mal as palavras saíram da minha boca, nós dois o vimos. Sobre as rochas, na fenda em que a vela queimava, projetava-se um rosto amarelo perverso, um rosto terrível de animal, todo enrugado e marcado de paixões vis. Sujo de lama, com uma barba eriçada e cabelos emaranhados, podia ter pertencido a um daqueles antigos selvagens que habitavam nas tocas das encostas das colinas. A luz embaixo dele refletia-se em seus olhos pequenos e astutos, que olhavam ferozmente para a direita e a esquerda através da escuridão, como um animal manhoso e selvagem que ouviu os passos dos caçadores.

Alguma coisa, evidentemente, havia despertado suas suspeitas. Talvez Barrymore tivesse algum sinal particular que deixara de dar, ou o sujeito podia ter algum outro motivo para achar que nem tudo estava bem, mas pude perceber os seus receios no seu rosto cruel. A qualquer momento ele poderia apagar a luz e desaparecer na escuridão. Portanto, saltei para a frente, e *sir* Henry fez o mesmo. No mesmo instante o condenado gritou uma praga para nós e atirou uma pedra que se espatifou contra o granito que havia nos protegido. Vi de relance seu vulto baixo, agachado, de constituição forte, quando ficou de pé num pulo e virou-se para fugir. No mesmo momento, por um acaso feliz, a lua apareceu entre as nuvens. Corremos pelo alto da colina, e lá estava o nosso homem descendo a grande velocidade pelo outro lado, saltando sobre as pedras em seu caminho com a agilidade de um cabrito montês. Um tiro certeiro do meu revólver poderia tê-lo aleijado, mas eu o trouxera apenas para me defender se fosse atacado, e não para atirar num homem desarmado que estava fugindo.

Nós dois éramos corredores velozes e razoavelmente bem treinados, mas logo vimos que não tínhamos nenhuma possibilidade de alcançá-lo. Nós o vimos durante muito tempo ao luar, até ele se transformar apenas num pontinho que corria entre as rochas na encosta de uma colina distante. Corremos até ficarmos completamente sem fôlego, mas a distância entre nós era cada vez maior. Finalmente paramos e nos sentamos, ofegantes, sobre duas rochas, enquanto o víamos desaparecendo na distância.

E foi nesse momento que ocorreu uma coisa muito estranha e inesperada. Havíamos nos levantado das pedras e estávamos nos virando para ir para casa depois de desistirmos da nossa perseguição inútil. A lua estava baixa à direita e o pico irregular de um monte de granito erguia-se contra a curva inferior do seu disco prateado. Ali, numa silhueta tão preta quanto uma estátua de ébano naquele pano de fundo brilhante, vi o vulto de um homem sobre o pico rochoso. Não pense que era uma ilusão, Holmes. Afirmo-lhe que nunca em minha vida vi nada mais nitidamente. Até onde posso julgar, o vulto era de um homem alto e magro. Estava parado com as pernas um pouco afastadas, os braços cruzados, a cabeça inclinada, como se estivesse meditando acima daquela vastidão deserta de turfa e granito que se estendia diante dele. Ele podia ser o próprio espírito daquele lugar terrível. Não era o condenado. Esse homem estava longe do lugar onde o condenado havia desaparecido. Além disso, era um homem muito mais alto. Com um grito de

surpresa, fiz sinal para o baronete, mas durante o instante em que eu me virara para segurar o seu braço o homem desapareceu. Lá estava o pico de granito ainda cortando a borda inferior da lua, mas o seu cume não tinha vestígio nenhum daquele vulto silencioso e imóvel.

Eu quis ir naquela direção e examinar o pico, mas ele estava a uma certa distância. Os nervos do baronete ainda estavam tremendo por causa daquele grito, que relembrava a história sinistra da sua família, e ele não estava disposto a novas aventuras. Ele não vira esse homem solitário sobre o pico rochoso e não pôde sentir a excitação que sua estranha presença e sua atitude dominadora haviam provocado em mim.

— Um guarda, sem dúvida — ele disse. — O pântano está cheio deles desde que esse sujeito fugiu.

“Bem, talvez a explicação dele possa ser a verdadeira, mas eu gostaria de ter alguma outra prova disso. Hoje pretendemos avisar ao pessoal de Princetown onde eles devem procurar o homem desaparecido, mas é duro não termos realmente tido a glória de trazê-lo de volta como nosso prisioneiro. Essas são as aventuras de ontem à noite, e você tem de reconhecer, meu caro Holmes, que me saí muito bem na questão do relatório. Muita coisa do que conto a você é, sem dúvida, bastante irrelevante, mas ainda acho que é melhor comunicar-lhe todos os fatos e deixá-lo escolher por si mesmo aqueles que sejam mais úteis para você, ajudando-o em suas conclusões. Estamos certamente fazendo algum progresso. No que diz respeito aos Barrymore, descobrimos o motivo dos seus atos, e isso esclareceu muito a situação. Mas o pântano com os seus mistérios e os seus estranhos habitantes continua tão inescrutável como sempre. Talvez em meu próximo relatório eu consiga esclarecer alguma coisa sobre isso também. O melhor de tudo seria se você pudesse vir até aqui. De qualquer maneira você terá notícias minhas outra vez nos próximos dias.”

10

RESUMO DO DIÁRIO DO DR. WATSON

ATÉ AGORA EU PUDE CITAR OS RELATÓRIOS QUE ENVIEI DURANTE esses primeiros dias para Sherlock Holmes. Mas agora cheguei a um ponto em que sou obrigado a abandonar esse método e confiar mais uma vez nas minhas lembranças, ajudado pelo diário que mantive na época. Alguns trechos dele me levarão de volta àquelas cenas que estão indelevelmente fixadas com todos os detalhes na minha memória. Continuo, então, a partir da manhã que se seguiu à nossa perseguição frustrada do condenado e às nossas outras experiências estranhas no pântano.

16 de outubro. — Um dia triste e nublado com garoa. A casa está envolta em rolos de nuvens que se erguem de vez em quando para mostrar as curvas monótonas do pântano, com veias finas, prateadas, nas encostas das colinas e as rochas distantes brilhando nos pontos onde a luz bate sobre suas faces molhadas. A melancolia reina do lado de fora e de dentro. O baronete teve uma reação lúgubre após as emoções da noite. Eu mesmo estou consciente de um peso no coração e uma sensação de perigo iminente, perigo sempre presente, que é mais terrível ainda porque não consigo defini-lo.

E será que eu não tenho motivos para essa sensação? Considere a longa sequência de incidentes que apontam para alguma influência sinistra que está agindo à nossa volta. Há a morte do último ocupante da mansão, preenchendo com tanta exatidão as condições da lenda da família, e há as repetidas informações dos camponeses sobre o aparecimento de uma estranha criatura no pântano. Duas vezes ouvi com os meus próprios ouvidos o som que parecia o latido distante de um cão. É incrível, impossível, que isso esteja realmente fora das leis normais da natureza. Um

cão espectral que deixa pegadas visíveis e enche o ar com o seu uivo certamente não é de se imaginar. Stapleton pode acreditar nessa superstição e Mortimer também; mas, se eu tenho uma qualidade, é o bom senso, e nada me fará acreditar numa coisa dessas. Fazê-lo seria descer ao nível desses pobres camponeses, que não se satisfazem com um simples cão diabólico, mas precisam descrevê-lo com a boca e os olhos vomitando o fogo do inferno. Holmes não daria ouvidos a essas fantasias, e eu sou seu agente. Mas fatos são fatos, e já ouvi duas vezes esse grito no pântano. Suponhamos que houvesse realmente um cão enorme solto ali; isso explicaria boa parte das coisas. Mas onde um cão desses poderia ficar escondido, onde conseguiria a sua comida, de onde ele vinha, como é que ninguém o vira de dia? É preciso confessar que a explicação natural apresenta quase tantas dificuldades quanto a outra. E sempre, fora o cão, há o fato da influência humana em Londres, o homem no cabriolé e a carta que preveniu *sir* Henry a respeito do pântano. Isso, pelo menos, era real, mas tanto podia ter sido obra de um amigo protetor como de um inimigo. Onde está esse amigo ou inimigo agora? Ele ficou em Londres ou nos seguiu até aqui? Será que ele podia ser o estranho que vi sobre o pico rochoso?

É verdade que só o vi uma vez de relance, e mesmo assim há algumas coisas pelas quais estou pronto a jurar. Ele não é ninguém que eu já tenha visto aqui, e agora já conheci todos os vizinhos. O vulto era muito mais alto do que Stapleton, muito mais magro do que Frankland. Poderia ter sido Barrymore, mas nós o havíamos deixado para trás, e estou certo de que ele não poderia ter-nos seguido. Um estranho, então, ainda está nos seguindo, da mesma forma que um estranho nos seguiu em Londres. Nunca conseguimos nos livrar dele. Se eu pudesse pôr as mãos nesse homem, então poderíamos finalmente estar no fim das nossas dificuldades. Devo agora dedicar todas as minhas energias a esse único objetivo.

Meu primeiro impulso foi contar a *sir* Henry todos os meus planos. Meu segundo impulso, e o mais prudente, é jogar o meu próprio jogo e falar o mínimo possível com qualquer pessoa. Ele é silencioso e distraído. Seus nervos ficaram estranhamente abalados por aquele som no pântano. Não direi nada que aumente sua ansiedade, mas adotarei minhas próprias medidas para alcançar minha finalidade.

Tivemos uma pequena cena esta manhã após o café. Barrymore pediu licença para falar com *sir* Henry, e eles ficaram fechados no escritório por

algum tempo. Sentado na sala de bilhar, eu ouvi mais de uma vez o som das vozes se elevar e pude ter ideia do assunto que estava em discussão. Depois de algum tempo, o baronete abriu a porta e me chamou.

— Barrymore acha que tem motivo de queixa — disse. — Ele acha que foi injusto de nossa parte sair caçando o seu cunhado quando ele, por livre e espontânea vontade, contou-nos o segredo.

O mordomo estava parado muito pálido mas muito controlado diante de nós.

— Talvez eu tenha me exaltado, senhor, e nesse caso peço que me perdoe — disse ele. — Ao mesmo tempo, fiquei muito surpreso quando ouvi os dois cavalheiros voltarem esta manhã e soube que estiveram perseguindo Selden. O coitado já tem muito contra o que lutar sem que eu ponha mais gente na sua pista.

— Se você tivesse nos contado por sua livre e espontânea vontade, teria sido uma coisa diferente — disse o baronete. — Você só nos contou, ou melhor, sua mulher nos contou, quando você foi obrigado e não pôde evitar.

— Eu não pensei que os senhores fossem se aproveitar disso, *sir* Henry, realmente não pensei.

— O homem é um perigo público. Há casas isoladas espalhadas pelo pântano, e ele é um sujeito que não se detém diante de nada. Basta olhar para o rosto dele para se compreender isso. Veja, a casa do sr. Stapleton, por exemplo, sem ninguém a não ser ele próprio para defendê-la. Não há segurança para ninguém até que ele esteja trancado a sete chaves.

— Ele não vai invadir casa nenhuma, senhor. Dou-lhe a minha palavra de honra quanto a isso. Ele nunca mais incomodará ninguém neste país outra vez. Garanto-lhe, *sir* Henry, que dentro de muito poucos dias os arranjos necessários serão concluídos e ele estará a caminho da América do Sul. Pelo amor de Deus, senhor, peço-lhe para não deixar a polícia saber que ele ainda está no pântano. Eles desistiram da busca aqui, e ele pode ficar escondido quieto até poder embarcar. O senhor não pode denunciá-lo sem causar problemas para mim e para minha mulher. Peço-lhe, senhor, para não dizer nada à polícia.

— O que você acha, Watson?

Encolhi os ombros.

— Se ele realmente saísse do país, isso aliviaria os contribuintes de um fardo.

— Mas e quanto à possibilidade de ele assaltar alguém antes de ir embora?

— Ele não faria uma loucura dessas, senhor. Fornecemos a ele tudo de que ele possa precisar. Cometer um crime seria revelar onde ele está escondido.

— Isso é verdade — disse *sir* Henry. — Bem, Barrymore...

— Deus o abençoe, senhor, e obrigado do fundo do meu coração! Se ele fosse preso outra vez, isso mataria minha pobre mulher.

— Imagino que estamos ajudando e favorecendo um crime, Watson. Mas, depois do que ouvimos, acho que não posso entregar o homem, portanto, está encerrado. Está bem, Barrymore, você pode ir.

Com algumas palavras entrecortadas de gratidão o homem se virou, mas hesitou e então voltou.

— O senhor foi tão bom para nós que eu gostaria de fazer o máximo para o senhor em retribuição. Eu sei uma coisa, *sir* Henry, e talvez devesse tê-la dito antes, mas foi muito depois do inquérito que eu a descobri. Eu ainda não disse uma palavra sequer sobre isso a ninguém. É sobre a morte do pobre *sir* Charles.

O baronete e eu ficamos de pé.

— Você sabe como ele morreu?

— Não, senhor, isso não sei.

— O que é, então?

— Eu sei por que ele estava no portão àquela hora. Foi para se encontrar com uma mulher.

— Encontrar-se com uma mulher? Ele?

— Sim, senhor.

— E o nome da mulher?

— Não posso dar-lhe o nome, senhor, mas posso dar-lhe as iniciais. As iniciais dela eram L.L.

— Como você sabe disso, Barrymore?

— Bem, *sir* Henry, o seu tio recebeu uma carta naquela manhã. Ele costumava receber muitas cartas, porque ele era um homem público e conhecido pelo seu coração bondoso, de modo que todo mundo que estava com problemas gostava de recorrer a ele. Mas naquela manhã, por acaso, havia apenas essa carta, de modo que reparei mais nela. Vinha de Coombe Tracey e estava endereçada com letra de mulher.

— Bem?

— Bem, senhor, não pensei mais no assunto, e nunca teria pensado se não fosse por minha mulher. Algumas semanas atrás ela estava limpando o escritório de *sir* Charles (ele nunca fora mexido desde a sua morte) e encontrou as cinzas de uma carta queimada no fundo da grade. A maior parte dela estava carbonizada, mas uma pequena tira, o fim de uma página, ficou inteira, e o que estava escrito ainda podia ser lido, embora estivesse cinzento num fundo preto. Parecia ser um pós-escrito no fim da carta, e dizia: "Por favor, como o senhor é um cavalheiro, queime esta carta e esteja no portão às 22 horas." Embaixo estavam assinadas as iniciais L.L.

— Você tem essa tira?

— Não, senhor, ela esfarelou-se depois que mexemos nela.

— *Sir* Charles recebeu alguma outra carta com a mesma letra?

— Bem, senhor, eu não prestava muita atenção às suas cartas. Eu não notaria essa se por acaso ela não tivesse chegado sozinha.

— E você não tem nenhuma ideia de quem seja L.L.?

— Não, senhor. Mas tenho esperança de que, se pudermos encontrar essa dama, saberemos mais sobre a morte de *sir* Charles.

— Não consigo compreender, Barrymore, como você escondeu essa informação importante.

— Bem, senhor, isso foi logo depois que tivemos aquele nosso próprio problema. E também, senhor, nós dois gostávamos muito de *sir* Charles, considerando tudo que ele tinha feito por nós. Revolver isso não iria ajudar nosso pobre patrão, e é bom ter cuidado quando há uma dama envolvida no caso. Mesmo o melhor de nós...

— Você achou que isso poderia prejudicar a reputação dele?

— Bem, senhor, achei que nada de bom podia resultar disso. Mas agora o senhor foi bom para nós, e achei que estaria sendo injusto com o senhor se não lhe contasse tudo que sei a respeito.

— Muito bem, Barrymore, pode ir. — Depois que o mordomo saiu, *sir* Henry virou-se para mim. — Bem, Watson, o que você acha dessa nova informação?

— Parece que ela deixa a escuridão mais negra do que antes.

— Também acho. Se pelo menos conseguíssemos identificar L.L., isso poderia esclarecer a coisa toda. Teríamos avançado um pouco. Sabemos que

há uma pessoa que conhece os fatos, basta encontrá-la. O que você acha que devemos fazer?

— Comunicar isso tudo imediatamente a Holmes. Isso dará a ele a pista que vem procurando. Ou eu muito me engano, ou isso fará com que ele venha para cá.

Fui imediatamente para o meu quarto e fiz o relatório da conversa da manhã para Holmes. Era evidente para mim que ele estivera muito ocupado ultimamente, porque os bilhetes que recebi da Baker Street eram poucos e curtos, sem nenhum comentário sobre as informações que eu havia fornecido e raras referências à minha missão. Sem dúvida o seu caso de chantagem está exigindo todo o seu talento. Mesmo assim, esse novo fator certamente atrairá sua atenção e renovará o seu interesse. Gostaria que ele estivesse aqui.

17 de outubro. — Caiu uma chuva forte hoje o dia inteiro, fazendo a hera farfalhar e pingando dos beirais. Pensei no condenado lá no pântano, frio e sem abrigo. Pobre-diabo! Quaisquer que fossem os seus crimes, ele havia sofrido o bastante para expiá-los. E depois pensei naquele outro, o rosto do cabriolé, o do vulto contra a lua. Será que ele também estaria lá fora naquele dilúvio, o vigilante invisível, o homem da escuridão? À noite, vesti o meu impermeável e dei uma longa caminhada pelo pântano encharcado, cheio de pensamentos sombrios, com a chuva batendo no meu rosto e o vento assobiando nos meus ouvidos. Que Deus ajude àqueles que vagam pelo grande pântano agora, porque até as terras altas firmes estão se transformando em atoleiro. Encontrei o pico rochoso preto sobre o qual vira o vigilante solitário e do seu cume irregular olhei para as depressões melancólicas. Pancadas de chuva passavam pela sua superfície avermelhada, e as nuvens pesadas, cor de ardósia, pairavam baixas sobre a paisagem, cobrindo com espirais cinzentas os lados das colinas fantásticas. Na depressão distante à esquerda, meio escondidas pela neblina, as duas torres finas da Mansão Baskerville surgiam sobre as árvores. Elas eram os únicos sinais de vida humana que eu podia ver, com exceção apenas daquelas cabanas pré-históricas que se aglomeravam nas encostas das colinas. Em parte alguma havia qualquer sinal daquele homem solitário que eu vira no mesmo lugar duas noites antes.

Quando caminhava de volta, fui alcançado pelo dr. Mortimer, que conduzia a sua charrete por uma trilha irregular do pântano que saía da casa

de fazenda isolada de Foulmire. Ele tem sido muito atencioso conosco e passa quase todos os dias na mansão para saber como estamos indo. Ele insistiu para que eu subisse na charrete e me deu uma carona até em casa. Achei que ele estava muito perturbado pelo desaparecimento do seu pequeno *spaniel*. Ele havia fugido para o pântano e não voltara. Consolei-o como pude, mas pensei no pônei no charco de Grimpen, e imagino que ele não verá o seu cachorrinho outra vez.

— A propósito, Mortimer, suponho que haja poucas pessoas que morem nas redondezas que você não conheça — disse eu quando nos sacudíamos pela estrada irregular.

— Acho que nenhuma.

— Então você pode me dizer o nome de alguma mulher cujas iniciais sejam L.L.?

Ele pensou por alguns minutos.

— Não — disse ele. — Há alguns ciganos e trabalhadores cujos nomes eu não sei, mas entre os fazendeiros ou a pequena nobreza não há ninguém cujas iniciais sejam essas. Espere um pouco — ele acrescentou após uma pausa. — Há Laura Lyons, as iniciais dela são L.L., mas ela mora em Coombe Tracey.

— Quem é ela? — perguntei.

— É a filha de Frankland.

— O quê! Do velho Frankland, o maluco?

— Exatamente. Ela se casou com um artista chamado Lyons que veio desenhar no pântano. Ele era um patife e a abandonou. A culpa, pelo que ouvi, podia não estar inteiramente de um lado. O pai dela cortou relações com ela porque ela se casara sem o seu consentimento, e talvez por um ou dois outros motivos também. De modo que, entre o velho pecador e o jovem, a garota passou por um mau pedaço.

— De que ela vive?

— Imagino que o velho Frankland lhe dê uma mesada insignificante, mas não pode ser mais, porque os próprios negócios dele estão bastante complicados. O que quer que ela possa ter merecido, não se pode permitir que ela vá irremediavelmente para o mal. A história dela se espalhou, e várias pessoas daqui fizeram alguma coisa para permitir-lhe ganhar a vida honestamente. Stapleton foi um e *sir* Charles, outro. Eu mesmo dei uma ninharia. Era para estabelecê-la num negócio de datilografia.

Ele quis saber o objetivo das minhas perguntas, mas consegui satisfazer sua curiosidade sem contar-lhe muita coisa, porque não há nenhum motivo para que tenhamos confiança em alguém. Amanhã de manhã irei até Coombe Tracey, e se eu puder ver essa sra. Laura Lyons, de reputação equívoca, será dado um longo passo no sentido de esclarecer um incidente nesta série de mistérios. Certamente estou adquirindo a sabedoria da serpente, porque, quando Mortimer insistiu nas suas perguntas a ponto de ficar inconveniente, perguntei-lhe casualmente de que tipo era o crânio de Frankland, e assim só ouvi ele falar sobre craniologia durante o resto da nossa viagem. Não foi à toa que morei anos com Sherlock Holmes.

Tenho apenas um outro incidente para registrar a respeito deste dia tempestuoso e melancólico. Foi a minha conversa com Barrymore ainda há pouco, que me dá mais um trunfo que poderei usar no devido tempo.

Mortimer havia ficado para jantar, e ele e o baronete jogaram *écarté* depois. O mordomo levou o meu café até a biblioteca, e aproveitei a oportunidade para fazer-lhe algumas perguntas.

— Bem, esse seu estimado parente partiu ou ainda está escondido lá longe? — disse eu.

— Não sei, senhor. Espero em Deus que tenha ido, porque ele só nos trouxe problemas aqui! Não tive notícias dele desde que deixei comida para ele da última vez, e isso foi há três dias.

— Você o viu nesse dia?

— Não, senhor, mas a comida tinha desaparecido quando fui lá da vez seguinte.

— Então ele estava lá com certeza?

— Parece que sim, a menos que o outro homem a tenha apanhado.

Fiquei sentado com a xícara de café no ar e olhei para Barrymore.

— Então você sabe que há outro homem?

— Sim, senhor; há outro homem no pântano.

— Você o viu?

— Não, senhor.

— Como sabe disso então?

— Selden me falou sobre ele, senhor, há uma semana ou mais. Ele está escondido também, mas não é um condenado, pelo que entendi. Não gosto disso, dr. Watson, digo-lhe francamente, senhor, que não gosto disso. — Ele falou com uma súbita seriedade.

— Agora, ouça-me, Barrymore! Não tenho nenhum interesse neste assunto, a não ser o do seu patrão. Vim para cá apenas com o objetivo de ajudá-lo. Diga-me francamente do que é que você não gosta.

Barrymore hesitou por um momento, como se estivesse arrependido da sua explosão ou achasse difícil exprimir em palavras os seus próprios sentimentos.

— São todas essas extravagâncias, senhor — exclamou ele por fim acenando em direção à janela batida pela chuva que dava para o pântano. — Há traição em algum lugar, e há perversidade fervendo, quanto a isso eu juro! Eu ficaria muito satisfeito, senhor, de ver *sir* Henry voltando para Londres outra vez!

— Mas o que é que o assusta?

— Veja a morte de *sir* Charles! Isso foi péssimo, apesar de tudo o que o magistrado disse. Lembre-se dos ruídos no pântano à noite. Não há um único homem que o atravesse após o pôr do sol, mesmo que seja pago para isso. Veja esse estranho escondido lá longe, observando e esperando! O que ele está esperando? O que significa isso? Não significa nada de bom para ninguém com o nome de Baskerville, e eu gostaria muito de largar isso tudo no dia em que os novos empregados de *sir* Henry estivessem prontos para cuidar da Mansão.

— Mas quanto a este estranho — eu disse. — Você pode me dizer alguma coisa sobre ele? O que diz Selden? Ele descobriu onde ele se esconde, ou o que ele está fazendo?

— Ele o viu uma ou duas vezes, mas ele é um finório e não conta nada. A princípio pensou que ele fosse da polícia, mas logo descobriu que ele tinha alguma posição própria. Ele era uma espécie de cavalheiro, pelo que ele pôde ver, mas não conseguiu saber o que ele estava fazendo.

— E onde foi que ele disse que o homem vivia?

— Entre as casas antigas na encosta da colina, as cabanas de pedra onde o povo antigo morava.

— Mas e quanto à sua comida?

— Selden descobriu que ele tem um menino que trabalha para ele, que leva e traz tudo de que ele precisa. Ouso dizer que ele vai buscar em Coombe Tracey as coisas de que precisa.

— Muito bem, Barrymore. Podemos falar mais sobre isso em outra ocasião.

Depois que o mordomo saiu, fui até a janela escura e olhei através de uma vidraça manchada para as nuvens que passavam e para a silhueta agitada das árvores varridas pelo vento. A noite estava tempestuosa lá fora, e imaginei como devia estar numa cabana de pedra acima do pântano. Que ódio pode ser esse que leva um homem a se esconder num lugar desses numa ocasião dessas! E que objetivo profundo e sério pode ele ter que exija uma tal provação! Lá, naquela cabana acima do pântano, parece estar o próprio centro daquele problema que me perturba tão dolorosamente. Jurei que não se passaria outro dia sem que eu fizesse tudo que um homem pode fazer para chegar ao âmago do mistério.

11

O HOMEM SOBRE O PICO ROCHOSO

O TRECHO DO MEU DIÁRIO PARTICULAR QUE CONSTITUI O ÚLTIMO capítulo atualizou a minha narrativa até o dia 18 de outubro, ocasião em que esses estranhos acontecimentos começaram a se encaminhar rapidamente para a sua terrível conclusão. Os incidentes dos dias seguintes estão indelevelmente gravados na minha memória, e posso contá-los sem recorrer às anotações feitas na ocasião. Começo, portanto, no dia seguinte àquele em que eu havia estabelecido dois fatos de grande importância, um que a sra. Laura Lyons, de Coombe Tracey, havia escrito a *sir* Charles Baskerville e marcado um encontro com ele no lugar e na hora em que ele veio a morrer, o outro, que o homem escondido no pântano podia ser encontrado entre as cabanas de pedra na encosta da colina. De posse desses dois fatos, achei que a minha inteligência ou a minha coragem deviam ser insuficientes se eu não conseguisse lançar mais alguma luz sobre esses lugares misteriosos.

Não tive oportunidade de contar ao baronete o que soubera a respeito da sra. Lyons na noite anterior, porque o dr. Mortimer ficou jogando cartas com ele até muito tarde. Mas no café da manhã falei-lhe sobre a minha descoberta e perguntei a ele se queria me acompanhar até Coombe Tracey. A princípio ele ficou muito ansioso para ir, mas, pensando bem, achamos que se eu fosse sozinho os resultados podiam ser melhores. Quanto mais formal fosse a visita, menos informações conseguiríamos obter. Deixei *sir* Henry para trás, portanto, não sem alguns escrúpulos de consciência, e parti de charrete para a minha nova investigação.

Quando cheguei a Coombe Tracey, disse a Perkins para guardar os cavalos e fiz perguntas sobre a dama a quem eu viera interrogar. Não tive

nenhuma dificuldade em descobrir onde morava, um lugar central e conhecido. Uma criada deixou-me entrar sem cerimônia, e, quando cheguei à sala, uma dama que estava sentada diante de uma máquina de escrever Remington ergueu-se vivamente com um sorriso agradável de boas-vindas. Mas ficou desapontada quando viu que eu era um estranho e sentou-se novamente, perguntando-me o objetivo da minha visita.

A primeira impressão deixada pela sra. Lyons foi de extrema beleza. Seus olhos e cabelos eram do mesmo tom vivo castanho-avermelhado, e suas faces, embora bastante sardentas, estavam coradas pela frescura encantadora de um moreno trigueiro, como o rosa delicado que se esconde no centro da rosa amarela. De admiração foi, repito, a primeira impressão. Mas a segunda foi de crítica. Havia alguma coisa sutilmente errada no rosto, certa aspereza de expressão, certa dureza, talvez, do olhar, certa frouxidão da boca que perturbavam sua beleza perfeita. Mas estes, naturalmente, são pensamentos posteriores. Naquele momento fiquei apenas consciente de que estava na presença de uma mulher muito bonita e que ela estava perguntando o motivo da minha visita. Eu não tinha compreendido totalmente, até aquele instante, como a minha missão era delicada.

— Tenho o prazer de conhecer o seu pai — disse eu.

Foi uma apresentação desajeitada, e a dama me fez sentir isso.

— Não há nada em comum entre mim e meu pai — disse ela. — Não devo nada a ele e os amigos dele não são meus amigos. Se não fosse o falecido *sir* Charles Baskerville e alguns outros corações compassivos, eu podia morrer de fome que meu pai pouco se importava.

— É a respeito do falecido *sir* Charles Baskerville que vim procurá-la.

As sardas se projetaram no rosto da dama.

— O que posso dizer-lhe sobre ele? — perguntou ela, e seus dedos tocaram nervosamente nas teclas da sua máquina de escrever.

— A senhora o conhecia, não?

— Eu já disse que devo muito à sua bondade. Se consigo me manter, é em grande parte devido ao interesse que ele demonstrou pela minha situação infeliz.

— A senhora se correspondia com ele?

A dama ergueu os olhos rapidamente com um brilho de raiva nos olhos castanhos.

— Qual é o objetivo destas perguntas? — ela perguntou vivamente.

— O objetivo é evitar um escândalo público. É melhor eu fazê-las aqui do que o assunto escapar do nosso controle.

Ela ficou em silêncio e seu rosto ainda estava muito pálido. Finalmente ergueu os olhos com um jeito um tanto desafiador e temerário.

— Bem, vou responder — disse ela. — Quais são as suas perguntas?

— A senhora se correspondia com *sir* Charles?

— Certamente escrevi-lhe uma ou duas vezes para agradecer sua delicadeza e sua generosidade.

— A senhora sabe as datas dessas cartas?

— Não.

— A senhora alguma vez se encontrou com ele?

— Sim, uma ou duas vezes, quando ele veio a Coombe Tracey. Ele era um homem muito reservado, e preferia fazer o bem discretamente.

— Mas, se a senhora o viu tão pouco e escreveu tão pouco, como ele soube o suficiente sobre os seus negócios para poder ajudá-la, como a senhora diz que ele fez?

Ela enfrentou a minha objeção com a máxima presteza.

— Havia vários cavalheiros que conheciam a minha triste história e se uniram para me ajudar. Um foi o sr. Stapleton, um vizinho e amigo íntimo de *sir* Charles. Ele foi extremamente bondoso, e foi por intermédio dele que *sir* Charles soube do meu caso.

Eu já sabia que *sir* Charles Baskerville havia usado Stapleton como intermediário na sua ajuda aos outros em várias ocasiões, de modo que a afirmação da dama tinha cunho de verdade.

— A senhora alguma vez escreveu a *sir* Charles pedindo a ele para encontrar-se com a senhora? — continuei.

A sra. Lyons corou de raiva outra vez.

— Realmente, senhor, essa é uma pergunta muito estranha.

— Desculpe, madame, mas sou forçado a repeti-la.

— Então eu respondo, com certeza não.

— Nem no próprio dia da morte de *sir* Charles?

A cor desapareceu num instante, e um rosto cadavérico estava diante de mim. Seus lábios secos não conseguiam dizer o “Não” que eu mais vi do que ouvi.

— Certamente sua memória a engana — eu disse. — Posso até citar um trecho da sua carta. Ela diz “Por favor, por favor, já que o senhor é um

cavalheiro, queime esta carta e esteja no portão às 22 horas.”

Pensei que ela tivesse desmaiado, mas ela se recuperou com um esforço supremo.

— Será que não existem mais cavalheiros? — ela perguntou ofegante.

— A senhora faz uma injustiça a *sir* Charles. Ele *queimou* a carta. Mas às vezes uma carta pode ser legível mesmo quando queimada. A senhora admite agora que a escreveu?

— Sim, escrevi — ela exclamou, despejando a alma numa torrente de palavras. Eu a escrevi. Por que deveria negar? Não tenho nenhum motivo para me envergonhar disso. Eu queria que ele me ajudasse. Eu acreditava que, se falasse com ele, poderia conseguir a sua ajuda, de modo que pedi a ele para se encontrar comigo.

— Mas por que numa hora dessas?

— Porque eu tinha acabado de saber que ele ia para Londres no dia seguinte e podia ficar fora durante meses. Havia motivos que me impediam de chegar lá mais cedo.

— Mas por que um encontro no jardim em vez de uma visita à casa?

— O senhor acha que uma mulher pode ir sozinha a essa hora à casa de um solteirão?

— Bem, o que aconteceu quando a senhora chegou lá?

— Eu não fui.

— Sra. Lyons!

— Não, juro-lhe por tudo que me é sagrado. Não fui. Uma coisa interferiu para impedir a minha ida.

— O que foi?

— Isso é assunto particular. Não posso contar.

— A senhora reconhece então que marcou um encontro com *sir* Charles na própria hora e no lugar em que ele morreu, mas nega ter comparecido.

— Essa é a verdade.

Interroguei-a repetidas vezes, mas não consegui ir além desse ponto.

— Sra. Lyons, a senhora está assumindo uma responsabilidade muito grande e colocando-se numa posição bastante falsa por não confessar tudo o que sabe — disse eu ao me levantar depois dessa entrevista longa e inconclusiva. — Se eu tiver de pedir o auxílio da polícia, a senhora descobrirá que está seriamente comprometida. Se a senhora é inocente, por que negou no início ter escrito a *sir* Charles naquela data?

— Porque eu receava que fosse tirada alguma conclusão falsa disso e que eu me visse envolvida num escândalo.

— E por que a senhora insistiu tanto para que *sir* Charles destruísse a sua carta?

— Se o senhor tivesse lido a carta, saberia.

— Eu não disse que havia lido toda a carta.

— O senhor citou uma parte dela.

— Citei o pós-escrito. A carta, como disse, foi queimada e ela não era inteiramente legível. Pergunto-lhe mais uma vez por que insistiu para que *sir* Charles destruísse essa carta que ele recebeu no dia da sua morte?

— O assunto é muito particular.

— É mais um motivo para a senhora evitar uma investigação pública.

— Vou contar ao senhor, então. Se o senhor ouviu alguma coisa sobre a minha infeliz história, saberá que fiz um casamento precipitado e tive motivos para me arrepender dele.

— Ouvi dizer isso.

— Minha vida tem sido uma perseguição incessante de um marido que detesto. A lei está do lado dele, e cada dia enfrento a possibilidade de ele poder me obrigar a ir viver com ele. Na ocasião em que escrevi essa carta a *sir* Charles, eu soubera que havia uma perspectiva de recuperar a minha liberdade se pudesse fazer face a certas despesas. Isso significava tudo para mim, paz de espírito, felicidade, amor-próprio, tudo. Eu conhecia a generosidade de *sir* Charles, e achei que, se ele ouvisse a história dos meus próprios lábios, me ajudaria.

— Então por que a senhora não foi?

— Porque, nesse meio-tempo, recebi ajuda de outra fonte.

— Então por que a senhora não escreveu a *sir* Charles e explicou isso?

— Era o que eu faria se não tivesse visto a notícia da sua morte no jornal na manhã seguinte.

A história da mulher era coerente, e as minhas perguntas foram incapazes de abalá-la. Eu só podia confirmá-la descobrindo se ela realmente iniciara a ação de divórcio contra seu marido na ocasião da tragédia ou por volta dessa época.

Era pouco provável que ela se atrevesse a dizer que não esteve na Mansão Baskerville se realmente tivesse estado, porque seria necessária uma charrete para levá-la até lá, e só poderia ter voltado a Coombe Tracey

nas primeiras horas da manhã. Uma excursão dessas não podia ser mantida em segredo. Portanto, a probabilidade era de que ela estivesse dizendo a verdade ou, pelo menos, parte da verdade. Eu saí confuso e desanimado. Mais uma vez havia chegado àquele beco sem saída que parecia existir em todos os caminhos pelos quais eu tentava chegar ao objetivo da minha missão. Mas, apesar disso, quanto mais eu pensava no rosto da moça e no seu comportamento, mais eu sentia que alguma coisa estava sendo escondida de mim. Por que ela ficara tão pálida? Por que lutara contra cada confissão até que esta fosse extraída dela à força? Por que fora tão reticente na época da tragédia? Certamente a explicação de tudo isso não podia ser tão inocente como ela queria me fazer crer. No momento eu não podia continuar naquela direção, mas devia me voltar para aquela outra pista que tinha de ser procurada entre as cabanas de pedra acima do pântano.

E esse era um rumo muito vago. Percebi isso quando voltava de charrete e notei que colina após colina exibiam vestígios do povo antigo. A única indicação de Barrymore era de que o estranho morava numa dessas cabanas abandonadas, e centenas delas estão espalhadas por todo o pântano. Mas eu tinha a minha própria experiência como guia, já que ela havia me mostrado o homem de pé sobre o cume do Pico Rochoso. Esse, então, deveria ser o centro da minha busca. A partir dali eu devia explorar cada cabana do pântano até encontrar a certa. Se esse homem estivesse dentro dela, eu tinha de descobrir pelos seus próprios lábios, apontando o meu revólver se necessário, quem era ele e por que nos seguira por tanto tempo. Ele podia escapar de nós no meio da multidão da Regent Street, mas ficaria embaraçado para fazer isso no pântano deserto. Por outro lado, se eu encontrasse a cabana e o seu inquilino não estivesse dentro dela, eu teria de ficar lá, por mais longa que fosse a vigília, até ele voltar. Holmes o havia perdido em Londres. Seria realmente um triunfo para mim se pudesse achá-lo, coisa em que meu mestre havia falhado.

A sorte tinha estado contra nós várias vezes nesta investigação, mas agora finalmente ela veio em meu auxílio. E o mensageiro da boa nova não era outro senão o sr. Frankland, que estava parado, com as suíças grisalhas e o rosto vermelho, do lado de fora do portão do seu jardim, que dava para a estrada pela qual eu seguia.

— Bom dia, dr. Watson — exclamou ele com um bom humor incomum. — O senhor precisa realmente dar um descanso aos seus cavalos e entrar

para tomar um cálice de vinho e me felicitar.

Meus sentimentos em relação a ele estavam longe de ser amistosos depois do que eu ouvira a respeito do modo como tratara a filha, mas eu estava ansioso para mandar Perkins e a charrete para casa, e a oportunidade era boa. Desci e mandei um recado para *sir* Henry de que voltaria a pé a tempo para o jantar. Depois segui Frankland até a sala de jantar.

— É um grande dia para mim, dr. Watson, um dos dias mais memoráveis da minha vida! — exclamou ele com muitas risadinhas. — Realizei uma façanha dupla. Quero mostrar a eles nesta região que lei é lei e que há um homem aqui que não tem medo de invocá-la. Estabeleci uma servidão de passagem pelo meio do velho parque de Middleton, bem no meio dele, dr. Watson, a noventa metros da sua própria porta da frente. O que acha disso? Ensinaremos a esses magnatas que eles não podem passar tiranicamente sobre os direitos dos plebeus, diabos os levem! E fechei o bosque no lugar onde a família Fernworthy costumava fazer piqueniques. Essa gente infernal parece pensar que não há nenhum direito de propriedade e que eles podem invadir o lugar que quiserem com seus papéis e suas garrafas. Os dois casos decididos, dr. Watson, e os dois a meu favor. Não tinha um dia desses desde que processei *sir* John Morland por invasão, porque ele atirou em seu próprio parque.

— Como diabo o senhor conseguiu isso?

— Procurei referências nos livros, dr. Watson. Vale a pena ler: Frankland *versus* Morland, Tribunal Superior de Justiça. Custou-me duzentas libras, mas consegui minha sentença.

— Isso lhe trouxe algum benefício?

— Nenhum, senhor, nenhum. Orgulho-me de dizer que não tenho nenhum interesse na questão. Ajo inteiramente por um senso de dever público. Não tenho nenhuma dúvida, por exemplo, de que a família Fernworthy vai queimar minha efígie esta noite. Eu disse à polícia, na última vez que eles fizeram isso, que devia impedir essas exibições vergonhosas. A polícia do condado está numa situação escandalosa, senhor, e não me deu a proteção a que tenho direito. O caso Frankland *versus* Regina levará o assunto ao conhecimento do público. Eu avisei que eles iriam lamentar o tratamento que me dispensaram, e as minhas palavras já se tornaram realidade.

— Como assim? — perguntei.

O velho assumiu uma expressão muito astuta.

— Porque eu poderia contar a eles o que eles estão loucos para saber; mas nada me convencerá a ajudar os patifes de alguma maneira.

Eu estivera procurando alguma desculpa para poder me livrar dos seus mexericos, mas comecei a querer ouvir mais. Eu já vira o suficiente da natureza caprichosa do velho pecador para compreender que qualquer sinal de interesse seria a maneira mais certa de interromper as suas confidências.

— Algum caso de invasão, sem dúvida? — eu disse de maneira indiferente.

— Ha, ha, meu rapaz, um assunto muito mais importante do que esse! É quanto ao condenado no pântano.

Levei um susto.

— O senhor não quer dizer que sabe onde ele está? — perguntei.

— Talvez eu não saiba exatamente onde ele está, mas tenho certeza absoluta de que posso ajudar a polícia a pôr as mãos nele. Nunca lhe ocorreu que a maneira de pegar esse homem é descobrir onde ele consegue a comida, e assim segui-la até ele?

Ele certamente parecia estar chegando incomodamente perto da verdade.

— Sem dúvida — eu disse. — Mas como o senhor sabe que ele está em algum lugar do pântano?

— Sei porque vi com os meus próprios olhos o mensageiro que leva a comida para ele.

Meu coração ficou apertado por causa de Barrymore. Era uma coisa séria cair em poder desse velho abelhudo vingativo. Mas seu comentário seguinte tirou um peso da minha alma.

— O senhor ficaria surpreso de saber que a comida dele é levada por uma criança. Eu o vejo todo dia pelo meu telescópio do telhado. Ele passa pelo mesmo caminho à mesma hora, e para quem ele estaria levando senão para o condenado?

Isso era sorte, realmente! Mas controlei todo sinal de interesse. Uma criança! Barrymore havia dito que o nosso desconhecido era abastecido por um rapaz. Foi na pista dele, e não na do condenado, que Frankland havia tropeçado. Se eu conseguisse extrair o que ele sabia, isso podia me poupar uma busca longa e cansativa. Mas incredulidade e indiferença eram, evidentemente, minhas cartas mais fortes.

— Eu diria que é muito mais provável que seja o filho de algum dos pastores do pântano levando o jantar do pai.

O melhor sinal de objeção pôs fogo no velho autocrata. Seus olhos adquiriram uma expressão maligna para mim e suas suíças grisalhas se eriçaram como as de um gato enfurecido.

— Ora, dr. Watson! — disse ele apontando para a vastidão do pântano. — Está vendo aquele pico rochoso negro lá longe? Bem, está vendo a colina baixa mais adiante, com o espinheiro em cima? Aquela é a parte mais rochosa de todo pântano. Acha que um pastor teria probabilidade de ficar num lugar daquele? A sua sugestão, dr. Watson, é completamente absurda.

Respondi humildemente que havia falado sem conhecer todos os fatos. Minha humildade agradou-lhe e levou-o a fazer outras confidências.

— Pode estar certo, dr. Watson, de que tenho muito bons fundamentos antes de chegar a uma opinião. Vi o menino várias vezes com a sua trouxa. Todos os dias, e ocasionalmente duas vezes por dia, pude... mas espere um momento, dr. Watson. Os meus olhos me enganam ou há no momento alguma coisa se movendo na encosta daquela colina?

Estava a vários quilômetros de distância, mas pude ver nitidamente um pontinho preto contra o verde e o cinzento.

— Venha, venha! — exclamou Frankland, ao subir a escada correndo. — O senhor verá com seus próprios olhos e julgará por si mesmo.

O telescópio, um instrumento enorme montado sobre um tripé, estava sobre as folhas de chumbo do telhado. Frankland grudou o olho nele e deu um grito de satisfação.

— Depressa, dr. Watson, depressa, antes que ele passe por cima da colina!

Lá estava ele, realmente, um menino com uma pequena trouxa sobre o ombro, subindo lentamente a colina com esforço. Quando chegou ao topo, vi o vulto misterioso delineado por um instante contra o frio céu azul. Ele olhou em volta com um jeito furtivo e dissimulado, como alguém que receia ser seguido. Depois desapareceu sobre a colina.

— Bem! Estou certo?

— Há um menino, sem dúvida, que parece ter alguma missão secreta.

— E qual é a missão até um policial de condado pode imaginar. Mas eles não ouvirão de mim nem uma palavra, e imponho-lhe a obrigação do

segredo, também, dr. Watson. Nem uma palavra! O senhor entende!

— Como quiser.

— Eles têm me tratado de um modo vergonhoso. Quando os fatos surgirem no processo Frankland *versus* Regina, acho que uma onda de indignação percorrerá o país. Nada me convenceria a ajudar a polícia em qualquer sentido. Eles pouco se importariam que fosse eu, em vez da minha efígie, que esses patifes queimassem na estaca. O senhor certamente não está indo embora! O senhor me ajudará a esvaziar a garrafa para comemorar esta grande ocasião!

Mas eu resisti a todos os seus apelos e consegui dissuadi-lo da sua anunciada intenção de me acompanhar até em casa. Fui andando pela estrada enquanto os olhos dele me seguiam, e depois entrei pelo pântano e me dirigi para a colina rochosa sobre a qual o menino havia desaparecido. Tudo estava agindo a meu favor, e jurei que não seria por falta de energia ou perseverança que eu perderia a oportunidade que o destino havia lançado no meu caminho.

O sol já estava se pondo quando cheguei ao alto da colina, e as longas encostas abaixo estavam verde-douradas de um lado e cinzentas do outro. Uma neblina baixa pairava sobre o horizonte distante, do qual se projetavam as formas fantásticas dos Picos Rochosos de Belliver e Vixen. Na vasta extensão não havia nenhum som e nenhum movimento. Uma grande ave cinzenta, uma gaivota ou um maçarico, pairava no espaço azul do céu. Ela e eu parecíamos ser as únicas coisas vivas entre a abóbada enorme do céu e o deserto abaixo. O cenário árido, a sensação de isolamento e mistério e a urgência da minha tarefa provocaram um calafrio no meu coração. O menino não podia ser visto em lugar nenhum. Mas abaixo de mim, numa fenda das colinas, havia um círculo de antigas cabanas de pedra, e no meio delas havia uma que conservava uma cobertura suficiente para servir como proteção contra o vento. Meu coração deu um salto quando a vi. Esse devia ser o abrigo onde o estranho se escondia. Por fim meu pé estava no limiar do seu esconderijo, seu segredo estava ao meu alcance.

Quando me aproximei da cabana, caminhando com tanto cuidado quanto Stapleton teria ao se aproximar da borboleta escolhida com a rede preparada, certifiquei-me de que o lugar havia realmente sido usado como habitação. Um caminho impreciso por entre as rochas levava até a abertura

dilapidada que servia de porta. Tudo estava em silêncio lá dentro. O desconhecido podia estar escondido ali ou podia estar vagando pelo pântano. Meus nervos vibravam com a sensação de aventura. Jogando meu cigarro para o lado, segurei a coronha do revólver, fui rapidamente até a porta e olhei para dentro. O lugar estava vazio.

Mas havia muitos sinais de que eu não seguira um rastro falso. Ali era certamente o lugar onde o homem morava. Alguns cobertores enrolados num impermeável estavam sobre aquela mesma laje de pedra na qual o homem neolítico certa vez dormira. As cinzas de uma fogueira estavam amontoadas numa grade rústica. Ao lado dela havia alguns utensílios de cozinha e um balde com água pela metade. Uma confusão de latas vazias mostrava que o lugar havia sido ocupado por algum tempo, e vi, quando meus olhos ficaram acostumados à luz fraca, uma canequinha e uma garrafa pela metade de aguardente colocadas num canto. No meio da cabana, uma pedra chata servia de mesa, e sobre ele estava uma pequena trouxa de pano, a mesma, sem dúvida, que eu vira pelo telescópio no ombro do menino. Continha um pedaço de pão, uma língua em lata e duas latas de pêssegos em conserva. Quando as deixei novamente no lugar, após tê-las examinado, meu coração deu um pulo ao ver que embaixo havia uma folha de papel com algo escrito. Peguei-a, e foi isto o que li, rabiscado toscamente a lápis:

O dr. Watson foi até Coombe Tracey.

Durante um minuto fiquei parado ali com o papel na mão refletindo sobre o sentido dessa curta mensagem. Era eu, então, e não *sir* Henry, quem estava sendo seguido por esse homem misterioso. Ele não havia me seguido pessoalmente, mas havia posto um agente, o menino, talvez, na minha pista, e esse era o seu relatório. Provavelmente eu não tinha dado um passo, desde que estava no pântano, que não tivesse sido observado e relatado. Sempre havia aquela sensação de uma força invisível, uma rede fina puxada em volta de nós com habilidade e delicadeza infinitas, segurando-nos tão suavemente que só em algum momento supremo é que se podia perceber que se estava emaranhado em suas malhas.

Se havia um relatório, podia haver outros, de modo que examinei a cabana em busca deles. Mas não havia nenhum vestígio de nada parecido, nem consegui descobrir qualquer sinal que pudesse indicar o caráter ou as

intenções do homem que morava nesse lugar estranho, a não ser que ele devia ter hábitos espartanos e dava pouca importância aos confortos da vida. Quando pensei nas chuvas fortes e olhei para o teto escancarado, compreendi como devia ser forte e imutável o objetivo que o havia mantido naquela habitação inóspita. Seria ele o nosso inimigo maligno, ou era ele por acaso o nosso anjo da guarda? Jurei que não deixaria a cabana até saber.

Do lado de fora o sol estava se pondo e o horizonte a oeste exibia chamas escarlates e douradas. Seu reflexo era enviado de volta em manchas avermelhadas pelos charcos distantes que ficavam no meio do grande Pântano de Mire. Lá estavam as duas torres da Mansão Baskerville, e ali uma mancha distante de fumaça que indicava a aldeia de Grimpen. Entre as duas, atrás da colina, estava a casa dos Stapleton. Tudo era bonito, suave e tranquilo à luz dourada do anoitecer, mas, apesar disso, eu olhava para eles e minha alma não participava da paz da natureza, mas tremia diante da incerteza e do terror daquele encontro que cada minuto deixava mais próximo. Com os nervos vibrando, mas um propósito firme, sentei-me no interior escuro da cabana e esperei com paciência a chegada do seu morador.

E então, finalmente, eu o ouvi. De longe veio o ruído vivo de uma bota batendo numa pedra. Depois outro e mais outro, chegando cada vez mais perto. Encolhi-me no canto mais escuro e engatilhei a pistola no meu bolso, resolvido a não me mostrar até ter a oportunidade de ver alguma coisa do estranho. Houve uma longa pausa que indicou que ele havia parado. Depois, mais uma vez os passos se aproximaram e uma sombra caiu atravessada na abertura da cabana.

— Está uma noite encantadora, meu caro Watson — disse uma voz muito conhecida. — Acho realmente que você ficará mais confortável fora do que dentro.

12

MORTE NO PÂNTANO

POR UM MOMENTO FIQUEI SENTADO SEM FÔLEGO, MAL CONSEGUINDO acreditar nos meus ouvidos. Depois meus sentidos e minha voz voltaram, enquanto um peso esmagador de responsabilidade pareceu ter sido tirado dos meus ombros num instante. Aquela voz fria, incisiva e irônica só podia pertencer a um homem no mundo.

— Holmes! — exclamei. — Holmes!

— Saia e, por favor, tome cuidado com o revólver — disse ele.

Abaixei-me sob a trave da entrada e lá estava ele sentado sobre uma pedra do lado de fora com os olhos cinzentos exibindo uma expressão divertida ao verem o meu espanto. Ele estava magro e cansado, mas sereno e alerta, com seu rosto perspicaz bronzeado pelo sol e maltratado pelo vento. Com seu terno de *tweed* e boné de pano, parecia um turista no pântano, e havia conseguido, com aquele amor felino pela limpeza pessoal que era uma de suas características, que o seu queixo ficasse tão liso e sua roupa branca tão perfeita como se estivesse na Baker Street.

— Nunca fiquei mais satisfeito de ver alguém em minha vida — eu disse ao apertar-lhe a mão.

— Ou mais espantado, hein?

— Bem, devo confessar que sim.

— A surpresa não foi só sua, garanto-lhe. Eu não sabia que você havia descoberto o meu retiro ocasional, e menos ainda que você estivesse dentro dele, até que cheguei a vinte passos da porta.
— A marca dos meus pés, suponho?
— Não, Watson, acho que não conseguiria reconhecer as suas pegadas entre todas as pegadas do mundo. Se você quiser mesmo me enganar, deve mudar de charutaria, porque quando vejo a ponta de um cigarro marcada Bradley, Oxford Street, sei que o meu amigo Watson está nas vizinhanças. Você a verá ali, ao lado do caminho. Você jogou-a ali, sem dúvida, naquele momento supremo em que invadiu a cabana vazia.
— Exatamente.
— Foi o que pensei e, conhecendo a sua tenacidade admirável, fiquei convencido de que você estava sentado de tocaia, com uma arma ao seu alcance, esperando que o morador voltasse. Então você pensou realmente que eu fosse o criminoso?
— Eu não sabia quem era você, mas estava decidido a descobrir.
— Excelente, Watson! E como você me localizou? Será que você me viu na noite da caçada ao condenado, quando fui tão imprudente a ponto de permitir que a lua ficasse por trás de mim?
— Sim, eu o vi aquela noite.
— E sem dúvida revistou todas as cabanas até chegar a esta?
— Não, o seu menino foi observado, e isso me deu uma indicação de onde procurar.
— O velho cavalheiro com o telescópio, sem dúvida. Na primeira vez não consegui entender o que era quando vi a luz brilhando nas lentes. — Ele se levantou e olhou para dentro da cabana. — Ah, vejo que Cartwright trouxe alguns mantimentos. O que é este papel? Então você esteve em Coombe Tracey, não esteve?
— Estive.
— Para ver a sra. Laura Lyons?
— Exatamente.
— Muito bem! Nossas pesquisas, evidentemente, têm sido paralelas, e quando juntarmos os nossos resultados teremos um conhecimento bastante completo do caso.
— Bem, estou sinceramente satisfeito com o fato de você estar aqui, porque a responsabilidade e o mistério estavam se tornando grandes demais

para os meus nervos. Mas que milagre trouxe você aqui, e o que tem feito? Pensei que você estivesse na Baker Street trabalhando naquele caso de chantagem.

— Foi isso que eu quis que você pensasse.

— Então você me usou e mesmo assim não confia em mim! — exclamei com certa mágoa. — Acho que merecia melhor tratamento de sua parte, Holmes.

— Meu caro amigo, você tem sido inestimável para mim neste e em muitos outros casos, e peço-lhe que me perdoe se dei a impressão de fazer um truque com você. Na verdade, foi em parte para seu próprio bem que fiz isso, e foi a minha avaliação do perigo que você corria que me fez vir até aqui e examinar o caso pessoalmente. Se eu estivesse com *sir* Henry e você, certamente o meu ponto de vista teria sido igual ao seu, e minha presença teria prevenido os nossos tremendos adversários para ficarem em guarda. Como está, pude andar por aí como provavelmente não poderia ter feito se estivesse morando na mansão, e continuo sendo um fator desconhecido no negócio, pronto a lançar todo o meu peso num momento decisivo.

— Mas por que esconder de mim?

— Porque o fato de você saber não podia me ajudar, e provavelmente resultaria na minha descoberta. Você poderia querer me contar alguma coisa, ou, em sua bondade, teria me trazido um ou outro conforto, e assim correríamos um risco desnecessário. Trouxe Cartwright comigo para cá (você se lembra do sujeito baixinho do escritório de mensageiros) e ele tem cuidado dos meus desejos simples: um pedaço de pão e um colarinho limpo. O que um homem quer mais? Ele me proporcionou um par de olhos extra sobre um par de pés muito ágeis, e ambos têm sido inestimáveis.

— Então meus relatórios foram desperdiçados! — Minha voz tremeu quando me lembrei das dificuldades e do orgulho com que os havia redigido.

Holmes tirou um maço de papéis do bolso.

— Aqui estão os seus relatórios, meu caro amigo, e bastante manuseados, garanto-lhe. Tomei providências excelentes, e eles só se atrasam um dia em seu caminho. Devo cumprimentá-lo calorosamente pelo zelo e a inteligência que você demonstrou num caso extraordinariamente difícil.

Eu ainda estava bastante magoado por ter sido logrado, mas o carinho do elogio de Holmes afastou a raiva da minha mente. Senti também no meu

íntimo que ele tinha razão no que dissera e que era realmente melhor para o nosso objetivo que eu não soubesse que ele estava no pântano.

— Assim é melhor — ele disse vendo a sombra desaparecer do meu rosto. — E agora conte-me o resultado da sua visita à sra. Laura Lyons. Não foi difícil, para mim, imaginar que foi para vê-la que você tinha ido, porque sei que ela é a única pessoa em Coombe Tracey que pode nos ajudar nesse assunto. Na verdade, se você não tivesse ido hoje, é muito provável que eu fosse amanhã.

O sol havia se posto e o crepúsculo caía sobre o pântano. O ar esfriara e nós entramos na cabana para nos aquecer. Ali, sentados juntos na semiescuridão, contei a Holmes a minha conversa com a mulher. Ele ficou tão interessado que tive que repetir uma parte duas vezes antes que ele se desse por satisfeito.

— Isto é muito importante — ele disse quando eu terminei. — Preenche uma lacuna que eu não conseguira transpor neste caso bastante complexo. Você sabe que existe uma grande intimidade entre essa dama e Stapleton?

— Eu não sabia da grande intimidade.

— Não pode haver dúvida a respeito disso. Eles se encontram, eles se escrevem, há um entendimento completo entre eles. Agora, isso coloca uma arma muito poderosa em nossas mãos. Se eu pudesse usá-la pelo menos para afastar sua mulher...

— Sua mulher?

— Estou dando a você uma informação em troca de todas que você me deu. A dama que tem passado aqui por senhorita Stapleton é, na verdade, mulher dele.

— Santo Deus, Holmes! Tem certeza do que está dizendo? Como ele pode ter permitido que *sir* Henry se apaixonasse por ela?

— O fato de *sir* Henry se apaixonar não podia fazer mal a ninguém, exceto a *sir* Henry. Ele tomou cuidado para que *sir* Henry não tivesse relações com ela, como você mesmo observou. Repito que a dama é sua mulher e não sua irmã.

— Mas por que essa impostura elaborada?

— Por que ele previu que ela seria muito mais útil para ele no papel de uma mulher livre.

Todos os meus instintos não manifestados, minhas desconfianças vagas, tomaram forma de repente e se concentraram no naturalista. Naquele

homem impulsivo, pálido, com seu chapéu de palha e sua rede de borboletas, tive a impressão de ver alguma coisa terrível, uma criatura de paciência e astúcia infinitas, com um rosto sorridente e um coração assassino.

— É ele, então, o nosso inimigo. Foi ele que nos seguiu em Londres?

— Foi assim que decifrei o enigma.

— E o aviso deve ter vindo dela!

— Exatamente.

A forma de alguma vilania monstruosa, entrevista, meio imaginada, surgiu através da escuridão que havia me rodeado por tanto tempo.

— Mas você tem certeza disso, Holmes? Como você sabe que a mulher é casada com ele?

— Porque ele até agora esqueceu-se de contar a você um trecho verdadeiro de autobiografia por ocasião do primeiro encontro com você, e arrisco-me a dizer que se arrependeu disso muitas vezes. Ele foi diretor de um colégio no norte da Inglaterra. Bem, nada é mais fácil do que seguir a pista de um diretor de colégio. Existem agências escolares por meio das quais se pode identificar qualquer homem que tenha estado na profissão. Uma pequena investigação mostrou-me que um colégio acabou arruinado em circunstâncias atrozes e que o homem que era o proprietário, o nome era diferente, havia desaparecido com a mulher. As descrições combinam. Quando eu soube que o homem desaparecido se dedicava à entomologia, a identificação ficou completa.

A escuridão estava diminuindo, mas muita coisa ainda estava escondida pelas sombras.

— Se essa mulher é realmente casada com ele, onde entra a sra. Laura Lyons? — perguntei.

— Esse é um dos pontos sobre os quais as suas próprias pesquisas lançaram uma luz. A sua entrevista com ela esclareceu muito a situação. Eu não sabia sobre o planejado divórcio entre ela e seu marido. Nesse caso, considerando Stapleton um homem livre, ela sem dúvida pretendia tornar-se mulher dele.

— E quando ela abrir os olhos?

— Ora, então podemos encontrar uma dama prestativa. Deve ser a nossa primeira tarefa ir vê-la, nós dois, amanhã. Você não acha, Watson, que está

longe do seu pupilo há bastante tempo? O seu lugar deve ser na Mansão Baskerville.

As últimas riscas vermelhas haviam desaparecido a oeste, e a noite caíra sobre o pântano. Algumas estrelas desmaiadas estavam brilhando num céu violeta.

— Uma última pergunta, Holmes — eu disse ao me levantar. — Certamente não há nenhuma necessidade de segredo entre mim e você. Qual é o significado disso tudo? O que ele procura?

A voz de Holmes ficou mais baixa quando respondeu.

— É assassinato, Watson, refinado, a sangue-frio, assassinato premeditado. Não me pergunte detalhes. Minhas redes estão se fechando sobre ele, assim como as dele estão sobre *sir* Henry, e com a sua ajuda ele já está quase à minha mercê. Só há um perigo que pode nos ameaçar. É ele atacar antes de estarmos prontos para fazê-lo. Mais um dia, dois no máximo, e tenho o meu caso completo, mas até lá cuide do seu pupilo tão atentamente quanto uma mãe extremosa vigia seu filho doente. A sua missão hoje está justificada, e apesar disso quase cheguei a desejar que você não tivesse saído do lado dele. Ouça!

Um grito terrível, um brado de horror e angústia, explodiu no silêncio do pântano. Esse grito medonho gelou o sangue em minhas veias.

— Oh, meu Deus! — eu disse, ofegante. — O que é isso? O que significa isso?

Holmes levantara-se de um salto, e vi o seu vulto escuro e atlético na porta da cabana, com os ombros curvados, a cabeça esticada para a frente e os olhos perscrutando a escuridão.

— Silêncio! — sussurrou. — Silêncio!

O grito fora alto devido à sua veemência, mas havia ressoado de algum lugar afastado na planície escura. Agora explodia nos nossos ouvidos, mais perto, mais alto, mais urgente do que antes.

— Onde ele está? — sussurrou Holmes, e eu percebi pela excitação da sua voz que ele, o homem de ferro, estava abalado até a alma. — Onde ele está, Watson?

— Lá, eu acho. — Apontei para a escuridão.

— Não, lá!

Novamente o grito de agonia atravessou a noite silenciosa, mais alto e muito mais perto do que nunca. E um novo som misturou-se com ele, um

troar sussurrado e profundo, musical e, mesmo assim, ameaçador, aumentando e diminuindo como o murmúrio baixo e constante do mar.

— O cão! — exclamou Holmes. — Venha, Watson, venha! Deus nos livre de chegarmos tarde demais!

Ele tinha começado a correr pelo pântano, e eu o seguia de perto. Mas agora, de algum lugar em meio ao terreno irregular bem à nossa frente, veio um último grito desesperado e depois uma pancada forte e ensurdecedora. Nós paramos e ficamos ouvindo. Nenhum outro som rompeu o silêncio pesado da noite sem vento.

Vi Holmes pôr a mão na testa como um homem distraído. Ele bateu com os pés no chão.

— Ele chegou antes de nós, Watson. Estamos atrasados demais.

— Não, não, com certeza não!

— Como fui tolo em me conter. E você, Watson, veja no que dá abandonar o seu pupilo! Mas, por Deus, se o pior aconteceu, nós o vingaremos!

Corremos cegamente pela escuridão, esbarrando em rochas, abrindo caminho através de moitas de tojo, subindo ofegantes as colinas e descendo encostas correndo, sempre na direção do lugar de onde aqueles sons horríveis tinham vindo. Em cada elevação, Holmes olhava em volta ansiosamente, mas as sombras eram densas sobre o pântano e nada se movia na sua superfície erma.

— Consegue ver alguma coisa?

— Nada.

— Mas, puxa, o que é aquilo?

Um gemido baixo havia chegado aos nossos ouvidos. Lá estava ele novamente à nossa esquerda! Nesse lado, uma crista de rochas terminava numa escarpa íngreme que dominava uma encosta juncada de pedras. Na sua superfície desigual estava estendido um objeto escuro, irregular. Quando corremos na direção dele, o contorno vago assumiu uma forma definida. Era um homem prostrado de bruços no chão, com a cabeça dobrada embaixo dele num ângulo horrível, os ombros arredondados, e o corpo encolhido como se estivesse no ato de dar um salto mortal. A postura era tão grotesca que não percebi no momento que aquele gemido tinha sido a entrega da sua alma. Nem um sussurro, nem um farfalhar vinha agora do vulto escuro sobre o qual nos curvamos. Holmes pôs a mão sobre ele e

ergueu-a novamente com uma exclamação de horror. A chama do fósforo que ele riscou iluminou os seus dedos melados e a poça horrível que se ampliava lentamente, saindo do crânio esmagado da vítima. E iluminou mais uma coisa que revirou nossas entranhas: o corpo de *sir* Henry Baskerville!

Não havia possibilidade de algum de nós esquecer aquele terno peculiar de *tweed* avermelhado, o mesmo que ele usara na primeira manhã em que o víramos na Baker Street. Nós o vimos de relance, e depois a chama do fósforo piscou e se apagou, ao tempo em que a esperança abandonava nossas almas. Holmes gemeu e seu rosto pálido brilhava na escuridão.

— O animal! O animal! — exclamei com os punhos cerrados. — Oh, Holmes, nunca me perdoarei por tê-lo deixado entregue à própria sorte.

— A culpa é mais minha do que sua, Watson. Para conseguir que o caso ficasse esclarecido e completo, desperdicei a vida do meu cliente. É o maior golpe que já sofri em minha carreira. Mas como eu poderia saber, como eu poderia saber que ele iria arriscar a sua vida sozinho no pântano apesar de todos os meus avisos?

— O fato de termos ouvido os gritos dele, meu Deus, aqueles gritos, e mesmo assim sermos incapazes de salvá-lo! Onde está esse cão feroz que o levou à morte? Ele pode estar escondido entre estas rochas neste momento. E Stapleton, onde ele está? Ele responderá por isto.

— Vai responder. Cuidarei disso. Tio e sobrinho foram assassinados, o primeiro morreu de pavor pela própria visão de uma fera que ele pensava ser sobrenatural, o outro levado ao seu fim na sua fuga louca para escapar dela. Mas agora temos de provar a relação entre o homem e a fera. A não ser pelo que ouvimos, não podemos nem mesmo jurar que ela existe, já que *sir* Henry, evidentemente, morreu da queda. Mas, por Deus, por mais astuto que ele seja, o sujeito estará em meu poder antes que termine mais um dia!

Ficamos ali com os corações amargurados ao lado do corpo desfigurado, esmagados por esse desastre repentino e irrevogável que havia levado todos os nossos esforços prolongados e cansativos a um fim tão lamentável. Depois, quando a lua se ergueu, subimos até o alto das rochas de cima das quais o nosso pobre amigo havia caído, e do cume contemplamos o pântano escuro, meio prateado e meio sombrio. Ao longe, a quilômetros de distância, na direção de Grimpen, uma luz amarela firme estava brilhando.

Ela só podia vir da casa isolada dos Stapleton. Com uma praga amarga sacudi meu punho para ela enquanto olhava.

— Por que não podemos pegá-lo logo?

— O nosso caso não está completo. O sujeito é desconfiado e astuto até o último grau. Não se trata do que nós sabemos, mas do que podemos provar. Se fizermos um movimento em falso, o vilão ainda pode nos escapar.

— O que podemos fazer?

— Teremos muita coisa para fazer amanhã. Esta noite só podemos realizar os últimos ritos para o nosso pobre amigo.

Descemos juntos a encosta escarpada e nos aproximamos do corpo, negro e nítido contra as pedras prateadas. A agonia daquelas pernas retorcidas provocara em mim um espasmo de dor e encheram meus olhos de lágrimas.

— Temos de pedir ajuda, Holmes! Nós não podemos carregá-lo até a mansão. Santo Deus, você está louco?

Ele havia soltado um grito e se inclinado sobre o corpo. Agora estava dançando, rindo e apertando a minha mão. Poderia ser este o meu amigo sério e controlado? Estes eram fogos escondidos, realmente!

— Uma barba! Uma barba! O homem tem uma barba!

— Uma barba?

— Não é o baronete, ora, é o meu vizinho, o condenado!

Com pressa febril viramos o corpo de frente, e aquela barba gotejante estava apontada para a lua fria e clara no alto. Não podia haver nenhuma dúvida quanto à testa saliente e aos olhos afundados de animal. Era, de fato, o mesmo rosto que havia olhado ferozmente para mim, à luz da vela, de cima da pedra, o rosto de Selden, o criminoso.

Depois, num instante, tudo ficou claro para mim. Lembrei-me de que o baronete havia me contado que dera o seu velho guarda-roupa a Barrymore. Este o havia passado adiante a fim de ajudar Selden em sua fuga. Botas, camisa, boné, era tudo de *sir* Henry. A tragédia ainda era terrível, mas este homem havia pelo menos merecido a morte pelas leis do seu país. Contei a Holmes o que acontecera, com o meu coração borbulhando de gratidão e alegria.

— Então as roupas causaram a morte do pobre-diabo — disse ele. — É evidente que o cão foi lançado na pista de algum objeto de *sir* Henry, provavelmente a bota que foi surrupiada do hotel, e assim descobriu este

homem. Mas há uma coisa muito estranha: como foi que Selden, no escuro, soube que o cão estava na sua pista?

— Ele deve ter ouvido alguma coisa.

— Ouvir um cão no pântano não provocaria num homem duro como este condenado esse paroxismo de terror, a ponto de se arriscar a ser recapturado gritando desesperadamente por socorro. Pelos seus gritos, ele deve ter corrido uma longa distância depois de saber que o animal estava na sua pista. Como ele soube?

— Um mistério maior para mim é o motivo por que esse cão, supondo que todas as nossas conjecturas estejam corretas...

— Não suponho nada.

— Bem, então, por que esse cão estava solto esta noite? Suponho que nem sempre ele corra solto pelo pântano. Stapleton não o deixaria ir a menos que tivesse motivos para pensar que *sir* Henry estaria lá.

— Minha dificuldade é a maior das duas, porque eu acho que teremos muito em breve uma explicação para a sua, ao passo que a minha pode permanecer eternamente um mistério. A questão agora é: o que devemos fazer com o corpo deste pobre-diabo? Não podemos abandoná-lo aqui para as raposas e os corvos.

— Sugiro que o deixemos dentro de uma das cabanas até conseguirmos nos comunicar com a polícia.

— Exatamente. Não tenho dúvida de que você e eu conseguiremos carregá-lo até lá. Ei, Watson, o que é isto? É o próprio homem! Nem uma palavra que revele as suas suspeitas, nem uma palavra, ou meus planos irão por água abaixo.

Um vulto estava se aproximando de nós pelo pântano, e eu vi o brilho vermelho fraco de um charuto. A lua brilhava sobre ele, e pude distinguir a forma agitada e o andar lépido do naturalista. Ele parou quando nos viu, e depois avançou novamente.

— Ora, dr. Watson, não é o senhor, é? O senhor é o último homem que eu esperaria ver aqui no pântano a esta hora da noite. Mas, meu Deus, o que é isto? Alguém ferido? Não, não me diga que é o nosso amigo *sir* Henry! — Ele passou rapidamente por mim e curvou-se sobre o homem morto. Ouvi uma respiração áspera e o charuto caiu dos seus dedos. — Quem, quem é este? — ele gaguejou.

— É Selden, o homem que fugiu de Princetown.

Stapleton virou para nós um rosto horrível, mas com um esforço supremo havia superado o seu espanto e o seu desapontamento. Ele olhou vivamente de Holmes para mim.

— Meu Deus! Que caso mais chocante! Como foi que ele morreu?

— Parece que partiu o pescoço caindo sobre estas pedras. Meu amigo e eu estávamos passeando pelo pântano quando ouvimos um grito.

— Eu ouvi um grito também. Foi isso que me fez sair. Eu estava preocupado com *sir* Henry.

— Por que com *sir* Henry em particular? — perguntei.

— Porque eu havia sugerido que ele fosse lá em casa. Quando não apareceu, fiquei surpreso e naturalmente preocupado com sua segurança quando ouvi gritos no pântano. A propósito, o senhor ouviu mais alguma coisa além de um grito? — seus olhos desviaram-se outra vez do meu rosto para o de Holmes.

— Não — disse Holmes. — O senhor ouviu?

— Não.

— O que quer dizer, então?

— Oh, o senhor conhece as histórias que os camponeses contam sobre um cão fantasma e assim por diante. Dizem que o ouvem à noite no pântano. Eu estava imaginando se tinham ouvido um som assim esta noite.

— Nós não ouvimos nada desse tipo — eu disse.

— E qual é a sua teoria sobre a morte deste pobre homem?

— Não tenho nenhuma dúvida de que a ansiedade e o abandono o fizeram perder a cabeça. Ele correu pelo pântano como um desvairado e acabou caindo aqui e quebrando o pescoço.

— Essa parece a teoria mais razoável — disse Stapleton, e deu um suspiro que julguei indicar seu alívio. — O que acha disso, sr. Sherlock Holmes?

Meu amigo inclinou-se num cumprimento.

— O senhor é rápido na identificação — disse ele.

— Estivemos à sua espera por aqui desde que o dr. Watson chegou. O senhor chegou a tempo de ver uma tragédia.

— Sim, realmente. Não tenho dúvida de que a explicação do meu amigo abrange os fatos. Vou levar uma lembrança desagradável para Londres amanhã.

— Oh, o senhor volta amanhã?

— Essa é a minha intenção.

— Espero que sua visita tenha lançado alguma luz sobre essas ocorrências que têm nos deixado intrigados.

Holmes encolheu os ombros.

— Não se pode ter sempre o sucesso que se espera. Um investigador precisa de fatos, e não lendas ou rumores. Não foi um caso satisfatório.

Meu amigo falou do seu jeito mais franco e despreocupado. Stapleton ainda olhava fixamente para ele. Depois virou-se para mim.

— Eu ia sugerir que levássemos este pobre sujeito para a minha casa, mas minha irmã ficaria com tanto medo que não me sinto no direito de fazer isso. Acho que se pusermos alguma coisa sobre o seu rosto ele ficará em segurança até de manhã.

E assim fizemos. Resistindo ao oferecimento de hospitalidade de Stapleton, Holmes e eu partimos para a Mansão Baskerville, deixando que o naturalista voltasse sozinho. Olhando para trás, vimos o vulto afastando-se lentamente pelo vasto pântano, e atrás dele aquela mancha preta sobre a encosta prateada que mostrava onde estava caído o homem que chegara ao seu fim de uma maneira tão horrível.

13

PRENDENDO AS REDES

— Estamos quase pegando o homem, finalmente — disse Holmes enquanto caminhávamos pelo pântano. — Que descaramento o sujeito tem! Como ele se recompôs diante do que deve ter sido um choque quando descobriu que o homem errado fora a vítima da sua trama. Eu disse a você em Londres, Watson, e digo-lhe agora outra vez, que nunca tivemos um inimigo mais merecedor da nossa determinação.

— Lamento que ele o tenha visto.

— Eu também, a princípio. Mas não havia meio de evitar isso.

— Que consequência você acha que terá para os seus planos o fato de ele saber que você está aqui?

— Isso pode fazer com que ele fique mais cuidadoso, ou pode levá-lo imediatamente a adotar medidas desesperadas. Como muitos criminosos espertos, ele pode confiar demais na sua própria esperteza e imaginar que nos enganou completamente.

— Por que não o prendemos imediatamente?

— Meu caro Watson, você nasceu para ser um homem de ação. O seu instinto é sempre fazer alguma coisa enérgica. Mas supondo, só para argumentar, que mandemos prendê-lo esta noite, como diabos isso nos ajudaria? Não podemos provar nada contra ele. Essa é a astúcia diabólica da coisa! Se ele estivesse agindo por intermédio de um agente humano, poderíamos obter alguma prova, mas, se tivermos que arrastar esse cachorrão para a luz do dia, isso não nos ajudará a pôr uma corda em volta do pescoço do seu dono.

— Certamente temos base para um processo.

— Nem para a sombra de um, apenas suspeitas e conjecturas. Vão rir de nós no tribunal se chegarmos lá com essa história e essas provas.

— Há a morte de *sir* Charles.

— Encontrado morto sem uma marca no corpo. Você e eu sabemos que ele morreu de puro pavor e sabemos também o que o assustou; mas como vamos fazer com que 12 jurados impassíveis acreditem nisso? Que sinais existem de um cão? Onde estão as marcas dos seus dentes? É claro que sabemos que um cão não morde um cadáver e que *sir* Charles estava morto antes mesmo de o animal alcançá-lo. Mas temos que *provar* tudo isso e não estamos em condições de fazer isso.

— Bem, então esta noite?

— Não estamos em situação melhor esta noite. Novamente, não há nenhuma relação direta entre o cão e a morte do homem. Nós nem vimos o cão. Nós o ouvimos, mas não podemos provar que ele estava correndo na pista deste homem. Há uma ausência absoluta de motivo. Não, meu caro amigo; precisamos nos conformar com o fato de que não temos nenhum caso policial no momento e que vale a pena corrermos qualquer risco a fim de estabelecer um.

— E como você se propõe a fazer isso?

— Eu deposito grandes esperanças no que a sra. Laura Lyons possa fazer por nós quando a situação ficar clara para ela. E tenho o meu próprio plano também. Espero finalmente estar em posição vantajosa antes de o dia terminar.

Não consegui arrancar mais nada dele, e ele caminhou, perdido nos seus pensamentos, até os portões de Baskerville.

— Você vai entrar?

— Sim; não vejo motivo para me esconder mais. Mas uma última palavra, Watson. Não diga nada sobre o cão a *sir* Henry. Deixe-o pensar que a morte de Selden foi como Stapleton queria que acreditássemos. Ele terá maior coragem para a provação pela qual terá de passar amanhã, quando está convidado, se me lembro bem do seu relatório, para jantar com essas pessoas.

— E eu também.

— Então você deve se desculpar e ele precisa ir sozinho. Isso será conseguido facilmente. E agora, se estamos atrasados demais para jantar, acho que estamos prontos para as nossas ceias.

Sir Henry ficou mais satisfeito do que surpreso ao ver Sherlock Holmes, porque, durante alguns dias, ele esperara que os acontecimentos recentes o trouxessem de Londres. Mas ele ergueu as sobrancelhas quando descobriu que o meu amigo não tinha nenhuma bagagem nem qualquer explicação para a falta dela. Nós dois atendemos logo às suas necessidades e depois, durante uma ceia tardia, explicamos ao baronete a parte da nossa experiência que achamos que ele devia saber. Mas primeiro tive o desagradável dever de dar a notícia a Barrymore e sua mulher. Para ele isso pode ter sido um alívio completo, mas ela chorou amargamente em seu avental. Para todo mundo ele era o homem violento, meio animal e meio demônio, mas, para ela, Selden continuou sendo sempre o menininho teimoso da sua própria infância, a criança que segurara em sua mão. Mau, realmente, é o homem que não tem uma mulher para pranteá-lo.

— Fiquei me aborrecendo em casa o dia inteiro, desde que Watson saiu de manhã — disse o baronete. — Acho que mereço algum crédito, porque mantive minha promessa. Se eu não tivesse jurado que não ia sair sozinho, podia ter tido uma noite mais animada, porque recebi um recado de Stapleton convidando-me para ir até lá.

— Não tenho nenhuma dúvida de que o senhor teria tido uma noite mais animada — disse Holmes secamente. — A propósito, suponho que o senhor não gostaria que estivéssemos pranteando o seu corpo com o pescoço partido.

Sir Henry abriu os olhos.

— Como foi isso?

— Esse pobre desgraçado estava vestido com as suas roupas. Receio que o seu empregado, que as deu a ele, possa ter problemas com a polícia.

— Isso é pouco provável. Não havia marca em nenhuma delas, pelo que sei.

— Isso é sorte dele. Na verdade, é sorte para vocês todos, já que vocês estão do lado errado da lei nesta questão. Não tenho certeza de que, como um detetive consciencioso, meu primeiro dever não seja prender todos os que moram nesta casa. Os relatórios de Watson são documentos muito incriminadores.

— Mas e quanto ao caso? — perguntou o baronete. — O senhor conseguiu deslindar alguma coisa? Acho que Watson e eu não sabemos muito mais desde que viemos para cá.

— Acho que estarei em condições de esclarecer muita coisa para o senhor dentro de pouco tempo. É um caso extremamente difícil e complicado. Há vários pontos sobre os quais ainda precisamos de esclarecimentos, mas estes virão da mesma forma.

— Tivemos uma experiência, como Watson deve ter contado ao senhor. Ouvimos o cão no pântano, de modo que posso jurar que nem tudo é uma superstição vazia. Lidei um pouco com cães quando estava no Oeste, e conheço um quando ouço. Se o senhor puder amordaçar esse e prendê-lo numa corrente, estarei pronto a jurar que o senhor é o maior detetive de todos os tempos.

— Acho que o amordaçarei e o porei numa corrente se o senhor me der a sua ajuda.

— Farei tudo que o senhor mandar.

— Muito bem, e vou pedir-lhe também para fazer isso cegamente, sem perguntar o motivo.

— Como quiser.

— Se o senhor fizer isso, acho que o nosso pequeno problema será resolvido em breve. Não tenho nenhuma dúvida...

Ele parou de repente e ficou olhando fixamente por cima da minha cabeça para o ar. A luz batia em seu rosto e ele estava tão atento e tão imóvel que podia ser o de uma estátua clássica nítida, uma personificação da vigilância e da expectativa.

— O que é? — exclamamos.

Pude perceber, quando baixou os olhos, que ele estava reprimindo alguma emoção interior. Suas feições ainda estavam compostas, mas seus olhos brilhavam com um júbilo divertido.

— Desculpe a admiração de um *connoisseur* — ele disse ao apontar para a fila de retratos que cobria a parede oposta. — Watson não admite que eu conheça alguma coisa sobre arte, mas isso é simples ciúme, porque as nossas opiniões sobre o assunto diferem. Mas esta é realmente uma série ótima de retratos.

— Bem, alegro-me de ouvi-lo dizer isso — disse *sir* Henry, olhando com certa surpresa para o meu amigo. — Não tenho a pretensão de conhecer muito sobre essas coisas, e seria melhor juiz de um cavalo ou de um novilho do que de um quadro. Eu não sabia que o senhor encontrava tempo para essas coisas.

— Conheço o que é bom quando vejo, e estou vendo agora. Esse é um Kneller, posso jurar, essa dama de seda azul ali, e o cavalheiro robusto com a peruca deve ser um Reynolds. São todos retratos de família, suponho.

— Todos eles.

— O senhor sabe os nomes?

— Barrymore tem me instruído a respeito, e acho que posso recitar minha lição razoavelmente bem.

— Quem é o cavalheiro com o óculo de alcance?

— Esse é o contra-almirante Baskerville, que serviu com Rodney nas Índias Ocidentais. O homem com o casaco azul e o rolo de papel é *sir* William Baskerville, que foi presidente de Comissões da Câmara dos Comuns na época de Pitt.

— E este cavalheiro na minha frente, aquele com o veludo preto e as rendas?

— Ah, o senhor tem o direito de saber sobre ele. Este é a causa de todas as confusões, o malvado Hugo, que começou o Cão dos Baskerville. É provável que não o esqueçamos.

Fiquei olhando com interesse e uma certa surpresa para o retrato.

— Santo Deus! — disse Holmes. — Ele parece um homem bastante tranquilo e de hábitos pacíficos, mas ouso dizer que havia um demônio escondido em seus olhos. Eu o havia imaginado como uma pessoa mais robusta e fanfarrona.

— Não há nenhuma dúvida quanto à autenticidade, porque o nome e a data, 1647, estão atrás da tela.

Holmes falou pouca coisa além disso, mas o retrato do velho pândego parecia exercer uma fascinação sobre ele, e seus olhos continuaram fixos nele durante a ceia. Só mais tarde, quando *sir* Henry já havia ido para o seu quarto, é que pude seguir a linha dos seus pensamentos. Ele me levou de volta ao salão de banquetes com a vela do seu quarto na mão e a aproximou do retrato manchado pelo tempo na parede.

— Você está vendo alguma coisa ali?

Olhei para o chapéu de plumas grandes, os cachos encaracolados, o colarinho de renda branca e o rosto severo e franco emoldurado por eles. Não era um semblante brutal, mas era afetado, rígido e severo, com uma boca de lábios finos resolutos e um olhar friamente intolerante.

— Parece-se com alguém que você conhece?

— Há alguma coisa de *sir* Henry no queixo.
— Apenas uma sugestão, talvez. Mas espere um instante! — Ele subiu numa cadeira e, segurando a luz na mão esquerda, cobriu com o braço direito o chapéu largo e os longos cachos.
— Santo Deus! — exclamei, espantado.
O rosto de Stapleton havia saltado da tela.
— Ah, você está vendo agora. Meus olhos foram treinados para examinar fisionomias e não seus acessórios. A primeira qualidade de um investigador criminal é poder ver através de um disfarce.
— Mas isto é maravilhoso. Podia ser o retrato dele.
— Sim, esse é um exemplo interessante de reversão a um tipo ancestral, que parece ser tanto física como espiritual. Um estudo de retratos de família é suficiente para converter um homem à doutrina da reencarnação. O sujeito é um Baskerville, isso é evidente.
— Com pretensão na sucessão.
— Exatamente. Este acaso do retrato nos forneceu um dos elos perdidos mais óbvios. Nós o temos, Watson, nós o temos, e arrisco-me a jurar que antes de amanhã à noite ele estará esvoaçando em nossa rede tão impotente quanto uma de suas próprias borboletas. Um alfinete, uma rolha e um cartão, e nós o acrescentaremos à coleção da Baker Street! — Ele teve um dos seus raros ataques de riso enquanto se afastava do retrato. Eu não o ouvira rir muitas vezes, e isso sempre resultou em mau presságio para alguém.
Acordei cedo de manhã, mas Holmes levantou-se mais cedo ainda, porque eu o vi subindo pelo caminho enquanto me vestia.
— Devemos ter um dia cheio hoje — ele comentou e esfregou as mãos com a alegria da ação. — As redes estão em posição, e o arrastão está prestes a começar. Saberemos, antes de o dia terminar, se pegamos o nosso lúcio grande de queixo fino, ou se ele fugiu através das malhas.
— Você já esteve no pântano?
— Mandei um relatório de Grimpen para Princetown a respeito da morte de Selden. Acho que posso prometer que nenhum de vocês será incomodado nesse caso. E comuniquei-me também com o meu fiel Cartwright, que certamente estaria grudado na porta da minha cabana como um cão na sepultura do seu dono se eu não o tivesse tranquilizado em relação à minha segurança.

— Qual é o próximo passo?
— Ver *sir* Henry. Ah, aqui está ele!
— Bom dia, Holmes — disse o baronete. — Você parece um general planejando uma batalha com o chefe do seu estado-maior.
— Essa é a situação exata. Watson estava perguntando pelas ordens.
— E eu também.
— Muito bem. Você tem um compromisso, pelo que sei, de jantar com os nossos amigos Stapleton esta noite.
— Espero que você venha também. Eles são pessoas muito hospitaleiras, e tenho certeza de que ficariam muito satisfeitos de vê-lo.
— Acho que Watson e eu teremos de ir para Londres.
— Para Londres?
— Sim, acho que poderíamos ser mais úteis lá, nas atuais circunstâncias.
O rosto do baronete se encompridou perceptivelmente.
— Eu esperava que vocês fossem me ajudar neste caso até o fim. A Mansão e o pântano não são lugares muito agradáveis quando se está sozinho.
— Meu caro amigo, você tem de confiar em mim implicitamente e fazer exatamente o que eu mandar. Pode dizer aos seus amigos que ficaríamos felizes de ter ido com você, mas que negócios urgentes exigiram a nossa presença na cidade. Esperamos voltar logo ao Devonshire. Você se lembrará de dar a eles esse recado?
— Se você insiste nisso.
— Não há nenhuma alternativa, garanto-lhe.
Vi pela fronte anuviada do baronete que ele estava profundamente magoado pelo que considerava uma deserção nossa.
— Quando vocês desejam ir? — ele perguntou friamente.
— Imediatamente após o café. Iremos de charrete até Coombe Tracey, mas Watson deixará suas coisas como garantia de que voltará para a sua companhia. Watson, mande um bilhete para Stapleton dizendo-lhe que lamenta não poder ir.
— Estou com vontade de ir para Londres com vocês — disse o baronete. — Por que deveria ficar aqui sozinho?
— Porque esse é o seu posto de serviço. Porque você me deu a sua palavra de que faria o que lhe mandassem, e estou dizendo para você ficar.
— Está bem, então ficarei.

— Mais uma instrução! Quero que vá de charrete para a casa de Merripit. Mas mande a charrete de volta e diga-lhes que pretende voltar a pé para casa.

— A pé pelo pântano?

— É.

— Mas isso é exatamente o que você me avisou tantas vezes para não fazer.

— Desta vez você pode fazer isso com segurança. Se eu não tivesse absoluta confiança na sua coragem e sua determinação, não sugeriria isso, mas é essencial que o faça.

— Então farei.

— E se você dá valor à sua vida, só atravesse o pântano pelo caminho direto que vai da casa de Merripit até a estrada de Grimpen, e que é o seu caminho natural para casa.

— Farei exatamente o que você diz.

— Muito bem. Gostaria de ir embora logo depois do café, para chegar a Londres à tarde.

Eu fiquei muito espantado com este programa, embora me lembrasse de Holmes ter dito a Stapleton na noite anterior que sua visita terminaria no dia seguinte. Mas não passara pela minha cabeça que ele iria querer que eu fosse com ele, nem conseguia compreender como nós dois poderíamos ficar ausentes num momento que ele próprio afirmara ser decisivo. Mas não havia nada a fazer exceto obedecer implicitamente, de modo que dissemos adeus ao nosso amigo pesaroso, e duas horas depois estávamos na estação de Coombe Tracey e havíamos mandado a charrete de volta. Um garotinho estava esperando na plataforma.

— Alguma ordem, senhor?

— Você vai tomar este trem para a cidade, Cartwright. Quando chegar, mandará um telegrama para *sir* Henry Baskerville em meu nome, para dizer que, se ele encontrar o caderninho de notas que deixei cair, deve mandá-lo registrado pelo correio para a Baker Street.

— Sim, senhor.

— E pergunte no escritório da estação se há um recado para mim.

O menino voltou com um telegrama, que Holmes me entregou. Ele dizia: “Telegrama recebido. Indo para aí com mandado não assinado. Chego 17h40. Lestrade.”

— Este é uma resposta ao meu desta manhã. Ele é o melhor dos profissionais, eu acho, e podemos precisar da sua ajuda. Agora, Watson, acho que não podemos usar melhor o nosso tempo do que visitando a nossa conhecida, sra. Laura Lyons.

Seu plano de ação estava começando a ficar evidente. Ele usaria o baronete para convencer os Stapletons de que havíamos realmente ido embora, enquanto na verdade voltaríamos no momento em que provavelmente seríamos necessários. Aquele telegrama de Londres, se mencionado por *sir* Henry aos Stapletons, deveria afastar as últimas suspeitas de suas mentes. Eu já tinha a impressão de ver as nossas redes se apertando em torno daquele lúcio de queixo fino.

A sra. Laura Lyons estava no escritório, e Sherlock Holmes iniciou sua entrevista com uma franqueza e uma objetividade que a deixaram muito espantada.

— Estou investigando as circunstâncias que cercaram a morte de *sir* Charles Baskerville — ele disse. — Meu amigo aqui, o dr. Watson, contou-me o que a senhora havia comunicado a ele, e também o que a senhora escondeu em relação a esse assunto.

— O que foi que eu escondi? — ela perguntou de modo desafiador.

— A senhora confessou que pediu a *sir* Charles para estar no portão às 22 horas. Nós sabemos que esse foi o lugar e a hora da sua morte. A senhora escondeu qual a relação que há entre esses fatos.

— Não há nenhuma relação.

— Nesse caso a coincidência realmente deve ser extraordinária. Mas acho que conseguiremos estabelecer uma relação, afinal de contas. Desejo ser absolutamente franco com a senhora. Consideramos este caso como assassinato, e a prova pode implicar não só o seu amigo sr. Stapleton, mas também a mulher dele.

A dama saltou da cadeira.

— Sua mulher! — ela exclamou.

— O fato não é mais segredo. A pessoa que tem passado por sua irmã é, na verdade, sua mulher.

A sra. Lyons havia se sentado novamente. Suas mãos estavam agarradas aos braços da cadeira, e vi que as unhas cor-de-rosa tinham ficado brancas com a pressão.

— Sua mulher! — ela repetiu. — Sua mulher! Ele não é casado.

Sherlock Holmes encolheu os ombros.

— Prove-me! Prove-me! E se conseguir fazer isso... — O brilho feroz dos seus olhos foi mais eloquente do que quaisquer palavras.

— Vim preparado para isso — disse Holmes, tirando vários documentos do bolso. — Aqui está uma fotografia do casal tirada em York há quatro anos. Está endossada “sr. e sra. Vandeleur”, mas a senhora não terá nenhuma dificuldade em reconhecê-lo, e a ela também, se a conhece de vista. Aqui estão três descrições por escrito, de testemunhas dignas de confiança, do sr. e da sra. Vandeleur, que nessa época tinham o colégio particular de St. Oliver. Leia-as e diga se pode duvidar da identidade destas pessoas.

Ela olhou para elas e depois ergueu os olhos para nós com o rosto imóvel e rígido de uma mulher desesperada.

— Sr. Holmes, este homem ofereceu-se para se casar comigo com a condição de eu conseguir o divórcio do meu marido — ela disse. — Ele mentiu para mim, o vilão, de todas as maneiras possíveis. Ele jamais me disse uma palavra verdadeira. E por quê, por quê? Imaginei que tudo fosse para o meu próprio bem. Mas agora vejo que nunca fui nada além de um instrumento em suas mãos. Por que devo continuar fiel a ele, que nunca foi fiel a mim? Por que devo tentar protegê-lo das consequências dos seus próprios atos perversos? Pergunte-me o que quiser, e não esconderei nada. Uma coisa eu juro ao senhor, e essa é que, quando escrevi a carta, nunca imaginei prejudicar o velho cavalheiro, que foi o meu amigo mais bondoso.

— Acredito totalmente na senhora, madame — disse Sherlock Holmes. — A narração desses acontecimentos deve ser muito penosa para a senhora, e talvez seja mais fácil se eu lhe contar o que ocorreu, e a senhora pode me corrigir se eu cometer algum erro. O envio dessa carta foi sugerido à senhora por Stapleton?

— Ele a ditou.

— Suponho que o motivo que ele deu foi que a senhora receberia ajuda de *sir* Charles para as despesas legais relativas ao seu divórcio.

— Exatamente.

— E depois que a senhora enviou a carta, ele fez com que desistisse de comparecer ao encontro?

— Ele me disse que ficaria com o seu orgulho ferido se algum outro homem desse o dinheiro com esse objetivo e que, embora ele fosse um

homem pobre, empregaria o seu último pêni para remover os obstáculos que nos separavam.

— Ele parece ter um caráter muito coerente. E depois a senhora não soube de mais nada até ler as notícias da morte no jornal?

— Não.

— E ele a fez jurar que não iria contar nada sobre o seu encontro marcado com *sir* Charles?

— Fez. Ele disse que a morte foi muito misteriosa e que certamente desconfiariam de mim se os fatos fossem revelados. Ele me assustou para que eu ficasse em silêncio.

— Exatamente. Mas a senhora nunca desconfiou?

Ela hesitou e baixou os olhos.

— Eu o conhecia — disse ela. — Mas, se ele tivesse sido fiel a mim, eu seria sempre fiel a ele.

— Acho que, de modo geral, a senhora escapou com sorte — disse Sherlock Holmes. — A senhora o teria em seu poder e ele sabia disso, e contudo a senhora está viva. A senhora andou durante alguns meses muito perto da beira do precipício. Devemos desejar-lhe bom-dia agora, sra. Lyons, e é provável que a senhora muito em breve tenha notícias nossas outra vez.

“Nosso caso está se completando, e dificuldade após dificuldade está se desvanecendo diante de nós — disse Holmes quando estávamos esperando a chegada do expresso da cidade. — Logo estarei em condição de colocar numa única narrativa articulada um dos crimes mais estranhos e sensacionais dos últimos tempos. Os estudantes de criminologia irão se lembrar de incidentes análogos em Godno, na Pequena Rússia,[14] no ano de 1866, e naturalmente há os assassinatos de Anderson na Carolina do Norte, mas este caso possui algumas características que são inteiramente próprias. Mesmo agora, não temos uma base definida para um processo contra esse homem astuto. Mas ficarei muito surpreso se ele não estiver bastante definido antes de irmos para a cama esta noite.”

O expresso de Londres entrou resfolegando na estação, e um homem pequeno e forte, parecido com um buldogue, saltou de um vagão da primeira classe. Nós três apertamos as mãos, e vi logo, pelo modo reverente como Lestrade olhava para o meu amigo, que ele aprendera um bocado

desde o tempo em que haviam trabalhado juntos pela primeira vez. Pude me lembrar bem do desprezo que as teorias do intelectual costumavam despertar então no homem prático.

— Alguma coisa boa? — ele perguntou.

— A maior de muitos anos — disse Holmes. — Temos duas horas antes de precisarmos pensar em partir. Acho que devemos usá-las para jantar, e depois, Lestrade, vamos tirar a cerração de Londres da sua garganta dando-lhe um pouco do ar puro da noite de Dartmoor. Nunca esteve lá? Ah, bem, acho que você não vai se esquecer de sua primeira visita.

14 Antiga área com fronteiras indefinidas, incluindo a Rutênia Carpática, a Polônia Oriental, a Ucrânia e as margens ocidentais do mar Negro.

14

O CÃO DOS BASKERVILLE

Um dos defeitos de Sherlock Holmes, se é que realmente se pode chamar isso de defeito, era o fato de ser excessivamente avesso a comunicar os seus planos completos a qualquer outra pessoa até o momento da sua execução. Em parte isso vinha sem dúvida da sua própria natureza autoritária, que adorava dominar e surpreender aqueles que estavam à sua volta. Em parte, também, da sua cautela profissional, que o impedia sempre de correr qualquer risco. Mas o resultado era muito penoso para aqueles que estavam agindo como seus agentes e assistentes. Eu havia sofrido com isso muitas vezes, mas nunca tanto quanto durante aquela longa viagem de charrete na escuridão. A grande provação estava diante de nós; pelo menos estávamos prestes a fazer o nosso esforço final, e apesar disso Holmes não havia dito nada, e pude apenas imaginar qual seria o curso da sua ação. Meus nervos formigaram de expectativa quando, finalmente, o vento frio em nossos rostos e os espaços vazios, escuros, dos dois lados da estrada estreita me indicaram que estávamos, mais uma vez, de volta ao pântano. Cada passo dos cavalos e cada volta das rodas estavam nos levando para mais perto da nossa aventura suprema.

Nossa conversa foi dificultada pela presença do cocheiro da charrete alugada, de modo que fomos obrigados a falar de assuntos banais quando os nossos nervos estavam tensos de emoção e expectativa. Foi um alívio para mim, após essa limitação pouco natural, quando passamos finalmente pela casa de Frankland e vimos que estávamos chegando perto da mansão e do local da ação. Nós não fomos de charrete até a porta, mas descemos perto do portão da avenida. A charrete foi paga e mandada imediatamente de

volta para Coombe Tracey, enquanto começamos a caminhar para a Casa de Merripit.

— Você está armado, Lestrade?

O pequeno detetive sorriu.

— Enquanto estiver com as minhas calças, tenho um bolso traseiro e, enquanto tiver meu bolso traseiro, tenho algo dentro dele.

— Ótimo! Meu amigo e eu também estamos prontos para emergências.

— O senhor está muito reticente a respeito deste caso, sr. Holmes. Qual é o jogo agora?

— Um jogo de espera.

— Palavra, esse não parece um lugar muito animado — disse o detetive com um calafrio, olhando em volta para as encostas sombrias da colina e para a cerração que pairava sobre o charco de Grimpen. — Vejo as luzes de uma casa na nossa frente.

— Essa é a Casa de Merripit e o fim da nossa jornada. Devo pedir-lhes que caminhem na ponta dos pés e que só falem por sussurros.

Seguimos cautelosamente pelo caminho como se estivéssemos nos dirigindo para a casa, mas Holmes nos deteve quando estávamos a cerca de 180 metros dela.

— Aqui está bom — disse ele. — Estas pedras à direita constituem uma proteção admirável.

— Vamos esperar aqui?

— Sim, faremos a nossa pequena emboscada aqui. Entre neste recuo, Lestrade. Você já esteve dentro da casa, não esteve, Watson? Pode dizer a posição das peças? De onde são aquelas janelas com treliças nesta extremidade?

— Acho que são as janelas da cozinha.

— E aquela ali, tão iluminada?

— Aquela certamente é da sala de jantar.

— As cortinas estão levantadas. Você conhece melhor a disposição do terreno. Avance em silêncio e veja o que eles estão fazendo, mas, pelo amor de Deus, não deixe que eles percebam que estão sendo vigiados!

Desci pelo caminho na ponta dos pés e agachei-me atrás de um muro baixo que cercava o pomar raquítico. Entrando com cuidado em sua sombra, atingi um ponto de onde podia olhar diretamente pela janela sem cortina.

Havia apenas dois homens na sala, *sir* Henry e Stapleton. Estavam sentados de perfil para mim, em lados opostos de uma mesa. Os dois estavam fumando charutos, e havia café e vinho diante deles. Stapleton estava falando com animação, mas o baronete parecia pálido e distraído. Talvez a lembrança daquela caminhada solitária pelo pântano de mau agouro estivesse pesando muito em sua mente.

Enquanto eu os observava, Stapleton levantou-se e saiu da sala, enquanto *sir* Henry enchia o seu copo outra vez e recostava-se na cadeira, fumando o charuto. Ouvi uma porta rangendo e o ruído nítido de botas sobre o saibro. Os passos atravessaram o caminho do outro lado do muro atrás do qual eu estava agachado. Olhando por cima, vi o naturalista parar diante da porta de uma dependência no canto do pomar. Uma chave girou numa fechadura, e, quando ele entrou ali, ouvi um ruído curioso de luta vindo de dentro. Ele ficou apenas um minuto ali dentro; depois ouvi a chave girar outra vez e ele passou por mim e entrou novamente em casa. Vi quando ele entrou na sala onde estava seu convidado e voltei cautelosamente para o lugar onde meus companheiros estavam esperando para contar-lhes o que vira.

— Você diz, Watson, que a mulher não está lá? — perguntou Holmes quando eu terminei meu relato.

— Não.

— Onde ela pode estar, então, já que não há luz em nenhum outro cômodo, exceto na cozinha?

— Não posso imaginar onde ela esteja.

Eu havia dito que sobre o grande charco de Grimpen pairava uma cerração branca e densa. Ela estava vindo lentamente em nossa direção e se acumulava como um muro daquele lado, baixa mas espessa e bem definida. A lua brilhava sobre ela, e parecia um grande campo de gelo bruxuleante, com os cumes dos picos rochosos distantes como rochas colocadas sobre a sua superfície. O rosto de Holmes virou-se para ela e ele resmungou impaciente enquanto observava o seu avanço lento.

— Ela está vindo em nossa direção, Watson.

— Isso é grave?

— Muito grave, realmente, a única coisa na terra que poderia transtornar os meus planos. Ele não pode demorar muito agora. Já são 22 horas. O nosso êxito e até a vida dele podem depender da saída dele antes que a cerração cubra o caminho.

A noite estava clara e linda acima de nós. As estrelas brilhavam frias e nítidas, enquanto uma meia-lua banhava toda a cena com uma luz suave e hesitante. Diante de nós estava o contorno escuro da casa, com o seu telhado serrilhado e chaminés eriçadas delineados contra o céu prateado reluzente. Faixas largas de luz dourada das janelas de baixo estendiam-se pelo pomar e o pântano. Uma delas apagou-se de repente. Os criados haviam saído da cozinha. Restava apenas o lampião da sala de jantar onde os dois homens, o anfitrião assassino e o convidado inocente, ainda conversavam, fumando seus charutos. A cada minuto aquela névoa branca feito lã que cobria metade do pântano arrastava-se cada vez mais para perto da casa. As primeiras espirais finas dela já estavam atravessando o quadrado dourado da janela iluminada. O muro oposto do pomar já estava invisível, e as árvores apareciam em meio a um redemoinho de vapor branco. Enquanto observávamos, as espirais da cerração envolveram os dois cantos da casa e rolaram lentamente formando uma barreira densa, sobre a qual o andar superior e o telhado flutuavam como uma embarcação estranha num mar sombrio. Holmes deu um soco colérico na pedra diante de nós e bateu com os pés em sua impaciência.

— Se ele não sair em 15 minutos, o caminho ficará coberto. Dentro de meia hora não conseguiremos ver nossas mãos diante de nós.

— Vamos recuar para mais longe, para um terreno mais elevado?

— Sim, acho que isso seria melhor.

Assim, à medida que a barreira de cerração deslocava-se para a frente, nós recuávamos, até ficarmos a oitocentos metros da casa, e aquele denso mar branco com a lua prateando sua orla superior ainda avançava lenta e inexoravelmente.

— Estamos nos afastando muito — disse Holmes. — Não podemos correr o risco de ele ser alcançado antes de poder chegar até nós. Devemos ficar onde estamos a todo o custo. — Ele se ajoelhou e colou o ouvido no chão. — Graças a Deus, acho que o estou ouvindo chegar.

Um ruído de passos rápidos quebrou o silêncio do pântano. Agachados entre as pedras, olhávamos atentamente para a barreira com o topo prateado diante de nós. Os passos ficaram mais altos, e através da cerração, como através de uma cortina, surgiu o homem que estávamos esperando. Ele olhou em volta surpreso ao sair na noite clara e estrelada. Depois veio rapidamente pelo caminho, passou perto de onde estávamos e continuou

subindo a longa encosta atrás de nós. Enquanto andava, ele olhava constantemente por cima dos ombros, como um homem que estivesse pouco à vontade.

— Psiu! — fez Holmes, e ouvi o estalido metálico de uma pistola sendo engatilhada. — Cuidado! Ele está vindo!

Havia um ruído de patas, fraco, áspero e contínuo vindo de algum lugar no meio da barreira que se arrastava. A nuvem estava a quarenta metros de nós, e olhamos fixamente para ela, todos os três, sem saber qual o horror que estava prestes a surgir do meio dela. Eu estava junto ao cotovelo de Holmes, e olhei por um instante para o seu rosto. Ele estava pálido e exultante, com os olhos brilhando ao luar. Mas de repente eles se fixaram em frente num olhar rígido, e seus lábios se abriram estupefatos. No mesmo instante Lestrade soltou um grito de terror e jogou-se de bruços no chão. Eu me levantei de um salto, com minha mão inerte agarrada na pistola, minha mente paralisada pela aparição medonha que havia saltado sobre nós das sombras da cerração. Era um cão, um enorme cão negro como carvão, mas não um cão que olhos de algum mortal já tivessem visto. Saía fogo de sua boca, seus olhos brilhavam, seu focinho, pelos do pescoço e papada estavam delineados em chamas bruxuleantes. Nenhum sonho delirante de um cérebro perturbado podia conceber algo mais selvagem, mais aterrador, mais infernal do que a forma escura e a cara selvagem que surgiu do muro da cerração.

Com saltos longos, a imensa criatura preta estava descendo o caminho aos pulos, seguindo firme os passos do nosso amigo. Ficamos tão paralisados pela aparição que permitimos que ela passasse antes de recuperarmos a coragem. Então Holmes e eu atiramos juntos, e a criatura soltou um uivo medonho, que mostrou que pelo menos um a havia atingido. Mas ela não parou, e continuou seguindo aos pulos. Mais adiante no caminho, vimos *sir* Henry olhando para trás com o rosto branco iluminado pelo luar, as mãos erguidas de terror, olhando indefeso para a coisa assustadora que o estava perseguindo.

Mas aquele grito de dor do cão fizera com que os nossos receios desaparecessem. Se ele era vulnerável, era mortal, e, se podíamos feri-lo, podíamos matá-lo. Nunca tinha visto um homem correr tanto como Holmes correu naquela noite. Sou considerado ligeiro, mas ele me ultrapassou tanto quanto eu ultrapassei o pequeno profissional. Diante de nós, enquanto

voávamos pelo caminho, ouvimos grito após grito de *sir* Henry e o rosnar profundo do cão. Cheguei a tempo de ver a fera saltar sobre sua vítima, atirá-la ao chão, e lançar-se à sua garganta. Mas no instante seguinte Holmes havia disparado cinco tiros do seu revólver no flanco da criatura. Com um último uivo de agonia e uma mordida enraivecida no ar, ela rolou de costas com as quatro patas agitando-se furiosamente, e depois caiu de lado. Eu me abaixei, ofegante, e encostei minha pistola na cabeça horrível, que brilhava fracamente, mas não foi necessário apertar o gatilho. O cão gigantesco estava morto.

Sir Henry jazia inconsciente no lugar onde havia caído. Arrancamos o seu colarinho e Holmes murmurou uma prece de gratidão quando viu que não havia nenhum sinal de ferimento e que o socorro havia chegado a tempo. As pálpebras do nosso amigo já estremeciam e ele fez um esforço débil para se mexer. Lestrade enfiou seu frasco de conhaque entre os dentes do baronete, e dois olhos assustados ficaram olhando para nós.

— Meu Deus! — sussurrou ele. — O que era isso? O que, em nome dos céus, era isso?

— Está morto, o que quer que seja — disse Holmes. — Liquidamos o fantasma da família de uma vez por todas.

Só no tamanho e na força era uma criatura terrível que estava estendida diante de nós. Não era um sabujo puro e não era um mastim puro, mas parecia uma combinação dos dois, ossudo, selvagem, e com o tamanho de uma pequena leoa. Mesmo agora, na imobilidade da morte, as mandíbulas enormes pareciam gotejar uma chama azulada e os olhos pequenos, profundos e cruéis estavam orlados de fogo. Pus a mão no focinho brilhante, e quando a tirei, meus próprios dedos pareciam brasas e brilhavam na escuridão.

— Fósforo — eu disse.

— Um preparado feito com habilidade — disse Holmes, cheirando o animal morto. — Não há nenhum cheiro que pudesse interferir no seu faro. Devemos ao senhor muitas desculpas, *sir* Henry, por tê-lo exposto a este susto. Eu estava preparado para um cão, mas não para uma criatura como esta. E a cerração deu-nos pouco tempo para recebê-la.

— Você salvou a minha vida.

— Depois de ter posto a sua vida em perigo. Você tem força para se levantar?

— Dê-me mais um gole desse conhaque e estarei preparado para qualquer coisa. Pronto! Agora, se você quiser me ajudar. O que você pretende fazer?

— Deixá-lo aqui. O senhor não está preparado para outras aventuras esta noite. Se esperar, um de nós voltará com o senhor para a Mansão.

Ele tentou levantar-se, cambaleando, mas ainda estava horrivelmente pálido e trêmulo. Nós o ajudamos a caminhar até uma pedra, onde ele se sentou tremendo, com o rosto mergulhado nas mãos.

— Temos de deixá-lo agora — disse Holmes. — O resto do nosso trabalho precisa ser feito, e cada minuto é importante. Temos o nosso caso completo, e agora queremos apenas o nosso homem.

"É de mil a uma a probabilidade de o encontrarmos em casa — ele continuou enquanto voltávamos rapidamente pelo caminho. — Aqueles tiros devem ter indicado a ele que o jogo terminou."

— Estávamos a uma certa distância, e esta cerração pode tê-los amortecido.

— Ele seguiu o cão para chamá-lo de volta, disso vocês podem ter certeza. Não, não, ele foi embora a esta altura! Mas revistaremos a casa para confirmar.

A porta da frente estava aberta, de modo que entramos correndo e fomos de cômodo em cômodo, para espanto de um velho criado trôpego que se encontrou conosco no corredor. Não havia nenhuma luz, a não ser na sala de jantar, mas Holmes apanhou o lampião e não deixou nenhum canto da casa inexplorado. Não conseguimos ver nenhum sinal do homem que estávamos perseguindo. Mas, no andar de cima, a porta de um dos quartos estava trancada.

— Há alguém aqui! — gritou Lestrade. — Estou ouvindo um movimento. Abra esta porta!

Um gemido e um farfalhar fraco vieram do interior. Holmes atingiu a porta logo acima da fechadura com a sola do pé e ela se abriu. Com a pistola na mão, nós três entramos correndo no quarto.

Mas não havia ali nenhum sinal daquele vilão desesperado e desafiador que esperávamos ver. Em vez disso, nos deparamos com um objeto tão estranho e tão inesperado que ficamos parados por um momento olhando para ele, espantados.

O quarto estava arrumado como um pequeno museu, e as paredes eram cobertas por várias caixas com tampas de vidro cheias daquela coleção de borboletas e mariposas cuja formação tinha sido o passatempo desse homem complexo e perigoso. No meio desse quarto havia uma trave vertical, que fora colocada em alguma época como suporte das toras de madeira comidas pelo cupim que sustentavam o telhado. Nesse poste estava amarrado um vulto, tão enfaixado e encoberto pelos lençóis que tinham sido usados para amarrá-lo que não se podia dizer no momento se era de um homem ou de uma mulher. Uma toalha passava em volta da garganta e estava presa atrás do pilar. Outra cobria a parte inferior do rosto, e sobre ela dois olhos escuros, cheios de dor, vergonha e uma interrogação horrível, nos contemplavam. Num minuto arrancamos a mordaça, desamarramos os laços, e a sra. Stapleton caiu no chão diante de nós. Quando a sua bela cabeça caiu sobre o peito, vi o nítido vergão vermelho de uma chicotada no seu pescoço.

— O animal! — exclamou Holmes. — Aqui, Lestrade, sua garrafa de conhaque! Ponha-a na cadeira! Ela desmaiou de maus-tratos e exaustão.

Ela abriu os olhos outra vez.

— Ele está em segurança? — ela perguntou. — Ele escapou?

— Ele não pode escapar de nós, madame.

— Não, não, não me refiro ao meu marido. *Sir* Henry? Ele está em segurança?

— Está.

— E o cão?

— Está morto.

Ela soltou um longo suspiro de satisfação.

— Graças a Deus! Graças a Deus! Oh, este vilão! Veja como ele me tratava! — Ela estendeu os braços para fora das mangas e vimos com horror que estavam cobertos de contusões. — Mas isto não é nada, nada! Foram a minha mente e a minha alma que ele torturou e maculou. Eu podia suportar isso tudo, maus-tratos, solidão, uma vida de impostura, tudo, desde que pudesse me agarrar ainda à esperança de que tinha o seu amor, mas agora sei que nisto também fui seu joguete e seu instrumento. — Ela explodiu num choro emocionado enquanto falava.

— A senhora não deve a ele nenhuma boa vontade, madame — disse Holmes. — Conte-nos, então, onde podemos encontrá-lo. Se a senhora

alguma vez o ajudou no mal, ajude-nos agora, e assim pode se redimir.

— Só há um lugar para onde ele pode ter fugido — ela respondeu. — Há uma velha mina de estanho numa ilha no meio do pântano. Era ali que ele guardava o seu cão e foi ali também que ele fez preparativos para que pudesse ter um refúgio. Para lá é que ele fugiria.

A barreira de cerração parecia lã branca do lado de fora da janela. Holmes aproximou dela o lampião.

— Veja — ele disse. — Ninguém conseguiria encontrar o caminho para dentro do charco de Grimpen esta noite.

Ela riu e bateu palmas. Seus olhos e dentes brilharam com alegria feroz.

— Ele pode encontrar o caminho para entrar, mas nunca para sair! — exclamou. — Como ele poderá ver as varas de orientação esta noite? Nós as plantamos juntos, ele e eu, para marcar o caminho através do pântano. Oh, se eu pudesse ao menos tê-las arrancado hoje. Então realmente os senhores o teriam à sua mercê!

Era evidente para nós que qualquer perseguição seria inútil até que a cerração tivesse se dissipado. Enquanto isso, deixamos Lestrade de posse da casa enquanto Holmes e eu voltamos com o baronete para a Mansão Baskerville. A história dos Stapleton não podia mais ser escondida dele, mas ele recebeu o golpe corajosamente quando soube a verdade sobre a mulher que havia amado. Mas o choque das aventuras da noite havia abalado seus nervos, e antes de amanhecer ele estava delirando e com febre alta, sob os cuidados do dr. Mortimer. Eles dois estavam destinados a viajar juntos numa volta ao mundo, antes de *sir* Henry se tornar mais uma vez o homem são e robusto que fora antes de se tornar dono daquela propriedade agourenta.

E agora chego rapidamente à conclusão desta narrativa singular, na qual tentei fazer o leitor compartilhar aqueles receios sombrios e suspeitas vagas que toldaram as nossas vidas por tanto tempo e terminaram de maneira tão trágica. Na manhã após a morte do cão, a cerração havia se dissipado e fomos guiados pela sra. Stapleton até o ponto onde eles haviam encontrado o caminho através do lodaçal. A ansiedade e a alegria com que ela nos pôs na pista do seu marido nos ajudaram a compreender o horror da vida dessa mulher. Nós a deixamos parada na estreita península de terra firme e turfosa que se afunilava para dentro do vasto lodaçal. A partir do fim da península, uma pequena vara plantada aqui e ali mostrava onde o caminho

ziguezagueava de tufo em tufo de juncos por entre esses buracos escumados de verde e atoleiros imundos que barravam o caminho para um estranho. Caniços aglomerados e plantas aquáticas viscosas exalavam um cheiro de podridão e um vapor mefítico e pesado em nossos rostos, enquanto um passo em falso nos deixou mergulhados mais de uma vez até a coxa no pântano escuro e pouco firme, que se agitava por vários metros em ondulações suaves ao redor dos nossos pés. Sua viscosidade tenaz segurava os nossos calcanhares quando andávamos, e, quando afundávamos nela, era como se alguma mão maligna estivesse nos puxando para baixo dentro daquelas profundezas obscenas, tão feroz e intencional era a pressão com que nos agarrava. Só uma vez vimos um vestígio de que alguém havia passado por aquele caminho perigoso antes de nós. Do meio de um tufo de capim que brotava do lodo, projetava-se uma coisa escura. Holmes abaixou-se até a cintura quando saiu do caminho para pegá-la, e se não estivéssemos ali para puxá-lo para fora talvez ele nunca mais pusesse os pés em terra firme outra vez. Ele segurava uma velha bota preta no ar. “Meyers, Toronto” estava impresso do lado de dentro do couro.

— Isso vale um banho de lama — ele disse. — É a bota desaparecida do nosso amigo, *sir* Henry.

— Atirada aqui por Stapleton em sua fuga.

— Exatamente. Ele ficou com ela na mão depois de usá-la para pôr o cão no rastro. Ele fugiu quando viu que o jogo havia terminado, ainda segurando-a. E a jogou fora neste ponto da sua fuga. Sabemos pelo menos que ele chegou até aqui em segurança.

Porém, nós não estávamos destinados a saber mais do que isso, embora houvesse muito mais que pudéssemos imaginar. Não havia nenhuma possibilidade de encontrar pegadas no pântano, porque a lama que subia as cobria rapidamente, mas, quando chegamos por fim a um terreno mais firme além do brejo, todos nós as procuramos ansiosamente. Mas não vimos nem o mais leve sinal delas. Se a terra contava uma história verdadeira, então Stapleton nunca chegou àquela ilha de refúgio, em direção à qual ele saíra na noite anterior, enfrentando a cerração. Em algum lugar no coração do grande charco de Grimpen, no fundo da viscosidade imunda do enorme atoleiro que o sorvera, esse homem frio e de coração cruel está enterrado para sempre.

Encontramos muitos vestígios dele na ilha cercada de lodo onde ele havia escondido o seu aliado selvagem. Um volante enorme e um poço meio cheio de detritos indicavam a posição de uma mina abandonada. Ao lado dela estavam os restos em ruínas das cabanas dos mineiros, expulsos sem dúvida pelo cheiro infecto do pântano em torno. Em uma delas, um grampo de ferro e uma corrente com uma quantidade de ossos roídos mostravam onde o animal havia estado confinado. Um esqueleto com um emaranhado de pelos marrons presos a ele jazia entre os detritos.

— Um cachorro! — disse Holmes. — Por Deus, um *spaniel* de pelos encaracolados. O pobre Mortimer nunca verá o seu animal de estimação outra vez. Bem, pelo que sei, este lugar não contém qualquer outro segredo que já não tenhamos imaginado. Ele conseguiu esconder o seu cão mas não conseguiu calar sua voz, e daí aqueles gritos que, mesmo à luz do dia, não eram agradáveis de se ouvir. Numa emergência ele podia guardar o cão na dependência anexa de Merripit, mas era sempre um risco, e foi só no dia supremo, que ele considerou o fim de todos os seus esforços, que ousou fazer isso. Esta pasta na lata sem dúvida é a mistura luminosa com a qual a criatura era besuntada. Isso foi sugerido, é claro, pela história do cão diabólico da família, e pelo desejo de amedrontar o velho *sir* Charles até matá-lo. Não admira que o pobre-diabo do condenado corresse e gritasse, da mesma forma como o nosso amigo fez, e como nós mesmos teríamos feito, quando ele viu essa criatura saltando através da escuridão do pântano na sua pista. Foi um artifício esperto, porque, além da possibilidade de levar sua vítima à morte, que camponês se arriscaria a investigar com muito empenho a respeito dessa criatura se a tivesse visto, como muitos viram, no pântano? Eu disse em Londres, Watson, e digo outra vez agora, que nunca tínhamos ajudado a caçar um homem mais perigoso do que esse que jaz lá longe.

Ele girou seu braço comprido em direção à imensa extensão pantanosa, salpicada de manchas verdes que se estendiam até se fundir com as encostas avermelhadas do pântano.

15

UM RETROSPECTO

Era fim de novembro, e Holmes e eu estávamos sentados, numa noite fria, úmida e nevoenta, ao lado de uma lareira resplandecente em nossa sala da Baker Street. Desde o desfecho trágico da nossa visita ao Devonshire, ele esteve ocupado com dois casos da maior importância, no primeiro dos quais havia denunciado a conduta cruel do coronel Upwood em relação ao famoso escândalo das cartas do Clube Nonpareil, enquanto no segundo havia defendido a infeliz *mme*. Montpensier da acusação de assassinato que pesava sobre ela em relação à morte da sua enteada, *mlle*. Carère, a jovem que, como se deve lembrar, foi encontrada seis meses mais tarde viva e casada em Nova York. O meu amigo estava de excelente humor pelo sucesso obtido numa sucessão de casos difíceis e importantes, de modo que pude convencê-lo a discutir os detalhes do mistério de Baskerville. Eu havia esperado pacientemente pela oportunidade, porque sabia que ele nunca permitiria que os casos se superpusessem e que sua mente clara e lógica fosse desviada do seu trabalho atual para ficar remoendo lembranças do passado. Mas *sir* Henry e o dr. Mortimer estavam em Londres, a caminho daquela longa viagem que fora recomendada para a recuperação dos seus nervos abalados. Eles haviam nos visitado naquela mesma tarde, de modo que era natural que o assunto surgisse para discussão.

— Todo o curso dos acontecimentos, do ponto de vista do homem que chamava a si mesmo de Stapleton, era simples e direto, embora para nós, que no começo não tínhamos nenhum meio de saber os motivos dos seus atos e podíamos conhecer apenas uma parte dos fatos, tudo parecesse extremamente complexo — disse Holmes. — Eu tive a vantagem de duas

conversas com a sra. Stapleton, e o caso agora foi tão completamente esclarecido que não sei se há alguma coisa que tenha permanecido secreta para nós. Você encontrará algumas anotações sobre o assunto na letra B da minha lista de casos.

— Talvez você pudesse fazer a gentileza de me dar, de memória, um resumo do curso dos acontecimentos.

— Certamente, embora não possa garantir que tenha todos os fatos em mente. A concentração mental intensa tem uma maneira curiosa de apagar o que passou. O advogado que tem o seu caso na ponta da língua e pode discutir com um especialista sobre o seu próprio assunto descobre que uma semana ou duas de tribunal afastará isso tudo da sua cabeça mais uma vez. De modo que cada um dos meus casos substitui o último, e *mlle*. Carère apagou a minha lembrança da Mansão Baskerville. Amanhã algum outro probleminha pode ser submetido à minha atenção, o que, por sua vez, desalojará a bela dama francesa e o infame Upwood. No que diz respeito ao caso do cão, contudo, vou dar-lhe a sucessão dos fatos da maneira mais aproximada possível, e você sugerirá qualquer coisa que eu possa ter esquecido.

"Minhas investigações mostram, fora de qualquer dúvida, que o retrato de família não mentiu e que esse sujeito era realmente um Baskerville. Ele era filho daquele Rodger Baskerville, o irmão caçula de *sir* Charles, que fugiu com uma reputação sinistra para a América do Sul, onde dizem que morreu sem se casar. Na verdade, ele se casou e teve um filho, esse sujeito, cujo nome verdadeiro é o mesmo do seu pai. Ele se casou com Beryl Garcia, uma das beldades da Costa Rica e, tendo roubado uma soma considerável de dinheiro público, mudou o nome para Vandeleur e fugiu para a Inglaterra, onde instalou um colégio a leste de Yorkshire. Seu motivo para tentar esse ramo especial de negócio foi ter conhecido um tutor tuberculoso na viagem para casa e ter usado a capacidade desse homem para fazer do empreendimento um sucesso. Mas Fraser, o tutor, morreu, e o colégio que havia começado bem caiu do descrédito para a infâmia. Os Vandeleur acharam conveniente mudar seu nome para Stapleton; e ele trouxe o resto da sua fortuna, seus planos para o futuro e o seu gosto pela entomologia para o sul da Inglaterra. Eu soube no Museu Britânico que ele era uma autoridade reconhecida no assunto e que o nome de Vandeleur

estava ligado permanentemente a uma certa mariposa que ele, no seu tempo de Yorkshire, havia sido o primeiro a descrever.

“Chegamos agora àquela parte da vida dele que acabou tendo um interesse tão grande para nós. O sujeito, evidentemente, havia investigado e descoberto que só duas vidas se interpunham entre ele e uma propriedade valiosa. Quando foi para o Devonshire, seus planos eram, creio, extremamente vagos, mas que ele estava com más intenções desde o início é evidente pela maneira como levou sua mulher consigo disfarçada como sua irmã. A ideia de usá-la como chamariz já estava em sua mente, embora ele talvez não tivesse certeza de como os detalhes da sua trama deviam ser organizados. Ele pretendia no fim ter a propriedade e estava pronto a usar qualquer instrumento ou correr qualquer risco para esse fim. Seu primeiro ato foi estabelecer-se o mais perto possível do seu lar ancestral, e o segundo foi cultivar uma amizade com *sir* Charles Baskerville e com os vizinhos.

“O próprio baronete contou a ele sobre o cão da família e assim preparou o caminho para a sua própria morte. Stapleton, como continuarei a chamá-lo, sabia que o coração do velho era fraco e que um choque o mataria. Isso ele soubera pelo dr. Mortimer. Ele ouvira também que *sir* Charles era supersticioso e havia levado muito a sério essa lenda sinistra. Sua mente engenhosa sugeriu logo um meio de matar o baronete e mesmo assim dificilmente seria possível atribuir a culpa ao verdadeiro assassino.

“Depois de conceber a ideia, começou a executá-la com considerável *finesse*. Um planejador comum teria se contentado em trabalhar com um cão selvagem. O uso de meios artificiais para tornar a criatura diabólica foi um lampejo de gênio da parte dele. O cão ele comprou em Londres de Ross e Mangles, os comerciantes da Fulham Road. Era o mais forte e o mais selvagem que eles tinham. Ele o trouxe para o sul pela linha North Devon e caminhou um trecho grande pelo pântano para levá-lo até em casa sem despertar comentários. Em suas caçadas de insetos ele já havia aprendido a penetrar no charco de Grimpen e assim encontrara um esconderijo seguro para a criatura. Ali ele o conservou e esperou a sua oportunidade.

“Mas demorou algum tempo. O velho cavalheiro não podia ser atraído para fora das suas terras à noite. Várias vezes Stapleton escondeu-se por perto com o cão, mas sem resultado. Foi durante essas andanças infrutíferas que ele, ou melhor, seu aliado, foi visto pelos camponeses e que a lenda do cão diabólico ganhou uma nova confirmação. Ele esperava que sua mulher

pudesse levar *sir* Charles à ruína, mas ela se mostrou inesperadamente independente. Ela não tentaria enredar o velho cavalheiro numa ligação sentimental que pudesse entregá-lo ao seu inimigo. Nem ameaças nem, lamento dizer, pancadas conseguiram demovê-la. Ela não queria ter nada a ver com isso, e durante algum tempo Stapleton ficou num impasse.

"Ele encontrou uma saída para as suas dificuldades por meio da oportunidade que *sir* Charles, que havia expressado amizade por ele, proporcionara, encarregando-o de fazer caridade em seu nome no caso dessa infeliz mulher, a sra. Laura Lyons. Apresentando-se como solteiro, ele adquiriu influência absoluta sobre ela e deu-lhe a entender que, se ela obtivesse o divórcio do seu marido, se casaria com ela. Seus planos foram levados de repente a uma fase decisiva quando ele soube que *sir* Charles estava prestes a deixar a mansão a conselho do dr. Mortimer, com cuja opinião ele próprio fingia concordar. Ele devia agir imediatamente ou a sua vítima podia ficar fora do seu alcance. De modo que pressionou a sra. Lyons para escrever aquela carta, implorando ao velho para conceder-lhe uma entrevista na noite anterior à sua partida para Londres. Depois, por meio de um argumento capcioso, impediu-a de ir e assim teve a oportunidade que estava esperando.

"Voltando de charrete à noite de Coombe Tracey, ele chegou a tempo de pegar o seu cão, lambuzá-lo com esta tinta infernal e levar o animal até o portão no qual tinha motivo para esperar encontrar o velho cavalheiro. O cão, incitado pelo dono, saltou por cima da cancela do portão e perseguiu o infeliz baronete, que fugiu gritando pela Aleia dos Teixos. Naquele túnel sombrio devia realmente ter sido uma cena horrível ver aquela criatura imensa preta, com as mandíbulas em chamas e os olhos brilhantes, saltando atrás da sua vítima. Ele caiu morto no fim da aleia de ataque cardíaco e terror. O cão tinha ficado sobre a margem de grama enquanto o baronete correra pelo caminho, de modo que nenhuma pista era visível a não ser a do homem. Ao vê-lo caído imóvel, a criatura provavelmente aproximou-se para farejá-lo, mas, encontrando-o morto, havia se afastado novamente. Foi então que ela deixou a marca que foi realmente observada pelo dr. Mortimer. O cão foi chamado e levado às pressas para o seu covil no charco de Grimpen, e ficou um mistério que intrigou as autoridades, alarmou a região e finalmente trouxe o caso para o âmbito da nossa observação.

“Isso quanto à morte de *sir* Charles Baskerville. Você percebe a astúcia diabólica disso, porque realmente seria quase impossível instaurar um processo contra o verdadeiro assassino. Seu único cúmplice não poderia jamais denunciá-lo, e a natureza grotesca, inconcebível, do artifício só serviu para torná-lo mais eficaz. As duas mulheres relacionadas com o caso, a sra. Stapleton e a sra. Laura Lyons, ficaram muito desconfiadas de Stapleton. A sra. Stapleton sabia que ele tinha planos em relação ao velho e também da existência do cão. A sra. Lyons não sabia nenhuma dessas coisas, mas ficara impressionada com o fato de a morte ocorrer na ocasião de um encontro não desmarcado, o que só ele sabia. Mas ambas estavam sob a influência dele, e ele não tinha nada a recear delas. A primeira metade da sua tarefa fora realizada com sucesso, mas faltava o mais difícil.

“É possível que Stapleton não soubesse da existência de um herdeiro no Canadá. De qualquer maneira ele saberia disso muito em breve pelo seu amigo, o dr. Mortimer, que contou a ele todos os detalhes da chegada de Henry Baskerville. A primeira ideia de Stapleton foi que esse jovem estranho do Canadá talvez pudesse ser morto em Londres, sem chegar a ir até o Devonshire. Ele não confiava na sua mulher desde que ela se recusara a ajudá-lo a preparar uma armadilha para o velho e não se atrevia a deixá-la por muito tempo longe dele com medo de perder a influência sobre ela. Foi por esse motivo que a levou para Londres consigo. Eles se hospedaram, eu descobri, no Hotel Particular Mexborough, na Craven Street, que foi realmente um daqueles visitados pelo meu agente em busca de provas. Ali Stapleton manteve a mulher prisioneira no quarto enquanto ele, disfarçado com uma barba, seguiu o dr. Mortimer até a Baker Street e depois até a estação e ao Hotel Northumberland. Sua mulher tinha alguma ideia dos seus planos; mas tinha tanto medo do marido, medo baseado nos maus-tratos brutais, que não se atreveu a escrever para prevenir o homem que ela sabia que estava em perigo. Se a carta caísse nas mãos de Stapleton, sua própria vida correria risco. Finalmente, como sabemos, ela recorreu ao expediente de cortar as palavras que formariam a mensagem e endereçar a carta numa letra disfarçada. Ela chegou ao baronete e deu-lhe o primeiro aviso do perigo que corria.

“Era essencial para Stapleton arranjar alguma peça de vestuário de *sir* Henry para que, no caso de ser obrigado a usar o cão, pudesse ter os meios de lançá-lo na sua pista. Com presteza e audácia características, ele cuidou

disto imediatamente, e não podemos duvidar de que o engraxate ou a camareira do hotel foram bem subornados para ajudá-lo em seu plano. Mas, por acaso, a primeira bota que foi conseguida para ele era nova e, portanto, inútil para o seu objetivo. Então Stapleton fez com que ela fosse devolvida e obteve outra, um incidente muito instrutivo, já que provou que estávamos lidando com um cão verdadeiro, porque nenhuma outra hipótese poderia explicar essa ansiedade para obter uma bota velha e essa indiferença pela nova. Quanto mais grotesco é um incidente, com mais cuidado ele merece ser examinado, e o próprio detalhe que parece complicar um caso é, quando devidamente considerado e cientificamente manipulado, aquele que tem mais probabilidade de elucidá-lo.

"Depois tivemos a visita dos nossos amigos na manhã seguinte, seguidos sempre por Stapleton no cabriolé. Por conhecer o nosso endereço e a minha aparência, bem como pela sua conduta geral, estou inclinado a pensar que a carreira criminosa de Stapleton não está limitada de modo algum a esse caso isolado de Baskerville. É sugestivo o fato de durante os últimos três anos ter havido quatro roubos vultosos na região Oeste, e nenhum criminoso jamais foi preso por qualquer um deles. O último destes, em Folkestone Court, em maio, foi notável pelo disparo a sangue-frio do pajem, que surpreendeu o ladrão mascarado e solitário. Não tenho dúvida de que Stapleton obteve seus recursos, que estavam acabando, dessa maneira e que durante anos ele tem sido um homem desesperado e perigoso.

"Tivemos um exemplo da presteza dos seus recursos naquela manhã em que se livrou de nós com tanto êxito, e também da sua audácia ao mandar de volta o meu próprio nome por intermédio do cocheiro. A partir daquele momento ele compreendeu que eu havia assumido o caso em Londres e que, portanto, não havia nenhuma chance para ele aqui. Ele voltou para Dartmoor e esperou a chegada do baronete."

— Um momento! — eu disse. — Você descreveu a sequência dos acontecimentos corretamente, mas há um detalhe que você deixou inexplicado. O que aconteceu com o cão quando o seu dono esteve em Londres?

— Dei alguma atenção a esse assunto, e ele de fato é importante. Não pode haver nenhuma dúvida de que Stapleton tinha um confidente, embora seja pouco provável que ele chegasse a se colocar em seu poder

compartilhando todos os seus planos com ele. Havia um velho empregado na casa de Merripit cujo nome era Anthony. Sua ligação com os Stapleton era antiga, desde o tempo em que ele dirigiu o colégio, de modo que ele devia saber que seu patrão e sua patroa eram realmente marido e mulher. Esse homem desapareceu e fugiu do país. É sugestivo o fato de que Anthony não é um nome comum na Inglaterra, mas Antonio é em todos os países hispânicos ou hispano-americanos. O homem, como a própria sra. Stapleton, falava inglês bem, mas com um curioso sotaque ciciado. Eu mesmo vi esse velho atravessar o charco de Grimpen pelo caminho que Stapleton havia demarcado. É muito provável, portanto, que na ausência do seu patrão fosse ele quem cuidasse do cão, embora talvez não soubesse com que objetivo o animal era usado.

"Os Stapleton depois foram para o Devonshire, seguidos pouco tempo depois por *sir* Henry e você. Uma palavra agora quanto à minha própria posição na ocasião. Provavelmente você deve se recordar de que, quando examinei o papel no qual as palavras impressas foram coladas, fiz um exame minucioso da marca d'água. Ao fazer isso, segurei-o a poucos centímetros dos meus olhos e percebi um ligeiro aroma do perfume conhecido como jasmim branco. Há 75 perfumes e por isso é necessário que um especialista em crimes consiga distinguir uns dos outros, e mais de uma vez ocorreram casos em minha própria experiência que dependiam do seu rápido reconhecimento. A fragrância sugeria a presença de uma dama, e os meus pensamentos já começavam a se voltar para os Stapleton. Assim eu havia me certificado do cão e havia desconfiado do criminoso antes mesmo de irmos para a região Oeste.

"Meu plano era vigiar Stapleton. Mas era evidente que eu não poderia fazer isso se estivesse com vocês, já que ele ficaria em guarda. Portanto, enganei todo mundo, inclusive você, e fui para o sul secretamente, quando pensavam que eu estava em Londres. Minhas dificuldades não foram tão grandes como você imaginou, embora esses detalhes triviais nunca devam interferir na investigação de um caso. Fiquei a maior parte do tempo em Coombe Tracey e só usei a cabana do pântano quando foi necessário ficar perto do local da ação. Cartwright tinha vindo comigo e em seu disfarce de menino do campo me deu uma grande ajuda. Eu dependia dele para a comida e a roupa branca limpa. Enquanto eu ficava observando Stapleton,

Cartwright ficava frequentemente observando você, de modo que eu podia controlar todos os cordões.

"Eu já disse a você que os seus relatórios me chegavam rapidamente, sendo reenviados na mesma hora da Baker Street para Coombe Tracey. Eles me ajudaram muito, principalmente aquela sorte, incidentalmente verdadeira, da biografia dos Stapleton. Eu consegui determinar a identidade do homem e da mulher e saber afinal a quantas andava. O caso ficou mais complicado por causa do incidente do condenado foragido e das relações entre ele e os Barrymore. Isso também você esclareceu de modo muito eficiente, embora eu já tivesse chegado às mesmas conclusões pelas minhas próprias observações.

"Quando você me descobriu no pântano, eu tinha um conhecimento completo de todo o negócio, mas não tinha um caso que pudesse ser levado a um júri. Nem mesmo a tentativa de Stapleton de atacar *sir* Henry naquela noite que terminou com a morte do infeliz condenado nos ajudou a provar assassinato contra o nosso homem. Parecia não haver nenhuma alternativa a não ser pegá-lo em flagrante, e para isso tínhamos de usar *sir* Henry como isca, sozinho e aparentemente desprotegido. Fizemos isso, e à custa de um grande choque para o nosso cliente conseguimos completar o nosso caso e levar Stapleton à sua destruição. Que *sir* Henry tivesse sido exposto a isto é, devo confessar, um fato condenável na minha condução do caso, mas não tínhamos meio de prever o espetáculo terrível e paralisante que o animal apresentou, nem podíamos prever a cerração que permitiu que ele avançasse sobre nós tão inesperadamente. Alcançamos o nosso objetivo a um custo que tanto o especialista como o dr. Mortimer me garantem que é temporário. Uma viagem longa pode permitir que nosso amigo se recupere não só dos seus nervos abalados, mas também dos seus sentimentos feridos. Seu amor pela dama era profundo e sincero, e para ele a parte mais triste de todo esse caso sinistro foi ter sido enganado por ela.

"Falta apenas definir o papel que ela desempenhou em tudo isso. Não pode haver dúvida de que Stapleton exercia uma influência sobre ela que pode ter sido amor ou pode ter sido medo, ou, muito provavelmente, ambos, já que elas não são, de modo algum, emoções incompatíveis. Era, pelo menos, absolutamente eficaz. Por ordem dele, ela concordou em passar por sua irmã, embora ele esbarrasse nos limites do seu poder quando tentou fazer dela o acessório direto do assassinato. Ela estava disposta a avisar *sir*

Henry, desde que pudesse fazê-lo sem implicar seu marido, e ela tentou fazer isso várias vezes. O próprio Stapleton parece ter tido ciúmes, e quando viu o baronete fazendo a corte à dama, embora isso fizesse parte do seu próprio plano, não pôde deixar de interromper com uma explosão apaixonada que revelou a alma ardente que os seus modos retraídos escondiam de modo tão esperto. Incentivando a intimidade, ele garantiria a presença frequente de *sir* Henry na casa de Merripit, e assim teria, mais cedo ou mais tarde, a oportunidade que desejava. Mas, no dia da crise, sua mulher voltou-se de repente contra ele. Ela ouvira alguma coisa sobre a morte do condenado e sabia que o cão estava sendo guardado na dependência anexa na noite em que *sir* Henry iria jantar lá. Ela responsabilizou o marido pelo crime planejado, e seguiu-se uma cena furiosa na qual ele revelou pela primeira vez que ela tinha uma rival no seu amor. A fidelidade dela transformou-se, num instante, num ódio amargo, e ele percebeu que ela ia traí-lo. Portanto, amarrou-a, para que ela não tivesse nenhuma possibilidade de avisar *sir* Henry, e esperava, sem dúvida, que, quando toda a região atribuísse a morte do baronete à maldição da sua família, como certamente faria, poderia recuperar a fidelidade dela, fazendo-a aceitar o fato consumado e manter silêncio sobre o que sabia. Nisso acho que, de qualquer maneira, ele cometeu um engano, e que, se nós não estivéssemos lá, a sorte dele estaria selada mesmo assim. Uma mulher de sangue espanhol não perdoa um insulto desses tão facilmente. E agora, meu caro Watson, sem recorrer aos meus apontamentos, não posso fazer a você um relato mais detalhado desse caso curioso. Não sei se alguma coisa essencial foi deixada sem explicação."

— Ele não podia ter esperado matar *sir* Henry de susto como havia feito com o velho tio, com o seu cão diabólico.

— O animal era selvagem e estava esfomeado. Se a sua aparência não matasse sua vítima de susto, pelo menos paralisaria a resistência que ela pudesse oferecer.

— Sem dúvida. Resta apenas uma dificuldade. Se Stapleton herdasse, como ele poderia explicar o fato de que ele, o herdeiro, estivesse vivendo escondido, com outro nome, tão perto da propriedade? Como ele poderia reivindicá-la sem despertar suspeitas e dúvidas?

— Essa é uma grande dificuldade, e receio que você esteja pedindo demais quando espera que eu resolva isso. O passado e o presente estão

dentro do campo da minha investigação, mas o que um homem pode fazer no futuro é uma pergunta difícil de responder. A sra. Stapleton ouviu o marido discutir o problema em várias ocasiões. Havia três condutas possíveis. Ele podia reivindicar a propriedade da América do Sul, estabelecer sua identidade diante das autoridades inglesas lá e assim obter a fortuna sem jamais vir à Inglaterra; ou podia adotar um disfarce sofisticado durante o curto período em que precisasse estar em Londres; ou, novamente, poderia fornecer as provas e documentos a um cúmplice, apresentando-o como herdeiro, e conservando o direito a uma parcela da renda dele. Não podemos duvidar, pelo que sabemos dele, que ele teria encontrado algum meio de sair da dificuldade. E agora, meu caro Watson, tivemos algumas semanas de trabalho duro, e por uma noite, eu acho, devemos pensar em coisas mais agradáveis. Tenho um camarote para *Les Huguenots*. Você já ouviu o De Reszkes? Posso pedir-lhe então para estar pronto em meia hora, e vamos parar no Marcini para um jantar no caminho?

ARTHUR CONAN DOYLE
SHERLOCK
HOLMES
VOLUME 3

A VOLTA DE SHERLOCK HOLMES

A AVENTURA DA CASA VAZIA

FOI NA PRIMAVERA DE 1894 QUE TODA LONDRES FICOU INTERESSADA, e o mundo da alta sociedade atemorizado, pelo assassinato do *honourable* Ronald Adair em circunstâncias bastante extraordinárias e inexplicáveis. O público já ficara sabendo dos detalhes do crime que surgiram durante a investigação policial, mas uma boa parte foi suprimida na ocasião, já que as alegações para a instauração do processo eram tão esmagadoramente sólidas que não era necessário divulgar todos os fatos. Somente agora, depois de quase dez anos, é que estou autorizado a fornecer os elos que faltam, e que completam aquela cadeia memorável. O crime era, por si mesmo, interessante, mas aquele interesse não era nada para mim, comparado à sequência incrível que me causou mais choque e surpresa do que qualquer acontecimento da minha vida de aventuras. Mesmo agora, depois deste longo intervalo, eu fico emocionado quando penso nele, sentindo mais uma vez aquela súbita torrente de alegria, espanto e incredulidade que engolfou minha mente. Deixem-me dizer a esse público, que tem mostrado algum interesse por esses vislumbres que eu ocasionalmente lhe tenho dado sobre os pensamentos e as ações de um homem bastante notável, que não deve me censurar por eu não ter dividido meu conhecimento com ele, pois eu deveria ter considerado isso meu primeiro dever, se não tivesse sido impedido por uma proibição de seus próprios lábios, e que só foi retirada no terceiro dia do mês passado.

Pode-se imaginar que minha ligação íntima com Sherlock Holmes tenha provocado meu profundo interesse pelo crime, e que depois de seu desaparecimento nunca deixei de ler com cuidado os vários problemas que

surgiram diante do público. E até tentei, mais de uma vez, para minha própria satisfação, empregar seus métodos nas soluções, embora com resultados medíocres. Não havia nenhum, no entanto, que me atraísse tanto quanto esta tragédia de Ronald Adair. Ao ler o depoimento no inquérito, que levou a um veredicto, por assassinato premeditado, contra pessoa ou pessoas desconhecidas, eu percebi mais claramente do que nunca a perda que a comunidade sofrera com a morte de Sherlock Holmes. Existem pontos sobre este caso estranho que, eu tinha certeza, o teriam atraído especialmente, e os esforços da polícia seriam suplantados ou, mais provavelmente, antecipados pela observação treinada e a mente alerta do principal detetive da Europa. Todos os dias, enquanto cumpria minha rotina, eu revolvia o caso na minha cabeça e não achava explicação que me parecesse adequada. Sob o risco de contar uma história já contada, vou recapitular os fatos como eram conhecidos do público na época da conclusão do inquérito.

O *honourable* Ronald Adair era o segundo filho do conde de Maynooth, naquela época governador de uma das colônias australianas. A mãe de Adair retornara da Austrália para se submeter a uma operação de catarata, e ela, seu filho Ronald e sua filha Hilda viviam juntos no número 427 de Park Lane. Os jovens frequentavam a melhor sociedade — até onde se sabia, não tinham nenhum inimigo ou vício especial. Ele esteve casado com a srta. Edith Woodley, de Carstairs, mas o compromisso fora rompido com consentimento mútuo alguns meses antes, e não havia nenhum sinal de que tivesse deixado para trás qualquer sentimento muito profundo. O resto de sua vida girava num círculo estreito e convencional, pois seus hábitos eram tranquilos e sua natureza, sem emoção. Mas foi sobre este jovem aristocrata bonachão que a morte se abateu, na forma mais estranha e inesperada entre 22 horas e 23h20 de 30 de março de 1894.

Ronald Adair gostava de cartas — jogando constantemente, mas nunca com apostas que pudessem prejudicá-lo. Era membro dos clubes de jogos de cartas Baldwin, Cavendish e Bagatelle. Ficou provado que depois do jantar, no dia de sua morte, participou de um jogo de uíste no último desses clubes. Também jogara lá à tarde. O depoimento dos que jogaram com ele — *mr*. Murray, *sir* John Hardy e o coronel Moran — revelou que o jogo era o uíste e que havia um justo equilíbrio no baixar das cartas. Adair poderia ter perdido cinco libras, não mais. Sua fortuna era considerável e uma perda

assim não o afetaria de maneira nenhuma. Jogava quase todos os dias num ou noutro clube, mas era um jogador prudente e geralmente ganhava. Verificou-se no depoimento que, em parceria com o coronel Moran, realmente ganhara 420 libras de uma só vez, algumas semanas antes, de Godfrey Milner e lorde Balmoral. Era assim sua história recente, como se apurou no inquérito.

Na noite do crime, ele voltou do clube exatamente às 22 horas. Sua mãe e sua irmã estavam fora, passando a noite com um parente. A criada disse no depoimento que ouviu quando ele entrou no quarto da frente do segundo andar, geralmente usado como sala de estar. Ela acendera a lareira e, como fizesse fumaça, abrira a janela. Nenhum som foi ouvido na sala até as 23h20, a hora da volta de *lady* Maynooth e sua filha. Desejando dar-lhe boa-noite, tentou entrar no quarto do filho. A porta estava trancada por dentro, e não houve nenhuma resposta aos seus gritos e batidas. Conseguiram ajuda e arrombaram a porta. O jovem infeliz foi encontrado deitado perto da mesa. Sua cabeça fora horrivelmente mutilada por uma bala explosiva de revólver, mas não se encontrou nenhum tipo de arma no aposento. Na mesa estavam duas notas de dez libras e mais 17 libras, sendo dez em moedas de prata e ouro, o dinheiro arrumado em pequenas pilhas de valores variados. Havia também algumas cifras num pedaço de papel, com os nomes de alguns amigos dos clubes ao lado, e daí surgiu a hipótese de que antes de morrer ele estivesse tentando organizar uma lista de seus ganhos e perdas nas cartas.

Um rápido exame das circunstâncias só serviu para tornar o caso mais complexo. Em primeiro lugar, não havia nenhum motivo para que o rapaz trancasse a porta por dentro. Havia a possibilidade de o assassino ter feito isso e depois ter fugido pela janela. Entretanto, a queda era de pelo menos seis metros, e um canteiro de açafrões em pleno viço fica bem embaixo. Nem as flores nem a terra mostravam sinais de terem sido mexidas, nem havia marcas na estreita faixa de grama que separava a casa da rua. Aparentemente, portanto, foi o próprio rapaz quem trancou a porta. Mas como foi que a morte chegou até ele? Ninguém poderia ter subido até a janela sem deixar vestígios. Supondo que um homem atirou pela janela, ele teria de ser um atirador excepcional para poder, com um revólver, causar um ferimento tão mortal. Park Lane é uma via pública muito movimentada; há um ponto de cabriolés de aluguel a menos de cem metros da casa.

Ninguém ouvira o tiro. E, mesmo assim, havia o homem morto, e a bala de revólver, que havia se expandido como um cogumelo, como fazem as balas de ponta mole, e causou um ferimento que deve ter provocado morte instantânea. Eram essas as circunstâncias do mistério de Park Lane, complicadas ainda mais pela ausência total de motivo, já que, como eu disse, ninguém sabia que o jovem Adair tivesse algum inimigo, e não foi feita nenhuma tentativa para tirar o dinheiro ou valores do quarto.

Todo dia eu analisava estes fatos, tentando encontrar uma teoria que abrangesse todos eles, e descobrir aquela linha de menor resistência, que meu pobre amigo afirmava ser o ponto de partida de toda investigação. Confesso que fiz poucos progressos. À noite, perambulei pela Park e só dei por mim lá pelas seis horas, na Oxford Street, no final de Park Lane. Um grupo de vadios na calçada, todos olhando para uma janela, me fez ir em direção à casa que viera olhar. Um homem alto e magro, com óculos coloridos, que eu suspeitava fortemente ser um detetive à paisana, estava expondo alguma teoria própria, enquanto os outros o rodeavam para ouvir o que ele dizia. Fiquei o mais perto possível dele, mas suas observações me pareceram absurdas, de modo que fui embora um pouco desapontado. Ao fazer isto, esbarrei num homem velho e deformado que estivera ali atrás de mim, e derrubei muitos dos livros que ele estava carregando. Lembro-me de que, enquanto os recolhia, notei o título de um deles, *A origem da adoração às árvores*, e me ocorreu que o sujeito deveria ser algum pobre bibliófilo que, por negócio ou por *hobby*, colecionava livros antigos. Tentei me desculpar pelo incidente, mas era evidente que aqueles livros, que eu maltratei de modo tão desastrado, eram objetos muito preciosos aos olhos de seu dono. Com um grunhido de descontentamento, deu meia-volta e vi suas costas encurvadas e as suíças brancas desaparecerem na multidão.

Minhas observações sobre o número 427 de Park Lane não ajudaram muito a esclarecer o problema que me interessava. A casa era separada da rua por um muro baixo e uma grade, não mais do que 1,5 metro de altura no total. Portanto, era muito fácil para qualquer um entrar no jardim, mas a janela era totalmente inacessível, já que não havia nenhuma calha ou qualquer coisa que pudesse ajudar o mais decidido dos homens a escalá-la. Mais intrigado do que nunca, voltei pelo mesmo caminho para Kensington. Eu não estava há mais de cinco minutos no meu gabinete quando a empregada entrou para dizer que uma pessoa queria falar comigo. Para

minha surpresa não era outro senão o estranho e velho colecionador de livros, seu rosto severo e murcho, espreitando-me por entre tufos de cabelos brancos, e seus livros preciosos, pelo menos uma dúzia deles, apertados sob o seu braço direito.

— Está surpreso de me ver, senhor — disse ele, numa voz estranha e áspera.

Admiti que estava.

— Bem, tenho uma consciência, senhor, e quando por acaso eu o vi entrando nesta casa, enquanto eu vinha mancando atrás, pensei comigo mesmo, vou dar uma entradinha e visitar aquele homem bondoso, e dizer-lhe que se tive uma atitude um pouco rude, não foi por mal, e que estou muito agradecido a ele por apanhar meus livros.

— Você se incomoda demais por uma coisa banal — eu disse. — Posso perguntar como soube quem eu era?

— Bem, senhor, se não for uma liberdade muito grande, sou seu vizinho, pois encontrará minha pequena livraria na esquina da Church Street, e muito contente por vê-lo, com certeza. Talvez o senhor mesmo os colecione. Aqui estão *Pássaros britânicos, Catulo* e *A guerra santa*, uma pechincha, qualquer um deles. Com cinco volumes poderia preencher aquela lacuna na segunda prateleira. Parece desarrumada, não?

Virei a cabeça para olhar a prateleira atrás de mim. Quando me virei novamente, Sherlock Holmes estava sorrindo para mim, do outro lado da minha mesa. Levantei-me, encarei-o por alguns segundos com total espanto, e depois parece que desmaiei pela primeira e última vez na minha vida. Com certeza uma nuvem cinzenta rodopiou diante dos meus olhos, e quando se dissipou, descobri que meu colarinho estava aberto e senti o restinho do gosto de *brandy* nos lábios. Holmes estava curvado sobre minha cadeira, de cantil na mão.

— Meu caro Watson — disse a voz tão conhecida —, eu lhe devo mil desculpas. Não sabia que ficaria tão abalado.

Agarrei-o pelos braços.

— Holmes! — gritei. — É você mesmo. Você está vivo mesmo? É possível que tenha conseguido escalar aquele abismo horrível?

— Espere um momento — disse ele. — Tem certeza de que é capaz de discutir coisas? Eu lhe provoquei um choque grave com a minha reaparição desnecessariamente dramática.

— Estou bem, mas realmente, Holmes, eu mal posso acreditar nos meus olhos. Meu Deus! Pensar que você, de todos os homens, estaria no meu gabinete — eu o segurei novamente pela manga e senti por baixo o braço magro e rijo. — Bem, de qualquer modo, você não é um espírito — disse eu. — Meu caro amigo, estou radiante por vê-lo. Sente-se e conte como saiu com vida daquele abismo terrível.

Ele sentou-se na minha frente e acendeu um cigarro com seu antigo jeito displicente. Estava vestido com a sobrecasaca desmazelada do vendedor de livros, mas o resto daquele indivíduo estava empilhado na mesa — os cabelos brancos e os velhos livros. Holmes parecia até mais magro e vivo do que antes, mas havia um tom branco de morte no seu rosto de feições aquilinas que indicava que sua vida, ultimamente, não fora muito saudável.

— Estou feliz por me esticar, Watson — disse. — Não é brincadeira quando um homem alto tem que diminuir sua estatura durante várias horas. Agora, meu caro amigo, no caso dessas explicações, nós temos pela frente, se puder pedir a sua cooperação, uma noite de trabalho difícil e perigoso. Talvez seja melhor eu lhe fazer um resumo de toda a situação quando o trabalho estiver terminado.

— Estou cheio de curiosidade. Prefiro ouvir agora.

— Virá comigo esta noite?

— Quando e onde quiser.

— Isto é, de fato, como nos velhos tempos. Nós precisamos de um pequeno jantar antes de ir. Bem, então sobre aquele abismo. Não tive grandes dificuldades em sair dele, pela simples razão de que jamais estive nele.

— Jamais esteve nele?

— Não, Watson, nunca. Meu bilhete para você era absolutamente genuíno. Tive pouca dúvida de que tivesse chegado ao fim da minha carreira quando percebi aquela silhueta um tanto sinistra do falecido professor Moriarty, de pé sobre a trilha estreita que levava à segurança. Li nos seus olhos um propósito inexorável. Portanto, troquei alguns comentários com ele e obtive sua permissão para escrever a pequena nota que você recebeu depois. Deixei-a com meu maço de cigarros e minha bengala, e andei ao longo da trilha, Moriarty ainda nos meus calcanhares. Quando cheguei ao final, parei, acuado. Ele não tinha arma, mas correu na minha direção e jogou seus braços longos em torno de mim. Ele sabia que

seu próprio jogo estava acabado, sentia-se ansioso para se vingar em mim. Cambaleamos juntos pela borda da cachoeira. Mas tenho algum conhecimento de *baritsu*, ou o método japonês de luta corpo a corpo, o que me foi muito útil mais de uma vez. Esquivei-me de suas garras, e ele, com um grito horrível, rolou desvairado por alguns segundos, tentando agarrar o ar com as duas mãos. Mas, apesar de todos os esforços, não conseguiu se equilibrar e caiu. Olhando por sobre a borda, eu o vi cair um bom pedaço. Depois bateu numa pedra, quicou e caiu n'água.

Escutei com assombro a sua explicação, contada entre baforadas de seu cigarro.

— Mas as pistas! — gritei. — Eu vi, com meus próprios olhos, que dois desceram a trilha e nenhum voltou.

— Já chegarei nesta parte. No instante em que o professor Moriarty desapareceu, me dei conta da oportunidade realmente extraordinária e feliz que o acaso colocara no meu caminho. Eu sabia que Moriarty não era o único homem que me jurara de morte. Havia pelo menos três outros cujo desejo de vingança contra mim só iria aumentar com a morte de seu líder. Todos eram homens extremamente perigosos. Um ou outro com certeza me pegaria. Por outro lado, se todo mundo se convencesse de que eu estava morto, esses homens agiriam com liberdade e logo se revelariam e, mais cedo ou mais tarde, eu poderia destruí-los. Aí seria o momento de anunciar que ainda continuava na terra dos vivos. A mente funcionou tão depressa que acho que pensei tudo isto antes de o professor Moriarty chegar ao fundo da Cachoeira Reichenbach.

"Levantei-me e examinei a parede rochosa atrás de mim. No seu resumo pitoresco do que aconteceu, que li com grande interesse alguns meses depois, você afirma que a parede era a pique. Não era bem assim. Na verdade, ela possuía alguns pequenos pontos de apoio e havia indícios de uma reentrância. O penhasco era tão alto que escalá-lo era uma impossibilidade óbvia, e também era impossível voltar pela trilha sem deixar algumas marcas. Eu deveria, é verdade, ter colocado minhas botas ao contrário, como já fiz em ocasiões semelhantes, mas a visão de três trilhas em uma direção sugeriria, com certeza, uma fraude. Em suma, era melhor que eu arriscasse a escalada. Não foi uma tarefa agradável, Watson. A cachoeira rugia ao meu lado. Não sou uma pessoa fantasiosa, mas lhe dou minha palavra de que julguei ter escutado a voz de Moriarty gritando para

mim do fundo do abismo. Um erro teria sido fatal. Mais de uma vez, quando tufos de capim saíam nas minhas mãos ou meus pés escorregavam nas saliências da rocha, pensei que era o meu fim. Mas lutei para subir, e finalmente alcancei uma reentrância profunda e coberta de um musgo verde e macio, onde podia ficar sem ser visto, no mais perfeito conforto. Eu estava estirado ali quando você, meu caro Watson, e todos que o seguiam investigavam, da maneira mais simpática e ineficiente, as circunstâncias da minha morte.

"Por fim, quando todos vocês tiraram suas conclusões inevitáveis e totalmente errôneas, voltaram ao hotel e fiquei sozinho. Eu imaginara que havia chegado ao fim de minhas aventuras, mas um incidente bastante inesperado mostrou que ainda havia mais surpresas para mim. Uma rocha enorme, vinda lá de cima, passou por mim com estrondo, bateu na trilha e rolou para dentro do abismo. Por um instante pensei que fosse um acidente, mas logo depois, olhando para cima, vi a cabeça de um homem contra o céu quase escuro, e outra pedra bateu na reentrância em que eu estava estirado, a menos de trinta centímetros da minha cabeça. Naturalmente, o significado disso era óbvio, Moriarty não estivera ali sozinho. Um comparsa — e aquele único vislumbre bastou para me mostrar que o cúmplice era um homem perigoso — ficara de guarda enquanto o professor me atacava. De uma certa distância, sem ser visto por mim, fora testemunha da morte do seu amigo e da minha fuga. Ficara esperando e depois, dando a volta no topo do penhasco, tentara obter êxito onde seu companheiro falhara.

"Não me demorei muito pensando no assunto, Watson. Novamente vi aquele rosto sinistro olhando por cima do penhasco, e soube que viria outra pedra. Arrastei-me para a trilha. Acho que não poderia ter feito aquilo a sangue-frio. Era cem vezes mais difícil do que me levantar. Mas eu não tive tempo para pensar no perigo, pois outra pedra passou zunindo por mim enquanto eu me segurava na borda da saliência. No meio da descida, escorreguei mas, graças a Deus, aterrissei, rasgado e sangrando, sobre a trilha. Saí correndo, atravessei mais dez quilômetros pelas montanhas no escuro, e uma semana depois eu estava em Florença, certo de que ninguém no mundo sabia o que acontecera comigo.

"Só tinha um confidente: meu irmão Mycroft. Tenho de lhe pedir muitas desculpas, meu caro Watson, mas era importantíssimo que você pensasse que eu estava morto, e era quase certo que você não teria escrito um relato

tão convincente da minha morte dramática se não acreditasse realmente nela. Várias vezes nos últimos três anos peguei uma caneta para escrever a você, mas sempre temi que sua amizade afetuosa por mim o levasse a cometer alguma indiscrição que pudesse trair o meu segredo. Por esse motivo, me afastei de você esta noite, quando derrubou meus livros, pois eu estava em perigo àquela hora, e qualquer demonstração de surpresa e emoção de sua parte chamaria atenção para minha identidade e acarretaria resultados deploráveis e irreparáveis. Tive de confiar em Mycroft para obter o dinheiro de que precisava. As coisas em Londres não correram tão bem quanto eu desejava, porque o julgamento da gangue de Moriarty deixou em liberdade dois de seus membros mais perigosos, meus inimigos mais vingativos. Portanto, viajei durante dois anos pelo Tibete, e me diverti visitando Lhassa, e passando alguns dias com o chefe Lama. Você deve ter lido a respeito das notáveis explorações de um norueguês chamado Sigerson, mas tenho certeza de que nunca lhe ocorreu que estava recebendo notícias do seu amigo. Depois passei pela Pérsia, dei uma olhada em Meca e fiz uma visita curta, mas interessante, ao califa, em Cartum, cujos resultados comuniquei ao Ministério das Relações Exteriores. Voltando à França, passei alguns meses numa pesquisa sobre os derivados do alcatrão, que fiz num laboratório em Montpellier, no sul da França. Concluído isto para minha satisfação, e sabendo que apenas um dos meus inimigos ficara agora solto em Londres, eu estava prestes a voltar quando meu deslocamento foi apressado pelas notícias deste notável Mistério de Park Lane, que não só me atraiu por suas próprias características, mas também parecia oferecer algumas oportunidades pessoais muito peculiares. Vim logo para Londres, me recolhi na Baker Street, deixei a sra. Hudson histérica e descobri que Mycroft conservara meus aposentos e papéis exatamente como sempre estiveram. De modo que, meu caro Watson, às 14 horas de hoje eu me encontrava na minha velha poltrona, no meu velho quarto e desejando apenas ver meu velho amigo Watson na outra cadeira, que ele ocupou com tanta frequência.”

Esta foi a incrível narrativa que ouvi naquela noite de abril — uma narrativa que seria inteiramente inacreditável para mim, se não fosse confirmada pela visão real da figura alta e magra e da face ansiosa e viva que eu pensara nunca mais ver. De certo modo, ele sabia de minha própria e triste aflição, mostrava sua simpatia mais nas maneiras do que nas palavras.

— O trabalho é o melhor antídoto para a tristeza, meu caro Watson — disse ele —, e eu tenho um bocado de trabalho para nós dois esta noite, e se ele for concluído com êxito, bastará para justificar a vida de um homem neste planeta.

Pedi em vão para que ele me contasse mais.

— Você vai ver e ouvir o suficiente até amanhã — ele respondeu. — Nós temos três anos de passado para discutir. Vamos nos limitar a isso até as 21h30, quando então começaremos a notável aventura da casa vazia.

Era realmente como nos velhos tempos, quando, àquela hora, eu me sentei ao lado dele num cabriolé, revólver no bolso, e a excitação da aventura no coração. Holmes estava frio, sombrio e silencioso. Quando as luzes dos postes batiam sobre a sua fisionomia austera, eu via que as sobrancelhas estavam franzidas em meditação e os lábios comprimidos. Não sabia que monstro selvagem nós estávamos prestes a caçar na selva escura do crime de Londres, mas tinha certeza, pela conduta deste mestre-caçador, que a aventura era das mais sérias — embora o sorriso sardônico que rompia de vez em quando a sua melancolia austera indicasse pouca sorte para o objeto da nossa busca.

Eu imaginara que estávamos indo para a Baker Street, mas Holmes mandou o cabriolé parar na esquina da Cavendish Square. Observei que, quando saltou, deu uma olhada atenta para a direita e para a esquerda, e, a cada esquina subsequente, ele tomava os maiores cuidados para se assegurar de que não estava sendo seguido. Nosso trajeto, certamente, era singular. O conhecimento que Holmes tinha dos atalhos de Londres era extraordinário, e nesta ocasião ele passou rapidamente, e com passo seguro, por uma série de garagens e estábulos de cuja existência eu nunca soubera. Saímos finalmente numa estrada pequena, ladeada de casas velhas e austeras, que nos levou à Manchester Street, e daí para a Blandford Street. Ali ele desceu rapidamente por uma passagem estreita, entrou por um portão de madeira num pátio deserto e então abriu com uma chave a porta dos fundos de uma casa. Entramos juntos, e ele a fechou atrás de nós.

O lugar estava totalmente escuro, mas para mim era evidente que se tratava de uma casa vazia. Nossos pés estalavam no assoalho nu, e minha mão estendida tocou uma parede, cujo papel estava rasgado em tiras. Os dedos finos e frios de Holmes se fecharam em torno do meu pulso e me conduziram através de um saguão, até que percebi vagamente a lúgubre

claraboia na bandeira da porta. Ali, Holmes virou de repente para a direita, e nos encontramos numa sala ampla, quadrada, vazia, muito escura nos cantos, mas fracamente iluminada no centro pelas luzes que vinham da rua. Como não havia nenhum poste próximo e o vidro da janela estivesse opaco devido ao pó, podíamos apenas vislumbrar os vultos um do outro ali dentro. Meu amigo pôs a mão no meu ombro e os lábios perto do meu ouvido.

— Você sabe onde estamos? — sussurrou.

— Certamente aquela é a Baker Street — respondi, olhando através da janela opaca.

— Exatamente. Estamos em Camden House, que fica em frente aos nossos velhos aposentos.

— Mas por que estamos aqui?

— Porque tem uma vista excelente daquele pitoresco bloco de edifícios. Posso pedir-lhe o incômodo, meu caro Watson, de chegar um pouco mais perto da janela, tomando cuidado para não se mostrar, e então olhar para os nossos velhos aposentos, o ponto de partida de tantos dos nossos pequenos contos de fadas? Veremos se a minha ausência de três anos eliminou totalmente o meu poder de surpreendê-lo.

Rastejei para a frente e olhei para a janela conhecida. Assim que bati os olhos nela, engasguei e soltei um grito de assombro. A parte transparente da janela estava abaixada e uma luz forte estava ardendo na sala. A sombra de um homem sentado numa cadeira lá dentro era um vulto negro, forte, contra o anteparo luminoso da janela. Não havia erro quanto à postura da cabeça, os ombros quadrados, a aspereza dos traços. O rosto estava meio de lado, e o efeito era o mesmo de uma dessas silhuetas negras que nossos avós adoravam fazer. Era uma reprodução perfeita de Holmes. Fiquei tão surpreso que estendi minha mão para ter certeza de que o próprio homem estava ao meu lado. Ele estremecia com um riso silencioso.

— Então? — perguntou.

— Meu Deus! — exclamei. — É maravilhoso.

— Acredito que a idade não faz definhar nem deteriora minha multiplicidade infinita — disse ele, e percebi na sua voz o prazer e o orgulho que o artista sente com sua própria criação. — Parece realmente comigo, não?

— Estaria pronto a jurar que era você.

— O mérito da execução cabe a *monsieur* Oscar Meunier, de Grenoble, que passou alguns dias fazendo a moldagem. É um busto de cera. O resto eu mesmo arranjei durante minha visita à Baker Street esta tarde.

— Mas por quê?

— Porque, meu caro Watson, tenho os mais fortes motivos para desejar que certas pessoas pensem que eu estava lá, enquanto, na verdade, eu estava em outro lugar.

— E você pensou que os quartos estavam sendo vigiados?

— Eu *sabia* que estavam.

— Por quem?

— Pelos meus velhos inimigos, Watson. Pela encantadora sociedade cujo líder jaz na Cachoeira Reichenbach. Você deve se lembrar que eles, e só eles, sabiam que eu ainda estava vivo. Acreditavam que mais cedo ou mais tarde eu voltaria aos meus aposentos. Eles o vigiavam permanentemente, e esta manhã me viram chegar.

— Como você sabe?

— Porque reconheci o vigia deles quando dei uma olhada pela janela. É um sujeito inofensivo chamado Parker, ladrão por profissão e um notável tocador de berimbau. Não liguei para ele. Mas prestei muita atenção na pessoa muito mais terrível que estava atrás dele, o amigo íntimo de Moriarty, o homem que atirou as rochas do penhasco, o criminoso mais perigoso e cheio de manhas de Londres. É este que está atrás de mim esta noite, Watson, e este é o homem que ignora que nós é que estamos atrás dele.

Os planos de meu amigo iam se revelando aos poucos. Deste recuo conveniente, os observadores estavam sendo observados e os rastreadores, rastreados. Aquela sombra angulosa lá em cima era a isca e nós, os caçadores. Ficamos juntos em silêncio no escuro observando as figuras apressadas que iam e vinham diante de nós. Holmes estava mudo e imóvel; mas posso afirmar que se mantinha bastante alerta e que ele examinava atentamente o fluxo de passantes. Era uma noite fria e agitada, e o vento soprava cortante pela rua comprida. Muita gente ia e vinha, a maioria agasalhada em seus casacos e cachecóis. Uma ou duas vezes tive a impressão de que vira a mesma pessoa antes, e notei especialmente dois homens, que pareciam estar se protegendo do vento no vão da porta de uma casa um pouco mais adiante. Tentei chamar a atenção de meu amigo para

eles; mas Holmes deu um pequeno resmungo de impaciência e continuou a olhar para a rua. Mais de uma vez ele mexeu com o pé e bateu de leve com os dedos na parede. Era evidente que ele começava a irritar-se e que seus planos não corriam como planejara. Por fim, quando a meia-noite se aproximava e a rua aos poucos ficava vazia, ele ficou andando de um lado para outro na sala, numa agitação incontrolável. Eu ia fazer um comentário, quando levantei os olhos para a janela iluminada e tive de novo uma surpresa quase tão grande quanto a anterior. Puxei o braço de Holmes e apontei para cima.

— A sombra se moveu! — gritei.

Não era mais o perfil, e sim as costas que agora estavam viradas para nós.

Três anos certamente não aplainaram a aspereza do seu temperamento ou sua impaciência com uma inteligência menos ativa que a sua.

— É claro que se moveu — disse ele. — Será que sou uma pessoa tão desastrada e ridícula, Watson, que montaria uma fraude óbvia, esperando que alguns dos homens mais espertos da Europa fossem enganados por ela? Estamos nesta sala há duas horas, e a sra. Hudson fez mudanças naquela figura oito vezes, ou uma vez a cada 15 minutos. Ela as faz pela frente, para que sua sombra nunca seja vista. Ah!

Ele aspirou com força, uma respiração excitada e estridente. Naquela luz fraca, vi sua cabeça esticada para a frente, toda a sua postura rígida de atenção. Lá fora a rua estava absolutamente deserta. Os dois homens deveriam estar ainda de tocaia na porta da casa, mas eu não podia mais vê-los. Tudo estava quieto e escuro, menos aquela brilhante tela amarela à nossa frente, com a figura negra desenhada no centro. De novo, no silêncio total, ouvi aquela nota fina e sibilante, que revelava intensa excitação sufocada. Um instante depois, ele me puxou para trás, para o canto mais escuro da sala, e senti sua mão tapando minha boca, num sinal de advertência. Os dedos que me agarravam estavam tremendo. Nunca vira meu amigo tão emocionado, mas a rua escura ainda estava deserta e sem movimento diante de nós.

Mas de repente me dei conta daquilo que seus sentidos mais aguçados já haviam percebido. Um som baixo e dissimulado chegou aos meus ouvidos vindo não da direção da Baker Street, mas de trás da casa onde estávamos escondidos. Uma porta se abrira e se fechara. Logo depois, passos soaram

pela passagem — passos que deveriam ser silenciosos, mas que ecoavam asperamente pela casa vazia. Holmes se agachou de costas para a parede e eu fiz o mesmo, com a mão segurando a coronha do meu revólver. Procurando na escuridão, divisei o contorno vago de um homem, uma sombra mais negra que o escuro da porta aberta. Ele parou por um instante e depois entrou na sala, curvado e ameaçador. Estava a menos de três metros de nós, uma figura sinistra, e eu me preparara para receber o seu bote, antes de perceber que ele não sabia da nossa presença. Passou perto de nós, foi até a janela e a abriu uns 15 centímetros, suavemente e sem ruído. Ao se erguer até o nível dessa abertura, a luz da rua, não mais diminuída pelo vidro empoeirado, bateu em cheio no seu rosto. O homem parecia estar fora de si de tão excitado. Seus olhos brilhavam como estrelas, e seus traços se agitavam convulsivamente. Era um homem idoso, com um nariz fino e protuberante, uma testa alta e calva, e um bigode enorme e grisalho. Um chapéu alto de molas foi puxado para a nuca e uma camisa de noite, com peitilho, apareceu pelo sobretudo aberto. Seu rosto era magro e moreno, marcado por linhas profundas e ferozes. Carregava na mão o que parecia ser uma bengala mas, ao ser deixada no chão, fez um som metálico. Então tirou um objeto volumoso do bolso do sobretudo e se ocupou com alguma tarefa que terminou num clique agudo e alto, como se uma mola ou ferrolho tivesse entrado no lugar. Ainda ajoelhado no chão, inclinou-se para a frente e empregou toda sua força e seu peso em alguma barra, resultando num barulho estridente, longo e confuso, que acabou uma vez mais num forte clique. Então ele se endireitou, e vi que o que carregava era uma espécie de arma com a coronha curiosamente deformada. Ele a abriu pela culatra, pôs alguma coisa dentro e fechou a tranca. Aí, agachou-se e descansou a ponta da barra na borda da janela aberta, vi seu longo bigode cair por cima da coronha e seu olho brilhar, enquanto mirava. Ouvi um pequeno suspiro de satisfação quando encostou a coronha no ombro, e vi o surpreendente alvo, o homem negro no fundo amarelo, bem visível na extremidade da sua alça de mira. Ficou rígido e imóvel por um instante. Então seu dedo apertou o gatilho. Houve um silvo alto e estranho, e um barulho de vidro quebrado. Naquele instante Holmes pulou como um tigre nas costas do atirador e o jogou com a cara no chão. Num segundo o sujeito estava de pé novamente e, com um esforço convulsivo, agarrou Holmes pela garganta, mas bati na sua cabeça com o cabo do meu revólver e ele caiu no chão mais uma vez.

Pulei sobre ele, e enquanto o segurava, meu companheiro deu um assobio agudo num apito. Ouvimos o barulho de passos apressados na calçada e dois policiais uniformizados e um detetive à paisana entraram correndo pela porta da frente e surgiram dentro da sala.

— É você, Lestrade? — perguntou Holmes.

— Sim, sr. Holmes. Eu mesmo me encarreguei desta tarefa. É bom vê-lo de volta a Londres, senhor.

— Acho que você quer uma pequena ajuda extraoficial. Três assassinatos sem solução em um ano não o ajudarão, Lestrade. Mas você conduziu o Mistério Molesey abaixo do seu normal, ou seja, o conduziu muito bem.

Nós todos havíamos nos levantado, nosso prisioneiro, muito ofegante, tinha um policial robusto de cada lado. Alguns vadios já se aglomeravam na rua. Holmes foi até a janela, fechou-a e abaixou as persianas. Lestrade trouxera duas velas, e os policiais acenderam as lanternas. Finalmente eu podia dar uma boa olhada no prisioneiro.

Um rosto extremamente viril mas sinistro estava voltado para nós. Com a testa de um filósofo e a boca de um libertino, o homem deve ter começado com grande capacidade para o bem ou para o mal. Mas ninguém poderia olhar para seus cruéis olhos azuis, com as pálpebras cínicas e caídas, ou para o nariz agressivo e feroz e as sobrancelhas cerradas e ameaçadoras sem perceber os sinais mais evidentes de perigo da natureza. Não prestava atenção em nenhum de nós, mas seus olhos permaneciam fixos no rosto de Holmes, com uma expressão na qual ódio e assombro se misturavam.

— Seu demônio! — ele continuava a murmurar. — Seu demônio esperto, esperto!

— Ah, coronel! — disse Holmes, ajeitando o colarinho desarrumado. — "Viagens acabam como encontros de amantes", como diz a velha canção. Creio não ter tido o prazer de vê-lo desde que me dispensou aquelas atenções, enquanto eu estava na saliência sobre a Cachoeira Reichenbach.

O coronel ainda encarava meu amigo como um homem em transe.

— Seu demônio manhoso, manhoso! — era tudo o que conseguia dizer.

— Ainda não os apresentei — disse Holmes. — Este, cavalheiros, é o coronel Sebastian Moran, do Exército indiano de Sua Majestade, o melhor atirador de armas pesadas que o nosso Império Oriental já produziu. Acho que estou certo, coronel, em dizer que sua coleção de tigres continua sem rivais?

O velho feroz não disse nada, mas ainda fitava meu amigo. Com seus olhos selvagens e o bigode eriçado, parecia-se maravilhosamente com um tigre.

— Pergunto-me como um estratagema tão simples poderia enganar um *shikari* tão velho — disse Holmes. — Ele deve ser muito familiar para você. Não prendeu um garotinho debaixo de uma árvore, ficou acima dele com o seu rifle, e esperou pela isca para alimentar seu tigre? Esta casa vazia é a minha árvore e você, o meu tigre. Provavelmente você tinha outras armas de reserva para o caso de haver muitos tigres, ou na suposição desagradável de falhar na pontaria. Estas — apontou à sua volta — são minhas outras armas. A comparação é perfeita.

O coronel Moran deu um pulo para a frente com um rugido de ódio, mas foi puxado para trás pelos guardas. A fúria em seu rosto era terrível de se ver.

— Confesso que você tinha uma pequena surpresa para mim — disse Holmes. — Eu não previ que você iria usar pessoalmente esta casa vazia e essa conveniente janela da frente. Eu imaginei que você agiria da rua, onde meu amigo Lestrade e seus homens joviais estavam esperando por você. Com exceção disso, tudo correu como eu esperava.

O coronel Moran virou-se para o inspetor:

— Você pode ou não ter uma causa justa para me prender — disse ele —, mas pelo menos não existe motivo para me submeter à tagarelice deste cidadão. Se eu estou nas mãos da lei, que as coisas sejam feitas de uma maneira legal.

— Bem, isto é razoável — disse Lestrade. — Não tem mais nada a dizer, sr. Holmes, antes de irmos?

Holmes apanhara do chão a poderosa arma de pressão e estava examinando seu mecanismo.

— Uma arma única e admirável — disse ele —, silenciosa e com um poder tremendo: eu sabia de Von Herder, o mecânico alemão cego, que a fabricara por ordem do falecido professor Moriarty. Há anos eu sabia de sua existência, embora nunca tenha tido a oportunidade de segurá-la. Recomendo a sua atenção especial, Lestrade, e também para as balas que a carregam.

— Pode confiar-nos a sua guarda, sr. Holmes — disse Lestrade enquanto o grupo todo se dirigia para a porta. — Algo mais a dizer?

— Quero apenas perguntar que acusação vai escolher.

— Que acusação, senhor? Ora, naturalmente a tentativa de assassinato do sr. Sherlock Holmes.

— Não, Lestrade. Não tenho a intenção de aparecer neste caso. A você, e somente a você, cabem os créditos da prisão notável que fez. Sim, Lestrade, eu o congratulo! Com sua habitual e feliz mistura de audácia e esperteza, você o pegou.

— Peguei-o! Peguei quem, sr. Holmes?

— O homem que toda a perícia tem procurado em vão, o coronel Sebastian Moran, que atirou no *honourable* Ronald Adair com uma bala explosiva, de uma arma de ar comprimido, pela janela aberta do segundo andar em frente ao número 427 de Park Lane, no dia 30 do mês passado. Esta é a acusação, Lestrade. E agora, Watson, se puder aguentar a corrente de ar da janela quebrada, creio que meia hora no meu gabinete, fumando um charuto, pode lhe proporcionar alguma diversão proveitosa.

Nossos velhos aposentos estavam intactos devido à supervisão de Mycroft Holmes e aos cuidados da sra. Hudson. É verdade que, quando entrei, vi uma bagunça incomum, mas todos os velhos pontos de referência continuavam em seus lugares. Lá estavam o canto da química e a mesa de pinho manchada de ácido. Numa prateleira havia vários cadernos enormes de notas e livros de referência, que muitos dos nossos concidadãos adorariam queimar. Os diagramas, o estojo do violino e o conjunto do cachimbo — até mesmo o chinelo persa que continha o tabaco — vi todos ali assim que dei uma olhada em volta. Havia dois ocupantes na sala — um, a sra. Hudson, que sorriu para nós quando entramos; o outro, o estranho boneco que desempenhara um papel importante na aventura noturna. Era um modelo cor de cera do meu amigo, feito de maneira tão admirável que era um fac-símile exato. Ficava num pequeno pedestal, com um velho chambre de Holmes, tão bem colocado que, da rua, a ilusão era absolutamente perfeita.

— Espero que tenha tomado todas as precauções, sra. Hudson — disse Holmes.

— Entrei lá de joelhos, senhor, exatamente como me mandou.

— Excelente. Trabalhou muito bem. Viu por onde a bala passou?

— Sim, senhor. Receio que tenha estragado seu bonito busto, pois passou direto pela cabeça e se esborrachou na parede. Peguei-a no tapete. Aqui está!

Holmes mostrou-me a bala.

— Uma bala de revólver macia, Watson, está vendo? É genial isto, pois quem imaginaria uma coisa dessa sendo disparada de uma espingarda de ar? Tudo bem, sra. Hudson. Estou muito grato pela sua ajuda. E agora, Watson, deixe-me vê-lo uma vez mais sentado em sua velha poltrona, pois quero discutir vários detalhes com você.

Tirara a sobrecasaca surrada e agora era o velho Holmes no roupão cor de rato que tirara do seu busto.

— Os nervos do velho *shikari* não perderam sua firmeza, nem seus olhos a crueldade — disse ele com uma risada, enquanto examinava a testa esmigalhada de seu busto. — Bem no meio da parte posterior da cabeça, direitinho através do cérebro. Era o melhor atirador da Índia, e acho que existem poucos melhores em Londres. Ouviu falar no seu nome?

— Não, não ouvi.

— Ora, ora, assim é a fama. Mas, se me lembro bem, você não tinha ouvido o nome do professor James Moriarty, que foi um dos maiores cérebros do século. Quer apanhar o índice de biografias na estante?

Virava as páginas preguiçosamente, recostado na cadeira e soltando grandes baforadas do cachimbo.

— Minha coleção de M é ótima — comentou. — O próprio Moriarty é suficiente para tornar qualquer letra ilustre, e aqui estão Morgan, o envenenador, Merridew, de abominável lembrança, e Mathews, que arrancou com um soco o meu canino esquerdo na sala de espera de Charing Cross, e finalmente, eis o nosso amigo desta noite.

Estendeu-me o livro, e li:

> Moran, Sebastian, coronel. *Desempregado. Antigamente no Primeiro Batalhão dos Pioneiros de Bangalore. Nascido em Londres em 1840. Filho de* sir *Augustus Moran, C. B., que foi embaixador britânico na Pérsia. Educado em Eton e Oxford. Serviu na campanha de Jowaki, na campanha afegã, Charasiab (despachos), Sherpur e Cabul. Autor de* A caça no Himalaia Ocidental *(1881),* Três meses na selva *(1884).*

Endereço: Conduit Street. Clubes: O Anglo-Indiano, o Tankerville e o Clube Bagatelle de Cartas.

Na margem estava escrito, com a letra firme de Holmes:

O segundo homem mais perigoso de Londres.

— É assombroso — eu disse ao devolver o livro. — A carreira deste homem é a de um soldado honrado.

— É verdade — respondeu Holmes. — Até certo ponto ele agiu corretamente. Sempre foi um homem de nervos de aço, e conta-se ainda na Índia a história de como se arrastou por um escoadouro atrás de um tigre devorador de homens ferido. Existem árvores, Watson, que crescem até certa altura e de repente desenvolvem um desvio disforme. Você perceberá isso com frequência nos seres humanos. Tenho uma teoria segundo a qual o indivíduo reproduz no seu desenvolvimento toda a evolução de seus antepassados e que uma mudança repentina, para o bem ou para o mal, surge em consequência de alguma forte influência ocorrida em sua linhagem.

— Isto com certeza é bem fantasioso.

— Bem, não vou insistir neste ponto. Seja qual for a causa, o coronel Moran começou a comportar-se mal. Sem qualquer escândalo público, ainda tornou a Índia quente demais para abrigá-lo. Reformou-se, veio para Londres e adquiriu de novo má fama. Nessa época, foi requisitado pelo professor Moriarty, para quem trabalhou durante algum tempo como chefe da equipe. Moriarty o abastecia generosamente de dinheiro e o utilizou em apenas um ou dois trabalhos de primeira categoria, que nenhum criminoso comum poderia realizar. Você deve ter alguma lembrança da morte da sra. Stewart, de Lauder, em 1887. Não? Bem, estou certo de que Moran estava por trás disso, mas nada pôde ser provado. Foi tão esperto que, mesmo quando a quadrilha de Moriarty foi desbaratada, nós não conseguimos incriminá-lo. Você se lembra de que naquela data, quando fui visitá-lo em seus aposentos, fechei as venezianas com medo das armas de ar comprimido? É claro que você pensou que eu era um lunático. Eu sabia o que estava fazendo, porque tinha conhecimento da existência dessa arma notável, e sabia também que um dos maiores atiradores do mundo estaria

atrás de mim. Quando fomos para a Suíça, ele nos seguiu com Moriarty e, sem sombra de dúvida, foi ele quem me proporcionou aqueles malditos cinco minutos na saliência de Reichenbach.

“Pode imaginar que li aqueles papéis com atenção durante minha estada na França, à espera de alguma oportunidade de pegá-lo pelo pé. Assim que ele estivesse livre em Londres, minha vida não valeria absolutamente nada. Noite e dia sua sombra estaria no meu encalço, e cedo ou tarde ele teria sua oportunidade. O que eu poderia fazer? Não poderia simplesmente atirar nele, ou eu mesmo iria para o banco dos réus. Não adiantaria apelar para um juiz. Eles não poderiam interferir com energia no que, para eles, pareceria uma suspeita insensata. Portanto, não poderia fazer nada. Mas olhava as notícias de crimes, sabendo que mais cedo ou mais tarde eu o pegaria. Aí veio a morte desse Ronald Adair. Minha oportunidade chegara finalmente. Pelo que eu sabia, não era certo que o coronel Moran tivesse feito isso? Ele jogara cartas com o rapaz, seguira-o do clube até em casa, atirara nele através da janela aberta. Sobre isso não havia dúvidas. Só as balas seriam suficientes para levá-lo à forca. Comecei a trabalhar logo. Fui visto pela sentinela que, eu sabia, iria chamar a atenção do coronel para a minha presença. Ele não deixaria de ligar a minha volta repentina ao seu crime e ficaria terrivelmente alarmado. Eu tinha certeza de que ele tentaria me tirar do caminho *imediatamente* e usaria sua arma mortal com este propósito. Deixei para ele um ótimo alvo na janela e, tendo avisado a polícia de que poderíamos precisar dela — falando nisso, Watson, você descobriu a presença deles na porta com grande exatidão —, ocupei o lugar que me pareceu ser um bom posto de observação, sem nunca ter imaginado que ele escolheria o mesmo lugar para o seu ataque. Agora, meu caro Watson, quer que eu explique mais alguma coisa?”

— Sim — eu disse. — Você não esclareceu qual o motivo do coronel Moran para assassinar o *honourable* Ronald Adair.

— Ah, meu caro Watson, aqui entraremos nos domínios da conjectura, onde a mais lógica das mentes pode falhar. Cada um pode formular sua própria hipótese em cima da evidência existente, e a sua pode estar tão correta quanto a minha.

— Tem uma, então?

— Acho que não é tão difícil explicar os fatos. Foi revelado no inquérito que o coronel Moran e o jovem Adair tinham, entre eles, ganhado uma

soma considerável. Agora, sem dúvida Moran jogava sujo, disso eu sabia há muito tempo. Acho que, no dia do crime, Adair descobriu que Moran andava trapaceando. É provável que tenha falado com ele em particular e tenha ameaçado denunciá-lo, a menos que desistisse voluntariamente de ser membro do clube, e prometesse não jogar cartas de novo. É improvável que um jovem como Adair fizesse logo um escândalo terrível, expondo um homem tão conhecido e mais velho que ele. Certamente agiu como imaginei. A exclusão de seus clubes significaria a ruína para Moran, que vivia de seus ganhos nas cartas, conseguidos de modo desonesto. Portanto, assassinou Adair, que àquela hora estava tentando descobrir quanto dinheiro deveria devolver, já que não poderia lucrar com o jogo sujo do seu parceiro. Trancou a porta para que as mulheres não o surpreendessem e insistissem em saber o que ele estava fazendo com aqueles nomes e as moedas. Aprovado?

— Não tenho dúvida de que você descobriu a verdade.

— Será confirmada ou contestada no julgamento. Enquanto isso, o coronel Moran não nos atrapalhará mais. A famosa arma de ar de Von Herder irá enfeitar o museu da Scotland Yard e mais uma vez o sr. Sherlock Holmes está livre para dedicar sua vida a examinar aqueles probleminhas interessantes que a vida complexa de Londres apresenta com tanta fartura.

A AVENTURA DO CONSTRUTOR DE NORWOOD

— Do ponto de vista de um perito criminal — disse o sr. Sherlock Holmes —, Londres transformou-se numa cidade singularmente desinteressante desde a morte do saudoso professor Moriarty.

— Duvido que encontre muitos cidadãos decentes que concordem com você — respondi.

— Bem, bem, não devo ser egoísta — ele disse com um sorriso, enquanto afastava sua cadeira da mesa, depois do café da manhã. — A comunidade com certeza é a ganhadora e ninguém é o perdedor, a não ser o pobre perito sem trabalho, cuja ocupação desapareceu. Com aquele homem na área, cada jornal matutino apresentava possibilidades infinitas. Frequentemente, Watson, o menor traço, a indicação mais vaga já bastavam para me dizer que o grande cérebro maligno estava ali, assim como os menores tremores nas bordas da teia lembram-nos da aranha que se oculta no centro. Furtos insignificantes, assaltos audaciosos, afrontas sem propósito, quem tivesse a pista poderia juntar tudo num conjunto interligado. Para o estudioso científico do alto mundo do crime, nenhuma capital da Europa oferecia as vantagens que Londres tinha então. Mas agora... — encolheu os ombros numa depreciação bem-humorada do estado de coisas para o qual ele próprio contribuíra.

Na época de que falo, Holmes tinha reaparecido havia alguns meses, e, a seu pedido, eu vendera minha clínica e voltara a dividir com ele os antigos aposentos na Baker Street. Um jovem médico chamado Verner comprara minha pequena clínica em Kensington, pagando sem objeções o alto preço que ousei pedir — um incidente que só se explicou alguns anos depois,

quando descobri que Verner era um parente distante de Holmes e, na verdade, fora o meu amigo quem dera o dinheiro.

Nossos meses de parceria não foram tão desprovidos de casos como ele afirmara, pois descobri, examinando minhas anotações, que este período inclui o caso dos papéis do ex-presidente Murillo, e também o caso chocante do barco a vapor holandês *Friesland*, que quase nos custou a vida. Entretanto, sua natureza fria e orgulhosa era sempre avessa a qualquer tipo de aplauso público, intimando-me, nos termos mais rigorosos, a não dizer uma palavra sobre ele, seus métodos ou suas vitórias — uma proibição que, como já expliquei, só agora foi retirada.

Sherlock Holmes recostara-se na cadeira após seu protesto lamentoso e estava desdobrando sem pressa o jornal matutino, quando nossa atenção foi atraída por um tremendo toque da campainha, seguido de uma pancada oca, como se alguém estivesse batendo na porta de fora com a mão fechada. Assim que ela se abriu, houve um tumulto no saguão, passos rápidos subindo a escada e logo depois um jovem fora de si, com um olhar selvagem, pálido, desalinhado e palpitante, irrompeu na sala. Olhou alternadamente para nós dois e, diante de nosso olhar inquiridor, percebeu que era preciso alguma desculpa para esta entrada sem cerimônia.

— Desculpe-me, sr. Holmes! — exclamou. — Não deve me censurar. Estou quase louco, sr. Holmes, sou o infeliz John Hector McFarlane.

Ele se anunciou como se bastasse o nome para explicar sua visita e seus modos, mas eu podia ver, pelo rosto inexpressivo do meu amigo, que não significava mais para ele do que para mim.

— Pegue um cigarro, sr. McFarlane — disse ele, estendendo-lhe sua cigarreira. — Estou certo de que, com os seus sintomas, meu amigo aqui, o dr. Watson, lhe prescreveria um sedativo. O tempo tem estado tão quente nesses últimos dias. Agora, se o senhor estiver um pouco melhor, eu gostaria que se sentasse naquela cadeira e nos contasse calma e lentamente quem é e o que deseja. Mencionou seu nome como se eu devesse conhecê-lo, mas asseguro-lhe que, a não ser os fatos óbvios de que é solteiro, advogado, maçom e asmático, não sei mais nada sobre o senhor.

Familiarizado como estava com os métodos do meu amigo, não foi difícil para mim acompanhar suas deduções e observar as roupas desalinhadas, o maço de papéis legais, o berloque do relógio e a respiração que as sugerira. Mas nosso cliente ficou espantado.

— Sim, sou tudo isso, sr. Holmes, e também o homem mais infeliz de Londres neste momento. Por Deus, não me abandone, sr. Holmes! Se vierem me prender antes de eu terminar minha história, faça com que me deem tempo para que possa lhe contar toda a verdade. Poderia ir para a cadeia feliz, se soubesse que o senhor estaria trabalhando por mim do lado de fora.

— Prender você! — disse Holmes. — Isto é realmente muito grati... muito interessante. Sob que acusação você espera ser preso?

— Sob a acusação de assassinar o sr. Jonas Oldacre, de Lower Norwood.

O rosto expressivo do meu amigo mostrava uma simpatia que, receio, não estava totalmente isenta de satisfação.

— Pobre de mim — disse ele. — Há poucos instantes, no café da manhã, eu estava dizendo ao meu amigo, dr. Watson, que os casos sensacionais haviam desaparecido dos nossos jornais.

Nosso visitante estendeu a mão trêmula e pegou o *Daily Telegraph*, que ainda estava sobre os joelhos de Holmes.

— Se o tivesse lido, senhor, teria visto logo com que intenção vim aqui esta manhã. Sinto-me como se meu nome e meu infortúnio estivessem na boca de todos. — Mostrou-nos a página central. — Aqui está e, com sua permissão, vou lê-lo para o senhor. Escute isto, sr. Holmes. O cabeçalho é: “Caso misterioso em Lower Norwood. Desaparecimento de um conhecido construtor. Suspeita de assassinato e incêndio premeditado. Pista para o criminoso.” Esta é a pista que eles já estão seguindo, sr. Holmes, e sei que ela conduz infalivelmente a mim. Fui seguido desde a estação da Ponte de Londres, e tenho certeza de que estão apenas esperando pelo mandado para me prenderem. Isto vai partir o coração de minha mãe, vai partir o coração dela! — Ele torcia as mãos de angústia e se balançava para a frente e para trás na cadeira.

Olhei com interesse para esse homem, que era acusado de ser o autor de um crime violento. Era bonito e louro, de um modo desbotado e neutro, com olhos azuis amedrontados e um rosto escanhoado, uma boca sensível e delicada. Devia ter uns 27 anos, seu modo de vestir e seu procedimento eram os de um cavalheiro. Do bolso de seu sobretudo claro de verão sobressaía o maço de papéis que revelava sua profissão.

— Devemos aproveitar o tempo que temos — disse Holmes. — Watson, você faria a gentileza de pegar o jornal e ler o tema em questão?

Abaixo dos cabeçalhos incisivos que nosso cliente citara, li o seguinte relato sugestivo:

Na noite de ontem, ou bem cedo esta manhã, ocorreu um incidente em Lower Norwood que aponta, como se receia, para um crime grave. O sr. Jonas Oldacre é um conhecido morador daquele subúrbio, onde, durante muitos anos, manteve seu negócio como construtor. O sr. Oldacre é solteiro, tem 52 anos de idade e mora em Deep Dene House, no terminal Sydenham da estrada do mesmo nome. Tinha fama de ser um homem excêntrico, reservado e modesto. Há alguns anos praticamente se retirou do negócio, no qual dizem que acumulou uma fortuna considerável. Entretanto, ainda existe um pequeno depósito de madeiras nos fundos da casa, e na noite passada, por volta da meia-noite, foi dado o alarme: uma pilha de lenha estava pegando fogo. Os bombeiros chegaram logo ao local, mas a madeira seca queimou com muita fúria, e não foi possível apagar o incêndio até que a pilha toda fosse consumida. Até esse ponto o fato parecia um acidente comum, mas novos indícios parecem apontar para um crime grave. Causou surpresa a ausência, no local do incêndio, do dono do estabelecimento, e procedeu-se a um interrogatório, que apurou que ele desaparecera da casa. Um exame do seu quarto revelou que a cama não fora desarrumada, o cofre que havia lá estava aberto, vários papéis importantes estavam espalhados pelo chão e, finalmente, que havia sinais de luta mortal, sendo encontrados vestígios de sangue pelo quarto, e uma bengala de carvalho, cujo cabo também mostrava manchas de sangue. Sabe-se que o sr. Jonas Oldacre recebeu em seu quarto um visitante naquela noite, e a bengala encontrada foi identificada como de propriedade desta pessoa, um jovem advogado de Londres chamado John Hector McFarlane, sócio da Graham e McFarlane, no número 426 dos edifícios Gresham, E.C.A polícia acredita dispor de indícios que fornecem um motivo bem convincente para o crime, e não há dúvida de que se farão progressos sensacionais.

MAIS TARDE:

Surgiram rumores, enquanto imprimimos, de que o sr. John Hector McFarlane já foi preso sob a acusação de assassinato do sr. Jonas

Oldacre. É certo, pelo menos, que um mandado foi expedido. Existem mais indícios sinistros na investigação em Norwood. Além dos sinais de luta no quarto do infeliz construtor, sabe-se agora que as portas envidraçadas de seu quarto (que fica no primeiro andar) foram encontradas abertas; que há marcas como se um objeto grande tivesse sido atirado na pilha de madeira e, finalmente, afirma-se que restos carbonizados foram descobertos entre as cinzas do incêndio. A teoria da polícia é a de que um crime, dos mais sensacionais, foi cometido, que a vítima foi morta a pauladas em seu próprio quarto, seus papéis revirados e seu corpo sem vida jogado na pilha de madeira, que foi então acesa, para esconder todos os vestígios do crime. A condução da investigação criminal foi deixada nas mãos experientes do inspetor Lestrade, da Scotland Yard, que está seguindo as pistas com sua energia e sagacidade costumeiras.

Sherlock Holmes ouviu, de olhos fechados e com as pontas dos dedos unidas, este relato incrível.

— O caso certamente tem alguns pontos interessantes — disse ele com seu jeito indolente. — Em primeiro lugar, sr. McFarlane, posso perguntar como ainda está em liberdade, já que parece haver indícios suficientes para justificar sua prisão?

— Moro em Torrington Lodge, Blackheath, com meus pais, sr. Holmes, mas na noite passada, tendo de trabalhar até muito tarde com o sr. Jonas Oldacre, pernoitei num hotel em Norwood, e vim de lá para o trabalho. Não sabia nada sobre este caso até estar no trem, quando li o que acabou de ouvir. Percebi logo o perigo horrível da minha situação e corri para pôr o caso em suas mãos. Não tenho dúvida de que teria sido preso no escritório ou em casa. Um homem me seguiu desde a estação da Ponte de Londres e não duvido que... Meu Deus! O que é isto?

Houve um toque de campainha, seguido de passos pesados na escada. Logo depois, nosso velho amigo Lestrade apareceu à porta. Por cima do seu ombro vi um ou dois policiais uniformizados do lado de fora.

— Sr. John Hector McFarlane? — perguntou Lestrade.

Nosso infeliz cliente levantou-se, pálido.

— Prendo-o pelo assassinato premeditado do sr. Jonas Oldacre, de Lower Norwood.

McFarlane virou-se para nós com um gesto de desespero, e afundou de novo na cadeira como alguém que se sentisse derrotado.

— Um momento, Lestrade — disse Holmes. — Meia hora a mais ou a menos não fará diferença, e o cavalheiro estava para nos dar um resumo deste caso interessante e que pode nos ajudar a esclarecê-lo.

— Creio que não há dificuldade em esclarecê-lo — disse Lestrade, inflexível.

— Mas, com sua permissão, eu gostaria muito de ouvir o relato dele.

— Bem, sr. Holmes, é difícil para mim recusar-lhe qualquer coisa, pois já foi útil para a polícia uma ou duas vezes no passado, e nós lhe devemos muito na Scotland Yard — disse Lestrade. — Enquanto isso, devo ficar com o meu prisioneiro, e aviso-lhe que qualquer coisa que diga pode depor contra ele.

— Não espero nada melhor — disse nosso cliente. — Tudo que peço é que escute e reconheça a verdade absoluta.

Lestrade consultou o relógio.

— Tem meia hora — avisou.

— Devo explicar primeiro — disse McFarlane — que não sabia nada sobre o sr. Jonas Oldacre. Eu o conhecia de nome porque meus pais mantinham relações com ele, mas depois se afastaram. Portanto, fiquei muito surpreso quando ontem, lá pelas 15 horas, ele entrou no meu escritório, na cidade. Mas fiquei ainda mais espantado quando me disse o objetivo de sua visita. Tinha na mão várias folhas de caderno cobertas com texto manuscrito, aqui estão, e as deixou na minha mesa.

"'Aqui está o meu testamento', disse ele. 'Quero que o senhor, McFarlane, o coloque numa forma legal apropriada. Vou me sentar aqui enquanto faz isso.'

"Pus-me a copiá-lo, e o senhor pode imaginar o meu assombro quando descobri que, com algumas exceções, deixara todas as suas posses para mim. Era um homem pequeno e estranho, parecido com um furão, com pestanas brancas e, quando ergui os olhos para ele, encontrei seus penetrantes olhos cinzentos fixos em mim com uma expressão divertida. Mal podia acreditar nos meus próprios sentidos enquanto lia os termos do testamento; mas ele explicou que era solteiro, com quase nenhum parente vivo, que tinha conhecido meus pais quando era jovem e que sempre ouvira falar de mim como um rapaz muito digno, e estava certo de que seu

dinheiro estaria em boas mãos. Naturalmente, eu só pude balbuciar os meus agradecimentos. O testamento foi devidamente terminado, assinado e testemunhado pelo meu escrivão. Está aqui no papel azul, e estas notas, como já expliquei, são o rascunho. O sr. Jonas Oldacre me informou então que havia vários documentos — aluguéis de edifícios, títulos de propriedade, hipotecas, certificados de subscrição de ações e assim por diante, que eu precisava ver e entender. Disse que sua cabeça não ficaria tranquila até que a coisa toda estivesse pronta, e me pediu para ir à sua casa em Norwood aquela noite, levando o testamento comigo, para acertar tudo.

"'Lembre-se, meu rapaz, nem uma palavra a seus pais sobre isto, até que tudo esteja pronto. Guardaremos isto como uma pequena surpresa para eles.' Ele insistiu muito nesse ponto e me fez prometer.

"Pode imaginar, sr. Holmes, que eu não estava num estado de espírito para lhe recusar nada. Era o meu benfeitor e tudo o que eu queria era satisfazer seus desejos em cada detalhe. Portanto, mandei um telegrama para casa dizendo que tinha um negócio importante para resolver e que era impossível calcular quanto tempo me atrasaria. O sr. Oldacre dissera que gostaria que eu jantasse com ele às 21 horas, pois não estaria em casa antes dessa hora. Mas tive certa dificuldade em achar sua casa e já estava quase meia hora atrasado quando cheguei. Encontrei-o..."

— Um momento! — interrompeu Holmes. — Quem abriu a porta?

— Uma senhora de meia-idade, que era a governanta, suponho.

— Presumo que tenha sido ela quem mencionou o seu nome?

— Exatamente — disse McFarlane.

— Continue, por favor.

McFarlane enxugou a testa úmida e continuou a narrativa:

— Essa senhora me levou até uma sala de estar onde estava servido um jantar frugal. Mais tarde, o sr. Jonas Oldacre me levou até o seu quarto, onde havia um cofre pesado. Ele o abriu e pegou uma pilha de documentos, que examinamos juntos. Terminamos entre 23 horas e meia-noite. Ele comentou que não deveríamos perturbar a governanta. Fez com que eu saísse pela porta envidraçada que ficara aberta o tempo todo.

— A veneziana da janela estava abaixada?

— Não tenho certeza, mas creio que estava apenas à meia altura. Sim, lembro-me de que ele a levantou para abrir a janela. Eu não conseguia achar a minha bengala, e ele disse: "Não tem importância, meu rapaz, eu o verei

com frequência agora, espero, e eu a guardarei até que volte para apanhá-la.” Deixei-o lá, o cofre aberto e os papéis em pilhas sobre a mesa. Era tão tarde que não poderia voltar a Blackheath, de modo que passei a noite no Anerley Arms, e não soube de mais nada até que li sobre este caso horrível de manhã.

— Não há mais nada que gostaria de perguntar, sr. Holmes? — disse Lestrade, cujas sobrancelhas se ergueram uma ou duas vezes durante este relato.

— Não até que tenha ido a Blackheath.

— Você quer dizer a Norwood — comentou Lestrade.

— Ah, sim, sem dúvida é o que pretendia dizer — afirmou Holmes, com seu sorriso enigmático. Lestrade aprendera, por mais experiências do que podia se lembrar, que aquela mente afiada como lâmina podia trespassar o que era impenetrável para ele. Vi que olhava com curiosidade para o meu amigo.

— Acho que gostaria de ter uma palavra com o senhor — disse ele para Holmes. — Agora, sr. McFarlane, dois de meus homens estão lá na porta, e há um carro esperando. — O infeliz jovem se levantou com um último olhar suplicante para nós, e saiu da sala. Os policiais o levaram para o cabriolé, mas Lestrade ficou.

Holmes apanhara as páginas do rascunho do testamento e as estava examinando com o maior interesse.

— Existem alguns detalhes a respeito deste documento, Lestrade, não é? — disse ele, entregando-os.

O policial olhou para eles com uma expressão confusa.

— Posso ler as primeiras linhas, e as do meio da segunda página, e uma ou duas no final. São nítidas como se fossem impressas — disse ele —, mas a escrita entre elas é muito ruim, e há três lugares em que não consigo ler nada.

— O que você deduz daí? — disse Holmes.

— Bem, o que *você* deduz dele?

— Que foi escrito num trem. A caligrafia boa representa paradas, a ruim significa movimento, e a muito ruim, passando por desvios. Um perito diria que isto foi escrito numa linha suburbana, já que em nenhum outro lugar, a não ser na periferia de uma cidade grande, haveria uma sucessão tão rápida de desvios. Admitindo que ele passou a viagem toda fazendo o testamento,

então o trem era um expresso, só parando uma vez entre Norwood e a Ponte de Londres.

Lestrade começou a rir.

— O senhor é demais para mim quando começa com suas teorias, sr. Holmes — disse ele. — O que isso tem a ver com o caso?

— Bem, isso confirma a história do rapaz de que o testamento foi escrito por Jonas Oldacre durante sua viagem ontem. É curioso, não é?, que um homem escreva um documento tão importante de maneira tão displicente. Isso sugere que ele não achava que iria ter muita importância prática. Se um homem fosse escrever um testamento que não quisesse efetivar nunca, ele o faria desta maneira.

— Bem, ele escreveu ao mesmo tempo a sua própria sentença de morte — disse Lestrade.

— Oh, acha isso?

— Você não?

— Bem, é possível, mas o caso ainda não está claro para mim.

— Não está claro? Bem, se aquilo não está claro, o que *poderia* estar? Temos um rapaz que de repente descobre que, se um certo homem idoso morrer, ele herdará uma fortuna. O que ele faz? Não diz nada a ninguém, mas inventa que tem de ir visitar seu cliente, sob algum pretexto, aquela noite. Espera até que a outra pessoa da casa esteja na cama, e então, no isolamento do quarto de um homem, assassina-o, queima seu corpo na pilha de madeira e vai para um hotel da vizinhança. As manchas de sangue no quarto e também na bengala são muito tênues. É provável que imaginasse que seu crime fosse sem sangue, e pensou que se o corpo fosse consumido, ocultaria todos os traços do método da morte; traços que, por algum motivo, apontariam para ele. Isso tudo não é óbvio?

— Isto me impressiona, meu bom Lestrade, por ser uma ninharia óbvia demais — disse Holmes. — Você não acrescenta imaginação às suas outras grandes qualidades, mas se o conseguir por um instante, ponha-se no lugar deste rapaz; escolheria a noite seguinte à preparação do testamento, para cometer seu crime? Não pareceria perigoso, para você, fazer uma relação tão próxima entre os dois incidentes? Além disso, escolheria uma ocasião em que sabiam que você estava na casa, quando uma empregada o deixara entrar? E, finalmente, você se esforçaria para ocultar o corpo e mesmo

assim deixa sua própria bengala como um sinal de que foi o criminoso? Confesse, Lestrade, que tudo isso é muito improvável.

— Com relação à bengala, sr. Holmes, sabe tão bem quanto eu que em geral um criminoso é um indivíduo perturbado, e faz coisas que um homem equilibrado evitaria. Muito provavelmente ele estava com medo de voltar ao quarto. Dê-me outra teoria que se encaixe nos fatos.

— Poderia facilmente dar meia dúzia — disse Holmes. — Aqui, por exemplo, está uma muito possível e mesmo provável. Vou dá-la de graça para você. O velho está mostrando documentos que são de valor evidente, um vagabundo passa e os vê pela janela, cuja persiana só está à meia altura. O advogado sai. Entra o vagabundo! Pega a bengala que vê ali, mata Oldacre e vai embora depois de queimar o corpo.

— Por que o vagabundo queimaria o corpo?

— Quanto a isso, por que McFarlane o faria?

— Para esconder alguma prova.

— Possivelmente o vagabundo queria esconder que havia sido cometido um crime.

— E por que ele não levou nada?

— Porque não eram papéis que ele pudesse negociar.

Lestrade balançou a cabeça, embora me desse a impressão de estar menos seguro do que antes.

— Bem, sr. Sherlock Holmes, pode procurar o seu vagabundo, e enquanto faz isso, nós seguraremos o nosso homem. O futuro mostrará quem está certo. Mas atente para este ponto, sr. Holmes: até onde sabemos, nenhum dos papéis foi roubado, e nosso prisioneiro é o único homem no mundo que não tinha motivo para tirá-los de lá, já que era o herdeiro legítimo, e teria a posse deles de qualquer maneira.

Meu amigo pareceu impressionado por esta observação.

— Não nego que a evidência, em alguns aspectos, é muito forte em favor de sua teoria — disse ele. — Só desejo lembrar que existem outras teorias possíveis. Como você disse, o futuro decidirá. Até logo! Acho que durante o dia vou dar um pulo a Norwood e ver como está se saindo.

Quando o detetive foi embora, meu amigo levantou-se e fez seus preparativos para o dia de trabalho com a expressão alerta de um homem que tem pela frente uma tarefa adequada.

— Meu primeiro movimento, Watson — disse ele, enquanto se metia na sua sobrecasaca —, tem de ser, como eu disse, na direção de Blackheath.

— Por que não Norwood?

— Porque nós temos neste caso um incidente singular vindo junto com outro incidente singular. A polícia está cometendo o erro de concentrar sua atenção no segundo, porque este parece ser o único realmente criminoso. Mas para mim é evidente que a maneira lógica de solucionar o caso é começar tentando jogar alguma luz sobre o primeiro incidente: o curioso testamento, feito tão repentinamente, e para um herdeiro tão inesperado. Pode ajudar a simplificar o que veio depois. Não, meu caro amigo, não acho que você possa me ajudar. Não existe nenhuma perspectiva de perigo, ou nem sonharia em sair sem você. Creio que quando o vir à noite, estarei apto a dizer que pude fazer algo por este jovem infeliz que se colocou sob a minha proteção.

Já era tarde quando meu amigo voltou, e pude ver, num olhar de relance para o seu rosto fatigado e ansioso, que as grandes esperanças com que começara não se realizaram. Durante uma hora ficou arranhando seu violino, tentando acalmar seu espírito agitado. Finalmente deixou o instrumento e começou a fazer um relato detalhado de suas desventuras.

— Está tudo dando errado, Watson; o mais errado possível. Não dei o braço a torcer diante de Lestrade, mas no fundo da minha alma acredito que pela primeira vez o sujeito está no caminho certo e nós no errado. Todos os meus instintos vão num sentido e todos os fatos noutro, e receio que os júris britânicos ainda não tenham alcançado este nível de inteligência quando derem preferência às minhas teorias, e não aos fatos de Lestrade.

— Você foi a Blackheath?

— Sim, Watson, estive lá, e descobri rapidamente que o saudoso Oldacre era um grandissíssimo cafajeste. O pai de McFarlane tinha saído para procurar o filho. A mãe estava em casa, pequenina, rechonchuda, de olhos azuis, trêmula de medo e indignação. É claro que ela não podia admitir nem mesmo a possibilidade de culpa do filho. Mas não manifestou nem surpresa nem pesar pela morte de Oldacre. Pelo contrário, falou dele com tal rancor que estava inconscientemente reforçando a tese da polícia, pois, naturalmente, se o seu filho a ouviu falar desse homem desta maneira, ficaria predisposto contra ele com ódio e violência. “Ele se parecia mais

com um macaco maligno e manhoso do que com um ser humano”, disse ela, “e sempre foi assim, desde que era jovem”.

“‘Você o conhecia naquela época?’, perguntei.

“‘Sim, na verdade o conhecia bem; era um antigo pretendente meu. Graças a Deus tive o bom senso de me afastar dele e me casar com um homem melhor, embora mais pobre. Estava noiva dele, sr. Holmes, quando ouvi uma história chocante de como ele soltou um gato num aviário, e fiquei tão horrorizada com sua crueldade brutal que não quis ter mais nada a ver com ele.’ Ela foi até uma escrivaninha, pegou a fotografia de uma mulher, a imagem estava horrivelmente desfigurada e mutilada com uma faca. ‘É a minha fotografia’, e disse: ‘Ele a enviou para mim neste estado na manhã de meu casamento, junto com sua maldição.’

“‘Bem’, eu disse, ‘pelo menos ele a perdoou agora, pois deixou todas as suas posses para seu filho.’

“‘Nem meu filho nem eu queremos nada de Jonas Oldacre, vivo ou morto!’, exclamou ela, com coerência. ‘Existe um Deus no céu, sr. Holmes, e o mesmo Deus que puniu esse homem perverso mostrará, em Seu justo tempo, que as mãos de meu filho são inocentes do sangue dele.’

“Bem, tentei um ou dois outros indícios, mas não consegui chegar a nada que pudesse ajudar a nossa hipótese, e há vários pontos que vêm contra ela. Finalmente desisti e fui para Norwood.

“Este lugar, Deep Dene House, é uma casa de campo grande e moderna, nos fundos de seu terreno, com moitas de louro na frente. À direita e a uma certa distância da estrada estava o pátio de lenha que foi o cenário do incêndio. Aqui está um esboço do mapa, numa folha do meu caderno. Esta janela à esquerda é a que dá para o quarto de Oldacre. Da estrada, você pode olhar lá para dentro. Este foi o único consolo que tive hoje. Lestrade não estava lá, mas seu braço direito fez as honras. Tinham acabado de achar uma preciosidade. Haviam passado a manhã inteira remexendo as cinzas da pilha de madeira queimada e, além dos restos orgânicos torrados, encontraram vários discos de metal descoloridos. Examinei-os com cuidado, e não havia dúvida de que eram botões de calça. Até percebi que um deles estava marcado com o nome de ‘Hyams’, que era o alfaiate de Oldacre. Então examinei a área cuidadosamente à procura de sinais e vestígios, mas esta seca deixou tudo duro como ferro. Não havia nada para ser visto, a não ser que um corpo ou fardo fora atirado numa pequena sebe

de alfena, que está ao lado da pilha de madeira. Tudo isso, claro, se encaixa na teoria oficial. Rastejei pelo jardim com um sol de agosto nas minhas costas, mas me levantei depois de uma hora sem saber mais do que antes.

“Bem, depois deste fiasco, fui para o quarto e o revistei também. As manchas de sangue eram muito tênues, simples borrões e descolorações, mas, sem dúvida alguma, frescas. A bengala já tinha sido retirada, mas lá as marcas também eram superficiais. Não há dúvida de que a bengala pertencia ao nosso cliente. Ele admite isso. Pegadas dos dois homens podiam ser notadas no tapete, mas nenhuma de uma terceira pessoa, o que é novamente uma decepção para nós. Eles estão aumentando seu escore, enquanto nós ainda estamos na estaca zero.

“Só tive um pequeno lampejo de esperança — e de novo não deu em nada. Examinei o conteúdo do cofre, cuja maior parte havia sido retirada e colocada em cima da mesa. Os papéis foram postos em envelopes selados, dos quais um ou dois a polícia abrira. Não eram, pelo que pude ver, de grande valor, nem a caderneta do banco mostrava que o sr. Oldacre estava numa situação tão boa. Mas me pareceu que nem todos os papéis estavam ali. Havia alusões a certos documentos — possivelmente os mais valiosos — que não consegui encontrar. Isto, é claro, se pudéssemos prová-lo definitivamente, viraria o argumento de Lestrade contra ele mesmo; pois quem roubaria algo se soubesse que o herdaria em breve?

“Por fim, tendo vasculhado todos os livros e não encontrando nenhuma pista, tentei a sorte com a governanta, a sra. Lexington — pequenina, morena e silenciosa, com olhos desconfiados e oblíquos. Ela poderia nos contar algo, se quisesse — estou convencido disso. Mas era muito fechada. Sim, deixara o sr. McFarlane entrar às 21h30. Desejou que sua mão tivesse secado antes de fazer aquilo. Foi para a cama às 22h30. Seu quarto ficava no outro lado da casa, e não podia ouvir nada do que se passou. O sr. McFarlane tinha deixado o chapéu e, tanto quanto sabia, a bengala, no saguão. Foi acordada pelo alarme de incêndio. Seu pobre, querido patrão certamente fora assassinado. Ele tinha inimigos? Ora, todo homem tem inimigos, mas o sr. Oldacre era muito fechado, e só se relacionava com as pessoas na área de trabalho. Ela vira os botões e tinha certeza de que pertenciam às roupas que ele vestira na noite passada. A pilha de madeira estava muito seca, pois não chovera durante um mês. Queimou como uma isca inflamável, e quando chegou ao local, não se via nada além das

chamas. Ela e todos os bombeiros sentiram o cheiro de carne queimada que vinha de lá. Não sabia nada sobre os papéis nem sobre a vida particular do sr. Oldacre.

“Aí está, meu caro Watson, o relato de um fracasso. E ainda assim... e ainda assim...”, ele cerrou as mãos num paroxismo de convicção. “Eu *sei* que está tudo errado. Sinto isso nos meus ossos. Existe algo que ainda não apareceu, e aquela governanta sabe o que é. Havia uma espécie de desafio irritado em seus olhos, que só se explica pelo conhecimento culposo. Entretanto, é melhor não falarmos mais nisso, Watson; mas, a não ser que algum feliz acaso nos apareça, receio que o Caso do Desaparecimento de Norwood não figurará nas crônicas dos nossos êxitos, dos quais prevejo que um público paciente tomará conhecimento, cedo ou tarde.”

— Decerto — disse eu — a aparência do homem ajudaria em qualquer júri?

— Este é um argumento perigoso, meu caro Watson. Lembra-se daquele assassino terrível, Bert Stevens, que queria que o puséssemos em liberdade em 1887? Já houve algum rapaz mais bem-educado, com aparência de aluno de uma escola de catecismo?

— É verdade.

— A menos que consigamos elaborar uma teoria alternativa, este homem está perdido. Você dificilmente pode achar uma falha na acusação que agora pode ser apresentada contra ele, e toda investigação a mais tem servido para reforçá-la. Falando nisso, há um pequeno detalhe curioso em relação a esses papéis que pode nos servir como ponto de partida de uma investigação. Ao examinar a caderneta do banco, descobri que o saldo pequeno era causado principalmente por grandes somas que foram retiradas durante o ano passado para o sr. Cornelius. Confesso que estou interessado em saber quem seria este sr. Cornelius, com quem um construtor aposentado manteve transações tão vultosas. Será possível que ele tenha tido um dedo no caso? Cornelius podia ser um corretor, mas não encontramos nenhum certificado de subscrição de ações que correspondesse a esses pagamentos grandes. Depois do fracasso de outras indicações, minhas pesquisas devem se concentrar agora no banco, para descobrir o cavalheiro que se apresentou para descontar estes cheques. Mas receio, meu caro amigo, que o nosso caso termine de modo inglório, com Lestrade enforcando nosso cliente, o que certamente será um triunfo para a Scotland Yard.

Não sei se Sherlock Holmes conseguiu dormir naquela noite, mas, quando desci para o café da manhã, encontrei-o pálido e fatigado, seus olhos brilhantes reluziam ainda mais devido às sombras escuras ao redor deles. O tapete em volta da sua cadeira estava coberto de pontas de cigarro e com as edições recentes dos jornais matutinos. Um telegrama estava aberto na mesa.

— O que acha disso, Watson? — perguntou, atirando-o para mim.

Era de Norwood, e dizia o seguinte:

> *Importante indício novo em mãos. Culpa de McFarlane definitivamente estabelecida. Aconselho abandonar caso.*
>
> *Lestrade*

— Isso parece ser sério — eu disse.

— É o pequeno canto de vitória de Lestrade — respondeu Holmes, com um sorriso amargurado. — E ainda pode ser prematuro abandonar o caso. Afinal, importante indício novo é uma faca de dois gumes, e pode cortar numa direção bem diferente da que Lestrade imagina. Tome o seu café, Watson, sairemos juntos e veremos o que podemos fazer. Sinto-me como se precisasse de sua companhia e apoio moral hoje.

Meu amigo não tomou o café da manhã, pois uma de suas peculiaridades era que em seus momentos mais intensos ele não se permitia nenhuma comida, e eu sabia que confiava demais na sua força de ferro, até que desmaiava de pura inanição. “No momento não posso gastar energia e força dos nervos para a digestão”, ele diria, em resposta aos meus conselhos médicos. Sendo assim, não me surpreendi quando nessa manhã ele deixou sua comida intacta e foi comigo para Norwood. Um grupo de observadores mórbidos ainda estava reunido em volta de Deep Dene House, que era uma casa de campo suburbana tal como eu imaginara. Dentro dos portões, Lestrade encontrou-se conosco, seu rosto corado com a vitória, seus modos triunfantemente brutos.

— Bem, sr. Holmes, já provou que estamos errados? Achou o seu vagabundo? — exclamou.

— Ainda não cheguei a nenhuma conclusão — respondeu o meu amigo.

— Mas nós chegamos à nossa ontem, e agora ela prova que é correta; assim, deve reconhecer que desta vez estamos um pouco à sua frente, sr.

Holmes.

— Sua expressão mostra que aconteceu algo incomum — disse Holmes.

Lestrade riu alto.

— O senhor não gosta de ser derrotado, assim como nós — ele disse. — Um homem não pode esperar que tudo saia sempre à sua maneira, pode, dr. Watson? Sigam por aqui, cavalheiros, e acho que posso convencê-los de uma vez por todas que foi John McFarlane quem cometeu este crime.

Ele nos levou por um corredor e chegamos a um saguão.

— Foi aqui que o jovem McFarlane deve ter vindo para apanhar seu chapéu, depois de o crime ter sido cometido — disse ele. — Agora olhem para isto. — Com uma rapidez dramática, acendeu um fósforo, e à sua luz vimos uma mancha de sangue na parede branca. Quando ele aproximou o fósforo, vi que era mais do que uma mancha. Era a nítida impressão de um polegar.

— Olhe para ela com sua lente de aumento, sr. Holmes.

— Sim, estou fazendo isso.

— Sabe que duas impressões de polegar nunca são iguais?

— Ouvi algo deste tipo.

— Bem, então, queira comparar esta impressão com a do jovem McFarlane, em cera, que eu mandei tirar esta manhã.

Quando ele comparou as duas, não era necessário usar uma lente de aumento para se ver que elas eram, sem sombra de dúvida, do mesmo polegar. Era evidente para mim que o nosso cliente estava perdido.

— Isto é definitivo — disse Lestrade.

— Sim, é definitivo — repeti involuntariamente.

— É definitivo — disse Holmes.

Alguma coisa no seu tom chamou minha atenção, e me virei para ele. Ocorrera uma mudança extraordinária em seu rosto. Estava com uma expressão de contentamento interior. Seus olhos brilhavam como estrelas. Parecia que estava fazendo um esforço desesperado para reprimir um ataque de riso.

— Pobre de mim! Pobre de mim! — ele disse afinal. — Bem, agora, quem teria pensado nisso? E como as aparências podem ser enganadoras! Parece um rapaz tão bom! É uma lição para nós não confiarmos no nosso próprio julgamento, não é, Lestrade?

— Sim, alguns de nós tendem a ser convencidos, sr. Holmes — disse Lestrade. A insolência do homem era enlouquecedora, mas não podíamos nos ofender com isso.

— Que coisa providencial que o rapaz tenha apertado seu polegar direito na parede ao pegar seu chapéu no cabide! Um ato bastante natural, também, se pensarmos nisso. — Holmes aparentemente estava calmo, mas todo o seu corpo estremecia de excitação contida enquanto falava.

— Por falar nisso, Lestrade, quem fez esta descoberta notável?

— Foi a governanta, sra. Lexington, quem chamou a atenção do policial da noite para ela.

— Onde estava o policial?

— Ele ficou de guarda no quarto onde o crime foi cometido, para que nada fosse tocado.

— Mas por que a polícia não viu esta marca ontem?

— Ora, não tínhamos nenhum motivo especial para examinar com cuidado o saguão. Além disso, não é um lugar muito visível, como pode constatar.

— Não, não, claro que não. Suponho que não haja dúvida de que a marca estava aí ontem.

Lestrade olhou para Holmes como se pensasse que ele estivesse fora de si. Confesso que eu mesmo fiquei surpreso com seu jeito irônico e sua observação irritada.

— Não sei se pensa que McFarlane saiu da cadeia na calada da noite para reforçar a prova contra ele mesmo — disse Lestrade. — Desafio qualquer perito no mundo a me dizer se não é a marca do polegar dele.

— Esta é, inegavelmente, a marca do seu polegar.

— Então, isto é suficiente — disse Lestrade. — Sou um homem prático, sr. Holmes, e, quando consigo minhas provas, chego às minhas conclusões. Se tiver algo a me dizer, estarei escrevendo meu relatório na sala de estar.

Holmes havia recobrado sua calma, embora eu ainda pudesse detectar sinais de regozijo na sua expressão.

— Pobre de mim, este é um acontecimento muito triste, Watson, não é? — disse ele. — E mesmo assim existem detalhes singulares sobre ele que dão esperanças ao nosso cliente.

— Estou encantado por ouvir isso — eu disse calorosamente. — Receava que estivesse tudo acabado para ele.

— Não chegaria a ponto de dizer isso, meu caro Watson. O fato é que existe uma falha grave nesse indício, ao qual nosso amigo dá tanta importância.

— É mesmo, Holmes? Qual é?

— Apenas isto: eu *sei* que aquela marca não estava lá ontem quando examinei o saguão. E agora, Watson, vamos dar uma voltinha ao sol.

Com a mente confusa, mas com um coração que voltava a ter alguma esperança, acompanhei meu amigo numa caminhada pelo jardim. Holmes escolhia um lado da casa de cada vez e o examinava com grande interesse. Depois entrou e percorreu o prédio inteiro, do porão ao sótão. A maioria dos aposentos estava sem mobília, mas mesmo assim Holmes os inspecionou detalhadamente. Por fim, no corredor do último andar, que passava por três quartos vazios, ele manifestou contentamento.

— Há realmente alguns aspectos muito singulares neste caso, Watson — disse. — Acho que é hora de confiarmos no nosso amigo Lestrade. Ele deu sua risadinha à nossa custa, e talvez possamos fazer o mesmo com ele, se minha interpretação deste problema se mostrar correta. Sim, sim, acho que sei como podemos abordá-lo.

O inspetor da Scotland Yard ainda estava escrevendo na sala de visitas quando Holmes o interrompeu.

— Entendi que você estava escrevendo o relatório deste caso — disse ele.

— E estou.

— Não acha que pode ser um pouco prematuro? Não consigo deixar de pensar que o seu indício está incompleto.

Lestrade conhecia o meu amigo bem demais para desprezar suas palavras. Largou a caneta e olhou para ele com curiosidade.

— O que quer dizer, sr. Holmes?

— Apenas que há uma testemunha importante que ainda não viu.

— Pode apresentá-la?

— Acho que posso.

— Então faça isso.

— Farei o possível. Quantos policiais você tem?

— Tenho três aqui perto.

— Excelente! — disse Holmes. — Posso perguntar se eles são grandes, homens robustos com vozes potentes?

— Não tenho dúvida de que são, embora não consiga ver o que as suas vozes têm a ver com isso.

— Talvez eu possa ajudá-lo a ver isso, e mais uma ou duas outras coisas também — disse Holmes. — Mande chamar os seus homens e eu tentarei.

Cinco minutos depois, três policiais estavam no saguão.

— Fora da casa encontrarão grande quantidade de palha — disse Holmes. — Peço a vocês que tragam dois molhos dela. Creio que vai ajudar a fazer aparecer a testemunha de que eu necessito. Muito obrigado. Acho que tem alguns fósforos no bolso, Watson. Agora, sr. Lestrade, peço que todos me acompanhem ao último patamar.

Como já mencionara, havia um corredor largo ali, que passava por três quartos vazios. Numa extremidade do corredor estávamos todos nós, conduzidos por Sherlock Holmes, os policiais sorrindo e Lestrade encarando meu amigo com espanto, expectativa e escárnio se alternando em suas feições. Holmes ficou diante de nós com a expressão de um ilusionista que está fazendo seu número.

— Você poderia, por gentileza, mandar um de seus subordinados buscar dois baldes de água? Ponham a palha no chão aqui, longe da parede, dos dois lados. Agora acho que já estamos prontos.

O rosto de Lestrade começou a ficar vermelho e furioso.

— Não sei se está fazendo uma brincadeira conosco, sr. Sherlock Holmes — disse ele. — Se sabe de alguma coisa, pode muito bem contá-la para nós sem toda essa tolice.

— Eu lhe asseguro, meu bom Lestrade, que tenho um ótimo motivo para tudo o que faço. É provável que se lembre de que caçoou de mim algumas horas atrás, quando o sol parecia brilhar a seu favor; portanto, você tem de me conceder um pouco de pompa e cerimônia agora. Watson, quer abrir aquela janela e depois jogar um fósforo na ponta da palha?

Fiz isso, e levada pela corrente de ar, uma coluna de fumaça cinza encheu o corredor, enquanto a palha seca crepitava e ardia.

— Agora vamos ver se conseguimos arranjar essa testemunha para você, Lestrade. Peço-lhes que gritem juntos “fogo!” Agora, então: um, dois, três...

— Fogo! — gritamos todos.

— Obrigado. Vou incomodá-los mais uma vez.

— Fogo!

— Só mais uma vez, cavalheiros, e todos juntos.

— Fogo! — O grito deve ter ecoado por toda Norwood.

O grito mal havia morrido, quando aconteceu uma coisa espantosa. Uma porta se abriu de repente no lugar que parecia ser uma parede sólida no final do corredor, e um homem pequeno e mirrado saiu correndo como um coelho para fora da toca.

— Excelente! — disse Holmes, calmamente. — Watson, um balde de água sobre a palha. Está bom! Lestrade, permita-me apresentá-lo à nossa principal testemunha desaparecida, sr. Jonas Oldacre.

O inspetor olhou para o recém-chegado com uma surpresa desconcertada. Este, piscando por causa da luz brilhante do corredor, olhava com curiosidade para nós e para o fogo que ardia. Era um rosto odioso — manhoso, perverso, maligno, com olhos astutos, de um cinza-claro com pestanas brancas.

— O que é isto? — perguntou Lestrade finalmente. — O que esteve fazendo todo este tempo, hein?

Oldacre deu um sorriso forçado, recuando diante da cara vermelha e furiosa do inspetor.

— Não fiz nenhum mal.

— Nenhum mal? Você fez o que pôde para levar à forca um homem inocente. Se não fosse por estes cavalheiros aqui, não sei se não teria conseguido.

A criatura desprezível começou a choramingar.

— Estou certo, senhor, de que foi só uma brincadeira.

— Oh! Uma brincadeira, não foi? Não vai achar graça na sua vez, eu lhe prometo. Levem-no para baixo e o mantenham na sala de visitas até que eu chegue. Sr. Holmes — continuou, depois que eles saíram —, eu não podia falar diante dos policiais, mas não me importo de dizer, na presença do dr. Watson, que esta foi a coisa mais brilhante que já fez, embora seja um mistério para mim como a fez. Salvou a vida de um homem inocente e evitou um grande escândalo, que arruinaria minha reputação na polícia.

Holmes sorriu e deu um tapinha no ombro de Lestrade.

— Em vez de ser arruinada, meu caro, descobrirá que a sua reputação foi enormemente aumentada. Faça algumas alterações naquele relatório que estava escrevendo, e eles entenderão como é difícil jogar areia nos olhos do inspetor Lestrade.

— E o senhor não quer que seu nome apareça?

— De modo algum. O trabalho é a própria recompensa. Talvez eu também tenha algum crédito num dia distante, quando permitir que o meu zeloso historiador espalhe seus papéis mais uma vez, hein, Watson? Bem, agora vamos ver onde esse rato estava escondido.

Havia um aposento de ripas e gesso junto ao corredor, a dois metros do final, com uma porta engenhosamente disfarçada nele. Era iluminado por meio de brechas no beiral do telhado. Alguns móveis e um suprimento de comida e água estavam ali, juntamente com alguns livros e papéis.

— Esta é a vantagem de ser um construtor — disse Holmes quando saímos. — Era capaz de fazer seu próprio esconderijo sem nenhum cúmplice; a não ser, é claro, aquela sua preciosa governanta, que eu não demoraria em colocar na sua bagagem, Lestrade.

— Seguirei o seu conselho. Mas como descobriu este lugar, sr. Holmes?

— Concluí que o sujeito estava escondido nesta casa. Quando medi um corredor e descobri que era dois metros menor que o seu correspondente abaixo, ficou bem claro onde ele estava. Imaginei que não teria sangue-frio para ficar quieto depois de um alarme de incêndio. É claro que nós poderíamos ter entrado e o capturado, mas me diverti fazendo com que ele se denunciasse. Além do mais, devia-lhe um pequeno embuste, Lestrade, pela sua troça da manhã.

— Bem, senhor, conseguiu empatar comigo nisso. Mas como soube que ele estava de fato na casa?

— A marca do polegar, Lestrade. Você disse que era definitiva; e era, num sentido muito diferente. Eu sabia que não estava lá no dia anterior. Presto muita atenção nos detalhes, como já deve ter observado, e tinha examinado o saguão e me certificado de que a parede estava limpa. Portanto, fora feita durante a noite.

— Mas como?

— Muito simples. Quando aqueles pacotes foram selados, Jonas Oldacre fez McFarlane segurar um dos selos, colocando o seu polegar na cera mole. Isto pode ser feito tão rápida e naturalmente que duvido que o rapaz se lembre. Muito provavelmente isso aconteceu, e Oldacre não tinha ideia de como usá-lo. Remoendo o caso em seu refúgio, ele percebeu de repente que poderia forjar uma prova contra McFarlane usando aquela impressão de polegar. Era a coisa mais simples do mundo para ele fazer uma impressão em cera do selo, umedecê-la com o sangue que poderia tirar de uma

pequena alfinetada, e colocar a marca na parede durante a noite, com suas próprias mãos ou com as da governanta. Se examinar os documentos que ele levou para sua toca, aposto que encontrará o selo com a marca do polegar.

— Maravilhoso! — disse Lestrade. — Maravilhoso! Está tudo claro como cristal, do jeito como explica. Mas qual é o objetivo desta imensa fraude?

Divertia-me ver como o comportamento arrogante do inspetor mudara rapidamente para o de uma criança fazendo perguntas ao professor.

— Ora, não acho muito difícil explicar. O cavalheiro que agora está nos esperando lá embaixo é uma pessoa muito astuta, maliciosa e vingativa. Sabe que uma vez ele foi rejeitado pela mãe de McFarlane? Não sabe! Eu lhe disse que deveria ir primeiro a Blackheath e depois a Norwood. Bem, essa ferida, se a considerarmos assim, envenenava-lhe a mente cruel e ardilosa, e durante toda a vida desejou vingança, mas nunca via sua oportunidade. Durante o ano passado, e talvez no anterior também, as coisas correram mal para ele, especulações secretas, acho, e ele descobre que está em má situação. Resolve dar um calote nos seus credores e, com esse objetivo, paga grandes cheques em favor de um certo sr. Cornelius, que é, imagino, ele mesmo com outro nome. Ainda não localizei esses cheques, mas não tenho dúvida de que estão depositados sob aquele nome em alguma cidade do interior onde Oldacre, de tempos em tempos, levava uma vida dupla. Pretendia mudar de nome, pegar seu dinheiro e desaparecer, começando uma vida nova em outro lugar.

— É, isso é bem provável.

— Pensou que, se desaparecesse, tiraria os perseguidores da sua pista e, ao mesmo tempo, iria se vingar de modo esmagador de sua antiga namorada se desse a impressão de que fora assassinado pelo filho único dela. Era uma obra-prima de maldade, e ele a conduziu como um mestre. A ideia do testamento, que daria um motivo óbvio para o crime, a visita secreta sem o conhecimento dos pais, a retenção da bengala, o sangue e os restos de animais e os botões na pilha de madeira, tudo isso é admirável. Era uma rede da qual me parecia, algumas horas atrás, não haver escapatória. Mas ele não tinha aquele dom supremo do artista: saber quando parar. Queria melhorar o que já estava perfeito, apertar ainda mais a corda em torno do

pescoço de sua desgraçada vítima, e aí arruinou tudo. Vamos descer, Lestrade. Quero fazer uma ou duas perguntas a ele.

A criatura maligna estava sentada em sua própria sala de visitas, com um policial de cada lado.

— Foi uma brincadeira, meu bom senhor, um trote, nada mais — ele gemia sem parar. — Eu lhe asseguro, senhor, que eu só me escondi para ver o efeito do meu desaparecimento, e tenho certeza de que não seria tão injusto a ponto de imaginar que eu permitiria que algum mal acontecesse ao pobre rapaz McFarlane.

— Isso é o júri que vai decidir — disse Lestrade. — De qualquer modo, nós o prendemos sob acusação de conspiração, se não por tentativa de homicídio.

— E você com certeza vai descobrir que os seus credores confiscarão a conta bancária do sr. Cornelius — disse Holmes.

O homenzinho estremeceu e virou seus olhos malignos para o meu amigo.

— Tenho muito que agradecer a você — ele disse. — Talvez algum dia eu pague a minha dívida.

Holmes sorriu com indulgência.

— Imagino que, durante alguns anos, o seu tempo estará muito ocupado — disse ele. — Falando nisso, o que foi que colocou na pilha de madeira, além de suas calças? Um cachorro morto, coelhos ou o quê? Não quer dizer? Pobre de mim, quanta indelicadeza sua! Ora, ora, arriscaria dizer que um casal de coelhos serviria de explicação para o sangue e para os restos torrados. Se algum dia escrever um resumo disto, Watson, pode usar os coelhos para o seu objetivo.

A AVENTURA DOS HOMENZINHOS DANÇANTES

HOLMES ESTAVA SENTADO EM SILÊNCIO HAVIA algumas horas, com as suas costas longas e magras curvadas sobre um recipiente químico, no qual despejava algum produto malcheiroso. Seu queixo estava enterrado no peito, e ele parecia um pássaro estranho e encolhido, com uma plumagem cinza-fosca e um topete preto.

— Então, Watson — ele disse de repente —, você não pretende investir em ações sul-africanas?

Dei um gemido de espanto. Embora eu estivesse acostumado aos curiosos talentos de Holmes, esta intromissão repentina nos meus pensamentos mais íntimos era completamente inexplicável.

— Como é que sabe disso? — perguntei.

Ele girou em seu tamborete, com um tubo de ensaio fumegante na mão e um brilho divertido nos olhos fundos.

— Ora, Watson, confesse que foi apanhado inteiramente de surpresa — disse ele.

— Fui mesmo.

— Devia fazer você assinar um papel dizendo isso.

— Por quê?

— Porque daqui a cinco minutos vai dizer que isso tudo é muito simples.

— Tenho certeza de que não direi nada desse tipo.

— Veja, meu caro Watson — pôs o tubo de ensaio no seu suporte e começou a falar como um professor se dirigindo à sua classe —, não é realmente difícil elaborar uma série de deduções, cada uma dependente de sua antecessora e simples em si mesma. Se, depois de fazer isso,

simplesmente deitamos por terra todas as deduções centrais e apresentamos ao público o ponto de partida e a conclusão, podemos produzir efeitos espantosos, embora possivelmente falsos. Portanto, não foi realmente difícil, pela observação do sulco entre seu dedo indicador e o polegar esquerdos, perceber que você *não* pretende investir seu pequeno capital nas minas de ouro.

— Não vejo nenhuma ligação.

— Provavelmente não; mas posso mostrar-lhe rapidamente uma ligação estreita. Aqui estão os elos que faltam nessa cadeia simples: 1) Você tinha giz entre seu dedo e o polegar esquerdos quando voltou do clube na noite passada. 2) Você passa giz aí quando joga bilhar, para fixar o taco. 3) Nunca joga bilhar, a não ser com Thurston. 4) Você me disse, quatro semanas atrás, que Thurston tinha uma opção sobre algumas propriedades na África do Sul que expiraria em um mês, e que ele queria dividi-la com você. 5) Seu talão de cheques está trancado na minha gaveta, e você não me pediu a chave. 6) Você não pensa em investir o seu dinheiro desta maneira.

— Como é absurdamente simples! — exclamei.

— De fato! — disse ele, um pouco irritado. — Todo problema passa a ser infantil depois que é explicado a você. Aqui está um inexplicado. Veja o que pode fazer com isto, caro Watson. — Atirou um pedaço de papel na mesa, e virou-se de novo para a sua análise química.

Olhei com espanto para os hieróglifos absurdos que estavam no papel.

— Mas, Holmes, é um desenho de criança — exclamei.

— Oh, é o que pensa?

— O que mais poderia ser?

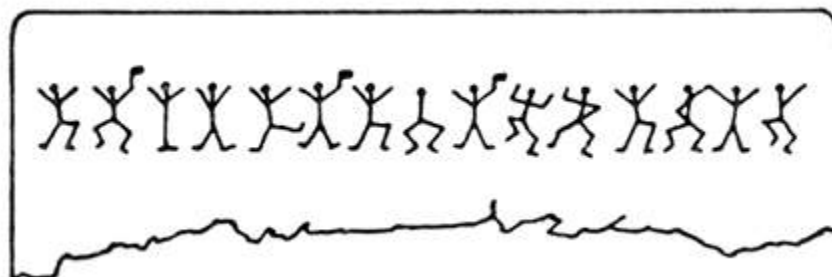
— Isso é o que o sr. Hilton Cubitt, de Riding Thorpe Manor, Norfolk, está muito ansioso para saber. Este pequeno enigma veio pela primeira remessa e ele viria depois, no próximo trem. A campainha está tocando, Watson. Não me surpreenderia se fosse ele.

Ouvimos passos pesados na escada e logo depois entrou um homem alto, corado e bem barbeado, cujos olhos claros e bochechas vermelhas indicavam uma vida passada bem longe da neblina da Baker Street. Parecia trazer junto com ele um sopro forte, fresco e revigorante do ar litorâneo quando entrou. Depois de nos cumprimentar com um aperto de mão, estava prestes a se sentar quando seu olhar pousou no papel com as marcas curiosas que eu havia examinado e deixado sobre a mesa.

— Bem, sr. Holmes, o que acha delas? — perguntou. — Disseram-me que gostava de mistérios estranhos, e não acredito que encontre um mais estranho do que esse. Mandei o papel primeiro, para que tivesse tempo de examiná-lo antes da minha chegada.

— É de fato uma criação curiosa — disse Holmes. — À primeira vista parece ser uma brincadeira de criança. Consiste em algumas figurinhas ridículas dançando no papel em que estão desenhadas. Por que dá importância a uma coisa tão grotesca?

— Eu nunca daria, sr. Holmes. Mas a minha mulher dá. Isso a está matando de medo. Ela não diz nada, mas vejo terror nos seus olhos. Por isso quero tirar tudo a limpo.

Holmes segurou o papel de modo que a luz do sol batesse em cheio nele. Era uma página arrancada de um caderno. As marcas eram feitas a lápis, e dispunham-se desta maneira:

Holmes examinou o papel por algum tempo e depois, dobrando-o com cuidado, guardou-o em sua agenda de bolso.

— Este caso promete ser muito interessante e incomum — disse ele. — O senhor me deu alguns detalhes em sua carta, sr. Hilton Cubitt, mas agradeceria se repetisse tudo, por gentileza, para o meu amigo, dr. Watson.

— Não sou um bom contador de histórias — disse nosso visitante, torcendo nervosamente as mãos grandes e fortes. — Perguntem-me qualquer coisa que eu não deixe clara. Começarei na época do meu casamento, no ano passado, mas, antes de tudo, quero dizer que, embora não seja um homem rico, minha família está em Riding Thorpe há cerca de cinco séculos, e que não existe família mais conhecida no condado de Norfolk. No ano passado, vim a Londres para o jubileu, e me hospedei numa pensão, na praça Russell, porque Parker, o vigário de nossa paróquia,

estava lá. Havia uma jovem americana, Patrick era o sobrenome, Elsie Patrick. De certo modo nos tornamos amigos, e antes do final do mês eu estava tão apaixonado quanto um homem poderia estar. Nós nos casamos discretamente num cartório e voltamos a Norfolk como marido e mulher. Pode achar loucura, sr. Holmes, que um homem de uma família tradicional possa se casar com uma mulher desta maneira, sem saber nada do seu passado ou de sua família, mas compreenderia se a visse e a conhecesse.

“Elsie foi muito correta em relação a isso. Não posso dizer que ela não me deu muitas oportunidades de desistir, se eu quisesse fazê-lo. ‘Tive alguns relacionamentos muito desagradáveis na minha vida’, ela disse. ‘Quero esquecer tudo sobre eles. Prefiro nunca aludir ao passado, pois isso é muito doloroso para mim. Se me quiser, Hilton, ficará com uma mulher que não tem nada do que se envergonhar; mas você terá de se contentar com a minha palavra, e me permitir silenciar sobre tudo o que me aconteceu até o dia em que passei a ser sua. Se estas condições forem muito duras, então volte para Norfolk, e me deixe na vida solitária em que me encontrou.’ Foi só na véspera do nosso casamento que ela me disse essas palavras. Eu lhe respondi que aceitava ficar com ela nas suas próprias condições, e tenho cumprido minha palavra.

“Bem, estamos casados há um ano e temos sido muito felizes. Mas, um mês atrás, em fins de junho, foi que percebi os primeiros sinais de problemas. Um dia minha esposa recebeu uma carta dos Estados Unidos. Vi o selo americano. Ficou branca como a morte, leu a carta e a jogou no fogo. Não comentou nada sobre isso, e eu também não, porque promessa é promessa; mas ela não teve uma hora de tranquilidade desde aquele momento. Há sempre um olhar de medo em seu rosto — como se estivesse sempre esperando, na expectativa. Ela faria melhor confiando em mim. Descobriria que sou seu melhor amigo. Mas até que fale, não posso dizer nada. Acredite, ela é uma mulher sincera, sr. Holmes, e qualquer problema que tenha ocorrido no passado não foi por culpa sua. Sou um simples proprietário rural de Norfolk, mas não existe um homem na Inglaterra que preze tanto a honra de sua família quanto eu. Ela sabe disso muito bem, e sabia antes de se casar comigo. Não a mancharia, estou certo disso.

“Bem, agora chego à parte mais estranha de minha história. Há cerca de uma semana — foi na terça-feira da semana passada — descobri, no peitoril de uma das janelas, várias figurinhas dançantes absurdas. Estavam riscadas

a giz. Pensei que fora o garoto da estrebaria quem as desenhara, mas o rapaz jurou que não sabia nada sobre aquilo. De qualquer modo, apareceram ali durante a noite. Mandei lavá-las, e só depois mencionei o fato à minha esposa. Para minha surpresa, ela as levou a sério e me implorou que, se aparecesse mais alguma, eu a deixasse ver. Não apareceu nada durante uma semana, e então ontem de manhã achei este papel caído perto do relógio de sol no jardim. Mostrei-o a Elsie, e ela desmaiou. Desde então parece uma mulher num sonho, meio aturdida, com o terror permanentemente nos olhos. Foi quando escrevi e mandei o papel para o senhor. Não era uma coisa que eu pudesse levar para a polícia, pois eles ririam de mim, mas o senhor me dirá o que fazer. Não sou um homem rico, mas se algum perigo estiver ameaçando minha esposa, gastaria até meu último *penny* para protegê-la.”

Era um sujeito digno, este homem do velho solo inglês — simples, direto e gentil, com seus grandes e honestos olhos azuis, o rosto largo e bonito. Sua expressão demonstrava amor e confiança na esposa. Holmes ouvira sua história com a maior atenção e agora estava sentado, em meditação silenciosa, durante algum tempo.

— Não acha, sr. Cubitt — disse ele por fim —, que o seu melhor procedimento seria fazer um apelo direto à sua esposa, e pedir que ela divida o seu segredo com o senhor?

Hilton Cubitt balançou sua cabeça imponente.

— Uma promessa é uma promessa, sr. Holmes. Se Elsie quisesse me contar, ela o faria. Do contrário, não forçarei uma confidência sua. Mas eu tenho motivo para adotar minha própria linha de ação, e o farei.

— Então eu o ajudarei de todo o coração. Em primeiro lugar, ouviu falar de algum estranho pelas redondezas?

— Não.

— Presumo que seja um lugarejo muito tranquilo. Qualquer cara nova provocaria comentários?

— Na vizinhança próxima, sim. Mas temos vários balneários pequenos, não muito distantes. E os fazendeiros aceitam hóspedes.

— Estes hieróglifos certamente têm um significado. Se for um sentido puramente arbitrário, talvez nos seja impossível decifrá-lo. Se, por outro lado, for sistemático, não tenho dúvidas de que chegaremos ao fundo disto. Mas esta amostra específica é tão curta que não posso fazer nada, e os fatos

que me trouxe são tão vagos que não tenho uma base para a investigação. Sugiro que volte a Norfolk, fique de olhos abertos, e faça uma cópia exata de qualquer figura dançante que apareça. É uma pena que não tenha uma reprodução daqueles que foram feitos a giz no peitoril da janela. Faça também uma investigação discreta sobre algum estranho na vizinhança. Quando tiver conseguido algum novo indício, venha aqui outra vez. É o melhor conselho que posso lhe dar, sr. Hilton Cubitt. Se houver qualquer novo acontecimento urgente, estarei sempre pronto a sair e ir até sua casa em Norfolk.

A entrevista deixou Sherlock Holmes muito pensativo, e várias vezes nos dias que se seguiram, eu o vi tirar do seu caderno aquele pedaço de papel e olhar longa e seriamente para as curiosas figuras desenhadas nele. Entretanto, não comentou nada sobre o caso até uma tarde, há mais ou menos duas semanas. Eu estava saindo quando ele me chamou.

— Seria melhor você não sair, Watson.

— Por quê?

— Porque recebi um telegrama, esta manhã, de Hilton Cubitt. Lembra-se de Hilton Cubitt, dos homenzinhos dançantes? Ele vai chegar à Liverpool Street às 13h20. Pode estar aqui a qualquer momento. Deduzi, pelo seu telegrama, que ocorreram alguns incidentes importantes.

Não tivemos que esperar muito, pois o nosso proprietário rural de Norfolk veio tão depressa quanto podia um cabriolé. Parecia deprimido e preocupado, com os olhos cansados e a testa marcada.

— Esse negócio está me dando nos nervos, sr. Holmes — disse ele, enquanto afundava numa poltrona como um homem exausto. — É péssimo você sentir que está cercado por alguém invisível e desconhecido que está planejando alguma coisa, ainda por cima, quando sabe que isto está matando sua esposa aos poucos, e aí chega ao máximo que a carne e o sangue podem aguentar. Ela está se consumindo por causa disso, definhando diante dos meus olhos.

— Ela já disse alguma coisa?

— Não, sr. Holmes, não disse. Mesmo assim houve vezes em que a pobre moça quis falar, mas não consegui convencê-la a dar esse passo arriscado. Tentei ajudá-la, mas confesso que o fiz de modo desajeitado, e a amedrontei. Falou de minha família antiga, de nossa reputação no condado e de nosso orgulho da honra imaculada, e sempre senti que estávamos

chegando ao ponto, mas de algum modo nos desviávamos antes de chegar lá.

— Mas descobriu alguma coisa por conta própria?

— Muito, sr. Holmes. Tenho uma grande quantidade de novos homenzinhos dançantes para o senhor examinar e, o que é mais importante, eu vi o sujeito.

— O quê, o homem que os desenha?

— Sim, eu o vi trabalhando. Mas contarei tudo para o senhor pela ordem. Quando voltei de minha visita, a primeira coisa que vi na manhã seguinte foi uma nova safra de homenzinhos dançantes. Estavam desenhados na porta preta de madeira do galpão de ferramentas, que fica ao lado do jardim, dando diretamente para as janelas da frente. Peguei uma cópia exata, e aqui está. — Desdobrou um papel e o deixou na mesa. Eis a cópia dos hieróglifos:

— Excelente! — exclamou Holmes. — Excelente! Por favor, continue.

— Quando tirei a cópia, apaguei as marcas, mas dois dias depois, apareceu um novo desenho. Tenho uma cópia dele aqui.

Holmes esfregou as mãos, exultante.

— Nosso material está se acumulando rapidamente — disse ele.

— Três dias depois uma mensagem escrita num papel foi deixada no relógio de sol, presa por uma pedra. Aqui está. Os caracteres são, como vê, iguais aos do último. Depois deste, resolvi ficar à espreita; então peguei meu revólver e me sentei no meu estúdio, de onde se avista o gramado e o

jardim. Por volta das duas horas, eu estava sentado à janela, tudo escuro, com exceção do luar lá fora, quando ouvi passos atrás de mim, e apareceu minha esposa de roupão. Ela me implorou que fosse para a cama. Disse-lhe francamente que queria ver quem estava fazendo essas brincadeiras absurdas conosco. Ela respondeu que era algum trote sem sentido, e que eu não devia dar importância.

"'Se isso o irrita tanto, Hilton, podíamos viajar, você e eu, e assim evitar este aborrecimento.'

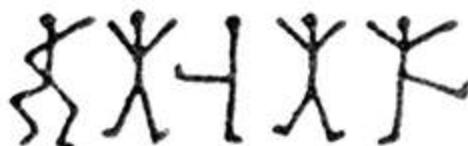
"'O quê, ser posto para fora de minha própria casa por um engraçadinho?', eu disse. 'Mas todo o condado iria rir de nós.'

"'Ora, venha para a cama', disse ela, 'e falaremos sobre isso de manhã.'

"De repente, enquanto falava, vi seu rosto ficar mais branco que o luar e suas mãos se crisparam no meu ombro. Algo se movera na sombra do galpão de ferramentas. Vi uma figura escura, furtiva, que se arrastou e agachou em frente à porta. Segurando minha arma, eu ia sair correndo quando minha esposa jogou seus braços em torno de mim e me segurou com muita força. Tentei me desvencilhar dela, mas se agarrou a mim desesperadamente. Por fim me livrei, e quando abri a porta e cheguei ao galpão, a criatura já tinha ido embora. Entretanto, deixara uma marca de sua presença, pois na porta havia quase o mesmo conjunto de homenzinhos dançantes que já havia aparecido por duas vezes, e que eu copiara naquele papel. Não havia sinal do sujeito em lugar nenhum, embora eu tivesse procurado por toda parte. E o mais incrível é que deve ter estado lá o tempo todo, pois quando examinei a porta de manhã, ele tinha feito mais alguns desenhos, abaixo da linha que já vira."

— Tem esse último desenho?

— Sim, é muito curto, mas fiz uma cópia dele. Está aqui.

De novo nos mostrou um papel. A nova dança tinha esta forma:

— Diga-me — continuou Holmes, e eu podia ver pelos seus olhos que estava muito excitado —, isto era um mero adendo ao primeiro ou parecia

estar inteiramente separado?

— Estava num painel diferente da porta.

— Excelente! Este é de longe o mais importante dos nossos objetivos. Enche-me de esperanças. Agora, sr. Hilton Cubitt, por favor, continue seu relato interessantíssimo.

— Não tenho mais nada a dizer, sr. Holmes, a não ser que fiquei irritado com minha esposa naquela noite por ter me segurado, quando poderia ter apanhado aquele canalha fujão. Ela disse que eu podia ter me machucado. Por um instante veio à minha mente a ideia de que ela temia que acontecesse algum mal a *ele*, pois eu estava certo de que ela conhecia aquele homem e sabia o que aqueles sinais queriam dizer. Mas havia um tom na sua voz, sr. Holmes, e algo em seus olhos que não permitiam dúvidas, e estou certo de que era na minha própria segurança que ela pensava. Aqui está todo o caso, e agora quero seu conselho sobre como proceder. Minha ideia é colocar meia dúzia de meus rapazes nos arbustos e, quando esse sujeito aparecer novamente, dar-lhe uma recepção que o fará nos deixar em paz daqui para a frente.

— Receio que o caso seja profundo demais para estes remédios tão simples — disse Holmes. — Quanto tempo pode ficar em Londres?

— Tenho de voltar ainda hoje. De modo algum deixaria minha mulher sozinha a noite toda. Ela está muito nervosa e me implorou para que eu voltasse.

— Acho que está certo. Mas se ficasse, eu poderia voltar com o senhor em um ou dois dias. Enquanto isso, vai deixar comigo esses papéis, e é muito provável que eu possa fazer-lhe uma visita em breve e esclarecer alguma coisa sobre seu caso.

Sherlock Holmes manteve a sua calma profissional até que o nosso visitante foi embora, mas para mim, que o conhecia tão bem, era fácil notar que estava extremamente excitado. No momento em que as largas costas de Hilton Cubitt desapareceram pela porta, meu amigo correu para a mesa, abriu os pedaços de papel com os homenzinhos dançantes à sua frente, e se lançou à elaboração de um cálculo intrincado. Durante duas horas eu o observei enquanto cobria o papel de letras e figuras, e estava tão absorvido em seu problema que evidentemente esquecera a minha presença. Algumas vezes fazia progressos, e cantava e assobiava enquanto trabalhava; em outras mostrava-se confuso e fazia longos discursos, com as sobrancelhas

cerradas e o olhar distante. Finalmente ele pulou de sua cadeira com um grito de satisfação, e começou a andar de um lado para outro na sala, esfregando as mãos. Então escreveu um longo telegrama num formulário. “Se minha resposta a isto vier como espero, você terá um belo caso para acrescentar à sua coleção, Watson”, disse ele. “Espero que possamos ir a Norfolk amanhã, e levar ao nosso amigo algumas novidades sobre o segredo que o preocupa.”

Confesso que estava curioso, mas sabia que Holmes gostava de fazer suas revelações na hora que achasse conveniente e à sua maneira; de modo que esperei até que quisesse confiar em mim.

Mas houve um atraso na resposta do telegrama, e seguiram-se dois dias de impaciência, durante os quais Holmes ficava com os ouvidos atentos a cada toque da campainha. Na noite do segundo dia chegou uma carta de Hilton Cubitt. Estava tudo bem com ele, exceto que uma longa inscrição aparecera naquela manhã no pedestal do relógio de sol. Incluiu uma cópia dela, que é reproduzida aqui:

Holmes curvou-se durante alguns minutos sobre este friso grotesco, e então, de repente, deu um pulo, com uma exclamação de surpresa e consternação. Seu rosto estava crispado de ansiedade.

— Nós deixamos este caso ir longe demais — disse ele. — Há algum trem para North Walsham esta noite?

Peguei o horário dos trens. O último acabara de sair.

— Então devemos tomar o café da manhã bem cedo e pegar o primeiro de amanhã — disse Holmes. — Precisam da nossa presença com urgência. Ah! Aqui está o nosso esperado cabograma. Um momento, sra. Hudson, talvez haja uma resposta. Não, é exatamente como eu esperava. Com esta mensagem, não devemos perder nem uma hora para deixar Hilton Cubitt

saber como vão as coisas, porque é uma rede bem estranha e perigosa esta em que o nosso simples proprietário de terras de Norfolk está metido.

Era realmente, e quando cheguei ao final sinistro da história que me parecia ser apenas infantil e bizarra, senti mais uma vez o horror e a consternação que me dominavam. Gostaria de ter um final mais alegre para contar aos meus leitores, mas estas são as crônicas dos fatos e devo seguir, até o momento decisivo, a estranha série de acontecimentos que por alguns dias fizeram de Riding Thorpe Manor um nome conhecido em toda a Inglaterra.

Mal chegamos em North Walsham e mencionamos o nome de nosso destino, o chefe de estação correu até nós.

— Suponho que sejam detetives de Londres? — disse ele.

Um olhar de irritação passou pelo rosto de Holmes.

— O que o faz pensar assim?

— Porque o inspetor Martin, de Norwich, acabou de passar por aqui. Mas talvez os senhores sejam cirurgiões. Ela não está morta, ou não estava, segundo os últimos relatos. Talvez ainda tenham tempo de salvá-la, embora seja para a forca.

A expressão de Holmes mostrava ansiedade.

— Nós estamos indo para Riding Thorpe Manor — disse ele —, mas não ouvimos nada sobre o que aconteceu lá.

— Algo terrível — disse o chefe da estação. — Foram baleados, o sr. Hilton Cubitt e a esposa. Ela atirou nele e depois em si mesma; é o que dizem os empregados. Ele está morto e ela, desenganada. Meu Deus, meu Deus, uma das famílias mais antigas do condado de Norfolk e uma das mais honradas.

Sem uma palavra, Holmes correu até a carruagem, e durante os sete longos quilômetros do trajeto não abriu a boca. Raras vezes o vi tão desconsolado. Esteve inquieto durante toda a viagem, e notei que folheara os jornais da manhã com uma atenção ansiosa, mas agora a repentina concretização de seus piores temores deixou-o numa melancolia confusa. Recostou-se no assento, perdido em especulações tristes. Ainda assim, havia muita coisa à nossa volta que nos interessasse, pois passávamos pelo campo, tão singular quanto qualquer outro na Inglaterra, onde alguns chalés representam a população de hoje em dia, enquanto, por todo lado, enormes igrejas de torres quadradas levam-se na paisagem verde e contam a glória e

a prosperidade da velha East Anglia. Por fim surgiu a orla violeta do mar do Norte por sobre a borda verde da costa de Norfolk, e o condutor apontou com seu chicote para dois telhados de tijolos e madeira que se projetavam de um bosque. “Aquela é Riding Thorpe Manor”, ele disse.

Ao passarmos pela entrada de colunas, observei diante dela, ao lado da quadra de tênis, o galpão de ferramentas preto e o relógio de sol com o pedestal, com os quais tínhamos associações tão estranhas. Um homem baixo e ativo, com um bigode enorme, acabara de descer de uma carruagem. Apresentou-se como o inspetor Martin, da polícia de Norfolk, e ficou muito surpreso quando ouviu o nome do meu amigo.

— Oh, sr. Holmes, o crime só foi cometido às três horas. Como pôde ouvir falar dele em Londres e estar no local ao mesmo tempo que eu?

— Eu o previ. Vim com a esperança de evitá-lo.

— Então deve ter um indício importante que ignoramos, pois dizia-se que eles eram um casal muito unido.

— Só tenho o indício dos homenzinhos dançantes — disse Holmes. — Explicarei tudo a você depois. Enquanto isso, já que é tarde demais para evitar a tragédia, estou ansioso para usar o conhecimento que possuo, a fim de que a justiça seja feita. Vai me incluir na sua investigação ou prefere que eu aja de modo independente?

— Ficaria orgulhoso de saber que estamos trabalhando juntos, sr. Holmes — disse o inspetor com sinceridade.

— Nesse caso, gostaria de ouvir os depoimentos e examinar o local sem demora.

O inspetor Martin teve o bom senso de deixar meu amigo fazer as coisas a seu modo, contentando-se em anotar cuidadosamente os resultados. O cirurgião local, um homem idoso, de cabelos brancos, acabara de vir do quarto da sra. Hilton Cubitt, e nos informou que seus ferimentos eram graves mas não necessariamente fatais. A bala atravessara a região frontal do cérebro, e ela provavelmente levaria algum tempo até recobrar a consciência. Quanto a saber se ela fora baleada ou atirara em si mesma, ele não se arriscava a dar nenhuma opinião definitiva. Certamente a bala fora disparada de muito perto. Encontramos uma única pistola no quarto, da qual dois cartuchos tinham sido esvaziados. O sr. Hilton Cubitt fora atingido no coração. Também era possível que tivesse atirado nela e depois em si

mesmo, ou que ela fora a criminosa, pois o revólver estava no chão, entre os dois.

— Ele foi retirado? — perguntou Holmes.

— Não retiramos nada, a não ser a senhora. Não podíamos deixá-la caída no chão, ferida.

— Há quanto tempo está aqui, doutor?

— Desde as quatro horas.

— Mais alguém?

— Sim, o guarda aqui.

— E tocou em alguma coisa?

— Nada.

— Agiu com muita discrição. Quem o chamou?

— A criada, Saunders.

— Foi ela quem deu o alarme?

— Ela e a sra. King, a cozinheira.

— Onde estão agora?

— Na cozinha, eu acho.

— Pois então é melhor ouvir logo a história delas.

O velho saguão, com painéis de carvalho e janelas altas, fora transformado em corte de investigação. Holmes sentou-se numa cadeira grande e antiga, seus olhos inexoráveis brilhando no rosto ansioso. Podia ler neles o firme propósito de dedicar sua vida a esta questão, até que o cliente, que ele não conseguira salvar, fosse vingado. O elegante inspetor Martin, o velho médico do campo, de cabelos brancos, eu e um robusto policial da vila completávamos aquele grupo estranho.

As duas mulheres contaram sua história de modo bem claro. Foram acordadas pelo som de uma explosão, seguido por outro, um minuto depois. Desceram juntas a escada. A porta do estúdio estava aberta e uma vela estava acesa na mesa. O patrão estava caído no centro do quarto, com o rosto para o chão. Estava morto. Perto da janela sua esposa estava agachada, com a cabeça apoiada na parede. Estava horrivelmente ferida, com o lado do rosto vermelho de sangue. Respirava pesadamente, mas não era capaz de dizer nada. O corredor, bem como o quarto, estava cheio de fumaça e com cheiro de pólvora. Certamente a janela ficara fechada e trancada por dentro. As duas mulheres eram positivas sobre este ponto. Imediatamente foram chamar o médico e o policial. Depois, com a ajuda do

criado e do rapaz da estrebaria, levaram a patroa ferida para o quarto. Ela e o marido tinham usado a cama. Ela estava vestida — ele estava com o roupão sobre o pijama. Nada fora mexido no estúdio. Até onde sabiam, nunca houve uma discussão entre marido e mulher. Sempre os consideraram um casal muito unido.

Estes eram os pontos principais do depoimento das empregadas. Em resposta ao inspetor Martin, afirmaram que todas as portas estavam trancadas por dentro e que ninguém poderia ter fugido da casa. Em resposta a Holmes, ambas se recordaram do cheiro da pólvora, desde o momento em que saíram de seus quartos, no último andar. “Recomendo a sua atenção especial para este fato”, disse Holmes ao seu colega de profissão. “E agora acho que estamos em condições de fazer um exame completo no quarto.”

O estúdio mostrou ser um aposento pequeno, repleto de livros em três lados, e com uma escrivaninha de frente para uma janela comum, que dava para o jardim. Demos atenção primeiro ao corpo do infeliz proprietário de terras, que estava estendido no chão do quarto. Sua roupa desarrumada mostrava que tinha sido acordado repentinamente. A bala fora disparada contra ele de frente e permanecera em seu corpo depois de penetrar no coração. Sua morte certamente foi instantânea e indolor. Não havia marcas de pólvora no seu roupão nem nas mãos. De acordo com o médico, a mulher tinha manchas no rosto, mas nenhuma na mão.

— A ausência destas últimas não significa nada, ao passo que sua presença significa tudo — disse Holmes. — A menos que a pólvora de um cartucho mal colocado espirre para trás, uma pessoa pode dar vários tiros sem deixar traço. Sugeriria que o corpo do sr. Cubitt fosse removido agora. Suponho, doutor, que ainda não recuperou a bala que feriu a senhora.

— Será necessária uma operação difícil para que isso possa ser feito. Mas ainda há quatro cartuchos no revólver. Dois foram disparados e dois ferimentos foram causados, de modo que cada bala pode ser responsável por eles.

— Parece que sim — disse Holmes. — Talvez possa explicar também a bala que tão obviamente lascou a borda da janela?

Ele se virara de repente, e seu dedo longo e magro apontava para um buraco feito diretamente na baixa janela corrediça, menos de um centímetro acima do parapeito.

— Ora! — exclamou o inspetor. — Como viu isso?

— Porque o procurei.

— Maravilhoso! — disse o médico do campo. — O senhor está certo. Então um terceiro tiro foi disparado e, portanto, uma terceira pessoa esteve presente. Mas quem teria sido, e como conseguiu ir embora?

— Este é o problema que estamos prestes a resolver agora — disse Sherlock Holmes. — Lembra-se, inspetor Martin, de que quando as empregadas disseram que, ao saírem de seus quartos, logo perceberam um cheiro de pólvora, eu comentei que esse detalhe era extremamente importante?

— Sim, senhor; mas confesso que não consegui entender o motivo.

— Isso sugere que, na hora dos disparos, a janela e a porta estavam abertas. Do contrário, o cheiro da pólvora não teria se espalhado tão rapidamente pela casa. Para isto era preciso uma corrente de ar no quarto. Mas a porta e a janela ficaram abertas por muito pouco tempo.

— Como prova isso?

— Porque a vela não havia pingado.

— Excelente! — exclamou o inspetor. — Excelente!

— Tendo certeza de que a janela estava aberta na hora da tragédia, imaginei que devia haver uma terceira pessoa no caso, que ficou do lado de fora desta abertura e atirou através dela. Qualquer tiro dirigido a essa pessoa poderia acertar o caixilho. Olhei e lá estava, é claro, a marca da bala!

— Mas como é que a janela foi fechada e trancada?

— O primeiro impulso da mulher foi o de fechar e trancar a janela. Mas, ah! O que é isto?

Era uma bolsa de mulher que estava na mesa do estúdio — uma bolsa pequena e elegante de couro de crocodilo e prata. Holmes a abriu e retirou o seu conteúdo. Havia 25 notas de uma libra do Banco da Inglaterra, presas por um elástico de borracha da Índia — e nada mais.

— Isto precisa ser guardado, pois vai aparecer no julgamento — disse Holmes, enquanto entregava a bolsa e seu conteúdo ao inspetor. — Agora é necessário tentar esclarecer alguma coisa sobre essa terceira bala que, pelo lascado da madeira, foi disparada de dentro do quarto. Gostaria de ver de novo a sra. King, a cozinheira. Disse, sra. King, que foi acordada por uma explosão alta. Quando disse isso, queria dizer que parecia ser mais alta do que a segunda?

— Bem, senhor, ela me arrancou do sono, por isso é difícil dizer. Mas me pareceu bem alta.

— Não acha que poderiam ser dois tiros disparados quase ao mesmo instante?

— Não posso afirmar isso, senhor.

— Não tenho dúvidas de que foi assim. Creio que já esgotamos tudo o que este quarto poderia nos mostrar, inspetor Martin. Se quiser, por gentileza, dar uma volta comigo, veremos que novos indícios o jardim tem para nos apresentar.

Um canteiro de flores se estendia até a janela do estúdio, e todos nós soltamos uma exclamação, quando nos aproximamos. As flores estavam caídas e a terra macia, cheia de pegadas. Eram pés grandes e masculinos, com o bico do sapato especialmente longo e fino. Holmes vasculhou a grama e as folhas como um cão de caça atrás de um pássaro ferido. Então, com um grito de satisfação, curvou-se e pegou um pequeno cilindro cor de bronze.

— Como eu pensava — ele disse —, o revólver tinha um ejetor, e aqui está o terceiro cartucho. Penso realmente, inspetor Martin, que o nosso caso está quase completo.

O rosto do inspetor provinciano mostrou seu grande assombro com o rápido e magistral progresso da investigação de Holmes. No início mostrara certa disposição para impor a própria posição, mas agora estava cheio de admiração e pronto a seguir sem questionar o caminho que Holmes indicasse.

— De quem o senhor suspeita? — perguntou.

— Chegarei lá mais tarde. Existem vários pontos neste problema que ainda não posso explicar para vocês. Agora que já cheguei tão longe, é melhor continuar na minha própria linha, e então esclarecer este caso inteiro de uma vez por todas.

— Como queira, sr. Holmes, até que peguemos nosso homem.

— Não quero fazer mistérios, mas é impossível, no momento da ação, entrar em explicações longas e complexas. Tenho todos os fios da meada em minha mão. Mesmo que essa senhora nunca recobre a consciência, podemos reconstituir os fatos da noite passada, e garantir que seja feita justiça. Antes de mais nada, gostaria de saber se existe algum hotel na vizinhança chamado “Elrige’s”.

Os criados foram interrogados, mas nenhum deles ouvira falar de tal lugar. O rapaz da estrebaria lançou alguma luz no assunto, lembrando que um fazendeiro com aquele nome vivia a alguns quilômetros dali, na direção de East Ruston.

— É uma fazenda isolada?

— Muito isolada, senhor.

— Talvez eles ainda não tenham sabido nada sobre o que aconteceu aqui durante a noite.

— Talvez não, senhor.

Holmes pensou um pouco, e então um curioso sorriso apareceu em seu rosto.

— Sele um cavalo, meu rapaz — disse. — Gostaria que levasse um bilhete à fazenda de Elrige.

Tirou do bolso os vários pedaços de papel dos homenzinhos dançantes. Com eles na sua frente, trabalhou durante algum tempo na escrivaninha. Finalmente entregou um bilhete ao garoto, com instruções para só entregá-lo nas mãos da pessoa a quem estava endereçado, e, principalmente, não responder a nenhuma pergunta que lhe fizessem. Vi o verso da nota, endereçada numa letra irregular e espalhada, muito diferente da habitual escrita precisa de Holmes. Era dirigida ao sr. Abe Slaney, fazenda de Elrige, East Ruston, Norfolk.

— Creio, inspetor — observou Holmes —, que seria bom telegrafar para pedir uma escolta, porque talvez tenha um prisioneiro particularmente perigoso para levar à cadeia do condado. Certamente o rapaz que vai levar esta nota chegará antes do seu telegrama. Se houver algum trem à tarde para a cidade, Watson, acho melhor pegá-lo, pois tenho uma análise química interessante para acabar, e esta investigação está caminhando rapidamente para um desfecho.

Quando o jovem foi despachado com o bilhete, Sherlock Holmes deu suas instruções aos empregados. Se aparecesse alguma visita procurando pela sra. Hilton Cubitt, nenhuma informação deveria ser-lhe dada a respeito de sua situação, e ela deveria ser conduzida imediatamente à sala de visitas. Enfatizou estes pontos com a maior seriedade. Por fim, dirigiu-se à sala de visitas, com a observação de que agora o negócio estava fora de nossas mãos, e que devíamos passar o tempo o melhor que pudéssemos até

conseguirmos ver o que nos estava reservado. O doutor tinha ido cuidar dos seus outros pacientes, e só o inspetor e eu ficamos.

— Creio que posso ajudá-los a passar uma hora de modo interessante e proveitoso — disse Holmes, puxando sua cadeira até a mesa, e espalhando à sua frente os vários papéis nos quais estavam desenhados os grotescos homenzinhos dançantes. — Quanto a você, amigo Watson, devo-lhe uma compensação por ter deixado sua curiosidade natural insatisfeita por tanto tempo; ao senhor, inspetor, todo o incidente deve tê-lo interessado como um notável estudo profissional. Devo contar-lhe, antes de tudo, as circunstâncias curiosas ligadas às consultas prévias que o sr. Hilton Cubitt me fez na Baker Street. — Ele então recapitulou os fatos de que já falamos. Tenho aqui estas inscrições singulares, diante das quais alguém poderia sorrir, se não tivessem mostrado que foram as precursoras de uma tragédia tão terrível. Estou familiarizado com todas as formas de escrita secreta, e eu mesmo sou o autor de uma monografia banal sobre o assunto, na qual analiso 160 códigos diferentes, mas confesso que este era inteiramente novo para mim. O objetivo daqueles que o inventaram aparentemente seria ocultar que estes caracteres continham uma mensagem, dando a ideia de que eram meros rabiscos de crianças.

“Entretanto, tendo reconhecido que os símbolos representavam letras, e tendo aplicado as regras que servem para qualquer forma de escrita secreta, a solução ficou bem fácil. A primeira mensagem entregue a mim era tão curta que era impossível fazer algo mais do que dizer, com alguma certeza, que o símbolo representava o E. Como sabem, o E é a letra mais comum no alfabeto inglês, e predomina de modo tão notável, que mesmo numa sentença curta podemos esperar encontrá-la com muita frequência. Dos 15 símbolos da primeira mensagem, quatro eram os mesmos, portanto seria razoável apontá-los como E. É verdade que em alguns casos a figura segurava uma bandeira e em outros não, mas era provável, pela maneira como as bandeiras estavam distribuídas, que eram usadas para dividir as palavras da frase. Aceitei isso como uma hipótese, e anotei que E era representado por .

“Mas agora vinha a verdadeira dificuldade da pesquisa: a ordem das letras inglesas depois do E não é bem demarcada, e qualquer preponderância que possa ser mostrada na média de uma folha impressa pode ser revertida numa única frase pequena. De modo aproximado, T, A, O, I, N, S, H, R, D e L são a ordem numérica em que as letras ocorrem; mas T, A, O e I aparecem com frequência quase igual uma da outra, e seria um trabalho infindável tentar cada combinação, até chegar a um sentido. Portanto, esperei por novo material. Na minha segunda entrevista com o sr. Hilton Cubitt, ele me deu duas outras frases curtas e uma mensagem, que parecia, já que não havia bandeiras, ser uma única palavra. Aqui estão os símbolos. Agora, na palavra única, consegui dois E, vindo em segundo e quarto lugares num total de cinco letras. Podia ser ‘*sever*’, ‘*lever*’ ou ‘*never*’.[15] Não há dúvida de que a última, em resposta a um apelo, é a mais provável, e as circunstâncias a apontavam como sendo uma resposta escrita pela senhora. Aceitando isso como correto, podemos dizer agora que os símbolos representam respectivamente N, V e R.

“Mesmo assim eu estava numa grande dificuldade, mas uma ideia feliz deu-me várias outras letras. Ocorreu-me que se esses apelos vinham, como esperava, de alguém íntimo da senhora em sua vida passada, uma combinação que contivesse dois E, com três letras entre eles, podia muito bem ser o nome ‘Elsie’. Num exame, descobri que esta combinação formava o final da mensagem, que se repetia três vezes. Devia ser algum apelo a ‘Elsie’. Desta maneira consegui meus L, S e I. Mas que apelo seria esse? Só havia quatro letras na palavra que precedia ‘Elsie’ e terminava em E. Certamente a palavra seria ‘*Come*’.[16] Tentei todas as outras quatro letras, terminando em E, mas não consegui encontrar nenhuma que se encaixasse no caso. De modo que agora eu tinha C, O e M, e estava em condições de atacar mais uma vez a primeira mensagem, dividindo-a em palavras e colocando pontos para cada símbolo ainda desconhecido. Fiz isso, e saiu desta maneira:”

. m . e r e . . e s l . n e.

— Agora, a primeira letra só *pode* ser A, o que é uma descoberta muito útil, já que aparece não menos do que três vezes nesta frase curta, e o H

também é evidente na segunda palavra. Agora ficou assim:

am here a. e. slane.

— Ou, preenchendo os espaços óbvios no nome:

AM HERE ABE SLANEY[17]

— Tinha tantas letras agora que podia continuar com bastante confiança na segunda mensagem, que ficou desta forma:

a . elri. es.

— Aqui só podia fazer sentido colocando T e G no lugar das letras que faltavam, e supondo que o nome era o de uma casa ou hotel em que estava o autor da mensagem.

O inspetor Martin e eu ouvimos com o maior interesse o relato completo e claro de como meu amigo obteve os resultados que nos levaram a superar completamente nossas dificuldades.

— O que fez então, senhor? — perguntou o inspetor.

— Tinha motivo para supor que este Abe Slaney era americano, porque Abe é uma contração americana e uma carta dos Estados Unidos é que foi o ponto de partida de todo o problema. Também tinha motivos para pensar que havia algum segredo criminoso no assunto. As alusões da senhora sobre o seu passado e sua recusa em confiar no marido apontavam nessa direção. De modo que passei um cabograma ao meu amigo Wilson Hargreave, do Departamento de Polícia de Nova York, que mais de uma vez recorreu aos meus conhecimentos do crime de Londres. Perguntei a ele se conhecia o nome Abe Slaney. Aqui está a resposta: "O bandido mais perigoso de Chicago." Na mesma noite em que recebi esta resposta, Hilton Cubitt me mandou a última mensagem de Slaney. Trabalhando com as letras conhecidas, ela ficou com esta forma:

elsie . re . are to meet thy go.

O acréscimo de um P e um D completaram a mensagem,[18] que me mostrou que o patife estava passando da persuasão às ameaças, e o meu

conhecimento a respeito dos bandidos de Chicago fez com que eu achasse que ele transformaria rapidamente suas palavras em ação. Vim imediatamente para Norfolk com o meu amigo e colega, dr. Watson, mas, infelizmente, apenas a tempo de descobrir que o pior já tinha acontecido.

— É um privilégio trabalhar junto com o senhor em um caso — disse o inspetor com entusiasmo. — Porém, vai me desculpar se lhe falar francamente. O senhor só precisa dar respostas a si mesmo, mas eu tenho de prestar contas aos meus superiores. Se este Abe Slaney, que mora em Elrige, é de fato o assassino, e se ele escapou enquanto estou sentado aqui, eu certamente terei sérios problemas.

— Não precisa se preocupar. Ele não tentará escapar.

— Como sabe?

— A fuga seria uma confissão de culpa.

— Então vamos prendê-lo.

— Espero-o aqui a qualquer momento.

— Mas por que ele viria?

— Porque escrevi pedindo a ele que viesse.

— Mas isto é incrível, sr. Holmes! Ele viria porque o senhor pediu? Um pedido deste tipo não despertaria sua suspeita e o faria fugir?

— Creio que soube elaborar a carta — disse Sherlock Holmes. — De fato, se não me engano, ali está o cavalheiro subindo pela estrada.

Um homem entrava pelo caminho que ia até a porta. Era alto, bonito e moreno, vestido com um terno de flanela cinza, com um chapéu panamá, uma barba negra eriçada e um nariz adunco, grande e agressivo, e balançando uma bengala enquanto andava. Passou pelo caminho como se o lugar lhe pertencesse, e ouvimos seu toque alto e confiante na campainha.

— Creio, cavalheiros — disse Holmes calmamente —, que é melhor nos colocarmos atrás da porta. Toda precaução é necessária ao lidarmos com esse camarada. Vai precisar de suas algemas, inspetor. Pode deixar a conversa comigo.

Esperamos em silêncio por um minuto — um desses minutos dos quais nunca poderemos nos esquecer. Então a porta se abriu e o homem entrou. Num instante Holmes apontou a pistola para sua cabeça e Martin colocou as algemas nos seus pulsos. Tudo foi feito com tanta rapidez e habilidade que o sujeito estava indefeso antes de perceber que fora atacado. Olhou-nos um a um com seus olhos negros em chamas. Então explodiu numa gargalhada.

— Bem, cavalheiros, vocês me pegaram desta vez. Acho que bati em alguma coisa dura. Mas vim em resposta à carta da sra. Hilton Cubitt. Não me digam que ela está metida nisso. Não me digam que ela ajudou a preparar essa armadilha para mim.

— A sra. Hilton Cubitt foi gravemente ferida e está à beira da morte.

O homem deu um grito rouco de dor, que ecoou pela casa.

— Está maluco! — gritou, furioso. — Foi ele o atingido, não ela. Quem iria machucar a pequena Elsie? Posso tê-la ameaçado, Deus me perdoe!, mas não tocaria num fio de cabelo de sua linda cabeça. Diga que é mentira! Diga que ela não está machucada!

— Ela foi encontrada, muito ferida, ao lado de seu marido morto.

Ele mergulhou no sofá com um gemido profundo e cobriu o rosto com suas mãos algemadas. Durante cinco minutos ficou em silêncio. Depois ergueu o rosto mais uma vez, e falou com a fria serenidade do desespero.

— Não tenho nada a esconder de vocês, cavalheiros — disse. — Se atirei no homem, ele também atirou em mim, e não há assassinato nisso. Mas se pensam que eu poderia ter machucado aquela mulher, então não me conhecem, nem a ela. Digo-lhes, nunca houve no mundo um homem que amasse uma mulher mais do que eu a amava. Tinha direito a ela. Estava comprometida comigo há anos. Quem era esse inglês para se manter entre nós? Eu lhes digo que tinha prioridade em relação a ela e só estava reclamando o que era meu.

— Ela escapou à sua influência quando descobriu o homem que você é — disse Holmes com rispidez. — Fugiu dos Estados Unidos para evitá-lo, e se casou com um cavalheiro respeitável na Inglaterra. Você a perseguiu, a seguiu, e transformou a vida dela num tormento para induzi-la a abandonar o marido, a quem amava e respeitava, para ir com você, de quem tinha medo e ódio. Você acabou levando à morte um homem nobre e induzindo sua mulher ao suicídio. Este é o seu papel neste negócio, sr. Abe Slaney, e vai responder por isto à justiça.

— Se Elsie morrer, não me importo com o que vier a acontecer comigo — disse o americano. Abriu uma das mãos e olhou para um bilhete amassado em sua palma. — Olhe aqui, senhor! — exclamou, com um brilho de suspeita nos olhos —, não está tentando me amedrontar com isto, está? Se a senhora está tão ferida quanto diz, quem foi que escreveu este bilhete? — Ele o jogou na mesa.

— Eu o escrevi, para trazê-lo aqui.

— Você o escreveu? Não havia ninguém fora da União que conhecesse o segredo dos homenzinhos dançantes. Como conseguiu escrevê-lo?

— O que um homem inventa, outro pode descobrir — disse Holmes. — Há um carro chegando para transportá-lo até Norwich, sr. Slaney. Mas, enquanto isso, tem tempo para reparar um pouco do dano que causou. Sabe que a própria sra. Hilton Cubitt esteve sob séria suspeita de ter assassinado o marido, e que foi só a minha presença e o conhecimento que eu possuo que a salvaram da acusação? O mínimo que o senhor deve fazer por ela é esclarecer ao mundo inteiro que ela não foi, direta ou indiretamente, responsável pelo trágico fim dele.

— Não peço nada mais que isso — disse o americano. — Creio que o melhor que posso fazer por mim mesmo é a verdade nua e crua.

— É meu dever avisá-lo de que isto vai ser usado contra você — exclamou o inspetor, com a sublime honestidade da lei criminal britânica.

Slaney encolheu os ombros.

— Tentarei isso — disse. — Antes de qualquer coisa, quero que os cavalheiros entendam que conheço esta senhora desde que era uma criança. Éramos sete numa gangue em Chicago, e o pai de Elsie era o chefe da União. Era um homem esperto, o velho Patrick. Foi ele quem inventou aquela escrita, que passaria por um desenho de criança, a menos que se soubesse a chave dela. Bem, Elsie aprendeu alguns dos nossos métodos, mas não podia suportar o negócio, e tinha um pouco de seu próprio dinheiro honesto, então passou-nos a perna e foi para Londres. Era minha noiva e teria se casado comigo, acho, se eu tivesse outra profissão, mas ela não teria conhecido a desgraça. Só depois que havia casado com este inglês é que consegui descobrir onde estava. Escrevi para ela, mas não obtive resposta. Depois disso, vim para cá e, como as cartas eram inúteis, coloquei minhas mensagens em lugares onde ela poderia ler.

“Bem, estou aqui há um mês. Vivi naquela fazenda, onde tinha um quarto embaixo, e podia entrar e sair todas as noites, sem testemunhas. Fiz de tudo para que Elsie fosse embora. Sabia que lera as mensagens, pois uma vez escreveu uma resposta embaixo de uma delas. Então perdi a calma e comecei a ameaçá-la. Mandou-me uma carta, então, implorando que eu fosse embora, dizendo que seu coração ficaria partido se houvesse algum escândalo envolvendo seu marido. Disse que desceria quando o marido

estivesse dormindo, às três horas, e falaria comigo pela janela de trás, se depois eu fosse embora e a deixasse em paz. Ela veio e trouxe dinheiro, tentando me convencer a ir embora. Isto me deixou louco e agarrei seu braço, tentando puxá-la através da janela. Naquele momento entrou o marido com o revólver na mão. Elsie jogou-se no chão, e nós ficamos cara a cara. Também me agachei e apontei minha arma, a fim de assustá-lo e poder fugir. Ele atirou e errou. Atirei quase ao mesmo tempo, e ele caiu. Saí correndo pelo jardim e ouvi a janela se fechar atrás de mim. Esta é a verdade de Deus, cavalheiros, cada palavra dela; e não ouvi mais nada sobre isso até que aquele rapaz veio me entregar um bilhete, que me fez vir até aqui, como um palerma, e me entregar em suas mãos.”

Um carro havia chegado enquanto o americano falava. Dois policiais uniformizados estavam sentados lá dentro. O inspetor Martin levantou-se e bateu no ombro do seu prisioneiro.

— É hora de irmos.

— Posso vê-la primeiro?

— Não, ela não está consciente, sr. Sherlock Holmes, só espero que, se me aparecer novamente um caso importante, eu tenha a sorte de contar com o senhor a meu lado.

Vimos da janela a partida do cabriolé. Quando me virei, vi o pedaço de papel que o prisioneiro jogara na mesa. Era o bilhete com o qual Holmes o atraíra.

— Veja se consegue lê-la, Watson — disse, com um sorriso.

Não continha nenhuma palavra, mas esta fila de homenzinhos dançantes:

— Se usar o código que eu expliquei — disse Holmes —, descobrirá que significa simplesmente *“Come here at once”*.[19] Eu estava certo de que era um convite que ele não recusaria, pois nunca imaginaria que pudesse vir de alguém que não fosse a senhora. E assim, meu caro Watson, acabamos desviando os homenzinhos dançantes para o bem, depois de terem sido com frequência agentes do mal, e acho que cumpri minha promessa de lhe dar

algo incomum para o seu caderno. Nosso trem é às 15h40, e acho que estaremos de volta à Baker Street para o jantar.

Apenas uma palavra de epílogo. O americano, Abe Slaney, foi condenado à morte numa sessão de inverno do tribunal superior, em Norwich, mas sua pena foi transformada em trabalhos forçados em consideração às circunstâncias atenuantes e à certeza de que Hilton Cubitt atirou primeiro. Da sra. Hilton Cubitt só sei que se recuperou completamente, e que ainda permanece viúva, dedicando sua vida a cuidar dos pobres e administrando as propriedades do marido.

15 “Separar”, “alavanca” ou “nunca”. (N.T.)
16 “Venha”. (N.T.)
17 “Aqui estou abe slane.” (N.T.)
18 Elsie, prepara-te para encontrar teu deus. (N.T.)
19 “Venha aqui imediatamente.” (N.T.)

A AVENTURA DA CICLISTA SOLITÁRIA

ENTRE OS ANOS DE 1894 E 1901, O SR. SHERLOCK HOLMES foi um homem muito ocupado. Pode-se dizer com certeza que não houve nenhum caso público de alguma dificuldade em que ele não tenha sido consultado durante esses oito anos, e houve centenas de casos particulares, alguns deles extremamente intrincados e extraordinários, nos quais teve uma participação importante. Muitos êxitos surpreendentes e algumas derrotas inevitáveis foram o resultado desse longo período de trabalho contínuo. Como guardei muitas anotações detalhadas de todos esses casos, e eu mesmo participei de muitos deles, pode-se imaginar que não é uma tarefa muito fácil saber qual selecionar para apresentar ao público. Mas devo manter minha regra básica, e dar preferência aos casos cujo interesse decorre da engenhosidade e da qualidade dramática da solução, e não tanto da brutalidade do crime. Por este motivo vou apresentar ao leitor os fatos ligados à srta. Violet Smith, a ciclista solitária de Charlington, e a sequência curiosa de nossa investigação, que culminou numa tragédia inesperada. É verdade que a situação não admitiu nenhuma demonstração notável dos poderes pelos quais meu amigo era famoso, mas havia alguns detalhes a respeito do caso que o fizeram se destacar naqueles longos registros de crimes, dos quais recolhi material para estas pequenas narrativas.

Procurando no meu caderno, descobri que foi num sábado, dia 23 de abril de 1895, que ouvimos falar pela primeira vez da srta. Violet Smith. Sua visita foi, lembro-me, extremamente inconveniente para Holmes, porque naquele momento ele estava imerso num problema complicado e obscuro, relativo à estranha perseguição que John Vincent Harden, o conhecido

milionário do tabaco, vinha sofrendo. Meu amigo, que amava acima de tudo a precisão e a concentração de pensamento, se ressentia de tudo que distraísse sua atenção do assunto em que estivesse envolvido. Mesmo assim, sem a aspereza que era estranha a seu temperamento, era impossível recusar-se a ouvir a história da bela jovem, alta, graciosa e majestosa, que se apresentou na Baker Street tarde da noite e implorou sua ajuda e conselho. Foi inútil dizer que seu tempo já estava todo tomado, pois a jovem viera determinada a contar sua história, e era evidente que nenhum tipo de pressão a faria sair da sala antes que o fizesse. Com ar resignado e um sorriso um tanto cansado, Holmes pediu à bela intrusa que se sentasse e nos contasse o que a estava afligindo.

— Pelo menos não pode ser sua saúde — disse, enquanto seus olhos penetrantes a examinavam —; ciclista tão ardorosa, deve estar cheia de energia.

Ela olhou surpresa para os próprios pés, e eu notei um ligeiro arranhado do lado da sola, causado pela fricção da ponta do pedal.

— Sim, eu ando muito de bicicleta, sr. Holmes, e isto tem algo a ver com a minha visita de hoje.

Meu amigo pegou a mão nua da dama e a examinou com tanta atenção e tão pouca emoção quanto um cientista demonstraria em relação a um espécime.

— Vai me desculpar, tenho certeza. É o meu negócio — disse, enquanto a soltava. — Quase caí no erro de supor que você praticava datilografia. É claro, é óbvio que é música. Você notou as pontas dos dedos espatuladas, Watson, comuns às duas profissões? Mas existe uma espiritualidade no rosto — ela gentilmente o virou para a luz — que uma datilógrafa não tem. Esta dama é uma musicista.

— Sim, sr. Holmes, eu ensino música.

— No campo, presumo, pela sua compleição.

— Sim, senhor, perto de Farnham, nos limites de Surrey.

— Uma bela região, e cheia das associações mais interessantes. Você deve se lembrar, Watson, foi lá perto que pegamos Archie Stamford, o falsificador. Agora, srta. Violet, o que lhe aconteceu perto de Farnham, nos limites de Surrey?

A jovem, com grande clareza e calma, fez o seguinte relato:

— Meu pai já morreu, sr. Holmes. Era James Smith, que regia a orquestra no velho Teatro Imperial. Minha mãe e eu ficamos sem um parente no mundo, a não ser um tio, Ralph Smith, que foi para a África há 25 anos e desde então nunca mais ouvimos falar dele. Quando meu pai morreu, ficamos muito pobres, mas um dia nos disseram que havia um anúncio no *Times* pedindo o nosso endereço. Pode imaginar como ficamos alegres, pois pensamos que alguém nos deixara uma fortuna. Fomos procurar o advogado, cujo nome estava no jornal. Lá encontramos dois cavalheiros, o sr. Carruthers e o sr. Woodley, que voltavam de uma visita à África do Sul. Disseram que o meu tio era amigo deles, que ele falecera alguns meses antes na maior miséria, em Joanesburgo, e que lhes solicitara, como último pedido, que procurassem seus parentes para ver se não passavam necessidades. Achamos estranho que o tio Ralph, que não ligara para nós enquanto estava vivo, se preocupasse conosco depois de morto, mas o sr. Carruthers explicou que o motivo era que meu tio acabara de saber da morte de seu irmão, e se sentiu responsável pelo nosso destino.

— Com licença — disse Holmes. — Quando foi essa entrevista?

— Em dezembro, quatro meses atrás.

— Por favor, prossiga.

— O sr. Woodley me pareceu ser uma pessoa abominável. Estava sempre olhando para mim; um homem ordinário, de barba vermelha e rosto gordo, com o cabelo grudado nos dois lados da testa. Achei-o detestável; e tenho certeza de que Cyril não gostaria que eu conhecesse uma pessoa assim.

— Oh, Cyril é o nome dele! — disse Holmes, sorrindo.

A jovem ficou vermelha e riu.

— Sim, sr. Holmes, Cyril Morton, um engenheiro eletricista, e esperamos nos casar no fim do verão. Meu Deus, como consegui começar a falar sobre ele? O que quis dizer é que o sr. Woodley era absolutamente odioso, mas o sr. Carruthers, que era um homem muito mais velho, era mais agradável. Era uma pessoa silenciosa, pálida e sem barba, tinha maneiras polidas e um sorriso amável. Perguntou em que situação tínhamos sido deixadas e, ao saber que éramos pobres, sugeriu que eu fosse dar aulas de música para sua filha única, de dez anos. Eu disse que não gostaria de deixar minha mãe, e ele sugeriu então que eu fosse para casa todo fim de semana, e me ofereceu cem libras por ano, o que certamente era um esplêndido pagamento. Então acabei aceitando, e fui para a Granja Chiltern, a cerca de dez quilômetros de

Farnham. O sr. Carruthers era viúvo, mas contratara uma empregada, uma pessoa idosa muito respeitável, chamada sra. Dixon, para tomar conta de sua casa. A criança era um amor e tudo parecia promissor. O sr. Carruthers era muito gentil e musical, e passamos noites muito agradáveis juntos. Todo fim de semana eu ia para casa, ficar com minha mãe na cidade.

"A primeira brecha na minha felicidade foi a chegada do sr. Woodley, do bigode vermelho. Veio para uma visita de uma semana, e oh! pareceram três meses para mim. Era uma pessoa desagradável — arrogante com todos, mas para mim infinitamente pior. Apaixonou-se por mim, e manifestava o seu amor de modo abominável, vangloriava-se de sua riqueza, disse que se me casasse com ele, poderia ter os melhores diamantes de Londres, e finalmente, quando viu que eu não teria nada com ele, agarrou-me um dia depois do jantar — ele era terrivelmente forte — e jurou que não me deixaria sair até que o beijasse. O sr. Carruthers entrou e o afastou de mim, e ele então agrediu seu anfitrião, dando-lhe um soco e cortando o seu rosto. Esse foi o final da visita dele, como pode imaginar. O sr. Carruthers me pediu desculpas no dia seguinte e me garantiu que eu não ficaria exposta novamente a um insulto desses. Desde então não vi mais o sr. Woodley.

"E agora, sr. Holmes, cheguei afinal ao motivo especial que me fez vir pedir o seu conselho hoje. Deve saber que todo sábado de manhã vou de bicicleta até a estação Farnham, para pegar o trem das 12h22 para a cidade. A estrada da Granja Chiltern é muito deserta, principalmente num certo ponto, pois fica a mais de um quilômetro entre Charlington Heath, de um lado, e os bosques que circundam Charlington Hall, de outro. Não existe um trecho de estrada mais ermo, e é muito raro encontrar-se pelo menos uma carroça ou um camponês, até que se chegue à estrada principal, perto de Crooksbury Hill. Duas semanas atrás eu estava passando por esse lugar, quando olhei por acaso por cima do ombro e vi, a cerca de duzentos metros atrás de mim, um homem também de bicicleta. Parecia ser de meia-idade, com uma barba curta e escura. Antes de chegar a Farnham, olhei para trás, mas o homem tinha sumido, e não pensei mais nisso. Mas pode imaginar como fiquei surpresa, sr. Holmes, quando, na minha volta na segunda-feira, vi o mesmo homem no mesmo trecho da estrada. Meu assombro aumentou quando o incidente ocorreu de novo, exatamente como antes, no sábado e na segunda-feira seguintes. Ele sempre mantinha distância e não me molestava de modo nenhum, mas ainda assim era muito estranho. Comentei

o fato com o sr. Carruthers, que pareceu interessado e me disse que havia pedido um cavalo e uma carruagem, para que no futuro eu não tivesse de passar sozinha por essas estradas desertas.

“O cavalo e a carruagem deviam ter vindo esta semana, mas por algum motivo não foram entregues, e novamente tive de pedalar até a estação. Isso foi esta manhã. Pode pensar que olhei em volta quando cheguei a Charlington Heath, e lá, com certeza, estava o homem, exatamente como estivera nas duas últimas semanas. Ficava sempre tão longe de mim que não podia ver direito seu rosto, mas era com certeza alguém que eu não conhecia. Estava vestido com um terno escuro e um boné de pano. A única coisa em seu rosto que podia ver claramente era a sua barba escura. Hoje não fiquei alarmada, mas cheia de curiosidade, e determinada a descobrir quem ele era e o que queria. Desacelerei minha bicicleta, mas ele também o fez. Então parei de repente, mas ele também parou. Resolvi preparar uma armadilha para ele. Há uma curva fechada na estrada, e pedalei muito depressa nela, e então parei e esperei. Esperava que ele fizesse a curva e passasse por mim antes de conseguir parar. Mas ele não apareceu. Voltei e olhei pela curva. Podia ver um quilômetro de estrada, mas ele não estava ali. Para tornar a coisa ainda mais incrível, não existe nenhuma estrada secundária neste ponto, por onde ele pudesse ter entrado.”

Holmes exultou e esfregou as mãos.

— Este caso com certeza apresenta algumas características específicas — disse. — Quanto tempo decorreu entre o momento em que você fez a curva e a sua descoberta de que a estrada estava vazia?

— Dois ou três minutos.

— Então ele não poderia ter voltado pela estrada, e você diz que não existe nenhuma estrada secundária?

— Nenhuma.

— Então ele com certeza tomou uma trilha de um lado ou do outro.

— Não poderia ter sido do lado da mata, porque eu o teria visto!

— Então, pelo processo de exclusão, chegamos ao fato de que ele foi na direção de Charlington Hall, que, como entendi, fica isolada num dos lados da estrada. Algo mais?

— Nada, sr. Holmes, a não ser que fiquei tão perplexa que achei que não ficaria satisfeita até vê-lo e obter seu conselho.

Holmes ficou em silêncio por um momento.

— Onde está o cavalheiro de quem é noiva? — perguntou por fim.

— Está na Companhia Elétrica Midland, em Coventry.

— Ele não faria uma visita surpresa a você?

— Oh, sr. Holmes! Como se eu não o conhecesse!

— Você teve outros admiradores?

— Vários, antes de conhecer Cyril.

— E depois disso?

— Houve esse homem horrível, Woodley, se puder considerá-lo um admirador.

— Ninguém mais?

Nossa bela cliente pareceu um tanto confusa.

— Quem era ele? — perguntou Holmes.

— Oh, pode ser uma mera fantasia de minha parte; mas me pareceu algumas vezes que o meu patrão, sr. Carruthers, se interessa muito por mim. Convivemos com alguma intimidade. Tenho a sua companhia à noite. Ele nunca disse nada. É um perfeito cavalheiro. Mas uma garota sempre sabe.

— Ah! — Holmes parecia sério. — Do que ele vive?

— É um homem rico.

— Sem carruagem nem cavalos?

— Bem, pelo menos está bem de vida. Mas vai à cidade duas ou três vezes por semana. Está profundamente interessado no negócio de ouro da África do Sul.

— Você nos avisará de qualquer fato novo, srta. Smith. Estou muito ocupado agora, mas arranjarei tempo para fazer algumas investigações sobre o seu caso. Enquanto isso, não faça nada antes de me avisar. Adeus, e creio que só teremos boas notícias de você.

“É parte da ordem da natureza que uma garota como essa tenha seguidores”, disse Holmes, enquanto fumava, pensativo, o seu cachimbo, “mas não em bicicletas em estradas desertas do campo. Algum apaixonado secreto, sem dúvida. Mas há detalhes curiosos e sugestivos nesse caso, Watson.”

— Que ele só apareça naquele trecho?

— Exatamente. Nossa primeira providência será descobrir quem são os donos de Charlington Hall. E sobre a ligação entre Carruthers e Woodley, já que parecem ser homens de tipos tão diferentes. Por que ambos estavam tão interessados em procurar os parentes de Ralph Smith? Mais um detalhe.

Que espécie de família é esta que paga o dobro do preço normal a uma governanta mas não tem um cavalo, embora more a dez quilômetros da estação? Estranho, Watson, muito estranho!

— Irá até lá?

— Não, meu caro amigo, *você* irá até lá. Isto pode ser alguma intriga sem importância, e eu não posso parar minha outra pesquisa importante por causa desta. Na segunda-feira, você chegará bem cedo em Farnham; irá esconder-se perto de Charlington Heath; observará os fatos por si mesmo e agirá segundo o seu próprio julgamento. Então, depois de obter informações sobre os ocupantes do Hall, voltará e me contará tudo. E agora, Watson, nem uma palavra sobre o assunto até que tenhamos algumas rochas sólidas onde possamos pisar para encontrar uma solução.

Verificamos com a moça que ela tomava, na segunda-feira, o trem que saía de Waterloo às 9h50; então, saí cedo e peguei o de 9h13. Em Farnham, não tive dificuldade para saber onde ficava Charlington Heath. Era impossível errar o local da aventura da jovem, pois a estrada passa entre o campo aberto de um lado e um velho bosque de teixos de outro, circundando um parque cheio de árvores magníficas. Havia um portão principal de pedras cobertas de musgo, cada pilar lateral encimado por emblemas heráldicos emoldurados, mas além dessa passagem central para carruagens, observei muitos pontos onde havia falhas na sebe e trilhas que passavam por elas. A casa era invisível da estrada, mas os arredores mostravam tristeza e decadência.

O campo tinha moitas douradas de tojos floridos, brilhando magnificamente sob a luz do sol da primavera. Fiquei atrás de uma dessas moitas, a fim de poder ver tanto o portão da casa como um bom pedaço da estrada de cada lado. Estava deserta quando saí dela, mas agora eu via um ciclista vindo na direção oposta daquela por onde eu havia chegado. Estava vestido com um terno escuro, e notei que tinha uma barba negra. Chegando ao final do terreno de Charlington, pulou da bicicleta e entrou por uma abertura na sebe, desaparecendo de minha vista.

Quinze minutos depois um segundo ciclista apareceu. Desta vez era a jovem, que vinha da estação. Eu a vi olhar em volta ao chegar à sebe de Charlington. Um instante depois o homem surgiu de seu esconderijo, pulou na sua bicicleta e a seguiu. Em todo o vasto campo, estas eram as únicas figuras móveis, a graciosa garota sentada bem reta em seu veículo, e o

homem atrás dela, curvando-se sobre o guidom com um traço curiosamente furtivo em cada movimento. Ela olhou para trás e diminuiu a velocidade. Ele diminuiu também. Ela parou. Ele também parou na mesma hora, mantendo a distância de duzentos metros atrás dela. O movimento seguinte dela foi tão inesperado quanto inteligente. De repente, ela fez a volta e correu na direção dele. Mas ele foi tão rápido quanto ela e saiu correndo numa fuga desesperada. Então ela voltou à estrada, sua cabeça altiva no ar, não se dignando a tomar conhecimento de seu admirador silencioso. Ele também se virara, e ainda mantinha a mesma distância até que a curva da estrada os escondeu de minha vista.

Continuei no meu esconderijo, e foi bom ter feito isso, pois logo depois o homem reapareceu, pedalando de volta, lentamente. Entrou no portão do Hall e desmontou da bicicleta. Durante alguns minutos pude vê-lo de pé entre as árvores. Suas mãos estavam erguidas e ele dava a impressão de estar ajeitando a gravata. Depois montou na bicicleta e se afastou de onde eu estava, pelo caminho que ia na direção do Hall. Corri pelo campo e olhei por entre as árvores. Lá longe eu podia vislumbrar o velho prédio cinzento, com suas chaminés Tudor, mas o caminho passava por entre uns arbustos densos, e não vi mais o ciclista.

Entretanto, achei que já tinha feito um bom trabalho naquela manhã, e voltei contente para Farnham. O corretor de imóveis local não pôde me dizer nada sobre Charlington Hall, e me recomendou uma firma conhecida em Pall Mall. Parei ali quando voltava para casa, e esbarrei na polidez do representante. Não, não poderia ter Charlington Hall para o verão. Eu chegara atrasado. Fora alugada um mês atrás. Sr. Williamson era o nome do locatário. Era um cavalheiro idoso e respeitável. O agente, muito gentil, lamentava não poder dizer mais nada, porque os negócios dos clientes eram assuntos que ele não podia comentar.

Sherlock Holmes ouviu com atenção o longo relato que lhe apresentei naquela noite, mas não fez o elogio que eu esperava e merecia. Ao contrário, seu rosto austero estava mais severo que de costume enquanto comentava as coisas que eu fizera e as que eu não havia feito.

— Seu esconderijo, meu caro Watson, era muito impróprio. Deveria ter ficado atrás da sebe, de onde poderia ter uma visão melhor desta pessoa interessante. Mas ficou a algumas centenas de metros, e pôde me contar menos ainda que a srta. Smith. Ela acha que não conhece o homem; estou

convencido de que sim. Do contrário, por que ele estaria tão ansioso para que ela não chegasse suficientemente perto para que visse suas feições? Você o descreveu como curvado sobre o guidom. Disfarce novamente, como vê. Você se saiu incrivelmente mal. Ele volta à casa e você quer descobrir quem ele é. Vai, então, a um corretor de imóveis em Londres!

— O que eu deveria ter feito? — exclamei, um tanto exasperado.

— Ido ao bar mais próximo. É o centro dos mexericos no campo. Eles lhe teriam dito todos os nomes, do patrão à cozinheira. Williamson? Não me diz nada. Se é um homem idoso, não pode ser este ciclista ágil que foge tão depressa da perseguição atlética da jovem. O que conseguimos com a sua expedição? A confirmação de que a história da garota é verdadeira. Nunca duvidei disso. Que existe uma ligação entre o ciclista e o Hall. Nunca duvidei disso também. Que o Hall é alugado por Williamson. De que adianta isso? Ora, ora, meu caro, não se sinta tão deprimido. Poderemos descobrir um pouco mais até o próximo sábado, e enquanto isso farei uma ou duas pesquisas por minha conta.

Na manhã seguinte, recebemos um bilhete da srta. Smith, recontando resumida e detalhadamente os incidentes que eu vira, mas a essência da carta estava no pós-escrito:

> *Tenho certeza de que respeitará minha confidência, sr. Holmes, quando lhe contar que a minha situação aqui ficou difícil, devido ao fato de que meu empregador me propôs casamento. Estou convencida de que seus sentimentos são os mais profundos e nobres. Ao mesmo tempo, é claro, estou comprometida. Encarou minha recusa com seriedade, mas também muito gentilmente. Entretanto, pode compreender que a situação está um pouco tensa.*

— Parece que nossa jovem amiga está se metendo em dificuldades — disse Holmes, pensativo, ao terminar a carta. O caso apresenta mais ângulos de interesse e mais possibilidades de desenvolvimento do que eu havia pensado a princípio. Não me faria mal nenhum um dia calmo e pacífico no campo, e estou disposto a ir lá esta tarde e testar uma ou duas teorias que formulei.

O dia calmo de Holmes no campo teve um final singular, pois voltou à Baker Street tarde da noite, com o lábio cortado e um galo na testa, além de

um ar de dispersão geral que faria dele um objeto de estudo adequado a uma investigação da Scotland Yard. Estava deliciado com suas próprias aventuras e ria com gosto ao recontá-las.

— Faço tão pouco exercício, que é sempre uma ameaça — disse. — Você sabe que tenho alguma habilidade no velho e bom esporte inglês do boxe. Ocasionalmente, é útil; hoje, por exemplo, eu teria chegado a um humilhante malogro se não fosse ele.

Implorei-lhe que me contasse o que acontecera.

— Descobri o tal bar no campo que recomendara a você, e lá fiz algumas perguntas discretas. Eu estava no bar, e o dono tagarela ia me contando tudo o que eu queria. Williamson é um homem de barbas brancas, e vive sozinho com poucos criados no Hall. Dizem que é ou foi um clérigo, mas um ou dois incidentes em sua curta estada no Hall me impressionaram por serem tipicamente não eclesiásticos. Já fiz algumas perguntas numa agência clerical, e me disseram que *havia* um homem com esse nome na classe, cuja carreira tinha sido especialmente sombria. O taberneiro também me informou que geralmente há visitas nos fins de semana, "um bando de ricos, senhor", no Hall, e especialmente um cavalheiro com bigode vermelho, chamado sr. Woodley, que estava sempre lá. Tínhamos chegado neste ponto quando entra ninguém menos que o próprio cavalheiro, que estivera bebendo sua cerveja no salão do bar e ouvira toda a nossa conversa. Quem era eu? O que eu queria? Por que estava fazendo perguntas? Sua conversa era bem fluente e seus adjetivos, bem fortes. Terminou a série de desaforos com uma bofetada traiçoeira, que não consegui evitar totalmente. Os minutos seguintes foram deliciosos. Foi um direto de esquerda contra um valentão forte. Saí dessa como me vê. O sr. Woodley foi para casa de carroça. Assim terminou minha viagem pelo campo, e devo confessar que, embora agradável, meu dia às margens de Surrey não foi muito mais proveitoso que o seu.

A quinta-feira nos trouxe outra carta de nossa cliente.

> *Não se surpreenderá, sr. Holmes [dizia ela], ao saber que estou deixando o emprego do sr. Carruthers. Nem mesmo o salário alto pode amenizar o desconforto da minha situação. No sábado vim para a cidade e não pretendo voltar. O sr. Carruthers comprou uma charrete,*

e agora os perigos da estrada deserta, se é que havia algum perigo, se acabaram.

A causa principal da minha saída não é apenas a situação tensa com o sr. Carruthers, mas o reaparecimento daquele homem abominável, o sr. Woodley. Sempre foi horrível, mas parece mais medonho do que nunca, pois dá a impressão de ter sofrido um acidente e está muito desfigurado. Eu o vi pela janela, mas alegro-me em dizer que não estive com ele. Teve uma longa conversa com o sr. Carruthers, que parecia estar muito nervoso depois. Woodley deve estar nas vizinhanças, pois não dormiu aqui, e ainda assim o vi de relance esta manhã, andando furtivamente entre os arbustos. Eu preferia que houvesse um animal selvagem solto por aqui. Eu o odeio e tenho mais medo dele do que consigo dizer. Como o sr. Carruthers pode aguentar essa criatura por um momento sequer? Mas todos os meus problemas irão terminar sábado.

— Assim espero, Watson, assim espero — disse Holmes gravemente. — Há uma grande intriga rondando essa mulher, e é nosso dever cuidar para que ninguém a moleste até a sua última viagem. Acho, Watson, que devemos ir até lá juntos no sábado de manhã para nos certificarmos de que esta investigação curiosa não tenha um final desagradável.

Confesso que até então eu não achava que o caso me parecera mais grotesco e bizarro do que perigoso. Que um homem ficasse à espreita e seguisse uma mulher muito bonita não é uma coisa inédita, e se ele tinha tão pouca audácia que não ousava se dirigir a ela, mas até fugia dela, não seria um atacante muito terrível. O valentão Woodley era uma pessoa muito diferente, mas, exceto em uma ocasião, não molestara nossa cliente, e agora visitara a casa de Carruthers sem incomodá-la. O homem na bicicleta era, sem dúvida, um integrante dos grupos de fim de semana no Hall, dos quais o taberneiro falara, mas quem era ele ou o que seria, isto continuava a ser um mistério. Foi a severidade da atitude de Holmes e o fato de que enfiara um revólver no bolso antes de sairmos de casa que me impressionaram, com a sensação de que poderia haver uma tragédia por trás desta curiosa sequência de acontecimentos.

A noite chuvosa foi seguida de uma manhã límpida, e o campo coberto de grama, com os exuberantes tufos de tojo em flor, parecia ainda mais

bonito aos olhos de quem estava cansado das tonalidades cinzentas de Londres. Holmes e eu caminhamos pela estrada larga e poeirenta aspirando o ar fresco da manhã e nos deleitamos com o canto dos pássaros e com a brisa fresca da primavera. De um lugar mais elevado da estrada perto de Croksbury Hill, podíamos ver o Hall sombrio aparecendo em meio aos velhos carvalhos, que, mesmo velhos, ainda eram mais novos que a construção que circundavam. Holmes apontou para o longo trecho da estrada que serpenteava, uma faixa amarelo-avermelhada, entre o marrom do campo e o verde que brotava nos bosques. Ao longe, um ponto negro, podíamos ver um veículo se movendo em nossa direção. Holmes soltou uma exclamação de impaciência.

— Eu dei uma margem de meia hora — disse. — Se aquela é a sua charrete, ela deve estar indo tomar o trem mais cedo. Receio, Watson, que passe por Charlington antes de podermos nos encontrar com ela.

A partir do instante em que passamos deste ponto elevado, não conseguíamos mais ver a charrete, mas andamos tão depressa que a minha vida sedentária começou a se revelar, e eu fui obrigado a ficar para trás. Mas Holmes estava sempre em forma, pois tinha estoques inesgotáveis de energia nervosa aos quais recorrer. Seu passo elástico nunca diminuía até que de repente, quando estava a uns cem metros à minha frente, parou, e eu o vi erguer a mão num gesto de dor e desespero. No mesmo instante uma carruagem vazia, com o cavalo a meio galope, as rédeas caídas, apareceu na curva da estrada, avançando ruidosa e rapidamente na nossa direção.

— Tarde demais, Watson, tarde demais! — exclamou Holmes, enquanto eu corria ofegante para o seu lado. — Como eu fui idiota por não ter pensado no primeiro trem da manhã! Isto é rapto, Watson, rapto! Assassinato! Os céus sabem disso! Bloqueie a estrada! Pare o cavalo! Isso mesmo. Agora, pule para dentro e vamos ver se posso reparar as consequências do meu erro.

Tínhamos pulado para dentro da carruagem, e Holmes, depois de fazer virar o cavalo, deu-lhe uma chicotada e voamos de volta pela estrada. Ao fazermos a curva, todo o trecho da estrada entre o Hall e o campo estava vazio. Segurei o braço de Holmes.

— Aquele é o homem! — exclamei.

Um ciclista solitário vinha vindo em nossa direção. Sua cabeça estava abaixada e os ombros curvados, enquanto punha toda a sua energia nos

pedais. Corria como um atleta. De repente, ergueu o rosto barbado, viu que estávamos bem perto e pulou fora do veículo. A barba negra contrastava estranhamente com a palidez do rosto, e seus olhos estavam brilhantes como se estivesse com febre. Olhou para nós e para a charrete. Então seu rosto mostrou uma expressão de espanto.

— Ei! Pare aí! — gritou ele, segurando sua bicicleta para bloquear nosso caminho. — Onde conseguiram essa charrete? Salte, homem! — gritou, tirando uma pistola de um bolso lateral. — Salte, já disse, ou meterei uma bala no seu cavalo.

Holmes jogou as rédeas no meu colo e pulou da charrete.

— Você é o homem que queríamos ver. Onde está a srta. Violet Smith? — disse com sua maneira rápida e clara.

— É o que pergunto a você. Está na charrete dela. Deve saber onde ela está.

— Encontramos a charrete na estrada. Não havia ninguém nela. Voltamos para ajudar a jovem.

— Bom Deus! Bom Deus! O que farei? — exclamou o estranho num acesso de desespero. — Eles a capturaram, aquele cão maldito Woodley e o vigário indecente. Venha, homem, venha, se é amigo dela de verdade. Siga-me e a salvaremos, mesmo que tenha de deixar minha carcaça na floresta de Charlington.

Correu enfurecido, de pistola na mão, para uma abertura na sebe. Holmes o seguiu, e eu, depois de deixar o cavalo pastando ao lado da estrada, fui atrás de Holmes.

— Foi por aqui que eles passaram — disse ele, apontando para as marcas de vários pés na trilha cheia de lama — Ei! Parem um instante! Quem é este na moita?

Era um garoto de cerca de 17 anos, vestido como moço de estrebaria, com tiras de couro e galochas. Estava deitado de costas, os joelhos para cima e um corte horrível na cabeça. Inconsciente, mas vivo. Uma olhada no ferimento me deu a certeza de que não havia penetrado o osso.

— Este é Peter, o rapaz da estrebaria! — exclamou o estranho. — Era ele que levava a moça. Os monstros o jogaram para fora e lhe deram pauladas. Deixem-no aí; não podemos ajudá-lo, mas podemos salvá-la do pior destino que uma mulher pode ter.

Corremos como loucos pela trilha, que passava por entre as árvores. Tínhamos chegado ao bosque que cercava a casa quando Holmes parou.

— Não foram para a casa. Aqui estão suas marcas para a esquerda; aqui, ao lado das moitas de louro. Ah! Exatamente como eu disse.

Quando falou, ouvimos um grito agudo de mulher — um grito que vibrava com um frenesi de horror — que vinha do amontoado de arbustos verdes e densos à nossa frente. Terminou repentinamente em sua nota mais alta, com um engasgo e um gorgolejo.

— Por aqui! Por aqui! Estão no campo de boliche! — exclamou o estranho, correndo por entre os arbustos. — Ah, cães covardes! Sigam-me, cavalheiros! Tarde demais! Tarde demais! Pelo amor de Deus!

Chegamos de repente a uma bonita clareira gramada circundada por árvores antigas. Na outra extremidade, sob a sombra de um enorme carvalho, estava um grupo de três pessoas. Uma delas era uma mulher, nossa cliente, curvada e pálida, um lenço tapando sua boca. Diante dela estava um jovem de bigode vermelho, brutal e de rosto cruel, as pernas com perneiras bem separadas, uma mão no quadril, a outra balançando o cabo de um chicote, e toda a sua atitude sugeria uma fanfarronice triunfante. Entre eles, um velho de barba cinza, vestindo uma sobrepeliz curta sobre um terno claro de *tweed*, tinha, evidentemente, celebrado a cerimônia de casamento, porque colocou no bolso o seu missal quando aparecemos, e dera um tapinha de congratulações nas costas do noivo sinistro.

— Estão casados? — gaguejei.

— Venham! — exclamou nosso guia. — Venham! — Ele correu pela clareira, Holmes e eu atrás dele. Quando nos aproximamos, a mulher cambaleou até o tronco da árvore para se apoiar. Williamson, o ex-clérigo, inclinou a cabeça para nós com uma polidez irônica, e o pulha, Woodley, avançou para nós com uma sonora gargalhada, brutal e exultante.

— Pode tirar sua barba, Bob — disse. — Eu o conheço muito bem. Ora, você e seus amigos chegaram bem a tempo de apresentá-los à sra. Woodley.

A resposta do nosso guia foi singular. Tirou a barba escura que servia de disfarce e a jogou no chão, descobrindo um rosto comprido, moreno e barbeado. Então ergueu seu revólver e o apontou para o jovem valentão, que avançava para ele com o perigoso chicote balançando na mão.

— Sim — disse nosso aliado —, eu sou Bob Carruthers, e verei esta mulher livre mesmo que tenha de lutar por isso. Eu lhe disse o que faria se

você a molestasse, e, por Deus!, cumprirei minha palavra.

— Está atrasado. Ela é minha esposa.

— Não, ela é sua viúva.

Seu revólver disparou, e vi o sangue jorrar da frente do colete de Woodley, que girou com um grito e caiu de costas; seu horrível rosto vermelho mudando repentinamente para uma manchada palidez mortal. O velho, ainda usando sua sobrepeliz, explodiu numa série de blasfêmias sórdidas como jamais ouvira, e puxou seu próprio revólver, mas antes que pudesse levantá-lo, estava olhando para o cano da arma de Holmes.

— Basta — disse meu amigo com frieza. — Largue essa pistola! Watson, pegue-a! Aponte-a para a cabeça dele! Obrigado. Você, Carruthers, dê-me esse revólver. Não teremos mais violência. Vamos, largue-o.

— Mas, quem são vocês?

— Meu nome é Sherlock Holmes.

— Meu Deus!

— Já ouviu falar de mim, pelo que vejo. Representarei a polícia oficial até que ela chegue. Aqui, você! — gritou para um amedrontado rapaz de estrebaria que aparecera na extremidade da clareira. — Venha aqui. Leve este bilhete o mais depressa possível a Farnham. — Rabiscou algumas palavras numa folha de seu caderno. — Entregue-a ao superintendente na delegacia. Até que ele venha, devo deter todos vocês sob minha custódia pessoal.

A personalidade forte e imperiosa de Holmes dominou a trágica cena, e todos eram fantoches nas suas mãos. Williamson e Carruthers carregaram Woodley ferido até a casa, e dei o braço à moça amedrontada. O homem ferido foi deitado em sua cama, e eu o examinei a pedido de Holmes. Levei meu relatório até o lugar onde ele estava sentado, na velha sala de jantar decorada com tapeçarias, com os dois prisioneiros diante dele.

— Ele viverá — eu disse.

— O quê?! — exclamou Carruthers, pulando da cadeira. — Vou até lá em cima acabar de vez com ele. Poderia me dizer se aquela garota, aquele anjo, ficará ligada a Jack Woodley para sempre?

— Não precisa se preocupar com isso — disse Holmes. — Existem duas boas razões para que ela não seja, sob quaisquer circunstâncias, esposa dele. Em primeiro lugar, podemos questionar o direito do sr. Williamson de realizar um casamento.

— Eu fui ordenado! — exclamou o velho patife.
— E também destituído.
— Uma vez sacerdote, sempre um sacerdote.
— Não acho. E sobre a licença?
— Nós tínhamos uma licença para o casamento. Está aqui, no meu bolso.
— Então a conseguiu por meio de trapaça. Mas, de qualquer modo, um casamento forçado não é um casamento, mas sim um delito muito grave, como descobrirá antes de haver terminado. Vai ter tempo para pensar no assunto nos próximos dez anos ou mais, se não me engano. E você, Carruthers, faria melhor se deixasse a sua pistola no bolso.
— Começo a achar que sim, sr. Holmes, mas quando penso em toda a preocupação que tive para protegê-la... pois eu a amava, sr. Holmes, e foi só aí que soube o que era o amor... quase fico louco ao pensar que ela estava em poder do maior bruto e tirano da África do Sul, um homem cujo nome inspira um terror sagrado de Kimberley a Joanesburgo. Sr. Holmes, pode não acreditar, mas desde que aquela garota é minha empregada nunca deixei que ela passasse por esta casa, onde sabia que os patifes se escondiam, sem segui-la na minha bicicleta, só para ver que não lhe acontecia nada de mal. Mantive distância dela, usei uma barba para que não me reconhecesse, pois é uma menina bondosa e cheia de brio e não ficaria mais a meu serviço se soubesse que a estava seguindo pelas estradas do campo.
— Por que não lhe falou do perigo?
— Porque então, de novo, ela me deixaria e eu não aguentaria isso. Mesmo que não pudesse me amar, já era muito para mim apenas ver sua graciosa forma pela casa, e ouvir o som da sua voz.
— Bem — eu disse —, chama isso de amor, sr. Carruthers, mas eu o chamaria de egoísmo.
— Talvez as duas coisas ao mesmo tempo. De qualquer modo, não podia deixá-la ir embora. Além disso, com essa turma por aí, era bom que ela tivesse alguém por perto para protegê-la. Então, quando o cabograma chegou, soube que eles estavam para fazer uma jogada.
— Que cabograma?
Carruthers tirou um papel do bolso.
— Aqui está — disse.
Era curto e conciso:

— Hum! — disse Holmes. — Acho que sei como as coisas aconteceram, e posso entender como esta mensagem, como disse, os deixou loucos. Mas, enquanto espera, deve me contar o que puder.

O velho miserável de sobrepeliz explodiu numa enxurrada de termos ofensivos.

— Por Deus! — disse — se nos delatar, Bob Carruthers, farei com você o que fez com Jack Woodley. Você pode choramingar pela garota para satisfazer seu coração, isso é problema seu, mas se denunciar seus companheiros para esse detetive à paisana, vai ser a pior coisa que já fez.

— Vossa Reverência não precisa ficar excitado — disse Holmes acendendo um cigarro. — O caso está suficientemente claro contra você e tudo o que peço são alguns detalhes para satisfazer minha própria curiosidade. Contudo, se tiver dificuldade para me contar, eu falarei, e então verá quanta possibilidade tem de me esconder seus segredos. Em primeiro lugar, três de vocês vieram da África do Sul nesse jogo: você, Williamson, você, Carruthers, e Woodley.

— Mentira número um — disse o velho —; nunca vi nenhum deles até dois meses atrás e nunca estive na África na minha vida; portanto, ponha isso em seu cachimbo e fume-o, sr. Abelhudo Holmes!

— O que ele diz é verdade — observou Carruthers.

— Ora, ora, dois de vocês vieram. O Reverendíssimo é artigo caseiro. Vocês conheceram Ralph Smith na África do Sul. Tinham motivo para acreditar que ele não viveria por muito tempo. Descobriram que sua sobrinha herdaria a fortuna dele. Que tal, hein?

Carruthers assentiu com a cabeça e Williamson praguejou.

— Ela era parente próxima, sem dúvida, e vocês sabiam que o velho não faria nenhum testamento.

— Não podia ler nem escrever — disse Carruthers.

— De modo que vocês vieram, dois de vocês, e procuraram a garota. A ideia era que um se casaria com ela e o outro teria uma parte da pilhagem. Por algum motivo, Woodley foi escolhido como marido. Por que foi?

— Ela foi disputada num jogo de cartas durante a viagem. Ele ganhou.

— Certo. Você contratou a garota e lá na sua casa Woodley faria a corte. Ela percebeu o bruto bêbado que ele era, e nunca se interessaria por ele.

Enquanto isso, a combinação foi atrapalhada pelo fato de que você se apaixonara pela moça. Não podia mais suportar a ideia de que esse valentão a conquistasse?

— Não, por Deus, não podia.

— Houve uma discussão entre vocês dois. Ele ficou furioso e começou a fazer os seus próprios planos.

— Fico impressionado, Williamson, porque não há muita coisa para contarmos a este cavalheiro — exclamou Carruthers com uma risada amarga. — Sim, discutimos e ele me bateu. Mas nisso estou no mesmo nível que ele. Depois, eu o perdi de vista. Foi quando se juntou a este padre renegado aqui. Descobri que se instalaram neste lugar, bem no caminho da garota para a estação. Fiquei de olho nela depois disso, pois havia maldade no ar. Eu os via de vez em quando, porque estava ansioso para saber o que tramavam. Dois dias atrás, Woodley foi à minha casa com este telegrama, que me fez ver que Ralph Smith estava morto. Perguntou se eu continuaria com o negócio. Eu disse que não. Perguntou se eu queria me casar com a garota e lhe dar uma parte do dinheiro. Respondi que o faria com prazer mas que ela não me queria. Ele disse: "Deixe-nos casar primeiro, e depois de uma semana ou duas ela estará vendo as coisas de um modo diferente." Eu disse que não queria saber de violência. Então ele foi embora praguejando, como o cafajeste de boca suja que era, e jurando que ainda a possuiria. Ela ia embora neste fim de semana, e consegui uma charrete para levá-la à estação, mas estava tão inquieto que a segui de bicicleta. Mas ela já partira e, antes de conseguir alcançá-la, o mal já havia sido feito. O primeiro sinal que tive sobre isso foi quando vi os dois cavalheiros de volta com sua carruagem.

Holmes levantou-se e jogou a ponta do cigarro na lareira.

— Fui muito estúpido, Watson — disse. — Quando, no seu relatório, você disse que vira um ciclista, e o vira ajeitando a gravata nas moitas, só isto deveria ter sido suficiente para mim. Contudo, podemos nos congratular por um caso curioso e, em alguns aspectos, único. Vejo três dos policiais no caminho, e fico contente de saber que o rapazinho da estrebaria está apto a acompanhá-los; portanto, é provável que nem ele nem o interessante noivo estejam prejudicados para sempre por suas aventuras desta manhã. Creio, Watson, que na sua qualidade de médico, deve ir ver a srta. Smith e lhe dizer que, se estiver suficientemente recuperada, teremos

prazer em escoltá-la até a casa de sua mãe. Se não, descobrirá que a insinuação de que estamos para telegrafar para um jovem eletricista em Midlands completará a cura. E o senhor, Carruthers, creio que fez o que podia para redimir-se da sua participação numa trama perversa. Aqui está o meu cartão, senhor, e se o meu depoimento puder ajudá-lo no julgamento, estará à sua disposição.

No tumulto de nossa atividade incessante, tem sido em geral difícil para mim, como o leitor provavelmente observou, rematar minhas narrativas, e dar aqueles detalhes finais que um curioso esperaria. Cada caso tem sido o prelúdio de outro, e depois de acabada a crise, seus atores saem para sempre de nossas vidas atribuladas. Entretanto, descobri uma nota curta no final de meu manuscrito sobre este caso, na qual registrei que a srta. Violet Smith herdou realmente uma grande fortuna, e que ela é agora a esposa de Cyril Morton, sócio principal de Morton & Kennedy, os famosos eletricistas de Westminster. Williamson e Woodley foram condenados por rapto e tentativa de agressão, o primeiro pegando sete anos e o outro, dez. Sobre o destino de Carruthers não tenho registro, mas estou certo de que sua agressão não foi considerada muito grave pelo tribunal, já que era Woodley quem tinha fama de ser um valentão muito perigoso, e acho que alguns meses foram suficientes para satisfazer a necessidade de justiça.

A AVENTURA DA PRIORY SCHOOL

TIVEMOS ALGUMAS ENTRADAS E SAÍDAS DRAMÁTICAS EM NOSSO pequeno palco da Baker Street, mas não me lembro de nada mais repentino e surpreendente que a primeira aparição de Thorneycroft Huxtable, M.A., PhD, etc. Seu cartão, que parecia pequeno demais para carregar o peso de suas distinções acadêmicas, chegou alguns segundos antes dele, e então ele mesmo entrou — tão forte, pomposo e sério que era a própria personificação do autocontrole e da solidez. Mesmo assim, a primeira coisa que fez depois que a porta se fechou atrás dele foi cambalear até a mesa e dali escorregou para o chão — e lá estava aquela figura majestosa prostrada e inconsciente sobre nosso tapete de pele de urso.

Nós nos levantamos, e por alguns instantes olhamos com silenciosa surpresa para aquele pesado monte de ruínas que revelava alguma tempestade repentina e fatal lá longe, no oceano da vida. Então Holmes veio com uma almofada para a sua cabeça e eu com *brandy* para os seus lábios. O rosto branco e abatido estava marcado por linhas de preocupação, as bolsas salientes sob os olhos fechados eram cor de chumbo, os cantos da boca estavam caídos, o queixo roliço por barbear. O colarinho e a camisa mostravam a sujeira de uma viagem longa, e o cabelo eriçava-se despenteado na cabeça bem formada. Era um homem cruelmente ferido que jazia à nossa frente.

— O que é isso, Watson? — perguntou Holmes.

— Absoluta exaustão; possivelmente apenas fadiga e fome — eu disse, com o dedo no pulso delgado, onde a corrente da vida fluía lenta e frágil.

— Passagem de volta de Mackleton, no norte da Inglaterra — disse Holmes, tirando-a do bolso do relógio. — Ainda não é meio-dia. Com certeza ele gosta de chegar mais cedo.

As pálpebras franzidas começaram a tremer, e agora um par de olhos cinzentos inexpressivos estava olhando para nós. Um momento depois o homem se levantou com dificuldade, o rosto rubro de vergonha.

— Perdoe-me esta fraqueza, sr. Holmes, tenho estado um pouco sobrecarregado. Agradeceria se me dessem um copo de leite e biscoitos, não tenho dúvida de que vou melhorar. Vim pessoalmente, sr. Holmes, para garantir que voltaria comigo. Receava que nenhum telegrama o convenceria da absoluta urgência do caso.

— Quando estiver completamente recuperado...

— Já estou bem de novo. Não posso entender como fiquei tão fraco. Gostaria, sr. Holmes, que viesse comigo a Mackleton no próximo trem.

Meu amigo balançou a cabeça.

— Meu colega, dr. Watson, poderia lhe dizer que estamos muito ocupados no momento. Estou trabalhando neste caso dos Documentos Ferrers, e o assassinato de Abergavenny está indo a julgamento. Somente algo muito importante me tiraria de Londres no momento.

— Importante! — Nosso visitante jogou as mãos para o alto. — Não ouviu nada sobre o rapto do filho único do duque de Holdernesse?

— O quê!, o ex-ministro do gabinete?

— Exatamente. Tentamos manter isso fora dos jornais, mas houve alguns rumores no *Globe* da noite passada. Pensei que pudessem ter chegado aos seus ouvidos.

Holmes estendeu o braço magro e longo e pegou o volume “H” em sua enciclopédia de referências.

— “Holdernesse, sexto duque, K.G., P.C.”, metade do alfabeto! “barão Beverley, conde de Carston”. Meu Deus, que lista! “Governador do condado de Hallamshire desde 1900. Casou-se com Edith, filha de *sir* Charles Appledore, em 1888. Herdeiro e filho único, lorde Saltire; proprietário de cerca de 250 acres. Minérios em Lancashire e Gales. Endereços: Carlton House Terrace; Holdernesse Hall, Hallamshire; Castelo Carston, Bangor, Gales. Ministro da Marinha em 1872; secretário-geral de Estado por...” Ora, ora, este homem é com certeza um dos grandes da Coroa!

— O maior e talvez o mais rico. Estou sabendo, sr. Holmes, que o senhor mantém um nível muito elevado em assuntos profissionais, e que está preparado para trabalhar apenas pelo amor ao trabalho. Entretanto, posso lhe dizer que Sua Graça já me notificou que um cheque de cinco mil libras será dado à pessoa que puder dizer-lhe onde está seu filho, e outras mil a quem puder lhe informar o nome do homem ou homens que o pegaram.

— É uma oferta principesca — disse Holmes. — Watson, creio que devemos acompanhar o dr. Huxtable de volta ao norte da Inglaterra. E agora, dr. Huxtable, depois que tiver tomado aquele leite, vai me dizer, por gentileza, o que aconteceu, quando, como e, finalmente, o que o dr. Huxtable, da Priory School, perto de Mackleton, tem a ver com o caso, e por que só vem três dias depois do acontecimento, o estado de seu queixo mostra a data, para pedir meus humildes serviços.

Nosso visitante tomara o leite com biscoitos. A luz voltara aos seus olhos e a cor à sua face, enquanto se sentava com grande vigor e lucidez para explicar a situação.

— Devo informá-los, cavalheiros, que a Priory é uma escola preparatória da qual sou fundador e diretor. *Huxtable's Sidelights on Horace* talvez possa lembrar-lhes o meu nome. Sem exceção, a Priory é a melhor e a mais seleta escola preparatória da Inglaterra. Lorde Leverstoke, o conde de Blackwater, *sir* Cathcart Soames, todos me confiaram seus filhos. Mas eu senti que minha escola atingira o seu auge quando, há três semanas, o duque de Holdernesse enviou o sr. James Wilder, seu secretário, para me comunicar que o jovem lorde Saltire, de dez anos, seu único filho e herdeiro, ia ser confiado aos meus cuidados. Eu estava longe de pensar que isto seria o prelúdio da mais arrasadora desgraça da minha vida.

"O rapaz chegou no dia 1º de maio, o começo do período de verão. Era um jovem encantador, e logo conquistou nossas boas graças. Devo dizer-lhe — acho que não estou sendo indiscreto, mas meias confidências são absurdas num caso assim — que ele não era inteiramente feliz em casa. Não é segredo que a vida de casado do duque não era pacífica, e terminou numa separação por consentimento mútuo, e a duquesa fixou residência no sul da França. Isto havia ocorrido pouco tempo antes, e sabe-se que o garoto ficou muito solidário com a mãe. Depois da saída dela de Holdernesse Hall ficou abatido, e foi por esse motivo que o duque o mandou para o meu

estabelecimento. Em duas semanas o rapaz sentia-se em casa conosco e, aparentemente, estava muito feliz.

"Ele foi visto pela última vez na noite de 13 de maio, ou seja, na noite da última segunda-feira. Seu quarto era no segundo andar e chegava-se lá por um outro aposento grande, onde dois garotos dormiam. Esses garotos não viram nem ouviram nada, de modo que é certo que o jovem Saltire não saiu por esse caminho. Sua janela estava aberta, e há uma hera resistente que vai até o chão. Não podia deixar pegadas lá embaixo, mas com certeza é a única saída possível.

"Seu desaparecimento foi descoberto às sete horas de terça-feira. A cama estava desarrumada. Tinha se vestido, antes de se ir, com o uniforme habitual do colégio, de jaqueta preta do Eton e calças cinza-escuro. Não havia sinais de que alguém tivesse entrado no quarto, e é certo que nada como gritos ou luta foi ouvido, já que Caunter, o rapaz mais velho do quarto ao lado, tem um sono muito leve.

"Quando o desaparecimento de lorde Saltire foi descoberto, imediatamente convoquei todo mundo do colégio — rapazes, professores e empregados. Foi então que constatamos que lorde Saltire não fugira sozinho. Heidegger, o professor alemão, sumira. Seu quarto ficava no segundo andar, na extremidade mais afastada da casa, do mesmo lado que o do lorde. Sua cama também estava desarrumada, mas aparentemente foi embora só meio vestido, porque sua camisa e suas meias estavam no chão. Sem dúvida desceu pela hera, já que podíamos ver suas pegadas no ponto em que chegou ao canteiro. Sua bicicleta estava guardada num pequeno depósito perto desse canteiro, e também desaparecera.

"Estava comigo há dois anos e veio com as melhores referências, mas era um homem silencioso, fechado, não muito popular entre professores ou alunos. Não se conseguiu achar nenhum vestígio dos fugitivos, e agora, na manhã de quinta-feira, não sabemos mais do que na terça. É claro que foi feita logo uma investigação em Holdernesse Hall. Fica a apenas alguns quilômetros, e pensamos que, num súbito ataque de saudades de casa, ele voltara para seu pai, mas ninguém sabia dele. O duque está muito agitado e, quanto a mim, vocês viram por si mesmos o estado de esgotamento nervoso a que o suspense e a responsabilidade me reduziram. Sr. Holmes, se ainda não usou todos os seus talentos, imploro-lhe que o faça agora, pois nunca em sua vida teve um caso que merecesse tanto sua utilização."

Sherlock Holmes ouvira com o maior interesse o relato do infeliz diretor de escola. Suas sobrancelhas contraídas e a profunda ruga entre elas demonstravam que não precisava de nenhuma exortação para se concentrar num problema que, além dos grandes interesses envolvidos, apelava tão diretamente para seu amor às coisas complexas e incomuns. Ele puxou seu caderno de notas e escreveu um ou dois lembretes.

— O senhor foi muito negligente por não ter vindo me procurar mais cedo — ele disse com seriedade. — Recorreu à minha investigação com uma desvantagem muito grave. É inconcebível, por exemplo, que essa hera e o canteiro não tivessem fornecido nada a um observador experiente.

— Não pode me censurar, sr. Holmes. Sua Graça queria muito evitar qualquer escândalo público. Receava que a infelicidade de sua família fosse mostrada ao mundo. Tem um horror profundo de qualquer coisa desse tipo.

— Mas houve alguma investigação oficial?

— Sim, senhor, e foi decepcionante. Uma pista provável foi obtida, já que soubemos que um garoto e um homem jovem foram vistos saindo de uma estação vizinha pelo trem da manhã. Somente na noite passada tivemos a notícia de que a dupla foi encontrada em Liverpool, e ficou provado que não tinham nenhuma ligação com o caso. Foi então, em meu desespero e desapontamento, após uma noite em claro, que vim direto ao senhor, no primeiro trem da manhã.

— Suponho que a investigação local foi relaxada enquanto se seguia essa pista falsa?

— Foi abandonada por completo.

— De modo que perdemos três dias. O caso foi conduzido da maneira mais deplorável.

— Também acho e concordo.

— Ainda assim o problema deve ter uma solução definitiva. Ficaria muito feliz em poder encontrá-la. Pode fazer alguma ligação entre o rapaz e esse professor alemão?

— Nenhuma.

— Ele estava na turma desse professor?

— Não, nunca trocou uma palavra com ele, pelo que sei.

— Isso certamente é muito estranho. O garoto tinha uma bicicleta?

— Não.

— Alguma outra bicicleta estava faltando?

— Não.
— Tem certeza?
— Absoluta.
— Bem, não sugere seriamente que o alemão foi embora na calada da noite com sua bicicleta, levando o garoto nos braços?
— Claro que não.
— Então qual é a sua teoria a respeito?
— A bicicleta pode ter sido uma simulação. Pode ter sido escondida em algum outro lugar, e os dois foram embora a pé.
— Pode ser, mas parece uma simulação um tanto absurda, não? Existem outras bicicletas no depósito?
— Muitas.
— Ele não teria escondido um par, se desejasse dar a impressão de que foram embora com elas?
— Suponho que esconderia.
— Claro que esconderia. A teoria da simulação não funciona. Mas o incidente é um excelente ponto de partida para uma investigação. Afinal, uma bicicleta não é uma coisa fácil de se esconder ou destruir. Uma outra pergunta. Ninguém veio visitar o rapaz no dia anterior ao seu desaparecimento?
— Não.
— Recebeu alguma carta?
— Sim, uma carta.
— De quem?
— De seu pai.
— O senhor abre as cartas dos garotos?
— Não.
— Como sabe que era do pai dele?
— O brasão estava no envelope, sobrescritado na caligrafia firme e característica do duque. Além disso, o duque se lembra de tê-la escrito.
— Quando recebeu outra carta antes dessa?
— Nenhuma durante vários dias.
— Ele recebeu alguma vez carta da França?
— Não, nunca.
— O senhor vê o objetivo das minhas perguntas, é claro. Ou o garoto foi levado à força ou fugiu por vontade própria. Neste último caso, espera-se

que algum estímulo vindo de fora seja necessário para que um rapaz tão jovem faça uma coisa assim. Se não recebeu nenhuma visita, então esse estímulo deve ter vindo por carta, e por isso estou tentando descobrir com quem ele se correspondia.

— Receio não poder ajudá-lo muito. Pelo que sei, a única pessoa que escrevia para ele era o próprio pai.

— Que escreveu para ele no mesmo dia de seu desaparecimento. As relações entre pai e filho eram amigáveis?

— Sua Graça nunca é muito simpático com ninguém. Está completamente envolvido em grandes questões públicas, e é inacessível a todas as emoções comuns. Mas era sempre carinhoso com o menino, à sua maneira.

— Mas o garoto não estava solidário com a mãe?

— Sim.

— Ele disse isso?

— Não.

— O duque, então?

— Meu Deus, não!

— Então como o senhor podia saber?

— Tive algumas conversas confidenciais com o sr. James Wilder, secretário de Sua Graça. Foi ele quem me deu informações sobre os sentimentos de lorde Saltire.

— Sei. Falando nisso, essa última carta do duque... foi encontrada no quarto do rapaz, depois que ele foi embora?

— Não, ele a levou consigo. Creio, sr. Holmes, que já é hora de irmos para Euston.

— Vou chamar uma carruagem. Em 15 minutos estaremos à sua disposição. Se está telegrafando para casa, sr. Huxtable, seria melhor deixar que as pessoas na sua vizinhança pensem que a investigação ainda continua sendo feita em Liverpool ou qualquer outro lugar que imaginar. Enquanto isso, farei um trabalhinho discreto em sua própria casa, e talvez a pista não esteja tão fria que dois velhos perdigueiros como eu e Watson não possamos segui-la.

Aquela noite nos encontrou na atmosfera fria e envolvente da região do Peak, onde ficava o famoso colégio do dr. Huxtable. Já estava escuro quando chegamos lá. Havia um cartão na mesa do saguão, e o mordomo

sussurrou alguma coisa para o seu patrão, que se virou para nós bastante agitado.

— O duque está aqui — disse. — Ele e o sr. Wilder estão no escritório. Venham, cavalheiros, e os apresentarei.

Eu já estava, é claro, familiarizado com as fotografias do famoso homem de estado, mas em pessoa ele era muito diferente do seu retrato. Era um indivíduo alto e solene, vestido com capricho, com um rosto magro e bem desenhado, e um nariz grotescamente curvo e longo. A pele era de uma palidez mortal, contrastando com a barba longa e afilada, de um vermelho vivo, que descia pelo colete branco, com a corrente do relógio brilhando pela abertura. Essa era a figura majestosa que nos olhava com firmeza do centro do tapete de pele do dr. Huxtable. A seu lado estava um homem muito jovem, que imaginei tratar-se de Wilder, o secretário particular. Era baixo, nervoso e alerta, com olhos azuis inteligentes e traços expressivos. Foi ele quem começou logo a conversa, num tom incisivo e positivo.

— Cheguei esta manhã, dr. Huxtable, tarde demais para impedi-lo de partir para Londres. Soube que o seu objetivo era convidar o sr. Sherlock Holmes a assumir a condução deste caso. Sua Graça está surpreso, dr. Huxtable, com o fato de o senhor ter tomado tal atitude sem consultá-lo.

— Quando soube que a polícia havia falhado...

— Sua Graça não está convencido de que a polícia falhou.

— Mas certamente, sr. Wilder...

— Está ciente, dr. Huxtable, de que Sua Graça está particularmente ansioso para evitar qualquer escândalo público. Prefere ter o menor número possível de pessoas sabendo do seu segredo.

— Isso pode ser facilmente remediado — disse o intimidado doutor —; o sr. Sherlock Holmes pode voltar a Londres pelo primeiro trem da manhã.

— Dificilmente, doutor, dificilmente — disse Holmes, com sua voz mais suave. — Este ar do norte é agradável e revigorante, de modo que proponho passar alguns dias em seu território, e ocupar minha mente da melhor maneira possível. Se me hospedarei sob o seu teto ou no hotel da vila, certamente é o senhor quem vai decidir.

Eu podia perceber que o infeliz doutor estava no último grau de indecisão, do qual foi arrancado pela voz sonora e profunda do duque de barba vermelha, que soou como um gongo.

— Concordo com o sr. Wilder, dr. Huxtable, que seria melhor ter me consultado. Mas já que o sr. Holmes é de sua confiança, seria absurdo não nos beneficiarmos de seus serviços. Longe de ir para o hotel, sr. Holmes, seria um prazer se viesse se hospedar comigo em Holdernesse Hall.

— Agradeço a Sua Graça. Para o objetivo da minha investigação, creio que é melhor para mim ficar no local do mistério.

— Como queira, sr. Holmes. Qualquer informação que eu ou o sr. Wilder possamos lhe fornecer está, é claro, à sua disposição.

— Talvez seja necessário visitá-lo no Hall — disse Holmes. — Gostaria apenas de lhe perguntar agora, senhor, se chegou a pensar em alguma explicação para o misterioso desaparecimento do seu filho?

— Não, senhor, nenhuma.

— Desculpe-me por aludir a algo tão doloroso para o senhor, mas não tenho alternativa. Acha que a duquesa tem alguma coisa a ver com o caso?

O grande ministro mostrou uma hesitação perceptível.

— Não creio — disse por fim.

— A outra explicação óbvia é que o garoto foi raptado com o objetivo de se pedir resgate. Não recebeu nenhum pedido deste tipo?

— Não, senhor.

— Mais uma pergunta, Sua Graça. Soube que o senhor escreveu a seu filho no dia em que esse incidente ocorreu.

— Não, escrevi um dia antes.

— Exato. Mas ele a recebeu no dia seguinte?

— Sim.

— Havia algo em sua carta que poderia tê-lo abalado ou induzido a tomar essa atitude?

— Não, senhor, certamente que não.

— O senhor mesmo pôs a carta no correio?

A resposta do nobre foi interrompida pelo seu secretário, que falou com certa irritação.

— Sua Graça não tem o hábito de mandar as cartas pessoalmente — disse. — Essa carta foi deixada com outras em cima da escrivaninha, e eu mesmo as coloquei na mala postal.

— Tem certeza de que ela estava entre as outras?

— Sim, observei isso.

— Quantas cartas Sua Graça escreveu naquele dia?

— Vinte ou trinta. Tenho um grande volume de correspondência. Mas isso certamente é irrelevante.

— Não inteiramente — disse Holmes.

— De minha parte — continuou o duque — aconselhei a polícia a desviar sua atenção para o sul da França. Já disse que não creio que a duquesa incentivasse um ato tão monstruoso, mas o rapaz tinha umas opiniões muito erradas, e é possível que tenha fugido para ela, ajudado e instigado por esse alemão. Acho, dr. Huxtable, que podemos voltar agora para o Hall.

Eu podia perceber que Holmes ainda queria fazer outras perguntas, mas os modos ríspidos do nobre mostravam que a entrevista estava no fim. Era evidente que, para a sua natureza aristocrática, essa discussão sobre assuntos familiares íntimos com um estranho era muito desagradável e que ele temia que qualquer nova pergunta lançasse uma luz mais intensa nos recantos discretamente sombrios de sua história ducal.

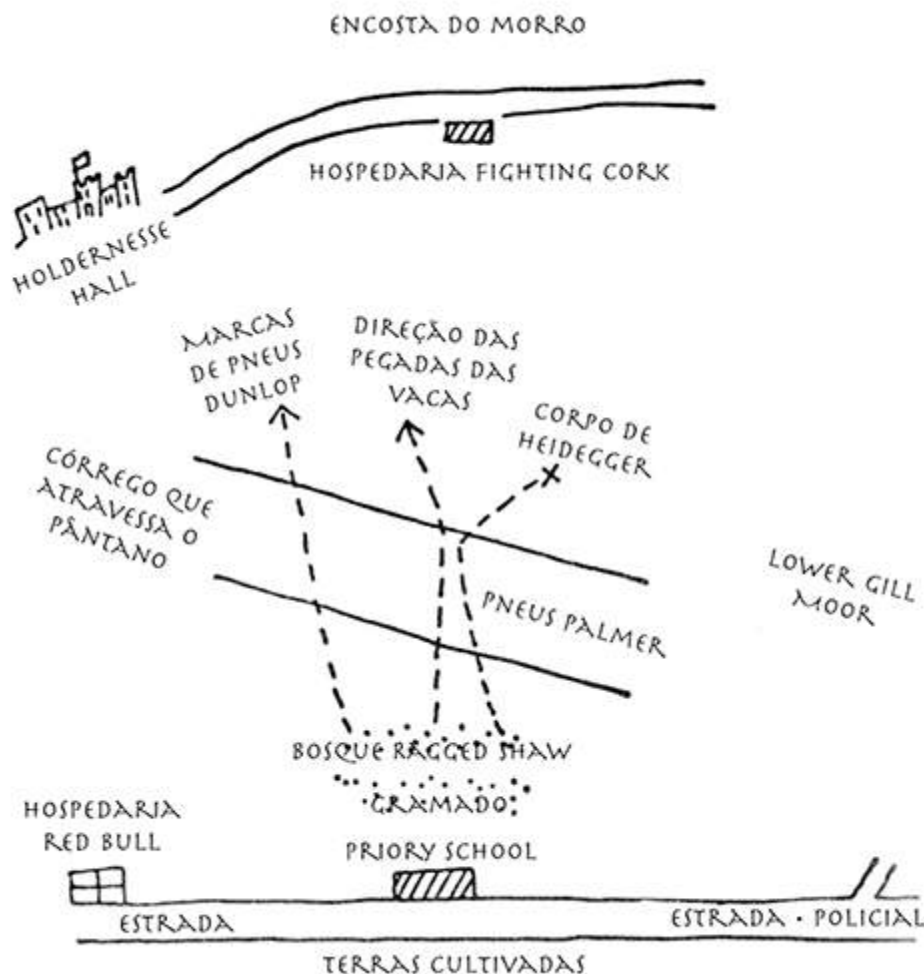
Depois que o nobre e seu secretário saíram, meu amigo lançou-se com sua energia típica à investigação.

Os aposentos do garoto foram examinados com cuidado, o que não levou a nada, a não ser à absoluta convicção de que a única saída era pela janela. O quarto e os bens do professor alemão não forneceram outras pistas. No caso dele, a trilha na hera foi provocada pelo seu peso, e vimos, à luz de uma lanterna, a marca no canteiro onde seus pés tocaram o chão. Esta marca na grama verde e curta era a única testemunha material deixada nesta inexplicável fuga noturna.

Sherlock Holmes saiu da casa sozinho e só voltou depois das 23 horas. Obtivera um grande mapa topográfico da área, e o levou ao meu quarto, onde o abriu em cima da cama, e, depois de colocar a luz do abajur diretamente sobre seu centro, começou a examiná-lo, apontando de vez em quando para algum lugar de interesse com a parte fumegante, cor de âmbar, do seu cachimbo.

— Este caso me interessa cada vez mais, Watson — disse. — Decididamente existem pontos interessantes ligados a ele. Neste estágio inicial, quero que veja estas características geográficas que podem ter muito a ver com nossa investigação.

— Olhe este mapa. Este quadro escuro é a Priory School. Colocarei um ponto sobre ele. Agora, esta linha é a estrada principal. Veja que depois do

colégio ela vai para leste e para oeste, e também que não existem estradas secundárias por mais de um quilômetro, nos dois sentidos. Se esses dois foram embora pela estrada, foi por *esta* estrada.

Mapa de Holmes da área do colégio

— Exatamente.

— Por um acaso feliz e singular, podemos verificar até certo ponto o que passou por esta estrada na noite em questão. Neste lugar, onde está agora meu cachimbo, um policial estava de guarda da meia-noite às seis horas. É, como vê, o primeiro cruzamento para leste. Este homem diz que não se ausentou do posto por um instante sequer, e garante que nem o garoto nem o homem poderiam ter passado por ali sem serem vistos. Falei com o policial esta noite, e me pareceu ser uma pessoa confiável. Isso fecha esta

saída. Temos agora que lidar com a outra. Há uma hospedaria aqui, a Red Bull, cuja proprietária está doente. Ela chamou um médico em Mackleton, mas ele só chegou pela manhã, pois estava fora, num outro caso. O pessoal do hotel ficou alerta a noite toda, esperando a chegada dele, e um ou outro estava sempre de olho na estrada. Afirmaram que ninguém passou. Se o depoimento deles é verdadeiro, então podemos bloquear o oeste, e também estamos em condições de afirmar que os fugitivos *não* usaram a estrada de maneira nenhuma.

— Mas, e a bicicleta? — objetei.

— Perfeitamente. Chegaremos já na bicicleta. Continuando nosso raciocínio: se estas pessoas não foram pela estrada, devem ter cruzado o campo para o norte ou para o sul da casa. Isso é certo. Vamos comparar um e outro. Ao sul da casa, como vê, há um terreno grande de terra arável, cortado em campos pequenos, com muros de pedra entre eles. Aqui, admito que uma bicicleta é impossível. Podemos descartar a ideia. Vejamos o norte do terreno. Aqui há um bosque, chamado Ragged Shaw, e do lado mais distante há um pântano grande e ondulado, Lower Gill Moor, que se estende por dez quilômetros e se eleva gradualmente. Aqui, num lado dessa região isolada, está Holdernesse Hall, a pouco mais de dez quilômetros pela estrada, mas a apenas seis pelo pântano. É uma planície particularmente desolada. Alguns fazendeiros têm pequenos terrenos, onde criam ovelhas e gado bovino. À exceção destes, as aves e os maçaricos são os únicos habitantes até que se chegue à estrada principal de Chesterfield. Há uma igreja ali, alguns chalés e um hotel. Depois dali os precipícios tornam-se mais íngremes. Com certeza é aqui para o norte que a nossa busca deve seguir.

— Mas e a bicicleta? — insisti.

— Ora, ora! — disse Holmes com impaciência. — Um bom ciclista não precisa de uma autoestrada. A planície é cortada por trilhas e era lua cheia. Ei, o que é isso?

Houve uma batida nervosa na porta e logo depois o dr. Huxtable estava dentro do quarto. Segurava um boné de críquete azul com um distintivo branco no alto.

— Afinal temos uma pista! — exclamou. — Graças a Deus! Finalmente estamos na trilha do pobre garoto! Este é o seu boné.

— Onde foi encontrado?

— Numa carroça de ciganos que acamparam na planície. Foram embora na terça-feira. Hoje a polícia os alcançou e examinou a caravana. Encontrou isto.

— Como explicam isso?

— Esquivaram-se e mentiram: disseram que o encontraram no campo na terça de manhã. Eles sabem onde ele está, os patifes! Graças a Deus estão todos trancafiados. O medo da lei ou o dinheiro do duque certamente arrancarão deles tudo o que sabem.

— Até aqui tudo bem — disse Holmes quando o doutor finalmente saiu do quarto. — Pelo menos confirma a teoria de que é para o lado de Lower Gill Moor que devemos esperar resultados. A polícia não fez nada realmente no local, a não ser a prisão desses ciganos. Olhe aqui, Watson! Há um rio que corta o campo. Você o vê marcado aqui no mapa. Em alguns trechos se alarga num brejo. Está exatamente na região entre Holdernesse Hall e o colégio. É inútil procurar pegadas em outro lugar neste tempo seco, mas *naquele* ponto certamente há uma possibilidade de ter sido deixada alguma marca. Eu o chamarei amanhã bem cedo e tentaremos esclarecer alguma coisa desse mistério.

O dia estava começando a clarear quando acordei e vi a figura alta e magra de Holmes à minha cabeceira. Já estava todo vestido e, aparentemente, havia saído antes.

— Dei uma olhada no canteiro e no depósito das bicicletas — disse. — Também dei uma voltinha por Ragged Shaw. Agora, Watson, há chocolate pronto no quarto ao lado. Devo pedir-lhe que se apresse, pois temos um grande dia pela frente.

Seus olhos brilhavam e seu rosto estava corado com a satisfação do mestre de obras que vê o trabalho pronto à sua frente. Um Holmes muito diferente, este homem ativo e alerta, do sonhador introspectivo e pálido da Baker Street. Ao olhar para aquela figura ágil, sustentado por uma energia nervosa, senti que era um dia realmente ativo o que nos esperava.

Mas tivemos a maior decepção. Com grandes esperanças, andamos pelo campo avermelhado e turfoso, cortado por milhares de trilhas de ovelhas até que chegamos no trecho verde-claro e largo que assinalava o pântano entre nós e Holdernesse. Se o menino tivesse ido para casa, certamente teria de passar por ali, e não podia passar sem deixar vestígios. Mas nenhum sinal dele ou do alemão podia ser visto. Com o rosto sombrio, meu amigo

vasculhava a margem observando atentamente cada mancha na superfície musgosa. Havia pegadas de ovelhas em profusão, e num ponto, alguns quilômetros abaixo, vacas deixaram suas marcas. Nada mais.

— Verificação número um — disse Holmes, olhando com tristeza para a extensão ondulante do campo. — Há um outro brejo mais abaixo e uma passagem estreita no meio. Ora viva! O que temos aqui?

Tínhamos chegado a uma pequena faixa preta de trilha. No meio dela, claramente marcada no solo fofo, estavam as marcas de uma bicicleta.

— Hurrah! — exclamei. — Conseguimos.

Mas Holmes estava balançando a cabeça e seu rosto mostrava mais confusão e expectativa do que alegria.

— Uma bicicleta, certamente, mas não *a* bicicleta — disse. — Conheço 42 impressões diferentes deixadas por pneus. Este, como vê, é um Dunlop, com um remendo na parte externa. Os pneus de Heidegger eram Palmer, que deixam listras longitudinais. Aveling, o professor de matemática, estava certo sobre isso. Portanto, não é o rastro de Heidegger.

— Do garoto, então?

— Possivelmente, se pudermos provar que ele estava com uma bicicleta. Mas falhamos completamente nisso. Esta trilha, como se percebe, foi feita por alguém que vinha da direção da escola.

— Ou na direção dela?

— Não, não, meu caro Watson. A marca mais profunda é claramente a da roda traseira, sobre a qual todo o peso se apoia. Percebemos vários pontos onde ela cruzou e modificou a marca menos funda da roda dianteira. Sem dúvida estava se afastando do colégio. Pode ou não ter alguma ligação com a nossa busca, mas nós a seguiremos para trás, antes de irmos mais adiante.

Fizemos isso, e após algumas centenas de metros perdemos as pistas, quando saímos da porção pantanosa do campo. Seguindo a trilha para trás, chegamos em outro local, cortado por um curso d’água. Aqui, mais uma vez, estava a marca da bicicleta, embora quase apagada pelos cascos de vacas. Depois disso, não havia mais sinal, mas a trilha ia direto para Ragged Shaw, o bosque que dava nos fundos do colégio. A bicicleta deve ter saído deste bosque. Holmes sentou-se numa pedra e apoiou o queixo nas mãos. Fumei dois cigarros antes que ele se movesse.

— Ora, ora — disse ele por fim. — É possível, claro, que um homem esperto tenha trocado os pneus de sua bicicleta para não deixar marcas

conhecidas. O criminoso que for capaz de um raciocínio desses é o homem com o qual eu ficaria orgulhoso de trabalhar. Deixaremos esta questão em suspenso e voltaremos para o nosso brejo, pois há muita coisa para ser explorada.

Continuamos nossa pesquisa sistemática da borda da parte encharcada do pântano e logo nossa perseverança foi gloriosamente recompensada. Do outro lado da parte mais baixa do lodaçal havia uma trilha pantanosa. Holmes deu um grito de satisfação ao chegar mais perto. Uma impressão igual a uma fina tira de telégrafo passava bem no centro dela. Eram os pneus Palmer.

— Aqui está *Herr* Heidegger, com certeza! — exclamou Holmes, exultante. — Meu raciocínio parece ter sido correto, Watson.

— Dou-lhe meus parabéns.

— Mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Ande com cuidado fora da trilha. Agora vamos seguir as marcas. Creio que não nos levarão muito longe.

Mas descobrimos, enquanto avançávamos, que esta parte do pântano é intercalada de partes macias e, embora perdêssemos com frequência a trilha de vista, sempre conseguíamos encontrá-la de novo.

— Está notando — disse Holmes — que o ciclista está agora aumentando o ritmo? Não há dúvida. Olhe esta marca, em que temos os dois pneus nítidos. Um está tão fundo quanto o outro. Isso só pode significar que o ciclista está jogando todo o peso sobre o guidom, como um homem faz quando está correndo. Por Deus! Ele caiu.

Havia um borrão largo e irregular cobrindo alguns metros da trilha. Então havia algumas pegadas, e o reaparecimento dos pneus.

— Uma derrapagem — sugeri.

Holmes segurou um galho esmagado de tojo em flor. Vi com horror que as flores amarelas estavam todas manchadas de vermelho. Na trilha, e também entre as urzes, havia manchas escuras de sangue coagulado.

— Mau! — disse Holmes. — Mau! Olhe bem, Watson! Nem uma passada desnecessária! O que vemos aqui? Ele caiu ferido, levantou-se, montou de novo e continuou. Mas não existem outras marcas. Gado nesta outra trilha. Não terá sido atingido por um touro? Impossível! Mas não vejo pegadas de mais ninguém. Devemos continuar, Watson. Certamente com manchas, além da trilha, para nos guiar, ele não pode nos escapar agora.

Nossa busca não foi muito longa. As marcas dos pneus começaram a fazer curvas fantásticas na trilha molhada e brilhante. De repente, ao olhar para diante, vi o brilho de metal por entre os tufos de tojo. De lá tiramos uma bicicleta, com pneus Palmer, um dos pedais amassado, e toda a parte dianteira horrivelmente lambuzada e babada de sangue. Do outro lado dos arbustos, aparecia um sapato. Demos a volta, e lá estava o infeliz ciclista. Era um homem alto, com uma barba grande e óculos, sem uma das lentes que devia ter caído. A causa de sua morte era um horrível golpe na cabeça, que partiu o crânio. O fato de ele ter conseguido continuar depois de receber um golpe assim revelava sua vitalidade e coragem. Estava de sapatos, mas sem meias, e seu casaco aberto mostrava uma camiseta de dormir por baixo. Era sem dúvida o professor alemão.

Holmes desvirou o corpo com cuidado e o examinou com muita atenção. Depois sentou-se pensativo por algum tempo, e eu podia ver pelas sobrancelhas franzidas que, na sua opinião, esta descoberta sinistra não fora um grande progresso na nossa investigação.

— É um pouco difícil saber o que fazer, Watson — disse por fim. — Minha disposição é no sentido de continuar esta investigação, pois já perdemos muito tempo e não podemos desperdiçar mais uma hora. Por outro lado, devemos informar a polícia a respeito da descoberta, e providenciar para que tomem conta do corpo deste pobre sujeito.

— Eu poderia levar um bilhete.

— Mas preciso da sua companhia e ajuda. Espere um momento! Tem alguém ali cortando turfa. Traga-o aqui, e ele guiará a polícia.

Trouxe o camponês e Holmes despachou o homem assustado com o bilhete para o dr. Huxtable.

— Agora, Watson — disse —, descobrimos duas pistas esta manhã. Uma é a bicicleta com os pneus Palmer, e vemos onde isto acabou. A outra é a bicicleta com o Dunlop remendado. Antes de iniciarmos esta investigação, vamos tentar entender o que sabemos *realmente*, para tirar o máximo disto e separar o essencial do acidental.

“Antes de tudo, quero lhe dizer que o garoto com certeza saiu por vontade própria. Ele desceu pela janela e foi embora, sozinho ou com mais alguém. Isto é certo.”

Assenti.

— Bem, agora, voltemos ao infeliz professor alemão. O garoto estava completamente vestido quando fugiu. Portanto, já sabia o que ia fazer. Mas o alemão saiu sem as meias. Com certeza agiu às pressas.

— Sem dúvida.

— Por que saiu? Porque, da janela do seu quarto, viu a fuga do garoto; porque quis ir atrás dele e trazê-lo de volta. Pegou sua bicicleta, perseguiu o rapaz, e nessa perseguição encontrou a morte.

— Assim parece.

— Agora chego à parte decisiva do meu raciocínio. A atitude natural de um homem ao perseguir um garoto seria a de correr atrás dele. Ele saberia que conseguiria alcançá-lo. Mas o alemão não faz isso. Vai pegar sua bicicleta. Soube que era um ciclista excelente. Não faria isso, se não visse que o garoto tinha algum meio rápido de fuga.

— A outra bicicleta.

— Continuemos nossa reconstituição. Ele foi morto a sete quilômetros do colégio, não por uma bala, o que até mesmo um garoto poderia disparar, mas por um golpe violento, desferido por um braço vigoroso. O garoto, portanto, *teve* um companheiro na sua fuga. E foi uma fuga rápida, pois andaram sete quilômetros antes que um ótimo ciclista os alcançasse. E ainda pesquisamos o chão em volta do local da tragédia. O que encontramos? Alguns rastros de gado, nada mais. Dei uma grande volta por aí, e não existem trilhas a menos de cinquenta metros. Um outro ciclista poderia não ter tido nada com o assassinato, e lá também não havia pegadas humanas.

— Holmes! — exclamei —, isto é impossível!

— Admirável! — disse ele. — Uma observação esclarecedora. É impossível do modo como falei, entretanto posso, em algum aspecto, ter falado de modo equivocado. Pois você viu por si mesmo. Pode sugerir alguma falha?

— Ele não poderia ter fraturado o crânio numa queda?

— Num lodaçal, Watson?

— Estou desorientado.

— Tsc, tsc, já resolvemos problemas piores. Pelo menos temos muito material; se ao menos pudéssemos usá-lo. Venha então e, depois do Palmer, vamos ver o que o Dunlop com a parte remendada tem a nos oferecer.

Pegamos a trilha e a seguimos por algum tempo, mas o pântano logo se elevava numa curva longa cheia de tufos de urze, e deixamos o riacho para trás. Não se podia mais esperar ajuda alguma de trilhas. Do lugar onde vimos pela última vez o pneu Dunlop, podíamos ter ido também para Holdernesse Hall, cujas torres majestosas apareciam alguns quilômetros à nossa esquerda, ou para uma vila pequena e pardacenta que ficava à nossa frente, e indicava a posição da estrada principal de Chesterfield.

Quando nos aproximamos do hotel repugnante e miserável, com o símbolo de um galo de briga sobre a porta, Holmes deu um súbito gemido, e agarrou meu ombro para não cair. Tivera um desses estiramentos violentos que deixam um homem desamparado. Com dificuldade foi até a porta, onde um homem idoso e moreno estava acocorado, fumando um cachimbo preto de barro.

— Como vai, sr. Reuben Hayes? — perguntou Holmes.

— Quem são vocês e como descobriram tão depressa o meu nome? Disse o camponês com um brilho de desconfiança nos olhos espertos.

— Ora, ele está impresso na placa acima de sua cabeça. É fácil reconhecer um homem que é o dono da própria casa. Suponho que não tenha algo como uma carroça nos seus estábulos.

— Não, não tenho.

— Mal posso apoiar meu pé no chão.

— Não o ponha no chão.

— Mas não posso andar.

— Bem, então pule.

A atitude do sr. Reuben Hayes estava longe de ser amável, mas Holmes a encarou com um bom humor admirável.

— Olhe aqui, meu amigo — disse. — Isto é realmente um dilema muito desagradável para mim. Não vejo como continuar.

— Nem eu — disse o estalajadeiro mal-humorado.

— O assunto é muito importante. Eu lhe ofereceria uma libra pelo uso de uma bicicleta.

O homem prestou mais atenção.

— Aonde querem ir?

— Para Holdernesse Hall.

— Amigos do duque, suponho? — disse o proprietário, observando nossas roupas manchadas de lama com olhos irônicos.

Holmes sorriu, complacente.

— De qualquer maneira, ele ficará contente em nos ver.

— Por quê?

— Porque lhe trazemos notícias de seu filho desaparecido.

O estalajadeiro teve um sobressalto visível.

— O quê, vocês estão na pista dele?

— Ele foi visto em Liverpool. Esperam encontrá-lo a qualquer hora.

De novo uma mudança perceptível passou pelo rosto forte e barbado. Ele ficou amável de repente.

— Tenho menos motivos para desejar o bem do duque do que muitos homens — disse — porque uma vez fui o cocheiro-chefe, e ele me tratou de modo cruel. Foi ele quem me pôs na rua sem explicações, por causa da palavra de um negociante de milho mentiroso. Mas fico contente em saber que o jovem lorde foi visto em Liverpool, e vou ajudá-los a levar a notícia até o Hall.

— Obrigado — disse Holmes. — Vamos comer algo primeiro. Depois pode trazer a bicicleta.

— Eu não tenho uma bicicleta.

Holmes mostrou uma libra.

— Já lhe disse, homem, que não tenho. Deixarei que levem dois cavalos até o Hall.

— Bem, bem — disse Holmes —, falaremos sobre isso depois que tivermos comido alguma coisa.

Quando ficamos sozinhos na cozinha de paredes de pedras, foi espantoso como o tornozelo estirado se recuperou depressa. Já era quase noite e não havíamos comido nada desde a manhã, de modo que gastamos um bom tempo em nossa refeição. Holmes estava perdido em seus pensamentos e uma ou duas vezes foi até a janela e olhou para fora, sério. Ela dava para um pátio miserável. No canto mais afastado havia uma forja, onde um rapaz sujo estava trabalhando. Do outro lado ficavam os estábulos. Holmes estava sentado após uma dessas excursões, quando de repente pulou de sua cadeira com uma exclamação.

— Por Deus, Watson, creio que conseguimos! — gritou. — Sim, sim, deve ser isso. Watson, lembra-se de ter visto alguma trilha de vacas hoje?

— Sim, várias.

— Onde?

— Ora, por todo lado. No brejo, e também na trilha, e perto do lugar onde o pobre Heidegger morreu.

— Exato. Agora, Watson, quantas vacas você viu no campo?

— Não me lembro de ter visto nenhuma.

— É estranho, Watson, que víssemos rastros durante todo o nosso trajeto, mas nem uma vaca. Muito estranho, Watson, hein?

— Sim, é estranho.

— Agora, Watson, faça um esforço de memória. Pode ver aqueles rastros na trilha?

— Sim, posso.

— Recorda-se de que os rastros eram algumas vezes assim, Watson — dispôs algumas bolinhas de pão deste modo: : : : : :. E outras assim: : . : . : . : .. E ocasionalmente deste jeito: . ˙ . ˙ . ˙ .. Consegue se lembrar disso?

— Não, não consigo.

— Mas eu posso. Posso jurar que é assim. Mas voltaremos lá para verificar isso. Como fui cego, não confirmando minha conclusão.

— E qual é a sua conclusão?

— Apenas que existe uma vaca notável que anda, trota e galopa. Por Deus! Watson, não foi nenhum cérebro de taberneiro do interior que imaginou um como esse. A costa parece estar livre, a não ser por aquele rapaz na forja. Vamos dar uma escapada e ver o que pudermos.

Havia dois cavalos maltratados no estábulo em ruínas. Holmes levantou a pata traseira de um deles e riu.

— Ferraduras velhas, mas ferrado recentemente; ferraduras velhas, mas cravos novos. Este caso promete ser um clássico. Vamos passar por fora.

O rapaz continuava seu trabalho sem ligar para nós. Notei os olhos de Holmes virarem-se para a esquerda e para a direita, por entre os restos de ferro e madeira que se espalhavam pelo chão. Mas, de repente escutamos passos atrás de nós, e lá estava o dono da hospedaria, o cenho franzido sobre os olhos selvagens, as feições contorcidas pela raiva. Segurava uma pequena bengala de cabo metálico, e avançou de modo tão ameaçador que me senti confortado por ter meu revólver no bolso.

— Seus espiões do inferno! — gritou o homem. — O que estão fazendo aí?

— Ora, sr. Reuben Hayes — disse Holmes friamente —, alguém poderia pensar que o senhor está com medo de que descubramos alguma coisa.

O homem controlou-se com um esforço violento, e sua boca cruel abriu-se num sorriso falso, que era mais ameaçador que o seu olhar carrancudo.

— Vocês podem descobrir tudo o que quiserem em minha oficina — disse. — Mas olhe aqui, senhor, não gosto de sujeitos que ficam bisbilhotando na minha casa sem minha permissão; portanto, quanto mais cedo pagarem sua conta e saírem daqui, mais agradecido eu ficaria.

— Tudo bem, sr. Hayes, não fizemos por mal — disse Holmes. — Estivemos dando uma olhada em seus cavalos, mas creio que irei a pé, afinal. Não é longe, eu acho.

— Não mais de três quilômetros até os portões do Hall. É pela estrada da esquerda. — Ficou nos observando com olhos sombrios até que saímos de sua propriedade.

Não fomos muito longe pela estrada, pois Holmes parou assim que a curva fez com que saíssemos do campo de visão daquele homem.

— Estivemos quentes naquela hospedaria, como dizem as crianças — comentou. — Parece que fica mais frio à medida que me afasto. Não, não, não posso deixar isso.

— Estou convencido — eu disse — de que esse Reuben Hayes sabe de tudo. Nunca vi um vilão tão óbvio.

— Oh! ele o impressionou tanto assim? Há os cavalos, a forja. Sim, é um lugar interessante, esse Galo de Briga. Acho que devemos dar uma outra olhada nele, de modo mais discreto.

Uma colina suave, longa, pontilhada de pedras calcárias, estendia-se atrás de nós. Havíamos saído da estrada e estávamos subindo a colina quando, ao olhar na direção de Holdernesse Hall, vi um ciclista pedalando rapidamente.

— Abaixe-se, Watson! — exclamou Holmes, batendo no meu ombro.

Mal havíamos sumido de vista quando o homem passou rapidamente por nós, na estrada. Por entre as nuvens de poeira, vislumbrei um rosto pálido e agitado, um rosto com o horror estampado em cada traço, a boca aberta, os olhos vidrados. Era como uma estranha caricatura do esperto James Wilder que víramos na noite anterior.

— O secretário do duque! — exclamou Holmes. — Venha Watson, vamos ver o que ele vai fazer.

Escalamos de pedra em pedra, até que minutos depois chegamos a um ponto do qual podíamos ver a porta da frente do hotel. A bicicleta de Wilder estava encostada na parede lateral. Ninguém se movia pela casa, nem conseguimos ver alguém nas janelas. Devagar o crepúsculo chegou, enquanto o sol mergulhava atrás das torres de Holdernesse Hall. Então, na escuridão, vimos as duas lanternas laterais acesas de uma carruagem no pátio do estábulo do hotel, e logo depois ouvimos o barulho de cascos chegando à estrada e partindo em grande velocidade na direção de Chesterfield.

— O que acha disso, Watson? — sussurrou Holmes.

— Parece uma fuga.

— Só havia um homem na carruagem, pelo que pude ver. Bem, certamente não era o sr. James Wilder, pois ele está ali, em frente à porta.

Um quadrado vermelho de luz se acendera na escuridão. No meio dele estava o vulto negro do secretário, a cabeça inclinada para a frente, espreitando a noite. Era evidente que esperava alguém. Por fim, passos na estrada, uma outra figura ficou visível por um instante contra a luz, a porta bateu e tudo ficou escuro novamente. Cinco minutos depois uma lâmpada foi acesa num quarto do primeiro andar.

— Parece ser uma categoria curiosa de fregueses essa do Galo de Briga — disse Holmes.

— O bar fica do outro lado.

— Exato. Estes são o que podemos chamar de convidados particulares. Agora, que diabo está o sr. James Wilder fazendo naquela espelunca a essa hora da noite, e quem é o sujeito que vem para encontrá-lo ali? Vamos, Watson, precisamos realmente nos arriscar e tentar investigar isto um pouco mais de perto.

Descemos juntos até a estrada e nos aproximamos silenciosamente da porta do hotel. A bicicleta ainda estava encostada na parede. Holmes acendeu um fósforo para examinar o pneu traseiro, e eu o ouvi rir baixinho quando a luz incidiu sobre um pneu Dunlop remendado. Bem acima de nós estava a janela iluminada.

— Preciso dar uma olhada lá, Watson. Se você inclinar as costas e se apoiar na parede, acho que conseguirei.

Logo depois, seus pés estavam nos meus ombros; porém mal chegou lá em cima e já estava embaixo de novo.

— Venha, meu amigo — disse —, nosso dia de trabalho foi bastante longo. Creio que já conseguimos tudo o que podíamos. É uma longa caminhada até o colégio, e quanto mais cedo começarmos, melhor.

Ele mal abriu a boca durante aquela caminhada cansativa através do campo, e não entramos no colégio quando chegamos lá, mas fomos para a estação de Mackleton, de onde ele enviou alguns telegramas. Tarde da noite eu o ouvi consolando o dr. Huxtable, prostrado pela tragédia da morte do seu professor, e mais tarde ainda entrou no meu quarto, tão alerta e vigoroso como estivera quando começamos naquela manhã.

— Está tudo indo bem, meu amigo — disse ele. — Prometo que antes de amanhã à noite teremos encontrado a solução do mistério.

Às 11 horas seguinte meu amigo e eu estávamos andando pela famosa alameda de teixos de Holdernesse Hall. Entramos pela magnífica porta elisabetana e fomos levados ao escritório de Sua Graça. Lá encontramos o sr. James Wilder, sério e cortês, mas com alguns vestígios daquele terror selvagem da noite ainda visíveis em seus olhos furtivos e na expressão crispada.

— Veio ver Sua Graça? Desculpe, mas o fato é que o duque não está lá muito bem. Ficou muito abalado com as notícias trágicas. Recebemos um telegrama do dr. Huxtable ontem à tarde, que nos informou da descoberta de vocês.

— Preciso ver o duque, sr. Wilder.

— Mas ele está no quarto dele.

— Então preciso ir ao quarto dele.

— Creio que ele está na cama.

— Vou vê-lo lá.

O jeito frio e implacável de Holmes mostrou ao secretário que era inútil discutir com ele.

— Muito bem, sr. Holmes, eu direi a ele que está aqui.

Depois de uma demora de uma hora, o grande nobre apareceu. Seu rosto estava mais cadavérico do que nunca, seus ombros estavam curvados e parecia ser um homem muito mais velho que na manhã anterior. Cumprimentou-nos com uma cortesia solene e sentou-se à sua escrivaninha, a barba vermelha caindo em ondas na mesa.

— E então, sr. Holmes? — disse.

Mas os olhos de meu amigo estavam fixos no secretário, que estava de pé atrás da cadeira do patrão.

— Creio, Sua Graça, que eu poderia falar mais francamente sem a presença do sr. Wilder.

O homem ficou pálido como um fantasma e lançou um olhar malévolo para Holmes.

— Se Sua Graça desejar...

— Sim, sim, seria melhor você ir. Agora, sr. Holmes, o que tem para dizer?

Meu amigo esperou até que a porta se fechasse atrás do secretário relutante.

— O fato, Sua Graça — disse —, é que o meu colega, dr. Watson, e eu temos a garantia do dr. Huxtable de que foi oferecida uma recompensa neste caso. Gostaria de ouvir a confirmação de seus próprios lábios.

— Certamente, sr. Holmes.

— Se fui informado corretamente, ela é de cinco mil libras para quem lhe disser onde está seu filho?

— Exatamente.

— E outras mil para quem disser o nome da pessoa ou pessoas que o mantêm preso?

— Exatamente.

— Neste último estão incluídos, sem dúvida, não somente aqueles que o levaram, mas também aqueles que conspiram para que ele continue na situação atual?

— Sim, sim — exclamou o duque, impaciente. — Se fizer bem o seu trabalho, sr. Sherlock Holmes, não terá motivo para reclamar de um tratamento mesquinho.

Meu amigo esfregou as mãos magras com uma expressão de avidez que me surpreendeu, pois conhecia seus hábitos frugais.

— Creio que vejo o talão de cheques de Sua Graça na mesa — ele disse. — Ficaria contente se fizesse um cheque de seis mil libras. Talvez fosse melhor cruzá-lo. O Capital and Counties Bank, filial da Oxford Street, é o meu agente.

Sua Graça sentou-se austera e rigidamente na sua cadeira e olhou de modo severo para meu amigo.

— Isto é uma brincadeira, sr. Holmes? Não é nem de longe um assunto para divertimento.

— De modo algum, Sua Graça. Nunca fui tão sério em minha vida.

— O que significa, então?

— Quero dizer que ganhei a recompensa. Sei onde está seu filho e conheço pelo menos alguns daqueles que o mantêm preso.

A barba do duque ficou mais agressivamente vermelha do que nunca contra sua face branca, pálida.

— Onde ele está? — gaguejou.

— Está, ou estava na noite passada, no hotel Galo de Briga, a cerca de três quilômetros dos seus portões.

O duque recostou-se na sua cadeira.

— E quem o senhor acusa?

A resposta de Sherlock Holmes foi estarrecedora. Deu rapidamente um passo à frente e tocou o duque no ombro.

— Eu acuso *o senhor* — disse. — E agora, Sua Graça, eu lhe peço aquele cheque.

Nunca me esquecerei do aspecto do duque ao pular e jogar as mãos como alguém que está afundando num abismo. Depois, com um extraordinário esforço de autocontrole aristocrático, sentou-se e afundou o rosto nas mãos. Passaram-se alguns minutos antes que falasse.

— O que é que sabe? — perguntou afinal, sem levantar a cabeça.

— Eu os vi juntos ontem à noite.

— Alguém mais sabe, além do seu amigo?

— Não falei com mais ninguém.

O duque pegou uma caneta com a mão trêmula e abriu o talão de cheques.

— Vou honrar minha palavra, sr. Holmes. Farei o seu cheque, por mais inconveniente que seja para mim, a informação que conseguiu. Quando o oferecimento foi feito pela primeira vez, mal sabia do rumo que os acontecimentos poderiam tomar. Mas o senhor e seu amigo são homens discretos, não, sr. Holmes?

— Mal posso compreendê-lo, Sua Graça.

— Devo esclarecer tudo, sr. Holmes. Se apenas os senhores sabem desse incidente, não há motivo para que isso vá mais longe. Creio que 12 mil libras é a soma que lhe devo, não é?

Mas Holmes sorriu e sacudiu a cabeça.

— Temo, Sua Graça, que as coisas talvez não possam ser resolvidas tão facilmente. A morte do professor do colégio tem de ser explicada.

— Mas James não sabia nada daquilo. Não pode responsabilizá-lo por isso. Foi trabalho desse valentão brutal que ele teve o azar de empregar.

— Tenho a opinião, Sua Graça, de que quando um homem se envolve num crime, é moralmente culpado de qualquer outro crime que venha a ocorrer em consequência do primeiro.

— Moralmente, sr. Holmes. Sem dúvida está certo. Mas provavelmente não aos olhos da lei. Um homem não pode ser condenado por um assassinato a que não esteve presente, e ao qual abomina e detesta tanto quanto o senhor. Assim que soube do fato, ele me fez uma confissão completa, de tanto remorso e horror que sentia. Não perdeu uma hora para despedir o assassino. Oh, sr. Holmes, o senhor tem de salvá-lo, tem de salvá-lo! Peço-lhe que o salve! — O duque abandonara um último esforço de autocontrole e estava andando de um lado para outro no quarto com o rosto transtornado e as mãos crispadas no ar. Finalmente controlou-se e sentou-se novamente à escrivaninha. — Aprecio sua conduta, por ter vindo aqui antes de falar com mais alguém — disse. — Pelo menos, podemos discutir como minimizar este escândalo terrível.

— Exato — disse Holmes. — Creio, Sua Graça, que isso só pode ser feito com absoluta franqueza entre nós. Estou disposto a ajudar Sua Graça com o máximo de minha habilidade, mas, para fazer isso, preciso entender todo o caso até o último detalhe. Percebi que as suas palavras se referiam ao sr. James Wilder, e que ele não é o assassino.

— Não, o assassino fugiu.

Sherlock Holmes sorriu discretamente.

— Sua Graça não deve ter ouvido praticamente nada sobre minha reputação, ou não imaginaria que seja tão fácil fugir de mim. O sr. Reuben Hayes foi preso em Chesterfield, com base na minha informação, às 23 horas da noite passada. Recebi um telegrama do chefe da polícia local antes de sair do colégio esta manhã.

O duque recostou-se em sua cadeira e olhou assombrado para o meu amigo.

— Parece ter poderes sobre-humanos — disse. — Então Reuben Hayes foi preso? Fico contente em ouvir isso, se não afetar o destino de James.

— Seu secretário?

— Não, senhor, meu filho.

Foi a vez de Holmes olhar espantado.

— Confesso que isso é inteiramente novo para mim, Sua Graça. Peço-lhe que seja mais explícito.

— Não esconderei nada do senhor. Concordo com o senhor que a franqueza absoluta, por mais dolorosa que seja para mim, é a melhor política nesta situação desesperada à qual a tolice e o zelo de James nos deixaram. Quando eu era mais jovem, sr. Holmes, amei com um amor que só ocorre uma vez na vida. Pedi a dama em casamento, mas ela recusou, alegando que essa união arruinaria minha carreira. Se ela tivesse vivido, eu com certeza nunca teria me casado com outra pessoa. Ela morreu e deixou esse filho único que, por ela, abriguei, e dei a ele carinho e cuidados. Não pude assumir a paternidade dele diante do mundo, mas lhe dei a melhor educação, e desde que se tornou adulto eu o mantenho perto de mim. Ele descobriu meu segredo, e presumiu desde então que tem direitos sobre mim e julgou-se com poder de provocar um escândalo que seria desastroso para mim. Sua presença tem relação com o desfecho infeliz do meu casamento. Acima de tudo, odiava meu jovem herdeiro legítimo desde o início, com um ódio persistente. Pode perguntar por que, nestas circunstâncias, ainda conservo James sob o meu teto. Respondo que foi porque posso ver o rosto de sua mãe no dele, e que em consideração a ela não há fim para o meu longo sofrimento. Todos os seus bonitos gestos também; não há um só gesto dele que não sugira nem me traga à lembrança. Não *pude* mandá-lo embora. Mas temia tanto que ele pudesse fazer mal a Arthur, isto é, lorde Saltire, que o despachei por segurança para o colégio do dr. Huxtable.

“James entrou em contato com esse sujeito, Hayes, porque ele era um arrendatário meu, e James agia como cobrador. O sujeito foi um patife desde o começo mas, de algum modo extraordinário, James ficou íntimo dele. Teve sempre uma queda por companhias de baixo nível. Quando James decidiu raptar lorde Saltire, foi dos serviços deste homem que se serviu. Lembra-se que escrevi a Arthur no último dia. Bem, James abriu a carta e incluiu uma nota pedindo a Arthur que o encontrasse num pequeno bosque chamado Ragged Shaw, que fica perto do colégio. Usou o nome da duquesa, e desse modo conseguiu que o rapaz viesse. Naquela noite James foi de bicicleta — estou lhe contando o que ele mesmo me confessou — e

disse a Arthur, que encontrou no bosque, que a mãe dele queria vê-lo, que ela o estava esperando no campo e que se voltasse ao bosque à meia-noite encontraria um homem com um cavalo, que o levaria até ela. O pobre Arthur caiu na armadilha. Foi ao encontro marcado e topou com esse Hayes, que trazia um pônei. Arthur montou, e foram juntos. Parece — embora James só tenha sabido ontem — que eles foram perseguidos, que Hayes abateu seu perseguidor com sua bengala, e que o homem morreu devido aos ferimentos. Hayes levou Arthur para a sua hospedaria, o Galo de Briga, onde foi confinado num quarto do andar superior, aos cuidados da sra. Hayes, uma mulher bondosa, mas inteiramente dominada pelo marido violento.

"Bem, sr. Holmes, era esta a situação quando o vi pela primeira vez, dois dias atrás. Não tinha a menor ideia da verdade, tanto quanto o senhor. O senhor me perguntará qual foi o motivo que levou James a praticar tal ato. Respondo que havia muito de irracional e fanático no ódio que nutria por meu herdeiro. Do seu ponto de vista, ele próprio deveria ser o herdeiro de todas as minhas propriedades, e se ressentia profundamente das leis sociais que tornavam isto impossível. Ao mesmo tempo, tinha também uma razão definitiva. Estava ansioso para que eu rompesse o vínculo, e achava que tinha poder para isso. Queria fazer uma barganha comigo — devolver Arthur se eu rompesse o vínculo, e assim deixar-lhe os meus bens por meio de testamento. Ele sabia que eu não pediria de boa vontade a ajuda da polícia. Digo que ele iria me propor essa barganha; mas, na verdade, não fez isso, porque os acontecimentos se precipitaram e ele não teve tempo de pôr em prática os seus planos.

"O que arruinou todo este plano perverso foi a sua descoberta do corpo desse tal Heidegger. James ficou horrorizado com a notícia. Soubemos ontem, quando estávamos juntos neste escritório. O dr. Huxtable mandou um telegrama. James foi dominado por tanto remorso e agitação que as minhas suspeitas, que nunca estiveram inteiramente ausentes, transformaram-se no mesmo instante em certeza, e eu o acusei do ato. Fez uma confissão completa e voluntária. Depois me implorou que eu guardasse seu segredo por três dias, a fim de dar ao seu desventurado cúmplice uma chance de salvar a vida cheia de culpa. Concordei — como sempre — às suas súplicas e imediatamente James correu até o Galo de Briga para avisar Hayes e lhe proporcionar um meio de fuga. Não podia ir lá de dia sem

provocar comentários, mas, assim que a noite caiu, fui correndo ver meu querido Arthur. Encontrei-o a salvo e bem, mas horrorizado pelo terrível ato que testemunhara. De acordo com minha promessa, e contra a minha vontade, consenti em deixá-lo lá por três dias, sob os cuidados da sra. Hayes, já que era evidente a impossibilidade de informar à polícia onde ele estava sem lhes dizer também quem era o assassino, e eu não conseguia imaginar como aquele assassino poderia ser punido sem arruinar o meu infeliz James. Pediu franqueza, sr. Holmes, e cumpri a palavra, pois agora contei-lhe tudo, sem apelar para rodeios ou subterfúgios. Use da mesma franqueza comigo."

— Eu o farei — disse Holmes. — Em primeiro lugar, Sua Graça, devo dizer-lhe que se colocou numa posição muito séria aos olhos da lei. O senhor foi conivente com um delito grave e ajudou a fuga de um assassino, pois não duvido que qualquer dinheiro levado por James Wilder para ajudar seu cúmplice na fuga veio do bolso de Sua Graça.

O duque se mexeu na cadeira.

— Esta é, realmente, uma questão muito grave. Ainda mais condenável, na minha opinião, Sua Graça, é a sua atitude em relação ao seu filho mais novo. O senhor o deixou nesse antro por três dias.

— Sob promessas solenes...

— O que são promessas para pessoas como essas? O senhor não tem garantias de que ele não será levado embora novamente. Em favor do seu filho mais velho culpado, expôs seu inocente filho mais novo a um perigo iminente e desnecessário. Foi uma atitude injustificável.

O orgulho do senhor de Holdernesse não estava acostumado a ser tão ferido em sua própria residência ducal. O sangue avermelhou a sua testa alta, mas sua consciência o fez ficar mudo.

— Eu o ajudarei, mas sob uma condição. Que chame o lacaio e deixe-me dar-lhe as ordens que quiser.

Sem uma palavra, o duque pressionou a campainha. Um criado entrou.

— Ficará feliz em saber — disse Holmes — que o seu jovem patrão foi encontrado. É desejo do duque que a carruagem vá imediatamente ao hotel Galo de Briga para trazer lorde Saltire para casa.

— Agora — disse Holmes, depois que o lacaio saiu alegre —, tendo assegurado o futuro, podemos ser mais clementes com o passado. Não estou em missão oficial, e não há motivo, desde que os fins da justiça sejam

cumpridos, para revelar tudo o que sei. Quanto a Hayes, não digo nada. A forca o espera e não faria nada para salvá-lo. O que ele contará não posso saber, mas não tenho dúvida de que Sua Graça poderia fazê-lo entender que é do interesse dele ficar calado. Do ponto de vista da polícia, ele teria raptado o garoto com o objetivo de pedir um resgate. Se eles não descobrirem por si mesmos, não vejo motivo para que eu os ajude a ter uma visão mais ampla. Contudo, devo avisar Sua Graça que a permanência do sr. James Wilder em sua casa só pode resultar em infortúnio.

— Sei disso, sr. Holmes, e já está acertado que ele irá embora para sempre, e tentará fazer fortuna na Austrália.

— Nesse caso, Sua Graça, desde que o senhor mesmo percebeu que toda a infelicidade do seu casamento foi causada pela presença dele, sugeriria que fizesse as correções que pudesse em relação à duquesa, e que tentasse reatar as relações que foram interrompidas de modo tão inconveniente.

— Isso também já foi resolvido, sr. Holmes. Escrevi à duquesa esta manhã.

— Então — disse Holmes, levantando-se — creio que meu amigo e eu podemos nos congratular pelos vários resultados felizes de nossa visitinha ao norte. Há um outro ponto sobre o qual desejo um esclarecimento. Esse sujeito, Hayes, ferrara seus cavalos com ferraduras que imitavam pegadas de vacas. Foi com o sr. Wilder que aprendeu este ardil tão extraordinário?

O duque ficou pensativo por um instante, com uma expressão de surpresa no rosto. Depois abriu uma porta e nos levou até um aposento amplo, decorado como um museu. Foi até uma caixa de vidro num canto, e apontou para a inscrição.

“Estas ferraduras”, lia-se, “foram desencavadas do fosso de Holdernesse Hall. São para o uso de cavalos, mas são moldadas embaixo com uma placa de aço, fendida, a fim de despistar perseguidores. Supõe-se que pertenceram a alguns dos barões saqueadores de Holdernesse, na Idade Média”.

Holmes abriu a caixa e, umedecendo o dedo, passou-o pela ferradura. Uma fina camada de lama recente ficou em sua pele.

— Obrigado — disse, enquanto recolocava o vidro. — É a segunda coisa mais interessante que vi no norte.

— E a primeira?

Holmes dobrou seu cheque e o colocou com cuidado em seu caderno.

— Sou um homem pobre — disse, enquanto o acariciava e o jogava no fundo do seu bolso interno.

A AVENTURA DE BLACK PETER

NUNCA VI MEU AMIGO EM TÃO BOA FORMA, TANTO MENTAL quanto física, como no ano de 1895. Sua fama crescente atraíra uma imensa clientela, e eu seria acusado de indiscrição se me referisse à identidade de alguns dos ilustres clientes que passaram pela nossa humilde soleira na Baker Street. Mas Holmes, como todos os grandes artistas, vivia pelo amor à arte e, salvo no caso do duque de Holdernesse, raramente o vi pedir uma grande recompensa pelos seus inestimáveis serviços. Ele era tão indescritível — ou tão caprichoso — que frequentemente recusava sua ajuda ao poderoso e rico, quando o problema não o atraía, mas seria capaz de dedicar semanas da mais intensa concentração ao caso de algum cliente humilde que tivesse aquelas qualidades estranhas e dramáticas que apelavam para sua imaginação e desafiavam seu talento.

Nesse memorável ano de 1895, uma sucessão curiosa e incongruente de casos ocupara sua atenção, começando com a famosa investigação da morte súbita do cardeal Tosca — uma investigação realizada por ele segundo o desejo expresso de Sua Santidade, o papa — até a prisão de Wilson, o notório treinador de canários, que eliminou uma fonte de corrupção do extremo leste de Londres. Logo após estes dois casos famosos veio a tragédia de Woodman's Lee, e as circunstâncias misteriosas que cercaram a morte do capitão Peter Carey. Nenhum registro dos feitos do sr. Sherlock Holmes estaria completo se não incluísse um relato deste caso incomum.

Durante a primeira semana de julho, meu amigo se ausentava com tanta frequência e por tanto tempo que eu percebi que estava metido em alguma coisa. O fato de que vários homens de aparência rude aparecessem durante

esse período perguntando pelo capitão Basil me fez compreender que Holmes estava trabalhando em algum lugar usando um dos seus numerosos disfarces e nomes com os quais ocultava sua identidade. Ele tinha pelo menos cinco pequenos refúgios em áreas diferentes de Londres, nos quais podia mudar de personalidade. Ele não me falou nada a respeito desse negócio, e eu não tinha o costume de forçar uma confidência. O primeiro sinal positivo que ele me deu do rumo que sua investigação estava tomando foi algo extraordinário. Holmes saíra antes do café da manhã e eu havia me sentado para tomar o meu quando ele entrou apressado na sala, com o chapéu na cabeça e uma lança enfiada como um guarda-chuva debaixo do braço.

— Meu Deus, Holmes! — exclamei. — Você não vai me dizer que estava andando aí por Londres com essa coisa.

— Fui até o açougue e voltei.

— O açougue?

— E voltei com muito apetite. Não se pode duvidar, meu caro Watson, do valor do exercício antes do café da manhã. Mas posso apostar que você não vai adivinhar que tipo de exercício eu fiz.

— Nem vou tentar.

Holmes deu uma risadinha enquanto se servia de café.

— Se você tivesse observado os fundos da loja de Allardyce, teria visto um porco morto pendurado em um gancho preso no teto, e um cavalheiro em mangas de camisa perfurando-o furiosamente com esta arma. Eu era essa pessoa vigorosa, e fiquei satisfeito por constatar que, sem usar a minha força, eu consigo trespassar o porco com um só golpe. Será que você gostaria de tentar?

— De jeito nenhum. Mas por que estava fazendo isso?

— Porque eu achava que tinha uma ligação indireta com o mistério de Woodman’s Lee. Ah, Hopkins, recebi seu telegrama ontem à noite e estava esperando você. Entre e sente-se conosco.

Nosso visitante era um homem extremamente atento, de trinta anos, vestido com um discreto terno de *tweed*, mas que conservava a postura ereta de alguém acostumado a usar uniforme. Eu reconheci logo Stanley Hopkins, um jovem inspetor de polícia, em cujo futuro Holmes tinha grandes esperanças, enquanto ele, por sua vez, demonstrava a admiração e o respeito de um aluno pelos métodos científicos do famoso amador. O rosto

de Hopkins estava com uma expressão sombria, e ele se sentou com um ar de profundo desânimo.

— Não, obrigado, senhor. Eu tomei café antes de vir para cá. Passei a noite na cidade, porque vim ontem para fazer um relato.

— E o que você tinha para relatar?

— Um fracasso, senhor, um fracasso completo.

— Não fez nenhum progresso?

— Nenhum.

— Meu Deus! Preciso examinar esse assunto.

— Gostaria que fizesse isso, sr. Holmes. É a minha primeira grande oportunidade, e eu não sei o que fazer. Pelo amor de Deus, venha me dar uma ajuda.

— Bem, bem, acontece que eu já li todos os depoimentos disponíveis, inclusive o relatório da investigação, com certo cuidado. Por falar nisso, o que acha daquela bolsa para tabaco encontrada no local do crime? Não há nenhuma pista ali?

Hopkins pareceu surpreso.

— A bolsa era do próprio homem. Suas iniciais estavam do lado de dentro. E era de pele de foca; e ele era um velho caçador de focas.

— Mas ele não tinha cachimbo.

— Não, senhor, não encontramos nenhum cachimbo. Na verdade, ele fumava muito pouco, e mesmo assim ele podia guardar um pouco de fumo para os seus amigos.

— Sem dúvida. Eu só mencionei isso porque, se eu estivesse lidando com o caso, usaria isso como ponto de partida da minha investigação. Mas o meu amigo, o dr. Watson, não sabe nada a respeito deste assunto, e não me faria mal nenhum ouvir novamente a sequência dos fatos. Faça um resumo dos pontos principais.

Stanley Hopkins tirou um pedaço de papel do bolso.

— Tenho aqui algumas datas que lhes mostrarão a carreira do homem morto, o capitão Peter Carey. Nasceu em 1845, cinquenta anos de idade. Era o mais ousado e bem-sucedido caçador de focas e baleias. Em 1883 comandou o pesqueiro a vapor *Sea Unicorn*, de Dundee. Fez então várias viagens sucessivas com êxito e no ano seguinte, 1884, se aposentou. Depois disso, viajou durante alguns anos e finalmente comprou uma pequena

propriedade chamada Woodman’s Lee, perto de Forest Row, no Sussex. Viveu ali durante seis anos e lá morreu há uma semana.

“Havia alguns detalhes muito estranhos sobre o homem. Na sua vida comum, era um puritano convicto — um sujeito silencioso e sombrio. Ele morava com a esposa, sua filha de vinte anos e duas criadas. Estas duas eram trocadas constantemente, porque a situação nunca era muito animadora, e às vezes ficava insustentável. O homem estava permanentemente bêbado e, quando lhe subia à cabeça, era um perfeito demônio. Sabia-se que levava a esposa e a filha para fora de casa no meio da noite e as açoitava no parque até que a vila inteira fosse despertada pelos gritos delas.

“Uma vez ele foi intimado por causa de uma tentativa feroz de agressão contra o velho vigário, que fora visitá-lo para queixar-se de sua conduta. Em suma, sr. Holmes, teria de procurar muito para encontrar um homem mais perigoso que Peter Carey, e ouvi dizer que agia da mesma maneira quando comandava seu navio. Era conhecido pelo apelido de Black Peter, e recebeu o nome não só por causa de sua tez morena e a cor de sua barba imensa, mas também por suas extravagâncias que eram o terror de todos à sua volta. Não preciso dizer que era detestado e evitado por todos os vizinhos, e que não ouvi uma só palavra de pesar sobre seu fim terrível.

“Deve ter lido no relatório do inquérito sobre a cabine do homem, sr. Holmes, mas talvez seu amigo não saiba disso: ele mesmo construiu uma casinha de madeira — sempre a chamou de ‘cabine’ — a algumas centenas de metros de sua casa, e era ali que dormia todas as noites. Era uma cabana pequena de um único cômodo de cinco metros por três. Guardava a chave no bolso, fazia sua própria cama, ele mesmo a limpava e não permitia que outros pés atravessassem a soleira. Ela tem janelas pequenas de cada lado, cobertas por cortinas e que nunca são abertas. Uma dessas janelas dava para a estrada principal e quando havia luz ali à noite, as pessoas a apontavam para os outros e ficavam imaginando o que Black Peter estaria fazendo. Esta é a janela, sr. Holmes, que nos deu um dos poucos fragmentos de evidência que apareceram no inquérito.

“O senhor lembra que um pedreiro chamado Slater, que vinha a pé de Forest Row por volta de uma hora — dois dias antes do assassinato —, parou ao passar por perto e olhou para o quadrado de luz que ainda brilhava por entre as árvores. Ele jura que a sombra da cabeça de um homem de

perfil era claramente visível na cortina, e que esta sombra com certeza não era a de Peter Carey, que ele conhecia bem. Era a de um homem com barba, mas essa barba era curta e eriçada para a frente de um modo diferente da do capitão. É o que ele diz, mas tinha ficado durante duas horas no bar e há uma certa distância entre a estrada e a janela. Além disso, isto se refere à segunda-feira e o crime foi cometido na quarta.

"Na terça, Peter Carey estava num de seus piores humores, inflamado pela bebida e tão selvagem quanto uma perigosa besta danada. Ficou perambulando pela casa e as mulheres corriam quando o ouviam chegar. Tarde da noite, foi para sua própria cabana. Por volta das duas horas, sua filha, que dormia com a janela aberta, ouviu um grito de pavor vindo daquela direção, mas não era raro ele rosnar e gritar quando estava bêbado, de modo que ela não tomou conhecimento. Ao se levantar às sete horas, uma das criadas notou que a porta da cabana estava aberta, mas era tão grande o terror que o homem inspirava que só ao meio-dia alguém se arriscaria a ir ver o que acontecera com ele. Espreitando pela porta aberta, tiveram uma visão que as fez vir correndo, com os rostos pálidos, para a vila. Em uma hora eu estava no local e já assumia o comando do caso.

"Ora, tenho nervos resistentes como sabe, sr. Holmes, mas dou-lhe minha palavra que senti um arrepio quando enfiei a cabeça dentro daquela casinha. Estava zumbindo como um harmônio com as moscas e varejeiras; o chão e as paredes pareciam um matadouro. Ele a chamava de cabine, e era uma cabine com certeza, pois a gente podia pensar que estava num barco. Havia um beliche de um lado, um baú de marinheiro, mapas e cartas marítimas, um retrato do *Sea Unicorn*, uma fila de diários de bordo numa prateleira, tudo exatamente como se esperaria que fosse a cabine de um capitão. E ali, no meio do quarto, estava o próprio homem — seu rosto crispado como uma alma perdida atormentada, e sua grande barba raiada voltada para cima em sua agonia. Um arpão de aço fora enfiado no seu peito largo e penetrara fundo na madeira da parede atrás dele. Ele estava pregado como um inseto num cartão. É claro que estava morto, e desde o instante em que dera o último grito de agonia.

"Conheço seus métodos, senhor, e os apliquei. Antes de permitir que qualquer coisa fosse mexida, examinei com o maior cuidado o chão do lado de fora e também o assoalho no quarto. Não havia pegadas."

— Quer dizer que não viu nenhuma?

— Garanto-lhe, senhor, que não havia nenhuma.

— Meu bom Hopkins, já investiguei muitos crimes, mas ainda não vi nenhum cometido por uma criatura voadora. Desde que o criminoso tenha duas pernas, tem de haver alguma marca, alguma esfoladura, alguma modificação insignificante que pode ser detectada por um pesquisador científico. É inacreditável que esse aposento salpicado de sangue não contivesse vestígios que pudessem nos ajudar. Contudo, percebi pelo inquérito que havia certos objetos que deixou de inspecionar?

O jovem inspetor encolheu-se ao ouvir os comentários irônicos do meu amigo.

— Fui um tolo em não chamá-lo naquela ocasião, sr. Holmes. Mas isso são águas passadas. Sim, havia vários objetos no quarto que exigiam atenção especial. Um era o arpão com que o crime foi cometido. Fora retirado de uma estante na parede. Dois outros permaneceram lá, e havia um lugar vago para o terceiro. No cabo estava gravado “*S.S. Sea Unicorn,* Dundee”. Isto parece indicar que o crime foi cometido num momento de fúria e que o assassino pegou a primeira arma que encontrou à mão. O fato de o crime ter sido cometido às duas horas, e de Peter Carey ainda estar completamente vestido, sugere que ele tinha um encontro com o assassino, o que é confirmado pelo fato de que uma garrafa de rum e dois copos usados estavam em cima da mesa.

— Sim — disse Holmes —, creio que as duas deduções são admissíveis. Havia alguma outra bebida além do rum no quarto?

— Sim. Havia um cântaro contendo *brandy* e uísque na arca. Mas isto não é importante para nós, já que as garrafas estavam cheias e ainda não tinham sido usadas.

— Por tudo isso, a presença delas tem importância — disse Holmes. — Mas vamos ouvir algo mais sobre os objetos que lhe parecem ter alguma coisa a ver com o caso.

— Havia essa tabaqueira na mesa.

— Em que parte da mesa?

— Estava no centro. Era de couro ordinário de foca, o couro de cerdas curtas, com uma tira de couro para amarrar. Por dentro da aba estava gravado “P.C.”. Havia meia onça de tabaco forte de navio lá dentro.

— Excelente! O que mais?

Stanley Hopkins tirou do bolso um caderninho de anotações forrado com um tecido grosso de lã. A parte externa estava enrugada e gasta, as folhas desbotadas. Na primeira página estavam escritas as iniciais “J.H.N.” e a data “1883”. Holmes o colocou na mesa e o examinou do seu jeito minucioso, enquanto Hopkins e eu olhávamos por cima dos ombros dele. Na segunda página estavam impressas as letras “C.P.R.” e depois vinham várias páginas de números. Outro título era “Argentina”, outro “Costa Rica” e outro “São Paulo”, cada um com páginas de símbolos e números depois.

— O que acha disto? — perguntou Holmes.

— Parecem listas de ações da Bolsa de Valores. Pensei que “J.H.N.” fossem as iniciais de um corretor e que “C.P.R.” talvez fosse seu cliente.

— Tente Canadian Pacific Railway — disse Holmes.

Stanley Hopkins praguejou baixinho e bateu na coxa com a mão fechada.

— Que tolo eu fui! — exclamou. — É claro que é isso. Então “J.H.N.” são as únicas iniciais que temos de descobrir. Já examinei as velhas listas da Bolsa de Valores e não consegui achar ninguém em 1883, na casa ou entre os outros corretores, cujas iniciais correspondessem a essas. Mesmo assim acho que esta pista é a mais importante que tenho. Talvez concorde, sr. Holmes, que há uma possibilidade de que estas iniciais sejam as da segunda pessoa que esteve presente; em outras palavras, do assassino. Também insisto que o aparecimento no caso de um documento relacionado com a grande quantidade de ações valiosas nos dá pela primeira vez alguma indicação de um motivo para este crime.

O rosto de Sherlock Holmes mostrava que ele fora apanhado de surpresa por este novo fato.

— Devo admitir os dois pontos — disse. — Confesso que este caderninho de anotações, que não apareceu no inquérito, modifica qualquer opinião que eu tenha formado. Eu havia elaborado uma teoria do crime na qual não encontro lugar para isto. Tentou procurar alguns dos títulos mencionados aqui?

— Estão sendo feitas investigações agora nos escritórios, mas receio que os registros completos destes acionistas sul-americanos estejam na América do Sul, e que sejam necessárias algumas semanas até que possamos rastrear as ações.

Holmes estivera examinando a capa do caderno com sua lente de aumento.

— Certamente existe aqui alguma descoloração — disse.

— Sim, senhor, é uma mancha de sangue. Eu lhe disse que peguei o livro do chão.

— A mancha de sangue estava em cima ou embaixo?

— No lado próximo às tábuas.

— O que prova, é claro, que o livro foi largado depois que o crime foi cometido.

— Exatamente, sr. Holmes. Observei esse detalhe e imaginei que foi largado pelo assassino na sua fuga apressada. Estava perto da porta.

— Suponho que nenhum destes títulos foi encontrado entre os bens do morto.

— Não, senhor.

— Tem algum motivo para suspeitar de roubo?

— Não, senhor. Nada parece ter sido tocado.

— Este com certeza é um caso muito interessante. Então havia uma faca, não?

— Uma faca de estojo, ainda na sua bainha. Estava aos pés do morto. A sra. Carey a identificou como sendo de propriedade do marido.

Holmes ficou pensando durante algum tempo.

— Bem — disse por fim —, acho que tenho de sair e dar uma olhada.

Stanley Hopkins deu um grito de alegria.

— Obrigado, senhor. Na verdade, tirará um peso da minha consciência.

Holmes balançou o dedo na direção do inspetor.

— Teria sido uma tarefa mais fácil uma semana atrás — disse. — Mas mesmo agora minha visita pode não ser totalmente infrutífera. Watson, se dispuser de tempo, ficaria muito grato pela sua companhia. Se chamar uma carruagem, Hopkins, estaremos prontos para partir para Forest Row em 15 minutos.

Saltando na pequena estação à margem da estrada, percorremos alguns quilômetros em meio aos restos espalhados de bosques, que haviam sido parte da grande floresta que por muito tempo manteve os saxões invasores a distância — a impenetrável *weald*,[20] por sessenta anos o baluarte da Inglaterra. Vastas porções dela foram desmatadas, porque este é o local das primeiras usinas siderúrgicas do país, e as árvores foram cortadas para fundir o minério. Agora os campos mais ricos do norte absorveram o ofício

e nada, a não ser estes bosques devastados e grandes marcas na terra, mostra o trabalho do passado. Aqui, numa clareira sobre a encosta verdejante de uma colina, ficava uma casa de pedra, comprida e baixa, onde se chegava por um caminho tortuoso que passava pelos campos. Mais perto da estrada e cercada por arbustos em três lados, havia uma pequena cabana, uma janela e a porta se abrindo na nossa direção. Era o cenário do crime.

Stanley Hopkins nos levou primeiro para a casa, onde nos apresentou a uma mulher maltratada e de cabelos grisalhos, a viúva do homem assassinado, cujo rosto descarnado, com rugas profundas e uma expressão furtiva de terror no fundo dos olhos vermelhos revelava os anos de dureza e maus-tratos a que fora submetida. Com ela estava a filha, uma garota pálida e loura, cujos olhos tinham um brilho desafiador enquanto nos dizia que estava contente por seu pai estar morto, e que abençoava a mão que o matara. Era uma péssima família a que Black Peter Carey formara para si, e foi com alívio que nos encontramos de novo sob a luz do sol e andando por um caminho que fora trilhado pelos pés do morto.

A cabana era uma moradia das mais simples, paredes de madeira, teto de telhas de ardósia, uma janela ao lado da porta e uma outra nos fundos. Stanley Hopkins tirou a chave do bolso e a colocara na fechadura quando parou, com uma expressão atenta e surpresa no rosto.

— Alguém tentou forçá-la — disse.

Não havia dúvida sobre isso. A madeira estava cortada, e os arranhões apareciam brancos na pintura, como se tivessem sido feitos naquele instante. Holmes estivera examinando a janela.

— Alguém tentou forçar isto também. Seja quem for, não conseguiu entrar. Deve ser um ladrão muito medíocre.

— Esta é uma coisa extraordinária — disse o inspetor. — Eu podia jurar que estas marcas não estavam aqui ontem à noite.

— Algum curioso da vila, talvez — sugeri.

— Bastante improvável. Poucos deles ousariam entrar nesta propriedade, muito menos forçar a entrada na cabine. O que acha disso, sr. Holmes?

— Acho que o acaso está sendo muito bom conosco.

— Quer dizer que a pessoa voltará?

— É muito provável. Ele veio esperando encontrar a porta aberta. Tentou entrar com a lâmina de um pequeno canivete. Não conseguiu. O que ele faria?

— Voltaria na noite seguinte com uma ferramenta mais útil.

— É o que eu diria. Será uma falha nossa se não estivermos aqui para recebê-lo. Enquanto isso, deixe-me ver o interior da cabine.

As marcas da tragédia tinham sido removidas, mas a mobília dentro do pequeno aposento ainda estava como na noite do crime. Durante duas horas, com a mais intensa concentração, Holmes examinou cada objeto, mas seu rosto mostrava que a busca não fora bem-sucedida. Apenas uma vez parou em sua investigação paciente.

— Tirou alguma coisa desta prateleira, Hopkins?

— Não, não tirei nada.

— Algo foi retirado. Há menos pó neste canto da prateleira do que em qualquer outro lugar. Deveria haver um livro neste lugar. Talvez fosse uma caixa. Bem, não posso fazer mais nada. Vamos andar por esses lindos bosques, Watson, e dedicar algumas horas aos pássaros e às flores. Encontraremos o senhor mais tarde, Hopkins, e vamos ver se podemos chegar mais perto desse cavalheiro que fez esta visita noturna.

Passava das 23 horas quando montamos nossa pequena emboscada. Hopkins preferia deixar a porta da cabana aberta, mas Holmes era de opinião que isto despertaria suspeitas no estranho. A fechadura era bastante simples e era preciso apenas uma lâmina forte para puxá-la. Holmes sugeriu também que deveríamos esperar não dentro da cabana, mas do lado de fora, entre os arbustos que cresciam perto da janela dos fundos. Assim teríamos condições de observar nosso homem se acendesse uma luz, e descobrir o objetivo de sua visita noturna clandestina.

Foi uma vigília longa e melancólica, e mesmo assim provocou um pouco da emoção que o caçador sente enquanto espreita perto do bebedouro, esperando a chegada da presa sedenta. Que criatura selvagem era aquela que nos apareceria da escuridão? Seria um feroz tigre do crime, que só poderia ser capturado se lutássemos contra garras e unhas, ou seria algum chacal esquivo, perigoso apenas para os fracos e desprotegidos?

Em absoluto silêncio nos agachamos entre os arbustos, esperando pelo que viesse. No início os passos de alguns aldeãos retardatários ou o som de vozes provenientes da vila aliviaram nossa vigília, mas uma a uma essas interrupções desapareceram ao longe e uma quietude absoluta nos envolveu, quebrada apenas pelo toque dos sinos da igreja distante, que

indicava o avanço da noite, e pelo farfalhar de uma chuva fina caindo nas folhagens que nos cobriam.

Já passava de 2h30, e era a hora mais escura antes do raiar do dia, quando nos sobressaltamos com um clique baixo, mas agudo, vindo da direção do portão. Alguém tinha entrado pelo caminho. De novo houve um silêncio longo, e eu começara a pensar que fora um alarme falso quando ouvimos um passo furtivo do outro lado da cabana e logo depois um arranhão e um tinido metálico. O homem tentava forçar a porta. Desta vez sua habilidade era maior, ou sua ferramenta melhor, pois houve um súbito estalido e o rangido de dobradiças. Depois um fósforo foi aceso e logo em seguida a luz fraca de uma vela encheu o interior da cabana. Através da cortina fina nossos olhos estavam fixos na cena lá dentro.

O visitante noturno era um jovem magro e fraco, com um bigode preto que realçava a palidez mortal do rosto. Não tinha muito mais de vinte anos. Nunca vi nenhum ser humano que parecesse sentir medo tão lastimável, pois seus dentes estavam batendo visivelmente, e todos os seus membros tremiam. Vestia-se como um cavalheiro, com um colete Norfolk, um calção folgado e um chapéu de pano na cabeça. Ficamos observando enquanto ele olhava em volta com expressão assustada. Depois deixou o castiçal na mesa e desapareceu de nossa vista num dos cantos. Voltou com um livro grande, um dos diários de bordo que formavam uma fila na prateleira. Pôs o livro na mesa e virou rapidamente as folhas até que chegou ao que procurava. Então, com um gesto de raiva de suas mãos crispadas, fechou o livro, colocou-o de volta no canto e apagou a luz. Mal havia se virado para sair da cabana quando a mão de Hopkins agarrou o colarinho do sujeito, e ouvi seu arquejo alto de terror ao compreender que fora apanhado. A vela foi acesa de novo e lá estava nosso infeliz prisioneiro, tremendo e encolhido na mão do detetive. Ele se sentou na arca e olhou indefeso para cada um de nós.

— Agora, meu camarada — disse Stanley Hopkins —, quem é você, e o que quer aqui?

O homem endireitou-se e nos encarou com um esforço de autocontrole.

— São detetives, eu suponho? — disse. — Imaginam que estou ligado à morte do capitão Peter Carey. Eu lhes garanto que sou inocente.

— Veremos isso — disse Hopkins. — Antes de mais nada, qual é o seu nome?

— É John Hopley Neligan.

Vi Holmes e Hopkins trocarem um rápido olhar.
— O que está fazendo aqui?
— Posso falar confidencialmente?
— Não, claro que não.
— Por que eu lhe diria?
— Se não tiver resposta, pode ser pior para você no julgamento.
O jovem estremeceu.
— Bem, eu lhes direi — concordou. — Por que não? E ainda assim odeio pensar neste velho escândalo ganhando uma nova vida. Já ouviu falar de Dawson e Neligan?
Pude ver, pelo rosto de Hopkins, que ele nunca ouvira, mas Holmes ficou muito interessado.
— Quer dizer os banqueiros do West Country — disse. — Eles faliram, arruinaram metade das famílias do condado de Cornwall e Neligan desapareceu.
— Exatamente. Neligan era meu pai.
Finalmente estávamos conseguindo algo positivo e mesmo assim parecia haver uma enorme distância entre um banqueiro foragido e o capitão Peter Carey pregado à parede com um de seus próprios arpões. Todos nós ouvimos atentamente as palavras do rapaz.
— Meu pai foi o verdadeiro atingido. Dawson se aposentara. Eu tinha apenas dez anos de idade naquela época, mas era suficientemente crescido para sentir a vergonha e o horror de tudo aquilo. Sempre se disse que meu pai roubou todos os títulos e fugiu. Não é verdade. Ele acreditava que se lhe dessem tempo para vendê-los, tudo ficaria bem e todos os credores seriam pagos integralmente. Partiu em seu pequeno iate para a Noruega um pouco antes de ser expedido o seu mandado de prisão. Posso me lembrar da última noite, quando deu adeus à minha mãe. Ele nos deixou uma lista dos títulos que estava levando e jurou que voltaria com sua honra limpa, e que nenhum dos que confiaram nele iria sofrer. Bem, nunca mais se ouviu falar nele. Tanto ele como o iate sumiram completamente. Acreditávamos, minha mãe e eu, que os dois, com os títulos que levavam, estavam no fundo do mar. Mas tínhamos um amigo fiel, que é um homem de negócios, e foi ele quem descobriu pouco tempo atrás que alguns dos títulos que estavam com meu pai reapareceram no mercado de Londres. Vocês podem imaginar nossa surpresa. Passei meses procurando-os e por fim, depois de muitas dúvidas e

dificuldades, descobri que o vendedor original fora o capitão Peter Carey, o dono desta cabana.

“Naturalmente fiz algumas investigações sobre o homem. Descobri que esteve no comando de uma baleeira que voltava dos mares do Ártico na mesma época em que meu pai atravessava para a Noruega. O outono daquele ano foi tempestuoso, e houve uma longa sucessão de ventos fortes ao sul. O iate de meu pai pode muito bem ter sido empurrado para o norte pelos ventos e lá ter sido encontrado pelo barco do capitão Peter Carey. Se foi assim, o que aconteceu com meu pai? De qualquer modo, se pudesse mostrar, pelo testemunho de Peter Carey, como estes títulos chegaram ao mercado, seria uma prova de que meu pai não os vendeu e que não visava ao lucro pessoal quando os levou.

“Vim para Sussex com a intenção de ver o capitão, mas foi nessa ocasião que ocorreu sua morte terrível. Li no inquérito uma descrição da cabine dele que dizia que velhos diários de bordo de sua embarcação eram conservados ali. Ocorreu-me que, se pudesse ver o que aconteceu no mês de agosto de 1883 a bordo do *Sea Unicorn*, poderia esclarecer o mistério do destino de meu pai. Na noite passada tentei chegar a esses diários, mas não consegui abrir a porta. Esta noite tentei de novo e consegui, mas descobri que as páginas relativas àquele mês haviam sido arrancadas do livro. Foi naquele momento que me vi prisioneiro em suas mãos.”

— Isso é tudo? — perguntou Hopkins.

— Sim, isso é tudo. — Seus olhos se esquivaram quando falou.

— Não tem mais nada a nos dizer?

Ele hesitou.

— Não, não há nada.

— Não esteve aqui antes da noite passada?

— Não.

— Então, como explica *isso*? — exclamou Hopkins, enquanto mostrava o caderninho acusador, com as iniciais de nosso prisioneiro na primeira página e a mancha de sangue na capa.

O pobre rapaz desmoronou. Mergulhou o rosto nas mãos e tremia todo.

— Onde o conseguiu? — murmurou. — Não sabia. Pensei que o perdera no hotel.

— Isso é o suficiente — disse Hopkins com frieza. — O que quer que ainda tenha a dizer, o fará no tribunal. Virá comigo até a delegacia. Bem, sr.

Holmes, estou muito agradecido ao senhor e ao seu amigo por terem vindo me ajudar. Sua presença acabou sendo desnecessária, e eu teria chegado a este final bem-sucedido sem o senhor, mas mesmo assim estou grato. Foram reservados quartos para vocês no Hotel Brambletye, de modo que podemos ir juntos até a vila.

— Bem, Watson, o que acha disso? — perguntou Holmes, na viagem de volta na manhã seguinte.

— Posso ver que não está satisfeito.

— Oh, sim, meu caro Watson, estou perfeitamente satisfeito. Ao mesmo tempo, os métodos de Stanley Hopkins não me inspiram confiança. Estou decepcionado com Stanley Hopkins. Eu esperava uma atuação melhor dele. Deve-se procurar sempre uma possível alternativa, e se precaver contra ela. É a primeira regra da investigação criminal.

— Qual é então a alternativa?

— A linha de investigação que eu mesmo venho seguindo. Pode não dar em nada. Não poderia dizer. Mas pelo menos eu a seguirei até o fim.

Várias cartas estavam esperando por Sherlock Holmes na Baker Street. Pegou uma delas, abriu-a e explodiu numa risada de regozijo triunfante.

— Excelente, Watson! A alternativa progride. Tem formulários de telegramas? Escreva algumas mensagens para mim: “Sumner, Agência de barcos, estrada Ratcliff. Mande três homens, para chegar amanhã de manhã. Basil.” Este é o meu nome por aqueles lados. A outra é: “Inspetor Stanley Hopkins, 46, Lord Street, Brixton. Venha para o café da manhã amanhã às 9h30. Importante. Telegrafar se não puder. Sherlock Holmes.” É, Watson, este caso infernal me prendeu por dez dias. Com isto eu o tirarei completamente da minha presença. Amanhã acredito que ouviremos falar nele pela última vez.

Exatamente na hora marcada o inspetor Stanley Hopkins apareceu e nos sentamos para tomar o ótimo café da manhã que a sra. Hudson preparara. O jovem detetive estava de bom humor por causa de seu êxito.

— Tem certeza de que sua solução é a correta? — perguntou Holmes.

— Não poderia imaginar um caso mais completo.

— Não me parece conclusivo.

— O senhor me espanta, sr. Holmes. O que mais alguém poderia querer?

— Sua explicação abrange todos os pontos?

— Sem dúvida alguma. Descobri que o jovem Neligan chegou ao Hotel Brambletye no mesmo dia do crime. Veio com o falso objetivo de jogar golfe. Seu quarto era no primeiro andar, e podia sair quando quisesse. Naquela noite foi ao Woodman's Lee, viu Peter Carey na cabana, discutiu com ele e o matou com o arpão. Depois, horrorizado com o que fizera, fugiu da cabana, deixando cair o caderno de anotações que levara para interrogar Peter Carey sobre os diferentes títulos. Deve ter observado que alguns deles estavam marcados com um ponto, e os outros, a grande maioria, não. Os que estão marcados foram encontrados no mercado de Londres, mas os outros, presumivelmente, ainda estavam com Carey, e o jovem Neligan, de acordo com seu próprio depoimento, estava ansioso para reavê-los a fim de fazer a coisa certa pelos credores de seu pai. Depois de sua fuga, ele não ousou se aproximar da cabana durante algum tempo, mas por fim obrigou-se a fazer isso para obter a informação de que precisava. Tudo isto não é simples e óbvio?

Holmes sorriu e balançou a cabeça.

— Parece haver um único senão, Hopkins: que isto é intrinsecamente impossível. Já tentou enfiar um arpão num corpo? Não? Tsc, tsc, meu caro, deve realmente prestar atenção nestes detalhes. Meu amigo Watson poderia contar-lhe que passei uma manhã inteira nesse exercício. Não é fácil, e requer um braço forte e experiente. Mas este golpe foi dado com tanta violência que a ponta da arma cravou-se profundamente na parede. Você imagina que esse jovem anêmico seria capaz de um ataque tão assustador? É ele o homem que bebeu rum e água com Peter Carey na calada da noite? Era dele o perfil visto na cortina duas noites antes? Não, não, Hopkins, é uma pessoa diferente e mais terrível a que devemos procurar.

O rosto do detetive ficava cada vez mais decepcionado enquanto Holmes falava. Suas esperanças e ambições iam por água abaixo. Mas não abandonaria sua posição sem luta.

— Não pode negar que Neligan estava presente naquela noite, sr. Holmes. O livro provará isso. Imagino que tenho provas suficientes para satisfazer a um júri, mesmo que o senhor esteja em condições de achar defeitos nelas. Além disso, sr. Holmes, pus a mão no *meu* homem. Quanto a esta pessoa terrível do senhor, onde está?

— Creio que está lá embaixo — disse Holmes com serenidade. — Acho, Watson, que seria bom pôr aquele revólver ao alcance da mão. —

Levantou-se e deixou um pedaço de papel escrito na mesa. — Agora estamos prontos — disse.

Ouvimos uma conversa em vozes grosseiras do lado de fora, e agora a sra. Hudson abria a porta para dizer que havia três homens perguntando pelo capitão Basil.

— Deixe-os entrar um por um — disse Holmes.

O primeiro que entrou era um homem pequeno, um estupendo Ribston, com as bochechas rosadas e suíças de uma penugem branca. Holmes tirara uma carta do bolso.

— Qual é o nome? — perguntou.

— James Lancaster.

— Desculpe-me, Lancaster, mas o lugar está ocupado. Aqui está meio soberano pelo incômodo. Fique naquela sala e espere alguns minutos.

O segundo era um sujeito alto, magro, com cabelos escorridos e rosto pálido. Seu nome era Hugh Pattins. Também foi recusado, recebeu seu meio soberano e a ordem de esperar.

O terceiro candidato era um homem de aparência notável. Um rosto de buldogue feroz era emoldurado por uma mistura de cabelo e barba, e dois olhos escuros e atrevidos brilhavam por trás da cobertura das sobrancelhas cerradas e proeminentes. Cumprimentou-nos e ficou parado do jeito dos marinheiros, revirando o chapéu nas mãos.

— Seu nome? — perguntou Holmes.

— Patrick Cairns.

— Arpoador?

— Sim, senhor. Vinte e seis viagens.

— Dundee, suponho?

— Sim, senhor.

— E pronto para começar num barco de exploração?

— Sim, senhor.

— Qual o salário?

— Oito libras por mês.

— Poderia começar imediatamente?

— Assim que pegasse meu equipamento.

— Tem seus papéis?

— Sim, senhor. — Tirou um maço de papéis amarelados e gordurosos do bolso. Holmes deu uma olhada neles e os devolveu.

— Você é exatamente o homem que quero — disse. — O contrato está naquela mesa. Se assiná-lo, tudo estará resolvido.

O homem do mar cambaleou pela sala e pegou a caneta.

— Devo assinar aqui? — perguntou, curvando-se sobre a mesa.

Holmes debruçou-se sobre o ombro dele e passou as duas mãos pelo pescoço dele.

— Isto servirá — disse.

Ouvi um clique de aço e um rugido como o de um touro enfurecido. Logo depois Holmes e o marujo estavam rolando pelo chão. Era um homem de uma força tão grande que, mesmo com as algemas que Holmes agilmente colocara em seus pulsos, teria subjugado rapidamente o meu amigo se Hopkins e eu não tivéssemos corrido em sua ajuda. Somente quando pressionei a boca fria do meu revólver contra sua têmpora é que ele compreendeu que qualquer resistência seria inútil. Amarramos seus tornozelos com uma corda e nos levantamos ofegantes por causa da luta.

— Devo pedir desculpas, Hopkins — disse Sherlock Holmes. — Receio que os ovos mexidos estejam frios. Mas aproveitará melhor do resto de seu desjejum, considerando-se que levou o caso a uma conclusão triunfante.

Stanley Hopkins estava mudo de assombro.

— Não sei o que dizer, sr. Holmes — murmurou finalmente, com o rosto vermelho. — Parece que tenho feito papel de tolo desde o começo. Compreendo, agora, o que nunca devia ter esquecido, que eu sou o pupilo e o senhor, o mestre. Mesmo depois de ter visto o que fez, não sei como fez ou o que isso significa.

— Ora, ora — disse Holmes, bem-humorado. — Todos aprendemos por experiência, e a sua lição desta vez é que nunca deve perder de vista a alternativa. Estava tão concentrado no jovem Neligan que não conseguiu precisar em Patrick Cairns o verdadeiro assassino de Peter Carey.

A voz possante do marinheiro interrompeu nossa conversa.

— Olhe aqui, senhor — disse —, não reclamo de estar amarrado desta maneira, mas gostaria que chamassem as coisas pelos seus nomes corretos. Vocês dizem que eu assassinei Peter Carey, eu digo que *matei* Peter Carey, e aí está toda a diferença. Talvez não acreditem no que digo. Talvez pensem que estou lhes contando uma mentira.

— Em absoluto — disse Holmes. — Vamos ouvir o que tem a dizer.

— Vou contar logo, e, por Deus, cada palavra será verdadeira. Eu conhecia Black Peter, e quando ele puxou sua faca, espetei-o bem fundo com o arpão, pois sabia que era ele ou eu. Foi assim que ele morreu. Podem chamar isto de assassinato. De qualquer maneira, prefiro morrer com uma corda no pescoço do que com a faca de Black Peter no meu coração.

— Como chegou lá? — perguntou Holmes.

— Vou contar-lhe tudo desde o início. Apenas deixe-me sentar um pouco, para que possa falar mais facilmente. Foi em 1883 que aconteceu, em agosto daquele ano. Peter Carey era o comandante do *Sea Unicorn*, e eu era o segundo arpoador. Estávamos saindo de uma área de gelo a caminho de casa, com vento contrário e um temporal de uma semana no sul, quando encontramos uma pequena embarcação que fora empurrada para o norte pelo vento. Só havia um homem nela, um homem de terra firme. A tripulação pensou que ela iria afundar e partiu para a costa da Noruega num barco a remo. Acho que todos se afogaram. Bem, trouxemos esse homem para bordo, e ele e o capitão tiveram uma longa conversa na cabine. Toda sua bagagem, que trouxemos junto com ele, se resumia a uma caixa de metal. Pelo que sei, o nome do sujeito nunca foi mencionado, e na segunda noite desapareceu, como se nunca tivesse estado lá. Disseram que se jogara no mar, ou caíra nas águas turbulentas que atravessávamos. Somente um homem sabia o que acontecera com ele, eu, porque, com meus próprios olhos, vi o capitão amarrar os calcanhares dele e jogá-lo por cima da balaustrada no meio da noite escura, dois dias antes de avistarmos os faróis das Shetlands.

"Bem, guardei o que eu sabia para mim, e esperei para ver o que iria acontecer. Quando chegamos à Escócia, isso foi facilmente abafado, e ninguém fez perguntas. Um estranho morrera por acidente, e ninguém tinha nada o que perguntar. Pouco depois Peter Carey desistiu do mar, e passaram-se muitos anos até que eu descobrisse onde estava. Imaginei que ele havia feito aquilo para ficar com o que havia na caixa, e que poderia agora me pagar bem pelo meu silêncio.

"Descobri onde estava por intermédio de um marinheiro que o encontrara em Londres, e fui lá para arrancar dinheiro dele. Na primeira noite ele estava bem razoável, e pronto a me dar uma quantia que me permitisse largar o mar para sempre. Íamos acertar tudo dois dias mais tarde. Quando cheguei, encontrei-o quase totalmente bêbado e num péssimo humor.

Sentamo-nos, bebemos e mentimos sobre os velhos tempos, mas quanto mais ele bebia, menos eu gostava de olhar para o rosto dele. Eu tinha visto aquele arpão na parede e pensei que poderia precisar dele antes de sair. Então, afinal, ele veio para cima de mim, praguejando e bufando, com o homicídio nos olhos e uma grande faca de mola na mão. Não teve tempo de tirá-la da bainha antes que eu o espetasse com o arpão. Deus! que grito ele deu! e seu rosto sempre aparece nos meus sonhos. Fiquei ali, com o sangue dele espirrando à minha volta, e esperei um pouco, mas tudo estava tranquilo, de modo que me acalmei de novo. Olhei em volta, e lá estava a caixa de metal na prateleira. De qualquer maneira, eu tinha tanto direito a ela quanto Peter Carey, de modo que eu a apanhei e saí da cabana. Como um tolo, deixei minha tabaqueira na mesa.

"Agora vou lhes contar a parte mais interessante de toda a história. Mal havia saído da cabana quando escutei alguém se aproximando, e me escondi entre os arbustos. Um homem chegou sorrateiramente, entrou na casinha, deu um grito como se tivesse visto um fantasma, e se afastou o mais depressa que pôde, até que o perdi de vista. Quem ele era ou o que queria não posso dizer. De minha parte, andei mais de dez quilômetros, peguei um trem em Tunbridge Wells e assim cheguei a Londres, sem saber de mais nada.

"Ora, quando fui examinar a caixa, descobri que não havia nenhum dinheiro ali, apenas papéis que eu não ousaria vender. Perdera minha influência sobre Black Peter e fiquei abandonado em Londres sem um xelim. Só restou o meu ofício. Vi estes anúncios sobre arpoadores, e altos salários, fui até a companhia de navegação e me mandaram aqui. Isto é tudo o que sei, e repito que se matei Black Peter, a lei deveria me agradecer, pois poupei a eles o custo de uma corda de cânhamo."

— Um relato muito claro — disse Holmes, levantando-se e acendendo o cachimbo. — Acho, Hopkins, que você não deveria perder tempo em levar seu prisioneiro para um lugar mais seguro. Esta sala não é própria para uma cela, e o sr. Patrick Cairns ocupa um espaço muito grande no nosso tapete.

— Sr. Holmes — disse Hopkins —, não sei como expressar minha gratidão. Mesmo agora não entendo como chegou a esse resultado.

— Simplesmente tendo a boa sorte de seguir a pista certa desde o início. É possível que, se soubesse deste caderninho de anotações, tivesse ido por outro caminho, como você fez. Mas tudo que ouvi apontava numa só

direção. A força espantosa, a habilidade no uso do arpão, o rum com água, a tabaqueira de pele de foca com um tabaco ordinário, tudo isso apontava para um marujo que tivesse sido pescador de baleias. Estava convencido de que as iniciais "P.C." na tabaqueira eram uma coincidência, e não as de Peter Carey, já que ele fumava raramente, e nenhum cachimbo foi encontrado na cabine. Lembre-se de que perguntei se tinham encontrado uísque e *brandy* lá. Você disse que sim. Quantos homens de terra firme iriam beber rum quando podiam ter outras bebidas? Sim, eu tinha certeza de que era um marinheiro.

— E como o encontrou?

— Meu caro senhor, o problema ficara bem simples. Se era um homem do mar, só poderia ser alguém que tivesse estado com ele no *Sea Unicorn*. Pelo que sei, não viajou em nenhum outro barco. Passei três dias telegrafando para Dundee, e no fim desse prazo, tinha os nomes da tripulação do *Sea Unicorn* em 1883. Quando encontrei Patrick Cairns entre os arpoadores, minha pesquisa estava chegando ao final. Deduzi que o homem provavelmente estava em Londres, e que queria sair do país por algum tempo. Portanto passei alguns dias no East End, organizei uma expedição ao Ártico, apresentei condições bastante tentadoras para arpoadores que iriam trabalhar para o capitão Basil... e fiquei esperando para ver o resultado!

— Maravilhoso! — exclamou Hopkins. — Maravilhoso!

— Deve conseguir a libertação do jovem Neligan o mais depressa possível — disse Holmes. — Acho que você deve a ele algumas desculpas. A caixa de metal deve ser devolvida a ele, mas, é claro, os títulos que Peter Carey vendeu estão perdidos para sempre. Lá está o cabriolé, Hopkins, e pode levar o seu homem. Se precisar de mim para o julgamento, meu endereço e o de Watson será em algum lugar da Noruega, mandarei os detalhes depois.

[20] Região do sudeste da Inglaterra. (N.T.)

A AVENTURA DE CHARLES AUGUSTUS MILVERTON

JÁ SE PASSARAM ANOS DESDE QUE OS INCIDENTES DE QUE FALO aconteceram, e mesmo assim é com hesitação que me refiro a eles. Durante muito tempo, mesmo com a máxima discrição e reticência, teria sido impossível divulgar os fatos, mas agora a principal pessoa envolvida está fora do alcance da lei dos homens, e com algumas supressões a história pode ser contada de uma maneira que não prejudique ninguém. Conta uma experiência absolutamente única na carreira do sr. Sherlock Holmes e na minha própria. O leitor me desculpará se eu oculto a data ou qualquer outro fato pelo qual possa identificar a verdadeira ocorrência.

Tínhamos saído para uma das nossas caminhadas vespertinas, Holmes e eu, e voltamos mais ou menos às 18 horas de uma noite fria e nevoenta de inverno. Quando Holmes acendeu a lâmpada, vimos um cartão na mesa. Ele olhou para o cartão e depois, com uma exclamação de desgosto, atirou-o no chão. Eu o apanhei e li:

CHARLES AUGUSTUS MILVERTON
Appledore Towers, Hampstead
Agente

— Quem é ele? — perguntei.

— O pior homem de Londres — respondeu Holmes, sentando-se e esticando as pernas diante do fogo. — Tem alguma coisa atrás do cartão?

Virei-o.

— “Estarei aí às 18h30. C.A.M.” — li.

— Hum! Está para chegar. Você sente um arrepio, uma sensação de aversão, Watson, quando está diante das serpentes do zoológico, e vê as criaturas escorregadias, venenosas e deslizantes, com seus olhos de morte e a expressão perversa e achatada? Bem, é esta a impressão que Milverton me dá. Tive de lidar com cinquenta assassinos em minha carreira, mas nem o pior deles me inspirou tanta repulsa quanto a que eu tenho por esse sujeito. E mesmo assim não posso evitar de fazer negócios com ele, na verdade, ele está aqui a convite meu.

— Mas quem é ele?

— Eu lhe direi, Watson. É o rei dos chantagistas. Que os céus protejam o homem, e ainda mais a mulher, cujo segredo e reputação caírem em poder de Milverton! Com um rosto sorridente e um coração de pedra, ele pressionará e pressionará até extrair tudo deles. O sujeito é um gênio à sua maneira e teria se destacado em algum ofício mais interessante. Seu método é o seguinte: ele deixa que se saiba que pode pagar quantias elevadas por cartas que comprometem pessoas ricas e de posição. Recebe estas coisas não só de criados e empregadas, mas frequentemente de rufiões elegantes, que ganharam a confiança e a afeição de mulheres de boa-fé. Ele não lida com mãos avarentas. Por acaso sei que pagou setecentas libras a um lacaio por um bilhete de duas linhas, cujo resultado foi a ruína de uma família nobre. Tudo que está no mercado vai para Milverton, e há centenas de pessoas nesta cidade grande que empalidecem ao ouvir seu nome. Ninguém sabe onde suas garras cairão, pois é muito rico e muito esperto para agir sem pensar. Ele é capaz de guardar sua carta durante anos até jogá-la no momento em que estará valendo mais. Eu disse que era o pior homem de Londres, e lhe perguntaria como alguém poderia comparar o valentão, que com o sangue quente agride sua parceira, com este homem, que, metodicamente e por prazer, tortura a alma e atormenta os nervos, para aumentar a sua fortuna já grande?

Poucas vezes eu ouvira meu amigo falar com uma emoção tão intensa.

— Mas certamente — eu disse — o sujeito deve estar ao alcance da lei?

— Tecnicamente, sem dúvida, mas na prática não. O que lucraria uma mulher, por exemplo, em colocá-lo na prisão por alguns meses se a própria ruína dela virá logo depois? Suas vítimas não ousam reagir. Se algum dia chantagear uma pessoa inocente, aí podemos pegá-lo, mas ele é esperto

como o próprio Diabo. Não, não, precisamos encontrar outros meios de lutar contra ele.

— E por que ele está aqui?

— Porque uma cliente ilustre colocou seu caso penoso em minhas mãos. É *lady* Eva Blackwell, a debutante mais bonita da última temporada. Vai se casar daqui a duas semanas com o conde de Dovercourt. Esse demônio tem várias cartas imprudentes, imprudentes, Watson, nada pior, que foram escritas a um jovem pobre do campo. Isso bastaria para romper o compromisso. Milverton mandará as cartas ao conde, a menos que uma grande soma lhe seja paga. Fui incumbido de me encontrar com ele e fazer o melhor acordo que puder.

Naquele instante houve um barulho e um estardalhaço na rua. Olhando para baixo, vi uma parelha e uma carruagem majestosas, as lanternas brilhantes iluminando as acetinadas ancas dos nobres cavalos castanhos. Um lacaio abriu a porta, e desceu um homem baixo e forte, com um casacão de astracã felpudo. Um minuto depois ele estava em nossa sala.

Charles Augustus Milverton era um homem de uns cinquenta anos, com uma cabeça grande e intelectual, um rosto redondo, gordo e liso, um perpétuo sorriso gélido, e dois vivos olhos verdes que brilhavam por detrás dos óculos largos com aro de ouro. Havia alguma coisa da benevolência do sr. Pickwick em sua aparência, prejudicada apenas pela falsidade do sorriso fixo e pelo brilho cruel dos olhos vivos e penetrantes. Sua voz era macia e suave como sua fisionomia, enquanto avançava com a mão pequena e gorda estendida, murmurando seu pesar por não nos ter encontrado em sua visita anterior. Holmes ignorou a mão estendida e olhou para ele com um rosto de pedra. O sorriso de Milverton se ampliou, ele encolheu os ombros, tirou o casacão e o colocou com a maior tranquilidade sobre as costas da cadeira. Então sentou-se.

— Este cavalheiro? — ele disse, fazendo um sinal na minha direção. — Ele é discreto? É direito?

— O dr. Watson é meu amigo e parceiro.

— Muito bom, sr. Holmes. Foi apenas no interesse de sua cliente que perguntei. O assunto é tão delicado...

— O dr. Watson já está a par.

— Então podemos tratar do negócio. O senhor diz que está agindo em nome de *lady* Eva. Ela lhe deu poderes para aceitar minhas condições?

— Quais são elas?
— Sete mil libras.
— E a alternativa?
— Meu caro senhor, é doloroso para mim falar nisso, mas se o dinheiro não for pago no dia 14, com certeza não haverá casamento no dia 18. — Seu sorriso insuportável estava mais complacente do que nunca.
Holmes pensou por um instante.
— O senhor me parece — disse, por fim — considerar as coisas como certas. É claro que conheço o conteúdo dessas cartas. Minha cliente com certeza fará o que eu lhe aconselhar. Eu lhe direi para contar ao seu futuro marido a história toda e confiar em sua generosidade.
Milverton deu uma risadinha.
— O senhor evidentemente não conhece o conde — disse.
Pela expressão desconcertada no rosto de Holmes eu podia ver que não.
— Qual é o mal que há nessas cartas? — perguntou.
— Elas são entusiasmadas, muito entusiasmadas — respondeu Milverton. — A dama era uma correspondente encantadora. Mas asseguro-lhe que o conde de Dovercourt não as apreciaria. Mas desde que pense o contrário, deixaremos como quer. É puramente uma questão de negócios. Se acha que é melhor para sua cliente que estas cartas sejam colocadas nas mãos do conde, então seria, de fato, uma tolice pagar uma soma de dinheiro tão grande para reavê-las. — Levantou-se e pegou seu casaco de astracã.
Holmes estava pálido de raiva e mortificação.
— Espere um pouco — disse. — O senhor está indo muito rápido. Nós com certeza faremos tudo para evitar um escândalo num assunto tão delicado.
Milverton voltou a se sentar em sua cadeira.
— Tinha certeza de que veria tudo por esse ângulo — disse, satisfeito.
— Ao mesmo tempo — Holmes continuou — *lady* Eva não é uma mulher rica. Asseguro-lhe que duas mil libras seriam um baque em suas reservas e que a soma que pede está inteiramente fora de suas possibilidades. Portanto, peço-lhe que modere sua exigência, e que devolva as cartas pelo preço que mencionei, que é, eu lhe garanto, o máximo que pode conseguir.
O sorriso de Milverton alargou-se e seus olhos piscaram de um jeito engraçado.

— Sei que é verdade o que diz a respeito dos recursos da dama — disse. — Mesmo assim deve admitir que a ocasião do casamento dela é o momento adequado para seus amigos e parentes fazerem um pequeno esforço em seu benefício. Eles poderão hesitar na escolha de um presente de casamento conveniente. Posso garantir a eles que este pequeno maço de cartas daria mais alegria do que todos os candelabros e manteigueiras de Londres.

— É impossível — disse Holmes.

— Pobre de mim, pobre de mim, que infelicidade! — exclamou Milverton, pegando um grosso livro de bolso. — Não posso deixar de pensar que as damas são imprudentes em não fazer um esforço. Olhe isto! — Pegou um bilhetinho com um brasão no envelope. — Isto pertence a... bem, talvez não seja justo dizer o nome até amanhã de manhã. Mas aí estará nas mãos do marido dela. E tudo porque não vai obter uma quantia desprezível que poderia conseguir se vendesse seus diamantes. É uma pena! Agora, lembra-se do repentino fim do casamento entre a *honourable* srta. Miles e o coronel Dorking? Apenas dois dias antes do casamento, havia um parágrafo no *Morning Post* dizendo que estava tudo acabado. E por quê? É quase inacreditável, mas a soma ridícula de duas mil libras teria resolvido toda a questão. Não é lamentável? E aqui eu o encontro, um homem sensato, hesitando em relação às condições quando o futuro e a honra de sua cliente estão em jogo. O senhor me surpreende, sr. Holmes.

— O que digo é verdade — respondeu Holmes. — O dinheiro não poderá ser conseguido. Com certeza é melhor para o senhor pegar a soma substancial que lhe ofereço do que arruinar a vida de uma mulher, algo que não lhe daria nenhum lucro?

— Aí o senhor comete um erro, sr. Holmes. Uma revelação me beneficiaria muito de modo indireto. Tenho oito ou dez casos semelhantes amadurecendo. Se circulasse entre eles que eu fizera de *lady* Eva um exemplo cruel, eu iria encontrá-los muito mais propensos à razão. Percebe o meu ponto de vista?

Holmes pulou da cadeira.

— Fique atrás dele, Watson! Não o deixe sair! Agora, senhor, mostre-nos o conteúdo desse caderno.

Milverton deslizara rapidamente para o canto da sala e ficou com as costas contra a parede.

— Sr. Holmes, sr. Holmes — disse, abrindo o casacão e exibindo a coronha de um revólver grande, que se projetava de dentro do bolso inteiro. — Esperava que fizesse algo original. Isto vem sendo feito tão frequentemente, e o que tem trazido de bom? Asseguro-lhe que estou armado até os dentes, e perfeitamente preparado para usar minhas armas, sabendo que a lei me apoiará. Além disso, sua suposição de que eu traria as cartas aqui num caderninho é totalmente equivocada. Eu não faria algo tão tolo. E agora, cavalheiros, tenho uma ou duas entrevistas esta noite e é um longo caminho até Hampstead.

Adiantou-se, pegou o casaco, pôs a mão no revólver e virou-se para a porta. Peguei uma cadeira, mas Holmes balançou a cabeça, e a coloquei no chão de novo. Com uma curvatura, um sorriso e uma piscadela, Milverton saiu da sala, e alguns minutos depois ouvimos a porta da carruagem bater e o barulho das rodas ao se afastarem.

Holmes sentou-se imóvel diante do fogo, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, o queixo afundado no peito, os olhos fixos nas brasas incandescentes. Durante meia hora ficou silencioso e imóvel. Depois, com a atitude de um homem que tomou uma decisão, levantou-se e foi para o seu quarto. Pouco depois, um jovem operário, descontraído com um cavanhaque e uma bengala, acendeu seu cachimbo de barro no lampião antes de descer para a rua.

— Estarei de volta daqui a algum tempo, Watson — disse, e desapareceu na noite. Compreendi que começara sua campanha contra Charles Augustus Milverton, mas nem sonhava com o estranho rumo que aquela campanha iria tomar.

Durante alguns dias Holmes entrou e saiu em horas diferentes nesses trajes, mas, fora a observação de que passava o tempo em Hampstead, e que esse tempo não era desperdiçado, não sabia nada do que ele estava fazendo. Mas, finalmente, numa noite tempestuosa, violenta, quando o vento assobiava e batia contra as janelas, voltou de sua última expedição, e depois de tirar o disfarce, sentou-se diante do fogo e riu com vontade, do seu jeito íntimo e silencioso.

— Você me chamaria de um homem casadouro, Watson?

— Claro que não.

— Você se interessaria em saber que estou noivo.

— Meu caro amigo! Eu o congrat...

— Da empregada de Milverton.
— Meu Deus, Holmes!
— Eu queria informações, Watson.
— Tem certeza de que não foi longe demais?
— Era um passo extremamente necessário. Sou um bombeiro com um negócio em expansão, de nome Escott. Tenho passeado e conversado com ela todas as noites. Por Deus, essas conversas! Mas consegui tudo o que queria. Conheço a casa de Milverton como a palma de minha mão.
— Mas e a garota, Holmes?
Ele encolheu os ombros.
— Não se pode evitar isso, meu caro Watson. Deve-se jogar as cartas da melhor maneira possível quando um prêmio desses está na mesa. Entretanto, alegro-me em dizer que tenho um rival detestado, que com certeza me mataria assim que lhe virasse as costas. Que noite esplêndida temos!
— Gosta desse tempo?
— Serve ao meu objetivo, Watson, pretendo assaltar a casa de Milverton esta noite.
Fiquei sem ar e minha pele gelou ao ouvir essas palavras, murmuradas lentamente num tom de resolução. Assim como um raio na noite mostra num instante todos os detalhes de uma paisagem selvagem, eu vi na mesma hora todas as possíveis consequências de uma ação deste tipo — a detenção, a captura, a carreira honrada terminando num fracasso irreparável em desgraça, meu amigo ficando à mercê do odioso Milverton.
— Pelo amor de Deus, Holmes, pense no que está fazendo! — exclamei.
— Meu caro amigo, já fiz todas as análises. Nunca sou precipitado em meus atos nem escolheria um caminho tão radical, e, na verdade, tão perigoso se algum outro fosse possível. Vamos encarar o assunto justa e claramente. Suponho que vai admitir que esta ação seja moralmente justificável, embora tecnicamente criminosa. Assaltar a casa dele não é mais que pegar à força aquele caderninho; ação que você estava preparado para me ajudar.
Remoí aquilo em minha cabeça.
— Sim — eu disse —, é moralmente justificável já que o nosso objetivo é pegar apenas os objetos que estão sendo usados com um objetivo ilegal.

— Exato. Já que é moralmente justificável, tenho de considerar apenas a questão do risco pessoal. Com certeza um cavalheiro não pode se preocupar muito com isso, quando uma dama precisa desesperadamente da ajuda dele, certo?

— Estará numa posição duvidosa.

— Ora, isto faz parte do risco. Não há nenhuma outra maneira possível de recuperar essas cartas. A infeliz dama não tem o dinheiro, e não há ninguém entre os seus parentes em quem possa confiar. Amanhã é o último dia do prazo e, a menos que consigamos essas cartas hoje, esse vilão cumprirá a sua palavra e causará a ruína dela. Portanto, devo abandonar minha cliente à sua sorte ou devo jogar esta última cartada. Aqui entre nós, Watson, é um duelo esportivo entre esse sujeito, Milverton, e eu. Ele tem, como viu, todas as chances, mas meu amor-próprio e minha reputação me obrigam a lutar até o fim.

— Bem, não gosto disso, mas suponho que deva ser assim — eu disse. — Quando começamos?

— Você não virá.

— Então você não irá — eu disse. — Dou-lhe minha palavra de honra, e nunca deixei de cumpri-la na vida, que irei até a delegacia e contarei tudo, a menos que me deixe participar desta aventura com você.

— Não pode me ajudar.

— Como sabe disso? Não pode adivinhar o que vai acontecer. De qualquer modo minha decisão está tomada. Outras pessoas além de você têm amor-próprio, e mesmo reputações.

Holmes parecera irritado, mas seu cenho se desanuviou e ele me deu um tapinha no ombro.

— Bem, bem, meu caro amigo, que seja assim. Dividimos este aposento durante muitos anos, e seria divertido se terminássemos dividindo a mesma cela. Sabe, Watson, não me importo de confessar a você que sempre achei que eu daria um criminoso bastante eficiente. Esta é a chance da minha vida nesse sentido. Olhe aqui! — Tirou um pequeno estojo de couro de uma gaveta e, abrindo-o, exibiu vários instrumentos brilhantes. — Este é um moderno conjunto de primeira classe para assaltos, com um pé de cabra niquelado, cortador de vidro com ponta de diamante, chaves-mestras, e todos os aperfeiçoamentos que a marcha da civilização exige. Aqui também

está a minha lanterna. Tudo está em ordem. Você tem um par de sapatos silenciosos?

— Tenho tênis com sola de borracha.

— Excelente! E uma máscara?

— Posso fazer duas de seda preta.

— Vejo que tem uma inclinação forte e natural para este tipo de coisa. Muito bem, você faz as máscaras. Vamos fazer uma refeição fria antes de começar. Agora são 21h30. Às 23 horas iremos até Church Row. É uma caminhada de 15 minutos de lá até Appledore Towers. Estaremos trabalhando antes de meia-noite. Milverton tem o sono pesado, e se recolhe às 22h30 em ponto. Com alguma sorte, estaremos de volta mais ou menos às duas horas, com as cartas de *lady* Eva em meu bolso.

Holmes e eu vestimos nossos trajes a rigor, para darmos a impressão de estar voltando do teatro. Na Oxford Street pegamos um cabriolé e nos dirigimos a um endereço em Hampstead. Lá pagamos a viagem e, com os nossos pesados casacos abotoados, pois fazia um frio cortante e o vento parecia passar por dentro de nós, caminhamos pela beira da estrada.

— É um assunto que requer tratamento delicado — disse Holmes. — Estes documentos estão num cofre no gabinete do sujeito, e esse gabinete é vizinho ao quarto dele. Por outro lado, como todos esses homens baixos e atarracados que prosperam, é um dorminhoco pletórico. Agatha, a minha noiva, diz que, entre os criados, há a piada de que é impossível acordar o patrão. Tem um secretário que é dedicado aos interesses dele, e nunca sai do gabinete durante o dia. Por isso é que estamos indo à noite. Tem um monstro de cachorro que vagueia pelo jardim. Encontrei-me tarde com Agatha nas duas últimas noites, e ela tranca a fera para que eu possa passar. Esta é a casa, o chefão está em seu próprio território. Pelo portão, agora à direita, entre os louros. Devemos colocar nossas máscaras aqui, eu acho. Veja, não há luz em nenhuma das janelas, e tudo está correndo esplendidamente.

Com nossas máscaras de seda preta, que nos transformava em duas das figuras mais agressivas de Londres, fomos até a casa silenciosa e sombria. Uma espécie de varanda coberta se estendia de um lado da casa, com várias janelas e duas portas.

— Aquele é o quarto dele — sussurrou Holmes. — Esta porta dá direto dentro do gabinete. É a melhor para nós, mas está trancada e aferrolhada, e

faríamos barulho demais tentando entrar. Venha por aqui. Há uma estufa que dá para a sala de visitas.

O lugar estava trancado, mas Holmes removeu um círculo de vidro e girou a chave por dentro. Logo depois fechou a porta atrás de nós e passamos a ser delinquentes aos olhos da lei. O ar quente e denso da estufa e as fragrâncias ricas e sufocantes de plantas exóticas nos chegaram à garganta. Holmes pegou minha mão no escuro e me conduziu rapidamente por canteiros de arbustos que roçavam nossas faces. Ele tinha poderes notáveis, cultivados com cuidado, de ver na escuridão. Ainda segurando minha mão, abriu uma porta, e percebi vagamente que entráramos numa sala grande na qual haviam fumado um charuto pouco tempo antes. Continuou seu caminho por entre a mobília, abriu outra porta e a fechou atrás de nós. Estendendo a mão, senti vários casacos que estavam pendurados em uma parede, e compreendi que estava num corredor. Passamos por ele, e Holmes abriu suavemente uma porta do lado direito. Alguma coisa passou correndo por nós e meu coração foi até a boca, mas sorri quando percebi que era o gato. Uma lareira estava acesa nesta outra sala, de novo o ar estava pesado com a fumaça de tabaco. Holmes entrou nas pontas dos pés, esperou que o seguisse, e então fechou delicadamente a porta. Estávamos no gabinete de Milverton, e um reposteiro ao fundo indicava a entrada para o quarto dele.

Era um bom fogo, e a sala estava iluminada por ele. Perto da porta vi o brilho de um interruptor elétrico, mas era desnecessário, mesmo se fosse seguro, ligá-lo. De um lado da lareira havia uma cortina pesada que encobria a janela saliente que víramos de fora. De outro lado havia uma porta que dava na varanda. Uma mesa ficava no centro, com uma cadeira giratória de couro vermelho brilhante. Em frente havia uma larga estante, com um busto de mármore de Palas-Atena em cima. No canto, entre a estante e a parede, ficava um cofre alto e verde, a luz do fogo se refletindo nos puxadores de metal polido na parte da frente. Holmes aproximou-se e olhou. Depois foi até a porta do quarto e parou com a cabeça inclinada, ouvindo atentamente. Nenhum som vinha de dentro. Enquanto isso, me ocorreu que seria melhor assegurar nossa retirada pela outra porta; então a examinei. Para meu espanto, não estava trancada nem aferrolhada. Toquei o braço de Holmes e ele virou o rosto mascarado naquela direção. Vi que estremeceu, e estava evidentemente tão surpreso quanto eu.

— Não gosto disso — sussurrou, com os lábios bem perto do meu ouvido. — Não consigo entender. De qualquer modo, não temos tempo a perder.

— Posso fazer algo?

— Sim, fique perto da porta. Se ouvir alguém vindo, tranque-a por dentro e poderemos sair como entramos. Se vierem pelo outro caminho, podemos passar pela porta se nosso trabalho estiver terminado, ou nos escondermos atrás dessas cortinas da janela. Entendeu?

Balancei a cabeça e fiquei ao lado da porta. Meu medo inicial passara, e agora ficava excitado com um sabor mais picante do que experimentara quando éramos os defensores da lei em vez de seus desafiantes. O nobre objetivo de nossa missão, a consciência de que era altruísta e cavalheiresca, o caráter infame do nosso adversário, tudo ampliava o interesse esportivo da aventura. Longe de sentir culpa, alegrava-me e exultava com nossos perigos. Com admiração, via Holmes desenrolar seu estojo de instrumentos e escolher sua ferramenta com a calma e a meticulosidade científica de um cirurgião que faz uma operação delicada. Sabia que a abertura de cofres era um *hobby* particular seu, e compreendia a satisfação que lhe dava enfrentar aquele monstro verde e dourado, o dragão que tinha em seu estômago a reputação de várias damas decentes. Arregaçando os punhos de sua casaca — colocara seu sobretudo numa cadeira —, Holmes tirou duas furadeiras, um pé de cabra e várias chaves-mestras. Fiquei na porta do centro, prestando atenção em cada uma das outras, pronto para qualquer emergência, embora, na verdade, meus planos fossem um tanto vagos a respeito do que deveria fazer se fôssemos interrompidos. Por meia hora, Holmes trabalhou com energia concentrada, deixando uma ferramenta, pegando outra, manuseando-as com a força e a delicadeza de um mecânico treinado. Finalmente ouvi um clique, a grande porta verde se abriu e dentro vi de relance vários maços de papéis, cada um selado, amarrado e identificado. Holmes tirou um, mas era difícil ler com o fogo bruxuleante, e pegou sua pequenina lanterna, pois seria muito perigoso, com Milverton no quarto ao lado, acender a lâmpada elétrica. De repente o vi parar, escutar atentamente e, logo depois, ele fechou a porta do cofre, pegou o sobretudo, jogou as ferramentas dentro dos bolsos e correu para trás da cortina, mandando-me fazer o mesmo.

Só quando me escondi foi que ouvi o que alarmara os seus sentidos aguçados. Havia um barulho em algum lugar dentro da casa. Uma porta bateu um pouco distante. Então um murmúrio confuso, surdo, se transformou nas passadas pesadas e ritmadas que se aproximavam com rapidez. Estavam no corredor. Pararam diante da porta da sala. A porta se abriu. Houve um barulho áspero quando se acendeu a luz elétrica. A porta se fechou de novo, e o bafo pungente de um charuto forte chegou às nossas narinas. Depois os passos continuaram para trás e para a frente, para trás e para a frente, a poucos metros de nós. Por fim ouvimos o estalido de uma cadeira, e os passos cessaram. Então uma chave estalou na fechadura, e ouvi o farfalhar de papéis.

Até aqui não ousara olhar para fora, mas agora afastei delicadamente a divisão das cortinas à minha frente e olhei pela abertura. Pela pressão do ombro de Holmes contra o meu, sabia que também estava observando. Bem à nossa frente, e quase ao nosso alcance, estavam as costas largas de Milverton. Era evidente que calculáramos mal os movimentos dele, que nunca estivera em seu quarto, e sim sentado em alguma sala para fumar ou jogar bilhar, na ala mais afastada da casa, cujas janelas não tínhamos visto. Sua cabeça grande e grisalha, com a parte calva brilhante, era visível bem à nossa frente. Ele estava recostado na cadeira de couro vermelho, as pernas esticadas, um charuto comprido preto pendurado no canto da boca. Vestia um casaco semimilitar, cor de sangue, com o colarinho de veludo preto. Segurava um documento legal extenso, que lia com displicência, enquanto soprava círculos de fumaça de tabaco. Sua pose tranquila e sua atitude confortável não indicavam que sairia logo.

Senti a mão de Holmes segurar a minha e me dar um aperto confortador, como se dissesse que a situação estava sob controle, e que ele permanecia calmo. Não tinha certeza se ele vira o que parecia óbvio de minha posição, isto é, que a porta do cofre não estava bem fechada, e que Milverton poderia a qualquer momento ver isso. Por conta própria decidi que, se estivesse certo, pela fixação do seu olhar, de que ele havia percebido, eu pularia imediatamente para fora, jogaria meu sobretudo sobre a cabeça dele, o amarraria, e deixaria o resto com Holmes. Mas Milverton não olhou. Estava indolentemente concentrado nos papéis em sua mão, páginas e páginas foram viradas enquanto ele seguia a argumentação do advogado. Pelo menos, pensei, quando acabar de ler o documento e de fumar o

charuto, irá para o quarto. Mas antes que tivesse chegado ao final dos dois, houve um fato extraordinário que mudou nossos pensamentos para outro canal.

Várias vezes eu observara que Milverton olhava para o relógio, e uma vez chegou a levantar-se e sentara-se de novo com um gesto de impaciência. Mas a ideia de que ele pudesse ter um encontro numa hora tão estranha nunca me ocorreu até que um som fraco chegou aos meus ouvidos, vindo da varanda. Milverton largou seus papéis e sentou-se rígido na cadeira. O som se repetiu, e então houve uma batida delicada na porta. Milverton levantou-se e abriu.

— Ora — disse secamente —, está quase meia hora atrasada.

Então era esta a explicação para a porta destrancada e a vigília noturna de Milverton. Ouvi o leve farfalhar de um vestido de mulher. Eu havia fechado a abertura entre as cortinas quando o rosto de Milverton se virara na nossa direção, mas agora me arriscava com muito cuidado a abri-la de novo. Ele voltara ao seu assento, o charuto ainda se projetando do canto da boca num ângulo insolente. Diante dele, bem sob o foco de luz, estava uma mulher morena, alta e esbelta, um véu sobre o rosto, um manto ao redor do queixo. Sua respiração era rápida e ofegante, e cada centímetro de sua figura flexível tremia sob forte emoção.

— Bem — disse Milverton —, fez-me perder uma boa noite de repouso, minha querida. Espero que prove que valeu a pena. Não podia vir em nenhuma outra hora, hein?

A mulher meneou a cabeça.

— Ora, se não podia, não podia. Se a condessa é uma patroa difícil, você tem agora sua chance de se vingar dela. Valha-me Deus, por que está tremendo? Está tudo bem. Controle-se. Agora, vamos aos negócios. — Tirou um caderninho de anotações da gaveta da escrivaninha. — Você diz que tem cinco cartas que comprometem a condessa D'Albert. Quer vendê-las. Eu quero comprá-las. Até aqui, tudo bem. Só falta acertar o preço. Gostaria de examinar as cartas, é claro. Se elas forem realmente bons exemplares... Meu Deus, é você?

A mulher, sem uma palavra, levantara o véu e deixara cair o manto do queixo. Era um rosto bem definido, moreno e bonito que encarava Milverton — um rosto com um nariz longo e curvo, sobrancelhas cerradas e

escuras, olhos cintilantes e uma boca firme com lábios finos e um sorriso perigoso.

— Sou eu — ela disse —, a mulher cuja vida você arruinou.

Milverton sorriu, mas o medo vibrou em sua voz.

— Você era tão obstinada — disse. — Por que me levou a tais extremos? Asseguro-lhe que não machucaria uma mosca por vontade própria, mas todo homem tem seu negócio, e o que eu podia fazer? Fiz um preço acessível às suas posses. Você não pagou.

— Então mandou as cartas ao meu marido e ele, o homem mais nobre que já existiu, um homem com quem nunca mereci casar, partiu seu coração valoroso e morreu. Lembra-se de que noite passada, quando vim por aquela porta, eu lhe pedi e implorei sua misericórdia, e você riu na minha cara como está tentando rir agora, só que seu coração covarde não impede que seus lábios fiquem tremendo. Sim, nunca pensou em me ver aqui de novo, mas foi aquela noite que me ensinou como poderia encontrar-me com você cara a cara, e sozinhos. Bem, Charles Milverton, o que tem a dizer?

— Não pense que pode me intimidar — disse ele, erguendo-se. — Tenho apenas que levantar a voz e poderia chamar meus criados, e você seria presa. Mas darei um desconto pela sua raiva natural. Saia imediatamente por onde veio e não direi mais nada.

A mulher continuou parada com a mão enfiada no decote e o mesmo sorriso sinistro em seus lábios delicados.

— Não arruinará mais vidas como arruinou a minha. Não torturará mais corações como torturou o meu. Livrarei o mundo de uma coisa venenosa. Tome isto, seu cachorro... e isto!... e isto!... e isto!

Tirara um pequeno revólver brilhante e esvaziou cartucho após cartucho no corpo de Milverton, o cano a menos de sessenta centímetros da camisa dele. Ele se curvou e depois caiu sobre a mesa, tossindo furiosamente e se debatendo em meio aos papéis. Depois ficou de pé, recebeu outro tiro e rolou no chão. — Você me pegou! — exclamou, e ficou imóvel. A mulher olhou para ele com atenção e enfiou o salto do sapato no rosto virado para cima. Olhou de novo, mas não havia nenhum som ou movimento. Ouvi um barulho áspero, o ar da noite soprou dentro da sala aquecida e a vingadora foi embora.

Nenhuma interferência de nossa parte poderia ter salvo o homem desta sina, mas quando a mulher descarregou bala após bala no corpo trêmulo de

Milverton, estive a ponto de sair, e senti o aperto frio e forte de Holmes no meu pulso. Compreendi todo o argumento daquela pressão firme que me conteve — não era assunto nosso, a justiça alcançara um vilão, que tínhamos nossos próprios deveres e objetivos, que não deveríamos perder de vista. Mas a mulher tinha acabado de sair correndo da sala quando Holmes, com passos rápidos e silenciosos, chegou à outra porta. Girou a chave na fechadura. No mesmo instante ouvimos vozes na casa e o som de passos apressados. Os tiros de revólver tinham acordado todos na casa. Com absoluta frieza, Holmes deslizou até o cofre, encheu os braços com maços de cartas e os jogou no fogo. Fez isso outra vez e outra vez, até que o cofre ficasse vazio. Alguém mexeu na maçaneta e bateu do lado de fora da porta. Holmes olhou em volta com rapidez. A carta que havia sido a mensageira da morte para Milverton estava na mesa, salpicada com o sangue dele. Holmes atirou-a entre os papéis em chamas. Depois tirou a chave da porta externa, passou comigo por ela e a trancou por fora.

— Por aqui, Watson — disse —, podemos escalar o muro do jardim nesta direção.

Eu não podia acreditar que um alarme se espalhasse tão rapidamente. Olhando para trás, a enorme casa parecia uma única luz. A porta da frente estava aberta e pessoas corriam pelo caminho. O jardim inteiro estava cheio de gente, e um sujeito deu um grito quando saímos da varanda e corremos a toda. Holmes parecia conhecer perfeitamente o terreno, e avançou depressa por entre uma plantação de arbustos, eu colado nele, e nosso perseguidor mais próximo bem atrás de nós. Um muro de quase dois metros de altura barrava o nosso caminho, mas ele pulou para o topo, e daí para o outro lado. Ao fazer o mesmo, senti a mão do homem atrás de mim agarrar meu tornozelo, mas me livrei e pulei sobre uma crista coberta de musgo. Caí de cara entre alguns arbustos, mas Holmes me pôs de pé num instante, e juntos corremos pela grande extensão do campo de Hampstead. Tínhamos corrido quase três quilômetros, eu suponho, até que Holmes finalmente parou e ficou escutando atentamente. Atrás de nós tudo era silêncio absoluto. Despistáramos nossos perseguidores e estávamos seguros.

Tínhamos tomado nosso café da manhã e estávamos fumando nosso cachimbo matutino, no dia seguinte à incrível experiência que relatei,

quando o sr. Lestrade, da Scotland Yard, muito solene, foi conduzido até a nossa modesta sala de estar.

— Bom dia, sr. Holmes — disse —, bom dia. Posso lhe perguntar se está muito ocupado agora?

— Não tão ocupado que não possa escutá-lo.

— Pensei que, talvez, se não tiver nada especial no momento, pudesse nos ajudar num caso extraordinário ocorrido a noite passada em Hampstead.

— Pobre de mim! — disse Holmes. — O que foi?

— Um assassinato; o assassinato mais dramático e incrível. Sei o quanto se interessa por essas coisas, e consideraria um grande favor se fosse a Appledore Towers e nos ajudasse com o seu conselho. Não é um crime comum. Estávamos de olho nesse sr. Milverton já há algum tempo, e cá entre nós, era meio vilão. Sabe-se que tinha em seu poder papéis que usava para fazer chantagens. Todos esses papéis foram queimados pelos assassinos. Nenhum objeto de valor foi levado, e é provável que os criminosos fossem homens de boa posição, cujo único objetivo seria o de evitar um escândalo público.

— Criminosos? — perguntou Holmes. — Plural?

— Sim, eram dois. Quase foram apanhados em flagrante. Temos as pegadas deles, a descrição deles, aposto dez contra um como os encontraremos. O primeiro era um sujeito muito veloz, mas o segundo foi pego pelo ajudante de jardineiro, e só conseguiu fugir após uma luta. Era um homem de altura média e forte, maxilar quadrado, pescoço grosso, bigode e uma máscara sobre os olhos.

— É muito vago — disse Sherlock Holmes. — Ora, poderia ser a descrição de Watson!

— É verdade — disse o inspetor, confuso. — Poderia ser a descrição de Watson.

— Bem, receio não poder ajudá-lo, Lestrade — disse Holmes. — O fato é que conhecia esse sujeito, Milverton, eu o considerava um dos homens mais perigosos de Londres, e acho que em certos crimes a lei não pode intervir e, portanto, até certo ponto, justificam uma vingança particular. Não, não adianta discutir. Já me decidi. Minhas simpatias estão mais com os criminosos do que com a vítima, e não pegarei este caso.

Holmes não me dissera uma só palavra sobre a tragédia que testemunhamos, mas notei a manhã inteira que estava muito pensativo, e me

deu a impressão, pelos seus olhos vagos e o jeito abstraído, de um homem que se esforça para relembrar algo. Estávamos no meio do nosso almoço quando ele se levantou de repente.

— Por Deus, Watson, descobri! — exclamou. — Pegue seu chapéu! Venha comigo!

Correu o mais depressa que pôde pela Baker Street e ao longo da Oxford Street, até quase chegarmos ao Regent Circus. Ali, do lado esquerdo, há uma vitrine cheia de retratos das celebridades e beldades do dia. Os olhos de Holmes se fixaram em um deles, e, seguindo seu olhar, vi o retrato de uma dama régia e majestosa, em trajes da Corte, com uma grande tiara de diamantes sobre a nobre cabeça. Olhei para o nariz curvo e delicado, para as sobrancelhas bem delineadas, a boca reta e o pequenino queixo resoluto. Então prendi a respiração ao ler o venerável título do grande nobre e homem de estado de quem ela fora esposa. Meus olhos encontraram-se com os de Holmes, que pôs o dedo nos lábios enquanto nos afastávamos da vitrine.

A AVENTURA DOS SEIS NAPOLEÕES

NÃO ERA RARO QUE O SR. LESTRADE, DA SCOTLAND YARD, aparecesse para nos visitar à noite, e Sherlock Holmes gostava dessas visitas, pois lhe permitiam saber tudo o que acontecia na chefatura de polícia. Em troca das notícias que Lestrade trazia, Holmes estava sempre disposto a ouvir com atenção os detalhes de algum caso em que o detetive estivesse envolvido e, ocasionalmente, era capaz, sem qualquer interferência ativa, de dar uma ideia ou sugestão extraída de sua vasta experiência e do seu conhecimento.

Nesta noite em particular, Lestrade falara do tempo e dos jornais. Depois ficou em silêncio, pensativo, dando baforadas no seu charuto. Holmes olhou atentamente para ele.

— Algo notável no momento? — perguntou.

— Oh, não, sr. Holmes, nada muito especial.

— Então me fale sobre isso.

Lestrade sorriu.

— Bem, sr. Holmes, é inútil negar que há algo em minha mente. Mas é um negócio tão absurdo que hesitei em incomodá-lo com isso. Por outro lado, embora seja banal, é sem dúvida interessante, e sei que gosta de tudo que seja fora do comum. Mas, na minha opinião, fica mais na linha do dr. Watson do que na nossa.

— Doença? — disse eu.

— Loucura, ou algo assim. E uma loucura estranha, também. Não imaginava que existisse alguém nos dias de hoje que tivesse tanto ódio de Napoleão I a ponto de quebrar toda estátua dele que vê.

Holmes afundou-se na cadeira.

— Não é minha especialidade — disse.

— Exato. Foi o que eu disse. Mas quando o homem pratica um roubo a fim de quebrar as imagens que não são dele, isto o afasta do doutor e o aproxima do policial.

Holmes endireitou-se na cadeira novamente.

— Roubo! Isto é mais interessante. Conte-me os detalhes.

Lestrade pegou seu caderno de anotações e refrescou a memória em suas páginas.

— O primeiro caso relatado ocorreu há quatro dias — disse ele. — Foi na loja de Morse Hudson, que tem um estabelecimento para a venda de pinturas e esculturas na Kennington Road. O assistente havia saído da parte da frente da loja por um instante quando ouviu o barulho de alguma coisa se quebrando. Correu até lá e encontrou um busto de gesso de Napoleão, que estava junto com várias outras obras de arte no balcão, totalmente espatifado. Correu para a rua, mas, embora muitos passantes dissessem ter visto um homem saindo apressado da loja, não conseguiu ver ninguém nem descobriu meios de identificar o patife. Parecia ser um desses atos absurdos de vandalismo que ocorrem de tempos em tempos, e foi isso que ele informou a um guarda na mesma hora. A peça de gesso não valia mais do que alguns xelins, e o caso todo parecia uma infantilidade para merecer uma investigação especial.

“Mas o segundo caso foi mais grave e também mais estranho. Ocorreu na noite passada.

“Na Kennington Road, e a algumas centenas de metros da loja de Morse Hudson, mora um conhecido médico chamado dr. Barnicot, que tem uma grande clientela no lado sul do Tâmisa. Sua residência e principal consultório ficam na Kennington Road, mas tem um setor de cirurgia e farmácia na Lower Brixton Road, a três quilômetros de lá. Este dr. Barnicot é um entusiástico admirador de Napoleão, e a sua casa é cheia de livros, pinturas e relíquias do imperador francês. Há pouco tempo ele comprou de Morse Hudson duas cópias em gesso da famosa cabeça de Napoleão feita pelo escultor francês Devine. Colocou uma delas no saguão da casa, na Kennington Road, e a outra no consolo da lareira do setor de cirurgia, em Lower Brixton. Bem, quando o dr. Barnicot chegou esta manhã, ficou surpreso ao descobrir que sua casa fora assaltada durante a noite, mas que nada tinha sido levado a não ser a cabeça de gesso do saguão. Ela fora

levada para fora e esmigalhada selvagemente contra o muro do jardim, junto ao qual foram encontrados fragmentos espalhados.”

Holmes esfregou as mãos.

— Isto com certeza é uma novidade — disse.

— Imaginei que gostaria. Mas ainda não cheguei ao final. O dr. Barnicot tinha de estar na sua sala de operações ao meio-dia, e o senhor pode imaginar o seu espanto quando, ao chegar lá, descobriu que a janela fora aberta durante a noite, e que os pedaços quebrados do segundo busto estavam espalhados por todo o aposento. Foi esmigalhado em pedacinhos bem no lugar onde ficava. Em nenhum dos casos havia qualquer vestígio que nos pudesse dar uma pista do criminoso ou lunático que fizera esses estragos. Agora, sr. Holmes, o senhor tem os fatos.

— Eles são estranhos, para não dizer grotescos — disse Holmes. — Posso perguntar se os dois bustos esmagados nos aposentos do dr. Barnicot eram cópias exatas do que foi destruído na loja de Morse Hudson?

— Foram tirados do mesmo molde.

— Este fato vai contra a teoria de que o homem que os quebra está influenciado por algum ódio generalizado contra Napoleão. Se levarmos em conta as centenas de estatuetas do grande imperador que devem existir em Londres, seria demais supor a coincidência de que um iconoclasta aleatório começaria, por acaso, por três exemplares do mesmo busto.

— Bem, penso como o senhor — disse Lestrade. — Por outro lado, este Morse Hudson é o fornecedor de bustos daquela parte de Londres, e estes três eram os únicos que tinham estado na sua loja durante anos. De modo que, embora, como diz, existam centenas de estatuetas em Londres, é muito provável que estas três fossem as únicas naquele distrito. Portanto, um fanático local começaria com eles. O que acha, dr. Watson?

— Não há limites para a monomania — respondi. — Existe a condição que os psicólogos franceses modernos chamaram de *idée fixe*, que pode ser insignificante num caráter, e acompanhada de completa sanidade em todos os outros aspectos. Um homem que tenha lido profundamente sobre Napoleão, ou que possivelmente tenha algum mal hereditário de família por causa da grande guerra, poderia perfeitamente criar uma *idée fixe* e sob sua influência ser capaz de atos fantásticos.

— Isto não serve, meu caro Watson — disse Holmes, balançando a cabeça —, pois nenhuma dimensão da *idée fixe* daria condições ao nosso

interessante monomaníaco de descobrir onde estavam esses tais bustos.

— Bem, como *você* explica isso?

— Não tento explicar. Apenas observaria que há um certo método nos procedimentos excêntricos do cavalheiro. Por exemplo, no saguão do dr. Barnicot, onde qualquer ruído poderia acordar a família, o busto foi levado para fora antes de ser quebrado, ao passo que no setor de cirurgia, onde havia menos perigo de alarme, foi esmagado no lugar onde estava. O caso parece ridiculamente banal, e mesmo assim não ouso chamar nada de trivial quando me lembro de que alguns dos meus casos mais clássicos tiveram um início nada promissor. Lembre-se, Watson, como o horrível caso da família Abernetty me chamou a atenção primeiro pelo sulco que a salsa fizera na manteiga num dia quente. Portanto não posso sorrir ante seus três bustos quebrados, Lestrade, e ficarei muito grato a você se me informar de qualquer fato novo nesta série tão estranha de acontecimentos.

O fato que meu amigo esperava veio de uma forma mais rápida e infinitamente mais trágica do que ele podia ter imaginado. Ainda estava me vestindo em meu quarto, na manhã seguinte, quando ouvi uma batida na porta e Holmes entrou com um telegrama na mão. Leu-o em voz alta:

Venha imediatamente, 131 rua Pitt, Kensington.

Lestrade

— Então, o que é? — perguntei.

— Não sei, pode ser qualquer coisa. Mas suspeito que é a continuação da história das estatuetas. Nesse caso o nosso amigo, o destruidor de imagens, começou suas operações numa outra parte de Londres. Há café na mesa, Watson, e tenho um cabriolé esperando na porta.

Em meia hora chegávamos à rua Pitt, um lugarzinho atrasado e tranquilo bem ao lado de uma das mais agitadas correntes da vida de Londres. O número 131 era um de uma fila de residências, caixotes horizontais, respeitáveis e nada românticas. Quando nos aproximamos, vimos a cerca em frente à casa tomada por um grupo curioso. Holmes assobiou.

— Por Deus! É homicídio premeditado, no mínimo. Nada menos do que isso atrairia o garoto de recados de Londres. Há um ato de violência indicado nos ombros curvos e no pescoço esticado daquele sujeito. O que é isso, Watson? Os degraus do alto estão lavados e os outros, secos. Muitas

pegadas, de qualquer maneira! Ora, ora, lá está Lestrade na janela da frente, e logo saberemos de tudo.

O policial nos recebeu com uma expressão bastante grave e nos conduziu a uma sala de estar, onde um senhor idoso, muito inquieto e agitado, vestido com um roupão de flanela, andava de um lado para outro. Foi-nos apresentado como o dono da casa, sr. Horace Harker, do *Sindicato Central da Imprensa*.

— É o caso do busto de Napoleão de novo — disse Lestrade. — Parecia interessado ontem à noite, sr. Holmes, então pensei que gostaria de estar presente agora que o caso assumiu um aspecto muito mais grave.

— O que aconteceu então?

— Um assassinato. Sr. Harker, poderia contar a estes cavalheiros exatamente o que ocorreu?

O homem de roupão virou-se para nós com uma expressão melancólica.

— É algo extraordinário — disse — que a vida inteira eu tenha conseguido notícias de outras pessoas, e agora que uma verdadeira notícia surge por minha causa estou tão confuso e atordoado que não consigo juntar duas palavras. Se tivesse vindo aqui como jornalista, teria me entrevistado e publicado duas colunas em todos os jornais vespertinos. Mas agora estou espalhando cópias valiosas, contando minha história repetidas vezes para uma multidão de pessoas diferentes, e eu mesmo não posso fazer uso disso. Mas ouvi seu nome, sr. Sherlock Holmes, e se puder ao menos explicar este assunto estranho, me sentirei recompensado pelo trabalho de lhe contar a história.

Holmes sentou-se e escutou.

— Tudo parece girar em torno daquele busto de Napoleão que comprei para esta sala há cerca de quatro meses. Eu o comprei barato no Harding Brothers, ao lado da estação de High Street. Grande parte do meu trabalho jornalístico é feito à noite, e frequentemente escrevo até de madrugada. Foi assim hoje. Estava sentado em meu refúgio, que fica nos fundos do alto da casa, por volta das três horas, quando ouvi alguns sons lá embaixo. Fiquei prestando atenção, mas não se repetiram, e concluí que vinham de fora. Então, de repente, cinco minutos depois, ouvi um grito horrível, o som mais pavoroso, sr. Holmes, que jamais ouvi. Fiquei paralisado de horror durante um ou dois minutos, peguei o atiçador e desci. Quando entrei nesta sala, encontrei a janela da frente escancarada e logo notei que o busto

desaparecera do consolo da lareira. Por que um ladrão levaria uma coisa dessas está além da minha compreensão, pois era apenas uma peça de gesso e sem qualquer valor.

“Pode ver por si mesmo que qualquer pessoa que saísse por aquela janela aberta poderia alcançar os degraus da frente com uma longa caminhada. Era evidente que o ladrão fizera isto; portanto, dei a volta e abri a porta. Saindo na escuridão, quase caí em cima de um homem morto, que estava ali no chão. Voltei correndo para procurar uma luz, e lá estava o pobre sujeito, um grande talho na garganta e todo o local inundado de sangue. Estava de costas, os joelhos para cima e a boca horrivelmente aberta. Eu o verei sempre nos meus sonhos. Só tive tempo de soprar meu apito de polícia, e então devo ter desmaiado, porque não vi mais nada até que encontrei um policial em pé ao meu lado no saguão.”

— Bem, quem era o assassinado? — perguntou Holmes.

— Não há nada que indique quem ele era — disse Lestrade. — Verá o corpo no necrotério, mas não fizemos nada com ele até agora. É um homem alto, bronzeado, muito forte, não mais de trinta anos. Está vestido pobremente e mesmo assim não parece ser um operário. Uma faca de mola com cabo de chifre estava na poça de sangue ao lado dele. Se foi a arma usada no crime ou se pertencia ao morto, não sei. Não havia nome algum em suas roupas e nada nos bolsos, exceto uma maçã, alguns cordões, um mapa de Londres de um xelim e uma fotografia. Aqui está.

Fora tirada evidentemente pelo instantâneo de uma câmera pequena. Mostrava um homem simiesco, vivo, anguloso, com as sobrancelhas grossas e uma projeção muito peculiar da parte inferior do rosto, como o focinho de um babuíno.

— E o que aconteceu com o busto? — perguntou Holmes, depois de um exame atento do retrato.

— Tivemos notícias dele pouco antes de vocês chegarem. Foi encontrado no jardim da frente de uma casa vazia na estrada Campden House. Estava quebrado em pedaços. Estou indo vê-lo agora. Quer vir comigo?

— Claro. Preciso apenas dar uma olhada por aí. — Examinou o tapete e a janela. — O sujeito tinha pernas muito compridas ou era muito ágil — disse. — Com uma área embaixo, não seria nenhuma façanha alcançar aquele parapeito da janela e abri-la. Voltar seria relativamente simples. Virá conosco ver os restos de seu busto, sr. Harker?

O desconsolado jornalista sentara-se à escrivaninha.

— Devo sentar e fazer alguma coisa com isto — disse —, embora não tenha dúvida de que as primeiras edições dos jornais da noite já tenham saído repletas de detalhes. É como a minha sorte! Lembram-se de quando o pavilhão caiu, em Doncaster? Bem, eu era o único jornalista ali, e meu jornal foi o único que não teve um relato sobre aquilo, porque eu estava abalado demais para escrevê-lo. E agora estarei muito atrasado, com um assassinato cometido na minha própria soleira.

Ao sairmos da sala, ouvimos sua caneta escrever, chiando sobre o papel.

O local onde os fragmentos do busto foram encontrados ficava a umas centenas de metros dali. Pela primeira vez víamos a imagem do grande imperador, que parecia instigar um ódio tão destrutivo e frenético na mente do desconhecido. Estava estilhaçada em pedaços espalhados sobre a grama. Holmes pegou vários deles e os examinou com cuidado. Eu estava convencido, pelo seu rosto atento e sua atitude determinada, de que finalmente tinha uma pista.

— Então? — perguntou Lestrade.

Holmes encolheu os ombros.

— Ainda temos um longo caminho a seguir — disse. — E ainda assim... e ainda assim... bem, temos alguns fatos sugestivos sobre os quais trabalhar. A posse deste busto insignificante era mais valiosa, aos olhos desse estranho criminoso, do que uma vida humana. Este é um ponto. Depois há o fato singular de que não o quebrou dentro da casa, ou bem perto fora dela, se quebrar fosse seu único objetivo.

— Ficou assustado e se afobou ao se encontrar com o outro sujeito. Mal sabia o que estava fazendo.

— Bem, isto é muito provável. Mas gostaria de chamar sua atenção para a posição desta casa, em cujo jardim o busto foi destruído.

Lestrade olhou para ele.

— Era uma casa vazia, de modo que ele sabia que não seria perturbado no jardim.

— Sim, mas há uma outra casa vazia mais acima na rua pela qual ele deve ter passado antes de vir até esta. Por que não o quebrou lá, já que é evidente que cada metro que carregasse a imagem aumentaria o risco de alguém encontrá-lo?

— Desisto — disse Lestrade.

Holmes apontou para a luz da rua sobre nossas cabeças.

— Ele podia ver o que fazia aqui, e não podia lá. Foi este o motivo.

— Por Deus! É verdade — disse o detetive. — Agora que penso nisso, o busto do dr. Barnicot não foi quebrado muito longe de sua lâmpada vermelha. Bem, sr. Holmes, que faremos com este fato?

— Lembrá-lo, registrá-lo. Podemos encontrar alguma coisa mais tarde que se relacionará com isto. Que providências propõe que tomemos agora, Lestrade?

— A maneira mais prática de descobrirmos isso, na minha opinião, é identificar o morto. Não deve ser difícil. Quando tivermos descoberto quem ele é e quem são seus parceiros, teremos um bom começo para saber o que ele estava fazendo na rua Pitt na noite passada, e quem foi que o encontrou e o matou na soleira da porta do sr. Horace Harker. Não acha?

— Sem dúvida; e mesmo assim não é o modo pelo qual eu conduziria o caso.

— O que faria, então?

— Oh, não deve deixar que eu o influencie de maneira alguma. Sugiro que continue em sua própria linha e eu na minha. Depois poderemos comparar resultados, e cada um complementará o outro.

— Muito bem — disse Lestrade.

— Se estiver voltando para a rua Pitt, deve ver o sr. Horace Harker. Diga-lhe que já tenho uma opinião e que é certo que um perigoso lunático homicida, com devaneios napoleônicos, esteve na casa dele ontem à noite. Será útil para o artigo dele.

Lestrade encarou-o.

— Não acredita seriamente nisso?

Holmes sorriu.

— Não? Bem, talvez não. Mas estou certo de que isso interessará ao sr. Horace Harker e aos assinantes do *Sindicato Central de Imprensa*. Agora, Watson, creio que teremos um dia de trabalho longo e bem complexo. Eu agradeceria, Lestrade, se pudesse nos encontrar na Baker Street às 18 horas. Até lá, eu gostaria de ficar com esta fotografia, encontrada no bolso do morto. É possível que eu tenha de pedir a sua companhia e ajuda para uma pequena expedição que farei esta noite, se minha cadeia de raciocínio estiver correta. Até lá, adeus e boa sorte!

Sherlock Holmes e eu fomos juntos para a High Street, onde paramos na loja Harding Brothers, na qual o busto fora adquirido. Um jovem assistente informou-nos que o sr. Harding estaria ausente até a tarde, e que ele próprio era um novato e não podia nos dar nenhuma informação. O rosto de Holmes mostrava seu desapontamento e irritação.

— Ora, ora, não podemos esperar obter tudo o que queremos, Watson — disse por fim. — Voltaremos à tarde, já que o sr. Harding não chegará antes disso. Estou, como sem dúvida já deve ter suspeitado, tentando rastrear esses bustos até sua origem, para descobrir se há algo especial que possa explicar seu destino estranho. Vamos procurar o sr. Morse Hudson, da Kennington Road, e ver se ele pode esclarecer alguma coisa sobre o problema.

Uma caminhada de uma hora nos levou ao estabelecimento do negociante de imagens. Era um homem baixo, atarracado, com rosto vermelho e maneiras irritadiças.

— Sim, senhor, no meu balcão, senhor — disse. — Para que pagamos impostos e taxas eu não sei, quando qualquer valentão pode entrar e quebrar nossas mercadorias. Sim, senhor, fui eu quem vendeu ao dr. Barnicot suas duas estatuetas. Vergonhoso, senhor! Uma conspiração niilista, é o que penso disto. Ninguém, a não ser um anarquista, sairia por aí quebrando estatuetas. Republicanos vermelhos, é como os chamo. De quem consegui as estatuetas? Não vejo o que tem a ver com isso. Bem, se quer realmente saber, comprei-as de Gelder & Co., na Church Street, em Stepney. É uma firma bastante conhecida no ramo e está nele há vinte anos. Quantos eu tinha? Três, dois mais um são três, dois do dr. Barnicot e um esmigalhado à luz do dia em meu próprio balcão. Se eu conheço esta fotografia? Não, não conheço. Sim, conheço. Ora, é Beppo. Era uma espécie de pau-para-toda-obra italiano, que se tornou útil na loja. Podia esculpir um pouco, e dourar e fazer trabalhos avulsos. O sujeito foi embora na semana passada e não soube mais nada a respeito dele desde então. Não, não sei de onde veio ou para onde foi. Não tinha nada contra ele enquanto esteve aqui. Foi embora dois dias antes de o busto ser esmagado.

— Bem, isto é tudo o que poderíamos esperar de Morse Hudson — disse Holmes quando saímos da loja. Temos esse Beppo como um fator comum, ambos em Kennington e em Kensington, portanto vale uma ida de 15

quilômetros. Agora, Watson, vamos até Gelder & Co., de Stepney, a causa e origem dos bustos. Ficarei surpreso se não conseguirmos alguma ajuda ali.

Numa rápida sucessão passamos pela periferia da Londres da moda, a Londres dos hotéis, Londres teatral, Londres literária, Londres comercial e, finalmente, Londres marítima, até que chegamos a uma cidade à beira do rio, com cem mil almas, onde os cortiços se sufocam com os detritos da Europa. Aqui, numa grande via pública, outrora moradia dos mercadores ricos da cidade, encontramos os trabalhos de escultura que procurávamos. Do lado de fora havia um pátio grande cheio de obras de pedra monumentais. Dentro, um amplo aposento no qual cinquenta operários esculpiam ou modelavam. O gerente, um alemão grande e louro, nos recebeu civilizadamente e deu respostas claras às perguntas de Holmes. Uma olhada em seus livros mostrou que centenas de peças foram moldadas da cópia de mármore da cabeça de Napoleão de Devine, mas que as três que foram mandadas para Morse Hudson há um ano ou mais eram a metade de um lote de seis, e as outras três foram enviadas para Harding Brothers, de Kensington. Não havia razão para que aquelas seis fossem diferentes das outras peças. Não podia sugerir nenhuma causa possível para que alguém quisesse destruí-las — na verdade, ele riu da ideia. O preço total delas era de seis xelins, mas o revendedor poderia conseguir 12 ou mais. A peça foi tirada em dois moldes, um de cada lado da face, e depois estes dois perfis de gesso de Paris foram unidos para fazer o busto completo. O trabalho era feito em geral por italianos, na sala em que estávamos. Quando ficavam prontos, os bustos eram colocados numa mesa no corredor para secar, e depois eram guardados. Isto era tudo o que podia nos dizer.

Mas a exibição da fotografia teve um efeito notável no gerente. Seu rosto ficou vermelho de raiva, e seu cenho se franziu sobre os olhos teutônicos azuis.

— Ah, o patife! — exclamou. — Sim, na verdade eu o conheço muito bem. Este sempre foi um estabelecimento respeitável, e na única vez que tivemos a polícia aqui foi por causa desse sujeito. Foi há mais de um ano. Ele esfaqueou outro italiano na rua, e depois veio para o trabalho com a polícia nos calcanhares, e foi preso aqui. Beppo era seu nome; seu segundo nome eu nunca soube. Bem mereço o castigo por empregar um homem com um rosto desse. Mas era um bom trabalhador, um dos melhores.

— Quanto tempo ele ficou preso?

— O homem sobreviveu e ele saiu em um ano. Não tenho dúvida de que está livre agora, mas não teve a coragem de aparecer por aqui. Temos um primo dele aqui e creio que pode lhe dizer onde ele está.

— Não, não! — exclamou Holmes —, nem uma palavra ao primo, nem uma palavra, eu lhe peço. O assunto é muito importante, e quanto mais me aprofundo nele, mais importante parece ficar. Quando se referiu em seu livro à venda das peças, observei que a data era 3 de junho do ano passado. Poderia me dar a data em que Beppo foi preso?

— Posso lhe dizer pela lista de pagamento — respondeu o gerente. — Sim — continuou, depois de virar algumas páginas —, seu último pagamento foi no dia vinte de maio.

— Obrigado — disse Holmes. — Não creio que precise abusar mais do seu tempo e da sua paciência. — Com uma última palavra de advertência de que ele não devia falar mais nada a respeito das nossas pesquisas, saímos de lá para prosseguir em nossa missão.

A tarde já estava bem adiantada quando conseguimos comer um lanche rápido num restaurante. Um anúncio de jornal na entrada dizia “Violência em Kensington. Assassinato por um Louco” e o conteúdo mostrava que o sr. Horace Harker tivera afinal seu artigo publicado. Duas colunas estavam ocupadas com um relato sensacional e floreado de todo o incidente. Holmes o apoiou no galheteiro e leu enquanto comia. Uma ou duas vezes ele deu uma risadinha.

— Está tudo certo, Watson — disse. — Ouça isto:

> *É bom saber que não há diferença de opinião a respeito deste caso, já que o sr. Lestrade, um dos membros mais experientes da polícia, e o sr. Sherlock Holmes, o conhecido perito consultor, chegaram à conclusão de que a grotesca série de incidentes, que terminou de maneira tão trágica, foi motivada por loucura e não por crime premeditado. A única explicação para esses fatos é a aberração mental.*

— A imprensa, Watson, é uma instituição extremamente valiosa, se a gente souber como usá-la. E agora, se já acabou, voltaremos a Kensington e veremos o que o gerente do Harding Brothers tem a dizer sobre o assunto.

O fundador daquele grande empório provou ser um homenzinho agitado e enrugado, muito esperto e rápido, calvo e com uma língua ágil.

— Sim, senhor, já li sobre o relato nos jornais da noite. O sr. Horace Harker é cliente nosso. Nós lhe fornecemos os bustos alguns meses atrás. Encomendamos três bustos daquele tipo à Gelder & Co., de Stepney. Foram todos vendidos. Para quem? Oh, creio que consultando nosso livro de vendas posso lhe dizer facilmente. Sim, temos registros aqui. Uma para o sr. Harker, vê, e uma para o sr. Josiah Brown, de Laburnum Lodge, Laburnum Vale, Chiswick, e uma para o sr. Sandeford, da estrada Lower Grove, Reading. Não, nunca vi o rosto que me mostra nessa fotografia. Dificilmente o esqueceria, não é, pois nunca vi ninguém mais feio. Se temos italianos empregados? Sim, senhor, temos vários entre nossos operários e limpadores. Eles poderiam dar uma olhada neste livro de vendas se quisessem. Não há nenhum motivo para vigiar aquele livro. Bem, bem, é um negócio muito estranho, e espero que me informem se algo aparecer em suas investigações.

Holmes tomara muitas notas durante o depoimento do sr. Harding, e pude ver que estava plenamente satisfeito com o rumo que o caso estava tomando. Mas não fez nenhum comentário, exceto que, se não corrêssemos, chegaríamos atrasados para o nosso encontro com Lestrade. De fato, quando chegamos à Baker Street, o detetive já estava lá, e o encontramos andando de um lado para outro numa impaciência febril. O ar de importância mostrava que seu dia não fora em vão.

— E então? — perguntou. — Qual foi a sorte, sr. Holmes?

— Tivemos um dia muito ocupado e não inteiramente perdido — explicou meu amigo. — Estivemos com os varejistas e os fabricantes. Posso reconstituir a história de cada busto desde o início.

— Os bustos! — exclamou Lestrade. — Ora, ora, o senhor tem seus próprios métodos, sr. Sherlock Holmes, e não serei eu a falar uma palavra contra eles, mas acho que tive um dia de trabalho melhor que o seu. Identifiquei o morto.

— Não diga.

— E descobri a causa do crime.

— Esplêndido.

— Temos um inspetor especialista em Safron Hill e na parte italiana. Bem, este morto tinha uma espécie de emblema católico no pescoço, e isto, junto com sua cor, me fizeram pensar que era do sul. O inspetor o reconheceu assim que pôs os olhos nele. Seu nome é Pietro Venucci, de

Nápoles, e é um dos maiores cortadores de gargantas de Londres. É ligado à Máfia, que, como sabe, é uma sociedade política secreta, impondo suas decisões por meio de assassinatos. Agora, veja como o caso começa a se esclarecer. O outro sujeito possivelmente também é italiano e membro da Máfia. De algum modo desobedeceu as regras. Pietro é posto na sua trilha. Provavelmente a fotografia que encontramos em seu bolso é a do próprio homem, para que ele não esfaqueasse a pessoa errada. Ele persegue o sujeito, vê quando ele entra numa casa, espera por ele do lado de fora e na luta recebe seu próprio ferimento mortal. O que acha disso, sr. Sherlock Holmes?

Holmes bateu palmas em aprovação.

— Excelente, Lestrade, excelente! — exclamou. — Mas não entendi como explica a destruição dos bustos.

— Os bustos! Não pode nunca deixar de pensar nestes bustos. Afinal, isso não é nada; furto de pouca monta, seis meses no máximo. É o assassinato que estamos realmente investigando, e lhe digo que estou juntando todos os fios em minhas mãos.

— E a próxima etapa?

— É muito simples. Irei com o inspetor Hill até a parte italiana para descobrir o homem que está naquela fotografia, e o prenderei sob a acusação de assassinato. Quer vir conosco?

— Acho que não. Imagino que podemos atingir nosso objetivo de uma maneira mais simples. Não posso dizer ao certo, porque tudo depende, bem, tudo depende de um fator que está completamente fora de nosso controle. Mas tenho grandes esperanças, na verdade, a relação é exatamente de dois para um, se vier conosco esta noite, de poder ajudá-lo a pegar o sujeito.

— Na parte italiana?

— Não, creio que Chiswick é o endereço onde temos mais probabilidade de encontrá-lo. Se vier comigo esta noite a Chiswick, Lestrade, prometo ir com você à parte italiana amanhã, e o atraso não causará nenhum prejuízo. E agora, acho que algumas horas de sono nos fariam bem, pois não pretendo sair antes das 23 horas e é pouco provável que voltemos antes de o dia amanhecer. Jantará conosco, Lestrade, e depois poderá se acomodar no sofá até a hora de partirmos. Enquanto isso, Watson, agradeceria se chamasse um mensageiro, porque tenho uma carta para mandar e é importante que seja despachada imediatamente.

Holmes passou a noite pesquisando nos arquivos dos velhos jornais, que entulhavam um dos nossos quartos de badulaques. Quando finalmente desceu, foi com uma expressão de triunfo nos olhos, mas não nos revelou nada sobre os resultados de sua pesquisa. De minha parte, seguira passo a passo os métodos pelos quais ele reconstituíra os vários meandros deste complexo e, embora ainda não conseguisse perceber aonde chegaríamos, entendi claramente que Holmes esperava que esse criminoso grotesco fizesse uma tentativa de atacar os dois bustos remanescentes, um dos quais, eu me lembrava, estava em Chiswick. Sem dúvida o objetivo de nossa viagem era pegá-lo em flagrante, e não podia deixar de admirar a esperteza com que meu amigo inserira uma pista falsa no jornal, para dar ao sujeito a ideia de que poderia continuar impunemente o seu projeto. Não me surpreendi quando Holmes sugeriu que eu levasse o meu revólver. Ele mesmo pegara seu chicote de caça, que era sua arma favorita.

Uma carruagem estava na porta às 23 horas, e nela nos dirigimos para um lugar do outro lado da ponte Hammersmith, onde o cocheiro recebeu ordem para esperar. Uma caminhada curta nos levou a uma rua escondida, ladeada de casas agradáveis, cada uma com seu próprio terreno. Sob a luz de um poste lemos “Vila Laburnum” na coluna do portão de uma delas. Os ocupantes, evidentemente, haviam se recolhido para dormir, pois tudo estava escuro, exceto por uma luzinha sobre a porta principal, que fazia um círculo impreciso no caminho do jardim. A cerca de madeira que separava o terreno da rua projetava uma densa sombra negra no lado de dentro, e era ali que estávamos agachados.

— Receio que tenhamos uma espera longa — sussurrou Holmes. — Podemos agradecer às estrelas por não estar chovendo. Não creio que possamos nos arriscar nem mesmo a fumar para passar o tempo. Entretanto, aposto dois contra um como conseguiremos alguma coisa como recompensa pelo nosso trabalho.

Mas nossa vigília acabou não sendo tão longa quanto Holmes imaginara, e terminou de modo bastante repentino e singular. Num instante, sem o menor ruído para nos prevenir de sua chegada, o portão do jardim se abriu e um vulto escuro, rápido e ágil como um macaco, correu pelo caminho do jardim. Nós o vimos passar ligeiro pela luz lançada de cima da porta e desaparecer na sombra negra da casa. Houve uma pausa longa, durante a qual prendemos a respiração, e então um leve som de coisa quebrada nos

chegou aos ouvidos. A janela estava sendo aberta. O barulho cessou e de novo houve um longo silêncio. O sujeito estava andando pela casa. Vimos o brilho repentino de uma lanterna dentro da sala. O que ele procurava evidentemente não estava lá, porque vimos novamente a luz através de outra persiana, e depois por outra.

— Vamos até a janela aberta. Nós o apanharemos quando saltar para fora — sussurrou Lestrade.

Mas antes que nos movêssemos, o homem surgiu de novo. Quando ele saiu e ficou na parte iluminada, vimos que carregava alguma coisa branca sob o braço. Olhou atentamente em volta. O silêncio da rua deserta o tranquilizou. Virando as costas para nós, pôs no chão sua carga, e logo depois ouvimos o som de uma batida áspera, seguida de um barulho de objetos batendo. O homem estava tão concentrado no que fazia que não ouviu nossos passos quando corremos pela grama. Com um pulo de tigre Holmes estava em suas costas, e um instante depois Lestrade e eu o seguramos pelos pulsos, e as algemas foram colocadas. Ao virá-lo em nossa direção, vi um rosto hediondo e pálido, com uma expressão furiosa e contorcida, e eu sabia que era realmente o homem da fotografia que havíamos procurado.

Mas não era ao nosso prisioneiro que Holmes dava atenção. Agachado na soleira da porta, dedicava-se a um exame cuidadoso do que o homem trouxera da casa. Era um busto de Napoleão, igual ao que víramos pela manhã, e fora quebrado em fragmentos semelhantes. Com cuidado, Holmes levou cada pedaço para a luz, mas eles não se diferenciavam em nada de qualquer outro pedaço espatifado de gesso. Acabara de fazer seu exame quando a luz do saguão se acendeu, a porta se abriu e o dono da casa, uma figura jovial, gorducha, de calça e camisa, apareceu.

— Sr. Josiah Brown, suponho? — perguntou Holmes.

— Sim, senhor; e o senhor, sem dúvida, é o sr. Sherlock Holmes? Recebi o bilhete que mandou pelo mensageiro, e fiz exatamente como me disse. Trancamos cada porta por dentro e esperamos pelos acontecimentos. Bem, estou contente por ver que pegaram o patife. Espero, cavalheiros, que entrem e tomem um lanche.

Mas Lestrade estava ansioso para levar o homem para um local seguro; de modo que em poucos minutos nossa carruagem foi chamada e estávamos todos os quatro indo para Londres. Nosso prisioneiro não dizia uma palavra,

mas nos observava com seus olhos embaciados, e uma vez, quando minha mão parecia estar ao seu alcance, tentou mordê-la como um lobo faminto. Ficamos na delegacia o suficiente para descobrir que uma revista em suas roupas não revelou nada a não ser uns poucos xelins e uma longa faca de bainha, cujo cabo tinha muitos vestígios de sangue recente.

— Está tudo certo — disse Lestrade quando saíamos. — Hill conhece toda essa gente e dará um nome a ele. O senhor descobrirá que minha teoria sobre a Máfia será correta. Mas tenho certeza de que lhe devo muitos agradecimentos, sr. Holmes, pela eficiência com que deitou as mãos nele. Ainda não estou entendendo tudo.

— Receio que seja uma hora um pouco tardia para explicações — disse Holmes. — Além disso, existem um ou dois detalhes que ainda não estão completos, e este é um daqueles casos em que é melhor ir até o fim. Se vier aos meus aposentos mais uma vez amanhã às 18 horas, acho que poderei lhe mostrar que mesmo agora você ainda não captou o significado completo deste negócio, que apresenta algumas características que o tornam absolutamente original na história do crime. Se eu chegar a permitir que escreva a história de mais alguns de meus probleminhas, Watson, posso prever que encherá suas páginas com o relato da aventura singular dos bustos napoleônicos.

Quando nos encontramos novamente na noite seguinte, Lestrade tinha muitas informações relacionadas com o nosso prisioneiro. Seu nome, parece, era Beppo, sobrenome desconhecido. Era um vagabundo conhecido na colônia italiana. Já fora um hábil escultor e levava uma vida honesta, mas passou a trilhar os caminhos do mal e já estivera preso duas vezes — uma por furto, e outra, como já sabíamos, por esfaquear um conterrâneo. Sabia falar inglês perfeitamente. Seus motivos para destruir os bustos ainda eram desconhecidos, e ele se recusava a responder a qualquer pergunta sobre o assunto, mas a polícia descobriu que estes mesmos bustos poderiam muito bem ter sido feitos por suas próprias mãos, já que estava envolvido nesse tipo de trabalho no estabelecimento de Gelder & Co. Holmes ouviu com atenção cortês todas essas informações, muitas das quais já eram do nosso conhecimento, mas eu, que o conhecia tão bem, podia ver que seus pensamentos estavam em outro lugar, e percebi uma mistura de agitação e expectativa por baixo da máscara que adotara. Por fim, endireitou-se na cadeira e seus olhos brilharam. Alguém tocara a campainha. Um instante

depois ouvimos passos na escada, e um homem idoso, de rosto vermelho e suíças grisalhas, entrou apressado. Na mão direita carregava uma antiga mala de viagem, que pôs na mesa.

— O sr. Sherlock Holmes está aqui?

Meu amigo inclinou-se e sorriu.

— Sr. Sandeford, de Reading, suponho? — disse.

— Sim, senhor, receio estar um pouco atrasado, mas os trens estavam horríveis. Escreveu para mim sobre um busto que está em meu poder.

— Exatamente.

— Tenho sua carta aqui. Diz: “Desejo possuir uma cópia do Napoleão de Devine, e estou disposto a pagar dez libras pelo que está com o senhor.” Está correto?

— Perfeitamente.

— Fiquei muito surpreso com sua carta, pois não posso imaginar como soube que eu possuía esse objeto.

— É claro que deve ter ficado surpreso, mas a explicação é muito simples. O sr. Harding, de Harding Brothers, contou-me que lhe vendeu a última cópia, e me deu seu endereço.

— Oh, então foi assim? Ele lhe disse quanto paguei por ela?

— Não, não disse.

— Bem, sou um homem próspero, embora não muito rico. Dei apenas 15 xelins pelo busto, e acho que deveria saber disso antes de eu lhe tomar dez libras.

— Estou certo de que seu escrúpulo faz a sua honra, sr. Sandeford. Mas eu disse o preço e pretendo pagá-lo.

— Bem, é muito bonito de sua parte, sr. Holmes. Trouxe o busto comigo, como me pediu. Aqui está! — abriu a mala e afinal vimos colocado em nossa mesa um exemplar inteiro daquele busto que já víramos mais de uma vez em fragmentos.

Holmes pegou um papel no bolso e pôs uma nota de dez libras na mesa.

— Gostaria que fizesse a gentileza de assinar aquele papel, sr. Sandeford, na presença destas testemunhas. É apenas para dizer que transfere para mim qualquer possível direito que já tenha tido sobre o busto. Sou um homem metódico, como vê, e nunca se sabe o rumo que os acontecimentos podem tomar depois. Obrigado, sr. Sandeford; aqui está seu dinheiro, e lhe desejo uma boa noite.

Quando nosso visitante desapareceu, os movimentos de Sherlock Holmes atraíram nossa atenção. Começou por tirar um pano branco limpo de um armário, colocando-o na mesa. Depois depositou o busto recém-adquirido no centro do pano. Finalmente, pegou seu chicote e deu uma chicotada no Napoleão bem no alto da cabeça. A peça se despedaçou e Holmes curvou-se ansiosamente sobre os fragmentos espalhados. Logo depois, com um grito de triunfo, pegou um pedaço, no qual estava grudado um objeto redondo e escuro, como uma ameixa num pudim.

— Cavalheiros — exclamou —, deixem-me apresentá-los à famosa pérola negra dos Bórgias.

Lestrade e eu ficamos em silêncio por um instante, e, então, num impulso espontâneo, começamos a bater palmas, como num momento culminante de uma peça bem elaborada. Um rubor se espalhou pela face pálida de Holmes, e ele se curvou para nós — como um mestre dramaturgo que recebe a homenagem de sua plateia. Era nessas ocasiões que ele deixava por um instante de ser uma máquina de raciocínio e traía sua paixão humana por admiração e aplauso. A mesma natureza singularmente orgulhosa e reservada que se afastava com desdém da notoriedade pública era capaz de ir às suas profundezas pela admiração e pelo elogio espontâneos de um amigo.

— Sim, cavalheiros — disse —, é a pérola mais famosa no mundo atualmente, e tive a sorte de, pela cadeia de raciocínio indutivo, segui-la desde o quarto do príncipe de Colonna, no Hotel Dacre, onde foi perdida, até o interior disto, o último dos seis bustos de Napoleão que foram feitos por Gelder & Co., de Stepney. Deve se lembrar, Lestrade, da sensação causada pelo desaparecimento dessa joia valiosa, e das tentativas inúteis da polícia de Londres para recuperá-la. Eu mesmo fui consultado, mas não consegui ajudar a esclarecer o caso. As suspeitas recaíram sobre a empregada da princesa, que era italiana e tinha um irmão em Londres, mas não conseguimos encontrar nenhuma ligação entre eles. O nome dessa empregada era Lucretia Venucci, e não tenho dúvida de que esse Pietro que foi assassinado duas noites atrás era o irmão dela. Estive vendo as datas nos velhos arquivos do jornal, e descobri que o desaparecimento da pérola ocorreu exatamente dois dias antes da prisão de Beppo por algum crime de violência; um fato que aconteceu na fábrica de Gelder & Co., exatamente quando esses bustos estavam sendo feitos. Agora vocês veem claramente a

sequência de fatos, embora vejam, é claro, numa ordem inversa da que se apresentaram a mim. Beppo estava de posse da pérola. Deve tê-la roubado de Pietro, deve ter sido cúmplice dele, o intermediário entre Pietro e sua irmã. Não nos importa qual dessas é a solução correta.

"O principal é que ele *tinha* a pérola, e naquele momento, quando ela estava com ele, foi perseguido pela polícia. Correu para a fábrica em que trabalhava e sabia que tinha apenas alguns minutos para esconder aquele objeto imensamente valioso, que, do contrário, seria encontrada com ele quando fosse alcançado. Seis peças de gesso estavam secando no corredor. Uma delas ainda estava mole. Num instante Beppo, um escultor habilidoso, fez um pequeno buraco no gesso mole, colocou a pérola, e com alguns toques cobriu a abertura novamente. Era um ótimo esconderijo. Possivelmente ninguém iria descobri-lo. Mas Beppo foi condenado a um ano de prisão, e nesse período os seis bustos se espalharam por Londres. Ele não podia saber qual continha o seu tesouro. Só quebrando-os é que poderia ver. Mesmo se os sacudisse, não adiantaria nada, pois como o gesso estava mole, era possível que a pérola aderisse a ele — como, de fato, aconteceu. Beppo não se desesperou, e conduziu sua pesquisa com bastante engenho e perseverança. Por intermédio de um primo que trabalha na Gelder, descobriu as firmas que compraram os bustos. Conseguiu emprego com Morse Hudson, e assim achou três deles. A pérola não estava lá. Depois, com a ajuda de algum empregado italiano, conseguiu descobrir para onde os outros três bustos tinham ido. O primeiro estava com Harker. Ali ele foi seguido por seu cúmplice, que o responsabilizou pela perda da pérola e foi apunhalado na luta que se seguiu."

— Se era um cúmplice, por que carregaria a fotografia dele? — perguntei.

— Como um meio de localizá-lo, se quisesse saber dele por intermédio de uma terceira pessoa. Essa era a razão óbvia. Bem, depois do assassinato, calculei que Beppo provavelmente iria acelerar e não retardar seus movimentos. Ficaria com receio de que a polícia descobrisse seu segredo, e então apressou-se antes que eles pudessem chegar à sua frente. É claro que eu não podia afirmar que ele não encontrara a pérola no busto de Harker. Eu nem mesmo tinha certeza de que era a pérola, mas era evidente para mim que ele procurava alguma coisa, já que passou com o busto por outras casas para quebrá-lo num jardim que tinha um poste. Como o busto de Harker era

um de três, suas chances eram exatamente como lhes disse: dois contra um para a pérola estar lá dentro. Então faltavam dois bustos, e era óbvio que ele iria primeiro para o busto de Londres. Avisei os moradores da casa, para evitar uma segunda tragédia, e fomos até lá, com os melhores resultados. Nessa ocasião, é claro, eu tinha certeza de que era a pérola dos Bórgias aquilo que estávamos procurando. O nome do homem assassinado ligava um fato ao outro. Só restava um busto, o de Reading, e a pérola tinha de estar lá. Eu o comprei do dono na presença de vocês; e aqui está.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Bem — disse Lestrade —, já o vi lidar com muitos casos, sr. Holmes, mas nunca vi um tão primoroso como este. Não temos ciúmes do senhor na Scotland Yard. Não, estamos muito orgulhosos do senhor, e se for lá amanhã, não haverá um único homem, do inspetor mais antigo ao guarda mais novo, que não ficará contente em lhe apertar as mãos.

— Obrigado! — disse Holmes. — Obrigado! — e quando se virou, tive a impressão de que estava mais comovido pelas suaves emoções humanas do que jamais o vira. Logo depois, ele voltava a ser o pensador frio e prático de sempre. — Guarde a pérola no cofre, Watson — disse — e tire os papéis do caso de falsificação da Conk-Singleton. Adeus, Lestrade. Se esbarrar em algum probleminha, ficarei feliz se puder lhe dar uma ou duas pistas para a solução.

A AVENTURA DOS TRÊS ESTUDANTES

FOI NO ANO DE 1895 QUE UMA COMBINAÇÃO DE FATOS, QUE NÃO preciso mencionar, fez com que Sherlock Holmes e eu passássemos algumas semanas numa de nossas grandes cidades universitárias, e foi durante esse período que a pequena mas instrutiva aventura que estou prestes a relatar nos aconteceu. É óbvio que qualquer detalhe que ajudasse o leitor a identificar exatamente o colégio ou o criminoso seria imprudente e ofensivo. Um escândalo tão doloroso deve poder ser esquecido. Mas, com a devida discrição, o incidente pode ser descrito, já que serve para ilustrar algumas daquelas qualidades pelas quais meu amigo era notável. Tentarei, no meu relato, evitar termos que sirvam para limitar os acontecimentos a um lugar específico, ou dar uma pista sobre as pessoas envolvidas.

Estávamos morando naquela época em aposentos mobiliados perto de uma biblioteca onde Sherlock Holmes fazia algumas pesquisas trabalhosas em antigos documentos ingleses — pesquisas que levaram a resultados tão chocantes que podem até ser objeto de uma de minhas futuras narrativas. Assim estávamos, quando numa noite recebemos a visita de um conhecido, o sr. Hilton Soames, tutor e professor do Colégio de St. Luke. O sr. Soames era um homem alto e magro, de temperamento nervoso e excitável. Sempre soube que ele era irrequieto, mas nessa ocasião em particular estava numa agitação tão incontrolável que era evidente que algo incomum ocorrera.

— Espero, sr. Holmes, que possa dispor de algumas horas de seu valioso tempo. Tivemos um incidente muito doloroso em St. Luke, e na verdade, não fosse pelo feliz acaso de sua presença na cidade, eu não saberia o que fazer.

— Estou muito ocupado agora, e não quero ser perturbado — respondeu meu amigo. — Preferiria que pedisse a ajuda da polícia.

— Não, não, meu caro senhor; isso é totalmente impossível. Quando a lei é chamada, não se pode voltar atrás, e este é um daqueles casos em que, pela boa reputação do colégio, é essencial evitar um escândalo. Sua discrição é tão conhecida quanto seus talentos; o senhor é o único homem no mundo que pode me ajudar. Eu lhe imploro, sr. Holmes, que faça o que puder.

O estado de espírito do meu amigo não havia melhorado desde que fora privado da atmosfera familiar da Baker Street. Sem seus cadernos de anotações, seus produtos químicos e sua desorganização doméstica, era um homem desagradável. Encolheu os ombros numa concordância rude, enquanto nosso visitante despejava sua história com palavras apressadas e uma gesticulação agitada.

— Devo lhe explicar, sr. Holmes, que amanhã é o primeiro dia do exame para a Bolsa de Estudos Fortescue. Sou um dos examinadores. Minha matéria é o grego, e o primeiro teste consiste num grande trecho de tradução grega que o candidato nunca viu. Este trecho é impresso no papel da prova e naturalmente seria uma imensa vantagem se o candidato pudesse prepará-lo antes. Por esse motivo tomamos muito cuidado para que o papel seja mantido em segredo.

“Hoje, por volta das 15 horas, as provas do exame chegaram dos impressores. O exercício consiste em meio capítulo de Tucídides. Eu tinha de lê-lo com cuidado, para que o teste estivesse absolutamente correto. Às 16h30 minha tarefa ainda não estava concluída. Mas eu havia prometido tomar chá no aposento de um amigo, de modo que deixei a prova sobre a minha escrivaninha. Fiquei ausente por mais de uma hora.

“O senhor sabe, sr. Holmes, que as portas do nosso colégio são duplas — por dentro uma folha verde e por fora uma pesada de carvalho. Ao me aproximar da porta de fora, fiquei surpreso ao ver uma chave nela. Por um momento pensei que deixara minha própria chave ali, mas, sentindo-a no meu bolso, achei que estava tudo bem. A única duplicata que existia, pelo que sabia, era a que pertencia ao meu criado, Bannister — um homem que cuida de meu aposento há dez anos, e cuja honestidade está absolutamente acima de suspeita. Descobri que a chave era de fato dele, que ele entrara no meu quarto para saber se eu queria chá, e que a deixara por descuido na

porta quando saiu. Sua entrada no meu quarto deve ter ocorrido poucos minutos após eu ter saído. O esquecimento da chave não teria importância em qualquer outra ocasião, mas nesse dia provocou as consequências mais deploráveis.

"No instante em que olhei para a mesa, percebi que alguém mexera nos papéis. A prova tinha três folhas longas. Eu as deixara todas juntas. Mas encontrei uma no chão, outra na mesinha perto da janela, e a terceira estava onde a deixara."

Holmes mexeu-se pela primeira vez.

— A primeira página no chão, a segunda na janela, a terceira onde o senhor a deixara — disse.

— Exato, sr. Holmes. O senhor me surpreende. Como pode saber disso?

— Por favor, continue seu relato.

— Por um instante imaginei que Bannister tomara a liberdade imperdoável de examinar meus papéis. Mas ele negou isso com a maior honestidade, e estou convencido de que falava a verdade. A alternativa era a de que alguém que passava viu a chave na porta, soube que eu havia saído e entrou para ver os papéis. Uma grande soma de dinheiro está em jogo, pois a bolsa de estudos é muito valiosa e um homem inescrupuloso poderia muito bem se arriscar a fim de obter uma vantagem sobre seus colegas.

"Bannister ficou muito transtornado com o incidente. Quase desmaiou quando descobriu que os papéis, sem dúvida, tinham sido remexidos. Dei-lhe um pouco de *brandy* e o deixei prostrado numa cadeira, enquanto examinava cuidadosamente o quarto. Logo vi que o intruso havia deixado outros vestígios de sua presença além dos papéis amarrotados. Na mesa, perto da janela, havia várias lascas de um lápis que fora apontado. Um pedaço quebrado de ponta estava ali também. Evidentemente, o patife copiou o papel com muita pressa, quebrou a ponta de seu lápis, e teve de fazer uma ponta nova nele."

— Excelente! — disse Holmes, que estava recobrando seu bom humor à medida que sua atenção no caso aumentava. — A sorte está sendo sua amiga.

— Isto não é tudo. Tenho uma nova escrivaninha com uma ótima superfície em couro vermelho. Posso jurar, e Bannister também, que era lisa e sem manchas. Agora descobri um corte bem visível com cerca de sete centímetros de comprimento; não um simples arranhão, mas realmente um

corte. Não apenas isso, mas na mesa encontrei uma pequena bola de pasta ou argila preta, com partículas de algo parecido com pó de serra. Estou certo de que essas marcas foram deixadas pelo homem que mexeu nos papéis. Não havia pegadas e nenhum outro indício para identificá-lo. Não sabia o que fazer quando de repente lembrei-me de que o senhor estava na cidade, e vim direto para pôr o assunto em suas mãos. Ajude-me, sr. Holmes. Veja o meu dilema. Tenho de encontrar o homem ou então o exame será adiado até que sejam preparados novos testes, e como isto não pode ser feito sem explicação, haverá um escândalo abominável, que lançará uma mancha não apenas na faculdade, mas também na universidade. Acima de tudo, quero resolver o assunto calma e discretamente.

— Ficarei feliz em examinar e dar-lhe o conselho que puder — disse Holmes, levantando-se e colocando seu sobretudo. — O caso não é inteiramente destituído de interesse. Alguém o visitou em seu quarto depois que recebeu os papéis?

— Sim, o jovem Daulat Ras, um estudante indiano, que mora no mesmo andar, entrou para perguntar alguns detalhes do exame.

— Foi por isso que ele entrou?

— Sim.

— E os papéis estavam na sua mesa?

— Creio que estavam enrolados.

— Mas podiam ser reconhecidos como provas?

— Possivelmente.

— Ninguém mais entrou no seu quarto?

— Não.

— Alguém mais sabia que essas provas estariam lá?

— Ninguém, a não ser o impressor.

— E esse homem, Bannister, sabia?

— Não, com certeza não. Ninguém sabia.

— Onde está Bannister agora?

— Estava muito mal, pobre rapaz. Deixei-o prostrado na cadeira. Estava com muita pressa para vir falar com o senhor.

— Deixou sua porta aberta?

— Tranquei os papéis antes.

— Então tudo se resume nisto, sr. Soames: que, a menos que o estudante indiano tenha reconhecido o maço como sendo as provas, o homem que as copiou encontrou-as por acaso, sem saber que estavam ali.

— Assim me parece.

Holmes deu um sorriso enigmático.

— Bem — disse —, vamos em frente. Não é um dos seus casos, Watson; mental, não físico. Está bem, venha, se quiser. Agora, sr. Soames, às suas ordens!

A sala de estar de nosso cliente se abria, por uma comprida janela baixa, de rótula, para o antigo pátio interno, coberto de líquens, da velha faculdade. Uma porta gótica, em arco, dava para uma escadaria de pedras gastas. No primeiro andar ficava a sala do tutor. Acima ficavam três estudantes, um em cada andar. Já estava escurecendo quando chegamos ao local do nosso problema. Holmes parou e olhou atentamente para a janela. Depois se aproximou, e, ficando na ponta dos pés com o pescoço espichado, olhou para dentro do quarto.

— Ele deve ter entrado pela porta. Não há passagem, a não ser a vidraça — disse o nosso guia.

— Pobre de mim! — disse Holmes, e sorriu de um modo estranho quando olhou para o nosso companheiro. — Bem, se não há nada que possamos extrair daqui, é melhor entrarmos.

O professor destrancou a porta externa e nos levou até seu quarto. Ficamos na entrada enquanto Holmes examinava o tapete.

— Acho que não existem marcas aqui — disse. — Dificilmente poderíamos esperar encontrar alguma num dia tão seco. Parece que seu criado se recuperou. Deixou-o numa cadeira, disse. Que cadeira?

— Perto da janela, ali.

— Sei. Perto desta pequena mesa. Podem entrar agora. Já terminei de examinar o tapete. Vamos pegar a mesinha primeiro. E claro, o que aconteceu está muito claro. O homem entrou e tirou os papéis, folha por folha, da mesa central. Colocou-os na mesa da janela, porque de lá poderia ver se o senhor viesse pelo campo, e fugir.

— Na verdade, não poderia — disse Soames — porque entrei pela porta lateral.

— Ah, isso é ótimo! Bem, de qualquer modo, era essa a ideia dele. Deixe-me ver as três folhas. Nenhuma impressão digital, nenhuma! Bem,

ele pegou esta primeira e a copiou. Quanto tempo levaria para fazer isso, usando toda limitação possível? Quinze minutos, não menos. Depois a deixou cair e pegou a seguinte. Estava no meio desta quando seu retorno o obrigou a uma retirada muito apressada; muito apressada, pois não teve tempo de pôr novamente no lugar os papéis que poderiam revelar que estivera ali. Não ouviu passos apressados na escada ao entrar pela porta externa?

— Não, não posso dizer que ouvi.

— Bem, ele escreveu tão furiosamente que quebrou o lápis, e teve, como observam, de apontá-lo de novo. Isto é interessante, Watson. O lápis não era desses comuns. Era maior que o tamanho comum, com a ponta macia, a cor externa era azul-escuro, o nome do fabricante estava impresso em letras prateadas, e o pedaço remanescente tem apenas cerca de três centímetros de comprimento. Procure um lápis assim, sr. Soames, e terá o seu homem. Quando eu acrescentar que ele tem uma faca larga e muito afiada, terá uma ajuda adicional.

O sr. Soames ficou meio atordoado com esta enxurrada de informações.

— Posso compreender os outros pontos — disse —, mas, realmente, nesta questão do comprimento...

Holmes pegou um pequeno fragmento com as letras NN e um espaço claro de madeira depois deles.

— Vê?

— Não, acho que mesmo agora...

— Watson, sempre cometi uma injustiça com você. Existem outros. O que poderia ser este NN? Está no final de uma palavra. O senhor sabe que Johann Faber é o mais famoso nome de fabricante. Não está claro que o que foi deixado do lápis é o que termina o Johann? — Aproximou a mesinha da luz elétrica. — Eu achava que se o papel no qual ele escreveu fosse fino, poderia ter ficado alguma marca nesta face polida. Não, não vejo nada. Não creio que haja algo mais para ser visto aqui. Agora, a mesa central. Esta bolinha é, presumo, a massa pastosa e preta de que me falou. Vejo que é quase piramidal na forma e escavada. Como diz, parece haver grãos de pó de serra nela. Ah, isto é muito interessante. E o corte, um rasgão mesmo, pelo que vejo. Começa com um fino arranhão e termina num buraco fundo. Estou muito grato ao senhor por chamar minha atenção para este caso, sr. Soames. Para onde dá aquela porta?

— Para o meu quarto.
— Já esteve lá desde sua aventura?
— Não, saí diretamente para procurar o senhor.
— Gostaria de dar uma olhada. Que quarto antigo e elegante! Talvez o senhor pudesse fazer a gentileza de esperar um minuto, até que eu tenha examinado o assoalho. Não, não vejo nada. E a cortina? Pendura suas roupas atrás dela. Se alguém fosse obrigado a se esconder neste quarto, o faria ali, já que a cama e o armário são muito baixos. Ninguém aqui, suponho?
Quando Holmes abriu a cortina, senti, por uma certa rigidez e a cautela de seus movimentos, que estava preparado para uma emergência. Na verdade, a cortina aberta não revelou nada, a não ser três ou quatro peças de vestuário penduradas em uma fila de cabides. Holmes virou-se e inclinou-se de repente para o chão.
— Oh! O que é isto? — perguntou ele.
Era uma pequena pirâmide de uma substância preta parecida com betume, exatamente como aquela que estava na mesa do escritório. Holmes examinou-a na palma da mão perto da lâmpada.
— Nosso visitante parece ter deixado vestígios no seu quarto, assim como na sala de estar, sr. Soames.
— O que ele poderia querer ali?
— Creio estar suficientemente claro. O senhor voltou por um caminho inesperado e ele não o percebeu até que já estava bem perto da porta. O que poderia fazer? Recolheu tudo o que poderia traí-lo e correu para o seu quarto para se esconder.
— Meu Deus, sr. Holmes, quer dizer que durante todo o tempo em que estive falando com Bannister neste aposento tínhamos o homem prisioneiro sem que ao menos soubéssemos disso?
— É o que acho.
— Certamente há outra alternativa, sr. Holmes. Não sei se já observou a janela do meu quarto.
— Com rótula, molduras de chumbo, três janelas separadas, uma delas girando em gonzos, suficientemente larga para permitir a entrada de um homem.
— Exato. E dá para um ângulo do pátio em que é parcialmente invisível. O homem deve ter feito sua entrada por aqui, deixando marcas ao passar

pelo quarto, e finalmente, encontrando a porta aberta, escapou por ali.

Holmes sacudiu a cabeça com impaciência.

— Sejamos práticos — disse. — Entendi que disse que há três estudantes que usam esta escada, e que habitualmente passam pela sua porta?

— Sim.

— E todos eles estão inscritos para esse exame?

— Sim.

— Tem algum motivo para suspeitar de um mais do que dos outros?

Soames hesitou.

— É uma questão muito delicada — disse. — Não gosto de lançar suspeitas quando não existem provas.

— Vamos ouvir as suspeitas. Procurarei as provas.

— Eu lhe darei uma ideia então, em poucas palavras, do caráter dos três homens que moram nesses quartos. O mais novo deles é Gilchrist, um ótimo aluno e atleta, joga no time de rúgbi e no de críquete pela faculdade, e ganhou o primeiro prêmio na corrida de obstáculos e no salto em distância. É um rapaz humano, bom. Seu pai era o famoso *sir* Jabez Gilchrist, que se arruinou no turfe. Meu aluno ficou muito pobre, mas é persistente e trabalhador. Ele se sairá bem.

“No segundo andar mora Daulat Ras, o indiano. É um rapaz quieto, introvertido, como a maioria dos indianos. Vai bem nos estudos, exceto no grego, que é sua matéria mais fraca. É metódico e calmo.

“O terceiro andar pertence a Miles McLaren. É um aluno brilhante quando quer estudar — um dos intelectos mais brilhantes da universidade; mas é dispersivo, desobediente e sem princípios. Quase foi expulso por causa de um escândalo de cartas no primeiro ano. Ficou vadiando todo este período, e deve estar muito preocupado com esse exame.”

— Então é dele que o senhor suspeita?

— Não ousaria ir tão longe. Mas, dos três, é talvez o menos improvável.

— Certo. Agora, sr. Soames, vamos ver o seu criado, Bannister.

Era um sujeito pequeno, pálido, grisalho, sem barba, de uns cinquenta anos. Ainda sofria com a súbita perturbação na calma rotina de sua vida. Seu rosto redondo tremia de nervosismo e seus dedos não conseguiam ficar parados.

— Estamos investigando este assunto triste, Bannister — disse seu patrão.

— Sim, senhor.
— Soube — disse Holmes — que deixou sua chave na porta.
— Sim, senhor.
— Não é muito estranho que tenha feito isto justamente no dia em que aqueles papéis estavam lá dentro?
— Foi muito azar, senhor. Mas já fiz isso outras vezes.
— Quando entrou no aposento?
— Eram cerca de 16h30. É a hora do chá do sr. Soames.
— Quanto tempo ficou lá?
— Quando vi que ele não estava, saí logo.
— Olhou estes papéis na mesa?
— Não, senhor, decerto que não.
— Como foi que deixou a chave na porta?
— Estava com a bandeja de chá nas mãos. Pensei em voltar para buscar a chave. Depois esqueci.
— A porta externa tem um fecho de mola?
— Não, senhor.
— Então estava aberta o tempo todo?
— Sim, senhor.
— Qualquer um que estivesse no quarto poderia sair?
— Sim, senhor.
— Quando o sr. Soames voltou e o chamou, o senhor estava muito perturbado?
— Sim, senhor. Nunca aconteceu uma coisa dessas nos muitos anos em que estou aqui. Quase desmaiei, senhor.
— Entendo. Onde estava quando começou a passar mal?
— Onde eu estava, senhor? Ora, aqui, perto da porta.
— Isso é estranho, porque se sentou naquela cadeira perto do outro canto. Por que passou direto por estas outras cadeiras?
— Não sei, senhor, não me importava onde sentasse.
— Não creio realmente que tivesse muita consciência disso, sr. Holmes. Parecia muito mal, bem pálido.
— Ficou aqui quando seu patrão saiu?
— Apenas por um minuto ou dois. Depois tranquei a porta e fui para o meu quarto.
— De quem suspeita?

— Oh, não me arriscaria a dizer, senhor. Não creio que haja algum cavalheiro nesta universidade capaz de uma atitude dessas. Não, senhor, não acredito nisso.

— Obrigado, já basta — disse Holmes. — Oh, mais uma coisa. Não mencionou a nenhum dos três cavalheiros a que serve que sumiu alguma coisa?

— Não, senhor, nem uma palavra.

— Não viu nenhum deles?

— Não, senhor.

— Muito bem. Agora, sr. Soames, vamos dar um passeio por esse pátio, se quiser.

Três quadrados amarelos de luz brilhavam acima de nós.

— Seus três passarinhos estão nos ninhos — disse Holmes, olhando para cima. — Oh! O que é aquilo? Um deles parece estar inquieto.

Era o indiano, cuja silhueta negra apareceu de repente na persiana. Andava rapidamente de um lado para outro no quarto.

— Gostaria de dar uma olhadinha em cada um deles — disse Holmes. — É possível?

— Não há dificuldade — respondeu Soames. — Esta ala de quartos é a mais antiga da faculdade, e não é raro que visitantes passem por ela. Venham, e eu os conduzirei pessoalmente.

— Sem nomes, por favor! — disse Holmes, ao batermos na porta de Gilchrist. Um rapaz alto, magro, de cabelos louros, a abriu, e pediu que entrássemos, quando percebeu nossa intenção. Dentro havia algumas peças de arquitetura medieval realmente curiosas. Holmes se encantou tanto com uma delas que insistiu em desenhá-la em seu caderninho de anotações, quebrou a ponta de seu lápis, teve de pedir um emprestado ao nosso anfitrião, e por fim também uma faca para apontar o seu próprio. O mesmo estranho incidente ocorreu nos aposentos do indiano, um sujeito baixo, silencioso, nariz em gancho, que nos olhava com desconfiança, e ficou evidentemente alegre quando os estudos arquitetônicos de Holmes chegaram ao fim. Não percebi que em ambos os casos Holmes conseguira a pista que procurava. Somente no terceiro a nossa visita foi um malogro. A porta externa não se abriu quando batemos, e nada mais substancial do que uma torrente de palavras grosseiras veio lá de dentro. “Não me interessa

quem vocês sejam. Podem ir para o inferno!”, rugiu a voz encolerizada. “Amanhã é o exame, e não serei ultrapassado por ninguém.”

— Um rapaz rude — disse nosso guia, enrubescendo de raiva quando voltávamos pela escada. — É claro que não percebeu que era eu quem estava batendo à porta, mas mesmo assim sua conduta foi muito descortês e, nas atuais circunstâncias, muito suspeita.

A resposta de Holmes foi curiosa.

— Pode me dizer a sua altura exata? — perguntou.

— Na verdade, sr. Holmes, não posso garantir isso. É mais alto que o indiano, não tanto quanto Gilchrist. Suponho que tenha mais ou menos 1,80 metro de altura.

— Isto é muito importante — disse Holmes. — E agora, sr. Soames, desejo-lhe uma boa noite.

Nosso guia exclamou em voz alta, surpreso e desapontado.

— Meu Deus, sr. Holmes, certamente não vai me deixar assim de repente! Parece não compreender a situação. Amanhã é o exame. Tenho de tomar uma atitude definitiva esta noite. Não posso permitir que seja realizado se um dos papéis foi copiado. A situação deve ser resolvida.

— Deve deixar como está. Voltarei amanhã cedo e resolverei a questão. É possível que até lá eu esteja em condição de indicar alguma linha de ação. Enquanto isso, não mude nada; nada.

— Muito bem, sr. Holmes.

— Pode ficar tranquilo. Certamente encontraremos uma maneira de sair desta dificuldade. Levarei a argila preta comigo, e também as pontas de lápis. Adeus.

Quando saímos na escuridão do pátio, olhamos de novo para as janelas. O indiano ainda andava pelo quarto. Os outros estavam invisíveis.

— Bem, Watson, o que acha disto? — perguntou Holmes quando chegamos à rua principal. — Quase um jogo de salão, uma espécie de brincadeira com três cartas, não? Lá estão seus três homens. Tem de ser um deles. Escolha. Qual é o seu?

— O sujeito da boca suja no último andar. É o que tem as piores notas. Mas o indiano é um rapaz ardiloso, também. Por que estaria andando pelo quarto o tempo todo?

— Não há nada demais nisso. Muitos homens fazem isso quando tentam decorar alguma coisa.

— Ele nos olhava de um modo estranho.

— E você também faria a mesma coisa se um bando de estranhos aparecesse quando estivesse se preparando para um exame no dia seguinte e cada momento fosse valioso. Não, não vejo nada de estranho nisso. Os lápis também, e facas, tudo satisfatório. Mas aquele sujeito *realmente* me intriga.

— Quem?

— Ora, Bannister, o criado. Qual é a jogada dele nesta história?

— Pareceu-me um homem perfeitamente honesto.

— Também tive essa impressão. Esta é a parte intrigante. Por que um homem perfeitamente honesto... Ora, ora, aqui está uma grande papelaria. Devemos começar por ali.

Havia apenas quatro papelarias ao todo, na cidade, e em cada uma Holmes apresentou suas pontas de lápis e pediu uma duplicata. Todos concordaram que era um tamanho incomum de lápis e que raramente era guardado em estoque. Meu amigo não pareceu deprimido por esse fracasso, mas deu de ombros, numa resignação meio cômica.

— Mal, meu caro Watson. Esta, a melhor e única pista definitiva, deu em nada. Mas, na verdade, tenho poucas dúvidas de que possamos construir uma prova suficiente sem ela. Por Deus! meu caro amigo, são quase 21 horas, e a senhoria falou algo sobre ervilhas às 19h30. Assim como seu eterno tabaco, Watson, e sua irregularidade às refeições, espero que os abandone, e que eu compartilhe dessa sua derrocada, mas não antes de termos resolvido o problema do tutor nervoso, do criado descuidado e dos três estudantes empreendedores.

Holmes não fez nenhuma outra alusão ao assunto naquele dia, embora ficasse sentado, perdido em pensamentos por muito tempo após o nosso jantar atrasado. Às oito, entrou em meu quarto quando eu estava acabando de me vestir.

— Bem, Watson — disse —, é hora de irmos a St. Luke. Pode ficar sem o café da manhã?

— Com certeza.

— Soames ficará numa agitação terrível até que possamos lhe dizer algo de positivo.

— Tem algo de concreto para dizer a ele?

— Creio que sim.

— Chegou a uma conclusão?

— Sim, meu caro Watson, resolvi o mistério.
— Mas que nova prova você conseguiu?
— Ahá! Não foi à toa que saí da cama no horário inconveniente das seis horas. Tive duas horas de trabalho duro e percorri pelo menos sete quilômetros com algo para mostrar depois disso. Olhe só!

Mostrou a mão. Na palma havia três pequenas pirâmides de argila preta pastosa.

— Mas, Holmes, você só tinha duas ontem.
— E mais uma esta manhã. É razoável afirmar que do lugar de onde veio a nº 3 vieram também as de nºs 1 e 2. Não é, Watson? Bem, vamos logo acabar com a aflição do nosso amigo Soames.

O infeliz tutor estava num estado de lamentável agitação quando o encontramos em seus aposentos. Poucas horas depois começaria o exame, e ele ainda estava no dilema entre tornar públicos os fatos ou permitir que o culpado competisse pela valiosa bolsa de estudos. Mal podia ficar parado, tão grande era a sua agitação mental, e correu para Holmes com as duas mãos ansiosamente estendidas.

— Graças aos céus que veio! Temia que tivesse desistido, em desespero. O que devo fazer? O exame deve ser realizado?
— Sim, deixe que seja feito, sem dúvida.
— Mas, e o patife?
— Ele não competirá.
— Sabem quem é?
— Creio que sim. Se esse assunto não se tornar público, devemos nos atribuir certos poderes e nos transformar em uma pequena corte marcial particular. Você aí, por favor, Soames! Watson, você aqui! Ficarei na poltrona no centro. Acho que agora estamos suficientemente imponentes para atemorizar uma mente culpada. Por gentileza, toque a campainha!

Bannister entrou e estacou com evidente surpresa e medo ante o nosso aspecto judicial.

— Por favor, feche a porta — disse Holmes. — Agora, Bannister, por favor, conte-nos a verdade sobre o incidente de ontem.

O homem ficou branco até a raiz dos cabelos.

— Eu lhe disse tudo, senhor.
— Nada para acrescentar?

— Nada, senhor.

— Bem, então devo fazer algumas sugestões ao senhor. Quando se sentou naquela cadeira ontem, foi para esconder algum objeto que estaria neste aposento?

O rosto de Bannister estava lívido.

— Não, senhor, claro que não.

— É apenas uma sugestão — disse Holmes com suavidade. — Eu admito francamente que não tenho como prová-lo. Mas me parece muito possível que, no momento em que o sr. Soames estava de costas, você tenha libertado o homem que estava escondido naquele quarto.

Bannister passou a língua nos lábios secos.

— Não havia nenhum homem, senhor.

— Ah, é uma pena, Bannister. Até agora pode ter falado a verdade, mas agora sei que mentiu.

O rosto do homem mostrou uma expressão de desafio mal-humorado.

— Não havia nenhum homem, senhor.

— Ora, ora, Bannister!

— Não, senhor, não havia ninguém.

— Nesse caso, não pode nos dar mais nenhuma informação. Poderia, por favor, permanecer no aposento? Fique ali, perto da porta do quarto. Agora, Soames, vou lhe pedir a gentileza de ir ao quarto do jovem Gilchrist, e pedir-lhe para vir até o seu.

Logo depois o tutor voltou trazendo o estudante. Era um belo tipo de homem, alto, esbelto e ágil, com andar elástico e um rosto agradável e franco. Seus olhos azuis encararam cada um de nós e por fim fixaram-se, com uma expressão de grande susto, em Bannister, no canto mais afastado.

— Por favor, feche a porta — disse Holmes. — Agora, sr. Gilchrist, estamos a sós aqui, e mais ninguém precisa saber do que se passou entre nós. Podemos perfeitamente ser francos. Queremos saber, sr. Gilchrist, como o senhor, um homem honrado, veio a cometer um ato como o de ontem?

O infeliz jovem deu um passo para atrás e lançou um olhar a Bannister, um olhar cheio de horror e reprovação.

— Não, não, sr. Gilchrist, eu não disse nem uma palavra, nem uma palavra! — exclamou o criado.

— Não, mas o fez agora — disse Holmes. — Agora, senhor, deve perceber que, depois das palavras de Bannister, sua situação é crítica, e sua única chance é uma confissão franca.

Por um momento, Gilchrist, com as mãos postas, tentou controlar seu tremor. Depois ficou de joelhos ao lado da mesa e, cobrindo o rosto com as mãos, explodiu numa torrente de soluços convulsivos.

— Ora, ora — disse Holmes suavemente —, errar é humano, e pelo menos ninguém pode acusá-lo de ter sido um criminoso insensível. Talvez fosse mais fácil para você se eu contasse ao sr. Soames o que aconteceu, e você poderia me corrigir se eu estiver errado. Posso fazer isso? Bem, não se preocupe em responder. Ouça, e verá que não lhe farei nenhuma injustiça.

“Desde o momento, sr. Soames, em que me disse que ninguém, nem mesmo Bannister, poderia ter contado que os papéis estavam em seu escritório, o caso começou a tomar uma forma definida em minha mente. O impressor, é claro, pode ser descartado. Ele poderia examinar os papéis em sua própria gráfica. Do indiano também não desconfiei. Se as provas estivessem num maço, ele provavelmente não poderia saber o que eram. Por outro lado, parecia uma coincidência incrível que um homem ousasse entrar no aposento, e que por acaso fosse no dia exato em que os papéis estavam na mesa. O homem que entrou sabia que os papéis estavam ali. Como foi que soube?

“Quando me aproximei de seu escritório, examinei a janela. O senhor me advertiu, supondo que eu estivesse pensando na possibilidade de que alguém, à luz do dia, sob as vistas de todas aquelas salas em frente, tivesse forçado a entrada por ali. Essa ideia era absurda. Eu estava medindo a altura que um homem precisaria ter para ver, ao passar, que papéis estavam na mesa central. Tenho 1,80 metro de altura, e consegui fazer isso com esforço. Ninguém mais baixo teria possibilidade. Agora vê que tinha razão em pensar que, se um de seus três estudantes fosse um homem de altura incomum, ele seria o observador mais provável.

“Entrei e lhe fiz confidências a respeito das sugestões sobre a mesinha do canto. Da mesa central não pude deduzir nada, até que, na sua descrição de Gilchrist, o senhor mencionou que ele era um atleta de salto em distância. Então a coisa toda ficou clara para mim num instante, e só precisei de algumas provas para confirmar, que obtive rapidamente.

“O que ocorreu foi isto: este rapaz passara a tarde na pista de atletismo, onde esteve praticando saltos. Voltou carregando seus tênis para saltos, que têm, como sabe, várias travas pontudas. Ao passar por sua janela, viu, por causa de sua grande estatura, essas provas na mesa, e imaginou o que seriam. Não teria ocorrido nada de mal se ele, ao passar por sua porta, não tivesse notado a chave que fora esquecida pelo descuido do criado. Um súbito impulso o impeliu a entrar e ver se eram realmente as provas. Não era uma expedição perigosa, porque podia dizer simplesmente que entrara para fazer uma pergunta.

“Bem, quando viu que eram de fato as provas, foi impelido pela tentação. Colocou seus tênis na mesa. O que foi que pôs naquela cadeira perto da janela?”

— Luvas — disse o jovem.

Holmes olhou de modo triunfante para Bannister.

— Deixou as luvas na cadeira e pegou as provas, folha por folha, para copiá-las. Pensou que o tutor iria voltar pelo portão principal, e que poderia vê-lo. Como sabemos, ele voltou pelo portão lateral. De repente o ouviu perto da porta. Não havia escapatória possível. Esqueceu as luvas, mas pegou os tênis e correu para dentro do quarto. Note que o arranhão na mesa é superficial de um lado, mas profundo na direção da porta do quarto. Só isso é suficiente para nos mostrar que o tênis foi puxado naquela direção, e que o culpado se refugiou lá. A terra que estava em volta da trava foi deixada na mesa, e uma segunda amostra amoleceu e caiu no quarto. Posso acrescentar que fui à pista de atletismo esta manhã, vi que a argila preta pegajosa é usada na pista de saltos, e levei uma amostra dela, juntamente com um pouco do pó de serra ou casca fina que se joga sobre ela para evitar que o atleta escorregue. Falei a verdade, sr. Gilchrist?

O estudante estava em pé.

— Sim, senhor, é verdade — disse.

— Meu Deus! Não tem mais nada a dizer? — exclamou Soames.

— Sim, senhor, tenho, mas o choque desta revelação vergonhosa me desnorteou. Tenho aqui uma carta, sr. Soames, que escrevi para o senhor de madrugada, no meio de uma noite sem sossego. Foi antes de saber que minha falta fora descoberta. Aqui está, senhor. Verá que disse “Decidi não prestar esse exame. Ofereceram-me um cargo na polícia da Rodésia, e vou partir para a África do Sul imediatamente”.

— Estou realmente contente por ouvir que você não pretendia tirar proveito de sua vantagem injusta — disse Soames. — Mas por que mudou de ideia?

Gilchrist apontou para Bannister.

— Ali está o homem que me colocou no caminho certo — disse.

— Vejamos agora, Bannister — disse Holmes. — Deve estar claro para você, pelo que eu falei, que só você poderia ter deixado este jovem sair, já que ficou no escritório, e deve ter trancado a porta quando saiu. Quanto à fuga dele pela janela, era inacreditável. Pode esclarecer este último detalhe do mistério e nos dizer o motivo desse seu ato?

— Seria muito simples, senhor, se soubesse, mas, com toda a sua esperteza, era impossível que pudesse saber. Houve um tempo, senhor, em que fui mordomo do velho *sir* Jabez Gilchrist, o pai deste jovem cavalheiro. Quando ficou arruinado, vim para a faculdade como criado, mas nunca me esqueci de meu antigo patrão só porque ele estava em má situação. Cuidei de seu filho o máximo que pude, em nome dos velhos tempos. Bem, senhor, quando entrei neste quarto ontem, quando o alarme foi dado, a primeira coisa que vi foram as luvas de couro do sr. Gilchrist em cima daquela cadeira. Conhecia bem aquelas luvas e compreendi sua mensagem. Se o sr. Soames as visse, tudo estaria acabado. Voei para aquela cadeira, e nada me tirou de lá até que o sr. Soames correu para ir procurá-lo. Então saiu o pobre patrãozinho, com quem eu brincara, pulando nos meus joelhos, e confessou tudo para mim. Não seria natural, senhor, que o salvasse, e também não seria natural que eu tentasse falar com ele da mesma maneira que seu pai o faria, e o fizesse compreender que não poderia se beneficiar de um ato desses? Pode me condenar, senhor?

— Não, realmente — disse Holmes com veemência, levantando-se. — Bem, Soames, creio que esclarecemos seu probleminha, e nosso café da manhã nos espera em casa. Venha, Watson! Quanto a você, rapaz, acredito que um futuro brilhante o espera na Rodésia. Uma vez você se rebaixou. Vamos ver no futuro, a que altura pode chegar.

A AVENTURA DO PINCENÊ DOURADO

QUANDO OLHO PARA OS TRÊS GRANDES VOLUMES MANUSCRITOS que contêm nosso trabalho no ano de 1894, confesso que é difícil para mim, em meio a material tão vasto, selecionar os casos mais interessantes e, ao mesmo tempo, mais adequados para demonstrar os talentos especiais que fizeram a fama do meu amigo. Ao virar as páginas, vejo as anotações sobre a história repulsiva da vela vermelha e a morte terrível de Crosby, o banqueiro. Aqui também encontro um relato da tragédia de Addleton, e o estranho conteúdo do antigo túmulo inglês. O famoso caso da sucessão de Smith-Mortimer também ocorreu neste período, assim como a perseguição e a prisão de Huret, o assassino do *boulevard* — façanha que rendeu a Holmes uma carta de agradecimentos assinada pelo presidente da França e a Ordem da Legião de Honra. Cada um desses poderia ser uma narrativa, mas, no todo, acho que nenhum deles reúne tantos detalhes singulares de interesse quanto o episódio de Yoxley Old Place, que inclui não somente a morte lamentável do jovem Willoughby Smith, mas também os acontecimentos subsequentes que lançaram uma curiosa luz sobre as causas do crime.

Era uma noite violenta de tempestade, no fim de novembro. Holmes e eu ficáramos sentados em silêncio durante toda a noite, ele ocupado com uma lente poderosa, decifrando os remanescentes da inscrição original de um palimpsesto, eu mergulhado num tratado recente sobre cirurgia. Lá fora o vento soprava na Baker Street, enquanto a chuva batia com força nas janelas. Era estranho ali, no centro da cidade, com 15 quilômetros de obras feitas pelo homem de cada lado, sentir o punho de ferro da natureza, e estar consciente de que, para a imensa força dos elementos, Londres inteira não

era mais do que os montículos de terra que pontilham os campos. Fui até a janela e olhei para a rua deserta. As luzes ocasionais brilhavam ao longo da rua lamacenta e no pavimento reluzente. Uma única carruagem ia espalhando água no seu caminho, saindo do final da Oxford Street.

— Bem, Watson, é bom que não tenhamos de sair esta noite — disse Holmes, pondo de lado a lente e enrolando o palimpsesto. — Já fiz o suficiente por hoje. É muito trabalho para os olhos. Na minha opinião, não há nada mais excitante do que os relatos de Abbey da segunda metade do século XV. Ei, ei! O que é isso?

Em meio ao zumbido do vento, ouvimos as batidas das patas de um cavalo, e o ruído de uma roda raspando no meio-fio. A carruagem que eu vira parou diante da nossa porta.

— O que ele pode querer? — perguntei, quando um homem saltou.

— Querer? Ele quer a nós. E nós, meu pobre Watson, queremos sobretudos, cachecóis, galochas e toda a ajuda que o homem já inventou para enfrentar o clima. Espere um pouco! A carruagem está indo embora! Ainda há esperança. Ele teria mandado esperar se quisesse que nós o acompanhássemos. Corra lá embaixo, Watson, meu caro amigo, e abra a porta, pois o bom sujeito já ficou muito tempo na soleira.

Quando a luz do saguão caiu sobre o nosso visitante noturno, não tive dificuldade em reconhecê-lo. Era o jovem Stanley Hopkins, um detetive promissor, por cuja carreira Holmes várias vezes demonstrara muito interesse.

— Ele está? — perguntou com ansiedade.

— Venha, meu caro — disse a voz de Holmes lá de cima. — Espero que não tenha nenhum plano para nós numa noite como esta.

O detetive subiu as escadas e a luz brilhou em sua reluzente capa de chuva. Ajudei-o a tirá-la, enquanto Holmes fazia uma labareda da tora na lareira.

— Agora, meu caro Hopkins, aproxime-se e aqueça seus dedos — disse. — Aqui está um charuto, e o doutor tem uma receita de água quente e limão que é um ótimo remédio numa noite igual a esta. Deve ser algo muito importante que o trouxe aqui nesta ventania.

— Realmente, sr. Holmes. Tive uma tarde atribulada, juro. Viu alguma coisa sobre o caso Yoxley nas últimas edições dos jornais?

— Não vi hoje nada mais recente do que o século XV.

— Bem, foi só um parágrafo e estava todo errado, de modo que não perdeu nada. Bem, eu não perdi tempo. Foi em Kent, a dez quilômetros de Chatham e a quatro da linha férrea. Telegrafaram-me às 15h15, cheguei a Yoxley Old Place às 17 horas, iniciei as investigações, voltei a Charing Cross pelo último trem e vim direto, de carruagem, falar com o senhor.

— O que significa que não tem ideias muito claras sobre seu caso?

— Significa que não tenho a menor ideia a respeito dele. Até onde posso perceber, é o negócio mais complicado que já tive e, mesmo assim, à primeira vista parece tão simples que ninguém poderia se enganar. Não há um motivo, sr. Holmes. É isto o que me preocupa, não consigo achar um motivo. Aqui está um homem morto, não se pode negar isso, mas, pelo que vejo, não há nenhum motivo para que alguém quisesse lhe fazer mal.

Holmes acendeu um charuto e recostou-se em sua cadeira.

— Vamos ouvir essa história — disse.

— Tenho os fatos bem claros — disse Stanley Hopkins. — Tudo o que quero agora é saber o que significam. A história, tanto quanto sei, é a seguinte. Alguns anos atrás esta casa no campo, Yoxley Old Place, foi comprada por um velho, que deu o nome de professor Coram. Era um inválido, que ficava na cama metade do tempo, e na outra metade andava mancando pela casa com uma bengala ou era empurrado ao ar livre pelo jardineiro, numa cadeira de rodas. Era muito querido pelos poucos vizinhos que o visitavam, e tinha ali a fama de ser um homem muito instruído. Sua casa tinha uma velha governanta, sra. Marker, e uma empregada, Susan Tarlton. Estas estavam com ele desde sua chegada, e pareciam ser mulheres de caráter excelente. O professor está escrevendo um livro erudito, e achou necessário, há cerca de um ano, contratar um secretário. Os dois primeiros que tentou não deram certo, mas o terceiro, o sr. Willoughby Smith, um jovem que acabara de sair da universidade, parece que era exatamente o que seu empregador queria. Seu trabalho consistia em escrever todas as manhãs o que o professor ditava, e geralmente passava a noite procurando referências e trechos que se relacionavam com o trabalho do dia seguinte. Esse Willoughby Smith não tinha nada que o desabonasse, nem no tempo de garoto, em Uppingham, nem como estudante em Cambridge. Vi suas recomendações e todas diziam que ele era um sujeito decente, tranquilo e trabalhador, sem nenhum ponto fraco. E mesmo assim este foi o cara que

encontrou a morte esta manhã, no escritório do professor, em circunstâncias que só apontam para um assassinato.

O vento rugia e batia nas janelas. Holmes e eu chegamos mais perto do fogo enquanto o jovem inspetor, lentamente e ponto por ponto, desenrolava sua narrativa estranha.

— Se procurassem por toda a Inglaterra — disse —, suponho que não encontrariam uma casa mais independente e livre de influências externas. Podiam se passar semanas inteiras sem que nenhum deles atravessasse o portão do jardim. O professor mergulhava em seu trabalho e não existia para mais nada. O jovem Smith não conhecia ninguém nas vizinhanças e vivia exatamente como o seu patrão. As duas mulheres não tinham nada que as tirasse da casa. Mortimer, o jardineiro, que conduz a cadeira de rodas, é um pensionista do Exército, um ex-combatente da guerra da Crimeia, de excelente caráter. Não mora na casa, mas num chalé de três quartos, no fundo do jardim. Estas são as únicas pessoas que o senhor encontraria nos terrenos de Yoxley Old Place. Ao mesmo tempo, o portão do jardim fica a cem metros da estrada principal, que vai de Londres a Chatham. Ele se abre com um trinco, e não há nada que impeça qualquer um de entrar.

“Agora vou lhes contar o depoimento de Susan Tarlton, a única pessoa que pôde dizer algo de concreto sobre o assunto. Era de manhã, entre 11 horas e meio-dia. Ela estava naquele momento pendurando umas cortinas no quarto da frente, no segundo andar. O professor Coram ainda estava na cama, pois quando o tempo está ruim, ele raramente se levanta antes do meio-dia. A governanta estava ocupada com algum trabalho nos fundos da casa. Willoughby Smith estivera em seu quarto, que ele usa como sala de estar, mas a empregada o ouviu passar naquele momento pelo corredor e descer para o escritório, logo abaixo dela. Não o viu, mas disse que não podia confundir seus passos firmes e rápidos. Não ouviu a porta do escritório se fechar, mas aproximadamente um minuto depois ela ouviu um grito horrível no aposento do primeiro andar. Era um grito selvagem e rouco, tão estranho e pouco natural que tanto poderia ter vindo de um homem como de uma mulher. No mesmo instante houve um baque pesado, que fez estremecer a velha casa, e depois tudo ficou em silêncio. A empregada ficou petrificada por um momento, e depois, recobrando a coragem, correu para baixo. A porta do escritório estava fechada e ela a abriu. Dentro, o sr. Willoughby Smith estava esticado no chão. No início

não viu nenhum ferimento, mas ao tentar levantá-lo, viu que havia sangue escorrendo da parte de trás do pescoço. Estava perfurado por um ferimento pequeno mas muito profundo, que cortou a artéria carótida. O instrumento que causara o ferimento estava no tapete ao lado dele. Era uma dessas facas de lacre que se encontram em escrivaninhas antigas, com cabo de marfim e lâmina fixa. Fazia parte das peças da própria mesa do professor.

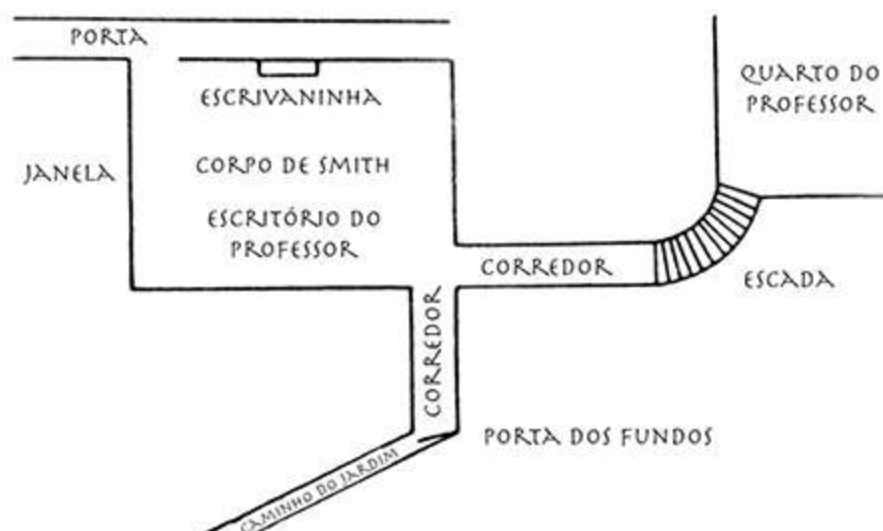
"Primeiro a criada pensou que o jovem Smith já estivesse morto, mas ao despejar um pouco de água da garrafa em sua testa, ele abriu os olhos por um instante. 'O professor', ele murmurou, 'foi ela'. A empregada está pronta a jurar que foram estas as palavras exatas. Ele tentou desesperadamente dizer mais alguma coisa e ergueu no ar a mão direita. E então caiu morto.

"Enquanto isso, a governanta também chegara ao local, mas tarde demais para escutar as palavras do jovem agonizante. Deixando Susan com o corpo, correu até o quarto do professor. Ele estava sentado na cama, horrivelmente agitado, pois ouvira o suficiente para se convencer de que algo terrível tinha acontecido. A sra. Marker pode jurar que o professor ainda estava de pijama, e que de fato era impossível para ele se vestir sem a ajuda de Mortimer, que tinha ordem de vir ao meio-dia. O professor afirma que ouviu o grito distante, mas que não sabe de mais nada. Não pode dar nenhuma explicação a respeito das últimas palavras do jovem. 'O professor... foi ela', mas pensa que foram causadas por um delírio. Acredita que Willoughby Smith não tinha nem um inimigo no mundo, não pode imaginar nenhum motivo para o crime. Sua primeira providência foi mandar Mortimer, o jardineiro, procurar a polícia local. Pouco depois o policial-chefe chegou. Nada foi tocado antes que eu chegasse lá, e foram dadas ordens rigorosas para que ninguém andasse pelos caminhos que levam até a casa. Era uma oportunidade esplêndida de pôr em prática suas teorias, sr. Sherlock Holmes. Não é preciso mais nada."

— Exceto o sr. Sherlock Holmes — disse o meu amigo, com um sorriso um tanto amargo. — Fale a este respeito. O que acha disto tudo?

— Devo pedir-lhe primeiro, sr. Holmes, para olhar este esboço da casa, que dará uma ideia geral da localização do escritório do professor e de vários detalhes do caso. Isto o ajudará a acompanhar minha investigação.

Desdobrou o desenho, que reproduzo aqui, e o colocou sobre os joelhos de Holmes. Levantei-me e, ficando atrás de Holmes, examinei-o por sobre

os ombros dele.

— É muito primário, é claro, e só mostra os pontos que me parecem essenciais. O resto o senhor verá pessoalmente depois. Agora, antes de tudo, supondo que o assassino entrou na casa, como ele ou ela fez isso? Sem dúvida pelo caminho do jardim e pela porta dos fundos, que dá acesso direto ao escritório. Qualquer outro caminho seria muito complicado. A fuga também deve ter sido feita por este trajeto porque, das duas outras saídas do aposento, uma estava bloqueada por Susan quando ela desceu correndo as escadas e a outra leva diretamente ao quarto do professor. Portanto, concentrei minha atenção imediatamente no caminho do jardim, que estava encharcado pela chuva recente e com certeza mostraria qualquer pegada.

“Meu exame me mostrou que estava lidando com um criminoso prudente e experiente. Nenhuma pegada foi encontrada no caminho. Mas não havia dúvida de que alguém passara pela faixa de grama que margeia o caminho, e que fez isso para evitar deixar uma pista. Não consegui achar nada que fosse uma impressão nítida, mas a grama estava amassada e sem dúvida alguém havia passado. Só poderia ter sido o assassino, já que nem o jardineiro nem qualquer outra pessoa estivera ali de manhã, e a chuva só começara durante a noite.”

— Um momento — disse Holmes. — Para onde vai este caminho?

— Para a estrada.

— Quanto tem de comprimento?
— Cem metros ou mais.
— No ponto em que o caminho passa pelo portão, você pode com certeza seguir a trilha?
— Infelizmente, o caminho ali é calçado.
— Bem, e na própria estrada?
— Não, ela está um atoleiro.
— Tsc, tsc! Bem, então essas pegadas na grama estavam indo ou vindo?
— Era impossível dizer. Não havia um contorno definido.
— Um pé grande ou pequeno?
— Não consegui distinguir.
Holmes deu uma exclamação de impaciência.
— Tem chovido forte e soprado um furacão desde então — disse. — Será muito mais difícil decifrar agora isso do que aquele palimpsesto. Bem, não se pode fazer mais nada. O que você fez, Hopkins, após ter certeza de que não tinha certeza de nada?
— Tenho certeza de muita coisa, sr. Holmes. Sabia que alguém entrara na casa clandestinamente. Em seguida examinei o corredor. É forrado com esteiras de coqueiro e não tinha marca de espécie alguma. Isto me levou ao escritório. É um aposento com poucos móveis. A peça principal é uma grande escrivaninha com um armário fixo. Esta secretária consiste numa coluna dupla de armários, com uma pequena estante central entre eles. As gavetas estavam abertas, o armário trancado. Parece que as gavetas ficavam sempre abertas, e nada de valor era guardado nelas. Havia alguns papéis importantes no armário, mas sem sinal de que tivessem sido tocados, e o professor garante que não estava faltando nada. É certo que nenhum roubo foi cometido.
“Chego agora ao corpo do jovem. Foi encontrado perto do móvel, e logo à esquerda dele, como está marcado no esboço. A estocada foi dada no lado direito do pescoço e de trás para a frente, portanto é quase impossível que fosse autoinfligida.”
— A menos que ele tivesse caído sobre a faca — disse Holmes.
— Exato. A ideia passou pela minha cabeça. Mas encontramos a faca a uma certa distância do corpo, de modo que isso parece impossível. Além disso, é claro, temos as próprias palavras do moribundo. E, por fim, há esta

prova muito importante que foi encontrada na mão direita fechada do morto.

Stanley Hopkins tirou do bolso um pequeno embrulho de papel. Abriu-o e revelou um pincenê dourado, com duas pontas de cordão de seda preta penduradas na ponta.

— Willoughby Smith tinha uma ótima visão — continuou. — Não há dúvida de que isto foi tirado do rosto ou da pessoa do assassino.

Sherlock Holmes pegou o pincenê e o examinou com a maior atenção e interesse. Colocou-o em seu próprio nariz. Tentando ler com ele, foi até a janela e olhou para a rua ainda com ele, examinou-o detalhadamente sob a luz do abajur e, finalmente, com uma risadinha, sentou-se à mesa e escreveu algumas linhas num pedaço de papel, que jogou para Stanley Hopkins.

— É o máximo que posso fazer por você — disse. — Pode ser útil.

O espantado detetive leu a nota em voz alta. Dizia:

> *Procura-se uma mulher de boas maneiras, vestida como uma dama. Tem um nariz notavelmente proeminente, com olhos bem juntos. Tem uma testa franzida, uma expressão de curiosidade, e provavelmente ombros caídos. Há indícios de que recorreu a um oculista pelo menos duas vezes durante os últimos meses. Como seus óculos têm um grau muito forte, e como os oculistas não são muito numerosos, não será difícil descobri-la.*

Holmes sorriu ante o assombro de Hopkins, que deve ter se refletido em sua expressão.

— Decerto minhas deduções são a própria simplicidade — disse. — Seria difícil enumerar os objetos que oferecem um campo melhor para deduções quanto um par de óculos, especialmente um tão notável quanto este. Que pertencem a uma mulher eu deduzo pela sua delicadeza, e também, é claro, pelas últimas palavras do moribundo. Quanto a ser uma pessoa refinada e bem-vestida, é por serem os óculos, como percebe, feitos de ouro maciço, e é inconcebível que alguém que tenha óculos assim fosse desleixado em outros aspectos. Descobrirá que os prendedores são muito largos para o seu nariz, mostrando que o nariz da dama era muito grande na base. Este tipo de nariz é geralmente pequeno e grosso, mas há um número suficiente de exceções para que seja dogmático ou que insista nesse ponto

em minha descrição. Meu próprio rosto é estreito, e mesmo assim não consigo colocar meus olhos no centro desses óculos, nem perto do centro. Portanto, os olhos desta dama são bem próximos dos lados do nariz. Perceberá, Watson, que os óculos são côncavos e de um grau incomum. A dama cuja visão sempre foi tão limitada durante toda a vida por certo tem as características físicas de uma visão assim, que são percebidas na testa, nas sobrancelhas e nos ombros.

— Sim — eu disse —, posso entender cada um de seus argumentos. Mas confesso que não consigo imaginar como chegou às duas visitas ao oculista.

Holmes pegou os óculos.

— Verá — disse — que os prendedores estão cobertos com finos pedaços de cortiça para suavizar a pressão no nariz. Um deles está desbotado e um pouco gasto, mas o outro é novo. Evidentemente um caiu e foi recolocado. Diria que o mais antigo deles não está ali mais que alguns meses. Eles são exatamente iguais, de modo que deduzi que a dama voltou ao mesmo estabelecimento na segunda vez.

— Meu Deus, é maravilhoso! — exclamou Hopkins, num êxtase de admiração. — E pensar que tive todas essas evidências nas mãos e nunca soube disso! Mas eu pretendia percorrer todos os oculistas de Londres.

— É claro que vai. Enquanto isso, tem mais alguma coisa para nos contar sobre o caso?

— Nada, sr. Holmes. Creio que agora o senhor sabe tanto quanto eu, talvez mais. Andamos investigando para saber se algum estranho foi visto nas estradas do campo ou na estação ferroviária. Não ouvimos falar de ninguém. O que me incomoda é a completa falta de motivo para o crime. Ninguém consegue sugerir nem uma ideia de motivo para ele.

— Ah! aí não estou em condição de ajudá-lo. Mas suponho que quer a nossa presença lá amanhã.

— Se não for pedir demais, sr. Holmes. Há um trem de Charing Cross para Chatham às seis horas, e estaremos em Yoxley Old Place entre oito e nove horas.

— Então iremos nele. Seu caso com certeza tem alguns aspectos muito interessantes, e gostaria de examiná-lo. Bem, já é quase uma hora, e seria melhor dormirmos algumas horas. Creio que pode se ajeitar muito bem no sofá em frente ao fogo. Acenderei minha lâmpada a álcool, e lhe darei uma xícara de café antes de sairmos.

A tempestade havia desaparecido no dia seguinte, mas a manhã estava fria quando começamos nossa viagem. Vimos o frio sol de inverno aparecer por sobre os pântanos do Tâmisa e os trechos longos e sombrios do rio, que sempre associarei à nossa perseguição ao homem da ilha Andama do início de nossa carreira. Após uma viagem longa e cansativa, chegamos a uma pequena estação que ficava a alguns quilômetros de Chatham. Enquanto atrelavam um cavalo numa charrete na estalagem local, tomamos um rápido café da manhã, de modo que estávamos prontos para o caso quando finalmente chegamos em Yoxley Old Place. Um policial veio ao nosso encontro no jardim.

— Bem, Wilson, alguma novidade?

— Não, senhor... nada.

— Nenhuma informação sobre algum estranho?

— Não, senhor. Lá na estação eles têm certeza de que nenhum estranho chegou ou saiu ontem.

— Fizeram pesquisas nos hotéis e pensões?

— Sim, senhor; não há ninguém que possa nos ajudar.

— Bem, é apenas uma curta caminhada até Chatham. Qualquer um pode ficar lá ou tomar o trem sem ser visto. Este é o caminho do jardim de que lhe falei, sr. Holmes. Dou-lhe minha palavra de que não havia nenhuma marca aqui ontem.

— De que lado estavam as marcas na grama?

— Deste lado, senhor. Esta estreita faixa de grama entre o caminho e o canteiro de flores. Não vejo as marcas agora, mas elas eram visíveis ontem.

— Sim, sim, alguém passou por aqui — disse Holmes, inclinando-se sobre a faixa de grama. — Nossa dama deve ter dado seus passos com cuidado, já que em um lado ela teria deixado pegadas no caminho, e em outro, uma trilha ainda mais nítida no canteiro fofo.

— Sim, senhor, ela deve ter mantido a calma.

Vi uma expressão atenta passar no rosto de Holmes.

— Disse que ela deve ter voltado por este caminho?

— Sim, senhor, não há outro.

— Nesta faixa de grama?

— Certamente, sr. Holmes.

— Hum! Foi uma atitude bem estranha... bem estranha. Mas acho que já esgotamos tudo aqui no caminho. Vamos adiante. Este portão do jardim

costuma ficar aberto, suponho? Então nosso visitante tinha apenas de entrar. A ideia de assassinato não estava em sua mente, do contrário teria trazido alguma arma em vez de pegar aquela faca na escrivaninha. Avançou por este corredor sem deixar nenhum vestígio nestas esteiras de coqueiro. Depois chegou ao escritório. Quanto tempo ficou ali? Não temos meios de saber.

— Não mais que alguns minutos, senhor. Esqueci de lhe dizer que a sra. Marker, a governanta, esteve aqui fazendo a limpeza pouco tempo antes, cerca de 15 minutos, diz ela.

— Bem, isto nos dá um limite. Nossa dama entra neste cômodo, e o que faz? Vai até a escrivaninha. Para quê? Não por causa de alguma coisa nas gavetas. Se houvesse ali algo de valor para ela, certamente estaria trancado. Não, era alguma coisa no armário de madeira. Ei, o que é este arranhão na sua superfície? Acenda um fósforo, Watson. Por que não me falou disto, Hopkins?

A marca que estava examinando começava na parte de bronze no lado direito da fechadura e se estendia por cerca de oito centímetros, onde arranhara o verniz da superfície.

— Eu o notei, sr. Holmes, mas sempre existem arranhões ao redor de uma fechadura.

— Este é recente, bem recente. Veja como o bronze brilha no lugar onde foi arranhado. Um arranhão mais antigo teria a mesma cor da superfície. Observe com a minha lente. Ali está o verniz, também, como terra de cada lado de um sulco. A sra. Marker está aí?

Uma mulher idosa, de fisionomia triste, entrou no escritório.

— Tirou o pó desta secretária ontem de manhã?

— Sim, senhor.

— Notou este arranhão?

— Não senhor, não notei.

— Tenho certeza de que não, pois um espanador teria removido estas lascas de verniz. Quem tem a chave deste armário?

— O professor a guarda na corrente de seu relógio de bolso.

— É uma chave simples?

— Não, senhor, é uma chave do tipo Chubb.

— Muito bem, sra. Marker, pode ir. Agora estamos fazendo algum progresso. Nossa dama entra no quarto, vai até o armário, e o abre, ou, pelo

menos, tenta. Enquanto está concentrada nisso, o jovem Willoughby Smith entra no aposento. Na sua pressa para tirar a chave, faz este arranhão na porta. Ele a vê, e ela pega o objeto mais próximo, que por acaso era aquela faca, e o ataca para dominá-lo. O golpe é fatal. Ele cai e ela foge, com ou sem o objeto que viera buscar. Susan, a empregada, está aqui? Alguém poderia ter saído por aquela porta depois que você ouviu o grito, Susan?

— Não, senhor, é impossível. Antes de descer as escadas, não vi ninguém no corredor. Além disso, a porta não foi aberta, do contrário eu teria escutado.

— Isto determina a saída. Então não há dúvida de que a dama saiu por onde entrou. Soube que este outro corredor dá apenas para o quarto do professor. Há alguma saída por ali?

— Não, senhor.

— Iremos por ele e tomaremos o depoimento do professor. Ei, Hopkins! isto é muito importante, muito importante mesmo. O corredor do professor também é forrado com esteiras de coqueiro.

— Bem, senhor, o que tem isto?

— Não vê nenhuma ligação com o caso? Bem, bem, não vou insistir nisso. Sem dúvida estou enganado. Mesmo assim me parece sugestivo. Venha comigo e me apresente.

Atravessamos o corredor, que era do mesmo comprimento do que dava no jardim. No final havia um pequeno lance de escada que terminava numa porta. Nosso guia bateu e depois fez-nos entrar no quarto do professor.

Era um aposento muito grande, cercado de grande quantidade de livros que transbordavam das prateleiras e estavam empilhados nos cantos, ou por todo lado, em caixas. A cama ficava no centro do quarto, e nela, recostado em travesseiros, estava o dono da casa. Raras vezes vi uma pessoa tão estranha. Era um rosto fino e descarnado o que estava virado para nós, com olhos escuros penetrantes que brilhavam em buracos fundos sob as sobrancelhas cerradas e salientes. Os cabelos e a barba eram brancos, mas esta era curiosamente mesclada de amarelo ao redor da boca. Um cigarro queimava em meio ao emaranhado de cabelos brancos, e o ar do quarto estava fétido por causa do acúmulo da fumaça de tabaco. Ao esticar a mão para Holmes, percebi que ela também estava amarelada de nicotina.

— É um fumante, sr. Holmes? — perguntou, falando um inglês caprichado, com um curioso sotaque afetado. — Por favor, pegue um

cigarro. E o senhor? Posso recomendá-los, pois são preparados especialmente por Ionides, de Alexandria. Ele me manda mil de cada vez, e sinto dizer que preciso encomendar um novo suprimento a cada quinzena. Mau, senhor, muito mau, mas um velho tem poucos prazeres. O fumo e o meu trabalho, é tudo o que me resta.

Holmes acendera um cigarro e dava rápidas olhadas por todo o quarto.

— Fumo e meu trabalho, mas agora apenas fumo — exclamou o velho. — Ai de mim! Que interrupção fatal! Quem poderia prever catástrofe tão terrível? Um jovem tão estimado! Eu lhe garanto que, após um treinamento de alguns meses, ele era um assistente admirável. O que acha do caso, sr. Holmes?

— Ainda não tirei uma conclusão.

— Ficarei agradecido ao senhor se puder lançar alguma luz onde tudo é tão misterioso para nós. Para um pobre estudioso e inválido como eu, um golpe desse é paralisante. Parece que perdi a faculdade de pensar. Mas o senhor é um homem de ação; é um homem de casos. É parte da rotina diária de sua vida. Pode conservar seu equilíbrio em qualquer emergência. Temos sorte, de fato, em tê-lo do nosso lado.

Holmes andava de um lado para outro no quarto enquanto o professor falava. Observei que fumava com uma rapidez extraordinária. Era evidente que compartilhava com nosso anfitrião o gosto pelos cigarros alexandrinos novos.

— Sim, senhor, é um golpe esmagador — disse o velho. — É o meu *magnum opus*, a pilha de papéis na mesa do outro lado. É a minha análise dos documentos encontrados nos mosteiros coptas da Síria e do Egito, um trabalho que penetrará fundo nas bases da religião revelada. Com minha saúde debilitada, não sei se algum dia poderei terminá-lo, agora que fiquei sem meu assistente. Meu Deus! Ora, sr. Holmes, o senhor é um fumante ainda mais rápido do que eu.

Holmes sorriu.

— Sou um conhecedor — disse, pegando outro cigarro da caixa, o quarto, e acendendo-o na ponta daquele que havia terminado. — Não o incomodarei com nenhuma inquirição demorada, professor Coram, já que eu soube que estava na cama na hora do crime e não podia saber coisa alguma sobre ele. Gostaria de perguntar apenas isso: o que pensa que o pobre rapaz quis dizer com suas últimas palavras: “O professor... foi ela”?

O professor meneou a cabeça.

— Susan é uma garota do interior — disse — e o senhor sabe da incrível estupidez dessa gente. Creio que o pobre rapaz murmurou algumas palavras incoerentes, delirantes, e que ela as transformou nesta mensagem sem sentido.

— Sei. O senhor não tem alguma explicação própria para a tragédia?

— Possivelmente um acidente, possivelmente, apenas entre nós, um suicídio. Os jovens têm seus problemas secretos, algum caso de amor, talvez, do qual nunca soubemos. É uma suposição mais provável do que assassinato.

— Mas, e o pincenê?

— Ah! Sou apenas um estudioso, um homem de sonhos. Não posso explicar as coisas práticas da vida. Mas, mesmo assim, sabemos, meu amigo, que os desafios de amor podem assumir formas estranhas. De qualquer modo, pegue outro cigarro. É um prazer ver alguém apreciá-los tanto. Um leque, uma luva, óculos; quem sabe que objetos podem ser carregados como prenda ou tesouros, quando um homem põe fim à sua vida? Este cavalheiro fala de pegadas na grama, mas, afinal, é fácil nos enganarmos num detalhe deste tipo. Quanto à faca, pode muito bem ter sido jogada longe do infeliz quando ele caiu. É possível que eu esteja falando como uma criança, mas a mim parece que Willoughby Smith foi ao encontro do seu destino por suas próprias mãos.

Holmes parecia impressionado pela teoria assim apresentada e continuou a andar de um lado para outro durante algum tempo, perdido em pensamentos e consumindo cigarro após cigarro.

— Diga-me, professor Coram — falou por fim —, o que há no armário da escrivaninha?

— Nada que atraísse um ladrão. Papéis de família, cartas de minha pobre esposa, diplomas de universidades que me homenagearam. Aqui está a chave. Pode ver por si mesmo.

Holmes pegou a chave e a olhou por um momento, depois a devolveu.

— Não, não creio que me ajudaria — disse. — Eu preferiria ir tranquilamente até o jardim e refletir sobre o caso. Existe algo a ser dito sobre a teoria de suicídio que me apresentou. Devemos nos desculpar por perturbá-lo, professor Coram, e prometo que não o incomodaremos mais até

depois do almoço. Às 14 horas voltaremos, e lhe informaremos sobre qualquer coisa que possa ter ocorrido nesse intervalo.

Holmes estava estranhamente distraído e ficou andando no caminho do jardim durante algum tempo em silêncio.

— Tem alguma pista? — perguntei, afinal.

— Depende daqueles cigarros que fumei — disse. — É possível que eu esteja redondamente enganado. Os cigarros me dirão.

— Meu caro Holmes — exclamei — como diabo...

— Ora, ora, verá por si mesmo. Se não, nenhum mal será cometido. É claro que sempre teremos a pista do oculista para seguir, mas pego um atalho sempre que posso. Ah! aqui está a bondosa sra. Marker! Vamos ver se temos cinco minutos de conversa proveitosa com ela.

Acho que já observei antes que Holmes tinha, quando queria, um jeito especialmente insinuante com as mulheres, que conseguia ganhar rapidamente a confiança delas. Na metade do tempo que ele havia mencionado, despertou a boa vontade da governanta e estava conversando com ela como se a conhecesse há anos.

— Sim, sr. Holmes, é como o senhor diz. Ele de fato fuma algo terrível. O dia inteiro e às vezes a noite inteira, senhor. Tenho visto aquele quarto de manhã... bem, senhor, pensaria que era o nevoeiro de Londres. O jovem sr. Smith também fumava, mas não tanto quanto o professor. Sua saúde... bem, não sei se é melhor ou pior fumar.

— Ah! — disse Holmes. — Mas faz perder o apetite.

— Bem, não sei nada sobre isso, senhor.

— Suponho que o professor quase não come nada.

— Bem, é variável. Direi isso por ele.

— Aposto como ele não tomou café hoje de manhã e não almoçará depois de todos aqueles cigarros que o vi consumir.

— Bem, o senhor estava lá fora, ao que parece, porque ele tomou um café da manhã reforçado hoje. Não me lembro de tê-lo visto comer tanto, e ele pediu um bom prato de costeletas para o almoço. Eu mesma estou surpresa, pois desde que entrei naquele escritório ontem e vi o jovem sr. Smith caído lá no chão, não consigo nem olhar para comida. Bem, há de tudo neste mundo, e o professor não perdeu o apetite.

Ficamos a manhã inteira perambulando pelo jardim. Stanley Hopkins tinha ido até a vila para investigar alguns rumores de uma mulher estranha

que fora vista por algumas crianças na estrada de Chatham na manhã anterior. Quanto ao meu amigo, toda a sua energia habitual parecia tê-lo abandonado. Nunca o vira lidar com um caso de maneira tão indiferente. Nem mesmo as novidades trazidas por Hopkins, de que encontrara crianças, e que elas sem sombra de dúvida tinham visto uma mulher que correspondia exatamente à descrição de Holmes, e usando óculos ou pincenê, conseguiram despertar algum sinal de interesse maior. Ficou mais atento quando Susan, que nos esperava para o almoço, soltou a informação de que achava que o sr. Smith saíra para dar uma caminhada ontem de manhã, e que só voltou meia hora antes de ocorrer a tragédia. Eu não conseguia ver nenhuma ligação com o caso, mas percebi que Holmes o encaixava no quadro que formara em sua mente. De repente, pulou da cadeira e olhou para o relógio.

— Duas horas, cavalheiros — disse. — Temos de subir para nos encontrar com nosso amigo, o professor.

O velho acabara de almoçar, e seu prato vazio demonstrava o bom apetite que sua governanta lhe atribuíra. Era, de fato, uma figura esquisita ao virar para nós sua cabeleira branca e os olhos brilhantes. O eterno cigarro pendurado na boca. Estava vestido e sentado numa poltrona perto da lareira.

— Bem, sr. Holmes, já esclareceu o mistério? — Ele empurrou a grande caixa de cigarros que estava em cima da mesa na direção do meu amigo. Holmes esticou a mão ao mesmo tempo, e os dois derrubaram a caixa. Por um minuto ou dois, todos nós ficamos de joelhos catando cigarros nos lugares mais impossíveis. Quando nos levantamos de novo, notei que os olhos de Holmes brilhavam e suas faces estavam coloridas. Somente numa crise é que eu vira esses sinais de batalha no ar.

— Sim — disse —, eu o esclareci.

Stanley Hopkins e eu o encaramos, espantados. Algo parecido com escárnio surgiu no rosto magro do velho professor.

— Verdade! No jardim?

— Não, aqui.

— Aqui! Quando?

— Neste momento.

— Com certeza está brincando, sr. Sherlock Holmes. Obriga-me a dizer-lhe que este é um assunto sério demais para ser tratado dessa maneira.

— Imaginei e testei cada elo de minha cadeia, professor Coram, e estou certo de que faz sentido. Quais são os seus motivos, ou que papel exatamente o senhor desempenha neste estranho negócio, ainda não posso dizer. Dentro de alguns minutos provavelmente ouvirei de seus próprios lábios. Enquanto isso, reconstituirei o passado para ajudá-lo, pois o senhor pode saber qual a informação de que ainda preciso.

“Uma dama entrou ontem em seu escritório. Veio com a intenção de pegar certos documentos que estavam no móvel da sua escrivaninha. Ela trouxe sua própria chave. Tive a oportunidade de examinar a sua, e não encontrei a ligeira descoloração que o arranhão feito no verniz teria provocado. O senhor, portanto, não era um cúmplice, e ela veio sem o seu conhecimento, segundo tudo indica, para roubá-lo.”

O professor soprou uma nuvem de seus lábios.

— Isto é muito interessante e instrutivo — disse. — Não tem mais nada a acrescentar? Com certeza, sabendo tanto sobre essa dama, pode dizer também o que foi feito dela.

— Tentarei fazer isso. Em primeiro lugar, ela foi apanhada por seu secretário, e o atacou para escapar. Estou inclinado a considerar esta catástrofe um acidente infeliz, porque estou convencido de que a dama não tinha intenção de provocar um ferimento tão grave. Um assassino não vem desarmado. Horrorizada com o que havia feito, fugiu rapidamente do local da tragédia. Infelizmente para ela, perdera seu pincenê durante a luta, e, como era muito míope, ficava realmente indefesa sem ele. Fugiu por um corredor, que pensava ser aquele por onde tinha vindo, ambos eram forrados de esteiras de coqueiro, e só quando era tarde demais percebeu ter entrado no corredor errado, e que sua retaguarda estava bloqueada. O que podia fazer? Não podia voltar. Não podia ficar parada onde estava. Tinha de continuar. Continuou. Subiu uma escada, abriu uma porta e viu-se no seu quarto.

O velho sentou-se boquiaberto, encarando Holmes com selvageria. Surpresa e medo estampavam-se em sua expressão. Depois, com esforço, deu de ombros e explodiu num riso falso.

— Está tudo muito bem, sr. Holmes — disse. — Mas há uma pequena falha nesta sua esplêndida teoria. Eu estava no quarto, e não saí durante o dia inteiro.

— Estou sabendo disso, professor Coram.

— E quer dizer que eu poderia ficar deitado naquela cama e não perceber que uma mulher entrara no meu quarto?

— Nunca disse isso. O senhor *estava* ciente disso. Falou com ela. Reconheceu-a. Ajudou-a a fugir.

Novamente o professor explodiu num riso nervoso. Levantara-se, e seus olhos brilhavam como brasas.

— Está louco! — exclamou. — Está falando de modo insano. Ajudei-a a fugir? Onde ela está agora?

— Está ali — disse Holmes, e apontou para um armário alto no canto do quarto.

Vi o velho jogar os braços para o alto, uma convulsão terrível passou por seu rosto feroz, e ele caiu na cadeira. No mesmo instante, o armário para o qual Holmes apontara se abriu, girando sobre os gonzos, e uma mulher saiu rapidamente para o quarto.

— O senhor está certo! — ela gritou, num estranho sotaque estrangeiro. — Está certo! Eu estou aqui.

Estava marrom de poeira, e coberta com as teias de aranha das paredes de seu esconderijo. Seu rosto também estava manchado de sujeira, mas, mesmo sem isso, não poderia ter sido bonita, pois tinha exatamente as características físicas que Holmes adivinhara, com o acréscimo de um queixo comprido e obstinado. Por causa de sua cegueira natural e com a mudança da escuridão para a claridade, ela ficou parada como se estivesse aturdida, piscando e tentando ver onde estávamos e quem éramos. E mesmo assim, apesar de todas essas desvantagens, havia certa nobreza em sua postura — uma graça no queixo arrogante e na cabeça erguida, que inspirava certo respeito e admiração.

Stanley Hopkins pôs a mão no braço dela e a intimou como sua prisioneira, mas ela o afastou com delicadeza, e ainda assim com uma dignidade irresistível que provocava obediência. O velho recostou-se em sua cadeira com o rosto trêmulo e a encarou com olhos melancólicos.

— Sim, senhor, sou sua prisioneira — ela disse. — De onde estava eu pude ouvir tudo e sei que conhecem a verdade. Confesso tudo. Fui eu quem matou o rapaz. Mas o senhor está certo, o senhor que disse ter sido um acidente. Nem sabia que era uma faca o que eu tinha apanhado porque no meu desespero peguei qualquer coisa da mesa e o ataquei para que me deixasse ir embora. É a verdade o que estou dizendo.

— Madame — disse Holmes —, tenho certeza de que é a verdade. Temo que a senhora não esteja passando bem.

Ela estava com uma cor horrível, ainda mais pálida sob as manchas de poeira escuras em seu rosto. Sentou-se de um lado da cama; depois se reanimou.

— Tenho pouco tempo aqui — disse —, mas gostaria que soubessem de toda a verdade. Sou a esposa deste homem. Ele não é inglês. É russo. Não direi seu nome.

Pela primeira vez o velho se manifestou.

— Deus a abençoe, Anna! — exclamou. — Deus a abençoe!

Ela lançou um olhar de profundo desdém na direção dele.

— Por que se apega tanto a essa sua vida miserável, Sergius? — disse. — Fez mal a muitos e nenhum bem a ninguém, nem mesmo a você. Mas não serei eu que farei arrebentar esta corda frágil antes que Deus o permita. Já tenho muito peso em minha alma desde que cruzei a soleira desta casa maldita. Mas eu preciso falar, ou será tarde demais.

“Já disse, cavalheiros, que sou a esposa deste homem. Ele tinha cinquenta anos e eu era uma garota boba de vinte quando nos casamos. Foi numa cidade da Rússia, uma universidade, não direi o nome do lugar.”

— Deus a abençoe, Anna! — murmurou o velho de novo.

— Éramos reformistas, revolucionários, niilistas, o senhor entende. Ele, eu e muitos outros. Então vieram tempos de dificuldades, um delegado de polícia foi morto, muitos foram presos, queriam provas, e para salvar a própria vida e ganhar uma grande recompensa, meu marido traiu sua própria esposa e seus companheiros. Sim, fomos todos presos por causa da confissão dele. Alguns de nós foram para a forca e outros, para a Sibéria. Eu estava entre estes últimos, mas minha pena não era perpétua. Meu marido veio para a Inglaterra com seus ganhos ilícitos e viveu em paz desde então, tendo consciência de que, se a irmandade soubesse onde ele estava, não demoraria nem uma semana para fazer justiça.

O velho esticou uma mão trêmula e pegou um cigarro.

— Estou em suas mãos, Anna — disse. — Sempre foi muito boa para mim.

— Ainda não contei o tamanho da sua infâmia — disse ela. — Entre nossos companheiros da Ordem, havia um que era meu melhor amigo. Era nobre, generoso, bondoso... tudo o que meu marido não era. Odiava

violência. Éramos todos culpados, se isto era culpa, mas ele não o era. Sempre nos escrevia tentando nos dissuadir dessa causa. Estas cartas o teriam salvado. Meu diário também, no qual, dia após dia, contara meus sentimentos em relação a ele e a opinião de cada um de nós. Meu marido encontrou e guardou tudo, o diário e as cartas. Escondeu-os e tentou por todos os meios tirar a vida do rapaz. Não conseguiu, mas Alexis foi mandado preso para a Sibéria, onde agora, neste momento, trabalha numa mina de sal. Pense nisso, seu vilão, seu vilão!... agora, agora, neste exato momento, Alexis, um nome que você não merece pronunciar, trabalha e vive como um escravo, e ainda assim tenho sua vida em minhas mãos e o deixarei ir.

— Sempre foi uma mulher nobre, Anna — disse o velho, soltando uma baforada de seu cigarro.

Ela havia se levantado, mas sentou-se de novo com um pequeno grito de dor.

— Preciso terminar — disse. — Quando minha pena acabou, saí à procura do diário e das cartas, que, se fossem enviados ao governo russo, ajudariam na libertação de meu amigo. Sabia que meu marido viera para a Inglaterra. Após meses de procura descobri onde estava. Sabia que ainda possuía o diário, pois quando estava na Sibéria, certa vez recebi uma carta dele, censurando-me e citando alguns trechos de suas páginas. Mas estava certa de que, com sua natureza vingativa, nunca me entregaria essas coisas espontaneamente. Deveria consegui-lo por mim mesma. Com este objetivo contratei um agente de uma firma de detetives particulares, que entrou na casa de meu marido como secretário; foi o seu segundo secretário, Sergius, o que o deixou tão apressadamente. Ele descobriu que os papéis eram guardados na estante, e conseguiu um molde da chave. Não podia ir mais longe. Forneceu-me um mapa da casa e me disse que de manhã o escritório ficava sempre vazio, pois o secretário estava ocupado aqui em cima. Então, finalmente, criei coragem e vim para pegar os papéis pessoalmente. Consegui, mas a que preço!

“Tinha acabado de apanhar os papéis e estava trancando o armário quando o rapaz me pegou. Já o tinha visto naquela manhã. Ele me encontrou na estrada e eu perguntei a ele onde morava o professor Coram, sem saber que ele era seu empregado.”

— Exato! Exato! — disse Holmes. — O secretário voltou e contou ao seu patrão a respeito da mulher que encontrara. Então, em seu último suspiro, tentou mandar uma mensagem: que era ela... aquela com quem acabara de falar.

— O senhor precisa me deixar terminar — disse a mulher, numa voz imperativa, e o seu rosto se contraiu como se estivesse com dor. — Quando ele caiu, corri para fora do aposento, escolhi a porta errada e me encontrei no quarto de meu marido. Disse-me para desistir. Mostrei-lhe que, se fizesse aquilo, sua vida estava em minhas mãos. Se me entregasse à justiça, eu o denunciaria à irmandade. Não que eu estivesse pensando em mim mesma, mas é que desejava cumprir meu objetivo. Ele sabia que eu faria o que disse, que seu próprio destino estava envolvido com o meu. Por este motivo, e por nenhum outro, ele me escondeu. Jogou-me naquele esconderijo escuro, uma relíquia dos velhos tempos, que só ele conhecia. Fazia suas refeições no próprio quarto, para poder me dar parte de sua comida. Concordamos que quando a polícia saísse da casa, eu fugiria durante a noite e não voltaria mais. Mas de algum modo o senhor descobriu nossos planos. — Tirou de dentro de seu vestido um pequeno pacote. — Estas são minhas últimas palavras — disse —; aqui está o pacote que salvará Alexis. Confio-o à sua honra e ao seu amor à justiça. Pegue-o! O senhor o entregará à embaixada russa. Agora, já cumpri meu dever, e...

— Segurem-na! — gritou Holmes. Correu até o outro lado do quarto e tirou um pequeno frasco da mão dela.

— Tarde demais! — disse ela, deitando-se na cama. — Tarde demais! Tomei o veneno antes de sair de meu esconderijo. Minha cabeça está rodando! Estou indo! Peço-lhe, senhor, que se lembre do pacote.

— Um caso simples, e mesmo assim, em certos aspectos, muito instrutivo — observou Holmes, na viagem de volta para a cidade. — Dependia desde o começo do pincenê. Mas sem a sorte de o moribundo tê-lo agarrado, não sei se conseguiríamos ter chegado à solução. Estava claro para mim, pelo grau das lentes, que o seu usuário ficaria muito cego e desamparado sem eles. Quando me pediu para acreditar que ele havia andado por uma estreita faixa de grama sem dar um único passo em falso, notei, como deve se lembrar, que seria um desempenho digno de nota. Em minha mente o defini como um desempenho impossível, a não ser no caso improvável de que tivesse um segundo par de óculos. Assim, fui obrigado a

considerar seriamente a hipótese de que ela havia permanecido na casa. Ao perceber a semelhança entre os dois corredores, ficou claro que ela poderia facilmente cometer esse erro, e, neste caso, era evidente que devia ter entrado no quarto do professor. Portanto, eu estava atento para qualquer coisa que confirmasse essa suposição, e examinei o quarto detalhadamente, buscando algo que se assemelhasse a um esconderijo. O tapete parecia inteiriço e firmemente preso, portanto desisti da ideia da existência de um alçapão. Poderia muito bem haver uma saída por trás dos livros. Como sabe, esses acessos são comuns nas velhas bibliotecas. Observei que os livros estavam empilhados no chão em todos os outros lugares, mas aquele armário foi deixado livre. Esta, então, deveria ser a porta. Não consegui ver marca que me guiasse, mas o tapete estava desbotado, o que merecia uma investigação. Daí fumei uma grande quantidade daqueles excelentes cigarros, e joguei as cinzas por todo o espaço diante daquele armário suspeito. Era um truque simples, mas extremamente eficaz. Depois desci e verifiquei, em sua presença, Watson, sem você perceber a intenção de minhas perguntas, que o consumo de comida do professor aumentara, como alguém esperaria, se estivesse alimentando uma segunda pessoa. Depois voltamos ao quarto, quando, derrubando a caixa de cigarros, obtive uma ótima visão do chão, e pude ver bem claramente, pelos traços deixados nas cinzas de cigarro, que o prisioneiro, em nossa ausência, tinha saído de seu esconderijo. Bem, Hopkins, aqui estamos em Charing Cross, e eu o congratulo por ter levado seu caso a uma conclusão bem-sucedida. Está indo para a chefatura, sem dúvida. Acho, Watson, que você e eu iremos juntos à embaixada russa.

A AVENTURA DO “THREE-QUARTER” DESAPARECIDO

ESTÁVAMOS ACOSTUMADOS A RECEBER TELEGRAMAS ESTRANHOS na Baker Street, mas lembro-me especialmente de um que chegou numa melancólica manhã de fevereiro, há sete ou oito anos, e deixou Holmes intrigado durante uns 15 minutos. Estava endereçado a ele, e dizia o seguinte:

> *Por favor, espere-me. Terrível infortúnio.*
> *Three-quarter direito desaparecido, indispensável amanhã.*
> *Overton*

— Carimbo postal de Strand e despachado às 22h36 — disse Holmes, lendo-o e relendo-o. — O sr. Overton estava evidentemente bastante excitado quando o mandou e, em consequência, um tanto incoerente. Bem, acho que ele estará aqui depois que eu tiver dado uma olhada no *Times,* e então saberemos de tudo. Até mesmo o problema mais insignificante seria bem-vindo nestes dias monótonos.

De fato as coisas tinham estado meio paradas conosco, e eu aprendera a temer esses períodos de inatividade, pois sabia por experiência que o cérebro do meu companheiro era tão anormalmente ativo que era perigoso deixá-lo sem material com que pudesse trabalhar. Durante anos eu o afastei gradativamente das drogas, que certa vez chegaram a ameaçar sua notável carreira. Agora eu sabia que em condições normais ele não procurava estímulo artificial, mas tinha consciência de que o demônio não estava morto, apenas dormia, e sabia que era um sono leve e o despertar ficava muito próximo quando, em períodos de ociosidade, observava a tensão no

rosto austero de Holmes e a melancolia de seus olhos parados e inescrutáveis. Portanto, abençoei esse sr. Overton, quem quer que fosse, já que viera, com sua mensagem enigmática, interromper a perigosa calma que traria mais perigo ao meu amigo do que todas as borrascas de sua vida tempestuosa.

Como esperáramos, o telegrama foi logo seguido de seu remetente, e o cartão do sr. Cyril Overton, Trinity College, Cambridge, anunciou a chegada de um rapaz enorme, 16 *stone*[21] de ossos e músculos sólidos, que ocupou a moldura da porta com seus ombros largos, e olhou para nós com o rosto agradável crispado de ansiedade.

— Sr. Sherlock Holmes?

Meu amigo inclinou-se.

— Estive na Scotland Yard, sr. Holmes. Conversei com o inspetor Stanley Hopkins. Aconselhou-me a procurá-lo. Disse que o caso, pelo que lhe parecia, estava mais em sua linha do que na da polícia oficial.

— Por favor, sente-se e me fale do assunto.

— É terrível, sr. Holmes, simplesmente terrível! Não sei como meus cabelos não estão grisalhos. Godfrey Staunton, já ouviu falar dele, não? É simplesmente o pivô do nosso time. Gostaria de perder dois e ter Godfrey na minha linha de *three-quarter*. Quando está passando, arremessando ou driblando, não há ninguém que se compare a ele; e então, ele sumiu, e pode destruir todos nós. O que devo fazer? É o que lhe pergunto, sr. Holmes. Há o Moorhouse, primeiro reserva, mas ele é treinado para ser zagueiro, e sempre penetra pela direita no *scrum*, em vez de ficar fora, ao longo da linha lateral. É um ótimo *place-kick*, é verdade, mas não tem nenhum bom senso, e não consegue disparar de jeito algum. Ora, Morton ou Johnson, os volantes de Oxford, poderiam driblá-lo. Stevenson é bastante rápido, mas não poderia chutar da linha 25, e um *three-quarter* que não consegue pegar a bola no ar não merece um lugar no time. Não, sr. Holmes, estamos derrotados, a menos que me ajude a encontrar Godfrey Staunton.

Meu amigo ouvira com divertida surpresa este longo relato, despejado com extraordinário vigor e convicção, cada ponto sendo acompanhado do tapinha de uma mão forte sobre o joelho do narrador. Quando nosso visitante se calou, Holmes estendeu a mão e pegou a letra “S” de seu livro

de citações. Pela primeira vez procurou em vão naquela mina de informações variadas.

— Existe um Arthur H. Staunton, o jovem ferreiro em ascensão — disse — e havia Henry Staunton, a quem ajudei a enforcar, mas Godfrey Staunton é um nome novo para mim.

Foi a vez de o nosso visitante parecer surpreso.

— Ora, sr. Holmes, pensei que soubesse das coisas — disse. — Suponho, então, que se nunca ouviu falar de Godfrey Staunton, não conhece também Cyril Overton?

Holmes concordou, bem-humorado.

— Ora! — exclamou o atleta. — Eu fui o primeiro reserva da Inglaterra contra Nova Gales do Sul, e dirigi o time da universidade durante este ano inteiro. Mas isso não é nada! Não pensei que houvesse uma única alma na Inglaterra que não conhecesse Godfrey Staunton, o craque *three-quarter*, em Cambridge, Blackheath e de cinco Internacionais. Meu Deus! sr. Holmes, onde *tem* vivido?

Holmes sorriu diante do assombro ingênuo do jovem gigante.

— O senhor vive num mundo diferente do meu, sr. Overton, mais cândido e saudável. Minhas ramificações se estenderam a muitos setores da sociedade, mas nunca, fico feliz em dizer, ao esporte amador, que é a melhor coisa da Inglaterra, e a mais sólida. Contudo, sua visita inesperada esta manhã mostra-me que, mesmo nesse mundo de ar puro e belos jogos, pode haver trabalho para mim. Portanto, agora, meu caro senhor, peço-lhe que se sente e me conte, devagar e com calma, exatamente o que aconteceu, e como deseja que o ajude.

O rosto do jovem Overton adquiriu o aspecto enfastiado do homem que está mais acostumado a usar seus músculos do que suas faculdades mentais; mas por etapas, com muitas repetições e partes obscuras que omitirei nesta narrativa, colocou diante de nós a sua história.

— Foi assim, sr. Holmes. Como já disse, sou o técnico do time de rúgbi da universidade de Cambridge, e Godfrey Staunton é o meu melhor homem. Amanhã jogaremos contra Oxford. Ontem, fomos todos para lá, e nos instalamos no hotel particular de Bentley. Às 22 horas dei uma volta e cuidei para que todos os rapazes fossem para a cama, pois acredito em treinamento rigoroso e muito sono para manter um time em forma. Troquei uma palavra ou duas com Godfrey antes que ele entrasse. Ele me pareceu

pálido e aborrecido. Perguntei-lhe qual era o problema. Disse-me que estava bem, apenas com um pouco de dor de cabeça. Desejei-lhe boa-noite e o deixei. Meia hora depois, o porteiro contou-me que um sujeito mal-encarado, com uma barba, apareceu com um bilhete para Godfrey. Ele não tinha se deitado, e o bilhete foi levado ao seu quarto. Godfrey o leu e caiu em uma cadeira como se tivesse levado uma machadada. O porteiro ficou tão apavorado que ia me chamar, mas Godfrey o impediu, tomou um gole de água, e se recompôs. Depois desceu, disse algumas palavras ao homem que esperava no saguão, e os dois saíram juntos. A última vez que o porteiro os viu, estavam quase correndo pela rua, na direção de Strand. Esta manhã o quarto de Godfrey estava vazio, sua cama não estava desarrumada e suas coisas foram encontradas do mesmo jeito que tinham sido vistas no dia anterior. Saíra rapidamente com esse estranho e desde então não se ouviu mais nada sobre ele. Não creio que volte. Godfrey era um esportista até a medula dos ossos, e não teria interrompido seus treinamentos e deixado seu treinador se não fosse por um motivo muito forte para ele. Não, sinto que ele foi embora para sempre e nunca mais o veremos de novo.

Sherlock Holmes ouviu com a mais profunda atenção esta narrativa singular.

— O que fez então? — perguntou.

— Telegrafei para Cambridge para saber se tinham alguma notícia dele por lá. Ninguém o viu.

— Ele poderia ter voltado para Cambridge?

— Sim, há um trem que sai às 23h15.

— Mas, pelo que soube, ele não o tomou?

— Não, não foi visto lá.

— O que fez depois?

— Telegrafei a lorde Mount-James.

— Por que a lorde Mount-James?

— Godfrey é órfão, e lorde Mount-James é seu parente mais próximo; seu tio, eu acho.

— Certo. Isto lança uma luz nova sobre o caso. Lorde Mount-James é um dos homens mais ricos da Inglaterra.

— Foi o que ouvi Godfrey dizer.

— E seu amigo era muito ligado a ele?

— Sim, era o herdeiro dele, e o velho está quase com oitenta anos, e doente, também. Dizem que podia passar giz no seu taco de bilhar com os nós dos dedos. Nunca deu a Godfrey um xelim em sua vida, pois é um completo miserável, mas tudo virá para ele, com certeza.

— Conhece lorde Mount-James?

— Não.

— Que motivo teria seu amigo para ir procurá-lo?

— Bem, alguma coisa o estava preocupando na noite anterior, e se tivesse relação com dinheiro, é possível que fosse procurar o parente mais próximo, que tinha tanto, embora, pelo que tenho ouvido, não teria muita possibilidade de consegui-lo. Godfrey não gostava muito do velho. Não iria se pudesse evitar.

— Ora, ora, logo poderemos verificar isso. Se seu amigo foi procurar seu parente, lorde Mount-James, você então tem de explicar a visita desse sujeito mal-encarado tão tarde da noite, e a agitação que sua chegada provocou.

Cyril Overton pôs as mãos na cabeça.

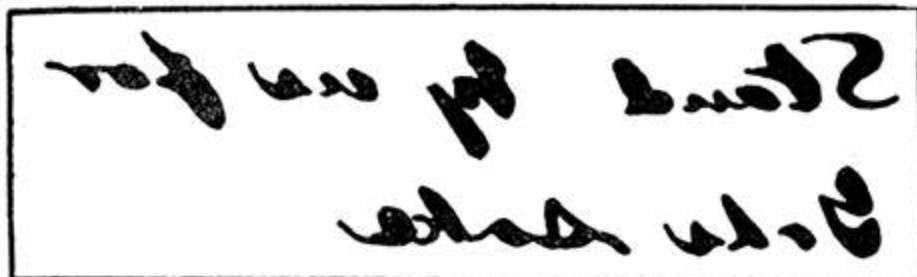
— Não tenho a menor ideia — disse.

— Bem, tenho o dia vago, e gostaria de examinar o caso — disse Holmes. — Devo recomendar-lhe com veemência que faça seus preparativos para o jogo sem nenhuma referência a este jovem cavalheiro. Deve ter sido, como diz, uma necessidade imperiosa que o fez partir dessa maneira, e a mesma necessidade talvez o conserve lá. Vamos juntos até o hotel para ver se o porteiro pode acrescentar alguma informação nova sobre o assunto.

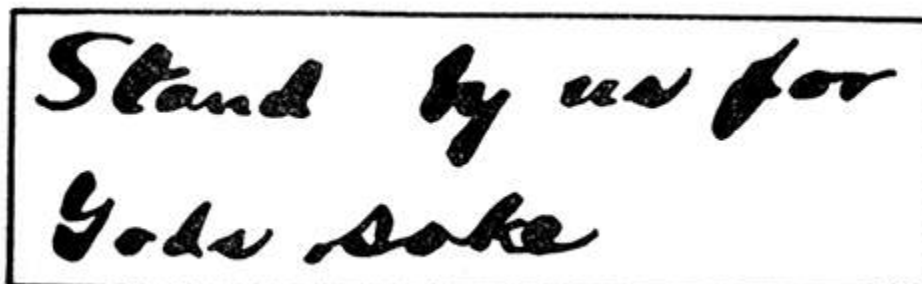
Sherlock Holmes era um mestre na arte de obter a confiança de uma testemunha humilde, e logo, na privacidade do quarto abandonado de Godfrey Staunton, extraiu dele tudo o que tinha para contar. O visitante da noite anterior não era um cavalheiro, nem um operário. Era simplesmente o que o porteiro descreveu como “um sujeito de aparência comum”, cinquenta anos, barba grisalha, rosto pálido, vestido com discrição. Parecia agitado. O porteiro notou que suas mãos tremiam quando lhe entregou o bilhete. Godfrey Staunton meteu o bilhete no bolso. Staunton não apertou a mão do homem no saguão. Trocaram algumas frases, das quais ele só distinguiu uma única palavra: “tempo”. Então correram para fora do jeito já descrito. Eram 22h30 pelo relógio do saguão.

— Deixe-me ver — disse Holmes, sentando-se na cama de Staunton. — É o porteiro diurno, não?
— Sim, senhor, deixo meu trabalho às 23 horas.
— O porteiro noturno não viu nada, suponho?
— Não, senhor, um grupo de teatro chegou tarde. Ninguém mais.
— Esteve trabalhando o dia todo ontem?
— Sim, senhor.
— Levou alguma mensagem ao sr. Staunton?
— Sim, senhor, um telegrama.
— Ah! Isto é interessante. A que horas foi isso?
— Por volta das 18 horas.
— Onde estava o sr. Staunton quando a recebeu?
— Aqui no seu quarto.
— O senhor estava presente quando ele a abriu?
— Sim, senhor, esperei para ver se havia alguma resposta.
— Bem, havia?
— Sim, senhor, ele escreveu uma resposta.
— Foi o senhor quem a levou?
— Não, ele a levou pessoalmente.
— Mas escreveu-a em sua presença?
— Sim, senhor. Eu estava parado aqui na porta, e ele com as costas voltadas para aquela mesa. Quando acabou de escrever, ele disse: “Tudo bem, porteiro, eu mesmo a entregarei.”
— Com que ele a escreveu?
— Com uma caneta, senhor.
— O formulário de telegrama era um desses na mesa?
— Sim, senhor, era o que estava em cima.
Holmes levantou-se. Pegando os formulários, levou-os para perto da janela e examinou com cuidado o que estava por cima.
— É uma pena que não tenha escrito a lápis — disse, devolvendo-os e encolhendo os ombros em sinal de desapontamento. — Como sem dúvida deve ter observado com frequência, Watson, a impressão geralmente passa através do papel; um fato que já dissolveu vários casamentos felizes. Entretanto, não achei nenhuma marca aqui. Mas percebi com satisfação que ele escreveu com uma pena de ponta grossa e não duvido que

encontraremos algumas impressões nesta folha de mata-borrão. Ah, com certeza são estas!

Tirou uma folha do bloco e nos mostrou o seguinte hieróglifo:

Cyril Overton ficou muito excitado.

— Leve-a para perto do espelho! — exclamou.

— Isto é desnecessário — disse Holmes. — O papel é fino, e o verso nos mostrará a mensagem. Aqui está. — Ele a virou e lemos:

[22]

— Então este é o final do telegrama que Godfrey Staunton despachou poucas horas antes de seu desaparecimento. Existem pelo menos seis palavras da mensagem que nos escaparam; mas o que permaneceu, “Fique conosco pelo amor de Deus!”, prova que este jovem via um perigo imenso que se aproximava e do qual alguém poderia protegê-lo. “Conosco”, lembre-se! Outra pessoa estava envolvida. Quem, a não ser o homem de rosto pálido e barba grisalha, parecia estar tão nervoso? E quem era a terceira força a quem pedia ajuda contra um perigo ameaçador? Nossa investigação já fica mais concentrada nisso.

— Temos apenas de descobrir para quem era endereçado o telegrama — sugeri.

— Exato, meu caro Watson. Sua reflexão, embora profunda, já havia passado pela minha mente. Mas creio que já notou que, se for a uma agência de correio e pedir para ver o canhoto da mensagem de uma outra pessoa, haverá certa má vontade por parte dos funcionários para atendê-lo. Há muita burocracia nesses assuntos. Mas acho que, com um pouco de delicadeza e finura, o objetivo pode ser alcançado. Enquanto isso, gostaria de, na sua presença, sr. Overton, dar uma olhada nestes papéis que foram deixados em cima da mesa.

Havia várias cartas, contas e cadernos de anotações, que Holmes folheou e examinou com dedos velozes e nervosos, e olhos penetrantes, dardejantes.

— Nada aqui — disse, por fim. — A propósito, suponho que seu amigo era um rapaz muito saudável... nada errado com ele?

— Tem saúde de ferro.

— Já o viu doente alguma vez?

— Nem por um dia. Certa vez teve uma tosse seca, e outra deslocou a rótula, mas isso não foi nada.

— Talvez ele não fosse tão forte quanto você supõe. Talvez tenha tido algum problema secreto. Com sua permissão, guardarei um ou dois desses papéis no bolso, para o caso de terem relação com nossa investigação futura.

— Um momento, um momento! — exclamou uma voz impertinente. Olhamos e nos deparamos com um homenzinho idoso e estranho, sacudindo-se e contorcendo-se à porta. Vestia-se de preto desbotado, com um chapéu de abas largas e uma gravata branca folgada; o efeito geral era o de um vigário do campo ou acompanhante de enterros contratado por um dono de casa funerária. Mas, apesar de sua aparência andrajosa e até mesmo ridícula, sua voz tinha um timbre áspero, e sua atitude, uma intensidade que exigia atenção.

— Quem é o senhor, e com que direito mexe nos papéis desse cavalheiro? — perguntou.

— Sou um detetive particular, e estou tentando explicar o desaparecimento dele.

— Ah é, é? E quem o chamou, hein?

— Este cavalheiro, amigo do sr. Staunton, me foi enviado pela Scotland Yard.

— E quem é o senhor?

— Sou Cyril Overton.

— Então foi você quem me mandou um telegrama. Meu nome é lorde Mount-James. Vim tão rápido quanto era possível pelo ônibus de Bayswater. Quer dizer que contratou um detetive?

— Sim, senhor.

— E está preparado para cobrir os gastos?

— Não tenho dúvida, senhor, que o meu amigo Godfrey, quando o encontrarmos, poderá fazer isso.

— E se nunca for encontrado, hein? Responda-me!

— Nesse caso, sem dúvida, sua família...

— Nada disso, senhor! — gritou o homenzinho. — Não me peça nem um pêni, nem um pêni! Entenda isso, sr. detetive! Sou toda a família que esse rapaz tem, e lhe digo que não sou o responsável. Se ele tem perspectivas futuras é porque nunca esbanjei dinheiro, e não pretendo começar a fazer isso agora. Quanto àqueles papéis com os quais tomou tantas liberdades, devo lhe dizer que, no caso de haver algo de valor entre eles, o senhor será intimado a fazer um relatório sobre o uso que fará deles.

— Muito bem, senhor — disse Sherlock Holmes. — Posso lhe perguntar, nesse meio-tempo, se tem alguma teoria própria para o desaparecimento do rapaz?

— Não, senhor, não tenho. Ele é suficientemente grande e adulto para cuidar de si mesmo, e se é tão bobo a ponto de se perder, eu me recuso totalmente a aceitar a responsabilidade de procurá-lo.

— Entendo sua posição — disse Holmes, com um brilho malicioso nos olhos. — Talvez não compreenda muito a minha. Parece que Godfrey Staunton era um homem muito pobre. Se foi raptado, não deve ter sido por algo que possuía. A fama de sua riqueza já se espalhou, lorde Mount-James, e é bem possível que um bando de ladrões tenha sequestrado seu sobrinho para conseguir dele algumas informações sobre sua casa, seus hábitos e seu tesouro.

O rosto do nosso pequeno e desagradável visitante ficou branco como sua gravata.

— Céus, senhor, que ideia! Nunca imaginei tal infâmia! Quantos patifes desumanos existem no mundo! Mas Godfrey é um bom rapaz, um rapaz leal. Nada o faria trair seu velho tio. Mandarei toda a prataria para o banco esta noite. Enquanto isso, não poupe esforços, sr. detetive! Imploro-lhe que

não deixe pedra sobre pedra para trazê-lo de volta em segurança. Quanto ao dinheiro, bem, até cinco ou dez libras, pode sempre contar comigo.

Mesmo com essa disposição de espírito atenuada, o nobre miserável não pôde nos dar nenhuma informação que nos ajudasse, pois sabia pouco da vida particular do sobrinho. Nossa única pista consistia no telegrama truncado, e com uma cópia dele na mão Holmes tentou encontrar um segundo elo para sua cadeia. Havia se desembaraçado de lorde Mount-James, e Overton fora conversar com os outros membros do time sobre a desgraça que se abatera sobre eles.

Havia um posto telegráfico a pouca distância do hotel. Paramos do lado de fora.

— Vale a pena tentar, Watson — disse Holmes. — É claro que com uma autorização poderíamos obrigá-los a nos mostrar os canhotos, mas ainda não chegamos nesse estágio. Não creio que se lembrem de rostos num lugar tão movimentado. Vamos arriscar.

— Desculpe incomodá-la — ele disse, com seu jeito brando, para a jovem que estava atrás do gradil —, há algum engano em relação a um telegrama que mandei ontem. Não recebi nenhuma resposta, e receio que devo ter esquecido de pôr meu nome no final. Pode me dizer se foi isso?

A jovem folheou um maço de canhotos.

— A que horas foi isso? — perguntou.

— Pouco depois das 18 horas.

— Para quem ele era?

Holmes pôs o dedo nos lábios e deu uma olhada para mim.

— As suas últimas palavras eram “Pelo amor de Deus” — ele sussurrou de modo confidencial —, estou muito ansioso por não receber nenhuma resposta.

A jovem separou um dos formulários.

— É este. Não tem nome — disse ela, deixando-o no balcão.

— Então, claro, é por isso que não recebi nenhuma resposta — disse Holmes. — Meu Deus, como fui estúpido! Bom dia, senhorita, e muito obrigado por me tranquilizar. — Ele deu uma risadinha e esfregou as mãos quando chegamos à rua de novo.

— E então? — perguntei.

— Estamos progredindo, meu caro Watson, estamos progredindo. Tinha sete diferentes esquemas para conseguir dar uma olhada naquele telegrama,

mas dificilmente podia esperar ter sucesso na primeira tentativa.

— E o que conseguiu?

— Um ponto de partida para a nossa investigação. — Chamou uma carruagem. — King’s Cross Station — disse.

— Faremos uma viagem, então?

— Sim, acho que devemos ir a Cambridge juntos. Todos os indícios apontam nessa direção.

— Diga-me — perguntei, enquanto passávamos pela Gray’s Inn Road —, já tem alguma suspeita quanto à causa do desaparecimento? De todos os que já tivemos, não me lembro de outro cujos motivos fossem tão misteriosos. Com certeza não imagina que possa ter sido raptado para fornecer informações sobre seu tio rico.

— Confesso, meu caro Watson, que isso não me parece uma explicação muito provável. Mas impressionou-me por ser a que mais interessou àquele velho e desagradável.

— Foi o que aconteceu; mas quais são suas alternativas?

— Poderia mencionar várias. Deve admitir que é curioso e sugestivo que este incidente tenha ocorrido na véspera desse jogo importante, e tenha envolvido o único homem cuja presença parece essencial ao sucesso do time. Pode ser, é claro, uma coincidência, mas é interessante. O esporte amador não tem apostas, mas uma grande quantidade de apostas externas ocorre entre o público, e é possível que seja lucrativo para alguém pegar um atleta, assim como um bandido do turfe faz com um cavalo de corrida. Aí está uma explicação. A segunda mais óbvia é que este rapaz realmente é o herdeiro de uma grande propriedade e, por mais modestas que sejam suas posses agora, não é impossível que tenha sido tramado um complô para sequestrá-lo e pedir um resgate.

— Essas teorias não levam em conta o telegrama.

— É verdade, Watson. O telegrama permanece ainda como a única coisa concreta que temos, e não devemos permitir que nossa atenção se desvie dele. É para esclarecer o objetivo deste telegrama que estamos agora a caminho de Cambridge. O rumo da nossa investigação está indefinido no momento, mas ficarei muito surpreso se antes do anoitecer não tivermos resolvido o caso, ou feito um progresso considerável.

Já estava escuro quando chegamos à velha cidade universitária. Holmes tomou uma carruagem de aluguel na estação e mandou que nos levasse à

casa do dr. Leslie Armstrong. Poucos minutos depois, parávamos diante de uma mansão na rua mais movimentada. Entramos e, após uma longa espera, fomos levados ao consultório, onde encontramos o doutor sentado à sua mesa.

O meu grau de afastamento de minha profissão era demonstrado pelo fato de que eu nunca tinha ouvido falar de Leslie Armstrong. Agora sei que ele não é apenas um dos diretores da escola de medicina da universidade, mas também um pensador famoso na Europa em mais de um ramo da ciência. Mas mesmo sem conhecer seu histórico brilhante, ninguém deixaria de se impressionar só de olhar para o homem, o rosto quadrado, maciço, os olhos melancólicos sob as sobrancelhas cerradas, e o molde granítico do maxilar inflexível. Um homem de caráter sólido, com a mente alerta, severo, austero, controlado, formidável — foi assim que vi o dr. Leslie Armstrong. Segurou o cartão do meu amigo, e nos olhou com uma expressão não muito contente em suas feições duras.

— Já ouvi falar no seu nome, sr. Sherlock Holmes, e sei qual é a sua profissão, uma das quais não aprovo de jeito nenhum.

— Nisso, doutor, o senhor está de acordo com todos os criminosos do país — disse meu amigo, tranquilamente.

— Na medida em que seus esforços têm por objetivo a supressão do crime, senhor, devem ter o apoio de todos os membros sensatos da comunidade, embora não duvide que a máquina oficial seja mais do que suficiente para esta finalidade. Onde seu ofício está mais sujeito a críticas quando se intromete nos segredos particulares das pessoas, quando revolve assuntos de família que ficam melhor escondidos, e quando incidentalmente desperdiça o tempo de homens que são mais ocupados que o senhor. Agora, por exemplo, eu deveria estar escrevendo um tratado em vez de conversar com o senhor.

— Sem dúvida, doutor; mesmo assim a conversa pode ser mais importante que o tratado. Incidentalmente, posso lhe dizer que estamos fazendo o inverso daquilo que o senhor, com justiça, critica; estamos tentando evitar algo como exposição pública de assuntos privados, o que necessariamente acontece, quando o caso está nas mãos da polícia. Pode olhar-me simplesmente como um pioneiro irregular, que vai à frente das forças regulares do país. Vim para lhe perguntar sobre o sr. Godfrey Staunton.

— O que tem ele?
— O senhor o conhece, não?
— É meu amigo íntimo.
— Sabe que ele está desaparecido?
— Ah, não diga! — Não houve nenhuma mudança de expressão nas feições rudes do doutor.
— Saiu do seu hotel na noite passada; não foi visto desde então.
— Sem dúvida ele voltará.
— Amanhã é o jogo de rúgbi da universidade.
— Não tenho simpatia por esses jogos infantis. O destino do rapaz me interessa profundamente, pois o conheço e gosto dele. O jogo de futebol não está dentro de meus horizontes de modo algum.
— Peço sua simpatia, então, pela minha investigação a respeito do destino do sr. Godfrey Staunton. Sabe onde ele está?
— Claro que não.
— Não o viu desde ontem?
— Não, não o vi.
— O sr. Staunton era um homem saudável?
— Perfeitamente.
— Já o viu doente alguma vez?
— Nunca.
Holmes atirou uma folha de papel diante dos olhos do doutor.
— Então talvez explique este recibo de uma conta de 13 guinéus, paga por Godfrey Staunton no mês passado ao dr. Leslie Armstrong, de Cambridge. Tirei-a do meio dos papéis que estavam na mesa dele.
O doutor ficou vermelho de raiva.
— Não creio que haja qualquer motivo para dar-lhe uma explicação, sr. Holmes.
Holmes recolocou a conta em seu caderninho de anotações.
— Se prefere uma explicação em público, ela virá mais cedo ou mais tarde — disse. — Já lhe disse que posso abafar o que os outros poderiam publicar, e o senhor seria mais sensato se confiasse em mim.
— Não sei nada sobre isso.
— Teve notícias do sr. Staunton de Londres?
— Certamente que não.

— Meu Deus, meu Deus; o correio de novo! — Holmes suspirou, entediado. — Um telegrama muito urgente foi despachado para o senhor de Londres por Godfrey Staunton, às 18h15 de ontem; um telegrama que está sem dúvida associado ao desaparecimento dele, e mesmo assim não ouviu falar dele. Isto é bastante condenável. Com certeza irei à delegacia daqui e registrarei uma queixa.

O dr. Leslie Armstrong pulou da sua cadeira, e seu rosto sombrio estava crispado de fúria.

— Pedirei que saia de minha casa, senhor — disse. — Pode dizer ao seu patrão, lorde Mount-James, que não quero ter nada a ver com ele ou com seus agentes. Não, senhor, nem mais uma palavra! — Tocou a campainha furiosamente. — John, mostre a saída a esses cavalheiros! — Um mordomo pomposo levou-nos rapidamente até a porta, e nos vimos na rua. Holmes começou a rir.

— O dr. Leslie Armstrong com certeza é um homem de energia e caráter — disse. — Ainda não vi um homem que, se dirigisse seus talentos para isso, fosse mais adequado para preencher a lacuna deixada pelo ilustre Moriarty. E agora, meu pobre Watson, aqui estamos nós, abandonados e sem amigos nesta cidade nada hospitaleira, que não podemos deixar sem abandonar nosso caso. Este pequeno hotel bem em frente à casa de Armstrong é especialmente conveniente para as nossas necessidades. Se pedir um quarto de frente e comprar o que for necessário para a noite, terei tempo de fazer algumas investigações.

Mas essas poucas investigações acabaram demorando mais do que Holmes imaginara, porque ele só voltou ao hotel quase 21 horas. Estava pálido e desanimado, empoeirado, exausto e com fome. Uma sopa fria estava posta na mesa, e quando suas necessidades foram satisfeitas e seu cachimbo foi aceso, sentiu-se pronto para adotar aquela visão meio cômica e totalmente filosófica que lhe era natural quando seus casos iam mal. O som das rodas de uma carruagem o fez se levantar e olhar pela janela. Uma carruagem e um par de cavalos pardos, sob a luz do lampião a gás, pararam diante da porta do doutor.

— Ficou fora durante três horas — disse Holmes —, saiu às 18h30 e agora está de volta. Isto dá um raio de uns 15 quilômetros, e ele faz isso uma, e ocasionalmente, duas vezes por dia.

— Coisa não muito incomum para um médico no exercício da profissão.

— Mas Armstrong não é um médico praticante. É um professor e consultor, mas não liga para a clínica geral, que o distrai de seu trabalho literário. Então, por que faz estas viagens longas, que devem ser muito cansativas para ele, e quem é que visita?

— Seu cocheiro...

— Meu caro Watson, duvida de que foi a ele que perguntei primeiro? Não sei se a causa foi sua própria depravação, ou o estímulo de seu patrão, mas ele foi suficientemente rude para lançar o cão contra mim. Mas nem o cão nem o homem gostaram de minha bengala, e a incursão não deu em nada. As relações foram cortadas depois disso, e outras perguntas ficaram fora de questão. Tudo o que consegui eu soube por um nativo amigável no pátio deste hotel. Foi ele quem me falou dos hábitos do doutor e de suas viagens diárias. Nesse instante, para confirmar suas palavras, a carruagem chegou à porta.

— Não podia segui-la?

— Excelente, Watson! Você está brilhante esta noite. De fato a ideia passou pela minha cabeça. Existe, como deve ter notado, uma loja de bicicletas ao lado do nosso hotel. Corri até lá, aluguei uma bicicleta, e estava pronto para partir antes que a carruagem estivesse fora de minha vista. Rapidamente a alcancei, e então, mantendo a discreta distância de mais ou menos cem metros, acompanhei suas luzes até estarmos quase fora da cidade. Percorremos um longo trecho na estrada do campo, quando um incidente um pouco mortificante ocorreu. A carruagem parou, o doutor saltou, caminhou com rapidez até o lugar onde eu também havia parado, me disse de uma maneira bem irônica que temia que a estrada fosse muito estreita, e que desejava que sua carruagem não impedisse a passagem de minha bicicleta. Nada teria sido mais admirável do que esta maneira de colocar as coisas. Passei imediatamente pela carruagem, e, continuando na estrada principal, pedalei por alguns quilômetros, depois parei num lugar conveniente para ver se a carruagem passaria. Mas não havia sinal dela, ficando evidente, portanto, que tinha entrado em uma das várias estradas secundárias que eu havia notado. Pedalei de volta, mas de novo não vi sinal da carruagem, e agora, como percebe, ela voltou depois de mim. É claro que no início eu não tinha nenhum motivo particular para ligar essas viagens ao desaparecimento de Godfrey Staunton, e estava apenas disposto a investigá-las com a justificativa de que tudo que se relaciona com o dr.

Armstrong nos interessa no momento, mas agora que descobri que vigia atentamente qualquer pessoa que possa segui-lo nestas excursões, o caso passa a ser mais importante, e não ficarei satisfeito até que o tenha esclarecido.

— Podemos segui-lo amanhã.

— Podemos? Não é tão fácil quanto pensa. Não está familiarizado com o cenário dos campos de Cambridge, está? Não são adequados para alguém se esconder. Todas estas terras pelas quais passei esta noite são tão planas e limpas como a palma de sua mão, e o homem que estamos seguindo não é nenhum bobo, como demonstrou claramente esta noite. Telegrafei a Overton, para que nos informe sobre qualquer novo acontecimento em Londres neste endereço, e enquanto isso, só podemos concentrar nossa atenção no dr. Armstrong, cujo nome a prestativa jovem do correio permitiu-me ler no canhoto da mensagem urgente de Staunton. Ele sabe onde está o rapaz, quanto a isso eu juro, e se ele sabe, então deve ser culpa nossa se não conseguimos saber também. Por enquanto devemos admitir que o truque singular está sob seu comando, e como sabe, Watson, não é meu costume deixar o jogo nesta situação.

Mesmo assim o dia seguinte não nos aproximou da solução do mistério. Um bilhete foi enviado após o café da manhã, e Holmes o passou para mim com um sorriso. Dizia:

> *Senhor:*
>
> *Posso lhe assegurar que está perdendo tempo em seguir meus movimentos. Tenho, como descobriu na noite passada, uma janela na parte de trás de minha carruagem, se quer um passeio de trinta quilômetros que o levará de volta ao ponto de partida, precisa apenas me seguir. Enquanto isso, posso informá-lo que me espionar não ajudará de modo algum o sr. Godfrey Staunton, e estou convencido de que o melhor que pode fazer por aquele cavalheiro seria voltar imediatamente para Londres e dizer ao seu patrão que é incapaz de encontrá-lo. Seu tempo em Cambridge certamente será desperdiçado.*
>
> *Cordialmente,*
>
> *Leslie Armstrong*

— Um antagonista declarado e honesto é esse doutor — disse Holmes. — Bem, ele excita minha curiosidade, preciso realmente saber o que acontece antes de deixá-lo.

— A carruagem está na porta dele agora — eu disse. — Lá está ele entrando nela. Vi que ele olhou para nossa janela ao fazer isso. Acha que devo tentar minha sorte com a bicicleta?

— Não, não, meu caro Watson! Com todo o respeito pela sua argúcia, não creio que seja um adversário para o ilustre doutor. Acho possível chegar ao nosso objetivo por meio de algumas explorações independentes que farei. Devo deixá-lo com seus próprios afazeres, pois o aparecimento de *dois* estranhos perguntadores numa cidadezinha sonolenta desperta mais mexericos do que eu gostaria. Sem dúvida vai descobrir algumas paisagens para entretê-lo nesta cidade venerável, e espero trazer um relato mais favorável antes do anoitecer.

Entretanto, uma vez mais meu amigo estava destinado a ficar desapontado. Voltou à noite, cansado e sem êxito.

— Tive um dia infrutífero, Watson. Sabendo a direção em que o doutor costuma ir, passei o dia visitando todas as cidadezinhas daquele lado de Cambridge, comparando informações com taberneiros e outros estabelecimentos em que se sabe das notícias locais. Percorri um bom pedaço. Chesterton, Histon, Waterbeach e Oakington foram explorados, e cada um deles foi decepcionante. O aparecimento diário de uma carruagem e uma parelha dificilmente deixaria de ser notado naquelas paragens sonolentas. O doutor marcou um ponto de novo. Há algum telegrama para mim?

— Sim, eu o abri. Aqui está:

P*ergunte por Pompey a Jeremy Dixon,*

Trinity College

— Não entendi.

— Oh, está bem claro. É do nosso amigo Overton, e é em resposta a uma pergunta minha. Mandarei um bilhete ao sr. Jeremy Dixon, e então não tenho dúvida de que nossa sorte vai mudar. Falando nisso, há alguma notícia sobre o jogo?

— Sim, o jornal vespertino local fez um excelente relato em sua última edição. O Oxford ganhou por um gol e dois *tries*. A última frase da descrição diz:

> *A derrota dos Light Blues pode ser inteiramente atribuída à lamentável ausência do craque internacional Godfrey Staunton, que foi sentida em todos os momentos do jogo. A falta de entrosamento entre a linha de* three-quarter *e sua fragilidade tanto no ataque como na defesa mais do que neutralizou os esforços de um time sólido e diligente.*

— Então as previsões do nosso amigo Overton estavam corretas — disse Holmes. — Pessoalmente estou de acordo com o dr. Armstrong, futebol não está no meu horizonte. Vou cedo para a cama hoje, porque estou prevendo que amanhã pode ser um dia cheio.

Fiquei horrorizado quando vi Holmes na manhã seguinte, pois estava sentado diante do fogo segurando sua fina seringa hipodérmica. Associei aquele instrumento à única fraqueza de sua natureza, e temi o pior quando a vi cintilando em sua mão. Ele riu ao ver minha expressão de aflição e a deixou na mesa.

— Não, não, meu caro amigo, não há motivo para alarme. Nesta ocasião não é um instrumento do mal, mas será a chave que desvendará nosso mistério. Nesta seringa deposito todas as minhas esperanças. Acabei de voltar de uma pequena expedição de reconhecimento, e tudo está favorável. Tome um bom café da manhã, Watson, pois pretendo ficar na pista do dr. Armstrong hoje, e quando estiver nela não vou parar para descansar ou comer até chegar à sua toca.

— Nesse caso — eu disse — seria melhor levar conosco nosso desjejum, pois ele está saindo cedo. Sua carruagem já está esperando.

— Não se preocupe. Deixe-o ir. Ele seria mais esperto se tomasse um caminho por onde eu não o pudesse seguir. Quando você tiver terminado, desça comigo e eu o apresentarei a um detetive que é um grande especialista no trabalho que temos pela frente.

Quando descemos, segui Holmes até o estábulo, onde abriu a porta de uma espécie de jaula e libertou um cachorro malhado, atarracado, de orelhas caídas, algo entre um *beagle* e um cão de caça.

— Deixe-me apresentá-lo a Pompey — disse. — Pompey é o orgulho dos farejadores locais; não muito veloz, como sua constituição mostrará, mas um cão seguro numa pista. Bem, Pompey, você pode não ser veloz, mas acho que será rápido demais para uma dupla de cavalheiros de meia-idade de Londres, de modo que tomarei a liberdade de atar esta tira de couro em sua coleira. Agora, garoto, venha e mostre o que pode fazer. — Levou-o até o portão da casa do doutor. O cão farejou por um instante, e depois, com uivo agudo de excitação, correu pela rua, puxando a tira de couro, em seu esforço para andar mais depressa. Em meia hora estávamos fora da cidade, correndo por uma estrada do campo.

— O que fez, Holmes? — perguntei.

— Um ardil batido e venerável, mas útil nesta ocasião. Fui até o pátio do doutor esta manhã e esvaziei minha seringa cheia de erva-doce na roda traseira. Um farejador seguirá a erva-doce daqui até a China, e nosso amigo, Armstrong, teria que atravessar um rio para tirar Pompey de sua pista. Oh, o patife esperto! Foi assim que me despistou naquela noite.

O cachorro saiu de repente da estrada principal e entrou numa pastagem. Meio quilômetro adiante havia outra estrada larga, e a trilha virava para a direita, em direção à cidade que acabáramos de deixar. A estrada fazia uma curva para o sul da cidade e continuava no sentido oposto ao daquele de onde partimos.

— Este *détour* foi inteiramente para nosso benefício, então? — disse Holmes. — Não admira que minhas perguntas aos habitantes dos lugarejos não tenham dado em nada. O doutor com certeza jogou com vontade, e gostaria de saber o motivo de um disfarce tão elaborado. Esta deve ser a vila de Trumpington, à nossa direita. E, por Deus! Aí está a carruagem fazendo aquela curva. Rápido, Watson, rápido, ou estamos perdidos!

Pulou um portão para dentro de um campo, puxando o relutante Pompey atrás dele. Mal nos escondêramos atrás de uma sebe quando a carruagem passou. Vi o dr. Armstrong lá dentro, os ombros curvados, a cabeça escondida nas mãos, a própria imagem da angústia. Eu podia perceber pela expressão grave do meu amigo que ele também tinha visto.

— Temo que haja algum fim sombrio para a nossa busca — disse. — Não levará muito tempo até sabermos. Venha, Pompey! Ah, é o chalé no campo!

Não havia dúvida de que tínhamos chegado ao fim da nossa jornada. Pompey corria e uivava impacientemente do lado de fora do portão, onde as marcas das rodas da carruagem ainda eram visíveis. Uma trilha ia até a entrada do chalé isolado. Holmes amarrou o cão na sebe e corremos para lá. Meu amigo bateu na portinha rústica duas vezes sem obter resposta. Ainda assim o chalé não estava vazio, pois um som baixo chegava aos nossos ouvidos — uma espécie de murmúrio de aflição e desespero que era indescritivelmente melancólico. Holmes parou, indeciso, então olhou para a estrada que acabara de atravessar. Uma carruagem estava chegando, e ele reconheceu aqueles cavalos pardos.

— Por Deus, o doutor está voltando! — exclamou Holmes. — Isso esclarece tudo. Estamos prestes a ver o que significa, antes que ele chegue.

Abriu a porta e entramos no saguão. O murmúrio soava alto em nossos ouvidos até que se tornou um longo e profundo lamento de angústia. Vinha lá de cima. Holmes subiu correndo, e eu o segui. Empurrou uma porta meio fechada, e nós dois paramos estarrecidos diante do que vimos.

Uma mulher, jovem e bonita, estava morta na cama. Seu rosto calmo, com os olhos azuis opacos bem abertos, olhava para cima, por entre uma grande confusão de cabelos dourados. Aos pés da cama, meio sentado, meio ajoelhado, o rosto coberto pelas roupas, estava um rapaz, cujo corpo sacudia-se violentamente com seus soluços. Estava tão mergulhado em sua grande dor que não olhou para cima, até que a mão de Holmes pousou em seu ombro.

— É o sr. Godfrey Staunton?

— Sim, sim, sou eu, mas vocês estão muito atrasados. Ela está morta.

O homem estava tão atordoado que não conseguimos convencê-lo de que não éramos médicos mandados em seu auxílio. Holmes tentava dizer algumas palavras de consolo e explicar o alarme que seu súbito desaparecimento provocou nos amigos dele quando ouvimos passos na escada, e surgiu à porta o rosto maciço e austero do dr. Armstrong.

— Então, cavalheiros — disse —, chegaram ao seu destino e com certeza escolheram um momento particularmente delicado para sua intromissão. Não brigaria na presença da morte, mas lhes asseguro que se eu fosse mais moço, sua conduta monstruosa não ficaria impune.

— Desculpe-me, dr. Armstrong, creio que há um mal-entendido — disse meu amigo, com dignidade. — Se quiser descer conosco, acho que cada um

de nós poderá esclarecer ao outro alguma coisa sobre este caso infeliz.

Um minuto depois, nós e o médico carrancudo estávamos na sala de estar, no andar de baixo.

— E então, senhor? — ele perguntou.

— Gostaria que compreendesse, em primeiro lugar, que não estou contratado por lorde Mount-James, e que minhas simpatias nesse assunto são inteiramente contra o nobre. Quando um homem desaparece, é meu dever descobrir seu paradeiro, mas, depois de fazer isso, o caso termina no que me diz respeito, e desde que não haja nada de criminoso, fico muito mais ansioso para evitar escândalos públicos do que para lhes dar publicidade. Se, como imagino, não há nenhuma infração da lei neste caso, pode confiar totalmente na minha discrição e na minha cooperação para manter os fatos longe dos jornais.

O dr. Armstrong deu um passo rápido à frente e apertou a mão de Holmes.

— O senhor é um bom sujeito — disse. — Julguei-o mal. Graças aos céus o meu escrúpulo em deixar o pobre Staunton sozinho nessa situação me fez voltar e, assim, conhecer o senhor. Sabendo tanto quanto o senhor sabe, a situação pode ser explicada muito facilmente. Um ano atrás, Godfrey Staunton hospedou-se em Londres por algum tempo, e apaixonou-se pela filha da senhoria, com quem se casou. Era tão boa quanto bonita, e tão inteligente quanto boa. Nenhum homem se envergonharia de uma esposa assim. Mas Godfrey era o herdeiro desse velho nobre rabugento, e estava certo de que a notícia de seu casamento seria o fim de sua herança. Eu conhecia bem o rapaz, e o amava por suas excelentes qualidades. Fiz tudo o que pude para ajudá-lo a manter as coisas em ordem. Fizemos o possível para ocultar o fato de todos, pois quando um rumor desses corre por aí, não demora muito para que todos fiquem sabendo. Graças a este chalé isolado e à sua própria discrição, Godfrey foi bem-sucedido até agora. Ninguém conhecia o segredo deles, a não ser eu e um excelente criado, que no momento foi a Trumpington buscar ajuda. Mas, por fim, houve um golpe terrível, sob a forma de uma perigosa doença de sua esposa. Era uma tuberculose pulmonar do tipo mais virulento. O pobre garoto ficou quase louco de dor, e mesmo assim tinha de ir a Londres para aquele jogo, pois não podia deixar de jogar sem explicações que revelariam seu segredo. Tentei consolá-lo com o telegrama, e ele me mandou um em resposta,

implorando-me para fazer tudo o que pudesse. Este era o telegrama que o senhor parece ter visto, de uma maneira inexplicável. Não contei a ele sobre a urgência da situação, pois sabia que não poderia fazer nada aqui, mas contei a verdade para o pai da moça e ele, muito injustificadamente, a comunicou a Godfrey. O resultado é que ele veio direto para cá num estado de quase delírio, e tem ficado nesse mesmo estado, ajoelhado aos pés da cama dela, até que esta manhã a morte pôs um fim aos sofrimentos dela. Isto é tudo, sr. Holmes, e tenho certeza de que posso confiar na sua discrição e na do seu amigo.

Holmes apertou a mão do médico.

— Venha, Watson — ele disse, e saímos daquela casa de luto para a pálida luz do sol de um dia de inverno.

21 Stone — medida de peso equivalente a 6,35 quilos. (N.T.)

22 ***Stand by us for Gods sake*** — Fique conosco, pelo amor de Deus.

A AVENTURA DE ABBEY GRANGE

FOI NUMA MANHÃ GELADA, DEPOIS DE UMA NOITE DE FRIO CORTANTE, no final do inverno de 1897, que fui acordado por uma batida em meu ombro. Era Holmes. A vela em sua mão iluminava seu rosto ansioso e ele me revelou num olhar que havia algo errado.

— Venha, Watson, venha! — exclamou. — O jogo está em andamento. Nem uma palavra! Vista-se e venha!

Dez minutos depois estávamos num cabriolé, passando pelas ruas silenciosas a caminho da estação de Charing Cross. Os primeiros e fracos raios do sol de inverno começavam a aparecer, e podíamos ver vagamente as silhuetas ocasionais de algum operário madrugador ao passar por nós, borrado e indistinto no opalescente nevoeiro de Londres. Holmes aconchegou-se em seu casaco grosso, e eu fiquei contente por fazer a mesma coisa, porque o ar estava muito gelado, e nenhum de nós havia quebrado o jejum.

Só depois de ter tomado um pouco de chá quente na estação e ocupado nossos lugares no trem de Kent, ficamos suficientemente dispostos, ele para falar e eu para ouvir. Holmes tirou um bilhete do bolso e o leu em voz alta:

Abbey Grange, Marsham, Kent,
3h30

Meu caro sr. Holmes:

Estaria muito agradecido por sua ajuda imediata no que promete ser um caso bastante notável. É algo da sua especialidade. A não ser

pelo fato de liberar a dama, cuidarei para que tudo seja mantido exatamente como encontrei, mas imploro-lhe que não perca um instante, pois é difícil manter sir Eustace lá.

Cordialmente,

Stanley Hopkins

— Hopkins já me chamou sete vezes, e em cada ocasião seus apelos foram inteiramente justificados — disse Holmes. — Aposto como cada um dos casos dele já foi para a sua coleção, e devo admitir, Watson, que você tem uma certa capacidade de seleção, que compensa muita coisa que eu deploro em suas narrativas. Seu hábito desastroso de olhar para tudo sob o ponto de vista de uma história e não de um exercício científico arruinou o que poderia ter sido uma série de demonstrações instrutivas e até mesmo clássicas. Você omite um trabalho da maior fineza e delicadeza, a fim de se estender em detalhes sensacionais que podem excitar, mas provavelmente não podem instruir o leitor.

— Por que você mesmo não os escreve? — perguntei com azedume.

— Escreverei, meu caro Watson, escreverei. No momento, como sabe, estou muito ocupado, mas pretendo dedicar meus últimos anos à preparação de um livro que irá enfocar toda a arte da investigação em um volume. Nossa pesquisa atual parece ser um caso de assassinato.

— Acha então que *sir* Eustace está morto?

— Eu diria isso. A caligrafia de Hopkins revela muita agitação, e ele não é um homem emotivo. Sim, creio que houve violência, e que o corpo foi deixado para nossa inspeção. Um mero suicídio não faria com que ele me chamasse. Quanto à liberação da dama, parece que estava trancada em seu quarto durante a tragédia. Estamos lidando com a alta sociedade, Watson, papel crepitante, monograma “E.B.”, brasão de armas, endereço pitoresco. Creio que o amigo Hopkins vai se manter à altura de sua reputação, e que teremos uma manhã interessante. O crime foi cometido ontem, antes da meia-noite.

— Como pode afirmar?

— Pela verificação dos trens, e calculando os horários. A polícia local tinha de ser chamada, eles tinham de se comunicar com a Scotland Yard, Hopkins tinha de sair, e ele, por sua vez, teve de me chamar. Tudo isto

ocupa uma noite de trabalho. Bem, aqui estamos na estação Chiselhurst, e logo tiraremos nossas dúvidas.

Uma viagem de alguns quilômetros por caminhos estreitos do campo nos levou até o portão de um parque, que foi aberto por um velho porteiro, cuja face crispada refletia algum grande desastre. A avenida atravessava um parque imponente, entre filas de velhos olmos, e terminava numa casa grande e baixa, com colunas na frente, em estilo paladiano. A ala central, evidentemente, era muito antiga e coberta de musgo, mas as grandes janelas mostravam que tinham sido feitas reformas recentes, e uma ala da casa parecia ser inteiramente nova. A figura jovem e o rosto atento e ansioso do inspetor Stanley Hopkins nos esperavam na porta aberta.

— Estou grato por ter vindo, sr. Holmes. E o senhor também, dr. Watson. Mas, na verdade, se pudesse voltar no tempo, não os teria incomodado, pois desde que a dama voltou a si, relatou o caso de maneira tão clara que não nos restou muita coisa a fazer. Lembra-se daquela gangue de assaltantes de Lewisham?

— Qual, os três Randalls?

— Exatamente; o pai e dois irmãos. É trabalho deles. Não tenho dúvida. Fizeram um trabalho em Sydenham há 15 dias, foram vistos e descritos. Muito frios para fazer outro tão depressa e tão perto, mas foram eles, sem a menor dúvida. É caso para enforcamento desta vez.

— Então *sir* Eustace está morto?

— Sim, sua cabeça foi golpeada com seu próprio atiçador de lareira.

— *Sir* Eustace Brackenstall, disse-me o motorista.

— Exato, um dos homens mais ricos de Kent. *Lady* Brackenstall se encontra na sala de estar. Pobre senhora, passou por uma experiência terrível. Parecia quase morta, quando a vi pela primeira vez. Acho que é melhor vocês irem até lá para ouvir o seu relato dos fatos. Depois examinaremos juntos a sala de jantar.

Lady Brackenstall não era uma pessoa comum. Raras vezes vi uma figura tão graciosa, uma presença tão feminina e um rosto mais bonito. Era loura, cabelos dourados, olhos azuis e sem dúvida teria a compleição perfeita que combina essas cores, não fossem os acontecimentos recentes que a deixaram abatida e tensa. Seus sofrimentos eram tão físicos como mentais, porque sobre um dos olhos aparecia uma horrível inchação roxa, que sua criada, uma mulher alta e austera, molhava o tempo todo com vinagre e

água. A dama estava deitada, exausta, num sofá, mas seu olhar rápido e observador, quando entramos no aposento, e a expressão atenta de suas feições bonitas mostravam que nem seu juízo nem sua coragem tinham sido abalados por sua terrível experiência. Vestia um roupão folgado azul e prata, mas um vestido de noite preto, bordado com vidrilhos, estava a seu lado no sofá.

— Já lhe contei tudo o que aconteceu, sr. Hopkins — disse ela, cansada. — O senhor não poderia repeti-lo por mim? Bem, se acha necessário, direi a estes cavalheiros o que ocorreu. Eles já estiveram na sala de jantar?

— Achei que seria melhor que ouvissem primeiro a história contada pela senhora.

— Ficarei satisfeita quando conseguirem solucionar as coisas. É horrível para mim pensar nele ainda estendido lá. — Ela estremeceu e enterrou o rosto nas mãos. Ao fazer isso, as mangas do roupão largo deslizaram, deixando à mostra seus antebraços. Holmes soltou uma exclamação.

— A senhora tem outros ferimentos, madame! O que é isso? — Duas marcas bem vermelhas apareciam num dos braços brancos e roliços. Ela o cobriu rapidamente.

— Não é nada. Não tem nenhuma ligação com este negócio horrendo desta noite. Se o senhor e seu amigo se sentarem, eu lhes contarei tudo o que puder.

"Sou a esposa de *sir* Eustace Brackenstall. Estive casada durante um ano, mais ou menos. Acho que não adianta tentar esconder que nosso casamento não era feliz. Receio que todos os nossos vizinhos lhe digam isso, mesmo que eu tentasse negar. Talvez a culpa em parte fosse minha. Fui educada na atmosfera mais livre e menos convencional do sul da Austrália, e esta vida inglesa, com suas formalidades e sua rigidez, não é adequada para mim. Mas o motivo principal está no fato, conhecido de todos, de que *sir* Eustace era um bêbado inveterado. Estar com um homem assim durante uma hora é desagradável. Pode imaginar o que significa, para uma mulher sensível e decidida, estar presa a ele noite e dia? É um sacrilégio, um crime, uma infâmia dizer que um casamento assim é obrigatório. Digo que estas suas leis monstruosas atrairão uma maldição sobre a terra. Deus não permitirá que essa perversidade continue."

Por um momento ela se sentou, ruborizada, e seus olhos brilhavam abaixo da terrível marca na sobrancelha. Depois a mão forte e suave da

criada austera acomodou sua cabeça na almofada, e o ódio selvagem transformou-se num soluço impetuoso. Por fim continuou:

— Eu lhes contarei sobre a noite passada. Talvez os senhores saibam que nesta casa todos os criados dormem na ala nova. Este bloco central inclui os aposentos principais, com a cozinha nos fundos e nosso quarto em cima. Minha criada, Theresa, dorme no quarto acima do meu. Não há mais ninguém, e nenhum som poderia alertar aqueles que estão na ala mais distante. Os ladrões deviam saber disso, ou não teriam agido do modo como fizeram.

"*Sir* Eustace foi para o quarto por volta de 22h30. Os criados já tinham se retirado para seus aposentos. Apenas minha empregada estava de pé, e permanecia em seu quarto no alto da casa até que eu precisasse de seus serviços. Fiquei sentada neste quarto até depois das 23 horas, entretida com um livro. Então dei uma volta para ver se tudo estava em ordem antes de subir. Era meu costume fazer isso pessoalmente, pois, como já expliquei, nem sempre era possível confiar em *sir* Eustace. Entrei na cozinha, na copa, na sala de armas, sala de bilhar, sala de visitas, e, finalmente, na sala de jantar. Ao me aproximar da janela, coberta com cortinas grossas, senti de repente o vento soprar no meu rosto, e percebi que estava aberta. Puxei a cortina para o lado e me vi cara a cara com um homem idoso de ombros largos, que acabara de entrar na sala. A janela é grande, do tipo porta-janela, que na verdade é uma porta que dá para o jardim. Estava segurando a vela do quarto acesa e, com sua luz, vi atrás do homem dois outros, prestes a entrar. Dei um passo para trás, mas o sujeito me alcançou num instante. Segurou-me primeiro pelo pulso e depois pela garganta. Abri a boca para gritar, mas ele me deu um golpe violento com o punho no olho e me derrubou no chão. Devo ter ficado inconsciente por alguns minutos porque, quando voltei a mim, descobri que haviam cortado a corda da campainha, e me amarrado bem firme à cadeira de carvalho que fica na cabeceira da mesa de jantar. Estava tão firmemente atada que não podia me mover, e um lenço em minha boca me impedia de emitir qualquer som. Foi nesse instante que meu marido entrou na sala. Evidentemente ouvira algum som suspeito e veio preparado para a cena que encontrou. Estava vestido com uma camisa de dormir e calças, com seu porrete favorito, de ameixeira brava, na mão. Arremeteu contra os assaltantes, mas um outro — era o velho — abaixou-se, pegou o atiçador da lareira e deu-lhe uma pancada

horrível ao passar por ele. Caiu com um gemido e não se moveu mais. Desmaiei de novo, mas deve ter sido também por apenas alguns minutos, durante os quais estive insensível. Quando abri os olhos, descobri que haviam recolhido a prataria do aparador e bebido uma garrafa de vinho que ficava lá. Cada um deles tinha uma garrafa na mão. Já lhes disse, creio, que um era idoso, com uma barba, e os outros jovens, calvos. Devem ser o pai e seus dois filhos. Conversaram entre eles, sussurrando. Depois se aproximaram e se certificaram de que eu estava bem presa. Finalmente, foram embora, fechando a janela atrás deles. Quase 15 minutos depois consegui arrancar o lenço da boca. Quando fiz isso, meus gritos atraíram a criada. Os outros criados foram logo avisados e enviados para chamar a polícia local, que na mesma hora informou Londres. Isto é realmente tudo o que posso lhes contar, cavalheiros, e espero que não seja necessário repetir essa história tão dolorosa mais uma vez."

— Alguma pergunta, sr. Holmes? — disse Hopkins.

— Não vou impor mais nenhum sacrifício à paciência e ao tempo de *lady* Brackenstall — disse Holmes. — Antes de ir para a sala de jantar, gostaria de ouvir sua experiência. — Olhou para a criada.

— Eu vi os homens antes de eles entrarem na casa — disse. — Quando estava sentada à janela do meu quarto, vi três homens à luz do luar, perto do portão da casa do porteiro, mas não pensei em nada naquele momento. Mais de uma hora depois ouvi minha patroa gritar e corri para baixo, para encontrá-la, pobre cordeirinho, exatamente como ela diz, e ele no chão, com sangue e miolos espalhados pelo quarto. Era o suficiente para deixar uma mulher fora de si, amarrada ali, e seu próprio vestido manchado, mas nunca lhe faltou coragem, desde que era a srta. Mary Fraser, de Adelaide, e *lady* Brackenstall, de Abbey Grange, de fato não aprendeu novos caminhos. Já a interrogaram por muito tempo, cavalheiros, e agora ela vai para seu próprio quarto, com sua velha Theresa, para ter o descanso de que tanto precisa.

Com delicadeza maternal, a mulher magra colocou o braço ao redor de sua patroa e a conduziu para fora do aposento.

— Esteve com ela a vida inteira — disse Hopkins. — Cuidou dela quando bebê, e veio para a Inglaterra quando saíram da Austrália pela primeira vez, há 18 meses. O nome dela é Theresa Wright, e é do tipo de criada que não se encontra mais hoje em dia. Por aqui, sr. Holmes, por favor!

O interesse profundo desaparecera do rosto expressivo de Holmes, e eu sabia que, junto com o mistério, todo o encanto do caso havia sumido. Ainda faltava efetuar uma prisão, mas o que eram esses patifes vulgares para que ele sujasse suas mãos com eles? Um especialista impenetrável e culto que descobre ter sido chamado para um caso de sarampo experimentaria um pouco da irritação que eu lia nos olhos do meu amigo. Ainda assim a cena na sala de jantar de Abbey Grange era suficientemente estranha para atrair sua atenção e reacender seu interesse, que minguava.

Era um aposento amplo e alto, com um teto de carvalho esculpido, com painéis também de carvalho, e uma ótima coleção de cabeças de cervos e armas antigas nas paredes. Ao fundo estava a porta-janela da qual já ouvíramos falar. Três janelas menores no lado direito enchiam o aposento com o frio sol de inverno. À esquerda havia uma lareira larga e funda, com um consolo de carvalho maciço. Ao lado da lareira estava uma pesada cadeira de carvalho, com braços e barras transversais na parte debaixo. De um lado e de outro da peça de madeira trabalhada e vazada havia uma corda avermelhada, amarrada em cada lado da madeira cruzada embaixo. Quando a dama foi libertada, a corda tinha sido tirada dela, mas os nós que foram feitos ainda estavam lá. Estes detalhes só chamaram nossa atenção depois, pois nossos pensamentos estavam totalmente concentrados no terrível objeto que jazia sobre o tapete de pele de tigre diante da lareira.

Era o corpo de um homem alto, de boa compleição, cerca de quarenta anos de idade. Estava deitado de costas, o rosto para cima, com os dentes brancos brilhando por entre a barba curta e preta. Suas duas mãos fechadas erguiam-se acima da cabeça e um porrete pesado estava ao seu lado. Suas feições morenas, bonitas e aquilinas estavam contorcidas num espasmo de ódio vingativo, que deu ao seu rosto de morto uma terrível expressão demoníaca. Estivera obviamente em sua cama quando o alarme fora dado, pois vestia um camisolão ridículo, bordado, e seus pés descalços projetavam-se das calças. Sua cabeça estava terrivelmente machucada, e toda a sala era testemunha da ferocidade do golpe que o abatera. Ao seu lado achava-se o pesado atiçador, entortado pelo golpe. Holmes examinou o objeto e a indescritível destruição que causara.

— Deve ser um homem forte, esse velho Randall — notou.

— Sim — disse Hopkins. — Tenho alguns registros do sujeito, e ele é um indivíduo desordeiro.

— Você não deverá ter dificuldades para pegá-lo.

— Nem um pouco. Estivemos procurando por ele, e há indícios de que fugiu para os Estados Unidos. Agora que sabemos que a gangue está aqui, não vejo como eles possam escapar. Já espalhamos a notícia em todos os portos, e uma recompensa será oferecida antes do anoitecer. O que me intriga é terem feito algo tão louco, sabendo que a dama poderia descrevê-los e que não deixaríamos de reconhecer a descrição.

— Exato. Era de se esperar que tivessem silenciado *lady* Brackenstall também.

— Talvez não tenham percebido — sugeri — que ela se recobrara do desmaio.

— É provável. Se ela parecia sem sentidos, não lhe tirariam a vida. E quanto a este pobre sujeito, Hopkins? Ouvi algumas histórias estranhas sobre ele.

— Era um homem de bom coração quando estava sóbrio, mas um perfeito demônio quando estava bêbado, ou mesmo meio bêbado, pois raras vezes o ficava inteiramente. O diabo parecia encarnar nele nessas ocasiões, e ele era capaz de tudo. Pelo que ouvi, apesar de sua riqueza e do título, quase veio parar na polícia uma ou duas vezes. Houve um escândalo por ter embebido um cão em petróleo e ateado fogo no animal; o cão de sua esposa, para piorar as coisas, e só foi contido com dificuldade. Depois jogou uma garrafa na criada, Theresa Wright; houve uma confusão a respeito disso. Em resumo, e aqui entre nós, será uma casa mais alegre sem ele. O que está olhando agora?

Holmes estava ajoelhado, examinando com grande atenção os nós na corda vermelha com que a mulher fora amarrada. Depois, observou cuidadosamente a ponta cortada e esfiapada no lugar em que havia sido partida quando o ladrão a puxou para baixo.

— Quando isto foi puxado, a campainha da cozinha deve ter tocado bem alto — observou.

— Ninguém podia ouvi-la. A cozinha fica bem nos fundos da casa.

— Como é que o ladrão poderia saber que ninguém a ouviria? Como ousou puxar a corda da campainha de uma maneira tão imprudente?

— Exato, sr. Holmes, exato. Tocou na pergunta que fiz a mim mesmo várias vezes. Não há dúvida de que esse sujeito conhecia a casa e seus hábitos. Devia saber perfeitamente bem que todos os criados estariam em

suas camas àquela hora, relativamente cedo, e que ninguém ouviria a campainha tocar na cozinha. Portanto, devia estar em contato com um dos criados. Isto é evidente. Mas são oito criados e todos de ótimo caráter.

— Se outros fatores são iguais — disse Holmes —, suspeitaríamos daquela em cuja cabeça o patrão jogou uma garrafa. Mesmo assim, isso significaria trair a patroa a quem essa mulher parece tão dedicada. Ora, ora, isto é o de menos, e quando pegar Randall, provavelmente não encontrará dificuldades para agarrar seus cúmplices. A história da dama parece ser confirmada, se é que precisa de confirmação, por todos os detalhes que vemos diante de nós. — Foi até a porta-janela e a abriu. — Não há marcas aqui, mas o chão está duro como ferro, e ninguém esperaria que houvesse marcas. Vejo que as velas do consolo foram acesas.

— Sim, foi com a luz delas, e com a da vela do quarto da dama, que os ladrões enxergaram o caminho dentro da casa.

— E o que eles levaram?

— Bem, não levaram muita coisa, apenas meia dúzia de objetos de prata do aparador. *Lady* Brackenstall acha que eles próprios estavam tão perturbados com a morte de *sir* Eustace que não saquearam a casa, como normalmente teriam feito.

— Sem dúvida isso é verdade, e mesmo assim beberam vinho, eu acho.

— Para relaxar os nervos.

— Exatamente. Estes três copos no aparador não foram tocados, suponho?

— Sim, e a garrafa está como a deixaram.

— Vamos dar uma olhada nela. Ora, ora! O que é isso?

Os três copos estavam juntos, todos eles com marcas de vinho, e um deles contendo resíduos da película que se forma na superfície do vinho velho. A garrafa estava perto deles, com 2/3 de bebida, e ao seu lado havia uma rolha comprida e muito manchada. Sua aparência e a poeira sobre a garrafa mostravam que não era de vinho comum que os assassinos gostavam.

O comportamento de Holmes tinha mudado. Sua expressão indiferente desaparecera, e eu via novamente um brilho de interesse em seus olhos penetrantes e fundos. Levantou a rolha e examinou-a atentamente.

— Como a tiraram? — perguntou.

Hopkins apontou para uma gaveta meio aberta. Dentro havia toalhas de mesa e um grande saca-rolhas.

— *Lady* Brackenstall disse que o saca-rolhas foi usado?

— Não, lembre-se de que ela estava sem sentidos no momento em que a garrafa foi aberta.

— Exato. Para falar a verdade, o saca-rolhas *não* foi usado. Esta garrafa foi aberta com um saca-rolhas de bolso, provavelmente de um canivete, que não tinha mais do que uns quatro centímetros de comprimento. Se examinar o alto da rolha, vai observar que o saca-rolhas foi colocado três vezes antes de extraí-la. Ela jamais foi trespassada. Este saca-rolhas comprido a teria trespassado e extraído com um único puxão. Quando agarrar esse sujeito, vai descobrir que ele tem um desses canivetes múltiplos em seu poder.

— Excelente! — disse Hopkins.

— Mas essas garrafas me intrigam, confesso. *Lady* Brackenstall *viu* realmente os três homens bebendo, não?

— Sim, ela foi clara nesse ponto.

— Então isso é o final. O que há mais para ser dito? E ainda assim, deve admitir que os três copos são notáveis, Hopkins. O quê? Não vê nada de notável? Ora, ora, deixe estar. Talvez, quando um homem tem conhecimento e poderes especiais como os meus, isso o estimula a procurar uma explicação complexa quando uma mais simples está ao seu alcance. É claro que pode ser simples casualidade, quanto às garrafas. Bem, bom dia, Hopkins, não creio que possa ser útil a você, e parece que seu caso é muito claro. Avise-me quando Randall for preso, e sobre outras novidades que possam ocorrer. Acredito que logo teremos de congratulá-lo por uma conclusão bem-sucedida. Venha, Watson, acho que podemos nos dedicar a coisas mais proveitosas em casa.

Durante nossa viagem de volta eu podia ver pelo rosto de Holmes que ele estava muito intrigado com algo que observara. De vez em quando, com esforço, conseguia afastar a impressão e conversar como se o caso estivesse claro, mas depois as dúvidas lhe voltavam, e suas sobrancelhas carregadas e olhos absortos mostravam que seus pensamentos iam de novo para a grande sala de jantar de Abbey Grange, na qual esta tragédia noturna ocorrera. Por fim, num impulso repentino, quando nosso trem estava saindo de uma estação suburbana, ele pulou para a plataforma e me puxou para fora atrás dele.

— Desculpe-me, meu caro amigo — disse ele enquanto olhávamos os últimos vagões do nosso trem desaparecendo numa curva —, sinto fazer de você a vítima do que pode parecer um mero capricho, mas por minha vida, Watson, eu simplesmente *não posso* deixar o caso nessa situação. Todos os meus instintos protestam contra isso. Está errado, está tudo errado, juro que está errado. E ainda assim a história da dama estava completa, a confirmação da criada foi suficiente, o detalhe era preciso. O que tenho para contestar isso? Três copos de vinho, isso é tudo. Mas se eu não tivesse dado as coisas como certas, se tivesse conferido tudo com o cuidado que deveria ter demonstrado, teríamos abordado o caso *de novo*, e se não tivesse nenhuma história estereotipada para torcer minhas ideias, será que eu não teria descoberto algo mais definido com o qual pudesse continuar? É claro que teria. Sente-se neste banco, Watson, até que chegue um trem para Chiselhurst, e permita-me mostrar-lhe o indício, implorando-lhe primeiro que tire da cabeça a ideia de que tudo o que a criada ou sua patroa disseram tem necessariamente de ser verdade. A personalidade encantadora da dama não deve desvirtuar nosso julgamento.

“Com certeza existem detalhes na história dela que, se olharmos com sangue-frio, despertarão nossa suspeita. Esses ladrões tiveram um ganho considerável em Sydenham 15 dias atrás. Algo sobre eles e suas fisionomias apareceu nos jornais, e naturalmente seriam lembrados por qualquer um que desejasse uma história em que ladrões imaginários tomassem parte. Para falar a verdade, assaltantes que fizeram um bom ganho em seu negócio, em geral, ficam contentes em apenas desfrutar seu lucro em paz sem embarcar num outro empreendimento perigoso. Além disso, não é comum ladrões agirem tão cedo, não é comum golpearem uma dama para evitar que ela grite, já que qualquer um imaginaria que este é o caminho certo para fazê-la gritar, é incomum cometerem assassinato quando o seu número é suficiente para subjugar um homem, é incomum contentarem-se com uma pilhagem limitada quando havia muito mais ao seu alcance, e por fim, diria que foi muito estranho homens desse tipo deixarem uma garrafa meio vazia. Todos estes fatos pouco comuns não o impressionam, Watson?”

— O efeito cumulativo deles com certeza é considerável, e mesmo assim cada um deles separadamente é bastante possível. A coisa mais

extraordinária de todas, ao que me parece, é que a mulher estivesse amarrada à cadeira.

— Bem, não estou muito convencido disso, Watson, pois é evidente que deveriam tê-la matado ou então a amarrado de modo que não pudesse dar um alarme imediato da fuga deles. Mas de qualquer modo mostrei que há um certo elemento de improbabilidade na história da dama, não é? E agora, além de tudo isso, vem o incidente com os copos de vinho.

— O que têm os copos de vinho?

— Pode vê-los de memória?

— Vejo-os claramente.

— Disseram-nos que três homens beberam neles. Isto lhe parece provável?

— Por que não? Havia vinho em cada copo.

— Exato. Mas só havia borra em um deles. Deve ter notado o fato. O que isto lhe sugere?

— O último copo enchido tinha mais probabilidade de conter a borra.

— Nada disso. A garrafa estava cheia de borra e é inconcebível que os dois primeiros copos estivessem puros e o terceiro com muita borra. Há duas explicações possíveis, e apenas duas. Uma é que depois de ter sido enchido o segundo copo, a garrafa foi violentamente agitada, e assim o terceiro recebeu a borra. Isto não parece provável. Não, não, estou convencido de que estou certo.

— Então, o que supõe?

— Que apenas dois copos foram usados, e que os restos de ambos foram despejados no terceiro, para dar a falsa impressão de que três pessoas estiveram lá. Desse modo, toda a borra ficaria no último copo, não? Sim, estou convencido de que é isso. Mas se eu tiver encontrado a explicação verdadeira deste pequeno fenômeno, então num instante o caso passa do lugar-comum para o extraordinário, pois só pode significar que *lady* Brackenstall e sua criada mentiram deliberadamente, que não se deve acreditar em nenhuma palavra da história delas, que têm algum motivo muito forte para encobrir o verdadeiro criminoso, e que devemos imaginar o caso por nossa conta, sem qualquer ajuda delas. Esta é a missão que temos pela frente, e aqui, Watson, está o trem de Sydenham.

O pessoal de Abbey Grange ficou muito surpreso com a nossa volta, mas Sherlock Holmes, descobrindo que Stanley Hopkins saíra para informar à

chefatura, apossou-se da sala de jantar, trancou a porta por dentro e dedicou-se, durante duas horas, a uma daquelas investigações minuciosas e trabalhosas que formam a base sólida sobre a qual suas brilhantes deduções se apoiam. Sentado num canto como um estudante interessado que observa a demonstração do professor, acompanhei cada passo daquela pesquisa memorável. A porta-janela, o tapete, a cadeira, a corda — cada um deles foi examinado com cuidado e devidamente analisado. O corpo do infeliz baronete havia sido removido, e tudo o mais permanecia como víramos pela manhã. Finalmente, para meu assombro, Holmes subiu no maciço consolo da lareira. Muito acima de sua cabeça estavam pendurados alguns centímetros da corda vermelha que ainda estavam atados ao fio. Durante muito tempo ficou olhando para ela, e depois, numa tentativa de chegar mais perto, apoiou o joelho numa prateleira de madeira na parede. Isto fez com que sua mão ficasse a poucos centímetros do pedaço partido da corda, mas não precisava tanto, pois era a própria prateleira que parecia atrair sua atenção. Por fim, pulou para o chão com uma exclamação de contentamento.

— Está tudo bem, Watson — disse. — Temos nosso caso, um dos mais memoráveis da nossa coleção. Mas, meu Deus, como fui estúpido, e quase cometi o grande erro da minha vida! Agora, acho que, com alguns elos que faltam, minha cadeia está quase completa.

— Descobriu os seus homens?

— Homem, Watson, homem. Apenas um, mas uma pessoa terrível. Forte como um leão; veja pelo golpe que amassou aquele atiçador! Quase 1,90m de altura, ágil como um esquilo, hábil com os dedos e, finalmente, com uma incrível presença de espírito, pois toda essa história engenhosa é um plano seu. Sim, Watson, deparamo-nos com um trabalho de um indivíduo notável. E mesmo assim, com aquela corda da campainha, ele nos forneceu uma pista que não nos deixa dúvida alguma.

— Onde estava a pista?

— Bem, se puxasse uma corda de campainha, Watson, onde esperaria que ela se rompesse? Com certeza no ponto em que está atada ao fio. Por que arrebentaria oito centímetros antes do lugar, como aconteceu?

— Porque está puída ali?

— Exatamente. Esta ponta, que podemos examinar, está puída. Ele foi suficientemente esperto para fazer isso com seu canivete. Mas a outra ponta

não está. Não poderia observar daqui, mas se estivesse sobre o consolo da lareira, veria que está cortada sem qualquer marca de desgaste. Pode-se reconstituir o que aconteceu. O homem precisava da corda. Não a puxaria por temer dar o alarme tocando a campainha. O que faz? Pula para o consolo da lareira, não a alcança, põe o joelho na prateleira, verá a marca na poeira, e então pega o canivete para lançar-se sobre a corda. Não consegui alcançar o lugar por uma diferença de pelo menos sete centímetros, e daí eu deduzo que ele é pelo menos sete centímetros mais alto do que eu. Olhe para aquela marca no assento da cadeira de carvalho! O que é isso?

— Sangue.

— Sem dúvida é sangue. Só isto põe a história da dama fora de cogitação. Se ela estava sentada na cadeira quando o crime foi cometido, como apareceu esta marca? Não, não, ela foi colocada na cadeira *depois* da morte do marido. Aposto como o vestido negro mostra uma marca semelhante a esta. Ainda não encontramos nosso Waterloo, Watson, mas esta é nossa Marengo, porque começa em derrota e acaba em vitória. Agora gostaria de trocar algumas palavras com a enfermeira, Theresa. Devemos ser cautelosos por enquanto, se quisermos obter a informação de que precisamos.

Era uma pessoa interessante, esta austera enfermeira australiana — taciturna, desconfiada, indelicada; demorou algum tempo para que as maneiras agradáveis de Holmes e a franca aceitação de tudo o que ela dizia a abrandassem, fazendo-a exibir uma amabilidade correspondente. Não tentou esconder seu ódio pelo patrão falecido.

— Sim, senhor, é verdade que jogou a garrafa em mim. Ouvi quando ele xingou minha patroa, e eu lhe disse que ele não ousaria falar assim se o irmão dela estivesse lá. Foi então que ele jogou a garrafa em mim. Teria atirado uma dúzia se tivesse, mas deixou minha moça bonita em paz. Sempre a tratou mal, e ela era orgulhosa demais para reclamar. Nunca me contará tudo o que ele fez a ela. Nunca me falou daquelas marcas no braço que o senhor viu esta manhã, mas sei muito bem que resultaram de um golpe com um alfinete de chapéu. O demônio fingido, Deus me perdoe por falar assim dele, agora que está morto! Mas era um demônio, se algum já andou pela Terra. Era todo doçura quando o conhecemos, há apenas 18 meses, e nós duas sentimos como se fossem 18 anos. Ela acabara de chegar a Londres. Sim, era sua primeira viagem, nunca tinha se afastado de casa

antes. Conquistou-a com seu título, seu dinheiro e suas falsas maneiras de Londres. Se ela cometeu um erro, já pagou por ele se alguma mulher o fez. Em que mês nós o conhecemos? Bem, digo-lhe que foi logo depois que chegamos. Desembarcamos em junho, foi em julho. Casaram-se em janeiro do ano passado. Sim, ela está na sala de estar novamente, e não tenho dúvida de que o atenderá, mas o senhor não deve exigir muito dela, porque já aguentou mais do que podia.

Lady Brackenstall estava recostada no mesmo sofá, mas parecia mais animada do que antes. A criada entrou conosco, e começou novamente a tratar do ferimento na sobrancelha de sua patroa.

— Espero — disse a dama — que não tenha vindo para me interrogar de novo.

— Não — respondeu Holmes na sua voz mais suave —, não vou perturbá-la desnecessariamente, *lady* Brackenstall, e tudo que quero é tornar as coisas mais fáceis para a senhora, pois estou convencido de que é uma mulher que já passou por muitas provações. Se me tratar como um amigo e confiar em mim, verá que corresponderei à sua confiança.

— O que quer que eu faça?

— Que me conte a verdade.

— Sr. Holmes!

— Não, não, *lady* Brackenstall; é inútil. Deve ter ouvido falar da minha modesta reputação. Aposto tudo no fato de que sua história é pura invenção.

A patroa e a criada olharam para Holmes com rostos pálidos e olhos amedrontados.

— O senhor é um sujeito insolente! — exclamou Theresa. — Está querendo dizer que minha patroa contou uma mentira?

Holmes levantou-se da cadeira.

— Não tem nada para me contar?

— Já lhe contei tudo.

— Pense mais uma vez, *lady* Brackenstall. Não é melhor ser franca?

Por um instante seu rosto bonito mostrou hesitação. Depois algum novo pensamento o fez fechar-se como uma máscara.

— Já lhe disse tudo o que sabia.

Holmes pegou o chapéu e encolheu os ombros.

— Desculpe-me — disse, e sem dizer mais nada saímos do aposento e da casa. Havia um lago no parque, e meu amigo se encaminhou para lá. Estava

todo congelado, mas um único buraco foi deixado para a cordialidade de um cisne solitário. Holmes olhou para ele e passou pelo portão da casa. Ali escreveu um bilhete para Stanley Hopkins e o deixou com o porteiro.

— Pode ser um tiro no alvo ou um erro, mas estamos fazendo algo por nosso amigo Hopkins, apenas para justificar esta segunda visita — disse. — Ainda não lhe confiarei tudo. Creio que nosso próximo local de operações será a agência de navegação da linha Adelaide-Southampton, que fica ao final de Pall Mall, se me lembro bem. Existe uma segunda linha de navios que ligam o sul da Austrália à Inglaterra, mas procuraremos primeiro a maior.

O cartão de Holmes, mandado ao gerente, garantiu uma atenção imediata, e ele não demorou a obter a informação de que precisava. Em junho de 1895, apenas um de seus navios chegou ao porto de origem. Era o *Rock of Gibraltar*, seu maior e melhor vapor. Uma olhada na lista de passageiros mostrou que a srta. Fraser, de Adelaide, e sua criada viajaram nele. O navio estava agora em algum lugar ao sul do Canal de Suez, a caminho da Austrália. Seus oficiais eram os mesmos de 1895, com uma exceção. O primeiro oficial, sr. Jack Crocker, foi promovido a capitão e iria assumir o comando do seu novo navio, o *Bass Rock*, que ia partir de Southampton dentro de dois dias. Morava em Sydenham mas devia vir aquela manhã para receber instruções, se quiséssemos esperar por ele.

Não, o sr. Holmes não desejava falar com ele, mas gostaria de saber mais sobre seus antecedentes e seu caráter.

Sua ficha era magnífica. Não havia um só oficial na esquadra que se comparasse a ele. Quanto ao seu caráter, era confiável no trabalho, mas um sujeito violento e desesperado quando estava fora do *deck* de seu navio — cabeça quente, irritável, mas leal, honesto e de bom coração. Essa era a essência da informação com a qual Holmes deixou o escritório da companhia Adelaide-Southampton. Depois foi até a Scotland Yard, mas, em vez de entrar, ficou sentado na carruagem com o cenho franzido, perdido em pensamentos. Por fim, foi até o posto telegráfico de Charing Cross, mandou uma mensagem, e, finalmente, voltamos mais uma vez à Baker Street.

— Não, não podia fazer isso, Watson — disse, quando entramos nos nossos aposentos. — Depois que o mandado fosse expedido, nada neste mundo o salvaria. Uma ou duas vezes em minha carreira senti que causei

mais prejuízo real com minha descoberta do criminoso do que ele jamais provocou com seu crime. Aprendi a prudência agora, prefiro fazer brincadeiras com a justiça da Inglaterra do que com minha própria consciência. Vamos saber um pouco mais antes de agirmos.

Antes do anoitecer, recebemos a visita de Stanley Hopkins. As coisas não estavam andando bem para ele.

— Acredito que o senhor é um mágico, sr. Holmes. Algumas vezes chego a pensar que o senhor tem poderes que não são humanos. Agora, como diabos pôde saber que a prataria roubada estava no fundo daquele lago?

— Eu não sabia.

— Mas me aconselhou a examiná-lo.

— Conseguiu, então?

— Sim, consegui.

— Estou contente por tê-lo ajudado.

— Mas não me ajudou. Tornou o caso ainda mais difícil. Que espécie de ladrões são esses que roubam prataria e a jogam no lago mais próximo?

— Foi com certeza um comportamento bastante excêntrico. Apenas desenvolvi a ideia de que se a prataria foi levada por pessoas que não a queriam, que só a levaram para disfarçar, como de fato aconteceu, ficariam ansiosos para se livrar dela.

— Mas por que tal ideia passou pela sua cabeça?

— Bom, pensei que isso era possível. Quando saíram pela porta-janela, lá estava o lago com um pequeno e tentador buraco no gelo, bem diante dos seus narizes. Poderia haver um esconderijo melhor?

— Ah, um esconderijo... isso é melhor! — exclamou Stanley Hopkins. — Sim, sim, vejo tudo agora! Era cedo, havia gente nas ruas, ficaram com medo de serem vistos com a prataria, de modo que afundaram os objetos no lago, pretendendo voltar para apanhar tudo quando não houvesse risco. Excelente, sr. Holmes, isto é melhor do que sua ideia de disfarce.

— Talvez, você tem uma teoria admirável. Não tenho dúvida de que minhas próprias ideias são bem absurdas, mas deve admitir que acabaram descobrindo a prata.

— Sim, senhor, sim. Tudo obra sua. Mas tive um péssimo contratempo.

— Um contratempo?

— Sim, sr. Holmes. A gangue de Randall foi presa em Nova York esta manhã.

— Meu Deus, Hopkins! Isto com certeza derruba sua teoria de que eles cometeram um assassinato em Kent na noite passada.

— É desastroso, sr. Holmes, absolutamente desastroso. Mas existem outras gangues de três elementos além dos Randall, ou deve ser alguma nova gangue da qual a polícia nunca ouviu falar.

— Talvez, é perfeitamente possível. O quê! Está indo embora?

— Sim, sr. Holmes, não poderei descansar enquanto não chegar ao fundo desse negócio. Não tem nenhuma pista para me dar?

— Já lhe dei uma.

— Qual?

— Ora, eu sugeri um disfarce.

— Mas por quê, sr. Holmes, por quê?

— Ah, essa é a questão, é claro. Mas recomendo que pense na ideia. Provavelmente vai descobrir que há alguma coisa nela. Não vai ficar para jantar? Bem, adeus, e informe-nos sobre o andamento do caso.

O jantar havia terminado e a mesa já fora tirada quando Holmes voltou a tocar no assunto. Acendera seu cachimbo, e os pés metidos em chinelos estavam próximos ao agradável calor da lareira. De repente olhou para seu relógio.

— Espero novidades, Watson.

— Quando?

— Agora, dentro de poucos minutos. Aposto como pensou que agi mal com Stanley Hopkins agora há pouco.

— Confio em seu julgamento.

— Uma resposta muito sensata, Watson. Deve encarar isto deste modo: o que eu sei não é oficial, o que ele sabe é oficial. Tenho direito a um julgamento pessoal, mas ele não. Ele deve revelar tudo, ou será um traidor do seu serviço. Num caso duvidoso, eu não o deixaria em situação constrangedora, de modo que guardo minhas informações até que eu tenha uma ideia mais clara do assunto.

— Mas quando será isso?

— Já está na hora. Você agora vai presenciar a última cena de um drama pequeno e notável.

Houve um ruído na escada, e nossa porta foi aberta para deixar entrar o exemplar masculino mais bonito que já passara por ela. Era um jovem muito alto, bigode dourado, olhos azuis, com uma pele que deve ter sido

bronzeada pelo sol tropical, e um passo elástico que demonstrava ser o corpo enorme tão ágil quanto forte. Fechou a porta e ficou parado com as mãos fechadas e a respiração ofegante, mostrando uma certa emoção contida.

— Sente-se, capitão Crocker. Recebeu meu telegrama?

Nosso visitante afundou-se numa poltrona, mirando-nos com um olhar de curiosidade.

— Recebi seu telegrama e vim no horário que me pediu. Ouvi dizer que foi até o escritório. Não havia jeito de evitá-lo. Vou ouvir o pior. O que vai fazer comigo? Prender-me? Fale, homem! Não pode ficar sentado aí e brincar comigo como um gato com um rato.

— Dê-lhe um charuto — disse Holmes. — Morda-o, capitão Crocker, e não deixe seus nervos se descontrolarem. Eu não estaria sentado aqui fumando com o senhor se achasse que era um criminoso comum, pode estar certo disto. Seja franco comigo e podemos fazer algo de bom. Brinque comigo e eu o destruirei.

— O que quer que eu faça?

— Que me faça um relato *verdadeiro* de tudo que aconteceu em Abbey Grange na noite passada; um relato verdadeiro, lembro-lhe, sem acrescentar nem omitir nada. Já sei tanta coisa que se você se afastar um centímetro do correto, soprarei este apito de polícia da minha janela e o caso escapará de minhas mãos para sempre.

O marinheiro pensou um pouco. Depois bateu na perna com sua grande mão bronzeada.

— Vou arriscar — exclamou. — Acredito que o senhor seja um homem leal e de palavra, e vou contar-lhe a história toda. Mas antes vou dizer uma coisa. No que me toca, não me arrependo de nada e não tenho medo de nada; faria tudo outra vez e ficaria orgulhoso. Mas é a dama, Mary, Mary Fraser, porque eu jamais a chamarei por nome maldito.

“Quando penso que a estou envolvendo em problemas, eu, que daria a minha vida apenas para vê-la sorrir, fico arrasado. Ainda assim — ainda assim — o que mais poderia ser feito? Eu lhes contarei minha história, cavalheiros, e então vou lhes perguntar, de homem para homem, o que mais poderia ter feito?

“Devo retroceder um pouco. O senhor parece saber de tudo, portanto suponho que saiba que a conheci quando era uma passageira e eu primeiro

oficial do *Rock of Gibraltar*. Desde o primeiro dia, foi a única mulher para mim. Cada dia daquela viagem eu a amava mais e desde então tenho me ajoelhado na calada da noite e beijado o convés daquele navio porque sabia que seus pés amados tinham caminhado por ele. Nunca teve um compromisso comigo. Tratava-me melhor do que qualquer mulher já tratara um homem. Não tenho queixas a fazer. Tudo era amor de minha parte e companheirismo e amizade da parte dela. Quando nos separamos, ela era uma mulher livre, mas eu nunca poderia ser um homem livre de novo.

"Quando voltei do mar na vez seguinte, soube do casamento dela. Ora, por que não poderia se casar com quem quisesse? Título e dinheiro — quem poderia lidar com isso melhor do que ela? Nascera para tudo o que é bonito e luxuoso. Não fiquei magoado com seu casamento. Não fui tão egoísta a esse ponto. Apenas fiquei contente pela boa sorte que atravessou seu caminho, e que ela não tivesse ido atrás de um marujo sem dinheiro. Foi assim que amei Mary Fraser.

"Bem, nunca pensei que iria vê-la novamente, mas na última viagem fui promovido, e o novo navio ainda não havia sido lançado ao mar, de modo que tive de esperar por alguns meses com meu pessoal em Sydenham. Um dia, no campo, encontrei Theresa Wright, sua velha criada, que me contou tudo sobre ela, sobre ele, sobre todas as coisas. Digo-lhes, cavalheiros, aquilo quase me deixou maluco. Esse cão bêbado ousou levantar a mão para ela, cujos sapatos ele não merecia lamber! Encontrei-me de novo com Theresa. Depois encontrei-me com a própria Mary — e mais uma vez. Então deixamos de nos encontrar. Mas outro dia eu soube que minha viagem iria começar dentro de uma semana, e decidi vê-la mais uma vez antes de partir. Theresa sempre foi minha amiga, porque amava Mary e odiava aquele vilão quase tanto quanto eu. Foi ela que me falou sobre os hábitos da casa. Mary costumava ficar sentada lendo em seu quarto, no andar térreo. Aproximei-me silenciosamente naquela noite e bati na janela. A princípio ela não quis abrir, mas eu sabia que agora ela me amava e não podia deixar que eu ficasse ali fora naquela noite gelada. Ela sussurrou-me para dar a volta até a grande janela da frente, e a encontrei aberta, de modo a me deixar entrar na sala de jantar. Novamente ouvi de seus próprios lábios coisas que fizeram meu sangue ferver, e de novo amaldiçoei esse bruto que maltratava a mulher que eu amava. Bem, cavalheiros, estava com ela perto da janela, na maior inocência, Deus é meu juiz, quando ele entrou como um

louco na sala, chamou-a do nome mais ofensivo que se pode usar para uma mulher, e a espancou no rosto com a bengala que tinha na mão. Eu havia agarrado o atiçador e foi uma luta justa entre nós dois. Veja aqui, no meu braço, onde foi o primeiro golpe. Então foi a minha vez, e o ataquei como se fosse uma abóbora podre. Acha que me arrependo? Não! Era a vida dele ou a minha, mas muito mais que isso, era a vida dele ou a dela, pois como podia deixá-la em poder desse louco? Foi assim que o matei. Fiz mal? Bem, então o que cada um dos senhores teria feito, se estivesse em minha situação?

"Ela gritou quando ele a golpeou, e isso atraiu a velha Theresa, que estava no quarto de cima. Havia uma garrafa de vinho na prateleira, eu a abri e despejei um pouco entre os lábios de Mary, pois estava quase morta pelo choque. Depois eu mesmo tomei um gole. Theresa estava fria como gelo, e foi seu o plano, tanto quanto meu. Devíamos fazer parecer que ladrões tinham feito aquilo. Theresa ficou repetindo a nossa história para a patroa enquanto eu subia e cortava a corda da campainha. Depois a amarrei na cadeira e desgastei a ponta da corda para parecer natural, pois poderiam se perguntar por que diabos um ladrão teria subido lá para cortá-la. Então peguei alguns pratos e jarros de prata, para dar a ideia de roubo, e as deixei ali, com ordens de darem o alarme 15 minutos depois da minha saída. Joguei os objetos de prata no lago e fui para Sydenham, sentindo que pelo menos uma vez na vida eu fizera realmente um bom trabalho noturno. E esta é a verdade, toda a verdade, sr. Holmes, mesmo que custe o meu pescoço."

Holmes ficou fumando durante algum tempo em silêncio. Depois atravessou a sala e apertou a mão do nosso visitante.

— Isto é o que eu penso — disse. — Sei que cada palavra é verdadeira, porque você não disse praticamente nenhuma palavra que eu não soubesse. Só um acrobata ou um marinheiro poderiam alcançar a corda da campainha do lugar da prateleira, e só um marinheiro poderia ter dado os nós com que a corda foi amarrada na cadeira. A dama só teve contato com marinheiros uma vez, e foi na viagem dela, e era alguém de sua classe, já que tentava tanto protegê-lo, mostrando assim que o amava. Vê como foi fácil para mim pôr as mãos em você, depois que comecei a seguir a trilha certa.

— Pensei que a polícia nunca iria perceber nossa artimanha.

— E a polícia ainda não o fez, nem irá, na minha opinião. Agora, olhe aqui, capitão Crocker, este é um assunto muito sério, embora eu esteja inclinado a admitir que agiu instigado pela maior provocação a que um homem pode ser submetido. Não tenho certeza de que na defesa de sua própria vida sua ação não será considerada legítima. Contudo, é um júri britânico que vai decidir. Enquanto isso tenho tanta simpatia por você que, se preferir desaparecer nas próximas 24 horas, prometo-lhe que ninguém o impedirá.

— E então tudo será divulgado?

— Com certeza será divulgado.

O marinheiro ficou vermelho de raiva.

— Que espécie de proposta é esta para se fazer a um homem? Conheço o suficiente da lei para saber que Mary seria arrolada como cúmplice. Acha que eu a deixaria sozinha para enfrentar a polícia, enquanto eu fugia? Não, senhor, deixe que façam o pior comigo, mas, pelo amor de Deus, sr. Holmes, descubra alguma maneira de deixar minha pobre Mary longe dos tribunais.

Holmes, pela segunda vez, apertou a mão do marinheiro.

— Eu estava apenas testando o senhor, e falou a verdade o tempo todo. Bem, é uma grande responsabilidade que assumo, mas já dei a Hopkins uma pista excelente, e se ele próprio não souber se aproveitar disto, não posso fazer mais nada. Olhe aqui, capitão Crocker, faremos isso em conformidade com a lei. Você é o prisioneiro. Watson, você é um júri britânico, e jamais conheci um homem mais apropriado para representar um. Sou o juiz. Agora, cavalheiro do júri, já ouviu o depoimento. Declara o prisioneiro culpado ou inocente?

— Inocente, meu senhor — eu disse.

— *Vox populi, vox Dei*. Está absolvido, capitão Crocker. Desde que a lei não descubra outra vítima, está livre de mim. Volte com esta dama em um ano e deixe o futuro de ambos justificar a sentença que proferimos esta noite!

A AVENTURA DA SEGUNDA MANCHA

Eu pretendia que a "Aventura de Abbey Grange" fosse a última das proezas do meu amigo, sr. Sherlock Holmes, que eu iria relatar ao público. Esta minha decisão não era devida à falta de material, já que tenho anotações de centenas de casos aos quais nunca fiz inferência, nem foi causada pela diminuição do interesse por parte de meus leitores pela personalidade singular e os métodos únicos deste homem notável. O verdadeiro motivo está na relutância que o sr. Holmes demonstrou em relação à publicação constante de suas experiências. Enquanto estava atuando em sua profissão, os registros de seus sucessos tinham algum valor prático para ele, mas desde que saiu definitivamente de Londres e se dedica ao estudo e à criação de abelhas em Sussex Downs, passou a detestar a fama, e me pediu categoricamente que seus desejos a esse respeito fossem estritamente observados. Foi só quando fiz um apelo é que obtive a promessa de que "A aventura da segunda mancha" poderia ser publicada no momento oportuno, convencendo-o de que era bastante apropriado que esta longa série de episódios culminasse no caso internacional mais importante para o qual já fora chamado, que por fim consegui o seu consentimento para que um relato do incidente cuidadosamente guardado em segredo fosse afinal divulgado para o público. Se, ao contar a história, eu parecer um tanto vago em certos detalhes, o público rapidamente entenderá que há um ótimo motivo para minha reticência.

Portanto, foi num ano, e mesmo numa década, que devem permanecer indeterminados, que numa manhã de terça-feira, no outono, encontramos dois visitantes de fama europeia entre as paredes dos nossos modestos

aposentos da Baker Street. O primeiro, austero, nariz protuberante, olhos de águia e aspecto dominador, não era outro senão o ilustre lorde Bellinger, duas vezes primeiro-ministro da Inglaterra. O outro, moreno, de traços nítidos, elegante, quase ainda na meia-idade, e dotado de beleza de corpo e alma, era o *right honourable* Trelawney Hope, secretário dos Assuntos Europeus, e o estadista mais destacado do país. Sentaram-se lado a lado no sofá cheio de papéis, e era fácil ver pelos rostos cansados e ansiosos que um assunto da maior importância os trouxera até ali. As mãos magras e cheias de veias azuladas do primeiro-ministro agarravam o cabo de marfim de seu guarda-chuva, e seu rosto ossudo e austero olhava sombriamente de Holmes para mim. O secretário dos Assuntos Europeus cofiava nervosamente o bigode e brincava com o fecho da corrente do relógio.

— Quando descobri minha perda, sr. Holmes, às oito horas, informei logo o primeiro-ministro. Foi por sugestão dele que viemos procurar o senhor.

— Informaram a polícia?

— Não, senhor — disse o primeiro-ministro, no seu conhecido estilo rápido e decidido. — Não fizemos isso, nem é possível fazer. Informar a polícia seria, em última análise, um meio de divulgar para o público. É exatamente isso que desejamos evitar em particular.

— E por quê, senhor?

— Porque o documento em questão é tão importante que a sua publicação poderia muito facilmente, quase posso dizer provavelmente, causar complicações na Europa no mesmo instante. Não seria exagero dizer que a paz ou a guerra dependem desse documento. Talvez não o recuperemos mais, a não ser que a sua recuperação seja feita com o máximo segredo, pois tudo o que desejam aqueles que o levaram é que seu conteúdo seja do conhecimento de todos.

— Entendo. Agora, sr. Trelawney Hope, ficaria muito agradecido se me contasse exatamente em que circunstâncias o documento desapareceu.

— Isso pode ser feito em muito poucas palavras, sr. Holmes. A carta, pois era uma carta de uma potência estrangeira, foi recebida seis dias atrás. Sua importância era tão grande que nunca a deixei em meu cofre, mas eu a levava todas as noites para minha casa, em Whitehall Terrace, guardando-a no meu quarto, trancada numa caixa de correspondência. Estava lá na noite passada. Disto tenho certeza. Eu abri a caixa enquanto me vestia para jantar

e vi o documento ali dentro. Esta manhã ele havia sumido. A caixa de correspondência ficara ao lado do copo sobre meu toucador a noite inteira. Tenho sono leve, e minha esposa também. Nós dois estamos dispostos a jurar que ninguém poderia ter entrado no quarto durante a noite. Ainda assim, repito que o papel sumiu.

— A que horas o senhor jantou?

— Às 19h30.

— Isto foi quanto tempo antes de ir para a cama?

— Minha esposa tinha ido ao teatro. Esperei por ela. Eram 23h30 quando fomos para o nosso quarto.

— Então durante quatro horas a caixa de correspondência ficou sem vigilância?

— Ninguém tem permissão para entrar naquele aposento a não ser a faxineira pela manhã, e meu criado de quarto, ou a criada de minha esposa, durante o resto do dia. São todos criados fiéis que estão conosco há algum tempo. Além disso, nenhum deles poderia saber que havia algo mais valioso do que os papéis comuns do departamento naquela caixa de correspondência.

— Quem sabia da existência daquela carta?

— Ninguém na casa.

— Certamente sua esposa sabia.

— Não, senhor. Não comentei nada com minha mulher até que perdi o papel esta manhã.

O primeiro-ministro balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Já conheço há muito tempo, senhor, o seu senso de dever público — disse ele. — Estou convencido de que, no caso de um segredo desta importância, ele se sobreporia aos mais íntimos laços domésticos.

O secretário se inclinou.

— Não me faz mais do que justiça, senhor. Até esta manhã nunca disse uma só palavra à minha esposa sobre o assunto.

— Ela poderia ter adivinhado?

— Não, sr. Holmes, não poderia; nem qualquer outra pessoa.

— Já perdeu algum documento antes?

— Não, senhor.

— Quem mais na Inglaterra sabia da existência dessa carta?

— Todos os membros do gabinete foram informados a respeito dela ontem, mas o compromisso de segredo que cerca todas as reuniões do gabinete foi reforçado pela advertência solene do primeiro-ministro. Meu Deus, pensar que em poucas horas eu mesmo o perderia! — Seu belo rosto estava retorcido num espasmo de desespero, e suas mãos puxavam os cabelos. Por um momento tivemos um vislumbre de um homem natural, impulsivo, ardente e bastante sensível. Mas logo a máscara aristocrática foi recolocada, e a voz suave retornou. — Além dos membros do gabinete, existem dois, possivelmente três funcionários do ministério que sabiam da carta. Ninguém mais na Inglaterra, sr. Holmes, eu lhe garanto.

— Mas, e fora?

— Acredito que ninguém fora da Inglaterra a viu, a não ser o homem que a escreveu. Estou convencido de que seus ministros... que os canais oficiais normais não foram utilizados.

Holmes refletiu durante algum tempo.

— Agora, senhor, devo lhe perguntar mais detalhadamente o que é este documento, e por que seu desaparecimento teria consequências tão graves?

Os dois homens do governo trocaram um rápido olhar e as sobrancelhas cerradas do primeiro-ministro se franziram.

— Sr. Holmes, o envelope é comprido, fino, com uma cor azul clara. Tem um selo de lacre vermelho impresso com um leão agachado. Está endereçado, numa caligrafia grande e vigorosa, para o...

— Receio, senhor — disse Holmes —, que, por mais interessantes e mesmo essenciais que esses detalhes possam ser, minha investigação deve ir às raízes das coisas. O que *era* a carta?

— Isso é um segredo de estado da maior importância, e receio não poder contar-lhe, nem penso que isso seja necessário. Se com a ajuda dos poderes que diz possuir o senhor conseguir achar esse envelope que descrevi, terá prestado um bom serviço ao seu país, e receberá a recompensa que pudermos conceder.

Sherlock Holmes levantou-se com um sorriso.

— Os senhores são dois dos homens mais ocupados do país — disse —, e da minha maneira modesta também tenho muitos compromissos. Sinto muito não poder ajudá-los neste assunto, e qualquer continuação desta entrevista seria uma perda de tempo.

O primeiro-ministro levantou-se num pulo com aquele brilho forte e intenso nos olhos profundos diante dos quais um gabinete havia se atemorizado.

— Não estou acostumado, senhor — começou, mas controlou sua raiva e voltou a sentar-se. Durante um minuto ou mais ficamos em silêncio. Então o velho estadista encolheu os ombros.

— Devemos aceitar suas condições, sr. Holmes. Sem dúvida está certo, e é insensato esperar que aja sem confiarmos inteiramente no senhor.

— Concordo com o senhor — disse o jovem.

— Então lhe contarei, confiando em sua honra e na de seu colega, dr. Watson. Apelarei também para seu patriotismo, pois não posso imaginar maior desgraça para o país do que a divulgação desse caso.

— Pode confiar plenamente em nós.

— A carta, então, vem de um certo potentado estrangeiro que foi incomodado por alguns recentes acontecimentos coloniais deste país. Foi escrita apressadamente e sob sua própria responsabilidade. Investigações mostraram que seus ministros não sabem de nada sobre isso. Ao mesmo tempo, está redigida de uma maneira tão imprópria e certas frases nela têm um caráter tão provocador, que sua publicação resultaria, sem dúvida, no mais perigoso estado de exaltação neste país. Haveria tamanha agitação, senhor, que eu não hesitaria em dizer que menos de uma semana depois da publicação daquela carta este país estaria envolvido numa grande guerra.

Holmes escreveu um nome numa folha de papel e o entregou ao primeiro-ministro.

— Exatamente. Foi ele. E é esta carta, esta carta que pode muito bem significar o gasto de milhões e o desperdício de centenas de milhares de vidas humanas, que foi perdida desta maneira inexplicável.

— Comunicou ao remetente?

— Sim, senhor, enviamos um telegrama em código.

— Talvez ele deseje a publicação da carta.

— Não, senhor, temos fortes motivos para acreditar que ele já compreende que agiu de maneira indiscreta e precipitada. Seria um golpe maior para ele e para seu país do que para nós, se essa carta for divulgada.

— Se é assim, a quem interessa que essa carta seja divulgada? Por que alguém desejaria roubá-la ou publicá-la?

— Aí, sr. Holmes, o senhor entra nas áreas da alta política internacional. Mas se considerar a situação europeia, não terá dificuldades em perceber o motivo. A Europa inteira é um campo armado. Existem duas ligas que fazem um equilíbrio justo do poderio militar. A Grã-Bretanha mantém a balança. Se entrasse em guerra contra uma confederação, isso garantiria a supremacia da outra, quer entrassem quer não na guerra. Percebeu?

— Muito claramente. Então interessa aos inimigos desse potentado possuir e publicar essa carta, a fim de provocar um rompimento de relações entre o país dele e o nosso?

— Sim, senhor.

— E para quem esse documento seria enviado se caísse nas mãos de um inimigo?

— Para qualquer uma das grandes chancelarias da Europa. Está provavelmente indo nessa direção agora, tão depressa quanto um vapor pode levá-la.

O sr. Trelawney Hope deixou a cabeça cair sobre o peito e gemeu alto. O primeiro-ministro pôs a mão delicadamente em seu ombro.

— Foi um azar seu, meu caro amigo. Ninguém pode culpá-lo. Não foi negligente com nenhuma precaução. Agora, sr. Holmes, sabe de todos os fatos. Que atitude o senhor recomenda?

Holmes balançou a cabeça com pesar.

— O senhor acredita que, a menos que esse documento seja recuperado, haverá guerra?

— Acho que é muito provável.

— Então, senhor, prepare-se para a guerra.

— Esta é uma declaração penosa, sr. Holmes.

— Considere os fatos, senhor. É inconcebível que tenha sido levada depois das 23h30, pois disse-me que o sr. Hope e a esposa estavam no quarto desde essa hora até o momento em que o desaparecimento foi notado. Então, foi retirada ontem à noite, entre 19h30 e 23h30, provavelmente mais perto do primeiro horário, já que, seja quem for que a tenha apanhado, evidentemente sabia que estava ali e naturalmente a pegaria o mais cedo possível. Agora, senhor, se um documento desta importância fosse levado àquela hora, onde poderia estar neste momento? Ninguém tem motivo para retê-lo. Foi transferido com rapidez para os que

precisam dele. Qual a possibilidade que temos agora de apanhá-lo ou mesmo de localizá-lo? Está fora de nosso alcance.

O primeiro-ministro levantou-se do sofá.

— O que diz é perfeitamente lógico, sr. Holmes. Sinto que o assunto está de fato fora de nossas mãos.

— Vamos presumir, apenas como raciocínio, que o documento foi levado pela criada ou pelo criado de quarto.

— São ambos serviçais antigos e leais.

— Creio que o senhor disse que o seu quarto fica no segundo andar, que não há nenhuma entrada de fora e que de dentro ninguém poderia subir sem ser visto. Então, deve ter sido alguém de casa que a levou. A quem o ladrão a entregaria? A um dos vários espiões internacionais e agentes secretos, cujos nomes me são um pouco familiares. Existem três que podem ser considerados os líderes, cabeças da profissão. Começarei minha pesquisa saindo e descobrindo se cada um deles está em seu posto. Se um estiver sumido, principalmente se desapareceu desde a noite passada, teremos alguma indicação do lugar para onde o documento foi.

— Por que ele estaria desaparecido? — perguntou o secretário de Assuntos Europeus. — Ele levaria a carta para uma embaixada em Londres, provavelmente.

— Aposto que não. Esses agentes trabalham de modo independente, e suas relações com as embaixadas em geral são tensas.

O primeiro-ministro fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Creio que está certo, sr. Holmes. Ele levaria um prêmio tão valioso ao quartel-general com suas próprias mãos. Acho que sua linha de ação é excelente. Enquanto isso, Hope, não podemos deixar de lado todas as nossas outras tarefas por causa desse infortúnio. Se houver alguma novidade durante o dia, nós entraremos em contato com o senhor, e certamente o senhor nos informará dos resultados de suas próprias pesquisas.

Os dois homens com um cumprimento saíram da sala.

Depois que nossos ilustres visitantes foram embora, Holmes acendeu o cachimbo em silêncio e ficou sentado durante algum tempo, perdido em seus pensamentos. Eu abri o jornal matutino e estava absorvido no relato de um crime sensacional que havia ocorrido em Londres na noite anterior,

quando meu amigo soltou uma exclamação, levantou-se e deixou seu cachimbo na borda da lareira.

— Sim — disse —, não há maneira melhor de abordar o caso. A situação é desesperadora, mas não irremediável. Mesmo agora, se pudéssemos ter certeza de quem levou a carta, é bem provável que ainda não a tenha passado adiante. Afinal, tudo é uma questão de dinheiro com esses sujeitos, e tenho o tesouro da Inglaterra atrás de mim. Se estiver no mercado, eu o comprarei; se significar mais um pêni no imposto de renda. É possível que o sujeito o tenha guardado para ver que ofertas aparecem deste lado, antes de tentar a sorte no outro. Só existem três capazes de jogar um jogo tão audacioso: Oberstein, La Rothiere e Eduardo Lucas. Verei cada um deles.

Dei uma olhada no jornal da manhã.

— É o Eduardo Lucas, da rua Godolphin?

— Sim.

— Você não o verá.

— Por que não?

— Foi assassinado em sua casa ontem à noite.

Meu amigo tem me surpreendido com tanta frequência ao longo de nossas aventuras que foi com um sentimento de exultação que percebi como eu o surpreendera. Ele olhou espantado, e então tirou o jornal das minhas mãos. Este era o parágrafo que estivera lendo quando ele se levantou da cadeira.

Assassinato em Westminster

Um crime com características misteriosas foi cometido na noite passada no número 16 da rua Godolphin, uma das casas antigas e isoladas do século XVIII, que ficam entre o rio e a abadia, quase à sombra da grande torre do Parlamento. Nesta mansão pequena mas elegante morava há alguns anos o sr. Eduardo Lucas, conhecido nos círculos da sociedade pela sua personalidade encantadora, bem como pela merecida fama de ser um dos melhores tenores amadores do país. O sr. Lucas é solteiro, tem 34 anos de idade, e sua criadagem é formada pela sra. Pringle, uma velha governanta, e por Mitton, seu criado de quarto. A governanta se recolhe cedo e dorme no alto da casa. O criado estava fora à noite, visitando um amigo em

Hammersmith. Das 22 horas em diante, o sr. Lucas ficou sozinho em casa. O que ocorreu durante aquele tempo ainda não se sabe, mas quando eram 23h45, o guarda Barrett, que passava pela rua Godolphin, notou que a porta do número 16 estava entreaberta. Bateu, mas não teve resposta. Percebendo uma luz na sala da frente, bateu de novo, mas sem resposta. Então empurrou a porta e entrou. O aposento estava num estado de desordem selvagem, com a mobília toda empurrada para um lado e uma cadeira de cabeça para baixo bem no centro. Ao lado dessa cadeira, e ainda agarrando uma das pernas dela, estava o infeliz dono da casa. Fora apunhalado bem no coração e deve ter morrido instantaneamente. A faca com a qual o crime foi cometido era uma adaga indiana curvada, tirada de um painel de armas orientais que enfeitava uma das paredes. Roubo não parece ter sido o motivo para o crime, pois não houve tentativa de levar as peças valiosas do aposento. O sr. Eduardo Lucas era tão conhecido e popular que seu destino violento e misterioso despertou um doloroso interesse e uma grande emoção num vasto círculo de amigos.

— Bem, Watson, o que acha disso? — perguntou Holmes, depois de uma longa pausa.

— É uma coincidência assombrosa.

— Uma coincidência! Aqui está um dos três homens que havíamos mencionado como possíveis atores neste drama, e ele encontra uma morte violenta no mesmo horário em que, pelo que sabemos, o drama foi encenado. São grandes os indícios de que isso não pode ser uma coincidência. Nenhum número poderia expressá-los. Não, meu caro Watson, os dois fatos estão ligados; têm de estar ligados. Cabe a nós descobrir a ligação.

— Mas agora a polícia já deve saber de tudo.

— Não tudo. Eles sabem tudo o que viram na rua Godolphin. Não sabem, e nem devem saber, nada de Whitehall Terrace. Só *nós* conhecemos os dois fatos, e podemos estabelecer a ligação entre eles. Existe um ponto óbvio que, de qualquer modo, atrairia minhas suspeitas para Lucas. Rua Godolphin, Westminster, é uma caminhada de apenas alguns minutos até Whitehall Terrace. Os outros agentes secretos que mencionei moram no distante West End. Portanto era mais fácil para Lucas do que para os outros

estabelecer uma conexão ou receber uma mensagem dos criados do secretário para Assuntos Europeus; uma coisa pequena, e ainda assim, quando acontecimentos estão limitados a um período de algumas horas, ela pode ser essencial. Ora! O que temos aqui?

A sra. Hudson havia aparecido com o cartão de uma dama numa bandeja. Holmes olhou-o, ergueu as sobrancelhas e me entregou o cartão.

— Diga a *lady* Trelawney Hope que tenha a bondade de subir — disse.

Logo depois nosso modesto apartamento, já tão procurado aquela manhã, teve a honra de receber a mulher mais graciosa de Londres. Eu ouvira falar com frequência da beleza da filha mais nova do duque de Belminster, mas nenhuma descrição dela, e nenhuma observação das fotografias em preto e branco haviam me preparado para o charme sutil e delicado e a coloração bonita daquela cabeça encantadora. Mesmo assim, ao vê-la naquela manhã de outono, não era a beleza a primeira coisa a impressionar o observador. O rosto era encantador, mas estava pálido de emoção, os olhos brilhavam, mas era o brilho da febre, a boca sensível estava fechada e contraída num esforço de autocontrole. Terror — não beleza — era o que saltava aos olhos quando nossa famosa visitante parou por um instante na porta aberta.

— Meu marido esteve aqui, sr. Holmes?

— Sim, madame, esteve aqui.

— Sr. Holmes, eu lhe imploro que não conte a ele que estive aqui. — Holmes fez uma curvatura com frieza, e indicou uma cadeira à dama.

— A sua condição de dama me coloca numa posição muito delicada. Por favor, sente-se e diga o que deseja, mas receio não poder fazer nenhuma promessa incondicional.

Ela atravessou a sala e sentou-se de costas para a janela. Era uma presença majestosa — alta, graciosa e intensamente feminina.

— Sr. Holmes — disse, e suas mãos de luvas brancas se juntavam e se separavam enquanto falava —, vou falar com franqueza com o senhor, na esperança de induzi-lo também a falar francamente. Existe uma confiança absoluta entre mim e meu marido em todos os assuntos, menos em um. Este é a política. Sobre isso, seus lábios estão selados. Não me conta nada. Agora, soube que houve um incidente dos mais deploráveis em nossa casa na noite passada. Sei que um papel desapareceu. Mas como o assunto é política, meu marido se recusa a confiar em mim. Agora é essencial, essencial, eu digo, que eu o entenda direito. O senhor é a única pessoa, além

desses políticos, que conhece os fatos verdadeiros. Portanto eu lhe imploro, sr. Holmes, que me conte exatamente o que aconteceu e quais as consequências. Conte-me tudo, sr. Holmes. Não deixe que qualquer consideração pelos interesses de seu cliente o silencie, pois lhe asseguro que seria melhor para os interesses dele, se ao menos ele pudesse ver isso, se confiasse totalmente em mim. O que era esse papel que foi roubado?

— Madame, o que me pede é realmente impossível.

Ela deu um gemido e mergulhou o rosto nas mãos.

— Deve compreender que isto é assim, madame. Se seu marido acha melhor que a senhora ignore esse assunto, caberá a mim, que apenas soube dos fatos verdadeiros sob a promessa de segredo profissional, contar o que ele se recusou a fazer? Não é justo me pedir isso. É a ele que deve perguntar.

— Eu perguntei a ele. Vim procurar o senhor como último recurso. Mas se não me contar nada de definitivo, sr. Holmes, pode me fazer um grande favor se me esclarecer um detalhe.

— Qual, madame?

— A carreira política de meu marido pode ser prejudicada por causa deste incidente?

— Bem, madame, a menos que seja solucionado, pode com certeza ter um efeito muito infeliz.

— Ah! — respirou profundamente, como alguém cujas dúvidas foram esclarecidas.

— Mais uma pergunta, sr. Holmes. Por uma expressão que meu marido deixou escapar ao primeiro choque do desastre, compreendi que a perda desse documento poderia provocar terríveis consequências.

— Se ele disse isso, com certeza não posso negá-lo.

— De que tipo são?

— Não, madame, novamente me pergunta mais do que posso responder.

— Então não tomarei mais o seu tempo. Não posso condená-lo, sr. Holmes, por ter se negado a falar mais livremente, e o senhor, por sua vez, não pensará o pior de mim por desejar, embora contra a vontade dele, compartilhar as ansiedades de meu marido. De novo peço-lhe que não lhe diga nada sobre minha visita.

Olhou para nós da porta, e tive uma última impressão daquele bonito rosto apavorado, dos olhos atemorizados e da boca contraída. Depois foi

embora.

— Agora, Watson, o sexo frágil é o nosso departamento — disse Holmes com um sorriso, quando o farfalhar de saias desapareceu no momento em que a porta da frente foi fechada. — Qual é a jogada da bela dama? O que ela realmente queria?

— Com certeza o que ela disse é claro e sua ansiedade é muito natural.

— Hum! Pense na aparência dela, Watson: seu comportamento, sua excitação contida, sua inquietação, sua insistência em fazer perguntas. Lembre-se de que vem de uma casta de gente que não demonstra a menor emoção.

— Ela com certeza estava muito emocionada.

— Lembre-se também da curiosa vivacidade com que nos garantiu que era melhor para o marido que ela soubesse de tudo. O que queria dizer com isso? E deve ter observado, Watson, como agiu para que a luz ficasse às suas costas. Não queria que víssemos sua expressão.

— Sim, escolheu a única cadeira da sala.

— Ainda assim os motivos das mulheres são inescrutáveis. Recorda-se da mulher em Margate de quem eu suspeitei pelo mesmo motivo. Sem pó no nariz, aquilo acabou sendo a solução correta. Como se pode construir nessa areia movediça? A mais trivial ação delas pode significar enormidades, ou a mais extraordinária conduta delas pode depender de um grampo para cabelo ou de uma pinça. Adeus, Watson.

— Vai sair?

— Sim, darei um pulo até a rua Godolphin com nossos amigos da polícia oficial. A solução do nosso problema está com Eduardo Lucas, embora deva admitir que não tenho nenhuma ideia da forma que pode assumir. É um erro fundamental teorizar antes de se conhecerem os fatos. Fique de guarda, meu bom Watson, e receba quaisquer novos visitantes. Devo encontrá-lo no almoço, se puder.

Durante todo aquele dia e no outro e no outro, Holmes permaneceu num estado de espírito que seus amigos chamariam de taciturno e outros de mal-humorado. Entrava e saía, fumava sem parar, tocava alguns acordes em seu violino, mergulhava em devaneios, devorava sanduíches em horas irregulares, e quase não respondia às perguntas casuais que eu lhe fazia. Era evidente que as coisas não iam bem com ele nem com sua busca. Não disse nada sobre o caso, e foi pelos jornais que soube dos detalhes do inquérito, e

da prisão, e posterior libertação, de John Mitton, o criado de quarto do falecido. O júri de instrução apresentou o óbvio homicídio premeditado, mas os participantes ainda permaneciam desconhecidos. Nenhum motivo foi sugerido. A sala estava cheia de objetos de valor, mas nada foi levado. Os papéis do morto não foram tocados. Foram examinados com cuidado, e mostraram que ele era um estudioso atento da política internacional, um tagarela infatigável, um notável poliglota e um incansável escritor de cartas. Tinha contatos frequentes com os principais políticos de vários países. Mas nada de sensacional foi descoberto entre os documentos que enchiam suas gavetas. Quanto às suas relações com mulheres, pareciam ter sido promíscuas, mas superficiais. Tinha muitas relações, mas poucas amigas entre elas, e ninguém a quem amasse. Seus hábitos eram regulares, sua conduta inofensiva. Sua morte era um mistério absoluto e com a probabilidade de permanecer assim.

Quanto à prisão de John Mitton, o criado de quarto, foi um ato de desespero, como uma alternativa à total inatividade. Mas nenhum processo poderia ser mantido contra ele. Havia visitado amigos em Hammersmith naquela noite. O *álibi* era perfeito. É verdade que partiu de volta para casa numa hora que lhe permitiria estar em Westminster antes que o crime fosse descoberto, mas sua própria explicação, de que fizera a pé uma parte do caminho, parecia muito provável por causa da beleza da noite. Chegou de fato à meia-noite e parecia estar transtornado pela tragédia inesperada. Sempre teve boas relações com seu patrão. Vários objetos de propriedade do morto — particularmente uma caixinha de lâminas — foram encontrados no quarto do criado, mas ele explicou que eram presentes do falecido, e a governanta confirmou a história. Mitton esteve a serviço de Lucas durante três anos. É digno de nota que Lucas não levava Mitton quando ia ao continente. Às vezes ficava em Paris durante três meses, mas Mitton ficava encarregado da casa da rua Godolphin. Quanto à governanta, não ouviu nada na noite do crime. Se seu patrão recebeu alguma visita, ele mesmo a deixou entrar.

De modo que durante três manhãs o mistério continuou, pelo que pude acompanhar nos jornais. Se Holmes sabia mais, guardou para si mesmo, mas, ao me contar que o inspetor Lestrade fazia-lhe confidências sobre o caso, deduzi que estava a par de todas as novidades. No quarto dia apareceu

um longo telegrama de Paris que parecia resolver toda a questão. Dizia o *Daily Telegraph*:

> *A polícia parisiense acaba de fazer uma descoberta que levanta o véu existente em torno do trágico destino do sr. Eduardo Lucas, que teve uma morte violenta na noite da última segunda-feira, na rua Godolphin, Westminster. Nossos leitores se lembrarão de que o falecido foi encontrado apunhalado em seu quarto e que alguma suspeita recaiu em seu criado, mas foi afastada com um álibi. Ontem uma senhora, conhecida como mme. Henri Fournaye, que mora numa pequena casa isolada na rua Austerlitz, foi denunciada às autoridades por seus criados como sendo louca. Um exame mostrou que ela de fato desenvolveu uma mania de forma perigosa e permanente. Na investigação a polícia descobriu que mme. Henri Fournaye só voltou de uma viagem a Londres na terça-feira passada, e há indícios que a ligam ao crime de Westminster. Uma comparação de fotografias provou de modo conclusivo que o sr. Henri Fournaye e Eduardo Lucas eram na verdade a mesma pessoa, e que o falecido, por algum motivo, levava uma vida dupla em Londres e Paris. Mme. Fournaye, que é de origem mestiça, tem um temperamento extremamente excitável, e sofreu no passado de ataques de ciúmes que chegaram ao delírio. Levantou-se a hipótese de que foi num desses ataques que ela cometeu o crime terrível que causou tanta sensação em Londres. Seus movimentos na noite de segunda-feira ainda não foram reconstituídos, mas sem dúvida uma mulher que corresponde à descrição dela atraiu muita atenção na estação de Charing Cross na manhã de terça-feira, por causa do seu aspecto transtornado e da violência de seus gestos. Portanto, é provável que o crime tenha sido cometido quando estivesse fora de si ou que seu efeito imediato fosse o de levar a infeliz mulher ao delírio. No momento ela é incapaz de fazer um relato coerente do passado, e os médicos não dão esperanças de recuperação da razão. Há evidências de que uma mulher, que pode ter sido mme. Fournaye, foi vista durante algumas horas na noite de segunda-feira rondando a casa da rua Godolphin.*

— O que acha disto, Holmes? — Eu li em voz alta o artigo, enquanto ele terminava o café da manhã.

— Meu caro Watson — disse ao se levantar da mesa, passando a andar de um lado para outro na sala —, você é muito paciente, mas se não lhe contei nada nos últimos três dias, é porque não há nada para dizer. Mesmo agora, esta reportagem de Paris não nos ajuda muito.

— Com certeza é definitivo no que se refere à morte do sujeito.

— A morte do homem é um mero incidente, um episódio banal, em comparação com o nosso objetivo real, que é localizar esse documento e evitar uma catástrofe na Europa. Apenas uma coisa importante aconteceu nesses últimos três dias, e é o fato de que nada aconteceu. Tenho notícias quase de hora em hora do governo, e é certo que em nenhum lugar na Europa existem sinais de problemas. Agora, se esta carta estivesse perdida; não, ela *não pode* estar perdida, mas se não está perdida, onde pode estar? Quem está com ela? Por que está sendo retida? Esta é a questão que bate em minha cabeça como um martelo. Foi de fato uma coincidência a morte de Lucas na noite em que a carta desapareceu? Será que a carta chegou até ele? Se chegou, por que não está entre seus papéis? Esta sua esposa louca a terá levado consigo? Se levou, estará em sua casa em Paris? Como eu poderia procurá-la sem levantar suspeitas da polícia francesa? É um caso, meu caro Watson, em que a justiça é tão perigosa para nós quanto para os criminosos. Cada mão humana está contra nós, e ainda assim os interesses em jogo são colossais. Se eu conseguir concluir com êxito este caso, isto com certeza representará o coroamento glorioso da minha carreira. Ah, aqui estão as últimas da frente de combate! — Deu uma olhada rápida no bilhete que segurava. — Ora! Lestrade parece ter notado algo de interessante. Ponha seu chapéu, Watson, e caminharemos juntos até Westminster.

Era a minha primeira visita ao local do crime — uma casa alta, com os fundos estreitos, escura, empertigada, formal e sólida como o século em que fora construída. As feições de buldogue de Lestrade nos olharam da janela da frente, e ele nos cumprimentou calorosamente quando um policial corpulento abriu a porta e nos deixou entrar. O aposento ao qual fomos levados era aquele em que o crime fora cometido, mas não havia mais nenhum vestígio dele, a não ser uma mancha feia e irregular no tapete. Esse tapete era um pequeno quadrado de lã no centro da sala, cercado por um bonito assoalho de madeira, em blocos quadrados, bastante polidos. Sobre a

lareira havia um magnífico painel de armas, uma das quais fora usada naquela noite trágica. Perto da janela havia uma escrivaninha suntuosa, e cada detalhe da casa, as pinturas, os tapetes e o papel de parede, tudo indicava um gosto luxuoso quase efeminado.

— Viu as novidades de Paris? — perguntou Lestrade.

Holmes confirmou.

— Nossos amigos franceses parecem ter acertado no alvo desta vez. Sem dúvida é como eles dizem. Ela bateu à porta, visita de surpresa, eu creio, porque ele levava sua vida em compartimentos estanques, deixou-a entrar, pois não podia deixá-la na rua. Ela disse-lhe como o localizara, e o censurou. Uma coisa levou à outra, e então com aquela adaga tão acessível o fim chegou logo. Mas não foi feito tudo num instante, pois estas cadeiras estavam espalhadas por toda a sala e ele tinha uma na mão, como se tentasse manter a mulher afastada com ela. Está tudo tão claro como se tivéssemos visto.

Holmes ergueu as sobrancelhas.

— E ainda assim me procurou?

— Ah, sim, isso é um outro assunto, uma ninharia, mas o tipo de coisa pela qual o senhor se interessa; esquisito, sabe, e o que se pode chamar de bizarro. Não tem nada a ver com o fato principal; não pode ter, pela aparência.

— O que é, então?

— Bem, o senhor sabe, depois de um crime deste tipo tomamos muito cuidado para manter as coisas na mesma posição. Nada foi removido. Guardas se encarregam disso dia e noite. Esta manhã, como o homem foi enterrado e a investigação terminou, no que se relaciona com a sala, pensamos em dar uma arrumada por aqui. Este tapete. Vê, não é pregado no chão, apenas colocado aí. Tivemos de levantá-lo. Encontramos...

— Sim? Vocês encontraram...

O rosto de Holmes ficou tenso de ansiedade.

— Ora, tenho certeza de que não adivinharia o que encontramos nem em cem anos. Vê esta mancha no tapete? Bem, uma grande quantidade deve ter passado através dele, não?

— Sem dúvida.

— Bem, ficará surpreso ao saber que não há uma mancha correspondente no assoalho de madeira clara.

— Nenhuma mancha! Mas deve ter...

— Sim, é o que diz. Mas o fato é que não tem.

Pegou a ponta do tapete, levantou-a e mostrou que realmente era como ele dissera.

— Mas o lado de baixo está tão manchado quanto o de cima. Deveria ter deixado uma marca.

Lestrade exultava com o prazer de ter deixado intrigado o perito famoso.

— Agora, vou dar a explicação. *Há* uma segunda mancha, mas em outra parte do tapete, e lá, de fato, estava uma grande quantidade de sangue derramado sobre o quadrado branco do assoalho antigo. O que acha disso, sr. Holmes?

— Ora, é muito simples. As duas manchas na verdade se correspondem, mas o tapete foi trocado de lado. Como era quadrado e despregado, isto pôde ser feito com facilidade.

— A polícia não precisa do senhor para concluir que o tapete foi invertido. Isto está bem claro, pois as manchas ficam uma sobre a outra se o colocar deste modo. Mas o que quero saber é quem o deslocou e por quê?

Eu podia ver pelo rosto rígido de Holmes que estava vibrando de excitação interior.

— Olhe aqui, Lestrade — disse —, aquele guarda no corredor ficou em seu posto o tempo todo?

— Sim, ficou.

— Bem, siga meu conselho. Interrogue-o com cuidado. Não o faça diante de nós. Esperaremos aqui. Leve-o para a sala dos fundos. Pergunte a ele como ousou fazer entrar pessoas e deixá-las sozinhas nesta sala. Não lhe pergunte se fez isso. Fale como se tivesse certeza. Diga-lhe que *sabe* que alguém esteve aqui. Pressione-o. Diga-lhe que uma confissão total é sua única possibilidade de perdão. Faça exatamente o que lhe digo!

— Por Deus, se ele souber, eu o afastarei! — exclamou Lestrade. Correu para o saguão e alguns momentos depois sua voz arrogante soou nos fundos da casa.

— Agora, Watson, agora! — exclamou Holmes com uma impaciência exaltada.

Toda a força demoníaca do homem escondida atrás daquele comportamento indiferente explodiu num paroxismo de energia. Arrancou o tapete do chão, e num instante estava com as mãos e os joelhos no chão,

pressionando para baixo cada um dos quadrados de madeira. Um deles girou de lado quando ele colocou a unha em sua borda. Abria-se como a tampa de uma caixa. Uma pequena cavidade negra abriu-se embaixo. Holmes meteu nela sua mão impaciente e a retirou com um rugido agudo de raiva e desapontamento. Estava vazia.

— Depressa, Watson, depressa! Encaixe de novo! — A tampa de madeira foi recolocada, e o tapete acabara de ser posto no lugar quando ouviram a voz de Lestrade no corredor. Ele encontrou Holmes apoiado languidamente na lareira, resignado e paciente, tentando disfarçar seus bocejos irreprimíveis.

— Desculpe-me por tê-lo deixado esperando, sr. Holmes. Posso ver que está bastante entediado com todo esse caso. Bem, ele confessou, tudo certo. Venha aqui dentro, MacPherson. Deixe estes cavalheiros ouvirem a respeito de sua conduta indesculpável.

O policial corpulento, muito vermelho e arrependido, aproximou-se.

— Eu achei que não tinha nada de mal, senhor. A jovem veio até a porta ontem à tarde; errou de casa, ela disse. E então começamos a conversar. É muito solitário, quando se fica de guarda aqui o dia inteiro.

— Bem, o que aconteceu, então?

— Ela queria ver o lugar onde o crime foi cometido, lera sobre ele nos jornais. Era uma jovem muito respeitável, bem-educada, senhor, e não vi mal nenhum em deixá-la dar uma olhada. Quando viu aquela marca no tapete, caiu no chão e ficou como se estivesse morta. Corri para os fundos e peguei um pouco de água, mas não consegui reanimá-la. Então saí, dobrei a esquina e fui até o *Ivy Plant* em busca de *brandy*, e quando o trouxe, a jovem já se recuperara e saíra; envergonhada, eu diria, e sem coragem de me encarar.

— E sobre aquele tapete que foi movido?

— Bem, senhor, estava um pouco enrugado, é claro, quando voltei. Ora, ela caiu sobre ele, e ele fica num assoalho polido sem nada para segurá-lo no lugar. Eu o endireitei depois.

— É uma lição para você aprender que não pode me enganar, guarda MacPherson — disse Lestrade com dignidade. — Sem dúvida pensou que sua falta no cumprimento do dever nunca seria descoberta, e ainda assim uma ligeira olhada naquele tapete foi suficiente para me convencer de que alguém fora admitido na sala. Sorte sua, meu rapaz, que não esteja faltando

nada, senão já estaria na rua Queer. Lamento tê-lo chamado por causa de uma coisa tão insignificante, sr. Holmes, mas achei que o fato de a segunda mancha não corresponder à primeira interessaria ao senhor.

— Com certeza foi muito interessante. Esta mulher só esteve aqui uma vez, guarda?

— Sim, senhor, apenas uma.

— Quem era ela?

— Não sei o nome, senhor. Estava respondendo a um anúncio sobre datilografia e veio ao número errado, uma jovem muito agradável e gentil, senhor.

— Alta? Bonita?

— Sim, senhor, era uma mulher alta e jovem. Pode-se dizer que ela era bonita. Talvez alguns dissessem que era muito bonita. “Oh, guarda, deixe-me dar uma olhada!”, ela disse. Tinha um jeito elegante e persuasivo, como se poder dizer, e pensei que não havia nada de mal em apenas deixá-la espiar pela porta.

— Como estava vestida?

— Discretamente, senhor. Uma capa longa, até os pés.

— A que horas foi isso?

— Estava anoitecendo. Começavam a acender os postes quando eu voltei com o *brandy*.

— Muito bom — disse Holmes. — Venha, Watson, creio que temos um trabalho mais importante num outro lugar.

Quando saímos da casa, Lestrade permaneceu na sala da frente, enquanto o guarda arrependido abria a porta para nós. Holmes virou-se no degrau e mostrou algo em sua mão. O policial olhou atentamente.

— Meu Deus, senhor! — exclamou, com uma expressão de assombro. Holmes pôs o dedo nos lábios, enfiou a mão no bolso da frente, e começou a rir enquanto descíamos a rua. — Excelente! — disse. — Venha, amigo Watson, a cortina se levanta para o último ato. Ficará aliviado em saber que não haverá guerra nenhuma, que o *right honourable* Trelawney Hope não sofrerá nenhum golpe em sua carreira, que o soberano indiscreto não receberá punição alguma por sua indiscrição, que o primeiro-ministro não terá de lidar com nenhuma complicação europeia, e que, com um pouco de tato e esperteza de nossa parte, ninguém perderá um pêni sequer pelo que foi um incidente muito perigoso.

Enchi-me de admiração por este homem extraordinário.

— Você solucionou o caso! — exclamei.

— Quase, Watson. Alguns detalhes ainda não foram esclarecidos. Mas já temos tanto que será uma falha nossa se não conseguirmos saber o resto. Iremos direto a Whitehall Terrace e levaremos o caso até o fim.

Quando chegamos à residência do secretário para Assuntos Europeus, foi por *lady* Hilda Trelawney Hope que Holmes perguntou. Fomos levados para a sala de visitas.

— Sr. Holmes! — disse a dama, e seu rosto estava vermelho de indignação. — Isto é com certeza muito injusto e mesquinho de sua parte. Queria, como expliquei, manter em segredo minha visita ao senhor, receando que meu marido soubesse que eu estava me intrometendo em seus negócios. E mesmo assim o senhor me compromete vindo aqui e demonstrando desse modo que existem relações de negócios entre nós.

— Infelizmente, madame, não tive alternativa. Fui encarregado de recuperar este papel extremamente importante. De modo que devo lhe pedir, madame, que faça a gentileza de colocá-lo em minhas mãos.

A dama ficou de pé num pulo, e a cor desapareceu de seu bonito rosto num instante. Seus olhos ficaram vidrados — ela cambaleou —, e pensei que iria desmaiar. Depois, com grande esforço, recobrou-se do choque, e seu rosto demonstrava assombro e idignação.

— O senhor... o senhor me insulta, sr. Holmes.

— Ora, ora, madame, isso é inútil. Entregue a carta.

Ela correu para a campainha.

— O mordomo lhes mostrará a saída.

— Não a toque, *lady* Hilda. Se o fizer, todos os meus esforços para evitar um escândalo serão frustrados. Entregue a carta e tudo ficará bem. Se colaborar comigo, posso ajeitar tudo. Se trabalhar contra mim, terei de expô-la.

Ela parou, desafiadora, as feições majestosas, os olhos fixos nos dele como se lesse a sua alma. Sua mão estava na campainha, mas ela não ousara tocá-la.

— Está tentando me amedrontar. Não é uma atitude muito adequada a um homem, sr. Holmes, vir aqui e intimidar uma mulher. O senhor diz que sabe de algo. O que sabe?

— Por favor, sente-se, madame. Vai se machucar se cair aí. Não falarei enquanto não se sentar. Obrigado.

— Dou-lhe cinco minutos, sr. Holmes.

— Um é suficiente, *lady* Hilda. Sei de sua visita a Eduardo Lucas, que lhe entregou o documento, sei de seu engenhoso retorno ao aposento na noite passada, e a maneira pela qual tirou a carta de seu esconderijo sob o tapete.

Ela o encarou com um rosto cadavérico e engoliu em seco duas vezes antes de poder falar.

— Está louco, sr. Holmes... o senhor está louco! — exclamou finalmente.

Ele tirou um pedaço de papelão do bolso. Era o rosto de uma mulher cortado de um retrato.

— Trouxe isto porque pensei que poderia ser útil — disse. — O policial a reconheceu.

Ela deu um gemido e apoiou a cabeça no encosto da cadeira.

— Vamos, *lady* Hilda. A senhora está com a carta. O caso ainda pode ser consertado. Não desejo criar-lhe problemas. Minha obrigação termina quando eu devolver a carta perdida ao seu marido. Siga o meu conselho e seja franca comigo. É sua única chance.

Sua coragem era admirável. Mesmo agora não se deixava vencer.

— Afirmo de novo, sr. Holmes, que está absolutamente enganado.

Holmes levantou-se da cadeira.

— Sinto muito pela senhora, *lady* Hilda. Fiz o máximo que pude. Vejo que foi tudo em vão.

Ele tocou a campainha. O mordomo entrou.

— O sr. Trelawney Hope está em casa?

— Ele estará em casa, senhor, às 12h45.

Holmes olhou para seu relógio.

— Ainda faltam 15 minutos — disse. — Muito bem, eu esperarei.

Mal o mordomo fechara a porta, *lady* Hilda ajoelhou-se aos pés de Holmes, as mãos estendidas, o rosto bonito erguido e molhado de lágrimas.

— Oh, poupe-me, sr. Holmes! Poupe-me! — implorou, numa súplica frenética. — Pelo amor de Deus, não conte a ele! Amo-o tanto! Não seria capaz de provocar uma única mancha em sua vida, e sei que isto partiria seu coração nobre.

Holmes ergueu a dama.

— Estou grato, madame, por ter dado ouvidos à razão, mesmo neste último instante! Não temos tempo a perder. Onde está a carta?

Ela correu até uma escrivaninha, destrancou-a e tirou um envelope azul comprido.

— Aqui está, sr. Holmes. Gostaria de nunca tê-la visto!

— Como podemos devolvê-lo? — murmurou Holmes. — Rápido, rápido, devemos pensar em alguma maneira! Onde está a caixa de correspondência?

— Aqui no quarto dele.

— Que golpe de sorte! Depressa, madame, traga-a aqui!

Logo depois ela apareceu com uma caixa vermelha na mão.

— Como a abriu antes? Tem uma duplicata da chave? Sim, é claro que tem. Abra-a!

De seu decote, *lady* Hilda tirou uma chave pequena. A caixa foi aberta. Estava entulhada de papéis. Holmes enfiou o envelope azul no meio deles; entre as folhas de um outro documento. A caixa foi fechada, trancada e levada de volta para o quarto.

— Agora estamos prontos para recebê-lo — disse Holmes. — Ainda temos dez minutos. Estou fazendo o possível para acobertá-la, *lady* Hilda. Em troca, vai passar esse tempo me contando francamente o verdadeiro significado deste caso extraordinário.

— Sr. Holmes, eu lhe contarei tudo — exclamou a dama. — Oh, sr. Holmes, eu preferiria cortar minha mão direita a dar a ele um momento de mágoa! Não existe uma mulher em toda Londres que ame seu marido como eu o amo, e ainda assim, se ele soubesse como agi, como fui induzida a agir, nunca me perdoaria. Pois preza tanto sua própria honra que ele não poderia esquecer ou perdoar um lapso na honra dos outros. Ajude-me, sr. Holmes! Minha felicidade, a felicidade dele, nossas próprias vidas estão em jogo!

— Depressa, madame, o tempo está acabando!

— Era uma carta minha, sr. Holmes, uma carta indiscreta escrita antes do meu casamento, uma carta boba, de uma garota impulsiva e romântica. Não fiz por mal, e mesmo assim ele a acharia criminosa. Se tivesse lido essa carta, toda sua confiança em mim seria destruída para sempre. Já se passaram anos desde que a escrevi. Pensei que todo esse assunto estivesse esquecido. Então, afinal, ouvi deste homem, Lucas, que ela havia passado para suas mãos, e que ele a entregaria ao meu marido. Implorei sua

misericórdia. Ele disse que devolveria a carta se eu lhe entregasse um certo documento que descreveu, e que estava na caixa de correspondência do meu marido. Tinha uma espécie de espião no escritório que lhe falou sobre a sua existência. Ele me garantiu que meu marido não seria prejudicado. Ponha-se na minha situação, sr. Holmes! O que eu deveria fazer?

— Contar tudo ao seu marido.

— Não podia, sr. Holmes, não podia! De um lado, parecia ser a ruína certa, e de outro, por mais terrível que parecesse tirar um papel de meu marido, ainda mais sobre um assunto político, não podia compreender as consequências, enquanto em matéria de amor e confiança era tudo muito claro para mim. Eu o fiz, sr. Holmes! Tirei um molde da chave. Esse homem, Lucas, fez uma duplicata. Abri a caixa de correspondência dele, tirei o papel e o levei à rua Godolphin.

— O que aconteceu lá, madame?

— Bati na porta da maneira combinada. Lucas a abriu. Fui atrás dele até a sala, deixando a porta do saguão entreaberta, pois temia ficar sozinha com aquele homem. Lembro-me de que havia uma mulher do lado de fora quando entrei. Nosso negócio foi feito logo. Ele estava com a minha carta em sua mesa, e eu lhe entreguei o documento. Ele me deu a carta. Nesse momento ouvimos um barulho à porta. Passos no corredor. Lucas afastou rapidamente o tapete, jogou o documento em algum esconderijo ali e o cobriu.

“O que aconteceu depois disso parece um pesadelo. Vi um rosto moreno e louco, transtornado, ouvi uma voz de mulher que gritava em francês: ‘Minha espera não foi em vão. Afinal, afinal encontrei você com ela!’ Houve uma luta feroz. Eu o vi com uma cadeira na mão, uma faca brilhava na dela. Fugi correndo da cena horrível, da casa, e somente na manhã seguinte, no jornal, é que soube do desfecho terrível. Aquela noite eu estava feliz porque tinha a minha carta, e ainda não sabia o que o destino iria trazer.

“Foi na manhã seguinte que percebi que apenas trocara um problema por outro. A angústia de meu marido com a perda do documento me doeu no coração. Mal pude me controlar para não me ajoelhar diante dele e lhe contar o que havia feito. Mas isso seria de novo uma confissão do passado. Vim procurar o senhor naquela manhã para compreender a plena dimensão do meu ato. Desde o instante em que compreendi, eu só pensava em trazer

de volta o papel do meu marido. Ainda devia estar no lugar onde Lucas o colocara, porque fora escondido antes que aquela mulher horrível entrasse na sala. Não fosse a chegada dela, eu não saberia onde ficava o esconderijo. Como eu poderia entrar na sala? Durante dois dias fiquei vigiando o lugar, mas a porta nunca foi deixada aberta. Na noite passada fiz minha última tentativa. O que fiz e como me saí o senhor já sabe. Trouxe o papel de volta e pensei em destruí-lo, já que não via um jeito de devolvê-lo sem confessar ao meu marido a minha culpa. Céus, ouço seus passos na escada!”

O secretário para Assuntos Europeus entrou agitado na sala.

— Alguma novidade, sr. Holmes, alguma novidade? — exclamou.

— Tenho algumas esperanças.

— Ah, graças aos céus! — Seu rosto ficou radiante. — O primeiro-ministro vai almoçar comigo. Posso contar a ele sobre as suas esperanças? Ele tem nervos de aço, mas sei que mal tem conseguido dormir desde esse incidente terrível. Jacobs, poderia pedir ao primeiro-ministro para subir? Quanto a você, querida, este é um assunto político. Espere na sala de jantar. Estaremos lá daqui a alguns minutos.

A atitude do primeiro-ministro era controlada, mas pude ver pelo brilho de seus olhos e pelo tremor de suas mãos ossudas que estava tão excitado quanto seu jovem colega.

— Creio que tem algo a contar, sr. Holmes?

— Puramente negativo por enquanto — respondeu meu amigo. — Investiguei cada ponto onde poderia estar, e tenho certeza de que não há perigo algum a temer.

— Mas isso não é suficiente, sr. Holmes. Não podemos viver eternamente nesse vulcão. Precisamos ter algo definitivo.

— Tenho esperanças de consegui-lo. É por isso que estou aqui. Quanto mais penso no assunto, mais fico convencido de que a carta nunca saiu desta casa.

— Sr. Holmes!

— Se tivesse saído, a esta altura já teria sido publicada, com certeza.

— Mas por que alguém a pegaria para deixá-la em sua própria casa?

— Não tenho certeza de que alguém a pegou.

— Então como ela pode ter saído da caixa de correspondência?

— Não estou convencido de que ela chegou a sair da caixa de correspondência.

— Sr. Holmes, esta brincadeira é muito importuna. Eu lhe asseguro que a carta saiu da caixa.

— O senhor examinou a caixa desde terça de manhã?

— Não. Não foi necessário.

— Provavelmente apenas deu uma olhada superficial.

— Impossível, eu afirmo.

— Mas não estou convencido disso. Sei que essas coisas acontecem. Presumo que haja outros papéis ali. Ora, pode ter sido misturada com os outros.

— Estava bem em cima.

— Alguém pode ter sacudido a caixa e tê-la tirado do lugar.

— Não, não, estava tudo em ordem.

— Bem, isto pode ser resolvido facilmente, Hope — disse o primeiro-ministro. — Traga a caixa de correspondência.

O secretário tocou a campainha.

— Jacobs, traga minha caixa de correspondência. Isto é uma perda de tempo idiota, mas, se nada mais irá convencê-lo, isso será feito. Obrigado, Jacobs, ponha-a aqui. Sempre guardei a chave na corrente do meu relógio. Aqui estão os papéis, veja. Carta do lorde Merrow, relatório de *sir* Charles Hardy, memorando de Belgrado, notas sobre as taxas de grãos russo-germânicas, carta de Madri, bilhete do lorde Flowers... Meu Deus! O que é isto? Lorde Bellinger! Lorde Bellinger!

O primeiro-ministro viu o envelope azul na mão dele.

— Sim, é ele; e a carta está intacta. Hope, eu lhe dou os parabéns.

— Obrigado! Obrigado! Que peso me tirou do coração. Mas isto é inconcebível... é impossível. Sr. Holmes, o senhor é um feiticeiro, um adivinho! Como descobriu que estava aqui?

— Porque sabia que não estava em nenhum outro lugar.

— Não consigo acreditar em meus olhos! — Ele correu para a porta.

— Onde está minha esposa? Preciso dizer-lhe que está tudo bem. Hilda! Hilda! — ouvimos sua voz nas escadas.

O primeiro-ministro olhou para Holmes piscando os olhos.

— Ora, senhor — disse. — Há mais coisa nisso do que aquilo que parece à primeira vista. Como é que a carta voltou para a caixa?

Holmes desviou-se sorridente do exame atento daqueles olhos cintilantes.

— Também temos nossos segredos diplomáticos — disse e, pegando o seu chapéu, virou-se para a porta.

O VALE DO MEDO

Primeira parte:
A tragédia de Birlstone

1

O AVISO

— PENSO QUE... — EU DISSE.

— Eu deveria fazer isso — Sherlock Holmes comentou com impaciência.

Acho que sou um dos mais pacientes mortais, mas admito que fiquei aborrecido com aquela interrupção sarcástica.

— Na verdade, Holmes, às vezes você é um pouco irritante — eu disse, sério.

Ele estava absorto demais em seus pensamentos para dar uma resposta imediata à minha queixa. Curvou-se na mesa, sem ter tocado em nada do que lhe fora servido no café da manhã, e olhou para a tira de papel que acabara de tirar de um envelope. Depois, pegou o envelope, colocou-o perto da luz e examinou cuidadosamente tanto a parte externa quanto a sua dobra.

— É a letra de Porlock — disse, de modo pensativo. — Tenho quase certeza de que é a letra de Porlock, embora só a tenha visto duas vezes. O "E" grego, floreado em cima, é característico. Mas, se é de Porlock, deve ser algo muito importante.

Ele estava falando consigo mesmo, e não comigo, mas a minha irritação desapareceu, substituída pelo interesse que aquelas palavras me despertavam.

— Mas quem, afinal, é Porlock? — perguntei.

— Porlock, Watson, é um nome de plume, uma simples identificação, mas por trás disso existe uma personalidade matreira e evasiva. Numa carta anterior, ele me disse abertamente que este não era seu nome e me desafiou, afirmando que eu jamais o encontraria entre os milhões de habitantes desta cidade grande. Porlock é importante não por ele mesmo, mas pelo homem

poderoso ao qual está ligado. Imagine o peixe-guia com o tubarão, o chacal com o leão — qualquer coisa que seja é insignificante ao lado do que é ameaçador. Não apenas ameaçador, Watson, mas sinistro — e sinistro no mais alto grau. É nesse aspecto que ele me interessa. Você já me ouviu falar do professor Moriarty?

— O famoso criminoso, tão famoso entre os bandidos quanto...

— Modere-se, Watson — Holmes disse num tom de desaprovação.

— Eu ia dizer "quanto desconhecido do público".

— Assim é mais distinto! — Holmes exclamou. — Você está revelando um certo tipo inesperado de humor baixo contra o qual preciso me proteger, Watson. Ao chamar Moriarty de criminoso, você está dizendo uma calúnia aos olhos da lei — e nisso reside a glória e a maravilha da questão. O maior planejador de todos os tempos, o organizador de todas as crueldades, o cérebro que controla o submundo: o cérebro que poderia ter feito ou destruído o destino de nações. Este é o homem. Mas ele está tão distante da suspeita de todos, tão imune a julgamentos, tão admirável em sua conduta e na sua capacidade de passar despercebido que por estas palavras de acusação ele poderia arrastá-lo aos tribunais e ganhar uma indenização por danos morais. Não é ele o celebrado autor de *A dinâmica de um asteroide,* um livro que trata de matemática pura num nível tão elevado que, segundo dizem, não havia ninguém na imprensa científica capaz de criticá-lo? Um homem desses é para se difamar? Um doutor desbocado e um professor difamado — esses seriam os papéis de vocês dois. Genial, Watson. Mas, se eu for indulgente com os menos favorecidos, encontrarei meu lugar no céu.

— E eu estarei lá para vê-lo! — eu disse, de modo reverente. — Mas você estava falando desse tal de Porlock.

— Ah, sim. O que diz chamar-se Porlock é um elo que não está muito distante do principal. Porlock não é propriamente um elo entre nós. Ele é a única falha nessa cadeia, até onde eu pude testar.

— Mas nenhuma cadeia é mais forte que o seu elo mais fraco.

— Exatamente, meu caro Watson. Daí a extrema importância de Porlock. Levado por algumas aspirações rudimentares de honestidade e encorajado pela criteriosa estimulação de uma ocasional nota de dez libras enviada furtivamente, ele, por uma ou duas vezes, deu-me informações em primeira mão, de muito valor, aquele tipo de informação que prevê e evita o crime

em vez de puni-lo. Não tenho dúvida de que, se nós tivéssemos o código dessa mensagem, veríamos que ela é importante como eu penso ser.

Holmes novamente abriu o papel sobre o seu prato vazio. Eu me levantei e, curvando-me a seu lado, vi aquela curiosa inscrição, disposta da seguinte maneira:

534 c2 13 127 36 31 4 17 21 41
DOUGLAS 109 293 5 37 BIRLSTONE
26 BIRLSTONE 9 47 171

— O que você conclui disso, Holmes?

— Obviamente, é uma tentativa de enviar uma informação secreta cifrada.

— Mas qual a utilidade de uma mensagem cifrada sem o código?

— Neste caso, nenhuma.

— Por que você diz “neste caso”?

— Porque há muitos códigos que eu conseguiria ler com a mesma facilidade com que leio os resumos feitos nas colunas de obituário. Essas coisas bobas divertem a inteligência sem fatigá-la. Mas isso aqui é diferente. Está claro que isso é uma referência às palavras nas páginas de algum livro. Até eu saber que livro é esse e qual a página, não posso fazer nada.

— Mas por que “Douglas” e “Birlstone”?

— Logicamente porque essas palavras não estão na página citada.

— Então por que ele não mencionou o livro?

— Sua perspicácia natural, meu caro Watson, essa astúcia que delicia seus amigos, certamente evitaria que você enviasse o código e a mensagem no mesmo envelope. Se o esquema falha, você está perdido. Desse outro modo, é preciso que os dois sejam extraviados para que haja algum perigo. Nosso segundo mensageiro já está atrasado e ficarei surpreso se ele não nos trouxer outra carta de explicação ou, o que é mais provável, o livro a que esses números se referem.

A previsão de Holmes concretizou-se poucos minutos depois com a chegada de Billy, o mensageiro, com a carta que estávamos esperando.

— A mesma caligrafia — observou Holmes quando abriu o envelope. E desta vez assinada — acrescentou numa voz exultante, enquanto

desdobrava a carta. — Veja, Watson, estamos progredindo.

Mas sua expressão se fechou ao ver o conteúdo.

— Puxa! Isso é muito frustrante! Acho, Watson, que todas as nossas expectativas deram em nada. Espero que Porlock não seja prejudicado.

> *Prezado sr. Holmes, diz ele, não vou continuar nesse caso. É muito perigoso. Ele desconfia de mim. Posso sentir que ele desconfia. Ele se aproximou de mim, de modo inesperado, logo depois de eu ter endereçado este envelope com a intenção de lhe enviar a chave do código. Consegui esconder tudo. Se ele tivesse visto, as coisas ficariam ruins para mim. Mas noto suspeita em seus olhos. Por favor, queime a mensagem cifrada, que agora não terá nenhuma utilidade para o senhor.*
>
> *Fred Porlock*

Holmes ficou sentado durante algum tempo com a carta entre os dedos e o cenho franzido, enquanto olhava para o fogo.

— Na verdade, pode não haver nada — ele disse, finalmente. — Pode ser apenas sua consciência pesada. Sabendo que é um traidor, ele pode ter lido a acusação nos olhos do outro.

— E o outro, eu presumo, é o professor Moriarty?

— Não pode ser outro. Quando qualquer um do grupo fala sobre “ele”, sabe-se logo de quem estão falando. Existe um “ele” predominante para todos eles.

— Mas o que ele pode fazer?

— Hum! É uma pergunta complexa. Quando você tem um dos cérebros mais brilhantes da Europa contra você e todas as forças escusas a apoiá-lo, há possibilidades infinitas. De qualquer modo, nosso amigo Porlock está muito assustado. Compare com atenção a caligrafia do bilhete com a do envelope, que foi feita, segundo ele, antes desta visita de mau agouro. Uma é clara e firme; a outra, pouco legível.

— Por que ele escreveu, afinal? Por que simplesmente não desistiu?

— Porque temia que eu fizesse alguma sindicância sobre ele nesse caso e, assim, lhe causasse algum problema.

— Não há dúvida — eu disse. — É claro — apanhei a mensagem cifrada e me pus a examiná-la. — É enlouquecedor pensar que este pedaço de papel

pode conter um segredo importante e que está além das forças humanas desvendá-lo.

Sherlock Holmes empurrou os pratos de comida, nos quais nem tocara, e acendeu o cachimbo fedorento, que era sua companhia na hora das meditações mais profundas.

— Isto é o que eu gostaria de saber! — ele disse, recostando-se e olhando para o teto. — Talvez haja alguns pontos que tenham escapado ao seu raciocínio maquiavélico. Vamos analisar o problema à luz da razão, simplesmente. Esse homem se refere a um livro. Esse é o nosso ponto de partida.

— O que é um pouco vago.

— Vamos ver, então, se conseguimos delimitá-lo. No meu modo de ver a coisa, parece menos impenetrável. Que indicações temos sobre este livro?

— Nenhuma.

— Bem, bem, na verdade não é tão ruim assim. A mensagem cifrada começa com um grande 534, não é? Podemos partir da hipótese de que 534 é a página à qual a mensagem se refere. Então nosso livro é um *grande*, o que já é alguma coisa. Que outras indicações temos quanto à natureza desse livro grande? O sinal seguinte é C2. O que você acha disso, Watson?

— Capítulo dois, não há dúvida.

— Nada disso, Watson. Tenho certeza de que você concordará comigo que, se foi dada a página, é desnecessário o número do capítulo. Além disso, se a página 534 está no capítulo dois, o tamanho do primeiro capítulo deve ser realmente intolerável.

— Coluna! — gritei.

— Brilhante, Watson. Você está maravilhoso esta manhã. Se não for coluna, então ficarei muito desapontado. Então agora, veja bem, começamos a visualizar um livro grande, impresso em duas colunas, cada uma delas com um comprimento considerável, já que uma das palavras do documento está indicada como a de número 293. Será que esgotamos a lógica?

— Temo que sim.

— Isso é uma injustiça com você mesmo. Tenho outra ideia brilhante, meu caro Watson. Outro lampejo feliz. Se o livro fosse uma obra rara, ele o enviaria para mim. Em vez disso ele pretendia, antes que seus planos fossem interrompidos, enviar-me a chave do código nesse envelope. Ele diz

isso no bilhete. Isso parece indicar que, na opinião dele, eu não teria dificuldade em encontrar o livro. Ele o tem, e imaginou que eu também o tivesse. Em resumo, Watson, é um livro bastante comum.

— O que você diz parece plausível.

— Então reduzimos nosso campo de pesquisa a um livro grande, impresso em duas colunas e de uso comum.

— A Bíblia! — gritei, triunfante.

— Bom, Watson, bom! Mas, se é que posso dizer assim, não é suficientemente bom. Mesmo se a ideia fosse minha, eu não poderia pensar num livro menos provável de ser lido pelos associados de Moriarty. Além disso, as edições da Sagrada Escritura são tantas que dificilmente ele imaginaria que dois exemplares teriam a mesma paginação. O livro que ele menciona deve ser padronizado. Ele tem certeza de que a página 534 dele coincidirá com a minha página 534.

— Mas muitos poucos livros coincidiriam assim.

— Exatamente. Aí está nossa salvação. Nossa pesquisa está limitada a livros padronizados que se supõe que qualquer pessoa tenha.

— O *Bradshaw*![23]

— Há algumas dificuldades, Watson. O vocabulário do *Bradshaw* é vivo e conciso, mas limitado. A seleção de palavras não serviria para o envio de mensagens de caráter geral. Vamos eliminar o *Bradshaw*. O dicionário é inadmissível pelo mesmo motivo. O que resta então?

— Um almanaque.

— Excelente, Watson! Muito me engano se você não acertou no alvo. Um almanaque! Vamos analisar as características do *Almanaque Whitaker*. Ele é de uso geral. Tem o número de páginas suficiente. É impresso em duas colunas. Embora conciso nas primeiras edições, tornou-se, se bem me lembro, bastante descritivo depois. — Ele apanhou o volume na mesa. — Aqui está a página 534, coluna dois, um considerável bloco de informações, segundo percebo, sobre o comércio e os recursos da Índia Britânica. Anote as palavras, Watson. A de número 13 é “Mahratta”. Receio que não seja um começo muito auspicioso. A de número 127 é “governo”, o que pelo menos faz sentido, embora um tanto irrelevante para nós e para o professor Moriarty. Vamos tentar de novo. O que faz o governo de Mahratta? Ah! A palavra seguinte é “erva-cidreira”. Nada feito, meu bom Watson! Chega!

Ele dissera aquilo de um modo engraçado, mas suas sobrancelhas cerradas demonstravam desapontamento e irritação. Eu me sentei, desalentado e infeliz, olhando para o fogo. O longo silêncio foi quebrado por uma súbita exclamação de Holmes, que correu até um armário e apanhou um livro de capa amarela.

— Pagamos o preço, Watson, de sermos tão atualizados — ele exclamou. — Vivemos à frente do nosso tempo e sofremos as penas habituais. Sendo dia 7 de janeiro, nós muito adequadamente pesquisamos no novo almanaque. É mais do que provável que Porlock tenha tirado sua mensagem do antigo. Não há dúvida de que ele nos diria isso caso tivesse escrito sua carta de explicação. Vamos ver a página 534. A palavra número 13 é "existe", o que é mais promissor. A palavra 127 é "algum". Existe algum... — Os olhos de Holmes brilhavam de contentamento e seu dedo fino, agitado, tremia enquanto ele contava as palavras. — "Perigo". Ah! Ah! Excelente! Escreva aí, Watson. Existe algum perigo-pode-vir-em breve-alguém. Então temos o nome Douglas. "Rico-agora-em Birlstone House-certeza-Birlstone em risco. Aí está, Watson! O que me diz da razão pura e seus resultados? Se no armazém vendessem uma coroa de louros, eu mandaria Billy buscar uma.

Eu estava olhando para a estranha mensagem que havia escrito, enquanto ele a decifrava, numa folha de papel almaço sobre meu joelho.

— Que maneira estranha de dizer alguma coisa! — comentei.

— Ao contrário, ele foi extremamente feliz — disse Holmes. — Quando você procura numa coluna só as palavras com as quais expressar o que deseja, dificilmente encontrará tudo o que quer dizer. Você é obrigado, então, a deixar alguma coisa para a inteligência do seu correspondente. O sentido está perfeitamente claro. Existe alguma coisa planejada contra alguém chamado Douglas, quem quer que ele seja, que é, como está dito, um homem rico que mora no interior do país. Ele está certo ("certeza" foi a palavra mais próxima de "certo" que ele encontrou) de que o outro está em perigo. Aí está o resultado e foi preciso um pouco de análise feita com muita habilidade.

Holmes tinha a alegria impessoal do verdadeiro artista em sua melhor forma, mesmo que se lamentasse quando não conseguia atingir o alto nível a que aspirava. Ele ainda estava sorrindo quando Billy abriu a porta e o inspetor MacDonald, da Scotland Yard, entrou apressado na sala.

Já iam longe aqueles dias, quase no início do século, quando Alec MacDonald nem sonhava obter a fama nacional que agora conquistara. Ele era um integrante jovem mas confiável do grupo de detetives, que se distinguira em vários casos que ficaram sob sua responsabilidade. Sua figura alta e robusta revelava uma grande força física, enquanto a cabeça de formato grande e os olhos fundos e vivos não eram provas menos evidentes da inteligência perspicaz que cintilava por baixo daquelas sobrancelhas grossas. Ele era um homem calado, meticuloso, de caráter obstinado e com um forte sotaque de Aberdeen. Duas vezes, ao longo de sua carreira, Holmes o havia ajudado a resolver casos, sendo que sua única recompensa fora a satisfação intelectual de enfrentar um problema. Por este motivo, a afeição e o respeito do escocês por seu colega amador eram profundos, e ele os demonstrava pela franqueza com que consultava Holmes em qualquer dificuldade. A mediocridade não conhece nada além de si mesma, mas o talento reconhece imediatamente o gênio, e MacDonald tinha talento profissional suficiente para perceber que não havia humilhação alguma em procurar a ajuda de alguém que, na Europa, era o único que poderia ajudá-lo, tanto pelo talento quanto pela experiência. Holmes não era predisposto a amizades, mas era tolerante com aquele escocês grandalhão e sorriu ao vê-lo.

— O senhor é um pássaro madrugador, sr. Mac — ele disse. — Desejo que o senhor encontre o que procura. Receio que isso signifique que há alguma coisa de errado.

— Se o senhor dissesse “espero” em lugar de “receio”, ficaria mais perto da verdade, na minha opinião, sr. Holmes — respondeu o inspetor com um sorriso. — Bem, talvez um pequeno trago afastasse essa friagem da manhã.

— Não, não quero fumar, obrigado. Preciso ir embora, pois as primeiras horas de um caso são valiosas, já que ninguém conhece os fatos melhor que você. Mas... Mas...

O inspetor parou de falar abruptamente e olhava, com total perplexidade, para um pedaço de papel que estava na mesa. Era a folha em que eu anotara a mensagem enigmática.

— Douglas! — ele disse, um pouco confuso. — Birlstone! O que é isso, sr. Holmes? Olha! Isso é bruxaria! Em nome do que é mais sagrado, onde o senhor obteve esses nomes?

— Isto é um código que eu e o dr. Watson tivemos a oportunidade de elucidar. Mas por quê? O que há de errado com esses nomes?

O inspetor olhou para nós, primeiro para um e depois para o outro, com uma expressão de assombro.

— Apenas que o sr. Douglas, da Mansão de Birlstone, foi barbaramente assassinado ontem à noite — ele disse.

23 Guia ferroviário publicado periodicamente na Inglaterra. (N. do T.)

2

SHERLOCK HOLMES SE PRONUNCIA

FOI UM DAQUELES MOMENTOS DRAMÁTICOS PARA OS QUAIS MEU amigo vivia. Seria um exagero dizer que ele ficou chocado ou nervoso com a revelação surpreendente. Embora não tivesse uma ponta de crueldade em sua formação, ele era, sem sombra de dúvida, calejado devido a uma grande vivência. Mas, se suas emoções estavam amortecidas, sua percepção intelectual encontrava-se extraordinariamente ativa. Não havia, então, nenhum vestígio do que eu senti com aquela notícia curta, mas seu rosto mostrava uma expressão calma e interessada, igual à do químico que vê os cristais decantarem numa solução saturada.

— Extraordinário! — disse ele. — Extraordinário!

— O senhor não parece surpreso.

— Interessado, sr. Mac, mas pouco surpreso. Por que eu estaria surpreso? Recebi uma mensagem anônima de uma fonte que sei ser importante, avisando-me que o perigo ameaça uma certa pessoa. Uma hora depois, fico sabendo que esse perigo realmente se concretizou e que a pessoa morreu. Estou interessado, mas, como o senhor vê, não estou surpreso.

Em poucas palavras ele explicou ao inspetor os fatos sobre a carta e o código. MacDonald sentou-se, com o queixo enfiado na mão e as grossas sobrancelhas cor de areia.

— Eu ia para Birlstone hoje cedo — ele disse. — Vim aqui para lhe perguntar se o senhor gostaria de ir comigo. O senhor e o seu amigo aqui. Mas, pelo que o senhor diz, talvez possamos trabalhar melhor aqui mesmo em Londres.

— Pois eu penso que não — disse Holmes.

— Com os diabos, sr. Holmes! — gritou o inspetor. — Dentro de um dia ou dois os jornais estarão cheios de notícias sobre o mistério de Birlstone. Mas que mistério, se há um homem em Londres que previu o crime antes mesmo que ele ocorresse? Temos apenas que pôr as mãos nesse homem e o resto virá em seguida.

— Não há dúvida, sr. Mac. Mas como o senhor pretende pôr as mãos nesse homem que atende por Porlock?

MacDonald virou a carta que Holmes lhe entregara.

— Foi posta no correio em Camberwell. Isso não ajuda muito. O nome, como disse o senhor, não é verdadeiro. Não há muita coisa para seguirmos, na verdade. O senhor não disse que havia lhe enviado dinheiro?

— Duas vezes.

— E como?

— Em notas para o correio de Camberwell.

— O senhor nunca se preocupou em ver quem ia pegar o dinheiro?

— Não.

O inspetor pareceu surpreso e um pouco chocado.

— Por que não?

— Porque sou leal. Eu prometi a ele, quando me escreveu pela primeira vez, que não tentaria localizá-lo.

— O senhor acredita que haja alguém por trás dele?

— Sei que há alguém.

— Esse professor que ouvi o senhor mencionar?

— Exatamente.

O inspetor MacDonald sorriu, e suas pálpebras estremeceram quando ele olhou para mim.

— Não vou esconder, sr. Holmes, que nós da Divisão de Investigações Criminais pensamos que o senhor desconfia desse professor. Eu mesmo fiz algumas investigações sobre isso. Ele parece ser um tipo de homem muito respeitável, instruído e talentoso.

— Fico feliz que os senhores tenham reconhecido seu talento.

— Mas não se pode deixar de reconhecer. Depois de saber sua opinião, resolvi ir vê-lo. Tive uma conversa com ele sobre eclipses. Não sei dizer como a conversa foi parar nisso. Mas ele tinha uma lanterna refletora e um globo, de modo que me explicou tudo num minuto. Ele me emprestou um livro, mas não vejo problema em reconhecer que era um pouquinho

profundo demais para mim, embora eu tenha tido uma boa formação em Aberdeen. Ele impressiona bastante com aquele rosto magro, os cabelos prateados e o modo solene de falar. Quando ele pôs a mão no meu ombro, na hora de eu ir embora, era como a bênção do pai quando se sai para enfrentar o mundo cruel.

Holmes sorriu e esfregou as mãos.

— Ótimo! — ele disse. — Ótimo! Diga-me, meu amigo, esse encontro agradável e tocante foi, eu suponho, no escritório do professor?

— Foi.

— Um lugar bonito, não é?

— Muito bonito. Muito elegante mesmo, sr. Holmes.

— O senhor se sentou de frente para a escrivaninha dele?

— Exatamente.

— Com o sol nos seus olhos e o rosto dele na sombra?

— Bem, já era noite, mas eu lembro que a luz estava virada para o meu rosto.

— Tinha que ser. O senhor, por acaso, notou um quadro acima da cabeça do professor?

— Eu não deixo escapar muita coisa, sr. Holmes. Talvez tenha aprendido com o senhor. Sim, vi o quadro. Uma jovem com a cabeça sobre as mãos, olhando de lado.

— Aquele quadro é de Jean-Baptiste Greuze — o inspetor tentou parecer interessado.

— Jean-Baptiste Greuze — continuou Holmes, juntando as pontas dos dedos e recostando-se bem para trás na cadeira — foi um artista francês que apareceu entre os anos de 1750 e 1800. Eu me refiro, é claro, ao período de sua carreira. Os críticos atuais fizeram mais do que endossar a grande fama que ele conseguiu entre seus contemporâneos.

Os olhos do inspetor tinham uma expressão distraída.

— Não seria melhor... — ele disse.

— Vamos chegar lá — interrompeu Holmes. — Tudo o que estou dizendo tem uma relação muito direta e vital com o que o senhor chamou de mistério de Birlstone. Na verdade, isso pode ser, em certo sentido, considerado a própria causa do mistério.

MacDonald deu um rápido sorriso e olhou de modo simpático para mim.

— Suas ideias são muito rápidas para o meu ritmo, sr. Holmes. O senhor omite um fato ou outro e aí não consigo acompanhar. Qual é, afinal, a relação entre este pintor morto e o caso de Birlstone?

— Todo conhecimento é útil para o detetive — observou Holmes. — Mesmo o fato banal de que no ano de 1865 um quadro de Greuze, chamado *La jeune fille à l'agneau*, alcançou mais de quarenta mil libras no leilão de Portalis pode dar início a uma série de reflexões na sua mente.

É claro que foi assim. O inspetor parecia agora sinceramente interessado.

— Posso lembrar que é possível averiguar o salário do professor em várias fontes confiáveis. Ele recebe setecentas libras por ano — continuou Holmes.

— Então, como ele poderia comprar...

— Exatamente. Como poderia?

— Sim, é extraordinário — disse o inspetor, pensativo. — Continue, sr. Holmes. Estou adorando tudo isso. É maravilhoso.

Holmes sorriu. Ele sempre se emocionava com uma admiração sincera, a característica de um verdadeiro artista.

— E Birlstone? — ele perguntou.

— Ainda temos tempo — disse o inspetor, olhando para o relógio. Tenho um cabriolé aí na porta, e em menos de vinte minutos estaremos em Victoria Station. Mas sobre o quadro... Pensei que certa vez, sr. Holmes, tivesse me dito que nunca se encontrara com o professor Moriarty.

— Não, nunca me encontrei.

— Então como sabe a respeito dessas coisas?

— Ah, isso é uma outra questão. Estive três vezes no escritório dele, duas esperando por ele com pretextos diferentes e saindo antes que ele chegasse. Uma vez... Bem, mal consigo falar sobre essa vez a um detetive da polícia. Foi nessa última ocasião que tomei a liberdade de remexer em seus papéis, com o mais inesperado dos resultados.

— O senhor achou algo comprometedor?

— Absolutamente nada. Foi isso que me deixou perplexo. Contudo, agora o senhor sabe da questão do quadro. Isso mostra que ele é um homem muito rico. Como conseguiu fortuna? Não é casado. Seu irmão mais moço é chefe de estação numa cidade do Oeste. Sua cadeira de professor lhe rende setecentas libras por ano. E ele possui um Greuze.

— E daí?

— A conclusão está clara.

— O senhor quer dizer que ele tem uma renda muito grande e que deve ganhá-la de modo ilegal?

— Exatamente. É claro que tenho outros motivos para pensar assim. Algumas pequenas pistas que levam de modo vago ao centro da teia onde a criatura venenosa e imóvel se oculta. Só menciono o quadro de Greuze porque isso o senhor mesmo observou.

— Bem, sr. Holmes, admito que o que o senhor diz é interessante. Mais do que interessante, é maravilhoso. Mas vamos esclarecer tudo isso um pouquinho mais, se for possível. O senhor acredita que seja falsificação de dinheiro ou roubo? De onde vem esse dinheiro?

— O senhor já leu a respeito de Jonathan Wild?

— Bem, o nome me parece familiar. Personagem de um romance, não é? Eu não ligo muito para os detetives de romances. São uns sujeitos que fazem as coisas e não deixam a gente ver como eles fazem. Eles fazem tudo por intuição e não com técnica.

— Jonathan Wild não era detetive, nem personagem de romance. Ele foi um mestre do crime. Viveu no século passado, em 1750 ou coisa assim.

— Então não me serve. Sou um homem prático.

— Sr. Mac, a coisa mais prática que o senhor faria na vida seria ficar calado por três meses e ler a historiografia do crime. Tudo acontece em ciclos até o professor Moriarty. Jonathan Wild era a força oculta dos criminosos de Londres, aos quais vendia suas ideias e sua organização por uma comissão de 15%. A velha roda continua a girar e tudo o que desce torna a subir. Já aconteceu tudo isso antes e acontecerá novamente. Vou contar-lhe uma ou duas coisas sobre Moriarty que lhe interessarão.

— É tudo muito interessante.

— Acontece que eu conheço o primeiro elo da cadeia. Uma cadeia com esse Napoleão fracassado numa das pontas e centenas de bandidos, batedores de carteira, chantagistas e trapaceiros na outra ponta, com todo tipo de crime entre as duas. O comandante em chefe é o coronel Sebastian Moran, tão distante, protegido e inacessível à justiça quanto ele mesmo. Quanto o senhor acha que ele lhe paga?

— Gostaria de saber.

— Seis mil libras por ano. É o salário pago pelo seu cérebro, dentro do espírito americano de negócios. Eu soube desse detalhe por acaso. É mais

do que os vencimentos do primeiro-ministro. Isso lhe dá uma ideia dos rendimentos de Moriarty e da escala em que ele opera. Um outro ponto. Eu me dei ao trabalho de investigar alguns dos últimos cheques emitidos por Moriarty. Apenas cheques corriqueiros com os quais ele paga as contas de casa. Eram de seis bancos diferentes. Isso lhe diz alguma coisa?

— Na verdade, é muito estranho. Mas o que o senhor deduz disso?

— Que ele não queria comentários sobre sua fortuna. Ninguém ficaria sabendo, desse modo, quanto ele possui. Não tenho dúvida alguma de que ele tem vinte contas bancárias. O grosso da sua fortuna está no exterior, muito provavelmente no Deutsche Bank ou no Crédit Lyonnais. Quando tiver tempo, eu lhe recomendo uma investigação sobre o professor Moriarty.

O inspetor MacDonald ficava mais impressionado à medida que a conversa prosseguia. Ele havia se deixado desviar do que o levara até lá. Agora sua inteligência escocesa prática levou-o de volta ao assunto que tinha a tratar.

— Mas ele pode se esquivar — disse o inspetor. — O senhor nos desviou do assunto com suas histórias interessantes, sr. Holmes. O que realmente interessa é sua observação de que existe alguma ligação entre o professor e o crime. Isso o senhor ficou sabendo pela mensagem que recebeu de Porlock. Será que, para nosso interesse prático imediato, poderemos conseguir mais do que isso?

— Podemos alinhavar algumas ideias quanto ao motivo do crime. É, segundo pude deduzir de suas observações iniciais, um crime inexplicável, ou pelo menos inexplicado. Agora, supondo que a origem do crime seja a que suspeitamos, pode haver dois motivos diferentes. Em primeiro lugar, posso dizer-lhe que Moriarty controla seu pessoal com mão de ferro. A disciplina dele é tremenda. Só há uma punição em seu código. A morte. Agora, podemos supor que este homem que foi assassinado (esse Douglas, cuja morte iminente já era do conhecimento de um dos subordinados do chefão do crime) de algum modo traiu o chefe. Sua punição seria uma consequência natural, e do conhecimento de todos, mesmo que fosse apenas para incutir-lhes o medo da morte.

— Bem, essa é uma sugestão, sr. Holmes.

— A outra é que o assassinato tenha sido engendrado por Moriarty no curso normal dos negócios. Houve algum roubo?

— Não soube de nada a esse respeito.

— Se houve roubo, isso iria contrariar a primeira hipótese e reforçaria a segunda. Moriarty pode ter planejado tudo com a promessa de receber parte do lucro, ou então foi muito bem pago para executá-lo. As duas são possíveis. Mas, qualquer que tenha sido, ou se foi uma terceira combinação, é lá em Birlstone que devemos investigar. Conheço muito bem nosso homem para supor que tenha deixado alguma coisa aqui que pudesse nos levar até ele.

— Então, vamos a Birlstone! — exclamou MacDonald, saltando da cadeira. — Puxa! É mais tarde do que eu pensava. Senhores, dou-lhes cinco minutos para se arrumarem, e nada mais.

— É muito para nós dois — disse Holmes ao se levantar da cadeira para ir tirar o roupão e vestir o casaco. — Quando estivermos a caminho, sr. MacDonald, vou pedir-lhe que tenha a bondade de me contar tudo sobre o caso.

"Tudo sobre o caso" na verdade era muito pouco, embora houvesse evidências de que o caso que tínhamos em mãos merecia uma grande atenção dos especialistas. Ele se mostrou animado e esfregou as mãos magras enquanto ouvia os detalhes, poucos mas valiosos. Até aquele dia, tínhamos passado uma série de semanas sem movimento algum e agora, finalmente, surgia algo interessante para aquele extraordinário talento que, como todos os dons especiais, torna-se desinteressante se não estiver em uso. A lâmina do cérebro fica cega e enferruja se não for usada. Os olhos de Sherlock Holmes reluziram, seu semblante pálido adquiriu uma leve cor e todo o seu rosto inquieto brilhou quando recebeu o chamado para o serviço. No cabriolé, inclinado para a frente, ouvia atentamente a curta narrativa sobre o problema que nos esperava em Sussex. O inspetor baseava-se, segundo nos explicou, numa mensagem que lhe foi enviada pelo trem da manhã. White Mason, o oficial local, era seu amigo, e por isso MacDonald fora avisado mais rapidamente do que era normal na Scotland Yard quando alguém do interior necessitava de sua ajuda. Quando um agente da capital é chamado para o caso, geralmente as pistas já foram desfeitas.

> *"Prezado Inspetor MacDonald", dizia a carta que ele leu para nós. "Segue num envelope anexo uma requisição oficial pedindo seus serviços. Esta é uma carta pessoal. Telegrafe avisando em que trem*

poderá vir para Birlstone e eu irei esperá-lo. Ou mandarei alguém, se estiver muito ocupado. Este caso é dos grandes. Não perca tempo. Se conseguir trazer o sr. Holmes, será ótimo, pois ele pode descobrir alguma coisa. Tudo daria a impressão de uma cena de teatro se não houvesse aquele homem morto. Puxa, esse é dos grandes!”

— Seu amigo não é tolo — observou Holmes.

— Não é mesmo. White Mason é um homem muito esperto, se é que posso julgar alguém.

— Bem, o senhor sabe de mais alguma coisa?

— Só que ele nos dará todos os detalhes quando chegarmos lá.

— Como o senhor ficou sabendo do sr. Douglas e que ele havia sido horrivelmente assassinado?

— Estava no relatório oficial em anexo. Lá não diz “horrível”. Esse não é um termo usado oficialmente. Dava o nome de John Douglas. Mencionava que os ferimentos eram na cabeça, causados pelo disparo de uma espingarda. Mencionava também a hora do alarme, que foi por volta da meia-noite de ontem. Acrescentava que o caso, sem sombra de dúvida, era assassinato, mas que ninguém fora detido, e que apresentava características intrigantes e fora do comum. Isso é tudo o que temos até agora, sr. Holmes.

— Então, com sua permissão, vamos deixar assim, sr. Mac. A tentação de elaborar teorias prematuras com base em dados insuficientes é o mal de nossa profissão. Só vejo duas coisas concretas no momento: um grande cérebro em Londres e um homem morto em Sussex. A ligação que existe entre essas duas coisas é o que vamos investigar.

3

A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

E AGORA, POR UM MOMENTO, VOU PEDIR LICENÇA PARA RETIRAR minha insignificante pessoa e narrar os fatos que ocorreram antes de chegarmos ao local, e segundo informações que obtivemos depois. Só desse modo posso fazer com que o leitor avalie as pessoas envolvidas e o estranho ambiente em que o destino as lançou.

A aldeia de Birlstone é um pequeno e antigo povoado de casas construídas de madeira e alvenaria na parte norte do condado de Sussex. Durante muitos séculos o lugar permaneceu imutável, mas nos últimos anos seu jeito pitoresco e sua localização têm atraído um grande número de moradores ricos, cujas vilas se perdem nos bosques das cercanias. Acredita-se, no lugar, que esses bosques sejam o início da imensa floresta de Weald, que se estende até alcançar as planícies do norte da Inglaterra. Surgiram várias lojas para atender às necessidades da população, agora maior, de modo que se espera que em pouco tempo Birlstone se transforme de um antigo vilarejo em uma cidade moderna. Ali é o centro de uma área grande do país, já que Tunbridge Wells, o mais importante da região, fica a 15 ou 20 quilômetros para leste, além dos limites de Kent.

A cerca de oitocentos metros da cidade, num antigo parque, famoso por suas grandes faias, situa-se a antiga Casa Senhorial de Birlstone. Parte desta venerável construção remonta ao tempo das Cruzadas, quando Hugo de Capus construiu uma fortaleza no meio da propriedade, que lhe fora dada pelo Rei Vermelho. Ela foi destruída por um incêndio em 1543 e algumas das suas pedras angulares, marcadas pelo fogo, foram utilizadas, no reinado de James I, para a construção de uma casa erguida sobre as ruínas do castelo

feudal. A Casa Senhorial, com suas muitas arestas e suas janelas pequenas em forma de diamante, ainda estava em grande parte do modo como o construtor a entregara no início do século XVII. Dos dois fossos que haviam protegido os antecessores mais guerreiros, o externo estava vazio e tinha agora a humilde função de pátio da cozinha. O fosso interno ainda estava lá, com seus 12 metros de largura, conquanto tivesse agora apenas alguns metros de água em toda a volta da casa. Uma pequena corrente o abastecia e continuava depois dele, de modo que, embora fosse turvo, sua água não ficava estagnada. O único acesso à casa era através de uma ponte levadiça, cujas correntes e guinchos há muito haviam enferrujado e quebrado. Mas os últimos proprietários da casa tinham, com energia, feito os reparos necessários e a ponte levadiça era capaz não apenas de se erguer, mas, de fato, era suspensa toda noite e baixada pela manhã. Assim, retomando o costume dos antigos tempos feudais, a Casa Senhorial era convertida numa ilha durante a noite, fato que tinha uma relação muito direta com o mistério que em breve chamaria a atenção de toda a Inglaterra.

A casa ficou sem dono durante alguns anos e estava ameaçada de se transformar numa pitoresca decadência quando os Douglas ficaram com ela. Essa família era formada apenas por duas pessoas: John Douglas e sua esposa. Douglas era um homem notável, tanto pelo caráter quanto pelo físico; sua idade deveria estar em torno dos cinquenta; o rosto era de traços firmes, com um bigode grisalho, os olhos cinzentos com uma expressão particularmente triste; e um corpo musculoso e forte que não perdera nada dos tempos de juventude. Ele era alegre e gentil com todos, mas um tanto brusco em seus modos, dando a impressão de que fora criado num meio social um pouco inferior ao da sociedade de Sussex. Contudo, embora visto com alguma reserva e curiosidade por seus vizinhos mais refinados, em pouco tempo adquiriu uma grande popularidade entre os habitantes do lugar, contribuindo de modo generoso para qualquer campanha e comparecendo aos concertos populares e a outros eventos, em que, sendo um notável tenor, estava sempre disposto a cantar alguma coisa. Ele parecia ter muito dinheiro, que, segundo se dizia, ganhara nos garimpos de ouro da Califórnia, e ficava patente, pelo que ele e a mulher diziam, que passara uma parte da vida na América. A boa impressão produzida por sua generosidade e por seus modos democráticos aumentou pela forma de total indiferença ao perigo. Embora fraco como cavaleiro, comparecia a todos os

rodeios e levava os tombos mais divertidos com sua determinação de conseguir o melhor de si. Quando o vicariato pegou fogo, ele se distinguiu também pelo modo destemido como entrou no prédio várias vezes para salvar alguns pertences, depois que os bombeiros locais já tinham dado o caso por encerrado, qualificando-o de impossível. Assim, John Douglas, da Casa Senhorial, em cinco anos tinha uma boa reputação em Birlstone.

Sua esposa também era popular entre as pessoas com as quais se dava, embora, segundo o costume inglês, as visitas a estrangeiros que chegassem sem apresentações fossem raras. Isso não importava muito a ela, já que escolhera aquele vilarejo por vontade própria e estava muito absorvida, segundo as aparências, no marido e na vida doméstica. Sabia-se que ela era uma dama inglesa que conhecera o sr. Douglas em Londres, que era viúvo naquele tempo. Ela era uma mulher linda, alta, morena e elegante, cerca de vinte anos mais jovem que o marido; uma diferença que não parecia estragar a alegria da vida conjugal. Mas as pessoas que os conheciam melhor observaram algumas vezes que a confiança entre ambos não parecia completa, já que a esposa era muito reticente sobre o passado do marido ou, o que era mais provável, não o conhecia a fundo. Algumas pessoas mais observadoras já haviam percebido e comentado que a sra. Douglas tinha alguns sinais de doença nervosa e que demonstrava uma grande inquietação se o marido demorasse a voltar para casa. Num lugarejo calmo, onde qualquer mexerico é bem-vindo, essa fraqueza da senhora da Casa Senhorial não passou despercebida e tornou-se mais viva ainda na memória de todos quando ocorreram certos fatos que deram a esse comportamento um significado especial.

Havia ainda uma outra pessoa que morava naquela casa, embora não em caráter permanente, mas cuja presença ali na época dos estranhos acontecimentos que serão narrados trouxe seu nome a público de forma muito notória. Era Cecil James Barker, de Hales Lodge, Hampstead. Sua figura alta e meio desconjuntada já era conhecida na rua principal de Birlstone, porque ele era um visitante frequente e bem-vindo na Casa Senhorial. Ele era mais notado ainda por ser o único amigo do passado desconhecido do sr. Douglas a frequentar sua nova casa inglesa. Barker era sem dúvida alguma um inglês, mas por certas observações suas ficava claro que conhecera Douglas na América e que ali tinham sido amigos íntimos. Ele parecia ser um homem rico, e diziam que era solteiro. Em termos de

idade, era mais moço que Douglas, no máximo 45 anos; alto, elegante e de peito largo, o rosto bem barbeado e com um certo ar de pugilista, sobrancelhas grossas e pretas, e olhos negros dominadores que poderiam, mesmo sem a ajuda das mãos fortes, abrir caminho no meio de uma multidão hostil. Ele não montava a cavalo nem caçava, mas passava os dias caminhando pelo velho vilarejo com o cachimbo na boca, ou andando de charrete com seu anfitrião, ou, na ausência deste, com a esposa dele, percorrendo toda aquela linda região. “Um cavalheiro tranquilo, generoso”, dizia Ames, o mordomo. “Mas eu não gostaria de ter que enfrentá-lo.” Ele era cordial e íntimo com Douglas e não menos cordial com sua esposa, uma amizade que por mais de uma vez pareceu provocar certa irritação no marido, de tal modo que até mesmo os empregados podiam perceber a irritação dele. Esta era a terceira pessoa que estava na família quando a catástrofe ocorreu. Quanto aos demais residentes da velha casa, basta citar, entre a criadagem, o empertigado, respeitável e capaz Ames, e a sra. Allen, uma pessoa alegre e jovial que ajudava a senhora em algumas tarefas domésticas. Os outros seis empregados da casa não têm qualquer relação com os acontecimentos de 6 de janeiro.

Foi às 23h45 que o primeiro alarme chegou à pequena delegacia de polícia local, sob o comando do sargento Wilson, do destacamento de Sussex. O sr. Cecil Barker, muito excitado, correra até a porta e tocara o sino violentamente. Uma terrível tragédia ocorrera na Casa Senhorial, e o sr. John Douglas tinha sido assassinado. Esse era o conteúdo de sua mensagem aflita. Ele voltara correndo para a casa, seguido logo depois pelo sargento, que chegara ao local do crime um pouco depois da meia-noite, após tomar as providências necessárias para avisar às autoridades do condado que algo de grave estava ocorrendo.

Ao chegar à Casa Senhorial, o sargento encontrou a ponte abaixada, as janelas abertas e toda a casa num estado de completa confusão e agitação. Os criados, pálidos, estavam todos juntos no hall e o assustado mordomo, com as mãos agitadas, aguardava na entrada. Somente Cecil Barker parecia manter o autocontrole e dominar suas emoções. Abrira a porta que ficava mais perto da entrada e fizera sinal para o sargento segui-lo. Nesse instante, chegou o dr. Wood, o jovial e competente clínico geral do vilarejo. Os três homens entraram no local da tragédia ao mesmo tempo, enquanto o

horrorizado mordomo os seguiu para fechar a porta e evitar que as criadas vissem a cena terrível.

O morto estava estendido de costas, com os membros esticados, no centro do escritório. Estava vestido apenas com um roupão rosado, que encobria suas roupas de dormir. Havia chinelos de feltro nos seus pés descalços. O médico ajoelhou-se ao lado dele e aproximou o abajur que estava na mesa. Uma olhada na vítima foi o suficiente para mostrar ao doutor que sua presença era dispensável. O homem fora atingido violentamente. Ao lado do seu peito, estava uma arma curiosa, uma espingarda com os canos serrados perto dos gatilhos. Estava claro que fora disparada de perto, e que ele recebera o tiro no rosto, reduzindo a cabeça quase a pó. Os gatilhos tinham sido amarrados, de modo que o disparo simultâneo fosse mais destruidor.

O policial estava nervoso e preocupado com a tremenda responsabilidade que caíra sobre ele de repente.

— Não vamos tocar em nada até meus superiores chegarem — ele disse com a voz abafada, olhando aterrorizado para aquela cabeça mutilada.

— Não se tocou em nada até agora — disse Cecil Barker. — Eu me responsabilizo por isso. Os senhores encontraram tudo exatamente como estava.

— Quando aconteceu? — O sargento apanhara seu caderno de anotações.

— Logo depois das 23h30. Eu ia começar a me trocar, ainda estava sentado no quarto, junto à lareira, quando ouvi o estampido. Não foi muito alto; parecia ter sido abafado. Eu corri logo. Acho que cheguei aqui em menos de trinta segundos.

— A porta estava aberta?

— Sim, estava aberta. O coitado do Douglas estava estirado, assim como os senhores veem agora. A vela que ele trouxera para o escritório estava na mesa. Eu acendi as luzes pouco depois.

— O senhor não viu ninguém?

— Não. Ouvi a sra. Douglas descendo a escada atrás de mim, e corri para evitar que ela se deparasse com esse espetáculo chocante. A sra. Allen, a governanta, chegou e levou-a dali. Ames já tinha chegado também e voltamos ao escritório.

— Mas tenho certeza de ter ouvido que a ponte ficava suspensa a noite toda.

— Sim, estava levantada até que eu a descesse.

— Então como um assassino poderia ter fugido? É impossível. O sr. Douglas deve ter se matado.

— Essa foi a nossa primeira ideia. Mas veja bem. — Barker abriu a cortina e mostrou que a grande janela, em forma de diamante, estava totalmente aberta. — E veja isso. — Ele levantou o abajur e mostrou uma marca de sangue que parecia a pegada de alguém sobre o parapeito de madeira. Alguém pisou aqui na hora da fuga.

— O senhor quer dizer que alguém conseguiu atravessar o fosso?

— Exatamente.

— Então, se o senhor chegou ao quarto em menos de meio minuto depois do crime, essa pessoa ainda devia estar na água nessa hora.

— Não duvido disso. Por Deus, como eu gostaria de ter chegado até a janela. Mas a cortina estava fechada, como podem ver, de modo que não me passou pela cabeça. Então ouvi os passos da sra. Douglas, e não podia deixá-la entrar no quarto. Seria muito penoso para ela.

— Horrível mesmo! — disse o médico, olhando a cabeça espatifada e as terríveis marcas em volta. — Nunca vi nada assim desde aquele acidente ferroviário de Birlstone.

— Mas escute — observou o sargento, que com seu jeito lento e rude ainda estava com a mente voltada para a janela aberta. — Está bem que o senhor diga que um homem fugiu atravessando o fosso, mas o que eu pergunto é: como ele conseguiu entrar na casa se a ponte estava suspensa?

— Ah, esse é o problema — disse Barker.

— A que horas ela foi levantada?

— Por volta das seis da tarde — disse Ames, o mordomo.

— Eu tinha informações de que ela era suspensa ao pôr do sol. Isso quer dizer por volta de 16h30, e não às 18h, nesta época do ano — disse o sargento.

— O sr. Douglas teve visitas para o chá — disse Ames. — Só pude suspendê-la depois que todos foram embora. Então, eu mesmo a levantei.

— Então temos o seguinte — disse o sargento. — Se entrou alguém estranho, se é que entrou, deve ter passado pela ponte antes das 18 horas e se escondido, até que o sr. Douglas viesse para o quarto, depois das 23 horas.

— Exatamente. Todas as noites o sr. Douglas percorria tudo aí por fora antes de entrar para ver se as luzes estavam apagadas. Então ele entrou aqui. O homem estava esperando por ele e o atingiu. Depois fugiu pela janela, deixando a arma. É assim que eu vejo a coisa; nada vai se encaixar melhor.

O sargento apanhou um cartão que estava no chão, ao lado do morto. As iniciais V.V., e embaixo o número 341, estavam rabiscados a tinta.

— O que é isto? — perguntou. Barker olhou com curiosidade.

— Não o tinha visto ainda — disse ele. — O assassino deve tê-lo deixado aí.

— V.V. 341. Isso não me diz nada.

O sargento ficou virando o cartão entre seus dedos compridos.

— O que é V.V.? Talvez as iniciais de alguém. O que o senhor encontrou aí, dr. Wood?

Era um martelo grande que estava sobre o tapete em frente à lareira. Um martelo bem grande e bem-acabado. Cecil Barker apontou para uma caixa de metal que estava sobre o consolo da lareira.

— O sr. Douglas estava mudando os quadros de lugar ontem — disse ele. — Eu mesmo o vi sobre aquela cadeira colocando o quadro na parede. Isso explica a presença do martelo.

— É melhor colocarmos o martelo novamente sobre o tapete onde o encontramos — disse o sargento, coçando a cabeça com uma expressão intrigada. — Vamos precisar das melhores cabeças da polícia para desvendar tudo. Vamos precisar da ajuda de Londres. — Ele levantou o abajur e caminhou lentamente pelo quarto. — Ei! — ele gritou com a voz excitada, puxando as cortinas para um dos lados. — A que horas essas cortinas foram puxadas?

— Quando as lâmpadas foram acesas — disse o mordomo. — Devia passar um pouco das quatro horas.

— Alguém esteve escondido aqui, tenho certeza. — Ele aproximou o abajur e as marcas de sapatos enlameados ficaram visíveis no canto da parede. — Estou achando que isso confirma a sua teoria, sr. Barker. Parece que o homem entrou na casa depois das quatro horas, quando as cortinas já estavam puxadas; e antes das seis, quando a ponte foi suspensa. Ele entrou nesse cômodo porque foi o primeiro que encontrou. Não havia outro lugar em que pudesse se esconder, de modo que se enfiou atrás das cortinas. Tudo

agora parece claro. É provável que sua ideia principal fosse assaltar a casa, mas o sr. Douglas apareceu, e então ele o matou e fugiu.

— É assim que vejo a coisa — disse Barker. — Mas não estamos perdendo minutos preciosos? Não podemos começar a vasculhar o país antes que o sujeito desapareça?

O sargento ficou pensativo por um momento.

— Não há trem antes das seis da manhã, de modo que ele não pode fugir de trem. Se for pela estrada a pé, com as pernas molhadas, com toda certeza alguém vai estranhar. De qualquer modo, não posso sair daqui até que seja dispensado. E acho que nenhum dos senhores deve sair antes que examinemos mais atentamente tudo isso.

O médico pegou o abajur e estava examinando o corpo mais detidamente.

— Que marcas são essas? — ele perguntou. — Podem ter alguma relação com o crime?

O braço direito do morto estava para fora do roupão, exposto até o cotovelo. Na metade do antebraço, havia um curioso desenho marrom, um triângulo dentro de um círculo, destacando-se vividamente na pele pálida do cadáver.

— Não é tatuagem — disse o médico, examinando com sua lente. Nunca vi nada igual. Ele é marcado a ferro, como se faz com o gado. O que significa isso?

— Admito que não sei dizer, mas já vi essa marca em Douglas certa vez nos últimos dez anos — respondeu Cecil Barker.

— Eu também — disse o mordomo. — Muitas vezes quando o senhor arregaçava a manga eu percebia essa marca. Sempre fiquei imaginando o que poderia ser.

— Então isso não tem nada a ver com o crime — disse o sargento. — Mesmo assim é muito estranho. Tudo neste caso é estranho. Sim, o que é isso agora?

O mordomo soltara um grito de espanto, e estava apontando para a mão estendida do morto.

— Levaram a aliança dele! — ele disse, ofegante.

— O quê?

— Sim, é verdade! O patrão sempre usava a aliança de ouro maciço no dedo mínimo da mão esquerda. Aquele anel de pedra ficava sobre ela, e o

anel com a cobra enrolada, no terceiro dedo. O anel de pedra e o da cobra estão aí, mas a aliança desapareceu.

— Ele tem razão — disse Barker.

— O senhor disse que o anel de pedra ficava sobre a aliança? — perguntou o sargento.

— Sempre!

— Então o assassino, ou quem quer que tenha sido, primeiro tirou este anel que o senhor chama de anel de pedra, depois a aliança, e por fim pôs o anel de pedra no lugar outra vez.

— Exatamente.

O policial sacudiu a cabeça.

— Acho que, quanto antes chamarmos Londres para cuidar do caso, melhor — disse ele. — White Mason é um homem esperto. Jamais deixou de resolver sozinho um caso local. Não vai demorar muito para que ele chegue e nos ajude. Mas acho que teremos de chamar Londres. De qualquer modo, não me envergonho de dizer que isso é demais para o meu gosto.

4

TREVAS

Às três da madrugada, o detetive-chefe de Sussex, atendendo ao chamado urgente do sargento Wilson, de Birlstone, chegara à mansão numa pequena carruagem puxada por um cavalo resfolegante. Pelo trem das 5h40 da manhã ele enviara sua mensagem à Scotland Yard e ao meio-dia estava na estação ferroviária de Birlstone esperando por nós. O sr. White Mason era um homem tranquilo, bem-apessoado, que usava um terno largo de *tweed*; tinha o rosto corado bem barbeado, o físico robusto, as pernas musculosas muito ágeis e enfiadas em polainas, parecendo um fazendeiro, um guarda-caça aposentado ou qualquer outra coisa, menos um destacado policial de província.

— Temos aí um caso dos grandes, sr. MacDonald — ele ficou repetindo. — Os jornalistas vão ficar em cima de nós feito moscas quando descobrirem isso. Espero que possamos terminar nosso trabalho antes que eles metam o nariz na história e atrapalhem nossas pistas. Não me lembro de nada parecido com esse caso. Há coisas que vão lhe interessar, sr. Holmes. Tenho certeza. E ao senhor também, dr. Watson, porque os médicos darão sua palavra antes de terminarmos. Os senhores ficarão no Westville Arms. Não há outro lugar, mas ouvi dizer que é muito limpo e confortável. O rapaz levará suas bagagens. Por aqui, cavalheiros, por favor.

Um sujeito muito ágil e delicado, esse detetive de Sussex. Em dez minutos todos nós tínhamos nos instalado em nossos quartos. Dez minutos depois já estávamos sentados na sala de estar da hospedaria e ouvíamos um resumo dos fatos que foram mencionados no capítulo anterior. MacDonald de vez em quando fazia uma anotação, enquanto Holmes estava atento, com

a expressão de surpresa e admiração reverente de um botânico a examinar uma flor rara e preciosa.

— Notável! — ele disse quando a história terminou. — Notável mesmo! Não consigo me lembrar de nenhum caso em que as características fossem mais estranhas.

— Achei mesmo que o senhor iria dizer isso, sr. Holmes — comentou White Mason com satisfação. — Estamos bem avançados em Sussex. Contei-lhes os fatos até a hora em que assumi o controle, depois do sargento Wilson, entre três e quatro horas. Na verdade, fiz a coisa evoluir um pouco! Mas eu não precisava ter vindo com tanta pressa, pois não havia nada de imediato que eu pudesse fazer. O sargento Wilson tinha apurado os fatos. Eu verifiquei tudo, avaliei bem e acrescentaria alguma coisa.

— E o que seria? — Holmes perguntou, ansioso.

— Bem, em primeiro lugar, examinei o martelo. O dr. Wood estava lá para me ajudar. Não encontramos marcas de violência nele. Pensei que, se o sr. Douglas tivesse se defendido com o martelo, poderia ter feito marcas no assassino antes de deixá-lo no tapete. Mas não havia mancha alguma.

— Isso, na verdade, não prova nada — observou o inspetor MacDonald. — Já houve muitos assassinatos com martelo sem haver marcas nele.

— Exatamente. Não prova que ele não tenha sido usado. Mas poderia haver manchas, e isso nos teria ajudado. Na verdade, não havia nada. Então examinei a arma. Eram cartuchos de chumbo grosso e, como observou o sargento Wilson, os gatilhos estavam amarrados um no outro de modo que, puxando-se a ponta de um, os dois canos disparavam. Quem preparou isso estava decidido a não deixar a vítima com vida. O cano serrado não tinha mais de sessenta centímetros de comprimento; a arma podia ser facilmente escondida debaixo de um casaco. Não havia o nome completo do fabricante, mas as letras P, E e N impressas entre os dois canos e o resto do nome cortado pela serra.

— Um P grande, floreado em cima, o E e o N menores? — Holmes perguntou.

— Exatamente.

— Pennsylvania Small Arms Company. É uma firma americana muito conhecida — disse Holmes.

White Mason olhou para o meu amigo do mesmo jeito como o clínico geral de um vilarejo contempla o especialista da Harley Street que, apenas

com uma palavra, pode resolver as dificuldades que o deixam perplexo.

— Isso é muito útil, sr. Holmes. Não há dúvida de que o senhor está certo. Maravilhoso! Maravilhoso! O senhor sabe de cor o nome de todos os fabricantes de armas do mundo?

Holmes cortou o assunto abanando a cabeça.

— Não há dúvida de que é uma espingarda americana — continuou White Mason. — Acho que eu li alguma coisa dizendo que a espingarda de cano serrado é a arma usada em algumas regiões da América. Fora o nome inscrito no cano, essa ideia tinha me ocorrido. Há um indício, então, de que o homem que entrou na casa e matou seu proprietário seja americano.

MacDonald sacudiu a cabeça.

— Espere, o senhor está se adiantando muito — ele disse. — Ainda não vi nenhuma prova de que um estranho tivesse entrado na casa.

— A janela aberta, o sangue no peitoril, o estranho cartão, marcas de sapato no canto do quarto, a arma.

— Nada que não pudesse ter sido forjado. Douglas era americano, ou morou muito tempo na América. O sr. Barker também. Não é preciso importar um americano para ter procedimentos americanos.

— Ames, o mordomo...

— O que tem ele? É de confiança?

— Dez anos com o sr. Charles Chandos. Íntegro como uma rocha. Estava com Douglas desde que ele comprou a Casa Senhorial, há cinco anos. Ele nunca viu uma arma desse tipo na casa.

— A arma foi feita para ficar escondida. Por isso os canos foram serrados. Caberia em qualquer caixa. Como ele poderia afirmar que não havia uma arma assim na casa?

— Bem, de qualquer modo, ele jamais tinha visto algo assim.

MacDonald abanou sua obstinada cabeça escocesa.

— Ainda não estou convencido de que alguém tenha entrado na casa — disse ele. — Peço aos senhores que analisem — seu sotaque de Aberdeen tornara-se mais acentuado ao expor seu argumento. — Peço aos senhores que analisem o que significa supor que a arma não estava na casa e que todas essas coisas estranhas tenham sido praticadas por alguém de fora. Ora, é inconcebível! Não faz sentido. Gostaria de ouvi-lo, sr. Holmes, com base no que foi dito até aqui.

— Bem, exponha sua ideia, sr. Mac — disse Holmes, no seu modo mais formal.

— O homem não era um ladrão, supondo-se que ele existe. A questão do anel e do cartão sugerem assassinato premeditado por algum motivo particular. Muito bem. Então temos um homem que se enfia numa casa com a intenção deliberada de cometer um assassinato. Ele sabe, se é que sabe alguma coisa, que terá dificuldades para fugir, já que a casa é cercada de água. Que arma ele escolheria? Os senhores diriam que a mais silenciosa do mundo. Assim ele poderia esperar, depois que tudo estivesse terminado, escapar pela janela rapidamente, transpor o fosso e fugir. Isso é compreensível. Mas é compreensível que ele traga a mais barulhenta das armas que poderia escolher, sabendo que ela faria com que qualquer pessoa que estivesse na casa corresse para o local do tiro o mais depressa possível e que talvez ele fosse visto antes que conseguisse atravessar o fosso? É verossímil, sr. Holmes?

— Bem, o senhor colocou a questão de modo muito drástico — respondeu meu amigo, pensativo. — Isso precisa de uma boa justificativa. Posso saber, sr. White Mason, se o senhor examinou o outro lado do fosso logo que chegou, para ver se havia sinais de que alguém saíra por ali?

— Não havia nenhum sinal, sr. Holmes. Mas a borda do fosso é de pedra. Não se pode descobrir muita coisa.

— Nenhuma pista ou sinal?

— Nada.

— Bem... Haveria alguma objeção, sr. White Mason, à nossa ida até a casa agora? Talvez haja algum detalhe sugestivo.

— Eu ia propor exatamente isso, sr. Holmes, mas achei conveniente que estivessem a par dos fatos antes. Imagino que as cenas choquem o senhor... — White Mason olhou com hesitação para o amador.

— Já trabalhei com o sr. Holmes antes — disse o inspetor MacDonald. — Ele sabe como agir.

— Mas ajo do meu modo — disse Holmes, sorrindo. — Entro num caso para auxiliar a justiça e o trabalho da polícia. Se alguma vez me afastei das autoridades constituídas foi porque elas se afastaram de mim primeiro. Nunca tive a intenção de sobrepujar ninguém. Porém, sr. White Mason, reivindico o direito de trabalhar à minha maneira e de revelar meus resultados quando achar que devo: de uma só vez, e não por etapas.

— Garanto que estamos honrados com sua presença e em lhe mostrar tudo que sabemos — disse White Mason cordialmente. — Venha também, dr. Watson, e, quando chegar a hora, todos nós esperamos um lugarzinho no seu livro.

Descemos a pitoresca rua do vilarejo com olmos podados dos dois lados. Logo adiante ficavam duas antigas pilastras de pedra, manchadas pelo tempo, que tinham no topo algo meio disforme, que outrora fora o feroz leão de Capus de Birlstone. Uma curta caminhada tendo ao redor tanto gramado e carvalhos quanto só se consegue ver nas regiões rurais da Inglaterra; depois uma súbita volta, e a casa grande e baixa ao estilo de James I, feita em tijolo pardo, surge diante de nós com o antiquado jardim, de teixos cortados, nos dois lados. Quando nos aproximamos, vimos a ponte levadiça de madeira e o fosso bonito e largo, tão calmo e luminoso quanto o mercúrio na fria claridade do inverno. Três séculos vividos pela Casa Senhorial, séculos de nascimentos e chegadas, de danças e de encontros de caçadores. Estranho que agora, após tantos anos, este caso misterioso tenha lançado suas sombras sobre as paredes veneráveis. Mas aqueles telhados pontiagudos e as arestas estranhamente projetadas para fora eram um teto adequado para ciladas repugnantes e terríveis. Quando olhei as janelas, que pareciam afundadas em toda aquela estrutura, e a frente externa da casa desbotada e cercada de água, senti que não haveria cenário melhor para uma tragédia como esta.

— Aquela é a janela — disse White Mason. — Aquela, logo à direita da ponte. Está aberta, do mesmo jeito como foi encontrada ontem à noite.

— Parece estreita para um homem passar.

— Bem, certamente não era um gordo. Não precisamos de suas deduções para nos dizer isso, sr. Holmes. Mas tanto o senhor quanto eu poderíamos passar por ela muito bem.

Holmes foi até a margem do fosso e olhou para o outro lado. Então, examinou a borda de pedra e a grama em volta.

— Já dei uma boa olhada, sr. Holmes — disse White Mason. — Não há nada lá, nenhum sinal de que alguém tenha passado por ali. E por que deveria o assassino deixar algum sinal?

— Exatamente. Por que deveria deixar algum sinal? A água está sempre turva?

— Geralmente está desta cor. A correnteza traz o barro.

— Qual a profundidade?

— Cerca de meio metro dos lados e um metro no meio.

— Então podemos afastar a ideia de o homem ter se afogado ao atravessar?

— Sim. Nem uma criança se afogaria aí.

Atravessamos a ponte e fomos recebidos por um homem esquisito, velho, desanimado: o mordomo, Ames. O pobre velho estava pálido e trêmulo devido ao choque. O sargento do vilarejo, um homem alto, formal, com ar melancólico, ainda permanecia em vigília no local do crime. O médico fora embora.

— Algum fato novo, sargento Wilson? — perguntou White Mason.

— Não, senhor.

— Então pode ir embora. Você já fez o suficiente. Mandaremos chamá-lo se precisarmos de você. O mordomo ficou lá fora. Diga a ele para avisar ao sr. Cecil Barker, à sra. Douglas e à governanta que precisamos falar com eles. Agora, senhores, permitam-me que lhes dê a minha opinião primeiro, e depois poderão chegar às suas próprias conclusões.

Ele me impressionou, esse policial interiorano. Ele mantinha um bom controle da situação e possuía a mente sensata, clara, calma, que devia ajudá-lo em sua profissão. Holmes o ouvia atentamente, sem demonstrar aquela impaciência que um representante oficial costumava despertar nele.

— Suicídio ou assassinato? Esta é nossa primeira pergunta, senhores. Não é? Se foi suicídio, então temos de acreditar que esse homem começou por retirar sua aliança e escondê-la; que depois ele desceu até aqui, vestido com o roupão, pisou com os sapatos cheios de lama no canto do quarto, atrás da cortina, abriu a janela, pôs sangue no...

— Com certeza podemos rejeitar essa ideia — disse MacDonald.

— Eu também acho. Suicídio está fora de cogitação. Então houve um assassinato. O que temos de determinar é se ele foi praticado por algum estranho ou por alguém que se achava na casa.

— Bem, vamos ouvir a argumentação.

— Há muitas dificuldades em ambos os casos, mas deve ser uma das duas hipóteses. Vamos supor primeiro que o crime foi cometido por uma pessoa, ou pessoas, da casa. Trouxeram o homem aqui para baixo numa hora em que tudo estava quieto, embora ninguém estivesse dormindo. Então fizeram o serviço com a arma mais estranha e barulhenta do mundo, de

forma a anunciar a todos o que acontecera, uma arma que não fora vista na casa antes. Isso não parece um início muito provável, certo?

— Realmente não parece.

— Muito bem. Então todos concordam que após ter sido dado o alarme passou-se apenas um minuto, no máximo, antes que todos, não apenas o sr. Cecil Barker sozinho, embora ele diga ter sido o primeiro, mas também Ames e os demais, chegassem ao local. Os senhores acreditam que nesse tempo o responsável pelo crime tenha tido condições de forjar as marcas de sapato no canto do quarto, abrir a janela, deixar o sinal de sangue no parapeito, tirar a aliança do dedo do morto e todo o resto? É impossível!

— O senhor expôs tudo de modo muito claro — disse Holmes. — Estou inclinado a concordar com o senhor.

— Muito bem. Voltamos, então, à teoria de que o crime foi cometido por alguém de fora. Ainda temos de encarar algumas dificuldades bem grandes, mas, de qualquer modo, não são impossíveis. O homem entrou na casa entre 16h30 e 19h; quer dizer, entre o anoitecer e a hora em que a ponte foi erguida. Algumas visitas tinham estado aqui e a porta ficara aberta, de modo que não havia como evitar sua entrada. Ele podia ser um assaltante comum ou podia ter alguma coisa específica contra o sr. Douglas. Já que o sr. Douglas passou a maior parte da vida na América, e essa espingarda parece ser uma arma americana, poderia parecer que a desavença pessoal é a teoria mais provável. Ele entrou nesse cômodo porque era o primeiro, e escondeu-se atrás da cortina. Ficou ali até depois das 23 horas. Nessa hora o sr. Douglas entrou no quarto. Foi um encontro rápido, se é que houve encontro, pois a sra. Douglas afirma que seu marido saíra do lado dela alguns minutos antes de ouvir o disparo.

— A vela comprova isso — disse Holmes.

— Exatamente. A vela, que era nova, só foi queimada um pouco. Ele deve tê-la colocado na mesa antes de ser atacado, pois do contrário, logicamente, ela teria caído quando ele tombou. Isso mostra que ele não foi atacado no momento em que entrou no quarto. Quando o sr. Barker chegou, a lâmpada estava acesa e a vela, apagada.

— Está tudo muito claro.

— Bem, agora podemos reconstituir os fatos com base nisso. O sr. Douglas entra no quarto. Coloca a vela na mesa. Aparece um homem que estava atrás da cortina. Ele está armado com essa espingarda. Pede a

aliança, só Deus sabe por quê, mas deve ter sido assim. O sr. Douglas atendeu. Depois, ou a sangue-frio ou durante uma luta, Douglas pode ter apanhado o martelo que foi achado sobre o tapete; ele matou Douglas desse modo horrível. Deixou a arma cair e também, ao que tudo indica, este estranho cartão (“V.V. 341”, seja lá o que isso signifique), fugiu pela janela e atravessou o fosso no mesmo instante em que Cecil Barker descobria o ocorrido. O que acha disso, sr. Holmes?

— Muito interessante, mas pouco convincente.

— Ora, seria uma coisa muito absurda se fosse desse jeito. Deve ter acontecido algo pior — exclamou MacDonald. — Alguém matou o homem, e quem quer que tenha sido, posso provar com facilidade que essa pessoa deve ter agido de outra maneira. O que ele queria deixando que sua fuga fosse dificultada desse jeito? O que ele queria usando uma espingarda quando o silêncio era sua única chance de escapar? Vamos, sr. Holmes, cabe ao senhor nos dar uma pista, já que o senhor diz que a teoria do sr. White Mason não é convincente.

Holmes ficara sentado, observando tudo com atenção, durante esta longa exposição, não perdendo uma palavra dita, com seus olhos penetrantes movendo-se para a direita e para a esquerda e a testa franzida, sinal de que estava refletindo sobre tudo aquilo.

— Eu gostaria de saber mais alguma coisa antes de chegar ao ponto de formular uma teoria, sr. Mac — ele disse, ajoelhando-se ao lado do cadáver. — Puxa! Que estado lastimável. Podemos mandar o mordomo entrar por um minuto?... Ames, imagino que você tenha visto várias vezes essa estranha marca feita a ferro quente no braço do sr. Douglas, o triângulo dentro do círculo.

— Frequentemente, senhor.

— Você nunca ouviu nenhum comentário sobre o significado dela?

— Não, senhor.

— Ela deve ter causado muita dor na hora em que foi feita. É sem dúvida uma queimadura. Agora, observe bem, Ames, que há um pequeno curativo no queixo do sr. Douglas. Você tinha notado isso quando ele ainda estava vivo?

— Sim, senhor. Ele havia se cortado ontem de manhã ao fazer a barba.

— Você se lembra de ele ter se cortado outras vezes ao se barbear?

— Há muito tempo que não acontecia.

— Sugestivo! — disse Holmes. — É claro que pode ser mera coincidência, ou pode revelar um certo nervosismo que indicaria então que ele tinha motivos para temer o perigo. Você percebeu alguma coisa de anormal na conduta dele durante o dia de ontem, Ames?

— Tive a impressão de que ele estava um pouco impaciente e agitado, senhor.

— Hum! O ataque pode não ter sido totalmente inesperado. Parece que avançamos um pouco, não? Talvez o senhor devesse fazer o interrogatório, sr. Mac...

— Não, sr. Holmes. O assunto está em boas mãos.

— Bem, então passemos a este cartão... “V.V. 341.” É um papelão grosseiro. Existe algum papelão deste tipo na casa?

— Acho que não.

Holmes atravessou o cômodo, foi até a escrivaninha e derramou um pouquinho de tinta de cada um dos dois vidros num mata-borrão.

— Isso não foi escrito aqui — disse ele. — Esta tinta é preta e a outra é vermelha. Isso foi escrito com uma caneta de ponta grossa, e essas são de ponta fina. Não, isso foi escrito em outro lugar, é o que eu diria. Você tem alguma ideia disso que está escrito, Ames?

— Não, senhor. Não.

— O que acha, sr. Mac?

— Me dá a impressão de algum tipo de sociedade secreta. A mesma deste símbolo marcado no braço dele.

— Essa é a minha opinião também — disse White Mason.

— Bem, podemos admitir isso como uma hipótese e ver se conseguimos alguma coisa desse modo. Um agente dessa tal sociedade entra na casa, espera o sr. Douglas, quase arranca sua cabeça com essa arma e foge pelo fosso, deixando um cartão ao lado do morto que, quando a notícia for publicada nos jornais, mostrará aos outros membros da sociedade que a vingança foi cumprida. Tudo se encaixa. Mas por que essa arma?

— Exatamente.

— E por que roubar a aliança?

— Isso mesmo.

— E por que nenhuma prisão foi feita ainda? Já passa das duas da tarde. Parto do princípio de que, desde o amanhecer, todos os policiais, num raio

de cinquenta quilômetros, estão tentando encontrar um homem estranho que esteja molhado.

— Está certo, sr. Holmes.

— Bem, a menos que ele tenha um esconderijo aqui perto, ou uma muda de roupas à sua espera em algum lugar, vai ser difícil não agarrá-lo. E mesmo assim ainda *não* o agarraram até agora. — Holmes se dirigira para a janela e estava examinando com sua lente a marca de sangue sobre o peitoril. — É realmente a marca de uma sola de sapato. É muito larga. Pode-se dizer que é um pé chato. É curioso, porque a marca de lama do canto da parede revela uma sola de alguém que não tem pé chato. Mas essas marcas não são muito precisas. O que é isso debaixo dessa mesinha?

— Os halteres do sr. Douglas — disse Ames.

— Halteres? Só há um. Onde está o outro?

— Não sei, sr. Holmes. Talvez fosse só um mesmo. Há muito tempo que eu não o via.

— Um halter... — Holmes disse, sério, mas sua observação foi interrompida por uma vigorosa batida na porta. Um homem alto, queimado de sol, aparência de competente, bem barbeado, olhou para nós. Não tive dificuldade em imaginar que era Cecil Barker, de quem eu já ouvira falar. Seus olhos penetrantes movimentavam-se rapidamente, com um olhar inquisidor, de um rosto a outro.

— Desculpem interromper a conversa, mas há uma novidade — disse ele.

— Prenderam alguém?

— Não é algo tão bom assim. Mas encontraram a bicicleta dele. Ele deixou a bicicleta e fugiu. Venham ver. Está perto da porta de entrada.

Encontramos alguns curiosos, uns a cavalo, outros a pé, olhando uma bicicleta que fora retirada de uma moita onde estava escondida. Era uma Rudge-Whitworth toda suja, dando a impressão de que fizera uma longa viagem. Havia um alforje com uma chave de parafusos e uma latinha de óleo dentro, mas nenhuma pista quanto ao seu proprietário.

— Seria de grande ajuda para a polícia se todas essas coisas fossem numeradas e registradas — disse o inspetor. — Mas devemos ficar gratos pelo que temos. Se não podemos descobrir para onde ele foi, pelo menos é provável que saibamos de onde veio. Mas, em nome do que é mais sagrado,

por que esse sujeito deixou a bicicleta aqui? E como ele foi embora sem ela? Não temos nenhuma luz neste caso, sr. Holmes.

— Não? — disse meu amigo, pensativo. — Estou vendo!

5

OS PERSONAGENS DO DRAMA

— JÁ VIRAM TUDO QUE QUERIAM NO ESCRITÓRIO? — perguntou White Mason quando voltamos à casa.

— Por enquanto sim — disse o inspetor, e Holmes assentiu.

— Então, talvez agora os senhores gostassem de ouvir o depoimento de algumas pessoas da casa. Podemos usar a sala de jantar, Ames. Por favor, você será o primeiro. Diga o que sabe.

O relato do mordomo foi simples e claro, e deu uma impressão de sinceridade. Ele fora contratado havia cinco anos, na primeira vez em que o sr. Douglas veio a Birlstone. Sabia que o sr. Douglas era rico e que fizera fortuna na América. Ele sempre fora um patrão amável e atencioso, não do tipo ao qual Ames estava acostumado, mas não se pode ter tudo. Ele jamais vira algum sinal de apreensão no sr. Douglas; ao contrário, ele era o mais destemido dos homens que conhecera. Ele havia ordenado que a ponte levadiça fosse suspensa toda noite porque era um antigo costume da velha casa. E ele gostava de conservar os costumes antigos. O sr. Douglas raramente ia a Londres ou saía do vilarejo, mas no dia anterior ao crime estivera fazendo compras em Tunbridge Wells. Ele, Ames, havia observado certa inquietação e nervosismo por parte do sr. Douglas naquele dia, pois ele parecia impaciente e irritável, o que não era seu estado normal. Ele não havia ido se deitar naquela noite, mas estava na copa, que fica na parte de trás da casa, guardando as pratarias, quando ouviu o sino tocar de modo insistente. Não ouviu disparos, mas dificilmente ouviria, já que a copa e a cozinha ficam bem no fim da casa, e havia muitas portas fechadas e um longo corredor antes de chegar lá. A governanta saíra do seu quarto devido

ao toque insistente do sino. Eles foram até a frente da casa juntos. Quando chegaram ao pé da escada, viram a sra. Douglas descendo. Não, ela não estava correndo, não lhe pareceu que estivesse especialmente agitada. Quando ela chegou ao final da escada, o sr. Barker saiu correndo do escritório e pediu a ela que subisse novamente.

— Pelo amor de Deus, volte para o seu quarto! — ele gritou. — O coitado do Jack está morto. Não há nada a fazer. Pelo amor de Deus, suba!

Depois de ser convencida, a sra. Douglas subiu. Ela não gritou. Também não disse nada. A sra. Allen, a governanta, levou-a para cima e ficou com ela no quarto. Ames e o sr. Barker voltaram ao escritório, onde encontraram tudo exatamente como a polícia viu. A vela não estava acesa naquela hora, mas a lâmpada estava ligada. Olharam pela janela, mas a noite estava muito escura, e não puderam ver nem ouvir nada. Correram então para o hall, onde Ames acionou o maquinismo que baixava a ponte. O sr. Barker então correu para chamar a polícia.

Esse, em linhas gerais, foi o depoimento do mordomo.

O relato da sra. Allen, a governanta, foi, de certo modo, uma confirmação do que dissera seu colega. O quarto da governanta ficava mais perto da frente da casa do que a copa onde Ames estava trabalhando. Ela estava se preparando para deitar quando o toque da campainha despertou sua atenção. Sua audição era um pouco deficiente. Talvez por isso não tivesse ouvido o disparo, mas, de qualquer modo, o escritório ficava um pouco distante. Ela ouviu um som que imaginou ser o de uma porta batendo. Isso foi bem antes, pelo menos meia hora antes de o sino tocar. Quando o sr. Ames correu para a parte da frente da casa, ela foi com ele. Viu o sr. Barker, muito pálido e agitado, saindo do escritório. Ele interceptou a sra. Douglas, que estava descendo a escada. Ele lhe pediu que subisse novamente e ela disse alguma coisa, mas que não conseguiu ouvir.

— Leve-a para cima. Fique com ela! — ele dissera à sra. Allen.

Ela então levou-a para o quarto e procurou tranquilizá-la. A sra. Douglas estava muito agitada, com o corpo todo tremendo, mas não tentou descer novamente. Ela apenas se sentou diante da lareira do quarto, vestida com o roupão, e afundou a cabeça nas mãos. A sra. Allen ficou com ela a maior parte da noite. Quanto aos outros criados, todos já tinham ido dormir e só foram acordados pouco antes de a polícia chegar. Eles estavam dormindo na outra extremidade da casa e, com certeza, não puderam ouvir nada.

Essa foi a governanta, que não acrescentou nada no interrogatório, a não ser lamentações e manifestações de surpresa.

O sr. Barker falou depois da sra. Allen como testemunha. Quanto às ocorrências da noite anterior, ele tinha muito pouco a acrescentar ao que já dissera à polícia. Pessoalmente, ele estava convencido de que o assassino fugira pela janela. A mancha de sangue era conclusiva, na sua opinião, quanto a isso. Além do mais, já que a ponte estava suspensa, não havia outro modo de fugir. Não sabia explicar o que acontecera ao assassino ou por que não levara a bicicleta, se é que realmente era dele. Com toda a certeza não poderia ter-se afogado no fosso, que em nenhum ponto tinha mais de um metro de profundidade.

Ele tinha uma teoria definitiva sobre o assassinato. Douglas era um homem reservado, e havia algumas passagens de sua vida sobre as quais ele nunca falara. Emigrara da Irlanda para a América quando era muito jovem. Conseguira subir na vida, e Barker o conheceu na Califórnia, onde os dois se tornaram sócios numa próspera mineração, num lugar chamado Benito Canyon. Eles se saíram muito bem, mas Douglas de repente vendeu tudo e partiu para a Inglaterra. Ele era viúvo nessa época. Barker, posteriormente, já com dinheiro, veio morar em Londres. Desse modo, retomaram a amizade. Douglas dava-lhe a impressão de que havia algum perigo rondando sua cabeça e sempre pensava em sua súbita partida da Califórnia e no fato de ele ter uma casa num local tão tranquilo da Inglaterra como algo relacionado com esse perigo. Pensava que alguma sociedade secreta, alguma organização implacável estava na pista de Douglas, e que não se deteria até matá-lo. Algumas observações do outro deram-lhe esta impressão, embora nunca lhe tivesse dito que sociedade era nem de que modo ele a provocara. Ele só podia supor que a inscrição no cartão tinha alguma relação com essa sociedade secreta.

— Quanto tempo o senhor ficou com Douglas na Califórnia? — perguntou o inspetor MacDonald.

— Cinco anos ao todo.

— O senhor disse que ele era solteiro?

— Viúvo.

— O senhor sabia de onde era a primeira esposa dele?

— Não. Lembro-me de ele ter dito que ela era de origem alemã e cheguei a ver o retrato dela. Era uma mulher muito bonita. Ela morreu de febre

tifoide um ano antes de eu o conhecer.

— O senhor associa o passado dele a alguma região da América?

— Eu o ouvi falar de Chicago. Ele conhecia bem a cidade e havia trabalhado lá. Eu o ouvi falar das zonas de carvão e ferro. Ele viajou muito naquela época.

— Ele era político? Essa sociedade tem alguma coisa a ver com política?

— Não. Ele não ligava para política.

— O senhor tem algum motivo para pensar que essa sociedade seja ligada ao mundo do crime?

— Ao contrário. Nunca encontrei um homem mais correto em minha vida.

— Havia alguma coisa curiosa sobre a vida dele na Califórnia?

— Ele preferia trabalhar e ficar no nosso garimpo, lá no alto das montanhas. Jamais ia aos lugares em que os outros iam, se pudesse evitar. Foi por isso que pensei logo que alguém estava atrás dele. Depois, quando partiu tão repentinamente para a Europa, tive certeza de que era isso mesmo. Acredito que ele recebeu algum tipo de aviso. Uma semana depois que ele viajou, apareceram alguns homens perguntando por ele.

— Que tipo de homens?

— Bem, eram do tipo fortão. Chegaram ao garimpo e queriam saber onde ele estava. Eu disse que Douglas tinha ido para a Europa e que eu não sabia onde encontrá-lo. Eles não estavam com boas intenções. Quanto a isso, não tive dúvida.

— Eles eram americanos? Da Califórnia?

— Bem, não conheço muito bem o pessoal da Califórnia. Eles eram americanos, sim. Mas não eram mineiros. Não sei o que eram e fiquei muito feliz quando os vi pelas costas.

— Isso foi há seis anos?

— Quase sete.

— E o senhor e ele ficaram juntos cinco anos na Califórnia, de modo que esse negócio foi há mais de dez anos?

— Exatamente.

— Deve ter sido algo muito grave para esperar esses anos todos. Não deve ter sido uma coisa pequena.

— Acho que isso o acompanhou a vida inteira. Não deve ter saído nunca da cabeça dele.

— Mas, se um homem tinha um perigo rondando, e sabia do que se tratava, o senhor não acha que ele deveria pedir proteção à polícia?

— Talvez fosse um tipo de perigo contra o qual não pudesse ser protegido. Há uma coisa que o senhor precisa saber. Ele sempre andava armado. Seu revólver estava sempre no bolso. Mas, por falta de sorte, ele estava de roupão e deixara a arma no quarto, ontem à noite. Com a ponte erguida, ele deve ter achado que estava seguro.

— Eu gostaria de ter essas datas mais precisas — disse MacDonald. — Faz seis anos que Douglas saiu da Califórnia. O senhor viajou no ano seguinte, não foi?

— Exatamente.

— Ele estava casado havia cinco anos. O senhor deve ter chegado na época do casamento?

— Um mês antes. Eu era seu melhor amigo.

— O senhor conhecia a sra. Douglas antes do casamento?

— Não, não conhecia. Fiquei fora da Inglaterra durante dez anos.

— Mas esteve com ela muitas vezes depois. Barker olhou de modo severo para o detetive.

— Eu o vi muitas vezes depois — respondeu ele. — Se eu a vi foi porque não se pode visitar um homem sem deixar de conhecer sua esposa. Se o senhor acha que existe alguma ligação...

— Eu não acho nada, sr. Barker. Estou fazendo todas as perguntas que possam ajudar no caso. Mas não quero ofender ninguém.

— Algumas perguntas são ofensivas — Barker respondeu, irritado.

— Só queremos os fatos. É pelo seu interesse, e pelo interesse de todos, que eles devem ser esclarecidos. O sr. Douglas aprovava inteiramente sua amizade com a esposa dele?

Barker ficou mais pálido, e suas mãos grandes e musculosas estavam contraídas.

— O senhor não tem o direito de fazer uma pergunta dessas! — ele gritou. — O que isso tem a ver com o caso que o senhor está investigando?

— Vou repetir a pergunta.

— Recuso-me a responder.

— O senhor pode se recusar a responder, mas deve saber que sua recusa já é uma resposta, pois o senhor não se recusaria a responder se não tivesse nada a esconder.

Barker ficou imóvel por um momento, com o rosto contraído, perdido em reflexões. Depois ergueu os olhos, sorrindo.

— Bem, acho que os senhores estão fazendo apenas seu serviço, afinal de contas, e não tenho o direito de dificultar as coisas. Só pediria que os senhores não preocupassem a sra. Douglas com esse assunto, pois tudo o que houve já é demais. Posso dizer-lhes que o pobre do Jack só tinha um defeito na vida, e esse defeito era o ciúme. Ele gostava muito de mim; ninguém poderia gostar mais de um amigo. E era dedicado à sua esposa. Ele gostava que eu viesse aqui e estava sempre mandando me chamar. Mesmo assim, se a esposa dele e eu conversássemos ou se ele notasse alguma simpatia entre nós, era dominado por uma onda de ciúme e perdia a cabeça, dizendo as piores coisas do mundo. Mais de uma vez eu jurei nunca mais vir aqui por este motivo, mas então ele me enviava cartas arrependidas, suplicantes, dizendo que eu precisava vir. Mas podem acreditar em mim, senhores, que nenhum homem jamais teve uma esposa mais adorável e fiel. E lhes digo também: nenhum amigo jamais foi mais leal do que eu.

Isso foi dito de modo veemente e emocionado, mas mesmo assim o inspetor MacDonald não pôde encerrar o assunto.

— O senhor sabe que a aliança do morto foi tirada de seu dedo? — ele disse.

— É o que parece — disse Barker.

— O que o senhor quer dizer com “parece”? O senhor sabe que isso é um fato.

O homem pareceu confuso e hesitante.

— Quando eu disse “parece”, quis dizer que era possível que ele mesmo tivesse tirado a aliança.

— O simples fato de a aliança ter sumido, independentemente de quem a tirou do dedo, pode sugerir a qualquer um que o casamento e a tragédia têm ligação. Ou será que não?

Barker sacudiu seus ombros largos.

— Não posso afirmar o que isso sugere — ele respondeu. — Mas, se o senhor quer dar a entender que isso poderia se refletir de algum modo no comportamento desta senhora (seus olhos chamejaram por um instante e depois, com um esforço evidente, ele controlou suas emoções), bem, o senhor está no caminho errado. É o que penso.

— Acho que não tenho mais nada para lhe perguntar, por enquanto — disse MacDonald em tom seco.
— Há um pequeno detalhe — disse Sherlock Holmes. — Quando o senhor entrou no escritório havia apenas uma vela acesa na mesa, não é?
— Sim, é isso mesmo.
— Apenas com a luz dessa vela o senhor viu que algo de terrível havia acontecido?
— Exatamente.
— O senhor imediatamente tocou a campainha para pedir ajuda?
— Sim.
— E essa ajuda chegou logo?
— Em cerca de um minuto.
— No entanto, quando os outros chegaram, a vela já estava apagada e a lâmpada acesa. Isso parece notável.
Novamente Barker mostrou sinais de indecisão.
— Não vejo o que isso tem de notável, sr. Holmes — ele respondeu depois de uma pausa. — A vela tem uma luz muito fraca. Minha primeira ideia foi ter uma iluminação melhor. O abajur estava na mesa, e então eu o acendi.
Holmes não perguntou mais nada e Barker, olhando alternadamente para cada um de nós, com um jeito que me pareceu desafiador, virou-se e saiu da sala.
O inspetor MacDonald enviara um recado à sra. Douglas dizendo que aguardaria por ela em seu quarto, mas ela respondeu que nos encontraria na sala de jantar. Ela entrou na sala finalmente: uma mulher alta e bonita com cerca de trinta anos, reservada e controlada, muito diferente da figura trágica e confusa que eu imaginara. É bem verdade que seu rosto estava pálido e com um ar cansado, demonstrando ter sofrido um grande choque, mas seus modos eram tranquilos e suas mãos bem desenhadas, que ela pôs na mesa; estavam tão firmes quanto as minhas. Seus olhos tristes e atraentes olhavam para cada um de nós de um jeito curiosamente inquisitivo. Aquela expressão interrogativa transformou-se repentinamente em palavras.
— Os senhores descobriram alguma coisa? — ela perguntou.
Seria apenas fruto da minha imaginação achar que havia um indício de medo, em vez de esperança, naquela pergunta?

— Tomamos todas as providências possíveis, sra. Douglas — disse o inspetor. — A senhora pode ter certeza de que nada será negligenciado.

— Não economize dinheiro — ela disse num tom de voz desanimado, monocórdio. — Meu desejo é que sejam feitos todos os esforços.

— Talvez a senhora possa nos dizer algo que esclareça o problema.

— Não se preocupe. Tudo que eu sei contarei aos senhores.

— Soubemos pelo sr. Cecil Barker que a senhora, na verdade, não viu... Que a senhora não entrou no cômodo onde ocorreu a tragédia.

— É verdade. Ele fez com que eu voltasse lá para cima. Pediu que eu voltasse para o meu quarto.

— Exatamente. A senhora tinha ouvido o tiro e desceu imediatamente.

— Vesti meu roupão e desci.

— Quando o sr. Barker interceptou a senhora na escada, já havia passado quanto tempo desde a hora do tiro?

— Alguns minutos. É difícil calcular o tempo numa hora dessas. Ele implorou que eu não entrasse no escritório. E garantiu que eu não poderia fazer nada. Então a sra. Allen, a governanta, levou-me lá para cima. Tudo parecia um pesadelo.

— Pode nos dar alguma ideia de quanto tempo seu marido ficou aqui embaixo antes que a senhora escutasse o tiro?

— Não, não sei dizer. Antes de descer ele estava no quarto de vestir e, por isso, não ouvi quando desceu. Toda noite ele percorria a casa inteira, pois tinha medo de incêndio. Era a única coisa, que eu saiba, de que ele tinha medo.

— É aí que eu quero chegar, sra. Douglas. A senhora só conheceu seu marido na Inglaterra, não é?

— Sim. Estávamos casados há cinco anos.

— A senhora alguma vez o ouviu falar sobre alguma coisa que tivesse acontecido com ele na América e que pudesse representar algum perigo para ele?

A sra. Douglas ficou pensativa antes de responder.

— Sim — ela disse, finalmente. — Sempre senti que havia algum perigo a rondá-lo. Ele se recusava a falar sobre isso comigo. Não era por falta de confiança. Havia o mais completo amor e confiança entre nós, mas por seu desejo de me manter afastada de qualquer coisa que pudesse me assustar.

Ele achava que isso poderia me preocupar, se eu ficasse sabendo de tudo, e então permanecia calado.

— Como a senhora ficou sabendo, então?

O rosto da sra. Douglas iluminou-se com um súbito sorriso.

— É possível um homem manter um segredo por toda a vida e a esposa que o ama nunca suspeitar? Eu soube disso de várias maneiras. Soube pelo modo como se recusava a conversar sobre alguns episódios da época em que morou na América. Soube por causa de certas precauções que ele tomava. Soube pelo modo como ele observava certas pessoas estranhas. Eu estava convencida de que ele tinha alguns inimigos perigosos, que acreditava estarem em sua pista e contra os quais estava sempre prevenido. Eu tinha tanta certeza disso que durante anos ficava aterrorizada quando ele demorava a chegar em casa.

— Posso saber quais foram as palavras que chamaram a sua atenção? — perguntou Holmes.

— O Vale do Medo — respondeu a senhora. — Foi essa a expressão que ele usou quando eu lhe perguntei sobre isso: "Estive no Vale do Medo. Ainda não saí de lá." "Será que não se consegue sair nunca do Vale do Medo?", eu perguntei isso quando o vi mais sério do que o normal. "Às vezes eu acho que nunca mais sairemos", ele me respondeu, então.

— Certamente a senhora lhe perguntou o que ele queria dizer com "Vale do Medo".

— Perguntei. Mas seu rosto ficou muito sombrio e ele abanou a cabeça. "Já é muito ruim que um de nós tenha estado nas trevas", ele disse. "Queira Deus que isso nunca aconteça com você." Era algum vale que realmente existe e no qual ele vivera, e onde algo de terrível lhe acontecera, quanto a isso tenho certeza, mas não posso lhes dizer mais nada.

— Ele nunca mencionou nomes?

— Sim. Ele estava delirando de febre uma vez, quando sofreu um acidente durante uma caçada. Lembro-me bem de que havia um nome que surgia constantemente em sua boca. Ele o pronunciava com raiva e uma espécie de horror. McGinty era o nome: chefe McGinty. Eu lhe perguntei, quando ficou bom, quem era esse chefe McGinty e de que ele era chefe. "Não é meu chefe, graças a Deus!", respondeu. Mas há uma ligação entre o chefe McGinty e o Vale do Medo.

— Há um outro ponto também — disse o inspetor MacDonald. — A senhora conheceu o sr. Douglas numa pensão de Londres, não foi? E ficaram noivos lá. Havia alguma coisa secreta ou misteriosa sobre o casamento?

— Só havia o amor. Sempre o amor. Nada de mistério.

— Ele não tinha nenhum rival?

— Não. Eu era livre...

— A senhora certamente ficou sabendo que a aliança dele sumiu. Isso sugere alguma coisa? Supondo que algum inimigo do passado o tenha seguido e cometido o crime, que motivo ele poderia ter para levar sua aliança?

Por um instante eu juraria que a sombra de um sorriso tinha percorrido os lábios dela.

— Realmente não sei dizer — ela respondeu. — Com certeza, é uma coisa extraordinária.

— Bem, não vamos retê-la por mais tempo e sentimos muito ter-lhe causado este incômodo agora — disse o inspetor. — Há outros detalhes, naturalmente, mas falaremos com a senhora à medida que for necessário.

Ela se levantou e novamente percebi aquele olhar rápido, inquisidor, com o qual ela nos sondava: “Que impressão meu depoimento causou em vocês?” era uma pergunta que certamente passara por sua cabeça. Depois, com um ligeiro aceno de cabeça, ela saiu da sala.

— Ela é uma mulher bonita, muito bonita — disse MacDonald, pensativo, depois de a sr. Douglas fechar a porta. — Esse Barker, com certeza, vinha aqui muitas vezes. É do tipo que deve ser atraente para as mulheres. Ele admitiu que o morto era ciumento, e talvez soubesse que motivos tinha para ser ciumento. E há também a questão da aliança. Não se pode passar por cima disso. O homem que tira a aliança de um morto... O que o senhor acha disso, sr. Holmes?

Meu amigo estava sentado com a cabeça apoiada nas mãos, mergulhado em reflexões. Ele então se levantou e tocou a campainha.

— Ames, onde está o sr. Cecil agora? — ele disse quando o mordomo entrou.

— Vou ver, senhor.

Voltou pouco depois para dizer que o sr. Barker estava no jardim.

— Você se lembra, Ames, o que o sr. Barker estava calçando quando você se encontrou com ele ontem à noite no escritório?

— Sim, sr. Holmes. Estava usando chinelos de feltro. Eu lhe trouxe as botas quando ele ia sair para ir à polícia.

— Onde estão os chinelos agora?

— Ainda estão embaixo da cadeira, no hall.

— Ótimo, Ames. Realmente é importante saber quais são as pegadas do sr. Barker e as pegadas de pessoas que vieram de fora.

— Sim, senhor. Posso dizer que percebi que os chinelos estavam manchados de sangue. E os meus também estavam.

— Isso é muito natural, considerando-se as condições do escritório. Ótimo, Ames. Chamaremos outra vez se precisarmos de você.

Pouco depois, estávamos no escritório. Holmes trouxera os chinelos que estavam no hall. Como observara Ames, as solas dos dois pés estavam escuras de sangue.

— Estranho! — Holmes murmurou ao chegar à janela e examinar os chinelos minuciosamente. — Muito estranho mesmo!

Com uma de suas pinças ele colocou o chinelo sobre a mancha de sangue que havia no peitoril. As duas correspondiam perfeitamente. Ele sorriu em silêncio para seus colegas.

O inspetor ficou transfigurado de excitação. Seu sotaque parecia ter ficado mais acentuado ainda.

— Puxa! Não há a menor dúvida! — ele exclamou. — Barker fez essa marca aí na janela. É muito maior do que a marca de qualquer bota. Lembro-me de que o senhor disse que era um pé chato, e aqui está a explicação. Mas o que houve afinal, sr. Holmes? O que houve?

— Bem, o que houve? — meu amigo repetiu, pensativo.

White Mason ria e esfregava as mãos gordas com uma satisfação profissional.

— Eu disse que era um caso dos grandes! — ele exclamou. — E é mesmo dos grandes!

6

A PRIMEIRA LUZ

Os três detetives tinham muitos detalhes para investigar, de modo que voltei sozinho para nossas modestas acomodações na hospedaria do vilarejo. Mas antes de ir para lá dei uma volta pelo curioso jardim de outros tempos que cercava a casa. Filas de teixos muito antigos, cortados em desenhos estranhos, a rodeavam. Na parte interna havia um bonito gramado com um antigo relógio de sol no centro. Esse cenário tinha um efeito repousante que fazia muito bem aos meus nervos um tanto perturbados. Naquela atmosfera absolutamente tranquila pode-se esquecer de tudo ou lembrar-se apenas com um fantástico pesadelo daquele escritório sinistro com aquele homem cheio de sangue estendido no chão. Mesmo assim, enquanto eu caminhava pelo jardim e tentava mergulhar a alma nessa calma, ocorreu um estranho incidente que me levou de volta à tragédia e deixou uma impressão sinistra em minha mente.

Eu disse que uma sequência de teixos orlava o jardim. Na parte que ficava mais distante da casa eles eram menos espaçados e formavam uma cerca viva densa. Do outro lado dessa cerca viva, oculto da visão de quem viesse do lado da casa, havia um banco de pedra. Ao me aproximar do local, ouvi vozes, distinguindo depois a voz grave de um homem e o riso de uma mulher. Pouco depois, cheguei ao final da cerca de teixos e meus olhos bateram na sra. Douglas e em Barker antes que eles percebessem a minha presença. A aparência dela chocou-me. Na sala de jantar ela estava séria e discreta. Agora toda a simulação de tristeza desaparecera. Seus olhos brilhavam com uma vívida alegria, e o rosto ainda balançava, divertido, por causa de alguma observação engraçada de seu companheiro. Ele estava

inclinado para a frente, com as mãos apertadas e os antebraços apoiados nos joelhos, com um sorriso no rosto atrevido e belo. Num instante, mas já tarde demais, eles recolocaram suas máscaras sérias quando me viram. Eles trocaram uma ou duas palavras apressadas, e, então, Barker levantou-se e veio na minha direção.

— Desculpe-me, senhor, mas seu nome é dr. Watson? — ele disse.

Eu assenti de modo frio, que mostrou, ouso dizer, de modo bastante claro, a impressão que aquela cena havia causado em mim.

— Achamos que devia ser o senhor, já que sua amizade com o sr. Sherlock Holmes é muito conhecida. O senhor se incomodaria de falar um instante com a sra. Douglas?

Eu o segui de cara fechada. Eu conseguia visualizar nitidamente aquela figura morta lá no chão. Ali, algumas horas após sua morte, estavam sua esposa e seu melhor amigo rindo atrás de uma moita no jardim que fora dele. Cumprimentei a senhora com reserva. Eu havia me preocupado com a tristeza dela na sala de jantar. Agora eu a olhava com indiferença.

— Receio que o senhor me considere insensível e sem coração — disse ela.

Eu dei de ombros.

— Não é da minha conta — eu disse.

— Talvez algum dia me dê razão. Se o senhor fizesse ideia...

— Não há necessidade de explicar nada ao dr. Watson — Barker cortou rapidamente. — Como ele mesmo disse, não tem nada com isso.

— Exatamente, e por isso peço licença para continuar minha caminhada — eu disse.

— Um momento, dr. Watson! — gritou a mulher, com voz suplicante. — Há uma pergunta que o senhor pode responder com muito mais autoridade que qualquer outra pessoa, e pode ser muito importante para mim. O senhor conhece o sr. Holmes e seu relacionamento com a polícia melhor do que qualquer um. Supondo-se que ele fosse informado, de modo confidencial, de alguma coisa, é absolutamente necessário que revele isso aos detetives?

— Sim, é verdade — disse Barker, impaciente. — Ele está aqui por conta própria ou está trabalhando com os outros?

— Nem sei se eu deveria estar falando sobre isso.

— Eu lhe peço. Eu lhe imploro, dr. Watson, que o senhor responda. Eu lhe asseguro que estará nos ajudando; ajudando-me muito se nos orientar a

respeito disso.

Havia um tom de sinceridade na voz da mulher, e por um instante esqueci-me de tudo sobre sua leviandade e estava pensando apenas em atender ao seu desejo.

— O sr. Holmes é um investigador particular — eu disse. — Ele é o seu próprio chefe e age de acordo com sua própria opinião. Ao mesmo tempo, naturalmente, ele é leal com os detetives da polícia que estejam trabalhando num mesmo caso, e não esconde deles nada que possa ajudá-los a solucionar o problema. Fora isso, não posso dizer nada mais, a não ser encaminhá-la ao sr. Holmes para que a senhora obtenha mais informações.

Ao dizer isso, fiz um cumprimento erguendo o chapéu e continuei em minha caminhada, deixando-os ainda sentados naquele banco escondido atrás da cerca de teixos. Olhei para trás, ao contornar a extremidade da cerca, e vi que os dois conversavam de modo muito compenetrado e, como olhavam para mim, estava claro que a nossa conversa era o assunto da discussão deles.

— Não quero saber das confidências dela — disse Holmes quando lhe contei o que acontecera. Ele passara a tarde inteira na Casa Senhorial discutindo o caso com seus dois colegas, e voltou à hospedaria às cinco horas com muito apetite para tomar o chá que eu havia pedido para ele. — Não quero saber de confidências, Watson, pois elas se tornarão muito embaraçosas se houver uma acusação de conspiração e assassinato.

— Você acha que acontecerá isso?

Ele estava muito alegre e com um jeito jovial.

— Meu caro Watson, logo estarei em condições de pôr você a par de toda a situação. Não digo que já tenhamos elucidado tudo, longe disso, mas quando encontrarmos o halter que desapareceu...

— O halter!

— Puxa, Watson, será possível que você não tenha percebido que o caso gira em torno do halter que sumiu? Bem, bem, não precisa ficar triste, pois, cá entre nós, acho que nem o inspetor Mac, nem o excelente médico local compreenderam a importância desse incidente. Um halter, Watson! Considere um atleta com um halter. Imagine o que isso acarretaria: o perigo de uma curvatura na espinha. Surpreendente, Watson; surpreendente!

Ele estava com a boca cheia de torrada e os olhos com um brilho que revelavam alguma ideia inusitada, observando meu embaraço intelectual. O

seu bom apetite era uma garantia de sucesso, porque eu tinha lembranças muito vivas de dias e noites em que ele nem tocava na comida, quando sua mente se ocupava com algum problema e seu corpo esguio, ágil, tornava-se mais magro ainda com o ascetismo da completa concentração mental. Finalmente ele acendeu o cachimbo e, sentado junto à lareira da hospedaria, falou calmamente e sem seguir uma linha lógica sobre o caso, como se estivesse pensando alto, e não fazendo uma afirmação ponderada.

— Uma mentira, Watson: uma grande, enorme, intrometida, inflexível mentira, é isso que nos espera. É esse o nosso ponto de partida. Toda a história contada por Barker é uma mentira. Mas a história de Barker é apoiada pela sra. Douglas. Consequentemente, ela está mentindo também. Os dois estão mentindo, conspirando. Então agora temos o problema bem claramente: por que estão mentindo, e qual a verdade que tentam tão obstinadamente esconder? Vamos tentar, Watson, você e eu, descobrir o que há por trás dessa mentira e reconstituir a verdade.

— Como eu sei que eles estão mentindo? Porque é uma invenção tosca que simplesmente *não pode* ser verdadeira. Veja bem! Segundo a história que nos contaram, o assassino teve menos de um minuto, após o assassinato, para retirar a aliança, que estava por baixo de um anel, colocar esse outro anel (coisa que ninguém faria) e deixar aquele estranho cartão ao lado da vítima. Obviamente eu acho tudo isso impossível. Você pode argumentar (mas tenho muito respeito por você, Watson, para achar que você faria isso) que a aliança pode ter sido retirada antes de ele ter sido assassinado. O fato de que a vela fora acesa pouco antes mostra que não houve tempo para conversas. Seria Douglas, já que dizem que ele era destemido, capaz de entregar sua aliança assim sem opor resistência, ou devemos imaginar que ele seria capaz de entregá-la? Não, não, Watson, o assassino ficou sozinho com o morto por algum tempo com a luz acesa. Quanto a isso, não tenho a menor dúvida. Mas a espingarda, aparentemente, foi a causa da morte. Consequentemente, ela deve ter sido disparada antes da hora que nos disseram. Mas não deveria haver dúvida quanto a isso. Estamos diante de uma deliberada conspiração por parte de duas pessoas que ouviram o disparo: Barker e a esposa de Douglas. Quando eu tiver condições, no decorrer das investigações, de provar que a marca de sangue sobre o peitoril foi colocada ali deliberadamente por Barker para dar uma pista falsa à polícia, você verá que as coisas ficarão pretas para o lado dele.

— Agora precisamos nos perguntar a que horas o assassinato realmente ocorreu. Até as 22h30 os criados ainda estavam andando pela casa, de modo que certamente não aconteceu antes dessa hora. Às 22h45 todos já tinham ido para os seus aposentos, com exceção de Ames, que estava na copa. Fiz alguns testes, depois que você veio embora, hoje à tarde, e vi que nenhum ruído feito por Barker no escritório poderia chegar à copa estando todas as portas fechadas. Mas não acontece o mesmo com o quarto da governanta. Não fica tão longe assim e de lá eu podia ouvir vozes vagamente, se elas estivessem num tom alto. O som de um disparo é até certo ponto abafado quando o disparo é feito de muito perto, como sem dúvida aconteceu neste caso. Não deve ter sido um som muito alto, e mesmo assim, no silêncio da noite, deve ter chegado facilmente ao quarto da sra. Allen. Ela é, como nos disse, um tanto surda, mas mesmo assim citou no depoimento que ouviu uma porta bater meia hora antes de ser dado o alarme. Meia hora antes do alarme, pode ter sido 22h45. Não tenho dúvida de que o que ela ouviu foi o disparo da arma, e que esse foi o exato momento do crime. Se assim for, temos agora que determinar o que o sr. Barker e a sra. Douglas, presumindo que eles não são os verdadeiros assassinos, ficaram fazendo de 22h45, quando o barulho do disparo os fez descer, até 23h15, quando tocaram a campainha e chamaram os criados. O que estavam fazendo e por que não deram o alarme imediatamente? É essa pergunta que temos, e, quando ela for respondida, teremos dado um passo para a resolução do problema.

— Estou convencido de que existe alguma combinação entre esses dois. Ela tem de ser uma pessoa insensível para ficar rindo de um gracejo poucas horas depois do assassinato do marido — eu disse.

— Exatamente. Ela não parece se comportar como uma esposa nem mesmo no relato que fez sobre o ocorrido. Não sou, como você sabe, Watson, um grande admirador das mulheres, mas minha experiência de vida me ensinou que há poucas mulheres, seja qual for o seu relacionamento com o marido, que deixariam as palavras de alguém se interpor entre elas e o cadáver do marido. Se algum dia eu me casasse, Watson, desejaria inspirar em minha mulher um sentimento tal que impedisse que ela fosse afastada por uma governanta quando meu corpo estivesse estendido a uns poucos metros dela. Isso foi mal arquitetado, porque até o investigador mais frio estranharia a falta de lamentações dessa mulher. Mesmo que não

houvesse mais nada, só isso, para mim, sugeriria a existência de uma conspiração.

— Você pensa, então, que a sra. Douglas e Barker são mesmo os culpados do assassinato?

— Suas perguntas, Watson, são de uma objetividade aterrorizante — disse Holmes, sacudindo o cachimbo no ar em minha direção. — Parecem balas disparadas contra mim. Se você partir da ideia de que a sra. Douglas e Barker sabem a verdade sobre o assassinato e tentam encobri-la, então posso lhe dar uma resposta. Tenho certeza de que eles sabem a verdade. Mas sua proposição mais ferina ainda não está muito clara. Vamos analisar as dificuldades que existem.

— Vamos supor que os dois estão unidos pelos laços de um amor proibido e que decidiram se livrar do homem que estava entre eles. É uma suposição muito vaga, pois uma investigação discreta entre os criados e outras pessoas não confirma isso. Pelo contrário: há fortes indícios de que os Douglas eram muito ligados um ao outro.

— Quanto a isso, tenho certeza de que não pode ser verdade — eu disse, lembrando-me daquele rosto de mulher lindo e risonho que vi no jardim.

— Bem, pelo menos eles davam essa impressão. Mas vamos imaginar que eles fossem um casal muito astuto, que ilude todo mundo a respeito disso e que conspira para matar o marido dela. Acontece que ele é um homem sobre o qual paira algum perigo...

— Sobre isso, só temos o depoimento deles dois. Holmes pareceu preocupado.

— Entendo, Watson. Você defende a teoria segundo a qual tudo que eles disseram desde o início é falso. De acordo com o seu pensamento, nunca houve ameaça nenhuma, nem sociedade secreta, nem o Vale do Medo, nem o chefe Mac-sei-lá-o-quê ou qualquer outra coisa. Bem, isso é uma generalização muito grande. Vamos ver aonde isso nos leva. Eles inventaram isso para justificar o crime. Então reforçaram a ideia deixando a bicicleta perto da casa como prova de que alguém entrou lá. A marca sobre o peitoril sustenta a mesma ideia. E também o cartão sobre o corpo, que deve ter sido preparado na casa. Tudo isso se encaixa na sua hipótese, Watson. Mas agora chegamos ao ponto em que as coisas não se encaixam. Por que uma espingarda com o cano serrado? E ainda por cima americana? Como eles poderiam ter tanta certeza de que o disparo não chamaria a

atenção de ninguém? Foi um mero acaso, se assim se pode chamar, que a sra. Allen não tenha saído para ver por que a porta batera. Por que os seus dois culpados fizeram tudo isso, Watson?

— Confesso que não sei explicar.

— Então, novamente se uma mulher e seu amante conspiram para assassinar o marido, será que os dois vão anunciar sua culpa retirando ostensivamente a aliança do morto após o crime? Você acha que isso é provável, Watson?

— Não, não é.

— E mais: a ideia de deixar uma bicicleta escondida lá fora ocorreu a você, mas será que mesmo o mais obtuso dos detetives não perceberia nisso uma pista falsa, já que a bicicleta era a primeira coisa de que o fugitivo precisaria?

— Não consigo imaginar uma explicação.

— Mesmo assim, não precisa haver uma lógica nos fatos para que a mente do homem formule uma explicação. Apenas como um exercício mental, sem supor que seja verdade, deixe-me indicar uma linha de pensamento possível. Ou seja, tudo é fruto de minha imaginação, mas quantas vezes não é a imaginação a origem da verdade?

— Vamos supor que *havia* um segredo, um segredo realmente vergonhoso na vida de Douglas. Isso nos faz pensar que seu assassino seja, vamos supor, alguém que queira se vingar: alguém de fora da casa. Essa pessoa, por algum motivo que, confesso, ainda não consigo explicar, pegou a aliança do morto. A vingança pode ter a ver com o primeiro casamento dele e o roubo da aliança, alguma relação com isso. Depois que essa pessoa saiu, Barker e a esposa dele chegaram ao escritório. O assassino os convenceu de que qualquer tentativa de detê-lo faria com que fosse revelado um escândalo horrível. Os dois se convenceram disso e preferiram deixá-lo sair. Talvez por isso eles tenham abaixado a ponte, o que pode ser feito quase sem provocar ruído, e depois a levantaram novamente. Ele fugiu e, por algum motivo, achou que seria mais seguro ir a pé do que de bicicleta. Por isso deixou-a num local onde só seria encontrada depois que ele estivesse em segurança em algum lugar. Até aqui estamos dentro dos limites da possibilidade, não é?

— Bem, é possível, sem dúvida — eu disse com certa reserva.

— Precisamos lembrar, Watson, que, o que quer que tenha ocorrido, foi algo inusitado. Bem, agora, para continuar nossas suposições, os dois, não necessariamente os dois culpados, perceberam, após a fuga do assassino, que haviam se colocado numa situação em que seria difícil provar que não cometeram o crime ou nem foram coniventes. Eles então, de modo rápido e desajeitado, encontraram a saída. A marca na janela foi feita com o chinelo manchado de Barker para dar a ideia de como o assassino fugiu. Eles dois eram as pessoas que deviam ter ouvido o disparo, de modo que não deram o alarme quando deviam, e sim meia hora depois.

— E como você pretende provar tudo isso?

— Bem, se alguém entrou na casa, poderá ser procurado e detido. Esta seria a melhor prova de todas. Caso contrário... Bem, os recursos científicos ainda não foram esgotados. Acredito que uma noite sozinho naquele escritório me ajudaria bastante.

— Uma noite sozinho!

— Pretendo ir até lá agora. Combine isso com o atencioso Ames, que não gosta muito de Barker. Vou me sentar naquele escritório e ver se a sua atmosfera me traz alguma inspiração. Acredito no *genius loci*. Você ri, meu caro Watson. Bem, veremos. A propósito, você trouxe aquele seu guarda-chuva grande, não trouxe?

— Está aqui.

— Bem, vou levá-lo, se não se importa.

— Claro que não... Mas que arma desprezível! Em caso de perigo...

— Não há nada de mais, meu caro Watson. Do contrário, eu certamente pediria a sua ajuda. No momento, estou apenas aguardando a volta de meus colegas de Tunbridge Wells, onde no momento estão tentando encontrar o provável dono da bicicleta.

O inspetor MacDonald e White Mason só voltaram das suas investigações no começo da noite, e chegaram radiantes, contando que haviam feito um grande progresso no nosso caso.

— Olha, vou admitir que eu duvidava de que alguém tivesse entrado na casa, mas as dúvidas desapareceram — disse MacDonald. — Identificamos a bicicleta e temos a descrição do nosso homem, de modo que foi um bom avanço.

— Isso me soa como o princípio do fim — disse Holmes. — Quero cumprimentar os dois do fundo do meu coração.

— Bem, eu parti do fato de que o sr. Douglas parecera perturbado desde o dia anterior, quando esteve em Tunbridge Wells. Fora em Tunbridge Wells, então, que ele tomara conhecimento de algum perigo. Estava claro, portanto, que, se algum homem chegou numa bicicleta, com certeza tinha vindo de Tunbridge Wells. Levamos a bicicleta conosco e a mostramos em diversos hotéis. Foi identificada imediatamente pelo gerente do Eagle Commercial, que disse que ela pertencia a um homem chamado Hargrave, que alugara um quarto lá dois dias antes. A bicicleta e uma pequena valise eram todos os seus pertences. Ele se registrou dizendo ter chegado de Londres, mas não deu endereço. A valise foi fabricada em Londres e dentro só havia objetos ingleses, mas o homem, sem dúvida alguma, é americano.

— Bem, bem, vocês realmente fizeram um bom trabalho, enquanto eu fiquei sentado com meu amigo elaborando teorias. É uma lição de como ser prático, sr. Mac — disse Holmes, satisfeito.

— Pois é, sr. Holmes — disse o inspetor.

— Mas tudo isso pode se encaixar na sua teoria — comentei.

— Pode ser e pode não ser. Mas vamos ouvir o final, sr. Mac. Não havia nada que identificasse esse homem?

— Tão pouco que é evidente que ele tomou cuidados para não ser identificado. Não havia nenhum papel ou cartas em seu quarto, nem marcas nas roupas. Havia um mapa de ciclovias da região na mesinha de cabeceira. Ele saiu do hotel ontem, depois do café da manhã, de bicicleta, e ninguém mais soube dele até nós chegarmos.

— É isso que me intriga, sr. Holmes — disse White Mason. — Se esse sujeito não desejava que as suspeitas recaíssem sobre ele, o certo seria ter voltado ao hotel e ficado como um turista inocente. Do jeito como ele fez, deveria saber que o gerente do hotel iria comunicar à polícia e que seu desaparecimento seria relacionado com o assassinato.

— Isso é o que seria certo imaginar. Mesmo assim, ele já comprovou sua esperteza, de qualquer modo, já que não foi apanhado. Mas a descrição dele... Qual é a descrição dele?

MacDonald apanhou o bloco de notas.

— Aqui só temos o que nos disseram. Pelo visto não observaram nada de particular nele, mas mesmo assim o carregador, o rapaz da portaria e a camareira fizeram a mesma descrição. Ele é um homem de aproximadamente 1,70 metro de altura, cerca de cinquenta anos, cabelos

ligeiramente grisalhos, bigode claro, nariz curvo e um rosto que todos descreveram como ameaçador e desagradável.

— Fora a expressão, seria quase a descrição do próprio Douglas — disse Holmes. — Ele tem pouco mais de cinquenta, cabelos e bigodes grisalhos e mais ou menos a mesma altura. Mais alguma coisa?

— Ele usava um terno cinza-escuro com colete, um sobretudo amarelo e um boné.

— E quanto à arma?

— Tem cerca de meio metro. Podia muito bem caber na valise. Ele poderia carregá-la dentro do sobretudo sem dificuldade.

— E como o senhor acha que tudo isso se encaixa no caso?

— Bem, sr. Holmes, quando tivermos agarrado o homem, e o senhor pode ter certeza de que enviei a descrição dele por telégrafo assim que a anotei, poderemos julgar melhor os fatos — disse MacDonald. — Mesmo assim, já progredimos bastante. Sabemos que um americano que diz chamar-se Hargrave chegou a Tunbridge Wells dois dias antes com uma bicicleta e uma valise. Nesta ele guardava uma espingarda de cano serrado. Então, veio com o propósito deliberado de cometer o crime. Ontem de manhã ele saiu em sua bicicleta com a arma escondida no sobretudo. Ninguém o viu chegar, até onde sabemos, mas ele não precisa passar pelo vilarejo para chegar aos portões do parque, e há muitos ciclistas na estrada. Presumivelmente, ele escondeu logo a bicicleta entre os loureiros, onde foi encontrada, e talvez também tenha se escondido ali, com os olhos na casa, esperando que o sr. Douglas saísse. A arma é estranha para ser usada dentro de casa, mas ele pretendia usá-la do lado de fora, e nesse caso então ela apresentava vantagens óbvias, já que seria impossível errar, e o barulho de tiros é tão comum no esporte inglês que ninguém estranharia nada na vizinhança.

— Está tudo muito claro! — disse Holmes.

— Bem, o sr. Douglas não apareceu. O que ele fez a seguir? Deixou a bicicleta e aproximou-se da casa ao anoitecer. Encontrou a ponte abaixada e ninguém por perto. Aproveitou a oportunidade pensando, sem dúvida, em dar alguma desculpa se encontrasse com alguém. Não encontrou ninguém. Entrou furtivamente no primeiro cômodo que viu e escondeu-se atrás da cortina. Dali ele pôde ver a ponte ser levantada e sabia que sua única possibilidade de fuga seria pelo fosso. Ele esperou até 22h45, quando o sr.

Douglas, em sua ronda noturna, entrou no escritório. Acertou-o e fugiu, como planejado. Sabia que o pessoal do hotel falaria sobre a bicicleta e que isso seria uma pista para achá-lo. Então, deixou-a lá e seguiu de alguma outra forma para Londres ou para algum esconderijo seguro que já tivesse providenciado. O que acha, sr. Holmes?

— Bem, sr. Mac, muito bom e muito claro até aí. Esse é o seu final da história. Meu final é que o crime foi cometido meia hora antes do que o relatado; que a sra. Douglas e o sr. Barker estão envolvidos numa conspiração para esconder algo; que eles ajudaram a fuga do assassino (ou, pelo menos, que chegaram ao escritório antes que o assassino tivesse fugido) e que forjaram provas da fuga pela janela, enquanto, com toda certeza, eles mesmos abaixaram a ponte para que o assassino fugisse. É assim que eu vejo a primeira metade.

Os dois detetives sacudiram a cabeça.

— Bem, sr. Holmes, se isso é verdade, saímos de um mistério e entramos em outro — disse o inspetor de Londres.

— E, de certa forma, um mistério pior — acrescentou White Mason. — A senhora nunca esteve na América em toda a sua vida. Que ligação ela poderia ter com um assassino americano que fizesse com que o acobertasse?

— Eu reconheço as dificuldades — disse Holmes. — Pretendo fazer uma investigação sozinho hoje à noite, e talvez isso possa esclarecer alguma coisa.

— Podemos ajudá-lo, sr. Holmes?

— Não, não! Trevas e o guarda-chuva de Watson. Meus desejos são simples. E Ames, o leal Ames. Não há dúvida de que ele me fará essa concessão. Todas as minhas linhas de pensamento me levam de volta a uma pergunta básica: por que um homem de porte atlético desenvolve seu físico com um aparelho tão incomum quanto o halter simples?

Já era bem tarde da noite quando Holmes voltou de sua investigação solitária. Dormíamos num quarto com duas camas, que foi a melhor coisa que a hospedaria pôde nos arranjar. Eu já estava dormindo quando fui meio despertado pela entrada dele.

— Como é, Holmes, descobriu alguma coisa? — murmurei.

Ele ficou ao meu lado em silêncio, com a vela na mão. Depois, aquela figura alta e magra se inclinou na minha direção.

— Watson, você teria medo de dormir no mesmo quarto com um lunático, um homem de miolo mole, um idiota que perdeu o juízo? — ele sussurrou.

— De modo algum — respondi, perplexo.

— Que sorte! — ele disse, e não pronunciou nem mais uma palavra naquela noite.

7

A SOLUÇÃO

NA MANHÃ SEGUINTE, APÓS O CAFÉ, ENCONTRAMOS O INSPETOR MacDonald e o sr. White Mason sentados no saguão da delegacia, conversando de maneira reservada. Na mesa diante deles havia algumas cartas e telegramas, que separavam e sobre os quais anotavam cuidadosamente. Havia três cartas separadas.

— Ainda na pista do ciclista misterioso? — Holmes perguntou jovialmente. — Quais as últimas sobre o malandro?

MacDonald apontou com pesar para a pilha de correspondência.

— No momento ele está sendo procurado em Leicester, Nottingham, Southampton, Derby, East Ham, Richmond e outros 14 lugares. Em três deles, East Ham, Leicester e Liverpool, há uma acusação formal contra ele e, na verdade, ele já foi preso. Parece que o país está cheio de fugitivos com sobretudos amarelos.

— Puxa! — disse Holmes, de modo simpático. — Agora, sr. Mac e sr. White Mason, eu gostaria de lhes dar um conselho muito sério. Quando entrei nesse caso com os senhores, disse, como devem se lembrar, que eu não lhes apresentaria teorias que não estivessem totalmente provadas. Ao contrário, eu iria guardando tudo e trabalhando por minha conta até me convencer de que minhas teorias estavam certas. Por esse motivo não estou lhes dizendo agora tudo que tenho em mente. Por outro lado, eu disse que os ajudaria e não acho que seja ajudá-los permitir que os senhores desperdicem suas energias num trabalho inútil. Por isso vim aqui para aconselhá-los. E meu conselho se resume nestas palavras: abandonem o caso.

MacDonald e White Mason olharam com perplexidade para o colega famoso.

— O senhor o considera sem solução? — exclamou o inspetor.

— Acho que *este* caso que os senhores estão tentando resolver é sem solução. Não considero sem solução chegar à verdade.

— Mas esse ciclista. Ele não é uma invenção. Temos a descrição dele, sua valise, sua bicicleta. Esse sujeito deve estar em algum lugar. Por que não haveríamos de pegá-lo?

— Sim, sim. Não há dúvida de que ele está em algum lugar, e não há dúvida de que vamos pegá-lo. Mas não acho que os senhores devam perder tempo em East Ham ou Liverpool. Tenho certeza de que podemos chegar ao resultado final de um modo mais direto.

— O senhor está escondendo alguma coisa. Não é justo da sua parte, sr. Holmes. — O inspetor estava aborrecido.

— O senhor conhece os meus métodos de trabalho, sr. Mac. Mas vou esconder essas coisas pelo menor tempo possível. Quero apenas verificar certos detalhes, o que pode ser feito prontamente, depois me despeço e volto para Londres, deixando minhas condenações inteiramente à sua disposição. Eu tenho muita consideração pelo senhor para agir de outro modo, pois em toda a minha experiência não me lembro de nenhum caso mais estranho e interessante.

— Não entendo, sr. Holmes. Nós o encontramos ontem à noite quando voltamos de Tunbridge Wells, e o senhor concordou com os resultados a que chegamos. O que aconteceu desde então para que o senhor tenha uma ideia completamente diferente sobre o caso?

— Já que o senhor me pergunta, eu passei algumas horas, como disse que ia fazer, na Casa Senhorial ontem à noite.

— Sim, e o que aconteceu?

— Ah, só posso lhe responder de um modo bastante genérico por enquanto. A propósito, estive lendo uma história curta, mas muito clara e interessante, sobre aquela velha construção, vendida pela modesta soma de um pêni pelo negociante de fumo local. — Holmes puxou do bolso do colete um pequeno pedaço de papel com um esboço da Casa Senhorial. — O interesse por uma investigação aumenta, meu caro sr. Mac, quando se tem afinidade com a ambientação histórica do lugar. Não fique tão impaciente, pois lhe garanto que mesmo uma descrição tão resumida como

esta lança um pouco de luz sobre o passado. Permita-me dar-lhe uma prova disso. “Mandada erigir no quinto ano do reinado de James I, e localizada no sítio de uma construção muito mais antiga, a Casa Senhorial de Birlstone apresenta um dos melhores exemplos ainda existentes de residência com fosso da época daquele governante...”.

— O senhor está nos fazendo de bobos, sr. Holmes.

— Ora, sr. Mac! É a primeira demonstração da irritação que percebo no senhor. Bem, não vou ler isso aqui na íntegra, já que o senhor reagiu desse modo. Mas quando eu lhe disser que há um relato da tomada do lugar por um coronel do Parlamento, em 1644, do fato de Charles ter se escondido lá durante vários dias durante a Guerra Civil e, finalmente, da visita que o segundo George fez à casa, o senhor irá admitir que há várias associações de interesse ligadas a esta antiga casa.

— Não duvido, sr. Holmes. Mas isso não é assunto nosso.

— Não é? Não é? Mente aberta, meu caro sr. Mac, é uma das coisas essenciais em nossa profissão. A integração de ideias e os usos indiretos do conhecimento são de grande interesse. Desculpe essas observações de alguém que, embora um simples conhecedor do crime, é mais velho e talvez mais experiente que o senhor.

— Sou o primeiro a admitir isso — disse o detetive com veemência.

— Bem, bem... Vou deixar a História de lado e voltar aos fatos atuais. Estive ontem à noite, como já disse, na Casa Senhorial. Não vi nem o sr. Barker nem a sra. Douglas. Não vi necessidade de perturbá-los, mas gostei de saber que a senhora aparentemente não estava abatida e que havia jantado muito bem. Minha visita foi especialmente ao bondoso sr. Ames, com quem troquei algumas amabilidades, que culminaram com a permissão dele, sem consultar ninguém mais, para que eu ficasse sozinho no escritório durante algum tempo.

— Nossa! Puxa! — eu exclamei.

— Não, não. Está tudo em ordem agora. O senhor tinha dado permissão para isso, sr. Mac, segundo fui informado. O lugar estava com sua arrumação normal e ali passei um quarto de hora que valeu a pena.

— O que o senhor fez?

— Bem, para não fazer mistério de algo tão simples, eu estava à procura do halter que desapareceu. Isso sempre significou muito para mim na avaliação do caso. Acabei encontrando.

— Onde?

— Ah! Aqui chegamos ao limiar do inexplorado. Deixe-me avançar um pouco mais, só um pouco mais, e prometo que contarei tudo que sei.

— Bem, somos obrigados a aceitar suas condições — disse o inspetor. — Mas nos dizer para abandonar o caso... Por que, em nome de Deus, deveríamos abandonar o caso?

— Pelo simples motivo, meu caro sr. MacDonald, de que o senhor ainda não tem a menor ideia do que está investigando.

— Estamos investigando o assassinato do sr. John Douglas, de Birlstone.

— Sim, sim. Está bem. Mas não se preocupe em seguir o misterioso cavalheiro da bicicleta. Eu lhe garanto que isso não o ajudará.

— Então o que o senhor nos sugere fazer?

— Eu lhe direi exatamente como agir, se o senhor fizer o que eu falar.

— Bem, tenho de admitir que sempre achei que o senhor tinha razão, mesmo com suas maneiras estranhas de trabalhar. Farei o que o senhor disser.

— E o sr. White Mason?

O detetive do interior olhou desalentadamente de um para o outro. Holmes e seus métodos eram novos para ele.

— Bem, se é bom para o inspetor, é bom para mim — ele disse finalmente.

— Ótimo! — disse Holmes. — Bem, então recomendo que os dois façam uma bela caminhada pelo campo. Dizem que a vista de Birlstone Ridge sobre Weald é notável. Poderiam almoçar em alguma estalagem agradável. Mas, como não conheço nada por aqui, não vou fazer nenhuma indicação. À noite, cansados mas felizes...

— Olha, isso está virando piada! — exclamou MacDonald, levantando-se furioso de sua cadeira.

— Está bem. Passem o dia como quiserem — disse Holmes, batendo-lhe no ombro. — Façam o que quiserem e vão aonde desejarem, mas se encontrem comigo aqui antes de escurecer, sem falta. Sem falta, sr. MacDonald.

— Isso parece mais sensato.

— Era excelente a ideia que eu dei, mas não insisto, desde que o senhor esteja aqui quando eu precisar. Mas agora, antes de nos separarmos, quero que o senhor escreva um bilhete para o sr. Barker.

— Sim.
— Vou ditar, se o senhor preferir. Pronto?
— “Prezado senhor, lamento que tenhamos de esvaziar o fosso, na esperança de encontrar algo...”
— É impossível — disse o inspetor. — Eu investiguei.
— Ora, meu caro senhor! Por favor, faça o que lhe peço.
— “... na esperança de encontrar algo que possa ajudar em nossas investigações. Acertei tudo e os operários chegarão aí amanhã cedo...”
— Impossível!
— “... amanhã cedo, de modo que achei melhor explicar ao senhor com antecedência.”
— Agora assine e mande por um portador por volta das 16 horas. A essa hora devemos nos encontrar novamente aqui. Até lá, podemos fazer o que bem entendermos, pois posso lhes garantir que esta investigação chegou ao ponto final.
Já começava a escurecer quando voltamos a nos encontrar. Holmes estava muito sério, eu me sentia curioso, e os detetives, obviamente, com um ar de censura e aborrecimento ao mesmo tempo.
— Bem, cavalheiros, pedi que viessem agora para que testem junto comigo as minhas teorias, e os senhores julgarão se as observações que fiz justificam minhas conclusões — disse meu amigo em tom grave. — Será uma noite fria e não sei quanto tempo nossa expedição irá demorar, de modo que lhes peço que vistam seus agasalhos mais quentes. É da máxima importância que estejamos no lugar certo antes que escureça. Assim, com sua permissão, começaremos imediatamente.
Fomos em direção aos limites do parque da Casa Senhorial até chegarmos a um lugar onde havia uma abertura na cerca que o rodeava. Foi por aí que entramos e então, em meio à semiescuridão daquela hora, todos nós seguimos Holmes até chegarmos a um local cheio de moitas e que fica quase em frente à porta de entrada principal e à ponte. Esta ainda não tinha sido suspensa. Holmes se abaixou atrás dos loureiros e nós três fizemos o mesmo.
— Bem, o que vamos fazer agora? — perguntou MacDonald, um tanto ríspido.
— Manter nosso espírito sossegado e fazer o mínimo de barulho — respondeu Holmes.

— Para que viemos até aqui? Eu realmente acho que o senhor deveria nos tratar com maior franqueza.

Holmes riu.

— Watson insiste em que eu sou um dramaturgo na vida real — disse ele. — Tenho mesmo um quê de artista e gosto de uma encenação bem ensaiada. Com certeza nossa profissão seria insípida e sórdida se, às vezes, não fizéssemos um pouco de encenação a fim de exaltar os resultados a que chegamos. Uma acusação brusca, um tapa brutal nos ombros, o que se pode fazer com um *dénouement* assim? Mas a dedução rápida, a armadilha sutil, certa precisão do que está para ocorrer, a defesa de teorias aparentemente ousadas, não é tudo isso que constitui o orgulho e a justificativa do nosso trabalho? No momento os senhores vibram com a fascinação da situação e com a intuição do caçador. Onde estaria essa fascinação se eu tivesse sido preciso como uma tabela de horários? Só peço um pouco de paciência, sr. Mac, e tudo se esclarecerá.

— Espero que o orgulho, a justificativa e todo o resto venham antes que a gente morra de frio — disse o detetive londrino com uma resignação divertida.

Todos nós tínhamos bons motivos para compartilhar desse desejo, pois nossa vigília era demorada e difícil. Lentamente as sombras foram caindo por sobre a comprida fachada da velha casa. Um mau cheiro carregado de umidade vinha do fosso, fazendo-nos tremer e bater os queixos. Havia uma única lâmpada no portão de entrada e um ponto de luz no escritório onde ocorrera o crime. Todo o resto estava escuro e silencioso.

— Quanto tempo isso vai durar? — perguntou o inspetor de repente. — E o que estamos esperando?

— Sei tanto quanto o senhor o tempo que isso vai demorar — Holmes respondeu com certa aspereza. — Se os criminosos programassem a hora dos seus movimentos como as ferrovias fazem, seria muito melhor para todos nós. Quanto ao que nós... Bem, isso é o que estamos esperando.

Quando ele acabou de responder, a luz amarelada do escritório foi ofuscada por alguém que passava na frente dela de um lado para outro, para lá e para cá. Os loureiros atrás dos quais nos encontrávamos ficavam bem em frente à janela e a poucos metros de distância. Ela foi aberta, fazendo ranger as dobradiças, e pudemos ver a silhueta da cabeça e dos ombros de um homem que se debruçava no peitoril e olhava a escuridão. Durante

alguns minutos ele observou tudo atentamente, de modo furtivo, dissimulado, como alguém que deseja se certificar de que não há ninguém observando. Então ele se inclinou para a frente e, no absoluto silêncio, percebemos o discreto ruído de água sendo agitada. Parecia que ele estava mexendo na água com algo que tinha na mão. Então, de repente, ele puxou qualquer coisa como um pescador faz depois de fisgar um peixe: um objeto grande, redondo, que obscureceu a luz no momento em que passou pela esquadria da janela.

— Agora! — gritou Holmes. — Agora!

Ficamos todos de pé, com nossos membros entorpecidos, enquanto ele, com aquela explosão de energia que podia fazer dele em certas ocasiões o homem mais ágil e mais forte que eu já conhecera, corria pela ponte e tocava violentamente o sino. Ouviu-se o ruído de pinos sendo destravados do outro lado e o atônito Ames apareceu na porta. Holmes empurrou-o para o lado sem dizer nada, seguido por todos nós, e irrompeu no cômodo onde entrara o homem que estávamos observando.

A lamparina na mesa era a origem da claridade que havíamos visto lá de fora. Estava agora na mão de Cecil Barker, que a levantou na nossa direção quando entramos no cômodo. A luz fazia brilhar seu rosto forte, resoluto, escanhoado, e seus olhos ameaçadores.

— Com os diabos, o que significa tudo isso? — ele gritou. — O que estão procurando?

Holmes deu uma rápida olhada pelo escritório e, então, dirigiu-se rapidamente para um pacote encharcado amarrado com cordas que estava no lugar onde havia sido jogado, debaixo da escrivaninha.

— Foi atrás disso que viemos, sr. Barker. Desse pacote que contém um halter e que o senhor acabou de apanhar no fundo do fosso.

Barker olhou para Holmes mostrando surpresa em seu olhar.

— Que raios! Como o senhor ficou sabendo? — ele perguntou.

— Simplesmente porque eu coloquei isso lá no fundo.

— O senhor colocou lá! O senhor!

— Talvez eu devesse dizer “recoloquei lá no fundo” — disse Holmes. — O senhor deve se lembrar, inspetor MacDonald, de que eu estava estranhando a falta de um halter. Chamei sua atenção para isso, mas, devido à pressão de outras ocorrências, o senhor não teve muito tempo para examinar o assunto, o que lhe permitiria tirar conclusões sobre isso. Quando

há água por perto e some alguma coisa pesada, não é muito difícil supor que esse objeto foi jogado na água. A ideia merecia pelo menos ser verificada. Então, com a ajuda de Ames, que me fez entrar até o escritório, e com o cabo do guarda-chuva do dr. Watson, consegui, ontem à noite, içar este pacote e inspecioná-lo. Mas era da maior importância que pudéssemos provar quem o havia colocado ali. Isso nós conseguimos por meio do simples artifício de avisar que o fosso seria esvaziado no dia seguinte, o que faria com que a pessoa que escondeu o pacote fosse certamente retirá-lo de lá quando a noite caísse e a escuridão lhe permitisse fazer isso. Temos quatro testemunhas que viram quem se aproveitou dessa oportunidade e, portanto, sr. Barker, acho que o senhor agora tem a palavra.

Sherlock Holmes colocou o pacote molhado em cima da mesa, ao lado da lamparina, e desamarrou a corda que o prendia. Do embrulho ele retirou o halter, que colocou no chão perto do outro halter, no canto do escritório. Depois, retirou um par de botas.

— Americanas, como podem ver — ele comentou, apontando para a parte da frente do calçado. Depois ele colocou na mesa uma faca comprida, dentro da bainha. Finalmente ele desamarrou uma trouxa de roupas, contendo uma muda completa de roupas de baixo, meias, um terno cinza de *tweed* e um sobretudo amarelo e curto.

— As roupas são comuns, exceto o sobretudo, que tem detalhes bem sugestivos — comentou Holmes. Ele o colocou contra a luz, enquanto seus dedos finos e compridos percorriam o casaco. — Aqui, como podem perceber, é o bolso interno, aumentado para dentro do forro de modo a dar espaço para a espingarda serrada. A etiqueta do alfaiate está no colarinho: Neale, Outfitter, Vermissa, EUA. Passei uma tarde muito proveitosa na biblioteca do pároco e aumentei meus conhecimentos ao saber que Vermissa é uma próspera cidadezinha perto de um dos mais conhecidos vales de carvão e ferro dos Estados Unidos. Lembro-me, sr. Barker, de que o senhor associou os distritos de carvão à primeira esposa do sr. Douglas, e não seria uma dedução muito absurda dizer que as letras V.V. no cartão deixado ao lado do cadáver possam significar Vale Vermissa, ou que esse vale, que manda emissários para cometer assassinatos, possa ser o Vale do Medo de que ouvimos falar. Isso me parece razoavelmente claro. E agora, sr. Barker, acho que podemos ouvir sua explicação.

Foi um espetáculo observar o rosto expressivo de Barker durante a exposição do grande detetive. Raiva, surpresa, consternação e indecisão se alternavam. Finalmente ele se refugiou numa ironia um tanto mordaz.

— O senhor sabe tanto, sr. Holmes. Talvez fosse melhor nos contar mais — ele disse em tom de escárnio.

— Não tenho dúvida de que eu poderia contar muito mais, sr. Barker, mas teria muito mais graça vindo do senhor.

— Oh, o senhor pensa assim, é? Bem, tudo que posso dizer é que, se existe algum segredo aqui, não é meu, e não sou a pessoa que deve revelá-lo.

— Bem, se o senhor vai por esse caminho, sr. Barker, devemos mantê-lo sob vigilância até que tenhamos a autorização para prendê-lo — disse o inspetor, calmamente.

— Podem fazer o que bem entenderem — disse Barker de modo desafiador.

Pelo que tudo indicava, a conversa estava encerrada, pois bastava olhar para aquele rosto de pedra para perceber que nenhuma *peine forte et dure* o forçaria a falar contra a vontade. Mas o silêncio foi quebrado por uma voz de mulher. A sra. Douglas estivera ouvindo tudo pela porta entreaberta, e agora entrava no escritório.

— Você fez muito, Cecil — disse ela. — Não importa o que aconteça depois, mas você fez bastante por nós.

— E fez muito mesmo — comentou Sherlock Holmes em tom sério. — Desde o início eu tive muita simpatia pela senhora e devo pedir-lhe que tenha confiança em nosso bom senso e que confie plenamente na polícia. Talvez eu tenha errado ao não atender ao pedido que me fez por intermédio de meu amigo, dr. Watson, mas àquela altura eu tinha bons motivos para acreditar que a senhora estivesse diretamente envolvida no crime. Agora, garanto-lhe que já não penso assim. Ao mesmo tempo, há muita coisa ainda sem explicação e solicito encarecidamente que a senhora peça ao sr. Douglas para nos contar a história dele.

A sra. Douglas deu um grito de espanto ao ouvir as palavras de Holmes. Os detetives e eu certamente repetimos esse grito quando percebemos a presença de um homem que parecia ter saído da parede e que agora avançava, saindo da escuridão do canto do escritório de onde viera. A sra. Douglas virou-se e o abraçou. Barker apertou sua mão estendida.

— É melhor assim, Jack — sua esposa repetia. — Tenho certeza de que assim é melhor.

— Realmente é, sr. Douglas — disse Sherlock Holmes. — O senhor mesmo achará melhor.

O homem piscava enquanto nos olhava ainda meio confuso, pois saíra da escuridão para um ambiente iluminado. Era um rosto extraordinário, olhos acinzentados penetrantes, um bigode grisalho cheio e bem aparado, queixo retilíneo e saliente, e a boca com uma expressão irônica. Ele olhou detidamente para todos nós e então, para surpresa minha, avançou em minha direção e me entregou um maço de papéis.

— Ouvi falar no senhor — ele disse com um sotaque que não era inglês nem americano, mas suave e agradável. — O senhor é o historiador dessa papelada. Bem, dr. Watson, o senhor nunca teve uma história como essa em suas mãos e eu gastei meu último centavo com ela. Conte essa história do seu jeito. Mas há fatos, e o senhor não pode esconder do público. Fiquei confinado dois dias e passava as manhãs e as tardes, embora não houvesse muita claridade naquela ratoeira, pondo tudo em palavras nesses papéis. É um prazer entregá-los ao senhor; ao senhor e ao seu público. Aí está a história do Vale do Medo.

— Isso pertence ao passado, sr. Douglas — disse Sherlock Holmes com serenidade. — O que desejamos agora é ouvir sua história sobre o presente.

— Eu contarei, senhor — disse Douglas. — Posso fumar enquanto falo? Bem, obrigado, sr. Holmes. O senhor também é fumante, se me lembro bem, e pode imaginar o que é ficar sentado durante dois dias com tabaco no bolso e com medo de que o cheiro do fumo nos denuncie. — Ele se apoiou no consolo da lareira e tragou o charuto que Holmes lhe dera.

— Ouvi falar no senhor. Nunca imaginei que fosse encontrá-lo. Mas, antes de o senhor acabar de ler tudo isso, concordará que lhe trouxe algo bem diferente — disse, apontando para os papéis.

O inspetor MacDonald manteve-se o tempo todo olhando para aquele homem com uma expressão de assombro.

— Bem, não consigo entender isso! — ele finalmente gritou. — Se o senhor é John Douglas, de Birlstone, a morte de quem estamos investigando há dois dias, e de onde, afinal, o senhor apareceu agora? O senhor parece ter saído de uma cartola de mágico.

— Ah, sr. Mac, o senhor não entenderia esta nova versão do esconderijo do rei Charles — disse Holmes, sacudindo o dedo com ar de censura. — Naquele tempo as pessoas só se escondiam em lugares seguros. E um lugar que já foi usado uma vez pode ser usado de novo. Eu me convenci de que tínhamos de encontrar o sr. Douglas debaixo desse teto.

— E por quanto tempo o senhor pregou esta peça em nós, sr. Holmes? — perguntou o inspetor, furioso. — Quanto tempo o senhor deixou que perdêssemos numa busca que o senhor sabia que era ridícula?

— Nem um minuto, meu caro sr. Mac. Só ontem à noite cheguei a uma opinião sobre o caso. Como minha teoria só poderia ser provada hoje à noite, disse ao senhor e ao seu colega para tirarem uma folga durante o dia. Diga, o que mais eu poderia ter feito? Quando encontrei as roupas no fosso, imediatamente ficou claro para mim que o corpo que achamos aqui não poderia ser o do sr. John Douglas, e sim o do ciclista de Tunbridge Wells. Não era possível outra conclusão. Portanto eu tinha de descobrir onde o sr. Douglas poderia estar, e entre as várias possibilidades estava a de que, com a conivência da esposa e do amigo, ele havia se escondido nesta casa mesmo, que tem lugares adequados para abrigar um fugitivo esperando uma oportunidade melhor para fugir de vez.

— O senhor descreveu tudo muito bem — disse o sr. Douglas de modo aprovador. — Eu pensei que escaparia da legislação inglesa, pois não tinha muita certeza a respeito da minha situação em relação a ela, e além disso vi a oportunidade de afastar, de uma vez por todas, esses perdigueiros do meu rastro. Veja bem, do início ao fim não fiz nada de que tivesse de me envergonhar, e nada que não faria de novo, mas os senhores farão o seu próprio julgamento quando eu lhes contar minha história. Não se preocupe em me advertir, inspetor. Estou disposto a encarar a verdade.

— Não vou começar do princípio. Está tudo ali — indicou meu maço de folhas. — Os senhores acharão que é uma história muito estranha. Tudo se resume no seguinte: há alguns homens que têm um bom motivo para me odiar e que gastarão até o último centavo para saber que me apanharam. Enquanto eu estiver vivo e eles também, não há segurança no mundo para mim. Eles me caçaram de Chicago à Califórnia. Depois me fizeram fugir da América. Mas, quando me casei e me estabeleci aqui neste lugar, pensei que meus últimos anos seriam tranquilos. Nunca falei à minha mulher sobre isso. Como eu poderia envolvê-la numa coisa dessas? Ela jamais teria um

momento de sossego. Ficaria sempre imaginando desgraças. Acho que ela sabe de alguma coisa, pois posso ter deixado escapar um comentário aqui, outro ali: mas até ontem, depois que os senhores a viram, ela jamais soube de nada. Ela lhes contou tudo que sabia, e o mesmo fez Barker, pois, na noite em que tudo aconteceu, não houve muito tempo para explicações. Agora ela sabe tudo, e teria sido mais prudente se eu tivesse contado a ela antes. Mas era um assunto tão desagradável, querida... — Ele segurou a mão dela por um instante — ... E procurei fazer o melhor.

— Bem, senhores, no dia anterior ao desses acontecimentos eu fui a Tunbridge Wells e vi de relance um homem na rua. Minha mente é rápida para essas coisas e não tive dúvida sobre quem seria ele. Era o pior inimigo que eu tinha entre todos os outros, o que ficara atrás de mim como um lobo faminto perseguindo uma rena todos esses anos. Eu logo vi que teria problemas e, então, vim para casa e me preparei para ele. Achei que podia enfrentá-lo sozinho. Houve um tempo em que a minha sorte era conhecida nos Estados Unidos. Nunca duvidei de que essa sorte ainda estivesse do meu lado.

— Fiquei alerta durante todo o dia seguinte e não saí em momento algum. Isso foi bom, pois do contrário ele teria me acertado com aquela espingarda antes mesmo que eu chegasse perto dele. Depois que a ponte foi suspensa (eu ficava mais tranquilo quando a ponte era suspensa, à noitinha) eu analisei bem o problema. Nunca imaginei que ele entraria na casa e ficaria esperando por mim. Mas, quando fiz minha ronda de roupão, como era meu costume, tão logo entrei no escritório pressenti o perigo. Acho que, quando um homem já passou por perigos na vida (e passei por perigos a maior parte da minha), há uma espécie de sexto sentido que acena a bandeira vermelha. Eu vi o sinal de maneira bem nítida e mesmo assim não sei lhes dizer por quê. Logo depois, vi a ponta de uma bota aparecendo por baixo da cortina da janela, e então entendi tudo.

— Eu tinha apenas uma vela na mão, mas entrava luz suficiente do hall pela porta, que estava aberta. Eu coloquei a vela na mesa e corri para apanhar o martelo que eu deixara sobre o consolo da lareira. Nesse instante ele saltou em cima de mim. Vi o brilho da lâmina de uma faca e parti para cima dele com o martelo. Eu o atingi em algum lugar, pois a faca fez barulho ao cair no chão. Ele fugiu para trás da mesa, rápido como uma enguia, e logo depois puxou a arma de dentro do casaco. Eu o ouvi

engatilhá-la, mas eu a segurei antes que ele pudesse fazer o disparo. Eu a segurei pelo cano e lutamos durante um minuto mais ou menos. O fato de tê-la largado significou a morte para ele. Ele jamais deixara acontecer algo assim, mas deixou que a coronha ficasse para baixo durante muito tempo. Talvez tenha sido eu quem puxou o gatilho. Talvez tenha sido nossa luta que provocou o disparo. De qualquer modo, ele levou os dois tiros no rosto, e ali estava eu, olhando para o que restava de Ted Baldwin. Eu o reconheci na cidade aquele dia e novamente quando veio para cima de mim. Mas sua própria mãe não o reconheceria do modo que eu o vi naquela noite. Estou acostumado com coisas desagradáveis, mas ver aquilo realmente me fez mal.

— Eu estava apoiado na mesa quando Barker desceu correndo. Ouvi minha esposa vindo também, e então corri para a porta e a detive. Não era cena para uma mulher ver. Eu prometi que logo iria para perto dela. Falei alguma coisa com Barker (ele entendeu tudo num instante e esperamos que os outros chegassem). Mas não apareceu ninguém. Então, percebemos que eles não haviam escutado nada, e que só nós sabíamos o que acontecera.

— Foi nessa hora que tive a ideia. Fiquei encantado com a genialidade da ideia. A manga do homem estava levantada e havia a marca da Loja[24] feita a fogo. Veja aqui.

O homem que conhecíamos como Douglas suspendeu a manga do seu próprio casaco e o punho da camisa para nos mostrar um triângulo marrom dentro de um círculo, exatamente como a marca que tínhamos visto no braço do morto.

— Foi ao ver essa marca que comecei a reparar no resto. Tudo me parecia perfeito. A altura, o cabelo e o corpo se pareciam com os meus. Ninguém poderia ver o rosto dele, pobre-diabo! Eu trouxe essas roupas aqui para baixo, e em 15 minutos Barker e eu vestimos o roupão nele, e ele estava como os senhores o encontraram. Amarramos tudo num embrulho, coloquei no meio a única coisa pesada que consegui encontrar, e atirei pela janela. O cartão que ele pretendia deixar sobre o meu corpo ficou caído ao lado do dele. Meus anéis foram colocados nos dedos dele, mas, na hora da aliança, os senhores mesmos podem ver que passei dos limites — disse, levantando a mão musculosa. — Nunca a tirei desde o dia em que nos casamos e iria demorar uma eternidade para arrancá-la do meu dedo. De

qualquer modo, não sei se alguma vez eu quis tirá-la, mas, se quis, não consegui. Então, tivemos de abandonar esse detalhe. Por outro lado, eu apanhei um curativo e o coloquei no lugar onde eu estou usando um. Isto, sr. Holmes, escapou até ao senhor, que é muito esperto. Pois se o senhor, por acaso, tivesse retirado o curativo, não encontraria nenhum corte por baixo dele.

— Esta era a situação. Se eu pudesse ficar escondido por algum tempo e depois fugir para um lugar onde pudesse reencontrar minha "viúva", nós finalmente teríamos a oportunidade de viver em paz pelo resto de nossas vidas. Esses demônios não me dariam descanso até que eu estivesse debaixo da terra, mas, se vissem nos jornais que Baldwin pegara o homem que queriam, isso seria o fim de todos os meus problemas. Eu não tinha muito tempo para dar explicações a Barker e a minha mulher, mas eles compreenderam o suficiente para que pudessem me ajudar. Eu sabia tudo sobre esse esconderijo e Ames também, mas nunca passou pela sua cabeça ligá-lo ao crime. Eu fui para lá e Barker ficou encarregado de cuidar do resto.

— Acho que os senhores podem deduzir o que aconteceu. Ele abriu a janela e fez a marca sobre o parapeito para dar ideia de como o assassino tinha fugido. Era uma coisa extravagante, já que a ponte estava suspensa, mas não havia outra saída. Então, depois que estava tudo arrumado, ele tocou o sino com força. O que aconteceu depois os senhores sabem. E, agora, podem fazer o que acharem melhor. Eu lhes contei a verdade, toda a verdade, portanto, que Deus me ajude! O que eu lhes pergunto agora é: como eu fico perante a legislação inglesa?

O silêncio foi quebrado por Sherlock Holmes.

— A legislação inglesa é, em princípio, uma legislação justa. O senhor não receberá dela um castigo pior do que o que merece. Mas eu gostaria de esclarecer como esse homem sabia que o senhor morava aqui, ou como entrou em sua casa, ou onde se escondeu.

— Não sei nada sobre isso.

O rosto de Holmes estava lívido e sério.

— A história não acabou ainda. Receio que não — disse ele. — O senhor pode encontrar perigos piores do que a legislação inglesa, ou piores mesmo que seus inimigos americanos. Acho que o senhor ainda corre perigo, sr. Douglas. Aceite meu conselho e continue alerta.

E, agora, leitores pacientes, vou pedir-lhes que venham comigo até um lugar bem distante da Casa Senhorial, de Birlstone, e distante também do ano da graça no qual fizemos nossa movimentada viagem, que terminou com a estranha história do homem conhecido como John Douglas. Desejo que vocês recuem uns vinte anos no tempo, e alguns quilômetros para o oeste, pois assim poderei apresentar-lhes uma narrativa estranha e terrível, tão estranha e tão terrível que vocês podem achar difícil acreditar que tenha acontecido do modo como vou contar. Não pensem que vou começar uma história sem terminar a outra. À medida que vocês lerem, perceberão que não é isso. E, quando eu tiver descrito esses fatos tão distantes no tempo e no espaço e vocês tiverem esclarecido esse mistério do passado, vamos nos encontrar novamente na Baker Street, onde tudo isso, assim como muitos outros acontecimentos extraordinários, chegará ao seu fim.

24 O autor se refere à Loja Maçônica. (N. do T.)

Segunda parte:
Os Scowrer

1

O HOMEM

ERA O DIA 4 DE FEVEREIRO DO ANO DE 1875. O INVERNO FORA rigoroso e a neve cobria todos os desfiladeiros das montanhas Gilmerton. Mas a máquina limpa-trilhos tinha mantido a estrada de ferro aberta e o trem noturno que liga a região de mineração à das instalações siderúrgicas arrastava-se pesadamente pela subida íngreme que vai de Stagville, na planície, a Vermissa, a cidade principal que fica no alto do Vale Vermissa. A partir desse ponto a ferrovia desce na direção de Bartons Crossing, Helmdale, e do condado de Merton, que é uma área exclusivamente agrícola. Era uma ferrovia de apenas uma linha, mas a cada entroncamento, e eles são numerosos, longas filas de vagões carregados com carvão e minério de ferro revelam a riqueza oculta que trouxera uma população rude e uma vida laboriosa a esta área extremamente deserta dos Estados Unidos.

Era um lugar deserto mesmo. O primeiro aventureiro que atravessou esse lugar dificilmente poderia imaginar que os prados mais bonitos e as pastagens mais viçosas não tinham valor algum se comparados com aquela terra triste de montanhas escuras e florestas densas. Acima da mata escura e quase impenetrável nas suas encostas, os cumes altos e lisos das montanhas, recobertos de neve, sobressaíam, deixando no centro um vale comprido, tortuoso e fechado. Acima do vale o pequeno trem se arrastava.

As lâmpadas a óleo tinham acabado de ser acesas no teto do vagão de passageiros, um vagão comprido e simples no qual estavam sentadas vinte ou trinta pessoas. A maioria dessas pessoas eram trabalhadores que voltavam do trabalho árduo na parte mais baixa do vale. Pelo menos uma dúzia deles, pelo rosto austero e pelas lanternas que traziam, demonstrava

ser mineiros. Estavam sentados em grupo, fumando, e conversavam em voz baixa, olhando ocasionalmente para dois homens que estavam sentados do outro lado do vagão, cujos uniformes e distintivos indicavam que eram policiais. Muitas mulheres da classe operária e um ou dois viajantes que deviam ser donos de pequenos empórios locais constituíam o resto dos passageiros, com exceção de um jovem que estava sozinho num canto do carro. É esse homem que nos interessa. Olhem bem para ele, pois vale a pena.

Ele é um jovem de aspecto saudável, altura mediana e não muito longe dos trinta anos. Tem os olhos grandes e acinzentados, sagazes, irônicos, que de vez em quando piscam de maneira inquisitiva enquanto ele observa, através dos óculos, as pessoas em volta. É fácil ver que é uma pessoa sociável e possivelmente simples, ansioso para ser cordial com os demais. Qualquer um o tomaria por uma pessoa gregária e comunicativa, esperta e de sorriso fácil. Ainda assim, quem o examina mais detidamente pode perceber uma certa firmeza em seu queixo e uma rigidez nos lábios que seriam uma advertência de que há muita coisa por trás da fachada desse simpático escocês de cabelo castanho, e que ele é capaz de deixar sua marca, boa ou má, em qualquer sociedade em que seja introduzido.

Depois de fazer um ou dois comentários com o mineiro mais próximo, na tentativa de aproximação, e recebendo apenas respostas curtas e não muito corteses, recolheu-se a um silêncio forçado, olhando pela janela a paisagem quase sem alteração. Não era uma imagem alegre. Em meio à crescente escuridão, o brilho vermelho das fornalhas pulsava nos lados das montanhas. Grandes quantidades de restos de carvão saíam dos dois lados e acima ficava o carvão que ainda seria queimado. Grupos desordenados de casas de madeira, cuja luz das janelas começava a mostrar seu contorno, apareciam aqui e ali ao longo da linha, e as muitas estações que havia no percurso estavam apinhadas de gente de pele escura. Os vales de ferro e de carvão do distrito de Vermissa não eram lugares frequentados por pessoas a passeio ou requintadas. Em toda parte havia sinais característicos da existência de uma luta dura pela vida, um trabalho árduo a ser feito, e os trabalhadores fortes e rudes que o executavam.

O jovem viajante olhava aquela terra sombria com um misto de repulsa e interesse, o que revelava que o cenário era novo para ele. De tempos em tempos tirava do bolso uma carta volumosa da qual lia alguns trechos e em

cuja margem fazia anotações. A certa altura ele retirou da parte de trás da cintura algo que ninguém poderia imaginar estar nas mãos de um homem tão distinto como aquele. Era um revólver bem grande. Quando ele o segurou inclinado contra a luz, o reflexo sobre a borda das cápsulas no tambor mostrou que ele estava carregado com todas as balas. Ele o recolocou rapidamente no seu bolso secreto, mas não antes de o revólver ter sido notado pelo trabalhador que se sentara no banco em frente.

— Olá, companheiro! — disse ele. — Você parece bem armado.

O jovem sorriu um pouco constrangido.

— É — disse ele. — Às vezes precisamos disso no lugar de onde venho.

— E onde será isso?

— Venho de Chicago.

— Um estranho por aqui?

— É.

— Talvez você também precise dele aqui — disse o operário.

— Será?

O jovem parecia interessado.

— Não ouviu falar da vida aqui?

— Nada de especial.

— Puxa! Pensei que o país inteiro soubesse. Você logo ficará sabendo. Por que você veio?

— Disseram que sempre havia serviço para um homem trabalhador.

— Você é do sindicato?

— Sou.

— Então, acho que vai conseguir trabalho. Tem amigos por aqui?

— Ainda não, mas tenho como fazê-los.

— De que maneira?

— Sou membro da Venerável Ordem dos Homens Livres. Não há cidade onde não exista uma Loja. E na Loja encontrarei meus amigos.

Essa referência teve um efeito singular no outro. Ele olhou de modo desconfiado para as outras pessoas que estavam no vagão. Os mineiros continuavam cochichando entre si. Os dois policiais estavam cochilando. Então ele se levantou, sentou-se ao lado do jovem viajante e estendeu a mão.

— Toque aqui — ele disse.

Os dois cumprimentaram-se.

— Vejo que você fala a verdade. Mas é melhor me certificar.

Ele levantou a mão direita até a sobrancelha direita. O jovem viajante imediatamente levantou a mão esquerda e a colocou sobre a sobrancelha esquerda.

— As noites escuras são desagradáveis... — disse o operário.

— ...Para um estranho viajar — o outro completou.

— Isso basta. Sou o Irmão Scanlan, Loja 341, Vale Vermisssa. Prazer em vê-lo por aqui.

— Obrigado. Sou o Irmão John McMurdo, Loja 29, Chicago. Chefe J. H. Scott. Estou feliz por encontrar um irmão tão depressa.

— Bem, há muitos por aqui. Em nenhum lugar dos Estados Unidos você encontrará a Ordem em tão franca expansão como aqui no Vale Vermissa. Mas podemos dar um jeito para você. Não posso entender que um sujeito esperto como você, sendo do sindicato, não encontre trabalho em Chicago.

— Achei muito trabalho ali — disse McMurdo.

— Então por que saiu de lá?

McMurdo fez um sinal com a cabeça apontando os policiais e sorriu.

— Acho que esses caras gostariam muito de saber — disse ele.

Scanlan murmurou em tom amistoso:

— Alguma encrenca? — perguntou.

— Muito séria.

— Você *puxou* pena?

— É, e todo o resto.

— Foi assassinato?

— É muito cedo para falar dessas coisas — disse McMurdo, como alguém que fora surpreendido falando mais do que deveria. — Tenho boas razões pra sair de Chicago, e para você isso é o bastante. Quem é você para ficar perguntando essas coisas?

Por trás dos óculos, seus olhos cinzentos brilharam com um ódio repentino e perigoso.

— Tudo bem, companheiro. Não se ofenda. Os rapazes não vão pensar nada de mal sobre você, seja lá o que você tenha feito. Para onde pretende ir agora?

— Para Vermissa.

— É a terceira parada. Onde vai ficar?

McMurdo puxou um envelope e o aproximou da fraca lâmpada a óleo.

— Aqui está o endereço: Jacob Shafter, Sheridan Street. É uma pensão que me foi recomendada por um homem que conheci em Chicago.

— Eu não conheço, mas Vermissa está fora do meu setor. Moro em Hobson's Patch e é aqui que vamos nos despedir. Mas quero lhe dar um conselho antes de nos separarmos. Se você tiver algum problema em Vermissa, vá direto procurar o chefe McGinty. Ele é o chefe da Loja de Vermissa e nada acontece por lá sem que ele queira. Até logo, companheiro. Talvez nos encontremos na Loja uma noite dessas. Não se esqueça do que eu disse: se tiver algum problema, vá procurar o chefe McGinty.

Scanlan desceu e McMurdo ficou novamente entregue aos seus pensamentos. A noite já caíra e as chamas da fornalha rugiam e saltavam com estrépito no meio da escuridão. Com esse fundo sonoro lúgubre, sombras escuras dobravam-se e esticavam-se, retorciam-se e viravam-se, com o movimento das manivelas, ao ritmo de um ruído incessante.

— Acho que o inferno deve ser mais ou menos assim — disse uma voz.

McMurdo virou-se e viu que um dos policiais se ajeitara no banco e olhava a paisagem árida.

— Por isso, acho que o inferno deve ser assim — disse o outro policial. — Se lá embaixo for pior que isso, então é muito pior do que eu imagino. Acho que você é novo por aqui, rapaz.

— Bem, e se eu for? — McMurdo respondeu com rispidez.

— Apenas isso, senhor: deve ter cuidado com os amigos que escolhe. Se eu fosse você, não começaria com Mike Scanlan e sua gangue.

— O que você tem a ver com os meus amigos? — McMurdo disse numa voz tão alterada que todos que estavam no vagão viraram-se para ver o que acontecia. — Pedi algum conselho, ou você acha que sou idiota e não sei me virar sem você? Fale apenas quando lhe perguntarem alguma coisa, e, juro por Deus, se dependesse de mim, você ia esperar muito para falar.

Ele encarou o policial e lhe mostrou os dentes como um cão ao rosnar.

Os dois policiais, homens pacatos e de boa índole, ficaram perplexos com a veemência com que seus conselhos bem-intencionados foram rejeitados.

— Não se ofenda, estrangeiro — disse um deles. — Era um aviso para o seu próprio bem, já que você é, como se pode ver, novo por aqui.

— Sou novo por aqui, mas não sou novo para você nem para gente do seu tipo — gritou McMurdo, furioso. — Acho que vocês são iguais em todos os lugares, impondo seus conselhos quando ninguém pediu.

— Talvez nos encontremos em breve — disse um dos guardas, sorrindo. — Você foi realmente escolhido a dedo.

— Eu estava pensando a mesma coisa — observou o outro. — Acho que vamos nos encontrar novamente.

— Não tenho medo de vocês. Não se enganem — gritou McMurdo. Meu nome é Jack McMurdo, ouviram? Se quiserem me achar, vou ficar na pensão de Jacob Shafter, na Sheridan Street, Vermissa. Não estou me escondendo de vocês, ouviram? Não se enganem quanto a isso.

Houve um murmúrio de simpatia e admiração dos mineiros devido ao comportamento destemido do recém-chegado, enquanto os policiais davam de ombros e voltavam a conversar entre eles. Pouco depois o trem entrava na estação mal-iluminada, surgindo logo a seguir uma grande claridade, pois Vermissa era a maior cidade daquele circuito. McMurdo pegou sua valise de couro e já ia saltar quando um dos mineiros o abordou.

— Puxa, companheiro, você sabe mesmo como falar com os tiras — disse numa voz que denotava admiração. — Foi um prazer ouvi-lo. Deixe-me carregar sua bagagem e lhe mostrar o caminho. Vou passar pela casa de Shafter no caminho para minha casa.

Seguiu-se um coro amistoso de “boa noite” quando os outros mineiros passaram por eles na plataforma. Antes mesmo de pisar na estação, o violento McMurdo transformara-se numa personalidade em Vermissa.

O campo fora um lugar de terror, mas a cidade era, a seu modo, até mais depressiva. Lá embaixo, ao longo do vale, havia pelo menos um certo esplendor nos gigantescos fornos e nas nuvens de fumaça, enquanto a força e a perseverança do homem encontravam monumentos adequados nas montanhas que ele vasculhara em escavações monstruosas. Mas a cidade tinha um aspecto morto, feio e sórdido. A rua principal, devido ao tráfego, transformara-se numa massa de neve enlameada e marcada pelo sulco das rodas dos veículos. As calçadas eram estreitas e irregulares. O grande número de lâmpadas a óleo servia apenas para mostrar mais nitidamente a série de casas de madeira, cada uma delas com sua varanda dando para a rua, maltratada e suja. Ao se aproximarem do centro da cidade, o cenário clareava devido à existência de uma série de lojas bem-iluminadas, e principalmente por um aglomerado de *saloons* e casas de jogo, onde os mineiros gastavam seu dinheiro suado, mas pago de forma generosa.

— Ali é o sindicato — disse o guia, apontando para um *saloon* que tinha uma aparência quase tão distinta quanto a de um hotel. — Jack McGinty é o chefe aí.

— Que tipo de homem ele é? — perguntou McMurdo.

— O quê? Você nunca ouviu falar no chefe?

— Como é que eu poderia ter ouvido falar nele se sou novo aqui?

— Bem, pensei que o nome dele fosse conhecido em todo o país. O nome dele sai sempre nos jornais.

— Por quê?

— Bem, por causa dos negócios — o mineiro baixou a voz.

— Que negócios?

— Ah, meu bom Deus! Você parece inocente, se é que posso dizer isso sem ofendê-lo. Só há um tipo de negócios sobre o qual você ouvirá falar aqui. É sobre os negócios dos Scowrer.

— Acho que li alguma coisa sobre os Scowrer em Chicago. É um grupo de assassinos, não é?

— Cala a boca! — gritou o mineiro, parando e olhando perplexo para seu acompanhante. — Moço, você não vai durar muito por aqui se falar assim no meio da rua. Muitos homens morreram por muito menos.

— Bem, não sei nada sobre eles. É apenas o que eu li.

— Não estou dizendo que você não tenha lido a verdade. — O homem olhava em volta com nervosismo enquanto falava, perscrutando as sombras como se tivesse medo de ver um perigo qualquer à espreita. — Se matar é assassinato, então Deus sabe que há assassinatos. Mas não ouse ligar o nome de Jack McGinty aos assassinatos, estrangeiro, pois tudo que se fala chega aos ouvidos dele, e ele não é do tipo que perdoa. Bem, é essa a casa que você estava procurando. Vai encontrar o velho Jacob Shafter, que administra sua pensão da mesma forma honesta como vive.

— Muito obrigado — disse McMurdo e, apertando a mão do novo conhecido, pegou a valise e tomou o caminho que dava na casa, em cuja porta ele bateu com força. A porta foi aberta imediatamente por alguém muito diferente do que ele esperava.

Era uma mulher, jovem e muito bonita. Era do tipo alemão, loura e de pele clara, com o atraente contraste de bonitos olhos escuros com os quais ela examinou o estranho com surpresa e um agradável embaraço, que trouxe um pouco de cor à sua pele clara. Emoldurada pela luminosidade da

porta aberta, pareceu a McMurdo que jamais vira uma mulher mais bonita; mais bonita ainda pelo contraste com a tristeza do lugar. Uma linda violeta desabrochando no meio da sujeira das minas não teria parecido mais surpreendente. Tão fascinado ele estava que ficou parado olhando para ela sem dizer nada, e foi ela quem quebrou o silêncio.

— Pensei que fosse o papai — disse ela, com um leve e agradável sotaque alemão. — O senhor veio falar com ele? Ele foi ao centro. Deve voltar a qualquer momento.

McMurdo continuou a olhá-la com franca admiração até que ela baixou os olhos, confusa diante de um visitante tão desconcertante.

— Não, senhorita — disse ele, finalmente. — Não tenho pressa. Recomendaram-me a sua casa para me instalar. Achei que seria um bom lugar e agora tenho certeza de que será.

— O senhor se decide muito depressa — ela disse com um sorriso.

— Só um cego não faria o mesmo — respondeu. Ela riu ao ouvir o elogio.

— Entre, senhor — disse ela. — Meu nome é Ettie Shafter, a filha do sr. Shafter. Minha mãe morreu e eu tomo conta da casa. Sente-se perto do fogo, na outra sala, até meu pai voltar. Ah, aí está ele. Então o senhor pode acertar tudo com ele.

Um homem grande, já idoso, vinha subindo a escada da casa. Em poucas palavras McMurdo explicou sua situação. Um homem chamado Murphy dera o endereço da pensão, em Chicago. Essa pessoa tinha recebido a indicação de outra pessoa. O velho Shafter era objetivo. O estrangeiro não reclamou de nada, aceitando de imediato todas as condições, e, aparentemente, dinheiro não era problema. Por 12 dólares cada semana, pagos antecipadamente, ele teria casa e comida. Foi assim que McMurdo, o fugitivo confesso da Justiça, instalou-se sob o teto dos Shafters, a primeira etapa de uma longa e nebulosa série de acontecimentos que terminaram num lugar muito distante.

2

O CHEFE

McMurdo era um homem que fazia rapidamente seu nome. Onde quer que estivesse, as pessoas em volta passavam a conhecê-lo. Em apenas uma semana ele se tornara o mais notório dos moradores da casa de Shafter. Havia cerca de 10 ou 12 hóspedes, mas eram todos trabalhadores honestos ou funcionários das lojas, de uma formação muito diferente daquela do jovem escocês. À noite, quando todos se reuniam, as brincadeiras dele eram as mais vivas, sua conversa, a mais brilhante, e sua canção, a melhor. Sua alegria era inata e seu magnetismo atraía o bom humor de todos que estivessem a seu redor. Mesmo assim, ele mostrava diversas vezes, como fizera no trem, uma capacidade de se enfurecer subitamente e de modo violento, o que lhe valia o respeito e mesmo o temor dos que o viam assim. Com relação à lei e a todas as pessoas ligadas a ela, exibia, também, um cáustico desprezo que encantava alguns dos seus companheiros de pensão e alarmava outros.

Logo de início ele deixou bem claro, por sua admiração incontida, que a filha do dono da pensão conquistara seu coração no instante em que pusera os olhos em sua beleza e graça. Ele não era um pretendente tímido. No segundo dia, dissera-lhe que a amava, e daí em diante repetia a mesma história com absoluto descaso pelo que ela pudesse dizer para desencorajá-lo.

— Existe outro? — ele examinava. — Bem, pior para esse outro! Ele que se cuide. Vou perder a chance da minha vida e deixar morrer os desejos do meu coração por causa de outro? Você pode continuar a dizer não, Ettie!

Chegará o dia em que você dirá sim, e sou suficientemente jovem para esperar.

Ele era um pretendente perigoso, com a língua escocesa muito loquaz e seus modos lisonjeiros. Havia nele também aquele fascínio da experiência e de mistério que atrai o interesse de uma mulher e, finalmente, seu amor. Ele podia falar dos maravilhosos vales de County Monaghan, de onde viera, da encantadora e distante ilha, os pequenos montes e verdes prados que pareciam ainda mais belos quando a imaginação os via daqui dessa terra suja e cheia de neve. De repente ele começava a falar nas cidades do norte, de Detroit e dos campos madeireiros de Michigan, de Buffalo e, finalmente, de Chicago, onde ele trabalhara numa serraria. E depois vinha a insinuação de romances, a sensação de que coisas fantásticas haviam acontecido com ele naquela cidade grande, coisas tão fantásticas e íntimas que não podiam nem ser contadas. Ele falou com nostalgia de uma partida súbita, rompimento de antigos laços, um recomeço num mundo diferente que acabou sendo nesse vale sombrio, e Ettie escutava, seus olhos negros brilhando com pena e simpatia, esses dois sentimentos que podem se transformar tão rapidamente e tão naturalmente em amor.

McMurdo conseguira um emprego temporário como guarda-livros, pois era um homem muito bem preparado. Isso o mantinha fora de casa a maior parte do dia, e não encontrara tempo ainda para ir falar com o chefe da Loja da Venerável Ordem dos Homens Livres. Mas ele foi lembrado da sua omissão certa noite pela visita de Mike Scanlan, o companheiro que ele conhecera no trem. Scanlan, um homem baixo de rosto severo e com olhos negros muito nervosos, pareceu contente em vê-lo novamente. Depois de um copo ou dois de uísque, ele contou o motivo de sua visita.

— McMurdo, eu me lembrava do seu endereço e então tomei a liberdade de procurá-lo — ele disse. — Estou surpreso por você ainda não ter ido procurar o chefe. Por que, afinal, você não foi ver o chefe McGinty?

— Eu precisava arranjar um emprego. Andei ocupado.

— Você tem de encontrar tempo para ele, mesmo que não tenha tempo para nada mais. Meu Deus! Cara, você é louco de não ter ido ao sindicato e registrado seu nome no dia seguinte ao da sua chegada aqui! Se você entrar em choque com ele... Bem, você não *deve* entrar em choque. É tudo.

McMurdo mostrou-se um tanto surpreso.

— Sou membro da Loja há mais de dois anos e nunca ouvi falar que as tarefas fossem tão urgentes assim.

— Talvez não sejam em Chicago!

— Bem, aqui é a mesma sociedade.

— É? — Scanlan o encarou demoradamente. Havia algo de sinistro em seu olhar.

— Não é?

— Você me dirá se é daqui a um mês. Eu soube que você conversou com os guardas depois que eu saltei do trem.

— Como você ficou sabendo?

— Oh, a notícia se espalhou. Por aqui as coisas boas e as más se espalham.

— Bem, é verdade. Eu disse àqueles cachorros o que achava deles.

— Meu Deus! McGinty vai gostar muito disso!

— Ele também odeia a polícia? — Scanlan deu uma boa gargalhada.

— Vá conhecê-lo, camarada — disse ele, preparando-se para ir embora. — Não é a polícia que ele odeia, mas odiará você, se não for lá! Agora ouça o conselho de um amigo e vá imediatamente!

Por acaso, na mesma noite, McMurdo teve outra visita mais incisiva que insistiu para que ele fizesse a mesma coisa. Talvez suas atenções para com Ettie estivessem mais evidentes do que antes, ou que elas tenham sido percebidas pelo bom hospedeiro alemão; mas, qualquer que tenha sido a causa, o dono da pensão chamou o jovem ao seu escritório e foi direto ao assunto.

— Parece-me que o senhor está de olho na minha Ettie — disse ele. — É verdade ou estou enganado?

— Sim, é verdade — o jovem respondeu.

— Bem, desejo lhe dizer de saída que não é possível. Alguém chegou na sua frente.

— Ela me disse.

— Pode ter certeza de que lhe disse a verdade! Mas ela lhe disse quem era?

— Não. Eu perguntei, mas ela não quis dizer.

— Eu não ousarei dizer. Talvez ela não quisesse assustá-lo.

— Assustar! — McMurdo ficou irritado na mesma hora.

— É verdade, meu amigo! Não precisa se envergonhar por ter medo dele. É Teddy Baldwin.

— E quem é esse cara, afinal?

— É o chefe dos Scowrer.

— Scowrer! Já ouvi falar neles. Todo mundo fala em Scowrers, mas sempre sussurrando. Do que é que todos vocês têm medo? Quem são os Scowrer?

O dono da pensão instintivamente baixou a voz, como faziam todos ao falar sobre a terrível sociedade.

— Os Scowrer são a Venerável Ordem dos Homens Livres — disse ele.

O jovem se assustou.

— E daí? Eu sou membro da Ordem.

— O senhor?! Eu jamais o receberia em minha casa se soubesse disso. Nem se o senhor pagasse cem dólares por semana.

— O que há de errado com a Ordem? Ela só faz caridade e reúne as pessoas que são membros.

— Pode ser assim em outros lugares. Não aqui!

— Como é aqui?

— Uma sociedade de extermínio, é isso que ela é.

McMurdo riu, incrédulo.

— Como o senhor prova isso? — ele perguntou.

— Provar! Não há cinquenta assassinatos que provem isso? O que me diz de Milman e Van Shorst, e a família Nicholson, e o velho sr. Hyam, e o pequeno Billy James e os outros? Provar! Será que existe alguém neste vale que não a conheça?

— Veja bem... — disse McMurdo em tom sério. — Quero que o senhor retire o que disse ou então explique melhor. O senhor tem de fazer alguma coisa antes de eu sair desta sala. Ponha-se no meu lugar. Estou na cidade há pouco tempo. Pertenço a uma sociedade que conheço apenas como uma entidade inocente. O senhor a encontra no país inteiro, sempre atuando de modo inocente. Agora que estou pensando em me filiar à Loja daqui, o senhor me diz que ela é uma sociedade de extermínio chamada Scowrer. Acho que o senhor me deve uma desculpa ou uma explicação, sr. Shafter.

— Só posso lhe dizer o que todo mundo sabe, senhor. Os chefes de uma sociedade são os chefes da outra. Se o senhor ofender um, é o outro que vai acertá-lo. Temos muitas provas disso.

— Isso não passa de mexerico! Quero provas! — disse McMurdo.

— Se o senhor ficar aqui muito tempo, terá as provas. Mas esqueci que é um deles. Logo, será tão mau quanto os outros. Mas terá de achar outra pensão. Não posso mantê-lo aqui. Já não basta ter um deles cortejando minha Ettie sem que eu ouse afastá-lo, e ainda ter outro hospedado em minha casa? Bem, o senhor só dorme aqui esta noite.

McMurdo viu que estava sendo afastado tanto do seu quarto confortável quanto da mulher que amava. Ele a encontrou sozinha na sala de estar naquela mesma noite e contou a ela os seus problemas.

— Na verdade, seu pai acaba de me contar — disse ele. — Eu não ligaria muito se fosse apenas pelo quarto. Acredite, Ettie, embora eu a conheça há apenas uma semana, você é o ar que eu respiro e não posso viver sem você.

— Calma, sr. McMurdo! Não fale assim! — disse a moça. — Eu já lhe falei que o senhor chegou tarde demais, não falei? Há um outro, e, embora eu não tenha prometido me casar com ele logo, não posso prometer isso a outro.

— Suponha que eu tivesse sido o primeiro, Ettie. Eu teria chance?

A moça enfiou o rosto nas mãos.

— Eu desejaria que o senhor *tivesse* sido o primeiro — ela disse, soluçando.

McMurdo imediatamente ajoelhou-se diante dela.

— Pelo amor de Deus, Ettie, esqueça tudo isso! — ele gritou. — Você vai estragar sua vida e a minha por causa dessa promessa? Siga a vontade do seu coração, puxa! É um guia muito mais seguro do que qualquer promessa feita antes que você soubesse o que estava dizendo.

Ele segurava a mão branca de Ettie entre as suas mãos fortes e morenas.

— Diga que você será minha, e nós enfrentaremos isso juntos.

— Longe daqui?

— Não, aqui.

— Não, não, Jack — os braços dele a envolviam agora. — Não poderia ser aqui. Você não poderia me levar para longe?

O rosto de McMurdo mostrou hesitação por um instante, mas acabou ficando rijo como granito.

— Não, aqui — disse ele. — Vou lutar por você contra o mundo, Ettie, aqui mesmo onde estamos!

— Por que não vamos embora?

— Não, Ettie. Não posso ir embora.
— Por quê?
— Eu nunca mais ergueria minha cabeça novamente se sentisse que tive de fugir daqui. Além do mais, ter medo do quê? Não somos pessoas livres num país livre? Se você me ama e eu a amo, quem ousará se intrometer?
— Você não sabe, Jack. Você está aqui há muito pouco tempo. Você não conhece Baldwin. Não conhece McGinty e os Scowrer.
— Não, não os conheço, não tenho medo deles, e não acredito neles! — disse McMurdo. — Vivi no meio de homens rudes, querida, e, em vez de ter medo deles, eram sempre eles que acabavam tendo medo de mim. Sempre, Ettie. É uma loucura! Se esses homens, como disse seu pai, cometeram crime atrás de crime nesse vale, e se todos os conhecem, por que não foram condenados? Responda-me, Ettie.
— Porque nenhuma testemunha tem coragem de depor contra eles. Quem fizesse isso não viveria um mês, se chegasse a tanto. E também porque eles têm sempre homens que juram que o acusado estava longe do local do crime. Mas certamente, Jack, você já deve ter lido sobre isso. Eu sabia que todos os jornais dos Estados Unidos contaram a respeito deles.
— Sim, eu li alguma coisa, mas pensei que não fosse verdade. Talvez esses homens tenham algum motivo para fazer o que fazem. Talvez tenham sido ofendidos e não tenham outro modo de se defender.
— Oh, Jack, não fale uma coisas dessas! É assim que ele fala, o outro!
— Baldwin... Ele fala assim?
— É por isso que eu o detesto. Oh, Jack, agora posso lhe contar toda a verdade. Eu o odeio com todas as minhas forças; mas tenho medo dele. Tenho medo por mim, mas, acima de tudo, tenho medo por meu pai. Eu sei que um grande sofrimento nos atingiria se eu ousasse dizer o que realmente sinto. Foi por isso que usei de meias-promessas para me livrar dele. Era nossa única esperança. Mas, se você me tirasse daqui, Jack, nós poderíamos levar papai conosco e viver para sempre longe do perigo desses homens cruéis.
Novamente o rosto de McMurdo mostrou hesitação e novamente ficou duro como o granito.
— Não acontecerá nada a você, Ettie. Nem a seu pai. Quanto aos homens cruéis, espero que você possa descobrir que eu sou tão mau quanto o pior deles antes de ficarmos juntos.

— Não, não, Jack! Eu confiaria em você em qualquer outro lugar.

McMurdo riu com amargura.

— Meu Deus, como você sabe pouco a meu respeito! Sua alma inocente, querida, não pode nem imaginar o que se passa na minha. Mas quem chegou aí?

A porta se abriu de repente e surgiu um rapaz empertigado com ar de superioridade. Era um jovem atraente, elegante, que tinha mais ou menos a mesma idade e compleição de McMurdo. Sob o chapéu de feltro com aba larga, que ele não se preocupara em tirar, um rosto bonito com olhos frios, dominadores, e um nariz curvo. Ele olhava de modo agressivo para o casal sentado perto da lareira.

Ettie levantara-se rapidamente, confusa e alarmada.

— Fico feliz em vê-lo, sr. Baldwin — disse ela. — O senhor chegou mais cedo do que eu esperava. Entre e sente-se.

Baldwin estava parado no mesmo lugar, com as mãos na cintura, olhando para McMurdo.

— Quem é ele? — perguntou secamente.

— Um amigo meu, sr. Baldwin. Um novo inquilino. Sr. McMurdo, posso apresentá-lo ao sr. Baldwin?

Os dois jovens cumprimentaram-se com um aceno de cabeça não muito cortês.

— Talvez a srta. Ettie tenha lhe contado o que há entre nós — disse Baldwin.

— Não pensei que houvesse alguma coisa entre vocês dois.

— Não? Pode pensar a partir de agora. Fique sabendo que essa garota é minha. E você vai achar que a noite está ótima para dar um passeio.

— Obrigado. Não estou com vontade de caminhar.

— Não está? — os olhos selvagens do homem brilharam de raiva. — Talvez esteja com vontade de lutar, sr. Inquilino.

— E estou mesmo! — exclamou McMurdo, ficando de pé. — Você nunca falou uma coisa tão certa.

— Pelo amor de Deus, “Jack”! Oh, pelo amor de Deus! — gritava a pobre e confusa Ettie. — Oh, Jack, Jack — ele vai machucá-lo!

— Ah, é de «Jack» que você o chama? — disse Baldwin, praguejando. — Já está assim, é?

— Oh, Ted, seja razoável, seja cortês! Por mim, Ted, se é que você me ama, tenha um bom coração e perdoe.

— Eu acho, Ettie, que se você nos deixasse sozinhos, poderíamos resolver isso — disse McMurdo com tranquilidade. — Ou talvez, sr. Baldwin, o senhor prefira dar uma volta comigo na rua. Está uma noite linda. Há uns espaços vazios no próximo quarteirão.

— Eu vou acertar as contas com você sem ter que sujar as minhas mãos — disse o outro. — Você vai se arrepender de ter posto os pés nesta casa antes de eu acabar com você.

— Não há melhor hora do que agora! — gritou McMurdo.

— Eu mesmo escolho a hora certa, senhor. Deixe isso por minha conta. Veja isso! — ele levantou a manga e mostrou no antebraço um sinal estranho que parecia ter sido marcado a fogo. Era um círculo com um triângulo em seu interior. — Sabe o que significa isso?

— Não sei nem quero em saber!

— Bem, você ficará sabendo. Isso eu lhe prometo. Não vai demorar muito tempo. Talvez a srta. Ettie possa dizer-lhe algo sobre isso. Quanto a você, Ettie, voltará para mim de joelhos. Ouviu bem? De joelhos! E então eu lhe direi qual será o seu castigo. Você plantou: juro por Deus que verei você colhendo os frutos do que semeou! — ele olhou para os dois com expressão de fúria. Então, virou-se e pouco depois a porta da rua bateu.

Durante alguns minutos McMurdo e a moça ficaram calados. Depois ela lançou seus braços em volta dele.

— Oh, Jack, como você foi corajoso! Mas não adianta nada. Tem de ir embora! Hoje ainda, Jack. Hoje ainda! É sua única esperança. Ele acabará com a sua vida. Vi isso nos olhos dele. Que chance você tem contra uma porção deles, com o chefe McGinty e toda a força da Loja por trás deles?

McMurdo afastou os braços dela, beijou-a e levou-a gentilmente até uma cadeira.

— Puxa! Não fique perturbada nem tema nada por mim. Eu sou da Loja. Acabei de contar isso ao seu pai. Talvez eu não seja melhor do que os outros, portanto não pense que eu sou um santo. Talvez você também me odeie agora que lhe contei isso.

— Odiá-lo, Jack?! Enquanto eu viver, jamais poderei sentir isso por você. Já ouvi falar que não há nada de mais em pertencer à Loja em outros lugares, a não ser aqui. Então, por que eu haveria de pensar mal de você?

Mas, se você pertence à Loja, Jack, por que não vai se apresentar ao chefe McGinty? Depressa, Jack, depressa! Conte sua versão primeiro, ou então aqueles miseráveis o pegarão.

— Eu estava pensando na mesma coisa — disse McMurdo. — Vou lá agora mesmo tratar disso. Você pode dizer ao seu pai que dormirei aqui esta noite e que amanhã cedo procurarei outro lugar para ficar.

O bar do *saloon* de McGinty estava superlotado como sempre, pois era o local preferido pelos piores elementos da cidade. O homem era popular, porque tinha uma aparência rude e jovial que servia de máscara para encobrir muita coisa. Mas, fora sua popularidade, o medo que tinham dele em toda a cidade, e, na verdade, num raio de quarenta quilômetros, que incluía o vale e além das montanhas que o delimitavam dos dois lados, era suficiente para manter seu bar cheio, pois ninguém podia se dar ao luxo de dispensar sua benevolência.

Além dessas forças secretas, que todos acreditavam que ele exercia de modo impiedoso, ele era um alto funcionário público, um membro do conselho municipal e um comissário de estradas, eleito pelos votos dos malfeitores que, por sua vez, esperavam favores em troca. Os impostos e as taxas eram enormes, os serviços públicos eram notoriamente negligenciados, a contabilidade era aprovada por auditores subornados, e os cidadãos decentes eram obrigados a pagar subornos e ficar calados a fim de que algo pior não se abatesse sobre eles. Foi assim que, ano após ano, os alfinetes de diamante de McGinty tornaram-se maiores; as correntes de ouro, mais pesadas e atravessadas num colete mais elegante; e seu *saloon* se expandia até ameaçar englobar todo um lado do quarteirão da Market Square.

McMurdo empurrou a porta de vaivém do *saloon* e abriu caminho entre a multidão de homens que estava ali dentro, numa atmosfera carregada de fumaça de tabaco e com forte cheiro de álcool. O lugar era muito iluminado e os grandes espelhos que havia em cada parede multiplicavam a iluminação espalhafatosa. Havia vários garçons em manga de camisa preparando bebidas para os clientes, que se amontoavam no grande balcão de metal. No canto do *saloon*, com o corpo apoiado numa barra e um charuto enfiado no canto da boca, estava um homem alto, forte e musculoso que só podia ser o próprio McGinty. Ele era um gigante de bastos cabelos negros, com a barba cerrada e uma mecha de cabelo caindo sobre o

colarinho. Tinha a cor morena dos italianos, e seus olhos negros eram estranhamente sem brilho, e, combinados com um ligeiro estrabismo, davam-lhe uma aparência sinistra. Tudo o mais (suas proporções perfeitas, suas feições finas e seu modo franco) combinava com o jeito jovial que forjava. Aqui está, alguém poderia dizer, um sujeito honesto e fanfarrão, que tem um coração magnânimo apesar das palavras rudes que diz. Somente quando aqueles olhos negros sem brilho, profundos e impiedosos, voltavam-se para alguém é que a pessoa se encolhia toda, sentindo que estava frente a frente com uma infinita possibilidade de um demônio latente, com uma força, uma coragem e uma astúcia por trás que o tornavam mil vezes mais mortal.

Depois de olhar bem para esse homem, McMurdo abriu caminho de modo rude, com sua audácia descuidada, e chegou até o pequeno grupo de bajuladores que cercava servilmente seu chefe poderoso, rindo de maneira estrondosa ao menor gracejo que ele fizesse. Os atrevidos olhos acinzentados do jovem estranho encararam sem medo, através dos óculos, aqueles olhos negros sem brilho que se voltaram bruscamente para ele.

— Bem, rapaz, não consigo me lembrar de você.

— Sou novo aqui, sr. McGinty.

— Não é tão novo que não possa chamar um cavalheiro pelo seu título.

— Ele é o Conselheiro McGinty, rapaz — disse alguém do grupo.

— Desculpe, conselheiro. Não conheço bem os costumes do lugar. Mas fui aconselhado a procurá-lo.

— Bem, aqui estou. Isso aqui é tudo. O que acha de mim?

— Ainda é cedo. Se seu coração for tão grande quanto o seu corpo, e sua alma tão boa quanto seu rosto, então não pediria mais nada — disse McMurdo.

— Puxa! Você tem um forte sotaque escocês — disse o dono do *saloon*, sem saber se deveria brincar com aquele visitante audacioso ou corresponder à sua dignidade. — Então você se acha capaz de dar opinião sobre a minha aparência?

— Claro.

— E lhe disseram para me procurar?

— Sim.

— E quem lhe disse isso?

— O Irmão Scanlan, da Loja 341, Vermissa. Bebo à sua saúde, conselheiro, e ao nosso encontro. — Ele ergueu o copo que lhe haviam servido e bebeu, levantando o dedo mínimo.

McGinty, que o observava atentamente, ergueu suas grossas sobrancelhas negras.

— Oh, então é isso? — disse ele. — Terei de examinar isso melhor, senhor...

— McMurdo.

— Um pouco melhor, sr. McMurdo, porque não confiamos nas pessoas por aqui, e nem acreditamos em tudo que nos dizem. Venha um minuto até aqui, atrás do bar.

Havia uma sala pequena cheia de barris. McGinty fechou a porta com todo o cuidado e, então, sentou-se num dos barris, mordendo o charuto pensativamente e examinando o outro com os olhos inquietantes. Durante alguns minutos ele ficou em absoluto silêncio.

McMurdo suportou a inspeção de modo descontraído, com uma das mãos no bolso do casaco e a outra retorcendo o bigode castanho.

De repente McGinty inclinou-se para a frente e mostrou um revólver de aparência aterradora.

— Olhe aqui, brincalhão — disse ele. — Se eu achasse que estava querendo pregar alguma peça em nós, você teria bem pouco tempo.

— Que recepção estranha para o chefe de uma Loja dar a um novo irmão... — McMurdo respondeu com certa dignidade.

— Sim, e é justamente isso que você tem de provar, e que Deus o ajude se você falhar. Onde você foi iniciado? — disse McGinty.

— Loja 29, Chicago.

— Quando?

— Vinte e quatro de junho de 1872.

— Qual o chefe?

— James H. Scott.

— Quem é o seu chefe de distrito?

— Bartholomew Wilson.

— Hum! Você me parece bem fluente no seu teste. O que você faz aqui?

— Trabalho, como o senhor, mas num trabalho mais modesto.

— Você tem as respostas na ponta da língua.

— Sim, sempre tive facilidade para me expressar.

— Você é rápido para agir?

— É essa a opinião dos que me conhecem melhor.

— Bem, podemos testá-lo antes do que você imagina. Você já ouviu falar alguma coisa da Loja por aqui?

— Ouvi que é preciso acertar um homem para se tornar irmão.

— Isso é verdade para você, McMurdo. Por que saiu de Chicago?

— Que o diabo me carregue se eu lhe disser isso.

McGinty arregalou os olhos. Não estava acostumado a ouvir respostas desse tipo e isso o divertiu.

— Por que não vai me contar?

— Porque um irmão não pode mentir para outro.

— Então a verdade é muito ruim?

— Pode dizer assim, se prefere.

— Olhe aqui... Você não pode esperar que eu, como chefe, admita na Loja alguém por cujo passado ele não pode responder.

McMurdo pareceu embaraçado. Então, tirou do bolso do casaco um recorte de jornal desbotado.

— O senhor não denunciaria um companheiro? — ele perguntou.

— Eu lhe meto a mão na cara se disser de novo essas coisas para mim! — McGinty gritou, furioso.

— O senhor está certo, conselheiro — disse McMurdo humildemente. — Devo me desculpar. Falei sem pensar. Sei que estou seguro em suas mãos. Olhe esse recorte.

McGinty passou os olhos pela notícia sobre o assassinato de Jonas Pinto, no Lake Saloon, Market Street, em Chicago, na semana do Ano-novo de 1874.

— Coisa sua? — ele perguntou ao devolver o recorte. McMurdo assentiu.

— Por que você o matou?

— Eu estava ajudando o Tio Sam a fazer dólares. Talvez o meu ouro não fosse tão bom quanto o dele, mas tinha a mesma aparência e era mais barato. Esse tal de Pinto ajudou-me a fazer o derrame...

— Fazer o quê?

— Isso significa pôr os dólares em circulação. Depois, disse que ia deixar o negócio. Talvez fosse mesmo. Não esperei para ver. Eu simplesmente o matei e fugi para as minas de carvão.

— Por que as minas de carvão?

— Porque li nos jornais que por lá o pessoal não era muito exigente. — McGinty riu.

— Primeiro você foi um falsificador de dinheiro e depois se tornou assassino, e vem para cá achando que seria bem-vindo?

— Bem, foi isso que aconteceu — McMurdo respondeu.

— Acho que você irá longe. Diga: você ainda pode fazer esse dinheiro?

McMurdo pegou algumas moedas no bolso.

— Essas nunca passaram pela Casa da Moeda.

— Não diga! — McGinty levou-as até a luz nas suas mãos enormes e tão cabeludas quanto as de um gorila. — Não consigo ver nenhuma diferença! Puxa! Você será um irmão muito útil, é o que eu acho. Temos de agir assim com um homem mau, ou quando são dois contra nós, pois às vezes precisamos salvar nossa pele, amigo McMurdo. Logo ficaríamos em dificuldades se não empurrássemos para trás quem estava nos empurrando.

— Acho que vou empurrar os outros com o resto dos rapazes.

— Você me parece ter bastante coragem. Você não se sobressaltou quando eu apontei a pistola para você.

— Não era eu quem estava correndo perigo.

— E quem estava?

— O senhor, conselheiro. — McMurdo tirou do bolso lateral do casaco uma pistola engatilhada. — Eu estava apontando para o senhor o tempo todo. Acho que o meu tiro seria tão rápido quanto o seu.

McGinty ficou vermelho de raiva e depois explodiu numa gargalhada.

— Puxa! — disse ele. — Há muito tempo que não temos nenhum perigo assim tão perto. Suponho que a Loja saberá se orgulhar de você. Bem, que diabo você quer? Não posso falar em particular com um cavalheiro durante cinco minutos sem vocês me interromperem?

O *bartender* ficou embaraçado.

— Sinto muito, conselheiro, mas é o sr. Ted Baldwin. Ele disse que precisa falar com o senhor agora.

O recado era desnecessário, pois o rosto rígido e cruel do outro estava olhando por cima do ombro do empregado. Ele empurrou o *bartender* para fora e fechou a porta.

— Então você chegou aqui antes, não é? — disse ele com um olhar furioso para McMurdo. —Tenho algo a lhe falar, conselheiro, sobre este homem.

— Então diga aqui e agora, na minha frente! — gritou McMurdo.

— Vou falar na hora que eu quiser, do jeito que eu quiser.

— Silêncio, silêncio! — disse McGinty, levantando-se do barril onde estava sentado. — Isso não adianta nada. Temos um novo irmão aqui, Baldwin, e não devemos recebê-lo assim. Aperte a mão dele, homem, e dê o caso por encerrado.

— Nunca! — gritou Baldwin, furioso.

— Eu me ofereci para lutar com ele, se ele acha que eu agi mal — disse McMurdo. — Eu lutarei com as mãos, ou, se isso não lhe agradar, lutarei com ele da maneira que escolher. Agora, deixarei que o senhor, conselheiro, julgue, como deve fazer um chefe.

— Qual é o caso?

— Uma jovem. Ela é livre para se decidir.

— É? — gritou Baldwin.

— Entre dois irmãos da Loja, eu diria que ela é livre — disse o chefe.

— Oh, essa é a sua decisão?

— Sim, é, Ted Baldwin — disse McGinty, com um olhar duro. — É você quem vai disputar isso?

— O senhor vai preterir alguém que esteve a seu lado durante anos em favor de um homem que o senhor nunca viu antes? O senhor não é chefe para sempre, Jack McGinty, e quando chegar a hora de votar...

O conselheiro partiu para cima dele como um tigre. Suas mãos se fecharam em torno do pescoço do outro e ele caiu sobre um dos barris. No seu acesso de fúria ele teria acabado com a vida do outro se McMurdo não tivesse interferido.

— Calma, conselheiro! Pelo amor de Deus, tenha calma! — ele gritou enquanto o puxava para trás.

McGinty afrouxou as mãos e Baldwin, assustado, atordoado e arquejante, com o corpo todo tremendo como alguém que tivesse chegado à fronteira da morte, sentou-se no barril sobre o qual fora jogado.

— Você está querendo isso há muitos dias, Ted Baldwin. Agora você conseguiu! — gritou McGinty, com o peito largo arfando. — Talvez você pense que se eu for derrotado na votação para chefe você pegará o meu lugar. A Loja é que decidirá. Mas, enquanto eu for chefe, nenhum homem levantará a voz para mim ou desacatará minhas decisões.

— Não tenho nada contra o senhor — murmurou Baldwin, esfregando a garganta.

— Muito bem, então! — gritou o outro, adotando uma falsa jovialidade. — Todos nós somos bons amigos e está tudo encerrado.

Ele apanhou uma garrafa de champanha na prateleira e começou a torcer a rolha.

— Veja bem, vamos beber em nome da Loja — ele continuou, enquanto enchia três copos. — Depois disso, como vocês sabem, não pode correr sangue entre nós. Agora, então, a mão esquerda na minha garganta. Eu lhe pergunto, Ted Baldwin, qual o problema, senhor?

— As nuvens estão carregadas — respondeu Baldwin.

— Mas o sol brilhará para sempre.

— Juro que sim.

Os homens beberam e a mesma cerimônia foi repetida entre Baldwin e McMurdo.

— Pronto! — gritou McGinty, esfregando as mãos. — Este é o fim da desavença. Você se submeterá à disciplina da Loja, se tudo der certo, e por aqui a palmatória é pesada, como bem sabe o Irmão Baldwin, e como você descobrirá logo, Irmão McMurdo, se arranjar alguma confusão.

— Acredite: não pretendo fazer isso — disse McMurdo. Ele estendeu a mão para Baldwin. — Sou rápido para brigar e rápido para perdoar. É o meu sangue quente escocês, segundo dizem. Mas para mim está tudo terminado, e não guardo rancor.

Baldwin teve de pegar a mão estendida, pois os terríveis olhos do chefe estavam sobre ele. Mas seu rosto carrancudo mostrava que as palavras do outro não convenceram.

McGinty bateu nos ombros dos dois.

— Hum! Essas moças! Essas moças! — ele disse. — E pensar que a mesma mulher agrada a dois de meus rapazes. Coisas do diabo. É a moça quem vai resolver a questão, porque está fora da jurisdição do chefe, e Deus seja louvado por isso. Já temos muitas encrencas por aqui sem as mulheres. Você tem de se filiar à Loja 341, Irmão McMurdo. Temos nossos próprios meios e métodos, muito diferentes de Chicago. Nossa reunião é sábado à noite e, se você vier, nós o livraremos para sempre do Vale Vermissa.

3

LOJA 341, VERMISSA

NO DIA SEGUINTE ÀQUELA NOITE DE TANTOS ACONTECIMENTOS excitantes, McMurdo mudou-se da casa de Jacob Shafter e foi se instalar na pensão da viúva MacNamara, na periferia da cidade. Scanlan, seu primeiro conhecimento, feito no trem, teve oportunidade, pouco depois, de mudar-se para Vermissa, e os dois moravam juntos. Não havia nenhum outro hóspede e a dona da hospedaria era uma velha escocesa simpática que deixava os dois à vontade, de forma que tinham liberdade de falar e agir, o que era muito bom para homens que tinham segredos em comum. Shafter ficara menos severo, a ponto de deixar McMurdo fazer as refeições em sua casa quando quisesse. Por isso, sua ligação com Ettie não foi interrompida. Pelo contrário, a relação tornou-se mais estreita e íntima à medida que passavam as semanas. McMurdo sentiu-se suficientemente seguro no quarto de sua nova casa para mostrar seus moldes de cunhagem e, sob a condição de manter segredo, alguns irmãos de Loja eram recebidos lá para vê-los, e cada um deles carregava no bolso alguns exemplares do dinheiro falsificado, certos de que não haveria a menor dificuldade em passá-lo adiante. Por que, dominando arte tão magnífica, McMurdo continuava trabalhando era um completo mistério para seus companheiros, embora deixasse claro a todos que lhe perguntavam sobre isso que, se não tivesse um emprego para manter as aparências, logo a polícia estaria atrás dele.

Já havia, na verdade, um policial atrás dele, mas o incidente, por sorte, fez-lhe mais bem do que mal. Depois do primeiro encontro, eram raras as noites em que não ia ao *saloon* de McGinty, a fim de se entrosar melhor com “os rapazes”, que era o título jovial pelo qual a perigosa quadrilha que

infestava o lugar era conhecida entre seus integrantes. Seu jeito impetuoso e destemido de falar fez dele um favorito entre o grupo, enquanto o modo rápido e científico pelo qual eliminava seus antagonistas numa disputa de bar fez com que conquistasse o respeito daquela comunidade rude. Mas um outro incidente fez com que os outros o estimassem ainda mais.

Uma noite, na hora de maior movimento, a porta do *saloon* se abriu e entrou um homem trajando o uniforme azul da polícia das minas de carvão e ferro. Era uma corporação especial criada pelos proprietários das minas e das ferrovias a fim de ajudar os efetivos da polícia civil, que não tinham condições de combater o banditismo que aterrorizava a região. Houve um silêncio quando o homem entrou, e muitos o olharam com curiosidade, mas as relações entre policiais e criminosos são especiais em algumas regiões dos Estados Unidos, e o próprio McGinty, que estava atrás do balcão, não se mostrou surpreso quando o inspetor se misturou aos seus clientes.

— Um uísque puro, porque a noite está fria — disse o oficial. — Acho que não nos encontramos antes, conselheiro.

— O senhor será o novo comandante? — perguntou McGinty.

— Exatamente. Confiamos no senhor, conselheiro, e em outros cidadãos de destaque para nos ajudar a manter a lei e a ordem nesta cidade. Eu sou o capitão Marvin, da polícia das minas.

— Ficaríamos melhor sem o senhor, capitão Marvin — disse McGinty secamente. — Porque temos a polícia da cidade e não precisamos de coisas importadas. As pessoas da sua corporação são instrumentos pagos pelos homens de dinheiro, contratados por eles para bater ou atirar nas pessoas mais pobres, não é?

— Bem, não vamos discutir sobre isso — disse o policial, com bom humor. — Acho que cada um faz seu trabalho, mas não podemos ter a mesma opinião sobre ele. — Ele esvaziou o copo e virou-se para sair quando seus olhos bateram no rosto de Jack McMurdo, que estava apoiando os cotovelos no balcão. — Olá! — ele gritou, olhando o outro de cima a baixo. — Aqui está um velho conhecido.

McMurdo afastou-se dele.

— Nunca fui seu amigo nem de nenhum outro maldito policial em toda a minha vida — disse ele.

— Ser conhecido não significa ser amigo — disse o policial, sorrindo. — Você é Jack McMurdo, de Chicago, tenho certeza, e não tente negar.

McMurdo deu de ombros.

— Não estou negando nada — disse ele. — Acha que tenho vergonha do meu nome?

— Você tem bons motivos para isso.

— Que diabo você quer dizer com isso?! — ele gritou, fechando os punhos.

— Não, não, Jack. Gritos não adiantam comigo. Eu era oficial em Chicago antes de vir para esse maldito depósito de carvão, e reconheço logo um criminoso de Chicago quando ponho os olhos nele.

O rosto de McMurdo mostrou espanto.

— Não me diga que você é o Marvin da Central de Chicago! — ele gritou.

— O mesmo Teddy Marvin, às suas ordens. Não esquecemos o assassinato de Jonas Pinto lá.

— Eu não o matei.

— Não? Que testemunho imparcial, não acha? Bem, você fez a coisa de modo notável, do contrário eles o teriam agarrado. Mas vamos deixar de lado essas coisas do passado porque, aqui entre nós (e talvez eu esteja me excedendo ao dizer isso), eles não têm como acusá-lo de nada, e Chicago o espera de braços abertos.

— Estou muito bem onde estou.

— Bem, eu lhe dei uma sugestão e você é mal-humorado demais para me agradecer.

— É, acho que você tem razão, e realmente lhe agradeço — disse McMurdo, de um modo não muito amável.

— Para mim está tudo bem, desde que você esteja andando dentro da lei — disse o capitão. — Mas, se sair da linha, aí é outra coisa! Então, boa noite para você. E boa noite, conselheiro.

Ele deixou o *saloon*, mas não sem antes criar um herói ali. O passado de McMurdo em Chicago já fora comentado antes. Ele desestimulara todas as perguntas com um sorriso, como alguém que não desejasse ser enaltecido por seus feitos. Mas agora a coisa toda estava oficialmente confirmada. Os frequentadores do bar o rodearam e cumprimentaram com entusiasmo, apertando sua mão. Ele estava livre da comunidade a partir de então. Ele conseguia beber muito sem demonstrar embriaguez, mas naquela noite, se

seu amigo Scanlan não estivesse por perto para levá-lo para casa, o grande herói certamente teria passado a noite debaixo do balcão.

Numa noite de sábado, McMurdo foi apresentado à Loja. Ele pensou que não haveria cerimônia por ter sido iniciado em Chicago; mas em Vermissa havia ritos particulares dos quais todos se orgulhavam, e os postulantes tinham de se submeter a eles. O grupo se reuniu numa grande sala reservada para essa finalidade no sindicato. Cerca de sessenta membros se reuniam em Vermissa, mas esse número nem de longe representava a força total da organização, pois havia várias outras lojas no vale, e ainda outras espalhadas pelas montanhas que delimitavam o vale. Essas lojas intercambiavam seus membros quando havia negócios sérios em andamento, de modo que os crimes podiam ser praticados por homens estranhos à localidade. Ao todo, havia cerca de quinhentas lojas espalhadas pelo distrito mineiro.

Na despojada sala de reuniões, os homens sentavam-se em torno de uma mesa comprida. Na lateral ficava uma outra mesa cheia de garrafas e copos e para a qual alguns membros já estavam olhando. McGinty sentou-se na cabeceira com um chapéu achatado de veludo preto sobre o seu cabelo preto emaranhado e uma estola púrpura em torno do pescoço, de modo que parecia um sacerdote presidindo um ritual diabólico. À sua direita e à sua esquerda ficavam os membros mais destacados da Loja, entre eles o rosto cruel e vistoso de Ted Baldwin. Cada membro usava uma estola ou um medalhão como emblema de sua categoria. Eram, em sua maioria, homens de meia-idade, mas o resto do grupo era formado por companheiros mais jovens, entre 18 e 25 anos, que executavam as ordens dos superiores. Entre os mais velhos havia alguns cujas feições indicavam almas ferozes e desregradas, mas olhando aqueles soldados era difícil acreditar que aqueles jovens vivos e de rosto franco fizessem realmente parte de uma quadrilha de assassinos, cujas mentes sofreram uma tal perversão moral que eles sentiam um tremendo orgulho de sua competência e olhavam com o maior respeito os homens que tinham a fama de fazer o que chamavam de um “trabalho limpo”. Para suas naturezas pervertidas, tornara-se algo divertido e nobre a apresentação voluntária para a execução de serviços contra homens que nunca os ofenderam, e que, em muitos casos, jamais tinham visto antes. Depois de cometido o crime, discutiam quem havia disparado o tiro mortal e divertiam-se, e a todos os demais, descrevendo os gritos e

contorções do morto. No início, haviam mostrado certa discrição em seus trabalhos, mas na época em que se passa esta narrativa seus métodos eram ostensivos, já que as falhas frequentes da lei lhes mostraram que, por um lado, ninguém ousaria testemunhar contra eles, e, por outro, tinham um número ilimitado de testemunhas de confiança que poderiam utilizar e um tesouro bem forrado do qual poderiam retirar os fundos necessários para contratar os melhores advogados do país. Em dez anos de atuação não ocorrera nenhuma prisão, e o único perigo que sempre ameaçara os Scowrer estava nas próprias vítimas que, embora fossem muitas e apanhadas de surpresa, podiam, como às vezes acontecia, deixar sua marca em seus assassinos.

McMurdo fora advertido de que teria de passar por algumas provações, embora ninguém lhe dissesse em que consistiam. Ele foi levado para outra sala por dois irmãos que o conduziram de modo solene. Pelas frestas da madeira, podia ouvir o murmúrio de muitas vozes vindo da sala de reuniões. Uma ou duas vezes, percebeu que falavam em seu nome, e sabia que estavam discutindo sua candidatura. Depois, entraram na sala onde ele estava três guardas da sociedade, com uma faixa verde e dourada atravessada no peito.

— O chefe ordena que seus braços sejam amarrados e seus olhos vendados antes de entrar — disse um deles. Os três então retiraram o casaco dele, arregaçaram a manga direita de sua camisa e finalmente amarraram uma corda nos seus braços, acima do cotovelo, e a apertaram bem. Depois, colocaram um grosso capuz preto em sua cabeça, que cobria até a metade do rosto, de modo que ele não conseguia enxergar nada. Então, foi conduzido até a sala de reuniões.

Estava escuro como breu e sufocante debaixo do capuz. Ele ouvia os ruídos e o murmúrio das pessoas em torno dele, e depois ouviu a voz de McGinty, lenta e distante.

— John McMurdo, você já é membro da Venerável Ordem dos Homens Livres? — perguntou ele.

Ele assentiu.

— A sua Loja é a 29, de Chicago?

Ele assentiu novamente.

— As noites escuras são desagradáveis — disse o chefe.

— Sim, para um estranho viajar — ele respondeu.

— As nuvens estão carregadas.
— Sim, uma tempestade se aproxima.
— Os irmãos estão satisfeitos? — perguntou o chefe.
Houve um murmúrio geral de aprovação.
— Sabemos, irmão, pela sua marca e pelas senhas, que você é realmente um dos nossos — disse McGinty. — Devemos informá-lo, contudo, que neste distrito e em outros distritos desta região temos alguns ritos, e também tarefas próprias, que precisam de bons homens para executá-las. Você está preparado para ser testado?
— Estou.
— Dê um passo à frente para provar isso.
Logo em seguida ele sentiu duas coisas duras diante de seus olhos, pressionando-os, dando a impressão de que não poderia andar para a frente sem o perigo de perdê-los. Mesmo assim, teve coragem suficiente para andar, e quando se moveu para a frente, a pressão se desfez. Houve um murmúrio de aprovação.
— Ele é corajoso — disse alguém. — Você consegue suportar dor?
— Tanto quanto os outros — respondeu.
— Teste-o!
Ele mal conseguiu reprimir um grito, pois uma dor lancinante percorreu seu braço. Quase desmaiou com o choque repentino que a dor lhe provocou, mas mordeu os lábios e cerrou os punhos para esconder sua agonia.
— Posso aguentar mais ainda — disse.
Dessa vez ele foi aplaudido. Jamais houvera uma primeira impressão na Loja tão boa quanto aquela. Recebeu tapinhas nas costas e o capuz foi retirado da sua cabeça. Ele ficou piscando e sorrindo em meio aos cumprimentos que recebia dos irmãos.
— Só mais uma coisa, Irmão McMurdo — disse McGinty. — Você já fez o juramento de manter segredo e fidelidade, e você sabe que o castigo pela quebra desse juramento é a morte instantânea e inevitável?
— Sei — disse McMurdo.
— E você aceita o comando do chefe atual sob todas as circunstâncias?
— Aceito.
— Então, em nome da Loja 341, Vermissa, eu o cumprimento pelo seu ingresso em nosso mundo de privilégios e debates. Ponha a bebida na mesa, Irmão Scanlan, e vamos beber à saúde do nosso notável irmão.

O casaco de McMurdo lhe foi devolvido, mas antes de vesti-lo examinou seu braço direito, que ainda doía muito. Ali, na carne do antebraço, havia um círculo com um triângulo dentro, fundo e vermelho, onde o ferrete fora colocado. Um ou dois dos outros membros levantaram suas mangas e lhe mostraram suas próprias marcas da Loja.

— Todos nós passamos por isso — disse um deles. — Mas nem todos de modo tão corajoso quanto você.

— Oh, isso não foi nada! — ele disse. Mas a pele queimava e doía.

Quando as bebidas que se seguiram à cerimônia foram servidas, a reunião prosseguiu para tratar dos assuntos da Loja. McMurdo, acostumado apenas com os feitos prosaicos de Chicago, ouvia atentamente, demonstrando mais surpresa do que pretendia ao ouvir o que relatavam.

— O primeiro assunto da pauta é esta carta do chefe da Divisão Windle, de Merton County, Loja 249 — disse McGinty. — Diz ele:

> PREZADO SENHOR: Há um serviço a ser executado em Andrew Rae, da empresa Rae e Sturmash, proprietária de minas de carvão perto daqui. O senhor se lembra de que sua Loja nos deve uma *retribuição*, já que executamos aquele caso dos dois guardas no outono passado. Se o senhor mandar dois homens dos bons, eles serão informados de tudo pelo tesoureiro Higgins, da nossa Loja, cujo endereço o senhor sabe. Ele dirá a eles quando e onde agir. Atenciosamente,
>
> J. W. Windle, D.M.A.O.F.

— Windle nunca nos recusou auxílio nas ocasiões em que precisamos de um homem ou dois dele emprestados, e não devemos negar-lhe ajuda. — McGinty parou e olhou ao redor da mesa com seus olhos sombrios, maldosos. — Quem se apresenta para o trabalho?

Vários jovens levantaram as mãos. O chefe olhou para eles com um sorriso aprovador.

— Você serve, *Tigre* Cormac. Se você cuidar disso como fez da última vez, não haverá erro. E você, Wilson.

— Não tenho arma — disse o voluntário, ainda um adolescente.

— É a sua primeira vez, não? Bem, você tem de começar um dia. Será um bom começo para você. Quanto à arma, estará esperando por você,

acredite. Se vocês se apresentarem na segunda-feira, dará tempo de sobra. Vocês terão uma bela recepção quando voltarem.

— Desta vez não haverá recompensa? — perguntou Cormac, um jovem grandalhão, de rosto moreno e mal-encarado, cuja ferocidade lhe valera o apelido de Tigre.

— Não se preocupe com a recompensa. Você só fará isso pela honra do serviço. Talvez depois que o serviço for executado apareçam alguns dólares.

— O que esse homem fez? — perguntou o jovem Wilson.

— Na verdade, isso não é da sua conta. Ele foi julgado lá. Não é problema nosso. Tudo que temos a fazer é executar o serviço para eles, do mesmo modo como fariam para nós. Por falar nisso, dois irmãos da Loja de Merton vão chegar na próxima semana para resolver algumas coisas por aqui.

— Quem são eles? — alguém perguntou.

— É mais prudente não perguntar. Se a gente não sabe nada, não pode testemunhar, e não se arranja encrenca. Mas esses são homens que farão um trabalho limpo.

— Já não é sem tempo! — gritou Ted Baldwin. — As pessoas estão ficando incontroláveis por aqui. Na semana passada mesmo, três dos nossos homens foram demitidos por Blaker. Ele está devendo há muito tempo, mas vai receber o dele direitinho.

— Receber o quê? — McMurdo perguntou num sussurro ao seu vizinho de mesa.

— Um cartucho de chumbo grosso! — gritou o homem, dando uma gargalhada bem alta. — O que acha dos nossos métodos, irmão?

A alma criminosa de McMurdo parecia já ter absorvido o espírito da sociedade perversa da qual agora era membro.

— Gosto deles — disse. — Aqui é o lugar certo para um cara esperto.

Muitos dos que estavam perto dele ouviram suas palavras e o aplaudiram.

— O que houve? — gritou o chefe cabeludo, da cabeceira da mesa.

— É esse nosso novo irmão, senhor, que gosta dos nossos métodos.

McMurdo levantou-se por um instante.

— Eu gostaria de dizer, Venerável Chefe, que, se deve ser escolhido um homem, eu gostaria de ser indicado. Para mim, seria uma honra ajudar a Loja.

Houve muitos aplausos quando disse isso. Percebia-se que um novo sol surgia no horizonte. Para alguns dos membros mais velhos, parecia que o progresso era rápido demais.

— Eu proponho que o Irmão McMurdo espere até que a Loja decida convocá-lo — disse o secretário Harraway, um velho de barba grisalha e cara de abutre que estava sentado perto do presidente da reunião.

— Certo, foi isso que eu quis dizer. Estou às suas ordens — disse McMurdo.

— A sua vez chegará, irmão — disse o presidente. — Nós o consideramos um homem disposto e acreditamos que fará um bom trabalho por aqui. Há uma pequena questão hoje à noite na qual você poderá ajudar, se assim desejar.

— Vou esperar algo que valha a pena.

— Você pode ir hoje à noite, pois isso o ajudará a saber como agimos nessa comunidade. Mais tarde eu direi do que se trata. Por enquanto, tenho mais um ou dois assuntos a tratar antes da reunião — ele olhou para a pauta. — Em primeiro lugar, vou pedir ao tesoureiro o nosso balanço. Tem a pensão para a viúva de Jim Carnaway. Ele foi morto fazendo um serviço para a Loja, e não queremos que ela fique no prejuízo.

— Jim foi morto no mês passado quando tentava matar Chester Wilcox, de Marley Creek — o vizinho de McMurdo lhe disse.

— Os fundos estão bem no momento — disse o tesoureiro, tendo à sua frente o extrato do banco. — As firmas têm sido generosas ultimamente. A Max Linder e Co. pagou quinhentos dólares para ser deixado em paz. A Walker Brothers deu cem dólares, mas por minha conta eu devolvi a quantia e pedi quinhentos. Se até quarta-feira eu não receber nada delas, suas máquinas podem sofrer algum problema. No ano passado tivemos de provocar um incêndio em suas instalações para que se tornassem razoáveis. Então a Seção Oeste da Companhia de Mineração pagou sua contribuição anual. Temos o suficiente em caixa para enfrentar qualquer situação.

— E Archie Swindon? — perguntou um dos irmãos.

— Ele vendeu a firma e se mudou. O velho safado deixou um bilhete para nós dizendo que preferia ser um varredor de ruas de Nova York do que proprietário de uma grande mina de carvão sob a pressão de um grupo de chantagistas. Ainda bem que foi embora antes que recebêssemos o bilhete! Acho que não ousará mostrar a cara neste vale novamente.

Um homem mais velho, sem barba, com expressão bondosa e a testa larga, levantou-se da cabeceira oposta à do presidente.

— Sr. Tesoureiro, posso lhe perguntar quem comprou a propriedade desse homem que nós expulsamos daqui? — disse.

— Sim, Irmão Morris. Quem comprou foi a State and Merton County Railroad Company.

— E quem comprou as minas de Todman e de Lee que foram postas à venda pelo mesmo motivo no ano passado?

— A mesma empresa ferroviária, Irmão Morris.

— E quem comprou as siderúrgicas de Manson e de Shuman, e de Van Deher e de Atwood, que foram abandonadas ultimamente?

— Foram todas compradas pela West Gilmerton General Mining Company.

— Não consigo entender, Irmão Morris, o que pode nos interessar saber quem comprou as empresas, já que não podem levá-las daqui — disse o presidente.

— Com todo o respeito ao senhor, Venerável Chefe, acho que isso nos interessa muito. O processo se arrasta há dez anos. Estamos aos poucos afastando do comércio todos os pequenos negociantes. Qual é o resultado disso? No lugar dessas pessoas vêm grandes companhias, como a estrada de ferro ou a General Iron, cujos diretores ficam em Nova York ou na Filadélfia e que não ligam para as nossas ameaças. Podemos tirar os seus chefes locais, mas isso significa apenas que outros virão para os seus lugares. E estamos tornando a coisa perigosa para nós. Os pequenos não podem nos prejudicar. Não têm dinheiro nem poder. Desde que não arranquemos tudo deles, podem ficar sob nosso poder. Mas, se essas grandes empresas acharem que estamos nos interpondo entre elas e o seu lucro, não hesitarão em nos perseguir e nos levar à Justiça.

Houve um silêncio absoluto depois que essas palavras pessimistas foram ditas, e todos os rostos ficaram sombrios. Eles tinham sido tão onipotentes durante todo esse tempo, e tão acostumados à impunidade, que o simples pensamento de que havia uma possibilidade de desforra de tudo aquilo fora banido de suas mentes. Mesmo assim, a ideia provocou um frio arrepio até no mais despreocupado de todos.

— A minha opinião é que devemos apertar menos os pequenos. No dia em que todos tiverem ido embora, a força desta sociedade desaparecerá —

continuou Morris.

As verdades geralmente não agradam. Houve manifestações de hostilidade enquanto ele retomava seu lugar. McGinty levantou-se com uma expressão sombria.

— Irmão Morris, você é sempre pessimista — disse. — Desde que os membros da Loja estejam unidos, não há força nos Estados Unidos que possa afetá-la. Na verdade, já não aconteceu isso diversas vezes na Justiça? Na minha opinião as grandes companhias acharão mais fácil pagar do que lutar, da mesma forma que as pequenas empresas. E agora, irmão, a Loja encerrou sua reunião de hoje, a não ser que alguém tenha algum assunto a tratar — McGinty tirou o chapéu preto de veludo e a estola. — Chegou a hora de bebermos alguma coisa e confraternizar.

A natureza humana é mesmo estranha. Ali estavam aqueles homens, para quem um assassinato é coisa normal, que repetidamente abatiam um pai de família, algum homem contra o qual não tinham nada pessoal, sem um sentimento de remorso ou de compaixão pela viúva desesperada ou pelos filhos desamparados, e mesmo assim uma música romântica ou enternecedora era capaz de levá-los às lágrimas. McMurdo possuía uma excelente voz de tenor e, se não tivesse conquistado a simpatia da Loja antes, teria conseguido quando cantou para eles trechos de *I’m Sitting on the Stile, Mary* e *On the Banks of Allan Water*. Nessa mesma noite o novo camarada tornara-se um dos mais populares, marcado antecipadamente com distinção. Mas eram necessárias outras qualidades, além de um bom relacionamento, para que alguém se tornasse um Homem Livre respeitável, e ele viu um exemplo disso antes de a noite terminar. A garrafa de uísque circulara pela mesa várias vezes e os homens estavam vermelhos e prontos para uma travessura quando o chefe levantou-se outra vez para se dirigir a eles.

— Rapazes, há um homem nesta cidade que deseja confusão, e cabe a vocês fazer com que ele consiga isso — disse. — Estou falando de James Stanger, do *Herald*. Vocês repararam como ele tem falado contra nós novamente?

Houve um murmúrio de assentimento intercalado por muitos xingamentos. McGinty pegou um pedaço de papel que estava no bolso do colete.

> “Lei e Ordem!”
>
> É o título do artigo. “Império do Terror nas Minas de Carvão e Ferro. Já se passaram 12 anos desde que ocorreu o primeiro assassinato que prova a existência de uma organização criminosa entre nós. Daquele dia em diante esses ultrajes nunca mais pararam, e agora chegaram ao ponto em que nos transformam no opróbrio do mundo civilizado. É para uma coisa dessas que nossa grande pátria acolhe os estrangeiros que fogem do despotismo da Europa? É certo que eles se tornem tiranos de homens que lhes deram guarida e que um estado de terrorismo e ilegalidade seja criado sob a sombra acolhedora da bandeira estrelada da liberdade, e que nos aterrorizaria se soubéssemos de sua existência numa monarquia do Leste? Os homens são conhecidos. A organização é patente e pública. Por quanto tempo vamos suportá-la? Poderemos viver desse modo para sempre...

— Eu já li o suficiente! — gritou o presidente, jogando o papel na mesa. — É isso que ele diz sobre nós. O que lhes pergunto é o seguinte: o que devemos dizer a ele?

— Matá-lo! — gritaram várias vozes ferozes.

— Protesto contra isso — disse o Irmão Morris, o homem de rosto amável e barbeado. — Eu lhes digo, companheiros, nossa mão é tão pesada neste vale que chegará um momento em que todos se unirão para nos esmagar, buscando sua autodefesa. James Stanger é um velho. Ele é respeitado na cidade e em toda essa região. Seu jornal representa o que há de mais sólido no vale. Se ele for eliminado, haverá tamanha agitação nesse Estado que acabará nos destruindo.

— E como conseguiriam nossa destruição, sr. Um-Passo-Atrás? — gritou McGinty. — Com a polícia? Metade dos policiais faz parte de nossa folha de pagamento e a outra metade morre de medo de nós. Ou será por meio dos tribunais e dos juízes? Já não tentaram isso antes? E o que aconteceu?

— O juiz Lynch pode tentar — disse o Irmão Morris.

A sugestão do companheiro foi recebida com uma manifestação geral de raiva.

— Eu só preciso levantar meu dedo e ponho duzentos homens nesta cidade para varrê-la de ponta a ponta — gritou McGinty. Então, elevando de repente a voz e franzindo as sobrancelhas de modo apavorante, disse:

— Veja bem, Irmão Morris, estou de olho em você e já tem algum tempo. Você não tem coragem para nada e quer tirar a coragem dos outros. Será muito ruim para você o dia em que o seu nome, Irmão Morris, estiver em nossa agenda. E estou pensando que é lá mesmo que ele deve ser colocado.

Morris ficou terrivelmente pálido e seus joelhos pareceram ceder sob seu peso quando caiu sentado na cadeira. Levantou os óculos com as mãos trêmulas e bebeu um gole antes de responder.

— Peço desculpas, Venerável Chefe, ao senhor e a todos os irmãos desta Loja se falei mais do que devia. Sou um membro fiel, todos sabem disso, e é o medo que tenho de que algo de ruim aconteça à Loja que me faz dizer coisas assim. Mas confio mais em seu julgamento do que no meu próprio, Venerável Chefe. Eu prometo que não farei mais isso.

O rosto do chefe desanuviou-se quando ouviu aquelas palavras de humildade.

— Muito bem, Irmão Morris. Eu sentiria muito se fosse obrigado a lhe dar uma lição. Mas, enquanto eu permanecer neste posto, seremos uma Loja unida na palavra e na ação. E agora, rapazes, vou lhes dizer o seguinte: se acontecesse alguma coisa a Stanger, arranjaríamos mais encrenca do que desejamos. Esses editores são muito unidos e todos os jornais do Estado pediriam a ação da polícia e até de tropas. Mas acho que vocês podem lhe fazer uma advertência bem dura. Você pode cuidar disso, Irmão Baldwin?

— Claro! — disse o jovem, com veemência.

— Quantos vai querer levar?

— Uns seis, e dois para ficarem de guarda na porta. Vou levar você, Gower; e você, Mansel; você, Scanlan; e os dois Willabys.

— Eu prometi ao novato que ele iria — disse o presidente.

Ted Baldwin olhou para McMurdo com uma expressão de quem não esquecera nem perdoara o outro.

— Muito bem, ele pode vir, se quiser — disse ele, de má vontade. — É o bastante. Quanto mais cedo formos, melhor.

A reunião se dissolveu com gritos e gargalhadas e cantorias de homens bêbados. O bar ainda estava lotado de gente à toa e alguns dos irmãos permaneceram ali. O pequeno grupo escolhido para o serviço foi para rua e se subdividiu em pequenos grupos de dois ou três para não chamar atenção. Estava uma noite especialmente fria, e a lua em quarto crescente brilhava no céu estrelado. Os homens pararam e se reuniram num pátio em frente a

um edifício alto. As palavras *Vermissa Herald* estavam ali em letras douradas entre as janelas excessivamente iluminadas. Lá de dentro vinha o ruído da máquina impressora.

— Você aí — disse Baldwin a McMurdo. — Você fica aqui embaixo, na porta, e cuide para que o caminho esteja livre para nós. Arthur Willaby pode ficar com você. Os outros vêm comigo. Não fiquem com medo, rapazes, pois temos uma porção de testemunhas de que estamos no bar neste exato momento.

Era quase meia-noite e a rua estava deserta, com exceção de um ou outro que ainda perambulava por ali a caminho de casa. O grupo cruzou a rua e, empurrando a porta da redação do jornal, Baldwin e seus homens entraram no prédio e subiram a escada que ficava em frente. McMurdo e o outro permaneceram embaixo. Da sala que ficava logo no andar de cima veio um grito, depois um pedido de socorro e depois o ruído de passos e de cadeiras caindo. Pouco depois um homem de cabelos grisalhos saiu correndo do prédio. Foi agarrado antes que pudesse continuar seu caminho e seus óculos caíram bem nos pés de McMurdo. Ouviu-se a seguir um soco e um gemido. Ele estava no chão e recebeu uma série de socos quando todos caíram em cima dele. Ele se contorcia e seus membros longos e finos se agitavam com os golpes que recebia. Finalmente, pararam de bater nele, mas Baldwin, com seu rosto cruel exibindo um sorriso diabólico, golpeava a cabeça do homem, que tentava inutilmente defender-se com os braços. Seus cabelos brancos estavam molhados com manchas de sangue. Baldwin ainda estava debruçado sobre sua vítima, acertando um soco perverso onde quer que visse uma parte exposta, quando McMurdo correu e o puxou.

— Você vai matar o homem — disse ele. — Pare com isso!

Baldwin olhou para ele com espanto.

— Vá para o diabo! — ele gritou. — Quem é você para se meter? Você que é novo na Loja? Vá embora! — Ele ergueu seu bastão, mas McMurdo puxou a pistola do bolso.

— Vá embora você! — ele gritou. — Eu estouro seus miolos se você tocar em mim. Quanto à Loja, a ordem do chefe não era para matar. E você? O que está fazendo? Está matando o homem.

— Ele tem razão — disse um dos homens.

— É melhor vocês todos sumirem daqui! As janelas estão todas acesas e daqui a pouco toda a cidade estará aqui.

Realmente havia um vozerio pela rua e um grupo de linotipistas e jornalistas estava se juntando na entrada do prédio e querendo entrar em ação. Deixando o corpo inerte e machucado do editor na escada, os criminosos correram e fugiram rapidamente pela rua. Quando chegaram ao sindicato, alguns deles se misturaram aos fregueses do *saloon* de McGinty, sussurrando para o chefe, em meio ao movimento, que o serviço tinha sido executado a contento. Outros, e entre eles McMurdo, entraram por ruas transversais e assim, por caminhos mais longos, foram para suas casas.

4

O VALE DO MEDO

QUANDO MCMURDO ACORDOU NA MANHÃ SEGUINTE, TINHA um bom motivo para se lembrar de sua iniciação na Loja. Sua cabeça doía em consequência da bebida, e seu braço, no lugar em que fora marcado com ferro quente, estava ardendo e inchado. Tendo sua própria fonte de renda, ele não era muito assíduo ao trabalho, de modo que tomou seu café da manhã bem tarde e ficou em casa o resto da manhã, escrevendo uma longa carta para um amigo. Depois, leu o *Daily Herald*. Numa coluna, incluída na última hora, ele leu:

> Violência na redação do *Herald*. Editor fica gravemente ferido.

Contava em resumo o que acontecera na noite anterior, mas ele estava mais a par dos fatos do que o redator. A notícia terminava da seguinte maneira:

> O assunto agora está nas mãos da polícia, mas não se deve esperar que seus esforços tenham melhor resultado do que no passado. Alguns dos homens foram reconhecidos e espera-se que alguém seja preso. A responsabilidade desse ato cabe, como nem precisa ser dito, a essa sociedade infame que por tanto tempo tem mantido nossa comunidade em estado de submissão e contra a qual o *Herald* tem se batido tanto. Os muitos amigos do sr. Stanger se alegrarão ao saberem que, embora tenha sido surrado de maneira cruel e brutal, e levado violentos golpes na cabeça, não há risco de morte imediato.

Em seguida o jornal dizia que guardas das empresas de mineração, armados com rifles Winchester, foram chamados para proteger a redação.

McMurdo deixou o jornal de lado e, enquanto acendia seu cachimbo com a mão trêmula devido aos excessos da noite anterior, ouviu uma batida do lado de fora, e sua senhoria entregou-lhe um bilhete que acabara de ser levado por um rapaz. Não tinha assinatura e dizia o seguinte:

> *Eu gostaria de falar com o senhor, mas seria melhor que não fosse em sua casa. Estarei ao lado da bandeira de Miller Hill. Se for até lá agora, há uma coisa que é importante para o senhor ouvir e importante, para mim, dizer.*

McMurdo leu o recado duas vezes, bastante surpreso, pois não podia imaginar o que seria nem quem era o seu autor. Se fosse letra de mulher, teria imaginado que aquilo poderia ser o início de mais uma aventura, coisa tão normal em sua vida no passado. Mas era letra de homem, e de uma pessoa instruída. Finalmente, após alguma hesitação, resolveu ir ver do que se tratava.

Miller Hill é um parque público malconservado localizado bem no centro da cidade. No verão, é o local preferido pelas pessoas, mas no inverno fica completamente deserto. Do alto do parque tem-se uma vista geral não só da cidade suja e irregular, mas também de todo o vale, com suas minas e fábricas encardindo a neve de cada lado dele, e de suas escarpas cheias de vegetação e cobertas de neve. McMurdo subiu o caminho margeado por uma vegetação muito rica até chegar ao restaurante que é o centro das excursões de verão. Ao lado dele ficava a bandeira citada no recado, e junto à base havia um homem com o chapéu inclinado sobre o rosto e a gola do casaco levantada. Quando ele se virou, McMurdo viu que era o Irmão Morris, o que causara irritação no chefe na noite anterior. Eles se cumprimentaram segundo os ritos da Loja.

— Eu gostaria de lhe falar por um instante, sr. McMurdo — disse o outro, com uma hesitação que mostrava que o assunto era delicado. — Foi gentileza sua vir até aqui.

— Por que não pôs seu nome no bilhete?

— Temos de ser cautelosos, senhor. Nunca se sabe, numa época dessas, como uma coisa vai se desenrolar. Nunca se sabe também em quem confiar e em quem não confiar.

— Mas devemos confiar nos irmãos da Loja, não?

— Não, não. Nem sempre — disse Morris com a voz mais elevada, demonstrando veemência em sua resposta. — Tudo que dizemos, e até o que pensamos, parece chegar até aquele homem, McGinty.

— Olhe aqui... — disse McMurdo de modo decidido. — Não tem nem 24 horas que fiz meu juramento ao chefe. O senhor estaria me pedindo para quebrar meu juramento?

— Se é assim que o senhor vê as coisas, só posso lhe dizer que sinto muito por ter-lhe dado o trabalho de vir se encontrar comigo — disse Morris com ar tristonho. As coisas vão mal quando dois cidadãos livres não podem trocar ideias.

McMurdo, que estava observando seu companheiro com toda a atenção, relaxou um pouco.

— Bem, falo apenas por mim — disse ele. — Sou novato, como o senhor sabe, e ainda não conheço bem as coisas por aqui. Não devo abrir minha boca, sr. Morris, mas, se o senhor acha que deve me dizer alguma coisa, aqui estou para ouvi-lo.

— E depois ir contar tudo ao chefe McGinty — disse Morris, irritado.

— O senhor, agora, está me fazendo uma injustiça! — exclamou McMurdo. — Eu sou fiel à Loja, e lhe digo isso desde já, mas eu seria um verme se repetisse para outra pessoa qualquer o que o senhor possa vir a me contar em confiança. O que o senhor disser ficará comigo, embora eu lhe avise que poderá não ter de mim nem ajuda nem simpatia.

— Eu desisti de procurar uma ou outra — disse Morris. — Posso estar colocando minha vida em suas mãos pelo que vou dizer, mas, mau como o senhor é (e ontem à noite me pareceu que é tão mau quanto o pior de todos), ainda assim é novo aqui, e sua consciência não pode estar tão insensível quanto a deles. Foi por isso que pensei em falar com o senhor.

— Bem, o que o senhor tem a me dizer?

— Se o senhor me entregar, maldito seja!

— Eu já lhe disse que não faria isso.

— Eu gostaria de lhe perguntar, então, se quando o senhor se filiou à Sociedade dos Homens Livres de Chicago, e fez votos de caridade e

fidelidade, por um instante que seja lhe passou pela cabeça que essa sociedade o levaria ao crime.

— Se o senhor chama isso de crime... — McMurdo respondeu.

— Chama de crime! — Morris gritou, sua voz tremendo de raiva. — O senhor ainda não viu nada, se é que pode dar outro nome a isso. Foi crime ontem à noite um velho, que poderia ser seu pai, ser espancado até que seus cabelos brancos ficassem vermelhos de sangue? Foi crime ou o senhor chamaria isso de outra coisa?

— Alguns diriam que foi uma batalha — disse McMurdo. — Uma guerra entre duas categorias, de modo que cada uma delas luta da melhor maneira que pode.

— Mas o senhor pensou numa coisa assim quando se filiou à Sociedade dos Homens Livres de Chicago?

— Posso garantir que não.

— Nem eu quando me filiei a ela na Filadélfia. Era apenas um clube beneficente e um local de reuniões. Ouvi então falar nessa sociedade (maldita hora em que esse nome chegou aos meus ouvidos!) e eu me associei para me sentir melhor. Meu Deus! Para me sentir melhor! Minha esposa e os três filhos vieram comigo. Abri uma pequena loja na Market Square, e meus negócios iam bem. Mas se espalhou a notícia de que eu era um dos Homens Livres, e fui obrigado a me filiar à Loja local, como o senhor fez ontem à noite. E tenho a marca da vergonha no meu antebraço, e algo pior em meu coração. Descobri que eu estava sob o comando de um mau-caráter e me vi envolvido nas malhas do crime. O que posso fazer? Cada palavra que pronunciei com a intenção de melhorar as coisas foi considerada traição, como aconteceu ontem à noite. Não posso ir embora, pois tudo o que possuo é minha loja. Se eu deixar a sociedade, sei que isso significa a morte para mim, e só Deus sabe o que aconteceria à minha mulher e às crianças. Olha, a situação é terrível. Terrível! — Ele cobriu o rosto com as mãos e seu corpo estremecia com soluços convulsivos.

McMurdo deu de ombros.

— O senhor é muito delicado para esse tipo de trabalho — disse ele. — O senhor não é a pessoa certa para esse tipo de trabalho.

— Eu tinha uma consciência e uma religião, mas fizeram de mim um criminoso a mais entre eles. Fui designado para um trabalho. Se eu falhasse, sei bem o que me aconteceria. Talvez eu seja um covarde. Talvez seja o fato

de eu pensar na minha esposa e nas crianças que me torne assim. De qualquer modo, fui para executar o serviço. Acho que essa lembrança vai me perseguir para sempre. Era uma casa abandonada, a vinte milhas daqui, depois do fim do vale. Eu fiquei do lado de fora da casa, como aconteceu com o senhor ontem. Não podiam confiar em mim para o serviço. Os outros entraram. Quando saíram, estavam com as mãos vermelhas até o punho. Enquanto íamos embora, uma criança ficou gritando do lado de fora da casa, atrás de nós. Era um menino de seus cinco anos que tinha assistido ao assassinato do pai. Eu quase desmaiei com tanta barbaridade, mas mesmo assim tive de manter o rosto sereno e com um sorriso, pois eu bem sabia que se não agisse dessa forma a próxima casa a ser visitada por eles com suas mãos sanguinárias seria a minha, e desta vez o meu pequeno Fred é que ficaria chorando pelo pai morto. Mas aí eu já era um criminoso: cúmplice de um assassinato, perdido neste e também no outro mundo. Sou católico, mas o padre não me perdoaria quando soubesse que sou um Scowrer e estou excomungado de minha fé. Essa é a minha situação. E vejo que o senhor vai pelo mesmo caminho, e lhe pergunto qual será o fim dele. O senhor está disposto a ser um assassino a sangue-frio ou podemos fazer alguma coisa que pare com isso?

— O que o senhor faria? — perguntou McMurdo, de forma direta. — O senhor denunciaria?

— Deus me livre! — exclamou Morris. — Com certeza, só de pensar nisso, eu estaria morto.

— Claro — disse McMurdo. — Estou achando que o senhor é um homem fraco e que se preocupa demais com o assunto.

— Se preocupa demais! Espere até ter vivido aqui mais um pouco. Olhe aquele vale lá embaixo. Veja a fumaceira dessas chaminés que o escurecem. Eu lhe garanto que a nuvem de assassinatos é mais densa e está mais perto da cabeça de todas as pessoas. É o Vale do Medo, o Vale da Morte. O terror anda no coração das pessoas desde que anoitece até o amanhecer. Espere, jovem, e aprenderá por si mesmo.

— Bem, eu lhe direi o que penso quando tiver visto mais — comentou McMurdo, com indiferença. — O que me parece bem claro é que o senhor não é o homem certo para o lugar e que, quanto antes o senhor vender tudo (se o senhor conseguir um mínimo pelo seu negócio), será melhor. O que o

senhor disse para mim não irá adiante, mas eu juro que se descobrir que é um informante...

— Não, não! — gritou Morris, suplicante.

— Bem, vamos deixar as coisas como estão. Vou me lembrar do que o senhor me disse e talvez um dia eu volte a falar nisso. Espero que tenha me chamado aqui com boas intenções. Agora, vou para casa.

— Só mais uma coisa — disse Morris. — Talvez tenham nos visto juntos. Podem querer saber sobre o que falávamos.

— Bem pensado.

— Eu lhe ofereço um emprego em minha loja.

— E eu não aceito. Esse é o nosso assunto. Bem, até logo, Irmão Morris, e que as coisas melhorem para o senhor no futuro.

Naquela mesma tarde, enquanto McMurdo estava sentado, fumando, perdido em seus pensamentos, ao lado da lareira da sala de estar, a porta se abriu e surgiu a figura gigantesca do chefe McGinty. Ele fez o sinal e depois, sentando-se em frente ao jovem, olhou-o fixamente durante algum tempo, olhar respondido com a mesma firmeza.

— Não gosto muito de visitas, Irmão McMurdo — ele disse, finalmente. — Acho que perco muito tempo com as pessoas que me visitam. Mas achei que devia circular um pouco e vir vê-lo em sua casa.

— É um prazer vê-lo aqui, conselheiro — McMurdo respondeu de modo enfático, apanhando sua garrafa de uísque no armário. — É uma honra que eu não esperava.

— Como está o braço? — perguntou o chefe. McMurdo torceu um pouco o rosto.

— Não esqueço o braço — disse ele. — Mas vale a pena.

— Sim, vale a pena para aqueles que são leais e se esforçam e ajudam a Loja — respondeu o outro. — Sobre o que você conversava com o Irmão Morris hoje de manhã na Miller Hill?

A pergunta veio de forma tão repentina que foi bom ele ter a resposta pronta. Ele deu uma ruidosa gargalhada.

— Morris não sabia que eu ganho a vida aqui em casa. Não deveria mesmo saber, pois, para o meu gosto, ele tem escrúpulos demais. Mas é um velho bem-intencionado. Ele achava que eu não tinha ocupação e que faria uma boa ação me oferecendo um emprego na loja dele.

— Ah, foi isso?

— Sim, foi isso.
— E você recusou?
— Claro. Não posso ganhar dez vezes mais no meu quarto em quatro horas?
— É verdade. Mas, se eu fosse você, não procuraria muito o Morris.
— Por que não?
— Bem, acho que porque lhe digo que não. Isso é o suficiente para a maioria das pessoas por aqui.
— Isso pode ser suficiente para a maioria das pessoas, mas não é suficiente pra mim, conselheiro — disse McMurdo com atrevimento. — Se o senhor conhece bem os homens, sabe disso.
Aquele gigante moreno olhou firmemente para ele e sua mão cabeluda se fechou por um instante em torno da garrafa como se fosse arremessá-la na cabeça do outro. Então, riu do seu jeito barulhento, rude, falso.
— Você é mesmo um gozador — disse ele. — Bem, se deseja saber as razões, eu digo. Morris falou alguma coisa contra a Loja?
— Não.
— Nem contra mim?
— Não.
— Bem, isso porque não confiava em você. Mas ele não é um irmão leal. Nós o conhecemos bem, e por isso o observamos, e estamos esperando apenas a hora de repreendê-lo. Acho que essa hora está se aproximando. Não há lugar para ovelhas sarnentas em nosso rebanho. Mas, se você andar acompanhado de um homem desleal, podemos pensar que você também é desleal.
— Não há motivo para eu andar com ele, porque não gosto dele — McMurdo respondeu. — Quanto a ser desleal, se fosse qualquer outro homem que não o senhor, ele não diria isso duas vezes.
— Bem, chega — disse McGinty, esvaziando o copo. — Só vim lhe avisar. Você está avisado.
— Eu gostaria de saber como o senhor ficou sabendo que estive conversando com Morris — disse McMurdo.
McGinty deu uma gargalhada.
— Minha função é saber o que acontece nesta cidade — disse ele. — Acho que é melhor você me contar tudo que acontece. Bem, está na hora e só quero dizer...

Sua despedida, porém, foi interrompida de forma inesperada. Com um súbito estrépito, a porta da rua se abriu e três homens de rostos circunspectos e olhar duro os encararam por baixo dos chapéus da polícia. McMurdo levantou-se e pôs a mão no seu revólver, mas se deteve ao perceber que dois rifles Winchester estavam apontados para a sua cabeça. Um homem de uniforme avançou pela sala com um revólver na mão. Era o capitão Marvin, que já trabalhara em Chicago, e que agora pertencia à polícia das minas de carvão e ferro. Ele sacudiu a cabeça para McMurdo exibindo um meio sorriso.

— Eu sabia que o senhor se meteria em encrencas, sr. McMurdo Desonesto de Chicago — disse ele. — Não pode ficar longe delas, não é? Pegue seu chapéu e venha conosco.

— Acho que o senhor pagará por isso, capitão Marvin — disse McGinty. — Quem é o senhor, eu gostaria de saber, para invadir uma casa desse modo e molestar homens honestos e cumpridores da lei?

— O senhor está fora disso, conselheiro McGinty — disse o policial. — Não estamos atrás do senhor, e sim de McMurdo. O senhor deve nos ajudar e não atrapalhar o nosso serviço.

— Ele é meu amigo e responderei pela sua conduta — disse o chefe.

— Pelo que se diz, sr. McGinty, o senhor terá de responder pela sua própria conduta qualquer dia desses — respondeu o capitão. — Esse McMurdo era um desonesto antes de vir pra cá, e ainda é um desonesto. Apontem para ele enquanto o desarmo, guardas.

— Aqui está minha arma — disse McMurdo friamente. — Talvez, capitão Marvin, se nós dois estivéssemos sozinhos frente a frente, o senhor não me prendesse com tanta facilidade assim.

— Onde está a autorização para prendê-lo? — McGinty perguntou. — Puxa! Tanto faz viver na Rússia ou em Vermissa enquanto a polícia tiver gente assim como o senhor. Isso é uma violência capitalista e não vai ficar assim não, eu lhe garanto.

— O senhor faz da melhor maneira possível o que acha ser seu dever. Nós cuidamos do nosso.

— De que me acusam? — perguntou McMurdo.

— De envolvimento no espancamento do editor do *Herald*, sr. Stanger. Não é culpa sua que não seja uma acusação de assassinato.

— Bem, se é só isso que têm contra ele, vocês podem evitar muitos problemas deixando-o agora mesmo — exclamou McGinty com uma gargalhada. — Esse homem estava comigo lá no meu *saloon* jogando pôquer até meia-noite, e posso lhe indicar muitas testemunhas.

— Isso é problema seu e o senhor pode dizer tudo isso amanhã no tribunal. Enquanto isso, vamos, McMurdo, e fique quietinho se não quiser ter a cabeça varada por chumbo. E o senhor se afaste, sr. McGinty, pois aviso que não tolero resistência quando estou em serviço.

O comportamento do capitão era tão determinado que tanto McMurdo quanto seu chefe foram obrigados a aceitar a situação. McGinty conseguiu sussurrar algumas palavras para o prisioneiro.

— E quanto à... — ele fez um gesto com a mão dando a entender que se referia à máquina de dinheiro falso.

— Tudo bem... — sussurrou McMurdo, que providenciara um bom esconderijo sob o assoalho.

— Vou me despedir de você — disse o chefe, apertando a mão do outro. — Vou procurar Reilly, o advogado, e cuidar de toda a defesa. Dou-lhe a minha palavra que eles não vão segurar você lá.

— Eu não confiaria nisso. Tomem conta do prisioneiro, vocês dois, e atirem se ele tentar alguma coisa. Vou revistar a casa antes de sair.

Marvin realmente revistou a casa, mas aparentemente não descobriu nenhuma pista da máquina de falsificar dinheiro. Quando saiu da casa, ele e seus homens escoltaram McMurdo até o quartel-general. Anoitecera e caía um forte temporal, de modo que as ruas estavam quase desertas, mas mesmo assim alguns vadios seguiram o grupo e, protegidos pela escuridão, gritavam xingamentos para o prisioneiro.

— Executem o maldito Scowrer! — eles gritavam. — Executem-no! — Todos riam e zombavam enquanto ele era levado para as dependências da polícia. Depois de uma inspeção rápida e formal feita pelo oficial de plantão, foi levado para a cela comum. Ali, encontrou Baldwin e mais três criminosos que haviam participado do espancamento na noite anterior, todos detidos naquela tarde e esperando o julgamento, que seria no dia seguinte.

Mesmo no interior daquela fortaleza policial, no entanto, o braço longo dos Homens Livres era capaz de penetrar. Bem tarde da noite chegou um carcereiro com as esteiras enroladas que serviriam de cama para eles. Do

meio das esteiras, ele tirou duas garrafas de uísque, alguns copos e um baralho. Passaram uma noite divertida sem se preocupar com o julgamento da manhã.

E nem tinham motivo para isso, como ficaria provado pelo resultado do julgamento. O juiz não poderia, com toda certeza, dar uma sentença que pudesse remeter o caso a uma instância superior. De um lado, os linotipistas e jornalistas foram forçados a admitir que a luz não era forte o suficiente para que vissem tudo com clareza, que estavam todos muito perturbados e que ficava muito difícil para eles afirmar quem eram os culpados, embora achassem que os acusados estavam entre eles. Interrogados pelo esperto advogado contratado por McGinty, ficaram ainda mais confusos. A vítima já dissera que fora tomada de surpresa, devido à rapidez do ataque, e que não poderia afirmar nada a não ser que o primeiro homem que o atacara usava bigode. Acrescentou que sabia que eles eram Scowrer, já que ninguém mais na comunidade tinha motivos para ter inimizade por ele, dizendo ainda que há muito tempo vinha sendo ameaçado por causa dos editoriais que escrevia. Por outro lado, ficou claramente demonstrado pelo depoimento unânime e sem hesitação de seis cidadãos, incluindo-se entre eles um alto funcionário municipal, o conselheiro McGinty, que os homens estiveram jogando no sindicato até uma hora depois de ocorrida a agressão. Desnecessário dizer que o juiz praticamente se desculpou pelo incômodo a que foram submetidos e criticou implicitamente o capitão Marvin e a polícia pelo excesso de zelo.

O veredicto foi comemorado com aplausos ruidosos por uma plateia na qual McMurdo viu muitos rostos conhecidos. Mas algumas pessoas ficaram quietas, com os lábios apertados e os olhos demonstrando preocupação, enquanto os homens saíam do banco dos réus. Uma dessas pessoas, um homem baixo, de barba preta e jeito resoluto, exprimiu seus pensamentos e os de seus companheiros enquanto os ex-prisioneiros passavam por ele.

— Assassinos desgraçados! Vamos prendê-los um dia — disse.

5

A PIOR HORA

Se faltava alguma coisa para aumentar a popularidade de Jack McMurdo entre seus companheiros, sua prisão e sua absolvição tiveram esse efeito. Um homem fazer alguma coisa, na própria noite em que se filiou à Loja, que o obrigasse a comparecer diante de um juiz era um novo recorde nos registros da sociedade. Ele já conseguira a reputação de um sujeito bastante alegre, um farrista inveterado, e também um homem de temperamento forte, que não aceitaria um insulto nem mesmo do todo-poderoso chefe. Mas, além disso, havia impressionado seus camaradas com a ideia de que entre todos eles não havia nenhum com um cérebro capaz de elaborar tão rapidamente um plano sanguinário, ou cuja mão fosse mais capaz de executar esse plano. “Ele será o rapaz do serviço perfeito”, comentavam os mais antigos entre si enquanto esperavam a hora em que pudessem dar-lhe um trabalho. McGinty já tinha bastante gente, mas reconhecia que este era especialmente capaz. Ele se sentia como alguém que segurava pela correia um cão de caça irrequieto. Havia os vira-latas para os serviços menores, mas algum dia ele soltaria essa criatura sobre suas vítimas. Alguns membros da Loja, Ted Baldwin entre eles, ressentiam-se do rápido prestígio do novato e o odiavam por isso, mas tinham muito cuidado com ele, pois estava tão pronto para lutar como para rir.

Mas, se ele ganhou prestígio com os companheiros, havia um outro lugar em que seu prestígio fora por água abaixo. O pai de Ettie Shafter não queria mais saber dele nem permitia mais que entrasse em sua casa. Ettie estava tão perdidamente apaixonada que não queria perdê-lo, embora seu bom senso a prevenisse do que seria o casamento com um homem tido como

criminoso. Certo dia, após uma noite inteira sem conseguir pregar olhos, ela decidiu ir vê-lo, possivelmente pela última vez, e se esforçar para afastá-lo daquelas péssimas influências que estavam acabando com ele. Ela foi até a casa dele, atendendo a um pedido que ele lhe fazia com frequência, e dirigiu-se ao cômodo que usava como sala de estar. Ele estava sentado a uma mesa, de costas para ela, e tinha uma carta diante dele. Uma súbita vontade infantil de brincar a dominou; tinha apenas 19 anos. Ele não ouvira a porta se abrir. Ela se aproximou dele na ponta dos pés e pôs as mãos suavemente sobre os ombros dele.

Se ela esperava assustá-lo, com certeza conseguiu, mas de um modo que a assustou também. Ele deu um salto e segurou o pescoço dela com a mão direita. Ao mesmo tempo, com a outra mão, amassou o papel que estava lendo. Durante algum tempo ficou paralisado, olhando para ela. Então, uma expressão de perplexidade e alegria surgiu em seu rosto, substituindo a ferocidade, que a fez recuar aterrorizada, como se em toda a sua vida tranquila jamais tivesse visto coisa semelhante.

— É você! — disse ele, erguendo as sobrancelhas. — E pensar que você veio falar comigo, minha querida, e eu não achei nada melhor para fazer do que quase estrangulá-la! Venha, querida, quero que você esqueça isso — disse, estendendo os braços.

Mas ela ainda não conseguira esquecer aquele olhar de medo culpado que vira no rosto dele. Seu instinto feminino dizia-lhe que aquele arroubo não era apenas o medo normal de um homem que se assusta. Culpa, era isso; culpa e medo.

— Acredite, eu estava com o pensamento longe. E você entrou tão de mansinho, com esses seus pezinhos lindos...

— Não, não. Foi mais que isso, Jack. — Então uma súbita suspeita a dominou. — Deixe-me ver aquela carta que você estava escrevendo.

— Ah, Ettie, não posso fazer isso.

A suspeita transformou-se em certeza.

— É para outra mulher! — ela gritou. — Sei que é. Que outro motivo você teria para escondê-la de mim? Como vou saber se não é casado, você que é novo por aqui e ninguém o conhece?

— Não sou casado, Ettie. Eu lhe juro que não sou. Você é a única. Eu juro, em nome de Cristo!

Ele estava pálido, falando com tanta sinceridade que ela não podia fazer outra coisa a não ser acreditar nele.

— Então por que você não me mostra a carta?

— Vou lhe explicar — ele disse. — Prometi não mostrar essa carta a ninguém e, do mesmo modo como não quebraria um juramento que tivesse feito a você, tenho de manter minha palavra. É assunto da Loja, e nem para você eu posso mostrar. E, se eu me assustei quando pôs a mão no meu ombro, será que você não entende que poderia ter sido a mão de um detetive?

Ela sentiu que ele estava falando a verdade. Ele a envolveu em seus braços e afastou de vez seus temores e dúvidas ao beijá-la.

— Sente-se aqui perto de mim. É um trono muito feio para uma rainha como você, mas é o único que seu pobre amor pode lhe oferecer. Ele lhe dará algo melhor um dia desses. Acho que sim. Agora você está calma de novo, não está?

— Como posso me sentir bem, Jack, se sei que você é um criminoso que vive no meio de criminosos, se não sei se algum dia vou ouvir que você está no banco dos réus por assassinato? McMurdo, o Scowrer: foi assim que um dos nossos hóspedes se referiu a você ontem. Isso perfurou meu coração como uma faca.

— Na verdade, palavras duras não matam.

— Mas o que ele disse é verdade.

— Bem, querida, a coisa não é tão ruim quanto você pensa. Não passamos de homens pobres que estamos tentando à nossa maneira conseguir os nossos direitos.

Ettie enlaçou o pescoço do namorado.

— Saia disso, Jack! Faça isso por mim. Pelo amor de Deus, saia disso! Foi para pedir isso que vim até aqui. Oh, Jack, eu lhe peço isso de joelhos. Ajoelhada aqui, diante de você, eu peço para que desista de tudo isso.

Ele a levantou e encostou a cabeça da moça no seu peito.

— Para falar a verdade, querida, você não sabe o que está me pedindo. Como eu poderia desistir se isso significaria quebrar meu juramento e desertar? Se você soubesse como estão as coisas comigo, jamais me pediria isso. Além do mais, mesmo se eu quisesse sair, como poderia fazê-lo? Você acha que a Loja deixa que um homem a abandone com todos os seus segredos?

— Pensei nisso, Jack. Planejei tudo. Papai guardou algum dinheiro. Ele está cansado deste lugar aqui, onde o medo desse pessoal acaba com a nossa vida. Ele está pronto para partir. Podemos ir juntos para a Filadélfia ou para Nova York, onde estaríamos livres deles.

McMurdo riu.

— A Loja tem o braço comprido. Você acha que ela não poderia estendê-lo daqui até a Filadélfia ou a Nova York?

— Bem, podemos então ir para o oeste, para a Inglaterra ou para a Alemanha, de onde o papai veio. Para qualquer lugar longe deste Vale do Medo.

McMurdo pensou no velho Morris.

— Esta é a segunda vez que ouço alguém chamar o vale assim — ele disse. — O medo parece estar enraizado em alguns de vocês.

— Esse medo pesa em cada minuto de nossas vidas. Você acha que Ted Baldwin nos perdoou? Se não fosse o fato de ele temer você, quais seriam as nossas chances? Se você visse como aqueles olhos negros e famintos olham para mim!

— Puxa! Vou ensiná-lo a ter melhores modos se eu pegá-lo assim. Veja bem, menina. Não posso sair daqui. Não posso. Fique sabendo disso de uma vez por todas. Mas, se você deixar que eu cuide disso do meu jeito, acabo encontrando um modo de sair dessa de maneira honrosa.

— Não há honra numa coisa dessas.

— É apenas o modo de ver as coisas. Mas, se você me der seis meses, vou dar um jeito de sair daqui sem sentir vergonha de encarar os outros.

A moça riu de contentamento.

— Seis meses! — ela disse. — É uma promessa?

— Bem, podem ser sete ou oito. Mas no máximo em um ano vamos deixar o vale para trás.

Foi o máximo que Ettie pôde conseguir, mas mesmo assim já era alguma coisa. Havia essa luz ao longe para iluminar a escuridão do futuro imediato. Ela voltou para a casa do pai com o coração mais alegre. Foi o melhor dia desde que Jack McMurdo entrara em sua vida.

Pode-se pensar que, como membro da sociedade, ele seria informado de todas as suas atividades, mas logo descobriu que a organização era maior e mais complexa do que a simples Loja. Até mesmo o chefe McGinty ignorava muitas coisas, pois havia uma pessoa chamada de delegado do

condado, que morava em Hobson's Patch, mais adiante naquele ramal, e que tinha controle sobre várias lojas, que dirigia de modo arbitrário e rígido. McMurdo só o viu uma vez, um homem astuto, pequeno e de cabelos grisalhos, o andar furtivo e o olhar oblíquo cheio de malícia. Evans Pott era o seu nome, e mesmo o grande chefe de Vermissa sentia por ele um pouco de repulsa e medo, do mesmo modo que o gigantesco Danton deve ter sentido em relação ao fraco mas perigoso Robespierre.

Um dia, Scanlan, que era companheiro de pensão de McMurdo, recebeu um bilhete de McGinty que continha outro bilhete de Evans Pott, que lhe informava estar mandando dois homens dos bons, Lawler e Andrews, que tinham instruções para agir nas vizinhanças, embora fosse melhor para o caso que nenhum detalhe fosse revelado. Seria possível o chefe providenciar acomodações adequadas e todo o conforto até que chegasse a hora de os dois agirem? McGinty acrescentou que era impossível alguém permanecer incógnito no sindicato e que, por isso, seria obrigado a pedir para McMurdo e Scanlan acomodá-los por uns dias na pensão onde moravam.

Na mesma noite os dois homens chegaram, cada um com uma sacola de mão como bagagem. Lawler era um homem idoso, astuto, calado e reservado, vestido com uma velha sobrecasaca preta que, juntamente com o chapéu de feltro e a barba irregular e grisalha, davam-lhe o aspecto de um pregador itinerante. Seu companheiro, Andrews, era pouco mais que um menino, alegre e com um rosto franco, com todo o jeito de uma pessoa em férias e ansiosa para aproveitar cada minuto do passeio. Os dois eram abstêmios e se comportavam, em tudo, como membros exemplares da sociedade, exceto pelo fato de serem ambos assassinos que demonstraram com frequência que eram os melhores instrumentos para essa associação de assassinatos. Lawler já executara 14 serviços desse tipo, e Andrews, três.

Eles eram, como McMurdo descobriu, pessoas sempre dispostas a falar sobre seus feitos do passado, que repetiam com um orgulho meio acanhado, como se tivessem feito um trabalho bom e altruísta para a comunidade. Mas eram reticentes quanto ao novo serviço que tinham pela frente.

— Fomos escolhidos porque nem eu nem o menino aqui bebemos — Lawler explicou. — Sabem que nós nunca falaremos mais do que devemos. Vocês não devem levar isso a mal, mas são ordens do delegado do condado que nós obedecemos.

— Certo. Estamos todos juntos nisso — disse Scanlan, companheiro de McMurdo, quando os quatro se sentaram para o jantar.

— Isso é verdade, e vamos falar à beça sobre o assassinato de Charlie Williams ou o de Simon Bird, ou sobre qualquer outro serviço do passado. Mas, até esse serviço terminar, não falaremos nada sobre ele.

— Há certas coisas sobre esse serviço que eu gostaria de perguntar — disse McMurdo. — Suponho que não seja atrás de Jack Knox, de Ironhill, que vocês estejam. Eu gostaria de vê-lo recebendo o que merece.

— Não, não é ele ainda.

— Nem Herman Strauss?

— Não é ele também.

— Bem, se vocês não querem dizer, não podemos obrigá-los, mas eu gostaria de saber.

Lawler sorriu e sacudiu a cabeça. Ele não diria nada.

Apesar da reserva dos dois forasteiros, Scanlan e McMurdo estavam decididos a participar do que chamavam *brincadeira*. Quando, certa manhã, bem cedo ainda, McMurdo os ouviu descendo a escada, acordou Scanlan e os dois se vestiram rapidamente. Quando já estavam vestidos, viram que os outros já tinham saído e deixado a porta aberta. Não tinha amanhecido ainda e, com a luz das lâmpadas, puderam ver os dois homens na rua a uma certa distância. Eles os seguiram com muita cautela, procurando não fazer ruído ao pisar na neve espessa.

A pensão ficava perto do limite da cidade, e logo chegaram ao cruzamento de estradas que ficava pouco depois da divisa. Havia no local três homens à espera, com os quais Lawler e Andrews falaram rapidamente. Depois, seguiram todos juntos. Era claro que seria um serviço dos grandes, que precisava de muita gente. Chegaram a um ponto de onde partiam diversas trilhas que levavam às várias minas. Os forasteiros tomaram o caminho que ia para Crow Hill, uma grande mina que estava em mãos de gente poderosa e que conseguira, graças ao enérgico e destemido gerente da Nova Inglaterra, Josiah H. Dunn, manter alguma ordem e disciplina durante o longo reinado do terror.

O dia começava a raiar agora, e alguns operários caminhavam lentamente para o trabalho, uns em grupos e outros sozinhos, ao longo daquele caminho escuro.

McMurdo e Scanlan também caminhavam, com a atenção voltada para os homens que estavam seguindo. Uma névoa espessa os envolvia, e em meio à névoa soou um apito. Era o sinal dado dez minutos antes de os elevadores descerem e o trabalho começar.

Quando chegaram perto da mina, havia uma centena de operários esperando, batendo com os pés no chão e soprando os dedos, pois estava extremamente frio. Os forasteiros pararam ao lado de um grupo à sombra da casa de máquinas. Scanlan e McMurdo subiram num monturo de lixo, de onde podiam ver tudo abaixo deles com nitidez. Viram o engenheiro da mina, um escocês grande e barbudo chamado Menzies, sair da casa de máquinas e tocar o apito para que o elevador descesse. Nesse instante um jovem alto, de aparência desleixada mas de rosto sério e barbeado, avançou rapidamente em direção à boca da mina. Enquanto andava, seus olhos bateram no grupo, silencioso e imóvel, junto à casa de máquinas. Eles tinham tirado o chapéu e levantado a gola dos casacos para proteger o rosto. Por um instante o pressentimento da morte pôs sua mão gelada no coração do gerente. Mas pouco depois ele tirou esse pensamento da cabeça e viu a situação apenas como a invasão da área de trabalho por estranhos.

— Quem são vocês? — ele perguntou, enquanto avançava em sua direção. — O que estão querendo aqui?

Não houve resposta, mas Andrews deu um passo à frente e atirou na barriga do homem. Os operários que estavam esperando a hora de descer ficaram sem ação e aterrorizados, como se estivessem paralisados. O gerente pôs as duas mãos sobre o ferimento e se curvou. Depois tentou andar, meio cambaleante, mas outro dos assassinos o acertou, e ele caiu de lado no chão, batendo em cheio sobre uma pilha de escória de carvão. Menzies, o escocês, deu um grito de raiva ao presenciar essa cena e partiu para cima dos assassinos com uma ferramenta nas mãos, mas foi interceptado por duas balas que lhe atingiram o rosto e o fizeram cair aos pés dos seus assassinos. Houve uma movimentação dos operários em direção aos cadáveres e um grito inarticulado de piedade e raiva, mas um dos forasteiros descarregou o revólver atirando para o alto, acima da cabeça da turba, e todos fugiram e se dispersaram, muitos indo para suas casas, em Vermissa. Quando alguns dos mais corajosos se juntaram novamente e voltaram ao serviço, a quadrilha assassina já desaparecera na névoa fria da manhã sem que nenhuma testemunha fosse capaz de reconhecer algum

desses homens que cometeram um crime duplo diante de centenas de pessoas.

Scanlan e McMurdo voltaram para casa; Scanlan, um pouco deprimido, pois este fora o primeiro serviço desse tipo que ele vira com os próprios olhos, e lhe parecera menos divertido do que estava acostumado a pensar. Os gritos terríveis da mulher do gerente morto perseguiam os dois enquanto corriam de volta à cidade. McMurdo estava absorto e calado, mas não demonstrou simpatia pela debilidade do companheiro.

— Na verdade isso é como uma guerra — ele repetia. — O que é isso, senão uma guerra entre eles e nós? E nós atacamos onde podemos.

Houve uma grande festa na sala da Loja, no sindicato, naquela noite, não só pelo assassinato do gerente e do engenheiro da Crow Hill, o que colocaria esta empresa na lista de companhias vítimas de extorsão e do terror da região, mas também devido a uma vitória conseguida pela própria Loja. Seria revelado que, quando o delegado do condado enviara cinco homens dos bons a Vermissa para executar um serviço, tinha pedido que, em troca, fossem escolhidos em Vermissa e enviados secretamente três homens para matar William Hales, da Stake Royal, um dos mais conhecidos e populares proprietários de minas do distrito de Gilmerton, um homem que, segundo se dizia, não tinha um inimigo sequer, porque era, em todos os aspectos, um empregador-modelo. Mas ele insistira na questão de eficiência no trabalho e tinha, em consequência disso, demitido alguns empregados beberrões e outros indolentes que eram membros da todo-poderosa sociedade. Notícias ameaçadoras pregadas na sua porta não enfraqueceram sua decisão e, assim, num país livre e civilizado, ele se viu condenado à morte.

A execução tinha sido agora convenientemente levada a cabo. Ted Baldwin, que se espreguiçava no lugar de honra ao lado do chefe, tinha sido o chefe da operação. Seu rosto corado e seus olhos reluzentes e afogueados eram testemunhas da noite passada em claro e da bebida. Ele e seus dois companheiros haviam passado a noite anterior entre as montanhas. Estavam despenteados e sujos. Mas nenhum herói que voltasse de um serviço qualquer poderia ter tido uma recepção mais calorosa dos companheiros. A história era contada e recontada entre gritos de entusiasmo e gargalhadas ruidosas. Eles haviam esperado a vítima voltar para casa, ao anoitecer, instalados no alto de uma colina íngreme onde o cavalo do homem teria de

andar lentamente. Ele estava tão agasalhado para se proteger do frio que não conseguiu puxar a arma. Eles o arrancaram do cavalo e atiraram nele várias vezes. Ele gritava pedindo misericórdia, e os gritos foram repetidos na Loja, para divertimento dos presentes.

Nenhum deles conhecia o homem, mas há um drama eterno num assassinato, e eles haviam mostrado aos Scowrer de Gilmerton que os homens de Vermissa eram pessoas confiáveis. Houve um pequeno contratempo, pois, enquanto estavam descarregando seus revólveres no corpo imóvel, um homem e a esposa passaram por ali. Alguém sugeriu que matassem o casal também, mas os dois eram pessoas que não ofereciam perigo e que não tinham qualquer ligação com as minas, de modo que foram severamente advertidos de que deveriam seguir e ficar de boca fechada para que algo ruim não acontecesse com eles. E então aquela figura coberta de sangue foi deixada ali como um aviso a todos os empregadores implacáveis, e os três vingadores correram para as montanhas, onde a natureza contínua se precipita até as fornalhas e os montes de escória das minas.

Aquele fora um grande dia para os Scowrer. A noite caíra mais negra ainda sobre o vale. Mas, assim como o general astuto escolhe o momento da vitória para redobrar seus ataques, para que os inimigos não possam ter tempo de se organizar depois da derrota, também o chefe McGinty, observando toda a operação com olhos meditativos e maliciosos, pensara em novo ataque contra os que se opunham a ele. Naquela mesma noite, quando os companheiros meio bêbedos foram embora, ele tocou no braço de McMurdo e o levou para aquela sala onde conversaram no seu primeiro encontro.

— Ouça, meu rapaz — disse ele. — Finalmente tenho um serviço ótimo para você. Terá o comando dele em suas mãos.

— Fico feliz em ouvir isso — McMurdo respondeu.

— Pode levar dois homens com você: Manders e Reilly. Já foram avisados sobre o serviço. Nunca ficaremos sossegados por aqui enquanto Chester Wilcox não for liquidado. Você terá a gratidão de todas as lojas da região das minas se conseguir eliminá-lo.

— Farei o melhor possível. Quem é ele e onde posso encontrá-lo?

McGinty tirou seu eterno charuto, meio mordido, meio fumado, do canto da boca, e começou a desenhar um diagrama tosco numa página arrancada

do seu caderninho de anotações.

— Ele é o capataz-chefe da Iron Dike Company. É um cara difícil, e antigo primeiro-sargento da guerra, cheio de cicatrizes e já grisalho. Fizemos duas tentativas, mas não tivemos sorte, e Jim Carnaway perdeu sua vida assim. Agora é você o encarregado. Essa é a casa, isolada no desvio da Iron Dike, como você está vendo aqui no mapa, sem outra por perto. Não é bom ir lá de dia. Ele anda armado e atira depressa e com precisão, sem perguntar nada. Mas, à noite, aqui está ele, com a mulher, os três filhos e uma criada. Você não pode parar para pensar. É tudo ou nada. Se você pudesse colocar uma bolsa com pólvora na porta da frente com um estopim...

— O que ele fez?

— Eu não lhe disse que ele acertou Jim Carnaway?

— Por que ele o acertou?

— O que isso tem a ver com você? Carnaway estava perto da casa dele à noite e ele o acertou. Isso basta pra mim e pra você. Você tem de fazer a coisa direito.

— E essa mulher e as crianças... Liquido também?

— Tem de ser, porque, do contrário, como vamos pegá-lo?

— Parece injusto com eles, pois não fizeram nada de errado.

— Que conversa é essa? Quer voltar atrás?

— Calma, conselheiro, calma. O que eu já disse ou fiz que pudesse levar o senhor a pensar que desejo voltar atrás de uma ordem do chefe da minha Loja? O certo e o errado é o senhor quem decide.

— Você faz isso, então?

— Claro que farei.

— Quando?

— Bem, dê-me uma noite ou duas para que eu possa ver a casa e planejar tudo. Então...

— Ótimo — disse McGinty, apertando-lhe a mão. — Deixo por sua conta. Será um dia maravilhoso quando você vier nos contar a novidade. Será o golpe final para que todos se curvem.

McMurdo pensou longa e profundamente sobre o serviço que fora confiado a ele tão de repente. A casa isolada em que Chester Wilcox morava ficava a cerca de cinco milhas, num vale vizinho. Naquela mesma noite começou a preparar sozinho o ataque. Já era dia quando voltou do

reconhecimento do lugar. No dia seguinte conversou com seus dois subordinados, Manders e Reilly, jovens impetuosos que estavam tão excitados como se fossem a uma caçada. Duas noites depois encontraram-se fora da cidade, todos armados, e um deles carregando um saco com a pólvora usada nas minas. Eram duas horas quando chegaram à casa isolada. Ventava muito, e as nuvens passavam rapidamente diante da lua em quarto crescente. Eles haviam sido advertidos para ficarem atentos a emboscadas, de modo que caminhavam cautelosamente, com as armas nas mãos. Mas não havia nenhum ruído, a não ser o lamento do vento, e também não havia movimento algum a não ser o balanço dos galhos acima deles. McMurdo foi até a porta da casa e ficou escutando, mas estava tudo quieto lá dentro. Então ele pôs o saco de pólvora junto à porta, fez um furo nele com sua faca e colocou o estopim. Quando ficou bem aceso, ele e os dois companheiros saíram correndo, e estavam a uma distância segura, abrigados numa vala, antes que o barulho da explosão lhes dissesse que o trabalho estava terminado. Nenhum serviço mais limpo constava dos registros sangrentos da sociedade. Mas todo aquele trabalho tão bem organizado e audaciosamente executado fora em vão! Advertido pelo destino de várias vítimas, e sabendo que estava marcado para morrer, Chester Wilcox mudara-se com a família no dia anterior, para um lugar mais seguro e menos conhecido, onde um grupo de policiais tomava conta da casa. Fora uma casa vazia que explodira, e o inflexível ex-primeiro-sargento da guerra ainda estava ensinando disciplina aos mineiros da Iron Dike.

— Deixe-o pra mim — disse McMurdo. — Ele é meu e vou pegá-lo, nem que espere um ano.

Um voto de agradecimento e confiança foi aprovado por toda a Loja, e por ora o assunto estava encerrado. Quando, algumas semanas depois, foi noticiado nos jornais que Wilcox morrera numa emboscada, não era segredo para ninguém que McMurdo ainda estava em atividade para acabar o que havia começado.

Eram esses os métodos da Sociedade dos Homens Livres, e esses os feitos dos Scowrer, por meio dos quais espalhavam o medo naquele distrito grande e rico que por muito tempo foi dominado pela sua terrível presença. Por que macular estas páginas com outros crimes? Eu já não disse o suficiente para mostrar quem eram esses homens e seus métodos? Esses fatos fazem parte da História e há registros, nos quais podem ser lidos os

detalhes. Nesses registros, pode-se ler sobre o assassinato dos policiais Hunt e Evans porque se atreveram a prender dois membros da sociedade, uma violência dupla planejada na Loja de Vermissa, e executada a sangue-frio contra dois homens desarmados e indefesos. Pode-se ler também sobre a morte da sra. Larbey enquanto cuidava do marido, que fora espancado quase até a morte por ordem do chefe McGinty. A morte do velho Jenkins, seguida pouco depois pela morte do seu irmão, a mutilação de James Murdoch, a explosão da casa da família Staphouse e o assassinato dos Stendal ocorreram numa sucessão bárbara, todos no mesmo inverno terrível. A primavera chegara com riachos de águas agitadas e flores desabrochando. Havia esperança em toda a Natureza, mantida por tanto tempo aprisionada; mas não havia nenhuma esperança para os homens e as mulheres que viviam sob o jugo do terror. Nunca a nuvem que os cobria estivera tão carregada e sem esperança de dissipação como no início do verão do ano de 1875.

6

PERIGO

ERA O AUGE DO IMPÉRIO DO TERROR. MCMURDO, QUE JÁ FORA indicado como líder, com muita possibilidade de vir um dia a suceder McGinty como chefe, era agora tão necessário nas reuniões que nada era feito sem sua ajuda e aconselhamento. Porém, quanto mais popular ele ficava entre os Homens Livres, mais fechadas eram as fisionomias dos que o cumprimentavam nas ruas de Vermissa. Apesar do terror que sentiam, as pessoas estavam tomando coragem para se unir contra seus opressores. Havia rumores sobre reuniões secretas na redação do *Herald* e sobre distribuição de armas de fogo entre os cidadãos. Mas McMurdo e seus homens não se deixavam perturbar por essas informações. Eles eram muitos, decididos e bem armados. Seus adversários estavam dispersos e sem força. Tudo isso terminaria, como já acontecera no passado, em conversa fiada e possivelmente em prisões inúteis. Foi o que disseram McGinty, McMurdo e todos os valentões.

Era uma noite de sábado em maio. Sábado era sempre a noite da Loja, e McMurdo estava saindo de casa para ir até lá quando Morris, o irmão mais frágil da Ordem, veio vê-lo. Sua fronte estava cheia de rugas de preocupação e sua fisionomia agradável estava transtornada e desfigurada.

— Posso falar francamente, sr. McMurdo?

— Claro.

— Não posso esquecer que uma vez eu lhe abri meu coração e que o senhor guardou tudo para si, embora o chefe tenha lhe perguntado sobre nossa conversa.

— O que mais eu poderia fazer se o senhor confiou em mim? Não quer dizer que eu tivesse concordado com o que me disse.

— Eu sei disso. Mas o senhor é uma pessoa com a qual posso falar e me sentir seguro. Tenho um segredo aqui — pôs a mão sobre o peito. — E isso está acabando com a minha vida. Eu desejaria que isso tivesse acontecido com qualquer um de vocês, menos comigo. Se eu contar o que é, significará a morte, certamente. Se não disser nada, pode ser o fim de todos nós. Que Deus me ajude. Estou quase perdendo a cabeça.

McMurdo olhou para o homem com seriedade. Ele estava tremendo. Despejou um pouco de uísque num copo e entregou ao outro.

— Esse é o seu melhor remédio — ele disse. — Agora, fale.

Morris bebeu e seu rosto pálido ganhou um pouco de cor.

— Posso contar-lhes tudo numa frase — ele disse. — Há um detetive atrás de nós.

McMurdo olhou para ele, espantado.

— O quê? Está louco — disse ele. — Por aqui não está cheio de policiais e detetives? E que mal eles já nos fizeram?

— Não, não. Não é um homem daqui. Como o senhor disse, nós os conhecemos e eles podem fazer muito pouco. Mas já ouviu falar no pessoal de Pinkerton?

— Já ouvi algumas pessoas falarem nesse nome.

— Acredite-me: nunca se sabe quando um deles está atrás da gente. Não é algo que se possa escolher. É uma coisa que, uma vez começada, não para mais até que, de um modo ou de outro, esteja terminada. Se um homem de Pinkerton estiver mesmo nisso, todos nós estaremos destruídos.

— Temos de matá-lo.

— Ah, é a primeira ideia que lhe ocorre! Será também o pensamento de todos os da Loja. Eu não disse que isso tudo iria terminar em assassinato?

— Qual o problema quanto a assassinato? Não é uma coisa bastante comum por aqui?

— Na verdade é, mas não cabe a mim apontar o homem que deve morrer. Eu, se fizesse isso, nunca mais teria sossego. Entretanto, são as nossas cabeças que poderão rolar. Em nome de Deus, o que devo fazer? — ele andava de um lado para outro em meio à agonia da indecisão.

Mas suas palavras haviam tocado McMurdo bem fundo. Era fácil ver que concordava com a opinião do outro quanto ao perigo e quanto à necessidade

de enfrentá-lo. Ele apertou o ombro de Morris e o sacudiu em sua agitação.

— Olha aqui, homem, o senhor não ganhará nada ficando sentado e se lamentando feito uma beata de igreja! — exclamou, exaltado. — Vamos aos fatos. Quem é o sujeito? Onde está? Como ficou sabendo a respeito dele? Por que veio falar comigo?

— Vim porque o senhor é o único homem que pode me aconselhar. Eu lhe disse que tinha uma loja no Leste antes de vir pra cá. Deixei bons amigos por lá, e um deles trabalha no serviço telegráfico. Aqui está uma carta que recebi dele ontem. Está na parte de cima da folha. O senhor mesmo pode ler.

Foi isso que McMurdo leu:

> *Como estão os Scowrer por aí? Lemos muita coisa sobre eles nos jornais. Espero receber notícias suas em breve. Cinco grandes corporações e duas ferrovias estão decididas a levar o negócio a sério. Pode apostar que conseguirão. Estão decididas mesmo. Pinkerton está cuidando do caso e seu melhor homem, Birdy Edwards, está agindo. A coisa vai acabar não demora muito.*

E, depois, o P.S.:

> *É claro que o que escrevi foi o que ouvi no serviço, de modo que não é totalmente garantido. É um código estranho com o qual se lida todos os dias e muita coisa não dá para entender.*

McMurdo ficou sentado em silêncio durante algum tempo com a carta em suas mãos indóceis. A névoa se dissipara por um instante e ali estava o abismo diante dele.

— Mais alguém sabe disso? — ele perguntou.

— Não contei a mais ninguém.

— Mas esse homem, o seu amigo, teria outra pessoa a quem provavelmente escreveria?

— Bem, ele conhece mais um ou dois sujeitos.

— Da Loja?

— É bem provável.

— Eu perguntei porque é provável que ele tenha dado alguma descrição desse sujeito, Birdy Edwards. Então poderíamos procurá-lo.

— Bem, é possível. Mas acho que ele não o conhece. Ele estava apenas me contando as novidades que lhe chegam devido ao seu serviço. Como ele poderia conhecer esse homem de Pinkerton?

McMurdo teve um súbito estalo.

— Puxa! — gritou. — Eu o conheço. Que bobo fui por não me lembrar! Meu Deus, que sorte! Vou cuidar disso sozinho, como se a carta tivesse chegado pra mim. Está bom assim?

— É tudo que eu pediria.

— Então, deixe tudo como está e fique calado. Agora, vou até a Loja e, logo, o velho Pinkerton se arrependerá de tudo isso.

— O senhor o mataria?

— Quanto menos souber, amigo Morris, mais tranquila ficará sua consciência e melhor o senhor dormirá. Não faça perguntas e deixe as coisas correrem. Eu estou cuidando do caso agora.

Morris sacudiu a cabeça com tristeza enquanto saía.

— Sinto que o sangue dele está nas minhas mãos — disse num resmungo.

— Autodefesa não é assassinato — disse McMurdo, rindo de um jeito sinistro. — É ele ou nós. Acho que esse cara nos destruiria se o deixássemos ficar no vale por algum tempo. Ora, Irmão Morris, ainda temos que elegê-lo chefe da Loja, pois o senhor com certeza a salvou.

Mas estava claro, pela sua atitude, que ele pensava mais seriamente nesta nova intromissão do que suas palavras deixavam transparecer. Pode ter sido sua consciência culpada; pode ter sido a fama da organização de Pinkerton; pode ter sido a notícia de que corporações grandes e ricas haviam assumido a tarefa de acabar com os Scowrer; mas, qualquer que tenha sido o motivo, sua atitude era a de um homem se preparando para o pior. Todos os papéis que pudessem incriminá-lo foram destruídos antes que saísse de casa. Depois disso, deu um longo suspiro de alívio, pois tinha a impressão de estar seguro. Mesmo assim, o perigo devia estar tão presente em sua mente que a caminho da Loja passou na casa de Shafter. A entrada dele estava proibida, mas, quando bateu na janela, Ettie saiu para encontrá-lo. O ar travesso desaparecera dos seus olhos irrequietos de amante dedicada. Ela viu a mensagem do perigo no rosto sério dele.

— Aconteceu alguma coisa! — ela exclamou. — Oh, Jack, você está em perigo!

— Sim, mas não é muito sério, querida. Mesmo assim, é melhor mudar antes que as coisas fiquem piores.

— Mudar!

— Prometi a você que um dia eu iria. Acho que chegou a hora. Recebi certas notícias esta noite, más notícias, e acho que haverá encrencas sérias por aqui.

— A polícia?

— Bem, Pinkerton. Mas você não deve saber o que é isso nem o que possa significar. Estou muito envolvido nisso tudo e posso ter que cair fora bem depressa. Você disse que iria comigo se eu fosse embora.

— Oh, Jack, seria a sua salvação.

— Sou um homem honesto em algumas coisas, Ettie. Eu não tocaria num fio do seu cabelo que fosse por nada nesse mundo, nem tiraria você um centímetro que fosse do trono de ouro sobre as nuvens em que sempre a vi. Você confia em mim?

Ela segurou a mão dele sem dizer nada.

— Então escute o que vou dizer e faça tudo da maneira que eu mandar, pois é nossa única saída. Vão acontecer coisas neste vale. Sinto isso nos meus ossos. Pode haver muita gente atrás de nós. Mas eu sou um só. Se eu for embora, de dia ou à noite, você terá de ir comigo.

— Eu vou atrás de você, Jack.

— Não, não. Você deve ir *comigo*. Se esse vale se fechar para mim e eu não puder voltar mais, como posso deixá-la aqui, talvez tendo que me esconder da polícia sem uma possibilidade de enviar uma mensagem a você? Conheço uma boa senhora no lugar de onde eu vim, e é lá que deixarei você até que possamos nos casar. Você vem?

— Sim, Jack, eu irei.

— Deus a abençoe por confiar em mim. Que o fogo do inferno me queime se eu não fizer o que prometo. Agora, veja bem, Ettie, direi apenas uma palavra a você e, quando receber o recado, deixe tudo e vá para o saguão da estação da ferrovia e me espere até que vá me encontrar com você.

— Seja dia ou noite, atenderei a seu chamado, Jack.

Um pouco mais tranquilo, agora que já começara a se preparar para fugir, McMurdo seguiu para a Loja. Já estavam todos reunidos, e somente depois de fazer complicados sinais e contrassinais, ele conseguiu passar pelos vigias externos e internos que protegiam os membros da sociedade. Um murmúrio de satisfação e de boas-vindas o saudou quando entrou. A grande sala estava lotada, e através da fumaça dos cigarros ele viu a cabeleira preta e emaranhada do chefe, a fisionomia hostil de Baldwin, a cara de abutre de Harraway, o secretário, e os rostos de mais alguns que estavam entre os líderes da Loja. Ele gostou que estivessem todos ali para tomar conhecimento das novidades.

— De fato, ficamos contentes com a sua presença, irmão! — exclamou o presidente. — Há certas coisas aqui que precisam de um Salomão para julgá-las convenientemente.

— O caso é Lander e Egan — explicou o homem ao seu lado, enquanto ele se sentava. — Os dois reclamam o direito de receber o dinheiro que a Loja vai dar pela morte do velho Crabbe em Stylestown. Mas quem pode dizer qual deles acertou o tiro que matou o velho?

McMurdo levantou-se e fez sinal com a mão, pedindo a palavra. A expressão do seu rosto deixou todos atentos. Em silêncio, esperaram as palavras dele.

— Venerável Chefe, tenho um assunto urgente — disse ele em tom solene.

— O Irmão McMurdo pede urgência — disse McGinty. — É um pedido que, pelas regras da Loja, tem prioridade. Pode falar, irmão.

— Venerável Chefe e companheiros, sou portador de más notícias, mas é melhor que elas sejam anunciadas e discutidas, do que recebermos um golpe sem aviso, o que nos destruiria — disse ele. — Tenho informações de que as organizações mais poderosas e mais ricas deste Estado uniram suas forças para nos destruir, e que neste exato momento há um detetive de Pinkerton, um sujeito chamado Birdy Edwards, trabalhando aqui no vale e recolhendo provas que possam colocar uma corda em volta do pescoço de muitos de nós e mandar todos os que estão nesta sala para uma cela. Esta é a situação a ser discutida e para a qual pedi urgência.

Houve um silêncio absoluto na sala. Que foi quebrado pelo presidente.

— Qual a prova disso, Irmão McMurdo? — perguntou.

— Está na carta que recebi — disse McMurdo. Ele leu o trecho em voz alta. — É uma questão de honra para mim não dar mais detalhes sobre a carta, nem passá-la às suas mãos, mas garanto que não há mais nada nela que seja do interesse da Loja. Apresento o caso a vocês do modo como me foi exposto.

— Sr. Presidente, já ouvi falar em Birdy Edwards e que ele tem a fama de ser o melhor homem do serviço de Pinkerton — disse um dos membros mais velhos.

— Alguém já o viu? — perguntou McGinty.

— Sim, eu já o vi — disse McMurdo.

Houve um murmúrio de perplexidade na sala.

— Acho que o temos na palma da mão — ele continuou, com um sorriso de satisfação. — Se agirmos bem depressa e de forma inteligente, podemos acabar logo com isso. Se eu merecer sua confiança e sua ajuda, teremos pouco a temer.

— O que temos a temer? O que ele pode saber a respeito das nossas atividades?

— O senhor poderia dizer isso se todos nós fôssemos íntegros como o senhor, conselheiro. Mas esse sujeito tem todos os milhões dos capitalistas a apoiá-lo. O senhor acha que não existe um irmão mais fraco que possa ser comprado? Assim ele conhecerá nossos segredos. Talvez já os tenha. Só há um remédio.

— Que ele jamais saia do vale — disse Baldwin. McMurdo assentiu.

— Certo, Irmão Baldwin — disse ele. — Você e eu tivemos umas diferenças, mas esta noite você disse a palavra certa.

— Onde ele está? Onde podemos vê-lo?

— Venerável Chefe, acredito que este assunto seja importante demais para ser discutido por toda a Loja — disse McMurdo com veemência. — Deus me livre de duvidar de algum dos presentes. Mas, se chegar alguma coisa aos ouvidos desse sujeito, acabariam todas as nossas possibilidades de agarrá-lo. Eu sugiro que a Loja eleja uma comissão pequena, sr. presidente. O senhor, se me permite sugerir, o Irmão Baldwin e mais cinco membros. Então poderei falar abertamente sobre o que eu sei e sobre o que penso que deve ser feito.

A proposta foi aceita imediatamente e a comissão escolhida. Além do presidente e de Baldwin, foram escolhidos o secretário com cara de abutre,

Harraway; Tigre Cormac, o jovem e brutal assassino; Carter, o tesoureiro; e os irmãos Willaby, que eram homens destemidos e arrebatados que não rejeitariam nada.

A festança habitual na Loja foi rápida e sem muita euforia, pois havia uma nuvem pairando sobre a cabeça daqueles homens, e muitos ali começavam a ver pela primeira vez a nuvem vingadora da lei formando-se naquele céu tão sereno sob o qual eles haviam se abrigado por tanto tempo. O terror que eles haviam imposto aos outros estivera sempre tão afastado de suas vidas que a ideia de desforra passara a ser algo muito remoto, e por isso parecia tão alarmante agora que estava bem perto deles. Eles foram embora cedo e deixaram seus líderes resolver a situação.

— Agora, McMurdo — disse McGinty quando ficaram sozinhos. Os sete homens estavam sentados imóveis em seus lugares.

— Eu disse há pouco que conhecia Birdy Edwards — McMurdo explicou. — Não preciso dizer que ele não está aqui com esse nome. Ele é um homem valente, mas não é louco. Ele está aqui com o nome de Steve Wilson, hospedado em Hobson's Patch.

— Como sabe disso?

— Porque conversei com ele. Não dei muita importância ao fato na época, nem pensaria mais nisso se não fosse a carta. Mas agora tenho certeza de que é ele. Eu o encontrei quarta-feira. Ele seria uma parada se tivéssemos de enfrentá-lo. Disse que era jornalista e que fazia a pesquisa para um jornal de Nova York. Por um instante eu acreditei. Ele queria saber tudo sobre os Scowrer e sobre o que ele chamou de "os ultrajes". Ele me fez todos os tipos de perguntas, dizendo que eram para o jornal dele. Acreditem que eu não contei nada. "Posso pagar pela informação", ele disse. "E pago bem se conseguir um material que agrade ao meu editor." Eu disse que achava poder lhe dizer algo muito bom e ele me deu uma nota de vinte dólares pela informação. "Você terá dez vezes isso aí, se puder me contar tudo o que eu desejo", disse ele.

— O que você contou a ele?

— Alguma coisa que inventei.

— Como sabe que ele não era mesmo um jornalista?

— Vou contar. Ele desceu em Hobson's Patch e eu também. Por acaso entrei no escritório do telégrafo e ele estava saindo de lá.

— “Veja isso”, disse o operador, depois que ele saiu. “Acho que devíamos cobrar o dobro por isso.” “Acho que sim”, eu disse. Ele tinha preenchido o formulário com algo que parecia letra chinesa. “Ele despacha um negócio assim todos os dias”, disse o funcionário. “Sim”, disse eu. “Deve ser uma notícia especial para o jornal dele, e ele está com medo que outros copiem.” Foi isso que o operador pensou e que eu pensei naquele dia. Mas agora penso diferente.

— Puxa, acho que você está certo! — disse McGinty. — Mas o que acha que devemos fazer em relação a isso?

— Por que não saímos agora mesmo para agarrá-lo? — alguém sugeriu.

— Ah, quanto antes, melhor.

— Eu iria agora mesmo se soubesse onde encontrá-lo — disse McMurdo. — Ele está em Hobson’s Patch, mas não sei em que casa. Tenho um plano, para o caso de aceitarem meu conselho.

— E que plano é esse?

— Vou até lá amanhã de manhã descobrir com o operador onde ele está. Acho que ele saberá como localizá-lo. Bem, então digo a ele que sou um dos Homens Livres. Ofereço todos os segredos da Loja por um certo preço. Podem acreditar que ele cairá nessa. Vou dizer que os papéis estão na minha casa e que seria conveniente que ele fosse até lá enquanto as pessoas estiverem fora. Marcamos para as dez da noite e ele vê tudo. Isso vai atraí-lo, não?

— E daí?

— Vocês podem planejar o resto. A casa da viúva MacNamara é uma casa afastada. Ela é confiável como o aço e surda como um poste. Apenas Scanlan e eu estaremos lá. Se eu conseguir que ele vá, eu o informarei se ele prometer ir. Vocês sete chegariam às nove horas. Vamos pegá-lo. Se por acaso ele sair vivo, ele poderá falar que Birdy Edwards é realmente um cara de muita sorte.

— Ou eu muito me engano ou haverá uma vaga no grupo de Pinkerton — disse McGinty. — Fica acertado assim, McMurdo. Amanhã, às nove, estaremos lá com você. Depois que ele entrar e você fechar a porta, deixe o resto por nossa conta.

7

A ARMADILHA PARA BIRDY EDWARDS

Como McMurdo havia dito, a casa em que ele morava era isolada e muito conveniente para um crime como o que eles haviam planejado. Ficava no extremo da cidade e bem afastada da estrada. Em qualquer outra situação, os conspiradores teriam simplesmente chamado o seu homem, como já haviam feito muitas vezes antes, e descarregado as armas em seu corpo; mas neste caso era preciso descobrir o quanto ele sabia, como ficara sabendo e o que fora transmitido aos patrões dele. Era possível que estivessem atrasados demais e que o serviço já tivesse sido feito. Se fosse este o caso, eles pelo menos poderiam se vingar do homem que fizera isso. Mas tinham esperança de que nada de muito importante tivesse chegado ao conhecimento do detetive, pois, do contrário, argumentavam, ele não teria se preocupado em passar aquelas informações banais que McMurdo dissera ter-lhe dado. Mas tudo isso eles ouviriam dos lábios dele. Quando estivesse em seu poder, eles encontrariam uma maneira de fazê-lo falar. Não era a primeira vez que lidavam com uma testemunha indesejável.

McMurdo foi para Hobson's Patch, como ficara combinado. A polícia parecia estar especialmente interessada nele naquela manhã, e o capitão Marvin, que dissera conhecê-lo há muito tempo de Chicago, realmente dirigiu-se a ele enquanto esperava na estação ferroviária. McMurdo afastou-se e se recusou a falar com o capitão. Ele voltou da sua missão à tarde e encontrou-se com McGinty no sindicato.

— Ele vem aí — disse.

— Ótimo! — aprovou McGinty. O gigante estava em mangas de camisa, com as correntes e emblemas brilhando no peito por cima do seu enorme

colete e um diamante cintilando abaixo da barba eriçada. A bebida e a política haviam feito do conselheiro um homem muito rico, além de poderoso. O mais terrível de tudo, portanto, era a possibilidade de cadeia ou de força que fora mencionada na noite anterior.

— Você acha que ele sabe de muita coisa? — perguntou, ansioso.

McMurdo sacudiu a cabeça com pesar.

— Ele já está por aqui há algum tempo. Pelo menos há seis semanas. Acho que não veio até aqui para ver a paisagem. Se trabalhou entre nós durante todo esse tempo com o apoio do dinheiro das ferrovias, deve-se esperar que tenha conseguido algum resultado, e que tenha passado isso adiante.

— Não há nenhum homem fraco na Loja! — gritou McGinty. — São todos exemplares. Mesmo assim, ah, meu Deus!, existe aquele pulha do Morris. O que acha dele? Se algum homem tiver que trair a Loja, certamente será ele. Estou pensando em mandar dois rapazes até a casa dele antes de anoitecer para lhe dar uma surra e ver o que conseguem dele.

— Bem, não haveria mal nenhum nisso — disse McMurdo. — Não vou negar que gosto de Morris e lamentaria se algum mal lhe acontecesse. Uma vez ou duas ele falou comigo sobre assuntos da Loja e, embora não pareça encará-lo do mesmo modo que nós, nunca achei que fosse do tipo que delata. Mas não quero me interpor entre o senhor e ele.

— Vou pegar esse velho idiota — disse McGinty, praguejando. — Estou de olho nele desde o ano passado.

— Bem, o senhor sabe mais sobre isso — disse McMurdo. — Mas, seja lá o que o senhor for fazer, tem de ser amanhã, porque precisamos ficar fora de circulação até que o caso Pinkerton esteja resolvido. Não podemos deixar que a polícia nos perturbe hoje.

— É verdade — disse McGinty. — E vamos saber com Birdy Edwards onde ele obteve as informações, nem que ele perca as tripas. Será que ele percebeu que era uma armadilha?

McMurdo riu.

— Acho que eu o peguei pelo ponto fraco — ele disse. — Se ele tiver uma boa pista sobre os Scowrer, é capaz de segui-la até o inferno. Peguei o dinheiro dele — McMurdo sorria enquanto mostrava um maço de notas. — E muito mais depois que eu lhe mostrar meus papéis.

— Que papéis?

— Bem, não há papel nenhum. Mas eu disse que havia estatutos e livros de normas para os membros. Ele espera resolver tudo antes de ir embora.

— Que confiança! — disse McGinty de modo sinistro. — Ele não perguntou por que você não levava os papéis até ele?

— Como se eu pudesse andar por aí com coisas desse tipo. Sou um homem suspeito, ainda mais depois que o capitão Marvin falou comigo hoje de manhã na estação!

— Ah, eu fiquei sabendo — disse McGinty. — Acho que a culpa disso irá recair sobre você. Podemos colocá-lo numa velha mina depois de eliminá-lo, mas, de qualquer modo, não podemos nos aproximar do homem que mora em Hobson's Patch, já que você esteve hoje lá.

McMurdo deu de ombros.

— Se fizermos tudo direito, nunca poderão provar que houve assassinato — disse ele. — Ninguém poderá vê-lo vindo para a casa depois que escurecer e vou dar um jeito para que ninguém o veja ir. Agora, conselheiro, vou mostrar-lhe meu plano e peço que o senhor passe para os outros. Vocês chegam antes. Muito bem. Ele chega às dez horas. Vai bater três vezes para que eu abra a porta. Então, fico atrás dele e fecho a porta. Aí ele é nosso.

— Tudo muito fácil e claro.

— Sim, mas o passo seguinte precisa de reflexão. Ele está bem armado. Eu o enganei, mas, mesmo assim, é provável que esteja alerta. Suponha que eu o leve a um quarto onde estejam sete homens, quando ele esperava me encontrar sozinho. Haverá tiroteio e alguém vai se machucar.

— É verdade.

— E o barulho fará com que todos os guardas da cidade caiam sobre nós.

— Acho que você está certo.

— É assim que devo pensar. Vocês todos ficarão no salão, aquele que o senhor viu quando foi falar comigo. Vou abrir a porta para ele. Levo-o para a outra sala e deixo-o ali enquanto vou apanhar os papéis. Isso me dará oportunidade de lhes dizer como estão as coisas. Depois, volto para onde ele está com alguns papéis falsos. Enquanto estiver lendo, eu pulo em cima dele e pego sua arma. Vocês ouvem o meu chamado e correm. Quanto mais rápido, melhor, pois ele é forte como eu e pode ser difícil de controlar. Mas acho que posso segurá-lo até vocês chegarem.

— É um bom plano — disse McGinty. — A Loja ficará em dívida com você por isso. Acho que, quando eu deixar este posto, poderia indicar o homem que me sucederá.

— Bem, conselheiro, sou pouco mais que um recruta — disse McMurdo, mas seu rosto mostrava o que ele pensava do cumprimento do grande homem.

Quando voltou para casa, fez seus preparativos para a noite difícil que teria pela frente. Primeiramente limpou, lubrificou e carregou sua Smith & Wesson. Depois examinou a sala em que o detetive seria pego na armadilha. Era um cômodo grande, com uma mesa comprida no centro e o grande fogão num canto. Em cada um dos lados havia uma janela. Não havia postigos, apenas cortinas leves que corriam para os lados. McMurdo examinou-as atentamente. Sem dúvida, deve ter-lhe ocorrido que o apartamento era muito devassado para um assunto tão secreto. Mas sua distância da estrada compensava aquela desvantagem. Finalmente ele discutiu o assunto com o outro inquilino. Scanlan, embora fosse um Scowrer, era um homenzinho inofensivo, fraco demais para se opor à opinião dos seus companheiros, mas ficava secretamente horrorizado com os atos sanguinários que algumas vezes fora obrigado a assistir. McMurdo contou-lhe resumidamente o que iria acontecer.

— E, se eu fosse você, Mike Scanlan, passaria a noite longe, e fora de tudo isso. Vai correr muito sangue por aqui antes de amanhecer.

— Na verdade, Mac, não é a vontade que manda em mim, e sim os nervos — disse Scanlan. — Quando eu vi o gerente Dunn cair lá na mina de carvão, foi demais para mim. Não fui feito pra isso. Não sou como você ou McGinty. Se a Loja não for pensar mal de mim, farei como você disse. E sairei quando anoitecer.

Os homens chegaram na hora certa, como combinado. Eles eram aparentemente cidadãos respeitáveis, bem-vestidos e limpos, mas um bom conhecedor de fisionomias veria facilmente naquelas bocas e olhos implacáveis que havia poucas esperanças para Birdy Edwards. Não havia um homem naquela sala cujas mãos já não tivessem ficado ensanguentadas antes. Eles eram tão insensíveis para assassinatos quanto um açougueiro para desossar um boi. Em primeiro lugar, tanto em aparência quanto em culpa, estava o terrível chefe. Harraway, o secretário, era um homem magro, mordaz, com um pescoço longo e fino e os membros irrequietos, nervosos,

um homem de incorruptível fidelidade no que se referia às finanças da Ordem, e sem noção alguma de justiça ou honestidade em relação às outras pessoas. O tesoureiro, Carter, era um homem de meia-idade com um ar impassível, bastante rabugento, com uma pele amarelada feito pergaminho. Ele era um organizador competente, e todos os detalhes de cada ataque saíam de seu cérebro conspirador. Os dois Willaby eram homens de ação, jovens altos e ágeis, de rostos determinados, enquanto seu companheiro, Tigre Cormac, um jovem moreno e pesadão, era temido até por seus próprios camaradas pela ferocidade de seu temperamento. Eram esses os homens reunidos aquela noite sob o teto de McMurdo para o assassinato do detetive de Pinkerton.

O anfitrião pusera uma garrafa de uísque na mesa e eles se apressavam em se embebedar antes do serviço que tinham pela frente. Baldwin e Cormac já estavam meio bêbados, e o álcool despertara toda a ferocidade deles. Cormac pôs as mãos sobre a lareira por um instante; ela estava acesa, porque as noites de primavera ainda eram geladas.

— Vamos pegá-lo — disse ele.

— É — comentou Baldwin, ansioso. — Se ele for tratado *direitinho*, falará tudo.

— Ele falará tudo, não se preocupe — disse McMurdo. Ele tinha nervos de aço, pois, embora toda a responsabilidade do caso fosse dele, seu jeito era frio e despreocupado como sempre. Os outros notaram isso e o cumprimentaram.

— Você é o cara certo para lidar com ele — disse o chefe, de modo aprovador. — Ele não perceberá nada até que você esteja com as mãos em seu pescoço. É uma pena que suas janelas não tenham persianas.

McMurdo puxou as cortinas das duas janelas.

— Bem, ninguém pode nos ver aqui dentro agora. Está quase na hora.

— Talvez ele não venha. Talvez sinta cheiro de perigo — disse o secretário.

— Ele virá, não se preocupem — disse McMurdo. — Ele está tão ansioso para vir quanto vocês para vê-lo. Ouçam!

Todos se sentaram como bonecos de cera, alguns com os copos no ar a caminho da boca. Ouviram três batidas fortes na porta.

— Silêncio!

McMurdo levantou a mão em sinal de advertência. Um olhar de júbilo surgiu em todos do grupo e eles puseram as mãos nas armas ocultas.

— Não façam barulho! — McMurdo sussurrou enquanto saía da sala, fechando a porta com cuidado.

Os assassinos esperavam com o ouvido atento. Contaram os passos do companheiro até a porta. Depois ouviram quando ele abriu a porta. Houve algumas palavras de saudação. Após isso, ouviram uma outra pessoa andando na casa, e a voz de um estranho. Um instante depois, ouviu-se a batida da porta e em seguida o ruído da chave girando na fechadura. A presa estava segura na armadilha. Tigre Cormac deu uma risada alta e o chefe McGinty bateu na boca do outro com sua mão grande.

— Fique quieto, estúpido! — ele sussurrou. — Você ainda vai estragar tudo.

Ouviu-se um murmúrio de conversa vindo da sala ao lado. Parecia uma conversa interminável. Depois, a porta se abriu e McMurdo apareceu, com o dedo sobre os lábios.

Ele foi até a cabeceira da mesa e olhou para os outros. Ocorrera uma mudança sutil nele. Seu comportamento era como o de alguém que tem um trabalho importante a executar. Seu rosto estava rígido como granito. Seus olhos brilhavam com uma excitação feroz atrás dos óculos. Ele se tornara visivelmente um líder. Todos o olhavam com grande interesse, mas ele não disse nada. Com o mesmo olhar estranho com que entrara na sala, ele olhou para cada um dos homens.

— Bem, ele está aí? Birdy Edwards está aí? — perguntou o chefe McGinty finalmente.

— Sim — McMurdo respondeu lentamente. — Birdy Edwards está aqui. Birdy Edwards sou eu!

Passaram-se dez segundos depois dessas palavras, durante os quais a sala parecia estar vazia, tão profundo era o silêncio ali dentro. O assobio de uma chaleira que estava no fogo pareceu áspero e estridente aos ouvidos de todos. Sete rostos pálidos, todos virados para este homem que os dominava, ficaram imóveis sentindo um grande pavor. Depois, com o ruído de vidros se partindo, surgiram pelas janelas da sala os canos reluzentes de rifles, enquanto as cortinas eram arrancadas de seu suporte. Ao ver isso, o chefe McGinty deu um gemido de urso ferido e partiu na direção da porta meio aberta. Um revólver apontado em sua direção esperava por ele na porta,

com os austeros olhos azuis do capitão Marvin, da polícia das minas, encarando-o firmemente. O chefe recuou e caiu sentado em sua cadeira novamente.

— O senhor está mais seguro aí, conselheiro — disse o homem que eles haviam conhecido como McMurdo. — E você, Baldwin, se não tirar as mãos do revólver, terá problemas. Tire a mão daí, ou por Deus que eu... Assim... Assim está bem. Há quarenta homens armados em volta da casa e vocês mesmos podem imaginar que chances terão de escapar daqui. Pegue as armas deles, Marvin! — Não havia resistência possível sob a ameaça daqueles rifles. Os homens foram desarmados. Carrancudos, perplexos e muito assustados, eles continuavam sentados em torno da mesa.

— Eu gostaria de dizer uma coisa antes de nos separarmos — disse o homem que os havia enganado. — Acho que não vamos nos encontrar novamente até o dia em que vocês me verão lá no tribunal. Vou dizer algo para que vocês reflitam a respeito daqui até lá. Agora vocês sabem o que eu sou. Finalmente posso pôr as cartas na mesa. Eu sou Birdy Edwards, do grupo de Pinkerton. Fui escolhido para desbaratar essa quadrilha. Eu tinha de jogar um jogo difícil e perigoso. Ninguém, ninguém mesmo, nem a pessoa mais chegada a mim e mais querida sabia que eu estava nesse jogo, exceto o capitão Marvin aqui e os meus patrões. Mas tudo terminou hoje, graças a Deus, e sou o vencedor!

Os sete rostos pálidos e rígidos olharam para ele. Havia um ódio implacável nos olhos desses homens. Ele entendeu aquela ameaça atroz.

— Talvez vocês pensem que o jogo ainda não terminou. Bem, arrisco minha sorte nisso. Contudo, alguns de vocês não terão outra mão[25] e há mais sessenta que, como vocês, dormirão na cadeia esta noite. Vou lhes confessar uma coisa: quando me encarregaram desse serviço, eu não acreditava que existia uma sociedade como a de vocês. Achei que era história dos jornais, e que eu provaria isso. Disseram-me que tinha a ver com os Homens Livres, e então fui a Chicago e me tornei um deles. Então, fiquei com mais certeza do que antes de que tudo não passava de história dos jornais, pois não vi nenhum perigo na sociedade, mas apenas coisas boas. Mesmo assim, eu tinha que executar meu serviço e vim para o vale das minas. Quando cheguei aqui, vi que eu estava enganado e que as coisas não eram inventadas. Então, fiquei para investigar. Nunca matei ninguém

em Chicago. Nunca falsifiquei uma moeda na minha vida. Aquelas moedas que eu dei a vocês eram tão verdadeiras quanto qualquer outra que circule por aí, mas eu jamais gastei dinheiro de maneira melhor. Eu queria cair nas graças de vocês e fingi que a polícia me procurava. Tudo funcionou como eu imaginei.

"Eu me filiei à Loja infernal de vocês e comecei a fazer parte da sociedade. Talvez digam que sou tão mau quanto vocês. Podem dizer o que quiserem, já que consegui agarrá-los. Mas qual é a verdade? Na noite em que eu entrei para a sociedade vocês espancaram o velho Stanger. Eu não consegui avisá-lo, pois não houve tempo, mas segurei suas mãos, Baldwin, quando você já ia matá-lo. Se cheguei a sugerir algumas coisas a fim de manter minha posição entre vocês, eram coisas que eu podia evitar. Não pude salvar Dunn e Menzies, pois eu não sabia o suficiente sobre o caso, mas vou tratar de fazer com que os assassinos deles sejam enforcados. Eu avisei Chester Wilcox, de modo que, quando explodi a casa dele, ele e a família estavam longe, escondidos. Houve muitos crimes que não pude evitar, mas, se olharem para trás e pensarem quantas vezes a vítima de vocês voltava para casa por outro caminho, ou estava na cidade quando vocês iam procurá-la, ou ficava em casa quando vocês pensavam que a pessoa iria sair. Então vocês verão o meu trabalho.

— Maldito traidor! — McGinty disse baixinho.

— Ah, John McGinty, pode me chamar assim se isso alivia o seu sofrimento! Você e esses outros iguais a você foram inimigos de Deus e dos homens aqui nesta cidade. Foi preciso que um homem se metesse entre vocês e os pobres-diabos desses homens e mulheres que vocês mantinham sob suas garras. Só havia um jeito de fazer isso, e eu fiz. Você me chama de traidor, mas acho que milhares de pessoas me chamarão de salvador. Um libertador que foi ao inferno para salvá-las. Vivi três meses neste inferno. Eu não passaria por tudo isso de novo. Eu tinha de ficar até conseguir tudo, até que cada homem e cada segredo estivesse aqui na minha mão. Eu teria esperado um pouco mais se não tivesse sido informado de que o meu segredo estava começando a se espalhar. Chegou uma carta à cidade que lhes informaria de tudo. Então tive de agir, e agir depressa. Não tenho mais nada a dizer a vocês, a não ser que, quando chegar a minha hora, eu morrerei mais tranquilo, pois me lembrarei do trabalho que fiz aqui neste vale. Agora, Marvin, não vou retê-lo mais. Leve-os e acabe logo com isso.

Houve pouco mais a dizer. Scanlan recebeu um bilhete lacrado para ser entregue na casa da srta. Ettie Shafter, uma missão que ele aceitara com uma piscadela e um sorriso. Nas primeiras horas da manhã, uma mulher bonita e um homem muito bem protegido embarcaram num trem especial que fora enviado pela empresa ferroviária e fizeram uma viagem tranquila, deixando para trás a terra do perigo. Foi a última vez que Ettie e seu companheiro puseram os pés no Vale do Medo. Dez dias depois eles se casaram em Chicago, tendo o velho Jacob Shafter como testemunha do enlace.

O julgamento dos Scowrer foi realizado longe do lugar onde seus simpatizantes poderiam aterrorizar os guardiões da lei. Eles lutaram em vão. Em vão o dinheiro da Loja, arrancado por meio de extorsão em toda aquela região, foi gasto como água na tentativa de salvá-los. O depoimento frio, claro, desapaixonado de quem conhecia cada detalhe de suas vidas, da organização e dos seus crimes não foi abalado pela astúcia dos seus defensores. Finalmente, depois de tantos anos, eles foram desmascarados e expostos. Aquela nuvem fora retirada para sempre de cima do vale. McGinty cumpriu seu destino em cima do cadafalso, encolhendo-se de medo e choramingando quando chegou sua hora derradeira. Oito de seus principais seguidores tiveram o mesmo fim. Cinquenta tiveram pena de prisão com tempos de reclusão variados. O trabalho de Birdy Edwards estava terminado.

Mas, ao contrário do que ele pensara, o jogo ainda não tinha terminado. Havia outra rodada a ser jogada, e talvez mais outra e mais outra ainda. Ted Baldwin escapara do cadafalso; e os Willaby também; e o mesmo aconteceu com vários dos mais violentos membros da quadrilha. Durante dez anos eles ficaram fora do mundo, e então chegou um dia em que ficaram livres novamente, um dia que Edwards, que conhecia bem esses homens, sabia ser o fim da sua vida tranquila. Eles haviam jurado que derramariam o sangue dele como vingança pelos seus companheiros. E partiram imediatamente para cumprir a promessa. Ele teve de fugir de Chicago depois de dois atentados que quase foram fatais. A partir daí, ficou bem claro que o terceiro não falharia. De Chicago ele partiu, já com o nome trocado, para a Califórnia, e foi lá que sua vida por um certo tempo perdeu o encanto, quando Ettie Edwards morreu. Mais uma vez ele quase foi morto, e mais uma vez, com o nome de Douglas, trabalhou num vale isolado onde, com

um sócio inglês chamado Barker, enriqueceu. Por fim, chegou um aviso de que seus perseguidores estavam na sua pista novamente, e ele partiu na hora certa para a Inglaterra. E daí surgiu John Douglas, que pela segunda vez se casou com uma companheira digna e que viveu durante cinco anos como um proprietário rural em Sussex, uma vida que terminou com os estranhos acontecimentos de que tomamos conhecimento.

25 O autor se refere ao jogo de pôquer, quando o jogador pode pedir mais cartas se as suas não lhe servirem. (N. do T.)

EPÍLOGO

Os PROCEDIMENTOS POLICIAIS E LEGAIS HAVIAM TERMINADO E o caso de John Douglas foi enviado a uma instância superior do Judiciário. Então ele foi absolvido por ter agido em legítima defesa. “Leve-o para fora da Inglaterra a qualquer custo”, Holmes escrevera à esposa dele. “Há certas forças aqui que podem ser mais perigosas do que aquelas das quais ele escapou. Não há segurança para o seu marido na Inglaterra.”

Dois meses se passaram e o caso, até certo ponto, havia se apagado de nossa lembrança. Então, certa manhã, chegou um bilhete enigmático que fora colocado em nossa caixa do correio. “Valha-me Deus, sr. Holmes! Valha-me Deus!”, dizia aquela carta incomum. Não havia nem sobrescrito nem assinatura. Eu ri ao ver aquela mensagem estranha, mas Holmes mostrou uma seriedade maior que a habitual.

— Que estranho, Watson! — ele disse, e ficou sentado durante muito tempo com a testa franzida.

Mais tarde, naquela mesma noite, a sra. Hudson, nossa senhoria, trouxe o recado de um cavalheiro que desejava ver Holmes dizendo que o assunto era muito importante. Logo atrás da portadora de sua mensagem entrou o sr. Cecil Barker, nosso amigo da Casa Senhorial. Seu rosto estava desfigurado.

— Tenho más notícias. Terríveis mesmo, sr. Holmes — ele disse.

— Eu temia que fosse isso — disse Holmes.

— O senhor não recebeu nenhum telegrama, recebeu?

— Recebi um bilhete que parecia um telegrama.

— É o coitado do Douglas. Dizem que o nome dele é Edwards, mas para mim ele será sempre o Jack Douglas, de Benito Canyon. Eu já lhe disse que

eles partiram para a África do Sul no *Palmyra*, há três semanas.

— Exatamente.

— O navio chegou à Cidade do Cabo ontem à noite. Recebi este telegrama da sra. Douglas hoje de manhã:

> *Jack caiu no mar durante ventania costas Sta. Helena. Ninguém sabe como acidente ocorreu.*
>
> *Ivy Douglas*

— Ah, foi assim, é? — disse Holmes, pensativo. — Bem, não tenho dúvida de que foi tudo bem preparado.

— O senhor quer dizer que não foi acidente?

— Claro que não foi.

— Ele foi assassinado?

— Certamente!

— Eu também penso assim. Esses diabólicos Scowrer, esses malditos criminosos vingativos...

— Não, não, meu senhor — disse Holmes. — Há um toque de mestre aqui. Não é um simples caso de espingarda de cano serrado e de revólveres baratos. Pode-se reconhecer um mestre pelos requintes. Conheço muito bem quando Moriarty põe o dedo num caso. Esse crime é de Londres e não da América.

— Mas por quê?

— Porque foi feito por um homem que não pode falhar: uma pessoa cuja posição depende do fato de que tudo que faz deve dar certo. Um cérebro privilegiado e uma grande organização foram utilizados para a eliminação de um homem. É quebrar uma noz com o martelo. Uma extravagância, mas de qualquer modo a noz fica esmagada.

— O que esse tal homem tem a ver com tudo isso?

— Só posso dizer que a primeira notícia que chegou a nós foi por intermédio de um dos homens dele. Esses americanos foram bem aconselhados. Tendo um serviço a ser feito aqui, pediram a participação, como qualquer criminoso estrangeiro faria, desse grande consultor de crimes. A partir desse instante a vítima está condenada. A princípio ele se contentaria em usar sua máquina para localizar a vítima dos americanos. Depois indicaria como o caso poderia ser tratado. Finalmente, quando

soubesse das falhas do agente enviado, ele próprio entraria no caso com o seu toque de mestre. O senhor ouviu quando eu avisei ao seu amigo que o perigo futuro seria maior do que o perigo passado. Eu estava certo?

Barker bateu com a mão fechada na testa, demonstrando a impotência de sua raiva.

— O senhor me diz que devemos parar dessa vez? O senhor acha que ninguém jamais conseguirá agarrar esse demônio?

— Não, não estou dizendo isso — respondeu Holmes, e seus olhos pareciam estar penetrando no futuro. — Não digo que ele não possa ser vencido. Mas o senhor precisa me dar tempo. O senhor tem de me dar tempo!

Ficamos todos sentados em silêncio durante alguns minutos, enquanto aqueles olhos proféticos ainda tentavam romper o véu.

ARTHUR CONAN DOYLE
SHERLOCK HOLMES
VOLUME 4

OS ÚLTIMOS CASOS DE SHERLOCK HOLMES

PREFÁCIO

OS AMIGOS DE SHERLOCK HOLMES VÃO FICAR CONTENTES EM saber que ele ainda está vivo e bem, embora com os movimentos um pouco prejudicados por ataques esporádicos de reumatismo. Vive, há muitos anos, numa pequena fazenda sobre as colinas, a oito quilômetros de Eastbourne, dividindo o tempo entre seus livros de filosofia e apicultura. Durante este período de descanso, ele recusou as mais principescas ofertas para resolver vários casos, depois que decidiu que a sua aposentadoria era definitiva. A aproximação da guerra alemã, no entanto, fez com que ele pusesse sua notável combinação de atividade intelectual e prática à disposição do governo, com resultados históricos contados em "SEU ÚLTIMO CASO".

Acrescentei várias aventuras anteriores, guardadas há bastante tempo em seus arquivos, a fim de completar o volume.

John H. Watson, M.D.

O CASO DA VILA GLICÍNIA

1. A ESTRANHA AVENTURA DO SR. JOHN SCOTT ECCLES

Vejo que está anotado no meu caderno que era um dia gelado, de muito vento, ali pelo final de março de 1892. Holmes recebera um telegrama quando estávamos almoçando e tinha rabiscado uma resposta. Não disse nada, mas o assunto continuou na sua cabeça, porque ele ficou parado diante da lareira, pensativo, fumando o cachimbo e olhando de vez em quando para a mensagem. De repente virou-se para mim, com um brilho malicioso nos olhos.

— Eu acho, Watson, que podemos considerá-lo um homem de letras — ele disse. — Como você definiria a palavra “grotesca”?

— Estranho, notável — eu sugeri.

— Com certeza há algo mais do que isso — ele disse —, uma implicação do trágico e do terrível. Se você se lembrar de algumas das narrativas que têm impingido a um público paciente, vai perceber com que frequência o grotesco tem se transformado no criminoso. Lembre-se do caso dos homens de cabelos vermelhos. No começo havia muito de grotesco, e mesmo assim terminou numa desesperada tentativa de roubo. E o caso grotesco das cinco sementes de laranja, que conduziu a uma conspiração de assassinato. A palavra me deixou de prontidão.

— Ela está aí? — perguntei.

Ele leu o telegrama em voz alta:

Acabei de passar pela experiência mais incrível e grotesca. Posso consultá-lo?

Scott Eccles
Correio de Charing Cross

— Homem ou mulher? — perguntei.

— Oh, homem, é claro. Nenhuma mulher enviaria um telegrama com resposta paga. Ela teria vindo.

— Você vai recebê-lo?

— Meu caro Watson, você sabe como ando entediado desde que prendemos o coronel Carruthers. Minha mente é como um carro veloz que se despedaça todo se não for usado para o fim a que se destina. A vida é um lugar-comum, os jornais estão estéreis, a audácia e a aventura parecem ter sumido do mundo do crime. Como pode me perguntar, então, se estou disposto a examinar algum problema novo, por mais banal que possa parecer? Mas, se não me engano, aí está o nosso cliente.

Ouvimos passos cadenciados na escada e logo em seguida entrou na sala uma pessoa corpulenta, alta, de costeletas grisalhas e aspecto solene e respeitável. De suas polainas até os óculos de aros dourados, ele era um membro do Partido Conservador, religioso, ortodoxo e convencional até o último grau. A história de sua vida estava escrita em suas feições graves e gestos pomposos. Mas alguma experiência impressionante havia perturbado sua calma natural e deixou sinais nos seus cabelos em desalinho, no rosto vermelho e encolerizado, nas suas maneiras nervosas e agitadas. Foi direto ao assunto.

— Acabei de passar por uma experiência estranha e desagradável, sr. Holmes — disse ele. — Nunca estive numa situação assim em toda a minha vida. É extremamente inconveniente, extremamente chocante. Eu preciso de uma explicação.

Ele estava bufando de raiva.

— Por favor, sente-se, sr. Scott Eccles — disse Holmes, acalmando-o. — Posso lhe perguntar, em primeiro lugar, por que o senhor veio me procurar?

— Bem, senhor, não parecia que o assunto interessasse à polícia, mas, depois de conhecer os fatos, o senhor vai admitir que eu não podia deixar a situação no ponto em que estava. Não tenho nenhuma simpatia pela classe

dos detetives particulares, mas, em todo caso, tendo ouvido falar no seu nome...

— Certamente. Mas, em segundo lugar, por que o senhor não veio imediatamente?

— O que quer dizer com isso?

Holmes olhou para o relógio.

— São 14h15 — disse. — Seu telegrama foi mandado por volta de uma da tarde. Mas não se pode olhar para a sua roupa e sua aparência sem ver que sua perturbação começou no momento em que acordou.

Nosso cliente alisou os cabelos em desalinho e passou a mão pelo queixo com a barba por fazer.

— Tem razão, sr. Holmes. Não me preocupei em me arrumar. Tudo o que eu queria era sair daquela casa. Mas estive fazendo algumas investigações antes de vir ver o senhor. Fui até a corretora, o senhor sabe, e eles disseram que o aluguel do sr. Garcia estava pago e que estava tudo em ordem na Vila Glicínia.

— Calma, calma, meu senhor — disse Holmes, rindo. — O senhor é como o meu amigo, dr. Watson, que tem o péssimo hábito de contar suas histórias começando pelo fim. Por favor, coordene os pensamentos e me conte, na sequência certa, exatamente por que esses acontecimentos o fizeram sair em busca de conselho e ajuda, despenteado e amarrotado, com botas e colete abotoados de forma errada.

Nosso cliente olhou para baixo, examinando com pesar sua aparência deplorável.

— Tenho certeza de que estou horrível, sr. Holmes, e tenho certeza de que algo assim jamais aconteceu antes em minha vida. Mas vou contar-lhe toda a história esquisita, e quando tiver terminado o senhor com certeza reconhecerá que há muita coisa que possa me desculpar.

Mas a narrativa dele foi cortada pela raiz. Houve um alarido do lado de fora e a sra. Hudson abriu a porta para que dois indivíduos entrassem, dois sujeitos robustos, com aspecto de polícia, um dos quais era conhecido nosso, o inspetor Gregson, da Scotland Yard, um policial enérgico, cortês e, dentro de suas limitações, competente. Apertou a mão de Holmes e apresentou seu companheiro, inspetor Baynes, da polícia de Surrey.

— Estamos juntos numa caçada, sr. Holmes, e nossa pista indicava esta direção.

Virou os olhos de buldogue para o nosso visitante.

— O senhor é John Scott Eccles, de Popham House, Lee?

— Sim, sou eu.

— Nós o seguimos a manhã inteira.

— Sem dúvida você o localizou por causa do telegrama — disse Holmes.

— Exatamente, sr. Holmes. Pegamos a pista na agência do correio de Charing Cross e viemos para cá.

— Mas por que me seguem? O que desejam?

— Queremos um esclarecimento, sr. Scott Eccles, a respeito dos fatos que resultaram na morte do sr. Aloysius Garcia, da Vila Glicínia, nos arredores de Esher, ontem à noite.

Nosso cliente retesou-se na cadeira, com os olhos arregalados e sem um pingo de cor no rosto atônito.

— Morto? O senhor disse que ele morreu?

— Sim, senhor, ele está morto.

— Mas como? Acidente?

— Assassinato, na sua mais pura definição.

— Meu Deus! Isto é terrível! O senhor não está dizendo... o senhor não está dizendo que eu sou um suspeito?

— Foi encontrada uma carta sua no bolso do morto e ficamos sabendo que o senhor pretendia passar na casa dele ontem à noite.

— Sim, eu passei.

— Oh, então passou, não é?

Tirou o livro de anotações do bolso.

— Espere um pouco, Gregson — disse Sherlock Holmes. — Tudo o que você quer é uma simples declaração, não é?

— E é meu dever prevenir o sr. Scott Eccles de que ela pode ser usada contra ele.

— O sr. Eccles ia nos contar o caso quando vocês entraram aqui. Eu acho, Watson, que um conhaque com soda vai ajudá-lo. Agora, senhor, sugiro que não se importe com o aumento de sua plateia e continue sua narrativa exatamente como teria feito se não tivesse sido interrompido.

Ele engolira o conhaque e a cor voltou às suas faces. Com um olhar desconfiado para o livro de anotações do inspetor, começou imediatamente seu relato extraordinário.

— Sou um celibatário — disse ele — e, sendo sociável, tenho muitos amigos. Entre eles está a família de um cervejeiro chamado Melville, que mora em Albermarle Mansion, Kensington. Foi na casa dele que conheci um jovem chamado Garcia há algumas semanas. Ele era, fiquei sabendo, de descendência espanhola, e tinha uma ligação com a embaixada. Falava inglês corretamente, era agradável, e um sujeito simpático como nunca vi antes. Começamos uma sólida amizade, ele e eu. Ele pareceu gostar de mim desde o início e dois dias depois de nosso encontro foi me visitar em Lee. Uma coisa leva à outra, e ele acabou me convidando para passar alguns dias em sua casa na Vila Glicínia, entre Esher e Oxshott. Ontem à noite fui a Esher para atender ao seu convite. Antes de ir lá, ele já tinha me contado sobre sua casa. Morava com um caseiro de confiança, um patrício dele, que cuidava de tudo. Esse sujeito falava inglês e tomava conta da casa. Tinha também um magnífico cozinheiro, ele disse, um mestiço que tinha encontrado numa de suas viagens, e que podia servir um jantar excelente. Lembro-me de que ele comentou que só se encontrava uma criadagem estranha no coração de Surrey, e eu concordei com ele, embora ela tenha se mostrado muito mais estranha do que eu pensei. Dirigi-me para lá, mais ou menos três quilômetros ao sul de Esher. A casa é grande, afastada da estrada, com um caminho em curva ladeado de arbustos verdes. É uma construção antiga, em ruínas, num lamentável estado de desordem. Quando a carruagem parou no caminho coberto de mato, diante da porta manchada e desbotada, eu duvidei de minha sanidade pelo fato de ir visitar um homem que eu mal conhecia. Mas ele mesmo abriu a porta e me cumprimentou com grande cordialidade. Ele me deixou por conta do criado, um sujeito taciturno e moreno que me guiou até meu quarto, carregando minha mala. O lugar todo era deprimente. Jantamos os dois sozinhos, e embora meu anfitrião tivesse feito tudo para me entreter, tive a impressão de que seus pensamentos estavam longe, e ele falava de uma maneira tão vaga e incoerente que eu mal conseguia entendê-lo. Ficava constantemente batucando com os dedos, roía as unhas, e dava outros sinais de impaciência. O jantar propriamente não foi nem bem servido, nem foi preparado, e a presença do empregado taciturno não ajudou a nos alegrar. Eu lhes garanto que muitas vezes durante a noite quis inventar uma desculpa para poder voltar a Lee. Eu me lembro de uma coisa que pode ter alguma relação com aquilo que os senhores estão investigando. Não dei a mínima importância

na ocasião. Quase no fim do jantar o criado entregou a ele um bilhete. Notei que meu anfitrião ficou ainda mais distraído e estranho depois que leu a mensagem. Deixou de conversar e ficou sentado, fumando um cigarro atrás do outro, perdido nos próprios pensamentos, mas nada disse sobre o bilhete. Fiquei contente por estar na cama por volta das 23 horas. Um pouco mais tarde Garcia apareceu na porta do meu quarto, estava tudo escuro, e me perguntou se eu tinha tocado a campainha. Eu disse que não. Ele se desculpou por me perturbar tão tarde, dizendo que já era uma da manhã. Peguei no sono depois disso e dormi profundamente a noite toda. E agora vem a parte impressionante da minha história. Quando acordei, já era dia claro, consultei o relógio e vi que eram quase nove horas. Eu tinha pedido para ser chamado às oito, de modo que fiquei espantado com o esquecimento. Levantei-me e toquei a campainha, chamando o empregado. Não houve resposta. Toquei mais duas vezes, com o mesmo resultado. Então cheguei à conclusão de que a campainha não estava funcionando. Vesti-me apressadamente e desci correndo as escadas, de mau humor, a fim de pedir um pouco de água quente. Podem imaginar minha surpresa quando descobri que não havia ninguém lá. Gritei no vestíbulo. Sem resposta. Então fui de quarto em quarto. Tudo deserto. Meu anfitrião tinha me mostrado na noite anterior qual era o quarto dele, e então bati na porta. Nenhuma resposta. Virei a maçaneta e entrei. O quarto estava vazio e a cama não tinha sido usada. Ele tinha ido embora com os outros. O anfitrião estrangeiro, o criado estrangeiro, o cozinheiro estrangeiro, todos tinham se evaporado na noite! Esse foi o fim de minha visita à Vila Glicínia.

Sherlock Holmes estava esfregando as mãos e sorria satisfeito por poder acrescentar este caso estranho à sua coleção de episódios bizarros.

— Pelo que estou vendo — ele disse — sua aventura é absolutamente estranha. Posso lhe perguntar, senhor, o que fez então?

— Fiquei furioso! Minha primeira impressão foi a de ter sido vítima de alguma brincadeira absurda. Guardei minhas coisas, fechei a porta da casa e fui para Esher, levando minha mala na mão. Passei no escritório dos Irmãos Allan, os principais corretores da cidade, e descobri que aquela casa tinha sido alugada naquela firma. Tive a impressão de que dificilmente o propósito daquilo seria o de me fazer de bobo, e que o objetivo principal deveria ser escapar do aluguel. Estamos no fim de março, e logo ele teria de fazer o pagamento trimestral. Mas esta teoria não funcionou. O corretor me

agradeceu pelas informações, mas me disse que o aluguel tinha sido pago adiantado. Então, parti para a cidade e fui até a embaixada da Espanha. O homem era desconhecido ali. Depois disso fui à casa de Melville, onde eu havia conhecido Garcia, mas descobri que, na verdade, ele sabia menos sobre Garcia do que eu. Finalmente, quando recebi sua resposta ao meu telegrama, vim até aqui, já que soube que o senhor é uma pessoa que dá orientação em casos difíceis. Mas agora, senhor inspetor, percebo pelo que disse, quando entrou aqui, que o senhor pode continuar a história e que aconteceu uma tragédia. Eu lhes asseguro que tudo o que eu disse é a verdade e que, além do que lhes contei, não sei mais nada sobre o destino desse homem. Meu único desejo é ajudar a lei de todas as formas possíveis.

— Tenho certeza disso, sr. Scott Eccles, tenho certeza disso — disse o inspetor Gregson num tom amigável. — Devo dizer que tudo o que contou está de acordo com os fatos, da forma como chegaram ao nosso conhecimento. Por exemplo, havia aquele bilhete que chegou durante o jantar. O senhor por acaso viu o que aconteceu com ele?

— Sim, vi. Garcia o amassou e o jogou no fogo.

— O que acha disso, sr. Baynes?

O outro detetive era um homem avermelhado, forte e gordo, cujo rosto grosseiro era salvo por dois olhos extraordinariamente brilhantes, quase ocultos pelas dobras das bochechas e sobrancelhas. Com um sorriso lento ele tirou do bolso um pedaço amassado e sem cor.

— Foi um trabalho persistente, sr. Holmes, e ele deve ter errado a pontaria. Apanhei isso, que não estava queimado, no fundo da lareira.

Holmes demonstrou sua aprovação com um sorriso.

— O senhor deve ter examinado a casa com muito cuidado para achar uma bolinha de papel.

— Sim, sr. Holmes, é o meu modo de trabalhar. Devo lê-lo, sr. Gregson?

O londrino concordou com a cabeça.

— O bilhete está escrito num papel creme comum, sem filigrana. Mede um quarto do tamanho ofício. Foi cortado em dois com uma tesoura pequena. Foi dobrado três vezes e fechado com lacre vermelho, passado com muita pressa e prensado com um objeto chato e oval. Está endereçado ao sr. Garcia, Vila Glicínia. Diz o seguinte:

Nossas próprias cores, verde e branco. Verde aberto, branco fechado. Escada principal, primeiro corredor, sétima direita, cortina verde. Boa sorte. D.

— É letra de mulher, com caneta de ponta fina, mas o endereço foi escrito por outra pessoa ou com outra caneta. Está mais grosso e mais forte, como podem ver.

— Uma observação notável — disse Holmes, dando uma espiada. — Devo cumprimentá-lo, sr. Baynes, pela sua atenção aos detalhes no seu exame. Talvez possam ser acrescentados alguns detalhes sem importância. Sem dúvida nenhuma o selo oval é de uma abotoadura, que outra coisa teria essa forma? A tesoura era de unhas, curva. Como os dois cortes são curtos, pode-se ver nitidamente a mesma curvatura pequena em cada um.

O detetive provinciano sorriu, satisfeito.

— Eu pensei que tivesse esgotado tudo sobre o assunto, mas vejo que deixei algumas coisas — disse ele. — Devo dizer que não vi nada na nota, exceto que estava ali à disposição, e que, como sempre, havia uma mulher metida nisso.

O sr. Scott Eccles estava visivelmente nervoso na cadeira durante esta conversa.

— Fico satisfeito por ter encontrado o bilhete, já que ele confirma a minha história — ele disse. — Mas faço questão de salientar que ainda não soube o que aconteceu com o sr. Garcia ou seu empregado.

— Quanto ao sr. Garcia — disse Gregson —, a resposta é fácil. Foi encontrado morto esta manhã em Oxshott Common, mais ou menos a 1,5 quilômetro de sua casa. A cabeça dele foi reduzida a uma massa com golpes fortes de um saco de areia ou algum instrumento parecido, que esmagou em vez de machucar. É um lugar isolado e não há nenhuma casa num raio de quatrocentos metros dali. Aparentemente, ele primeiro foi atacado pelas costas, mas o assaltante continuou a acertá-lo mesmo depois que estava morto. Foi um ataque violentíssimo. Não existem pegadas nem pistas dos criminosos.

— Roubado?

— Não, não houve tentativa de roubo.

— Isto é muito doloroso... doloroso e terrível — disse o sr. Scott Eccles, numa voz lamurienta —, mas é realmente uma coisa estranha. Não tive

nada a ver com o fato de meu anfitrião ter saído numa expedição noturna e encontrando um fim tão trágico. Como é que eu vim a ser envolvido no caso?

— Muito fácil, senhor — respondeu o inspetor Baynes. — O único documento encontrado no bolso do morto era uma carta sua, dizendo que estaria com ele na noite de sua morte. Foi o envelope dessa carta que nos deu o nome e o endereço do morto. Já passava das nove horas quando chegamos à casa dele e não encontramos nem o senhor nem ninguém mais lá. Telegrafei ao sr. Gregson para prendê-lo em Londres, enquanto eu investigava a Vila Glicínia. Depois vim para a cidade, encontrei-me com ele e aqui estamos.

— Agora eu acho que será melhor darmos um caráter oficial a este caso — disse Gregson, levantando-se. — O senhor irá conosco até a delegacia, sr. Scott Eccles, e vai nos dar seu depoimento por escrito.

— Claro, irei agora mesmo. Mas ainda desejo os seus serviços, sr. Holmes. Não meça despesas nem esforços para chegar à verdade.

Meu amigo virou-se para o detetive do interior:

— Suponho que não tenha objeções a que eu colabore com o senhor.

— É claro que me sinto extremamente honrado.

— Em tudo o que fez, o senhor foi muito rápido e eficiente. Posso lhe perguntar se havia alguma pista sobre a hora exata em que o homem morreu?

— Ele estava lá desde uma da manhã. Choveu naquela hora e a morte dele, com toda certeza, foi antes disso.

— Mas isto é totalmente impossível, sr. Baynes! — exclamou nosso cliente. — Posso jurar que foi ele que esteve no meu quarto à uma hora.

— Notável, mas não impossível — disse Holmes, sorrindo.

— Tem alguma pista? — perguntou Gregson.

— Diante das circunstâncias, o caso não é muito complicado, embora apresente algumas características originais e interessantes. Preciso conhecer melhor os fatos antes de me arriscar a dar uma opinião final. A propósito, sr. Baynes, achou alguma coisa interessante na sua investigação além do bilhete?

O detetive olhou para o meu amigo de modo estranho.

— Havia — disse ele — uma ou duas coisas muito interessantes. Quando eu tiver terminado na delegacia, talvez o senhor queira ir até lá e dar-me sua

opinião a respeito delas.

— Estou à sua inteira disposição — disse Sherlock Holmes, tocando a campainha. — Sra. Hudson, conduza estes senhores até a saída e, por favor, envie o menino com este telegrama. Ele deve mandar uma resposta paga de cinco xelins.

Depois que nossos visitantes saíram, ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. Holmes ficou fumando, com o cenho franzido, a cabeça inclinada para a frente, característica de sua ansiedade.

— Bem, Watson — perguntou, virando-se de repente para mim —, o que você acha?

— Não percebo nada nesta complicação do sr. Scott Eccles.

— Mas e o crime?

— Bem, considerando o desaparecimento dos companheiros do homem, eu diria que eles estavam, de algum modo, envolvidos no assassinato e fugiram da lei.

— Evidentemente, é um ponto de vista possível. Diante disso, você deve admitir, no entanto, que é muito estranho que os dois criados dele estivessem conspirando contra ele e o tivessem atacado na noite em que tinha visita. Ele estava sozinho, à mercê deles, em qualquer outra noite da semana.

— Então por que fugiram?

— Isso mesmo. Por que fugiram? É um fato importante. Outro fato importante é a estranha aventura de nosso cliente, sr. Scott Eccles. Agora, meu caro Watson, está além da capacidade humana dar uma explicação que possa abranger esses dois fatos importantes? Se houvesse uma que incluísse o bilhete misterioso com seu palavreado curioso, valeria a pena aceitá-la como uma hipótese temporária. Se os novos fatos de que tomamos conhecimento se encaixassem na trama, então nossas hipóteses se transformariam gradativamente numa solução.

— Mas qual é a nossa hipótese?

Holmes recostou-se na cadeira com os olhos semicerrados.

— Você tem de admitir, meu caro Watson, que a ideia de uma brincadeira é impossível. Ocorreram coisas graves em seguida, como a sequência mostrou, e o fato de Scott Eccles ter sido atraído à Vila Glicínia tem alguma ligação com elas.

— Mas que ligação possível?

— Vamos examinar, passo a passo. Há, na aparência, qualquer coisa incomum a respeito desta estranha e repentina amizade entre o jovem espanhol e Scott Eccles. Foi o primeiro que forçou a situação. Ele visitou Eccles no outro extremo de Londres, logo no dia seguinte ao primeiro encontro deles, ficou em contato com ele até recebê-lo em Esher. Agora, o que ele queria com Eccles? O que Eccles poderia lhe dar? Não vejo nenhum encanto no homem. Não é especialmente inteligente, não é um homem capaz de agradar ao espírito vivo de um latino. Por que, então, ele foi escolhido, entre todas as pessoas que Garcia conheceu, como particularmente adequado ao seu objetivo? Será que ele tem alguma qualidade especial que o destaque? Acho que sim. É o tipo convencional do britânico respeitável e o homem certo para ser testemunha, para impressionar outro britânico. Você mesmo viu que os dois inspetores nem sonharam em duvidar do seu testemunho, por mais estranho que tenha sido.

— Mas o que ele deveria testemunhar?

— Nada, do jeito como as coisas aconteceram, mas tudo, se tivessem acontecido de outra maneira. É assim que vejo a situação.

— Entendo; ele podia servir de álibi.

— Exatamente, meu caro Watson, ele podia confirmar um álibi. Vamos supor, só como argumentação, que os criados da Vila Glicínia estivessem conspirando para algum crime. O plano, seja lá o que for, é sair, digamos, antes de uma hora. É possível que, adiantando os relógios, eles tenham feito John Scott Eccles ir para cama mais cedo do que ele pensava, mas, de qualquer modo, parece que, quando Garcia foi lhe dizer que era uma hora, na verdade não era mais de meia-noite. Se Garcia pudesse fazer o que quer que tivesse de fazer e voltasse na hora mencionada, evidentemente ele teria uma resposta convincente contra qualquer acusação. Ali estava o inglês impecável, pronto para jurar em qualquer tribunal que o acusado estava na casa o tempo todo. Era um seguro contra o pior.

— Sim, sim, estou entendendo. Mas e o desaparecimento dos outros?

— Ainda não tenho todos os fatos, mas não creio que existam dificuldades insuperáveis. Ainda assim é um erro afirmar alguma coisa diante desses dados. Sem sentir, você acaba torcendo os fatos para que se adaptem às suas teorias.

— E o bilhete?

— O que dizia? “Nossas próprias cores, verde e branco.” Parece tratar-se de corrida de cavalo. “Verde aberto, branco fechado.” Isto é claramente uma indicação. “Escada principal, primeiro corredor, sétima à direita, cortina verde.” É um encontro. Talvez possamos descobrir um marido ciumento no fim disso aí. Com toda certeza era um empreendimento perigoso. Ela não teria dito “Boa sorte” se não fosse perigoso. “D”: isto pode ser uma orientação.

— O homem era espanhol. Eu acho que “D” significa Dolores, um nome de mulher bastante comum na Espanha.

— Bom, Watson, muito bom, mas totalmente inadmissível. Quem escreveu este bilhete certamente é inglês. Um espanhol escreveria a outro em espanhol mesmo. Bem, precisamos ter paciência até que o inspetor volte. Nesse meio-tempo, podemos agradecer ao nosso destino por nos resgatar por algumas horas da insuportável fadiga do tédio.

A resposta ao telegrama de Holmes chegou antes da volta do detetive de Surrey. Sherlock leu o texto e ia guardá-lo no seu caderno quando notou a curiosidade no meu rosto. Jogou-o para mim, dizendo:

— Estamos andando em altas esferas — disse ele.

O telegrama era uma lista de nomes e endereços:

> *Lorde Harringby, The Dingle;* sir *George Ffolliott, Oxshott Towers; sr. Hynes Hynes, J.P., Purdey Place; sr. James Baker Williams, Forton Old Hall; sr. Henderson, High Gable; rev. Joshua Stone, Nether Walsling.*

— Esta é uma forma bem prática de limitar nosso campo de operação — disse Holmes. — Sem dúvida Baynes, com sua mente metódica, já adotou um plano igual.

— Não estou entendendo.

— Bem, meu caro amigo, já chegamos à conclusão de que o bilhete que Garcia recebeu no jantar era um encontro ou uma indicação. Agora, se a interpretação estiver correta, é necessário subir uma escada principal e localizar a sétima porta de um corredor para se chegar ao local indicado; vê-se, portanto, que se trata de um lugar bem grande. Também é certo que a casa não deve ficar a mais de dois ou três quilômetros de Oxshott, já que Garcia estava andando naquela direção e, de acordo com minha

interpretação dos fatos, esperava estar de volta à Vila Glicínia a tempo de ter um álibi que valeria até uma hora. Como deve haver poucas casas grandes perto de Oxshott, adotei o método óbvio de telegrafar aos corretores mencionados por Scott Eccles para obter uma lista delas. Estão aqui, neste telegrama, e a outra ponta de nossa meada complicada deve estar entre elas.

Eram quase 18 horas quando chegamos à bela vila de Esher, com o inspetor Baynes nos acompanhando. Holmes e eu havíamos levado coisas para passar a noite e encontramos aposentos confortáveis no Hotel Bull. Finalmente saímos, na companhia do detetive, para nossa visita à Vila Glicínia. Era uma noite escura e fria de março, com o vento cortante e a chuva batendo em nossos rostos, um cenário adequado à região inóspita pela qual passava nosso caminho e ao destino trágico a que nos levava.

2. O Tigre de San Pedro

Depois de uma caminhada gelada e melancólica, chegamos a um portão alto de madeira que dava para uma avenida sombria de castanheiros. Um caminho sinuoso nos levou até uma casa baixa e escura que se destacava contra o céu cinza. Vimos uma luz trêmula que saía de uma janela à esquerda da porta.

— Há um policial de plantão — disse Baynes. — Vou bater na janela.

Caminhou pela grama e bateu com os dedos na vidraça. Pude ver, pelo vidro embaçado, um homem dar um pulo da cadeira perto da lareira e escutei um grito áspero vindo de dentro. Pouco depois um policial pálido de susto e ofegante abriu a porta, com uma vela nas mãos que tremiam.

— Qual é o problema, Walters? — perguntou Baynes com rispidez.

O policial enxugou a testa com o lenço e deu um profundo suspiro de alívio.

— Estou contente que o senhor tenha vindo. Foi uma vigília interminável, e eu acho que meus nervos já não são tão bons como eram antigamente.

— Seus nervos, Walters? Nunca pensei que você tivesse um nervo sequer no corpo.

— Bem, senhor, é esta solidão, esta casa silenciosa e o negócio esquisito na cozinha. Quando o senhor bateu na janela, pensei que ele tivesse

voltado...

— Quem tivesse voltado?

— O demônio, senhor, pelo que sei. Ele estava na janela.

— O que estava na janela, e quando?

— Aconteceu há duas horas, mais ou menos. Eu estava lendo, sentado na cadeira. Não sei o que me fez levantar a cabeça, mas havia uma cara me olhando pela vidraça. E que cara, senhor! De hoje em diante vou vê-la sempre em meus sonhos.

— Ora, Walters, isto não é conversa de um policial.

— Eu sei, senhor, eu sei, mas ela me assustou e não adianta negá-lo. Não era preta nem branca, não era de nenhuma cor que eu conheça, mas uma espécie de barro com leite. E também o tamanho dela: tinha duas vezes o tamanho da sua, inspetor. E o olhar: dois olhos esbugalhados e uns dentes de fera faminta. Vou lhe dizer, senhor, não consegui mexer nem um dedo nem respirar enquanto ela não sumiu. Corri para fora e dei uma busca nas folhagens, mas graças a Deus ela tinha sumido.

— Se eu não soubesse que você é um bom homem, Walters, eu teria que fazer um relatório contra você por causa disso. Se fosse o próprio demônio, um policial não deveria dar graças a Deus por não tê-lo agarrado. Suponho que tudo isso tenha sido um abalo nervoso, e não uma visão real...

— Isso tudo, pelo menos, pode ser facilmente verificado — disse Holmes, acendendo sua lanterna de bolso. — Sim — continuou Holmes, depois de examinar a grama —, sapato número 45, eu diria. Se o tamanho for proporcional ao pé, com toda a certeza era um gigante.

— O que aconteceu com ele?

— Parece que passou pelos arbustos e pegou a estrada.

— Bem — disse o inspetor, com uma cara séria e pensativa —, quem quer que tenha sido, e o que pretendia, por enquanto sumiu e nós temos coisas mais urgentes para tratar. Sr. Holmes, com sua permissão, vou mostrar-lhe a casa.

Depois de um exame minucioso, os vários quartos e salas não revelaram quase nada. Aparentemente os inquilinos haviam trazido pouca coisa com eles, ou nada, e toda a mobília tinha sido alugada juntamente com a casa. Havia muita roupa deixada ali, com a marca Marx and Co., High Holborn. Já tinham sido feitas perguntas por telegrama, mas Marx nada sabia de seu cliente a não ser que era um bom pagador. Entre a bugiganga deixada havia

cachimbos, alguns romances, dois deles em espanhol, um revólver antiquado e um violão.

— Nada nisso tudo — disse Baynes, andando de quarto em quarto, carregando a vela. — Mas agora, sr. Holmes, chamo sua atenção para a cozinha.

Era um aposento na parte de trás da casa, sombrio e de teto alto, com uma padiola de palha num canto, que, aparentemente, servira de cama para o cozinheiro. Na mesa, restos do jantar da noite anterior e pratos sujos.

— Veja isto — disse Baynes. — O que acha?

Aproximou a vela de um objeto estranho que estava no fundo do armário. Era difícil dizer o que tinha sido, de tão enrugado, murcho e seco que estava. Podia-se apenas dizer que era preto e de couro, e que tinha alguma semelhança com uma figura humana anã. No começo, quando o examinei, pensei que era um negrinho mumificado, depois pensei tratar-se de um macaco muito velho e torcido. Finalmente fiquei em dúvida se era animal ou humano. No meio estava enrolada uma fileira de conchas brancas.

— Muito interessante; de fato, muito interessante — disse Holmes, olhando a relíquia sinistra. — Alguma coisa mais?

Baynes, em silêncio, foi até a pia e levantou a vela. Os membros e o corpo de uma ave grande e branca, selvagemente despedaçada, ainda com as penas, permanecia ali. Holmes apontou para as estacas na cabeça cortada.

— Um galo branco — disse ele. — Interessantíssimo!

— Na verdade, é um caso bem curioso.

Mas o inspetor Baynes tinha deixado seu trunfo mais sinistro para o final. Apanhou um balde com sangue que estava embaixo da pia. Depois pegou na mesa uma bandeja com pequenos pedaços de ossos carbonizados.

— Alguma coisa foi morta e queimada. Tiramos tudo isso da lareira. Um médico esteve aqui esta manhã. Diz que não são humanos.

Holmes sorriu e esfregou as mãos.

— Devo dar-lhe os parabéns pelo modo proveitoso como está conduzindo este caso, inspetor. Sua capacidade, se posso dizer isso sem ofensa, parece superior às suas oportunidades.

Os olhinhos do inspetor Baynes brilharam de satisfação.

— Tem razão, sr. Holmes. Vegeta-se no interior. Um caso como este aqui dá uma oportunidade à gente, e eu espero resolvê-lo. O que acha destes

ossos?

— Um cordeiro, eu diria, ou um cabrito.

— E o galo branco?

— Curioso, sr. Baynes, muito curioso. Eu diria mesmo inédito.

— Sim, senhor, nesta casa devia haver gente muito estranha, com costumes bem estranhos. Uma delas está morta. Será que seus companheiros a seguiram e a mataram? Se o fizeram, vamos pegá-los, porque todos os portos estão vigiados. Mas minhas opiniões são diferentes. Sim, senhor, são muito diferentes.

— Então o senhor tem uma teoria?

— E vou trabalhar nela sozinho, sr. Holmes. Devo fazer isso para ganhar prestígio. O senhor tem o nome feito, mas eu ainda tenho que fazer o meu. Ficarei contente em poder dizer no final que eu resolvi o caso sem a sua ajuda.

Holmes, de bom humor, riu.

— Ora, ora, inspetor — ele disse. — Siga o seu caminho que eu seguirei o meu. Meus resultados sempre estarão à sua disposição, se quiser. Acho que já vi tudo o que queria nesta casa e meu tempo pode ser mais bem aproveitado em outro lugar. *Au revoir* e boa sorte!

Eu podia dizer, diante de vários sinais sutis, que podiam ter passado despercebidos para todos, menos para mim, que Holmes estava numa pista quente. Impassível como sempre para o observador casual, havia, mesmo assim, ansiedade e indicação de tensão em seus olhos brilhantes e no jeito mais vivo, o que me dizia que o jogo estava em andamento. Como era seu hábito, nada disse, e eu, como meu hábito, nada perguntei. Bastava-me participar do jogo e dar minha humilde contribuição para a prisão, sem distrair aquele cérebro concentrado com interrupções desnecessárias. No devido tempo, tudo me seria contado.

Assim, esperei — mas para meu desapontamento crescente, esperei em vão. Os dias estavam passando e meu amigo não fez mais nada. Passou uma manhã na cidade e eu soube por uma referência casual que ele tinha visitado o Museu Britânico. Com exceção desse passeio, ele passava os dias em longas caminhadas, ou conversando com mexeriqueiros da cidade, com os quais fizera amizade.

— Tenho certeza, Watson, de que uma semana no campo fará bem a você — ele disse. — É muito agradável ver os primeiros brotos verdes nascendo

nas sebes e os amentilhos nas aveleiras novamente. Com uma pá, um balde e um livro elementar de botânica, pode-se passar dias proveitosos.

Ele mesmo saía com esse material, mas a amostra de plantas que trazia para casa à noite era bem pobre.

Encontrávamos de vez em quando, nos nossos passeios, o inspetor Baynes. Quando cumprimentava meu companheiro, seu rosto se abria em sorrisos e seus olhinhos brilhavam. Falava pouco do caso, mas desse pouco víamos que ele não estava insatisfeito com o rumo dos acontecimentos. Entretanto devo admitir que eu fiquei um pouco surpreso quando, uns cinco dias depois do crime, abri o jornal da manhã e vi, em letras garrafais:

O MISTÉRIO DE OXSHOTT
UMA SOLUÇÃO
PRISÃO DO SUPOSTO ASSASSINO

Holmes pulou da cadeira como se tivesse levado uma ferroada quando li a manchete.

— Meu Deus! — exclamou. — Você quer dizer que Baynes o pegou?

— Parece que sim — eu disse, e li o seguinte relato:

> *Quando se soube ontem à noite que foi feita uma prisão relacionada com o assassinato de Oxshott, houve grande sensação em Esher e arredores. Como se sabe, o sr. Garcia, da Vila Glicínia, foi encontrado morto em Oxshott Common, com sinais de extrema violência no corpo, e naquela mesma noite seu criado e o cozinheiro desapareceram, o que demonstra a participação deles no crime. Pensava-se, mas não se conseguiu provar, que o cavalheiro morto tivesse objetos de valor na casa, e que o roubo fora o motivo do crime. O inspetor Baynes envidou todos os esforços, já que está encarregado do caso, para localizar o esconderijo dos fugitivos, e ele tem bons motivos para crer que eles não estavam longe e ficaram escondidos em um local previamente preparado. Mas sabia-se desde o começo que eles seriam presos, mais cedo ou mais tarde, já que o cozinheiro, segundo o depoimento de um ou dois fornecedores que o viram pela janela, era um homem de aparência que chamava atenção — um mulato imenso e medonho, com traços acentuados do tipo negroide. Ele foi visto depois do crime, porque foi notado e perseguido pelo policial Walters na*

mesma noite, quando teve a audácia de retornar à Vila Glicínia. O inspetor Baynes, achando que esse retorno devia ter algum objetivo e que poderia, portanto, voltar a acontecer, saiu da casa, mas deixou uma emboscada no matagal próximo. O homem caiu na armadilha e foi capturado ontem à noite, depois de uma luta na qual o policial Downing foi gravemente ferido por uma dentada do selvagem. Espera-se que uma ordem de prisão seja solicitada pela polícia quando o prisioneiro for levado à justiça, e esperam-se grandes progressos a partir desta prisão.

— Temos de ver Baynes imediatamente — exclamou Holmes, apanhando o chapéu. — Vamos pegá-lo antes que parta.

Saímos correndo pela rua do lugarejo e o encontramos, como supúnhamos, quando ele estava saindo.

— Leu o jornal, sr. Holmes? — perguntou, com um exemplar na mão.

— Sim, Baynes, eu o li. Espero que não se ofenda se eu lhe der uma palavra de advertência.

— De advertência, sr. Holmes?

— Estive analisando este caso com muito cuidado e acho que o senhor não está no caminho certo. Não gostaria que se expusesse tanto, a menos que tenha certeza.

— É bondade sua, sr. Holmes.

— Asseguro-lhe que falo pelo seu próprio bem.

Tive a impressão de que uma espécie de piscada surgiu rapidamente em um dos olhinhos apertados do sr. Baynes.

— Combinamos que cada um trabalharia a seu modo, sr. Holmes. E é exatamente isso que estou fazendo.

— Oh, muito bem — disse Holmes. — Não me culpe.

— Não, senhor. Tenho certeza de que não fez por mal. Mas nós temos nossos próprios sistemas, sr. Holmes. O senhor tem o seu, eu tenho o meu.

— Bem, vamos esquecer o assunto.

— Disponha sempre de minhas descobertas. Esse sujeito é um perfeito selvagem, forte como um cavalo e feroz como o diabo. Ele mastigou o polegar de Downing até quase arrancá-lo antes de ser dominado. Mal fala uma palavra em inglês e só conseguimos extrair grunhidos dele.

— Acha que tem prova de que foi ele que matou o patrão?

— Eu não disse isso, sr. Holmes, eu não disse isso. Temos nossos métodos. Siga os seus e eu seguirei os meus. O acordo é este.

Holmes encolheu os ombros quando nos afastamos.

— Não estou entendendo o homem. Ele dá a impressão de que vai falhar. Bem, como ele diz, cada um deve seguir seu próprio caminho e ver no que vai dar. Mas há qualquer coisa no inspetor Baynes que eu não estou entendendo.

— Sente-se nessa cadeira, Watson — disse Holmes quando voltamos ao nosso aposento no hotel. — Quero deixá-lo a par da situação, já que vou precisar de sua ajuda hoje à noite. Vou mostrar-lhe a evolução do caso até onde eu pude segui-lo. Embora pareça simples em seus aspectos principais, tem dificuldades surpreendentes para uma prisão. Há falhas nessa direção e nós temos de saná-las. Vejamos o bilhete que foi entregue a Garcia na noite de sua morte. Vamos esquecer a teoria de Baynes de que os criados de Garcia estão envolvidos no assunto. A prova disso reside no fato de que foi ele, Garcia, que fez com que Scott Eccles estivesse na sua casa, o que só pode ter sido feito com o intuito de um álibi. Era Garcia, portanto, que tinha uma tarefa a cumprir e, aparentemente, uma tarefa criminosa naquela noite, durante a qual foi morto. Eu disse "criminosa" porque somente um homem com um intuito criminoso desejaria criar um álibi. Quem, então, poderia matá-lo? Com toda a certeza a pessoa contra a qual existia o intuito criminoso. Até aqui, parece que estamos pisando em terreno firme. Podemos ver agora um motivo para o desaparecimento da criadagem de Garcia. *Todos* estavam metidos na mesma missão desconhecida. Se fosse bem-sucedida, Garcia voltaria e qualquer suspeita seria descartada pelo testemunho do inglês, e tudo ficaria bem. Mas o negócio era perigoso e, se Garcia *não* voltasse em determinada hora, era provável que estivesse morto. Então ficou estabelecido que, nesse caso, os dois criados deveriam ir para um lugar já combinado, de onde poderiam escapar das investigações e numa situação de tentar novamente mais tarde. Isso explica tudo, não?

Todo o emaranhado pareceu-me claro. Como sempre, fiquei imaginando por que eu não percebera tudo antes.

— Mas por que um dos criados voltou?

— Podemos supor que, na confusão da fuga, alguma coisa preciosa, algo que não conseguiu levar, tenha ficado ali. Isso poderia explicar a insistência dele, não?

— Bem, qual é o próximo passo?

— É o bilhete que Garcia recebeu durante o jantar. Mostra um cúmplice na outra ponta. Mas onde estava a outra ponta? Já lhe mostrei que só podia ser uma casa grande e que a quantidade delas é pequena. Dediquei meus primeiros dias aqui a uma série de passeios nos intervalos de minhas pesquisas de botânica e fiz um reconhecimento de todas as casas grandes e um exame da história de seus ocupantes. Uma casa, e só uma, despertou minha atenção. É a famosa e antiga granja de High Gable, a um quilômetro e meio de Oxshott e a menos de um quilômetro do local da tragédia. As outras pertencem a pessoas normais e respeitáveis, que vivem afastadas de confusões. Mas o sr. Henderson, de High Gable, é realmente uma pessoa curiosa, a quem podem acontecer fatos curiosos. A partir daí, concentrei minha atenção nele e em sua criadagem. Um grupo estranho de pessoas, Watson, o próprio homem é o mais estranho de todos. Com uma boa desculpa dei um jeito de falar com o sujeito, mas tive a impressão de ler nos seus olhos escuros e desconfiados que ele estava a par de minhas verdadeiras intenções. Tem uns cinquenta anos, forte, ágil, cabelos grisalhos, sobrancelhas pretas e bastas, anda empinado como um cervo e tem o ar de um imperador, um homem destemido, autoritário, com uma vontade férrea escondida atrás de uma pele de pergaminho. Ele tanto pode ser um estrangeiro como alguém que viveu muito tempo nos trópicos, já que é amarelo e seco, mas forte como um chicote. Seu amigo e secretário, sr. Lucas, sem dúvida nenhuma é estrangeiro, cor de chocolate, astuto, polido e felino, com um linguajar sutil e venenoso. Você está vendo, Watson, que nos defrontamos com dois grupos de estrangeiros, um na Vila Glicínia e um em High Gable, de modo que estamos começando a suprir nossas falhas. Estes dois homens, amigos íntimos, são o núcleo da casa, mas há uma outra pessoa que pode ser ainda mais importante para nosso fim imediato. Henderson tem duas filhas: meninas de 11 e 13 anos. A governanta é a senhorita Burnet, uma inglesa quarentona. Existe ainda um criado de confiança. Este pequeno grupo forma a família, porque eles viajam juntos, e Henderson é um grande viajante, sempre se mudando. Faz poucas semanas que ele voltou a High Gable, depois de uma viagem em que ficou ausente durante um ano. Devo acrescentar que ele é muito rico e pode satisfazer todos os seus caprichos. No mais, a casa está cheia de mordomos, lacaios, arrumadeiras, além da criadagem comum, equipe de

uma casa grande de campo. Eu soube de tudo isso pelos bisbilhoteiros do lugar, e em parte por meio de minhas próprias observações. Não existe parceiro melhor do que empregados demitidos e ressentidos, e eu tive a sorte de encontrar um. Eu chamo isso de sorte, mas eu não o encontraria se não estivesse procurando por ele. Como diz Baynes, cada um tem seu método. Foi o meu método que me fez encontrar John Warner, ex-jardineiro de High Gable, despedido num acesso temperamental de seu patrão com ares de imperador. Ele, por sua vez, tinha amigos na casa, que também tinham medo e rancor do patrão. Assim eu tinha a chave para os segredos da casa. Gente curiosa, Watson! Não quero dizer que já conheço todos, mas, de qualquer modo, gente muito interessante. A casa tem duas alas, os criados moram numa delas e a família na outra. Não existe ligação entre elas, a não ser para o criado particular de Henderson, que serve as refeições da família. Tudo é levado até uma certa porta, que faz a ligação. As crianças e a governanta dificilmente saem, a não ser para o jardim. Henderson nunca sai sozinho. Seu secretário moreno é como uma sombra. O mexerico entre os criados é que o patrão tem um medo terrível de alguma coisa. "Vendeu a alma ao diabo a troco de dinheiro e está esperando que o credor venha exigir o que lhe pertence", diz Warner. Ninguém sabe de onde eles vieram ou quem são. São muito violentos. Por duas vezes Henderson agrediu algumas pessoas com um chicote e só mesmo sua fortuna e uma boa recompensa o mantiveram afastado da justiça. Bem, Watson, vamos agora analisar a situação a partir destas novas informações. Podemos supor que o bilhete tenha vindo dessa casa estranha, e que era um convite para que Garcia executasse algo que já tinha sido planejado. Quem escreveu o bilhete? Era alguém de dentro da casa, e era uma mulher. Quem, a não ser a senhorita Burnet, a governanta? Nosso raciocínio parece indicar esse rumo. De qualquer modo, podemos tê-la como hipótese e ver a que consequência vai nos levar. Devo acrescentar que o caráter e a idade da governanta, senhorita Burnet, confirmam minha teoria inicial de que um caso de amor está fora de cogitação. Se ela escreveu o bilhete, com toda certeza era amiga e cúmplice de Garcia. O que, então, ela devia fazer se soubesse que ele estava morto? Se ele morreu por causa de algo criminoso, ela jamais diria uma palavra. Assim sendo, ela guardaria, no fundo do coração, amargura e ódio contra os assassinos e faria tudo o que pudesse para se vingar deles. Poderíamos então vê-la e usá-la? Este foi meu primeiro pensamento. Mas

agora estamos diante de um fato sinistro. Ninguém mais viu a senhorita Burnet desde a noite do crime. Ela simplesmente sumiu desde aquela noite. Está viva? Será que ela morreu na mesma noite em que atraiu seu amigo? Ou será que ela é simplesmente uma prisioneira? Esta é a questão que nós temos que esclarecer. Você vai entender a dificuldade da questão, Watson. Não temos nenhuma base para solicitar um mandado de prisão. Toda a nossa história pareceria fantástica se a apresentássemos a um juiz. O desaparecimento da mulher não vale nada, já que, naquela criadagem incomum, qualquer um deles pode sumir durante uma semana. E ainda pode ser que ela esteja correndo perigo de vida. Tudo o que eu posso fazer é vigiar a mansão e deixar meu agente Warner de guarda nos portões. Não podemos deixar que uma situação assim vá em frente. Se a lei não pode fazer nada, nós devemos correr o risco.

— O que você sugere?

— Sei onde fica o quarto dela. Podemos alcançá-lo pelo telhado de uma construção anexa. Acho que você e eu devemos ir lá esta noite para tentarmos acertar bem no coração do mistério.

Não era uma perspectiva muito tentadora, confesso. A velha casa com sua atmosfera de crime, os habitantes estranhos, os perigos desconhecidos da nossa abordagem e o fato de estarmos nos colocando numa posição ilegal, tudo isso contribuiu para diminuir meu entusiasmo. Mas havia qualquer coisa no raciocínio frio de Holmes que tornava impossível uma desculpa para não participar de qualquer aventura para a qual ele me convidasse. Sabíamos que assim, somente assim, poderíamos achar a solução. Apertei sua mão em silêncio, e a sorte estava lançada.

Mas o destino quis que nossa investigação não tivesse um fim tão aventureiro. Eram mais ou menos cinco horas e as primeiras sombras da noite de março já começavam a surgir quando um sujeito rude entrou correndo em nosso quarto:

— Eles partiram, sr. Holmes. Partiram no último trem. A mulher fugiu e eu a trouxe num cabriolé.

— Excelente, Warner! — exclamou Holmes, levantando-se de um salto. — Watson, nossos problemas estão se acabando rapidamente.

A mulher estava no carro, quase inconsciente por causa de uma exaustão nervosa. Trazia, no rosto aquilino e magro, sinais de uma tragédia recente. A cabeça estava caída no peito, e quando ela a ergueu e fixou os olhos

amortecidos em nós, vi que suas pupilas eram pontos negros no centro de grandes íris cinzentas. Ela tinha sido drogada com ópio.

— Fiquei de guarda no portão, como o senhor mandou, sr. Holmes — disse nosso emissário, o jardineiro despedido. — Quando a carruagem saiu, eu a segui até a estação. Ela parecia uma sonâmbula, mas quando eles tentaram empurrá-la para dentro do trem, ela acordou e lutou. Eles a arrastaram para dentro do vagão, mas ela escapou novamente. Eu a socorri e a coloquei no cabriolé, e aqui estamos nós. Jamais vou me esquecer do rosto que vi na janela do vagão quando eu a puxei. Minha vida não valeria nada se ele voltasse aqui... o olho negro, carrancudo, do diabo amarelo.

Nós a levamos para cima, até nosso aposento, e a deitamos num sofá, e alguns goles de café forte fizeram seu cérebro sair da névoa da droga. Holmes havia chamado Baynes e explicou-lhe rapidamente a situação.

— Sim, senhor! Pegou a prova que eu queria — disse o inspetor com veemência, apertando a mão de meu amigo. — Eu estava desde o início na mesma pista.

— O quê? O senhor estava atrás de Henderson?

— Ora, sr. Holmes, enquanto o senhor ficava rastejando nas moitas em High Gable, eu estava em cima de uma árvore do pomar a observá-lo. Era apenas uma questão de ver quem pegaria a prova primeiro.

— Então, por que prendeu o mulato?

Baynes deu um risinho.

— Eu tinha certeza de que Henderson, como ele diz chamar-se, estava desconfiado e que ficaria quieto no mesmo lugar enquanto se sentisse seguro. Prendi o homem errado para fazê-lo crer que não estávamos na sua pista. Sabia que ele tentaria fugir e assim nos daria uma chance de chegar até a srta. Burnet.

Holmes pôs a mão no ombro do inspetor.

— O senhor vai longe na sua profissão. Tem instinto e intuição — ele disse.

Baynes corou de prazer.

— Deixei um guarda à paisana na estação durante toda a semana. Onde quer que o pessoal de High Gable vá, ele estará vigiando. Mas deve ter sido difícil para ele quando a srta. Burnet fugiu. Felizmente seu agente a pegou e está tudo bem. Não podemos efetuar nenhuma prisão sem o testemunho

dela, de modo que, quanto antes obtivermos um depoimento dela, será melhor.

— Ela está melhorando rapidamente — disse Holmes, olhando para a governanta. — Mas, diga-me, Baynes, quem é Henderson?

— Henderson — respondeu o inspetor — é dom Murillo, antes conhecido como o Tigre de San Pedro.

O Tigre de San Pedro! A história completa do homem surgiu rapidamente em minha cabeça. Ele criou fama como o mais cruel e sanguinário tirano que já governou um país com a máscara de civilização. Forte, destemido e enérgico, ele conseguiu impor seus vícios hediondos a um povo amedrontado durante dez ou 12 anos. Seu nome era um terror em toda a América Central. No final daquele período houve um levante geral contra ele. Mas ele era tão cruel quanto esperto, e ao primeiro sinal de problema transferiu em segredo seus tesouros para um navio tripulado por correligionários devotados. No dia seguinte, quando os insurretos atacaram o palácio, encontraram tudo vazio. O ditador, suas duas filhas, o secretário e sua fortuna escaparam deles. A partir daquele momento ele sumiu no mundo e sua identidade foi motivo para comentários frequentes na imprensa europeia.

— Sim, senhor, dom Murillo, o Tigre de San Pedro — disse Baynes. — Se o senhor procurar, vai descobrir que as cores de San Pedro são verde e branco, as mesmas mencionadas no bilhete, sr. Holmes. Ele diz chamar-se Henderson, mas consegui reconstituir seu roteiro desde Paris, Roma, Madri e Barcelona, aonde seu navio chegou em 1886. Eles o procuraram o tempo todo para a vingança, mas somente agora conseguiram encontrá-lo.

— Eles o descobriram há um ano — disse a srta. Burnet, agora sentada e acompanhando a conversa. — Tentaram matá-lo uma vez, mas um espírito maligno o protegia. E agora de novo, Garcia, nobre e corajoso, falhou, e o monstro escapa. Mas virá um outro, e outro, até que um dia seja feita justiça; isso é tão certo como o nascer do sol.

As mãos finas da mulher se contraíram e seu rosto empalideceu de ódio.

— Mas como a senhorita veio a participar disso? — perguntou Holmes. — Como pode uma inglesa vir a participar desse caso criminoso?

— Eu me envolvi porque não existe outro modo no mundo de se fazer justiça. A lei inglesa se preocupa com o rio de sangue derramado há tanto tempo em San Pedro, ou com a riqueza que o homem roubou? Para vocês,

tudo isso pode dar a impressão de crimes cometidos em outro mundo. Mas *nós* sabemos. Aprendemos a verdade por meio da dor e do sofrimento. Para nós não existe um demônio no inferno como Juan Murillo e nenhuma paz na vida enquanto suas vítimas ainda clamam por vingança.

— Sem dúvida ele era como a senhorita o descreveu — disse Holmes. — Eu ouvi dizer que ele era cruel. Mas como isso a atingiu?

— Vou contar-lhe tudo. A política desse bandido era matar, sob qualquer pretexto, todos os homens que tivessem a possibilidade de tornar-se um rival perigoso para ele. Meu marido, sim, meu nome verdadeiro é sra. Victor Durando, era embaixador de San Pedro em Londres. Foi lá que ele me conheceu e onde nos casamos. Jamais conheci alguém mais nobre. Infelizmente Murillo ouviu falar de suas qualidades, chamou-o de volta com um pretexto qualquer e ele foi fuzilado. Com uma premonição do seu destino, ele se recusou a levar-me junto. Confiscaram os seus bens e eu fiquei na miséria e com o coração amargurado. Então, veio a queda do tirano. Ele fugiu, como o senhor acabou de descrever. Mas muitos daqueles cujas vidas ele arruinou, torturando e matando seus parentes, jamais deixariam o assunto esquecido. Uniram-se numa sociedade que só terminaria quando a missão fosse cumprida. Depois que descobrimos que ele era o tal de Henderson, minha missão era fazer parte da sua criadagem e manter contato com os outros, deixando-os a par de seus movimentos. Eu poderia fazer isso mantendo minha função de governanta na família. Ele mal sabia que a mulher que ele via a cada refeição era a mesma cujo marido ele mandara para a eternidade. Eu sorria para ele, cumpria minhas obrigações para com as crianças e aguardava minha vez. Em Paris, fizeram uma tentativa, mas falharam. Fugimos imediatamente, percorrendo em zigue-zague toda a Europa a fim de despistar os perseguidores, e finalmente voltamos para esta casa, que ele tinha ocupado na primeira vez que veio à Inglaterra. Mas aqui também estavam esperando os emissários da justiça. Sabendo que ele voltaria para cá, Garcia, filho do mais alto dignitário em San Pedro, ficou esperando, juntamente com dois amigos fiéis, todos com os mesmos motivos para a vingança. Nada se podia fazer durante o dia, já que Murillo tomava todas as precauções e nunca saía sem seu satélite, Lucas, ou Lopez, como era conhecido nos seus dias de poder. Mas, à noite, ele dormia sozinho e o vingador poderia achá-lo. Certa noite, já programada, enviei a meus amigos instruções finais, porque o homem

estava permanentemente alerta e sempre mudava de quarto. Eu tinha de verificar se as portas estavam abertas e o sinal, de luz verde ou branca na janela que dava para a alameda, era para indicar que tudo estava bem ou que a tentativa deveria ser adiada. Mas tudo deu errado conosco. De algum modo eu despertei a suspeita de Lopez, o secretário. Ele se aproximou sorrateiramente de mim por trás e me agarrou quando eu tinha acabado de escrever o bilhete. Ele e o patrão me arrastaram até o meu quarto e me acusaram de traição. Se eles soubessem como escapar das consequências do seu ato, teriam me matado na mesma hora. Finalmente, depois de muita discussão, chegaram à conclusão de que minha morte seria muito perigosa. Mas estavam decididos a se livrar de Garcia de uma vez por todas. Eles tinham me amarrado e Murillo torceu meu braço até eu lhe dar o endereço. Juro que eu o deixaria quebrar meu braço se eu soubesse o que aconteceria com Garcia. Lopez endereçou o bilhete que eu escrevi, selou-o com sua abotoadura e o enviou pelo criado José. Não sei como eles o mataram, a não ser que foi a mão de Murillo que o liquidou, já que Lopez ficou me vigiando. Eu acho que eles devem ter ficado esperando entre as moitas que cercam o caminho e o acertaram quando ele passou. No começo eles queriam deixá-lo entrar na casa e liquidá-lo como um assaltante comum, mas argumentaram que se eles se envolvessem num inquérito, a verdadeira identidade deles poderia tornar-se pública, e ficariam vulneráveis a ataques futuros. Com a morte de Garcia, talvez parasse a perseguição, já que essa morte poderia amedrontar outros encarregados da tarefa. Tudo estaria bem para eles agora, se não fosse o fato de eu saber o que haviam feito. Tenho certeza de que minha vida esteve em perigo muitas vezes. Estava presa no meu quarto, sob ameaças terríveis, cruelmente usadas contra minha resistência para quebrá-la, vejam este golpe no meu ombro e manchas nos dois lados de meus braços, e me amordaçaram quando, uma vez, tentei gritar da janela. Continuaram com esta prisão cruel durante cinco dias, com pouca comida para me manter de pé. Hoje eles me trouxeram um almoço suculento, mas depois que comi percebi que tinha sido drogada. Lembro-me de que, numa espécie de transe, fui meio desfalecida até um carro; puseram-me no trem, no mesmo estado. Só aí, quando as rodas estavam quase se movendo, eu compreendi que minha liberdade estava nas minhas mãos. Pulei do trem, eles tentaram me arrastar de volta e, se não fosse a ajuda

deste bom homem aqui, que me colocou no cabriolé, eu não conseguiria escapar. Agora, graças a Deus, estou livre deles para sempre.

Todos nós ouvimos com atenção o relato impressionante. Holmes quebrou o silêncio:

— Nossos problemas ainda não acabaram — ele disse, sacudindo a cabeça. — Termina nosso trabalho policial, começa o legal.

— Exatamente — eu disse. — Um bom advogado pode apresentá-lo como um gesto de autodefesa. Talvez haja centenas de crimes atrás disso, mas só este pode ser julgado.

— Ora, ora — disse Baynes, todo animado. — Creio que a lei é mais do que isso. Autodefesa é uma coisa. Atrair um homem a sangue-frio com o intuito de matá-lo é outra, apesar do medo que se possa ter dele. Não, não, todos nós ficaremos gratificados quando tivermos os habitantes de High Gable no próximo júri de Guilford.

É uma questão de história, no entanto, que ainda demorasse algum tempo até que o Tigre de San Pedro encontrasse seus executores. Astuto e audacioso, ele e seu companheiro despistaram seus perseguidores, entrando pela porta da frente de uma casa na Edmonton Street e saindo pela dos fundos na praça Curzon. Nunca mais foram vistos na Inglaterra. Uns seis meses depois, o marquês de Montalva e o sr. Rulli, seu secretário, foram mortos nos seus quartos no Hotel Escurial, em Madri. O crime foi atribuído à Organização Niilista e seus autores jamais foram presos.

O inspetor Baynes nos visitou na Baker Street com um retrato falado do rosto moreno do secretário e as feições autoritárias, olhos negros e magnéticos, sobrancelhas espessas do seu chefe. Não tivemos dúvida de que, embora tardia, fora feita justiça.

— Um caso confuso, meu caro Watson — disse Holmes, à noite, fumando seu cachimbo. — Você não poderá apresentá-lo naquela forma compacta de que você tanto gosta. Ele abrange dois continentes, dois grupos de pessoas misteriosas e é ainda mais complicado pela presença extremamente respeitável de nosso amigo Scott Eccles, cuja inclusão mostra que o falecido Garcia tinha uma mente planejadora e um instinto de sobrevivência bem desenvolvido. É impressionante pelo simples fato de que, em meio a um verdadeiro emaranhado de possibilidades, nós, juntamente com nosso digno colaborador, o inspetor Baynes, tenhamos mantido nossa mente presa aos fatos essenciais e, desta forma, fôssemos

guiados pelo caminho obscuro e tortuoso. Existe ainda algum detalhe que não tenha ficado claro para você?

— Qual o objetivo da volta do cozinheiro?

— Eu acho que a estranha criatura na cozinha pode justificá-la. O homem era um selvagem primitivo, dos confins de San Pedro, e aquilo era o seu fetiche. Quando ele e o companheiro fugiram para o esconderijo preparado, já ocupado, sem dúvida, por algum cúmplice, seu comparsa o convenceu a abandonar o objeto comprometedor. Mas o coração do mulato estava com o objeto, e ele voltou no dia seguinte, quando, ao sondar pela janela, encontrou o guarda Walters de plantão. Ele esperou mais três dias, e então sua religião, ou sua superstição, fez com que tentasse de novo. O inspetor Baynes, com sua astúcia habitual, minimizara o incidente para mim, mas na verdade tinha reconhecido sua importância e deixara uma armadilha, na qual a criatura caiu. Algum outro detalhe, Watson?

— O pássaro esquartejado, o balde de sangue, os ossos carbonizados, o mistério todo daquela cozinha esquisita?

Holmes sorriu enquanto consultava uma anotação no seu caderno.

— Passei uma manhã no Museu Britânico lendo a respeito disso aqui e de alguns outros pontos. Aqui está uma explicação de Eckermann sobre *Voduísmo* e *religiões negras*:

> *O verdadeiro seguidor do vodu não faz nada importante sem alguns sacrifícios, cujo objetivo é agradar aos seus deuses impuros. Em casos extremos, esses rituais tomam a forma de sacrifícios humanos, seguidos de canibalismo. As vítimas mais comuns são um galo branco, esquartejado vivo, ou um bode preto, cujo pescoço é cortado e o sangue queimado.*

— Agora você vê que nosso amigo selvagem era bem ortodoxo em seus rituais. É grotesco, Watson — acrescentou Holmes, enquanto fechava lentamente seu caderno de anotações —, mas, como eu já tive oportunidade de observar, há apenas um passo entre o grotesco e o horrível.

O CASO DA CAIXA DE PAPELÃO

AO ESCOLHER ALGUNS CASOS TÍPICOS QUE ILUSTREM AS NOTÁVEIS qualidades mentais de meu amigo Sherlock Holmes, tenho me esforçado ao máximo para selecionar os que apresentem o mínimo de sensacionalismo, ao mesmo tempo oferecendo um vasto campo para seu talento. Infelizmente, porém, é impossível separar o sensacional do criminoso, e um narrador fica com o dilema de sacrificar detalhes essenciais ao seu trabalho e, assim, dar uma falsa impressão do problema, ou então usar o assunto que o caso, e não a escolha, lhe deu. Com este curto prefácio, volto-me para minhas anotações daquilo que foi uma cadeia de acontecimentos estranhos, embora peculiarmente terríveis.

Era um dia extremamente quente de agosto. Baker Street parecia um forno, e o brilho do sol na fachada de tijolos amarelos da casa em frente à nossa chegava a doer nos olhos. Era difícil acreditar que aquelas paredes eram as mesmas que pareciam tão tristes na neblina do inverno. Nossas venezianas estavam semicerradas e Holmes se encontrava recostado no sofá, lendo e relendo uma correspondência que havia recebido na entrega da manhã.

Meu tempo de serviço na Índia havia me preparado para suportar mais o calor do que o frio, e um termômetro assinalando 35 graus não era penoso para mim. Mas o jornal da manhã não tinha nada interessante. O Parlamento entrara em recesso. Todo mundo estava fora da cidade e eu ansiava pelo verde de New Forest ou pelas praias de Southsea. Uma conta bancária em baixa obrigara-me a adiar minhas férias e, quanto ao meu amigo, nem o campo nem o mar o atraíam. Ele adorava ficar misturado no

meio de cinco milhões de pessoas, com suas teias se esticando e correndo entre elas, atento a qualquer rumor ou suspeita de crime misterioso. Entre suas muitas virtudes não estava o gosto pela natureza, e sua única mudança foi quando afastou da cabeça o criminoso da cidade para perseguir o malandro do campo.

Vendo que Holmes estava absorto demais para conversar, deixei de lado o jornal insosso e me recostei na cadeira, mergulhando numa divagação. De repente a voz do meu amigo interrompeu meus pensamentos:

— Você tem razão, Watson — disse ele. — Na verdade, parece uma forma bastante absurda de se resolver uma disputa.

— Bastante absurda! — exclamei, e então percebi de repente que ele estava lendo os mais recônditos pensamentos de minha alma; levantei-me e olhei perplexo para ele.

— O que é isso, Holmes? — perguntei. — Isso está além de tudo o que eu posso imaginar.

Ele riu diante da minha perplexidade.

— Você se lembra — disse ele — de que há algum tempo eu li para você um trecho de uma das peças de Poe, na qual um camarada segue o raciocínio mental de seu companheiro, e você tratou o assunto como um mero exagero do autor. Quando eu lhe disse que tenho a mania de fazer a mesma coisa, você não acreditou.

— Oh, não!

— Talvez não com suas palavras, meu caro Watson, mas certamente com suas sobrancelhas. De modo que, quando você deixou o jornal de lado e começou a divagar, fiquei feliz por ter a oportunidade de ler seus pensamentos e acabar por interrompê-los, como prova de que eu estava em sintonia com você.

Mas eu ainda não estava me dando por satisfeito.

— Naquele exemplo que você me mostrou — eu disse —, o raciocinador tirou suas conclusões dos gestos do homem que ele observava. Se me lembro bem, ele tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas etc. Mas eu estava aqui, sentado tranquilamente na minha cadeira; então, que pistas eu posso ter lhe dado?

— Você está fazendo injustiça com você mesmo. As feições humanas servem para que as pessoas expressem suas emoções, e as suas são aliadas fiéis.

— Quer dizer que você leu a sequência de meus pensamentos a partir de minhas feições?

— Suas feições e, principalmente, seus olhos. Talvez você não se lembre como começou seu devaneio.

— Não, não me lembro.

— Então vou lhe dizer. Depois de largar o jornal, gesto que chamou minha atenção, você ficou uns trinta segundos com uma expressão vazia. Então seus olhos se fixaram no retrato recém-emoldurado do general Gordon, e vi, pela alteração no seu rosto, que estava começando a seguir um pensamento. Mas ele não foi muito longe. Seus olhos se fixaram no retrato sem moldura de Henry Ward Beecher, que está em cima de seus livros na estante. Depois olhou para a parede e o significado era óbvio. Você estava pensando que, se o retrato tivesse moldura, serviria para preencher o espaço vazio e fazer par com o retrato de Gordon, ali.

— Você me acompanhou maravilhosamente! — exclamei.

— Não podia estar errado até aqui. Mas aí seus pensamentos voltaram para Beecher e você franziu o cenho, como se estivesse estudando o caráter nas feições dele. Logo depois seus olhos perderam a firmeza, mas você continuou a mirar o retrato e seu rosto ficou pensativo. Você estava se lembrando dos incidentes na carreira de Beecher. Eu tinha absoluta certeza de que você não poderia fazer isso sem pensar na missão que ele levou a cabo, em nome do Norte, durante a Guerra Civil, porque me recordo de que você expressou sua indignação pelo modo como ele foi recebido pelas pessoas mais barulhentas. Você se sentiu tão indignado com isso que sei muito bem que não poderia pensar em Beecher sem se lembrar disso também. Quando, pouco depois, vi seus olhos se afastarem do retrato, suspeitei que seu pensamento se concentrara na Guerra Civil, e quando vi que seus lábios se cerraram, seus olhos brilharam e suas mãos se crisparam, tive certeza de que você estava pensando na bravura que os dois lados mostraram naquela luta desesperada. Mas aí, de novo, seu rosto ficou sombrio; você balançou a cabeça. Estava refletindo sobre a tristeza, o horror e o desperdício de vidas. Sua mão pousou sobre seu próprio ferimento e um sorriso surgiu em seus lábios, o que me mostrou que você estava pensando no aspecto ridículo deste método de resolver questões internacionais. Nesse ponto concordei com você que fora absurdo e fiquei satisfeito em ver que minhas deduções estavam corretas.

— Totalmente! — disse eu. — E agora que explicou tudo confesso que estou tão intrigado quanto antes.

— Foi muito superficial, meu caro Watson, asseguro-lhe. Eu não teria chamado sua atenção se você não tivesse mostrado certa incredulidade no outro dia. Mas eu tenho em mãos um probleminha cuja solução pode ser mais difícil do que meu pequeno ensaio sobre leitura de pensamentos. Você viu no jornal uma noticiazinha a respeito do conteúdo extraordinário de um pacote que foi enviado pelo correio à senhorita Cushing, da Cross Street, Croydon?

— Não, não vi nada.

— Ah, então ela lhe escapou. Passe-me o jornal. Aqui está, abaixo da coluna financeira. Será melhor você mesmo lê-la em voz alta.

Peguei o jornal que ele me devolveu e li a notícia. O título era: “Um pacote macabro”.

> *A senhorita Susan Cushing, que mora na Cross Street, Croydon, foi vítima do que se pode considerar uma brincadeira particularmente revoltante, a menos que exista algo mais sinistro relacionado com o incidente. Às duas da tarde de ontem, um pacote pequeno, embrulhado com papel marrom, foi entregue pelo carteiro. Dentro havia uma caixa de papelão, cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, a senhorita Cushing ficou horrorizada ao encontrar duas orelhas humanas, aparentemente arrancadas há bem pouco tempo. A caixa foi enviada pelo correio de Belfast na manhã do dia anterior. Não há indicação do remetente, e o assunto é ainda mais misterioso porque a senhorita Cushing, uma senhora solteira de seus cinquenta anos, sempre levou uma vida reclusa e tem poucos conhecidos ou correspondentes, e, assim, é raro receber alguma coisa pelo correio. Entretanto, há alguns anos, quando ela morou em Penge, alugou quartos, na sua casa, para três jovens estudantes de medicina, dos quais ela foi obrigada a se livrar por causa dos hábitos barulhentos e irregulares deles. A polícia acredita que isso pode ter sido perpetrado contra a senhorita Cushing pelos três rapazes, que lhe deviam uma vingança e que esperavam assustá-la enviando-lhe relíquias da sala de dissecação. Essa hipótese é sustentada pelo fato de um dos estudantes ser do norte da Irlanda e, de acordo com a senhorita Cushing, de Belfast. Nesse meio-tempo, o*

> *assunto está sendo investigado pelo sr. Lestrade, um de nossos detetives mais competentes, encarregado do caso.*

— Isto quanto ao *Daily Chronicle* — disse Holmes quando terminei minha leitura. — Agora quanto ao nosso amigo Lestrade. Tenho um bilhete dele, desta manhã, que diz o seguinte:

> *Eu acho que este caso está bem na sua área de atuação. Temos esperança de esclarecê-lo, mas achamos pouco material para trabalhar no assunto. Telegrafamos, é claro, ao correio de Belfast, mas naquele dia foi entregue uma grande quantidade de pacotes e eles não têm meios de identificar este em particular, ou o remetente. A caixa pesa meia libra, é de fumo para cachimbo e não nos forneceu nenhuma pista. Parece-me que a hipótese dos estudantes é a mais plausível, mas, se você tiver algumas horas livres, ficarei contente em vê-lo aqui. Estarei, durante todo o dia, na casa ou na delegacia.*

— O que você acha, Watson? Poderá suportar o calor e ir comigo a Croydon, com a possibilidade de mais um caso para os seus anais?

— Eu já estava com saudade de fazer alguma coisa.

— Vai ter, então. Peça a empregada para chamar um táxi. Estarei pronto em um minuto, assim que trocar minha roupa e encher a cigarreira.

Choveu enquanto estávamos no trem e o calor estava mais suportável em Croydon do que em Londres. Holmes havia mandado um telegrama, de modo que Lestrade, firme, ativo e atento, como sempre, estava nos esperando na estação. Andamos durante cinco minutos até a Cross Street, onde morava a senhorita Cushing. Era uma rua comprida, de residências com fachadas de tijolos, dois andares, elegantes e bem conservadas, com degraus de pedra, e havia pequenos grupos de mulheres de avental conversando nas portas das casas. Lestrade parou na metade da rua e bateu em uma porta, e uma empregada a abriu. A senhorita Cushing estava sentada no quarto da frente, para onde fomos levados. Era uma mulher de rosto plácido, com olhos grandes e suaves, cabelos grisalhos em ondas que desciam pelas fontes. Tinha no colo uma cobertura para poltrona e uma cesta com fios de seda multicolorida num banquinho ao seu lado.

— Aquelas coisas medonhas estão no quarto anexo — ela disse quando Lestrade entrou. — Gostaria que o senhor as levasse daqui imediatamente.

— Pois não, senhorita Cushing. Eu as deixei aqui para que meu amigo, sr. Holmes, as visse em sua presença.

— Por que em minha presença, senhor?

— Para o caso de ele querer fazer-lhe algumas perguntas.

— O que adianta me fazer perguntas se eu já lhe disse que nada sei a respeito disso?

— Está certo, madame — disse Holmes, conciliador. — Tenho certeza de que a senhorita já se aborreceu o suficiente com este negócio.

— De fato, senhor. Sou uma mulher pacata e vivo sozinha. É uma coisa inteiramente nova para mim ver meu nome nos jornais e ter a polícia aqui em casa. Não quero aquelas coisas aqui, sr. Lestrade. Se o senhor quiser vê-las, vá para o quarto anexo.

Era um compartimento apertado no pequeno jardim, na parte traseira da casa. Lestrade entrou e trouxe uma caixa de papelão amarelo, com um pedaço de papel marrom e um barbante. Havia um banco ali perto, e nós nos sentamos enquanto Holmes examinava o conteúdo que Lestrade lhe entregou.

— Este barbante é extremamente interessante — disse ele, examinando-o e cheirando-o. — O que acha disso, Lestrade?

— Foi besuntado.

— Exatamente. É um pedaço de barbante besuntado. Você também deve ter notado que a senhorita Cushing cortou o barbante com uma tesoura, o que pode ser visto pelos fiapos em cada ponta. Isto é importante.

— Não vejo por quê — disse Lestrade.

— A importância está no fato de o nó ter ficado intacto, e este nó é especial.

— Está muito apertado. Já tinha notado isso — disse Lestrade com complacência.

— Basta quanto ao barbante — Holmes disse, sorrindo. — Agora, o papel do embrulho. Marrom, com forte cheiro de café. Como? Não tinha observado isso? Acho que não há dúvida a respeito disso. Endereço escrito com letras bastante irregulares: “Senhorita S. Cushing, Cross Street, Croydon”. Feito com pena de bico grosso, provavelmente uma J, e tinta vagabunda. A palavra “Croydon” foi escrita inicialmente com “i” e depois

mudada para “y”. O pacote, portanto, foi mandado por um homem, e a caligrafia é tipicamente masculina, de pouca cultura e não acostumado com a cidade de Croydon. Até aqui, tudo bem! A caixa é amarela, pesa meia libra, nada tem de especial a não ser duas marcas de polegar no canto inferior esquerdo. Cheia de sal grosso, do tipo usado para conservar peles e outros produtos comerciais. E no meio dele é que está esse estranho conteúdo.

Ele tirou as duas orelhas enquanto falava e as colocou em uma tábua sobre os joelhos, examinando-as detalhadamente; eu e Lestrade, inclinados ao lado dele, olhávamos para as relíquias medonhas e para o rosto pensativo e ansioso do nosso amigo. Finalmente ele as recolocou na caixa e ficou sentado, meditando profundamente.

— Você notou, é claro — ele disse, por fim —, que as orelhas não são de uma só pessoa.

— Sim, eu tinha observado isso. Mas se isto for uma brincadeira de mau gosto de alguns estudantes da sala de dissecação, seria fácil para eles enviarem duas orelhas diferentes, como se pertencessem a uma só pessoa.

— Exatamente. Mas isto aqui não é uma brincadeira de mau gosto.

— Tem certeza?

— Tudo indica que não é. Corpos da sala de anatomia recebem injeções de um fluido conservante. Estas orelhas não o têm. São frescas também. Foram arrancadas com um instrumento sem muito corte, o que dificilmente aconteceria se tivesse sido feito por um estudante de medicina, que usaria conservante líquido, não o sal grosso. Repito que nós não temos aqui uma travessura de estudantes, mas estamos frente a um crime grave.

Um vago arrepio percorreu meu corpo enquanto ouvia as palavras de meu amigo, e vi a gravidade do assunto estampada em suas feições. Este prelúdio brutal parecia lançar um horror estranho e inexplicável sobre o passado. Lestrade, no entanto, sacudiu a cabeça como uma pessoa não inteiramente convencida.

— Há objeções à teoria da brincadeira, é claro — disse ele —, mas há razões mais fortes contra a outra. Sabemos que esta mulher levava uma vida tranquila e respeitável em Penge e também aqui durante os últimos vinte anos. Ela quase nunca ficou fora de casa, por um dia sequer, durante esse tempo. Por que, então, um criminoso lhe enviaria as provas de sua culpa,

principalmente quando ela entende tão pouco do assunto quanto nós, a não ser que seja uma atriz consumada?

— Este é o problema que nós temos de resolver — respondeu Holmes —, e de minha parte eu vou partir do pressuposto de que meu raciocínio está correto e que foi cometido um duplo assassinato. Uma destas orelhas é de mulher, pequena, delicada, furada para uso de brinco; a outra é de homem, queimada de sol, descorada e também com um furo para brinco. Provavelmente essas duas pessoas estão mortas, ou já teríamos ouvido o caso antes. Hoje é sexta-feira. O pacote foi enviado na quinta de manhã. A tragédia aconteceu, então, na terça ou na quarta, ou mesmo antes. Se as duas pessoas foram mortas, quem, a não ser o assassino, mandaria para a srta. Cushing a prova de seu crime? Podemos supor que o remetente do pacote seja o homem que queremos. Mas ele deve ter tido um motivo muito forte para enviar o pacote à srta. Cushing. Que motivo? Deve ser o de comunicar a ela que o destino se cumpriu, ou para feri-la, talvez; mas, neste caso, ela saberia quem é ele. Será que ela sabe? Duvido. Se soubesse, por que chamaria a polícia? Ela teria enterrado as orelhas e ninguém ficaria sabendo de nada. Isso é o que ela faria se quisesse proteger o criminoso. Mas, se não quisesse protegê-lo, diria seu nome. Há um nó aqui que precisa ser desfeito.

Ele estivera falando em voz alta, rapidamente, olhando absorto por cima da cerca do jardim; mas levantou-se bruscamente e se dirigiu para a casa.

— Tenho algumas perguntas a fazer à srta. Cushing.

— Neste caso, vou deixá-lo aqui — disse Lestrade —, porque tenho de cuidar de um outro assunto. Creio que nada mais tenho a ouvir da srta. Cushing. Você me encontrará na delegacia.

— Passaremos por lá quando formos pegar o trem — respondeu Holmes.

Pouco depois Holmes e eu estávamos de volta ao quarto da frente, onde a mulher, impassível, continuava trabalhando. Ela deixou o trabalho no colo quando entramos e nos observou com seus olhos azuis, perscrutadores e francos.

— Tenho certeza, senhor — disse ela —, de que tudo isso é um engano, e que o pacote, na verdade, não se destinava a mim. Já disse isso várias vezes ao cavalheiro da Scotland Yard, mas ele simplesmente ri de mim. Não tenho nem um inimigo no mundo inteiro pelo que sei. Então, por que alguém iria pregar-me uma peça?

— Também estou chegando à mesma conclusão, srta. Cushing — disse Holmes, sentando-se ao lado dela. — Acho que é mais do que provável...

Ele fez uma pausa e eu fiquei surpreso ao ver que observava, com um interesse especial, o perfil da srta. Cushing. Pude ver, em seu rosto arguto, surpresa e satisfação, embora ele tenha readquirido sua expressão impassível quando ela se virou para ver o motivo de sua pausa. Olhei para os cabelos grisalhos dela, a touca caprichada, os brinquinhos dourados, feições calmas, e nada vi que justificasse a emoção evidente do meu amigo.

— Há uma ou duas perguntas...

— Oh, estou farta de perguntas! — ela exclamou, impaciente.

— Eu creio que a senhorita tem duas irmãs.

— Como sabe disso?

— Logo que entrei no quarto vi que tem sobre a lareira um retrato de um grupo de três mulheres, uma das quais é a senhorita, sem dúvida, enquanto as outras se parecem muito com a senhorita; assim, não havia dúvida sobre o parentesco.

— O senhor tem razão. Aquelas são minhas irmãs, Sarah e Mary.

— E aqui do meu lado há outro retrato, tirado em Liverpool, de sua irmã mais nova, na companhia de um homem que parece ser um comissário de bordo, pelo uniforme. Vejo que ela era solteira na época.

— O senhor é um ótimo observador.

— É a minha profissão.

— Bem, o senhor tem razão. Mas ela se casou alguns dias depois com o senhor Browner. Ele estava na linha da América do Sul, mas gostava tanto dela que não conseguia ficar longe por muito tempo; de modo que se transferiu para os navios da linha Liverpool e Londres.

— Ah, o *Conqueror*, talvez?

— Não, o *May Day*, da última vez que ouvi falar. Uma vez Jim veio me ver. Isso foi antes de quebrar a promessa; depois disso, ele sempre bebia quando estava em terra, um pequeno trago já o deixava completamente louco. Ah, foi um dia fatal quando ele pegou de novo num copo. Primeiro ele se esqueceu de mim, depois brigou com Sarah, e, agora que Mary deixou de me escrever, não sei como as coisas estão entre eles.

Era evidente que a srta. Cushing falava sobre um assunto que a afetava profundamente. Como a maioria das pessoas que levavam uma vida solitária, no começo ela se mostrou reservada, mas acabou tornando-se

extremamente comunicativa. Contou-nos vários detalhes sobre o cunhado, falou de seus antigos inquilinos, os estudantes de medicina; falou-nos de suas peraltices, dando-nos seus nomes e os dos hospitais. Holmes ouvia tudo com atenção, fazendo uma pergunta de vez em quando.

— A respeito da sua segunda irmã, Sarah — disse ele —, imagino que, sendo ambas solteiras, não quiseram morar juntas.

— Ah, o senhor não conhece o gênio de Sarah, do contrário nem pensaria numa coisa dessas. Eu tentei quando me mudei para Croydon, e ficamos juntas até dois meses atrás, quando tivemos de nos separar. Não quero falar mal de minha própria irmã, mas ela sempre foi uma intrometida e uma pessoa difícil de se contentar.

— A senhorita está dizendo que ela brigou com os parentes de Liverpool?

— Sim, e eles eram então os melhores amigos. Ela foi para lá para ficar perto deles. E agora ela vive acusando Jim Browner. Nos últimos seis meses em que esteve aqui só falava das bebedeiras e dos modos dele. Eu desconfio que ele a pegou fazendo mexericos e lhe passou um sabão, e fosse esse o começo de tudo.

— Obrigado, srta. Cushing — disse Holmes, levantando-se e fazendo uma mesura. — Sua irmã Sarah mora, como disse, na New Street, Wallington? Adeus, e lamento muito que a senhorita tenha sido importunada com um caso que, como diz, não tem nada a ver consigo.

Quando saímos, estava passando um carro e Holmes o fez parar.

— A que distância fica Wallington?

— Apenas a 1,5 quilômetro, senhor.

— Muito bem. Entre, Watson. Temos de malhar enquanto o ferro ainda está quente. Este caso é simples, mas tem um ou dois detalhes muito interessantes relacionados com ele. Por favor, pare na primeira agência telegráfica que encontrar.

Holmes enviou um telegrama curto e durante toda a viagem ficou recostado no carro, com o chapéu enterrado até o nariz para se proteger do sol. Nosso condutor parou diante de uma casa que não era diferente da que havíamos deixado. Meu amigo pediu que nos esperasse, e, quando ia bater à porta, esta se abriu e apareceu um jovem, vestido de preto, com um chapéu reluzente.

— A senhorita Cushing está em casa? — perguntou.

— Ela está muito doente — disse o jovem. — Desde ontem ela está sofrendo de sintomas cerebrais muito graves. Como seu médico, não posso permitir que ninguém a veja. Peço-lhe que volte dentro de dez dias.

Ele calçou as luvas, fechou a porta e saiu andando pela rua.

— Bem, se não podemos, não podemos — disse Holmes, em tom jovial.

— Talvez ela não pudesse ou mesmo não nos dissesse muita coisa.

— Eu não quero que ela me diga nada. Só queria vê-la. Mas acho que consegui o que queria. Leve-nos para um hotel decente, cocheiro, onde possamos almoçar, e depois disso poderemos ir ver nosso amigo Lestrade na delegacia.

Fizemos uma refeição agradável durante a qual Holmes só falou sobre violinos, contando com grande entusiasmo como comprara seu Stradivarius, que valia pelo menos quinhentos guinéus, de um negociante judeu em Tottenham, Court Road, por apenas 55 xelins. Isso o levou a falar de Paganini, e ficamos durante uma hora bebendo vinho, enquanto ele me contou histórias e mais histórias sobre aquele homem extraordinário. Quando chegamos à delegacia, já era final de tarde, e a luz do sol se transformara numa claridade amena. Lestrade nos aguardava na porta.

— Há um telegrama para você, Holmes — disse ele.

— Ah! A resposta!

Abriu o telegrama, deu uma olhada e colocou-o no bolso.

— Está tudo bem — ele disse.

— Descobriu alguma coisa?

— Descobri tudo!

— Como? — Lestrade o olhou, estupefato. — Está brincando?!

— Nunca falei mais sério em minha vida. Foi cometido um crime chocante, e acho que descobri todos os detalhes.

— E o criminoso?

Holmes rabiscou algumas palavras nas costas de um de seus cartões de visita e o passou a Lestrade.

— Este é o nome dele — disse. — O senhor não conseguirá efetuar sua prisão até amanhã à noite. Eu gostaria que não mencionasse meu nome com relação a este caso, já que prefiro vê-lo relacionado a crimes que apresentem dificuldades para sua elucidação. Vamos, Watson.

Partimos para a estação, deixando Lestrade com uma expressão de satisfação no rosto, olhando para o cartão que Holmes lhe dera.

— O caso — disse Holmes, quando já estávamos em nossos aposentos na Baker Street, fumando e conversando — é um daqueles em que tivemos de raciocinar para o passado, das causas aos efeitos, como nos casos que você relatou com os títulos de *Um estudo em vermelho* e *O sinal dos quatro*. Escrevi a Lestrade pedindo-lhe para nos fornecer os detalhes que ainda faltam, e que ele só vai conseguir depois de prender o homem. Ele certamente vai conseguir isso porque, embora destituído de raciocínio, é tão persistente quanto um buldogue depois que entende o que tem de fazer e, na verdade, foi justamente a sua tenacidade que o levou até o topo na Scotland Yard.

— Quer dizer que o caso ainda não está completo? — perguntei.

— Nos fatos essenciais, sim. Sabemos quem é o autor do caso revoltante, embora ainda não tenhamos identificado uma das vítimas. Você, é claro, já tirou suas próprias conclusões.

— Eu acho que Jim Browner, o comissário de bordo da linha de Liverpool, é o homem de quem você suspeita.

— Oh, é mais do que suspeita.

— Mesmo assim não vejo mais do que vagos indícios.

— Para mim, ao contrário, nada podia ser mais claro. Deixe-me mostrar-lhe os passos principais. Nada sabíamos do caso quando começamos a trabalhar nele, o que é sempre uma vantagem. Não tínhamos teorias prontas. Estávamos lá simplesmente para observar e tirar conclusões de nossas observações. O que foi que vimos primeiro? Uma senhora respeitável e calma, que parecia totalmente inocente de qualquer crime, e um retrato que mostrou ter ela duas irmãs mais jovens. Imediatamente me ocorreu que a caixa podia ser destinada a uma delas. Deixei a ideia de lado, já que poderia ser abandonada ou confirmada, à nossa vontade, mais tarde. Então fomos para o jardim, como você se lembra, e vimos o estranho conteúdo da caixinha amarela. O barbante era do tipo usado por marinheiros e logo um bafejo do mar era perceptível em nossa investigação. Quando observei que o nó era comum entre marinheiros, que o pacote havia sido mandado de um porto e que a orelha masculina fora furada para uso de brinco, coisa mais comum entre gente do mar do que de terra, tive certeza de que todos os personagens da tragédia seriam encontrados entre nossas classes marítimas. Quando examinei o endereço no pacote, vi que era para a

senhorita S. Cushing. Ora, a irmã mais velha seria, é claro, a senhorita Cushing e, embora sua inicial fosse “S”, poderia pertencer também a uma das outras duas. Nesse caso teríamos de reiniciar nossa investigação em uma nova base. Assim sendo, entrei na casa com a intenção de esclarecer este ponto. Eu estava prestes a dizer a ela que me convencera de que fora cometido um equívoco quando, você deve se lembrar, eu parei de repente. O fato é que eu acabara de ver uma coisa que me encheu de surpresa e, ao mesmo tempo, diminuiu consideravelmente o campo de nossa pesquisa. Você, como médico, Watson, sabe que não existe parte do corpo humano que varie tanto quanto uma orelha. Cada uma é, como regra geral, completamente distinta e diferente das demais. No último número do *Jornal Antropológico* você vai encontrar duas pequenas monografias que escrevi sobre o assunto. Portanto, eu tinha examinado as orelhas na caixa com os olhos de um especialista e percebi as particularidades anatômicas. Imagine agora minha surpresa quando, ao olhar para a srta. Cushing, notei que a orelha dela correspondia exatamente à orelha feminina que eu tinha acabado de examinar. O caso era mais do que uma coincidência. Ali estava a mesma aurícula curta, a mesma curva aberta do lóbulo superior, o mesmo desenho da cartilagem interna. No essencial, era a mesma orelha. Claro que vi logo a enorme importância da observação. Era lógico que a vítima era um parente, provavelmente bem próximo. Comecei a conversar com ela sobre a família, e você se lembra de que ela nos deu imediatamente detalhes excelentes e valiosos. Em primeiro lugar, o nome da irmã era Sarah, e o endereço era o mesmo até recentemente, e assim ficou claro como tinha ocorrido o engano e a quem se destinava o pacote. Ela falou, então, do comissário de bordo, casado com a terceira irmã, e soubemos que, em certa época, ele ficou tão íntimo da srta. Sarah que ela até acabou se mudando para Liverpool a fim de ficar perto dos Browners, mas uma briga os afastou mais tarde. Esta briga interrompeu as comunicações durante meses, de modo que, se Browner tivesse que endereçar um pacote à srta. Sarah, sem dúvida nenhuma usaria o antigo endereço. E agora o assunto começou a se esclarecer maravilhosamente. Sabíamos da existência de Browner, um homem impulsivo, de paixões fortes, lembre-se de que ele abandonou um emprego bem superior a fim de ficar mais perto da esposa; um homem também sujeito a bebedeiras ocasionais. Tínhamos motivo para supor que sua esposa fora assassinada e que um homem, possivelmente um homem do

mar, também fora morto. Como motivo do crime surge-nos imediatamente o ciúme. Por que a srta. Sarah Cushing deveria receber as provas do crime? Provavelmente porque, durante sua estada em Liverpool, ela, de alguma forma, tinha participado dos acontecimentos que culminaram com a tragédia. Note que esta linha de navios aporta em Belfast, Dublin e Waterford; dessa forma, supondo-se que Browner tenha cometido o crime e embarcado em seguida no seu navio, o *May Day*, Belfast seria o primeiro lugar de onde ele poderia enviar sua terrível encomenda. Nesta altura, uma segunda solução seria possível, e embora a considere muito improvável, eu estava decidido a elucidá-la antes de seguir em frente. Um apaixonado frustrado poderia ter matado o sr. e sra. Browner, e a orelha masculina podia ser a do marido. Havia muitas objeções graves a esta teoria, mas era possível. Então mandei um telegrama ao meu amigo Algar, da polícia de Liverpool, e pedi-lhe para verificar se a sra. Browner estava em casa e se o marido tinha embarcado no *May Day*. Depois disso fomos para Wallington, visitar a srta. Sarah. Em primeiro lugar, eu estava curioso para ver até que ponto o tipo de orelha da família estava reproduzido nela. Além disso, é lógico, ela podia nos dar informações importantes, mas eu não estava muito convencido de que ela iria fazê-lo. Ela deve ter ouvido falar no caso no dia anterior, já que toda Croydon falava do assunto, e ela mesma deve ter compreendido a quem se destinava o pacote. Se ela estivesse disposta a ajudar a polícia, já teria entrado em contato com as autoridades. Entretanto, era nosso dever visitá-la, e fomos. Descobrimos que a notícia da chegada do pacote, já que a doença dela data desse dia, teve um impacto enorme sobre ela, até mesmo provocando uma febre cerebral. Estava mais do que claro que ela percebera o significado, mas também estava claro que nós teríamos de esperar algum tempo até recebermos alguma ajuda da parte dela. Em todo caso, não dependeríamos totalmente dela. Tínhamos respostas à nossa espera na delegacia, para onde pedi que Algar as enviasse. Nada podia ser mais conclusivo. A casa da sra. Browner estava fechada havia mais de três dias e os vizinhos achavam que ela viajara para o sul, para visitar parentes. Verificou-se nos escritórios da companhia que Browner partira a bordo do *May Day* e eu calculo que ele esteja no Tâmisa amanhã à noite. Quando ele chegar, o obtuso mas decidido Lestrade estará esperando por ele, e eu não tenho nenhuma dúvida de que completaremos todos os detalhes.

Sherlock Holmes não foi desapontado nas suas esperanças. Dois dias depois recebeu um envelope volumoso, com um bilhetinho do detetive e um relatório datilografado, que cobria várias páginas de papel almaço.

— Lestrade o apanhou — disse Holmes, olhando para mim. — Talvez lhe interesse ouvir o que ele diz.

Caro sr. Holmes:

De acordo com o plano que nós havíamos elaborado para comprovar nossas hipóteses (o "nós" aqui é bem interessante, não é?), fui para o cais Albert, ontem, às seis horas, e entrei no S.S. May Day, *pertencente à Liverpool, Dublin and London Steam Packet Company. Ao indagar, soube que havia a bordo um comissário com o nome de James Browner, e que durante toda a viagem ele agiu de uma forma tão estranha que o capitão se viu obrigado a dispensá-lo de suas funções. Desci à sua cabine e o encontrei sentado num caixote com a cabeça mergulhada nas mãos, balançando-se para a frente e para trás. É um sujeito grande e forte, rosto liso e pele bem morena, como Aldridge, aquele que nos ajudou no caso da lavanderia. Ele deu um pulo quando eu lhe falei de minha missão, e usei o apito para chamar dois policiais do cais, que estavam próximos, mas ele deu a impressão de estar completamente desalentado e estendeu tranquilamente as mãos para as algemas. Nós o trouxemos para a delegacia, assim como o caixote, porque pensamos que talvez contivesse algo incriminador, mas a não ser um facão afiado, usado pela maioria dos marinheiros, não encontramos nada que nos interessasse. Mas achamos que não precisamos de mais provas porque, ao ser levado até o inspetor, na delegacia, ele pediu para fazer uma declaração que, é claro, foi anotada exatamente como ele a fez pelo nosso taquígrafo. Fizemos três cópias datilografadas, uma das quais estou anexando. O caso é extremamente simples, como eu sempre achei, mas sou grato por ter me ajudado na minha investigação.*

Com os melhores agradecimentos,

Atenciosamente,

G. Lestrade

— Hum! A investigação foi realmente bem simples — comentou Holmes —, mas acho que ele não tinha essa opinião quando nos chamou no início. Em todo caso, vamos ver o que Jim Browner tem a dizer. Esta é a sua declaração como foi feita perante o inspetor Montgomery, na Delegacia de Polícia de Shadwell, e tem a vantagem de ser com as palavras do próprio criminoso.

> "Se tenho alguma coisa a dizer? Sim, tenho muito a dizer. Tenho de limpar minha consciência. Podem me enforcar ou podem me deixar em paz. Não me importa o que vocês vão fazer comigo. Digo-lhes que não preguei os olhos desde que fiz aquilo e acho que não vou conseguir de novo. Algumas vezes é a cara dele, mas geralmente é a dela. Sempre uma ou outra está na minha frente. Ele me olha carrancudo, ameaçador, mas ela tem uma espécie de surpresa no rosto. Oh, coitadinha, ela devia estar surpresa quando viu a morte no rosto que só mostrava amor por ela. Mas a culpa foi de Sarah, e que a maldição de um condenado caia sobre ela e que o sangue lhe apodreça nas veias. Não é que eu queira me inocentar. Sei que voltei a beber como o animal que fui. Mas ela teria me perdoado; ela teria continuado ligada a mim, como sempre, se aquela mulher não tivesse enegrecido nosso lar. Porque Sarah Cushing me amava — esta é a raiz da história — e me amou até que todo o seu amor se transformou num ódio virulento quando viu que eu gostava mais das pegadas de minha mulher na lama do que do seu corpo e sua alma.
>
> "Eram três irmãs. A mais velha era uma boa mulher, a segunda, um demônio, e a terceira, um anjo. Sarah tinha 33 anos e Mary 29 quando eu me casei. Éramos muito felizes quando fomos morar juntos, e em toda Liverpool não havia ninguém melhor do que minha Mary. Então convidamos Sarah para passar uma semana conosco, a semana se estendeu para um mês e, uma coisa levando a outra, ela finalmente ficou sendo uma de nós. Eu não bebia naquela época, e estávamos guardando dinheiro, e tudo estava indo muito bem. Meu Deus, quem poderia pensar que terminaria assim? Quem poderia sonhar com isso? Normalmente eu ficava em casa nos fins de semana e muitas vezes passava a semana toda, se acontecesse de o navio estar sendo carregado, de modo que via frequentemente minha cunhada, Sarah. Ela

era uma bela mulher, alta, morena, ativa e enérgica, de porte solene e um brilho faiscante nos olhos. Mas quando minha pequena Mary estava comigo eu nunca pensava em Sarah, e isso eu juro como espero a misericórdia de Deus. Às vezes parecia que ela gostava de ficar sozinha comigo, ou que gostava de me convidar para passear com ela, mas nunca dei importância a isso. Mas, uma noite, abri meus olhos. Eu havia chegado do navio e vi que minha mulher tinha saído, mas Sarah estava em casa.

"'Onde está Mary?', perguntei.

"'Oh, ela saiu para pagar algumas contas.' Eu estava impaciente e fiquei andando de um lado para outro na sala.

"'Você não consegue ficar feliz durante cinco minutos sem Mary, Jim?', ela perguntou. 'É pouco lisonjeiro para mim que você não se contente com a minha companhia por tão pouco tempo.'

"'Tudo bem, minha cara', eu disse, estendendo gentilmente minhas mãos para ela, mas ela as segurou por uns segundos e suas mãos estavam queimando como se ela estivesse com febre.

"Olhei-a nos olhos e vi tudo. Ela não precisava falar, nem eu. Fiquei sério na mesma hora e retirei minhas mãos. Então ela ficou em silêncio ao meu lado por um instante e depois, colocando a mão no meu ombro, disse: 'Fique calmo, Jim', e saiu da sala com um riso de escárnio.

"Bem, a partir daquela ocasião Sarah me odiou de todo o coração — e ela é uma mulher que sabe odiar também. Fui um tolo por ter deixado que ela continuasse conosco — um completo idiota — mas nunca disse uma palavra sequer a Mary, já que eu sabia que isso iria magoá-la. As coisas continuaram como antes, mas depois de algum tempo percebi uma certa mudança em Mary. Ela sempre fora confiante e inocente, mas tornou-se esquisita e desconfiada, querendo saber onde eu estivera e o que fizera, quem me mandava cartas, o que eu tinha nos bolsos, e centenas de coisinhas bobas. A cada dia ela ficava mais estranha, mais irritável, e brigávamos por qualquer coisa. Fiquei intrigado com tudo isso. Sarah me evitava então, mas ela e Mary eram inseparáveis. Agora entendo que ela estava conspirando malevolamente e envenenando minha mulher contra mim, mas eu era tão cego que não percebi isso naquela época. Então quebrei minha promessa e comecei a beber de novo, mas acho que não teria

recomeçado se Mary tivesse continuado a ser a mesma. Agora ela tinha motivo para ficar desgostosa comigo e a distância entre nós começou a ficar cada vez maior. E então esse Alec Fairbairn apareceu, e as coisas ficaram ainda piores. Foi para ver Sarah que ele começou a aparecer em minha casa, mas logo depois para nos ver, já que ele era um homem insinuante e fazia amigos com facilidade. Era um sujeito agradável, impetuoso, elegante e esperto, que já estivera em meio mundo e sabia contar coisas que já vira. Era uma companhia agradável, não nego, e maravilhosamente educado para ser um marinheiro, de modo que eu acho que muitas vezes ele viajou mais como passageiro do que como tripulante. Durante um mês ele ia todos os dias à minha casa e eu nunca suspeitei que pudesse surgir alguma maldade de suas maneiras suaves e educadas. Então, finalmente alguma coisa despertou minha suspeita, e daquele dia em diante minha paz acabou para sempre. Foi uma coisinha à toa. Voltei repentinamente para casa e, quando entrei pela porta, notei um brilho de boas-vindas no rosto de minha mulher. Mas, quando ela viu que era eu, o brilho sumiu e ela se afastou, com o desapontamento estampado no rosto. Foi o suficiente para mim. Não podiam ser de ninguém além de Alec Fairbairn os passos que ela confundiu com os meus. Se eu o visse naquele momento, tê-lo-ia matado, porque fico completamente louco quando perco a calma. Mary viu o brilho diabólico em meus olhos e correu na minha direção, colocando as mãos nos meus braços:

"'Não, Jim, não!', suplicou.

"'Onde está Sarah?', perguntei.

"'Na cozinha.'

"'Sarah!', gritei quando entrei na cozinha, 'não quero nunca mais que Fairbairn apareça aqui.'

"'Por que não?', ela perguntou.

"'Porque eu estou dando uma ordem.'

"'Oh, se meus amigos não servem para esta casa, então eu também não sirvo.'

"'Pode fazer o que quiser, mas se Fairbairn aparecer de novo por aqui vou mandar para você uma orelha dele como lembrança.'

"Ela ficou amedrontada com meu olhar, eu acho, porque não disse uma palavra, e foi-se embora na mesma noite.

“Bem, não sei se foi pura maldade dessa mulher ou se ela pensava que podia me colocar contra minha esposa, estimulando o mau comportamento dela. Seja lá como for, ela alugou uma casa a apenas duas ruas de distância e abriu uma pensão para marinheiros. Fairbairn costumava ficar lá, e Mary ia tomar chá com a irmã e Alec. Não sei quantas vezes ela esteve lá, mas um dia eu a segui e, quando entrei pela porta, Fairbairn fugiu pelo muro do jardim, como o gambá medroso que ele era. Jurei a minha mulher que eu a mataria se a encontrasse de novo na companhia dele, e a levei de volta comigo, soluçando e tremendo, branca feito cera. Não havia mais nenhum vestígio de amor entre nós. Eu podia perceber que ela me odiava e me temia, e só de pensar nisso comecei a beber mais ainda; e ela passou a me desprezar também. Bem, Sarah achou que não podia continuar morando em Liverpool, e voltou, eu acho, para morar com a outra irmã em Croydon; mas as coisas em minha casa continuaram aos trancos como sempre. Chegou, então, esta última semana, com toda a desgraça e ruína. Foi assim: tínhamos partido no *May Day* para uma viagem de ida e volta de sete dias, mas uma chapa do casco afrouxou e inundou a maquinaria; então tivemos de voltar ao porto para um reparo de 12 horas. Saí do navio e fui para casa, pensando na surpresa que seria para minha mulher e achando que talvez ela ficasse contente em me ver mais cedo. Pensava assim quando entrei na minha rua, e naquele momento vi um coche passando por mim, e lá dentro estava ela, sentada ao lado de Fairbairn, os dois conversando e rindo, sem perceberem que eu estava ali, vendo tudo da calçada. Vou lhes dizer, palavra de honra, que daquele momento em diante eu não estava mais senhor de mim mesmo e tudo me parece um sonho quando tento me lembrar. Eu estivera bebendo bastante e as duas coisas juntas viraram minha cabeça. Tem um negócio batendo na minha cabeça, como uma britadeira, mas naquela manhã parecia que as cataratas do Niágara estavam assobiando e zunindo em meus ouvidos. Saí correndo atrás do carro. Tinha um pesado bastão de carvalho nas mãos e lhes digo que estava furioso; mas, enquanto corria, fiquei esperto também, e me mantive um pouco afastado, para poder vê-los sem ser visto. Logo depois eles desceram na estação de trem. Havia muita gente na bilheteria, de modo que cheguei perto deles, sem que me vissem.

Compraram passagens para New Brighton. Eu também, mas fiquei uns três vagões mais atrás. Quando chegamos, eles desceram e se dirigiram para a praia, e eu estava sempre a uns duzentos metros de distância. Finalmente os vi alugarem um bote e saírem remando, pois era um dia muito quente e certamente eles pensavam que na água seria mais refrescante. Era como se eles tivessem sido entregues nas minhas mãos. Havia uma espécie de neblina e não se conseguia ver mais do que algumas centenas de metros. Também aluguei um bote e parti atrás deles. Eu só conseguia ver uma mancha do bote deles, pois estavam seguindo tão depressa quanto eu e deviam estar mais ou menos a 1,5 quilômetro da praia, quando eu os alcancei. A neblina era uma espécie de cortina ao nosso redor, e lá estávamos nós três, no meio. Meu Deus, será que vou esquecer a expressão de seus rostos quando descobriram quem estava no barco que se aproximava do deles? Ela gritou. Ele praguejou como um louco e tentou me acertar com um remo, pois viu a morte no meu rosto. Eu me esquivei e o acertei com meu bastão; estourei a cabeça dele como um ovo. Eu podia tê-la poupado, talvez, embora estivesse alucinado, mas ela lançou os braços em volta dele, chorando e se lamentando, chamando-o de ‘Alec!’. Bati de novo e ela caiu ao lado dele. Eu era uma fera selvagem que tinha acabado de sentir o gosto de sangue. Se Sarah estivesse ali, ela se juntaria a eles, por Deus. Arranquei meu facão e... bem, já disse o suficiente. Senti uma espécie de alegria selvagem quando imaginei como Sarah se sentiria ao receber aqueles sinais como resultado de suas intrigas. Amarrei, então, os corpos no barco, quebrei uma tábua e fiquei ali até vê-los no fundo. Eu sabia muito bem que o dono do barco iria pensar que eles haviam se perdido na neblina e acabaram indo para o mar. Limpei-me, voltei à terra e embarquei no navio sem que ninguém desconfiasse do que ocorrera.

“Naquela noite preparei o pacote para Sarah Cushing e no dia seguinte o enviei de Belfast. Aí está toda a verdade da história. Podem me enforcar, podem fazer o que quiserem comigo, porque não conseguirão me castigar mais do que já fui castigado. Não consigo fechar os olhos porque vejo aqueles dois rostos me encarando como quando viram meu bote surgir da neblina. Matei-os rapidamente, mas eles estão me matando devagar, e se eu passar mais uma noite assim

> vou enlouquecer ou morrer antes de amanhecer. O senhor vai me colocar numa cela sozinho? Pelo amor de Deus, não faça isso, e que o senhor possa ser tratado no dia de sua agonia como me tratar agora.”

— O que significa isso, Watson? — perguntou Holmes em tom solene quando terminou de ler o documento. — Para que serve este círculo de miséria, violência e medo? Tem de ter uma finalidade, ou então nosso mundo é governado pelo acaso, o que é impensável. Mas que finalidade? Eis aí o grande e eterno problema para o qual a razão humana está tão distante da solução como sempre.

O CASO DO CÍRCULO VERMELHO

— BEM, SRA. WARREN, NÃO VEJO POR QUE DEVA SE PREOCUPAR, nem vejo por que eu deva gastar meu tempo valioso e interferir no caso. Eu realmente tenho outras coisas com que me ocupar.

Assim falou Sherlock Holmes, e voltou novamente sua atenção para o grande álbum de recortes, no qual estava colocando em ordem parte do seu material mais recente. Mas a senhoria tinha a persistência e a esperteza do sexo feminino. Manteve firmemente o ponto de vista.

— O senhor deu um jeito num caso para um de meus inquilinos no ano passado, o sr. Fairdale Hobbs...

— Ah, sim, um casinho simples.

— Mas ele não para de falar nisso; a sua bondade, senhor, e o modo como esclareceu uma situação nebulosa. Eu me lembro das palavras dele quando eu mesma estava envolvida em dúvidas e trevas. Eu sei que o senhor conseguiria se quisesse.

Holmes era acessível por meio da lisonja, e também, justiça seja feita, pela amabilidade. As duas forças o fizeram deixar de lado o pincel de goma-arábica com um suspiro de resignação e recostar-se na cadeira.

— Bem, bem, sra. Warren, vamos ouvir sua história, então. Não se incomoda se eu fumar? Obrigado. Watson, os fósforos. A senhora está preocupada, pelo que sei, porque seu novo inquilino fica trancado no quarto e não o vê. Ora, sra. Warren, se eu fosse seu inquilino, com frequência deixaria de me ver durante semanas ou mais.

— Não duvido, senhor, mas aqui é diferente. Isto está me assustando, sr. Holmes. Não durmo de medo. Escuto os passos apressados dele, andando

de um lado para outro desde cedo até tarde da noite, e não vê-lo um instante sequer... tudo isso é mais do que posso suportar. Meu marido também está nervoso com isso, como eu, mas ele está sempre fora de casa, trabalhando o dia todo, enquanto eu não tenho paz. Do que ele está se escondendo? O que foi que fez? Com exceção da menina, fico completamente sozinha em casa com ele, e isso é mais do que meus nervos podem aguentar.

Holmes inclinou-se para a frente e tocou, com seus dedos longos e finos, o ombro da mulher. Ele tinha um poder quase hipnótico de acalmar quando queria. A expressão de medo desapareceu do rosto dela e os gestos nervosos voltaram ao normal. Ela sentou-se na cadeira que ele indicou.

— Se eu for cuidar do caso, preciso conhecer todos os detalhes — disse. — Pense com calma. O menor detalhe pode ser essencial. A senhora diz que o homem chegou há dez dias e lhe pagou uma quinzena de casa e comida?

— Ele perguntou minhas condições. Eu disse cinquenta xelins por semana. Há uma salinha e um quarto mobiliados no andar superior da casa.

— E daí?

— Ele disse: "Vou lhe pagar cinco libras por semana se aceitar as minhas condições." Sou uma mulher pobre, senhor, e meu marido ganha pouco; o dinheiro significa muito para mim. Ele tirou uma nota de dez libras e ficou a mostrá-la para mim. "Pode receber a mesma quantia durante 15 dias, por muito tempo, se mantiver as condições", ele disse. "Se não, nada tenho a tratar com a senhora."

— Quais eram as condições?

— Bem, senhor, ele queria ter uma chave da casa. Até aí, tudo bem. Inquilinos sempre a têm. Ele também deveria ser deixado inteiramente só e nunca, sob nenhum pretexto, ser perturbado.

— Nada de mais nisso, não?

— Parece, senhor, mas isso está fora de qualquer lógica. Faz dez dias que ele está lá e nem meu marido, nem a menina, ninguém pôs os olhos nele desde então. Escutamos os passos dele, andando de um lado para outro, de noite, de manhã, de tarde. Com exceção da primeira noite, ele nunca mais saiu de casa.

— Oh, então ele saiu na primeira noite, certo?

— Sim, senhor, e voltou bem mais tarde, depois que todos nós já estávamos deitados. Ele me havia dito, depois que alugou o quarto, que iria

agir assim e me pediu para não trancar a porta. Eu ouvi quando ele subiu a escada depois da meia-noite.

— E as refeições?

— Foi recomendação especial dele que nós devíamos, sempre que ele tocasse a campainha, deixar o prato em uma cadeira do lado de fora da porta. Ele tocaria de novo quando tivesse terminado, e nós pegaríamos o prato na mesma cadeira. Quando ele quer alguma outra coisa, escreve em letra de forma num pedaço de papel e deixa ali.

— Letra de forma?

— Sim, com um lápis, em letra de forma, apenas a palavra e nada mais. Aqui está uma que trouxe para lhe mostrar: “SABONETE”. Eis outra: “FÓSFORO”. Esta ele deixou na primeira manhã: “*DAILY GAZETTE*”. Deixo-lhe o jornal, junto com o café, toda manhã.

— Ora, Watson — disse Holmes, olhando com grande curiosidade para as tiras de papel que a mulher lhe entregara — isto é realmente estranho. Posso entender a reclusão, mas por que escrever com letra de forma? Escrever assim é mais trabalhoso. Por que não escrever normalmente? O que significa isso, Watson?

— Que não quer mostrar a caligrafia.

— E por quê? Por que a senhoria não deve ver sua letra? Pode ser como você disse, mas então por que pedidos tão lacônicos?

— Não consigo imaginar.

— Isto abre um campo interessante para uma investigação inteligente. As palavras são escritas com um lápis de ponta grossa, bem comum. Note que o papel foi rasgado aqui deste lado, depois que escreveu, de forma que o “S” do “SABONETE” quase foi arrancado. Bem sugestivo, não, Watson?

— Precaução?

— Exatamente. É claro que havia alguma marca, impressão do polegar, algo que pudesse dar uma indicação da identidade da pessoa. A senhora diz que o homem era de estatura mediana, moreno, de barba. Quantos anos teria?

— Jovem, não mais de trinta.

— Bem, pode me dar mais algumas informações?

— Falava um inglês correto, embora eu ache que seja estrangeiro, pelo sotaque.

— Estava bem-vestido?

— Muito bem-vestido, um cavalheiro. Roupas escuras, nada que desse na vista.

— Deu algum nome?

— Não, senhor.

— Recebeu cartas ou visitas?

— Nada.

— Com certeza a senhora ou a menina entram no quarto de manhã.

— Não. Ele mesmo cuida do quarto.

— Ora, ora! Isto é realmente notável. E a bagagem dele?

— Trazia uma mala marrom grande, nada mais.

— Parece que não temos muito material para nos ajudar. A senhora diz que nada saiu do quarto... absolutamente nada?

A mulher tirou um envelope da bolsa. Do envelope tirou dois palitos de fósforo queimados e uma ponta de cigarro, colocando tudo na mesa.

— Estavam na bandeja dele hoje cedo. Eu os trouxe porque soube que o senhor tira grandes conclusões de coisas pequenas.

Holmes encolheu os ombros.

— Não há nada aqui — ele disse. — Os fósforos, é claro, foram usados para acender cigarro. Isto está claro pelo pedaço queimado. Gasta-se a metade do palito ao se acender um cachimbo ou charuto. Mas... caramba! Esta guimba de cigarro é realmente interessante. O cavalheiro tinha barba e bigode, não?

— Sim, senhor.

— Não estou entendendo isso. Eu diria que só pode ter sido fumado por alguém sem barba. Isso porque, Watson, até mesmo seu modesto bigode ficaria chamuscado.

— Uma piteira? — eu sugeri.

— Não, não. A extremidade não mostra isso. Não poderia haver duas pessoas no quarto, sra. Warren?

— Não, senhor. Ele come tão pouco que nem imagino como consegue se manter vivo.

— Bem, acho que devemos aguardar mais algum material. Afinal de contas, a senhora não tem nada a reclamar. Recebeu o aluguel e ele não é um inquilino problemático, embora seja fora do comum. Ele lhe paga bem e, se prefere viver trancado, não é da sua conta. Não temos desculpa para nos intrometermos na sua privacidade até termos algum motivo para achar

que há algo suspeito. Aceitei o caso e vou ficar atento. Conte-me qualquer novidade e confie na minha ajuda, se for necessária.

— Certamente há alguns detalhes interessantes neste caso, Watson — disse Holmes depois que a mulher saiu. — Pode muito bem tratar-se de uma coisa banal, excentricidade mesmo, ou então pode ser algo mais profundo do que aparenta na superfície. A primeira coisa que chama a atenção é a possibilidade de que a pessoa que está agora no quarto seja completamente diferente do homem que o alugou.

— Por que acha isso?

— Bem, além do toco de cigarro, não foi sugestivo o fato de que a única vez que o inquilino saiu foi logo depois que alugou o quarto? Ele voltou, ou alguém voltou, quando qualquer testemunha possível estava fora do caminho. Não temos nenhuma prova de que a pessoa que voltou seja a mesma que saiu. Além do mais, o homem que alugou os aposentos falava bem o inglês. Esta outra, no entanto, escreve “FÓSFORO”, quando o correto é “FÓSFOROS”. Eu acho que a palavra foi tirada de um dicionário, que daria o substantivo, e não o plural. O estilo lacônico talvez disfarce a falta de conhecimento do inglês. Sim, Watson, há fortes motivos para supor que tenha havido uma troca de inquilinos.

— Mas com que objetivo?

— Ah, aí é que está nosso problema. Há uma linha bastante clara de investigação.

Ele apanhou o livro volumoso em que, dia após dia, arquivava os avisos de desaparecidos de vários jornais londrinos.

— Puxa vida — disse, folheando as páginas —, que coro de gemidos, choros e lamentações! Que punhado de acontecimentos estranhos. Mas, com toda certeza, é um campo valiosíssimo para quem se dedica ao estudo do incomum! O nosso inquilino está sozinho e não pode ser abordado por carta sem a quebra do absoluto segredo desejado. Como as notícias ou mensagens chegam até ele? Claro que através de anúncios em um jornal. Parece não haver outra forma e, felizmente, temos de nos ocupar apenas com um jornal. Aqui estão os recortes do *Daily Gazette* dos últimos 15 dias. “Senhora com um boá preto no Prince’s Skating Club...”, podemos ir em frente. “Com toda a certeza, Jimmy não vai querer magoar o coração de sua mãe”, isto parece não ter importância para nós. “Se a senhora que desmaiou no ônibus de Brixton...”, ela não me interessa. “Todo dia meu coração

anseia", lamentações infindáveis! Ah, isto já é possível. Ouça: "Tenha paciência. Vamos encontrar algum meio de comunicação seguro. Nesse meio-tempo, esta coluna. G." Isto foi dois dias depois da chegada do inquilino da sra. Warren. Parece plausível, não? O inquilino misterioso pode entender inglês, mesmo que não saiba escrevê-lo. Vamos ver se conseguimos pegar a pista de novo. Sim... sim... aqui está, três dias depois: "Estou tomando providências com êxito. Paciência e prudência. As nuvens hão de passar. G." Depois disso, uma semana de silêncio. E agora vem algo mais definido: "O caminho está ficando limpo. Se eu achar meio de me comunicar com sinais, lembre-se do código combinado: 1, A; 2, B, e assim por diante. Você logo terá notícias. G." Isto foi no jornal de ontem, e hoje não há nada. Tudo se encaixa muito bem no inquilino da sra. Warren. Se esperarmos um pouco, Watson, tenho certeza de que o caso vai ficar ainda mais compreensível.

E assim foi, pois logo de manhã encontrei meu amigo de pé, com as costas voltadas para a lareira e um sorriso de total satisfação nos lábios.

— Que tal isto aqui, Watson? — perguntou, pegando o jornal na mesa. — "Casa vermelha alta com fachada de pedra branca. Terceiro andar. Segunda janela à esquerda. Depois do anoitecer. G." Isto basta. Acho que, depois do café da manhã, devemos fazer um pequeno reconhecimento da vizinhança da sra. Warren. Ah, sra. Warren, que novidades nos traz esta manhã?

Nossa cliente tinha irrompido na sala com tamanho ímpeto que demonstrava que acontecera algo importante.

— É um caso de polícia, sr. Holmes! — berrou ela. — Não quero mais saber disso! Ele tem de sair de lá com a bagagem! Eu ia subir e falar com ele, só que resolvi ouvir primeiro seu conselho. Mas minha paciência está no fim, e quando acontece de baterem no meu marido por causa disso...

— Bateram no seu marido?

— De qualquer forma foi maltratado.

— Mas quem fez isso?

— Ah, isso é o que queremos saber! Foi hoje de manhã, senhor. Meu marido é o controlador do livro de ponto da firma Morton e Waylight's, em Tottenham, Court Road. Ele sai de casa antes das sete horas. Bem, hoje cedo ele ainda não tinha dado dez passos quando dois homens se aproximaram por trás, jogaram um paletó em sua cabeça e o meteram num carro encostado ao meio-fio. Andaram com ele durante uma hora e depois

abriram a porta e o jogaram para fora. Ele ficou tão tonto na estrada que nem viu o que aconteceu com o carro. Quando se levantou, viu que estava em Hampstead Heat; tomou um ônibus de volta para casa e está lá, deitado no sofá, enquanto eu vim diretamente lhe contar o que aconteceu.

— Muito interessante — disse Holmes. — Ele notou a aparência dos homens, ouviu-os conversar?

— Não, ele está completamente tonto. Só sabe que foi levantado e atirado como num passe de mágica. Havia pelo menos dois homens, ou talvez três.

— E a senhora relaciona este ataque com seu inquilino?

— Ora, há 15 anos moramos ali e nunca aconteceu uma coisa assim antes. Não quero mais saber dele! Dinheiro não é tudo! Vou fazê-lo sair de minha casa antes de o dia terminar.

— Espere um pouco, sra. Warren. Não faça as coisas de modo precipitado. Começo a achar que este caso é muito mais importante do que pareceu à primeira vista. Está claro agora que algum perigo está ameaçando seu inquilino. Também está claro que os inimigos dele, esperando-o perto de sua casa, pegaram seu marido por engano na manhã cheia de neblina. Quando perceberam o engano, eles o soltaram. Podemos apenas supor o que fariam se não tivesse sido um engano.

— Bem, o que devo fazer, sr. Holmes?

— Gostaria imensamente de ver seu inquilino, sra. Warren.

— Não sei como se pode conseguir isso, a não ser que o senhor arrombe a porta. Eu sempre o escuto destrancando-a quando desço, depois de deixar a bandeja para ele.

— Ele tem de pegá-la. Com toda a certeza podemos nos esconder e vê-lo.

A mulher pensou por um momento.

— Bem, senhor, há um quarto em frente. Eu posso arrumar um espelho, talvez, e o senhor fica atrás da porta...

— Excelente! Quando ele almoça?

— Ali pelas 13 horas.

— Eu e o dr. Watson estaremos lá, então. Até mais tarde, sra. Warren.

Às 12h30 nós nos achávamos nos degraus da casa da sra. Warren, uma casa alta, de tijolos amarelos, na Great Orme Street, uma ruazinha estreita a noroeste do Museu Britânico. Como fica perto da esquina, tem uma vista da

Howe Street, com casas mais elegantes. Com um risinho de satisfação, Holmes apontou para uma das casas, que se destacava das outras.

— Veja, Watson: “Casa vermelha alta com fachada de pedra branca”. É o lugar para os sinais, sem dúvida. Sabemos o lugar e conhecemos o código; de modo que nossa tarefa será simples. Há um cartaz de “Aluga-se” na janela. Evidentemente é um apartamento vazio, ao qual o cúmplice tem acesso. Muito bem, sra. Warren, e agora?

— Está tudo preparado para os senhores. Se subirem agora e deixarem os sapatos aqui, eu os instalarei lá.

Ela arranjara um excelente esconderijo. O espelho fora colocado de tal forma que, sentados no escuro, podíamos ver toda a porta em frente. Mal tínhamos nos instalado, depois que a mulher saiu, quando ouvimos uma campainha tocando, o que significava que o misterioso hóspede tinha chamado. Naquele momento a senhoria apareceu com a bandeja, colocou-a na cadeira perto da porta fechada e foi-se embora, pisando forte. Espremidos no ângulo da porta, ficamos olhando para o espelho. De repente, depois que os passos da mulher desapareceram, ouvimos uma chave rangendo na porta, a maçaneta se mexeu e duas mãos finas apareceram e pegaram o prato da cadeira. Mas logo em seguida as mesmas mãos largaram o prato na cadeira e eu vi, rapidamente, um rosto bonito, moreno e aterrorizado olhando para a estreita abertura da nossa porta. Ele bateu a porta rapidamente, trancou-a e tudo ficou em silêncio. Holmes puxou-me pela manga e descemos silenciosamente a escada.

— Voltarei à noite — ele disse à mulher ansiosa. — Acho que nós podemos analisar melhor o caso em nossos aposentos, Watson.

— Minha suposição, como você viu, estava correta — disse Holmes, sentado em sua poltrona. — Houve uma substituição de inquilinos. O que não previ, Watson, era que encontraríamos uma mulher, e não se trata de uma mulher comum.

— Ela nos viu.

— Bem, ela viu algo que a assustou. Isto é evidente. A sequência geral dos acontecimentos está bastante clara, não? Um casal procura refúgio em Londres por causa de um perigo terrível e iminente. O tamanho desse perigo pode ser medido pelo rigor das precauções. O homem, que tem um trabalho qualquer a fazer, precisa deixar a mulher em absoluta segurança enquanto ele age. Não é um problema fácil, mas ele resolveu de forma

original e de maneira tão eficaz que nem a dona da pensão, que lhe leva as refeições, sabe de sua presença. Os bilhetes, em letra de forma, são uma maneira de evitar que descobrissem o sexo dela pela caligrafia. O homem não pode aproximar-se da mulher; do contrário levará até ela os inimigos. Como não pode comunicar-se diretamente com ela, recorreu à seção de anúncios de um jornal. Até aqui, está tudo muito claro.

— Mas qual o motivo disso tudo?

— Ah, sim, Watson, extremamente prático, como sempre! Qual o motivo disso tudo? O extravagante problema da senhora Warren aumenta um pouco e assume um aspecto ainda mais sinistro quando continuamos. Até aqui podemos dizer o seguinte: esta não é uma fuga comum de amor. Você viu o rosto da mulher ao sinal de perigo. Ficamos sabendo, também, que o ataque ao marido da sra. Warren sem dúvida nenhuma era dirigido ao inquilino. Estes alarmes e a desesperada necessidade de segredo, tudo indica ser um caso de vida ou morte. O ataque ao sr. Warren mostra ainda que o inimigo, quem quer que seja, também não está a par da substituição do inquilino. Muito interessante e complexo, Watson.

— Por que você continua? O que tem a ganhar com isso?

— Sim, o quê? É pelo amor à arte, Watson. Acho que você, quando se formou em medicina, muitas vezes cuidou de doenças sem pensar em pagamento, não?

— Enriquecimento de meus conhecimentos, Holmes.

— Essa formação não acaba nunca, Watson. É uma sequência de lições, a seguinte ainda mais interessante. Aqui nós temos um caso instrutivo. Não há nem dinheiro nem mérito nele, mas mesmo assim a gente quer esclarecê-lo. Quando anoitecer, estaremos num estágio mais avançado de nossas investigações.

Ao voltarmos à casa da sra. Warren, a tristeza da noite de inverno de Londres se transformara numa espessa neblina cinza, envolvendo tudo na monotonia de sua cor, quebrada somente pelos retângulos amarelos e vivos das janelas iluminadas. Olhando pela janela, já dentro da casa, vimos uma luz mais tênue brilhando no alto, na escuridão da noite.

— Alguém está andando no quarto — sussurrou Holmes, com o rosto atento e magro encostado na vidraça. — Sim, estou vendo a sombra dele. Lá está ele de novo! Tem uma vela na mão. Está olhando para fora, agora. Quer ter a certeza de que ela está atenta. Começou a sinalizar agora. Pegue

a mensagem você também, Watson, e poderemos conferir um com o outro. Apenas um sinal... isso é a letra A, com toda a certeza. Olha lá, de novo. Quantos você contou? Vinte. Eu também. Isso deve ser um T. Significa AT. Bastante compreensível. Outro T. Certamente é o começo da segunda palavra. Agora... TENTA. Ponto. Será que é tudo, Watson? ATTENTA não significa nada, nem se dividíssimos em três palavras: AT TEN TA, a menos que TA sejam iniciais de um nome. Lá está ele de novo! O que é isso? ATTE... ora, é a mesma palavra de novo. Curioso, Watson, muito curioso! Recomeçou! AT... ora, repetindo pela terceira vez! ATTENTA três vezes. Quantas vezes vai repetir? Não, parece que terminou. Ele saiu da janela. O que você acha, Watson?

— Uma mensagem em código, Holmes.

De repente meu companheiro soltou uma risada de compreensão.

— E não é um código difícil, Watson. Claro, é em italiano. O A significa que é dirigido a uma mulher. “Cuidado”, “Cuidado”, “Cuidado”. E então, Watson?

— Acho que você acertou.

— Sem dúvida. Uma mensagem muito urgente, repetida três vezes para enfatizar isso. Mas, cuidado com o quê? Espere um pouco, ele está voltando à janela.

Vimos de novo a silhueta do homem agachado e o movimento da pequena luz pela janela, quando recomeçou com os sinais. Foram mais rápidos do que antes, tão rápidos que era difícil acompanhá-los.

— PERICOLO... *pericolo*... hein? O que é, Watson? Perigo, não? Sim, por Deus, é um sinal de perigo. Lá vai de novo. Peri... ora, que diabo...

A luz sumiu de repente, a figura desapareceu da janela e o terceiro andar formava um quadro escuro, no alto do prédio, em comparação com as vidraças iluminadas. O último sinal de aviso fora cortado de repente. Como e por quem? O mesmo pensamento ocorreu a nós dois.

Holmes levantou-se de um pulo do lugar onde estava agachado, perto da janela.

— Isto é grave, Watson — ele exclamou. — Há alguma crueldade acontecendo por lá. Por que essa mensagem pararia assim? Tenho que pôr a Scotland Yard neste caso... e mesmo assim é muito urgente para que o abandonemos...

— Devo chamar a polícia?

— Precisamos definir um pouco melhor a situação. Pode ter uma interpretação mais inocente. Vamos, Watson, vamos agir e ver o que podemos fazer.

Enquanto seguíamos rapidamente pela Howe Street, olhei para a casa de onde acabáramos de sair. E lá, destacada na janela superior, pude ver a sombra de uma cabeça, cabeça de mulher, perscrutando, tensa e rígida, a noite lá fora, esperando com ansiedade o reinício da mensagem interrompida.

Um homem, agasalhado com um cachecol e um sobretudo, estava encostado à porta do prédio de apartamentos.

— Holmes! — ele exclamou assim que aparecemos.

— Ora, Gregson! — respondeu meu amigo, apertando a mão do detetive da Scotland Yard. — Os amantes sempre se encontram no fim da viagem. O que faz aqui?

— Espero que sejam os mesmos motivos que o trazem — disse Gregson. — Não imagino como você entrou neste caso.

— Fios diferentes, mas que levam à mesma meada. Estive observando os sinais.

— Sinais?

— Sim, daquela janela. Foram interrompidos. Viemos ver o motivo. Mas já que o caso está em suas mãos, eu não vejo motivo para continuar.

— Espere um pouco! — exclamou Gregson, ansioso. — Vou ser honesto com o senhor, pois nunca estive num caso em que não me sentisse mais seguro tendo-o ao meu lado. Existe apenas uma saída destes apartamentos, portanto nós o pegamos.

— Quem é ele?

— Bem, bem, passamos na sua frente pelo menos uma vez, sr. Holmes. Deve considerar-nos melhor, desta feita.

Dizendo isso, bateu firme com a bengala no chão, e no mesmo instante um cocheiro saltou da carruagem estacionada do outro lado da rua, com um chicote na mão, e aproximou-se de nós.

— Deixe-me apresentá-lo ao sr. Sherlock Holmes — disse Gregson ao cocheiro. — Este é o sr. Leverton, da Agência Americana Pinkerton.

— O herói do mistério da caverna de Long Island? — perguntou Holmes. — Prazer em conhecê-lo, senhor.

O americano, um jovem tranquilo, com ar eficiente, rosto comprido e bem barbeado, ficou vermelho com o elogio.

— Estou no maior caso de minha vida agora, sr. Holmes. Se eu puder pegar Gorgiano...

— O quê? Gorgiano do Círculo Vermelho?

— Oh, então ele já tem fama na Europa, não? Bem, sabemos tudo a respeito dele na América. Sabemos que está metido em cinquenta assassinatos, e mesmo assim ainda não temos nada concreto para pegá-lo. Estou na pista dele desde Nova York e faz uma semana que estou de olho nele aqui em Londres, esperando uma desculpa para pôr as mãos nele. O sr. Gregson e eu o seguimos até aqui e, como só há uma porta, ele não conseguirá escapar. Três pessoas já saíram dali desde que ele entrou, mas tenho certeza de que ele não era nenhuma delas.

— O sr. Holmes falou a respeito de sinais — disse Gregson. — Espero que ele saiba, como sempre, muitas coisas que ignoramos.

Holmes explicou, em poucas palavras, como nós víamos a situação. O americano bateu as mãos, desapontado.

— Ele está sabendo de nós! — exclamou.

— Por que diz isso?

— Bem, dá essa impressão, não? Ele está lá, enviando mensagens a um cúmplice, e há vários de sua quadrilha em Londres. Então, de repente, como diz, quando ele estava avisando que havia perigo, a mensagem foi interrompida. O que significa isso a não ser que ele nos viu na rua, da janela onde estava, ou então percebeu de algum modo que o perigo estava perto e que devia agir rapidamente para evitá-lo? O que o senhor sugere, sr. Holmes?

— Vamos subir imediatamente e ver o que aconteceu.

— Mas não temos um mandado de prisão contra ele.

— Ele está num apartamento vazio, em circunstâncias suspeitas — disse Gregson. — Por ora, isso nos basta. Depois que o pegarmos, vamos ver se Nova York não pode nos ajudar a mantê-lo preso. Eu assumo a responsabilidade por sua prisão agora.

Nossos policiais podem não primar pela inteligência, mas sempre são corajosos. Gregson subiu as escadas para prender o assassino temível com a mesma calma fria e profissional com que teria subido as escadas da Scotland Yard. O detetive da Pinkerton tentou ir na frente, mas Gregson o

manteve firmemente atrás, usando o cotovelo. Os perigos de Londres eram privilégio da polícia londrina.

A porta do apartamento da esquerda, no terceiro andar, estava meio aberta. Gregson a escancarou. Dentro, tudo era silêncio e escuridão. Risquei um fósforo e acendi o lampião do detetive. Quando a chama firmou-se, todos nós soltamos uma exclamação de surpresa. No chão havia uma marca recente de sangue. As pegadas vermelhas apontavam na nossa direção e conduziam a um outro quarto, cuja porta estava fechada. Gregson a arrombou e ergueu o lampião para iluminar bem o ambiente, enquanto nós espiávamos ansiosos por cima dos seus ombros.

No chão, no meio do quarto vazio, estava a forma encolhida de um homem enorme, rosto barbeado e moreno, horrivelmente grotesco em sua contorção, a cabeça cercada por um halo sinistro de sangue, em meio a uma poça no chão branco.

Estava com os joelhos encolhidos, as mãos abertas em agonia e, no meio de sua garganta, larga e morena, projetava-se o cabo de um punhal enterrado na carne. Grande como era, o homem deve ter caído como um touro abatido com um golpe terrível. Ao lado de sua mão direita estava uma adaga de dois gumes, cabo de chifre, e perto dela uma luva de pelica preta.

— Meu Deus, é Gorgiano, o Negro! — exclamou o detetive americano. — Alguém o pegou antes de nós.

— Aqui está a vela na janela, sr. Holmes — disse Gregson. — Mas o que está fazendo?

Holmes tinha se adiantado, acendera a vela e a estava passando de um lado a outro da janela. Depois espiou para fora, soprou a vela e a jogou no chão.

— Creio que vai nos ajudar — ele disse.

Aproximou-se e ficou pensativo, enquanto os dois profissionais examinavam o corpo.

— O senhor disse que três pessoas saíram do prédio enquanto estava lá embaixo — disse, finalmente. — O senhor as observou de perto?

— Sim, sim.

— Havia um sujeito de uns trinta anos, barba preta, estatura mediana?

— Sim, foi o último a passar por mim.

— Esse é o seu homem, eu acho. Posso dar-lhe sua descrição e, além do mais, temos uma excelente impressão de suas pegadas. Isso deve ser o

suficiente para o senhor.

— Nem tanto, sr. Holmes, entre as milhões de pessoas em Londres.

— Talvez não. Por isso achei melhor chamar esta senhora para ajudá-lo.

Ouvindo estas palavras, nós nos viramos. Uma mulher, bonita e alta, estava à porta — a misteriosa inquilina de Bloomsbury. Ela avançou devagar, o rosto pálido e apreensivo, os olhos fixos na figura negra no chão.

— Vocês o mataram! — murmurou. — Oh, *Dio mio*, vocês o mataram!...

Então, ela deu um suspiro profundo e saiu pulando com um grito de alegria. Dançou em volta do quarto, batendo as mãos, os olhos escuros brilhando de contentamento, e uma torrente de exclamações em italiano jorrando dos seus lábios. Era terrível e ao mesmo tempo espantoso ver a mulher tão alegre com uma visão daquelas. Ela parou de repente e olhou para nós com um ar interrogativo.

— Mas, vocês... são policiais, não? Vocês mataram Giuseppe Gorgiano, não foi?

— Somos da polícia, madame.

Ela olhou em volta, para os cantos escuros do quarto.

— Mas, então... onde está Gennaro? — perguntou. — É meu marido, Gennaro Lucca. Eu me chamo Emília Lucca, e viemos de Nova York. Onde está Gennaro? Há pouco ele me chamou desta janela e eu vim o mais depressa que pude.

— Eu a chamei — disse Sherlock.

— O senhor? Como?

— Seu código não era difícil, senhora. Desejávamos sua presença aqui, e eu sabia que bastava enviar o sinal de *"Vieni"* e a senhora apareceria com toda a certeza.

A bela italiana olhou com espanto para o meu amigo.

— Não entendo como o senhor sabe essas coisas — disse ela. — Giuseppe Gorgiano, como foi que ele...

Ela parou, e então seu rosto se iluminou de alegria e orgulho.

— Agora estou entendendo! Meu Gennaro! Meu belo e esplêndido Gennaro, que me protegeu de todo o mal, ele fez isso, com sua própria mão forte ele matou o monstro! Oh, Gennaro, maravilhoso Gennaro! Que mulher pode ser digna de um homem assim?

— Bem, senhora Lucca — disse o prosaico Gregson, pondo a mão na manga da mulher tão friamente como se ela fosse uma desocupada de

Notting Hill —, ainda não sei o que a senhora é nem quem é, mas já disse o suficiente para que a levemos até a Scotland Yard.

— Um momento, Gregson — disse Holmes. — Eu acho que esta senhora deve estar tão ansiosa para nos dar informações quanto nós para ouvi-las. A senhora sabe, madame, que seu marido será preso e julgado pelo assassinato deste homem aqui? O que disser pode ser usado contra vocês. Mas se acha que seu marido agiu por motivos que não são criminosos, e que ele quer que saibamos, então o melhor que a senhora pode fazer para ajudá-lo será contar-nos a história.

— Agora que Gorgiano está morto, nada mais nos assusta — ela disse. — Ele era um demônio e um monstro, e não existe um juiz em todo o mundo que puniria meu marido por tê-lo matado.

— Neste caso — disse Holmes —, sugiro que fechemos esta porta, deixemos tudo do modo como encontramos, e vamos até o quarto desta mulher a fim de tirarmos nossa conclusão depois de ouvirmos tudo o que ela tem a nos dizer.

Meia hora depois nós estávamos sentados na apertada sala da *signora* Lucca, ouvindo a extraordinária narrativa dos acontecimentos sinistros, cujo final nós testemunhamos por acaso. Falava um inglês rápido e fluente, mas não muito correto, e que, em nome da clareza, eu vou corrigir.

— Nasci em Posilippo, perto de Nápoles — disse ela —, e meu pai chamava-se Augusto Barelli, decano dos advogados e, nessa ocasião, deputado daquela região. Gennaro era empregado de meu pai e eu me apaixonei por ele, como se apaixonaria qualquer outra mulher. Ele não tinha dinheiro nem posição, nada, a não ser beleza, força e energia, de modo que meu pai se opôs ao nosso casamento. Fugimos, casamo-nos em Bari e eu vendi minhas joias para arranjar o dinheiro que nos levaria para os Estados Unidos. Isto aconteceu há quatro anos, e desde então sempre vivemos em Nova York.

“No início tivemos muita sorte. Uma vez Gennaro prestou um favor a um senhor italiano: ele o livrou de alguns malfeitores num lugar chamado Bowery, conseguindo, assim, um amigo poderoso. Esse senhor era Tito Castalotte, sócio majoritário da grande firma Castalotte e Zamba, principal importadora de frutas de Nova York. O *signor* Zamba é paralítico, e nosso novo amigo, Castalotte, tinha amplos poderes na firma, que empregava mais de trezentas pessoas. Levou meu marido para trabalhar com ele, fez

dele chefe de um departamento e mostrou-lhe sua boa vontade em todos os sentidos. O *signor* Castalotte era um solteirão e eu acho que considerava Gennaro seu próprio filho, e nós, eu e meu marido, gostávamos dele como se fosse nosso pai. Havíamos alugado e mobiliado uma casinha no Brooklyn e nosso futuro parecia garantido quando apareceu aquela nuvem negra que, em breve, iria escurecer nosso céu.

"Uma noite, ao voltar do trabalho, Gennaro trouxe um compatriota com ele. Chamava-se Gorgiano e também viera de Posilippo. Era um homem enorme, como vocês mesmos viram pelo cadáver. Ele era enorme não apenas no tamanho, mas tudo nele era grotesco, gigantesco, aterrorizante. A voz parecia um trovão dentro de nossa casa pequena. Mal havia espaço para seus braços e gestos enormes quando falava. Tudo nele era exagerado e monstruoso, suas ideias, emoções e paixões. Ele falava, ou melhor, rugia, com tamanha energia que as outras pessoas só conseguiam ficar sentadas ouvindo, amedrontadas diante daquela poderosa torrente de palavras. Os olhos fixavam-se como fogo numa pessoa e a dominavam. Era um homem terrível e extraordinário ao mesmo tempo. Graças a Deus, está morto! Ele voltou muitas vezes à nossa casa. Mas eu percebia que Gennaro ficava infeliz na presença dele, assim como eu. Meu pobre marido ficava sentado, pálido e quieto, ouvindo infindáveis discursos sobre questões políticas e sociais, o prato favorito de nosso visitante. Gennaro não dizia nada, mas eu, que o conhecia bem, via angústia em seu rosto, coisa que nunca vira antes. No início achei que se tratava de aversão. Mas, pouco a pouco, compreendi que era algo mais do que isso. Era medo — um medo profundo, secreto, imenso. Naquela noite — na noite em que percebi o medo dele — eu o abracei e implorei, pelo amor que tinha por mim e por tudo o que lhe era caro, que não me escondesse nada e me dissesse por que razão aquele homem imenso tinha tanto domínio sobre ele. Gennaro me contou e meu coração ficou gelado enquanto eu ouvia. Meu pobre Gennaro, na sua juventude livre e ousada, quando o mundo inteiro parecia estar contra ele, e quase enlouqueceu por causa das injustiças da vida, ele se filiara a uma sociedade napolitana, o Círculo Vermelho, aliada dos antigos Carbonários. Os juramentos e segredos dessa irmandade eram terríveis, mas, depois de entrar, não era mais possível escapar. Quando nós fugimos para a América, Gennaro pensou que tinha se livrado dela para sempre. Imagine o seu horror, certa noite, ao encontrar-se na rua com o homem que o iniciara em

Nápoles, o gigante Gorgiano, um homem que recebera o apelido de "Morte" no sul da Itália porque tinha tantas mortes nas costas! Ele fora para Nova York, fugindo da polícia italiana, e já havia instalado uma filial da terrível sociedade no novo país. Gennaro contou-me tudo isso e mostrou-me uma carta que recebera naquele dia, com um círculo vermelho desenhado no alto, informando que haveria uma reunião num determinado dia e que a presença dele não era apenas solicitada, mas exigida mesmo.

"Isso já era bastante ruim, mas o pior ainda estava por vir. Eu tinha notado que, quando Gorgiano vinha à nossa casa, o que ele fazia com frequência, à noite, conversava muito comigo; e mesmo quando suas palavras eram dirigidas a Gennaro, seus olhos terríveis, brilhantes e selvagens estavam sempre fixos em mim.

"Uma noite, ele se revelou. Eu havia despertado nele aquilo que ele chamava de 'amor' — amor de um selvagem, de um bruto. Gennaro ainda não tinha chegado quando ele entrou. Avançou e me enlaçou nos braços fortes, apertou-me como um urso, me cobriu de beijos e me implorou para ir com ele. Eu estava lutando e gritando quando Gennaro entrou e o atacou. Gorgiano o deixou sem sentidos, fugiu dali e nunca mais voltou. Naquela noite havíamos feito um inimigo mortal.

"Alguns dias depois houve a reunião. Gennaro voltou com uma expressão que me dizia que algo terrível tinha acontecido. Era pior do que podíamos imaginar. Os fundos da sociedade eram obtidos por meio de chantagem contra italianos ricos, e ameaças de violência, se eles se recusassem a dar dinheiro. Castalotte, nosso benfeitor e amigo, fora abordado e se recusara a se submeter às ameaças, levando tudo ao conhecimento das autoridades. Decidiram, então, que ele teria de ser transformado num exemplo para evitar que outros também se rebelassem. Na reunião ficou decidido que ele e a casa deveriam ir pelos ares, com uso de dinamite. Houve sorteio para ver quem executaria o plano. Gennaro viu o rosto cruel do nosso inimigo sorrindo para ele quando enfiou a mão no vaso, na hora do sorteio. Não há dúvida de que a coisa tinha sido, de algum modo, preparada antes, porque o disco fatal, com o círculo vermelho, saiu na sua mão: o mandado do crime. Ele tinha de matar seu melhor amigo, ou então ficaria exposto, e eu também, à vingança de seus camaradas. Fazia parte daquele sistema infernal punir aqueles que eles temiam ou odiavam, não só as próprias pessoas como também suas famílias; sabendo disso,

Gennaro ficou quase louco de apreensão. Durante aquela noite inteira ficamos sentados, abraçados, cada um dando força ao outro para enfrentar as dificuldades que tínhamos pela frente.

"O atentado deveria ocorrer na noite seguinte. Ao meio-dia, eu e meu marido estávamos a caminho de Londres, não sem antes avisar nosso benfeitor do perigo, e também deixando informações à polícia para proteger a vida dele no futuro.

"O resto os senhores já sabem. Tínhamos certeza de que nossos inimigos ficariam atrás de nós como sombras. Gorgiano tinha motivos pessoais para a vingança, mas, de qualquer modo, sabíamos como ele poderia ser impiedoso, esperto e incansável. Tanto a Itália como a América estão repletas de histórias de seu terrível poder. Se ele tivesse de colocá-lo em ação, seria agora.

"Meu marido deu um jeito de me arranjar um esconderijo nos poucos dias que tínhamos de vantagem na fuga, a fim de que eu não ficasse exposta a nenhum perigo. Ele, por sua vez, queria estar livre para entrar em contato tanto com a polícia italiana como a americana. Eu mesma não sei onde ele morava, nem como. Tudo o que sabia era através das páginas de um jornal. Uma vez, ao olhar pela janela, vi dois italianos vigiando a casa e soube que Gorgiano, de alguma forma, descobrira nosso esconderijo. Finalmente Gennaro me falou, pelo jornal, que enviaria sinais de uma determinada janela; mas quando esses sinais vieram, nada mais eram do que avisos de alerta, subitamente interrompidos. Agora está claro para mim que Gennaro sabia que Gorgiano estava por perto e, graças a Deus, meu marido estava preparado quando o outro chegou. E agora, senhores, eu lhes pergunto se temos algo a temer da lei, ou se algum juiz no mundo iria condenar meu marido pelo que ele fez."

— Bem, sr. Gregson — disse o americano encarando o policial —, eu não sei qual o ponto de vista da lei britânica a respeito disso, mas creio que em Nova York o marido desta senhora vai receber um voto de agradecimento geral.

— Ela terá de vir comigo e falar com o chefe — respondeu Gregson. — Se o que disse for comprovado, creio que ela e o marido não têm muito a temer. Mas o que não entendo, sr. Holmes, é como diabo o senhor entrou nesta história.

— Cultura, Gregson, cultura. Ainda procurando conhecimento na velha universidade. Bem, Watson, aí você tem mais um exemplo do trágico e do grotesco para acrescentar à sua coleção. A propósito, ainda não são oito horas, e esta noite tocam Wagner no Covent Garden! Se nós nos apressarmos, ainda poderemos pegar o segundo ato.

O CASO DOS PLANOS DO *BRUCE-PARTINGTON*

NA TERCEIRA SEMANA DE NOVEMBRO DE 1895, LONDRES FOI ENVOLVIDA POR UM nevoeiro denso e escuro. De segunda a quinta-feira eu duvidei se seria possível, de nossa janela na Baker Street, ver a fachada das casas em frente. Holmes passou o primeiro dia catalogando seu volumoso livro de referências; no segundo e terceiro dias, ficou pacientemente ocupado com um assunto que se transformara recentemente no seu *hobby* — a música da Idade Média. Mas, no quarto dia, quando nós levantamos das cadeiras após o café da manhã e vimos a névoa pesada e insinuante ainda firme e se condensando em manchas oleosas nas vidraças, a natureza impaciente e ativa de meu amigo não aguentou mais essa monotonia. Ficou andando impaciente pela sala, numa energia febril contida, tamborilando com as unhas nos móveis, irritado com a falta de ação.

— Nada de interessante no jornal, Watson?

Eu sabia que, ao perguntar sobre algo interessante, Holmes se referia a algo de interesse criminal. Havia notícias de uma revolução, possivelmente guerra, e sobre uma iminente mudança de governo, mas estas coisas não estavam no horizonte do meu amigo. Não tinha visto nada que se enquadrasse na modalidade de crime que não fosse comum e fútil. Holmes grunhiu e recomeçou suas caminhadas infindáveis.

— O criminoso de Londres é, com certeza, um sujeito sem imaginação — disse, numa voz lamurienta como a de um esportista que perde o jogo. — Olhe pela janela, Watson. Veja como as pessoas aparecem indistintamente, mal são vistas e já desaparecem de novo na névoa. Um

ladrão ou um assassino poderia andar por Londres impunemente num dia assim, como um tigre na selva, invisível até o bote fatal na sua vítima.

— Houve alguns roubos insignificantes — eu disse.

Holmes fungou com desdém.

— Este palco imenso e sombrio está montado para algo melhor do que isso. É uma sorte para a comunidade que eu não seja um criminoso.

— Isso é verdade! — eu disse, convicto.

— Suponha que eu fosse Brooks ou Woodhouse, ou algum dos cinquenta homens que têm bons motivos para me matar. Quanto tempo eu conseguiria sobreviver à minha própria perseguição? Um chamado, uma cilada, e tudo estaria terminado. É bom que não haja dias de neblina nos países latinos, países típicos de assassinatos. Por Deus, aí vem algo, finalmente, para quebrar nossa monotonia mortal.

Era a criada com um telegrama. Holmes o abriu e caiu na gargalhada.

— Ora, ora! Adivinhe só? Meu irmão Mycroft está vindo aí.

— E daí?

— E daí? É como se você se encontrasse com um trem numa ruazinha do interior. Mycroft tem seus trilhos e só anda neles. O apartamento em Pall Mall, o Clube Diógenes, Whitehall, este é o mundo dele. Uma vez, e apenas uma, ele esteve aqui. O que será que o fez sair dos trilhos?

— Ele não explica?

Holmes entregou-me o telegrama do irmão.

Preciso falar-lhe sobre Cadogan West. Irei imediatamente.

Mycroft

— Cadogan West? Já ouvi este nome.

— Não me lembra nada. Mas para que Mycroft apareça aqui de repente... Um planeta também pode sair de sua órbita! A propósito, você sabe o que Mycroft é?

Eu tinha uma vaga lembrança de alguma informação da época do caso do intérprete grego.

— Você me disse que ele tinha um escritório e que trabalhava para o governo britânico.

Holmes deu uma risadinha.

— Eu não conhecia você muito bem naquela época. Precisamos ser discretos quando falamos de assuntos importantes do governo. Você está certo em pensar que ele trabalha para o governo inglês. Você também estaria certo se dissesse que ele é, de vez em quando, o próprio governo britânico!

— Meu caro Holmes!

— Eu sabia que você ficaria surpreso. Mycroft recebe 450 libras por ano, permanece numa posição subalterna, não tem ambições de espécie alguma, não receberá títulos nem condecorações, mas continua sendo o homem mais indispensável deste país.

— Mas, como?

— Bem, a posição dele é única. Ele mesmo a criou para si. Nunca houve algo assim antes, nem haverá depois. Ele possui, entre todos os seres vivos, o cérebro mais metódico e preciso, com imensa capacidade de estocar fatos. As mesmas faculdades que eu uso para a elucidação de crimes, ele usa para a sua função específica. As conclusões de todos os departamentos são encaminhadas a ele; ele é a central de filtragem, o serviço de compensação que faz o equilíbrio. Todos os outros homens são especialistas, mas a especialidade dele é a onisciência. Suponhamos que um determinado ministro necessite de informações sobre certo assunto que envolva a Marinha, a Índia, o Canadá e a questão bimetálica; ele poderia receber orientação sobre cada assunto de vários departamentos, mas somente Mycroft pode englobar todos eles e dizer, de antemão, como cada fator afetará o outro. Começaram usando-o como uma espécie de atalho conveniente, mas agora ele se tornou indispensável. No seu cérebro fantástico tudo está classificado e pode ser usado imediatamente. Quantas vezes sua palavra determinou a política nacional! Vive nisso. Ele não pensa em mais nada, a não ser quando, como exercício mental, cede se eu o chamo e lhe peço alguns conselhos sobre alguns de meus modestos problemas. Mas Júpiter está descendo hoje à Terra. Que diabo pode ser isso? Quem é Cadogan West e o que significa para Mycroft?

— Eu sei! — exclamei, e arranquei um jornal de uma pilha que estava em cima do sofá. — Sim, aqui está, com certeza. Cadogan West foi o jovem encontrado morto no metrô, na terça-feira de manhã.

Holmes ficou subitamente atento, o cachimbo no ar.

— Isso deve ser muito sério, Watson. Uma morte que faz com que meu irmão mude seus hábitos não deve ser algo comum. Que diabo Mycroft tem a ver com isso? O caso não tinha nada de interessante, se me lembro bem. Aparentemente o jovem caiu do trem, suicidando-se. Não tinha sido roubado e não havia motivo aparente para se pensar em violência. Não foi assim?

— Houve um inquérito — eu disse — e muitos fatos novos apareceram. Olhando com mais atenção, diria que foi um caso curioso.

— A julgar pelo efeito em meu irmão, eu diria que se trata de algo extraordinário — ele comentou, acomodando-se na poltrona. — Agora, Watson, vamos aos fatos.

— O nome dele era Arthur Cadogan West. Tinha 27 anos, solteiro, e trabalhava no Arsenal Woolwich.

— Funcionário do governo. Veja a ligação com o mano Mycroft!

— Saiu de repente de Woolwich na segunda-feira à noite. Foi visto pela última vez pela noiva, srta. Violet Westbury, que ele deixou repentinamente na neblina às 19h30 daquela noite. Não houve briga entre eles e ela não consegue achar um motivo para a atitude dele. Só se ouviu falar nele novamente quando o corpo foi encontrado por um funcionário de nome Mason, do lado de fora da estação Aldgate do metrô de Londres.

— Quando?

— O corpo foi encontrado às seis horas de terça. Estava atirado sobre os trilhos, do lado esquerdo da linha que vai para o leste, num ponto perto da estação onde a linha surge do túnel por onde passa. A cabeça estava horrivelmente dilacerada, coisa que poderia ter sido causada pela queda do trem. O corpo só podia atingir o trilho dessa maneira. Se ele tivesse sido arrastado de alguma rua da vizinhança, deveria ter passado antes pelas cancelas da estação, onde há sempre bilheteiro. Este detalhe parece certo.

— Muito bem, o caso está suficientemente definido. O homem, morto ou vivo, caiu ou foi jogado do trem. Até aqui, está claro para mim. Continue.

— Os trens que atravessam os trilhos ao lado dos quais foi encontrado o corpo são os que correm do oeste para o leste, alguns apenas metropolitanos, alguns deles de Willesden e alguns entrocamentos distantes. Podemos ter certeza de que o rapaz, quando morreu, viajava nesse sentido bem tarde da noite; mas em que lugar ele entrou no trem é difícil determinar.

— A passagem, é claro, poderia mostrar isso.
— Não havia bilhete nos seus bolsos.
— Sem bilhetes? Ora, Watson, isto é realmente estranho. De acordo com minha experiência, é impossível chegar à plataforma de um trem metropolitano sem mostrar a passagem. Então o jovem provavelmente tinha uma. Será que a tiraram dele para ocultar o nome da estação de onde ele veio? É possível. Ou ele a terá deixado cair no trem? Isso também é possível. Mas a questão é interessante. Não havia sinais de roubo, não é?
— Aparentemente, não. Aqui está uma lista dos pertences dele. A carteira continha duas libras e 15 xelins. Também tinha um talão de cheques da agência do Capital and Counties Bank em Woolwich. A sua identidade foi descoberta assim. Havia também dois ingressos para o Teatro Woolwich para aquela mesma noite. Também havia um pequeno pacote com documentos técnicos.
Holmes deu uma exclamação de satisfação.
— Finalmente aí está, Watson! Governo britânico, Woolwich, Arsenal, documentos técnicos, meu irmão Mycroft; a cadeia está completa. Mas, aí vem ele, se não me engano, para contar pessoalmente.
Pouco depois a figura alta e corpulenta de Mycroft Holmes entrou apressada na sala. Pesado e maciço, havia um indício qualquer de inércia nele, mas acima do corpo um tanto desajeitado estava uma cabeça com uma fronte autoritária, uma expressão atenta nos olhos cinzentos, os lábios firmes e bem desenhados e um conjunto fisionômico sutil; após a primeira olhada a gente se esquecia do corpo volumoso para se lembrar apenas da mente predominante.
Junto com Mycroft vinha nosso velho conhecido da Scotland Yard, Lestrade, magro e austero. A gravidade dos rostos dos dois anunciava um assunto importante. O policial apertou-nos as mãos sem dizer uma palavra. Mycroft livrou-se de seu sobretudo e caiu pesadamente numa poltrona.
— Um negócio desagradabilíssimo, Sherlock — disse ele. — Detesto alterar meus hábitos, mas a necessidade é imperiosa. Na situação atual do Sião, minha ausência no escritório é desastrosa. Mas é uma verdadeira crise. Nunca vi o primeiro-ministro tão contrariado. O Almirantado... bem, está em polvorosa como uma colmeia. Você leu sobre o caso?
— Acabamos de ler. No que consistiam os documentos técnicos?

— Ah, aí está! Felizmente não foram revelados. A imprensa ficaria frenética. Os documentos que o infeliz jovem tinha no bolso eram os planos do submarino *Bruce-Partington*.

Mycroft Holmes falou com uma solenidade que demonstrava o grau de importância do assunto. Sherlock e eu ficamos na expectativa.

— Certamente que você ouviu falar a respeito disso. Eu achei que todo mundo sabia.

— Ouvi apenas o nome.

— Sua importância dificilmente pode ser exagerada. É o segredo de Estado guardado com mais cuidado. Acredite que uma guerra naval será impossível dentro do raio de operação de um *Bruce-Partington*. Há dois anos, uma quantia muito grande, camuflada no orçamento, foi usada na aquisição do monopólio da invenção. Estão sendo feitos todos os esforços para mantê-lo em segredo. Os planos, extremamente complicados, incluem trinta patentes separadas, cada uma essencial ao funcionamento do todo; são guardados num cofre-forte especial, num escritório anexo ao arsenal, com portas e janelas à prova de arrombamento. Os planos não podiam sair do escritório sob nenhum pretexto. Se o construtor-chefe da Marinha os quisesse consultar, até mesmo ele era obrigado a ir ao escritório de Woolwich para isso. E agora nós os encontramos no bolso de um funcionário subalterno, morto no coração de Londres. Do ponto de vista oficial, isto é simplesmente terrível.

— Mas você os recuperou?

— Não, Sherlock, não! E aí é que está a tragédia! Não os recuperamos. Foram tirados dez documentos de Woolwich. Havia apenas sete deles no bolso de Cadogan West. Os três mais importantes sumiram, foram roubados, se evaporaram. Você tem de deixar tudo de lado, Sherlock. Esqueça seus casos policiais. É um problema internacional vital que você tem de solucionar. Como Cadogan West roubou os papéis, onde estão os três que faltam, como ele morreu, como o corpo dele foi parar ali, como resolver o problema? Encontre uma resposta para todas estas perguntas e terá prestado um excelente serviço à pátria.

— Por que você mesmo não o resolve, Mycroft? Você vê tanto quanto eu.

— É possível, Sherlock. Mas é uma questão de ver detalhes. Dê-me os detalhes e eu, sentado numa poltrona, lhe darei em troca uma excelente opinião de perito. Mas correr daqui para lá, interrogar guardas ferroviários,

pôr a cara no chão com uma lente... não é meu *métier*. Não, você é o único homem que pode esclarecer o caso. Se deseja ver seu nome na próxima lista de honrarias...

Meu amigo sorriu e sacudiu a cabeça.

— Eu trabalho por amor à arte — disse. — Mas o problema certamente apresenta alguns pontos interessantes, e terei prazer em investigá-lo. Dê-me mais alguns fatos, por favor.

— Anotei nesta folha de papel os fatos principais, juntamente com alguns endereços que lhe serão úteis. No momento o guardião oficial dos documentos é o famoso perito do governo, *sir* James Walter, cujas condecorações e subtítulos enchem duas linhas de um livro de consulta. Ele passou a vida no serviço, é um cavalheiro, hóspede bem recebido nas famílias mais distintas e, sobretudo, um homem cujo patriotismo está acima de qualquer suspeita. Ele é um dos dois que possuem a chave do cofre. Devo acrescentar que, sem dúvida nenhuma, os documentos estavam no escritório na segunda-feira, durante o expediente, e que *sir* James partiu para Londres por volta das três da tarde levando a sua chave. Ele estava na casa do almirante Sinclair, em Barclay Square, durante a maior parte da noite em que ocorreu o incidente.

— Isso foi verificado?

— Sim, o irmão dele, coronel Valentine Walter, viu sua partida de Woolwich, e o almirante Sinclair, sua chegada a Londres; de modo que *sir* James não é mais um fator do problema.

— E o outro homem que tem a chave, quem é ele?

— Funcionário graduado e desenhista, sr. Sidney Johnson. Tem quarenta anos, é casado, cinco filhos. É um sujeito calado, taciturno, mas no conjunto tem uma excelente ficha no serviço público. Não é muito popular entre seus companheiros, mas é um bom funcionário. De acordo com seu relato, confirmado apenas pela esposa, ele ficou em casa durante toda a noite de segunda-feira, depois que chegou do trabalho, e sua chave nunca saiu da corrente do relógio que usa.

— Fale-nos sobre Cadogan West.

— Estava há dez anos no serviço e sempre fez um bom trabalho. Tem fama de ser irascível e impetuoso, mas é um sujeito sério e honesto. Nada temos contra ele. Trabalhava com Sidney Johnson no departamento. Suas

funções faziam com que ele tivesse contato diário e direto com os planos. Ninguém mais mexia neles.

— Quem trancou os planos naquela noite?

— O sr. Sidney Johnson, o funcionário graduado.

— Bem, está perfeitamente claro quem os tirou. Eles foram encontrados com Cadogan West. Isto parece definitivo, não?

— Parece, Sherlock, e mesmo assim há muita coisa inexplicada. Em primeiro lugar, por que ele os pegou?

— Eles não são valiosos?

— Ele poderia conseguir facilmente milhares de libras por eles.

— Será que existe algum outro motivo para que ele levasse os documentos para Londres, a não ser para vendê-los?

— Não, não existe.

— Então temos de trabalhar com essa hipótese. O jovem West levou os papéis. E isso ele só conseguiria com uma chave falsa...

— Várias chaves falsas. Ele tinha que abrir a porta do edifício e a do escritório.

— Então ele tinha várias chaves falsas. Levou os documentos para Londres a fim de vender o segredo, pensando, sem dúvida, em colocá-los novamente no cofre na manhã seguinte, antes que dessem pela falta deles. Enquanto estava em Londres, nessa missão desleal, ele morreu.

— Como?

— Vamos supor que estivesse voltando para Woolwich quando foi morto e atirado do trem.

— Aldgate, onde foi encontrado o corpo, fica muito depois da estação da Ponte de Londres, que seria o caminho dele para Woolwich.

— Podemos imaginar vários motivos que o teriam levado a passar da Ponte de Londres. Por exemplo, havia alguém no vagão com quem ele estivesse conversando animadamente. A conversa terminou numa cena violenta, na qual ele perdeu a vida. Talvez ele tenha tentado sair do vagão, caiu nos trilhos e morreu. O outro sujeito fechou a porta. Havia uma densa neblina e não se via nada.

— Com o que sabemos, não se poderia dar uma explicação melhor; mas, mesmo assim, Sherlock, veja quanta coisa você deixou de considerar. Vamos supor, só para um exerciciozinho de argumentação, que Cadogan West tenha mesmo decidido levar os documentos para Londres.

Naturalmente ele teria marcado um encontro com o agente estrangeiro aqui e deixado a noite livre. Em vez disso, ele comprou dois ingressos para o teatro, acompanhou a noiva até a metade do caminho e de repente desapareceu.

— Um embuste! — exclamou Lestrade, que ouvia a conversa com impaciência.

— E bem original. Essa é a objeção nº 1. Objeção nº 2: vamos supor que ele tenha chegado a Londres e se encontrado com o agente estrangeiro. Tem de levar os documentos de volta de manhã bem cedo, ou o roubo será descoberto. Ele levou dez documentos. No seu bolso só havia sete. O que aconteceu com os outros três? Certamente que ele não os deixaria por livre e espontânea vontade. E onde está o pagamento por sua traição? Era de se esperar que se encontrasse uma grande quantia de dinheiro no seu bolso.

— Para mim, está perfeitamente claro — disse Lestrade. — Não tenho a menor dúvida a respeito do que aconteceu. Ele levou os documentos para vendê-los. Encontrou-se com o agente. Não entraram em acordo sobre o preço. Ele voltou para casa e o espião foi com ele. No trem, o agente o matou, pegou os documentos mais importantes e jogou seu corpo do vagão. Isso explicaria tudo, não?

— Por que ele não tinha passagem?

— Ela indicaria qual a estação mais próxima da casa do espião. Assim sendo, ele também a tirou do bolso do morto.

— Ótimo, Lestrade, muito bom — disse Holmes. — Sua teoria se sustenta. Mas se isto for verdade, então o caso está no fim. De um lado, o traidor está morto; de outro, os planos do submarino *Bruce-Partington* provavelmente já estão no Continente. O que podemos fazer?

— Agir, Sherlock, agir! — exclamou Mycroft, levantando-se. — Todos os meus instintos são contrários a esta explicação. Use suas faculdades. Vá até o local do crime. Fale com as pessoas envolvidas. Examine tudo! Em toda a sua carreira você nunca teve uma oportunidade como esta para servir ao seu país!

— Bem, bem — disse Holmes, encolhendo os ombros. — Vamos, Watson! E você, Lestrade, poderia, por gentileza, acompanhar-nos por uma ou duas horas? Vamos começar nossos trabalhos fazendo uma visita à

estação Aldgate. Até logo, Mycroft. Mandarei algumas notícias antes da noite, mas eu já lhe adianto que não deve esperar muita coisa.

Uma hora mais tarde, Holmes, Lestrade e eu estávamos na estação de Aldgate, no ponto onde a linha sai do túnel pouco antes da estação. Um senhor idoso, gentil e corado estava ali representando a companhia ferroviária.

— Este é o lugar onde estava o corpo do rapaz — disse ele, indicando um ponto a um metro dos trilhos. — Não poderia ter caído lá de cima porque, como podem ver, os muros são inacessíveis. Portanto, só pode ter vindo do trem, e daquele trem, e, pelo que pudemos verificar, deve ter sido o que passou por volta da meia-noite de segunda-feira.

— Os vagões foram examinados em busca de sinais de violência?

— Não existem esses sinais, e também não foi encontrada nenhuma passagem.

— Encontraram alguma porta aberta?

— Nenhuma.

— Obtivemos algumas pistas novas esta manhã — disse Lestrade. — Um passageiro que vinha no trem metropolitano, ali pelas 23h40 de segunda-feira, declarou ter ouvido um baque surdo, como se um corpo tivesse sido atirado nos trilhos, um pouco antes de o trem chegar à estação de Aldgate. Mas havia uma neblina densa e não se enxergava nada. Ele não comunicou o fato na ocasião. Ora, mas que diabo está acontecendo com o sr. Holmes?

Meu amigo, de pé, tinha uma expressão de grande interesse no rosto, olhando para os trilhos onde faziam a curva depois do túnel. Aldgate é um entroncamento e havia uma série de desvios. Seus olhos atentos e vigilantes focalizavam os desvios e eu vi, no seu rosto alerta, o aperto dos lábios, o tremor das narinas, a contração das sobrancelhas espessas, que eu conhecia tão bem.

— Os desvios, os desvios — murmurou ele.

— O que têm eles? O que está querendo dizer? Suponho que não existam muitas estações com entroncamentos iguais a esta.

— Não, existem bem poucas.

— E uma curva, também. Desvios e curvas. Por Deus, se fosse assim...

— Assim como, sr. Holmes? Tem alguma pista?

— Uma ideia... uma suposição... nada mais que isso. O caso, de qualquer maneira, ganha em interesse. Único, perfeitamente único e... mesmo assim,

por que não? Não vejo sinais de sangue nos trilhos.

— Quase não havia sinais.

— Mas eu creio que o ferimento foi bem grande.

— O osso foi esmagado, mas não havia um grande ferimento externo.

— Mesmo assim, era de se esperar sangramento. Será que eu poderia inspecionar o trem em que estava o passageiro que ouviu o baque de uma queda na neblina?

— Receio que não, sr. Holmes. Os vagões do trem foram separados e redistribuídos.

— Posso lhe garantir, sr. Holmes — disse Lestrade —, que todos os vagões foram examinados cuidadosamente. Eu mesmo cuidei disso.

Uma das fraquezas mais óbvias do meu amigo era sua impaciência com inteligências menos brilhantes do que a sua.

— É possível — disse, afastando-se. — Na verdade, não eram os vagões que eu queria examinar. Watson, fizemos tudo o que era possível por aqui. Não vamos incomodá-lo mais, sr. Lestrade. Creio que nossas investigações, agora, vão nos levar a Woolwich.

Na Ponte de Londres ele escreveu um telegrama para o irmão, que me mostrou antes de despachar:

> *Vejo alguma luz na escuridão, mas pode apagar-se. Enquanto isso, mande, por favor, por um mensageiro que nos espere na Baker Street, lista completa de todos os espiões estrangeiros ou agentes internacionais que se saiba que estão na Inglaterra, com endereços completos.*
>
> *Sherlock*

— Isto será muito útil, Watson — disse, quando tomamos o trem para Woolwich. — Evidentemente, temos de ser gratos a Mycroft por nos ter incluído no que promete ser um caso realmente notável.

Seu rosto ansioso ainda exibia aquela expressão de energia intensa e concentrada, o que me mostrou que algum indício novo e sugestivo havia aberto uma linha estimulante de raciocínio. Veja um cão de caça, com orelhas caídas e rabo pendente, como fica indolentemente nos canis, e compare-o com o mesmo animal ativo, com olhos brilhantes e músculos retesados, perseguindo a caça — esta foi a mudança que ocorreu em

Holmes desde a manhã. Era, agora, um homem diferente da figura abatida e inerte, no seu roupão cinza, caminhando inquieto, apenas algumas horas atrás, pela nossa sala na Baker Street, cercada pela neblina.

— Temos material aqui. Há um objetivo. Fui um verdadeiro tolo por não ter percebido suas possibilidades.

— Para mim, tudo ainda continua nebuloso.

— O final também é um mistério para mim, mas estou com uma ideia que pode nos levar além. O homem morreu em algum outro lugar e seu corpo estava no *teto* de um vagão.

— No teto?

— Notável, não? Mas veja os fatos. Seria uma coincidência o fato de o corpo ter sido encontrado exatamente no ponto onde o trem oscila e se sacode, quando passa pelos desvios? Não é esse o lugar onde se pode esperar que um objeto que esteja no teto caia? Os desvios não afetariam um objeto dentro do trem. Ou o corpo caiu do teto ou ocorreu uma coincidência muito curiosa. Mas veja agora a questão do sangue. É claro que não haveria sinal de sangue nos trilhos se o corpo tivesse sangrado em outro local. Cada fato é sugestivo por si mesmo. Juntos, eles têm uma força cumulativa.

— E o bilhete também! — exclamei.

— Exatamente. Não encontramos uma explicação para o desaparecimento do bilhete. E isto explicaria. Tudo se encaixa.

— Mas suponha que tenha sido assim; ainda estaríamos longe de esclarecer o mistério da morte do rapaz. Na verdade, o caso se torna ainda mais complicado, e não mais simples.

— Talvez — disse Holmes, pensativo —, talvez.

Caiu num silêncio profundo que durou até o trem parar finalmente na estação Woolwich. Chamou um cabriolé e tirou do bolso a folha de papel de Mycroft.

— Temos várias visitas para fazer esta tarde. Creio que *sir* James Walter merece nossa atenção primeiro.

A casa do famoso perito era uma linda vila com gramados verdes se estendendo até o Tâmisa. A neblina estava se dissipando quando chegamos, e os raios de um sol pálido começavam a aparecer. Um mordomo atendeu à porta.

— *Sir* James, senhor? — disse, com um rosto solene. — *Sir* James morreu hoje de manhã.

— Deus do céu! — exclamou Holmes. — Como ele morreu?

— Talvez seja melhor entrar, senhor, e conversar com o irmão dele, coronel Valentine.

— Sim, será melhor.

Ele nos levou até uma sala fracamente iluminada, onde, pouco depois, apareceu um homem alto, simpático, com cerca de cinquenta anos, o irmão mais novo do cientista que morrera. Seus olhos desvairados, bochechas vincadas, cabelos despenteados, refletiam o golpe repentino que se abatera sobre a casa. Mal conseguia articular as frases quando falou sobre o assunto.

— Foi um escândalo terrível — disse. — *Sir* James, meu irmão, era um homem que prezava muito sua honra e não conseguiu sobreviver a uma catástrofe dessas. Sempre teve orgulho da eficiência de seu departamento e isso agora foi um golpe fatal.

— Esperávamos que ele pudesse nos dar algumas informações que nos ajudassem a esclarecer o caso.

— Eu lhes asseguro que tudo era um mistério para ele como é para os senhores e para todos nós. Ele já havia posto à disposição da polícia tudo o que sabia. Naturalmente, ele não tinha dúvida de que Cadogan West era o culpado. Mas todo o resto era inconcebível.

— E o senhor sabe de alguma coisa que possa nos ajudar no caso?

— Não sei de nada, a não ser o que li ou ouvi. Não quero ser grosseiro, mas os senhores devem entender que no momento estamos muito perturbados, e lhes peço que encerremos esta conversa.

— Isto é realmente um acontecimento inesperado, Watson — disse Sherlock quando voltamos para o carro. — Fico imaginando se a morte foi natural ou se o pobre velho se matou! Se foi suicídio, pode ser considerado um indício de remorso por negligência do dever? Vamos deixar essa pergunta para mais tarde. Vejamos, agora, a família de Cadogan West.

A mãe do rapaz morava numa casa pequena, mas bem cuidada, nos arredores da cidade. A velha senhora estava abatida demais pela dor para poder nos dar qualquer informação útil, mas ao seu lado estava uma jovem pálida, que se apresentou como a senhorita Violet Westbury, noiva de Cadogan West e a última a vê-lo na noite fatal.

— Não consigo encontrar uma explicação, sr. Holmes — ela disse. — Não preguei o olho desde a tragédia, pensando, pensando, pensando, noite e

dia, no significado de tudo isso. Arthur era sincero, gentil, o mais patriota dos homens. Ele preferiria arrancar a mão direita a vender um segredo de Estado confiado à sua guarda. Para todos que o conheciam, isto é absurdo, impossível, irracional.

— Mas e os fatos, srta. Westbury?

— Sim, sim, admito que não encontro explicação para eles.

— Ele estava precisando de dinheiro?

— Não; suas necessidades eram simples e ele ganhava bem. Havia economizado algumas centenas de libras e nós íamos nos casar no início do próximo ano.

— Sinais de alguma perturbação mental? Vamos, srta. Westbury, seja absolutamente franca conosco.

O olhar atento do meu amigo havia notado alguma mudança na atitude dela. A moça enrubesceu e hesitou.

— Sim — disse, finalmente —, eu tinha percebido que havia qualquer coisa na cabeça dele.

— Há quanto tempo?

— Somente na última semana, ou um pouco mais. Ele andava pensativo e preocupado. Uma vez eu lhe perguntei sobre isso. Ele admitiu que havia alguma coisa relacionada com a sua vida profissional. Ele me disse: "É sério demais para que eu fale sobre isso, até mesmo a você." Não consegui arrancar mais nada dele.

Holmes ficou sério.

— Continue, srta. Westbury. Mesmo que pareça prejudicá-lo, continue. Não sabemos o que pode resultar disso.

— Na verdade, não tenho mais nada a dizer. Por uma ou duas vezes tive a impressão de que ele estava para me contar alguma coisa. Certa noite referiu-se à importância do segredo, e eu me lembro de ele dizer que, sem dúvida, espiões estrangeiros pagariam um bom dinheiro pelos planos.

Sherlock ficou ainda mais sério.

— Disse que éramos negligentes a respeito desses assuntos, que seria fácil para um traidor apoderar-se dos planos.

— E ele fez esses comentários apenas nos últimos dias?

— Sim, recentemente.

— Fale-nos, agora, da última noite.

— Nós íamos ao teatro. A neblina estava tão forte que não adiantava tomar um carro. Fomos andando e no caminho passamos perto do escritório. De repente, ele sumiu no meio da neblina.

— Sem dizer uma palavra?

— Soltou uma exclamação, e foi tudo. Eu fiquei esperando, mas ele não voltou. Então, fui para casa. Na manhã seguinte, depois que abriram o escritório, eles vieram perguntar. Por volta do meio-dia ficamos sabendo da notícia horrível. Oh, sr. Holmes, se o senhor pudesse pelo menos salvar-lhe a honra. Representava tanto para ele!

Holmes balançou tristemente a cabeça.

— Vamos, Watson, temos mais coisas pela frente. Nossa próxima parada é o escritório de onde foram retirados os documentos.

— Se tudo era contra o rapaz antes, agora piorou ainda mais — Holmes comentou quando o táxi partiu. — Seu casamento dá um motivo para o roubo. Naturalmente ele precisava de dinheiro. Estava com a ideia na cabeça, já que mencionou o assunto. Ele quase transformou a noiva numa cúmplice, revelando-lhe seus planos. Tudo muito mal.

— Mas, Holmes, afinal de contas seu caráter não vale nada? Por que ele deixaria a noiva no meio da rua e fugiria para cometer um crime?

— É isso aí! Claro que há objeções. Mas é um caso extraordinário que tem de ser explicado.

O sr. Sidney Johnson, o funcionário graduado, recebeu-nos no escritório com o respeito que o cartão de visitas de Holmes sempre impunha. Era um homem magro, carrancudo, de meia-idade, que usava óculos, e estava com o rosto encovado e as mãos trêmulas em consequência da tensão nervosa a que fora submetido.

— Horrível, sr. Holmes, horrível. Ouviu falar da morte do chefe?

— Estamos vindo da casa dele.

— O lugar está uma bagunça. O chefe, morto, Cadogan West, morto, nossos documentos, roubados. E na segunda-feira, às 17 horas, quando trancamos o escritório, éramos tão eficientes quanto qualquer outro departamento a serviço do governo. Meu Deus, é horrível pensar nisso! Que West, entre todos, pudesse fazer uma coisa assim?

— Então o senhor tem certeza de que ele é o culpado?

— Não vejo outra explicação. E mesmo assim, confiava nele tanto quanto em mim mesmo.

— A que horas fecharam o escritório na segunda?
— Às cinco.
— O senhor mesmo o trancou?
— Sou sempre o último a sair.
— Onde estavam os planos?
— No cofre. Eu mesmo os coloquei lá.
— Existe algum vigia para o prédio?
— Sim, mas ele tem outros departamentos para vigiar também. É um velho soldado e homem de inteira confiança. Ele não viu nada naquela noite, pois havia a neblina.
— Suponhamos que Cadogan West quisesse entrar no edifício tarde da noite; ele precisaria de três chaves para conseguir pôr as mãos nos documentos, não é verdade?
— Sim, de fato. A chave da porta externa, a chave do escritório e a chave do cofre.
— *Sir* James Walter e o senhor eram os únicos que tinham essas chaves?
— Eu não tenho as chaves das portas, só a chave do cofre.
— *Sir* James era um homem de hábitos regulares?
— Sim, creio que sim. Pelo que sei, as três chaves sempre ficavam com ele no mesmo porta-chaves. Eu sempre as via ali.
— Ele levou o porta-chaves com ele para Londres?
— Ele disse que sim.
— O senhor sempre ficou com sua chave?
— Sempre.
— Então, Cadogan West, se for o culpado, devia ter uma duplicata. Mas não foi encontrada com ele. Outra coisa: se um funcionário deste departamento quisesse vender os planos, não seria mais simples ele copiar os planos do que levar os originais, como foi feito?
— Seria necessário um grande conhecimento técnico para copiar os planos de forma eficiente.
— Mas suponho que tanto *sir* James, o senhor ou Cadogan West tinham este conhecimento altamente especializado.
— Sem dúvida, mas peço-lhe que não me envolva no assunto, sr. Holmes. De que adianta especular dessa maneira, quando, na verdade, os planos originais foram encontrados com Cadogan West?

— Bem, de fato é estranho que ele corresse o risco de levar os planos originais quando poderia copiá-los com segurança, o que também serviria aos seus objetivos.

— Na verdade, é estranho; e mesmo assim ele o fez.

— Todas as perguntas a respeito deste caso revelam alguma coisa inexplicável. E ainda temos três documentos desaparecidos. Pelo que sei, são os essenciais.

— Sim, é verdade.

— O senhor quer dizer que alguém que tenha esses três documentos poderia construir um submarino *Bruce-Partington* sem os outros sete?

— Foi o que eu disse ao Almirantado. Mas hoje estive analisando os desenhos de novo, e já não tenho tanta certeza assim. As válvulas duplas de ajustamento automático estão desenhadas em um dos documentos recuperados. Até que o país estrangeiro invente algo semelhante, não vai conseguir construir o *Bruce-Partington*. É claro que eles podem superar este problema em breve.

— Mas os três documentos são os mais importantes?

— Sem dúvida.

— Creio que vou dar uma volta pelo prédio, com sua permissão. Não me ocorre nenhuma outra pergunta que queira lhe fazer.

Ele examinou a fechadura do cofre, a porta do escritório e, por fim, as folhas de ferro das janelas. Somente quando nos encontrávamos no gramado, do lado de fora do edifício, é que ele ficou extremamente interessado em uma coisa. Havia uma moita de louro perto da janela, e vários ramos haviam sido torcidos ou arrancados. Ele os examinou detidamente com a lente, e depois examinou algumas marcas superficiais e pouco nítidas na terra. Finalmente pediu ao chefe para fechar as janelas de ferro, e me mostrou que elas não se encaixavam no centro, o que permitia a qualquer pessoa do lado de fora ver o que acontecia dentro do escritório.

— Estas marcas estão prejudicadas pelo atraso de três dias. Podem significar alguma coisa ou nada. Bem, Watson, acho que não conseguiremos mais nada em Woolwich. Nossa colheita foi parca. Vamos ver se conseguimos algo melhor em Londres.

Mas ainda acrescentamos mais um trunfo à nossa pesquisa antes de sairmos da estação de Woolwich. O vendedor de passagens nos contou confidencialmente que ele vira Cadogan West — que conhecia de vista —

na noite de segunda-feira, e que ele tomara o trem das 20h15 para a Ponte de Londres. Estava sozinho e comprou uma passagem de terceira classe. O vendedor ficara impressionado na ocasião com o jeito excitado e nervoso do rapaz. Tremia tanto que mal conseguiu pegar o troco, e o bilheteiro teve de ajudá-lo. Uma consulta ao quadro de horários mostrou que o de 20h15 era o primeiro trem que Cadogan West poderia ter tomado depois de deixar a noiva por volta das 19h30.

— Vamos reconstituir, Watson — disse Holmes, depois de meia hora de silêncio. — Não estou bem certo se, de todos os nossos casos, já tivemos um que fosse tão complicado de resolver. Cada novo indício que desenterramos apenas nos mostra um novo obstáculo adiante. Mas, mesmo assim, creio que já progredimos bastante. O resultado de nossas investigações em Woolwich foi bastante desfavorável ao jovem Cadogan West, mas as pistas na janela serviram para uma suposição mais favorável. Vamos supor, por exemplo, que ele tenha sido abordado por algum agente estrangeiro. Isso pode ter sido feito em condições que o impediram de falar a respeito do assunto, mas teria afetado seus pensamentos, como demonstraram os comentários que fez para a noiva. Muito bem, vamos supor agora que, quando estava indo com a jovem para o teatro, tenha vislumbrado, na neblina, a figura do agente indo na direção do escritório. Ele era um jovem impetuoso, rápido nas decisões. Tudo o impelia para o cumprimento do dever. Ele seguiu o homem, chegou até a janela, viu o roubo dos documentos e perseguiu o ladrão. Desta maneira superamos a objeção de que ninguém roubaria os originais quando podia copiá-los. O estranho tinha de levar os originais. A tese se sustenta até aqui.

— E qual o passo seguinte?

— Aí temos problemas. Pode-se imaginar que, nessas circunstâncias, a primeira atitude do jovem Cadogan fosse prender o bandido e acionar o alarme. Por que não agiu assim? Será que foi um oficial superior que levou os documentos? Isso explicaria a conduta de Cadogan. Ou será que o ladrão o teria despistado na neblina e West partiu imediatamente para Londres, para chegar antes à casa do agente, supondo-se que soubesse onde ela ficava? O negócio deve ter sido de extrema urgência, já que ele deixou a noiva no meio da neblina e não tentou se comunicar com ela. Nossa pista esfria aqui, e há uma grande lacuna entre essas hipóteses e a descoberta do corpo do rapaz, com sete documentos no bolso, no teto de um vagão do

metrô. Meu instinto me diz que, agora, devo trabalhar na outra ponta. Se Mycroft nos enviou a lista de endereços, podemos descobrir nosso homem e seguir duas pistas em vez de apenas uma.

Havia, de fato, uma lista nos aguardando na Baker Street. Um mensageiro do governo a trouxera, em caráter de urgência, e Holmes deu uma olhada nela, passando-a para mim:

> *Há um grande número de peixinhos, mas poucos que bancariam uma parada dessa dimensão. Os únicos dignos de atenção são Adolph Meyer, de Great Georg Street, 13, Westminster; Louis La Rothière, de Campden Mansions, Notting Hill; e Hugo Oberstein, de Caulfield Gardens, 13, Kensington. Sabe-se que este último estava na cidade segunda-feira, e que agora foi embora. Fico feliz em saber que vislumbrou alguma luz. O Gabinete aguarda seu relatório final com a maior ansiedade. Chegam pedidos urgentes das mais altas esferas. Todas as forças do Estado estão à sua disposição, caso venha a precisar delas.*
>
> *Mycroft*

— Receio que nem todos os cavalos e homens da rainha poderão ajudar neste caso — disse Holmes, sorrindo, depois de abrir o grande mapa de Londres sobre os joelhos e inclinar-se sobre ele. — Bem, bem, finalmente as coisas estão começando a ficar a nosso favor. Ora, Watson, acredito honestamente que vamos nos sair bem no fim das contas.

Bateu no meu ombro, numa repentina explosão de alegria.

— Vou sair agora. Será apenas um reconhecimento. Não vou fazer nada importante sem que meu fiel companheiro e biógrafo esteja do meu lado. Fique aqui e provavelmente estarei de volta dentro de uma ou duas horas. Se o tempo custar a passar, pegue papel e lápis e comece a contar como salvamos a Inglaterra.

Fui contagiado pela sua animação, já que sabia muito bem que ele não abandonaria o seu habitual comportamento austero a menos que houvesse um bom motivo para isso. Esperei durante aquele infindável início de noite de novembro, impaciente pelo seu retorno. Finalmente, pouco depois das nove da noite, chegou um mensageiro com um bilhete.

Estou jantando no Restaurante Goldini, Gloucester Road. Por favor, venha logo e me encontre lá. Traga um pé de cabra, uma lanterna, um formão e um revólver.

S.H.

Belo equipamento para um cidadão respeitável levar pelas ruas escuras e envoltas em neblina! Espalhei tudo discretamente sob o meu sobretudo e me dirigi para o endereço indicado. Lá estava meu amigo, sentado a uma mesa redonda, perto da porta de entrada do bizarro restaurante italiano.

— Já jantou? Ótimo, então me acompanhe num café e vinho. Experimente um dos charutos da casa. Não são tão venenosos como se espera. Trouxe as ferramentas?

— Estão aqui, no meu sobretudo.

— Excelente. Deixe-me contar-lhe rapidamente o que andei fazendo e o que vamos fazer. Deve ser evidente para você agora, Watson, que o corpo do jovem foi *colocado* no teto do vagão. Isto ficou claro desde o momento em que determinei o fato de que fora do teto, e não do interior, que ele havia caído.

— Ele não pode ter sido atirado de uma ponte?

— Eu diria que era impossível. Se você examinar os tetos, vai ver que são ligeiramente abaulados, e não há grades em volta deles. Portanto, podemos afirmar com certeza que Cadogan West foi colocado ali em cima.

— E como?

— Esta era a pergunta que tínhamos de responder. Só existe uma maneira possível. Você sabe que os trens correm fora das galerias subterrâneas em alguns pontos no West End. Eu me lembrava vagamente de que, quando viajei num dos trens, tinha visto algumas janelas logo acima de minha cabeça. Suponha que um trem pare debaixo de uma delas; seria difícil colocar um corpo no teto?

— Parece que não.

— Temos de nos lembrar do antigo ditado que diz que, quando todas as outras teorias falham, qualquer que seja a que reste, mesmo parecendo improvável, deve ser a verdadeira. Aqui, todas as outras teorias falharam. Quando descobri que o mais importante agente estrangeiro, que acabou de sair de Londres, morava numa das casas à margem da linha do metrô, fiquei tão contente que você se surpreendeu com minha alegria.

— Oh, então era isso, hein?

— Sim, era isso. O sr. Hugo Oberstein, residente em Caulfield Gardens, 13, passou a ser o meu alvo. Comecei minhas operações na Gloucester Road Station, onde um funcionário prestativo me acompanhou numa caminhada ao longo da linha, e eu matei minha curiosidade não apenas a respeito das janelas traseiras de Caulfield Gardens, que dão para os trilhos, mas até sobre o fato mais essencial de que, devido à interseção de um dos principais ramais, os trens ficam frequentemente parados ali, naquele local exato, durante alguns minutos.

— Esplêndido, Holmes! Você descobriu tudo!

— Nem tanto, Watson, nem tanto. Progredimos, mas o fim ainda está longe. Bem, depois de verificar as janelas traseiras de Caulfield Gardens, vi a parte da frente e confirmei que, de fato, o passarinho tinha voado da gaiola. Trata-se de uma casa grande e, pelo que pude ver, sem mobília nos quartos superiores. Oberstein morava lá apenas com um criado, possivelmente um cúmplice de absoluta confiança. Temos de nos lembrar de que Oberstein foi para o Continente negociar seu tesouro, mas sem desconfiar que se sabe que está fugindo; assim sendo, ele não tem motivo para temer um mandado de prisão, e a ideia de uma visita de um amador em sua casa não lhe ocorreria. E é justamente isso o que vamos fazer.

— Não conseguiríamos um mandado para uma busca legal?

— Dificilmente, pela exiguidade de provas.

— Então, o que podemos fazer?

— Precisamos saber que tipo de correspondência ele tem em casa...

— Não estou gostando disso, Holmes.

— Meu caro amigo, você deve ficar vigiando a rua. Eu farei o trabalho sujo. Não é hora de escrúpulos. Pense no bilhete de Mycroft, no Almirantado, no Gabinete, nas pessoas importantes que aguardam notícias. Temos de agir!

Minha resposta foi levantar-me da mesa.

— Tem razão, Holmes. Temos de agir!

Ele também se levantou e apertou minha mão.

— Eu sabia que você não iria se acovardar no fim — disse, e por um segundo vi nos olhos dele algo que se assemelhava a ternura, o que nunca vira antes. Mas logo em seguida ele voltou a ser o mesmo homem prático e racional. — Fica a uns oitocentos metros daqui, mas não temos pressa.

Vamos andando. Não deixe as ferramentas caírem, por favor. Seria uma complicação bastante desagradável se você fosse preso como um sujeito suspeito.

Caulfield Gardens era uma dessas filas de casas com fachadas lisas, pilares e pórticos, produtos característicos de meados da época vitoriana no West End de Londres. Na casa seguinte à que procurávamos parecia estar havendo uma festa infantil, porque um alarido de vozes de crianças e o martelar de um piano ressoavam na noite. O nevoeiro ainda continuava e nos ocultava com seu manto amigo. Holmes acendeu a lanterna e iluminou a porta maciça.

— Este é um obstáculo difícil — disse. — Com certeza, além de trancada, deve ter um ferrolho. Será melhor irmos para os fundos. Há uma excelente arcada lá, caso tenhamos de nos esconder de algum policial zeloso que resolva aparecer. Ajude-me, Watson, e eu o ajudarei depois.

Um minuto depois já estávamos na área. Mal tínhamos chegado ao lugar protegido pelas sombras quando ouvimos em cima os passos de um policial, andando no meio da neblina. Quando o som cadenciado desapareceu, Holmes começou a trabalhar na porta inferior. Eu o vi curvar-se e forçar a porta até que, com um estalo seco, ela se abriu. Pulamos para o interior escuro e ele a fechou. Subimos a escada em curva, sem tapete. A luz amarela de sua lanterna brilhou nos vidros de uma janela baixa.

— Aqui estamos, Watson; deve ser esta...

Abriu a janela e nessa hora ouvimos um som baixo e áspero que foi aumentando até transformar-se num rugido alto quando um trem passou por nós, na escuridão, como uma flecha. Holmes iluminou o peitoril da janela. Havia uma camada da fuligem deixada pelos trens que passavam, mas a superfície preta estava raspada e esfregada em alguns lugares.

— Veja onde eles colocaram o corpo. Ora, Watson, o que é isto? Não há dúvida de que se trata de uma marca de sangue.

Apontava a marca desbotada no peitoril.

— Aqui também, na pedra da escada. A prova está completa. Vamos ficar aqui até que pare um trem.

Não tivemos de esperar muito tempo. O trem seguinte surgiu do túnel, como o anterior, mas diminuiu depois a velocidade e então, com os freios gemendo, parou exatamente embaixo do lugar onde estávamos. A distância

da janela até o teto dos vagões não era mais do que 1,5 metro, se tanto. Holmes fechou cuidadosamente a janela.

— Fomos recompensados até aqui — disse. — O que você acha, Watson?

— Uma obra-prima. Você está se superando.

— Não concordo com você. A partir do momento em que concebi a ideia de que o corpo estava no teto de um vagão, o que, afinal, não era assim tão absurdo, todo o resto foi inevitável. Se não fossem os altos interesses envolvidos, o caso até este ponto seria insignificante. Mas ainda temos dificuldades pela frente. Talvez possamos achar algo aqui que nos ajude.

Subimos a escada de serviço e entramos nos aposentos do primeiro andar. O primeiro era uma sala de jantar sobriamente mobiliada, mas que não tinha nada que nos interessasse. O segundo era um quarto de dormir nas mesmas condições. O seguinte pareceu-nos mais promissor e meu amigo fez um exame metódico. Estava cheio de livros e papéis e, evidentemente, tinha sido usado como escritório. Com rapidez e cuidado, Holmes revistou o conteúdo de cada gaveta e de cada armário, mas não descobriu nada que animasse seu rosto austero. Ao fim de uma hora não tinha conseguido nenhum progresso.

— O cão matreiro apagou as pistas — disse. — Não deixou nada que pudesse incriminá-lo. Ele destruiu ou carregou sua correspondência comprometedora. Esta é nossa última esperança.

Era uma caixinha de estanho que estava em cima da escrivaninha. Holmes a abriu com uma ferramenta. Dentro, vários rolos de papel cobertos de números e cálculos, mas sem nenhuma indicação do que se tratava. A repetição das palavras “pressão da água” e “pressão por polegada quadrada” sugeria alguma possível relação com um submarino. Holmes, impaciente, jogou-os de lado. Restou apenas um envelope que continha pedacinhos de jornal. Despejou-os na mesa e vi logo, pelo seu rosto ansioso, que as esperanças haviam renascido.

— O que será isto, Watson? Hein? O que será? Registro de uma série de mensagens nos anúncios de um jornal. Pelo tipo de letra e pelo papel, os classificados do *Daily Telegraph*. Lado superior direito de uma página. Sem datas... mas as mensagens têm sequência. Esta deve ser a primeira:

Esperava receber notícias mais cedo. Condições aceitas. Escreva detalhadamente para endereço fornecido no cartão.

Pierrot

— Em seguida temos:

Complexo demais para entendimento. Necessito relatório completo. Grana o aguarda quando entregar mercadoria.

Pierrot

— Depois vem:

Assunto pressiona. Devo retirar proposta se não cumprir contrato. Marque encontro por carta. Confirmarei em anúncio.

Pierrot

— E finalmente:

Segunda à noite, depois das nove horas. Duas pancadas. Só nós. Não fique tão desconfiado. Pagamento em dinheiro vivo quando entregar mercadoria.

Pierrot

— Um registro bem completo, Watson! Se nós pudéssemos chegar até o homem na outra ponta!...

Sentou-se, perdido nos seus pensamentos, batendo com os dedos na mesa. Finalmente levantou-se:

— Bem, talvez não seja tão difícil, afinal de contas. Não há nada mais que possamos fazer aqui, Watson. Acho melhor irmos até a redação do *Daily Telegraph* para encerrar nosso trabalho de hoje.

Mycroft Holmes e Lestrade compareceram ao encontro marcado para depois do café da manhã, no dia seguinte, e Sherlock contou-lhes o que havíamos feito na noite anterior. O detetive profissional sacudiu a cabeça ao ouvir nossa confissão de arrombadores.

— Não podemos fazer essas coisas na polícia, sr. Holmes — disse Lestrade. — Não é de espantar que obtenha mais resultados do que nós.

Mas qualquer dia desses o senhor irá longe demais e, juntamente com seu amigo, vai se meter em complicações...

— Pela Inglaterra, pelo lar e pela beleza... hein, Watson? Mártires no altar do país. Mas o que você acha disso tudo, Mycroft?

— Excelente, Sherlock! Admirável! Mas o que pretende fazer com isso?

Holmes pegou o *Daily Telegraph* que estava em cima da mesa.

— Você viu a mensagem de Pierrot no jornal de hoje?

— O quê? Outra?

— Sim, aqui está:

> *Hoje à noite. Mesma hora. Mesmo lugar. Duas pancadas. Importância vital. Sua própria segurança em jogo.*
>
> *Pierrot*

— Por Deus! — exclamou Lestrade. — Se ele comparecer, nós o pegaremos!

— Foi esta a minha ideia quando mandei colocar o anúncio. Creio que seria melhor ambos virem conosco ali pelas oito da noite até Caulfield Gardens, onde possivelmente chegaremos mais perto de uma solução.

Uma das características mais notáveis de Sherlock Holmes era sua capacidade de afastar da cabeça a ação e concentrar todos os seus pensamentos em coisas mais leves, quando se convencia de que não podia mais fazer um trabalho proveitoso. Lembro-me de que durante a maior parte daquele dia memorável ele ficou absorvido numa monografia que estava escrevendo sobre os Motetes Polifônicos de Lassus. Eu, de minha parte, era totalmente desprovido dessa capacidade de abstração, de modo que o dia pareceu-me interminável. A grande importância nacional do assunto, o suspense nos altos escalões, a natureza da experiência que iríamos tentar, tudo se combinou contra meus nervos. Foi um alívio para mim quando, finalmente, depois de um jantar leve, começamos nossa expedição.

Lestrade e Mycroft, de acordo com o combinado, encontraram-se conosco diante da estação de Gloucester Road. A porta traseira da casa de Oberstein havia ficado destrancada na noite anterior, e eu tive de entrar por ela e abrir a da frente, já que Mycroft Holmes se recusara, indignado, a

pular as grades. Às nove horas nós estávamos sentados no escritório, aguardando pacientemente o nosso homem.

Passou-se uma hora, depois outra. Às 11, a batida compassada do relógio da igreja parecia soar como o naufrágio de nossas esperanças. Lestrade e Mycroft agitavam-se nos seus assentos e olhavam repetidamente para seus relógios. Holmes estava sentado quieto e calmo, as pálpebras semicerradas, mas com todos os sentidos alertas. Ao escutar um barulho, ergueu a cabeça.

— Ele vem vindo — murmurou.

Ouvimos passos furtivos do lado de fora, um arrastar de pés e depois duas batidas secas com a aldrava. Holmes se levantou, indicando-nos com um gesto que deveríamos continuar sentados. A iluminação a gás do vestíbulo nada mais era do que um fiozinho de luz. Ele abriu a porta da rua e, quando uma figura negra passou rapidamente por ele, fechou e trancou a porta.

— Por aqui! — nós o ouvimos dizer, e um instante depois o homem apareceu diante de nós. Holmes o havia seguido de perto, e quando o visitante se virou para escapar, com um grito de medo e espanto, Holmes o agarrou pelo pescoço e o atirou no chão. Antes que o visitante tivesse tempo de recuperar o equilíbrio, Holmes trancou a porta e ficou encostado nela. O homem olhou em volta, vacilante, e caiu desmaiado no chão. Com a queda, seu chapéu de abas largas caiu, o cachecol deslizou deixando seu rosto à mostra, e vimos as feições suaves e delicadas, a barba clara do coronel Valentine Walter.

Holmes deu um assobio de surpresa:

— Desta vez você pode me descrever como um asno, Watson — ele disse. — Não era este o pássaro que eu esperava encontrar.

— Quem é ele? — perguntou Mycroft, ansioso.

— O irmão mais novo do falecido *sir* James Walter, chefe do departamento de submarinos. Sim, sim, estou vendo a sequência dos acontecimentos agora. Bem, o homem está voltando a si. Acho melhor deixarem o interrogatório a meu cargo.

Tínhamos levado o corpo desmaiado para um sofá. O prisioneiro, recobrando os sentidos, sentou-se, olhou em volta com uma expressão apavorada e passou as mãos na testa, como alguém que não consegue acreditar no que vê.

— O que significa isto? — perguntou. — Vim aqui visitar o sr. Oberstein...

— Já sabemos de tudo, coronel Walter — disse Holmes. — Como um cavalheiro inglês pôde fazer isso é coisa que está além da minha compreensão. Mas toda a sua correspondência e seu relacionamento com Oberstein são de nosso conhecimento, assim como as circunstâncias ligadas à morte do jovem Cadogan West. Gostaria de aconselhá-lo a tentar diminuir sua pena arrependendo-se e confessando tudo, já que há alguns detalhes que só podemos saber por seu intermédio.

O homem gemeu e afundou a cabeça nas mãos. Esperamos, mas ele continuou em silêncio.

— Eu lhe asseguro — continuou Holmes — que conhecemos todos os fatos principais. Sabemos que o senhor precisava de dinheiro, que fez cópias das chaves de seu irmão e que se correspondia com Oberstein, que respondia às suas cartas por meio de anúncios classificados no *Daily Telegraph*. Sabemos que se dirigiu ao escritório de Woolwich na noite de segunda-feira, que foi visto e seguido por West que, possivelmente, tinha algum motivo para desconfiar do senhor. Ele viu seu roubo mas não pôde dar o alarme, já que seria possível que estivesse apenas pegando os documentos para levar para seu irmão em Londres. Deixando de lado seus problemas pessoais, como bom cidadão que era, ele o seguiu de perto, na neblina, e ficou nos seus calcanhares até chegarem a esta mesma casa. Aí ele interferiu e foi então, coronel Walter, que o senhor acrescentou à sua traição o crime mais terrível de assassinato.

— Eu não o matei! Eu não o matei! Juro, diante de Deus, que eu não o matei! — gritou nosso desprezível prisioneiro.

— Diga-nos, então, como Cadogan West morreu antes de vocês o atirarem no teto de um trem.

— Sim, direi. Juro-lhes que direi. Eu fiz o que o senhor contou, confesso-o. Foi exatamente como o senhor falou. Eu tinha de pagar uma dívida na Bolsa de Valores. Precisava muito de dinheiro, Oberstein me ofereceu cinco mil libras. Foi para salvar-me da ruína que agi. Mas, quanto ao assassinato, sou tão inocente quanto o senhor.

— O que aconteceu, então?

— Ele já suspeitava antes, e me seguiu, como o senhor mesmo disse. Eu não sabia disso, até que cheguei nesta porta. O nevoeiro era denso e não se

enxergava além de dois metros. Eu dei as duas pancadas e Oberstein veio abrir a porta. O jovem surgiu de repente e exigiu que lhe explicássemos o que íamos fazer com os documentos. Oberstein tinha um cassetete pequeno, que carregava sempre com ele. Quando Cadogan West tentou entrar à força nesta casa, Oberstein o golpeou na cabeça. O golpe foi mortal. Ele morreu em cinco minutos. Ficou lá no vestíbulo, e nós não sabíamos o que fazer. Então Oberstein teve aquela ideia do trem, que parava embaixo da janela traseira. Mas primeiro ele examinou os papéis que eu havia trazido. Disse que três dos documentos eram essenciais e que precisaria ficar com eles. Mas eu disse que ele não podia ficar com os planos. Iria haver o diabo em Woolwich se não fossem devolvidos. Ele, porém, disse que tinha de ficar com os papéis, porque eram tão técnicos que era impossível copiá-los a tempo. Eu afirmei que todos deviam ser recolocados naquela mesma noite no cofre. Ele ficou pensando por um instante e depois disse que tinha encontrado uma solução. Ficaria com os três principais e colocaria os outros sete no bolso do rapaz. Quando o corpo fosse encontrado, tudo recairia sobre ele. Eu não via outra saída e então fizemos o que ele sugerira. Esperamos meia hora na janela até que um trem parasse. A neblina estava tão densa que não se conseguia ver nada, e não tivemos dificuldade em colocar o corpo de West no teto do vagão. Esse foi o fim do caso, no que me diz respeito.

— E seu irmão?

— Ele não disse nada, mas um dia ele me pegou com as suas chaves e acho que desconfiou. Eu vi a suspeita nos seus olhos. Como o senhor sabe, ele não aguentou o golpe.

Houve um silêncio no quarto, quebrado por Mycroft Holmes:

— Pode reparar o mal que fez? Isso aliviaria a sua consciência e, talvez, o seu castigo.

— Mas, o que posso fazer?

— Onde está Oberstein com os documentos?

— Não sei.

— Ele não lhe deu nenhum endereço?

— Disse que cartas para o Hôtel du Louvre, em Paris, acabariam chegando às mãos dele.

— Então a reparação ainda está ao seu alcance — disse Sherlock Holmes.

— Farei tudo o que puder. Não tenho simpatia por aquele sujeito; afinal, foi minha ruína e desgraça.

— Aqui tem papel e caneta. Sente-se nesta mesa e escreva o que lhe vou ditar. Escreva no envelope o endereço dado. Isso, está ótimo. Agora, vamos à carta.

> *Caro senhor:*
> *A respeito da nossa transação, o senhor já deve ter visto, a esta altura, que um detalhe essencial está faltando. Possuo um documento que preencherá essa lacuna. Entretanto, vi-me em novas dificuldades e devo pedir-lhe um novo adiantamento de quinhentas libras. Não confio no serviço do correio nem aceitarei nada a não ser ouro ou dinheiro. Poderia encontrá-lo no exterior, mas isso despertaria suspeita, caso eu deixasse o país no momento. Dessa forma, espero encontrá-lo no salão de fumar do Hotel Charing Cross, ao meio-dia de sábado. Lembre-se de que aceitarei somente dinheiro inglês ou ouro.*

— Isto será o suficiente — continuou Holmes. — Ficarei muito surpreso se não atrair o nosso homem.

E atraiu! É uma questão de história — a história secreta de um país, que quase sempre é muito mais interessante do que os relatos públicos — que Oberstein, ansioso para completar o maior golpe de sua vida, caiu na armadilha e passou 15 anos numa prisão inglesa. Os valiosos planos do submarino *Bruce-Partington* foram encontrados em sua bagagem, planos que ele havia posto à venda em todos os centros navais da Europa. O coronel Walter morreu na prisão, no fim do segundo ano de sua pena. Quanto a Holmes, voltou, reanimado, a cuidar da monografia sobre os Motetes Polifônicos de Lassus, trabalho que mandara imprimir para distribuição num círculo restrito, e considerado pelos especialistas a última palavra sobre o tema.

Algumas semanas mais tarde eu soube, por acaso, que meu amigo havia passado um dia em Windsor, de onde voltou com uma belíssima esmeralda num prendedor de gravata. Quando lhe perguntei se o havia comprado, respondeu-me que fora presente de certa dama da nobreza, porque ele tivera a felicidade de resolver um pequeno caso do interesse dela. Não disse mais nada, mas eu acho que posso adivinhar o nome da augusta senhora, e não

duvido de que a esmeralda sempre fará meu amigo se recordar do caso dos planos do submarino *Bruce-Partington*.

O CASO DO DETETIVE AGONIZANTE

A SENHORA HUDSON, SENHORIA DE SHERLOCK HOLMES, ERA uma mulher paciente. Seu apartamento do primeiro andar não só era invadido a toda hora por hordas de pessoas esquisitas e muitas vezes indesejáveis, como também seu notável inquilino tinha uma vida excêntrica e irregular, o que deve ter posto à prova a paciência dela. O incrível desmazelo dele, sua mania de tocar música nas horas mais impróprias, suas constantes práticas de tiro ao alvo dentro do quarto, as experimentações científicas estranhas e fedorentas, a atmosfera de violência e perigo que o cercava constantemente, tudo isso provavelmente fazia dele o pior inquilino de Londres. Por outro lado, o aluguel que pagava era nababesco. Não tenho dúvida de que a casa poderia ter sido comprada com o que Holmes pagou de aluguel pelos aposentos durante os anos em que morei com ele.

A senhoria o respeitava muitíssimo e jamais ousou intrometer-se na vida dele, por mais estranhas que pudessem ser suas atitudes. Também gostava muito dele, pois ele demonstrava excepcional gentileza no trato com as mulheres. Sherlock não admirava as mulheres e desconfiava delas, mas sempre foi um adversário cavalheiresco. Sabendo como era sincera sua preocupação com ele, ouvi atentamente a história que ela me contou quando veio me ver em minha casa, no segundo ano de meu casamento, falando-me da triste situação a que meu velho amigo estava reduzido.

— Ele está morrendo, dr. Watson — ela disse. — Faz três dias que está se afundando e temo que não viva um dia mais. Ele não me deixa chamar um médico. Hoje de manhã, quando vi os ossos quase furando a pele do seu rosto, os olhos grandes e brilhantes me fitando, não aguentei mais. “Com

sua permissão ou sem ela, vou chamar um médico agora mesmo”, eu lhe disse. “Então, que seja o Watson”, ele respondeu. Eu não perderia um minuto, ou poderá encontrá-lo morto.

Fiquei horrorizado, porque eu não sabia da doença dele. Não preciso dizer que corri para pegar meu paletó e o chapéu. Enquanto estávamos indo para a Baker Street, pedi-lhe mais detalhes.

— Posso lhe contar pouca coisa, senhor. Ele andou trabalhando num caso em Rotherhithe, numa ruazinha perto do rio, e voltou com essa doença. Deitou-se na quarta-feira à tarde e não se levantou mais. Durante estes últimos três dias não bebeu nem comeu.

— Deus do céu! Por que a senhora não chamou um médico?

— Ele não quer. O senhor bem sabe como ele é autoritário. Não ousei desobedecê-lo. Mas ele não ficará muito tempo neste mundo, como o senhor mesmo vai ver quando puser os olhos nele.

Era, de fato, um espetáculo deplorável. Na luz baça de um dia enevoado de novembro, o quarto do doente era um lugar triste, mas o que me gelou o coração foi aquele rosto lívido e descarnado olhando-me da cama. Seus olhos tinham aquele brilho de febre, havia um vermelho doentio em ambas as faces e crostas escuras nos lábios; as mãos magras se contorciam incessantemente sobre o cobertor, a voz estava áspera e convulsiva. Quando entrei no quarto, ele continuou deitado, apático, mas ao me ver seus olhos brilharam como sinal de reconhecimento da minha presença.

— Bem, Watson, parece que o negócio vai mal — ele disse numa voz débil, mas com um pouco do seu velho jeito despreocupado.

— Meu caro amigo! — exclamei, aproximando-me dele.

— Não se aproxime! Fique afastado! — disse num tom autoritário que eu só ouvia nos momentos de crise. — Se você se aproximar de mim, Watson, vou ser obrigado a lhe pedir que saia desta casa.

— Mas... por quê?

— Porque eu quero assim. Não lhe basta isso?

A senhora Hudson tinha razão. Ele estava mais autoritário do que nunca. Mas era lamentável ver seu esgotamento.

— Eu só queria ajudar — expliquei.

— Exatamente! Mas a melhor ajuda será fazer o que estou dizendo!

— Certamente, Holmes.

Ele abrandou sua atitude austera.

— Não ficou zangado? — perguntou, ofegante.

Pobre sujeito! Como eu podia ficar zangado vendo-o naquela situação angustiante na minha frente?

— É para o seu próprio bem, Watson — disse, numa voz rouca.

— Para o *meu* bem?...

— Eu sei o que está acontecendo comigo. É uma doença dos cules de Sumatra, uma doença que os holandeses conhecem mais do que nós, embora lhe tenham dado pouca importância até hoje. Só uma coisa é certa: é infalivelmente mortal e tremendamente contagiosa.

Falava, agora, com uma energia febril, com as mãos magras se contorcendo e se agitando na tentativa de me manter afastado.

— Contagiosa pelo contato, Watson... sim, pelo contato. Fique longe e tudo estará bem.

— Por Deus, Holmes! Você acha que o que disse significa alguma coisa para mim, por um instante sequer? Não me afetaria se se tratasse de um estranho. Imagine se vai me impedir de cumprir meu dever para com um velho amigo.

Aproximei-me de novo, mas ele me repeliu com um olhar furioso.

— Se você ficar ali, eu falo. Do contrário, pode ir embora.

Tenho um respeito tão grande pelas qualidades excepcionais de Holmes que sempre me sujeitei às suas vontades, mesmo quando não conseguia entendê-las. Mas agora todos os meus instintos profissionais estavam alertas. Ele podia ser meu mestre em qualquer outro lugar, mas aqui eu estava no quarto de um doente.

— Holmes, você está perturbado. Um homem doente não passa de uma criança, e é assim que eu vou tratá-lo. Quer você goste ou não, vou examinar seus sintomas e medicá-lo.

— Se eu for obrigado a ter um médico, querendo ou não — ele disse, olhando-me com rancor —, deixe-me, pelo menos, ter um em que eu possa confiar...

— Então não confia em mim?

— Na sua amizade, sem dúvida. Mas fatos são fatos, Watson, e, afinal de contas, você é apenas um clínico geral com experiência limitada e dotes medíocres. É doloroso ter de lhe dizer estas coisas, mas você não me deixa escolha.

Fiquei profundamente magoado.

— Esta observação é indigna de você, Holmes. Ela me mostra claramente o estado de seus nervos. Mas, já que não confia em mim, não vou impor meus préstimos. Deixe-me trazer *sir* Jasper Meek, ou Penrose Fisher, ou qualquer um dos melhores médicos de Londres. Você precisa de um médico, e isto é definitivo. Se acha que vou ficar aqui e vê-lo morrer sem que eu o ajude ou traga algum outro médico para socorrê-lo, então você realmente não me conhece.

— Sei que quer o meu bem, Watson — disse o doente, numa voz mista de soluço e gemido. — Quer que lhe mostre sua ignorância? O que você sabe, por exemplo, sobre a febre de Tapanuli? O que sabe sobre a peste negra de Formosa?

— Nunca ouvi falar em nenhuma delas.

— Há muitas doenças desconhecidas e muitas complicações patológicas estranhas no Oriente, Watson.

Ele fazia uma pausa depois de cada frase para juntar as forças que lhe restavam.

— Aprendi muito durante algumas pesquisas que fiz recentemente, pesquisas de caráter médico-legal. Foi durante uma delas que contraí esta moléstia. Não há nada que você possa fazer.

— Pode ser que não. Mas acontece que eu conheço o dr. Ainstree, a maior autoridade viva em doenças tropicais, e ele está na cidade no momento. Não adianta fazer objeções, Holmes; vou agora mesmo buscá-lo.

Virei-me decidido a sair. Nunca experimentei tamanho choque! Num instante, com um pulo de tigre, o homem agonizante me interceptou. Escutei o estalido seco da chave trancando a porta. Em seguida, cambaleando, ele voltou para a cama, exausto e ofegante, depois do tremendo dispêndio de energia.

— Não vai tirar a chave de mim à força, Watson. Eu o prendi, amigo. Você está aqui e aqui vai ficar até quando eu quiser. Mas vou satisfazer sua vontade.

Dizia isso em rápidos arrancos, esforçando-se tremendamente para respirar entre uma palavra e outra.

— Você quer apenas o meu bem. Claro que sei disso. Você vai fazê-lo, mas dê-me tempo para recuperar minhas forças. Agora não, Watson, agora não! São quatro horas agora. Às seis poderá ir.

— Mas isto é loucura, Holmes.

— Apenas duas horas, Watson. Eu lhe prometo que poderá sair às seis. Pode esperar?

— Não tenho outra alternativa.

— E não tem mesmo, Watson. Obrigado, não preciso de ajuda para arrumar as cobertas. Mantenha distância, por favor. E agora, Watson, há uma outra condição que vou impor. Você vai procurar ajuda, mas não do médico que mencionou; será daquele que eu indicar.

— Está bem, então.

— Estas são as três primeiras palavras sensatas que você diz desde que entrou neste quarto, Watson. Ali na estante você vai encontrar alguns livros. Eu estou exausto; fico imaginando como uma bateria se sente quando joga eletricidade num mau condutor. Às seis horas, Watson, continuaremos nossa conversa.

Mas a conversa estava destinada a ser retomada muito antes da hora combinada, e em circunstâncias que me provocaram um tremendo susto, igual ao que levei quando ele trancou a porta. Eu havia ficado de pé durante algum tempo olhando a figura silenciosa na cama. O rosto estava quase todo coberto e ele parecia dormir. Incapaz de me concentrar em leituras, fiquei andando lentamente pelo quarto, olhando os retratos de criminosos famosos que adornavam as paredes. Finalmente, nessa minha perambulação, aproximei-me do consolo da lareira. *Vários* cachimbos, bolsas de fumo, seringas, canivetes, cartuchos de revólver e outros objetos estavam espalhados ali em cima. No meio de tudo isso havia uma caixinha branca e preta de marfim com uma tampa móvel. Era um objeto bonito e eu estendi a mão para pegá-lo e examiná-lo mais de perto quando... Ele deu um grito horrível, um berro que deve ter sido ouvido na rua inteira. Quando me virei, vi um rosto convulso e olhos desvairados. Fiquei paralisado com a caixinha na mão.

— Largue isso aí! Agora, Watson, agora!

Quando recoloquei o objeto no lugar, ele afundou de novo a cabeça no travesseiro e deu um suspiro de alívio.

— Detesto que mexam nas minhas coisas, Watson. Você sabe disso. Pare de me atormentar. Você, um médico, é capaz de mandar uma pessoa para o hospício... Sente-se, homem, e deixe-me descansar!

O incidente deixou em mim uma impressão extremamente desagradável. A excitação, violenta e injustificada, seguida pela brutalidade das palavras,

normalmente gentis, tudo demonstrou sua profunda desorganização mental. De todas as desgraças, a ruína de um cérebro privilegiado é a mais deplorável. Fiquei sentado, numa silenciosa mortificação, até chegar a hora marcada.

Ele parecia ter ficado de olho no relógio, como eu, porque eram quase 18 horas quando começou a falar com a mesma animação febril de antes.

— Agora, Watson — disse. — Tem dinheiro trocado?

— Tenho.

— Moedas?

— Bastante.

— Quantas meias-coroas?

— Cinco.

— Oh, muito pouco! Muito pouco! Que azar, Watson! Mas você pode colocá-las no bolsinho do relógio. Ponha o resto do seu dinheiro no bolso da calça. Obrigado. Isso vai ajudá-lo a manter seu equilíbrio.

Estava delirando! Estremeceu e novamente fez um som meio tosse, meio soluço.

— Acenda o bico de gás, Watson, mas tenha todo o cuidado para que ele não passe, nem por um momento, da metade de sua potência. Excelente. Não, não precisa fechar as cortinas. Agora, por favor, ponha algumas cartas e jornais nesta mesa, aqui perto. Obrigado. Agora, um pouco do material do consolo da lareira. Excelente, Watson. Ali está uma pinça para os tabletes de açúcar. Pegue com ela a caixinha de marfim. Coloque aqui entre os jornais. Está ótimo! Agora pode ir e trazer o sr. Culverton Smith, que mora na Lower Burke Street, 13.

Para dizer a verdade, minha vontade de ir buscar um médico tinha diminuído, porque o pobre Holmes estava delirando e me pareceu perigoso deixá-lo sozinho. Entretanto, agora ele estava tão ansioso para consultar aquela pessoa como estivera obstinado em não aceitar antes.

— Nunca ouvi falar neste nome — eu disse.

— Possivelmente não, meu bom Watson. Talvez fique surpreso ao saber que o homem que mais entende dessa doença no mundo não é um médico, mas um agricultor. O sr. Culverton Smith é um conhecido fazendeiro residente em Sumatra, agora em visita a Londres. Um surto desta moléstia em sua plantação, distante de qualquer assistência médica, obrigou-o a estudá-la profundamente, com resultados impressionantes. É uma pessoa

muito metódica e eu não queria que você fosse buscá-lo antes das seis horas porque sei que não o encontraria em casa. Se você puder convencê-lo a vir aqui, com sua excepcional experiência da doença, assunto que se tornou seu passatempo predileto, tenho certeza de que ele poderá me ajudar.

Transcrevo as palavras de Holmes sem quebrar a sequência e sem mostrar como eram interrompidas pela falta de ar, e as mãos crispadas que indicavam a dor que estava sofrendo. A aparência dele havia piorado nas poucas horas em que eu estivera ali no quarto. As manchas vermelhas no rosto estavam maiores, os olhos mais brilhantes nas cavidades ainda mais escuras e um suor frio surgira na testa. Mas ainda mantinha o tom imperioso ao falar. Até o último suspiro ele seria sempre o mestre.

— Conte-lhe exatamente como me deixou. Transmita a impressão que você tem de mim... um homem agonizante... em delírios... Para falar a verdade, não consigo entender por que o leito do mar não é uma massa sólida feita de ostras, já que elas parecem proliferar tanto. Oh, estou delirando de novo... É estranho como o cérebro controla o cérebro! O que eu estava dizendo, Watson?

— Instruções para minha conversa com o sr. Culverton Smith.

— Ah, sim, eu me lembro agora. Minha vida depende disso. Insista com ele, Watson. Não estamos em boas relações. Seu sobrinho... eu desconfiei de algo irregular... e fiz com que ele visse isso. O rapaz teve uma morte horrível. Ele tem mágoa de mim. Você vai convencê-lo, Watson. Implore, suplique, traga-o aqui de qualquer maneira. Ele pode me salvar, só ele!

— Eu o trarei num carro, mesmo que tenha de arrastá-lo!

— Nem pense em fazer uma coisa dessas! Você tem de convencê-lo a vir. E volte sozinho, antes dele. Dê uma desculpa qualquer, mas não venha com ele. Não se esqueça, Watson. Não me decepcione. Você nunca falhou antes. Não há dúvida de que existem inimigos naturais que limitam o aumento das criaturas. Você e eu, Watson, fizemos a nossa parte. O mundo deve, então, ser invadido por ostras? Não, não, é horrível! Você vai transmitir tudo o que está na sua mente!

Deixei-o e saí com a imagem de um intelecto magnífico tagarelando como uma criança retardada. Levei a chave, com medo de ele se trancar no quarto. A sra. Hudson, trêmula e chorosa, me aguardava no corredor. Quando passei por ela, ainda ouvi a voz aguda e penetrante de Holmes

numa cantoria delirante. Na rua, enquanto chamava um carro, um homem aproximou-se de mim em meio à neblina.

— Como está o sr. Holmes? — perguntou.

Era um velho conhecido, o inspetor Morton, da Scotland Yard.

— Ele está muito doente — respondi.

Ele me fitou de um modo estranho. Se não fosse perverso demais, eu diria ter visto em seu rosto, à luz do lampião, uma espécie de alegria...

— Ouvi falar — ele comentou.

O cabriolé se aproximou e eu fui embora. Lower Burke Street era uma fila de belas casas, situadas num trecho entre Notting Hill e Kensington. A casa diante da qual o cocheiro parou tinha um aspecto de sóbria respeitabilidade, com grades de ferro de estilo antigo, porta maciça de folha dupla e ornatos de bronze reluzente. Tudo combinava com o solene mordomo que apareceu, enquadrado numa claridade rósea de uma lâmpada atrás dele.

— Sim, o sr. Culverton Smith está. Dr. Watson? Muito bem, senhor, vou levar-lhe o seu cartão.

Meu nome e meu título humildes pareceram não impressionar o sr. Culverton Smith. Pela porta entreaberta ouvi uma voz alta, petulante, penetrante.

— Quem é ele? O que quer? Ora, Staples, quantas vezes eu tenho de lhe dizer que não quero ser incomodado nas minhas horas de estudo?

Seguiu-se uma série de desculpas do mordomo.

— Bem, não vou recebê-lo, Staples. Não posso interromper meu trabalho desta forma. Não estou em casa. Diga-lhe isso. Diga-lhe para voltar amanhã de manhã, se realmente precisa falar comigo.

Novamente ouvi o murmúrio respeitoso.

— Bem, bem, diga-lhe isso. Ele pode vir de manhã, ou não vir. Meu trabalho não pode ser interrompido.

Pensei em Holmes se contorcendo doente na cama e talvez contando os minutos até eu poder levar-lhe ajuda. Não era hora para cerimônias. A vida dele dependia de minha presteza. Antes que o mordomo constrangido me desse o recado, eu o empurrei e entrei na sala.

Com um grito estridente de raiva, um homem levantou-se da espreguiçadeira ao lado da lareira. Vi um rosto amarelo e grande, grosseiro e gorduroso, com uma papada acentuada e os olhos ameaçadores sob as

sobrancelhas espessas e grisalhas fixos em mim. A cabeça pontuda e calva tinha um pequeno barrete de veludo inclinado sobre um dos lados do crânio rosado. A cabeça era grande, mas quando olhei para ele vi, com espanto, que o corpo do homem era pequeno e frágil, curvado nos ombros e nas costas, como alguém que tivesse sofrido de raquitismo na infância.

— O que significa isso? — perguntou numa voz alta e estridente. — O que significa esta intromissão? Não mandei lhe dizer que só o receberia amanhã cedo?

— Lamento muito — eu disse —, mas o assunto não pode ser adiado. Sherlock Holmes...

A menção ao nome do meu amigo produziu um efeito extraordinário no homenzinho. A raiva estampada no rosto sumiu de repente. Sua expressão ficou tensa e alerta.

— Você vem da parte de Holmes?

— Acabei de deixá-lo.

— E Holmes, como está?

— Terrivelmente doente. Vim por causa disso.

Ele indicou-me uma cadeira e voltou para o seu lugar. Quando eu estava para me sentar, vi o rosto dele refletido no espelho sobre a lareira. Podia jurar que vi um sorriso malicioso e diabólico. Mesmo assim tentei convencer-me de que se tratava de algum tique nervoso, porque logo em seguida ele se virou para mim com uma expressão de verdadeira preocupação.

— Sinto muito ouvi-lo dizer isso. Só conheço o sr. Holmes por causa de uns negócios que mantivemos, mas tenho grande respeito pelo seu talento e caráter. Ele é um estudioso do crime como eu o sou das doenças. Para ele, o criminoso, para mim, o micróbio. Lá estão minhas prisões.

Ao dizer isso, apontou para uma fila de frascos e tubos de ensaio que estavam em uma mesa.

— No meio daquelas culturas gelatinosas estão cumprindo pena alguns dos piores malfeitores do mundo.

— É por causa do seu conhecimento especial que Sherlock deseja vê-lo. Ele o tem em alta conta e acha que é o único homem em Londres que pode salvá-lo.

O homenzinho estremeceu e o elegante barrete caiu no chão.

— Por quê? — perguntou. — Por que o sr. Holmes acha que eu poderia ajudá-lo agora?

— Por causa de seus conhecimentos sobre doenças orientais.

— Mas por que ele acha que a doença que contraiu é oriental?

— Ele trabalhou recentemente entre marinheiros chineses, nas docas, num caso qualquer.

O sr. Culverton sorriu com satisfação e pegou o barrete do chão.

— Oh, é isso então, hein? Acho que o caso pode não ser tão grave quanto o senhor supõe. Há quanto tempo ele está doente?

— Faz uns três dias.

— Tem tido delírios?

— De vez em quando.

— Ora, ora, isto me parece grave. Seria desumano não atender ao seu pedido de socorro. Não gosto de interromper os meus estudos, dr. Watson, mas este caso é, de fato, excepcional. Irei imediatamente com o senhor.

Lembrei-me da recomendação de Holmes.

— Tenho outro compromisso — desculpei-me.

— Muito bem, irei sozinho, então. Tenho seu endereço anotado. Prometo que estarei lá dentro de meia hora no máximo.

Com o coração apreensivo, voltei ao quarto de Holmes. Temia que o pior tivesse acontecido na minha ausência. Para meu grande alívio, porém, ele tinha melhorado bastante desde que eu saíra. Sua aparência ainda era horrível, mas não estava mais delirando e falava com uma voz fraca, é verdade, porém com mais lucidez e vivacidade do que o normal.

— E então, esteve com ele, Watson?

— Sim, ele está a caminho.

— Formidável, Watson! Formidável! Você é o melhor dos mensageiros!

— Ele queria vir comigo.

— Mas de maneira alguma. Isto não poderia ser. Ele lhe perguntou o que tenho?

— Eu falei dos chineses no East End...

— Ótimo! Bem, Watson, você fez tudo o que um bom amigo podia fazer. Pode sair de cena agora.

— Tenho de esperar para ouvir o diagnóstico dele, Holmes.

— Claro que sim. Mas tenho motivos para supor que a opinião dele será muito mais franca e valiosa se ele pensar que estamos sozinhos. Há espaço

suficiente para você se esconder atrás da cabeceira da cama, Watson.

— Holmes!...

— Receio que não haja alternativa, meu amigo. O lugar não despertará suspeita, pois não é próprio para servir de esconderijo. Creio que é o único lugar em que você poderá ficar.

Sentou-se de repente, com uma expressão rígida no rosto descarnado.

— Aí está ele, Watson. Depressa, homem, se gosta de mim! E não se mexa, aconteça o que acontecer, seja lá o que for, ouviu bem? Não diga uma palavra! Não faça um movimento! Apenas fique atento.

Logo em seguida, seu repentino acesso de energia sumiu, e sua fala, autoritária e dominadora, transformou-se no murmúrio vago e baixo de uma pessoa delirante.

Do esconderijo onde me instalei rapidamente, ouvi passos subindo a escada, a porta do quarto sendo aberta e fechada. Então, para minha surpresa, houve um longo silêncio, quebrado apenas pela respiração pesada e ofegante do doente. Eu podia imaginar o visitante de pé ao lado da cama, olhando para o meu amigo sofredor. Finalmente, o estranho silêncio foi rompido.

— Holmes! Holmes! — chamou o visitante no tom insistente de alguém que acorda um dorminhoco. — Pode me ouvir, Holmes?

Ouvi em seguida um farfalhar de panos, como se ele estivesse sacudindo o doente vigorosamente pelos ombros.

— É o sr. Smith? — murmurou Holmes. — Duvidava que viesse.

O outro riu.

— Eu já sabia — respondeu. — E mesmo assim, como vê, aqui estou. Retribuição! Retribuição!

— Foi muita bondade... muito nobre de sua parte. Eu respeito os seus conhecimentos especiais.

O visitante riu, sarcástico.

— Verdade? Felizmente, você é o único homem em Londres que o aprecia. Sabe o que há com você?

— A mesma doença — murmurou Holmes.

— Ah, então você reconhece os sintomas?

— Demais... demais...

— Bem, eu não deveria ficar surpreso, Holmes. Eu não deveria ficar surpreso se *fosse* a mesma doença. Pior para você se for ela. O pobre Victor

morreu no quarto dia, um jovem forte e saudável. Como você disse, na verdade foi surpreendente que ele tivesse contraído uma remota doença asiática em pleno coração de Londres; doença sobre a qual fiz um estudo especial. Estranha coincidência, Holmes. Você foi muito esperto em tê-la notado mas foi falta de caridade sugerir que entre os dois fatos existia relação de causa e efeito...

— Eu sabia que você a havia provocado.

— Oh, sabia, não? Bem, não podia provar, de qualquer modo. Mas o que acha de ficar me difamando e depois vir rastejando aos meus pés na hora em que está com problemas? Que tipo de jogo é esse, hein?

Ouvi a respiração difícil e entrecortada do doente.

— Quero água! — ele arquejou.

— Você está no fim, meu caro, mas não quero que morra sem escutar algumas coisas que tenho para lhe dizer. É por isso que vou dar-lhe a água. Aí está... não a beba de uma vez... está bom. Está entendendo o que eu digo?

— Faça o que puder por mim — Sherlock murmurou. — Águas passadas não movem moinho. Vou tirar da cabeça o que eu sei, juro que vou. Apenas me cure... e eu esquecerei o que sei...

— Esquecer o quê?

— Ora, sobre a morte de Victor Savage. Acabou de admitir que o matou... Eu vou esquecer isso...

— Faça como quiser, pode esquecer ou não. Não o vejo no banco de testemunhas. Vejo-o dentro de um caixão, meu caro Holmes, isso eu lhe garanto. Pouco me importa que você saiba como meu sobrinho morreu. Não estamos falando sobre ele. Estamos falando sobre você.

— Sim... sim...

— O sujeito que me procurou, esqueci seu nome, disse-me que você contraiu a doença trabalhando no East End, no meio de marinheiros.

— Só posso achar que foi isso...

— Você se orgulha da sua inteligência, não é? Acha que é esperto, hein? Agora você encontrou alguém que é mais esperto do que você. Tente lembrar-se, Holmes. Não acha que pode ter sido contaminado de outra forma?

— Não consigo pensar... a lembrança sumiu... Pelo amor de Deus, me ajude!

— Sim, vou ajudá-lo. Vou ajudá-lo a se lembrar de onde e como você pegou a peste. Gostaria que você soubesse disso antes de morrer.

— Dê-me alguma coisa para aliviar a dor...

— Está doendo, hein? Sim, os cules berravam de dor quando estavam perto do fim. É uma espécie de câimbra, imagino.

— Sim... sim... câimbras...

— Bem, de qualquer modo, pode escutar o que tenho a lhe dizer. Escute, então! Você se lembra de algum incidente incomum na sua vida, pouco antes de os sintomas aparecerem?

— Não, não, nada...

— Pense de novo!

— Estou muito doente para pensar...

— Bem, então eu vou ajudá-lo. Chegou alguma coisa pelo correio?...

— Pelo correio?

— Uma caixinha, por acaso?

— Estou desmaiando... vou morrer...

— Ouça, Holmes!

Escutei um ruído, como se ele estivesse sacudindo o homem agonizante, e eu só podia ficar quieto no meu esconderijo.

— Você tem de me ouvir! — continuou ele. — Você *vai* me ouvir! Você se lembra de uma caixinha... uma caixinha de marfim? Veio no correio de quarta-feira. Você a abriu, lembra-se?

— Sim... sim, eu a abri. Havia uma agulha movida por mola... alguma brincadeira...

— Não era nenhuma brincadeira, como vai descobrir à própria custa. Idiota, você procurou e achou! Quem lhe pediu para ficar no meu caminho? Se me tivesse deixado em paz, eu não o prejudicaria.

— Eu me lembro — Holmes sussurrou. — A mola! Tirou sangue. Aquela caixinha... aquela caixinha na mesa...

— Esta mesmo, é claro! E vou levá-la comigo, no meu bolso, quando sair. Lá se vai sua última possibilidade de prova. Mas você acabou de ouvir a verdade agora, Holmes, e pode morrer com a certeza de que eu o matei. Você sabia demais a respeito do destino de Victor Savage; de modo que resolvi que você devia ter o mesmo destino. Você está no fim, Holmes. Vou me sentar aqui e vê-lo morrer.

A voz de Sherlock Holmes tinha se transformado num murmúrio quase inaudível.

— Como? — perguntou Culverton Smith. — Aumentar a luz do gás? Ah, as sombras começam a cair, não é? Sim, eu vou aumentá-la para poder vê-lo melhor.

Ele atravessou o quarto e a luz brilhou de repente.

— Mais alguma coisinha que eu possa fazer, amigo?

— Fósforo e cigarro.

Quase gritei de alegria e espanto. Ele estava falando com sua voz normal — um pouco fraca, talvez, mas aquela voz que eu conhecia. Houve um longo silêncio e eu senti que Culverton Smith estava parado, em silêncio, olhando espantado para o meu amigo.

— O que significa isso?... — eu o ouvi perguntar finalmente, num tom seco e áspero.

— A melhor maneira de se representar com sucesso é identificar-se com o papel — respondeu Holmes. — Dou-lhe minha palavra de que nos últimos três dias não toquei em comida nem em bebida até que você teve a bondade de me dar aquele copo d’água. Mas eu senti mais falta foi do fumo. Ah, aqui estão alguns cigarros!...

Ouvi quando ele riscou um fósforo.

— Assim é muito melhor. Ora, ora, estarei escutando os passos de um amigo?

De fato, ouvi passos do lado de fora, a porta foi aberta e apareceu o inspetor Morton.

— Está tudo bem e este é o seu homem — disse Sherlock Holmes.

O policial fez as advertências habituais e concluiu:

— Eu o prendo pelo assassinato de Victor Savage.

— E pode acrescentar a tentativa de assassinato de Sherlock Holmes — comentou meu amigo com um risinho. — Para poupar trabalho a um inválido, o sr. Culverton teve a bondade de fazer o nosso sinal, inspetor, aumentando a luz do gás. A propósito, o seu prisioneiro tem uma caixinha no bolso direito do paletó que seria melhor retirar. Se eu fosse você, teria mais cuidado ao mexer nela. Ponha-a aqui. Vai ser muito importante no julgamento.

Ouvi uma corrida repentina e barulho de luta, e em seguida um tilintar de metais e um grito de dor.

— Vai apenas se machucar — disse o inspetor. — Fique quieto, está bem?

Escutei o ruído de algemas se fechando.

— Uma bela armadilha! — gritou o prisioneiro num tom estridente e ríspido. — Isso levará você à cadeia, Holmes, e não eu. Ele me pediu para vir aqui curá-lo. Senti pena e vim. Agora, sem dúvida vai alegar que eu disse alguma coisa que pode inventar, e que vai confirmar suas suspeitas doentias. Pode mentir à vontade, Holmes. Minha palavra sempre vai valer tanto quanto a sua.

— Meu Deus! — exclamou Holmes. — Esqueci-me totalmente dele! Meu caro Watson, devo-lhe mil desculpas. E pensar que eu me esqueci de você! Não é necessário que eu o apresente ao sr. Culverton Smith, porque eu sei que se conheceram há pouco. O carro está lá embaixo? Vou acompanhá-lo, inspetor, depois de me vestir, porque posso ser útil na delegacia.

— Nunca precisei tanto disso — disse Holmes, se reabastecendo com um copo de vinho e bolachas enquanto tirava a maquiagem. — Você bem sabe como meus hábitos são irregulares, e fazer o que fiz foi bem mais fácil para mim do que para a maioria das pessoas. Era indispensável que a sra. Hudson ficasse impressionada com o meu estado, já que ela transmitiria a impressão a você, e você a transmitiria a Culverton Smith. Você não vai ficar zangado, não é, Watson? Você vai perceber que, entre os seus muitos talentos, não há lugar para a dissimulação, e que, se soubesse do meu segredo, não conseguiria convencer o sr. Smith da necessidade imperiosa de sua presença, ponto vital de todo o esquema. Conhecendo a natureza vingativa dele, eu tinha certeza de que ele viria conferir o seu próprio trabalho...

— Mas e sua aparência, Holmes, seu rosto cadavérico?...

— Três dias de jejum total não ajudam a embelezar ninguém, Watson. Quanto ao resto, não existe nada que uma boa esponja não consiga curar... Com vaselina na testa, beladona nos olhos e crostas de cera nos lábios a gente consegue produzir um bom efeito. Disfarce é um assunto sobre o qual eu já pensei em escrever uma monografia. Uma conversinha de vez em quando sobre meias-coroas, ostras ou qualquer outro assunto esquisito pode produzir um efeito convincente de delírio.

— Mas por que não deixou que eu me aproximasse de você quando, na verdade, não havia perigo de infecção?

— Você ainda pergunta, meu caro Watson? Acredita que eu não tenha respeito pelos seus dotes médicos? Eu podia imaginar que, com seu julgamento perspicaz, você iria acreditar que um homem agonizante, embora fraco, não apresentasse aumento de temperatura nem pulso? Eu conseguiria enganar você a uns três metros de distância. Se não conseguisse, quem traria o sr. Smith ao alcance? Não, Watson, eu não mexeria naquela caixinha. Você mesmo pode ver, se olhar de lado, por onde a lâmina afiada pula como um dente de víbora quando a abrimos. Eu diria que o pobre Savage, que se interpôs entre o monstro e a herança, foi morto de forma semelhante. Mas minha correspondência é muito variada, como você sabe, e eu fico sempre em guarda com relação aos pacotes que me chegam. Mas ficou claro para mim que somente fingindo que ele tivera êxito na sua tentativa é que eu poderia conseguir uma confissão de culpa. Representei o papel com a perfeição de verdadeiro artista. Obrigado, Watson, ajude-me a vestir o casaco. Assim que terminarmos tudo na delegacia, creio que alguma coisa bem nutritiva no Simpson não seria inconveniente.

O CASO DO DESAPARECIMENTO DE *LADY* FRANCES CARFAX

— MAS POR QUE TURCO? — PERGUNTOU SHERLOCK HOLMES, olhando fixamente para meu sapato. Eu estava deitado em uma cadeira de vime, e meus pés esticados haviam atraído sua atenção sempre vigilante.

— Inglês! — respondi com certa surpresa. — Eu comprei em Latimer, na Oxford Street.

Ele sorriu com uma expressão de paciência entediada.

— O banho! — ele disse. — O banho! Por que o debilitante e caro banho turco em vez do revigorante artigo caseiro?

— É porque, nesses últimos dias, eu me senti velho e reumático. Um banho turco é o que chamamos, na medicina, de uma alternativa; um novo ponto de partida, um purificador do sistema. A propósito, Holmes, não tenho dúvida de que a relação entre meu sapato e o banho turco é óbvia para uma mente lógica, mas eu ficaria grato se você a explicasse para mim.

— A sequência do raciocínio não é muito difícil, Watson — ele disse, dando uma piscadela maliciosa. — Pertence à mesma categoria elementar de dedução que eu precisaria explicar se lhe perguntasse quem estava no carro com você hoje de manhã...

— Eu não acho que um novo exemplo seja uma explicação — respondi com certa aspereza.

— Bravo, Watson! Uma reclamação digna e lógica. Deixe-me ver, quais são os pontos? Vejamos, em primeiro lugar, o último. O táxi. Observe que você tem borrifos na manga esquerda e no ombro do seu casaco. Se você tivesse se sentado no meio, com toda a certeza não os teria e, caso os

tivesse, seriam simétricos. Portanto, fica claro que você se sentou de um lado. Também está claro que tinha um companheiro.

— Isto é evidente.

— Tremendamente corriqueiro, não?

— Mas e as botas e o banho turco?

— Também infantis. Você tem o hábito de amarrar suas botas de um certo jeito. Agora eu as vejo amarradas com um laço duplo e caprichado, o que não é o seu modo habitual. Assim, você as tirou. Quem as arrumou para você? Um sapateiro ou o rapaz que trabalha no banho turco. Não me parece ser o sapateiro, pois suas botas são praticamente novas. Então, o que resta? O banho. Fácil, não? Mas, por isso tudo, o banho turco serviu para alguma coisa.

— Para quê?

— Você disse que tomou o banho porque precisa de uma mudança. Deixe-me sugerir-lhe que faça uma. Que tal Lausanne, meu caro Watson, com passagens de primeira classe e todas as despesas pagas nababescamente?

— Esplêndido! Mas por quê?

Holmes recostou-se na poltrona e tirou o caderninho do bolso.

— A mulher sem amigos e nômade constitui uma das classes mais perigosas do mundo. Ela é a mais inofensiva e frequentemente a mais útil dos mortais, mas quase sempre se torna a incitadora de crimes para outras pessoas. É um pássaro migratório, tem meios suficientes para se mudar de um país para outro, e de um hotel para outro. Frequentemente fica perdida num labirinto de pensões e hospedarias humildes. É uma galinha perdida num mundo de raposas. Quando desaparece, ninguém sente sua falta. Temo que algo de ruim tenha acontecido com *lady* Frances Carfax.

Fiquei aliviado quando ele passou do geral para o particular. Consultou suas anotações.

— *Lady* Frances — ele continuou — é a única descendente direta viva do falecido conde Rufton. As propriedades da família, como você deve se lembrar, passaram para os herdeiros masculinos, de modo que ela ficou com recursos limitados, mas com antigas e extraordinárias joias espanholas de prata e diamantes curiosamente lapidados, aos quais ficou profundamente apegada; tão apegada que se recusou a deixá-los com seu banqueiro, e sempre os carrega consigo. Uma figura bastante patética essa *lady* Frances,

uma mulher bonita, no início da meia-idade e, ainda assim, por um estranho acaso, a última descendente daquilo que, há apenas vinte anos, era uma linhagem ilustre.

— O que aconteceu com ela?

— Ah, o que aconteceu a *lady* Frances? Está viva ou morta? Este é o nosso problema. Ela é uma mulher de hábitos regulares e durante quatro anos manteve o costume invariável de escrever, de duas em duas semanas, uma carta à senhorita Dobney, sua antiga governanta, já aposentada e que mora em Camberwell. Foi essa senhorita Dobney quem me consultou. Já se passaram quase cinco semanas sem uma única palavra. A última carta veio do Hôtel National, em Lausanne. Parece que *lady* Frances saiu de lá e não deixou endereço. Os parentes estão ansiosos e, como são imensamente ricos, não vão economizar para esclarecermos este caso.

— A senhorita Dobney é a única fonte de informações? Ela não se correspondia com outras pessoas?

— Há um correspondente que é uma tacada certa, Watson. É o banco. Mulheres solteiras precisam viver, e seus talões de cheques são diários condensados. Ela mantém conta no Silvester. Dei uma olhada. O penúltimo cheque sacado foi para pagar a conta de Lausanne, mas foi um cheque graúdo, o que provavelmente deve tê-la deixado com dinheiro. Desde então, apenas um cheque foi sacado.

— Em favor de quem e quando?

— Para a senhorita Marie Devine. Não há nada que mostre onde o cheque foi emitido. Foi descontado no Crédit Lyonnais em Montpellier há menos de três semanas. O total era de cinquenta libras.

— E quem é esta senhorita Marie Devine?

— Tive de descobrir isso também. Ela era a criada de *lady* Frances Carfax. Por que esta lhe pagou este cheque ainda não sabemos. Mas tenho certeza de que suas pesquisas vão esclarecer logo o caso.

— *Minhas* pesquisas?!

— Eis aí o motivo de sua saudável expedição a Lausanne. Você sabe que eu não posso sair de Londres enquanto o velho Abrahams estiver com tanto medo de morrer. Além do mais, em princípio, é melhor que eu não saia do país. A Scotland Yard se sente órfã sem a minha presença e isso provoca uma excitação mórbida entre os criminosos do país. Vá, então, meu caro Watson, e se meu humilde conselho pode ser útil à extravagante quantia de

dois pence por palavra, estará à sua disposição noite e dia, neste lado do telégrafo.

Dois dias depois eu já estava no Hôtel National, em Lausanne, onde recebi todas as atenções do sr. Moser, o conhecido gerente. Ele me informou que *lady* Frances ficara hospedada ali durante várias semanas. Todos que a conheciam gostavam muito dela. Não tinha mais de quarenta anos. Ainda era bonita e conservava sinais de ter sido uma mulher adorável na juventude. O sr. Moser nada sabia a respeito de joias valiosas, mas os empregados haviam notado que no quarto da mulher havia uma mala pesada sempre cuidadosamente trancada. Marie Devine, a criada, era tão conhecida quanto a patroa. Estava noiva de um dos chefes dos garções do hotel, de modo que não foi difícil descobrir seu endereço, rue de Trajan, 11, Montpellier. Anotei tudo isso e tive a sensação de que nem Sherlock Holmes teria apurado os fatos com tanta rapidez.

Apenas um detalhe permaneceu obscuro. Nenhuma informação de que eu dispunha explicava a partida repentina da mulher. Ela estava muito feliz em Lausanne. Havia todos os motivos para se acreditar que ela pretendia ficar durante toda a temporada no seu luxuoso apartamento que dava para o lago. Mas foi embora sem dizer uma palavra, perdendo uma semana de aluguel já pago. Somente Jules Vibart, o noivo da criada, tinha alguma sugestão a dar. Ele relacionava a partida repentina à visita ao hotel, um ou dois dias antes, de um homem alto, moreno e barbudo.

— *Un sauvage... un véritable sauvage!* — exclamou Jules Vibart.

O homem morava em algum lugar da cidade, pois fora visto antes conversando com *lady* Frances na avenida perto do lago. Depois aparecera no hotel e ela se recusara a vê-lo. Ele era inglês, mas ninguém sabia seu nome. Ela foi embora logo depois disso. Jules Vibart e, o que é mais importante, sua noiva pensavam que a visita e a partida tinham uma relação de causa e efeito. Jules só não falava sobre uma coisa — o motivo por que Marie deixara a patroa. Sobre isso ele não podia ou não queria dizer nada. Se eu quisesse saber, deveria ir a Montpellier e perguntar a ela.

Terminou assim o primeiro capítulo de minhas investigações. Dediquei o segundo ao lugar para onde *lady* Frances Carfax foi quando saiu de Lausanne. Sobre este ponto havia um certo mistério, o que confirmava a teoria de que ela partira com a intenção de despistar alguém. Do contrário, por que sua bagagem não fora endereçada abertamente a Baden? Tanto a

mulher como a bagagem chegaram à estação de Rhenish por uma rota indireta. Fiquei sabendo disso pelo gerente da agência Cook. Parti, então, para Baden, depois de enviar a Holmes um relato de tudo o que já fizera e receber, em resposta, um elogio meio irônico.

Não foi difícil seguir a pista dela em Baden. *Lady* Frances passara 15 dias hospedada no Englischer Hof. Ali fizera amizade com um tal dr. Shlessinger e a esposa, um missionário da América do Sul. Como a maioria das mulheres solitárias, ela encontrou conforto e ocupação na religião. Ela foi profundamente afetada pela personalidade marcante do dr. Shlessinger, sua devoção desinteressada, e pelo fato de estar se recuperando de uma doença contraída no exercício de suas funções apostólicas. Ela ajudava a sra. Shlessinger a tomar conta do santo convalescente. Ele passava o dia todo numa espreguiçadeira colocada no alpendre, com as duas mulheres como solícitas enfermeiras, uma de cada lado. Preparava um mapa da Terra Santa, com referência especial ao reino dos Medianistas, sobre os quais estava escrevendo uma monografia. Finalmente, com a saúde bem melhor, ele e a esposa voltaram para Londres, e *lady* Frances partira com eles. Isso acontecera apenas três semanas antes, e o gerente nada mais ouvira desde então.

Quanto à criada, Marie, partira alguns dias antes, chorando, depois de informar às outras criadas que estava deixando o serviço definitivamente. O dr. Shlessinger pagara as despesas de todo o grupo antes de partir.

— A propósito — completou o gerente —, o senhor não foi o único amigo de *lady* Frances Carfax que perguntou por ela nestes últimos dias. Há uma semana, mais ou menos, esteve aqui um senhor com o mesmo propósito.

— Ele deu o nome? — perguntei.

— Não, mas ele era inglês, embora de um tipo pouco comum.

— Um selvagem? — arrisquei, ligando os fatos à maneira de meu ilustre amigo Holmes.

— Exatamente. Esta palavra o descreve muito bem. É um sujeito corpulento, barbudo, queimado de sol, um tipo que ficaria mais à vontade numa pensão de roceiros do que num hotel de luxo. Um sujeito durão, violento eu diria, e alguém que eu lamentaria irritar.

O mistério começava a se definir, com os personagens mais nítidos à medida que a névoa ia se dissipando. Aqui estava a mulher boa e piedosa,

perseguida em todos os lugares por uma figura sinistra e insistente. Ela o temia, ou não teria fugido de Lausanne. Ele a seguiu. Mais cedo ou mais tarde ele a alcançaria. Já teria conseguido? Seria esse o segredo do prolongado silêncio de *lady* Frances Carfax? Será que seus companheiros, pessoas boas, a teriam escondido da violência e chantagem dele? Que propósito terrível, que plano obscuro estavam por trás de sua perseguição longa e implacável? Este era o problema que eu tinha de resolver.

Escrevi a Holmes mostrando-lhe com que rapidez e precisão eu atingira o âmago da questão. Sua resposta foi um telegrama pedindo uma descrição da orelha esquerda do dr. Shlessinger. O conceito de humor de Holmes às vezes é estranho e ofensivo, de modo que não dei atenção à brincadeira. Na verdade, eu já havia chegado a Montpellier com o objetivo de encontrar a criada antes de receber seu telegrama.

Não tive dificuldade em localizar a ex-criada e saber tudo o que ela podia me contar. Era uma criatura dedicada, que só deixara a patroa porque tinha certeza de que ela estava em boas mãos e também porque seu casamento se aproximava, o que causaria inevitavelmente uma separação. A patroa havia demonstrado — ela contou com desgosto — certa irritação com ela durante a estada em Baden, e chegara a interrogá-la uma vez, como se desconfiasse de sua honestidade, e isso fez com que a separação fosse mais fácil do que em outras condições. A patroa lhe dera cinquenta libras como presente de casamento. Como eu, também Marie desconfiava do estranho que fizera a mulher fugir de Lausanne. Ela mesma vira o homem agarrar com violência o pulso de *lady* Frances na alameda perto do lago. Era um sujeito terrível e selvagem. Ela acreditava que era por medo dele que *lady* Frances aceitara a companhia dos Shlessinger na volta para Londres. *Lady* Frances nunca comentara nada com Marie, mas esta sentia que a patroa vivia num permanente estado de nervosismo e apreensão. Nesta altura de sua descrição, ela pulou da cadeira com o rosto transtornado, surpreso e aterrorizado.

— Veja! — exclamou. — O desgraçado ainda está aí! É o mesmo homem de quem eu lhe falava!

Pela janela aberta da sala divisei um homem forte, moreno, com uma barba preta encrespada, descendo lentamente a rua, olhando com ansiedade os números das casas. Estava claro que ele, como eu, também estava no

encalço da criada. Agindo por impulso, corri para a rua e me aproximei dele.

— O senhor é inglês — disse-lhe eu.

— E daí? — perguntou, com cara de poucos amigos.

— Posso saber o seu nome?

— Não, não pode — respondeu com decisão.

A situação era estranha, mas o caminho reto é sempre o melhor.

— Onde está *lady* Frances Carfax? — perguntei.

Ele me fitou, aturdido.

— O que o senhor fez com ela? Por que a perseguiu? Exijo uma resposta!

O sujeito soltou um grito de raiva e pulou em cima de mim como um tigre. Sempre soube me defender em muitas brigas, mas o camarada tinha uma garra de aço e a fúria de um demônio. Apertou minha garganta e eu estava quase perdendo os sentidos quando um operário francês barbudo, vestido com uma camisa azul, saiu em disparada do bar do outro lado da rua com um pedaço de pau na mão e acertou meu agressor com um golpe seco no antebraço, o que fez com que ele largasse a presa. Ficou por alguns segundos fungando de raiva e sem saber se devia recomeçar o ataque. Finalmente, com um rugido de raiva, ele me largou e entrou na casa da qual eu acabara de sair. Eu me virei para agradecer ao meu salvador, ali parado ao meu lado na rua.

— Ora, Watson — ele disse —, que bela trapalhada você aprontou! Acho que será melhor você voltar comigo para Londres no trem desta noite.

Uma hora mais tarde, Sherlock Holmes, com sua elegância e seu estilo habituais, estava sentado no meu quarto no hotel. A explicação para o seu aparecimento repentino e oportuno era a própria simplicidade, porque, descobrindo que podia sair de Londres, decidira adiantar-se a mim no próximo passo óbvio de minhas investigações. Disfarçado de operário, sentara-se no bar, esperando que eu aparecesse.

— Você fez uma investigação extraordinariamente coerente, meu caro Watson — disse ele. — Não me ocorre agora nenhuma asneira que você tenha deixado de fazer. O resultado geral de suas investigações foi o de alarmar todo mundo e não descobrir coisa alguma.

— Talvez você tivesse feito melhor — respondi magoado.

— Não há “talvez” a respeito disso. Eu fiz melhor. Aqui está o sr. Philip Green, também hóspede deste hotel e quem pode ser o ponto de partida para

uma investigação mais bem-sucedida.

Haviam trazido um cartão de visita numa bandeja, e em seguida apareceu o mesmo vilão barbudo que me atacara na rua. Ele estremeceu quando me viu.

— O que é isto, sr. Holmes? — perguntou. — Recebi seu recado e vim. Mas o que este homem tem a ver com o caso?

— Este é meu velho amigo e parceiro dr. Watson, que está nos ajudando neste caso.

O estranho estendeu a mão grande e bronzeada, dizendo algumas palavras de desculpas.

— Espero não tê-lo machucado. Quando o senhor me acusou de tê-la ferido, me descontrolei. Na verdade, não respondo por mim nestes últimos dias. Meus nervos estão à flor da pele. A situação me desespera. O que eu desejo saber, em primeiro lugar, dr. Watson, é como diabo o senhor ficou sabendo de minha existência.

— Estou em contato com a senhorita Dobney, criada de *lady* Frances Carfax.

— A velha Susan Dobney com a touca! Lembro-me muito bem dela.

— E ela se lembra do senhor. Foi naqueles dias... naqueles dias antes de o senhor achar que seria melhor ir para a África do Sul.

— Ah, vejo que conhece toda a minha história. Não preciso esconder-lhe nada. Juro-lhe, sr. Holmes, que nunca existiu neste mundo alguém que amasse uma mulher com tanta devoção como eu amava Frances. Eu era um jovem devasso, eu sei, mas não pior do que tantos de minha idade. Mas o coração dela era puro como a neve. Ela não podia suportar uma sombra sequer de grosseria. Assim, quando ficou sabendo de algumas coisas que eu havia feito, não quis mais falar comigo. E mesmo assim ela me amava, e isso é o mais estranho, amava-me tanto a ponto de permanecer solteira durante toda sua santa vida, somente por minha causa. Com o passar do tempo, ganhei a vida em Barbeton e pensei que talvez pudesse procurá-la e abordá-la. Eu sabia que ela ainda estava solteira. Encontrei-a em Lausanne e tentei tudo o que pude. Ela ficou comovida, eu acho, mas sua vontade era forte, e quando a procurei de novo havia partido. Consegui localizá-la em Baden e depois de algum tempo ouvi dizer que sua empregada estava aqui. Sou um sujeito rude, vindo de uma vida difícil, e quando o dr. Watson falou

comigo naqueles termos perdi o controle. Mas, diga-me, pelo amor de Deus, o que aconteceu com *lady* Frances?

— Isto é o que nós temos de descobrir — respondeu Sherlock Holmes. — Qual é o seu endereço em Londres, sr. Green?

— Vai me achar no Langham Hotel.

— Posso pedir-lhe que volte para lá e fique de prontidão no caso de eu precisar do senhor? Não quero alimentar falsas esperanças, mas pode ter certeza de que será feito tudo o que for possível pela segurança de *lady* Frances. Não posso dizer mais nada por ora. Vou deixar-lhe este cartão para que possa entrar em contato conosco. Agora, Watson, se você fizer as malas, vou telegrafar à sra. Hudson e pedir que prepare o melhor que puder para dois viajantes famintos às 7h30.

Um telegrama nos aguardava na Baker Street; Holmes o leu, soltando exclamações de alegria, e o passou para mim. A mensagem dizia “Serrada ou arrancada”, e fora expedida de Baden.

— O que é isto? — perguntei.

— É tudo! Talvez você se lembre de minha pergunta aparentemente irrelevante sobre a orelha esquerda do missionário. Você não respondeu.

— Eu já havia saído de Baden e não pude perguntar.

— Exatamente. Por causa disso mandei um telegrama igual ao gerente do Englischer Hof, e aqui está a resposta.

— O que significa?

— Significa, meu caro Watson, que estamos enfrentando um homem excepcionalmente esperto e perigoso. O reverendo dr. Shlessinger, missionário vindo da América do Sul, é ninguém menos que Holy Peters, um dos vigaristas mais inescrupulosos que a Austrália já produziu; e para um país jovem até que tem apresentado alguns tipos perfeitos. A especialidade dele é enganar mulheres solitárias, explorando seus sentimentos religiosos, e sua pseudoesposa é uma inglesa chamada Fraser, uma colaboradora fiel. A tática que ele usou sugeriu-me sua identidade, e seu defeito físico, ele foi mordido com violência numa briga de bar em Adelaide, em 1889, confirmou minha suspeita. Essa pobre senhora está nas mãos de uma dupla infernal, que não teme nada, Watson. Que esteja morta é uma suposição bem plausível. Se estiver viva, com toda certeza ela se encontra em algum tipo de prisão e impedida de escrever à srta. Dobney ou a outros amigos. É possível que nem tenha chegado a Londres, ou tenha

passado pela cidade; mas a primeira suposição é improvável porque, pelo sistema de registro, não é fácil para os estrangeiros burlar a polícia do Continente; a segunda hipótese também é improvável, já que esses vigaristas não poderiam encontrar um outro local onde seja tão fácil manter uma pessoa cativa. Os meus instintos me dizem que ela está em Londres, mas como no momento não temos meios de saber exatamente onde, só podemos fazer o óbvio, ou seja, jantar e ter paciência. Mais tarde vou dar uma saída e conversar com o amigo Lestrade na Scotland Yard.

Entretanto, nem a polícia oficial nem a pequena mas eficiente organização particular de Holmes foram suficientes para esclarecer o mistério. Entre os milhões de pessoas em Londres, as que procurávamos estavam invisíveis como se nunca tivessem existido. Foram tentados anúncios em jornais, sem resultado. Pistas foram seguidas, mas levaram a nada. Todos os antros de criminosos que Shlessinger pudesse frequentar foram verificados, mas em vão. Seus antigos comparsas foram vigiados, mas não se aproximaram dele. Então, de repente, depois de uma semana de suspense, surgiu um raio de luz. Um pingente de prata, de antigo desenho espanhol, foi penhorado em Bovington, na Westminster Road. O sujeito que o penhorara era grande, sem barba, com uma aparência clerical. Naturalmente, o nome e o endereço que forneceu eram falsos. Não mencionaram o detalhe da orelha, mas a descrição, com toda certeza, era a de Shlessinger. Nosso amigo barbudo do Langham Hotel aparecera três vezes à procura de notícias; na terceira vez, uma hora depois de termos recebido novas informações... As roupas já estavam folgadas no seu corpo enorme. Parecia que, pela ansiedade que o consumia, estava definhando a olhos vistos.

— Se pelo menos o senhor me desse algo para fazer!... — era seu constante lamento. Finalmente Holmes podia satisfazê-lo.

— Ele começou a penhorar as peças. Vamos pegá-lo agora.

— Mas será que isto significa que algo de ruim aconteceu a *lady* Frances?

Holmes balançou gravemente a cabeça.

— Supondo que eles a tenham mantido cativa até agora, está claro que não a podem libertar sem arriscarem a própria destruição. Temos de nos preparar para o pior.

— O que posso fazer?

— Essas pessoas o conhecem de vista?

— Não.

— É possível que ele vá a outra loja de penhores no futuro. Nesse caso, precisamos começar de novo. Por outro lado, ele obteve bom preço e não lhe fizeram perguntas, de modo que, se estiver precisando de dinheiro, provavelmente vai voltar a Bovington. Vou lhe dar um cartão de apresentação e eles permitirão que fique na loja. Se o sujeito aparecer, deverá segui-lo. Mas sem indiscrições e, sobretudo, nada de violência. Espero que o senhor não faça nada sem meu conhecimento e consentimento.

Durante dois dias o sr. Philip Green não nos deu notícias (ele era, devo dizer, filho do famoso almirante de mesmo nome, comandante da esquadra do mar de Azof, na Guerra da Crimeia).

Na noite do terceiro dia ele entrou correndo em nossa sala, pálido, com todos os músculos do corpo possante vibrando de emoção.

— Nós o pegamos! Nós o pegamos! — gritava.

Estava incoerente em sua agitação; Holmes o acalmou com algumas palavras e fê-lo sentar-se numa poltrona.

— Calma, conte-nos os fatos pela ordem.

— Uma hora atrás ela apareceu. Foi a mulher desta vez, e o pingente que trazia faz par com o anterior. É uma mulher alta, de pele clara, com olhos de furão.

— É ela — disse Holmes.

— Quando ela saiu da loja, eu a segui. Andou até a Kennington Road e eu fiquei atrás dela. Depois entrou em uma loja. Sr. Holmes, era uma funerária!

— Sim? — perguntou Holmes numa voz vibrante que mostrava a alma impetuosa por trás do rosto impassível.

— Ela estava conversando com uma mulher atrás do balcão. Eu também entrei. “É tarde”, eu a ouvi dizer, ou qualquer coisa parecida. A atendente estava pedindo desculpas: “Já devia estar lá a esta altura”, respondeu. “Demorou mais por ser fora do comum.” As duas pararam de falar e me encararam. Fiz uma pergunta qualquer e saí.

— O senhor fez muito bem. E aí, o que aconteceu?

— Quando a mulher saiu, eu estava escondido em um portal. Eu acho que ela já estava desconfiada, porque olhou em volta. Tomou um táxi. Tive

a sorte de conseguir outro e a segui. Mais tarde ela desceu em frente ao número 36 da Poultney Square, em Brixton. Passei direto, deixei o táxi na esquina da praça e fiquei vigiando a casa.

— Viu alguém?

— Todas as janelas estavam escuras, com exceção de uma. A cortina estava descida e não consegui ver dentro da casa. Eu estava lá, de pé, pensando no que faria em seguida, quando chegou uma carroça fechada com dois homens. Eles desceram, tiraram alguma coisa da carroça e a levaram escada acima, até a porta de entrada. Sr. Holmes, era um caixão!

— Ah!

— Por um segundo eu estive a ponto de invadir a casa. A porta estava aberta para que eles passassem com a encomenda. Foi a própria mulher que a abriu. E eu continuei lá, ela me viu e creio que me reconheceu. Vi que ela estremeceu e fechou rapidamente a porta. Lembrei-me de sua recomendação e aqui estou.

— Fez um belo trabalho — disse Holmes, escrevendo alguma coisa numa folha de papel. — Não podemos fazer nada legal sem um mandado, e o senhor pode ajudar levando este bilhete às autoridades e conseguindo um. Pode haver alguma dificuldade, mas eu creio que a venda das joias seja suficiente. Lestrade cuidará de todos os detalhes.

— Mas eles podem matá-la nesse meio-tempo. O que significa o caixão e para quem é, a não ser para ela?

— Vamos fazer tudo o que for possível, sr. Green. Não perderemos um minuto sequer. Deixe o caso em nossas mãos. E agora, Watson — ele acrescentou, depois que o visitante saiu —, ele fará a polícia entrar em ação. Como sempre, nós somos as forças irregulares e temos de seguir nossa linha de ação. A situação me parece tão desesperadora que qualquer medida extrema se justifica. Não podemos perder tempo; temos de ir a Poultney Square.

“Vamos tentar reconstituir a situação”, disse Holmes enquanto passávamos rapidamente pelo edifício do Parlamento e entrávamos na Westminster Bridge. “Esses vigaristas atraíram a pobre mulher a Londres, depois de a livrarem da empregada fiel. Se ela tivesse escrito alguma carta, teria sido interceptada. Arranjaram alguma casa mobiliada, provavelmente por intermédio de algum cúmplice. Depois de estabelecidos, fizeram-na prisioneira e se apossaram das joias preciosas, objetivo da vigarice desde o

início. Já começaram a vender a fortuna, o que lhes deve parecer seguro a esta altura, pois não há motivo para acharem que alguém se interesse pelo destino de *lady* Frances Carfax. Se ela fosse libertada, naturalmente os denunciaria. Assim sendo, não pode ser libertada. Mas, ao mesmo tempo, não podem mantê-la cativa para sempre. Matá-la é a única saída."

— Isto me parece lógico.

— Vamos ver agora outra linha de raciocínio. Quando seguimos duas linhas distintas de pensamento, Watson, acabamos encontrando um ponto qualquer de ligação que leva à verdade. Vamos começar agora não da mulher, mas do caixão, e daí para trás. O fato mostra, sem dúvida, que ela está morta. Indica também um funeral ortodoxo, com atestado de óbito e os documentos legais. Se eles a tivessem assassinado, iriam enterrá-la num buraco no quintal. Mas, neste caso, tudo está sendo feito às claras e de maneira normal. O que significa isso? Certamente eles deram um jeito de ela morrer de uma maneira que enganaria o médico, e simularam uma morte natural... envenenamento, talvez. Mesmo assim me parece estranho que tenham permitido que um médico se aproximasse dela, a menos que ele também fosse um cúmplice, mas é difícil acreditar nisso.

— Mas eles não poderiam falsificar um atestado de óbito?

— É perigoso, Watson, muito perigoso. Não, não acho que eles fariam isso. Pare, cocheiro! Evidentemente aqui é a casa funerária, porque acabamos de passar pela loja de penhores. Você quer entrar, Watson? Sua aparência inspira confiança. Pergunte a que horas será o enterro de Poultney Square amanhã.

A mulher da funerária respondeu sem hesitar que seria às oito horas.

— Está vendo, Watson, não há mistério; tudo às claras! De algum modo os procedimentos legais foram cumpridos, e eles acham que não têm o que temer. Bem, nada mais resta a não ser um ataque direto. Está armado?

— Minha bengala!

— Bem, bem, seremos suficientemente fortes. "Três vezes está armado quem luta por uma causa justa." Simplesmente não podemos nos dar ao luxo de aguardar a polícia ou ficar nos limites da lei. Pode ir embora, cocheiro. E agora, Watson, vamos confiar na nossa sorte, como já fizemos algumas vezes antes.

Ele bateu com força na porta de uma casa escura e grande, no centro de Poultney Square. Ela foi aberta imediatamente e a silhueta de uma mulher

alta apareceu à luz fraca do vestíbulo.

— Sim, o que desejam? — perguntou rispidamente, espiando-nos na escuridão.

— Quero falar com o dr. Shlessinger! — respondeu Holmes.

— Não há ninguém aqui com este nome — ela disse, tentando fechar a porta; mas Holmes a impediu, colocando o pé.

— Bem, quero conversar com o homem que mora aqui, seja lá qual for o seu nome — ele insistiu.

Ela hesitou. Depois abriu a porta.

— Bem, entrem. Meu marido não tem medo de enfrentar nenhum homem no mundo.

Fechou a porta e nos conduziu a uma sala à direita da entrada, acendendo o lampião antes de sair.

— O sr. Peters estará aqui num minuto — disse.

Ela dissera a verdade, porque mal tínhamos tido tempo de dar uma olhada no lugar poeirento e cheio de traças em que estávamos quando uma porta se abriu e um homem alto, de rosto bem-barbeado e careca entrou silenciosamente na sala. Tinha uma cara redonda e vermelha, bochechas caídas e um ar de benevolência superficial, contrastando com uma boca que sugeria crueldade.

— Com certeza deve haver algum engano aqui, cavalheiros — ele disse, numa voz untuosa e solícita. — Receio que os senhores tenham se enganado de endereço. Talvez se tentarem a casa vizinha...

— Chega, não temos tempo a perder — disse Holmes com firmeza. — O senhor é Henry Peters, de Adelaide, ultimamente conhecido como o reverendo dr. Shlessinger, de Baden e da América do Sul. Tenho tanta certeza disso como de que meu nome é Sherlock Holmes.

Peters, como o chamarei daqui para a frente, tremeu e encarou seu poderoso adversário.

— Acho que seu nome não me atemoriza, sr. Holmes — ele disse com frieza. — Quando um homem tem a consciência tranquila, não há o que temer. O que o traz à minha casa?

— Quero saber o que o senhor fez com *lady* Frances Carfax, que trouxe de Baden.

— Eu ficaria contente se o senhor pudesse me dizer onde está essa senhora — respondeu Peter com frieza. — Tenho uma conta a acertar com

ela de quase cem libras e nada como garantia a não ser um par de pingentes falsos que um negociante nem sequer olharia. Ela se ligou à minha mulher e a mim em Baden, é verdade que eu usava outro nome na ocasião, e ficou grudada em nós até virmos para Londres. Paguei as despesas e a passagem dela. Depois que chegamos aqui ela sumiu e, como eu disse, deixou como pagamento essas joias antiquadas. Encontre-a, sr. Holmes, e eu ficarei grato.

— Eu quero encontrá-la mesmo! — disse Sherlock Holmes. — Vou vasculhar esta casa até achá-la.

— Onde está o mandado?

Holmes mostrou um revólver no bolso.

— Isto vai servir até que chegue um.

— Ora, então o senhor é um ladrão comum.

— Pode me descrever assim — respondeu Holmes jovialmente. — Meu companheiro também é um bandido perigoso. E juntos nós vamos examinar sua casa.

O homem abriu a porta.

— Chame a polícia, Annie! — gritou.

Ouvimos o farfalhar de um vestido no corredor e a porta da frente sendo aberta e fechada.

— Nosso tempo é curto, Watson — disse Holmes. — Se tentar nos impedir, Peters, vai se machucar. Onde está aquele caixão que foi trazido para cá?

— O que quer com ele? Está ocupado. Há um corpo dentro dele.

— Preciso ver esse corpo.

— Não permitirei.

— Então será sem a sua permissão.

Com um movimento rápido, Holmes empurrou o sujeito para o lado e entrou no vestíbulo. Diante de nós havia uma porta semiaberta. Entramos. Era a copa. Na mesa, sob um candelabro, havia um caixão. Holmes aumentou a luz do ambiente e abriu a tampa. Lá no fundo estava uma figura magrinha. À luz do candelabro vimos um rosto velho e enrugado. Nenhum processo de crueldade, fome ou doença poderia transformar o rosto ainda belo de *lady* Frances Carfax naquela ruína. O rosto de Holmes mostrou espanto e alívio.

— Graças a Deus! — murmurou. — É outra pessoa.

— Ah, o senhor se deu mal pelo menos uma vez, sr. Holmes — disse Peters, que entrara na copa atrás de nós.

— Quem é esta morta?

— Bem, se quer mesmo saber, é a velha ama de minha mulher, Rose Spender, que encontramos no Asilo de Brixton. Nós a trouxemos para cá, chamamos o dr. Horsom, de Firbank Villas, 13, se quer saber o endereço, e tratamos dela, como bons cristãos. Ela morreu no terceiro dia, o atestado de óbito diz senilidade, mas essa é apenas a opinião do médico, e naturalmente o senhor sabe mais. Contratamos os serviços funerários de Stimson and Co., da Kennington Road, que a enterrará amanhã, às oito horas. Alguma coisa ilegal nisso tudo, sr. Holmes? Cometeu um erro infantil, e a culpa é toda sua. Daria tudo por uma fotografia de sua cara embasbacada quando abriu o caixão, esperando encontrar *lady* Frances Carfax e achando somente uma pobre velha de noventa anos.

A expressão de Holmes estava impassível como sempre diante do sarcasmo de seu adversário, mas suas mãos crispadas revelavam seu aborrecimento.

— Vou vasculhar a casa — disse.

— Chegaram, finalmente! — exclamou Peters, quando a voz da mulher e passos rápidos soaram no corredor. — Vamos ver isso. Por aqui, senhores policiais, por favor. Estes dois homens entraram à força na minha casa e não consigo me livrar deles. Ajudem-me a pô-los para fora.

No corredor estavam um sargento e um soldado. Holmes tirou seu cartão do bolso.

— Este é meu nome e o endereço. Este aqui é o meu amigo dr. Watson.

— Ora, nós o conhecemos muito bem — disse o sargento —, mas o senhor não pode ficar aqui sem um mandado.

— Claro que não. Sei perfeitamente disso.

— Prenda-o! — gritou Peters.

— Sabemos onde encontrar este cavalheiro se for preciso — disse o sargento num tom solene. — Mas o senhor tem de sair, sr. Holmes.

Um minuto depois estávamos novamente na rua. Holmes se mostrava calmo como sempre, mas eu estava fervendo de raiva e humilhação. O sargento nos havia acompanhado.

— Lamento muito, sr. Holmes, mas é a lei.

— Claro, sargento, o senhor não poderia agir de outra forma.

— Espero que haja um bom motivo para sua presença lá. Se há qualquer coisa que eu possa fazer...

— Há uma senhora desaparecida, sargento, e acreditamos que ela esteja naquela casa. Estou aguardando um mandado.

— Então vou ficar vigiando, sr. Holmes. Se acontecer qualquer coisa, eu lhe comunicarei.

Eram apenas 21 horas e nós continuamos com nossas investigações. Primeiro fomos ao Asilo de Brixton, onde descobrimos que realmente um casal caridoso havia aparecido alguns dias antes e levara uma velha, antiga criada, depois de obter autorização legal para isso. Ninguém ficou surpreso com a notícia da morte da mulher. O médico foi nosso passo seguinte. Ele fora chamado e constatara que a velha estava morrendo de velhice. Na verdade, viu-a morrer e assinou o atestado de óbito.

— Garanto a vocês que tudo foi perfeitamente legal e não havia nada de estranho no caso — disse ele.

Ele não vira nada de suspeito na casa, a não ser o fato curioso de que gente daquela classe não tivesse criados. Foi tudo o que pôde nos dizer.

Finalmente fomos à Scotland Yard. Houve algumas dificuldades em relação ao mandado. A demora era inevitável. A assinatura do juiz só poderia ser conseguida na manhã seguinte. Se Holmes aparecesse ali pelas nove horas, poderia ir com Lestrade e tudo seria providenciado. Assim terminou o nosso dia, mas por volta da meia-noite nosso amigo sargento apareceu para dizer que vira luzes nas janelas da casa, mas ninguém entrara ou saíra. Só podíamos ter paciência e esperar pela manhã.

Sherlock Holmes estava muito irritado para conversar e muito inquieto para dormir. Deixei-o fumando, com as espessas sobrancelhas negras contraídas e os dedos longos e nervosos tamborilando nos braços da poltrona, enquanto tentava vislumbrar alguma solução possível para o caso. Escutei-o andando pela casa várias vezes durante a madrugada. Finalmente, logo depois que acordei de manhã, ele entrou apressado no meu quarto. Ainda vestia o roupão, mas suas olheiras profundas e seu rosto pálido me mostraram que havia passado a noite em claro.

— A que horas era o enterro? Oito, não? — perguntou ansioso. — Bem, já são 7h20. Puxa, Watson, o que aconteceu com a inteligência que Deus me deu? Depressa, homem, depressa! É questão de vida ou morte, 99% de morte e apenas 1% de vida. Jamais me perdoarei se for tarde demais!

Cinco minutos depois já estávamos voando numa carruagem pela Baker Street. Já eram 7h35 quando passamos pelo Big Ben, e às oito horas entramos na Brixton Road. Mas os outros estavam tão atrasados quanto nós. Dez minutos depois, o carro fúnebre ainda se encontrava parado diante da porta da casa, e quando nosso cavalo parou, arquejante, surgiu o caixão, levado por três homens. Holmes se adiantou e impediu a passagem.

— Levem isto de volta! — gritou, pondo a mão no peito do homem que se achava à frente. — Levem isto de volta imediatamente.

— Mas que diabo significa isso? Vou lhe perguntar de novo: onde está o mandado? — explodiu Peters, furioso, com o rosto vermelho brilhando do outro lado do caixão.

— O mandado está a caminho. O caixão deve ficar na casa até que ele chegue.

A autoridade na voz de Holmes surtiu efeito nos carregadores. Peters desapareceu de repente dentro da casa e os outros obedeceram às ordens.

— Depressa, Watson, depressa! Aqui está uma chave de fenda — gritou Holmes, depois que colocaram o caixão na mesa. — Aqui está outra chave para você, meu rapaz! Dou-lhe um soberano se tirar a tampa depressa. Não faça perguntas, mãos à obra! Ótimo! Mais uma vez! De novo! Agora vamos puxar juntos! Está funcionando! Ah, finalmente!

Com um esforço conjunto puxamos a tampa do caixão e imediatamente sentimos um cheiro forte e estonteante de clorofórmio. Dentro, um corpo com a cabeça envolvida em algodão embebido no narcótico. Rapidamente Holmes arrancou tudo e surgiu o rosto inerte e de uma bela mulher de meia-idade. Ele passou os braços em volta da mulher, fazendo-a ficar em posição sentada.

— Está morta, Watson? Ainda respira? Será que chegamos tarde demais?

Durante meia hora tivemos a impressão de que era tarde demais. Parecia que *lady* Frances não resistira à sufocação e à emanação venenosa do clorofórmio. Mas depois, finalmente, com respiração artificial, com todos os recursos disponíveis, com injeções de éter, uma vibração de vida, alguns tremores nas pálpebras e o embaçamento de um espelho mostraram o lento retorno à vida.

Pela janela Holmes viu um coche se aproximando.

— Aí está Lestrade com o mandado. Vai ver que os pássaros já fugiram. E aqui — acrescentou, ao ouvir passos apressados no corredor — está

alguém que tem mais direito de cuidar desta senhora do que nós. Bom dia, sr. Green. Creio que será melhor removê-la o quanto antes. Nesse meio-tempo, o enterro pode prosseguir e a pobre velha que ainda está no caixão pode seguir para sua última morada sozinha.

"Você deve acrescentar este caso à sua coleção, meu caro Watson", disse Holmes, à noite. "É um exemplo de eclipse temporário que acomete até mesmo as mentes mais equilibradas. Esses deslizes são comuns para a maioria dos mortais, e grande será aquele capaz de reconhecê-los e saná-los. Quero crer que tenho direito a isso. Passei a noite inteira dando tratos à bola, pensando que uma pista em algum lugar, uma frase solta, uma observação curiosa tivessem chegado ao meu conhecimento e eu as tivesse descartado com facilidade. Então, de repente, com as primeiras luzes da manhã, as palavras surgiram à minha frente. Foi a frase da mulher da casa funerária, contada por Philip Green. Ele a ouviu dizer: "Já devia estar lá a esta altura. Demorou mais por ser fora do comum". Ela estava falando do caixão. Ele era fora do comum. Só podia significar que ele fora feito com medidas especiais. Mas, por quê? Por quê? Num segundo lembrei-me do tamanho do caixão e da pequena forma no fundo. Por que um caixão tão grande para um corpo tão pequeno? Era para deixar espaço para outro corpo. Os dois corpos seriam enterrados com um só atestado de óbito. Tudo era tão claro, apenas eu não conseguira enxergar. *Lady* Frances seria enterrada às oito horas. Nossa única chance era impedir que o caixão saísse da casa. Havia uma possibilidade remota de nós a encontrarmos com vida, mas ainda assim *era* uma possibilidade, como o resultado mostrou. Aqueles vigaristas jamais cometeram um assassinato, pelo que sei. Evitariam qualquer violência até o fim. Poderiam enterrá-la sem nenhum sinal do modo como morrera, e mesmo que fosse exumada eles ainda teriam uma chance. Minha esperança era que tivessem agido dessa forma. Você pode reconstituir a cena muito bem. Você viu o cubículo horrível onde ela ficou presa tanto tempo. Eles entraram e a dominaram com o clorofórmio, trouxeram-na para baixo, puseram mais clorofórmio no caixão para impedir que ela despertasse e aparafusaram a tampa. Engenhoso, Watson. Isto é novo para mim nos anais do crime. Se nosso ex-missionário e a mulher escaparem das garras de Lestrade, tenho certeza de que ainda vou ouvir falar de outros casos brilhantes na carreira futura deles."

O CASO DO PÉ DO DIABO

ÀS VEZES, AO ESCREVER SOBRE ALGUMAS DAS EXPERIÊNCIAS curiosas e recordações interessantes ligadas à minha longa e íntima amizade com Sherlock Holmes, enfrento dificuldades por causa de sua aversão à publicidade. Seu espírito cínico sempre foi avesso a qualquer aplauso popular, e nada o divertia mais, ao fim de um caso em que tivesse obtido sucesso, do que transferir o mérito a um policial ortodoxo e ouvir, com um sorriso sarcástico, o coro de parabéns para a pessoa errada. Foi, na verdade, por causa desta atitude de meu amigo, e, evidentemente, não por falta de material interessante, que nos últimos anos eu apresentei ao público uma parte pequena dos meus registros. Minha participação em algumas de suas aventuras sempre foi um privilégio que me impunha discrição e silêncio. Foi, portanto, com grande surpresa que recebi um telegrama de Holmes na última terça-feira — ele nunca escreve uma carta quando basta um telegrama — nos seguintes termos:

> *Por que não publicar o caso de Cornish, um dos mais estranhos que já enfrentei?*

Não sei que fato fez com que ele se lembrasse do caso, ou que capricho motivou seu desejo de que eu o contasse; mas, antes que chegasse outro telegrama cancelando o primeiro, eu me apressei em coligir as anotações que relatavam o caso com detalhes precisos para apresentá-lo aos meus leitores.

Foi, então, na primavera de 1897 que a saúde férrea de Holmes começou a mostrar alguns sinais de estafa por causa do trabalho constante e duro, agravada, talvez, por sua própria imprudência. Em março daquele ano, o dr. Moore Agar, da Harley Street (cuja dramática apresentação a Holmes talvez eu conte um dia), deu ordens expressas para que o famoso detetive particular deixasse de lado todos os seus casos e se entregasse a um descanso absoluto, se quisesse evitar um colapso total.

O estado de sua saúde era um assunto pelo qual o próprio Holmes não tinha o mínimo interesse, já que seu desprendimento mental era absoluto, mas, finalmente, foi convencido, diante da ameaça de ficar permanentemente inutilizado para o trabalho, a fazer uma mudança completa de cenário e de ares. Foi assim que, no início da primavera daquele ano, partimos juntos para um pequeno chalé perto de Poldhu Bay, no ponto extremo da península de Cornish.

Era um ambiente diferente e especialmente adequado ao estado de espírito sombrio do meu paciente. Das janelas de nossa pequena casa caiada no alto de um morro coberto de relva, víamos todo o sinistro semicírculo Mounts Bay, antiga armadilha para veleiros com sua borda de precipícios negros e recifes perigosos, nos quais incontáveis homens do mar haviam morrido. A baía parecia plácida e protegida, com uma brisa do norte, um convite a embarcações castigadas por tormentas para que entrassem à procura de descanso e proteção. Então vinha o zumbido do vento, lufadas do sudoeste, arrastando âncoras, a praia surgindo e a última batalha nos rochedos espumantes. Os navegadores mais experientes se mantêm distantes desse lugar infernal.

No lado da terra a paisagem ao nosso redor era tão sombria quanto a do mar. Era uma região de charneca irregular, isolada e parda, com uma ou outra torre de igreja para indicar a existência de algum vilarejo naquele fim de mundo. Em todas as direções havia sinais de alguma raça desaparecida, que tivesse se extinguido e deixado como lembrança estranhos monumentos de pedra, lápides irregulares que continham as cinzas carbonizadas dos antepassados e curiosos trabalhos de cerâmica que indicavam um passado pré-histórico. O encanto e mistério do lugar, com seu ar sinistro de civilizações desaparecidas, eram um desafio à imaginação de meu amigo, que passava a maior parte do tempo em caminhadas e meditações solitárias pelos arredores. O linguajar arcaico de Cornish também lhe chamara a

atenção, pelo fato de que era originário dos caldeus e em grande parte derivado dos mercadores fenícios de estanho. Recebeu uma coleção de livros de filologia e estava se dedicando ao desenvolvimento de uma tese quando de repente, para tristeza minha e desenfreada alegria dele, vimo-nos, até mesmo ali, mergulhados num problema que bateu à nossa porta, mais forte, perigoso e infinitamente mais misterioso do que qualquer um dos que nos afastaram de Londres. Nossa vida, simples e pacata, e a saudável rotina foram subitamente interrompidas e fomos jogados no meio de um acontecimento que causou comoção não só em Cornwall mas também em todo o oeste da Inglaterra. Muitos de meus leitores devem ter alguma lembrança do que, na época, foi chamado de "O Terror de Cornish", embora a imprensa londrina tenha recebido um relato bastante incompleto. Agora, passados 13 anos, vou contar ao público os verdadeiros detalhes deste caso inconcebível.

Eu disse que torres espalhadas indicavam os vilarejos que pontilhavam esta região de Cornwall. O mais próximo era o povoado de Tredannick Wollas, onde os chalés de duas centenas de habitantes se agrupavam em torno de uma igreja antiga e cheia de limo. O vigário do lugar, sr. Roundhay, gostava de arqueologia, e Holmes fizera amizade com ele por causa disso. Homem de meia-idade, afável e educado, conhecia bem os fatos locais. Uma vez tomamos chá na paróquia a convite dele, e assim ficamos conhecendo também o sr. Mortimer Tregennis, um cavalheiro independente, que ajudava a aumentar os parcos recursos do clérigo alugando um quarto em sua casa grande e afastada. Sendo solteiro, o vigário ficou contente com isso, embora tivesse pouco em comum com seu inquilino, homem magro, moreno, de óculos, com um andar que dava a impressão de uma deformidade física. Lembro-me de que durante nossa rápida visita o vigário estava loquaz, mas o outro ficou estranhamente reticente, introspectivo, com um ar infeliz, sentado com os olhos baixos, aparentemente mergulhado nos próprios pensamentos.

Foram estes dois homens que entraram subitamente na nossa acanhada sala de visitas, no dia 16 de março, uma terça-feira, logo após o café da manhã, quando estávamos sentados e fumando, preparando-nos para nossa excursão diária pelos arredores.

— Sr. Holmes — disse o vigário com a voz agitada —, aconteceu um caso extraordinário e trágico esta noite. Nunca ouvi falar num negócio

assim. Só podemos agradecer à Providência o fato de o senhor estar aqui agora porque, em toda a Inglaterra, é o homem de que mais precisamos.

Lancei ao vigário intruso um olhar pouco amistoso; mas Holmes endireitou-se na cadeira, tirou o cachimbo dos lábios, atento como um velho cão de caça ao ouvir as trombetas...

Indicou o sofá ao nervoso visitante, que se sentou ao lado de seu agitado companheiro. O sr. Mortimer Tregennis estava mais controlado do que o clérigo, mas suas mãos crispadas e o brilho nos olhos escuros mostravam que estava tão emocionado quanto o outro.

— Falo eu ou o senhor? — ele perguntou ao pároco.

— Bem, como foi o senhor que fez a descoberta, seja lá o que for, e o senhor vigário ficou sabendo de modo indireto, talvez seja melhor que o senhor conte — disse Holmes.

Olhei para o vigário vestido com simplicidade e para seu companheiro em traje formal sentado a seu lado, e me diverti com a surpresa que ambos demonstraram com a simples dedução de Sherlock Holmes.

— Talvez seja melhor eu dizer antes algumas palavras — adiantou-se o vigário — e então o senhor decidirá se quer ouvir os detalhes do sr. Tregennis ou se deveremos ir imediatamente até o local deste acontecimento misterioso. Devo dizer que nosso amigo aqui passou a última noite na companhia de seus dois irmãos, Owen e George, e da irmã Brenda, na casa deles em Tredannick Wartha, perto da velha cruz de pedra. Ele os deixou pouco depois das dez da noite, e eles ficaram jogando cartas na mesa da sala de jantar, em perfeitas condições físicas e mentais. Esta manhã, como tem o costume de levantar-se cedo, antes de tomar seu café ele saiu andando naquela direção e foi alcançado pela charrete do dr. Richards, que disse ter sido chamado com urgência a Tredannick Wartha. O sr. Mortimer Tregennis foi com ele. Quando chegaram, depararam com uma situação extraordinária. Os dois irmãos e a irmã dele estavam sentados à mesa exatamente como ele os tinha deixado, com as cartas ainda espalhadas na mesa e as velas queimadas até o fim. A irmã estava rígida e morta na cadeira, enquanto os dois irmãos, um de cada lado dela, estavam rindo, gritando e cantando, completamente fora de si. Todos os três, a mulher morta e os dois loucos, ainda tinham nos rostos a expressão de um terror mortal, horrível de se ver. Na casa não havia sinal da presença de ninguém, exceto a sra. Porter, velha caseira e cozinheira, que afirmou que dormira

profundamente e nada ouvira durante a noite. Nada fora roubado ou desarrumado, e não há nenhuma explicação sobre o que pode ter apavorado tanto a mulher a ponto de matá-la e deixar dois homens fortes perderem o juízo. Esta é a situação, sr. Holmes, em resumo, e se o senhor puder nos ajudar a esclarecê-la, terá feito um grande trabalho.

Eu esperava, de algum modo, convencer meu amigo a continuar no repouso, que era o objetivo de nossa viagem; mas uma olhada para o seu rosto atento e para as suas sobrancelhas contraídas me disse que minha esperança era inútil. Ficou em silêncio durante algum tempo, pensando no estranho drama que viera interromper nossa paz.

— Cuidarei do caso — disse Holmes finalmente. — Diante do que foi exposto, parece ser um caso de natureza excepcional. O senhor esteve lá, reverendo Roundhay?

— Não, sr. Holmes. O sr. Tregennis levou a notícia até a paróquia e eu vim correndo consultá-lo.

— A que distância fica a casa onde ocorreu a tragédia?

— Mais ou menos a 1,5 quilômetro.

— Então iremos juntos até lá. Mas, antes de irmos, tenho algumas perguntas a lhe fazer, sr. Mortimer.

O outro estivera em silêncio o tempo todo, mas eu notara que sua agitação controlada era ainda mais forte do que a do vigário. Ficara sentado, com o rosto pálido e abatido, os olhos ansiosos fixos em Holmes e as duas mãos magras se contorcendo, nervosas. Seus lábios tremiam enquanto ouvia a tragédia que se abatera sobre sua família e seus olhos escuros pareciam ainda refletir um pouco do horror do espetáculo.

— Pergunte o que quiser, sr. Holmes — respondeu, ansioso. — É horrível falar a respeito disso, mas responderei com a verdade.

— Fale-me a respeito da noite passada.

— Bem, sr. Holmes, eu jantei lá, como disse o vigário, e meu irmão mais velho, George, convidou-me para um jogo de uíste logo depois. Eram umas nove horas quando começamos. Às 22h45 eu saí. Eu os deixei em volta da mesa, tão contentes como sempre.

— Quem o acompanhou até a porta?

— A sra. Porter já se deitara, de modo que saí sozinho. Fechei a porta atrás de mim. A janela do cômodo onde eles ficaram também estava fechada, mas a cortina estava aberta. Hoje de manhã a porta e a janela

estavam do mesmo jeito, e não havia motivo para pensar que algum estranho tenha estado na casa. E mesmo assim lá estavam eles, doidos varridos, e Brenda morta pelo medo, com a cabeça inclinada sobre o braço da cadeira. Nunca mais vou me esquecer da visão daquele quarto pelo resto de minha vida.

— Os fatos, como o senhor os descreve, são extraordinários — disse Holmes. — O senhor não tem nenhuma ideia do que possa ter ocorrido com eles?

— É diabólico, sr. Holmes, é diabólico! — exclamou o sr. Mortimer. — Não é coisa deste mundo. Alguma coisa entrou naquela sala e apagou a luz da razão da mente deles. Que maldade humana poderia fazer isso?

— Receio que, se o assunto não for de natureza humana, estará além do meu alcance. Mesmo assim devemos verificar todas as explicações naturais antes de aceitarmos uma teoria deste tipo. Quanto ao senhor, imagino que por algum motivo estivesse afastado do resto de sua família, já que eles moravam juntos e o senhor tem seus próprios aposentos.

— É verdade, sr. Holmes, mas o assunto pertence ao passado e está enterrado. Éramos uma família de mineiros de estanho em Redruth, mas vendemos nossa mina a uma companhia e nos aposentamos com o suficiente para o nosso sustento. Não nego que houve um certo desentendimento quanto à partilha do dinheiro, e isso nos manteve afastados durante algum tempo, mas depois tudo foi esquecido e perdoado, e éramos bons amigos.

— Voltando à noite de ontem, quando esteve com eles, lembra-se de alguma coisa que possa esclarecer um pouco esta tragédia? Pense bem, sr. Tregennis, porque qualquer pista pode me ajudar.

— Não me lembro de absolutamente nada, senhor.

— Seu pessoal estava no estado de espírito normal?

— Nunca vi melhor.

— Eram pessoas nervosas? Demonstraram alguma vez medo de um perigo iminente?

— Nada desse tipo.

— Então não tem nada a acrescentar que possa me orientar?

O sr. Mortimer pensou um pouco.

— Uma coisa me ocorre agora — disse finalmente. — Quando nós estávamos sentados à mesa, fiquei de costas para a janela e George, meu

irmão e parceiro no jogo, estava sentado de frente para ela. Em certo momento eu o vi olhar fixamente sobre meus ombros, tanto que eu também me virei para olhar. A cortina estava levantada, mas a janela fechada, e mesmo assim pude notar os arbustos do jardim e por um segundo tive a impressão de ver alguma coisa se movendo ali. Não pude dizer se era uma pessoa ou um animal, mas eu senti que havia qualquer coisa lá fora. Quando perguntei a George o que ele estava olhando, ele me disse que tivera a mesma impressão. E isso é tudo o que posso dizer.

— O senhor investigou?

— Não; o caso nos pareceu sem importância.

— Quando o senhor saiu, então, eles não tinham nenhuma premonição diabólica?

— Claro, nenhuma.

— Não entendi direito como o senhor ficou sabendo da tragédia tão cedo.

— Sou um madrugador e geralmente dou um passeio antes do café. Eu mal tinha começado a andar hoje cedo quando a carruagem do médico me alcançou. Ele me disse que a velha sra. Porter tinha enviado um menino com uma mensagem urgente. Fui com ele. Quando chegamos lá, vimos aquela cena horrorosa. As velas e a lareira deviam ter se apagado muito tempo antes, e eles ficaram sentados ali, na escuridão, até que amanheceu. O médico disse que Brenda já devia estar morta havia pelo menos seis horas. Não havia sinais de violência. Ela simplesmente estava caída no braço da cadeira, com aquela expressão no rosto. George e Owen cantavam trechos de canções e se contorciam como dois macacos. Oh, foi horrível ver aquilo! Eu não aguentei e o médico estava branco feito cera. Na verdade, ele caiu numa cadeira, como que desmaiado, e quase morreu também!...

— Notável! Realmente notável! — disse Holmes, levantando-se e pegando o chapéu. — Acho que talvez seja melhor irmos logo para Tredannick Wartha. Confesso que raramente ouvi um caso que, à primeira vista, me parecesse um problema tão fora do comum.

Nossas providências naquela primeira manhã não fizeram a investigação avançar muito. Mas, logo no início, houve um fato que deixou em mim a mais sinistra das impressões.

A estradinha que dava no local da tragédia era estreita e cheia de curvas. Quando estávamos indo para lá, ouvimos o barulho de uma carruagem vindo atrás de nós, e encostamos à beira do caminho para deixá-la passar.

Quando passou por nós, consegui ver na janela um rosto horrível e deformado, com um sorriso malévolo, olhando para nós. Aquele olhar fixo e os dentes num esgar perverso passaram rapidamente, como uma visão medonha.

— Meus irmãos — gemeu Mortimer Tregennis, com os lábios brancos. — Eles os estão levando para o Hospício de Helston.

Olhamos com horror para a carruagem negra que desaparecia no caminho. Então continuamos em direção à casa maldita na qual eles tiveram esse destino trágico.

Era uma residência grande e clara, mais uma vila do que um chalé, com um jardim grande que, naquela atmosfera de Cornish, já estava cheio de flores da primavera.

Lá estava a janela da sala que dava para o jardim e através dela, de acordo com Mortimer Tregennis, deve ter vindo o mal que, pelo simples horror, num instante arruinara o juízo de seus irmãos. Holmes andou lentamente pelos canteiros e pela alameda, pensativo, antes de entrarmos na casa.

Ele estava tão absorto nos seus pensamentos que, eu me lembro, tropeçou num regador, derramando o conteúdo e molhando nossos pés e o caminho arenoso do jardim. Na casa, fomos atendidos pela velha empregada, sra. Porter, que, ajudada por uma criada jovem, cuidava das necessidades da família. Respondeu prontamente às perguntas de Holmes. Não ouvira nada durante a noite. Seus patrões estavam em excelente estado de espírito nos últimos tempos, e ela nunca os vira mais alegres e satisfeitos. De manhã, ao entrar na sala, desmaiara, horrorizada ao ver o quadro medonho em volta da mesa. Quando recobrou os sentidos, abriu a janela para deixar entrar o ar fresco da manhã, saiu pela estrada e mandou um rapaz que trabalha numa fazenda chamar o médico. A morta estava na cama dela, no segundo andar, caso quiséssemos vê-la. Foram necessários quatro homens fortes para colocar os dois irmãos dementes no carro do hospício. A velha criada não ficaria um dia a mais na casa e voltaria naquela mesma tarde para perto de sua família, em St. Ives.

Subimos as escadas e vimos a morta. A srta. Brenda Tregennis fora uma garota muito bonita, embora estivesse agora beirando a meia-idade. Seu rosto moreno, bem delineado, era bonito, mesmo depois de morta, mas ainda havia vestígios da convulsão de terror, sua última emoção humana.

Fomos até a sala de jantar, onde ocorrera a tragédia. Na lareira ainda estavam as cinzas carbonizadas. Na mesa, os quatro candelabros e as velas totalmente consumidas, e as cartas de baralho ainda espalhadas. As cadeiras haviam sido encostadas nas paredes, mas as outras coisas estavam na mesma posição da noite anterior. Holmes andou pelo aposento, sentou-se nas várias cadeiras, colocando-as nas posições anteriores.

Do interior, verificou que parte do jardim era possível ver da janela; examinou o chão, o teto e a lareira. Mas em nenhum momento vi no rosto dele o brilho repentino dos olhos e a contração dos lábios que me teriam revelado que vira alguma luz naquela escuridão absoluta.

— Por que uma lareira? — perguntou. — Eles sempre mantinham o fogo aceso nesta sala pequena, nas noites de primavera?

Mortimer Tregennis explicou que a noite estava fria e úmida. Por causa disso, acenderam a lareira depois que ele chegou.

— O que vai fazer agora, sr. Holmes? — ele perguntou.

Meu amigo sorriu e pôs a mão no meu braço.

— Eu acho, Watson, que devo voltar a me envenenar com o fumo, coisa que você tem condenado tão frequentemente e com razão. Com sua permissão, cavalheiros, vamos voltar agora para o nosso chalé, porque eu acho que nenhuma novidade vai aparecer agora. Vou analisar os fatos, sr. Tregennis, e se me ocorrer algo naturalmente comunicarei ao senhor e ao vigário. Até lá, desejo-lhes um bom dia.

Holmes quebrou seu longo silêncio muito tempo depois de termos voltado ao chalé de Poldhu. Sentara-se encolhido na sua poltrona, com o rosto magro e contemplativo envolto numa nuvem azul de seu cachimbo, as espessas sobrancelhas castanhas e a testa contraídas, os olhos vazios e distantes. Finalmente, deixou de lado o cachimbo e levantou-se.

— Assim não dá, Watson — disse, com uma risada. — Vamos dar uma caminhada pelos campos e procurar setas de pedra. Será mais fácil achá-las do que encontrar pistas para o nosso caso. Deixar o cérebro trabalhar sem alimentá-lo com material suficiente é o mesmo que exigir demais de um motor. Ele se reduz a pedaços. A brisa marinha, a luz do sol, e paciência, Watson... todo o resto virá.

— Agora, Watson — disse, enquanto contornávamos os rochedos —, vamos definir com calma a nossa posição. Vamos nos apegar ao pouco que

já sabemos, de modo que, se houver fatos novos, estaremos prontos para encaixá-los nos devidos lugares. Em primeiro lugar, temos de admitir que nenhum de nós aceita este caso como intrusões diabólicas em assuntos humanos. Vamos começar tirando essas ideias da cabeça. Muito bem. Temos três pessoas que foram perversamente atingidas por um agente humano, consciente ou inconsciente. Isto é certo. E agora, quando ocorreu isso? Evidentemente, supondo que o relato do sr. Mortimer Tregennis seja verdadeiro, foi logo depois que ele saiu da casa. Este é um ponto muito importante. A suposição é que tenha ocorrido poucos minutos depois. As cartas ainda estavam na mesa. Já passara da hora em que eles costumavam dormir. Mesmo assim não mudaram de posição nem afastaram as cadeiras. Repito, portanto, que o fato ocorreu logo após a partida do irmão, e antes das 11 horas. Nosso próximo passo, logicamente, é verificar, até onde pudermos, os movimentos de Mortimer Tregennis depois que saiu da casa. Não há dificuldades quanto a isso, e eles não me parecem suspeitos. Você, que conhece meus métodos, também sabe que, derrubando o regador, consegui uma impressão mais nítida de suas pegadas do que conseguiria de outra forma. O caminho cheio de areia a imprimiu maravilhosamente. A noite de ontem estava úmida, como sabe, e não foi difícil, depois de ter conseguido o modelo, seguir suas pegadas no meio de outras e acompanhar seus movimentos. Parece que ele foi para a paróquia, andando rapidamente. Se Mortimer Tregennis saiu de cena e alguém de fora perturbou os jogadores, como poderemos descrever essa pessoa e que tipo de horror ela transmitiu? A sra. Porter pode ser descartada. Ela, evidentemente, é inofensiva. Existe alguma prova de que alguém tenha espiado pela janela do jardim e, de algum modo, provocado um efeito tão terrível naqueles que o viram a ponto de enlouquecerem? A única sugestão neste sentido vem do próprio Mortimer Tregennis, que afirmou que seu irmão mencionou algum movimento no jardim. Isto, sem dúvida, é extraordinário, já que a noite estava chuvosa, nublada e escura. Qualquer um que quisesse assustar aquelas pessoas seria obrigado a encostar a cara na vidraça para ser visto. Há um canteiro, de mais ou menos um metro, perto da janela, mas sem nenhuma marca de pés. Fica difícil imaginar como uma pessoa, do lado de fora, conseguiu causar uma impressão tão terrível no grupo, e não descobrimos um motivo plausível para um atentado tão estranho e complexo. Percebe as nossas dificuldades, Watson?

— São bastante claras — respondi com convicção.

— E mesmo assim, com um pouco mais de material, poderíamos provar que elas não são intransponíveis. Creio que no meio de seu vasto arquivo, Watson, você vai encontrar alguns casos que eram tão estranhos quanto este. Por enquanto vamos deixar o assunto de lado até termos mais alguns dados disponíveis, e vamos dedicar o resto de nossa manhã à perseguição do homem neolítico.

Já devo ter comentado a respeito da capacidade mental do meu amigo em se desligar, mas eu nunca ficara tão admirado com isso como naquela manhã em Cornwall; durante duas horas ele discorreu sobre os celtas, pontas de flechas e cacos de cerâmica com tanta tranquilidade como se não houvesse um mistério sinistro esperando que ele o esclarecesse.

Só voltamos ao nosso chalé à tarde e encontramos um visitante nos aguardando, o que nos fez pensar novamente no caso. Ninguém precisava nos dizer quem era o visitante. O corpo volumoso, o rosto de traços marcados e rugas profundas, os olhos ferozes e o nariz de águia, os cabelos grisalhos que quase varriam o teto do chalé, a barba — loura nas pontas e branca ao redor dos lábios, a não ser pela mancha de nicotina de seu eterno charuto —, tudo isso era tão conhecido em Londres quanto na África, e só podia ser associado à imponente figura do dr. Leon Sterndale, o grande caçador de leões e explorador.

Sabíamos de sua presença na região e uma ou duas vezes nós o tínhamos visto nas estradas locais. Mas ele não se aproximara de nós, nem nós sequer sonharíamos fazer isso, já que todo mundo sabia que fora seu amor pela solidão que o levara a passar a maior parte dos intervalos entre suas viagens num pequeno bangalô escondido nas matas isoladas de Beauchamp Arriance. Ali, entre seus livros e mapas, vivia totalmente solitário, cuidando de si mesmo e aparentemente não se importando com a vida de seus vizinhos. Portanto, foi uma surpresa para mim ouvi-lo perguntar a Holmes, numa voz ansiosa, se meu amigo havia feito algum progresso na reconstituição do misterioso episódio.

— A polícia local está completamente sem ação — disse o visitante —, mas talvez o senhor, com sua grande experiência, tenha alguma explicação cabível. O motivo de lhe perguntar isso é que, durante as várias vezes em que estive aqui, fiquei conhecendo muito bem a família Tregennis. Na verdade, posso até mesmo chamá-los de primos, pelo lado materno, e o

trágico destino deles naturalmente foi um tremendo choque para mim. Eu já estava em Plymouth, a caminho da África, mas, como fiquei sabendo da notícia hoje de manhã, voltei diretamente para cá, a fim de ajudar nas investigações.

Holmes ergueu as sobrancelhas.

— O senhor, então, perdeu o navio?

— Tomarei o próximo.

— Céus! Isso é que é amizade!

— Eu lhe disse que são parentes.

— É verdade, primos por parte de mãe. A sua bagagem já estava a bordo?

— Uma parte; mas a principal ainda está no hotel.

— Sei. Mas com certeza a notícia ainda não estava nos jornais de Plymouth hoje de manhã.

— Não. Eu recebi um telegrama.

— Posso saber de quem?

Uma sombra passou pelo rosto desolado do caçador.

— O senhor faz muitas perguntas, sr. Holmes.

— É a minha profissão.

Com um esforço, o dr. Sterndale recuperou a serenidade.

— Não tenho nenhum motivo para não lhe dizer. Foi o sr. Roundhay, o vigário, que me mandou o telegrama que me trouxe de volta.

— Obrigado — disse Holmes. — Para responder à sua primeira pergunta, digo que ainda não tenho uma ideia muito precisa do caso, mas tenho grande esperança de chegar a uma conclusão. Seria prematuro dizer mais.

— O senhor se importaria de me dizer se sua suspeita aponta para alguma direção específica?

— Não tenho condições de responder.

— Então, perdi meu tempo e não devo mais prolongar a visita.

O famoso caçador saiu do chalé irritado e mal-humorado. Holmes o seguiu cinco minutos depois. Só fui vê-lo novamente à noite, quando voltou em passos lentos e com a fisionomia carrancuda, o que me mostrou que não progredira nas investigações. Deu uma olhada rápida num telegrama que o aguardava e o jogou no fogo.

— Veio do Plymouth Hotel, Watson — ele disse. — Fiquei sabendo do nome pelo vigário e mandei um telegrama para verificar se a história do dr.

Leon Sterndale era verdadeira. Parece que ele realmente passou lá a noite de ontem e deu ordens para algumas de suas malas seguirem para a África, enquanto voltava para estar presente nas investigações. O que você acha, Watson?

— Ele está profundamente interessado.

— Sim, muitíssimo interessado. Há um fio aqui que ainda não conseguimos pegar, e que pode conduzir através desse emaranhado. Ânimo, Watson, porque tenho certeza de que ainda não temos todo o material nas mãos. Quando o tivermos, superaremos todas as dificuldades.

Eu mal suspeitava que as palavras de Holmes se tornariam realidade em pouco tempo, nem imaginava o curso estranho e sinistro que o caso tomaria, abrindo uma nova frente de investigação.

Eu estava me barbeando de manhã, perto da janela, quando ouvi o tropel de cavalos e, ao olhar, vi uma charrete vindo a todo o galope pela estrada. Parou diante da nossa porta e o vigário desceu e passou correndo pelo jardim. Holmes já estava vestido, e descemos rapidamente para receber o visitante. Ele estava tão nervoso que mal conseguia falar, mas, finalmente, ofegando e arfando, contou-nos sua história trágica.

— O diabo está à solta, sr. Holmes! O diabo tomou conta de minha pobre paróquia! — exclamou. — O próprio Satanás está aí! Estamos à sua mercê!

O pobre vigário estava tão agitado que parecia dançar, uma figura que seria ridícula não fossem seu rosto pálido e os olhos assustados. Finalmente conseguiu contar a notícia terrível.

— O sr. Mortimer Tregennis morreu ontem à noite, exatamente com os mesmos sintomas de sua família!

Holmes levantou-se de um salto, com uma energia repentina.

— Pode levar-nos no seu carro?

— Sim.

— Watson, vamos adiar nosso café. Sr. Roundhay, estamos inteiramente à sua disposição. Depressa, depressa, antes que as coisas sejam desarrumadas.

O inquilino do vigário ocupava dois cômodos, um em cima do outro, numa das extremidades da casa paroquial. O de baixo era uma sala espaçosa, o outro, o quarto. Ambos davam para um campo de croqué que ficava diante das janelas. Havíamos chegado antes do médico e da polícia, de modo que tudo estava intocado. Vou descrever a cena exatamente como

a vimos naquela nublada manhã de março. Deixou-me uma impressão que jamais se apagará de minha memória. A atmosfera do quarto era horrivelmente sufocante e depressiva. A criada, que entrara antes no local, abrira as janelas, do contrário estaria ainda pior. Isto era devido, em parte, ao fato de que um lampião ainda estava aceso e fumegante na mesa do centro. Ao lado dela estava o morto, recostado na cadeira, a barba rala esticada para a frente, com os óculos puxados sobre a testa, o rosto magro e moreno virado para a janela e contorcido pelo mesmo terror que marcara as feições de sua irmã. Seus membros estavam contraídos e as mãos crispadas, como se tivesse morrido num paroxismo de medo. Estava todo vestido, embora houvesse sinais de tê-lo feito às pressas. Já sabíamos que havia dormido na cama e que morrera nas primeiras horas da manhã.

Percebia-se a energia que havia por trás da fleuma exterior de Holmes na súbita mudança que se operou nele a partir do momento em que entrou no apartamento. Ficou instantaneamente tenso e alerta, os olhos brilhando, o rosto sério, as mãos trêmulas numa expectativa ansiosa. Andou pela grama ao redor da casa, olhou pela janela, examinou a sala e o quarto em cima, como um cão de caça farejando a presa. Fez uma inspeção rápida no quarto e acabou abrindo a janela, o que parece ter-lhe dado novo motivo para excitação, porque inclinou-se para fora, com exclamações de interesse e satisfação. Em seguida desceu apressadamente a escada e atirou-se pela janela aberta, caindo no gramado, então levantou-se e voltou para a sala com a energia de um caçador no rastro da presa.

Examinou o lampião, de um modelo comum, com muita atenção, fazendo algumas medições de sua capacidade. Com a lente, examinou cuidadosamente a fuligem que cobria a parte superior e raspou um pouco das cinzas que tinham ficado grudadas na superfície, colocando-as num envelope que guardou no caderninho de bolso. Finalmente, logo após a chegada do médico e de um policial, fez sinal para mim e para o vigário e nós três saímos para o gramado.

— Fico contente em dizer que minha investigação não foi totalmente inútil — ele contou. — Não posso ficar aqui para discutir o caso com o policial, mas ficaria imensamente grato, sr. Roundhay, se o senhor apresentasse a ele meus cumprimentos e lhe pedisse que prestasse atenção na janela do quarto e no lampião da sala. Cada um é bem sugestivo e, juntos, são conclusivos. Se a polícia quiser mais alguma informação, terei

prazer em receber qualquer um deles no meu chalé. E agora, Watson, acho que nosso tempo poderia ser mais bem empregado em outro lugar.

Talvez a polícia tenha ficado ressentida com a intromissão de um amador, ou pensava que estivesse numa linha promissora de investigação. Mas o fato é que durante dois dias não tivemos nenhuma notícia. Holmes passou boa parte desses dois dias fumando e pensando, no chalé, mas na maior parte do tempo deu longas caminhadas solitárias pelos campos da região, voltando horas depois sem dizer onde estivera.

Uma experimentação dele mostrou-me sua linha de investigação. Tinha comprado um lampião exatamente igual ao que ficara aceso na casa de Mortimer Tregennis no dia da tragédia. Ele o encheu com o mesmo fluido usado na paróquia e marcou cuidadosamente o tempo que levava para ser consumido. Outra experiência que fez foi tão desagradável que provavelmente jamais vou esquecer.

— Você se lembra, Watson — ele comentou certa tarde —, de que existe um ponto comum nas narrativas que ouvimos. Este ponto é o efeito que a atmosfera de cada ambiente produziu em quem entrou primeiro. Lembre-se de que Mortimer Tregennis, ao descrever a sua última visita à casa dos irmãos, comentou que o médico, ao entrar na sala, caiu numa cadeira? Esqueceu? Bem, eu estou lembrado disso. Agora lembre-se de que a sra. Porter, a empregada, nos contou que, quando entrou na sala, ela também desmaiou, e mais tarde abriu a janela. No segundo caso, a tragédia do próprio Mortimer, você certamente se recorda da horrível sufocação na sala quando chegamos, embora a empregada já tivesse aberto a janela. Essa empregada, descobri na investigação, sentiu-se tão mal que teve de deitar-se. Você vai admitir, Watson, que esses detalhes são muito significativos. Em todos eles há uma indicação de atmosfera venenosa. Neles havia, também, combustão no ambiente: no primeiro, na lareira, e no segundo, no lampião. A lareira estava apagada, mas o lampião, aceso, uma comparação do fluido mostra isso, muito tempo depois que amanhecera. Por quê? Seguramente porque existe alguma ligação entre as três coisas: a combustão, a atmosfera sufocante e, finalmente, a loucura ou morte dos infelizes. Está claro, não?

— Parece que sim.

— Pelo menos devemos aceitá-la como uma hipótese plausível. Vamos supor, então, que alguma coisa foi queimada em cada caso e que produziu

emanações que causaram efeitos tóxicos estranhos. No primeiro caso, o da família Tragennis, a substância foi posta na lareira. A janela estava fechada mas o fogo produziria fumaça que sairia em parte pela chaminé. Por isso era de se esperar que os efeitos do veneno fossem menos eficazes do que no segundo caso, em que havia menos escapamento do vapor. O resultado parece mostrar que foi assim, porque, no primeiro caso, apenas a mulher morreu, talvez por ter um organismo mais sensível, enquanto os outros manifestaram uma loucura, temporária ou definitiva que, evidentemente, é o primeiro efeito da droga. No segundo caso, o resultado foi completo. Assim sendo, parece que os fatos sustentam a teoria de um veneno que funciona quando é queimado. Com esta sequência de raciocínio, naturalmente vasculhei a sala de Mortimer Tregennis à procura de algum vestígio dessa substância. O óbvio seria encontrá-la no lampião. De fato, lá encontrei uma camada de cinza e nas bordas um punhado de pó castanho, ainda não consumido. Raspei a metade, como viu, e guardei o material no envelope.

— Por que só a metade, Holmes?

— Meu caro Watson, não é do meu feitio atrapalhar o trabalho da polícia. Deixei para ela todas as provas que encontrei. O veneno ainda está lá no lampião, se ela quiser examiná-lo. E agora, Watson, vamos acender o nosso lampião. Mas vamos tomar o cuidado de deixar a janela aberta para evitar o desaparecimento prematuro de dois dignos membros da sociedade. Sente-se na poltrona, perto da janela aberta, a menos que, como pessoa sensata, não queira participar da experiência. Oh, vai me ajudar, não? Eu sabia que conhecia o meu Watson. Vou colocar minha poltrona bem em frente à sua, de modo que ficaremos cara a cara e à mesma distância do veneno. Deixaremos a porta entreaberta. Cada um de nós estará numa posição que permite vigiar o outro e suspender a experiência se os sintomas forem perigosos. Está tudo claro? Bem, então vou pegar o pó do envelope, ou o que resta dele, e colocá-lo no lampião aceso. Ótimo! E agora, Watson, vamos nos sentar e esperar os resultados.

Não tivemos de esperar muito. Eu mal havia me sentado quando comecei a sentir um cheiro forte e almiscarado, penetrante, repugnante. À primeira inalação, meu cérebro e meus sentidos ficaram fora de controle. Uma nuvem espessa e negra girava na minha frente e meu cérebro me dizia que nela, ainda que invisível mas prestes a saltar sobre os meus sentidos

embotados, estava todo o horror, tudo o que havia de monstruoso e incrivelmente perverso no mundo. Formas vagas e indefinidas rodopiavam e dançavam no meio da nuvem escura, cada uma delas uma ameaça e uma advertência de algo que se aproximava, algo de inenarrável chegando à porta, e sua sombra já bastaria para fulminar minha alma. Um medo gelado me dominou. Senti meus cabelos ficarem em pé, os olhos querendo saltar das órbitas, a boca aberta e a língua como um pedaço de couro. Dentro de meu cérebro o turbilhão era tamanho que alguma coisa acabaria estourando. Tentei gritar e ouvi vagamente o som rouco em que se transformara minha voz, distante e fora de mim.

Nesse momento, num esforço para escapar, rompi aquela névoa de desespero e vi no rosto de Holmes, branco, rígido e cheio de terror, a mesma expressão que eu vira no rosto dos mortos. Foi essa visão que me deu um momento de lucidez e força. Dei um salto da minha poltrona, coloquei os braços em volta de Holmes e saímos cambaleando pela porta; em seguida nos jogamos na grama e ali ficamos, lado a lado, percebendo apenas a gloriosa luz do sol que irrompia pela infernal nuvem de terror que nos envolvia. Lentamente ela se dissipou na nossa mente, como a neblina dos brejos, até que recuperamos a calma e a razão, e ficamos sentados na grama, limpando o suor viscoso de nossas testas e olhando apreensivos um para o outro, para observar os últimos vestígios da experiência terrível pela qual havíamos acabado de passar.

— Palavra de honra, Watson! — disse Holmes, finalmente, com voz trêmula. — Devo-lhe um agradecimento e um pedido de desculpas. Foi uma experiência injustificável para mim sozinho, e ainda mais para um amigo. Lamento muito.

— Você sabe — respondi emocionado, pois nunca vira tanto carinho nele antes — que é uma grande alegria e um privilégio ajudá-lo.

No mesmo instante Holmes voltou a ser o homem meio irônico e cínico, exibindo sua atitude habitual para com as pessoas que se preocupavam com ele.

— Seria desnecessário nos fazer enlouquecer, meu caro Watson. Um observador casual diria que já estávamos loucos quando fizemos a experiência insensata. Confesso que não imaginava que o efeito pudesse ser tão rápido e intenso.

Ele entrou correndo no chalé e voltou com o lampião fumegante, mantendo-o afastado do rosto, e o atirou num monte de espinheiros.

— Temos de esperar até que a sala fique arejada. Suponho, Watson, que já não haja mais nenhuma dúvida a respeito do modo como as tragédias ocorreram?

— Nenhuma.

— Mas o caso continua tão misterioso como antes. Vamos nos sentar no caramanchão e analisar o assunto. Parece que aquela coisa maldita ainda está apertando minha garganta. Temos de admitir que todos os indícios apontam Mortimer Tregennis como o autor da primeira tragédia, embora tenha sido vítima na segunda. Em primeiro lugar devemos nos lembrar de que houve uma briga na família, seguida de reconciliação. Não sabemos qual foi a gravidade da briga nem a sinceridade da reconciliação. Quando me lembro de Mortimer Tregennis, com sua cara de raposa e os olhinhos maldosos por trás dos óculos, não consigo ver nele um homem que eu julgaria capaz de perdoar. Bem, em segundo lugar você deve se lembrar de que a história de alguém andando no jardim, que desviou um pouco nossa atenção da verdadeira causa da tragédia, partiu dele. Tinha motivo para tentar nos despistar. E depois, se não foi ele mesmo quem jogou a substância na lareira quando saiu, quem foi? O fato aconteceu logo após a saída dele. Se outra pessoa tivesse entrado na casa, a família certamente teria se levantado da mesa. Além do mais, nesta Cornwall pacata, as visitas não aparecem depois das dez horas. Temos de aceitar, portanto, que todos os indícios apontam para Mortimer Tregennis como o criminoso.

— Então ele se suicidou?

— Bem, Watson, diante dos fatos, isso não é uma suposição impossível. O homem, que tinha na alma a culpa de dar à sua própria família esse destino, podia muito bem ser levado pelo remorso a fazer o mesmo com si próprio. Entretanto, há fortes argumentos contra isso. Felizmente existe um homem na Inglaterra que sabe tudo a respeito disso, e fiz alguns arranjos para que ele mesmo conte todos os fatos esta tarde. Ah, ele está chegando um pouco antes da hora. Por aqui, dr. Sterndale. Fizemos uma experiência química na sala que deixou o ambiente impróprio para recebermos um visitante tão ilustre.

Escutei o rangido do portão do jardim e surgiu a figura imponente do famoso explorador africano. Ele se dirigiu, um tanto surpreso, para o

caramanchão rústico onde estávamos sentados.

— O senhor me chamou, sr. Holmes. Recebi seu recado há uma hora e vim, embora não saiba por que deva obedecer às suas intimações.

— Talvez possamos esclarecer a questão antes de nos separarmos — respondeu Holmes. — Enquanto isso, fico-lhe muito grato por atender à solicitação. Desculpe-nos por esta recepção informal ao ar livre, mas meu amigo Watson e eu quase fornecemos um capítulo adicional ao que os jornais andam chamando de “O Terror de Cornish”, de modo que preferimos um ar limpo, no momento. Talvez, já que os assuntos que vamos discutir o afetam pessoalmente, seja bom que conversemos onde não haja intrusos nos ouvindo.

O caçador tirou o charuto da boca e olhou para o meu amigo com uma expressão severa.

— Não consigo imaginar o que o senhor tem para me dizer que possa me afetar pessoalmente.

— O assassinato de Mortimer Tregennis.

Por um momento desejei estar armado. O rosto feroz de Sterndale ficou vermelho de raiva, os olhos brilharam, as veias saltaram na testa enquanto ele avançava em direção ao meu amigo, com os punhos cerrados. Ele parou de repente, e com grande esforço recuperou uma calma fria e rígida que talvez fosse mais perigosa do que a explosão de ódio.

— Vivi tanto tempo entre os selvagens e longe da lei — ele disse — que peguei a mania de fazer justiça por mim mesmo. Será bom que não se esqueça disso, sr. Holmes, porque não desejo lhe fazer nenhum mal.

— Eu também não desejo lhe fazer nenhum mal, dr. Sterndale. A maior prova disso é que, sabendo o que sei, mandei chamar o senhor, e não a polícia.

O visitante sentou-se com um suspiro, talvez intimidado pela primeira vez em sua vida de aventuras. Era difícil resistir à segurança e à calma que havia na atitude de Holmes. O explorador hesitou, por alguns segundos, com as mãos grandes se abrindo e se fechando em sua agitação.

— O que quer dizer? — perguntou, finalmente. — Se se trata de um blefe seu, escolheu a pessoa errada para a tentativa, sr. Holmes. Vamos parar de rodeios. O que o senhor está insinuando?

— Vou contar-lhe — disse Holmes — e o motivo por que o faço é que espero que franqueza produza franqueza. Meu próximo passo depende de

sua defesa.

— Minha defesa?

— Sim, senhor.

— Contra o quê?

— Contra a acusação de matar Mortimer Tregennis.

Sterndale enxugou a testa com um lenço.

— Palavra de honra, o senhor está indo longe demais. Todos os seus sucessos dependem de seu prodigioso poder de blefar?

— O blefe — respondeu Holmes com severidade — está do seu lado, dr. Sterndale, não do meu. Como prova, vou contar-lhe alguns fatos nos quais baseei minhas conclusões. O que primeiro me alertou para o fato de o senhor ter alguma coisa a ver com esse drama foi seu retorno de Plymouth, deixando que algumas de suas malas seguissem para a África...

— Eu voltei...

— Já ouvi seus motivos e os considero inadequados e pouco convincentes. Deixemos isso de lado. Voltou aqui para me perguntar de quem eu suspeitava. Recusei-me a responder. O senhor, então, foi para a paróquia e durante algum tempo esperou do lado de fora e voltou depois para sua cabana.

— Como sabe disso?

— Eu o segui.

— Não vi ninguém.

— Pode esperar mesmo não ver ninguém quando eu o seguir. Passou a noite acordado na sua cabana e elaborou planos que pôs em prática logo ao amanhecer. Saiu da cabana bem cedinho, pôs no bolso algumas pedrinhas vermelhas que ficam num montinho ao lado do seu portão.

Sterndale estremeceu e encarou Holmes, aturdido.

— Percorreu rapidamente a distância que separa sua cabana da paróquia. Devo dizer que estava usando o mesmo par de tênis que usa agora. Na paróquia, passou pelo pomar e pela cerca, ficando debaixo da janela de Tregennis. O dia já estava claro, mas o inquilino ainda dormia. Tirou algumas pedrinhas do bolso e as atirou na janela, logo acima.

Sterndale levantou-se.

— Eu acho que o senhor é o próprio diabo! — exclamou.

Holmes sorriu com o cumprimento.

— Foram necessários dois ou três punhados de pedras até que o inquilino surgisse à janela. O senhor fez-lhe sinal para que descesse. Ele se vestiu apressadamente e desceu até a sala. O senhor entrou pela janela. Houve uma conversa rápida, durante a qual o senhor ficou andando de um lado para outro na sala. Depois saiu, fechou a janela e ficou esperando no gramado, fumando seu charuto e observando o que acontecia. Finalmente, depois que Tregennis morreu, o senhor foi embora rapidamente, como havia chegado. E agora, dr. Sterndale, como o senhor justifica sua conduta, e quais os motivos de seus atos? Se tentar mentir para mim ou tentar me enganar, dou-lhe minha palavra de que o assunto não mais ficará em minhas mãos.

O rosto de nosso visitante ficou branco como cera ao ouvir as palavras de acusação. Ficou sentado em silêncio durante algum tempo com a cabeça apoiada nas mãos. Depois, com um gesto brusco, tirou da carteira uma foto, que jogou diante de nós.

— Aí está por que eu fiz isso — ele disse.

O retrato mostrava o busto e o rosto de uma mulher lindíssima. Holmes inclinou-se para olhar.

— Brenda Tregennis — disse.

— Sim, Brenda Tregennis — repetiu o visitante. — Eu a amei durante anos. E durante anos ela me amou. Este é o segredo de minha reclusão em Cornish, que tem intrigado todo mundo. Esse amor me trouxe para perto da única coisa no mundo que eu queria. Não podia me casar com ela, porque tenho uma esposa que me abandonou há muito tempo e, mesmo assim, pelas leis deploráveis da Inglaterra, não pude me divorciar. Brenda esperou durante anos. Eu também. E esperamos para ter este final trágico.

Um suspiro profundo fez estremecer aquela figura enorme e ele apertou a garganta sob a barba. Depois, com esforço, conseguiu controlar-se e continuou.

— O vigário sabia do nosso segredo. Ele poderá dizer-lhe que ela era um anjo na terra. Foi por isso que me telegrafou e eu voltei. Que me importavam as malas e a África quando fiquei sabendo do que acontecera com o meu amor? Aí está o elo que faltava para explicar a minha ação, sr. Holmes.

— Prossiga — pediu Holmes.

O dr. Sterndale tirou do bolso um pacotinho e o colocou na nossa frente. No papel do embrulho estava escrito *“Radix pedis diaboli”*, com uma etiqueta vermelha embaixo, indicando tratar-se de veneno. Empurrou-o em minha direção.

— Sei que o senhor é médico. Já ouviu falar desta planta?

— Raiz pé do diabo. Não, nunca ouvi.

— Isto não desmerece seu conhecimento profissional — ele continuou — porque eu acho que, com exceção de um exemplar num laboratório de Budapeste, não existe outro espécime na Europa. Ainda não está devidamente catalogado na farmacopeia ou nos tratados sobre toxicologia. A raiz tem o formato de um pé, meio humano, meio animal, como o de um bode, daí o nome extravagante dado por um missionário botânico. É usado como veneno para castigos pelos curandeiros de algumas regiões da África Ocidental, e guardado como segredo entre eles. Consegui esta amostra no distrito de Ubangi, em circunstâncias muito especiais.

Abriu o pacote enquanto falava e mostrou um montinho de um pó castanho-avermelhado, parecido com rapé.

— E daí, senhor? — perguntou Holmes, incisivo.

— Vou contar-lhe, sr. Holmes, tudo que realmente aconteceu, porque parece que o senhor já sabe tanto que é, logicamente, do meu interesse que saiba de tudo. Já lhe expliquei o meu relacionamento com a família Tregennis. Pelo amor à irmã, eu era amigo dos irmãos. Houve um desentendimento entre eles a respeito de dinheiro, o que fez Mortimer afastar-se deles; mas supunha-se que tudo estivesse resolvido, e eu me encontrei com ele depois, como o fizera antes com os outros. Ele era um sujeito astucioso, sutil e vingativo, e várias coisas fizeram com que eu suspeitasse dele, mas não tinha motivo para uma briga de fato. Um dia, há apenas duas semanas, ele foi até meu chalé e eu lhe mostrei algumas de minhas curiosidades africanas. Entre outras coisas, mostrei-lhe este pó e falei das suas estranhas propriedades, que ele estimula os centros nervosos do cérebro que controlam a emoção do medo, e que o nativo infeliz que é submetido à provação pelo curandeiro da tribo fica louco ou morre. Contei-lhe também que a ciência europeia é incapaz de detectá-lo. Como ele conseguiu a erva eu não sei, já que não saí da sala, mas sem dúvida foi quando eu estava abrindo os armários e procurando coisas nas caixas que ele deu um jeito de pegar um pouco da raiz pé do diabo. Lembro que ele fez

perguntas sobre a quantidade e o tempo necessários para produzir efeito, mas eu nem sonhava que ele pudesse ter motivos pessoais para perguntar. Não pensei mais no assunto até receber o telegrama do vigário em Plymouth. O bandido pensava que eu estaria em alto-mar quando recebesse a notícia, e que eu ficaria perdido na África durante anos. Mas voltei imediatamente. Ao ouvir os detalhes, claro que percebi que meu veneno fora usado. Vim falar com o senhor para saber se havia alguma outra explicação possível. Mas não poderia haver. Eu sabia que o assassino era Mortimer Tregennis; pelo amor ao dinheiro, e talvez com a ideia de que, se seus irmãos enlouquecessem, ele poderia assumir sozinho a tutela dos bens, usou contra eles o pó venenoso, deixando dois irmãos loucos e matando a irmã, a única mulher que amei na vida. Ali estava o crime dele. Qual deveria ser o seu castigo? Deveria apelar para a justiça? Onde estavam as minhas provas? Como eu poderia fazer um júri composto de aldeões acreditar numa história tão fantástica? Eu poderia ou não. Mas não podia dar-me ao luxo de arriscar. Minha alma clamava por vingança. Já lhe disse antes, sr. Holmes, que passei grande parte da minha vida longe da lei, e que me acostumei a praticá-la por mim mesmo. Agora era a ocasião. Decidi que o mesmo destino que ele infligira aos outros deveria ser dado a ele também. Isto, ou então eu faria justiça com minhas próprias mãos. Não existe na Inglaterra ninguém que dê menos valor à própria vida do que eu agora. Já lhe disse tudo. O senhor conhece o resto. Como o senhor mesmo contou, saí bem cedo de minha cabana depois de uma noite insone. Eu já havia previsto minhas dificuldades para acordá-lo, de modo que apanhei algumas pedras do montinho que o senhor mencionou e as usei para jogar na janela. Ele desceu e deixou-me entrar pela janela da sala. Eu o acusei do crime e disse que estava ali no papel de juiz e carrasco. Aquele trapo humano afundou-se na cadeira, paralisado ao ver o meu revólver. Acendi o lampião, coloquei o pó ali e fiquei do lado de fora da janela, pronto para cumprir minha ameaça de matá-lo caso tentasse sair da sala. Ele morreu em cinco minutos. Meu Deus! O modo como ele morreu! Mas meu coração estava duro como uma pedra, porque ele sentiu tudo o que minha amada Brenda tinha sentido antes dele. Esta é a minha história, sr. Holmes, e talvez, se amasse uma mulher, faria o mesmo. De qualquer maneira, estou nas suas mãos. Pode fazer o que achar melhor. Como já disse, não existe ninguém que tema a morte menos do que eu.

Holmes permaneceu sentado em silêncio durante algum tempo.

— Quais eram seus planos? — perguntou, finalmente.

— Pretendia embrenhar-me na África Central. Meu trabalho lá ainda está pela metade.

— Vá e faça a outra metade — disse Holmes. — Eu, pelo menos, não posso impedi-lo.

O dr. Sterndale levantou-se, uma figura imensa, curvou a cabeça solenemente num cumprimento e saiu.

Holmes acendeu o cachimbo e me entregou a bolsa do fumo.

— Uma fumaça não venenosa seria uma mudança bem-vinda. Acho que você concorda, Watson, que este é um final em que não devemos interferir. Nossas investigações foram independentes, e nossa ação também deve ser. Você denunciaria o homem?

— Claro que não — respondi.

— Nunca amei, Watson, mas se o fizesse e a mulher que eu amasse tivesse um fim assim, eu agiria da mesma forma que o nosso destemido caçador de leões. Quem sabe? Bem, Watson, não vou ofender sua inteligência contando-lhe o óbvio. As pedras no peitoril da janela foram, é claro, o ponto de partida das minhas investigações. Não havia nada igual no jardim da paróquia. Somente quando minha atenção foi atraída para o dr. Sterndale e sua cabana é que achei pedras iguais. O lampião aceso em plena luz do dia e os restos do pó eram elos sucessivos de uma sequência lógica. E agora, caro Watson, acho que devemos tirar o assunto da cabeça e voltar, com a consciência limpa, ao estudo das raízes dos caldeus que, seguramente, podem ser encontradas no ramo cornualhês da língua celta.

SEU ÚLTIMO CASO

UM EPÍLOGO DE SHERLOCK HOLMES

ERAM NOVE DA NOITE DE 2 DE AGOSTO — O MAIS TERRÍVEL AGOSTO da história do mundo. Podia-se pensar que a cólera de Deus já se abatera violentamente sobre um mundo degenerado, porque havia um silêncio apavorante e dava uma sensação de expectativa no ar abafado e sufocante. O sol já havia se posto há bastante tempo, mas uma fímbria vermelho-sangue, como uma ferida aberta, era visível no oeste distante. Acima, as estrelas brilhavam, intensamente, e embaixo havia as luzes vacilantes das embarcações ancoradas na baía.

Os dois famosos alemães estavam encostados na proteção de pedra da alameda do jardim, com a casa comprida e baixa atrás deles, e olhavam a ampla curva da praia abaixo, aos pés do grande rochedo sobre o qual Von Bork, como uma águia errante, pousara quatro anos antes. Suas cabeças estavam próximas e eles conversavam num tom baixo e confidencial. As pontas acesas de seus charutos pareciam os olhos em brasa de um espírito maligno perscrutando a escuridão.

Um homem notável, este Von Bork — um homem que dificilmente encontraria rival entre todos os dedicados agentes do Kaiser. Foram os seus talentos que, antes de mais nada, faziam dele a pessoa indicada para a missão inglesa, a mais importante de todas, e depois que a assumira esses dotes se tornaram cada vez mais evidentes para a meia dúzia de pessoas no mundo que sabiam da verdade.

Uma dessas pessoas era seu companheiro na ocasião, o barão Von Herling, primeiro-secretário da missão diplomática, cujo imenso Mercedes

Benz de cem cavalos bloqueava a estradinha, enquanto aguardava para levar seu dono de volta a Londres.

— Pelo que vejo do rumo dos acontecimentos, você estará de volta a Berlim dentro de uma semana — dizia o secretário. — Quando chegar lá, meu caro Von Bork, acho que vai se surpreender com a recepção de boas-vindas que o aguarda. Acontece que eu sei o que se pensa nos altos escalões a respeito do seu trabalho neste país.

O secretário era um homem alto, forte, corpulento, com um jeito seguro e lento de falar, sua principal característica na carreira diplomática.

Von Bork riu.

— Não é muito difícil tapeá-los — comentou. — Não se pode imaginar um povo mais dócil e simples.

— Não tenho muita certeza disso — observou o outro, pensativo. — Eles têm limites estranhos e nós temos de aprender a observá-los. É esta simplicidade superficial deles que vira uma armadilha para os estrangeiros. A primeira impressão é que eles são completamente flexíveis. Então, de repente, esbarramos em algo muito duro e ficamos sabendo que chegamos ao limite e precisamos nos adaptar ao fato. Por exemplo, eles têm as suas convenções insulares que precisam ser respeitadas.

— Quer dizer “boas maneiras” e coisas desse tipo?

Von Bork suspirou, como alguém que tinha sofrido muito.

— Estou querendo dizer preconceito britânico em todas as suas estranhas manifestações. Como exemplo, posso citar um dos meus piores erros; permito-me falar dos meus erros porque você conhece suficientemente o meu trabalho para saber dos meus sucessos. Foi na minha primeira visita. Fui convidado para uma reunião de fim de semana na casa de campo de um membro do Gabinete. A conversa foi espantosamente indiscreta.

Von Bork concordou com a cabeça.

— Eu estava lá — disse secamente.

— Exatamente. Bem, é claro que eu naturalmente enviei a Berlim um resumo das informações. Infelizmente nosso bom chanceler é um tanto desastrado em assuntos dessa natureza e transmitiu uma observação que mostrava que estava a par do que fora dito. Isto, é óbvio, tornou-me o suspeito direto. Você não imagina o mal que me fez. Asseguro-lhe que não houve nada de delicado com nossos anfitriões ingleses na época. Amarguei aquilo durante dois anos. E agora você, com sua pose de esportista...

— Não, não, eu não a considero uma pose. Pose é uma coisa artificial. Isto é completamente espontâneo. Sou um esportista nato. Gosto disto.

— Bem, isso torna tudo mais fácil. Você compete com eles em corridas de iate, caça com eles, joga polo, enfrenta-os em qualquer jogo, sua carruagem ganha o prêmio em Olímpia. Até ouvi dizer que luta boxe com os jovens oficiais. Qual é o resultado? Ninguém o leva a sério. Você é um "bom sujeito, esportista, um camarada bastante decente para um alemão", é beberrão, boêmio, frequentador de cabarés, farrista. E durante todo o tempo sua pacata casa de campo é o centro de metade das confusões na Inglaterra, e o cavalheiro esportista é o mais astuto agente do serviço secreto na Europa. Gênio, meu caro Von Bork, gênio!

— Isto é uma lisonja, barão. Mas certamente posso afirmar que meus quatro anos neste país não foram improdutivos. Nunca lhe mostrei meu pequeno arsenal. Quer entrar um pouquinho, por favor?

A porta do escritório dava direto no terraço. Von Bork a empurrou e, indo na frente, ligou o interruptor da luz elétrica. Depois fechou a porta atrás do vulto corpulento que o seguiu e cerrou cuidadosamente a pesada cortina da janela. Só depois de tomar todas essas precauções foi que voltou o rosto aquilino e queimado de sol para o visitante.

— Alguns de meus documentos já seguiram — disse. — Ontem, quando minha mulher e a empregada partiram para Flushing, levaram os menos importantes. Claro que devo exigir a proteção da embaixada para os demais.

— Seu nome já consta da lista para uma das suítes. Não haverá dificuldade com suas malas. Claro, é bem possível que não tenhamos de partir. A Inglaterra pode ter deixado a França entregue ao seu destino. Sabemos que não há nenhuma aliança entre elas.

— E a Bélgica?

— Sim, e a Bélgica também.

Von Bork sacudiu a cabeça.

— Não vejo como isso pode acontecer. Há um tratado definido ali. A Inglaterra nunca se recuperará de tamanha humilhação.

— Pelo menos teria paz por algum tempo.

— Mas e sua honra?

— Ora, meu caro, vivemos numa época utilitária. A honra é uma concepção medieval. Além do mais, a Inglaterra ainda não está pronta. É algo inconcebível, mas nem mesmo nossa taxa especial de guerra de

cinquenta milhões, que se poderia pensar que tornou nosso objetivo tão evidente como se tivéssemos anunciado na primeira página do *Times*, fez com que este povo saísse de sua modorra. De vez em quando se ouve uma indagação. É minha função encontrar uma resposta. Mas posso assegurar-lhe que quanto ao essencial, o estoque de munições, a preparação para ataques de submarinos, os acertos para fabricação de explosivos de alta potência, nada disso está pronto. Não se pode, portanto, pensar numa intervenção inglesa, principalmente agora que fomentamos essa infernal guerra civil da Irlanda e tudo o mais para mantê-la voltada para si mesma.

— Ela tem de pensar no futuro.

— Ah, isso já é outro assunto. Imagino que, no futuro, teremos nossos planos bem definidos a respeito da Inglaterra e suas informações serão vitais para nós. Será hoje ou amanhã com o sr. John Bull.[26] Se ele preferir hoje, estamos perfeitamente preparados. Se for amanhã, estaremos mais preparados ainda. Tenho certeza de que eles preferirão lutar com os aliados do que sem eles, mas isso é problema deles. Esta é a semana do destino deles. Mas você estava falando de seus documentos.

Ele sentou-se numa poltrona, com a luz brilhando na cabeça calva, enquanto fumava tranquilamente o charuto.

A sala grande, forrada de painéis de carvalho e cheia de estantes de livros, tinha uma cortina numa das extremidades. Quando ela foi puxada, revelou um cofre grande de bronze. Von Bork tirou uma chave pequena da corrente do relógio e depois de mexer um pouco na fechadura abriu a porta pesada.

— Veja! — ele disse, afastando-se e fazendo um sinal com a mão.

A luz brilhava intensamente no cofre aberto e o secretário da embaixada olhou com vivo interesse os compartimentos cheios de documentos. Cada compartimento tinha uma etiqueta, e ele viu uma série de títulos como *Passagens, Defesas de portos, Aviões, Irlanda, Egito, Fortificações de Portsmouth, Canal da Mancha, Rosythe* e muitos outros. Cada compartimento estava abarrotado de documentos e planos.

— Fantástico, secretário. — Deixando o charuto de lado, ele bateu palmas com as mãos gordas.

— Tudo em quatro anos, barão. Nada mau para um cavalheiro beberrão. Entretanto, a joia de minha coleção ainda está por chegar e já tem o seu

trono reservado.

Apontou para um espaço vazio, sobre o qual se lia: *Sinalizações navais*.

— Mas você já tem um ótimo dossiê.

— Documentos antiquados e inúteis. O Almirantado de alguma forma recebeu um alarme e mudou todos os códigos. Foi um golpe, barão, o pior retrocesso em todo o meu trabalho. Mas, graças ao meu talão de cheques e ao bom Altamont, tudo estará bem hoje à noite.

O barão consultou o relógio e soltou uma exclamação gutural de desapontamento.

— Bem, não posso mesmo esperar mais. Você bem pode imaginar que as coisas estão acontecendo no momento em Carlton Terrace e nós todos temos de estar em nossos postos. Eu esperava poder levar novidades de seu grande golpe. Altamont disse a que horas viria?

Von Bork mostrou-lhe um telegrama:

Irei sem falta esta noite e levarei novas velas.

Altamont

— Velas, hein?

— Como vê, ele passa por mecânico e eu por dono de uma grande garagem. Em nosso código, tudo o que recebo vem com nome de peças de motor. Se ele se refere a um radiador, trata-se de um vaso de guerra; se fala de bomba de óleo, é um cruzador, e assim por diante. Velas são sinalizações marítimas.

— De Portsmouth, ao meio-dia — disse o secretário, examinando o telegrama. — A propósito, quanto você lhe pagou?

— Quinhentas libras por este trabalho especial. É claro que ele tem também um salário.

— Um velhaco ganancioso. Esses traidores são úteis, mas lamento o dinheiro sujo que lhes damos.

— Quanto a Altamont, não lamento nada. É um ajudante maravilhoso. Pago-lhe bem e ele, pelo menos, entrega a mercadoria, para usar sua própria linguagem. Além do mais, ele não é um traidor. Garanto-lhe que nosso sentimento germânico em relação à Inglaterra não passa de uma pomba inocente se comparado com a amargura demonstrada por esse irlandês-americano.

— Oh, um irlandês-americano?

— Se você o ouvisse falar, não teria a menor dúvida. Ele parece ter declarado guerra ao inglês do rei e ao rei inglês. Mas precisa mesmo ir embora? Ele pode chegar a qualquer momento.

— Não, sinto muito, mas já demorei demais. Esperamos você amanhã bem cedo, e quando tiver passado o livro de sinalizações pela portinha nas escadas do Duke of York, poderá acrescentar um final glorioso à sua carreira na Inglaterra. O quê?! Tokay!

Indicava uma garrafa coberta de poeira que estava ao lado de dois copos numa bandeja.

— Posso oferecer-lhe um copo antes de ir embora?

— Não, obrigado. Mas parece uma festança.

— Altamont tem bom gosto para vinhos e se apaixonou pelo meu Tokay. É um sujeito muito sensível e tenho de agradá-lo nas pequenas coisas. Asseguro-lhe que tive de estudá-lo.

Haviam saído novamente para o terraço, e lá embaixo, a um toque do motorista, o carro tremeu e sacudiu.

— Acho que aquelas são as luzes de Harwich — disse o secretário, vestindo o sobretudo. — Tudo parece calmo e em paz. Haverá outras luzes dentro de uma semana, e a costa inglesa será um local menos tranquilo! Os céus também não serão tão pacíficos se tudo o que nosso bom Zeppelin nos prometeu tornar-se realidade. A propósito, quem é aquela mulher?

Atrás deles, apenas uma janela estava iluminada; ao lado de uma lâmpada, via-se uma velha de rosto vermelho, com uma touca. Estava curvada sobre um bordado e de vez em quando acariciava um enorme gato preto, deitado num banquinho perto dela.

— É Martha, a única empregada que ficou.

O secretário riu.

— Ela bem que poderia personificar a Inglaterra — comentou — com sua absorção total e um aspecto de confortável sonolência... Bem, *au revoir*, Von Bork!

Com um aceno final, entrou no carro, e alguns segundos depois os dois cones dourados dos faróis iluminavam o caminho escuro. O secretário recostou-se no banco da luxuosa limusine, pensando na tragédia iminente da Europa, e mal viu quando seu possante carro chegou à estrada, passando por um pequeno Ford que vinha na direção contrária.

Von Bork voltou lentamente para o seu escritório depois que as luzes do carro desapareceram na distância. Notou que a velha empregada apagara a luz e se retirara. O silêncio e a escuridão da casa eram uma experiência nova para ele, já que sua família e a criadagem eram grandes. Entretanto sentia um certo alívio ao pensar que todos estavam em segurança e que, a não ser pela velha na cozinha, ele estava sozinho na casa. Havia ainda muita coisa para pôr em ordem no escritório, e ele se entregou ao trabalho até que seu rosto alerta e simpático ficou vermelho com o calor dos documentos que ia queimando. Começou a empacotar, cuidadosa e sistematicamente, o precioso conteúdo de seu cofre, colocando os documentos numa valise de couro que estava em uma mesa. Mal havia começado o trabalho quando seus ouvidos alertas perceberam o barulho de um carro ao longe. Na mesma hora soltou uma exclamação de satisfação, fechou a valise, fechou e trancou o cofre e correu para o terraço a tempo de ver os faróis de um carro pequeno parando diante do portão. Um passageiro desceu rapidamente e se encaminhou para ele, enquanto o motorista, um sujeito corpulento e idoso com um bigode grisalho, ficou na direção, como que resignado a uma longa espera.

— E então? — perguntou Von Bork, ansioso, correndo ao encontro do visitante.

Como resposta, o homem sacudiu, triunfante, acima da cabeça, um embrulho de papel marrom.

— Pode felicitar-me esta noite, senhor — disse o recém-chegado. — Finalmente estou lhe trazendo a sorte grande.

— As sinalizações?

— Tal qual eu disse no telegrama. Todas elas, semáforos, códigos de lâmpadas, telégrafo, uma cópia, lembre-se, e não o original. O original era muito perigoso. Mas é o negócio mesmo, pode ter certeza.

Deu um tapinha no ombro do alemão com uma familiaridade rude, que fez o outro se encolher.

— Entre — disse. — Estou sozinho na casa. Estava apenas esperando isso. Claro que uma cópia é melhor do que o original. Se o original desaparecesse, eles mudariam tudo de novo. Você tem certeza de que está tudo bem com as cópias?

O irlandês-americano havia entrado no escritório e esticado as longas pernas numa poltrona. Era um sujeito alto, magro, de uns sessenta anos,

com feições nítidas e um cavanhaque que o deixava parecido com uma caricatura do Tio Sam. Do canto da boca pendia um charuto meio fumado e encharcado, que ele acendeu de novo ao se sentar.

— Vai cair fora? — perguntou, olhando em volta. — Diga-me — acrescentou, quando viu o cofre exposto pela cortina aberta —, será que guarda seus documentos naquilo?

— Por que não?

— Diabo! Numa geringonça fácil como esta? E o senhor é um espião! Ora, qualquer malandro americano conseguiria arrombá-lo com um abridor de latas! Se eu soubesse que alguma carta minha ia ficar num treco assim, eu seria um palerma se lhe escrevesse.

— Daria trabalho a qualquer malandro para arrombar o cofre — respondeu Von Bork. — Não se consegue cortar o metal com nenhuma ferramenta.

— Mas e a fechadura?

— É de combinação dupla. Sabe o que é isso?

— Estou por fora — respondeu o americano.

— Bem, antes de se tentar abrir a fechadura, é necessário que se conheça uma certa palavra, assim como uma combinação de números.

Ele levantou e mostrou um disco duplo em torno da fechadura.

— O disco de fora é para a palavra, e o de dentro, para os números — explicou.

— Bom, bom, muito bom.

— Assim sendo, não é tão fácil como pensou. Mandei fabricá-lo há quatro anos, e adivinhe que palavra e que número eu escolhi?

— Não faço ideia.

— Bem, para a palavra escolhi “agosto”, e para os números, “1914”, e aí estão.

O rosto do americano revelou surpresa e admiração.

— Puxa, mas foi muito bem bolado! Fez um belíssimo trabalho!

— Sim, mesmo naquela época, bem poucos de nós poderiam ter adivinhado a data. Está aí, e eu parto amanhã cedo.

— Bem, acho que tem de dar um jeito na minha situação também. Não vou ficar sozinho neste país maldito. Pelo que sinto, dentro de uma semana ou menos John Bull vai estar de quatro e esbravejando. Quero estar bem longe...

— Mas você não é um cidadão americano?

— Ora, Jack James também era cidadão americano e está cumprindo pena em Portland este tempo todo. Não adianta dizer a um tira inglês que se é cidadão americano. Sempre dizem “Aqui, a lei e a ordem são britânicas”. A propósito, senhor, por falar em Jack James, parece que o senhor não dá muita cobertura aos seus agentes...

— O que quer dizer? — perguntou Von Bork rispidamente.

— Bem, o senhor é o patrão, não é? Cabe ao senhor falar para que eles não sejam apanhados. Mas acabam sendo presos, e quando foi que o senhor os socorreu? Há o James...

— A culpa foi do próprio James. Você sabe disso. Ele estava muito confiante no serviço.

— Ele era um cabeça-dura, isso é verdade. Mas também temos Hollis...

— Ele era um louco.

— Bem, ficou meio biruta no fim. Um sujeito acaba ficando mesmo meio atarantado quando tem de trabalhar de manhã e à noite com uma centena de sujeitos prontos para lançar os tiras atrás dele. Mas agora temos Steiner...

Von Bork estremeceu violentamente e o rosto corado empalideceu.

— O que aconteceu com Steiner?

— Ora, ele foi apanhado; é isso aí. Invadiram a loja dele ontem à noite, e ele e os documentos estão na cadeia de Portsmouth agora. O senhor vai embora e o coitado do sujeito vai aguentar a barra pesada, e vai ter muita sorte se conseguir escapar com vida. É por causa disso que quero estar do outro lado do canal o mais cedo possível.

Von Bork era um sujeito frio, controlado, mas era fácil ver que a notícia o deixara abalado.

— Como conseguiram chegar até Steiner? — perguntou. — Este foi o pior golpe.

— Bem, o senhor quase recebeu um golpe pior ainda, pois acho que os homens estão atrás de mim...

— Você não fala a sério!

— No duro. Minha senhoria já foi interrogada, e quando soube disso, vi que era hora de me mandar. Mas o que eu quero saber, senhor, é como os tiras ficam sabendo dessas coisas. Steiner é o quinto homem que o senhor perde desde que estou a seu serviço e já sei o nome do sexto, se não me

virar. Como o senhor explica isso, e não fica envergonhado de ver seus homens caírem assim?

Von Bork ficou vermelho.

— Como ousa falar comigo assim?

— Se eu não ousasse fazer coisas, senhor, não estaria a seu serviço. Mas vou ser franco. Dizem que vocês, políticos alemães, quando um agente acabou o serviço, não lamentam se ele for morto.

Von Bork levantou-se num pulo.

— Você tem a ousadia de insinuar que eu me livrei de meus próprios agentes?

— Não chego a tanto, senhor, mas há um delator ou um galho qualquer em algum lugar, e cabe ao senhor descobrir. De qualquer maneira, eu não vou me arriscar mais. Vou para a pequena Holanda, e quanto antes melhor.

Von Bork controlou a raiva.

— Fomos aliados durante tempo demais para brigarmos agora, no momento da vitória — disse. — Você fez um trabalho esplêndido e correu riscos, e isso eu não posso esquecer. Parta para a Holanda e pegue um navio em Rotterdã que o leve para Nova York. Daqui a uma semana, nenhuma outra linha será segura. Agora vou pegar este pacote e guardá-lo com os outros.

O americano segurava o pacotinho nas mãos, mas não fez menção de entregá-lo ao alemão.

— E que tal o tutu? — perguntou.

— Que tal o quê?

— A bufunfa. O dinheiro. As quinhentas libras. O atirador ultimamente endureceu a barra e tive de amaciá-lo com mais cem dólares, ou então o negócio pifava para nós dois. “Nada feito”, ele dizia, e falava sério, mas os últimos cem dólares funcionaram. O negócio todo me custou duzentas libras, de modo que não será justo que eu me desfaça dele sem receber minha bolada.

Von Bork sorriu com desdém.

— Parece que você não tem em alta conta a minha honra — disse. — Quer o dinheiro antes de entregar a mercadoria.

— Bem, senhor, é uma questão de negócios...

— Está bem. Como quiser.

Sentou-se à mesa e preencheu um cheque, que destacou do talão, mas não o entregou ao companheiro.

— Afinal de contas, já que vamos agir desta maneira, sr. Altamont, não vejo por que deva confiar no senhor mais do que confia em mim. Está me entendendo? — acrescentou, olhando por sobre os ombros para o americano. — Aqui está o cheque, na mesa. Exijo o direito de examinar o pacote antes que apanhe o dinheiro.

O americano entregou o material sem dizer uma palavra. Von Bork desfez o nó do barbante e tirou duas folhas de papel que cobriam o embrulho. Então sentou-se, contemplando num silêncio aturdido um pequeno livro de capa azul diante dele. Na capa, em letras douradas, estava impresso *Manual prático de apicultura*. O espião-chefe olhou apenas por um segundo o título estranho. No instante seguinte, uma garra de ferro o segurou pela nuca e uma esponja embebida em clorofórmio foi colocada diante do seu rosto contorcido.

— Outro copo, Watson! — disse Sherlock Holmes ao passar a garrafa do Imperial Tokay.

O motorista gordo, que se sentara à mesa, empurrou seu copo com certa avidez.

— Um bom vinho, Holmes.

— Excelente, Watson. Nosso amigo do sofá garantiu-me que veio da adega especial de Franz Josef, do palácio Schoenbrunn. Por favor, abra a janela, porque o cheiro de clorofórmio estraga o paladar.

O cofre estava aberto e Holmes, de pé diante dele, tirava dossiê por dossiê, examinando cada um com cuidado e colocando-os caprichosamente na valise de Von Bork. O alemão estava deitado no sofá, dormindo e roncando, com uma correia em volta dos braços e outra nas pernas.

— Não precisamos ter pressa, Watson. Não seremos interrompidos. Poderia tocar a campainha? Não há ninguém na casa a não ser a velha Martha, que representou o papel com perfeição. Arrumei para ela este serviço aqui quando comecei a trabalhar no caso. Ah, Martha vai ficar contente em saber que está tudo bem.

A mulher havia aparecido à porta. Fez uma mesura para Holmes, com um sorriso, mas olhou apreensiva para a figura deitada no sofá.

— Está tudo bem, Martha. Ele não está ferido.

— Fico satisfeita com isso, sr. Holmes. A seu modo, foi um bom patrão. Queria que eu partisse para a Alemanha, ontem, junto com a esposa. Mas isso não seria bom para os planos, não é verdade, sr. Holmes?

— Não, não seria mesmo, Martha. Enquanto você estivesse aqui, eu ficaria descansado. Esperamos durante algum tempo o seu sinal hoje à noite.

— Foi por causa do secretário, senhor.

— Eu sei. O carro dele passou pelo nosso.

— Achei que não iria mais embora. Eu sabia que não seria conveniente para os seus planos encontrá-lo aqui.

— É verdade. Bem, tivemos de aguardar durante meia hora até ver sua lâmpada apagada e saber que o caminho estava livre. Encontre-se comigo em Londres amanhã, no Claridge Hotel, Martha.

— Muito bem, senhor.

— Acho que já está com tudo pronto para ir embora.

— Sim, senhor. Ele mandou sete cartas hoje. Como sempre, anotei os endereços.

— Muito bem, Martha. Amanhã dou uma olhada nelas. Boa noite.

Depois que a mulher saiu ele continuou.

— Estes documentos não são muito importantes porque as informações que contêm naturalmente já foram mandadas há muito tempo para o governo alemão. Estes são os originais que não podiam sair impunemente do país.

— Então eles não servem para nada.

— Não diria tanto, Watson. Pelo menos servem para mostrar ao nosso pessoal o que já se sabe ou não. Devo dizer que muitos destes documentos vieram por meu intermédio e não preciso acrescentar que são inteiramente falsos. Seria uma alegria, nos meus últimos anos, ver um cruzador alemão navegar pelo Solem de acordo com um mapa de campo de minas que lhes entreguei. Mas você, Watson — ele interrompeu o trabalho e segurou o velho amigo pelos ombros —, eu mal o vi na luz ainda. Como o tempo o trata? Você parece o rapaz alegre de sempre.

— Sinto-me vinte anos mais moço, Holmes. Poucas vezes me senti tão feliz como quando recebi seu telegrama pedindo-me para encontrá-lo em Harwich com o carro. Mas você, Holmes... você mudou muito pouco, a não ser por este horrível cavanhaque.

— São os sacrifícios que fazemos pelo país, Watson — ele disse, alisando o pequeno tufo. — Amanhã isto será apenas uma recordação desagradável. Com o cabelo cortado e algumas outras modificações superficiais, sem dúvida vou reaparecer amanhã no Claridge como eu era antes de topar esta parada... perdão, Watson; mas meu poço de puritanismo britânico parece estar definitivamente poluído... antes que esta empreitada americana surgisse em meu caminho.

— Mas você estava aposentado, Holmes. Soubemos que vivia como um verdadeiro eremita entre suas abelhas e seus livros numa pequena fazenda de South Downs.

— Exatamente, Watson. Aqui está o fruto de meu tempo de lazer, a *magum opus* dos últimos anos.

Pegou o livro na mesa e leu em voz alta o título completo: *Manual prático de apicultura, com algumas observações sobre a segregação da rainha.*

— Eu o escrevi sozinho. Contemplei o fruto de noites em claro e dias atarefados enquanto eu observava os pequenos bandos trabalhando, tal como eu fazia antes com os criminosos de Londres.

— Mas como voltou a trabalhar?

— Ah, eu mesmo tenho me perguntado isso. Eu podia ter convencido o ministro das Relações Exteriores, mas quando o próprio primeiro-ministro também me deu a honra de visitar minha humilde casa... A verdade, Watson, é que este cavalheiro ali no sofá era bom demais para o nosso pessoal. Estava numa categoria especial. As coisas não estavam dando certo e ninguém conseguia entender por quê. Suspeitava-se de agentes, e alguns chegaram a ser apanhados, mas havia indícios de uma força central, secreta e poderosa. Era absolutamente necessário descobri-la. Fui pressionado para cuidar do caso. Isto me custou dois anos, Watson, mas eles não foram destituídos de emoção. Quando lhe disser que comecei minha peregrinação em Chicago, que me filiei a uma sociedade secreta irlandesa em Buffalo, que dei muito trabalho à polícia de Skibbareen até chamar a atenção de um agente do Von Bork, que me recomendou como pessoa de confiança, você vai perceber que o assunto era muito complexo. Desde então, fui honrado com a confiança do homem, o que não impediu que a maior parte de seus planos fosse sutilmente frustrada e que cinco de seus melhores agentes

estejam presos. Fiquei de olho neles, Watson, e os apanhei assim que amadureceram. Bem, senhor, espero que esteja melhor!

Esta última observação fora dirigida ao próprio Von Bork, que, depois de muito ofegar e piscar, ouvia calado o que Holmes dizia. Explodiu, em seguida, numa furiosa torrente de imprecações em alemão, com o rosto contorcido de ódio. Holmes continuou calmamente a pesquisa nos documentos enquanto seu prisioneiro praguejava e amaldiçoava.

— Embora não seja melodioso, o alemão é a mais expressiva de todas as línguas — observou Holmes depois que Von Bork, cansado, parou. — Olalá! — exclamou ao examinar um desenho, antes de colocá-lo no cofre. — Isto aqui vai pôr outro passarinho na gaiola. Eu não imaginava que o tesoureiro fosse um velhaco, embora há muito tempo estivesse desconfiado dele. Sr. Von Bork, há um punhado de coisas pelas quais vai ter de responder.

O prisioneiro, depois de muito esforço, conseguira se sentar e olhava para seu captor com incredulidade e ódio.

— Ainda vou pegá-lo, Altamont — disse lenta e deliberadamente. — Mesmo que leve o resto de minha vida, ainda vou acertar as contas com vocês!

— A velha e doce canção de sempre — ironizou Holmes. — Quantas e quantas vezes já a ouvi no passado! Era a cantilena favorita do finado professor Moriarty. O coronel Sebastian Moran também gostava de entoá-la. E eu ainda estou vivo e crio abelhas em South Downs.

— Maldito seja, duplo traidor! — o alemão gritou para Holmes, retesando as cordas e com uma fúria homicida nos olhos.

— Não, não, não sou tão mau assim — respondeu Holmes, sorrindo. — Como deve ter entendido, o sr. Altamont de Chicago na verdade não existe. Usei-o, e ele já não mais existe.

— Então, quem é você?

— Não importa quem eu seja, mas já que o assunto parece interessá-lo, sr. Von Bork, posso dizer-lhe que este não é meu primeiro contato com membros de sua família. No passado fiz uma série de trabalhos na Alemanha e meu nome talvez lhe seja familiar.

— Gostaria de saber qual é — disse o prussiano, carrancudo.

— Fui eu quem provocou a separação entre Irene Adler e o finado rei da Boêmia, quando seu primo Heinrich era o enviado imperial. Fui eu quem o

salvou de morrer assassinado pelo niilista Klopman, o conde Von und Zu Grafenstein, que era o irmão mais velho de sua mãe. Fui eu quem...

Von Bork ficou boquiaberto.

— Só existe um homem! — exclamou.

— Exatamente — disse Holmes.

Von Bork gemeu e afundou no sofá.

— E a maior parte das informações veio de você! — exclamou. — Qual o valor delas? O que foi que eu fiz? Estou arruinado para sempre...

— Sem dúvida as informações que transmiti não são muito confiáveis — disse Holmes. — Exigiria uma verificação e vocês não têm tempo para fazer isso. Seu almirante vai descobrir que os novos canhões são maiores do que ele esperava e que os cruzadores talvez sejam um pouco mais velozes...

Von Bork, num gesto de desespero, apertou a própria garganta.

— Há muitos outros detalhes que, sem dúvida, virão à luz no momento próprio. Mas o senhor tem uma qualidade rara num alemão, sr. Von Bork: é um esportista, e não vai guardar rancor de mim quando compreender que, depois de tapear tanta gente, finalmente foi tapeado por mim. Afinal de contas, fez o melhor por seu país, e eu fiz o melhor pelo meu. Assim sendo, o que pode ser mais natural? Além do mais — acrescentou Holmes, com certa bondade, pondo a mão no ombro do homem prostrado —, é melhor assim do que cair diante de um inimigo mais implacável. Os documentos já estão prontos, Watson. Se me ajudar com o prisioneiro, acho que podemos partir para Londres imediatamente.

Não foi fácil levar Von Bork, pois era um sujeito forte e violento. Finalmente, segurando os braços dele, os dois amigos o arrastaram lentamente pelo caminho do jardim, onde o alemão andara com tanta confiança e orgulho algumas horas antes, ao receber as congratulações do famoso diplomata. Após uma luta rápida, ele foi colocado no banco traseiro do carro, com os pés e as mãos amarrados. A preciosa maleta foi colocada ao seu lado.

— Espero que esteja o mais confortável possível nesta situação — disse Holmes quando estava tudo pronto. — Posso acender um charuto e colocá-lo entre seus lábios?

Mas as amenidades eram inúteis como o alemão zangado.

— Creio que sabe, sr. Sherlock Holmes, que se seu governo o apoia neste tratamento ele se torna um ato de guerra.

— E o que acha de seu governo e todo este tratamento? — perguntou Holmes, dando um tapinha na valise.

— O senhor não é uma autoridade oficial. Não tem um mandado de prisão. O seu procedimento é totalmente ilegal e abusivo.

— Totalmente — concordou Holmes.

— Está sequestrando um súdito alemão.

— E roubando seus documentos particulares.

— Bem, reconhece sua situação, o senhor e seu cúmplice aqui. Se eu gritar por socorro quando passarmos pela aldeia...

— Meu caro senhor, se fizesse algo tão estúpido assim, com toda a certeza iria aumentar os poucos nomes das hospedarias da aldeia, dando-nos sugestões como "O Prussiano Pendente" como tabuleta! O inglês é uma criatura paciente, mas no momento seu ânimo anda um tanto exaltado e seria aconselhável não inflamá-lo demais. Não, sr. Von Bork, irá conosco bem quieto, uma atitude sensata, até a Scotland Yard, de onde poderá chamar seu amigo, o barão Von Herling, e ver se ele ainda o quer no lugar que reservou para o senhor na embaixada. Quanto a você, Watson, vai juntar-se a nós, com sua antiga função, de modo que Londres está no seu caminho. Fique um pouco comigo aqui no terraço, pois esta pode ser a última conversa tranquila que teremos.

Os dois amigos se envolveram numa conversa íntima durante alguns minutos, recordando os dias gloriosos do passado, enquanto o prisioneiro se debatia em vão, tentando livrar-se das cordas que o prendiam. Quando voltaram para o carro, Holmes apontou para o mar, iluminado pela lua, e balançou a cabeça, pensativo.

— Vem vindo um vento do leste, Watson.

— Não creio, Holmes. Está muito quente.

— Meu bom e velho Watson! Você é um ponto fixo numa época de mudanças! De qualquer forma vem vindo um vento do leste como nunca antes outro varreu a Inglaterra. Será frio e amargo, Watson, e muitos de nós poderão ser fulminados por sua rajada. Mas, afinal, é a vontade de Deus, e quando passar a tempestade um país mais puro, melhor, mais forte brilhará ao sol. Ligue a máquina, Watson, porque está na hora de nos pormos a caminho. Tenho um cheque de quinhentas libras que preciso descontar logo, pois o sacado é bem capaz de sustar seu pagamento se puder.

26 Nome usado para designar o povo inglês. (N.T.)

HISTÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES

PREFÁCIO

Receio que Sherlock Holmes fique parecido com um desses tenores populares que, tendo sobrevivido à sua época, ainda se sentem tentados a fazer repetidas mesuras de despedida para o seu público complacente. Isto tem de acabar, e ele precisa seguir o caminho de todo ser humano, real ou imaginário. Gostamos de pensar que existe um limbo fantástico para os filhos da imaginação, algum lugar estranho e impossível, onde os beaux *de Fielding ainda podem cortejar as* belles *de Richardson, onde os heróis de Scott ainda podem pavonear-se, os deliciosos Cockneys de Dickens ainda provocam riso, e os mundanos de Thackeray continuam suas carreiras censuráveis. Talvez, em algum canto humilde deste* Valhalla,[27] *Sherlock e seu Watson possam encontrar abrigo durante algum tempo, enquanto um detetive mais astuto, com algum companheiro ainda menos astuto, possa ocupar o palco que eles abandonaram.*

Sua carreira foi longa — embora seja possível exagerá-la; cavalheiros decrépitos, que se aproximaram de mim e afirmaram que as aventuras de Sherlock Holmes constituíram a leitura de sua infância, não obtiveram a reação que pareciam esperar. Ninguém deseja que sua idade seja tratada de maneira tão descortês. A fria realidade é que Holmes fez o seu début *com* Um estudo em vermelho *e* O sinal dos quatro, *dois livros pequenos que apareceram entre 1887 e 1889. Foi em 1891 que "Um escândalo na Boêmia", o primeiro da longa série de contos, apareceu na* The Strand Magazine. *O público pareceu gostar e querer mais, de modo que, a partir desta data, 39 anos atrás, elas têm sido produzidas a intervalos irregulares e agora totalizam 56 histórias, republicadas em* As aventuras, Memórias, A

volta *e* Os últimos casos, *ainda restam estas doze, publicadas durante os últimos anos e que são editadas aqui, com o título de* Histórias de Sherlock Holmes. *Ele começou suas aventuras bem no meio da era vitoriana, continuou durante o curto reinado de Edward e conseguiu conservar seu lugar mesmo durante esta época febril. Portanto, seria correto afirmar que os primeiros a ler sobre ele quando eram jovens viveram para ver os próprios filhos crescidos acompanhando as mesmas aventuras, na mesma revista. Este é um exemplo admirável da paciência e da lealdade do público britânico.*

Ao término do Memórias, *eu estava realmente decidido a dar um fim a Holmes, pois sentia que as minhas energias literárias não deveriam ser direcionadas para um só canal. Aquela figura pálida e desengonçada, de traços bem definidos, estava absorvendo uma parte excessiva da minha imaginação. Realizei a façanha, mas, felizmente, nenhum médico-legista se pronunciou sobre os despojos, de modo que, depois de um longo intervalo, não foi difícil responder aos apelos lisonjeiros e explicar meu ato ousado. Nunca me arrependi disto, pois, na prática, não achei que esses esboços mais leves tenham me impedido de explorar e descobrir minhas limitações em ramos variados da literatura, como história, poesia, romances históricos, pesquisa psíquica e drama. Se Holmes nunca tivesse existido, eu não poderia ter realizado mais, embora ele talvez tenha impedido o reconhecimento do meu trabalho literário mais sério.*

Portanto, leitor, dê adeus a Sherlock Holmes! Agradeço a sua fidelidade e espero que tenha tido alguma recompensa, na forma de distração das preocupações da vida e de uma estimulante mudança de pensamento, que só podem ser encontradas no reino encantado do romance.

Arthur Conan Doyle

27 Valhalla — Da literatura germânica, o paraíso para onde os combatentes mortos eram levados pelas Valquírias, deusas guerreiras. (N.T.)

A AVENTURA DO CLIENTE ILUSTRE

— Isto agora não pode mais causar nenhum prejuízo — foi o comentário de Sherlock Holmes quando, pela décima vez em muitos anos, pedi seu consentimento para divulgar esta narrativa. E foi assim que, finalmente, obtive permissão para relatar o que, de certa forma, foi o momento supremo da carreira do meu amigo.

Holmes e eu tínhamos uma fraqueza pelo banho turco. Foi depois de um cigarro, na agradável lassidão da sala de repouso, que o encontrei menos reticente e mais humano do que em qualquer outro lugar. No andar superior do estabelecimento, na Northumberland Avenue, há um canto isolado, com dois sofás um ao lado do outro, e era neles que estávamos deitados no dia 3 de setembro de 1902, quando começa minha narrativa. Eu lhe perguntei se estava acontecendo alguma coisa e, como resposta, ele esticou seu braço longo, fino e nervoso para fora dos lençóis que o envolviam e puxou um envelope de dentro do bolso do paletó, que estava pendurado a seu lado.

— Pode ser algum presunçoso, algum tolo vaidoso; pode ser um caso de vida ou morte — ele disse ao me entregar o bilhete. — Não sei nada além do que esta mensagem me diz.

A mensagem vinha do Clube Carlton e trazia a data do dia anterior. Estava escrito:

> Sir *James Damery apresenta seus cumprimentos ao sr. Sherlock Holmes e lhe fará uma visita amanhã às 16h30.* Sir *James informa que o assunto sobre o qual deseja consultar o sr. Holmes é bastante delicado, e também muito importante. Ele acredita, portanto, que o sr.*

Holmes fará o possível para conceder-lhe esta entrevista e que a confirmará por telefone ao Clube Carlton.

— Não preciso dizer que confirmei a entrevista, Watson — disse Holmes quando lhe devolvi o papel. — Sabe alguma coisa sobre esse homem, Damery?

— Apenas que seu nome é bastante conhecido na sociedade.

— Bem, posso contar-lhe um pouco mais do que isto. Ele tem, principalmente, a fama de tratar de negócios delicados, que precisem ser mantidos em sigilo. Você deve se lembrar das negociações dele com *sir* George Lewis sobre o caso do testamento de Hammerford. Ele é um homem do mundo, com uma inclinação natural para a diplomacia. Portanto, espero que esta não seja uma pista falsa, e que ele precise mesmo da nossa ajuda.

— Nossa?

— Bem, se você quiser cooperar, Watson.

— Eu me sentirei honrado.

— Então você sabe a hora: 16h30. Até lá, podemos esquecer esse assunto.

Nessa época eu estava morando em meus próprios aposentos, na Queen Anne Street, mas voltei à Baker Street antes da hora marcada. Pontualmente, meia hora depois das 16 horas, o coronel *sir* James Damery foi anunciado. Não é necessário descrevê-lo, pois muitos se lembrarão de sua figura volumosa, fanfarrona, honesta, daquele rosto largo, barbeado e, sobretudo, daquela voz agradável e suave. Seus olhos cinzentos de irlandês irradiavam franqueza, e o bom humor brincava em seus lábios sorridentes. Sua resplandecente cartola, sua sobrecasaca escura, cada detalhe — da pérola do alfinete na gravata preta de cetim às polainas cor de alfazema sobre os sapatos envernizados — revelava o cuidado meticuloso no vestir que o tornara famoso.

— Naturalmente eu esperava encontrar o dr. Watson — ele observou, com uma cortês inclinação da cabeça. — Sua colaboração pode ser muito necessária, porque agora iremos lidar, sr. Holmes, com um homem para quem a violência é familiar e que, literalmente falando, não se deterá diante de nada; eu diria que não existe homem mais perigoso em toda a Europa.

— Já tive vários adversários a quem este termo lisonjeiro foi aplicado — disse Holmes com um sorriso. — Não fuma? Então vai me desculpar por eu acender meu cachimbo. Se esse homem é mais perigoso do que o falecido professor Moriarty, ou do que o ainda vivo coronel Sebastian Moran, então realmente vale a pena conhecê-lo. Posso perguntar o nome dele?

— Já ouviu falar do barão Gruner?

— O senhor se refere ao assassino austríaco?

O coronel Damery ergueu suas mãos enluvadas e deu uma gargalhada.

— Ninguém pode com o senhor! Maravilhoso! Quer dizer que o senhor já o classificou de assassino?

— É minha profissão acompanhar os detalhes do crime no Continente. Quem poderia ler a respeito do que aconteceu em Praga e ter alguma dúvida sobre a culpabilidade deste homem? Foram apenas um detalhe técnico-legal e a morte suspeita de uma testemunha que o salvaram. Tenho tanta certeza de que ele matou a esposa, quando ocorreu o chamado “acidente” no Splügen Pass, quanto se eu mesmo tivesse presenciado a cena. Soube também que ele tinha vindo para a Inglaterra e tive um pressentimento de que, mais cedo ou mais tarde, ele me daria trabalho. Bem, o que é que o barão Gruner andou aprontando? Presumo que não se trate desta velha tragédia que veio à tona de novo.

— Não, é mais sério do que isso. Vingar um crime é importante, mas evitá-lo é mais importante ainda. É uma coisa terrível, sr. Holmes, presenciar um acontecimento espantoso, uma situação cruel, sendo preparada diante de seus olhos, compreender claramente aonde isto conduzirá, e mesmo assim ser incapaz de evitar o mal. Pode um ser humano ser colocado em situação mais difícil?

— Talvez não.

— Então o senhor se compadecerá do cliente em cujo interesse eu estou agindo.

— Não sabia que o senhor era apenas um intermediário. Quem é o principal interessado?

— Sr. Holmes, devo pedir-lhe que não insista nesta pergunta. É importante que eu garanta ao senhor que o honrado nome dele não foi, de modo algum, envolvido neste assunto. Seus motivos são nobres e cavalheirescos no mais alto grau, mas ele prefere permanecer incógnito. Não preciso dizer-lhe que seus honorários estarão assegurados, e que o

senhor terá absoluta liberdade de ação. Posso ter certeza de que o nome verdadeiro de seu cliente é pouco importante?

— Sinto muito — disse Holmes. — Estou acostumado a ter mistério de um dos lados dos meus casos, mas dos dois é confuso demais. Receio, *sir* James, que eu deva me recusar a agir.

Nosso visitante ficou muito perturbado. Seu rosto largo e sensível adquiriu uma expressão de tristeza e decepção.

— O senhor dificilmente poderá compreender o efeito de sua atitude, sr. Holmes — ele disse. — O senhor me deixa num dilema muito sério, porque tenho certeza de que ficaria orgulhoso de aceitar a causa se eu pudesse apresentar-lhe os fatos, mas uma promessa me proíbe de revelá-los. Eu gostaria, pelo menos, de expor-lhe o que posso.

— Certamente, contanto que fique entendido que eu não estou me comprometendo com coisa alguma.

— Isso está claro. Em primeiro lugar, o senhor, sem dúvida nenhuma, ouviu falar do general de Merville?

— De Merville, que se tornou célebre em Khyber? Sim, já ouvi falar dele.

— Ele tem uma filha, Violet de Merville, jovem, rica, bonita, perfeita, uma mulher maravilhosa em todos os sentidos. E é esta filha, esta moça adorável e inocente que estamos tentando salvar das garras de um vilão.

— Então o barão Gruner tem alguma influência sobre ela?

— A mais forte de todas no que diz respeito a uma mulher, a influência do amor. Ele é, como o senhor já deve ter ouvido falar, extraordinariamente bonito, seu jeito extremamente fascinante, uma voz amável, e aquele ar de romance e mistério que significa tanto para uma mulher. Dizem que ele tem todo o belo sexo à sua mercê e que já fez amplo uso deste fato.

— Mas como pôde um homem desses conhecer uma dama do nível da srta. Violet de Merville?

— Foi numa viagem de iate pelo Mediterrâneo. Os passageiros, embora selecionados, pagaram suas próprias passagens. Sem dúvida, os promotores só perceberam o verdadeiro caráter do barão quando já era tarde demais. O vilão aproximou-se da fidalga, e com tamanha eficácia que conquistou seu coração. Dizer que ela o ama não descreve seu estado. Ela o venera, está obcecada por ele. Além dele, não existe mais nada na terra. Ela não dará ouvidos a uma palavra dita contra ele. Fizeram tudo para curá-la desta

loucura, mas foi em vão. Em resumo, ela pretende casar-se com ele no mês que vem. Como é maior de idade e tem uma vontade de ferro, é difícil saber como impedi-la.

— Ela sabe o que aconteceu na Áustria?

— O astuto demônio contou-lhe todos os sórdidos escândalos públicos de sua vida passada, mas sempre de modo a fazê-lo parecer um mártir inocente. Ela aceita a versão dele e não ouvirá nenhuma outra.

— Valha-me Deus! Mas o senhor, inadvertidamente, não revelou o nome de seu cliente? Sem dúvida é o general de Merville.

O nosso visitante agitou-se na cadeira.

— Eu poderia enganá-lo dizendo que sim, sr. Holmes, mas isto não seria verdade. De Merville está arrasado. O soldado vigoroso ficou desmoralizado depois deste incidente. Perdeu o vigor, que nunca o abandonou no campo de batalha, e tornou-se um velho fraco e trôpego, totalmente incapaz de lutar com um patife brilhante e poderoso como esse austríaco. Mas o meu cliente é um velho amigo, que conhece o general intimamente há muitos anos e que tem um interesse paternal por esta moça, desde que ela usava vestido curto. Ele não pode ver esta tragédia consumar-se sem tentar impedi-la. Não há nada que a Scotland Yard possa fazer. Foi ele mesmo que sugeriu que o senhor fosse consultado, mas, como já disse, com a condição expressa de que ele não seria envolvido pessoalmente na questão. Eu não duvido, sr. Holmes, que o senhor, com sua capacidade, poderia descobrir sem dificuldade, por intermédio da minha pessoa, quem é o meu cliente, mas devo pedir-lhe, como ponto de honra, que não faça isso e que o deixe permanecer incógnito.

Holmes sorriu de maneira esquisita.

— Acho que posso prometer-lhe isso. Devo acrescentar que seu problema me interessa, e que estarei preparado para investigá-lo. Como poderei manter-me em contato com o senhor?

— O Clube Carlton me encontrará. Mas, em caso de urgência, existe um telefone particular, *XX.31*.

Holmes, sentado e ainda sorrindo, anotou o número em sua agenda aberta sobre os joelhos.

— O endereço atual do barão, por favor?

— Vernon Lodge, perto de Kingston. É uma casa enorme. Ele teve sorte em algumas especulações um tanto obscuras e é um homem rico, o que o

torna, naturalmente, um adversário ainda mais perigoso.

— Ele está em casa no momento?

— Sim.

— Além do que você já me disse, pode me dar mais alguma informação sobre ele?

— Ele teve hábitos dispendiosos. Gosta de cavalos. Jogou polo em Hurlingham, durante pouco tempo, mas então este assunto de Praga espalhou-se, e ele foi obrigado a desistir. É um homem com forte inclinação artística. Coleciona livros e quadros. Ele é, eu creio, uma renomada autoridade em cerâmica chinesa, e escreveu um livro sobre o assunto.

— Uma mente complexa — disse Holmes. — Todos os grandes criminosos a possuem. Meu velho amigo, Charlie Peace, era um exímio violinista. Wainwright não era um mau artista. Eu poderia citar muitos outros. Bem, *sir* James, o senhor informará seu cliente que eu estou concentrando minha atenção no barão Gruner. Não posso dizer mais nada. Tenho algumas fontes de informação particulares, e eu diria que podemos descobrir meios de resolver o assunto.

Quando o nosso visitante foi embora, Holmes ficou sentado meditando, durante tanto tempo que achei que ele havia se esquecido da minha presença. Mas finalmente ele voltou animado à Terra.

— Bem, Watson, alguma ideia? — ele perguntou.

— Acho que é melhor você conhecer a jovem dama pessoalmente.

— Meu caro Watson, se seu pobre velho pai não consegue dissuadi-la, como posso eu, um desconhecido, convencê-la? Mesmo assim a sugestão é válida, se tudo o mais falhar. Mas acho que devemos começar por um ângulo diferente. Tenho um palpite de que Shinwell Johnson poderá ajudar.

Não tive ocasião de mencionar Shinwell Johnson nestas narrativas, porque poucas vezes extraí os casos da última fase da carreira do meu amigo. Durante os primeiros anos do século ele tornou-se um assistente valioso. Johnson, lamento dizer, ficou famoso primeiro como um perigoso patife e cumpriu pena duas vezes em Parkhurst. Finalmente arrependeu-se e aliou-se a Holmes, atuando como seu agente no imenso submundo do crime de Londres, e obtendo informações que quase sempre eram de importância fundamental. Se Johnson tivesse sido um espião da polícia, logo teria sido descoberto, mas, como ele lidava com casos que nunca iam diretamente

para os tribunais, suas atividades não foram percebidas por seus companheiros. Com o glamour de suas duas condenações, ele tinha passe livre em todos os clubes noturnos, pardieiros e inferninhos de jogo da cidade, e sua capacidade de observação rápida e seu cérebro ágil fizeram dele um agente ideal para a obtenção de informações. E era a ele que Sherlock Holmes queria recorrer agora.

Não me foi possível acompanhar os passos imediatos do meu amigo porque eu tinha alguns negócios profissionais urgentes, mas marquei um encontro com ele naquela tarde, no Simpson, onde, sentado a uma mesinha na janela da frente e observando o apressado fluxo de vida no Strand, ele me contou um pouco do que acontecera.

— Johnson está em ação. Ele pode encontrar alguma pista nos cantos mais escuros do submundo, porque é lá embaixo, entre as raízes obscuras do crime, que devemos procurar os segredos deste homem.

— Mas, se a moça não quer aceitar o que já se sabe, por que alguma nova descoberta iria fazê-la mudar de ideia?

— Quem sabe, Watson? O coração e a mente da mulher são para o homem enigmas insolúveis. O homicídio pode ser perdoado ou explicado, mas algum crime menor pode irritar. O barão Gruner me fez uma advertência.

— Ele o advertiu!

— Oh, é claro que não lhe contei os meus planos! Bem, Watson, adoro combater de perto o meu homem. Gosto de encontrá-lo cara a cara e descobrir pessoalmente de que matéria ele é feito. Após dar instruções a Johnson, tomei um táxi para Kingston e encontrei o barão num estado de espírito bastante afável.

— Ele o reconheceu?

— Quanto a isto não houve dificuldade, porque apenas mandei entregar-lhe o meu cartão. Ele é um excelente adversário, frio como o gelo, voz macia e tão tranquilizadora quanto qualquer um de seus médicos especialistas, e venenoso como uma cascavel. Ele tem raça, um verdadeiro aristocrata do crime, lembrando ao mesmo tempo o chá das cinco e toda a crueldade do túmulo. Sim, estou satisfeito por ter voltado minha atenção para o barão Gruner.

— Você disse que ele foi afável?

— Um gato ronronando porque pensa que tem um rato em perspectiva. A afabilidade de certas pessoas é mais mortal do que a violência de almas mais rudes. Seu cumprimento foi característico. “Pensei que iria, com toda a certeza, vê-lo mais cedo ou mais tarde, sr. Holmes”, ele disse. “O senhor deve ter sido contratado pelo general de Merville para tentar impedir meu casamento com a filha dele, Violet. É isso, não?”

“Concordei.

“‘Meu caro’, ele disse, ‘o senhor apenas arruinará sua merecida reputação. Este não é um caso em que possa ter êxito. Seu trabalho será infrutífero, para não falar que estará sujeito a algum perigo. Deixe-me adverti-lo veementemente para que se afaste de vez’.

“‘É curioso’, respondi, ‘pois é o mesmo conselho que pretendia lhe dar. Respeito a sua inteligência, barão, e o pouco que vi de sua personalidade não a diminui em meu conceito. Deixe-me expor-lhe isto, de homem para homem. Ninguém deseja revolver seu passado e deixá-lo excessivamente desconfortável. O que passou passou e o senhor agora está em águas tranquilas, mas, se insistir neste casamento, vai atiçar um enxame de inimigos poderosos, que não o deixarão em paz até que tenham inflamado a Inglaterra o bastante para que o agarrem. Será que o jogo vale a pena? Certamente, seria mais prudente deixar a moça em paz. Não seria agradável para o senhor se esses fatos do seu passado fossem levados ao conhecimento dela’.

“O barão tem, embaixo do nariz, pequenas pontas engorduradas de cabelo semelhantes às curtas antenas de um inseto. Esses cabelos tremiam enquanto o barão ouvia, e ele, finalmente, deu uma risadinha.

“‘Desculpe-me por ter achado graça, sr. Holmes’, ele disse, ‘pois realmente é divertido vê-lo tentando jogar sem ter cartas na mão. Acho que ninguém poderia fazê-lo melhor, mas, de qualquer maneira, é um tanto patético. Nenhuma carta na mão, sr. Holmes. Nada, nem a menor delas’.

“‘É o que o senhor pensa.’

“‘É o que sei. Deixe-me esclarecer uma coisa para o senhor, porque meu jogo é tão forte que posso me dar ao luxo de mostrá-lo. Tive a sorte de conquistar a afeição dessa dama. Essa afeição foi-me dedicada apesar de eu ter-lhe contado muito claramente todos os incidentes infelizes da minha vida passada. Também disse a ela que certas pessoas perversas e mal-intencionadas — espero que o senhor reconheça que está entre elas — iriam

contar-lhe essas coisas, e a preveni, para que soubesse como tratá-las. Já ouviu falar em sugestão pós-hipnótica, sr. Holmes? Bem, o senhor verá como ela funciona, porque um homem de personalidade pode usar o hipnotismo sem aplicar passes ou outras tolices vulgares. De modo que ela está preparada para o senhor e, não tenho dúvida, irá conceder-lhe uma entrevista, pois é bastante submissa à vontade paterna... exceto neste assunto.’

“Bem, Watson, parecia que não havia mais nada a dizer, de modo que eu me despedi da maneira mais digna e fria que pude, mas, quando eu estava com a mão na maçaneta da porta, ele me fez parar.

“‘A propósito, sr. Holmes’, ele disse, ‘o senhor conhece o agente francês Le Brun?’

“‘Conheço’, respondi.

“‘O senhor sabe o que aconteceu com ele?’

“‘Ouvi dizer que foi espancado por alguns Apaches, no distrito de Montmartre, e ficou aleijado para o resto da vida.’

“‘Exatamente, sr. Holmes. Por uma curiosa coincidência, ele estava investigando os meus negócios apenas uma semana antes. Não faça o mesmo, sr. Holmes, pois não dá sorte. Muitos descobriram isso. Minha última palavra é: siga seu próprio caminho e deixe que eu siga o meu. Adeus!’

“Foi isso, Watson. Você agora está atualizado.”

— O sujeito parece perigoso.

— Muitíssimo perigoso. Eu desprezo o fanfarrão, mas ele é o tipo do homem que diz muito menos do que aquilo que pretende fazer.

— Você precisa interferir? Importa realmente se ele se casar com a moça?

— Considerando que ele, sem dúvida nenhuma, assassinou sua última esposa, eu diria que importa muito. Além disso, o cliente! Bem, bem, não precisamos discutir isso. Quando você terminar seu café, será melhor vir comigo até minha casa, pois o jovial Shinwell estará lá com seu relatório.

Nós o encontramos mesmo; um homem enorme, rude, de rosto vermelho, com olhos pretos e vivos, único sinal exterior de uma mente muito ágil. Parecia que ele havia penetrado naquilo que era tipicamente o seu mundo, e ao lado dele, no sofá, estava um tipo que ele trouxera, uma jovem esbelta, vistosa, de rosto pálido e enérgico, mas tão devastada pelo pecado e pela

tristeza que era possível perceber os anos terríveis que haviam deixado nela a sua marca.

— Esta é a srta. Kitty Winter — disse Shinwell Johnson, balançando sua gorda mão num gesto de apresentação. — O que ela não sabe, bem, olhe, ela mesma falará. Botei as mãos nela, sr. Holmes, uma hora depois de ter recebido sua mensagem.

— Sou fácil de ser encontrada — disse a jovem. — Que inferno Londres, sempre me encontram. O mesmo endereço para o Gordo Shinwell. Somos velhos companheiros, o Gordo, você e eu. Mas valha-me Deus! Há um outro que devia estar lá embaixo, num inferno ainda pior do que o nosso se houvesse justiça no mundo. Esse é o homem que o senhor está procurando, sr. Holmes.

Holmes sorriu.

— Entendo que está nos desejando boa sorte, srta. Winter.

— Se eu puder ajudar a levá-lo para o lugar onde ele devia estar, pode contar comigo — disse a nossa visitante com uma energia feroz. Havia muito ódio no seu rosto branco e decidido, e nos seus olhos em chamas, numa intensidade que as mulheres raramente conseguem atingir, e os homens, nunca. — O senhor não precisa investigar o meu passado, sr. Holmes. Meu passado não é nem bom nem mau. Mas o que sou devo a Adelbert Gruner. Se eu pudesse destruí-lo! — Ela cerrou os punhos furiosamente, erguendo as mãos. — Oh, se eu pudesse arrastá-lo para o fosso onde ele jogou tanta gente!

— Você sabe do que se trata?

— O Gordo Shinwell me falou a respeito. Ele está atrás de alguma outra pobre tola, e desta vez quer se casar com ela. O senhor quer impedi-lo. Bem, o senhor deve saber bastante a respeito desse demônio para impedir qualquer moça decente, em seu juízo perfeito, de compartilhar sua vida.

— Ela não está em seu juízo perfeito. Ela está loucamente apaixonada. Já lhe contaram tudo a respeito dele. Ela não se importa.

— Falaram-lhe sobre o assassinato?

— Sim.

— Meu Deus, ela deve ser muito corajosa!

— Ela refuta tudo como sendo calúnias.

— O senhor não poderia colocar provas diante de seus olhos estúpidos?

— Bem, poderia nos ajudar nisso?

— Não sou eu mesma uma prova? E se eu ficasse na frente dela e lhe contasse como ele me usou?

— Você faria isto?

— Se eu o faria? Como não!

— Bem, deve valer a pena tentar. Mas ele contou a ela a maior parte de seus pecados e recebeu seu perdão, e sei que ela não vai querer voltar ao assunto.

— Eu direi que ele não lhe contou tudo — disse a srta. Winter. — Soube de mais um ou dois assassinatos além daquele que causou tanta confusão. Ele costumava falar de alguém, com sua voz aveludada, depois olhava para mim com o olhar firme e dizia: “Ele morreu em um mês.” Não era mentira dele, de modo nenhum. Mas eu prestava pouca atenção. O senhor compreende, naquele tempo eu o amava. Tudo o que ele fazia eu aceitava, do mesmo modo que esta pobre tola! Houve apenas uma coisa que me chocou. Sim, por Deus! Se não fosse por sua língua venenosa e mentirosa, que explica e tranquiliza, eu o teria deixado naquela mesma noite. Trata-se de um livro que ele tem, um livro de couro marrom com um fecho, e seu brasão em ouro na parte de fora. Acho que naquela noite ele estava um pouco bêbado, do contrário não teria me mostrado esse livro.

— O que era este livro?

— Eu lhe digo, sr. Holmes. Este homem coleciona mulheres e tem orgulho disso, assim como alguns homens colecionam mariposas ou borboletas. Ele tinha tudo no seu livro. Instantâneos fotográficos, nomes, detalhes, tudo sobre elas. Era um livro abominável, um livro que nenhum homem, mesmo que tivesse vindo da sarjeta, poderia ter organizado. Mas era o livro de Adelbert Gruner, de qualquer modo. “Almas que arruinei”, ele poderia ter escrito isto na capa se tivesse espírito. Mas isso não vem ao caso porque o livro não lhe serviria, e se servisse o senhor não poderia obtê-lo.

— Onde está o livro?

— Como posso lhe dizer onde está agora? Faz mais de um ano que o deixei. Naquela ocasião eu sabia onde ele o guardava. Em muitos de seus hábitos ele parece um gato cuidadoso e ordeiro, de modo que talvez o livro ainda esteja no escaninho da velha escrivaninha, no escritório interno. O senhor conhece a casa dele?

— Estive no escritório — disse Holmes.

— Esteve lá? O senhor foi rápido no seu trabalho, se só começou esta manhã. Talvez o querido Adelbert desta vez tenha encontrado um inimigo à altura. O escritório externo é aquele com as louças chinesas, uma grande estante envidraçada entre as janelas. Atrás da escrivaninha está a porta que dá no seu gabinete interno, uma sala pequena, onde ele guarda papéis e coisas.

— Ele não tem medo de ladrões?

— Adelbert não é covarde. Nem seu pior inimigo poderia dizer isso dele. Ele sabe se defender. À noite há um alarme contra ladrões. Além do mais, o que é que tem lá para um ladrão, a menos que o ladrão leve toda aquela louça bonita?

— Nada feito — disse Shinwell Johnson com a voz decidida de um especialista. — Nenhum comprador de objetos roubados quer coisas desse tipo, que você não pode derreter nem vender.

— Exatamente — disse Holmes. — Bem, agora, srta. Winter, se vier até aqui amanhã às 17 horas, eu poderia, enquanto isso, verificar se sua sugestão de conhecer esta moça poderia ser arranjada. Estou muitíssimo grato pela sua cooperação. Não preciso dizer que meus clientes levarão isto em consideração, prodigamente.

— De maneira alguma, sr. Holmes — exclamou a jovem. — Não estou interessada em dinheiro. Deixe-me ver este homem na lama e eu terei conseguido tudo o que quero; na lama, com meu pé na sua maldita cara. Este é o meu preço. Estarei com o senhor amanhã ou em qualquer outro dia, contanto que o senhor esteja em sua pista. O Gordo aqui lhe dirá onde me encontrar.

Só voltei a ver Holmes na noite seguinte, quando jantamos mais uma vez no restaurante do Strand. Ele deu de ombros quando lhe perguntei se teve sorte em sua entrevista. Então contou a história, que vou reproduzir a meu modo. Seu relato ríspido e seco precisa ser um pouco mais burilado para se tornar real.

— Não houve nenhuma dificuldade quanto à entrevista — disse Holmes —, pois a moça vangloria-se de mostrar uma obediência filial abjeta em todas as coisas secundárias, numa tentativa de compensar sua flagrante violação desta obediência no caso do seu noivado. O general telefonou informando que estava tudo preparado, e a impetuosa srta. Winter

compareceu, de acordo com o combinado, de modo que às 17h30 um táxi nos deixou em frente ao número 104 da Berkeley Square, onde mora o velho soldado. Um daqueles horríveis castelos londrinos cinzentos que fariam uma igreja parecer insignificante. Um lacaio nos levou até uma grande sala de visitas com cortinas amarelas, e lá estava a moça nos esperando, séria, pálida, controlada, tão inflexível e distante quanto uma figura de neve sobre uma montanha.

"Não sei como descrevê-la para você, Watson. Talvez você deva encontrá-la antes de terminarmos, e possa usar seu próprio dom da palavra. Ela é bonita, mas com aquela beleza etérea sobrenatural de uma fanática, cujos pensamentos estão voltados para o alto. Já vi rostos assim nos quadros dos velhos mestres da Idade Média. Não consigo imaginar como uma besta humana pôde botar suas patas depravadas sobre este ser do além. Você deve ter observado como os extremos se atraem, o espiritual atrai o animal, o homem das cavernas é atraído pelos anjos. Você nunca viu caso pior do que este.

"É claro que ela sabia o motivo da nossa presença — aquele vilão não perdera tempo, envenenando a mente dela contra nós. A presença da srta. Winter, eu creio, deixou-a um pouco assustada, mas ela indicou nossas cadeiras como uma venerável abadessa recebendo dois mendigos leprosos. Se sua cabeça tem propensão à soberba, meu caro Watson, faça um curso com a srta. Violet de Marville.

"'Bem, senhor', ela disse com uma voz que parecia o vento vindo de um *iceberg*, 'seu nome me é familiar. Sei que o senhor veio nos visitar para difamar meu noivo, o barão Gruner. Foi só porque o meu pai pediu que eu o recebo, e advirto-o de antemão que nada que o senhor disser poderá me influenciar'.

"Tive pena, Watson. Naquele instante pensei nela como teria pensado numa filha. Não costumo ser eloquente. Uso a cabeça, não o coração. Mas realmente argumentei com ela, com todo o ardor de que minha natureza é capaz. Descrevi-lhe a terrível situação da mulher que só descobre o caráter de um homem depois que se torna sua esposa — uma mulher que tem de se sujeitar a ser acariciada por mãos sanguinárias e lábios lascivos. Não lhe poupei coisa alguma: a vergonha, o medo, a agonia, a desesperança de tudo. Minhas palavras apaixonadas não conseguiram trazer qualquer colorido àquelas faces de marfim ou um brilho de emoção àqueles olhos ausentes.

Pensei no que o canalha dissera a respeito da influência pós-hipnótica. Podia-se mesmo acreditar que ela vivia acima da Terra, em algum sonho extático. Mas não havia nada de vago em suas respostas.

"'Eu o ouvi com paciência, sr. Holmes', ela disse. 'O efeito sobre a minha mente é exatamente o que estava previsto. Sei que Adelbert, meu noivo, teve uma vida tumultuada, que lhe acarretou ódios amargos e a mais injusta das desonras. O senhor é apenas o último de uma série de pessoas que me contaram calúnias a seu respeito. Possivelmente está bem-intencionado, embora eu saiba que é um agente pago e que estaria tão disposto a agir a favor do barão quanto contra ele. Mas, de qualquer modo, quero que compreenda de uma vez por todas que eu o amo e que ele me ama, e que a opinião do mundo inteiro não significa mais para mim do que o chilrear daqueles pássaros do lado de fora da janela. Se sua natureza nobre, alguma vez, por um instante, degradou-se, pode ser que eu tenha sido especialmente enviada para conduzi-la ao seu verdadeiro nível elevado. Não sei', aqui ela olhou minha acompanhante, 'quem é esta jovem senhora'.

"Eu estava prestes a responder quando a moça começou a falar como um turbilhão. Se alguma vez você viu fogo e gelo face a face, eram aquelas duas mulheres.

"'Eu vou lhe dizer quem sou!', ela gritou, saltando da cadeira, a boca retorcida pela emoção. 'Sou a última amante dele. Sou uma entre as cem que ele tentou, usou, arruinou e atirou na pilha de refugos, como fará com você também. Sua pilha de refugos mais parece um túmulo e talvez assim seja melhor. Eu lhe direi, mulher tola, se vier a se casar com este homem, ele será como a morte para você. Pode ser um coração dilacerado, ou, talvez, um pescoço quebrado, mas ele o fará, de uma maneira ou de outra. Não é por amor a você que estou falando. A mim não importa que você viva ou morra. É por ódio, para contrariá-lo e para devolver-lhe tudo o que me fez. Mas tanto faz, e você não precisa me olhar deste jeito, minha fina senhorita, pois poderá tornar-se inferior a mim antes de terminar com ele.'

"'Prefiro não discutir esses assuntos', disse a srta. De Merville friamente. 'Deixe-me dizer, de uma vez por todas, que estou ciente dos três incidentes na vida do meu noivo, nos quais ele se enredou com mulheres astuciosas, e que eu estou certa de seu arrependimento sincero por qualquer mal que ele possa ter praticado.'

"'Três incidentes!', gritou minha companheira. 'Sua tola! Sua tola de uma figa!'

"'Sr. Holmes, peço-lhe que dê esta entrevista por encerrada', disse a voz gelada. 'Recebendo-o e ouvindo-o, obedeci à vontade de meu pai, mas não sou obrigada a ouvir os delírios desta pessoa.'

"Com uma imprecação, a srta. Winter precipitou-se para a frente e, se eu não a segurasse pelo pulso, teria agarrado pelos cabelos esta mulher encolerizada. Eu a puxei em direção à porta e tive a sorte de colocá-la de volta dentro do táxi sem uma cena, pois ela estava fora de si de raiva. De maneira controlada, eu mesmo estava furiosíssimo, Watson, porque havia algo indescritivelmente incômodo na calma indiferença, e na suprema autocomplacência daquela mulher que tentávamos salvar. Portanto agora, mais uma vez, você sabe exatamente em que pé estamos, e é evidente que preciso planejar alguma nova jogada, pois esta inicial não vai adiantar. Vou manter contato com você, Watson, pois é muito provável que você tenha de representar sua parte, mas talvez a próxima jogada seja mais deles do que nossa."

E foi. Eles deram o golpe, ou melhor, ele deu, porque jamais pude acreditar que a srta. De Merville tivesse conhecimento disso. Acho que eu seria capaz de mostrar-lhe exatamente onde eu estava quando meus olhos caíram sobre o título de uma notícia, e uma angústia atravessou minha alma. Foi entre o Grand Hotel e a estação de Charing Cross, onde um jornaleiro perneta exibia os jornais vespertinos. Isto foi apenas dois dias depois da última conversa. Ali, em letras grandes, estava o terrível cabeçalho.

ASSASSINO
ATACA
SHERLOCK
HOLMES

Creio que fiquei atordoado durante alguns minutos. Depois, lembro-me vagamente de ter apanhado um jornal, dos protestos do homem a quem eu não paguei, e, finalmente, de ficar parado na porta de uma farmácia enquanto procurava o parágrafo fatídico. Que dizia o seguinte:

“Soubemos, com pesar, que o sr. Sherlock Holmes, o famoso detetive particular, foi vítima, esta manhã, de uma tentativa de homicídio que o deixou bastante machucado. Não temos detalhes precisos, mas parece que o fato ocorreu por volta de meio-dia, na Regent Street, em frente ao Café Royal. Ele foi atacado por dois homens armados com pedaços de pau e o sr. Holmes levou pancadas na cabeça e no corpo, ficando com ferimentos que os médicos consideram muito graves. Ele foi levado para o hospital de Charing Cross e depois insistiu em ser conduzido para os seus aposentos na Baker Street. Parece que os bandidos que o atacaram eram homens bem-vestidos, e escaparam dos transeuntes que assistiram à cena passando por dentro do Café Royal e pela Glasshouse Street, que fica atrás do café. Não há dúvida de que eles pertencem à fraternidade criminosa que tantas vezes teve ocasião de lastimar a energia e o talento do homem agora ferido.”

Não preciso dizer que mal acabara de dar uma olhada na notícia e já saltava para dentro de um coche, seguindo para a Baker Street. Encontrei *sir* Leslie Oakshott, o famoso cirurgião, no hall, e sua carruagem esperando no meio-fio.

— Nenhum perigo imediato — foi o que ele informou. — Dois cortes no couro cabeludo e algumas escoriações graves. Foram necessários muitos pontos. Ele recebeu injeção de morfina, e o repouso é essencial, mas uma visita de alguns minutos não está totalmente proibida.

Com esta permissão, entrei silenciosamente no quarto em penumbra. O paciente estava acordado, e escutei meu nome num sussurro rouco. A veneziana estava quase toda fechada, mas um raio de sol entrava obliquamente, incidindo na cabeça enfaixada do homem ferido. Uma mancha vermelha tinha molhado as ataduras brancas. Sentei-me a seu lado e inclinei a cabeça.

— Tudo bem, Watson. Não fique tão assustado — murmurou ele numa voz muito fraca. — Não é tão mau quanto parece.

— Graças a Deus!

— Como você sabe, sou um hábil esgrimista. Coloquei muitos deles em posição de defesa. O segundo homem é que foi demais para mim.

— O que posso fazer, Holmes? É claro que foi aquele maldito sujeito que os mandou. Irei arrancar-lhe o couro, se me ordenar.

— Meu velho e bom Watson! Não podemos fazer nada até que a polícia ponha as mãos neles. Mas sua fuga foi bem preparada. Podemos estar certos disso. Espere um pouco. Tenho meus planos. A primeira coisa é exagerar meus ferimentos. Eles irão procurá-lo para saber notícias. Exagere, Watson. Diga que serei um felizardo se conseguir viver esta semana, concussão, delírio, o que você quiser! Você só não pode exagerar demais.

— E *sir* Leslie Oakshott?

— Oh, tudo bem. Ele conhecerá o meu pior lado. Cuidarei disso.

— Alguma coisa mais?

— Sim. Diga a Shinwell Johnson para afastar aquela moça. Aquelas belezinhas irão atrás dela agora. Naturalmente, eles sabem que ela está me ajudando neste caso. Se ousaram me atacar, não é provável que a esqueçam. É urgente. Faça isto hoje à noite.

— Vou embora agora. Mais alguma coisa?

— Coloque meu cachimbo na mesa... e a bolsa de tabaco. Bem! Venha todas as manhãs e faremos nosso plano de ação.

Naquela tarde combinei com Johnson que ele levaria a srta. Winter para um subúrbio tranquilo e a manteria escondida até passar o perigo.

Durante seis dias o público ficou com a impressão de que Holmes estava às portas da morte. Os boletins eram muito sombrios, e havia parágrafos sinistros nos jornais. Minhas visitas constantes deram-me a certeza de que seu estado não era tão grave assim. Sua constituição resistente e sua determinação faziam maravilhas. Recuperava-se rapidamente e às vezes eu suspeitava que ele, na verdade, estava melhor do que fingia estar, mesmo para mim. Havia naquele homem um curioso traço de discrição que resultava em muitos efeitos dramáticos, mas que deixava até seu amigo mais íntimo imaginando quais seriam exatamente os seus planos. Ele levou ao extremo o axioma de que o único planejador seguro é o que planeja sozinho. Eu estava mais próximo dele do que qualquer outra pessoa, e mesmo assim estava sempre consciente da distância entre nós.

No sétimo dia os pontos foram retirados, e apesar disso os jornais vespertinos publicaram uma notícia sobre erisipela. Os mesmos vespertinos noticiaram que eu estava pronto para levar meu amigo, quer ele estivesse bem ou mal. E dizia simplesmente que, entre os passageiros do navio *Ruritania*, da empresa Cunard, que partia de Liverpool na sexta-feira, estava o barão Adelbert Gruner, que tinha de tratar de alguma transação

financeira importante nos Estados Unidos antes de seu casamento com a srta. Violet de Merville, única filha de etc. etc. Holmes ouviu as notícias com o olhar frio e concentrado, e seu rosto pálido me mostrou que a notícia o abalara bastante.

— Sexta-feira! — ele gritou. — Apenas três dias! Acho que o velhaco quer se colocar fora de perigo. Mas ele não o fará, Watson. Por Deus, ele não o fará! Agora, Watson, preciso que você faça uma coisa para mim.

— Estou aqui para ser útil, Holmes.

— Bem, então dedique as próximas 24 horas a um estudo intensivo de cerâmica chinesa.

Ele não deu explicação e eu não pedi nenhuma. Por meio de longa experiência eu aprendera a sabedoria da obediência. Mas, quando saí do quarto, desci a Baker Street me perguntando como eu iria cumprir uma ordem tão estranha. Finalmente, segui para a Biblioteca de Londres, em James's Square, expus o assunto ao meu amigo Lomax, o bibliotecário-assistente, e saí com um volume respeitável debaixo do braço.

Dizem que o advogado que estuda um caso com zelo, mas às pressas, a fim de interrogar uma testemunha especialista na segunda-feira, no sábado já esqueceu todo o conhecimento que foi obrigado a adquirir. Claro que eu agora não gostaria de bancar uma autoridade em cerâmica. Mesmo assim, durante toda aquela tarde e toda aquela noite, com um pequeno intervalo para descanso, e durante toda a manhã seguinte, eu absorvia conhecimentos e decorava nomes. Aprendi sobre os carimbos em ouro e prata dos grandes artistas decoradores, o mistério das datas cíclicas, os símbolos do Hung-wu e as belezas do Yung-lo, os manuscritos de Tang-ying e as glórias do período primitivo do Sung e do Yuan. Na tarde seguinte, quando visitei Holmes, já estava de posse de todas essas informações. Ele já saíra da cama, embora não se pudesse adivinhar isto pelas notícias publicadas, e estava sentado em sua poltrona preferida, com a cabeça enfaixada apoiada na mão.

— Ora, Holmes — eu disse —, quem acredita em jornais pensa que você está morrendo.

— É esta — ele disse — a impressão que pretendo dar. E então, Watson, já aprendeu sua lição?

— Pelo menos tentei.

— Ótimo. Você conseguiria manter uma conversa inteligente sobre o assunto?

— Creio que sim.

— Então, pegue aquela caixinha na prateleira sobre a lareira.

Ele abriu a tampa e tirou um pequeno objeto, cuidadosamente enrolado em magnífica seda oriental. Desembrulhou-o e fez surgir um pires pequeno e delicado, do mais belo azul-escuro.

— É preciso segurar com cuidado, Watson. Esta é a verdadeira porcelana chinesa casca de ovo, da dinastia Ming. Nenhuma peça mais delicada jamais passou pela Christie's. Um aparelho completo desta cerâmica é digno de um resgate real. Na verdade, não se sabe se existe um conjunto completo fora do Palácio Imperial de Pequim. Este pires deixaria maluco um verdadeiro conhecedor.

— O que devo fazer com isso?

Holmes me estendeu um cartão onde se lia: Dr. HILL BARTON, 369, HALF MOON STREET.

— Este será o seu nome esta tarde, Watson. Você irá visitar o barão Gruner. Sei alguma coisa a respeito de seus hábitos, e às 20h30 ele provavelmente estará livre. Um bilhete avisará antes que você vai visitá-lo, e você dirá que está levando um exemplar de um aparelho de porcelana Ming muito raro. Você pode também ser um médico, já que este é um papel que você pode desempenhar sem duplicidade. Você é um colecionador, este aparelho lhe chegou às mãos, você ouviu falar do interesse do barão pelo assunto e não se recusa a vendê-lo por determinado preço.

— Que preço?

— Boa pergunta, Watson. Você certamente se daria mal se não soubesse o preço de sua mercadoria. Foi *sir* James que conseguiu este pires para mim, e suponho que faça parte da coleção do cliente dele. Você não estará exagerando se disser que dificilmente pode haver outra peça igual no mundo.

— Eu poderia sugerir que o aparelho fosse avaliado por um especialista.

— Excelente, Watson! Você está brilhante hoje. Sugira Christie ou Sotheby. A sua delicadeza impede que você mesmo determine o preço.

— E se ele não quiser me receber?

— Oh, sim, ele o receberá. Ele sofre da mania de coleção sob a forma mais aguda, e principalmente deste tipo de coleção, porque é uma

autoridade reconhecida neste assunto. Sente-se, Watson, e eu ditarei a carta. Não há necessidade de resposta. Você apenas dirá que vai vê-lo e por quê.

A carta era um documento admirável, curto, polido e estimulante para a curiosidade de um *connaisseur*. Foi enviada por um mensageiro. Na mesma noite, com o precioso pires na mão e o cartão do dr. Hill Barton no bolso, parti para a minha aventura.

A beleza da casa e dos jardins indicava que o barão Gruner era, como *sir* James havia dito, um homem muito rico. Um acesso longo e curvo, com arbustos raros de ambos os lados, dava numa grande praça de cascalho adornada com estátuas. A casa foi construída por um rei do ouro sul-africano, nos dias do grande *boom*, e a casa comprida e baixa, com suas pequenas torres nas extremidades, apesar de um pesadelo arquitetônico, era imponente em seu tamanho e solidez. Um mordomo, que mais parecia um bispo, me fez entrar e entregou-me a um lacaio vestido com roupa de pelúcia, que me levou à presença do barão.

Ele estava de pé diante de uma grande estante aberta que ficava entre as janelas e que continha parte de sua coleção chinesa. Quando entrei, ele virou-se, tendo na mão um pequeno vaso marrom.

— Queira sentar-se, por favor, doutor — ele disse. — Eu estava examinando meus tesouros e me perguntando se poderia arcar com despesas para aumentar esta coleção. Este pequeno exemplar Tang, que data do século VII, provavelmente lhe interessaria. Tenho certeza de que nunca viu artesanato mais admirável ou um polimento mais magnífico. O senhor trouxe o pires Ming de que falou?

Desembrulhei-o com cuidado e o entreguei a ele. Ele sentou-se à sua escrivaninha, puxou a lâmpada, pois estava ficando escuro, e passou a examiná-lo. A luz amarela batia em seu rosto, e pude observá-lo atentamente.

Era de fato um homem bonito. Sua fama europeia de beleza era inteiramente merecida. Sua altura era mediana, mas tinha traços graciosos e enérgicos. Seu rosto era moreno, quase oriental, com grandes olhos escuros e lânguidos que podiam facilmente provocar uma fascinação irresistível nas mulheres. O cabelo e o bigode eram negros e lustrosos, e o bigode era curto, pontudo e cuidadosamente encerado. Seus traços eram regulares e agradáveis, com exceção de sua boca reta de lábios finos. Se alguma vez vi

a boca de um assassino, ali estava ela — um talhe cruel e duro em seu rosto, cerrada, inexorável e terrível. Ele não deveria ter afastado o bigode da boca deixando-a descoberta, pois ela era um sinal de perigo, um aviso da natureza às suas vítimas. Sua voz era sedutora e suas maneiras perfeitas. Quanto à idade, eu teria calculado um pouco mais de trinta anos, embora seu registro mostrasse mais tarde que ele tinha 42.

— Muito bonito, realmente muito bonito! — ele disse depois de algum tempo. — E o senhor diz que tem um jogo com meia dúzia deles. O que me intriga é que eu não tenha ouvido falar de peças tão magníficas. Eu sabia de apenas um na Inglaterra que poderia se comparar a este, mas com certeza não está à venda. Seria indiscrição se eu lhe perguntasse, dr. Hill Barton, como o obteve?

— Será que isto realmente tem importância? — perguntei com o ar mais displicente que consegui exibir. — O senhor pode ver que a peça é genuína, e, quanto ao valor, eu me contento em aceitar a avaliação de um perito.

— Muito misterioso — disse ele com um brilho rápido e desconfiado em seus olhos escuros. — Quem negocia com objetos tão valiosos quer saber tudo sobre a transação. Que a peça é genuína, é certo. Não tenho nenhuma dúvida a esse respeito. Mas suponha, sou obrigado a levar em consideração todas as possibilidades, que mais tarde fique provado que o senhor não tinha o direito de vendê-la?

— Eu lhe daria uma garantia contra qualquer alegação deste tipo.

— Isso, naturalmente, suscitaria a questão do mérito de sua garantia.

— Meus banqueiros responderiam por isto.

— Com certeza. Mas toda a transação me parece um tanto estranha.

— O senhor pode ou não fazer negócio — eu disse com indiferença. — Fiz minha primeira oferta ao senhor, pois sabia que era um *connaisseur*, mas não teria nenhuma dificuldade com outros.

— Quem lhe disse que eu era um *connaisseur*?

— Eu sabia que o senhor havia escrito um livro sobre o assunto.

— Já leu o livro?

— Não.

— Valha-me Deus! É cada vez mais difícil entender! O senhor é um *connaisseur* e colecionador, com uma peça muito valiosa em sua coleção, e mesmo assim nunca se deu ao trabalho de consultar o único livro que lhe

teria informado o verdadeiro significado e o valor do que possui. Como explica isto?

— Sou um homem muito ocupado. Sou um médico que pratica a medicina.

— Isto não é resposta. Se um homem tem um *hobby*, dedica-se a ele, sejam quais forem suas outras ocupações. No bilhete o senhor me disse que era um *connaisseur*.

— E sou.

— Posso fazer-lhe algumas perguntas para testá-lo? Sou obrigado a dizer-lhe, doutor, se é mesmo um médico, que este caso está ficando cada vez mais suspeito. Eu lhe perguntaria o que sabe sobre o imperador Shomu e como o senhor o associa ao Shoso-in, perto de Nara? Valha-me Deus, isto o deixa confuso? Fale-me um pouco a respeito da dinastia Wei, do Norte, e o lugar que ocupa na história das cerâmicas.

Saltei da cadeira com uma raiva fingida.

— Isto é intolerável, senhor — eu disse. — Venho aqui para fazer-lhe um favor, e não para ser examinado como se fosse um colegial. Meu conhecimento sobre estes assuntos pode ser inferior ao seu, mas não é por isso que responderei a perguntas feitas de maneira tão ofensiva.

Ele me olhou com firmeza. A languidez havia desaparecido de seus olhos. De repente, eles brilharam de raiva. Houve um cintilar de dentes por entre aqueles lábios cruéis.

— Qual é o jogo? O senhor está aqui como espião. O senhor é um emissário de Holmes. Isto é um estratagema contra mim. Ouvi dizer que o sujeito está morrendo, de modo que ele envia seus instrumentos para me vigiar. O senhor poderá achar mais difícil sair daqui do que entrar.

Ele ficou de pé num salto, e eu recuei, preparando-me para um ataque, pois o homem estava fora de si de raiva. Ele devia ter suspeitado de mim desde o início; certamente este interrogatório mostrou-lhe a verdade; mas estava claro que eu não conseguiria enganá-lo. Ele enfiou a mão numa gaveta lateral e tateou com raiva entre os papéis. Nesse momento, ele ouviu alguma coisa, porque parou e ficou prestando atenção.

— Ah! — ele gritou. — Ah! — E correu para dentro do aposento que ficava atrás dele.

Em dois passos cheguei até a porta aberta, e minha mente sempre se recordará nitidamente da cena ali dentro. A janela que dava para o jardim

estava aberta. Ao lado dela estava Sherlock Holmes parecendo um terrível fantasma, a cabeça envolta em ataduras ensanguentadas, o rosto contraído e branco. No instante seguinte ele atravessava a brecha da janela, e ouvi o estrondo de seu corpo entre os arbustos de louro do lado de fora. Com um gemido de raiva, o dono da casa precipitou-se atrás dele até a janela.

E então! Aconteceu num instante, e mesmo assim eu vi com clareza. Um braço — um braço de mulher — surgiu por entre as folhagens. Na mesma hora o barão deu um grito terrível — um uivo que ressoará eternamente em meus ouvidos. Ele bateu com as duas mãos no rosto e começou a correr em círculos pelo aposento, batendo com a cabeça nas paredes. Depois caiu no tapete, rolando e retorcendo-se, enquanto seus gritos ressoavam pela casa.

— Água! Pelo amor de Deus, água! — ele gritava.

Peguei uma garrafa numa mesa lateral e corri em seu auxílio. Neste momento o mordomo e vários criados entraram vindos do hall. Lembro que um deles desmaiou quando me ajoelhei ao lado do homem ferido e virei aquele rosto horrível para a luz da lâmpada. O ácido sulfúrico estava comendo tudo e pingava das orelhas e do queixo. Um olho já estava branco e vidrado. O outro, vermelho e inflamado. As feições que eu admirara alguns minutos antes pareciam agora uma bela pintura sobre a qual o artista passou uma esponja úmida e imunda. Elas estavam borradas, descoloridas, medonhas, não pareciam humanas.

Em poucas palavras expliquei exatamente o que havia ocorrido, em relação ao ataque com o ácido. Alguns saltaram pela janela e outros correram para fora, em direção ao gramado, mas estava escuro e começara a chover. Em meio a gritos, a vítima enfurecia-se e ameaçava o vingador.

— Foi aquela mulher vingativa, Kitty Winter! — ele gritou. — Oh, aquele demônio! Ela pagará por isso! Ela pagará! Oh, Deus do céu, esta dor é mais do que eu posso suportar!

Banhei seu rosto com óleo, coloquei algodão nas partes em carne viva e dei-lhe uma injeção de morfina. Toda a desconfiança que ele tinha de mim desaparecera com o choque, e ele agarrava-se às minhas mãos como se eu tivesse o poder, ainda, de desembaçar aqueles olhos de peixe morto que se fixavam em mim. Eu poderia ter chorado diante daquela ruína se não me lembrasse muito bem da vida depravada que provocara aquela transformação medonha. Era repugnante sentir o toque de suas mãos queimadas, e fiquei aliviado quando o médico da família e, logo depois, um

especialista, chegaram para me aliviar do meu fardo. Um inspetor de polícia também havia chegado, e eu entreguei a ele o meu verdadeiro cartão. Teria sido inútil e imprudente agir de outra forma, porque sou quase tão conhecido de vista pela Scotland Yard quanto o próprio Holmes. Em seguida, saí daquela casa de tristeza e terror. Uma hora depois eu estava na Baker Street.

Holmes estava sentado em sua cadeira de sempre e parecia muito pálido e exausto. Além de seus ferimentos, mesmo os seus nervos de aço ficaram abalados pelos acontecimentos da tarde, e ele ouviu com horror o meu relato sobre a transformação do barão.

— O preço do pecado, Watson, o preço do pecado! — ele disse. — Mais cedo ou mais tarde ele terá de ser pago. Deus sabe que havia pecado suficiente — acrescentou, pegando um livro marrom que estava na mesa: — Este é o livro de que a mulher falou. Se isto não desmanchar o noivado, nada jamais o fará. Mas este livro conseguirá, Watson. Tem de consegui-lo. Nenhuma mulher que se preza poderia suportar isto.

— É seu diário de amor?

— Ou seu diário de luxúria. Chame isto como quiser. Quando a mulher nos falou do livro, percebi que havia ali uma arma tremenda, se pudéssemos botar as mãos nele. Na hora, não disse nada que revelasse meus pensamentos, pois aquela mulher poderia me trair e contar a ele. Mas refleti sobre o assunto. Depois, esse ataque que sofri deu-me a oportunidade de fazer o barão pensar que não precisava tomar nenhuma precaução contra mim. Foi tudo providencial. Eu teria esperado mais um pouco, porém sua viagem aos Estados Unidos me obrigou a agir. Ele nunca deixaria para trás um documento tão comprometedor. Portanto, precisávamos agir imediatamente. Um assalto à noite é impossível. Ele toma precauções. Mas havia uma chance à tarde, se eu pelo menos pudesse ter certeza de que a atenção dele estaria ocupada. Foi aí que você e o seu pires entraram em ação. No entanto, eu precisava ter certeza do lugar onde estava o livro, e sabia que tinha apenas alguns minutos, porque meu tempo seria limitado pelos seus conhecimentos de porcelana chinesa. Por isso trouxe a moça comigo no último momento. Como eu poderia ter adivinhado o que continha o pacotinho que ela carregava com tanto cuidado debaixo da capa? Pensei que ela estivesse a meu serviço, mas parece que tinha um trabalho próprio a realizar.

— Ele adivinhou que eu fora mandado por você.

— Eu temia isso. Mas você o manteve no jogo o suficiente para que eu pudesse pegar o livro, embora não o suficiente para uma fuga despercebida. Ah, *sir* James, estou muito satisfeito por ter vindo!

Nosso elegante amigo apareceu, atendendo a uma convocação prévia. Ele ouviu com a maior atenção o relato de Holmes sobre os acontecimentos.

— Vocês fizeram maravilhas, maravilhas! — ele exclamou quando acabou de ouvir a narrativa. — Mas, se esses ferimentos são tão terríveis quanto o dr. Watson os descreve, certamente nosso objetivo de impedir o casamento está garantido, sem a necessidade de se fazer uso deste livro horrendo.

Holmes sacudiu a cabeça.

— Mulheres como De Merville não agem desta forma. Ela o amaria ainda mais como um mártir desfigurado. Não, não. É o seu lado moral, não físico, que precisamos destruir. Este livro a trará de volta à terra, não sei de mais nada que o conseguisse. Está escrito com sua própria caligrafia. Ela não pode ignorá-lo.

Sir James levou o livro e o pires precioso. Como eu já estava atrasado, desci com ele até a rua. Uma carruagem o esperava. Ele saltou para dentro dela, deu uma ordem apressada ao cocheiro, que trazia suas cores no chapéu, e partiu rapidamente. Jogou metade do seu sobretudo para fora da janela, a fim de cobrir o escudo sobre a almofada da porta, mas eu já o avistara, devido à luz que vinha da nossa porta. A surpresa me deixou sem ar. Então voltei e subi as escadas, em direção à sala de Holmes.

— Descobri quem é o nosso cliente — exclamei, entusiasmado com a minha grande novidade. — Holmes, ele é...

— É um amigo leal e um cavalheiro cortês — disse Holmes, erguendo a mão para me impedir de continuar. — Que isto, agora e para sempre, fique entre nós.

Não sei como foi usado o livro incriminador. *Sir* James deve ter conseguido isto. Ou é mais provável que uma tarefa tão delicada tenha sido confiada ao pai da jovem dama. De qualquer modo, o resultado foi aquele que se poderia desejar. Três dias depois apareceu uma nota no *The Morning Post* dizendo que o casamento do barão Adelbert Gruner com a srta. Violet de Merville não seria realizado. O mesmo jornal trazia os primeiros depoimentos do processo contra a srta. Kitty Winter, acusada de ter jogado

ácido sulfúrico. Surgiram tantas circunstâncias atenuantes durante o julgamento que a sentença, como devem lembrar-se, foi a menor possível para um crime desse tipo. Sherlock Holmes foi ameaçado com uma ação judicial por roubo e arrombamento, mas, quando um objetivo é bom e o cliente é suficientemente ilustre, até a rígida lei britânica torna-se humana e elástica. Meu amigo até agora não foi para o banco dos réus.

A AVENTURA DO SOLDADO DESCORADO

As ideias de meu amigo Watson, embora limitadas, são extremamente obstinadas. Durante muito tempo ele me atormentou para que eu mesmo escrevesse uma aventura que eu tivesse vivido. Talvez eu tenha provocado essa insistência dele, já que muitas vezes lhe disse que suas narrativas são superficiais e o acusei de querer agradar ao gosto popular em vez de limitar-se rigidamente a fatos e números — “Tente você mesmo, Holmes!”, ele revidou — e sou obrigado a admitir que, de pena na mão, começo a perceber que o assunto deve ser apresentado de modo que possa interessar ao leitor. O caso que vou narrar dificilmente pode falhar neste ponto, pois está entre os acontecimentos mais estranhos de minha coleção, embora, por acaso, Watson não tenha anotações sobre ele em sua agenda. Falando do meu velho amigo e biógrafo, aproveito esta oportunidade para frisar que, se carrego um companheiro em minhas várias e modestas investigações, não é por sentimentalismo ou capricho, mas porque Watson possui algumas características notáveis, às quais, em sua modéstia, ele dá pouca atenção, exagerando, ao mesmo tempo, as minhas próprias realizações. Um aliado que prevê minhas conclusões e o rumo de minhas ações é sempre perigoso, mas um que encara cada progresso como uma surpresa permanente e para quem o futuro é sempre um livro fechado é, realmente, um auxiliar ideal.

Descobri no meu caderno de apontamentos que foi em janeiro de 1903, logo após o fim da Guerra dos Bôeres, que recebi a visita do sr. James M. Dodd, um britânico grandalhão, robusto, queimado de sol, de porte ereto. Naquela época, o bom Watson me abandonara por causa de uma esposa —

a única atitude egoísta de que posso lembrar-me em nossa associação. Eu estava só.

Tenho o hábito de sentar-me de costas para a janela e instalar meus visitantes na cadeira oposta, para que a luz caia em cheio sobre eles. Quando começou a entrevista, o sr. Dodd parecia um tanto embaraçado. Não tentei ajudá-lo, pois seu silêncio dava-me mais tempo para observá-lo. Eu achava que era bom dar ao meus clientes a impressão de poder, de modo que transmiti a ele algumas de minhas conclusões.

— Percebo que o senhor é da África do Sul.

— Sim, senhor — ele respondeu um tanto surpreso.

— Corpo da Guarda Imperial, imagino.

— Exatamente.

— Do batalhão de Middlesex, sem dúvida.

— É isto, sr. Holmes, o senhor é um adivinho.

— Quando um cavalheiro de aparência viril entra em meus aposentos com o rosto queimado de um modo que o sol inglês jamais o faria, usando o lenço na manga e não no bolso, não é difícil dizer de onde vem. O senhor usa a barba curta, o que mostra que não é da ativa. Tem o estilo de um cavaleiro. Quanto a Middlesex, seu cartão já me mostrou que o senhor é um corretor de Throgmorton Street. A que outro regimento poderia pertencer?

— O senhor vê tudo.

— Não *vejo* mais do que o senhor, mas treinei para perceber o que vejo. Entretanto, sr. Dodd, não foi para discutir a ciência da observação que o senhor veio me visitar. O que aconteceu em Tuxbury Old Park?

— Sr. Holmes...!

— Meu caro senhor, não há nenhum mistério. Sua carta veio com este cabeçalho, e, como o senhor marcou esta entrevista com muita urgência, está claro que aconteceu alguma coisa repentina e importante.

— Sim, de fato. Mas a carta foi escrita à tarde, e muitas coisas aconteceram desde então. Se o coronel não tivesse me chutado de sua casa...

— Ele o chutou?

— Bem, foi como se o tivesse feito. Ele é um osso duro de roer, o coronel Emsworth. O maior disciplinador do Exército na sua época, e foi uma época linha-dura, também. Eu não teria suportado o coronel, se não fosse por consideração a Godfrey.

Acendi meu cachimbo e recostei-me na cadeira.

— Talvez o senhor queira explicar sobre o que está falando.

Meu cliente sorriu com malícia.

— Eu estava quase acreditando que o senhor sabia de tudo sem que ninguém lhe contasse — ele disse. — Mas vou expor-lhe os fatos, e espero em Deus que seja capaz de me dizer o que significam. Fiquei acordado a noite inteira quebrando a cabeça e, quanto mais eu penso, mais incrível me parece.

"Quando entrei para o Exército, em 1901, exatamente há dois anos, o jovem Godfrey Emsworth havia ingressado no mesmo esquadrão. Ele era o único filho do coronel Emsworth, Emsworth, o veterano da Guerra da Crimeia, e tinha o sangue de um combatente, de modo que não é de admirar que tenha se alistado como voluntário. Não havia no regimento rapaz melhor do que ele. Fizemos amizade, o tipo de amizade que só pode ser feita quando se vive a mesma vida e se participa das mesmas alegrias e tristezas. Ele era o meu camarada, e isso significa muitíssimo no Exército. Enfrentamos juntos a tempestade e a bonança durante um ano de luta árdua. Então ele foi ferido por uma bala disparada por uma arma de caçar elefantes, numa ação perto de Diamond Hill, nos arredores de Pretória. Recebi uma carta do hospital, na Cidade do Cabo, e outra de Southampton. Desde então, nem mais uma palavra, nem uma linha, sr. Holmes, durante seis meses, talvez mais, e ele é o meu companheiro mais chegado.

"Bem, quando a guerra acabou e todos nós voltamos, escrevi ao pai dele e perguntei onde estava Godfrey. Não houve resposta. Aguardei um pouco e depois escrevi novamente. Desta vez tive uma resposta curta e impertinente. Godfrey tinha partido numa longa viagem pelo mundo e não era provável que regressasse antes de um ano. Foi tudo.

"Não fiquei satisfeito, sr. Holmes. Tudo me parecia tão esquisito. Ele era um bom rapaz e não iria abandonar um companheiro desta maneira. Não era o jeito dele. Mais tarde, soube que ele havia herdado muito dinheiro, e também que o pai e ele nem sempre se davam bem. O velho às vezes podia ser um tirano, e o jovem Godfrey, genioso demais para aguentar o pai. Não, eu não estava satisfeito e decidi que iria à raiz do problema. Aconteceu, porém, que meus negócios, depois de dois anos de ausência, precisavam ser postos em ordem, de modo que somente esta semana pude tratar novamente

do caso de Godfrey. Mas, já que vou me dedicar ao problema, pretendo deixar tudo em ordem, a fim de ver este caso terminado."

O sr. James M. Dodd parecia ser o tipo de pessoa que é preferível se ter como amigo a inimigo. Seus olhos azuis eram duros, e sua mandíbula quadrada retesava-se enquanto falava.

— Bem, o que foi que o senhor fez? — perguntei.

— Meu primeiro passo foi ir até a casa dele, em Tuxbury Old Park, perto de Bedford, e ver pessoalmente como estava a situação. Por isso, escrevi à mãe dele, já estava farto do velho rabugento, e fiz uma investida direta: Godfrey era meu companheiro, e eu queria muito poder contar a ela nossas experiências comuns; estaria nas redondezas, haveria alguma objeção etc. etc.? Recebi uma resposta muito amável e um convite para que eu passasse a noite lá. Foi por isso que parti na segunda-feira.

"Tuxbury Old Hall é inacessível — fica a oito quilômetros de qualquer lugar. Na estação não havia transporte, de modo que tive de ir a pé, carregando a mala, e já estava ficando escuro quando cheguei. É uma casa grande, esquisita, no meio de um vasto parque. Eu diria que a casa tem todas as épocas e estilos, começando pelos alicerces elisabetanos e terminando num pórtico vitoriano. O interior está repleto de painéis, tapeçarias e velhos quadros meio apagados, uma casa de sombras e mistério. Havia um mordomo, o velho Ralph, que parecia ter a mesma idade da casa, e sua esposa, que devia ser mais velha. Ela havia sido governanta de Godfrey, e eu ouvira Godfrey falar dela como a pessoa de quem ele mais gostava depois da própria mãe, de modo que me interessei por ela, apesar de sua aparência excêntrica. Também gostei da mãe dele — uma mulher pequena e dócil como um camundongo branco. Só o coronel é que eu não conseguia engolir.

"Logo de início tivemos uma pequena discussão, e eu teria voltado para a estação, se não tivesse sentido que com isso eu estaria fazendo o jogo dele. Fui levado diretamente para o seu gabinete de trabalho e lá o encontrei, um homem imenso e curvo, com uma pele doentia e uma barba cinzenta e hirsuta, sentado atrás da escrivaninha em desordem. Um nariz vermelho e cheio de veias projetava-se como um bico de abutre, e dois cruéis olhos cinzentos fitavam-me com raiva, sob os tufos das sobrancelhas. Agora eu podia entender por que Godfrey raramente falava de seu pai.

"'Bem, senhor', ele disse em voz áspera. 'Eu gostaria de saber o verdadeiro motivo de sua visita.'

"Respondi que havia explicado esses motivos em minha carta à sua esposa.

"'Sim, sim; você disse que conheceu Godfrey na África. Naturalmente, como prova, você tem apenas a sua palavra.'

"'Tenho no bolso as cartas que ele me escreveu.'

"'Tenha a bondade de me mostrar as cartas.'

"Ele olhou de relance as duas cartas que lhe entreguei e depois atirou-as de volta.

"'Bem, e então?', ele perguntou.

"'Eu gostava muito de seu filho Godfrey, senhor. Muitos laços e recordações nos uniam. Não é natural que eu estranhe o seu repentino silêncio e queira saber o que aconteceu com ele?'

"'Lembro-me de que já me correspondi com o senhor e que já lhe contei o que aconteceu com ele. Ele está fazendo uma viagem ao redor do mundo. Depois de suas experiências na África, sua saúde ficou abalada e tanto a mãe dele quanto eu achamos que ele precisava de repouso absoluto e de uma mudança de vida. Faça-me o obséquio de transmitir esta explicação a outros amigos que possam estar interessados no assunto.'

"'Certamente', respondi. 'Mas talvez o senhor pudesse ter a bondade de me dar o nome do vapor e da companhia pela qual ele viaja, e também a data da partida. Tenho certeza de que eu conseguiria enviar uma carta para ele.'

"Meu pedido pareceu deixá-lo não só intrigado, mas também irritado. Suas sobrancelhas espessas quase cobriram os olhos, e ele bateu os dedos com impaciência na mesa. Finalmente, ergueu os olhos com a expressão de quem vira seu adversário no xadrez fazer um movimento perigoso e havia decidido como combatê-lo.

"'Muitas pessoas, sr. Dodd', ele disse, 'ficariam ofendidas com a sua obstinação infernal e achariam que esta insistência atingiu o ponto de uma maldita impertinência.'

"'Deve atribuir isso, senhor, à minha verdadeira amizade pelo seu filho.'

"'Justamente. Já levei em consideração este motivo. Mas devo pedir-lhe para desistir destas perguntas. Cada família tem seus segredos e seus motivos particulares, que nem sempre podem ser explicados a estranhos,

apesar de bem-intencionados. Minha esposa está ansiosa para ouvir o que o senhor tem para contar sobre o passado de Godfrey, mas eu lhe pediria que não fizesse perguntas sobre o presente e o futuro. Essas perguntas não servem para nada e nos deixam numa situação difícil e delicada.’

“De modo que não cheguei a nenhuma conclusão, sr. Holmes. Não havia como ir além disso. Eu podia apenas fingir que aceitava a situação e prometer a mim mesmo que jamais descansaria até esclarecer o destino do meu amigo. Foi uma tarde melancólica. Jantamos em silêncio, nós três, em uma sala sombria, velha e desbotada. A senhora me interrogou, ansiosamente, a respeito de seu filho, mas o velho parecia triste e deprimido. Estava tão aborrecido com toda a situação que arranjei uma desculpa e fui para meu aposento assim que pude. Era um quarto enorme e simples no andar térreo, tão sombrio quanto o resto da casa, mas, sr. Holmes, depois de ter dormido durante um ano na estepe, não se pode ser exigente a respeito de alojamentos. Abri as cortinas e olhei para o jardim, notando que a noite estava bonita e a meia-lua resplandecente. Sentei-me, então, perto do fogo que crepitava e, com uma lâmpada ao meu lado, na mesa, tentei me distrair lendo um romance. Mas fui interrompido por Ralph, o velho mordomo, que entrou trazendo mais carvão.

“‘Pensei que talvez ficasse sem carvão à noite, senhor. A temperatura está desagradável e estes quartos são frios.’

“Ele hesitou antes de sair do quarto e, quando olhei, estava parado, e seu rosto enrugado me encarava com um olhar suplicante.

“‘Peço-lhe que me perdoe, senhor, mas eu não pude deixar de ouvir o que o senhor disse durante o jantar a respeito do meu amo Godfrey. O senhor sabe que minha mulher o amamentou, de modo que posso dizer que sou seu pai adotivo. É natural que a gente se interesse. E o senhor disse que ele se portou bem?’

“‘Não havia no regimento homem mais corajoso. Uma vez ele me salvou dos rifles dos Bôeres, do contrário eu não estaria aqui.’

“O velho mordomo esfregou as mãos descarnadas.

“‘Sim, senhor, este é o amo Godfrey, exatamente. Ele sempre foi corajoso. Não existe no parque uma única árvore em que ele não tenha trepado. Ninguém conseguia impedi-lo. Ele foi um menino admirável, oh, senhor, ele foi um homem admirável.’

“Fiquei de pé num salto.

“‘Escute aqui!’, gritei. ‘Você disse que ele foi. Você fala como se ele estivesse morto. O que significa todo esse mistério? O que aconteceu a Godfrey Emsworth?’

“Agarrei o velho pelos ombros, mas ele recuou.

“‘Não sei o que o senhor quer dizer. Pergunte ao patrão pelo amo Godfrey. Ele sabe. Não cabe a mim interferir.’

“Ele estava saindo do quarto, mas segurei-o pelo braço.

“‘Escute’, disse eu. ‘Você vai responder a uma pergunta antes de sair do quarto, mesmo que eu tenha de prendê-lo aqui a noite inteira. Godfrey está morto?’

“Ele não conseguiu me encarar. Parecia um homem hipnotizado. A resposta saiu arrastada de seus lábios. Foi uma resposta terrível e inesperada.

“‘Eu pediria a Deus que estivesse!’, ele exclamou, e, libertando-se, saiu do quarto apressadamente.

“O senhor pode imaginar, sr. Holmes, que eu não estava feliz quando voltei para minha cadeira. As palavras do velho pareciam ter apenas uma explicação. Evidentemente, o meu pobre amigo havia se envolvido em algum crime, ou, pelo menos, em alguma transação vergonhosa que manchou a honra da família. O pai severo mandou o filho para longe, escondeu-o do mundo, com receio de algum escândalo. Godfrey era um sujeito imprudente. Deixava-se influenciar facilmente por outras pessoas. Sem dúvida caíra em mãos perversas e foi iludido até sua ruína. Seria uma pena se fosse isso, mas, mesmo agora, meu dever era procurá-lo e ver se podia ajudá-lo. Eu estava refletindo sobre o assunto quando ergui os olhos, e lá estava Godfrey Emsworth parado na minha frente.”

Meu cliente fez uma pausa como se estivesse muito emocionado.

— Peço-lhe que continue — eu disse. — Seu problema teve algumas características muito estranhas.

— Ele estava do lado de fora da janela, sr. Holmes, com o rosto comprimido contra o vidro. Eu lhe disse, sr. Holmes, que estivera observando a noite. Quando fiz isso, deixei as cortinas parcialmente abertas. Godfrey apareceu nessa abertura. A janela ia até o chão, e eu pude vê-lo por inteiro, mas foi o seu rosto que chamou minha atenção. Ele estava mortalmente pálido; eu nunca tinha visto homem tão pálido. Imagino que os fantasmas tenham essa aparência, mas os olhos dele encontraram os meus, e

eram olhos de um homem vivo. Ele saltou para trás quando percebeu que eu estava olhando para ele e desapareceu na escuridão.

"Havia alguma coisa chocante a respeito desse homem, sr. Holmes. Não era apenas aquele rosto de fantasma brilhando na escuridão, branco como um queijo. Era algo mais sutil do que isso, alguma coisa, alguma coisa oculta, furtiva, alguma coisa criminosa, muito diferente daquele rapaz franco e corajoso que eu havia conhecido. Isso deixou uma sensação de horror em minha mente.

"Mas, quando um homem brinca de soldado durante um ou dois anos com os Bôeres, mantém o sangue-frio e age rapidamente. Godfrey mal havia desaparecido, e eu já estava à janela. Havia um trinco complicado, e demorei algum tempo para abri-lo. Pulei a janela e corri pela trilha do jardim na direção que achava que ele podia ter tomado.

"O caminho era longo e a luz não muito boa, mas tive a impressão de que alguma coisa estava se movendo à minha frente. Continuei correndo e gritei o nome dele, mas foi inútil. Quando cheguei ao fim do caminho, havia muitas bifurcações que conduziam a várias dependências externas da casa. Fiquei indeciso e, enquanto estava ali, ouvi distintamente o ruído de uma porta que se fechava. Não foi atrás de mim, na casa, mas à minha frente, em algum lugar na escuridão. Aquilo foi suficiente, sr. Holmes, para eu ter certeza de que o que eu vira não era um fantasma. Godfrey havia fugido de mim e fechado uma porta atrás dele. Disso eu tinha certeza.

"Não havia mais nada que eu pudesse fazer, e passei a noite inquieto, revolvendo o assunto em minha cabeça e tentando encontrar uma teoria que pudesse explicar os fatos. No dia seguinte, encontrei o coronel um pouco mais conciliador, e, como sua esposa comentou que na vizinhança havia alguns locais interessantes, isto me deu o ensejo de perguntar se minha presença, por mais uma noite, seria incômoda. O consentimento do velho, dado com certa má vontade, permitiu-me fazer observações durante um dia inteiro. Eu já me convencera de que Godfrey estava num esconderijo em algum lugar próximo, mas onde e por que eram perguntas que ainda tinham de ser respondidas.

"A casa é tão grande e tão malplanejada que um regimento poderia esconder-se dentro dela sem que ninguém ficasse sabendo. Se o segredo estivesse na casa, seria difícil desvendá-lo. Mas a porta que ouvi fechar com certeza não era de lá. Eu precisava explorar os jardins e ver o que conseguia

descobrir. Não encontrei dificuldades no caminho, pois os velhos estavam ocupados e deixaram-me à vontade.

"A casa tem muitas dependências externas, mas no fim do jardim há uma construção isolada, de certo porte — suficientemente grande para servir de moradia a um jardineiro ou caçador. Poderia ter sido dali que viera o som daquela porta se fechando? Aproximei-me da casa como quem não quer nada, como se estivesse apenas passeando pelos jardins. Quando cheguei perto, um homenzinho barbado, agitado, de casaco preto e chapéu-coco — não tinha nada de jardineiro — saiu pela porta. Para meu espanto, ele a trancou e pôs a chave no bolso. Depois olhou para mim, espantado.

"'O senhor é um hóspede da casa?', perguntou.

"Expliquei-lhe que sim, e que era amigo de Godfrey.

"'Que pena que ele esteja viajando, porque teria gostado tanto de me ver', continuei.

"'Perfeitamente. Com certeza', ele disse, com um ar de culpa. 'Sem dúvida o senhor virá outra vez numa ocasião mais propícia.' Ele saiu andando, mas, quando me virei, observei que ele estava parado me vigiando, meio escondido pelos loureiros, na extremidade do jardim.

"Enquanto passava pela casa, observei-a bem, mas as janelas tinham cortinas pesadas, e até onde foi possível ver, estava vazia. Eu podia estragar meu jogo, e até receber ordens para me retirar da propriedade se fosse audacioso demais, pois eu tinha consciência de que estava sendo observado. Portanto, voltei para a casa e esperei até a noite para continuar minha investigação. Quando tudo ficou escuro e quieto, saltei a janela e fui caminhando, tão silenciosamente quanto possível, até a casa misteriosa.

"Eu havia dito que a casa tinha cortinas pesadas, mas então descobri que, além disso, tinha venezianas. Mas uma luz saía por uma delas, de modo que concentrei nela minha atenção. Tive sorte, pois a cortina não tinha sido totalmente fechada, e ainda havia uma fenda na veneziana, que me permitiu ver o interior da sala. Era uma sala de fato alegre, com uma lâmpada forte e um bom fogo na lareira. À minha frente estava sentado o homenzinho que eu vira de manhã. Ele estava fumando cachimbo e lendo um jornal."

— Que jornal? — perguntei.

Meu cliente pareceu aborrecido com a interrupção de sua narrativa.

— Que diferença faz? — ele perguntou.

— Isto é extremamente importante.

— Não prestei atenção.

— Talvez o senhor tenha observado se era um jornal de folhas largas, ou aquele tipo menor, como os semanais.

— Agora que o senhor mencionou isso, ele não era grande. Podia ser *The Spectator*. Mas não me lembrei de reparar nesses detalhes, porque havia outro homem sentado, com as costas viradas para a janela, e eu podia ter jurado que este segundo homem era Godfrey. Não consegui ver seu rosto, mas reconheci a inclinação de seus ombros. Ele estava apoiado no cotovelo, numa atitude de grande melancolia, o corpo voltado para a lareira. Eu estava indeciso quanto ao que deveria fazer, quando senti uma forte pancada no ombro, e ali estava o coronel Emsworth, ao meu lado.

"'Por aqui, senhor!', ele disse em voz baixa. Ele caminhou em silêncio até a casa, eu o segui e fui para o meu quarto. Ele havia apanhado na sala um horário de trens.

"'Há um trem para Londres que sai às 8h30', ele disse. 'A charrete estará na porta às oito horas.'

"Ele estava branco de raiva e, na verdade, eu me sentia numa posição tão difícil que só consegui gaguejar umas desculpas incoerentes, com as quais tentava me justificar alegando minha preocupação com meu amigo.

"'O assunto não comporta discussão', ele disse com rispidez. 'O senhor se intrometeu de uma maneira extremamente condenável na privacidade de nossa família. O senhor estava aqui como hóspede e tornou-se um espião. Nada mais tenho a dizer, senhor, a não ser que não desejo vê-lo nunca mais.'

"Ao ouvir isso, perdi a cabeça, sr. Holmes, e falei com certa irritação.

"'Vi seu filho, e estou convencido de que, por algum motivo particular, o senhor o está escondendo. Não sei o que o leva a escondê-lo dessa maneira, mas tenho certeza de que ele não é mais um homem livre. Eu o previno, coronel Emsworth, que, enquanto eu não estiver convencido quanto à segurança e ao bem-estar do meu amigo, não desistirei das tentativas de chegar ao fundo do mistério e, certamente, não me deixarei intimidar por coisa alguma que o senhor possa dizer ou fazer.'

"O velho tinha um aspecto diabólico, e realmente pensei que ele fosse me atacar. Eu disse que ele era um velho gigante, macilento e feroz, e embora eu não seja uma criatura fraca, teria sido difícil defender-me dele. Mas, depois de um longo olhar de raiva, ele virou-se e saiu do quarto. Quanto a

mim, de manhã tomei o trem que me fora indicado, com a intenção de vir diretamente ao seu encontro para pedir seu conselho e sua ajuda, conforme já lhe havia escrito.”

Esse foi o problema que meu visitante me expôs. Sua solução, como o leitor astuto já deve ter percebido, apresenta algumas dificuldades, porque são muito poucas as alternativas que permitem chegar ao fundo da questão. Ainda que elementar, o caso tinha detalhes interessantes e novos, o que pode justificar o fato de eu tê-lo registrado nas minhas andanças. Agora passo a utilizar meu já familiar método de análise lógica, para diminuir o número de hipóteses plausíveis.

— Os criados — perguntei. — Quantos criados havia na casa?

— Acredito que havia apenas o velho mordomo e sua mulher. Eles pareciam viver de maneira muito simples.

— Então não havia criados na casa afastada?

— Nenhum, a não ser que o homenzinho de barba fosse um criado. Mas ele parecia ser uma pessoa de nível bem superior.

— Isso parece muito sugestivo. O senhor percebeu algum indício de que eles estivessem transportando comida de uma casa para outra?

— Agora que o senhor mencionou essa possibilidade, de fato vi o velho Ralph no jardim, carregando uma cesta e andando em direção a essa casa. Na ocasião não me ocorreu que fosse comida.

— O senhor fez investigações locais?

— Sim, fiz. Falei com o chefe da estação e também com o estalajadeiro na aldeia. Perguntei apenas se eles sabiam alguma coisa sobre o meu velho camarada Godfrey Emsworth. Ambos me garantiram que ele estava fazendo uma viagem ao redor do mundo. Ele havia voltado para casa e depois, quase de imediato, partira outra vez. A história era evidentemente aceita por todos.

— O senhor não comentou nada acerca de suas suspeitas?

— Nada.

— Isso foi prudente. Sem dúvida nenhuma, o assunto deve ser investigado. Voltarei com o senhor para Tuxbury Old Park.

— Hoje?

Mas na ocasião eu estava esclarecendo o caso que o meu amigo Watson descreveu como o da Abbey School, no qual o duque de Greyminster estava tão profundamente envolvido. Havia também uma missão, que me fora

dada pelo sultão da Turquia e que exigia ação imediata, já que, se fosse negligenciada, poderia provocar consequências políticas das mais graves. Portanto, só no começo da semana seguinte, como está registrado no meu diário, pude partir em companhia do sr. James M. Dodd para minha missão em Bedfordshire. A caminho de Euston, apanhamos um cavalheiro sério e taciturno, com quem eu havia combinado previamente.

— Este é um velho amigo — eu disse a Dodd. — É possível que a sua presença seja inteiramente desnecessária, mas, por outro lado, pode vir a ser essencial. Não é preciso, no estágio atual da investigação, aprofundarmo-nos no assunto.

Sem dúvida as narrativas de Watson acostumaram o leitor ao fato de que eu não desperdiço palavras ou revelo meus pensamentos enquanto um caso estiver sob investigação. Dodd pareceu surpreso, porém nada mais foi dito, e nós três continuamos juntos a viagem. No trem, fiz a Dodd mais uma pergunta, que eu queria que o nosso companheiro ouvisse.

— O senhor afirmou que viu o rosto de seu amigo nitidamente na janela, tão nitidamente que o senhor está certo de sua identidade?

— Não tenho nenhuma dúvida a esse respeito. O nariz dele estava comprimido contra o vidro. A luz da lâmpada caía em cheio sobre ele.

— Não poderia ter sido alguém parecido com ele?

— Não, era ele mesmo.

— Mas o senhor disse que ele mudou?

— Apenas na cor. Seu rosto era... como poderei descrevê-lo? Era de uma brancura de barriga de peixe. Estava descorado.

— Seu rosto estava todo pálido por igual?

— Acho que não. Foi a testa que vi com mais nitidez, porque estava comprimida contra a janela.

— Você o chamou?

— Na hora fiquei impressionado e horrorizado demais. Depois eu o persegui, como lhe disse, mas sem resultado.

Meu caso estava praticamente concluído, e havia apenas um pequeno incidente que precisava ser esclarecido. Quando, após uma viagem longa, chegamos à velha casa estranha e de construção irregular que meu cliente havia descrito, foi Ralph, o velho mordomo, quem abriu a porta. Eu havia solicitado a charrete para o dia todo, e pedi ao meu amigo mais velho para permanecer dentro dela, a menos que o chamássemos. Ralph, um sujeito

pequeno e enrugado, usava o casaco preto convencional e calças cinzentas, com apenas uma variante curiosa. Calçava luvas de couro marrom, que ele tirou imediatamente quando nos viu, colocando-as na mesa do vestíbulo ao passarmos por lá. Como Watson deve ter mencionado, tenho os sentidos excepcionalmente desenvolvidos, e senti um cheiro fraco mas penetrante. Parecia que vinha da mesa. Voltei, coloquei lá o meu chapéu, joguei as luvas no chão, parei para apanhá-las e tentei aproximar o nariz delas. Sim, sem dúvida nenhuma, era da luva que vinha aquele estranho cheiro de alcatrão. Quando passei em direção ao gabinete de trabalho, eu já havia esclarecido o mistério. Ai de mim, se eu tivesse de mostrar minha mão assim quando contasse a história! Era pelo fato de eu esconder esses elos da cadeia que Watson nunca era capaz de escrever finais sensacionais.

O coronel Emsworth não estava em seu quarto, mas veio depressa ao receber o recado de Ralph. Ouvimos seus passos pesados e rápidos no corredor. Ele abriu a porta com violência e entrou apressadamente, com sua barba eriçada, as feições contraídas, o velho mais terrível que eu já vira. Pegou nossos cartões, rasgou-os e sapateou sobre os pedaços.

— Eu já não lhe disse, seu intrometido dos infernos, que o senhor deve ficar longe dessa propriedade? Nunca mais ouse mostrar sua cara maldita por aqui. Se o senhor entrar aqui de novo sem minha autorização, estarei no meu direito de usar de violência. Eu o matarei, senhor. Por Deus, eu o farei. Quanto ao senhor — ele disse, virando-se para mim —, faço-lhe a mesma advertência. Conheço a sua profissão desprezível, mas o senhor deve empregar seus supostos talentos em outro lugar. Não há oportunidade para eles aqui.

— Não posso ir embora — disse meu cliente com firmeza —, antes de ouvir do próprio Godfrey que ele não está preso.

Nosso anfitrião involuntário tocou a campainha.

— Ralph — ele disse —, telefone para a polícia da comarca e peça ao inspetor que envie dois policiais. Diga-lhe que há ladrões na casa.

— Um momento — eu disse. — O senhor deve estar ciente, sr. Dodd, de que o coronel Emsworth está em seus direitos, e que não temos autorização legal para estar dentro desta casa. Por outro lado, ele deveria reconhecer que a sua atitude é inteiramente motivada pela amizade que o senhor tem pelo filho dele. Acho que, se me for permitido conversar cinco minutos com o coronel, conseguirei mudar sua opinião sobre o assunto.

— Eu não mudo tão facilmente o meu modo de pensar — disse o velho soldado. — Ralph, faça o que eu lhe disse. Diabo, o que é que você está esperando? Telefone para a polícia!

— Nada disso — eu disse, encostando-me na porta. — Qualquer interferência da polícia provocaria a catástrofe que o senhor teme. — Tirei do bolso o meu caderno de anotações e rabisquei uma palavra numa folha solta. — Isto — eu disse, enquanto o entregava ao coronel Emsworth — foi o que nos trouxe aqui.

Ele olhou fixamente para o que estava escrito, e seu rosto perdeu toda a expressão, menos a de espanto.

— Como é que o senhor sabe? — ele perguntou com a respiração ofegante, sentando-se pesadamente em sua cadeira.

— Faz parte da minha profissão saber as coisas. Esse é o meu negócio.

Ele ficou sentado, refletindo, a mão magra puxando a barba emaranhada. Depois fez um gesto de resignação.

— Bem, se os senhores querem ver Godfrey, podem vê-lo. Eu não tive culpa, vocês me obrigaram. Ralph, diga ao sr. Godfrey e ao sr. Kent que dentro de cinco minutos estaremos lá.

Cinco minutos depois, atravessamos o jardim e chegamos diante da casa misteriosa. Um homenzinho de barba estava em pé à porta, e seu rosto tinha uma expressão de grande espanto.

— Isso é muito inesperado, coronel Emsworth — ele disse. — Isto vai atrapalhar nossos planos.

— Não posso evitá-lo, sr. Kent. Fomos obrigados. O sr. Godfrey pode nos receber?

— Sim; ele está esperando lá dentro. — Ele virou-se e nos conduziu até um quarto grande, mobiliado de maneira simples. Um homem estava de pé, de costas para a lareira, e ao avistá-lo meu cliente saltou para a frente com as mãos estendidas.

— Ora, Godfrey, meu velho, isto é esplêndido!

— Não me toque, Jimmie. Fique afastado. Sim, você pode me olhar espantado. Eu não me pareço mais com Emsworth, o bonito cabo dos lanceiros do Esquadrão B, não é?

Sua aparência era realmente estranha. Podia-se ver que ele havia sido um homem bonito, com feições bem-definidas, queimadas pelo sol africano,

mas sobre esta superfície mais escura havia curiosas manchas esbranquiçadas, que tinham descorado sua pele.

— É por isso que eu não quero visitas — ele disse. — Você, eu não me importo, Jimmie, mas teria sido melhor sem o seu amigo. Imagino que haja um bom motivo, mas você me apanhou desprevenido.

— Eu queria me certificar de que estava tudo bem com você, Godfrey. Eu o vi quando você me olhou pela janela naquela noite, e não podia deixar o assunto de lado enquanto as coisas não ficassem esclarecidas.

— O velho Ralph me contou que você estava lá, e não pude deixar de dar uma espiada. Eu esperava que não me visse e tive de correr para o meu esconderijo quando ouvi a janela se abrir.

— Mas, pelo amor de Deus, o que está havendo?

— Bem, não é uma história longa — ele disse, acendendo um cigarro. — Você se lembra daquela luta de manhã em Buffelsspruit, nos arredores de Pretória, sobre a estrada de ferro oriental? Você soube que eu fui ferido?

— Sim, fiquei sabendo, mas nunca obtive detalhes a esse respeito.

— Três de nós se separaram dos outros. O país estava muito dividido, como você deve se lembrar. Havia o Simpson Careca, o Anderson e eu. Estávamos fazendo uma operação de limpeza, mas o irmão bôer estava escondido e apanhou os três. Os outros dois foram mortos. Uma bala para matar elefante atravessou o meu ombro. Mas me segurei no cavalo, e ele galopou alguns quilômetros até que eu desmaiei e caí da sela.

“Quando voltei a mim, estava anoitecendo; levantei-me, sentindo-me muito fraco e doente. Para minha surpresa, um pouco atrás de mim havia uma casa bem grande, com uma varanda ampla e muitas janelas. Estava um frio terrível. Você se lembra daquele frio entorpecedor que costumava fazer ao anoitecer, um frio mortal, arrasador, muito diferente de uma geada saudável. Bem, eu estava gelado até os ossos e minha única esperança seria chegar até aquela casa. Fiquei de pé cambaleando e fui me arrastando, quase sem saber o que estava fazendo. Tenho uma vaga lembrança de ter subido lentamente os degraus, de ter entrado por uma porta aberta, chegado a um quarto grande com muitas camas e de ter me jogado numa delas com um suspiro de satisfação. A cama não estava feita, mas isto não me preocupou de modo algum. Puxei as cobertas sobre o meu corpo que tiritava de frio e num instante estava dormindo profundamente.

“De manhã, quando acordei, tive a impressão de que entrava num pesadelo horrível, em vez de voltar ao mundo normal. O sol africano jorrava através das grandes janelas sem cortinas, e cada detalhe do dormitório grande e pobre, caiado de branco, se destacava de maneira desagradável e clara. Na minha frente estava um homem baixo, parecido com um anão, com uma cabeça imensa em forma de bulbo, tagarelando excitadamente em holandês e balançando duas mãos horríveis, que me pareciam esponjas marrons. Atrás dele havia um grupo de pessoas que parecia se divertir muito com a situação, mas senti um arrepio quando olhei para elas. Nenhum deles era um ser humano normal. Todos estavam retorcidos, ou inchados, ou desfigurados de alguma maneira estranha. O riso desses estranhos monstros era horrível de se ouvir.

“Parecia que nenhum deles sabia falar inglês, mas a situação devia ser esclarecida, pois a criatura de cabeça grande estava ficando muito zangada e, gritando como uma besta selvagem, pôs suas mãos deformadas em mim e me puxou para fora da cama, sem se importar com o sangue que espirrava da minha ferida. O pequeno monstro era forte como um touro, e não sei o que ele poderia ter feito comigo, se a algazarra não tivesse atraído até o quarto um homem mais velho, evidentemente uma autoridade. Ele disse algumas palavras ásperas em holandês, e meu perseguidor recuou. Então ele se virou para mim, olhando-me com o maior espanto.

“‘Como é que o senhor veio parar aqui?’, ele perguntou, perplexo. ‘Espere um pouco! Vejo que está exausto, e que a ferida em seu ombro precisa de cuidados. Sou médico, vou já tratar disso. Mas, homem de Deus! O senhor está correndo perigo muito maior aqui do que no próprio campo de batalha. O senhor está no Hospital de Lepra e dormiu na cama de um leproso.’

“Preciso dizer-lhe mais, Jimmie? Parece que, em vista de uma batalha que se aproximava, todas aquelas pobres criaturas haviam sido evacuadas no dia anterior. Depois, à medida que os ingleses avançavam, foram trazidos de volta por este homem, o médico superintendente, que me garantiu que, embora acreditando que fosse imune à doença, jamais ousaria fazer o que eu havia feito. Ele me colocou em um quarto separado, tratou-me com bondade e, mais ou menos uma semana depois, fui removido para o hospital geral em Pretória.

“Pois aí está a minha tragédia. Esperei pelo impossível, mas só depois que voltei para casa é que as manchas terríveis que você vê em meu rosto me mostraram que eu não havia escapado. O que é que eu podia fazer? Fiquei nesta casa isolada. Tínhamos dois criados em quem podíamos confiar plenamente. Havia uma casa onde eu podia morar. Sob a promessa de segredo, o sr. Kent, que é cirurgião, estava disposto a ficar comigo. Isto parecia muito simples. A alternativa era terrível: segregação entre estranhos, durante toda a vida, sem ter jamais uma esperança de liberdade. Mas era necessário o segredo absoluto, do contrário, mesmo nesta região tranquila, poderia haver uma denúncia e eu seria arrastado para o meu destino terrível. Até mesmo você, Jimmie, até mesmo você tinha de ser mantido a distância. Por que meu pai cedeu, não consigo imaginar.”

O coronel Emsworth apontou para mim.

— Foi este cavalheiro que me obrigou a fazer isso. — Ele desdobrou o pedaço de papel no qual havia escrito a palavra *Lepra*. — Já que ele sabia tanto, achei que seria mais seguro informá-lo de tudo.

— É verdade — eu disse. — Quem sabe se de tudo isto não resultará alguma coisa boa? Acho que só o sr. Kent viu o paciente. Posso perguntar-lhe, senhor, se é uma autoridade nesta doença que, segundo meus conhecimentos, pode ser tropical ou subtropical?

— Possuo o conhecimento normal de todo médico formado — observou com certa aspereza.

— Não duvido que o senhor seja muito competente, mas estou certo de que concordará que, num caso desses, uma segunda opinião é valiosa. O senhor evitou isso, pelo que entendi, por medo de ser pressionado a isolar o paciente.

— É verdade — disse o coronel Emsworth.

— Eu previ esta situação — expliquei — e trouxe um amigo, em cuja discrição pode-se confiar totalmente. Uma vez prestei-lhe um serviço profissional, e ele está disposto a aconselhá-lo mais como amigo do que como especialista. Seu nome é *sir* James Sauders.

A perspectiva de uma entrevista com lorde Roberts não teria provocado, em um subalterno inexperiente, maior assombro e prazer do que aquele que agora se refletia no rosto do sr. Kent.

— Na verdade, ficarei lisonjeado — ele murmurou.

— Então pedirei a *sir* James para vir até aqui. Ele está agora lá fora, na carruagem. Enquanto isso, coronel Emsworth, talvez pudéssemos nos reunir em seu escritório, onde eu lhes darei as explicações necessárias.

E é aqui que sinto falta de Watson. Com perguntas astuciosas e exclamações de admiração, ele consegue transformar minha arte insignificante, que não passa de bom senso sistematizado, em algo extraordinário. Quando eu mesmo narro minhas histórias, não conto com esta ajuda. Mas explicarei o desenvolvimento de meu raciocínio, da mesma maneira que o expliquei no escritório do coronel Emsworth à minha pequena plateia, que incluía a mãe de Godfrey.

— Esse processo — eu disse — parte da suposição de que, quando eliminamos tudo o que é impossível, aquilo que permanece, ainda que improvável, deve ser a verdade. Pode ser que permaneçam várias explicações, e neste caso faz-se um teste após o outro, até que um ou outro obtenha uma quantidade convincente de argumentos. Nós agora vamos aplicar este princípio ao caso em questão. Conforme o que me foi narrado no início, havia três explicações possíveis para a reclusão ou encarceramento deste jovem numa dependência externa da mansão de seu pai. Havia a suposição de que ele estivesse num esconderijo por causa de um crime, ou que estivesse louco e eles quisessem evitar o asilo, ou que pudesse ter contraído uma moléstia que exigisse a segregação. Eu não podia imaginar outras explicações mais adequadas. Então essas explicações deviam ser investigadas e comparadas umas com as outras.

“A hipótese de um crime não resistiu à investigação. Naquele distrito, nenhum crime ficou sem solução. Eu estava certo disso. Se fosse algum crime ainda não descoberto, então, é claro, seria do interesse da família livrar-se do delinquente, mandá-lo para fora do país, e não mantê-lo oculto em casa. Eu não via explicação para este tipo de conduta.

“Insanidade seria mais plausível. A presença de uma segunda pessoa na dependência externa da casa fazia pensar na possibilidade de um vigia. O fato de ele ter trancado a porta quando saiu reforçou esta hipótese e passou a ideia de confinamento. Por outro lado, este confinamento não devia ser rigoroso, ou o jovem não poderia ter saído para ver seu amigo. O senhor há de se lembrar, sr. Dodd, que eu tateava à procura de detalhes quando lhe perguntei, por exemplo, a respeito da publicação que o sr. Kent estava lendo. Se tivesse sido *The Lancet* ou *The British Medical Journey*, isto teria

me ajudado. Mas não é ilegal manter um louco numa propriedade privada, contanto que haja uma pessoa qualificada para assisti-lo, e que as autoridades tenham sido devidamente notificadas. Por que, então, todo esse desejo desesperado de segredo? Mais uma vez eu não conseguia fazer com que a teoria combinasse com os fatos.

"Ainda restava a terceira possibilidade, rara e improvável, mas na qual tudo parecia se encaixar. A lepra não é rara na África do Sul. Esse jovem poderia ter contraído lepra devido a alguma circunstância extraordinária. Sua família ficaria numa situação muito desagradável, já que iria querer livrá-lo da segregação. Seria necessário um grande sigilo para impedir que os boatos se espalhassem, e para evitar a subsequente interferência das autoridades. Um médico dedicado e bem-pago para tomar conta do doente poderia ser encontrado facilmente. Não havia motivo para que o doente não pudesse ficar em liberdade depois que escurecesse. A descoloração da pele é uma consequência comum da moléstia. O caso era grave, tão grave que decidi agir como se a moléstia já tivesse sido comprovada. Quando, ao chegar aqui, reparei que Ralph, ao transportar as refeições, usava luvas impregnadas de desinfetantes, minhas últimas dúvidas desapareceram. Uma única palavra mostrou ao senhor que o segredo havia sido descoberto, e se eu preferi escrever a falar foi para provar-lhe que poderia confiar em minha discrição."

Eu estava terminando esta rápida análise dos fatos quando a porta se abriu e a figura austera do grande dermatologista entrou na sala. Mas desta vez suas feições de esfinge estavam descontraídas e havia em seus olhos muito calor humano. Aproximou-se do coronel Emsworth e apertou-lhe as mãos.

— Quase sempre o meu papel é transmitir notícias de doenças, e raramente boas — ele disse. — Este momento é dos mais agradáveis. Não é lepra.

— O quê?

— É um caso bem típico de pseudolepra ou *ictiose*, uma doença que deixa a pele escamosa, desagradável à vista, persistente, mas possivelmente curável, e certamente não infecciosa. Sim, sr. Holmes, a coincidência é extraordinária. Mas seria uma coincidência? Será que não há forças sutis em ação, sobre as quais sabemos pouco? Temos certeza de que o medo terrível que este rapaz sem dúvida sentiu desde que se expôs ao contágio

não poderia ter produzido um efeito físico que simulou aquilo que ele temia? De qualquer modo, dou como garantia minha reputação profissional. Mas a senhora desmaiou! Acho que é melhor o dr. Kent ficar com ela até que se recupere de seu choque de alegria.

A AVENTURA DA PEDRA MAZARIN

PARA O DR. WATSON ERA AGRADÁVEL ENCONTRAR-SE MAIS UMA vez no quarto desarrumado, no primeiro andar da Baker Street, que havia sido o ponto de partida de tantas aventuras notáveis. Ele olhou em volta para os gráficos científicos na parede, para a bancada queimada pelos ácidos, para a caixa de violino encostada no canto da parede e para o balde de carvão, que continha os habituais cachimbos e o tabaco. Finalmente seus olhos pousaram no rosto sorridente e saudável de Billy, o jovem mas muito sábio e discreto que ajudara a amenizar um pouco a solidão e o isolamento que cercavam a figura melancólica do grande detetive.

— Nada aqui mudou, Billy. Você também não mudou. Espero que se possa dizer o mesmo a respeito dele.

Billy olhou com preocupação para a porta fechada do quarto de dormir.

— Acho que ele está dormindo — ele disse.

Eram sete da noite de um agradável dia de verão, mas o dr. Watson estava suficientemente familiarizado com os horários irregulares de seu velho amigo para se surpreender com o fato.

— Isto significa um caso, eu presumo.

— Sim, senhor, no momento ele está muito empenhado. Estou preocupado com a sua saúde. Ele parece cada vez mais pálido e mais magro, e não se alimenta. Quando a sra. Hudson perguntou “A que horas gostaria de jantar, sr. Holmes?”, ele respondeu: “Às 19h30, depois de amanhã.” O senhor sabe como ele se comporta quando está interessado em algum caso.

— Sim, Billy, eu sei.

— Ele está atrás de alguém. Ontem saiu disfarçado de operário à procura de emprego. Hoje se transformou numa velha. Ele quase me enganou, embora eu já conheça seus métodos. — Billy apontou sorrindo para uma sombrinha deformada que estava apoiada no sofá. — Faz parte do traje da velha senhora — ele disse.

— Mas o que significa tudo isso, Billy?

Billy baixou a voz, como alguém que revela grandes segredos de Estado.

— Não me incomodo de contar ao senhor, mas isto não pode ser comentado. Trata-se do caso do diamante da Coroa.

— O quê? O assalto das cem mil libras?

— Sim, senhor. Eles precisam recuperá-la, senhor. Ora, o primeiro-ministro e o secretário do Interior estiveram aqui sentados naquele sofá. O sr. Holmes foi muito gentil com eles. Ele os deixou logo à vontade e prometeu que faria tudo que pudesse. Mas há lorde Cantlemere...

— Ah!

— Sim, o senhor sabe o que isso significa. Ele é intransigente, senhor, se é que posso dizer isso. Eu consigo gostar do primeiro-ministro e não tenho nada contra o secretário do Interior, que me pareceu um homem civilizado e cortês, mas não consigo tolerar Sua Excelência, o lorde. Nem o sr. Holmes o consegue. Veja o senhor, ele não acredita no sr. Holmes e não queria que o contratassem. Ele até *prefere* que o sr. Holmes fracasse.

— E o sr. Holmes sabe disso?

— O sr. Holmes sempre sabe o que é preciso saber.

— Bem, esperemos que ele não falhe e que lorde Cantlemere vá para o diabo. Mas, Billy, para que serve aquela cortina na frente da janela?

— O sr. Holmes mandou colocá-la há três dias. Temos uma coisa muito engraçada atrás dela.

Billy adiantou-se e puxou o pano que ocultava o espaço formado pela janela em curva.

O dr. Watson não pôde reprimir um grito de espanto. Ali estava uma reprodução do seu velho amigo, de roupão e tudo, o rosto um pouco virado para a janela e para baixo, como se lesse um livro invisível, enquanto o corpo estava afundado na poltrona. Billy arrancou a cabeça e segurou-a no ar.

— Nós a colocamos em ângulos diferentes, para que pareça mais natural. Eu não tocaria nela se a persiana não estivesse abaixada. Porque, quando

está aberta, pode-se ver isto do outro lado da rua.

— Já usamos algo semelhante antes.

— Antes do meu tempo — disse Billy. Ele abriu a cortina da janela e olhou para a rua. — Alguns indivíduos nos espreitam lá do outro lado. Posso ver um sujeito agora na janela. Dê uma olhada o senhor mesmo.

Watson dera um passo para a frente quando a porta do quarto se abriu e a figura comprida e magra de Holmes apareceu, rosto pálido e abatido, mas com passos e postura ágeis como sempre. Com um único salto ele chegou até a janela e fechou a persiana novamente.

— Basta, Billy — ele disse. — Você está correndo perigo de vida, meu rapaz, e eu não posso ficar sem você justamente agora. Olá, Watson, é bom vê-lo novamente em seus antigos aposentos. Você chegou num momento crítico.

— É o que estou vendo.

— Você pode ir, Billy. Este rapaz é um problema, Watson. Até que ponto posso permitir que ele corra perigo?

— Perigo de quê, Holmes?

— De ser morto de repente. Estou esperando alguma coisa esta noite.

— Esperando o quê?

— Ser assassinado, Watson.

— Não, não, você está brincando, Holmes!

— Até meu limitado senso de humor poderia produzir uma piada melhor do que esta. Mas podemos ficar à vontade enquanto isso, não podemos? O álcool é permitido? O acendedor e os charutos estão no lugar de sempre. Deixe-me vê-lo outra vez na sua poltrona habitual. Espero que você não tenha aprendido a desprezar meu cachimbo e meu tabaco deplorável. Eles precisam substituir a comida esses dias.

— Mas por que não comer?

— Porque as faculdades mentais se aprimoram quando você as deixa passar fome. Ora, certamente, como médico, meu caro Watson, você deve reconhecer que aquilo que a sua digestão ganha em suprimento sanguíneo é subtraído ao cérebro. Eu sou cérebro, Watson. O restante do corpo é um mero apêndice. Portanto, é o cérebro que devo levar em consideração.

— Mas e esse perigo, Holmes?

— Ah, sim; no caso de se concretizar, talvez fosse conveniente que você sobrecarregasse sua memória com o nome e o endereço do assassino. Você

pode entregá-lo à Scotland Yard, com minhas saudações e uma bênção de despedida. O nome é Sylvius, conde Negretto Sylvius. Anote isto, homem, anote! Moorside Gardens, 136, Londres N.W. Anotou?

O rosto honesto de Watson estava crispado de emoção. Ele sabia muito bem o imenso risco que Holmes corria e sabia também que aquilo que ele acabara de dizer era, provavelmente, mais uma atenuação dos fatos do que um exagero. Watson sempre foi um homem de ação, e colocou-se à altura da ocasião.

— Inclua-me nisso, Holmes. Não tenho nada para fazer durante um ou dois dias.

— Sua moral não melhorou nada, Watson. Você acrescentou a mentira aos seus outros vícios. Você mostra todos os sinais de um médico muito ocupado, com chamados a toda hora.

— Não são chamados tão importantes. Mas você não pode mandar prender esse homem?

— Sim, Watson, eu poderia. É isto que o deixa tão preocupado.

— E por que não o faz?

— Porque não sei onde está o diamante.

— Ah! Billy me contou: a joia da Coroa que sumiu.

— Sim, a grande pedra amarela Mazarin. Eu joguei a rede e prendi o meu peixe. Mas não consegui a pedra. De que adianta mandar prendê-los? Poderemos tornar o mundo melhor, capturando-os. Mas não é isso o que me interessa. É a pedra que eu quero.

— E o conde Sylvius é um de seus peixes?

— Sim, ele é um tubarão. Ele morde. O outro é Sam Merton, o lutador de boxe. Sam não é um mau sujeito, mas o conde o tem usado. Sam não é um tubarão. Ele é uma grande isca tola. Mas também está se debatendo em minha rede.

— Onde está este conde Sylvius?

— Passei a manhã inteira muito perto dele. Você já me viu vestido de velha, Watson. Nunca estive mais convincente. Ele chegou a apanhar a sombrinha para mim, uma vez. “Com sua permissão, madame”, ele disse, com sotaque italiano, você sabe, e com a elegância do sulista, quando está disposto, mas a encarnação do demônio quando está com outra disposição de espírito. A vida está repleta de acontecimentos estranhos, Watson.

— Podia ter ocorrido uma tragédia.

— Bem, talvez. Eu o segui até a velha oficina de Straubenzee, nas Minories. Straubenzee fez a pistola de ar comprimido, um trabalho muito bonito, pelo que sei, e eu imagino que esta pistola está, neste momento, numa das janelas do outro lado da rua. Você viu o boneco? Naturalmente Billy o mostrou a você. Bem, ele pode receber a qualquer momento uma bala em sua bonita cabeça. Ah, Billy, o que é?

O rapaz entrou na sala com um cartão numa bandeja. Holmes olhou para o cartão, com as sobrancelhas erguidas e um sorriso divertido.

— O homem, ele próprio. Eu dificilmente esperaria isto. Segure a rede com firmeza, Watson! Um homem ousado. Você deve ter ouvido falar de sua fama de caçador de animais grandes. Seria mesmo um final glorioso para a excelente ficha de esportista dele, se ele me acrescentasse a sua coleção. É uma prova de que ele sente os meus pés bem perto dos seus calcanhares.

— Chame a polícia.

— Provavelmente chamarei. Mas não agora. Quer olhar com cuidado pela janela, Watson, e ver se há alguém parado na rua?

Watson olhou discretamente.

— Sim, há um sujeito mal-encarado perto da porta.

— Deve ser Sam Merton, o fiel mas um tanto presunçoso Sam. Onde está o cavalheiro, Billy?

— Na sala de estar, senhor.

— Traga-o aqui quando eu tocar a campainha.

— Sim, senhor.

— Se eu não estiver na sala, deixe-o entrar assim mesmo.

— Sim, senhor.

Watson esperou até que a porta fosse fechada e então virou para o seu amigo.

— Escute aqui, Holmes, isto é impossível. Ele é um homem desesperado jogando sua última cartada. Ele pode ter vindo para matá-lo.

— Eu não me surpreenderia.

— Insisto em ficar com você.

— Você seria um obstáculo.

— No caminho *dele*?

— Não, meu caro companheiro. No meu caminho.

— Bem, não posso deixá-lo sozinho.

— Sim, você pode, Watson. E você fará isso, pois nunca deixou de jogar o jogo. Tenho certeza de que irá jogá-lo até o fim. Este homem veio pelos seus próprios interesses, mas pode ficar pelos meus. — Holmes tirou seu bloco de anotações e escreveu algumas linhas. — Tome um táxi até a Scotland Yard e entregue isto a Youghal, do C.I.D. Volte com a polícia. A prisão do sujeito será imediata.

— Farei isso com alegria.

— Até você voltar terei tempo suficiente para descobrir onde está a pedra. — Holmes tocou a campainha. — Acho que sairemos pelo dormitório. Esta segunda saída é extremamente útil. Prefiro ver meu tubarão sem que ele me veja e, como você deve se lembrar, tenho minha maneira própria de fazê-lo.

Portanto, foi para uma sala vazia que, um minuto depois, Billy levou o conde Sylvius. O famoso atirador, desportista e homem de sociedade era um sujeito enorme, moreno, com um formidável bigode negro que ocultava uma boca cruel, de lábios finos, coroada por um nariz longo e curvo como o bico de uma águia. Ele estava bem-vestido, mas sua gravata brilhante, seu alfinete ofuscante e anéis deslumbrantes produziam um efeito exagerado. Quando a porta se fechou, ele observou em volta com olhos ferozes e assustados, como alguém que suspeita de uma armadilha a cada passo. Então levou um susto ao ver a cabeça impassível e a gola do roupão que apareciam por cima da poltrona junto à janela. A princípio sua expressão foi de puro assombro. Em seguida, a luz de uma esperança terrível brilhou em seus escuros olhos de assassino. Ele deu mais uma olhada em volta para ver se não havia testemunhas e então, na ponta dos pés, com a bengala grossa meio levantada, aproximou-se da figura silenciosa. Ele estava se agachando para o salto e o golpe finais quando uma voz fria e mordaz, vinda da porta aberta do dormitório, o interrompeu.

— Não o quebre, conde! Não o quebre!

O assassino cambaleou para trás, com uma expressão de espanto no rosto. Por um instante ele ergueu novamente a bengala carregada, como se fosse desviar sua violência do boneco para o original; mas havia alguma coisa naqueles olhos cinzentos decididos e naquele sorriso de zombaria que fez com que abaixasse a mão.

— É uma coisa bonitinha — disse Holmes, aproximando-se do boneco. — Tavernier, o modelador francês, o fez. Ele é tão bom em trabalhos de

cera quanto seu amigo Straubenzee em pistolas de ar comprimido.

— Pistolas de ar comprimido, senhor! O que quer dizer?

— Ponha seu chapéu e sua bengala na mesinha. Obrigado! Por favor, sente-se. O senhor se incomodaria de tirar o seu revólver também? Oh, muito bem, se prefere sentar-se sobre ele. Sua visita realmente é bastante oportuna, porque eu queria muito conversar alguns minutos com o senhor.

O conde franziu a testa, as sobrancelhas espessas e ameaçadoras.

— Eu também gostaria de trocar algumas palavras com você, Holmes. É por isso que estou aqui. Não nego que pretendia atacá-lo há pouco.

Holmes balançou a perna sobre a quina da mesa.

— Eu imaginei que você tivesse essa ideia — ele disse. — Mas por que estas atenções pessoais?

— Porque você se afastou de seu caminho para me importunar. Porque você pôs seus homens na minha pista.

— Meus homens! Garanto-lhe que não!

— Tolice! Eu mandei que os seguissem. Dois podem jogar este jogo, Holmes.

— É uma questão sem muita importância, mas o senhor talvez possa, por gentileza, tratar-me de *senhor* quando fala comigo. O senhor deve compreender que, com a minha rotina de trabalho, eu acabaria sendo tratado com intimidade por metade da coleção de velhacos, e o senhor deve concordar que as exceções são odiosas.

— Bem, *sr*. Holmes.

— Excelente! Mas garanto que o senhor está enganado quanto aos meus supostos agentes.

O conde Sylvius deu uma gargalhada insolente.

— Outras pessoas também podem observar tão bem quanto o senhor. Ontem foi um velho temerário. Hoje, uma senhora de idade avançada. Eles me espionaram o dia inteiro.

— Na verdade, senhor, isto é um elogio. O velho barão Dowson disse-me, na noite antes de ser enforcado, que, no meu caso, o que a lei ganhou o palco perdeu. E agora o senhor dá às minhas insignificantes caracterizações o seu amável elogio!

— Era o senhor, o senhor mesmo?

Holmes deu de ombros.

— O senhor pode ver ali no canto a sombrinha que tão gentilmente me entregou, no Minories, antes que começasse a suspeitar.

— Se eu soubesse, o senhor talvez nunca...

— Tivesse visto este humilde lar novamente. Eu estava ciente disto. Todos nós temos a lamentar oportunidades desperdiçadas. Como costuma acontecer, o senhor não sabia, de modo que aqui estamos!

As sobrancelhas hirsutas do conde ficaram mais franzidas sobre os seus olhos ameaçadores.

— O que o senhor diz só piora as coisas. Não foram os seus agentes, mas o senhor mesmo representando e bisbilhotando. O senhor então admite que estava me seguindo. Por quê?

— Ora, conde. O senhor costumava matar leões na Argélia.

— E daí?

— Por que fazia isso?

— Por quê? Como passatempo, por ser excitante, pelo perigo!

— E, sem dúvida, para livrar o país de uma praga?

— Exatamente!

— São essas também as minhas razões, em resumo.

O conde ergueu-se de um salto, e sua mão, involuntariamente, moveu-se em direção ao bolso traseiro.

— Sente-se, senhor, sente-se. Havia outro motivo mais prático. Eu quero aquele diamante amarelo!

O conde Sylvius recostou-se outra vez na cadeira, com um sorriso perverso.

— Palavra de honra! — ele disse.

— O senhor sabia que eu o perseguia por isso. O verdadeiro motivo que o trouxe aqui esta noite foi descobrir o que eu sei sobre o assunto e se minha eliminação é absolutamente necessária. Bem, eu diria que, do seu ponto de vista, ela *é* essencial, porque eu sei tudo a este respeito, menos uma coisa, que o senhor está prestes a me contar.

— Oh, realmente! Por favor, o que é que está lhe faltando saber?

— Onde está agora o diamante da Coroa.

O conde olhou com ironia para o outro.

— Ah, o senhor quer saber isso, não? E como eu poderia lhe dizer onde está o diamante?

— O senhor pode, e o senhor vai dizer.

— Imagine!

— O senhor não pode blefar comigo, conde Sylvius. — Os olhos de Holmes, ao se fixarem no conde, se contraíram e se iluminaram até ficarem como dois ameaçadores pontos de aço. — O senhor é muito transparente. Vejo até o interior de sua mente.

— Então, naturalmente, o senhor vê onde está o diamante!

Holmes bateu palmas, divertido, e então apontou o dedo para ele e disse, troçando:

— Então o senhor sabe. O senhor admitiu.

— Eu não admiti nada.

— Bem, conde, se o senhor for razoável, poderemos negociar. Do contrário, o senhor será prejudicado.

O conde Sylvius virou os olhos para o teto.

— E o senhor fala em blefe! — ele disse.

Holmes olhou para ele pensativamente, como um mestre de xadrez que medita sobre um movimento final. Então abriu a gaveta da mesa e tirou uma agenda grossa.

— Sabe o que guardo neste livro?

— Não, senhor, não sei!

— O senhor mesmo.

— Eu?

— Sim, *o senhor*! O senhor está todo aqui, cada ação de sua vida depravada e perigosa.

— Maldito Holmes! — gritou o conde, com os olhos em fogo. — Minha paciência tem limite!

— Está tudo aqui, conde: os fatos verídicos sobre a morte da velha sra. Harold, que lhe deixou a herdade de Blymer, que o senhor perdeu tão rapidamente no jogo.

— O senhor está sonhando!

— E a história completa da vida da srta. Minnie Warrender.

— Ora! O senhor não fará nada com isto!

— Há muito mais aqui, conde. Há o assalto ao trem de luxo para a Riviera, em 13 de fevereiro de 1892. Aqui, no mesmo ano, o cheque falso contra o Crédit Lyonnais.

— Não, aí o senhor se engana.

— Então estou certo em relação aos outros. Bem, conde, o senhor é um jogador. Quando o outro jogador tem todos os trunfos, abrir o jogo poupa tempo.

— O que toda essa conversa tem a ver com a joia que o senhor mencionou?

— Devagar, conde. Controle esta mente impaciente! Deixe-me tratar dos assuntos à minha maneira monótona. Tenho tudo isto contra o senhor, mas tenho, principalmente, provas concretas contra ambos, o senhor e o seu capanga brigão, no caso do diamante da Coroa.

— Não diga!

— Conheço o cocheiro que o levou a Whitehall e o outro que o trouxe de volta. Sei quem é o porteiro que o viu perto da caixa. Ikey Sanders, que se recusou a cortar o diamante para o senhor. Ikey o delatou e a sua trama foi descoberta.

As veias saltaram na testa do conde. Suas mãos escuras e peludas se fecharam num espasmo de emoção reprimida. Ele tentou falar, mas as palavras não saíram de sua boca.

— Estas são as cartas que eu tenho. Estou pondo todas na mesa. Mas está faltando uma carta. É o Rei de Diamantes. Não sei onde está a pedra.

— O senhor nunca saberá.

— Não? Ora, seja razoável, conde. Considere sua situação. O senhor ficará preso durante vinte anos. Sam Merton também. Que proveito os senhores irão tirar do diamante? Nenhum! Mas se o devolver, bem, eu proporia uma traição. Não queremos o senhor ou Sam. Queremos a pedra. Desista dela, e, no que me diz respeito, o senhor pode partir livremente, contanto que se comporte no futuro. Se cometer outra falta, bem, será a última. Mas, desta vez, minha missão é reaver a pedra, não é prendê-lo.

— E se eu me recusar?

— Ora, então, ai do senhor! Então será o senhor e não a pedra.

Billy apareceu, atendendo a um chamado.

— Acho, conde, que seria conveniente que o seu amigo Sam estivesse presente a esta conferência. Afinal de contas, os interesses dele deveriam estar representados. Billy, há um cavalheiro grande e feio na calçada, diante da porta da frente. Peça-lhe que suba até aqui.

— E se ele não quiser vir, senhor?

— Nada de violência, Billy. Não seja rude com ele. Se você lhe disser que o conde Sylvius o chama, ele certamente subirá.

— O que é que o senhor vai fazer agora? — o conde perguntou quando Billy desapareceu.

— Meu amigo Watson esteve aqui comigo há pouco. Contei-lhe que tinha um tubarão e um peixe-isca na minha rede; agora estou puxando a rede e os dois estão vindo juntos.

O conde tinha se levantado da cadeira, e sua mão estava nas costas. Holmes segurou alguma coisa que estava no bolso do roupão.

— Você não morrerá na sua cama, Holmes.

— Tenho pensado nisto frequentemente. E tem muita importância? Afinal de contas, conde, também é mais provável que a sua morte ocorra na posição vertical do que na horizontal. Mas estas previsões do futuro são mórbidas. Por que não nos entregarmos às ilimitadas alegrias do presente?

Um brilho repentino e feroz apareceu nos olhos escuros e ameaçadores do grande criminoso. Holmes parecia crescer, à medida que ficava mais tenso e mais alerta.

— Não adianta apalpar o revólver, meu amigo — ele disse com voz tranquila. — O senhor sabe muito bem que não teria a coragem de usá-lo, mesmo que eu lhe desse tempo para sacá-lo. Os revólveres são coisas sórdidas e barulhentas, conde. É melhor permanecer fiel às pistolas de ar comprimido. Ah, acho que ouvi os passos de fada de seu estimado sócio. Bom dia, sr. Merton. Muito monótono lá na rua, não é?

O lutador, um jovem robusto, de rosto retangular e uma expressão estúpida e teimosa, estava parado na porta, constrangido, olhando em volta com uma expressão perplexa. O jeito afável de Holmes era uma experiência nova para ele, e, embora percebesse vagamente que era um jeito hostil, não sabia como enfrentá-lo. Ele virou-se para o seu companheiro mais esperto, pedindo ajuda.

— Que brincadeira é esta agora, conde? O que é que este sujeito quer? O que está acontecendo? — A voz dele era grave e rouca.

O conde encolheu os ombros, e foi Holmes quem respondeu.

— Se me permite resumir, sr. Merton, eu diria que está tudo terminado.

O boxeador ainda dirigiu seus comentários ao sócio.

— O cara aí está querendo ser engraçado ou o quê? Eu não estou com disposição para brincadeiras.

— Não, espero que não — disse Holmes. — Acho que posso prometer-lhe que se sentirá ainda menos bem-humorado à medida que a noite avançar. Agora, olhe aqui, conde Sylvius. Sou um homem ocupado e não posso perder tempo. Vou até aquele quarto. Por favor, fiquem à vontade durante a minha ausência. O senhor poderá explicar ao seu amigo em que pé está o caso, sem o constrangimento da minha presença. Tentarei tocar a *Barcarola*, de Hoffmann, no meu violino. Dentro de cinco minutos estarei de volta, para a sua resposta definitiva. O senhor compreendeu qual é a alternativa, não? Devemos prendê-lo ou vamos ter a pedra de volta?

Holmes retirou-se, apanhando no caminho seu violino que estava no canto da parede. Alguns minutos depois eles ouviram, através da porta fechada do quarto, as notas prolongadas e gemidas de uma música, que parecia vir de um mundo mal-assombrado.

— O que está havendo? — perguntou Merton com ansiedade quando seu cúmplice se virou para ele. — Ele sabe a respeito da pedra?

— Maldição, ele sabe demais. Não tenho certeza se ele já não sabe tudo a respeito dela.

— Meu Deus! — O rosto pálido do boxeador ficou ainda mais branco.

— Ikey Sanders nos dedurou.

— Ele fez isso, é? Vou dar cabo dele mesmo que eu acabe sendo enforcado por isto.

— Isto não vai nos ajudar muito. Precisamos decidir o que vamos fazer.

— Um instantinho — disse o boxeador, olhando com desconfiança para a porta do quarto. — Ele é um sujeito escorregadio que precisa ser vigiado. Como vou acreditar que ele não está escutando?

— Como ele pode ouvir com o barulho da música?

— Isto é verdade. Talvez haja alguém atrás da cortina. Há cortinas demais nesta sala. — Quando ele olhou em volta, viu de repente, pela primeira vez, o boneco na janela, e ficou olhando e apontando, assustado demais para conseguir falar.

— Ora, é só um boneco — disse o conde.

— Um manequim, não? Bem, me assustou! Madame Tussaud não está nesta. É a cópia viva dele, de roupão e tudo. Mas as cortinas, conde!

— Ora, danem-se as cortinas! Estamos perdendo nosso tempo, e temos pouco. Ele pode nos condenar por causa desta pedra.

— Com os diabos, ele pode!

— Mas ele nos deixará escapar se nós apenas lhe dissermos onde está a pedra.

— O quê? Desistir disto? Desistir de cem mil libras?

— É um ou outro.

Merton coçou a cabeça.

— Ele está sozinho lá dentro. Vamos dar cabo dele. Se sua luz se apagasse, não teríamos nada a temer.

O conde sacudiu a cabeça.

— Ele está armado e alerta. Se nós atirarmos nele, dificilmente conseguiremos escapar de um lugar como este. Além disso, é bem provável que a polícia tenha conhecimento das provas que ele conseguiu. Ei! O que foi isso?

Um som impreciso parecia vir da janela. Os dois homens viraram-se num salto, mas tudo estava quieto. A não ser pela estranha figura sentada na poltrona, a sala com certeza estava vazia.

— Alguma coisa na rua — disse Merton. — Agora, escute aqui, chefe, você é o inteligente. Certamente você pode imaginar uma saída. Se acabar com ele não adianta, então compete a você achar uma solução.

— Tenho enganado homens melhores do que ele — disse o conde. — A pedra está aqui, no meu bolso secreto. Eu não arrisco deixá-la em qualquer outro lugar. Ela pode ser levada para fora da Inglaterra esta noite, e em Amsterdã, antes deste domingo, será cortada em quatro pedaços. Ele nada sabe a respeito de Van Seddar.

— Pensei que Van Seddar ia viajar só na próxima semana.

— Ele *ia*. Mas agora ele precisa partir no próximo navio. Um de nós dois tem de fugir com a pedra e ir até a Lime Street para avisá-lo.

— Mas o fundo falso não está pronto.

— Bem, ele precisa levá-la assim mesmo e correr o risco. Não temos um minuto a perder. — Novamente, com o senso de perigo que para o desportista torna-se um instinto, ele parou e olhou para a janela. — Sim, com certeza foi da rua que veio aquele som quase imperceptível.

— Quanto a Holmes — ele continuou —, podemos enganá-lo com a maior facilidade. Veja você, o maldito tolo não nos prenderá se conseguir a pedra. Bem, nós vamos lhe prometer a pedra. Vamos colocá-lo atrás dela numa pista falsa, e, antes que ele descubra que a pista é falsa, a pedra estará na Holanda e nós estaremos fora do país.

— Isto me soa bem! — disse Sam Merton, arreganhando os dentes.

— Vá e diga ao holandês para se apressar. Eu verei este bobalhão e vou despistá-lo, até em cima, com uma confissão falsa. Vou dizer a ele que a pedra está em Liverpool. Malditos gemidos; esta música me dá nos nervos! Quando ele descobrir que a pedra não está em Liverpool, ela já terá sido dividida e nós estaremos em alto-mar. Volte aqui, saia da frente do buraco da fechadura. Aqui está a pedra.

— Eu não sei como você tem coragem de carregá-la com você.

— Onde ela estará mais segura? Se eu consegui tirá-la de Whitehall, alguém com certeza poderia tirá-la dos meus aposentos.

— Vamos dar uma espiada nela.

O conde Sylvius deu uma olhada nada lisonjeira para o seu cúmplice e ignorou a mão suja que estava estendida para ele.

— O quê? Você pensa que vou tirá-la de você? Olha aqui, chefe, estou ficando cansado dos seus métodos.

— Ora, calma; nada de ofensas, Sam. Não estamos em condições de brigar. Venha até a janela se quiser ver bem a *beldade*. Agora segure-a na luz! Aí!

— Obrigado.

Com um único salto Holmes pulou da poltrona do boneco e agarrou a joia preciosa. Ele a segurava agora em uma das mãos, enquanto a outra apontava o revólver para a cabeça do conde. Os dois bandidos cambalearam para trás, num espanto total. Antes que eles se recuperassem do susto, Holmes tocou a campainha.

— Nada de violência, senhores. Nada de violência, peço-lhes. Pensem na minha mobília! Os senhores devem saber que a situação é crítica. A polícia está esperando lá embaixo.

A perplexidade do conde superou sua raiva e o seu medo.

— Mas como? Com mil diabos! — ele exclamou, ofegante.

— Sua surpresa é muito natural. O senhor não sabia que atrás daquela cortina há uma segunda porta, que dá no meu quarto. Eu imaginei que o senhor pudesse ter me ouvido, quando retirei o boneco, mas a sorte estava do meu lado. Isto deu-me a oportunidade de ouvir a sua conversa espirituosa, que teria sido lamentavelmente encerrada se soubessem da minha presença.

O conde fez um gesto de resignação.

— Nós nos damos por vencidos, Holmes. Acho que você é o próprio demônio.

— De qualquer maneira, não estou longe dele — respondeu Holmes com um sorriso cortês.

O cérebro lento de Sam Merton só conseguiu avaliar a situação gradualmente. Enfim ele rompeu o silêncio ao ouvir sons de passos pesados que vinham das escadas lá fora.

— Tiras do diabo! — ele disse. — Mas o que há com esse violino desgraçado? Ainda o ouço.

— Ora, ora! — respondeu Holmes. — Você está absolutamente certo. Deixe-o tocar! Esses gramofones modernos são uma invenção notável.

Houve uma invasão da polícia, o clique das algemas, e os criminosos foram levados para o carro que estava esperando. Watson ficou muito tempo com Holmes, cumprimentando-o por esta nova folha acrescentada aos seus louros. Mais uma vez a conversa deles foi interrompida pelo imperturbável Billy, com sua bandeja de cartões.

— Lorde Cantlemere, senhor.

— Mande-o subir, Billy. Este é o ilustre fidalgo, que representa os mais altos interesses — disse Holmes. — É uma pessoa excelente e leal, mas bastante antiquado. Vamos deixá-lo à vontade? Devemos nos arriscar a fazer uma brincadeira? Podemos imaginar que ele não sabe nada do que aconteceu.

A porta se abriu e entrou uma figura magra e austera, com cara de poucos amigos e suíças caídas no estilo vitoriano e de um negrume brilhante, que pouco combinavam com seus ombros arredondados e seu modo de andar delicado. Holmes adiantou-se de forma cortês e apertou uma mão que não respondeu ao cumprimento.

— Como vai o senhor, lorde Cantlemere? Está frio para esta época do ano, mas quente dentro de casa. Posso pendurar o seu sobretudo?

— Não, obrigado; não vou tirá-lo.

Holmes manteve sua mão insistentemente sobre a manga.

— Rogo-lhe que me permita! Meu amigo, o dr. Watson, pode lhe garantir que estas mudanças de temperatura são bem perigosas.

Sua Excelência livrou-se das mãos de Holmes com certa impaciência.

— Estou perfeitamente confortável, senhor. Não tenho necessidade de ficar aqui. Vim apenas rapidamente, para saber como vai progredindo sua

tarefa não autorizada.

— É difícil, muito difícil.

— Eu temia que o senhor fosse achar isso.

Havia um perceptível sarcasmo nas palavras e no jeito do velho cortesão.

— Todo homem encontra suas limitações, sr. Holmes, mas pelo menos isto nos cura da fraqueza da presunção.

— Sim, senhor, tenho estado muito perturbado.

— Não há dúvida.

— Principalmente a respeito de um detalhe. Talvez o senhor possa me ajudar.

— O senhor pede o meu conselho tarde demais. Pensei que o senhor tivesse seus próprios métodos autossuficientes. Ainda assim estou pronto a ajudá-lo.

— Veja, lorde Cantlemere, nós podemos, sem dúvida nenhuma, enquadrar os verdadeiros ladrões dentro da lei.

— Quando os tiver capturado.

— Exatamente. Mas a pergunta é a seguinte: como devemos proceder com o receptador da pedra?

— Não é um tanto prematuro?

— Seria bom ter os nossos planos prontos. Bem, o que o senhor consideraria como evidência final contra o receptador?

— A posse da pedra.

— O senhor o prenderia por causa disso?

— Evidentemente.

Holmes raramente ria, mas desta vez chegou muito perto, como se recorda o seu velho amigo Watson.

— Neste caso, meu caro senhor, tenho o penoso dever de informá-lo de sua prisão.

Lorde Cantlemere ficou muito irritado. Um pouco do antigo ardor coloriu levemente suas faces pálidas.

— O senhor é muito confiado, sr. Holmes. Em cinquenta anos de serviço público, não consigo me recordar de coisa parecida. Sou um homem ocupado, senhor, envolvido em assuntos importantes, não tenho tempo nem disposição para brincadeiras tolas. Devo dizer-lhe francamente, senhor, que jamais acreditei em seus poderes e que sempre fui de opinião que o caso

estaria mais seguro nas mãos da polícia. Sua conduta confirma todas as minhas conclusões. Tenho a dignidade, senhor, de desejar-lhe boa noite.

Holmes havia mudado rapidamente de posição, colocando-se entre o nobre e a porta.

— Um momento, senhor — ele disse. — Sair com a pedra Mazarin seria um crime mais sério do que ser encontrado na posse provisória dela.

— Senhor, isto é intolerável! Deixe-me passar.

— Ponha sua mão no bolso direito do sobretudo.

— O que é que o senhor quer dizer?

— Vamos, vamos, faça o que eu peço.

Um minuto depois o perplexo nobre estava ali, piscando e gaguejando, com a grande pedra amarela na mão trêmula.

— O quê! O quê! Como pode ser isto, sr. Holmes?

— Sinto muito, lorde Cantlemere, sinto muito — exclamou Holmes. — Meu velho amigo aqui lhe dirá que tenho o péssimo costume de fazer brincadeiras deste tipo. E também que eu jamais resisto a uma situação dramática. Tomei a liberdade, admito que exagerei, de colocar a pedra no seu bolso no início da nossa entrevista.

O velho nobre olhava espantado para a pedra e para o rosto sorridente diante dele.

— Senhor, estou perplexo. Mas, sim, esta é mesmo a pedra Mazarin. Devemos muito ao senhor. O seu senso de humor pode ser, como o senhor admitiu, um pouco deturpado, e a sua exibição bastante inoportuna, mas, pelo menos, retiro qualquer reflexão que eu tenha feito a respeito de seus espantosos poderes profissionais. Mas como...

— O caso ainda está pela metade; os detalhes podem esperar. Sem dúvida, lorde Cantlemere, o prazer que sentirá ao relatar este bom resultado ao círculo nobre para o qual o senhor retorna agora será uma pequena compensação pela minha brincadeira. Billy, mostre a saída à Sua Excelência, e diga à sra. Hudson que eu ficaria satisfeito se ela pudesse mandar subir jantar para dois o mais cedo possível.

A AVENTURA DAS TRÊS CUMEEIRAS

Acho que nenhuma de minhas aventuras com Sherlock Holmes começou de modo tão repentino e tão dramático como aquela que associo a As Três Cumeeiras. Eu não vira Holmes durante alguns dias e não sabia ainda do novo rumo que suas atividades tinham tomado. Mas, naquela manhã, ele estava com vontade de conversar. Eu havia acabado de me instalar na velha e baixa poltrona ao lado do fogo, e ele, com o cachimbo na mão, havia se sentado encolhido na cadeira oposta. Foi quando nosso visitante chegou. Se eu tivesse dito que um touro louco havia chegado, daria uma impressão mais exata do que ocorreu.

A porta foi aberta com violência, e um negro enorme entrou bruscamente na sala. Ele seria uma figura cômica, se não fosse espantosa, porque estava usando um terno xadrez cinzento, muito espalhafatoso, e uma gravata esvoaçante cor de salmão. Seu rosto largo e seu nariz achatado estavam projetados para a frente, enquanto seus coléricos olhos pretos, com um brilho de maldade latente, nos fitavam alternadamente.

— Qual dos senhores é o *sinhô* Holmes? — ele perguntou.

Holmes ergueu seu cachimbo com um sorriso indolente.

— Oh! é o *sinhô*, é? — disse nosso visitante, contornando a mesa com passos furtivos. — Olhe aqui, *sinhô* Holmes, não meta as mãos nos negócios alheios. Deixe que as pessoas cuidem de seus próprios negócios. Entendeu, *sinhô* Holmes?

— Continue falando — disse Holmes. — Está muito bom.

— Ah! Está muito bom? — rosnou o selvagem. — Maldição; não será tão bom quando eu *tivé* tratado *ocê*. Eu já lidei com gente de sua laia antes,

e eles não pareciam estar bons quando eu acabei. Olhe p’ra isto, *sinhô* Holmes!

Ele sacudiu o punho enorme e nodoso sob o nariz do meu amigo. Holmes examinou o punho de perto, com ar de grande interesse.

— Você nasceu assim? — ele perguntou. — Ou isto aconteceu gradativamente?

Pode ter sido o sangue-frio do meu amigo ou o ligeiro ruído que fiz quando apanhei o atiçador. De qualquer modo, a atitude do nosso visitante tornou-se menos exuberante.

— Bem, eu lhe dei um aviso claro — disse ele. — Um amigo meu tem interesses lá para as bandas de Harrow, você sabe o que estou querendo *dizê*. E ele não quer que *ocê* se intrometa. Entendeu? *Ocê* não é a lei, e eu também não sou a lei, e se *ocê* se mete eu estarei por perto da mesma forma. Não se esqueça disso.

— Há já algum tempo que eu queria encontrá-lo — disse Holmes. — Não o convido para sentar-se porque não gosto do seu cheiro, mas você não é Steve Dixie, o pugilista?

— Este é o meu nome, *sinhô* Holmes, e vou acabar com *ocê*, esteja certo, se *tentá* me *passá* a conversa.

— Isto é certamente a última coisa de que você precisa — disse Holmes, olhando fixamente a boca medonha do nosso visitante. — Mas foi a morte do jovem Perkins, na frente do Holborn Bar... O quê! Você não vai embora?

O negro havia saltado para trás, e seu rosto ficou cinzento.

— Não quero ouvir esse tipo de conversa — ele disse. — O que tenho a ver com o tal do Perkins, *sinhô* Holmes? Eu estava treinando no Bull Ring’ em Birmingham, quando este garoto se meteu em encrenca.

— Sim, você vai contar isto ao juiz, Steve — disse Holmes. — Andei observando você e Barney Stockdale...

— Se é assim, que Deus me ajude! *Sinhô* Holmes...

— Basta. Saia daqui. Eu agarro você quando quiser.

— Bom dia, *Sinhô* Holmes. Espero que não tenha raiva deste seu visitante.

— Terei, a menos que você me diga quem o mandou aqui.

— Ora, isto não é nenhum segredo, *sinhô* Holmes. Foi o mesmo cavalheiro de quem o *sinhô* acabou de *falá*.

— E quem o mandou agir?

— Deus me ajude. Eu não sei, *sinhô* Holmes. Ele disse apenas: “Steve, você vai ver o sr. Holmes, e diga-lhe que a vida dele não estará segura se ele for para os lados de Harrow.” Esta é toda a verdade.

Sem esperar por qualquer outra pergunta, nosso visitante saiu da sala, de maneira tão precipitada como entrou. Holmes bateu as cinzas do cachimbo com um risinho silencioso.

— Estou satisfeito por você não ter sido obrigado a quebrar-lhe a carapinha, Watson. Percebi seus movimentos com o atiçador. Mas, na verdade, ele é um sujeito inofensivo, um bebê grande, musculoso, tolo e fanfarrão, e acovarda-se facilmente, como você viu. Ele faz parte da quadrilha de Spencer John e tomou parte em muitos desses últimos trabalhos sujos, que preciso esclarecer quando tiver tempo. Seu superior imediato, Barney, é uma pessoa mais esperta. São especializados em assaltos, chantagem e coisas desse tipo. O que eu quero saber é quem está por trás deles desta vez.

— Mas por que eles querem intimidá-lo?

— Trata-se deste caso de Harrow Weald. Isto me fez decidir investigar o assunto, porque se alguém acha que vale a pena ter tanto trabalho com isso é porque deve haver alguma coisa aí.

— Mas o que será?

— Eu ia dizer-lhe, quando tivemos esse cômico interlúdio: aqui está o bilhete da sra. Maberley. Se você quiser ir comigo, vamos telefonar a ela e sair imediatamente.

> *Prezado sr. Sherlock Holmes,* [eu li]
>
> *Houve uma sucessão de incidentes estranhos comigo em relação a esta casa, e eu apreciaria os seus conselhos. O senhor me encontrará em casa amanhã, a qualquer hora. A casa fica perto da estação de Weald. Acho que o meu falecido marido, Mortimer Maberley, foi um dos seus primeiros clientes.*
>
> *Respeitosamente,*
>
> *Mary Maberley*

O endereço era “As Três Cumeeiras, Harrow Weald”.

— É isso! — disse Holmes. — E agora, se você dispõe de tempo, Watson, podemos partir.

Uma curta viagem de trem, e outra mais curta de carruagem, levou-nos até o endereço, uma casa de campo de tijolos e madeira, situada num terreno de uns quatro mil metros quadrados de terras não cultivadas. Três pequenas saliências, acima das janelas superiores, faziam uma débil tentativa de justificar seu nome. Atrás havia um melancólico bosque de pinheiros ainda não crescidos, e o aspecto geral do lugar era pobre e deprimente. Entretanto, verificamos que a casa estava muito bem mobiliada, e a senhora que nos recebeu era uma pessoa de idade, encantadora, e exibia todos os sinais de refinamento e cultura.

— Lembro-me muito bem de seu marido, madame — disse Holmes —, embora já faça alguns anos que ele usou os meus serviços, em algum assunto de pouca importância.

— Talvez o senhor esteja mais familiarizado com o nome de meu filho Douglas.

Holmes olhou-a com grande interesse.

— Valha-me Deus! A senhora é a mãe de Douglas Maberley? Eu o conheci ligeiramente. Mas é claro que toda Londres o conhecia. Que criatura magnífica! Onde ele está agora?

— Morto, sr. Holmes, morto! Ele era adido em Roma e morreu lá de pneumonia, no mês passado.

— Sinto muito. Não se consegue associar a morte a um homem como ele. Jamais conheci alguém com mais vitalidade. Ele viveu intensamente, cada fibra de seu corpo!

— Intensamente demais, sr. Holmes. Esta foi a sua ruína. O senhor recorda-se dele, como ele era, alegre e brilhante. O senhor não viu a criatura mal-humorada, melancólica, pessimista em que ele se transformou. Seu coração ficou partido. Em apenas um mês, tive a impressão de ver meu intrépido rapaz garboso transformar-se em um homem descrente e arrasado.

— Um caso de amor, uma mulher?

— Ou um demônio. Bem, não foi para falar de meu pobre rapaz que lhe pedi que viesse, sr. Holmes.

— Dr. Watson e eu estamos às suas ordens.

— Têm acontecido coisas muito estranhas. Já faz mais de um ano que estou nesta casa, e, como eu queria levar uma vida reclusa, tenho visto muito pouco meus vizinhos. Há três dias, recebi um telefonema de um homem, que se identificou como imobiliário. Ele me disse que esta casa era

exatamente o que convinha a um cliente seu e que, se eu concordasse em vendê-la, não haveria objeções quanto a dinheiro. Isto me pareceu muito estranho, porque há várias casas vazias à venda, que poderiam servir muito bem, mas, naturalmente, fiquei interessada no que ele disse. De modo que fixei um preço, quinhentas libras a mais do que eu paguei. Ele aceitou imediatamente a proposta, mas acrescentou que o seu cliente desejava comprar também a mobília, e que eu fizesse o preço. Alguns destes móveis são de minha antiga casa e, como o senhor pode ver, são de muito boa qualidade, de modo que pedi uma quantia bem alta. Ele também concordou com isso na mesma hora. Eu sempre quis viajar, e o negócio era tão bom que realmente me pareceu que eu poderia ser senhora de mim mesma pelo resto da vida.

"Ontem o homem veio com o contrato pronto. Felizmente eu o mostrei ao sr. Sutro, meu advogado, que mora em Harrow. Ele me disse: 'Este documento é muito estranho. A senhora está sabendo que, se assiná-lo, não poderá, legalmente, retirar *nada* da casa — nem mesmo seus objetos pessoais?' Quando o homem voltou, à noite, eu chamei sua atenção para isso e disse-lhe que queria vender apenas a mobília.

"'Não, não, tudo', ele disse.

"'E minhas roupas? Minhas joias?'

"'Bem, bem, pode ser feita alguma concessão no que se refere aos objetos pessoais. Mas nada deverá ser retirado da casa sem que seja examinado. Meu cliente é um homem muito liberal, mas tem seus caprichos e sua própria maneira de fazer as coisas. Com ele é tudo ou nada.'

"'Então deve ser nada', eu disse. E deixamos o assunto assim, mas tudo me pareceu tão estranho que eu pensei..."

Aqui houve uma interrupção inusitada.

Holmes ergueu a mão pedindo silêncio. Em seguida atravessou a sala a passos largos, abriu a porta rapidamente e puxou para dentro uma mulher grande e magra, que ele agarrou pelo ombro. Ela entrou, debatendo-se desajeitadamente, como uma galinha imensa e desengonçada, cacarejando ao ser arrancada do ninho.

— Deixe-me em paz! O que é que você está fazendo? — ela gritou com voz estridente.

— Ora, Susan, o que é isso?

— Bem, madame, eu estava chegando para perguntar se as visitas iam ficar para o almoço, quando este homem pulou em cima de mim.

— Eu a estava ouvindo durante os últimos cinco minutos, mas não quis interromper sua história tão interessante. Apenas um pouco ofegante, Susan, não é? Você respira forte demais para este tipo de trabalho.

Susan virou o rosto zangado mas espantado para o seu captor.

— De qualquer modo, quem é você, e que direito tem de me arrastar por aí desse jeito?

— Foi simplesmente porque eu queria fazer uma pergunta na sua presença. Senhora Maberley, mencionou a alguém que ia escrever-me para fazer uma consulta?

— Não, sr. Holmes, eu não o fiz.

— Quem levou sua carta ao correio?

— Susan.

— Exatamente. Agora, Susan, para quem foi que você escreveu ou mandou um recado dizendo que sua patroa estava pedindo a minha ajuda?

— Isso é mentira. Não mandei nenhuma mensagem.

— Ora, Susan, pessoas ofegantes podem não viver muito, você sabe. Falar mentiras é uma coisa má. A quem você contou?

— Susan — disse sua patroa —, acredito que você seja uma mulher má e traiçoeira. Lembro-me agora de que a vi falando com alguém, por cima da cerca.

— Aquilo é só da minha conta — disse a mulher, com raiva.

— E se eu disser que foi com Barney Stockdale que você falou? — perguntou Holmes.

— Bem, se você sabe, por que está perguntando?

— Eu não tinha certeza, mas agora tenho. Bem, Susan, você pode ganhar dez libras se me disser quem está por trás de Barney.

— Alguém que poderia me dar mil libras para cada dez que você tem no mundo.

— Então, um homem tão rico? Não, você sorriu. Uma mulher rica. Agora que já fomos tão longe, você pode, também, dizer-me o nome e receber as dez libras.

— Prefiro vê-lo no inferno primeiro.

— Oh, Susan! Olhe a linguagem!

— Vou dar o fora daqui. Já estou cheia de vocês todos. Mandarei buscar minha mala amanhã — ela dirigiu-se rapidamente para a porta.

— Adeus, Susan. Você precisa é de um calmante. Bem — ele continuou, passando rapidamente do tom espirituoso para o sério quando a porta se fechou atrás da mulher nervosa e zangada —, essa quadrilha deve ser levada a sério. Vejam como eles são rápidos no jogo. Sua carta, endereçada a mim, tinha o selo das dez da noite. E, mesmo assim, Susan informou Barney. Barney teve tempo de ir até o chefe e receber instruções; ele ou ela... acho que é “ela” por causa do sorriso de Susan, quando pensou que eu me tivesse enganado... faz um plano. Black Steve é chamado, e eu, na manhã seguinte, às 11 horas, sou advertido de que devo me manter afastado. Isto é trabalho rápido, a senhora compreende.

— Mas o que eles querem?

— Sim, este é o problema. Antes da senhora, quem era o dono da casa?

— Um capitão da Marinha reformado, chamado Ferguson.

— Alguma coisa digna de menção a respeito dele?

— Nada de que eu soubesse.

— Eu estava me perguntando se ele teria enterrado alguma coisa. É claro que hoje em dia, quando as pessoas enterram tesouros, o fazem no Banco do Correio. Mas sempre existem alguns malucos. Sem eles o mundo seria insípido. A princípio pensei em valores enterrados. Mas, neste caso, por que eles iriam querer a mobília? A senhora não teria por acaso um Rafael ou uma primeira edição de Shakespeare sem saber disso?

— Não, acho que não penso que tenho nada mais raro do que um aparelho de chá Crown Derby.

— Isto dificilmente justificaria tanto mistério. Além disso, por que é que eles não dizem logo o que querem? Se cobiçam seu aparelho de chá, eles podem decerto oferecer-lhe um preço por ele, sem precisar comprar tudo que a senhora possui. Não, o que eu acho é que existe alguma coisa que a senhora não sabe que tem, e da qual não abriria mão, se soubesse.

— É isto o que eu penso — eu disse.

— O dr. Watson concorda, de modo que isso confirma o que eu disse.

— Bem, sr. Holmes, o que pode ser?

— Vamos ver se conseguimos chegar a uma conclusão melhor, apenas com a análise mental. A senhora está nesta casa há um ano.

— Quase dois.

— Tanto melhor. Durante este longo período, ninguém quis nada da senhora. Agora, de repente, há três ou quatro dias, a senhora recebeu ofertas urgentes. Que conclusão a senhora tira disso?

— Isto pode significar — eu disse — que o objeto, qualquer que seja, acabou de chegar a esta casa.

— Mais uma vez de acordo — disse Holmes. — Sra. Maberley, há algum objeto que tenha acabado de chegar?

— Não; não comprei nada novo este ano.

— Realmente, isto é estranho. Bem, acho que o melhor que temos a fazer é deixar que as coisas progridam um pouco mais, até que possamos obter informações mais claras. Este seu advogado é um homem competente?

— O sr. Sutro é extremamente competente.

— A senhora tem outra criada ou foi a loura Susan, ela própria, quem acabou de bater na porta da frente?

— Tenho uma mocinha.

— Tente fazer com que Sutro passe uma ou duas noites na casa, a senhora pode precisar de proteção.

— Contra quem?

— Quem sabe? O caso é misterioso. Se eu não conseguir descobrir o que eles querem, terei de abordar o assunto pela outra ponta e tentar chegar ao chefão. O corretor imobiliário deu algum endereço?

— Apenas seu cartão e sua profissão. Haines, Johnson, leiloeiro e avaliador.

— Acho que não iremos encontrá-lo na lista telefônica. Profissionais honestos não escondem seu local de trabalho. Bem, a senhora me informará sobre qualquer fato novo. Aceitei este caso, e a senhora pode confiar que irei até o fim.

Quando passamos pelo vestíbulo, os olhos de Holmes, que não deixam escapar nada, descobriram muitas malas e caixas que estavam empilhadas num canto. As etiquetas eram bem visíveis.

— “Milão”, “Lucernia”. Vieram da Itália.

— São as coisas do pobre Douglas.

— A senhora ainda não as abriu? Há quanto tempo estão aqui?

— Chegaram na semana passada.

— Mas aí está. Ora, certamente isto deve ser o elo que faltava. Como é que a senhora sabe que não há nada de valor aí dentro?

— Isto não seria possível, sr. Holmes. O pobre Douglas recebia apenas o seu salário e uma pequena renda anual. O que ele poderia ter de valor?

Holmes refletiu durante algum tempo.

— Não protele mais, sra. Maberley — ele disse finalmente. — Mande levar essas coisas para cima, para o seu quarto. Examine-as quanto antes, e veja o que contêm. Voltarei amanhã e ouvirei seu relato.

Era evidente que As Três Cumeeiras estava sob vigilância, pois, quando contornamos a alta cerca viva no final da rua, lá estava o negro pugilista parado na sombra. Nós nos aproximamos dele de repente, e, naquele lugar ermo, sua figura era medonha e ameaçadora. Holmes enfiou depressa a mão no bolso.

— Procurando seu revólver, *sinhô* Holmes, não é?

— Não, meu vidro de perfume, Steve.

— *Tá* querendo *sê* engraçado, *sinhô* Holmes.

— Não vai ser engraçado para você, Steve, se eu o apanhar. Eu lhe dei um aviso bastante claro esta manhã.

— Bem, *sinhô* Holmes, eu pensei sobre o que me disse e não quero mais papo sobre este assunto do *sinhô* Perkins. Se *pudé ajudá*, *sinhô* Holmes, estou às ordens.

— Então diga-me quem está por trás de você neste negócio.

— Que Deus me ajude! *Sinhô* Holmes, eu falei a verdade antes. Eu não sei. Meu chefe Barney me dá as ordens, e isto é tudo.

— Bem, ponha na sua cabeça, Steve, que a senhora naquela casa e tudo sob aquele teto estão sob minha proteção. Não se esqueça disto.

— Está bem, *sinhô* Holmes. Vou me *lembrá*.

— Eu o fiz temer pela própria pele, Watson — observou Holmes, enquanto caminhávamos. — Acho que ele teria traído seu chefe se soubesse quem era. Foi sorte eu ter conhecimento do grupo de Spencer John, e que Steve fosse um deles. Ora, Watson, este é um caso para Langdale Pike, e vou vê-lo agora. Quando eu voltar, talvez possa estar mais informado sobre o caso.

Não vi mais Holmes durante o dia, mas podia imaginar como ele o passou, pois Langdale Pike era seu livro humano de referências sobre todos os escândalos sociais. Esta criatura esquisita e mórbida passava as horas que ficava acordado na janela de um clube, na St. James’ Street, e era a estação receptora e transmissora de todos os mexericos da metrópole. Dizia-

se que ele tinha uma renda de quatro algarismos pelas notícias que ele fornecia, toda semana, aos jornais de segunda categoria, que atendiam a um público muito curioso. Se houvesse algum redemoinho ou turbilhão estranhos, bem lá embaixo, nas profundezas da turva vida londrina, seria registrado na superfície com precisão automática por esse mostrador humano. Holmes ajudava discretamente Langdale a tomar conhecimento de fatos, e às vezes era ajudado por ele.

Quando encontrei meu amigo na manhã seguinte em seu quarto, seu comportamento deu-me a certeza de que estava tudo bem, mas, mesmo assim, uma surpresa bastante desagradável estava nos aguardando. Esta surpresa tomou a forma do seguinte telegrama:

> *Por favor, venha imediatamente. Casa do cliente assaltada à noite. Polícia no caso.*
>
> *Sutro*

Holmes deu um assobio.

— O drama transformou-se numa crise, e mais depressa do que eu esperava. Por trás desse negócio há uma grande força motriz, Watson, o que não me surpreende depois do que fiquei sabendo. Este Sutro, naturalmente, é o advogado dela. Acho que cometi um erro, não lhe pedindo que passasse a noite de guarda. Este sujeito mostrou claramente que não é digno de confiança. Bem, não há nada que se possa fazer, a não ser outra viagem a Harrow Weald.

Encontramos As Três Cumeeiras completamente diferente da tranquila casa de família do dia anterior. Um pequeno grupo de desocupados havia se reunido no portão do jardim, enquanto dois policiais estavam examinando as janelas e os canteiros de gerânios. Dentro da casa encontramos um cavalheiro idoso, de cabelos grisalhos, que se apresentou como o advogado, juntamente com um alvoroçado e corado inspetor da polícia, que cumprimentou Holmes como a um velho amigo.

— Ora, sr. Holmes, não há qualquer oportunidade para o senhor neste caso. Apenas um caso de assalto comum, e perfeitamente dentro da capacidade da pobre e velha polícia. Não é necessário um perito.

— Tenho certeza de que o caso está em ótimas mãos — disse Holmes. — O senhor acha que é apenas um assalto comum?

— Perfeitamente. Sabemos muito bem quem são os homens e como encontrá-los. É a quadrilha de Barney Stockdale, e aquele negro grandão está nessa. Ele foi visto nestas redondezas.

— Excelente! E o que foi que eles levaram?

— Bem, parece que não levaram muita coisa. Fizeram a sra. Maberley dormir com clorofórmio e a casa foi... Ah! Aqui está a senhora.

Nossa amiga do dia anterior, parecendo muito pálida e doente, tinha entrado na sala, apoiando-se numa pequena criada.

— O senhor me deu um bom conselho, sr. Holmes — ela disse, sorrindo com pesar. — Ai de mim! Eu não o ouvi! Não quis incomodar o sr. Sutro, de modo que fiquei desprotegida.

— Eu só soube hoje de manhã — explicou o advogado.

— O sr. Holmes aconselhou-me a ficar com algum amigo em casa. Não dei importância ao seu conselho e paguei por isso.

— A senhora parece muito doente. Talvez seja difícil contar-me o que ocorreu.

— Está tudo aqui — disse o inspetor, dando uma pancadinha num volumoso caderno de anotações.

— Mesmo assim, se a senhora não estiver cansada demais...

— Há realmente tão pouco para contar. Não tenho dúvida de que a malvada da Susan planejou uma maneira de eles entrarem. Eles deviam conhecer a casa muito bem. Durante um minuto tive consciência do pano com clorofórmio com que taparam a minha boca, mas não sei quanto tempo fiquei sem sentidos. Quando acordei, um dos homens estava ao lado da cama e o outro estava se levantando, tendo na mão um pacote que retirou da bagagem de meu filho, que estava parcialmente aberta e espalhada no chão. Antes que ele conseguisse fugir, dei um pulo e o agarrei.

— A senhora arriscou-se muito — disse o inspetor.

— Eu me agarrei a ele, mas ele conseguiu se livrar, e o outro deve ter me golpeado, porque não consigo me lembrar de mais nada. Mary, a criada, ouviu o barulho e começou a gritar na janela. Isto atraiu a polícia, mas os patifes tinham ido embora.

— O que foi que eles levaram?

— Bem, não acho que esteja faltando alguma coisa de valor. Tenho certeza de que não havia nada nas malas do meu filho.

— Os homens não deixaram nenhuma pista?

— Há uma folha de papel que eu devo ter arrancado do homem a quem me agarrei. Estava no chão, todo amassado. A letra é do meu filho.

— O que significa que não tem grande utilidade — disse o inspetor. — Agora, se pertencesse ao ladrão...

— Exatamente — disse Holmes. — Que bom senso aguçado! Mesmo assim, estou curioso para ver este papel.

O inspetor tirou de sua agenda uma folha de papel almaço dobrada.

— Eu nunca deixo passar nada, por mais insignificante que seja — ele disse com certa afetação. — Este é o conselho que lhe dou, sr. Holmes. Em 25 anos de experiência, aprendi minha lição. Existe sempre a possibilidade de uma impressão digital ou de alguma outra coisa.

Holmes examinou a folha de papel.

— O que o senhor acha disto, inspetor?

— Pelo que posso ver, parece ser o final de um romance excêntrico.

— Pode ser mesmo o final de uma história excêntrica — disse Holmes. — O senhor reparou no número no alto da página? É o número 245. Onde estão as outras 244 páginas?

— Ora, imagino que os ladrões apanharam essas folhas. Vão ser muito úteis para eles!

— Parece uma coisa esquisita entrar numa casa a fim de roubar papéis como esses. Isto lhe sugere alguma coisa, inspetor?

— Sim, senhor; sugere que os malandros, na pressa, agarraram o que lhes caiu primeiro na mão. Desejo que se divirtam com o que roubaram.

— Por que estariam interessados nas coisas do meu filho? — perguntou a sra. Maberley.

— Bem, eles não encontraram nada de valioso no primeiro andar, de modo que tentaram a sorte no andar de cima. Essa é a minha opinião. O que acha disso, sr. Holmes?

— Preciso refletir sobre isto, inspetor. Venha até a janela, Watson.

Então, quando ficamos sozinhos, ele leu rapidamente o que estava escrito no pedaço de papel. Começava no meio de uma frase e continuava assim:

> *...o rosto sangrava muito pelos cortes e golpes, mas isto não era nada comparado ao sangramento do seu coração, quando ele viu aquele rosto adorável, pelo qual estava pronto a sacrificar sua própria vida, contemplando sua agonia e sua humilhação. Ela sorriu — sim, por*

> *Deus! Ela sorriu, como o demônio sem coração que era, quando ele ergueu os olhos para ela. Foi naquele momento que o amor morreu e nasceu o ódio. O homem precisa viver por alguma coisa. Se não for pelo seu abraço, minha senhora, então o será certamente pela sua destruição e pela minha completa vingança.*

— Que maneira estranha de se expressar! — disse Holmes, com um sorriso, ao devolver o papel ao inspetor. — O senhor notou como o ele, de repente, mudou para minha? O escritor estava tão arrebatado pela sua própria história que, no momento supremo, imaginou que ele próprio era o herói.

— Parece literatura muito pobre — disse o inspetor, enquanto guardava novamente o papel na sua agenda. — Mas o senhor já vai, sr. Holmes?

— Acho que não tenho mais nada a fazer neste caso, agora que ele está em mãos tão competentes. A propósito, sra. Maberley, a senhora disse que gostaria de viajar?

— Este sempre foi o meu sonho, sr. Holmes.

— Para onde gostaria de ir... Cairo, Madeira, Riviera?

— Oh! Se eu tivesse dinheiro, faria a volta ao mundo.

— Perfeitamente. A volta ao mundo. Bem, bom dia. Talvez eu lhe mande um bilhete, à noite.

Quando passamos pela janela, vi, de relance, o inspetor sorrindo e sacudindo a cabeça. Estes sujeitos muito espertos têm sempre um quê de loucura. Foi o que percebi no sorriso do inspetor.

— Agora, Watson, estamos na última etapa de nossa curta viagem — disse Holmes, quando voltamos mais uma vez ao barulhento centro de Londres. — Acho que devemos esclarecer este assunto imediatamente; e seria bom se você pudesse me acompanhar, porque é mais seguro ter uma testemunha quando lidamos com uma dama como Isadora Klein.

Tínhamos tomado um cabriolé e seguimos velozmente para algum lugar em Grosvenor Square. Holmes estivera mergulhado em seus pensamentos, mas animou-se de repente.

— A propósito, Watson, acho que você já percebeu tudo.

— Não, não posso dizer isso. Só entendi que vamos ver a senhora que está por trás de toda esta confusão.

— Exatamente! Mas esse nome, Isadora Klein, não significa nada para você? Ela era, é claro, famosa por sua beleza. Nunca houve mulher que se comparasse a ela em beleza. Ela é uma espanhola genuína, sangue verdadeiro dos altivos conquistadores, e seu povo tem tido líderes importantes em Pernambuco durante gerações. Ela casou-se com um alemão idoso, rei do açúcar, Klein, e atualmente é a viúva mais rica e também mais adorável da face da terra. Então houve um intervalo de aventuras, quando ela satisfez suas próprias preferências. Teve vários amantes, e Douglas Maberley, um dos homens mais admiráveis de Londres, foi um deles. Com ele, sem dúvida, foi mais do que uma aventura. Ele não era um doidivanas da sociedade, mas um homem forte, orgulhoso, que dava tudo e também esperava tudo. Mas ela é a *belle dame sans merci* de romance da ficção. Quando seu capricho é satisfeito, acaba o interesse e, se a outra parte interessada não quiser acreditar, ela sabe como fazê-la compreender.

— Então, esta era a própria história dele...

— Ah! Você agora está juntando as peças do quebra-cabeça. Ouvi dizer que ela está para se casar com o jovem duque de Lomond, que quase poderia ser seu filho. A mãe do jovem duque pode perdoar a idade, mas um grande escândalo seria uma coisa diferente, de modo que é imprescindível... Ah! Chegamos.

Era uma das melhores casas de esquina do West End. Um lacaio, que parecia uma máquina, pegou nossos cartões e voltou dizendo que a senhora não estava em casa.

— Então, vamos esperar até que ela esteja — disse Holmes alegremente.

A máquina sucumbiu.

— Não está em casa significa que não está para os senhores — disse o lacaio.

— Ótimo — respondeu Holmes. — Isto significa que não teremos de esperar. Por favor, entregue este bilhete à sua patroa.

Ele escreveu três ou quatro palavras numa folha do seu caderno de anotações, dobrou-a e entregou-a ao lacaio.

— O que foi que você disse, Holmes? — perguntei.

— Eu escrevi simplesmente: “Então, será a polícia?” Acho que isso nos fará entrar.

E fez — com espantosa rapidez. Um minuto depois estávamos numa sala de visitas das mil e uma noites, ampla e maravilhosa, numa penumbra, produzida por algumas lâmpadas elétricas cor-de-rosa. Percebi que a senhora havia chegado àquela idade em que até mesmo a mulher mais orgulhosa de sua beleza acha a penumbra mais conveniente. Ela se levantou do sofá quando entramos: alta, majestosa, uma figura perfeita, um rosto adorável parecido com uma máscara, dois maravilhosos olhos espanhóis que nos fitavam como se quisessem nos matar.

— O que significa esta invasão... e esta mensagem insolente? — ela perguntou, segurando o pedaço de papel.

— Não preciso explicar, madame. Respeito demais sua inteligência para fazer isso... embora reconheça que a sua inteligência ultimamente tem se enganado.

— Como assim, senhor?

— Supondo que seus capangas contratados pudessem me amedrontar, afastando-me do meu trabalho. Com certeza, nenhum homem abraçaria minha profissão, se não tivesse atração pelo perigo. Foi a senhora, portanto, que me forçou a examinar o caso do jovem Maberley.

— Não tenho ideia do que o senhor está falando. O que tenho eu a ver com capangas contratados?

Holmes afastou-se de mau humor.

— Sim, subestimei sua inteligência. Bem, boa tarde!

— Pare! Aonde o senhor vai?

— À Scotland Yard.

Ainda não havíamos chegado à metade do caminho para a porta quando ela nos alcançou e segurou o braço dele. Num minuto, ela se transformara de aço em veludo.

— Cavalheiros, venham, sentem-se. Vamos discutir o assunto. Sinto que posso ser franca com o senhor. Acho que o senhor tem os sentimentos de um cavalheiro. Como o instinto feminino descobre isso depressa, sr. Holmes. Vou tratá-lo como se fosse um amigo.

— Não posso prometer retribuição, madame. Não sou a lei, mas represento a justiça até onde os meus frágeis poderes alcançam. Estou pronto para ouvir, e depois lhe direi como vou agir.

— Sem dúvida, foi uma tolice de minha parte ameaçar um homem corajoso como o senhor.

— O que realmente foi uma tolice, madame, é que a senhora se colocou em poder de um bando de patifes, que podem fazer chantagem ou traí-la.

— Não, não! Não sou assim tão ingênua. Já que lhe prometi ser franca, posso dizer-lhe que ninguém, a não ser Barney Stockdale e Susan, sua mulher, tem a mínima ideia de quem seja seu chefe. Quanto a eles, bem, não é a primeira... — Ela sorriu e inclinou a cabeça com uma intimidade encantadora e provocante.

— Compreendo. A senhora os testou antes.

— São bons cães de caça, que correm silenciosamente.

— Esses cães têm o hábito de, mais cedo ou mais tarde, morder as mãos que os alimentam. Eles serão presos por este assalto. A polícia já está atrás deles.

— Eles receberão o que lhes couber. É para isso que são pagos. Eu não vou aparecer neste caso.

— A menos que eu a faça aparecer.

— Não, não; o senhor não faria isso. O senhor é um cavalheiro. Isto é o segredo de uma mulher.

— Em primeiro lugar, a senhora deve devolver este manuscrito.

Ela começou a rir e aproximou-se da lareira. Havia uma massa calcinada que ela despedaçou com o atiçador.

— Devo devolver isto? — ela perguntou. Parecia tão travessa e delicada, em pé na nossa frente, com um sorriso desafiador, que eu pensei que, entre todos os criminosos de Holmes, este seria o mais difícil de encarar. Mas ele estava imune ao sentimento.

— Isto sela o seu destino — ele disse friamente. — A senhora é muito rápida em suas ações, madame, mas desta vez exagerou.

Ela jogou o atiçador no chão com raiva.

— Como o senhor é insensível! — ela gritou. — Posso contar-lhe toda a história?

— Acho que eu poderia contá-la à senhora.

— Mas o senhor precisa ver tudo com os meus olhos, sr. Holmes. O senhor precisa compreender isto do ponto de vista de uma mulher que vê a ambição de sua vida inteira ser arruinada no último momento. Esta mulher deve ser censurada por proteger a si mesma?

— O pecado inicial foi seu.

— Sim, sim! Admito isto. Ele era um encanto de rapaz, Douglas, mas acontece que não podia se encaixar nos meus planos. Ele queria casar-se. Casar-se, sr. Holmes, um plebeu sem um vintém. Nada menos do que isso o satisfaria. Então, ele ficou obstinado. Pelo fato de eu ter cedido, ele parecia pensar que eu deveria continuar cedendo, e somente a ele. Era intolerável. Finalmente tive de fazê-lo compreender isto.

— Contratando bandidos para espancá-lo, debaixo da sua própria janela.

— O senhor parece mesmo saber de tudo. Bem, é verdade. Barney e os rapazes o afugentaram, e foram, eu reconheço, um pouco rudes ao fazerem isso. Mas o que foi que ele fez então? Eu nunca poderia acreditar que um cavalheiro fosse capaz de agir assim. Ele escreveu um livro, no qual conta sua própria história. Eu, naturalmente, era o lobo; ele era o cordeiro. Estava tudo lá, com nomes diferentes, é claro, mas quem, em toda a cidade de Londres, deixaria de reconhecer-nos? O que o senhor diz disto, sr. Holmes?

— Bem, ele estava no seu direito.

— Foi como se o ar da Itália tivesse entrado no sangue dele e trazido o antigo espírito italiano cruel. Ele me escreveu e mandou uma cópia de seu livro para que eu pudesse sentir a tortura da expectativa. Ele disse que havia duas cópias, uma para mim, outra para seu editor.

— Como você soube que a cópia do editor não chegou ao seu destino?

— Eu sabia quem era o editor. O senhor sabe, este não era o seu único romance. Descobri que o editor não tinha recebido notícias da Itália. Então houve a morte repentina de Douglas. Enquanto o outro manuscrito estivesse solto por aí, eu não estaria segura. É claro que ele deveria estar entre os objetos dele, e estes seriam devolvidos à sua mãe. Pus a quadrilha para trabalhar. Um deles introduziu-se na casa como criada. Eu queria fazer a coisa honestamente. Eu o fiz real e verdadeiramente. Estava disposta a comprar a casa e tudo dentro dela. Ofereci qualquer preço que ela quisesse pedir. Só tentei da outra maneira quando tudo o mais falhou. Agora, sr. Holmes, concordando em que fui dura demais com Douglas, e Deus sabe, estou arrependida!, o que mais eu poderia fazer com todo o meu futuro em jogo?

Sherlock Holmes encolheu os ombros.

— Bem, bem — ele disse —, presumo que terei de fazer um acordo, como sempre. Quanto custa uma viagem de primeira classe ao redor do mundo?

A dama encarou-o com espanto.

— Poderia ser feita com cinco mil libras?

— Bem, acho que sim, realmente!

— Muito bem. Acho que a senhora vai assinar um cheque com esta quantia, e eu providenciarei para que ele chegue à sra. Maberley. A senhora lhe deve uma pequena mudança de ares. Enquanto isto, madame — ele disse, apontando-lhe o indicador —, cuidado! Cuidado! Não poderá brincar, eternamente, com ferramentas afiadas sem acabar cortando essas mãos delicadas.

A AVENTURA DO VAMPIRO DE SUSSEX

HOLMES LEU COM ATENÇÃO O BILHETE QUE CHEGAVA PELO último correio. Depois, com um sorriso seco, que era sua maneira de rir, jogou-o para mim.

— Para uma mistura do moderno com o medieval, do prático com o fantasioso, acho que isto, certamente, é o limite. O que você acha disto, Watson?

Li o seguinte:

OLD JEWRY 46
Ref.: Vampiros
19 de novembro

SENHOR,

Nosso cliente, sr. Robert Ferguson, de Ferguson e Muirhead, corretores de chá, de Mincing Lane, consultou-nos, através de uma carta da mesma data, a respeito de vampiros. Como nossa firma é especializada em avaliação de máquinas, o assunto dificilmente estaria dentro de nossa área de atuação, e nós, portanto, recomendamos ao sr. Ferguson que recorresse ao senhor e que lhe expusesse o assunto. Nós não nos esquecemos de sua atuação bem-sucedida no caso de Matilda Briggs.

Respeitosamente,

Morrison, Morrison e Dodd
p.E.J.C.

— *Matilda Briggs* não era o nome de uma moça, Watson — disse Holmes, como quem está se recordando. — Era um navio que está associado ao rato gigante de Sumatra, uma história para a qual o mundo ainda não está preparado. Mas o que é que nós sabemos a respeito de vampiros? Será que isto também está dentro de nossa área de atuação? Qualquer coisa é melhor do que o marasmo, mas, realmente, parece que nós fomos transportados para um conto de fadas de Grimm. Estique o braço, Watson, e veja o que o V tem a dizer.

Inclinei-me para trás e apanhei o grande volume do índice a que ele se referia. Holmes equilibrou-o sobre os joelhos, e seus olhos percorreram vagarosa e ternamente o registro de casos antigos misturado com as informações acumuladas durante uma vida interior.

— Viagem do *Gloria Scott* — ele leu. — Esse foi um trabalho difícil. Lembro que você fez um registro deste caso, Watson, embora eu não pudesse felicitá-lo pelo resultado. Victor Lynch, o falsário Venomous, lagarto venenoso ou gila. Um caso extraordinário aquele! Vittoria, a beldade do circo. Vanderbilt e o arrombador de cofres. Víboras, Vigor, o ferreiro prodígio. Ah! Oi! Bom e velho índice. Você não pode enganá-lo. Ouça isto, Watson. Vampirismo na Hungria. E, novamente, Vampiros na Transilvânia. — Ele virou as páginas ansiosamente, mas, após um exame rápido, atento e minucioso, jogou o livro no chão com um resmungo de decepção.

— É bobagem, Watson, bobagem! O que temos a ver com cadáveres que andam e que só podem ser conservados em seus túmulos por estacas enfiadas em seus corações? Isto é pura loucura.

— Mas, com certeza — eu disse —, o vampiro nem sempre era um homem morto. Um vivo poderia ter este hábito. Li, por exemplo, a respeito de velhos que chupavam o sangue dos jovens, a fim de conservar a juventude.

— Você está certo, Watson. O livro faz alusão à lenda em uma dessas referências. Mas devemos levar a sério coisas como essas? Esta agência está firme no chão e aí deve continuar. O mundo é grande o bastante para nós. Não há necessidade de procurarmos fantasmas. Acho que não podemos levar o sr. Ferguson muito a sério. Possivelmente este bilhete é dele e pode esclarecer um pouco o que o está preocupando.

Ele apanhou uma segunda carta que tinha ficado despercebida na mesa enquanto ele estivera absorvido com a primeira. Começou a lê-la com um sorriso divertido no rosto, que aos poucos foi substituído por uma expressão de interesse e de concentração intensa. Quando terminou, ficou sentado por algum tempo perdido em seus pensamentos, com a carta pendendo de seus dedos. Por fim, saiu de seu devaneio.

— Cheeseman’s, Lamberley. Onde fica Lamberley, Watson?

— Fica em Sussex, sul de Horsham.

— Não é muito longe, hein? E Cheeseman’s?

— Conheço aquela região, Holmes. Está cheia de velhas casas antigas que foram batizadas com os nomes dos homens que as construíram há séculos. Você tem Odley’s, Harvey’s e Carriton’s. As pessoas estão esquecidas, mas o nome delas sobrevive nas casas.

— Justamente — disse Holmes com frieza. Esta era uma das peculiaridades de sua natureza orgulhosa e reservada, que, embora registrasse em seu cérebro qualquer informação nova com muita rapidez e exatidão, raramente deixava que o informante o percebesse. — Acho que vamos saber muito mais a respeito de Cheeseman’s, Lamberley, antes de acabarmos com esta história. A carta é, como eu esperava, de Robert Ferguson. A propósito, ele afirma que o conhece.

— A mim!

— É melhor que você leia isto.

Ele me estendeu a carta. Dizia o seguinte:

> *Prezado sr. Holmes:*
> *O senhor me foi recomendado pelos meus advogados, mas, na verdade, o assunto é tão extraordinariamente delicado que é muito difícil discuti-lo. O assunto diz respeito a um amigo, em nome de quem estou agindo. Este cavalheiro casou-se, há uns cinco anos, com uma senhora peruana, filha de um comerciante peruano, que ele havia conhecido quando tratava de importação de nitratos. A senhora era muito bonita, mas o fato de ser estrangeira e de seguir uma religião estranha sempre causou uma divergência de interesses e de sentimentos entre marido e mulher, de modo que, depois de algum tempo, seu amor por ela deve ter arrefecido e ele deve ter começado a encarar a união como um erro. Ele sentia que havia facetas no caráter*

dela que ele nunca conseguia sondar ou compreender. Isto era o mais penoso, porque ela era a esposa mais carinhosa que um homem poderia ter — e absolutamente dedicada, segundo parecia.

Agora, quanto ao problema, eu o explicarei melhor quando nos encontrarmos. Na verdade, esta carta é apenas para dar-lhe uma ideia geral da situação e para verificar se o senhor teria interesse no assunto. A senhora começou a manifestar algumas características bastante estranhas ao seu temperamento, geralmente amável e dócil. O cavalheiro havia se casado duas vezes e tinha um filho da primeira mulher. Este rapaz tinha, agora, 15 anos, um jovem encantador e carinhoso, embora, infelizmente, tivesse sido ferido num acidente na infância. A esposa foi flagrada duas vezes agredindo este pobre rapaz, sem que tivesse havido provocação alguma. Uma vez ela o atacou com uma vara, deixando um grande vergão em seu braço.

Mas isto é insignificante quando comparado com sua conduta para com seu próprio filho, um menino adorável, com menos de um ano. Em certa ocasião, mais ou menos há de um mês, esta criança havia sido deixada só pela ama durante alguns minutos. Um grito de dor da criança fez a ama voltar. Quando entrou correndo no quarto, ela viu sua patroa debruçada sobre a criança e, aparentemente, mordendo o seu pescoço. Havia uma pequena ferida ali, de onde saía um fluxo de sangue. A ama ficou tão horrorizada que quis chamar o marido, mas a senhora lhe implorou para que não o fizesse e deu-lhe cinco libras em troca do seu silêncio. Nenhuma explicação foi dada, e naquela ocasião o assunto foi esquecido.

Mas deixou uma impressão terrível na mente da ama, e desde então ela passou a vigiar a patroa de perto e a proteger atentamente a criança, que ela amava, com carinho. Parecia-lhe que, da mesma maneira que ela vigiava a mãe, a mãe também a vigiava e que, cada vez que ela era obrigada a deixar a criança sozinha, a mãe estava esperando para se aproximar da criança. Dia e noite a ama protegia a criança, e dia e noite a mãe silenciosa e atenta parecia estar à espreita, como um lobo que espera pela ovelha. Isto pode lhe parecer inacreditável, mas peço-lhe que leve isto a sério, pois a vida de uma criança e a sanidade mental de um homem podem depender disto.

Finalmente chegou o dia terrível em que os fatos não puderam mais ser ocultados do marido. Os nervos da ama haviam cedido; ela não podia mais suportar a tensão e contou tudo ao patrão. Para ele, parecia uma história assombrosa, como agora deve lhe parecer. Ele sabia que a mulher era uma esposa amorosa e, exceto pelos ataques ao enteado, uma mãe amorosa. Por que, então, ela iria ferir seu próprio filhinho tão querido? Ele disse à ama que ela estava sonhando, que suas suspeitas eram de uma lunática e que essas acusações contra a sua patroa não podiam ser toleradas. Enquanto conversavam, ouviram um grito de dor. Ama e patrão correram para o quarto da criança. Imagine, sr. Holmes, o que ele sentiu, quando viu sua esposa levantar-se da posição em que estava, ajoelhada ao lado do berço, e viu sangue no pescoço da criança e no lençol. Com um grito de horror, ele virou o rosto de sua mulher para a luz e viu sangue em volta de seus lábios. Foi ela, ela, acima de qualquer dúvida, quem havia bebido o sangue da criança.

As coisas agora estão neste pé. Ela está confinada em seu quarto. Não houve explicação. O marido está quase louco. Ele e eu sabemos muito pouco a respeito de vampirismo, além do nome. Pensávamos que fosse alguma fábula extraordinária, de regiões estrangeiras. No entanto, aqui, bem no coração da inglesa Sussex — bem, tudo isto pode ser discutido com o senhor pela manhã. O senhor me receberá? Usará sua capacidade extraordinária para ajudar um homem desorientado? Neste caso, por favor, telegrafe para Ferguson, Cheeseman's, Lamberley, e estarei em seus aposentos às dez horas.

Atenciosamente,

Robert Ferguson

P.S. Acho que seu amigo Watson jogava rúgbi por Blackheath, quando eu era three-quarter *do Richmond — a única apresentação pessoal que lhe posso dar!*

— É claro que me lembro dele — eu disse, enquanto colocava a carta na mesa. — O grande Bob Ferguson, o melhor *three-quarter* que o Richmond já teve. Sempre foi um sujeito bonachão. É típico dele preocupar-se tanto com a situação de um amigo.

Holmes olhou-me pensativamente e sacudiu a cabeça.

— Eu nunca sei até onde você pode chegar, Watson — ele disse. — Há possibilidades inexploradas em você. Passe um telegrama. Examinaremos o seu caso com prazer.

— *Seu* caso!

— Não devemos deixar que ele pense que esta agência é uma casa para doentes mentais. É claro que este é o caso dele. Mande-lhe o telegrama e deixe o assunto para amanhã.

Exatamente às dez da manhã seguinte, Ferguson entrou com passos largos em nossa sala. Lembrava-me dele como um homem grande, as partes laterais do corpo protegidas por uma armadura, os membros desembaraçados e um excelente aproveitamento de velocidade, que o fez passar por muitas defesas adversárias. Certamente não há nada mais doloroso na vida do que encontrar a ruína de um excelente atleta que conhecemos em plena juventude. Sua constituição robusta havia minguado, seu cabelo louro estava ralo, e seus ombros, curvados. Receio ter causado nele impressão semelhante.

— Olá, Watson — disse, e sua voz ainda era profunda e cordial. — Você não parece, absolutamente, o homem que era quando eu o joguei por cima das cordas, no meio da multidão, no Old Deer Park. Acho que eu também mudei um pouco. Mas foram estes últimos dois dias que me envelheceram. Percebi pelo seu telegrama, sr. Holmes, que não adianta eu fingir ser o representante de alguém.

— É mais simples tratar diretamente — disse Holmes.

— Claro que é. Mas o senhor pode imaginar como é difícil, quando se está falando da mulher que se tem a obrigação de proteger e ajudar. O que posso fazer? Como posso ir à polícia com uma história dessas? No entanto, as crianças precisam ser protegidas. É loucura, sr. Holmes? É alguma coisa no sangue? O senhor, com a sua experiência, já teve algum caso semelhante? Pelo amor de Deus, dê-me algum conselho, pois estou perplexo.

— É muito natural, sr. Ferguson. Agora, sente-se aqui, faça mais um esforço e dê-me algumas respostas claras. Posso assegurar-lhe que estou longe de estar perplexo e tenho certeza de que encontraremos uma solução. Antes de mais nada, diga-me que providências tomou. Sua esposa ainda está perto das crianças?

— Tivemos uma cena horrível. Ela é a mais adorável das mulheres, sr. Holmes. Se alguma vez uma mulher amou um homem, com todo o seu coração e sua alma, ela me ama. E ficou arrasada por eu ter descoberto este horrível, este incrível segredo. Ela nem mesmo quis falar. E não respondeu às minhas censuras, apenas ficou me olhando com uma espécie de desespero feroz. Depois correu para o quarto e trancou-se por dentro. Desde então não quer me ver. Ela tem uma criada chamada Dolores, que já estava com ela antes do casamento, mais uma amiga do que uma criada. Dolores leva-lhe comida.

— Então a criança não corre perigo imediato?

— A sra. Mason, a ama, jurou que não a deixará sozinha, de noite ou de dia. Posso confiar totalmente nela. Estou mais preocupado com o coitado do Jack, porque, como lhe disse na minha carta, ele foi atacado por ela duas vezes.

— Mas nunca foi ferido?

— Não, ela bateu nele com crueldade. É mais terrível ainda porque ele é um pobre aleijado inofensivo. — As feições abatidas de Ferguson suavizaram-se enquanto falava do filho. — Você imaginaria que as condições do rapaz suavizariam o coração de qualquer um. Uma queda na infância e uma espinha torta, sr. Holmes. Mas, lá dentro, está o coração carinhoso mais valioso e terno.

Holmes havia apanhado a carta da véspera e a estava lendo.

— Que outras pessoas o senhor tem em casa, sr. Ferguson?

— Dois criados que estão há pouco tempo conosco. Um cavalariço, Michael, que dorme na casa. Minha esposa, eu, meu filho Jacky, o bebê, Dolores e a sra. Mason. Isto é tudo.

— Entendi que o senhor não conhecia muito bem sua esposa quando se casou com ela.

— Eu a havia conhecido poucas semanas antes.

— Há quanto tempo a criada Dolores está com ela?

— Alguns anos.

— Então Dolores deve conhecer melhor o caráter de sua esposa do que o senhor?

— Sim, é provável.

Holmes escreveu um bilhete.

— Presumo — disse ele — que eu possa ser mais útil em Lamberley do que aqui. Obviamente, este é um caso para uma investigação pessoal. Se a senhora continua em seu quarto, nossa presença não poderia aborrecê-la ou molestá-la. É claro que ficaríamos na hospedaria.

Ferguson fez um gesto de alívio.

— É o que eu esperava, sr. Holmes. Há um trem saindo às duas da tarde da estação Victoria, se o senhor quiser vir.

— É claro que iremos. Neste momento não tenho outros compromissos. Posso oferecer-lhe toda a minha energia. Watson, naturalmente, irá conosco. Mas há um ou dois detalhes que eu gostaria de esclarecer antes de partirmos. Esta infeliz senhora, conforme compreendi, parece ter atacado as duas crianças, seu próprio bebê e o seu filho pequeno?

— É o que lhe digo.

— Mas os ataques foram diferentes, não? Ela bateu em seu filho.

— Uma vez com uma vara, e outra vez com muita crueldade, com suas próprias mãos.

— Ela não explicou por que bateu nele?

— Não, a não ser que o odiava. Repetiu isto várias vezes.

— Ora, isto é comum entre as madrastas. Um ciúme póstumo, diríamos. A senhora tem uma natureza ciumenta?

— Sim, muito ciumenta, ciumenta com toda a força do seu impetuoso amor tropical.

— Mas o rapaz, ele está com 15 anos, foi o que entendi, e provavelmente tem a mente muito desenvolvida, já que seu corpo foi limitado em seus movimentos. Ele não lhe deu nenhuma explicação para esses ataques?

— Não, ele afirmou que não houve motivo.

— Eram bons amigos em outras ocasiões?

— Não; nunca houve amor entre eles.

— Mas o senhor diz que ele é carinhoso.

— Nunca houve no mundo filho mais dedicado. Minha vida é a vida dele. Ele vive absorvido no que digo ou faço.

Mais uma vez Holmes fez anotações. Durante algum tempo ele ficou sentado, perdido em seus pensamentos.

— Sem dúvida o senhor e seu filho eram grandes amigos antes deste segundo casamento. Os acontecimentos os aproximaram muito, não foi?

— Realmente, muito mesmo.

— E o rapaz, tendo uma natureza tão afetuosa, sem dúvida era dedicado à memória de sua mãe?

— Muitíssimo dedicado.

— Ele parece ser um rapaz bastante interessante. Há outro detalhe a respeito desses ataques que deve ser esclarecido. Os estranhos ataques contra o bebê e as agressões ao seu filho ocorreram na mesma ocasião?

— Da primeira vez foi isto o que aconteceu. Foi como se um furor tivesse se apossado dela, e ela houvesse descarregado sua cólera sobre ambos. Da segunda vez foi só o Jack que sofreu. A sra. Mason não teve queixas a fazer em relação ao bebê.

— Isto certamente complica a situação.

— Eu não o compreendo, sr. Holmes.

— É possível que não. Elaboramos teorias provisórias e esperamos que o tempo ou o conhecimento mais amplo as desenvolvam. É um mau hábito, sr. Ferguson, mas a natureza humana é fraca. Receio que seu velho amigo aqui tenha lhe dado uma opinião exagerada de meus métodos científicos. Mas direi apenas que, no estágio atual, seu problema não me parece insolúvel e que o senhor pode nos aguardar às duas horas na estação Victoria.

Era a noite de um escuro e nublado dia de novembro quando, após termos deixado nossas malas no Chequers, Lamberley, seguimos de charrete por uma longa e sinuosa estrada de argila, típica de Sussex, e finalmente chegamos à antiga e isolada casa de fazenda onde morava Ferguson. Era uma construção grande, irregular, muito velha no centro, bem nova nas extremidades, com chaminés altas estilo Tudor e um telhado muito inclinado, com retângulos de lousa cobertos de líquens. Os degraus gastos da porta estavam vergados pelo uso, e os azulejos antigos que revestiam o vestíbulo traziam o símbolo do construtor — um queijo e um homem. Dentro, os tetos eram nervurados com pesadas vigas de carvalho, e os assoalhos irregulares tinham cedido, formando ondas acentuadas. Um cheiro de velhice e decadência enchia toda a moradia em ruínas.

Havia uma sala central muito grande, para onde Ferguson nos conduziu. Ali, numa lareira imensa e antiga com um anteparo de ferro, datada de 1670, crepitava um esplêndido fogo de lenha.

Quando olhei em volta, vi que a sala era a mais estranha mistura de datas e lugares: as paredes revestidas de madeira até a metade podiam perfeitamente ter pertencido ao primeiro proprietário, no século XVII. Mas elas estavam ornamentadas, na parte inferior, com um revestimento em aquarela, moderno e de bom gosto, enquanto em cima, onde a caiação amarela substituiu o carvalho, estava dependurada uma bonita coleção de utensílios e armas sul-americanos que, sem dúvida, havia sido trazida pela senhora peruana, que se encontrava no andar de cima. Holmes levantou-se com aquela curiosidade que brotava de sua mente ávida e examinou-os com atenção. Voltou ao seu lugar com os olhos pensativos.

— Ei! — ele gritou. — Ei!

Um cachorro *spaniel* que estava deitado num cesto, no canto, começou a andar lentamente e com dificuldade na direção do seu dono. Suas pernas posteriores moviam-se de forma irregular, e seu rabo estava caído no assoalho. Ele lambeu a mão de Ferguson.

— O que foi, sr. Holmes?

— O cão. O que há com ele?

— É isto que intriga o veterinário. Uma espécie de paralisia. Meningite espinhal, ele concluiu. Mas é passageira. Em pouco tempo ele estará curado, não é, Carlo?

O cão balançou o rabo caído em sinal de aquiescência. Os olhos melancólicos do cão fixaram-se em cada um de nós. Ele sabia que estávamos discutindo seu caso.

— Isto aconteceu de repente?

— Em uma única noite.

— Há quanto tempo?

— Pode ter sido há quatro meses.

— Extraordinário. Muito sugestivo.

— O que vê o senhor nisto, sr. Holmes?

— Uma confirmação do que eu já havia pensado.

— Pelo amor de Deus, o que o senhor pensa, sr. Holmes? Para o senhor isto deve ser um enigma puramente intelectual, mas, para mim, é vida e morte! Minha esposa, uma suposta assassina, meu filho, em constante perigo. Não brinque comigo, sr. Holmes. É terrivelmente sério.

O grande *three-quarter* do rúgbi estava tremendo da cabeça aos pés. Holmes pôs a mão, num gesto tranquilizador, sobre o braço de Ferguson.

— Temo que o senhor vá sofrer, sr. Ferguson, qualquer que seja a solução — ele disse. — Eu o pouparia o máximo possível. Por enquanto, não posso dizer mais nada, mas, antes de sair desta casa, espero poder ter alguma coisa definitiva.

— Queira Deus que o senhor o consiga! Se os senhores me derem licença, irei até o quarto de minha mulher verificar se houve alguma mudança.

Ele ficou ausente alguns minutos, durante os quais Holmes recomeçou sua análise das curiosidades na parede. Quando nosso anfitrião voltou, seu rosto deprimido mostrou claramente que não houvera nenhum progresso. Ferguson trouxe uma moça alta, esbelta, de pele morena.

— O chá está pronto, Dolores — disse Ferguson. — Veja se a sua patroa tem tudo que possa desejar.

— Ela está muito doente! — exclamou a moça, olhando revoltada para o seu patrão. — Ela não pede comida. Ela muito doente. Ela precisa doutor. Eu assustada ficar sozinha com ela sem doutor.

Ferguson olhou para mim com uma expressão interrogativa.

— Eu gostaria de poder ajudar.

— Sua patroa receberia o dr. Watson?

— Eu leva ele. Eu não pede autorização. Ela precisa doutor.

— Então irei imediatamente com você.

Segui a moça, que estava trêmula de emoção, escada acima e ao longo de um velho corredor. No final havia uma porta maciça reforçada com ferro. Fiquei impressionado quando olhei para a porta, ao pensar que, se Ferguson tentasse entrar à força no quarto onde estava sua mulher, não o conseguiria com facilidade. A moça tirou uma chave do bolso, e as velhas dobradiças das pesadas e grossas tábuas de carvalho rangeram. Entrei e ela me seguiu rapidamente, aferrolhando a porta por dentro.

Uma mulher estava deitada na cama e via-se que tinha febre alta. Ela estava apenas semiconsciente, mas, quando entrei, ergueu os belos olhos assustados e fixou-os em mim com apreensão. Ao ver um estranho, pareceu aliviada e, com um suspiro, afundou de novo no travesseiro. Aproximei-me dela com algumas palavras tranquilizadoras, e ela permaneceu calma enquanto tomei-lhe o pulso e a temperatura. Os dois estavam altos, mas, mesmo assim, tive a impressão de que seu estado era mais uma excitação mental e nervosa do que alguma outra doença.

— Ela está assim há um ou dois dias. Eu com medo ela morra — disse a moça.

A mulher virou o rosto vermelho e bonito para mim.

— Onde está o meu marido?

— Ele está lá embaixo e gostaria de vê-la.

— Eu não o verei. Eu não o verei. — Depois pareceu estar delirando. — Um diabo! Um diabo! Oh, o que farei com este demônio?

— Posso ajudá-la de alguma maneira?

— Não. Ninguém pode ajudar. Acabou. Tudo está destruído. Não importa o que eu faça, está tudo destruído.

A mulher parecia ter algum sonho estranho. Eu não conseguia ver o honesto Bob Ferguson como um diabo ou demônio.

— Senhora — eu disse —, seu marido a ama com ternura. Ele está extremamente aflito com o que está acontecendo.

Ela virou outra vez para mim seus olhos soberbos.

— Ele me ama. Sim. Mas e eu, não o amo? Não o amo até me sacrificar para não despedaçar seu coração tão querido? É assim que o amo. Entretanto, ele pôde pensar que eu... ele pôde me censurar tanto.

— Ele está muito triste, mas não consegue compreender.

— Não, ele não pode compreender. Mas deveria confiar.

— A senhora não deseja vê-lo? — eu sugeri.

— Não, não; não posso esquecer aquelas palavras terríveis nem a expressão de seu rosto. Não quero vê-lo. Vá agora. O senhor nada pode fazer por mim. Diga-lhe apenas uma coisa. Quero meu filho. Tenho direitos sobre o meu filho. Esta é a única mensagem que posso lhe enviar. Ela virou o rosto para a parede e não quis dizer mais nada.

Voltei à sala, onde Ferguson e Holmes ainda estavam sentados ao lado do fogo. Ferguson ouviu taciturno a narração da minha entrevista.

— Como posso mandar-lhe a criança? — ele disse. — Como posso saber que estranhos impulsos podem dominá-la? Como poderei esquecer que ela estava ao lado do berço com sangue nos lábios? — Ele estremeceu com a lembrança. — A criança está segura com a sra. Mason e deve permanecer lá.

Uma criada, vestida com apuro, a única coisa moderna que tínhamos visto na casa, havia trazido chá. Enquanto ela nos servia, a porta abriu-se, e um jovem entrou na sala. Era um moço singular, de rosto pálido, louro, com

olhos azuis expressivos, que brilharam com uma repentina chama de emoção e alegria quando pousaram no pai. Ele precipitou-se para frente e lançou os braços em volta do pescoço do pai, com a espontaneidade de uma jovem carinhosa.

— Oh, papai — ele exclamou. — Eu não sabia que você já estava aqui. Eu teria vindo aqui para encontrá-lo. Oh! estou tão contente de vê-lo!

Ferguson desembaraçou-se delicadamente do menino, mostrando um certo constrangimento.

— Meu velho camarada — ele disse, afagando a loura cabeça com meiguice. — Eu vim cedo, porque convidei meus amigos, o sr. Holmes e o dr. Watson, a virem até aqui passar uma tarde conosco.

— Este é o sr. Holmes, o detetive?

— Sim.

O jovem nos olhou de modo penetrante, que me pareceu hostil.

— Quanto ao seu outro filho, sr. Ferguson? — perguntou Holmes. — Podíamos conhecer o bebê?

— Peça à sra. Mason para trazer o bebê aqui embaixo — disse Ferguson.

O rapaz saiu, gingando de maneira esquisita, e meus olhos de cirurgião viram que ele estava sofrendo da coluna. Ele voltou pouco depois, e atrás dele veio uma mulher alta e magra, carregando nos braços uma criança muito bonita, de olhos pretos, cabelos dourados, uma magnífica mistura das raças saxônica e latina. Ferguson era evidentemente dedicado ao bebê, porque segurou-o nos braços e o acariciou com muita ternura.

— Não consigo imaginar como alguém pode ter a coragem de fazer-lhe mal — ele resmungou, enquanto olhava para o pequeno ferimento inflamado no pescoço de querubim.

Foi nesse momento que olhei por acaso para Holmes e percebi sua expressão extremamente atenta. Seu rosto estava imóvel como se tivesse sido esculpido em marfim velho, e seus olhos, que haviam pousado por um momento no pai e no filho, estavam agora fixos, com viva curiosidade, em alguma coisa do outro lado da sala. Acompanhando seu olhar, eu só podia imaginar que ele estivesse olhando para fora da janela, para o jardim melancólico onde a chuva gotejava. É verdade que um postigo tinha sido fechado do lado de fora até a metade, obstruindo a visão, mas, mesmo assim, era na janela que Holmes fixara sua atenção. Então ele sorriu, e seus olhos pousaram novamente no bebê. No seu pescoço rechonchudo havia

aquela pequena marca. Holmes examinou-a com atenção, sem dizer uma palavra. Finalmente, sacudiu um dos punhos com covinhas que se agitavam na frente dele.

— Até logo, homenzinho. Você começou a vida de maneira estranha. Ama, eu gostaria de falar com a senhora em particular.

Ele a levou para um canto e falou com sinceridade durante alguns minutos. Eu só ouvi as últimas palavras, que eram: “Espero que sua ansiedade acabe em breve.” A mulher, que parecia ser uma criatura azeda e silenciosa, retirou-se com a criança.

— Como é a sra. Mason? — perguntou Holmes.

— Não muito simpática por fora, como pôde observar, mas um coração de ouro, e dedicada à criança.

— Você gosta dela, Jacky? — Holmes virou-se de repente para o menino. Seu rosto expressivo ficou sombrio e ele sacudiu a cabeça.

— Jacky tem simpatias e antipatias muito fortes — disse Ferguson. — Felizmente sou uma de suas simpatias.

O menino murmurou baixinho e aninhou a cabeça no peito do pai. Ferguson afastou-o com delicadeza.

— Dê uma corrida, Jacky — ele disse, e observou seu filho com olhos carinhosos até que ele desaparecesse. — Agora, sr. Holmes — ele continuou, depois que o menino saiu —, sinto que o trouxe aqui inutilmente, pois o que o senhor poderia fazer, a não ser me oferecer a sua compaixão? Do seu ponto de vista, este assunto deve ser por demais complexo e delicado.

— Decerto é delicado — disse meu amigo com um sorriso divertido —, mas até agora não fiquei impressionado com sua complexidade. Era um caso para dedução intelectual, e quando esta dedução intelectual inicial for confirmada, ponto por ponto, por vários incidentes independentes, então o subjetivo se transformará em realidade e poderemos afirmar com segurança que atingimos nosso objetivo. Na verdade, atingi o objetivo antes de sairmos da Baker Street, e o resto foi apenas observação e confirmação.

Ferguson pôs a mão enorme sobre a testa enrugada.

— Pelo amor de Deus, Holmes — disse ele com voz rouca —, se o senhor pode ver a verdade neste caso, não me deixe ficar na incerteza. Como posso aguentar? O que devo fazer? Não quero saber como descobriu os fatos, contanto que os tenha realmente descoberto.

— Com certeza devo-lhe uma explicação, e o senhor vai recebê-la. Mas vai me permitir tratar do assunto à minha maneira? A senhora tem condições de nos receber, Watson?

— Ela está doente, mas perfeitamente racional.

— Muito bem. Só na presença dela podemos esclarecer o assunto. Vamos até lá.

— Ela não vai querer me ver! — exclamou Ferguson.

— Ah, sim, ela o verá — disse Holmes. Ele rabiscou algumas linhas numa folha de papel. — Você pelo menos conseguiu entrar, Watson. Você me faria a gentileza de entregar este bilhete à senhora?

Subi novamente e entreguei o bilhete a Dolores, que abriu a porta com cautela. Um minuto depois, ouvi um grito que vinha de dentro do quarto, um grito onde a alegria e a surpresa pareciam misturar-se. Dolores olhou para fora.

— Ela os receberá. Ela vai escutar — ela disse. Ferguson e Holmes subiram quando os chamei.

Quando entramos no quarto, Ferguson deu um ou dois passos na direção da esposa, que se havia erguido no leito, mas ela levantou a mão para afastá-lo. Ele afundou na poltrona, enquanto Holmes sentou-se ao lado dele, após cumprimentar com uma inclinação de cabeça a mulher que o encarava com olhos arregalados de espanto.

— Acho que podemos dispensar Dolores — disse Holmes. — Ah, muito bem, senhora, se prefere que ela fique, não tenho objeção. Ora, sr. Ferguson, sou um homem ocupado, com muitos chamados, e meus métodos têm de ser rápidos e diretos. A cirurgia mais rápida é a menos dolorosa. Deixe-me primeiro dizer-lhe aquilo que irá tranquilizá-lo. Sua esposa é uma mulher muito boa, muito carinhosa e muito maltratada.

Ferguson sentou-se com uma exclamação de alegria.

— Prove isto, sr. Holmes, e ficarei para sempre grato.

— Eu o farei, mas, para fazer isto, terei de feri-lo profundamente de outra maneira.

— Não me importo, contanto que o senhor justifique minha esposa. Tudo na terra é insignificante comparado a isto.

— Deixe-me contar-lhe então o desenvolvimento de meu raciocínio na Baker Street. Para mim, a ideia de um vampiro era absurda. Coisas desse tipo não acontecem na prática criminal na Inglaterra. Mesmo assim, sua

observação foi precisa. O senhor tinha visto sua esposa levantar-se ao lado do berço da criança com sangue nos lábios.

— Realmente.

— Não lhe ocorreu que uma ferida sangrando pode ser sugada por algum outro motivo que não seja o de extrair sangue dela? Não houve uma rainha, na história inglesa, que sugou uma ferida para extrair veneno dela?

— Veneno!

— Um lar sul-americano. Meu instinto sentiu a presença daquelas armas na parede, antes que meus olhos as vissem. Podia ter sido outro veneno, mas foi aquele que me ocorreu. Quando vi aquela pequena aljava vazia ao lado do pequeno arco, era justamente aquilo que eu esperava ver. Se a criança fosse furada por uma daquelas flechas embebidas em curare ou em alguma outra droga diabólica, isto significaria morte se o veneno não fosse extraído.

— E o cachorro! Se alguém fosse usar um veneno como esse, não o experimentaria primeiro, a fim de verificar se não havia perdido seu efeito? Eu não previ o caso do cachorro, mas pelo menos compreendi o que havia com ele, e ele se encaixava na minha reconstituição.

— Agora o senhor compreende? Sua esposa temia um ataque desta natureza. Ela viu o ataque consumado e salvou a vida da criança, e ainda assim evitou contar-lhe toda a verdade, porque sabia como o senhor amava o menino e temia que isso lhe despedaçasse o coração.

— Jacky!

— Eu o observei enquanto o senhor acariciava a criança, agora há pouco. Seu rosto estava refletido nitidamente no vidro da janela, onde o postigo formava um fundo. Vi tanto ciúme, um ódio tão cruel como poucas vezes vi em outro rosto humano.

— Meu Jacky!

— O senhor tem de enfrentar isto. É muito penoso porque foi um amor desvirtuado, um amor exageradamente louco pelo senhor, e, é provável, pela sua mãe morta, que instigou sua ação. Sua própria alma está consumida pelo ódio por esta esplêndida criança, cuja beleza e saúde contrastam com sua própria fraqueza.

— Bom Deus! Isto é inacreditável!

— Eu disse a verdade, senhora?

A mulher estava soluçando, com o rosto enterrado nos travesseiros. Então ela virou-se para o marido.

— Como é que eu podia dizer-lhe, Bob? Eu sabia que seria um golpe para você. Seria melhor que eu esperasse e que você soubesse por outra pessoa, e não por mim. Quando este cavalheiro, que parece ter poderes mágicos, escreveu que sabia de tudo, fiquei feliz.

— Acho que um ano no mar seria minha prescrição para Jacky — disse Holmes, levantando-se da cadeira. — Apenas uma coisa continua obscura, madame. Posso entender perfeitamente que tenha atacado Jacky. Há um limite para a paciência de uma mãe. Mas como teve a coragem de deixar a criança nestes dois últimos dias?

— Eu contei à sra. Mason. Ela sabia.

— Exatamente. Calculei isso.

Ferguson estava de pé ao lado da cama, sufocado, as mãos esticadas e tremendo.

— Imagino que este seja o momento propício para sairmos, Watson — disse Holmes num sussurro. — Se você segurar a fiel Dolores por um dos cotovelos, eu a segurarei pelo outro. Bem, agora — ele acrescentou, enquanto fechava a porta atrás de si —, acho que podemos deixar que resolvam o resto entre eles.

Tenho apenas mais uma coisa a registrar neste caso. É a carta que Holmes escreveu, como resposta final àquela com a qual começa esta narrativa. Diz o seguinte:

BAKER STREET
Ref.: Vampiros
21 de novembro

PREZADO SENHOR,

Com referência à sua carta do dia 19, tomo a liberdade de informar que examinei o caso do seu cliente, sr. Robert Ferguson, da firma de corretores de chá Ferguson e Muirhead, de Mincing Lane, e que o assunto chegou a um final satisfatório. Com os agradecimentos pela sua recomendação,

Firmo-me, atenciosamente,

Sherlock Holmes

AS AVENTURAS DOS TRÊS GARRIDEBS

PODE TER SIDO UMA COMÉDIA OU PODE TER SIDO UMA TRAGÉDIA. Custou a um homem a sua razão, a mim dinheiro, e ainda a outro homem as penalidades da lei. Mesmo assim, havia certamente um elemento de comédia. Bem, vocês mesmos deverão julgar.

Lembro-me muito bem da data, pois foi no mesmo mês em que Holmes recusou um título de nobreza por serviços que, algum dia, talvez possam ser narrados. Eu só menciono o assunto de passagem, porque, na minha condição de sócio e confidente, tenho a obrigação de ser particularmente cuidadoso, evitando qualquer indiscrição. Mas repito que isso me torna capaz de determinar a data, que foi o final do mês de junho de 1902. Logo após o fim da guerra sul-africana, Holmes tinha passado alguns dias na cama, como era seu hábito de vez em quando, mas ele apareceu naquela manhã com um documento do tamanho de uma folha de papel almaço na mão e um brilho divertido nos austeros olhos cinzentos.

— Há uma oportunidade para você fazer dinheiro, amigo Watson — ele disse. — Você já ouviu alguma vez o nome Garrideb?

Eu disse que não.

— Bem, se você conseguir botar as mãos num Garrideb, há dinheiro nisso.

— Por quê?

— Ah, é uma longa história, bastante esquisita também. Acho que, em todas as nossas investigações a respeito das complexidades humanas, jamais deparamos com algo mais estranho. O sujeito estará aqui daqui a pouco, para responder a umas perguntas, de modo que não vou revelar o

assunto enquanto ele não chegar. Mas, enquanto isso, é este o nome que queremos.

A lista telefônica estava na mesa ao meu lado, e eu comecei a virar as páginas, numa busca sem esperança. Mas, para meu espanto, lá estava este estranho nome em seu devido lugar. Dei um grito de vitória.

— Aqui está, Holmes! Aqui está ele! — Holmes tirou o livro da minha mão.

— “Garrideb, N” — ele leu — “Little Ryder Street, 136, W”. Lamento desapontá-lo, meu caro Watson, mas este é o próprio. É o endereço que está na carta. Temos de procurar outro nome semelhante.

A sra. Hudson tinha entrado com um cartão numa bandeja. Peguei-o e dei uma olhada.

— Ora, aqui está! — gritei espantado. — Este tem uma inicial diferente. John Garrideb, advogado, Moorville, Kansas, U.S.A.

Holmes sorriu quando olhou o cartão.

— Acho que você ainda precisa fazer outra tentativa, Watson — ele disse. — Este cavalheiro também já está na trama, embora eu não esperasse vê-lo esta manhã. Mas ele tem condições de nos contar uma porção de coisas que eu quero saber.

Um minuto depois ele estava na sala. O sr. John Garrideb, advogado, era baixo, vigoroso, com o rosto redondo, saudável e sem barba, característico de tantos executivos americanos. Seu aspecto geral era gordo e infantil, de modo que tivemos a impressão de um homem muito jovem e muito sorridente. Mas seus olhos estavam atentos. Raramente vi um par de olhos que demonstrassem uma vida interior mais intensa, tão brilhantes que eram, tão atentos, e que expressassem cada mudança de pensamento. Seu sotaque era de americano, mas não era acompanhado por nenhuma excentricidade de linguagem.

— Sr. Holmes? — ele perguntou, olhando de um para outro. — Ah, sim! Seus retratos não são diferentes do senhor, se é que posso dizer isso. Creio que o senhor recebeu uma carta do meu homônimo, sr. Nathan Garrideb, não é?

— Peço-lhe que se sente — disse Sherlock Holmes. — Acho que vamos ter muito o que conversar. — Ele apanhou suas folhas de papel almaço. — O senhor, naturalmente, é o John Garrideb mencionado neste documento. Mas, com certeza, o senhor mora na Inglaterra há algum tempo.

— Por que diz isso, sr. Holmes? — pareceu-me ver uma repentina desconfiança naqueles olhos expressivos.

— Todo o seu traje é inglês.

O sr. Garrideb deu um sorriso forçado.

— Já li a respeito de suas brincadeiras, sr. Holmes, mas nunca pensei que seria alvo delas. Como foi que o senhor percebeu isto?

— O talhe dos ombros do seu paletó, o bico de suas botas. Alguém poderia duvidar?

— Ora, ora, eu não sabia que eu era um inglês de maneira tão evidente. Mas os negócios trouxeram-me para cá há algum tempo, de modo que meu traje é quase todo londrino. No entanto, imagino que seu tempo seja precioso, e nós não nos encontramos para falar sobre o estilo de minhas meias. Que tal tratarmos do papel que o senhor tem nas mãos?

De algum modo, Holmes havia irritado o nosso visitante, cujo rosto gordo adquiriu uma expressão bem menos amável.

— Calma! Calma, sr. Garrideb! — disse meu amigo num tom tranquilizador. — O dr. Watson lhe dirá que estes meus pequenos desvios às vezes acabam mostrando que tinham algo a ver com o assunto. Mas por que o sr. Nathan Garrideb não veio com o senhor?

— Por que cargas-d’água ele o envolveu nesse assunto? — perguntou o nosso visitante, com uma repentina explosão de raiva. — Mas, afinal, que diabo o senhor tem a ver com isto? São negócios profissionais entre dois cavalheiros, e um deles precisa chamar um detetive! Eu o vi esta manhã, e ele me contou esta brincadeira boba que fez comigo, e é por este motivo que estou aqui. Mas sinto-me mal do mesmo jeito, por causa disto.

— Isto não o atinge, sr. Garrideb. Foi apenas zelo da parte dele para obter um resultado... resultado que acredito ser igualmente vital para vocês dois. Ele sabia que eu tinha meios de obter informações, e, portanto, era muito natural que recorresse a mim.

O rosto zangado do nosso hóspede desanuviou-se aos poucos.

— Bem, isto torna as coisas diferentes — ele disse. — Quando fui vê-lo esta manhã, e ele me disse que havia mandado chamar um detetive, eu apenas pedi o seu endereço e vim imediatamente para cá. Não quero a polícia intrometendo-se num assunto particular. Mas, se o senhor limitar-se a nos ajudar a encontrar o homem, não pode haver mal nisto.

— Bem, é exatamente isto — disse Holmes. — E agora, senhor, já que está aqui, seria melhor que o senhor mesmo fizesse um relato claro. Meu amigo aqui ignora os detalhes.

O sr. Garrideb examinou-me com um olhar pouco amigável.

— Ele precisa saber? — perguntou.

— Nós costumamos trabalhar juntos.

— Ora, não há motivo para que isto seja segredo. Vou lhe expor os fatos, da maneira mais resumida que puder. Se o senhor viesse de Kansas, eu não precisaria explicar-lhe quem foi Alexander Hamilton Garrideb. Ele fez dinheiro com imóveis e mais tarde na bolsa de cereais de Chicago, mas gastou esta fortuna comprando tanta terra que equivaleria em área a um condado inglês, ao longo do rio Arkansas, a oeste do Forte Dodge. São terras de pasto, de madeira, terras aráveis e terras que contêm minerais, e exatamente os tipos de terra que trazem dólares para quem as possui.

“Ele não tinha parentes ou, se os tinha, eu nunca soube disso. Mas tinha uma espécie de orgulho pela raridade de seu nome. Foi isso que nos aproximou. Eu trabalhava como advogado em Topeka e um dia recebi a visita do velho, e ele estava realmente curioso para conhecer outro homem com seu próprio nome. Era um capricho, uma mania, e ele estava decidido a descobrir se havia outros Garridebs no mundo. ‘Encontre outro’, ele disse. Respondi que eu era um homem ocupado e que não podia passar minha vida excursionando pelo mundo à procura de Garridebs. ‘Não obstante’, ele disse, ‘é justamente isto que você fará se as coisas acontecerem conforme eu planejei’. Pensei que ele estivesse brincando, mas suas palavras continham uma forte dose de convicção, como eu iria descobrir em pouco tempo. Porque ele morreu um ano depois de afirmar isso e deixou um testamento. Foi o testamento mais extravagante já feito no estado de Kansas. Sua propriedade foi dividida em três partes, e eu devo receber uma, com a condição de encontrar dois Garridebs, que irão repartir o restante. São cinco milhões de dólares para cada um, mas não podemos botar a mão na herança enquanto nós três não ficarmos um ao lado do outro.

“Era uma oportunidade tão grande que eu acabei deixando de lado minha profissão de advogado e parti à procura de Garridebs. Não existe nenhum nos Estados Unidos. Procurei cuidadosamente pelo país inteiro, senhor, com um pente-fino, e jamais encontrei um Garrideb. Depois tentei a velha terra. Com certeza havia este nome na lista telefônica de Londres. Há dois dias eu

o procurei e expliquei-lhe o assunto. Mas ele é um homem solitário, como eu mesmo, que tem algumas mulheres como parentes, nenhum homem. O testamento fala em três homens adultos. De modo que, como o senhor vê, ainda falta um, e se o senhor puder ajudar a encontrá-lo será muito fácil pagar seus honorários.”

— Bem, Watson — disse Holmes com um sorriso —, eu disse que era um caso um tanto esquisito, não foi? Eu pensei que o jeito seria, obviamente, o senhor anunciar nas colunas de pessoas desaparecidas dos jornais.

— Já fiz isso, sr. Holmes. Não recebi nenhuma resposta.

— Valha-me Deus!

— Bem, este é sem dúvida um probleminha bastante curioso. Posso dar uma olhada nisso em minhas horas vagas. A propósito, é curioso que o senhor tenha vindo de Topeka. Eu tinha um correspondente lá. Ele está morto agora, o velho dr. Lysander Starr, que foi prefeito em 1890.

— O velho e bom dr. Starr! — disse o nosso visitante. — Seu nome ainda é respeitado. Bem, sr. Holmes, acho que a única coisa que podemos fazer é informá-lo a respeito do andamento do caso. Creio que o senhor vai ter notícias dentro de um ou dois dias.

Com esta certeza, o nosso amigo americano fez um cumprimento com a cabeça e saiu.

Holmes acendeu seu cachimbo e ficou sentado durante algum tempo, com um curioso sorriso no rosto.

— Bem? — perguntei finalmente.

— Eu estava refletindo, Watson, apenas isso.

— Sobre o quê?

Holmes tirou o cachimbo da boca.

— Eu estava me perguntando qual seria o objetivo desse homem ao nos contar este monte de mentiras. Eu quase perguntei-lhe isso, pois há ocasiões em que um ataque brutal direto é a melhor política, mas achei que seria melhor deixá-lo pensar que nos havia enganado. Aí está um homem com um paletó inglês puído no cotovelo e calças deformadas nos joelhos, com um ano de uso, e no entanto, pelo seu documento e de acordo com o que afirmou, é um americano provinciano, que chegou recentemente a Londres. Não houve anúncios nas colunas de pessoas desaparecidas. Você sabe que eu não perco nenhum desses anúncios. É o jeito dissimulado de agarrar um

pássaro, e eu nunca deixaria passar um faisão desses. Não conheci nenhum dr. Lysander Starr em Topeka. Toque-o onde quiser e ele é falso. Acho que o sujeito é mesmo americano, mas ele ficou com este seu sotaque polido vivendo anos em Londres. Então, qual será o seu jogo, e que motivo haverá por trás desta absurda procura de Garridebs? Vale a pena darmos atenção a esse caso, porque, se o homem for um patife, certamente é um patife complexo e engenhoso. Agora precisamos descobrir se o outro correspondente também é um embuste. Telefone para ele agora, Watson.

Fiz isso e ouvi uma voz fina e trêmula do outro lado da linha.

— Sim, sim, sou o sr. Nathan Garrideb. O sr. Holmes está? Eu gostaria muito de dar uma palavrinha com ele.

Meu amigo segurou o aparelho e ouvi o costumeiro diálogo sincopado.

— Sim, ele esteve aqui. Compreendo que o senhor não o conheça... Quanto tempo?... Só dois dias!... Sim, sim, naturalmente é uma perspectiva muito sedutora. O senhor estará em casa esta noite? Seu homônimo não estará aí?... Muito bem, iremos então, pois eu preferiria ter uma conversa informal sem a presença dele... Dr. Watson irá comigo... Pela sua carta, percebi que o senhor não sai de casa com frequência... Bem, estaremos aí por volta das seis horas. Não precisa dizer nada ao advogado americano... Muito bem. Até logo!

Era hora do crepúsculo num agradável entardecer primaveril, e até mesmo a Little Ryder Street, uma das menores travessas que saem da Edgware Road, perto da velha árvore Tyburn, de triste memória, parecia dourada e maravilhosa com os raios oblíquos do sol poente. A casa para onde estávamos indo era grande, antiquada, uma construção do início da arquitetura georgiana, com uma fachada lisa de tijolos, interrompida apenas por duas janelas salientes, no andar térreo. Nosso cliente morava neste andar térreo e, de fato, as janelas baixas eram a parte da frente de uma imensa sala na qual ele passava suas horas de vigília. Quando passamos, Holmes apontou para a pequena placa de metal onde estava escrito o curioso nome.

— É muito antiga, Watson — ele observou, mostrando sua superfície gasta. — De qualquer modo é o seu nome verdadeiro, e isto é algo digno de nota.

A casa tinha uma escada comum, e havia vários nomes pintados no saguão, alguns indicando escritórios, e outros, quartos particulares. Não era

um grupo de apartamentos residenciais, e sim moradias de solteirões boêmios. Nosso cliente abriu a porta para nós e desculpou-se dizendo que a mulher encarregada saía às quatro da tarde. O sr. Nathan Garrideb era um homem muito alto, desengonçado, magro e calvo, aparentando mais ou menos sessenta anos. Ele tinha um rosto cadavérico, com uma pele sem brilho, morta, pele de um homem que desconhece os exercícios. Os óculos grandes redondos e uma saliente e curta barba de bode, combinados com a sua atitude condescendente, davam-lhe uma expressão de curiosidade inquisitiva. Mas o conjunto era agradável, embora excêntrico.

A sala era tão esquisita quanto o seu inquilino. Parecia um pequeno museu. Era larga e comprida, com guarda-louças e armários em toda a volta, repletos de espécimes geológicos e anatômicos. Havia caixas de borboletas e mariposas de cada lado da entrada. No centro, uma mesa grande estava entulhada de todo tipo de restos, enquanto o comprido tubo de metal de um poderoso microscópio destacava-se no meio deles. Quando olhei em volta, fiquei surpreso pela diversidade de interesses desse homem. Aqui estava uma caixa com moedas antigas. Lá, um armário com utensílios de sílex. Atrás da mesa central havia um grande guarda-louça com ossos de fósseis. Em cima havia uma fileira de crânios de gesso, com nomes como *Neandertal, Heidelberg, Cromagnon* impressos embaixo. Estava evidente que ele era um estudioso de muitos assuntos. Naquele momento, parado diante de nós, segurava na mão direita um pedaço de camurça, com o qual estava polindo uma moeda.

— De Siracusa, do melhor período — ele explicou, mostrando a moeda. — Eles degeneraram muito no final. Na sua melhor época, eu os considero o máximo, embora alguns prefiram a escola alexandrina. Aqui está uma cadeira, sr. Holmes. Permita-me afastar estes ossos. E o senhor, ah, sim, dr. Watson, se o senhor tivesse a bondade para colocar de lado este vaso japonês. Os senhores estão vendo, ao meu redor, os pequenos interesses da minha vida. Meu médico me censura pelo fato de eu nunca sair de casa, mas por que eu iria sair, quando tenho tanta coisa que me prende aqui? Posso assegurar-lhes que catalogar adequadamente o conteúdo de um desses armários levaria três meses.

Holmes olhou em volta com curiosidade.

— Mas o senhor me diz que nunca sai de casa? — perguntou.

— Uma vez ou outra vou até Sotheby's ou Christie's. Fora isso, muito raramente saio do meu quarto. Não sou muito forte e minhas pesquisas são muito absorventes. Mas o senhor pode imaginar, sr. Holmes, que surpresa espantosa, agradável, mas espantosa, foi para mim quando soube desta sorte sem igual. Só é necessário mais um Garrideb para completar a questão, e certamente podemos encontrar algum. Eu tinha um irmão, mas ele morreu, e parentes do sexo feminino não servem. Mas, com certeza, deve haver outros no mundo. Ouvi dizer que o senhor tratou de casos estranhos, e foi por isso que mandei chamá-lo. É claro que este cavalheiro americano está totalmente certo, e eu deveria ter pedido a opinião dele primeiro, mas agi com a melhor das intenções.

— Acho que o senhor agiu de maneira sensata — disse Holmes. — Mas o senhor está mesmo ansioso para adquirir terras na América?

— Certamente que não, senhor. Nada me convencerá a abandonar minha coleção. Mas este cavalheiro me garantiu que ele vai comprar a minha parte assim que tivermos reivindicado a posse. Cinco milhões de dólares foi a quantia mencionada. Atualmente existem no mercado 12 espécimes que preencheriam lacunas em minha coleção e que não posso comprar porque pedem por eles algumas centenas de libras. Pense no que eu poderia fazer com cinco milhões de dólares. Ora, tenho o núcleo de uma coleção nacional. Serei o Hans Sloane da minha época.

Seus olhos brilharam por trás dos óculos. Era óbvio que o sr. Nathan Garrideb faria todo o possível para encontrar um homônimo.

— Vim visitá-lo apenas para conhecê-lo, e não há motivo para que eu interrompa as suas pesquisas — disse Holmes. — Prefiro estabelecer um contato pessoal com aqueles para quem trabalho. Tenho poucas perguntas a lhe fazer, porque estou com a sua narrativa bastante clara no meu bolso e preenchi as lacunas quando o cavalheiro americano me visitou. Entendi que até esta semana o senhor ignorava a existência dele.

— Exatamente. Ele me visitou na terça-feira.

— Ele falou-lhe a respeito de nossa entrevista de hoje?

— Sim, ele veio diretamente para cá. Estava muito zangado.

— Por que ele deveria estar zangado?

— Pensou que fosse alguma consideração a respeito de sua honra. Mas ele estava bastante satisfeito novamente quando voltou!

— Ele sugeriu alguma providência?

— Não, senhor, ele não sugeriu nada.
— Ele recebeu ou pediu dinheiro ao senhor?
— Não, senhor, nunca!
— O senhor não percebe algum objetivo que ele possa ter em vista?
— Nenhum, a não ser o que ele afirma.
— O senhor mencionou o nosso encontro marcado pelo telefone?
— Sim, senhor.

Holmes estava perdido em seus pensamentos. Eu podia ver que ele estava intrigado.

— O senhor tem objetos de grande valor em sua coleção?
— Não, senhor. Não sou um homem rico. Esta é uma boa coleção, mas não é uma coleção muito valiosa.
— O senhor não tem medo de ladrões?
— De modo algum.
— Há quanto tempo está nestes aposentos?
— Há quase cinco anos.

O interrogatório de Holmes foi interrompido por uma pancada na porta. Mas o nosso cliente abriu o trinco da porta, o advogado americano entrou na sala na maior excitação.

— Aqui está! — ele gritou, sacudindo um jornal acima da cabeça. — Achei que chegaria a tempo de encontrá-lo. Sr. Nathan Garrideb, meus parabéns! O senhor é um homem rico. Nosso assunto terminou de maneira favorável e está tudo bem. Quanto ao sr. Holmes, só podemos dizer que lamentamos se lhe demos trabalho inutilmente.

Ele entregou o jornal ao nosso cliente, que ficou olhando com espanto para um anúncio assinalado. Holmes e eu nos inclinamos para a frente e lemos o anúncio por cima de seus ombros. O anúncio dizia o seguinte:

> HOWARD GARRIDEB
> Fabricante de Máquinas Agrícolas
> Enfeixadores, ceifeiras,
> arados manuais e a vapor,
> furadeiras, arados de grade,
> charretes, carroças
> e outros implementos.
> Orçamentos para poços artesianos

Procurar Grosvenor Buildings, Aston

— Magnífico — suspirou nosso anfitrião. — Isto encerra nossa busca do terceiro homem.

— Mandei fazer pesquisas em Birmingham — disse o americano —, e o meu agente de lá mandou-me este anúncio de um jornal local. Precisamos nos apressar e obter a aprovação do testamento. Escrevi a esse homem e disse-lhe que o senhor irá vê-lo amanhã à tarde, às quatro horas, em seu escritório.

— O senhor quer que *eu* vá vê-lo?

— O que diz, sr. Holmes? O senhor não acha que seria mais prudente? Aqui estou eu, um americano errante, com uma história maravilhosa. Por que ele iria acreditar no que eu lhe dissesse? Mas o senhor é um inglês, com sólidas referências, e ele estará disposto a tomar conhecimento daquilo que lhe disser. Eu iria com o senhor se quisesse, mas amanhã terei um dia muito cheio, e eu poderia ir depois, se o senhor tivesse algum problema.

— Bem, há anos eu não faço uma viagem assim.

— Não é difícil, sr. Garrideb. Eu já me informei sobre as conexões. O senhor parte ao meio-dia e deverá estar lá pouco depois das duas horas. Então o senhor poderá estar de volta na mesma noite. Tudo que o senhor terá de fazer é ver esse homem, explicar o assunto a ele, e obter uma declaração escrita e juramentada de sua existência. Pelo amor de Deus! — ele acrescentou com veemência —, levando em consideração que eu fiz toda essa viagem, do centro dos Estados Unidos até aqui, certamente é bem pouco se o senhor viajar uns cem quilômetros, a fim de resolver este assunto.

— Perfeitamente — disse Holmes. — Acho que o que o cavalheiro diz é verdade.

O sr. Nathan Garrideb encolheu os ombros com um ar desconsolado.

— Bem, se o senhor insiste, irei — ele disse. — É de fato difícil para mim recusar-lhe alguma coisa, considerando a esperança que o senhor trouxe para a minha vida.

— Então está combinado — disse Holmes — e, sem dúvida, o senhor me dará notícias o mais cedo possível.

— Eu cuidarei disso — afirmou o americano. — Bem — ele acrescentou, olhando o seu relógio —, tenho de ir embora. Passarei por aqui amanhã, sr.

Nathan, e irei ao seu embarque para Birmingham. Vai pelo mesmo caminho que eu, sr. Holmes? Bem, então, adeus, e poderemos ter boas notícias para o senhor amanhã à noite.

Percebi que o rosto de meu amigo descontraiu-se quando o americano saiu da sala, e a expressão perplexa e pensativa havia desaparecido.

— Eu gostaria de examinar a sua coleção, sr. Garrideb — disse Holmes. — Na minha profissão, todo tipo de conhecimento adicional é útil, e esta sua sala é um excelente depósito de conhecimentos.

O rosto de nosso cliente iluminou-se de satisfação, e seus olhos brilharam por trás de seus óculos enormes.

— Sempre ouvi dizer que o senhor era um homem muito inteligente — ele disse. — Poderia mostrar-lhe agora, se o senhor tiver tempo.

— Infelizmente não tenho. Mas esses espécimes estão tão bem identificados e classificados que talvez não seja necessária sua explicação pessoal. Se eu pudesse passar por aqui amanhã, suponho que não haveria nenhuma objeção a que eu os examinasse.

— De maneira nenhuma. O senhor é muito bem-vindo. Naturalmente, a casa estará fechada, mas a sra. Saunders fica no porão até as 16 horas, e o deixaria entrar com a chave dela.

— Bem, acontece que estou livre amanhã à tarde. Se o senhor disser uma palavra à sra. Saunders, isto ficaria combinado. A propósito, quem é o seu corretor de imóveis?

Nosso cliente espantou-se com a pergunta.

— Holloway e Steele, na Edgware Road. Mas por quê?

— Eu mesmo sou um pouco arqueólogo, quando se trata de casas — disse Holmes, rindo. — Eu estava me perguntando a mim mesmo se esta seria da época da rainha Anne ou do estilo georgiano.

— Georgiano, sem dúvida nenhuma.

— De fato. Eu pensei que fosse um pouco anterior. Mas isto pode ser verificado facilmente. Bem, até logo, sr. Garrideb, e espero que o senhor tenha muito sucesso em sua viagem a Birmingham.

O corretor imobiliário ficava perto, mas descobrimos que estava fechado naquele dia, de modo que voltamos à Baker Street. Foi só depois do jantar que Holmes voltou ao assunto.

— Nosso probleminha está chegando ao fim — ele disse. — Você, com certeza, já imaginou a solução.

— Para mim, tudo parece sem pé nem cabeça.

— A cabeça está bem visível, e os pés nós veremos amanhã. Você não percebeu nada estranho sobre aquele anúncio?

— Vi que a palavra arado estava escrita com grafia americana.

— Oh, você notou isto, é? Bem, Watson, você está sempre melhorando. O tipógrafo compôs o anúncio do jeito que o recebeu. Depois, *buckboards* é uma palavra americana, também. E os poços artesianos são mais comuns entre eles do que entre nós. Foi um anúncio tipicamente americano, mas querendo parecer que era de uma firma inglesa. O que você acha disso?

— Só posso imaginar que foi este advogado americano que pôs o anúncio. Com que objetivo, não consigo entender.

— Bem, há outras explicações. De qualquer modo, ele queria fazer com que o bondoso e velho fóssil fosse até Birmingham. Isto está muito claro. Eu poderia ter dito a ele que, evidentemente, sua missão não teria êxito, mas, pensando melhor, achei que seria conveniente ficar com a área livre, deixando-o ir. Amanhã, Watson, bem, o dia de amanhã falará por si mesmo.

Holmes levantou-se e saiu cedo. Quando voltou, na hora do almoço, percebi que seu rosto estava muito sisudo.

— Este assunto é mais sério do que eu esperava, Watson — ele disse. — É justo dizer-lhe isto, embora eu saiba que será mais um motivo para você arriscar sua cabeça. Afinal, eu conheço bem o meu Watson. Mas *há* perigo, e você precisava saber disso.

— Bem, não é o primeiro que enfrentamos juntos, Holmes. Espero que não seja o último. Qual é o maior perigo desta vez?

— Temos de enfrentar um caso muito difícil. Identifiquei John Garrideb, o advogado. Não é outro senão o *“Matador”* Evans, que tem uma fama sinistra de assassino.

— Acho que isto não me esclareceu nada.

— Ah! Não faz parte da sua profissão guardar na memória um calendário portátil de Newgate. Ontem, fui ver o amigo Lestrade, na Scotland Yard. A Yard pode ter uma carência ocasional de intuição imaginativa, mas eles são líderes mundiais em matéria de eficácia e método. Achei que podia obter os dados de nosso amigo americano através dos registros deles. Como pensei, encontrei seu rosto gorducho sorrindo para mim da galeria de retratos de patifes. James Winter, também chamado Morecroft, também conhecido

como o *“Matador”* Evans, era o que dizia a identificação. Holmes tirou um envelope do bolso. Anotei alguns detalhes do seu dossiê. Idade, 46 anos. Nascido em Chicago. Sabe-se que matou três homens nos Estados Unidos. Escapou da penitenciária por meio de influência política. Veio para Londres em 1893. Baleou um homem numa mesa de jogo, num clube noturno na estrada Waterloo, em janeiro de 1895. O homem morreu, mas ficou provado que ele havia sido o agressor. O morto foi identificado como Rodger Prescott, famoso trapaceiro e falsificador de moedas de Chicago. Evans, o assassino, foi solto em 1901. Desde então tem estado sob vigilância policial, mas, pelo que se sabe, tem vivido honestamente. Um homem muito perigoso, que costuma carregar armas e está pronto para usá-las. Este é o nosso pássaro, Watson, um pássaro de caça, você deve admitir.

— Mas qual é o jogo dele?

— Bem, a coisa começa a se definir. Estive na agência imobiliária. Nosso cliente, como nos contou, está morando lá há cinco anos. A casa ficou desocupada durante um ano antes disso. O inquilino anterior era um cavalheiro em geral conhecido como Waldron. No escritório lembravam-se bem da fisionomia de Waldron. Ele havia desaparecido de repente, e ninguém mais ouviu falar dele. Era um homem alto, barbudo e muito moreno. Ora, Prescott, o homem que o *“Matador”* Evans baleou, era, de acordo com a Scotland Yard, um homem alto, moreno, barbudo. Acho que deveríamos aceitar como hipótese que Prescott, o criminoso americano, morou no mesmo quarto onde o nosso inocente amigo agora tem o seu museu. De modo que, finalmente, temos um elo.

— E o próximo elo?

— Bem, agora precisamos procurá-lo.

Ele tirou um revólver da gaveta e me entregou.

— Tenho o meu velho revólver favorito comigo. Se o nosso amigo feroz do oeste tentar fazer jus ao seu apelido, devemos estar preparados. Vou lhe dar uma hora para a sesta, Watson, e depois acho que estará na hora da nossa aventura na Ryder Street.

Eram exatamente quatro horas quando chegamos ao curioso apartamento de Nathan Garrideb. A sra. Saunders, a zeladora, estava de saída, mas não hesitou em nos deixar entrar, porque a porta fecha-se com um trinco de mola, e Holmes prometeu que antes de sair verificaria se estava tudo em ordem. Pouco depois a porta externa foi fechada, vimos o chapéu dela

passar em frente à janela e soubemos que estávamos sozinhos, no primeiro andar da casa. Holmes examinou rapidamente os aposentos. Havia um guarda-louças em um canto escuro e que ficava um pouco afastado da parede. Foi atrás dele que nós acabamos nos agachando, enquanto Holmes, num sussurro, fez um resumo de suas intenções.

— O *“Matador”* queria que o nosso amável amigo saísse do quarto. Isto está muito claro, e como o colecionador nunca saía foi necessário um plano para conseguir isto. Aparentemente, toda esta invenção dos Garrideb não tinha outra finalidade. Sou obrigado a dizer, Watson, que há uma certa ingenuidade satânica aí, mesmo que o extravagante nome do inquilino tenha lhe dado uma oportunidade que ele dificilmente teria esperado. Ele tramou seu plano com astúcia extraordinária.

— Mas o que ele pretende?

— Bem, é isso que queremos descobrir aqui. Não há nada a fazer com o nosso cliente por enquanto. É alguma coisa relacionada com o homem que ele assassinou. O homem deve ter sido seu comparsa. Há algum segredo criminoso neste quarto. É assim que eu vejo a coisa. A princípio pensei que nosso amigo devia ter na sua coleção alguma coisa mais valiosa do que ele imaginasse, que merecesse a atenção de um grande criminoso. Mas o fato de Rodger Prescott, de triste memória, ter morado nestes aposentos indica algum motivo mais grave. Bem, Watson, não há nada que possamos fazer, a não ser ter paciência e ver o que a próxima hora nos reservará.

Aquela hora não custou muito a passar. Ficamos encolhidos na sombra, aproximando-nos mais um do outro quando ouvimos a porta da rua abrir e fechar. Em seguida ouvimos o ruído metálico de uma chave, e o americano estava dentro do quarto. Ele fechou a porta silenciosamente atrás dele, olhou em volta com atenção, para verificar se não havia perigo, tirou seu sobretudo e aproximou-se da mesa central como quem sabe exatamente o que tem a fazer e como fazê-lo. Ele arrastou a mesa para um lado, rasgou o quadrado do tapete onde ficava a mesa, enrolou-o e em seguida, retirando um pé de cabra do bolso interno, ajoelhou-se e trabalhou com vigor sobre o assoalho. Naquele momento ouvimos o barulho de tábuas que deslizavam e, um minuto depois, abriu-se um buraco no piso. Evans, o Matador, riscou um fósforo, acendeu o toco de uma vela e desapareceu de nossas vistas.

Evidentemente, chegava a nossa vez. Holmes bateu no meu pulso, dando-me um sinal, e juntos nos arrastamos na direção da abertura no assoalho.

Apesar de nos movermos com cuidado, o velho assoalho deve ter rangido, pois a cabeça do americano surgiu de repente no espaço aberto, espreitando ansiosamente em volta. Seu rosto virou-se para nós, e seus olhos denotavam raiva e frustração, suavizando-se, aos poucos, num sorriso envergonhado, quando percebeu que duas pistolas estavam apontadas para a sua cabeça.

— Ora, ora — ele disse calmamente, enquanto se arrastava até a superfície. — Acho que dois são demais para mim, sr. Holmes. Adivinhou meu jogo, suponho, e me tomou por um bobalhão desde o início. Bem, senhor, eu me entrego, o senhor me derrotou e...

Num instante ele havia tirado um revólver do peito e disparado dois tiros. Senti um súbito chamuscar quente, como se um ferro em brasa tivesse sido comprimido contra minha coxa. Ouvi um baque quando a pistola de Holmes desceu sobre a cabeça do homem. Eu o vi estirado no chão, com sangue escorrendo pelo rosto, enquanto Holmes procurava mais armas. Depois os braços resistentes do meu amigo ampararam-me e levaram-me até uma cadeira.

— Você não está ferido, Watson? Por Deus, diga que você não está ferido.

Valia um ferimento — valia muitos ferimentos — conhecer a dimensão da lealdade e do amor que estavam por trás daquela máscara fria. Os olhos claros e duros ficaram sombrios por um instante, e os lábios firmes tremiam. Durante um minuto, o único, vislumbrei um grande coração, bem como uma grande inteligência. Todos os meus anos de serviços humildes sinceros culminaram naquele momento de revelação.

— Não foi nada, Holmes. É apenas um arranhão. Ele tinha cortado minha calça com o canivete.

— Você tem razão — exclamou ele com um suspiro de alívio. — É bem superficial. — Seu rosto virou uma pedra enquanto ele olhava com raiva para o nosso prisioneiro, que estava se sentando atordoado. — Por Deus, isto também é bom para você. Se tivesse matado Watson, você não sairia vivo deste quarto. Agora, senhor, o que tem a dizer em sua defesa?

Ele não tinha nada a dizer em sua defesa. Apenas deitou-se e fez uma cara de poucos amigos. Apoiei-me no braço de Holmes, e juntos olhamos para baixo, para dentro do pequeno porão que havia sido revelado pelo alçapão secreto. Ele estava ainda iluminado pela vela que Evans levava para baixo. Demos com os olhos em uma porção de máquinas enferrujadas,

grandes rolos de papel, uma confusão de garrafas e, cuidadosamente arrumados em uma pequena mesa, vários pacotes pequenos muito bem-feitos.

— Uma tipografia, um equipamento de falsário — disse Holmes.

— Sim, senhor — disse o nosso prisioneiro, cambaleando, enquanto se levantava e, depois, deixando-se cair numa cadeira. — O maior falsário de que Londres teve notícia. Aquela máquina de Prescott e aqueles pacotes na mesa eram duas mil notas de Prescott, valendo cem cada, e prontas para serem passadas em qualquer lugar. Sirvam-se, senhores. Chamem isso de pacto secreto e deixem-me dar o fora.

Holmes deu uma gargalhada.

— Nós não fazemos coisas desse tipo, sr. Evans. Neste país não existe esconderijo seguro para o senhor. Matou esse homem, Prescott, não?

— Sim, senhor, e peguei cinco anos por isso, embora ele é que tivesse me provocado. Cinco anos, quando eu deveria ter recebido uma medalha do tamanho de um prato de sopa. Ninguém seria capaz de distinguir uma nota Prescott de uma nota do Banco da Inglaterra, e, se eu não tivesse acabado com ele, ele teria inundado Londres com o seu dinheiro. Eu era a única pessoa no mundo que sabia onde ele fazia esse dinheiro. O senhor se admira de que eu quisesse o lugar? E se admira de que, ao encontrar esse louco, esse estúpido, esse caçador de insetos, com esse nome esquisito, acocorado bem em cima dele e nunca desocupando os quartos, admira-se de que eu tentasse fazer o máximo para obrigá-lo a sair da frente? Talvez eu tivesse sido mais esperto se tivesse dado cabo dele. Teria sido muito fácil, mas sou um cara de coração mole, que não consegue começar a atirar, a não ser que o outro cara também tenha uma arma. Mas diga-me, sr. Holmes, o que foi que eu fiz de errado? Eu não usei essas máquinas. Eu não feri esse cadáver ambulante. Do que o senhor me acusa?

— Apenas de tentativa de homicídio, que eu saiba — disse Holmes. — Mas isso não é serviço nosso. Eles farão isso na próxima etapa. Neste momento, o que queremos é apenas a sua encantadora pessoa. Por favor, Watson, ligue para a Scotland Yard. Eles ficarão surpresos.

Portanto, estes são os fatos a respeito de Evans, o Matador, e de sua notável invenção dos três Garridebs. Soubemos mais tarde que nosso pobre amigo nunca se refez do choque de seus sonhos desfeitos. Quando o seu castelo no ar desmoronou, enterrou-o sob as ruínas. Soubemos que ele

estava numa clínica em Brixton. Foi um dia alegre, na Scotland Yard, quando a tipografia de Prescott foi descoberta, pois, embora eles soubessem de sua existência, nunca haviam sido capazes, depois da morte do homem, de descobrir onde ela estava. Evans realmente havia prestado um grande serviço e permitiu que vários detetives dormissem mais profundamente o sono merecido, pois o falsário é uma classe à parte e um perigo público. Eles teriam contribuído de bom grado para aquela medalha do tamanho de um prato de sopa que o criminoso havia mencionado, mas um tribunal insensível teve uma opinião menos favorável, e o assassino voltou para aquelas trevas das quais acabara de sair.

O PROBLEMA DA PONTE THOR

EM ALGUM LUGAR NOS COFRES DO BANCO COX E CO., EM Charing Cross, existe um baú de metal, todo amassado e desgastado pelas viagens, destes usados para documentos oficiais, com o meu nome, John H. Watson, M.D., do Exército indiano, pintado na tampa. Ele está abarrotado de papéis, sendo quase todos registros de casos em que explicamos problemas curiosos que o sr. Sherlock Holmes investigou em diversas ocasiões. Algumas dessas investigações, e não as menos interessantes, foram completos fracassos obtusos e, sendo assim, dificilmente poderiam ser narradas, já que não se obteve uma explicação final. Um problema sem solução pode interessar ao estudante, mas dificilmente deixaria de aborrecer o leitor casual. Entre essas histórias inacabadas, está a do sr. James Phillimore, que, depois de entrar de novo em casa para apanhar o guarda-chuva, nunca mais foi visto sobre a face da terra. Não menos interessante é a história de uma pequena embarcação a vela, *Alicia*, que, navegando numa manhã de primavera, entrou numa pequena área de neblina e jamais saiu, nunca mais se ouviu falar dela ou de sua tripulação. Um terceiro caso digno de nota é o de Isadore Persano, um conhecido jornalista e duelista que foi encontrado morto com os olhos fixos numa caixa de fósforos que continha um verme estranho, desconhecido da ciência. Além desses casos insondáveis, há alguns que envolvem segredos particulares de família numa extensão que causaria consternação em altas esferas, se fosse possível imaginar que eles pudessem ser publicados. Não preciso dizer que essa quebra de confiança é impensável e que esses registros serão separados e destruídos, agora que o meu amigo tem tempo para dedicar suas energias a esse assunto. Ainda

restam muitos casos, de maior ou menor interesse, que eu poderia ter publicado antes se não temesse cansar o público, o que poderia refletir-se na reputação do homem que eu respeitava acima de todos. Participei de alguns desses casos e posso falar como testemunha ocular, enquanto em outros eu nem estava presente, ou o meu papel foi tão pequeno que, se eu o narrasse, seria como se fosse narrado por uma terceira pessoa. A narrativa que se segue foi tirada de minha experiência própria.

Era uma manhã tempestuosa de outubro, e enquanto eu me vestia observava as últimas folhas serem arrancadas, rodopiando ao caírem do plátano solitário que enfeita o pátio atrás de nossa casa. Desci para o café da manhã, preparado para encontrar o meu amigo deprimido, pois, como todos os grandes artistas, ele era facilmente influenciado por aquilo que o cercava. Mas, ao contrário, descobri que ele estava quase acabando de tomar o seu café e que a sua disposição de espírito estava particularmente brilhante e alegre, com aquela animação um tanto sinistra que era característica de seus momentos mais felizes.

— Você tem algum caso, Holmes? — perguntei.

— A faculdade de dedução certamente é contagiosa, Watson — ele respondeu. — Ela lhe permitiu sondar o meu segredo. Sim, tenho um caso. Após um mês de trivialidades e estagnação, as rodas movem-se uma vez mais.

— Posso participar disso?

— Há pouca coisa para participar, mas podemos discutir o assunto depois que você tiver comido os dois ovos quentes duros com que a nossa nova cozinheira nos obsequiou hoje. O estado dos ovos pode não ter nada a ver com o exemplar do romance *Family Herald* que vi ontem na mesa do hall. Mesmo assim, um assunto tão trivial como é o cozinhar um ovo exige atenção à passagem do tempo e é incompatível com o romance de amor naquele excelente periódico.

Quinze minutos depois a mesa havia sido tirada, e estávamos sentados frente a frente. Ele tirou uma carta do bolso.

— Você ouviu falar em Neil Gibson, o Rei do Ouro? — ele perguntou.

— Você se refere ao senador americano?

— Bem, ele já foi senador por algum estado do oeste; porém é mais conhecido como o maior magnata da mineração de ouro do mundo.

— Sim, ouvi falar dele. Ele viveu na Inglaterra durante algum tempo. Seu nome é muito conhecido.

— Sim, ele comprou grandes propriedades em Hampshire, há uns cinco anos. Talvez você tenha ouvido falar no fim trágico da mulher dele.

— É claro! Lembro-me disto agora. É por isso que o nome é tão familiar. Mas desconheço os detalhes.

Holmes indicou alguns papéis na cadeira.

— Eu não podia imaginar que o caso viesse parar nas minhas mãos, do contrário já estaria com a folha corrida pronta — ele disse. — O fato é que o problema, embora sensacional, parece que não apresenta nenhuma dificuldade. A personalidade interessante do acusado não ofusca a clareza da prova. Esta foi a opinião dos juízes do tribunal de investigações, e também dos autos da polícia. O caso agora foi levado ao tribunal do júri de Winchester. Temo que seja um negócio ingrato. Posso descobrir fatos, Watson, mas não posso alterá-los. A menos que surja algum fato inteiramente novo ou inesperado, não sei o que meu cliente pode esperar.

— Seu cliente?

— Ah, esqueci de lhe contar. Estou pegando sua mania complicada, Watson, de contar uma história de trás para a frente. Você deveria ter lido isto primeiro.

A carta que ele me deu, escrita numa caligrafia nítida e caprichada, dizia o seguinte:

CLARIDGE'S HOTEL, 3 de outubro

CARO sr. SHERLOCK HOLMES,
Não posso ver a melhor das mulheres que Deus já fez ser condenada à morte sem fazer tudo o que for possível para salvá-la. Não posso explicar os fatos, não posso nem mesmo tentar explicá-los, mas sei, fora de qualquer dúvida, que a srta. Dunbar é inocente. O senhor conhece os fatos — quem não os conhece? Foi o mexerico no país inteiro. E nunca uma voz se ergueu em sua defesa! É a maldita injustiça de tudo isto que me enlouquece. Esta mulher tem um coração que a impediria de matar uma mosca. Bem, irei amanhã às 11 horas para ver se o senhor consegue lançar algum raio de luz nessa escuridão. Talvez eu tenha alguma pista e não o saiba. De qualquer

modo, tudo o que sei, tudo o que tenho e tudo o que sou estão à sua disposição, se o senhor puder salvá-la. Se alguma vez em sua vida o senhor mostrou os seus poderes, use-os agora neste caso.

Atenciosamente,

J. Neil Gibson

— Aí está — disse Sherlock Holmes, batendo as cinzas do cachimbo que costumava fumar após o café e enchendo-o novamente devagar. — É este o cavalheiro que estou esperando. Quanto à história, você dificilmente teria tempo de absorver o conteúdo de todos estes papéis, de modo que preciso lhe contar tudo da maneira mais resumida possível, a fim de que possa examinar os autos de um modo inteligente. Este homem representa o maior poder financeiro do mundo e, pelo que sei, é um homem de um caráter violento e forte. Ele se casou com uma mulher, a vítima desta tragédia, sobre a qual eu nada sei, exceto que ela já havia passado da juventude, o que era uma infelicidade, já que uma governanta muito atraente orientava a educação de seus filhos pequenos. Estas são as três pessoas envolvidas, e o cenário é uma magnífica e antiga casa senhorial, centro de uma herdade histórica inglesa. Então, vamos à tragédia. A esposa foi encontrada nos terrenos da propriedade, a quase oitocentos metros da casa, tarde da noite, vestida a rigor, com um xale sobre os ombros e uma bala de revólver nos miolos. Nenhuma arma foi encontrada perto dela, e, quanto ao assassino, não encontraram nenhuma pista no local. Nenhuma arma perto dela, Watson... Lembre-se disto! Parece que o crime foi cometido tarde da noite, e o corpo foi encontrado por um guarda, por volta das 11 da manhã, quando foi examinado pela polícia e por um médico, antes de ser carregado para a casa. Está muito resumido ou você está compreendendo bem?

— Está tudo muito claro. Mas por que suspeitar da governanta?

— Bem, em primeiro lugar, há alguns indícios muito claros. Um revólver, com uma câmara descarregada, e de um calibre que correspondia ao da bala, foi encontrado no fundo do guarda-roupa dela. — Com os olhos fixos, Holmes repetia cada palavra separadamente. — No... fundo... de... seu... guarda-roupa. — Depois ficou em silêncio, e percebi que ele havia posto em movimento uma cadeia de pensamentos e que eu seria tolo se interrompesse. De repente, num ímpeto, ele voltou à vida ativa. — Sim, Watson, ele foi encontrado. Muito comprometedor, hein? Assim pensaram

os dois júris. Depois, a mulher morta tinha com ela um bilhete marcando um encontro naquele mesmo lugar, e assinado pela governanta. Como pode ser isto? Finalmente, há o motivo. O senador Gibson é uma pessoa atraente. Se a mulher dele morre, quem estaria mais apta a sucedê-la do que a jovem que já tinha, de acordo com o que se dizia, recebido muitos obséquios de seu patrão? Amor, fortuna, poder, tudo dependia de uma vida na meia-idade. Vil, Watson, muito vil!

— Sim, de fato, Holmes.

— Ela também não conseguiu apresentar um álibi. Pelo contrário, teve de admitir que estava lá embaixo, perto da Ponte Thor, que foi o local da tragédia, mais ou menos àquela hora. Ela não pôde negar isto, porque um aldeão a viu lá.

— Isto realmente parece decisivo.

— Porém, Watson, porém! Esta ponte, um simples arco de pedra, com balaustradas laterais, conduz o caminho até a parte mais estreita de um longo e profundo lençol d'água rodeado de juncos. O nome da ponte é Thor Mere. A mulher morta estava no início da ponte. Estes são os fatos principais. Mas, se não me engano, aí está o nosso cliente, bem antes da hora marcada.

Billy abriu a porta, mas o nome que ele anunciou não era o que esperávamos. O sr. Marlow Bates era um desconhecido para nós. Era um homem insignificante, magro, nervoso, de olhos amedrontados, encolhido e indeciso — um homem que meu olhar de profissional diria estar à beira de um colapso nervoso.

— O senhor parece agitado, sr. Bates — disse Holmes. — Por favor, sente-se. Posso dispor de pouco tempo para o senhor, porque tenho uma entrevista às 11 horas.

— Sei que o senhor tem — murmurou nosso visitante, falando com frases curtas, como alguém que não consegue respirar —, o sr. Gibson está chegando. O sr. Gibson é o meu patrão. Sou o administrador de suas propriedades. Sr. Holmes, ele é um vilão, um vilão infernal.

— Que linguagem, sr. Bates.

— Tenho de ser positivo, sr. Holmes, porque o tempo é muito curto. Eu não quero que ele me encontre aqui por coisa nenhuma deste mundo. Ele está para chegar. Mas fiquei tão ocupado que não foi possível vir mais cedo.

O secretário dele, sr. Ferguson, somente me falou da entrevista dele com o senhor esta manhã.

— E o senhor é o administrador dele?

— Eu já lhe dei o aviso prévio. Dentro de duas semanas estarei livre dessa maldita escravidão. Um homem mau, sr. Holmes, mau com todos os que o cercam. Essas caridades públicas são como um biombo para encobrir todas as suas perversidades particulares. Mas sua esposa foi sua principal vítima. Ele era brutal com ela, sim, senhor, brutal! Como ela morreu, eu não sei, mas tenho certeza de que ele infernizou a vida dela. Ela era uma mulher dos trópicos, brasileira de nascimento, como o senhor deve saber.

— Não; isto me havia escapado.

— Tropical de nascimento e tropical de natureza. Filha do sol e da paixão. Ela o amou como estas mulheres podem amar, mas quando os encantos físicos dela se acabaram, e disseram-me que em outros tempos eles eram muitos, não houve nada que o refreasse. Todos nós gostávamos dela, tínhamos pena dela e o odiávamos pela maneira como a tratava. Mas ele é traiçoeiro e astucioso. Isto é tudo o que tenho a dizer-lhe. Não o julgue pelas aparências. Há mais coisas por trás. Agora vou embora. Não, não, não me impeça de sair. Ele está quase chegando.

Olhando assustado para o relógio, nosso estranho visitante literalmente correu para a porta e desapareceu.

— Ora, ora! — disse Holmes, após uma pausa. — O sr. Gibson parece ter uma criadagem muito leal. Mas a informação é útil, e agora só podemos esperar até que o homem apareça.

Exatamente na hora marcada ouvimos passos pesados na escada, e o famoso milionário entrou na sala. Assim que o vi, compreendi não só os temores e a antipatia do seu administrador, como também as maldições que tantos rivais nos negócios haviam acumulado sobre a sua cabeça. Se eu fosse um escultor e desejasse idealizar o homem de negócios bem-sucedido, com nervos de aço e uma total falta de consciência, eu escolheria o sr. Neil Gibson como modelo. Sua figura alta, magra e astuta sugeria ganância e voracidade. Um Abraham Lincoln ligado a coisas vis e não a coisas superiores daria uma ideia desse homem. Seu rosto podia ter sido cinzelado em granito, insensível, ambicioso, desumano, com sulcos profundos, as cicatrizes de muitas crises. Olhos cinzentos, frios e maliciosos sob as sobrancelhas hirsutas examinaram cada um de nós. Quando Holmes

mencionou meu nome, ele me cumprimentou com a cabeça, como se não tivesse obrigação de o fazer, e depois, com um jeito altivo e um ar de poder, puxou uma cadeira para perto do meu amigo e sentou-se com os joelhos quase o tocando.

— Deixe-me dizer-lhe de uma vez, sr. Holmes — ele começou —, que para mim, neste caso, o dinheiro nada significa. O senhor pode queimá-lo, se isto ajudar a esclarecer a verdade. Esta mulher é inocente e precisa ser absolvida, e depende de o senhor conseguir isto. Faça o seu preço!

— Meus honorários profissionais estão baseados numa escala fixa — disse Holmes friamente. — Eu não os altero, a não ser quando os perdoo por completo.

— Bem, se os dólares não fazem diferença, pense na sua reputação. Se o senhor conseguir isto, todos os jornais da Inglaterra e da América irão elogiá-lo. O senhor será assunto em dois continentes.

— Obrigado, sr. Gibson, eu não acho que esteja precisando de promoção. O senhor pode ficar surpreso ao saber que prefiro trabalhar anonimamente e que é o problema em si que me atrai. Mas estamos perdendo tempo. Vamos aos fatos.

— Acho que o senhor encontrará os fatos principais nos jornais. Não sei se poderia acrescentar alguma coisa que o ajudasse. Mas, se o senhor quiser maiores esclarecimentos a respeito de alguma coisa, bem, estou aqui para dá-los.

— Bem, há somente um detalhe.

— Qual?

— Quais eram exatamente as relações entre o senhor e a srta. Dunbar?

O Rei do Ouro estremeceu violentamente e ergueu-se um pouco na cadeira. Depois recuperou a serenidade.

— Acredito que o senhor esteja em seu direito, e talvez cumprindo o seu dever, fazendo-me esta pergunta, sr. Holmes.

— Vamos concordar com esta hipótese — disse Holmes.

— Então, posso garantir-lhe que nossas relações foram sempre, e apenas, as de um patrão com uma jovem com quem ele nunca conversava, a não ser quando ela estava em companhia dos filhos dele.

Holmes levantou-se de sua cadeira.

— Sou um homem muito ocupado, sr. Gibson — ele disse — e não tenho tempo nem gosto por conversas sem objetivo. Desejo-lhe um bom dia.

Nosso visitante também se levantara, e sua figura grande e desembaraçada sobressaiu-se acima de Holmes. Havia um brilho de ódio sob aquelas sobrancelhas eriçadas e um pouco de cor em suas faces cavadas.

— Que diabo o senhor quer dizer com isso, sr. Holmes? O senhor recusa o meu caso?

— Bem, sr. Gibson, pelo menos eu o estou mandando embora. Pensei que estivesse sendo claro.

— Suficientemente claro, mas o que há por trás disto? Está querendo aumentar o preço, ou com medo de enfrentar o problema, ou o quê? Tenho o direito a uma resposta franca.

— Bem, talvez tenha — disse Holmes. — Vou dar-lhe esta resposta. Este caso já é suficientemente complicado para se começar, sem as dificuldades adicionais de informações falsas.

— O senhor está querendo dizer que eu menti.

— Bem, eu estava tentando dizer isso da maneira mais delicada possível, mas, se o senhor insiste nessa palavra, não vou contradizê-lo.

Levantei-me de um salto, pois a expressão no rosto do milionário era satânica em sua intensidade, e ele erguera o punho de um jeito ameaçador. Holmes sorriu languidamente e esticou a mão para pegar seu cachimbo.

— Não seja barulhento, sr. Gibson. Sei que, após o café da manhã, até a menor discussão é perturbadora. Acho que um passeio no ar da manhã e uma reflexão tranquila serão muito benéficos para o senhor.

Com esforço, o Rei do Ouro controlou sua fúria. Só pude admirá-lo, pois com um supremo domínio sobre si mesmo ele havia, em um minuto, passado do ódio inflamado à indiferença fria e desdenhosa.

— Bem, é a sua opção. Suponho que o senhor saiba dirigir seus próprios negócios. Não posso fazê-lo tratar do caso contra a sua vontade. Esta manhã o senhor não fez nenhum bem a si mesmo, sr. Holmes, pois eu já venci homens mais fortes do que o senhor. Nenhum homem jamais se opôs a mim e levou a melhor.

— Muitos disseram isto, e mesmo assim estou aqui — disse Holmes, sorrindo. — Bem, bom dia, sr. Gibson. O senhor ainda tem muito o que aprender.

Nosso visitante saiu ruidosamente, mas Holmes continuou fumando num silêncio imperturbável, com os olhos sonhadores fixos no teto.

— Qual é a sua opinião, Watson?
— Bem, Holmes, devo confessar que, quando penso que este é um homem que certamente afastaria qualquer obstáculo do seu caminho, e quando me lembro que a mulher dele pode ter sido um obstáculo e um alvo de desagrado, como aquele homem, Bates, nos contou, parece-me que...
— Exatamente. E a mim também.
— Mas quais eram as suas relações com a governanta, e como você as descobriu?
— Blefe, Watson, blefe! Quando analisei o tom apaixonado e nada formal de sua carta, diferente de uma carta de negócios, e o comparei com o seu jeito e seu aspecto reservados, ficou claro que havia uma profunda emoção que se centrava mais na mulher acusada do que na vítima. É necessário compreender as relações verdadeiras entre essas três pessoas para podermos chegar à verdade. Você viu o ataque frontal que lhe fiz, e como ele o recebeu do modo imperturbável. Então blefei para dar-lhe a impressão de que eu estava absolutamente certo, quando, na verdade, eu estava apenas suspeitando.
— Será que ele volta?
— É certo que ele voltará. Ele *precisa* voltar. Ele não pode deixar as coisas como estão. Ah! não é a campainha? Sim, ouço seus passos. Ora, sr. Gibson, eu estava justamente dizendo ao dr. Watson que o senhor estava um pouco atrasado.
O Rei do Ouro havia voltado à sala com uma disposição mais conciliadora do que quando saiu. Seu orgulho ferido ainda transparecia em seus olhos ressentidos, mas seu bom senso lhe mostrara que precisava se sujeitar, se quisesse atingir seu objetivo.
— Estive refletindo sobre o assunto, sr. Holmes, e percebi que fui precipitado ao interpretar erroneamente as suas observações. O senhor tem motivos para ir direto aos fatos, quaisquer que eles sejam, e eu o respeito mais por isso. Mas posso assegurar-lhe que as minhas relações com a srta. Dunbar não têm nada a ver com este caso.
— Isto cabe a mim decidir, não é?
— Sim, suponho que seja assim. O senhor é como um cirurgião que quer saber todos os sintomas antes de fazer o diagnóstico.
— Exatamente. É o que o senhor acaba de dizer. E só um paciente que tenha o objetivo de enganar seu cirurgião ocultaria a realidade do caso.

— Pode ser assim, mas o senhor deve admitir, sr. Holmes, que a maioria dos homens se acanha um pouco quando lhe perguntam, sem rodeios, qual o tipo de relação que ele tem com uma mulher... quando há realmente algum sentimento verdadeiro no caso. Imagino que a maioria dos homens tenha um cantinho particular em suas almas, onde os intrusos não são bem-vindos. E o senhor de repente intrometeu-se aí. Mas o objetivo o desculpa, desde que seja para julgar e tentar salvá-la. Bem, as apostas estão na mesa e a alma aberta, e o senhor pode explorá-la onde quiser. O que é que o senhor deseja?

— A verdade.

O Rei do Ouro fez uma pausa, como alguém que põe os pensamentos em ordem. Seu rosto carrancudo e marcado por rugas ficou ainda mais sombrio e grave.

— Posso resumi-la em poucas palavras, sr. Holmes — ele disse finalmente. — Há algumas coisas dolorosas e também difíceis de dizer, de maneira que não irei me aprofundar mais do que o necessário. Conheci minha mulher quando estive no Brasil à procura de ouro. Maria Pinto era filha de um funcionário do governo em Manaus e era muito bonita. Naquela época eu era jovem e ardente, mas mesmo agora, quando olho para trás com o sangue mais frio e o olhar mais crítico, posso ver que sua beleza era rara e maravilhosa. Tinha também uma natureza profundamente rica, apaixonada, dedicada, tropical, impulsiva, muito diferente das mulheres americanas que eu havia conhecido. Bem, para encurtar a história, fiquei apaixonado e casei-me com ela. Foi só quando o amor acabou, e durou anos, que compreendi que não tínhamos nada, absolutamente nada, em comum. Meu amor desapareceu. Se o dela tivesse desaparecido também, teria sido mais fácil. Mas o senhor sabe como são as mulheres! Nada do que eu fazia era suficiente para afastá-la de mim. Se fui áspero com ela, até mesmo brutal, como disseram alguns, foi porque eu sabia que, se pudesse matar o seu amor, ou se ele se transformasse em ódio, seria mais fácil para nós dois. Mas nada a modificou. Ela me amava nos bosques ingleses como havia me adorado vinte anos atrás, às margens do Amazonas. Não importava o que eu fizesse, ela continuava devotada como sempre.

“Então chegou a srta. Grace Dunbar. Ela respondeu ao nosso anúncio e tornou-se a governanta de nossos dois filhos. Talvez o senhor tenha visto seu retrato nos jornais. O mundo inteiro tem afirmado que ela também é

uma mulher muito bonita. Ora, não tenho pretensão de ser mais moralista do que meus vizinhos e vou admitir para o senhor que eu não podia viver sob o mesmo teto que esta mulher, em contato diário com ela, sem sentir uma veneração ardente por ela. O senhor me censura por isso, sr. Holmes?”

— Não o censuro por sentir isso. Deveria censurá-lo se o senhor manifestasse isso, já que, de certa forma, a jovem estava sob sua proteção.

— Bem, talvez — disse o milionário, embora por um momento a censura tivesse feito surgir em seus olhos o velho brilho de ódio. — Não pretendo parecer melhor do que sou. Creio que durante toda a minha vida fui um homem que tentava conseguir o que queria, e nunca desejei nada mais do que o amor e a posse dessa mulher. Disse-lhe isso.

— Oh, o senhor fez isso, não?

Holmes podia parecer terrível quando tinha a intenção.

— Disse-lhe que se pudesse me casar com ela eu o faria, mas que isto estava fora da minha possibilidade. Disse que dinheiro não era problema, e faria o que fosse possível para vê-la feliz e confortável.

— Muito generoso, com certeza — disse Holmes com um sorriso sarcástico.

— Veja, sr. Holmes. Vim procurá-lo por uma questão de evidência, e não por uma questão de moral. Não estou pedindo suas críticas.

— De qualquer modo, é só em consideração à jovem que vou tratar deste caso — disse Holmes com rispidez. — Não sei se alguma coisa de que ela é acusada é, realmente, pior do que isso que o senhor mesmo admitiu, que o senhor tentou arruinar uma moça indefesa que estava sob o seu teto. Alguns de vocês, homens ricos, precisam aprender que o mundo todo não pode ser subornado para fechar os olhos aos seus crimes.

Para minha surpresa, o Rei do Ouro recebeu a reprimenda com serenidade.

— É assim que me sinto em relação a isto agora. Agradeço a Deus que os meus planos não tenham se concretizado da maneira que eu pretendia. Ela não aceitou nada que eu propus, e quis deixar a casa imediatamente.

— Por que não o fez?

— Bem, em primeiro lugar, outras pessoas dependiam dela, e não era fácil para ela deixá-las em dificuldades, sacrificando suas vidas. Depois que eu jurei, como o fiz, que não seria molestada novamente, ela consentiu em ficar. Mas havia outro motivo. Ela sabia da influência que exercia sobre a

minha pessoa e que era mais forte do que qualquer outra influência no mundo. Ela queria usar isto para o bem.

— Como?

— Bem, ela sabia alguma coisa a respeito de meus negócios. Eles são vastos, sr. Holmes, muito além daquilo que um homem comum poderia imaginar. Posso construir ou destruir. E geralmente destruo. E não somente pessoas. Foram comunidades, cidades, até nações. É um jogo duro, e os fracos são postos de lado. Eu jogava por tudo que valesse a pena. Jamais gritava de dor e nunca me preocupava se os outros gritassem. Mas ela via isso de maneira diferente. Acho que ela estava certa. Ela acreditava e dizia que a fortuna de um homem que fosse maior do que ele necessitasse não deveria ser construída sobre a ruína de dez mil homens deixados sem meios de sobrevivência. Era assim que ela pensava, e creio que ela podia ver além dos dólares e se preocupava com alguma coisa mais duradoura. Ela descobriu que eu ouvia o que ela dizia e acreditava que estava servindo ao mundo, influenciando minhas ações. De modo que ela ficou, e foi então que tudo aconteceu.

— O senhor pode esclarecer isto?

O Rei do Ouro fez uma pausa de um minuto mais ou menos, a cabeça entre as mãos, perdido em pensamentos.

— Está tudo contra ela. Não posso negar isto. As mulheres têm uma vida interior e podem fazer coisas que fogem ao julgamento de um homem. A princípio eu estava tão confuso e perplexo que cheguei a pensar que ela tivesse se conduzido de maneira excepcional e contrária à sua natureza. Ocorreu-me uma possível explicação. Vou dizer-lhe qual foi, sr. Holmes, pelo que ela vale. Não há dúvida de que minha esposa era terrivelmente ciumenta. Existe um ciúme da alma que pode ser tão furioso quanto qualquer ciúme do corpo, e embora minha mulher não tivesse motivo, acho que sabia disso, para este último ela percebia que esta moça inglesa exercia sobre a minha mente e minhas ações uma influência que ela nunca teve. Era uma influência para o bem, mas isto não melhorava a situação. Ela estava louca de ódio, e o calor da Amazônia estava sempre em seu sangue. Ela pode ter planejado assassinar a srta. Dunbar, ou, diríamos, ameaçá-la com uma arma e assim amedrontá-la para que fosse embora. Então pode ter havido uma altercação, e a arma disparou e feriu a mulher que a segurava.

— Esta possibilidade já me ocorreu — disse Holmes. — De fato, é a única alternativa óbvia para assassinato premeditado.

— Mas ela negou isto terminantemente.

— Ora, isto não é definitivo, é? Pode-se compreender que uma mulher colocada em uma situação tão terrível tivesse corrido para casa, e no seu atordoamento continuasse segurando o revólver. Ela poderia até mesmo tê-lo jogado no meio de suas roupas, sem saber direito o que estava fazendo, e, quando a arma fosse encontrada, ela poderia tentar esconder seu envolvimento com uma negativa total, já que toda a explicação era impossível. O que há contra esta hipótese?

— A própria srta. Dunbar.

— Bem, talvez.

Holmes olhou para o relógio.

— Tenho certeza de que conseguiremos as autorizações necessárias esta manhã e poderemos chegar a Winchester no trem da tarde. Quando eu tiver me avistado com essa jovem, é bem possível que eu venha a ser mais útil para o senhor no caso, embora eu não possa prometer que minhas conclusões serão necessariamente as que o senhor deseja.

Houve uma certa demora na obtenção do passe oficial, e em vez de chegarmos a Winchester naquele dia, fomos até Thor Place, a propriedade do sr. Neil Gibson em Hampshire. Ele não nos acompanhou, mas tínhamos o endereço do sargento Coventry, da polícia local, o primeiro a investigar o caso. Era um homem alto, magro, cadavérico, com um jeito reservado e misterioso, o que fazia supor que ele soubesse ou suspeitasse de muito mais do que se atrevia a dizer. Ele também usava um truque, o de baixar de repente a voz até um sussurro, como se tivesse descoberto algo de importância vital, embora a informação geralmente fosse sem importância. Por trás desses truques ele logo demonstrou ser um sujeito decente e honesto, que não era orgulhoso demais para admitir que estava longe do seu elemento e que receberia de bom grado qualquer ajuda.

— De qualquer modo, prefiro o senhor à Scotland Yard, sr. Holmes — ele disse. — Se a Scotland Yard é chamada para investigar um caso, então a polícia local perde todo o mérito pelo sucesso e pode ser censurada por falhar. Já o senhor, tenho ouvido dizer que joga limpo.

— Eu não preciso, absolutamente, aparecer de modo algum — disse Holmes, para o evidente alívio de nosso melancólico conhecido. — Se eu

conseguir esclarecer o assunto, não peço que mencionem meu nome.

— Bem, isto é muita generosidade de sua parte. E sei que se pode confiar no seu amigo, o dr. Watson. Agora, sr. Holmes, enquanto caminhamos até o local, há uma pergunta que eu gostaria de lhe fazer. Eu não diria isso a mais ninguém. — Ele olhou em volta como se não ousasse proferir as palavras. — O senhor não acha que o próprio sr. Neil Gibson poderia ser acusado?

— Andei analisando isto.

— O senhor ainda não viu a srta. Dunbar. É uma mulher maravilhosa e admirável em todos os aspectos. Ele pode ter desejado que a sua mulher saísse do caminho. E esses americanos são mais rápidos com pistolas do que a nossa gente daqui. Foi a pistola dele, o senhor sabe.

— Isto ficou totalmente comprovado?

— Sim, senhor. Foi uma pistola de um par que ele tinha.

— Uma de um par? Onde está a outra?

— Bem, o cavalheiro tem uma grande quantidade de armas de fogo de vários tipos. Nós nunca fizemos uma comparação exata daquela pistola em particular, mas a caixa foi feita para duas.

— Se é uma de um par, vocês com certeza teriam condições de compará-las.

— Bem, estão todas lá na casa, se o senhor quiser examiná-las.

— Mais tarde, talvez. Acho melhor darmos uma espiada no local da tragédia.

Esta conversa teve lugar na pequena sala da frente do chalé humilde do sargento Coventry, que servia de delegacia de polícia. Uma caminhada de mais ou menos oitocentos metros por um capinzal varrido pelo vento, em tons de ouro e bronze com as samambaias definhando devido ao outono, levou-nos a um portão lateral que dava no terreno da herdade Thor Place. Uma trilha conduziu-nos através de reservas de faisões e depois de uma clareira avistamos a ampla casa de estilo metade Tudor e metade georgiano no alto da colina. Perto de nós havia um lago comprido repleto de juncos, estreito no centro, onde passava o principal caminho de carruagens sobre uma ponte de pedras, mas crescendo e transformando-se, de cada lado, em pequenos lagos. Nosso guia parou na entrada da ponte e apontou para o chão.

— Era aqui que estava o corpo da sra. Gibson. Usei aquela pedra como ponto de referência.

— Então o senhor esteve no local antes que o corpo fosse removido?
— Sim, mandaram me chamar imediatamente.
— Quem o chamou?
— O próprio sr. Gibson. Quando foi dado o alarme, saiu correndo da casa com outras pessoas e insistiu em que nada fosse removido até que a polícia chegasse.
— Isto foi sensato. Fiquei sabendo pelas reportagens dos jornais que o tiro foi dado de perto.
— Sim, senhor, de muito perto.
— Perto da fronte direita?
— Bem atrás dela, senhor.
— Em que posição estava o corpo?
— De costas, senhor. Nenhum vestígio de luta. Nenhuma pegada. Nenhuma arma. O bilhete da srta. Dunbar estava preso na mão esquerda.
— Preso, diz você?
— Sim, senhor, tivemos muita dificuldade para conseguir abrir os dedos.
— Isto é muito importante. Exclui a ideia de que alguém pudesse ter colocado o bilhete ali depois da morte a fim de fornecer uma pista falsa. Deus meu! O bilhete, como me recordo, era muito curto. "Estarei na Ponte Thor às nove da noite. G. Dunbar." Não foi assim?
— Sim, senhor.
— A srta. Dunbar admitiu que escreveu o bilhete?
— Sim, senhor.
— Qual foi sua explicação?
— Sua defesa foi reservada para o tribunal. Ela não quis dizer nada.
— O problema é bem interessante. A questão da carta é muito misteriosa, não é?
— Bem, senhor — disse o guia —, parecia, se é que eu posso me atrever a afirmar isso, o único ponto claro em todo o caso.
Holmes sacudiu a cabeça.
— Supondo que a carta seja autêntica e que tenha realmente sido escrita, com toda a certeza foi recebida algum tempo antes, digamos uma ou duas horas. Então, por que esta senhora ainda estava com ela na mão esquerda? Por que a levava com tanto cuidado? Ela não tinha necessidade de referir-se à carta durante o encontro. Isto não parece estranho?
— Bem, senhor, da maneira como o senhor fala, talvez pareça.

— Gostaria de ficar sentado tranquilamente durante alguns minutos e refletir sobre os fatos. — Ele sentou-se sobre a borda de pedra da ponte, e eu pude ver os seus vivos olhos cinzentos observando as áreas em volta. De repente ele se levantou e correu em direção ao parapeito do lado oposto, tirou rapidamente sua lente do bolso e começou a examinar os relevos das pedras.

— Isto é curioso — ele disse.

— Sim, senhor; vimos a lasca de pedra na borda. Suponho que tenha sido feita por algum transeunte.

A borda de pedra era cinzenta, mas neste ponto estava branca num espaço não maior que uma moeda. Quando examinada de perto, notava-se que a superfície estava lascada, como se tivesse sido golpeada por algo afiado.

— Foi preciso certa violência para fazer isto — disse Holmes, pensativo. Com sua bengala ele golpeou o parapeito várias vezes sem deixar marca. — Sim, foi uma pancada forte. Num lugar curioso, também. E não veio de cima, mas de baixo, porque você vê que está na borda *inferior* do parapeito.

— Mas está distante, a pelo menos quatro metros do corpo.

— Sim, está a quatro metros do corpo. Pode não ter nada a ver com o caso, mas é um detalhe que merece atenção. Acho que não temos nada mais que nos interesse aqui. Você disse que não havia pegadas?

— O chão estava duro como ferro, senhor. Não havia nenhuma marca.

— Então podemos ir. Vamos primeiro até a casa e examinaremos as armas sobre as quais você falou. Depois continuaremos até Winchester, porque eu gostaria de falar com a srta. Dunbar antes de continuar as investigações.

O sr. Neil Gibson ainda não voltara da cidade, mas vimos na casa o neurótico sr. Bates, que nos visitara pela manhã. Ele nos mostrou, com um prazer sinistro, a formidável coleção de armas de fogo de vários formatos e tamanhos, que o seu patrão havia acumulado ao longo de uma vida de aventuras.

— O sr. Gibson tem seus inimigos, como qualquer pessoa que o conheça e conheça seus métodos poderia imaginar — ele disse. — Ele dorme com um revólver carregado na gaveta, ao lado da cama. É um homem violento, senhor, e há ocasiões em que todos nós temos medo dele. Tenho certeza de que a pobre senhora que morreu vivia aterrorizada.

— O senhor alguma vez testemunhou violências físicas contra ela?

— Não, não posso dizer isto. Mas ouvi palavras que eram quase tão perversas, palavras de desprezo frio e mordaz, até mesmo diante dos criados.

— Nosso milionário não parece se distinguir na sua vida particular — observou Holmes enquanto caminhávamos para a estação. — Bem, Watson, fizemos progressos com muitos fatos concretos, alguns deles novos, mas, mesmo assim, parece que estou longe de chegar a uma conclusão. Apesar da antipatia evidente que o sr. Bates sente por seu patrão, obtive dele a informação de que, quando o alarme tocou, ele estava sem dúvida na sua biblioteca. O jantar acabou às 20h30, e até aí tudo estava normal. É verdade que o alarme foi dado um pouco tarde, à noite, mas a tragédia com certeza ocorreu por volta da hora mencionada no bilhete. Não há, absolutamente, qualquer prova de que o sr. Gibson tenha estado fora de casa desde o seu retorno da cidade, às 17 horas. Por outro lado, a srta. Dunbar, segundo entendi, admite que marcou um encontro com a sra. Gibson na ponte. Ela não diz nada além disso, já que seu advogado aconselhou-a a deixar sua defesa para ser feita no tribunal. Temos muitas perguntas essenciais para fazer a esta jovem e não ficarei tranquilo enquanto não falar com ela. Reconheço que as suspeitas contra ela me pareceriam muito fortes, se não fosse por uma coisa.

— E que coisa é essa, Holmes?

— A descoberta da pistola no armário.

— Valha-me Deus, Holmes! — gritei. — Este me parece o mais comprometedor de todos os fatos.

— Não tanto, Watson. Isto me impressionou, mesmo durante meu primeiro estudo rotineiro, por ser muito estranho, e agora que estou em contato mais direto com o caso é minha única base sólida para a esperança. Precisamos procurar coerência. Onde houver carência disto, devemos suspeitar de fraude.

— Eu não estou entendendo.

— Bem, Watson, suponha por um momento que nós o visualizamos na figura de uma mulher, que, de maneira fria e premeditada, está prestes a se livrar de uma rival. Você planejou isto. Um bilhete foi escrito. A vítima apareceu. Você tem a sua arma. O crime é consumado. O crime foi perfeito e completo. Você acha possível que, após executar algo tão astucioso, você

arruinaria sua reputação de criminoso, esquecendo-se de jogar sua arma naqueles canteiros de juncos ao lado, que a esconderiam para sempre, e você precisaria levá-la com cuidado para casa e guardá-la em seu próprio armário, o primeiro lugar em que seria procurada? Seus melhores amigos dificilmente o considerariam um bom planejador, Watson, e, mesmo assim, eu não conseguiria imaginá-lo fazendo algo tão grosseiro como isto.

— Na emoção do momento...

— Não, não, Watson, não vou admitir que isto seja possível. Quando um crime é friamente premeditado, os meios de encobri-lo também são friamente premeditados. Espero, portanto, que estejamos diante de um grave engano.

— Mas há muita coisa para ser explicada.

— Bem, vamos começar a explicar. Quando você muda uma vez seu ponto de vista, a mesma prova que condenava transforma-se em pista para se chegar à verdade. Por exemplo, há o revólver. A srta. Dunbar nega o conhecimento da arma. Em nossa nova hipótese, ela está dizendo a verdade quando afirma isso. Portanto, ela foi colocada em seu guarda-roupa. Quem a colocou lá? Alguém que queria incriminá-la. Não seria essa pessoa o verdadeiro criminoso? Você vê que chegamos agora a uma linha de investigação mais promissora.

Fomos obrigados a passar a noite em Winchester, porque as formalidades ainda não haviam sido concluídas, mas na manhã seguinte, em companhia do sr. Joyce Cummings, o advogado que estava encarregado da defesa, foi-nos permitido ver a jovem dama em sua cela. Eu esperava, por tudo que ouvira, encontrar uma mulher bonita, mas nunca esquecerei a impressão que a srta. Dunbar me causou. Não é de admirar que mesmo o altivo milionário tivesse encontrado nela alguma coisa mais poderosa do que ele mesmo — alguma coisa que podia controlá-lo e guiá-lo. Sentia-se, também, quando se olhava para aquele rosto enérgico, de contornos bem delineados mas sensível, que, mesmo que ela fosse capaz de algumas ações impetuosas, havia uma nobreza de caráter inata, que a faria influenciar sempre para o bem. Ela era morena, alta, com um porte nobre e uma presença imponente, mas seus olhos escuros exibiam a expressão impotente da criatura perseguida, que sente as redes à sua volta, mas não consegue ver como escapar da armadilha. Agora, ao perceber a presença e a ajuda de meu

amigo famoso, um toque de cor surgiu em suas faces descoradas, e uma luz de esperança começou a brilhar tenuemente no olhar que nos dirigiu.

— Talvez o sr. Neil Gibson tenha lhe falado alguma coisa sobre o que ocorreu entre nós — ela disse em voz baixa e aflita.

— Sim — afirmou Holmes —, não precisa se afligir entrando nesta parte da história. Depois de vê-la estou pronto a aceitar a declaração do sr. Gibson, quanto à influência que a senhorita exercia sobre ele e quanto à inocência de suas relações com ele. Mas por que esta situação toda não foi exposta claramente no tribunal?

— Parecia-me inacreditável que semelhante acusação pudesse ser sustentada. Pensei que, se esperássemos, tudo deveria se esclarecer sem que fôssemos obrigados a entrar em detalhes dolorosos da vida íntima da família. Mas percebo que, longe de melhorar, as coisas ficaram ainda mais graves.

— Minha cara jovem — exclamou Holmes com sinceridade. — Peço-lhe que não tenha ilusões sobre a questão. O sr. Cummings lhe asseguraria que todas as cartas estão neste momento contra a senhorita e que precisamos fazer tudo o que for possível, se quisermos a absolvição. Seria uma fraude cruel fingir que a senhorita não está correndo um perigo muito grande. Dê-me toda a ajuda que puder, então, para chegarmos à verdade.

— Não ocultarei nada.

— Fale-nos, então, sobre suas verdadeiras relações com a esposa do sr. Gibson.

— Ela me odiava, sr. Holmes. Odiava-me com todo o ardor de sua natureza tropical. Era uma mulher que não faria nada pela metade, e a medida de seu amor pelo seu marido era também a medida de seu ódio por mim. É provável que ela tenha compreendido mal nossas relações. Eu não pretendia ofendê-la, mas ela amava de forma tão intensa num sentido físico que dificilmente poderia compreender a comunhão mental e mesmo espiritual que unia seu marido a mim, ou imaginar que era somente o meu desejo de influenciar seu poder para o bem que me prendia sob o seu teto. Posso ver agora que eu estava errada. Nada podia justificar minha permanência se eu era a causa da infelicidade, mas com certeza a infelicidade teria continuado mesmo se eu tivesse saído da casa.

— Agora, srta. Dunbar — disse Holmes —, peço-lhe que nos conte exatamente o que ocorreu naquela tarde.

— Posso contar-lhe a verdade, sr. Holmes, até o ponto em que a conheço, mas não estou em condições de provar nada, e há fatos, os mais importantes, que não posso explicar nem imaginar qualquer justificativa para eles.

— Se você encontrar estes fatos, outros podem encontrar a explicação.

— Quanto à minha presença na Ponte Thor naquela noite, recebi de manhã um bilhete da sra. Gibson. Estava na mesa da sala de aula, e pode ter sido deixado lá por ela mesma. O bilhete implorava-me para ir vê-la na ponte depois do jantar e dizia que tinha uma coisa importante para dizer e pedia-me que deixasse uma resposta no relógio de sol, no jardim, porque ela não queria que ninguém soubesse do nosso segredo. Eu não via motivo para este mistério, mas fiz o que ela pediu, concordando com o encontro. Pediu-me que destruísse seu bilhete, e eu o queimei na lareira da sala de aula. Tinha muito medo do marido, que a tratava com uma severidade pela qual eu frequentemente o repreendia, e só podia imaginar que ela agia dessa maneira porque não queria que ele soubesse da nossa conversa.

— Mas ela guardou sua resposta com muito cuidado.

— Sim. Fiquei surpresa ao saber que ela estava com o bilhete na mão quando morreu.

— Bem, então, o que foi que aconteceu?

— Fui ao seu encontro, como havia prometido. Quando cheguei à ponte, ela estava me esperando. Até aquele momento eu não tinha percebido como aquela pobre criatura me odiava. Ela parecia uma louca. Penso mesmo que ela era uma mulher louca, louca de maneira sutil, com aquela desilusão profunda que as pessoas loucas podem sentir. Podia mesmo me encontrar todos os dias com um jeito despreocupado e mesmo assim nutrir por mim, em seu coração, uma raiva tão grande? Não vou repetir o que ela disse. Ela despejou toda a sua fúria selvagem com palavras ardentes e terríveis. Eu nem ao menos respondi, não consegui. Foi terrível vê-la. Pus as mãos nos ouvidos e saí correndo. Quando fui embora, ela estava em pé na entrada da ponte, ainda gritando suas maldições para mim.

— No mesmo lugar em que foi encontrada depois?

— A alguns metros do local.

— Mas, supondo que ela tenha morrido pouco depois que a senhorita foi embora, não ouviu nenhum tiro?

— Não, não ouvi nada. Mas, na verdade, sr. Holmes, eu estava tão agitada e horrorizada com aquele terrível arrebatamento que saí correndo para voltar à paz do meu quarto, e seria incapaz de perceber qualquer coisa que acontecesse.
— Você afirma que voltou ao seu quarto. Saiu de lá outra vez antes da manhã seguinte?
— Sim, quando chegou o aviso de que aquela criatura estava morta, saí correndo junto com os outros.
— A senhorita viu o sr. Gibson?
— Sim, ele acabava de voltar da ponte, quando o vi. Tinha mandado chamar o médico e a polícia.
— Ele lhe pareceu muito perturbado?
— O sr. Gibson é um homem muito forte e muito controlado. Eu não creio que ele demonstrasse suas emoções. Mas eu, que o conhecia tão bem, podia ver que ele estava profundamente abalado.
— Vamos agora àquele detalhe tão importante. A pistola encontrada no seu quarto. A senhorita já a vira antes?
— Nunca, juro.
— Quando foi encontrada?
— Na manhã seguinte, quando a polícia fez a investigação.
— No meio das suas roupas?
— Sim, embaixo, no meu guarda-roupa, sob os meus vestidos.
— Não tem ideia de quanto tempo a pistola permaneceu lá?
— Não estava lá na manhã anterior.
— Como sabe?
— Porque arrumei o guarda-roupa.
— Isto é decisivo. Então alguém entrou em seu quarto e colocou lá a pistola, a fim de incriminá-la.
— Deve ter sido isso.
— E quando?
— Só poderia ter sido na hora das refeições ou nas horas em que eu estava na sala de aula com as crianças.
— Como na hora em que recebeu o bilhete?
— Sim, daquele momento em diante, durante toda a manhã.
— Obrigado, srta. Dunbar. Há algum outro detalhe que possa me ajudar na investigação?

— Não, não consigo me lembrar de mais nenhum.

— Havia sinal de violência na borda da ponte. A pedra fora lascada recentemente, bem do lado oposto ao corpo. A senhorita teria alguma explicação para isso?

— Deve ser mera coincidência.

— Curioso, srta. Dunbar, muito curioso. Por que isto haveria de surgir na mesma ocasião da tragédia, e por que no mesmo lugar?

— Mas o que poderia ter causado isso? Só uma grande violência poderia ter provocado esse efeito.

Holmes não respondeu. Seu rosto pálido e ansioso assumiu de repente aquela expressão tensa e distante que eu havia aprendido a associar às manifestações supremas de seu gênio. A crise em sua mente era tão evidente que nenhum de nós ousou falar, e ficamos sentados, o advogado, a prisioneira e eu, observando-o em seu silêncio concentrado e absorto. De repente ele saltou da cadeira, vibrando com uma energia nervosa e com a necessidade urgente de ação.

— Venha, Watson, venha! — ele exclamou.

— O que foi, sr. Holmes?

— Não importa, minha cara senhorita. O senhor terá notícias minhas, sr. Cummings. Com a ajuda de Deus, que é justo, eu lhe darei uma causa que vai repercutir em toda a Inglaterra. A srta. Dunbar terá notícias amanhã e, enquanto isso, tenha certeza de que as nuvens estão se dissipando e que eu tenho esperança de que a luz da verdade venha a aparecer.

Não era uma viagem longa de Winchester a Thor Place, mas foi longa para mim, na minha impaciência, enquanto era evidente que para Holmes parecia interminável, porque em sua agitação, ele não conseguia ficar sentado e andava pelo vagão ou tamborilava os dedos longos e sensíveis nas almofadas ao seu lado. Mas de repente, quando nos aproximávamos de nosso destino, ele se sentou à minha frente — tínhamos um carro de primeira classe só para nós — e, pondo as mãos nos meus joelhos, olhou-me nos olhos, com aquela expressão travessa típica de sua disposição de ânimo mais diabólica.

— Watson — ele disse —, lembro-me vagamente de que você costuma vir armado nessas nossas excursões.

Era bom para ele que fosse assim, porque ele tomava pouco cuidado com sua própria segurança quando sua mente estava absorvida por um problema,

de modo que mais de uma vez meu revólver tinha sido um bom amigo na necessidade. Eu o fiz lembrar-se do fato.

— Sim, sim, neste sentido sou um pouco distraído. Mas você está com o revólver?

Tirei o revólver do bolso traseiro, uma arma pequena, curta, jeitosa e muito útil. Ele desmontou o gatilho, tirou as balas e examinou-o com cuidado.

— É pesado, bastante pesado — disse ele.

— Sim, é uma arma um bocado pesada.

Ele se concentrou nela durante um minuto.

— Você sabe, Watson — ele disse —, acredito que o seu revólver irá ter uma ligação muito íntima com o mistério que estamos investigando.

— Meu caro Holmes, você está brincando.

— Não, Watson, estou falando sério. Temos de fazer um teste. Se der certo, tudo se esclarecerá. E o teste dependerá do desempenho desta pequena arma. Um cartucho fora. Agora, vamos pôr os outros cinco e travar a arma. Assim! Isso aumenta o peso e fará uma reprodução melhor.

Eu não tinha noção do que se passava em sua mente nem ele me esclareceu, mas ficou sentado, perdido em pensamentos, até que paramos na pequena estação de Hampshire. Nós nos apossamos de uma carroça desmantelada e em 15 minutos estávamos na casa do nosso amigo de confiança, o sargento.

— Uma pista, sr. Holmes? Qual é a pista?

— Tudo depende do comportamento do revólver do dr. Watson — disse meu amigo. — Aqui está. Agora, senhor oficial, pode me dar dez metros de barbante?

A loja da aldeia forneceu-nos um rolo de barbante resistente.

— Acho que é disto que precisamos — disse Holmes. — Agora, vamos partir, como espero, para a última etapa da nossa jornada.

O sol se punha e ia transformando o brejo ondulado de Hampshire num maravilhoso panorama outonal. O sargento, com olhares críticos e incrédulos, que demonstravam suas dúvidas quanto à sanidade mental do meu amigo, arrastava-se ao nosso lado. À medida que nos aproximávamos do cenário do crime, pude observar que meu amigo, debaixo de sua frieza habitual, estava profundamente agitado.

— Sim — ele disse, respondendo a uma observação minha —, você já me viu errar o alvo antes, Watson. Tenho instinto para coisas assim, mas algumas vezes não dá certo. Esta ideia parecia-me uma certeza, quando, na cela em Winchester, passou pela minha mente, mas a desvantagem de uma mente ágil é que sempre se podem conceber explicações alternativas que tornariam falsa a nossa pista. Bem, Watson, nossa única chance é experimentar.

Enquanto caminhávamos, ele amarrava uma ponta do barbante no cabo do revólver. Tínhamos chegado ao local da tragédia. Com muita atenção, ele marcou, sob a orientação do policial, o lugar exato em que o corpo havia ficado estendido. Em seguida procurou no meio do pântano e das samambaias, até encontrar uma pedra bem grande. Ele a amarrou à outra extremidade da corda e dependurou-a sobre o parapeito da ponte, de modo que ela ficou oscilando acima da água. Então ele ficou de pé no local do crime fatal, a certa distância da borda da ponte, com o meu revólver na mão, a corda esticada entre a arma e a pesada pedra do lado mais afastado.

— Agora vejamos! — ele gritou.

Ao gritar, levantou a pistola até a cabeça e em seguida soltou-a. Em um instante a pistola foi lançada rapidamente para longe pelo peso da pedra, e havia se chocado contra o parapeito com um estampido agudo, desaparecendo sobre a amurada, dentro d’água. Ela mal havia desaparecido e Holmes já estava ajoelhado ao lado da borda de pedra, e um grito de alegria mostrou que ele havia conseguido o que queria.

— Já houve alguma vez uma demonstração tão precisa? — ele perguntou. — Veja, Watson, seu revólver solucionou o problema! Enquanto falava, mostrou uma segunda lasca de pedra, do mesmo tamanho e formato da primeira, que havia aparecido sobre a borda inferior da balaustrada de pedra.

— Ficaremos esta noite na hospedaria — ele continuou, enquanto se levantava e encarava o perplexo sargento. — Naturalmente, o senhor vai conseguir um anzol e recuperar sem dificuldade o revólver do meu amigo. O senhor também encontrará perto dele o revólver, a corda e o peso com os quais esta mulher vingativa tentou disfarçar seu próprio crime e lançar sobre uma vítima inocente o ônus de um assassinato. O senhor poderá informar ao sr. Gibson que irei vê-lo de manhã, quando poderão ser tomadas providências para a defesa da srta. Dunbar.

Naquela noite, enquanto estávamos sentados fumando nossos cachimbos na hospedaria da aldeia, Holmes fez uma rápida revisão do que havia acontecido.

— Receio, Watson — ele disse —, que você, ao acrescentar o caso do mistério da Ponte Thor aos seus registros, não irá melhorar a reputação que eu possa ter adquirido. Minha mente tem estado inativa, ausente, naquela mistura de imaginação e realidade que é a base da minha arte. Confesso que a lasca na pedra da borda foi uma pista suficiente para sugerir uma solução real e eu me censuro por não ter chegado a esta conclusão mais cedo.

“É preciso admitir que a mente desta mulher infeliz era hábil e sutil, de modo que não foi muito fácil decifrar sua trama. Não creio que em nossas aventuras já tivéssemos encontrado um exemplo mais estranho do que um amor pervertido pode provocar. Se a srta. Dunbar foi sua rival num sentido físico ou num sentido puramente mental, parece ter sido aos seus olhos igualmente imperdoável. Sem dúvida, ela culpava esta moça inocente pela maneira áspera e pelas palavras grosseiras com que seu marido tentava repelir a afeição dela, demasiadamente expansiva. Sua primeira resolução foi pôr fim à própria vida. A segunda, foi fazer isto de modo a envolver sua vítima numa fatalidade que era muito pior do que qualquer morte repentina.

“Podemos seguir com muita nitidez suas várias providências, e estas demonstram uma notável sutileza de pensamento. Foi arrancado muito habilmente da srta. Dunbar um bilhete que faria parecer que ela havia escolhido o local do crime. Em sua ansiedade para que o bilhete fosse descoberto, ela exagerou um pouco, segurando-o em sua mão até o fim. Só este detalhe seria suficiente para despertar suspeitas mais cedo do que o fez.

“Depois ela pegou um dos revólveres do marido — como você viu, havia um arsenal em casa — e o guardou para o seu próprio uso. Naquela manhã, ela escondeu outro revólver semelhante no armário de roupas da srta. Dunbar, depois de descarregar uma bala, o que ela poderia fazer facilmente na floresta sem chamar atenção. Então ela foi até a ponte, onde havia engendrado esta maneira engenhosa de livrar-se da arma. Quando a srta. Dunbar apareceu, ela usou seus últimos momentos para despejar seu ódio, e depois, quando ela estava longe do ruído da arma, levou a cabo sua terrível intenção. Cada elo está agora em seu lugar, e a cadeia está completa. Os jornais podem perguntar por que o pequeno lago não foi dragado no início, mas é fácil ser sábio depois do fato, e, de qualquer modo, a extensão de um

lago repleto de juncos não é tarefa fácil, a menos que você saiba exatamente o que está procurando e onde. Bem, Watson, ajudamos uma mulher extraordinária e também um homem formidável. Que eles possam, no futuro, unir suas forças, o que não parece improvável, e que o mundo financeiro possa descobrir que o sr. Neil Gibson aprendeu alguma coisa naquela sala de aula da tristeza onde nossas lições terrenas são ensinadas.”

A AVENTURA DO HOMEM QUE ANDAVA DE QUATRO

SHERLOCK HOLMES SEMPRE ACHOU QUE EU DEVERIA PUBLICAR os fatos estranhos relacionados com o professor Presbury, ao menos para dissipar, definitivamente, os rumores torpes que uns vinte anos antes agitaram a universidade e repercutiram nas sociedades eruditas de Londres. Mas havia certos obstáculos no caminho, e a verdadeira história deste caso curioso permaneceu sepultada na caixa de metal que contém tantos registros das aventuras do meu amigo. Agora, finalmente, obtivemos permissão para divulgar os fatos de um dos últimos casos apurados por Holmes antes de deixar sua profissão. Mesmo agora, ao se expor o assunto diante do público, é preciso manter certa reticência e discrição.

Foi numa tarde de domingo, no início de setembro de 1903, que recebi de Holmes uma mensagem lacônica: "Venha imediatamente, se for conveniente — se for inconveniente, venha assim mesmo. S.H." As relações entre nós, naqueles últimos tempos, eram peculiares. Ele era um homem metódico, de hábitos limitados e concentrados, e eu havia me tornado um deles. Como uma instituição, eu era como o violino, o tabaco ordinário, o velho cachimbo preto, os livros de referências e outras coisas talvez menos justificáveis. Quando se tratava de um caso de trabalho ativo, e havia necessidade de um companheiro em cujo sangue-frio ele podia depositar um pouco de confiança, a minha participação era óbvia. Mas, fora isso, eu tinha serventia. Era um estimulante para a sua mente. Reconfortava-o. Ele gostava de pensar alto na minha presença. Dificilmente se poderia dizer que suas observações eram dirigidas a mim — muitas delas

poderiam ter sido dirigidas aos seus botões —, mas, mesmo assim, tendo virado um hábito, de certa forma era útil que eu pudesse registrar e fazer observações entre um e outro comentário. Se eu o irritava devido a uma certa lentidão metódica do meu raciocínio, aquela irritação servia para fazer com que suas intuições e impressões em combustão se acendessem mais viva e rapidamente. Em nossa aliança, esse era o meu humilde papel.

Quando cheguei à Baker Street, encontrei-o encolhido em sua poltrona, os joelhos para cima, o cachimbo na boca e a testa enrugada pensativamente. Era óbvio que ele estava angustiado com algum problema irritante. Com um aceno, ele indicou minha velha poltrona, mas durante meia hora não parecia ter percebido a minha presença. Depois, pareceu voltar de repente de seu devaneio e, com seu habitual sorriso esquisito, deu-me as boas-vindas pela volta ao lugar que havia sido, em outros tempos, o meu lar.

— Você vai desculpar minha distração, meu caro Watson — ele disse —, apresentaram-me alguns fatos curiosos nessas últimas 24 horas e, consequentemente, deram origem a algumas especulações de caráter mais geral. Penso, seriamente, em escrever uma pequena monografia a respeito do emprego de cães no trabalho de detetive.

— Mas sem dúvida, Holmes, este assunto já deve ter sido explorado — eu disse. — Cães policiais, cães treinados para farejar e perseguir...

— Não, não, Watson; quanto a esse aspecto do problema, naturalmente, é óbvio. Mas existe outro aspecto bem mais sutil. Você deve lembrar-se daquele caso que você, da sua maneira sensacional, associou a Copper Beeches, permitindo-me fazer uma dedução dos hábitos criminosos do pai, muito janota e respeitável, pela observação da mente do filho.

— Sim, lembro-me bem disto.

— Minha dedução a respeito dos cães é análoga. O cão reflete a vida da família. Quem já viu um cão brincalhão numa família triste ou um cachorro triste numa família feliz? Pessoas briguentas têm cachorros briguentos, pessoas perigosas têm cachorros perigosos, e a disposição de ânimo transitória de um pode refletir a disposição de ânimo do outro.

Sacudi a cabeça.

— Certamente, Holmes, esta é uma dedução um tanto forçada — eu disse.

Ele tornou a encher o cachimbo e sentou-se de novo, não tomando conhecimento do meu comentário.

— A aplicação prática do que eu disse está bem próxima do problema que estou investigando. É uma meada embaraçada, você compreende, e estou procurando um fio solto. Uma ponta do fio da meada talvez esteja na pergunta: por que o fiel pastor alemão Roy, do professor Presbury, está querendo mordê-lo?

Afundei-me de novo na poltrona um tanto desapontado. Foi por uma questão tão banal que eu havia sido intimado a deixar o meu trabalho? Holmes olhou-me de soslaio.

— O mesmo velho Watson! — ele disse. — Você nunca vai aprender que os problemas mais graves podem depender de coisas mínimas. Mas não parece estranho que um filósofo sóbrio e idoso, você certamente ouviu falar de Presbury, o famoso fisiologista de Camford, que um homem como este, cujo amigo tem sido seu dedicado cão pastor, tenha sido atacado duas vezes pelo seu próprio cachorro? O que você acha disto?

— O cachorro deve estar doente.

— Bem, isto tem de ser levado em consideração. Mas ele não ataca ninguém mais e, segundo parece, só molesta seu dono em ocasiões muito especiais. Curioso, Watson, muito curioso. Mas o jovem sr. Bennett está adiantado, se é ele quem está tocando a campainha. Eu gostaria de ter conversado mais com você, antes que ele chegasse.

Ouvimos passos apressados na escada, uma rápida batida na porta, e logo em seguida o novo cliente apresentou-se. Era um jovem alto, bonito, por volta dos trinta, elegante, mas algo em suas maneiras sugeria a timidez do estudante, e não a presença de espírito do homem mundano. Ele apertou a mão de Holmes e em seguida me olhou um tanto surpreso.

— Este assunto é muito delicado, sr. Holmes — ele disse —, pense no duplo relacionamento que mantenho com o professor Presbury, o particular e o público. Na verdade não tenho justificativa para falar diante de uma terceira pessoa.

— Não tenha receio, sr. Bennett. O dr. Watson é a própria essência da discrição, e posso assegurar-lhe que este é um caso no qual eu, provavelmente, vou precisar de um assistente.

— Como queira, sr. Holmes. Tenho certeza de que o senhor compreenderá que eu tenha algumas reservas nesta questão.

— Você compreenderá isto, Watson, quando eu lhe disser que este cavalheiro, sr. Trevor Bennett, é o assistente do grande cientista, vive sob seu teto e está noivo de sua única filha. Devemos concordar que o professor tem o direito de exigir toda a sua lealdade e dedicação. Mas isto será demonstrado melhor tomando-se as necessárias providências para esclarecer este estranho mistério.

— Assim espero, sr. Holmes. Este é o meu único objetivo. O dr. Watson está a par da situação?

— Não tive tempo de explicar-lhe.

— Então, talvez seja melhor voltar ao início, antes de explicar alguns fatos recentes.

— Eu mesmo o farei — disse Holmes —, a fim de demonstrar que estou a par da verdadeira sequência dos fatos. O professor, Watson, é um homem famoso na Europa. Sua vida é acadêmica. Nunca houve o menor vestígio de escândalo. Ele é viúvo e tem uma filha, Edith. Soube que ele é um homem de caráter viril e positivo, pode-se afirmar que é quase combativo. Era assim até alguns meses atrás.

"Então, a sua vida normal mudou. Ele tem 61 anos, mas ficou noivo da filha do professor Morphy, seu colega na cadeira de anatomia comparada. Não era, como percebi, a corte premeditada de um homem de idade madura, mas antes a apaixonada loucura de um jovem, pois ninguém poderia ter-se mostrado um amante mais devotado. Alice Morphy era uma moça perfeita de corpo e alma, de modo que havia todos os motivos para a paixão do professor. Mesmo assim, ele não obteve a aprovação total de sua própria família."

— Achamos esta paixão bastante exagerada — disse o nosso visitante.

— Exatamente. Exagerada e um pouco impetuosa e artificial. Mas o professor Presbury era rico, e não houve qualquer objeção por parte do pai dela. A filha, contudo, tinha outra opinião, e já havia muitos candidatos à sua mão, e esses, se eram menos desejáveis sob o ponto de vista material, eram, pelo menos, de idade mais adequada. A moça parecia gostar do professor apesar de suas excentricidades. O único obstáculo era a idade.

— Nesta ocasião, um pequeno mistério toldou de repente a rotina da vida do professor. Ele fez o que nunca havia feito antes. Saiu de casa e não revelou aonde ia. Ficou fora durante uns 15 dias e voltou muito cansado. Não fez nenhuma alusão ao lugar onde havia estado, embora fosse, em

geral, o mais franco dos homens. Aconteceu, porém, que nosso cliente, sr. Bennett, recebeu uma carta de um colega, estudante em Praga, que dizia que tinha ficado satisfeito por ter visto o professor Presbury por lá, embora não tivesse conseguido falar com ele. Somente desta maneira sua própria família ficou sabendo onde ele havia estado.

"Agora vem o mais importante. A partir desta época, o professor passou por uma curiosa transformação. Ele tornou-se furtivo e dissimulado. Aqueles que o cercavam tinham sempre a impressão de que ele não era o homem que eles haviam conhecido, mas que estava sob alguma influência tenebrosa que havia ofuscado suas maiores qualidades. Seu intelecto não foi afetado, suas conferências continuavam brilhantes como sempre. Mas havia alguma coisa nova, alguma coisa sinistra e imprevista. Sua filha, que lhe era devotada, tentou várias vezes reatar o antigo relacionamento e penetrar esta máscara que o pai parecia ter colocado em si mesmo. O senhor, como percebi, também tentou, mas foi tudo em vão. E agora, sr. Bennett, conte-nos, com suas próprias palavras, o incidente das cartas.

"O senhor deve compreender, dr. Watson, que o professor não tinha segredos para mim. Se eu fosse seu filho ou seu irmão mais moço, não poderia ter desfrutado mais plenamente de sua confiança. Como seu secretário, eu manuseava todos os papéis que chegavam para ele, e abria e separava sua correspondência. Logo após o seu regresso, tudo isto mudou. Ele me disse que poderiam chegar para ele, de Londres, certas cartas marcadas com uma cruz embaixo do selo. Estas deveriam ser colocadas à parte, para que só ele as visse. Posso afirmar que muitas destas cartas passaram pelas minhas mãos, traziam as iniciais E.C. e estavam escritas numa caligrafia típica de pessoa quase analfabeta. Se ele as respondia, as respostas não passavam pelas minhas mãos nem pela cesta onde nossa correspondência era recolhida."

— E a caixa — disse Holmes.

— Ah, sim, a caixa. Ao voltar de suas viagens, o professor trouxe uma pequena caixa de madeira. Era a única coisa que sugeria uma viagem ao continente, pois era uma daquelas caixas bonitas, entalhadas, que associamos à Alemanha. Ele colocou esta caixa no armário dos equipamentos científicos. Uma vez, procurando uma cânula, levantei a caixa. Para meu espanto, ele ficou muito zangado e me repreendeu com palavras ferozes pela minha curiosidade. Foi a primeira vez que aconteceu

uma coisa dessas, e fiquei profundamente magoado. Tentei explicar-lhe que eu havia tocado na caixa por acaso, mas durante a noite inteira eu percebi que ele me olhava com severidade e que o incidente estava martelando em sua cabeça. — O sr. Bennett tirou um pequeno diário do bolso. — Isto foi no dia 2 de julho — ele disse.

— O senhor é mesmo uma testemunha admirável — disse Holmes. — Eu posso vir a precisar de algumas dessas datas que anotou.

— Aprendi a ter ordem, entre outras coisas, com o meu ilustre professor. A partir do momento em que observei anormalidades em seu comportamento, senti que era meu dever estudar seu caso. De modo que tenho anotado aqui que foi naquele mesmo dia, 2 de julho, que Roy atacou o professor, quando ele vinha de seu gabinete de trabalho em direção ao hall. No dia 11 de julho houve uma cena semelhante, e depois tenho uma anotação de mais outra, no dia 20. Depois disso tivemos de isolar Roy na estrebaria. Ele era um animal querido, carinhoso. Mas receio estar aborrecendo os senhores.

O sr. Bennett falou em tom de censura, pois era evidente que Holmes não estava escutando. Seu rosto estava rígido e seus olhos contemplavam distraidamente o teto. Com um esforço ele voltou a si.

— Estranho! Muito estranho! — ele sussurrou. — Estes detalhes eram novos para mim, sr. Bennett. Acho que agora já recordamos os fatos antigos, não é? Mas o senhor falou a respeito de algumas ocorrências recentes.

O rosto agradável e franco do nosso visitante toldou-se com alguma recordação terrível.

— Isto que vou contar ocorreu anteontem à noite — ele disse. — Por volta das duas da madrugada eu estava na cama, acordado, quando ouvi um som lento e abafado, vindo do corredor. Abri a porta e olhei para fora. Eu deveria explicar que o professor dorme no final do corredor.

— Em que data? — perguntou Holmes.

Nosso visitante ficou aborrecido com uma interrupção tão irrelevante.

— Eu disse, senhor, que foi anteontem à noite, isto é, 4 de setembro.

Holmes sacudiu a cabeça afirmativamente e sorriu.

— Por favor, continue — ele disse.

— Ele dorme no final do corredor e teria que passar em frente à minha porta para chegar à escada. Foi realmente uma experiência aterradora, sr.

Holmes. Acho que tenho os nervos tão fortes quanto qualquer pessoa, mas o que vi me abalou. O corredor estava escuro, a não ser por uma janela no meio, que deixava passar uma fresta de luz. Pude perceber que alguma coisa vinha pelo corredor, alguma coisa escura e encolhida. Então, de repente, aquilo surgiu na claridade, e vi que era ele. Ele estava engatinhando, sr. Holmes, engatinhando! Não estava exatamente sobre as mãos e os joelhos. Eu diria que ele estava sobre as mãos e os pés, com o rosto entre as mãos. Mas parecia mover-se com facilidade. Fiquei tão paralisado pela visão que só quando ele chegou diante da minha porta que consegui dar um passo à frente e perguntar se poderia ajudá-lo. Sua resposta foi espantosa. Ele pôs-se de pé num salto, dirigiu-me algumas palavras duras, passou por mim correndo e desceu a escada. Esperei cerca de uma hora, mas ele não voltou. Devia ser dia claro quando ele voltou ao seu quarto.

— Bem, Watson, o que acha você disto? — perguntou Holmes, como um patologista que apresenta um espécime raro.

— Lumbago, possivelmente. Sei que um ataque grave faz um homem andar exatamente assim, e nada seria mais irritante para os nervos.

— Meu bom Watson! Você sempre nos mantém com os pés presos no chão. Mas dificilmente poderíamos aceitar a hipótese de um lumbago, já que ele foi capaz de ficar de pé num instante.

— Ele nunca esteve mais saudável — disse Bennett. — Na verdade, ele está mais forte do que em todos esses anos que o conheço. Porém existem os fatos, sr. Holmes. Não é um caso para a polícia, mas não sabemos o que fazer e sentimos, de maneira um tanto estranha, que estamos indo em direção a uma catástrofe. Edith, a srta. Presbury, sente, como eu, que não podemos mais esperar passivamente.

— Este é de fato um caso muito curioso e sugestivo. O que você acha disto, Watson?

— Falando como médico — eu disse —, parece um caso para um analista. Os processos cerebrais do velho cavalheiro foram perturbados pelo caso de amor. Ele fez uma viagem ao exterior na esperança de vencer esta paixão. Suas cartas e a caixa podem estar relacionadas com alguma outra transação particular, um empréstimo, talvez, ou certificados de ações que estariam na caixa.

— E o cachorro sem dúvida desaprovou o negócio. Não, não, Watson, existe algo mais. Bem, só posso sugerir...

O que Sherlock Holmes ia sugerir nunca se saberá, pois naquele instante a porta abriu-se e uma jovem entrou na sala. Quando ela apareceu, o sr. Bennett levantou-se rapidamente com uma exclamação e correu para a frente com as mãos levantadas, para encontrar as que ela já lhe havia estendido.

— Edith, querida! Não é nada de importante, espero?

— Achei que devia segui-lo. Oh, Jack, ando amedrontada. É horrível ficar lá sozinha.

— Sr. Holmes, esta é a jovem de quem lhe falei. É a minha noiva.

— Estávamos chegando a esta conclusão, não é, Watson? — Holmes disse com um sorriso. — Presumo, srta. Presbury, que tenha ocorrido algo de novo, e que a senhorita achou que deveríamos saber.

Nossa nova visitante, uma moça viva e bonita, do tipo inglês convencional, também sorriu para Holmes, enquanto se sentava ao lado do sr. Bennett.

— Quando eu soube que Bennett havia saído do hotel, achei que provavelmente o encontraria aqui. É claro que ele me havia dito que ia consultá-lo. Mas, oh, sr. Holmes, o senhor não pode fazer nada pelo meu pobre pai?

— Tenho esperanças, srta. Presbury, mas o caso ainda está confuso. Talvez o que a senhorita tem a dizer possa lançar uma luz nova sobre o assunto.

— Foi ontem à noite, sr. Holmes. Ele estivera muito esquisito o dia todo. Tenho certeza de que há momentos em que não se recorda do que fez. Ele vive como num sonho estranho. Ontem foi um desses dias. Não era o meu pai com quem eu vivia. Seu corpo estava lá, mas não era ele de verdade.

— Conte-me o que aconteceu.

— Fui acordada durante a noite pelos latidos furiosos do cachorro. Pobre Roy, ele agora está acorrentado perto do estábulo. Devo dizer que sempre durmo com minha porta trancada; porque, como Jack, o sr. Bennett, lhes contará, todos nós temos uma sensação de perigo iminente. Meu quarto fica no segundo andar. A persiana da minha janela estava suspensa, e era uma noite de luar. Quando eu estava deitada com os olhos fixos no quadrado de luz, ouvindo os latidos frenéticos do cão, fiquei assombrada ao ver o rosto

de meu pai olhando para dentro, para mim. Sr. Holmes, quase morri de susto e horror. Ali estava ele, o rosto comprimido contra a vidraça, e uma das mãos parecia estar suspensa, como se fosse levantar a janela. Se aquela janela tivesse sido aberta, acho que teria enlouquecido. Não foi uma alucinação, sr. Holmes. Não se iluda pensando isto. Eu diria que foram vinte segundos, mais ou menos, em que fiquei paralisada observando o rosto dele. Em seguida desapareceu, mas eu não consegui, eu não consegui pular da cama e ir atrás dele. Fiquei deitada tremendo até de manhã. No café da manhã, seu comportamento foi áspero e irritado, e ele não fez qualquer alusão à aventura noturna. Nem eu, mas dei uma desculpa para vir à cidade, e aqui estou.

Holmes parecia totalmente surpreso com a narrativa da srta. Presbury.

— Minha cara jovem, a senhorita afirma que o seu quarto fica no segundo andar. Existe alguma escada grande no jardim?

— Não, sr. Holmes, esta é a parte surpreendente disto. Não há maneira possível de alcançar a janela, e mesmo assim lá estava ele.

— A data foi 5 de setembro — disse Holmes. — Isto certamente complica as coisas.

Foi a vez de a jovem parecer surpresa.

— Esta é a segunda vez que o senhor faz alusão à data, sr. Holmes — disse Bennett. — É possível que tenha alguma relação com o caso?

— É possível, muito possível, mas, no momento, não tenho meus dados completos.

— Será que o senhor está pensando na ligação entre insanidade e fases da lua?

— Não, eu lhe garanto. É um tipo de raciocínio bem diferente. Talvez o senhor possa deixar sua agenda comigo, e eu verificarei as datas. Agora acho, Watson, que a nossa linha de ação está perfeitamente clara. Esta jovem nos informou, e tenho a maior confiança na intuição dela, de que seu pai se recorda pouco ou nada do que acontece em certas datas. Portanto, vamos fazer-lhe uma visita, como se ele tivesse marcado um encontro conosco nessa data. Ele atribuirá isto à sua própria falta de memória. Assim, começaremos nossa atuação observando-o de perto.

— Excelente — disse o sr. Bennett. — Mas aviso que o professor, às vezes, é irascível e violento.

Holmes sorriu.

— Há motivos para irmos imediatamente, motivos muito convincentes, se é que minhas teorias estão certas. Amanhã, sr. Bennett, certamente nos verá em Camford. Se não me falha a memória, há uma estalagem chamada Chequers, onde o vinho do Porto costumava escapar da mediocridade e a roupa de cama era irrepreensível. Acho, Watson, que o nosso destino nos próximos dias pode nos levar a lugares menos agradáveis.

Na manhã de segunda-feira estávamos a caminho da famosa cidade universitária — um pequeno esforço por parte de Holmes, que não tinha raízes para arrancar, mas, de minha parte, um esforço que envolvia planejamento frenético, porque, nessa época, minha clientela não era insignificante. Holmes não fez alusão ao assunto até nossas maletas chegarem à antiga hospedaria que ele havia mencionado.

— Acho que podemos surpreender o professor logo antes do almoço. Ele dá aula às 11 horas e deve fazer um intervalo em casa.

— Que pretexto teríamos para visitá-lo? Holmes deu uma olhada em sua agenda.

— Houve um período de exaltação, no dia 26 de agosto. Vamos supor que nestas ocasiões ele fique um pouco confuso quanto ao que faz. Se insistirmos que fomos lá para um encontro marcado, acho que ele dificilmente ousará nos contradizer. Você tem a desfaçatez necessária para fazer isto?

— A única coisa que podemos fazer é tentar.

— Excelente, Watson! Uma mistura de Busy Bee e Excelsior. Devemos tentar, o lema da firma. Um nativo gentil certamente nos conduzirá até lá.

Um desses, na parte posterior de uma charrete, passou conosco velozmente diante de um conjunto de faculdades antigas e, finalmente, virando em uma avenida arborizada, parou à porta de uma bela casa cercada de gramados e coberta de glicínias purpúreas. O professor Presbury estava, evidentemente, cercado de todos os sinais não só de conforto, mas também de luxo. Quando paramos, uma cabeça grisalha apareceu na janela da frente, e notamos um par de olhos vivos, por baixo de sobrancelhas grossas, que nos observava através de grandes óculos com aro de chifre. Um minuto depois, estávamos em seu gabinete de trabalho, e o misterioso cientista, cujas excentricidades nos haviam trazido de Londres, estava diante de nós. Não havia nenhum sinal de excentricidade, nem em seu comportamento nem em sua aparência, pois ele era um homem imponente, grande,

circunspecto, de sobrecasaca, com a dignidade de atitude que um conferencista precisa ter. O mais notável em seu rosto eram os olhos, penetrantes, observadores, inteligentes, quase astuciosos.

Ele olhou os nossos cartões.

— Por favor, sentem-se, senhores. Em que lhes posso ser útil?

Holmes sorriu amavelmente.

— Era esta a pergunta que eu estava prestes a lhe fazer, professor.

— A mim, senhor!

— Deve haver algum engano. Eu soube por intermédio de outra pessoa que o professor Presbury, de Camford, precisava dos meus serviços.

— Oh, realmente! — Tive a impressão ver um brilho malicioso nos ardentes olhos cinzentos. — O senhor ouviu isto, não foi? Posso perguntar-lhe o nome do seu informante?

— Sinto muito, professor, mas o assunto era muito confidencial. Se cometi um engano, não houve nenhum prejuízo. Posso apenas lamentar.

— De modo algum. Eu gostaria de aprofundar-me neste assunto. Ele me interessa. O senhor tem alguma coisa escrita, alguma carta ou telegrama, para sustentar sua afirmação?

— Não, não tenho.

— Será que o senhor chega a ponto de afirmar que eu o chamei?

— Eu preferiria não responder a nenhuma pergunta — disse Holmes.

— Não, eu diria que não — disse o professor asperamente. — Contudo, esta última pergunta pode ser respondida sem dificuldade sem a sua ajuda.

Ele atravessou a sala e aproximou-se da campainha. Nosso amigo londrino, sr. Bennett, respondeu ao chamado.

— Entre, sr. Bennett. Estes dois senhores vieram de Londres com a impressão de que haviam sido chamados. Você, que cuida de toda a minha correspondência, você viu alguma coisa endereçada a uma pessoa chamada Holmes?

— Não, senhor — respondeu Bennett, corando.

— Isto é conclusivo — disse o professor, olhando furioso para o meu amigo. — Agora, senhor — ele inclinou-se para a frente com as duas mãos na mesa —, parece-me que a sua atitude é muito questionável.

Holmes deu de ombros.

— Só posso repetir que lamento termos feito uma intromissão desnecessária.

— Isto não é suficiente, sr. Holmes! — gritou o velho numa voz alta e esganiçada, com uma expressão maldosa. Enquanto falava, ele ficou entre nós e a porta, e sacudiu as duas mãos furiosamente para nós. — Você não poderá sair desta tão facilmente quanto pensa. — Seu rosto estava transtornado, e ele arreganhava os dentes para nós e falava atabalhoadamente em sua fúria insensata. Eu estou convencido de que teríamos tido que lutar para sair da sala se Bennett não tivesse interferido.

— Meu caro professor! — ele exclamou. — Considere a sua posição! Considere o escândalo dentro da universidade! O sr. Holmes é um homem muito conhecido. O senhor não pode tratá-lo com esta descortesia.

Mal-humorado, o nosso anfitrião — se é que podemos chamá-lo assim — deixou livre a passagem até a porta. Ficamos aliviados quando nos vimos fora da casa, na quietude da avenida arborizada. Holmes parecia estar se divertindo muito com o acontecimento.

— Os nervos de nosso douto amigo estão um tanto desregulados — ele disse. — Talvez nossa intromissão tenha sido um tanto grosseira, mas conseguimos aquele contato pessoal que eu desejava. Mas, valha-me Deus, Watson, ele está na nossa pista. O vilão ainda nos persegue.

Havia o som de pés correndo atrás de nós, mas, para meu alívio, não foi o terrível professor, mas seu assistente quem apareceu na curva da alameda. Ele chegou ofegante até nós.

— Eu sinto muito, sr. Holmes. Gostaria de pedir desculpas.

— Meu caro, não é preciso. Tudo vale como experiência profissional.

— Nunca o vi numa disposição de ânimo tão perigosa. Mas ele está ficando cada vez mais sinistro. O senhor pode compreender agora por que sua filha e eu estamos alarmados. Mas sua mente está perfeitamente lúcida.

— Lúcida demais — disse Holmes. — Este foi o meu erro de cálculo. É evidente que a memória dele está muito mais confiável do que eu havia imaginado. A propósito, antes de ir embora podemos ver a janela do quarto da srta. Presbury?

Bennett avançou por entre alguns arbustos, e avistamos um dos lados da casa.

— Lá está. A segunda da esquerda.

— Valha-me Deus, parece de difícil acesso. No entanto, você pode observar que debaixo há uma trepadeira e, em cima, um cano d’água que pode servir de apoio para os pés.

— Eu mesmo não poderia subir ali — disse Bennett.

— É bem provável que não. Seria, com certeza, uma façanha perigosa para qualquer homem normal.

— Há uma outra coisa que eu queria lhe dizer, sr. Holmes. Tenho o endereço do homem de Londres para quem o professor escreve. Parece que ele escreveu esta manhã, e percebi isto pelo seu mata-borrão. É uma atitude ignóbil para um secretário de confiança, porém, o que mais posso fazer?

Holmes deu uma olhada no papel e enfiou-o no bolso.

— Dorak... um nome curioso. Eslavo, eu imagino. Bem, isto é um elo importante da cadeia. Voltaremos esta tarde, sr. Bennett. Não vejo necessidade de ficar aqui. Não podemos prender o professor porque não cometeu nenhum crime, nem podemos deixá-lo confinado, pois não se pode provar que esteja louco. Por enquanto não se pode tomar nenhuma atitude.

— Então, que diabo faremos?

— Um pouco de paciência, sr. Bennett. Logo as coisas vão melhorar. A menos que eu esteja enganado, na próxima terça-feira pode haver uma crise. Com certeza nesse dia estaremos em Camford. Enquanto isto, o quadro geral sem dúvida é desagradável, e se a srta. Presbury puder prolongar sua visita...

— Isto é fácil.

— Então deixe-a ficar aqui até que possamos garantir que não há mais perigo. Enquanto isso, deixe-o fazer o que bem entender e não o contradiga. Desde que ele esteja de bom humor, tudo bem.

— Lá está ele! — disse Bennett num sussurro sobressaltado.

Espiando por entre os galhos, vimos a figura alta e ereta sair pela porta do hall e olhar à sua volta. Ele ficou inclinando para a frente, as mãos balançando estendidas à sua frente, virando a cabeça de um lado para outro. O secretário, com um último aceno, desapareceu por entre as árvores, e nós o vimos logo depois aproximar-se do patrão. Os dois entraram em casa juntos, entretidos numa conversa que parecia animada e até mesmo exaltada.

— Acho que o velho cavalheiro está exigindo explicações — disse Holmes, enquanto caminhávamos para o hotel. — Pelo pouco que pude observar, ele me impressionou pela mente particularmente lúcida e lógica. Explosivo, sem dúvida, mas, de acordo com o seu ponto de vista, ele tinha motivo para explodir, se puseram detetives em sua pista e ele suspeita que

sua própria família tenha feito isso. Acho que o amigo Bennett está ameaçado de passar momentos desconfortáveis.

No caminho, Holmes parou numa agência do correio e mandou um telegrama. A resposta chegou à tarde, e ele a arremessou para mim. “Visitei a Commertial Road e estive com Dorak. Pessoa agradável, natural da Boêmia, de idade madura. Dirige grande loja de departamentos. Mercer.”

— Mercer está conosco desde o seu tempo — disse Holmes. — É meu auxiliar geral e trata dos trabalhos de rotina. Era importante saber alguma coisa a respeito do homem com quem nosso professor estava se correspondendo tão secretamente. A nacionalidade dele tem relação com a visita do professor a Praga.

— Graças a Deus que pelo menos uma coisa tem relação com outra — eu disse. — No momento parece que estamos nos defrontando com uma longa série de incidentes inexplicáveis, sem relação entre si. Por exemplo, que relação pode haver entre um cão pastor e uma visita à Boêmia, ou entre ambas as coisas e o homem engatinhando por um corredor durante a noite? Quanto às suas datas, este é o maior embuste de todos.

Holmes sorriu e esfregou as mãos. Estávamos sentados na velha sala de estar do antigo hotel, tendo entre nós, na mesa, uma garrafa da famosa safra de vinho de que Holmes falara.

— Bem, agora vamos ver primeiro as datas — ele disse, as pontas dos dedos unidas e o jeito de quem está falando para uma turma de alunos... — O diário desse excelente rapaz mostra que houve problemas no dia 2 de julho, e daí em diante parece que ocorreram com intervalos de nove dias e, pelo que me lembro, com uma única exceção. Assim, o último ataque na sexta-feira ocorreu no dia 3 de setembro, dia que também se encaixa na série, assim como o dia 26 de agosto, que o precedeu. A coisa vai além da coincidência.

Fui obrigado a concordar.

— Então vamos elaborar a teoria provisória de que o professor, de nove em nove dias, toma alguma droga forte, que possui um efeito altamente tóxico, mas passageiro. Sua índole violenta intensifica-se com isto. Ele aprendeu a tomar esta droga quando estava em Praga, e agora a recebe de um intermediário boêmio de Londres. Tudo isso coincide, Watson!

— Mas e o cachorro, o rosto na janela, o homem andando de quatro no corredor?

— Bem, bem, conseguimos começar. Eu não esperaria novos acontecimentos até a próxima terça-feira. Enquanto isso, só podemos ficar em contato com o amigo Bennett e desfrutar das amenidades desta cidade encantadora.

Pela manhã, Bennett apareceu para nos trazer as últimas informações. Como Holmes previra, aquelas horas não haviam sido fáceis para ele. Sem acusá-lo propriamente de ser o responsável pela nossa presença, o professor dissera palavras muito ásperas e rudes, e, evidentemente, sentia-se muito ofendido. Mas esta manhã ele era de novo o mesmo homem e havia feito sua brilhante preleção habitual para uma classe repleta.

— A não ser por seus acessos misteriosos — disse Bennett —, ele está, realmente, com mais energia e vitalidade do que eu jamais vi, e seu cérebro nunca esteve mais lúcido. Mas não é ele, em nenhum momento é o homem que conhecemos.

— Não creio que vocês tenham algo a temer agora, pelo menos durante uma semana — respondeu Holmes. — Sou um homem ocupado, e o dr. Watson tem que atender aos seus pacientes. Vamos combinar um encontro aqui, nesta mesma hora, na próxima terça-feira, e eu ficarei surpreso se antes de irmos embora novamente não conseguirmos explicar o que está acontecendo, mesmo que não possamos acabar com os seus problemas. Enquanto isso, mantenha-nos informados pelo correio.

Não soube nada a respeito de meu amigo nos dias seguintes, mas na outra segunda-feira recebi um bilhete pedindo-me que o encontrasse no dia seguinte no trem. Pelo que ele me disse enquanto viajávamos para Camford, tudo estava bem, a paz na casa do professor não tinha sido perturbada, e sua própria conduta era perfeitamente normal. A mesma coisa nos foi contada pelo próprio Bennett, quando nos visitou naquela noite, nos nossos aposentos no Chequers.

— Ele teve notícias de seu correspondente londrino hoje. Chegou uma carta e havia um pequeno pacote, cada um deles com a cruz abaixo do selo, o que me advertiu para não tocar neles. Não ocorreu mais nada.

— Isto pode ser prova suficiente — disse Holmes, carrancudo. — Agora, sr. Bennett, acho que chegaremos a uma conclusão esta noite. Se minhas deduções estão corretas, teremos a oportunidade de pôr um fim a este assunto. Para conseguir isso, é necessário manter o professor sob

observação. Portanto, sugiro que o senhor fique acordado, e de sobreaviso. Se o ouvir passar diante da sua porta, não interrompa seus passos, mas siga-o discretamente, como puder. O dr. Watson e eu não estaremos longe. A propósito, onde está a chave daquela caixinha de que me falou?

— Na corrente do relógio dele.

— Acho que nossas buscas devem ir nessa direção. Na pior das hipóteses, não deve ser tão difícil arrebentar a fechadura. O senhor tem algum outro homem robusto no local?

— Há o cocheiro, Macphail.

— Onde é que ele dorme?

— Na parte de cima do estábulo.

— Talvez precisemos dele. Bem, não podemos fazer mais nada até ver como as coisas se desenrolam. Até logo, espero vê-lo antes do amanhecer.

Era quase meia-noite quando nos instalamos entre alguns arbustos que ficavam bem em frente à porta de entrada da casa do professor. A noite estava magnífica mas fria, e ficamos embrulhados nos nossos sobretudos quentes. Havia uma brisa, as nuvens corriam no céu, encobrindo de vez em quando a meia-lua. Teria sido uma vigília desanimadora, se não fosse pela expectativa e excitação que nos faziam prosseguir, e a convicção de meu amigo de que provavelmente tínhamos chegado ao fim da estranha sequência de acontecimentos que haviam ocupado a nossa atenção.

— Se o ciclo de nove dias é verdadeiro, então o professor estará péssimo esta noite — disse Holmes. — O fato de esses estranhos sintomas terem começado depois de sua visita a Praga, de ele estar se correspondendo secretamente com um negociante da Boêmia em Londres, que talvez represente alguém em Praga, e de ter recebido um pacote dele hoje, tudo isto aponta numa direção. O que ele toma e por que toma são coisas que ainda não sabemos, mas está bastante claro que procedem de Praga. Ele toma isto com uma orientação precisa que regula este sistema de nove dias, que foi o primeiro ponto que chamou minha atenção. Mas os sintomas que ele apresenta são muito estranhos. Você observou as articulações dos dedos dele?

— Tenho de admitir que não.

— Grossas e calosas, de um jeito totalmente novo em minha experiência. Observe sempre as mãos primeiro, Watson. Depois os punhos da camisa, os joelhos das calças e as botas. Articulações muito curiosas que só podem ser

explicadas pela forma de locomoção observada pelo... — Holmes parou, e de repente bateu com a mão na testa. — Watson, Watson, como eu fui bobo! Parece incrível, mas deve ser verdade. Tudo indica uma direção. Como eu pude deixar de perceber a conexão de ideias? Aquelas articulações, como eu pude deixar de perceber aquelas articulações? E o cachorro! E a hera! Com certeza está na hora de me aposentar e ir morar naquela fazenda pequena dos meus sonhos. Cuidado, Watson! Lá está ele! Teremos a oportunidade de ver com nossos próprios olhos.

A porta do vestíbulo abriu-se lentamente, e vimos a figura alta do professor Presbury contra o fundo iluminado. Ele estava de roupão. Enquanto permanecia de pé, seu vulto delineado no portal estava ereto, mas inclinado para a frente, com os braços pendurados, como quando o vimos pela última vez.

Ele caminhou para a alameda, e ocorreu nele uma fantástica transformação. Ele foi se encolhendo até ficar agachado e começou a se mover apoiado nas mãos e nos pés, saltando de vez em quando, como se estivesse transbordando de energia e vitalidade. Passou pela frente da casa e depois a contornou. Quando desapareceu, Bennett passou silenciosamente pela porta do vestíbulo e o seguiu.

— Venha, Watson, venha! — exclamou Holmes, e nós passamos por entre os arbustos da maneira mais silenciosa possível, até chegarmos a um lugar de onde podíamos ver o outro lado da casa, que estava banhada pela luz da meia-lua.

Podíamos ver nitidamente o professor encolhendo-se junto à parede coberta de hera. Enquanto o observávamos, ele começou a subir pela planta com incrível agilidade. Saltava de galho em galho, com firmeza nos pés e nas mãos, subindo aparentemente pelo simples prazer de sentir sua força, e sem objetivo definido. Com o roupão batendo dos lados de seu corpo, ele parecia um imenso morcego colado na parede lateral de sua própria casa, um grande remendo quadrado e escuro sobre a parede iluminada pela lua. Logo cansou-se de seu divertimento, e caindo de galho em galho, agachou-se na posição anterior e avançou em direção à cocheira, engatinhando do mesmo modo estranho de antes. O cachorro estava agora do lado de fora, latindo furiosamente, e ficou mais excitado do que nunca quando avistou o seu dono. Puxava a corrente e tremia de impaciência e de raiva. O professor agachava-se deliberadamente, fora do alcance do cão, e começou a

provocá-lo de todas as maneiras possíveis. Encheu as mãos com cascalho da alameda e jogou na cara do cachorro, cutucou-o com uma vara que havia apanhado, sacudiu as mãos a poucos centímetros da boca aberta do animal e tentou, de todas as maneiras, aumentar a fúria do bicho, que já estava totalmente descontrolado. Em todas as nossas aventuras, não me lembro de ter visto um quadro mais estranho do que o desta figura impassível e ainda digna, agachando-se como uma rã no chão e incitando a ferocidade do cachorro, enlouquecido, que saltava e se enfurecia com uma crueldade engenhosa e calculada.

E então, num instante, aconteceu aquilo. Não foi a corrente que arrebentou, mas a coleira que se soltou, pois tinha sido feita para um terra-nova de pescoço mais grosso. Ouvimos o barulho do metal caindo, e no instante seguinte cachorro e homem rolavam juntos pelo chão, um roncando de raiva, o outro gritando em falsete um estranho guincho de terror. A vida do professor ficou por um fio. A criatura selvagem o agarrou justamente pela garganta, seus dentes morderam fundo, e o professor perdeu os sentidos antes que eu pudesse chegar até eles e separá-los. Poderia ter sido uma tarefa perigosa para nós, mas a voz e a presença de Bennett fizeram o cão enorme sossegar imediatamente. A confusão fez o sonolento e atônito cocheiro sair de seu quarto sobre a estrebaria.

— Eu já o vi assim antes. Sabia que o cachorro iria pegá-lo mais cedo ou mais tarde.

O cão foi amarrado, e juntos carregamos o professor para o seu quarto, onde Bennett, que tinha diploma de médico, ajudou-me a cuidar de sua garganta dilacerada. Os dentes afiados haviam passado perigosamente perto da artéria carótida, e a hemorragia era grave. Em meia hora o perigo havia passado, eu aplicara no paciente uma injeção de morfina e ele caiu em sono profundo. Depois, e somente depois, é que fomos capazes de olhar um para o outro e de fazer o balanço da situação.

— Acho que um cirurgião especialista deveria examiná-lo — eu disse.

— Pelo amor de Deus, não! — gritou Bennett. — No momento o escândalo está restrito apenas à família. Conosco está seguro. Se atravessar estas paredes, nunca mais vai parar. Pense na posição dele na universidade. Sua reputação europeia, os sentimentos de sua filha.

— Perfeitamente — disse Holmes. — Acho que é possível manter o assunto entre nós e também impedir que se repita, agora que temos carta

branca. A chave da corrente do relógio, sr. Bennett. Macphail vigiará o paciente e nos informará se houver alguma mudança. Vamos ver o que podemos encontrar na misteriosa caixa do professor.

Não havia muita coisa, mas havia o suficiente: um frasco vazio, outro quase cheio, uma seringa hipodérmica; muitas cartas numa caligrafia difícil de entender, e em língua estrangeira. Os selos no envelope mostraram que eram as mesmas cartas que haviam perturbado a rotina do secretário, e cada uma delas tinha como remetente “A. Dorak”, da Commercial Road. Eram simples faturas avisando que um novo frasco estava sendo enviado ao professor Presbury, ou recibos acusando o recebimento de dinheiro. Mas havia um outro envelope, numa caligrafia mais legível, e trazendo o selo austríaco, com o carimbo do correio de Praga.

— Aqui está o nosso material — exclamou Holmes enquanto abria o envelope.

> *Prezado colega:*
>
> *Desde a sua prezada visita, tenho pensado muito em seu caso e, embora nas suas condições haja motivos especiais para o tratamento, mesmo assim eu recomendo cautela, já que meus resultados mostraram que este tratamento não é feito sem um certo risco.*
>
> *Talvez o soro de antropoide fosse melhor. Como lhe expliquei, usei o sangur de cara preta, porque havia um espécime disponível. O sangur, naturalmente, é um rastejador e um trepador, enquanto o antropoide caminha ereto e é mais aparentado em todos os aspectos.*
>
> *Rogo-lhe que tome todas as precauções possíveis para que não haja revelações prematuras do processo. Tenho outro cliente na Inglaterra, e Dorak é meu intermediário para ambos.*
>
> *Agradeceria seus relatórios semanais.*
>
> *Com toda a estima,*
>
> *H. Lowenstein*

Lowenstein! O nome fez com que eu me lembrasse de um recorte de jornal que falava de um obscuro cientista que estava se aventurando por um caminho desconhecido, em busca do segredo do rejuvenescimento e do elixir da vida. Lowenstein de Praga! Lowenstein, com o maravilhoso elixir de energia, proibido de exercer a profissão porque se recusava a revelar a

sua fonte. Em poucas palavras, disse aquilo de que me recordava. Bennett apanhara um manual de zoologia na estante.

— “Sangur” — ele leu — “o grande macaco de cara preta das encostas do Himalaia, o maior e o mais humano dos macacos trepadores”. Há muitos outros detalhes. Bem, sr. Holmes, graças ao senhor, é evidente que descobrimos a origem do mal.

— A verdadeira origem — disse Holmes — está, naturalmente, naquele caso de amor extemporâneo que deu ao nosso impetuoso professor a ideia de que ele só poderia conseguir o que queria transformando-se num jovem. Quando alguém tenta sobrepor-se à natureza, fica sujeito a perdê-la. O tipo mais desenvolvido de homem pode voltar à vida animal se abandonar a estrada reta do destino. — Ele ficou sentado pensativo, durante alguns minutos, com o frasco na mão, olhando para o líquido transparente ali dentro. — Quando eu tiver escrito a este homem e dito a ele que eu o considero criminalmente responsável pelos venenos que põe em circulação, não teremos mais problemas. Mas isto pode se repetir. Outros podem descobrir uma maneira melhor. Existe perigo aí, um perigo muito real para a humanidade. Pense, Watson, que os materialistas, os sensuais, os mundanos, todos iriam prolongar suas vidas sem valor. Os espiritualistas não recusariam a convocação para alguma coisa mais elevada. Seria a sobrevivência dos menos adequados. Em que espécie de cloaca o nosso mundo não se transformaria? — De repente o sonhador desapareceu, e Holmes, o homem de ação, saltou da cadeira. — Acho que não há nada mais a dizer, sr. Bennett. Os vários acontecimentos agora se encaixarão facilmente no plano geral. O cão, com certeza, percebeu a mudança muito mais depressa do que o senhor. O seu olfato lhe garante isso. Foi o macaco, não o professor, que Roy atacou, assim como foi o macaco que implicou com Roy. Para a criatura, subir pela parede foi um prazer, e acho que foi por acaso que o passatempo o levou até a janela de sua filha. Há um trem cedo para a cidade, Watson, mas acho que antes disso teremos tempo para uma xícara de chá no Chequers.

A AVENTURA DA JUBA DO LEÃO

É MUITO ESTRANHO QUE ME TIVESSE APARECIDO, DEPOIS QUE me aposentei, um caso mais complicado e estranho do que qualquer outro que enfrentei em minha longa carreira profissional, e que esse caso tivesse ocorrido, como ocorreu, na minha porta. Isso aconteceu depois que me recolhi à minha casinha, em Sussex, quando já estava inteiramente dedicado àquela vida tranquila em contato com a natureza que eu tanto almejara durante os longos anos passados na melancólica Londres. Nesse período de minha vida, o bondoso Watson ficou quase inteiramente fora do alcance de minha vista. Uma visita ocasional nos fins de semana era o máximo que nos víamos. Portanto, tenho que ser o meu próprio cronista. Mas, se ele estivesse comigo, como ele teria valorizado este acontecimento e o meu triunfo final sobre cada dificuldade! No entanto, como ele não estava, tenho que contar minha história de maneira simples, mostrando, com minhas palavras, cada passo na difícil estrada que se estendia à minha frente enquanto eu investigava o mistério da juba do leão.

Minha casa de campo está situada na encosta meridional das colinas, com uma ampla vista do canal. Nesse ponto o litoral é inteiramente formado de penhascos calcários, de onde só se pode descer por uma única trilha extensa, tortuosa, íngreme e escorregadia. Lá embaixo, no fim da trilha, estendem-se centenas de metros de cascalho e seixos, mesmo quando a maré está alta. Mas, aqui e ali, existem curvas e enseadas que formam esplêndidas piscinas, que se enchem em cada maré alta. Esta praia maravilhosa estende-se por alguns quilômetros de cada lado, com exceção

do ponto onde a pequena enseada e a aldeia de Fulworth interrompem o contorno.

Minha casa fica isolada. Eu, minha velha governanta e minhas abelhas temos toda a propriedade só para nós. Contudo, a uns oitocentos metros de distância fica o conhecido estabelecimento de ensino de Harold Stackhurst, o Gables, um prédio grande onde dezenas de jovens são preparados para diversas profissões, com um corpo docente composto de muitos professores. O próprio Stackhurst, em seu tempo, foi um conhecido remador da Universidade de Oxford e um humanista de conhecimentos muito amplos. Ele e eu ficamos bons amigos desde que cheguei à costa, e ele era o único homem que mantinha comigo relações tão cordiais que nos permitiam visitar um ao outro, à noite, sem convite.

Quase no fim de julho de 1907, houve um temporal violento, com o vento soprando canal acima, carregando as águas até a base dos penhascos e deixando uma lagoa com a mudança da maré. Na manhã a que me refiro, o vento havia diminuído, e toda a natureza estava recém-lavada e fresca. Era impossível trabalhar num dia tão encantador, e eu dei um passeio antes do café para aproveitar o ar agradável da manhã. Caminhava pela trilha que ia dar na descida íngreme para a praia. Quando estava andando, ouvi um grito atrás de mim, e lá estava Harold Stackhurst acenando alegremente.

— Que bela manhã, sr. Holmes! Achei que deveria convidá-lo para sair.

— Vejo que pretende ir nadar.

— Novamente com as suas brincadeiras — ele riu, apalpando seu bolso saliente. — Sim, McPherson saiu cedo, e espero poder encontrá-lo lá.

Fitzroy McPherson era o professor de ciências, um jovem bonito e forte, cuja vida havia sido prejudicada por um problema no coração após uma febre reumática, mas ele era um atleta nato e se destacava em todas as competições esportivas que não exigissem dele um grande esforço. No verão e no inverno ele nadava, e, como eu também sou um nadador, quase sempre ia junto com ele.

Neste momento avistamos o homem de quem falávamos. Sua cabeça aparecia acima da borda do penhasco onde a trilha termina. Depois, todo o seu corpo apareceu no cume, cambaleando como um bêbado. No instante seguinte, ele jogou as mãos para cima, e com um grito terrível caiu com o rosto no chão. Stackhurst e eu corremos — devia ser uma distância de uns cinquenta metros — e o viramos de costas. Era óbvio que ele estava

morrendo. Aqueles olhos fundos e vidrados e as faces horrivelmente pálidas não podiam significar outra coisa. Por um instante, seu rosto readquiriu um sopro de vida e ele sussurrou duas ou três palavras com um ar ansioso de advertência. Saíram ligeiras e indistintas, porém, para o meu ouvido, as últimas palavras que brotaram dos lábios dele, num grito agudo, foram "a juba do leão". Eram totalmente despropositadas e ininteligíveis, mas eu não poderia dar-lhes qualquer outro sentido. Então ele ergueu-se um pouco do chão, jogou os braços para o alto e caiu de lado. Estava morto.

Meu companheiro ficou paralisado de terror, mas eu, como se pode imaginar, estava com todos os sentidos alertas. E havia necessidade, porque logo ficou evidente que estávamos diante de um caso extraordinário. O homem estava vestido apenas com seu sobretudo, calças e um par de sapatos de lona desamarrados. Quando ele caiu, o sobretudo, que fora simplesmente jogado em volta dos ombros, escorregou, expondo seu tronco. Nós o olhamos com espanto. Suas costas estavam cobertas por traços vermelho-escuros, como se ele tivesse sido terrivelmente açoitado com um fino chicote metálico. O instrumento com o qual este castigo lhe havia sido infligido era sem dúvida flexível, porque os horríveis vergões compridos e vermelhos acompanhavam a curvatura de seus ombros e do tórax. Havia sangue gotejando de seu queixo, porque ele mordera o lábio inferior no auge da agonia. Seu rosto contraído e retorcido mostrava como fora terrível essa agonia.

Eu estava ajoelhado e Stackhurst de pé ao lado do corpo quando uma sombra caiu sobre nós, e percebemos que Ian Murdoch estava ao nosso lado. Murdoch era o preceptor de matemática do estabelecimento, um homem alto, moreno e magro, tão reservado e distante, que ninguém poderia dizer que era seu amigo. Ele parecia viver em alguma região superior e abstrata de infinitos e sessões cônicas, com pouca coisa que o vinculasse à vida normal. Era considerado excêntrico pelos estudantes e teria sido alvo de piadas, mas o homem tinha algum sangue estranho e forasteiro que se revelava não apenas em seus olhos pretos como carvão e em seu rosto moreno, mas também nas ocasionais explosões de mau humor, que só poderiam ser descritas como ferozes. Certa vez, importunado por um cachorrinho que pertencia a McPherson, pegou o animal e o arremessou pela vidraça da janela, uma atitude pela qual Stackhurst certamente o teria demitido, se ele não fosse um excelente professor. Assim era o homem

estranho e complexo que agora surgia ao nosso lado. Ele parecia estar sinceramente abalado com o que via diante dele, embora o incidente com o cachorro pudesse mostrar que não havia grande simpatia entre o morto e ele.

— Pobre sujeito! Pobre sujeito! O que posso fazer? Como posso ajudar?

— Você estava com ele? Pode nos dizer o que aconteceu?

— Não, não, eu estava atrasado esta manhã. Não estava na praia, de modo algum. Vim direto do Gables. O que posso fazer?

— Você pode correr até a delegacia de Fulworth. Conte o que aconteceu, imediatamente.

Sem uma palavra, ele saiu correndo a toda a velocidade, e eu assumi o controle do caso enquanto Stackhurst, atordoado com a tragédia, permanecia ao lado do corpo. Minha primeira tarefa, naturalmente, foi verificar quem estava na praia. Da parte mais alta da trilha, eu podia enxergar toda a extensão da praia, que estava completamente deserta, a não ser por dois ou três vultos escuros, que podiam ser vistos ao longe, movendo-se para a aldeia de Fulworth. Depois disso, caminhei lentamente, pela descida da trilha. Havia argila ou marna[28] mole misturada com calcário, e em diversos lugares notei a mesma pegada, subindo e descendo. Ninguém mais tinha descido até a praia por esta trilha naquela manhã. Em um lugar notei a impressão de uma mão aberta, com os dedos na direção do declive. Isto só poderia significar que o pobre McPherson havia caído enquanto subia. Havia também depressões arredondadas, o que sugeria que ele havia caído de joelhos mais de uma vez. No final da trilha ficava a grande lagoa deixada pela maré vazante. McPherson se despira às margens da lagoa, pois lá estava a sua toalha sobre uma das rochas. Estava dobrada e seca, o que levava a crer que, afinal, ele não havia entrado na água. Uma ou duas vezes, enquanto eu examinava o trecho de cascalho, encontrei pequenas porções de areia em que se podia ver a marca de seus sapatos de lona, e também de seus pés descalços. Este último fato provava que ele havia se preparado para o banho, embora a toalha indicasse que, na verdade, não entrara na água.

E aí estava o problema claramente definido — o mais estranho que eu já havia confrontado. O homem não tinha permanecido na praia mais de 15 minutos. Stackhurst o havia seguido desde Gables, de modo que não

poderia haver dúvida quanto a isto. Ele tinha ido nadar e havia se despido, como revelavam suas pegadas descalças. Então, de repente, ele vestira outra vez as roupas às pressas — elas estavam todas amarrotadas e desamarradas —, e ele voltara sem ter nadado ou, de qualquer modo, sem ter secado o corpo. E o motivo para esta mudança de intenção foi que ele havia sido flagelado de maneira selvagem e desumana, e torturado até morder os lábios em sua agonia, e fora abandonado com forças apenas para se afastar rastejando e morrer. Quem teria praticado este ato tão bárbaro? Havia, é verdade, pequenas grutas e cavernas na base do penhasco, mas o sol baixo as iluminava diretamente o interior, e não havia lugar para esconderijos. Depois, havia aqueles vultos distantes na praia. Eles pareciam estar longe demais para ter alguma ligação com o crime, e a ampla lagoa junto às rochas, onde McPherson tinha a intenção de tomar banho, ficava entre eles. No mar estavam dois ou três barcos de pesca a uma distância não muito grande. Seus ocupantes podiam ser observados por nós à vontade. Havia muitos caminhos para a investigação, mas nenhum que conduzisse a qualquer resultado evidente.

Quando enfim voltei, verifiquei que um pequeno grupo de desocupados havia se aglomerado em volta do corpo. Stackhurst, naturalmente, ainda estava lá, e Ian Murdoch havia acabado de chegar com Anderson, o policial da aldeia, um homem grande, de bigodes ruivos, da sólida e lenta estirpe de Sussex — uma gente que traz escondida uma boa dose de bom senso por trás de uma aparência pesada e silenciosa. Ele ouviu, tomou nota de tudo o que dissemos e finalmente puxou-me para um lado.

— Eu gostaria de poder contar com a sua orientação, sr. Holmes. Esta é uma tarefa difícil para mim, e, se eu me sair mal, Lewes vai me repreender.

Aconselhei-o a mandar chamar seu superior imediato e um médico, e também que não permitisse que nada fosse removido, e que fizessem a menor quantidade possível de pegadas até que eles chegassem. Enquanto isso, dei uma busca nos bolsos do homem morto. Encontrei um lenço, uma faca grande e uma pequena caixa de cartas de baralho dobrada. Desta caixa saía a ponta de um papel, que desdobrei e entreguei ao policial. Nele estava escrito, numa caligrafia malfeita de mulher: “Estarei lá, pode ter certeza. Maudie.” Podia ser interpretado como um caso de amor, um encontro amoroso, embora não houvesse menção a data e lugar. O policial pôs o papel novamente na caixa de baralho e a enfiou, junto com as outras coisas,

no bolso do sobretudo. Então, como não me ocorresse mais nada, voltei para minha casa a fim de tomar o café da manhã, depois de ter providenciado para que se desse uma busca completa no sopé do penhasco.

Uma ou duas horas depois, Stackhurst estava de volta para dizer-me que o corpo havia sido removido para o Gables, onde seria feito o inquérito policial. Trouxe algumas informações graves precisas. Como eu esperava, nada foi encontrado nas pequenas cavernas na base do penhasco, mas eles haviam examinado os papéis na escrivaninha de McPherson, e muitos deles revelavam uma correspondência íntima com uma certa srta. Maud Bellamy, de Fulworth. Então identificamos a autora do bilhete.

— A polícia tem as cartas — ele explicou. — Não pude trazê-las. Mas não há dúvida de que aquele era um verdadeiro caso de amor. Entretanto, não vejo motivo para associar o caso a este acontecimento terrível, a não ser pelo fato de que a moça havia marcado um encontro com ele.

— Mas dificilmente numa piscina que todos vocês costumavam frequentar — eu comentei.

— Foi por mero acaso — ele disse — que muitos estudantes não estivessem com McPherson.

— Será que *foi* um mero acaso?

Stackhurst franziu as sobrancelhas, pensativo.

— Ian Murdoch os reteve — disse —, ele insistiu com os estudantes para uma demonstração de álgebra antes do café. Pobre sujeito, está completamente arrasado com tudo isso.

— Entretanto, cheguei à conclusão de que eles não eram amigos.

— Houve uma época em que eles não eram amigos. No entanto, há um ano ou mais, Murdoch tem estado mais próximo de McPherson do que já esteve de qualquer outra pessoa. Ele não é muito simpático por natureza.

— Foi o que entendi. Acho que você me contou uma vez a respeito de uma briga porque ele maltratou um cachorro.

— Isso já foi esquecido.

— Mas talvez tenha deixado algum sentimento de vingança.

— Não, não, tenho certeza de que eles eram amigos de verdade.

— Bem, então devemos investigar o caso da moça. Você a conhece?

— Todo mundo a conhece. Ela é a beldade do lugar, uma verdadeira beldade, que despertaria atenção aonde quer que fosse. Eu sabia que

McPherson sentia-se atraído por ela, mas não sabia que o caso tinha ido tão longe quanto essas cartas parecem indicar.

— Mas quem é ela?

— Ela é filha do velho Tom Bellamy, que é dono de todos os barcos e barracas em Fulworth. Ele começou como pescador, e agora é homem de algumas posses. Ele e seu filho William tocam o negócio.

— Vamos até Fulworth para vê-los?

— Com que pretexto?

— Oh! podemos achar facilmente um pretexto. Afinal de contas esse pobre homem não maltratou a si mesmo desta maneira brutal. Alguma mão humana segurava o cabo daquele chicote, se de fato foi um chicote que causou os ferimentos. O seu círculo de amizades neste lugar solitário devia ser limitado. Vamos em seu encalço, em todas as direções, e dificilmente deixaremos de descobrir o motivo do crime, o que, por sua vez, poderá levar-nos ao criminoso.

Teria sido um passeio agradável pelos declives perfumados pelos tomilhos, se as nossas mentes não estivessem envenenadas pela tragédia que havíamos testemunhado. A aldeia de Fulworth fica num vale e estende-se num semicírculo em volta da baía. Atrás do antigo povoado, nas encostas, foram construídas várias casas modernas. Foi para uma destas casas que Stackhurst me conduziu.

— Esta é The Haven, como Bellamy a batizou. A que tem uma torre no canto e telhado de ardósia. Nada má para um homem que começou do nada. Por Deus, olhe ali!

O portão do jardim da The Haven foi aberto e um homem saiu. Não havia como confundir aquela figura alta, angulosa, solitária. Era Ian Murdoch, o matemático. Logo depois nos defrontamos com ele na estrada.

— Olá! — disse Stackhurst. O homem saudou-nos com a cabeça, olhou-nos de soslaio com seus estranhos olhos escuros, e teria passado direto por nós, mas seu superior o fez parar.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou.

O rosto de Murdoch ficou vermelho de raiva.

— Sou seu subordinado, senhor, debaixo do seu teto. Mas não tenho que lhe dar satisfações de minhas atitudes particulares.

Os nervos de Stackhurst estavam à flor da pele depois de tudo o que havia suportado. Em outras circunstâncias talvez ele tivesse esperado. Mas

naquela hora ele perdeu completamente a calma.

— A sua resposta é pura impertinência, sr. Murdoch.

— A sua pergunta também foi impertinente.

— Esta não é a primeira vez que tenho de fazer vista grossa para as suas insubordinações. Esta certamente será a última. O senhor, por favor, tome providências quanto ao seu futuro o mais depressa possível.

— Já pretendia fazer isto. Perdi hoje a única pessoa que tornava o Gables habitável.

Ele saiu andando a passos largos, enquanto Stackhurst, com uma expressão zangada, ficou olhando para ele.

— Não é um homem insuportável? — ele gritou.

A única coisa que se fixou na minha mente foi que o sr. Ian Murdoch estava agarrando a primeira oportunidade e preparando caminho para fugir do local do crime. Uma suspeita vaga e nebulosa agora começava a se formar na minha mente. Talvez a visita aos Bellamy pudesse esclarecer alguma coisa sobre o assunto. Stackhurst acalmou-se e prosseguimos até a casa.

O sr. Bellamy era um homem de meia-idade, com uma flamejante barba vermelha. Ele parecia estar muito irritado, e seu rosto ficou logo tão vermelho quanto sua barba.

— Não, senhor, não desejo saber de nenhum detalhe. Meu filho aqui — ele disse indicando um jovem forte, com um rosto triste e zangado, no canto da sala de estar — é da mesma opinião que eu, de que as atenções do sr. McPherson para com Maud eram ofensivas. Sim, senhor, a palavra *casamento* nunca foi mencionada, e mesmo assim havia cartas e encontros e muito mais coisas que nenhum de nós podia aprovar. Ela não tem mãe, e somos seus únicos tutores. Estamos decididos...

Mas as palavras foram interrompidas pelo aparecimento da própria moça. Não se podia negar que ela enfeitaria qualquer reunião no mundo. Quem poderia ter imaginado que uma flor tão rara crescesse de semelhante raiz e em semelhante atmosfera? As mulheres raramente me atraíram, porque meu cérebro sempre governou meu coração, mas era impossível olhar para o seu rosto de contornos perfeitos, com todo o suave encanto daquela terra em seu colorido delicado, sem perceber que nenhum jovem poderia cruzar seu caminho incólume. Assim era a jovem que abrira a porta com um empurrão e estava agora, ansiosa e de olhos arregalados, diante de Harold Stackhurst.

— Já sei que Fitzroy está morto — ela disse. — Não tenha medo de me contar os detalhes.

— Aquele outro cavalheiro nos trouxe a notícia — explicou o pai.

— Não há motivo para que minha irmã seja envolvida no assunto — resmungou o homem mais jovem.

A irmã lançou-lhe um olhar irônico e feroz.

— Isto é assunto meu, William. Tenha a bondade de me deixar cuidar disso à minha maneira. Dizem que foi cometido um crime. Se eu tiver como ajudar a descobrir quem fez isso, será o mínimo que poderei fazer por ele que se foi.

Ela ouviu um curto relato de meu amigo com uma concentração tranquila, o que demonstrou que ela possuía um caráter forte, além da grande beleza. Maud Bellamy ficará para sempre na minha lembrança como a mais completa e extraordinária das mulheres. Parece que ela já me conhecia de vista, porque no final virou-se para mim.

— Leve-os à justiça, sr. Holmes. O senhor tem a minha solidariedade e a minha ajuda, sejam eles quem forem. — Tive a impressão de que ela olhou de modo desafiador para o pai e o irmão enquanto falava.

— Obrigado — eu disse. — Nestes assuntos, aprecio o instinto da mulher. A senhorita usou a palavra eles. Acha que há mais de uma pessoa envolvida?

— Conheci McPherson bastante bem para saber que ele era um homem corajoso e forte. Uma pessoa sozinha não poderia ter cometido aquela atrocidade com ele.

— Posso dizer-lhe uma palavra em particular?

— Estou lhe dizendo, Maud, para não se envolver no assunto! — gritou o pai, zangado.

Ela me olhou com um ar despreocupado.

— O que posso fazer?

— Em breve todo mundo conhecerá os fatos, de modo que não pode haver nenhum mal em discutirmos os fatos aqui — eu disse. — Eu preferia a privacidade, mas, se seu pai não permite, ele precisa participar das decisões. — Então falei a respeito do bilhete que foi encontrado no bolso do homem morto. — É certo que ele será mostrado durante o inquérito. Posso pedir-lhe que esclareça o assunto, se puder?

— Não vejo motivo para mistérios — ela respondeu. — Estávamos noivos, e só guardamos segredo porque o tio de Fitzroy, que é muito velho, e dizem que está à morte, poderia tê-lo deserdado se Fitzroy tivesse se casado contra a vontade dele. Não havia outro motivo.

— Você poderia ter-nos dito — resmungou o sr. Bellamy.

— Eu o teria feito, meu pai, se o senhor alguma vez tivesse demonstrado solidariedade.

— Oponho-me ao relacionamento de minha filha com homens de outra condição social.

— Foi o seu preconceito contra ele que impediu que nós lhe contássemos. Quanto a esse encontro — ela apalpou seu vestido e tirou um bilhete amassado —, era a resposta a este bilhete.

> *Querida*
> *Terça-feira, no antigo local, na praia, logo depois do pôr do sol. É a única hora em que posso sair. F.M.*

— Terça-feira seria hoje, e eu pretendia encontrar-me com ele esta noite. — Virei o papel do outro lado. — Isto não veio pelo correio. Como foi que lhe chegou às mãos?

— Prefiro não responder. Isto realmente nada tem a ver com o assunto que o senhor está investigando. Mas responderei espontaneamente sobre qualquer coisa que tenha relação com isto.

Ela cumpriu a palavra, mas não disse nada que nos ajudasse na investigação. Ela não via motivo para pensar que seu noivo tivesse algum inimigo oculto, mas admitiu que tivera muitos admiradores apaixonados.

— Posso perguntar-lhe se o sr. Ian Murdoch era um deles?

Ela enrubesceu e pareceu confusa.

— Houve uma época em que pensei que fosse. Mas tudo mudou quando ele compreendeu quais eram as minhas relações com Fitzroy.

Novamente a sombra em volta desse homem estranho parecia estar tomando uma forma definida. Seus antecedentes precisavam ser examinados. Seus aposentos deveriam ser revistados secretamente. Stackhurst era um colaborador de boa vontade, porque em sua mente também estava se formando uma suspeita. Voltamos da visita a The Haven

com a esperança de que uma das pontas desta meada embaraçada já estivesse em nossas mãos.

Passou-se uma semana. O inquérito não havia esclarecido o caso, e fora prorrogado até que se conseguissem novas provas. Stackhurst fizera uma investigação discreta a respeito de seu subordinado, e havia sido feita uma busca superficial em seu quarto, mas sem resultado. Pessoalmente, eu havia examinado tudo outra vez, física e mentalmente, mas sem nenhuma conclusão nova. Em todas as minhas crônicas, o leitor não encontrará nenhum caso que me conduzisse de forma tão completa ao limite da minha capacidade. Nem a minha imaginação conseguia conceber uma solução para o mistério. E então veio o incidente do cachorro.

Foi minha velha governanta quem primeiro ouviu a respeito do caso, por aquele estranho e primitivo telégrafo através do qual as pessoas humildes colhiam as notícias da zona rural.

— História triste esta, senhor, a respeito do cachorro do sr. McPherson — ela disse uma noite.

Eu não costumo incentivar conversas desse tipo, mas as palavras despertaram a minha atenção.

— O que aconteceu com o cachorro de McPherson?

— Está morto, senhor. Morreu de tristeza pelo seu dono.

— Quem lhe contou isto?

— Ora, senhor, todos estão comentando. Ele ficou terrivelmente abalado e não comeu nada durante uma semana. Então, hoje, dois moços do Gables o encontraram morto, lá embaixo, na praia, senhor, no mesmo lugar onde o seu dono morreu.

— No mesmo lugar! — As palavras se destacaram nítidas na minha memória.

Tive uma percepção vaga de que o assunto era fundamental. Que o cachorro tivesse morrido, estava de acordo com a natureza admirável e leal dos cachorros. Mas *no mesmo lugar*! Por que esta praia deserta teria sido fatal para o cachorro? Será que ele também tinha sido sacrificado por causa de alguma rixa vingativa? Seria possível? Sim, a percepção era vaga, mas alguma coisa já estava se estruturando em minha mente. Poucos minutos depois eu estava a caminho do Gables, e encontrei Stackhurst em seu escritório. A meu pedido, ele mandou chamar Sudbury e Blount, os dois estudantes que haviam encontrado o cachorro.

— Sim, ele estava bem na extremidade da piscina — disse um deles. — Deve ter seguido o rastro de seu falecido dono.

Vi o pequeno e fiel animal, um *airedale terrier*, sobre o tapete do hall. O corpo estava rígido, os olhos salientes e os membros contorcidos. Havia agonia em cada traço.

Do Gables desci para a piscina. O sol havia desaparecido e a sombra do grande penhasco projetava-se negra na água, que tinha um reflexo embaçado, como uma folha de chumbo. O lugar estava deserto e não havia sinal de vida, a não ser por dois pássaros marinhos circulando no alto e gritando. Na luz que se extinguia, segui com dificuldade o rastro do cachorro na areia, em volta da mesma pedra onde a toalha de seu dono havia sido colocada. Durante muito tempo fiquei ali refletindo enquanto as sombras ficavam mais negras em volta. Minha mente estava repleta de pensamentos que se sobrepunham velozmente. Você deve saber o que é ter um pesadelo em que você sente que procura alguma coisa importante e que sabe que está ali, embora esta coisa permaneça, por pouco, fora do seu alcance. Foi assim que eu me senti naquela noite, enquanto fiquei sozinho perto do local da morte. Depois, virei-me e fui caminhando lentamente na direção da minha casa.

Eu havia acabado de chegar à parte mais alta do atalho, quando me lembrei de repente. Como um relâmpago, lembrei-me daquilo que eu havia tentado agarrar em vão com tanta ansiedade. Você deve saber, ou Watson escreveu em vão, que eu conservo um vasto depósito de conhecimentos diversificados mas não correlatos, catalogados sem método científico, mas disponíveis para as necessidades de meu trabalho. Minha mente é como um depósito cheio, com pacotes de todo tipo armazenados em tal quantidade que só consigo ter uma vaga ideia do que está lá dentro. Eu sabia que havia alguma coisa que poderia ter relação com este assunto. Era uma ideia ainda vaga, mas pelo menos eu sabia como poderia torná-la clara. Era monstruoso, incrível, mas era uma possibilidade. Eu faria o teste até o fim.

Na minha casa tem um grande sótão entulhado de livros. Foi ali que me enfurnei e pesquisei durante uma hora. No fim desse período saí com um livro pequeno, marrom e prateado. Ansioso, virei as páginas até o capítulo de que me lembrava confusamente. Sim, era de fato uma história artificial e improvável, mas eu não descansaria até me certificar de que poderia mesmo

ter sido assim. Já era tarde quando fui me deitar, com a mente esperando pelo trabalho do dia seguinte.

Mas aquele trabalho sofreu uma interrupção inoportuna. Eu mal havia engolido o meu chá matinal e estava saindo para a praia, quando apareceu o inspetor Bardle, da polícia de Sussex — um homem decidido, corpulento e pesadão, de olhos pensativos, que agora tinham uma expressão muito preocupada.

— Sei da sua enorme experiência, senhor — ele disse. — Isto não é oficial, e não deve ser comentado. Mas, no caso de McPherson, sou francamente contra isto. A questão é: devo ou não prender alguém?

— Está se referindo ao sr. Ian Murdoch?

— Sim, senhor. Não há mais ninguém quando se começa a pensar. Esta é a vantagem deste lugar isolado. Nós reduzimos a busca a um círculo muito pequeno. Se não foi ele quem fez isso, então quem foi?

— O que tem você contra ele?

Ele tinha as mesmas dúvidas que eu. Havia o caráter de Murdoch, e o mistério que parecia flutuar em volta dele. Seus acessos de fúria, como ficou demonstrado no incidente do cachorro. O fato de que ele tivera uma discussão com McPherson no passado, e de que havia algum motivo para se pensar que ele guardasse ressentimento pelas atenções que McPherson dispensava à srta. Bellamy. Ele tinha as mesmas informações que eu, mas não sabia nada de novo, exceto que Murdoch parecia estar fazendo os preparativos para ir embora.

— Como ficaria a minha situação, se eu o deixasse escapar com todas essas provas contra ele? — O homem corpulento e fleumático estava muito preocupado.

— Analise, no seu caso — disse eu —, as lacunas principais. Na manhã do crime, ele pôde comprovar seu álibi. Ele havia estado com seus alunos até o último momento, e alguns minutos depois que McPherson apareceu, ele se aproximou de nós e vinha do lado oposto. Depois, lembre-se de que seria absolutamente impossível que ele, sem ajuda, pudesse ter cometido aquela atrocidade contra um homem tão forte quanto ele próprio.

— O que poderia ter sido aquilo, a não ser um açoite ou algum tipo de chicote?

— Você examinou as marcas? — perguntei.

— Eu as vi. O médico também.

— Mas eu as examinei muito atentamente com uma lente. Elas apresentam algumas peculiaridades.

— Que peculiaridades, sr. Holmes?

Fui até a minha escrivaninha e apanhei uma fotografia ampliada.

— Este é o meu método em casos desse tipo — expliquei.

— O senhor, certamente, faz as coisas com perfeição, sr. Holmes.

— Dificilmente eu seria o que sou, se não o fizesse. Agora, vejamos este vergão, que passa em volta do ombro direito. Você não percebe nada de extraordinário?

— Não posso dizer que sim.

— É evidente que os vergões têm intensidades desiguais. Há um salpico de sangue aqui e outro ali. Há sinais semelhantes neste outro vergão aqui embaixo. O que pode significar isto?

— Não tenho ideia. O senhor tem?

— Talvez sim. Talvez não. Eu terei condições de dizer algo mais. Qualquer coisa que defina o que produziu aquelas marcas nos aproximará do criminoso.

— Esta é, naturalmente, uma ideia absurda — disse o policial —, mas, se uma rede de arame incandescente tivesse sido jogada nas costas dele, então aquelas marcas mais acentuadas representariam os pontos em que as malhas se cruzavam.

— Uma comparação bastante engenhosa. Ou devemos dizer um açoite com muitas cordas duras e pequenos nós.

— Por Deus, sr. Holmes, acho que o senhor conseguiu descobrir.

— Ou talvez a causa seja bem diferente, sr. Bardle. Mas o senhor ainda não tem base suficiente para efetuar uma prisão. Além disso, temos aquelas últimas palavras: “A juba do leão.”

— Eu tenho me perguntado se Ian...

— Sim, tenho considerado essa possibilidade. Se a primeira palavra poderia ter alguma semelhança com Murdoch... mas não tem. Ele a disse quase gritando. Tenho certeza de que a palavra era “juba”.

— O senhor não tem nenhuma alternativa, sr. Holmes?

— Talvez tenha. Mas não quero discutir o assunto até que haja alguma coisa mais concreta para discutir.

— E quando será isso?

— Dentro de uma hora, talvez menos.

O inspetor coçou o queixo e me olhou com uma expressão de dúvida.

— Gostaria de poder ver o que o senhor tem em mente, sr. Holmes. Talvez sejam aqueles barcos de pesca.

— Não, não, eles estavam distantes demais.

— Bem, então é Bellamy e aquele seu filho grandalhão? Eles não eram muito amáveis com McPherson. Eles poderiam tê-lo maltratado?

— Não, não, o senhor não me vai arrancar nada até que eu esteja preparado — eu disse com um sorriso. — Agora, inspetor, cada um de nós tem seu próprio trabalho a fazer. O senhor poderia encontrar-se comigo aqui, ao meio-dia.

Nós estávamos nesse ponto quando houve uma interrupção brusca, que foi o começo do fim. A porta externa foi escancarada, ouvimos passos trôpegos no corredor, e Ian Murdoch entrou cambaleando na sala, pálido, desgrenhado, as roupas em total desalinho, as mãos ossudas agarrando-se aos móveis para não cair.

— Conhaque! Conhaque! — ele disse ofegante, e caiu gemendo no sofá.

Ele não estava só. Atrás dele veio Stackhurst, sem chapéu e esbaforido, quase tão transtornado quanto o outro.

— Sim, sim, conhaque! — ele exclamou. — O homem está quase sem fôlego. Fiz tudo o que pude para trazê-lo até aqui: ele desmaiou duas vezes no caminho.

Meio copo de bebida pura produziu uma mudança extraordinária. Ergueu-se, apoiado em um dos braços, e sacudiu o casaco dos ombros.

— Pelo amor de Deus! Óleo, ópio, morfina! — ele gritou. — Qualquer coisa para aliviar esta agonia infernal!

O inspetor e eu gritamos diante do que vimos. Ali, cruzadas sobre o ombro nu do homem, estava o mesmo estranho desenho reticulado de linhas vermelhas e inflamadas que tinha sido o sinal mortal de Fitzroy McPherson.

A dor, evidentemente, era terrível e não só local, porque a respiração dele parava durante algum tempo, seu rosto ficava preto, e em seguida, arquejando, batia com a mão sobre o coração, enquanto de sua testa pingavam gotas de suor. Ele podia morrer a qualquer momento. Mais e mais conhaque foi despejado em sua garganta, e cada nova dose trazia-o de volta à vida. Chumaços de algodão embebidos em óleo de oliva pareciam aliviar a dor intensa provocada pelos estranhos ferimentos. Por fim, a cabeça dele caiu pesadamente sobre a almofada. Exausto, o organismo tinha se

refugiado em seu último reservatório de energia. Era metade sono, metade desmaio, mas, pelo menos, foi um alívio para a dor.

Interrogá-lo tinha sido impossível, mas, no momento em que nos tranquilizamos a respeito de suas condições, Stackhurst virou-se para mim.

— Meu Deus! — ele exclamou. — O que é isso, Holmes? O que é isso?

— Onde você o encontrou?

— Lá na praia. Exatamente onde o pobre McPherson morreu. Se o coração deste homem fosse tão fraco quanto o de McPherson, ele não estaria aqui agora. Enquanto eu o trazia aqui para cima, mais de uma vez pensei que ele tivesse morrido. O Gables ficava muito distante, por isso eu o trouxe para cá.

— Você o viu na praia?

— Eu estava caminhando pelo penhasco quando ouvi o grito dele. Ele estava na margem da lagoa, cambaleando como um bêbado. Desci correndo, joguei algumas roupas em cima dele e o trouxe para cima. Pelo amor de Deus, Holmes, use todo o seu talento e não poupe esforços para afastar a maldição deste lugar, pois a vida está ficando insuportável. Você, com toda essa sua reputação mundial, não pode fazer nada por nós?

— Acho que posso, Stackhurst. Venha comigo agora! E você, inspetor, venha conosco! Vamos ver se não conseguiremos entregar esse assassino em suas mãos.

Deixando o homem inconsciente aos cuidados da minha governanta, nós três descemos até a lagoa mortífera. Ali, sobre os seixos, havia uma pilha de toalhas e roupas deixada pelo homem ferido. Caminhei lentamente em volta da margem, meus companheiros em fila indiana atrás de mim. A maior parte da lagoa era bastante rasa, mas sob o penhasco, onde a praia formava uma concavidade, tinha aproximadamente 1,5 metro de profundidade. Era para esta parte da lagoa que um nadador naturalmente iria, pois ela formava uma linda piscina verde transparente, clara como cristal. Há uma série de rochas acima desta piscina, na base do penhasco, e eu caminhei ao longo destas rochas, observando ansiosamente as profundezas abaixo de mim. Eu tinha chegado à parte mais funda e mais tranquila quando os meus olhos encontraram aquilo que eles estavam procurando, e eu dei um grito de triunfo.

— *Cynea*! — gritei. — *Cynea*! Vejam a juba do leão!

O estranho objeto para o qual eu apontava parecia realmente uma massa emaranhada, arrancada da juba de um leão. Estava sobre uma prateleira de pedra, a uns noventa centímetros sob a água, uma criatura ondulante, vibrante, cabeluda, com listras prateadas entre as suas madeixas amarelas. Ela pulsava com dilatações e contrações lentas e pesadas.

— Ela já causou bastante prejuízo! Seus dias terminaram! — exclamei. — Ajude-me, Stackhurst! Vamos eliminar o assassino para sempre.

Havia um grande pedaço de rocha bem acima desta prateleira, e nós o empurramos até que ele caiu com grande estrondo, espirrando água para todos os lados. Quando a ondulação da água cessou, vimos que a pedra que jogamos havia se acomodado embaixo, sobre a prateleira de rocha. Uma borda da membrana amarela agitava-se mostrando que a nossa vítima estava embaixo da pedra. Uma espuma grossa e oleosa escorreu embaixo da pedra e tingiu a água ao redor, subindo lentamente para a superfície.

— Ora, isto me surpreende — exclamou o inspetor. — O que é isto, sr. Holmes? Sou nascido e criado nesta região, mas nunca vi uma coisa assim. Este animal não é originário de Sussex.

— Melhor para Sussex — observei. — Deve ter sido o vento forte do sudoeste que o trouxe. Vamos voltar para casa, vocês dois, e lhes contarei a terrível experiência de alguém que teve bons motivos para recordar seu próprio encontro com o mesmo perigo dos mares.

Quando chegamos ao meu escritório, vimos que Murdoch havia se recuperado tão bem que já podia se sentar. Ele ainda estava confuso e de vez em quando era sacudido por um acesso de dor. Com frases entrecortadas, disse que não sabia o que tinha acontecido com ele, exceto que sentiu de repente dores terríveis, e que fora necessário empregar toda a sua força de vontade para chegar até a margem.

— Aqui está um livro — eu disse, pegando um pequeno volume — que foi o primeiro a esclarecer aquilo que poderia ter permanecido um mistério para sempre. É o *Out of Doors*, do famoso observador J.G. Wood. O próprio Wood por pouco não morreu pelo contato com esta criatura maligna, de modo que ele escreveu o livro com pleno conhecimento de causa. *Cynea capillata* é o nome completo do patife, e ele pode ser tão perigoso e bem mais doloroso do que a mordida da cobra. Deixe-me ler um trecho:

> *Se o banhista vir uma massa móvel, arredondada, de membranas e fibras meio castanhas, parecida com a juba de um leão, e um punhado de papel prateado, ele que se acautele, porque isto é a terrível* Cynea capillata, *que pica*.

Será que o nosso sinistro conhecido poderia ser descrito de maneira mais clara?

— Depois ele conta o seu encontro com um deles, quando nadava ao largo da costa de Kent. Descobriu que o animal possuía filamentos quase invisíveis que se estendiam num raio de 15 metros, e que qualquer pessoa dentro daquela circunferência, partindo do centro mortífero, corria risco de vida. Mesmo a distância, o efeito sobre Wood foi quase fatal.

> *Os numerosos filamentos provocaram listras vermelhas na pele, que, examinadas mais de perto, revelaram pequenos pontos ou pústulas, que pareciam estar, cada um deles, com uma agulha em brasa atravessando os nervos.*

— A dor local, como ele explica, era a parte mais insignificante daquele tormento.

> *As dores atravessaram o peito, fazendo-me cair como se tivesse sido ferido por uma bala. A pulsação cessava, e depois o coração dava seis ou sete pulos, como se forçasse sua passagem através do peito.*

— O animal quase o matou, embora só tivesse ficado exposto a ele nas águas agitadas do oceano, e não nas águas calmas e limitadas de uma piscina. Ele disse que depois mal pôde se reconhecer de tão branco, enrugado e murcho que ficou seu rosto. Ele bebeu conhaque, uma garrafa inteira, e parece que isto salvou sua vida. Aqui está o livro, inspetor. Deixo-o com o senhor, e não pode duvidar que ele contém uma explicação completa da tragédia do pobre McPherson.

— E casualmente me isenta de culpa — comentou Ian Murdoch com um sorriso forçado. — Eu não o culpo, inspetor, nem ao sr. Holmes, porque suas suspeitas eram naturais. Sinto que, na véspera de minha prisão, eu só afastei as suspeitas tendo o mesmo destino do meu pobre amigo.

— Não, sr. Murdoch. Eu estava já na pista, e se eu tivesse saído tão cedo quanto pretendia, poderia tê-lo salvado desta experiência terrível.

— Mas como é que o senhor sabia, sr. Holmes?

— Sou um leitor ávido, com uma memória extraordinária para coisas sem importância. Aquela frase, “a juba do leão”, ficou na minha cabeça. Eu sabia que havia lido isto em algum lugar, num contexto inesperado. O senhor já percebeu que os termos *juba do leão* realmente descrevem o animal. Não tenho dúvida de que o animal estava flutuando na água quando McPherson o viu e que aquela frase era a única pela qual ele poderia nos transmitir um aviso contra a criatura que havia causado sua morte.

— Bem, pelo menos estou isento de culpa — disse Murdoch, erguendo-se lentamente. — Gostaria de dar duas ou três palavras de explicação, porque sei o rumo que a investigação tomou. É verdade que eu amava aquela jovem, mas, desde o dia em que ela escolheu o meu amigo McPherson, meu único desejo era ajudá-la a ser feliz. Eu me contentava em ficar de lado e agir como intermediário. Frequentemente eu levava seus recados, e foi porque eu merecia a confiança deles e porque eu gostava tanto dela que corri para lhe contar sobre a morte de meu amigo, com receio de que alguém pudesse lhe contar antes, de maneira mais brusca e desumana. Ela não lhe contou a respeito de nossa relação com medo de que o senhor desaprovasse, e que eu sofresse. Mas, com a sua permissão, preciso tentar voltar a Gables, porque minha cama será muito conveniente.

Stackhurst estendeu a mão.

— Nossos nervos têm estado tensos — ele disse. — Perdoe-me o que passou, Murdoch. Iremos nos entender melhor no futuro.

Eles saíram juntos, de braços dados, amigavelmente. O inspetor ficou olhando para mim em silêncio com seus olhos de boi manso.

— Bem, o senhor conseguiu! — ele exclamou por fim. — Eu tinha lido a seu respeito, mas nunca acreditei. É maravilhoso!

Fui obrigado a sacudir a cabeça. Aceitar um elogio assim seria diminuir nosso próprio padrão.

— Fui lento no início, lento de um modo condenável. Se o corpo tivesse sido encontrado na água, dificilmente eu me teria confundido. Foi a toalha que me enganou. O pobre homem nem pensou em secar-se, de modo que fui levado a acreditar que ele não entrara na água. Por que, então, eu iria pensar no ataque de algum animal marinho? Foi aí que me perdi. Bem,

inspetor, eu quase sempre zombo da polícia, mas a *Cynea capillata* quase vingou a Scotland Yard.

28 Marna — Solo formado de argila e carbonato de cálcio, usado como fertilizante. (N.T.)

A AVENTURA DA HÓSPEDE VELADA

QUANDO SE PENSA QUE SHERLOCK HOLMES ESTEVE NO EXERCÍCIO ativo de sua profissão durante 23 anos, e que durante 17 anos pude colaborar com ele e guardar anotações sobre os seus feitos, fica óbvio que possuo uma grande quantidade de material à minha disposição. O problema nunca foi encontrar material, mas, sim, selecioná-lo. Existe uma grande coleção de anuários que enchem uma estante, e há os arquivos repletos de documentos, matéria-prima perfeita para o estudioso não só do crime, mas também dos escândalos sociais e oficiais do fim da era vitoriana. Com relação a esses últimos, posso afirmar que nada têm a temer os autores de cartas angustiadas, que imploram para que a honra de suas famílias ou a reputação de antepassados famosos não sejam manchadas. A discrição e o elevado senso de dignidade profissional que sempre distinguiram o meu amigo ainda são utilizados na escolha dessas narrativas, e o sigilo não será violado. Mas condeno, com a maior veemência, as tentativas que foram feitas ultimamente para se conseguir acesso e destruir esses papéis. A origem destas violências é conhecida, e se elas se repetirem, tenho a permissão de Holmes para afirmar que toda a história dos políticos, luminares e dos sovinas será divulgada para o público. Há pelo menos um leitor que compreenderá.

Não é sensato supor que cada um desses casos tenha dado a Holmes a oportunidade de demonstrar aqueles dotes raros de instinto e observação que tenho procurado revelar nestas narrativas. Algumas vezes, para colher frutos, foi necessário muito esforço, outras vezes esses frutos caíram facilmente em suas mãos. Mas quase sempre as mais terríveis tragédias

humanas estavam envolvidas nesses casos que lhe deram as menores oportunidades pessoais, e é um destes casos que agora quero registrar. Ao relatá-lo, fiz uma pequena troca de nome e lugar, mas os fatos ocorreram do modo como serão expostos a seguir.

Uma manhã — no final de 1896 — recebi um bilhete apressado de Holmes pedindo a minha presença. Quando cheguei, encontrei-o sentado numa sala cheia de fumaça, e, na cadeira, diante dele, estava uma mulher de idade madura e ar maternal, rechonchuda e bonita, tipo de estalajadeira.

— Esta é a sra. Merrilow, de South Brixton — disse meu amigo com um aceno de mão. — A sra. Merrilow não faz objeção ao fumo, Watson, se você quiser se entregar aos seus hábitos imundos. Ela tem uma história interessante para contar, que talvez resulte em novos acontecimentos em que a sua presença pode ser útil.

— O que eu puder fazer...

— A senhora deve compreender que, se eu for ao encontro da sra. Ronder, preferiria ter uma testemunha. A senhora fará com que ela entenda isto antes da nossa chegada.

— Deus o abençoe, sr. Holmes — disse a nossa visitante —, ela está tão ansiosa para vê-lo que o senhor poderia levar toda a paróquia atrás.

— Então iremos no início da tarde. Vejamos, antes de partir, se os fatos estão corretos. Se recordarmos os fatos, será mais fácil para o dr. Watson entender a situação. A senhora afirma que a sra. Ronder é sua inquilina há sete anos e que só viu o rosto dela uma vez.

— E, por Deus, eu gostaria de não ter visto! — disse a sra. Merrilow.

— Ele estava, pelo que entendi, terrivelmente mutilado.

— Bem, sr. Holmes, o senhor dificilmente diria que aquilo era um rosto. Era esse o aspecto dele. Nosso leiteiro, espreitando uma vez pela janela superior, viu-a de relance e deixou cair a lata e o leite no jardim da frente. Este é o tipo de rosto dela. Quando a vi, apareci quando ela estava desprevenida, cobriu-se depressa e depois disse: “Agora, sra. Merrilow, finalmente a senhora sabe por que nunca suspendo o véu.”

— A senhora sabe algo a respeito da história dela?

— Absolutamente nada.

— Ela lhe deu referências quando veio?

— Não, senhor, mas ofereceu pagamento em dinheiro vivo, muito dinheiro. Um quarto do aluguel adiantado ali na mesa e nenhuma discussão

a respeito das condições. Hoje em dia, uma pobre mulher como eu não pode se dar ao luxo de recusar uma oportunidade dessa.

— Ela deu algum motivo para escolher a sua casa?

— A minha casa fica bem afastada da estrada e é mais isolada do que a maioria. E também só aceito um hóspede e não tenho família. Acredito que ela tenha tentado outras e descobriu que a minha era a que mais lhe convinha. É privacidade que ela procura, e está disposta a pagar por isso.

— A senhora afirma que ela nunca mostrou o rosto, a não ser naquela vez, por acaso. Bem, esta é uma história extraordinária, muito estranha, e não me surpreende que a senhora queira que seja investigada.

— Eu não, sr. Holmes, estou perfeitamente satisfeita, contanto que receba meu aluguel. O senhor não poderia ter um inquilino mais sossegado, ou que lhe desse menos problemas.

— Então, o que fez o assunto vir à tona?

— A saúde dela, sr. Holmes. Ela parece estar definhando. E há alguma coisa terrível em sua mente. “Assassino!”, ela grita. “Assassino!” E uma vez a ouvi gritar: “Sua fera cruel! Monstro!” Foi durante a noite, e esses gritos ressoavam pela casa e me davam arrepios. De modo que fui vê-la de manhã. “Sra. Ronder”, eu disse, “se a senhora tem alguma coisa que está perturbando o seu espírito, há o clero, e há a polícia. A senhora pode conseguir ajuda com um dos dois.” “Pelo amor de Deus, a polícia não”, ela disse, “e o clero não pode mudar o passado. Mesmo assim”, ela disse, “meu espírito ficaria aliviado se antes de eu morrer alguém soubesse da verdade”. “Bem”, falei, “se a senhora não quer nem o clero nem a polícia, há esse detetive a respeito do qual nós lemos”; com o seu perdão, sr. Holmes. E ela gostou da sugestão. “Esse é o homem”, ela disse. “Eu me pergunto por que não pensei nisso antes. Traga-o aqui, sra. Merrilow, e, se ele não quiser vir, diga-lhe que sou a mulher de Ronder, produtor do show de feras. Diga isso, e dê-lhe o nome Abbas Parva.” Aqui está como ela o escreveu, Abbas Parva. “Isto o trará aqui, se ele é o homem que penso que seja.”

— E o fará, realmente — comentou Holmes. — Muito bem, sra. Merrilow. Eu gostaria de ter uma conversa particular com o dr. Watson.

Esta conversa nos manterá ocupados até a hora do almoço. Mais ou menos às três da tarde, a senhora pode nos esperar em sua casa, em Brixton.

Nossa visitante mal havia saído gingando da sala — nenhum outro verbo pode descrever o modo de caminhar da sra. Merrilow — e Sherlock Holmes

atirou-se, com impetuosa energia, sobre a pilha de literatura barata que estava no canto. Durante alguns minutos ouvi o ruído de folhas sendo viradas e depois, com um grunhido de satisfação, ele descobriu o que procurava. Ficou tão excitado que não se levantou, mas ficou sentado no chão como um estranho Buda, com as pernas cruzadas, os imensos livros em volta, e um deles aberto sobre os joelhos.

— Na ocasião o caso me preocupou, Watson. Aqui estão as minhas anotações na margem para provar isso. Confesso que não pude fazer nada em relação a esse caso. Mesmo assim, estou convencido de que o investigador estava errado. Você não se recorda da tragédia de Abbas Parva?

— Não.

— No entanto você estava comigo na ocasião. Mas, certamente, minha própria impressão foi muito superficial, porque não havia motivo para prosseguir, e nenhuma das partes havia contratado meus serviços. Você gostaria de ler os jornais?

— Você não poderia contar-me os detalhes?

— Isto é fácil. Você deve se lembrar enquanto falo. Ronder, naturalmente, era um nome muito conhecido. Era o rival de Wombwell e de Sanger, um dos maiores diretores de espetáculo de sua época. Mas há provas de que ele começou a beber, e que na ocasião da tragédia ele e o seu espetáculo estavam em decadência. A caravana havia parado em Abbas Parva, pequena aldeia em Berkshire, quando ocorreu a tragédia. Eles estavam a caminho de Wimbledon, viajando por estrada de rodagem, e estavam apenas acampados, e não dando espetáculo, porque o lugar era tão pequeno que não pagaria os custos.

“Eles tinham entre suas atrações um leão norte-africano muito bonito. Seu nome era Sahara King, e os dois, Ronder e sua mulher, continuavam a fazer exibições dentro da jaula do leão. Aqui, você pode ver, está uma fotografia da representação, e você percebe que Ronder mais parecia um porco enorme, e que sua esposa era uma mulher magnífica. No inquérito, depoimentos diziam que havia sinais de que o leão era perigoso, mas, como de costume, a intimidade provoca negligência, e não se deu importância ao fato.

“Ronder ou sua mulher costumavam alimentar o leão à noite. Às vezes ia só um deles, às vezes iam os dois, mas eles nunca permitiam que outra

pessoa o fizesse, porque acreditavam que, enquanto eles o alimentassem, o leão os veria como benfeitores e nunca os molestaria. Naquela noite, há sete anos, foram os dois, e aconteceu uma coisa terrível, cujos detalhes nunca foram esclarecidos.

"Parece que todo o acampamento foi acordado, por volta da meia-noite, pelos rugidos do animal e pelos gritos da mulher. Os cavalariços e outros empregados saíram correndo de suas tendas carregando lanternas, e suas luzes revelaram uma cena terrível. Ronder estendido no chão, a uns dez metros da jaula — que estava aberta — com a parte posterior da cabeça esmagada e marcas profundas das garras no couro cabeludo. Perto da porta da jaula, a sra. Ronder estava caída de costas, com o animal acocorado e rosnando por cima dela. Ele havia dilacerado o rosto dela de tal maneira que nunca se imaginou que ela pudesse sobreviver. Vários homens do circo, guiados por Leonardo, o homem forte, e Griggs, o palhaço, afastaram o animal com varas, obrigando-o a pular de volta para dentro da jaula, onde foi imediatamente trancado. Como ele conseguira sair da jaula era um mistério. Foi levantada a hipótese de que o casal pretendia entrar na jaula, mas quando a porta foi aberta o animal saltou para fora, em cima eles. Não havia nenhum outro ponto de interesse nos depoimentos, a não ser o fato de que a mulher, num delírio de agonia, gritava a toda hora 'Covarde! Covarde!', enquanto era carregada para a carroça em que eles moravam. Passaram-se seis meses até que ela estivesse em condições de prestar depoimento, mas o inquérito foi devidamente encerrado, com o veredicto óbvio de morte por acidente."

— Que alternativa se poderia imaginar? — eu perguntei.

— Você pode perfeitamente afirmar isto. Mas havia um ou dois detalhes que preocuparam o jovem Edmunds, da chefatura de polícia de Berkshire. Um rapaz esperto, aquele! Mais tarde ele foi mandado para Allahabad. Foi assim que tomei conhecimento do assunto, porque ele veio me visitar e fumou um ou dois cachimbos falando sobre o assunto.

— Um homem magro, de cabelos louros?

— Exatamente. Eu tinha certeza de que você logo acharia a pista.

— Mas com que ele estava preocupado?

— Bem, nós dois estávamos preocupados. Foi tão difícil reconstituir a coisa. Olhe para isto do ponto de vista do leão. Ele é solto. O que ele faz? Ele dá meia dúzia de saltos para a frente, o que o leva até Ronder. Ronder

vira-se para fugir. As marcas das garras estavam na parte posterior da cabeça, mas o leão o derruba. Depois, em vez de continuar a saltar e fugir, ele volta até a mulher que estava perto da jaula, derruba-a e come o seu rosto. Mas aqueles gritos dela pareciam significar que seu marido, de algum modo, a desapontara. O que o pobre-diabo poderia ter feito para ajudá-la? Você vê a dificuldade?

— Perfeitamente.

— E, depois, havia outra coisa. Isso me volta à lembrança agora, enquanto estou recapitulando o caso. Disseram que exatamente na hora em que o leão rugiu e a mulher gritou, um homem começou a gritar de terror.

— Esse homem era Ronder, não há dúvida.

— Ora, se o seu crânio foi esmagado, você dificilmente esperaria ouvir a voz dele outra vez. Pelo menos duas testemunhas falaram dos gritos de um homem confundidos com os gritos de uma mulher.

— Eu imagino que todo o acampamento estava gritando naquele momento. Quanto aos outros detalhes, acho que poderia sugerir uma solução.

— Eu gostaria de ouvir.

— Os dois estavam juntos, a dez passos da jaula, quando o leão se soltou. O homem virou-se e foi derrubado. A mulher teve a ideia de entrar na jaula e fechar a porta. Era o seu único refúgio. Ela tentou, e, justamente quando alcançou a jaula, o animal saltou atrás dela e a derrubou. Ela ficou com raiva do marido porque, ao se virar, ele despertara a fúria do animal. Se eles o tivessem enfrentado, poderiam tê-lo intimidado. Daí os gritos dela de “Covarde!”.

— Brilhante, Watson! Apenas um defeito no seu diamante.

— Qual é o defeito, Holmes?

— Se os dois estavam a dez passos da jaula, como foi que o animal conseguiu fugir?

— É possível que eles tivessem algum inimigo que o tenha soltado?

— E por que o leão os atacaria com tanta ferocidade, quando estava habituado a brincar e a fazer truques com eles dentro da jaula?

— Talvez o mesmo inimigo tenha feito alguma coisa para irritá-lo.

Holmes parecia meditar e ficou em silêncio por alguns minutos.

— Bem, Watson, em favor de sua teoria existe isto que lhe vou dizer. Ronder era um homem que tinha muitos inimigos. Edmunds contou-me que

quando ele estava embriagado era terrível. Grandalhão e abrutalhado, ele praguejava e gritava com todos que se atravessassem em seu caminho. Suponho que aqueles gritos a respeito de um monstro, de que nos falou nossa visitante, sejam reminiscências noturnas do falecido. Mas nossas especulações serão inúteis enquanto não tivermos todos os dados. Há uma perdiz fria no aparador e uma garrafa de Montrachet. Vamos recuperar nossas energias antes de fazer-lhes uma visita.

Quando nossa carruagem nos deixou na casa da sra. Merrilow, encontramos a gorda senhora obstruindo a porta aberta de sua habitação humilde mas isolada. Estava evidente que sua principal preocupação era não perder uma inquilina valiosa, e ela nos suplicou, antes de nos conduzir para cima, que não disséssemos ou fizéssemos nada que pudesse provocar uma consequência tão indesejável. Depois de tranquilizá-la, nós a seguimos pela escada reta e mal-atapetada, e fomos levados até o quarto da misteriosa inquilina.

Era um lugar fechado, mofado, mal-arejado, como se podia esperar, já que sua ocupante raramente saía. Por conservar animais em uma jaula, a mulher parecia, por alguma desforra do destino, ter-se tornado ela própria um animal enjaulado. Ela estava sentada numa poltrona quebrada, num canto escuro do quarto. Longos anos de inatividade haviam embrutecido as linhas de seu corpo, mas na época ele devia ter sido bonito e ainda era cheio e voluptuoso. Um véu escuro e grosso cobria o seu rosto, mas o véu era cortado na altura do lábio superior e deixava descoberta uma boca de talhe perfeito e um queixo delicadamente arredondado. Pude imaginar que ela, de fato, havia sido uma mulher notável. Sua voz, também, era bem modulada e agradável.

— Meu nome não lhe é estranho, sr. Holmes — ela disse. — Imaginei que meu nome faria você vir.

— É verdade, embora eu não saiba como a senhora tomou conhecimento de que eu estava interessado em seu caso.

— Eu soube disso quando recuperei a saúde e fui interrogada pelo sr. Edmunds, o detetive do condado. Receio ter mentido para ele. Talvez tivesse sido mais sensato dizer a verdade.

— É sempre mais sensato dizer a verdade. Mas por que a senhora mentiu para ele?

— Porque o destino de outra pessoa dependia disto. Sei que ele era um ser desprezível, mas eu não queria que a sua destruição pesasse na minha consciência. Nós tínhamos sido tão próximos, tão próximos!

— Mas este obstáculo foi removido?

— Sim, senhor. A pessoa a quem me referi está morta.

— Então, por que a senhora não diz à polícia tudo o que sabe?

— Porque há uma outra pessoa que deve ser levada em consideração. Essa outra pessoa sou eu mesma. Eu não poderia suportar o escândalo e a publicidade que resultariam de uma investigação policial. Não tenho muito tempo de vida, mas quero morrer tranquila. Mesmo assim, eu queria encontrar um homem criterioso a quem pudesse contar minha terrível história, para que, depois de minha morte, tudo pudesse ser compreendido.

— A senhora me lisonjeia. Mas sou uma pessoa responsável. Não lhe prometo que, depois que a senhora tiver falado, eu não venha a considerar meu dever relatar o caso à polícia.

— Penso que não, sr. Holmes. Conheço muito bem o seu caráter e os seus métodos, porque acompanhei o seu trabalho durante alguns anos. A leitura foi o único prazer que o destino me deixou, e eu perco pouco do que se passa no mundo. Mas, de qualquer modo, vou correr o risco quanto ao uso que o senhor possa fazer da minha tragédia. Contar tudo ao senhor aliviará a minha mente.

— Meu amigo e eu gostaríamos de ouvi-la.

A mulher levantou-se e tirou de uma gaveta a fotografia de um homem. Evidentemente ele era um acrobata profissional, um homem de um físico soberbo, fotografado com os braços enormes dobrados sobre o peito inflado, e um sorriso aparecendo sob o bigode espesso — o sorriso presunçoso de um homem de muitas conquistas.

— Este é Leonardo — ela disse.

— Leonardo, o homem musculoso que prestou depoimento?

— Exatamente. E este... este é o meu marido.

Era um rosto pavoroso — um porco humano, ou melhor, um porco selvagem humano, pois era terrível em sua bestialidade. Podia-se imaginar aquela boca perversa mordendo e espumando em sua cólera, e podiam-se imaginar aqueles olhos, pequenos e corrompidos, espalhando maldade enquanto olhavam o mundo. Facínora, tirano e bruto — tudo isto estava escrito naquele rosto de mandíbula grande.

— Estas duas fotografias ajudarão os senhores a compreender a minha história. Eu era uma pobre garota de circo, criada na serragem e dando saltos na argola antes de completar dez anos. Quando me tornei mulher, este homem me amou, se é que uma concupiscência como a dele pode ser chamada de amor, e num momento infeliz tornei-me sua esposa. Daquele dia em diante eu estava num inferno, e ele era o demônio que me atormentava. Não havia ninguém no espetáculo que não soubesse desse tratamento. Ele me deixava só por causa de outras mulheres. Quando eu me queixava, ele me amarrava e me chicoteava com seu chicote de montar. Todos tinham pena de mim e todos o detestavam, mas o que podiam fazer? Eles o temiam, todos eles. Pois ele era sempre terrível, e sanguinário quando estava bêbado. Constantemente estava pronto para atacar e fazer crueldade com os animais, mas tinha muito dinheiro, e para ele as multas nada significavam. Todos os melhores artistas foram embora, e o espetáculo começou a entrar em decadência. Só Leonardo e eu sustentávamos o espetáculo, juntamente com o pequeno Jimmy Griggs, o palhaço. Pobre-diabo, ele não tinha muito com que se alegrar, mas fazia o que podia para manter as coisas de pé.

“Então Leonardo entrou cada vez mais na minha vida. O senhor pode ver como era ele. Eu agora conheço a pobreza de espírito que se escondia naquele corpo, mas, comparado ao meu marido, ele parecia o anjo Gabriel. Ele tinha pena de mim e me ajudava, até que a nossa intimidade acabou se transformando em amor — um amor profundo e apaixonado, como eu havia sonhado mas nunca esperara sentir. Meu marido suspeitava, mas acho que ele era tão covarde quanto tirano, e Leonardo era o único homem que ele temia. Ele vingava-se à sua maneira, torturando-me mais do que nunca. Uma noite, meus gritos trouxeram Leonardo até a porta da nossa carroça. Naquela noite, estávamos à beira de uma tragédia, e logo o meu amante e eu compreendemos que isto não poderia ser evitado. Meu marido não devia mais viver. Combinamos que ele deveria morrer.

“Leonardo tinha um cérebro inteligente e ardiloso. Foi ele quem planejou. Não digo isto para culpá-lo, porque eu estava disposta a acompanhá-lo em cada centímetro do caminho. Mas eu nunca teria imaginação para pensar num plano desses. Fizemos uma clava — Leonardo a fez — e na parte superior, que era de chumbo, ele fixou cinco longos pregos de aço com as pontas para fora, com uma extensão semelhante às da

pata do leão. Isto serviria para o golpe mortal em meu marido, mas deixando indícios de que o leão que iríamos soltar é que fizera aquilo.

"A noite estava escura como breu quando meu marido e eu descemos, como era costume nosso, para alimentar o animal. Carregávamos a carne crua num balde de zinco. Leonardo estava esperando na extremidade da grande carroça, por onde teríamos que passar antes de chegar à jaula. Leonardo foi lento demais, e nós passamos por ele antes que ele pudesse atacar meu marido, mas ele nos seguiu na ponta dos pés, e eu ouvi o ruído do golpe da clava despedaçando o crânio de Ronder. Meu coração pulou de alegria quando ouvi o som do impacto. Corri e abri o ferrolho que segurava a porta de jaula do leão.

"E então aconteceu aquela coisa terrível. O senhor deve ter ouvido falar como essas criaturas são rápidas para farejar o sangue humano, e como isto as excita. Algum estranho instinto avisara o animal, no mesmo instante, que um ser humano havia sido morto. Quando afastei a grade, o leão saltou para fora e em um segundo estava em cima de mim. Leonardo poderia ter me salvado. Se tivesse corrido e atacado o animal com a sua clava, poderia tê-lo acuado. Mas o homem perdeu o sangue-frio. Ouvi seu grito aterrorizado, e depois vi quando ele deu meia-volta e correu. Nesse instante os dentes do leão atacaram o meu rosto. Seu hálito quente e asqueroso já havia me envenenado, e eu mal tinha consciência da dor. Com as palmas das mãos tentei afastar as mandíbulas enfurecidas e manchadas de sangue, e gritei por socorro. Eu percebia que o acampamento estava movimentado, e depois lembro-me confusamente de um grupo de homens, Leonardo, Griggs e outros, puxando-me de sob as patas do animal. Esta cena foi a minha última lembrança durante muitos meses incômodos. Quando voltei a mim e me vi no espelho, amaldiçoei aquele leão — oh, como eu o amaldiçoei —, não porque ele havia destruído minha beleza, mas porque ele não havia destruído a minha vida. Eu só tinha um desejo, sr. Holmes, e tinha dinheiro suficiente para satisfazê-lo. Esse desejo era de me cobrir para que meu pobre rosto não fosse visto por ninguém, e de morar onde ninguém que eu tivesse conhecido antes pudesse me encontrar. Isto era tudo o que eu podia fazer, e é o que tenho feito. Um pobre animal ferido que rastejou até a sua caverna para morrer — este é o fim de Eugenia Ronder."

Depois que a infeliz mulher contou a sua história, ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. Depois Holmes estendeu seu braço longo e

afagou-lhe a mão com uma demonstração de compaixão como eu raramente vira antes.

— Pobre menina! — ele disse. — Pobre menina! Os caminhos do destino são realmente difíceis de entender. Se não houver alguma compensação no futuro, então o mundo é uma brincadeira cruel. Mas o que aconteceu com esse Leonardo?

— Eu nunca mais o vi nem ouvi nada a respeito dele. Talvez eu estivesse errada por sentir tanta amargura contra ele. Ele poderia logo ter-se enamorado de uma daquelas excêntricas com as quais nós viajávamos pelo país, no lugar daquilo que o leão havia deixado. Mas não é tão fácil acabar com o amor de uma mulher. Ele havia me deixado sob as garras do animal, ele me abandonou quando eu precisava dele, e mesmo assim eu não conseguia convencer-me a levá-lo à forca. Quanto a mim, eu não me preocupava com o que me aconteceria. O que poderia ser mais terrível do que a minha vida atual? Mas coloquei-me entre Leonardo e o seu destino.

— E ele está morto?

— Afogou-se no mês passado, quando tomava banho perto de Margate. Li sobre sua morte no jornal.

— E o que ele fez com a clava de cinco garras, que é a parte mais estranha e engenhosa de toda a sua história?

— Não sei, sr. Holmes. Perto do acampamento há uma mina de cal com um lago verde e profundo em sua base. Talvez nas profundezas daquele lago...

— Bem, isto agora não tem importância. O caso está encerrado.

Tínhamos nos levantado para partir, mas alguma coisa na voz da mulher chamou a atenção de Holmes. Ele se virou rapidamente para ela.

— A sua vida não lhe pertence — ele disse. — Fique com as mãos afastadas de si mesma.

— Que utilidade tem a minha vida para alguém?

— Como a senhora pode afirmar isso? O exemplo de um sofrimento paciente é, por si só, a mais preciosa de todas lições que se poderia dar a um mundo impaciente.

A resposta da mulher foi terrível. Ela ergueu o véu e aproximou-se da luz.

— Eu gostaria de saber se o senhor suportaria isto — ela disse.

Foi horrível. Não há palavras que possam descrever o contorno de um rosto quando o próprio rosto já não existe. Dois lindos olhos castanhos cheios de vivacidade que exibiam tristeza em meio àquela espantosa ruína tornavam a visão ainda mais horrível. Holmes ergueu a mão num gesto de piedade e protesto, e juntos saímos do quarto.

Dois dias depois, quando fui visitar meu amigo, ele apontou com certo orgulho para uma pequena garrafa azul sobre a lareira. Peguei a garrafa. Havia um rótulo vermelho em que estava escrito “veneno”. Quando abri a garrafa, senti um agradável cheiro de amêndoa.

— Ácido prússico? — perguntei.

— Exatamente. Veio pelo correio. “Mando-lhe minha tentação. Seguirei o seu conselho.” Era essa a mensagem. Eu acho, Watson, que podemos adivinhar o nome da mulher corajosa que nos enviou isto.

A AVENTURA DE SHOSCOMBE OLD PLACE

SHERLOCK HOLMES FICOU CURVADO DURANTE MUITO TEMPO sobre um microscópio pequeno. Depois ele endireitou o corpo e olhou para mim com ar triunfante.

— É cola, Watson — ele disse. — Indiscutivelmente, é cola. Olhe para esses pontos dispersos no campo de visão!

Inclinei-me e ajustei o foco para a minha vista.

— Esses cabelos são fios de um casaco de *tweed*. As concentrações cinzentas irregulares são poeira. Há células epiteliais à esquerda. Aquelas bolhas marrons no centro sem dúvida são de cola.

— Bem — eu disse em tom de brincadeira. — Estou disposto a acreditar na sua palavra. Alguma coisa depende disto?

— É uma prova muito boa — ele respondeu. — No caso de St. Pancras, você deve se lembrar que foi encontrado um boné ao lado do policial morto. O homem acusado nega que o boné seja seu. Mas ele é um fabricante de molduras para quadros, que lida habitualmente com cola.

— Este é um dos seus casos?

— Não, meu amigo Merivale, da Scotland Yard, pediu-me para investigar o caso. Desde que agarrei aquele falsificador de moedas por causa dos resíduos de zinco e cobre na costura do punho de sua camisa, eles começaram a perceber a importância do microscópio — ele olhou com impaciência para o seu relógio de bolso. — Eu esperava a visita de um cliente novo, mas ele está atrasado. A propósito, Watson, você sabe alguma coisa sobre corridas de cavalos?

— Eu deveria saber. Pago por isso metade da minha pensão de guerra.

— Então farei de você o meu “Guia Útil para o Turfe”. E o que sabe a respeito de *sir* Robert Norberton? O nome lhe lembra alguma coisa?

— Bem, eu diria que sim. Ele mora em Shoscombe Old Place, e eu conheço bem o lugar, porque uma vez passei o verão lá. Norberton quase entrou na sua área de atuação uma vez.

— Como foi isso?

— Foi quando ele chicoteou Sam Brewer, o conhecido agiota da rua Curzon, no Newmarket Heath. Ele quase matou o homem.

— Ah! Ele parece ser uma pessoa interessante! Ele se satisfaz frequentemente desta forma?

— Bem, ele tem fama de ser um homem perigoso. Ele é um dos cavaleiros mais audaciosos da Inglaterra. Foi o segundo no Grande Prêmio Nacional, há alguns anos. Ele é um daqueles homens que ultrapassam a sua verdadeira geração. Ele devia ter vivido na época da Regência como boxeador, atleta, turfista, amante de belas mulheres e, segundo a opinião corrente, tão afogado em dívidas que talvez nunca consiga vir à tona.

— Excelente, Watson. Um perfil eloquente. Parece que conheço o homem. Agora, você pode me dar uma ideia do que é Shoscombe Old Place?

— Apenas que fica situada no centro do parque Shoscombe e que o famoso haras de Shoscombe e as instalações para treinamento estão lá.

— E o chefe dos treinadores — disse Holmes — é John Mason. Você não precisa se espantar por eu saber disto, Watson, porque esta é uma carta dele. Mas vamos continuar falando a respeito de Shoscombe. Parece que encontrei um veio rico.

— Existem os *spaniels* de Shoscombe — eu disse. — Você ouve falar deles em todas as competições de cachorros. É a linhagem de cachorros mais perfeita da Inglaterra. Eles são o orgulho especial da senhora de Shoscombe Old Place.

— A mulher de *sir* Robert Norberton, suponho!

— *Sir* Robert nunca se casou. Melhor assim, eu acho, considerando suas perspectivas. Ele mora com a irmã viúva, *lady* Beatrice Falder.

— Você quer dizer que ela mora com ele?

— Não, não. A propriedade pertencia ao falecido marido dela, *sir* James. Norberton não tem direito sobre a propriedade. Ela tem apenas o usufruto, e

as propriedades pertencem ao irmão do marido. Enquanto isso, ela recebe os aluguéis todo ano.

— E o irmão Robert gasta esses aluguéis?

— É mais ou menos isso. Ele é um sujeito terrível e deve tornar a vida dela muito difícil. Entretanto, soube que ela é dedicada a ele. Mas o que há de errado em Shoscombe?

— Ah, é justamente isso que quero descobrir. E aqui está, espero, o homem que poderá dizer-nos alguma coisa.

A porta se abriu e o criado deixou entrar um homem alto, de rosto escanhoado, com a expressão firme e austera que só é encontrada naqueles que têm que dominar cavalos ou rapazes. O sr. John Mason tinha muitos cavalos e rapazes sob o seu controle, e ele parecia preparado para a tarefa. Inclinou-se com fria autoconfiança e sentou-se na cadeira que Holmes lhe indicou.

— O senhor recebeu o meu bilhete, sr. Holmes?

— Sim, mas o bilhete não explicava nada.

— Era uma coisa delicada demais para que eu pusesse os detalhes numa folha de papel. E complicada demais. Eu só poderia fazer isso pessoalmente.

— Bem, estamos à sua disposição.

— Em primeiro lugar, sr. Holmes, acho que o meu patrão, *sir* Robert, ficou louco.

Holmes ergueu as sobrancelhas.

— Estamos na Baker Street, não na Harley Street[29] — ele disse. — Mas por que o senhor diz isso?

— Bem, senhor, quando um homem faz uma coisa excêntrica ou duas coisas excêntricas, deve haver um motivo para isso, mas, quando tudo o que ele faz é excêntrico, então o senhor começa a se espantar. Acredito que Shoscombe Prince e o Derby viraram-lhe a cabeça.

— É um potro que vai participar da corrida?

— O melhor da Inglaterra, sr. Holmes. Se alguém sabe disso, sou eu. Agora, falarei abertamente com os senhores, porque sei que são cavalheiros honrados e que isto não sairá desta sala. *Sir* Robert resolveu vencer este Derby. Ele está afundado até o pescoço, e esta é a sua última chance. Tudo o que ele pôde levantar ou pedir emprestado empregou no cavalo, e com

excelentes possibilidades. Agora o senhor pode receber quarenta por um, mas estava mais perto de cem quando ele começou a investir.

— Mas como pode ser isso se o cavalo é tão bom?

— O público não sabe que ele é tão bom. *Sir* Robert tem sido inteligente demais para os agenciadores de apostas. Ele usa o cavalo que é meio-irmão de Prince para os seus passeios. O senhor não consegue distingui-los. Mas, quando galopam, há uma diferença entre eles de dois corpos em oitocentos metros. Ele não pensa em mais nada, a não ser no cavalo e na corrida. Toda a sua vida se resume nisto. Até agora ele está conseguindo manter afastados os agiotas. Se o Prince falhar, ele estará perdido.

— Parece um jogo um tanto desesperado, mas onde é que entra a loucura?

— Bem, em primeiro lugar, o senhor só precisa olhar para ele. Não acredito que durma à noite. Ele fica nos estábulos o tempo todo. Seu olhar está desvairado. Tem sido demais para os seus nervos. Depois, há o seu procedimento para com *lady* Beatrice!

— Ah! Como é isto?

— Eles sempre foram muito amigos. Tinham os mesmos gostos, e ela amava os cavalos tanto quanto ele. Todos os dias, na mesma hora, ela ia aos estábulos para vê-los, e, acima de tudo, ela amava o Prince. Ele levantava as orelhas quando ouvia o barulho das rodas de sua carruagem no cascalho, e todas as manhãs ia trotando até a carruagem para ganhar o seu torrão de açúcar. Mas agora tudo isto acabou.

— Por quê?

— Bem, ela parece ter perdido todo o interesse pelos cavalos. Faz agora uma semana que ela passa de carruagem pelos estábulos sem dizer nem mesmo bom-dia!

— Você acha que houve uma briga?

— E uma briga séria, selvagem, rancorosa. Por que outro motivo teria ele dado o *spaniel* de estimação dela, que ela amava como se fosse seu filho? Ele deu o animal há alguns dias para o velho Barnes, que toma conta do Green Dragon, a quatro quilômetros de distância, em Crendall.

— Isto parece mesmo esquisito.

— É claro que, com seu coração frágil e sua hidropisia, não se poderia esperar que ela saísse muito com ele, mas ele passava duas horas todas as tardes no quarto dela. Ele fazia o máximo, porque ela era uma excelente

amiga para ele. Mas isto também acabou. Ele nunca se aproxima dela. E ela está sentida. Ela está deprimida, mal-humorada e está bebendo, sr. Holmes, bebendo como uma esponja.

— Ela bebia antes desse afastamento?

— Bem, ela bebia um copo ou outro, mas agora bebe frequentemente uma garrafa inteira numa tarde. Foi o que me contou Stephens, o mordomo. Está tudo mudado, sr. Holmes, e existe alguma coisa perversa e podre em relação a isso. Mas, por outro lado, o que o patrão faz lá na cripta da velha igreja à noite? E quem é o homem que se encontra com ele lá?

Holmes esfregou as mãos.

— Continue, sr. Mason. Está ficando cada vez mais interessante.

— Foi o mordomo que o viu sair. Era meia-noite, e chovia a cântaros. De modo que, na noite seguinte, eu estava em casa acordado, e de fato o patrão tornou a sair. Stephens e eu fomos atrás dele, mas foi um trabalho desagradável, porque teria sido horrível se ele nos visse. Ele é um homem terrível com os punhos e quando se zanga não tem respeito pelas pessoas. De modo que evitamos nos aproximar muito, mas pudemos observá-lo perfeitamente. Ele estava se dirigindo para a cripta mal-assombrada, e havia um homem esperando por ele lá.

— O que é esta cripta mal-assombrada?

— Bem, senhor, há uma velha capela em ruínas no parque. É tão antiga que ninguém conseguiu determinar a sua data. E debaixo dela há uma cripta que tem má fama entre nós. Durante o dia é um lugar escuro, úmido, deserto, mas poucos naquele condado teriam coragem de se aproximar dela à noite. Mas o patrão não tem medo. Ele nunca temeu coisa alguma na vida. Mas o que será que ele faz lá à noite?

— Espere um pouco! — disse Holmes. — Você diz que há outro homem lá. Deve ser algum dos seus próprios cavalariços ou alguém da casa! Você precisa apenas descobrir quem é e interrogá-lo.

— Não é ninguém que eu conheça.

— Como é que você pode afirmar isto?

— Porque eu o vi, sr. Holmes. Foi naquela segunda noite. *Sir* Robert voltou e passou por nós, por mim e pelo Stephens, que tremíamos no meio dos arbustos como dois coelhinhos, pois havia um pouco de luar naquela noite. Mas ouvimos o outro homem andando por perto, atrás de nós. Não estávamos com medo dele. De modo que nos levantamos depois que *sir*

Robert passou e fingimos que estávamos apenas dando uma volta ao luar, e assim nos aproximamos dele de maneira bastante casual e inocente. “Olá, companheiro! Quem é você?”, eu perguntei. Acho que ele não nos tinha ouvido chegar, de modo que nos olhou sobre o ombro com cara de quem tinha visto o diabo saindo do inferno. Deu um grito, saiu correndo e desapareceu na escuridão. Como correu! Ele sumiu num instante e quem era ou o que era, nunca descobrimos.

— Mas você conseguiu vê-lo à luz da lua?

— Sim, eu seria capaz de reconhecer aquela cara amarela, um cachorro sórdido, eu diria. O que ele poderia ter em comum com *sir* Robert?

Holmes ficou sentado durante algum tempo, perdido em pensamentos.

— Quem faz companhia a *lady* Beatrice Falder? — perguntou finalmente.

— A criada, Carrie Evans. Ela está com *lady* Beatrice nos últimos cinco anos.

— E, sem dúvida, é dedicada a ela?

O sr. Mason mexeu-se desconfortavelmente.

— Ela é bastante dedicada — respondeu, finalmente. — Mas eu não sei a quem.

— Ah! — disse Holmes.

— Eu não posso revelar segredos alheios.

— Compreendo perfeitamente, sr. Mason. Naturalmente, a situação é bastante clara. Pela descrição que o dr. Watson fez de *sir* Robert, posso perceber que nenhuma mulher está fora de perigo com ele. Você não acha que a briga entre irmão e irmã pode ser por isto?

— Bem, o escândalo há muito tempo está evidente.

— Mas ela pode não ter percebido isto antes. Suponhamos que ela tenha descoberto tudo de repente. Ela quer se livrar da mulher. O irmão não permite. A inválida, com o coração fraco e sua incapacidade de se locomover, não tem meios de impor sua vontade. A criada odiada ainda está ligada a ela. A senhora recusa-se a falar, fica mal-humorada, dá para beber. *Sir* Robert, encolerizado, tira-lhe o *spaniel*, seu animal de estimação. Isso tudo não faz sentido?

— Bem, pode fazer... até aqui.

— Exatamente! Até aqui. Como tudo isso poderia ter relação com as visitas noturnas à velha cripta? Não podemos encaixar isto em nosso

enredo.

— Não, senhor, e ainda há outra coisa que eu não consigo encaixar. Por que *sir* Robert iria querer desenterrar um defunto?

Holmes endireitou-se na cadeira na mesma hora.

— Nós só descobrimos isto ontem, depois que eu havia escrito para o senhor. Ontem, *sir* Robert estava em Londres, de modo que Stephens e eu descemos até a cripta. Estava tudo em ordem, senhor, exceto pelo fato de que em um dos cantos havia um pedaço de um corpo humano.

— Presumo que o senhor tenha informado à polícia.

Nosso visitante deu um sorriso sinistro.

— Bem, senhor, acho que isto dificilmente os interessaria. Havia apenas a cabeça e alguns ossos de uma múmia. Devia ter uns mil anos. Mas não estava lá antes. Isto eu posso jurar e Stephens também. Tinha sido arrumado num canto e coberto com uma tábua, mas aquele canto sempre esteve vazio antes.

— O que é que vocês fizeram com aquilo?

— Bem, nós simplesmente deixamos tudo lá.

— Isto foi prudente. Você disse que *sir* Robert estava fora ontem. Ele já voltou?

— Deve voltar hoje.

— Quando foi que *sir* Robert deu de presente o cachorro da irmã?

— Foi exatamente há uma semana. O animal estava uivando do lado de fora da velha casa do poço, e *sir* Robert naquela manhã estava em um de seus dias de mau humor. Ele apanhou o cachorro, e pensei que o tivesse matado. Depois, ele o entregou a Sandy Bain, o jóquei, e mandou que o levasse para o velho Barnes, no Green Dragon, porque ele não queria vê-lo nunca mais.

Holmes ficou sentado durante algum tempo, refletindo em silêncio. Ele acendeu o mais velho e fétido de seus cachimbos.

— Eu ainda não sei bem o que o senhor quer que eu faça neste caso, sr. Mason — ele disse, finalmente. — O senhor pode ser mais preciso?

— Talvez isto torne as coisas mais claras, sr. Holmes — disse o nosso visitante.

Tirou do bolso um papel e, desembrulhando-o com cuidado, exibiu um pedaço de osso cabornizado.

Holmes examinou-o com interesse.

— Onde o senhor conseguiu isto?

— Existe uma caldeira para aquecimento central no porão, debaixo do quarto de *lady* Beatrice. Ficou fora de uso durante algum tempo, mas *sir* Robert queixou-se de frio e a pôs novamente para funcionar. Harvey toma conta da caldeira, é um dos meus rapazes. Esta manhã, ele veio me mostrar isto, que encontrou enquanto raspava as cinzas com o ancinho. Ele não gostou do aspecto disto.

— Nem eu — disse Holmes. — O que você acha disso, Watson?

Tinha sido queimado até virar carvão, mas não havia dúvida quanto à sua importância anatômica.

— É o côndilo superior de um fêmur humano — eu disse.

— Exatamente — Holmes ficou muito sério. — A que horas este rapaz cuida da caldeira?

— Ele faz isso todas as tardes e depois vai embora.

— Então qualquer um poderia ir até lá durante a noite?

— Sim, senhor.

— É possível entrar lá pelo lado de fora?

— Há uma porta que dá para fora. Há outra porta que leva, por uma escada, até o corredor onde fica o quarto de *lady* Beatrice.

— Isto é uma coisa complicada, sr. Mason; complicada e um tanto turva. Você disse que *sir* Robert não estava em casa ontem?

— Não, senhor.

— Então não foi ele quem queimou ossos.

— Isso é verdade, senhor.

— Como é o nome daquela hospedaria de que o senhor falou?

— Green Dragon.

— Há boa pescaria naquela área de Berkshire?

O franco treinador demonstrou nitidamente, pela expressão de seu rosto, que estava convencido de que mais um lunático tinha entrado em sua vida atribulada.

— Bem, senhor, tenho ouvido falar que há truta no rio do moinho e lúcio no lago Hall.

— Isto é suficiente. Watson e eu somos pescadores de primeira, não é, Watson? Você pode escrever para nós, daqui por diante, para o Green Dragon. Devemos chegar lá esta noite. Não preciso lhe dizer que não queremos vê-lo, sr. Mason, mas pode mandar um bilhete, e sem dúvida

conseguirei encontrá-lo se precisar do senhor. Quando tivermos descoberto um pouco mais a respeito do assunto, darei minha opinião.

E foi assim que, numa bela noite de maio, Holmes e eu nos encontramos sozinhos num vagão de primeira classe, indo para a pequena estação de Shoscombe, onde o trem só para a pedido. O bagageiro acima de nós estava repleto de varas de pescar, molinetes e cestos. Quando chegamos, uma curta viagem de carruagem nos levou a uma taberna antiga, onde um dono, amante do esporte, Josiah Barnes, aceitou com entusiasmo nossos planos de exterminar os peixes da vizinhança.

— O que me diz do lago Hall e da possibilidade de se pescar um lúcio? — Holmes perguntou.

O rosto do estalajadeiro se anuviou.

— Isto não serve, senhor. O senhor se arrisca a ir parar dentro do lago antes de terminar a sua pescaria.

— Por quê?

— É *sir* Robert, senhor. Ele tem uma desconfiança terrível dos agenciadores de apostas. Se os senhores, dois estranhos, chegassem assim tão perto de seus campos de treinamento, ele iria atrás dos senhores, com toda a certeza. Ele não quer se arriscar, não *sir* Robert.

— Ouvi dizer que ele tem um cavalo que vai correr no Derby.

— Sim, e é um bom potro. Ele está apostando todo o nosso dinheiro nessa corrida, e o dele também. A propósito — ele nos olhou com preocupação —, presumo que os senhores não vieram por causa do turfe.

— Não, realmente. Somos apenas dois londrinos fatigados, precisando muito de um pouco do ar puro de Berkshire.

— Bem, vocês estão no lugar certo. Há muito disto por aqui. Mas lembrem-se do que lhes disse sobre *sir* Robert. Ele é do tipo que bate primeiro e fala depois. Fiquem afastados do parque.

— Com certeza, sr. Barnes! Nós certamente ficaremos. A propósito, aquele *spaniel* que estava ganindo no saguão é um cão lindíssimo.

— E é mesmo. E um *spaniel* legítimo da criação de Shoscombe. Não existe melhor na Inglaterra.

— Eu mesmo gosto muito de cachorros — disse Holmes. — Bem, se é que posso perguntar, quanto custa um cachorro premiado como aquele?

— Mais do que eu poderia pagar, senhor. Foi o próprio *sir* Robert quem me deu este. E por isso tenho que conservá-lo numa correia. Se eu o deixasse solto, enquanto o diabo esfrega um olho ele já teria fugido para o Hall.

— Estamos juntando alguns trunfos na mão, Watson — disse Holmes quando o estalajadeiro saiu. — Não é um jogo fácil de se jogar, mas poderemos encontrar uma pista dentro de um dia ou dois. A propósito, ouvi dizer que *sir* Robert ainda está em Londres. Talvez possamos entrar nos domínios sagrados esta noite sem temer um ataque dele. Há um ou dois detalhes que eu gostaria de confirmar.

— Você tem alguma teoria, Holmes?

— Apenas esta, Watson, de que há uma semana mais ou menos aconteceu alguma coisa que afetou profundamente a vida familiar de Shoscombe. O que seria? Posso imaginar a partir dos efeitos. Eles parecem ser de um tipo estranhamente misto. Mas isso com certeza nos ajudará. Só os casos insípidos e sem acontecimentos notáveis não têm solução.

— Analisemos nossos dados básicos. O irmão não visita mais a querida irmã inválida. Ele dá de presente o seu cachorro favorito. O cachorro dela, Watson! Isto não lhe sugere nada?

— Nada, a não ser a raiva do irmão.

— Bem, pode ser isso. Ou, bem, há uma alternativa. Mas, continuando a nossa recapitulação a partir do início da rixa, se é que existe uma rixa. A senhora fica no seu quarto, altera os seus hábitos, não é vista a não ser quando sai de carruagem com a sua criada, recusa-se a parar nos estábulos para cumprimentar seu cavalo favorito e aparentemente dá para beber. Com isto recapitulamos o caso todo, não é?

— Exceto quanto ao assunto da cripta.

— Esta é uma outra linha de pensamento. Existem duas, e peço-lhe que não as confunda. A Linha A, que diz respeito a *lady* Beatrice, tem um sabor vagamente sinistro, não tem?

— Não consigo entender nada disso.

— Bem, agora tomemos a Linha B, que diz respeito a *sir* Robert. Ele está desesperado para ganhar o Derby. Ele está nas mãos dos agiotas, e pode a qualquer momento ir à bancarrota e em horas pode ser tomado pelos credores. Ele é um homem ousado e desesperado. Sua renda provém de sua

irmã. A criada de sua irmã é o seu instrumento voluntário. Até agora parece que estamos em terreno razoavelmente seguro, não é?

— Mas e a cripta?

— Ah, sim, a cripta! Vamos supor, Watson, é apenas uma suposição infame, uma hipótese só para ser discutida, que *sir* Robert assassinou sua irmã.

— Meu caro Holmes, isto é um absurdo.

— Muito possivelmente, Watson. *Sir* Robert é um homem de linhagem ilustre. Mas às vezes encontramos um abutre entre águias. Vamos discutir um pouco esta suposição. Ele não poderia fugir do país enquanto não convertesse a sua sorte em dinheiro, e isto só poderia ocorrer com a vitória de Shoscombe Prince. Portanto, ele precisa aguentar firme aqui. Para fazer isso ele teria que se livrar do corpo de sua vítima e teria, também, de encontrar uma substituta que representasse o papel dela. Tendo a criada como confidente, isso não seria impossível. O corpo de sua irmã poderia ser levado para a cripta, que é um lugar raramente visitado, e poderia ser destruído à noite, secretamente, na fornalha, deixando atrás aquela prova que já vimos. O que você diz sobre isto?

— Bem, tudo isso é possível, se você admite como correta a monstruosa hipótese inicial.

— Há uma pequena experiência que podemos tentar amanhã, Watson, para tentar esclarecer o assunto. Enquanto isso, se pretendemos continuar mantendo nossa caracterização, sugiro que convidemos o nosso anfitrião para tomar um copo de seu próprio vinho, e vamos conversar a respeito de enguias, o que parece ser o caminho certo para se conquistar a sua amizade. Podemos descobrir por acaso algum mexerico local útil para a elucidação do caso.

De manhã, Holmes descobriu que não havíamos trazido certo tipo de iscas, o que nos absolvia do fato de não termos pescado naquele dia. Às 11 horas saímos para dar um passeio, e ele obteve permissão para levarmos o *spaniel* preto.

— É este o lugar — ele disse, quando nos aproximamos dos dois altos portões do parque, encimados por grifos heráldicos. — O sr. Barnes me informou que, por volta de meio-dia, a velha dama sai para um passeio e que a carruagem precisa diminuir a marcha enquanto os portões são abertos.

Quando a carruagem atravessar os portões, e antes que sua velocidade aumente, quero que você, Watson, pare o cocheiro fazendo-lhe alguma pergunta. Não se incomode comigo. Ficarei atrás deste arbusto de azevinho para observar o que puder.

Não foi uma vigília longa. Quinze minutos depois, avistamos a grande carruagem amarela aberta descendo a avenida, com dois magníficos cavalos pardos. Holmes agachou-se atrás do arbusto com o cachorro. Fiquei de pé no caminho, balançando a bengala despreocupadamente. Um guarda saiu correndo e os portões foram abertos.

A carruagem reduziu a marcha, e pude observar bem seus ocupantes. Uma jovem muito pintada, de cabelos louros e olhos atrevidos estava sentada à esquerda. À sua direita estava uma pessoa idosa, de costas encurvadas e uma barafunda de xales ao redor de seu rosto e dos ombros, que indicavam a inválida. Quando os cavalos chegaram à estrada, levantei a mão num gesto autoritário e, quando o cocheiro puxou as rédeas, perguntei se *sir* Robert estava em Shoscombe Old Place.

No mesmo instante Holmes saiu do esconderijo e soltou o *spaniel*. Com um grito de alegria, o cão correu para a carruagem e pulou sobre o degrau. Então, num segundo, seu cumprimento veemente transformou-se em raiva furiosa, e ele mordeu a saia preta que estava sobre o degrau.

— Vamos em frente! — gritou uma voz áspera. O cocheiro chicoteou os cavalos, e nós ficamos parados na estrada.

— Bem, Watson, conseguimos — disse Holmes enquanto atava a correia no pescoço do *spaniel* excitado. — Ele pensou que fosse a sua dona e descobriu que era um estranho. Os cachorros não se enganam.

— Mas era a voz de um homem! — exclamei.

— Exatamente! Temos mais um trunfo nas mãos, Watson, mas, mesmo assim, é preciso jogar com cautela.

Meu amigo parecia não ter outros planos para aquele dia, e nós realmente usamos nosso equipamento de pesca no rio do moinho, e o resultado foi que tivemos uma travessa de trutas na nossa ceia. Só depois daquela refeição Holmes demonstrou sinais de atividade revigorada. Uma vez mais encontramo-nos na mesma estrada em que havíamos estado pela manhã, que dava nos portões do parque. Uma figura morena e alta estava nos esperando ali, e era o nosso conhecido de Londres, sr. John Mason, o treinador.

— Boa noite, senhores — ele disse. — Recebi seu bilhete, sr. Holmes. *Sir* Robert ainda não voltou, mas ouvi dizer que ele é esperado esta noite.

— A que distância a cripta fica da casa? — perguntou Holmes.

— A uns quatrocentos metros.

— Então acho que poderemos agir sem medo.

— Não posso correr este risco, sr. Holmes. Assim que ele chegar, vai querer me ver para saber as últimas notícias de Shoscombe Prince.

— Compreendo! Neste caso temos que trabalhar sem o senhor. Poderá nos mostrar a cripta e depois ir embora.

Estava escuro como breu e não havia lua, mas Mason nos conduziu pelo prado até que surgiu na nossa frente uma forma escura que depois vimos ser a antiga capela. Entramos pela brecha que antes havia sido um pórtico, e o nosso guia, tropeçando em meio aos montes de alvenaria solta, foi até o canto do edifício, onde uma escada íngreme nos levou para baixo, até a cripta. Riscando um fósforo, ele iluminou o lugar melancólico — um cheiro fétido e desagradável, velhas paredes de pedras toscas talhadas e pilhas de esquifes, alguns de chumbo, e alguns de pedra, prolongavam-se de um lado, chegando até o teto arqueado e cheio de frisos que se perdia nas sombras acima de nossas cabeças. Holmes tinha acendido sua lanterna, que projetou um minúsculo jato de luz amarelo-vivo sobre a lúgubre cena. Seus raios refletiram-se nas placas dos esquifes, muitos deles adornados com o brasão de grifos e coroa desta família antiga que carregava suas honrarias até mesmo para o portão da morte.

— O senhor falou de ossos, sr. Mason. Poderia mostrá-los antes de ir embora?

— Eles estão aqui neste canto. — O treinador foi até lá e ficou mudo de espanto quando iluminamos o local. — Eles desapareceram — ele disse.

— Eu já esperava por isso — disse Holmes, dando uma risadinha. — Acho que as cinzas deles podem, ainda agora, ser encontradas naquele forno que já consumiu uma parte.

— Mas por que alguém iria querer queimar ossos de um homem que já está morto há mil anos? — perguntou John Mason.

— É para descobrir isto que estamos aqui — disse Holmes. — Isto pode significar uma busca demorada, e não precisamos retê-lo. Acho que teremos uma solução antes do amanhecer.

Quando John Mason foi embora, Holmes pôs mãos à obra, fazendo um exame cuidadoso dos túmulos, que iam desde um túmulo muito antigo, no centro, que parecia ser de um saxão, passando por uma longa fileira de túmulos normandos, hugos e odos, até chegar aos esquifes de *sir* William e de *sir* Denis Falder, do século XVIII. Levou uma hora ou mais até que Holmes chegasse a um esquife de chumbo, colocado em pé, antes da entrada para o subterrâneo. Ouvi seu grito de satisfação e tive certeza, pelos seus movimentos apressados mas decididos, de que ele havia atingido o seu objetivo. Com sua lente, ele estava examinando ansiosamente as bordas da tampa pesada. Em seguida tirou do bolso um pé de cabra curto, que introduziu numa fenda, suspendendo toda a parte da frente, que parecia estar presa apenas por um par de grampos. Ouviu-se um ruído, como se algo estivesse sendo rasgado ou despedaçado, enquanto a tampa cedia, mas ela girou com dificuldade sobre as dobradiças, revelando parcialmente seu conteúdo, antes que fôssemos interrompidos de modo imprevisto.

Alguém estava caminhando em cima, na capela. Era o passo firme e rápido de quem veio com um objetivo definido e conhecia bem o chão onde pisava. Uma luz jorrou de cima das escadas, e um minuto depois o homem que a segurava apareceu emoldurado pelo arco gótico. Era uma figura medonha, de estatura colossal e jeito feroz. Uma grande lanterna de cocheira, que ele segurava à sua frente, iluminou um rosto enérgico, um bigode espesso e olhos coléricos que examinavam cada recesso do subterrâneo, fixando-se por fim, com uma expressão sinistra, em meu amigo e em mim.

— Quem diabos são vocês? — ele vociferou. — E o que estão fazendo dentro de minha propriedade? — Então, como Holmes não respondesse, avançou alguns metros e ergueu uma pesada bengala que carregava. — Vocês estão me ouvindo? — gritou. — Quem são vocês? O que estão fazendo aqui? — Seu bastão agitou-se no ar.

Mas, em vez de apavorar-se, Holmes avançou na direção dele.

— Eu também tenho uma pergunta para fazer-lhe, *sir* Robert — ele disse no seu tom de voz mais áspero. — Quem está aí dentro? E o que está fazendo aqui?

Ele virou-se e abriu a tampa do caixão atrás dele. Sob a luz da lanterna, vi um corpo enfaixado da cabeça aos pés em um lençol, com feições

horríveis de bruxa, só nariz e queixo, olhos opacos e vidrados, num rosto desbotado e em decomposição.

O baronete cambaleou para trás com um grito e apoiou-se num sarcófago de pedra.

— Como o senhor soube disto? — ele perguntou. E em seguida, novamente com o seu jeito grosseiro. — O que é que os senhores têm a ver com isto?

— Meu nome é Sherlock Holmes — disse meu amigo. — Talvez o nome lhe seja familiar. De qualquer modo, meu negócio é o mesmo de todos os bons cidadãos: defender a lei. Parece que o senhor tem muito a explicar.

Sir Robert nos dirigiu um olhar penetrante, mas a voz de Holmes, tranquila e fria, e suas maneiras seguras surtiram efeito.

— Por Deus, sr. Holmes, está bem — ele disse. — Tudo parece estar contra mim, admito, mas eu não podia agir de outra maneira.

— Gostaria de pensar assim, mas acho que as suas explicações devam ser dadas à polícia.

Sir Robert encolheu seus ombros largos.

— Bem, se tiver que ser assim, que seja. Venham até a casa e poderão julgar por si mesmos.

Quinze minutos depois estávamos no que imaginei ser a sala de armas da casa, pelas armas de fogo enfileiradas atrás de protetores de vidro. Era uma sala confortavelmente mobiliada, e lá *sir* Robert deixou-nos a sós durante alguns momentos. Ao voltar, vinha acompanhado por duas pessoas, uma delas a jovem de rosto muito pintado, que víramos na carruagem, a outra, um homem com cara de rato e maneiras desagradavelmente furtivas. Os dois pareciam muito espantados, o que demonstrava que o baronete ainda não tivera tempo de explicar-lhes o rumo que os acontecimentos haviam tomado.

— Estes — disse *sir* Robert, com um aceno de mão — são o sr. e a sra. Norlett. A sra. Norlett, cujo nome de solteira era Evans, foi durante alguns anos a criada de confiança de minha irmã. Eu os trouxe aqui porque acho que o melhor a fazer é explicar aos senhores a verdadeira situação, e eles são as duas únicas pessoas no mundo que podem provar o que digo.

— Isto é necessário, *sir* Robert? O senhor pensou no que está fazendo? — exclamou a mulher.

— Quanto a mim, nego completamente toda a responsabilidade — disse o marido dela.

Sir Robert lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Assumo toda a responsabilidade — disse ele. — Agora, sr. Holmes, ouça um relato verdadeiro dos fatos.

— O senhor, evidentemente, investigou meus negócios a fundo, ou eu não o teria encontrado onde o encontrei. Portanto, o senhor provavelmente já deve saber que um cavalo preto de minha propriedade vai participar do Derby e que tudo dependerá do êxito dessa corrida. Se meu cavalo vencer, tudo ficará fácil. Se perder, bem, não ouso pensar nisso!

— Compreendo a situação — disse Holmes.

— Dependo inteiramente de minha irmã Beatrice. Mas todo mundo sabe que só minha irmã pode se beneficiar do uso destas propriedades, e apenas enquanto viver. Quanto a mim, estou nas mãos dos agiotas. Sempre soube que, se minha irmã morresse, meus credores cairiam sobre os meus bens como um bando de abutres. Tudo me seria tomado, meus cavalos, meus estábulos, tudo. Bem, sr. Holmes, minha irmã morreu *realmente*, há uma semana.

— E o senhor não disse a ninguém?

— Como podia fazê-lo? Uma ruína total me ameaçava. Se eu pudesse protelar as coisas por três semanas, tudo estaria bem. O marido da criada dela, este homem aqui, é um ator. Tivemos a ideia, eu tive a ideia, de que ele poderia, durante este curto período, fazer-se passar por minha irmã. Bastava ele aparecer diariamente na carruagem, porque ninguém precisaria entrar no quarto dela, a não ser a criada. Não foi difícil fazer isso. Minha irmã morreu de hidropsia, doença de que sofria há muito tempo.

— Isto quem vai verificar é o chefe de polícia.

— O médico dela atestará que, durante meses, os sintomas da doença já faziam prever um fim como esse.

— Bem, o que o senhor fez?

— O corpo não podia ficar lá. Na primeira noite, Norlett e eu o carregamos para a velha casa do poço, que agora não é mais usada. Mas fomos seguidos pelo seu cachorro de estimação, que ficou latindo na porta, de modo que senti que seria necessário um lugar mais seguro. Livrei-me do *spaniel*, e carregamos o corpo para a cripta da igreja. Não houve

indignidade ou irreverência, sr. Holmes. Não sinto que eu tenha ofendido a morta.

— Sua conduta me parece imperdoável, *sir* Robert.

O baronete sacudiu a cabeça com impaciência.

— É fácil falar — ele disse. — Talvez o senhor, se estivesse em meu lugar, sentisse de maneira diferente. Ninguém pode ver todas as suas esperanças e todos os seus planos se despedaçarem no último momento sem fazer um esforço para salvá-los. Achei que aquele lugar não seria indigno para o descanso se a puséssemos durante algum tempo em um dos esquifes dos antepassados de seu falecido marido, que descansavam em terreno já consagrado. Abrimos aquele esquife, retiramos os conteúdos e a colocamos conforme o senhor a viu. Quanto às velhas relíquias que tiramos, não podíamos deixá-las no chão da cripta. Norlett e eu as retiramos, e ele desceu à noite e as queimou na fornalha central. Esta é a minha história, sr. Holmes. Embora o senhor tenha me forçado a ponto de eu ter que contar mais do que devia.

Holmes ficou sentado durante algum tempo, refletindo.

— Há uma falha em sua narrativa, *sir* Robert — ele disse finalmente. — Suas apostas na corrida e, por conseguinte, suas esperanças para o futuro estariam de pé mesmo se os seus credores tomassem o seu patrimônio.

— O cavalo faz parte do patrimônio. Por que haveriam eles de se importar com as minhas apostas? Provavelmente eles não iriam fazê-lo correr. Meu principal credor, infelizmente, é o meu inimigo mais cruel, um patife, Sam Brewer, que uma vez fui obrigado a chicotear no Newmarket Heath. O senhor acredita que ele tentaria me salvar?

— Bem, *sir* Robert — disse Holmes, levantando-se —, é claro que este assunto deve ser encaminhado à polícia. Era meu dever esclarecer os fatos e agora devo deixá-los. Quanto à moralidade ou decência de sua conduta, não me cabe manifestar uma opinião. É quase meia-noite, Watson, e acho que devemos voltar aos nossos humildes aposentos.

Todos sabem agora que este episódio singular teve um final mais feliz do que o procedimento de *sir* Robert merecia. Shoscombe Prince venceu realmente o Derby, o seu dono embolsou 18 mil libras em apostas, e os credores esperaram até que a corrida terminasse, quando foram totalmente reembolsados, e ainda sobrou o suficiente para que *sir* Robert estabelecesse

novamente uma boa situação na vida. Tanto a polícia como o juiz encararam os acontecimentos com indulgência, e, além de uma censura branda pela demora em registrar o falecimento da senhora, o feliz proprietário saiu incólume deste estranho incidente, numa vida que superou sombras e promessas, para terminar numa velhice honrada.

[29] Harley Street — rua dos médicos famosos em Londres. (N.T.)

A AVENTURA DO NEGRO APOSENTADO

NAQUELA MANHÃ, SHERLOCK HOLMES ESTAVA PREDISPOSTO à melancolia e à filosofia. Sua natureza prática e viva era sujeita a reações deste tipo.

— Você o viu? — ele perguntou.

— Você se refere ao velho que acabou de sair?

— Justamente.

— Sim, encontrei-o na porta.

— O que achou dele?

— Uma criatura patética, inútil e alquebrada.

— Exatamente, Watson. Patética e inútil. Mas a vida não é toda ela patética e inútil? A história dele não é um microcosmo do todo? Nós estendemos a mão. Nós agarramos. E, no final, o que é que fica em nossas mãos? Uma sombra. Ou pior do que uma sombra, a miséria.

— Ele é um dos seus clientes?

— Bem, acho que eu possa chamá-lo assim. Ele foi mandado pela Scotland Yard. Exatamente como os médicos às vezes mandam os seus doentes incuráveis a um curandeiro. Eles argumentam que não podem fazer mais nada e, aconteça o que acontecer, o paciente não poderá ficar pior do que já está.

— Qual é o problema?

Holmes pegou na mesa um cartão um tanto sujo. “Josiah Amberley”.

— Ele afirma que era o sócio minoritário de Brickfall e Amberley, fabricantes de materiais artísticos. Você verá o nome deles impresso em caixas de tinta. Ele ganhou uma boa quantidade de dinheiro, retirou-se dos negócios aos 61 anos, comprou uma casa em Lewisham e parou para

descansar após uma vida de incessante trabalho pesado. Poderíamos achar que o futuro dele estava assegurado de forma razoável.

— Sim, realmente.

Holmes olhou de relance para algumas anotações que ele havia rabiscado nas costas de um envelope.

— Aposentou-se em 1896, Watson. No início de 1897, casou-se com uma mulher vinte anos mais nova, uma mulher bonita também, se é que a fotografia não lhe aumenta a beleza. Uma renda suficiente, uma esposa e tempo para o lazer. Parecia que diante dele havia uma estrada reta. Mas dois anos depois ele está, como você viu, tão alquebrado e miserável quanto qualquer criatura que se arraste sob o sol.

— Mas o que aconteceu?

— A velha história, Watson. Um amigo traiçoeiro e uma esposa volúvel. Parece que Amberley tinha um passatempo predileto, o jogo de xadrez. Não muito longe dele, em Lewisham, mora um jovem médico que também é jogador de xadrez. Tomei nota de seu nome, dr. Ray Ernest. Este médico estava frequentemente na casa, e uma intimidade entre ele e a sra. Amberley era uma consequência natural, pois você precisa admitir que o nosso infeliz cliente possui poucos encantos exteriores, independentemente de suas virtudes interiores. Na semana passada, os dois partiram juntos, paradeiro ignorado. Além do mais, a esposa infiel levou, como bagagem pessoal, uma caixa com escrituras do velho, que também continha grande parte das economias de seu marido. Será que poderemos encontrar esta senhora? Poderemos salvar o dinheiro? Um problema banal até agora, mas vital para Josiah Amberley.

— O que é que você fará a respeito disso?

— Bem, a pergunta imediata, meu caro Watson, é: o que *você* fará? Se você quiser fazer o favor de me representar. Você sabe que estou preocupado com o caso dos dois patriarcas coptas, que hoje deveria chegar a um ponto crítico. Realmente não tenho tempo para ir a Lewisham, mas a prova obtida no local tem um valor especial. O velho estava insistindo muito para que eu fosse, mas expliquei-lhe meu problema. Ele está disposto a encontrar-se com um representante meu.

— Sem dúvida — respondi. — Confesso que não sei como poderei ser útil, mas quero fazer o melhor que puder. — E foi assim que naquela tarde de verão parti para Lewisham, sem imaginar que uma semana depois o caso

em que eu estava me envolvendo provocaria a mais inflamada celeuma de toda a Inglaterra.

Já era tarde da noite quando voltei à Baker Street para prestar contas da minha missão. Holmes estava recostado, o corpo magro esticado em sua poltrona, o cachimbo soltando lentas espirais de fumaça, enquanto suas pálpebras caíam sobre os olhos tão preguiçosamente que ele quase podia ter adormecido, se não fosse o fato de que, em toda pausa ou trecho questionável de minha narrativa, elas se erguiam até o meio, e dois olhos cinzentos, tão brilhantes e vivos quanto floretes, trespassavam-me com seu olhar inquisitivo.

— The Haven é o nome da casa do sr. Josiah Amberley — expliquei. — Acho que isto o interessaria, Holmes. É como um aristocrata indigente que mergulhou na companhia de seus subalternos. Você conhece aquele bairro a que me refiro, as monótonas ruas de tijolos, as enfadonhas estradas suburbanas. Bem no meio delas está situada esta velha casa, uma pequena ilha de cultura e de conforto à antiga, cercada por um muro alto, manchado de líquens e cheio de musgo, o tipo de muro...

— Deixe a poesia de lado, Watson — disse Holmes com severidade. — Anotei que era um muro alto de tijolos.

— Exatamente. Eu não saberia qual era The Haven, se eu não tivesse perguntado a um vagabundo que estava fumando na rua. Tenho minhas razões para mencioná-lo. Ele era alto, moreno, com um grande bigode, um homem de aparência um tanto militar. Ele indicou com a cabeça em resposta à minha pergunta e lançou-me um olhar de curiosidade, que um pouco mais tarde me voltou à lembrança.

— Eu mal havia atravessado o portão de entrada quando avistei o sr. Amberley descendo pelo caminho. Eu só o vira de relance esta manhã, e ele certamente deu-me a impressão de uma criatura estranha, mas, quando o vi em plena luz, sua aparência era ainda mais anormal.

— É claro que eu o observei, e contudo estou interessado em saber a sua impressão — disse Holmes.

— Ele me pareceu um homem oprimido por preocupações. Suas costas estavam curvadas, como se ele carregasse um fardo pesado. Mas não era a criatura fraca que eu havia imaginado no início, porque seus ombros e o

peito têm a estrutura de um gigante, embora sua figura vá se afunilando, terminando num par de pernas compridas e magras.

— O sapato esquerdo enrugado, o direito esticado.

— Não observei isto.

— Não, você não o faria. Observei sua perna artificial. Mas prossiga.

— Fiquei impressionado com os anéis encrespados de seu cabelo grisalho, que apareciam sob o chapéu de palha velho, seu rosto com uma expressão feroz e suas feições de traços muito marcados.

— Muito bem, Watson. O que ele disse?

— Ele começou a despejar a história de suas mágoas. Caminhamos juntos pelo passeio, e é claro que observei bem tudo em volta. Nunca vi um lugar tão malcuidado. O jardim estava completamente abandonado, dando a impressão de completa negligência, que permitiu que as plantas seguissem o caminho da natureza, e não o caminho da arte. Como uma mulher decente poderia tolerar esse estado de coisas, não sei. A casa também estava desmazelada até o último grau, mas o pobre homem parecia ciente disto e estava tentando remediar a situação, porque havia um grande pote de tinta verde no meio do saguão, e ele estava carregando uma broxa grossa na mão esquerda. Ele estivera trabalhando no madeirame.

"Ele me levou ao seu sujo refúgio, e tivemos uma longa conversa. Naturalmente ele estava desapontado pelo fato de você não ter ido. 'Eu não esperava', ele disse, 'que um indivíduo tão humilde como eu, principalmente após o meu pesado prejuízo financeiro, pudesse obter a atenção total de um homem tão famoso quanto Sherlock Holmes'.

"Assegurei-lhe que a questão financeira não existia. 'Não, é claro, com ele é arte pelo amor à arte', ele disse, 'mas, mesmo do lado artístico do crime, ele poderia ter encontrado aqui algo para investigar. E a natureza humana, dr. Watson, a terrível ingratidão de tudo isto! Quando foi que eu recusei algum pedido dela? Alguma mulher já foi tão mimada? E aquele rapaz, ele poderia ter sido meu próprio filho. Ele tinha livre entrada em nossa casa. Entretanto, veja como eles me trataram! Oh, dr. Watson, este mundo é terrível, terrível!'.

"Este foi o estribilho de suas queixas durante uma hora ou mais. Parece que ele não suspeitava de um amor ilícito. Eles moravam sós, a não ser por uma criada que vinha de manhã e ia embora às seis horas. Naquela noite, o velho Amberley, querendo agradar à sua mulher, havia adquirido dois

lugares na galeria superior do Teatro Haymarket. No último momento ela queixou-se de dor de cabeça e não quis ir. Ele foi só. Parece não haver nenhuma dúvida quanto a esse fato, pois ele apresentou o bilhete que trouxera para a sua esposa e que não foi usado.”

— Isto é estranho, muito estranho — disse Holmes, cujo interesse pelo caso parecia estar aumentando. — Por favor, continue, Watson. Acho sua narrativa interessantíssima. Você examinou pessoalmente este bilhete? Você por acaso não anotou o número?

— Acontece que anotei — respondi com orgulho. — Por acaso era o meu antigo número da escola, 31, e ficou gravado na minha cabeça.

— Excelente, Watson! Então a cadeira dele era 30 ou 32.

— Perfeitamente — respondi um tanto perplexo. — E na fila B.

— Isto é bastante satisfatório. O que mais ele lhe contou?

— Ele mostrou seu quarto-forte, como ele o chama. É realmente um quarto-forte, como um banco, com porta de ferro e uma de madeira, à prova de ladrão, como ele afirmou. Mas parece que a mulher tinha uma duplicata da chave, e os dois juntos tinham carregado umas sete mil libras, em dinheiro e obrigações da dívida pública.

— Obrigações da dívida pública? Como eles poderiam vender estas obrigações?

— Ele disse que dera à polícia uma lista e esperava que elas não fossem vendáveis. Ele voltou do teatro mais ou menos à meia-noite e encontrou a casa saqueada, a porta e a janela abertas, e os dois já haviam fugido. Não deixaram nenhuma carta ou mensagem, e desde então ele também não recebeu uma palavra dela. Ele avisou imediatamente à polícia.

Holmes refletiu durante alguns minutos.

— Você disse que ele estava pintando. O que é que ele estava pintando?

— Bem, ele pintava o corredor. Mas já havia pintado a porta e todas as partes em madeira deste quarto que mencionei.

— Você não achou que era uma ocupação estranha nestas circunstâncias?

— “É preciso fazer alguma coisa para aliviar um coração dolorido.” Foi esta a explicação que ele deu. É esquisito, sem dúvida, mas ele é, evidentemente, um homem esquisito. Ele rasgou uma das fotografias de sua mulher na minha presença. Rasgou-a furiosamente, numa tempestade de fúria. “Eu não quero nunca mais ver a sua maldita cara”, ele gritou.

— Mais alguma coisa, Watson?

— Sim, uma coisa que me impressionou mais do que qualquer outra. Eu fui para a estação Blackheath e apanhei o meu trem lá, e, exatamente quando o trem estava partindo, vi um homem entrando rapidamente no vagão colado ao meu. Você sabe que sou um bom fisionomista, Holmes. Sem dúvida nenhuma era o homem alto e moreno com quem falei na rua. Avistei-o uma vez na Ponte de Londres e depois o perdi de vista na multidão. Mas estou convencido de que ele estava me seguindo.

— Sem dúvida! Sem dúvida! — disse Holmes. — Um homem alto, moreno, com um bigode grande, você diz, com óculos de sol cinzentos?

— Holmes, você é um adivinho. Eu não disse isso, mas ele *estava* com óculos de sol cinzentos.

— E um alfinete de gravata maçônico?

— Holmes!

— Muito simples, meu caro Watson. Mas vamos tratar de coisas práticas. Devo admitir que o caso, que me parecia tão absurdamente simples que nem valia a pena eu perder meu tempo com ele, está assumindo rapidamente um aspecto muito diferente. É verdade que, embora em sua missão você tenha deixado passar todas as coisas importantes, até mesmo as coisas que se impuseram à sua atenção deram origem a graves reflexões.

— O que foi que eu deixei escapar?

— Não se ofenda, meu caro. Você sabe que sou muito impessoal. Ninguém teria feito melhor. Alguns possivelmente não tão bem. Mas de fato você perdeu alguns pontos fundamentais. Qual é a opinião dos vizinhos sobre Amberley e sua mulher? Isto é muito importante. E quanto ao dr. Ernest? Era ele o jovial Lothario que se poderia esperar? Com suas vantagens naturais, Watson, toda mulher é sua auxiliar e sua cúmplice. E a moça do correio, ou a mulher do quitandeiro? Posso imaginar você cochichando ternas banalidades no ouvido da moça no Blue Anchor e recebendo em troca informações concretas. Tudo isto você deixou de fazer.

— Isto ainda pode ser feito.

— Já foi feito. Graças ao telefone e à ajuda da Scotland Yard, geralmente consigo obter aquilo de que necessito sem sair deste quarto. Na verdade, minha informação confirma a história do homem. Ele tem fama, no local, de ser um marido tão avarento quanto intratável e exigente. Que ele tinha uma grande soma de dinheiro naquele quarto-forte é verdade. Também é verdade que o jovem dr. Ernest, um homem solteiro, jogava xadrez com

Amberley, e provavelmente fez-se de tolo com a mulher dele. Tudo isto parece muito simples, e seria possível pensar que não há mais para ser dito... mas... mas!

— Onde está a dificuldade?

— Na minha imaginação, talvez. Bem, deixe isso de lado, Watson. Vamos fugir deste enfadonho mundo de trabalho diário e ouvir música. Carina canta esta noite no Albert Hall, e nós ainda temos tempo para nos vestir, jantar e nos alegrar.

De manhã, levantei-me cedo, mas algumas migalhas de torradas e duas cascas de ovos vazias indicaram que meu amigo levantara-se mais cedo ainda. Encontrei um bilhete rabiscado na mesa.

> *CARO WATSON*
> *Há um ou dois pontos que eu gostaria de esclarecer com o sr. Josiah Amberley. Depois que eu tiver feito isso, poderemos desistir do caso — ou não. Eu só lhe pediria para estar disponível por volta das 15 horas, porque talvez eu precise de você.*
>
> *S.H.*

Não vi Holmes o dia inteiro, mas na hora marcada ele voltou, grave, preocupado e distante. Nessas ocasiões era melhor deixá-lo sozinho.

— Amberley já esteve aqui?

— Não.

— Ah! Eu o estou aguardando.

Ele não ficou desapontado, porque pouco depois o velho chegou com uma expressão muito intrigada e preocupada.

— Recebi um telegrama, sr. Holmes. Não consigo entender. — Ele entregou o telegrama ao detetive, que o leu em voz alta.

> *Venha imediatamente, sem falta. Posso dar-lhe informações quanto à sua recente perda.*
>
> *Elman. O Vicariato*

— Despachado de Little Purlington às 14h10 — disse Holmes. — Little Purlington fica em Essex, eu acho, não muito longe de Frinton. Bem, é

claro que o senhor partirá imediatamente. Este telegrama, evidentemente, é de uma pessoa responsável, o vigário do lugar. Onde está a minha lista telefônica? Sim, aqui está ele, J.C. Elman, M.A., morando em Moosmoor, esquina de Little Purlington. Veja o horário dos trens, Watson.

— Às 17h20 sai um da estação de Liverpool Street.

— Excelente. O melhor que você faz é ir com ele, Watson. Ele pode precisar de ajuda ou de conselho. Evidentemente chegamos a uma crise neste assunto.

Mas nosso cliente não parecia nem um pouco ansioso por partir.

— É completamente absurdo, sr. Holmes — ele disse. — O que esse homem pode saber a respeito do que aconteceu? É perda de tempo e de dinheiro.

— Ele não lhe teria telegrafado se não soubesse de alguma coisa. Telegrafe imediatamente avisando que o senhor está a caminho.

— Acho que não irei.

Holmes assumiu o seu aspecto mais severo.

— Isto causaria a pior impressão tanto na polícia quanto em mim mesmo, sr. Amberley, se ao surgir uma pista tão óbvia o senhor se recusasse a segui-la. Nós sentiríamos que o senhor, realmente, não está levando a sério esta investigação.

Nosso cliente pareceu ficar horrorizado com a insinuação.

— Ora, é claro que eu irei, se o senhor vê a coisa desta maneira — ele disse. — À primeira vista, parece absurdo supor que este pároco saiba alguma coisa, mas se o senhor acha...

— Eu *realmente* acho — disse Holmes com ênfase, e assim foi decidida nossa viagem. Holmes puxou-me de lado antes de sairmos da sala e deu-me um conselho que mostrou que ele considerava o assunto importante. — O que quer que você faça, cuide para que ele *realmente* vá — ele disse. — Se ele abandonar a viagem ou voltar, vá à central telefônica mais próxima e mande-me dizer somente a palavra *fugiu*. Providenciarei aqui para que este telefonema me alcance onde eu estiver.

Little Purlington não é um lugar fácil de se chegar, porque fica num ramal. Minha lembrança da viagem não é muito agradável, porque a temperatura estava elevada, o trem vagaroso e o meu companheiro, mal-humorado e calado, quase não falou, a não ser para fazer uma observação ocasional e mordaz sobre a inutilidade de nosso procedimento. Quando

finalmente chegamos à pequena estação, ainda percorremos três quilômetros de charrete até o vicariato, onde um clérigo grande, solene e um tanto pomposo nos recebeu em seu gabinete de trabalho. Nosso telegrama estava diante dele.

— Bem, cavalheiros — ele perguntou —, o que posso fazer pelos senhores?

— Viemos — expliquei — em resposta ao seu telegrama.

— Meu telegrama? Não mandei nenhum telegrama.

— Estou me referindo ao telegrama que o senhor enviou ao sr. Josiah Amberley, a respeito de sua esposa e do dinheiro.

— Se isto é uma piada, senhor, é uma piada de mau gosto — disse o vigário, zangado. — Nunca ouvi falar de um cavalheiro com este nome e não telegrafei a ninguém.

Nosso cliente e eu nos olhamos espantados.

— Talvez haja algum engano — eu disse. — Será que existem dois vicariatos? Aqui está o telegrama, assinado “Elman. O Vicariato.”

— Só há um vicariato, senhor, e apenas um vigário, e o telegrama é uma falsificação escandalosa, cuja origem certamente será investigada pela polícia. Enquanto isso, não vejo motivo para prolongar esta entrevista.

Assim o sr. Amberley e eu nos encontramos à beira da estrada, na aldeia que me parecia ser a mais primitiva da Inglaterra. Fomos até a agência telegráfica, mas ela já estava fechada. Mas havia um telefone na pequena Railway Arms, e por ele consegui entrar em contato com Holmes, que também se espantou com o resultado da viagem.

— Muito estranho! — disse a voz distante. — Extraordinário! Receio, meu caro Watson, que esta noite não haja trem para você voltar. Condenei-o, involuntariamente, aos horrores de uma hospedaria rural. Mas há sempre a natureza, Watson, a natureza e Josiah Amberley; você poderá ficar em contato íntimo com ambos. — Ouvi sua risada de zombaria enquanto ele desligava.

Ficou logo evidente que a fama de avarento do meu companheiro era muito merecida. Ele havia se queixado das despesas da viagem, insistira em viajar de terceira classe e agora estava botando a boca no mundo com suas objeções a uma conta de hotel. Na manhã seguinte, quando finalmente chegamos a Londres, era difícil dizer qual de nós dois estava de pior humor.

— O senhor deveria ir primeiro à Baker Street — eu disse. — O sr. Holmes pode ter novas instruções a dar.

— Se elas não valem mais do que as últimas, não serão de muita utilidade — disse Amberley com um olhar carrancudo.

Mesmo assim ele continuou em minha companhia. Eu já havia avisado a Holmes, por telegrama, a hora de nossa chegada, mas encontramos uma mensagem à nossa espera, dizendo que ele estava em Lewisham e que nos aguardaria lá. Foi uma surpresa, mas foi uma surpresa ainda maior descobrir que ele não estava só na sala de estar do nosso cliente. Um homem impassível, de olhar severo, estava sentado ao seu lado, um homem moreno, de óculos de sol cinzentos, e um grande alfinete maçônico em sua gravata.

— Este é o meu amigo sr. Barker — disse Holmes. — Ele também está interessado no seu problema, sr. Josiah Amberley, embora estejamos trabalhando de modo independente. Mas nós dois temos a mesma pergunta a lhe fazer!

O sr. Amberley sentou-se pesadamente. Ele teve uma sensação de perigo iminente. Percebi isto pela expressão de seus olhos e pela contração de suas feições.

— Qual é a pergunta, sr. Holmes?

— Apenas esta: o que foi que o senhor fez com os corpos?

O homem ficou de pé num salto e deu um grito rouco. Ele agitou no ar as mãos ossudas. Sua boca estava aberta, e naquele instante ele parecia uma horrível ave de rapina. Num abrir e fechar de olhos, tivemos o vislumbre do verdadeiro Josiah Amberley, um demônio com uma alma tão deformada quanto o seu corpo. Quando ele caiu novamente em sua cadeira, bateu com a mão nos lábios, como para abafar a tosse. Holmes saltou sobre sua garganta como um tigre e torceu seu rosto em direção ao chão. Uma bala branca caiu por entre os seus lábios ofegantes.

— Nada de golpes, Josiah Amberley. As coisas devem ser feitas com honestidade e em ordem. E agora, Barker?

— Tenho uma carruagem na porta — disse o nosso taciturno companheiro.

— São alguns metros até a estação. Iremos juntos. Você pode ficar aqui, Watson. Estarei de volta dentro de meia hora.

O velho negro tinha a força de um leão naquele seu corpo imenso, mas ficou impotente nas mãos dos dois detetives experientes. Fazendo um rebuliço e se contorcendo, ele foi arrastado para a carruagem, e eu fiquei na minha solitária vigília na casa agourenta. Mas Holmes voltou antes do previsto e veio em companhia de um jovem e elegante inspetor de polícia.

— Deixei Barker cuidar das formalidades — disse Holmes. — Você ainda não conhecia Barker, Watson. Ele é o meu odiado rival que mora na praia do Surrey. Quando você falou de um homem alto, moreno, não me foi difícil completar o retrato. Ele tem vários casos bem-sucedidos, não tem, inspetor?

— Ele realmente interferiu algumas vezes — o inspetor respondeu com reserva.

— Os métodos que ele usa sem dúvida são irregulares, como os meus próprios. As irregularidades às vezes são úteis, não é? Você, por exemplo, sendo obrigado a avisar que tudo o que o acusado disser pode ser usado contra ele, jamais poderia ter blefado com este velhaco, obrigando-o a fazer praticamente uma confissão.

— Talvez não. Mas teríamos chegado lá de qualquer maneira, sr. Holmes. Não pense que não tínhamos nossas próprias opiniões a respeito deste caso e que não teríamos agarrado o homem. O senhor perdoará por nos sentirmos melindrados quando o senhor entra no caso com métodos que não podemos usar, e assim roubando-nos o crédito.

— Não haverá esse roubo, MacKinnon. Garanto-lhe que daqui por diante vou sumir, e quanto a Barker ele não fez nada, a não ser aquilo que eu lhe disse.

O inspetor pareceu bastante aliviado.

— É muita generosidade de sua parte, sr. Holmes. Elogios ou censuras podem significar pouco para o senhor, mas para nós é muito diferente quando os jornais começam a fazer perguntas.

— Perfeitamente. Mas eles farão perguntas de qualquer maneira, portanto seria conveniente ter as respostas. O que você dirá, por exemplo, quando o repórter inteligente e ousado lhe perguntar quais foram exatamente os detalhes que despertaram as suas suspeitas e finalmente deram-lhe uma certa convicção quanto aos fatos reais?

O inspetor pareceu intrigado.

— Acho que ainda não obtivemos fatos reais, sr. Holmes. O senhor afirmou que o prisioneiro, na presença de três testemunhas, praticamente confessou ao tentar se suicidar, que havia assassinado a mulher e o amante dela. Que outros fatos o senhor tem a apresentar?

— O senhor tomou providências para uma busca?

— Há três policiais a caminho.

— Então o senhor logo obterá o mais óbvio de todos os fatos. Os corpos não podem estar longe. Examine os porões e o jardim. Não levará muito tempo para escavar os lugares prováveis. Esta casa é mais velha do que os canos d’água. Deve haver um poço abandonado em algum lugar. Tente a sua sorte lá.

— Mas como é que o senhor soube disto, e como isto foi feito?

— Vou mostrar-lhe primeiramente como isto foi feito e depois darei a explicação que lhe é devida e mais ainda ao meu paciente amigo aqui, cuja ajuda tem sido inestimável desde o início. Mas antes vou dar-lhes uma ideia da mentalidade do homem. É uma mentalidade muito pouco comum, tanto assim que acho mais provável que o seu destino seja o Broadmoor do que a forca. Ele tem, em alto grau, o tipo de mente que associamos mais à natureza medieval italiana do que à mentalidade britânica moderna. Ele era um avarento infeliz que fez sua mulher tão desgraçada por causa da sua mesquinhez que ela se tornou presa fácil para qualquer aventureiro. Esse aventureiro apareceu em cena na pessoa deste médico jogador de xadrez. Amberley sobressaía-se no xadrez, um indício de mente ardilosa. Como todos os avarentos, ele era um homem ciumento, e seus ciúmes transformaram-se em loucura furiosa. Certo ou errado, ele suspeitou de um amor ilícito. Decidiu se vingar, e planejou tudo com inteligência diabólica. Venham cá!

Holmes nos conduziu pelo corredor com tanta segurança quanto se tivesse morado na casa e parou em frente à porta aberta do quarto-forte.

— Hum! Que cheiro forte de tinta! — exclamou o inspetor.

— Esta foi a nossa primeira pista — disse Holmes. — O senhor pode agradecer à observação do dr. Watson por isto, embora ele falhasse na dedução. Isto me botou na pista. Por que este homem estaria, numa ocasião dessas, enchendo a casa de odores fortes? Obviamente para encobrir outros cheiros que ele quisesse disfarçar, algum cheiro criminoso que despertasse suspeitas. Então veio a ideia de um quarto, como os senhores estão vendo

aqui, com a porta de ferro e uma de madeira, um quarto hermeticamente fechado. Juntem esses dois fatos, e aonde eles nos conduzem? Eu só poderia confirmar isto examinando pessoalmente a casa. Já tinha certeza de que o caso era grave, porque observara o quadro dos lugares vendidos na bilheteria do teatro Haymarket, outro alvo do dr. Watson, e verificara que nem a cadeira 30 nem a 32 da fila B da galeria superior haviam sido ocupadas naquela noite. Portanto, Amberley não estivera no teatro, e seu álibi caiu por terra. Ele cometeu um erro feio quando permitiu que o meu astuto amigo visse o número da cadeira comprada para a sua mulher. Então surgiu a pergunta: como eu poderia inspecionar a casa? Enviei um agente meu à aldeia mais impraticável que pude imaginar e fiz o homem ir lá, numa hora em que seria impossível para ele voltar no mesmo dia. Para evitar qualquer imprevisto, o dr. Watson o acompanhou. O nome do bondoso vigário tirei, naturalmente, da lista telefônica. Está claro para vocês?

— É magistral — disse o inspetor, numa voz reverente.

— Não havendo perigo de ser interrompido, passei a arrombar a casa. O arrombamento sempre foi para mim uma profissão alternativa, se eu tivesse querido adotá-la, e não tenho dúvida de que eu me tornaria um dos melhores. Observem o que descobri. Vocês estão vendo o cano de gás aqui, ao longo do rodapé. Muito bem. Ele sobe no canto da parede, e há uma torneira aqui. O cano corre para dentro do quarto-forte, como os senhores podem ver, e termina naquela rosácea de gesso, no centro do teto, onde fica escondido pela ornamentação. O final do cano é bem aberto. A qualquer momento, abrindo a torneira do lado de fora, o quarto poderia ficar cheio de gás. Com a porta de madeira e a de ferro fechadas e a torneira completamente aberta, eu não daria dois minutos de consciência a qualquer pessoa trancada naquele quarto. Com que estratagema diabólico ele os fez cair na armadilha não sei, mas, uma vez dentro do quarto, eles estavam à sua mercê.

O inspetor examinou o cano com interesse.

— Um dos nossos agentes mencionou o cheiro de gás — ele disse —, mas, naturalmente, na ocasião a janela e a porta estavam abertas, e havia o cheiro de tinta. Ele começara o trabalho de pintura no dia anterior, de acordo com a sua história. Mas e depois, sr. Holmes?

— Bem, então ocorreu um incidente que para mim foi um tanto inesperado. Eu estava entrando pela janela da copa, ao amanhecer, quando senti uma mão na gola do meu casaco, e ouvi uma voz que dizia: “Agora, seu patife, o que você está fazendo aqui dentro?” Quando consegui virar a cabeça, deparei com os óculos coloridos do meu amigo e rival, o sr. Barker. Foi uma curiosa confraternização, e nós dois tivemos que rir. Parece que ele fora contratado pela família do dr. Ray Ernest para fazer algumas investigações e havia chegado à mesma conclusão quanto a uma traição. Ele havia observado a casa durante alguns dias e reconheceu o dr. Watson como uma das pessoas mais obviamente suspeitas que visitaram o local. Ele dificilmente poderia ter prendido Watson, mas, quando viu um homem subindo pelo lado de fora da janela da copa, acabou-se o seu impedimento. É claro que contei a ele em que pé estavam as coisas, e continuamos juntos a investigação.

— Por que ele? Por que não nós?

— Porque era minha ideia fazer aquele pequeno teste que deu um resultado tão maravilhoso. Creio que vocês não teriam ido tão longe.

O inspetor sorriu.

— Bem, talvez não. Entendi que o senhor prometeu sair agora do caso e que vai passar para nós todos os resultados que obteve.

— Certamente, eu sempre agi assim.

— Bem, em nome da Scotland Yard, eu lhe agradeço. Parece um caso simples do jeito que o senhor explicou e, quanto aos corpos, não deve haver dificuldade.

— Vou mostrar-lhes um pouco de evidência sinistra — disse Holmes — e tenho certeza de que o próprio Amberley nunca observou isto. O senhor obterá resultados, inspetor, colocando-se sempre no lugar do outro sujeito, e pensando no que o senhor mesmo faria. Isto requer alguma imaginação, mas compensa. Agora, vamos fazer de conta que os senhores estavam trancados neste pequeno quarto, não tinham nem dois minutos de vida, mas queriam ajustar contas com o demônio que provavelmente zombava de vocês do outro lado da porta. O que vocês fariam?

— Escreveríamos uma mensagem.

— Exatamente. Vocês gostariam de contar aos outros como morreram. Não adiantaria escrever em papel. Isto seria descoberto. Se vocês escrevessem na parede, alguém poderia dar com os olhos no que vocês

tivessem escrito. Agora, vejam aqui! Bem acima do rodapé está rabiscado, com lápis cor púrpura indelével. “Nós fo...” Isto é tudo.

— Como é que vocês interpretariam isso?

— Bem, isto está apenas trinta centímetros acima do assoalho. O pobre-diabo estava no chão, morrendo, quando escreveu isto. Perdeu os sentidos antes de conseguir terminar.

— Ele estava escrevendo: “Nós fomos assassinados.”

— Foi assim que interpretei isto. Se vocês encontrarem um lápis indelével junto ao corpo...

— Procuraremos, esteja certo. Mas e aqueles títulos da dívida pública? Evidentemente não houve roubo nenhum. Mas ele tinha esses títulos. Nós verificamos isso.

— Podem ter certeza de que ele os escondeu num lugar seguro. Quando a fuga da mulher já tivesse entrado para a história, ele os descobriria de repente e divulgaria que o casal culpado se havia compadecido dele e enviado de volta o que roubara ou o que havia abandonado no caminho.

— O senhor parece ter enfrentado todas as dificuldades — disse o inspetor. — Naturalmente ele foi obrigado a recorrer a nós, mas por que ele foi procurá-lo, não consigo entender.

— Pura pretensão! — respondeu Holmes. — Ele se considerava tão inteligente e estava tão seguro de si que imaginava que ninguém poderia pegá-lo. Ele podia dizer a cada vizinho: “Olhe as providências que eu tomei. Consultei não só a polícia, mas até Sherlock Holmes.”

O inspetor riu.

— Devemos perdoá-lo pelo “até”, sr. Holmes — ele disse —, é o trabalho mais bem-feito de que consigo me lembrar.

Dois dias depois, meu amigo mostrou-me a publicação quinzenal *North Surrey Observer*. Sob uma série de títulos inflamados que começavam com “O Horror do Haven” e terminavam com “Brilhante Investigação Policial”, havia uma coluna impressa que dava o primeiro relato completo do caso. O parágrafo final era típico do todo. Dizia o seguinte:

A notável perspicácia com que o inspetor MacKinnon deduziu, pelo cheiro de tinta, que algum outro cheiro, o de gás, por exemplo, podia ter sido dissimulado; a dedução ousada de que o quarto-forte podia ser também a câmara da morte, e a subsequente investigação que levou à descoberta dos

corpos num poço abandonado, habilmente disfarçado por um canil, ficará na história do crime como um exemplo da inteligência dos nossos detetives profissionais.

— Bem, bem, MacKinnon é um bom sujeito — disse Holmes com um sorriso tolerante. — Você pode incluí-lo nos seus arquivos, Watson. Algum dia a verdadeira história será contada.

SOBRE O AUTOR

ARTHUR CONAN DOYLE nasceu em 22 de maio de 1859, em Edimburgo, capital da Escócia. Em 1876, ingressou na Universidade de Edimburgo, no curso de medicina. Foi lá que conheceu o dr. Joseph Bell, cujos surpreendentes métodos de dedução e análise foram de grande influência na futura criação de seu detetive.

Além do dr. Bell, Doyle se inspirou em Émile Gaboriau e no detetive Dupin — de Edgar Allan Poe — para conceber a primeira versão do que seria o personagem que conhecemos hoje: um tal Sherringford Holmes, posteriormente Sherlock Holmes.

Depois de muitas tentativas e frustrações, em 1887 Doyle conseguiu que sua primeira história com o detetive, *Um estudo em vermelho*, fosse publicada. A boa aceitação do público o levou a escrever a segunda história de Holmes, *O sinal dos quatro*.

Doyle acabou abandonando a medicina para seguir definitivamente a carreira literária. As histórias de Sherlock Holmes tornaram-se mais e mais populares, obrigando o autor a continuar criando casos para seu detetive. E, quanto mais Holmes expunha suas habilidades para um público estupefato, mais obscurecidas ficavam as outras obras de Doyle.

Para sua grande surpresa, a morte de Sherlock Holmes, publicada em 1893 no caso “O problema final”, chocou milhares de pessoas. Assim, em meio a um turbilhão de protestos e insultos, o autor foi obrigado a ressuscitar o personagem no caso “A casa vazia”, em 1903.

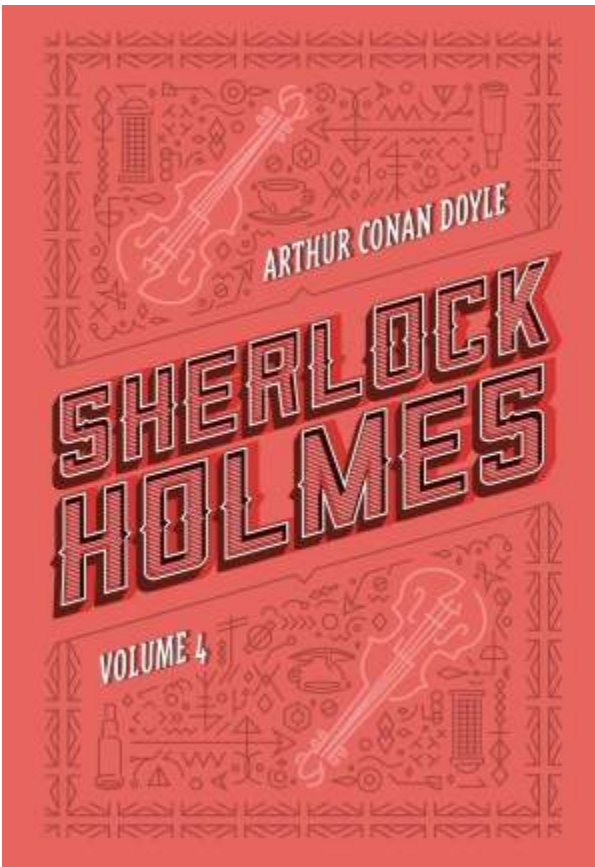
Em 1902, Doyle foi agraciado pelo governo inglês com o título de *sir*, pela produção do panfleto patriótico *The War in South Africa*.

Debilitado por um ataque cardíaco, *sir* Arthur Conan Doyle morreu em 7 de julho de 1930, em Crowborough, condado de Sussex, na Inglaterra.

ARTHUR CONAN DOYLE
SHERLOCK
HOLMES
VOLUME 4

HERDEIROS DE DRÁCULA
Clássicos esquecidos de
Sir Arthur Conan Doyle, M.R. James,
Algernon Blackwood e outros mestres do terror
INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
RICHARD DALBY

MICK FINLAY
ARROWOOD
Sherlock Holmes
pode solucionar um
problema... mas
Arrowood pode
salvar sua vida.
Harper
Collins

Arrowood

Finlay, Mick
9788595082991
384 páginas

[Compre agora e leia]

Sherlock Holmes pode solucionar um problema… mas Arrowood pode salvar sua vida.1895: Londres está assustada. Um assassino assombra as ruas da cidade. Os pobres têm fome, os chefões do crime estão tomando controle e a polícia está operando além da sua capacidade. Enquanto os ricos se voltam para Sherlock Holmes, o celebrado detetive particular raramente visita as ruas densamente povoadas do Sul de Londres, onde os crimes são mais sujos e as pessoas são mais pobres. Em um canto escuro de Southwark, as vítimas recorrem a um homem que detesta Holmes, sua clientela rica e os espetáculos da sua abordagem forênsica: Arrowood — psicólogo autodidata, bêbado ocasional e investigador particular. Quando um homem desaparece misteriosamente e a melhor testemunha de Arrowood é brutalmente esfaqueada na sua frente, ele e seu colega Barnett precisam encarar sua tarefa mais difícil até hoje: capturar o chefe da mais notória gangue de Londres... Na tradição best-seller de Anthony Horowitz e Andrew Taylor, essa estreia gloriosa

de ficção de suspense vai assombrar os leitores até muito depois da última página.

"Se você ainda não leu a série, não perca tempo. Philip Reeve
um grupo de personagens completamente
PETER JACKSON
PHILIP REEVE
MÁQUINAS
MORTAIS
Harper
Collins

Máquinas Mortais

Reeve, Philip
9788595083868
320 páginas

Neste brilhante mundo criado por Philip Reeve, a humanidade quase teve um fim em um conflito nuclear e biológico chamado de Guerra dos Sessenta Minutos. O mundo virou um descampado, a tecnologia foi praticamente extinta e todos os esforços humanos se voltaram para um único objetivo: fazer suas cidades sobreviverem. Para isso, elas precisam se mover, se tornando Cidades de Tração, para se afastar da radioatividade e doenças. Londres é uma grande cidade e está sempre a busca de novas cidades para se alimentar, como dita o Darwinismo Municipal: metrópoles consomem as cidades menores, que consomem vilarejos e assim por diante...No meio de um ataque de Londres à uma cidadezinha desesperada, Hester Shaw, uma menina com uma cicatriz horrível, tenta matar Thaddeus Valentine, o maior arqueólogo da metrópole. Valentine é salvo por Tom Natsworthy, um historiador aprendiz de terceira classe. De repente, ambos acabam caindo para fora da Cidade de Tração. Agora perdidos no vasto Campo

de Caça, sem uma cidade para protegê-los, os dois precisam unir forças para alcançar Londres e sobreviver a um caminho cheio de saqueadores, piratas e outras Cidades de Tração. Além disso, ao que tudo indica Londres está planejando um ato desumano, envolvendo uma arma não usada na Guerra dos Sessenta Minutos, que pode dar fim ao pouco que restou do planeta...

KARIN
SLAUGHTER
A GAROTA
DOS OLHOS AZUIS
Harper
Collins

Table of Contents